Julia Quinn

Os Bridgertons

Box – Série Completa

O Duque e Eu

O Visconde que me Amava

Um Perfeito Cavalheiro

Os Segredos de Colin Bridgerton

Para Sir Phillip, com amor

O Conde Enfeitiçado

Um Beijo Inesquecível

A Caminho do Altar

E Viveram Felizes para Sempre

Arqueiro

Os Bridgertons

BOX ~ SÉRIE COMPLETA

O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OS BRIDGERTONS — 1

Julia Quinn

O DUQUE E EU

ARQUEIRO

O Duque e Eu

Os Bridgertons — 1

Julia Quinn

O Duque e Eu

ARQUEIRO

Para Danelle Harmon e Sabrina Jeffries. Sem elas, eu jamais teria terminado este livro a tempo.

Para Martha, pelo título alternativo que sugeriu.

E também para Paul, ainda que sua ideia de dançar seja ficar parado segurando minha mão enquanto me vê rodopiar.

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

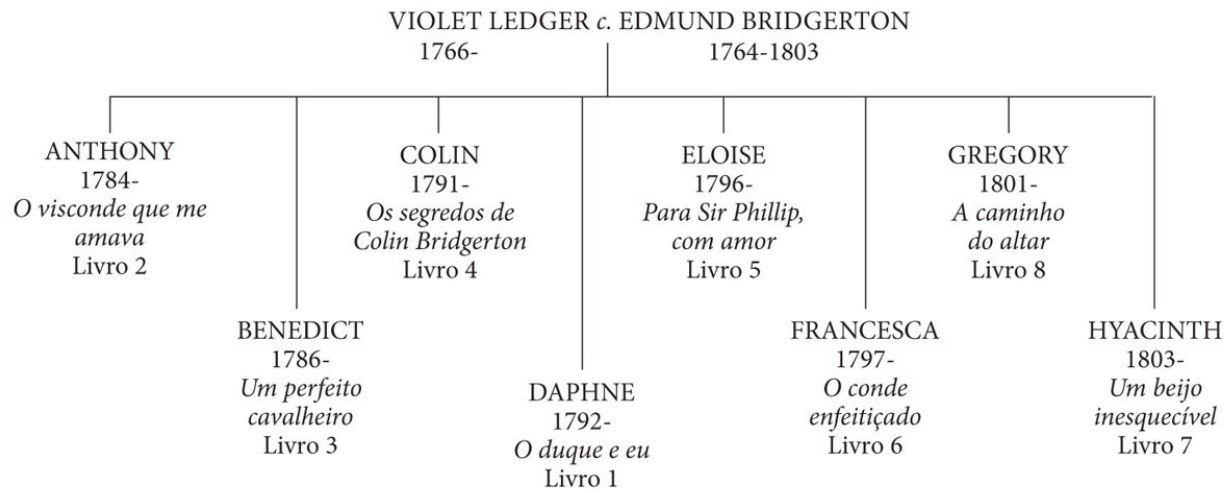
COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

PRÓLOGO

O nascimento de Simon Arthur Henry Fitzranulph Basset, o conde de Clyvedon, foi recebido com muita alegria. Os sinos da igreja tocaram por horas, serviu-se champanhe à vontade no imenso castelo que o recém-nascido chamaria de lar e toda a aldeia de Clyvedon parou de trabalhar para participar dos festejos organizados pelo pai do jovem conde.

– Esse não é um bebê comum – disse o padeiro ao ferreiro.

Falou isso porque Simon Arthur Henry Fitzranulph Basset não passaria a vida como conde de Clyvedon. Esse era apenas um título de cortesia. O bebê – que possuía mais nomes do que qualquer criança de sua idade poderia precisar – era herdeiro de um dos mais antigos e abastados ducados da Inglaterra. E seu pai, o nono duque de Hastings, esperara anos por esse momento.

No corredor fora do quarto da esposa, ninando o bebê que chorava a plenos pulmões, o duque quase explodia de orgulho. Já beirando os 50 anos, assistira a seus amigos – todos duques e condes – produzirem um herdeiro após o outro. Alguns tiveram de se contentar com o nascimento de meninas antes de conseguir gerar um precioso menino, mas, no fim, todos garantiram que sua linhagem continuaria, que seu sangue passaria para a geração seguinte da elite inglesa.

Mas não o duque de Hastings. Embora sua esposa tivesse concebido cinco vezes nos quinze anos de casamento, apenas duas gestações vingaram, e ambos os bebês nasceram mortos. Depois da quinta gravidez, que terminara com um aborto sangrento no quinto mês, médicos e cirurgiões disseram-lhes que não deveriam de jeito nenhum fazer uma nova tentativa de ter um filho. A vida da duquesa estaria em perigo. Ela estava frágil demais, fraca demais e, talvez – observaram com delicadeza –, velha demais. O duque teria simplesmente que se conformar com o fato de que o ducado deixaria de pertencer à família Basset.

Mas a duquesa, que Deus a abençoasse, sabia qual era seu papel na vida. Após um período de seis meses de recuperação, ela abriu a porta que ligava os aposentos dos dois e o duque recomeçou sua busca por um herdeiro.

Cinco meses depois, ela informou ao marido que estava grávida. A euforia

imediata dele só foi ofuscada por sua resolução de que nada – absolutamente nada – estragaria essa nova tentativa. A duquesa foi confinada à cama no instante em que parou de menstruar. Um médico ia vê-la todos os dias e, na metade da gravidez, o duque encontrou o profissional de medicina mais respeitado de Londres e lhe pagou uma alta quantia para que abandonasse o consultório e se mudasse temporariamente para o castelo de Clyvedon.

Dessa vez ele não ia correr risco algum. Teria um filho e o ducado permaneceria nas mãos dos Bassets.

A duquesa começou a sentir as dores do parto um mês antes da hora, e colocaram almofadas sob seus quadris. A gravidade poderia manter o bebê em seu corpo, explicou o Dr. Stubbs. O duque considerou o argumento plausível e, depois que o médico se retirou para repousar, pôs ainda mais um travesseiro debaixo da esposa, posicionando-a num ângulo de 20 graus. Ela permaneceu assim por trinta dias.

E então, finalmente, chegou o momento decisivo. Toda a casa rezou pelo duque, que queria tanto um herdeiro, e alguns se lembraram de rezar pela duquesa, que continuava magra e frágil apesar de sua barriga ter se tornado redonda e larga. Todos tentaram não nutrir muitas esperanças – afinal, a nobre já havia parido e enterrado dois bebês. E mesmo que conseguisse dar à luz um bebê vivo, poderia ser uma menina.

Quando os gritos da duquesa ficaram mais altos e mais frequentes, seu marido se dirigiu aos aposentos dela, ignorando os protestos do médico, da parteira e da criada. O local estava coberto de sangue, mas o duque fazia questão de estar presente quando o sexo do bebê fosse revelado.

A cabeça do feto apareceu, seguida dos ombros. Todos se inclinaram para a frente a fim de observar enquanto a duquesa fazia força e empurrava, até que...

Até que o duque soube que Deus existe e ainda sorria para os Bassets. Esperou um instante para que a parteira limpasse o bebê, então pegou o menininho nos braços e se dirigiu ao salão para exibi-lo.

– Eu tenho um filho! – anunciou ele. – Um filhinho perfeito!

Enquanto os criados comemoravam e choravam de alívio, o duque olhou para o minúsculo condezinho e disse:

– Você é perfeito. É um Basset. E é meu.

Queria levá-lo para fora do castelo a fim de provar a todos que finalmente

havia gerado um menino saudável, mas como no início de abril o clima era um pouco frio, deixou que a parteira o devolvesse aos braços da mãe. O duque montou um de seus cavalos premiados para comemorar, desejando a todos os que pudessem ouvir a mesma boa sorte que tivera.

Enquanto isso, a duquesa, que não parara de sangrar desde o parto, ficou inconsciente e, por fim, faleceu.

O duque lamentou a morte da esposa. De verdade. Ele não a amava, é claro, nem ela a ele, mas os dois haviam sido amigos de uma forma estranhamente distante. Ele não esperara nada do casamento além de um filho e herdeiro, e quanto a isso ela se provara exemplar. O soberano ordenou que flores frescas fossem levadas toda semana a seu mausoléu, qualquer que fosse a estação do ano, e seu retrato foi transferido da sala de estar para o saguão, em posição de destaque acima da escadaria.

E então o duque começou a pensar na criação do filho.

Não pôde fazer muito no primeiro ano. O bebê era jovem demais para palestras sobre administração de terras e responsabilidade, de modo que o duque o deixou sob os cuidados de uma ama e foi para Londres, onde sua vida continuou praticamente como era antes de ele ser abençoado pela paternidade. A única diferença era que agora ele forçava todos – até mesmo o rei – a olhar para o pequeno retrato do filho que havia mandado pintar logo depois de seu nascimento.

O duque visitou Clyvedon algumas vezes, e retornou em definitivo no segundo aniversário de Simon, pronto para assumir a educação do jovenzinho. Mandou que lhe comprassem um pônei, selecionassem uma pequena arma que ele usaria no futuro na caça à raposa e contratassem tutores de todas as disciplinas conhecidas pelo homem.

– Ele é jovem demais para tudo isso! – exclamou a ama Hopkins.

– Bobagem – respondeu o homem, com condescendência. – Evidentemente, não espero que ele domine nada disso logo, mas nunca é cedo demais para dar início à educação de um duque.

– Ele não é um duque – resmungou a ama.

– Vai ser – disse ele.

Virou-se de costas para ela e se agachou ao lado do filho, que estava no chão montando um castelo assimétrico com um conjunto de blocos. Fazia vários meses que o duque não ia a Clyvedon e ficou satisfeito com o crescimento de Simon. Ele era um menininho robusto e saudável, com cabelos castanhos sedosos e olhos azul-claros.

– O que está construindo aí, filho?

Simon sorriu e apontou.

O duque olhou para a ama Hopkins.

– Ele não fala?

Ela balançou a cabeça.

– Ainda não, Alteza.

O duque franziu a testa.

– Ele já tem 2 anos. Já não deveria estar conversando?

– Algumas crianças levam mais tempo que outras, Alteza. Sem dúvida ele é um menininho inteligente.

– É claro que sim. É um Basset.

A ama assentiu. Ela sempre assentia quando o duque falava da superioridade do sangue de sua família.

– Talvez ainda não tenha nada que ele queira dizer – sugeriu ela.

O duque não pareceu convencido, mas deu a Simon um soldadinho de brinquedo, acariciou-lhe a cabeça e saiu para exercitar a nova égua que havia adquirido do lorde Worth.

Dois anos depois, no entanto, ele já não estava tão confiante.

– *Por que ele ainda não fala*? – explodiu o duque.

– Não sei – respondeu a ama, retorcendo as mãos.

– O que você fez com ele?

– Eu não fiz nada!

– Se estivesse fazendo seu trabalho direito, *ele* – disse o duque, apontando um dedo furioso na direção de Simon – estaria falando.

O menino, que estava treinando suas letras numa escrivaninha em miniatura, observava a conversa com interesse.

– Ele tem 4 anos, pelo amor de Deus! – bradou o duque. – Já deveria saber

falar.

– Ele sabe escrever – retrucou a ama. – Criei cinco crianças, e nenhuma delas tinha o talento com as letras que o pequeno Simon tem.

– Ele vai ter que escrever muito se não souber falar. – Virou-se para o filho com os olhos cheios de raiva. – Fale comigo, droga!

O menino retraiu-se, com o lábio inferior trêmulo.

– Alteza! – exclamou a ama. – O senhor está assustando a criança.

O homem virou-se para ela.

– Talvez ele deva levar um susto – falou. – Talvez o que esteja precisando seja uma grande dose de disciplina. Uma boa surra pode ajudá-lo a encontrar a voz.

O duque agarrou a escova de prata que a ama usava para pentear os cabelos de Simon e avançou na direção do filho.

– Vou fazer você falar, seu pequeno idiota...

– *Não!*

A ama ofegou. O duque deixou a escova cair. Foi a primeira vez que ouviram a voz da criança.

– O que você disse? – sussurrou o duque, com os olhos se enchendo de lágrimas.

O menino cerrou os punhos ao lado do corpo e projetou o queixinho à frente enquanto falava.

– Não me b-b-b-b-b-b...

O rosto do soberano ficou mortalmente pálido.

– O que ele está dizendo?

Simon tentou pronunciar a frase de novo.

– N-n-n-n-n-n-n...

– Meu Deus – bufou o duque, aterrorizado. – Ele é um idiota.

– Não é, não! – gritou a ama, lançando os braços ao redor do menino.

– N-n-n-n-n-n-não b-b-b-b-b-b-bata... – Simon respirou fundo – em *mim*.

O duque afundou no assento próximo à janela e enterrou a cabeça nas mãos.

– O que eu fiz para merecer isso? O que eu posso ter feito... – lamentou-se.

– O senhor deveria estar elogiando o menino! – observou a ama Hopkins. – Está há quatro anos esperando que ele fale e...

– E ele é um idiota! – berrou. – Um pequeno idiota!

Simon começou a chorar.

– Hastings ficará nas mãos de um débil mental – gemeu o duque. – Todos esses anos rezando por um herdeiro e agora está tudo perdido. Terei que deixar o título para meu primo. – Virou-se para o filho, que soluçava e secava os olhos, tentando parecer forte diante do pai. – Não consigo sequer olhar para ele. – Soltou um arquejo. – Não consigo.

Ao dizer isso, o homem saiu da sala.

A ama Hopkins deu um abraço apertado no menino.

– Você não é um idiota – afirmou categoricamente, num sussurro. – É o menininho mais inteligente que eu conheço. E, se existe alguém capaz de aprender a falar direito, sei que esse alguém é você.

Simon se entregou ao abraço carinhoso e chorou de soluçar.

– Vamos mostrar a ele – jurou a ama. – Ele vai engolir o que disse, nem que seja a última coisa que eu faça.

A ama Hopkins se mostrou fiel à promessa. Quando o duque de Hastings se mudou para Londres e tentou fingir que não tinha um filho, ela passava o tempo inteiro com Simon, proferindo palavras e sílabas, sem poupar elogios quando ele acertava e o encorajando quando errava.

O progresso foi lento, mas a fala do menino melhorou. Quando ele fez 6 anos, “n-n-n-n-n-n-não” havia virado “n-n-não”, e aos 8, conseguia dizer frases inteiras sem hesitar. Ele ainda se enrolava quando ficava nervoso e a ama tinha que lembrá-lo com frequência de que ele precisava se manter tranquilo e focado se quisesse que as palavras saíssem completas.

Mas Simon era determinado, inteligente e, talvez o mais importante, muito obstinado. Aprendeu a tomar fôlego antes de cada frase e a pensar nas palavras antes de tentar pronunciá-las. Ficava atento à sensação em sua boca quando falava de maneira correta e tentava analisar o que dava errado quando não conseguia.

E finalmente, aos 11 anos, ele se virou para a ama, fez uma pausa para organizar os pensamentos e disse:

– Acho que está na hora de irmos ver meu pai.

A ama olhou para ele apreensiva. O duque não via o menino havia sete anos. E não respondera a nenhuma das cartas que Simon lhe enviara. Tinham sido quase

cem.

– Você tem certeza? – perguntou ela.

Simon assentiu.

– Muito bem, então – concordou a ama. – Vou solicitar uma carruagem. Partiremos para Londres amanhã.

A viagem durou um dia e meio, e já era quase noite quando a carruagem parou diante da Casa Basset. Simon olhava maravilhado para as movimentadas ruas da cidade enquanto a ama o conduzia pela escadaria da entrada. Nenhum dos dois jamais estivera na Casa Basset antes, de modo que, quando chegou à porta da frente, a ama não sabia o que fazer a não ser bater. A porta se abriu em segundos e eles foram observados de cima a baixo por um mordomo bastante imponente.

– Entregas são feitas pelos fundos – informou ele, estendendo o braço para fechar a porta.

– Espere um pouco! – disse a ama rapidamente, colocando o pé entre a porta e o batente. – Não somos criados.

O mordomo olhou com desdém para as roupas dos dois.

– Bem, eu sou, mas ele não – completou ela. Agarrou o braço de Simon e o empurrou para a frente. – Este é o conde de Clyvedon, e seria prudente tratá-lo com o devido respeito.

O mordomo ficou boquiaberto e piscou várias vezes antes de dizer:

– Até onde sei, o conde de Clyvedon está morto.

– O quê? – gritou a ama.

– Com certeza eu não estou morto! – exclamou Simon, com toda a justificada indignação de um menino de 11 anos.

O mordomo examinou o garoto, reconheceu imediatamente que ele tinha os traços dos Bassets e os fez entrar.

– Por que você pensou que eu estivesse m-morto? – perguntou Simon, amaldiçoando a si mesmo por gaguejar, mas sem se surpreender. Era comum que isso acontecesse quando ficava com raiva.

– Não cabe a mim dizer – respondeu o mordomo.

– Certamente cabe – rebateu a ama. – Não se pode dizer uma coisa dessas a um menino da idade dele e não se explicar.

O mordomo ficou em silêncio por um instante e então finalmente falou:

– Sua Alteza não se refere ao senhor há anos. Da última vez que alguém tocou

no assunto, disse que não tinha filhos. Como pareceu muito triste com isso, ninguém levou a conversa adiante. Nós, os criados, imaginamos que o senhor tivesse falecido.

Simon sentiu as mandíbulas se apertarem e a garganta arder.

– Ele não teria ficado de luto? – questionou a ama. – Vocês não pensaram nisso? Como podem ter suposto que o menino estava morto se o pai não ficou de luto?

O mordomo deu de ombros.

– Sua Alteza veste preto com bastante frequência. O luto não teria alterado esse costume dele.

– Isso é um ultraje! – decretou ela. – Exijo que vá chamar Sua Alteza imediatamente.

Simon não disse nada. Estava se esforçando muito para manter as emoções sob controle. Precisava fazer isso. Nunca conseguiria falar com o pai com o sangue fervendo daquela maneira.

O mordomo assentiu.

– Ele está no andar de cima. Vou avisá-lo agora mesmo da vossa chegada.

A ama começou a andar de um lado para outro, descontrolada, resmungando baixinho e se referindo a Sua Alteza com todas as palavras vis de seu surpreendentemente extenso vocabulário. Simon permaneceu no centro da sala, plantado ali com os braços esticados ao lado do corpo enquanto respirava fundo.

Você vai conseguir!, gritava mentalmente. *Você vai conseguir!*

A ama se virou para ele, viu-o tentando dominar a raiva e deu um suspiro.

– Sim, isso mesmo – disse ela rapidamente, ajoelhando-se e tomando as mãos do menino nas suas. Sabia melhor do que ninguém o que aconteceria se Simon tentasse encarar o pai naquele estado de espírito. – Respire fundo. E pense bem nas palavras antes de falar. Se você conseguir controlar...

– Vejo que ainda está mimando o menino – comentou uma voz imperiosa que vinha do vão da porta.

A ama Hopkins se endireitou e se virou devagar. Tentou pensar em algo respeitoso para dizer. Pôs-se a imaginar qualquer coisa que aliviaria aquela terrível situação. Mas ao olhar para o duque, viu Simon nele e sua raiva se renovou. O homem podia ser igual ao filho fisicamente, mas com certeza não era um pai para ele.

– O senhor é desprezível – disparou ela.

– E a senhora está despedida – decretou ele, enquanto a ama recuava. – Ninguém fala assim com o duque de Hastings. Ninguém!

– Nem mesmo o rei? – provocou Simon.

O duque deu um rodopio, sem sequer notar que o filho havia falado claramente.

– Você – disse ele em voz baixa.

Simon assentiu. Havia conseguido dizer uma frase corretamente, mas uma frase curta, e não queria abusar da sorte. Não enquanto ainda estava tão perturbado. Em geral conseguia passar dias sem gaguejar, mas agora... a forma como seu pai o encarava fazia com que se sentisse um bebê. Um bebê idiota. E de repente sua língua parecia estranha e grossa.

O duque sorriu de forma cruel.

– O que tem a dizer, menino? Hein? O que tem a *dizer*?

– Está tudo bem, Simon – sussurrou a ama Hopkins, lançando um olhar furioso para o duque. – Não deixe que ele o perturbe. Você consegue, querido.

E de alguma maneira o encorajamento dela piorou tudo. O garoto fora até ali para provar seu valor ao pai, e agora sua ama o estava tratando como um bebezinho.

– Qual é o problema? – provocou o duque. – O gato comeu sua língua?

Os músculos de Simon ficaram tão tensos que ele começou a tremer.

Pai e filho se encararam pelo que pareceu uma eternidade, até que o duque praguejou e partiu em direção à porta.

– Você é meu pior fracasso – sibilou ele. – Não sei o que fiz para merecer isso, mas se Deus quiser nunca mais o verei novamente.

– Alteza! – repreendeu a ama Hopkins, indignada. – Isso não é maneira de falar com uma criança!

– Tire-o da minha frente! – gritou ele. – Você pode ficar no emprego desde que o mantenha longe de mim.

– Espere!

O duque se virou lentamente ao som da voz de Simon.

– Você disse alguma coisa? – perguntou ele com a fala arrastada.

O garoto respirou fundo pelo nariz três vezes, com os lábios ainda apertados de raiva. Forçou a mandíbula a relaxar e passou a língua no céu da boca, tentando lembrar a si mesmo a sensação de falar corretamente. Por fim, quando o duque

estava prestes a mandá-lo embora de novo, ele abriu a boca e disse:

– Eu sou seu filho.

O menino ouviu a ama dar um suspiro de alívio e algo que ele nunca vira antes brotou nos olhos de seu pai. Orgulho. Não muito, mas algum, espreitando nas profundezas. Algo que deu a Simon uma centelha de esperança.

– Eu sou seu filho – falou mais uma vez, agora um pouco mais alto. – E não estou m...

De repente, a garganta fechou. E ele entrou em pânico.

Você vai conseguir. Você vai conseguir.

Mas a garganta estava apertada, a língua parecia grossa, e o pai começou a estreitar os olhos...

– Eu não estou m-m-m...

– Vá para casa – disse o duque em voz baixa. – Não existe lugar para você aqui.

Simon sentiu no âmago a rejeição do pai. Experimentou uma espécie peculiar de dor tomando conta de seu corpo e envolvendo o coração. E, conforme o ódio lhe invadia e transbordava por seus olhos, ele fez uma promessa solene.

Se não podia ser o filho que o pai queria, então seria *exatamente o oposto*.

CAPÍTULO 1

Os Bridgertons são, de longe, a família mais fértil da alta sociedade. Essa qualidade da viscondessa e do falecido visconde é admirável, embora se possa dizer que suas escolhas de nomes para os filhos sejam bastante infelizes. Anthony, Benedict, Colin, Daphne, Eloise, Francesca, Gregory e Hyacinth. É claro que a organização é sempre algo benéfico, mas seria de esperar que pais inteligentes fossem capazes de manter os filhos na linha sem precisar escolher seus nomes em ordem alfabética.

Além disso, a visão da viscondessa e de todos os seus oito filhos num único ambiente é o bastante para que se ache que está vendo dobrado, ou triplicado, ou pior. Esta autora nunca tinha presenciado um grupo de irmãos tão absurdamente parecidos. Embora a autora não tenha memorizado as cores de seus olhos, todos os oito têm estruturas ósseas semelhantes e os mesmos cabelos grossos e castanhos. É lamentável que a viscondessa, que está atrás de bons casamentos para a prole, não tenha tido filhos mais elegantes. Ainda assim, há vantagens numa família de aparência tão consistente: não há dúvida de que todos são legítimos.

Ah, gentil leitor... Sua dedicada autora gostaria que fosse assim entre todas as grandes famílias...

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
26 DE ABRIL DE 1813

– Aaaaaaaahhhhhhhhhh! – Violet Bridgerton amassou o jornal de apenas uma página numa bola e o atirou para o outro lado da elegante sala de estar.

Sua filha Daphne foi sensata e não fez comentário algum. Fingiu estar concentrada em seu bordado.

– Você leu o que ela escreveu? – perguntou Violet. – Leu?

Daphne olhou para a bola de papel, agora embaixo de uma mesa de canto de mogno.

– Não tive a oportunidade de ler antes de você, hã, terminar.

– Leia, então! – gritou ela, agitando o braço no ar de forma dramática. – Veja como *aquela mulher* nos difamou!

Daphne largou calmamente o bordado e pegou o jornal amassado embaixo da mesinha. Esticou a folha no colo e leu o texto sobre a família. Piscou algumas vezes, depois ergueu o olhar.

– Não é tão ruim, mãe. Na verdade, é uma bênção comparado ao que ela escreveu sobre os Featheringtons na semana passada.

– Como posso conseguir um marido para você com *essa mulher* difamando seu nome?

Daphne se obrigou a respirar fundo. Depois de quase duas temporadas em Londres, a simples menção da palavra "marido" era suficiente para fazer sua cabeça latejar. Ela queria se casar, de fato queria, e não estava sequer sonhando com um amor verdadeiro. Mas desejar um marido por quem tivesse ao menos um pouco de afeição era pedir muito?

Até então, quatro homens haviam pedido sua mão, mas quando pensara em viver o resto de seus dias na companhia de qualquer um deles, Daphne simplesmente não conseguiu aceitar. Havia vários cavalheiros que ela acreditava que poderiam ser maridos razoáveis, mas o problema era que nenhum deles estava interessado nela. Ah, eles *gostavam* dela. Todo mundo gostava dela. Todos a achavam divertida, gentil e bem-humorada. Nenhum deles a considerava feia, mas também não ficavam hipnotizados por sua beleza, sem fala diante de sua presença, nem inspirados a compor poemas em sua homenagem.

Os homens – pensava ela com desagrado – estavam interessados apenas em mulheres que os amedrontavam. Ninguém parecia inclinado a cortejar alguém como ela. Todos a adoravam, ou ao menos era o que diziam, porque ela era muito simpática e parecia entendê-los.

Certa vez, um dos homens que Daphne julgara que poderia ser um marido aceitável dissera: "Por Deus, Daff, você não é como a maioria das mulheres. Você é absolutamente normal." Ela poderia ter considerado isso um elogio, se ele não tivesse saído para correr atrás da beldade loira mais recente.

Daphne olhou para baixo e percebeu que estava com o punho cerrado. Então ergueu os olhos e se deu conta de que a mãe a encarava, sem dúvida esperando que ela dissesse alguma coisa. Como já havia suspirado, Daphne pigarreou e

afirmou:

– Tenho certeza de que essa coluninha de Lady Whistledown não vai prejudicar minhas chances de encontrar um marido.

– Daphne, já faz dois anos!

– E ela escreve há apenas três meses, de modo que não vejo como a culpa possa ser dela.

– Posso culpar quem eu quiser – resmungou Violet.

As unhas de Daphne feriram as palmas de suas mãos enquanto ela se esforçava para conter as palavras. Sabia que no fundo a mãe tinha apenas as melhores intenções, que a amava. E o amor era recíproco. Na verdade, até Daphne chegar à idade de ser desposada, Violet com certeza havia sido a melhor das mães. Ainda era, quando não estava desesperada pelo fato de que, depois de Daphne, tinha mais três filhas para casar.

Violet pousou delicadamente a mão no peito.

– Ela disse infâmias sobre sua linhagem.

– Não – afirmou Daphne, com certa cautela. Era sempre aconselhável ter cuidado ao contradizer a mãe. – Na verdade, o que ela disse foi que não poderia haver dúvida de que somos todos legítimos. Isso é mais do que se pode dizer da maioria das grandes famílias da *sociedade*.

– Ela não deveria sequer ter mencionado isso – falou Violet, torcendo o nariz.

– Mamãe, ela escreve um jornal sensacionalista. Faz parte do trabalho dela falar desse tipo de coisa.

– Ela nem sequer é uma pessoa de carne e osso – acrescentou Violet, irritada. Pousou as mãos nos quadris estreitos, então mudou de ideia e sacudiu o dedo no ar. – Whistledown, rá! Nunca ouvi falar de nenhum Whistledown. Quem quer que seja essa mulher perversa, duvido que seja uma de *nós*. Como se alguém de berço fosse escrever mentiras tão ferinas...

– É claro que ela é uma de nós – disse Daphne, com ar divertido. – Se não fosse membro da *sociedade*, não teria conhecimento do tipo de notícia que dá. A senhora acha que ela é uma espécie de impostora, que espia através de janelas e escuta atrás de portas?

– Não estou gostando do seu tom, Daphne Bridgerton – advertiu Violet, estreitando os olhos.

A jovem tentou conter uma risada. “Não estou gostando do seu tom” era a

resposta padrão de sua mãe quando um dos filhos estava ganhando uma discussão.

Mas era muito divertido provocá-la.

– Eu não me surpreenderia – falou, virando a cabeça de lado – se Lady Whistledown fosse uma de suas amigas.

– Dobre a língua, Daphne. Nenhuma amiga minha chegaria a um nível tão baixo.

– Muito bem – admitiu –, provavelmente não é uma delas. Mas tenho certeza que é alguém que conhecemos. Nenhum intruso jamais conseguiria as informações que ela tem.

Violet cruzou os braços.

– Eu gostaria de acabar com ela de uma vez por todas.

– Se é isso que deseja, não deveria apoiá-la comprando o jornal. – Daphne não resistiu à observação.

– E de que isso me serviria? – questionou a mulher. – Todo mundo lê. Meu boicotezinho insignificante não faria nada além de me deixar com cara de boba quando todos estiverem rindo do último mexerico.

Isso era verdade, Daphne pensou. A alta sociedade de Londres em peso lia as crônicas de Lady Whistledown. O misterioso jornal chegara à soleira da porta de todas as pessoas importantes da cidade três meses antes. Ao longo de duas semanas, fora entregue invariavelmente às segundas, quartas e sextas-feiras. E então, na terceira segunda-feira, quando os mordomos de todas as famílias de prestígio esperavam pelo entregador, descobriram que cada exemplar do periódico de fofocas estava sendo vendido pela exorbitante quantia de cinco *pennies*.

Daphne sentia-se obrigada a admirar a inteligência da fictícia Lady Whistledown. Quando começou a cobrar pelas fofocas, toda a sociedade estava viciada. Todos entregavam suas moedas e, em algum lugar, uma mulher intrometida estava ficando muito rica.

Enquanto Violet andava de um lado para outro bufando por conta daquela “terrível ofensa” contra sua família, Daphne deu uma olhada para ter certeza de que a mãe não estava prestando atenção nela e começou a ler o restante do jornal. O *Whistledown* – como a publicação passou a ser chamada – era uma curiosa mistura de comentários, notícias sociais, insultos mordazes e elogios

ocasionais. O que o diferenciava de quaisquer outros periódicos do tipo era o fato de que a autora citava o nome completo das pessoas. Ninguém ficava camuflado por abreviações como lorde S. e Lady G. Quando Lady Whistledown queria escrever sobre alguém, dizia quem a pessoa era. A sociedade se declarava escandalizada, mas no íntimo estava fascinada.

O último número do *Whistledown* era uma edição típica. Além do pequeno artigo sobre os Bridgertons – que na verdade não passava de uma descrição da família –, a escritora relembrava os acontecimentos do baile da noite anterior. Daphne não havia comparecido, porque fora aniversário de sua irmã mais nova e os Bridgertons davam muita importância para datas como essa. Com oito filhos, havia sempre muitos aniversários a serem celebrados.

– Você está lendo essa porcaria – acusou Violet.

Daphne ergueu o olhar, recusando-se a se sentir minimamente culpada.

– A coluna está muito boa hoje. Parece que Cecil Tumbley derrubou uma torre inteira de taças de champanhe ontem à noite.

– É mesmo? – perguntou sua mãe, tentando mostrar desinteresse.

– É – disse Daphne. – Ela faz um ótimo relato do baile Middlethorpe. Diz quem conversou com quem, o que todos estavam vestindo...

– E imagino que ela tenha sentido a necessidade de dar sua opinião a respeito de tudo isso – interrompeu Violet.

Daphne deu um sorriso travesso.

– Ah, por favor, mamãe. A senhora sabe que a Sra. Featherington sempre fica horrorosa de roxo.

Violet tentou não sorrir. Daphne viu os cantos dos lábios da mãe se retorcerem enquanto ela tentava manter a compostura que considerava adequada a uma viscondessa na presença da filha. Mas, em dois segundos, estava sentada ao lado de Daphne no sofá.

– Deixe-me ver isso – disse ela, pegando o jornal. – O que mais aconteceu? Perdemos alguma coisa importante?

– Sinceramente, mamãe – respondeu a jovem. – Com Lady Whistledown como repórter, não é necessário *ir* a nenhum evento. – Apontou para a publicação. – Isso é quase tão bom quanto realmente ter estado lá. É provável que seja até mais satisfastório. Tenho certeza de que comemos melhor ontem do que os convidados do baile. E me devolva isso aqui. – Agarrou o periódico de volta,

deixando um canto rasgado na mão de Violet.

– Daphne!

A menina fingiu indignação:

– Eu estava lendo.

– Ora!

– Ouça isto.

Violet inclinou-se para a frente e Daphne começou a ler:

– “O libertino anteriormente conhecido como conde de Clyvedon finalmente decidiu agraciar Londres com sua presença. Embora ainda não tenha se dignado a comparecer a nenhum evento noturno respeitável, o novo duque de Hastings foi visto diversas vezes no White’s e uma vez no Tattersall’s.” – Fez uma pausa para respirar. – “Sua Alteza residiu no exterior por seis anos. Será coincidência que tenha retornado apenas agora que o velho duque está morto?” – Ela ergueu o olhar. – Minha nossa, ela é bem direta, não? Clyvedon não é amigo de Anthony?

– É Hastings agora – disse Violet automaticamente. – E, sim, acredito que ele e Anthony tenham sido amigos em Oxford. Acho que em Eton também. – Franziu a testa e estreitou os olhos azuis, pensativa. – Ele era meio problemático, pelo que me lembro. Estava sempre em conflito com o pai. Mas tem fama de ser brilhante. Tenho quase certeza de que Anthony falou que ele era o melhor da turma em matemática. O que – acrescentou dando uma revirada de olhos típica de mãe – é mais do que posso dizer de qualquer um dos *meus* filhos.

– Ai, mãe... – provocou Daphne. – Não tenho nenhuma dúvida de que ficaria em primeiro lugar em Oxford se aceitassem mulheres.

Violet riu.

– Eu corrigia seus trabalhos de aritmética quando sua professora ficava doente, Daphne.

– Bem, talvez em história, então – disse Daphne, sorrindo. Voltou a olhar para o jornal em suas mãos, indo direto para o nome do novo duque. – Ele parece bem interessante – murmurou.

Violet olhou para ela atentamente.

– Ele não é nem um pouco adequado para uma moça da sua idade, isso sim.

– É curioso que a senhora me ache jovem demais para *conhecer* os amigos de Anthony e ao mesmo tempo tão velha que morre de medo de que eu jamais consiga um bom casamento.

– Daphne Bridgerton, não estou...
– ... gostando do meu tom, eu sei. – A jovem sorriu. – Mas a senhora me ama.
Violet sorriu calorosamente e passou um braço sobre o ombro da filha.
– Isso é verdade, amo mesmo.
Daphne deu um leve beliscão na bochecha da mãe.
– É a maldição da maternidade. A senhora precisa nos amar mesmo quando nós a irritamos.
Violet deu um suspiro.
– Espero que um dia você tenha filhos...
– ... exatamente como eu, eu sei. – Daphne deu um sorriso melancólico e apoiou a cabeça no ombro de Violet. A mãe era questionadora em excesso e o pai se mostrara mais interessado em cães e caçadas do que em assuntos da alta sociedade, mas os dois haviam tido um casamento afetuoso, cheio de amor, alegria e filhos. – Eu poderia fazer coisas muito piores do que seguir seu exemplo, mamãe – murmurou ela.
– Nossa, Daphne – falou Violet, com os olhos se enchendo de lágrimas. – Que coisa encantadora de se dizer.
A jovem enrolou um cacho dos cabelos castanhos no dedo, sorriu e transformou o momento sentimental em provocação.
– Ficarei feliz de seguir seus passos em relação a casamento e filhos, mamãe, desde que eu não precise dar à luz oito crianças.

Naquele exato momento, Simon Basset, o novo duque de Hastings – assunto da conversa de Violet e Daphne –, estava sentado no White’s. Sua companhia era ninguém menos que Anthony Bridgerton, o irmão mais velho de Daphne. Os dois formavam uma dupla formidável, ambos altos e fortes, com cabelos escuros bem fartos. Mas enquanto os olhos de Anthony eram castanho-escuros como os da irmã, os de Simon eram azul-claros, extraordinariamente penetrantes.
Tinham sido esses olhos, mais do que qualquer coisa, que haviam lhe conferido sua reputação de homem importante e influente. Quando encarava alguém com firmeza e determinação, a pessoa se sentia desconfortável se fosse homem e estremecia se fosse mulher.
Mas não Anthony. Os dois se conheciam havia anos, e o rapaz apenas ria

quando Simon levantava uma sobrancelha e lançava seu olhar gelado para ele.

– Nem tente. Já vi você com a cabeça enfiada num penico – dissera-lhe Anthony certa vez. – Desde então ficou difícil levá-lo a sério.

– Sim, mas, se não me falha a memória, era você quem estava me segurando sobre aquele receptáculo perfumado – respondera o amigo.

– Um de meus melhores momentos, sem dúvida. Mas você teve sua vingança na noite seguinte, na forma de uma dúzia de enguias na minha cama.

Simon se permitiu sorrir ao lembrar tanto o incidente quanto a conversa sobre ele. Anthony era um bom amigo, exatamente do tipo com que um homem gostaria de contar em caso de necessidade. Havia sido a primeira pessoa que Simon procurara ao retornar à Inglaterra.

– Que bom que você voltou, Clyvedon – disse Anthony depois que os dois se sentaram no White's. – Ah, imagino que você prefira que eu lhe chame de Hastings agora.

– Não – afirmou Simon de forma categórica. – Hastings será sempre meu pai. Ele nunca atendeu por qualquer outro nome. – Fez uma pausa. – Assumirei o título dele, se for obrigado a isso, mas não usarei seu nome.

– Se for obrigado a isso? – Anthony arregalou os olhos. – A maioria dos homens não pareceria tão conformada diante da perspectiva de receber um ducado de herança.

Simon passou a mão pelos cabelos escuros. Sabia que deveria cuidar de seu direito de nascença e exibir um orgulho incontestável pela história cheia de glórias da família Basset, mas a verdade era que tudo aquilo o deixava mal. Passara a vida inteira sem corresponder às expectativas do pai. Agora parecia ridículo tentar ficar à altura do nome dele.

– Esse título é um fardo maldito, isso sim – resmungou ele por fim.

– É melhor você se acostumar – disse Anthony de forma pragmática. – Porque é como todos irão chamá-lo.

Simon sabia que era verdade, mas duvidava que o nome algum dia lhe caísse bem.

– De qualquer forma – acrescentou Anthony, respeitando a privacidade do amigo ao não insistir num tema que claramente o deixava desconfortável –, estou contente por ter você de volta. Talvez enfim tenha alguma paz da próxima vez que acompanhar minha irmã a um baile.

Simon recostou-se e cruzou as pernas longas e musculosas.
– Que comentário intrigante.
Anthony ergueu uma sobrancelha.
– Um comentário que você tem certeza que eu explicarei?
– Mas é claro.
– Eu deveria deixá-lo descobrir por si mesmo, mas nunca fui um homem cruel.
Simon riu.
– Diz o homem que enfiou minha cabeça num penico.
Anthony descartou o comentário com um aceno.
– Eu era jovem – justificou-se.
– E agora é um exemplo de maturidade e decoro?
Anthony sorriu.
– Isso mesmo.
– Então me diga – continuou Simon –, como exatamente eu tornarei sua existência tão mais tranquila?
– Imagino que você esteja planejando assumir seu lugar na sociedade.
– Imaginou errado.
– Mas *está* pensando em ir ao baile de Lady Danbury, esta semana – argumentou Anthony.
– Apenas porque adoro aquela senhora. Ela diz o que pensa e... – Simon semicerrou os olhos.
– E? – perguntou Anthony.
Simon balançou a cabeça.
– Nada. É só que ela foi muito gentil comigo quando eu era criança. Passei alguns feriados escolares na casa dela com Riverdale, seu sobrinho.
Anthony assentiu.
– Sei. Então você não tem intenção de entrar para a sociedade. Estou impressionado com sua determinação. Mas deixe-me lhe dar um aviso: mesmo que não queira participar dos eventos sociais, *elas* vão encontrar você.
Simon, que estava no meio de um gole de conhaque, engasgou com a tensão no rosto de Anthony quando ele disse “elas”. Depois de alguns instantes tossindo, enfim conseguiu perguntar:
– Por favor me diga: quem são “elas”?
Anthony estremeceu.

– As mães.
– Como não tive uma, não sei se entendo o que quer dizer.
– As mães da sociedade, seu tolo. Aqueles dragões cuspidores de fogo que têm filhas em idade de casar, que Deus nos ajude. Você pode fugir, mas é impossível se esconder delas. E devo alertá-lo para o fato de que a minha é a pior de todas.
– Minha nossa... E eu pensando que a África era perigosa.
Anthony lançou um olhar de pena ao amigo.
– Elas caçarão você. E, quando o encontrarem, você se verá preso a um diálogo com uma moça pálida toda vestida de branco que não consegue falar sobre nada além do clima, clubes de debutantes e fitas de cabelo.
Uma expressão animada tomou conta do rosto de Simon.
– Suponho, então, que durante minha estada no exterior você tenha se tornado um cavalheiro elegível.
– Não por vontade própria, posso lhe garantir. Se dependesse de mim, eu fugiria de eventos sociais como o diabo foge da cruz. Mas minha irmã debutou ano passado e sou obrigado a acompanhá-la de vez em quando.
– Daphne?
Anthony olhou para o amigo, surpreso.
– Vocês já se conhecem?
– Não – admitiu Simon. – Mas me recordo das cartas que ela mandava para você na escola. E lembrei que era a quarta dos filhos, de modo que seu nome teria que começar com D, e...
– Ah, sim – interrompeu Anthony, revirando levemente os olhos. – O método Bridgerton de batizar os filhos. Uma garantia para que ninguém se esqueça de quem são eles.
Simon riu.
– Funcionou, não foi?
– Escute, Simon – falou Anthony de repente, inclinando-se para a frente. – Prometi à minha mãe que jantaria na Casa Bridgerton esta semana, com a família. Por que não vai comigo?
O rapaz levantou uma sobrancelha.
– Você não acabou de me alertar sobre as mães da sociedade e suas filhas debutantes?
Anthony riu.

– Farei com que minha mãe se comporte. E não se preocupe com Daff. Ela é a exceção que comprova a regra. Você gostará muito dela.

Simon estreitou os olhos. Anthony estava bancando o casamenteiro? Não tinha como dizer.

Como se lesse seus pensamentos, Anthony riu.

– Meu Deus, você não acha que estou tentando juntar você e Daphne, acha?

Simon não disse nada.

– Vocês nunca dariam certo – completou. – Você é muito taciturno para o gosto dela.

O rapaz achou esse comentário estranho, mas em vez de falar sobre isso preferiu perguntar:

– Então ela recebeu alguma proposta?

– Algumas. – Anthony bebeu o restante do conhaque e suspirou com satisfação. – Eu permiti que ela recusasse todas.

– Muito benevolente de sua parte.

O jovem deu de ombros.

– Talvez seja muito, hoje em dia, querer se casar por amor, mas não vejo por que ela não deva ser feliz com o marido. Recebemos propostas de um homem com idade para ser pai dela, de outro com idade para ser irmão mais novo do pai dela, de um que era arrogante demais na opinião de nosso barulhento clã, e esta semana, meu Deus, foi o pior!

– O que aconteceu? – perguntou Simon, curioso.

Anthony esfregou as têmporas.

– Este último era bastante agradável, mas de raciocínio meio lento. Era de esperar que depois dos nossos dias de libertinagem eu estaria completamente insensível...

– Mesmo? – perguntou Simon com um sorriso diabólico. – Era de esperar?

Anthony repreendeu-o com o olhar.

– Não gostei muito de partir o coração do pobre coitado.

– Hã, não foi Daphne quem fez isso?

– Sim, mas fui *eu* quem deu a notícia a ele.

– Não há muitos homens que permitam às irmãs tamanha liberdade em relação a suas propostas de casamento – disse Simon, baixinho.

Anthony apenas deu de ombros novamente, como se não pudesse se imaginar

tratando Daphne de qualquer outra forma.
– Ela é uma boa irmã. É o mínimo que posso fazer.
– Mesmo que signifique levá-la ao Clube Almack's? – desafiou Simon.
Anthony resmungou.
– Mesmo assim.
– Eu o consolaria dizendo que tudo estará terminado em breve, mas você tem, o quê, outras três irmãs esperando para debutar?
Anthony se afundou na cadeira.
– Eloise daqui a dois anos e Francesca daqui a três. Mas depois terei um pouco de paz até chegar a vez de Hyacinth.
Simon riu.
– Não invejo as suas responsabilidades nesse aspecto.
Mas, ao dizer isso, experimentou um desejo estranho e se perguntou como seria não se sentir tão sozinho no mundo. Não tinha planos de começar a própria família, mas quem sabe se tivesse uma, para início de conversa, sua vida não tivesse sido diferente.
– Então você irá comigo? – perguntou Anthony, se levantando. – Será um jantar informal, é claro. Nunca fazemos refeições formais quando estamos apenas em família.
Simon tinha muito a fazer nos dias seguintes, mas antes que pudesse lembrar a si mesmo que precisava se organizar, pegou-se dizendo:
– Eu adoraria.
– Ótimo. Nos encontramos na festa de Lady Danbury antes?
Simon estremeceu.
– Não se eu puder evitar. Meu objetivo é entrar e sair em menos de meia hora.
– Você realmente acha que vai conseguir ir à festa, cumprimentar Lady Danbury e ir embora? – perguntou Anthony, erguendo uma sobrancelha.
Simon assentiu de forma contundente e direta.
Mas a gargalhada de Anthony não foi muito reconfortante.

CAPÍTULO 2

O novo duque de Hastings é um personagem muito interessante. Ainda que seja de conhecimento geral que ele não se dava bem com o pai, nem mesmo esta autora conhece o motivo da desavença.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
26 DE ABRIL DE 1813

Mais tarde nessa semana, Daphne estava parada na extremidade do salão de baile de Lady Danbury, distante do elegante grupo de convidados. Sentia-se bastante satisfeita com sua posição.

Em dias normais teria apreciado as festividades. Gostava de uma boa festa como qualquer outra jovem, porém mais cedo nessa noite Anthony lhe informara que Nigel Berbrooke o procurara dois dias antes pedindo a mão dela.

De novo. Anthony havia, é claro, recusado (de novo!), mas Daphne tinha a forte sensação de que Nigel seria persistente ao ponto do constrangimento. Afinal, dois pedidos de casamento em duas semanas não eram o retrato de um homem que aceitava derrotas com facilidade.

Da outra extremidade do salão de baile, podia vê-lo olhando para todos os lados e se escondeu ainda mais nas sombras.

Ela não fazia ideia de como lidar com o pobre homem. Ele não era muito inteligente, mas também não era indelicado, e embora de alguma forma ela tivesse que pôr um fim à sua obsessão, achava muito mais fácil fazer o papel de covarde e simplesmente evitá-lo.

Estava pensando em escapar para o toalete feminino quando uma voz conhecida a fez parar de imediato.

– Ora, Daphne, o que está fazendo aqui isolada?

A jovem ergueu os olhos para ver o irmão mais velho caminhando em sua direção.

– Anthony – disse ela, tentando decidir se estava satisfeita por vê-lo ou

incomodada pela possibilidade de ele ter aparecido para se intrometer em sua vida. – Não imaginei que você estaria aqui.
– Mamãe – respondeu ele, irritado.
– Ah – suspirou Daphne, dando um aceno solidário com a cabeça. – Não precisa dizer mais nada. Já entendi tudo.
– Ela fez uma lista de noivas em potencial. – Lançou um olhar tenso para a irmã. – Nós a amamos mesmo?
Ela engasgou com a risada.
– Sim, Anthony, nós a amamos.
– É insanidade temporária – resmungou ele. – Só pode ser. Não existe outra explicação. Ela era uma mãe perfeitamente razoável até você chegar à idade de se casar.
– Eu? – gritou Daphne. – Então a culpa é toda minha? Você é oito anos mais velho que eu!
– Sim, mas ela não havia sido dominada por esse fervor matrimonial até chegar a sua vez.
A jovem riu.
– Perdoe-me se não me solidarizo com você. Recebi uma lista ano passado.
– É mesmo?
– É claro. E agora ela está ameaçando me dar uma nova a cada semana. Ela me atormenta com a questão do casamento muito mais do que você poderia imaginar. Afinal, solteiros são um desafio. Solteironas são apenas patéticas. E, caso você não tenha percebido, sou uma mulher.
Anthony riu baixinho.
– Eu sou seu irmão. Não percebo esse tipo de coisa. – Lançou a ela um olhar maroto, meio de lado. – Você a trouxe?
– Minha lista? Meu Deus, claro que não. O que você está pensando?
Ele abriu um sorriso.
– Eu trouxe a minha.
Daphne arquejou.
– Não acredito!
– Pois acredite. Apenas para torturar mamãe. Pretendo lê-la bem na frente dela. Vou pegar meu monóculo...
– Você não tem um monóculo.

Ele sorriu – o sorriso lento e meio maroto que parecia peculiar a todos os homens da família Bridgerton.

– Trouxe um especialmente para a ocasião.

– Anthony, você não pode fazer isso de jeito nenhum. Ela vai *matar* você. E depois, de alguma forma, vai encontrar uma maneira de culpar a *mim*.

– Estou contando com isso.

Daphne deu um soco no ombro dele, arrancando-lhe um gemido alto o suficiente para que meia dúzia de convidados lhes lançasse olhares curiosos.

– Que soco forte – disse Anthony, esfregando o braço.

– Uma garota não pode viver muito tempo com quatro irmãos sem aprender a dar um soco. – Ela cruzou os braços. – Deixe-me ver sua lista.

– Depois de você me atacar?

Daphne revirou os olhos castanhos e inclinou a cabeça para o lado, num gesto claramente impaciente.

– Muito bem, vamos lá. – Ele enfiou a mão no colete, tirou um papel dobrado e o entregou a ela. – Diga o que acha. Tenho certeza de que terá muitas observações sarcásticas.

A menina desdobrou a folha e olhou para a caligrafia perfeita e elegante da mãe. A viscondessa de Bridgerton havia listado os nomes de oito mulheres. Oito jovens muito qualificadas e riquíssimas.

– Como eu imaginava – murmurou Daphne.

– É tão terrível como eu acho que seja?

– Pior. Philipa Featherington é burra como uma porta.

– E o resto?

Daphne olhou para ele erguendo as sobrancelhas.

– Você não queria mesmo se casar este ano, queria?

Anthony estremeceu.

– E como é a *sua* lista?

– Neste momento, está afortunadamente desatualizada. Três dos cinco nomes se casaram na temporada passada. Mamãe ainda me dá broncas por tê-los deixado escapar.

Os dois soltaram suspiros idênticos ao se encostarem na parede. Violet Bridgerton era implacável em sua missão de casar os filhos. Anthony, o mais velho dos rapazes, e Daphne, a mais velha das meninas, suportavam a maior

parte da pressão, embora Daphne suspeitasse de que a viscondessa casaria de bom grado Hyacinth, de 10 anos, se a menina recebesse uma proposta adequada.

– Meu Deus, vocês dois estão com uma cara péssima. O que estão fazendo escondidos neste canto?

Mais uma voz reconhecível de imediato.

– Benedict – disse Daphne, olhando de lado para ele sem mexer a cabeça. – Não diga que mamãe conseguiu obrigá-lo a vir.

Ele assentiu com irritação.

– Ela ignorou por completo a parte da bajulação e passou direto para a culpa. Só esta semana me lembrou três vezes de que talvez eu tenha que produzir o próximo visconde, se o nosso Anthony aqui não se ocupar disso.

Anthony soltou um resmungo.

– Imagino que isso explique a presença de vocês nos cantos mais escuros do salão de baile – continuou Benedict. – Estão evitando mamãe?

– Na verdade, eu vi a Daff se escondendo no canto e... – respondeu Anthony.

– Se escondendo? – disse Benedict, fingindo estar horrorizado.

Ela lançou um olhar de irritação para os dois.

– Estou aqui para me esconder de Nigel Berbrooke – explicou. – Deixei mamãe na companhia de Lady Jersey, então ela provavelmente não vai me incomodar tão cedo. Já Nigel...

– Parece mais um macaco que um homem – ironizou Benedict.

– Bem, eu não colocaria nesses termos – comentou Daphne, tentando ser gentil –, mas ele não é nenhum gênio, e é muito mais fácil evitá-lo do que magoá-lo. E agora que vocês me encontraram, talvez eu não consiga ficar longe dele por muito mais tempo.

– Ah, é? – disse Anthony, simplesmente.

Daphne olhou para os dois irmãos mais velhos, ambos com pouco mais de 1,80 metro de altura, ombros largos e olhos castanhos enternecedores. Ambos tinham cabelos castanhos bem fartos – de um tom quase igual ao dela – e não conseguiam ir a lugar algum sem uma pequena balbúrdia de jovens risonhas atrás.

E onde havia uma balbúrdia de jovens risonhas, era certo que Nigel Berbrooke estava presente.

Daphne já podia ver cabeças se virando na direção deles. Mães ambiciosas

cutucavam as filhas e apontavam para os dois irmãos Bridgertons, sozinhos e sem companhia além da irmã.

– Eu sabia que devia ter ido ao toalete – sussurrou Daphne.

– O que é esse pedaço de papel na sua mão, Daff? – perguntou Benedict.

Sem pensar direito, ela lhe entregou a lista das aspirantes a noivas de Anthony.

Depois dos risos altos de Benedict, Anthony cruzou os braços e falou:

– Tente não se divertir muito às minhas custas. Imagino que você receberá a sua semana que vem.

– Sem dúvida – concordou Benedict. – É de espantar que Colin... – Arregalou os olhos. – Colin!

Mais um irmão Bridgerton se juntou ao grupo.

– Ah, Colin! – exclamou Daphne, jogando os braços ao redor do irmão. – Que *bom* ver você!

– Perceba que nós não recebemos uma saudação tão entusiasmada – disse Anthony a Benedict.

– Vocês eu vejo o tempo todo – retrucou Daphne. – Colin esteve fora por um ano. – Depois de dar um último apertão, ela recuou e ralhou com ele. – Não estávamos esperando você até a semana que vem.

Colin encolheu apenas um dos ombros, o que combinou perfeitamente com seu sorriso enviesado.

– Paris ficou chata.

– Ah – lamentou Daphne com um olhar sagaz. – Então você ficou sem dinheiro.

Colin riu e ergueu os braços, em sinal de rendição.

– Adivinhou.

Anthony abraçou o irmão e comentou, em tom ríspido:

– É muito bom ter você de volta. Ainda que os recursos que eu lhe mandei devessem ter durado pelo menos até...

– Pare com isso – interrompeu-o Colin, com ar indefeso, a voz ainda dominada pelo riso. – Prometo que você pode me dar o sermão que quiser amanhã. Mas hoje eu só quero aproveitar a companhia de minha adorada família.

Benedict deu uma risada.

– Você deve estar completamente falido para nos chamar de “adorados”. – Mas também se aproximou para dar um abraço caloroso no irmão. – Bem-vindo de

volta.

Colin, sempre o mais despreocupado da família, sorriu, com os olhos verdes brilhando.

– É bom estar aqui. Embora eu deva dizer que o clima nem se compara com o do continente e, quanto às mulheres... bem, a Inglaterra teria dificuldades de concorrer com a *signorina* que eu...

Daphne lhe deu um soco no braço.

– Faça a gentileza de lembrar que há uma dama presente, seu grosseirão.

Mas quase não havia irritação em sua voz. De todos os irmãos, Colin era o que tinha a idade mais próxima da sua, sendo apenas um ano e meio mais velho. Quando crianças, os dois eram inseparáveis, estavam sempre aprontando. Colin sempre fora brincalhão e nunca precisou insistir muito para que Daphne o acompanhasse em suas maquinações.

– A mamãe sabe que você voltou? – perguntou ela.

Colin balançou a cabeça.

– Cheguei e a casa estava vazia, então...

– Sim, ela colocou os mais novos para dormir mais cedo hoje – interrompeu Daphne.

– Eu não quis ficar lá esperando sem fazer nada. Então Humboldt me disse onde vocês estavam e eu vim para cá.

Daphne se iluminou, com o amplo sorriso deixando seus olhos escuros ainda mais calorosos.

– Que bom que você veio.

– Onde está mamãe? – indagou Colin, esticando o pescoço para espiar por cima dos convidados. Como todos os homens da família, ele era alto, de modo que não precisou se esforçar muito.

– No canto, com Lady Jersey – informou Daphne.

Colin estremeceu.

– Vou esperar até ela se livrar. Não quero ser esfolado vivo por aquele dragão.

– Por falar em dragões – disse Benedict enfaticamente. Não mexeu a cabeça, mas olhou para a esquerda.

Daphne seguiu seu olhar para ver Lady Danbury marchando lentamente na direção deles. Ela se apoiava numa bengala. Daphne engoliu em seco e endireitou os ombros. O humor ferino de Lady Danbury era lendário na

sociedade. Daphne sempre suspeitara que um coração sentimental se escondia sob seu exterior rude, mas mesmo assim era aterrador quando a senhora forçava a conversa com alguém.

– Estamos encurralados – afirmou um dos irmãos de Daphne.

A jovem fez sinal para ele se calar e ofereceu um sorriso hesitante à velha dama.

Lady Danbury ergueu as sobrancelhas e, quando chegou a menos de 1,5 metro de distância do grupo dos Bridgertons, parou e gritou:

– Não finjam que não estão me vendo!

A observação foi seguida por uma batida tão forte da bengala que Daphne deu um salto para trás e pisou no pé de Benedict.

– Uff... – bufou ele.

Como os três homens pareciam ter ficado mudos (exceto por Benedict, é claro, mas Daphne não achou que seu gemido de dor contava como uma fala inteligível), ela engoliu em seco e falou:

– Espero não ter dado essa impressão, Lady Danbury, porque...

– Você não – decretou a velha senhora de forma autoritária. Agitou a bengala no ar, desenhando uma linha horizontal perfeita que terminou perigosamente perto da barriga de Colin. – Eles.

Um coro de saudações resmungadas se seguiu como resposta.

Lady Danbury olhou para eles de soslaio antes de se virar mais uma vez para Daphne.

– O Sr. Berbrooke estava perguntando por você – informou.

Daphne sentiu o rosto arder.

– Estava?

Lady Danbury assentiu levemente.

– Eu o cortaria pela raiz se fosse você, Srta. Bridgerton.

– A senhora contou onde eu estava?

A boca da senhora se abriu num sorriso maroto e conspiratório.

– Eu sempre soube que gostava de você. E não, eu não contei onde você estava.

– Obrigada – falou Daphne.

– Seria um desperdício uma menina inteligente como você se prender àquele tonto – afirmou Lady Danbury. – E Deus sabe que a sociedade não pode se dar ao luxo de desperdiçar as garotas inteligentes que tem.

– Hã... obrigada – agradeceu Daphne.

– Quanto a vocês – disse Lady Danbury, balançando a bengala na direção dos irmãos de Daphne –, eu ainda tenho restrições. De você – apontou a bengala para Anthony – eu tendo a gostar, já que recusou o pedido de Berbrooke em nome do bem da irmã, mas do resto... Humpf. – E foi embora.

– “Humpf”? – imitou Benedict. – “Humpf”? Ela pretende quantificar minha inteligência e tudo mais e só o que consegue emitir é um “Humpf”?

Daphne sorriu.

– De *mim* ela gosta.

– Você é agradável com ela – resmungou ele.

– Muito generoso da parte dela alertá-la sobre Berbrooke – admitiu Anthony.

Daphne assentiu.

– Creio que essa foi minha deixa. – Antes de se retirar, virou-se para Anthony com um olhar de súplica. – Se ele vier atrás de mim...

– Pode deixar – falou ele com delicadeza. – Não se preocupe.

– Obrigada. – E então, depois de sorrir para os irmãos, deixou o salão de baile.

Enquanto percorria os salões da casa de Lady Danbury em Londres, Simon percebeu que estava de ótimo humor. Pensou, dando uma risada, que isso era de fato extraordinário, considerando-se que estava prestes a participar de um baile da alta sociedade e, com isso, se sujeitar a todos os horrores que Anthony Bridgerton lhe havia descrito aquela tarde.

Mas seu consolo era saber que depois dessa noite não precisaria mais se incomodar com eventos desse tipo. Como dissera a Anthony mais cedo, estava comparecendo àquele baile em particular como demonstração de lealdade a Lady Danbury, que, apesar de seus modos desagradáveis, sempre fora muito gentil com ele em sua infância.

Começava a se dar conta de que sua boa disposição se devia ao simples fato de que estava gostando de ter voltado à Inglaterra.

Não que não tivesse apreciado sua viagem pelo mundo. Percorrera os quatro cantos da Europa, velejara os lindos mares azuis do Mediterrâneo e mergulhara nos mistérios do Norte da África. De lá, seguira para a Terra Santa e então, quando constatou que ainda não era hora de voltar para casa, atravessou o

Atlântico e explorou as Antilhas. A essa altura, considerou a possibilidade de se mudar para os Estados Unidos, mas a nova nação resolvera entrar em conflito com a Grã-Bretanha, fazendo com que Simon desistisse da ideia.

Além disso, foi nessa época que ficou sabendo que seu pai, doente havia vários anos, finalmente morrera.

Isso era de fato irônico. Simon não teria trocado seu período de exploração do mundo por nada. Seis anos dão a uma pessoa muito tempo para pensar, muito tempo para aprender o que significa ser um homem. E, no entanto, o único motivo pelo qual Simon deixara a Inglaterra, aos 22 anos, fora o fato de seu pai haver, de repente, decidido que enfim estava disposto a aceitar o filho.

Porém o rapaz não estava disposto a aceitar o pai, de forma que simplesmente fez as malas e deixou o país, preferindo o exílio às hipócritas demonstrações de afeto do velho duque.

Tudo começou quando Simon terminou os estudos na Universidade de Oxford. A princípio, o duque não quisera pagar por sua educação – certo dia, o rapaz viu uma carta que o pai tinha escrito a um tutor afirmando que se recusava a permitir que o filho idiota fizesse a família passar vergonha em Eton. Mas Simon tinha uma mente ávida e um coração teimoso. Então, solicitou uma carruagem para levá-lo ao colégio Eton, bateu na porta do diretor e anunciou sua presença.

Foi a coisa mais assustadora que fez na vida, mas de alguma maneira ele conseguiu convencer o diretor de que o mal-entendido era responsabilidade da escola, que eles deviam ter perdido os documentos de sua matrícula e do pagamento. Imitou todos os gestos e o modo de falar do pai, erguendo uma sobrancelha arrogante, empinando o queixo e olhando para o homem com superioridade, como se acreditasse que era o dono do mundo.

E o tempo todo tremeu de medo, apavorado com a possibilidade de a qualquer instante as palavras começarem a ficar enroladas e se amontoarem em sua mente, de “Eu sou o conde de Clyvedon e estou aqui para começar as aulas” saísse como “Eu sou o conde de Clyvedon e estou aq-q-q-q-q-q...”.

Mas isso não aconteceu, e o diretor, que já tinha muitos anos de experiência na educação da elite da Inglaterra para saber que Simon era membro da família Basset, o matriculou rapidamente e sem questionamentos. Levou vários meses para que o pai – sempre muito ocupado com as próprias questões – tomasse conhecimento do novo status e da mudança de residência do filho. A essa altura,

Simon estava bem ambientado no colégio e seria muito prejudicial para a imagem do duque tirar o garoto de lá sem motivo.

E o duque não gostava de prejudicar a própria imagem.

Simon se perguntara várias vezes por que o pai não decidira se aproximar dele naquela época. Era claro que o menino não estava tropeçando em cada palavra em Eton. O duque teria ficado sabendo por meio do diretor se o filho não estivesse conseguindo levar os estudos adiante. A fala do rapaz ainda falhava de vez em quando, mas a essa altura ele havia se tornado um perito em disfarçar suas dificuldades com uma tosse ou, se tivesse a sorte de estar no meio de uma refeição, um gole de chá ou leite no momento certo.

Mas o duque nunca lhe escreveu sequer uma carta. Simon imaginava que o pai já estava tão acostumado a ignorá-lo que o fato de ele ter provado que não era uma vergonha para o nome dos Bassets não tinha nenhuma importância.

Depois de Eton, Simon seguiu o caminho natural e entrou para Oxford, onde ficou famoso tanto como um aluno estudioso quanto como um libertino. Verdade seja dita: ele não era mais farrista que a maioria dos rapazes da universidade, mas seu comportamento de certo modo reservado acabava alimentando esse personagem.

Simon não tinha certeza de como isso havia acontecido, mas de repente ele começou a perceber que os colegas buscavam sua aprovação. Ele era inteligente e atlético, mas parecia que seu status elevado estava mais relacionado com seus modos do que com qualquer outra coisa. Como Simon não falava quando as palavras não eram necessárias, as pessoas o julgavam arrogante, exatamente como um futuro duque deveria ser. Como ele preferia andar apenas com os amigos com quem de fato se sentia confortável, as pessoas decidiram que ele era muito exigente ao escolher suas companhias, como um futuro duque deveria ser.

Ele não era muito falante, mas, quando dizia alguma coisa, tinha um humor sagaz e muitas vezes irônico – o tipo de temperamento que conquistava a atenção de todos. E mais uma vez, como não falava sem parar, como tantos outros membros da sociedade, as pessoas ficavam ainda *mais* obcecadas pelo que ele tinha a dizer.

Ele era conhecido como alguém “confiante”, “lindo de morrer”, “o exemplar perfeito da virilidade inglesa”. Os homens buscavam sua opinião sobre vários assuntos. As mulheres caíam a seus pés.

Simon nunca conseguiu acreditar em tudo aquilo, mas ainda assim gostava de sua posição. Aceitava o que lhe era oferecido – participava de farras com os amigos e aproveitava a companhia de todas as jovens viúvas e cantoras de ópera que ansiavam sua atenção –, e cada aventura era ainda mais deliciosa pela consciência de que o pai as desaprovaria.

Mas acabou que o pai não as desaprovava *totalmente*. Sem o conhecimento de Simon, o duque de Hastings já havia começado a se interessar pelo progresso do único filho. Pedia relatórios acadêmicos da universidade e contratou um sujeito para mantê-lo informado das atividades extracurriculares de Simon. E, finalmente, parou de esperar que cada notícia contivesse relatos da idiotice do filho.

Era impossível apontar o momento exato de seu arrependimento, mas um dia o duque percebeu que o filho se saíra muito bem, afinal.

Ele ficou muito orgulhoso. Como sempre, o berço mostrara sua importância. Ele deveria saber que o sangue Basset não seria capaz de produzir um imbecil.

Depois de terminar a faculdade em primeiro lugar na turma de matemática, Simon voltou a Londres com os amigos. Fora, é claro, morar sozinho, sem querer qualquer contato com o pai. E, quanto mais participava de eventos sociais, mais pessoas interpretavam equivocadamente suas pausas na fala como arrogância e seu pequeno círculo de amigos como exclusividade.

Sua reputação foi selada quando Beau Brummel – o então reconhecido líder da sociedade – fez uma pergunta bastante confusa sobre alguma nova moda qualquer. O tom do homem fora condescendente e ele claramente desejara constranger o jovem lorde. Como toda Londres sabia, Brummel adorava fazer com que membros da elite inglesa parecessem completos idiotas. Assim, fingira se interessar pela opinião de Simon finalizando a questão com a pergunta “Você não acha?” em uma voz arrastada.

Enquanto uma plateia de mexeriqueiros assistia ao diálogo prendendo a respiração, Simon, que não se importava nem um pouco com o estilo específico da echarpe do príncipe, simplesmente voltou os olhos azul-claros para Brummel e respondeu: “Não.”

Nenhuma explicação, nenhuma elaboração. Apenas: “Não.”

E então ele se afastou.

Na tarde seguinte, Simon poderia muito bem ser o novo rei da sociedade. A

ironia era desconcertante. O rapaz não se importava com Brummel, muito menos com seu tom, e provavelmente teria dado uma resposta mais eloquente se tivesse certeza de que não tropeçaria nas palavras. E, no entanto, nesse caso em particular, menos havia provado ser mais, e a afirmação sucinta de Simon se mostrara muito mais implacável do que qualquer discurso que pudesse ter pronunciado.

As notícias sobre o brilhante e lindíssimo herdeiro de Hastings chegaram aos ouvidos do duque. E, embora ele não tenha procurado o filho de imediato, Simon começou a ouvir boatos que davam a entender que seu relacionamento com o pai poderia sofrer uma mudança em breve. O duque riu quando ficou sabendo do incidente com Brummel, dizendo: “É claro. Ele é um Basset.” Um conhecido de Simon mencionou que o duque tinha sido visto se gabando sobre o primeiro lugar do rapaz em Oxford.

E então os dois se encontraram frente a frente num baile em Londres.

O duque não permitiu que Simon lhe desse o troco.

O jovem tentou. Ah, como tentou... Mas ninguém tinha a capacidade de destruir sua confiança como o pai, e enquanto Simon encarava aquele que poderia muito bem ser uma versão mais velha dele mesmo num espelho, não conseguia se mexer, não conseguia sequer tentar falar.

Sentia a língua grossa, a boca estranha, e era como se seu gaguejar tivesse se espalhado da boca para o corpo, porque ele de repente não se sentia bem na própria pele. O duque se aproveitou do lapso de razão momentâneo do rapaz e lhe deu um abraço sincero, dizendo: “Filho.”

Simon deixou o país no dia seguinte.

Sabia que seria impossível evitar o pai para sempre se permanecesse na Inglaterra. E se recusava a desempenhar o papel de filho dele depois de ter sido desprezado por tantos anos.

Além disso, estava ficando entediado com a vida louca de Londres. Reputação de libertino à parte, Simon não tinha realmente o temperamento de um devasso. Aproveitara as noites na cidade tanto quanto qualquer de seus companheiros, mas, depois de três anos em Oxford e um em Londres, a interminável sucessão de festas e prostitutas estava, bem, perdendo a graça.

Então ele foi embora.

Agora, no entanto, estava contente por ter voltado. Havia algo tranquilizador

em estar em casa, alguma coisa pacífica e serena na primavera inglesa. E depois de seis anos de viagens solitárias, era muito bom reencontrar os amigos.

Percorreu os corredores em silêncio, a caminho do salão de baile. Não quisera ser anunciado. A última coisa que desejava era chamar atenção para sua presença. A conversa com Anthony Bridgerton naquela tarde reafirmara sua decisão de não assumir um papel ativo na sociedade de Londres. Não tinha planos de se casar. Nunca. E não fazia muito sentido ir às festas da sociedade se não estava em busca de uma esposa.

Ainda assim, sentia que devia alguma lealdade a Lady Danbury, depois de todas as gentilezas dela durante sua infância. E, verdade seja dita, ele nutria uma grande afeição pela senhora escrachada. Teria sido muito grosseiro recusar o convite, sobretudo por ele ter ido acompanhado de um bilhete pessoal que lhe dava as boas-vindas de volta ao país.

Como conhecia a casa, Simon entrou por uma porta lateral. Se tudo desse certo, poderia chegar discretamente ao salão de baile, cumprimentar Lady Danbury e ir embora.

Mas quando virou o corredor num canto, ouviu vozes e ficou paralisado.

Reprimiu um gemido. Havia interrompido um encontro de amantes. Que droga. Como sair dali sem ser notado? Se sua presença fosse descoberta, a cena seguinte com certeza seria repleta de fingimentos, embaraços e uma confusão sem fim. Era melhor simplesmente se fundir às sombras e permitir que os amantes seguissem seu caminho feliz.

Mas, quando começou a recuar em silêncio, Simon ouviu uma coisa que chamou sua atenção.

– Não.

Não? Será que alguma jovem tinha sido levada até o corredor deserto contra sua vontade? Simon não desejava ser o herói de ninguém, mas nem ele poderia ignorar um insulto dessa magnitude. Aguçou os ouvidos, tentando escutar melhor. Afinal, podia ter entendido errado. Se ninguém precisasse ser salvo, ele certamente não iria avançar e fazer papel de bobo.

– Nigel, você não deveria mesmo ter me seguido até aqui – dizia a moça.

– Mas eu amo você! – gritou o jovem com uma voz apaixonada. – Tudo o que quero é tê-la como esposa.

Simon quase gemeu. Pobre tolo desiludido. Era doloroso ouvir aquilo.

– Nigel – disse a jovem mais uma vez, com a voz surpreendentemente gentil e paciente –, meu irmão já lhe disse que eu não devo me casar com você. Espero que possamos continuar amigos.

– Mas seu irmão não entende!

– Sim – respondeu ela com firmeza –, ele entende.

– Mas que droga! Se você não se casar comigo, quem irá se casar?

Simon piscou, surpreso. Para um pedido de casamento, aquele definitivamente não era nada romântico.

Pelo visto a jovem também achou isso.

– Bem – continuou ela, parecendo um pouco incomodada –, existem dezenas de jovens no salão de baile de Lady Danbury neste momento. Tenho certeza de que uma delas adoraria se casar com você.

Simon inclinou-se para a frente a fim de dar uma olhada na cena. A moça estava encoberta pelas sombras, mas ele pôde ver o rapaz com bastante clareza. Sua expressão era de vergonha e ele tinha os ombros encurvados pela derrota. Com desânimo, balançou a cabeça.

– Não – lamentou ele –, elas não querem se casar comigo. Você não vê? Elas... elas...

Simon se retraiu enquanto o homem lutava pelas palavras. Ele não parecia estar gaguejando, apenas emocionalmente abalado, mas nunca era agradável quando alguém não conseguia completar uma frase.

– Nenhuma delas é tão boa quanto você – completou ele, enfim. – Você é a única que sorri para mim.

– Ah, Nigel – disse a garota, com um suspiro. – Tenho certeza de que isso não é verdade.

Mas Simon pôde ver que ela estava apenas tentando ser gentil. E quando suspirou mais uma vez, ficou claro que não precisaria ser resgatada. Ela parecia ter a situação sob total controle, e embora Simon tenha sentido certa compaixão pelo infeliz Nigel, não havia nada que pudesse fazer para ajudar.

Além disso, estava começando a se sentir o pior tipo de voyeur.

Começou a recuar devagar, mantendo o olhar fixo numa porta que sabia que dava na biblioteca. Outra porta, no lado oposto daquele cômodo, levava ao conservatório. De lá, poderia chegar ao corredor principal e seguir até o salão de baile. Seria tão discreto como ir pelos corredores transversais, mas pelo menos o

pobre Nigel não saberia que sua humilhação tivera uma testemunha. Mas então, quando estava a apenas um passo de uma retirada estratégica, ouviu a garota dar um grito.

– Você tem que se casar comigo! – berrou Nigel. – Tem! Eu nunca vou encontrar outra pessoa...

– Nigel, pare!

Simon se virou, com um suspiro. Parecia que teria que resgatar a moça, afinal. Voltou ao corredor, com a expressão mais digna possível de um duque. As palavras “Acredito que a dama tenha pedido que parasse” estavam na ponta da língua, mas o destino parecia não querer que ele bancasse o herói aquela noite, porque antes que pudesse emitir qualquer som, a jovem puxou o braço que Nigel estava segurando e acertou um soco surpreendentemente forte bem no queixo do rapaz.

Nigel caiu, agitando os braços no ar, de forma cômica, enquanto suas pernas saíam do chão. Simon simplesmente ficou parado ali, assistindo incrédulo à garota ajoelhar-se.

– Ah, puxa – disse ela, com uma voz meio aguda. – Nigel, você está bem? Eu não tive a intenção de bater tão forte.

Simon riu. Não conseguiu evitar. A garota olhou para cima, assustada.

Ele ficou sem ar. Até então ela estivera oculta nas sombras, e tudo o que ele havia conseguido discernir da aparência dela tinham sido seus cabelos fartos e escuros. Mas agora, quando ela levantou a cabeça para encará-lo, ele constatou que tinha olhos grandes, também escuros, e a boca mais larga e exuberante que ele já vira. Seu rosto em formato de coração não era bonito segundo os padrões da sociedade, mas alguma coisa nele o deixou sem fôlego.

As sobrancelhas, grossas mas delicadamente arqueadas, se juntavam.

– Quem é você? – perguntou ela, não parecendo nem um pouco satisfeita ao vê-lo.

Capítulo 3

Alguém contou a esta autora que Nigel Berbrooke foi visto na Joalheria Moreton's comprando um solitário de diamante. Será que a nova Sra. Berbrooke está prestes a surgir?

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
28 DE ABRIL DE 1813

Daphne pensou que a noite não poderia ficar muito pior. Primeiro, vira-se forçada a passar o tempo inteiro no canto mais escuro do salão de baile – o que não foi muito fácil, já que Lady Danbury era claramente uma apreciadora tanto da beleza quanto da iluminação das velas. Depois, conseguira tropeçar no pé de Philipa Featherington enquanto tentava escapar, o que fez Philipa, que nunca é a garota mais discreta do salão, gritar "Daphne Bridgerton! Você se machucou?", o que deve ter chamado a atenção de Nigel, porque ele virou a cabeça como um pássaro assustado e imediatamente começou a atravessar o salão correndo. Daphne esperara – não, rezara para – conseguir ser mais rápida que Nigel e chegar ao toalete feminino antes que ele a alcançasse, mas o rapaz a encurralara no corredor e começara a declarar seu amor.

Como se tudo isso já não fosse constrangedor o suficiente, agora aparecera aquele homem – aquele estranho lindo e elegante de uma forma quase perturbadora – e testemunhara tudo. E pior, ele estava rindo!

Daphne o fuzilou enquanto ele se divertia às suas custas. Como nunca o vira antes, ele devia ser novo em Londres. A mãe havia garantido que ela fosse apresentada a todos os cavalheiros qualificados da cidade – ou ao menos que eles soubessem de sua existência. Claro que aquele homem podia ser casado e, portanto, não constar da lista de vítimas potenciais de Violet, mas, instintivamente, Daphne sabia que ele não poderia estar há muito tempo em Londres sem que todos estivessem cochichando a seu respeito.

O rosto dele era simplesmente perfeito. Daphne levou apenas um instante para

se dar conta de que todas as estátuas de Michelangelo não chegavam a seus pés. Os olhos eram curiosamente intensos – tão azuis que quase brilhavam por conta própria. Os cabelos eram espessos e escuros, e ele era alto – tão alto como os irmãos dela, o que era raro.

Ali estava um homem, Daphne pensou com sarcasmo, que possivelmente poderia livrar para sempre os rapazes Bridgertons do assédio das moças risonhas. Por que isso a incomodava tanto, não sabia. Talvez porque tivesse consciência de que um homem como ele jamais se interessaria por uma mulher como ela. Ou então porque ela se sentia como a última das criaturas sentada no chão diante da esplêndida presença dele. Ou, ainda, simplesmente porque ele estava ali parado, rindo, como se ela fosse alguma espécie de atração circense.

Mas, qualquer que fosse o caso, Daphne foi tomada pela rabugice e franziu a testa quando perguntou:

– Quem é você?

Simon não sabia por que não tinha respondido à pergunta dela de maneira direta, mas algum diabinho fez com que dissesse:

– Minha intenção era ser seu salvador, mas é claro que você não precisa dos meus serviços.

– Ah – exclamou a garota, parecendo mais tranquila. Ela apertou os lábios, torcendo-os levemente enquanto pensava em como continuar. – Bem, muito obrigada, então, eu acho. É uma pena que não tenha se manifestado dez segundos antes. Eu preferiria não ter tido que bater nele.

Simon olhou para o homem no chão. Uma marca roxa já aparecia em seu queixo e ele gemia.

– Laffy. Ah, Laffy. Eu amo você, Laffy.

– Suponho que você seja Laffy, certo? – sussurrou Simon, olhando para ela. Era de fato uma jovenzinha bastante atraente, e daquele ângulo o corpete de seu vestido parecia baixo de uma maneira quase indecente.

Ela franziu a testa, demonstrando insatisfação com a tentativa de humor sutil – e também sem perceber que aquele olhar semicerrado estava direcionado a partes de seu corpo que não o rosto.

– O que nós vamos fazer com ele? – perguntou ela.

– Nós? – indagou Simon.

Ela franziu ainda mais a testa.

– Você disse que queria me salvar, não disse?

– Sim, eu disse. – Simon pôs as mãos nos quadris e avaliou a situação. – Devo arrastá-lo até a rua?

– É claro que não! – exclamou ela. – Pelo amor de Deus, está chovendo, não está?

– Minha cara Srta. Laffy – falou Simon, sem nenhuma preocupação com o tom condescendente de sua voz –, você não considera sua preocupação um tanto inadequada? Esse homem tentou atacá-la.

– Ele não tentou me atacar – respondeu ela. – Ele apenas... apenas... ah, tudo bem, ele tentou me atacar. Mas jamais teria me feito algum mal de fato.

Simon ergueu uma sobrancelha. Realmente as mulheres eram as criaturas mais paradoxais do mundo.

– E como a senhorita pode ter certeza disso?

Ele observou enquanto ela escolhia as palavras com cuidado.

– Nigel não é capaz de nenhuma maldade – afirmou ela. – Seu crime é apenas a falta de bom senso.

– A senhorita é uma alma mais generosa que eu – comentou Simon, baixinho.

A garota soltou outro suspiro, um som suave que ele de alguma forma sentiu atravessar todo o seu corpo.

– Nigel não é má pessoa – disse ela, cheia de dignidade. – O problema é que nem sempre é muito inteligente, e talvez tenha interpretado mal minha gentileza.

Simon sentiu uma estranha admiração por aquela garota. A maioria das mulheres que ele conhecia estaria histérica a essa altura, mas ela – quem quer que fosse – havia dominado a situação com firmeza, e agora demonstrava uma generosidade de espírito impressionante. O fato de conseguir pensar em defender aquele sujeito escapava à sua compreensão.

Ela se levantou, limpando as mãos na seda verde do vestido. Tinha arrumado os cabelos de modo que um cacho grosso pendia sobre seu ombro, ondulando de forma sedutora acima de seus seios. Simon sabia que deveria estar escutando – ela tagarelava sobre alguma coisa, como as mulheres costumam fazer –, mas parecia incapaz de desviar os olhos daquele cacho de cabelos escuros. Parecia uma fita de seda roçando o pescoço longilíneo dela, e Simon sentiu uma vontade

inexplicável de diminuir a distância entre eles e acompanhar o caminho dos cabelos dela com os lábios.

Ele nunca havia flertado com uma menina inocente, mas todo mundo já o havia julgado como um libertino. Que mal poderia fazer? Sua intenção não era violentá-la ou nada do tipo. Queria só um beijo. Apenas um beijinho.

Era tentador, tão deliciosa e loucamente tentador...

– Senhor! Senhor!

Com muita relutância, ele arrastou o olhar até o rosto dela. Que era, claro, encantador por si só, mas era difícil imaginar seu poder de sedução enquanto ela franzia a testa para ele.

– O senhor estava me ouvindo?

– É claro – mentiu ele.

– Não estava, não.

– Certo, não estava – admitiu ele.

Um som saiu do fundo da garganta dela, parecendo um resmungo.

– Então por que disse que estava? – perguntou ela com algum esforço.

Ele deu de ombros.

– Pensei que fosse o que queria ouvir.

Simon observou, fascinado, enquanto ela respirava fundo e resmungava algo para si mesma. Não conseguiu ouvir nenhuma das palavras, mas duvidava que alguma pudesse ser um elogio. Finalmente, com a voz indiferente de uma maneira quase cômica, ela disse:

– Se não deseja me ajudar, prefiro que se retire.

Simon decidiu que estava na hora de parar de agir como um grosseirão e respondeu:

– Desculpe-me. É claro que vou ajudá-la.

Ela deu um suspiro e então olhou de novo para Nigel, que ainda estava no chão, gemendo coisas incoerentes. Simon seguiu o olhar dela e por vários segundos os dois ficaram ali parados, apenas encarando o homem semi-inconsciente, até que a garota comentou:

– Eu realmente não bati muito forte.

– Talvez ele esteja bêbado – insinuou Simon.

Ela pareceu desconfiada.

– O senhor acha? Senti o cheiro de álcool no hálito dele, mas nunca o vi

bêbado.
Como não tinha nada a acrescentar a esse comentário, Simon perguntou:
– E então, o que quer fazer?
– Acho que poderíamos simplesmente deixá-lo aqui – sugeriu ela, com a hesitação perpassando os olhos escuros.
Simon achou que era uma ideia excelente, mas era óbvio que a jovem queria que o idiota fosse tratado de uma forma mais gentil. E que Deus o ajudasse, mas ele estava sentindo uma estranha compulsão por agradá-la.
– Eis o que vamos fazer – disse ele decididamente, satisfeito ao perceber que o seu tom de voz não evidenciava nenhuma estranha ternura que estivesse sentindo. – Vou solicitar a minha carruagem...
– Ah, que bom – interrompeu ela. – Eu realmente não queria deixá-lo aqui. Parecia cruel demais.
Simon pensou que era um excesso de generosidade da parte dela, considerando que o imbecil quase a havia atacado, mas guardou a opinião para si e prosseguiu com o plano.
– A senhorita fica esperando na biblioteca enquanto eu não voltar.
– Na biblioteca? Mas...
– Na biblioteca – repetiu ele com firmeza. – Com a porta fechada. Ou quer ser descoberta com o corpo de Nigel se alguém passar por aqui?
– O corpo dele? Meu Deus, senhor, não precisa falar como se ele estivesse morto.
– Como eu estava dizendo – prosseguiu Simon, ignorando por completo o comentário dela –, a senhorita ficará na biblioteca. Quando eu voltar, vamos transferi-lo daqui para minha carruagem.
– E como faremos isso?
Ele lhe ofereceu um irresistível sorriso de lado.
– Não faço a menor ideia – respondeu.
Por um instante, Daphne se esqueceu de respirar. Justo quando havia concluído que seu suposto salvador era irremediavelmente arrogante, ele tinha que lhe sorrir daquela maneira... Era um daqueles sorrisos de menino, do tipo que derrete corações femininos num raio de 15 quilômetros.
E, para desespero de Daphne, era muito difícil continuar irritada com um homem com um sorriso daquele. Tendo crescido com quatro irmãos, todos

especialistas natos em deixar as moças encantadas, ela pensava ser imune a isso.

Mas tudo indicava que não era. Estava com o coração martelando, o estômago dando saltos e os joelhos trêmulos.

– Nigel – murmurou ela, tentando desesperadamente desviar sua atenção do homem sem nome diante dela. – Preciso ver como está Nigel. – Agachou-se e o sacudiu pelo ombro. – Nigel? Nigel? Você precisa acordar agora.

– Daphne – gemeu o pobre coitado caído no chão. – Ah, Daphne.

A mente de Simon teve um estalo.

– Daphne? Ele disse Daphne?

Ela recuou, desconcertada pela pergunta direta e a expressão intensa no olhar do estranho.

– Disse – respondeu.

– Seu nome é Daphne?

Agora ela estava começando a imaginar se ele era um idiota.

– É.

Simon soltou um gemido.

– Daphne Bridgerton?

Ela ficou com a expressão séria, intrigada.

– Exatamente.

Simon recuou um passo. De repente, sentiu-se indisposto, como se seu cérebro enfim houvesse processado que ela tinha cabelos castanhos fartos. Os famosos cabelos dos Bridgertons. Sem falar no nariz, nas maçãs do rosto e... por Deus, aquela era a *irmã* de Anthony!

Que droga. Havia regras entre amigos. Mandamentos, na verdade. E o mais importante era “Não cobiçarás as irmãs de teus amigos”.

Enquanto ele ficava parado ali, provavelmente a encarando feito um completo idiota, ela pôs as mãos na cintura e perguntou:

– E quem é você?

– Simon Basset – murmurou ele.

– O duque? – gritou ela.

Ele assentiu rispidamente.

– Ai, minha nossa...

Simon viu, com crescente pavor, o sangue sumir do rosto dela.

– Por Deus, mulher, não vai desmaiar, não é? – Ele não podia imaginar por que

ela faria isso, mas lembrou que Anthony, o irmão dela, passara a tarde inteira alertando-o dos efeitos de um duque jovem e solteiro sobre a população feminina jovem e solteira. Anthony havia citado especificamente Daphne como exceção à regra, mas, ainda assim, ela parecia pálida demais. – Ou vai? – perguntou, quando ela não respondeu. – Desmaiar?

Ela pareceu ofendida por ele ter sequer considerado essa possibilidade.

– É claro que não!

– Que bom.

– É só que...

– O quê? – indagou Simon, desconfiado.

– Bem – disse ela, com um tímido dar de ombros –, eu fui alertada sobre você.

Aquilo era demais.

– Por quem? – quis saber ele.

Ela o encarou como se ele fosse um imbecil.

– Por todo mundo.

– Isso, minha c... – Então ele sentiu algo como um gaguejar se insinuando e respirou fundo para firmar a língua. Havia se tornado um especialista nesse tipo de controle. Tudo o que ela veria seria um homem tentando manter-se tranquilo. E, considerando o rumo daquela conversa, essa imagem não iria parecer nem um pouco absurda. – Minha cara Srta. Bridgerton – prosseguiu Simon, recomeçando num tom mais calmo e controlado –, eu acho difícil acreditar nisso.

Daphne deu de ombros mais uma vez e ele ficou com a irritante sensação de que ela estava apreciando sua aflição.

– Acredite no que quiser – comentou ela despreocupadamente. – Mas estava no jornal de hoje.

– *O quê?*

– No *Whistledown* – disse Daphne, como se isso respondesse a tudo.

– Whistle o quê?

Ela o encarou com indiferença por um instante, até se lembrar de que ele tinha acabado de voltar a Londres.

– Ah, o senhor não deve saber nada sobre isso – murmurou ela, com um sorrisinho travesso. – Que coisa...

O duque deu um passo à frente, em uma postura ameaçadora.

– Srta. Bridgerton, devo alertá-la de que estou prestes a extrair essa informação

de você pelo estrangulamento.

– É um jornal de fofocas – explicou ela, recuando um passo. – Só isso. É bem bobo, na verdade, mas todos leem.

Ele não disse nada, apenas arqueou uma sobrancelha de modo arrogante.

Daphne acrescentou em seguida:

– Havia uma nota sobre o seu retorno na edição de segunda-feira.

– E o que exatamente dizia a nota? – perguntou ele, com os olhos se estreitando de forma ameaçadora. Quando parou de falar, seus olhos viraram uma pedra de gelo.

– Nada de mais – disfarçou Daphne.

Tentou dar mais um passo para trás, mas já estava com os saltos dos sapatos encostados na parede. Mais um pouco e teria que ficar nas pontas dos pés. O duque parecia mais do que furioso e ela estava começando a achar que deveria tentar fugir dali o mais rápido possível e simplesmente deixá-lo sozinho com Nigel. Os dois eram perfeitos um para o outro, ambos loucos!

– Srta. Bridgerton. – Sua voz estava bastante receosa.

Daphne se apiedou dele. Afinal, era novo na cidade e não tivera tempo de se acostumar ao estranho mundo de acordo com o *Whistledown*. Pensou que não poderia culpá-lo por ficar tão irritado pelo fato de terem escrito a seu respeito no jornal. Havia sido bastante espantoso para a própria Daphne na primeira vez também, ainda que, por ler a coluna havia um mês, já estivesse esperando por isso. Quando Lady Whistledown finalmente escreveu a respeito dela, Daphne quase não acreditou.

– Não é preciso se chatear com isso – disse Daphne, tentando imprimir um pouco de compaixão a seu tom de voz, provavelmente sem sucesso. – Ela escreveu apenas que o senhor é um grande libertino, o que tenho certeza que não irá negar, já que os homens de fato *desejam* ser considerados como tal, pelo menos de acordo com o que aprendi há muitos anos. – Fez uma pausa e deu a ele a oportunidade de dizer que ela estava errada. Simon ficou em silêncio e ela continuou: – Então minha mãe, que imagino que o senhor deva ter conhecido em algum momento antes de começar sua viagem pelo mundo, confirmou tudo.

– Ela confirmou?

Daphne assentiu.

– E então me proibiu de ser vista em sua companhia – completou.

– É mesmo? – perguntou ele com a voz arrastada.

Alguma coisa no tom de voz dele – e na forma como seus olhos pareciam quase em chamas ao encararem o rosto dela – a deixara extremamente desconfortável, e ela teve que fazer um esforço para não fechar os olhos. Recusava-se a deixar que ele visse como a afetava.

Os lábios dele se curvaram num sorriso.

– Deixe-me ver se entendi bem. Sua mãe lhe disse que eu sou um homem muito mau e que você não deve ser vista comigo em nenhuma circunstância.

Confusa, ela assentiu.

– Então – prosseguiu ele, fazendo uma pausa dramática –, o que acha que sua mãe diria sobre *esta* situação?

Ela piscou.

– Como?

– Bem, a menos que esteja contando o Nigel aqui – disse ele, acenando na direção do homem inconsciente no chão –, ninguém realmente a *viu* na minha presença. E, no entanto... – deixou as palavras no ar, divertindo-se ao observar as emoções no rosto dela e desejando estender aquele momento ao máximo.

É claro que as principais emoções no rosto dela eram variáveis de irritação e desânimo, mas isso tornava aquele momento ainda melhor.

– E no entanto? – perguntou ela.

Ele se inclinou para a frente, reduzindo a distância entre os dois a apenas alguns centímetros.

– E, no entanto – continuou ele baixinho, sabendo que ela sentiria a respiração dele em seu rosto –, aqui estamos nós, completamente sozinhos.

– A não ser por Nigel – retrucou ela.

Simon lançou um olhar rápido para o homem no chão antes de voltar sua expressão cruel de novo para a Srta. Bridgerton.

– Eu não estou muito preocupado com Nigel – sussurrou ele. – E você?

Simon observou-a olhar para Nigel com desalento. Parecia querer confirmar que seu desprezado pretendente não iria salvá-la caso o duque decidisse partir para cima dela. Não que ele fosse fazer isso, é claro. Afinal, ela era a irmã mais nova de Anthony. Ele precisava se lembrar disso a todo momento, mas não era algo que pudesse afastar de vez de sua mente.

Simon sabia que já estava mais que na hora de encerrar aquele joguinho. Não

que ele achasse que ela contaria o episódio a Anthony. De alguma forma, sabia que ela preferiria guardar o acontecido para si mesma, pensando nele com um furor virtuoso e – pelo menos era o que ele esperava – um toque de excitação.

Mas, embora tivesse a consciência de que precisava encerrar aquele flerte e voltar à questão de transportar o pretendente idiota de Daphne para fora da casa, não pôde resistir a um último comentário. Talvez fosse o modo como os lábios dela se apertavam quando estava irritada. Ou a forma como eles se abriam quando ela estava em choque. Tudo o que ele sabia era que se sentia indefeso contra a própria natureza diabólica quando se tratava daquela garota.

Então ele se inclinou para a frente, com os olhos semicerrados e sedutores, e disse:

– Acho que sei o que sua mãe iria dizer.

Ela pareceu um pouco perplexa com a investida dele, mas ainda assim conseguiu murmurar, de forma bastante desafiadora:

– Ah, é?

Simon assentiu lentamente com a cabeça e tocou no queixo dela com um dedo.

– Ela lhe diria para ter muito, muito medo.

Houve um instante de silêncio absoluto, então os olhos de Daphne se arregalaram. Seus lábios se apertaram, seus ombros se levantaram um pouco e...

E ela riu. Bem na cara dele.

– Ah, meu Deus – arquejou ela. – Nossa, isso foi engraçado.

Mas Simon não achou graça.

– Me desculpe – disse ela, em meio às gargalhadas. – Ah, me desculpe, mas o senhor realmente não devia ser tão melodramático. Não lhe cai bem.

Simon fez uma pausa, bastante irritado com o fato de aquela simples garota demonstrar tamanho desrespeito por sua autoridade. Havia vantagens em ser considerado um homem perigoso, e ser capaz de intimidar jovens donzelas supostamente era uma delas.

– Bem, na verdade lhe cai bem, sim, preciso admitir – acrescentou ela, ainda rindo às custas dele. – O senhor parecia muito perigoso. E muito bonito, é claro. – Como ele não fez qualquer comentário, o rosto de Daphne assumiu uma expressão confusa e ela perguntou: – Era essa sua intenção, não era?

Ele continuou em silêncio. Então ela prosseguiu:

– Claro que era. E eu estaria sendo injusta se não lhe dissesse que teria sido

bem-sucedido com qualquer outra garota que não fosse eu.
Esse era um comentário ao qual ele não poderia resistir.
– E posso saber por quê? – perguntou ele.
– Quatro irmãos. – Ela deu de ombros, como se isso explicasse tudo. – Sou imune a seus joguinhos.
– É mesmo?
Daphne deu um tapinha tranquilizador no braço dele.
– Mas sua tentativa foi bastante admirável. Sinceramente, sinto-me lisonjeada que tenha me considerado merecedora de uma demonstração tão magnífica de libertinagem duquífera. – Ela sorriu, um gesto amplo e sincero. – Ou prefere duquice libertina?
Simon coçou o queixo, pensativo, tentando recuperar a pose de predador perigoso.
– Você é uma mocinha muito irritante, sabia disso, Srta. Bridgerton?
Ela deu a ele seu sorriso mais inocente.
– A maioria das pessoas me considera um exemplo de gentileza e amabilidade.
– A maioria das pessoas é tola – disse Simon de forma abrupta.
Daphne inclinou a cabeça para o lado, claramente pensando no que ele disse. Então olhou para Nigel e suspirou.
– Devo concordar com o senhor, por mais que me doa.
Simon conteve um sorriso.
– Dói concordar comigo ou o fato de que a maioria das pessoas é tola?
– Ambos – respondeu ela, sorrindo de novo, um sorriso largo e encantador que mexia de forma curiosa com a cabeça dele. – Mas principalmente o primeiro.
Ele gargalhou e então ficou espantando ao se dar conta de como aquele som era estranho aos seus ouvidos. Era um homem que sorria com frequência e dava risadas às vezes, mas fazia muito tempo desde a última vez que sentira uma explosão tão espontânea de alegria.
– Minha cara Srta. Bridgerton – disse ele, secando os olhos –, se você é um exemplo de gentileza e amabilidade, o mundo deve ser um lugar muito perigoso.
– Ah, certamente – concordou ela. – Ao menos de acordo com minha mãe.
– Não consigo imaginar por que não me recordo de sua mãe – murmurou Simon. – Porque ela certamente parece uma pessoa memorável.
Daphne levantou uma sobrancelha.

– Não se lembra dela?
Ele balançou a cabeça.
– Então não a conhece – afirmou Daphne.
– Ela se parece com você?
– Que pergunta mais estranha.
– Não é tão estranha assim – respondeu Simon, pensando que Daphne tinha toda a razão. *Era* uma pergunta estranha, e ele não tinha ideia de por que a fizera. Mas, já que havia feito, e como ela o questionara, ele acrescentou: – Afinal, fiquei sabendo que todos os Bridgertons são parecidos.
Na testa dela apareceu um minúsculo – e misterioso para Simon – franzido.
– Somos. Parecidos, quero dizer. A não ser pela minha mãe. Ela tem a pele bem clara e olhos azuis. Todos nós herdamos os cabelos castanhos de nosso pai. Mas dizem que tenho o sorriso dela.
Uma pausa constrangedora se interpôs à conversa. Daphne estava passando o peso do corpo de um pé para o outro, sem saber exatamente o que dizer ao duque, quando Nigel demonstrou um excelente senso de oportunidade pela primeira vez na vida e se sentou.
– Daphne, é você? – indagou ele.
– Meu Deus, Srta. Bridgerton – interveio Simon. – Você bateu nele com muita força?
– O suficiente para derrubá-lo, mas não mais do que isso, eu juro. – Daphne franziu a testa. – Talvez ele realmente esteja bêbado.
– Ah, Daphne – gemeu Nigel.
Simon se agachou ao lado dele e então recuou, tossindo.
– E então, ele está bêbado? – perguntou Daphne.
O duque recuou mais uns passos.
– Ele deve ter bebido uma garrafa inteira de uísque só para criar coragem e falar com você.
– Quem diria que eu poderia ser tão assustadora... – murmurou Daphne, pensando em todos os homens que a viam como uma boa amiga e nada mais. – Que coisa...
Simon a encarou como se ela estivesse louca e então disse em voz baixa:
– Não vou sequer questionar essa afirmação.
Daphne ignorou o comentário.

– Vamos pôr nosso plano em ação? – sugeriu ela.

Simon colocou as mãos nos quadris e reavaliou a cena. Nigel tentava se levantar, mas não parecia que conseguiria realizar essa tarefa em um futuro próximo. Ainda assim, aparentava estar lúcido o suficiente para causar problemas, e com certeza lúcido o bastante para fazer barulho, o que aliás já estava acontecendo.

– Ah, Daphne. Eu a amo tanto, Daff – disse ele com a voz engrolada. Conseguiu ficar de joelhos e começou a avançar assim na direção dela, cambaleando pelo percurso. – Por favor, case comigo, Duffne. Você tem que casar comigo.

– Levante-se, homem – resmungou Simon, agarrando-o pelo colarinho. – Isto está ficando constrangedor. – Virou-se para Daphne. – Tenho que tirá-lo daqui agora. Não podemos deixá-lo no corredor. Ele pode começar a gemer feito uma vaca doente...

– Pensei que ele já estivesse fazendo isso – comentou ela.

Simon sentiu um canto da boca se levantar num sorriso relutante. Daphne Bridgerton podia estar correndo atrás de um marido e, portanto, ser um desastre para qualquer homem na posição dele, mas certamente tinha senso de humor.

Ocorreu-lhe num lampejo de clareza que, se ela fosse um homem, seria do tipo que ele chamaria de amigo.

Porém, como estava óbvio – tanto para os olhos quanto para o corpo dele – que ela não era do sexo masculino, Simon resolveu que seria melhor para ambos que aquela “situação” se encerrasse logo. Não só pelo fato de que a reputação de Daphne iria sofrer um golpe letal se eles fossem vistos juntos, mas também porque ele não tinha certeza de que conseguiria manter as mãos afastadas dela por muito mais tempo.

Era um sentimento perturbador. Principalmente para um homem que valorizava tanto o autocontrole. Para Simon, o equilíbrio era tudo. Sem isso, ele jamais teria enfrentado o pai ou ficado em primeiro lugar na universidade. Sem o controle, ele...

Sem o controle, pensou, furioso, ainda estaria falando feito um idiota.

– Eu o tiro daqui – afirmou ele de repente. – Você volta para o salão.

Daphne franziu a testa, olhando por cima do ombro para o corredor que levava até a festa.

– Tem certeza? Pensei que eu deveria ir para a biblioteca.

– Isso quando o plano era deixarmos Nigel aqui enquanto eu ia buscar a carruagem. Mas não podemos fazer isso com ele acordado.

Ela assentiu e perguntou:

– Tem certeza de que consegue fazer isso sozinho? Ele é um homem grande.

– Eu sou maior.

Ela inclinou a cabeça para o lado. Apesar de magro, o duque era forte, com ombros largos e coxas firmes e musculosas. (Daphne sabia que não deveria notar esse tipo de coisa, mas não era culpa sua que calças tão justas estivessem na moda.) Para ser sincera, ele parecia praticamente um predador, tinha algo que exalava força e poder.

Daphne concluiu que sem dúvida ele conseguiria carregar Nigel sozinho.

– Muito bem, então – disse ela, assentindo com a cabeça. – Obrigada. É muito gentil de sua parte me ajudar dessa maneira.

– Eu raramente sou gentil – resmungou ele.

– É mesmo? – murmurou Daphne, permitindo-se dar um pequeno sorriso. – Que estranho. Para mim, não existe outra forma de chamar isso que está fazendo. Mas eu também aprendi que os homens...

– Você parece ser especialista em homens – disse Simon, com ironia, e então soltou um gemido enquanto levantava o homem do chão.

Nigel na mesma hora estendeu a mão para Daphne, praticamente soluçando o nome dela. O duque teve que segurar as pernas dele para evitar que saltasse sobre ela. A jovem deu um passo para trás.

– É... bem... eu tenho quatro irmãos. Não consigo imaginar melhor educação que essa.

Não houve como saber se o duque tinha a intenção de responder ao comentário dela, porque Nigel escolheu esse momento para recuperar as forças (ainda que claramente não o equilíbrio) e se soltou das garras de Simon. Atirou-se em cima de Daphne, emitindo ruídos incoerentes o tempo todo.

Se ela não estivesse de costas para a parede, teria sido derrubada no chão. Com o ataque de Nigel, Daphne bateu contra ela com um forte barulho e ficou sem ar.

– Ah, pelo amor de Deus – reclamou o duque, parecendo enojado. Puxou Nigel para longe de Daphne, então se virou para ela e perguntou: – Posso bater nele?

– Sim, por favor, vá em frente – respondeu ela, ainda tentando recuperar o

fôlego. Havia tentado ser gentil e generosa com o pretendente, mas tudo tinha limite.

Simon resmungou alguma coisa parecida com “Que bom” e atingiu o queixo de Nigel com um golpe implacável.

Ele caiu feito uma pedra.

Daphne olhou para o homem no chão com tranquilidade.

– Acho que ele não vai acordar desta vez.

– Com certeza, não – disse Simon, sacudindo o punho.

Daphne piscou e olhou para ele de novo.

– Obrigada.

– Foi um prazer – afirmou ele, fazendo uma cara feia para Nigel.

– O que vamos fazer agora? – perguntou Daphne. Seu olhar cruzou com o de Simon por cima do homem inconsciente no chão.

– Voltar ao plano original – decretou ele. – Vamos deixá-lo aqui enquanto você espera na biblioteca. Prefiro não ter que carregá-lo antes de estar com a carruagem a postos.

Daphne assentiu com um ar sensato.

– Precisa de ajuda para cuidar dele ou devo ir direto para a biblioteca?

Simon ficou em silêncio por um instante. Virou a cabeça de um lado para outro enquanto analisava a posição de Nigel no chão.

– Na verdade, seria ótimo ter um pouco de ajuda.

– É mesmo? – indagou Daphne, surpresa. – Eu tinha certeza que você diria que não.

Isso lhe rendeu um olhar ligeiramente divertido e superior do duque.

– E foi por isso que ofereceu?

– Não, é claro que não – disse Daphne, um pouco ofendida. – Não sou estúpida a ponto de oferecer ajuda se não tenho a intenção de fazer isso. Estava apenas observando que os homens, pela minha experiência...

– Você tem experiência demais – resmungou o duque, baixinho.

– O quê?!

– Me perdoe – falou. – Você *acha* que tem muita experiência.

Daphne o fuzilou com seus furiosos olhos castanhos, quase negros.

– Isso não é verdade. E quem é você para dizer isso, afinal?

– Não, também não é isso – considerou o duque, ignorando por completo a

indignação dela. – Acho que sou *eu* que acho que *você* acha que tem muita experiência.

– Ora, seu... seu... – Não foi uma resposta particularmente eficaz, mas foi tudo o que Daphne conseguiu dizer. Sua eloquência tendia a falhar quando ela sentia raiva. E ela estava sentindo *muita* raiva.

Simon deu de ombros, parecendo indiferente à expressão de ira dela.

– Minha cara Srta. Bridgerton...

– Se você me chamar assim mais uma vez, juro que vou gritar.

– Não, não vai – afirmou ele, com um sorriso devasso. – Isso atrairia um monte de gente, e, caso não lembre, você não quer ser vista comigo.

– Estou pensando em correr o risco – disse Daphne, murmurando entre os dentes.

Simon cruzou os braços e se encostou na parede.

– É mesmo? – perguntou ele com a voz arrastada. – Eu adoraria ver isso.

Daphne deu um suspiro de frustração.

– Deixe para lá. Esqueça que me viu. Esqueça tudo o que aconteceu esta noite. Vou embora.

Ela se virou, mas antes que desse um passo foi paralisada pelo som da voz do duque.

– Achei que você iria me ajudar.

Droga. Ele tinha razão. Ela se virou lentamente.

– É verdade. Vou, sim – disse ela, fingindo solicitude. – Eu adoraria.

– Sabe – comentou ele, com uma expressão inocente –, se não queria ajudar, não deveria...

– Eu falei que adoraria – interrompeu Daphne.

Simon sorriu por dentro. Ela era tão ingênua...

– Eis o que vamos fazer – instruiu ele. – Vou levantá-lo até que fique de pé e passar o braço direito dele por sobre meus ombros. Você vai até o outro lado e o segura.

Daphne obedeceu, um tanto incomodada com o autoritarismo dele. Mas não emitiu uma única reclamação. Afinal, apesar de seu jeito irritante, o duque de Hastings a estava ajudando a se livrar de um escândalo possivelmente muito constrangedor.

É claro que, se alguém a encontrasse naquela posição, ela estaria numa situação

ainda pior.

– Tenho uma ideia melhor – sugeriu ela de repente. – Vamos apenas deixá-lo aqui.

Simon virou a cabeça a fim de encará-la e parecia estar desejando com toda a força atirá-la por uma janela – de preferência alguma que ainda estivesse fechada.

– Eu pensei – comentou ele, fazendo um grande esforço para manter a voz inalterada – que não quisesse deixá-lo aí jogado no chão.

– Isso foi antes de ele me empurrar contra a parede.

– Não poderia ter me avisado da mudança de planos antes que eu gastasse minha energia para levantá-lo?

Daphne corou. Detestava que os homens pensassem que as mulheres eram criaturas volúveis e instáveis, e odiava ainda mais o fato de estar fazendo jus a essa imagem.

– Muito bem – disse ele simplesmente, largando Nigel em seguida.

O peso repentino quase levou Daphne ao chão junto com ele. Ela soltou um grito de surpresa enquanto saía do caminho bem a tempo.

– Agora podemos ir embora? – perguntou o duque, parecendo insuportavelmente paciente.

Ela assentiu com hesitação, olhando para Nigel.

– Ele parece muito desconfortável, não acha?

Simon a encarou. Apenas a encarou.

– Está preocupada com o conforto dele? – perguntou, enfim.

Daphne balançou a cabeça nervosamente em uma negativa, depois em uma afirmativa, então em uma nova negativa.

– Talvez eu devesse... quer dizer... pronto, só um instante. – Ela se agachou e destorceu as pernas de Nigel para que ele ficasse deitado de costas. – Não acho que ele mereça ser levado para casa na sua carruagem – explicou ela enquanto arrumava o casaco dele –, mas me parece cruel demais deixá-lo aqui nesta posição. Prontinho, agora acabei. – Ela se levantou e olhou para o duque.

Tudo o que viu foi Simon se afastando, resmungando alguma coisa sobre ela, depois algo sobre mulheres em geral e uma terceira coisa completamente diferente que Daphne não conseguiu escutar. Mas talvez fosse melhor assim. Duvidava muito que tivesse sido um elogio a ela.

Capítulo 4

Nos últimos dias, Londres foi tomada por mamães ambiciosas. No baile de Lady Worth, semana passada, esta autora viu nada menos que onze solteiros determinados se escondendo pelos cantos e por fim deixando o local com as mamães ambiciosas nos calcanhares.

É difícil determinar quem exatamente é a pior de todas, embora a autora suspeite que a competição possa terminar com uma pequena diferença entre Lady Bridgerton e a Sra. Featherington, com esta última ganhando por um triz. Afinal, há três solteiras de sobrenome Featherington no mercado no momento, enquanto Lady Bridgerton precisa se preocupar apenas com uma.

É recomendável, no entanto, que todos com alguma sanidade se mantenham bem distantes da safra de solteiros da época quando as meninas E., F. e H. da família Bridgerton chegarem à idade de casar. Lady B. provavelmente não olhará para os dois lados antes de atravessar um salão de baile na companhia de três filhas, e Deus nos ajude se ela decidir usar botas com pontas de metal.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
28 DE ABRIL DE 1813

Simon concluiu que a noite não poderia ficar muito pior. Não teria acreditado na ocasião, mas seu bizarro encontro com Daphne Bridgerton acabara definitivamente se revelando o ponto alto do evento. Sim, ficara horrorizado ao constatar que cobiçara – ainda que apenas por um breve período – a irmã de seu melhor amigo. Sim, as ridículas tentativas de sedução de Nigel Berbrooke haviam ofendido sua experiência como libertino. E, sim, Daphne o exasperara além de qualquer limite com sua indecisão quanto a tratar Nigel como um criminoso ou cuidar dele como faria com um grande amigo.

Mas nada disso se comparava minimamente com a tortura que ele estava prestes a enfrentar.

Seu plano brilhante de entrar no salão com discrição, cumprimentar Lady Danbury e sair despercebido foi destruído de imediato. Mal tinha dado dois passos no salão quando foi reconhecido por um velho amigo de Oxford, que, para sua tristeza, casara fazia pouco tempo. A esposa era encantadora, mas infelizmente tinha grandes aspirações sociais. Ela logo decidiu que seu caminho para a felicidade seria apresentar o novo duque à sociedade. E Simon, apesar de se considerar um sujeito cínico e cansado do mundo, descobriu que não era rude o suficiente para se indispor com a mulher de seu velho amigo de faculdade.

Assim, duas horas depois, ele havia sido apresentado a todas as moças solteiras do baile, a todas as *mães* de moças solteiras do baile e, é claro, a todas as irmãs mais velhas casadas de moças solteiras do baile. Não conseguiu decidir qual grupo de mulheres era o pior. As primeiras eram definitivamente entediantes, suas mães, irritantemente ambiciosas, e as *irmãs*... bem, as irmãs eram tão atiradas que Simon começou a se perguntar se havia entrado num bordel e não em um baile. Seis delas fizeram comentários bastante sugestivos, duas lhe entregaram bilhetes convidando-o para seus quartos e uma delas chegara a passar a mão em sua coxa.

Comparativamente, Daphne Bridgerton estava começando a parecer muito boa, de fato.

E, por falar em Daphne, onde diabo ela estava? Pensou que a tivesse visto cerca de uma hora antes, rodeada pelos irmãos enormes e ameaçadores. (Não que Simon os considerasse individualmente intimidantes, mas logo concluiu que só um imbecil os provocaria em grupo.)

Mas agora ela parecia ter evaporado. De fato, pensou que ela devia ter sido a única moça solteira da festa a quem ele *não* havia sido apresentado.

Não estava muito preocupado com a possibilidade de ela estar sendo perturbada por Berbrooke depois de os ter deixado no corredor. Havia aplicado um soco bem forte no queixo do sujeito e ele sem dúvida ficara apagado por um bom tempo. Ainda mais levando-se em consideração a grande quantidade de álcool que consumira mais cedo. E mesmo que Daphne bancasse a boba de coração mole quando se tratava de seu atrapalhado pretendente, não era estúpida a ponto de permanecer com ele no corredor até que acordasse.

Simon olhou de novo para o canto em que os irmãos Bridgertons estavam reunidos, parecendo se divertir muito. Haviam sido interpelados por quase todas

as jovens e suas respectivas mães, assim como ele, mas ao menos tinham a vantagem de estar juntos. Simon percebeu que as debutantes não passavam com eles nem metade do tempo que permaneciam na companhia do próprio duque.

Fez uma cara de irritação na direção deles.

Anthony, que estava encostado numa parede, viu a expressão do amigo e sorriu, erguendo uma taça de vinho tinto para ele. Então fez um gesto discreto com a cabeça em direção à esquerda de Simon, que se virou bem a tempo de ser detido por mais uma mãe, essa com três filhas, todas usando vestidos monstruosamente espalhafatosos, repletos de pregas e babados e, claro, montes de renda.

Pensou em Daphne, com seu vestido verde simples. Daphne, com seus olhos castanhos sinceros e seu sorriso amplo...

– Alteza! – gritou a mãe. – Alteza!

Simon piscou para enxergar melhor. A família coberta de renda o havia cercado com tanta eficiência que ele não podia sequer fuzilar Anthony com o olhar.

– Alteza – repetiu a mãe –, é uma grande honra conhecê-lo!

Simon conseguiu assentir friamente. Qualquer palavra estava muito além de sua capacidade no momento. Aquelas mulheres o pressionavam de tal forma que ele temia sufocar.

– Georgiana Huxley nos mandou aqui – continuou a mulher. – Ela me disse que apresentasse minhas filhas a você.

Simon não se lembrava de nenhuma Georgiana Huxley, mas pensou que gostaria de esganá-la.

– Em circunstâncias normais eu não seria tão ousada – prosseguiu ela –, mas seu queridíssimo pai era um grande amigo meu.

Simon ficou tenso.

– Ele era um sujeito maravilhoso – continuou, com a voz martelando como pregos no crânio de Simon –, tão zeloso dos deveres de um homem sob seu título... Deve ter sido um pai exemplar.

– Não sei o que dizer a respeito disso – respondeu Simon secamente.

– Ah! – A mulher pigarreou várias vezes antes de completar: – Entendo. Bem... Minha nossa...

Ele não disse nada, esperando que seu comportamento indiferente a levasse a se afastar. Mas que droga, onde estava Anthony? Já era bem ruim aquelas mulheres tratarem-no como se ele fosse algum cavalo premiado, mas ter que

ouvir aquela senhora lhe dizer o homem *sensacional* que o velho duque havia sido... Ele não poderia suportar.

– Alteza! Alteza!

Simon forçou os olhos frios de volta para a senhora diante dele e disse a si mesmo que precisava ter mais paciência. Afinal, era provável que só estivesse elogiando seu pai por achar que era o que o rapaz gostaria de ouvir.

– Gostaria de lembrar – disse ela – que já fomos apresentados há muitos anos, quando ainda era o conde de Clyvedon.

– Sei – murmurou Simon, procurando alguma brecha na barricada de moças pela qual pudesse fugir.

– Estas são minhas filhas – continuou a senhora, acenando na direção das três jovens.

Duas delas eram bonitas, mas a terceira ainda estava cheia das gordurinhas da infância e usava um vestido laranja que não favorecia em nada seu tom de pele. Além disso, não parecia estar apreciando a noite.

– Não são encantadoras? – prosseguiu ela. – Minha alegria e meu orgulho. E são muito mansas.

Simon teve a desconfortável sensação de que ouvira as mesmas palavras relacionadas a um cachorro que comprara certa vez.

– Permita que eu lhe apresente Prudence, Philipa e Penelope.

As garotas fizeram uma reverência, mas nenhuma delas ousou encará-lo.

– Tenho mais uma filha em casa – prosseguiu a mulher. – Ela se chama Felicity. Mas tem apenas 10 anos de idade, de modo que não a trago a eventos como este.

Simon não podia imaginar por que ela sentira a necessidade de dividir essa informação com ele, então manteve o tom de voz cuidadosamente entediado (essa era a melhor maneira de não demonstrar raiva, como já aprendera havia muito tempo) e perguntou:

– E a senhora é...?

– Ah, perdão! Sou a Sra. Featherington. Meu marido faleceu há três anos, mas era um, hã, bom amigo de seu pai. – Seu tom de voz diminuiu no final da frase, quando ela se lembrou da reação de Simon à menção do velho duque.

O rapaz assentiu secamente.

– Prudence toca piano muito bem – comentou a Sra. Featherington, com uma alegria forçada.

Simon percebeu a expressão aflita da menina mais velha e na mesma hora decidiu nunca aceitar nenhum convite para um sarau na casa dos Featheringtons.

– E minha querida Philipa pinta aquarelas lindíssimas. – Ao ouvir isso, o rosto da garota se iluminou.

– E Penelope? – perguntou Simon, obedecendo a algum diabinho interior.

A Sra. Featherington lançou um olhar cheio de pânico para a filha mais nova, que parecia muito triste. Penelope não era exatamente atraente, e o traje que a mãe escolhera para ela não valorizava seu corpo meio rechonchudo. Mas seus olhos pareciam gentis.

– Penelope? – ecoou a Sra. Featherington, com a voz um pouco estridente. – Ela é... ah... bem, ela é Penelope! – Sua boca estremeceu num sorriso claramente falso.

A menina aparentava querer se enfiar embaixo do tapete. Simon decidiu que, se fosse obrigado a dançar, seria ela que convidaria.

– Sra. Featherington – chamou uma voz aguda e imperiosa que devia pertencer a Lady Danbury –, está perturbando o duque?

Simon queria responder que sim, mas a lembrança do rosto mortificado de Penelope fez com que murmurasse:

– Claro que não.

Lady Danbury ergueu uma sobrancelha ao virar a cabeça lentamente para ele.

– Mentiroso.

Então se virou para a Sra. Featherington, que ficara vermelha de vergonha. Ela não disse nada. Lady Danbury também não. Finalmente, a primeira resmungou alguma coisa sobre ter visto uma prima, agarrou as três filhas e saiu correndo.

Simon cruzou os braços, mas não conseguiu manter de todo a fisionomia séria.

– Isso não foi muito gentil de sua parte – ralhou ele.

– Ora essa. Ela é uma cabeça de vento, assim como as filhas. Exceto, talvez, pela feiosinha mais jovem. – Lady Danbury balançou a cabeça. – Se ao menos a vestissem numa cor diferente...

Simon tentou conter uma risada, sem sucesso.

– A senhora nunca aprendeu a cuidar da própria vida, não é?

– Nunca. E qual seria a graça? – Ele percebeu que ela queria evitar sorrir, mas não foi capaz. – E quanto a você, meu rapaz – continuou –, é um péssimo convidado. Era de esperar que fosse educado o suficiente para, a essa altura, já

ter cumprimentado a anfitriã.
– A senhora estava sempre cercada por seus admiradores para que eu sequer ousasse me aproximar.
– Que lisonjeiro – disse ela.
Simon ficou em silêncio, sem saber exatamente como interpretar essas palavras. Ele sempre suspeitara que ela sabia de seu segredo, mas nunca tivera certeza.
– Aquele Bridgerton seu amigo está vindo aí – informou ela.
Os olhos de Simon acompanharam a direção do olhar dela. Anthony se aproximou deles e não havia se passado nem um segundo quando Lady Danbury o chamou de covarde.
Anthony piscou.
– Como?
– Podia ter vindo até aqui para salvar seu amigo do quarteto Featherington há eras.
– Mas eu estava gostando demais da aflição dele – justificou ele.
– Humpf. – E sem dizer mais nada (ou sem emitir outra bufada), ela se afastou.
– Que velha estranha – comentou Anthony. – Eu não me surpreenderia se fosse ela a maldita Whistledown.
– Você quer dizer a colunista de fofoca?
Anthony assentiu enquanto levava o amigo até perto de um vaso de planta no canto em que seus irmãos o esperavam. No caminho, ele sorriu e disse:
– Vi você conversando com várias moças muito distintas.
Simon resmungou alguma coisa muito obscena e desagradável, mas o outro continuou rindo.
– Não pode dizer que eu não avisei, não é? – disse ele.
– Detesto ser obrigado a admitir que você tem razão sobre qualquer assunto, então, por favor, não me peça para fazer isso.
Anthony riu ainda mais.
– Por causa desse comentário, talvez eu deva começar a apresentá-lo às debutantes pessoalmente.
– Se fizer isso – alertou Simon –, em pouco tempo sofrerá uma morte muito lenta e dolorosa.
O rapaz sorriu.

– Espada ou pistola?
– Ah, veneno. Definitivamente, veneno.
– Ai!
Anthony parou na frente de dois outros rapazes da família Bridgerton, com seus característicos cabelos castanhos, altura acima da média e excelente estrutura óssea. Simon notou que um tinha olhos verdes e o outro, castanhos como os de Anthony, mas, a não ser por essa pequena diferença, a luz pálida da noite tornava os três praticamente iguais.
– Você se lembra dos meus irmãos? – perguntou Anthony. – Benedict e Colin. Tenho certeza que se recorda de Benedict, de Eton. Foi o que nos seguiu feito um cachorrinho por três meses assim que chegou.
– Não é verdade! – disse Benedict com uma risada.
– E não sei se já foi apresentado a Colin – continuou Anthony. – Acho que ele era jovem demais para ter cruzado seu caminho.
– Muito prazer – cumprimentou o rapaz alegremente.
Simon notou o brilho malicioso nos olhos verdes dele e não pôde evitar sorrir de volta.
– Anthony disse coisas tão insultuosas a seu respeito – continuou Colin, com um sorriso travesso – que tenho certeza que seremos ótimos amigos.
O mais velho revirou os olhos.
– É claro que você pode compreender por que minha mãe está convencida de que Colin será o primeiro dos filhos que a levará à loucura.
– Eu me orgulho disso, na verdade – comentou o rapaz.
– Mamãe felizmente teve um breve descanso dos suaves encantos de seu filho mais novo – prosseguiu Anthony. – Ele acabou de voltar de uma longa viagem pela Europa.
– Hoje mesmo – afirmou Colin com um sorriso infantil.
Ele tinha um ar de jovem imprudente. Simon concluiu que não devia ser muito mais velho que Daphne.
– Eu também acabo de chegar de viagem – disse Simon.
– Sim. A diferença é que as suas atravessaram o planeta, segundo fiquei sabendo – respondeu Colin. – Adoraria que me contasse sobre elas um dia desses.
– Certamente – concordou Simon com uma expressão afetuosa.

– Você conheceu Daphne? – perguntou Benedict. – É a única Bridgerton presente que não está por perto.

Simon estava pensando na melhor maneira de responder a isso quando Colin deu uma risada e disse:

– Ah, Daphne está por perto, sim. Infelizmente para ela, está logo ali.

Simon seguiu o olhar dele em direção a outra extremidade do salão, onde a jovem estava parada ao lado de uma mulher que devia ser sua mãe, parecendo bastante infeliz, tal como dissera Colin.

E então lhe ocorreu... Daphne era uma daquelas temidas moças solteiras exibidas pela mãe. Ela lhe parecera sensata e direta demais para fazer parte desse grupo, e, no entanto, não podia ser de outra forma. Ela não devia ter mais de 20 anos e, como seu sobrenome ainda era Bridgerton, isso significava que era uma donzela. E ela estava com a mãe... então é claro que devia estar sendo submetida a uma interminável noite de apresentações.

Ela parecia tão incomodada pela experiência como Simon havia ficado. De alguma forma, isso o fez se sentir bem melhor.

– Um de nós deveria ir salvá-la – brincou Benedict.

– Não... – disse Colin, sorrindo. – Ela e mamãe estão ali com Macclesfield apenas há dez minutos.

– Macclesfield? – perguntou Simon.

– O conde – esclareceu Benedict. – Filho de Castleford.

– Dez minutos? – falou Anthony. – Pobre Macclesfield.

Simon lhe lançou um olhar de curiosidade.

– Não que Daphne seja um fardo muito pesado – acrescentou Anthony rapidamente –, mas quando mamãe enfia na cabeça, hã...

– Perseguir... – completou Benedict.

– ... um cavalheiro – prosseguiu Anthony, balançando a cabeça para o irmão em um gesto de agradecimento –, ela sabe ser, bem...

– Implacável – ajudou Colin.

Anthony deu um sorriso fraco.

– É. Exatamente.

Simon olhou para o trio em questão. Era óbvio que Daphne estava infeliz, enquanto Macclesfield percorria o salão com os olhos, provavelmente em busca da saída mais próxima, e o olhar de Lady Bridgerton tinha um brilho tão

ambicioso que Simon se solidarizou com o jovem conde.

– Como eu estava dizendo, deveríamos ir salvar nossa irmã – comentou Anthony.

– Também acho – falou Benedict.

– E Macclesfield – acrescentou Anthony.

– Ah, com certeza – concordou Benedict.

Mas Simon notou que ninguém estava entrando em ação.

– Pelo visto você está falando da boca para fora, não é? – perguntou Colin, rindo.

– Também não estou vendo *você* ir até lá para resgatá-la – respondeu Anthony.

– É claro que não. Eu nunca disse que deveríamos fazer isso. *Vocês*, por outro lado...

– Que diabo está acontecendo? – perguntou Simon, finalmente.

Os três rapazes olharam para ele com a mesma expressão de culpa.

– Nós *deveríamos* salvar Daff – repetiu Benedict.

– Deveríamos mesmo – afirmou Anthony.

– O que meus irmãos não têm coragem de lhe dizer – revelou Colin, em tom de ironia – é que eles morrem de medo da minha mãe.

– É verdade – confirmou Anthony, dando de ombros, com ar indefeso.

Benedict assentiu.

– Não tenho nenhum problema em admitir isso.

Simon pensou que nunca vira nada tão ridículo. Afinal, aqueles eram os irmãos Bridgertons. Altos, bonitos e atléticos, os três tinham todas as moças do país a seus pés, e lá estavam eles, completamente intimidados por uma simples mulher.

É claro que não era uma mulher qualquer, e sim a mãe deles. Simon pensou que era preciso levar isso em consideração.

– Se eu salvar a Daff – explicou Anthony –, mamãe colocará as garras sobre mim, e então estarei perdido.

Simon riu da imagem de Anthony sendo carregado de um lado para outro pela mãe, de uma moça solteira a outra.

– Agora você entende por que eu fujo desses eventos como o diabo foge da cruz – disse Anthony, irritado. – Não tenho escapatória. Quando as mães e as filhas debutantes não me encontram, *minha* mãe se certifica de que *eu* as encontre.

– Mas diga, Hastings! – exclamou Benedict. – Por que *você* não a salva?

Simon deu uma olhada para Lady Bridgerton (que a essa altura estava com a mão firmemente enroscada no braço de Macclesfield) e resolveu que preferiria ser visto para sempre como um covarde.

– Como não fomos apresentados, creio que seria inadequado – improvisou ele.

– Tenho certeza que não – retrucou Anthony. – Afinal, você é um duque.

– E?

– E? – ecoou Anthony. – Mamãe perdoaria qualquer coisa se isso significasse conseguir uma audiência para Daphne com um duque.

– Olhe aqui – disse Simon, exasperado –, eu não sou um cordeiro para ser sacrificado no altar de sua mãe.

– Você passou muito tempo na África, não? – ironizou Colin.

O duque o ignorou.

– Além disso, sua irmã disse...

Todas as três cabeças se viraram para ele. Simon na mesma hora se deu conta de que tinha feito uma bobagem. E das grandes.

– Você a conheceu? – indagou Anthony, com o tom um pouco educado demais para o gosto de Simon.

Antes que ele pudesse responder, Benedict inclinou-se para perto dele e questionou:

– Por que você não mencionou isso antes?

– Sim – completou Colin, extremamente sério pela primeira vez naquela noite. – Por quê?

Simon olhou de um irmão para outro e ficou bastante claro para ele por que Daphne ainda estava solteira. Aquele trio beligerante assustaria até o mais determinado – ou idiota – dos pretendentes.

O que provavelmente explicava Nigel Berbrooke.

– Na verdade – confessou Simon –, eu esbarrei com ela no corredor quando estava vindo para o salão. Como me pareceu – continuou ele, olhando fixamente para cada um dos irmãos – bem evidente que ela era da sua família, eu me apresentei.

Anthony se virou para Benedict.

– Deve ter sido quando ela estava fugindo de Berbrooke.

Benedict se virou para Colin.

– O que aconteceu com Berbrooke? Você sabe?

O mais novo deu de ombros.

– Não faço a mínima ideia. Talvez tenha ido embora para cuidar do coração partido.

Ou da cabeça partida, pensou Simon com sarcasmo.

– Bem, creio que isso explique tudo – disse Anthony, abandonando a expressão de irmão mais velho arrogante e voltando a parecer um companheiro de farra e grande amigo.

– A não ser pelo fato de ele não ter mencionado o ocorrido – afirmou Benedict, desconfiado.

– Porque não tive chance de fazer isso – disparou Simon, demonstrando sinais de irritação. – Caso não tenha percebido, Anthony, você tem uma quantidade absurda de irmãos, e leva um tempo absurdo ser apresentado a todos eles.

– Apenas dois de nós estão aqui – argumentou Colin.

– Vou para casa – anunciou o duque. – Vocês três são loucos.

Benedict, que parecia ser o mais protetor de todos, de repente sorriu.

– Você não tem uma irmã, tem? – perguntou.

– Não, graças a Deus.

– Se algum dia tiver uma filha, vai entender.

Simon estava bastante certo de que jamais teria uma filha, mas ficou calado.

– Pode ser bem complicado – comentou Anthony.

– Embora Daff seja melhor que a maioria – observou Benedict –, ela na verdade não tem muitos pretendentes.

Simon não podia imaginar o motivo.

– Eu não sei bem por quê – refletiu Anthony. – Acho que é uma moça perfeitamente adequada.

Simon resolveu que não era o momento de mencionar que ele estivera muito perto de encostá-la na parede, pressionar o corpo contra o dela e beijá-la insensatamente. Se não tivesse descoberto que ela era uma Bridgerton, era muito provável que tivesse feito isso.

– A Daff é o máximo – concordou Benedict.

Colin assentiu.

– Uma menina de valor. Muito bem-humorada.

Houve uma pausa constrangida, e então Simon explicou:

– Bem-humorada ou não, o fato é que eu não vou até lá para resgatá-la porque ela me disse claramente que a mãe de vocês a proibiu de ser vista em minha presença.

– *Mamãe* disse isso? – perguntou Colin. – Você deve ter mesmo uma reputação terrível.

– Boa parte dela, imerecida – resmungou Simon, sem saber exatamente por que estava se defendendo.

– Que pena... – murmurou o rapaz. – Eu havia pensado em pedir para dar umas voltas por aí com você.

Simon previu um futuro infame para o garoto.

Anthony colocou a mão na nuca de Simon e começou a empurrar o amigo para a frente.

– Tenho certeza de que mamãe mudará de ideia se for encorajada de forma apropriada. Vamos lá.

O duque não teve escolha além de ir em direção a Daphne. A alternativa demandaria uma grande cena, e Simon aprendera havia muito tempo que não se saía bem fazendo cenas. Além disso, se estivesse no lugar de Anthony, era provável que fizesse o mesmo.

E depois de uma noite com as irmãs Featheringtons e outras do tipo, Daphne não parecia nada má.

– Mamãe! – chamou Anthony numa voz alegre enquanto os dois se aproximavam da viscondessa. – Não a vi a noite toda!

Simon notou que os olhos azuis de Lady Bridgerton brilharam quando ela viu o filho se aproximando. Ambiciosa ou não, era óbvio que aquela mãe amava seus rebentos.

– Anthony! – respondeu ela. – Que bom ver você! Daphne e eu estávamos aqui conversando com o lorde Macclesfield.

Ele lançou um olhar de comiseração ao rapaz.

– Sim, estou vendo.

Simon encarou Daphne por um instante e fez um aceno minúsculo com a cabeça. Ela respondeu com um aceno ainda mais discreto, garota sensata que era.

– E quem é esse? – quis saber Lady Bridgerton, com os olhos se iluminando diante do amigo de seu filho.

– O novo duque de Hastings – respondeu Anthony. – A senhora deve se lembrar dele do meu tempo em Eton e em Oxford.

– É claro que sim – disse ela com educação.

Macclesfield, que vinha se mantendo escrupulosamente em silêncio, logo aproveitou a primeira pausa na conversa para sair com um “Acho que vi meu pai”.

Anthony lançou um divertido olhar de cumplicidade ao jovem conde.

– Então, por favor, vá falar com ele.

O rapaz obedeceu com grande entusiasmo.

– Pensei que ele detestasse o pai – comentou Lady Bridgerton com uma expressão confusa.

– E detesta – confirmou Daphne secamente.

Simon engoliu uma risada. Daphne ergueu as sobrancelhas, desafiando-o a fazer algum comentário.

– Bem, de qualquer forma, ele tem uma reputação terrível – disse Lady Bridgerton.

– Parece haver muitos iguais a ele por aqui ultimamente – murmurou Simon.

Daphne arregalou os olhos, e dessa vez foi Simon quem ergueu as sobrancelhas, desafiando-a a falar alguma coisa a respeito.

Ela não disse nada, é claro, mas a mãe lançou a ele um olhar afiado e Simon teve a clara impressão de que ela tentava decidir se seu ducado recém-adquirido compensava sua má fama.

– Não creio que tenha tido a oportunidade de conhecê-la antes de deixar o país, Lady Bridgerton – disse Simon com delicadeza –, mas sinto grande prazer ao fazê-lo agora.

– Igualmente. – Fez um sinal para Daphne. – Minha filha Daphne.

Simon segurou a mão enluvada da jovem e deu um beijo educado e cheio de escrúpulos em seus dedos.

– É uma honra conhecê-la oficialmente, Srta. Bridgerton.

– Oficialmente? – questionou Lady Bridgerton.

Daphne abriu a boca, mas Simon a interrompeu antes que pudesse dizer qualquer coisa.

– Já contei a seu irmão sobre nosso breve encontro mais cedo.

A cabeça de Lady Bridgerton se virou de repente para a filha.

– Você foi apresentada ao duque hoje? Por que não me disse nada?

Daphne deu um sorriso tenso.

– Estávamos muito ocupadas com o conde. E, antes disso, com o lorde Westborough. E, antes disso, com...

– Entendo o que quer dizer, Daphne – disse a senhora.

Simon imaginou quão grosseiro seria rir nesse momento.

Então Lady Bridgerton sorriu abertamente para ele e o duque logo soube de quem Daphne herdara aquele sorriso largo – e também percebeu que Lady Bridgerton resolvera que sua má reputação poderia ser ignorada.

Uma luz estranha surgiu nos olhos dela, que ficou virando a cabeça de um para outro diversas vezes.

Então sorriu de novo.

Simon lutou contra a vontade de sair correndo.

Anthony inclinou-se levemente e sussurrou em seu ouvido:

– Me desculpe.

– Talvez eu precise matar você – respondeu o duque entre os dentes.

O olhar furioso e gelado de Daphne evidenciava que ela ouvira os dois e não estava achando engraçado.

Mas Lady Bridgerton não percebera nada, provavelmente já imaginando a cena de um casamento grandioso.

Então estreitou os olhos e focou em alguma coisa atrás dos rapazes. Ficou com uma expressão tão incomodada que Simon, Anthony e Daphne viraram a cabeça para ver o que estava acontecendo.

A Sra. Featherington estava marchando decidida na direção deles, com Prudence e Philipa logo atrás. Simon percebeu que Penelope não estava ao alcance da visão.

Situações desesperadoras, Simon logo percebeu, pediam medidas desesperadas.

– Srta. Bridgerton – chamou ele, virando-se para Daphne –, gostaria de dançar?

CAPÍTULO 5

Esteve no baile de Lady Danbury ontem à noite? Se não, que pena. Perdeu a chance de testemunhar o mais incrível golpe da temporada. Ficou claro a todos os presentes, e principalmente para esta autora, que a Srta. Daphne Bridgerton conquistou o interesse do duque de Hastings, recém-chegado de volta à Inglaterra.

É possível imaginar o alívio de Lady Bridgerton. Será uma grande humilhação se Daphne permanecer encalhada por mais uma temporada! E Lady B... com mais três filhas para casar. Ah, que horror.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
30 DE ABRIL DE 1813

Não havia como Daphne recusar.

Em primeiro lugar, a mãe a estava fuzilando com seu olhar mortal eu-sou-sua-mãe-não-ouse-me-desafiar.

Em segundo lugar, era óbvio que o duque não contara a Anthony toda a história do encontro deles no corredor mal iluminado. Recusar seu convite para dançar certamente levantaria especulações indesejadas.

Sem falar que Daphne não apreciava a ideia de ter que conversar com as Featheringtons, o que com certeza aconteceria se ela não corresse para a pista de dança.

E, finalmente, ela meio que... de certa forma... apenas um pouquinho... *queria* mesmo dançar com o duque.

É claro que o grosseirão arrogante nem sequer lhe dera a oportunidade de aceitar. Antes que Daphne pudesse dizer “Eu adoraria” ou apenas um simples “Sim”, ele já a havia levado para o meio do salão.

A orquestra ainda estava afinando os instrumentos para a próxima música, de modo que os dois foram obrigados a esperar um instante antes de efetivamente começarem a dançar.

– Graças a Deus você não recusou – disse o duque em tom de gratidão.
– E quando eu tive essa oportunidade?
Ele sorriu. Daphne respondeu com uma careta.
– Não tive a chance de aceitar também, se é que você se lembra.
Ele levantou uma sobrancelha.
– Isso quer dizer que eu devo convidá-la de novo?
– Não, é claro que não – falou Daphne, revirando os olhos. – Isso seria infantil da minha parte, não acha? E, além disso, renderia uma cena terrível, que não creio que seja do desejo de nenhum de nós.
Ele inclinou a cabeça para o lado e a olhou de modo bastante crítico, como se tivesse analisado sua personalidade num instante e concluído que ela poderia ser aceitável. Daphne considerou a experiência meio desconcertante.
Nesse momento, a orquestra encerrou o aquecimento dissonante e tocou as primeiras notas de uma valsa.
– As jovens ainda precisam de permissão para dançar a valsa? – resmungou Simon.
Daphne flagrou-se sorrindo com o desconforto dele.
– Quanto tempo você ficou fora?
– Seis anos. Precisam ou não?
– Precisam.
– E você tem permissão? – Ele parecia quase aflito diante da perspectiva de seu plano de fuga ir por água abaixo.
– É claro.
Ele a tomou nos braços e a fez rodopiar em direção à aglomeração de casais vestidos de forma elegante.
– Que bom.
Os dois circundaram todo o salão antes de Daphne perguntar:
– O que você disse a meus irmãos sobre nosso encontro? Eu o vi com eles, sabe?
Simon apenas sorriu.
– Por que está com essa cara? – quis saber ela, desconfiada.
– Estava apenas encantado com seu autocontrole.
– Como?
Ele deu de ombros levemente, inclinando a cabeça para a direita.

– Não achei que você tivesse tanta paciência – comentou ele. – Levou três minutos e meio para me perguntar sobre o que eu disse a seus irmãos.

Daphne corou. A verdade era que o duque se mostrava um excelente dançarino e ela estava apreciando tanto a valsa que nem pensava em conversar.

– Mas, já que quer saber – continuou ele, poupando-a misericordiosamente de ter que fazer um comentário –, apenas falei que esbarrei com você no corredor e que, pela sua aparência, a reconheci de imediato como uma Bridgerton e me apresentei.

– Acha que eles acreditaram?

– Sim – disse ele baixinho. – Acho que sim.

– Não que tenhamos qualquer coisa a esconder – acrescentou ela rapidamente.

– É claro que não.

– Se há algum vilão nessa história, com certeza é Nigel.

– É óbvio.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Acha que ele ainda está no corredor?

– Certamente não tenho a intenção de descobrir.

Houve um instante constrangedor de silêncio e então Daphne falou:

– Fazia tempo que você não comparecia a um baile em Londres, não é? Nigel e eu devemos ter sido uma recepção e tanto.

– Você foi uma visão bem-vinda. Ele, não.

Ela deu um breve sorriso.

– Sem contar nossa pequena aventura, conseguiu se divertir até agora?

A resposta de Simon era tão claramente negativa que ele deu uma risada antes de dizer qualquer coisa.

– É mesmo? – surpreendeu-se Daphne, arqueando as sobrancelhas de curiosidade. – Que interessante.

– Você considera meu sofrimento interessante? Lembre-me de nunca pedir sua ajuda em caso de doença.

– Ora, por favor – zombou ela. – Não pode ter sido tão ruim assim.

– Ah, pode.

– Com certeza, não tão ruim quanto a *minha* noite.

– Você de fato parecia muito infeliz com sua mãe e Macclesfield – reconheceu ele.

– Que gentil de sua parte observar isso – murmurou ela.
– Mas ainda acho que a *minha* noite foi pior.
Daphne riu, um leve som musical que aqueceu o coração de Simon.
– Que triste par nós formamos – observou ela. – Estou certa de que somos capazes de falar sobre algo que não seja nossa noite terrível.
Simon não disse nada.
Daphne também não.
– Bem, eu não consigo pensar em nada – afirmou ele.
Daphne riu de novo, dessa vez com mais jovialidade, e Simon se viu mais uma vez hipnotizado pelo sorriso dela.
– Eu desisto – suspirou ela. – O que transformou sua noite em algo tão tenebroso?
– O que ou quem?
– *Quem?* – ecoou ela, inclinando a cabeça ao olhar para ele. – Isso está ficando ainda mais interessante.
– Sou capaz de pensar em inúmeros adjetivos para descrever todas as pessoas que tive o prazer de conhecer esta noite, mas "interessante" não é um deles.
– Ora, ora – disse ela, repreendendo-o –, não seja rude. Eu o vi conversando com meus irmãos, afinal.
Ele assentiu galantemente, apertando a mão de leve na cintura dela enquanto os dois giravam num gracioso arco.
– Peço desculpas. Os Bridgertons estão, claro, excluídos de meus insultos.
– Não tenho dúvidas de que ficamos todos aliviados.
Simon abriu um sorriso diante do senso de humor dela.
– Eu vivo para fazer sua família feliz.
– Eis uma declaração que pode voltar para assombrá-lo – afirmou ela. – Mas, falando sério, por que está tão nervoso? Se sua noite piorou tanto desde nossa situação com Nigel, você está mesmo em apuros.
– Como posso dizer isso sem ofendê-la? – brincou ele.
– Ah, pode ser direto – garantiu ela, despreocupadamente. – Prometo não ficar ofendida.
Simon sorriu com um ar travesso.
– Eis uma declaração que pode voltar para assombrá-la.
Daphne corou um pouco. O rubor não chegava a ser perceptível à luz das velas,

mas Simon a observava com muita atenção. No entanto, como ela continuou em silêncio, ele acrescentou:

– Muito bem, se quer saber, fui apresentado a cada uma das moças solteiras no salão.

Simon ouviu um estranho som parecido com um ronco saído provavelmente da boca de Daphne. Suspeitou que ela estava rindo dele.

– E também – continuou ele – fui apresentado à mãe de cada uma das moças solteiras do salão.

Ela gorgolejou. Realmente *gorgolejou*.

– Que feio – resmungou ele. – Rir de seu parceiro de dança.

– Sinto muito – disse ela, apertando os lábios e tentando não sorrir.

– Não sente, não.

– Está bem – admitiu ela. – Não sinto mesmo. Mas apenas porque estou sofrendo a mesma tortura há dois anos. É difícil ter compaixão por causa só de uma noite.

– Por que você simplesmente não encontra alguém com quem se casar e acaba logo com isso?

Ela lhe lançou um olhar afiado.

– Isto é um pedido?

Simon sentiu o sangue se esvair do rosto.

– Não achei que fosse.

Ela olhou para ele e suspirou com impaciência.

– Ora, pelo amor de Deus. Pode voltar a respirar agora, Alteza. Eu estava só brincando.

Simon queria fazer algum comentário seco, mordaz e absolutamente irônico, mas a verdade era que ela o havia surpreendido de tal modo que ele não conseguiu dizer uma palavra.

– Respondendo à sua pergunta – continuou ela, com a voz um pouco mais irritadiça do que ele estava acostumado a ouvir –, uma moça precisa levar suas alternativas em consideração. Há Nigel, é claro, mas creio que concordamos que ele não é um candidato adequado.

Simon balançou a cabeça.

– No começo deste ano teve o lorde Chalmers.

– Chalmers? – disse Simon, franzindo a testa. – Ele não tem...

– Quase setenta anos? Sim. E como eu gostaria de um dia ter filhos, pareceu...

– Alguns homens dessa idade ainda podem ter filhos – observou Simon.

– Não era um risco que eu estava disposta a correr – respondeu ela. – Além disso... – Ela estremeceu levemente, com uma expressão de repulsa dominando seu rosto – ... eu não gostaria de ter filhos com *ele*.

Para seu próprio desagrado, Simon pegou-se pensando em Daphne na cama com o velho Chalmers. Uma imagem desagradável, que o fez ficar furioso. Com quem, não sabia. Talvez com ele mesmo, por não se dar sequer o trabalho de visualizar a maldita cena, mas...

– Antes do lorde Chalmers – continuou Daphne, felizmente interrompendo a desagradável linha de pensamento dele –, houve outros dois, mas ambos tão repulsivos quanto.

Simon olhou para ela pensativo.

– Você quer se casar?

– Bem, é claro que sim – respondeu ela, surpresa. – Não é o que todos querem?

– Eu não.

Ela deu um sorriso condescendente.

– Você acha que não quer. Todos os homens pensam isso. Mas vai querer.

– Não – afirmou ele, de maneira enfática. – Eu nunca vou casar.

Daphne o encarou, boquiaberta. Algo no tom de voz dele deixou claro que realmente acreditava no que estava dizendo.

– E seu título? – questionou ela.

Simon deu de ombros.

– O que tem meu título?

– Se não se casar e gerar um herdeiro, ele expirará. Ou irá para algum primo abominável.

Isso fez com que ele erguesse uma sobrancelha com ar divertido.

– E como você sabe que meus primos são abomináveis?

– Todos os primos na linha de sucessão de um título são abomináveis. – Ela inclinou a cabeça para o lado com um ar malicioso. – Ou pelo menos é o que dizem os homens que detêm o título.

– E essa é uma informação que você retirou de seu extenso conhecimento dos homens? – provocou ele.

Ela ofereceu-lhe um sorriso devastadoramente superior.

– É claro.

Simon ficou em silêncio por um instante e então perguntou:

– Vale a pena?

Ela pareceu confusa com a mudança repentina de assunto.

– O que vale a pena? – indagou.

Ele soltou a mão dela apenas pelo tempo necessário para acenar na direção dos convidados.

– Isto aqui. Este interminável desfile de festas. Com sua mãe em seus calcanhares.

Daphne soltou uma risada surpresa.

– Duvido que ela fosse apreciar a descrição. – Ficou em silêncio por um instante, depois olhou para o nada enquanto dizia: – Mas, sim, imagino que valha a pena. *Tem* que valer a pena. – Voltou a encará-lo, com os olhos escuros encantadoramente sinceros. – Eu quero um marido. Uma família. Não é tão bobo quando se pensa nisso. Sou a quarta de oito filhos. Só conheço famílias grandes. Não sei se saberia existir fora de uma.

Simon olhou para ela com intensidade. Um sinal de alerta soou em sua mente. Ele a queria. Queria com tanto desespero que estava completamente tenso, mas jamais poderia sequer chegar a tocá-la. Porque fazer isso seria destruir todos os sonhos dela, e, libertino ou não, ele não sabia ao certo se conseguiria olhar-se no espelho de novo se fizesse isso.

Ele nunca se casaria, nunca teria filhos, e isso era tudo o que ela queria da vida.

Ele podia apreciar a companhia dela. Não tinha certeza de que poderia negar isso a si mesmo. Mas precisava deixá-la intocada para outro homem.

– Alteza? – chamou ela, baixinho. Quando ele piscou, ela sorriu e disse: – Estava perdido em devaneios.

Ele inclinou a cabeça graciosamente.

– Estou apenas pensando no que você disse.

– E aprova tudo o que falei?

– Na verdade, não consigo me lembrar da última vez que conversei com alguém com tamanho bom senso. – E acrescentou: – É bom saber que você sabe o que quer da vida.

– E você, sabe o que quer?

Ah, como responder a isso? Havia coisas que ele sabia que não podia dizer.

Mas era tão fácil conversar com aquela moça... Algo nela deixava sua mente tranquila, ainda que seu corpo formigasse de desejo. Por Deus, os dois não deviam estar tendo uma conversa tão franca logo depois de se conhecerem, mas, de alguma maneira, aquilo simplesmente parecia natural. Por fim, ele disse apenas:

– Tomei algumas decisões quando era mais jovem. Tento viver minha vida de acordo com esses votos.

Ela pareceu muito curiosa, mas sua boa educação a impediu de perguntar mais.

– Minha nossa – disse ela com um sorriso meio forçado –, ficamos sérios. E eu pensando que só estávamos tentando decidir quem de nós teve a pior noite.

Simon percebeu que ambos estavam presos. Presos pelas convenções e expectativas da sociedade. E foi então que uma ideia lhe veio à mente. Uma ideia estranha, louca e espantosamente maravilhosa. Talvez perigosa também, já que o obrigaria a estar na companhia dela por longos períodos de tempo, o que com certeza o deixaria numa condição permanente de desejo não realizado, mas Simon valorizava seu autocontrole acima de tudo, e tinha certeza de que poderia conter seus anseios básicos.

– Você não gostaria de uma folga? – perguntou ele de repente.

– Uma folga? – repetiu ela, com ar confuso. Enquanto os dois rodopiavam no salão, olhou de um lado para outro. – Disto aqui?

– Não exatamente. Isto você ainda teria que suportar. Estou pensando mais em uma folga da sua mãe.

Daphne se engasgou com a surpresa.

– Você vai afastar minha mãe das rodas sociais? Isso não parece um pouco extremo?

– Não estou falando em afastar sua mãe. Em vez disso, quero afastar você.

Daphne tropeçou nos próprios pés e então, assim que recuperou o equilíbrio, tropeçou nos pés dele.

– Como assim?

– Eu esperava ignorar por completo a sociedade londrina – explicou ele. – Mas estou chegando à conclusão de que será impossível.

– Porque você de repente descobriu que gosta de licor ruim e limonada aguada? – ironizou ela.

– Não – disse ele, ignorando o sarcasmo. – Porque descobri que metade dos

meus colegas da faculdade se casou durante minha ausência, e as esposas deles parecem estar obcecadas em oferecer a festa mais perfeita de todas...

– E você foi convidado para todas?

Ele assentiu com irritação.

Daphne aproximou-se dele como se estivesse prestes a lhe contar um grande segredo.

– Você é um duque – sussurrou ela. – Pode dizer não.

Ela observou, fascinada, o maxilar dele ficando tenso.

– Esses homens – explicou ele –, os maridos delas... são meus amigos.

Daphne sentiu os lábios se abrirem num sorriso espontâneo.

– E você não quer ferir os sentimentos das esposas deles.

Simon fez uma careta, claramente desconfortável com a constatação dela.

– Ora, quem diria – comentou Daphne, com ar brincalhão. – Talvez você seja uma boa pessoa, afinal.

– Estou longe de ser uma boa pessoa – zombou ele.

– Talvez, mas também está longe de ser uma pessoa má.

Quando a música terminou, Simon a pegou pelo braço e a guiou para as bordas do salão. Como a valsa os havia levado para o lado oposto ao da família de Daphne, eles tiveram tempo de continuar a conversa enquanto voltavam caminhando lentamente para junto dos Bridgertons.

– O que eu estava tentando dizer, antes que você me distraísse com toda a sua habilidade – prosseguiu ele –, era que pelo visto vou precisar comparecer a alguns eventos na cidade.

– Não é exatamente um destino pior que a morte.

Ele ignorou o comentário.

– Imagino que você também deverá comparecer.

Ela respondeu com um único aceno da cabeça.

– Talvez haja uma maneira de eu ser poupado das atenções das Featheringtons e outras moças do tipo e, ao mesmo tempo, proteger você dos esforços casamenteiros de sua mãe – continuou Simon.

Ela olhou para ele com atenção.

– E como isso seria possível?

– Nós – disse ele, inclinando-se para a frente e fixando os olhos nos dela – formaremos um casal.

Daphne não disse nada. Absolutamente nada. Apenas o encarou como se estivesse tentando decidir se ele era o homem mais grosseiro na face da Terra ou simplesmente doido de pedra.

– Não um casal de verdade – explicou Simon com impaciência. – Meu Deus, que tipo de homem você acha que sou?

– Bem, eu fui alertada sobre sua reputação – argumentou ela. – E você mesmo tentou me assustar com seus modos devassos hoje mais cedo.

– Eu não fiz isso.

– É claro que fez. – Ela deu um tapinha no braço dele. – Mas eu o perdoo. Tenho certeza de que não pôde evitar.

Simon olhou surpreso para ela.

– Acho que nunca fui tratado com essa condescendência por uma mulher.

Ela deu de ombros.

– Talvez já estivesse na hora de isso acontecer.

– Sabe, eu achava que você ainda não tinha se casado porque seus irmãos haviam assustado todos os pretendentes, mas agora me pergunto se não fez isso sozinha.

Para a surpresa de Simon, Daphne apenas riu.

– Não – disse ela. – Estou solteira porque todos me veem como amiga. Ninguém nunca se interessa por mim como mulher. – Ela fez uma careta. – A não ser Nigel.

Simon refletiu sobre isso por alguns instantes e se deu conta de que seu plano poderia beneficiá-la mais do que havia imaginado.

– Ouça – pediu ele. – Tenho que falar logo, porque estamos chegando perto de onde sua família está e Anthony parece prestes a disparar na nossa direção a qualquer instante.

Os dois olharam rapidamente para a direita. O irmão mais velho de Daphne ainda estava preso numa conversa com as Featheringtons. Não parecia feliz.

– Eis o meu plano – continuou Simon, com a voz baixa e intensa. – Vamos fingir que passamos a gostar um do outro. Não haverá tantas debutantes sendo atiradas em meu colo porque todos acreditarão que não estou mais disponível.

– Não vai funcionar – respondeu ela. – Ninguém vai acreditar que você não está mais disponível enquanto não estiver diante do bispo fazendo seus votos matrimoniais.

A simples ideia fez o estômago de Simon se revirar.
– Bobagem – disse ele. – Pode levar algum tempo, mas tenho certeza de que acabarei conseguindo convencer a sociedade de que não sou candidato a me casar com ninguém.
– A não ser comigo – observou Daphne.
– A não ser com você – concordou ele. – Mas nós dois saberemos que isso não é verdade.
– É claro – murmurou ela. – Francamente, não acredito que isso vá funcionar, mas se você está convencido...
– Estou.
– Bem, e o que eu ganho com isso?
– Em primeiro lugar, sua mãe vai parar de arrastá-la de um homem para outro se ela acreditar que você conquistou meu interesse.
– Bastante convencido de sua parte – observou Daphne –, mas é verdade.
Simon ignorou seu escárnio.
– Em segundo lugar – prosseguiu ele –, os homens sempre reparam mais em uma mulher quando acham que há outros como ele interessados nela.
– E isso quer dizer que...
– Que, muito simplesmente, e perdoe minha *pretensão* – disse ele, lançando-lhe um olhar irônico que deixava claro que tinha percebido o sarcasmo dela –, se todos pensarem que tenho a intenção de fazer de você minha duquesa, os homens que a veem apenas como uma amiga querida começarão a enxergá-la de outra forma.
Ela torceu os lábios.
– O que significa que, no instante em que você me dispensar, terei hordas de pretendentes à minha disposição?
– Ah, eu permitirei que a decisão de romper seja sua – disse ele, galantemente.
Simon percebeu que ela não se deu o trabalho de agradecer.
– Ainda acho que tenho muito mais a ganhar com esse arranjo que você – constatou Daphne.
Ele apertou levemente o braço dela.
– Então você aceita?
A jovem olhou para a Sra. Featherington, que parecia uma ave de rapina, e depois para o irmão, que dava a impressão de ter engolido um osso de galinha.

Já vira aquelas expressões dezenas de vezes antes – inclusive no rosto da própria mãe e no de algum desafortunado pretendente em potencial.

– Aceito – disse ela, com a voz firme. – Sim, eu aceito.

– Por que acha que estão demorando tanto?

Violet Bridgerton puxou a manga do filho mais velho, sem conseguir desviar os olhos de Daphne, que parecia ter conquistado toda a atenção do duque de Hastings, visto como o grande partido da temporada depois de apenas uma semana em Londres.

– Não sei – respondeu Anthony, olhando aliviado para as costas das Featheringtons, que se afastavam a caminho da próxima vítima –, mas parece que já faz horas que eles saíram daqui.

– Acha que ele gostou dela? – perguntou Violet, empolgada. – Acha que nossa Daphne tem alguma chance de se tornar uma duquesa?

A expressão de Anthony era um misto de impaciência e descrença.

– Mamãe, primeiro a senhora disse a Daphne que não queria sequer que ela fosse *vista* na companhia dele, e agora está pensando em casamento?

– Eu fui precipitada – explicou Violet com um alegre aceno da mão. – Sem dúvida ele é claramente um homem refinado e de bom gosto. E posso saber como você sabe o que eu disse a Daphne?

– Ela me contou, é claro – mentiu Anthony.

– Sei. Bem, estou certa de que Portia Featherington tão cedo não se esquecerá desta noite.

Anthony arregalou os olhos.

– Você está tentando casar Daphne para que ela seja uma esposa e mãe feliz ou está apenas tentando chegar antes da Sra. Featherington ao altar?

– A primeira alternativa, é claro – respondeu Violet, irritada. – E o fato de você sugerir o contrário me ofende. – Os olhos dela se desviaram da filha e de Simon apenas pelo tempo suficiente para localizar Portia Featherington e as filhas. – Mas com certeza eu não me importaria de ver a cara dela quando se der conta de que Daphne e o duque formarão o casal da temporada.

– Mamãe, a senhora não tem jeito.

– Discordo. Posso até não ter vergonha, mas acho que tudo tem jeito.

Anthony balançou a cabeça e resmungou alguma coisa.
– Resmungar é falta de educação – repreendeu Violet, apenas para implicar com ele. Então viu a filha e o duque. – Ah, ali vêm eles. Anthony, comporte-se. Daphne! Alteza! – Fez uma pausa enquanto o casal se aproximava. – Imagino que tenham apreciado a dança.
– Muito – murmurou Simon. – Sua filha é graciosa e adorável.
Anthony bufou.
Simon o ignorou.
– Espero que tenhamos o prazer de dançar juntos de novo muito em breve.
Violet estava radiante.
– Ah, estou certa de que Daphne *adoraria*. – Como a menina não respondeu de imediato, ela acrescentou, com bastante ênfase: – Não é, Daphne?
– É claro – disse ela, de modo afetado.
– Tenho certeza de que sua mãe jamais seria tão indulgente a ponto de me conceder uma segunda valsa – disse Simon, assumindo completamente o papel de duque cortês –, mas espero que nos autorize a dar uma volta pelo salão.
– Vocês acabaram de dar uma volta pelo salão – observou Anthony.
Simon o ignorou mais uma vez.
– Evidentemente, nós nos manteremos à sua vista o tempo todo – acrescentou.
O leque de seda lilás na mão da viscondessa começou a se agitar muito rápido.
– Eu ficaria encantada. Quer dizer, Daphne ficaria encantada. Não é, Daphne?
Ela respondeu em tom inocente:
– Ah, ficaria, sim.
– E eu – comentou Anthony – preciso tomar um chá, porque só posso estar com febre. Que diabo está acontecendo?
– Anthony! – exclamou Violet. Virou-se rapidamente para Simon. – Não lhe dê ouvidos.
– Ah, eu nunca dou – disse Simon em tom afável.
– Daphne – chamou Anthony enfaticamente –, eu adoraria ser seu acompanhante.
– Francamente, meu filho – interrompeu Violet–, eles não precisam de um acompanhante se vão permanecer aqui no salão.
– Ora, faço questão – insistiu ele.
– Vocês dois podem ir na frente – falou Violet a Daphne e Simon, acenando

para eles. – Anthony os alcançará em um instante.
O rapaz tentou segui-los, mas Violet agarrou o pulso dele com força.
– Que diabo você pensa que está fazendo? – sibilou ela.
– Protegendo minha irmã!
– Do duque? Ele não pode ser tão perverso assim. Na verdade, ele me lembra você.
Anthony soltou um gemido.
– Então ela realmente precisa da minha proteção.
Violet deu um tapinha no braço do filho.
– Não seja exagerado. Se ele tentar levá-la para o mau caminho na varanda, prometo que pode ir resgatá-la. Mas até que esse fato improvável aconteça, por favor, permita que sua irmã tenha seu momento de glória.
Anthony olhou furioso para as costas de Simon.
– Amanhã eu o mato!
– Minha nossa – comentou Violet, balançando a cabeça –, eu não fazia ideia de que você podia ser tão sensível. Sendo sua mãe, eu deveria saber disso, principalmente por você ser meu primogênito, o que quer dizer que o conheço há mais tempo do que a todos os meus filhos, mas...
– Aquele lá é o Colin? – interrompeu Anthony, com a voz estrangulada.
Violet piscou e então estreitou os olhos.
– Ora, é, sim. Não é ótimo que ele tenha voltado antes de viagem? Mal pude acreditar em meus olhos quando o vi há cerca de uma hora. Na verdade, eu...
– É melhor eu ir falar com ele – disse Anthony com rapidez. – Ele parece solitário. Até logo, mamãe.
A mulher ficou olhando o filho se afastar, provavelmente para fugir de sua tagarelice.
– Menino bobo – murmurou consigo mesma.
Nenhum de seus rebentos parecia perceber seus truques. Bastava matraquear sobre qualquer coisa para conseguir se livrar deles num piscar de olhos.
Suspirou, satisfeita, e voltou a observar a filha, agora do outro lado do salão, com a mão confortavelmente aninhada no cotovelo do duque. Os dois formavam um belo par.
Sim, ela pensou, com os olhos marejados, Daphne daria uma excelente duquesa.

Então por um instante desviou o olhar para Anthony, que estava onde ela desejava: longe da irmã. Permitiu-se sorrir discretamente. Era tão fácil controlar os filhos...

Então sua expressão de alegria deu lugar a uma testa franzida no momento em que viu Daphne voltando para perto dela – segurando o braço de outro homem. Os olhos de Violet na mesma hora varreram o salão até que encontrassem o duque.

Ora, que diabo ele estava fazendo dançando com Penelope Featherington?

CAPÍTULO 6

Contaram a esta autora que, na noite de ontem, o duque de Hastings mencionou nada menos que seis vezes que não tem planos de se casar. Se sua intenção era desencorajar as mães ambiciosas, ele cometeu um grave erro de avaliação. Elas simplesmente verão seus comentários como os maiores desafios.

E o interessante é que todos os comentários antimatrimônio foram feitos antes que ele fosse apresentado à encantadora e ajuizada Srta. (Daphne) Bridgerton.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
30 DE ABRIL DE 1813

Na tarde seguinte, Simon estava parado na entrada da casa de Daphne, com uma das mãos batendo a aldrava de bronze na porta e a outra segurando um grande buquê de tulipas caríssimas. Não lhe ocorrera que sua pequena farsa exigiria sua atenção também à luz do dia, mas durante a volta dos dois pelo salão na noite anterior Daphne observara sabiamente que, se ele não a procurasse no dia seguinte, ninguém – muito menos a mãe dela – acreditaria de fato que ele estava interessado nela.

Simon concordou com a avaliação, admitindo que Daphne com certeza tinha mais conhecimento nessas questões de etiqueta do que ele. Assim, ele a obedecera, comprando flores, e atravessara a Grosvenor Square em direção à Casa Bridgerton. Como nunca cortejara uma mulher respeitável antes, o ritual lhe era bastante estranho.

A porta foi aberta quase de imediato pelo mordomo dos Bridgertons. Simon entregou-lhe seu cartão. O homem, um sujeito alto e magro com um nariz adunco, olhou para o pequeno pedaço de papel por uma fração de segundo antes de assentir com a cabeça e murmurar:

– Por aqui, Alteza.

Era óbvio, Simon pensou com sarcasmo, que ele estava sendo esperado.

O que não imaginava, no entanto, era a visão que o aguardava quando ele entrou na sala de estar. Daphne parecia uma miragem sentada no sofá de linho verde, com um vestido de seda azul-claro e o rosto adornado por um de seus largos sorrisos.

Teria sido uma imagem encantadora se ela não estivesse cercada por pelo menos meia dúzia de homens, um deles literalmente de joelhos, com versos saindo de seus lábios. A julgar pela natureza floreada da poesia, Simon chegou a achar que uma roseira brotaria da boca do idiota a qualquer momento.

Chegou à conclusão de que toda aquela cena era muito desagradável.

Fixou o olhar em Daphne, que dirigia seu magnífico sorriso ao bufão agachado, e esperou que ela notasse sua presença.

Ela não o viu.

Simon olhou para baixo, para sua mão desocupada, e percebeu que estava com o punho cerrado. Esquadrinhou a sala, tentando decidir em que rosto iria cravá-lo.

Daphne sorriu de novo, e mais uma vez não foi para ele.

O poeta idiota. Sem sombra de dúvida, o poeta idiota. O duque inclinou um pouco a cabeça para o lado enquanto analisava o rosto do jovem apaixonado. Seu punho se encaixaria melhor no olho direito ou no esquerdo? Ou isso era violento demais? Talvez um leve corte no queixo fosse mais apropriado. No mínimo, poderia fazê-lo calar a boca.

– Este – anunciou o poeta com grandeza – eu escrevi em sua homenagem ontem à noite.

Simon soltou um gemido. Reconhecera o poema a que o homem se referia como uma versão grandiosa de um soneto de Shakespeare, mas um trabalho original era mais do que poderia suportar.

– Alteza!

Simon ergueu o olhar e percebeu que Daphne enfim havia notado sua presença.

Ele acenou com a cabeça, o ar tranquilo conflitando com os olhares de cachorro pidão dos demais pretendentes.

– Srta. Bridgerton.

– Que ótimo vê-lo – disse ela, com um sorriso de satisfação.

Ah, assim estava melhor. Simon ajeitou as flores e começou a caminhar em

direção a ela quando percebeu que havia três jovens pretendentes em seu caminho, e nenhum parecia inclinado a arredar o pé. Ele fuzilou o primeiro com seu olhar mais arrogante, que fez com que o garoto – que parecia ter no máximo 20 anos, mal podendo ser chamado de *homem* – começasse a tossir da maneira menos atraente possível e saísse correndo para um banco desocupado perto da janela.

Simon seguiu em frente, pronto para repetir o procedimento com o próximo pretendente irritante, quando a viscondessa surgiu de repente em seu caminho, com um vestido azul-escuro e um sorriso que poderia rivalizar com o de Daphne.

– Alteza! – saudou ela com entusiasmo. – Que prazer em vê-lo! Sua presença é uma honra para nós.

– Não poderia imaginar estar em nenhum outro lugar – disse Simon ao beijar sua mão enluvada. – Sua filha é uma jovem excepcional.

Violet suspirou, satisfeita.

– E que flores lindas – elogiou ela assim que parou de se deliciar com seu orgulho materno. – São holandesas? Devem ter custado uma fortuna.

– Mamãe! – repreendeu Daphne com a voz estridente. Soltou a mão das garras de um pretendente particularmente enérgico e se aproximou. – Assim a senhora deixa o duque sem saber o que dizer!

– Eu poderia dizer quanto paguei pelas flores – sugeriu ele com um meio sorriso malicioso.

– Você não faria isso.

Ele se inclinou para a frente, baixando o tom de voz para que apenas Daphne pudesse ouvi-lo.

– Você não observou ontem à noite que eu sou um duque? – murmurou ele. – Pensei que tivesse me dito que posso fazer o que quiser.

– Sim, mas não isso – falou Daphne, descartando o argumento dele com um aceno de mão. – Você jamais seria tão rude.

– É claro que o duque não seria *rude*! – exclamou Violet, claramente horrorizada por Daphne ter coragem de sequer pronunciar a palavra diante dele. – Sobre o que está falando? Por que ele seria rude?

– As flores – esclareceu Simon. – Quanto custaram. Daphne acha que eu não devo lhe dizer.

– Me diga depois – sussurrou a viscondessa pelo canto da boca –, quando ela

não estiver ouvindo.
Então voltou para o sofá verde em que Daphne estivera sentada com os pretendentes e o esvaziou em menos de três segundos. Simon ficou admirado com a precisão militar com que ela realizou a manobra.
– Pronto – disse ela. – Não está ótimo assim? Daphne, por que você e o duque não se sentam ali?
– Ali onde o lorde Railmont e o Sr. Crane estavam sentados há apenas alguns instantes? – perguntou Daphne com ar inocente.
– Exatamente – respondeu Violet, com um admirável tom casual, pelo menos na opinião de Simon. – Além disso, o Sr. Crane disse que precisa se encontrar com a mãe no Gunter's às três.
Daphne olhou para o relógio.
– São duas horas agora, mamãe.
– O trânsito anda terrível ultimamente – disse Violet, torcendo o nariz. – Há cavalos demais nas ruas.
– Um homem não pode deixar a mãe esperando – completou Simon, entrando no espírito da conversa.
– Bem observado, Alteza – concordou Violet, radiante. – Pode ter certeza de que foi essa a educação que dei a meus filhos.
– E, caso tenha alguma dúvida – falou Daphne com um sorriso –, eu confirmo de bom grado.
A viscondessa apenas sorriu.
– Se alguém deveria saber disso é você, Daphne. Agora, se me dão licença, tenho coisas para fazer. Ah, Sr. Crane! Sr. Crane! Sua mãe jamais me perdoaria se eu não o liberasse a tempo. – Ela se apressou, arrastando o pobre homem pelo braço e o levando até a porta, mal lhe dando tempo para se despedir.
Daphne virou-se para Simon com uma expressão divertida.
– Não consigo decidir se ela está sendo excessivamente educada ou extremamente rude.
– Extremamente educada, talvez? – Simon perguntou com suavidade.
Ela balançou a cabeça.
– Ah, definitivamente não.
– A alternativa, é claro, seria...
– Excessivamente rude? – Daphne sorriu enquanto observava a mãe passar o

braço por dentro do de lorde Railmont, apontá-lo para Daphne a fim de que ela se despedisse com um aceno e levá-lo para fora da sala. E então, como por encanto, o galanteador que restava murmurou uma despedida apressada e saiu.

– Impressionantemente eficiente, não? – murmurou Daphne.

– Sua mãe? Ela é maravilhosa.

– Ela vai voltar, é claro.

– Que pena. E eu pensando que tinha você verdadeiramente nas minhas garras.

Daphne riu.

– Não sei como alguém pode considerá-lo um libertino. Seu senso de humor é excelente.

– E nós, libertinos, acreditávamos ser tão perversamente cômicos...

– O humor de um libertino é essencialmente cruel – afirmou Daphne.

O comentário dela o surpreendeu. Encarou-a com atenção, observando seus olhos castanhos, sem saber, no entanto, o que estava procurando de fato. Havia um círculo verde estreito ao redor de suas pupilas, de uma cor profunda como o musgo. Então se deu conta de que nunca a vira à luz do dia antes.

– Alteza? – A voz baixa de Daphne o tirou de seu transe.

Simon piscou.

– Perdão, o que disse?

– Você parecia estar a quilômetros de distância – comentou ela, franzindo a testa.

– Eu estava a quilômetros de distância. – Lutou contra a vontade de voltar a encarar seus olhos. – Isto é muito diferente.

Daphne soltou uma risada que soava como música.

– Estava mesmo, não é? E eu nunca fui além de Lancashire. Como devo parecer provinciana...

Ele desconsiderou a observação.

– Perdoe a desatenção. Creio que estávamos falando sobre minha falta de humor.

– Não estávamos, não, e você sabe disso muito bem. – Ela pôs as mãos nos quadris. – Eu estava dizendo especificamente que tem um senso de humor muito superior ao dos libertinos comuns.

Ele levantou uma sobrancelha com um ar bastante superior.

– E você não classificaria seus irmãos como libertinos?

– Eles apenas *acham* que são libertinos – corrigiu ela. – Existe uma grande diferença.
Simon riu.
– Se Anthony não é um libertino, tenho pena da mulher que encontrar um homem que seja.
– Ser um libertino é mais do que seduzir muitas mulheres – comentou Daphne em tom casual. – Se um homem não consegue fazer nada além de enfiar a língua na boca de uma mulher e beijar...
Simon sentiu a garganta fechando, mas de alguma forma conseguiu dizer:
– Você não deveria estar falando sobre essas coisas.
Ela deu de ombros.
– Você não deveria sequer *saber* dessas coisas – resmungou ele.
– Quatro irmãos – argumentou ela. – Bem, três. Gregory ainda é jovem demais para entrar na conta.
– Alguém deveria avisá-los para segurar a língua perto de você.
Ela deu de ombros de novo, dessa vez com menos ênfase.
– Metade do tempo eles nem percebem que estou por perto.
Simon não conseguia imaginar isso.
– Mas parece que nós nos desviamos muito do tema original – alertou ela. – O que eu estava tentando dizer é que o humor de um libertino é baseado em crueldade. Ele precisa de uma vítima, pois não pode sequer pensar em rir de si mesmo. E você, Alteza, é muito bom com observações de autodepreciação.
– Eu só não sei se agradeço ou esgano você.
– Me esganar? Ué, mas por quê? – Ela riu de novo, uma risada profunda que Simon sentiu no âmago de seu ser.
Ele deu um suspiro profundo, mas o longo sopro de ar foi praticamente inútil para estabilizá-lo. Se ela continuasse rindo daquele jeito, ele não responderia pelas consequências.
Mas ela permaneceu olhando para ele, com a boca larga curvada num daqueles sorrisos que pareciam estar à beira da gargalhada.
– Vou esganá-la pelo princípio geral – resmungou ele.
– E que princípio seria esse?
– O princípio geral do *homem* – vociferou Simon.
Ela levantou as sobrancelhas em uma expressão de dúvida.

– Em oposição ao princípio geral da mulher?

Ele olhou ao redor.

– Onde está seu irmão? Você é insolente demais. Alguém precisa lhe dar um jeito.

– Ah, estou certa de que você verá Anthony com muito mais frequência. Na verdade, estou bastante surpresa por ele ainda não ter aparecido. Ele ficou furioso ontem à noite. Fui obrigada a ouvir um sermão de uma hora sobre seus defeitos e pecados.

– Com certeza os pecados são exagerados.

– E os defeitos?

– Provavelmente verdadeiros – admitiu Simon com certa timidez.

A observação lhe rendeu mais um sorriso de Daphne.

– Bem, verdadeiros ou não – continuou ela –, ele acha que você está planejando alguma coisa.

– Eu *estou* planejando alguma coisa.

Ela inclinou a cabeça para o lado sarcasticamente enquanto revirava os olhos.

– Ele acha que você está planejando alguma coisa *execrável*.

– Bem que eu gostaria de estar fazendo isso – resmungou ele.

– O que disse? Não entendi.

– Nada.

Ela franziu a testa.

– Acho que deveríamos contar a Anthony sobre nosso acordo.

– E o que ganharíamos com isso?

Daphne se lembrou da hora inteira de tortura que suportara na noite anterior e disse apenas:

– É, acho melhor que descubra sozinho.

Simon apenas ergueu as sobrancelhas.

– Minha cara Daphne...

Ela entreabriu a boca, surpresa.

– É claro que você não vai me forçar a chamá-la de Srta. Bridgerton. – Ele suspirou de forma dramática. – Depois de tudo o que passamos.

– Não passamos por nada, seu bobo, mas acho que pode me chamar de Daphne mesmo assim.

– Ótimo – comemorou ele de modo condescendente. – Pode me chamar de

Alteza.

Ela lhe deu um tapinha.

– Muito bem – respondeu ele, torcendo os lábios. – Se faz tanta questão, pode me chamar de Simon.

– Ah, eu faço questão – disse Daphne, revirando os olhos. – Com certeza eu faço questão.

Ele se inclinou para ela com algo diferente e meio fogoso faiscando nas profundezas de seus olhos claros.

– Faz questão? – murmurou ele. – Fico muito satisfeito por saber disso.

Daphne teve a sensação repentina de que ele estava se referindo a algo muito mais íntimo que a simples menção de seu nome de batismo. Um tipo de quentura estranha e vibrante tomou conta de seus braços e, sem pensar, ela deu um passo para trás.

– Essas flores são lindas – disse ela de repente.

Ele olhou para o buquê com indiferença, girando-o na mão.

– São mesmo, não são?

– Eu adorei.

– Elas não são para você.

Daphne ficou sem graça, e Simon sorriu.

– São para sua mãe – explicou.

Ela abriu a boca devagar, surpresa, soltando um pouco de ar antes de dizer:

– Ora, você é um homem muito, muito esperto. Com certeza ela irá cair aos seus pés. Mas você sabe que isso voltará para assombrá-lo, não sabe?

Ele lhe lançou um olhar astuto.

– Ah, é mesmo?

– É. Ela se tornará mais determinada do que nunca a arrastá-lo para o altar. Você vai acabar se vendo tão cercado nas festas como se não tivéssemos elaborado nosso plano.

– Bobagem – zombou ele. – Antes eu precisava suportar dezenas de mães ambiciosas. Agora tenho que lidar apenas com uma.

– Talvez você se surpreenda com a determinação dela – murmurou Daphne. Então virou a cabeça para olhar pela porta entreaberta. – Ela deve gostar de você – acrescentou. – Deixou-nos sozinhos por muito mais tempo que o adequado.

Simon refletiu e se inclinou para a frente a fim de sussurrar:

– Ela poderia estar ouvindo atrás da porta?
Daphne balançou a cabeça.
– Não, nós teríamos escutado seus sapatos no corredor.
Alguma coisa nessa declaração o fez sorrir, e Daphne se flagrou sorrindo junto com ele.
– Mas eu realmente deveria lhe agradecer antes que ela volte – continuou ela.
– É? Por quê?
– Seu plano está sendo um grande sucesso. Pelo menos para mim. Percebeu quantos pretendentes vieram me ver hoje?
Ele cruzou os braços, deixando as tulipas de cabeça para baixo.
– Percebi, sim.
– É incrível. Nunca tive tantos interessados num único dia. Mamãe estava explodindo de orgulho. Até mesmo Humboldt, nosso mordomo, ficou encantado, e eu nunca o vi sequer sorrindo. Ooops! Veja, as flores estão pingando. – Daphne se abaixou e ajeitou as tulipas, roçando o braço de leve na frente do casaco dele. Ela imediatamente deu um salto para trás, surpresa com a quentura e a força dele.
Meu Deus, se ela podia sentir tudo aquilo através da camisa e do casaco, como ele deveria ser...
Daphne ficou vermelha. Muito vermelha.
– Eu daria minha fortuna por seus pensamentos – disse Simon, erguendo as sobrancelhas com curiosidade.
Felizmente, Violet escolheu esse momento para voltar à sala.
– Peço mil desculpas por tê-los abandonado por tanto tempo – falou –, mas o cavalo do Sr. Crane perdeu uma ferradura, então precisei acompanhá-lo até os estábulos para achar um cavalariço que resolvesse o problema.
Durante toda a vida, ela nunca ouvira falar de uma ida da mãe aos estábulos.
– A senhora é realmente uma anfitriã fora de série – elogiou Simon, estendendo-lhe as flores. – Tome, peço-lhe que aceite estas tulipas.
– Para mim? – Violet ficou boquiaberta, deixando um suspiro de surpresa escapar de seus lábios. – Tem certeza? Porque eu... – Olhou para Daphne, depois para Simon e por fim de volta para a filha. – Tem certeza?
– Absoluta.
Violet piscou rapidamente e Daphne percebeu que havia lágrimas nos olhos da

mãe. Pensou que ninguém lhe dava flores. Pelo menos não desde a morte de seu pai, dez anos antes. Violet era uma mãe tão boa que a menina esquecera que ela era também uma mulher.

– Não sei nem o que dizer – fungou Violet.

– Tente "obrigada" – sussurrou a filha em seu ouvido, dando um sorriso que deixou o comentário mais caloroso.

– Ah, Daff, você é *terrível*. – Violet lhe deu um tapinha no braço, parecendo mais jovem do que Daphne jamais tinha visto. – Mas obrigada, Alteza. São lindas, porém o mais importante é que foi um gesto muito gentil. Sempre me lembrarei deste momento com carinho.

Simon parecia prestes a dizer algo, mas acabou apenas sorrindo e inclinando a cabeça para o lado.

Daphne olhou para Violet, viu a inegável alegria em seus olhos azuis e se deu conta, com um lampejo de vergonha, de que nenhum dos filhos dela jamais agira de modo tão gentil como aquele homem a seu lado.

O duque de Hastings. Nesse momento, Daphne entendeu que seria uma tola se não se apaixonasse por ele.

É claro que seria bom se fosse recíproco.

– Mamãe – chamou Daphne –, quer que eu vá pegar um vaso?

– O quê? – Violet ainda estava ocupada demais cheirando alegremente as tulipas para prestar atenção às palavras da filha. – Ah, sim, é claro. Peça que Humboldt traga o vaso de cristal da minha avó.

A jovem lançou um sorriso de gratidão para Simon e se dirigiu à porta. Mas antes que pudesse dar mais do que dois passos, a forma grande e amedrontadora do irmão mais velho se materializou na entrada da sala.

– Daphne – resmungou Anthony. – Exatamente a pessoa com quem eu precisava falar.

Ela decidiu que a melhor estratégia era ignorar o humor grosseiro dele.

– Só um instante, Anthony – disse ela com doçura. – Mamãe pediu que eu buscasse um vaso. Hastings trouxe flores para ela.

– Simon está aqui? – Ele olhou por cima dela, para dentro da sala. – O que está fazendo aqui, Hastings?

– Visitando sua irmã.

Anthony passou por Daphne e entrou na sala parecendo uma nuvem de

tempestade.

– Eu não lhe dei permissão para cortejar minha irmã! – berrou.

– Pois eu dei – interferiu Violet. Enfiou as flores no rosto do filho, sacudindo-as de forma a depositar o máximo de pólen no nariz dele. – Não são lindas?

Anthony espirrou e empurrou as tulipas para o lado.

– Mamãe, estou tentando falar com o duque.

Ela olhou para o rapaz.

– Deseja ter essa conversa com meu filho?

– Não faço nenhuma questão, na verdade – respondeu Simon.

– Muito bem, então. Anthony, fique quieto.

Daphne pôs a mão na boca, mas não conseguiu evitar que a risada presa escapasse.

– Você! – gritou Anthony, apontando um dedo na direção da irmã. – Fique quieta!

– Acho melhor ir buscar o vaso – sugeriu Daphne.

– E me deixar à mercê do seu irmão? – disse Simon com a voz suave. – Talvez seja melhor não.

Ela levantou uma sobrancelha.

– Está insinuando que não é homem o bastante para lidar com ele?

– É claro que não. Só acho que ele deveria ser problema seu, não meu, e...

– Que diabo está acontecendo aqui? – rugiu Anthony.

– Meu filho! – exclamou Violet. – Não vou tolerar que você use um linguajar tão impróprio na minha sala de estar.

Daphne sorriu.

Simon apenas inclinou a cabeça para o lado, encarando o amigo com uma expressão curiosa.

Anthony lançou um olhar furioso para ele e sua irmã antes de voltar a atenção para a mãe.

– Ele não é de confiança. A senhora faz ideia do que está acontecendo aqui? – questionou.

– É óbvio que sim – respondeu Violet. – O duque está fazendo uma visita à sua irmã.

– E trouxe flores para sua mãe – completou Simon, prestativo.

Anthony olhou fixamente para o nariz do rapaz, que teve certeza de que o

amigo estava imaginando como seria dar um soco nele.
Depois virou a cabeça a fim de encarar a mãe.
– A senhora conhece a reputação dele?
– Libertinos arrependidos dão os melhores maridos – afirmou Violet.
– Isso é besteira, e a senhora sabe disso.
– De qualquer maneira, ele não é um libertino de verdade – acrescentou Daphne.
O olhar que Anthony lançou à irmã foi tão comicamente malévolo que o duque quase caiu na gargalhada. Conseguiu se conter, mas apenas porque tinha a impressão de que qualquer demonstração de humor de sua parte faria com que o punho de Anthony ganhasse a batalha que estava travando com seu cérebro, e o rosto de Simon seria a primeira vítima do conflito.
– Você não sabe – decretou Anthony, com a voz baixa e quase trêmula de raiva. – Você não sabe o que ele já fez.
– Nada mais grave do que você mesmo já fez, tenho certeza – comentou Violet com malícia.
– Exatamente! – exclamou Anthony. – Pelo amor de Deus, eu sei *muito bem* o que está se passando na cabeça dele neste momento, e não tem nada a ver com poesia e rosas.
Simon imaginou Daphne deitada numa cama de pétalas de rosas.
– Bem, talvez rosas – murmurou ele.
– Eu vou matá-lo! – ameaçou Anthony.
– Bem, são apenas tulipas – falou Violet de forma afetada. – Da Holanda. E, Anthony, você realmente precisa controlar suas emoções. Isto é muito inadequado.
– Ele não serve nem para lamber as solas dos sapatos de minha irmã!
A cabeça de Simon se encheu de mais imagens eróticas. Dessa vez, ele lambia os dedos de Daphne. Resolveu não fazer qualquer comentário. Além disso, já havia decidido que não se permitiria pensar nessas coisas. Ela era irmã do amigo dele, pelo amor de Deus. Não poderia seduzi-la.
– Eu me recuso a ouvir mais uma palavra depreciativa sobre o duque – declarou Violet enfaticamente. – E ponto final.
– Mas...
– Não estou gostando do seu tom, Anthony Bridgerton!

Simon pensou ter ouvido Daphne engolir uma risada e se perguntou do que se tratava aquilo.
– Se for do agrado de Vossa Maternidade – disse Anthony à mãe num tom agonizantemente calmo –, gostaria de uma conversa em particular com Simon.
– Dessa vez eu vou mesmo buscar o vaso – anunciou Daphne, saindo da sala.
Violet cruzou os braços e informou ao filho:
– Não vou permitir que trate mal um convidado em minha casa.
– Prometo não encostar um dedo nele – respondeu Anthony. – Dou minha palavra.
Como nunca conhecera a própria mãe, Simon estava achando aquele diálogo fascinante. Tecnicamente, afinal, a Casa Bridgerton era a casa de Anthony, não de Violet, e Simon ficou impressionado que o amigo não fizesse essa observação.
– Está tudo bem, Lady Bridgerton – interrompeu ele. – Estou certo de que Anthony e eu temos muito que conversar.
Anthony estreitou os olhos.
– Muito.
– Está bem – concordou Violet. – De qualquer maneira você fará o que quiser, não importa o que eu diga. Mas não vou sair daqui. – Ela se instalou no sofá. – Esta sala é minha, e estou confortável aqui. Se desejam continuar com isso que chamam de “conversa entre homens”, podem fazê-lo em outro lugar.
Simon piscou, surpreso. Era óbvio que a mãe de Daphne era mais inteligente do que aparentava ser.
Anthony acenou em direção à porta com a cabeça e o duque o seguiu até o corredor.
– Meu escritório fica por aqui – informou Anthony.
– Você tem um escritório aqui?
– Sou o chefe da família, afinal de contas.
– É claro – reconheceu Simon. – Mas você mora em outro lugar.
Anthony fez uma pausa e examinou o amigo.
– Você já deve ter notado que minha posição como chefe da família Bridgerton acarreta sérias responsabilidades.
Simon encarou-o com calma.
– Está se referindo a Daphne?

– Exato.
– Se bem me lembro – comentou o duque –, esta semana você disse que queria nos apresentar.
– Isso foi antes de eu achar que você se interessaria por ela!
Simon segurou a língua enquanto seguia Anthony até seu escritório, e continuou em silêncio até que o amigo fechasse a porta.
– Por que você achava – perguntou ele baixinho – que eu não me interessaria por sua irmã?
– Além do fato de você ter jurado que jamais se casaria? – replicou Anthony.
Ele tinha razão. Simon detestou o fato de que ele estava coberto de razão.
– Sim, além disso – respondeu.
Anthony piscou algumas vezes e então disse:
– Ninguém se interessa por Daphne. Pelo menos ninguém com quem gostaríamos que ela casasse.
O duque cruzou os braços e se encostou na parede.
– Você não a vê com muitos bons olhos, n...
Antes que pudesse sequer terminar a pergunta, Anthony o estava agarrando pelo pescoço.
– Não ouse insultar minha irmã!
Mas Simon aprendera inúmeras técnicas de autodefesa em suas viagens e levou apenas dois segundos para neutralizar o ataque do amigo.
– Eu não estava insultando sua irmã – explicou ele num tom malévolo. – Estava insultando *você*.
Anthony só conseguiu emitir estranhos sons gorgolejantes como resposta, então Simon o soltou.
– Acontece – disse o duque, esfregando uma mão na outra – que Daphne me explicou por que não atraiu nenhum pretendente adequado até agora.
– Ah, é? – disse Anthony ironicamente.
– Na minha opinião, acho que tem tudo a ver com esse seu comportamento. Você e seus irmãos parecem homens das cavernas! Mas, de acordo com ela, é porque todos a veem como amiga, não como uma heroína romântica.
Anthony ficou em silêncio por um longo instante e depois falou:
– Entendo. – Então, após mais uma pausa, acrescentou, pensativo: – Talvez ela tenha razão.

Simon não respondeu, ficou apenas observando o amigo enquanto ele refletia sobre tudo aquilo. Por fim, Anthony concluiu:

– Ainda assim, não gosto de ver você farejando ao redor dela.

– Meu Deus, você faz com que eu pareça um cachorro.

Anthony cruzou os braços.

– Não esqueça que nós fomos da mesma matilha quando saímos de Oxford. Sei exatamente o que você fez.

– Ora, por favor, nós tínhamos 20 anos! Todos os homens são idiotas nessa idade. Além disso, você sabe muito bem q-q...

Simon sentiu a língua ficar estranha e fingiu um ataque de tosse para disfarçar a gagueira. Que droga. Aquilo quase não acontecia mais, a não ser que estivesse chateado ou irritado. Se perdia o controle sobre as emoções, perdia o controle sobre a fala. Era simples assim.

E, infelizmente, episódios como esse só serviam para deixá-lo chateado e irritado, o que, por sua vez, exacerbava a gagueira. Era o pior tipo de círculo vicioso.

Anthony olhou para ele intrigado.

– Você está bem?

Simon assentiu.

– Um pouco de coceira na garganta – mentiu.

– Quer que eu peça um chá?

Simon assentiu mais uma vez. Não é que quisesse realmente um chá, mas pareceu o tipo de coisa que alguém pediria se estivesse mesmo com uma coceira na garganta.

Anthony puxou a campainha, virou-se de novo para Simon e perguntou:

– O que você estava dizendo?

Ele engoliu em seco, esperando que isso o ajudasse a recuperar o domínio sobre suas emoções.

– Eu só queria lembrar que você sabe melhor do que ninguém que metade da minha reputação, se não mais, é imerecida.

– Sim, mas eu vi com meus próprios olhos o que você fez para ganhar a metade *merecida*, e, embora não me importe que você se encontre com Daphne em algumas ocasiões sociais, não quero que a corteje.

Simon encarou o amigo – ou pelo menos o homem que pensava ser seu amigo

–, incrédulo.
– Você acha mesmo que eu seduziria sua irmã?
– Não sei o que achar. O que sei é que você planeja nunca se casar e que minha irmã quer formar uma família. – Anthony deu de ombros. – Francamente, para mim isso basta para manter vocês bem longe um do outro.
Simon respirou fundo. Embora a atitude de Anthony fosse muito irritante, era compreensível e, na verdade, até louvável. Afinal, o homem estava apenas agindo em prol dos interesses da irmã. Simon tinha dificuldade de se imaginar responsável por qualquer pessoa além de si mesmo, mas pensou que, se tivesse uma irmã, também seria bastante seletivo em relação aos pretendentes dela.
Nesse instante, alguém bateu à porta.
– Pode entrar! – gritou Anthony.
Em vez da empregada, com o chá, quem apareceu foi Daphne.
– Mamãe me contou que os dois estão nervosos e que eu deveria deixá-los a sós, mas achei melhor me certificar de que não se matariam.
– Claro que não – comentou Anthony com um sorriso irritado. – Houve apenas um pequeno estrangulamento.
A jovem nem piscou.
– Quem estrangulou quem?
– Eu o estrangulei primeiro – contou Anthony –, e depois ele retribuiu o gesto.
– Sei – disse ela lentamente. – Que pena eu ter perdido a diversão.
Simon não conseguiu conter um sorriso diante da observação dela.
– Daff – começou ele.
Anthony girou nos calcanhares.
– Você a chama de Daff? – Depois se virou para a irmã. – Você lhe deu permissão para chamá-la pelo primeiro nome? E, pior ainda, pelo apelido?
– É claro.
– Mas...
– Talvez seja melhor abrirmos o jogo – interrompeu Simon, dirigindo-se a Daphne.
Ela assentiu sombriamente.
– Acho que você tem razão. Eu inclusive já tinha dito isso.
– Que gentileza sua mencionar isso – murmurou o duque.
Ela sorriu.

– Não pude resistir. Afinal, com quatro irmãos, é preciso sempre aproveitar o momento em que se pode dizer “Eu avisei”.

Simon olhou de um para o outro.

– Não sei de qual dos dois tenho mais pena.

– Que diabo está acontecendo? – quis saber Anthony, e depois acrescentou: – E quanto à sua dúvida, tenha pena de mim, que sou um irmão muito mais agradável que ela.

– Não é verdade! – exclamou Daphne.

Simon ignorou a disputa e voltou sua atenção para o amigo.

– Você quer saber que diabo está acontecendo? É o seguinte...

CAPÍTULO 7

Homens são como ovelhas. Aonde um vai, logo os outros vão atrás.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
30 DE ABRIL DE 1813

De modo geral, pensou Daphne, Anthony estava encarando tudo aquilo muito bem. Quando Simon terminou de explicar o plano deles (com frequentes interrupções por parte dela, tinha que admitir), Anthony havia levantado a voz apenas sete vezes. O que era cerca de sete vezes menos do que Daphne esperava.

Finalmente, depois que ela implorara que ele segurasse a língua até que ela e Simon tivessem terminado a história, Anthony deu um aceno discreto com a cabeça, cruzou os braços e apertou os lábios, ficando calado até o fim da narrativa. Sua cara feia seria capaz de assustar até as pessoas mais corajosas, mas ele manteve a palavra e ficou em silêncio absoluto até o final.

– E é isso – concluiu Simon.

Todos ficaram quietos. Fez-se um silêncio absoluto. Por mais ou menos dez segundos, ninguém disse nada, embora Daphne pudesse jurar que havia escutado os próprios olhos se mexendo nas órbitas enquanto se alternavam entre Anthony e Simon.

Então, enfim, Anthony perguntou:

– Vocês estão *loucos*?

– Achei que ele poderia ter essa reação – murmurou Daphne.

– Estão completa, irrevogável e abominavelmente *fora de si*? – A voz de Anthony virou um rugido. – Não sei qual dos dois é mais idiota.

– Quer falar baixo? – sussurrou Daphne. – Mamãe vai escutar!

– Ela morreria do coração se soubesse o que estão tramando – retrucou Anthony, em um tom mais baixo.

– Mas não vai ficar sabendo, *não é*? – disparou Daphne.

– Não, não vai – concordou Anthony, assumindo uma postura desafiadora –,

porque esse plano de vocês termina neste instante.
Daphne cruzou os braços.
– Você não pode fazer nada para me impedir.
Ele inclinou a cabeça na direção de Simon.
– Eu posso matá-lo.
– Não seja ridículo.
– Homens já duelaram por muito menos.
– Homens idiotas!
– Permitam que eu interrompa – disse Simon baixinho.
– Ele é seu melhor amigo! – protestou Daphne.
– Não mais – decretou Anthony, as palavras marcadas por uma violência mal contida.
Daphne se virou para Simon com ar irritado:
– Você não vai dizer nada?
Os lábios dele se abriram num meio sorriso divertido.
– E quando eu tive chance de fazer isso?
Anthony se virou para ele.
– Quero você fora desta casa.
– Posso me defender antes?
– A casa é minha também – lembrou Daphne, furiosa –, e eu quero que ele fique.
Anthony fuzilou a irmã com o olhar, claramente exasperado.
– Muito bem – retrucou ele –, eu lhes dou dois minutos para expor seus argumentos. Nem um segundo a mais.
Daphne olhou de forma hesitante para Simon, perguntando-se se ele iria querer usar esse tempo. Mas tudo o que ele fez foi dizer:
– Vá em frente. Ele é *seu* irmão.
Ela respirou fundo, colocou as mãos nos quadris sem sequer se dar conta do gesto e começou:
– Antes de mais nada, devo dizer que tenho muito mais a ganhar com esse plano do que o duque. Segundo ele, eu serei útil para manter as outras mulheres...
– E as mães delas – interrompeu Simon.
– ... e as mães delas a distância. Mas, para ser sincera – prosseguiu Daphne,

olhando para Simon ao dizer isso –, acho que ele está errado. As mulheres não irão parar de persegui-lo só por acharem que ele está interessado em outra jovem... especialmente se essa jovem for *eu*.

– E qual é o problema com você? – quis saber Anthony.

Ela começou a explicar, mas então percebeu os dois homens trocando um olhar estranho.

– O que significa isso?

– Nada – resmungou seu irmão, parecendo ligeiramente encabulado.

– Expliquei a ele sua teoria sobre o porquê de você não ter mais pretendentes – contou Simon calmamente.

– Sei. – Daphne apertou os lábios enquanto tentava decidir se era algo com que deveria ficar irritada. – Bem, ele poderia ter se dado conta disso sozinho.

Simon fez um barulho estranho que poderia muito bem ser uma risada.

Ela lançou um olhar penetrante para os dois.

– Espero sinceramente que meus dois minutos não incluam todas essas interrupções.

Simon deu de ombros.

– É ele quem controla o tempo.

Anthony começou a apertar a borda da mesa com as mãos, provavelmente para não avançar no pescoço de Simon, pensou Daphne.

– E *ele* – disse Anthony de forma ameaçadora – vai acabar sendo atirado pela janela se não calar a boca.

– Sempre suspeitei que os homens fossem todos uns idiotas – resmungou Daphne–, mas nunca tive certeza. Até hoje.

Simon sorriu.

– Descontando as interrupções – retrucou Anthony, lançando mais um olhar furioso para o amigo enquanto falava com a irmã –, você ainda tem um minuto e meio.

– Muito bem – falou ela, dirigindo-se a ele. – Então vou resumir esta conversa a um único fato. Hoje recebi a visita de seis pretendentes. Seis! Você lembra a última vez que isso aconteceu?

Anthony apenas a encarou inexpressivamente.

– Eu não lembro – continuou Daphne, agora mais calma. – Porque *nunca tinha acontecido*. Seis homens subiram os degraus da entrada, bateram em nossa porta

e entregaram seus cartões a Humboldt. Seis homens me trouxeram flores, conversaram comigo, e um deles até recitou uma poesia.

Simon se retraiu.

– E você sabe *por quê*? – perguntou ela, levantando a voz de novo. – Sabe?

Anthony, com sua percepção um pouco tardia, ficou em silêncio.

– Tudo porque *ele* – prosseguiu ela, apontando para Simon – foi gentil o bastante para fingir que estava interessado em mim ontem à noite no baile de Lady Danbury.

O duque, que estava apoiado de modo descontraído na beirada da mesa, de repente se empertigou.

– Ora – atalhou –, eu não colocaria as coisas dessa maneira.

Ela se virou para ele com o olhar impressionantemente firme.

– E como você colocaria?

Simon não conseguiu dizer muita coisa.

– Eu...

Ela o interrompeu e acrescentou:

– Porque posso garantir que aqueles homens nunca julgaram conveniente me procurar antes.

– Se eles são cegos – disse Simon, baixinho –, por que se importa com o que acham?

Ela ficou em silêncio e recuou um pouco. O duque suspeitou que tivesse dito algo muito, muito errado, mas não teve certeza até vê-la piscando rapidamente.

Ah, que droga.

Então ela secou os olhos. Tentou disfarçar fingindo que estava tossindo e cobrindo a boca com a mão, mas Simon ainda se sentia a pior das criaturas.

– Veja o que você fez – acusou Anthony. Fuzilando o duque com o olhar, pousou a mão reconfortante no braço da irmã. – Não ligue para ele, Daphne. É um idiota.

– Talvez – fungou ela. – Mas é um idiota inteligente.

Anthony soltou um suspiro cansado.

– Você recebeu mesmo a visita de seis homens hoje?

Ela assentiu.

– Sete, contando o próprio Hastings.

– E você estaria interessada em se casar com algum deles? – perguntou ele com

delicadeza.

Simon percebeu que estava apertando as próprias pernas com força e obrigou-se a repousar as mãos sobre a mesa.

Daphne assentiu novamente.

– São todos homens com quem eu já cultivara uma certa amizade. Só que eles nunca me viram como candidata a um romance antes que Hastings abrisse o caminho. Se tivesse a oportunidade, eu poderia desenvolver uma ligação com algum deles.

– Mas... – balbuciou Simon, depois se calou.

– Mas o quê? – indagou Daphne, virando-se para ele com um olhar curioso.

Simon ia dizer que, se aqueles homens haviam notado os encantos de Daphne apenas porque um duque demonstrara interesse por ela, então eles eram idiotas, de modo que ela não devia sequer considerar a possibilidade de se casar com um deles. Mas, lembrando que o próprio Simon tinha argumentado que o interesse dele por ela lhe traria mais pretendentes... Bem, francamente, parecia que fazer essa observação seria dar um tiro no pé.

– Nada – retrucou ele, afinal, erguendo a mão como um sinal para que o ignorassem. – Não é nada.

Daphne olhou para ele por alguns instantes, como se esperasse que mudasse de ideia, e então se voltou de novo para o irmão.

– Então reconhece que nosso plano é inteligente?

– Inteligente pode ser um pouco exagerado, mas... – titubeou Anthony, parecendo sofrer para admitir – posso entender por que você acha que pode ser beneficiada.

– Anthony, eu preciso encontrar um marido. Além do fato de mamãe não sair do meu pé, eu *quero* um marido. Quero me casar e ter minha própria família. Quero mais do que você pode imaginar. E, até agora, ninguém aceitável pediu minha mão.

Simon não sabia como Anthony poderia rejeitar o apelo daqueles olhos escuros. E, como era de esperar, ele se curvou sobre a mesa e soltou um gemido exausto.

– Muito bem – falou de olhos fechados, como se não pudesse acreditar no que estava dizendo. – Se é preciso, concordo com o plano de vocês.

Daphne pulou e jogou os braços ao redor dele.

– Ah, Anthony, eu sabia que você era o melhor dos irmãos. – Ela lhe deu um beijo no rosto. – Você só se equivoca um pouco às vezes.

Ele revirou os olhos antes de encarar Simon.

– Está vendo o que tenho que aguentar? – indagou, balançando a cabeça. Usou aquele tom de voz específico que só os homens colocados contra a parede entendem.

Simon riu ao pensar em que momento havia deixado de ser um sedutor perverso e voltado a ser um bom amigo.

– Mas tenho algumas condições – avisou Anthony, fazendo Daphne recuar.

Ela não disse nada. Apenas esperou que o irmão continuasse.

– Em primeiro lugar, isso não sai desta sala.

– Combinado – concordou ela rapidamente.

Anthony olhou para Simon.

– É claro – respondeu ele.

– Mamãe ficaria arrasada se descobrisse a verdade – completou Anthony.

– Na verdade – murmurou Simon –, acho que Lady Bridgerton até aplaudiria nossa engenhosidade, mas já que obviamente a conhecem há muito mais tempo, concordo com a decisão de vocês.

Anthony lhe lançou um olhar de gelo e continuou:

– Em segundo lugar, vocês dois não podem ficar sozinhos sob nenhuma circunstância. Nunca.

– Bem, isso vai ser fácil – disse Daphne –, já que não poderíamos ficar a sós mesmo que ele estivesse de fato me cortejando.

Simon se lembrou do breve encontro dos dois no corredor da casa de Lady Danbury e achou uma pena não poder mais ficar sozinho com Daphne, mas sabia reconhecer um obstáculo intransponível quando via um, principalmente quando esse obstáculo atendia pelo nome de Anthony Bridgerton. Então apenas assentiu e murmurou sua concordância.

– Em terceiro lugar...

– *Terceiro?* – perguntou Daphne.

– Haveria trinta condições se eu conseguisse pensar em tantas – resmungou Anthony.

– Muito bem – assentiu ela, parecendo muito magoada. – Se é isso que quer...

Por uma fração de segundo, Simon achou que Anthony seria capaz de

estrangulá-la.

– Do que está rindo? – indagou o amigo.

Foi só então que o duque percebeu que deixara escapar uma risada.

– De nada – retrucou ele rapidamente.

– Acho bom – falou Anthony –, porque a terceira condição é a seguinte: se alguma vez, uma única vez sequer, eu flagrar você em algum comportamento que a comprometa... se algum dia pegá-lo beijando a mão dela sem um acompanhante, arrancarei sua cabeça.

Daphne piscou.

– Não acha que está sendo um pouco exagerado?

Anthony olhou friamente para ela.

– Não.

– Ah.

– Hastings?

Simon não teve escolha além de assentir.

– Muito bem – retrucou Anthony asperamente. – E agora que terminamos, você pode ir embora – disse ele, acenando com a cabeça na direção de Simon.

– Anthony! – exclamou Daphne.

– Suponho que isso queira dizer que estou desconvidado para o jantar desta noite – disse Simon.

– Isso mesmo.

– Não! – Daphne deu um soco no braço do irmão. – Ele foi convidado para o jantar? Por que você não me disse nada?

– Isso foi muito antes dessa confusão toda – resmungou Anthony.

– Foi na segunda-feira – informou Simon.

– Bem, então você deve se unir a nós – decretou Daphne. – Mamãe ficará encantada. E você – completou, cutucando o braço de Anthony –, pare de pensar em formas de envenená-lo.

Antes que seu irmão pudesse responder, o duque descartou a observação dela com uma risada.

– Não se preocupe comigo, Daphne. Não esqueça que estudei com ele por quase dez anos. Ele nunca compreendeu os princípios da química.

– Eu vou matá-lo – disse Anthony a si mesmo. – Antes do final desta semana, vou matá-lo.

– Não vai, não – falou Daphne despreocupadamente. – Até amanhã, os dois já não se lembrarão mais disso e estarão fumando charutos no White's.

– Não tenha tanta certeza – afirmou Anthony de forma ameaçadora.

– É claro que estarão. Não acha, Simon?

O duque analisou o rosto do melhor amigo e notou em seus olhos algo que nunca tinha visto. Algo sério.

Seis anos antes, quando Simon deixara a Inglaterra, ele e Anthony eram garotos. Na época, *pensavam* que eram homens. Iam a cassinos, a bordéis, e frequentavam eventos sociais com toda a arrogância típica da idade, mas agora as coisas eram diferentes.

Agora eles *eram* homens de verdade.

Simon sentira a mudança por que passara durante a viagem ao redor do mundo. Fora uma transformação lenta, ocorrida com o tempo, conforme ele enfrentava novos desafios. Mas agora se dava conta de que havia retornado à Inglaterra ainda pensando em Anthony como o garoto de 22 anos que deixara para trás.

Percebeu que errara ao não se dar conta de que o amigo também crescera. Anthony tinha responsabilidades com as quais Simon nem sequer sonhara. Tinha irmãos para orientar, irmãs para proteger. Simon tinha um ducado, mas Anthony tinha uma *família*.

Essa era uma diferença significativa entre os dois, e Simon viu que não podia culpá-lo por seu comportamento superprotetor e de certa forma teimoso.

– Eu acho – disse Simon lentamente, enfim respondendo à pergunta de Daphne – que seu irmão e eu somos muito diferentes do que éramos quando eu saí do país, há seis anos. E desconfio que talvez isso não seja algo ruim.

Algumas horas depois, a casa dos Bridgertons estava um caos.

Daphne usava um vestido de festa de veludo verde-escuro e vagava pelo hall, tentando encontrar uma forma de acalmar os nervos da mãe.

– Eu não *acredito* – falou Violet, levando uma das mãos ao peito – que Anthony se esqueceu de me dizer que convidou o duque para o jantar. Não tive tempo para preparar nada. Nada.

Daphne olhou para o menu em sua mão, que começava com sopa de tartaruga e passava por mais três pratos antes de terminar com um cordeiro ao molho

bechamel (seguido, é claro, por quatro opções de sobremesa). Tentou disfarçar o sarcasmo ao dizer:

– Acho que o duque não terá motivo algum para reclamar.

– Tomara que não – respondeu Violet. – Mas, se soubesse que ele viria, teria incluído um prato de carne no menu. Não se pode receber sem um prato de carne.

– Ele sabe que é uma refeição informal.

Violet lançou-lhe um olhar severo.

– Nenhuma refeição é informal quando há um duque presente.

Daphne olhou para a mãe, pensativa. Violet contorcia as mãos e rangia os dentes.

– Mamãe, não creio que o duque seja do tipo que espera que os outros modifiquem drasticamente os planos para o jantar por causa dele – observou a jovem.

– *Ele* pode não esperar – argumentou Violet –, mas *eu* espero. Daphne, a sociedade tem regras. Expectativas. E, francamente, não compreendo como você pode estar tão calma e desinteressada.

– Não estou desinteressada!

– Pois com certeza não parece nervosa. – Violet olhou para a filha desconfiada. – Como pode? Pelo amor de Deus, Daphne, esse homem está pensando em se casar com você.

Ela conseguiu se conter antes de soltar um gemido.

– Ele nunca chegou a dizer isso, mamãe.

– Nem precisava. Por que outra razão a teria tirado para dançar ontem à noite? A única moça além de você que ele honrou com uma dança foi Penelope Featherington, e nós duas sabemos que deve ter sido por pena.

– Eu gosto de Penelope – comentou Daphne.

– Eu também – concordou Violet –, e espero que um dia sua mãe se dê conta de que uma menina com a pele dela não pode usar roupas de cetim cor de tangerina, mas isso não vem ao caso.

– E o *que* vem ao caso?

– Eu não sei! – Foi praticamente um lamento.

Daphne balançou a cabeça.

– Vou ver onde está Eloise.

– Sim, faça isso – disse Violet distraidamente. – E se certifique de que Gregory tomou banho direito. Ele nunca lava atrás das orelhas. E Hyacinth... Meu Deus, o que vamos fazer com Hyacinth? Hastings não deve esperar uma criança de 10 anos de idade à mesa.

– Sim, ele espera – afirmou Daphne, paciente. – Anthony lhe disse que seria um jantar de família.

– A maior parte das famílias não permite que os filhos mais novos jantem à mesa – observou Violet.

– Isso é problema delas. – Daphne enfim se rendeu à exasperação e soltou um suspiro alto. – Mamãe, eu falei com o duque. Ele sabe que não é uma refeição formal. E me disse especificamente que estava em busca de uma mudança de ritmo. Como não tem família, nunca participou de nada parecido com um jantar nosso.

– Deus nos ajude.

Violet estava pálida.

– Ora, mamãe – continuou Daphne –, eu sei o que está pensando, e posso garantir que não precisa se preocupar com Gregory colocando purê de batatas na cadeira de Francesca. Tenho certeza de que ele já passou da fase desse tipo de comportamento infantil.

– Ele fez isso semana passada!

– Bem, então... então estou certa de que ele aprendeu a lição.

A vincondessa lançou à filha um olhar bastante duvidoso.

– Muito bem, então – disse Daphne, com o tom bem mais descontraído. – Então eu simplesmente o ameaçarei de morte caso faça qualquer coisa que envergonhe a senhora.

– A morte não irá assustá-lo, mas talvez eu possa dizer que venderei o cavalo dele – brincou Violet.

– Ele nunca acreditaria nisso.

– É, você tem razão. Eu tenho o coração mole. – Violet franziu a testa. – Mas talvez ele acredite se eu ameaçar proibi-lo de dar sua cavalgada diária.

– Isso pode funcionar – concordou Daphne.

– Bom, é melhor eu ver onde ele está. – Violet deu dois passos e se virou. – Ter filhos é um desafio tão grande...

A jovem apenas sorriu. Sabia que era um desafio que a mãe adorava.

A viscondessa pigarreou suavemente, indicando que tocaria em um assunto mais sério.

– Espero que esse jantar corra bem, Daphne. Acho que Hastings pode ser um excelente marido para você.

– Pode? – provocou Daphne. – Pensei que a senhora achasse que duques fossem bons maridos mesmo que tivessem duas cabeças e cuspissem fogo quando falassem. – Deu uma risada. – Das duas bocas!

Violet abriu um sorriso largo.

– Talvez você ache difícil de acreditar, Daphne, mas eu não quero ver você casada com qualquer um. Se a apresento a dezenas de homens, é apenas porque quero que tenha o máximo de pretendentes possível para poder escolher um marido. Meu maior sonho é que seja tão feliz como eu fui com seu pai.

E então, antes que Daphne pudesse responder, sua mãe desapareceu pelo corredor, deixando-a sozinha com suas ideias.

Pensando bem, talvez esse plano com Hastings não fosse tão bom, afinal. Violet ficaria arrasada quando os dois rompessem a falsa aliança. Simon tinha dito que poderia ser Daphne a terminar tudo, mas estava começando a se perguntar se o contrário não seria melhor. Sim, seria humilhante para ela ser dispensada pelo duque, mas pelo menos dessa forma ela não teria de suportar a ladainha de uma Violet confusa perguntando “Por quê?”.

A mãe ia achar que ela estava louca de deixá-lo escapar.

E Daphne acabaria se perguntando se ela não tinha razão.

Simon não estava preparado para o jantar com os Bridgertons. Tinha sido um evento barulhento e movimentado, com muita risada e, felizmente, apenas um incidente, envolvendo uma ervilha voadora.

(A ervilha em questão havia partido de onde Hyacinth estava, mas a caçula da família parecia tão inocente e angelical que Simon não conseguia acreditar que ela realmente mirara o irmão com a bolinha.)

Ainda bem que Violet não notara o acontecido, apesar de a semente ter sobrevoado sua cabeça num arco perfeito.

Mas Daphne, que estava sentada em frente a Simon, com certeza viu, porque cobriu a boca com o guardanapo com impressionante diligência. A julgar pela

forma como seus olhos estavam enrugados nos cantos, era claro que ela estava rindo por trás do tecido.

O duque pouco falou durante a refeição. Verdade seja dita, era muito mais fácil escutar os Bridgertons do que tentar conversar com eles de fato, especialmente considerando a quantidade de olhares hostis que recebia de Anthony e Benedict.

Mas Simon estava sentado na ponta oposta aos dois (certamente não tinha sido por acaso que Violet decidira o lugar onde ele ficaria), de modo que foi fácil ignorá-los e apreciar a interação de Daphne com o resto da família. De vez em quando, um deles lhe fazia uma pergunta direta, que ele respondia e então retornava à sua posição de observador silencioso.

Finalmente, Hyacinth, que estava sentada à direita de Daphne, encarou-o e disse:

– O senhor não é de falar muito, né?

Violet engasgou com o vinho.

– O duque – disse Daphne à irmã mais nova – está sendo muito mais educado do que todos nós, que interrompemos uns aos outros a todo momento, como se tivéssemos medo de não sermos ouvidos.

– Eu não tenho medo de não ser ouvido – argumentou Gregory.

– Eu não tenho medo disso também – comentou Violet asperamente. – Gregory, coma suas ervilhas.

– Mas Hyacinth...

– Lady Bridgerton – chamou Simon em voz alta –, eu poderia repetir essas deliciosas ervilhas?

– Ora, é claro que sim. – Violet levantou as sobrancelhas em direção a Gregory. – Veja como o duque está comendo suas ervilhas.

O rapazinho imitou Simon e devorou suas leguminosas.

O homem sorriu consigo mesmo enquanto pegava mais uma colher de ervilhas, grato pelo fato de o jantar ser informal. Se tivesse que chamar um lacaio para servi-lo, teria sido difícil evitar que Gregory acusasse Hyacinth, com razão, de ser uma atiradora de ervilhas.

Simon começou a comê-las, já que não tinha alternativa além de consumir cada uma delas. Lançou um olhar de cumplicidade para Daphne, que estava com um sorrisinho misterioso nos lábios. Sua expressão era de um bom humor contagiante, e o duque sentiu os cantos da própria boca se arqueando também.

– Anthony, por que você está emburrado? – perguntou uma das meninas Bridgertons.

Simon achou que podia ser Francesca, mas era difícil dizer. As duas do meio eram parecidas demais, ambas com os olhos azuis da mãe.

– Não estou emburrado – explodiu Anthony, mas Simon, que era o alvo do mau humor dele havia quase uma hora, sabia que o amigo estava mentindo.

– Está, sim – disse Francesca ou Eloise.

– Se acha que vou responder “Não estou”, está redondamente enganada – falou Anthony, com o máximo de condescendência possível.

Daphne riu por trás do guardanapo mais uma vez.

Simon pensou que sua vida estava mais divertida do que vinha sendo fazia muito tempo.

– Sabem que acho que esta pode ser uma das noites mais agradáveis do ano? – anunciou Violet de repente. – Mesmo que minha filha mais nova não pare de atirar ervilhas para baixo da mesa – continuou, olhando para Hyacinth.

Simon ergueu o olhar no momento exato em que a caçula gritou:

– Como a senhora sabe?

Violet balançou a cabeça enquanto revirava os olhos.

– Meus queridos filhos – disse ela –, quando vão aprender que eu sei de tudo?

O duque chegou à conclusão de que tinha muito respeito por Violet Bridgerton.

Mas, ainda assim, ela conseguiu confundi-lo completamente com uma pergunta seguida de um sorriso:

– Diga-me, Alteza, estará ocupado amanhã?

Apesar dos cabelos loiros e dos olhos azuis, ela se pareceu tanto com Daphne quando se dirigiu a ele que Simon ficou perplexo por um instante. Que deve ter sido o único motivo pelo qual não conseguiu pensar antes de gaguejar:

– N...não. Não que me lembre.

– Ótimo! – exclamou Violet, encantada. – Então pode se juntar a nós em nossa ida a Greenwich.

– Greenwich? – repetiu Simon.

– Sim, estamos planejando um passeio em família há semanas. Pensamos em pegar um barco e talvez fazermos um piquenique às margens do Tâmisa. – Ela sorriu para ele de maneira confiante. – Irá conosco, não?

– Mamãe! – atalhou Daphne. – Estou certa de que o duque tem vários outros

compromissos.

A viscondessa olhou para a filha com tanta frieza que Simon ficou surpreso por nenhuma delas congelar.

– Bobagem – respondeu Violet. – Ele mesmo acabou de dizer que não estará ocupado. – Virou-se de novo para ele. – E também vamos visitar o Observatório Real, de modo que não precisa se preocupar que vá ser um passeio desinteressante. Não está aberto ao público, é claro, mas como meu finado marido era um dos principais patrocinadores, teremos acesso garantido.

Simon olhou para Daphne. Ela apenas deu de ombros e se desculpou em silêncio. Ele voltou a olhar para Violet.

– Eu ficaria encantado.

A matriarca dos Bridgertons ficou tão radiante que lhe deu um tapinha no braço.

E Simon teve a profunda sensação de que seu destino acabara de ser selado.

CAPÍTULO 8

Chegou aos ouvidos desta autora que toda a família Bridgerton (mais um duque!) embarcou numa jornada a Greenwich no sábado.

Também chegou aos ouvidos desta autora que o supracitado duque, junto com certo membro da família Bridgerton, retornou a Londres muito molhado.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
3 DE MAIO DE 1813

– Se você se desculpar mais uma vez – disse Simon, apoiando a cabeça nas mãos –, vou matá-la.

Daphne lançou-lhe um olhar irritado de onde estava, na espreguiçadeira do pequeno iate que a mãe havia alugado para levar toda a família – e o duque, é claro – a Greenwich.

– Perdoe-me – respondeu ela – se sou educada o bastante para pedir perdão pelas óbvias manipulações de minha mãe. Pensei que o propósito de nossa farsa fosse justamente mantê-lo fora do alcance das mães casamenteiras.

Simon descartou o comentário com um aceno de mão e se afundou na cadeira.

– Só seria um problema se eu não estivesse me divertindo.

Daphne fez uma expressão de surpresa.

– Ah – falou ela (estupidamente, na sua avaliação). – Que bom.

Ele riu.

– Eu adoro viagens de barco, mesmo que sejam apenas até Greenwich. E, além disso, depois de passar tanto tempo no mar, vai ser ótimo fazer uma visita ao Observatório Real para ver o Meridiano de Greenwich. – Ele inclinou a cabeça na direção dela. – Sabe alguma coisa sobre navegação e longitude?

Ela balançou a cabeça.

– Muito pouco, infelizmente. Devo confessar que não sei direito nem qual é o meridiano aqui em Greenwich.

– É o ponto a partir do qual se mede qualquer longitude. Marinheiros e

navegadores costumavam calcular essa distância tomando por base o seu ponto de partida, mas, no último século, o astrônomo real decidiu tornar Greenwich o ponto de referência geral.

Daphne ergueu as sobrancelhas.

– Isso é bastante arrogante de nossa parte, não acha? Posicionarmo-nos como o centro do mundo?

– Na verdade, é muito útil ter um ponto de referência universal quando se tenta navegar em alto-mar.

Ela ainda parecia em dúvida.

– Então todo o mundo simplesmente concordou com Greenwich? Acho difícil acreditar que os franceses não tenham insistido que fosse Paris, e o papa não tenha preferido Roma...

– Não foi exatamente um acordo – explicou ele com uma risada. – Não houve um tratado oficial, se é o que está querendo dizer. Mas o Observatório Real publica um excelente conjunto de mapas e tabelas todos os anos, chamado *Almanaque Náutico*. Um marinheiro teria de ser louco para tentar singrar o oceano sem um exemplar a bordo. E, como o *Almanaque Náutico* mede a longitude considerando Greenwich como o ponto zero... Bem, todo o mundo acabou adotando isso também.

– Você parece saber bastante sobre isso.

Ele deu de ombros.

– Quando se passa muito tempo num navio, acaba-se aprendendo.

– Bem, temo que não seja o tipo de coisa que se aprenda no quarto dos filhos da família Bridgerton. – Ela inclinou a cabeça de modo autodepreciativo. – A maior parte do meu aprendizado se restringiu ao que minha professora sabia.

– Uma pena – murmurou ele. Então perguntou: – Apenas a maior parte?

– Se havia alguma coisa que me interessava, eu sempre encontrava vários livros sobre o assunto em nossa biblioteca.

– Então eu poderia afirmar que seus interesses não incluíam matemática abstrata?

Daphne riu.

– Quer dizer, como os seus? Com certeza. Minha mãe sempre falou que se admirava de eu ser capaz de somar o suficiente para pôr sapatos nos dois pés.

Simon estremeceu.

– Eu sei, eu sei – afirmou ela, ainda sorrindo. – Vocês que se destacam em matemática não compreendem como nós, meros mortais, podemos olhar para uma página de números e não saber o que aquilo significa. Colin é assim também.

Ele sorriu, porque ela estava absolutamente certa.

– Quais eram, então, suas matérias preferidas?

– Hã, história e literatura. O que foi uma sorte, já que tínhamos uma infinidade de livros sobre esses assuntos.

Simon tomou mais um gole de limonada.

– Nunca me interessei muito por história.

– É mesmo? Por quê?

Ele pensou por um instante, perguntando-se se talvez sua falta de entusiasmo por essa matéria se devesse ao desgosto que sentia por seu ducado e por toda a tradição que o envolvia. Seu pai adorava o título...

Mas é claro que tudo o que Simon respondeu foi:

– Não sei, na verdade. Acho que simplesmente não gostava.

Os dois ficaram alguns instantes em um silêncio agradável, com a suave brisa do rio agitando seus cabelos. Então Daphne sorriu e disse:

– Bem, não vou pedir desculpas de novo, já que gosto demais da minha vida para sacrificá-la, mas fico contente que não esteja se sentindo o mais infeliz dos homens depois que minha mãe o intimou a nos acompanhar.

Simon lançou-lhe um olhar vagamente irônico.

– Se eu não quisesse me juntar a vocês, nada do que sua mãe dissesse me obrigaria a vir.

Ela riu.

– Isso dito pelo homem que está fingindo fazer a corte justamente *a mim* porque é educado demais para recusar convites das esposas dos amigos.

O rosto dele virou uma carranca no mesmo instante.

– O que quer dizer com “justamente a mim”?

– Bem, eu... – Ela piscou, surpresa. Não fazia ideia do que queria dizer. – Eu não sei – respondeu, afinal.

– Então não fale mais isso – resmungou ele, ajeitando-se de novo na cadeira.

Os olhos de Daphne pousaram num ponto molhado da amurada enquanto ela tentava disfarçar o sorriso que brincava em seu rosto. Simon ficava encantador

quando estava zangado.

– Para o que está olhando? – perguntou ele.

Os lábios dela se contorceram.

– Para nada.

– Então por que está sorrindo?

Isso ela com certeza não iria revelar.

– Não estou sorrindo.

– Ora, se não está sorrindo – implicou ele –, então está prestes a sofrer um derrame ou dar um espirro.

– Nem um, nem outro – afirmou Daphne com a voz animada. – Estou apenas aproveitando o excelente clima.

Simon estava apoiando a cabeça no encosto da cadeira e apenas virou o rosto para o lado a fim de olhar para ela.

– E as companhias não são nada más – provocou.

Ela lançou um olhar significativo para Anthony, que se encontrava encostado na amurada no lado oposto do convés, encarando os dois furiosamente.

– *Todas* as companhias? – perguntou.

– Se está se referindo a seu irmão beligerante – respondeu Simon –, eu na verdade estou achando a aflição dele bastante divertida.

Daphne tentou, em vão, evitar um sorriso.

– Isso não é muito gentil de sua parte.

– Eu nunca disse que era gentil. E veja só... – Simon fez um discreto sinal com a cabeça na direção de Anthony. A expressão emburrada do rapaz havia, inacreditavelmente, se tornado ainda mais acentuada. – Ele sabe que estamos falando dele. Não está nem conseguindo disfarçar a raiva.

– Pensei que vocês fossem amigos.

– Nós *somos* amigos. É isso que os amigos fazem uns com os outros.

– Os homens são loucos.

– De um modo geral – concordou ele.

Ela revirou os olhos.

– Sempre achei que a principal regra da amizade fosse não flertar com a irmã do amigo.

– Ah, mas eu não estou flertando, estou apenas *fingindo* flertar.

Daphne assentiu de modo pensativo e olhou para o irmão.

– E ainda assim ele está para morrer... mesmo sabendo da verdade.
– Pois é. – Simon sorriu. – Não é incrível?
Nesse exato momento, Violet atravessava o convés.
– Crianças! – chamou ela. – Crianças! Ah, perdoe-me, Alteza – acrescentou quando o viu. – Certamente não é correto referir-me a você da mesma forma que trato meus filhos.
Simon apenas sorriu e descartou o pedido de desculpas com um aceno.
– O capitão me informou que estamos quase chegando – explicou Violet. – É melhor pegarmos nossas coisas.
O duque se levantou e estendeu a mão para Daphne, que a aceitou com gratidão, cambaleando enquanto se levantava.
– Ainda não estou adaptada ao balanço do mar – disse ela, rindo e agarrando o braço dele para se firmar.
– E olhe que estamos apenas no rio – murmurou ele.
– Seu bruto. Você não deveria chamar atenção para minha falta de graça e equilíbrio.
Ao dizer isso, Daphne virou o rosto para ele e, nesse instante, com o vento batendo em seus cabelos e deixando seu rosto rosado, ela estava tão adorável que Simon quase perdeu o fôlego.
Sua boca exuberante ficou parada entre uma risada e um sorriso, e o sol, quase vermelho, reluzia em seus cabelos. Ali na água, longe do salão de baile abafado, com o ar fresco girando ao redor deles, ela parecia natural e bonita, e o simples fato de estar em sua presença fazia Simon ter vontade de sorrir feito um idiota.
Se não estivessem prestes a atracar, com toda a família correndo ao redor, ele a teria beijado. Sabia que não poderia flertar com ela e tinha consciência de que eles nunca se casariam, mas ainda assim se pegou inclinando-se para Daphne. Ele nem sequer percebeu o que estava fazendo até que de repente perdeu o equilíbrio e caiu para trás.
Anthony, infelizmente, viu tudo o que havia acontecido e logo se enfiou entre os dois, agarrando o braço da irmã de forma muito mais brusca que graciosa.
– Como seu irmão mais velho – resmungou ele –, creio que seja minha a honra de levá-la a terra firme.
Simon apenas assentiu e deixou Anthony fazer o que queria, abalado e irritado demais pela momentânea perda de controle para discutir.

O barco ancorou perto do cais e uma prancha de embarque foi instalada. O duque assistiu ao desembarque de toda a família Bridgerton e então seguiu atrás deles até as margens cobertas de grama do Tâmisa.

No topo da colina ficava o Observatório Real, um antigo e imponente prédio feito de belos tijolos vermelhos. Suas torres eram encimadas com domos cinza, e Simon teve a sensação de estar, como Daphne havia descrito, no centro do mundo. Ele se deu conta de que tudo era medido a partir daquele ponto de referência.

Para ele, que já havia cruzado uma boa parte do globo, a ideia era curiosa.

– Estão todos aqui? – perguntou a viscondessa. – Fiquem parados para que eu me certifique disso. – Ela começou a contar cabeças, finalizando o cálculo com um triunfante: – Dez! Ótimo, estamos todos presentes.

– Dê graças a Deus por ela não nos obrigar mais a ficar em fila por ordem de idade.

Simon olhou para a esquerda e viu Colin sorrindo para ele.

– Quando os mais velhos ainda eram os mais altos, a idade funcionava como método de manutenção da ordem. Mas então Benedict cresceu mais que Anthony, e depois Gregory ultrapassou Francesca... – Colin deu de ombros. – Mamãe simplesmente desistiu.

Simon examinou o grupo e levantou um dos ombros.

– Estou tentando descobrir onde eu me encaixaria.

– Acho que em algum lugar perto de Anthony – sugeriu Colin.

– Deus me livre – falou Simon.

Colin olhou para ele com um misto de divertimento e curiosidade.

– Anthony! – chamou Violet. – Onde está Anthony?

O mais velho dos irmãos respondeu com um resmungo mal-humorado.

– Ah, aí está você. Venha me acompanhar.

Ele soltou o braço de Daphne com relutância e foi para perto da mãe.

– Ela é implacável, não é? – cochichou Colin.

Simon achou melhor não fazer nenhum comentário.

– Bem, não a decepcione – avisou Colin. – Depois de todas as maquinações dela, o mínimo que você pode fazer é ir dar o braço a Daphne.

Ele se virou para o rapaz com uma sobrancelha levantada.

– Acho que, comparado à sua mãe, você não fica atrás.

Colin apenas riu.

– Sim, só que eu pelo menos não *finjo* ser sutil.

Nesse momento, Daphne se aproximou deles.

– Fiquei sem acompanhante – reclamou ela.

– Nossa, não imagino como isso pôde acontecer – respondeu Colin. – Agora, se me dão licença, vou procurar Hyacinth. Se for obrigado a acompanhar Eloise, vou me jogar no rio. Ela está um horror desde que completou 14 anos.

Simon fez uma cara confusa.

– Ué, achei que ela já tivesse 15 anos.

Colin assentiu.

– Sim, para você ter uma ideia de há quanto tempo ela está um horror.

Daphne deu uma cotovelada no irmão.

– Vou ser boazinha e não contar a ela que você disse isso.

Colin apenas revirou os olhos e desapareceu no meio do grupo, gritando o nome de Hyacinth.

Daphne se apoiou no braço de Simon quando ele o ofereceu e perguntou:

– Já conseguimos assustá-lo?

– Como assim?

Ela lhe ofereceu um sorriso triste.

– Não há nada tão cansativo como um passeio da família Bridgerton.

– Ah. – Simon deu um passo rápido para a direita a fim de desviar de Gregory, que corria atrás de Hyacinth gritando alguma coisa sobre lama e vingança. – É, hã, uma experiência nova.

– Muito educado de sua parte, Alteza – elogiou Daphne, admirada. – Estou impressionada.

– É que eu não tenho irmãos, então... – disse ele, dando um salto para trás quando Hyacinth passou correndo, gritando num tom tão agudo que Simon ficou impressionado.

Daphne soltou um suspiro sonhador.

– Não tem irmãos. Que sonho – brincou ela. O olhar distante permaneceu em seu rosto por mais alguns segundos, então Daphne se empertigou e balançou a cabeça. – Enfim... – Estendeu a mão no momento exato em que Gregory passou correndo e o agarrou firmemente pelo braço. – Gregory Bridgerton – repreendeu –, você sabe muito bem que não deve correr assim no meio das pessoas. Pode

acabar derrubando alguém.
– Como você fez aquilo? – perguntou Simon.
– O quê? Pegá-lo?
– É.
Ela deu de ombros.
– Anos de prática.
– Daphne! – gemeu Gregory. Seu braço ainda estava preso à mão da irmã.
Ela o soltou.
– Agora comporte-se!
O menino deu dois passos e em seguida saiu correndo.
– Vai dar uma bronca em Hyacinth também? – perguntou Simon.
Daphne olhou por cima do ombro.
– Parece que mamãe a tem sob controle.
Simon viu que Violet estava sacudindo o dedo com muita veemência para a filha caçula. Virou-se novamente para Daphne.
– O que você ia dizer antes de Gregory passar correndo por nós?
Ela piscou.
– Não faço ideia.
– Creio que estava começando a se empolgar com a ideia de não ter irmãos.
– Ah, sim. – Ela soltou uma risadinha enquanto seguiam o restante do grupo colina acima até o observatório. – Na verdade, acredite se quiser, eu ia dizer que embora o conceito de solidão eterna seja, às vezes, tentador, acho que me sentiria incompleta sem minha família.
Simon não disse nada.
– Não consigo me imaginar tendo um único filho – acrescentou ela.
– Às vezes – comentou Simon num tom seco – isso não é uma escolha.
O rosto de Daphne ficou vermelho no mesmo instante.
– Ah, s-s-sinto muito – gaguejou ela, petrificada. – Eu me esqueci. Sua mãe...
Simon parou de andar por um momento.
– Eu não a conheci – disse ele dando de ombros. – Não senti falta dela.
Mas seus olhos azuis estavam estranhamente inexpressivos e semicerrados, e Daphne de algum modo soube que ele não estava sendo sincero. Ao mesmo tempo, percebeu que ele de fato acreditava no que tinha dito. E então se perguntou: o que poderia ter acontecido àquele homem que o fazia mentir para si

mesmo há tantos anos?

Observou o rosto dele, inclinando um pouco a cabeça para o lado enquanto examinava seus traços. O vento havia despenteado seus cabelos escuros e o rosto dele estava corado. Ele parecia bastante desconfortável com o olhar atento dela. Finalmente, Simon soltou um grunhido e falou:

– Estamos ficando para trás.

Daphne olhou para o alto da colina. O grupo estava bem à frente deles.

– É verdade – concordou ela, endireitando os ombros. – Vamos indo.

Mas, enquanto subiam juntos em direção aos outros, ela não pensava em sua família, nem no observatório, tampouco em longitude. Em vez disso, perguntava-se por que estava sentindo a estranha necessidade de jogar os braços ao redor do duque e nunca mais soltá-lo.

Algumas horas depois, estavam todos de volta às margens do Tâmisa, saboreando os últimos bocados de um almoço simples mas elegante que havia sido preparado pela cozinheira dos Bridgertons. Como na noite anterior, Simon falou pouco, preferindo observar as interações muitas vezes barulhentas da família de Daphne.

Mas Hyacinth parecia reservar outros planos para ele.

– Olá, Alteza – disse ela, sentando-se ao lado dele sobre a toalha que um dos lacaios estendera para o piquenique. – O senhor gostou da visita ao observatório?

Simon não pôde deixar de sorrir ao responder:

– Gostei, sim, com certeza, Srta. Hyacinth. E você?

– Ah, muito! Gostei principalmente de sua aula sobre longitude e latitude.

– Bem, não sei se chamaria de *aula* – falou Simon, sentindo-se de repente meio velho e enfadonho.

Na outra ponta da toalha, Daphne se divertia com a aflição dele.

Hyacinth apenas sorriu com ar coquete – seria isso? – e perguntou:

– O senhor sabia que Greenwich tem também uma história muito romântica?

Daphne começou a gargalhar, a traidorazinha.

– É mesmo? – conseguiu dizer Simon, com algum esforço.

– É – afirmou Hyacinth, com tamanha expressão de sabedoria que Simon

imaginou se não havia uma matrona de 40 anos dentro de seu corpo de 10. – Foi aqui que Sir Walter Raleigh estendeu sua capa no chão para que a rainha Elizabeth não precisasse sujar os sapatos numa poça.

– É mesmo? – indagou Simon, levantando-se e examinando a área.

– Alteza! – O rosto de Hyacinth voltou a mostrar a impaciência de uma criança de dez anos quando ela se levantou de um salto. – O que está fazendo?

– Examinando o terreno – informou ele.

Lançou um olhar enigmático para Daphne. Ela estava encarando-o com alegria, bom humor e algo mais que fez com que sentisse seu peito inflar de orgulho.

– Mas o que está procurando? – insistiu Hyacinth.

– Poças.

– Poças? – A expressão dela foi sendo tomada pelo deleite quando entendeu o que ele estava querendo dizer. – Poças?

– Isso mesmo. Se vou ter que estragar uma capa para poupar seus sapatos, Srta. Hyacinth, gostaria de saber disso com antecedência.

– Mas o senhor não está usando uma capa.

– Ah, minha nossa – respondeu Simon, com um tom de voz que fez Daphne, sentada no chão, gargalhar. – Isso quer dizer que terei que tirar a *camisa*?

– Não! – gritou Hyacinth com a voz estridente. – O senhor não precisa tirar nada. Não há nenhuma poça!

– Graças a Deus – suspirou Simon, levando dramaticamente uma mão ao peito. Estava se divertindo muito mais do que jamais imaginara ser possível. – Vocês, moças da família Bridgerton, são muito exigentes, sabia disso?

Hyacinth olhou para ele com um misto de desconfiança e alegria. A desconfiança afinal venceu. Suas mãos foram parar nos jovens quadris quando ela estreitou os olhos e perguntou:

– O senhor está brincando comigo?

Ele sorriu para ela.

– O que a senhorita acha?

– Acho que sim.

– Pois eu acho que tenho sorte de não haver nenhuma poça por aqui.

A menina pensou por um instante.

– Se decidir se casar com minha irmã – disse ela, fazendo Daphne se engasgar com um biscoito –, terá minha aprovação.

Simon não estava comendo nada, mas também se engasgou.

– Mas, se não se casar com ela – continuou Hyacinth, sorrindo timidamente –, eu ficaria muito agradecida se esperasse por mim.

Para sorte de Simon, que tinha pouca experiência com meninas pequenas e nenhuma ideia de como responder, Gregory apareceu correndo e puxou os cabelos da irmã mais nova. Ela saiu correndo atrás dele na mesma hora, determinada a se vingar.

– Nunca pensei que diria isso – comentou Daphne, rindo –, mas acho que você acabou de ser salvo pelo meu irmão.

– Quantos anos tem sua irmã? – quis saber Simon.

– Dez. Por quê?

Ele balançou a cabeça, espantado.

– Porque por um instante pude jurar que tinha quarenta.

Daphne sorriu.

– Às vezes ela é tão parecida com minha mãe que é assustador.

Nesse instante, Lady Bridgerton se levantou e começou a reunir os filhos para voltarem ao iate.

– Venham! Está ficando tarde.

Simon olhou para o relógio de bolso.

– São três horas.

Daphne deu de ombros enquanto se levantava.

– Para ela, é tarde. Segundo minha mãe, uma dama deve sempre estar em casa às cinco.

– Por quê?

Ela se abaixou para recolher a toalha.

– Não faço ideia. Para se arrumar para a noite, imagino. É uma das regras com as quais cresci e achei melhor não questionar. – Ela se empertigou, segurando a toalha azul macia perto do peito, e sorriu. – Estamos prontos para ir?

Simon estendeu-lhe o braço.

– Com certeza.

Deram alguns passos na direção do iate e então Daphne comentou:

– Você se saiu muito bem com Hyacinth. Deve ter muita experiência com crianças.

– Nenhuma – disse ele, sucintamente.

– Ah – respondeu ela, com uma expressão de surpresa. – Eu sabia que você não tem irmãos, mas imaginei que pudesse ter conhecido várias crianças nas suas viagens.

– Não.

Daphne ficou em silêncio por um instante, perguntando-se se devia continuar a conversa. A voz de Simon ficara áspera e assustadora, e seu rosto... Ele simplesmente não parecia o mesmo homem que havia brincado com Hyacinth minutos antes.

Mas, por algum motivo – talvez porque tivesse sido uma tarde tão agradável, ou apenas porque o clima estava ótimo –, ela forçou um sorriso alegre e afirmou:

– Bem, tendo ou não experiência, é óbvio que você tem o dom de lidar com elas. Alguns adultos não fazem ideia de como conversar com crianças. Você, sim.

Ele ficou em silêncio.

Daphne deu um tapinha no braço dele e continuou:

– Algum dia você será um excelente pai de uma criança muito sortuda.

Simon virou a cabeça rapidamente para encará-la e seu olhar quase congelou o coração dela.

– Creio que eu já lhe disse que não tenho nenhuma intenção de me casar – disparou. – Nunca.

– Mas com certeza você...

– Portanto, é muito pouco provável que algum dia venha a ter filhos.

– Eu... eu... sei.

Daphne engoliu em seco e tentou sorrir, mas não conseguiu nada além de um tremor dos lábios. E, embora soubesse que a corte entre os dois não passava de uma farsa, sentiu uma vaga decepção.

Chegaram à beira do cais, onde a maior parte da família estava andando de um lado para outro. Alguns já haviam entrado no iate, e Gregory dançava na prancha de embarque.

– Gregory! – chamou Violet, com a voz severa. – Pare com isso imediatamente!

Ele obedeceu, mas não saiu de onde estava.

– Entre no barco agora ou volte para o cais – continuou ela.

Simon afastou o braço do de Daphne e murmurou:

– A prancha parece estar molhada.

Começou a caminhar em direção a Gregory.
– Você ouviu a mamãe! – gritou Hyacinth.
– Ah, Hyacinth – suspirou Daphne. – Não consegue simplesmente não se meter?
Gregory mostrou a língua para a caçula da família.
Daphne soltou um gemido, então percebeu que Simon ainda estava se dirigindo para a prancha. Correu para alcançá-lo, dizendo:
– Simon, tenho certeza de que ele ficará bem.
– Não se escorregar e ficar preso nas cordas – disse ele, fazendo um gesto com a cabeça para indicar um emaranhado de cordas pendurado para fora do iate.
O duque chegou à ponta da prancha caminhando de modo casual e despreocupado.
– Você poderia entrar no barco? – gritou, pisando no pedaço estreito de madeira. – Para que eu possa passar?
Gregory piscou.
– Você não tem que acompanhar a Daphne?
Simon resmungou alguma coisa e seguiu em frente, mas nesse exato instante, Anthony, que já havia embarcado, apareceu no topo da prancha.
– Gregory! – gritou ele. – Entre neste barco imediatamente!
Do cais, Daphne viu, horrorizada, quando o irmão mais novo girou, surpreso, perdendo o equilíbrio na madeira escorregadia. Anthony saltou para a frente, agitando os braços freneticamente para segurá-lo, mas Gregory já estava fora de seu alcance.
Anthony lutou para se reequilibrar enquanto Gregory escorregava prancha abaixo, esbarrando nas canelas de Simon.
– Simon! – berrou Daphne, começando a correr.
O duque caiu na água escura do Tâmisa, com Gregory gritando um sincero “Me desculpe!”. Ele escorregou até o fim da prancha sentado de costas – parecendo um caranguejo, na verdade –, sem sequer olhar aonde estava indo.
Enquanto isso, Anthony, que ainda não havia conseguido recuperar o equilíbrio, perdeu-o de vez e, antes que alguém pudesse fazer alguma coisa, soltou um grunhido e também caiu na água, bem ao lado de Simon.
Daphne levou a mão à boca, com os olhos arregalados.
Violet puxou-a pelo braço.

– Acho bom você não começar a rir.

Daphne apertou os lábios, esforçando-se para obedecer à mãe, mas estava difícil.

– *Você* está rindo – observou ela.

– Eu, não – mentiu Violet. Seu pescoço estava tremendo com o esforço para conter as gargalhadas. – E, além disso, sou uma mãe de família e uma senhora respeitável. Eles não ousariam fazer nada comigo.

Anthony e Simon saíram cheios de pose do Tâmisa, pingando e se encarando com raiva.

Gregory rastejou prancha acima e desapareceu dentro do iate.

– Talvez você deva interceder – sugeriu Violet.

– Eu? – questionou Daphne.

– Parece que eles podem chegar às vias de fato.

– Mas por quê? Foi tudo culpa do Gregory.

– Sim – disse Violet com impaciência –, mas eles são *homens*, estão furiosos e envergonhados e não podem descontar em um menino de 12 anos.

Como era de esperar, Anthony estava resmungando:

– Eu poderia ter cuidado dele.

Ao mesmo tempo, Simon reclamou:

– Se você não o tivesse assustado...

Violet revirou os olhos e encarou a filha.

– Logo você vai aprender que todos os homens têm uma necessidade inexplicável de colocar a culpa em alguém quando fazem papel de bobos – afirmou.

Daphne se apressou em direção aos dois, com a intenção de evitar uma briga entre eles, mas assim que olhou para a cara deles percebeu que nada do que dissesse os faria ter a mesma inteligência e sensibilidade que uma mulher demonstraria em situação semelhante, então apenas sorriu, agarrou o braço de Simon e pediu:

– Poderia me acompanhar?

Simon olhou furioso para Anthony, que retribuiu o gesto.

Daphne puxou Simon para longe do irmão.

– Isto ainda não acabou, Hastings – sibilou Anthony.

– Longe disso – respondeu o outro.

Ela notou que eles estavam apenas procurando uma desculpa para brigar. Então puxou o braço do duque com mais força, preparada para deslocar o ombro dele se fosse preciso.

Depois de um último olhar furioso, ele cedeu e a seguiu até o barco.

Foi uma longa viagem de volta.

Mais tarde naquela noite, enquanto se preparava para se deitar, Daphne se sentiu estranhamente inquieta. Chegou à conclusão de que não conseguiria dormir, então vestiu um robe e desceu para pegar um copo de leite morno e encontrar alguém para lhe fazer companhia. Com tantos irmãos, certamente *um* deles estaria acordado.

No caminho para a cozinha, ouviu resmungos vindos do escritório de Anthony e enfiou a cabeça pela porta. O irmão mais velho estava debruçado sobre a mesa respondendo correspondências, com os dedos cheios de manchas de tinta. Não era comum encontrá-lo ali tão tarde da noite. Ele havia decidido conservar seu escritório na casa depois que fora morar sozinho, mas em geral tratava dos negócios durante o dia.

– Você não tem uma secretária para fazer isso? – perguntou Daphne com um sorriso.

Anthony olhou para ela.

– A idiota se casou e se mudou para Bristol – reclamou ele.

– Ah. – Ela entrou e se sentou numa cadeira em frente à mesa. – Isso explica você estar aqui de madrugada.

Ele olhou para o relógio.

– Meia-noite não é exatamente madrugada. E, além disso, levei quase a tarde inteira só para tirar o Tâmisa dos meus cabelos.

Daphne tentou conter o riso.

– Mas você tem razão – continuou Anthony com um suspiro, largando a pena. – Está tarde e não há nada aqui que não possa esperar até amanhã. – Ele se recostou e alongou o pescoço. – O que está fazendo de pé?

– Não consegui dormir – explicou Daphne dando de ombros. – Desci para pegar um pouco de leite morno e ouvi você xingando.

Anthony soltou um gemido.

– É esta maldita pena, eu juro que... – Ele sorriu timidamente. – Acho que não preciso completar a frase, né?

Daphne sorriu em resposta. Os irmãos nunca tiveram cuidado com a linguagem que usavam perto dela.

– Então daqui a pouco você irá para casa?

Ele assentiu.

– Mas o leite morno que você mencionou parece ótimo. Por que não chama alguém e pede um copo?

Daphne se levantou.

– Tenho uma ideia melhor. Por que não vamos nós mesmos pegar? Não somos idiotas. Provavelmente somos capazes de esquentar um pouco de leite. E, além disso, os criados já devem estar dormindo.

Anthony a seguiu até a porta do escritório.

– Está bem, mas vou deixar a tarefa por sua conta. Não faço a menor ideia de como se ferve leite.

– Não creio que se deva ferver – disse Daphne, franzindo a testa. Virou para entrar na cozinha e empurrou a porta. O ambiente estava escuro, exceto pela luz da lua cintilando através das janelas. – Pegue uma lamparina enquanto eu vejo onde está o leite. – Deu um sorrisinho. – Você sabe acender uma lamparina, não sabe?

– Ah, creio que eu consiga fazer isso – respondeu ele, de maneira afável.

Daphne sorriu enquanto tateava no escuro e pegava uma panelinha pendurada no alto. O relacionamente dela com o irmão mais velho era, em geral, tranquilo e divertido, e estava sendo bom vê-lo de volta ao normal. Anthony andara muito intransigente nos últimos dias, especialmente em relação a ela. E a Simon, é claro. Mas era raro que Simon estivesse presente para ser vítima da carranca de Anthony.

Uma luz tremeluziu atrás dela e quando Daphne se virou viu Anthony sorrindo triunfalmente.

– Você achou o leite ou devo me aventurar em busca de uma vaca lá fora? – perguntou ele.

Ela riu e levantou uma garrafa.

– Achei! – Foi até o fogão, uma geringonça de aparência moderna que o cozinheiro comprara no começo daquele ano. – Sabe como funciona esta coisa?

– perguntou.
– Não tenho a menor ideia. E você?
Daphne balançou a cabeça.
– Também não. – Estendeu a mão e tocou a superfície do aparelho. – Não está quente.
– Nem um pouquinho?
Ela fez um gesto com a cabeça indicando que não.
– Na verdade, está bem frio.
Os dois ficaram em silêncio por alguns segundos.
– Sabe – disse Anthony enfim –, leite frio pode ser bastante refrescante.
– Eu estava pensando a mesma coisa!
Ele sorriu e pegou duas canecas.
– Aqui, pode servir.
Daphne obedeceu e logo os dois estavam sentados em banquinhos, bebendo o líquido fresco. Anthony terminou o dele rapidamente e se serviu de novo.
– Quer mais? – perguntou à irmã, limpando o bigode de leite.
– Não, ainda não estou nem na metade – comentou Daphne, dando mais um gole.
Ela lambeu os lábios e se remexeu na cadeira. Agora que estava sozinha com Anthony, e ele demonstrava ter voltado ao bom humor de sempre, parecia ser um bom momento para... bem, a verdade era que... *Ora, mas que droga*, pensou, *vá em frente e pergunte*.
– Anthony? – chamou, um pouco hesitante. – Posso fazer uma pergunta?
– É claro.
– É sobre o duque.
Ele bateu a caneca com força na mesa.
– O que tem o duque?
– Eu sei que você não gosta dele... – começou ela, baixando o tom de voz.
– Não é que eu não goste dele – interrompeu Anthony com um suspiro cansado. – Ele é um dos meus melhores amigos.
Daphne ergueu as sobrancelhas.
– É o que se pode deduzir com base em seu comportamento recente – ironizou.
– Eu apenas não confio nele em relação às mulheres. Principalmente em relação a você.

– Anthony, você deve saber que essa é uma das coisas mais tolas que já disse. O duque pode ter sido um libertino, e imagino que ainda possa ser, mas ele jamais me seduziria. Nem que fosse apenas pelo fato de eu ser sua irmã.

Ele não pareceu convencido.

– Mesmo que não houvesse um código de honra masculino sobre esse tipo de coisa – insistiu Daphne, mal resistindo à vontade de revirar os olhos –, ele sabe que você o mataria se me tocasse. O homem não é burro.

Anthony não fez qualquer comentário sobre o que ela acabara de dizer. Em vez disso, indagou:

– O que você queria perguntar?

– Na verdade – disse Daphne devagar –, eu estava imaginando se você sabe por que o duque é tão contrário ao casamento.

Anthony cuspiu o leite longe, por cima da mesa.

– Pelo amor de Deus, Daphne! Achei que havíamos concordado que tudo não passa de uma farsa! Por que está sequer considerando a possibilidade de se casar com ele?

– Eu não estou considerando a possibilidade de me casar com ele! – afirmou ela, pensando que isso poderia não ser verdade, mas não estava disposta a investigar os próprios sentimentos para ter certeza. – Estou apenas curiosa – murmurou, na defensiva.

– É melhor mesmo não estar pensando nisso – aconselhou Anthony. – Porque eu posso lhe dizer com certeza que isso nunca vai acontecer. Nunca. Está entendendo, Daphne? Ele não vai se casar com você.

– Eu teria de ser uma débil mental para não entender – resmungou ela.

– Que bom. Então estamos conversados.

– Não estamos, não! – exclamou ela. – Você ainda não respondeu à minha pergunta.

Anthony a encarou do outro lado da mesa.

– Se você sabe por que ele é contra o casamento – provocou ela.

– Por que está tão interessada? – indagou ele num tom exasperado.

A resposta era um pouco próxima demais das acusações de Anthony, mas ela disse apenas:

– Estou curiosa. E, além disso, acho que tenho o direito de saber, já que, se eu não encontrar um pretendente aceitável em breve, posso me tornar uma pária

depois que ele me deixar.

– Achei que era *você* que iria terminar tudo – comentou Anthony, desconfiado.

Daphne riu.

– Quem vai acreditar nisso?

Anthony não saltou imediatamente em defesa da irmã, o que Daphne considerou um pouco irritante. Mas explicou:

– Não sei por que Hastings se recusa a se casar. Tudo o que sei é que ele tem essa convicção desde que o conheço. – Daphne abriu a boca para falar, mas ele a interrompeu, acrescentando: – *E* ele diz isso com tanta veemência que não acredito que seja uma decisão leviana de um solteiro assediado.

– E isso quer dizer que...

– Que, ao contrário da maioria dos homens, quando ele afirma que nunca irá se casar, está falando a verdade.

– Sei.

Anthony soltou um suspiro longo e cansado, e Daphne notou, ao redor dos olhos dele, pequenas rugas de preocupação que nunca vira antes.

– Escolha alguém do seu novo grupo de pretendentes – aconselhou ele – e esqueça Hastings. Ele é um bom homem, mas não é para você.

Daphne se agarrou à primeira parte da última frase.

– Mas você acha que ele é um bom...

– Ele não é para você – repetiu seu irmão.

Mas ela não conseguia deixar de pensar que talvez, quem sabe, ele pudesse estar errado.

CAPÍTULO 9

O duque de Hastings foi visto mais uma vez com a Srta. Bridgerton (para aqueles que, como esta autora, acham difícil diferenciar os inúmeros filhos dos Bridgertons uns dos outros, trata-se no caso, da Srta. Daphne). Fazia muito tempo que não se viam duas pessoas tão claramente dedicadas uma à outra.

Parece curioso, no entanto, que, à exceção do passeio da família até Greenwich, relatado neste jornal há dez dias, os dois sejam vistos juntos apenas em eventos noturnos. A autora sabe de fonte segura que, embora o duque tenha visitado a Srta. Bridgerton em sua casa há duas semanas, essa cortesia não se repetiu e, de fato, os dois não foram vistos juntos no Hyde Park nem uma vez sequer!

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
14 DE MAIO DE 1813

Duas semanas depois, Daphne estava em Hampstead Heath, parada na lateral do salão de baile de Lady Trowbridge, afastada do grupo elegante da festa. Sentia-se bastante satisfeita com sua posição.

Não queria estar no centro dos acontecimentos. Não queria ser encontrada pelas dezenas de pretendentes que agora não paravam de convidá-la para dançar. Na verdade, ela não queria estar no salão de Lady Trowbridge.

Porque Simon não estava lá.

Isso não significava que ela estivesse destinada a passar a noite inteira esquecida em um canto. Todas as previsões de Simon quanto à sua crescente popularidade haviam se mostrado corretas. Daphne, que sempre fora a garota que todos viam como amiga, nunca como mulher, foi de repente alçada à posição de moça mais desejável da temporada.

Todos os que emitiam sua opinião sobre essa mudança súbita (e, quando se tratava da sociedade, isso significava *todo mundo*) declaravam que sempre

souberam que Daphne era especial e estavam apenas esperando que o restante das pessoas percebesse. Lady Jersey dizia a quem quisesse ouvir que já previa o sucesso da jovem havia meses, e o único mistério era por que ninguém a notara antes.

Isso era bobagem, é claro. Embora Daphne nunca tivesse sido objeto de escárnio de Lady Jersey, nenhum Bridgerton se recordava de tê-la ouvido se referir a Daphne (como vinha fazendo ultimamente) como "tesouro do amanhã".

Mas, apesar de os rapazes agora fazerem fila para tirá-la para dançar assim que ela chegava a qualquer baile e lutarem pelo privilégio de lhe oferecer um copo de limonada (Daphne quase gargalhou na primeira vez em que isso aconteceu), ela descobriu que nenhuma noite era memorável de fato a menos que Simon estivesse a seu lado.

Não importava que ele fizesse questão de mencionar ao menos uma vez por noite que era totalmente contra a instituição do casamento (embora se pudesse dizer a favor dele que o duque sempre fazia isso ao mesmo tempo que agradecia a Daphne por livrá-lo das hordas de mães ambiciosas). Também não importava que às vezes ele ficasse calado demais e fosse quase grosseiro com certos membros da sociedade.

Tudo o que parecia ter importância eram aqueles momentos em que eles não estavam exatamente a sós (eles *nunca* estavam a sós), mas ainda assim podiam desfrutar de certa privacidade. Uma conversa animada num canto, uma valsa ao redor do salão. Daphne encarava os olhos azul-claros dele e esquecia que estava cercada por quinhentos espectadores, todos muito interessados em saber a quantas andava sua vida amorosa.

Nesses momentos, ela praticamente esquecia que tudo não passava de fingimento.

Daphne não tentara conversar de novo com Anthony sobre Simon. A hostilidade do irmão ficava evidente toda vez que o nome do duque surgia em uma conversa. E quando os dois homens se encontravam... bem, Anthony em geral conseguia demonstrar certo nível de cordialidade, mas era tudo.

No entanto, mesmo em meio a toda essa raiva, Daphne podia ver resquícios da antiga amizade entre eles. Torcia para que, quando tudo estivesse terminado – e ela casada com algum conde entediante mas bondoso que nunca tocara seu coração –, os dois voltassem a ser amigos.

Atendendo ao pedido bastante veemente de Anthony, Simon decidira não comparecer a todos os eventos a que Violet e Daphne fossem. Anthony argumentara que o único motivo pelo qual havia concordado com aquele plano ridículo fora a possibilidade de Daphne encontrar um marido entre todos os novos pretendentes. Infelizmente, em sua opinião (e felizmente na de Daphne), nenhum desses jovens cavalheiros ousava abordá-la quando Simon estava presente.

"Está sendo uma grande perda de tempo" foram as palavras exatas de Anthony.

Na verdade, essa frase veio acompanhada de uma boa quantidade de xingamentos e injúrias, mas Daphne não vira motivo para perder tempo com isso. Desde o incidente no Tâmisa – *dentro* do Tâmisa, na verdade –, Anthony dedicava um bom tempo a acrescentar complementos ofensivos ao nome de Simon.

Mas o duque entendera o ponto de vista dele e disse a Daphne que desejava que ela encontrasse um marido adequado.

Então, se afastou.

E Daphne ficou muito infeliz.

Ela imaginava que deveria saber que isso iria acontecer. Deveria ter previsto os perigos de ser cortejada – ainda que de mentira – pelo homem que a sociedade começara a chamar recentemente de "o duque avassalador".

O apelido fora criado quando Philipa Featherington o descrevera como "avassaladoramente bonito", e como ela não era nada discreta, toda a sociedade testemunhara sua declaração. Em pouco tempo, algum rapazola recém-saído da Universidade de Oxford adaptou a afirmação de Philipa e então surgiu "o duque avassalador".

Daphne considerava o apelido lamentavelmente irônico. Porque o duque avassalador estava de fato arrasando seu coração.

Não que fosse a intenção dele. Simon a tratava sempre com respeito e bom humor. Até mesmo Anthony era obrigado a admitir que ele não dera nenhum motivo para reclamação naquele período. Nunca tentara ficar a sós com Daphne e nunca fizera nada além de beijar sua mão enluvada (e, para tristeza de Daphne, isso acontecera apenas duas vezes).

Os dois haviam se tornado excelentes companhias um para o outro, e em seus encontros eles se alternavam entre confortáveis períodos de silêncio e diálogos

animados. Em todas as festas, dançavam juntos duas vezes – o máximo permitido para não escandalizar a sociedade.

E Daphne sabia, sem sombra de dúvida, que estava se apaixonando.

A ironia era extraordinária. Ela havia começado a passar tanto tempo na companhia de Simon com o objetivo específico de atrair outros homens. Por sua vez, ele começara a passar tanto tempo com *ela* para evitar o assédio das mocinhas casamenteiras.

Pensando bem, avaliou Daphne, apoiando-se na parede, a ironia era extraordinariamente dolorosa.

Embora Simon ainda falasse muito sobre a questão do casamento e sua determinação de nunca ingressar nessa condição abençoada, Daphne o flagrou olhando para ela algumas vezes de uma forma que a levava a acreditar que ele poderia desejá-la. Nunca repetira nenhum dos comentários maldosos que fizera antes de saber que ela era uma Bridgerton, mas às vezes ela o pegava encarando-a do mesmo jeito faminto e selvagem da noite em que se conheceram. Era claro que ele disfarçava assim que Daphne percebia, mas era sempre o suficiente para deixá-la arrepiada e sem fôlego de desejo.

E os olhos dele! Todos diziam que seus olhos eram de um azul glacial, e quando Daphne o via conversando com outros membros da sociedade, entendia por quê. Simon não era tão falante com os outros como era com ela. Expressava-se de modo mais sucinto, com o tom mais áspero, e seus olhos apenas refletiam a severidade de seu comportamento.

Mas quando os dois riam juntos, fazendo piada sobre alguma regra tola da sociedade, os olhos dele mudavam. Ficavam mais suaves, mais gentis, mais à vontade. Em seus momentos mais fantasiosos, ela chegava a achar que eles estavam derretendo.

Daphne suspirou, apoiando-se ainda mais na parede. Sentia que esses “momentos fantasiosos” estavam ficando cada vez mais frequentes nos últimos tempos.

– Ei, Daff, por que você está escondida aqui?

Ela ergueu o olhar e viu Colin se aproximando, com o sorriso convencido de sempre estampado no rosto bonito. Desde seu retorno a Londres, ele estava fazendo um grande sucesso com as garotas da cidade, e Daphne podia, com facilidade, apontar ao menos umas dez delas que certamente estavam

apaixonadas por ele e desesperadas por sua atenção. No entanto, não se preocupava com a possibilidade de o irmão corresponder a qualquer dessas afeições. Era evidente que Colin ainda tinha muito que viver antes de sossegar.
– Não estou escondida – corrigiu ela. – Estou tentando evitar.
– Tentando evitar quem? Hastings?
– Não, é claro que não. De qualquer maneira, ele nem está aqui.
– Está, sim.
Como se tratava de Colin, cujo principal objetivo na vida (depois de correr atrás de mulheres e apostar em cavalos, é evidente) era atormentar a irmã, Daphne fingiu não dar importância ao que ele tinha dito, mas ainda assim não conseguiu disfarçar seu interesse ao perguntar:
– Está?
Colin assentiu com uma expressão marota e fez um sinal em direção à entrada do salão.
– Eu o vi chegar há menos de quinze minutos.
Daphne estreitou os olhos.
– Você está brincando comigo? Ele me disse com todas as letras que não viria hoje.
– E mesmo assim você veio? – Colin levou a mão à boca, fingindo surpresa.
– É claro – respondeu ela. – Minha vida não gira em torno de Hastings.
– Não?
Daphne teve a profunda sensação de que ele não estava brincando.
– Não, não gira – insistiu ela, o que era uma mentira. Sua vida podia não girar em torno de Simon, mas seus pensamentos certamente sim.
Os olhos verdes de Colin ficaram estranhamente sérios.
– Você está caidinha, não é?
– Não faço ideia do que você está falando.
Ele sorriu com astúcia.
– Mas vai fazer.
– Colin!
– Enquanto isso – continuou ele, fazendo um sinal na direção da entrada do salão –, por que não vai falar com ele? Minha maravilhosa companhia obviamente não é nada comparada com a dele. Posso ver que seus pés já estão até se afastando de mim.

Horrorizada com o fato de seu corpo traí-la de tal maneira, Daphne baixou os olhos.

– Rá! Fiz você olhar – disse ele.

– Colin Bridgerton – resmungou ela –, às vezes parece que você tem 3 anos de idade.

– Interessante – brincou ele. – De acordo com esse raciocínio, você teria a tenra idade de um ano e meio, irmãzinha.

Sem conseguir pensar numa resposta adequada, Daphne apenas o encarou com sua cara mais feia.

Mas o irmão apenas riu.

– É claro que você está linda com essa cara, querida irmã, mas é melhor fazer outra. Sua Avassaladoridade está se aproximando.

Daphne se recusou a morder a isca dessa vez. Ele não a faria olhar.

Colin inclinou-se para a frente e sussurrou de forma conspiratória.

– Desta vez eu não estou brincando, Daff.

Ela manteve a carranca.

Seu irmão começou a rir.

– Daphne! – Era a voz de Simon. Bem em seu ouvido.

Ela girou nos calcanhares.

A risada de Colin ficou mais alta.

– Você realmente devia acreditar mais no seu irmão preferido, Daff querida.

– *Ele* é seu irmão preferido? – perguntou Simon, com uma sobrancelha erguida e ar de descrença.

– Só porque Gregory pôs um sapo na minha cama ontem à noite – disparou Daphne – e Benedict nunca recuperou a posição desde que decapitou minha boneca preferida.

– Fico me perguntando o que Anthony fez para lhe ser negada até mesmo uma menção honrosa – murmurou Colin.

– Você não estava indo a outro lugar? – indagou Daphne incisivamente.

Colin deu de ombros.

– Na verdade, não.

– Você não acabou de me dizer que prometeu uma dança a Prudence Featherington? – insistiu ela por entre os dentes.

– Nossa, não! Você deve ter ouvido mal.

– Talvez a mamãe esteja procurando por você, então. Aliás, tenho certeza de que a ouvi chamando seu nome.

Colin sorriu com o desconforto da irmã.

– Você não deveria ser tão óbvia – aconselhou ele num sussurro teatral, alto o bastante para que Simon escutasse. – Ele vai descobrir que você gosta dele.

O corpo inteiro do duque estremeceu com uma alegria incontida.

– Não é a companhia dele que estou tentando garantir – disse Daphne acidamente. – É a sua que estou tentando evitar.

Colin levou a mão ao coração.

– Assim você me magoa, Daff. – Virou-se para Simon. – Ah, como ela me magoa...

– Você está desperdiçando sua vocação, meu rapaz – comentou Simon alegremente. – Devia ser ator.

– Observação interessante – respondeu ele –, mas isso com certeza iria arruinar o humor de minha mãe. – Seus olhos se iluminaram. – Ótima ideia! E justamente quando a festa estava começando a ficar chata. Boa noite aos dois. – Fez uma reverência elegante e se afastou.

Daphne e Simon permaneceram em silêncio enquanto o irmão dela desaparecia no meio dos convidados do baile.

– O próximo grito que você ouvir – disse ela com suavidade – certamente será de minha mãe.

– E o barulho será do corpo dela desmaiado caindo no chão?

Daphne assentiu, com um sorriso hesitante nos lábios.

– Evidente que sim. – Ficou um instante em silêncio e então disse: – Eu não esperava que você viesse hoje.

Ele deu de ombros.

– Eu estava entediado.

– Estava entediado e resolveu vir até Hampstead Heath, para o baile anual de Lady Trowbridge? – Daphne levantou as sobrancelhas. O lugar ficava a cerca de 12 quilômetros de Mayfair, um trajeto de mais de uma hora em uma noite como aquela, quando toda a sociedade entupia o caminho. – Perdoe-me se começo a duvidar de sua sanidade.

– Eu mesmo estou começando a duvidar dela – murmurou ele.

– Bem, de qualquer forma – disse ela com um suspiro contente –, fico feliz que

tenha vindo. A noite está horrível.

– É mesmo?

Ela assentiu.

– As pessoas não param de me atormentar com perguntas sobre você.

– Ora, ora, isto está ficando interessante.

– Interessante? A primeira pessoa a me interrogar foi minha mãe. Ela quer saber por que você nunca vai me visitar à tarde.

Simon franziu a testa.

– Você acha necessário? Pensei que minha atenção exclusiva nos eventos noturnos seria o suficiente para que todos acreditassem na farsa.

Daphne ficou surpresa por conseguir conter um resmungo de frustração. Ele não precisava fazer o plano parecer um fardo tão grande.

– Sua atenção exclusiva – disse ela – teria sido suficiente para enganar qualquer um exceto minha mãe. E ela provavelmente não teria dito nada, só que o assunto foi mencionado no *Whistledown*.

– É mesmo? – perguntou Simon.

– É. Então é melhor você aparecer amanhã, ou todos vão começar a fazer suposições.

– Eu gostaria de saber quem são os espiões dessa mulher – resmungou ele. – Então os contrataria para trabalhar para mim.

– Por que você precisaria de espiões?

– Por nada. Mas parece uma pena desperdiçar tanto talento.

Daphne duvidava que a fictícia Lady Whistledown concordasse que havia algum talento sendo desperdiçado, mas como não queria entrar numa discussão sobre os méritos e deméritos do jornal, ela apenas ignorou o comentário.

– E depois – continuou ela –, quando minha mãe terminou o interrogatório, foi a vez de todos os demais, e foi ainda pior.

– Nossa senhora!

Ela lançou um olhar insolente para ele.

– Apenas um dos inquiridores não era mulher, e embora todos tenham dito com veemência como se sentiam felizes por mim, estavam claramente tentando insinuar que nós não ficaríamos noivos.

– Você disse a todos eles que eu estou completamente apaixonado por você, imagino.

Daphne sentiu o coração bater mais forte.

– É claro – mentiu ela, dando um sorriso meigo. – Afinal, tenho uma reputação a zelar.

Simon riu.

– E então, quem foi o único homem a fazer perguntas?

Daphne fez uma careta.

– Na verdade, era outro duque. Um velho bizarro que disse que foi amigo do seu pai.

O rosto de Simon de repente ficou tenso.

Ela apenas deu de ombros, sem perceber a mudança na expressão dele.

– Ele não parou de falar sobre como seu pai era um bom homem. – Deu uma risadinha ao tentar imitar a voz do velho. – "Não queremos um duque incompetente desonrando o título, afinal." Eu não fazia ideia de que vocês, duques, se interessavam tanto pela vida uns dos outros.

Simon ficou em silêncio.

Daphne fez uma expressão pensativa.

– Sabe, acho que eu nunca ouvi você falar do seu pai.

– Isso porque eu não quero falar dele – respondeu Simon asperamente.

Ela piscou, preocupada.

– Algum problema?

– Absolutamente nenhum – afirmou ele, com a voz ríspida.

– Ah. – Ela se pegou mordendo o lábio inferior e se obrigou a parar. – Não vou mais falar sobre isso, então.

– Eu disse que não há problema *nenhum*.

Daphne manteve a expressão impassível.

– Está bem.

Houve um longo e desconfortável silêncio. Ela ficou mexendo, sem graça, na saia do vestido antes de finalmente comentar:

– Lindas as flores que Lady Trowbridge usou na decoração, não acha?

Simon acompanhou o movimento da mão dela na direção de um arranjo de botões cor-de-rosa e brancos.

– Acho.

– Será que ela mesma as cultiva?

– Não faço ideia.

Mais um silêncio constrangedor.
– É muito difícil cultivar rosas.
Dessa vez a resposta foi apenas um grunhido.
Daphne pigarreou e então, como ele nem sequer olhou para ela, perguntou:
– Você provou a limonada?
– Não gosto de limonada.
– Bem, eu gosto – reagiu ela, decidindo que cansara daquilo. – E estou com sede. Então, se me der licença, vou buscar um copo e deixá-lo sozinho com seu mau humor. Tenho certeza de que encontrará uma companhia mais agradável que a minha.
Ela se virou para ir embora, mas antes que pudesse dar o primeiro passo sentiu uma mão pesada em seu braço. Olhou para baixo, momentaneamente hipnotizada pela visão da luva branca dele sobre a seda cor de pêssego de seu vestido. Ficou encarando a mão de Simon, quase esperando que ele a movesse em direção à pele nua de seu cotovelo.
Mas é claro que ele não agiria assim. Ele só fazia esse tipo de coisa em seus sonhos.
– Daphne, por favor – pediu ele –, não vá.
Ele falou em voz baixa e com uma intensidade que a fez estremecer.
Ela se virou, e assim que seus olhos se encontraram com os dele, o duque continuou:
– Por favor, aceite minhas desculpas.
Ela assentiu.
Mas ele claramente sentiu a necessidade de se explicar.
– Eu não... – Simon parou e tossiu baixinho na mão. – Eu não me dava bem com meu pai. Eu... eu não gosto de falar dele.
Daphne o encarou, fascinada. Nunca o vira tão sem palavras.
Ele bufou, irritado. Era estranho, pensou Daphne, porque ele parecia estar irritado consigo mesmo.
– Quando você fala sobre ele... – Simon balançou a cabeça, como se estivesse tentando dizer o que queria de outra forma. – O assunto fica na minha cabeça e eu não consigo parar de pensar nele. E... e... e isso me deixa muito irritado.
– Eu sinto muito – lamentou-se Daphne, sabendo que devia estar demonstrando a própria confusão. Achou que devia falar mais alguma coisa, mas não sabia o

quê.

– Não com você – completou ele com rapidez e, ao focar os olhos azuis nela, alguma coisa neles pareceu clarear. O rosto de Simon também pareceu ficar relaxado, principalmente as linhas tensas que haviam se formado ao redor da boca. Ele engoliu em seco. – Fico irritado comigo mesmo.

– E aparentemente com seu pai também – observou ela baixinho.

Ele não respondeu. Ela chegou à conclusão de que não esperava que ele respondesse. A mão do duque ainda estava em seu braço, e ela a cobriu com a sua.

– Gostaria de tomar um pouco de ar fresco? – perguntou ela com delicadeza. – Parece estar precisando.

Ele assentiu.

– É melhor você ficar aqui. Anthony é capaz de arrancar minha cabeça se eu levá-la ao terraço.

– Por mim, Anthony pode fazer o que quiser. De qualquer forma, estou cansada da vigilância constante dele.

– Ele está apenas tentando ser um bom irmão para você.

Ela entreabriu os lábios, consternada.

– De que lado você está, afinal?

Ignorando habilmente a pergunta de Daphne, Simon disse:

– Então está bem. Mas apenas um passeio rápido. Posso enfrentar Anthony, mas se ele juntar todos os seus irmãos, sou um homem morto.

Havia uma porta que levava ao terraço a alguns metros. Daphne a indicou com a cabeça e Simon posicionou a mão em seu cotovelo.

– Deve haver vários casais no terraço neste momento – comentou ela. – Ele não terá do que reclamar.

Mas, antes que conseguissem sair, ouviram uma voz masculina atrás de si:

– Hastings!

Simon parou e se virou de imediato, percebendo com irritação que havia se acostumado a atender pelo nome do pai. Em pouco tempo, estaria considerando aquele seu próprio nome.

De algum modo, a ideia o deixou incomodado.

Um senhor apoiado numa bengala foi na direção deles.

– Esse é o duque de quem falei – informou Daphne. – De Middlethorpe, acho.

Simon assentiu secamente.

– Hastings! – repetiu o velho, dando tapinhas no braço dele. – Faz muito tempo que quero conhecê-lo. Sou o duque de Middlethorpe. Seu pai era um bom amigo.

Simon apenas balançou a cabeça de novo, num movimento de precisão quase militar.

– Ele sentiu muito sua falta. Quando você estava viajando.

Simon começou a ser tomado pela fúria, um sentimento que fez sua língua inchar e deixou seu rosto rígido e tenso. Ele soube, sem sombra de dúvida, que se tentasse falar soaria exatamente como o menino de 8 anos que tinha sido.

E não iria passar tamanha vergonha na frente de Daphne de jeito nenhum.

De alguma forma – ele jamais saberia como, mas talvez porque nunca houvesse tido muita dificuldade com vogais além da palavra “eu” –, ele conseguiu dizer:

– Ah, é?

Ficou satisfeito por sua voz ter saído clara e condescendente.

Mas, se o velho percebeu o rancor em seu tom, não deu a entender.

– Eu estava com ele na hora de sua morte – prosseguiu Middlethorpe.

Simon não respondeu.

Daphne – graças a Deus – se intrometeu na conversa com um solidário “Minha nossa!”.

– Ele me pediu que lhe entregasse algumas cartas. Tenho várias na minha casa.

– Pode queimá-las.

Daphne soltou um arquejo e agarrou Middlethorpe pelo braço.

– Ah, não, não faça isso. Ele pode não querer lê-las agora, mas com certeza mudará de ideia no futuro.

Simon a fuzilou com os olhos antes de se dirigir novamente a Middlethorpe.

– Eu disse para queimá-las.

– Eu... hã... – Middlethorpe parecia desesperadamente confuso. Devia saber que os dois não se davam bem, mas era óbvio que o finado duque não havia lhe revelado quão profundas eram as diferenças entre eles. O velho duque olhou para Daphne, percebendo uma possível aliada, e disse: – Além das cartas, havia coisas que ele queria que eu falasse ao filho. Eu poderia fazer isso agora.

Mas Simon já havia soltado o braço de Daphne e ido para o terraço.

– Lamento muito – disse Daphne a Middlethorpe, sentindo-se na obrigação de se desculpar pelo péssimo comportamento de Simon. – Tenho certeza de que ele

não quis ser grosseiro.

A expressão de Middlethorpe deixou claro que ele *sabia* que isso não era verdade.

Mas Daphne insistiu:

– Ele é um pouco sensível em relação ao pai.

O velho assentiu.

– O duque me avisou que ele reagiria assim. Mas falou isso rindo e depois fez uma piada sobre o orgulho dos Bassets. Confesso que não achei que ele estivesse realmente falando sério.

Daphne olhou, nervosa, para o terraço.

– Parece que estava, afinal – murmurou ela. – É melhor eu ir falar com ele.

Middlethorpe assentiu.

– Por favor, não queime as cartas – repetiu ela.

– Eu jamais faria isso. Mas...

Ela já tinha dado um passo em direção ao terraço mas voltou, apreensiva com o tom de voz hesitante do velho.

– O quê? – perguntou.

– Não estou bem de saúde – disse Middlethorpe. – Eu... o médico diz que a qualquer momento eu posso... Você permite que eu lhe confie a guarda das cartas?

Daphne encarou o duque com um misto de perplexidade e pavor. Perplexidade por não acreditar que ele entregaria correspondências tão pessoais a uma jovem que mal conhecia. Pavor porque sabia que, se as aceitasse, Simon poderia nunca mais perdoá-la.

– Não sei... – respondeu ela em um tom de voz vacilante. – Não estou certa de ser a pessoa mais indicada para isso.

Os velhos olhos de Middlethorpe se estreitaram com um ar de sabedoria.

– Acho que não existe ninguém melhor – comentou ele baixinho. – E acredito que saberá quando chegar a hora de mostrar as cartas a ele. Posso pedir que sejam entregues a você?

Ela assentiu em silêncio. Não sabia o que mais fazer.

Middlethorpe levantou a bengala e a apontou para o terraço.

– É melhor ir falar com ele.

Daphne encarou-o, balançou a cabeça e saiu apressadamente. O terraço estava

iluminado apenas por alguns candeeiros na parede, de modo que só com o reforço da luz da lua ela pôde localizar Simon no canto. Ele parecia tenso e irritado, com os braços cruzados à frente do corpo. Estava de frente para o interminável gramado da casa, mas Daphne duvidava que ele estivesse vendo qualquer coisa além da própria raiva.

Ela se aproximou dele devagar, notando que o ambiente estava bem fresco, ao contrário do salão lotado e abafado. Ouviu alguns murmúrios que indicavam que eles não estavam sozinhos, mas Daphne não conseguiu ver mais ninguém por causa da iluminação fraca. Os outros convidados claramente haviam escolhido se isolar nos cantos escuros. Ou talvez tivessem descido a escada que levava ao jardim e estivessem sentados nos bancos abaixo.

Enquanto se dirigia ao lugar onde estava Simon, pensou em dizer algo como “Você foi muito grosseiro com o duque” ou “Por que tem tanta raiva do seu pai?”, mas acabou chegando à conclusão de que não era o momento de se intrometer nos sentimentos dele. Assim, quando chegou a seu lado, apenas se apoiou na balaustrada e disse:

– Queria poder ver as estrelas.

Ele olhou para ela, primeiro surpreso e depois com curiosidade.

– Nunca conseguimos vê-las em Londres – continuou ela, mantendo o tom de voz propositalmente baixo. – Ou as luzes são brilhantes demais ou há muita neblina. Ou então o ar está muito poluído para que se consiga ver através dele. – Deu de ombros e olhou para o céu, que estava encoberto. – Estava torcendo para conseguir vê-las aqui em Hampstead Heath. Mas, infelizmente, as nuvens não estão cooperando.

Houve um longo momento de silêncio. Então Simon pigarreou e indagou:

– Você sabia que as estrelas são muito diferentes no hemisfério sul?

Daphne não havia percebido quanto estava tensa até sentir todo o seu corpo relaxar com a pergunta dele. Simon estava claramente tentando recuperar a descontração anterior, e ela ficou feliz de permitir que isso acontecesse. Olhou para ele intrigada e falou:

– Sério?

– Sério. Pode pesquisar em qualquer livro de astronomia.

– Hum.

– O interessante – prosseguiu ele, com a voz mais leve – é que, mesmo que

você não seja um estudioso de astronomia, e eu não sou...

– E eu também não, obviamente – interrompeu ela com um sorriso autodepreciativo.

Ele deu um tapinha na mão dela e sorriu, e Daphne notou, aliviada, que a felicidade tinha voltado aos olhos dele. Então seu alívio se transformou em algo ainda melhor: alegria. Porque havia sido ela quem expulsara as sombras dos olhos dele. Percebeu que queria fazer isso para sempre.

Se ao menos ele permitisse...

– ... é capaz de notar a diferença – completou ele. – É isso que é estranho. Eu nunca me preocupei em aprender sobre as constelações. E, apesar disso, quando estava na África, certa vez olhei para o céu e a noite estava muito clara. Nunca vi uma noite como aquela.

Daphne o encarou, fascinada.

– Quando olhei para o céu – continuou Simon, balançando a cabeça, espantado –, ele parecia estar errado.

– Como um céu poderia estar errado?

Ele deu de ombros.

– Simplesmente dava essa impressão. As estrelas pareciam fora de lugar.

– Acho que eu deveria querer ver o céu do hemisfério sul – brincou Daphne. – Se eu fosse exótica e intensa, o tipo de mulher sobre a qual os homens escrevem poesias, imagino que eu iria gostar de viajar.

– Você *é* o tipo de mulher sobre a qual os homens escrevem poesias – lembrou Simon inclinando a cabeça para o lado de modo ligeiramente sarcástico. – Ainda que fosse poesia ruim.

Daphne riu.

– Ora, não seja implicante. Foi comovente. Meu primeiro dia com seis visitas e Neville Binsby escreveu mesmo uma poesia.

– Sete visitas – corrigiu ele –, incluindo a minha.

– Isso. Mas você não conta, na verdade.

– Assim você me magoa – provocou ele, imitando Colin. – Ah, como magoa...

– Talvez você também devesse pensar em seguir a carreira de ator. Mas o que eu ia dizer era que, sendo uma entediante moça inglesa, não desejo ir a lugar nenhum. Sou feliz aqui.

Simon balançou a cabeça, com uma luz estranha e eletrizante brilhando em

seus olhos.

– Você não é entediante. E – a voz dele se transformou num sussurro cheio de emoção – gosto de saber que é feliz. Não conheço muitas pessoas realmente felizes.

Daphne olhou para Simon e percebeu que ele havia se aproximado dela. De certa forma, duvidava que ele próprio tivesse se dado conta disso, mas o corpo dele estava oscilando na direção do dela. Daphne achava quase impossível desviar os olhos dos dele.

– Simon? – murmurou.

– Tem outras pessoas aqui – disse ele, com a voz estranhamente abafada.

Daphne virou a cabeça para os cantos do terraço. As conversas em voz baixa que ela escutara antes haviam desaparecido, mas isso podia significar apenas que as pessoas os estavam bisbilhotando.

Diante dela, o jardim convidava a um passeio. Se a festa fosse em Londres, não haveria aonde ir além do terraço, mas Lady Trowbridge se orgulhava de ser diferente, por isso sempre realizava seu baile anual em sua segunda residência, em Hampstead Heath. Não era distante de Mayfair, mas poderia muito bem ser em outro mundo. Casas elegantes pontuavam amplas áreas verdes e no jardim da anfitriã da noite havia árvores e flores, arbustos e cercas vivas – cantos escuros em que um casal poderia se perder.

Daphne se sentiu dominada por uma sensação louca e irrefreável.

– Vamos dar uma volta pelo jardim – convidou ela baixinho.

– Não podemos.

– Nós precisamos.

– *Não podemos*.

O desespero na voz de Simon lhe disse tudo o que ela precisava saber. Ele a queria. Desejava. Estava louco por ela.

Daphne sentiu seu coração cantar e bater descontroladamente.

E pensou... e se ela o beijasse? E se o levasse para o jardim, levantasse a cabeça e sentisse os lábios dele tocarem os seus? Será que ele perceberia quanto ela o amava? Quanto poderia vir a amá-la? Quanto ela poderia fazê-lo feliz?

Se isso acontecesse, talvez ele parasse de falar sobre sua determinação em não se casar.

– Eu vou – anunciou ela. – Você pode vir, se quiser.

Enquanto se afastava – lentamente, para que ele pudesse alcançá-la –, ela o ouviu resmungar um xingamento sincero e logo escutou seus passos encurtando a distância entre os dois.

– Daphne, isto é loucura – disse Simon, mas a rouquidão em sua voz demonstrou que ele estava tentando convencer mais a si mesmo do que a ela.

Ela não respondeu, apenas seguiu em frente.

– Pelo amor de Deus, mulher, quer me ouvir? – Segurou o pulso dela com força, fazendo-a girar. – Prometi ao seu irmão – disse ele desesperadamente. – Fiz uma promessa!

Ela deu o sorriso de uma mulher que sabe que é desejada.

– Então vá embora.

– Você sabe que eu não posso. Não teria coragem de deixá-la desprotegida no jardim. Alguém seria capaz de se aproveitar de você.

Daphne deu de ombros com delicadeza e tentou soltar o pulso da mão dele.

Mas os dedos do duque apenas o apertaram ainda mais.

Assim, embora ela soubesse que essa não era a intenção dele, deixou-se ir lentamente em sua direção, até estarem a poucos centímetros um do outro.

A respiração de Simon ficou ofegante.

– Não faça isso, Daphne.

Ela tentou dizer algo bem-humorado. Algo sedutor. Mas sua ousadia acabou no último momento. Ela nunca fora beijada, e agora que o havia praticamente convidado a ser o primeiro, não sabia o que fazer.

Os dedos dele se afrouxaram um pouco no pulso dela, mas continuaram segurando, enquanto ele a puxava para junto de si e em direção a uma cerca viva alta e muito bem podada. Então sussurrou seu nome e tocou em seu rosto.

Os olhos dela se fecharam e os lábios se entreabriram.

E, no fim, foi inevitável.

CAPÍTULO 10

Muitas mulheres já foram arruinadas por um único beijo.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
14 DE MAIO DE 1813

Simon não tinha certeza do momento em que soube que iria beijá-la. Provavelmente foi algo que ele nunca soube, mas apenas sentiu.

Até aquele último minuto, havia conseguido convencer a si mesmo de que a estava levando para trás da cerca viva a fim de repreendê-la, censurá-la pelo comportamento descuidado que colocaria os dois em apuros.

Mas então algo aconteceu. Ou talvez estivesse acontecendo o tempo todo e ele simplesmente tivesse tentado ao máximo não perceber. O olhar dela mudou. Quase cintilou. E ela abriu a boca – muito pouco, o suficiente apenas para respirar, mas foi o bastante para que Simon não conseguisse desviar os olhos dela.

A mão dele subiu pelo braço de Daphne, por cima do cetim claro da luva, passando pela pele nua e finalmente além da frágil seda da manga de seu vestido. Seguiu até as costas dela, puxando-a para mais perto, diminuindo a distância entre os dois. Ele a queria mais próxima. Queria-a em volta, em cima e embaixo dele. Desejava-a com tanta intensidade que isso o assustava.

Simon a encaixou em seu corpo, passando os braços a seu redor. Ele podia sentir todo o corpo dela, cada centímetro. Ela era bem mais baixa que ele, de modo que seus seios se moldaram abaixo das costelas dele e a coxa de Simon encostou...

Ele estremeceu de desejo.

Sua coxa avançou entre as pernas de Daphne e ele sentiu, nos músculos firmes, o calor que emanava da pele dela. Simon gemeu, um som primitivo que era um misto de necessidade e frustração. Ele não poderia tê-la naquela noite – *nunca* poderia tê-la – e precisava fazer aquele toque durar uma vida inteira.

A seda do vestido dela era macia e delicada ao toque dos dedos dele, e à medida que Simon passava as mãos pelas costas de Daphne, podia sentir cada curva elegante de seu corpo.

E então, de alguma maneira – até o dia de sua morte, ele nunca saberia como conseguira –, ele se afastou dela. Apenas um centímetro, mas foi o suficiente para que o ar frio da noite passasse por entre seus corpos.

– Não! – protestou ela, e ele se perguntou se Daphne tinha alguma ideia do convite que fizera com essa simples palavra.

As mãos dele envolveram o rosto dela, segurando firme. Estava escuro demais para ver as nuances daquele rosto inesquecível, mas Simon sabia que os lábios eram suaves e rosados, com um toque de pêssego nos cantos. Sabia que os olhos tinham vários tons de castanho, com aquele único e encantador círculo verde desafiando-o a chegar mais perto para tentar ver se ele era mesmo real ou se era obra de sua imaginação.

Mas o resto – a sensação, o gosto dela –, podia apenas imaginar.

E, por Deus, como ele imaginava. Apesar de seu comportamento irrepreensível e de todas as promessas feitas a Anthony, ele ardia de desejo por ela. Quando a via do outro lado de um salão lotado, sentia a pele queimar. Quando a via em seus sonhos, ficava em chamas.

Agora que a tinha em seus braços, com a respiração rápida e ofegante e com os olhos vidrados de uma necessidade que ela não tinha como compreender, ele achava que poderia explodir.

Assim, beijá-la se tornou uma questão de autopreservação. Era simples: se não fizesse isso, se não a possuísse, ele morreria. Parecia melodramático, mas naquele instante ele poderia jurar que era verdade. O desejo que se enroscava em suas entranhas acabaria fazendo-o sucumbir.

Era dessa forma sôfrega que ele a desejava.

Quando seus lábios finalmente cobriram os dela, ele não foi gentil. Não agiu com violência, mas sua pulsação estava irregular demais, urgente demais, e seu beijo foi o de um amante ávido, não o de um pretendente delicado.

Ele a teria forçado a entreabrir os lábios, mas Daphne também estava dominada pela paixão, e, quando a língua de Simon tentou abrir caminho, não encontrou resistência.

– Ah, Daphne – gemeu ele, com as mãos avançando pela curva suave das

nádegas dela, puxando-a mais para perto, querendo que ela sentisse o latejar de desejo em sua virilha. – Eu nunca pensei... nunca imaginei...

Mas era mentira. Ele *havia* imaginado. Em detalhes vívidos. Mas não era nada perto da realidade.

Cada toque, cada movimento fazia com que ele a quisesse ainda mais, e conforme os segundos passavam Simon sentia o corpo brigando com a mente pelo controle de seus atos. Não importava mais o que estava certo, o que era adequado. Tudo o que importava é que ela estava ali, em seus braços.

E que também o queria.

Suas mãos a agarravam e sua boca era insaciável.

A mão enluvada de Daphne percorreu de forma hesitante suas costas e repousou suavemente em sua nuca. Simon sentiu a pele formigar quando ela o tocou.

E não parou por aí. Os lábios dele se afastaram dos dela e desceram por seu pescoço até a cavidade logo acima da clavícula. Ela gemia a cada toque, o que acendia ainda mais a paixão dele.

Com as mãos trêmulas, ele tocou o decote delicado do vestido dela. Sabia que não precisaria de mais do que um leve puxão para fazer com que a seda suave descesse até a elevação dos seios dela.

Era uma imagem que não tinha direito de ver, um beijo que não merecia dar, mas ele não conseguia se conter.

Deu a Daphne a oportunidade de fazê-lo parar. Seus movimentos eram de uma lentidão agonizante, e ele parou por um segundo antes de tirar a roupa dela, para lhe dar uma última chance de dizer não. Mas, em vez demonstrar o assombro de uma virgem, ela arqueou as costas e soltou um suspiro suave e absolutamente excitante.

Simon estava arruinado.

Ele deixou o tecido do vestido cair e num momento de desejo atordoante, apenas olhou para ela. E então, enquanto sua boca descia em direção à dela para tomá-la, ele ouviu...

– Seu canalha!

Quando reconheceu aquela voz, Daphne gritou e deu um salto para trás.

– Ah, meu Deus – arquejou ela. – Anthony!

O irmão dela se encontrava a apenas 3 metros e se aproximando rapidamente.

Estava com a testa franzida numa expressão de fúria absoluta e, ao se jogar sobre Simon, soltou um grito primitivo diferente de tudo o que Daphne já ouvira na vida. Mal parecia humano.

Ela quase não teve tempo de se cobrir antes que o corpo de Anthony se chocasse contra o de Simon com tanta força que ela também foi derrubada no chão pelo braço descontrolado de um dos dois.

– Vou matar você, seu maldito... – O xingamento colérico de Anthony se perdeu quando Simon o girou, tirando-lhe o fôlego.

– Anthony, não! Parem! – gritou Daphne, ainda segurando o corpete do vestido, apesar de já o ter puxado para cima e não haver mais o risco de ele cair.

Porém Anthony estava possuído. Ele esmurrou Simon, com a raiva transparecendo no rosto, nos punhos, nos grunhidos furiosos que saíam de sua boca.

E quanto a Simon... Ele estava apenas se defendendo.

Daphne, que assistia à cena imóvel, sentindo-se uma idiota indefesa, de repente se deu conta de que precisava intervir. Caso contrário, seu irmão mataria Simon ali mesmo, no jardim de Lady Trowbridge. Abaixou-se para tentar afastar Anthony do homem que amava, mas nesse instante os dois rolaram pelo chão e acabaram atingindo-a violentamente, fazendo-a se estatelar na cerca viva.

– Aaaaaaiiiiiiii! – berrou ela, sentindo dores em mais partes do corpo do que imaginara possível.

Seu grito deve ter soado mais sofrido do que ela pensara, porque os dois homens ficaram imóveis no mesmo instante.

– Ah, meu Deus! – Simon, que estava em cima de Anthony quando Daphne caiu, correu para ajudá-la. – Daphne! Você está bem?

Ela apenas gemeu, tentando não se mexer. Os espinhos cortavam sua pele e cada movimento que fazia apenas aumentava os arranhões.

– Acho que ela está ferida – disse Simon a Anthony, com a voz cheia de preocupação. – Precisamos levantá-la de uma vez só. Se não, é provável que ela fique ainda mais emaranhada.

Anthony assentiu de modo sucinto e distante, superando por um momento a fúria contra Simon. Daphne estava sofrendo e isso era mais urgente que tudo.

– Tente ficar parada, Daff – sussurrou Simon, tentando tranquilizá-la. – Vou passar os braços a seu redor. Então vou levantá-la e tirá-la daí. Entendeu?

Ela balançou a cabeça.
– Você vai se arranhar todo.
– Minhas mangas são compridas. Não se preocupe comigo.
– Deixe que eu faço isso – intrometeu-se Anthony.
Mas Simon o ignorou. Enquanto ele ficou parado, com ar indefeso, Simon enfiou-se no arbusto enroscado da cerca viva e empurrou devagar as mãos enluvadas em meio à planta, tentando enfiar os braços cobertos pelo casaco entre os galhos espinhosos e o corpo de Daphne. Quando chegou às mangas do vestido, no entanto, teve que parar para soltar os espinhos afiados da roupa dela. Vários deles haviam atravessado o tecido e estavam ferindo a pele de Daphne.
– Não vou conseguir libertá-la sem rasgar seu vestido.
Ela assentiu, num movimento tenso.
– Não tem importância – arquejou ela. – Já está estragado.
– Mas... – Embora tivesse tentado abaixar aquele mesmo vestido até a cintura de Daphne havia poucos minutos, Simon ainda se sentia desconfortável para dizer que o tecido provavelmente cairia do corpo dela depois que os galhos terminassem de rasgar a seda. Então, virou-se para Anthony e disse: – Ela vai precisar do seu casaco.
O rapaz já o estava tirando.
Simon virou-se novamente para Daphne e a encarou.
– Está pronta? – perguntou baixinho.
Ela assentiu. Talvez fosse a imaginação de Simon, mas ele teve a impressão de que ela parecia um pouco mais calma agora que estava olhando para o rosto dele.
Depois de se certificar de que não havia mais galhos presos à roupa de Daphne, ele enfiou os braços ainda mais fundo no arbusto e ao redor do corpo dela, até conseguir prender uma mão à outra atrás de suas costas.
– Quando eu chegar no três – murmurou ele.
Ela assentiu novamente.
– Um... dois...
Então ele a puxou para cima e para fora da cerca viva, e os dois caíram com a força do impulso.
– Você disse “Quando eu chegar no três”! – berrou Daphne.
– Eu menti! Não queria que você ficasse tensa.

Daphne poderia continuar discutindo, mas nesse instante ela se deu conta de que estava com o vestido em farrapos e soltou um grito enquanto tentava se cobrir com os braços.

– Pegue – disse Anthony, jogando seu casaco para ela.

Ela aceitou com gratidão e se enrolou no belo traje do irmão. Ficava perfeito em Anthony, mas tão largo nela que era facilmente possível se enrolar nele.

– Você está bem? – perguntou ele com a voz áspera.

Ela fez que sim com a cabeça.

– Ótimo. – Em seguida, Anthony se virou para Simon. – Obrigado por tirá-la dali.

Simon não disse nada, mas assentiu.

Anthony olhou de novo para Daphne.

– Tem certeza de que está bem?

– Está ardendo um pouco – admitiu ela –, e com certeza vou ter que passar alguma pomada quando chegar em casa, mas nada que eu não possa suportar.

– Ótimo – repetiu ele.

Então fechou o punho e deu um soco em Simon, que estava desatento e foi derrubado no chão.

– Isto – cuspiu Anthony – é por desonrar minha irmã.

– Anthony! – gritou Daphne. – Pare com essa bobagem imediatamente! Ele não me desonrou.

Ele deu meia-volta e a fuzilou com o olhar, furioso.

– Eu vi os seus...

Daphne sentiu o estômago revirar e por um instante temeu que tivesse mesmo que se explicar. Por Deus, Anthony tinha visto os seus seios! O irmão dela! Não era natural.

– Ponha-se de pé – grunhiu Anthony –, para que eu possa bater em você de novo.

– Você está louco? – berrou Daphne, pulando entre ele e Simon, que ainda estava no chão, com a mão no olho ferido. – Anthony, eu juro que se bater nele de novo eu nunca vou perdoá-lo.

Ele a empurrou para o lado, e de uma forma nada gentil.

– O próximo soco – cuspiu ele – será por ter traído nossa amizade.

Lentamente, e para horror de Daphne, Simon se levantou.

– Não! – protestou ela, voltando a se colocar entre eles.

– Saia da frente, Daphne – disse Simon baixinho. – Isto é entre nós dois.

– Não é, não! Caso ninguém se lembre, fui eu que... – Ela parou no meio da frase. Não fazia sentido falar nada. Eles não estavam ouvindo.

– Saia da frente, Daphne – exigiu Anthony, com a voz assustadoramente fria.

Ele nem sequer olhou para ela. Manteve o olhar fixo por cima de sua cabeça, diretamente nos olhos de Simon.

– Isto é ridículo! Não podemos conversar como adultos? – Ela ficou alternando o olhar entre os dois homens. – Pelo amor de Deus! Simon! Veja como está seu olho!

Ela correu e pôs a mão sobre o olho dele, que já estava fechando de inchaço.

O duque continuou impassível, sem mexer um músculo sequer sob o toque preocupado de Daphne. Os dedos dela passaram sobre a pele inchada com suavidade, de um modo estranhamente reconfortante. Ele ainda a queria muito, embora nesse momento não fosse por desejo. Era muito bom tê-la a seu lado, honrada e pura.

E apesar disso ele estava prestes a fazer a coisa mais desonrada de sua vida.

Quando Anthony parasse de agredi-lo, saciasse sua fúria e finalmente exigisse que ele se casasse com sua irmã, Simon ia responder que não.

– Saia da frente, Daphne – disse ele, com a voz soando estranha aos próprios ouvidos.

– Não, eu...

– *Saia*! – rugiu ele.

Ela deu um salto para o lado, ficando de costas para a mesma cerca viva na qual caíra, olhando horrorizada para os dois.

Simon assentiu com irritação para Anthony.

– Vamos lá, me bata!

Ele pareceu perplexo com o pedido.

– Vamos lá! – repetiu Simon. – Termine logo com isso.

O punho de Anthony se abriu. Sem se mexer um milímetro, ele virou os olhos para Daphne.

– Eu não posso – murmurou. – Não com ele parado aí pedindo por isso.

Simon deu um passo à frente, aproximando o rosto de modo provocador.

– Bata agora! Me faça pagar!

– Você vai pagar no altar – respondeu Anthony.

Daphne soltou um arquejo, atraindo a atenção de Simon. Por que ela estava surpresa? Ela certamente compreendia as consequências, se não dos seus atos, da estupidez de serem flagrados.

– Eu não vou obrigá-lo a fazer isso – afirmou ela.

– Mas eu vou – decretou Anthony.

Simon balançou a cabeça.

– Até amanhã eu terei saído do país.

– Você vai embora? – perguntou Daphne.

O som magoado da voz dela cravou uma faca de culpa no coração de Simon.

– Se eu ficar, você será sempre marcada pela minha presença. O melhor a fazer é partir.

O lábio inferior dela tremia, e isso o deixou arrasado. Uma única palavra saiu da boca de Daphne. Foi o nome dele, cheio de um desejo que o deixou completamente arrasado.

Simon levou um instante para conseguir dizer:

– Eu não posso me casar com você, Daff.

– Não pode ou não quer? – questionou Anthony.

– Os dois.

Anthony bateu nele de novo.

Simon caiu no chão, impressionado com a força da pancada em seu queixo. Mas ele merecia cada golpe, cada pontada de dor. Não queria olhar para Daphne, não queria ter que encará-la, mas ela se ajoelhou a seu lado e passou a mão suavemente por trás dos ombros dele para ajudá-lo a se levantar.

– Eu sinto muito, Daff – desculpou-se ele, obrigando-se a olhar para o rosto dela. Sentiu-se estranho e tonto, e seu olho inchado não o deixava enxergar direito, mas ela o estava ajudando mesmo depois que ele a rejeitara, então lhe devia ao menos isso. – Muito mesmo.

– Poupe suas palavras patéticas – vociferou Anthony. – Vejo você ao amanhecer.

– Não! – gritou Daphne.

Simon olhou para Anthony e assentiu de maneira quase imperceptível. Então se virou mais uma vez para Daphne e murmurou:

– Se p-pudesse ser alguém, Daff, seria você. Eu j-juro.

– Do que você está falando? – indagou ela, com a perplexidade transformando seus olhos escuros em órbitas frenéticas. – O que quer dizer?

Simon se limitou a fechar os olhos e suspirar. No dia seguinte, àquela mesma hora, ele estaria morto, porque certamente não iria levantar uma pistola contra Anthony e duvidava que estivesse calmo o bastante para atirar para cima.

Ainda assim – de uma forma bizarra e patética –, ele conseguiria o que sempre desejara da vida. Teria sua vingança final contra o pai.

Estranho, mas não era dessa forma que ele achara que fosse terminar. Sempre pensara que... bem, ele não sabia o que sempre pensara. A maioria dos homens evita tentar prever a própria morte. Mas não era daquela maneira que ele tinha imaginado que seria. Não com os olhos do melhor amigo ardendo de ódio. Não num campo deserto, ao amanhecer.

Não com desonra.

As mãos de Daphne, que o estavam acariciando tão gentilmente, apertaram seus ombros e o sacudiram. O movimento forçou seu olho a se abrir e ele viu que o rosto dela estava muito perto do dele – com uma expressão furiosa.

– Qual é o seu problema? – perguntou ela. Ele nunca tinha visto Daphne daquele jeito, com os olhos chispando de raiva, angústia e até um pouco de desespero. – Ele vai matar você! Vai se encontrar com você em algum campo deserto e matar você com um tiro. E você age como se quisesse isso!

– Eu n-não q-q-quero m-morrer – disse ele, com a mente e o corpo tão cansados que sequer se importava de estar gaguejando. – M-mas eu não posso me casar com você.

Ela o soltou e se afastou. A expressão de dor e rejeição em seus olhos era quase impossível de suportar. Daphne parecia desamparada, enrolada no casaco enorme do irmão e com pedaços de galhos e folhas ainda presos nos cabelos escuros. Quando abriu a boca para falar, parecia que as palavras estavam sendo arrancadas de sua alma.

– Eu... eu sempre soube que não era o tipo de mulher com quem os homens sonham, mas nunca imaginei que alguém fosse preferir morrer a se casar comigo.

– Não! – gritou Simon, esforçando-se para se levantar apesar das dores que tomavam conta de seu corpo. – Daphne, não é isso!

– Você já disse o bastante – decretou Anthony numa voz seca, metendo-se entre

os dois.

Pôs as mãos nos ombros da irmã e a tirou de perto do homem que havia partido seu coração e possivelmente destruído sua reputação para sempre.

– Só mais uma coisa – pediu Simon, detestando a expressão patética de súplica que sabia que estava em seus olhos.

Mas precisava falar com Daphne. Tinha que garantir que ela compreendesse.

Porém Anthony fez que não com a cabeça.

– Espere. – Simon puxou a manga da camisa daquele homem que um dia já fora seu melhor amigo. – Não posso consertar isto. Eu fiz... – Ele soltou um suspiro irregular, tentando organizar os pensamentos. – Eu fiz uma promessa, Anthony. Não posso me casar com ela. Não posso corrigir isso. Mas posso dizer a ela...

– Dizer o quê? – perguntou Anthony absolutamente desprovido de emoção.

Simon soltou a blusa dele e passou a mão pelos cabelos. Ele não poderia contar a Daphne. Ela não compreenderia. Ou, pior, compreenderia e então tudo o que sentiria por ele seria piedade. Finalmente, sabendo que Anthony estava olhando para ele com ar impaciente, disse:

– Talvez eu possa melhorar a situação ao menos um pouco.

Anthony não se moveu um centímetro sequer.

– Por favor. – Simon se perguntou se já havia pronunciado essas palavras com tanta intensidade.

Anthony continuou parado por vários segundos, então deu um passo para o lado.

– Obrigado – disse Simon num tom de voz solene, antes de se voltar para Daphne.

Ele pensou que ela talvez se recusasse a olhar para ele, insultando-o com seu desdém, mas, em vez disso, Daphne ergueu a cabeça, com os olhos desafiadores e ousados. Nunca a admirou tanto.

– Daff – começou ele, ainda sem ter certeza do que dizer, mas esperando que as palavras de alguma forma saíssem corretas e de uma vez só. – Não... não é você. Se pudesse ser alguém, seria você. Mas casar comigo a destruiria. Eu jamais poderia lhe dar o que você quer. Você morreria um pouco a cada dia, e assistir a isso me mataria.

– Você nunca poderia me magoar – murmurou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Você precisa confiar em mim.

O olhar dela se tornou doce e sincero quando ela sussurrou:

– Eu confio. Mas me pergunto se você confia em mim.

As palavras dela foram como um soco no estômago, e Simon se sentiu impotente e vazio quando afirmou:

– Por favor, saiba que eu nunca quis magoar você.

Daphne permaneceu imóvel por tanto tempo que ele se perguntou se ela havia parado de respirar. Mas então, sem sequer olhar para o irmão, ela pediu:

– Quero ir para casa.

Anthony passou os braços ao redor dela e a virou para si, como se pudesse protegê-la simplesmente ao impedi-la de ver Simon.

– Eu levo você – disse ele em um tom tranquilizador. – Vou colocá-la na cama e lhe dar um pouco de conhaque.

– Não quero beber nada – retrucou Daphne enfaticamente. – Quero pensar.

Simon achou que Anthony ficou um pouco perplexo com a afirmação dela, mas, justiça seja feita, tudo o que fez foi dar um aperto suave no braço da irmã e dizer:

– Tudo bem, então.

E Simon ficou ali parado, espancado e ensanguentado, até os dois desaparecerem na noite.

CAPÍTULO 11

O baile anual de Lady Trowbridge em Hampstead Heath, sábado à noite, foi, como sempre, um dos pontos altos da temporada de fofocas. Esta autora viu Colin Bridgerton dançar com todas as três irmãs Featheringtons (não ao mesmo tempo, é claro), embora deva se dizer que o mais espirituoso dos Bridgertons não parecia encantado com seu destino. Além disso, Nigel Berbrooke foi flagrado cortejando uma moça que não era a Srta. Daphne Bridgerton – talvez ele tenha finalmente percebido a inutilidade de sua perseguição.

E, por falar na Srta. Bridgerton, ela deixou o evento cedo. O irmão Benedict informou aos curiosos que ela estava com dor de cabeça, mas esta autora a viu no começo da noite, enquanto ela conversava com o velho duque de Middlethorpe, e ela aparentava estar em perfeito estado de saúde.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
17 DE MAIO DE 1813

Foi impossível dormir. Daphne ficou andando de um lado para outro, deixando um rastro no tapete azul e branco que havia em seu quarto desde que ela era criança. Sua mente era um turbilhão de pensamentos, mas uma coisa estava clara: ela precisava impedir aquele duelo.

No entanto, Daphne não subestimava as dificuldades que essa tarefa envolvia. Em primeiro lugar, porque os homens em geral eram idiotas teimosos quando se tratava de coisas como honra e duelos, e ela realmente duvidava que Anthony ou Simon fossem gostar de sua interferência.

Em segundo lugar, ela nem sabia onde ocorreria a luta. Os dois não tinham falado sobre isso no jardim de Lady Trowbridge. Daphne imaginou que Anthony mandaria uma mensagem a Simon por um criado. Ou talvez, na posição de desafiado, Simon tivesse o direito de escolher o local. Daphne estava certa de que devia haver algum tipo de etiqueta a ser seguida, mas ela não a conhecia.

Parou diante da janela e abriu a cortina para espiar lá fora. A noite ainda estava no começo segundo os padrões da sociedade. Ela e Anthony tinham saído bem cedo da festa e chegado em casa havia duas horas. Até onde Daphne sabia, Benedict, Colin e a mãe ainda estavam na casa de Lady Trowbridge. Ela encarou o fato de ainda não terem retornado como um bom sinal. Se a cena com Simon tivesse tido testemunhas, a fofoca certamente teria corrido o salão em segundos, fazendo com que a mãe corresse para casa, envergonhada.

Então talvez Daphne pudesse passar por aquela noite apenas com o vestido em farrapos – e não sua reputação.

Mas a preocupação com a honra era o menor de seus problemas. Ela queria que sua família chegasse logo em casa por outro motivo. Não havia como impedir o duelo sozinha. Só se fosse imbecil para atravessar Londres de madrugada e tentar argumentar com dois homens em guerra. Ela precisaria de ajuda.

Daphne achava que Benedict ficaria imediatamente do lado de Anthony na história. Na verdade, era capaz até de agir como ajudante dele.

Mas Colin... Colin poderia concordar com sua forma de pensar. Era provável que reclamasse e dissesse que Simon merecia ser morto ao amanhecer, mas se Daphne implorasse ele a ajudaria.

O duelo precisava ser impedido. Ela não entendia o que se passava pela cabeça de Simon, mas era óbvio que ele estava angustiado com alguma coisa, provavelmente algo relacionado a seu pai. Daphne já tinha percebido que ele era atormentado por um demônio interior. Ele disfarçava bem, sobretudo quando estava em sua companhia, mas ela já o tinha visto várias vezes com uma lúgubre expressão de desespero nos olhos. Tinha que haver um motivo que o fazia ficar assim com tanta frequência. Às vezes Daphne achava que era a única pessoa com quem ele ficava relaxado o bastante para rir, brincar e conversar amenidades. E talvez Anthony. Bem, principalmente Anthony, antes de tudo aquilo acontecer.

Mas, apesar da postura fatalista de Simon no jardim de Lady Trowbridge, ela não achava que ele queria morrer.

Daphne ouviu o barulho de rodas nos cascalhos e correu para abrir a janela bem a tempo de ver a carruagem da família passar pela casa a caminho do estábulo.

Contorcendo as mãos, ela atravessou o quarto correndo e colou o ouvido na porta. Não podia descer. Anthony achava que ela estava dormindo, ou pelo

menos deitada remoendo os acontecimentos da noite.

Ele prometera que não diria nada a Violet. Pelo menos não até saber o que tinha chegado aos ouvidos dela.

A volta de todos tarde da noite deu a entender a Daphne que não houvera qualquer boato grave circulando a seu respeito, mas isso não significava que ela tivesse escapado sã e salva. Devia ter havido rumores. Sempre havia. E rumores fora de controle podiam rapidamente se transformar em uma grande confusão.

Ela sabia que acabaria tendo de encarar a mãe. Mais cedo ou mais tarde, Violet ficaria sabendo de alguma coisa. A sociedade garantiria isso. Daphne apenas esperava que, quando as fofocas chegassem aos ouvidos de Violet – a maioria delas, infelizmente, verdadeira –, a filha já estivesse noiva de algum duque.

Todos perdoariam qualquer coisa de uma pessoa comprometida com um duque.

E este seria o ponto crucial de sua estratégia para salvar a vida de Simon. Ele não salvaria a si mesmo, mas poderia salvar *Daphne*.

Colin Bridgerton atravessou o corredor na ponta dos pés, pisando silenciosamente na passadeira estendida no chão. A mãe tinha ido se deitar e Benedict estava reunido com Anthony no escritório dele. Mas Colin não estava interessado em nenhum deles. Era Daphne que ele queria ver.

Bateu de leve na porta da irmã, encorajado pelo fraco feixe de luz que escapava por baixo dela. Com certeza Daphne havia deixado várias velas acesas. Como era sensata demais para cair no sono sem apagá-las, ainda devia estar acordada.

E, nesse caso, teria que falar com ele.

Levantou a mão para bater novamente, mas a porta se abriu sem qualquer barulho e ela fez sinal para que ele entrasse.

– Preciso falar com você – sussurrou.

– Eu também preciso falar com você – disse Colin.

Depois que ele entrou, Daphne olhou rapidamente para os dois lados do corredor e fechou a porta.

– Estou em apuros – começou ela.

– Eu sei.

O sangue se esvaiu de seu rosto.

– Sabe?

Colin assentiu, com os olhos verdes sérios de uma forma um tanto incomum.

– Você se lembra do meu amigo Macclesfield?

Ela assentiu. Era o jovem conde que a mãe insistira em lhe apresentar três semanas antes. A mesma noite em que conhecera Simon.

– Bem, ele a viu hoje desaparecendo nos jardins com Hastings.

Daphne sentiu a garganta se fechar, mas conseguiu perguntar:

– Viu?

Colin assentiu, irritado.

– Com certeza ele não vai dizer nada. Somos amigos há quase dez anos. Mas, se ele viu vocês, outra pessoa também pode ter visto. Lady Danbury ficou olhando para nós com uma cara bem esquisita enquanto ele me contava sobre vocês.

– Lady Danbury também viu? – indagou Daphne.

– Não sei – respondeu Colin com um leve estremecimento. – Só sei que ela me encarou como se soubesse de tudo o que já fiz de errado na vida.

Daphne balançou a cabeça ligeiramente.

– É o jeito dela. E, mesmo que ela tenha visto algo, não dirá nada.

– Lady Danbury? – disse Colin, desconfiado.

– Ela é uma cobra, e sabe ser bastante sarcástica, mas não é o tipo de pessoa capaz de destruir alguém apenas por diversão. Se souber de alguma coisa, irá me confrontar diretamente.

Colin não pareceu convencido.

Daphne pigarreou várias vezes enquanto tentava elaborar a próxima pergunta:

– O que exatamente ele viu?

O rapaz olhou para ela com desconfiança.

– Como assim?

– O que exatamente... – repetiu ela quase explodindo, com os nervos à flor da pele por conta da noite longa e estressante. – O que ele viu?

Colin se empertigou e olhou para ela com uma expressão defensiva.

– O que eu já disse – respondeu ele. – Viu você desaparecer nos jardins com Hastings.

– Mas foi só isso?

– Só isso? – falou Colin. Seus olhos se arregalaram e então se estreitaram. – Que diabo aconteceu lá?

Daphne se atirou numa poltrona e enterrou o rosto nas mãos.
– Ah, Colin, estou muito enrolada.
Ele não disse nada. Daphne secou os olhos, que estavam estranhamente molhados apesar de ela não estar chorando, e olhou para cima. O irmão parecia mais velho – e mais severo – do que ela jamais o vira. Estava com os braços cruzados, as pernas abertas numa posição imponente e implacável, e seus olhos, em geral tão alegres e travessos, mostravam-se bem sérios. Com certeza ele estava esperando que ela olhasse para cima antes de falar.
– Agora que sua demonstração de autopiedade acabou – disse ele enfaticamente –, que tal me contar o que você e Hastings fizeram hoje no jardim de Lady Trowbridge?
– Não use esse tom de voz comigo – respondeu Daphne. – E não me acuse de autopiedade. Pelo amor de Deus, um homem vai morrer amanhã! Eu tenho o direito de estar chateada.
Colin sentou-se numa cadeira de frente para ela, com o rosto suavizado por uma expressão de extrema preocupação.
– É melhor você me contar tudo.
Daphne assentiu e relatou os eventos. Porém não explicou a extensão precisa de sua desgraça. Colin não precisava saber exatamente o que Anthony via. Dizer que fora flagrada numa posição comprometedora teria que bastar.
Enfim, ela concluiu:
– E agora vai haver um duelo e Simon vai morrer!
– Você não tem certeza disso, Daphne.
Ela balançou a cabeça tristemente.
– Ele não vai atirar em Anthony. Eu apostaria minha vida nisso. E Anthony... – Sua voz ficou embargada e ela precisou engolir em seco antes de prosseguir. – Anthony está tão furioso que duvido que vá desistir.
– O que você quer fazer?
– Não sei. Não sei nem onde o duelo vai acontecer. Só sei de uma coisa: preciso impedi-lo!
Colin disse um palavrão em voz baixa e então continuou de forma gentil:
– Não sei se você pode fazer isso, Daphne.
– Eu preciso! – gritou ela. – Colin, não posso ficar aqui sentada olhando para o teto esperando que Simon morra. – Sua voz ficou embargada e ela acrescentou: –

Eu o amo.
Ele empalideceu.
– Mesmo depois de ele tê-la rejeitado?
Ela assentiu com desânimo.
– Não me importo se isso faz com que eu pareça uma idiota patética, mas não posso evitar. Eu ainda o amo. Ele precisa de mim.
– Se isso fosse verdade – falou Colin, baixinho –, não acha que ele teria concordado em se casar com você quando Anthony exigiu?
Daphne balançou a cabeça.
– Não. Tem alguma outra coisa que eu não sei. Não consigo explicar direito, mas é como se uma parte dele quisesse se casar comigo. – Ela estava ficando agitada, com a respiração ofegante, mas mesmo assim prosseguiu: – Não sei, Colin... Se você tivesse visto a expressão dele, entenderia o que estou dizendo. Ele estava tentando me proteger de alguma coisa. Tenho certeza.
– Não conheço Hastings tão bem como Anthony – disse Colin – nem mesmo tão bem como você, mas nunca ouvi nada sobre algum segredo profundo e grave relacionado a ele. Tem certeza... – Parou no meio da frase e segurou o rosto entre as mãos por um instante antes de olhar de novo para ela. Quando voltou a falar, sua voz estava dolorosamente suave. – Tem certeza de que os sentimentos dele por você não são fruto de sua imaginação?
Daphne não se ofendeu. Sabia que a história parecia fantástica, mas seu coração lhe dizia que estava certa.
– Eu não quero que ele morra – resumiu ela em voz baixa. – No fim, é só isso que importa.
Colin assentiu, mas então fez uma última pergunta:
– Você não quer que ele morra ou não quer que ele morra por sua causa?
Daphne se levantou, trêmula.
– Acho melhor você sair – pediu ela, usando o que lhe restava de energia para manter a voz firme. – Não acredito que me perguntou isso.
Mas Colin não obedeceu. Apenas estendeu o braço e apertou a mão da irmã.
– Vou ajudá-la, Daff. Você sabe que eu faço qualquer coisa por você.
Então ela caiu em seus braços e deixou rolarem todas as lágrimas que vinha segurando tão bravamente.

Meia hora depois, estava com os olhos secos e a mente clara. Precisava ter chorado. Havia muita coisa presa dentro dela – muitos sentimentos, muita confusão, mágoa e raiva. Ela precisava liberar tudo aquilo. Mas agora não havia mais tempo para emoção. Tinha que manter a cabeça fria e se concentrar em seu objetivo.

Colin fora sondar Anthony e Benedict, que estavam, segundo ele, conversando em voz baixa e de forma frenética no escritório de Anthony. Assim como Daphne, Colin achava que Anthony devia ter pedido que Benedict o acompanhasse. Sua missão era descobrir onde o duelo seria realizado. Daphne não tinha dúvida de que ele conseguiria. Colin sempre conseguia que todos lhe contassem tudo.

Daphne vestira sua roupa de montaria mais surrada e confortável. Não fazia ideia de como a manhã acabaria, mas a última coisa que queria era ficar tropeçando em rendas e anáguas.

Alguém bateu à porta e, antes que ela girasse a maçaneta, Colin entrou no quarto. Ele também havia trocado de roupa.

– Descobriu tudo? – perguntou Daphne com ansiedade.

Ele assentiu rapidamente.

– Não temos tempo a perder. Imagino que você queira chegar lá antes de todo mundo, certo?

– Se Simon aparecer antes de Anthony, talvez eu possa convencê-lo a casar comigo antes do duelo.

Colin soltou um suspiro tenso.

– Daff – disse ele –, você considerou a possibilidade de não conseguir o que quer?

Ela engoliu em seco, sentindo um nó na garganta.

– Estou tentando não pensar nisso.

– Mas...

Daphne o interrompeu.

– Se eu pensar nisso, corro o risco de perder o foco, a coragem – argumentou com a voz tensa. – E não posso fazer isso. Pelo bem de Simon, não posso fazer isso.

– Espero que ele saiba o seu valor – comentou Colin baixinho. – Porque, se não souber, talvez eu mesmo tenha que matá-lo.
Daphne respondeu apenas:
– É melhor irmos logo.
Ele assentiu e os dois partiram.

Simon guiou o cavalo ao longo da trilha em direção ao canto mais distante do novo Regent's Park. Anthony sugerira – e ele concordara – que resolvessem o assunto longe de Mayfair. Seriam as primeiras horas do amanhecer, é claro, e provavelmente as pessoas ainda não teriam saído de casa, mas não havia motivo para alardear um duelo em Hyde Park.
Não que Simon se importasse muito com o fato de duelos serem ilegais. Afinal, não estaria por perto para sofrer as consequências.
Mas era um jeito muito desagradável de morrer. No entanto, Simon não via alternativa. Havia desonrado uma dama de família com quem não podia se casar e agora devia pagar por isso. Não era nada que Simon não soubesse antes de beijá-la.
Quando se encaminhava ao ponto de encontro, viu que Anthony e Benedict já haviam chegado e esperavam por ele. Estavam com os cabelos castanhos despenteados pela brisa e uma expressão severa no rosto.
Quase tão severa como os sentimentos de Simon.
Parou a alguns metros dos dois e desceu do cavalo.
– Onde está seu assistente? – perguntou Benedict.
– Não me dei o trabalho de arranjar um – respondeu Simon.
– Mas você precisa de um assistente! Não existe duelo sem isso.
Simon apenas deu de ombros.
– Não achei necessário. Você trouxe as armas. Confio em você.
Anthony foi até ele.
– Eu não quero fazer isso – disse ele.
– Você não tem escolha.
– Mas você tem – insistiu Anthony. – Poderia se casar com ela. Talvez não a ame, mas sei que gosta dela o suficiente. Por que continua se negando?
Simon pensou em ser sincero, em contar todos os motivos pelos quais jurara

jamais se casar e perpetuar sua linhagem. Mas eles não entenderiam. Não os Bridgertons, para quem a família era algo bom e verdadeiro. Não sabiam nada a respeito de palavras cruéis e sonhos destruídos. Não conheciam a rejeição.

Ele considerou, então, a possibilidade de dizer alguma coisa cruel, algo que fizesse Anthony e Benedict desprezarem-no e que acabasse mais rápido com aquele suposto duelo. Mas isso exigiria que ele difamasse Daphne, e Simon simplesmente não poderia fazer isso.

Assim, tudo o que ele fez foi encarar Anthony Bridgerton, o homem que havia sido seu amigo desde os primeiros dias de escola, e dizer:

– Apenas saiba que não tem nada a ver com Daphne. Sua irmã é a melhor mulher que tive o privilégio de conhecer.

E então, fazendo um sinal com a cabeça para os dois, Simon pegou uma das duas pistolas do estojo que Benedict havia colocado no chão e começou sua longa caminhada até a parte norte do campo.

– Espeeeeeeereeeeeem!

Simon soltou um arquejo e se virou. Meu Deus, era Daphne!

Ela estava montada em sua égua, atravessando o campo a galope, e por um instante de perplexidade Simon se esqueceu de ficar absolutamente furioso com ela por interferir no duelo e apenas se maravilhou com a imagem magnífica da moça sentada na sela.

Quando Daphne puxou as rédeas e fez o animal parar diante dele, no entanto, sua raiva já tinha voltado com toda a força.

– Que *diabo* você pensa que está fazendo? – perguntou.

– Salvando sua vida miserável! – Ela o fuzilou com os olhos e Simon se deu conta de que nunca a vira tão furiosa.

Quase tão furiosa quanto ele.

– Daphne, sua maluca! Você percebe como essa sua façanha é perigosa? – Sem perceber o que estava fazendo, ele passou as mãos ao redor dos ombros dela e começou a tremer. – Um de nós poderia ter atirado em você.

– Ah, por favor – zombou ela. – Você ainda não tinha nem chegado à sua ponta do campo.

Ela tinha razão, mas ele estava irado demais para reconhecer isso.

– E cavalgar até aqui sozinha! De madrugada! – gritou ele. – Você devia saber os riscos que correria.

– Eu sei muito bem dos riscos – respondeu ela. – Colin veio comigo.

– Colin? – Simon virou a cabeça de um lado para outro enquanto procurava por ele. – Eu vou matá-lo!

– Antes ou depois que Anthony atirar no seu peito?

– Ah, definitivamente antes – resmungou Simon. – Onde está ele? Bridgerton! – gritou.

Três cabeças muito parecidas se viraram para ele. Simon saiu pisando firme pela grama, com olhos mortais.

– Eu estava me referindo ao Bridgerton idiota.

– Acho que deve ser você – disse Anthony suavemente, acenando com a cabeça na direção de Colin.

O rapaz lançou um olhar letal para o irmão.

– E eu devia deixá-la em casa se esgoelando de tanto chorar?

– Devia! – responderam três vozes diferentes.

– Simon! – gritou Daphne, tropeçando na grama atrás dele. – Volte aqui!

O duque se virou para Benedict.

– Tire sua irmã daqui.

Ele pareceu indeciso.

– Vá! – ordenou Anthony.

Benedict permaneceu imóvel, alternando o olhar entre os irmãos, a irmã e o homem que a tinha desonrado.

– Pelo amor de Deus... – disse Anthony.

– Ela merece uma chance de falar – afirmou Benedict, cruzando os braços.

– Qual é o problema de vocês? – rugiu Anthony, olhando furioso para os dois irmãos mais jovens.

– Simon – chamou Daphne, ofegante depois de correr pelo campo –, você precisa me ouvir.

Ele tentou ignorar os puxões dela na manga de sua camisa.

– Daphne, desista. Não há nada que você possa fazer.

Ela encarou os irmãos com olhos suplicantes. Colin e Benedict estavam evidentemente solidários, mas não tinham muito como ajudá-la. Anthony ainda parecia um deus irado.

Finalmente, ela fez a única coisa em que pôde pensar para atrasar o duelo. Deu um soco em Simon. No olho bom.

Ele gritou de dor enquanto cambaleava para trás.

– Por que diabo você fez isso?

– Caia, seu idiota – sussurrou ela.

Se ele estivesse prostrado no chão, Anthony não poderia atirar nele.

– Com toda a certeza não vou cair! – resmungou ele com a mão no olho. – Pelo amor de Deus, ser derrubado por uma mulher. Isso é inaceitável.

– Homens... – murmurou Daphne. – Todos idiotas. – Ela se virou para os irmãos, que a encaravam com expressões idênticas de perplexidade. – O que estão olhando? – desafiou.

Colin começou a aplaudir. Anthony bateu no ombro dele.

– Poderiam me deixar a sós por um pequeno, brevíssimo momento com Sua Alteza? – pediu ela, praticamente sussurrando.

Colin e Benedict assentiram e se afastaram. Anthony não se mexeu.

Daphne o fuzilou com o olhar.

– Vou dar um soco em você também.

E ela teria cumprido a ameaça se Benedict não tivesse voltado e quase arrancado o braço do irmão enquanto o puxava para longe.

Daphne encarou Simon, que pressionava o supercílio com os dedos, como se isso pudesse diminuir a dor em seu olho.

– Não acredito que você me deu um soco – disse ele.

Ela olhou mais uma vez para os irmãos a fim de se certificar de que eles não podiam escutar.

– Pareceu uma boa ideia no momento.

– Não sei o que você pretendia conseguir aqui – comentou ele. – Pensei que eu tivesse sido bem claro. – Ele suspirou. Nesse momento, pareceu cansado e infinitamente velho. – Já falei que não posso me casar com você.

– Você *tem* que se casar comigo.

As palavras dela foram tão intensas que ele a encarou com olhos atentos.

– Como assim? – perguntou ele, com a voz ainda sob controle.

– Nós fomos vistos.

– Por quem?

– Macclesfield.

Simon relaxou visivelmente.

– Ele não dirá nada.

– Mas outras pessoas também viram!

Daphne mordeu o lábio inferior. Não era necessariamente uma mentira. Devia ter havido mesmo outras pessoas.

– Quem?

– Não sei – admitiu ela. – Mas ouvi rumores. Até amanhã todos em Londres terão ouvido também.

Simon praguejou com tanta fúria que Daphne chegou a dar um passo para trás.

– Se não se casar comigo – comentou ela em voz baixa –, vou estar acabada.

– Isso não é verdade – contestou ele, sem muita convicção.

– É, sim, e você sabe disso. – Ela se obrigou a encará-lo. Todo o futuro dela (e a vida dele!) dependia daquele momento. Daphne não podia vacilar. – Ninguém vai me querer. Serei mandada para algum canto esquecido do país...

– Sua mãe jamais faria isso.

– Mas nunca vou me casar. Você sabe disso. – Deu um passo para a frente, ficando propositalmente próxima a ele. – Serei vista para sempre como uma perdida. Nunca terei um marido, nunca terei filhos...

– Pare! – Simon quase gritou. – Pelo amor de Deus, pare.

Anthony, Benedict e Colin se viraram ao ouvir o grito, mas Daphne balançou a cabeça para eles de forma frenética e conseguiu que ficassem onde estavam.

– Por que não pode se casar comigo? – perguntou ela em voz baixa. – Sei que gosta de mim. O que é?

Simon passou a mão pelo rosto, apertando as têmporas com o polegar e o indicador. Estava morrendo de dor de cabeça. E Daphne... meu Deus, ela estava cada vez mais próxima. Ela estendeu a mão e tocou em seu ombro, acariciou seu rosto. Ele não era forte o bastante. Pelo amor de Deus, ele não ia ser forte o bastante.

– Simon – implorou ela –, me salve.

Ele estava perdido.

CAPÍTULO 12

Um duelo! Existe algo mais excitante, mais romântico... ou mais imbecil?

Chegou aos ouvidos desta autora que um duelo ocorreu no início desta semana no Regent's Park. Como acontecimentos desse tipo são ilegais, esta autora não revelará os nomes dos envolvidos, mas que fique claro que ela reprova seriamente tal demonstração de violência.

É claro que, como a notícia chegou a este jornal, parece que os dois idiotas que participaram da luta (nego-me a chamá-los de cavalheiros, pois isso implicaria algum grau de inteligência, uma qualidade que, se eles algum dia possuíram, por certo os deixou na mão aquela manhã) saíram ilesos.

Talvez um anjo de sensatez e racionalidade tenha olhado por eles naquele dia fatídico.

Se foi o caso, esta autora crê que esse anjo deveria lançar sua influência sobre muitos outros homens da sociedade. Tal ação promoveria um ambiente bem mais pacífico e amistoso, levando a uma melhoria significativa de nosso mundo.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
19 DE MAIO DE 1813

Simon ergueu o olhar furioso para ela.

– Eu caso – disse ele em voz baixa –, mas você precisa saber...

A frase foi interrompida pelo grito exultante e o abraço apertado que ela lhe deu.

– Ah, Simon, você não vai se arrepender – prometeu ela, com as palavras saindo num jorro de alívio. Seus olhos brilhavam tanto com lágrimas não derramadas quanto de alegria. – Vou fazê-lo feliz. Eu prometo. Vou fazê-lo muito feliz. Você não vai se arrepender.

– Pare! – interrompeu Simon com dificuldade, empurrando-a para longe. A felicidade verdadeira dela era demais para ele. – Você tem que me ouvir.

Ela parou e seu rosto ficou apreensivo.

– Escute o que tenho a dizer – continuou ele com um tom de voz áspero – e então decida se quer se casar comigo.

Mordendo o lábio inferior, ela assentiu muito levemente.

Simon deu um suspiro tenso. Como contar a ela? *O que* dizer? Não poderia falar a verdade. Não *toda* a verdade, pelo menos. Mas Daphne teria que compreender... Caso se casasse com ele... Ela estaria abrindo mão de muito mais do que jamais imaginaria.

Ele precisava lhe dar a oportunidade de desistir. Ela merecia isso. Simon engoliu em seco, com a culpa descendo desconfortavelmente por sua garganta. Ela tinha direito a muito mais do que ele poderia lhe dar, mas era só o que podia oferecer.

– Daphne – disse ele, o nome dela como sempre reconfortando sua alma –, se você se casar comigo...

Ela deu um passo para a frente e estendeu-lhe a mão, apenas para puxá-la de volta diante do olhar cauteloso dele.

– O quê? – sussurrou ela. – Nada pode ser tão terrível que...

– Eu não posso ter filhos.

Pronto. Ele disse. E era quase a verdade.

Os lábios de Daphne se entreabriram, mas não houve qualquer outro sinal de que ela o ouvira.

Ele sabia que suas palavras seriam brutais, mas não via nenhuma outra maneira de fazer com que ela compreendesse.

– Se você se casar comigo, nunca terá filhos. Nunca terá um bebê em seus braços sabendo que é seu, que o gerou com amor. Você nunca...

– Como você sabe? – interrompeu ela, com a voz monótona e estranhamente alta.

– Eu simplesmente sei.

– Mas...

– Eu não posso ter filhos – repetiu ele cruelmente. – Você precisa entender isso.

– Sei. – A boca de Daphne estremeceu levemente, como se ela não soubesse o que dizer, e pareceu piscar um pouco mais depressa do que o usual.

Simon encarou-a, mas não conseguiu ler suas emoções como costumava fazer. Ela em geral tinha uma expressão muito transparente, com olhos sinceros de

uma forma impressionante – era como se ele pudesse ver sua alma. Mas naquele momento ela parecia fechada e sem ação.

Estava perturbada – isso era claro. Mas ele não fazia ideia do que ela iria dizer ou como iria reagir.

E teve a estranha sensação de que Daphne também não sabia.

Sentiu uma presença à sua direita. Virou-se e viu Anthony com uma expressão ao mesmo tempo irritada e preocupada.

– Algum problema? – perguntou ele baixinho, olhando para o rosto angustiado da irmã.

Antes que Simon pudesse responder, Daphne disse:

– Não.

Os olhares dos dois homens se voltaram para ela.

– Não vai haver duelo – continuou. – Simon e eu vamos nos casar.

– Sei. – Era como se Anthony quisesse estar mais aliviado, mas a expressão solene da irmã impôs um estranho silêncio à situação. – Vou contar aos outros – disse ele, afastando-se.

Simon sentiu algo bastante esquisito invadir seus pulmões. Percebeu melancolicamente que se tratava de ar. Ele estivera prendendo a respiração sem sequer notar. Experimentou outro sentimento também. Algo quente e terrível, e ao mesmo tempo exultante e maravilhoso. Era emoção, pura e absoluta, uma mistura bizarra de alívio, alegria, desejo e temor. E ele, que passara a maior parte da vida evitando sensações confusas, não tinha ideia de como agir em seguida.

Seus olhos encontraram os de Daphne.

– Tem certeza? – perguntou, falando num suave sussurro.

Ela assentiu, com a expressão estranhamente neutra.

– Você vale a pena.

Então andou lentamente em direção a seu cavalo.

E Simon ficou se perguntando se tinha acabado de ser levado ao paraíso ou arrastado até as profundezas do inferno.

Daphne passou o restante do dia cercada pela família. Todos estavam, é claro, empolgados com a notícia do noivado. Todos menos seus irmãos mais velhos, que, embora se sentissem felizes pela irmã, estavam desanimados também.

Daphne não os culpava. Ela mesma se sentia assim. Os acontecimentos do dia haviam deixado-os exaustos.

Ficou decidido que o casamento deveria ocorrer o mais breve possível. (Violet fora informada de que Daphne talvez tivesse sido vista beijando Simon no jardim de Lady Trowbridge, e isso foi o bastante para que mandasse, na mesma hora, um pedido especial para o arcebispo.) Lady Bridgerton mergulhara, então, em um mar de detalhes da festa. Segundo ela, a cerimônia não precisava ser sem graça só porque seria simples.

Eloise, Francesca e Hyacinth, todas eufóricas com a perspectiva de serem damas de honra, não paravam de fazer perguntas. Como Simon tinha feito o pedido? Havia se ajoelhado? Que cor Daphne usaria e quando ele lhe daria um anel?

Daphne fez o que pôde para responder às perguntas, mas quase não conseguia se concentrar na conversa, e quando a tarde virou noite todas as suas respostas reduziram-se a monossílabos. Finalmente, depois que Hyacinth quis saber que cores de rosas ela queria para o buquê e ela respondeu “três”, as irmãs desistiram e a deixaram a sós.

A enormidade de suas ações havia deixado Daphne praticamente sem fala. Ela havia salvado a vida de uma pessoa, garantido uma promessa de casamento do homem que adorava e se comprometido a uma vida sem filhos.

Tudo num único dia.

Ela riu, com um certo desespero. Imagine o que seria capaz de realizar no dia seguinte...

Gostaria de saber o que passara por sua cabeça naqueles instantes finais antes de se virar para Anthony e dizer “Não haverá duelo”, mas achava que não conseguiria lembrar. O que quer que fosse, não era feito de palavras, frases ou pensamentos conscientes. Era como se ela estivesse rodeada de cores. Tons de vermelho e amarelo, e uma mistura de laranja na qual ela e Simon se encontravam. Puro sentimento e instinto. Era isso. Nenhuma razão, nenhuma lógica, nada remotamente racional ou sensato.

E, de alguma forma, enquanto tudo aquilo acontecia a seu redor, ela soubera o que tinha que fazer. Seria capaz de viver sem os filhos que ainda não haviam nascido, mas não sem Simon. Os bebês com que ela sonhara eram seres amorfos e desconhecidos que Daphne não podia ver nem tocar.

Mas Simon... Simon era real, e estava *ali*. Ela conhecia a sensação de tocar o rosto dele, de rir em sua presença. Conhecia o doce sabor de seu beijo e o ar zombeteiro de seu sorriso.

Ela o amava.

Talvez – apesar de ela mal ousar pensar nisso – ele estivesse errado. Talvez *pudesse* ter filhos. Talvez tivesse sido enganado por algum médico incompetente, ou então Deus estivesse apenas esperando o momento certo de lhe conceder um milagre. Ela não precisava de uma família do tamanho da sua, mas se pudesse ter um filho, apenas, sabia que se sentiria completa.

No entanto, não falaria sobre isso com Simon. Se ele vislumbrasse nela alguma esperança, por menor que fosse, de ter um filho, não a desposaria. Daphne sabia disso. Ele havia feito um esforço enorme para ser o mais sincero possível. Não permitiria que ela tomasse uma decisão se não acreditasse que estava plenamente consciente da situação.

– Daphne?

Ela, que até esse momento estivera sentada, indiferente, no sofá da sala de casa, ergueu o olhar e viu a mãe encarando-a com uma expressão de profunda preocupação.

– Você está bem? – perguntou Violet.

Daphne forçou um sorriso cansado.

– Estou só cansada.

Era verdade. Nem sequer lhe ocorrera que estava havia 36 horas sem dormir.

Violet sentou-se a seu lado.

– Pensei que você estaria mais empolgada. Sei que ama Simon.

Daphne olhou surpresa para a mãe.

– Não é difícil de perceber – comentou Violet com delicadeza. Deu um tapinha na mão da filha. – Ele é um bom homem. Você escolheu bem.

Daphne sentiu um sorriso vacilante se formar em seus lábios. Ela *havia* escolhido bem. E faria o melhor que pudesse de seu casamento. Mesmo que não fossem abençoados com filhos – afinal, ela mesma poderia ser estéril. Daphne sabia de vários casais que não tiveram filhos e duvidava que algum deles soubesse de suas deficiências antes dos votos matrimoniais. Além disso, com sete irmãos, ela certamente teria muitos sobrinhos e sobrinhas para abraçar e mimar.

Era melhor viver com o homem que amava do que ter filhos com um que não amasse.

– Por que não dorme um pouco? – sugeriu Violet. – Você está parecendo exausta. Detesto vê-la com olheiras.

Ela assentiu e se levantou com dificuldade. Sua mãe tinha razão. Ela precisava dormir.

– Tenho certeza de que estarei muito melhor em uma ou duas horas – disse, deixando escapar um bocejo.

Violet se levantou e ofereceu um braço à filha.

– Acho que não vai conseguir subir as escadas sozinha – comentou, sorrindo ao guiar Daphne para fora da sala e escada acima. – E, sinceramente, duvido que vá acordar de novo em uma ou duas horas. Darei instruções explícitas para que não seja incomodada até amanhã de manhã.

Daphne assentiu, sonolenta.

– Que bom – murmurou ela, tropeçando para dentro do quarto. – De manhã é bom.

Violet conduziu-a até a cama e a ajudou a se deitar. Tirou seus sapatos, mas deixou-a com a roupa que já estava vestindo.

– Pronto – disse ela baixinho, abaixando-se para beijar a testa da filha. – Pode dormir em paz agora.

A única resposta de Daphne foi um ronco.

Simon também estava exausto. Não era todos os dias que um homem se resignava a morrer. E depois era salvo pela mulher que ocupara todos os seus sonhos nas três semanas anteriores – e ainda ficava noivo dela!

Se não estivesse com dois olhos roxos e um ferimento no queixo de tamanho considerável, poderia achar que havia sonhado tudo aquilo.

Será que Daphne se dava conta do que fizera? Do que estava abrindo mão? Ela era uma moça sensata, que não se entregava a sonhos tolos e voos da imaginação. Simon acreditava que ela não teria concordado em se casar sem pensar em todas as consequências.

Mas, por outro lado, havia tomado a decisão em menos de um minuto. Como poderia ter considerado tudo em tão pouco tempo?

A menos que estivesse apaixonada por ele. Será que desistira do sonho de ter uma família porque o amava?

Ou talvez tivesse sido por culpa. Se ele houvesse morrido naquele duelo, tinha certeza de que Daphne se culparia. Mas que droga, ele *gostava* dela. Era uma das melhores pessoas que ele conhecia. Simon achava que não seria capaz de viver com a morte dela em sua consciência. Então, talvez ela se sentisse da mesma forma em relação a ele.

Mas, quaisquer que fossem seus motivos, a verdade era que no próximo sábado (Lady Bridgerton já havia mandado lhe avisar que o noivado não se prolongaria por muito tempo) ele estaria ligado a Daphne para o resto da vida.

E ela a ele.

Sabia que agora não havia como desistir. Daphne jamais abriria mão do casamento àquela altura, assim como ele. E, para sua absoluta surpresa, essa certeza quase fatalista parecia... uma coisa boa.

Daphne seria sua. Ela sabia de seus defeitos, tinha consciência do que ele não poderia lhe dar, e ainda assim o havia escolhido.

Isso o agradou mais do que jamais imaginou possível.

– Alteza?

Simon estava esparramado na cadeira de couro de seu escritório e olhou para cima. Não que precisasse. A voz baixa e calma só podia ser de seu mordomo.

– Sim, Jeffries?

– Lorde Bridgerton está aqui para vê-lo. Devo dizer que não está em casa?

Simon se levantou. Droga, como estava cansado.

– Ele não vai acreditar.

Jeffries assentiu.

– Sim, senhor. – Deu três passos em direção à porta e se virou. – Tem certeza de que deseja recebê-lo? O senhor parece ligeiramente, hã, indisposto.

Simon soltou uma risada seca.

– Se está se referindo ao estado de meus olhos, lorde Bridgerton é o responsável pelo ferimento maior.

Jeffries piscou como uma coruja.

– O maior, Alteza?

Simon conseguiu dar um meio sorriso. Não foi fácil. Todo o seu rosto doía.

– Sei que é difícil diferenciar, mas acontece que meu olho direito está um

pouco pior do que o esquerdo.
Jeffries se aproximou dele, claramente intrigado.
– Acredite em mim.
O mordomo se empertigou.
– É claro, senhor. Devo levar lorde Bridgerton à sala de estar?
– Não, traga-o aqui. – Diante da hesitação de Jeffries, Simon acrescentou: – E não precisa se preocupar com a minha segurança. Lorde Bridgerton não deverá acrescentar mais nenhum ferimento à minha coleção a esta altura. Não – acrescentou num resmungo – que fosse conseguir encontrar facilmente algum ponto que já não estivesse ferido.
Jeffries arregalou os olhos e saiu apressado do escritório.
Um instante depois, Anthony Bridgerton entrou. Olhou para o duque e disse:
– Você está péssimo.
Simon se levantou e ergueu uma sobrancelha – algo bastante difícil, dadas as circunstâncias.
– Isso o surpreende?
Anthony riu. O som saiu um pouco melancólico, meio vazio, mas Simon ouviu uma ressonância do velho amigo. Da antiga amizade deles. Ficou surpreso com quanto se sentiu grato por isso.
Anthony apontou para os olhos de Simon.
– Qual é o meu?
– O direito – respondeu ele, tocando a pele ferida com cuidado. – Daphne tem um belo soco para uma moça, mas não tem seu tamanho e sua força.
– Mesmo assim – comentou Anthony, inclinando-se para a frente a fim de inspecionar a obra da irmã –, ela fez um belo trabalho.
– Você devia se orgulhar dela – gemeu Simon. – Está doendo demais.
– Ótimo.
Então os dois ficaram em silêncio. Havia tanto a ser dito, mas nenhum deles sabia como começar.
– Eu nunca quis que fosse assim – falou Anthony finalmente.
– Nem eu.
Anthony se apoiou na beirada da mesa do escritório, mas ficou se remexendo desconfortavelmente, parecendo pouco à vontade.
– Não foi fácil para mim deixar que você a cortejasse.

– Você sabe que não era de verdade.

– Ontem à noite você *tornou* verdadeiro.

O que ele iria dizer? Que Daphne o havia seduzido, e não o contrário? Que fora ela que o levara para os jardins, em direção à escuridão da noite? Nada disso importava. Ele tinha muito mais experiência que Daphne. Deveria ter sido capaz de parar.

Ficou em silêncio.

– Espero que possamos deixar isso para trás – disse Anthony.

– Tenho certeza de que esse é o maior desejo de Daphne.

Anthony estreitou os olhos.

– E agora seu objetivo de vida é realizar os maiores desejos dela?

Todos, exceto um, pensou Simon. *Todos menos o que realmente importa*.

– Você sabe que eu farei de tudo para deixá-la feliz – afirmou ele.

Anthony assentiu.

– Se você a magoar...

– Eu nunca vou magoá-la – prometeu Simon, com os olhos inflamados.

O outro o encarou longa e seriamente.

– Eu estava preparado para matá-lo por desonrá-la. Se você a magoar, garanto que nunca terá paz em toda a sua vida. Que – acrescentou, com o olhar um pouco mais severo – não seria muito longa.

– Longa o suficiente apenas para que eu sentisse uma dor excruciante? – perguntou Simon com delicadeza.

– Exatamente.

Simon assentiu. Embora Anthony o estivesse ameaçando com tortura e morte, ele o respeitava por isso.

A devoção à própria irmã era algo admirável.

Simon se perguntou se Anthony via nele algo que mais ninguém podia ver. Os dois se conheciam havia tanto tempo... Será que Anthony de algum modo enxergara os cantos mais obscuros de sua alma? A angústia e a fúria que ele se esforçava tanto por manter em segredo?

Se assim fosse, era por isso que se preocupava com a felicidade da irmã?

– Eu lhe dou a minha palavra – jurou Simon. – Farei tudo o que estiver a meu alcance para manter Daphne segura e feliz.

Anthony assentiu secamente.

– É bom mesmo. – Afastou-se da mesa e foi em direção à porta. – Ou vai se ver comigo.

Então, foi embora.

Simon soltou um gemido e afundou de novo na poltrona de couro. Quando sua vida havia ficado tão complicada? Quando os amigos tinham se tornado inimigos e flertes inocentes se transformado em luxúria?

E que diabo ele iria fazer com Daphne? Não queria magoá-la – não suportava a ideia de magoá-la, na verdade – e, no entanto, estava condenado a fazer isso simplesmente ao se casar com ela. Simon a desejava com ardor, ansiava pelo dia em que poderia cobri-la com seu corpo, penetrando-a bem devagar até que ela gemesse seu nome...

Estremeceu. Pensamentos como aqueles não podiam ser bons para sua saúde.

– Alteza?

Jeffries de novo. Como estava cansado demais até para olhar para cima, Simon apenas fez um gesto com a mão.

– Não gostaria de se recolher, Alteza?

Simon conseguiu olhar para o relógio, mas só porque não precisou mexer a cabeça para isso. Eram apenas sete da noite. Longe do horário em que costumava ir para a cama.

– Ainda é cedo – resmungou ele.

– Mesmo assim – contestou o mordomo –, talvez o senhor queira se recolher.

Simon fechou os olhos. Jeffries tinha razão. Precisava mesmo de um longo encontro com o colchão de penas e os finos lençóis de linho. Podia fugir para seu quarto, onde talvez estivesse livre de ver um Bridgerton durante uma noite inteira.

Droga, da forma como estava se sentindo, ele seria capaz de ficar enfiado lá durante dias.

CAPÍTULO 13

O duque de Hastings e a Srta. Bridgerton vão se casar!

Esta autora precisa aproveitar a oportunidade para lembrar ao querido leitor que o casamento foi previsto pela coluna. Não nos passou despercebido que sempre que este jornal noticia uma nova ligação entre um cavalheiro qualificado e uma dama solteira, as apostas nos círculos da sociedade mudam em poucas horas, e sempre a favor do casamento.

Embora esta autora não seja aceita no White's, ela tem motivos para acreditar que as apostas oficiais sobre a união do duque e da Srta. Daphne Bridgerton eram de duas para uma.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
21 DE MAIO DE 1813

O restante da semana passou voando. Daphne não viu Simon por vários dias. Poderia pensar que ele fora embora da cidade, mas Anthony lhe dissera que tinha ido à Casa Hastings para acertar os detalhes do contrato matrimonial.

Para surpresa de Anthony, Simon se recusara a aceitar um centavo sequer de dote. Finalmente, os dois decidiram que Anthony aplicaria o dinheiro que o pai havia deixado para o casamento de Daphne numa propriedade que ele mesmo administraria. O dinheiro seria dela para que gastasse ou guardasse como preferisse.

"Você pode deixar para seus filhos", sugeriu Anthony.

Daphne apenas sorriu. Era isso ou chorar.

Alguns dias depois, Simon apareceu na Casa Bridgerton à tarde. Faltavam dois dias para o casamento.

Daphne ficou esperando na sala de estar depois que o mordomo anunciou a chegada dele. Sentou-se recatadamente na beira do sofá de linho, com as costas eretas e as mãos juntas, no colo. Estava segura de que era o modelo da refinada feminilidade inglesa.

Sentia-se uma pilha de nervos.

Olhou para as mãos e percebeu que suas unhas estavam deixando marcas avermelhadas nas palmas.

Sentia uma vontade de rir tão avassaladora quanto inadequada. Nunca havia ficado nervosa ao ver Simon. Na verdade, talvez esse fosse o aspecto mais admirável de sua amizade com o duque. Mesmo quando o flagrava olhando para ela com urgência – e tinha certeza de que os próprios olhos refletiam o mesmo sentimento –, sentia-se absolutamente confortável em sua companhia. Sim, o estômago revirava e a pele se arrepiava, mas eram sintomas de desejo, não de desconforto. Antes e acima de tudo, Simon era amigo dela, e Daphne sabia que a sensação tranquila e alegre que tinha sempre que ele estava por perto era algo raro.

Estava confiante de que conseguiriam voltar àquele estado de conforto e companheirismo, mas depois do que ocorrera no Regent's Park ela temia que isso não fosse acontecer tão cedo.

– Bom dia, Daphne.

Simon apareceu na porta da sala e encheu o ambiente com sua maravilhosa presença. Tudo bem, talvez sua presença não estivesse tão maravilhosa como de costume. Seus olhos ainda exibiam hematomas e a marca em seu queixo estava começando a ganhar um impressionante tom esverdeado.

Ainda assim, aquilo era melhor do que um tiro no peito.

– Simon – respondeu Daphne. – Que bom ver você. O que o traz à Casa Bridgerton?

Ele olhou para ela com uma expressão surpresa.

– Não estamos noivos?

Ela corou.

– Sim, é verdade.

– Eu achava que os homens deveriam visitar suas noivas. – Sentou-se na frente dela. – Lady Whistledown não disse algo nesse sentido?

– Acho que não – murmurou Daphne. – Mas tenho certeza de que minha mãe deve ter dito.

Os dois sorriram e por um instante Daphne pensou que tudo ficaria bem de novo. Mas, assim que os sorrisos se apagaram, um silêncio desconfortável tomou conta do ambiente.

– Você está melhor? – perguntou ela finalmente. – Seus olhos não estão muito inchados.
– Você acha? – Simon se virou para um grande espelho de moldura dourada. – Acho que os ferimentos ganharam um tom de azul espetacular.
– Roxo.
Ele se inclinou para a frente, como se para ver melhor seu reflexo.
– Roxo, então. Mas acho que isso pode ser discutível.
– Eles estão doendo?
Ele sorriu com desânimo.
– Apenas quando alguém toca neles.
– Vou evitar fazer isso, então – murmurou Daphne. – Vai ser difícil, é claro, mas serei perseverante.
– Sim – disse ele, com o rosto totalmente inexpressivo –, todos dizem que faço as mulheres terem vontade de furar meus olhos.
Daphne sorriu com alívio. Se os dois conseguiam brincar com esse tipo de coisa, era claro que tudo voltaria a ser como antes.
Simon pigarreou.
– Vim vê-la por um motivo específico.
Daphne olhou para ele com expectativa.
Ele estendeu-lhe uma caixa de joia.
– Para você.
Ela quase engasgou ao estender a mão para a caixinha coberta de veludo.
– Tem certeza? – perguntou.
– Imagino que anéis de noivado sejam obrigatórios – disse ele em voz baixa.
– Ah, como sou burra... Não me dei conta...
– De que era um anel de noivado? O que pensou que fosse?
– Não pensei em nada, na verdade – admitiu ela, encabulada.
Ele nunca havia lhe dado um presente. Daphne ficara tão surpresa com o gesto que se esquecera completamente de que Simon lhe devia um anel de noivado.
“Devia.” Não gostava dessa palavra. Não gostava nem de ter pensado nela. Mas tinha certeza absoluta de que era nisso que ele estava pensando quando escolheu o anel.
Isso a entristeceu.
Daphne forçou um sorriso.

– É uma joia de família?

– Não! – retrucou ele, com veemência suficiente para fazê-la pestanejar.

– Ah.

Mais um silêncio constrangedor.

Ele tossiu de leve e então explicou:

– Achei que você preferiria algo seu mesmo. Todas as joias da família Hastings foram escolhidas para outra pessoa. Esta eu escolhi para você.

Daphne quase derreteu ali mesmo.

– Que coisa mais gentil – disse ela, mal conseguindo segurar uma fungada de emoção.

Simon se contorceu na poltrona, o que não a surpreendeu. Homens detestavam essas manifestações femininas.

– Não vai abrir? – resmungou ele.

– Ah, sim, é claro. – Daphne balançou a cabeça de leve ao ser chamada à atenção. – Que tolice a minha.

Seus olhos ficaram meio vidrados quando ela olhou para o presente. Depois de piscar algumas vezes para clarear a visão, ela soltou cuidadosamente o fecho da caixa e a abriu.

Não conseguiu dizer nada além de “Ah, meu Deus”, e mesmo essa frase foi mais um suspiro que qualquer outra coisa.

Aninhado lá dentro estava um impressionante anel de ouro branco adornado com uma grande esmeralda lapidada, ladeada por dois diamantes perfeitos. Era a joia mais maravilhosa que Daphne já vira, brilhante mas requintada, claramente valiosa mas não ostensiva em excesso.

– É lindo – murmurou ela. – Eu amei.

– Tem certeza? – Simon tirou as luvas, então se inclinou para a frente e tirou o anel da caixa. – Porque é sua aliança de noivado. É você quem irá usá-la, e ela deve refletir seu gosto, não o meu.

A voz de Daphne estava um tanto embargada quando ela disse:

– Parece que nós temos o mesmo gosto.

Simon deu um breve suspiro de alívio e segurou a mão dela. Até aquele instante, não havia se dado conta de quão importante era para ele o fato de Daphne gostar do presente. Detestava estar tão nervoso perto dela depois da amizade que os dois tinham desenvolvido nas últimas semanas. Odiava os

silêncios em suas conversas, quando ela tinha sido a única pessoa com quem ele não sentia necessidade de fazer uma pausa para juntar um estoque de palavras antes de falar.

Não que estivesse tendo algum problema com isso naquele momento. A única questão era que ele parecia não saber o que dizer.

– Posso pôr no seu dedo? – perguntou ele em voz baixa.

Ela assentiu e começou a tirar a luva.

Mas Simon interrompeu o movimento dela e assumiu a tarefa. Deu um pequeno puxão na ponta de cada dedo e então, devagar, tirou a luva da mão de Daphne. O gesto foi descaradamente erótico, uma versão abreviada do que ele queria fazer: remover cada peça de roupa do corpo dela.

Daphne soltou um arquejo quando a bainha da luva passou pelas pontas de seus dedos. O som de sua respiração passando pelos lábios fez com que Simon a quisesse ainda mais.

Com as mãos trêmulas, ele colocou o anel no dedo dela, ajeitando-o no lugar.

– Serviu direitinho – disse ela, mexendo a mão de um lado para outro a fim de ver como a joia refletia a luz.

Simon, no entanto, não a soltou. Com os movimentos que Daphne fazia, sua pele deslizava na dele, criando um calor estranhamente reconfortante. Então ele levou a mão dela até a boca e deu um beijo suave nos nós de seus dedos.

– Que bom que coube – murmurou ele.

Os lábios dela se curvaram – uma insinuação daquele amplo sorriso que ele aprendera a adorar. Talvez fosse um sinal de que tudo ficaria bem entre eles.

– Como você sabia que eu gosto de esmeraldas? – perguntou Daphne.

– Eu não sabia – admitiu ele. – Elas me lembram seus olhos.

– Meus... – Daphne inclinou a cabeça levemente para o lado e retorceu os lábios em um sorriso irritado. – Simon, meus olhos são castanhos.

– A *maior parte* deles é castanha – corrigiu ele.

Ela se virou para o mesmo espelho em que ele avaliara os próprios ferimentos mais cedo e piscou algumas vezes.

– Não – disse ela devagar, como se estivesse falando com uma pessoa de intelecto limitado –, são castanhos.

Ele estendeu o braço e passou, com delicadeza, um dedo embaixo do olho dela.

– Não nas bordas.

Ela lhe lançou um olhar de dúvida, mas um pouco esperançoso, então soltou um suspiro estranho e se levantou.

– Agora faço questão de ver.

Simon observou, divertido, enquanto ela aproximava o rosto do espelho. Daphne piscou várias vezes, então arregalou bem os olhos e piscou um pouco mais.

– Ah, meu Deus! – exclamou ela. – Eu nunca tinha reparado nisso!

Ele também se levantou, foi até o lado dela e se apoiou na mesa de mogno em frente ao espelho.

– Logo você vai aprender que eu tenho sempre razão.

Ela o encarou com uma expressão sarcástica.

– Mas como você percebeu isso?

Ele deu de ombros.

– Prestei bastante atenção.

– Você... – começou ela, então decidiu não terminar o que ia dizer e voltou a se encostar na mesa, arregalando bem os olhos para inspecioná-los mais uma vez. – Quem diria – murmurou –, eu tenho olhos verdes.

– Bem, eu não iria tão longe...

– Hoje – interrompeu ela – eu me recuso a acreditar que sejam de qualquer cor que não verde.

Simon sorriu.

– Como queira.

Ela suspirou.

– Sempre tive tanta inveja de Colin... Acho um desperdício aqueles olhos tão lindos em um homem.

– Com certeza as jovens apaixonadas por ele discordariam disso.

Daphne lançou-lhe um olhar divertido.

– Sim, mas elas não têm importância nenhuma, não é?

Simon sentiu vontade de rir.

– Se você diz...

– Logo você vai aprender que eu tenho sempre razão – disse ela num tom brincalhão.

Desta vez ele riu. Não conseguiu segurar. Quando percebeu que ela estava em silêncio, acabou ficando sério, mas ela estava olhando para ele com carinho, com

um sorriso nostálgico nos lábios.

– Isso foi bom – comentou ela, pondo a mão sobre a dele. – Quase como costumava ser, não acha?

Ele assentiu, virando a palma da mão para cima de forma a segurar a mão dela.

– Vamos voltar a ser como antes, não vamos? – perguntou Daphne, um pouco apreensiva. – Vai ficar tudo exatamente igual, certo?

– Vai – concordou ele, embora não tivesse certeza. Eles poderiam se divertir juntos, mas talvez nunca fosse como costumava ser.

Ela sorriu, fechou os olhos e apoiou a cabeça no ombro dele.

– Que bom.

Simon ficou olhando para o reflexo dos dois no espelho durante vários minutos. E quase acreditou que conseguiria fazê-la feliz.

Na noite seguinte – a última de Daphne como Srta. Bridgerton –, Violet bateu na porta de seu quarto.

Ela estava sentada na cama, com lembranças de infância espalhadas à sua frente, quando ouviu uma batida na porta.

– Pode entrar! – gritou.

Violet enfiou a cabeça pela porta com um sorriso constrangido no rosto.

– Daphne – disse ela, parecendo desconfortável –, posso falar com você um instante?

Ela olhou para a mãe com preocupação.

– É claro.

Quando Violet entrou no quarto, Daphne se levantou. O vestido amarelo da mãe combinava perfeitamente com seu tom de pele.

– Está tudo certo, mamãe? – perguntou ela. – Você não parece muito bem.

– Estou ótima. Eu só... – Violet pigarreou e se empertigou. – Acho que chegou a hora de termos uma conversa.

– Ahhhhhh – suspirou Daphne, com o coração batendo forte de expectativa.

Estava esperando por aquilo. Todas as amigas haviam lhe dito que, um dia antes do casamento, a mãe de uma moça lhe contava todos os segredos da noite de núpcias. A noiva era, então, admitida no mundo feminino e ficava sabendo de todos os fatos pecaminosos e deliciosos que eram mantidos longe dos ouvidos

das moças solteiras. Algumas das jovens próximas a ela já haviam se casado, é claro, e Daphne e as amigas tinham tentado fazê-las revelar esses segredos proibidos, mas as jovens senhoras apenas riam, dizendo: “Vocês logo descobrirão.”

“Logo” havia se tornado “agora”, e Daphne mal podia esperar.

Violet, por outro lado, parecia que ia vomitar a qualquer momento.

Daphne apontou para sua cama.

– Gostaria de se sentar, mamãe?

A viscondessa assentiu distraidamente.

– Sim, sim, seria ótimo – falou, ocupando um espaço na ponta do colchão.

Ela não parecia muito confortável.

Daphne resolveu ajudá-la e deu início à conversa.

– É sobre o casamento? – perguntou com delicadeza.

Violet fez um sinal afirmativo quase imperceptível com a cabeça.

Daphne se esforçou para não transparecer a alegria que sentia.

– Sobre a noite de núpcias? – continuou.

Dessa vez, Violet só conseguiu mexer o queixo um centímetro para cima e outro para baixo.

– Eu realmente não sei como falar sobre isso com você. É muito constrangedor.

Daphne tentou ter paciência. A mãe acabaria chegando ao ponto.

– Sabe – começou Violet, hesitante –, há coisas que você precisa saber. Coisas que vão acontecer amanhã à noite. Coisas – tossiu – que têm a ver com o seu marido.

Daphne se inclinou para a frente, arregalando os olhos.

Violet recuou, claramente desconfortável com o interesse evidente da filha.

– Sabe, o seu marido... quer dizer, Simon, é claro, já que ele será seu marido...

Como a mãe não deu mostras de que ia concluir o pensamento, Daphne murmurou:

– Sim, Simon será meu marido.

Violet soltou um gemido, sem conseguir encarar a filha.

– Isto é muito difícil para mim.

– Estou vendo – resmungou Daphne.

Violet respirou fundo e se endireitou, como se estivesse se preparando para a tarefa mais desagradável do mundo.

– Na sua noite de núpcias – falou –, seu marido irá esperar que você cumpra os seus deveres conjugais.

Até aí, nada que Daphne já não soubesse.

– Seu casamento terá que ser consumado.

– É claro – assentiu Daphne.

– Ele irá se juntar a você na cama.

Ela fez que sim com a cabeça. Sabia disso também.

– E ele irá realizar algumas... – Violet ficou pensando na melhor forma de se expressar enquanto agitava as mãos no ar – intimidades com você.

Daphne entreabriu os lábios e sua respiração curta era o único som no quarto. Finalmente aquilo estava ficando interessante.

– Estou aqui para lhe dizer – prosseguiu Violet, com a voz um pouco mais animada – que seus deveres conjugais não precisam ser desagradáveis.

Mas o que *eram* deveres conjugais?

O rosto de Violet estava vermelho.

– Sei que algumas mulheres consideram o... hã... ato... ruim, mas...

– É mesmo? – quis saber Daphne, curiosa. – Então por que vejo tantas criadas saindo às escondidas com os lacaios?

Violet no mesmo instante assumiu uma postura de patroa ultrajada.

– Qual das criadas fez isso? – questionou.

– Não tente mudar de assunto – alertou Daphne. – Esperei por esta conversa a semana toda.

Parte da fúria de sua mãe se foi.

– Esperou?

Daphne fez uma cara de “o que você acha?”.

– Bem, é claro.

Violet deu um suspiro e murmurou:

– Está certo. Onde eu estava?

– A senhora dizia que algumas mulheres consideram os deveres conjugais desagradáveis.

– Ah, sim. Bem... Hã...

Daphne olhou para as mãos da mãe e percebeu que ela já havia praticamente destruído um lenço.

– Só quero que você saiba – prosseguiu Violet, tropeçando nas palavras,

desejando que aquela conversa terminasse logo – que não precisa ser nem um pouco desagradável. Se duas pessoas se gostam... e eu acredito que o duque gosta muito de você...

– E eu dele – interrompeu Daphne com delicadeza.

– É claro. Sim. Bem, considerando que vocês dois se gostam, provavelmente será um momento encantador e muito especial. – Violet começou a alisar o vestido, estendendo a seda amarela sobre a colcha. – E você não deve ficar nervosa. Tenho certeza de que o duque será muito gentil.

Daphne pensou no beijo ardente de Simon. “Gentil” não parecia ser o caso.

– Mas...

Violet levantou-se num salto.

– Muito bem. Foi só isso que eu vim dizer. Tenha uma boa noite.

– É só isso?

Violet acelerou a caminho da porta.

– Hã, sim. – Encarou a filha com um olhar culpado. – Você estava esperando outra coisa?

– Estava! – Daphne correu atrás da mãe e se atirou contra a porta para que ela não pudesse escapar. – Você não pode ir embora depois de me dizer só isso!

Violet olhou pela janela com um ar melancólico. Daphne deu graças a Deus pelo fato de seu quarto ficar no segundo andar, senão não descartaria a possibilidade de a mãe tentar sair por ela.

– Daphne... – falou Violet, com a voz engasgada.

– Mas o que *eu* devo fazer?

– O seu marido saberá – respondeu Violet de forma recatada.

– Não quero fazer papel de boba, mamãe.

Violet soltou um gemido.

– Você não vai fazer papel de boba. Confie em mim. Os homens são...

– São o quê, mamãe?

A essa altura, não só o rosto de Violet estava vermelho, mas também o pescoço e as orelhas.

– Os homens são fáceis de agradar – murmurou ela. – Ele não vai se decepcionar.

– Mas...

– Mas chega! – retrucou Violet com firmeza. – Eu já lhe disse tudo o que minha

mãe me disse. Não seja uma boba nervosa e faça o possível para ter um filho.

Daphne ficou boquiaberta.

– *O quê?*

Violet soltou uma risada nervosa.

– Eu me esqueci de mencionar a parte sobre o bebê?

– Mamãe!

– Muito bem. Os seus deveres conjugais... quer dizer, a consumação... é como se fazem os bebês.

Daphne se apoiou na parede.

– Então a senhora fez isso oito vezes?

– Não!

Daphne ficou confusa. As explicações da mãe estavam sendo vagas demais, e ela ainda não sabia exatamente o que eram os tais deveres conjugais, mas alguma coisa não estava batendo.

– Mas para ter oito filhos a senhora não teria que ter feito oito vezes?

Violet começou a se abanar furiosamente.

– Sim. Não! Daphne, isso é muito pessoal.

– Mas como a senhora poderia ter tido oito filhos se...

– Eu fiz mais do que oito vezes – admitiu Violet em uma voz muito baixa, com uma expressão de quem queria atravessar a parede.

Daphne encarou a mãe com incredulidade.

– Fez?

– Às vezes as pessoas só fazem porque gostam – explicou Violet, mal movendo os lábios e olhando para um ponto fixo no chão.

Daphne ficou perplexa.

– É mesmo? – perguntou ela, num sussurro.

– Hã... é.

– Como quando homens e mulheres se beijam?

– Sim, exatamente – concordou Violet, suspirando aliviada. – Muito parecido... – Ela estreitou os olhos. – Daphne – falou, com a voz repentinamente estridente –, você beijou o duque?

Ela sentiu a pele assumir uma coloração semelhante à da mãe.

– Posso ter beijado – murmurou ela.

Violet sacudiu um dedo para a filha.

– Daphne Bridgerton, eu não acredito que você tenha sido capaz de fazer uma coisa dessas. A senhorita sabe muito bem o que eu lhe disse sobre permitir tais liberdades!

– Isso não tem nenhuma importância agora que estamos prestes a nos casar!

– Ainda assim... – suspirou Violet. – Bem, deixe para lá. Você tem razão. Não tem importância. Você está para casar, e ainda por cima com um duque. E se ele a beijou, bem, então isso era de esperar.

Daphne apenas encarou a mãe com uma expressão incrédula. A fala nervosa e hesitante dela lhe era muito estranha.

– Então – anunciou Violet –, como não tem mais perguntas, vou deixá-la, hã – ela olhou distraidamente para as lembranças em que Daphne estava remexendo –, continuar o que quer que estivesse fazendo.

– Mas eu tenho mais perguntas, sim!

Sua mãe, no entanto, já havia conseguido escapar.

E, por mais que quisesse aprender os segredos do ato conjugal, Daphne não iria perseguir a mãe pelo corredor – à vista de toda a família e dos criados – para descobrir.

Além disso, a conversa com Violet suscitara diversas novas preocupações. Ela dissera que as obrigações matrimoniais eram um requisito para gerar bebês. Se Simon não podia ter filhos, será que isso queria dizer que não era capaz de realizar as intimidades que a mãe havia mencionado?

E o que *eram* essas intimidades? Daphne suspeitava que tivessem alguma coisa a ver com o ato de beijar, já que toda a sociedade parecia tão determinada a garantir que as jovens mantivessem os lábios puros e castos. E também, pensou, com as bochechas ficando rubras ao se lembrar do que havia acontecido nos jardins com Simon, deviam ter a ver com os seios.

Daphne suspirou. A mãe quase ordenara que não ficasse nervosa, mas era impossível. Principalmente quando se esperava que ela cumprisse seus deveres sem ter a menor ideia de como fazer isso.

E quanto a Simon? Se ele não pudesse consumar o casamento, algum dia *seria* um casamento?

Tudo isso era mais que suficiente para deixar uma noiva muito apreensiva.

No fim, foram os pequenos detalhes da cerimônia que Daphne guardou na memória. Sua mãe chorava e Anthony estava com a voz estranhamente rouca quando a entregou a Simon. Hyacinth atirou as pétalas de rosa rápido demais e não sobrou nenhuma para o momento em que Daphne chegou ao altar. Gregory espirrou três vezes antes de começarem os votos nupciais.

Ela se lembrava também do olhar de concentração de Simon na hora em que ele fez seus votos. Cada sílaba foi pronunciada devagar e com cuidado. Os olhos dele ardiam de desejo, e sua voz baixa era sincera. Para Daphne, era como se nada no mundo pudesse ser tão importante como as palavras que ele falou quando os dois estavam diante do arcebispo.

Seu coração se confortou com isso. Nenhum homem que fazia os votos com tanta intensidade poderia ver o casamento como uma mera conveniência.

O que Deus uniu, o homem não separa.

Daphne sentiu um arrepio percorrendo-lhe a espinha e deixando-a tonta. Em apenas um instante, ela pertenceria àquele homem para sempre.

Simon virou levemente a cabeça para ela e a encarou. *Você está bem?*, perguntava seu olhar.

Ela assentiu com um movimento tão discreto da cabeça que apenas ele pôde notar. Algo brilhou nos olhos dele – seria alívio?

E agora eu vos declaro...

Gregory espirrou uma quarta vez, depois uma quinta e uma sexta, encobrindo por completo o “marido e mulher” do arcebispo. Daphne sentiu uma risada subindo por sua garganta. Apertou os lábios, determinada a ficar adequadamente séria. Afinal, o casamento era uma instituição solene que não podia ser tratada como uma piada.

Ela virou a cabeça para Simon e percebeu que ele a encarava com uma expressão divertida. Estava com os olhos azul-claros focados em sua boca e os cantos dos lábios dele de repente começaram a se retorcer.

Daphne sentiu a risada ficar ainda mais difícil de segurar.

Pode beijar a noiva.

Simon a agarrou com braços quase desesperados, encostando a boca nos lábios dela com tanto desejo que chegou a arrancar um suspiro coletivo do pequeno grupo de convidados.

Então os dois, ainda abraçados, explodiram em uma gargalhada.

Mais tarde, Violet disse que fora o beijo mais estranho que ela tivera o privilégio de testemunhar.

Quando parou de espirrar, Gregory disse que foi nojento.

O arcebispo, que já tinha uma idade bastante avançada, pareceu perplexo.

Mas Hyacinth, que aos 10 anos não devia saber nada sobre beijos, ficou com uma expressão pensativa e depois disse:

– Acho que foi ótimo. Se eles estão rindo agora, provavelmente vão rir para sempre. – Virou-se para a mãe. – Isso não é bom?

Violet pegou a mão da filha caçula e a apertou.

– O riso é sempre uma coisa boa, Hyacinth. E obrigada por nos lembrar disso.

E assim começaram os rumores de que o duque e a nova duquesa de Hastings eram o casal mais feliz e abençoado que aparecia em décadas. Afinal, quem conseguia se lembrar de outro casamento com tantas risadas?

CAPÍTULO 14

Ficamos sabendo que o casamento do duque de Hastings e da ex-Srta. Bridgerton, embora simples, foi bastante agitado. A Srta. Hyacinth Bridgerton (de 10 anos) contou à Srta. Felicity Featherington (de mesma idade) que a noiva e o noivo deram muitas risadas durante a cerimônia. A Srta. Felicity, então, repetiu a informação para a mãe, a Sra. Featherington, que por sua vez a repetiu para o mundo.

Esta autora terá que confiar no relato da Srta. Hyacinth, já que não foi convidada para o evento.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
24 DE MAIO DE 1813

Não haveria viagem de lua de mel. Afinal, não houvera tempo para planejar algo assim. Em vez disso, Simon sugeriu que eles passassem algumas semanas no castelo de Clyvedon, a sede ancestral dos Bassets. Daphne achou a ideia ótima. Estava ansiosa para se afastar de Londres, assim como dos olhos e ouvidos curiosos da sociedade.

Além disso, estava estranhamente ansiosa para conhecer o lugar onde Simon fora criado.

Ficou imaginando como ele era quando menino. Seria tão incontrolável como era agora, quando estava com ela? Ou será que tinha sido uma criança tranquila, com o comportamento reservado que demonstrava à maior parte das pessoas?

O novo casal deixou a Casa Bridgerton em meio a cumprimentos e abraços, e Simon conduziu Daphne à sua melhor carruagem. Apesar de ser verão, o ar estava fresco e ele colocou cuidadosamente um cobertor sobre as pernas dela. Daphne riu.

– Não é um pouco de exagero? – provocou ela. – Acho muito improvável que eu pegue um resfriado nos poucos quarteirões daqui até sua casa.

Ele olhou para ela com um ar esquisito.

– Nós estamos indo para Clyvedon.
– Hoje?
Ela não conseguiu disfarçar a surpresa. Tinha imaginado que iriam no dia seguinte. A aldeia de Clyvedon ficava perto de Hastings, na costa sudeste da Inglaterra. A tarde já estava chegando ao fim, de modo que eles só chegariam lá de madrugada.
Não era a noite de núpcias que Daphne havia imaginado.
– Não é melhor passar a noite aqui em Londres e viajar amanhã? – perguntou ela.
– Já está tudo acertado – resmungou ele.
– Sei... – Daphne tentou com afinco esconder a decepção. Ficou em silêncio durante um minuto inteiro enquanto a carruagem entrava em movimento, sacolejando no solo formado por pedregulhos desiguais. Quando viraram na Park Lane, ela indagou: – Vamos parar em alguma hospedaria?
– É claro – respondeu Simon. – Precisamos jantar. Eu não a deixaria faminta em nosso primeiro dia de casados, não é?
– E nós vamos passar a noite nessa hospedaria? – insistiu Daphne.
– Não, nós... – Simon se calou e então seus traços se suavizaram inexplicavelmente. Ele se virou para ela com uma expressão carinhosa. – Estou sendo um bruto, não é?
Ela corou. Sempre corava quando ele a olhava daquela maneira enternecedora.
– Não, não, eu só fiquei surpresa por...
– Claro, você tem razão. Vamos passar a noite na hospedaria. Conheço uma ótima que fica na metade do caminho para Clyvedon. A comida é gostosa e as camas, limpas. – Tocou no queixo dela. – Não vou obrigá-la a fazer toda a viagem em uma noite.
– Não que eu não seja resistente o bastante para isso – argumentou ela, ficando ainda mais corada ao pensar nas palavras seguintes. – É só que nos casamos hoje, e se não pararmos numa hospedaria vamos estar na carruagem quando a noite cair, e...
– Não precisa dizer mais nada – falou Simon, pondo um dedo nos lábios dela.
Daphne assentiu, agradecida. Ela realmente não queria discutir a noite de núpcias deles daquela maneira. Além disso, parecia o tipo de assunto que o marido deveria propor, não a mulher. Afinal, Simon com certeza era o mais

experiente dos dois naquela questão.

Ela não poderia ser *menos* experiente, pensou com irritação. Sua mãe, apesar de todo o esforço constrangido, não conseguira lhe explicar absolutamente nada. Bem, exceto pela parte sobre a geração dos filhos, mas de qualquer forma Daphne não tinha entendido nada. Por outro lado, talvez...

Ela ficou sem fôlego. E se Simon não pudesse... ou se não quisesse...

Não, ele definitivamente queria. Acima de tudo, ele a desejava. O ardor em seus olhos ou as batidas mais fortes de seu coração naquela noite nos jardins não haviam sido fruto da imaginação de Daphne.

Ela olhou pela janela, observando a cidade se fundir ao campo. Ficar obcecada com essas coisas iria fazê-la enlouquecer. Tinha que tirar isso da cabeça. De qualquer maneira.

Bem, pelo menos até aquela noite.

Sua noite de núpcias.

Esse pensamento a fez estremecer.

Simon olhou para Daphne – sua mulher, lembrou a si mesmo, embora ainda fosse um pouco difícil de acreditar. Ele nunca havia planejado ter uma esposa. Na verdade, sua intenção era justamente *não* ter uma esposa. E, no entanto, ali estava ele com Daphne Bridgerton. Não, Daphne *Basset*. A duquesa de Hastings.

Isso talvez fosse o mais estranho de tudo. O ducado que ele herdara não tivera uma só duquesa desde que ele nascera. Logo, a seus ouvidos o título parecia estranho, enferrujado.

Simon deu um longo suspiro e pousou o olhar em Daphne. Então franziu a testa.

– Está com frio? – perguntou.

Ela tremia. Estava prestes a dizer que não, mas por fim respondeu:

– Só um pouquinho. Mas você não precisa...

Simon enrolou o cobertor um pouco mais ao redor dela, perguntando-se por que raios ela mentiria sobre algo tão sem importância.

– Foi um longo dia – murmurou ele, não porque sentisse realmente isso, mas porque parecia o tipo certo de comentário reconfortante a se fazer no momento.

Vinha pensando muito em comentários reconfortantes e considerações gentis.

Ele ia tentar ser um bom marido. Daphne merecia ao menos isso. Havia muitas coisas que ele não seria capaz de lhe dar – entre elas, infelizmente, a alegria plena e verdadeira –, mas poderia fazer de tudo para mantê-la segura, protegida e um pouco contente.

Afinal, ela o havia escolhido, mesmo sabendo que eles jamais teriam filhos. Mostrar-se um marido bom e fiel parecia ser o mínimo a lhe oferecer em troca.

– Eu gostei – disse Daphne baixinho.

Ele se virou para ela com o rosto inexpressivo.

– Como?

A sombra de um sorriso perpassou os lábios dela. Era uma bela visão – calorosa, provocadora e um pouquinho maliciosa, que fez com que o corpo dele fosse tomado por uma onda de desejo que não o deixou se concentrar no que ela dizia.

– Você disse que foi um longo dia. Eu disse que gostei.

A expressão dele continuava indiferente.

O rosto dela foi dominado por uma expressão tão encantadora de frustração que Simon começou a sorrir.

– Você disse que foi um longo dia – repetiu ela –, e eu disse que gostei.

– Sei – murmurou ele, com toda a seriedade.

Sua resposta lacônica a fez soltar um resmungo, o que, é claro, o deixou com vontade de beijá-la.

Tudo o deixava com vontade de beijá-la.

Aquilo estava começando a ficar bastante doloroso.

– Provavelmente não vamos chegar à hospedaria muito tarde – disse ele, tentando aliviar a própria tensão.

Não adiantou nada, é claro. Só serviu para lembrá-lo que ele adiara sua noite de núpcias por um dia inteiro. Um dia inteiro de desejo, de necessidade, do corpo implorando por alívio. Mas ele não iria possuí-la numa hospedaria de beira de estrada, por mais limpa e arrumada que pudesse ser.

Daphne merecia mais. Aquela seria sua única noite de núpcias, e ele faria com que fosse perfeita.

Ela lançou-lhe um olhar ligeiramente surpreso com a súbita mudança de assunto.

– Que bom.

– Hoje em dia as estradas não são seguras de madrugada – acrescentou Simon, tentando não lembrar a si mesmo que seu plano inicial era ir direto até Clyvedon.

– Não – concordou ela.

– E estaremos com fome.

– Estaremos – disse ela, começando a parecer intrigada com a obsessão dele pela parada recém-planejada.

Simon não podia culpá-la, mas ou ele falava sem parar sobre os planos de viagem ou acabaria agarrando-a e a possuindo ali mesmo na carruagem.

O que *não* era uma opção, de modo que ele continuou:

– A comida deles é boa.

Ela ficou um pouco pensativa e depois comentou:

– Você já disse isso.

– É verdade. – Ele tossiu. – Acho que vou tirar um cochilo.

Daphne arregalou os olhos escuros, inclinou a cabeça para a frente e perguntou:

– Agora?

Simon assentiu imediatamente.

– Estou sendo repetitivo, mas, como eu mesmo disse, foi um longo dia.

– Tem razão. – Ela observou com curiosidade enquanto ele se remexia no assento, procurando a posição mais confortável. Enfim, perguntou: – Você vai mesmo conseguir pegar no sono aqui, na carruagem em movimento? Não acha o trajeto um pouco sacolejante?

Ele deu de ombros.

– Consigo pegar no sono sempre que quero. Foi algo que aprendi em minhas viagens.

– Realmente é um talento – murmurou ela.

– Um ótimo talento – concordou ele.

Então fechou os olhos e fingiu dormir durante quase três horas.

Daphne o encarou fixamente. Ele estava fingindo dormir. Com tantos irmãos, ela conhecia todos os truques do mundo e tinha certeza que Simon *não* estava dormindo.

O peito dele subia e descia calmamente e o som de sua respiração era calculado para parecer que ele estava quase roncando.

Mas ela não era boba.

Toda vez que ela se mexia ou respirava um pouco mais alto, o queixo dele se mexia também. Mal dava para perceber, mas acontecia. E quando ela bocejou, emitindo um pequeno ruído, viu os globos oculares dele se movimentarem sob as pálpebras.

Mas era admirável que ele tivesse conseguido manter a farsa por mais de duas horas.

Ela nunca havia sido capaz de passar de vinte minutos.

De repente, num surto de generosidade, ela decidiu que, se ele queria fingir que estava dormindo, deixaria que o fizesse. Não seria ela a responsável por acabar com desempenho tão exímio.

Com um último bocejo – dessa vez bem alto, apenas para ver os olhos dele ficarem atentos sob as pálpebras –, ela se virou para a janela, abriu a pesada cortina de veludo e ficou admirando a paisagem. O sol estava alaranjado e imenso, e cerca de um terço dele já havia passado da linha do horizonte.

Se a estimativa de Simon a respeito do tempo de viagem estivesse correta – e ela tinha a sensação de que quase sempre ele estava certo sobre esse tipo de coisa, como todos os que gostam de matemática –, eles deviam estar quase no meio do caminho. Aproximando-se da hospedaria.

E de sua noite de núpcias.

Por Deus, ela *precisava* deixar de ser tão melodramática. Aquilo estava ficando ridículo.

– Simon?

Ele não se mexeu. Isso a deixou irritada.

– Simon? – repetiu ela, um pouco mais alto dessa vez.

O canto de sua boca se mexeu levemente, num pequeno sorriso forçado. Daphne tinha certeza de que ele tentava decidir se ela havia falado alto demais para ele continuar fingindo que estava dormindo.

– Simon!

Ela o cutucou. Com bastante força. Não havia como ele pensar que alguém conseguiria continuar ressonando depois disso.

Os olhos dele se abriram e ele emitiu um ruído do tipo que as pessoas fazem quando acordam.

Que ótimo ator, pensou Daphne com uma admiração relutante.

Simon bocejou.
– Daff?
Ela foi direto ao assunto.
– Falta muito?
Ele esfregou os olhos para afastar o sono fictício.
– Como?
– *Falta muito?*
– Hã... – Ele olhou de um lado para outro da carruagem, como se isso fosse esclarecer a dúvida. – Ainda estamos andando, não estamos?
– Estamos, mas já está perto?
Simon soltou um suspiro e espiou pela janela.
– Ah – disse ele, parecendo surpreso. – Na verdade, é logo ali na frente.
Daphne fez o possível para não sorrir.
Quando a carruagem parou, Simon desceu. Trocou algumas palavras com o cocheiro, talvez para informá-lo de que haviam mudado de planos e que pretendiam passar a noite ali. Depois, abriu a porta do lado de Daphne, pegou a mão dela e a ajudou a descer.
– E então? O lugar está aprovado? – perguntou ele, indicando a hospedaria com um aceno da cabeça.
Daphne não sabia como dar qualquer opinião sem ver o interior do lugar, mas de qualquer maneira disse que sim. Simon conduziu-a para dentro e a deixou ao lado da porta enquanto ia tratar com o dono da estalagem.
Ela assistiu à movimentação da hospedaria com muito interesse. Naquele instante, um jovem casal se dirigia a uma sala de jantar privativa e uma mãe subia com os quatro filhos pela escada. Simon estava discutindo com o estalajadeiro e havia um cavalheiro alto e magro apoiado num...
Daphne virou a cabeça de novo na direção do marido. Simon estava discutindo com o estalajadeiro? Por que raios ele faria isso? Inclinou a cabeça para o lado. Os dois homens falavam baixo, mas dava para perceber que Simon estava bastante insatisfeito. O dono do lugar, por sua vez, parecia estar morrendo de vergonha por não conseguir agradar ao duque de Hastings.
Daphne franziu a testa. Aquilo não parecia certo.
Será que devia intervir?
Ficou vendo os dois discutirem por mais alguns instantes. Era claro que ela

devia intervir.

Com passos que não eram hesitantes mas também não poderiam ser descritos como determinados, ela foi para o lado do marido.

– Algum problema? – perguntou educadamente.

Simon lançou-lhe um olhar furtivo.

– Pensei que você estivesse esperando perto da porta.

– Eu estava. – Sorriu alegremente. – Aí vim aqui.

Simon fez uma careta e se virou de novo para o estalajadeiro.

Daphne deu uma tossidinha, apenas para ver se ele iria voltar a olhar para ela. Não adiantou. Ela franziu a testa. Não gostava de ser ignorada.

– Simon? – Cutucou-o nas costas. – Simon?

Ele se virou devagar, com uma expressão furiosa.

Daphne sorriu novamente, com ar inocente.

– Qual é o problema? – perguntou ela.

O dono da hospedaria levantou as mãos num gesto de súplica e começou a falar antes que Simon pudesse dizer qualquer coisa.

– Só tenho um quarto vago – explicou. – Não fazia ideia de que o duque de Hastings planejava nos honrar com sua presença hoje. Se soubesse, jamais teria alugado aquele penúltimo quarto à Sra. Weatherby e seus filhos. Posso garantir – continuou ele, inclinando-se para a frente e olhando para Daphne com um olhar de sofrimento – que teria dito para seguirem caminho!

A última frase foi acompanhada por um dramático aceno de mãos que deixou Daphne um pouco tonta.

– A Sra. Weatherby é aquela senhora que acabou de passar por aqui com quatro crianças?

O homem assentiu.

– Se não fosse pelas crianças, eu...

Daphne o interrompeu, sem querer ouvir o restante de uma frase que com certeza envolveria chutar uma mulher inocente para a rua no meio da noite.

– Não vejo motivo para não ficarmos com apenas um quarto. Certamente não somos tão arrogantes assim.

A seu lado, Simon tensionou o maxilar com tanta força que Daphne podia jurar que ouvira os dentes dele rangendo.

Quer dizer que ele preferia quartos separados? Era o bastante para fazer uma

jovem recém-casada se sentir bastante desprezada.

O estalajadeiro se virou para Simon e esperou sua aprovação. Ele fez um breve sinal afirmativo com a cabeça e o homem juntou as mãos encantado (e provavelmente aliviado, pois poucas coisas eram piores para os negócios do que um duque irado no estabelecimento). Depois, pegou a chave e saiu correndo de trás do balcão.

– Por favor, venham comigo...

Simon fez um sinal para Daphne ir na frente, então ela passou por ele e subiu a escada atrás do dono da hospedaria. Após algumas curvas, foram instalados num quarto grande e confortavelmente mobiliado, com vista para a aldeia.

– Muito bem – disse Daphne depois que o homem os deixou a sós –, parece bastante aceitável.

Simon respondeu com um grunhido.

– Que resposta elaborada – murmurou ela, desaparecendo em seguida atrás do biombo.

Simon ficou olhando na direção dela por vários segundos, até que lhe ocorreu aonde ela fora.

– Daphne? – chamou ele, com a voz já meio estrangulada. – Você está trocando de roupa?

Ela pôs a cabeça para fora.

– Não. Estou só dando uma olhada em tudo.

O coração dele continuou batendo forte, mas agora um pouco menos que antes.

– Que bom – resmungou. – Porque vamos descer para jantar já, já.

– Está bem. – Ela deu um sorriso que foi, na opinião dele, bastante atraente e confiante. – Você está com fome? – perguntou.

– Muita.

O sorriso dela vacilou um pouco com o tom seco dele. Simon repreendeu-se mentalmente. O fato de estar furioso consigo mesmo não significava que devia estender a raiva a ela. Daphne não havia feito nada de errado.

– E você? – indagou, tendo o cuidado de manter o tom de voz gentil.

Ela saiu de trás do biombo e se sentou na beirada da cama.

– Um pouco – admitiu. Depois engoliu em seco, nervosa. – Mas não sei se vou conseguir comer alguma coisa.

– Estava tudo ótimo na última vez em que vim aqui. Posso garantir...

– Não é a qualidade da comida que me preocupa – interrompeu ela. – São meus nervos.

Ele a encarou com o rosto inexpressivo.

– Simon – disse ela, evidentemente tentando esconder a impaciência na voz (mas sem conseguir, achava ele) –, nós nos casamos hoje.

Ele enfim compreendeu.

– Daphne, você não precisa se preocupar – respondeu ele gentilmente.

Ela piscou, confusa.

– Não?

Simon respirou fundo. Ser um marido gentil e amoroso não era tão fácil quanto parecia.

– Vamos esperar até chegarmos a Clyvedon para consumarmos o casamento.

– Ah, é?

Simon sentiu os próprios olhos se arregalarem de surpresa. Ela não estava parecendo decepcionada, estava?

– Não vou possuí-la numa hospedaria de beira de estrada – continuou ele. – Acho que você merece mais respeito do que isso.

– Não vai? É mesmo?

Ele prendeu a respiração. Ela *estava* parecendo decepcionada.

– Hã, não.

Ela avançou um pouco.

– Por que não?

Simon a analisou por alguns instantes. Simplesmente se sentou na cama e ficou observando-a. Daphne o encarou com olhos cheios de carinho e curiosidade, com um toque de hesitação. Passou a língua pelos lábios – mais um sinal claro de nervosismo, mas o corpo frustrado de Simon reagiu ao gesto sedutor com uma ereção instantânea.

Ela deu um sorriso trêmulo e desviou os olhos dele.

– Eu não me importaria.

Simon permaneceu imóvel, curiosamente paralisado, enquanto sua mente gritava "Agarre-a! Leve-a para a cama! Faça qualquer coisa, mas coloque o corpo dela embaixo do seu!".

E então, justo quando ele estava quase conseguindo se mover, ela soltou um gritinho e ficou de pé, virando-se de costas para ele e cobrindo a boca com a

mão.

Simon, que havia acabado de esticar o braço a fim de puxá-la para si, caiu de cara na cama.

– Daphne? – murmurou ele com o rosto colado ao colchão.

– Eu deveria saber – choramingou ela. – Sinto muito.

Ela sentia muito? Ele se levantou. Daphne estava choramingando? Que diabo estava acontecendo? Ela nunca choramingava.

Daphne se virou de novo para ele, olhando-o com uma expressão afetada. Simon não conseguia sequer imaginar o que poderia tê-la perturbado tão de repente. E, se não podia imaginar, tendia a acreditar que não era nada sério.

Arrogante da parte dele, mas era isso que achava.

– Daphne, qual é o problema? – perguntou ele, tentando ser gentil.

Ela se sentou na frente dele e pôs a mão em seu rosto.

– Eu sou tão insensível... – sussurrou ela. – Eu deveria saber. Nunca deveria ter dito nada.

– Deveria saber o quê? – insistiu ele.

– Que você não pode... que não pode...

– Não posso *o quê*?

Ela olhou para as próprias mãos em seu colo, retorcendo-se de nervoso.

– Por favor, não me faça dizer isso – implorou.

– Deve ser por isso que homens evitam casar... – resmungou Simon.

Tinha dito isso mais para si mesmo do que para ela, mas Daphne escutou e reagiu com outro gemido patético.

– O que está acontecendo, afinal? – quis saber ele.

– Você é incapaz de consumar o casamento – sussurrou ela.

Foi incrível que sua ereção não tenha desaparecido no mesmo instante. Na verdade, foi incrível que ele tenha sequer conseguido dizer:

– O quê?

Ela baixou a cabeça.

– Eu ainda serei uma boa esposa. Promento que nunca direi a ninguém.

Desde a infância, quando sua gagueira praticamente não o deixava se comunicar, Simon não ficava tão sem palavras.

Ela achava que ele era *impotente*!

– Por que... por que... por quê? – Estava gaguejando? Ou apenas chocado?

Achou que fosse a segunda opção. Seu cérebro não parecia capaz de pensar em nada além dessa pergunta.

– Eu sei que os homens são muito sensíveis em relação a esse tipo de coisa – disse Daphne baixinho.

– Principalmente quando não é verdade! – emendou Simon.

Daphne levantou a cabeça:

– Não é?

Ele estreitou os olhos.

– Foi seu irmão que lhe disse isso?

– Não! – Ela desviou o olhar do rosto dele. – Minha mãe.

– Sua mãe? – Simon ficou perplexo. Certamente nenhum homem havia passado por isso em sua noite de núpcias. – Sua mãe lhe disse que eu sou *impotente*?

– É assim que se chama isso? – perguntou Daphne com curiosidade. E então, diante do olhar furioso dele, acrescentou no mesmo instante: – Não, não, ela não falou isso usando essa palavra.

– E o que exatamente ela disse? – indagou Simon com a voz áspera.

– Bem, não muito – admitiu Daphne. – Foi bastante irritante, na verdade, mas ela me explicou que o ato conjugal...

– Ela chamou de ato?

– Não é assim que todos chamam?

Ele descartou a pergunta dela com um aceno de mão.

– O que mais ela disse?

– Falou que, hã, o que quer que seja que *você* prefira chamar...

Simon considerou o sarcasmo dela estranhamente admirável diante das circunstâncias.

– ... está relacionado de alguma forma à geração de filhos e...

Simon achou que fosse engasgar com a própria língua.

– De alguma forma?

– Bem, sim. – Daphne franziu a testa. – Ela não me deu nenhum detalhe, na verdade.

– É evidente que não.

– Ela fez o que pôde – observou Daphne, achando que devia tentar defender a mãe. – Foi uma situação muito constrangedora para ela.

– Depois de oito filhos – resmungou ele –, era de esperar que ela já tivesse

superado isso.

– Pelo visto não superou – retrucou Daphne, balançando a cabeça. – E então, quando eu perguntei se ela havia participado desse... – Ela olhou para ele com uma expressão exasperada. – Eu realmente não sei como chamar isso além de ato.

– Vá em frente – pediu ele, com a voz um tanto tensa.

Daphne fez uma cara de preocupação.

– Você está bem?

– Estou ótimo – afirmou ele com a voz sufocada.

– Não parece.

Fez um aceno com a mão, dando a estranha impressão de que não conseguia falar.

– Bem – continuou ela, voltando à história inicial –, eu perguntei se aquilo significava que ela havia participado do ato oito vezes, então ela ficou muito envergonhada e...

– Você perguntou isso à sua mãe? – conseguiu dizer Simon, cuspindo as palavras.

– Bom, sim. – Ela estreitou os olhos. – Você está rindo?

– Não – respondeu ele, soltando um arquejo.

Os lábios dela se contorceram numa pequena careta.

– Mas parece que está.

Simon apenas balançou a cabeça em negativa.

– Bem – prosseguiu Daphne, claramente irritada. – Acho que minha pergunta fez muito sentido, considerando que ela teve oito filhos. Mas então ela me disse que...

Ele balançou a cabeça mais uma vez e levantou uma das mãos. E agora parecia não saber se ria ou chorava.

– Pare. Eu imploro.

– Ah.

Como não sabia mais o que falar, Daphne apenas juntou as mãos no colo e ficou em silêncio.

Finalmente, ouviu Simon respirar fundo e depois dizer:

– Eu sei que vou me arrepender de perguntar isto. Na verdade, já estou arrependido, mas *por que* exatamente você deduziu que eu era... – ele

estremeceu – incapaz?

– Bem, você disse que não poderia ter filhos.

– Daphne, há outros motivos pelos quais um casal pode não ter filhos.

Ela tentou parecer calma.

– Eu realmente *detesto* parecer tão burra – resmungou.

Simon se inclinou para a frente e pegou as mãos dela.

– Daphne – começou ele suavemente, massageando os dedos dela –, você tem alguma noção do que acontece entre um homem e uma mulher?

– Não faço a menor ideia – admitiu ela com franqueza. – Era de imaginar que, tendo três irmãos mais velhos, eu soubesse algumas coisas, e achei que finalmente descobriria a verdade ontem à noite, quando minha mãe...

– Não diga mais nada – pediu ele com a voz mais estranha do mundo. – Nem mais uma palavra. Eu não suportaria.

– Mas...

Simon colocou o rosto nas mãos e por um instante Daphne pensou que ele estava chorando. Mas então, enquanto ficava ali sentada se maldizendo por fazer o marido chorar no dia do casamento deles, ela notou que os ombros dele estavam se sacudindo por conta de uma gargalhada.

O demônio.

– Você está rindo de mim? – murmurou ela.

Ele balançou a cabeça, mas continuou a olhar para baixo.

– Então do que está rindo?

– Ah, Daphne – falou ele, soltando um arquejo –, você tem muito a aprender.

– Bem, eu nunca discordei *disso* – reclamou ela.

De fato, se as pessoas não se esforçassem tanto para manter as jovens completamente ignorantes no que dizia respeito às questões do casamento, cenas como essa poderiam ser evitadas.

Ele se inclinou para a frente e apoiou os cotovelos nos joelhos. Seu olhar estava eletrizante.

– Eu posso lhe ensinar – sussurrou.

Daphne sentiu um frio na barriga.

Sem tirar os olhos dela por um instante sequer, Simon pegou uma de suas mãos e a levou aos lábios.

– Garanto – continuou ele, passando a língua pelo dedo médio dela – que sou

perfeitamente capaz de satisfazê-la na cama.

Daphne de repente se sentiu sem fôlego. E por que o quarto havia ficado tão quente?

– Eu... acho que não sei o que você quer dizer.

Ele a segurou em seus braços.

– Mas vai saber.

CAPÍTULO 15

Londres parece terrivelmente calma esta semana, agora que o duque preferido da sociedade partiu com sua duquesa favorita para o campo. Esta autora poderia relatar que o Sr. Nigel Berbrooke foi visto convidando a Srta. Penelope Featherington para dançar, ou que a Srta. Penelope, apesar de ter aceitado a oferta diante da alegre insistência da mãe, não pareceu muito satisfeita com a situação. Mas, francamente, quem quer ler sobre o Sr. Berbrooke ou a Srta. Penelope? Não vamos nos enganar. Ainda estamos curiosíssimos sobre o duque e a duquesa.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
28 DE MAIO DE 1813

Daphne pensou que era como estar no jardim de Lady Trowbridge novamente, a não ser pelo fato de que desta vez não haveria interrupções – nenhum irmão mais velho furioso ou o medo de serem descobertos. Apenas um marido, uma esposa e a promessa da paixão.

Os lábios de Simon encontraram os dela, gentis mas exigentes. A cada toque, a cada movimento da língua dele, ela estremecia com pequenos espasmos de desejo que só faziam crescer.

– Eu já disse que adoro o canto da sua boca? – sussurrou ele.

– N-não – respondeu Daphne com a voz trêmula, impressionada com o fato de ele algum dia ter prestado atenção a isso.

– Pois adoro – murmurou Simon, e então começou a lhe mostrar com que intensidade.

Passou os dentes pelo lábio inferior dela e acompanhou o desenho do canto de sua boca com a língua.

Daphne sentiu cócegas e abriu um amplo sorriso.

– Pare com isso – pediu ela, rindo.

– Nunca – prometeu ele. Afastou-se um pouco, aninhando o rosto dela nas

mãos. – Você tem o sorriso mais lindo que eu já vi.

A reação inicial de Daphne foi dizer “Não seja bobo”, mas então pensou: *Por que estragar um momento como este?* Então apenas sussurrou:

– Jura?

– Juro. – Ele deu um beijo no nariz dela. – Quando você sorri, sua boca ocupa metade do seu rosto.

– Simon! – exclamou ela. – Isso parece horrível.

– É lindo.

– Mentiroso.

– Maravilhoso.

Ela fez uma careta, mas começou a rir ao mesmo tempo.

– Obviamente você não sabe nada sobre os padrões de beleza feminina.

Ele levantou uma sobrancelha.

– No que diz respeito a você, *meus* padrões de beleza são os únicos que importam a partir de agora.

Por um instante ela ficou sem fala, então seu corpo se encontrou com o dele e os dois foram tomados pelos espasmos de uma gargalhada.

– Ah, Simon – disse ela, soltando um arquejo –, você é tão impetuoso... Tão inesperadamente impetuoso...

– Inesperadamente ? – repetiu ele. – Está dizendo que não esperava que eu fosse assim?

Os dois apertaram os lábios para evitar outra gargalhada, mas não conseguiram.

– Isso é quase pior que ser chamado de impotente – resmungou ele.

Daphne ficou séria no mesmo instante.

– Ah, Simon, você sabe que eu não... – Desistiu de tentar explicar e disse: – Me desculpe.

– Não precisa se desculpar – afirmou ele, descartando o pedido dela com um aceno de mão. – Talvez eu precise matar sua mãe, mas você não tem por que se lamentar.

Daphne deixou escapar uma risada perplexa.

– Mamãe fez o melhor que pôde, e foi você que me deixou confusa quando disse...

– Ah, então agora a culpa é toda minha? – retrucou ele, fingindo indignação. Mas então sua expressão ficou maliciosa e sedutora. Ele se aproximou dela,

inclinando o corpo de forma que Daphne teve que arquear as costas para trás. – Pelo visto vou ter que trabalhar em dobro para provar minhas capacidades, então.

Ele deslizou uma das mãos até a nuca de Daphne, apoiando sua cabeça enquanto a deitava na cama. Ela perdeu o fôlego quando viu os intensos olhos azuis dele. O mundo parecia diferente daquele ângulo. Mais sombrio, mais perigoso. E ainda mais emocionante com Simon acima dela, preenchendo seu campo de visão.

E, naquele instante, com Simon se aproximando cada vez mais dela, ele se tornou seu mundo inteiro.

Dessa vez o beijo não foi suave. Ele não fez cócegas, e sim a devorou. Não a provocou, e sim a possuiu.

Simon estava com as mãos embaixo do corpo dela, acariciando suas nádegas, aproximando-a de sua excitação.

– Hoje – sussurrou ele, com a voz rouca e calorosa –, você será minha.

Daphne arfava cada vez mais alto. Simon estava muito perto dela, cada centímetro de seu corpo cobrindo-a completamente. Ela havia imaginado essa cena mil vezes desde o instante no Regent’s Park em que ele disse que se casaria com ela, mas nunca havia lhe ocorrido que o simples peso dele sobre ela seria tão excitante. Ele era grande, firme e musculoso. Não havia como fugir de seu ataque sedutor, mesmo que ela quisesse.

Era muito estranho sentir tanta alegria com a própria impotência. Ele poderia fazer o que desejasse com ela – e Daphne queria que ele fizesse.

Mas quando o corpo dele estremeceu e seus lábios tentaram dizer o nome dela sem conseguir ir além de “D...D...Daph...”, ela percebeu que possuía um tipo próprio de controle. Ele a queria tanto que não conseguia respirar, precisava tanto dela que não era capaz de falar.

E, de alguma forma, enquanto comemorava o poder recém-descoberto, Daphne se deu conta de que seu corpo parecia saber o que fazer. Seus quadris se arquearam para ir ao encontro dele, e quando as mãos de Simon levantaram seu vestido até a cintura, as pernas dela se enroscaram nas dele, trazendo-o ainda mais para perto do berço de sua feminilidade.

– Meu Deus, Daphne – arquejou ele, apoiando o corpo trêmulo nos cotovelos. – Eu quero... eu não posso...

Ela agarrou as costas de Simon, tentando colocá-lo na mesma posição de antes. O ar parecia frio no espaço que o corpo dele estivera ocupando e que agora estava vazio.

– Não consigo ir devagar – resmungou ele.

– Eu não me importo.

– Mas eu, sim. – Os olhos dele ardiam com intenções maliciosas. – Acho que estamos nos apressando.

Daphne apenas o encarou, tentando recuperar o fôlego. Ele havia se sentado e seus olhos corriam pelo corpo dela enquanto a mão deslizava da perna até o joelho.

– Primeiro – sussurrou ele – precisamos fazer algo a respeito de todas essas roupas.

Daphne arquejou de susto quando ele se levantou, erguendo-a junto. As pernas dela estavam fracas e sem equilíbrio, mas ele a manteve de pé, segurando o vestido ao redor de sua cintura. Então cochichou em seu ouvido:

– É difícil tirar sua roupa com você deitada.

Uma das mãos dele encontrou a curva de suas nádegas e começou a massageá-la com um movimento circular.

– A questão é: devo puxar o vestido para cima ou para baixo? – refletiu ele.

Daphne rezou para que ele não esperasse que ela realmente respondesse à pergunta, porque ela não conseguiria.

– Ou – prosseguiu Simon devagar, deslizando um dedo por debaixo do vestido – os dois?

E então, antes que ela tivesse tempo para reagir, ele havia puxado a parte de cima do vestido para baixo de tal forma que ele todo ficou embolado ao redor da cintura de Daphne. Ela estava com as pernas à mostra e, se não fosse pelo fino chemisier de seda, teria ficado completamente nua.

– Ora, eu não esperava por isso – murmurou Simon, tocando um dos seios por cima do tecido delicado. – Não que seja uma surpresa desagradável, é claro. A seda nunca é tão macia quanto a pele, mas tem suas vantagens.

Daphne ofegou enquanto o observava deslizar o chemisier lentamente de um lado a outro, fazendo com que seus mamilos endurecessem com a fricção do tecido.

– Eu não imaginava – sussurrou Daphne, com a respiração saindo quente e

úmida pelos lábios.
Simon se concentrou em um dos seios.
– Não imaginava o quê?
– Que você tinha ideias tão pecaminosas.
Ele sorriu, devagar e cheio de malícia. Levou os lábios ao ouvido dela e murmurou:
– Você é irmã do meu melhor amigo. Era absolutamente proibida. O que eu poderia fazer?
Daphne estremeceu de desejo. Os suspiros dele tocaram apenas em sua orelha, mas ela sentiu a pele se arrepiar no corpo todo.
– Eu não podia fazer nada – continuou ele, baixando uma alça do chemisier pelo ombro dela – além de imaginar.
– Você pensava em mim? – perguntou Daphne num arquejo, sentindo o corpo se excitar com essa ideia. – Pensava nisto?
A mão que segurava seus quadris apertou mais.
– Todas as noites. Sempre antes de dormir, até minha pele começar a queimar e meu corpo implorar por alívio.
Daphne sentiu as pernas fraquejarem, mas ele a sustentou.
– E depois, quando eu caía no sono... – Sua boca foi até o pescoço dela, acariciando-o não só com os lábios, mas também com os arquejos. – Era aí que eu ficava realmente safado.
Daphne deixou escapar um gemido estrangulado, incoerente e cheio de desejo.
A segunda alça do chemisier caiu pelo ombro dela justamente quando os lábios de Simon encontraram o espaço irresistível entre seus seios.
– Mas hoje... – prosseguiu ele, empurrando o tecido para baixo até que os dois seios dela estivessem nus. – Hoje, todos os meus sonhos estão se tornando realidade.
Daphne teve tempo apenas de arfar antes que a boca de Simon encontrasse seu seio e abocanhasse o mamilo intumescido.
– Era isso que eu queria fazer no jardim de Lady Trowbridge – disse ele. – Você sabia disso?
Ela balançou a cabeça loucamente, agarrando-se aos ombros dele para se apoiar. O corpo dela se movia de um lado para outro e Daphne mal conseguia manter a cabeça ereta. Estava sendo tomada por espasmos de puro sentimento,

que lhe roubavam o fôlego, o equilíbrio e até mesmo os pensamentos.

– É claro que não sabia – murmurou ele. – Você é muito inocente.

Com dedos hábeis e experientes, Simon tirou o restante das roupas de Daphne até deixá-la completamente nua em seus braços. Com delicadeza, porque sabia que ela devia estar quase tão nervosa quanto excitada, deitou-a de novo na cama.

Os movimentos dele foram totalmente descontrolados ao tirar as próprias roupas. Estava com a pele em chamas, com todo o corpo queimando de desejo. Em nenhum momento, no entanto, tirou os olhos dela, esparramada em cima da cama, a maior tentação que ele já havia visto. A pele aveludada de Daphne cintilava à luz bruxuleante das velas, e seus cabelos compridos, agora desgrenhados, caíam sobre seu rosto com uma naturalidade selvagem.

Os dedos de Simon, que haviam tirado as roupas dela com tanta delicadeza e agilidade, agora pareciam rudes e desajeitados enquanto ele tentava se entender com os botões e nós dos próprios trajes.

Quando suas mãos chegaram às calças, ele viu que ela estava se cobrindo com os lençóis.

– Não – pediu ele, mal reconhecendo a própria voz.

Os olhos dela se encontraram com os dele e Simon disse:

– Eu vou ser seu cobertor.

Tirou o resto das roupas e, antes que Daphne pudesse dizer qualquer coisa, foi em direção à cama, cobrindo o corpo dela com o seu. Percebeu que ela arfou de surpresa ao senti-lo, com o corpo se tensionando levemente.

– Shhh – murmurou ele, encostando o rosto no pescoço dela enquanto uma de suas mãos desenhava círculos suaves na coxa. – Confie em mim.

– Eu confio em você – disse Daphne com a voz trêmula. – É só que...

Ele subiu a mão para os quadris dela.

– O quê?

Ele percebeu a irritação em sua voz quando ela disse:

– Eu gostaria de não ser tão inocente.

Uma onda de riso sacudiu o peito de Simon.

– Pare com isso – reclamou ela, batendo no ombro dele.

– Eu não estou rindo de você.

– Obviamente, está rindo – resmungou Daphne. – E não me diga que está rindo *comigo*, porque essa desculpa nunca funciona.

– Eu estava rindo – explicou ele baixinho, apoiando-se nos cotovelos a fim de olhar para o rosto dela – porque pensei que estou morrendo de felicidade com sua inocência. – Roçou os lábios dela com os seus numa carícia suave. – Estou honrado de ser o único homem a tocar em você assim.

Os olhos dela brilharam com tanta pureza que Simon quase se desmanchou.

– Tem certeza? – sussurrou ela.

– Absoluta – disse ele, surpreso com o som áspero da própria voz. – Embora esse seja apenas um dos inúmeros sentimentos que estou experimentando neste momento.

Ela não disse nada, mas seus olhos expressavam uma curiosidade encantadora.

– Acho que sou capaz de matar qualquer homem que se atreva a olhar para você com segundas intenções – resmungou ele.

Para grande surpresa de Simon, ela explodiu numa gargalhada.

– Ah, Simon – arquejou ela –, é *maravilhoso* ser objeto de um ciúme tão irracional. Obrigada.

– Você ainda vai me agradecer por isso – prometeu ele.

– E talvez – murmurou ela, com os olhos mais sedutores que ele já tinha visto – você me agradeça também.

Simon sentiu as coxas de Daphne se abrirem quando ele encaixou o corpo no dela, com sua virilidade quente pressionando sua barriga.

– Eu já agradeço – sussurrou ele, beijando o ombro dela. – Acredite, eu já agradeço.

Ele nunca se sentira tão grato pelo controle que havia aprendido a exercer sobre si mesmo. Todo o seu corpo ansiava por mergulhar em Daphne e finalmente possuí-la, mas ele sabia que aquela noite – as núpcias deles – pertencia a ela, não a ele.

Era a primeira vez dela. Simon era seu primeiro amante – seu *único* amante, ele pensou com uma ferocidade atípica –, e tinha a responsabilidade de garantir que aquela noite fosse mais que prazerosa para ela.

Ele sabia que ela o queria. Daphne estava com a respiração irregular e os olhos vidrados de desejo. Mal podia suportar olhar para o rosto dela, pois cada vez que via seus lábios entreabertos e ofegantes era quase vencido pela vontade de penetrá-la.

Então, em vez de fazer isso, ele a beijou. Beijou-a em todos os lugares e

ignorou o desespero que sentia toda vez que a ouvia arfar. Depois, finalmente, quando ela se contorceu e gemeu embaixo dele, deixando claro que estava louca por ele, Simon deslizou a mão para o meio das pernas dela e a tocou.

O único som que conseguiu emitir foi o nome dela, que saiu na forma de um gemido. Ela estava mais do que pronta, mais quente e molhada do que ele jamais sonhara. Ainda assim, apenas para garantir – ou talvez por não conseguir resistir ao perverso impulso de torturar a si mesmo –, deslizou um dedo para dentro dela, testando seu calor, tocando-a intimamente.

– Ah, Simon! – arquejou Daphne, remexendo-se embaixo dele.

Os músculos dela já estavam apertando-o e ele soube que ela estava quase no clímax. Retirou abruptamente a mão, ignorando o lamento dela.

Usou as próprias pernas para abrir ainda mais as dela e, com um gemido trêmulo, posicionou-se para penetrá-la.

– Isto p-pode doer um pouco – sussurrou ele com a voz rouca. – Mas eu p-prometo...

– Só venha logo – implorou ela, jogando a cabeça loucamente de um lado para outro.

E ele foi. Com um impulso forte, penetrou-a por completo. Sentiu o hímen se romper, mas ela pareceu não sentir dor.

– Está tudo bem? – murmurou ele, tensionando todos os músculos para evitar se mover dentro dela.

Ela assentiu com a cabeça, a respiração totalmente ofegante.

– A sensação é bem estranha – admitiu.

– Mas é ruim? – perguntou ele, quase envergonhado pelo leve tom de desespero em sua voz.

Daphne balançou a cabeça, com um sorriso discreto nos lábios.

– Nem um pouco – sussurrou ela. – Mas antes... quando você... com os dedos...

Mesmo sob a luz fraca das velas, ele viu que o rosto dela queimava de vergonha.

– É isso que você quer? – perguntou ele, começando a sair de dentro dela.

– Não! – gritou Daphne.

– Então talvez seja *isto* que você queira – murmurou ele, voltando a penetrá-la.

Ela arquejou.

– Isso. Não. As duas coisas.

Ele começou a se movimentar dentro dela, num ritmo propositalmente lento e constante. A cada impulso, arrancava-lhe uma arfada, e os gemidos de Daphne o deixavam cada vez mais louco.

Então os gemidos viraram gritos, os arquejos ficaram mais ofegantes e ele soube que ela estava perto do clímax. Simon começou a se mexer mais rápido, trincando os dentes e tentando manter o controle enquanto ela seguia rumo ao orgasmo.

Daphne chamou por Simon com sofreguidão, soltou um grito e então todo o seu corpo ficou rígido embaixo do dele. Ela agarrou os seus ombros, erguendo o quadril com uma força na qual ele mal podia acreditar. Finalmente, com um último e intenso tremor, ela desabou sob Simon, alheia a tudo a não ser ao poder de seu próprio alívio.

Tomado pelo prazer, Simon se permitiu um último impulso, indo o mais fundo que pôde, saboreando o doce calor do corpo de Daphne.

Então, dando-lhe um beijo ardente de paixão, saiu de dentro dela e se liberou nos lençóis ao lado.

Foi apenas a primeira de muitas noites de paixão. Os recém-casados viajaram para Clyvedon e então, para extremo constrangimento de Daphne, se trancaram na suíte principal por mais de uma semana. (É claro que ela não estava tão envergonhada a ponto de realmente tentar sair do quarto.)

Depois que emergiram da reclusão da lua de mel, Daphne conseguiu, enfim, conhecer o castelo, já que tudo o que vira desde sua chegada fora o caminho da porta da frente até o quarto de Simon. Passou, então, várias horas conhecendo a criadagem. Ela já havia, é claro, sido formalmente apresentada a todos, mas achou que seria melhor falar em separado com os membros mais importantes da equipe.

Como fazia muito tempo que Simon havia saído de Clyvedon, a maioria dos criados mais novos não o conhecia, mas aqueles que já tinham convivido com seu marido em sua infância pareciam – pelo menos aos olhos de Daphne – muito devotados a ele. Ela mencionou isso de forma bem-humorada enquanto os dois passeavam a sós pelo jardim.

– Morei aqui até ir para o colégio – disse ele laconicamente.

Daphne no mesmo instante se sentiu desconfortável pela indiferença na voz do marido.

– Você nunca foi a Londres na infância? Quando éramos pequenos, nós costumávamos...

– Eu nunca saía daqui.

O tom de Simon deu a entender que ele não queria falar sobre esse assunto de jeito nenhum, mas Daphne ignorou os sinais e decidiu ir em frente de qualquer maneira.

– Você deve ter sido uma criança maravilhosa – disse ela em tom casual. – Ou então uma criança extremamente malcomportada, para ter inspirado tamanha devoção.

Ele ficou em silêncio.

– Meu irmão Colin também era assim, sabe? – continuou Daphne – Um verdadeiro capeta, mas tão encantador que todos os criados o adoravam. Nossa, uma vez...

Sua boca congelou, entreaberta. Não parecia fazer muito sentido continuar. Simon tinha dado meia-volta e se afastado.

Ele não se interessava por rosas. Nem por violetas. Mas, naquele momento, Simon se viu apoiado numa cerca de madeira olhando para o famoso jardim do castelo de Clyvedon como se fosse um profundo admirador de flores.

Tudo porque não conseguia lidar com as perguntas de Daphne sobre sua infância.

A verdade era que ele detestava lembranças. Desprezava qualquer tipo de recordação. Até mesmo permanecer em Clyvedon era desconfortável. Simon levara Daphne à casa de sua infância apenas pelo fato de ser essa a única propriedade pronta para ocupação imediata.

Sua memória trouxe de volta os sentimentos de quando ele era pequeno. E Simon não queria se sentir como aquele menininho de novo. Não queria lembrar as inúmeras cartas que mandara ao pai e que ficaram sem resposta. Não queria recordar os sorrisos gentis dos criados – sempre acompanhados por olhares piedosos. Eles o adoravam, sim, mas também sentiam pena dele.

E o fato de terem odiado o velho duque por causa dele... Bem, isso nunca o

fizera se sentir melhor. Ele não fora – e, na verdade, ainda não era – nobre a ponto de não experimentar certa satisfação com a falta de popularidade do pai, mas isso nunca anulou seu constrangimento ou desconforto.

Ou sua vergonha.

Queria que o admirassem, não que sentissem pena dele. E foi só depois que caiu no mundo sozinho, saindo inesperadamente de Clyvedon para estudar em Eton, que Simon sentiu o gosto do sucesso pela primeira vez.

Ele havia chegado tão longe... Agora, preferiria ir para o inferno a deixar as coisas voltarem a ser como no passado.

Nada disso, é claro, era culpa de Daphne. Ele tinha consciência de que ela não queria feri-lo ao perguntar sobre sua infância.

Mas como ela poderia saber que isso o incomodava? Daphne não sabia nada a respeito de suas dificuldades de fala. Afinal, ele havia feito um esforço sobre-humano para mantê-las fora do conhecimento dela.

Não, pensou, dando um suspiro cansado, na verdade ele não precisara fazer esforço algum para escondê-las de Daphne. Ela sempre o deixava à vontade, livre. Sua gagueira praticamente não dava mais sinais de vida, porém, quando ocorria, era sempre durante períodos de estresse e raiva.

E a vida com Daphne não tinha nada de estressante ou irritante.

Apoiou-se ainda mais na cerca, com o peso da culpa nos ombros. Ele a havia tratado de modo abominável. Parecia que não conseguia parar com isso.

– Simon?

Sentira a presença de Daphne antes que ela falasse. Sua esposa havia se aproximado dele por trás, silenciosamente. Mas ele sabia que ela estava lá. Podia sentir seu cheiro suave e ouvir o sussurro do vento em seus cabelos.

– Essas rosas são lindas – disse ela.

Simon sabia que era o jeito dela de suavizar seu mau humor. Sabia que ela estava morrendo de vontade de fazer mais perguntas. Mas era bastante madura – por mais que ele gostasse de implicar com ela por causa de sua idade – e entendia muito sobre os homens e seus temperamentos idiotas. Ela não iria dizer mais nada. Pelo menos não hoje.

– Disseram que foi minha mãe que as plantou – respondeu ele. As palavras saíram mais ásperas do que Simon gostaria, mas ele esperava que ela as interpretasse como o pedido de paz que ele desejava que fossem. Como Daphne

não disse nada, ele acrescentou: – Ela morreu quando eu nasci.
Ela assentiu.
– Fiquei sabendo. Sinto muito.
Simon deu de ombros.
– Eu nem cheguei a conhecê-la.
– Isso não significa que não tenha sido uma perda.
Ele pensou na própria infância. Não havia como saber se a mãe teria sido mais compreensiva que o pai em relação a suas dificuldades, mas imaginava que ela não poderia ter sido pior.
– Sim, acho que foi – murmurou ele.

Mais tarde naquele dia, enquanto Simon tratava de negócios, Daphne decidiu que seria um bom momento para conhecer a Sra. Colson, a governanta. Embora ela e Simon ainda não tivessem decidido onde iriam morar, Daphne achava que iriam passar algum tempo em Clyvedon. E, se havia uma coisa que ela aprendera com a mãe era que uma dama precisa ter um bom relacionamento com a governanta de sua casa.
Não que Daphne tivesse motivos para achar que não se daria bem com a Sra. Colson. As duas haviam se falado brevemente quando Simon apresentou a nova duquesa aos criados e logo ficou claro que ela era do tipo amistoso e falante.
Daphne passou no gabinete dela – um quartinho minúsculo ao lado da cozinha – um pouco antes da hora do chá. A governanta, uma mulher bonita de 50 e poucos anos, estava debruçada sobre sua mesinha, trabalhando no cardápio da semana.
Daphne bateu na porta aberta.
– Sra. Colson?
A mulher ergueu o olhar e se levantou imediatamente.
– Alteza – disse ela, fazendo uma pequena reverência. – Devia ter mandado me chamar.
Daphne sorriu constrangida, ainda desacostumada à sua nova posição.
– Eu já estava por perto – explicou ela, justificando sua aparição pouco tradicional nos domínios da criada. – Mas, se tiver um momento, Sra. Colson, eu pensei que poderíamos nos conhecer melhor, já que a senhora mora em

Clyvedon há tantos anos e eu espero viver aqui por bastante tempo também.

Ela sorriu com o tom afetuoso da jovem.

– É claro, Alteza. Existe algo em particular que a senhora gostaria de saber?

– Não, nada em particular. Mas, se eu quiser administrar Clyvedon de forma adequada, ainda tenho muito a aprender. Será que poderíamos tomar o chá na sala amarela? Gosto muito da decoração de lá. É tão aconchegante e ensolarada... Pensei em talvez fazer dela minha sala pessoal.

A Sra. Colson lançou-lhe um olhar curioso.

– A última duquesa achava a mesma coisa.

– Ah – respondeu Daphne, sem saber se isso deveria deixá-la desconfortável.

– Cuidei com muito carinho daquela sala ao longo de todos esses anos – continuou a Sra. Colson. – Ela é ensolarada porque fica na parte sul da casa. Todos os estofados foram reformados há três anos. – Ela tinha uma expressão de orgulho no rosto. – Fui até Londres para conseguir o mesmo tecido.

– Sei – comentou Daphne, saindo do gabinete na frente da governanta. – O falecido duque devia amar muito a esposa para garantir que a sala preferida dela fosse tão bem conservada.

A Sra. Colson não olhou para Daphne.

– A decisão foi minha – informou ela em voz baixa. – Eu tinha um orçamento fixo para a manutenção da casa e considerei este o melhor uso do dinheiro.

Daphne aguardou enquanto a governanta chamava uma camareira e lhe dava instruções para o chá.

– É uma sala encantadora – disse Daphne assim que deixaram a cozinha –, e, embora o novo duque não tenha conhecido a mãe, tenho certeza que ficará comovido ao saber que a senhora achou adequado manter a sala preferida dela.

– Era o mínimo que eu podia fazer – disse a Sra. Colson enquanto as duas percorriam o corredor. – Afinal de contas, nem sempre servi à família Basset.

– Ah, não? – perguntou Daphne com curiosidade. Governantas eram famosas por sua lealdade e costumavam servir uma única família por gerações.

– Não, eu era a camareira pessoal da duquesa. – Quando chegaram à porta da sala amarela, a Sra. Colson esperou do lado de fora para permitir que Daphne entrasse primeiro. – Antes disso, fui sua dama de companhia. E minha mãe foi ama dela.

– Vocês deviam ser muito próximas – murmurou Daphne.

A mulher assentiu.

– Depois que ela morreu, ocupei várias posições aqui em Clyvedon até finalmente me tornar governanta.

– Sei. – Daphne sorriu para ela e se acomodou no sofá. – Por favor, sente-se – disse ela, indicando a cadeira à sua frente.

A Sra. Colson pareceu hesitar diante de tanta intimidade, mas acabou obedecendo.

– Fiquei muito triste quando ela morreu – contou. Lançou a Daphne um olhar levemente apreensivo. – Espero que não se importe que eu lhe fale sobre isso.

– Claro que não – disse Daphne com rapidez. Ela estava bastante curiosa sobre a infância de Simon. Ele lhe contara muito pouco sobre isso, mas ela sentia que essa etapa de sua vida tinha um significado muito importante. – Por favor, fale mais. Eu adoraria ouvir sobre ela.

Os olhos da Sra. Colson ficaram marejados.

– Ela era a pessoa mais gentil e bondosa que existia. Ela e o duque... Bem, eles não eram um casal amoroso, mas se davam bem. Tinham um tipo próprio de amizade. – Ergueu o olhar. – Ambos eram conscientes de seus deveres como duque e duquesa. Levavam suas responsabilidades muito a sério.

Daphne assentiu.

– Ela estava determinada a dar um filho a ele. E continuou tentando mesmo depois que todos os médicos lhe disseram que poderia ser perigoso. Ela chorava no meu ombro todos os meses quando vinham suas regras.

Daphne aquiesceu, tentando disfarçar sua tensão. Era difícil ouvir histórias de pessoas que não podiam ter filhos. Mas sabia que teria que se acostumar. Seria ainda mais difícil responder a perguntas sobre o assunto.

E *haveria* perguntas. Perguntas educadas, mas com um sentimento de pena.

Felizmente a Sra. Colson não percebeu a aflição de Daphne. Deu uma fungada e prosseguiu com a história.

– Ela vivia dizendo que nunca poderia ser uma duquesa de verdade se não conseguisse dar um filho ao duque. Isso partia meu coração. Todos os meses, partia meu coração.

Daphne se perguntou se isso também aconteceria com ela. Provavelmente, não. Ela ao menos *sabia* que não engravidaria. Já a mãe de Simon tinha suas esperanças destruídas a cada quatro semanas.

– E é claro que todos agiam como se não ter um bebê fosse responsabilidade dela – continuou a governanta. – Como poderiam saber disso? Não é sempre a mulher que é infértil. Às vezes a culpa é do homem.

Daphne ficou em silêncio.

– Eu sempre lhe falava isso, mas ainda assim ela se sentia mal. Eu dizia... – O rosto da Sra. Colson ficou vermelho. – A senhora se importa se eu falar francamente?

– Claro que não.

Ela assentiu.

– Bem, eu falava o que minha própria mãe me dizia. Não há nada que nasça sem que uma semente forte e saudável seja plantada.

Daphne continuou quieta. Não conseguiu responder nada.

– Mas então ela finalmente teve o Sr. Simon. – A governanta soltou um suspiro maternal e olhou para Daphne com uma expressão apreensiva. – Sinto muito – disse ela de repente. – Eu não deveria estar me referindo a ele dessa forma. Ele é o duque agora.

– Não pare por minha causa – pediu Daphne, feliz por ter um motivo para sorrir.

– É difícil mudar na minha idade – refletiu a Sra. Colson com um suspiro. – E, infelizmente, acho que parte de mim sempre irá se lembrar dele como aquele pobre menininho. – Olhou para Daphne e balançou a cabeça. – Teria sido muito mais fácil para ele se a duquesa não tivesse morrido.

– Mais fácil? – murmurou Daphne, torcendo para que a Sra. Colson lhe contasse mais detalhes.

– O duque nunca entendeu o pobre garoto – afirmou a governanta. – Ele tinha ataques de fúria, o chamava de idiota e...

Daphne levantou a cabeça de forma brusca.

– Ele achava que Simon era idiota?

Isso era um absurdo. Simon era uma das pessoas mais inteligentes que ela conhecia.

– O duque nunca soube ver o mundo além do próprio umbigo – retrucou a Sra. Colson, bufando. – Nunca deu uma chance ao filho.

Daphne se inclinou para a frente e aguçou os ouvidos para assimilar tudo o que a governanta dizia. O que o duque havia feito a Simon? E seria esse o motivo

que o fazia ficar paralisado toda vez que o nome do pai era mencionado?

A Sra. Colson pegou um lenço e secou os olhos.

– Você precisava ter visto como aquele menino se esforçava para melhorar. Partia meu coração. Simplesmente partia meu coração.

Daphne estava tão impaciente que cravou as unhas no sofá. A Sra. Colson *nunca* chegava ao ponto.

– Mas nada do que ele fazia era bom o bastante para o duque. Esta é apenas minha opinião, é claro, mas...

Nesse instante, uma camareira entrou com o chá. Daphne quase gritou de frustração. A bebida demorou uns dois minutos para ser servida, e durante todo esse tempo a Sra. Colson tagarelou sobre os biscoitos, querendo saber, entre outras coisas, se Daphne os preferia simples ou com uma camada de açúcar por cima.

Daphne teve que largar o sofá antes que arrancasse um pedaço do estofado que a Sra. Colson tanto se esforçara para preservar. Finalmente a camareira saiu. A governanta tomou um gole de chá e perguntou:

– Onde estávamos?

– A senhora falava sobre o duque – respondeu Daphne no mesmo instante. – O falecido duque. Que nada que meu marido fazia era bom o suficiente para ele e que, na sua opinião...

– Minha nossa, a senhora estava prestando atenção. – O rosto da Sra. Colson se iluminou. – Fico lisonjeada.

– Mas a senhora estava dizendo... – estimulou Daphne.

– Ah, sim, é claro. Eu ia dizer apenas que sempre achei que o falecido duque jamais perdoou o filho por não ser perfeito.

– Mas, Sra. Colson – retrucou Daphne baixinho –, ninguém é perfeito.

– É claro que não, mas... – Os olhos da governanta foram perpassados, por um breve instante, por uma expressão de desdém em relação ao falecido patrão. – Se tivesse conhecido o velho duque, a senhora entenderia. Ele esperou muito tempo por um filho. Na cabeça dele, o nome Basset era sinônimo de perfeição.

– E meu marido não era o filho que ele queria? – perguntou Daphne.

– Ele não queria um filho. Queria uma réplica de si mesmo.

Daphne não conseguiu mais conter sua curiosidade.

– Mas o que Simon fez para ser tão repugnante ao duque?

Os olhos da Sra. Colson se arregalaram de surpresa e ela levou a mão ao peito.

– Ora, a senhora não sabe – murmurou ela. – Claro que não sabe.

– *O quê?*

– Ele não conseguia falar.

Daphne ficou boquiaberta.

– Como assim?

– Ele não sabia falar. Não disse uma palavra até os 4 anos de idade, e quando conseguiu aprender, não parava de gaguejar. Meu coração se partia toda vez que ele abria a boca. Eu via que havia um menininho muito inteligente ali. Ele apenas não conseguia fazer as palavras saírem direito.

– Mas ele fala tão bem agora... – atalhou Daphne, surpresa pelo tom defensivo em sua voz. – Eu nunca o ouvi gaguejando. Ou, se ouvi, e-e-eu não percebi. Está vendo? Acabei de gaguejar! Todo mundo faz isso quando está confuso.

– Ele se esforçou muito para melhorar. Foram sete anos, pelo que me lembro. Durante sete anos ele não fez nada além de praticar com a ama. – A testa da Sra. Colson se franziu. – Qual era mesmo o nome dela? Ah, sim, ama Hopkins. Era uma santa. Tão dedicada ao menino que parecia que ele era filho dela. Eu era assistente da governanta na época, mas ela sempre me deixava ajudá-lo a treinar.

– Foi difícil para ele? – quis saber Daphne.

– Às vezes eu achava que ele morreria de frustração. Mas ele era tão obstinado... Meu Deus, que menino teimoso. Nunca vi ninguém tão persistente. – A Sra. Colson balançou a cabeça com tristeza. – E o pai ainda assim o rejeitava. Isso...

– Partia o seu coração – atalhou Daphne. – Teria partido o meu também.

A Sra. Colson tomou um gole de chá durante o longo e desconfortável silêncio que se seguiu.

– Muito obrigada por me convidar para tomar o chá com a senhora, Alteza – disse ela, interpretando o silêncio de Daphne equivocadamente como desagrado. – Apesar de ter contrariado os costumes, foi muito...

Daphne ergueu o olhar enquanto a Sra. Colson buscava a palavra certa.

– Gentil – concluiu ela, enfim. – Foi muito gentil de sua parte.

– Obrigada – murmurou Daphne distraidamente.

– Ah, mas eu não respondi a nenhuma de suas perguntas sobre Clyvedon – lembrou de repente a Sra. Colson.

Daphne balançou a cabeça.

– Quem sabe outra hora – disse baixinho.

Tinha muito em que pensar naquele momento.

Sentindo que a patroa desejava privacidade, a Sra. Colson se levantou, fez uma reverência e deixou o aposento em silêncio.

CAPÍTULO 16

O calor sufocante esta semana prejudicou os eventos sociais em Londres. Esta autora viu a Srta. Prudence Featherington desfalecer no baile Huxley, mas é impossível saber se sua perda temporária de equilíbrio se deveu ao calor ou à presença do Sr. Colin Bridgerton, que tem se divertido bastante desde o retorno de sua viagem pela Europa.

O calor fora de época também vitimou Lady Danbury, que deixou Londres há vários dias, alegando que seu gato (um animal de pelo longo e farto) não suportava o clima. Acredita-se que ela tenha se retirado para sua casa em Surrey.

É provável que o duque e a duquesa de Hastings não estejam sendo afetados pelas altas temperaturas. Eles estão na costa, onde a brisa do mar é sempre um prazer. Mas esta autora não pode ter certeza do bem-estar deles. Ao contrário da crença popular, ela não tem espiões em todas as casas importantes, principalmente fora de Londres!

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE JUNHO DE 1813

Simon refletiu que era curioso o fato de eles estarem casados havia menos de duas semanas e já terem estabelecido uma confortável rotina. Naquele momento mesmo, ele estava parado descalço na porta de seu quarto de vestir, soltando sua gravata e observando a esposa escovar os cabelos. No dia anterior, havia feito a mesma coisa. Existia algo estranhamente reconfortante nisso.

Nas duas vezes, pensou, com uma ponta de malícia, estava planejando como seduzi-la e levá-la para a cama. No dia anterior, havia sido muito bem-sucedido.

Agora, largando a gravata no chão, deu um passo à frente. Seria bem-sucedido mais uma vez.

Simon parou ao lado de Daphne e se apoiou na beirada da penteadeira. Ela olhou para cima com uma expressão séria. Ele tocou a mão dela, enroscada no

cabo da escova.

– Adoro ver você pentear os cabelos – disse ele –, mas gosto mais ainda de fazer isso com minhas próprias mãos.

Ela continuou olhando para ele. Lentamente, soltou a escova.

– Conseguiu resolver tudo o que precisava com o administrador? Você ficou com ele por um bom tempo.

– Sim, foi bastante entediante, mas necessário. E... – O rosto dele ficou paralisado. – O que foi?

Ela desviou o olhar.

– Nada – respondeu, sem muita convicção.

Simon balançou a cabeça, um movimento dirigido mais a si mesmo que a Daphne, e então começou a pentear os cabelos dela. Por um instante, teve a impressão de que a esposa estivera olhando fixamente para sua boca.

Lutou para conter uma tremedeira. Durante toda a sua infância, as pessoas não paravam de olhar para sua boca, sempre com um fascínio horrorizado. Às vezes se esforçavam para o olharem nos olhos, mas em geral voltavam à boca, como se não pudessem acreditar que alguém que parecia tão normal não fosse capaz de emitir as palavras direito.

Mas ele devia estar imaginando coisas. Por que Daphne estaria olhando para sua boca?

Deslizou a escova cuidadosamente pelos cabelos dela, permitindo-se passar também os dedos pelas mechas sedosas.

– A conversa com a Sra. Colson foi boa? – perguntou ele.

Ela hesitou. Foi um movimento mínimo, muito bem disfarçado, mas Simon percebeu mesmo assim.

– Foi – disse Daphne. – Ela sabe de muitas coisas.

– Com certeza. Está aqui desde semp... *O que* você está olhando?

Daphne praticamente deu um salto na cadeira.

– Estou olhando para o espelho.

Era verdade, mas Simon ainda estava desconfiado. Os olhos dela estavam fixos e atentos, focados num único ponto.

– Como eu estava dizendo – continuou Daphne apressadamente –, tenho certeza que a Sra. Colson será muito útil para me colocar a par da administração de Clyvedon. É uma propriedade grande, e eu tenho muito a aprender.

– Não se esforce demais – aconselhou ele. – Não vamos passar muito tempo aqui.

– Não?

– Pensei em ter Londres como nossa residência principal. – Diante do olhar de surpresa dela, ele acrescentou: – Você estará mais perto de sua família, mesmo quando eles forem para o campo. Achei que gostaria disso.

– Sim, é claro – afirmou ela. – Sinto saudade deles. Nunca tinha ficado tanto tempo longe. É claro que eu sempre soube que, quando me casasse, estaria começando minha própria família, e...

Houve um silêncio terrível.

– Bem, você é minha família agora – completou ela, com a voz soando um pouco triste.

Simon suspirou, interrompendo o que estava fazendo e mantendo a escova de prata parada nos cabelos escuros dela.

– Daphne – disse ele –, sua família será sempre sua família. Eu nunca poderei tomar o lugar deles.

– É verdade – concordou ela. Virou-se para encará-lo com olhos calorosos e sussurrou: – Mas você pode ser algo mais.

Nesse momento, Simon percebeu que todos os seus planos de seduzir a esposa seriam inúteis, porque era óbvio que *ela* pretendia seduzi-lo.

Daphne se levantou, deixando o roupão de seda escorregar pelos ombros. Por baixo, a camisola do conjunto revelava mais do que escondia. Simon colocou a mão no seio dela e viu que seus dedos contrastavam perfeitamente com o tecido verde da peça.

– Você gosta dessa cor, não é? – disse ele com a voz rouca.

Ela sorriu, fazendo-o perder o fôlego.

– Combina com os meus olhos – provocou ela. – Lembra?

Simon conseguiu sorrir, embora não soubesse como. Nunca imaginara ser possível abrir um sorriso quando se estava prestes a ficar sem oxigênio. Às vezes a necessidade de tocá-la era tão grande que olhar para ela doía.

Ele a puxou para mais perto. *Precisava* puxá-la para mais perto. Só não faria isso se tivesse ficado maluco.

– Você está dizendo – murmurou ele roçando a boca no pescoço dela – que comprou isto aqui só para mim?

– É claro – respondeu ela, recuperando a voz enquanto ele passava a língua em sua orelha. – Quem mais vai me ver assim?

– Ninguém – afirmou ele, segurando as costas dela e pressionando-a contra ele, para que sentisse sua excitação. – Ninguém. Nunca.

Daphne pareceu ligeiramente confusa pela repentina explosão de possessividade dele.

– Além disso – acrescentou ela –, faz parte do meu enxoval.

Simon gemeu.

– Adoro seu enxoval. *Adoro*. Já lhe disse isso?

– Não tão claramente – disse ela, soltando um arquejo. – Mas eu já havia imaginado.

– Mas gosto mais ainda – continuou ele, empurrando-a carinhosamente em direção à cama enquanto tirava a camisa – quando você está sem ele.

O que quer que Daphne quisesse dizer – e ele tinha certeza de que ela queria dizer alguma coisa, porque ficou com a boca entreaberta de um modo encantador – ficou no ar quando desabou sobre a cama.

Em um instante Simon estava em cima dela. Pôs as mãos nos dois lados de seu quadril e as deslizou para o alto, empurrando os braços dela acima da cabeça. Depois, deu-lhes um apertão suave.

– Você é muito forte – comentou ele. – Mais forte do que a maioria das mulheres.

Daphne arqueou um pouco as sobrancelhas ao olhar para ele.

– Não quero saber da maioria das mulheres.

Sem querer, Simon riu. Então, com um movimento muito rápido, prendeu os pulsos de Daphne acima de sua cabeça.

– Mas não – continuou com a voz sedutora – tão forte como eu.

Ela soltou um arquejo de surpresa, um som que Simon considerou particularmente excitante, então ele segurou os dois pulsos dela com apenas uma das mãos, deixando a outra livre para percorrer o corpo dela.

– Você é perfeita – gemeu ele, levantando a camisola acima dos quadris dela.

– Pare – pediu ela, trêmula. – Você sabe que eu não sou perfeita.

– Eu sei? – Ele deu um sorriso malicioso enquanto passava a mão por baixo de uma das nádegas dela. – Acho que você está enganada, porque isto – ele lhe deu um apertão – é perfeito.

– Simon!

– E estes... – Ele subiu a mão e cobriu um dos seios dela, acariciando o mamilo através da seda. – Bem, não preciso lhe dizer o que acho deles.

– Você é louco.

– Posso até ser – concordou ele. – Mas tenho um gosto excelente. E você – ele abaixou a cabeça de repente e mordeu sua boca – é deliciosa.

Daphne riu, sem conseguir se conter.

Simon arqueou as sobrancelhas.

– Como ousa rir de mim?

– Não estou rindo de você – respondeu ela. – Pelo menos não com você prendendo meus dois braços acima da minha cabeça.

Simon começou a abrir as calças com a mão livre.

– Obviamente eu me casei com uma mulher de muito bom senso.

Daphne olhou para ele com orgulho e amor ao ver as palavras saírem sem esforço de seus lábios. Quem o ouvisse falar agora jamais imaginaria que ele tinha sido gago na infância.

Que homem notável era seu marido. Ter enfrentado tamanho obstáculo e vencido com a pura força de vontade... Ele devia ser o homem mais forte e disciplinado que ela conhecia.

– Estou muito feliz por ter casado com você – disse ela carinhosamente. – Tenho muito orgulho de você ser meu.

Simon parou, surpreendido pela repentina seriedade dela. Sua voz ficou baixa e rouca.

– Também tenho orgulho de você ser minha. – Puxou as calças com força. – E vou lhe mostrar quanto – gemeu ele – assim que conseguir tirar estas malditas calças.

Daphne sentiu uma risada se formar em sua garganta.

– Quem sabe se usar as duas mãos... – sugeriu.

Ele lançou-lhe um olhar que dizia “Está achando que eu sou idiota?”.

– Mas para isso eu teria que soltar você.

Ela inclinou a cabeça para o lado, tímida.

– E se eu prometer que não vou mexer os braços?

– Eu não acreditaria nisso nem por um momento.

O sorriso dela se tornou maliciosamente sugestivo.

– E se eu prometer que *vou* mexer os braços?
– Bem, *isto* parece interessante.
Simon saltou da cama de uma forma ao mesmo tempo graciosa e frenética e conseguiu ficar nu em menos de três segundos. Depois, pulou de volta para a cama e se deitou de lado, perto de Daphne.
– Onde nós estávamos mesmo?
Daphne riu novamente.
– Bem aqui, eu acho.
– Rá! – exclamou ele com uma expressão acusadora bastante cômica. – Você não estava prestando atenção. Nós estávamos – continuou, deslizando para cima dela, pressionando-a contra o colchão – bem aqui.
Os risos dela explodiram numa gargalhada.
– Ninguém nunca lhe disse para não rir de um homem quando ele está tentando seduzir você?
Se ainda havia alguma chance de Daphne parar de rir, agora ela se fora.
– Ah, Simon – arquejou ela –, eu o amo tanto...
Ele ficou absolutamente imóvel.
– O quê?
Daphne apenas sorriu e tocou no rosto dele. Ela o compreendia muito melhor agora. Depois de encarar uma rejeição tão grande quando criança, ele provavelmente não sabia que merecia ser amado. E talvez não soubesse ao certo como corresponder a esse sentimento. Mas ela podia esperar. Podia esperar para sempre por aquele homem.
– Não precisa dizer nada – sussurrou ela. – Apenas saiba que eu amo você.
Os olhos de Simon estavam eufóricos e abatidos ao mesmo tempo. Daphne se perguntou se alguém já tinha dito aquelas palavras para ele antes. Ele havia crescido sem uma família, sem o amor e o carinho que para ela eram tão naturais.
A voz dele, quando enfim conseguiu falar, saiu rouca e quase inaudível:
– D-Daphne, eu...
– Shhh – atalhou ela, pondo um dedo nos lábios dele. – Não diga nada. Espere até parecer certo.
Então ela se perguntou se suas palavras o tinham perturbado. Será que falar *alguma vez* parecia certo para ele?

– Só me beije – sussurrou Daphne apressadamente, ansiosa por deixar para trás o que temia que tivesse sido um momento constrangedor. – Por favor, me beije.

E ele a obedeceu. Beijou-a com ferocidade, ardendo com toda a paixão e o desejo que fluíam entre eles. Os lábios e as mãos de Simon não deixaram nada por tocar, beijar, apertar e acariciar até que a camisola dela estivesse atirada no chão e os lençóis e cobertores, retorcidos ao pé da cama.

Mas, ao contrário de todas as outras noites, ele não conseguiu tirá-la completamente de si em momento algum. Ela tinha descoberto muitas coisas nesse dia e nada, nem mesmo os anseios mais fortes de seu corpo, conseguia interromper o ritmo frenético de seus pensamentos. Daphne estava morrendo de desejo, cada fragmento de seu corpo levado ao limite da excitação, e ainda assim sua mente não parava.

Quando os olhos dele – tão azuis que cintilavam até mesmo à luz de velas – cruzaram com os dela, Daphne se perguntou se toda aquela intensidade fora causada pelas emoções que Simon não sabia como expressar em palavras. Quando ele gemeu seu nome, ela não pôde evitar ouvir um minúsculo gaguejo. E quando ele afundou dentro dela, com a cabeça atirada tão para trás que era possível ver as veias de seu pescoço latejando, ela se perguntou por que ele parecia estar sentindo tanta dor.

Dor?

– Simon? – perguntou ela, hesitante, com a preocupação diminuindo um pouco o desejo. – Você está bem?

Ele assentiu, rangendo os dentes. Desabou em cima dela, ainda mexendo o quadril ritmadamente, e sussurrou em seu ouvido:

– Vou fazer você chegar lá.

Isso não seria nada difícil, Daphne pensou, recuperando o fôlego enquanto ele abocanhava a ponta de seu seio. Nunca era difícil. Ele parecia saber exatamente como tocá-la, quando se mexer e quando provocá-la ficando parado. Os dedos dele deslizaram entre os dois corpos, fazendo a pele dela se arrepiar e seus quadris rebolarem na mesma cadência que os dele.

Daphne sentiu-se escorregando em direção àquele alheamento que já conhecia tão bem. E era maravilhoso...

– Por favor – implorou ele, passando a outra mão por baixo dela a fim de pressioná-la ainda mais contra ele. – Eu preciso que você... Agora, Daphne,

agora!

E ela obedeceu. O mundo explodiu a seu redor e seus olhos se fecharam com tanta força que ela viu pontos luminosos. Daphne ouviu uma música – ou talvez fosse apenas o som de sua própria voz quando ela chegou ao clímax, acrescentando uma melodia às fortes batidas de seu coração.

Com um gemido que pareceu ter vindo da alma, Simon saiu de dentro dela e menos de um segundo depois se derramou – como sempre fazia – sobre os lençóis na beirada da cama.

Depois que isso acontecia, em um instante ele se virava para ela e a abraçava. Era um ritual de que Daphne havia aprendido a gostar. Ele a segurava apertado, de costas para ele, e enfiava o rosto em seus cabelos. E então, depois que a respiração dos dois voltava ao normal, eles caíam no sono.

Só que dessa vez foi diferente. Daphne estava estranhamente inquieta. Sentia o corpo exausto e saciado, mas algo estava errado. Alguma coisa no fundo de sua mente a cutucava, provocando o inconsciente.

Simon deitou-se ao lado dela, empurrando-a para o lado limpo da cama. Ele sempre fazia isso, usando seu corpo como barreira para que ela nunca se deitasse sobre a bagunça que havia feito. Era um gesto atencioso, na verdade, e...

Daphne arregalou os olhos. Quase perdeu o ar.

Não há nada que nasça sem que uma semente forte e saudável seja plantada.

Ela não havia pensado nas palavras da Sra. Colson quando ela as dissera naquela tarde. Estava muito concentrada na história da infância difícil de Simon, preocupada demais em descobrir como poderia dar-lhe amor suficiente para banir as lembranças ruins para sempre.

Daphne sentou-se abruptamente e as cobertas caíram até sua cintura. Com os dedos trêmulos, acendeu a vela que ficava em sua mesa de cabeceira.

Simon abriu um olho sonolento.

– O que houve?

Ela não disse nada, apenas olhou para o ponto molhado no outro lado da cama.

As sementes dele.

– Daff?

Ele lhe dissera que não podia ter filhos. Havia mentido para ela.

– Daphne, o que houve?

Ele se sentou, a preocupação transparecendo no rosto.

Será que aquilo também era uma mentira?

Ela apontou para a área úmida da cama.

– O que é aquilo? – perguntou ela, falando tão baixo que mal dava para escutar.

– O quê? – Os olhos dele seguiram o dedo dela e viram apenas os lençóis. – Do que você está falando?

– Por que você não pode ter filhos, Simon?

Ele fechou os olhos e não disse nada.

– *Por quê*, Simon? – Ela praticamente gritou.

– Os detalhes não são importantes, Daphne.

O tom de voz dele era suave, apaziguador, com apenas um toque de condescendência. Daphne sentiu algo se quebrar dentro dela.

– Saia daqui – ordenou.

Ele ficou boquiaberto.

– Este é o meu quarto.

– Então eu saio.

Ela desceu da cama furiosamente, enrolada em um dos lençóis.

Um instante depois, Simon estava atrás dela.

– Não *ouse* sair deste quarto – sibilou ele.

– Você mentiu para mim.

– Eu nunca...

– Você mentiu para mim! – gritou Daphne. – Nunca vou perdoá-lo por isso!

– Daphne...

– Você se aproveitou da minha ignorância. – Ela soltou um suspiro de descrença, do tipo que sai do fundo da garganta quando se está prestes a entrar em choque. – Deve ter ficado maravilhado quando percebeu que eu não sabia quase nada sobre relações conjugais.

– O nome disso é fazer amor, Daphne – disse ele.

– Não entre nós.

Simon ficou perplexo com o rancor na voz dela. Tentou desesperadamente pensar em alguma forma de contornar a situação. Ainda não tinha ideia do que ela sabia, ou do que ela *achava* que sabia.

– Daphne – chamou ele, bem devagar, de modo a não deixar que as emoções o fizessem perder a fala. – Talvez se você me disser exatamente o que a está perturbando...

– Ah, então nós vamos fazer este jogo, é? – Ela bufou com ironia. – Muito bem, deixe-me lhe contar uma história. Era uma vez uma...

A raiva penetrante na voz dela parecia uma faca perfurando seu coração.

– Daphne – repetiu ele, fechando os olhos e balançando a cabeça –, não faça isso.

– Era uma vez – voltou a dizer ela, mais alto desta vez – uma moça. Vamos chamá-la de Daphne.

Simon foi até a cômoda e pegou um roupão. Havia coisas que um homem não podia fazer nu.

– Daphne era muito, muito idiota.

– Daphne!

– Ah, muito bem então. – Ela balançou a mão no ar com desdém. – Ignorante, então. Ela era muito, muito ignorante.

Simon cruzou os braços.

– Daphne não sabia nada sobre o que acontecia entre um homem e uma mulher. Não tinha ideia do que eles faziam, a não ser que faziam numa cama e que, em algum momento, o resultado seria um bebê.

– Já chega, Daphne.

O único sinal de que ela o havia escutado foi a fúria sombria e flamejante em seus olhos.

– Mas ela não *sabia* realmente como um bebê era feito, então, quando seu marido lhe disse que não podia ter filhos...

– Eu lhe disse isso *antes* de nos casarmos. Eu lhe dei a opção de desistir. Não se esqueça disso – falou Simon, irritado. – Não *ouse* se esquecer disso.

– Você me fez sentir pena de você!

– Ah, tudo o que um homem deseja ouvir... – zombou ele.

– Pelo amor de Deus, Simon – retrucou ela. – Você sabe que eu não me casei com você por pena.

– Então por quê?

– Porque eu o amava – respondeu ela, mas a acidez em sua voz tornou difícil acreditar nisso. – E porque eu não queria vê-lo morrer, o que você parecia estupidamente inclinado a fazer.

Como ainda não tinha uma resposta pronta, ele apenas bufou e olhou furioso para ela.

– Mas não tente virar a situação contra mim – continuou ela, irritada. – Não fui eu que menti. Você disse que não pode ter filhos, mas a verdade é que *não quer*.

Ele não disse nada, mas sabia que a resposta estava em seus olhos.

Daphne deu um passo em sua direção, com uma fúria que mal podia conter.

– Se você realmente não pudesse ter filhos, não importaria o lugar onde sua semente fosse despejada, não é? Você não ficaria tão ansioso todas as noites para garantir que ela terminasse em qualquer lugar que não dentro de mim.

– Você não sabe nada s-sobre isso, Daphne.

Ele falou baixo e em um tom furioso, gaguejando apenas levemente.

Ela cruzou os braços.

– Então me explique.

– Eu nunca vou ter filhos – sibilou ele. – *Nunca*. Você entendeu?

– Não.

Simon sentiu a raiva crescer dentro dele, revirando seu estômago, pressionando sua pele até ele achar que ia explodir. Não era raiva de Daphne, nem de si mesmo. Era, como sempre, dirigida ao homem cuja presença – ou ausência – sempre conseguira ditar sua vida.

– Meu pai – disse ele, lutando desesperadamente para se controlar – não foi um homem amoroso.

Daphne o encarou.

– Eu sei sobre seu pai – afirmou ela.

Isso o pegou de surpresa.

– O que você sabe?

– Que ele magoou você. Que o rejeitou. – Alguma coisa tremeluziu nos olhos escuros dela... Não era exatamente pena, mas algo parecido. – Que ele achava que você era um idiota.

Simon sentiu o coração disparar. Não soube ao certo como conseguiu falar – ou respirar –, mas de alguma forma foi capaz de dizer:

– Então você sabe sobre...

– Sua gagueira? – completou ela.

Ele agradeceu em silêncio por isso. Ironicamente, "gagueira" era uma palavra que ele nunca conseguira dominar.

Ela deu de ombros.

– Ele era um imbecil.

Simon olhou para ela boquiaberto, sem conseguir compreender como ela podia descartar décadas de raiva com uma única declaração despreocupada.

– Você não entende – afirmou ele, balançando a cabeça. – Nem tem como entender. Não com uma família como a sua. A única coisa que importava para ele era o sangue. O sangue e o título. E como eu não nasci perfeito... Daphne, ele disse às pessoas que eu havia morrido!

Ela sentiu o sangue se esvair do rosto.

– Eu não sabia que tinha sido assim – sussurrou.

– Foi pior que isso – disparou Simon. – Eu mandei cartas para ele. Centenas de cartas, implorando que ele viesse me visitar. Ele não respondeu nem uma sequer.

– Simon...

– S-sabia que eu não consegui falar até os quatro anos? Não? Bom, mas é verdade. E quando ele me visitava, me sacudia e ameaçava me bater até eu falar. *Esse* era o meu p-pai.

Daphne tentou ignorar que ele estava começando a tropeçar nas palavras. Tentou descartar a sensação de enjoo, a raiva que sentiu ao pensar na forma abominável como Simon fora tratado.

– Mas ele se foi – falou ela, com a voz trêmula. – Ele se foi e você está aqui.

– Ele disse que não conseguia sequer s-suportar olhar para mim. Tinha passado anos rezando por um herdeiro, não por um *filho* – continuou ele, levantando a voz perigosamente. – Um herdeiro. E p-para quê? Hastings acabaria nas mãos de um débil mental. Seu precioso ducado s-seria administrado por um idiota!

– Mas ele estava errado – sussurrou Daphne.

– Não interessa! – rugiu Simon. – Tudo o que importava para ele era o título. Ele nunca pensou um instante sequer em mim, em como eu devia me sentir, preso a uma b-boca que não f-funcionava!

Daphne recuou, desequilibrada diante de tanta raiva. Aquela era a fúria de décadas de ressentimento.

De repente, Simon deu um passo para a frente e pressionou o rosto contra o dela.

– Mas quer saber de uma coisa? – perguntou com uma voz cruel. – Eu vou rir por último. Ele achava que não poderia haver nada pior do que um débil mental herdar Hastings...

– Simon, você não...

– Você está ao menos ouvindo o que estou dizendo? – berrou ele.

Assustada, Daphne se afastou rapidamente, estendendo a mão em busca da maçaneta, caso tivesse que fugir.

– É claro que eu sei que não sou um idiota – cuspiu ele. – E no fim acho que e-ele também sabia. Tenho certeza de que isso o reconfortou m-muito. Hastings estava a salvo. N-não importava que eu não estivesse mais sofrendo. Hastings... era só o que importava.

Daphne se sentiu mal. Sabia o que viria a seguir.

Subitamente, Simon sorriu. Uma expressão cruel e desagradável, que ela nunca vira no rosto dele antes.

– Mas Hastings vai morrer comigo – concluiu ele. – Todos aqueles primos que ele temia que herdassem... – Deu de ombros e soltou uma risada amarga. – Todos tiveram filhas. Não é incrível? Talvez tenha sido por isso que meu p-pai de repente resolveu que eu não era tão idiota assim. Ele sabia que eu era sua única esperança.

– Ele sabia que estava errado – afirmou Daphne em voz baixa.

De repente, lembrou-se das cartas que o duque de Middlethorpe havia lhe entregado. As correspondências escritas pelo pai dele. Ela as deixara na casa de sua família, em Londres. No fundo, tinha sido melhor assim, já que isso significava que ela ainda não precisaria decidir o que fazer com elas.

– Não interessa – disse Simon com petulância. – Quando eu morrer, o título morrerá comigo. E eu não poderia ficar mais f-feliz.

Com isso, ele saiu em disparada, passando pelo quarto de vestir, já que Daphne estava bloqueando a porta.

Ela afundou numa cadeira, ainda enrolada no macio lençol de linho que havia arrancado da cama. O que podia fazer?

Sentiu tremores se espalhando pelo corpo, uma sensação que não conseguia controlar. Então se deu conta de que estava chorando. Sem fazer som algum, sem sequer soluçar, ela estava chorando.

Por Deus, o que ela ia fazer?

CAPÍTULO 17

Dizer que os homens podem ser teimosos como mulas seria um insulto às mulas.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE JUNHO DE 1813

No fim, Daphne fez a única coisa que sabia. Os Bridgertons sempre foram uma família barulhenta e agitada. Nenhum deles mantinha segredos nem guardava rancores.

Então ela tentou conversar com Simon. Argumentar com ele.

Na manhã seguinte (ela não fazia ideia de onde ele havia passado a noite; onde quer que tivesse sido, não fora na cama dos dois), ela o encontrou no escritório dele. Era um ambiente escuro e masculino em todos os detalhes, provavelmente decorado pelo velho duque. Daphne ficou surpresa que Simon se sentisse confortável naquele lugar. Ele detestava lembranças do pai.

Mas Simon claramente não estava desconfortável. Ela o viu sentado atrás da mesa, com os pés apoiados de forma insolente sobre o mata-borrão de couro que protegia a bela cerejeira do tampo da mesa. Segurava uma pedra muito bem polida, que revirava entre os dedos. Havia uma garrafa de uísque na mesinha ao lado. Daphne teve a sensação de que a bebida tinha passado a noite toda ali.

Mas ele não havia consumido muito de seu conteúdo. Daphne ficou grata por isso.

Como a porta estava entreaberta, ela não bateu. No entanto, não teve coragem suficiente para fazer mais do que enfiar a cabeça na sala.

Ele olhou para ela e levantou uma sobrancelha.

– Está ocupado? – perguntou Daphne.

Simon largou a pedra.

– Evidentemente, não.

Ela gesticulou em direção ao objeto.

– É de alguma de suas viagens?

– Do Caribe. Uma lembrança dos meus tempos na praia.

Daphne percebeu que ele falava com a dicção perfeita. Não havia nem sinal da gagueira que ficara evidente na noite anterior. Ele estava calmo. Irritantemente calmo.

– As praias lá são muito diferentes das daqui? – perguntou ela.

Ele levantou uma sobrancelha de forma arrogante.

– É mais quente.

– Ah. Bem, eu imaginava.

Ele a encarou com um olhar penetrante e resoluto.

– Daphne, eu sei que você não veio até aqui para falar sobre os trópicos.

Ele tinha razão, é claro, mas aquela não ia ser uma conversa fácil, e Daphne não se achou tão covarde assim por querer adiá-la por alguns minutos.

Respirou fundo.

– Precisamos falar sobre o que aconteceu ontem à noite.

– Tenho certeza que você acha isso.

Ela conteve a vontade de se inclinar para a frente e desfazer a expressão afável do rosto dele com um tapa.

– Eu não *acho* isso. Eu *sei* disso.

Simon ficou em silêncio por um instante e depois disse:

– Sinto muito se você sente que eu a traí...

– Não é exatamente isso.

– ... mas você precisa lembrar que eu *tentei* não casar com você.

– Com certeza essa é uma ótima forma de tratar a questão – murmurou ela.

Ele falou como se estivesse dando uma palestra:

– Você sabe que minha intenção era jamais me casar.

– A questão não é essa, Simon.

– É exatamente essa. – Ele tirou as pernas de cima da mesa e as largou no chão violentamente, fazendo com que a cadeira, que estava apoiada apenas nas pernas de trás, batesse no chão com um estrondo. – Por que você acha que eu não queria casar de jeito nenhum? Era porque não queria ter uma esposa que acabaria ferindo por me negar a ter filhos.

– Você nunca pensou na sua esposa potencial – respondeu ela. – Sempre pensou só em si mesmo.

– Talvez – concordou ele –, mas quando *você* se tornou a esposa potencial, Daphne, tudo mudou.
– Obviamente, nada mudou – disse ela com amargura na voz.
Ele deu de ombros.
– Você sabe que tenho a mais alta estima por você. Nunca quis magoá-la.
– Está magoando agora – sussurrou ela.
Um lampejo de arrependimento passou pelos olhos dele, mas logo foi substituído por uma determinação de aço.
– Não sei se você lembra, mas eu me neguei a casar com você mesmo quando seu irmão exigiu. Mesmo – acrescentou ele enfaticamente – quando isso poderia significar minha própria morte.
Daphne não disse nada. Os dois sabiam que Simon teria morrido naquele duelo. Não importava o que ela pensava sobre ele agora, quanto desprezava o ódio que o consumia – Simon era honrado demais para algum dia atirar em Anthony.
E Anthony valorizava demais a honra da irmã para ter mirado em qualquer coisa que não o coração de Simon.
– Eu fiz aquilo – disse Simon – porque tinha consciência de que nunca seria um bom marido para você. Eu sabia que você queria filhos. Você me dissera muitas vezes, e é claro que eu não a culpo por isso, porque *você* vem de uma família grande e amorosa.
– Você também poderia ter uma família assim.
Ele continuou como se não a tivesse escutado.
– Então, quando você interrompeu o duelo e implorou que eu a pedisse em casamento, eu a avisei. Falei que não teria filhos...
– Você disse que não *podia* ter filhos – interrompeu ela, com os olhos faiscando de raiva. – Existe uma grande diferença.
– Não para mim – decretou Simon friamente. – Eu *não posso* ter filhos. Minha alma não permite.
– Sei.
Alguma coisa murchou dentro de Daphne nesse momento, e ela ficou com muito medo de que tivesse sido o coração. Não soube como argumentar diante do que ele falou. O ódio que Simon nutria pelo pai era claramente muito mais forte do que qualquer amor que pudesse vir a sentir por ela.
– Muito bem – disse ela com a voz seca. – Está bastante claro que este não é

um assunto aberto a discussão para você.

Ele deu um único aceno de cabeça.

Ela deu outro em resposta.

– Bom dia, então.

E saiu da sala.

Simon ficou sozinho a maior parte do dia. Não queria ver Daphne. Isso apenas o faria se sentir culpado. Não que ele tivesse algo por que se culpar, lembrou a si mesmo. Ele dissera antes do casamento que não podia ter filhos. Dera-lhe todas as oportunidades de desistir, e ela escolhera se casar com ele mesmo assim. Não a tinha forçado a fazer nada. Não era responsabilidade *sua* se ela havia interpretado mal suas palavras e acreditado que ele era *fisicamente* incapaz de gerar filhos.

Ainda assim, embora ele fosse atormentado por uma torturante sensação de culpa cada vez que pensava nela (o que queria dizer basicamente o dia todo) e sentisse o estômago revirar sempre que via o rosto magoado dela em sua mente (o que significava basicamente que ele passava o dia inteiro com o estômago embrulhado), ele achava que um grande peso tinha sido tirado de seus ombros agora que tudo estava às claras.

Segredos podiam ser mortais, e agora não havia mais nenhum entre eles. Isso *tinha* que ser uma coisa boa.

Quando a noite caiu, ele já estava quase convencido de que não fizera nada de errado. *Quase*. Ele tinha casado com Daphne sabendo que iria partir seu coração, e isso nunca o agradara. Ele gostava dela. Ora, era provável que gostasse mais dela do que de qualquer outro ser humano que conhecera, e justamente por isso havia relutado tanto em relação ao casamento. Não queria destruir os sonhos dela. Não queria privá-la da família que ela desejava com tanto ardor. Tinha se preparado para recuar e deixá-la se casar com outra pessoa, alguém que pudesse lhe dar uma casa cheia de crianças.

Simon estremeceu de repente. A imagem de Daphne com outro homem não era nem de perto tão tolerável quanto um mês antes.

É claro que não, pensou, tentando ser racional. Ela era sua esposa agora. Era *dele*.

Agora tudo era diferente.

Ele sabia que ela morria de vontade de ter filhos e havia se casado com ela sabendo muito bem que não lhe daria nenhum.

Mas, disse a si mesmo, *você a avisou*. Ela sabia exatamente no que estava se metendo.

Simon, que estava sentado no gabinete com aquela pedra nas mãos desde o jantar, de repente se endireitou. Ele não a enganara. Não realmente. Ele dissera que eles não teriam filhos e ela havia concordado em se casar com ele de qualquer maneira. Simon entendia o fato de ela ter se sentido um pouco perturbada ao conhecer os motivos dele, mas Daphne não podia dizer que havia entrado na história sem saber as consequências.

Ele se levantou. Chegara a hora de os dois terem outra conversa, desta vez por iniciativa dele. Daphne não fora jantar, deixando-o à mesa sozinho, com o silêncio da noite quebrado apenas pelos ruídos de seu garfo no prato. Ele não via a esposa desde aquela manhã. Estava na hora de mudar isso.

Ela era *mulher* dele, lembrou a si mesmo. Devia poder vê-la sempre que desejasse.

Percorreu o corredor e abriu a porta que levava ao quarto deles totalmente preparado para engrenar algum assunto com ela (estava certo de que na hora o tema surgiria), mas Daphne não estava lá.

Simon piscou, sem conseguir acreditar nos próprios olhos. Onde diabo ela tinha se metido? Era quase meia-noite. Ela deveria estar na cama.

No quarto de vestir. Só podia ser isso. A tolinha insistia em vestir a camisola todas as noites, apesar de Simon sempre tirá-la em poucos minutos.

– Daphne? – gritou ele, a caminho de lá. – Daphne?

Sem resposta. Nenhuma luz brilhando pelas frestas da porta. Ela certamente não se vestiria no escuro, mas de qualquer forma ele escancarou a porta. Como era de esperar, ela não estava lá.

Simon tocou o sino violentamente para chamar um criado. Então foi até o corredor e esperou o azarado que responderia a seu chamado.

Quem apareceu foi uma das camareiras do andar de cima, uma lourinha cujo nome não lembrava. Ela olhou para o rosto dele e empalideceu.

– Onde está minha esposa? – berrou Simon.

– Sua esposa, Alteza?

– Sim – respondeu ele com impaciência –, minha esposa.
Ela o encarou inexpressivamente.
– Imagino que saiba de quem estou falando. Ela tem mais ou menos a sua altura, cabelos longos e escuros... – Simon teria continuado, mas a expressão aterrorizada da camareira fez com que ele se sentisse bastante envergonhado do próprio sarcasmo. Soltou um suspiro longo e tenso. – Você sabe onde ela está? – perguntou com o tom mais suave, embora ainda longe de ser gentil.
– Não está na cama, Alteza?
Simon fez um gesto com a cabeça na direção do quarto vazio.
– Obviamente, não.
– Mas não é aí que ela dorme, Alteza.
Ele franziu a testa.
– Como?
– Ela não...
A camareira ficou apavorada e começou a olhar para os dois lados do corredor. Simon não teve dúvidas de que ela estava em busca de uma rota de fuga. Ou então de alguém que pudesse salvá-la do péssimo humor dele.
– Diga logo! – exigiu ele.
A voz da criada saiu quase inaudível:
– Ela não costuma passar a noite nos aposentos da duquesa?
– Nos aposentos... – Tentou lutar contra um estranho acesso de raiva. – Desde quando?
– Acho que desde hoje, Alteza. Todos nós imaginamos que dormiriam em quartos separados depois que a lua de mel acabasse.
– Imaginaram, é? – resmungou ele.
A camareira começou a tremer.
– Seus pais tinham esse costume, Alteza, e...
– *Nós não somos meus pais!* – berrou Simon.
A criada deu um salto para trás.
– E – acrescentou ele com uma voz gutural – eu não sou meu pai.
– É-é claro, Alteza.
– Você poderia me dizer que quarto minha esposa escolheu para aposento?
Ela apontou um dedo trêmulo para uma porta no fim do corredor.
– Obrigado. – Ele deu quatro passos e então se virou. – Você está dispensada.

Com a saída de Daphne do quarto deles, os criados teriam muito sobre o que falar no dia seguinte. Simon não precisava lhes dar mais um assunto ao permitir que aquela camareira testemunhasse a discussão colossal que eles provavelmente teriam.

Esperou até que a mulher tivesse descido as escadas e percorreu, furioso, o corredor até o novo quarto de sua esposa. Parou em frente à porta, pensou no que diria, percebeu que não fazia ideia e bateu.

Nenhuma resposta.

Bateu de novo, com força.

Ainda sem resposta.

Ergueu o punho para bater de novo quando lhe ocorreu que talvez a porta nem estivesse trancada. Ele se sentiria um idiota se...

Girou a maçaneta.

Estava fechada à chave. Simon praguejou em voz baixa. Era curioso como em toda a sua vida ele nunca havia gaguejado ao dizer um palavrão.

– Daphne! Daphne! – Estava praticamente gritando. – Daphne!

Finalmente, ouviu passos do lado de dentro.

– Sim? – falou ela.

– Abra a porta.

Um instante de silêncio, e então:

– Não.

Simon ficou olhando fixamente para o chão, chocado. Nunca lhe ocorrera que ela pudesse desobedecer a uma ordem direta dele.

Ela era sua esposa, afinal. Não havia prometido obedecer-lhe?

– Daphne – repetiu ele com irritação –, abra imediatamente!

Ela devia estar perto da porta, porque ele chegou a ouvi-la suspirar antes de dizer:

– Simon, eu só permitiria sua entrada neste quarto se pretendesse deixá-lo se deitar em minha cama, o que não vou fazer, de modo que eu agradeceria... na verdade, acredito que toda a casa agradeceria... se você se recolhesse e fosse dormir.

Ele ficou boquiaberto. Começou a imaginar quão pesada a porta seria e de quanta força precisaria para derrubá-la.

– Daphne – chamou ele, com a voz tão calma que até mesmo ele se assustou –,

se você não abrir esta porta *agora*, eu vou arrombá-la.

– Você não seria capaz.

Ele não disse nada, apenas cruzou os braços e esperou, furioso, confiante de que ela saberia exatamente o tipo de expressão que estava em seu rosto.

– Seria?

Mais uma vez, Simon decidiu que o silêncio era a resposta mais eficiente.

– *Espero* que você não faça isso – acrescentou Daphne com um tom de voz vagamente suplicante.

Ele continuou olhando para a porta, incrédulo.

– Você vai se machucar – completou ela.

– Então abra esta maldita porta – resmungou ele.

Primeiro ela ficou em silêncio, depois girou a chave na fechadura. Simon teve presença de espírito suficiente para não irromper no quarto, porque era quase certo que Daphne estava exatamente do outro lado. Forçou a entrada e a viu a cerca de 5 metros dele, com os braços cruzados e as pernas em posição de sentido.

– Nunca mais tranque uma porta para mim – exigiu.

Ela deu de ombros. Deu de ombros!

– Eu queria ficar sozinha.

Simon avançou vários passos.

– Quero suas coisas de volta ao nosso quarto pela manhã. E *você* vai voltar para lá hoje.

– Não.

– Que diabo você quer dizer com não?

– Que diabo você acha que eu quero dizer com não? – rebateu ela.

Simon não sabia o que o deixava mais chocado e furioso: estar sendo desafiado ou vê-la arremedá-lo em voz alta.

– Não – continuou Daphne num tom de voz mais alto – quer dizer não.

– Você é minha esposa! – rugiu ele. – Vai dormir comigo! Na *minha* cama.

– Não.

– Daphne, eu estou avisando...

Os olhos dela se estreitaram até quase se fecharem.

– Você escolheu me negar algo. Bem, eu resolvi negar algo a você também: eu.

Ele ficou sem palavras.

Mas ela, não. Daphne marchou até a porta e fez um sinal bastante rude para que ele se retirasse.

– Saia do meu quarto.

Simon começou a tremer de raiva.

– Este quarto é meu – resmungou ele. – *Você* é minha.

– Você só tem o título de seu pai – retrucou ela. – Não é dono nem de si mesmo.

Simon ouviu um rugido baixo – o rugido da fúria. Recuou um passo, temendo que, do contrário, pudesse realmente fazer algo capaz de feri-la.

– Que *diabo* você quer d-dizer? – quis saber ele.

Ela deu de ombros de novo.

– Descubra você – desafiou.

Todas as boas intenções de Simon evaporaram e ele a agarrou pelos braços. Sabia que estava apertando forte, mas se sentiu impotente diante da intensa onda de raiva que inundou suas veias.

– Explique-se – exigiu ele, sem conseguir abrir a boca porque seus dentes estavam trincados. – Agora.

Ela o encarou com uma expressão tão calma e astuta que quase o arruinou.

– Você não é dono de si mesmo – disse ela simplesmente. – Seu pai ainda manda em você, do túmulo.

Simon tremeu com uma fúria intensa e silenciosa.

– Todas as suas ações, suas escolhas... – continuou Daphne, agora com uma tristeza perpassando o olhar. – Elas não têm nada a ver com você, com o que você quer ou precisa. Tudo o que você faz, Simon, cada movimento, cada palavra que diz... é tudo apenas para se opor a ele. – A voz dela ficou embargada quando concluiu: – E ele nem sequer está *vivo*.

Simon avançou com um estranho e ao mesmo tempo gracioso olhar de predador.

– Nem todo movimento – falou ele baixinho. – Nem toda palavra.

Daphne recuou, desconcertada pela expressão selvagem dele.

– Simon? – disse com hesitação, de repente destituída da coragem e da ousadia que lhe permitiram enfrentá-lo, um homem com o dobro do tamanho e possivelmente o triplo da força dela.

A ponta do indicador dele percorreu o braço dela. Daphne usava um robe de

seda, mas o calor e a força de Simon atravessaram o tecido. Ele se aproximou e acariciou as nádegas dela, dando um aperto leve.

– Quando toco em você assim – sussurrou ele, com a voz perigosamente perto do ouvido dela –, não tem nada a ver com ele.

Ela estremeceu, detestando a si mesma por desejá-lo. E odiando-o por fazer com que o desejasse.

– Quando meus lábios tocam sua orelha – murmurou ele, segurando o lóbulo entre os dentes –, não tem nada a ver com ele.

Ela tentou afastá-lo, mas quando suas mãos encontraram os ombros dele, tudo o que Daphne conseguiu fazer foi agarrá-los.

Simon começou a empurrá-la lenta e implacavelmente na direção da cama.

– E quando eu a levo para a cama – acrescentou ele, sussurrando no pescoço dela – e nossos corpos se unem, somos apenas nós...

– Não! – gritou Daphne, empurrando-o com toda a força.

Ele recuou, surpreso.

– Quando você me leva para a cama – disse ela, com a voz engasgada –, nunca somos só nós dois. Seu pai está *sempre* lá.

Os dedos dele, que estavam por dentro da ampla manga da camisola de Daphne, se cravaram na carne dela. Simon não falou nada, mas nem precisava. A raiva em seus frios olhos azul-claros disse tudo.

– Você consegue olhar nos meus olhos – murmurou ela – e afirmar que quando sai de dentro do meu corpo e se libera na cama, é em *mim* que está pensando?

O rosto dele estava contraído e tenso, e seus olhos encaravam a boca de Daphne.

Ela balançou a cabeça e afastou a mão dele, que havia se afrouxado.

– É, eu achei mesmo que não – comentou baixinho.

Distanciou-se dele, assim como da cama. Não tinha dúvida de que ele conseguiria seduzi-la se quisesse. Poderia beijá-la, acariciá-la e levá-la ao êxtase, e ela o odiaria na manhã seguinte.

E odiaria ainda mais a si mesma.

Os dois ficaram em silêncio absoluto, um diante do outro. Simon estava de pé com os braços estendidos ao longo do corpo e seu rosto era uma mistura dolorosa de choque, mágoa e fúria. Mas, principalmente, confusão, o que fez o coração de Daphne amolecer um pouco quando seus olhos cruzaram com os

dele.

– Acho que é melhor você sair – pediu ela em voz baixa.

Ele ergueu a cabeça, assombrado.

– Você é minha esposa.

Ela não disse nada.

– Legalmente, eu sou seu dono.

Daphne apenas o encarou e disse:

– É verdade.

Ele se aproximou dela de novo em uma fração de segundo e segurou os seus ombros.

– Posso fazer você me querer – sussurrou.

– Eu sei.

A voz dele ficou ainda mais baixa, rouca e urgente.

– E, mesmo se eu não pudesse, você é minha. Você me pertence. Eu poderia forçá-la a me deixar ficar.

Daphne sentiu-se muito cansada ao dizer:

– Você jamais faria isso.

E como sabia que ela estava certa, tudo o que Simon fez foi afastar-se dela e sair do quarto.

CAPÍTULO 18

Esta autora foi a única a perceber ou os cavalheiros da sociedade andam sorvendo mais do que o habitual nos últimos tempos?

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
4 DE JUNHO DE 1813

Simon saiu e se embebedou. Não era algo que costumasse fazer. Não era sequer algo de que gostasse, mas se embebedou mesmo assim.

Havia vários bares na costa, a poucos quilômetros de Clyvedon. E também havia muitos marinheiros lá procurando confusão. Dois deles encontraram Simon.

Ele acabou com ambos.

Havia nele uma raiva contida, uma fúria que habitara sua alma durante anos. Agora ela finalmente encontrara o caminho para a superfície e não precisara de muito estímulo para fazê-lo entrar em uma briga.

Ele estava tão bêbado que, quando deu o primeiro soco, o que viu à sua frente não foram os marinheiros queimados de sol, mas o pai. Cada punho fechado atingia aquele constante olhar de rejeição. E a sensação foi boa. Ele nunca se considerara um homem violento, mas se sentiu muito bem.

Quando terminou com os dois marinheiros, ninguém mais ousou se aproximar dele. Os moradores da região sabiam reconhecer alguém forte, mas sabiam ainda mais reconhecer alguém irado. E todos tinham consciência de que essa última opção era a mais mortal.

Simon permaneceu no bar até as primeiras luzes do alvorecer raiarem no céu. Quando decidiu ir embora, levantou-se cambaleando, enfiou no bolso a garrafa da qual tinha bebido a noite toda e pegou o caminho para casa.

Continuou bebendo ao longo do trajeto, com o uísque de péssima qualidade começando a fazer seu estômago queimar. E, conforme ele ia ficando cada vez mais embriagado, apenas um pensamento lhe vinha à cabeça.

Ele queria Daphne de volta.

Ela era sua esposa, droga. Havia se acostumado a tê-la por perto. Ela não podia simplesmente ir embora do quarto deles.

Simon a reconquistaria. Ele a seduziria e...

Soltou um arroto alto e desagradável. Bem, teria que se contentar com seduzi-la e reconquistá-la. Estava bêbado demais para pensar em qualquer outra coisa.

Quando chegou ao castelo de Clyvedon, havia atingido um perfeito estado de falso moralismo induzido pela bebida. E quando alcançou, aos tropeços, a porta do quarto de Daphne, fizera barulho suficiente para despertar até os mortos.

– Daphneeeeeeeeeeee! – gritou, tentando esconder a leve nota de desespero na voz.

Não precisava parecer tão patético.

Por outro lado, se ele soasse desesperado talvez ela se mostrasse mais disposta a abrir a porta. Fungou alto algumas vezes e berrou novamente:

– Daphneeeeeeeee!

Depois de dois segundos sem resposta, ele se apoiou na pesada porta (principalmente porque seu senso de equilíbrio estava nadando em uísque).

– Ah, Daphne – suspirou, repousando a testa na madeira. – Se você...

A porta se abriu e Simon caiu no chão.

– Você... você precisava abrir tão... tão rápido? – murmurou ele, com a voz engrolada.

Daphne, que ainda estava terminando de colocar o robe, olhou para aquele monte humano no chão e mal o reconheceu como seu marido.

– Meu Deus, Simon – disse ela. – O que você... – Abaixou-se para ajudá-lo, mas deu um salto para trás quando ele abriu a boca e ela sentiu seu bafo. – Você está bêbado!

Ele assentiu solenemente.

– Acho que sim.

– Por onde você andou? – quis saber ela.

Ele piscou e olhou para ela como se nunca tivesse ouvido uma pergunta tão estúpida.

– Por aí, me embebedando – respondeu ele, arrotando em seguida.

– Simon, você devia estar na cama.

Ele assentiu de novo, dessa vez com muito mais vigor e entusiasmo.

– Sim, sim, eu devia estar na cama. – Tentou se levantar, mas só conseguiu ficar de joelhos antes de cair de novo sobre o tapete. – Hum – disse ele, olhando para a parte inferior do próprio corpo. – Hum, que estranho... – Ergueu a cabeça de novo e olhou para Daphne absolutamente confuso. – Eu podia jurar que estas eram as minhas pernas.

Ela revirou os olhos.

Simon tentou ficar de pé mais uma vez, com o mesmo resultado.

– Acho que meus membros não estão funcionando direito – comentou ele.

– Seu *cérebro* não está funcionando direito! – retrucou Daphne. – O que vou fazer com você?

Ele olhou para ela e sorriu.

– Me amar? Você disse que me amava, lembra? – Franziu a testa. – Não acho que possa voltar atrás em algo assim.

Daphne soltou um longo suspiro. Devia estar furiosa com ele – ora, *estava* furiosa com ele! –, mas era difícil continuar com raiva de alguém num estado tão patético.

Além disso, com três irmãos, ela tinha alguma experiência com bêbados idiotas. Ele teria que dormir para passar a bebedeira, só isso. Acordaria com uma dor de cabeça terrível – bem feito para ele –, então insistiria em tomar alguma mistura asquerosa que tinha certeza que curaria sua ressaca.

– Simon? – disse ela com paciência. – Quanto você bebeu?

Ele deu um sorriso torto.

– Muito.

– Foi o que pensei – resmungou ela baixinho. Então se abaixou e enfiou as mãos embaixo dos braços dele. – Deixe-me levantá-lo, preciso levá-lo para a cama.

Mas ele não se mexeu. Ficou simplesmente sentado ali olhando para cima com uma expressão bastante tola no rosto.

– Por que eu preciso levantar? – perguntou ele com a voz engrolada. – Você não pode sentar comigo? – Passou os braços ao redor dela num abraço frouxo. – Venha se sentar comigo, Daphne.

– Simon!

Ele deu tapinhas a seu lado no tapete.

– Está bom aqui embaixo.

– Não, eu não posso me sentar com você, Simon – falou ela com dificuldade, esforçando-se para se libertar do abraço pesado dele. – Você tem que ir para a cama. – Tentou, em vão, movê-lo mais uma vez. – Pelo amor de Deus, por que você precisava sair e ficar tão bêbado assim?

Não era para ele ter escutado, mas obviamente ele ouviu, porque inclinou a cabeça para o lado e falou:

– Eu queria você de volta.

Ela abriu a boca, chocada. Os dois sabiam o que ele devia fazer para reconquistá-la, mas Daphne achou que ele estava embriagado demais para tocarem no assunto. Então, limitou-se a cutucar o braço dele e dizer:

– Amanhã nós falamos sobre isso, Simon.

Ele piscou várias vezes.

– Acho que já é amanhã. – Virou a cabeça de um lado para outro, olhando na direção das janelas. As cortinas estavam fechadas, mas a luz do novo dia já passava pelas frestas. – Já, sim – murmurou ele. – Está vendo? Já é amanhã.

– Então vamos conversar à noite – retrucou ela, com um certo desespero na voz. Já estava com o coração em pedaços e não acreditava que pudesse suportar mais nada naquele momento. – Por favor, Simon, vamos deixar as coisas como estão por enquanto.

– Acontece, Daphme... – Ele sacudiu a cabeça como um cachorro ao sair do banho. – DaphNe – disse, cuidadosamente. – DaphNe, DaphNe.

Ela não conseguiu conter um sorriso.

– O quê, Simon?

– O problema – murmurou ele, coçando a cabeça – é que você não entende.

– O que eu não entendo? – perguntou ela com delicadeza.

– Por que eu não posso – explicou ele. Levantou o rosto até ficar frente a frente com ela e Daphne quase se retraiu com a assombrosa tristeza nos olhos dele. – Eu nunca quis magoar você, Daff. Você sabe disso, não sabe?

Ela assentiu.

– Sei, Simon.

– Que bom, porque a questão é que... – Ele deu um suspiro bem profundo, que fez seu corpo inteiro se sacudir. – Eu não posso fazer o que você quer.

Ela não disse nada.

– Durante toda a minha vida – disse Simon com tristeza –, ele venceu. Sabia

disso? Sempre. Mas, desta vez, a vitória vai ser minha. – Com um movimento lento e desajeitado, ele apontou para o próprio peito. – Minha. Só para variar.

– Ah, Simon – sussurrou ela. – Você já venceu há muito tempo, no momento em que superou as expectativas dele. Toda vez que contrariou as probabilidades, fez um amigo ou viajou para um novo lugar, você foi vitorioso. Fez todas as coisas que ele nunca achou que você conseguiria. – Ela prendeu a respiração e deu um apertão nos ombros dele. – *Você o venceu*. Por que não consegue ver isso?

Ele balançou a cabeça.

– Eu não quero me tornar o que ele sonhava que eu fosse. Apesar de... – Simon soluçou – ele nunca ter esperado que eu seria c-capaz d-disso, o que ele q-queria era um filho perfeito, alguém que fosse o d-duque perfeito, que se c-casaria com a duquesa perfeita e teria filhos p-perfeitos.

Daphne mordeu o lábio inferior. Ele tinha começado a gaguejar de novo. Devia estar realmente perturbado. Ficou arrasada por ele, pelo menininho que não queria nada além da aprovação do pai.

Simon inclinou a cabeça para o lado e olhou para ela com uma firmeza surpreendente.

– Ele teria gostado de você.

– Ah – comentou Daphne, sem saber como interpretar isso.

– Mas – completou ele, dando de ombros e lhe lançando um sorriso cúmplice e malicioso – eu me casei com você mesmo assim.

Ele tinha um ar tão sincero, tão inocentemente sério que foi difícil não abraçá-lo e tentar consolá-lo. Porém, não importava quão profunda fosse a dor dele, ele estava lidando com a situação de forma muito equivocada. A melhor vingança contra seu pai seria viver uma vida plena e feliz, conquistar todos os objetivos e glórias que o velho duque lhe negara de maneira vil e definitiva.

Daphne engoliu um grande soluço de frustração. Não entendia como ele poderia ser feliz se todas as suas escolhas eram baseadas em frustrar os desejos de um morto.

Mas ela não queria pensar em tudo isso naquele momento. Estava cansada e ele, bêbado. Aquela simplesmente não era a hora certa.

– Vou levá-lo para sua cama – disse ela, afinal.

Simon a encarou com os olhos suplicantes.

– Não me deixe – sussurrou.
– Simon – respondeu ela, com a voz abafada.
– Por favor, não vá embora. Ele foi embora. Todos foram embora. Então eu fui embora. – Ele apertou a mão dela. – Você tem que ficar.
Ela assentiu, trêmula, e se levantou.
– Você pode dormir na minha cama – disse. – Tenho certeza que vai se sentir melhor de manhã.
– Mas você vai ficar comigo?
Era um erro. Daphne sabia que era um erro, mas ainda assim falou:
– Vou.
– Que bom. – Ele cambaleou para ficar de pé. – Porque eu não conseguiria... eu realmente... – Suspirou e virou os olhos angustiados para ela. – Eu preciso de você.
Ela o levou para dentro e o colocou na cama, quase caindo junto quando ele tropeçou e desabou sobre o colchão.
– Fique parado – ordenou, ajoelhando-se para tirar suas botas.
Já havia feito isso para os irmãos antes, mas as botas de Simon eram tão justas que ela caiu de costas no chão quando finalmente conseguiu tirar a primeira delas.
– Meu Deus – resmungou, levantando-se para repetir o procedimento irritante no outro pé. – E ainda dizem que as mulheres é que são escravas da moda.
Ele fez um barulho muito parecido com um ronco.
– Você está dormindo? – perguntou Daphne, incrédula, puxando a outra bota, que saiu com um pouco mais de facilidade.
Então ela levantou as pernas dele, que pareciam pesos mortos, e as colocou em cima da cama.
Simon parecia jovem e em paz com os olhos fechados. Daphne estendeu a mão e afastou os cabelos dele da testa.
– Durma bem, meu querido – sussurrou.
Mas, quando ela começou a se mexer, um dos braços dele se enroscou nela.
– Você disse que ia ficar – falou ele em tom acusador.
– Achei que você estivesse dormindo!
– Isso não lhe dá o direito de quebrar a promessa.
Então Simon puxou o braço dela. Daphne finalmente entregou os pontos e se

acomodou ao lado dele. Ele era carinhoso e era dela, e, mesmo que temesse pelo futuro deles, naquele momento ela não conseguiu resistir ao abraço gentil.

Daphne acordou pouco mais de uma hora depois, surpresa por ter caído no sono. Simon ainda estava deitado a seu lado, roncando baixinho. Os dois estavam vestidos, ele com as roupas cheirando a uísque e ela com o robe de chambre.

Tocou suavemente na bochecha dele.

– O que vou fazer com você? – sussurrou. – Eu amo você, sabe? Eu amo você, mas detesto o que está fazendo consigo mesmo. – Ela respirou fundo. – E comigo. Detesto o que você está fazendo comigo.

Ele se mexeu, sonolento, e por um instante ela temeu que ele tivesse acordado.

– Simon? – murmurou, suspirando aliviada quando ele não respondeu.

Sabia que não devia dizer coisas que ele ainda não estava pronto para ouvir, mas ele parecia tão inofensivo deitado sobre os travesseiros brancos como a neve... Era fácil demais expor seus pensamentos mais profundos quando ele estava naquele estado.

– Ah, Simon – suspirou ela, fechando os olhos e deixando cair as lágrimas que se acumulavam neles.

Devia se levantar imediatamente. Deixá-lo descansar. Compreendia por que ele estava tão decidido a não pôr um filho no mundo, mas ainda não o perdoara, e com certeza não concordava com ele. Se Simon acordasse e ela ainda estivesse em seus braços, poderia pensar que estava disposta a se submeter à versão dele de família.

Devagar, com relutância, Daphne tentou se erguer da cama. Mas os braços dele a apertaram mais e sua voz sonolenta resmungou um “não”.

– Simon, eu...

Ele a puxou para mais perto e Daphne se deu conta de que ele estava muito excitado.

– Simon? – sussurrou ela, arregalando os olhos. – Você ao menos está acordado?

A resposta dele foi outro resmungo, mas ele não fez qualquer tentativa de seduzi-la, apenas se aconchegou mais a ela.

Daphne piscou, surpresa. Não sabia que um homem era capaz de desejar uma

mulher mesmo dormindo.

Virou a cabeça para trás a fim de ver o rosto dele, então estendeu a mão e tocou seu queixo. Simon soltou um gemido. O som saiu rouco e profundo, o que a deixou despreocupada. Com os dedos lentos e provocantes, abriu os botões da camisa dele, parando apenas uma vez para traçar o contorno do umbigo.

Ele se remexeu, agitado, e Daphne sentiu uma estranha e inebriante onda de poder. Percebeu que o tinha sob seu controle. Ele dormia e talvez ainda estivesse bêbado. Ela poderia fazer o que quisesse.

Poderia *ter* o que quisesse.

Lançou mais um rápido olhar para o rosto de Simon e constatou que ele ainda dormia. Rapidamente, abriu suas calças. Por baixo seu membro estava duro e carente, e ela passou a mão ao redor dele, sentindo o sangue pulsar sob seus dedos.

– Daphne – arquejou ele. Abriu os olhos e soltou um gemido trêmulo. – Ah, isso está uma delícia.

– Shhhh – respondeu ela, tirando o robe de seda. – Deixe que eu faço tudo.

Ele se deitou de costas, com os punhos fechados ao lado do corpo, enquanto ela o acariciava. Simon havia lhe ensinando muitas coisas durante suas curtas duas semanas de casamento, e logo ele estava se contorcendo de desejo e com a respiração ofegante.

E que Deus a ajudasse, mas ela o queria também. Experimentava uma grande sensação de poder na posição em que estava. Tinha o controle da situação, e isso era o afrodisíaco mais poderoso que poderia imaginar. Sentiu o estômago se agitar, então uma estranha espécie de animação. E soube que precisava dele.

Daphne o queria dentro dela, enchendo-a com sua semente, dando-lhe tudo o que um homem devia dar a uma mulher.

– Ah, Daphne – gemeu ele, virando a cabeça de um lado para outro. – Eu preciso de você. Preciso de você *agora*.

Então ela subiu nele, apoiando-se em seus ombros enquanto o prendia com as pernas. Depois, usando uma das mãos, guiou-o até a entrada, já úmida de desejo.

Simon se arqueou embaixo dela, que lentamente deslizou seu membro para dentro até que ele estivesse preenchendo-a quase por completo.

– Mais – gemeu ele. – Agora.

Daphne jogou a cabeça para trás enquanto fazia entrar aquele último

centímetro. Pressionou os ombros dele enquanto arfava com um prazer tão absoluto que pensou que fosse morrer. Nunca havia se sentido tão plena e tão feminina.

Ela gemia enquanto se mexia em cima dele, com o corpo estremecendo de satisfação. Deslizou as mãos abertas pela barriga enquanto se remexia e se contorcia, subindo então para os seios.

Simon soltou um gemido gutural enquanto a observava, com os olhos vidrados e a respiração saindo quente e pesada pelos lábios entreabertos.

– Ah, meu Deus – disse ele com a voz rouca e áspera. – O que você está fazendo comigo? O que você...

Então ela tocou um dos mamilos e todo o corpo de Simon se esticou para cima.

– Onde você aprendeu isso? – quis saber ele

Ela olhou para baixo e lhe deu um sorriso confuso.

– Não sei.

– Mais – gemeu ele. – Quero ver você se tocar.

Como não estava tão segura sobre o que fazer, Daphne apenas seguiu seus instintos. Começou a remexer os quadris num movimento circular enquanto arqueava as costas, fazendo os seios se empinarem orgulhosamente. Depois segurou-os com as mãos, apertando-os de forma suave, roçando os mamilos entre os dedos, sem nunca tirar os olhos do rosto de Simon.

Os quadris dele começaram a fazer um movimento frenético e tenso, e ele agarrou desesperadamente os lençóis com as mãos. Ao fazer isso, Daphne se deu conta de que ele estava quase no ápice do prazer. Simon sempre fazia questão de que ela alcançasse o clímax antes dele, mas dessa vez ele ia chegar lá primeiro.

Ela estava perto, mas não tanto quanto ele.

– Ah, meu Deus! – ele deixou escapar de repente, com a voz rouca e primitiva de desejo. – Eu vou... eu não posso...

Os olhos dele se fixaram nela com uma expressão estranha e suplicante, e ele fez uma fraca tentativa de se afastar.

Daphne o segurou com toda a sua firmeza.

Então ele explodiu dentro dela, com a intensidade do orgasmo fazendo seus quadris se erguerem da cama, empurrando-a junto. Ela colocou as mãos embaixo dele, usando toda a força para segurá-lo embaixo dela. Não o perderia desta vez. Não deixaria passar esta chance.

Os olhos de Simon se abriram quando ele se deu conta, tarde demais, do que havia feito. Mas seu corpo estava muito cansado e não havia como interromper o poder do clímax. Se estivesse por cima, talvez tivesse conseguido se afastar, mas deitado embaixo dela, vendo-a se tocar daquele jeito, não havia nada que pudesse fazer para conter o próprio desejo.

Quando seu maxilar se contraiu e a tensão muscular fez seu corpo arremeter, Simon sentiu as mãos de Daphne deslizarem para baixo dele, pressionando-o contra o próprio ventre. Viu a expressão de puro êxtase em seu rosto e de repente percebeu o que havia acontecido. Ela tinha feito aquilo de propósito. Tinha *planejado* aquilo.

Daphne o excitara enquanto ele dormia, se aproveitara dele enquanto ainda estava bêbado e o segurara dentro dela até que ele despejasse sua semente em seu corpo.

Arregalou os olhos e a encarou.

– Como você pôde? – indagou num sussurro.

Ela não disse nada, mas ele viu sua expressão mudar e soube que o havia escutado.

Simon a empurrou de cima dele assim que sentiu que ela estava começando a atingir o orgasmo, negando-lhe brutalmente o êxtase que ele próprio acabara de sentir.

– Como você pôde? – repetiu. – Você sabia. Você *sabia* q-que eu-eu-eu...

Mas ela havia acabado de se curvar toda e estava com os joelhos na altura do peito, claramente determinada a não perder uma única gota dele.

Simon praguejou, furioso, quando se levantou. Abriu a boca para xingá-la, para castigá-la por traí-lo, por tirar proveito dele, mas estava com a garganta apertada e a língua inchada, então não conseguiu sequer articular uma palavra.

– V-v-você... – finalmente balbuciou.

Daphne olhou para ele horrorizada.

– Simon? – sussurrou.

Ele não queria isso. Não queria que ela o olhasse como se ele fosse uma aberração. Ah, Deus, ah, Deus, ele se sentiu como se tivesse 7 anos de idade de novo. Não conseguia falar. Não era capaz de fazer a boca funcionar. Não sabia o que fazer.

A expressão de Daphne era de pura preocupação. Mas ele não queria a piedade

dela.

– Você está bem? – murmurou ela. – Consegue respirar?

– N-n-n-n-n...

Isso estava muito longe de *Não sinta pena de mim*, mas foi tudo o que conseguiu fazer. Podia sentir a presença desdenhosa do pai apertando sua garganta e espremendo sua língua.

– Simon? – repetiu ela, adiantando-se para seu lado. Sua voz era de pânico. – Simon, diga alguma coisa!

Estendeu a mão para tocar no braço dele, mas Simon a afastou.

– Não encoste em mim! – explodiu ele.

Ela recuou.

– Acho que ainda há coisas que você consegue dizer – comentou ela com a voz baixa e triste.

Simon odiou a si mesmo, odiou a voz que o abandonara e odiou a esposa, porque ela tinha o poder de reduzir seu autocontrole a nada. A perda completa da fala, o engasgo, a sensação de estrangulamento... ele havia trabalhado a vida inteira para fugir de tudo isso e agora ela fizera tudo voltar com ainda mais força.

Ele não podia permitir isso. Não podia deixar que o reduzisse ao que um dia ele havia sido.

Tentou dizer o nome dela, mas não conseguiu.

Ele tinha de sair dali. Não podia mais olhar para ela. Ou estar com ela. Não queria sequer estar consigo mesmo, mas isso, infelizmente, estava além de seu controle.

– N-não se ap-proxime de mim – decretou ele com um arquejo, apontando o dedo para ela enquanto vestia as calças. – V-v-v-você fez isto!

– Fiz o quê? – gritou Daphne, enrolando-se num lençol. – Simon, pare com isso! O que eu fiz de tão errado? Você me queria. Você sabe disso.

– I-i-i-isto! – disparou ele, apontando para a própria boca. Depois apontou para a barriga dela. – I-i-i-isso!

Então, sem suportar mais olhar para ela, ele saiu em disparada do quarto. Quem dera pudesse fugir de si mesmo com a mesma facilidade...

Dez horas depois, Daphne encontrou o seguinte bilhete:

Negócios urgentes em outra propriedade exigem minha atenção. Aguardo que me avise se sua tentativa de concepção foi bem-sucedida.

Meu mordomo lhe dará meu endereço, caso necessite.

Simon

A folha de papel escorregou dos dedos de Daphne e caiu no chão. Um soluço rouco escapou de sua garganta e ela pressionou a boca com a mão, como se isso pudesse conter a maré de emoções que a revirava por dentro.

Ele a deixara. Realmente a deixara. Sabia que ele estava com raiva, que talvez jamais a perdoasse, mas não imaginara que ele teria coragem de abandoná-la.

Daphne havia pensado, mesmo depois que ele saíra em disparada pela porta, que os dois conseguiriam resolver suas diferenças, mas agora não tinha tanta certeza.

Talvez ela tivesse sido idealista demais. Com uma visão egoísta, achou que poderia curá-lo, que seria capaz de cuidar de seu coração. Agora percebia que tinha se enganado quanto ao poder que realmente possuía. Pensara que seu amor fosse tão bom, tão resplandecente e tão puro que Simon iria, de imediato, esquecer todos os anos de ressentimento e dor que havia vivido.

Como tinha sido arrogante. Como se sentia estúpida agora.

Algumas coisas estavam fora de seu alcance. Dentro de sua redoma, nunca havia se dado conta disso. Não esperava que tudo o que desejava lhe fosse entregue numa bandeja de prata, mas sempre achara que, se batalhasse bastante por algo e tratasse todas as pessoas da forma como gostaria de ser tratada, seria recompensada.

Mas não desta vez. Simon estava fora de seu alcance.

A casa estava em silêncio enquanto Daphne percorria o caminho até a sala amarela. Imaginou se todos os criados haviam ficado sabendo da partida do marido e agora a evitavam deliberadamente. Deviam ter ouvido partes da discussão da noite anterior.

Daphne suspirou. O sofrimento era ainda maior quando se tinha um pequeno exército de espectadores invisíveis, pensou enquanto tocava a campainha para chamar uma criada. Não podia vê-los, mas sabia que estavam lá, cochichando

pelas suas costas, com pena dela.

Era curioso como, antes, ela nunca havia ligado muito para fofocas de empregados. Mas agora se sentia terrivelmente sozinha. No que mais poderia pensar? Atirou-se no sofá com um gemido aflito.

– Alteza?

Era uma jovem criada parada na entrada da sala sem saber como agir. Ela fez uma pequena reverência e olhou para Daphne com expectativa.

– Chá, por favor – pediu Daphne baixinho. – Sem biscoitos, apenas chá.

A menina assentiu e saiu rápido.

Enquanto esperava pela volta da criada, Daphne tocou na barriga, olhando para ela com veneração. Fechou os olhos e fez uma oração. *Por favor, Deus, por favor*, implorou, *faça com que eu esteja grávida*.

Ela podia não ter outra chance.

Não estava envergonhada do que tinha feito. Achou que deveria estar, mas a verdade era que não estava.

Não havia planejado nada. Não olhara para Simon durante o sono e pensara: *Ele ainda deve estar bêbado, então posso fazer amor com ele e capturar sua semente sem que ele nunca descubra*.

Não tinha sido assim que as coisas se desenrolaram.

Ela não estava muito certa sobre como tudo havia acontecido, mas num instante estava em cima dele e, no seguinte, percebera que ele não sairia de dentro dela a tempo, então garantiu que ele não *conseguisse* sair...

Ou talvez... Fechou bem os olhos. Talvez ela não tivesse se aproveitado apenas do momento. Talvez tivesse se aproveitado *dele*.

Daphne não sabia. Estava tudo confuso em sua cabeça. A gagueira de Simon, o desespero dela por um bebê, o ódio dele pelo pai – tudo havia se misturado em sua mente e ela não sabia dizer onde terminava uma coisa e começava outra.

De repente, sentiu-se muito sozinha.

Ouviu um barulho na porta e se virou, esperando a tímida empregada de volta com o chá, mas quem estava lá era a Sra. Colson. Seu rosto estava tenso e seus olhos, preocupados.

Daphne deu um sorriso fraco para a governanta.

– Achei que fosse a criada – murmurou.

– Eu tinha assuntos para resolver na sala ao lado, então pensei em lhe trazer o

chá pessoalmente – respondeu a Sra. Colson.

Daphne sabia que ela estava mentindo, mas assentiu mesmo assim.

– A criada me disse para não trazer biscoitos – acrescentou a Sra. Colson –, mas eu sei que a senhora não tomou café da manhã, então coloquei alguns na bandeja mesmo assim.

– Foi muito atencioso de sua parte.

Daphne não reconheceu a própria voz. Teve a sensação de que pertencia a outra pessoa.

– Garanto que não foi trabalho algum. – A governanta deu a impressão de que queria dizer mais alguma coisa, mas apenas se endireitou e perguntou: – É só isso?

Daphne assentiu.

Quando a Sra. Colson estava prestes a sair da sala, Daphne quase a chamou e lhe pediu que se sentasse e tomasse o chá com ela. Então teria lhe contado seus segredos e sua vergonha, e derramado suas lágrimas.

E não porque ela fosse particularmente próxima da governanta, mas apenas porque não tinha mais ninguém.

No entanto, ela continuou em silêncio e a Sra. Colson se retirou.

Daphne deu uma mordida num biscoito. Talvez, pensou, estivesse na hora de ir para casa.

CAPÍTULO 19

A nova duquesa de Hastings foi flagrada hoje em Mayfair. Philipa Featherington avistou a ex-Srta. Daphne Bridgerton tomando ar fresco enquanto dava uma volta no quarteirão. Ela chegou a chamá-la, mas a duquesa fingiu não escutar.

E todos sabemos que só podia estar fingindo mesmo, porque, afinal, é preciso ser surdo para não ouvir um grito da Srta. Featherington.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
9 DE JUNHO DE 1813

Daphne acabou descobrindo que a dor de um coração partido nunca vai embora, apenas fica anestesiada. O sofrimento agudo e penetrante que se sente a cada respiração acaba dando lugar a uma sensação embotada e menos intensa, do tipo que quase – mas nunca completamente – se consegue ignorar.

Ela deixou o castelo de Clyvedon no dia seguinte à partida de Simon, indo para Londres com a intenção de retornar à casa de sua família. Porém, fazer isso pareceu de certa forma uma admissão de fracasso. Então, no último minuto, Daphne instruiu o cocheiro a levá-la à casa de Simon. Estaria perto da família se sentisse necessidade do apoio e da companhia deles, mas agora era uma mulher casada. Devia ter a própria residência.

Assim, ela se apresentou à nova equipe, que a aceitou sem questionamentos (mas não sem uma considerável curiosidade), e deu início à sua nova vida de esposa abandonada.

A mãe foi a primeira a visitá-la. Daphne não se dera o trabalho de avisar a mais ninguém sobre seu retorno à cidade, de modo que a aparição da viscondessa não foi uma surpresa.

– Onde ele está? – perguntou Violet sem preâmbulos.

– O meu marido?

– Não, o seu tio-avô Edmund – disse sua mãe, praticamente explodindo. – É

claro que estou me referindo a seu marido.

Daphne não conseguiu encará-la.

– Acho que ele está tratando de negócios em uma de suas propriedades no campo.

– Você *acha*?

– Bem, eu sei – corrigiu Daphne.

– E você *sabe* por que não está com ele?

Ela pensou em mentir, em inventar alguma história sobre uma emergência envolvendo inquilinos, cabeças de gado, uma doença ou qualquer outra coisa. Mas, no fim, seus lábios estremeceram e seus olhos começaram a ficar marejados. Foi com a voz terrivelmente baixa que disse:

– Porque ele não quis me levar junto.

Violet segurou as mãos da filha.

– Ah, Daff – suspirou a Sra. Bridgerton. – O que aconteceu?

Daphne afundou num sofá, puxando a mãe para perto dela.

– Eu nunca conseguiria explicar.

– Por que não tenta?

Ela balançou a cabeça. Nunca guardara um segredo da mãe. Nunca houvera nada que achasse que não poderia discutir com ela.

Mas nunca havia acontecido nada parecido com aquilo. Deu um tapinha na mão da mãe.

– Vou ficar bem.

Violet não pareceu convencida.

– Tem certeza?

– Não. – Daphne olhou fixamente para o chão por um instante. – Mas preciso acreditar nisso.

Então sua mãe foi embora. Daphne pôs a mão na barriga e rezou.

Colin foi o próximo a aparecer. Mais ou menos uma semana depois da visita da mãe, Daphne voltou de uma rápida caminhada no parque e o encontrou em sua sala de estar com os braços cruzados e a expressão furiosa.

– Estou vendo que soube da minha volta – disse Daphne, tirando as luvas.

– Que diabo está acontecendo? – quis saber ele.

Daphne reparou que seu irmão claramente não havia herdado a sutileza de Violet para falar.

– Responda! – latiu Colin.

Ela fechou os olhos apenas por um instante, para tentar aliviar a dor de cabeça que a incomodava havia dias. Não queria conversar sobre seus infortúnios com Colin. Não queria lhe contar nem mesmo o que tinha dito à mãe, embora imaginasse que ele já estivesse ciente de tudo. As notícias sempre voavam na Casa Bridgerton.

Daphne não soube de onde tirou forças para isso, mas achava que era bom exibir uma boa imagem, então endireitou os ombros, ergueu uma sobrancelha e perguntou:

– O que você quer que eu responda?

– Quero que me diga – resmungou Colin – onde está o seu marido.

– Está resolvendo alguns problemas – respondeu Daphne.

Isso soava muito melhor do que “Ele me deixou”.

– Daphne... – A voz de Colin soava ameaçadora.

– Você veio sozinho? – indagou ela, ignorando o tom dele.

– Anthony e Benedict foram passar o mês no campo, se é isso que quer saber – informou Colin.

Ela quase suspirou de alívio. A última coisa que precisava naquele momento era encarar o irmão mais velho. Já tinha impedido que ele matasse Simon uma vez. Não estava certa de que conseguiria repetir o feito. Antes que pudesse dizer qualquer coisa, no entanto, Colin acrescentou:

– Daphne, exijo que você me diga imediatamente onde aquele canalha está se escondendo.

Daphne sentiu as costas se enrijecerem. Talvez ela tivesse o direito de xingar o marido ausente, mas seu irmão por certo não tinha.

– Imagino – disse ela friamente – que por “canalha” você esteja se referindo a meu marido.

– Pode ter certeza que eu...

– Tenho que pedir que você vá embora.

Colin olhou para ela como se a irmã de repente tivesse ganhado chifres.

– Como?

– Não tenho a menor intenção de discutir meu casamento com você. Então, se

não consegue deixar de expressar suas opiniões não solicitadas, terá que ir embora.

– Você não pode me mandar embora – retrucou ele, incrédulo.

Ela cruzou os braços.

– Esta é a minha casa.

Colin a encarou, então olhou ao redor – a sala de estar da duquesa de Hastings –, depois olhou de novo para Daphne, como se só então tivesse se dado conta de que sua irmãzinha, que ele sempre vira como uma extensão cheia de alegria de si mesmo, havia se tornado uma mulher.

Pegou a mão dela.

– Daff – disse ele baixinho –, vou deixá-la lidar com a situação da forma que considerar adequada.

– Obrigada.

– *Por ora* – alertou ele. – Não pense que vou permitir que esta situação continue indefinidamente.

Mas isso não ia acontecer, Daphne pensou meia hora depois, quando Colin foi embora. Aquela situação não poderia continuar indefinidamente. Em duas semanas, ela saberia.

Todas as manhãs, Daphne acordava prendendo a respiração. Mesmo antes da data prevista para a chegada de sua menstruação, ela mordia o lábio inferior, fazia uma oração e levantava cuidadosamente as cobertas da cama procurando por sangue.

E todas as manhãs ela via apenas a roupa de cama branca como a neve.

Com uma semana de atraso de suas regras, ela se permitiu os primeiros vislumbres de esperança. Seu ciclo nunca havia sido perfeitamente regular. Portanto, sua menstruação ainda poderia chegar a qualquer momento. Mas, mesmo assim, ela nunca estivera *tão* atrasada.

Depois de mais uma semana, via-se sorrindo todas as manhãs, agarrada a seu segredo como se ele fosse um tesouro. Ainda não estava pronta para dividir isso com ninguém. Nem com a mãe, nem com os irmãos, e certamente não com Simon.

Não se sentia muito culpada por esconder a novidade dele. Afinal, ele havia lhe

recusado sua semente. Porém, mais importante que isso, ela temia que a reação dele fosse péssima, e simplesmente não estava pronta para deixar que o desagrado de Simon arruinasse seu momento perfeito de alegria. Apesar disso, rabiscou um bilhete ao mordomo do marido pedindo que ele lhe informasse seu novo endereço.

Então, finalmente, depois da terceira semana de atraso, sua consciência falou mais alto e ela se sentou à mesa para escrever uma carta para ele.

Infelizmente para Daphne, o selo da carta não tinha sequer secado quando Anthony, que havia acabado de chegar de sua estada no campo, entrou em sua sala fazendo um grande estardalhaço. Como Daphne estava no andar de cima, em seu cômodo particular, onde *não* deveria receber visitas, ela nem quis pensar em quantos criados ele havia ferido no caminho até lá.

Seu irmão parecia furioso, e Daphne sabia que talvez fosse melhor não provocá-lo, mas como ele sempre lhe inspirava comentários sarcásticos, ela perguntou:

– Ué, como você chegou aqui? Eu não tenho um mordomo?

– Você *tinha* um mordomo – resmungou ele.

– Ah, meu Deus...

– Cadê ele? – indagou Anthony.

– Pelo visto não está aqui.

Não fazia sentido fingir que não sabia de quem ele estava falando.

– Eu vou matá-lo!

Daphne levantou-se furiosa.

– Não vai, não!

Anthony, que estava parado com as mãos nos quadris, inclinou-se para a frente e lançou-lhe um olhar fuzilante.

– Fiz uma promessa a Hastings antes de ele se casar com você, sabia?

Daphne balançou a cabeça.

– Eu lembrei a ele que estava preparado para matá-lo por arruinar sua reputação. Portanto, que Deus o livrasse de destruir sua alma.

– Ele não destruiu minha alma, Anthony. – Levou a mão à barriga. – Aliás, muito pelo contrário.

Ela jamais saberia se o irmão achara suas palavras estranhas, porque os olhos dele se desviaram para a escrivaninha e se estreitaram.

– O que é aquilo? – perguntou.

Daphne seguiu a linha do olhar dele até a pequena pilha de papel formada por suas tentativas frustradas de escrever para Simon.

– Não é nada – afirmou ela, estendendo a mão para pegar as provas do que estivera fazendo.

– Você está escrevendo uma carta para ele, não está? – A expressão já furiosa de Anthony se tornou totalmente transtornada. – Ah, pelo amor de Deus, não tente mentir para mim. Eu vi o nome dele nos papéis.

Daphne amassou as folhas e as jogou num cesto embaixo da mesa.

– Não é da sua conta.

Anthony olhou para o cesto como se estivesse prestes a mergulhar embaixo da mesa para recuperar as correspondências pela metade. Finalmente, encarou a irmã e afirmou:

– Não vou permitir que ele se safe disso.

– Anthony, isto não é da sua conta.

Ele não se dignou a responder.

– Eu vou encontrá-lo, está entendendo? E depois vou matá-lo...

– Ora, pelo amor de Deus! – gritou Daphne, finalmente explodindo. – Este é o *meu* casamento, Anthony, não o seu. E se você interferir nos meus problemas, juro que nunca mais lhe dirijo a palavra.

Ela manteve o olhar firme e o tom de voz incisivo, o que deixou Anthony levemente abalado.

– Muito bem – concedeu ele –, não vou matá-lo.

– Obrigada – disse Daphne com sarcasmo.

– Mas vou descobrir onde ele está – prometeu Anthony. – E vou deixar bem claro meu desagrado.

Daphne olhou para o irmão e soube que ele estava falando sério.

– Muito bem – falou ela, procurando a carta finalizada que havia escondido em uma gaveta. – Deixarei que lhe entregue isto.

– Ótimo.

Ele estendeu a mão para pegar o envelope, mas Daphne o afastou de seu alcance.

– Mas só se você me fizer duas promessas.

– Que promessas?

– Primeiro, que não vai ler a carta.

Ele pareceu mortalmente ofendido pelo fato de ela ter sequer pensado que ele faria isso.

– Não venha com essa cara para cima de mim – decretou Daphne, bufando. – Eu conheço você, Anthony Bridgerton, e tenho certeza que não pensaria duas vezes antes de fazer isso se achasse que não seria descoberto.

Anthony a fuzilou com o olhar.

– Mas também tenho certeza – continuou ela – que você jamais descumpriria uma promessa feita a mim. Então, preciso que prometa, Anthony.

– Não há necessidade disso, Daff.

– Prometa! – ordenou ela.

– Ora, tudo bem – resmungou ele –, eu prometo.

– Muito bem.

Daphne entregou o envelope ao irmão, que olhou para ele com curiosidade.

– Em segundo lugar – prosseguiu ela, forçando-o a voltar sua atenção para ela –, você tem que prometer que não irá machucá-lo.

– Ah, tenha dó, Daphne – explodiu Anthony. – Você está pedindo demais.

Ela estendeu a mão.

– Então me devolva a carta.

Ele escondeu o envelope às suas costas.

– Agora já está comigo.

Ela sorriu.

– Mas você não tem o endereço.

– Posso conseguir sem sua ajuda – retrucou Anthony.

– Não pode, não, e você sabe disso – enfatizou Daphne. – Simon é dono de inúmeras propriedades. Você levaria semanas para descobrir em qual delas ele está.

– Rá! – gritou Anthony triunfantemente. – Então ele está em alguma das propriedades. Isso quer dizer que você acabou de me dar uma pista importantíssima.

– Ué, isto é um *jogo*? – perguntou Daphne, espantada.

– Só me diga logo onde ele está.

– Não, a menos que você prometa o que eu pedi. Nada de violência, Anthony. – Ela cruzou os braços. – Estou falando sério.

– Tudo bem – resmungou ele.

– Prometa com todas as letras.

– Você é uma mulher difícil, Daphne Bridgerton.

– É Daphne Basset, e eu tive com quem aprender.

– Eu prometo – cedeu Anthony, falando bem baixo.

O que ele disse não ficou exatamente claro.

– Ainda não estou satisfeita – disse Daphne. – Vamos lá: “Eu prometo não...”

– Eu prometo não machucar o imbecil do seu marido – cuspiu Anthony. – Pronto. Está bom assim?

– Ótimo – falou Daphne alegremente. Então enfiou a mão na gaveta e pegou a carta em que o mordomo de Simon lhe informava o endereço dele. – Aqui está.

Anthony arrancou o papel das mãos dela, leu o que estava escrito e informou:

– Volto em quatro dias.

– Você vai hoje? – indagou Daphne, surpresa.

– Não sei por quanto tempo vou conseguir controlar meus impulsos violentos – comentou ele.

– Então, por tudo o que é mais sagrado, vá hoje – pediu ela.

E ele obedeceu.

– Me dê um bom motivo para não arrancar seus pulmões pela boca.

Simon, que estava sentado em seu escritório, levantou a cabeça e viu Anthony Bridgerton, ainda empoeirado da viagem, espumando na porta.

– É um prazer ver você também, Anthony – murmurou.

Anthony entrou no cômodo com a sutileza de um elefante, espalmou as mãos sobre a mesa de Simon e se inclinou para a frente de forma ameaçadora.

– Você quer me dizer por que minha irmã está em Londres, chorando todas as noites até dormir, enquanto você está em... – Olhou ao redor e fez uma careta. – Onde diabos nós estamos?

– Em Wiltshire – informou Simon.

– Enquanto você está em Wiltshire de pernas para o ar em uma propriedade que não tem importância nenhuma?

– Daphne está em Londres?
– Já que você é o marido dela, imaginei que soubesse – resmungou Anthony.
– Sendo assim, você poderia imaginar várias outras coisas – murmurou Simon –, e estaria errado na maioria delas.
Fazia dois meses que ele havia saído de Clyvedon. Dois meses desde que olhara para Daphne e não conseguira dizer uma palavra sequer. Dois meses de um vazio absoluto.
Simon ficou sinceramente surpreso por Daphne ter demorado tanto a entrar em contato com ele, ainda que tivesse escolhido fazer isso por meio do irmão mais velho, que já tinha dado mostras de seu comportamento violento. Simon não sabia exatamente por quê, mas achara que ela o procuraria antes, nem que fosse apenas para tagarelar em seus ouvidos. Daphne não era o tipo de pessoa que se remoía em silêncio quando estava incomodada. De certa forma, ele esperara que ela fosse atrás dele e explicasse de seis formas diferentes por que ele era um idiota completo.
E, para dizer a verdade, depois de mais ou menos um mês ele até começou a desejar que ela fizesse isso.
– Eu arrancaria sua cabeça fora – rosnou Anthony, invadindo os pensamentos de Simon –, se não tivesse prometido a Daphne que não o machucaria fisicamente.
– Tenho certeza de que não foi fácil para você prometer isso – comentou Simon.
Anthony cruzou os braços e o encarou com muita seriedade.
– Também não está sendo fácil *manter* a promessa.
Simon pigarreou enquanto pensava em como poderia perguntar sobre Daphne sem chamar atenção. Ele estava com saudade dela. Achava que era um idiota, um tolo, mas sentia sua falta – de sua risada, de seu perfume e da forma como às vezes, no meio da noite, ela enroscava as pernas nas dele.
Ele estava acostumado a ficar sozinho, mas não a se sentir tão solitário.
– Daphne mandou que você viesse me buscar? – perguntou ele enfim.
– Não. – Anthony enfiou a mão no bolso, tirou um pequeno envelope cor de marfim e o jogou sobre a mesa. – Quando fui vê-la, ela estava prestes a chamar um mensageiro para lhe enviar isto.
Simon olhou fixamente para o envelope com um horror crescente. Aquilo só

podia significar uma coisa. Tentou dizer algo neutro, como “Ah, sim”, mas sua garganta se fechou.

– Eu disse que ficaria feliz em trazer a carta para você – informou Anthony, cheio de sarcasmo.

Simon o ignorou. Pegou a correspondência, torcendo para que Anthony não visse como seus dedos estavam trêmulos.

Mas ele viu.

– O que foi? – perguntou abruptamente. – Você está com uma cara péssima.

Simon agarrou o envelope com toda a sua força.

– Você também está lindo – respondeu ele, conseguindo fazer uma brincadeira.

Anthony olhou fixamente para ele, a batalha entre a raiva e a preocupação muito clara em seu rosto. Depois de pigarrear algumas vezes, ele enfim perguntou, num tom surpreendentemente gentil:

– Você está doente?

– É claro que não.

Anthony ficou pálido.

– Daphne está doente?

Simon levantou a cabeça de repente.

– Não que ela tenha me dito. Por quê? Ela parece doente? Ela...

– Não, ela está ótima. – O olhar de Anthony se encheu de curiosidade. – Simon – disse ele, balançando a cabeça –, o que você está fazendo aqui? É óbvio que você a ama. E, por mais que eu não consiga entender, ela parece amá-lo também.

Simon apertou as têmporas com as pontas dos dedos, tentando abrandar a dor de cabeça latejante que nos últimos tempos não o deixava em paz.

– Existem algumas coisas que você não sabe – comentou ele com ar exausto, fechando os olhos por causa da dor. – Coisas que você jamais compreenderia.

Anthony ficou em silêncio por um momento. Finalmente, justo quando Simon abriu os olhos de novo, ele se afastou da mesa e se dirigiu à porta do escritório.

– Não vou arrastá-lo de volta a Londres – informou em voz baixa. – Eu deveria fazer isso, mas não vou. Daphne precisa saber que você voltou por causa dela, não porque o irmão mais velho enfiou uma arma nas suas costas.

Simon quase relembrou que fora por esse motivo que ele se casara com ela, mas mordeu a língua. Isso não era verdade. Não completamente, pelo menos. Em outra vida, ele teria se ajoelhado e implorado pela mão dela.

– Mas você precisa saber – continuou Anthony – que as pessoas estão começando a comentar. Daphne voltou sozinha a Londres quinze dias depois do casamento de vocês, que foi às pressas. Ela está mantendo a tranquilidade, mas não deve ser fácil. Ninguém chegou a insultá-la, mas existe um limite de olhares de pena que alguém é capaz de suportar. E aquela maldita Lady Whistledown tem escrito a respeito dela.

Simon estremeceu. Não fazia muito tempo que tinha voltado à Inglaterra, mas já entendera que a famosa fofoqueira era capaz de provocar muito estrago e sofrimento.

Anthony soltou um xingamento, cheio de nojo.

– Procure um médico, Hastings. E então volte para sua esposa.

Depois disso, retirou-se do escritório.

Simon ficou olhando fixamente para o envelope nas mãos durante vários minutos antes de abri-lo. Ver Anthony fora um choque. Saber que ele tinha acabado de ver Daphne fez o coração de Simon latejar de dor.

Droga. Ele não esperava sentir saudade dela.

No entanto, isso não queria dizer que sua raiva tinha passado. Daphne havia lhe tomado algo que ele realmente não desejava dar. Não queria filhos. Havia sido sincero. Ela se casara com ele sabendo disso. E o enganara.

Ou não enganara? Ele esfregou as mãos nos olhos cansados e na testa enquanto tentava se lembrar dos detalhes daquela manhã fatídica. A iniciativa do ato tinha sido definitivamente de Daphne, mas ele se recordava com muita clareza da própria voz a estimulando. Não deveria ter encorajado o que sabia que não poderia interromper.

De qualquer maneira, era muito provável que ela não estivesse grávida. Sua mãe não havia levado mais de uma década para ter um único filho que nascesse vivo?

Mas à noite, deitado sozinho na cama, a verdade lhe vinha à mente. Ele não saíra de casa apenas porque Daphne o desobedecera ou porque havia a chance de ele ter gerado um filho.

Simon fugira porque não suportava o modo como ficara diante dela. Daphne o reduzira à criança gaga e idiota que ele tinha sido. Deixara-o mudo e trouxera de volta aquela terrível sensação de asfixia, o horror de não conseguir dizer o que sentia.

Ele simplesmente não sabia se poderia viver com ela se isso significasse voltar a ser o garoto que mal era capaz de falar. Tentou se lembrar da época em que a cortejava – de mentira, pensou com um sorriso –, de como era fácil estar e conversar com ela. Mas todas as recordações tinham sido manchadas pelo que havia acontecido: ele no quarto de Daphne naquela manhã detestável, tropeçando na língua e se engasgando sozinho.

E ele detestava ser daquela maneira.

Então fugiu para uma de suas propriedades no campo – sendo um duque, tinha várias. Essa casa específica ficava em Wiltshire, não muito longe de Clyvedon. Poderia retornar em um dia e meio, caso se apressasse. Se era tão fácil voltar, não era exatamente uma fuga, pensou.

E agora tudo indicava que ele seria obrigado a fazer isso.

Respirando fundo, Simon pegou o abridor de cartas e cortou o envelope. Tirou lá de dentro uma única folha de papel e leu:

> *Minha tentativa de concepção, conforme você definiu, foi bem-sucedida. Voltei para Londres a fim de estar perto de minha família e aguardo sua orientação.*
>
> *Atenciosamente,*
>
> *Daphne*

Simon não soube quanto tempo ficou sentado atrás da mesa respirando com dificuldade e segurando com as pontas dos dedos o papel cor de marfim. Então finalmente sentiu uma brisa, ou talvez a luz tenha mudado, ou a casa estalado – o fato é que alguma coisa o tirou de seu estado de devaneio e ele deu um salto, ficando de pé, foi até o corredor e gritou pelo mordomo.

– Mande aprontar minha carruagem – vociferou quando o empregado apareceu. – Vou para Londres.

CAPÍTULO 20

Parece que o casamento da temporada azedou. A duquesa de Hastings (ex-Srta. Bridgerton) retornou a Londres há quase dois meses e esta autora não viu nem sinal de seu marido, o duque.

Há boatos de que ele não está em Clyvedon, onde o então feliz casal passou a lua de mel. De fato, esta autora não conseguiu encontrar ninguém que saiba de seu paradeiro. (Se a duquesa sabe, não quer dizer. Além disso, dificilmente alguém tem a oportunidade de lhe perguntar, já que ela evita a companhia de todos, a não ser a de sua enorme família.)

É claro que é papel – até mesmo dever – desta publicação especular sobre a origem de tais cisões, mas esta autora deve confessar que até mesmo ela está desnorteada. Os dois pareciam tão apaixonados...

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE AGOSTO DE 1813

A viagem levou dois dias, ou seja, 48 horas a mais do que Simon gostaria de ficar sozinho com seus pensamentos. Levara alguns livros para ler, na esperança de se distrair durante a entediante jornada, mas, sempre que abria um deles, o livro acabava abandonado em seu colo. Era difícil não pensar em Daphne. E mais difícil ainda manter a mente afastada da perspectiva de ter um filho.

Assim que chegou a Londres, ordenou ao cocheiro que o levasse direto à Casa Bridgerton. Estava cansado da viagem e queria trocar de roupa, mas não fizera nada nos últimos dois dias além de ensaiar seu confronto iminente com Daphne, então parecia tolice adiá-lo mais do que o necessário.

No entanto, quando chegou lá, descobriu que a esposa não estava.

– Como assim, a duquesa não está aqui? – perguntou Simon com agressividade, sem se preocupar muito com o fato de o mordomo não ter feito nada para merecer sua irritação.

Diante de seu tom hostil, o empregado franziu o lábio superior.

– O que quero dizer, Alteza – explicou ele de forma não muito gentil –, é que ela não está nesta residência.

– Recebi uma carta da minha esposa... – respondeu Simon enfiando a mão no bolso, mas sem encontrar o maldito papel. – Bem, eu tenho uma carta dela em algum lugar – resmungou. – E essa carta afirma com todas as letras que ela voltou para Londres.

– E de fato voltou, Alteza.

– Então onde diabo ela está? – indagou Simon.

O homem apenas ergueu uma sobrancelha.

– Na Casa Hastings, Alteza.

Simon ficou perplexo. Havia poucas coisas mais humilhantes do que ser derrotado por um mordomo.

– Afinal – continuou o empregado, claramente se divertindo –, ela é casada com o *senhor*, não é?

Simon o fuzilou com o olhar.

– Você deve estar muito seguro de sua posição.

– Muito.

Simon deu um pequeno aceno com a cabeça (já que não conseguiu se forçar a agradecer ao homem) e saiu, sentindo-se um completo idiota. É claro que Daphne tinha ido para a Casa Hastings. Ela não o havia *deixado*, afinal. Apenas queria estar perto da família.

Se pudesse chutar o próprio traseiro até chegar à carruagem, teria feito isso.

Já dentro do veículo, começou a xingar a si mesmo. Tinha que atravessar a Grosvenor Square inteira para chegar à sua casa. Se tivesse ido direto, teria chegado na metade do tempo.

Isso acabou não tendo nenhuma importância, porque, assim que entrou em casa, descobriu que a esposa também não estava lá.

– Ela foi andar a cavalo – informou Jeffries.

Simon encarou o mordomo com uma expressão de incredulidade.

– Andar a cavalo? – repetiu.

– Sim, Alteza – respondeu Jeffries. – Andar a cavalo. Cavalgar.

Ele se perguntou qual seria a pena por estrangular um mordomo.

– Onde? – indagou.

– Acho que no Hyde Park.

Simon sentiu o sangue ferver e a respiração ficar ofegante. Andar a cavalo? Ela tinha ficado louca? Pelo amor de Deus, ela estava grávida! Até mesmo *ele* sabia que gestantes não deveriam cavalgar.

– Mande selarem um cavalo para mim – ordenou Simon. – Imediatamente.

– Algum animal em especial? – quis saber Jeffries.

– Um que seja rápido – retrucou Simon. – Agora. Ou melhor, deixe que eu mesmo faço isso.

Quando disse isso, deu meia-volta e saiu da casa.

Mas na metade do caminho para os estábulos, sentiu o pânico atravessar todos os ossos de seu corpo e começou a correr.

Não era o mesmo que galopar, Daphne pensou, mas ao menos ela estava indo *rápido*.

Quando era criança e a família ia para o campo, ela sempre pegava emprestadas as calças de Colin e se juntava aos irmãos em suas cavalgadas de aventura. A mãe tinha um ataque toda vez que a filha mais velha aparecia em casa coberta de lama, muitas vezes exibindo uma mancha roxa nova. Daphne não se importava. Não ligava para onde ia ou de onde vinha. O que interessava era a velocidade.

Na cidade, é claro, ela não podia vestir calças, então tinha que montar sentada de lado. Se saísse bem cedo com o cavalo, porém, quando toda a sociedade ainda dormia, e se limitasse às áreas mais remotas do Hyde Park, ela podia se inclinar sobre a sela e fazer o animal galopar. O vento desmanchava seu coque e seus olhos lacrimejavam, mas pelo menos ela esquecia os problemas.

Ao cruzar os campos montada em sua égua preferida, ela se sentia livre. Não havia remédio melhor para um coração partido.

Fazia tempo que deixara seu cavalariço para trás, fingindo não escutar quando ele gritara: “Espere! Alteza! Espere!”

Ela se desculparia com ele mais tarde. Os cavalariços da casa de sua família já tinham se acostumado com suas travessuras e conheciam sua habilidade sobre um cavalo. Mas aquele pobre homem – um dos criados do marido – provavelmente ficaria preocupado com ela.

Daphne sentiu uma pontada de culpa – apenas uma pontada. Precisava ficar sozinha. Precisava de velocidade.

Diminuiu o ritmo quando chegou a uma área mais arborizada e inspirou o ar fresco do outono. Fechou os olhos por um instante, deixando que os sons e os cheiros do parque a invadissem. Pensou num cego que conhecera certa vez, que lhe dissera que seus outros sentidos haviam ficado mais aguçados desde que ele perdera a visão. Agora, sentada ali aspirando os aromas da floresta, achou que ele tinha razão.

Escutou com atenção, identificando primeiro o trinado agudo dos pássaros, depois os passos suaves e apressados dos esquilos que juntavam nozes para o inverno. Então...

Franziu a testa e abriu os olhos. Ué... Aquele era, definitivamente, o som de outro cavaleiro se aproximando.

Daphne não queria companhia. Preferia ficar a sós com seus pensamentos e sua dor, e com certeza não gostaria de ter que explicar a algum bem-intencionado membro da sociedade por que estava sozinha no parque. Aguçou os ouvidos mais uma vez, para saber de que direção vinha o cavaleiro que se aproximava, e partiu no sentido oposto.

Manteve o cavalo num trote constante, pensando que, se apenas saísse do caminho, o outro simplesmente passaria por ela. Mas qualquer que fosse o trajeto que escolhia, ele parecia segui-la.

Daphne aumentou o ritmo, chegando a uma velocidade maior do que seria aconselhável naquela área arborizada. Havia muitos galhos baixos e raízes protuberantes. Mas agora ela estava ficando assustada. Sentiu uma pressão nos ouvidos enquanto mil perguntas assustadoras passavam por sua cabeça.

E se o cavaleiro não fosse, como ela havia pensado, um membro da sociedade? E se fosse um criminoso? Ou um bêbado? Era cedo, não havia ninguém por perto... Se ela gritasse, quem a escutaria? Seu cavalariço estava perto o suficiente? Será que tinha ficado parado onde ela o deixara ou havia tentado segui-la? E, nesse caso, teria ao menos ido na direção certa?

Seu cavalariço! Quase gritou de alívio. Só podia ser ele. Fez a égua dar meia-volta para tentar ver quem estava atrás dela. O uniforme do rapaz era de um vermelho bastante chamativo, e ela certamente conseguiria ver se...

Pof!

Ficou completamente sem ar ao ser atingida em cheio por um galho. Deixou um gemido estrangulado escapar pelos lábios e sentiu a égua seguindo em frente

sem ela. E então ela estava caindo... caindo...

Aterrissou com uma pancada forte. As folhas secas da estação que estavam espalhadas pelo chão mal amorteceram a queda. Ela se curvou imediatamente em posição fetal, numa tentativa de minimizar a dor.

E que dor. *Tudo* doía. Fechou bem os olhos e se concentrou em inspirar e expirar. Sua mente foi tomada por xingamentos que ela jamais ousaria dizer em voz alta. Até respirar doía.

Mas ela tinha que continuar tentando. *Respire, Daphne,* disse a si mesma. *Respire. Respire. Você consegue.*

– Daphne!

Ela não respondeu. Os únicos sons que conseguia emitir eram choramingos.

– Daphne! Meu Deus, Daphne!

Ouviu alguém saltar de um cavalo e então sentiu as folhas se moverem a seu redor.

– Daphne?

– Simon? – sussurrou ela, incrédula.

Não fazia sentido ele estar ali, mas aquela era sua voz. E embora ela ainda não tivesse aberto os olhos, *sabia* que era ele. O ar mudava quando Simon estava por perto.

Ele a tocou de leve, em busca de ossos quebrados.

– Diga onde dói – pediu ele.

– Tudo dói – respondeu ela com um arquejo.

Ele disse um palavrão baixinho, mas seu toque continuou extremamente suave e gentil.

– Abra os olhos – pediu ele em voz baixa. – Olhe bem para o meu rosto.

Ela balançou a cabeça.

– Não consigo.

– Consegue, sim.

Ela ouviu Simon tirar as luvas e então os dedos quentes dele massagearam suas têmporas, aliviando a tensão. Ele seguiu até as sobrancelhas e depois aos ossos do nariz.

– Shhhh – sussurrou ele. – Relaxe. Vai passar. Abra os olhos, Daphne.

Lentamente e com muita dificuldade, ela obedeceu. O rosto de Simon encheu sua visão e nesse instante ela esqueceu tudo o que havia acontecido entre os

dois, a não ser o amor que sentia por ele e sua presença ali, fazendo a dor dela ir embora.

– Olhe para mim – disse ele novamente, com a voz baixa e insistente. – Olhe para mim e não tire os olhos dos meus.

Daphne conseguiu acenar minimamente com a cabeça. Encarou-o, deixando que a intensidade do olhar dele a mantivesse parada.

– Agora, quero que você relaxe – prosseguiu ele.

Continuou falando baixo, mas com firmeza, e isso era exatamente o que ela precisava. Ao mesmo tempo, passava as mãos pelo corpo dela, procurando fraturas ou torções.

Não desviou os olhos dos dela em nenhum momento.

Ela parecia não ter sofrido nada mais grave que alguns hematomas e uma forte falta de ar, mas nenhum cuidado era demais, ainda mais com o bebê...

Simon sentiu o rosto empalidecer. Ficara tão preocupado com Daphne que se esquecera completamente do bebê que ela esperava. O filho dele. O filho *deles*.

– Daphne – chamou ele lentamente e com toda a cautela. – Você acha que está bem?

Ela assentiu.

– Ainda sente dor?

– Um pouco – admitiu ela, engolindo em seco. – Mas estou melhor.

– Tem certeza?

Ela assentiu de novo.

– Ótimo – disse ele com calma. Ficou em silêncio durante vários segundos e então quase gritou: – *Pelo amor de Deus, onde você estava com a cabeça?*

Daphne ficou de queixo caído e começou a piscar ininterruptamente. Soltou um ruído meio estrangulado que poderia vir a ser uma palavra, mas Simon a interrompeu com seus berros.

– Que diabo você estava fazendo aqui sem um cavalariço? E por que estava galopando neste terreno claramente perigoso? – Franziu a testa. – Por último, o que você estava fazendo em cima de um cavalo?

– Cavalgando... – respondeu ela com a voz fraca.

– Você não se importa com nosso filho? Não pensou um instante sequer na segurança dele?

– Simon – falou Daphne num sussurro.

– Uma gestante não deveria chegar nem perto de um cavalo! Você deveria saber disso!
Quando ela o encarou, seus olhos pareciam muito cansados.
– O que você tem com isso? – perguntou ela com frieza. – Você nem queria este bebê.
– Não queria, mas agora que ele existe, não quero que você o *mate*.
– Bem, não se preocupe. – Ela mordeu o lábio inferior. – Ele não existe.
Simon prendeu a respiração.
– Como assim?
– Eu não estou grávida.
– Você... – Ele não conseguiu terminar a frase. Foi dominado por um sentimento muito estranho. Não queria achar que era decepção, mas talvez fosse. – Você mentiu para mim? – murmurou.
Daphne balançou a cabeça com toda a força enquanto se sentava.
– Não! – gritou. – Eu nunca menti, eu juro. Realmente achei que estivesse grávida. Acreditei nisso. Mas... – Ela engasgou num soluço e fechou os olhos cheios de lágrimas. Abraçou as próprias pernas e encostou o rosto nos joelhos.
Simon nunca a vira daquele jeito, sofrendo tanto. Estava se sentindo totalmente impotente. Só queria fazer com que ela ficasse melhor, e saber que *ele* era a causa de sua dor não ajudava muito.
– Mas o quê, Daff? – perguntou.
Quando ela enfim levantou a cabeça, seus olhos eram poços de sofrimento.
– Não sei. Acho que eu queria tanto um filho que de alguma forma interrompi meu ciclo menstrual. Fiquei tão feliz no mês passado... – Ela soltou um suspiro trêmulo, que se transformou em um soluço. – Esperei, esperei, até deixei meus panos prontos, mas nada aconteceu.
– Nada?
Simon nunca tinha ouvido nada parecido.
– Nada. – Os lábios dela tremeram num fraco sorriso irônico. – Nunca tinha me sentido tão feliz.
– Você teve algum enjoo?
Ela balançou a cabeça.
– Não tive nada de diferente. A não ser pelo fato de não ter ficado menstruada. Mas então, há dois dias...

Simon pôs a mão sobre a dela.
– Sinto muito, Daphne.
– Não sente, não – disse ela com amargura, puxando a mão. – Não precisa fingir. E, pelo amor de Deus, não minta para mim de novo. Você nunca quis este bebê. – Ela deu uma risada fraca. – *Este bebê?* Minha nossa, estou falando como se algum dia ele tivesse realmente existido. Como se não fosse fruto da minha imaginação. – Ela olhou para baixo e, quando voltou a falar, sua voz estava extremamente triste. – E dos meus sonhos.
Simon mexeu os lábios muitas vezes antes de conseguir dizer:
– Não gosto de ver você triste.
Ela o encarou com um misto de descrença e tristeza.
– Não sei como você poderia esperar qualquer outra coisa.
– E-e-eu... – Ele engoliu em seco, tentando relaxar a garganta, e enfim conseguiu dizer a única coisa que havia em seu coração: – Eu quero que você volte para mim.
Ela não respondeu. Simon implorou internamente que ela dissesse alguma coisa, mas Daphne continuou calada. Ele amaldiçoou os deuses pelo silêncio dela, porque isso significava que ele teria que falar mais alguma coisa.
– Quando nós brigamos – começou ele lentamente –, eu perdi o controle. E-eu não conseguia falar. – Fechou os olhos em agonia, sentindo a mandíbula se fechar. Por fim, depois de dar um suspiro longo e cheio de tensão, ele prosseguiu: – Odeio quando fico daquele jeito.
Daphne inclinou a cabeça ligeiramente para o lado e franziu a testa.
– Foi por isso que você foi embora?
Ele fez um sinal afirmativo com a cabeça.
– Não foi por causa... do que eu fiz?
Ele a encarou calmamente.
– Não gostei do que você fez.
– Mas não foi por isso que foi embora? – insistiu ela.
Simon ficou um instante em silêncio, então admitiu:
– Não foi por isso que eu fui embora.
Daphne abraçou os joelhos mais uma vez, pensando no que ele tinha dito. Durante todo aquele tempo, ela achara que Simon a abandonara porque a odiava, porque odiava o que ela havia feito, mas na verdade a única coisa que ele odiava

era a si mesmo.

Ela disse baixinho:

– Quer saber de uma coisa? Eu não ligo quando você gagueja.

– Mas *eu* ligo.

Ela assentiu devagar. Era claro que ele ligava. Simon era orgulhoso e turrão, e todos na sociedade o admiravam. Os homens queriam agradá-lo e as mulheres o desejavam loucamente. E o tempo todo ele ficava apavorado sempre que abria a boca.

Bem, talvez não sempre, Daphne pensou olhando para ele. Quando os dois estavam juntos, ele falava tão livremente que não era possível que se concentrasse em cada palavra antes de pronunciá-la.

Pôs a mão em cima da dele.

– Você não é o menino que seu pai achava que era.

– Eu sei – retrucou ele, sem olhar para ela.

– Simon, olhe para mim – ordenou Daphne com delicadeza.

Quando ele obedeceu, ela repetiu o que tinha dito.

– Eu sei – respondeu ele de novo, parecendo intrigado e talvez um pouco incomodado.

– Tem certeza?

– Droga, Daphne, eu sei... – Ele parou de falar e começou a tremer. Por um instante, ela pensou, surpresa, que ele fosse começar a chorar. Mas as lágrimas que se acumularam em seus olhos não caíram, e quando ele a encarou, com o corpo trêmulo, tudo o que disse foi: – Eu o odeio, Daphne. Eu o od-d-d...

Daphne segurou o rosto dele com as mãos, forçando-o a continuar olhando para ela.

– Eu entendo – falou. – Ele parece ter sido um homem horrível. Mas você precisa deixar isso para trás.

– Não consigo.

– Mas vai conseguir. Não tem problema sentir raiva, mas você não pode viver em função disso. Agora mesmo, você está deixando que ele guie suas escolhas.

Simon quis se desvencilhar das mãos dela para desviar o olhar.

Daphne largou o rosto dele, mas fez com que sua cabeça repousasse em seus joelhos. Ela precisava daquela ligação. De uma forma estranha, temia que, se o soltasse naquele momento, fosse perdê-lo para sempre.

– Você algum dia parou para pensar se queria ter uma família? – perguntou ela. – Se queria ter um filho? Você seria um pai maravilhoso, Simon, e apesar disso não se permite sequer considerar essa ideia. Você acha que está se vingando, mas na verdade está só permitindo que ele mande em você do túmulo.

– Se eu tiver um filho, ele vencerá – sussurrou Simon.

– Não. Se você tiver um filho, *você* vencerá. – Ela engoliu em seco. – *Nós* venceremos.

Ele ficou em silêncio, mas ela podia ver o corpo dele tremendo.

– Se você não quiser ser pai é uma coisa. Mas negar a si mesmo a alegria da paternidade por causa de um morto é covardia da sua parte. – Daphne estremeceu quando o insulto saiu de sua boca, mas aquilo precisava ser dito. – Em algum momento você vai ter que deixá-lo para trás e viver sua própria vida. Vai ter que superar a raiva e...

Simon balançou a cabeça e seus olhos pareceram perdidos e sem esperança.

– Não me peça para fazer isso. Era tudo o que eu tinha. Você não vê que era *tudo o que eu tinha*?

– Não estou entendendo.

Ele falou num tom mais alto.

– Por que você acha que eu aprendi a falar direito? O que acha que me motivou? Foi a raiva. A necessidade de esfregar na cara dele que eu era capaz.

– Simon...

Ele deu uma risada sarcástica.

– Não é impressionante? Eu o odeio com todas as minhas forças. Ainda assim, *ele* foi o motivo do meu sucesso.

Daphne balançou a cabeça com veemência.

– Isso não é verdade. Você teria sido bem-sucedido de qualquer maneira. É persistente e brilhante. Eu *conheço* você. Aprendeu a falar por seu próprio mérito, não por causa dele.

Como ele não disse nada, ela acrescentou num tom suave:

– A única diferença é que, se ele tivesse lhe dado amor, tudo teria sido muito mais fácil.

Simon começou a balançar a cabeça em uma negativa, mas ela deu um apertão na mão dele e o interrompeu.

– Eu fui uma criança amada. Tudo o que conheci na infância foi amor e

devoção. Acredite em mim, isso torna tudo mais fácil.

Ele ficou imóvel por vários minutos. O único som que se ouvia era o da respiração dele tentando vencer as emoções. Por fim, quando Daphne já começava a temer que o tivesse perdido, ele a encarou com uma expressão totalmente arrasada.

– Eu quero ser feliz – murmurou.

– Você vai ser – prometeu ela, passando os braços ao redor dele. – Você vai ser.

CAPÍTULO 21

O duque de Hastings voltou!

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
6 DE AGOSTO DE 1813

Simon não disse nada enquanto os dois voltaram cavalgando devagar para casa. A égua de Daphne havia sido encontrada pastando alegremente numa faixa de gramado a cerca de 20 metros, e embora ela tivesse garantido que estava bem para montar, Simon respondera que não queria saber. Depois de amarrar as rédeas do animal a seu próprio cavalo, ele fizera Daphne sentar em sua sela, montara atrás dela e tomara o caminho de volta para a Grosvenor Square.

Além disso, ele precisava abraçá-la.

Estava começando a se dar conta de que precisava se agarrar a alguma coisa na vida, e talvez ela tivesse razão quando dizia que a raiva não era a solução. Quem sabe ele conseguiria aprender a se agarrar ao amor...

Quando os dois chegaram à Casa Hastings, um cavalariço correu para cuidar dos animais enquanto Simon e Daphne subiam a escada de entrada e entravam no saguão.

Assim que colocaram os pés para dentro, deram de cara com Colin, Benedict e Anthony Bridgerton.

– Que diabo vocês estão fazendo na minha casa? – perguntou Simon.

Tudo o que queria era correr para o andar de cima e fazer amor com sua esposa. Em vez disso, teria que lidar com aquele trio brigão. Eles estavam parados em poses idênticas – pernas abertas, mãos na cintura, queixo projetado para a frente. Se Simon não estivesse tão irritado com eles, poderia ter tido a presença de espírito de ficar levemente assustado.

Ele não tinha dúvidas de que se sairia bem em um embate com um deles – *talvez* até dois –, mas contra os três era um homem morto.

– Ficamos sabendo que você tinha voltado – disse Anthony.

– Pois é, voltei – respondeu Simon. – Agora podem se retirar.

– Não tão rápido – retrucou Benedict, cruzando os braços.

Simon se virou para Daphne.

– Qual deles eu posso matar primeiro?

Ela fez uma careta direcionada aos irmãos.

– Tanto faz.

– Temos algumas exigências antes de permitir que você fique com Daphne – informou Colin.

– O quê? – berrou ela.

– *Daphne é minha mulher!* – rugiu Simon.

– Antes de ser sua mulher, ela é nossa irmã – atalhou Anthony. – E você a magoou.

– Isso não é da conta de vocês – insistiu Daphne.

– Tudo o que acontece com você é da nossa conta – retrucou Benedict.

– Na verdade, o que acontece com ela é da *minha* conta – replicou Simon –, então agora saiam da minha casa.

– Quando vocês estiverem casados, poderão pensar em me oferecer conselhos – atalhou Daphne, furiosa –, mas por enquanto guardem suas opiniões para si mesmos.

– Sinto muito, Daff – disse Anthony –, mas não vamos deixar isso para lá.

– Deixar o que para lá? – reagiu ela. – Vocês não têm o direito de se intrometer no meu casamento. Isso não é assunto de vocês!

Colin deu um passo para a frente.

– Não vamos sair daqui até estarmos convencidos de que ele ama você.

Daphne sentiu o sangue se esvair do rosto. Simon nunca tinha dito que a amava. Já demonstrara isso de mil formas, mas jamais pronunciara as palavras. Quando isso acontecesse, não queria que fosse por imposição de seus irmãos repressores. Desejava que Simon as dissesse de livre e espontânea vontade, com o coração.

– Pare com isso, Colin – sussurrou ela, detestando o tom patético e suplicante de sua voz. – Vocês têm que me deixar lutar minhas próprias batalhas.

– Daff...

– Por favor – pediu ela.

Simon se posicionou no meio dos dois.

– Agora, se nos dá licença... – falou para Colin e, por extensão, para Anthony e Benedict.

Levou Daphne até a outra ponta do saguão, onde poderiam conversar em particular. Preferiria ter ido para outro ambiente, mas não confiava que os idiotas dos irmãos dela não fossem segui-los.

– Peço desculpas por eles – murmurou Daphne rapidamente. – São uns grosseirões estúpidos que não tinham o menor direito de invadir sua casa. Se eu pudesse matá-los, não pensaria duas vezes. Depois do que fizeram, eu não me surpreenderia se você *nunca* quisesse ter filhos...

Simon pôs um dedo em seus lábios para silenciá-la.

– Em primeiro lugar, é *nossa* casa, não *minha*. E quanto aos seus irmãos... eles são totalmente irritantes, mas estão fazendo isso por amor. – Abaixou a cabeça só um pouco, mas o suficiente para que ela sentisse sua respiração. – Quem pode culpá-los por isso? – sussurrou.

Daphne sentiu o coração parar de bater.

Simon se aproximou ainda mais, até seu nariz encostar no dela.

– Eu amo você, Daff – disse ele baixinho.

O coração dela começou a bater de novo, dessa vez com toda a força.

– Ama?

Ele assentiu, roçando o nariz no dela.

– Não pude evitar.

Os lábios dela se abriram num sorriso hesitante.

– Isso não é muito romântico...

– Mas é a verdade – retrucou ele, dando de ombros com uma expressão impotente. – Você sabe melhor do que ninguém que eu não desejava nada disso. Não queria casar nem ter uma família, muito menos me apaixonar. – Ele roçou os lábios nos dela com delicadeza, provocando arrepios pelo corpo dos dois. – Mas acabei descobrindo – continuou, seus lábios tocando os dela de novo –, contra minha vontade, que é impossível *não* amar você.

Daphne derreteu nos braços dele.

– Ah, Simon – suspirou.

A boca dele capturou a dela, tentando demonstrar com um beijo o que ainda estava aprendendo a expressar com palavras. Ele a amava. Idolatrava. Faria qualquer coisa por ela.

De repente notou que os três irmãos dela os assistiam.

Depois de interromper o beijo devagar, virou o rosto para o lado. Anthony, Benedict e Colin ainda estavam parados no foyer. O primeiro olhava para o teto, o segundo fingia que estava inspecionando as próprias unhas e o terceiro os encarava acintosamente.

Simon apertou Daphne ainda mais nos braços enquanto olhava para eles, furioso.

– Que diabo vocês ainda estão fazendo aqui?

Como era de esperar, nenhum deles tinha o que responder.

– *Saiam!* – rosnou Simon.

– Por favor.

O tom de Daphne também não foi exatamente gentil.

– Está bem – concordou Anthony, dando um tapa na cabeça de Colin. – Acho que nosso trabalho aqui acabou, rapazes.

Simon começou a conduzir Daphne na direção da escada.

– Acho que vocês conhecem o caminho da saída – disse por cima do ombro.

Anthony assentiu e empurrou os irmãos em direção à porta.

– Ótimo – comentou Simon. – Estamos indo lá para cima.

– Simon! – gritou Daphne.

– Como se eles não soubessem o que nós vamos fazer... – sussurrou ele no ouvido dela.

– Mesmo assim... eles são meus *irmãos*!

– Que Deus nos proteja, então – murmurou ele.

Mas antes que os dois chegassem à metade da escada, a porta da frente se abriu e se seguiu uma corrente de xingamentos proferidos por uma voz feminina.

– Mãe? – disse Daphne, se engasgando.

Violet, porém, só tinha olhos para os filhos.

– Eu sabia que ia encontrar vocês aqui – falou em tom acusatório. – Nunca conheci pessoas mais teimosas e estúpidas...

Daphne não escutou o resto do discurso da mãe. Simon estava rindo muito alto em seu ouvido.

– Ele a magoou! – protestou Benedict. – Como irmãos, é nosso dever...

– Respeitar a capacidade dela de resolver os próprios problemas – atalhou Violet. – E ela não está parecendo muito magoada agora.

– Isso porque...

– Se disserem que foi porque vocês invadiram a casa dela feito um bando de débeis mentais, vou matá-los.

Os três se calaram.

– Agora – continuou Violet – acredito que está na hora de irmos embora, não acham?

Como os filhos não a obedeceram com a rapidez que ela gostaria, Violet estendeu a mão e...

– Por favor, mamãe! – uivou Colin. – Não a...

Ela o pegou pela orelha.

– ... orelha – concluiu ele tristemente.

Daphne agarrou o braço de Simon. Ele estava rindo tanto que ela teve medo que ele despencasse escada abaixo.

Violet guiou os filhos para a saída com um grito de “Andem!”, então se virou para Simon e Daphne.

– Bem-vindo a Londres, Hastings – disse ela, presenteando-o com um sorriso largo e brilhante. – Mais uma semana e eu mesma o teria arrastado de volta.

Então saiu e fechou a porta atrás de si.

Simon se virou para Daphne, ainda se sacudindo de tanto rir.

– Aquela era mesmo sua mãe? – perguntou.

– Ela pode ser bastante surpreendente.

– Percebi.

Daphne ficou séria.

– Desculpe se meus irmãos forçaram você...

– Bobagem – disse ele, interrompendo-a. – Seus irmãos jamais conseguiriam me obrigar a dizer algo que eu não sentisse. – Inclinou a cabeça para o lado e pensou por um instante. – Bem, não sem uma pistola.

Daphne deu um tapinha no ombro dele.

Simon a ignorou e puxou o corpo dela de encontro ao seu.

– Eu estava falando sério – murmurou, passando os braços pela cintura de Daphne. – Eu amo você. Já sei disso há algum tempo, mas...

– Tudo bem – retrucou ela, encostando o rosto no peito dele. – Não precisa explicar.

– Preciso, sim – insistiu ele. – Eu... – Mas as palavras não saíram. Havia muitas

emoções misturadas dentro dele. – Deixe-me mostrar quanto eu a amo – falou com a voz rouca.

Daphne levantou o rosto para receber o beijo dele. E quando os lábios dos dois se tocaram, ela suspirou:

– Eu também amo você.

A boca de Simon devorou a dela e ele a abraçava como se ela pudesse desaparecer a qualquer instante.

– Vamos para o quarto – sussurrou ele. – Agora.

Ela assentiu, mas antes que pudesse dar um passo ele a pegou no colo e a carregou escada acima.

Quando chegaram ao segundo andar, seu corpo já estava duro como pedra e implorando por alívio.

– Em que quarto você está? – arquejou ele.

– No seu – disse ela, parecendo surpresa pela pergunta.

Ele soltou um gemido em aprovação e seguiu rapidamente para o quarto dele – não, *deles* –, fechando a porta atrás de si com um chute.

– Eu amo você – falou ele quando os dois caíram sobre a cama.

Agora que já havia se declarado uma vez, não queria mais parar de dizer essas três palavras. Precisava ter certeza de que ela entendia como era importante para ele.

E, se precisasse dizer mil vezes, ele não se importava.

– Eu amo você – repetiu, com os dedos desamarrando freneticamente o vestido dela.

– Eu sei – afirmou ela, trêmula. Segurou o rosto dele e o encarou. – Eu também o amo.

Então puxou a cabeça dele em direção à sua e o beijou com uma inocência que deixou o corpo dele em chamas.

– Se algum dia eu a magoar de novo – retrucou Simon com fervor, beijando o canto da boca de Daphne –, você pode me matar.

– Nunca – respondeu ela, sorrindo.

Os lábios dele seguiram até o ponto sensível abaixo da orelha dela.

– Então me faça sofrer – murmurou ele. – Quebre meu braço, torça meu tornozelo.

– Não seja bobo – pediu ela, tocando o queixo de Simon e virando o rosto dele

para ela. – Você não vai me magoar de novo.

O amor por aquela mulher inundou seu peito, fez os dedos de suas mãos formigarem e o deixou sem fôlego.

– Eu a amo tanto que às vezes fico até assustado – sussurrou ele. – Se eu pudesse lhe dar o mundo, você sabe que eu daria, não sabe?

– Eu só quero você – disse ela baixinho. – Não preciso do mundo, só do seu amor. E talvez – acrescentou com um sorriso malicioso – que você tire as botas.

Simon abriu um sorriso enorme. De alguma forma, ela sempre sabia exatamente do que ele precisava. No momento exato em que ele estava sendo sufocado pelas emoções, chegando quase às lágrimas, ela aliviou o clima, fazendo-o sorrir.

– Seu desejo é uma ordem – falou, arrancando os calçados. – Mais alguma coisa, Alteza?

Ela inclinou a cabeça para o lado timidamente.

– Acho que pode tirar a camisa também.

Ele obedeceu, jogando a peça de linho em cima da mesa de cabeceira.

– Satisfeita?

– Isto aqui – respondeu ela, enganchando o dedo em um dos passadores da calça dele – só está atrapalhando.

– Concordo – murmurou Simon, tirando-a. Depois engatinhou para cima dela, envolvendo-a com a quentura de seu corpo. – E agora?

Daphne prendeu a respiração.

– Bem, agora você já está nu.

– É verdade – concordou ele, olhando para ela com ardor.

– E eu não.

– Isso também é verdade. – Ele deu um sorriso sensual. – Precisamos cuidar disso.

Ela assentiu, completamente sem palavras.

– Levante os braços – ordenou ele baixinho.

Ela obedeceu e, segundos depois, seu vestido já tinha sido tirado.

– Agora está muito melhor – comentou ele com a voz rouca, olhando faminto para os seios dela.

Os dois estavam ajoelhados um diante do outro sobre a imensa cama de dossel. Daphne encarava o marido com os batimentos se acelerando diante da visão do

amplo peito nu dele se movimentando a cada respiração ofegante. Estendeu uma mão trêmula e o tocou, passando os dedos levemente em sua pele quente.

Simon prendeu a respiração até que o indicador de Daphne tocou seu mamilo, então ele cobriu a mão dela com a sua.

– Eu quero você – disse ele.

Ela baixou os olhos e deu um pequeno sorriso.

– Estou vendo.

– Não – suspirou ele, puxando-a mais para perto. – Eu quero estar no seu coração. Na sua... – todo o corpo dele estremeceu quando encostou no dela – alma.

– Ah, Simon – gemeu Daphne, afundando os dedos nos cabelos grossos e escuros dele. – Você já está.

Então não houve mais palavras, apenas lábios, mãos e pele.

Simon a acariciou de todas as formas que conhecia. Passou as mãos pelas pernas dela e beijou-as atrás dos joelhos. Apertou seus quadris e tocou seu umbigo. E quando estava pronto para penetrá-la, esforçando-se para conter o desejo mais profundo que já sentira na vida, olhou para ela com tanta veneração que os olhos de Daphne se encheram de lágrimas.

– Eu a amo – sussurrou ele. – Em toda a minha vida, só existiu você.

Ela assentiu e, embora não tenha emitido qualquer som, sua boca formou as palavras:

– Eu também amo você.

Ele avançou devagar, implacável. E quando se acomodou completamente dentro dela, sentiu que estava em casa.

Fixou o olhar nela. Daphne estava com a cabeça atirada para trás e os lábios entreabertos, respirando com sofreguidão. Ele roçou os lábios nas bochechas rosadas dela.

– Você é a coisa mais linda que eu já vi – murmurou . – Eu nunca... eu não sei como...

Ela arqueou as costas.

– Apenas me ame – suspirou. – Por favor, me ame.

Simon começou a se mexer, subindo e descendo no ritmo mais antigo que existia. As mãos de Daphne apertavam suas costas, cravando as unhas na pele dele a cada arremetida.

Ela não parava de gemer, e o corpo dele ardia com os sons da paixão. Estava perdendo o controle, seus movimentos ficando mais tensos, mais frenéticos.

– Não vou conseguir segurar por muito mais tempo – arquejou.

Ele queria esperar por ela, precisava saber que a satisfizera antes que se permitisse sentir o próprio prazer.

Mas então, no instante exato em que pensou que fosse explodir de desejo, Daphne estremeceu embaixo dele, com seus músculos mais íntimos apertando-o enquanto ela gritava seu nome.

Simon ficou sem fôlego enquanto observava o rosto dela. Sempre se concentrara tanto em não derramar sua semente dentro dela que nunca vira o rosto de Daphne na hora do clímax. Ela estava com a cabeça atirada para trás, com as elegantes linhas do pescoço esticadas, e sua boca se abria num grito silencioso.

Ficou louco de paixão.

– Eu te amo – disse ele. – Ah, meu Deus, como eu amo você.

Então mergulhou mais fundo.

Os olhos de Daphne se abriram quando ele retomou o ritmo.

– Simon? – chamou, com um tom de urgência. – Você tem certeza?

Os dois sabiam o que ela queria dizer.

Ele assentiu.

– Não quero que você faça isso só por mim – continuou ela. – Tem que ser por você também.

Simon sentiu uma massa se formar em sua garganta, mas não era nada parecida com a sensação que o tomava quando ele gaguejava. Percebeu que era apenas amor. Sentiu lágrimas invadirem seus olhos e assentiu, absolutamente incapaz de falar.

Mergulhou para a frente, explodindo dentro dela. A sensação foi maravilhosa. Sensacional. Nada em sua vida já tinha sido tão bom.

Seus braços finalmente cederam e ele desabou em cima dela. O único som no quarto era o de sua respiração irregular.

Então Daphne afastou uma mecha de cabelo da testa dele e beijou sua sobrancelha.

– Eu amo você – sussurrou. – Vou amá-lo para sempre.

Simon afundou o rosto no pescoço dela, inalando seu perfume. Ela o abraçou e

ele se sentiu completo.

Muitas horas depois, Daphne abriu os olhos. Começou a se espreguiçar, esticando os braços para cima, e notou que as cortinas estavam fechadas. Simon devia ter feito aquilo, pensou, bocejando. A luz entrava pelas frestas, banhando o quarto com um brilho suave.

Virou o pescoço para os dois lados, alongando-o, saiu da cama e foi até o quarto de vestir para pegar seu robe. Ela não costumava dormir durante o dia. Mas aquele não havia sido um dia comum.

Vestiu o robe e amarrou a faixa de seda na cintura. Onde Simon estava? Achava que ele não devia ter se levantado muito antes dela. Tinha uma vaga lembrança de estar deitada nos braços dele que de certa forma parecia muito recente.

A suíte principal era composta de cinco ambientes ao todo: dois quartos, cada um deles com o próprio toucador ao lado, ligados por uma grande sala de estar. A porta para este último cômodo estava entreaberta e a forte luz do sol passava por ali, o que queria dizer que as cortinas não estavam fechadas. Silenciosamente, Daphne foi até lá e olhou para dentro.

Simon estava parado em frente à janela, olhando para a cidade. Vestia um elegante roupão cor de vinho, mas ainda estava descalço. Seus olhos azul-claros estavam pensativos, dispersos e um pouco tristes.

Daphne franziu a testa, preocupada. Foi até ele e, quando estava a poucos centímetros de distância, disse um “olá” bem baixinho.

Simon se virou ao som da voz dela e, ao vê-la, sua expressão cansada se suavizou.

– Olá – murmurou ele, puxando-a para seus braços.

Ele a posicionou com as costas aninhadas em seu peito largo e os dois ficaram olhando para a Grosvenor Square enquanto Simon pousava o queixo em cima da cabeça dela.

Daphne demorou vários instantes para reunir coragem e perguntar:

– Está arrependido?

Ela não podia vê-lo, mas sentiu o queixo dele se mexendo em seu couro cabeludo quando ele balançou a cabeça.

– De jeito nenhum – sussurrou Simon. – Só estou... pensando.

Algo na voz dele não a convenceu, então ela se virou nos braços dele até conseguir ver seu rosto.
– Simon, o que houve? – murmurou.
– Nada.
Mas ele não a encarou.
Daphne levou-o até um sofazinho e os dois se sentaram.
– Se você ainda não estiver pronto para ser pai – começou ela –, eu vou entender.
– Não é isso.
Mas ela não acreditou. Ele respondeu rápido demais, e algo na voz dele a estava deixando inquieta.
– Eu não me importo de esperar – prosseguiu. – Na verdade – acrescentou timidamente –, eu não acharia ruim ter um tempo só para nós.
Simon não disse nada, mas os olhos dele ficaram aflitos, então ele os fechou enquanto coçava a sobrancelha.
Daphne foi tomada por uma onda de pânico e começou a tagarelar.
– Eu não queria ter um filho imediatamente. Eu só... gostaria de um dia ter, só isso, e acho que você também poderia querer, se pensasse no assunto. Fiquei chateada quando descobri que você só estava nos negando uma família para contrariar seu pai. Não é...
Simon pousou uma mão sobre a coxa dela.
– Daphne, pare – pediu ele. – Por favor.
A voz dele estava tão aflita que ela se calou no mesmo instante. Ela mordeu o lábio inferior, nervosa. Era a vez *dele* de falar. Claramente havia algo deixando o coração dele angustiado, e se ele precisasse do dia todo para encontrar as palavras e explicar o que era, ela poderia esperar.
Poderia esperar para sempre por aquele homem.
– Não posso dizer que adoro a ideia de ter um filho – disse Simon devagar.
Daphne percebeu que ele respirava com dificuldade e pôs a mão em seu braço para reconfortá-lo.
Ele se virou para ela com olhos que imploravam por compreensão.
– Passei tanto tempo sem querer ter filhos, sabe? – Engoliu em seco. – N-não sei nem como começar a pensar nisso.
Daphne lhe ofereceu um sorriso tranquilizador que depois percebeu que se

destinava aos dois.

– Você vai aprender – sussurrou. – E eu vou aprender com você.

– N-não é isso – retrucou ele, balançando a cabeça. Soltou um suspiro impaciente. – Eu não... quero... viver apenas p-para contrariar meu pai.

Simon se virou para ela e Daphne ficou tocada pela emoção que transparecia em seu rosto. Estava com o queixo trêmulo e o pescoço incrivelmente tenso, como se toda a sua energia estivesse concentrada em proferir essas palavras.

Ela queria abraçá-lo, confortar o menininho dentro dele. Queria suavizar sua expressão e apertar sua mão. Queria fazer mil coisas, mas apenas ficou em silêncio, seus olhos encorajando-o a continuar.

– Você tinha razão – reconheceu ele, com as palavras saindo de sua boca com dificuldade. – Tinha razão o tempo todo. Sobre meu pai. Q-que eu estava deixando que ele vencesse.

– Ah, Simon – murmurou ela.

– M-mas e... – prosseguiu ele, com o rosto forte e bonito que normalmente era tão firme, tão controlado, todo franzido de preocupação. – E se... e se tivermos um filho e e-e-ele sair igual a mim?

Por um instante, Daphne não conseguiu dizer nada. Sentiu os olhos se encherem de lágrimas e a boca se abrir em choque.

Simon virou o rosto para o outro lado, mas não a tempo de esconder o grande tormento em seus olhos. Ela percebeu que ele prendeu a respiração por um momento e depois a soltou em um suspiro trêmulo, numa tentativa de se manter sob controle.

– Se tivermos um filho com gagueira – respondeu ela com cautela –, vou amá-lo e apoiá-lo. E... – Engoliu em seco, nervosa, torcendo para estar fazendo a coisa certa. – E vou pedir sua ajuda, porque você também passou por isso e conseguiu vencer.

Ele se virou rapidamente para encará-la.

– Não quero que meu filho sofra como eu.

Daphne deu um sorriso involuntário, feliz por saber exatamente o que dizer.

– Mas ele não vai sofrer, porque você será o pai dele.

Os olhos de Simon brilharam com uma luz diferente, um lampejo de esperança.

– Você rejeitaria nosso filho se ele fosse gago? – perguntou Daphne baixinho.

Simon balançou a cabeça com veemência.

Ela sorriu suavemente.
– Então nossos filhos não terão o que temer.
Ele ficou parado por mais um instante, então, num movimento brusco, puxou-a para si, enterrando o rosto em seu pescoço.
– Eu amo você – falou com a voz embargada. – Te amo mais que tudo.
E Daphne finalmente teve a certeza de que tudo daria certo.

Muitas horas depois, os dois ainda estavam aninhados no sofazinho da sala de estar. Tinham passado a tarde de mãos dadas, com a cabeça repousando no ombro um do outro. Não precisaram dizer nada. Simplesmente ficar juntos havia sido o suficiente. O sol brilhava, os pássaros cantavam e eles eram um casal.
Era tudo de que necessitavam.
Mas alguma coisa ainda incomodava Daphne, e foi apenas quando seus olhos pousaram sobre os papéis de carta em cima da mesa que ela lembrou.
As cartas do pai de Simon.
Fechou os olhos e respirou fundo, reunindo coragem para entregá-las ao marido. O duque de Middlethorpe tinha lhe dito, quando lhe confiara as correspondências, que ela saberia decidir o melhor momento de mostrá-las a ele.
Ela se desvencilhou dos fortes braços de Simon e foi pegá-las.
– Aonde você vai? – perguntou Simon com a voz sonolenta.
Tinha acabado cochilando sob o sol quente da tarde que entrava pela janela.
– Eu... eu preciso lhe mostrar uma coisa.
Provavelmente ele percebeu a hesitação na voz de Daphne, porque abriu os olhos e se virou para encará-la com curiosidade.
– Que coisa?
Ela virou as costas e apertou o passo em direção ao outro cômodo.
– Já volto – afirmou.
Havia guardado o maço de cartas amarrado por uma fita vermelha e dourada – as cores dos Hastings – junto com seus pertences. Na verdade, chegara a se esquecer delas durante as primeiras semanas de volta a Londres e o maço ficara intocado em seu antigo quarto na casa de sua família. Mas, em uma das visitas que tinha feito à mãe nesse período, deparara com elas. Violet sugeriu que a filha subisse para pegar algumas de suas coisas e, enquanto ela recolhia vidros de

perfume e a fronha que bordara aos 10 anos de idade, Daphne as reencontrou.

Mais de uma vez sentira-se tentada a abri-las, nem que fosse para entender melhor o marido. E verdade seja dita: se os envelopes não estivessem lacrados, ela provavelmente teria abandonado os escrúpulos e lido todas.

Pegou o maço e voltou lentamente para a sala. Simon ainda estava no sofá, mas sentado e alerta, olhando para ela com expectativa.

– São para você – disse Daphne, mostrando as correspondências ao se aproximar dele.

– O que são? – indagou Simon.

Pelo seu tom de voz, ela imaginou que ele já soubesse.

– São cartas do seu pai. O duque de Middlethorpe me pediu que as guardasse. Lembra que o encontramos naquela noite?

Ele assentiu.

– Também lembro que disse a ele para queimá-las.

Daphne deu um sorriso.

– Parece que ele não o obedeceu.

Simon encarou fixamente as cartas. Depois, evitou olhar para Daphne.

– Pelo visto, você também não – comentou ele baixinho.

Ela assentiu e se sentou ao lado dele.

– Você quer ler?

Ele ficou pensativo por vários instantes e, por fim, decidiu ser totalmente sincero:

– Não sei.

– Talvez isso o ajude a deixá-lo para trás.

– Ou pode piorar a situação.

– É verdade – concordou ela.

Simon continuou olhando para as cartas, que repousavam inocentemente nas mãos de Daphne. Ele esperava sentir ressentimento. Raiva. Mas, em vez disso, só sentiu... Nada.

Era muito estranho. Ali diante dele estava uma coleção de correspondências escritas pela mão de seu pai. E, no entanto, ele não teve nenhuma vontade de queimá-las ou rasgá-las em pedacinhos.

Mas, ao mesmo tempo, não teve nenhuma disposição para lê-las.

– Acho que vou esperar – concluiu Simon com um sorriso.

Daphne ficou perplexa, sem acreditar no que tinha ouvido.
– Você está dizendo que não quer ler nenhuma? – perguntou.
Ele negou com a cabeça.
– E também não quer atear fogo nelas?
Ele deu de ombros.
– Na verdade, não.
Ela olhou para os envelopes e de novo para o rosto dele.
– O que quer fazer, então?
– Nada.
– Nada?
Ele sorriu.
– Isso mesmo.
– Ah. – Ela ficava adorável com aquela expressão de perplexidade. – Você quer que eu as guarde de volta?
– Se quiser...
– E elas vão simplesmente ficar comigo?
Simon segurou a faixa do robe de Daphne e começou a puxá-la em sua direção.
– Arrã.
– Mas... – balbuciou ela. – Mas... mas...
– Se disser outro “mas” – provocou ele –, vai começar a ficar parecida comigo.
Ela ficou de boca aberta. Simon não se surpreendeu com sua reação. Tinha sido a primeira vez na vida que ele conseguira fazer uma piada a respeito de suas dificuldades.
– As cartas podem esperar – explicou ele, assim que elas caíram do colo de Daphne para o chão. – Acabei de conseguir, graças a você, tirar meu pai da minha vida. – Balançou a cabeça, sorrindo. – Ler tudo isso agora apenas o convidaria a voltar.
– Mas você não quer saber o que ele tinha a dizer? – insistiu ela. – Quem sabe ele pediu desculpas... Talvez tenha até rastejado aos seus pés!
Daphne se abaixou para pegar os envelopes, mas Simon a apertou contra ele, de modo que ela não conseguisse alcançá-los.
– Simon! – gritou ela.
Ele levantou uma sobrancelha.
– Sim?

– O que você está fazendo?
– Tentando seduzir você. Estou conseguindo?
Daphne sentiu o rosto ficar corado.
– Acho que sim – murmurou ela.
– Só acha? Droga... Devo estar perdendo o jeito.
Deslizou a mão para as nádegas dela, o que a fez dar um gritinho.
– Acho que seu jeito está ótimo – disse ela apressadamente.
– Só ótimo? – Ele fingiu estremecer. – “Ótimo” não faz ninguém perder o fôlego, não acha?
– Bem – concordou ela –, talvez eu tenha me expressado mal.
Simon sentiu um sorriso se formar em seu coração. Quando o gesto enfim chegou a seus lábios, ele já estava de pé, conduzindo a esposa na direção do quarto.
– Daphne – disse ele, tentando parecer sério –, eu tenho uma proposta.
– Proposta? – indagou ela, erguendo as sobrancelhas.
– Na verdade, um pedido – corrigiu ele.
Ela inclinou a cabeça para o lado e sorriu.
– Que pedido?
Ele a empurrou pela porta do quarto.
– É um pedido em duas partes.
– E posso saber que partes são essas?
– A primeira parte envolve nós dois e... – Simon a pegou no colo e a atirou em cima da cama em meio a um ataque de riso – esta cama antiga e resistente.
– Resistente?
– É bom que seja, pelo menos – murmurou ele enquanto engatinhava para o lado dela.
Ela riu e deu gritinhos enquanto se livrava das garras dele.
– Acho que é bastante resistente. E qual é a segunda parte do pedido?
– Bem, essa parte vai exigir de você certa disponibilidade de tempo.
Ela estreitou os olhos, mas ainda sorria.
– Quanto tempo?
– Cerca de nove meses.
Os lábios de Daphne se abriram com a surpresa.
– Você tem certeza?

– Que leva nove meses? – Ele sorriu. – É o que sempre me disseram.

Agora ela não estava mais sorrindo.

– Você sabe que não era a isso que eu estava me referindo – disse ela baixinho.

– Eu sei – respondeu ele, ficando sério também. – Mas sim, tenho certeza. E estou apavorado. E morrendo de empolgação. E sentindo milhões de outras emoções que nunca me permiti sentir antes de encontrar você.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Essa foi a coisa mais linda que você já me disse.

– É verdade – jurou ele. – Antes de conhecer você, estava vivo apenas pela metade.

– E agora? – sussurrou ela.

– Agora? – ecoou Simon. – "Agora" é sinônimo de felicidade, alegria e uma esposa que eu amo mais que tudo. Mas quer saber de uma coisa?

Ela balançou a cabeça, emocionada demais para falar.

Ele se abaixou e a beijou.

– Tudo isso nem se compara com o futuro maravilhoso que vamos ter. Por mais feliz que eu esteja neste exato instante, o amanhã será ainda melhor. Ah, Daff – murmurou ele, levando os lábios até os dela –, a cada dia eu vou amá-la mais. Eu prometo. A cada dia...

EPÍLOGO

O duque e a duquesa de Hastings finalmente têm um menino!

Depois de três meninas, o casal mais apaixonado da sociedade londrina gerou enfim um rapazinho. Esta autora só consegue imaginar o alívio que deve ter invadido a Casa Hastings. Afinal, é uma verdade universal que qualquer homem casado dono de uma enorme fortuna deve desejar um herdeiro.

O nome do recém-nascido ainda não foi divulgado, embora esta autora se sinta bastante qualificada para especular. Afinal, com irmãs chamadas Amelia, Belinda e Caroline, o novo conde de Clyvedon poderia se chamar qualquer outra coisa que não David?

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
15 DE DEZEMBRO DE 1817

Simon fez uma cara de exasperação, depois atirou o jornal para o outro lado da sala.

– Como ela sabe disso? Nós não contamos a ninguém que vamos batizá-lo de David.

Daphne prendeu o riso ao ver o marido esbravejando e andando de um lado para outro no quarto.

– Tenho certeza que é só um palpite – disse ela, voltando a atenção ao recém-nascido em seus braços.

Era cedo demais para saber se os olhos dele permaneceriam azuis ou se ficariam castanhos como os das irmãs, mas ele já se parecia muito com o pai. Daphne pensou que isso não mudaria ainda que seus olhos escurecessem.

– Ela deve ter um espião aqui dentro de casa – decretou ele, pondo as mãos na cintura. – Só pode.

– Duvido muito que isso seja verdade – comentou Daphne, sem olhar para ele.

Estava mais interessada na forma como a mãozinha minúscula de David

agarrava seu dedo.
– Mas...
Ela finalmente levantou a cabeça.
– Simon, você está sendo ridículo. É só uma coluna de fofoca.
– Whistledown... sei – resmungou ele. – Nunca ouvi falar de nenhum Whistledown. Gostaria de saber quem é essa maldita mulher.
– Você e o resto de Londres – falou Daphne baixinho.
– Alguém deveria tirá-la de circulação de uma vez por todas.
– Se quer que ela saia de circulação – retrucou Daphne, sem conseguir resistir à observação –, não deveria comprar o jornal.
– Eu...
– E nem venha me dizer que só compra por minha causa.
– Você *lê* – resmungou ele.
– Você também. – Ela deu um beijo no topo da cabeça de David. – Normalmente muito antes de eu colocar as mãos nele. Além disso, nos últimos tempos passei a gostar bastante de Lady Whistledown.
Simon pareceu desconfiado.
– Por quê?
– Você leu o que está escrito sobre nós? Ela nos chamou de “casal mais apaixonado de Londres”. – Daphne sorriu com malícia. – Adorei isso.
Ele soltou um resmungo.
– Isso foi só porque Philipa Featherington...
– O nome dela é Philipa Berbrooke agora – corrigiu Daphne.
– Bem, qualquer que seja o nome, ela é a pessoa mais linguaruda de Londres. Desde que me ouviu chamando você de “meu amor” no teatro, no mês passado, não tenho mais coragem de aparecer nos meus clubes.
– Então amar a esposa está fora de moda, é? – provocou Daphne.
Simon fez uma careta, parecendo um menino irritado.
– Deixe para lá – disse ela. – Não quero nem ouvir a resposta.
O sorriso que ele deu foi uma mistura encantadora de timidez e malícia.
– Aqui – prosseguiu ela, levantando David. – Quer segurá-lo?
– Claro. – Simon atravessou o quarto e pegou o bebê nos braços. Aninhou o filho por vários instantes, então olhou para Daphne e sorriu. – Acho que ele parece comigo.

– E eu tenho certeza disso.

Ele beijou-o no nariz e sussurrou:

– Não se preocupe, rapazinho. Vou sempre amar você. Vou ensiná-lo a ler, escrever, fazer contas e andar a cavalo. Vou protegê-lo de todos os males do mundo, principalmente daquela tal de Lady Whistledown...

E num quarto pequeno e elegantemente mobiliado, não muito longe da Casa Hastings, uma jovem sentada a uma mesa com uma pena e um pote de tinta pegou um pedaço de papel.

Com um sorriso no rosto, tomou da pena e começou a escrever:

Crônicas da sociedade de Lady Whistledown

19 de dezembro de 1817

Ah, gentil leitor, esta autora fica feliz em contar...

CARTA DA AUTORA

Prezado leitor,

As pessoas quase sempre querem saber qual dos meus livros eu prefiro. Com toda a sinceridade, essa é uma pergunta quase impossível de responder, porque eu gosto de coisas diferentes em cada um deles. Às vezes é um personagem, ou então uma cena específica. O fato é que todos eles me agradam de formas distintas.

Mas vou lhe contar um segredo: sempre tive uma queda especial por *O duque e eu*. Ele foi um divisor de águas na minha carreira. Não sei exatamente o que aconteceu, mas este livro é mais profundo e mais rico do que qualquer outro que eu já tenha escrito. Além disso, marcou o começo da coleção Os Bridgertons, uma série de oito livros que conquistou as pessoas de uma forma impressionante.

Enfim, tudo se iniciou com *O duque e eu*, que apresenta Simon, um homem que tenta desesperadamente fugir do amargo legado do pai, e Daphne, que deseja a única coisa que Simon tem certeza que não pode lhe dar. Também conhecemos, é claro, Lady Whistledown, a mordaz colunista de fofocas que não poupa nada nem ninguém. (Você já deve ter entendido o que quero dizer quando leu a primeira página de todos os capítulos...)

Se você ainda não conhecia nenhum dos livros da série Os Bridgertons, este foi um ótimo começo. Espero que tenha gostado.

Com carinho,

Julia Q.

Os Bridgertons — 2

Julia Quinn

O Visconde que me Amava

Arqueiro

O Visconde que me Amava

Os Bridgertons — 2

Julia Quinn

O Visconde que me Amava

ARQUEIRO

Para Little Goose Twist,
que me fez companhia
enquanto eu escrevia este livro.

Mal posso esperar para vê-lo!

E para Paul,
mesmo sendo alérgico a musicais.

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

PRÓLOGO

Anthony Bridgerton sempre soube que morreria jovem.

Não, não na infância. O pequeno Anthony nunca teve motivos para refletir sobre a própria mortalidade. Seus primeiros anos de vida, desde o nascimento, foram o sonho de qualquer menino.

Ele era herdeiro de um antigo e abastado viscondado. Ao contrário de outros casais aristocratas, porém, os Bridgertons eram muito apaixonados um pelo outro e consideravam o nascimento de seu primeiro bebê a chegada de um filho, não só a de um herdeiro.

Portanto, não houve festas nem festivais; nenhuma comemoração além do olhar orgulhoso que os pais lançaram à criança.

Edmund e Violet foram pais jovens. Ele acabara de completar 20 anos e a esposa tinha apenas 18, mas eram sensatos e fortes, e amavam o filho com uma intensidade e uma devoção raramente vistas em seu círculo social. Para horror de sua mãe, Violet insistira em amamentar o bebê, e Edmund nunca concordara com a visão geral de que os pais não deviam conviver nem conversar com os filhos. Ele levava o menino em longas caminhadas pelos campos de Kent, falava-lhe sobre filosofia e poesia antes mesmo que ele compreendesse as palavras e lhe contava, todas as noites, uma história para embalar seu sono.

Como o visconde e a viscondessa eram muito jovens e apaixonados, ninguém se surpreendeu quando, apenas dois anos depois do nascimento de Anthony, um irmãozinho mais novo, batizado com o nome de Benedict, juntou-se a ele. Edmund logo adaptou a rotina diária para levar os dois filhos em suas caminhadas e passou uma semana metido nos estábulos trabalhando com o coureiro para criar uma mochila especial que mantivesse Anthony preso às suas costas enquanto o bebê, Benedict, ia em seus braços.

Os três percorriam os campos e cruzavam riachos, com o pai discorrendo sobre

coisas maravilhosas – flores perfeitas, céus azuis e límpidos, cavaleiros em armaduras reluzentes e donzelas em perigo. Violet costumava achar graça ao vê-los retornar com os cabelos revoltos pelo vento e queimados de sol, e ao ouvir Edmund dizer: “Viu? Aqui está nossa donzela em perigo. Nós temos que salvá-la!” Anthony se lançava nos braços da mãe, rindo ao jurar protegê-la do dragão que cuspia fogo e que eles tinham visto a apenas *três quilômetros* na estrada que levava à aldeia.

– Três quilômetros? – sussurrava Violet, com a voz mais horrorizada que era capaz de produzir. – Meu Deus, o que seria de mim sem três homens fortes para me proteger?

– Benedict é um bebê – observava Anthony.

– Mas ele vai crescer – costumava responder a mãe, desgrenhando os cabelos do menino –, assim como você. Ainda vai crescer muito.

Edmund sempre tratara os filhos com o mesmo afeto e devoção, porém, tarde da noite, quando Anthony aninhava o relógio de bolso dos Bridgertons no peito (que Edmund, que o recebera do *próprio* pai em seu 8º aniversário, lhe dera quando completara 8 anos), gostava de pensar que sua relação com ele era especial. Não que Edmund o amasse mais – na época os irmãos Bridgertons já eram quatro (Colin e Daphne nasceram bem próximos um do outro), e Anthony sabia muito bem que todos eram muito amados.

Não. Anthony gostava de pensar que sua relação com o pai era especial simplesmente porque ele o conhecia havia mais tempo. Afinal, por mais que Benedict conhecesse o pai, Anthony sempre teria dois anos a mais que ele. E seis a mais que Colin. Quanto a Daphne, bem, além de ser uma menina (que horror!), ela conhecia o pai oito anos inteirinhos a menos que ele e, como Anthony gostava de lembrar, seria sempre assim.

Edmund Bridgerton era simplesmente o centro do universo do filho mais velho. Era alto, tinha ombros largos e sabia montar um cavalo com a desenvoltura de quem já nascera fazendo isso. Sempre sabia as respostas das perguntas de aritmética (mesmo quando nem o tutor era capaz de chegar ao resultado), não via razão para os filhos não terem uma casa na árvore (e construiu uma) e sua gargalhada era a mais calorosa que existia.

Ele ensinou Anthony a cavalgar. A atirar. A nadar. Levou-o pessoalmente ao colégio Eton, em vez de enviá-lo em uma carruagem com criados, como a maior

parte dos pais fazia. E, ao ver o rapaz lançar um olhar nervoso à escola que se tornaria seu novo lar, teve uma conversa em particular com ele e lhe prometeu que tudo ficaria bem.

E ficou. Anthony nunca duvidou disso, afinal, seu pai nunca mentira para ele.

O garoto amava a mãe. Faria qualquer coisa para mantê-la em segurança e feliz. Mas, ao crescer, tudo o que fazia – cada realização, cada objetivo, cada sonho e esperança – era dedicado ao pai.

E então, um dia, isso mudou. Era engraçado, refletiu mais tarde, como a vida de alguém podia mudar num único instante, como tudo podia ser de um jeito num minuto e, no seguinte, simplesmente se transformar em algo... diferente.

Aconteceu quando Anthony tinha 18 anos e fora passar as férias de verão em casa. Estava se preparando para o primeiro ano em Oxford. Frequentaria a mesma faculdade do pai e sua vida era tão maravilhosa quanto a de qualquer rapaz aos 18 anos. Havia descoberto as mulheres e – talvez melhor ainda – sido descoberto por elas. Os pais ainda se reproduziam animadamente, somando Eloise, Francesca e Gregory à família, e Anthony fazia o possível para não revirar os olhos ao passar pela mãe no corredor, grávida do *oitavo* bebê! Era um pouco inconveniente, na opinião dele, dar à luz naquela idade, mas o rapaz guardava as opiniões para si.

Quem era ele para duvidar da sabedoria de Edmund? Talvez também ainda quisesse mais filhos na avançada idade de 38 anos.

Foi em um fim de tarde que Anthony soube. Estava retornando de uma longa e agitada cavalgada com Benedict e havia acabado de passar pela porta da frente de Aubrey Hall, o lar ancestral dos Bridgertons, quando viu a irmã de 10 anos sentada no chão. Benedict ainda estava nos estábulos por causa de uma aposta ridícula que exigia que o perdedor escovasse os dois cavalos.

Anthony parou abruptamente ao ver Daphne. Se era estranho vê-la sentada no chão do salão principal, era mais esquisito ainda flagrá-la chorando.

Ela nunca chorava.

– Daff – chamou ele, hesitante, ainda jovem demais para saber o que fazer ao ver uma mulher em prantos e imaginando se algum dia saberia –, o que foi...

No entanto, antes que pudesse terminar a pergunta, a menina ergueu a cabeça e a profunda tristeza naqueles grandes olhos castanhos atravessou-o como uma faca. Ele recuou alguns passos, sabendo que algo estava muito errado.

– É o papai – murmurou a menina. – Ele morreu.

Por um momento, Anthony teve certeza de que ouvira mal. O pai não podia estar morto. Outras pessoas morriam jovens, como o tio Hugo, mas ele era pequeno e frágil. Bem, ao menos menor e mais frágil que Edmund.

– Você está enganada – disse a Daphne. – *Tem* que estar enganada.

Ela balançou a cabeça.

– Foi Eloise que me disse. Ele estava... ela estava...

Anthony sabia que não devia sacudir a irmã enquanto ela soluçava, mas não pôde evitar.

– Ela *quem*, Daphne?

– Uma abelha – sussurrou a menina. – Ele foi picado por uma abelha.

Por um momento Anthony não pôde fazer nada além de fitá-la. Finalmente, com a voz rouca e irreconhecível, falou:

– Um homem não morre por causa de uma picada de abelha, Daphne.

Ela não respondeu, ficou apenas sentada no chão enquanto se sacudia convulsivamente, tentando conter as lágrimas.

– Ele já foi picado uma vez – acrescentou Anthony, e sua voz soou mais alta. – Eu estava com ele. Nós dois fomos picados. Passamos por uma colmeia e uma abelha me picou no ombro. – Sem se dar conta, ergueu a mão e tocou o local atingido tantos anos antes. Acrescentou num murmúrio: – E outra o pegou no braço.

Daphne o encarou com uma expressão assustada.

– Ele ficou bem – insistiu Anthony. Podia ouvir o pânico na própria voz e sabia que estava deixando a irmã apavorada, mas não conseguia se controlar. – Um homem não pode morrer por causa de uma picada de abelha!

Ela balançou a cabeça, com os olhos escuros aparentando de repente um grande cansaço.

– Foi uma abelha – afirmou novamente. – Eloise viu. Num minuto ele estava de pé ali e no outro estava... estava...

Anthony sentiu algo muito estranho crescendo dentro dele, como se estivesse prestes a explodir.

– E no outro ele estava o *quê*, Daphne?

– Morto.

O rapaz deixou a irmã sentada no salão e subiu os degraus de três em três até o

quarto dos pais. Não era possível que Edmund estivesse morto. Um homem não podia morrer por uma picada de abelha. Era impossível. Uma loucura. Edmund Bridgerton era jovem e forte. Alto, com ombros largos e músculos poderosos. Por Deus, nenhuma abelhinha insignificante poderia tê-lo derrubado.

Mas quando ele alcançou o salão do andar de cima, percebeu, pelo silêncio absoluto das dezenas de criados que aguardavam ali, que a situação era grave.

E seus rostos de compaixão... Pelo resto de sua vida, Anthony seria atormentado por aquela imagem.

Ele achou que precisaria abrir caminho até o quarto dos pais, mas os criados lhe deram passagem imediatamente e, quando Anthony empurrou a porta com violência, já sabia.

A mãe estava sentada na beirada da cama, sem chorar nem emitir som algum, apenas segurando a mão do marido enquanto se balançava lentamente para a frente e para trás.

Edmund estava imóvel. Imóvel como um...

Anthony não queria nem mesmo pensar na palavra.

– Mãezinha – disse ele com dificuldade.

Ele não a chamava assim havia anos. Desde que saíra de Eton, ela se tornara “mãe”.

Violet se virou devagar, como se tivesse ouvido a voz dele muito longe.

– O que aconteceu? – murmurou Anthony.

Ela balançou a cabeça e desviou os olhos, impotente.

– Não sei – respondeu.

Seus lábios permaneceram entreabertos, como se ela quisesse dizer mais alguma coisa e tivesse esquecido o quê.

Anthony adiantou-se com movimentos desajeitados e grosseiros.

– Ele se foi – disse Violet enfim, com a voz bem baixa. – Ele se foi e eu... ah, meu Deus, eu...– Pôs uma das mãos na barriga redonda. – Eu disse a ele... Ah, Anthony, eu disse a ele...

Ela parecia prestes a desmoronar. Anthony engoliu as lágrimas que queimavam seus olhos e faziam sua garganta arder e se colocou ao lado dela.

– Está tudo bem, mãezinha – falou.

No entanto, ele sabia que não era verdade.

– Eu disse a ele que este seria nosso último bebê – continuou ela, ofegante,

soluçando no ombro do filho. – Falei que não poderia ter outro, que teríamos de tomar cuidado e... Ah, Deus, Anthony, eu faria qualquer coisa para tê-lo aqui e lhe dar outro filho. Não entendo. Simplesmente não entendo...

Anthony segurou sua mão enquanto ela chorava. Não disse nada. Parecia inútil tentar dar voz à dor em seu coração.

Ele também não entendia.

Os médicos vieram mais tarde, à noite, e se mostraram igualmente desconcertados. Já tinham ouvido falar sobre mortes assim, mas nunca em alguém tão jovem e forte. Edmund era tão enérgico, tão vigoroso... Ninguém jamais poderia imaginar. Era verdade que o irmão mais novo do visconde, Hugo, morrera de forma inesperada no ano anterior, mas não se podia dizer que esse tipo de coisa era necessariamente um problema familiar. Além disso, embora Hugo tivesse morrido sozinho, ao ar livre, ninguém notara nenhuma picada de abelha em sua pele.

De qualquer forma, não procuraram por uma.

Ninguém poderia ter previsto aquilo, continuavam a repetir os médicos, até que Anthony sentiu vontade de estrangular todos eles. Finalmente, pediu que fossem embora e pôs a mãe na cama. Instalou-a em um quarto desocupado, porque Violet ficara muito agitada ao pensar em ficar na cama que dividira durante tantos anos com o marido. Anthony também conseguiu pôr os seis irmãos para dormir, dizendo-lhes que eles conversariam pela manhã, que tudo ficaria bem e que ele tomaria conta de todos, tal como o pai teria desejado.

Então, foi até o aposento em que o corpo de Edmund se encontrava e olhou para ele demoradamente. Fitou-o durante horas, quase sem piscar.

E, ao deixar o pai, saiu com uma nova visão da vida e uma nova consciência sobre a própria mortalidade.

Edmund Bridgerton faleceu aos 38 anos. E Anthony simplesmente não podia imaginar-se superando o pai de forma alguma, nem mesmo em idade.

CAPÍTULO 1

É claro que a questão dos libertinos já foi assunto discutido antes nesta coluna, e a autora chegou à conclusão de que há libertinos e Libertinos.

Anthony Bridgerton é um Libertino.

Um libertino com l minúsculo é jovem e imaturo. Ele se gaba das próprias proezas, comporta-se feito um idiota e se considera um perigo para as mulheres.

Um Libertino com l maiúsculo sabe que é um perigo para as mulheres.

Não se gaba das próprias proezas, pois não precisa. Sabe que homens e mulheres cochicharão a seu respeito e, na verdade, preferiria que não fizessem isso. Ele sabe quem é e o que fez. Relatos detalhados são, em sua opinião, redundantes.

Não se comporta como um idiota pela simples razão de não ser um (não mais do que se espera entre os membros do sexo masculino). Tem pouca paciência para as fraquezas da sociedade e, para ser sincera, na maior parte das vezes esta autora não pode culpá-lo.

E, se isso não descreve à perfeição o visconde Bridgerton, sem dúvida o solteiro mais cobiçado da temporada, esta autora aposentará a pena imediatamente. A única pergunta é: será o ano de 1814 aquele no qual ele enfim sucumbirá à encantadora felicidade do matrimônio?

Esta autora acredita que...

Não.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
20 DE ABRIL DE 1814

– Não me diga – falou Kate Sheffield, dirigindo-se a todo o aposento – que

ela está escrevendo mais uma vez sobre o visconde Bridgerton.

Edwina, sua meia-irmã, quatro anos mais jovem, ergueu os olhos por trás do jornal.

– Como você sabe?

– Você está rindo feito uma louca.

Edwina gargalhou, balançando o sofá de damasco azul em que ambas se sentavam.

– Viu? – falou Kate, cutucando-a no braço. – Você sempre ri quando ela escreve sobre algum solteirão censurável.

Kate, porém, estava sorrindo. Não havia nada de que gostasse mais do que provocar a irmã. Com delicadeza, é claro.

Mary Sheffield, mãe de Edwina e madrasta de Kate havia quase dezoito anos, ergueu os olhos do bordado e ajeitou os óculos.

– De que as duas estão rindo?

– Kate ficou agitada porque Lady Whistledown escreveu sobre aquele visconde libertino de novo – explicou Edwina.

– Não fiquei agitada – respondeu Kate, embora ninguém estivesse prestando atenção.

– Bridgerton? – perguntou Mary, distraída.

Edwina assentiu.

– Sim.

– Ela sempre escreve sobre ele.

– Acho que ela apenas gosta de escrever sobre libertinos – comentou Edwina.

– É claro – retrucou Kate. – Se escrevesse sobre pessoas chatas, ninguém iria comprar o jornal.

– Isso não é verdade – replicou Edwina. – Na semana passada, ela escreveu sobre nós, e Deus sabe que não somos as pessoas mais interessantes de Londres.

Kate sorriu da ingenuidade da irmã. Kate e Mary podiam não ser as pessoas mais interessantes de Londres, mas Edwina, com os cabelos louros e os olhos de um azul-claro impactante, já estava sendo chamada de a Incomparável de 1814. Kate, por outro lado, com cabelos e olhos castanhos e comuns, era conhecida como “a irmã mais velha da Incomparável”.

Kate imaginava que podia haver apelidos piores. Pelo menos, ninguém ainda se referira a ela como “a irmã solteirona da Incomparável”, o que estava mais

próximo da verdade do que qualquer membro da família Sheffield gostaria de admitir. Aos 20 anos (quase 21, na verdade), Kate estava um pouquinho velha demais para aproveitar sua primeira temporada em Londres.

Mas não havia opção. Os Sheffields não tinham sido ricos nem quando o pai de Kate era vivo e, desde que ele falecera, cinco anos antes, a família fora forçada a economizar com mais afinco ainda. Sem dúvida, não havia motivo para irem para um abrigo, mas deviam se preocupar com cada *penny* e contar cada libra.

Com as dificuldades financeiras, os Sheffields só podiam arcar com uma ida a Londres. Alugar uma casa – e uma carruagem – e contratar o número mínimo de criados para a temporada era dispendioso. Não poderiam gastar tamanha quantia duas vezes. Na verdade, foi preciso economizar durante cinco anos inteiros para pagar a viagem. E se as garotas não conseguissem bons casamentos... bem, ninguém iria mandá-las para a prisão, mas elas seriam obrigadas a levar uma vidinha tranquila, de pobreza digna, em alguma encantadora casinha em Somerset.

Portanto, as duas jovens se viram forçadas a debutar na sociedade no mesmo ano. Ficara decidido que a época mais sensata seria assim que Edwina completasse 17 anos e Katie estivesse para fazer 21. Mary preferiria ter esperado até que a mais nova chegasse aos 18 anos e estivesse um pouco mais madura, mas aí a mais velha teria quase 22 e, céus, quem iria querer se casar com ela?

Kate deu um sorriso sem graça. Ela nem mesmo queria participar da temporada. Sempre soubera que não era o tipo que chamava a atenção da alta sociedade. Não era bonita o suficiente para superar a ausência de dote e nunca aprendera a dar sorrisos falsos, fingir delicadeza ou andar com passos suaves, e as outras garotas pareciam saber todas essas coisas desde o berço. Mesmo Edwina, que não tinha um único centímetro fora do lugar em todo o corpo, de alguma maneira sabia como se posicionar, caminhar e suspirar de modo que os homens trocassem socos apenas para ter a honra de ajudá-la a atravessar a rua.

Kate, por outro lado, sempre parava bastante ereta, mas não conseguia sentar-se imóvel nem que sua vida dependesse disso e andava como se estivesse participando de uma corrida. *E por que não?*, era o que sempre se perguntava. Se estamos indo a algum lugar, qual seria o propósito de não chegar lá rápido?

Quanto à sua estadia em Londres, ela nem gostava tanto assim da cidade. Ah, ela estava se divertindo bastante e conhecera algumas pessoas agradáveis, mas

uma temporada inteira ali parecia um grande desperdício de dinheiro para uma garota que teria ficado satisfeita em permanecer no campo e encontrar um homem responsável com quem se casar.

Mary, porém, jamais aceitaria isso.

– Quando me casei com seu pai – dissera –, prometi amá-la e educá-la com todo o cuidado e toda a afeição que dedicaria a um filho do meu próprio sangue.

Kate começara a responder com um simples “Mas...”, porém Mary continuara:

– Eu tenho responsabilidade para com sua pobre mãe, que sua alma descanse em paz, e parte dessa responsabilidade é ver você casada, feliz e com uma vida tranquila.

– Eu poderia ser feliz e viver com tranquilidade no campo – respondera Kate.

– Existem mais homens solteiros em Londres – retrucara Mary.

Depois que Edwina se juntara à conversa, insistindo que ficaria muito infeliz sem ela – e como Kate não podia suportar a ideia de ver a irmã triste –, seu destino fora selado.

E ali estava, sentada em uma sala de estar meio velha, em uma casa alugada num bairro quase proeminente de Londres, e....

Estava prestes a arrancar o jornal das mãos da irmã.

– Kate! – gritou Edwina, desviando os olhos do minúsculo triângulo de papel que restara entre o polegar e o indicador direito. – Eu ainda não tinha terminado!

– Você estava lendo há séculos – disse Kate com um sorriso arrogante. – Além disso, quero ver o que ela tem a dizer sobre o visconde Bridgerton hoje.

Os olhos de Edwina, que costumavam ser comparados a tranquilos lagos escoceses, brilharam diabolicamente.

– Você está *muito* interessada no visconde, Kate. Há alguma coisa que não tenha nos contado?

– Não seja ridícula. Eu nem conheço esse homem. E, se conhecesse, talvez corresse na direção oposta. Ele é o tipo de homem que nós duas deveríamos evitar a qualquer custo. Deve ser capaz de seduzir até um iceberg.

– Kate! – exclamou Mary.

Ela fez uma careta. Esquecera que a madrasta estava ali.

– Bem, é verdade – acrescentou. – Ouvi dizer que ele teve mais amantes que os anos que eu tenho de vida.

Mary fitou-a por alguns segundos, como se estivesse tentando decidir se

deveria responder ou não. Então disse:
– Não que esse seja um assunto apropriado a seus ouvidos, mas muitos homens tiveram amantes.
– Ah. – Kate enrubesceu. Não tinha graça nenhuma que a contradissessem justamente quando ela estava tentando falar algo importante. – Bem, então, ele já teve o dobro disso. A questão é que ele é muito mais promíscuo que a maioria dos homens e está longe de ser o tipo que Edwina deveria permitir que lhe fizesse a corte.
– *Você* também está disponível nesta temporada – recordou-lhe Mary.
Kate lançou um olhar irônico a Mary. Todos sabiam que, se o visconde decidisse cortejar uma Sheffield, não seria ela.
– Não acredito que haja algo no artigo que vá mudar sua opinião – falou Edwina, dando de ombros ao mesmo tempo que se inclinava na direção de Kate para ter uma visão melhor do jornal. – Ela não diz muita coisa a respeito *dele*, na verdade. É mais um tratado sobre os libertinos.
Kate passou os olhos pelo texto.
– Humpf – resmungou, usando sua melhor expressão de desprezo. – Aposto que ela tem razão. É muito provável que ele não cumpra seu papel este ano.
– Você sempre acha que Lady Whistledown está certa – murmurou Mary com um sorriso.
– Em geral, ela está – respondeu Kate. – A senhora precisa admitir que, para uma colunista de fofocas, ela demonstra um impressionante bom senso. Com certeza acertou em sua avaliação de todas as pessoas que conheci até agora em Londres.
– Você devia fazer seus próprios julgamentos, Kate – retrucou Mary com indiferença. – É uma vergonha basear suas opiniões em uma coluna de fofocas.
Kate sabia que a madrasta estava certa, mas não queria admitir, portanto, simplesmente emitiu outro “Humpf” e voltou a atenção para o jornal em suas mãos.
Sem dúvida, o *Whistledown* era a leitura mais interessante de toda Londres. Kate não sabia com exatidão quando se iniciara a coluna de fofocas – ouvira dizer que no ano anterior –, mas tinha certeza de uma coisa. Quem quer que Lady Whistledown fosse (e ninguém conhecia de fato sua identidade), era uma pessoa muito bem-relacionada na alta sociedade. Tinha que ser. Nenhum

intrometido poderia descobrir todas as fofocas que ela escrevia em suas colunas às segundas, quartas e sextas-feiras.

Lady Whistledown sempre tinha conhecimento dos boatos mais recentes e, ao contrário de outros colunistas, não hesitava em divulgar o nome completo das pessoas. Depois de decidir, na semana anterior, por exemplo, que Kate não ficava bem de amarelo, escrevera de forma clara como o dia: "A cor amarela faz a Srta. Kate Sheffield, de cabelos castanhos, parecer um narciso chamuscado."

Kate não se aborrecera com o insulto. Ela já ouvira, em mais de uma ocasião, que ninguém podia considerar que "tinha chegado" até ser ofendido por Lady Whistledown. Mesmo Edwina, que era um tremendo sucesso na sociedade, ficara enciumada por Kate ter sido escolhida como alvo.

E, embora Kate não tivesse desejado passar a temporada em Londres, imaginava que, se fosse obrigada a participar da agitação social, poderia muito bem não ser um completo fracasso. Se o fato de ser insultada em uma coluna de fofocas seria seu único sinal de sucesso, então, que fosse. Kate seria vitoriosa onde pudesse.

Quando Penelope Featherington se vangloriasse de ser comparada a uma fruta cítrica por causa de seu vestido de cetim laranja, Kate poderia levantar o braço, suspirar dramaticamente e dizer: "Sim, bem, eu sou um narciso amarelo chamuscado."

– Um dia – anunciou Mary do nada, ajeitando outra vez os óculos no rosto –, alguém vai descobrir a verdadeira identidade dessa mulher, e ela vai estar encrencada.

Edwina olhou para a mãe com interesse.

– A senhora acredita mesmo que alguém vai desvendar sua identidade? Ela consegue manter isso em segredo há mais de um ano.

– Nada tão importante assim pode permanecer secreto para sempre – retrucou Mary. Furou o bordado com a agulha e puxou um longo pedaço de fio amarelo através do tecido. – Escrevam o que digo. Cedo ou tarde, tudo vai ser descoberto e, quando for, um escândalo como vocês nunca viram vai irromper por toda a cidade.

– Bem, se eu soubesse quem ela é – anunciou Kate, virando a página do jornal –, acho que a consideraria minha melhor amiga. Ela é diabolicamente divertida. E não importa o que digam, está quase sempre certa.

Nesse momento, Newton, o cão Corgi um pouquinho acima do peso de Kate, entrou trotando na sala.

– Esse cachorro não deveria ficar lá fora? – indagou Mary.

Em seguida gritou o nome de Kate quando o cão se ajeitou aos seus pés e arfou como se esperasse um beijo.

– Newton, venha aqui agora! – ordenou Kate.

O cão lançou um olhar ansioso para Mary, depois andou gingando até Kate, pulou no sofá e pousou as patas dianteiras em seu colo.

– Ele está enchendo você de pelos – falou Edwina.

Kate deu de ombros ao afagar o pelo grosso, cor de caramelo.

– Eu não ligo.

Edwina suspirou, mas estendeu a mão e, com indiferença, deu um tapinha rápido em Newton.

– O que mais ela diz? – perguntou, inclinando-se para a frente com interesse. – Não consegui chegar à página dois.

Kate sorriu com o sarcasmo da irmã.

– Nada de mais. Algo sobre o duque e a duquesa de Hastings, que segundo ela chegaram à cidade no início da semana, a lista do bufê do baile de Lady Danbury, que declara ser "surpreendentemente delicioso", e uma infeliz descrição do vestido da Sra. Featherington na última segunda-feira.

Edwina franziu a testa.

– Ela parece implicar um pouco com os Featheringtons.

– Não é de admirar – observou Mary, pondo de lado o bordado e depois se levantando. – Aquela mulher não saberia escolher a cor do vestido das filhas nem se um arco-íris se enrolasse no pescoço dela.

– Mamãe! – exclamou Edwina.

Kate tapou a boca, tentando não rir. Era raro que Mary fizesse pronunciamentos dogmáticos, mas, quando fazia, eram sempre maravilhosos.

– Bem, é verdade. Ela continua vestindo a filha mais nova com aquela cor de tangerina. Qualquer um pode ver que a pobrezinha precisa de um azul ou verde-menta.

– A senhora me fez usar amarelo – recordou Kate.

– E lamento. Isso vai me ensinar a não dar ouvidos à vendedora. Nunca deveria ter duvidado de meu próprio julgamento. Vamos ter que fazer uma bainha

naquele vestido para Edwina.

Como ela era bem mais baixa que Kate e tinha uma cor muito mais delicada, isso não seria um problema.

– Quando fizer isso – disse Kate, virando-se para a irmã –, lembre-se de retirar o babado da manga. É bastante incômodo. E dá coceira. Eu quase o arranquei bem no meio do baile dos Ashbournes.

Mary revirou os olhos.

– Estou surpresa e, ao mesmo tempo, agradecida que você tenha decidido se controlar.

– Estou surpresa, mas não agradecida – comentou Edwina com um sorriso malicioso. – Basta pensar em como Lady Whistledown teria se divertido com isso.

– Ah, sim – afirmou Kate, retribuindo o sorriso. – Agora me dei conta. “O narciso amarelo chamuscado arranca suas pétalas.”

– Vou subir – anunciou Mary, balançando a cabeça ao ouvir as bobagens que as filhas diziam. – Tentem não esquecer que nós temos uma festa para ir hoje à noite. Talvez vocês queiram descansar um pouco antes de sair. Com certeza dormiremos tarde mais uma vez.

Kate e Edwina assentiram e prometeram descansar enquanto Mary guardava o bordado e deixava o recinto. Nem bem a mãe saiu, Edwina virou-se para Kate e perguntou:

– Você já decidiu que vestido vai usar hoje à noite?

– O verde de renda, acho. Eu deveria vestir branco, sabe, mas temo que não caia bem em mim.

– Se você não usar branco, eu também não vou usar. Vou com meu vestido de musselina azul – falou Edwina com lealdade.

Kate assentiu em sinal de aprovação e voltou os olhos para o jornal, tentando equilibrar Newton, que deitara de costas para que ela coçasse sua barriga.

– Na semana passada, o Sr. Berbrooke disse que você parecia um anjo de vestido azul. Por causa da cor dos seus olhos.

Edwina piscou, surpresa.

– O Sr. Berbrooke disse isso? Para você?

Kate ergueu os olhos.

– Claro. Todos os seus pretendentes tentam transmitir seus elogios através de

mim.

– Verdade? Por quê?

Lentamente, Kate abriu um sorriso indulgente.

– Bem, Edwina, isso pode ter alguma coisa a ver com o fato de você ter anunciado a todos os presentes no recital dos Smythe-Smiths que nunca se casaria sem a aprovação de sua irmã.

As bochechas de Edwina ficaram um pouco mais rosadas.

– Não a todos os presentes – murmurou ela.

– Poderia muito bem ter sido. A notícia se alastrou mais rápido que um incêndio. Eu nem estava no recinto nessa hora e só levou dois minutos para que a informação chegasse a meus ouvidos.

Edwina cruzou os braços e soltou um “Humpf”, que a fez soar como a irmã mais velha.

– Bem, é verdade, e não me importo com quem sabe disso. Sei que esperam que eu tenha um casamento grandioso e excepcional, mas não sou obrigada a me casar com alguém que vá me tratar mal. Qualquer um com determinação suficiente para realmente *impressioná-la* estaria à minha altura.

– Então sou tão difícil assim de impressionar?

As duas irmãs se entreolharam, em seguida responderam em uníssono:

– Sim.

Mas, enquanto Kate ria junto com Edwina, teve um incômodo sentimento de culpa. As três Sheffields sabiam que quem agarraria um nobre e sua fortuna seria Edwina. Seria a mais nova quem garantiria que a família não passaria o resto da vida em pobreza refinada. Edwina era bela, ao passo que Kate era...

Kate era Kate.

Ela não se importava. A beleza da irmã era simplesmente um fato da vida. Havia algumas verdades que Kate decidira aceitar fazia muito tempo. Nunca aprenderia a dançar uma valsa sem tentar conduzir o parceiro; sempre teria medo de tempestades de raios, por mais que dissesse a si mesma que estava sendo ridícula; e, não importava o que vestisse, quanto arrumasse o cabelo ou beliscasse as bochechas, nunca seria tão bela quanto Edwina.

Além disso, Kate não tinha muita certeza de que gostaria de toda a atenção que Edwina recebia. Nem, como estava percebendo, lhe agradaria a responsabilidade de ter de arranjar um bom casamento para sustentar a mãe e a irmã.

– Edwina – chamou Kate em voz baixa, e seu olhar se tornou sério –, você não precisa se casar com alguém de quem não goste. Sabe disso.

Edwina assentiu, parecendo de repente que ia chorar.

– Se decidir que não há um único solteiro em Londres bom o bastante para você, que seja. Voltaremos para Somerset e faremos companhia uma à outra. Não há ninguém de quem eu goste mais, de qualquer forma.

– Nem eu – murmurou Edwina.

– E se você encontrar um homem que a faça se apaixonar perdidamente, então Mary e eu ficaremos muito felizes. Você também não deve se preocupar por nos deixar. Aproveitaremos a companhia uma da outra.

– Você também poderia encontrar alguém com quem casar – observou Edwina.

Kate contorceu os lábios num pequeno sorriso.

– Poderia – permitiu-se dizer, sabendo que provavelmente não era verdade. Ela não queria continuar solteira por toda a vida, mas duvidava que fosse encontrar um marido em Londres. – Talvez um de seus admiradores se apaixone por mim ao perceber que você é inacessível – provocou.

Edwina bateu nela com uma almofada.

– Não seja tola.

– Eu não sou! – protestou Kate.

E não era. Para falar a verdade, essa lhe parecia a chance mais provável de conseguir um marido na cidade.

– Você sabe com que tipo de homem sonho em me casar? – indagou Edwina, com olhos subitamente sonhadores.

Kate balançou a cabeça.

– Com um erudito.

– Um erudito?

– Um erudito – respondeu Edwina com firmeza.

Kate pigarreou.

– Não tenho certeza de que você vai encontrar muitos deles na cidade durante a temporada.

– Eu sei. – Edwina deixou escapar um suspiro baixo. – Mas a verdade é que eu gosto bastante de ler e você sabe disso, ainda que eu não deva dizer em público. Prefiro passar o dia na biblioteca a ficar perambulando no Hyde Park. Acredito que deveria desfrutar a vida com um homem que gostasse tanto quanto eu de

pesquisas literárias.
– Certo. Hum... – A mente de Kate trabalhava de forma frenética. Também não era provável que Edwina encontrasse um erudito em Somerset. – Sabe, Edwina, pode ser difícil achar um autêntico erudito fora das cidades universitárias. Talvez você tenha que se arranjar com um homem que goste de ler e de aprender tanto quanto você.
– Não haveria problema – falou Edwina alegremente. – Eu ficaria muito satisfeita com um erudito amador.
Kate soltou um suspiro, aliviada. Sem dúvida, elas conseguiriam encontrar alguém, em Londres, que gostasse de ler.
– E sabe de uma coisa? – acrescentou Edwina. – Não podemos julgar as pessoas pelas aparências. Todos são eruditos amadores. A própria Lady Whistledown vive dizendo que, no fundo, até o tal visconde Bridgerton poderia ser um erudito.
– Morda a língua, Edwina. Você não vai ter nada com o visconde Bridgerton. Todos sabem que ele é o pior tipo de libertino. Na verdade, ele é o pior libertino de todos, ponto final. Em toda Londres. No país inteiro!
– Eu sei, estava apenas usando-o como exemplo. Além disso, não é provável que ele escolha uma noiva este ano, de qualquer forma. Lady Whistledown disse isso e você mesma afirmou que ela quase sempre está certa.
Kate deu um tapinha no braço da irmã.
– Não se preocupe. Nós encontraremos um marido adequado para você. Mas *não*, não, não, não, não, não o visconde Bridgerton!

Naquele exato momento, o tema da conversa das duas estava relaxando no White’s com dois dos três irmãos mais novos, desfrutando de uma bebida no fim da tarde.
Anthony Bridgerton recostou-se à cadeira de couro, fitou o uísque com uma expressão pensativa enquanto girava o copo e, em seguida, anunciou:
– Estou pensando em me casar.
Benedict Bridgerton, que estava praticando um hábito que a mãe detestava – inclinar a cadeira para trás –, começou a cair. Colin engasgou.
Para sorte de Colin, Benedict reequilibrou-se a tempo de bater com força nas

costas do irmão, fazendo uma azeitona verde passar voando por cima da mesa.

Por pouco ela não acertou a orelha de Anthony.

Anthony deixou o susto passar sem dizer uma palavra. Ele sabia muito bem que a declaração fora uma pequena surpresa.

Bem, talvez mais que uma pequena surpresa. “Completa”, “total” e “absoluta” seriam palavras mais adequadas.

Ele tinha consciência de que não combinava com a imagem de um homem que sossegaria. Passara a última década praticando o pior tipo de libertinagem, obtendo prazer onde pudesse. Como ele sabia muito bem, a vida era curta e, sem dúvida, deveria ser aproveitada. Ah, ele tinha um certo código de honra. Nunca se envolvia com mulheres de boa estirpe. Qualquer uma que se sentisse no direito de exigir casamento estava rigorosamente fora de seus limites.

Com quatro irmãs, Anthony tinha em alta conta a boa reputação das mulheres de boa família. Ele quase entrara num duelo em nome de uma de suas irmãs por causa de uma descortesia à sua honra. E, quanto às outras três... admitia que começava a suar frio só de pensar em vê-las envolvidas com um homem com uma reputação como a sua.

Não. Com certeza ele não iria espoliar a irmã mais nova de outro cavalheiro.

Mas, quanto ao outro tipo de mulheres, as viúvas e atrizes que sabiam o que queriam e onde estavam se metendo, ele se divertia com a companhia delas e fazia questão de aproveitar cada minuto. Desde o dia em que saíra de Oxford rumo a Londres, não deixara de ter uma amante.

Algumas vezes, pensou com ironia, não deixara de ter nem duas amantes.

Tinha participado de praticamente todas as corridas de cavalos que a sociedade tinha a oferecer, lutara boxe no Gentleman Jackson’s e vencera mais jogos de cartas do que podia contar. (Havia perdido alguns, também, mas não os levava em consideração.) Passara a década de seus 20 anos em uma busca cuidadosa do prazer, abrandada apenas por seu decisivo senso de responsabilidade perante a família.

A morte de Edmund Bridgerton fora, ao mesmo tempo, súbita e inesperada. Ele não tivera a chance de fazer um último pedido ao filho mais velho antes de perecer. Mas, se não fosse assim, Anthony estava certo de que haveria pedido que cuidasse da mãe e dos irmãos com a mesma diligência e afeição que Edmund lhes dirigira.

Por isso, entre as festas e as corridas de cavalos, enviara os irmãos a Eton e Oxford, fora a um número entediante de recitais de piano oferecidos pelas irmãs (o que não era tarefa fácil – três delas eram muito desafinadas) e estava sempre atento às finanças da família. Com sete irmãos e irmãs, considerara sua obrigação garantir que houvesse dinheiro suficiente para o futuro deles.

Ao se aproximar dos 30 anos, percebera que passava cada vez mais tempo dedicando-se à herança e à família e cada vez menos em busca de prazer. E gostava disso. Ainda mantinha uma amante, mas nunca mais de uma por vez, e descobrira que não sentia necessidade de entrar em todas as corridas de cavalos ou de ficar até tarde em uma festa apenas para ganhar a última mão de cartas.

Sua reputação, sem dúvida, permanecera com ele. Na verdade, ele não se importava. Havia certos benefícios em ser considerado o libertino mais censurável da Inglaterra. Quase todos o temiam, por exemplo.

Isso era sempre uma coisa boa.

Mas chegara a hora de se casar. Ele devia sossegar, ter um filho. Tinha um título a legar, afinal. Sentia uma pontada de arrependimento – e talvez também um toque de culpa – pois era improvável que vivesse para ver o filho adulto. Mas o que podia fazer? Era o primogênito de um Bridgerton que fora o primogênito de um Bridgerton, que fora o primogênito de um Bridgerton, remontando a oito gerações. Tinha a responsabilidade dinástica de crescer e se multiplicar.

Além disso, obtinha algum conforto em saber que deixaria três irmãos capazes e carinhosos. Eles cuidariam para que seu filho fosse criado com o amor e a honra de que todo Bridgerton desfrutava. Suas irmãs mimariam o garoto, e a mãe poderia estragá-lo...

Anthony chegou a abrir um sorriso discreto ao pensar na família grande e, muitas vezes, rude. O filho não precisaria de um pai para ser amado.

E qualquer criança que ele gerasse, bem, provavelmente não se lembraria dele depois que morresse. Seria jovem, imatura. Não havia escapado à atenção de Anthony que, de todos os filhos dos Bridgertons, ele, o mais velho, fora o mais afetado pela morte do pai.

Anthony tomou outro gole de uísque e endireitou os ombros, afastando tais ruminações da mente. Ele precisava se concentrar no assunto, ou seja, encontrar uma esposa.

Como era bastante organizado e perspicaz, fizera uma lista de exigências para a posição. Primeiro, a mulher deveria ser razoavelmente atraente. Não precisava ser uma beldade – embora isso fosse aceitável –, mas, se ele teria que se deitar com ela, imaginava que sentir certa atração sem dúvida tornaria a tarefa mais agradável.

Em segundo lugar, não podia ser burra. Essa, refletiu Anthony, talvez fosse a mais difícil das exigências. Não estava muito impressionado com as proezas mentais das debutantes de Londres. Na última vez em que cometera o erro de iniciar uma conversa com uma jovem recém-saída da escola, ela fora incapaz de falar de outra coisa além da comida (segurava um prato com morangos) e do tempo (nem mesmo entendera *isso* direito – quando Anthony perguntara se a mocinha acreditava que o tempo ia se tornar inclemente, ela respondera: “Não faço a menor ideia. Nunca estive em Clemente.”).

Ele conseguiria evitar conversar com uma esposa que não fosse muito inteligente, mas *não* queria filhos estúpidos.

Em terceiro lugar, e isso era o mais importante, ela não podia ser alguém por quem ele se apaixonasse de verdade.

Em nenhuma circunstância essa regra deveria ser infringida.

Anthony não era um cínico completo: sabia que o amor verdadeiro existia. Qualquer pessoa que tivesse ficado no mesmo cômodo com seus pais sabia disso.

Mas amor era uma complicação que ele preferia evitar. Não tinha desejo algum de presenciar esse milagre em particular na própria vida.

E, como Anthony se acostumara a conseguir o que queria, não tinha dúvida de que encontraria uma mulher atraente e inteligente por quem nunca se apaixonaria. E qual era o problema nisso? Era provável que ele não encontrasse o amor de sua vida mesmo se estivesse procurando por ele. A maioria dos homens não encontrava.

– Por Deus, Anthony, o que o fez franzir a testa assim? Decerto não foi aquela azeitona. Eu a vi com bastante clareza, e ela nem sequer tocou em você.

A voz de Benedict tirou-o de seus devaneios e Anthony piscou algumas vezes antes de responder:

– Nada. Absolutamente nada.

Claro que ele não compartilhara seus pensamentos sobre a própria mortalidade

com mais ninguém, nem com os irmãos. Não era o tipo de coisa que se quer anunciar. Ora, se alguém se aproximasse dele e lhe dissesse a mesma coisa, era quase certo que ele dispensaria a pessoa, rindo.

No entanto, ninguém mais sabia a profundidade da ligação que tinha com o pai. E ninguém poderia compreender o modo como Anthony a sentia no fundo de seu coração, como simplesmente sabia que não poderia viver mais que ele. Edmund fora tudo para ele. Sempre aspirara a ser um homem tão grande quanto o pai, sabendo que isso era improvável, embora continuasse tentando. Alcançar mais do que Edmund alcançara – de qualquer forma – era simplesmente impossível.

O pai de Anthony era, em poucas palavras, o maior homem que ele conhecera. Achar que poderia ser melhor que isso parecia muita pretensão.

Algo lhe acontecera na noite da morte de Edmund, quando permanecera no quarto dos pais com o corpo, apenas sentado lá horas a fio, observando-o e tentando com toda a força recordar cada momento que eles haviam passado juntos. Seria tão fácil esquecer as pequenas coisas – como Edmund apertava seu braço sempre que ele precisava ser encorajado, por exemplo. Ou como ele sabia recitar inteira, de cor, “Sigh No More”, de Balthazar, música da peça *Muito barulho por nada*, de Shakespeare, não porque a considerasse particularmente significativa, mas apenas porque gostava dela.

Quando Anthony enfim saíra do quarto, os primeiros raios da aurora conferiam uma coloração cor-de-rosa ao céu e ele, por alguma razão, sabia que seus dias estavam contados do mesmo modo que os de Edmund estiveram.

– Diga logo – falou Benedict, interrompendo suas divagações mais uma vez. – Não vou lhe oferecer um centavo por seus pensamentos, pois sei que eles não valem tanto, mas em que você está pensando?

De repente, Anthony sentou-se muito ereto, determinado a se concentrar de novo na questão que o incomodava. Afinal, ele tinha que escolher uma noiva, e isso decerto era uma questão séria.

– Quem é considerada o diamante da temporada? – indagou.

Os irmãos fizeram uma pausa para pensar e então Colin respondeu:

– Edwina Sheffield. Com certeza você já a viu. Bem pequena, com cabelos louros e olhos azuis. Em geral, você pode avistá-la perto do rebanho de admiradores que a segue por aí.

Anthony ignorou a tentativa do irmão para o humor sarcástico.

– Ela tem um cérebro?

Colin piscou, como se a pergunta sobre uma mulher com cérebro nunca tivesse lhe ocorrido.

– Sim, acho que sim. Uma vez eu a ouvi conversando sobre mitologia com Middlethorpe, e pareceu que ela sabia do que estava falando.

– Ótimo – retrucou Anthony, apoiando o copo de uísque na mesa com um baque surdo. – Então vou me casar com ela.

CAPÍTULO 2

Na quarta-feira à noite, no baile dos Heartsides, o visconde Bridgerton foi visto dançando com mais de uma jovem donzela. Esse comportamento só pode ser chamado de "surpreendente", já que Bridgerton costuma evitar senhoritas solteiras com uma perseverança que poderia ser impressionante, não fosse tão frustrante para todas as mamães casamenteiras.

Será que o visconde leu a coluna mais recente desta autora e, da maneira perversa que os machos de todas as espécies parecem confirmar, decidiu provar que ela está enganada?

Pode ser que a autora esteja atribuindo a si mesma muito mais importância do que tem de fato, mas decerto os homens já tomaram decisões baseadas em muito, muito menos.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
22 DE ABRIL DE 1814

Às onze horas daquela noite, todos os temores de Kate se concretizaram.

Anthony Bridgerton convidara Edwina para dançar.

Pior ainda: Edwina aceitara.

Pior ainda: Mary fitava o casal como se quisesse reservar uma igreja naquele instante.

– A senhora quer parar com isso? – sussurrou Kate, cutucando as costelas da madrasta.

– Parar com o quê?

– De olhar assim para eles!

Mary piscou.

– Assim como?

– Como se estivesse planejando o café da manhã do dia do casamento.
– Ah.
As bochechas da madrasta ficaram rosadas. Um rosado cheio de culpa.
– Mary! – censurou Kate.
– Bem, talvez eu estivesse – admitiu ela. – E o que tem de errado nisso, posso saber? Ele seria um partido e tanto para Edwina.
– A senhora ouviu o que eu disse hoje à tarde na sala? Já é bastante ruim que Edwina tenha libertinos e aventureiros farejando ao redor dela. A senhora não imagina quanto tempo levei separando os admiradores bons dos maus. Mas Bridgerton! – Kate estremeceu. – Provavelmente é o maior libertino de Londres. A senhora não pode querer casá-la com um homem como ele.
– Não se atreva a me dizer o que posso ou não fazer, Katharine Grace Sheffield – falou Mary com rispidez, empertigando-se até estar muito ereta e, ainda assim, ficando mais baixa que Kate. – Ainda sou sua mãe. Ou melhor, sua madrasta. Mas isso deve significar alguma coisa.
Kate sentiu-se como um verme. Mary era tudo o que ela conhecia como mãe e nunca, nem sequer uma vez, fizera Kate sentir-se menos sua filha que Edwina. Colocara-a na cama todas as noites, contara-lhe histórias, beijara-a, abraçara-a e ajudara-a a superar os difíceis anos entre a infância e a vida adulta. Só não pedira que Kate a chamasse de mãe.
– Significa – falou Kate baixinho, olhando envergonhada para os pés. – Significa muito. E a senhora é minha mãe. De todas as maneiras que importam.
Mary fitou-a por um longo tempo, então começou a piscar freneticamente.
– Ah, querida – falou com dificuldade, enfiando a mão na bolsinha para procurar um lenço. – Agora você se superou e transformou meus olhos num chafariz.
– Perdoe-me – murmurou Kate. – Ah, isso, vire-se para que ninguém a veja. Isso.
Mary retirou um pequeno quadrado de linho branco da bolsa e enxugou os olhos, azuis como os de Edwina.
– Eu amo você, Kate. Você sabe disso, não é?
– Claro que sei! – exclamou a jovem, chocada com a pergunta de Mary. – E a senhora sabe... a senhora sabe que eu...
– Eu sei. – Mary lhe deu um tapinha no braço. – Claro que sei. A questão é que,

quando se aceita ser a mãe de uma criança que não deu à luz, a responsabilidade é duas vezes maior. Você deve trabalhar ainda mais duro para garantir a felicidade e o bem-estar dela.

– Ah, Mary, eu a amo. E amo Edwina.

Quando Kate disse o nome da irmã, ela e a madrasta se viraram e fitaram a mais jovem das três no outro lado do salão de baile, em uma linda dança com o visconde. Como sempre, Edwina era uma visão graciosa e delicada. Os cabelos louros estavam presos no topo da cabeça, com alguns cachos soltos emoldurando o rosto, e ela era o símbolo da elegância ao se mover pelo salão.

O visconde, Kate notou com irritação, era um homem muito bonito. Vestindo preto e branco, ele evitava as cores espalhafatosas que haviam se tornado populares entre os membros mais afetados da alta sociedade. Era alto, tinha uma postura altiva e orgulhosa e cabelos cacheados e castanhos que lhe caíam sobre as sobrancelhas.

Era, ao menos na aparência, tudo o que um homem deve ser.

– Eles formam um belo casal, não é? – murmurou Mary.

Kate mordeu a língua. Literalmente.

– Ele é um pouco alto para ela, mas isso não deve ser um obstáculo insuperável, não é?

Kate entrelaçou as mãos com tanta força que as unhas feriram sua pele através das luvas de couro.

Mary sorriu. Um sorriso muito malicioso, pensou Kate, lançando à madrasta um olhar desconfiado.

– Ele dança bem, você não acha? – indagou a mais velha.

– Ele não vai se casar com Edwina! – explodiu Kate.

O sorriso de Mary evoluiu para uma risada.

– Estava me perguntando por quanto tempo você conseguiria manter o silêncio.

– Muito mais do que eu gostaria – retrucou Kate.

– Sim, isso estava claro.

– A senhora sabe que ele não é o tipo de homem que nós queremos para Edwina.

Mary inclinou levemente a cabeça para o lado e ergueu as sobrancelhas.

– Acho que a questão principal é se ele é o tipo de homem que *Edwina* quer para si.

– Ele não é! – respondeu Kate com irritação. – Justamente hoje ela me disse que queria se casar com um erudito. Um erudito! – Ela fez um sinal com a cabeça na direção do cretino de cabelos escuros que dançava com a irmã. – A senhora acha que ele parece um erudito?

– Não. No entanto, você também não parece uma competente aquarelista, mas eu sei que é.

Mary deu uma risadinha, o que sempre provocava Kate, e aguardou o que ela tinha a dizer.

– Reconheço – falou Kate por entre os dentes – que ninguém deve julgar uma pessoa apenas pela aparência, mas a senhora deve concordar que, de tudo o que ouvimos a respeito dele, o visconde Bridgerton não parece o tipo de homem que passa as tardes debruçado sobre livros antigos em uma biblioteca.

– Talvez não – refletiu Mary –, mas eu tive uma adorável conversa com a mãe dele no início da noite.

– Com a mãe dele? – Kate fez um esforço para continuar a conversa. – O que isso tem a ver?

Mary deu de ombros.

– Acho difícil acreditar que uma senhora tão graciosa e inteligente possa ter criado um filho que não seja o mais educado dos cavalheiros, apesar de sua reputação.

– Mas...

– Quando você tiver um filho – interrompeu Mary com arrogância –, vai entender o que quero dizer.

– Mas...

– Eu já disse – insistiu Mary de um modo que deixava claro que a interrompera de propósito – que você fica adorável nesse vestido de renda verde? Ainda bem que o escolhemos.

Kate olhou com uma expressão vazia para o vestido, perguntando-se por que diabo Mary mudara de assunto tão rápido.

– Essa cor fica muito bem em você. Lady Whistledown não vai chamá-la de folha de grama chamuscada na coluna de sexta-feira!

Kate fitou, desanimada, a madrasta. Talvez ela estivesse ficando com muito calor. O salão de baile estava lotado e o ar tornava-se cada vez mais denso.

Em seguida, sentiu o dedo de Mary cutucando-a e soube que havia algo mais

acontecendo.

– Sr. Bridgerton! – exclamou a mais velha de repente, com uma voz tão alegre quanto a de uma garotinha.

Horrorizada, Kate olhou para trás e viu um homem absurdamente bonito aproximar-se delas. Um homem absurdamente bonito que era absurdamente parecido com o visconde, que, no momento, dançava com sua irmã.

Ela engoliu em seco. Era isso ou ficar boquiaberta.

– Sr. Bridgerton! – falou Mary mais uma vez. – Que bom ver o senhor! Essa é minha filha, Katharine.

Ele pegou a mão frouxa calçada com luva e beijou-lhe com delicadeza os nós dos dedos. Com tanta delicadeza, na verdade, que Kate chegou a suspeitar que ele não beijara de fato.

– Srta. Sheffield – murmurou ele.

– Kate – continuou Mary –, esse é o Sr. Colin Bridgerton. Eu o conheci agora há pouco, quando conversava com a mãe dele. – Ela virou-se para Colin e sorriu. – Uma senhora adorável.

Ele retribuiu o sorriso.

– Nós também achamos.

Mary deu uma risadinha abafada. Abafada! Kate achou que ela fosse ter falta de ar.

– Kate – chamou Mary mais uma vez –, o Sr. Bridgerton é irmão do visconde. Que está dançando com Edwina – acrescentou, sem necessidade.

– Eu sei – disse Kate.

Colin Bridgerton lançou-lhe um olhar de esguelha e ela percebeu no mesmo instante que não lhe passara despercebido o leve sarcasmo em sua voz.

– É um prazer conhecê-la, Srta. Sheffield – falou com educação. – Espero que a senhorita me conceda uma de suas danças hoje.

– Eu... Claro. – Ela pigarreou. – Seria uma honra.

– Kate – disse Mary, cutucando-a de leve –, mostre-lhe seu cartão de dança.

– Ah! Sim, claro.

Kate se remexeu, procurando o cartão de dança que estava muito bem amarrado em seu pulso com uma fita vermelha. Que ela precisasse se remexer para procurar algo que, na verdade, fora amarrado ao corpo era um pouco alarmante, mas Kate decidiu culpar sua falta de compostura pelo aparecimento súbito e

inesperado de um irmão até então desconhecido dos Bridgertons.

Isso e a circunstância infeliz de que, mesmo na melhor das condições, ela nunca era a garota mais graciosa no salão.

Colin escreveu seu nome para uma das danças no fim da noite, em seguida perguntou se ela gostaria de caminhar com ele até a mesa da limonada.

– Vá, vá – falou Mary, antes que a enteada pudesse responder. – Não se preocupe comigo. Ficarei muito bem sem você.

– Vou lhe trazer um copo de limonada – ofereceu Kate, tentando imaginar se seria possível olhar de cara feia para a madrasta sem que o Sr. Bridgerton percebesse.

– Não é necessário. Eu deveria, na verdade, voltar ao meu lugar, com todos os acompanhantes e mamães. – Mary olhou de um lado para outro de maneira frenética até avistar um rosto familiar. – Ah, veja, lá está a Sra. Featherington. É melhor eu ir andando. Portia! Portia!

Kate viu o vulto da madrasta bater em retirada antes de se virar para o Sr. Bridgerton.

– Acho – falou secamente – que ela não quer limonada.

Um lampejo de humor brilhou nos olhos verde-esmeralda dele.

– Ou não quer ou está planejando percorrer todo o caminho até a Espanha para colher os limões com as próprias mãos.

A contragosto, Kate riu. Ela não queria gostar do Sr. Colin Bridgerton. Nem de nenhum homem da família dele, depois de tudo o que havia lido no jornal sobre o visconde. Mas reconhecia que não era justo julgar um homem pelas más ações do irmão, então fez um esforço para relaxar um pouco.

– E o senhor está com sede ou estava apenas sendo educado? – indagou.

– Sou sempre educado – respondeu ele com um sorriso malicioso –, mas também estou com sede.

Kate fitou aquele sorriso – a forma mortal como se combinava aos olhos de um verde devastador – e quase gemeu.

– Você também é um libertino – falou com um suspiro.

Colin engasgou. Ela não soube o porquê, mas, de todo modo, ele engasgou.

– Como disse?

Kate ficou ruborizada ao perceber, com horror, que falara em voz alta.

– Ah, por favor, desculpe-me. Isso foi imperdoavelmente rude.

– Não, não – respondeu ele depressa, parecendo muito interessado. – Continue, por favor.

Kate engoliu em seco. Não havia meio de escapar.

– Eu estava só... – Ela pigarreou. – Se me permite ser franca...

Ele assentiu e o sorriso malicioso lhe dizia que não podia imaginá-la sendo outra coisa *além* de franca.

Kate pigarreou mais uma vez. Aquilo estava ficando ridículo. Ela parecia ter engolido uma rã.

– Ocorreu-me que você poderia ser parecido com seu irmão, só isso.

– Meu irmão?

– O visconde – respondeu ela, acreditando que devia ser óbvio.

– Tenho três irmãos – explicou ele.

– Ah. – Agora ela se sentia tola. – Desculpe-me.

– Também peço desculpas – falou ele com grande emoção. – Na maior parte do tempo, eles são um terrível incômodo.

Kate teve que tossir para disfarçar a surpresa.

– Mas pelo menos você não me comparou a Gregory – comentou ele com um suspiro dramático de alívio. Lançando-lhe um olhar insolente de esguelha, completou: – Ele tem 13 anos.

Kate percebeu o humor nos olhos dele e se deu conta de que ele estivera brincando o tempo todo. Não se tratava de um homem que não gostava dos irmãos.

– O senhor é bastante dedicado à família, não é? – indagou ela.

Os olhos dele, divertidos durante toda a conversa, tornaram-se bastante severos.

– Completamente.

– Eu também – falou Kate, decidida.

– E o que isso significa?

– Significa – respondeu ela, sabendo que deveria refrear a própria língua, mas continuando a falar – que não permitirei que ninguém parta o coração de minha irmã.

Colin permaneceu em silêncio por um momento, então virou a cabeça para observar Edwina e o irmão, que acabavam a dança naquele momento.

– Entendo – murmurou ele.

– Entende?

– Ah, claro.

Chegaram à mesa de limonada e ele estendeu a mão para pegar dois copos, oferecendo-lhe um em seguida. Ela já havia tomado três copos naquela noite e tinha certeza de que Mary sabia disso quando insistira que bebesse mais um pouco. Mas estava quente no salão de baile (como sempre em qualquer salão de baile) e ela tinha sede de novo.

Colin tomou um gole bem devagar, observando-a sobre a borda do copo, e depois falou:

– Meu irmão está determinado a sossegar este ano.

Ela também podia jogar esse jogo, pensou Kate. Ela tomou um gole da limonada, bem devagar também, antes de dizer:

– Verdade?

– Sem dúvida, é algo que estou em condição de saber.

– Ele é considerado um libertino.

Colin fitou-a com um ar avaliador.

– É verdade.

– É difícil imaginar um aventureiro tão conhecido casando-se e sendo feliz no casamento.

– A senhorita parece ter pensado bastante nessa possibilidade, Srta. Sheffield.

Ela ergueu os olhos para o rosto dele e o encarou com franqueza.

– Seu irmão não é o primeiro homem de caráter questionável a cortejar minha irmã, Sr. Bridgerton. E, posso lhe garantir, levo a felicidade dela muito a sério.

– Com certeza qualquer garota seria feliz ao se casar com um cavalheiro com título e riqueza. Não é para isso que servem as temporadas em Londres?

– Talvez – admitiu Kate –, no entanto, temo que essa linha de pensamento não trate do verdadeiro problema em questão.

– E qual seria?

– Que um marido pode partir um coração com muito mais intensidade que um mero admirador. – Ela sorriu brevemente. Era um sorriso astucioso. Em seguida, acrescentou: – O senhor não acha?

– Como nunca me casei, não estou em condição de especular.

– Que vergonha, Sr. Bridgerton. Esse foi o pior tipo de desculpa.

– Foi? Eu acreditei que poderia ser o melhor. Sem dúvida, estou perdendo o

jeito.
– Temo que isso nunca será uma preocupação.
Kate terminou a limonada. Era um copo pequeno. Lady Hartside, a anfitriã, era notoriamente econômica.
– A senhorita é muito gentil – comentou ele.
Ela sorriu. Dessa vez era um sorriso sincero.
– Eu quase nunca sou acusada disso, Sr. Bridgerton.
Ele riu. Em alto e bom som, bem no meio do salão de baile. Com desconforto, Kate percebeu que de repente eles eram objeto de numerosos olhares curiosos.
– A senhorita – continuou ele em um tom divertido – precisa conhecer meu irmão.
– O visconde? – indagou com desconfiança.
– Bem, a companhia de Gregory também lhe agradará – admitiu –, mas, como eu disse, ele tem apenas 13 anos e é provável que coloque um sapo em sua cadeira.
– E o visconde?
– Acho que não colocará um sapo em sua cadeira – falou, com uma expressão muito séria.
Kate não soube como conseguiu prender a risada. Totalmente séria, respondeu:
– Entendo. Ele tem algo muito importante a seu favor, nesse caso.
Colin sorriu.
– Meu irmão não é tão mau assim.
– Fico muito aliviada. Já vou começar a planejar o café da manhã do casamento.
Colin entreabriu a boca, um pouco aturdido.
– Eu não quis dizer... A senhorita não deveria... Quero dizer, fazer isso será prematuro...
Kate compadeceu-se dele e explicou:
– Eu estava brincando.
Colin corou levemente.
– Claro.
– Agora, se o senhor me der licença, preciso me retirar.
Ele ergueu uma das sobrancelhas.
– A senhorita não vai embora tão cedo assim, não é, Srta. Sheffield?

– De jeito nenhum. – Mas ela não ia lhe dizer que tinha de se aliviar. Quatro copos de limonada costumavam ter essa consequência. – Prometi a uma amiga que a encontraria.

– Foi um prazer. – Ele fez uma pequena mesura. – Posso acompanhá-la até seu destino?

– Não, obrigada. Ficarei muito bem sozinha.

E com um sorriso por cima do ombro, deixou o salão de baile.

Colin observou-a sair com uma expressão pensativa, em seguida abriu caminho até o irmão mais velho, que estava apoiado em uma parede com os braços cruzados de maneira beligerante.

– Anthony! – chamou, dando um tapinha nas costas dele. – Como foi a dança com a adorável Srta. Sheffield?

– Ela servirá – respondeu ele bruscamente.

Ambos sabiam o que isso significava.

– É mesmo? Nesse caso, você deveria conhecer a irmã dela.

– Deveria conhecer quem?

– A irmã dela – repetiu Colin, começando a rir. – Você precisa conhecer a irmã dela.

Vinte minutos depois, Anthony estava confiante de que Colin já lhe contara toda a história de Edwina Sheffield. E parecia que o caminho para o coração e a mão dela passavam pela irmã.

Aparentemente, Edwina Sheffield não se casaria sem a aprovação da irmã mais velha. De acordo com Colin, isso era do conhecimento de todos havia pelo menos uma semana, desde que Edwina o anunciara no recital anual dos Smythe-Smiths. Os irmãos Bridgertons não haviam assistido a essa declaração porque evitavam os recitais dos Smythe-Smiths como se fossem a peste (assim como todas as pessoas com alguma afeição por Bach, Mozart ou pela música em geral).

A irmã mais velha de Edwina, Katharine Sheffield, mais conhecida como Kate, também estava debutando naquela temporada, embora tivesse quase 21 anos. Isso levou Anthony a acreditar que os Sheffields deviam estar entre os menos ricos da alta sociedade, algo que o deixou feliz. Ele não tinha necessidade de

uma noiva com um grande dote, e uma *sem* dote poderia precisar mais ainda *dele*.

Anthony queria usar todas as suas vantagens.

Ao contrário de Edwina, Kate não arrebatara a alta sociedade. Colin lhe contara que ela era estimada por todos, mas não tinha a beleza deslumbrante da irmã. Era alta e morena, bem diferente de Edwina, que era baixa e loura. Também não tinha a graça ofuscante da mais nova. De acordo com Colin (que, embora tivesse chegado havia pouco tempo a Londres para a temporada, era uma verdadeira fonte de informações e fofocas), mais de um cavalheiro afirmara ter ficado com os pés doendo depois de uma dança com ela.

Toda aquela situação parecia um pouco absurda a Anthony. Afinal, quem já ouvira falar de uma garota pedindo a aprovação da irmã na escolha do marido? Um pai, um irmão ou mesmo a mãe, sim, mas a irmã? Era incompreensível. E, além disso, parecia estranho que Edwina quisesse a orientação da mais velha, considerando que Katharine evidentemente não sabia de nada em relação à alta sociedade.

Mas Anthony não queria procurar outra candidata adequada a quem cortejar, então chegou à conveniente conclusão de que isso apenas significava que Edwina considerava a família algo importante. E, como essa também era a opinião dele, era mais uma indicação de que ela seria uma excelente opção como esposa.

Agora, parecia que só precisava cativar a irmã. E isso não seria difícil.

– Você não terá problemas em conquistá-la – antecipou Colin, com um sorriso confiante iluminando-lhe o rosto. – Nenhum problema. Uma moça solteira na idade dela, e tímida ainda por cima? Nunca deve ter recebido a atenção de um homem como você. Não vai nem saber o que a atingiu.

– Não quero que ela se apaixone por mim – retrucou Anthony. – Só que me recomende à irmã.

– Você não vai falhar – disse Colin. – De jeito nenhum. Confie em mim. Passei alguns minutos conversando com ela agora há pouco e ela não parava de falar a seu respeito.

– Ótimo. – Anthony afastou-se da parede e lançou um olhar determinado ao redor. – Então, onde ela está? Você precisa nos apresentar.

Colin perscrutou o salão por cerca de um minuto e falou:

– Ah, lá está. E inclusive está se encaminhando para cá. Que coincidência maravilhosa.

Anthony começava a acreditar que nada relacionado ao irmão mais novo era coincidência, mas ainda assim decidiu acompanhar seu olhar.

– Qual delas?

– A de verde – respondeu Colin, indicando Kate com um discreto gesto com o queixo.

Anthony percebeu, ao observá-la abrir caminho entre a multidão, que ela não era, em absoluto, o que ele esperava. Com certeza não era uma amazona com um exército de macacos – apenas quando comparada a Edwina, que mal chegava a 1,50 metro, ela parecia muito alta. Na verdade, a Srta. Katharine Sheffield tinha uma aparência muito agradável, com cabelos castanhos volumosos e olhos escuros. A pele era clara, os lábios, rosados, e ela tinha um ar de confiança que Anthony não podia deixar de considerar atraente.

Era evidente que ela nunca seria um diamante da mais alta qualidade, mas Anthony não entendia por que ela não deveria conseguir encontrar um marido. Talvez, após se casar com Edwina, ele providenciasse um dote para ela. Era o mínimo que um homem poderia fazer.

Ao lado dele, Colin deu um passo à frente, forçando caminho entre a multidão.

– Srta. Sheffield! Srta. Sheffield!

Anthony seguiu o irmão, preparando-se mentalmente para encantar a irmã mais velha de Edwina. Uma solteira subestimada, não é? Logo ela estaria comendo em sua mão.

– Srta. Sheffield – disse Colin –, que prazer em vê-la mais uma vez.

Ela pareceu um pouco perplexa, e Anthony não a culpou. Colin agiu como se tivessem se esbarrado por acaso, quando todos sabiam que ele pisara no pé de pelo menos meia dúzia de pessoas para chegar até ela.

– É ótimo revê-lo também, senhor – respondeu Kate com ironia. – E bastante inesperado, já que faz tão pouco tempo que nos encontramos...

Anthony riu consigo mesmo. Ela era mais inteligente do que o tinham feito acreditar.

Colin sorriu de modo cativante e ele teve a nítida e inquietante impressão de que seu irmão estava planejando alguma coisa.

– Não sei por quê – disse Colin à Srta. Sheffield –, mas de repente pareceu-me

muito importante apresentá-la a meu irmão.
Ela olhou abruptamente para o lado direito de Colin e, ao ver Anthony, ficou rígida. Paralisada, na verdade.
Que estranho, pensou Anthony.
– É muito gentil de sua parte – murmurou a Srta. Sheffield entre dentes.
– Srta. Sheffield, esse é meu irmão Anthony, visconde Bridgerton – continuou Colin alegremente, fazendo um gesto na direção do irmão. – Anthony, essa é a Srta. Katharine Sheffield. Acredito que você tenha conhecido a irmã dela mais cedo.
– De fato – respondeu Anthony, sendo tomado por um desejo opressivo, na verdade uma *necessidade*, de estrangular o irmão.
A Srta. Sheffield fez uma rápida e estranha mesura.
– Lorde Bridgerton – falou –, é uma honra conhecê-lo.
Colin fez um ruído que soou como um resfolegar. Ou, talvez, uma risada. Ou ambos.
E de repente Anthony *percebeu*. Se tivesse olhado para o rosto do irmão, tudo teria ficado claro. Não se tratava de uma solteira tímida, reservada e subestimada. E o que quer que ela tivesse dito antes a Colin, não foram elogios a ele.
O fratricídio era permitido por lei na Inglaterra, não era? Pelo menos, deveria.
Anthony percebeu, tarde demais, que a Srta. Sheffield estendera a mão para ele educadamente. Ele a segurou e beijou-lhe os nós dos dedos por cima da luva.
– Srta. Sheffield – murmurou sem pensar –, a senhorita é tão adorável quanto sua irmã.
Se antes ela parecera desconfortável, agora sua postura tornara-se hostil. E Anthony notara, com arrependimento, que dissera *justo* a coisa errada. Decerto ele não deveria tê-la comparado à irmã. Era o único elogio no qual ela jamais acreditaria.
– E o senhor, lorde Bridgerton – respondeu num tom que poderia ter congelado o champanhe –, é quase tão belo quanto seu irmão.
Colin resfolegou de novo, mas dessa vez soou como se estivesse sendo estrangulado.
– O senhor está bem? – indagou a Srta. Sheffield.
– Ele está bem – rosnou Anthony.

Kate o ignorou, mantendo a atenção em Colin.

– Tem certeza?

Colin assentiu com veemência.

– Foi só uma coceira na garganta.

– Ou talvez seja sua consciência culpada – sugeriu Anthony.

Colin virou-se do irmão para Kate.

– Acho que preciso de outro copo de limonada – disse com um suspiro.

– Ou talvez algo mais forte – completou Anthony. – Que tal cicuta?

A Srta. Sheffield cobriu a boca com a mão, provavelmente para abafar o riso horrorizado.

– A limonada vai resolver – respondeu Colin baixinho.

– O senhor gostaria que eu lhe trouxesse um copo? – perguntou ela.

Anthony percebeu que ela já dera um passo à frente, procurando uma desculpa para sair dali.

Colin balançou a cabeça.

– Não, não. Posso fazer isso sozinho. Mas acredito ter reservado a próxima dança com a senhorita.

– Não tem importância – falou Kate, gesticulando com a mão.

– Ora, mas eu nunca me perdoaria se a deixasse sem companhia.

Anthony percebeu a preocupação crescente da Srta. Sheffield diante do brilho diabólico nos olhos de Colin. Ele sentia um prazer muito cruel com tudo aquilo. Sua reação era, ele sabia, um tanto desproporcional. Mas algo na Srta. Katharine Sheffield mexia com ele e o tornava *irritante* para confrontá-la.

E vencer. Isso não era nem necessário dizer.

– Anthony – disse Colin, soando tão inocente e sincero que o irmão não poderia, de modo algum, matá-lo ali mesmo –, você não está ocupado para esta dança, está?

Ele não disse nem uma palavra, apenas lançou-lhe um olhar severo.

– Ótimo. Então você dançará com a Srta. Sheffield.

– Por favor, isso não é necessário – falou Kate bruscamente.

Anthony fez uma careta para o irmão, em seguida para a Srta. Sheffield, que o fitava como se ele tivesse pilhado dez virgens em sua presença.

– Ora, é, sim – falou Colin de uma forma bastante dramática, ignorando a tensão que fluía entre os três. – Eu jamais sonharia em abandonar uma jovem em

um momento de necessidade. Seria – completou, dando de ombros – muito impróprio.

Anthony pensou seriamente em agir de modo muito impróprio. Talvez plantando o punho fechado no rosto do irmão.

– Posso lhe garantir – disse a Srta. Sheffield – que ser deixada por conta própria seria preferível a dan...

Chega, pensou Anthony. Era o bastante. O próprio irmão pregara-lhe uma peça, e ele não suportaria ficar de braços cruzados enquanto era insultado pela irmã mais velha e *solteira* de Edwina, com sua língua afiada.

– Permita-me impedi-la de cometer um equívoco horrível, Srta. Sheffield.

Ela empertigou-se. Como, ele não sabia – suas costas já estavam muito eretas.

– O que disse?

– Acredito – respondeu ele em voz baixa – que a senhorita estava prestes a falar algo do qual poderia se arrepender em breve.

– Não – retrucou ela, com uma expressão pensativa. – Não acredito que arrependimentos estejam no meu futuro.

– Mas estarão – respondeu ele em tom sinistro.

Em seguida, segurou o braço dela e praticamente a arrastou para o meio do salão de baile.

CAPÍTULO 3

O visconde Bridgerton também foi visto dançando com a Srta. Katharine Sheffield, a irmã mais velha da loura Edwina. Isso só pode significar uma coisa, pois não escapou à atenção desta autora que a Srta. Katharine tem sido muito requisitada no salão de dança desde que a Srta. Edwina fez o estranho e inédito anúncio no recital dos Smythe-Smiths, na semana passada.

Quem já ouviu falar de uma garota que precise da permissão da irmã para escolher um marido?

E, talvez mais importante, quem decidiu que "Smythe-Smith" e "recital" podem ser usados na mesma frase? Esta autora compareceu a um desses encontros no passado e não ouviu nada que pudesse denominar-se eticamente "música".

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
22 DE ABRIL DE 1814

Não havia nada que ela pudesse fazer, Kate percebeu com desânimo. Ele era um visconde e ela era uma ninguém de Somerset, e ambos estavam no meio de um salão de baile lotado. Não importava se ela antipatizara com o visconde à primeira vista. *Teria* que dançar com ele.

– Não precisa me arrastar – sibilou.

Ele fez um gesto amplo ao soltar o braço dela.

Kate cerrou os dentes e prometeu a si mesma que aquele homem nunca se casaria com sua irmã. Seus modos eram extremamente frios e ele tinha um ar superior. Também era lindo, concedeu ela, com aqueles olhos castanhos aveludados que combinavam à perfeição com os cabelos. Era alto – com cerca de 1,85 metro – e os lábios, embora de uma beleza clássica (Kate havia estudado

arte o suficiente para se considerar qualificada para fazer tal avaliação), eram estreitos nos cantos, como se ele não soubesse sorrir.

– Agora, então – disse ele ao dar os primeiros passos de dança –, suponho que a senhorita vá me dizer por que me odeia.

Kate pisou-lhe o pé. Por Deus, ele era direto.

– Como?

– A senhorita não precisa me mutilar, Srta. Sheffield.

– Foi um acidente, eu lhe asseguro.

E *fora*, embora ela não tivesse se importado com essa demonstração em particular de sua falta de graça.

– Por que acho difícil acreditar na senhorita?

A sinceridade, decidiu Kate sem perda de tempo, seria sua melhor estratégia. Se ele podia ser direto, então ela também podia.

– Provavelmente – respondeu com um sorriso malicioso – porque o senhor sabe que, se tivesse me ocorrido pisar no seu pé de propósito, eu o teria feito.

Ele jogou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Não era o tipo de reação que ela havia esperado. Na verdade, não tinha ideia de que tipo de reação esperara, mas *com certeza* não era nada parecido com aquilo.

– O senhor vai parar, milorde? – murmurou ela com urgência. – As pessoas estão começando a olhar.

– Todos já começaram a olhar há dois minutos – retrucou ele. – Não é com frequência que um homem como eu dança com uma mulher como a senhorita.

Em meio à troca de farpas, esse tinha sido um golpe bem dado, mas, infelizmente para ele, impróprio também.

– Não é verdade – respondeu ela com desenvoltura. – Decerto o senhor não é o primeiro dos idiotas enamorados de Edwina a tentar conquistá-la através de mim.

Ele sorriu.

– Não admiradores, mas idiotas?

Ela o encarou e ficou surpresa ao ver divertimento sincero nos olhos dele.

– Com certeza o senhor não vai me entregar uma isca tão deliciosa assim, não é, milorde?

– E, ainda assim, a senhorita não a mordeu – refletiu ele.

Kate baixou os olhos para ver se havia algum modo discreto de voltar a pisar

no pé dele.

– Minhas botas são bastante grossas, Srta. Sheffield – observou ele.

Kate levantou a cabeça de novo, surpresa.

Ele deu um sorriso de escárnio.

– E meus olhos são bastante rápidos.

– Parece que sim. A partir de agora terei que prestar atenção em todos os meus passos a seu lado.

– Meu Deus – falou ele devagar –, isso foi um elogio? Talvez eu não resista ao choque.

– Se o senhor quiser considerar um elogio, tem minha permissão – respondeu ela distraidamente. – É provável que não receba muitos.

– Assim a senhorita me machuca.

– Isso significa que seus sentimentos não são tão grossos quanto suas botas?

– Ah, nem de longe.

Ela riu antes mesmo de perceber que estava se divertindo.

– Acho difícil de acreditar.

Ele esperou que o sorriso desaparecesse de seu rosto, então falou:

– A senhorita não respondeu à minha pergunta. Por que me odeia?

Kate arquejou. Ela não esperava que ele fosse repetir a pergunta. Ou, pelo menos, torcia para que não o fizesse.

– Não o odeio, milorde – respondeu, escolhendo as palavras com muito cuidado. – Eu nem o conheço.

– Conhecer raramente é um pré-requisito para odiar – retrucou ele em voz baixa, encarando-a com aqueles olhos fatais. – Ora, Srta. Sheffield, a senhorita não me parece covarde. Responda à pergunta.

Por um minuto inteiro, Kate manteve-se em silêncio. Era verdade, ela não se sentia disposta a gostar daquele homem. *Com certeza* não permitiria que ele cortejasse Edwina. Não acreditava nem por um segundo que ex-libertinos dessem bons maridos. Nem tinha certeza de que poderia existir um ex-libertino, para começo de conversa.

Mas ele poderia ter conseguido superar seus preconceitos. Poderia ter sido encantador, sincero e direto, e convencê-la de que as histórias a seu respeito no *Whistledown* eram um exagero, e que ele não era o pior patife que Londres já vira desde a virada do século. Poderia tê-la convencido de que obedecia a um

código de honra, de que era um homem honesto e de princípios...

Se não a tivesse comparado a Edwina.

Pois nada poderia ter sido tão mentiroso. Ela sabia que não era feia – seu rosto e suas formas eram agradáveis. Mas era simplesmente impossível ser comparada a Edwina em termos de beleza. A mais nova era um verdadeiro diamante de primeira grandeza, enquanto Kate nunca seria nada além de comum e apagada.

E, se aquele homem estava dizendo outra coisa, então havia algum motivo por trás disso, pois era óbvio que não era cego.

Ele poderia ter lhe oferecido um elogio vazio qualquer, e ela o teria aceitado como a gentileza de um cavalheiro. Ela poderia ter ficado lisonjeada se suas palavras tivessem, de alguma forma, se aproximado da verdade. Mas compará-la a Edwina...

Kate adorava a irmã. De verdade. E sabia, melhor que ninguém, que o coração dela era tão belo e radiante quanto suas feições. Kate não sentia inveja, mas ainda assim... de alguma maneira, a comparação atingiu o alvo.

– Não o odeio – respondeu, afinal. Fixou os olhos no queixo dele, mas, como não tinha paciência para a covardia, especialmente em si mesma, forçou-se a encará-lo quando acrescentou: – Mas descobri que não posso gostar do senhor.

Alguma coisa nos olhos do visconde deixou claro que ele apreciava sua sinceridade.

– E por quê? – indagou em voz baixa.

– Posso ser franca?

– Por favor.

– O senhor está dançando comigo agora porque deseja cortejar minha irmã. Isso não me aborrece – apressou-se em lhe assegurar. – Estou muito acostumada a receber atenção dos admiradores de Edwina.

Era evidente que Kate não estava atenta à dança. Anthony tirou o pé do caminho antes que ela voltasse a machucá-lo. Percebeu com interesse que agora ela se referira a eles como admiradores, não como idiotas.

– Por favor, continue – murmurou ele.

– O senhor não é o tipo de homem com quem eu gostaria de ver minha irmã se casar – falou. Ela era direta, e os olhos castanhos e inteligentes não se desviavam dos dele. – O senhor é um libertino. Um patife. Na verdade, é conhecido por ser as duas coisas. Eu jamais permitiria que minha irmã ficasse a menos de 3 metros

do senhor.
– E, ainda assim – retrucou ele com um sorrisinho malicioso –, eu valsei com ela hoje.
– Isso não se repetirá, posso lhe garantir.
– E é seu papel decidir o destino de Edwina.
– Ela confia em meu julgamento – disse Kate com afetação.
– Entendo – falou ele no tom mais misterioso que conseguiu. – Isso é muito interessante. Pensei que Edwina fosse adulta.
– Mas ela só tem 17 anos!
– E a senhorita é tão mais velha aos, digamos, 20 anos?
– Vinte e um – retrucou ela.
– Ah, e isso faz da senhorita uma especialista nos homens e, em particular, nos maridos. Sobretudo porque é muito bem-casada, não é?
– O senhor sabe que não me casei – respondeu ela.
Anthony reprimiu a vontade de rir. Por Deus, era *divertido* irritá-la.
– Acredito – falou, pronunciando as palavras bem devagar e de forma provocativa – que a senhorita deve achar relativamente fácil lidar com a maioria dos homens que vai bater à sua porta atrás de sua irmã. Não é verdade?
Ela manteve um silêncio frio.
– Não é?
Finalmente, ela fez um aceno breve com a cabeça.
– Como imaginei – murmurou ele. – A senhorita parece o tipo que acharia mesmo.
Ela lançou-lhe um olhar tão severo que foi a única coisa que o impediu de rir. Se não estivessem dançando, provavelmente ele teria levado a mão ao queixo em sinal de reflexão. Mas, com as mãos ocupadas, ele inclinou a cabeça para o lado e ergueu a sobrancelha.
– Mas também acredito – acrescentou – que a senhorita cometeu um grave erro ao pensar que poderia lidar *comigo*.
Kate ficou furiosa, mas fez um esforço para dizer:
– Não tenciono lidar com o senhor, milorde. Desejo apenas mantê-lo afastado de minha irmã.
– O que simplesmente mostra, Srta. Sheffield, seu pouco conhecimento dos homens. Ao menos dos libertinos e patifes.

Ele inclinou-se para mais perto dela, deixando que o hálito quente roçasse sua bochecha.

Ela estremeceu. Ele sabia que isso aconteceria.

Sorriu com malícia e completou:

– Poucas coisas me agradam mais que um desafio.

A música chegou ao fim, deixando-os parados no meio do salão de baile, encarando-se. Anthony segurou o braço dela, mas, antes de conduzi-la à margem do salão, aproximou os lábios de sua orelha e sussurrou:

– E a senhorita acabou de me lançar um desafio delicioso.

Kate deu um pisão no pé dele, com força suficiente para fazê-lo dar um gritinho decididamente pouco libertino e pouco patife.

Quando ele a fitou com ar severo, porém, ela apenas deu de ombros e falou:

– Foi minha única defesa.

Ele estreitou os olhos.

– A senhorita é uma ameaça, Srta. Sheffield.

– E o senhor, lorde Bridgerton, precisa de botas mais grossas.

Ele apertou o braço dela.

– Antes de devolvê-la a seu santuário de damas de companhia e solteironas, há mais uma coisa que preciso esclarecer.

Kate prendeu a respiração, pois não gostou do tom grave da voz dele.

– Eu vou fazer a corte à sua irmã. E, se decidir que ela será uma Lady Bridgerton adequada, farei dela minha esposa.

Kate virou a cabeça bruscamente para fitá-lo e seus olhos brilharam de fúria.

– Então, imagino que o senhor ache que é *seu* papel decidir o destino de Edwina. Não se esqueça, milorde, de que, mesmo que o senhor chegue à conclusão de que ela será uma Lady Bridgerton *adequada* – disse, conferindo à palavra um ar zombeteiro –, ela poderá pensar diferente.

Ele baixou os olhos para ela com a confiança de um homem que nunca fora questionado.

– Se eu decidir pedir Edwina em casamento, ela não recusará.

– O senhor está tentando me dizer que nenhuma mulher seria capaz de resistir ao senhor?

Ele não respondeu, apenas ergueu a sobrancelha com arrogância, deixando-a tirar as próprias conclusões.

Kate puxou o braço, liberando-o, e caminhou de volta até a madrasta, tremendo de raiva, ressentimento e uma dose não muito baixa de medo.

Pois ela tinha a estranha sensação de que o visconde não mentira. E, se ele realmente fosse irresistível...

Kate estremeceu. Ela e Edwina estavam se metendo numa encrenca muito grande.

A tarde seguinte foi como todas as outras depois de um grande baile. A sala de estar dos Sheffields estava lotada com buquês de flores, cada um deles acompanhado de um cartão branco em que se lia o nome “Edwina Sheffield”.

Um simples “Srta. Sheffield” teria sido suficiente, Kate pensou com uma careta, mas imaginou que não podia culpar os admiradores de Edwina por quererem ter certeza de que as flores iriam para a Srta. Sheffield correta.

Não que *alguém* fosse cometer tal engano. Em geral, os buquês que chegavam eram para Edwina. Na verdade, em geral não – no último mês, *todos* os arranjos entregues na residência dos Sheffields tinham sido para a irmã mais nova.

Kate, porém, gostava de pensar que ria por último. A maioria das flores fazia Edwina espirrar, por isso, costumava terminar nos aposentos de Kate.

– Coisinha linda – falou, passando o dedo afetuosamente em uma orquídea delicada. – Acho que você ficará ótima na minha mesinha de cabeceira. E vocês – continuou, inclinando-se e cheirando um buquê de rosas brancas e perfeitas – ficarão adoráveis na minha penteadeira.

– Você sempre conversa com as flores?

Kate deu meia-volta ao ouvir uma voz masculina grave. Por Deus, era lorde Bridgerton, parecendo pecaminosamente belo em uma casaca azul. Que diabo ele estava fazendo ali? – Que diab... – Ela se controlou bem a tempo. Não permitiria que aquele homem a fizesse rebaixar-se a ponto de xingar em voz alta, por mais que ela estivesse fazendo isso em sua mente. – O que *o senhor* está fazendo aqui?

Ele ergueu uma sobrancelha ao ajeitar o imenso buquê de flores que trazia debaixo do braço. Rosas cor-de-rosa, observou ela. Botões perfeitos. Adoráveis. Simples e elegantes. Exatamente o tipo que ela escolheria para si mesma.

– Imagino que seja tradição os admiradores fazerem uma visita às jovens, não

é? – murmurou ele. – Ou será que meu livro de etiqueta está errado?

– O que eu quis dizer foi: como o senhor entrou? – rosnou Kate. – Ninguém me avisou de sua chegada.

Ele inclinou a cabeça na direção do salão.

– Do modo que as pessoas entram nas casas. Bati à porta da frente.

O olhar de irritação de Kate diante de seu sarcasmo não impediu que ele continuasse:

– Por incrível que pareça, o mordomo atendeu. Em seguida, dei-lhe meu cartão, ele viu o que estava escrito e me levou até a sala de estar. Por mais que eu quisesse ter inventado algum tipo de subterfúgio tortuoso e clandestino – continuou, com arrogância –, na verdade foi muito direto e objetivo.

– Maldito mordomo – atalhou Kate. – Ele deveria ter visto se estávamos “em casa” antes de deixá-lo entrar.

– Talvez ele tenha recebido instruções de que vocês estariam “em casa” para me receber em quaisquer circunstâncias.

Ela agitou-se.

– Eu não lhe dei qualquer instrução nesse sentido.

– Não – concordou lorde Bridgerton com uma risadinha –, eu não teria pensado isso.

– E sei que Edwina não o fez.

Ele sorriu.

– Talvez sua mãe?

Claro.

– Mary – resmungou ela, com um mundo de acusações nessa única palavra.

– As senhoritas a chamam pelo primeiro nome? – indagou ele de modo educado.

Ela assentiu.

– Na verdade, ela é minha madrasta, embora seja tudo o que conheci como mãe. Casou-se com meu pai quando eu tinha apenas 3 anos. Não sei por que ainda a chamo de Mary. – Ela balançou levemente a cabeça, dando de ombros. – Só chamo.

Anthony fixou os olhos castanhos no rosto dela e Kate percebeu que acabara de deixar aquele homem – na verdade, seu oponente – entrar em um pequeno canto de sua vida. Sentiu as palavras “Desculpe-me” tomando forma em sua boca – um

reflexo, imaginou, por ter falado de modo tão franco. Mas não queria desculpar-se por nada com aquele sujeito. Então, disse apenas:

– Lamento, mas Edwina não está, portanto, sua visita foi uma perda de tempo.

– Ah, eu não teria tanta certeza – retrucou ele.

Tirou o buquê de flores de baixo do braço e, quando o estendeu à frente de Kate, ela viu que não era um só, enorme, mas três pequenos.

– Este – falou, colocando um deles sobre uma mesa lateral – é para Edwina. E este – prosseguiu, fazendo o mesmo com outro – é para sua mãe.

Ficou com o último na mão. Kate estava paralisada pelo choque, incapaz de tirar os olhos dos botões cor-de-rosa perfeitos. Ela sabia que a única razão para incluí-la naquele gesto era impressionar Edwina, mas, como ninguém jamais lhe levara flores, ela não soubera, até aquele momento, como desejava que alguém o fizesse.

– E estas – concluiu ele, estendendo-lhe o último arranjo – são para a senhorita.

– Obrigada – disse ela, hesitante, segurando-as nos braços. – São lindas. Abaixou a cabeça para cheirá-las e suspirou de prazer ao sentir o perfume forte. Voltando a erguer os olhos para ele, acrescentou: – É muita consideração sua pensar em Mary e em mim.

Ele assentiu graciosamente.

– O prazer foi meu. Devo confessar que certa vez um admirador de minha irmã fez a mesma coisa por minha mãe e creio que jamais a vi tão encantada.

– Sua mãe ou sua irmã?

Ele sorriu ao ouvir a pergunta insolente.

– Ambas.

– E o que aconteceu ao admirador? – indagou Kate.

Anthony deu seu sorriso mais diabólico.

– Casou-se com minha irmã.

– Humpf. Não creio que a história vá se repetir. Mas... – Kate tossiu, sem querer ser sincera demais com ele, porém incapaz de agir de outra maneira. – Mas as flores são realmente lindas, e... foi um gesto adorável de sua parte. – Ela engoliu em seco. Não era fácil dizer aquilo. – Gostei muito delas, de verdade.

Ele se curvou um pouco para a frente, com os olhos escuros enternecidos.

– Um elogio – observou. – E dirigido a mim. Então, não foi tão difícil, foi?

Kate estava inclinando a cabeça de modo adorável sobre as flores de novo, mas

parou a meio caminho e preferiu empertigar-se.
– O senhor parece ter a habilidade de dizer *sempre* a coisa errada.
– Só quando diz respeito à senhorita, minha cara. Posso lhe garantir que as outras mulheres acreditam em cada uma de minhas palavras.
– Foi o que li – murmurou ela.
Os olhos dele se iluminaram.
– Foi assim que a senhorita formou sua opinião a meu respeito? Claro! A estimada Lady Whistledown. Eu deveria ter adivinhado. Por Deus, como eu gostaria de estrangular aquela mulher.
– Eu a considero muito inteligente e objetiva – observou Kate com afetação.
– Imagino – retrucou ele.
– Lorde Bridgerton – disse Kate –, tenho certeza de que o senhor não veio nos visitar para me insultar. Posso transmitir algum recado seu a Edwina?
– Creio que não. Não tenho muita confiança de que ela o receberia sem que tivesse sofrido modificações.
Aquilo era demais.
– Eu *nunca* me humilharia interferindo na correspondência de outra pessoa – conseguiu dizer Kate, de alguma forma. Todo o seu corpo tremia de raiva, e, se ela tivesse um pouco menos de autocontrole, com certeza suas mãos teriam apertado o pescoço dele. – Como o senhor ousa insinuar isso?
– As pessoas são capazes de tudo, Srta. Sheffield – falou Anthony com uma calma irritante. – Eu realmente não a conheço muito bem. O que sei sobre a senhorita se resume a suas ardentes declarações de que eu nunca deveria chegar a menos de 3 metros da presença sagrada de sua irmã. Diga-me: em meu lugar, a *senhorita* se sentiria confiante o suficiente para deixar uma mensagem?
– Se o senhor está tentando conquistar a simpatia de minha irmã através de mim – respondeu Kate com frieza –, não está fazendo um bom trabalho.
– Sei disso – retrucou ele. – De fato, eu não deveria provocá-la. Não é muito inteligente de minha parte, não é? O problema, porém, é que simplesmente não consigo evitar. – Ele sorriu com um ar lascivo e fez um gesto de impotência com as mãos. – O que posso dizer? A senhorita desperta algo em mim, Srta. Sheffield.
O sorriso dele, Kate percebeu com desânimo, era avassalador. De repente, sentiu-se fraca. Uma cadeira... Sim, tudo de que precisava era sentar-se.

– Por favor, fique à vontade – falou, indicando-lhe o sofá de damasco azul enquanto caminhava aos tropeções pelo aposento, procurando uma cadeira.

Ela não tinha nenhum desejo especial de que ele se demorasse, mas não poderia sentar-se sem lhe oferecer um assento também, e suas pernas começavam a ficar *terrivelmente* instáveis.

Se o visconde considerou estranho o súbito ataque de gentileza, não disse nada. Em vez disso, retirou um estojo comprido e preto de cima do sofá, colocou-o sobre uma mesa e, em seguida, se sentou.

– É um instrumento musical? – indagou, apontando para o estojo.

Kate assentiu.

– Uma flauta.

– A senhorita toca?

Ela começou a balançar a cabeça em uma negativa, mas depois fez que sim.

– Estou tentando aprender. Comecei a estudar só este ano.

Ele assentiu e, aparentemente, encerrou o tema, pois em seguida perguntou com educação:

– Quando a senhorita acha que Edwina retornará?

– Daqui a não menos de uma hora, creio. O Sr. Berbrooke levou-a para passear de cabriolé.

– Nigel Berbrooke?

Ele quase engasgou ao repetir o nome.

– Sim. Por quê?

– Aquele homem tem mais cabelos que inteligência. Muito mais.

– Mas ele está ficando careca – disse ela, sem conseguir evitar.

Ele sorriu.

– Se isso não demonstrar meu ponto de vista, não sei o que o fará.

Kate chegara à mesma conclusão sobre a inteligência do Sr. Berbrooke (ou a falta de), mas disse:

– Não é considerado falta de educação insultar os outros admiradores?

Anthony soltou um breve suspiro.

– Não foi um insulto, só a verdade. Ele cortejou minha irmã no ano passado. Ou tentou. Daphne fez o que pôde para desencorajá-lo. Ele é um bom rapaz, posso lhe garantir, mas não é alguém com quem se queira construir um barco se estiver numa ilha deserta.

Kate pensou na imagem estranha e nem um pouco bem-vinda do visconde numa ilha deserta, com as roupas esfarrapadas e a pele queimada de sol. Isso a fez sentir um calor desconfortável.

Anthony inclinou a cabeça, fitando-a com um olhar confuso.

– Está se sentindo bem, Srta. Sheffield?

– Ótima! – Foi quase um latido. – Nunca me senti melhor. O que o senhor dizia?

– A senhorita parecia um pouco corada.

Ele se curvou e olhou-a bem de perto. Ela realmente não parecia bem.

Kate abanou-se.

– Está um pouco quente aqui, não acha?

Antony balançou a cabeça devagar.

– Nem um pouco.

Ela olhou ansiosamente para a porta.

– Estou imaginando onde Mary pode estar.

– A senhorita a está esperando?

– Ela não costuma me deixar sozinha por tanto tempo – explicou.

Sozinha? As implicações dessa palavra eram assustadoras. Anthony de repente se viu na posição de ser obrigado a se casar com a mais velha das irmãs Sheffield, e isso o fez suar frio. Kate era tão diferente de qualquer debutante que ele já conhecera que até se esqueceu de que também precisava de uma dama de companhia.

– Talvez ela não saiba que estou aqui – falou depressa.

– Sim, deve ser isso. – Ela ficou de pé de um salto e cruzou o aposento até a campainha dos criados. Puxou a corda com firmeza e disse: – Vou chamar alguém e pedir-lhe que a avise. Tenho certeza de que ela gostaria de falar com o senhor.

– Ótimo. Talvez ela possa nos fazer companhia enquanto espero pelo retorno de sua irmã.

Kate parou a meio caminho da cadeira.

– O senhor planeja esperar Edwina?

Ele deu de ombros, divertido com o desconforto dela.

– Não tenho outros planos para a tarde.

– Mas talvez ela demore horas!

– Uma hora, no máximo, tenho certeza. Além do mais... – Então ele parou de falar, percebendo a chegada de uma empregada.

– A senhorita chamou? – indagou a criada.

– Sim, obrigada, Annie – respondeu Kate. – Você poderia informar à Sra. Sheffield que temos uma visita?

A empregada fez uma reverência e saiu.

– Tenho certeza de que Mary descerá a qualquer momento – disse Kate, sem conseguir parar de bater o pé no chão. – A qualquer minuto. Tenho certeza.

Ele apenas sorriu daquele jeito irritante, parecendo totalmente relaxado e confortável no sofá.

Um silêncio constrangedor baixou sobre a sala. Kate lançou-lhe um sorriso constrangido. Em resposta, ele apenas ergueu uma sobrancelha.

– Tenho certeza de que ela estará aqui...

– A qualquer minuto – completou ele, em um tom divertido.

Ela afundou na cadeira, tentando não sorrir. Provavelmente, não conseguiu.

Nesse momento, um pequeno alvoroço irrompeu pelo corredor – alguns latidos seguidos de um grito agudo:

– Newton! Newton! Pare com isso!

– Newton? – perguntou o visconde.

– Meu cachorro – explicou Kate, suspirando ao se levantar. – Ele não...

– NEWTON!

–... se dá muito bem com Mary. Com licença. – Kate caminhou até a porta. – Mary? Mary?

Anthony pôs-se de pé ao mesmo tempo que Kate, encolhendo-se quando o cão deu mais três latidos altos, que foram seguidos de outro grito apavorado de Mary.

– Qual é a raça dele? – murmurou. – Um Mastiff?

Só podia ser um mastiff. A Srta. Sheffield mais velha parecia exatamente o tipo que teria um cão dessa raça sempre faminto à disposição.

– Não – respondeu Kate, apressando-se para fora da sala enquanto Mary deixava escapar outro grito. – Ele é um...

Mas Anthony não ouviu o que ela disse. De qualquer forma, não fazia diferença, pois, um segundo depois, entrou trotando o Corgi de aparência mais cordial que ele já vira, com pelo denso de cor caramelo e uma barriga que quase

se arrastava no chão.

Anthony ficou paralisado com a surpresa. *Aquela* era a terrível criatura no corredor?

– Bom dia, cão – falou com firmeza.

O cachorro parou, sentou-se imediatamente e...

Sorriu?

CAPÍTULO 4

Esta autora, infelizmente, foi incapaz de determinar todos os detalhes, mas houve uma considerável movimentação na última quinta-feira próximo ao The Serpentine, em Hyde Park, envolvendo o visconde Bridgerton, o Sr. Nigel Berbrooke, as duas Srtas. Sheffield e um cachorro sem nome de raça indeterminada.

Esta autora não foi testemunha, mas todos os relatos parecem indicar que o cão sem nome saiu vitorioso.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
25 DE ABRIL DE 1814

Kate voltou à sala de estar e ficou imprensada com Mary no vão da porta quando as duas tentaram passar ao mesmo tempo. Newton estava sentado alegremente no meio da sala, em cima do tapete azul e branco, sorrindo para o visconde.

– Acho que ele gosta do senhor – observou Mary em um tom um pouco acusador.

– Ele também gosta da senhora – falou Kate. – O problema é que a *senhora* não gosta dele.

– Eu gostaria mais se ele não tentasse me abordar sempre que passo pelo corredor.

– Pensei que a senhorita tivesse dito que a Sra. Sheffield e o cachorro não se davam bem – interrompeu o lorde Bridgerton.

– E não se dão – respondeu Kate. – Bem, se dão. Bem, não se dão *e* se dão.

– Isso esclareceu tudo – murmurou ele.

Kate ignorou a ironia.

– Newton adora Mary – explicou ela –, mas Mary não adora Newton.

– Eu o adoraria um pouco mais – atalhou Mary – se ele me adorasse um pouco menos.

– *Sendo assim* – continuou Kate, determinada –, o pobre Newton considera Mary uma espécie de desafio. Por isso, quando ele a vê... – Ela deu de ombros, desanimada. – Bem, temo que ele simplesmente a adore *mais*.

Como se fosse sua deixa, o cão avistou Mary e correu para ela.

– Kate! – exclamou a mais velha.

Kate se adiantou no exato momento em que Newton se erguia nas patas traseiras e plantava as dianteiras um pouco acima dos joelhos de Mary.

– Newton, senta! – ralhou ela. – Cachorro mau, cachorro mau.

O cão obedeceu com um pequeno ganido.

– Kate – disse Mary com objetividade –, esse cão *tem* que sair para passear. Agora.

– Eu estava planejando fazer isso quando o visconde chegou – respondeu Kate, fazendo um gesto para Anthony, do outro lado do aposento.

Realmente, era impressionante o número de coisas pelas quais ela podia culpar aquele homem insuportável, se estivesse decidida a isso.

– Ah! – gritou Mary. – Perdoe-me, milorde. Que falta de educação a minha não cumprimentá-lo.

– Não há problema – disse ele devagar. – A senhora estava um pouco ocupada quando entrou aqui.

– Sim – retrucou Mary. – Foi esse cão feroz... Ah, mas onde está minha educação? Posso lhe oferecer um chá? Algo para comer? É muita gentileza sua vir nos visitar.

– Não. Obrigado. Eu estava desfrutando da companhia revigorante de sua filha enquanto aguardo a chegada da Srta. Edwina.

– Ah, claro – disse Mary. – Edwina saiu com o Sr. Berbrooke, creio. Não é verdade, Kate?

Kate assentiu com frieza, sem saber ao certo se gostava de ser chamada de “revigorante”.

– O senhor conhece o Sr. Berbrooke, lorde Bridgerton? – indagou Mary.

– Ah, sim – respondeu ele com uma reticência que Kate considerou um pouco surpreendente.

– Não estou segura se deveria ter deixado Edwina sair para passear com ele. Esses cabriolés são bastante difíceis de guiar, não são?
– Creio que o Sr. Berbrooke tenha mão firme com os cavalos – retrucou Anthony.
– Ah, que bom – falou Mary, soltando um suspiro aliviado. – O senhor decerto me acalmou.
Newton soltou um latido apenas para lembrar a todos de sua presença.
– É melhor que eu vá pegar a coleira dele para passear – decretou Kate, apressada. Não tinha dúvida de que um pouco de ar fresco lhe cairia bem. E também seria bom enfim escapar da companhia diabólica do visconde. – Se o senhor me der licença...
– Mas espere, Kate! – gritou Mary. – Você não pode deixar o lorde Bridgerton aqui comigo. Tenho certeza de que vou matá-lo de tédio.
Kate deu meia-volta devagar, temendo o que Mary diria em seguida.
– A senhora nunca me entediaria, Sra. Sheffield – retrucou o visconde, como o libertino jovial que era.
– Ah, entediaria sim – garantiu ela. – O senhor nunca precisou conversar comigo por uma hora. Que é o tempo que Edwina levará para retornar.
Kate fitou a madrasta, boquiaberta com o choque. Que diabo Mary pensava que estava fazendo?
– Por que o senhor não vai com Kate levar Newton para um passeio? – sugeriu ela.
– Ah, mas eu nunca pediria a lorde Bridgerton que me acompanhasse numa tarefa *doméstica* – atalhou Kate bem rápido. – Seria mais do que falta de educação, afinal, ele é um convidado muito estimado.
– Não seja tola – disse Mary, antes que Anthony pudesse falar metade de uma palavra. – Sem dúvida ele não considera isso uma tarefa doméstica. Considera, milorde?
– Claro que não – murmurou ele, parecendo muito sincero.
No entanto, o que mais ele poderia ter dito?
– Pronto. Isso resolve tudo – retrucou Mary, parecendo muito satisfeita consigo mesma. – E quem sabe? O senhor pode esbarrar em Edwina no caminho. Não seria conveniente?
– Com certeza – falou Kate em voz baixa.

Seria ótimo livrar-se do visconde, mas a última coisa que queria era lançar Edwina em suas garras. A irmã ainda era muito jovem e muito impressionável. E se ela não conseguisse resistir ao sorriso dele? Ou à sua lábia?

Até Kate era obrigada a admitir que lorde Bridgerton transpirava um charme considerável, e ela nem gostava dele! Edwina, com sua natureza menos desconfiada, sem dúvida ficaria encantada.

Ela virou-se para ele.

– O senhor não deve se sentir obrigado a me acompanhar, milorde.

– Eu ficaria encantado – respondeu ele com um sorriso malicioso, e Kate teve a nítida impressão de que ele estava concordando em ir só para contrariá-la. – Além disso – continuou –, como sua mãe disse, podemos encontrar Edwina. Não seria uma coincidência deliciosa?

– Deliciosa – respondeu Kate sem emoção. – Simplesmente deliciosa.

– Excelente – atalhou Mary, batendo palmas com alegria. – Eu vi a guia da coleira de Newton na mesinha do saguão. Espere um instante que vou pegá-la para você.

Anthony observou Mary sair, então se virou para Kate e disse:

– Isso foi muito bem-feito.

– Não diga – murmurou ela.

– A senhorita acha – disse ele baixinho, inclinando-se na direção dela – que o arranjo que ela está armando se destina a Edwina ou à senhorita?

– A mim? – resmungou Kate. – O senhor só pode estar brincando.

Anthony passou a mão no queixo, pensativo, fitando a porta pela qual Mary acabara de sair.

– Não tenho certeza – refletiu ele –, mas...

Calou-se ao ouvir os passos de Mary aproximando-se.

– Aqui está – falou ela, estendendo a guia para Kate.

Newton latiu, entusiasmado, e recuou pronto a se lançar sobre Mary – talvez para mostrar a ela todos os tipos de afeição desagradável –, mas Kate se abaixou e segurou a coleira dele com firmeza.

– Tome – emendou Mary bem rápido, entregando a guia a Anthony. – Por que o senhor não dá isto a Kate? Eu preferiria não me aproximar tanto.

Newton latiu e lançou um olhar ansioso a Mary, que se afastou ainda mais.

– Você – falou Anthony energicamente para o cão –, sente-se e fique quieto.

Para surpresa de Kate, Newton obedeceu, baixando o traseiro gordinho sobre o tapete com uma vivacidade quase cômica.

– Bom garoto – disse Anthony, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. Estendeu a guia para Kate. – A senhorita fará as honras ou eu devo fazer?

– Vá em frente – respondeu ela. – O senhor parece ter afinidade com cães.

– Sem dúvida – retrucou ele, mantendo a voz baixa para que Mary não pudesse ouvir –, eles não são muito diferentes das mulheres. As duas raças ouvem com atenção cada palavra.

Kate pisou na mão dele que estava apoiada no chão enquanto ele prendia a guia à coleira de Newton.

– Ops – falou com afetação –, me desculpe.

– Sua sinceridade me comove – retrucou ele, voltando a ficar de pé. – Sinto até vontade de chorar.

Mary olhava de um para o outro, tentando acompanhar o que diziam. Não conseguia ouvir o diálogo, mas estava fascinada.

– Alguma coisa errada? – indagou.

– De forma alguma – respondeu Anthony, ao mesmo tempo que Kate dizia um firme “não”.

– Ótimo – falou Mary bruscamente. – Então levarei vocês até a porta. – Ao ouvir o latido entusiasmado de Newton, acrescentou: – Ou talvez seja melhor não. Não quero me aproximar desse cão. Mas acenarei para vocês.

– O que eu faria sem a senhora para acenar para mim? – comentou Kate ao passar pela madrasta.

Mary sorriu com malícia.

– Não faço ideia, Kate. Não faço a menor ideia.

Isso deixou Kate nauseada e com uma vaga suspeita de que lorde Bridgerton poderia estar certo. Talvez Mary estivesse bancando a casamenteira com mais alguém além de Edwina dessa vez.

Era uma ideia terrível.

Deixando Mary no saguão, Kate e Anthony passaram pela porta e seguiram para a Milner Street.

– Eu costumo ficar nas ruas menores e caminhar até a Brompton Road – explicou Kate, acreditando que talvez ele não estivesse familiarizado com aquela região da cidade –, então, sigo até o Hyde Park. Mas podemos ir direto pela

Sloane Street, se o senhor preferir.

– Como a senhorita quiser – disse ele. – Seguirei suas instruções.

– Muito bem – retrucou Kate, marchando com determinação pela Milner Street na direção do Lenox Gardens.

Talvez, se ela mantivesse os olhos voltados para a frente e andasse rápido, ele não tivesse ânimo para conversar. As caminhadas diárias com Newton costumavam ser seu momento de reflexão pessoal, e ela não gostara de ter que levá-lo junto.

A estratégia funcionou muito bem por alguns minutos. Eles seguiram em silêncio durante todo o caminho até a esquina da Hans Crescent com a Brompton Road. Então, de repente, ele comentou:

– Meu irmão nos fez de bobos ontem à noite.

Ao ouvi-lo, ela parou.

– Como assim?

– Você sabe o que ele me disse antes de nos apresentar?

Kate tropeçou antes de balançar a cabeça, dizendo que não. Newton não havia parado e puxava a guia feito um louco.

– Que a senhorita não tinha nem palavras para me descrever.

– B-b-bem – gaguejou Kate – pensando bem, não deixa de ser verdade.

– Ele falou isso – acrescentou Anthony – querendo dizer que a senhorita não tinha palavras para me descrever devido a seu arrebatamento por mim.

Ela não deveria ter sorrido, mas sorriu.

– *Isso* não é verdade.

Provavelmente o visconde também não deveria ter sorrido, mas Kate ficou feliz porque ele o fez.

– Eu não esperava que fosse – respondeu.

Viraram na Brompton Road em direção à Knightsbridge e ao Hyde Park, e Kate indagou:

– Por que ele faria uma coisa dessas?

Anthony lançou-lhe um olhar de esguelha.

– A senhorita não tem um irmão, tem?

– Não, apenas Edwina, e não tenho dúvidas de que ela é mulher.

– Ele fez isso pelo simples prazer de me torturar – explicou Anthony.

– Uma intenção nobre – comentou Kate em voz baixa.

– Eu ouvi isso.
– Pensei que ouviria – retrucou ela.
– E imagino que ele também queria torturá-la.
– A mim? Por quê? O que ele poderia ter contra mim?
– A senhorita pode tê-lo provocado ao denegrir seu amado irmão – sugeriu.
Ela levantou as sobrancelhas.
– Amado?
– Admirado, então? – arriscou ele.
Ela balançou a cabeça.
– Isso também não me convence.
Anthony sorriu. A Srta. Sheffield, apesar da mania irritante de controle, tinha uma inteligência admirável. Chegaram à Knightsbridge e ele segurou o braço dela ao atravessarem a rua para seguir por um atalho que conduzia à South Carriage Road, no Hyde Park. Newton, que era essencialmente um cão do campo, acelerou bastante o passo ao entrarem em um ambiente com mais árvores, embora fosse difícil imaginar o animal gordinho sendo veloz.
No entanto, Newton parecia muito alegre e não havia dúvidas de que estava interessado em cada flor, animal pequeno ou transeunte que cruzasse o caminho deles. O ar da primavera era seco, mas o sol estava quente e o céu apresentava um azul-claro surpreendente após tantos dias típicos de chuva em Londres. E, embora a mulher a seu lado não fosse aquela que ele tencionava desposar – nem acompanhar a lugar algum, na verdade –, Anthony sentiu uma espécie de satisfação invadindo-o.
– Vamos atravessar para Rotten Row? – indagou ele.
– Hum? – respondeu ela, distraída.
Ela erguera o rosto na direção do sol e refestelava-se com seu calor. Por um instante desconcertante, Anthony sentiu... *alguma coisa*.
Alguma coisa? Ele balançou a cabeça. Não era possível que fosse desejo. Não por aquela mulher.
– O senhor disse alguma coisa? – murmurou ela.
Ele pigarreou e respirou fundo, torcendo para que isso clareasse suas ideias. Em vez disso, sentiu apenas uma lufada intoxicante do perfume dela – uma combinação de lírios exóticos e sabonete.
– Você parece estar gostando do sol.

Ela sorriu e virou o rosto para ele com um olhar límpido.

– Sei que não foi isso que o senhor falou, mas, sim, estou. Tem chovido tanto nos últimos tempos...

– Pensei que as jovens não devessem pegar sol no rosto – provocou ele.

Ela deu de ombros e pareceu um pouco acanhada ao responder:

– E não devem. Quero dizer, não *devemos*. Mas é tão bom... – Ela deixou escapar um suspiro e seu rosto foi tomado por uma expressão tão ansiosa que Anthony quase sentiu a dor dela. – Queria poder tirar meu chapéu – falou com tristeza.

Anthony fez que sim com a cabeça, sentindo o mesmo em relação ao chapéu.

– Talvez você possa empurrá-lo um pouquinho para trás sem que as pessoas percebam – sugeriu ele.

– O senhor acha?

Todo o seu rosto se iluminou diante da perspectiva.

A essa visão, ele sentiu *alguma coisa* de novo.

– Sem dúvida – murmurou, estendendo a mão para ajustar-lhe a borda do chapéu. Tratava-se de uma daquelas criações bizarras cheias de fitas e renda que pareciam agradar as mulheres, amarradas de tal modo que nenhum homem sensato poderia jamais entender. – Isso, fique quieta só por um momento. Vou ajeitá-lo.

Kate ficou parada, como ele lhe pedira com delicadeza, mas, quando os dedos de Anthony roçaram acidentalmente sua têmpora, sua respiração também parou. Ele estava tão perto, e havia algo muito estranho naquilo. Kate podia sentir o calor do corpo dele e seu cheiro de sabonete.

E isso pareceu fazer todo o seu corpo formigar.

Ela o odiava – ou ao menos não gostava dele nem o aprovava –, e ainda assim teve a vontade absurda de se inclinar levemente para a frente até que o espaço entre os dois fosse reduzido a nada e...

Engoliu em seco, forçando-se a dar um passo para trás. Por Deus, o que estava acontecendo com ela?

– Espere um instante – disse ele. – Ainda não terminei.

Kate esticou a mão de forma frenética para ajustar o chapéu.

– Tenho certeza de que está bom. O senhor não precisa... o senhor não precisa se preocupar.

– Pode sentir melhor o sol? – perguntou Anthony.

Ela assentiu, embora estivesse tão distraída que nem sequer tinha certeza de que isso fosse verdade.

– Sim, obrigada. Está ótimo! Eu... Ah!

O cachorro começou a latir sem parar e a puxar a guia com força.

– Newton! – gritou Kate, sendo arrastada por ele. Mas o cão já tinha algo em vista, apesar de sua dona não fazer ideia do que se tratava, e pulava animadamente para diante, puxando Kate até que ela começasse a tropeçar nos próprios pés e seu corpo formasse uma linha diagonal, com o ombro bem à frente. – Newton! – gritou mais uma vez, embora sem resultado. – Newton! Pare!

Anthony observou, divertido, o cão continuar sua corrida, movendo-se com mais velocidade do que ele poderia imaginar que conseguisse com as patinhas gorduchas. Kate fazia uma corajosa tentativa de continuar segurando a guia, mas agora Newton latia feito louco, e prosseguia com vigor igual.

– Srta. Sheffield, deixe-me segurar a guia – gritou ele, lançando-se em seu auxílio.

Não era a maneira mais glamorosa de bancar o herói, mas qualquer coisa servia quando se estava tentando impressionar a irmã da futura noiva.

No entanto, assim que Anthony a alcançou, Newton deu um puxão violento na guia, soltando-a da mão de Kate. Ela deu um gritinho e apressou o passo, mas o cão já estava longe, enquanto a guia serpenteava pela grama, atrás dele.

Anthony não sabia se ria ou resmungava. Era evidente que Newton não queria ser alcançado.

Kate parou por um momento e levou uma das mãos à boca. Então olhou para Anthony e ele teve a desagradável sensação de que sabia o que ela pretendia fazer.

– Srta. Sheffield – falou apressadamente. – Tenho certeza de que...

Mas ela já estava longe, correndo e berrando “Newton!” com uma decidida falta de decoro. Anthony deixou escapar um suspiro cansado e começou a segui-la, também em alta velocidade. Não poderia deixá-la ir atrás do cão sozinha e ainda considerar-se um cavalheiro.

Ela estava um pouco mais à frente dele, porém, e quando ele conseguiu alcançá-la, ao dobrar a esquina, Kate parou. Respirava com dificuldade, com as

mãos nos quadris, enquanto perscrutava a vizinhança.

– Aonde ele pode ter ido? – indagou Anthony, tentando ignorar que havia algo muito excitante em uma mulher ofegante.

– Não sei. – Ela tentava recuperar o fôlego. – Acho que estava perseguindo um coelho.

– Ah, que ótimo. *Isso* vai tornar bem fácil pegá-lo – falou ele. – Considerando que coelhos não gostam de se esconder...

Ela fez uma careta ao ouvir o comentário irônico.

– O que vamos fazer?

Por pouco, Anthony não respondeu “Vá para casa e me traga um cachorro *obediente*”, mas, ao vê-la tão preocupada, desistiu. Na verdade, ao olhá-la com atenção, ela parecia mais irritada que preocupada, mas decerto havia uma ponta de preocupação naquela mistura.

Então ele disse:

– Proponho esperarmos até ouvir alguém gritar. A qualquer minuto ele vai se lançar entre os pés de alguma jovem e quase matá-la de susto.

– O senhor acha mesmo? – Ela não parecia muito convencida. – Porque ele não é o cachorro mais assustador que existe. Ele acha que é, e é muito engraçadinho, de fato, mas a verdade é que ele...

– Aaaaaaaaaaaiiiiiiiiiiiiiii!

– Acho que temos uma resposta – observou Anthony, e partiu na direção de onde vinha o grito anônimo de mulher.

Kate adiantou-se, cortando caminho pela grama rumo a Rotten Row. O visconde corria à sua frente, e tudo em que ela conseguia pensar era que ele devia querer muito casar-se com Edwina, porque, apesar do fato de ser, evidentemente, um atleta esplêndido, parecia muito pouco digno correndo pelo parque atrás de um Corgi roliço. Pior ainda, eles teriam que seguir assim pela Rotten Row, o local favorito da alta sociedade para cavalgar e andar de carruagem.

Todos iam vê-los. Um homem menos determinado já teria desistido muito tempo antes.

Kate continuava no encalço deles, mas estava ficando para trás. Não usava calças compridas em muitas ocasiões, mas tinha certeza de que era muito mais fácil correr com elas que de vestido. Especialmente quando se estava em público

e não se podia erguê-lo acima do tornozelo.

Quando alcançou a Rotten Row, recusou-se a olhar para qualquer das senhoras e dos cavalheiros na moda em seus cavalos. Ainda havia a chance de não ser reconhecida como a senhorita espirituosa que corria pelo parque como se alguém tivesse ateado fogo a seus sapatos. Não era uma possibilidade muito provável, mas já era alguma coisa.

Ao voltar para a grama, Kate tropeçou e teve que fazer uma pausa para respirar. Então, ficou horrorizada. Estavam quase na The Serpentine.

Ah, *não*.

Não havia nada que Newton gostasse mais que pular em um lago. E o sol estava quente o suficiente para que parecesse tentador – ainda mais para uma criatura coberta de pelo denso e pesado, uma criatura que correra a uma velocidade vertiginosa por cinco minutos. Bem, vertiginosa para um Corgi gorducho.

O que ainda era, Kate notou com algum interesse, rápido o suficiente para manter a distância um visconde de mais de 1,80 metro.

Ela ergueu as saias pouco mais de um centímetro – que se danassem os observadores, mas ela não podia se permitir ser pudica agora – e saiu correndo novamente. Não havia meio de alcançar Newton, mas talvez ela conseguisse chegar até lorde Bridgerton antes que ele matasse seu cãozinho.

Ele *só podia* estar pensando em morte naquele momento. O homem seria um santo se não quisesse acabar com a vida daquele cão.

E, se um por cento do que fora escrito a respeito dele no *Whistledown* fosse verdade, ele não era nenhum santo.

Kate engoliu em seco.

– Lorde Bridgerton! – gritou, com a intenção de dizer-lhe que interrompesse a perseguição. A única solução seria esperar que Newton se cansasse. Com pernas de 10 centímetros, isso não deveria demorar muito. – Lorde Bridgerton! Podemos apenas...

Antes de terminar de falar, Kate tropeçou nos próprios pés. Era Edwina ali, próxima ao lago Serpentine? Estreitou os olhos para ver melhor. *Era* a irmã, parada graciosamente com as mãos entrelaçadas à frente. E parecia que o infeliz Sr. Berbrooke fazia algum tipo de reparo no cabriolé.

Newton parou por um instante, avistando Edwina ao mesmo tempo que Kate, e

mudou seu curso de imediato, latindo com alegria ao correr na direção da amada.
– Lorde Bridgerton! – gritou Kate mais uma vez. – Veja! Lá...
Anthony deu meia-volta ao ouvir a voz dela, então seguiu o dedo que apontava para Edwina. Tinha sido por isso que o maldito cão girara nos calcanhares e alterara seu caminho. Anthony escorregou na lama e quase caiu sentado, tentando manobrar uma virada tão súbita.
Ele ia matar aquele cão.
Não. Ele ia matar Kate Sheffield.
Não, talvez...
Seus animados pensamentos de vingança foram interrompidos pelo grito repentino de Edwina:
– Newton!
Anthony gostava de achar que era um homem decidido, mas, quando viu que o cão se lançava no ar e precipitava-se para a Srta. Sheffield mais nova, ficou simplesmente paralisado pelo choque. Nem Shakespeare teria imaginado um fim mais apropriado para aquela farsa, que se desenrolava diante de seus olhos como se estivesse em câmera lenta.
E não havia nada que ele pudesse fazer.
O cão ia atingir Edwina em cheio e, por sua vez, ela cairia para trás.
Direto no lago Serpentine.
– Nããããão! – gritou ele, lançando-se para a frente, embora soubesse que qualquer tentativa de heroísmo seria inútil.
Splash!
– Meu Deus! – exclamou Berbrooke. – Ela está ensopada!
– Ora, não fique parado aí – atalhou Anthony, chegando à cena do acidente e lançando-se para dentro d’água. – Faça alguma coisa para ajudar!
Era evidente que Berbrooke não entendia o que isso significava, pois simplesmente ficou parado, com os olhos arregalados, enquanto Anthony se esticava, pegava a mão de Edwina e a erguia.
– A senhorita está bem? – perguntou ele.
Ela assentiu, cuspindo e espirrando com força em resposta.
– Srta. Sheffield – resmungou ao ver Kate parada na margem. – Não, não a senhorita – acrescentou, percebendo que Edwina olhara para ele. – Sua irmã.
– Kate? – indagou ela, piscando várias vezes para expulsar a água suja dos

olhos. – Onde está Kate?

– Ali, bem sequinha – murmurou ele, depois gritou para ela: – Pare esse maldito cachorro!

Newton pulara com alegria para fora do lago e agora estava sentado na grama, com a língua de fora. Kate correu para ele e agarrou a guia. Anthony percebeu que ela não contestara a ordem que ele lhe dera. Ótimo, pensou maldosamente. Não havia imaginado que a estúpida mulher teria o bom senso de manter a boca fechada.

Virou-se para Edwina, que contra todas as expectativas ainda conseguia manter-se adorável mesmo ensopada.

– Deixe-me tirá-la daqui – falou e, antes que ela tivesse a chance de reagir, ergueu-a nos braços e carregou-a para terra firme.

– Nunca vi nada assim – comentou Berbrooke, balançando a cabeça.

Anthony não disse nada. Não achava ser capaz de falar sem empurrar aquele idiota para dentro d'água. Em que ele estava pensando ao ficar parado ali enquanto Edwina se afogava por causa daquele cão ridículo?

– Edwina? – chamou Kate, andando até onde a guia lhe permitia. – Você está bem?

– Acho que a senhorita já fez o bastante – retrucou Anthony, avançando na direção dela até estarem a cerca de um metro de distância.

– Eu? – disse Kate, arfando.

– Olhe para ela – respondeu ele, apontando um dedo para Edwina embora sua atenção estivesse concentrada em Kate. – Olhe só para ela!

– Mas foi um acidente!

– Eu estou bem! – gritou Edwina, parecendo um pouco assustada com o nível da raiva que crescia entre a irmã e o visconde. – Com frio, mas bem!

– Viu? – Kate virou-se e se deu conta do desalinho da irmã. – Foi um acidente.

Ele se limitou a cruzar os braços e arquear uma das sobrancelhas.

– O senhor não acredita em mim – suspirou ela. – Não creio que esteja duvidando de mim.

Anthony continuou em silêncio. Era inconcebível para ele que Kate Sheffield, com toda sua espirituosidade e inteligência, *não* sentisse inveja da irmã. E, mesmo que não houvesse nada que ela pudesse ter feito para evitar aquele contratempo, decerto apreciava o fato de estar seca e confortável enquanto

Edwina parecia um rato afogado. Um rato atraente, sem dúvida, mas afogado.

Mas, pelo visto, Kate não dera a conversa por encerrada:

– É evidente que eu nunca faria nada para machucar Edwina. Além disso, como o senhor supõe que eu operaria essa proeza? – Ela espalmou a mão livre no rosto, fingindo surpresa. – Ah, claro, eu conheço a linguagem secreta dos Corgis. Ordenei a Newton que puxasse a guia da minha mão e então, como eu tenho a capacidade de prever o futuro e sabia que Edwina estaria parada bem aqui, à margem do lago, disse a ele, graças à nossa poderosa conexão mental, já que ele estava muito longe para ouvir minha voz, que mudasse de direção, corresse para Edwina e a derrubasse dentro d'água.

– Ironia não lhe cai bem, Srta. Sheffield.

– *Nada* lhe cai bem, lorde Bridgerton.

Anthony inclinou-se e projetou o queixo à frente da maneira mais ameaçadora que pôde.

– As mulheres não deveriam ter bichinhos de estimação se não conseguem controlá-los.

– E os homens não deveriam levar as mulheres com bichinhos de estimação para uma volta no parque se não podem controlar nenhum deles – retrucou ela.

Anthony *sentiu* as pontas das orelhas esquentando com a raiva mal controlada.

– A senhorita é uma ameaça à sociedade.

Ela abriu a boca como se fosse devolver o insulto, mas, em vez disso, apenas lhe ofereceu um sorriso irônico, virou-se para o cão e disse:

– Se sacuda, Newton.

O animal ergueu os olhos para o dedo dela, que apontava direto para Anthony, então se aproximou dele obedientemente antes de se sacudir todo, espirrando água do lago para todos os lados.

Anthony esticou a mão para o pescoço dela.

– Eu... vou... MATÁ-LA! – rugiu ele.

Kate saiu do caminho dele bem rápido, ficando mais perto de Edwina.

– Ora, ora, lorde Bridgerton – provocou, mantida em segurança pelo corpo da irmã, que ainda pingava. – Não seria de bom-tom perder a paciência na frente da doce Edwina.

– Kate? – sussurrou a mais jovem. – O que está acontecendo? Por que você está sendo tão má com ele?

– Por que ele está sendo tão mau *comigo*? – sibilou Kate.
– Esse cão – disse subitamente o Sr. Berbrooke – me molhou todo.
– Molhou a todos nós – retrucou Kate.
Incluindo ela mesma. Mas valera a pena. Ah, como valera ver a expressão de surpresa e de raiva no rosto daquele aristocrata pomposo.
– Você! – rugiu Anthony, apontando um dedo furioso para Kate. – Cale a boca.
Ela obedeceu. Não era tão imprudente a ponto de provocá-lo ainda mais. Parecia que a cabeça dele ia explodir a qualquer instante. E decerto ele perdera toda a dignidade que tivera no início do dia. Sua manga direita pingava por ele ter enfiado o braço dentro do lago para resgatar Edwina, as botas pareciam arruinadas para sempre e seu corpo inteiro respingava graças à destreza de Newton para sacudir-se.
– Vou lhe dizer o que nós vamos fazer – prosseguiu ele numa voz baixa, mortal.
– O que *eu* preciso fazer – atalhou o Sr. Berbrooke com jovialidade, evidentemente sem perceber que lorde Bridgerton estava disposto a assassinar a primeira pessoa que abrisse a boca – é terminar de consertar o cabriolé. Então poderei levar a Srta. Sheffield para casa – concluiu apontando para Edwina, caso alguém não soubesse a qual das senhoritas se referia.
– Sr. Berbrooke, o senhor sabe consertar um cabriolé? – perguntou Anthony.
O homem piscou algumas vezes.
– O senhor ao menos sabe o que há de *errado* com o cabriolé?
Berbrooke abriu e fechou a boca algumas vezes, então disse:
– Tenho algumas ideias. Não deve demorar muito para que eu entenda qual é o problema.
Kate olhou para Anthony, fascinada pela veia que pulsava no pescoço dele. Ela nunca vira um homem tão claramente levado ao limite. Sentindo-se um pouco apreensiva com a explosão iminente, deu um passo para trás de Edwina.
Não se considerava uma covarde, mas o instinto de autopreservação falou mais alto.
O visconde, porém, conseguiu, de alguma forma, manter-se no controle, e sua voz estava muito tranquila quando disse:
– Eis o que vamos fazer.
Kate, Edwina e Berbrooke o fitaram em expectativa.
– Vou até ali – falou, apontando para uma senhora e um cavalheiro a cerca de

20 metros deles que tentavam não olhar, embora não conseguissem – pedir a Montrose que me empreste a carruagem dele por alguns minutos.

– Ora, aquele homem erguendo o pescoço é Geoffrey Montrose? – indagou Berbrooke. – Não o vejo há séculos.

Uma segunda veia começou a saltar. Dessa vez, na têmpora de lorde Bridgerton. Kate segurou a mão de Edwina em busca de apoio moral e apertou-a bem forte.

Em sua defesa, porém, Anthony ignorou a pergunta inapropriada de Berbrooke e continuou a narrar seu plano:

– Como ele dirá que sim...

– O senhor tem certeza? – retrucou Kate, sem pensar.

De alguma forma, os olhos castanhos dele pareceram gelo.

– Certeza de quê? – questionou ele.

– De nada – murmurou ela, pronta a dar um chute em si mesma. – Continue, por favor.

– Conforme eu dizia, como amigo e cavalheiro – prosseguiu, lançando um olhar severo a Kate –, ele não vai se opor, então levarei a Srta. Sheffield para casa, depois *eu* voltarei para casa e pedirei que um de meus homens devolva o cabriolé de Montrose.

Ninguém se preocupou em perguntar a qual das duas irmãs ele se referia.

– E quanto a Kate? – indagou Edwina.

Afinal, o cabriolé tinha apenas dois lugares.

Kate deu um apertão na mão dela. Querida e doce Edwina.

Anthony encarou Edwina.

– O Sr. Berbrooke acompanhará sua irmã até em casa.

– Mas eu não posso – retrucou Berbrooke. – Tenho de terminar o reparo no cabriolé.

– Onde o senhor mora? – perguntou Anthony.

Berbrooke piscou, surpreso, mas deu-lhe o endereço.

– Vou parar em sua casa para buscar um criado que fique aqui tomando conta do cabriolé enquanto o senhor acompanha a Srta. Sheffield à casa dela. Está claro?

Fez uma pausa e fitou cada um, incluindo Newton, com uma expressão muito severa. A não ser Edwina, é claro, que fora a única pessoa ali que não desafiara

seu humor.

– Está claro? – repetiu.

Todos assentiram e seu plano foi posto em prática. Minutos depois, Kate via lorde Bridgerton e Edwina sumirem no horizonte – as duas pessoas que jurara nunca deixar no mesmo cômodo juntas.

Pior ainda, ela fora deixada sozinha com o Sr. Berbrooke e Newton.

E bastaram apenas dois minutos para que ela percebesse que, dos dois, era Newton quem tinha a melhor conversa.

CAPÍTULO 5

Chegou à atenção desta autora que a Srta. Katharine Sheffield aborreceu-se ao chamarem seu amado cão de estimação de "cachorro sem nome de raça indeterminada".

Sem dúvida, esta autora está muito envergonhada por esse erro grave e egrégio, e implora à querida leitora que aceite este abjeto pedido de desculpas e preste atenção à primeira correção na história desta coluna.

O cão da Srta. Katharine Sheffield é um Corgi. Chama-se Newton, embora seja difícil imaginar que o maior inventor e físico da Inglaterra apreciaria ser imortalizado sob a forma de um cão baixo e gordo, de péssimas maneiras.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
27 DE ABRIL DE 1814

À noite, ficou claro que Edwina não tinha saído ilesa da provação por que passara (embora breve). Seu nariz estava vermelho, os olhos começaram a lacrimejar e era evidente a qualquer um que vislumbrasse o rosto inchado que, apesar de não estar gravemente doente, ela pegara um resfriado.

Mas, ainda que Edwina estivesse metida na cama com uma garrafa de água quente entre os pés e uma poção terapêutica preparada pela cozinheira em uma caneca na mesinha de cabeceira, Kate estava determinada a ter uma conversa com ela.

– O que ele lhe disse na volta para casa? – perguntou, sentando-se na beira da cama da irmã.

– Quem? – retrucou Edwina, fungando e olhando para o remédio com uma expressão de medo. – Dê uma olhada nisso – pediu, esticando-o à sua frente. – Está soltando fumaça.

– O visconde – respondeu Kate com irritação. – Quem mais falaria com você na volta para casa? E não seja tola. Não é fumaça. É só vapor.
– Ah – Edwina fungou mais uma vez e fez uma careta. – Não cheira a vapor.
– É *vapor* – insistiu Kate, agarrando o colchão até os nós dos dedos doerem. – O que ele *disse*?
– Lorde Bridgerton? – indagou Edwina com indiferença. – Ah, nada de mais. Você sabe. Tivemos apenas uma conversa educada.
– Ele conversou educadamente enquanto você estava pingando? – questionou Kate, em dúvida.
Edwina tomou um gole, hesitante, então quase engasgou.
– O que tem *dentro disso*?
Kate inclinou-se e fungou dentro da caneca.
– Cheira a alcaçuz. E acho que vejo uma uva-passa no fundo. – Ao cheirar a bebida, pensou ter ouvido pingos batendo contra o vidro da janela e se empertigou. – Isso é chuva?
– Não sei – respondeu Edwina. – Pode ser. Estava bastante nublado quando o sol se pôs, mais cedo. – Lançou ao copo mais um olhar duvidoso, depois colocou-o de volta na mesa de cabeceira. – Se eu beber, *sei* que isso vai me fazer ficar mais doente – constatou.
– E o que mais ele disse? – insistiu Kate, levantando-se e indo até a janela.
Abriu a cortina e olhou para fora. Estava apenas chuviscando, e não havia como saber se haveria algum trovão ou relâmpago.
– Quem, o visconde? – perguntou Edwina.
Kate considerou-se uma santa por não sacudir a irmã até que ela perdesse os sentidos.
– Sim, o visconde.
Edwina deu de ombros, nem um pouco interessada na conversa com Kate.
– Nada de mais. Perguntou sobre minha saúde, claro. O que foi bem razoável, considerando que eu tinha acabado de mergulhar no lago. O que, posso acrescentar, foi muito nojento. Além de me deixar com frio, com certeza a água não estava limpa.
Kate pigarreou e recostou-se de novo, preparando-se para fazer uma pergunta muito escandalosa mas que, em sua opinião, precisava ser feita. Tentando manter a voz desprovida do completo e total fascínio que percorria suas veias, indagou:

– Ele fez algum avanço inconveniente?

Edwina recuou, arregalando os olhos com o choque.

– Claro que não! – exclamou ela. – Ele foi um perfeito cavalheiro. Sinceramente, não sei por que você está tão agitada. Não foi uma conversa muito interessante. Nem mesmo me lembro de metade do que foi dito.

Kate apenas fitou a irmã, incapaz de compreender como ela podia ter caído numa armadilha para ficar a sós com o odioso libertino por uns bons dez minutos e isso *não* tivesse lhe causado uma impressão indelével. Para a decepção de Kate, cada uma das terríveis palavras que ele lhe dissera ficaria gravada para sempre em sua mente.

– E, por falar nisso – acrescentou Edwina –, como foi com o Sr. Berbrook? Vocês levaram quase uma hora para voltar.

Kate apenas estremeceu.

– Foi tão ruim assim?

– Tenho certeza de que ele será um bom marido para alguém – falou Kate. – Alguém sem um cérebro.

Edwina soltou uma risadinha.

– Ah, Kate, você é terrível.

A mais velha suspirou.

– Eu sei, eu sei. Isso foi muito cruel de minha parte. O pobre homem não tem nem um pingo de maldade. O problema é que...

– Ele não tem nem um pingo de inteligência também – completou Edwina.

Kate ergueu as sobrancelhas. Não era nada comum que Edwina fizesse um comentário tão crítico.

– Eu sei – falou a caçula com um sorriso acanhado. – Agora eu que fui maldosa. Não deveria ter dito isso, mas, sinceramente, pensei que fosse morrer no passeio.

Kate retesou-se, preocupada.

– Ele conduziu o cabriolé com imprudência?

– De modo algum. O problema era a conversa dele.

– Maçante?

Edwina assentiu e uma ligeira perplexidade perpassou seus olhos azuis.

– Era tão difícil entender o que ele dizia que se tornou fascinante tentar imaginar como aquela mente funciona. – Ela começou a tossir sem parar, mas

acrescentou: – Fiquei com dor de cabeça.
– Então ele não é o marido intelectual perfeito? – perguntou Kate com um sorriso benevolente.
Edwina tossiu mais um pouco.
– Temo que não.
– Talvez você devesse tomar um pouco mais do remédio – sugeriu Kate, apontando para a caneca solitária sobre a mesinha de cabeceira. – As cozinheiras confiam totalmente nele.
Edwina balançou a cabeça.
– Tem gosto de morte.
Kate ficou em silêncio por alguns minutos, então perguntou:
– O visconde falou algo de mim?
– De você?
– Não, outro eu – respondeu Kate, quase como uma repreensão. – Claro que sou *eu*. A quantas outras pessoas posso me referir corretamente como “eu”?
– Não precisa se aborrecer por causa disso.
– Não estou aborrecida...
– Bem, na verdade, não, ele não falou sobre você.
De repente, Kate ficou perturbada.
– Mas falou um bocado sobre Newton.
Kate abriu um pouco a boca em sinal de decepção. Nunca era agradável que falassem mais de um cão que de você.
– Eu garanti a ele que Newton é o animalzinho de estimação perfeito e que eu não estava nem um pouco zangada com ele, mas o visconde ficou adoravelmente preocupado por minha causa.
– Que adorável – murmurou Kate.
Edwina pegou um lenço e assoou o nariz.
– Kate, eu diria que você está muito interessada no visconde.
– Passei quase a tarde inteira sendo obrigada a conversar com ele – retrucou Kate, como se isso explicasse tudo.
– Ótimo. Então você teve a chance de ver como ele pode ser educado e encantador. E muito rico também. – Edwina fungou, e remexeu na cama ao redor, procurando um lenço limpo. – Embora eu não acredite que se possa escolher um marido com base apenas em suas finanças, dada a nossa falta de

fundos, eu seria negligente se não o considerasse, você não acha?

– Bem... – começou Kate, sabendo que Edwina estava certa mas sem querer dizer algo que pudesse ser interpretado como aprovação a lorde Bridgerton.

A caçula levou o lenço ao rosto e assoou o nariz de maneira muito pouco feminina.

– Creio que deveríamos acrescentá-lo à nossa lista – comentou, fungando a cada palavra.

– Nossa lista – repetiu Kate com a voz abafada.

– Sim, de possíveis maridos. Creio que ele e eu combinamos muito bem.

– Mas pensei que você quisesse um intelectual!

– E queria. Mas você mesma chamou a atenção para a improbabilidade de encontrar um verdadeiro intelectual. Lorde Bridgerton parece bastante inteligente. Só terei que inventar um meio de descobrir se ele gosta de ler.

– Eu ficaria surpresa se ele *soubesse* ler – resmungou Kate.

– Kate Sheffield! – exclamou Edwina com uma gargalhada. – Você acaba de dizer o que eu acho que você disse?

– Não – falou Kate sem rodeios, pois, sem dúvida, o visconde sabia ler.

Mas era tão terrível em todos os outros quesitos...

– Disse, sim – acusou Edwina. – Você é *horrível*, Kate. – Então sorriu. – Mas me faz rir.

O estrondo de um trovão distante ecoou na noite e Kate fez um esforço para retribuir o sorriso, tentando não estremecer. Em geral, ela não tinha medo de trovões nem de raios a distância. Mas quando eles aconteciam juntos e pareciam tão próximos, ela sentia que poderia morrer de pânico.

– Edwina – falou, sentindo que precisava conversar com a irmã e, ao mesmo tempo, dizer algo que distraísse a si mesma da tempestade que se aproximava –, você precisa esquecer o visconde. Ele não é, de modo algum, o tipo de marido que a faria feliz. Além do fato de ser o pior libertino que existe e de ser muito provável que fosse aparecer com uma dúzia de amantes bem na sua frente...

Quando Edwina franziu a testa, Kate interrompeu o que ia dizer e decidiu se concentrar nesse ponto.

– Isso mesmo! – falou de forma dramática. – Você não leu o *Whistledown*? Nem ouviu nada do que as mamães das senhoritas têm a dizer? Aquelas que já estão no circuito social há muitos anos e sabem das coisas? *Todas* afirmam que

ele é um terrível libertino. Que sua única qualidade é o modo gentil como trata a família.

– Bem, isso seria um ponto a favor dele – observou Edwina. – Já que a esposa seria da família, não é?

Kate quase gemeu.

– Uma esposa não é o mesmo que um parente consanguíneo. Homens que nunca sonharam em desrespeitar a mãe pisam nos sentimentos das esposas todos os dias.

– E como você sabe de tudo isso? – indagou Edwina.

Kate ficou boquiaberta. Não conseguia se lembrar da última vez que a irmã questionara seu julgamento em um tema importante e, infelizmente, a única resposta em que conseguiu pensar em tão pouco tempo foi:

– Sabendo.

O que, teve de admitir, não era suficiente.

– Edwina – disse em tom apaziguador, decidindo mudar o rumo do assunto –, eu também acho que você não iria nem gostar do visconde, se o conhecesse bem.

– Ele pareceu muito agradável ao me trazer para casa.

– Mas ele estava se comportando da melhor maneira! – insistiu Kate. – Claro que pareceria agradável. Ele quer que você se apaixone por ele.

Edwina piscou.

– Então você acha que ele estava fingindo.

– Exatamente! – exclamou Kate, agarrando a ideia. – Edwina, entre ontem à noite e hoje à tarde, passei muitas horas na companhia dele e posso garantir que ele *não* estava se comportando da melhor maneira comigo.

Edwina arfou com horror e talvez uma pequena agitação.

– Ele a beijou? – sussurrou.

– Não! – rugiu Kate. – Claro que não! De onde você tirou essa ideia?

– Você falou que ele não se comportou da melhor maneira.

– O que eu quis dizer – insistiu Kate – é que ele não foi educado. Nem foi muito agradável. Na verdade, foi arrogante, rude e ofensivo.

– Isso é interessante – murmurou Edwina.

– Não foi nem um pouco interessante. Foi horrível!

– Não, não foi isso que eu quis dizer – retrucou Edwina, coçando o queixo. – É muito estranho que o visconde tenha agido assim com você. Ele deve ter ouvido

que eu vou considerar seu julgamento quando escolher um marido. Seria de esperar que fizesse de tudo para agradá-la. – Por que – refletiu – ele se comportaria tão mal?

O rosto de Kate estava vermelho – o que, graças a Deus, não era visível à luz de velas – quando ela resmungou:

– Ele disse que não podia evitar.

Por um segundo, Edwina ficou muito quieta, alheia a tudo. Então se recostou às almofadas e começou a gargalhar.

– Ah, Kate! – disse com um suspiro. – Isso é esplêndido! Ah, que confusão. Ah, adorei!

Kate fitou-a com ar severo.

– Não tem graça.

Edwina enxugou os olhos.

– Acho que foi a coisa mais engraçada que ouvi no último mês. No último ano! Ah, meu Deus. – Teve um novo acesso de tosse, provocado pelas risadas. – Ah, Kate. Acredito que você tenha desentupido meu nariz.

– Edwina, isso é nojento.

A jovem levou o lenço ao rosto e assoou.

– Mas é verdade – concluiu, triunfante.

– Não vai durar – murmurou Kate. – Pela manhã, você estará doente como um cão.

– Você deve ter razão – concordou Edwina –, mas, ah, como foi divertido. Ele disse que não podia evitar? Ah, Kate, isso é muito engraçado.

– Não há necessidade de ficar repetindo – resmungou Kate.

– Sabe, talvez ele seja o primeiro cavalheiro que conhecemos em toda a temporada que você não conseguiu controlar.

Kate contorceu os lábios numa careta. O visconde havia usado aquela mesma palavra, e ambos estavam certos. De fato, ela passara a temporada controlando os homens – controlando-os para Edwina. E de repente não tinha mais tanta certeza de que gostava do papel de mãe para o qual a haviam destinado.

Ou talvez ela mesma tivesse se colocado naquela posição.

Edwina viu a emoção no rosto da irmã e pediu desculpas:

– Ah, querida. Perdoe-me, Kate. Eu não queria provocá-la.

A mais velha arqueou uma sobrancelha.

– Ora, está bem, eu queria provocá-la – concedeu Edwina –, mas nunca pretendi ferir seus sentimentos. Não fazia ideia de que lorde Bridgerton a tivesse perturbado tanto.

– Edwina, eu não suporto aquele homem, só isso. E acho que você não deveria sequer considerar a ideia de se casar com ele. Não me importa quão ardorosa e persistentemente ele a persiga. O visconde não será um bom marido.

A jovem ficou em silêncio por um momento, com os magníficos olhos azuis bem sérios. Então falou:

– Bem, se você diz, deve ter razão. Decerto nunca fui levada a qualquer erro pelo seu julgamento. E é verdade que você passou mais tempo na companhia dele, então sabe mais do que eu.

Kate soltou um longo e mal disfarçado suspiro de alívio.

– Ótimo – retrucou com firmeza. – Quando você estiver se sentindo melhor, analisaremos os atuais admiradores para uma escolha mais sábia.

– E talvez você também possa procurar um marido – sugeriu Edwina.

– Mas eu estou sempre procurando – insistiu Kate. – De que serviria uma temporada em Londres se não estivesse?

Edwina pareceu em dúvida.

– Não creio que você *esteja* procurando, Kate. Acho que tudo o que você faz é avaliar as possibilidades para mim. E não há razão para que não encontre um marido também. Você precisa de uma família. Não consigo imaginar ninguém mais preparada para a maternidade que você.

Kate mordeu o lábio inferior, sem querer responder diretamente à ponderação da irmã. Porque, por trás daqueles adoráveis olhos e do rosto perfeito, Edwina devia ser a pessoa mais perspicaz que ela conhecia. E estava certa: Kate não estava procurando um marido. Mas por que deveria? Ninguém pensava em se casar com ela também.

Suspirou, fitando a janela. A tempestade parecia ter se dissipado sem chegar à parte de Londres onde elas estavam. Kate imaginou que deveria sentir-se grata por pequenas conquistas.

– Por que não cuidamos dos seus admiradores primeiro? – disse, por fim – Acho que concordamos que é mais provável que você seja pedida em casamento antes de mim. Depois disso, pensaremos sobre minhas opções.

Edwina deu de ombros e Kate soube que o silêncio deliberado significava que

ela não concordava.

– Muito bem – falou, pondo-se de pé. – Vou deixá-la descansar. Tenho certeza de que você precisa disso.

Edwina tossiu em resposta.

– E tome o remédio! – concluiu Kate, rindo, ao caminhar até a porta.

Quando a fechou atrás de si, ouviu a irmã murmurar:

– Preferiria morrer.

Quatro dias depois, Edwina já tomava obedientemente todo o remédio da cozinheira, embora resmungando e reclamando muito. Sua saúde havia melhorado, mas não muito. Ela ainda estava metida na cama, tossindo e irritada.

Mary dissera que Edwina não poderia comparecer a nenhum evento social antes de terça-feira. Kate assumira que isso significava que todas teriam um descanso (porque, na verdade, qual era o sentido de comparecer a um baile sem Edwina?), mas, depois de passarem a sexta, o sábado e o domingo em perfeita tranquilidade, sem fazer nada além de ler e levar Newton para passear, Mary declarou que as duas iriam ao recital de Lady Bridgerton, segunda-feira à noite, e...

(Nesse momento, Kate tentou explicar por que isso não era uma boa ideia.)

... ponto *final*.

Kate logo desistiu de argumentar. Não fazia sentido continuar a discutir, especialmente depois que Mary girou nos calcanhares e se afastou após pronunciar a palavra “final”.

Kate tinha certos padrões, e eles incluíam não discutir com portas fechadas.

Portanto, na noite de segunda-feira ela estava em um vestido de seda azul-clara, com um leque nas mãos, a caminho da casa dos Bridgertons, na Grosvenor Square, seguindo pelas ruas de Londres em uma carruagem barata em companhia da madrasta.

– Todos ficarão muito surpresos em nos ver sem Edwina – comentou Kate, ajeitando, com a mão esquerda, a renda preta da capa.

– Você também está procurando um marido – retrucou Mary.

Kate ficou em silêncio por um instante. Não tinha muito o que dizer sobre isso, já que, afinal, deveria ser verdade.

– E pare de amarrotar sua capa – acrescentou Mary. – Assim ela ficará vincada a noite toda.

Kate obedeceu. Então, começou a bater com a mão direita no banco durante alguns segundos, de forma ritmada, até Mary dizer num impulso:

– Meu Deus, Kate, fique quieta!

– A senhora sabe que não posso – respondeu ela.

Mary apenas suspirou.

Após outro longo silêncio, pontuado somente pela batida de seu pé, Kate acrescentou:

– Edwina ficará solitária sem nós.

Mary nem se deu o trabalho de olhar para ela ao falar:

– Edwina tem um romance para ler. O último daquela tal Jane Austen. Nem perceberá que saímos.

Isso era verdade. Se a cama pegasse fogo enquanto ela lia, talvez Edwina nem percebesse.

Kate disse, então:

– A música provavelmente será terrível. Depois daquela história dos Smythe-Smiths...

– Quem se apresentou no recital dos Smythe-Smiths foram as filhas deles – retrucou Mary, soando um pouco impaciente. – Lady Bridgerton contratou um cantor de ópera profissional, vindo da Itália. É uma honra termos sido convidadas.

Kate sabia, sem dúvida, que o convite fora para Edwina. Decerto ela e Mary haviam sido incluídas apenas por uma questão de educação. Mas a madrasta tinha começado a ficar nervosa, por isso Kate decidiu segurar a língua pelo restante da viagem.

Isso não seria tão difícil, porque já estavam quase diante da Casa Bridgerton.

Kate ficou boquiaberta ao olhar pela janela.

– É imensa – observou.

– Não é? – disse Mary, recolhendo suas coisas. – O que sei é que lorde Bridgerton não mora aqui. Embora a casa pertença a ele, o visconde permanece em aposentos de solteiro para que a mãe e os irmãos possam residir na mansão. Não é muita consideração da parte dele?

Consideração e *lorde Bridgerton* eram duas expressões que Kate não conseguia

imaginar na mesma frase. No entanto, ela assentiu, impressionada demais com o tamanho e a beleza da construção de pedra para fazer um comentário inteligente.

Quando a carruagem parou, Mary e Kate receberam a ajuda de um dos criados dos Bridgertons, que correu para abrir a porta. Um mordomo pegou o convite e esperou que elas entrassem. Depois, recolheu suas capas e apontou para o salão de música, que ficava no fim do corredor.

Kate já estivera em mansões londrinas suficientes para não se espantar com o luxo e a beleza óbvios da mobília, mas mesmo assim ficou impressionada com a elegância e a sobriedade da decoração da Casa Bridgerton. Até os tetos eram obras de arte – em tons claros de verde e azul, com as cores separadas por uma sanca branca tão intricada que parecia quase uma renda.

O salão de música também era adorável, com suas paredes de uma agradável tonalidade de amarelo-limão. Havia fileiras de cadeiras dispostas para os participantes e Kate logo conduziu a madrasta para uma das últimas. Na verdade, não havia motivo para querer ficar em um lugar de destaque. Sem dúvida, lorde Bridgerton estaria presente – se todas as histórias sobre sua devoção à família fossem reais –, e, se Kate tivesse sorte, talvez ele nem notasse sua presença.

Mas, ao contrário, Anthony soube exatamente quando Kate desceu da carruagem e entrou na casa de sua família. Estava no escritório, degustando um drinque solitário antes de se dirigir ao recital anual da mãe. Por uma questão de privacidade, preferira não morar na Casa Bridgerton enquanto fosse solteiro, mas mantinha um escritório ali. Sua posição de chefe da família trazia grandes responsabilidades, e Anthony achava mais fácil cuidar dessas atribuições na própria mansão.

As janelas do escritório davam para a Grosvenor Square e ele se divertia observando as carruagens chegarem trazendo os convidados. Quando Kate Sheffield desceu da sua, ergueu os olhos para a fachada da Casa Bridgerton e inclinou a cabeça de maneira muito semelhante à que fizera ao desfrutar do calor do sol no Hyde Park. A luz dos candeeiros, de ambos os lados da porta principal, banhou sua pele com um brilho tremeluzente.

Nesse momento, Anthony perdeu imediatamente o fôlego.

Apoiou o copo de vidro no amplo peitoril com um baque surdo. Aquilo estava

ficando ridículo. Ele não enganaria a si mesmo dizendo que a tensão em seus músculos não tinha nada a ver com desejo.

Droga. Ele nem sequer gostava daquela mulher. Ela era muito mandona, muito teimosa, e tirava conclusões rápido demais. E não era nem bonita – ao menos quando comparada a algumas das damas que estavam em Londres para a temporada, principalmente a própria irmã.

O rosto de Kate era comprido demais, o queixo, muito pontudo, e os olhos, enormes. Tudo nela era *excessivo*. Até a boca, que o matara de constrangimento com seu fluxo infinito de insultos e opiniões, era carnuda demais. Nas raras ocasiões em que ela a fechava e lhe proporcionava um abençoado instante de silêncio (já que decerto não conseguia ficar calada por mais que apenas um instante), tudo o que ele via eram os lábios, cheios, carnudos e – desde que ela os mantivesse fechados, sem dizer uma palavra – eminentemente beijáveis.

Beijáveis?

Anthony estremeceu. A ideia de beijar Kate Sheffield era assustadora. Na verdade, o simples fato de *pensar* nisso deveria ser suficiente para mandá-lo para o manicômio.

Ainda assim...

Anthony deixou-se cair numa cadeira.

... ainda assim, sonhara com ela.

Acontecera após o fiasco no lago Serpentine. Ele havia ficado tão furioso com ela que mal podia falar. Foi surpreendente que, no fim das contas, tivesse conseguido dizer alguma coisa a Edwina durante o rápido percurso de volta à casa dela. Tudo o que conseguira produzir fora uma conversa educada: palavras irrefletidas banais que saíam de sua boca sem que ele se desse conta.

Com certeza, fora uma bênção, pois sua mente definitivamente não estava onde deveria: em Edwina, a futura esposa.

Ah, ela não havia aceitado se casar com ele. Ele não tinha nem pedido. Mas Edwina satisfazia todos os pré-requisitos que ele estabelecera para que uma mulher se tornasse sua esposa. Anthony já havia decidido que ela seria a pessoa com quem se casaria. Era bonita, inteligente e tranquila. Atraente sem fazer o sangue dele ferver. Os dois passariam anos agradáveis juntos, mas ele nunca se apaixonaria por ela.

Ela era exatamente o que ele precisava.

E ainda assim...

Anthony estendeu a mão para o copo e acabou a bebida em um único gole.

... Ainda assim, ele havia sonhado com a irmã dela.

Tentou não se lembrar dos detalhes do sonho – do calor e do suor –, mas havia bebido apenas um drinque naquela noite e isso certamente não fora capaz de apagar suas lembranças. Embora não tivesse intenção de beber mais, a ideia de se entregar ao esquecimento começava a lhe parecer atraente.

Qualquer coisa seria atraente se significasse que ele não se lembraria.

Mas ele não tinha vontade de beber. Havia anos que não se embriagava. Parecia coisa de jovens, nem um pouco atraente para um homem de quase 30 anos. Além disso, mesmo que decidisse buscar a amnésia temporária em uma garrafa, ela não viria rápido o suficiente para afastar a lembrança *dela*.

Lembrança? Rá. Nem era uma lembrança real. Fora apenas um sonho, recordou-se. Apenas um sonho.

Naquela noite, ele adormecera depressa ao retornar para casa. Tirara as roupas e mergulhara em uma banheira de água quente por quase uma hora, tentando afastar o frio que ia até os ossos. Não tinha mergulhado por completo no lago Serpentine, como Edwina, mas suas pernas haviam ficado encharcadas, assim como uma das mangas, e a sacudida estratégica de Newton garantira que nem um centímetro de seu corpo permanecesse quente durante a volta à casa das Sheffields no cabriolé emprestado.

Após o banho, ele se metera na cama sem se importar com o fato de que ainda era cedo para dormir e que ainda seria ao menos por uma hora. Estava exausto e sua intenção era adormecer profundamente, sem sonhar com nada, até os primeiros sinais da aurora.

Mas, em algum momento durante a noite, seu corpo fora tomado pela inquietude e avidez. E a mente traiçoeira se enchera de imagens terríveis. Ele as observava como se flutuassem próximo ao teto, e ainda assim sentia tudo: seu corpo nu movendo-se sobre uma forma feminina flexível, as mãos acariciando e apertando a carne quente, a confusão agradável de braços e pernas, o aroma almiscarado de dois corpos apaixonados – tudo isso estivera ali, quente e vívido em sua cabeça.

E então ele se movera. Um pouco apenas, talvez para beijar a orelha da mulher cujo rosto estava oculto. No entanto, quando se afastara para o lado, a fisionomia

dela aos poucos ficara evidente. Primeiro, apareceu uma mecha densa de cabelos castanho-escuros, encaracolando-se suavemente e fazendo cócegas em seu ombro. Então ele se afastou mais ainda...

E a viu.

Kate Sheffield.

Anthony acordara no mesmo instante e sentara-se muito ereto na cama, tremendo horrorizado. Fora o sonho erótico mais vívido que já tivera.

E seu pior pesadelo.

Tateou os lençóis com uma das mãos, de forma frenética, temendo encontrar a prova de sua paixão. Que Deus tivesse piedade se ele realmente houvesse ejaculado enquanto sonhava com a mais terrível das mulheres que conhecia.

Graças ao Senhor, os lençóis estavam limpos. Assim, com o coração disparado e a respiração ofegante, ele voltou a se reclinar nos travesseiros com movimentos lentos e cautelosos, como se isso, de alguma maneira, pudesse evitar a repetição do sonho.

Fitara o teto durante horas, primeiro conjugando verbos em latim e depois contando até mil, numa tentativa de manter o cérebro concentrado em algo que não fosse Kate Sheffield.

E, para sua surpresa, conseguira exorcizar a imagem da mente e adormecer.

Mas agora ela voltara. Estava ali. Em sua casa.

Era um pensamento terrível.

E onde diabo estava Edwina? Por que não acompanhara a mãe e a irmã?

Os primeiros acordes de um quarteto de cordas passaram por debaixo da porta, dissonantes e confusos. Sem dúvida, era o aquecimento dos músicos que a mãe contratara para acompanhar Maria Rosso, a última soprano que tomara Londres de assalto.

Anthony com certeza não dissera isso à mãe, mas ele e Maria haviam tido um agradável interlúdio da última vez que ela viera à cidade. Talvez ele devesse considerar renovar a amizade dos dois. Se a beleza italiana exuberante não curasse o que o afligia, nada poderia.

Ele se levantou e empertigou os ombros, consciente de que parecia se preparar para uma batalha. Droga, era assim que se *sentia*. Talvez, se tivesse sorte, conseguisse evitar qualquer contato com Kate Sheffield. Imaginava que ela não teria interesse em interromper o que quer que estivesse fazendo para entabular

uma conversa com ele. Já ficara muito claro que a opinião que ele tinha dela era recíproca.

Sim, era isso que faria. Evitaria Kate Sheffield. Não podia ser difícil, não é?

CAPÍTULO 6

O recital de Lady Bridgerton mostrou ser, decididamente, um evento musical (esta autora garante que nem sempre essa é a regra nos recitais). A artista convidada era ninguém menos que Maria Rosso, a soprano italiana que fez sua estreia em Londres há dois anos e voltou agora depois de um breve período nos palcos de Viena.

Com cabelos volumosos e negros e olhos escuros reluzentes, a Srta. Rosso mostrou ser tão graciosa nas formas quanto na voz, e mais de um (na verdade, mais de uma dúzia) dos chamados cavalheiros da sociedade teve muita dificuldade em afastar os olhos de sua pessoa, mesmo depois do fim da apresentação.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
27 DE ABRIL DE 1814

Kate soube o minuto exato em que ele entrou na sala.

Tentou dizer a si mesma que não tinha nada a ver com uma percepção exaltada do sujeito. Ele era lindo, e isso era um fato, não uma opinião. Kate tinha certeza de que todas as mulheres tomavam conhecimento de sua presença imediatamente.

Ele chegou atrasado. Só um pouco – a soprano ainda não tinha avançado muito na apresentação. Mas atrasado o suficiente para tentar não fazer barulho ao se sentar em uma cadeira na primeira fila, perto da família. Kate permaneceu imóvel em seu lugar na parte de trás, quase certa de que ele não a vira ao se acomodar para assistir à apresentação. Não olhara na direção dela e, além disso, várias velas tinham sido apagadas, deixando a sala banhada por um brilho pálido e romântico. As sombras decerto obscureciam seu rosto.

Kate tentou se concentrar na Srta. Rosso durante toda a apresentação. Não adiantou muito, porém, porque a cantora não tirava os olhos de lorde Bridgerton. De início, Kate pensara que o fascínio da mulher pelo visconde fosse fruto de sua imaginação, mas, no meio da performance, não teve mais como duvidar. Maria Rosso estava fazendo ao visconde um convite com os olhos.

Kate não sabia por que isso a incomodava tanto. Afinal, era apenas mais uma prova de que ele era o libertino que ela sempre soubera que era. Devia se sentir orgulhosa. Vingada.

Em vez disso, tudo o que sentia era decepção. Experimentava uma sensação aguda, incômoda em seu coração, que a fazia afundar um pouco na cadeira.

Quando a apresentação acabou, ela não pôde deixar de notar que a soprano, depois de receber os aplausos da forma mais graciosa, caminhou descaradamente até o visconde e lhe ofereceu um daqueles sorrisos sedutores que Kate nunca aprenderia a dar, mesmo que uma dúzia de cantoras de ópera tentasse lhe ensinar. Não havia como confundir o que a cantora queria dizer com aquele sorriso.

Por Deus, o sujeito nem precisava ir atrás das mulheres. Elas praticamente caíam a seus pés.

Era nojento. Muito nojento.

Ainda assim, Kate não conseguia parar de olhar.

Lorde Bridgerton dirigiu à Srta. Rosso um daqueles seus meio sorrisos misteriosos. Então esticou a mão e colocou um cacho dos cabelos negros atrás da orelha dela.

Kate estremeceu.

Ele tinha se inclinado e murmurava algo em seu ouvido. Kate sentiu as próprias orelhas esticando-se na direção deles, embora fosse obviamente impossível ouvir qualquer coisa daquela distância.

Mas, ainda assim, era um crime ser tão curiosa? E...

Por Deus, será que ele tinha beijado o pescoço dela? Por certo não faria algo assim na casa da própria mãe. Bem, ela sabia que a Casa Bridgerton pertencia, tecnicamente, a ele, mas a mãe morava ali, bem como muitos de seus irmãos. Na verdade, o sujeito deveria ter um pouco mais de consideração. Algum decoro na presença da família não seria demais.

– Kate? Kate?

Fora um beijo breve, apenas uma roçada dos lábios leve como pena sobre a pele da Srta. Rosso, mas ainda assim um beijo.

– Kate!

– Sim! Pois não?

Ela deu um pulo quando girou na cadeira para encarar Mary, que a observava com uma expressão irritada.

– Pare de olhar para o visconde – sussurrou a madrasta.

– Eu não estava olhando para ele. Ora, está bem, eu estava, mas você viu? – cochichou Kate. – É um descarado.

Ela virou a cabeça para ele, que ainda flertava com Maria Rosso e, obviamente, não se importava com os olhares que atraía.

Mary ficou bem séria e então disse:

– Tenho certeza de que o comportamento dele não é problema nosso.

– Claro que é problema nosso. Ele quer se casar com Edwina.

– Não sabemos se isso é verdade.

Kate lembrou-se de suas conversas com lorde Bridgerton.

– Eu diria que há uma grande probabilidade de ser.

– Bem, pare de vigiá-lo. Com certeza ele não quer nada com você depois do fiasco no Hyde Park. Além disso, há um bom número de cavalheiros disponíveis aqui. Você faria um bem enorme se parasse de pensar em Edwina o tempo todo e começasse a olhar ao redor.

Kate sentiu os ombros se arquearem. A mera ideia de tentar atrair um admirador era desgastante. Todos queriam Edwina, de qualquer forma. E, mesmo que ela não estivesse nem um pouco interessada no visconde, se incomodou ao ouvir Mary dizer que tinha *certeza* de que ele não queria nada com *ela*.

Mary agarrou o braço da enteada com uma firmeza que não dava abertura a nenhum protesto.

– Vamos, Kate – falou em voz baixa. – Vamos cumprimentar nossa anfitriã.

Kate engoliu em seco. Lady Bridgerton? Ela teria que falar com Lady Bridgerton? A mãe do visconde? Já era difícil acreditar que uma criatura como ele *tivesse* uma mãe.

Contudo, educação era educação, e, por mais que Kate quisesse se dirigir ao saguão e sair dali, sabia que devia agradecer à anfitriã por preparar uma

apresentação tão agradável.

E fora mesmo agradável. Ainda que relutasse em admitir, especialmente pelo fato de a mulher em questão estar pendurada no visconde, Maria Rosso tinha a voz de um anjo.

Conduzida com determinação por Mary, Kate chegou à frente do salão e aguardou a vez de cumprimentar a viscondessa. Ela parecia uma mulher adorável, com cabelos louros e olhos claros, e muito baixinha para gerar filhos tão altos. O falecido visconde devia ter sido um homem grande, concluiu.

Enfim elas chegaram à frente da pequena multidão e Lady Bridgerton segurou a mão de Mary.

– Sra. Sheffield – falou com a voz branda –, que prazer vê-la mais uma vez. Gostei tanto de nosso encontro no baile de Hartside, na última semana... Fico muito feliz que a senhora tenha aceitado meu convite.

– Nem sonharíamos em passar a noite em outro lugar – retrucou Mary. – Gostaria de lhe apresentar minha filha.

Ela apontou para Kate, que deu um passo à frente e inclinou-se numa mesura respeitosa.

– É um prazer conhecê-la, Srta. Sheffield – disse Lady Bridgerton.

– Sinto-me igualmente honrada – respondeu Kate.

Lady Bridgerton fez um gesto para uma jovem a seu lado.

– E essa é minha filha Eloise.

Kate sorriu de modo afetuoso para a garota, que parecia ter a idade de Edwina. Os cabelos eram da mesma cor dos de seus irmãos mais velhos e o rosto estava iluminado por um sorriso largo e simpático. Kate gostou dela de imediato.

– Como vai, Srta. Bridgerton? – falou Kate. – É sua primeira temporada?

Eloise assentiu.

– Oficialmente, deveria ser apenas no ano que vem, mas minha mãe me permitiu participar de alguns eventos aqui na Casa Bridgerton.

– Que sorte a sua – comentou Kate. – Eu adoraria ter ido a algumas festas no ano passado. Nesta primavera, quando cheguei a Londres, tudo era tão novo... Minha cabeça dá um nó só de tentar lembrar o nome de todos.

Eloise sorriu.

– Na verdade, minha irmã Daphne debutou há dois anos, e descreveu a tudo e a todos com tantos detalhes que sinto como se já conhecesse praticamente todo

mundo.

– Daphne é sua filha mais velha? – perguntou Mary a Lady Bridgerton.

A viscondessa assentiu.

– Casou-se com o duque de Hastings no ano passado.

Mary sorriu.

– A senhora deve ter ficado encantada.

– Decerto que sim. Ele é um duque, e, mais importante, é um bom homem, que ama minha filha. Espero apenas que meus outros rebentos tenham casamentos tão maravilhosos quanto o dela. – Lady Bridgerton inclinou a cabeça levemente para o lado e virou-se para Kate. – Ouvi dizer, Srta. Sheffield, que sua irmã não pôde vir esta noite.

Kate tentou conter um gemido. Era evidente que Lady Bridgerton já imaginava Anthony e Edwina caminhando para o altar.

– Infelizmente, ela pegou um resfriado na semana passada.

– Nada sério, espero – disse a viscondessa para Mary, num tom de mãe para mãe.

– Não, de forma alguma – respondeu Mary. – Na verdade, ela está quase curada. Mas achei que deveria convalescer por mais um dia antes de sair ao ar livre. Não seria bom ter uma recaída.

– Não, claro que não. – Lady Bridgerton fez uma pausa e em seguida sorriu. – Bem, é uma pena. Eu estava ansiosa para conhecê-la. Edwina, não é?

Kate e Mary assentiram.

– Ouvi dizer que ela é adorável.

Ao mesmo tempo que Lady Bridgerton dizia essas palavras, lançava um olhar para o filho – que flertava enlouquecidamente com a cantora de ópera italiana – e franzia a testa.

Kate sentiu um embrulho no estômago. De acordo com os números recentes do *Whistledown*, Lady Bridgerton estava em uma missão para casar o filho. E, embora o visconde não parecesse o tipo de homem que satisfizesse a vontade da mãe (ou de qualquer pessoa, aliás), Kate tinha a sensação de que a senhora conseguiria exercer alguma pressão, se quisesse.

Após alguns instantes conversando sobre amenidades, Mary e Kate deixaram Lady Bridgerton à vontade para cumprimentar o restante dos convidados. Em pouco tempo, a Sra. Featherington – que, como mãe de três filhas solteiras,

sempre tinha muito a dizer a Mary sobre uma ampla variedade de assuntos – se aproximou das duas. Mas, enquanto a mulher gorducha avançava na direção delas, seus olhos pousaram em Kate.

Kate na mesma hora começou a avaliar possíveis rotas de fuga.

– Kate! – gritou a mulher. Havia muito ela se considerava íntima dos Sheffields. – Que surpresa vê-la por aqui!

– E por que razão, Sra. Featherington? – indagou Kate, confusa.

– Com certeza você leu o *Whistledown* de hoje.

Kate sorriu sem graça. Ou fazia isso ou se encolhia.

– Ah, a senhora se refere ao pequeno incidente envolvendo meu cachorro?

A Sra. Featherington ergueu as sobrancelhas.

– Pelo que ouvi dizer, foi mais que um "pequeno incidente".

– Não foi nada de mais – retrucou Kate com firmeza, embora, para dizer a verdade, achasse difícil não rosnar diante daquela mulher indiscreta. – E devo dizer que fiquei ressentida com Lady Whistledown por se referir a Newton como um cão de raça indeterminada. Pois saiba a senhora que ele é um Corgi de raça pura.

– Isso era o menos importante – comentou Mary, enfim tomando a defesa de Kate. – Fico surpresa que merecesse uma menção na coluna.

Kate ofereceu à Sra. Featherington o sorriso mais brando que pôde, plenamente consciente de que ela e a madrasta mentiam. Afogar Edwina (e quase afogar lorde Bridgerton) no lago Serpentine não era um "pequeno incidente", mas, se Lady Whistledown não fora capaz de narrar todos os detalhes, com certeza Kate não iria preencher as lacunas.

A Sra. Featherington abriu a boca e inspirou de forma brusca, o que queria dizer que ela estava se preparando para um longo monólogo sobre a importância do bom comportamento (ou das boas maneiras, ou de uma boa criação, ou do bom qualquer que fosse o assunto do dia), por isso Kate se apressou em perguntar:

– Posso pegar uma limonada para as senhoras?

As duas matronas disseram que sim e agradeceram, então Kate se afastou. Ao retornar, porém, sorriu de modo inocente e disse:

– Mas, como só tenho duas mãos, agora tenho que voltar para pegar um copo para mim.

E desapareceu.

Parou por alguns instantes na mesa de limonada, para o caso de Mary estar olhando, em seguida saiu quase correndo da sala em direção ao corredor, onde afundou em um banco acolchoado a cerca de 10 metros do salão de música, ansiosa por um pouco de ar. Lady Bridgerton deixara abertas as portas duplas, que davam para o pequeno jardim nos fundos da casa, mas havia tantas pessoas lá dentro que o ar estava sufocante mesmo com a leve brisa vindo de fora.

Ela continuou sentada por vários minutos, mais que satisfeita pelo fato de os outros convidados não terem decidido espalhar-se no corredor. Mas então ouviu uma voz específica erguer-se um pouco acima do barulho da multidão, seguida por uma gargalhada melodiosa, e Kate percebeu com horror que lorde Bridgerton e a futura amante estavam prestes a deixar o salão de música e ir para o corredor.

– Ah, não – gemeu, tentando manter a voz baixa.

A última coisa que queria era que o visconde deparasse com ela sentada sozinha. Sabia que estava ali por opção, mas provavelmente ele pensaria que ela havia fugido da multidão por ser um fracasso social e pela alta sociedade compartilhar a mesma opinião a seu respeito: que ela era uma ameaça impertinente e pouco atraente à sociedade.

Ameaça à sociedade? Kate trincou os dentes. Levaria um longo, longo tempo até que ela o perdoasse *por isso*.

No entanto, estava cansada e sem a menor vontade de lidar com ele naquele momento, por isso ergueu as saias alguns centímetros para evitar tropeçar e caminhou depressa para o vão da porta próximo ao banco. Com um pouco de sorte, o visconde e a amante passariam sem vê-la e ela poderia voltar correndo para o salão de música, sem que tivessem percebido sua ausência.

Kate lançou um olhar à sua volta ao fechar a porta. Havia um lampião aceso sobre a escrivaninha e, enquanto seus olhos se ajustavam à escuridão, ela percebeu que estava em um tipo de escritório. As estantes estavam cheias de livros, embora não em número suficiente para ser a biblioteca dos Bridgertons, e a sala era dominada por uma enorme escrivaninha de carvalho. Havia papéis no topo de pilhas organizadas, e uma pena e um vidrinho de tinta ainda se encontravam sobre a mesa.

Claramente aquele escritório era usado de verdade. Alguém realmente

trabalhava ali.

Kate foi até a escrivaninha, vencida pela curiosidade, e percorreu os dedos de forma indolente pela borda de madeira. O ar ainda conservava um leve odor de tinta e, talvez, uma sugestão de fumaça de cachimbo.

No fim das contas, concluiu, era uma sala adorável. Confortável e prática. Uma pessoa poderia passar horas a fio ali em contemplação preguiçosa.

No entanto, mal Kate se apoiara na escrivaninha, saboreando a tranquilidade da solidão, ouviu um som *terrível*.

O clique de uma maçaneta.

Com um arfar frenético, meteu-se embaixo da mesa, espremendo-se no espaço cúbico vazio e agradecendo aos céus pelo fato de a escrivaninha ser completamente sólida, e não o tipo que se apoia sobre quatro pernas frágeis.

Mal conseguindo respirar, aguçou os ouvidos.

– Mas eu tinha ouvido que este seria o ano em que enfim veríamos o famoso lorde Bridgerton cair nas garras do casamento...

Era uma voz feminina cadenciada.

Kate mordeu o lábio. Era uma voz feminina cadenciada com um sotaque *italiano*.

– E onde você ouviu isso?

Era a voz inconfundível do visconde, seguida de outro clique terrível da maçaneta.

Kate fechou os olhos em agonia. Ela estava presa no escritório com um casal de amantes. Nada podia ser pior que aquilo.

Bem, ela poderia ser descoberta. *Isso* seria muito pior. Engraçado como não a fazia se sentir muito melhor sobre sua situação.

– Toda a cidade está comentando, milorde – retrucou Maria. – Todos dizem que você decidiu sossegar e escolher uma noiva.

Fez-se silêncio, mas Kate podia jurar que *ouvira* o visconde dar de ombros.

Então escutou alguns passos, que provavelmente aproximaram ainda mais os amantes, e ele murmurou:

– Talvez seja verdade.

– Você está partindo meu coração, sabia?

Kate achou que poderia vomitar.

– Ora, vamos, doce *signorina* – o som de lábios sobre pele –, nós dois sabemos

que seu coração é imune a qualquer de minhas maquinações.
Em seguida, ouviu-se um rumor, que Kate interpretou como o som de Maria se afastando do visconde e olhando para ele como se dissesse: “Mas não estou inclinada a um namorico, milorde. Não procuro um casamento, é claro – isso seria uma grande tolice. No entanto, quando eu escolher um protetor, será, por assim dizer, por um longo tempo.”
Passos. Talvez Bridgerton estivesse diminuindo novamente a distância entre eles.
A voz dele era baixa e rouca ao dizer:
– Não vejo problema algum.
– Mas sua esposa pode ver.
Bridgerton deu uma risadinha.
– A única razão para desistir de uma amante é apaixonar-se pela esposa. E, como não pretendo escolher uma esposa pela qual me apaixone, não vejo razão para me privar dos prazeres de uma mulher adorável como você.
E você quer se casar com Edwina? Kate precisou se esforçar para não gritar. Na verdade, se ela não estivesse agachada feito um sapo, com as mãos ao redor dos tornozelos, talvez emergisse de baixo da mesa como uma das Erínias e tentasse matar aquele homem.
Logo escutou alguns sons ininteligíveis, que pediu encarecidamente que não fossem o prelúdio de algo mais íntimo. Após um momento, porém, ouviu a voz do visconde com clareza:
– Você quer beber alguma coisa?
Maria murmurou que sim e o passo firme de lorde Bridgerton ecoou pelo chão, aproximando-se cada vez mais, até que...
Ah, *não*.
Kate entreviu o decantador apoiado no peitoril, localizado diante de seu esconderijo sob a escrivaninha. Se ele mantivesse o rosto virado para a janela enquanto servia o líquido, ela poderia não ser descoberta, mas caso ele se virasse ao menos um pouquinho...
Ela ficou paralisada. Completamente paralisada. Sem respirar.
Com os olhos arregalados e sem piscar (será que as pálpebras poderiam fazer algum som?), ela observou, totalmente horrorizada, lorde Bridgerton entrar em seu campo de visão, o corpo atlético exibido para sua apreciação de modo

surpreendente daquele local privilegiado no chão.

Os copos tiniram baixinho quando ele os apoiou no peitoril. Em seguida, o visconde retirou a rolha do decantador e serviu dois dedos de um líquido âmbar em cada um dos recipientes.

Não se vire. Não se vire.

– Está tudo bem? – perguntou Maria.

– Tudo ótimo – respondeu ele, embora parecesse um pouco distraído.

Ergueu os copos, murmurando baixinho para si mesmo ao se virar devagar.

Continue andando. *Continue andando.* Se ele se afastasse ao mesmo tempo que dava meia-volta, caminharia até Maria e ela estaria segura. Mas, se desse meia-volta e *então* andasse, Kate estaria acabada.

E ela não duvidava que ele a *mataria*. Na verdade, estava até surpresa pelo fato de não ter tentado, na semana anterior, às margens do lago Serpentine.

Lentamente, ele deu meia-volta. Então virou-se de novo. E não caminhou.

Nesse momento, Kate tentou pensar em todas as razões pelas quais morrer antes de chegar aos 21 anos não seria algo tão ruim.

Anthony sabia muito bem por que havia levado Maria Rosso ao escritório. Sem dúvida, nenhum homem de sangue quente estaria imune aos encantos dela. Seu corpo era exuberante, sua voz era inebriante e ele sabia, por experiência própria, que seu toque era igualmente poderoso.

Porém, mesmo ao ver os cabelos escuros sedosos e os lábios cheios e carnudos, mesmo quando seus músculos se retesaram ao recordar-se de outras partes cheias e carnudas do corpo dela, ele sabia que a estava usando.

Não se sentia culpado por usá-la para o próprio prazer. Nesse sentido, ela fazia o mesmo com ele. E ao menos seria recompensada por isso, pois ele lhe presentearia com joias e uma mesada trimestral, além do aluguel de uma suntuosa residência numa parte elegante (mas não elegante demais) da cidade.

Não. Se ele se sentia desconfortável, frustrado, como se quisesse socar uma parede de tijolos, era porque estava usando Maria para tirar a maldita Kate Sheffield de sua mente. Ele não queria acordar com uma ereção e sofrendo mais uma vez. Pretendia mergulhar em outra mulher até a lembrança do sonho se dissolver e desaparecer de sua mente.

Porque Deus sabia que ele nunca concretizaria aquela fantasia erótica. Nem mesmo *gostava* de Kate Sheffield. A ideia de se deitar com ela fazia com que ele começasse a suar frio, ainda que lhe despertasse uma onda de desejo.

Não. Aquele sonho só se tornaria realidade se ele estivesse com a sanidade comprometida... e ela também... e, quem sabe, eles tivessem ido parar em uma ilha deserta, ou fossem ser executados na manhã seguinte, ou...

Anthony estremeceu. Simplesmente não havia meios de aquilo acontecer.

Mas que diabos! Aquela mulher só podia tê-lo enfeitiçado. Não poderia existir outra explicação para o sonho – não, o pesadelo –, e, além disso, mesmo agora ele podia jurar que *sentia* o perfume dela. Era uma combinação enlouquecedora de lírios e sabonete, o cheiro inebriante que invadira suas narinas no Hyde Park na semana anterior.

Ali estava ele, servindo um copo do mais refinado uísque a Maria Rosso, uma das poucas mulheres que ele conhecia capaz de apreciar um uísque refinado e a embriaguez diabólica que se seguia, e tudo o que sentia era o maldito perfume de Kate Sheffield. Ele sabia que ela estava na casa – e ele seria capaz de matar a mãe por isso –, mas aquilo era ridículo.

– Está tudo bem? – perguntou Maria.

– Tudo ótimo – respondeu Anthony, e sua voz soou tensa aos próprios ouvidos.

Ele começou a murmurar, algo que sempre fazia para relaxar.

Deu meia-volta e começou a avançar. Maria esperava por ele, afinal.

Mas sentiu de novo o maldito perfume. Lírios. Podia jurar que eram lírios. E sabonete. Os lírios eram intrigantes, mas o sabonete fazia todo sentido. Uma mulher prática como Kate Sheffield se lavaria com sabonete.

Seu pé hesitou em pleno ar e o passo seguinte foi curto. Ele não podia evitar o cheiro e tornou a se virar, enquanto o nariz instintivamente conduzia seus olhos em uma direção onde ele sabia que não poderia haver lírios, embora o perfume ainda estivesse ali, contrariando todas as possibilidades.

Então ele a viu.

Debaixo da mesa.

Era impossível.

Sem dúvida, era um pesadelo. Se fechasse os olhos e os abrisse em seguida, ela desapareceria.

Ele piscou, mas ela continuou lá.

Kate Sheffield, a mulher mais enlouquecedora, irritante e diabólica de toda a Inglaterra, estava agachada como um sapo debaixo de sua escrivaninha.

Ele não soube como não derramou o uísque.

Seus olhares se cruzaram e ele viu quando ela arregalou os olhos de pânico e terror. Ótimo, pensou ferozmente. Ela *deveria* ficar assustada. Ele ia arrancar a maldita pele dela.

Que *diabo* ela estava fazendo ali? Afogá-lo na água suja do lago Serpentine não tinha sido suficiente para aquele espírito sedento de sangue? Será que ela não estava satisfeita com as tentativas de impedir que ele cortejasse a irmã? Precisava espioná-lo também?

– Maria – disse baixinho, caminhando até a escrivaninha e pisando na mão de Kate.

Não foi um pisão forte, mas ele a ouviu dar um gritinho abafado.

Isso lhe deu uma imensa satisfação.

– Maria – repetiu. – Lembrei-me de repente de um assunto de negócios urgente, que deve ser resolvido imediatamente.

– Hoje à noite? – indagou ela, parecendo desconfiada.

– Temo que sim. Uf!

Maria piscou.

– Você acabou de engasgar?

– Não – mentiu Anthony, tentando não gaguejar. Kate retirara a luva e passara a mão ao redor do joelho dele, cravando-lhe as unhas através da calça direto na pele. Com força.

Ao menos ele achou que fossem as unhas. Poderiam ser os dentes.

– Você tem certeza de que não há nada errado? – insistiu Maria.

– Absolu... – Qualquer que fosse a parte do corpo que Kate estivesse enfiando em sua perna afundou-se um pouco mais – ...ta! – A última sílaba saiu mais como um uivo e ele levou o pé à frente, encostando em algo que suspeitou ser a barriga dela.

Normalmente, Anthony morreria antes de bater em uma mulher, mas aquele parecia um caso excepcional. Na verdade, ele não deixou de sentir certo prazer ao chutá-la enquanto ela estava abaixada.

Afinal, Kate estava mordendo a perna dele.

– Permita-me levá-la até a porta – disse a Maria, balançando a perna para que

Kate soltasse seu tornozelo.

Mas os olhos da cantora demonstravam curiosidade e ela deu alguns passos para a frente.

– Anthony, tem algum animal debaixo de sua escrivaninha?

Ele deu uma risada.

– Pode-se dizer que sim.

Kate enfiou o punho no pé dele.

– É um cachorro?

Anthony pensou seriamente em responder que sim, mas nem ele era tão cruel. Decerto Kate apreciou sua consideração, pois soltou a perna dele.

O visconde aproveitou a oportunidade e saiu depressa de trás da escrivaninha.

– Seria imperdoável se eu a acompanhasse apenas até a porta e não até o salão de música? – perguntou, caminhando ao lado de Maria e segurando seu braço.

Ela riu, um som baixo e exuberante que deveria tê-lo seduzido.

– Sou uma mulher adulta, milorde. Acredito que posso percorrer sozinha pequenas distâncias.

– Você me perdoa?

Ela passou pela porta que ele mantinha aberta para ela.

– Imagino que nenhuma mulher viva poderia negar-lhe perdão diante desse sorriso.

– Você é uma mulher muito especial, Maria Rosso.

Ela voltou a rir.

– Mas, pelo visto, não tão especial assim.

Ela flutuou para fora do escritório e Anthony fechou a porta com um baque decidido. Então, obedeceu a seu diabinho interior, girando a chave na fechadura e depois guardando-a no bolso.

– Muito bem – rugiu ele, eliminando a distância até a escrivaninha com quatro passos longos. – Saia daí.

Kate não se moveu rápido o suficiente, então ele estendeu a mão, agarrou-a pelo braço e a pôs de pé.

– Explique-se – sibilou.

As pernas dela praticamente travaram quando o sangue voltou a circular nos joelhos, que tinham ficado dobrados por quase quinze minutos.

– Foi um acidente – falou, agarrando-se à beirada da escrivaninha para não cair.

– É engraçado como essas palavras parecem sair de sua boca com uma frequência assustadora.

– É verdade! – protestou ela. – Eu estava sentada no corredor e... – Ela engoliu em seco. Ele dera um passo à frente e agora se encontrava muito perto. – Eu estava sentada no corredor – repetiu, e sua voz parecia um chiado rouco –, então o ouvi se aproximando. Só queria tentar evitá-lo.

– E então invadiu meu escritório?

– Não sabia que era seu escritório. Eu...

Kate respirou fundo. Ele se aproximara ainda mais, e as lapelas justas e amplas estavam agora a apenas alguns centímetros do corpete do vestido. Ela sabia que a proximidade era proposital, que ele queria intimidá-la e não seduzi-la, mas isso não acalmava as batidas frenéticas de seu coração.

– Acho que talvez a senhorita soubesse, sim, que este era meu escritório – murmurou ele, enquanto o dedo indicador percorria a lateral do queixo dela. – Talvez não estivesse procurando me evitar, afinal.

Kate engolia em seco convulsivamente, sem nem ao menos tentar manter a compostura.

– Hum? – O dedo dele deslizou pela linha do queixo. – O que me diz disso?

Kate entreabriu os lábios, mas não poderia ter dito nada nem que sua vida dependesse disso. O visconde não estava usando luvas – devia tê-las tirado durante o encontro com Maria –, e o toque da pele dele na sua era tão poderoso que parecia controlar todo o seu corpo. Kate respirava quando ele fazia uma pausa e parava de respirar quando ele se movia. Não tinha dúvida de que seu coração batia no mesmo ritmo do pulso dele.

– Talvez – sussurrou ele, tão próximo agora que sua respiração beijou os lábios dela – a senhorita desejasse outra coisa.

Kate tentou balançar a cabeça, mas seus músculos se recusaram a obedecer.

– Tem certeza?

Dessa vez sua cabeça a traiu e balançou um pouco.

Ele sorriu, e ambos souberam que ele havia ganhado.

CAPÍTULO 7

Também estiveram presentes no recital de Lady Bridgerton: a Sra. Featherington e as três filhas mais velhas (Prudence, Philippa e Penelope, que não usavam cores apropriadas a seu tom de pele); o Sr. Nigel Berbrooke (que, como sempre, tinha muito a dizer, embora ninguém além de Philippa Featherington parecesse interessado) e a Sra. Sheffield, acompanhada da Srta. Katharine Sheffield.

Esta autora supõe que o convite às Sheffields também incluía a Srta. Edwina, mas ela não estava presente. Lorde Bridgerton parecia bem-humorado, apesar da ausência da mais jovem das Sheffields, mas infelizmente sua mãe parecia desapontada.

No entanto, as tendências casamenteiras de Lady Bridgerton são lendárias, e certamente ela tem muito tempo livre agora que a filha se casou com o duque de Hastings.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
27 DE ABRIL DE 1814

Anthony sabia que devia estar louco.

Não poderia haver outra explicação. Ele pretendia assustá-la, apavorá-la, fazê-la compreender que jamais poderia intrometer-se nos assuntos dele e sair vitoriosa, mas, em vez disso...

Ele a beijou.

Sua intenção era intimidá-la, por isso ele se aproximou cada vez mais até que ela, inocente, ficasse com medo dele. Certamente ela não sabia o que era ter um homem tão perto que o calor do corpo dele penetrasse em suas roupas, tão perto que fosse impossível dizer onde terminava a respiração dele e começava a dela.

Kate não reconheceria as primeiras centelhas do desejo nem entenderia o calor que invadiria seu âmago devagar.

E esse calor estava lá. Ele podia perceber pela expressão dela.

Mas Kate, totalmente inocente, jamais compreenderia o que ele via com seus olhos experientes. Tudo o que ela saberia era que ele estava muito perto dela, que ele tinha mais força e poder e que ela havia cometido um terrível erro ao invadir seu santuário particular.

Ele iria parar ali e deixá-la confusa e sem fôlego. Mas, quando a distância entre eles mal chegava a um centímetro, o impulso tornou-se muito forte. O perfume dela era sedutor demais e o som de sua respiração, muito excitante. As centelhas que ele pretendia acender nela de súbito arderam dentro *dele*, transmitindo uma onda quente de desejo até as pontas de seus dedos. E o dedo indicador com o qual percorria o queixo dela – apenas para torturá-la, como dizia a si mesmo – de repente se transformou na mão que puxou a cabeça dela para trás quando seus lábios tocaram os dela numa explosão de raiva e vontade.

Ela arfou contra os lábios dele e Anthony aproveitou-se da boca entreaberta para enfiar a língua entre os lábios. Ela estava rígida em seus braços, parecendo mais surpresa que qualquer outra coisa, então Anthony pressionou-a ainda mais contra ele ao deixar uma das mãos deslizar por suas costas e segurar a curva delicada de seu traseiro.

– Isso é loucura – sussurrou ao ouvido dela.

Mas não fez nenhum movimento para soltá-la.

Em resposta, ouviu um gemido confuso e incoerente, e o corpo dela tornou-se um pouco mais dócil em seus braços, deixando-o puxá-la ainda mais para perto. Ele sabia que devia parar, sabia que não devia ter começado, mas seu sangue fluía com desejo, e ela parecia tão... tão...

Tão *boa*.

Ele gemeu e afastou os lábios de sua boca para provar a pele levemente mais salgada do pescoço. Havia algo nela que lhe agradava mais do que qualquer mulher antes, como se o corpo dele tivesse descoberto algo que sua mente se recusava a considerar.

Algo nela parecia... certo.

Ela parecia certa. Tinha o cheiro certo. O gosto certo. E ele sabia que se tirasse a roupa dela e a deitasse no chão do escritório, ela também se encaixaria sob ele,

ao redor dele... da maneira correta.

Ocorreu a Anthony que, quando não estava discutindo com ele, Kate Sheffield podia muito bem ser a mulher mais elegante da Inglaterra.

Os braços, aprisionados pelos dele, se abriram devagar, até que as mãos dela estivessem apoiadas de modo hesitante nas costas dele. E então ela moveu os lábios. Foi um pequeno movimento, na verdade, quase imperceptível, mas, sem dúvida, ela estava retribuindo as carícias.

Anthony deixou escapar um gemido baixo de triunfo e moveu a boca mais uma vez na direção da dela, beijando-a com paixão, desafiando-a a continuar o que ela tinha começado.

– Ah, Kate – gemeu, empurrando-a até que ela estivesse inclinada sobre a beirada da escrivaninha. – Meu Deus, você tem um gosto delicioso.

– Visconde?

A voz dela estava trêmula e encerrava uma interrogação sincera.

– Não diga nada – murmurou ele. – Faça o que fizer, não diga nada.

– Mas...

– Nem mais uma palavra – interrompeu ele, pressionando um dedo nos lábios dela.

A última coisa que queria era que ela estragasse aquele momento maravilhoso abrindo a boca para discutir.

– Mas eu... – insistiu Kate, levando as mãos ao peito dele e se esforçando para se afastar, deixando-o desequilibrado e sem fôlego.

Anthony disse um palavrão, e não foi um dos mais leves.

Kate correu, não até o outro lado do cômodo, mas na direção de uma poltrona distante o suficiente para que ele não pudesse alcançá-la. Segurou o espaldar rígido da cadeira, então se colocou atrás do móvel, considerando que seria uma boa ideia ter algo bem sólido entre eles.

O visconde não parecia estar no melhor dos humores.

– Por que o senhor fez isso? – perguntou ela, com a voz tão baixa que mais parecia um sussurro.

Ele deu de ombros e, de repente, pareceu um pouco menos irritado e um pouco mais indiferente.

– Porque eu quis.

Kate ficou boquiaberta por um instante apenas, sem conseguir acreditar que ele

pudesse ter uma resposta tão simples para uma pergunta que, apesar de simples, era muito complicada. Finalmente, ela desabafou:

– Mas o senhor não pode ter feito isso.

Ele sorriu. Lentamente.

– Mas eu fiz.

– Mas o senhor não gosta de mim!

– É verdade – admitiu ele.

– E eu não gosto do senhor.

– É o que não para de dizer – falou, em voz baixa. – Vou ter que acreditar em sua palavra, já que isso não parecia exatamente verdadeiro há alguns segundos.

Kate sentiu as bochechas ficarem vermelhas de vergonha. Ela respondera ao beijo malicioso e se odiava por isso, quase tanto quando o odiava por dar início àquelas intimidades.

Mas ele não precisava humilhá-la. Aquele era o gesto de um homem sem honra. Ela agarrou as costas da cadeira até os nós dos dedos ficarem brancos, sem saber mais se a usava como um meio de se defender de Anthony ou para evitar se atirar sobre ele para atacá-lo.

– Não vou permitir que se case com Edwina – decretou em voz muito baixa.

– Eu sei – murmurou ele, avançando bem devagar até chegar perto da cadeira. – Não achei que permitiria.

Ela ergueu um pouco o queixo.

– E *eu* decerto não vou me casar com o senhor.

Ele apoiou as mãos nos braços da poltrona e inclinou-se até seu rosto estar a apenas alguns centímetros do dela.

– Não me lembro de ter pedido.

Kate deu alguns passos para trás.

– Mas o senhor acaba de me beijar!

Ele deu uma risada.

– Se eu pedisse em casamento toda mulher que beijasse, já estaria preso por bigamia há muito tempo.

Kate sentiu que começava a tremer e segurou-se no espaldar da cadeira para se equilibrar.

– O senhor não tem honra – disse ela, quase cuspindo.

Os olhos de Anthony brilharam e ele ergueu uma das mãos para segurar o rosto

dela. Manteve-a assim por alguns segundos, obrigando-a a fitá-lo nos olhos.

– Isso – falou com uma voz fatal – não é verdade, e se a senhorita fosse um homem, eu a desafiaria para um duelo.

Kate permaneceu imóvel pelo que pareceu um longo tempo, encarando-o, a pele das bochechas ardendo onde os dedos poderosos a mantinham imóvel. Finalmente, ela fez a única coisa que jurara jamais fazer com um homem.

Implorou.

– Por favor, me solte – sussurrou.

Ele obedeceu, largando-a de forma abrupta.

– Desculpe-me – falou com a voz ligeiramente... surpresa?

Não, isso era impossível. Nada poderia surpreender aquele homem.

– Não pretendia machucá-la – continuou, baixinho.

– Não?

Ele fez um movimento sutil com a cabeça.

– Não. Apenas assustá-la, talvez. Mas não machucá-la.

Kate deu um passo para trás com as pernas bambas.

– O senhor é apenas um libertino – retrucou, desejando que sua voz tivesse saído com um pouco mais de desprezo e um pouco menos trêmula.

– Eu sei – disse ele, dando de ombros, o fogo intenso de seus olhos transformando-se em um ar levemente divertido. – Faz parte de mim.

Kate deu outro passo para trás. Não tinha energia para tentar acompanhar as súbitas mudanças de humor dele.

– Vou sair agora.

– Vá – disse, com delicadeza, apontando para a porta.

– O senhor não pode me impedir.

Ele sorriu.

– Nem sonharia em fazer isso.

Ela começou a se afastar, andando para trás bem devagar, temendo que, se tirasse os olhos dele por um segundo que fosse, ele pudesse atacá-la.

– Vou sair agora – repetiu, sem necessidade.

Quando a mão dela estava a um centímetro da maçaneta, porém, ele comentou:

– Imagino que a verei da próxima vez que visitar Edwina.

Kate empalideceu. Não que pudesse ver o próprio rosto, claro, mas, pela primeira vez na vida, ela de fato sentiu seu sangue se esvair.

– O senhor disse que iria deixá-la em paz – falou, em tom de acusação.

– Não – retrucou Anthony, inclinando-se de forma muito insolente na lateral da cadeira. – Eu disse que não imaginava que a senhorita fosse me “deixar” casar com ela. O que não significa nada, na verdade, pois não pretendo permitir que mande na minha vida.

De repente, Kate sentiu como se uma bala de canhão tivesse se alojado em sua garganta.

– Mas o senhor não pode querer se casar com ela depois de... depois que eu...

Ele deu alguns passos na direção dela, os movimentos lentos e insinuantes como os de um felino.

– Depois que a senhorita me beijou?

– Eu não...

Mas as palavras arderam no fundo de sua garganta, pois, obviamente, eram uma mentira. Ela não começara a beijá-lo, mas, no fim, tinha tomado parte naquilo.

– Ora, Srta. Sheffield – falou ele, muito empertigado, cruzando os braços. – Não vamos seguir por esse caminho. Não gostamos um do outro, e isso é verdade, mas eu a respeito de uma maneira estranha e contraditória, e sei que a senhorita não é uma mentirosa.

Ela não disse nada. O que poderia dizer? Como responder a uma afirmação que continha as palavras “respeito” *e* “contraditória”?

– A senhorita retribuiu o beijo – prosseguiu ele, dando um sorriso breve e satisfeito. – Sem muito entusiasmo, admito, mas isso seria apenas uma questão de tempo.

Ela balançou a cabeça, sem acreditar no que ouvia.

– Como o senhor pode dizer essas coisas um minuto depois de declarar sua intenção de cortejar minha irmã?

– Isso é um empecilho aos meus planos, sem dúvida – comentou Anthony em voz baixa, pensativo, como se estivesse considerando a compra de um novo cavalo ou decidindo que gravata usar.

Talvez tenha sido pela postura casual de Anthony, ou pelo modo como ele coçava o queixo, fingindo refletir sobre a questão, mas a verdade é que alguma coisa se acendeu em Kate e, sem nem mesmo pensar, ela se lançou sobre ele, furiosa como nunca, e começou a bater em seu peito com os punhos.

– O senhor nunca vai se casar com ela! – gritou. – Nunca! Está me ouvindo?

Ele ergueu um braço para defender-se de um golpe no rosto.

– Eu teria que ser surdo para não ouvir.

Então, habilmente, agarrou os pulsos dela, mantendo seus braços imóveis enquanto ela se arqueava e se sacudia com raiva.

– Não vou deixar que o senhor a faça infeliz. Não vou permitir que arruíne a vida dela – falou com as palavras sufocadas na garganta. – Ela é boa, honrada e pura. E merece um homem melhor que o senhor.

Anthony observava-a com atenção, os olhos fixos em seu rosto, que, por alguma razão, tornara-se belo graças à raiva. As bochechas estavam vermelhas, os olhos brilhavam com as lágrimas que ela se esforçava para não deixar cair, e ele começava a achar que poderia ser a pior espécie de canalha.

– Ora, Srta. Sheffield – disse em voz baixa –, eu acredito piamente em seu amor por sua irmã.

– Claro que eu a amo! – explodiu ela. – Por que acha que eu me esforçaria tanto para mantê-la longe do *senhor*? O senhor acredita que faço isso por diversão? Porque, eu lhe garanto, milorde, posso pensar em muitas coisas mais divertidas que ser mantida em cativeiro em seu escritório.

Ele soltou os pulsos dela abruptamente.

– Eu imagino – continuou Kate, fungando e esfregando a pele vermelha e machucada – que meu amor por Edwina seja a única coisa que o senhor pode entender com clareza, já que supostamente se dedica tanto à própria família.

Anthony não disse nada, apenas a observou, pensando que talvez aquela mulher fosse muito mais inteligente do que ele avaliara a princípio.

– Se Edwina fosse sua irmã – falou Kate com precisão fatal –, o senhor deixaria que ela se casasse com um homem como o senhor?

Ele não disse nada por um momento longo o suficiente para que o silêncio chegasse a incomodá-lo. Enfim, observou:

– Isso não vem ao caso.

Em sua defesa, ela não sorriu. Também não exultou nem o provocou. Quando falou, suas palavras foram calmas e certeiras:

– Creio que já tenho minha resposta.

Então girou nos calcanhares e começou a se afastar.

– Minha irmã – disse ele em voz alta o bastante para que ela parasse em sua

caminhada até a porta – casou-se com o duque de Hastings. A senhorita conhece a reputação dele?

Ela fez uma pausa, mas não se virou.

– Ele é considerado um homem muito dedicado à esposa.

Anthony deu uma risadinha.

– Então a senhorita não conhece a reputação dele. Pelo menos não antes do casamento.

Kate deu meia-volta devagar.

– Se o senhor está tentando me convencer de que ex-libertinos se transformam nos melhores maridos, não terá sucesso. Neste mesmo cômodo, há não mais que quinze minutos, o senhor disse à Srta. Rosso que não via motivos para desistir de uma amante por causa da esposa.

– Creio que falei que esse era o caso apenas quando um homem não amava a própria mulher.

Kate fez um som engraçado com o nariz. Não foi exatamente um resfolegar, mas era mais que uma expiração, e ficou muito claro que, ao menos naquele momento, ela não nutria nenhum respeito por ele. Com um ar divertido e perspicaz, indagou:

– E o senhor ama minha irmã, lorde Bridgerton?

– Decerto que não – respondeu ele. – E jamais insultaria sua inteligência afirmando o contrário. *No entanto* – prosseguiu, elevando a voz e evitando a interrupção que estava por vir –, conheço sua irmã há apenas uma semana. Não tenho motivos para acreditar que não poderia passar a amá-la após alguns anos de união pelos sagrados laços do matrimônio.

Ela cruzou os braços.

– E por que não consigo acreditar nas palavras que saem de sua boca?

O visconde deu de ombros.

– Não faço a menor ideia.

Mas ele fazia. O motivo por que elegera Edwina era justamente saber que nunca poderia amá-la. Gostava dela, respeitava-a e tinha confiança em que seria uma excelente mãe para seus herdeiros, mas nunca chegaria a amá-la. A centelha simplesmente não tinha se acendido.

Ela balançou a cabeça, a decepção perpassando seus olhos. Esse sentimento, de alguma maneira, fez com que Anthony se sentisse inferior.

– Até este momento eu não o considerava um mentiroso – disse Kate em voz baixa. – Sabia que era um libertino e um patife, e talvez um monte de outras coisas, mas não um mentiroso.

Anthony sentiu as palavras dela como socos. Alguma coisa desagradável oprimia seu coração. Era algo que o fazia querer agredi-la, magoá-la ou, ao menos, mostrar-lhe que ela não tinha o poder de feri-lo.

– Pois muito bem, Srta. Sheffield – gritou, e sua voz adquiriu um tom muito cruel –, a senhorita não poderá ir muito longe sem *isto*.

Antes que ela tivesse a chance de reagir, Anthony enfiou a mão no bolso, pegou a chave do escritório e atirou-a na direção dela, mirando deliberadamente nos pés. Como não esperava aquilo, os reflexos de Kate não foram rápidos o suficiente, e, quando ela esticou os braços, tentando agarrar o objeto, não chegou nem perto de alcançar. As mãos estalaram ao bater uma na outra e em seguida ouviu-se o baque surdo da chave atingindo o tapete.

Ela ficou ali parada por um instante olhando para o chão e ele percebeu o instante exato em que ela descobriu que ele não pretendia deixá-la pegar a chave. Kate permaneceu imóvel e então ergueu os olhos para encará-lo. Eles ardiam de ódio e algo pior.

Desprezo.

Anthony sentiu como se tivesse levado um soco no estômago, mas resistiu ao impulso ridículo de se atirar no chão para pegar a chave, ajoelhar-se e entregá-la a Kate enquanto pedia desculpas por seu comportamento e implorava seu perdão.

Ele não faria nada disso, porque não tinha a intenção de se redimir. Não queria a aprovação dela.

Porque aquela centelha – tão evidentemente ausente em relação à irmã dela, com quem ele pretendia se casar – com Kate crepitava e ardia com tanta força que parecia ter o poder de iluminar o cômodo e deixá-lo claro como o dia.

E nada podia assustá-lo mais.

Kate permaneceu parada por muito mais tempo do que ele teria imaginado, relutando em se ajoelhar na frente dele, ainda que fosse para pegar a chave que lhe proporcionaria a fuga que ela tanto desejava.

Anthony forçou um sorriso, baixando os olhos para o chão e voltando a erguê-los para o rosto dela.

– Não deseja ir embora, Srta. Sheffield? – indagou com a voz excessivamente suave.

Ele observou quando o queixo dela estremeceu e ela se pôs a engolir em seco de maneira convulsiva. Em seguida, de repente, Kate se agachou e pegou a chave.

– O senhor nunca vai se casar com minha irmã – prometeu baixinho, e a intensidade de sua voz o fez sentir calafrios. – Nunca.

E então, com um clique decisivo da fechadura, ela se foi.

Dois dias depois, Kate ainda estava furiosa. Também não ajudou o fato de um imenso buquê de flores ter chegado para Edwina na tarde seguinte ao recital com um cartão no qual se lia: "Com meus votos de uma recuperação rápida. A noite passada foi apagada sem sua presença luminosa. Bridgerton."

Mary tinha suspirado sem parar por causa do bilhete – "Tão poético, tão adorável, palavras sinceras de um homem verdadeiramente afligido..." Mas Kate conhecia a verdade. Aquilo era mais um insulto a ela que admiração por Edwina.

Apagada mesmo, espumou Kate, lançando um olhar ao bilhete que agora se encontrava em cima de uma mesa na sala de jantar. Imaginou como poderia fazer com que parecesse um acidente se ele fosse encontrado, por alguma razão, em pedacinhos. Ela podia até não saber muito sobre os assuntos do coração e as questões relacionadas a homens e mulheres, mas tinha certeza de que qualquer coisa que o visconde tivesse sentido na noite anterior, no escritório, não fora tédio.

No entanto, ele não fizera uma visita. Kate não podia imaginar o motivo, já que levar Edwina para dar uma volta seria um tapa muito maior do que o bilhete. Em seus momentos mais imaginativos, ela gostava de achar que ele não aparecera por medo de encará-la, mas sabia que isso por certo não era verdade.

Aquele homem não temia ninguém. Sobretudo uma mulher da idade dela, ainda solteira, que ele devia ter beijado numa mistura de curiosidade, raiva e pena.

Kate caminhou até a janela e observou a Milner Street. Não era a vista mais bela de Londres, mas ao menos a distraía do bilhete. Era a possibilidade de pena que a corroía. Rezou, pedindo que independentemente do motivo que tinha levado o visconde a beijá-la, a curiosidade e a raiva prevalecessem sobre a pena.

Ela achava que não suportaria se ele tivesse pena dela.

Porém, não teve muito tempo para se preocupar com o beijo e com o que poderia ou não ter significado, pois naquela tarde – no dia seguinte ao das flores – chegou um convite muito mais perturbador do que qualquer coisa que lorde Bridgerton pudesse ter enviado. As Sheffields, ao que parecia, estavam sendo esperadas para passar alguns dias na casa de campo de Lady Bridgerton, a partir da semana seguinte, junto com outros convidados.

A mãe do próprio diabo.

E não havia como Kate deixar de ir. Nada parecido com um terremoto, um furacão ou um tornado – nada disso ocorreria na Grã-Bretanha, embora Kate ainda se agarrasse à esperança do furacão, desde que não houvesse nenhum trovão ou relâmpago envolvidos – impediria Mary de aparecer na bucólica propriedade dos Bridgertons junto com Edwina. E Mary com certeza não permitiria que Kate permanecesse sozinha em Londres, deixada por conta própria. Sem falar que Kate não deixaria, de modo algum, que a irmã fosse sem ela.

O visconde não tinha escrúpulos. Provavelmente beijaria Edwina como havia feito com ela, e Kate imaginava que a caçula não teria coragem de resistir a tal avanço. Talvez considerasse tudo muito romântico e se apaixonasse por ele no mesmo instante.

Até Kate tivera dificuldade em manter a cabeça no lugar quando os lábios dele estavam sobre os dela. Por um momento de extrema felicidade, ela se esquecera de tudo, a não ser a maravilhosa sensação de ser acariciada e desejada, e isso fora, com efeito, algo inebriante.

Quase capaz de fazer uma dama esquecer que o homem que a beijava era um canalha.

Quase... mas não totalmente.

CAPÍTULO 8

Como qualquer leitora regular desta coluna sabe, há duas seitas em Londres que permanecerão para sempre em oposição: as mamães ambiciosas e os solteiros determinados.

As primeiras têm filhas em idade de se casar. Já os outros não querem uma esposa. O ponto de conflito deveria ser óbvio para aqueles com metade de um cérebro ou, em outras palavras, cerca de cinquenta por cento das leitoras desta coluna.

Esta autora ainda não viu a lista de convidados para a semana na casa de campo de Lady Bridgerton, mas fontes seguras indicam que quase todas as jovens em idade de se casar vão se reunir em Kent na semana que vem.

Não é de surpreender. Lady Bridgerton nunca fez segredo de seu desejo de ver os filhos bem-casados. Esse sentimento a tornou uma das favoritas entre as mamães ambiciosas, que consideram, para o próprio desespero, os irmãos Bridgertons o pior tipo de solteiros determinados.

Se confiarmos nos livros de apostas, então pelo menos um dos irmãos ouvirá os sinos da igreja antes do fim do ano.

Por mais que doa a esta autora concordar com os livros de apostas (que são escritos por homens e, por consequência, cheios de erros), ela precisa concordar com a previsão.

Lady Bridgerton em breve terá uma nora. Mas, quem quer que ela seja – e com qual dos irmãos vai se casar – ah, queridas leitoras, é isso que todos querem saber.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
29 DE ABRIL DE 1814

Uma semana depois, Anthony estava em Kent – mais precisamente em seu escritório particular – aguardando o início das festividades na casa de campo da mãe.

Ele vira a lista de convidados. Não restava dúvida de que Lady Bridgerton decidira oferecer aquela recepção por uma única razão: arranjar um casamento para um dos filhos, de preferência ele. Aubrey Hall, a sede ancestral dos Bridgertons, ficaria lotada de jovens solteiras, cada uma mais adorável e mais cabeça oca que a outra. Para equilibrar os sexos, a matriarca dos Bridgertons havia convidado alguns cavalheiros, tomando cuidado para que nenhum deles fosse tão rico e tão bem-relacionado quanto os próprios filhos, a não ser os poucos casados.

Anthony pensou, com tristeza, que a mãe nunca fora conhecida por sua sutileza. Ao menos, não quando o bem-estar (*sua* definição de bem-estar, claro) dos filhos estava envolvido.

Não ficara surpreso ao ver que as Sheffields tinham sido convidadas. A mãe mencionara diversas vezes quanto gostava de Mary. E ele fora forçado a ouvir sua teoria de que "bons pais criam bons filhos" tantas vezes que não tinha mais como não saber o que *aquilo* significava.

Na verdade, ele sentira uma espécie de satisfação resignada ao ver o nome de Edwina na lista. Ansiava por pedi-la em casamento e acabar com aquela história. Sem dúvida, inquietava-se um pouco a respeito do que acontecera com Kate, mas não parecia haver muito a ser feito agora, a menos que ele quisesse se esforçar para arrumar outra noiva.

E isso ele não queria. Quando Anthony tomava uma decisão – neste caso, de enfim se casar –, não via razão para atrasar as coisas fazendo a corte. O adiamento era para pessoas com um pouco mais de tempo para viver a vida. Anthony evitara a armadilha do casamento por quase uma década, mas, agora que decidira que era hora de sossegar, esperar não fazia muito sentido.

Casar, procriar e morrer. Essa era a vida dos nobres ingleses, mesmo daqueles cujo pai e tio não tinham morrido precocemente aos 38 e 34 anos.

Tudo o que ele podia fazer àquela altura era evitar Kate Sheffield. Um pedido de desculpas também seria uma boa ideia, embora não fosse fácil, já que a última coisa que ele queria era se humilhar diante daquela mulher. No entanto, a voz de

sua consciência se elevou até que ele não pôde mais ignorá-la e Anthony soube que ela merecia isso.

Talvez merecesse *mais* do que isso, mas ele relutava em considerar o que poderia ser.

Sem falar que, a menos que se desculpasse com ela, Kate tentaria impedir sua união com Edwina até o último suspiro.

Estava seguro de que chegara o momento de tomar uma atitude. Se havia um lugar romântico para um pedido de casamento, era Aubrey Hall. Construída no início do século XVIII com pedras amarelas, a casa assentava-se confortavelmente em um amplo gramado de cerca de 25 hectares de terra, dos quais 5 eram cobertos por jardins em flor. As rosas floresciam no fim do verão, mas naquela época o terreno estaria coberto dos jacintos e tulipas que a mãe importara da Holanda.

Anthony deu uma olhada no quarto e depois na direção da janela. Lá fora, antigos olmos erguiam-se de forma majestosa em volta da casa. Eles forneciam sombra para os passeios e, ele gostava de pensar, tornavam a propriedade um pouco mais bucólica, menos parecida com as típicas casas de campo da aristocracia – monumentos construídos pelo homem para homenagear a riqueza, a posição social e o poder. Havia diversos lagos, um córrego e inúmeros morros e vales, cada um com suas memórias especiais de infância.

E do pai.

Anthony fechou os olhos e expirou. Ele adorava ir a Aubrey Hall, mas as visões e os cheiros familiares traziam-lhe o pai à lembrança com tanta vividez que era quase doloroso. Mesmo agora, quase doze anos após a morte de Edmund, Anthony ainda esperava vê-lo surgir a qualquer momento com um dos filhos montado nas costas, gritando de alegria.

A imagem o fez sorrir. A criança nos ombros do pai poderia ser qualquer um deles – Edmund nunca discriminava entre os filhos quando se tratava de brincar de cavalinho. Mas, não importava quem estivesse naquele local desejado, considerado por eles o topo do mundo: decerto seria perseguido pela babá, que insistiria que deviam parar de vez com aquela bobagem e que lugar de criança era no quarto, *não* nas costas do pai.

– Ah, pai – sussurrou Anthony, erguendo os olhos para o retrato de Edmund que pendia sobre a lareira –, como diabo poderei me igualar às suas realizações?

E, sem dúvida, esta tinha sido a maior realização do patriarca dos Bridgertons: estar à frente de uma família cheia de amor, alegria e tudo o que era tão raro na vida aristocrática.

Anthony afastou-se do retrato do pai e caminhou até a janela. Observou as carruagens que estacionavam nas alamedas. O avançar da tarde dera início a um fluxo constante de convidados, e cada veículo parecia conter uma jovem de aparência saudável, com os olhos iluminados de felicidade por ter sido honrada com um convite à propriedade dos Bridgertons.

Lady Bridgerton não costumava encher a casa de campo de gente. No entanto, quando o fazia, era o acontecimento da temporada.

Mas a verdade era que nenhum dos membros da família passava muito tempo em Aubrey Hall. Anthony suspeitava que a mãe sofria do mesmo mal que ele – lembranças de Edmund em cada canto. Os filhos mais novos tinham poucas recordações do lugar, pois haviam sido criados sobretudo em Londres, e certamente não se lembravam das longas caminhadas pelos campos, nem da pesca, nem da casa na árvore.

Hyacinth, que tinha apenas 11 anos, nunca fora carregada pelo pai. Anthony tentara preencher o vazio da melhor forma possível, mas sabia que era um substituto muito ineficaz.

Com um suspiro cansado, apoiou todo o peso do corpo no parapeito da janela, tentando decidir se queria ou não uma bebida. Fitava o gramado com os olhos fixos em nada em especial quando uma carruagem bem mais gasta que as outras se dirigiu à entrada. Não havia nada de inferior nela – era bem-construída e robusta. Mas lhe faltavam os brasões dourados que adornavam os outros veículos e ela parecia sacudir um pouco mais que o restante, como se não tivesse molas suficientes que visassem ao conforto.

Deviam ser as Sheffields, pensou Anthony. Todos os outros convidados possuíam uma respeitável fortuna. Só elas teriam precisado alugar uma carruagem para a temporada.

De fato, quando um dos criados dos Bridgertons, trajando uma elegante libré azul-clara, adiantou-se para abrir a porta, Edwina Sheffield desceu, parecendo uma miragem em um vestido de viagem amarelo-claro com um chapéu combinando. Anthony não estava perto o suficiente para ver seu rosto com nitidez, mas era muito fácil de imaginar. As bochechas deviam ser macias e

rosadas, e os belos olhos refletiriam o céu sem nuvens.

A próxima a descer foi a Sra. Sheffield. Foi só quando ela parou ao lado de Edwina que Anthony percebeu como elas se pareciam. Ambas eram graciosas e baixinhas e, ao falarem, ficava evidente que os trejeitos eram os mesmos. A inclinação da cabeça era idêntica, assim como a postura e a atitude.

Edwina não superava a beleza da mãe. Isso com certeza era um ótimo atributo em uma esposa, embora – Anthony lançou um olhar triste ao retrato do pai – não fosse provável que ele a visse envelhecer.

Finalmente, Kate desceu.

E só então Anthony percebeu que estivera prendendo a respiração.

Ela não tinha os mesmos trejeitos das outras duas. Elas tinham sido delicadas ao receber a ajuda do criado, colocando a mão na dele com um arco gracioso do punho.

Kate, ao contrário, quase pulara da carruagem. Segurara o braço que o criado lhe oferecera, mas não parecia precisar de auxílio. Assim que os pés tocaram o chão, ela se empertigou e olhou para cima a fim de ver a fachada de Aubrey Hall. Tudo nela era direto e objetivo, e Anthony não tinha dúvida de que, se a fitasse com atenção, perceberia que seus olhos eram totalmente francos.

Ao vê-lo, porém, eles se encheriam de desprezo e talvez de uma pitada de ódio.

Que ele merecia. Um cavalheiro não tratava uma dama como ele fizera com ela e continuava em suas boas graças.

Kate virou-se para a mãe e a irmã e falou alguma coisa, fazendo com que Edwina desse uma risada e Mary sorrisse com indulgência. Anthony percebeu que não tivera muitas oportunidades de observar as três interagirem antes. Elas eram uma verdadeira família, confortáveis na presença umas das outras, e havia uma brandura perceptível em seu rosto quando conversavam. E era especialmente fascinante por ele saber que Mary e Kate não eram parentes consanguíneas.

Alguns laços, ele começava a perceber, eram mais fortes que os de sangue. Não havia espaço para esse tipo de ligação em sua vida.

E esse era o motivo pelo qual, ao se casar, o rosto por trás do véu teria que ser o de Edwina Sheffield.

Kate esperara ficar impressionada com Aubrey Hall, mas não pensara que ficaria encantada.

A construção era menor do que ela imaginara. Ah, ainda estava longe, muito longe de qualquer coisa que já tivera a honra de chamar de lar, mas não era um monstro erguendo-se na paisagem como um castelo medieval fora do lugar.

Em vez disso, Aubrey Hall parecia quase aconchegante. Talvez essa fosse uma palavra estranha para descrever uma casa que devia ter uns cinquenta quartos, mas os fantásticos torreões e as ameias lhe davam um ar de contos de fadas, sobretudo com o sol do fim da tarde lançando às pedras amarelas das paredes externas um brilho avermelhado. Não havia austeridade nem imponência em Aubrey Hall, e Kate gostou do lugar no mesmo instante.

– Não é adorável? – murmurou Edwina.

Kate assentiu.

– Adorável o bastante para tornar quase suportável uma semana na companhia daquele homem terrível.

Edwina deu uma risada e Mary censurou-a, mas não pôde evitar sorrir. No entanto, lançando um olhar ao criado, que dera a volta na carruagem para pegar as malas, falou:

– Você não deveria falar assim, Kate. Nunca se sabe quem está ouvindo, e é inapropriado fazer esse tipo de comentário a respeito do anfitrião.

– Não se preocupe, ele não me ouviu – retrucou ela. – Além disso, pensei que nossa anfitriã fosse Lady Bridgerton. Foi *ela* quem fez o convite.

– O visconde é o dono da casa – atalhou Mary.

– Muito bem – disse Kate, apontando para Aubrey Hall com um gesto dramático. – Assim que entrar por esses corredores sagrados, não serei nada além de doçura e alegria.

Edwina riu mais uma vez.

– Decerto será uma visão e tanto.

Mary lançou a Kate um olhar astucioso.

– "Doçura e alegria" se aplicam aos jardins também – falou.

Kate apenas sorriu.

– Mary, prometo que tentarei me comportar da melhor maneira possível.

– Apenas tente evitar o visconde.

– Tentarei – garantiu Kate.

Desde que ele evite Edwina.

Um criado apareceu ao lado delas e indicou com um movimento do braço o saguão sob um esplêndido arco.

– Façam a gentileza de entrar – pediu. – Lady Bridgerton está ansiosa para cumprimentar os convidados.

As três mulheres imediatamente se viraram e caminharam até a porta principal. Ao subirem os degraus baixos, no entanto, Edwina virou-se para Kate com um sorriso malicioso e sussurrou:

– Doçura e alegria começam aqui, minha irmã.

– Se não estivéssemos em público – retrucou Kate, com a voz igualmente baixa –, eu poderia lhe dar um tapa.

Ao entrarem, Lady Bridgerton estava no salão principal, e Kate pôde ver as barras debruadas dos trajes de viagem desaparecendo nas escadas quando as ocupantes da carruagem anterior se dirigiam a seus quartos.

– Sra. Sheffield! – exclamou a matriarca dos Bridgertons, indo até elas. – Que prazer em vê-la. E, Srta. Sheffield – acrescentou, virando-se para Kate –, fico feliz que tenha podido se juntar a nós.

– Foi muita gentileza nos convidar – respondeu Kate. – É uma verdadeira alegria poder fugir da cidade por uma semana.

Lady Bridgerton sorriu.

– Então a senhorita é uma moça do campo?

– Claro que sim. Londres é emocionante e sempre vale a visita, mas prefiro os gramados verdes e o ar fresco do interior.

– Meu filho se sente da mesma maneira – comentou Lady Bridgerton. – Ele mora na cidade, mas uma mãe sabe a verdade.

– O visconde? – perguntou Kate em tom de dúvida.

Ele parecia um libertino consumado, e todos sabiam que o habitat de um libertino é a cidade.

– Sim, Anthony. Passamos praticamente toda a infância dele aqui. Íamos a Londres durante a temporada, claro, pois eu adoro festas e bailes, mas nunca ficávamos mais que algumas semanas. Foi só depois da morte de meu marido que nos mudamos em definitivo para a cidade.

– Lamento por sua perda – murmurou Kate.

A viscondessa se virou para ela com uma expressão melancólica nos olhos

azuis.

– É muito gentil de sua parte. Ele se foi há muitos anos, mas ainda sinto sua falta todos os dias.

Kate sentiu um bolo se formando na garganta. Ela lembrava muito bem como Mary e seu pai se amavam e sabia que estava na presença de outra mulher que vivera o verdadeiro amor. De repente, sentiu-se muito triste. Porque Mary perdera o marido, a viscondessa perdera o dela e...

E talvez, sobretudo, porque era provável que ela nunca fosse conhecer a felicidade desse sentimento sincero.

– Mas estamos nos tornando muito sentimentais – falou de súbito Lady Bridgerton, sorrindo um pouco animada demais ao se virar para Mary –, e eu ainda não tive a oportunidade de conhecer sua outra filha.

– Não? – indagou Mary, arqueando a sobrancelha. – Ah, é verdade. Edwina não pôde ir ao recital.

– Eu sem dúvida já tinha visto a senhorita de longe – disse Lady Bridgerton a Edwina, concedendo-lhe um sorriso deslumbrante.

Mary fez as apresentações e Kate não pôde deixar de perceber o olhar de admiração com o qual Lady Bridgerton fitou Edwina. Estava claro. Ela havia decidido que a jovem seria uma excelente adição à família.

Após alguns instantes de conversa amena, a matriarca dos Bridgertons as convidou para um chá enquanto as bagagens eram levadas aos quartos, mas elas declinaram, pois Mary estava cansada e preferia deitar-se.

– Como quiserem – disse Lady Bridgerton, fazendo um gesto para a criada. – Rose lhes mostrará seus quartos. O jantar será servido às oito. Há mais alguma coisa que possa fazer por vocês antes de se retirarem?

Mary e Edwina balançaram a cabeça em negativa e Kate começou a segui-las. No último minuto, porém, ela disse abruptamente:

– Na verdade, posso lhe fazer uma pergunta?

Lady Bridgerton deu um sorriso suave e respondeu:

– Claro que sim.

– Quando chegamos, percebi que a senhora tem jardins imensos. Será que eu poderia explorá-los?

– Então a senhorita também gosta de cuidar das flores? – quis saber Lady Bridgerton.

– Não sou muito boa – admitiu Kate –, mas sei admirar a mão de um especialista.

A viscondessa enrubesceu.

– Pode explorá-los à vontade. Será uma honra. Eles são meu orgulho e minha alegria. Não cuido mais deles pessoalmente, mas quando Edmund estava vi... – Ela interrompeu-se e pigarreou. – Isto é, quando eu passava mais tempo aqui, sempre tinha terra até os cotovelos. Isso costumava deixar minha mãe maluca.

– E o jardineiro também, suponho – completou Kate.

O sorriso de Lady Bridgerton transformou-se numa gargalhada.

– Ah, com certeza! Ele era um tipo terrível. Sempre dizia que a única coisa que as mulheres sabiam sobre flores era aceitá-las como um presente. Mas ele tinha a melhor mão que você pode imaginar, por isso aprendi a lidar com ele.

– E ele aprendeu a lidar com a senhora.

Lady Bridgerton sorriu com astúcia.

– Não, nunca conseguiu, na verdade. Mas eu não deixei que isso me impedisse.

Kate deu um sorriso instintivamente caloroso à sua anfitriã.

– Mas não vou prendê-las por mais tempo – disse Lady Bridgerton. – Deixarei que Rose as conduza para cima e as acomode. E, Srta. Sheffield – completou, dirigindo-se a Kate –, se quiser, eu ficaria muito feliz em acompanhá-la em seu passeio pelos jardins ao longo da semana. Peço desculpas por estar muito ocupada agora, recebendo os convidados, mas ficarei encantada em separar um tempinho para a senhorita daqui a alguns dias.

– Eu adoraria, obrigada – falou Kate.

Então, ela, Mary e Edwina seguiram a criada escada acima.

Anthony saiu de sua posição atrás da porta entreaberta e foi falar com a mãe no saguão.

– Eram as Sheffields que eu vi a senhora cumprimentar? – indagou, embora soubesse muito bem que sim.

Seu escritório era muito distante do saguão para que ele pudesse ouvir qualquer coisa que as quatro tivessem conversado. Por isso decidiu que um pequeno interrogatório seria necessário.

– Eram – respondeu Violet. – Uma família adorável, você não acha?

Ele apenas resmungou algo incompreensível.

– Fico feliz por tê-las convidado – continuou Lady Bridgerton.

Anthony não disse nada, embora tenha considerado resmungar mais uma vez.

– Foram um acréscimo de última hora à lista de convidados.

– Eu não sabia disso – murmurou ele.

A mãe assentiu.

– Tive que sair à cata de mais três cavalheiros no povoado para igualar as quantidades.

– Então devemos esperar o padre para o jantar de hoje à noite?

– E o irmão, que, por milagre, está de visita. E o filho dele também.

– John não tem apenas 16 anos?

Violet deu de ombros.

– Eu estava desesperada.

Anthony considerou a questão. Para ter convidado um adolescente cheio de espinhas para o jantar, a mãe estava de fato desesperada para que as Sheffields se juntassem ao grupo na casa. O que não queria dizer que ela não o convidaria a uma refeição familiar – quando não se tratava de eventos formais, os Bridgertons ignoravam os padrões vigentes e deixavam todas as crianças fazerem as refeições na sala de jantar, não importando a idade. Na verdade, na primeira vez em que Anthony visitara um amigo, ficara chocado por ter de comer no quarto.

Ainda assim, uma recepção na casa de campo era uma recepção na casa de campo, nem Violet Bridgerton permitiria crianças à mesa.

– Soube que você conheceu Edwina e Kate Sheffield – disse Violet.

Anthony assentiu.

– Considero as duas encantadoras – prosseguiu. – Não têm uma grande fortuna, mas sempre afirmei que, ao escolher uma esposa, dinheiro não é tão importante quanto caráter. Desde que, é claro, a situação financeira do noivo não seja desesperadora.

– E a minha não é, tenho certeza de que a senhora estava prestes a assinalar isso – retrucou Anthony.

Violet suspirou e lançou-lhe um olhar arrogante.

– Você não deveria zombar de mim, meu filho. Só falei a verdade. Você deveria se ajoelhar e agradecer aos céus todos os dias por não *precisar* se casar com uma herdeira. A maioria dos homens não pode se dar ao luxo de escolher, você sabe

muito bem.

Anthony apenas sorriu.

– Eu deveria agradecer aos céus? Ou à minha mãe?

– Você é uma besta.

Ele encostou o indicador com delicadeza no queixo dela.

– Uma besta que a senhora criou.

– E não foi uma tarefa fácil – murmurou ela –, pode acreditar.

Ele se inclinou e deu um beijo na bochecha dela.

– Divirta-se com os convidados, mamãe.

Ela lançou um olhar severo para ele, mas estava claro que não se zangara de verdade.

– Aonde você vai? – perguntou quando ele começou a se afastar.

– Dar uma caminhada.

– Mesmo?

Ele deu meia-volta, um pouco admirado com o interesse da mãe.

– Sim, mesmo. Algum problema?

– De modo algum. É só que faz muito tempo que você não sai para caminhar.

– Faz muito tempo que não venho ao campo – comentou ele.

– É verdade – admitiu ela. – Neste caso, você deveria ir até os jardins. Os botões estão começando a florescer, e são a coisa mais linda. Algo que não se vê em Londres.

Anthony assentiu.

– Eu a verei no jantar.

Violet deu um sorriso e acenou, observando-o sumir de novo em seu escritório, que ficava em uma das laterais da casa e tinha portas duplas que conduziam à alameda.

O interesse do filho mais velho pelas Sheffields era muito intrigante. Se ela ao menos pudesse imaginar em qual delas ele estava interessado...

Cerca de quinze minutos depois, Anthony caminhava pelos jardins da mãe, desfrutando da contradição entre o sol cálido e a brisa fresca, quando ouviu o leve ruído dos passos de outra pessoa em uma trilha próxima. Isso despertou sua curiosidade. Os convidados estavam todos acomodando-se nos quartos e era dia

de folga do jardineiro. Na verdade, ele preferiria ficar sozinho.

Deu meia-volta na direção dos passos e seguiu em silêncio até o fim da trilha. Olhou para a direita, depois para a esquerda, então viu...

Ela...

Por que estava surpreso?

Kate Sheffield trajava um vestido lilás, misturando-se de forma muito charmosa às íris e aos jacintos. Encontrava-se ao lado de um arco de madeira decorativo que, no fim do ano, estaria coberto com rosas trepadeiras brancas e cor-de-rosa.

Ele a observou por um momento, enquanto ela corria os dedos ao longo de uma planta com penugem cujo nome Anthony nunca conseguia lembrar. Então, inclinou-se para cheirar uma tulipa holandesa.

– Elas não têm perfume – disse ele, aproximando-se devagar.

No mesmo instante, Kate empertigou-se e todo o seu corpo ficou alerta antes que ela se virasse para ele. Pôde ver que ela reconhecera sua voz, o que o deixou estranhamente satisfeito.

Ao chegar a seu lado, Anthony fez um gesto para o botão vermelho e brilhante e observou:

– São lindas e, até certo ponto, raras num jardim inglês, mas não têm perfume. Uma pena.

Ela demorou mais para responder do que ele esperava. Então, por fim falou:

– Nunca vi uma tulipa antes.

Alguma coisa nessa declaração o fez sorrir.

– Nunca?

– Bem, não na natureza – explicou ela. – Edwina já recebeu muitos buquês e os botões são bastante comuns nesta época do ano. Mas eu nunca tinha visto um crescendo.

– São as flores favoritas de minha mãe – disse Anthony, estendendo a mão e pegando uma. – Elas e os jacintos, claro.

Kate sorriu, curiosa.

– Claro por quê?

– Minha irmã mais nova se chama Hyacinth, que significa “jacinto” – respondeu ele, entregando-lhe a flor. – Ou será que a senhorita não sabia disso?

Ela balançou a cabeça.

– Não sabia.

– Sei – murmurou ele. – Nós temos nomes em ordem alfabética, de Anthony até Hyacinth. Talvez eu saiba muito mais sobre a senhorita que o contrário.

Kate arregalou os olhos, surpresa, ao ouvir essa frase enigmática, mas tudo o que disse foi:

– Isso pode muito bem ser verdade.

Anthony arqueou uma sobrancelha.

– Estou chocado, Srta. Sheffield. Eu já tinha vestido minha armadura, esperando que a senhorita respondesse com um "Eu sei o suficiente".

Kate tentou não fazer uma careta ao ouvi-lo imitar sua voz. Mas sua expressão foi bastante irônica quando retrucou:

– Prometi a Mary que me comportaria da melhor maneira possível.

Anthony deixou escapar uma risada.

– Que estranho – comentou Kate. – Edwina teve a mesma reação.

Ele apoiou uma das mãos no arco, evitando os espinhos da rosa trepadeira.

– Gostaria muito de saber o que seria se comportar da melhor maneira possível.

Ela deu de ombros e mexeu na tulipa em sua mão.

– Espero descobrir isso enquanto estiver por aqui.

– Mas não vai discutir com seu anfitrião, correto?

Kate lançou-lhe um olhar curioso.

– Não tenho certeza se o senhor se qualificaria ou não como nosso anfitrião, milorde. Afinal, o convite foi feito por sua mãe.

– É verdade – concordou ele. – Mas a casa é minha.

– Sim – murmurou ela. – Foi o que Mary disse.

Ele sorriu.

– Isso está acabando com você, não está?

– Ser simpática com o senhor?

Ele assentiu.

– Não é a coisa mais fácil que já fiz.

A expressão no rosto de Anthony mudou um pouco, como se ele pudesse ter se cansado de importuná-la. Como se tivesse uma ideia totalmente diferente na cabeça.

– Mas também não é a coisa mais difícil, é? – perguntou.

– Não gosto do senhor, milorde – disse ela sem pestanejar.

– Não – repetiu ele com um sorriso divertido. – Não achei que gostasse.

Kate começou a experimentar um sentimento muito estranho, o mesmo de quando estava no escritório dele, pouco antes de o visconde beijá-la. A garganta parecia inchada de repente e as palmas das mãos ficaram muito quentes. E seu estômago... Bem, era difícil descrever a sensação tensa e ardente que lhe comprimia a barriga. Por instinto – talvez numa tentativa de autopreservação –, ela deu um passo para trás.

Ele pareceu divertido, como se pudesse ler os pensamentos dela.

Kate brincou com a flor um pouco mais, então falou abruptamente:

– Você não deveria tê-la colhido.

– Você devia ter uma tulipa – falou ele em tom casual. – Não é justo que Edwina receba todas as flores.

O estômago de Kate ficou ainda mais tenso e ardente.

– No entanto – retrucou ela, com dificuldade para falar –, o jardineiro decerto não vai apreciar a mutilação do trabalho dele.

O visconde deu um sorriso diabólico.

– Vai pôr a culpa num de meus irmãos mais novos.

Ela não pôde deixar de rir.

– O senhor *deveria* cair na minha avaliação por tal truque – comentou Kate.

– Mas não vou?

Ela balançou a cabeça.

– Acho que minha opinião a seu respeito não pode piorar.

– Essa doeu. – Ele balançou um dedo na direção dela. – Pensei que a senhorita devesse estar se comportando da melhor maneira possível.

Kate olhou ao redor.

– Não conta muito se não houver ninguém por perto para me ouvir, não é?

– *Eu* posso ouvi-la.

– Com certeza *o senhor* não conta.

Ele abaixou um pouco a cabeça na direção dela.

– Eu acharia que sou o único que conta.

Kate não disse nada. Não queria nem mesmo olhar em seus olhos. Sempre que se permitia encarar aquelas profundezas aveludadas, seu estômago se revirava.

– Srta. Sheffield? – murmurou ele.

Ela ergueu o olhar. Grande erro. O estômago se embrulhou de novo.

– Por que o senhor veio me procurar? – indagou.

Anthony afastou-se do arco de madeira e empertigou-se.

– Na verdade, não vim. Fiquei tão surpreso em vê-la quanto a senhorita ficou em me ver.

Embora, pensou com ironia, não devesse ter ficado. Ele poderia ter percebido que a mãe estava aprontando alguma coisa no momento em que sugeriu um lugar para sua caminhada.

Mas será que ela o tinha jogado para cima da Srta. Sheffield *errada*? Por certo não escolheria Kate em vez de Edwina como futura nora.

– Mas, já que a encontrei – prosseguiu –, tem algo que gostaria de lhe falar.

– Algo que já não falou – observou, irônica. – Não consigo imaginar o que seja.

Ele ignorou o sarcasmo.

– Gostaria de me desculpar.

Isso a desconcertou. Abriu um pouco os lábios, surpresa, e arregalou os olhos.

– O que disse? – perguntou.

Anthony pensou que a voz dela mais pareceu o coaxar de um sapo.

– Eu lhe devo desculpas pelo meu comportamento naquela noite – prosseguiu. – Tratei a senhorita de modo muito rude.

– O senhor não vai se desculpar pelo beijo? – indagou Kate, ainda parecendo muito confusa.

Pelo beijo? Ele nem sequer considerara isso. Nunca se desculpara por um beijo, jamais beijara alguém que considerasse necessário um pedido de desculpa. Na verdade, ele estava pensando nas coisas desagradáveis que lhe dissera *após* o beijo.

– Hã... claro – mentiu. – Pelo beijo e por tudo o que disse também.

– Sei – murmurou ela. – Não achei que libertinos se desculpassem.

Ele cerrou os punhos. Aquele maldito hábito dela de tirar conclusões precipitadas sobre ele era muito irritante.

– Este libertino pede – falou em tom mais baixo.

Ela respirou fundo e depois deu um longo suspiro.

– Nesse caso, aceito as desculpas.

– Ótimo – disse ele, dirigindo-lhe seu sorriso mais atraente. – Posso acompanhá-la de volta à casa?

Ela assentiu.

– Mas não pense que isso me fará mudar de ideia a respeito do senhor e de Edwina.

– Jamais sonharia em considerá-la tão facilmente influenciável – atalhou ele, com sinceridade.

Kate virou-se para Anthony e viu que seus olhos eram muito diretos – de uma forma assustadora, mesmo para ela.

– A questão é que o senhor me beijou – retrucou.

– E a senhorita retribuiu.

Ele não conseguiu resistir.

As bochechas dela ficaram com uma deliciosa cor rosada.

– A questão é – repetiu Kate com determinação – que isso aconteceu. E, se o senhor se casasse com Edwina, independentemente de sua reputação, que não considero infundada...

– Não – disse ele baixinho, interrompendo-a com um tom de voz aveludado e suave. – Não acho que a senhorita deveria.

Ela lançou-lhe um olhar severo.

– Independentemente de sua reputação, *isso* sempre ficaria entre nós. Depois que algo assim acontece, é impossível apagar.

O diabo em Anthony quase o impeliu a sibilar “Isso o quê?”, forçando-a a repetir as palavras “O beijo”, mas, em vez disso, ele compadeceu-se dela e deixou para lá. Além do mais, Kate tinha razão. O beijo sempre estaria entre eles. Mesmo agora, com as bochechas dela rosadas de vergonha e os lábios contraídos de irritação, ele se perguntava como ela se sentira quando ele a puxara para seus braços, que gosto experimentara quando ele desenhara o contorno de seus lábios com a língua.

Será que ela passara a cheirar como o jardim? Ou aquele perfume enlouquecedor de lírios e sabonete ainda estava em sua pele?

Será que cederia em seus braços? Ou o afastaria e correria para casa?

Só havia um meio de descobrir, e, ao fazer isso, ele arruinaria para sempre as chances com Edwina.

Mas, como Kate dissera, talvez casar-se com Edwina lhe trouxesse muitas complicações. Afinal, ele não poderia desejar a cunhada.

Talvez tivesse chegado o momento de procurar outra noiva, por mais entediante que pudessem ser as perspectivas.

Talvez fosse o momento de beijar Kate Sheffield de novo, ali em meio à perfeição dos jardins de Aubrey Hall, com as flores tocando suas pernas e o aroma de lilases no ar.

Talvez...

Talvez...

CAPÍTULO 9

Homens são criaturas contraditórias. A mente e o coração nunca estão de acordo. E, como sabem muito bem as mulheres, suas ações costumam ser governadas por um aspecto completamente diferente.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
29 DE ABRIL DE 1814

Ou, talvez, não.

Enquanto Anthony imaginava qual seria o melhor caminho até os lábios dela, ouviu o som perturbador da voz de Colin.

– Anthony! – gritou ele. – Aí está você.

Kate, felizmente sem saber como estivera perto de ser beijada do modo mais insensato, virou-se para observar a chegada de Colin.

– Qualquer dia – murmurou Anthony –, eu vou ter que matá-lo.

Kate virou-se de novo para ele.

– O senhor disse alguma coisa, milorde?

Anthony ignorou-a. Essa devia ser a melhor alternativa, pois era muito provável que *não* ignorá-la o fizesse desejá-la, o que era, como ele sabia muito bem, o caminho mais curto e direto para o desastre completo.

Na verdade, ele tinha que agradecer a Colin pela interrupção inoportuna. Mais alguns segundos e ele teria beijado Kate Sheffield, o que seria um dos maiores erros de sua vida.

Beijá-la uma vez poderia ser perdoado, sobretudo considerando-se o modo como ela o provocara naquela noite, no escritório. Mas duas vezes... Bem, duas vezes obrigaria qualquer homem honrado a desfazer a corte a Edwina Sheffield.

E Anthony não estava nem um pouco disposto a desistir de seu conceito de

honra.

Não podia acreditar que estivera tão perto de estragar seus planos de casar-se com Edwina. Em que estava pensando? Ela era a noiva perfeita para seus propósitos. Só quando a irmã intrometida estava por perto sua mente ficava confusa.

– Anthony – repetiu Colin ao se aproximar. – E Srta. Sheffield. – Ele lançou um olhar curioso aos dois, pois sabia muito bem que eles não se davam. – Que surpresa.

– Estava apenas explorando os jardins de sua mãe – falou Kate –, e esbarrei em seu irmão.

Anthony assentiu, confirmando.

– Daphne e Simon estão aqui – continuou o mais novo.

Anthony virou-se para Kate e explicou:

– Minha irmã e o marido.

– O duque? – perguntou ela.

– O próprio – resmungou ele.

Colin riu ao perceber o rancor na voz do irmão.

– Ele se opôs ao casamento – comentou com Kate. – Vê-los felizes o deixa aborrecido.

– Ora, mas que diab... – falou Anthony, interrompendo-se antes de blasfemar diante de Kate. – Estou muito contente pela felicidade de minha irmã – continuou de modo ríspido, sem soar muito satisfeito. – Só acho que eu deveria ter tido mais oportunidades de saber o que o desgraç... malcriado pretendia antes de os dois embarcarem no "felizes para sempre".

Kate reprimiu uma risada.

– Entendo – disse, certa de que *não* mantivera o rosto tão sério quanto desejara.

Colin sorriu para ela antes de virar-se mais uma vez para o irmão.

– Daff sugeriu jogarmos *Pall Mall*. O que você acha? Faz séculos que não jogamos. E, se formos logo, poderemos escapar das senhoritas excessivamente delicadas que mamãe convidou por nossa causa. – Ele virou-se de novo para Kate com um sorriso que o faria ser perdoado por qualquer coisa. – A não ser pela presente companhia, sem dúvida.

– Sem dúvida – murmurou ela.

Colin inclinou-se para a frente, com os olhos verdes brilhando de astúcia.

– *Ninguém* cometeria o erro de chamá-la de senhorita excessivamente delicada – acrescentou.
– Isso foi um elogio? – indagou ela, com acidez.
– Sem dúvida.
– Então terei que aceitá-lo de bom grado e com gratidão.
Colin deu uma risada e falou para Anthony:
– Eu gosto dela.
O mais velho não parecia divertido.
– A senhorita já jogou *Pall Mall*? – perguntou Colin a Kate.
– Infelizmente, não. Acho que nem sei o que é.
– É um jogo ao ar livre. Muito engraçado. Mais popular na França que aqui, embora eles o chamem de *paille maille*.
– Como se joga? – quis saber Kate.
– Colocamos arcos de ferro em um campo – explicou Colin –, então tentamos acertá-los batendo com tacos em bolas de madeira.
– Parece bem simples – refletiu ela.
– Não quando se joga com os Bridgertons – falou ele, dando uma risada.
– E o que *isso* quer dizer?
– Quer dizer – interrompeu Anthony – que nunca vimos necessidade de demarcar um campo. Colin coloca os arcos sobre as raízes das árvores...
– E você já colocou um na direção do lago – atalhou Colin. – Nunca encontramos a bola vermelha depois que Daphne a afundou.
Kate sabia que não deveria aceitar passar uma tarde na companhia do visconde, mas, apesar de tudo, o jogo parecia divertido.
– Haveria espaço para mais um jogador? – perguntou ela. – Já que estou excluída do grupo de senhoritas excessivamente delicadas?
– Claro que sim! – exclamou Colin. – Suspeito que a senhorita se encaixará muito bem entre os maquinadores e trapaceiros.
– Vindo do senhor – falou Kate, dando uma risada –, *sei* que foi um elogio.
– Ora, com toda a certeza. Honra e sinceridade têm seu tempo e lugar, mas *não* num jogo de *Pall Mall*.
– E – interrompeu Anthony, com uma expressão presunçosa no rosto – teremos que convidar sua irmã também.
– Edwina? – disse Kate, quase engasgando.

Com mil demônios. Ela acabara de jogar a irmã direto nas garras dele. Vinha fazendo o máximo para mantê-los afastados e agora praticamente lhes arranjara um passeio à tarde. Não haveria meio de excluir Edwina depois de ter convidado a si mesma para o jogo.

– A senhorita tem outra irmã? – indagou ele em voz baixa.

Ela lançou-lhe um olhar severo.

– Talvez ela não queira jogar. Creio que está repousando no quarto.

– Instruirei a criada a bater bem de leve na porta – retrucou Anthony, sem dúvida mentindo.

– Ótimo! – comemorou Colin. – Assim teremos três homens e três mulheres.

– É um jogo em equipes? – indagou Kate.

– Não – respondeu ele –, mas mamãe sempre fez questão de que tivéssemos as mesmas quantidades em tudo. Ficaria muito aborrecida se jogássemos em número ímpar.

Kate não podia imaginar a adorável e graciosa mulher com quem conversara havia apenas uma hora aborrecendo-se por causa de um jogo de *Pall Mall*, mas imaginou que não devia comentar nada.

– Vou chamar a Srta. Sheffield – murmurou Anthony, parecendo insuportavelmente arrogante. – Colin, por que você não leva *esta* Srta. Sheffield até o campo e e eu encontro vocês lá em meia hora?

Kate abriu a boca para protestar contra o arranjo que deixaria Edwina sozinha com o visconde, mesmo que por um curto período, enquanto caminhavam até o campo, mas, por fim, permaneceu em silêncio. Não havia uma desculpa razoável que pudesse dar para evitar aquilo, ela sabia.

Anthony captou o balbucio proferido por ela e deu o sorriso enviesado mais insolente que pôde, antes de dizer:

– Fico feliz em ver que a senhorita concorda comigo.

Ela apenas resmungou. Se tivesse dito algo, as palavras não teriam sido educadas.

– Ótimo – falou Colin. – Nós os veremos mais tarde.

Então deu o braço a Kate e se afastou com ela, deixando Anthony sorrindo com afetação atrás deles.

Colin e Kate caminharam cerca de meio quilômetro até uma clareira ligeiramente irregular, ladeada por um lago.

– O lar atual da bola vermelha, suponho – comentou Kate, apontando para a água.

Colin riu e assentiu.

– Uma pena, pois tínhamos equipamento suficiente para oito jogadores. Mamãe insistiu em comprar um conjunto que pudesse incluir todos os filhos.

Kate não sabia se sorria ou franzia a testa.

– Sua família é muito unida, não é?

– Muito – respondeu Colin, dirigindo-se a um galpão próximo.

Kate o seguiu, dando tapinhas distraídos na coxa.

– O senhor sabe que horas são? – disse ela.

Ele fez uma pausa, retirou um relógio do bolso e abriu-o.

– Três e dez.

– Obrigada – falou, anotando mentalmente a hora.

Eles haviam se separado de Anthony quinze minutos antes, e ele prometera levar Edwina até o campo de *Pall Mall* em meia hora, portanto deveriam estar ali às 15h25.

No máximo, às 15h30. Kate estava disposta a ser generosa e aceitar os inevitáveis atrasos. Se o visconde aparecesse com sua irmã às 15h30, ela não iria censurá-lo.

Colin continuou o caminho até o galpão e Kate o observou com interesse enquanto ele empurrava a porta.

– Parece enferrujada – comentou ela.

– Já faz um tempo que não aparecemos aqui para jogar – retrucou ele.

– Mesmo? Se eu tivesse uma casa como Aubrey Hall, nunca iria a Londres.

Colin virou-se, com a porta aberta pela metade.

– A senhorita é um bocado parecida com Anthony, sabia?

Kate engasgou.

– O senhor só pode estar brincando.

Ele balançou a cabeça e deu um sorriso breve e estranho.

– Talvez seja porque vocês dois são os mais velhos. Deus sabe que agradeço todos os dias por não ter nascido no lugar de Anthony.

– O que quer dizer?

Colin deu de ombros.

– Que eu não iria querer lidar com as responsabilidades dele, só isso. O título, a família, a fortuna... É muita coisa nos ombros de um único homem.

Kate não tinha qualquer vontade particular de saber quão bem o visconde assumira as responsabilidades do título. Não queria ouvir nada que pudesse mudar sua opinião sobre ele, embora precisasse admitir que ficara impressionada com a aparente sinceridade do pedido de desculpas mais cedo.

– O que isso tem a ver com Aubrey Hall? – indagou ela.

Colin olhou-a de modo inexpressivo por um momento, como se tivesse esquecido que a conversa se iniciara com o comentário inocente de Kate sobre como a casa de campo era adorável.

– Nada – disse ele. – E tudo. Anthony adora este lugar.

– Mas ele passa o tempo inteiro em Londres – retrucou Kate. – Não passa?

– Pois é. – Colin deu de ombros. – Estranho, não é?

Kate não respondeu. Ficou apenas observando-o terminar de empurrar a porta do galpão, deixando-a totalmente aberta.

– Aqui estamos – declarou ele, retirando lá de dentro um carrinho construído para conter os oito tacos e as bolas de madeira. – Está um pouco mofado, mas nada que vá causar problemas.

– A não ser pela perda da bola vermelha – comentou Kate com um sorriso.

– Isso é culpa de Daphne – retrucou Colin. – Tudo é culpa de Daphne. Torna minha vida muito mais fácil!

– Eu já ouvi algo parecido antes!

Kate deu meia-volta e viu um jovem casal muito atraente aproximando-se. O homem era lindo, com cabelos muito escuros e olhos bem claros. A mulher só podia ser uma Bridgerton, com o mesmo cabelo castanho de Anthony e Colin. Sem falar na estrutura óssea e no sorriso. Kate ouvira dizer que todos os Bridgertons eram muito parecidos, mas ela nunca acreditara por completo nisso, até o momento.

– Daff! – chamou Colin. – Você chegou bem a tempo de nos ajudar a posicionar os arcos.

Ela lhe lançou um sorriso malicioso.

– Você não achou que eu iria permitir que você arrumasse o campo sozinho, não é? – Então, virando-se para o marido: – Não confio nem um pouco nele.

– Não dê ouvidos a ela – disse Colin a Kate. – Sou a pessoa mais confiável que existe.

Daphne revirou os olhos e se dirigiu a Kate:

– Como tenho certeza de que meu infeliz irmão não fará as honras, vou me apresentar. Sou Daphne, duquesa de Hastings, e esse é meu marido, Simon.

Kate fez uma pequena mesura.

– Vossa Graça – murmurou, então se virou para o duque e disse mais uma vez: – Vossa Graça.

Colin fez um gesto com a mão na direção dela enquanto se curvava para retirar os arcos do carrinho.

– Essa é a Srta. Sheffield.

Daphne pareceu confusa.

– Acabei de cruzar com Anthony em casa e pensei que ele tivesse dito que estava indo pegar a Srta. Sheffield.

– Minha irmã – explicou Kate. – Edwina. Eu sou Katharine. Kate, para os amigos.

– Bem, se você é corajosa o suficiente para jogar *Pall Mall* com os Bridgertons, sem dúvida eu a quero como amiga – comentou Daphne, abrindo um sorriso amplo. – Então, você deve me chamar de Daphne. E meu marido, de Simon. Não é, Simon?

– Ora, é claro – respondeu ele, e Kate teve a nítida impressão de que o duque teria dito a mesma coisa se ela afirmasse que o céu era laranja.

Não que não estivesse prestando atenção nela – simplesmente era óbvio que a adorava a ponto de não conseguir se concentrar na conversa.

Era isso, pensou Kate, que queria para Edwina.

– Deixe-me levar metade – ofereceu Daphne, estendendo o braço para pegar os arcos da mão do irmão. – Eu e a Srta. Sheffield... isto é, eu e Kate – falou, dando a Kate um sorriso simpático – vamos arrumar três deles, e você e Simon podem fazer o restante.

Antes que Kate pudesse sequer arriscar uma opinião, Daphne pegou-a pelo braço e conduziu-a até o lago.

– Temos que ter certeza absoluta de que Anthony vai jogar a bola na água – murmurou Daphne. – Nunca o perdoei pela última vez. Pensei que Benedict e Colin fossem morrer de tanto rir. E Anthony foi o pior. Só ficou ali parado, com

um sorrisinho afetado. Um sorrisinho afetado! – Ela se virou para Kate com a expressão mais pesarosa. – Ninguém sorri afetado como meu irmão mais velho.

– Eu sei – murmurou Kate baixinho.

Por sorte, a duquesa não a ouviu.

– Se eu pudesse matá-lo, juro que teria feito.

– O que vai acontecer se todas as suas bolas se perderem no lago? – perguntou Kate sem conseguir resistir. – Ainda não joguei muito com a senhora, mas me parece muito competitiva, e pelo jeito...

– Pelo jeito isso seria inevitável? – Daphne terminou a frase por ela. Então sorriu. – Provavelmente, você está certa. Não temos espírito esportivo quando se trata de *Pall Mall*. Sempre que um Bridgerton ergue um taco, tornamo-nos todos trapaceiros e mentirosos. Na verdade, o jogo é muito menos sobre ganhar e muito mais sobre garantir que os adversários percam.

Kate fez um esforço para encontrar as palavras.

– Isso parece...

– Terrível? – Daphne sorriu de novo. – Não é. Você nunca se divertirá tanto, posso lhe garantir. Mas, do jeito que a coisa vai, todo o conjunto terminará no fundo do lago em muito pouco tempo. Acho que teremos que mandar buscar outro na França. – Ela enfiou um dos arcos no solo. – Parece um desperdício, eu sei, mas vale a pena humilhar meus irmãos.

Kate tentou não rir, mas não foi bem-sucedida.

– A senhorita tem algum irmão? – perguntou Daphne.

Como a duquesa se esquecera de usar seu primeiro nome, Kate achou melhor voltar a tratá-la de maneira formal:

– Nenhum, Vossa Graça – respondeu. – Edwina é minha única irmã.

Daphne cobriu os olhos com a mão e examinou a área, procurando um local diabólico para outro dos arcos. Quando avistou um – bem em cima da raiz de uma árvore –, seguiu em frente, e Kate não teve alternativa senão segui-la.

– Quatro irmãos – prosseguiu Daphne, enfiando o arco no solo – proporcionam uma educação maravilhosa.

– Imagino as coisas que a senhora deve ter aprendido – falou Kate, muito impressionada. – A senhora consegue deixar um homem de olho roxo? Derrubá-lo no chão?

Daphne deu um sorriso astucioso.

– Pergunte a meu marido.

– Perguntar o que a mim? – gritou o duque do outro lado da árvore, onde ele e Colin posicionavam um arco em uma raiz.

– Nada – retrucou a duquesa com ar de inocência. – Eu também aprendi – cochichou para Kate – quando é melhor manter a boca fechada. Homens são muito mais fáceis de manipular depois que aprendemos alguns fatos essenciais sobre a natureza deles.

– E quais são esses fatos? – arriscou Kate.

Daphne inclinou-se para a frente e sussurrou com a mão em concha cobrindo-lhe a boca.

– Os homens não são tão inteligentes quanto nós, e não precisam saber nem metade do que fazemos. – Ela olhou ao redor. – Ele não ouviu isso, ouviu?

Simon deu um passo para o lado, surgindo detrás da árvore.

– Cada palavra.

Kate reprimiu uma gargalhada enquanto Daphne se punha de pé de um salto.

– Mas é a pura verdade – falou com ar de superioridade.

Simon cruzou os braços.

– Deixo que você pense assim – retrucou. Virou-se para Kate e prosseguiu: – Aprendi uma ou duas coisas sobre as mulheres com o passar do tempo.

– É mesmo? – indagou Kate, fascinada.

Ele assentiu e curvou-se, como se prestes a compartilhar um importante segredo de Estado.

– Elas se tornam muito mais fáceis de manipular quando deixamos que acreditem que são mais espertas e intuitivas que nós. E – acrescentou, lançando um olhar arrogante à esposa – nossas vidas são muito mais tranquilas quando fingimos saber apenas metade do que elas fazem.

Colin aproximou-se, balançando um taco em um arco baixo.

– Eles estão brigando? – indagou a Kate.

– Conversando – corrigiu Daphne.

– Deus me livre de tais conversas – resmungou Colin. – Vamos escolher as cores.

Kate acompanhou-o de volta ao conjunto do jogo, tamborilando na coxa.

– Que horas são? – perguntou.

Colin pegou o relógio de bolso.

– Passa um pouco das três e meia. Por quê?

– Só achei que Edwina e o visconde já deveriam estar aqui a esta hora. Só isso – disse ela, tentando não parecer muito preocupada.

Colin deu de ombros.

– Deveriam. – Então, esquecendo-se totalmente da aflição de Kate, apontou para o conjunto do jogo e falou: – Tome. A senhorita é nossa convidada, por isso será a primeira a escolher. Que cor deseja?

Sem pensar duas vezes, Kate esticou a mão e pegou um taco. Apenas quando ele já estava em sua mão, ela percebeu que era preto.

– O taco da morte – comentou Colin em tom de aprovação. – Eu sabia que ela daria uma excelente jogadora.

– Deixe o cor-de-rosa para Anthony – orientou Daphne, pegando o verde.

O duque retirou o taco laranja do conjunto, virou-se para Kate e disse:

– A senhorita é testemunha de que eu não tive nada a ver com o taco cor-de-rosa de Anthony, não é?

Kate deu um sorriso astucioso.

– Eu percebi que o senhor não escolheu o cor-de-rosa.

– Claro que não – retrucou ele, com um sorriso ainda mais astucioso que o dela. – Minha esposa já o escolheu para ele, e eu não poderia contrariá-la, não é?

– Para mim, o amarelo – interrompeu Colin – e, para a Srta. Edwina, o azul, não acha?

– Ah, sem dúvida – respondeu Kate. – Edwina adora azul.

Os quatro olharam para os dois tacos que restavam: cor-de-rosa e roxo.

– Ele não vai gostar de nenhum dos dois – comentou Daphne.

Colin assentiu.

– Mas vai gostar ainda menos do cor-de-rosa.

Então, pegou o taco roxo e foi jogá-lo dentro do galpão. Depois, fez o mesmo com a bola que combinava com ele.

– E, por falar nisso – comentou o duque –, onde está Anthony?

– Essa é uma ótima pergunta – murmurou Kate, tamborilando na coxa.

– Suponho que a senhorita queira saber as horas – disse Colin dissimuladamente.

Kate enrubesceu. Ela já lhe pedira que checasse o relógio de bolso duas vezes.

– Não precisa, obrigada – retrucou, por falta de uma resposta mais espirituosa.

– Muito bem. É só que aprendi que assim que a senhorita começa a mexer a mão dessa maneira...

Kate interrompeu o movimento.

– ... é porque está prestes a me perguntar que horas são.

– O senhor aprendeu um bocado sobre mim na última meia hora – falou Kate de modo áspero.

Ele sorriu.

– Sou um homem observador.

– Decerto que sim – murmurou ela.

– Mas, se a senhorita quiser saber, faltam quinze minutos para as quatro.

– Eles estão bastante atrasados – observou Kate.

Colin inclinou-se para a frente e cochichou:

– Duvido que meu irmão esteja violentando sua irmã.

– Sr. B-B-Bridgerton! – gaguejou Kate.

– Sobre o que vocês estão conversando? – indagou Daphne.

Colin sorriu.

– A Srta. Sheffield teme que Anthony esteja desrespeitando a outra Srta. Sheffield.

– Colin! – exclamou Daphne. – Isso não é nem um pouco engraçado.

– E, com certeza, não é verdade – protestou Kate.

Bem, não era verdade até certo ponto. Ela não achava que o visconde estivesse desrespeitando Edwina, mas era bem provável que se esforçasse ao máximo para deixá-la encantada. E *isso* já era perigoso por si só.

Kate balançou o taco, sentindo o peso, e tentou imaginar como poderia baixá-lo sobre a cabeça de lorde Bridgerton e fazer com que parecesse um acidente.

O taco da morte, de fato.

Anthony deu uma olhada no relógio sobre a prateleira no escritório. Quase três e meia. Eles iam se atrasar.

Sorriu. Ora, bem, nada podia ser feito quanto a isso.

Em geral, ele prezava pela pontualidade, mas quando o atraso levava à tortura de Kate Sheffield, não se importava em chegar mais tarde.

E Kate sem dúvida se contorcia em agonia naquele momento, horrorizada com

a ideia da preciosa irmã em suas garras malignas.

Anthony baixou os olhos para as garras malignas – isto é, para as mãos, recordou-se; para as mãos – e sorriu mais uma vez. Havia muito tempo não se divertia tanto, e tudo o que estava fazendo era perambular pelo escritório, imaginando Kate trincando os dentes e soltando fogo pelas ventas.

Era uma imagem muito divertida.

Não que isso fosse culpa dele, claro. Teria saído pontualmente se não tivesse que esperar por Edwina. Ela enviara um recado pela criada dizendo que iria encontrar-se com ele em dez minutos, e isso ocorrera vinte minutos antes. Não podia fazer nada se ela estava atrasada.

Anthony teve uma visão súbita do restante de sua vida: esperando por Edwina. Será que ela era do tipo que se atrasava sempre? Isso poderia tornar-se irritante depois de algum tempo.

Como em resposta a seus pensamentos, ele ouviu uma sucessão de passos no corredor e, quando ergueu os olhos, viu as formas encantadoras da jovem emolduradas pelo vão da porta.

Pensou, com objetividade, que ela era perfeita, absolutamente adorável. As feições não tinham qualquer defeito, a postura era a mais graciosa e os olhos tinham um tom de azul tão radiante, tão vívido, que era impossível não se surpreender com os matizes sempre que ela piscava.

Anthony esperou que algum tipo de reação se desencadeasse dentro dele. Sem dúvida, nenhum homem poderia ser imune à beleza dela.

Nada. Nem mesmo a mais leve vontade de beijá-la. Parecia quase um crime contra a natureza.

Mas talvez isso fosse bom. Afinal, não queria uma esposa por quem se apaixonasse. Desejo podia ser ótimo, mas também era perigoso. Desejo certamente tinha uma chance maior de acabar em amor.

– Lamento muito pelo atraso, milorde – falou Edwina de forma encantadora.

– Não foi nenhum transtorno – respondeu ele, sentindo-se animado por sua mais recente conclusão. Edwina ainda serviria muito bem. Não precisaria procurar outra noiva. – Mas agora devemos nos apressar. Os outros já devem ter montado o percurso.

Pegou o braço dela e saíram da casa. Anthony fez uma observação sobre o tempo. Ela também. Então ele comentou sobre o tempo do dia anterior. Ela

concordou com alguma coisa que ele dissera (um minuto depois, ele já nem se lembrava do quê).

Depois de esgotar todos os assuntos possíveis relacionados ao clima, ficaram em silêncio e, por fim, após três longos minutos em que nenhum dos dois tinha nada a dizer, Edwina arriscou:

– O que o senhor estudou na faculdade?

Anthony lançou-lhe um olhar curioso. Nenhuma jovem lhe fizera aquela pergunta antes.

– Ora, o de sempre – retrucou.

– Mas o que é "o de sempre"? – insistiu ela, parecendo inusitadamente impaciente.

– Sobretudo história. Um pouco de literatura.

– Ah. – Ela refletiu por um momento. – Eu adoro ler.

– É mesmo? – Ele a fitou com interesse renovado. Não a teria considerado uma intelectual. – O que gosta de ler?

Ela pareceu mais relaxada ao responder:

– Quando estou com a imaginação solta, romances. E, quando estou com vontade de aperfeiçoar o espírito, filosofia.

– Filosofia, hein? – repetiu Anthony. – Nunca tive paciência para essas coisas.

Edwina soltou uma de suas risadas melodiosas.

– Kate pensa como o senhor. Está sempre me dizendo que sabe muito bem como viver a vida e que não precisa de um defunto lhe dando instruções.

Anthony se lembrou das tentativas de ler Aristóteles, Bentham e Descartes na universidade. Então recordou as tentativas de *evitar* a leitura de Aristóteles, Bentham e Descartes na universidade.

– Creio – murmurou ele – que preciso concordar com sua irmã.

Edwina sorriu.

– O *senhor* concordando com Kate? Eu deveria registrar este momento num caderno. Sem dúvida, é algo inédito.

Ele lançou-lhe um olhar avaliador.

– A senhorita é muito mais impertinente do que demonstra, não é?

– Não tanto quanto Kate.

– *Isso* nunca esteve em questão.

Ele ouviu Edwina dar uma risadinha e, quando voltou a olhar para ela, a jovem

parecia fazer um esforço imenso para ficar séria. Dobraram a última esquina até o campo e, quando a clareira irregular se ergueu diante dos dois, viram o restante do grupo os esperando, balançando preguiçosamente os tacos para a frente e para trás.

– Ora, com mil demônios! – praguejou Anthony, esquecendo-se por completo de que estava na companhia da mulher com quem planejava se casar. – Ela pegou o taco da morte.

CAPÍTULO 10

Festas em casas de campo são eventos perigosos. Os casados com frequência acabam desfrutando da companhia de outra pessoa que não o próprio cônjuge e solteiros muitas vezes voltam à cidade tendo noivado às pressas.

De fato, os noivados mais surpreendentes são anunciados por causa desses feitiços da vida rural.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE MAIO DE 1814

– Vocês decerto gastaram todo o tempo que podiam para chegar até aqui – observou Colin assim que Anthony e Edwina alcançaram o grupo. – Peguem os tacos, estamos prontos para começar. Edwina, você fica com o azul – falou, entregando-lhe um taco. – Anthony, você fica com o cor-de-rosa.

– Eu fico com o cor-de-rosa enquanto *ela* – retrucou, apontando para Kate – fica com o taco da morte?

– Dei a ela o direito de escolher primeiro – explicou Colin. – Afinal, é nossa convidada.

– Anthony costuma ficar com o preto – atalhou Daphne. – Na verdade, foi ele que batizou o taco.

– O senhor não deveria ficar com o cor-de-rosa – disse Edwina a Anthony. – Não lhe cai bem, de modo algum. Pegue – continuou, estendendo-lhe o próprio taco. – Por que não trocamos?

– Não sejam ridículos! – exclamou Colin. – Nós decidimos que a senhorita deveria ficar com o azul porque combina com seus olhos.

Kate pensou ter ouvido Anthony resmungar.

– Eu fico com o cor-de-rosa – anunciou Anthony, tirando o taco ofensivo de

modo bastante enérgico das mãos de Colin –, e ainda assim vou ganhar. Vamos começar, está bem?

Assim que as apresentações necessárias foram feitas entre o duque, a duquesa e Edwina, todos largaram as bolas de madeira próximo ao ponto inicial e se prepararam para jogar.

– Vamos iniciar do mais novo para o mais velho? – sugeriu Colin, com uma mesura galante na direção de Edwina.

Ela balançou a cabeça.

– Eu preferiria ser a última, pois assim teria a chance de observar a estratégia de jogadores mais experientes.

– Uma jovem sábia – elogiou Colin. – Então faremos do mais velho para o mais novo. Anthony, creio que você seja o mais velho entre nós.

– Desculpe, querido irmão, mas Hastings ganha de mim por alguns meses.

– Por que eu tenho a sensação de estar me intrometendo numa briga de família? – sussurrou Edwina no ouvido da irmã.

– Creio que os Bridgertons levam esse jogo muito a sério – murmurou Kate em resposta.

Os três Bridgertons assumiram feições muito agressivas e todos pareciam bastante decididos a ganhar.

– Não, não, não! – ralhou Colin, balançando um dedo para elas. – Não é permitido conspirar.

– Nem saberíamos por onde começar a conspirar – retrucou Kate –, já que ninguém pareceu achar adequado nos explicar as regras do jogo.

– Basta nos seguir – falou Daphne bruscamente. – Vocês vão entender quando começar.

– Acho que o objetivo é afundar a bola dos adversários no lago – sussurrou Kate para Edwina.

– É mesmo?

– Não. Mas acho que é isso que os Bridgertons fazem.

– Vocês ainda estão cochichando! – gritou Colin sem nem mesmo lançar um olhar para elas. Então, berrou na direção do duque: – Hastings, acerte a maldita bola! Não temos o dia inteiro!

– Colin – atalhou Daphne –, não comece a xingar. Há damas presentes.

– Você não conta.

– Além de mim, há outras duas damas presentes – insistiu ela.

Colin piscou, então se virou para as irmãs Sheffields.

– As senhoritas se importam?

– Nem um pouco – respondeu Kate, absolutamente fascinada.

Edwina se limitou a balançar a cabeça.

– Ótimo. – Colin virou-se de novo para o duque. – Hastings, prossiga.

O duque empurrou a bola um pouco para a frente do restante da pilha.

– Vocês sabem – falou, para ninguém em particular – que eu nunca joguei isto antes?

– Apenas dê uma boa tacada na bola naquela direção, querido – orientou Daphne, apontando para o primeiro arco.

– Aquele não é o último arco? – indagou Anthony.

– Não, é o primeiro.

– *Deveria* ser o último.

Daphne cerrou os dentes.

– Quem arrumou o percurso fui eu, e digo que é o primeiro.

– Acho que isso pode se tornar violento – murmurou Edwina para Kate.

O duque virou-se para Anthony e abriu um sorriso falso.

– Acho que prefiro acreditar em Daphne.

– Ela arrumou mesmo o percurso – atalhou Kate.

Anthony, Colin, Simon e Daphne olharam para ela espantados, como se não acreditassem em sua coragem de se meter naquela conversa.

– Bem, é verdade – repetiu Kate.

Daphne entrelaçou o braço ao dela.

– Acho que eu a adoro, Kate Sheffield – anunciou.

– Que Deus me proteja – murmurou Anthony.

O duque afastou o próprio taco e deu uma pancada na bola, que logo corria pelo gramado.

– Muito bem, Simon! – gritou Daphne.

Colin deu meia-volta e olhou para a irmã com desprezo.

– Ninguém parabeniza os adversários neste jogo – repreendeu, erguendo uma sobrancelha.

– Ele nunca jogou – argumentou ela. – Dificilmente vai ganhar.

– Não importa.

Daphne virou-se para Kate e Edwina e explicou:

– A falta de espírito esportivo é um requisito importante no *Pall Mall* dos Bridgertons.

– Eu já tinha percebido – retrucou Kate.

– Minha vez – disse Anthony de forma brusca.

Lançou um olhar cheio de desprezo à bola cor-de-rosa, em seguida deu-lhe uma boa tacada. Ela se deslocou esplendidamente sobre a grama e bateu numa árvore, caindo feito uma pedra no solo.

– Excelente! – exclamou Colin, preparando-se para sua vez.

Anthony murmurou algumas palavras, mas nenhuma delas era adequada a ouvidos delicados.

Colin lançou a bola amarela na direção do primeiro arco, depois se afastou para dar a vez a Kate.

– Eu poderia bater uma vez para treinar? – perguntou ela.

– Não!

Foi um "não" bem alto, proferido por três bocas ao mesmo tempo.

– Muito bem – resmungou ela. – Para trás, todos vocês. Não vou querer ser responsabilizada se machucar alguém na primeira tentativa.

Ela afastou o taco com toda a força e bateu na bola, que se deslocou no ar em um arco impressionante, em seguida bateu na mesma árvore que atrapalhara Anthony e caiu no chão bem perto da bola dele.

– Ah, meu Deus – falou Daphne, balançando o próprio taco para a frente e para trás para ajustar a mira antes de bater na bola.

– Por que "Ah, meu Deus"? – indagou Kate, sem ficar menos preocupada ao ver o sorriso solidário da duquesa.

– Você vai ver – disse ela.

Daphne assumiu a posição, então caminhou na direção de sua bola.

Kate olhou para Anthony. Ele parecia muito, muito satisfeito com o atual estado das coisas.

– O que o senhor vai fazer comigo? – perguntou.

Ele se inclinou maliciosamente.

– A pergunta correta seria o que eu *não* vou fazer com a senhorita.

– Acho que é minha vez – falou Edwina, andando até o ponto de partida.

Ela deu uma tacada anêmica na bola e gemeu quando ela se deslocou apenas

um terço do caminho das outras.

– Use um pouco mais de força da próxima vez – instruiu Anthony antes de ir atrás da própria bola.

– Certo – murmurou Edwina às costas dele. – Eu nunca teria imaginado isso.

– Hastings! – gritou Anthony. – Sua vez.

Enquanto o duque batia na bola na direção do próximo arco, Anthony encostou-se à árvore com os braços cruzados e o ridículo taco cor-de-rosa pendendo de uma das mãos, aguardando Kate.

– Ah, Srta. Sheffield – falou, afinal. – As regras determinam que cada um siga a própria bola!

Observou-a caminhar pesadamente até o seu lado.

– Está bem – resmungou ela. – E agora?

– A senhorita deveria me tratar com mais respeito – provocou ele, oferecendo-lhe um sorriso lento e irônico.

– Depois de o senhor se atrasar com Edwina? – retrucou ela. – Eu deveria fazer picadinho do senhor.

– Uma jovem com sede de sangue – comentou ele. – A senhorita vai se dar muito bem no *Pall Mall*... um dia.

Ele observou, muito divertido, o rosto dela enrubescer, depois ficar pálido.

– O que o senhor quer dizer? – perguntou Kate.

– Pelo amor de Deus, Anthony! – gritou Colin. – Faça a maldita jogada!

O visconde olhou para o local do gramado em que as bolas de madeira estavam – a dela, preta, e a dele, cor-de-rosa.

– Muito bem – murmurou. – Eu não gostaria de deixar o querido e doce Colin esperando.

Ao dizer isso, pôs o pé sobre a bola cor-de-rosa, recuou o taco...

– O que o senhor está fazendo? – perguntou Kate com a voz aguda.

... e bateu. A bola cor-de-rosa permaneceu bem firme sob a bota dele, enquanto a preta saiu voando morro abaixo pelo que pareceram quilômetros.

– Seu demônio – resmungou ela.

– No amor e na guerra, vale tudo – observou ele, com ironia.

– Eu vou *matá-lo*.

– Você pode tentar – provocou. – Mas vai precisar me alcançar primeiro.

Kate encarou o taco da morte e, então, fixou os olhos no pé de Anthony.

– Nem pense nisso – advertiu ele.
– É muito, muito tentador – retrucou ela.
Ele se curvou e disse em tom de ameaça:
– Nós temos testemunhas.
– E é só isso que vai lhe poupar a vida agora.
Ele sorriu.
– Acredito que sua bola esteja bem longe agora, Srta. Sheffield. Acho que nós só a veremos em cerca de meia hora, quando conseguir nos alcançar.
Nesse momento, Daphne apareceu vindo atrás da própria bola, que parara perto deles sem que percebessem.
– Foi isso que eu quis dizer com "Ai, meu Deus" – explicou, sem necessidade, na opinião de Kate.
– O senhor vai pagar por isso – sibilou Kate para Anthony.
O sorriso afetado dele era mais eloquente que qualquer coisa que dissesse.
Ela seguiu morro abaixo, xingando em voz alta e de maneira pouco apropriada a uma dama quando percebeu que a bola se alojara sob uma sebe.

Meia hora depois, Kate ainda se encontrava dois arcos atrás do penúltimo jogador. Anthony era o vencedor por ora, o que a deixou muito irritada. A única coisa boa era que ela estava tão atrasada que não podia ver a expressão satisfeita dele.
Então, enquanto aguardava a vez com as mãos entrelaçadas (havia muito pouco a fazer nesse meio-tempo, já que nenhum outro jogador estava nem remotamente próximo dela), ouviu Anthony soltar um grito aflito.
Isso atraiu sua atenção no mesmo instante.
Sorrindo na esperança de uma possível morte, ela olhou a sua volta, ansiosa, até avistar a bola cor-de-rosa correndo pela grama direto em sua direção.
– Ui! – berrou, dando um pulinho e atirando-se para o lado o mais rápido que pôde, antes que perdesse um dedo do pé.
Ao olhar para a parte mais alta do terreno, viu Colin pulando de alegria e balançando o taco com força acima da cabeça ao gritar:
– É isso aí!
Anthony olhou para ele como se pudesse estripá-lo ali mesmo.

Kate também teria feito uma pequena dança da vitória (se não podia ganhar, a segunda melhor coisa seria saber que *ele* não ganharia), não fosse o fato de agora Anthony estar na mesma posição que ela no jogo. E, embora a solidão não fosse muito divertida, era melhor que ter que conversar com *ele*.

Ainda assim, foi difícil disfarçar a presunção quando ele andou com dificuldade até ela, fitando-a como se uma nuvem negra tivesse se alojado acima de sua cabeça.

– Que azar, milorde – murmurou Kate.

Ele só olhou para ela.

Ela suspirou, sem dúvida apenas para provocá-lo mais um pouco.

– Tenho certeza de que o senhor ainda vai conseguir ficar em segundo ou terceiro lugar.

Ele se inclinou de maneira ameaçadora e emitiu um som bastante parecido com um rosnado.

– Srta. Sheffield! – chamou Colin ao descer o morro correndo: – É sua vez!

– Vamos lá – falou Kate, analisando todos os lances possíveis.

Poderia mirar no próximo arco ou tentar sabotar Anthony, deixando-o ainda mais para trás. Infelizmente, a bola cor-de-rosa estava encostada à dela, o que queria dizer que não poderia recorrer à manobra que ele usara contra ela antes, colocando o pé sobre a própria bola e lançando a do adversário bem longe. Era provável que isso fosse bom – com sua sorte, terminaria errando a bola e quebrando o próprio pé.

– Que escolha difícil... – murmurou ela.

Anthony cruzou os braços.

– O único meio de você estragar meu jogo é estragar o seu também.

– É verdade – concordou.

Se Kate quisesse acabar com as chances dele de vitória, teria que acabar com as próprias, pois precisaria bater na própria bola com toda a força apenas para fazer com que a de Anthony se movesse. E, como não conseguiria manter a sua no lugar, Deus sabe onde ela iria parar.

– Mas – falou, erguendo os olhos para ele e sorrindo com inocência – eu não tenho mesmo chance de ganhar o jogo.

– Você poderia ficar em segundo ou terceiro – arriscou ele.

Ela balançou a cabeça.

– Improvável, o senhor não acha? Estou muito atrasada, e o jogo já se aproxima do fim.
– A senhorita não quer fazer isso, Srta. Sheffield – advertiu ele.
– Ah – retrucou ela de forma bastante dramática. – Eu *quero*. Quero muito.
Então, com seu sorriso mais maligno, Kate afastou o taco e bateu, com toda a força, na própria bola, que por sua vez atingiu a dele com um impulso impressionante, lançando-a para mais longe ainda.
Mais longe...
Mais longe...
Até alcançar o lago.
Prestes a pular de felicidade, Kate observou a bola cor-de-rosa afundar na água. Uma emoção estranha e primitiva a invadiu e, antes que percebesse o que estava fazendo, começou a saltar feito louca e gritar:
– Isso! Isso! Venci!
– Não venceu, não – retrucou Anthony.
– Ora, é como se tivesse vencido – comemorou ela.
Colin e Daphne, que haviam descido o morro correndo, pararam diante deles.
– Muito bem, Srta. Sheffield! – exclamou Colin. – Eu sabia que era digna do taco da morte!
– Sensacional! – concordou Daphne. – Absolutamente sensacional!
Anthony não teve escolha a não ser cruzar os braços e encará-los com olhos severos.
Colin deu um tapinha solidário nas costas de Kate.
– Tem certeza de que não é uma Bridgerton disfarçada? A senhorita de fato fez justiça ao espírito do jogo.
– Eu não teria conseguido sem sua ajuda – comentou Kate graciosamente. – Se o senhor não tivesse lançado a bola dele morro abaixo...
– Eu tinha esperança de que a senhorita assumisse o controle da destruição dele – retrucou Colin.
Por fim, o duque se aproximou, com Edwina a seu lado.
– Um desfecho muito inesperado – comentou.
– Ainda não acabou – lembrou Daphne.
O marido lançou-lhe um olhar divertido.
– Parece um pouco despropositado continuarmos a jogar, você não acha?

Para surpresa de todos, até Colin concordou.

– Com certeza não posso imaginar nada que supere isso.

Kate sorriu.

O duque olhou para o céu.

– Além disso, está começando a ficar nublado. Quero que Daphne esteja em casa antes que comece a chover. Por causa de seu estado delicado, sabem?

Kate olhou, surpresa, para a duquesa, que começou a enrubescer. Ela não parecia nem um pouco grávida.

– Muito bem – atalhou Colin. – Proponho que terminemos o jogo e declaremos a Srta. Sheffield vencedora.

– Eu estava dois arcos atrás de vocês – objetou ela.

– Ainda assim – disse Colin –, qualquer aficionado pelo *Pall Mall* dos Bridgertons compreenderia que lançar a bola de Anthony para o lago é muito mais importante do que conseguir passar a própria bola por todos os arcos. Isso faz da senhorita nossa vencedora, Srta. Sheffield. – Olhou em volta, então encarou Anthony. – Alguém discorda?

Ninguém levantou qualquer objeção, embora o visconde parecesse muito próximo de recorrer à violência.

– Ótimo – decretou Colin. – Nesse caso, a Srta. Sheffield é a vencedora e Anthony, *você* é o perdedor.

Um som estranho e abafado irrompeu da boca de Kate, metade riso e metade engasgo.

– Bem, alguém tem que perder – comentou Colin com um sorriso. – É a tradição.

– É verdade – concordou Daphne. – Somos um bando sedento de sangue, mas gostamos de seguir a tradição.

– Vocês são todos loucos, isso sim – falou o duque com delicadeza. – Agora, Daphne e eu devemos ir. Quero levá-la logo para casa, antes que comece a chover. Acredito que ninguém se importará se sairmos sem ajudar a recolher as coisas, certo?

Ninguém se importou, claro, e, pouco depois, o duque e a duquesa caminhavam de volta para Aubrey Hall.

Edwina, que ficara em silêncio durante toda a conversa (embora não parasse de olhar para os irmãos Bridgertons como se tivessem acabado de fugir de um

manicômio), de repente pigarreou.

– Vocês acham que deveríamos tentar recuperar a bola? – perguntou, estreitando os olhos na direção do lago.

O restante do grupo apenas fitou as águas calmas como se nunca tivessem pensado numa ideia tão bizarra.

– Ela não deve ter chegado ao meio do lago – continuou ela. – Talvez ainda esteja na beirada.

Colin coçou a cabeça. Anthony continuava com uma expressão zangada.

– Decerto vocês não querem perder outra bola – insistiu Edwina. Quando ninguém respondeu, ela jogou o próprio taco no chão, ergueu os braços para o alto e falou: – Muito bem! Vou eu mesma pegar aquela bola velha e ridícula.

Isso tirou os homens de seu estupor e ambos correram para ajudá-la.

– Não seja tola, Srta. Sheffield – disse Colin de modo galante ao ir atrás dela. – Eu pego.

– Pelo amor de Deus – resmungou Anthony. – Deixem que eu pego a maldita bola.

Então desceu o morro e ultrapassou depressa o irmão. Apesar de toda a ira, de fato ele não podia culpar Kate pelo que ela fizera. Ele teria agido da mesma forma – a única diferença é que bateria na bola com força suficiente para afundá-la no meio do lago.

Mesmo assim, era humilhante ser vencido por uma mulher, em especial por *ela*.

Ele chegou à margem do lago e começou a procurar. A bola cor-de-rosa era tão chamativa que deveria aparecer sob a água, desde que se encontrasse num local raso o suficiente.

– Consegue vê-la? – perguntou Colin, parando ao lado do irmão.

Anthony balançou a cabeça.

– De qualquer forma, é uma cor idiota. Ninguém iria querer ficar com a cor-de-rosa.

Colin assentiu.

– Até a roxa era melhor – prosseguiu Anthony, dando alguns passos para a direita a fim de examinar outro trecho da margem. De repente, ergueu os olhos e encarou o irmão. – E, por falar nisso, o que diabo aconteceu com o taco roxo?

Ele deu de ombros.

– Não faço a menor ideia.

– Tenho certeza – resmungou Anthony – que ele vai reaparecer como por milagre no conjunto de *Pall Mall* amanhã à noite.

– Você pode ter razão – observou Colin, animado, passando pelo irmão e mantendo os olhos na água durante todo o caminho. – Se tivermos sorte, talvez até hoje à tarde.

– Um dia eu ainda vou matá-lo – comentou Anthony de modo casual.

– Não tenho a menor dúvida. – Colin continuou avaliando a água, em seguida apontou para ela com o dedo indicador. – Achei! Lá está!

De fato, a bola cor-de-rosa encontrava-se na parte rasa, a cerca de 2 metros da beirada do lago. Parecia estar a uns 30 centímetros de profundidade. Anthony praguejou baixinho. Teria que tirar as botas e pisar na água. Tinha a impressão de que Kate Sheffield estava sempre obrigando-o a tirar as botas e entrar na água.

Não, pensou. Na verdade, ele não tivera tempo de se descalçar quando fora jogado dentro do lago Serpentine para salvar Edwina. O couro ficara totalmente arruinado, fazendo um dos criados quase desmaiar ao ver seu estado horrível.

Com um grunhido, Anthony sentou-se em uma pedra para tirar as botas. Imaginava que salvar Edwina valesse um par de botas caras. Já recuperar uma ridícula bola cor-de-rosa de *Pall Mall* não valia nem o esforço de molhar os pés.

– Você parece estar no controle da situação – concluiu Colin –, portanto vou ajudar a Srta. Sheffield a recolher os arcos.

Anthony apenas assentiu, resignado, e entrou na água.

– Está fria?

Era uma voz feminina.

Por Deus, era *ela*. Ele deu meia-volta e viu Kate Sheffield parada à margem.

– Pensei que a senhorita fosse recolher os arcos – comentou ele, com um pouco de impaciência.

– Edwina foi.

– Acho que existem Srtas. Sheffields demais – murmurou. – Deveria haver uma lei que proibisse irmãs de debutarem na mesma temporada.

– O que o senhor disse? – perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado.

Ele mentiu:

– Eu disse que estou congelando.

– Ah. Sinto muito.

Isso chamou a atenção dele.

– Não. Não sente, não.

– Bem, não – admitiu Kate. – Não pela derrota, pelo menos. Mas não pretendia que o senhor congelasse os pés na água.

De repente, Anthony foi tomado por um desejo incontrolável de ver os pés dela. Era uma ideia terrível. Ele não deveria desejar aquela mulher. Nem mesmo *gostava* dela.

Suspirou. Isso não era verdade. Achava que gostava dela de um modo estranho e paradoxal. E pensou estranhamente que talvez ela estivesse começando a gostar dele da mesma maneira.

– No meu lugar, você teria feito a mesma coisa – falou ela.

Ele não disse nem uma palavra, apenas continuou a caminhar devagar dentro do lago.

– Teria, sim! – insistiu Kate.

Ele se abaixou e pegou a bola, molhando a manga da camisa. Droga.

– Eu sei – respondeu.

– Ah – retrucou ela parecendo surpresa, como se não esperasse uma confissão.

Anthony saiu do lago, dando graças a Deus pelo fato de o solo próximo à margem estar bem compactado e, portanto, a terra não aderir a seus pés.

– Tome – disse Kate, estendendo-lhe o que parecia um cobertor. – Estava no galpão. Parei lá antes de descer o morro. Achei que talvez o senhor fosse precisar de algo para secar os pés.

Anthony abriu a boca mas, curiosamente, nenhum som saiu. Depois de alguns instantes, enfim conseguiu dizer “Obrigado” e pegou o cobertor das mãos dela.

– Sabe, não sou uma pessoa tão horrível assim – comentou ela, sorrindo.

– Nem eu.

– Talvez – admitiu Kate –, mas o senhor não deveria ter se atrasado tanto com Edwina. Sei que só fez isso para me aborrecer.

Anthony levantou uma sobrancelha ao sentar-se na pedra para secar os pés, depois de largar a bola no solo perto de si.

– A senhorita não acha possível que meu atraso tenha tido alguma coisa a ver com o desejo de passar um tempo com a mulher que desejo tornar minha esposa?

Kate enrubesceu um pouco. Em seguida, murmurou:

– Talvez essa seja a coisa mais egoísta que eu já disse, mas não, acho que o

senhor queria mesmo me aborrecer.
Ela estava certa, mas ele não iria admitir.
– Para dizer a verdade – falou ele –, foi Edwina que se atrasou. Não sei o motivo. Só achei que seria pouco educado ir atrás dela em seu quarto e exigir que se apressasse, portanto aguardei no escritório até que ela estivesse pronta.
Fez-se um longo momento de silêncio, depois ela falou:
– Obrigada por me contar.
Ele sorriu com ironia.
– Sabe, não sou uma pessoa tão horrível assim.
Ela suspirou.
– Eu sei.
Algo na expressão resignada dela fez com que ele sorrisse.
– Talvez um pouco horrível, então? – provocou Anthony.
Ela se animou e o retorno à frivolidade claramente a deixou muito mais confortável com a conversa.
– Ah, com certeza.
– Ótimo. Odiaria ser entediante.
Kate deu um sorriso, observando-o calçar as meias e as botas. Abaixou-se e pegou a bola cor-de-rosa.
– Melhor levar isso de volta para o galpão.
– Caso eu seja dominado por uma vontade incontrolável de jogá-la de volta no lago?
Ela assentiu.
– Algo assim.
– Muito bem. – Ele se pôs de pé. – Vou levar o cobertor também.
– Uma troca justa. – Quando se virou para subir o morro, Kate avistou Colin e Edwina desaparecendo ao longe. – Ah!
Anthony deu meia-volta para ver o que tinha acontecido.
– O que foi? Ah, entendi. Parece que sua irmã e meu irmão decidiram voltar sem nós.
Kate lançou um olhar severo aos dois que se afastavam. Em seguida, deu de ombros, resignada, quando começou a subir o morro com dificuldade.
– Suponho que eu possa tolerar sua companhia por mais alguns minutos, se o senhor conseguir tolerar a minha.

Ele não disse nada, o que a surpreendeu. Parecia o tipo de comentário para o qual o visconde teria uma resposta espirituosa e talvez até mordaz. Ela se virou a fim de olhar para ele, então recuou alguns passos, surpresa. Anthony a fitava da maneira *mais estranha*...

– Está... está tudo bem, milorde? – indagou, hesitante.

Ele assentiu.

– Tudo ótimo.

Mas ele parecia bastante distraído.

Fizeram o restante da caminhada até o galpão em silêncio. Ao chegarem lá, Kate colocou a bola cor-de-rosa em seu lugar no carrinho do jogo e reparou que Colin e Edwina haviam recolhido e arrumado tudo de modo ordenado, incluindo o taco e a bola roxos perdidos. Lançou um olhar a Anthony e não pôde deixar de sorrir. Era óbvio, pelo franzir da testa, que ele também notara.

– O cobertor estava aqui, milorde – falou, disfarçando o sorriso e afastando-se dele.

Anthony não se importou.

– Vou levá-lo para a casa. Deve estar precisando muito ser lavado.

Kate concordou, eles fecharam a porta e partiram.

CAPÍTULO 11

Não há nada como uma pitada de competição para despertar o pior num homem – ou o melhor numa mulher.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
4 DE MAIO DE 1814

Anthony assobiava quando se aproximaram a passos lentos da trilha que levava à casa, olhando para Kate sempre que ela não podia flagrá-lo. À sua maneira, era uma mulher muito atraente. Ele não sabia por que esse fato sempre o surpreendia, mas era o que acontecia. A lembrança dela nunca fazia justiça à encantadora realidade de suas feições. Elas estavam sempre em movimento – em um sorriso, um franzir da testa ou uma contorção dos lábios. Kate não sabia manter a expressão plácida e serena a que todas as jovens damas aspiram.

Anthony caíra na mesma armadilha que o restante da sociedade ao pensar nela em comparação com a irmã mais nova. E Edwina era tão deslumbrante, tão maravilhosa que qualquer mulher a seu lado ficaria em segundo plano. Era, ele admitia, difícil olhar para outra pessoa quando a jovem estava presente.

Ainda assim...

Ele franziu a testa. Ainda assim, mal lançara um olhar a Edwina durante todo o jogo. Isso poderia se explicar pelo fato de ser o *Pall Mall* dos Bridgertons, que trazia à tona o pior de qualquer membro da família. Ora, era provável que não olhasse nem para o príncipe regente, caso ele se dignasse a aparecer.

Mas aquela justificativa não era boa o bastante, porque sua mente estava cheia de outras imagens. Kate curvando-se sobre o taco, com o rosto tenso e concentrado. Kate rindo quando alguém errava a jogada. Kate comemorando com Edwina quando a bola rolara pelo arco – um traço nada semelhante aos

Bridgertons. E, claro, Kate sorrindo com malícia um segundo antes de lançar a bola dele na direção do lago.

Sabia que, mesmo que não tivesse conseguido lançar um olhar que fosse a Edwina, fitara Kate diversas vezes.

Isso era perturbador.

Voltou a olhar para ela. Dessa vez, seu rosto estava ligeiramente inclinado para o céu e ela franzia a testa.

– Algo errado? – indagou com educação.

Ela balançou a cabeça.

– Só estava pensando se vai chover.

Ele olhou para cima.

– Acho que não tão cedo.

Ela assentiu devagar.

– Detesto chuva.

Algo na expressão dela – que lembrava a de uma criança de 3 anos frustrada – o fez rir.

– A senhorita mora no país errado, então, Srta. Sheffield.

Ela se virou para ele com um sorriso envergonhado.

– Chuviscos não me incomodam. Só não gosto nem um pouco quando chove forte.

– Sempre apreciei as tempestades – murmurou ele.

Ela lhe lançou um olhar assustado, mas não disse nada. Depois, voltou a fitar as pedras a seus pés. Vinha chutando uma ao longo de toda a trilha, interrompendo o passo ou afastando-se para o lado de tempos em tempos para mantê-la sempre rolando à sua frente. Havia algo encantador nisso, uma delicadeza no modo como a bota dela aparecia por debaixo da bainha de seu vestido a intervalos regulares e encostava na pedrinha.

Anthony observava-a com curiosidade e, em dado momento, esqueceu-se de desviar os olhos quando ela o fitou.

– O senhor acha... *Por que* o senhor está olhando para mim desse jeito? – indagou Kate.

– Eu acho o quê? – retrucou ele, ignorando a segunda parte da pergunta de propósito.

Ela contraiu os lábios, irritada. Anthony estremeceu um pouco com a vontade

de rir.

– O senhor está rindo de mim? – perguntou Kate, desconfiada.

Ele negou com a cabeça.

Ela interrompeu a caminhada.

– Eu acho que está.

– Eu lhe garanto que não – respondeu ele, sem conseguir disfarçar o desejo de rir.

– É mentira.

– Não é men... – Ele teve de se interromper.

Se continuasse, sabia que explodiria numa gargalhada. E o mais estranho era que não tinha a menor ideia do porquê.

– Ora, pelo amor de Deus – murmurou ela. – Qual é o problema?

Anthony encostou-se no tronco de um olmo, com o corpo inteiro se sacudindo em uma alegria mal disfarçada.

Kate pôs as mãos nos quadris e seus olhos ficaram um pouco mais curiosos. Um pouco mais furiosos, também.

– Então qual é a graça?

Nesse momento, o visconde cedeu à vontade de rir e mal conseguiu dar de ombros.

– Não sei. – Ele ofegou. – A expressão em seu rosto... é...

Ele percebeu que ela sorria. Adorava quando ela fazia isso.

– A expressão em *seu* rosto também não deixa de ter sua graça, milorde – observou ela.

– Ora, tenho certeza disso.

Anthony respirou fundo algumas vezes e então, quando conseguiu retomar o controle, empertigou-se. Olhou para Kate e, ao ver que ela ainda estava um pouco desconfiada, percebeu que tinha de saber o que estava pensando dele.

Não poderia esperar até o dia seguinte. Não poderia esperar nem até a noite.

Ele não tinha certeza de como acontecera, mas a opinião dela significava muito para ele. Sem dúvida, precisava de sua aprovação para cortejar Edwina – algo que vinha negligenciando bastante –, mas havia algo mais. Ela o insultara, quase o afogara no lago Serpentine, humilhara-o no *Pall Mall* e, mesmo assim, ele desejava que ela tivesse uma opinião favorável a seu respeito.

Anthony não conseguia se lembrar da última vez que a opinião de alguém

significara tanto. Na verdade, era deprimente.

– Acredito que a senhorita me deva uma vantagem – falou, afastando-se da árvore e se ajeitando.

Sua mente trabalhava a toda a velocidade. Ele precisava ser esperto. Tinha que saber o que ela pensava, mas, ao mesmo tempo, não queria que soubesse quanto isso significava para ele. Não até que Anthony descobrisse *por que* significava tanto.

– O que disse?

– Uma vantagem. Por causa do jogo.

Ela suspirou, depois se apoiou na árvore e cruzou os braços.

– Se um de nós deve uma vantagem a alguém, é o senhor a mim. Afinal, eu venci.

– Ah, mas eu fui o humilhado.

– É verdade – concordou ela.

– A senhorita não estaria sendo correta se não admitisse isso – comentou ele com a voz áspera.

Kate lançou-lhe um olhar sério.

– Uma dama deve sempre ser sincera.

Quando ela fitou o rosto dele, viu que um dos cantos de sua boca estava curvado em um sorriso indulgente.

– Ainda bem que a senhorita disse isso – murmurou Anthony.

Kate ficou inquieta.

– Por quê?

– Porque minha vantagem, Srta. Sheffield, é lhe fazer uma pergunta, qualquer uma de minha escolha, que a senhorita deverá responder com a maior sinceridade.

Ele apoiou uma das mãos na árvore, muito próximo do rosto dela, e inclinou-se para a frente. De repente, Kate sentiu-se presa, embora fosse fácil sair correndo.

Com um toque de desespero e um tremor de agitação, ela percebeu que se sentia presa pelo olhar dele, que ardia, sombrio e cálido, dentro do dela.

– Acha que pode fazer isso, Srta. Sheffield? – disse ele bem baixinho.

– Q-qual é a pergunta? – indagou ela, sem perceber que sussurrava até prestar atenção à própria voz, entrecortada e estridente.

Ele virou a cabeça ligeiramente para o lado.

– Agora, lembre-se, a senhorita tem que responder com sinceridade.

Ela assentiu. Ou, pelo menos, pensou que sim. Ela *queria* assentir, mas, para falar a verdade, não estava muito convencida de sua capacidade de se mexer.

Anthony se inclinou mais para a frente, não tanto que ela pudesse sentir sua respiração, mas o bastante para fazê-la estremecer.

– Esta, Srta. Sheffield, é minha pergunta.

Kate entreabriu os lábios.

– A senhorita – ele chegou mais perto – *ainda* – mais um centímetro – me odeia?

Kate engoliu em seco repetidas vezes. Não importava o que estivesse esperando que ele lhe perguntasse, não era nada parecido com isso. Ela passou a língua pelos lábios, preparando-se para responder, embora não tivesse ideia do que iria dizer, mas não conseguiu emitir nenhum som.

Anthony curvou os lábios bem devagar em um típico sorriso masculino.

– Vou interpretar isso como um não.

E então, com uma rispidez que fez a cabeça dela girar, ele afastou-se da árvore e disse de forma brusca:

– Bem, então acho que é hora de entrarmos e nos prepararmos para a noite, não é?

Kate continuou apoiada na árvore, totalmente sem energia.

– A senhorita deseja permanecer ao ar livre por alguns minutos? – Pôs as mãos nos quadris e ergueu os olhos para o céu em uma postura pragmática e eficiente, sem dúvida bem diferente do sedutor lascivo de apenas dez segundos antes. – Acho que deveria. Não parece que vai chover, afinal. Pelo menos não nas próximas horas.

Ela apenas o fitou. Ou perdera o juízo ou se esquecera como falar. Ou ambos, talvez.

– Ótimo. Sempre admirei mulheres que apreciam ar fresco. Eu a verei no jantar, não é?

Kate assentiu. Ficou surpresa por ter conseguido.

– Excelente. – Ele estendeu a mão, pegou a dela e deu-lhe um beijo abrasador na parte de baixo do pulso, o único trecho de pele nua que havia entre a luva e a manga do vestido. – Até mais tarde, Srta. Sheffield.

Então saiu, deixando-a com a sensação esquisita de que algo muito importante

acabara de acontecer.

Mas, por sua vida, ela não tinha ideia do quê.

Naquela noite, às sete e meia, Kate considerou ficar mortalmente doente. Às 19h45, refinou o plano para um ataque apoplético. No entanto, às 19h55, quando a sineta do jantar soou, avisando aos convidados que era hora de se reunirem na sala de estar, ela se empertigou e saiu do quarto para encontrar-se com Mary no corredor.

Recusava-se a ser uma covarde.

*N*ão era uma covarde.

Poderia sobreviver àquela noite. Além disso, falou para si mesma, não era provável que se sentasse perto de lorde Bridgerton. Ele era um visconde e o homem da casa, portanto estaria à cabeceira da mesa. Como filha do segundo filho de um barão, a posição social de Kate era inferior à dos demais convidados. Por isso, sem dúvida ela se sentaria tão longe dele que não conseguiria avistá-lo sem ficar com torcicolo.

Edwina, que dividia o quarto com Kate, fora ao quarto da mãe para ajudá-la a escolher um colar, então Kate estava sozinha no corredor. Poderia entrar no quarto da madastra e aguardar as duas lá dentro, mas não sentia nenhuma vontade de conversar e Edwina já reparara em seu comportamento estranho, pensativo. A última coisa que Kate precisava era ouvir "O que pode estar errado?" de Mary.

E a verdade era que ela nem sequer *sabia* o que estava errado. Tudo o que sabia era que, naquela tarde, algo mudara entre ela e o visconde. Algo ficara diferente e ela admitia (ao menos para si mesma) que isso a assustava.

Era normal, não era? As pessoas sempre temiam o que não podiam compreender.

E Kate *definitivamente* não compreendia o visconde.

Mas, assim que começou a apreciar a solidão, uma porta do outro lado do corredor se abriu e uma jovem saiu. Kate reconheceu-a de imediato como Penelope Featherington, a caçula das três famosas irmãs – bem, das três que já tinham debutado. Kate ouvira que havia uma quarta ainda na escola.

Infelizmente para as Featheringtons, elas eram conhecidas pelo fracasso em

suas tentativas de arranjar um casamento. Prudence e Philippa haviam debutado havia três anos e ainda não tinham recebido um único pedido. Penelope estava em meados da segunda temporada e costumava ser vista nos eventos sociais tentando evitar a mãe e as irmãs, consideradas tolas por todos.

Kate sempre gostara dela. As duas haviam formado um laço após ambas terem recebido críticas de Lady Whistledown por usarem vestidos de cores que não lhes caíam bem.

Kate notou, com um suspiro triste, que o vestido de seda amarelo-limão que Penelope usava fazia a pobrezinha parecer muito pálida. E, como se isso já não fosse ruim o bastante, era um modelo com pregas e babados demais. Penelope não era alta, e sumia dentro do traje.

Era uma pena, pois ela poderia ficar muito mais atraente se alguém conseguisse convencer sua mãe a se afastar das modistas e deixar a filha escolher as próprias roupas. Ela tinha feições agradáveis e a pele bem clara das ruivas. No entanto, seus cabelos estavam mais para castanhos que vermelhos. Na verdade, eram mais castanho-avermelhados que castanhos.

Bem, não importava que cor fosse aquela, Kate pensou, desanimada – ela não combinava com amarelo-limão.

– Kate! – chamou Penelope, depois de fechar a porta atrás de si. – Que surpresa! Não sabia que vocês viriam.

Kate assentiu.

– Fomos convidadas em cima da hora. Só conhecemos Lady Bridgerton na semana passada.

– Bem, sei que acabei de dizer que era uma surpresa, mas na verdade não foi. Lorde Bridgerton tem dado bastante atenção à sua irmã.

Kate corou.

– Hã, s-s-sim – gaguejou. – Tem mesmo.

– Ao menos de acordo com as últimas fofocas – continuou Penelope. – Mas não podemos confiar nas fofocas.

– Pelo que sei, Lady Whistledown não erra nunca – comentou Kate.

Penelope apenas deu de ombros e olhou com desgosto para o próprio vestido.

– Em relação a *mim*, pelo menos, nunca.

– Ora, não seja tola – falou Kate de imediato, mas ambas sabiam que ela estava apenas sendo educada.

Penelope balançou a cabeça, com um ar de cansaço.

– Minha mãe se convenceu de que amarelo é uma cor *feliz*, e que uma garota *feliz* vai conseguir um marido.

– Ah, meu Deus – retrucou Kate, com um risinho.

– O que ela não entende – continuou Penelope, irônica – é que uma tonalidade tão *feliz* de amarelo me faz parecer *infeliz* e, sem dúvida, afasta os cavalheiros.

– Você já sugeriu verde a ela? – indagou Kate. – Acho que ficaria ótima de verde.

Penelope balançou a cabeça de novo.

– Ela não gosta de verde. Diz que é melancólico.

– É mesmo? – perguntou Kate sem acreditar.

– Eu nem me dei o trabalho de tentar entendê-la.

Kate, que estava usando essa cor, levantou a manga para perto do rosto de Penelope, bloqueando o amarelo da melhor forma que pôde.

– Seu rosto se ilumina – garantiu.

– Nem me diga uma coisa dessas. Só vai fazer com que o amarelo seja mais doloroso.

Kate ofereceu-lhe um sorriso solidário.

– Eu lhe emprestaria um vestido meu, mas temo que arrastaria no chão.

Penelope recusou a oferta.

– É muito gentil de sua parte, mas estou resignada com meu destino. Ao menos, é melhor que no ano passado.

Kate ergueu uma sobrancelha.

– Ah, sim. Você não estava aqui no ano passado. – Penelope estremeceu. – Eu pesava quase 12 quilos a mais que agora.

– Doze quilos? – repetiu Kate, sem conseguir acreditar.

A jovem admitiu, fazendo uma careta.

– Gordura infantil. Implorei a mamãe que não me obrigasse a debutar até completar 18 anos, mas ela achou que debutar com antecedência poderia ser bom para mim.

Bastou um simples olhar para o rosto de Penelope para Kate saber que isso não lhe fizera bem. Ela sentia certa simpatia pela outra, embora Penelope fosse quase três anos mais nova. Ambas conheciam a sensação de não ser a garota mais popular no recinto e sabiam a expressão exata a fazer quando não eram

convidadas para dançar mas queriam fingir que não ligavam.

– Então – falou Penelope –, por que não descemos juntas para o jantar? Parece que sua família e a minha estão atrasadas.

Kate não tinha pressa de chegar à sala de estar e à companhia inevitável de lorde Bridgerton, mas esperar por Mary e Edwina só retardaria a tortura em alguns minutos, portanto decidiu que poderia muito bem acompanhar Penelope.

As duas enfiaram a cabeça no quarto das respectivas mães para lhes avisar da mudança de planos e, de braços dados, seguiram pelo corredor.

Ao chegarem à sala de estar, grande parte do grupo já estava à espera, conversando enquanto aguardavam que os demais convidados aparecesse. Kate, que nunca fora a uma recepção em uma casa de campo antes, notou, surpresa, que quase todos pareciam mais relaxados e animados que em Londres. Devia ser o ar fresco, pensou com um sorriso. Ou talvez a distância relaxasse as rigorosas regras da capital. Fosse o que fosse, ela decidiu que preferia aquela atmosfera à de um jantar em Londres.

Avistou lorde Bridgerton do outro lado do salão. Ou, ao menos, imaginou tê-lo visto de pé próximo à lareira. Assim que teve essa impressão, manteve o olhar cuidadosamente afastado.

No entanto, ela ainda podia sentir a presença dele. Tinha consciência de que devia estar louca, mas poderia jurar que, mesmo olhando para outro lado, sabia quando ele inclinava a cabeça, falava e ria.

E, com certeza, sabia quando ele olhava para suas costas. Era como se seu pescoço fosse se incendiar.

– Não percebi que Lady Bridgerton tinha convidado tantas pessoas – observou Penelope.

Tomando cuidado para evitar a lareira, Kate olhou em torno do cômodo para ver quem estava lá.

– Ah, não – falou Penelope, sussurrando e gemendo ao mesmo tempo. – Cressida Cowper está aqui.

Kate acompanhou discretamente o olhar da amiga. Se Edwina tinha alguém à sua altura no papel de rainha da beleza de 1814, era Cressida Cowper. Alta, magra, com cabelos cor de mel e olhos verdes brilhantes, ela nunca aparecia sem um pequeno grupo de admiradores ao redor. Mas, enquanto Edwina era generosa e simpática, Cressida era, na opinião de Kate, uma bruxa egoísta e mal-educada,

cuja maior alegria era atormentar os outros.
– Ela me odeia – cochichou Penelope.
– Ela odeia todo mundo – retrucou Kate.
– Não, ela me odeia *de verdade*.
– Por quê? – quis saber Kate, virando-se para a amiga cheia de curiosidade. – O que você poderia ter feito?
– No ano passado, eu esbarrei nela e fiz com que derramasse o ponche em si mesma *e* no duque de Ashbourne.
– Só isso?
Penelope revirou os olhos.
– Foi o suficiente. Ela tinha certeza de que ele a pediria em casamento se não parecesse tão desastrada.
Kate bufou sem qualquer pretensão de ser feminina.
– Ashbourne não está disposto a se casar tão cedo. Todos sabem disso. Ele é um libertino quase tão terrível quanto lorde Bridgerton.
– Que, muito provavelmente, vai ser casar este ano – lembrou Penelope. – Se as fofocas forem verdadeiras.
– Rá – riu Kate. – A própria Lady Whistledown escreveu que não acreditava nisso.
– Mas isso foi há *semanas* – argumentou Penelope fazendo um gesto de desdém com a mão. – Lady Whistledown vive mudando de opinião. Além do mais, é óbvio para todos que o visconde está cortejando sua irmã.
Kate mordeu a língua antes de murmurar:
– Nem precisa me lembrar disso.
Mas seu lamento de dor foi disfarçado pela voz rouca de Penelope:
– Ah, *não*. Ela está vindo para cá.
Kate apertou o braço dela para tranquilizá-la.
– Não se preocupe. Ela não é melhor que você.
Penelope lançou-lhe um olhar sarcástico.
– Eu *sei*. Mas isso não a torna menos desagradável. E ela sempre se desvia do caminho para me *obrigar* a lidar com ela.
– Kate. Penelope – gorjeou Cressida parando ao lado delas e jogando o cabelo brilhoso para o lado de modo afetado. – Que surpresa vê-las por aqui.
– E por quê? – indagou Kate.

Cressida piscou, obviamente surpresa por Kate ter questionado o que ela acabara de dizer.

– Bem – falou devagar. – Suponho que não seja uma surpresa *vê-la* aqui, pois sua irmã é muito requisitada e todos nós sabemos que a senhorita deve ir aonde ela vai, mas a presença de Penelope... – Ela deu de ombros de modo gracioso. – Bem, quem sou eu para julgar? Afinal, Lady Bridgerton é uma mulher muito caridosa.

O comentário foi tão rude que Kate não pôde deixar de se espantar. E, enquanto fitava Cressida boquiaberta pelo choque, a outra preparou-se para o golpe final.

– Que vestido lindo, Penelope – falou, e seu sorriso era tão doce que Kate jurava que poderia sentir o gosto de açúcar na atmosfera. – Adoro amarelo – acrescentou, passando a mão pelo próprio vestido, também dessa cor. – Mas não é qualquer pessoa que fica bem, não acha?

Kate cerrou os dentes. Naturalmente, Cressida estava radiante em seu traje, pois ficaria radiante até em um saco de batatas.

A jovem arrogante sorriu de novo, assemelhando-se, na opinião de Kate, a uma serpente. Então se virou levemente para acenar a alguém do outro lado do aposento.

– Ah, Grimston, Grimston! Venha aqui um instante!

Kate olhou por cima do ombro e viu Basil Grimston se aproximar. Mal conseguiu disfarçar um resmungo. O rapaz era a versão masculina de Cressida: rude, arrogante e metido. Por que uma senhora tão adorável quanto a viscondessa de Bridgerton os havia convidado, ela nunca saberia. Provavelmente para igualar os números de homens e mulheres, com tantas jovens presentes.

Grimston arrastou-se até elas e ergueu o canto da boca à guisa de sorriso.

– A seu dispor – disse a Cressida depois de lançar um rápido olhar de desdém a Kate e Penelope.

– Você não acha que nossa querida Penelope fica ótima nesse vestido? – indagou ela. – Amarelo deve ser a cor da estação.

Grimston examinou Penelope com um olhar lento e ofensivo de alto a baixo. Mal moveu a cabeça, deixando que apenas seus olhos percorressem a jovem. Kate teve que lutar para conter a ânsia de vômito. Queria, mais que qualquer outra coisa, enlaçar Penelope com os braços para protegê-la. Mas isso apenas chamaria a atenção para a amiga como alguém fraco e facilmente intimidável.

Quando Grimston enfim terminou a rude inspeção, virou-se para Cressida e deu de ombros, como se não pudesse pensar em nenhum elogio.
– Vocês não precisam ir a outro lugar? – interrompeu Kate.
Cressida pareceu chocada.
– Ora, Srta. Sheffield, mal posso suportar sua insolência. O Sr. Grimston e eu estávamos apenas admirando a beleza de Penelope. Esse tom de amarelo faz maravilhas ao tom de pele dela. E é muito bom vê-la tão bem depois do ano passado.
– De fato – concordou ele devagar, e seu tom falso fez com que Kate realmente se sentisse mal.
Ela via que Penelope tremia a seu lado. Esperava que fosse de raiva, não de dor.
– Não entendi o que o senhor quis dizer – retrucou Kate em tom gélido.
– Ora, sem dúvida a senhorita sabe – falou Grimston, e seus olhos brilhavam de prazer. Ele inclinou-se para a frente e continuou num sussurro que era mais alto que seu tom de voz costumeiro, claro o bastante para que um grande número de pessoas pudesse ouvir: – Ela era *gorda*.
Kate abriu a boca para dar-lhe uma resposta ácida, mas, antes que pudesse emitir algum som, Cressida acrescentou:
– Foi uma pena, porque havia tantos jovens na cidade no ano passado... A maioria das jovens tinha sempre um parceiro de dança, mas eu sentia pena da pobre Penelope sempre que a via sentada com as viúvas.
– As viúvas – replicou Penelope – costumam ser as únicas pessoas no salão com um mínimo de inteligência.
Kate queria pular e comemorar.
Cressida soltou um breve “Ah”, como se tivesse algum direito de sentir-se ofendida.
– Ainda assim, não se podia deixar de... Ah, lorde Bridgerton!
Kate afastou-se para o lado a fim de permitir que o visconde entrasse no pequeno círculo e percebeu, irritada, que o comportamento de Cressida mudara. Ela começou a piscar sem parar e fez um biquinho bonito.
Era tão desagradável que Kate se esqueceu do próprio constrangimento ao ficar perto dele.
Lorde Bridgerton lançou um olhar severo a Cressida, mas não disse nada. Em

vez disso, virou-se acintosamente para Kate e Penelope e murmurou seus nomes em saudação.

Kate quase engasgou de alegria. Ele dera a Cressida Cowper o que ela merecia!

– Srta. Sheffield – falou em voz baixa. – Peço que me dê licença enquanto acompanho a Srta. Featherington à sala de jantar.

– Mas o senhor não pode acompanhá-la! – atalhou Cressida.

Anthony lançou-lhe um olhar gélido.

– Desculpe-me – disse num tom de voz que deixava claro que não queria se desculpar por nada. – Por acaso incluí a senhorita nesta conversa?

Cressida encolheu-se, claramente mortificada de vergonha. No entanto, de fato era muito estranho que ele acompanhasse Penelope. Como o homem da casa, sua obrigação era estar ao lado da mulher de posição mais alta. Kate não sabia quem seria, mas decerto não era Penelope, cujo pai não passara de um homem sem qualquer título de nobreza.

Anthony ofereceu o braço a Penelope, dando as costas a Cressida ao fazer isso.

– Odeio pessoas implicantes. E a senhorita? – murmurou ele.

Kate cobriu a mão com a boca, mas não pôde evitar uma risadinha. O visconde ofereceu-lhe um breve sorriso disfarçado por sobre a cabeça de Penelope e, nesse momento, Kate teve a estranha sensação de compreender muito bem aquele homem.

E, mais estranho ainda, de repente não teve mais tanta certeza de que ele era o libertino censurável e desalmado que ela gostava de acreditar que fosse.

– Você viu isso?

Kate, assim como todas as pessoas reunidas ali, assistira boquiaberta o visconde sair com Penelope do aposento, com a cabeça inclinada para ela, como se a jovem fosse a mulher mais fascinante a pisar na Terra. Quando ela se virou, viu Edwina parada a seu lado.

– Eu vi tudo o que aconteceu – retrucou Kate, confusa. – E ouvi tudo também.

– E...?

– Ele foi... ele foi... – Kate falava com dificuldade, sem saber ao certo como descrever com precisão o que ele fizera. Então, por fim, disse algo que nunca julgara possível: – Ele foi um herói.

CAPÍTULO 12

Um homem charmoso é muito agradável e um homem de boa aparência é, sem dúvida, uma visão que vale a pena, mas um homem honrado, ah, querida leitora, é para ele que as jovens deveriam correr.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE MAIO DE 1814

Mais tarde naquela noite, depois que o jantar terminou e os homens se retiraram para degustar seu vinho do Porto antes de se reunirem às damas outra vez com uma expressão de superioridade no rosto, como se houvessem conversado sobre algo mais importante que o cavalo vencedor da Royal Ascot; depois de uma rodada de charadas por vezes entediante e outras engraçada; depois que Lady Bridgerton pigarreara e sugerira com discrição que talvez fosse hora de se recolherem; depois que as damas pegaram as velas e foram direto para a cama; depois que os cavalheiros supostamente as seguiram...

Kate não conseguia dormir...

Sem dúvida, seria uma daquelas noites insones em que fitaria as rachaduras no teto. No entanto, não havia rachaduras no teto de Aubrey Hall. Além disso, a lua não aparecera, portanto não havia luz alguma entrando pela janela, e, mesmo que houvesse rachaduras, ela não conseguiria vê-las, e...

Kate soltou um gemido, empurrou as cobertas e se levantou. Em algum momento ela precisaria aprender como obrigar o cérebro a parar de pensar em oito coisas diferentes ao mesmo tempo. Ela ficara deitada por quase uma hora fitando a noite e fechando os olhos de tempos em tempos, tentando obrigar-se a dormir.

Não tinha funcionado.

Ela não conseguia parar de pensar na expressão de Penelope Featherington quando o visconde a salvara. E a própria expressão, Kate tinha certeza, devia ter sido muito semelhante – um pouco surpresa, um pouco encantada e muito como se estivesse prestes a desmaiar de emoção naquele instante.

O visconde fora *realmente* magnífico.

Kate passara o dia inteiro observando os Bridgertons e interagindo com eles, e uma coisa se tornara evidente: tudo o que se dissera sobre Anthony e sua devoção à família era verdade.

E, embora ela não estivesse muito disposta a mudar sua opinião no que tangia ao fato de ele ser um libertino e um patife, Kate começava a perceber que talvez lorde Bridgerton pudesse ser tudo aquilo e outra coisa também.

Algo bom.

Algo que, se ela tentasse ser imparcial – o que sabia ser muito difícil –, não deveria desqualificá-lo como um possível marido para Edwina.

Ora, por que, por que, por que ele tinha que ser tão *educado*? Por que não podia apenas continuar a ser o libertino charmoso e superficial que acreditara que era? Agora ele também tinha se transformado em outra coisa, uma pessoa da qual ela temia aprender a gostar.

Kate sentiu o rosto enrubescer, mesmo no escuro. Tinha que parar de pensar em Anthony Bridgerton. Se continuasse assim, não conseguiria dormir por uma semana.

Talvez fosse mais fácil se tivesse algo para ler. Ela vira uma biblioteca imensa no início da noite. Sem dúvida, haveria nela algum livro que a ajudaria a dormir.

Vestiu o robe e caminhou na ponta dos pés até a porta, tendo todo o cuidado para não acordar Edwina. Não que isso fosse fácil. A irmã caçula sempre tivera um sono pesado. Segundo Mary, mesmo quando bebê, ela costumava dormir durante toda a noite, desde o primeiro dia de vida.

Kate enfiou os pés num par de pantufas, em seguida andou em silêncio pelo corredor, olhando com cautela para um lado e para o outro antes de fechar a porta atrás de si. Aquela era sua primeira visita a uma casa de campo, mas ouvira algumas histórias sobre aquele tipo de reunião e a última coisa que queria era esbarrar em alguém a caminho do quarto de outra pessoa.

Se houvesse alguém se encontrando com uma pessoa com quem não era casado, decidiu Kate, ela não gostaria de saber.

Havia um único lampião aceso no corredor, dando à atmosfera escura um brilho turvo e bruxuleante. Kate pegara uma vela ao sair do quarto, por isso foi até o lampião, abriu a tampa e acendeu a vela. Quando a chama se tornou constante, ela começou a descer as escadas, tomando o cuidado de parar em cada canto para checar se alguém estava passando por ali.

Alguns minutos depois, chegou à biblioteca. Não era grande para os padrões da alta sociedade, mas as paredes eram repletas de estantes cheias de livros. Kate empurrou a porta até ela quase se fechar – não queria chamar atenção fazendo barulho, caso alguém estivesse andando pelo corredor –, foi até a estante mais próxima e começou a examinar os títulos.

– Hum – murmurou para si mesma, retirando um livro e olhando para a capa: “botânica”.

Adorava jardinagem, mas, por alguma razão, um livro sobre o assunto não parecia muito emocionante. Será que devia procurar um romance, que prenderia sua atenção, ou seria mais indicado optar por um texto *duro*, que provavelmente a faria pegar no sono?

Kate colocou o livro no lugar e passou para a estante seguinte, deixando a vela apoiada sobre uma mesa próxima. Parecia a seção de filosofia.

– De jeito nenhum – sussurrou, deslizando a vela sobre a mesa ao passar para a estante à direita. Botânica poderia fazê-la dormir, mas filosofia a deixaria num estado de estupor por dias.

Deslocou a vela mais um pouco para a direita e inclinou-se para examinar o grupo de livros seguinte quando um clarão forte e totalmente inesperado iluminou o cômodo.

Um grito curto irrompeu de sua boca e ela deu um salto para trás, batendo o traseiro contra a mesa. *Não agora*, pediu em silêncio, *não aqui*.

Mas quando sua mente formou a palavra “aqui”, todo o cômodo tremeu com o ribombar surdo de um trovão.

E então voltou a ficar escuro, enquanto Kate estremecia e agarrava a mesa com toda a força. Ela odiava isso. Ah, como odiava. Detestava o barulho e os raios de luz, a tensão crepitante no ar, mas, sobretudo, detestava o que isso fazia com ela.

Ficava tão apavorada que, por fim, não conseguia sentir absolutamente nada.

Durante toda a vida fora assim, ou ao menos desde que se lembrava. Quando pequena, o pai ou Mary a confortavam em todas as tempestades. Kate tinha

muitas recordações dos dois sentando-se na beirada da cama, segurando sua mão e sussurrando palavras de consolo quando trovões e relâmpagos ribombavam a seu redor. Mas, ao crescer, conseguiu convencer as pessoas de que superara o medo. Ah, todos sabiam que ela ainda odiava tempestades. Porém conseguira manter o alcance do próprio pavor em segredo.

Parecia a pior das fraquezas: sem causa aparente e, infelizmente, sem cura.

Ela não ouviu a chuva bater contra as janelas. Talvez a chuva não fosse tão forte assim. Quem sabe tivesse começado longe dali e fosse se afastar ainda mais. Talvez fosse...

Outro clarão iluminou o cômodo, fazendo com que Kate soltasse um segundo grito. Dessa vez, o trovão fora mais próximo ainda do relâmpago, indicando que a tempestade estava cada vez mais perto.

Kate se agachou.

Era muito alto. Muito alto e brilhante, e muito...

BUM!

Ela se enfiou debaixo da mesa e ficou com as pernas dobradas e os braços cruzados sobre os joelhos, aguardando, aterrorizada, a próxima rodada.

Então, a chuva começou.

Passava um pouco da meia-noite e todos os convidados (que estavam seguindo os horários do campo) já tinham ido dormir, mas Anthony ainda estava no escritório, tamborilando sobre a beirada da escrivaninha no ritmo das gotas de chuva que batiam na janela. De vez em quando, um raio iluminava o cômodo com um clarão e cada ribombar de trovão era tão alto e inesperado que o fazia pular da cadeira.

Deus, como ele gostava de tempestades.

Era difícil dizer por quê. Talvez fosse apenas a prova do poder da natureza sobre o homem. Ou a energia da luz e do som que pulsava a seu redor. Qualquer que fosse o motivo, ele se sentia vivo.

Não estava cansado quando a mãe sugerira que todos se recolhessem, portanto parecia tolice não aproveitar os poucos momentos de solidão para examinar os livros de contabilidade de Aubrey Hall que o criado deixara para ele. Deus sabia que, pela manhã, a mãe faria com que cada minuto ali fosse preenchido com

atividades envolvendo jovens em idade de se casar.

Contudo, depois de cerca de uma hora de verificação cuidadosa, a ponta seca de uma pena batendo em cada número no livro enquanto ele somava e subtraía, multiplicava e ocasionalmente dividia, suas pálpebras começaram a querer se fechar.

Fora um longo dia, reconheceu, fechando o livro após marcar a página em que havia parado. Passara boa parte da manhã visitando arrendatários e inspecionando edifícios. Uma das famílias precisava de reparos na porta. Outra tinha problemas com a colheita e o pagamento do arrendamento, por causa da perna quebrada do pai. Anthony ouvira com atenção e resolvera disputas, admirara os bebês recém-nascidos e até ajudara a consertar um telhado com goteiras. Tudo isso era parte de ser um proprietário rural, e ele gostava disso, mas era cansativo.

O jogo de *Pall Mall* fora um intervalo divertido, porém, ao voltar para casa, ele fora colocado no papel de anfitrião da festa pela mãe. O que havia sido quase tão exaustivo quanto as visitas aos arrendatários. Eloise acabara de completar 17 anos e evidentemente precisava de alguém que tomasse conta dela; aquela garota arrogante filha dos Cowpers estivera atormentando a pobre Penelope Featherington e alguém tinha que tomar alguma atitude a respeito, e...

E havia Kate Sheffield.

A maldição de sua existência.

E o objeto de seus desejos.

Ao mesmo tempo.

Que confusão... Ele deveria cortejar a irmã dela, pelo amor de Deus. Edwina. A bela da temporada. Incomparavelmente adorável. Doce e generosa, e com um temperamento excelente.

Em vez disso, ele não conseguia parar de pensar em Kate. Que, ao mesmo tempo que o enfurecia, conquistara seu respeito. Como ele poderia deixar de admirar alguém que se agarrava com tanta força às próprias convicções? E Anthony tinha que admitir que a principal convicção dela – a devoção à família – era a mesma que ele colocava acima de tudo.

Com um bocejo, Anthony se levantou e se espreguiçou. Sem dúvida, era hora de ir para a cama. Com um pouco de sorte, pegaria no sono no momento em que encostasse a cabeça no travesseiro. A última coisa que queria era ficar olhando

para o teto, pensando em Kate.

E em todas as coisas que queria fazer *com* Kate.

Pegou uma vela e saiu para o corredor vazio. Havia algo pacífico e intrigante numa casa silenciosa. Mesmo com a chuva batendo nas paredes, ele ouvia cada um de seus passos no chão: calcanhar, ponta, calcanhar, ponta. E, a não ser quando um relâmpago cortava o céu, sua vela era a única iluminação do corredor. Ele gostava de balançar a chama de um lado para outro e observar o jogo de sombras nas paredes e na mobília. Era uma sensação curiosa de controle, mas...

Levantou uma sobrancelha, em dúvida. A porta da biblioteca estava entreaberta e ele viu uma faixa pálida da luz de vela reluzindo em seu interior.

Tinha quase certeza de que não havia mais ninguém de pé. E decerto não se ouvia nenhum som na biblioteca. Alguém devia ter entrado procurando um livro e deixara a vela acesa. Anthony franziu a testa. Era um ato muito irresponsável. O fogo poderia destruir uma casa mais rápido que qualquer outra coisa, mesmo no meio de uma tempestade, e a biblioteca – cheia até o teto de livros – era o local ideal para acender uma fagulha.

Empurrou a porta e entrou no cômodo. Uma parede inteira da biblioteca era tomada por janelas compridas, portanto o som da chuva era muito mais alto ali que no corredor. Um estalar de trovão fez o chão estremecer, então, praticamente em cima dele, um relâmpago cortou a noite.

A eletricidade do momento o fez sorrir e ele foi até onde a vela fora deixada queimando. Inclinou-se, soprou e...

Ouviu alguma coisa.

Um som de respiração. Amedrontada, difícil, com um leve choramingo.

Anthony olhou com atenção ao redor do cômodo.

– Tem alguém aí? – perguntou.

Mas não podia ver ninguém.

Então, ouviu de novo. Vinha de baixo.

Segurando a própria vela com firmeza, agachou-se para examinar sob a mesa.

E ficou completamente sem ar.

– Meu Deus – ofegou. – Kate.

Ela estava toda encolhida, com os braços em volta das pernas dobradas, apertando tão forte que parecia prestes a quebrá-las. Sua cabeça estava baixa, os

olhos fixos nos joelhos, e todo o corpo balançava com tremores rápidos e intensos.

Anthony ficou paralisado. Nunca vira alguém tremer daquele jeito.

– Kate? – repetiu, colocando a vela no chão ao se aproximar.

Não sabia se ela podia ouvi-lo. Ela parecia fechada em si mesma, desesperada para fugir de algo. Seria a tempestade? Ela comentara que odiava chuva, mas aquilo ia muito além. Anthony tinha consciência de que a maioria das pessoas não vibrava como ele, porém nunca ouvira falar de ninguém que ficasse reduzido àquilo.

Ela parecia poder se partir em um milhão de cacos se ele encostasse um dedo nela.

O trovão fez o cômodo tremer e Kate se encolheu em um tormento tão profundo que Anthony sentiu o sofrimento dela nas próprias entranhas.

– Ah, Kate – murmurou.

Partia-lhe o coração vê-la daquele jeito. Ainda não tinha certeza de que ela havia percebido sua presença – assustá-la poderia assemelhar-se a acordar um sonâmbulo.

Com delicadeza, pôs a mão em seu braço e lhe deu um aperto de leve.

– Estou aqui, Kate – sussurrou. – Vai ficar tudo bem.

Relâmpagos cortavam a noite, iluminando o cômodo de tempos em tempos, e ela encolheu-se mais ainda, como se fosse possível. Anthony achou que Kate estava tentando proteger os olhos ao manter o rosto virado para os joelhos.

Ele se aproximou e pegou uma de suas mãos. Estava gelada, com os dedos rijos de terror. Era difícil afastar o braço das pernas, mas após algum tempo ele conseguiu aproximar a mão dela de sua boca e pressionou os lábios contra a pele, tentando aquecê-la.

– Estou aqui, Kate – repetiu, sem saber ao certo o que mais poderia dizer. – Estou aqui. Vai ficar tudo bem.

Então ele conseguiu se acomodar debaixo da mesa, ao lado dela, e passou o braço por cima dos ombros trêmulos. Ela pareceu relaxar um pouco a seu toque, o que lhe causou uma curiosa sensação: uma espécie de orgulho por ter conseguido ajudá-la. Além, é claro, de um alívio profundo, pois era doloroso vê-la naquele tormento.

Anthony sussurrou palavras tranquilizadoras em seu ouvido e acariciou seu

ombro com delicadeza, tentando confortá-la com sua presença. E aos poucos, bem devagar – não tinha ideia de quantos minutos passara debaixo da mesa –, começou a sentir os músculos dela relaxarem. A pele perdera aquela sensação viscosa horrível e a respiração, embora ainda fosse ofegante, não parecia mais tão amedrontada.

Por fim, quando sentiu que ela poderia estar pronta, encostou dois dedos na parte de baixo de seu queixo e ergueu o rosto dela gentilmente, fazendo-a encará-lo.

– Olhe para mim, Kate – murmurou de forma delicada mas firme. – Se você apenas olhar para mim, saberá que está segura.

As pálpebras dela, que estavam fechadas, estremeceram por algum tempo antes de enfim começarem a se mexer. Ela tentava abrir os olhos, mas eles resistiam. Anthony tinha pouca experiência com aquele tipo de fobia, mas parecia fazer sentido que os olhos simplesmente não quisessem se abrir, não quisessem ver o que a estava assustando, não importava o que fosse.

Depois de alguns segundos de agitação, ela conseguiu abrir os olhos por completo e fitá-lo.

Anthony sentiu como se tivesse levado um soco no estômago.

Se os olhos eram, de fato, as janelas da alma, algo se partiu dentro de Kate naquela noite. Ela parecia assombrada, perseguida e totalmente perdida e perplexa.

– Não me lembro – murmurou ela, numa voz quase inaudível.

Ele levou a mão dela, que não chegara a se soltar da dele, de novo aos lábios. Deu-lhe um beijo leve, quase paternal, na palma.

– Você não se lembra do quê?

Ela balançou a cabeça.

– Não sei.

– Você se lembra de ter vindo até a biblioteca?

Ela assentiu.

– E da tempestade?

Ela fechou os olhos por um momento, como se mantê-los abertos exigisse mais energia do que ela possuía.

– Ainda está chovendo.

Anthony concordou. Era verdade. Os pingos ainda tamborilavam nas janelas

com tanta ferocidade quanto antes, mas fazia alguns minutos desde o último ribombar de trovões.

Ela o olhou, o desespero estampado nos olhos.

– Não consigo... eu não...

Anthony apertou sua mão.

– Não precisa dizer nada.

Ele sentiu o corpo dela estremecer e depois relaxar, então ouviu-a dizer:

– Obrigada.

– Quer que eu converse com você? – perguntou ele.

Ela fechou os olhos – com menos força que antes – e consentiu.

Anthony sorriu, embora soubesse que ela não podia ver. Mas talvez pudesse sentir. Talvez conseguisse ouvir o sorriso na voz dele.

– Vamos ver – refletiu –, o que posso lhe contar?

– Conte-me sobre a casa – sussurrou ela.

– Sobre esta casa? – perguntou ele, surpreso.

Ela assentiu.

– Muito bem – disse ele, sentindo uma estranha satisfação por ela estar interessada naquela pilha de pedra e argamassa que era tão importante para ele. – Eu cresci aqui, sabia?

– Sua mãe me contou.

Anthony experimentou uma fagulha cálida e poderosa no peito enquanto ela falava. Dissera que ela podia manter o silêncio, e sem dúvida Kate ficara grata por isso, mas agora participava efetivamente da conversa. Isso só podia significar que começava a se sentir melhor. Se eles não estivessem debaixo da mesa e ela não tivesse os olhos fechados, quase pareceria uma situação normal.

E era impressionante como ele queria ser a pessoa a fazê-la sentir-se melhor.

– Quer que eu lhe conte sobre quando meu irmão afogou a boneca favorita da minha irmã? – perguntou ele.

Ela balançou a cabeça. Em seguida, encolheu-se quando o vento aumentou, fazendo a chuva bater contra as janelas com ferocidade renovada. Mas ela se controlou e pediu:

– Conte-me algo sobre você.

– Muito bem – disse ele devagar, tentando ignorar a vaga e desconfortável sensação que o invadia.

Era muito mais fácil contar uma história sobre os muitos irmãos que falar sobre si mesmo.
– Fale-me sobre seu pai.
Ele ficou imóvel.
– Meu pai?
Ela sorriu, mas ele estava assustado demais com o pedido para notar.
– Você deve ter tido um – comentou ela.
Anthony sentiu um aperto na garganta. Não costumava falar sobre Edmund, nem mesmo com a família. Dizia a si mesmo que era porque já havia se passado muito tempo – fazia mais de dez anos que ele morrera –, mas a verdade era que algumas coisas simplesmente eram dolorosas demais.
E havia feridas que não cicatrizavam, nem mesmo em mais de dez anos.
– Ele... ele era um grande homem – falou baixinho. – Um ótimo pai. Eu o amava muito.
Kate virou-se para olhar para ele pela primeira vez desde que ele erguera seu queixo, alguns minutos antes.
– Sua mãe fala dele com muita emoção. Foi por isso que perguntei.
– Nós todos o amávamos – disse ele, virando a cabeça para o outro lado do cômodo. Seu olhar parou na perna de uma cadeira, mas ele não a via de verdade. Não via nada além das lembranças em sua mente. – Ele foi o melhor pai que um garoto poderia ter.
– Quando ele morreu?
– Há onze anos. No verão. Quando eu tinha 18 anos. Pouco antes de ir para a faculdade.
– É uma época difícil para um homem perder o pai – murmurou ela.
Ele se virou de forma abrupta para fitá-la.
– Qualquer época é difícil para um homem perder o pai.
– Claro – concordou Kate depressa –, mas acho que algumas são piores que outras. E, sem dúvida, deve ter sido diferente para os meninos e as meninas. Meu pai faleceu há cinco anos e eu sinto muita saudade, mas não acho que seja a mesma coisa.
Ele não precisou verbalizar a pergunta. Ela estava em seus olhos.
– Ele foi um pai maravilhoso – falou Kate, com os olhos cheios de ternura. – Bondoso e gentil, mas severo quando necessário. Mas um pai com um filho

homem... Bem, ele tem que ensiná-lo a ser um homem. E perder o pai aos 18 anos, quando se está apenas aprendendo o que isso significa... – Ela deu um longo suspiro. – Talvez seja insolência minha sequer mencionar isso, pois não sou homem e não poderia me colocar em seu lugar, mas acho... – Ela fez uma pausa para refletir sobre as palavras. – Bem, apenas acho que deve ter sido muito difícil.

– Meus irmãos tinham 16, 12 e 2 anos – comentou Anthony devagar.

– Imagino que tenha sido horrível para eles também – retrucou ela –, embora seu irmão mais novo provavelmente não se lembre dele.

Anthony balançou a cabeça.

Kate deu um sorriso melancólico.

– Também não me lembro da minha mãe. É estranho.

– Quantos anos você tinha quando ela morreu?

– Três. Meu pai se casou com Mary apenas alguns meses depois. Não respeitou o período de luto adequado, e isso chocou alguns de nossos vizinhos, mas ele achava mais importante que eu tivesse uma mãe do que seguir a etiqueta.

Pela primeira vez, Anthony se perguntou o que teria acontecido se a mãe tivesse morrido no lugar do pai, deixando Edmund com uma casa cheia de crianças, muitas delas pequenas. Não teria sido fácil. Para nenhum deles.

Não que tivesse sido fácil para Violet. Mas ela, ao menos, tinha Anthony, que conseguira intervir e tentar agir como um pai para os irmãos menores. No entanto, se Violet se fosse, os Bridgertons não teriam uma figura materna. Afinal, Daphne (a mais velha das irmãs) tinha apenas 10 anos quando o pai morrera. E Anthony tinha certeza de que Edmund não teria se casado de novo.

Por mais que quisesse uma mãe para os filhos, ele não teria conseguido arrumar outra esposa.

– Como sua mãe morreu? – perguntou Anthony, surpreso com a própria curiosidade.

– De gripe. Ou, ao menos, foi o que pensaram. Pode ter sido pneumonia. – Ela apoiou o queixo na mão. – Disseram que foi tudo muito rápido. Meu pai contou que eu também adoeci, embora, no meu caso, tenha sido mais brando.

Anthony pensou no filho que ele esperava criar, a única razão pela qual decidira, enfim, se casar.

– Você sente falta da mãe que mal conheceu? – murmurou ele.

Kate refletiu sobre a pergunta por algum tempo. A voz dele tinha uma urgência que dizia que havia algo muito importante na resposta que ela lhe daria. Por quê, ela não podia imaginar, mas ficara claro que alguma coisa em sua infância tocara o coração de Anthony.

– Sinto – falou, enfim –, mas não do modo que você imagina. Não é possível realmente sentir falta dela, porque não a conheci de fato, mas ainda há um buraco em minha vida, um grande vazio, e eu sei quem deveria preenchê-lo. Mas, como não me lembro dela, não sei como ela era, também não sei *como* ela teria preenchido essa lacuna. – Kate deu um sorriso triste. – Será que faz algum sentido?

Anthony assentiu.

– Faz muito sentido para mim.

– Acho que perder um dos pais quando você os conhece e ama é mais difícil – acrescentou Kate. – E eu sei, porque perdi os dois.

– Sinto muito – falou ele em voz baixa.

– Está tudo bem – tranquilizou ela. – Aquele ditado que diz que “o tempo cura todas as feridas” é verdadeiro.

Ele a fitou com atenção e ela pôde ver por sua expressão que ele não concordava.

– Acho que, na verdade, é mais difícil quando você é mais velho – acrescentou Kate. – Você foi abençoado com a chance de conhecê-lo bem, mas a dor da perda é mais intensa.

– Foi como se eu tivesse perdido um braço – murmurou Anthony.

Ela concordou, consciente de que não era comum para ele falar sobre a própria tristeza. Nervosa, Kate umedeceu os lábios, que estavam muito ressecados. Era engraçado como tudo acontecera. O céu desabando do lado de fora e ela ali, completamente seca.

– Talvez tenha sido melhor para mim, então – falou Kate baixinho –, perder minha mãe quando ainda era bem pequena. E Mary tem sido maravilhosa. Ela me ama como a uma filha. Na verdade... – ela interrompeu-se, surpresa pela súbita umidade nos olhos. Quando enfim recuperou a voz, foi um sussurro emocionado: – Na verdade, ela nunca me tratou diferente de Edwina. Eu... eu não creio que pudesse ter amado mais minha própria mãe.

Anthony encarou-a com os olhos inflamados.

– Fico feliz – disse ele, com a voz baixa e intensa.

Kate engoliu em seco.

– Ela é muito engraçada, às vezes. Costuma visitar a sepultura de minha mãe apenas para contar como estou me saindo. É muito meigo. Quando eu era pequena, ia com ela para dizer à minha mãe como Mary estava se saindo também.

Anthony sorriu.

– E sua avaliação era favorável?

– Sempre.

Ficaram em um silêncio confortável por um momento, ambos fitando a chama da vela e observando a cera escorrer até chegar ao castiçal. Quando a quarta gota rolou, Kate virou-se para Anthony e disse:

– Tenho certeza de que pareço otimista demais, mas acho que deve haver algum grande plano na vida para cada um de nós.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Tudo sempre acaba dando certo – explicou ela. – Eu perdi minha mãe, mas ganhei Mary. E uma irmã que amo muito. E...

Um clarão de relâmpago iluminou o cômodo. Kate mordeu o lábio inferior, esforçando-se para respirar devagar e com calma. O trovão viria a seguir, mas ela estaria preparada e...

A biblioteca estremeceu, mas ela conseguiu manter os olhos abertos.

Deu um longo suspiro e sorriu com orgulho. Dessa vez, não fora tão difícil. Decerto não tinha sido *divertido*, mas isso era impossível. Talvez tivesse sido pela presença reconfortante de Anthony a seu lado, ou simplesmente porque a tempestade estava indo embora, mas ela passara por aquilo sem que o coração fosse parar na boca.

– Você está bem? – quis saber Anthony.

Ela o fitou e experimentou uma sensação estranha ao ver a apreensão estampada no rosto dele. Não importava o que Anthony tivesse feito no passado, nem as discussões e as brigas dos dois. Naquele momento, ele estava mesmo preocupado com ela.

– Estou – retrucou, e, ainda que não fosse sua intenção, a surpresa ficou clara em sua voz. – Acho que estou.

Ele apertou a mão dela.

– Quanto tempo você ficou assim?
– Hoje? Ou na vida?
– Ambos.
– Hoje, desde o primeiro trovão. Fico muito nervosa quando começa a chover, mas quando não há raios ou trovões, não tenho maiores problemas. Na verdade, não é a chuva que me incomoda, só o medo de que se transforme em outra coisa. – Ela engoliu em seco, umedecendo os lábios antes de prosseguir: – Quanto à época em que desenvolvi esse pavor, não me lembro de nenhum momento na vida em que não tenha morrido de medo de tempestades. É parte de mim. É uma tolice, eu sei...
– Não é tolice – interrompeu ele.
– É muito gentil de sua parte dizer isso – retrucou ela com um meio sorriso constrangido –, mas o senhor está enganado. Nada poderia ser mais infantil que temer algo sem motivo.
– Às vezes... – disse Anthony com a voz hesitante –... às vezes, existem razões para os nossos medos que nós não conseguimos explicar. Pode ser só uma sensação, algo que sabemos que é verdade mas que pareceria infantil a outra pessoa.
Kate observou os olhos escuros dele à luz bruxuleante da vela e prendeu a respiração ao ver neles um lampejo de dor uma fração de segundo antes de ele desviar os olhos. E ela soube – com cada fibra de seu ser – que ele não se referira a coisas imateriais, mas a seus próprios medos, algo muito específico que o assombrava a cada minuto de todos os dias.
Algo sobre o qual ela sabia não ter o direito de perguntar. Mas ela desejava – ah, como desejava – que, quando ele estivesse pronto para enfrentar os próprios temores, ela pudesse ajudá-lo.
Contudo, isso não iria acontecer. Ele se casaria com outra pessoa – talvez até Edwina –, e apenas sua esposa teria o direito de conversar com ele sobre problemas pessoais.
– Acho que já estou pronta para subir – disse ela.
De repente se tornou muito difícil ficar na presença dele, e era doloroso demais saber que ele pertenceria a outra pessoa.
Anthony curvou os lábios num sorriso infantil.
– Você está dizendo que eu posso finalmente rastejar de debaixo desta mesa?

– Ah, meu Deus! – Ela levou uma das mãos ao rosto, com uma expressão constrangida. – Sinto muito. Pelo jeito, esqueci onde estávamos. O senhor deve me achar uma tola.

Ele balançou a cabeça, sem deixar de sorrir.

– Nunca a achei tola, Kate. Mesmo quando a considerava a criatura mais insuportável de todo o planeta, nunca duvidei de sua inteligência.

Kate, que estava começando a sair de debaixo da mesa, fez uma pausa.

– Não sei se devo ver isso como um elogio ou como um insulto.

– Talvez as duas coisas – admitiu ele –, mas, pelo bem de nossa amizade, vamos optar pelo elogio.

Ela se virou para fitá-lo, sabendo muito bem que sua posição – apoiada nas mãos e nos joelhos – era estranha, mas o momento parecia importante demais para adiar.

– Então nós somos amigos? – murmurou.

Ele assentiu enquanto se punha de pé.

– Por mais estranho que pareça, acho que somos.

Kate sorriu ao segurar a mão dele, que a ajudou a levantar-se.

– Fico feliz. O senhor... o senhor realmente não é o demônio que pensei que fosse no início.

Ele ergueu uma sobrancelha e assumiu uma expressão muito maligna.

– Bem, talvez seja – corrigiu ela, pensando que era bem provável que fosse mesmo o libertino e patife que a sociedade pintara. – Mas pode ser um homem bom também.

– Bom parece tão sem graça... – refletiu ele.

– *Bom* – retrucou Kate – é bom. E, considerando minha opinião anterior, o senhor deveria ficar satisfeito com o elogio.

Ele deu uma risada.

– Se existe uma coisa que eu posso dizer sobre você, Kate Sheffield, é que nunca é uma pessoa enfadonha.

– Enfadonha é tão sem graça... – brincou ela.

Ele sorriu. Era um gesto sincero, verdadeiro, não a expressão irônica que ele costumava assumir nos eventos sociais. De repente, Kate sentiu um bolo na garganta.

– É melhor que eu não a acompanhe até seu quarto – comentou ele. – Se

alguém nos vir juntos a uma hora dessas...

Kate assentiu. Eles haviam criado uma amizade improvável, mas ela não queria ser obrigada a se casar com ele, certo? Nem era preciso dizer que *ele* não queria se casar com *ela*.

Anthony fez um gesto na direção dela.

– Sobretudo considerando seus trajes...

Kate baixou os olhos e arfou, depois puxou o robe com força. Ela tinha se esquecido por completo que não estava vestida de maneira adequada. Sua camisola não era reveladora nem indecente, especialmente com o robe grosso por cima, mas *era* uma camisola.

– A senhorita vai ficar bem? – indagou ele em voz baixa. – Ainda está chovendo.

Kate parou e ouviu com atenção. A chuva tinha se transformado em um delicado tamborilar nas janelas.

– Acho que a tempestade já passou.

Ele assentiu e deu uma olhada no corredor.

– Está vazio – falou.

– É melhor que eu me vá.

Ele se afastou para deixá-la passar.

Kate se afastou, mas, quando alcançou a escada, parou e deu meia-volta.

– Lorde Bridgerton.

– Anthony – retrucou ele. – Pode me chamar de Anthony. Creio que já a chamei de Kate.

– É mesmo?

– Quando a encontrei. – Ele fez um gesto com a mão na direção do escritório. – Não creio que você tenha ouvido algo do que eu disse.

– O senhor tem razão. – Ela deu um sorriso hesitante. – Anthony.

O nome soou estranho em seus lábios.

Ele se inclinou um pouco para a frente com um brilho estranho, quase diabólico, nos olhos.

– Kate – falou, retribuindo o tratamento.

– Só queria lhe agradecer – continuou ela. – Por me ajudar hoje. Eu... – Ela pigarreou. – Teria sido muito mais difícil sem o senhor.

– Eu não fiz nada – retrucou ele de forma brusca.

– Não. O senhor fez tudo.

E, então, antes que sentisse a tentação de ficar, ela apertou o passo e subiu correndo as escadas.

CAPÍTULO 13

Não há muito a falar sobre Londres, pois várias pessoas estão em Kent, na casa de campo dos Bridgertons. Esta autora mal pode imaginar todas as fofocas que, em breve, vão chegar à cidade. Haverá um escândalo, não é? Sempre há um escândalo numa reunião em uma casa de campo.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
4 DE MAIO DE 1814

A manhã seguinte foi do tipo que em geral se segue a uma tempestade violenta: clara e límpida, mas com uma névoa fina e úmida que assentava sobre a pele, refrescando-a.

Anthony esquecera-se do tempo depois de passar a noite em claro fitando a escuridão e vendo apenas o rosto de Kate. Finalmente, quando os primeiros raios da aurora surgiram no céu, ele conseguiu pegar no sono. Apesar de ter acordado depois de meio-dia, não se sentia descansado. Seu corpo tinha sido dominado por uma estranha combinação de cansaço e energia nervosa. Os olhos pareciam pesados e entorpecidos, e mesmo assim ele tamborilou sobre a cama, movendo a mão para a beirada, como se os dedos, sozinhos, pudessem puxá-lo e fazê-lo ficar de pé.

Por fim, quando seu estômago roncou tão alto que ele poderia jurar que vira o gesso do teto estremecer, Anthony levantou-se com dificuldade e vestiu o robe. Com um bocejo sonoro, foi até a janela, não porque quisesse procurar alguém ou algo em particular, mas apenas porque a visão era melhor que qualquer coisa em seu quarto.

Mesmo assim, na fração de segundo antes de baixar os olhos e fitar o terreno, ele sabia, de alguma maneira, o que ia ver.

Kate. Ela caminhava lentamente pelo gramado, muito mais devagar do que de costume. Em geral, ela andava como se disputasse uma corrida.

Ela estava muito longe para que ele pudesse ver seu rosto – só uma parte de seu perfil, a curva da bochecha, era visível. Ainda assim, não conseguiu tirar os olhos dela. Suas formas eram mágicas – havia uma graça estranha no modo como o braço pendia quando ela caminhava, uma habilidade artística na posição dos ombros.

Anthony percebeu que ela seguia para o jardim.

E soube que precisava se juntar a ela.

O tempo permaneceu instável durante a maior parte do dia, fazendo dois grupos se formarem na casa: os que insistiam que a ausência de chuva convidava a atividades ao ar livre e os que queriam evitar a grama molhada e o ar úmido, preferindo o clima mais seco e quente da sala de estar.

Kate, sem dúvida, estava no primeiro grupo, embora não quisesse companhia. Encontrava-se num estado reflexivo demais para ter uma conversa educada com pessoas que mal conhecia, por isso se afastou da casa e seguiu para os jardins espetaculares de Lady Bridgerton. Chegando lá, acomodou-se em um local bem silencioso, num banco de pedra perto de um arco de rosas. O banco estava frio e um pouco úmido, mas ela sentia-se cansada, e era melhor que ficar de pé.

E era, percebeu com um suspiro, praticamente o único lugar onde poderia ficar sozinha. Se não saísse de casa, decerto seria obrigada a juntar-se ao grupo de senhoras que tagarelavam na sala de estar enquanto escreviam cartas para os amigos e a família ou, pior, teria que acompanhar o grupo que fora ao jardim de inverno para bordar.

Quanto aos entusiastas do ar livre, eles se subdividiram em dois grupos. O primeiro partiu apressadamente para o povoado a fim de fazer compras e passear pelos lugares mais famosos enquanto o outro quis fazer uma caminhada até o lago. Como Kate não tinha nenhum interesse em fazer compras (e já estava bastante familiarizada com o lago), evitou a companhia deles também.

Por isso a solidão no jardim.

Ela ficou vários minutos apenas olhando um botão de rosa sem de fato vê-lo, com os olhos de certa forma vazios. Era bom ficar sozinha, sem ter que cobrir a

boca ou disfarçar os ruídos que fazia ao bocejar. Era bom não ter ninguém por perto para comentar sobre suas olheiras, ou sobre seu silêncio incomum e sua pouca disposição para a conversa.

Sobretudo, era bom estar ali sentada sozinha para tentar refletir sobre a confusão de sentimentos relacionados ao visconde. Era uma tarefa difícil, que preferiria adiar, mas que não podia.

Ainda que, na verdade, não houvesse muito sobre o que refletir. Tudo o que ela vira recentemente conduzia sua mente a uma única direção: ela sabia que não podia mais se opor ao desejo de Bridgerton de cortejar Edwina.

Nos últimos dias, ele se mostrara sensível, gentil e íntegro. E até mesmo heroico, pensou com um sorriso se formando nos lábios ao se recordar do brilho nos olhos de Penelope Featherington quando ele a salvara dos insultos de Cressida Cowper.

Era um homem dedicado à família.

Usara sua posição social e seu poder não para mandar nos outros, mas apenas para poupar uma pessoa dos desaforos que estava sofrendo.

Ele a ajudara durante uma de suas crises de fobia com uma graciosidade e sensibilidade que, agora que ela via a situação com a mente clara, a surpreendeu.

Podia ter sido um libertino e um patife – podia *ainda ser* um libertino e um patife – mas era óbvio que seu comportamento não o definia como homem. E a única objeção de Kate a seu casamento com Edwina era...

Ela engoliu em seco. Havia um enorme bolo em sua garganta.

Sua única objeção era porque, no fundo, ela queria o visconde para si.

Mas isso era egoísmo, e Kate passara a vida tentando não ser egoísta. Sabia que nunca poderia pedir à irmã que não se casasse com Anthony por isso. Se Edwina soubesse que Kate se sentia minimamente atraída pelo visconde, poria um fim à corte dele no mesmo instante. E de que isso adiantaria? Anthony simplesmente encontraria outra mulher solteira e bela para desposar. Havia muitas para escolher em Londres.

Considerando que ele não pediria *Kate* em casamento, o que ela ganharia ao impedir um casamento entre ele e a caçula?

Nada, a não ser a agonia de vê-lo casado com a irmã. E isso diminuiria com o passar do tempo, não é? Tinha que diminuir. Ela mesma dissera na noite anterior que o tempo curava todas as feridas. Além disso, a dor seria a mesma de vê-lo

casado com qualquer outra mulher. A única diferença era que ela o veria em feriados, batizados e datas especiais.

Kate suspirou. Foi um suspiro longo, triste e cansado que lhe roubou todo o ar dos pulmões e fez com que seus ombros se curvassem.

Seu coração doía.

Então uma voz entrou em seus ouvidos. A voz *dele*, baixa e suave, como uma espiral cálida ao redor dela.

– Meu Deus, como você está séria.

Kate se levantou com tanta rapidez que a parte de trás de suas pernas bateram na beirada do banco de pedra, fazendo-a se desequilibrar.

– Milorde – falou.

Ele curvou os lábios em uma insinuação de sorriso.

– Achei que poderia encontrá-la aqui.

Ela arregalou os olhos ao se dar conta de que ele a procurara de forma deliberada. Seu coração começou a bater mais rápido, mas ao menos isso ela podia esconder dele.

Anthony relanceou o banco de pedra e fez um gesto para que ela ficasse à vontade para voltar a se sentar.

– Na verdade, eu a vi da janela do meu quarto. Queria me certificar de que a senhorita estava melhor – explicou em voz baixa.

Kate se sentou, a decepção invadindo-a. Ele estava apenas sendo educado. *Claro* que ele estava apenas sendo educado. Como ela fora tola de sonhar sequer por um momento que poderia haver algo mais. Ele era, Kate percebeu finalmente, uma pessoa gentil, e, como qualquer pessoa gentil, queria ter certeza de que ela estava bem depois do que ocorrera na noite anterior.

– Estou – respondeu. – Muito melhor. Obrigada.

Se ele reparou nas frases mal articuladas, não demonstrou.

– Fico feliz – retrucou ele, e se sentou a seu lado. – Fiquei muito preocupado com a senhorita durante boa parte da noite.

O coração dela, que já batia muito rápido, se acelerou ainda mais.

– Ficou?

– Claro. Por que não ficaria?

Kate engoliu em seco. Lá estava, mais uma vez, aquele excesso de gentileza. Ah, ela não duvidava que seu interesse e preocupação fossem verdadeiros.

Apenas a magoava o fato de serem despertados pela empatia natural a qualquer ser humano, e não por algum sentimento especial que nutrisse por ela.

Não que ela esperasse algo diferente. Mas achava impossível não esperar alguma coisa.

– Lamento tê-lo incomodado tão tarde da noite – falou baixinho, principalmente por achar que era algo que deveria dizer.

Na verdade, estava felicíssima por ele ter aparecido lá.

– Não seja tola – falou ele, empertigando-se um pouco e fitando-a com um olhar muito severo. – Detesto pensar em você sozinha durante uma tempestade. Fico satisfeito por ter estado lá para ajudá-la.

– Em geral, fico sozinha durante as tempestades – admitiu ela.

Anthony franziu a testa.

– Sua família não a conforta quando chove?

Ela parecia um pouco constrangida ao responder:

– Elas não sabem que eu sinto medo.

Ele assentiu devagar.

– Sei. Algumas vezes... – Anthony fez uma pausa para pigarrear, um recurso que empregava com frequência quando não tinha certeza do que queria dizer. – Acho que você se sentiria melhor se procurasse a ajuda de sua mãe e de sua irmã, mas eu sei... – Pigarreou de novo. Sabia muito bem como era amar alguém da família e ainda assim não conseguir compartilhar os medos mais profundos. Isso causava uma sensação de isolamento, de estar sozinho em uma multidão barulhenta e amada.– Eu sei – falou de novo com a voz firme e suave – que, muitas vezes, é difícil compartilhar nossos temores com aqueles que mais amamos.

Os olhos castanhos dela, sábios, calorosos e inegavelmente sensíveis, fixaram-se nos dele. Por uma fração de segundo, Anthony teve a estranha sensação de que ela, de alguma forma, sabia tudo sobre ele, cada detalhe desde o nascimento até sua certeza a respeito da própria morte. Naquele pequeno instante em que Kate estava com o rosto voltado para ele e os lábios entreabertos, pareceu que ela, mais que qualquer um que já colocara os pés sobre a Terra, o conhecia *verdadeiramente*.

Era emocionante.

E, mais que isso, era apavorante.

– O senhor é um homem muito sábio – sussurrou ela.

Ele precisou de um momento para se lembrar do que estavam falando. Ah, claro, medos. Ele conhecia os medos. Forçou um sorriso ao ouvir o elogio:

– Na maior parte do tempo, sou um homem muito tolo.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Acho que, como se diz, o senhor acertou na mosca. Sem dúvida, eu não diria nada a Mary nem a Edwina. Não quero perturbá-las.

Ela mordeu o lábio inferior por um momento. Foi um movimento rápido e engraçado que ele considerou curiosamente sedutor.

– Na verdade – acrescentou Kate –, para ser bem sincera, confesso que meus motivos não são tão altruístas. Uma grande parte de minha relutância em confessar meu medo reside no desejo de não ser considerada fraca.

– Isso não é um pecado tão terrível – murmurou ele.

– Não se comparado a outros pecados, suponho – falou Kate com um sorriso. – Mas eu me arriscaria a dizer que o senhor sofre do mesmo mal.

Ele não disse nada. Apenas assentiu.

– Todos temos papéis a desempenhar na vida – continuou ela –, e o meu sempre foi o de ser forte e ajuizada. Esconder-me debaixo da mesa durante uma tempestade não é nenhuma das duas coisas.

– Talvez sua irmã – retrucou ele baixinho – seja muito mais forte do que você pensa.

Ela olhou para ele. Será que ele estava tentando lhe dizer que se apaixonara por Edwina? Ele já havia elogiado a graça e a beleza da irmã, porém nunca se referira à personalidade dela.

Kate fitou-o enquanto sua coragem durou, mas não viu nada que revelasse seus verdadeiros sentimentos.

– Eu não quis dizer que não era – respondeu, por fim. – Mas sou a irmã mais velha. Sempre tive de ser forte por mim e por ela, enquanto Edwina precisava ser forte apenas por si mesma. – Ela voltou a encará-lo e percebeu que ele a observava com tanta intensidade que era quase como se pudesse ver sua alma. – Você também é o filho mais velho – continuou. – Tenho certeza de que sabe o que quero dizer.

Ele concordou e seus olhos pareceram, ao mesmo tempo, divertidos e resignados.

– Sei exatamente.

Ela lhe sorriu em resposta, o tipo de sorriso compartilhado entre pessoas com experiências e provações semelhantes. E, conforme ela se sentia cada vez mais à vontade perto dele, quase como se pudesse se aconchegar no calor de seu corpo, sabia que não poderia adiar por mais tempo sua tarefa.

Precisava lhe dizer que não se opunha mais ao casamento dele com Edwina. Não seria justo com ninguém guardar esse segredo só porque queria mantê-*lo* para si ao menos por mais alguns momentos ali no jardim.

Ela respirou fundo, levantou os ombros e se virou para ele.

Ele a olhou, ansioso. Era óbvio, afinal, que ela tinha algo a lhe dizer.

Kate abriu a boca, mas nenhum som saiu.

– O que foi? – indagou ele, parecendo bastante divertido.

– Milorde – falou ela.

– Anthony – corrigiu ele, com delicadeza.

– Anthony – repetiu ela, perguntando-se por que chamá-lo pelo primeiro nome tornava tudo aquilo ainda mais difícil. – Eu preciso conversar sobre uma coisa com o senhor.

Ele sorriu.

– Eu percebi.

Os olhos dela fixaram-se inexplicavelmente em seu pé direito, que traçava meias-luas na terra compactada do jardim.

– É... hã... sobre Edwina.

Anthony ergueu as sobrancelhas e seguiu o olhar dela até seu pé, que desistira das meias-luas e agora traçava linhas onduladas.

– Há algo errado com sua irmã? – indagou ele, gentil.

Ela balançou a cabeça e ergueu os olhos de novo.

– Não, nada. Acho que ela está na sala escrevendo para nosso primo em Somerset. As damas gostam de fazer isso, sabe?

Ele piscou.

– Fazer o quê?

– Escrever cartas. Eu não sou uma boa correspondente – disse ela, as palavras saindo de sua boca com uma rapidez estranha –, porque nunca tenho paciência para me sentar à escrivaninha e ficar imóvel por tempo suficiente para escrever uma carta inteira. Sem falar que minha caligrafia é muito ruim. Mas a maioria

das damas passa boa parte do dia redigindo correspondências.
Ele tentou não sorrir.
– Você queria me dizer que sua irmã gosta de escrever cartas?
– Não, decerto que não – resmungou ela. – É que o senhor perguntou se ela estava bem e eu falei que sim, aí lhe expliquei onde ela estava, e então nós fugimos completamente do assunto e...
Ele pôs a mão sobre a dela, interrompendo-a.
– O que você precisa me dizer, Kate?
Ele observou com atenção quando ela enrijeceu os ombros e cerrou os dentes. Parecia estar se preparando para uma tarefa abominável. Então ela falou, às pressas:
– Só queria que o senhor soubesse que não me oponho mais à sua corte a Edwina.
De repente, ele sentiu um vazio no peito.
– Eu... entendo – retrucou, não porque de fato entendesse, mas porque tinha que dizer alguma coisa.
– Admito que tinha um grande preconceito em relação ao senhor – prosseguiu Kate depressa –, mas tive a oportunidade de conhecê-lo melhor desde que cheguei a Aubrey Hall, e em sã consciência não poderia permitir que o senhor continuasse a pensar que eu me colocaria em seu caminho. Não seria... não seria justo de minha parte.
Anthony apenas a encarou, perdido como nunca se sentira. Havia, percebeu, algo decepcionante na permissão para que se casasse com Edwina, considerando que ele passara a maior parte dos últimos dois dias lutando contra o desejo sem sentido de beijá-la.
Por outro lado, não era isso que ele queria? Edwina seria a esposa perfeita.
Kate, não.
Edwina preenchia todos os critérios que ele estabelecera ao decidir-se, enfim, que era hora de se casar.
Kate, não.
E ele sem dúvida não poderia flertar com Kate se quisesse se casar com Edwina.
Ela estava lhe oferecendo o que ele queria – *exatamente* o que ele queria, já que, com a benção da irmã, Edwina se casaria com ele na próxima semana, se

ele assim desejasse.

Então, por que diabo Anthony queria agarrá-la pelos ombros e sacudi-la, sacudi-la e sacudi-la até que ela voltasse atrás em cada uma daquelas malditas palavras?

Era a tal centelha. A infeliz centelha que parecia nunca se apagar entre eles. Aquela comichão irritante que ardia sempre que ela entrava num cômodo, ou suspirava, ou esticava o pé. Aquele sentimento insistente de que ele podia, caso se permitisse, amá-la.

Era justamente o que ele mais temia.

Talvez a única coisa que temia.

Era irônico, mas a morte era a única coisa de que Anthony não tinha medo. A morte não era assustadora para um homem solitário. O outro lado da vida não tinha o poder de despertar nenhum temor em alguém que não tivesse ligações na Terra.

O amor era algo verdadeiramente sagrado, impressionante. Anthony sabia disso. Ele vira tal sentimento todos os dias em sua infância, sempre que os pais trocavam olhares ou tocavam as mãos um do outro.

Mas o amor era o inimigo dos mortais. Era a única coisa capaz de tornar o restante de seus anos intoleráveis – provar da felicidade e saber que ela lhe seria arrancada. Talvez tenha sido por isso que, quando Anthony enfim reagiu às palavras dela, não a puxou para si e a beijou até deixá-la sem ar, nem pressionou os lábios contra seu ouvido e incendiou a pele dela com seu hálito, para ter certeza de que ela perceberia que ele ardia por ela, não pela irmã.

Nunca pela irmã.

Em vez disso, apenas a fitou de modo impassível, com os olhos muito mais seguros que o coração, e falou:

– Fico muito aliviado.

Mas disse essas palavras com a estranha sensação de que não estava ali de fato, e sim que assistia à cena – nada mais que uma farsa – de fora do corpo, enquanto se perguntava que diabo estava acontecendo.

Ela deu um sorriso fraco e retrucou:

– Achei mesmo que fosse ficar.

– Kate, eu...

Ela nunca saberia o que ele queria dizer. Na verdade, nem *ele* mesmo sabia.

Não tinha nem se dado conta de que ia dizer algo até pronunciar o nome dela.

Mas suas palavras permaneceriam sem ser ditas para sempre, porque nesse momento ele ouviu um pequeno zumbido. O tipo de som que a maioria das pessoas considera ligeiramente desagradável.

Nada, para Anthony, poderia ser mais assustador.

– Não se mova – murmurou ele, com a voz rouca de medo.

Kate estreitou os olhos e é claro que se mexeu, tentando descobrir o que acontecia à sua volta.

– Do que o senhor está falando? Qual é o problema?

– Só fique parada – pediu Anthony mais uma vez.

Ela virou os olhos para a esquerda, em seguida girou o queixo apenas poucos milímetros.

– Ah, é só uma abelha! – afirmou ela, dando um sorriso de alívio e depois ergueu a mão para afugentá-la. – Pelo amor de Deus, Anthony, não faça isso de novo. Por um momento, você me assustou.

Ele agarrou o pulso dela com toda a força.

– Eu falei para não se mover – sibilou ele.

– Anthony – retrucou Kate, rindo –, é só uma *abelha*.

Ele a manteve imóvel com um aperto firme e doloroso, os olhos fixos naquela criatura nojenta, observando-a zumbir com determinação em torno da cabeça de Kate. Estava paralisado de medo, raiva e mais alguma coisa que não conseguiu identificar com precisão.

Não que Anthony não tivesse entrado em contato com abelhas ao longo dos onze anos desde que o pai morrera. Afinal, não era possível viver na Inglaterra e esperar evitá-las por completo.

De fato, até aquele momento ele se forçara a lidar com elas de uma maneira estranha e fatalista. Sempre suspeitara que poderia estar condenado a seguir os passos do pai em todos os aspectos. Se era para ser vencido por um simples inseto, por Deus, ele passaria por isso encarando a situação, sem fugir. Ele ia morrer cedo ou... bem, cedo, e não ia correr por causa de um maldito inseto. Então, sempre que uma abelha voava a seu redor, ele ria, debochava, praguejava e a espantava com a própria mão, ousando enfrentá-la.

E nunca tinha sido picado.

Mas ver uma delas voando tão perigosamente perto de Kate – roçando o cabelo

dela, pousando na manga de renda do vestido – era terrível, quase hipnotizante. Sua mente antecipou-se e ele viu o minúsculo monstro afundar o ferrão na pele macia, depois Kate com falta de ar, caindo no chão.

Ele a viu ali em Aubrey Hall deitada na mesma cama que servira de primeiro caixão ao pai.

– Só fique quieta – murmurou ele. – Vamos nos levantar bem *devagar*. Depois vamos sair daqui.

– Anthony – chamou ela franzindo a testa de maneira impaciente e confusa –, qual é o *problema*?

Ele puxou a mão dela, tentando obrigá-la a se levantar, mas Kate resistiu.

– É uma *abelha* – disse ela com a voz exasperada. – Pare de agir de modo tão estranho. Pelo amor de Deus, ela não vai me matar.

As palavras dela pesaram no ar, quase como se fossem um objeto sólido, pronto a desabar no chão e destruir os dois. Depois, por fim, quando Anthony se acalmou o suficiente para conseguir falar, afirmou com a voz baixa e intensa:

– Ela poderia, sim.

Kate ficou paralisada, não porque quisesse obedecê-lo, mas porque algo nele, algo em seus olhos, fez com que ela se arrepiasse. Anthony parecia diferente, como se estivesse possuído por um demônio desconhecido.

– Anthony – falou, tentando soar calma mas firme –, me solte agora mesmo.

Ela puxou, mas ele não soltou e a abelha continuou a zumbir, incansável, ao redor dela.

– Anthony! – exclamou ela. – Pare com isso agora...

O restante da frase se perdeu quando, de algum modo, ela conseguiu se libertar do aperto dele. Quando puxou a mão, Kate perdeu o equilíbrio e, ao agitar os braços no ar tentando recuperá-lo, bateu na abelha, fazendo-a ir parar na pele nua acima do corpete de seu vestido vespertino.

– Ah, pelo amor de... Ai! – gritou Kate quando o inseto, sem dúvida furioso com a agressão, enfiou o ferrão em sua pele. – Ora, mas que droga! – xingou ela, ignorando a linguagem apropriada a uma dama. Era apenas uma picada de abelha, claro, nada que já não houvesse sofrido muitas vezes antes, mas, droga, aquilo *doía*. – Maldição – resmungou, baixando o queixo contra o peito para conseguir ver melhor. – Agora terei que entrar para pôr um cataplasma e meu vestido vai ficar todo sujo...

Com um suspiro irritado, ela deu um tapinha na abelha morta para tirá-la da saia do vestido e murmurou:

– Bem, pelo menos essa coisinha irritante está morta. Acho que é a única justiça nessa...

Foi então que ela levantou a cabeça e olhou para Anthony, que estava branco. Não pálido – branco.

– Ah, meu Deus – murmurou ele, e o mais estranho foi que seus lábios não se moveram. – Ah, meu Deus.

– Anthony? – chamou ela, inclinando-se para ele, esquecendo-se por um momento da picada dolorida no peito. – Anthony, qual é o problema?

Qualquer que fosse o transe em que ele fora lançado, de repente Anthony voltou à consciência e deu um pulo para a frente, agarrou o ombro dela com uma das mãos e, com a outra, puxou o corpete do vestido para ver melhor a ferida.

– Milorde! – gritou Kate. – Pare!

Anthony não disse uma palavra, mas sua respiração estava entrecortada e acelerada enquanto ele a obrigava a recostar-se no banco ao mesmo tempo em que mantinha o vestido dela puxado para baixo, não tanto que a expusesse, mas decerto mais do que permitia a decência.

– Anthony! – repetiu ela, esperando que o uso do primeiro nome lhe chamasse a atenção.

Ela não conhecia aquele homem – não era a mesma pessoa que se sentara ao lado dela apenas alguns minutos antes. Estava agitado, frenético, e ignorava todos os protestos dela.

– Você quer calar a boca? – sibilou ele, sem nem erguer os olhos.

Estava totalmente concentrado no círculo vermelho e inchado no peito dela. Com as mãos trêmulas, puxou o ferrão de sua pele.

– Anthony, eu estou bem! – insistiu ela. – O senhor precisa...

Ela arfou. Ele tinha movido um pouco uma das mãos enquanto, com a outra, retirava um lenço do bolso, e agora, de modo bastante indelicado, agarrava-lhe o seio inteiro.

– Anthony, o que está fazendo?

Ela segurou sua mão, tentando afastá-la, porém a força do visconde era muito superior à dela.

Ele a fez recostar-se com mais firmeza ainda contra o banco, com a mão

praticamente achatando o seio dela.

– Fique parada! – gritou, então começou a pressionar o lenço contra a picada inchada.

– O que o senhor está fazendo? – perguntou ela, tentando se afastar.

Ele não ergueu o rosto.

– Retirando o veneno.

– Há *veneno*?

– Deve haver – murmurou ele. – Tem que haver. Alguma coisa vai matá-la.

Ela ficou boquiaberta.

– *Matar*? O senhor está louco? Nada vai me matar. É só uma picada de abelha.

Mas ele a ignorou, concentrado demais na tarefa de tratar a ferida.

– Anthony – falou ela, com a voz mais tranquila, tentando argumentar com ele. – Agradeço sua preocupação, mas já fui picada por abelhas pelo menos meia dúzia de vezes, e...

– Ele também já tinha sido picado – interrompeu o visconde.

Algo na voz dele a fez estremecer.

– Quem? – perguntou ela.

Anthony apertou com mais firmeza, segurando o lenço contra o líquido claro que escorria.

– Meu pai – falou –, e ele morreu.

Ela mal podia acreditar.

– Uma abelha?

– Sim, uma abelha – atalhou ele. – Você não estava prestando atenção?

– Anthony, uma abelhinha não tem o poder de matar um homem.

Ele fez uma pausa nos cuidados por um breve segundo e a fitou. Seu olhar era intenso, sombrio.

– Posso lhe garantir que pode – insistiu.

Kate não conseguia acreditar que fosse verdade, mas também não achava que ele estivesse mentindo, então ficou imóvel por um instante, entendendo que ele precisava tratar a picada muito mais do que ela precisava dissuadi-lo de sua preocupação.

– Ainda está inchado – murmurou ele, apertando ainda mais o lenço. – Não acho que tenha tirado tudo.

– Tenho certeza de que vou ficar bem – retrucou ela com delicadeza, com a

raiva se transformando numa preocupação quase maternal.
A testa dele ainda estava franzida de concentração e seus movimentos continuavam um pouco frenéticos. Ele estava paralisado de medo, ela percebeu, apavorado com a possibilidade de ela morrer ali mesmo, vencida por uma abelha minúscula.
Parecia impossível. No entanto, era verdade.
Ele balançou a cabeça.
– Ainda não está bom – falou com voz rouca. – Tenho que tirar tudo.
– Anthony, eu... O que você está *fazendo*?
Ele levantara o queixo dela e agora aproximava cada vez mais a cabeça de seu colo, quase como se fosse beijá-la.
– Vou ter que sugar o veneno para fora – falou com determinação. – Fique quieta.
– Anthony! – gritou ela. – Você não pode...
Ela arfou, incapaz de terminar a frase ao sentir os lábios dele sobre sua pele, aplicando uma pressão suave mas implacável, puxando-a para sua boca. Kate não soube como reagir – se devia repeli-lo ou puxá-lo mais para si.
No fim, porém, ela simplesmente ficou imóvel, pois, quando levantou a cabeça e olhou por cima do ombro dele, viu três mulheres fitando-os com a mesma expressão de choque.
Mary.
Lady Bridgerton.
E a Sra. Featherington, sem dúvida a maior fofoqueira da sociedade.
Nesse momento Kate soube, sem sombra de dúvida, que sua vida nunca mais seria a mesma.

CAPÍTULO 14

E, se um escândalo surgiu mesmo no grupo de Lady Bridgerton, os que permaneceram em Londres podem ficar certos de que todas as notícias chegarão a nossos ouvidos na maior velocidade possível. Com tantas fofocas notórias acontecendo, nós garantimos relatos completos e detalhados.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
4 DE MAIO DE 1814

Por uma fração de segundo, todos permaneceram imóveis como em um quadro. Kate fitou as três matronas, em choque. Elas retribuíram seu olhar completamente horrorizadas.

E Anthony continuava tentando sugar o veneno da picada de abelha, sem perceber que tinham uma plateia.

Kate foi a primeira a encontrar a própria voz – e força –, então empurrou o ombro de Anthony com todas as forças ao mesmo tempo que dava um grito exaltado:

– Pare!

Pego de surpresa, ele caiu sentado no chão, os olhos ainda tomados pela determinação de salvá-la do que considerava um destino fatal.

– Anthony? – chamou Lady Bridgerton, arfando e com a voz trêmula, como se não pudesse acreditar no que via.

Ele se virou.

– Mãe?

– Anthony, o que você está fazendo?

– Ela foi picada por uma abelha – explicou ele.

– Eu estou bem – insistiu Kate, puxando o vestido para cima. – Eu falei que

não tinha sido nada grave, mas ele não me ouviu.

Os olhos de Lady Bridgerton ficaram enevoados ao ouvir isso.

– Entendo – retrucou, numa voz triste e baixa, e Anthony soube que ela de fato compreendia.

Talvez fosse a única pessoa que *poderia* compreender.

– Kate – chamou Mary, finalmente, tropeçando nas palavras –, a boca dele estava no seu... no seu...

– Seio – completou a Sra. Featherington, prestativa, cruzando os braços sobre o busto amplo.

Franziu a testa em reprovação, mas ficou claro que se divertia muitíssimo.

– Não estava, não! – exclamou Kate, fazendo um esforço para se levantar, o que não era uma tarefa fácil, considerando-se que Anthony tinha aterrissado bem na sua frente quando ela o empurrara. – Eu fui picada aqui!

Ela apontou de forma frenética para a marca vermelha e redonda que ainda crescia na pele fina de sua clavícula.

As três senhoras olharam a picada de abelha e o rosto delas assumiu o mesmo tom suave de vermelho do machucado.

– Não foi nem um pouco perto do meu seio! – protestou Kate, horrorizada demais com o rumo da conversa para envergonhar-se de sua linguagem bastante anatômica.

– Mas também não foi *longe* – assinalou a Sra. Featherington.

– Alguém quer fazer essa mulher calar a boca? – atalhou Anthony.

– Ora! – irritou-se a Sra. Featherington. – Eu?

– Sim, a senhora! – respondeu Anthony.

– Mas que desaforo! – disse a Sra. Featherington, cutucando o braço de Lady Bridgerton.

Quando a viscondessa não reagiu, ela se virou para Mary e fez a mesma coisa.

Mas Mary só tinha olhos para a filha.

– Kate, venha aqui agora mesmo! – ordenou.

Kate obedeceu e foi para o lado da madrasta.

– E então? – indagou a Sra. Featherington. – O que vamos fazer?

Quatro pares de olhos viraram-se para ela, incrédulos.

– Nós? – perguntou Kate em voz baixa.

– Não consigo imaginar o que *a senhora* poderia ter a dizer sobre esse assunto

– retrucou Anthony.
A Sra. Featherington emitiu um fungado de desdém alto e anasalado.
– O senhor vai ter que se casar com ela – falou.
– O quê? – gritou Kate. – A senhora deve estar louca.
– Eu devo ser a única pessoa sensata no jardim, isso sim – retrucou a Sra. Featherington de modo rude. – Ora, minha jovem, ele estava com a boca nos seus peitos, e todas nós vimos.
– Não estava, não! – resmungou Kate. – Fui picada por uma abelha. Uma abelha!
– Portia – atalhou Lady Bridgerton –, não creio que seja necessário usar uma linguagem tão explícita.
– Não adianta sermos delicados agora – respondeu a Sra. Featherington. – Não importa como a senhora descreva, vai ser uma bela fofoca. O solteiro mais cobiçado da alta sociedade, vencido por uma abelha. Devo dizer, milorde, que não foi bem assim que imaginei.
– Não vai haver fofoca alguma – resmungou Anthony, avançando para ela com uma expressão de ameaça –, porque ninguém vai dizer nada. Não verei a reputação da Srta. Sheffield ser destruída dessa maneira.
A Sra. Featherington arregalou os olhos com incredulidade.
– O senhor acha que conseguirá manter segredo sobre algo assim?
– *Eu* não vou dizer nada, e duvido que a Srta. Sheffield vá – falou, pondo as mãos nos quadris e lançando-lhe um olhar severo. Era o tipo de olhar que fazia com que homens adultos se curvassem, mas a Sra. Featherington ou era implacável ou simplesmente estúpida, por isso ele continuou: – Muito menos nossas mães, que têm interesse de proteger nossa reputação. Só nos resta, então, a senhora como o único membro de nosso pequeno e aconchegante grupo que poderia sair tagarelando por aí sobre o que viu.
A Sra. Featherington ficou vermelha.
– Qualquer pessoa pode ter visto de dentro da casa – falou rispidamente, relutando em perder uma fofoca dessas.
Ela seria festejada por um mês como a única testemunha do escândalo. A única que contaria sobre ele, claro.
Lady Bridgerton lançou um olhar à casa e ficou pálida.
– Ela tem razão, Anthony – afirmou. – Vocês estavam a plena vista da ala dos

convidados.

– Foi uma abelha – protestou Kate. – Só uma abelha! Não podemos ser obrigados a nos casar por causa de uma abelha!

A única resposta à sua explosão foi o silêncio. Ela olhou para Mary, depois para Lady Bridgerton, e as duas a fitavam com uma expressão que era um misto de preocupação, bondade e pena. Então ela olhou para Anthony, cuja expressão era rígida, fechada, completamente indecifrável.

Kate fechou os olhos, infeliz. Não era assim que deveria acontecer. Mesmo quando dissera que ele poderia se casar com sua irmã, ela desejara que ele pudesse ser seu, mas não daquela maneira.

Ah, Deus, não daquela maneira. Não de modo que ele se sentisse numa armadilha. Não de modo que passasse o resto da vida olhando para ela e desejando que fosse outra pessoa.

– Anthony? – murmurou Kate.

Talvez, se ele falasse com ela, se simplesmente olhasse para ela, ela poderia ter alguma pista sobre o que ele estava pensando.

– Nós nos casaremos na semana que vem – disse ele.

Sua voz era firme e clara, mas desprovida de emoção.

– Ah, meu Deus! – disse Lady Bridgerton muito aliviada, batendo palmas. – A Sra. Sheffield e eu começaremos os preparativos agora mesmo.

– Anthony – murmurou Kate mais uma vez, dessa vez com mais urgência –, você tem certeza?

Ela segurou o braço dele e tentou afastá-lo das matronas. Conseguiu por apenas alguns centímetros, mas ao menos eles não as estavam encarando mais.

Anthony a fitou com olhos implacáveis.

– Nós vamos nos casar – falou simplesmente, e sua voz era a do aristocrata que não admitia protesto e esperava ser obedecido. – Não há mais nada a fazer.

– Mas você não quer se casar comigo – objetou ela.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– E você quer se casar comigo?

Kate não respondeu. Não havia nada a dizer, se quisesse manter um resquício de orgulho.

– Acho que vamos nos dar muito bem – continuou ele, com a expressão se suavizando um pouco. – Nós nos tornamos amigos, afinal. Isso é mais do que a

maioria das pessoas tem no início de uma união.

– Você não pode querer isso – insistiu ela. – Você queria se casar com Edwina. O que vai dizer a ela?

Ele cruzou os braços.

– Nunca prometi nada a Edwina. E imagino que simplesmente diremos a ela que nos apaixonamos.

Kate revirou os olhos.

– Ela *nunca* vai acreditar nisso.

Ele deu de ombros.

– Então, conte-lhe a verdade. Fale que você foi picada por uma abelha, eu fui tentar ajudá-la e nós fomos pegos numa posição comprometedora. Diga-lhe o que você quiser. Ela é sua irmã.

Kate afundou no banco de pedra e suspirou.

– Ninguém vai acreditar que você queria se casar comigo – retrucou ela. – Todos vão pensar que caiu numa armadilha.

Anthony lançou um olhar às três mulheres, que ainda os fitavam cheias de interesse. Quando pediu que lhes dessem licença, Violet e Mary se afastaram de imediato, mas a Sra. Featherington permaneceu no mesmo lugar. Violet, então, voltou e lhe deu um puxão que quase arrancou o braço dela.

Anthony sentou-se perto de Kate e disse:

– Não há muito que possamos fazer para evitar que as pessoas falem, sobretudo com Portia Featherington como testemunha. Não confio nessa mulher para manter a boca fechada nem por um minuto depois que voltarmos à casa. – Ele se recostou e apoiou o tornozelo esquerdo no joelho direito. – Então, nós podemos tirar o máximo proveito disso. Eu tenho que me casar este ano...

– Por quê?

– Por que o quê?

– Por que você tem que se casar este ano?

Ele fez uma pausa. Não havia uma resposta para essa pergunta. Por isso, retrucou:

– Porque sim, e isso é uma boa razão para mim. Quanto a você, um dia vai ter que se casar...

Ela voltou a interrompê-lo:

– Para ser sincera, eu já imaginava que nunca me casaria.

Anthony sentiu os músculos se retesarem e precisou de alguns segundos para perceber que o que sentia era raiva.

– Você planejava viver como uma solteirona?

Ela assentiu, com os olhos inocentes e sinceros ao mesmo tempo.

– Parecia uma possibilidade definitiva, sim.

Ele permaneceu imóvel por alguns segundos, pensando que seria capaz de matar todas as pessoas – homens ou mulheres – que a comparavam a Edwina e a consideravam sem graça. Kate não fazia ideia de como podia ser atraente e desejável por seus próprios atributos.

Quando a Sra. Featherington anunciara que eles deveriam se casar, sua primeira reação tinha sido a mesma de Kate: total horror. Sem contar a sensação de orgulho ferido. Nenhum homem quer ser obrigado a se casar, sendo particularmente humilhante ser forçado a isso por causa de uma *abelha*.

No entanto, parado ali, observando Kate protestar (não era, pensou ele, a mais lisonjeira das reações, mas ela também tinha direito a um pouco de orgulho), uma estranha satisfação tomou conta dele.

Anthony a queria.

Desesperadamente.

Nunca teria se permitido, nem em um milhão de anos, escolhê-la como esposa. Ela era perigosa demais para sua paz de espírito.

Mas o destino interviera e agora, pelo jeito, ele *teria* que se casar com ela. Bem, não parecia fazer muito sentido criar uma grande confusão. Havia destinos bem piores que se casar com uma mulher inteligente e divertida, qualidades que se desejaria depois de um tempo.

Só precisava garantir que não se apaixonaria por ela. Não seria impossível, seria? Deus sabia que ela o deixava louco metade do tempo com discussões intermináveis. Poderiam ter um casamento prazeroso. Desfrutaria de sua amizade e de seu corpo, e manteria as coisas nesse pé. Não seria necessário ir além.

E não poderia ter pedido uma mulher melhor para cuidar dos filhos dele depois que ele se fosse. Isso era muito importante.

– Vai dar certo – garantiu. – Você vai ver.

Ela parecia hesitante, mas assentiu. Sem dúvida, não havia muito que pudesse fazer. Simplesmente fora flagrada pela maior fofoqueira de Londres enquanto

um homem estava com a boca em seu seio. Se ele não se oferecesse para se casar com ela, Kate estaria perdida para sempre.

E, se ela se recusasse a se casar com ele... Bem, então seria chamada de perdida *e* idiota.

Anthony se levantou de repente.

– Mãe! – gritou, deixando Kate sozinha no banco enquanto seguia na direção de Violet. – Eu e minha noiva queremos um pouco de privacidade aqui no jardim.

– Claro – murmurou Lady Bridgerton.

– A senhora acha que é sensato? – indagou a Sra. Featherington.

Anthony inclinou-se para a frente, chegou bem perto do ouvido da mãe e sussurrou:

– Se a senhora não tirar essa mulher da minha frente em dez segundos, vou matá-la.

Lady Bridgerton engoliu uma risada, assentiu e conseguiu dizer:

– É claro.

Em menos de um minuto, Anthony e Kate estavam a sós no jardim.

Ele se virou para fitá-la. Ela tinha se levantado e dera alguns passos em sua direção.

– Creio – disse ele baixinho, dando o braço a ela – que devemos pensar em nos afastar da vista da casa.

Os passos dele eram largos e decididos, e ela tropeçou algumas vezes até acertar o ritmo.

– Milorde – chamou, quase correndo para acompanhá-lo –, o senhor acha isso sensato?

– Você está parecendo a Sra. Featherington – comentou ele, sem interromper a caminhada nem por um segundo.

– Que Deus me livre disso – murmurou Kate –, mas mantenho a pergunta.

– Sim. Acho que é bastante sensato – respondeu ele, puxando-a para baixo de um gazebo cercado de arbustos de lilases, o que lhes oferecia certa privacidade.

– Mas...

Ele sorriu. Lentamente.

– Você sabia que fala demais?

– O senhor me trouxe aqui para dizer *isso*?

– Não – retrucou ele. – Eu a trouxe aqui para fazer *isto*.

E então, antes que ela tivesse a chance de dizer alguma coisa, antes que tivesse a chance de respirar, ele abaixou a cabeça sobre a dela e capturou sua boca em um beijo faminto e ardente. Seus lábios eram vorazes, pegando tudo o que ela tinha a oferecer e exigindo ainda mais. O fogo que ardia dentro dela se tornou ainda mais quente que naquela noite no escritório, dez vezes mais quente.

Ela estava derretida por ele. Deus do Céu, ela estava derretida, e queria muito mais.

– Você não deveria fazer isso comigo – sussurrou ele, pressionando a boca contra a dela. – Não deveria. Tudo em você é absolutamente errado. E, ainda assim...

Kate arfou quando as mãos dele pressionaram suas costas e a apertaram com força contra o corpo excitado.

– Está vendo? – perguntou ele com a voz entrecortada e os lábios percorrendo o rosto dela. – Está sentindo? – Ele deu uma risada rouca, com um curioso som irônico. – Você ao menos entende o que está acontecendo? – Ele a apertou de modo implacável. Em seguida, mordiscou a pele macia de sua orelha. – Claro que não.

Kate se sentiu entregue a ele. Sua pele começava a arder e seus braços traidores estavam ao redor de seu pescoço. Ele despertava um vulcão dentro dela, algo que não conseguia sequer começar a controlar. Fora possuída por um tipo de desejo primitivo, que a fazia ansiar pelo toque da pele dele.

Ela o queria. Ah, como o queria... Mas não deveria querer, não deveria desejar o homem que ia se casar com ela pelos motivos errados.

Ainda assim, Kate o queria com um desespero que a deixava sem ar.

Era errado, muito errado. Ela tinha sérias dúvidas sobre o casamento, e sabia que deveria manter as ideias claras. Tentou a todo custo lembrar isso a si mesma, mas nada impedia que seus lábios se abrissem para recebê-lo, nem que a própria língua se movesse timidamente para provar o gosto do canto da boca dele.

E o desejo que se acumulava em seu ventre – aquele sentimento estranho, picante e vertiginoso – continuava a crescer cada vez mais.

– Eu sou uma pessoa terrível? Isso significa que eu me perdi? – sussurrou ela, mais para si mesma que para ele.

Mas ele a ouviu, e sua voz soou quente e úmida na bochecha dela quando ele

respondeu:
– *Não*.
Então ele aproximou a boca do ouvido dela e disse de novo:
– *Não*.
Em seguida, viajou até seus lábios e forçou-a a engolir a palavra.
Kate sentiu a cabeça se inclinar para trás. A voz dele era baixa e sedutora, e quase a fez se sentir como se tivesse nascido para viver aquele momento.
– Você é perfeita – murmurou, com as mãos grandes movendo-se com urgência pelo corpo dela, uma apoiada na cintura e a outra indo até o delicado volume do seio. – Aqui e agora, neste instante e neste jardim, você é perfeita.
Kate achou as palavras dele perturbadoras, como se estivesse tentando dizer-lhe – e, talvez, também a si mesmo – que ela poderia não ser perfeita amanhã ou depois de amanhã. Mas seus lábios e suas mãos eram muito persuasivos, e ela se esforçou para afastar os pensamentos desagradáveis e desfrutar a felicidade inebriante do momento.
Sentia-se bela. Sentia-se... perfeita. E, bem ali, naquele instante, não tinha como evitar adorar o homem que a fazia sentir-se assim.
Anthony deslizou a mão de sua cintura até a lombar, apoiando-a enquanto, com a outra mão, apertava seu seio por cima da musselina do vestido. Os dedos dele pareciam fora de controle, espasmódicos, agarrando-a como se estivesse prestes a cair de um precipício e enfim conseguisse se equilibrar. O mamilo dela estava rígido e duro contra a palma da mão dele, mesmo através do tecido, e Anthony precisou recorrer a cada fragmento de força de vontade que ainda lhe restava para não esticar a mão até as costas dela e abrir botão por botão o seu vestido.
Ele via tudo em sua mente, mesmo quando seus lábios encontravam os dela em outro beijo apaixonado. O vestido desceria pelos ombros dela e a musselina deslizaria tentadoramente pela pele até os seios ficarem expostos. Anthony imaginava como eles seriam e, por alguma razão, sabia que também seriam perfeitos. Seguraria um deles com a mão em concha, ergueria o mamilo na direção do céu e devagar, bem devagar, curvaria a cabeça até que pudesse tocá-lo com a língua.
Ela gemeria e ele a provocaria um pouco mais, segurando-a com tanta firmeza que ela não conseguiria se mover. Quando a cabeça dela se curvasse para trás e ela estivesse sem ar, ele substituiria a língua pelos lábios e sugaria até que ela

gritasse de prazer.

Por Deus, ele queria aquilo com todas as forças, e pensou que poderia explodir.

Mas não era a hora nem o local. Não que ele fizesse questão de esperar pelos votos do matrimônio. Para todos os efeitos, ele já se declarara em público e ela era dele. Mas não queria fazê-la se deitar no gazebo do jardim de sua mãe. Ele tinha mais orgulho – e mais respeito por ela – que isso.

Relutando muito, Anthony se afastou dela devagar, apoiando as mãos em seus ombros esguios e mantendo-a a uma distância segura para não se sentir tentado a continuar de onde havia parado.

Contudo, a tentação estava ali. Ele cometeu o erro de olhar para seu rosto e, nesse momento, poderia jurar que Kate Sheffield era tão linda quanto a irmã.

Ela tinha uma beleza diferente. Os lábios eram mais cheios, menos elegantes, mas infinitamente mais beijáveis. Os cílios... Como ele não percebera antes como eram compridos? Quando ela piscava, pareciam descansar em suas bochechas como um tapete. E quando a pele se tingia dos tons rosados do desejo, ela brilhava. Anthony sabia que estava imaginando coisas, mas, quando olhava para o rosto de Kate, não podia deixar de pensar na aurora, o exato momento em que o sol aparecia no horizonte e coloria o céu com sua paleta em tons de pêssego e cor-de-rosa.

Eles ficaram parados assim por um minuto, até que a respiração normalizasse. Afinal, Anthony deixou os braços caírem e os dois deram um passo para trás. Kate levou uma das mãos à boca, os dedos mal tocando seus lábios.

– Não deveríamos ter feito isso – sussurrou.

Ele se apoiou em uma das colunas do gazebo, parecendo extremamente satisfeito.

– Por que não? Estamos noivos.

– Não estamos, não – retrucou ela. – Não de verdade.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Nenhum acordo foi firmado – explicou Kate, apressada. – Nenhum papel foi assinado. E eu não tenho dote. Você precisa saber que eu não tenho dote.

Isso fez com que ele abrisse um sorriso.

– Está tentando se livrar de mim?

– Claro que não!

Ela parecia nervosa, alternando o peso entre os pés sem parar.

Anthony deu um passo em sua direção.

– Nem está tentando me dar uma razão para que *eu* me livre de *você*?

Kate corou.

– N-não – mentiu, embora fosse exatamente isso que ela estava fazendo.

Sem dúvida, era uma grande estupidez de sua parte. Se ele desistisse do casamento, sua vida ficaria arruinada para sempre, não apenas em Londres, mas também no povoado em Somerset. As notícias sobre uma mulher perdida viajavam bem rápido.

Mas não era fácil ser a segunda opção, e parte dela quase desejava que ele confirmasse suas suspeitas – de que não a queria como esposa, de que preferia Edwina, de que só se casaria com ela por obrigação. Doeria na alma, porém, se ele dissesse isso, ela saberia, e saber era sempre melhor que não saber – ainda que a informação fosse desagradável.

Pelo menos, nesse caso, ela conheceria exatamente o terreno que estava pisando. Do jeito que as coisas se encontravam, sentia-se afundar em areia movediça.

– Vamos esclarecer uma coisa – disse Anthony, atraindo sua atenção com um tom de voz decidido. Ele a encarou e seus olhos eram tão intensos que ela não conseguiu desviar o olhar. – Eu disse que vou me casar com você. E sou um homem de palavra. Qualquer outra especulação sobre esse assunto seria um insulto.

Kate assentiu. Mas não pôde deixar de pensar: *Cuidado com o que deseja... Cuidado com o que deseja*.

Ela acabara de aceitar se casar com o homem por quem temia se apaixonar. E tudo em que conseguia pensar era: *Será que ele pensa em Edwina quando me beija?*

Cuidado com o que deseja, ecoava sua mente.

Você pode acabar conseguindo.

CAPÍTULO 15

Mais uma vez, esta autora provou que tinha razão. Festas em casas de campo sempre acabam nos noivados mais inesperados.

Sim, cara leitora, você está lendo aqui em primeira mão: o visconde Bridgerton vai se casar com a Srta. Katharine Sheffield. Não com a Srta. Edwina, como os fofoqueiros vinham especulando, mas com a Srta. Katharine.

Quanto ao modo como o noivado aconteceu, está sendo bastante difícil obter os detalhes. Esta autora sabe, com toda a certeza, que o novo casal foi flagrado em uma situação comprometedora e que a Sra. Portia Featherington foi testemunha, mas ela está, estranhamente, de boca fechada sobre a história toda. Dada a propensão dessa senhora à fofoca, esta autora só pode imaginar que o visconde (que não é conhecido pela covardia) a proibiu de proferir uma só sílaba sobre o assunto.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
11 DE MAIO DE 1814

Logo Kate percebeu que a notoriedade não combinava com ela.

Os dois últimos dias em Kent foram péssimos: assim que Anthony anunciou o noivado no jantar que se seguiu à decisão um tanto quanto precipitada, Kate mal teve chance de respirar em meio a todos os cumprimentos, perguntas e insinuações proferidos pelos convidados de Lady Bridgerton.

O único momento em que pôde ficar tranquila foi quando, algumas horas depois do anúncio de Anthony, ela enfim teve a chance de conversar em particular com Edwina, que a abraçou dizendo que estava “encantada”, “extasiada” e “nem um pouco surpresa”.

Kate disse que *ela* estava surpresa pelo fato de a irmã não estar surpresa, mas Edwina deu de ombros e retrucou:

– Era óbvio que ele estava caído por você. Só não sei por que ninguém mais percebeu.

Isso deixou Kate bastante confusa, pois ela tinha certeza de que Anthony tinha ficado interessado em Edwina.

Após o retorno a Londres, a especulação foi ainda pior. Pelo jeito, todos os membros da alta sociedade decidiram que precisavam fazer uma visita à pequena casa alugada dos Sheffields, na Milner Street, para ver a futura viscondessa. A maioria conseguiu incluir nos parabéns uma boa dose de implicações pouco lisonjeiras. Ninguém acreditava que o visconde *quisesse* se casar com Kate, e ninguém parecia perceber como era rude dizer isso na sua frente.

– Meu Deus, você teve sorte – comentou Lady Cowper, mãe da infame Cressida, que, por sua vez, não dirigiu nem duas palavras a Kate; simplesmente ficou em silêncio em um canto lançando olhares fulminantes em sua direção.

– Eu nem imaginava que ele tinha algum interesse em você – soltou a Srta. Gertrude Knight, com uma expressão que deixava claro que *ainda* não acreditava e que talvez até torcesse para que o noivado se mostrasse um embuste, apesar do anúncio no *London Times*.

Já Lady Danbury, que nunca fora conhecida pela discrição, observou:

– Não sei como o prendeu, mas deve ter sido um belo truque. Muitas garotas por aí não se importariam em ter algumas aulas com você. Escreva o que eu digo.

Kate apenas sorria (ou, ao menos, tentava – ela desconfiava que suas tentativas de reagir de maneira graciosa e simpática nem sempre fossem convincentes) e assentia, murmurando “Sou uma garota de sorte” sempre que Mary a cutucava.

Quanto a Anthony, o sortudo conseguira evitar o escrutínio severo que ela fora obrigada a suportar. Tinha ficado em Aubrey Hall para, segundo ele, cuidar de alguns detalhes da propriedade antes do casamento, marcado para o sábado seguinte, apenas nove dias depois do incidente no jardim. Mary preocupara-se com o fato de a pressa contribuir para o falatório, mas Lady Bridgerton argumentara, de forma bastante pragmática, que as pessoas falariam de qualquer maneira e que Kate ficaria menos sujeita às indiretas quando estivesse sob a proteção do nome de Anthony.

Kate suspeitava que a viscondessa – que conquistara certa reputação pelo desejo resoluto de ver todos os filhos adultos casados – queria apenas levar Anthony à presença do bispo antes que ele tivesse chance de mudar de ideia.

Ela acabou concordando com a futura sogra. Por mais nervosa que estivesse com o casamento, nunca gostara de adiar as coisas. Após tomar uma decisão ou, nesse caso, após decidirem por ela, Kate não via motivo para procrastinações. E, quanto ao falatório, ainda que uma cerimônia realizada às pressas pudesse aumentá-lo, Kate acreditava que, quanto mais cedo ela e Anthony se casassem, mais cedo aquilo acabaria e mais cedo ela poderia voltar à obscuridade normal da própria vida.

Claro que a vida não seria sua por muito mais tempo. Ela teria que se acostumar com isso.

Não que parecesse dela agora, também. Os dias eram tomados por um milhão de atividades, com Lady Bridgerton a arrastando de loja em loja e gastando uma quantia enorme do dinheiro de Anthony para montar o enxoval. Kate aprendeu bem rápido que resistir era inútil. Quando Lady Bridgerton – ou Violet, como agora fora instruída a chamá-la – colocava algo na cabeça, ninguém conseguia convencê-la do contrário. Mary e Edwina as acompanharam em alguns dos passeios, mas logo ficaram exaustas e foram até o Gunter's tomar um sorvete.

Finalmente, a apenas dois dias do casamento, Kate recebeu um bilhete de Anthony pedindo que ela estivesse em casa às quatro da tarde para recebê-lo. Ela estava um pouco nervosa por encontrá-lo novamente. Por alguma razão, tudo parecia diferente – mais formal – na cidade. No entanto, aproveitou a oportunidade para escapar de outra tarde na Oxford Street, na costureira, no chapeleiro, no luveiro e em qualquer outro lugar ao qual Violet resolvesse levá-la. Então, quando Mary e Edwina saíram para resolver suas coisas – por conveniência, Kate esquecera-se de mencionar a visita do visconde –, ela ficou sentada na sala de estar, com Newton dormindo satisfeito a seus pés, e esperou.

Anthony passara a maior parte da semana refletindo. Como era de se esperar, todos os seus pensamentos se relacionavam a Kate e à união que se aproximava.

Ele estava preocupado com o fato de que poderia – caso se permitisse – amá-la. A questão, ao que parecia, era apenas não se permitir. Quanto mais ele meditava,

mais convencido ficava de que isso não seria um problema. Ele era um homem, afinal, e tinha pleno controle de suas ações e emoções. Não era tolo: sabia que o amor existia, mas também acreditava no poder da mente e, talvez ainda mais importante, no da força de vontade. Sinceramente, não via razão para crer que o amor deveria ser algo involuntário.

Se não quisesse se apaixonar, então, diabos, não ia se apaixonar. Simples assim. *Tinha* que ser simples assim. Ou ele não seria um homem de verdade, não é?

De qualquer forma, precisaria conversar com Kate sobre isso antes do casamento. Havia certas coisas em relação à sua união que tinham de ser esclarecidas. Não regras, mas... *entendimentos*. Sim, essa era uma ótima palavra para definir o que queria.

Kate tinha que entender exatamente o que poderia esperar dele e o que ele esperava em troca. Não era um casamento por amor. E não iria se transformar nisso. Não era uma opção. Anthony não achava que ela tivesse alguma ilusão a esse respeito, mas, por via das dúvidas, queria deixar isso claro agora, antes que quaisquer mal-entendidos tivessem a chance de se transformar em desastres completos.

Como se dizia, era melhor pôr logo as cartas na mesa para que nenhuma das partes tivesse uma surpresa desagradável. Kate certamente concordaria. Era uma garota prática, que preferiria saber em que terreno estava pisando. Não era do tipo que gostava de ser mantida no escuro.

Faltavam dois minutos para as quatro da tarde quando Anthony bateu duas vezes na porta da frente das Sheffields, tentando ignorar a meia dúzia de membros da sociedade que passeavam *por acaso* ao longo da Milner Street naquela tarde. Eles estavam, Anthony pensou com um sorriso, um pouco distantes de seus lugares habituais.

Mas não era uma surpresa. Apesar de fazer pouco tempo que retornara a Londres, sabia muito bem que seu noivado era o escândalo da vez. Afinal, o *Whistledown* também era lido em Kent.

O mordomo abriu a porta de imediato e apontou-lhe a sala de estar. Kate o esperava sentada no sofá, com os cabelos arrumados em um penteado cujo nome ele não lembrava (Anthony nunca conseguia se recordar dos nomes dos penteados que pareciam agradar às damas), encimado por um chapeuzinho ridículo que ele imaginava que deveria combinar com a bainha branca do vestido

azul-claro.

O chapéu, concluiu ele, seria a primeira coisa a sumir depois que se casassem. Kate tinha cabelos lindos: compridos, brilhosos e volumosos. Ele sabia que as boas maneiras ditavam que ela devia cobrir a cabeça sempre que saísse, mas parecia um crime fazer isso no conforto do lar.

Antes que ele pudesse abrir a boca, porém, ela fez um gesto para o serviço de chá de prata sobre a mesa à sua frente e falou:

– Tomei a liberdade de pedir chá. Há uma friagem no ar e achei que você poderia gostar. Se não quiser, posso chamar a criada e pedir outra coisa.

Não havia nenhuma friagem no ar, não que Anthony tivesse percebido. De qualquer forma, ele disse:

– Chá está ótimo, obrigado.

Kate assentiu e pegou o bule. Inclinou-o um centímetro, em seguida voltou atrás, franziu a testa e falou:

– Eu nem mesmo sei como você toma seu chá.

Anthony sentiu um dos cantos de sua boca se curvar levemente para cima em um meio sorriso.

– Com leite, sem açúcar.

Ela aprovou; depois largou o bule de chá e pegou o de leite.

– É o tipo de coisa que uma esposa deveria saber.

Ele sentou-se numa cadeira perto do sofá.

– E agora você sabe.

Kate respirou fundo.

– Agora eu sei – murmurou.

Anthony pigarreou ao observá-la. Kate não usava luvas e ele descobriu que gostava de olhar suas mãos enquanto ela o servia. Os dedos eram compridos, finos e muito graciosos. Considerando quantas vezes ela pisara nos pés dele durante a dança, essa delicadeza o surpreendeu.

Alguns daqueles pisões tinham sido de propósito, mas não tantos, suspeitou, quantos ela gostaria de fazê-lo acreditar.

– Aqui está – disse ela baixinho, estendendo-lhe a xícara. – Cuidado, está quente. Nunca gostei de chá morno.

Não, pensou ele com um sorriso, claro que não. Kate não era do tipo que fazia qualquer coisa pela metade. Era uma das características dela de que mais

gostava.

Anthony segurou o pires e permitiu que os dedos enluvados roçassem na mão nua dela. Ao encará-la, percebeu um leve rubor em suas bochechas.

Por alguma razão, isso o agradou.

– Queria me perguntar alguma coisa específica, milorde? – indagou ela assim que sua mão estava longe da dele, segurando a própria xícara.

– Já combinamos que você me chamaria de Anthony. Não posso visitar minha noiva apenas pelo prazer de sua companhia?

Ela lançou-lhe um olhar astuto por cima da borda da xícara.

– Claro que pode, mas não acho que esteja aqui por isso.

Ele ergueu uma sobrancelha ao ouvir aquela impertinência.

– Por acaso, você está certa.

Ela murmurou algo que ele não conseguiu entender direito, mas teve a ligeira impressão de que fora "Em geral, eu estou".

– Achei que deveríamos conversar sobre o casamento – explicou ele.

– Como assim?

Ele recostou-se à cadeira.

– Nós somos pessoas práticas, e creio que ficaremos mais à vontade depois que soubermos o que esperar um do outro.

– C-claro.

– Ótimo. – Ele apoiou a xícara no pires e depois os colocou na mesa à sua frente. – Fico satisfeito por você concordar.

Kate assentiu devagar, mas não disse nada. Em vez disso, preferiu manter os olhos fixos no rosto de Anthony enquanto ele pigarreava. Parecia que ele estava se preparando para um discurso no parlamento.

– Não tivemos um começo dos mais favoráveis – começou ele, franzindo a testa quando ela assentiu –, mas acho, e espero que você se sinta da mesma forma, que conseguimos construir uma espécie de amizade.

Ela voltou a aquiescer, pensando que poderia chegar ao fim da conversa sem fazer nada além disso.

– A amizade entre marido e esposa é algo muito importante – prosseguiu ele –, mais importante até, em minha opinião, que o amor.

Dessa vez, ela não concordou.

– Nosso casamento será baseado na amizade e no respeito mútuos – concluiu

ele –, e eu não poderia estar mais satisfeito com isso.

– Respeito – repetiu Kate, principalmente porque ele a fitava em expectativa.

– Farei tudo o que puder para ser um bom marido – disse Anthony. – E, desde que você não me ponha para fora da cama, serei fiel a você e a nossos votos.

– Isso é bastante esclarecedor de sua parte – murmurou ela.

Ele não disse nada que Kate não esperasse, mas ainda assim ela tinha ficado irritada.

Anthony estreitou os olhos.

– Espero que você esteja levando a sério o que eu falei, Kate.

– Ah, com certeza.

– Ótimo. – No entanto, ele lhe lançou um olhar engraçado e ela não teve certeza de que acreditava nele. – Em troca – acrescentou –, espero que você não faça nada que manche o nome de minha família.

Kate sentiu as costas tensionarem.

– Eu nem sonharia com isso.

– Também acho que não. É uma das razões pelas quais estou tão satisfeito com nosso casamento. Você será uma excelente viscondessa.

Kate sabia que aquilo era um elogio, mas ainda assim parecia um pouco vazio e talvez condescendente também. Ela preferiria ter ouvido que seria uma excelente esposa.

– Vamos ser amigos – anunciou ele –, respeitaremos um ao outro e teremos filhos, que graças a Deus serão crianças inteligentes, porque você é a mulher mais inteligente que conheço.

Isso compensava a condescendência, porém Kate mal teve tempo de sorrir pelo elogio antes que ele acrescentasse:

– Mas você não deve esperar amor. Não nos casaremos por amor.

Kate sentiu um bolo se formar na garganta e assentiu de novo, desta vez, contudo, cada movimento de sua cabeça parecia lhe causar, por algum motivo, uma dor no coração.

– Há certas coisas que não posso lhe dar – disse Anthony –, e amor é uma delas.

– Entendo.

– Entende?

– Com certeza – disse ela bruscamente. – Você não poderia deixar as coisas

mais claras nem se escrevesse no meu braço.
– Nunca planejei me casar por amor – atalhou ele.
– Não foi isso que você disse quando cortejou Edwina.
– Quando eu fiz a corte a Edwina – retrucou ele –, queria impressionar *você*.
Ela estreitou os olhos.
– Não está me impressionando *agora*.
Ele deu um longo suspiro.
– Kate, não vim até aqui para discutir. Apenas pensei que seria melhor sermos sinceros um com o outro antes do casamento.
– Claro.
Ela suspirou, fazendo um esforço para assentir. A intenção dele não fora insultá-la, e ela não deveria levar a mal, pois o conhecia muito bem agora para entender que só estava agindo daquela maneira por preocupação. Anthony sabia que nunca a amaria, então seria melhor deixar as coisas claras desde o início.
Ainda assim, doía. Ela não sabia se o amava, mas tinha certeza de que *poderia* amá-lo e seu maior medo era que, após algumas semanas de casamento, de fato o amasse.
E seria tão bom se ele pudesse retribuir seu sentimento...
– É melhor deixarmos logo as coisas claras – disse ele em voz baixa.
Kate simplesmente continuava a assentir. Um corpo em movimento tende a permanecer em movimento, e ela temia que, se parasse, pudesse acabar fazendo algo muito tolo, como chorar.
Ele esticou o braço por cima da mesa e segurou a mão dela, o que a fez recuar.
– Não queria que você entrasse nesse casamento com alguma ilusão – prosseguiu. – Achei que não fosse querer isso.
– Claro que não, milorde – falou Kate.
Ele franziu a testa.
– Pensei que houvesse lhe dito para me chamar de Anthony.
– Disse, sim, milorde.
Ele afastou a mão. Kate observou-o apoiá-la de novo no colo, sentindo-se estranhamente vazia.
– Antes de ir, tenho uma coisa para você – afirmou ele. Sem tirar os olhos do rosto dela, enfiou a mão no bolso e retirou uma caixinha de joia. – Devo me desculpar por ter demorado tanto a lhe dar seu anel de noivado – murmurou,

entregando-lhe o pequeno estojo.

Kate passou os dedos pelo veludo azul antes de abrir a caixa. Dentro, havia um anel de ouro adornado por um único diamante redondo.

– É uma herança dos Bridgertons – explicou ele. – Há muitos anéis de noivado na coleção, mas achei que você fosse gostar mais desse. Os outros eram muito pesados e cheios de detalhes.

– É lindo – afirmou Kate, incapaz de tirar os olhos da joia.

Ele estendeu a mão e pegou a caixa da mão dela.

– Posso? – disse baixinho, retirando o anel do ninho de veludo.

Ela esticou a mão, amaldiçoando-se ao perceber que tremia – não muito, mas o suficiente para que ele notasse. No entanto, Anthony não disse nem uma palavra, apenas pegou a mão dela e pôs o anel em seu dedo.

– Ficou ótimo, não acha? – indagou, ainda segurando as pontas dos dedos de Kate.

Ela concordou, incapaz de desviar os olhos da joia. Nunca gostara de anéis, e aquele seria o primeiro que usaria regularmente. A sensação era estranha: ele parecia pesado, frio, duro. De alguma forma, tornava tudo o que acontecera na semana anterior mais real. Mais definitivo. Ocorreu-lhe, ao fitá-lo em seu dedo, que ela tinha alguma esperança de que um raio descesse dos céus e interrompesse os procedimentos antes que eles de fato fizessem os votos.

Anthony chegou mais perto dela e aproximou sua mão recém-adornada dos próprios lábios.

– Talvez devamos selar o acordo com um beijo – murmurou ele.

– Não sei...

Ele a puxou para seu colo, sorrindo com malícia.

– Eu sei.

Porém, antes de Kate desabar sobre ele, acidentalmente chutou Newton, que soltou um ganido alto, sem dúvida incomodado por ter o cochilo interrompido de forma tão abrupta.

Anthony ergueu uma sobrancelha e olhou para o cão.

– Eu nem o vi aqui.

– Ele estava dormindo – explicou Kate. – Tem o sono bem pesado.

No entanto, uma vez acordado, Newton recusou-se a ser deixado de fora e, com um latido animado, pulou para cima da cadeira, aterrissando no colo de Kate.

– Newton! – gritou ela.
– Ora, pelo amor de... – começou a reclamar Anthony.
Mas seus resmungos foram interrompidos por uma grande lambida.
– Acho que ele gosta de você – comentou Kate, divertindo-se tanto com a expressão de nojo de Anthony que esqueceu o constrangimento de estar sentada em seu colo.
– Cão! Desça agora! – ordenou ele.
Newton abaixou a cabeça e ganiu.
– Agora!
Com um grande suspiro, Newton deu meia-volta e pulou para o chão.
– Minha nossa – disse Kate, olhando para o cachorro, que se enfiou debaixo da mesa e ficou deitado com o focinho encostado tristemente no tapete –, estou impressionada.
– Tem a ver com o tom de voz – retrucou Anthony de maneira astuta, passando um braço ao redor da cintura dela para impedi-la de se levantar.
Kate olhou para o braço dele, depois para seu rosto, com as sobrancelhas se arqueando em uma expressão interrogativa.
– Por que será que eu tenho a impressão de que você acha que esse tom de voz funciona com as mulheres? – refletiu Kate.
Ele deu de ombros e inclinou a cabeça para ela com um sorriso.
– Em geral, funciona – sussurrou.
– Não com esta aqui – respondeu Kate, apoiando as duas mãos nos braços da cadeira e tentando se soltar.
Mas ele era muito mais forte.
– Em especial com esta aqui – disse ele, e sua voz agora era quase um ronronar.
Com a mão livre, segurou o queixo de Kate e virou seu rosto para ele. Os lábios de Anthony eram macios mas exigentes, e ele explorou sua boca com uma eficácia que a deixou sem fôlego.
Moveu os lábios ao longo da linha do queixo dela até o pescoço, e parou apenas para murmurar:
– Onde está sua mãe?
– Saiu – arfou Kate.
Ele puxou a beirada do corpete dela com os dentes.
– Quanto tempo ela vai ficar fora?

– Não sei. – Kate deixou escapar um gemido quando a língua dele mergulhou por baixo da musselina e traçou uma linha erótica em sua pele. – Meu Deus, Anthony, o que você está fazendo?

– Quanto tempo? – repetiu ele.

– Uma hora. Talvez duas.

Anthony ergueu os olhos para ter certeza de que fechara a porta quando entrara na sala.

– Talvez duas? – sussurrou ele, sorrindo com o rosto encostado na pele dela. – É mesmo?

– T-talvez apenas uma.

Ele enfiou um dedo por dentro do corpete, próximo ao ombro, certificando-se de que tinha alcançado a alça da combinação também.

– Uma hora ainda parece ótimo – falou.

Então, fazendo uma pausa para aproximar a boca da de Kate de modo que ela não pudesse protestar, rapidamente puxou o vestido para baixo, junto com a combinação.

Ele sentiu o arfar dela dentro da própria boca, mas apenas aprofundou o beijo ao segurar a plenitude rechonchuda de seu seio. Ela era perfeita sob seus dedos, macia e atrevida, enchendo sua mão como se tivesse sido feita sob medida para ele.

Quando ele sentiu o último sinal de resistência desaparecer, deslocou a boca até a orelha dela e mordiscou o lóbulo de leve.

– Você gosta disso? – murmurou, apertando delicadamente o seio dela.

Ela assentiu, nervosa.

– Hum, ótimo – sussurrou ele, passando a língua bem devagar na orelha dela. – Se não gostasse, as coisas se tornariam muito difíceis.

– C-como?

Ele fez um esforço para conter a risada. Não era, de forma alguma, hora de rir, mas ela era tão inocente... Nunca fizera amor com uma mulher como ela antes, e estava achando isso surpreendentemente delicioso.

– Vamos apenas dizer – prosseguiu ele – que gosto muito disso.

– Ah.

Ela lhe deu um sorriso dos mais hesitantes.

– E tem mais, você sabe – murmurou, deixando a própria respiração acariciar a

orelha dela.
– Tenho certeza de que deve haver – respondeu ela, com não mais que um fiapo de voz.
– Tem? – perguntou ele em tom provocativo, apertando-a.
– Não sou tão pura a ponto de não saber que é fazendo isso que nascem os bebês.
– Eu ficaria feliz em lhe mostrar todo o resto – sussurrou ele.
– Não... Ah!
Ele a apertou mais uma vez e, naquele instante, roçou a pele dela com os dedos. Anthony adorava o fato de ela não conseguir raciocinar quando ele lhe tocava os seios.
– O que você estava dizendo? – falou de supetão, mordiscando o pescoço dela.
– Eu... eu?
Ele anuiu, e os pelos recém-crescidos da barba roçavam seu pescoço.
– Você. Mas talvez fosse melhor não ouvir, porque começou com "não", e sem dúvida – acrescentou encostando a língua depressa na parte de baixo do queixo dela – essa não é uma palavra que deva estar entre nós num momento como este. No entanto – acrescentou, descendo a língua pela linha do pescoço até a cavidade acima do ombro dela –, estou me desviando do assunto.
– E-está?
Ele assentiu.
– Acredito que tentava saber o que lhe agrada, como todos os maridos dedicados deveriam fazer.
Ela não respondeu, mas a respiração se acelerou.
Ele sorriu contra a pele dela.
– Que tal, por exemplo, isto?
Ele espalmou a mão no seio dela, sem segurá-lo, apenas deixando a palma roçar o mamilo de forma bem delicada.
– Anthony! – gemeu Kate, sem ar.
– Ótimo! – disse ele, inclinando o queixo dela para trás de modo que o pescoço ficasse ainda mais exposto. – Fico feliz por você voltar a me chamar de Anthony. *Milorde* é tão formal, não acha? Formal demais para *isto*.
Então ele fez o que fantasiava havia semanas. Abaixou a cabeça e colocou o seio dela na boca, provando-o, sugando-o, estimulando-o, desfrutando de cada

suspiro que ouvia emergir dos lábios de Kate, de cada espasmo de desejo que fazia o corpo dela estremecer.

Ele adorava o modo como ela reagia, extasiado com o fato de lhe causar essas sensações.

– Que delícia – murmurou, resfolegando contra a pele dela. – Você tem um gosto maravilhoso.

– Anthony – chamou ela, com a voz rouca. – Você tem certeza...

Ele pôs um dedo sobre seus lábios sem nem mesmo erguer o rosto para fitá-la.

– Não faço ideia do que você vai perguntar, mas não importa o que seja – disse ele, desviando a atenção para o outro seio –, tenho certeza, sim.

Ela soltou um gemido baixinho e profundo. Arqueou o corpo sob os estímulos dele e, com fervor renovado, ele excitou seu mamilo, roçando-o entre os dentes com delicadeza.

– Ah, meu... Ah, Anthony!

Passou a língua ao redor da aréola. Kate era simplesmente perfeita. Ele adorava o som de sua voz, rouca e entrecortada de desejo, e seu corpo formigava ao pensar na noite de núpcias, nos gritos de paixão dela. Kate seria um vulcão debaixo dele, e Anthony saboreava a perspectiva de fazê-la entrar em erupção.

Ele se afastou para poder ver seu rosto. Ela estava corada, os olhos pareciam confusos e dilatados e os cabelos começavam a se soltar do horroroso chapéu.

– Isto tem que sair – disse ele, tirando-o da cabeça dela e arremessando-o para o chão.

– Milorde!

– Prometa-me que nunca voltará a usá-lo.

Ela se virou no assento – ou melhor, no colo dele, o que não foi fácil considerando o estado de excitação de seu membro – para ver onde o acessório tinha ido parar.

– Não vou prometer nada – retrucou ela. – Eu gosto muito dele.

– Não é possível que goste – falou ele, sério.

– É possível, sim, e... Newton!

Anthony acompanhou seu olhar e irrompeu numa gargalhada, fazendo os dois chacoalharem na cadeira. Newton mastigava, satisfeito, o chapéu de Kate.

– Muito bem, cão! – disse ele, ainda rindo.

– Se você não tivesse gastado boa parte de sua fortuna comigo esta semana –

resmungou Kate, puxando o corpete do vestido para cima –, eu lhe obrigaria a comprar outro.

Isso o divertiu.

– Gastei? – perguntou, em voz baixa.

Ela fez que sim com a cabeça.

– Eu fiz compras com sua mãe várias vezes.

– Ah. Ótimo. Tenho certeza de que ela não a deixou escolher nada parecido com *isso* – atalhou ele fazendo um gesto na direção do chapéu, agora desfigurado, na boca de Newton.

Quando ele voltou a fitá-la, viu que sua boca se transformara em um traço decepcionado e atraente. Anthony não pôde deixar de sorrir. Ela era tão transparente... Violet não permitira que ela comprasse um chapéu tão feio, e o fato de ela não poder negar sua última observação a estava deixando louca.

Ele suspirou, satisfeito. A vida com Kate não ia ser monótona.

Mas estava ficando tarde e provavelmente era melhor que ele fosse embora. Kate dissera que a mãe não deveria chegar em menos de uma hora, mas Anthony não confiava na noção feminina de tempo. Kate podia estar errada, ou a Sra. Sheffield podia mudar de ideia, ou inúmeras outras coisas podiam acontecer. E, mesmo que eles fossem se casar em apenas dois dias, não parecia muito prudente se arriscarem a ser flagrados na sala de estar numa posição tão comprometedora.

Com grande relutância – já que ficar sentado ali com Kate em seu colo sem fazer nada além de segurá-la era surpreendentemente bom –, ele se levantou, erguendo-a nos braços, e depois a colocou na cadeira.

– Foi um interlúdio delicioso – murmurou ele, inclinando-se para dar-lhe um beijo na testa. – Mas temo que sua mãe possa voltar antes da hora. Eu a vejo no sábado de manhã, então?

Ela piscou.

– Sábado?

– Uma superstição de minha mãe – explicou ele, com um sorriso sem graça. – Ela acredita que dá azar o noivo ver a noiva na véspera do casamento.

– Oh. – Kate se pôs de pé, depois ficou alisando o vestido e ajeitando os cabelos, envergonhada. – E você acredita nisso também.

– De modo algum – respondeu ele.

Ela assentiu.

– Nesse caso, é muito amável de sua parte fazer a vontade de sua mãe.

Anthony parou por um instante, consciente de que a maioria dos homens com sua reputação não queria parecer ligado às tradições familiares. Mas estava falando com Kate, e sabia que ela valorizava a devoção à família tanto quanto ele, por isso, retrucou enfim:

– Poucas são as coisas que eu não faria para agradar à minha mãe.

Ela sorriu timidamente.

– É uma das coisas de que mais gosto em você.

Ele fez um gesto querendo mudar de assunto, porém ela o interrompeu:

– Não, é verdade. Você é muito mais carinhoso do que gostaria que as pessoas acreditassem.

Como ele não era capaz de vencer uma discussão com ela – e não fazia sentido contradizer uma mulher quando ela o estava elogiando –, pôs um dedo em seus lábios e disse:

– Shhh. Não conte isso a ninguém.

E então, com um último beijo em sua mão e um “*Adieu*” sussurrado, ele foi embora.

Montado em seu cavalo e a caminho da pequena residência do outro lado da cidade, ele se permitiu avaliar a visita. Correu tudo bem, pensou. Kate parecera entender os limites que ele estabelecera para o casamento e reagira a suas investidas com um desejo que era, ao mesmo tempo, doce e selvagem.

No fim das contas, refletiu com um sorriso satisfeito, o futuro se revelava promissor. Seu casamento seria um sucesso. E, quanto às preocupações anteriores – bem, estava claro que não tinha motivo para se preocupar.

Kate estava preocupada. Anthony se esforçara para que ela entendesse que nunca a amaria. E decerto não parecia querer que ela o amasse também.

Porém, depois ele a beijara como se não houvesse amanhã, como se ela fosse a mulher mais bonita da Terra. Kate era a primeira a admitir que tinha pouca experiência com homens e seus desejos, mas, sem dúvida, ele parecia desejá-la.

Ou estava apenas querendo que ela fosse outra pessoa? Kate não era sua primeira opção como esposa, era bom que se lembrasse disso.

E, mesmo que ela se apaixonasse por ele... Bem, teria que manter isso em

segredo. De fato, não haveria mais nada que pudesse fazer.

CAPÍTULO 16

Chegou aos ouvidos desta autora que o casamento de lorde Bridgerton com a Srta. Sheffield será uma cerimônia pequena, íntima e reservada.

Em outras palavras, esta autora não foi convidada.

Mas não tema, querida leitora, esta autora está dedicando-se ao máximo para saber de tudo e promete revelar os detalhes da cerimônia, tanto os mais interessantes quanto os mais triviais.

O casamento do solteiro mais cobiçado de Londres é sem dúvida algo que deve ser mencionado nesta humilde coluna, você não acha?

Crônicas da sociedade de Lady Whistledown,
13 de maio de 1814

Na noite anterior à cerimônia, Kate se encontrava sentada na cama em sua camisola favorita, olhando confusa para uma infinidade de baús espalhados pelo chão. Cada um de seus pertences estava empacotado, cuidadosamente dobrado ou guardado, pronto para ser transportado para o novo lar.

O próprio Newton fora preparado para a viagem. Tomara banho, ganhara uma coleira nova, e seus brinquedos favoritos foram colocados em uma pequena bolsa no saguão de entrada, bem ao lado da delicada arca de madeira entalhada que Kate tinha desde bebê. A arca estava cheia de seus brinquedos e tesouros de infância, e ela se sentiria muito reconfortada com a presença deles em Londres. Era ridículo e sentimental, mas, para Kate, tornaria a mudança um pouco menos assustadora. Levar suas coisas – itenzinhos engraçados que não significavam nada para ninguém além dela – para a casa de Anthony dava a impressão de que a casa se tornaria verdadeiramente sua também.

Mary, que sempre parecia adivinhar as necessidades de Kate antes que ela

mesma tomasse consciência delas, entrara em contato com amigos em Somerset assim que a enteada ficara noiva e lhes pedira que enviassem o baú a Londres a tempo para o casamento.

Kate se levantou da cama e perambulou pelo quarto, parando para percorrer os dedos por uma camisola dobrada em cima de uma mesa, esperando ser transferida para o último dos baús. O traje fora escolhido por Lady Bridgerton – Violet, ela tinha que começar a pensar nela como Violet – e tinha um corte simples, mas era confeccionado em um tecido fino e transparente. Kate ficara mortificada durante todo o tempo que passaram no ateliê da costureira. Afinal de contas, lá estava sua sogra, escolhendo peças para sua noite de núpcias!

Quando Kate pegou a camisola e acomodou-a com todo o cuidado em um dos baús, ouviu baterem à porta. Logo depois, Edwina pôs a cabeça para dentro do quarto. Ela também estava vestida para dormir, com os cabelos louros puxados para trás num coque desleixado na altura da nuca.

– Achei que você poderia querer um pouco de leite quente – disse ela.

Kate sorriu com gratidão.

– Eu adoraria.

Edwina se abaixou e pegou a caneca de cerâmica que colocara no chão.

– Não consegui girar a maçaneta segurando duas xícaras ao mesmo tempo – explicou, sorrindo. Depois de entrar, deu um pontapé na porta para fechá-la e entregou uma das canecas a Kate. Então, com os olhos fixos na irmã, perguntou sem preâmbulos: – Você está com medo?

Kate tomou um gole com cautela, testando a temperatura antes de engolir. Estava quente, mas não escaldante, e por alguma razão isso a reconfortava. Ela bebia leite quente desde pequena, e o gosto e a sensação sempre a faziam se sentir aconchegada e segura.

– Não com medo, exatamente – respondeu por fim, sentando-se na beirada da cama –, mas nervosa. Com toda a certeza, nervosa.

– Ora, é claro que você está nervosa – retrucou Edwina, agitando a mão livre no ar com entusiasmo. – Apenas uma idiota não ficaria nervosa. Toda a sua vida vai mudar. Tudo! Até seu nome. Você será uma mulher casada. Uma viscondessa. Depois de amanhã, não será a mesma mulher, Kate, e depois de amanhã à noite...

– Chega, Edwina.

– Mas...
– Você *não* está fazendo nada para me tranquilizar.
– Ah. – Edwina deu um sorriso sem graça. – Desculpe.
– Tudo bem – garantiu Kate.
Edwina conseguiu manter a boca fechada por alguns segundos antes de perguntar:
– Mamãe já esteve aqui para conversar com você?
– Ainda não.
– Ela deve vir, não acha? Amanhã você vai se casar, e tenho certeza de que há uma infinidade de coisas que precisa saber. – Edwina tomou um grande gole de leite, ficando com um inadequado bigode branco, em seguida empoleirou-se na beira da cama, virada para Kate. – Sei que há uma infinidade de coisas que *eu* não sei. E, a menos que você tenha aprontado alguma coisa e não tenha me contado, não vejo como *você* poderia saber.
Kate refletiu se seria falta de educação calar a boca da irmã com uma das peças de lingerie que Lady Bridgerton escolhera. Parecia haver uma bela justiça poética em tal manobra.
– Kate? – chamou Edwina, piscando com curiosidade. – Kate? Por que você está olhando para mim de modo tão estranho?
Kate se lembrou da lingerie com ar sonhador.
– Você não vai querer saber.
– Humpf. Bem, eu...
Os resmungos de Edwina foram interrompidos por uma batida de leve na porta.
– Deve ser a mamãe – disse a caçula com um sorriso malicioso. – Mal posso esperar.
Kate revirou os olhos para Edwina quando se levantou para abrir a porta. De fato, Mary estava parada no corredor, com duas canecas fumegantes na mão.
– Achei que você pudesse querer um pouco de leite quente – disse ela com um leve sorriso.
Kate ergueu a caneca em resposta.
– Edwina teve a mesma ideia.
– O que ela está fazendo aqui? – perguntou Mary, entrando no quarto.
– Desde quando preciso de uma razão para vir conversar com minha irmã? – retrucou Edwina.

Mary lançou-lhe um olhar irritado antes de voltar a atenção para Kate.
– Hum – murmurou. – Parece que temos um excesso de leite quente.
– Este aqui já está morno – comentou Kate, apoiando a caneca em um dos baús já fechados e substituindo-a depois pela que estava na mão de Mary. – Edwina pode levar a outra para a cozinha quando sair.
– Como? – perguntou Edwina, um pouco distraída. – Ah, claro, fico feliz em ajudar.
Mas não fez menção de se levantar. Na verdade, seu único movimento foi olhar de Mary para Kate e de volta para Mary.
– Preciso falar com Kate – disse Mary.
Edwina concordou, entusiasmada.
– Sozinha – completou Mary.
Edwina piscou.
– Tenho que sair?
Mary aquiesceu e estendeu-lhe a caneca morna.
– Agora?
A jovem parecia abatida, então sua expressão se desanuviou em um sorriso cauteloso.
– Vocês estão brincando, não é? Posso ficar, certo?
– Errado – retrucou Mary.
Edwina virou os olhos suplicantes para Kate.
– Não tenho nada a ver com isso – disse Kate, mal conseguindo disfarçar o sorriso. – Ela é quem decide, afinal é ela quem vai falar. Eu só vou ficar ouvindo.
– E fazendo perguntas – observou Edwina. – E eu também tenho dúvidas. – Virou-se para a mãe. – Um monte delas.
– Tenho certeza disso – retrucou Mary –, e ficarei feliz em respondê-las na véspera do *seu* casamento.
Edwina se levantou de má vontade.
– Não é justo – resmungou, pegando a caneca da mão de Mary.
– A vida não é justa – comentou Mary com um sorriso.
– Eu que o diga – reclamou Edwina, arrastando os pés ao cruzar o quarto.
– E não fique ouvindo atrás da porta! – gritou Mary.
– Eu nem sonharia em fazer isso – disse Edwina. – Não que vocês fossem falar

alto o suficiente para que eu ouvisse alguma coisa, de qualquer forma.

Mary suspirou quando a filha saiu para o corredor e fechou a porta, proferindo uma torrente constante de resmungos ininteligíveis.

– Vamos ter que sussurrar – falou para Kate.

Ela assentiu, mas era leal o suficiente à irmã para dizer:

– *Talvez* ela não tente ouvir.

Mary lhe lançou um olhar bastante duvidoso.

– Você quer abrir a porta para descobrir?

Kate deu um sorriso involuntário.

– Tudo bem, a senhora ganhou.

Mary sentou-se na cama e encarou Kate.

– Com certeza, você sabe por que estou aqui.

Kate admitiu que sim.

Mary tomou um grande gole de leite e ficou em silêncio por um longo instante antes de dizer:

– Quando eu me casei pela primeira vez, não tinha ideia do que esperar no leito nupcial. Não era... – Ela fechou os olhos por um momento e fez uma careta de sofrimento. – Minha falta de conhecimento tornou tudo mais difícil – concluiu, e a vagarosidade com que disse essas palavras cuidadosamente escolhidas deixou claro a Kate que “difícil” devia ser um eufemismo.

– Entendo – murmurou Kate.

Mary olhou fixamente para ela.

– Não, não entende. E espero que nunca entenda. Mas não é essa a questão. Sempre jurei que nenhuma filha minha se casaria sem saber o que ocorre entre o marido e a mulher.

– Já tenho uma ideia básica – admitiu Kate.

Claramente surpresa, Mary perguntou:

– Tem?

Kate concordou.

– Não deve ser muito diferente dos animais.

Mary balançou a cabeça e contraiu os lábios em um sorriso um pouco divertido.

– Sim, não é.

Kate imaginou qual seria a melhor maneira de fazer a próxima pergunta. Pelo

que vira na fazenda de um vizinho em Somerset, o ato de procriação não parecia, de modo algum, agradável. Porém, quando Anthony a beijara, teve a sensação de que estava perdendo o juízo. E quando ele a beijou mais uma vez, ela nem mesmo tinha certeza se queria o juízo de volta! Todo o seu corpo estremeceu, e ela suspeitava que, se os últimos encontros tivessem acontecido em locais mais apropriados, ela teria deixado que ele prosseguisse sem nem um protesto sequer.

Mas então ela se lembrou da pobre égua gritando na fazenda... Sinceramente, as peças do quebra-cabeça não se encaixavam.

Enfim, depois de pigarrear várias vezes, ela comentou:

– Não parece muito prazeroso.

Mary fechou os olhos de novo e seu rosto assumiu a mesma expressão de antes. Era como se ela estivesse se lembrando de algo muito bem-guardado nos recantos obscuros da própria mente. Quando os abriu, afirmou:

– O prazer de uma mulher só depende do marido.

– E o de um homem?

– O ato de amor – prosseguiu Mary, corando – pode e deve ser uma experiência prazerosa para ambos. No entanto... – disse ela, depois tossiu e tomou um gole do leite – eu não me perdoaria se não lhe contasse que uma mulher nem sempre tem prazer.

– Mas um homem tem?

Mary fez que sim com a cabeça.

– Não parece justo – comentou Kate.

Mary deu um sorriso amargo.

– Você lembra que acabei de dizer a Edwina que a vida nem sempre é justa?

Kate franziu a testa, fitando o leite.

– Bem, isso *realmente* não parece justo.

– Mas não significa – acrescentou Mary bem rápido – que a experiência precise ser desagradável para a mulher. E tenho certeza de que não será desagradável para você. Imagino que o visconde já a tenha beijado.

Kate assentiu, sem erguer os olhos.

Quando Mary falou, ela sentiu que a madrasta sorria.

– Pelo seu rubor – disse Mary –, acho que você gostou.

Kate voltou a anuir, e agora suas bochechas ardiam.

– Se você gostou do beijo – prosseguiu a mais velha –, então tenho certeza de

que outros carinhos não a incomodarão. Decerto ele será gentil e atencioso com você.

"Gentil" não capturava a essência dos beijos de Anthony, mas Kate não acreditava que esse fosse o tipo de coisa que deveria compartilhar com Mary. Na verdade, a conversa já estava constrangedora o suficiente sem isso.

– Homens e mulheres são muito diferentes – continuou Mary, como se isso não fosse óbvio –, e os homens, mesmo aqueles fiéis à esposa, o que sem dúvida o visconde será, podem ter prazer com praticamente qualquer mulher.

Isso era perturbador, e não era o que Kate queria ouvir.

– E uma mulher? – perguntou de forma abrupta.

– Com a mulher é diferente. Já ouvi falar que algumas mulheres maliciosas têm prazer como se fossem homens, nos braços de qualquer um, mas não acredito nisso. Creio que uma mulher precise gostar do marido para desfrutar do leito nupcial.

Kate ficou em silêncio por um instante.

– Você não amava seu primeiro marido, não é?

Mary balançou a cabeça.

– Isso faz toda a diferença, querida. Isso e o cuidado de um marido com a esposa. Mas já vi o visconde com você. Entendo que seu casamento foi súbito e inesperado, mas ele a trata com carinho e respeito. Você não terá nada a temer. Ele vai tratá-la bem.

Depois de dizer isso, Mary beijou Kate na testa e deu-lhe boa-noite. Em seguida, recolheu as canecas de leite vazias e saiu do quarto. Kate continuou sentada na cama, fitando a parede por alguns minutos com o olhar vazio.

Mary estava errada, ela não tinha dúvida. Tinha muito a temer, sim.

Odiava não ser a primeira opção de Anthony, mas era prática, pragmática, e sabia que certas coisas na vida simplesmente deveriam ser encaradas como um fato. Consolava-a com a lembrança do desejo que sentira – e que achara que Anthony também experimentara – quando estava nos braços dele.

Agora parecia que o desejo dele não estava necessariamente ligado a ela, sendo, em vez disso, algum tipo de necessidade primitiva que todo homem sente por qualquer mulher.

E Kate nunca saberia se, quando Anthony soprasse as velas e a levasse para a cama, fecharia os olhos...

E imaginaria o rosto de outra mulher.

O casamento, realizado na Casa Bridgerton, foi uma cerimônia simples, para poucos convidados. Bem, tão poucos quanto possível, com toda a família Bridgerton presente, desde Anthony até a pequena Hyacinth, de 11 anos, que assumiu o papel de dama de honra com *muita* seriedade. Quando seu irmão Gregory, de 13 anos, tentou virar sua cesta de pétalas de rosas, ela o acertou direto no queixo, atrasando a cerimônia em cerca de dez minutos mas acrescentando um ar muito bem-vindo de leveza e graça.

Bem, pelo menos essa foi a opinião de todos, exceto Gregory, que ficou ofendido com o episódio e decerto *não* estava rindo, muito embora tivesse sido ele quem começara, como Hyacinth logo deixara claro a quem estivesse ouvindo – e sua voz era alta o suficiente para que não houvesse de fato a opção de *não* ouvir.

Kate viu tudo de sua posição privilegiada no saguão, onde espiava através de uma rachadura na porta. Isso a fez rir, o que foi ótimo, considerando que seus joelhos estavam tremendo havia mais de uma hora. Ela agradecia à própria sorte pelo fato de Lady Bridgerton não ter insistido numa cerimônia grandiosa, para muitas pessoas. Kate, que nunca tinha se considerado uma pessoa ansiosa, provavelmente teria morrido de nervosismo.

Violet mencionara a possibilidade de um grande evento como meio de combater os rumores que circulavam a respeito de Kate, Anthony e o casamento inesperado. A Sra. Featherington mantivera a promessa e não revelara os detalhes do assunto, mas fizera insinuações suficientes para que *todos* soubessem que o noivado não ocorrera do modo tradicional.

Por isso, *todos* estavam comentando, e Kate sabia que era apenas uma questão de tempo até que a Sra. Featherington não conseguisse mais se controlar. Quando isso acontecesse, a verdadeira história de sua ruína nas mãos – ou melhor, no ferrão – de uma abelha seria de conhecimento público.

Entretanto, no fim, Violet decidira que um casamento rápido seria a melhor opção, e, como seria impossível preparar uma grande festa em uma semana, a lista de convidados ficara restrita à família. Kate fora acompanhada por Edwina, Anthony contara com o irmão Benedict e eles foram declarados marido e

mulher.

Era estranho, Kate pensou no fim da tarde, ao fitar a aliança que se juntara ao anel de diamante na mão esquerda, como tudo podia mudar tão depressa. A cerimônia fora breve, passando por sua mente feito um borrão confuso, e ainda assim sua vida se modificara para sempre. Edwina estava certa. Tudo era diferente. Agora ela era uma mulher casada, uma viscondessa.

Lady Bridgerton.

Mordeu o lábio inferior. Aquele nome parecia ser de outra pessoa. Quanto tempo levaria para que alguém dissesse “Lady Bridgerton” e ela entendesse que falavam com *ela*, não com a mãe de Anthony?

Tinha se tornado esposa dele, com responsabilidades de esposa.

Isso a apavorou.

Depois que a cerimônia terminou, Kate pensou nas palavras de Mary na noite anterior e percebeu que ela tinha razão. Em muitos aspectos, ela era a mulher mais sortuda do mundo. Anthony a trataria bem. Trataria qualquer mulher bem. Esse era o problema.

Agora ela estava numa carruagem, percorrendo a curta distância entre a mansão dos Bridgertons, onde a recepção ocorrera, e a casa de Anthony, que não poderia mais ser chamada de “residência de solteiro”.

Ela lançou um olhar ao novo marido. Ele olhava fixamente para a frente, com o rosto sério de uma forma curiosa.

– Você planeja a mudança para a Casa Bridgerton agora que nos casamos? – perguntou ela em voz baixa.

Anthony assustou-se, quase como se tivesse se esquecido de que ela estava ali.

– Sim – retrucou, virando-se para encará-la –, embora prefira esperar alguns meses. Achei que poderíamos ter um pouco de privacidade no início do casamento, não concorda?

– Claro – murmurou Kate.

Ela baixou os olhos para as mãos, que estavam agitadas em seu colo. Tentou deixá-las paradas, mas era impossível. Era de admirar que ainda não tivesse tirado as luvas.

Anthony acompanhou o olhar dela e colocou a mão sobre as suas. Ela ficou imóvel no mesmo instante.

– Está nervosa? – indagou.

– Você pensou que eu não estaria? – retrucou ela, tentando manter a voz áspera e irônica.

Ele sorriu em resposta.

– Não há o que temer.

Kate quase irrompeu numa risada nervosa. Pelo jeito, estava destinada a ouvir aquela bobagem muitas vezes.

– Talvez – disse –, mas ainda há muito para me deixar nervosa.

O sorriso dele se alargou.

– *Touché*, minha querida esposa.

Kate engoliu em seco de forma convulsiva. Era estranho ser a esposa de alguém, sobretudo daquele homem.

– E *você* está nervoso? – perguntou.

Ele se inclinou para ela, com os olhos escuros ardentes pela promessa do que viria.

– Ah, desesperadamente – murmurou. Então diminuiu o espaço entre eles, com os lábios encontrando a cavidade sensível da orelha dela. – Meu coração está esmurrando o peito.

O corpo de Kate pareceu tensionar-se e derreter-se ao mesmo tempo. E então ela arriscou:

– Acho que deveríamos esperar.

Ele mordiscou sua orelha.

– Esperar o quê?

Kate tentou afastar-se. Ele não compreendeu. Se tivesse entendido, teria ficado furioso, e não parecia furioso.

Ainda.

– P-pelo casamento – gaguejou.

Isso pareceu diverti-lo e ele brincou com os anéis dela, que agora repousavam por cima da luva.

– É um pouco tarde para isso, não acha?

– Pela noite de núpcias – explicou ela.

Ele recuou, com uma expressão talvez um pouco irritada.

– Não – respondeu apenas.

Mas não fez nenhum gesto para se aproximar dela de novo.

Kate tentou pensar em como o faria entender, mas não era fácil – não tinha

certeza de que ela mesma entendia. E estava quase certa de que Anthony não acreditaria se ela lhe dissesse que não tinha pretendido pedir isso – a pergunta simplesmente escapara, movida por um pânico que ela nem soubera que existia até aquele momento.

– Não peço que seja para sempre – falou, detestando o fato de estar quase gaguejando. – Apenas por uma semana.

Isso chamou a atenção de Anthony e ele ergueu uma das sobrancelhas em um ar irônico de dúvida.

– E o que, pelo amor de Deus, você espera ganhando uma semana?

– Não sei – respondeu ela, com sinceridade.

Ele a encarou com olhos severos, ardentes e sarcásticos.

– Você vai ter que se explicar melhor que isso – disse.

Kate não queria fitá-lo. Não queria a intimidade com que ele a oprimia quando fixava os olhos escuros nela. Era fácil disfarçar os sentimentos quando podia olhar para seu queixo ou seus ombros, mas quando precisava fitá-lo direto nos olhos...

Ela temia que ele pudesse enxergar sua alma.

– Foi uma semana de grandes mudanças na minha vida – começou ela, torcendo para saber onde queria chegar com essa frase.

– Na minha também – interrompeu ele em voz baixa.

– Nem tanto – retrucou Kate. – As intimidades do casamento não são novidade para você.

Ele deu um sorriso enviesado e ligeiramente arrogante.

– Pois saiba, minha senhora, que nunca fui casado.

– Não foi isso que eu quis dizer, e você sabe disso.

Ele não a contradisse.

– Eu só gostaria de um tempo para me preparar – prosseguiu ela, cruzando as mãos no colo de forma rígida, porém sem conseguir parar de mexer os polegares, que demonstravam seu estado de nervos.

Anthony a observou por um longo momento, em seguida reclinou-se e apoiou o tornozelo esquerdo de forma despreocupada no joelho direito.

– Está bem – falou.

– Mesmo?

Ela retesou-se, surpresa. Não esperava que Anthony fosse concordar com tanta

facilidade.
– Desde que... – continuou ele.
Ela afundou no banco. Deveria ter imaginado que haveria uma condição.
–... que você me explique uma coisa.
Ela engoliu em seco.
– E o que seria, milorde?
Ele se inclinou para a frente e a fitou com olhos muito diabólicos.
– Como exatamente você planeja se preparar?
Kate olhou pela janela, então praguejou baixinho ao perceber que eles nem sequer haviam chegado à rua de Anthony. Não havia meio de evitar sua pergunta: ela ainda estaria presa na carruagem por, pelo menos, mais cinco minutos.
– B-b-b-b-bem – gaguejou –, não entendi o que você quer dizer.
Ele deu uma risada.
– Tenho certeza de que não.
Kate olhou para ele com uma careta. Nada era pior que servir de piada para outra pessoa, sobretudo sendo uma noiva no dia do próprio casamento.
– Agora você está se divertindo à minha custa – acusou ela.
– Não – disse ele de forma maliciosa. – Eu *gostaria* de me divertir com você. Existe uma grande diferença.
– Gostaria que não falasse assim – resmungou ela. – Você sabe que eu não entendo.
Os olhos dele se concentraram nos lábios dela enquanto a língua umedecia os próprios lábios.
– Você saberia – murmurou – se apenas cedesse ao inevitável e esquecesse seu pedido ridículo.
– Não gosto de ser tratada com condescendência – disse Kate, com firmeza.
Os olhos dele brilharam.
– E eu não gosto que me neguem meus direitos – replicou, com a voz fria.
Seu rosto era uma representação de poder aristocrático.
– Não estou lhe negando nada – insistiu ela.
– Ah, é mesmo?
A pergunta era desprovida de humor.
– Só estou pedindo um adiamento. Um adiamento breve, temporário, *breve*... –

Ela repetiu a palavra, caso o cérebro dele estivesse entorpecido demais pelo orgulho masculino para compreendê-la da primeira vez. – Decerto você não me negaria um pedido tão simples.

– Não acho que seja eu quem está negando algo por aqui – retrucou ele com a voz entrecortada.

Droga, ele tinha razão, e Kate não soube o que mais poderia dizer. Estava consciente de que não tinha o direito de pedir aquilo – ele poderia jogá-la sobre o ombro, arrastá-la para a cama e trancá-la no quarto durante uma semana, se assim desejasse.

Ela agira feito uma tola, presa à própria insegurança – sentimento que nem sabia ter até conhecer Anthony.

Durante toda a vida, ela fora aquela a receber o segundo olhar, a segunda saudação, o segundo beijo na mão. Como irmã mais velha, deveria ser cumprimentada antes da irmã mais nova, mas a beleza de Edwina era tão impressionante, e o azul puro e perfeito de seus olhos tão surpreendente, que as pessoas simplesmente se esqueciam de todo o restante em sua presença.

Quando qualquer pessoa era apresentada a Kate, costumava murmurar um "Muito prazer" sem graça enquanto os olhos se fixavam no rosto radiante da irmã.

Kate nunca ligara muito para isso. Se Edwina tivesse sido mimada ou fosse geniosa, poderia ter sido difícil, e também, para falar a verdade, a maioria dos homens que ela conhecera era superficial e ridícula, então ela não se importava muito que eles só se dignassem a olhar para ela depois de conhecer a mais nova.

Até agora.

Ela queria que os olhos de Anthony se iluminassem quando *ela* entrasse no aposento. Queria que ele procurasse *seu* rosto na multidão. Não precisava que ele a amasse – ou, pelo menos, era o que dizia a si mesma –, mas queria desesperadamente ser a primeira em seus afetos, a primeira em seus desejos.

Tinha a desagradável e terrível sensação de que tudo isso significava que ela estava se apaixonando.

Apaixonar-se pelo marido – quem pensaria que isso poderia ser um desastre?

– Vejo que você ficou sem argumento – comentou Anthony em voz baixa.

A carruagem parou, felizmente liberando-a da necessidade de resposta. Contudo, quando um lacaio de libré se adiantou para abrir a porta, Anthony

voltou a fechá-la com força, sem desviar os olhos do rosto dela.

– Como, milady? – insistiu ele, repetindo a pergunta.

– Como o quê? – retrucou ela.

Já tinha se esquecido do que ele indagara.

– Como – repetiu ele com a voz áspera mas, ao mesmo tempo, muito ardente – você planeja preparar-se para a noite de núpcias?

– Eu... Eu não pensei nisso – admitiu Kate.

– Achei que não.

Ele soltou a maçaneta da porta e ela se abriu, revelando os rostos de dois lacaios que claramente faziam um grande esforço para não demonstrar curiosidade. Kate permaneceu em silêncio enquanto Anthony a ajudava a descer e a conduzia até a casa.

Os criados estavam reunidos no pequeno saguão de entrada, e Kate murmurou seus cumprimentos enquanto cada um deles lhe era apresentado pelo mordomo ou pela governanta. Não eram muitos, porque a casa era pequena para os padrões da alta sociedade, mas o processo levou cerca de vinte minutos.

Infelizmente, esse tempo não adiantou nada para acalmar seus nervos. No instante em que Anthony colocou a mão em suas costas para conduzi-la até a escada, seu coração estava disparado, e pela primeira vez na vida ela acreditou de fato que poderia morrer.

Não que ela temesse o leito nupcial.

Também não tinha nenhum receio de desagradar o marido. Mesmo uma virgem inocente como ela poderia perceber que as ações e reações de Anthony quando eles se beijavam eram prova suficiente do desejo dele. Ele a ensinaria o que fazer, disso Kate não tinha dúvida.

O que ela temia...

O que ela temia...

Sentiu a garganta se fechando, como se estivesse prestes a sufocar, e levou a mão fechada à boca. Começou a morder os nós dos dedos para tentar se acalmar, como se isso realmente fosse fazer alguma diferença.

– Meu Deus – murmurou Anthony quando chegaram ao patamar. – Você está apavorada.

– Não – mentiu ela.

Ele a segurou pelos ombros e virou-a para si. Olhou fixamente para seus olhos

e depois, praguejando baixinho, pegou-a pela mão e puxou-a para o quarto, sussurrando que precisavam de privacidade.

Quando chegaram ao quarto dele – um cômodo masculino decorado com elegância em tons de vinho e dourado –, Anthony colocou a mão na cintura e quis saber:

– Sua mãe não conversou com você sobre... hã... sobre...

Kate teria rido dos gestos dele se não a deixassem tão nervosa.

– Conversou – disse depressa. – Mary me explicou tudo.

– Então que diabo está errado? – Assim que terminou de praguejar, se desculpou: – Perdoe-me. Esse não é o modo de fazê-la relaxar.

– Não sei dizer – retrucou ela baixinho, desviando os olhos para o chão e fixando-os no desenho intrincado do carpete até que eles transbordassem de lágrimas.

Anthony fez um barulho estranho e horrível de alguém se engasgando.

– Kate? – chamou ele com a voz rouca. – Será que alguém... um homem... já forçou carinhos inoportunos com você?

Ela ergueu os olhos e a preocupação e o terror no rosto dele quase fizeram seu coração parar.

– Não! – gritou. – Não é isso. Ah, não me olhe assim. Não posso suportar.

– *Eu* é que não posso suportar isso – murmurou Anthony, diminuindo a distância entre eles, segurando a mão dela e levando-a aos lábios. – Você tem que me dizer – pediu, e sua voz parecia estranhamente sufocada. – Você tem medo de mim? Eu lhe causo repulsa?

Kate balançou a cabeça de forma frenética, incapaz de acreditar que ele pudesse pensar que causaria repulsa a alguma mulher.

– Diga-me – sussurrou Anthony, com os lábios pressionados contra o ouvido dela. – Diga-me como fazer isso da maneira correta. Porque acho que não posso nem pensar em lhe conceder um adiamento. – Ele pressionou o corpo contra o dela e seus braços fortes a mantiveram próxima enquanto ele murmurava: – Não posso esperar uma semana, Kate. Simplesmente não posso fazer isso.

– Eu...

Kate cometeu o erro de fitá-lo nos olhos e se esqueceu por completo do que queria dizer. Ele a observava com uma intensidade que a incendiava por dentro, deixando-a sem fôlego, faminta e desesperada por algo que não compreendia

muito bem.

E ela sabia que não poderia fazê-lo esperar. Se olhasse dentro de sua própria alma, se fosse sincera e não se iludisse, seria forçada a admitir que também não queria esperar.

De que isso adiantaria? Talvez ele nunca a amasse. Talvez seu desejo nunca fosse se concentrar por completo nela, como o dela nele.

Mas ela podia fingir que sim. E quando ele a segurasse nos braços e encostasse os lábios em sua pele, seria tão fácil fingir que sim...

– Anthony – sussurrou, e o nome dele era, ao mesmo tempo, uma bênção, um pedido e uma oração.

– Qualquer coisa – disse ele com a voz entrecortada, caindo de joelhos diante dela, com os lábios trilhando um caminho quente por sua pele, enquanto os dedos trabalhavam de maneira frenética para livrá-la do vestido. – Peça-me qualquer coisa – gemeu ele. – Eu lhe darei qualquer coisa que esteja a meu alcance.

Kate sentiu a cabeça se inclinar para trás e toda sua resistência desaparecer.

– Apenas me ame – pediu em voz baixa. – Apenas me ame.

A única resposta de Anthony foi um suspiro de desejo.

CAPÍTULO 17

O ato foi consumado! A Srta. Sheffield agora é Katharine, viscondessa de Bridgerton.

Esta autora deseja os melhores votos ao feliz casal. Pessoas sensatas e honradas decerto andam escassas na alta sociedade e com certeza é gratificante ver duas pessoas assim unirem-se em matrimônio.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
16 DE MAIO DE 1814

Até aquele momento, Anthony nem mesmo percebera que desejava que ela dissesse “sim”, que admitisse seu desejo. Ele a apertou contra si, e sua bochecha encostou na delicada curva da barriga dela. Mesmo em seu vestido de casamento, ela cheirava a lírios e sabonete, aquele perfume enlouquecedor que o assombrara durante semanas.

– Eu preciso de você – murmurou ele, sem saber ao certo se suas palavras se perdiam nas camadas de seda que ainda a mantinham fora de seu alcance. – Preciso de você agora.

Pôs-se de pé, tomou-a nos braços e em poucos passos alcançou a imensa cama de dossel que dominava o quarto. Nunca levara nenhuma mulher ali – sempre preferira ir com as amantes a outro lugar. De repente, sentiu-se contente por isso.

Kate era diferente, especial, sua esposa. Ele não queria outras lembranças se intrometendo naquela nem em qualquer outra noite.

Deitou-a no colchão e não desviou os olhos por um só momento de sua forma graciosamente desgrenhada enquanto tirava a própria roupa de maneira metódica: primeiro as luvas, uma por uma, depois o casaco, já amarrotado por seu entusiasmo.

Fixou os olhos nos dela – escuros, grandes e cheios de admiração – e sorriu, bem devagar e com satisfação.

– Você nunca viu um homem nu antes, não é? – murmurou ele.

Ela balançou a cabeça.

– Ótimo. – Inclinou-se para a frente e retirou um dos sapatos do pé dela. – Nunca verá outro.

Ele passou para os botões de sua camisa, tirando cada um de sua casa bem devagar, e seu desejo aumentou dez vezes ao ver Kate umedecendo os lábios com a língua.

Ela o queria. Anthony conhecia o suficiente das mulheres para ter certeza disso. E, quando a noite tivesse acabado, não conseguiria viver sem ele.

Que *ele* não fosse capaz de viver sem *ela* era algo que se recusava a considerar. O que acontecia em seu quarto e o que ocorria em seu coração eram duas coisas diferentes. Ele podia mantê-las separadas. Ele as *manteria* separadas.

Anthony podia não querer amar a esposa, porém isso não significava que não poderiam desfrutar um do outro na cama.

Deslizou as mãos até o primeiro botão da calça e o abriu, mas parou por aí. Kate ainda estava completamente vestida, e continuava sendo completamente inocente. Não estava pronta para ver a demonstração de seu desejo.

Ele subiu na cama e, como um gato selvagem, engatinhou até ela, aproximando-se cada vez mais até chegar a seus cotovelos, nos quais ela se apoiava. Então deslizou-os por debaixo dela e a deitou de costas. Ela o fitava com a respiração rápida e superficial através dos lábios abertos.

Não havia nada, pensou ele, mais impressionante que o rosto de Kate corado de desejo. Os cabelos, escuros, sedosos e volumosos, já se libertavam dos prendedores usados no elaborado penteado de casamento. Seus lábios, sempre um pouco cheios demais para a beleza convencional, assumiram uma cor rosada sob a luz oblíqua do fim de tarde. E sua pele nunca parecera tão perfeita, tão luminosa. As bochechas estavam ruborizadas, e não do tom pálido que as senhoras elegantes pareciam sempre desejar, mas Anthony achava a cor encantadora. Ela era real, humana, e estremecia de desejo. Ele não poderia desejar mais nada.

Com reverência, tocou sua bochecha com as costas dos dedos, então deslizou a mão pelo pescoço até a pele delicada acima do corpete. O vestido era fechado

por uma fileira enlouquecedora de botões nas costas, mas ele já abrira quase um terço deles, deixando o traje frouxo o suficiente para que pudesse deslizar o tecido de seda por cima dos seios dela.

Eles pareciam no mínimo ainda mais belos que dois dias antes. Os mamilos eram rosa-claros, encimando seios que ele sabia caberem perfeitamente em suas mãos.

– Sem combinação? – murmurou ele, apreciando, percorrendo com o dedo a linha proeminente da clavícula.

Ela balançou a cabeça, e respondeu com a voz entrecortada:

– O modelo do vestido não permitiu.

Ele deu um típico meio sorriso masculino.

– Lembre-me de enviar uma bonificação à sua costureira.

Deslocou a mão para um dos seios e apertou-o com delicadeza, dando um gemido de prazer enquanto ouvia um arquejo semelhante escapar dos lábios dela.

– Que delícia – sussurrou ele, erguendo a mão e deixando seus olhos acariciarem-na.

Nunca lhe ocorrera que poderia ser tão prazeroso apenas observar uma mulher. Fazer amor, para ele, sempre se relacionara ao toque e ao paladar. Pela primeira vez, achava a visão tão sedutora quanto os outros sentidos.

Ela era tão perfeita, tão linda, que ele teve uma estranha e primitiva sensação de prazer ao pensar que a maioria dos homens era cega à sua beleza. Era como se um certo lado dela fosse visível apenas para ele. Anthony adorou o fato de seus encantos serem ocultos do restante do mundo.

Isso a tornava mais *dele*.

Subitamente ansioso para ser tocado, Anthony ergueu uma das mãos dela, ainda calçada com a comprida luva de cetim, e levou-a a seu peito. Ele podia sentir o calor de sua pele mesmo através do tecido, mas não era o suficiente.

– Quero sentir você – murmurou ele, em seguida retirou os dois anéis do dedo de Kate e colocou-os no espaço entre os seios dela.

Ela arfou e estremeceu com o toque do metal frio contra a própria pele, então observou, sem fôlego e fascinada, enquanto Anthony lidava com sua luva, puxando cada um dos dedos com delicadeza até que ele se soltasse e depois deslizando-a por seu braço e pela mão até tirá-la. O roçar do cetim era como um

beijo sem fim, deixando-a toda arrepiada.

Em seguida, com uma gentileza que quase a levou às lágrimas, ele recolocou os anéis em seu dedo, um por um, parando apenas para beijar a palma sensível de sua mão.

– Dê-me a outra mão – pediu com amabilidade.

Ela obedeceu e ele repetiu a mesma tortura deliciosa, puxando e deslizando o cetim por sua pele. No entanto, dessa vez, após terminar, levou o mindinho dela à boca e chupou-o, rodeando-o com a língua.

Kate sentiu uma onda de desejo lhe atravessar o braço, percorrer o peito e se insinuar por todo seu corpo, até acumular-se, quente e misteriosa, entre suas pernas. Aquele homem estava despertando algo nela, algo obscuro e talvez um pouco perigoso, algo que permanecera inativo por muitos anos, apenas esperando por um único beijo dele.

Toda a sua vida fora uma preparação para aquele momento, e ela nem mesmo sabia o que esperar depois.

Ele deslizou a língua pela parte de dentro do dedo, então traçou linhas em sua palma.

– Que mãos maravilhosas – murmurou ele, mordiscando a parte carnuda de seu polegar enquanto seus dedos entrelaçavam-se com os dela. – Fortes e, ainda assim, graciosas e delicadas.

– Você está falando bobagem – disse Kate, constrangida. – Minhas mãos...

Mas ele a silenciou com um dedo sobre seus lábios.

– Shhh. Você não aprendeu que nunca deve contradizer seu marido quando ele está admirando suas formas?

Kate estremeceu de prazer.

– Por exemplo – continuou ele, soando como o próprio demônio –, se eu quiser passar uma hora examinando seu pulso – com movimentos rápidos, raspou os dentes na pele fina e delicada do pulso dela –, decerto é um direito meu, não acha?

Kate não respondeu e ele deu uma risadinha, o som baixo e cálido nos ouvidos dela.

– E não pense que não vou – avisou o visconde, traçando, com a ponta do dedo, as veias azuis que pulsavam sob sua pele. – Posso decidir passar *duas* horas examinando seu outro pulso.

Kate observava, fascinada, enquanto os dedos de Anthony, tocando-a de forma tão gentil que ela vibrava com o contato, abriam caminho até a parte de dentro de seu cotovelo, então paravam para traçar círculos em sua pele.

– Não posso imaginar que poderia passar duas horas examinando seus pulsos e *não* os achar adoráveis – disse ele em voz baixa. Então passou a mão por cima do tronco dela e, com a palma, estimulou levemente o bico do seio intumescido. – Eu ficaria muito magoado se você discordasse.

Ele inclinou-se e lhe deu um beijo rápido porém ardente nos lábios. Depois ergueu a cabeça apenas um centímetro e murmurou:

– O papel de uma esposa é concordar com o marido em tudo, não é?

O que ele dizia era tão absurdo que Kate enfim conseguiu encontrar a própria voz para responder.

– Se suas opiniões forem satisfatórias, milorde – falou com um sorriso divertido.

Anthony arqueou imperiosamente uma das sobrancelhas.

– Está discutindo comigo, milady? E na noite de núpcias, ainda por cima?

– É minha noite de núpcias também – lembrou ela.

Ele fez um ruído de desaprovação e balançou a cabeça.

– Talvez eu tenha que castigá-la – continuou. – Mas como? Tocando-a? – Deslizou a mão sobre um dos seios, depois sobre o outro. – Ou não tocando?

Afastou as mãos da pele dela, mas inclinou-se e, com a boca semiaberta, soprou levemente o mamilo.

– Tocando – arfou Kate, arqueando-se na cama. – Com certeza, tocando.

– Você acha? – Ele sorriu bem devagar. – Nunca pensei que diria isso, mas não tocar também parece interessante.

Kate olhou para ele. Anthony estava sobre ela apoiado nas mãos e nos joelhos, como um caçador primitivo aproximando-se para a derradeira matança. Tinha uma aparência selvagem, triunfante e poderosa. Os volumosos cabelos castanhos caíam sobre a testa, dando-lhe um curioso ar infantil, mas seus olhos ardiam e brilhavam com um desejo muito adulto.

Ele a queria. Era excitante. Ele podia ser um homem e, portanto, encontrar satisfação com qualquer mulher, mas, naquele instante, a queria. Kate tinha certeza disso.

E isso a fez sentir-se a mulher mais bela na face da Terra.

Encorajada pelo desejo dele, ela esticou a mão, pegou-o pela nuca e puxou-o até que seus lábios estivessem bem perto dos dela.

– Beije-me – ordenou, surpresa pela arrogância em sua voz. – Beije-me agora.

Ele sorriu, um pouco descrente, mas suas palavras, no último segundo antes de obedecê-la, foram:

– Como quiser, Lady Bridgerton. Como quiser.

E então tudo pareceu acontecer a um só tempo. Os lábios dele estavam sobre os dela, provocando e devorando, enquanto suas mãos a erguiam até que ela se sentasse. Os dedos trabalhavam com agilidade nos botões do vestido, e ela sentiu o ar roçar em sua pele quando o tecido deslizou, centímetro a centímetro, e expôs suas costelas, depois o umbigo, e então...

E então as mãos dele deslizaram sob seus quadris e ele a ergueu, puxando o vestido de debaixo dela. Kate arfou diante da intimidade do gesto. Vestia apenas a roupa de baixo, as meias e as ligas. Nunca se sentira tão exposta na vida, e ainda assim delirava a cada instante, cada vez que os olhos dele cruzavam seu corpo.

– Levante a perna – ordenou Anthony com delicadeza.

Ela obedeceu e, com uma lentidão que era ao mesmo tempo deliciosa e agonizante, ele desceu uma das meias de seda até os dedos do pé dela. Fez o mesmo com a outra e então com as ceroulas. Antes que ela percebesse, estava nua, totalmente despida diante dele.

A mão dele percorreu sua barriga com delicadeza e ele disse:

– Creio que estou vestido demais, não acha?

Kate arregalou os olhos quando ele saiu da cama e tirou o restante das roupas. Seu corpo era perfeito: o peito, musculoso, os braços e pernas, poderosos, e o...

– Ah, meu Deus – disse ela com um suspiro.

Ele sorriu.

– Vou considerar isso um elogio.

Kate engoliu em seco sem parar. Não era de admirar que os animais na fazenda do vizinho não parecessem gostar do ato de procriar. Pelo menos não as fêmeas. Sem dúvida, aquilo não iria funcionar.

Mas ela não queria parecer ingênua nem tola, por isso não disse nada, apenas tentou sorrir.

Anthony percebeu o lampejo de terror em seus olhos e sorriu gentilmente.

– Confie em mim – murmurou, deitando na cama ao lado dela. Pousou as mãos na curva do quadril dela e esfregou o rosto em seu pescoço. – Apenas confie em mim.

Ele percebeu que ela assentia e apoiou-se num dos cotovelos, usando a mão livre para traçar círculos preguiçosos na barriga dela, movendo-se cada vez mais devagar até chegar ao tufo de pelos escuros entre suas pernas.

Ela estremeceu e ele ouviu um sopro de ar preso passar entre seus lábios.

– Shhhh – disse em tom tranquilizador, inclinando-se para distraí-la com um beijo.

Da última vez que se deitara com uma virgem, ele também o era, e agora confiava em seus instintos para guiá-lo com Kate. Queria que a primeira vez dela fosse perfeita. E, se não fosse perfeita, que ao menos fosse muito boa.

Enquanto explorava a boca de Kate com a língua, sua mão mergulhava ainda mais embaixo, até alcançar o calor úmido de sua feminilidade. Ela arfou mais uma vez, e ele persistiu, provocando e tocando, desfrutando de cada um de seus espasmos e gemidos.

– O que você está fazendo? – murmurou ela contra os lábios dele.

Ele ofereceu-lhe um sorriso enviesado e deslizou um dos dedos para dentro dela.

– Fazendo você se sentir muito, muito bem?

Ela gemeu, o que o agradou. Se Kate conseguisse falar algo inteligível, ele saberia que não estava agindo direito.

Ele se moveu para cima dela, afastando suas pernas com as coxas. Suspirou quando sua virilidade acomodou-se contra o quadril dela. Mesmo ali, ela parecia perfeita, e Anthony estava quase explodindo ao pensar em penetrá-la.

Tentava manter o controle, procurava se certificar de que permaneceria lento e gentil, mas seu desejo aumentava cada vez mais e sua respiração se tornava rápida e entrecortada.

Ela estava pronta para ele, ou, ao menos, tanto quanto poderia ficar. Ele sabia que na primeira vez ela sentiria dor, porém esperava que não durasse mais de um minuto.

Ele se acomodou na abertura dela, usando os braços para manter o corpo alguns centímetros acima do seu. Murmurou seu nome e os olhos escuros dela, enevoados pela paixão, fixaram-se nos dele.

– Vou fazê-la minha agora – disse ele, aproximando-se ao falar. O corpo dela contraiu-se espasmodicamente ao redor dele. A sensação era tão deliciosa que Anthony teve de trincar os dentes. Seria muito fácil perder-se no momento, lançar-se para dentro dela e buscar apenas o próprio prazer. – Diga-me se dói – murmurou com a voz rouca, permitindo-se avançar com pequenos movimentos. Sem dúvida, ela estava excitada, mas era muito apertada, e ele precisava dar tempo para que se adaptasse àquela invasão íntima.

Ela assentiu.

Ele ficou imóvel, incapaz de compreender a pontada de dor em seu peito.

– Está doendo?

Ela balançou a cabeça.

– Não. Apenas quis dizer que direi se estiver. Não está doendo, mas é tão... estranho.

Anthony disfarçou um sorriso e inclinou-se para beijar a ponta de seu nariz.

– Não sei se já fui chamado de estranho ao fazer amor.

Por um instante, ela pareceu recear tê-lo insultado, então deu um breve sorriso.

– Talvez você estivesse fazendo amor com as mulheres erradas – comentou baixinho.

– Talvez – retrucou ele, movendo-se mais um centímetro.

– Posso lhe contar um segredo? – perguntou ela.

Ele moveu-se para mais perto ainda.

– Claro – sussurrou.

– Quando eu o vi pela primeira vez... hoje à noite, quero dizer...

– Em toda a minha glória? – provocou ele, erguendo as sobrancelhas em um arco arrogante.

Ela olhou para ele com uma careta encantadora.

– Não achei que isso fosse funcionar.

Anthony avançou. Estava bem próximo de mergulhar por completo nela.

– Posso *lhe* contar um segredo? – retrucou ele.

– Claro.

– O seu segredo – mais um impulso e ele encostaria em sua virgindade – não era tão secreto assim.

Ela arqueou as sobrancelhas em um ar de interrogação.

Ele sorriu.

– Estava escrito na sua testa.

Kate fez outra careta encantadora, e isso o fez querer explodir numa gargalhada.

– Mas agora – continuou Anthony, mantendo a expressão bem séria –, tenho uma pergunta para você.

Ela retribuiu seu olhar, esperando que ele falasse.

Ele se inclinou, roçou os lábios no ouvido dela e murmurou:

– O que acha agora?

Por um momento, Kate não disse nada, então ele sentiu que ela se mexeu, surpresa, quando enfim entendeu o que ele queria saber.

– Já acabou? – perguntou ela, sem querer acreditar.

Dessa vez, ele irrompeu numa gargalhada.

– Longe disso, minha querida esposa. – Ele arfou, secando os olhos com uma das mãos, enquanto se apoiava na outra. – Longe disso. – Então ficou sério e acrescentou: – Este é o momento que pode doer um pouco, Kate. Mas prometo que a dor nunca vai se repetir.

Ela assentiu, mas ele percebeu que se enrijecera, o que só tornaria as coisas mais difíceis.

– Shhh – sussurrou. – Relaxe.

Ela concordou, com os olhos fechados.

– Estou relaxada.

Anthony ficou contente por ela não poder vê-lo sorrindo.

– Você não está *nada* relaxada.

Kate abriu os olhos.

– Estou, sim.

– Não acredito. Ela está discutindo comigo na nossa noite de núpcias – disse ele, como se houvesse mais alguém no quarto para ouvi-lo.

– Eu estou...

Ele interrompeu-a com um dedo sobre seus lábios.

– Você sente cócegas?

– Se eu sinto cócegas?

Ele aquiesceu.

– Cócegas.

Kate estreitou os olhos, desconfiada.

– Por quê?
– Isso está me parecendo um "sim" – falou ele com um sorriso.
– De jeito... Aaaahhh! – Ela deu um gritinho quando uma das mãos dele encontrou um local particularmente sensível debaixo de seu braço. – Anthony, pare! – Ela ofegou, contorcendo-se debaixo dele. – Não posso aguentar! Eu...
Ele avançou.
– Ah – suspirou Kate. – Ah, meu Deus.
Ele gemeu, sem conseguir acreditar em como era bom estar enterrado por completo dentro dela.
– Ah, meu Deus mesmo – falou.
– Ainda não acabou, certo? – quis saber ela.
Ele balançou a cabeça devagar, seu corpo começando a se mover no ritmo mais antigo de todos.
– Não estamos nem perto disso – murmurou.
Anthony a beijou enquanto uma das mãos insinuava-se para acariciar seu seio. Ela era perfeita debaixo dele, e de repente os quadris dela se ergueram para encontrar os seus, movendo-se com hesitação no início, depois com um vigor que se igualava à paixão crescente dele.
– Ah, Deus, Kate – gemeu ele, perdendo a capacidade de formar frases elaboradas no calor primitivo do momento. – Você é tão maravilhosa... Tão maravilhosa...
A respiração dela se tornava cada vez mais rápida, e cada ofego inflamava ainda mais a paixão de Anthony. Ele queria possuí-la, dominá-la, prendê-la debaixo de si e nunca deixá-la sair. A cada impulso, ficava mais difícil pôr as necessidades dela em primeiro lugar. Sua mente lhe gritava que era a primeira vez dela e que ele tinha que tomar cuidado, mas seu corpo queria liberdade.
Com um gemido entrecortado, ele obrigou-se a parar de arremeter e recuperou o fôlego.
– Kate? – chamou, mal reconhecendo a própria voz, que lhe pareceu rouca, distante, desesperada.
Os olhos dela, que estavam fechados enquanto a cabeça se movia de um lado para o outro, se abriram.
– Não pare – implorou ela. – Não pare, por favor. Estou tão perto de algo que... não sei o que é.

– Ah, Deus – gemeu ele, apoiando-se no quadril e inclinando a cabeça para trás, suas costas se arqueando. – Você é tão linda, tão inacreditavelmente... Kate?

Ela enrijecera-se debaixo dele, mas não chegara ao clímax.

Ele ficou paralisado.

– Qual é o problema? – sussurrou.

Viu um breve lampejo de dor – uma dor emocional, não física – atravessar seu rosto antes que ela pudesse disfarçar e murmurar:

– Não é nada.

– Não é verdade – disse ele em voz baixa.

Seus braços extenuaram-se pelo esforço de sustentá-lo acima dela, mas ele mal notou. Cada fibra de seu ser se concentrava no rosto de Kate, que estava sombrio e triste, apesar das tentativas óbvias de dissimular.

– Você disse que eu era linda – murmurou ela.

Por cerca de dez segundos, ele apenas a observou. Não conseguia entender por que isso era ruim. Mas ele nunca dissera que compreendia a mente feminina. Pensou que deveria apenas reafirmar o elogio, falar de novo que ela *era* linda e perguntar qual era o problema nisso, porém uma vozinha dentro dele o advertiu de que este era um *daqueles* momentos e que, não importava o que dissesse, seria a coisa errada, portanto ele decidiu ser muito cuidadoso e apenas chamou bem baixinho o nome dela, achando que aquela poderia ser a única palavra que não o meteria em encrencas.

– Eu não sou linda – retrucou ela, então fixou os olhos nos dele. Ela parecia arrasada, mas, antes que Anthony pudesse contradizê-la, Kate perguntou: – Em quem você estava pensando?

Ele piscou.

– O quê?

– Em quem você pensa quando faz amor comigo?

Parecia que Anthony tinha levado um soco no estômago. Sentiu o ar sair de seu corpo.

– Kate – falou devagar. – Kate, você está louca, você...

– Sei que um homem não precisa desejar uma mulher para ter prazer com ela – gritou.

– Você acha que eu não a desejo? – indagou Anthony com dificuldade.

Por Deus, ele estava a ponto de explodir dentro dela naquele minuto, nem se

movera nos últimos trinta segundos.

O lábio inferior de Kate começou a tremer e um músculo se contraiu em seu pescoço.

– Você... você pensa em Edwina?

Anthony ficou imóvel.

– Como eu *poderia* confundir vocês duas?

Ela sentiu lágrimas quentes arderem em seus olhos. Não queria chorar na frente dele, ah, Deus, sobretudo naquele momento, mas doía tanto, e...

Ele segurou o rosto dela com uma rapidez impressionante, obrigando-a a encará-lo.

– Ouça com muita atenção – disse ele, com a voz firme e intensa –, porque só vou falar uma vez. Eu a desejo. Meu corpo arde por você. Não consigo dormir à noite pensando em você. Mesmo quando não *gostava* de você, eu a desejava. É a coisa mais enlouquecedora, encantadora e abominável, mas é isso. E se eu ouvir mais uma bobagem da sua boca, vou amarrá-la a esta maldita cama e me satisfazer com você de mil maneiras diferentes, até enfim entrar na sua cabecinha idiota que você é a mulher mais linda e desejável da Inglaterra, e se nem todos veem isso, então são um bando de malditos tolos.

Kate não acreditava que pudesse ficar de queixo caído enquanto estava deitada, mas, de alguma forma, isso aconteceu.

Anthony ergueu uma sobrancelha na expressão mais arrogante que ela já vira.

– Está entendido?

Kate apenas o fitou, sem conseguir formar uma resposta.

Ele inclinou-se até seu nariz ficar a um centímetro do dela.

– Está entendido?

Ela assentiu.

– Ótimo – grunhiu ele.

Então, antes que Kate tivesse um instante para recuperar o fôlego, seus lábios devoraram os dela num beijo tão violento que ela se agarrou à cama para não gritar. Os quadris dele afundaram nos dela, frenéticos e poderosos, impelindo, girando, acariciando-a até ela se incendiar completamente.

Ela o agarrou, sem saber ao certo se tentava prendê-lo ou repeli-lo.

– Não posso fazer isso – gemeu, certa de que morreria ali mesmo.

Seus músculos estavam rígidos, tensos, e se tornava cada vez mais difícil

respirar.

Mas, se ele a ouviu, não deu nenhuma indicação disso. Seu rosto era uma máscara cruel de concentração, e o suor lhe escorria por cima da sobrancelha.

– Anthony – ofegou ela. – Eu posso...

Ele deslizou a mão entre seus corpos e a tocou em seu íntimo, fazendo-a gritar. Deu um último impulso e o mundo dela simplesmente desmoronou. Ela estava rígida, então trêmula, então achou que estava caindo. Não conseguia respirar, não conseguia nem mesmo ofegar. Sua garganta devia estar fechada e a cabeça se inclinou para trás, as mãos agarrando o colchão com uma ferocidade que ela nunca acreditara possuir.

Ele ficou rígido em cima dela, a boca aberta em um grito silencioso, e enfim desabou, com o peso de seu corpo pressionando-a mais fundo no colchão.

– Ah, meu Deus – ofegou, agora estremecendo. – Nunca... nunca foi... tão bom... nunca foi tão bom.

Kate, que tivera alguns segundos a mais para se recuperar, sorriu ao acariciar os cabelos dele. Um pensamento maldoso lhe ocorreu, uma ideia deliciosamente maldosa.

– Anthony? – murmurou.

Ela nunca saberia como ele conseguiu erguer a cabeça, pois pareceu ter que fazer um esforço hercúleo apenas para abrir os olhos e gemer em resposta.

Kate deu um sorriso lento e assumiu um ar sedutor e feminino que acabara de aprender. Com um dos dedos percorrendo a linha angulosa do maxilar dele, sussurrou:

– Já acabou?

Por um segundo, Anthony ficou em silêncio. Então abriu os lábios num sorriso muito mais diabólico do que ela imaginava ser possível.

– Por enquanto – murmurou com a voz rouca, rolando para o lado e puxando-a com ele. – Apenas por enquanto.

CAPÍTULO 18

Embora a fofoca ainda ronde o apressado casamento de lorde e Lady Bridgerton (cujo nome de solteira era Srta. Katharine Sheffield, para quem esteve hibernando nas últimas semanas), esta autora acredita piamente que o casamento foi por amor. O visconde Bridgerton não acompanha a esposa a cada evento social (mas que marido faz isso?), mas, quando está presente, esta autora não pode deixar de notar que sempre está murmurando algo no ouvido dela e que algo parece sempre fazê-la sorrir e corar.

Além disso, ele sempre dança com ela mais do que é considerado de rigueur. Considerando quantos maridos não gostam de dançar com as esposas, isso é, de fato, muito romântico.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
10 DE JUNHO DE 1814

As semanas seguintes voaram. Depois de uma breve estada no campo, em Aubrey Hall, os recém-casados retornaram a Londres, onde a temporada estava em plena atividade. Kate esperara aproveitar as tardes para retomar as aulas de flauta, porém logo descobriu que era muito requisitada – seus dias eram preenchidos com eventos sociais, saídas para compras com a família e uma ou outra caminhada no parque. As noites eram um turbilhão de bailes e festas.

Mas o fim de suas noites eram apenas para Anthony.

O casamento, refletiu, a agradava. Via Anthony menos do que gostaria, mas compreendia e aceitava que ele era um homem muito solicitado. Suas muitas preocupações, tanto no Parlamento quanto nas propriedades da família, ocupavam boa parte de seu tempo. Mas, quando ele retornava para casa à noite e a encontrava no quarto (lorde e Lady Bridgerton não dormiam separados!), dava-

lhe toda a atenção do mundo, perguntando-lhe sobre seu dia, contando-lhe sobre o dele e fazendo amor com ela até a madrugada.

Ele até arranjara tempo para ouvir seu ensaio de flauta. Kate conseguira contratar um músico para dar-lhe aula duas vezes por semana, pela manhã. Considerando o nível (não muito alto) que ela alcançara, a disposição de Anthony para sentar-se e ouvi-la praticar durante meia hora só poderia ser interpretada como um sinal de grande afeto.

É claro que ela não deixara de perceber que ele nunca repetira o gesto.

A vida de Kate era boa, e ela tinha um casamento muito melhor que a maioria das mulheres de sua posição poderia esperar. Se o marido não a amava, se nunca a amaria, ao menos a fazia se sentir importante e querida. E, por enquanto, Kate se satisfazia com isso.

E, se ele parecia distante durante o dia, decerto não o era à noite.

No entanto, os membros da sociedade, sobretudo Edwina, meteram na cabeça que o casamento dos dois fora por amor. A irmã caçula costumava visitá-la à tarde, e aquele dia não fora exceção. Elas estavam sentadas na sala de estar, bebericando chá, mordiscando biscoitos e desfrutando de um raro momento de privacidade agora que Kate se livrara do enxame diário de visitas.

Parecia que todos queriam ver como a nova viscondessa estava se saindo, o que fazia com que a sala de estar de Kate nunca ficasse vazia durante a tarde.

Newton pulou para o sofá ao lado de Edwina, e ela acariciava preguiçosamente seu pelo ao dizer:

– Todos estão falando sobre você hoje.

Kate nem ao menos fez uma pausa ao erguer a xícara de chá até os lábios e tomar um gole.

– Todos estão sempre falando de mim – disse, dando de ombros. – Logo vão encontrar outro assunto.

– Não enquanto seu marido continuar a olhar para você como olhou ontem à noite – retrucou Edwina.

Kate sentiu as bochechas começarem a arder.

– Ele não fez nada de mais – murmurou.

– Kate, ele foi muito impetuoso! – Edwina mudou de posição enquanto Newton mudava também, com um choramingo que significava que ele queria que ela coçasse sua barriga. – Eu mesma o vi empurrar lorde Haveridge para fora do

caminho em sua pressa de ficar a seu lado.

– Nós chegamos separados – explicou Kate, embora seu coração tenha se enchido de uma alegria secreta, e provavelmente tola. – Sem dúvida ele apenas tinha algo a me dizer.

Edwina a fitou desconfiada.

– E ele disse?

– Disse o quê?

– *Disse* alguma coisa? – insistiu Edwina com uma nítida impaciência. – Você acabou de afirmar que ele precisava lhe dizer alguma coisa. Se fosse o caso, ele não teria lhe dito o que era? E então você *saberia* que ele tinha algo para lhe falar, certo?

Kate piscou.

– Edwina, você está me deixando tonta.

A mais nova contraiu os lábios e franziu a testa, insatisfeita.

– Você nunca me conta nada.

– Edwina, não há nada para contar!

Kate estendeu a mão, pegou um biscoito e colocou-o quase inteiro na boca, de modo que não pudesse falar. O que ela deveria dizer à irmã? Que, mesmo antes de se casarem, o marido a informara de forma bastante objetiva que nunca a amaria?

Isso seria uma conversa encantadora para se ter durante o chá com biscoitos.

– Bem – retrucou Edwina afinal, depois de observar Kate mastigar por um minuto inteiro. – Na verdade, tenho outro motivo para ter vindo aqui hoje. Gostaria de lhe contar algo.

Kate engoliu o biscoito, agradecida.

– É mesmo?

Edwina assentiu, em seguida corou.

– E o que é? – implorou Kate, bebericando o chá.

Sua boca estava bastante seca depois de tanto mastigar.

– Acho que estou apaixonada.

Kate quase cuspiu o chá.

– Por quem?

– Pelo Sr. Bagwell.

Por mais que tentasse, Kate não conseguia lembrar quem era o Sr. Bagwell.

– É um erudito – explicou Edwina, suspirando com um ar sonhador. – Eu o conheci na casa de campo de Lady Bridgerton.

– Não me lembro de ter sido apresentada a ele – atalhou Kate, com preocupação.

– Você estava muito cheia de coisas para fazer durante a viagem, ficando noiva e tudo o mais – retrucou Edwina com ironia.

Kate assumiu o tipo de expressão que só se dirige a uma irmã.

– Fale-me mais sobre ele.

Os olhos de Edwina ficaram cálidos e brilhantes.

– Ele é o segundo filho, portanto não pode contar com uma grande renda. Mas agora que você se casou com um visconde, não preciso me preocupar com isso.

Kate sentiu uma inesperada onda de lágrimas. Ela não percebera a pressão que Edwina devia ter sentido no início da temporada. Ela e Mary tiveram o cuidado de garantir à mais nova que ela poderia se casar com quem quisesse, mas todas conheciam muito bem a situação de suas finanças e não paravam de fazer brincadeiras sobre como era tão fácil apaixonar-se por um homem rico quanto por um pobre.

Era evidente que um imenso fardo fora retirado dos ombros de Edwina. Bastava olhar para ela para perceber isso.

– Fico contente por você ter encontrado alguém que lhe agrade – murmurou Kate.

– Ah, sim. Sei que não teremos muito dinheiro, mas, sinceramente, não preciso de sedas e joias. – Ela olhou para o diamante reluzente na mão de Kate. – Não que eu ache que você precisa! – acrescentou bem rápido, com o rosto corando. – É só que...

– É muito bom não ter que se preocupar em ajudar a irmã e a mãe – completou Kate num tom de voz gentil.

Edwina deu um profundo suspiro.

– É.

Kate esticou o braço sobre a mesa e segurou a mão da irmã.

– Com certeza você não precisa se preocupar comigo, e tenho certeza de que Anthony e eu sempre conseguiremos ajudar Mary, caso ela precise.

Edwina curvou os lábios em um sorriso trêmulo.

– E, quanto a você – acrescentou Kate –, creio que é hora de pensar em si

mesma, para variar. Tomar decisões baseada no que *você* deseja, não no que acha que os outros precisam.
Edwina levou a mão livre ao rosto para secar uma lágrima.
– Eu gosto muito dele – falou baixinho.
– Então, por certo também vou gostar dele – disse Kate com firmeza. – Quando poderei conhecê-lo?
– Ele estará em Oxford nas próximas duas semanas. Por conta de compromissos que já estavam marcados e aos quais eu não quis que faltasse por minha causa.
– Claro – concordou Kate. – Você não iria querer se casar com um cavalheiro que não honra os compromissos.
Edwina concordou.
– Recebi uma carta dele hoje de manhã, na qual ele diz que estará em Londres no fim do mês e que espera poder me visitar.
Kate sorriu com malícia.
– Ele já está lhe mandando cartas.
Edwina assentiu e corou.
– Várias por semana – admitiu ela.
– E qual é a área de estudo dele?
– Arqueologia. Ele é muito inteligente. Já esteve na Grécia duas vezes!
Kate não imaginava que a irmã – já conhecida na região por sua beleza – pudesse ficar ainda mais adorável, porém quando Edwina falava sobre o Sr. Bagwell, seu rosto brilhava com uma luminosidade que era simplesmente arrebatadora.
– Mal posso esperar para conhecê-lo – afirmou Kate. – Precisamos oferecer um jantar informal e tê-lo como nosso convidado de honra.
– Isso seria maravilhoso.
– E talvez nós três possamos dar uma volta no parque antes, para nós dois nos conhecermos melhor. Agora que sou uma senhora casada, qualifico-me como uma dama de companhia adequada. – Kate deixou escapar um risinho. – Não é engraçado?
Uma voz masculina muito divertida soou da entrada:
– O que é engraçado?
– Anthony! – exclamou Kate, surpresa em ver o marido em plena tarde.

Ele parecia sempre ter compromissos e reuniões que o mantinham longe de casa o dia todo.

– Que prazer vê-lo aqui a esta hora.

Ele deu um sorriso leve e acenou com a cabeça, cumprimentando Edwina.

– Acabei tendo um inesperado horário vago.

– Gostaria de se juntar a nós para o chá?

– Aceito me juntar a vocês – murmurou ao cruzar o cômodo e pegar um decantador de cristal sobre um aparador de mogno –, mas vou tomar um conhaque.

Kate fitou-o enquanto ele se servia e depois girava o copo de bebida na mão com o pensamento distante. Era em momentos como esse que ela achava difícil manter o coração desvinculado da visão. Ele estava tão bonito naquele fim de tarde... Kate não soube exatamente por quê. Talvez fosse a leve sombra da barba por fazer, ou então seus cabelos, sempre meio desgrenhados depois de quase um dia inteiro de atividades. Ou podia ser apenas o fato de que ela não costumava vê-lo àquela hora – certa vez, lera um poema que dizia que os momentos inesperados eram sempre os mais doces.

Ao olhar para o marido, Kate pensou que o poeta devia ter razão.

– Então – disse Anthony depois de tomar um gole de seu drinque –, sobre o que as damas estavam conversando?

Kate olhou para a irmã pedindo permissão para compartilhar as novidades e, quando Edwina consentiu, ela falou:

– Edwina conheceu um cavalheiro que lhe agrada.

– É mesmo? – indagou Anthony, parecendo interessado de uma maneira estranhamente paternal. Acomodou-se no braço da poltrona de Kate, uma peça de mobília que não estava na moda mas era adorada assim mesmo na casa dos Bridgertons pelo raro conforto que proporcionava. – Eu gostaria de conhecê-lo – acrescentou.

– Gostaria? – repetiu Edwina, piscando feito uma coruja. – O senhor faria isso?

– Decerto que sim. Na verdade, faço questão disso. – Quando nenhuma das duas disse nada, ele adotou uma expressão bem séria e acrescentou: – Afinal, sou o chefe da família. É isso que nós fazemos.

Edwina entreabriu os lábios com surpresa.

– Eu... eu não sabia que o senhor se sentia responsável por mim.

Anthony a encarou como se ela tivesse enlouquecido.
– Você é a irmã de Kate – retrucou ele, como se isso explicasse tudo.
Edwina continuou com o rosto inexpressivo por mais um instante e então ele foi tomado por um prazer radiante.
– Sempre quis saber como seria ter um irmão – observou.
– Espero estar à altura dessa posição – grunhiu Anthony, que não estava totalmente à vontade com a súbita efusão de sentimentalismo.
Ela sorriu.
– Perfeito. Confesso que não entendo por que Eloise reclama tanto.
Kate virou-se para Anthony e explicou:
– Edwina e sua irmã ficaram muito amigas desde o casamento.
– Deus nos ajude – murmurou ele. – E do que, se é que posso perguntar, Eloise poderia reclamar?
Edwina sorriu com inocência.
– Ah, nada de mais. Ela só diz que, às vezes, o senhor é um tanto superprotetor.
– Isso é ridículo – ironizou ele.
Kate se engasgou com o chá. Tinha certeza de que, quando suas filhas estivessem em idade de se casar, Anthony se converteria ao catolicismo só para poder trancá-las num convento com muros de 3 metros de altura!
Ele a fitou com os olhos estreitados.
– Do que você está rindo?
Kate limpou a boca depressa com um guardanapo e murmurou por baixo das dobras do tecido:
– De nada.
– Humpf.
– Eloise disse que o senhor ficou uma fera quando Daphne foi cortejada por Simon.
– Ah, ela disse?
Edwina assentiu.
– E falou que vocês dois duelaram!
– Eloise fala demais – resmungou Anthony.
Edwina concordou alegremente.
– Ela sempre sabe de tudo. De tudo! Mais até que Lady Whistledown.
Anthony virou-se para Kate com uma expressão em parte aborrecida, em parte

irônica.

– Lembre-me de comprar uma focinheira para minha irmã – falou de forma bem-humorada. – E uma para a sua também.

Edwina deu uma risada melodiosa.

– Nunca imaginei que seria tão engraçado provocar um irmão quanto uma irmã. Estou tão feliz por você ter se casado com ele, Kate...

– Não tive muitas opções – comentou ela com um sorriso seco –, mas fico muito satisfeita com o modo como tudo aconteceu.

Edwina se levantou e acabou acordando Newton, que dormia satisfeito perto dela no sofá. O cão deu um gemido ofendido, foi para o chão e logo se acomodou embaixo da mesa.

Edwina observou-o e deu uma risadinha antes de dizer:

– É melhor eu ir. Não, não precisam me acompanhar – acrescentou quando Kate e Anthony se levantaram para ir com ela até a porta principal. – Posso sair sozinha.

– Não diga bobagens – retrucou Kate, dando o braço à irmã. – Anthony, volto logo.

– Ficarei contando os segundos – murmurou ele.

Então as duas deixaram a sala, seguidas por Newton, que agora latia, animado, talvez imaginando que alguém fosse levá-lo para passear.

Anthony acomodou-se na cadeira em que Kate estivera sentada. O móvel ainda conservava o calor de seu corpo e ele achou que podia sentir o perfume dela no tecido – mais sabonete que lírios dessa vez, pensou, fungando atentamente. Talvez os lírios fossem um perfume, algo que ela acrescentava à noite.

Não tinha muita certeza do motivo pelo qual decidira ir para casa à tarde. Sem dúvida, não pretendia fazer isso. Ao contrário do que dizia a Kate, as muitas reuniões e responsabilidades não exigiam que ele se ausentasse de casa durante todo o dia: alguns encontros poderiam muito bem acontecer ali em seu escritório. E, embora ele fosse de fato um homem muito ocupado – nunca concordara com o modo de vida indolente de tantos homens da alta sociedade –, passara muitas tardes no White’s, lendo o jornal e jogando cartas com os amigos.

Achava que era melhor assim. Era importante manter certa distância da própria esposa. A vida – ou, ao menos, a *dele* – deveria ser dividida em compartimentos, e uma esposa se encaixava com precisão nas seções que ele classificara, em sua

mente, como “assuntos sociais” e “cama”.

Porém, naquela tarde, quando chegara ao White’s, não havia ninguém com quem sentisse uma vontade particular de conversar. Folheou o jornal, mas havia poucas coisas interessantes na edição mais recente. E, ao se sentar perto da janela e tentar desfrutar da própria companhia (achando-a pateticamente incompleta), fora surpreendido pela necessidade de voltar para casa e ver como estava Kate.

Uma tarde não iria fazer mal. Ele não se apaixonaria pela esposa apenas por passar uma tarde com ela. Não que acreditasse que havia o perigo de se apaixonar por ela, recordou-se com severidade. Estavam casados havia quase um mês e ele conseguira manter a vida livre de tais complicações. Não havia razão para pensar que não seria capaz de continuar assim para sempre.

Satisfeito consigo mesmo, tomou outro gole de conhaque e ergueu os olhos ao ouvir Kate entrar de novo no cômodo.

– Acho que Edwina está apaixonada – disse ela, e todo o seu rosto se iluminou com um sorriso radiante.

Anthony sentiu o corpo contrair-se em resposta. Era ridículo, na verdade, o modo como reagia aos sorrisos dela. Isso acontecia o tempo todo e era um grande aborrecimento.

Bem, pelo menos na maior parte das vezes. Ele não se importava muito quando, depois disso, eles iam parar no quarto.

Mas estava claro que a mente de Kate não tinha sido tomada pelos mesmos pensamentos sórdidos que a dele, pois ela optou por se sentar na cadeira oposta, embora houvesse espaço suficiente perto dele, desde que os dois não se importassem em ficar apertados. Mesmo o lugar próximo ao dele teria sido melhor – ao menos ele poderia puxá-la para seu colo. Se tentasse fazer isso com ela sentada do outro lado da mesa, teria que arrastá-la por sobre o aparelho de chá.

Anthony estreitou os olhos ao avaliar a situação, tentando imaginar quanto chá derramaria no tapete, quanto custaria um tapete novo e, depois, se ele realmente se importava com uma quantia tão pífia...

– Anthony? Você está me ouvindo?

Ele olhou para a frente. Kate estava com os braços apoiados nos joelhos e inclinada para a frente a fim de conversar com ele. Parecia muito decidida e um

pouquinho irritada.
– Está? – insistiu.
Ele piscou, em dúvida.
– Me ouvindo? – completou ela.
– Ah. – Ele sorriu. – Não.
Ela revirou os olhos, mas não se deu o trabalho de repreendê-lo.
– Eu dizia que deveríamos convidar Edwina e o jovem para jantar uma noite dessas. Para ver se achamos que combinam. Nunca a vi tão interessada num cavalheiro, e quero muito que ela seja feliz.
Anthony estendeu a mão para pegar um biscoito. Ele estava com fome e desistira da perspectiva de ter a esposa no colo. Por outro lado, se conseguisse afastar as xícaras e os pires, puxá-la por cima da mesa poderia não ter consequências tão graves...
Sutilmente, empurrou a bandeja com o serviço de chá para o lado.
– Hum? – grunhiu, mastigando o biscoito. – Ah, sim, claro. Edwina ficaria feliz.
Kate olhou-o desconfiada.
– Você tem certeza de que não quer um pouco de chá? Não sou uma grande apreciadora de conhaque, mas imagino que o chá teria um gosto melhor com biscoitos amanteigados.
Na verdade, Anthony pensou, o conhaque combinava muito bem com biscoitos amanteigados, mas com certeza não faria mal esvaziar um pouco o bule, caso ele o derrubasse.
– Ótima ideia – falou, pegando uma xícara de chá e estendendo-a para ela. – Chá é bem melhor. Não sei por que não pensei nisso antes.
– Também não sei – murmurou ela, mal-humorada.
Ele apenas lhe ofereceu um sorriso jovial ao esticar a mão e pegar a xícara de volta, cheia de chá.
– Obrigado – falou, verificando se ela acrescentara leite.
Ela o fizera, o que não o surpreendeu: Kate tinha uma memória muito boa para detalhes como esse.
– Ainda está quente? – perguntou ela de forma educada.
Anthony esvaziou a xícara de uma só vez.
– Está ótimo – respondeu, dando um suspiro de satisfação. – Poderia me dar

mais um pouco?
– Você parece estar desenvolvendo um gosto e tanto por chá – comentou ela secamente.
Anthony fitou o bule, perguntando-se quanto líquido ainda restara e se ele conseguiria beber tudo antes de precisar se aliviar.
– Você deveria tomar mais um pouco também – sugeriu. – Está parecendo um pouco sedenta.
Kate ergueu as sobrancelhas.
– É mesmo?
Ele assentiu, depois temeu ter sido grosseiro.
– Só um pouco, claro – acrescentou.
– Claro.
– Há chá suficiente para que eu tome outra xícara? – perguntou ele, com o máximo de indiferença que conseguiu.
– Se não houver, podemos pedir à cozinheira que prepare outro bule.
– Ah, não, estou certo de que não será necessário – atalhou, talvez um pouco alto demais. – Vou beber apenas o que restou aí.
Kate inclinou o bule até que as últimas gotas caíssem em sua xícara. Acrescentou um pouco de leite, depois estendeu-a a ele em silêncio, embora suas sobrancelhas arqueadas deixassem bem claro tudo o que ela estava pensando.
Enquanto ele bebericava o chá – seu estômago estava um pouco cheio demais para engolir tudo de uma vez, como fizera com a última xícara –, Kate pigarreou e perguntou:
– Você conhece o jovem pretendente de Edwina?
– Nem sei o *nome* dele.
– Ah, me desculpe. Esqueci de mencionar. É Sr. Bagwell. Não sei o primeiro nome, mas Edwina me disse que é o segundo filho, se isso ajudar. Ela o conheceu na festa de sua mãe, na casa de campo.
Anthony balançou a cabeça
– Nunca ouvi falar. Deve ser um dos pobres coitados que minha mãe convidou para igualar as quantidades de homens e mulheres. Ela chamou um grupo imenso de damas. Sempre faz isso, na esperança de que um de nós se apaixone, mas então precisa arrumar um bando de homens sem graça para igualar as quantidades.

– Sem graça? – indagou Kate.

– Para que as damas não se interessem por eles, e sim por nós – explicou ele, com um meio sorriso.

– Ela está bastante desesperada para casar todos vocês, não é?

– Só sei que – disse Anthony, dando de ombros –, desta vez, ela convidou tantas mulheres solteiras que teve que procurar o padre e implorar para que seu filho de 16 anos fosse ao jantar.

Kate estremeceu.

– Acho que o conheci.

– Sim, ele é dolorosamente tímido, coitado. O padre me contou que ele ficou com urticária por uma semana depois de ser obrigado a se sentar ao lado de Cressida Cowper no jantar.

– Bem, isso daria urticária em qualquer um.

Anthony sorriu.

– Eu sabia que havia um pouco de maldade em você.

– Não estou sendo maldosa! – protestou Kate. Mas seu sorriso era malicioso. – Só estou dizendo a verdade.

– Não precisa se defender. – Ele terminou o chá. Estava amargo e forte no fim, por ter ficado tanto tempo no fundo do bule, mas o leite o tornara palatável. Colocou a xícara na mesa e acrescentou: – A maldade é uma das coisas de que mais gosto em você.

– Por Deus – murmurou ela –, não quero nem saber o que você menos gosta.

Anthony apenas acenou, descartando o comentário dela.

– Mas voltando à sua irmã e ao Sr. Bugwell...

– Bagwell.

– Credo.

– Anthony!

Ele a ignorou.

– Eu estava pensando que deveria oferecer um dote a Edwina.

Anthony não deixou de notar a ironia do gesto. Quando ele pretendera casar-se com Edwina, planejara oferecer um dote a *Kate*.

Olhou de relance para ela, esperando sua reação.

Não fizera a oferta apenas para ficar bem aos olhos dela, porém não era tão nobre a ponto de negar que esperava um pouco mais que o silêncio espantado

que ela mantinha.
Então percebeu que Kate estava quase chorando.
– Kate? – chamou, sem saber ao certo se deveria ficar satisfeito ou preocupado.
Ela limpou o nariz de um jeito quase deselegante com as costas da mão.
– É a coisa mais linda que alguém já fez por mim – disse ela, fungando.
– Na verdade, fiz por Edwina – resmungou ele, que nunca se sentia confortável com mulheres chorando.
Contudo, por dentro Anthony se sentia um gigante pela reação de Kate.
– Ah, Anthony! – gemeu ela.
Então, para grande surpresa dele, ela se levantou de um salto e pulou por cima da mesa para seus braços, a barra pesada do vestido derrubando três xícaras, dois pires e uma colher no chão.
– Você é tão bom... – disse ela, secando os olhos enquanto pousava com certa força em seu colo. – É o homem mais maravilhoso de Londres.
– Bem, disso eu não sei – retrucou ele, passando o braço ao redor de sua cintura. – O mais perigoso, talvez, ou o mais belo...
– O mais maravilhoso – interrompeu ela com firmeza, aconchegando a cabeça no pescoço dele. – Definitivamente, o mais maravilhoso.
– Se você insiste – murmurou ele, nem um pouco insatisfeito com os acontecimentos recentes.
– Ainda bem que já tínhamos terminado o chá – comentou Kate, olhando para as xícaras no chão. – Teria sido uma bagunça terrível.
– Ah, é mesmo.
Ele sorriu para si mesmo ao puxá-la para mais perto. Havia algo cálido e confortável em tê-la nos braços. As pernas dela balançavam por cima do braço da cadeira e suas costas estavam apoiadas na curva de seu braço. Os dois se encaixavam com perfeição, ele percebeu. Kate era do tamanho exato para um homem de suas proporções.
Havia muitas coisas nela que eram simplesmente certas. Era o tipo de conclusão que costumava assustá-lo, mas naquele momento ele estava tão *feliz* apenas sentado ali com a esposa em seu colo que se recusava a pensar no futuro.
– Você é tão bom para mim... – sussurrou ela.
Anthony pensou em todas as vezes que se afastara de propósito, deixando-a sozinha, mas afastou a culpa. Se estava forçando uma distância entre eles, era

para o bem dela. Não queria que Kate se apaixonasse por ele. Isso só tornaria tudo muito mais difícil para ela quando ele morresse.

E, se ele se apaixonasse por ela...

Não queria nem pensar em como isso seria complicado para ele.

– Temos algum plano para hoje à noite? – perguntou baixinho no ouvido dela.

Kate assentiu, e o movimento fez com que seu cabelo fizesse cócegas no rosto de Anthony.

– Um baile na casa de Lady Mottram.

Anthony não conseguiu resistir à maciez de seus cabelos e passou os dedos por eles, fazendo-os deslizarem por sua mão e se enrolarem em seu pulso.

– Sabe o que eu acho? – murmurou ele.

Ouviu o sorriso na voz dela quando Kate perguntou:

– O quê?

– Acho que nunca gostei muito de Lady Mottram. E sabe o que mais eu penso?

Ele a ouviu tentando não rir.

– O quê?

– Acho que deveríamos subir.

– Você acha? – perguntou ela, fingindo inocência.

– Ah, com certeza. Neste minuto, para ser específico.

Ela balançou um pouco os quadris no colo dele para se certificar de que ele precisava *mesmo* ir para o andar de cima.

– Estou vendo – disse gravemente.

Anthony lhe deu um beliscão de leve no quadril.

– Achei que você estivesse *sentindo*.

– Bem, isso também – admitiu ela. – Foi bastante esclarecedor.

– Tenho certeza que sim – comentou ele, baixinho. – Então, com um sorriso malicioso, virou o rosto dela para o seu. – Sabe o que *mais* eu acho? – perguntou com a voz rouca.

Ela arregalou os olhos.

– Não faço ideia.

– Acho – retrucou Anthony enquanto uma das mãos deslizava por baixo do vestido, subindo até a perna dela – que, se não subirmos neste instante, ficarei satisfeito em permanecer aqui mesmo.

– Aqui? – indagou ela com um gritinho.

A mão dele encontrou a barra da meia.

– Aqui – confirmou.

– Agora?

Seus dedos faziam cócegas no tufo macio de pelos, então penetraram no centro de sua feminilidade. Ela era macia, úmida e parecia o paraíso.

– Ah, com certeza agora – disse ele.

– Aqui?

Ele mordiscou os lábios dela.

– Já não respondi a essa pergunta?

E, ainda que ela tivesse outras questões, não verbalizou nenhuma pela próxima hora.

Ou talvez fosse só ele tentando, da melhor maneira possível, deixá-la sem fala.

E, a julgar pelos gritinhos e gemidos que saíam de sua boca, estava fazendo um trabalho muito bom.

CAPÍTULO 19

O baile anual de Lady Mottram foi um sucesso, como sempre, mas os observadores da sociedade não deixaram de notar que lorde e Lady Bridgerton não apareceram. Lady Mottram insiste que eles prometeram comparecer, e esta autora só pode imaginar o que manteve os recém-casados em casa...

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
13 DE JUNHO DE 1814

Muito mais tarde naquela noite, Anthony estava deitado de lado na cama, abraçado à esposa, que aconchegara as costas em seu peito e, no momento, dormia um sono profundo.

O que era bom, percebeu ele, porque começara a chover.

Tentou colocar a coberta em cima da orelha descoberta de Kate, para que ela não ouvisse os pingos batendo nas janelas, mas ela era tão inquieta dormindo quanto acordada, portanto ele não conseguiu puxar a colcha muito acima de seu pescoço antes que ela a afastasse.

Anthony ainda não tinha como saber se haveria raios e trovões, mas a chuva aumentara e o vento se intensificara a ponto de chacoalhar os galhos de árvores contra a lateral da casa.

Kate estava ficando um pouco mais agitada a seu lado, e ele começou a fazer sons tranquilizadores enquanto alisava seus cabelos. A tempestade não a despertara, mas certamente invadira seu sono. Ela começou a resmungar dormindo e se remexeu até ficar toda encolhida de frente para ele.

– O que aconteceu para você detestar a chuva? – murmurou ele, colocando um cacho dos cabelos dela atrás da orelha.

Mas ele não a julgava por seus medos – conhecia muito bem a frustração de temores e premonições infundados. A certeza da própria morte iminente, por exemplo, assombrava-o desde o momento em que segurara a mão rígida do pai e a pousara com delicadeza em seu peito sem vida.

Não era algo que conseguisse explicar ou ao menos entender. Ele simplesmente *sabia*.

No entanto, nunca temera a morte. Não de verdade. A consciência de sua existência tornara-se uma parte tão presente da própria vida que ele apenas a aceitava, assim como outros homens aceitavam outras verdades que constituíam o ciclo da vida. A primavera sucedia o inverno, e o verão sucedia a ambos. Para ele, era a mesma coisa com a morte.

Até agora. Estivera tentando negar, tentando tirar aquela ideia insistente da mente, contudo a morte enfim começara a mostrar seu rosto assustador.

Seu casamento com Kate dera um sentido diferente à sua vida, por mais que ele procurasse se convencer de que poderia limitar sua relação apenas à amizade e ao sexo.

Gostava dela. Até demais. Desejava sua companhia quando não estavam juntos e sonhava com ela à noite, mesmo com ela nos braços.

Ainda não chamaria isso de amor, porém era igualmente terrível.

E, não importava o nome do sentimento que ardia entre eles, Anthony não queria que tivesse um fim.

O que era, claro, a mais cruel das ironias.

Fechou os olhos e deu um suspiro cansado e nervoso, perguntando-se que diabo faria com o problema deitado a seu lado na cama. Mas, mesmo de olhos fechados, viu o lampejo do relâmpago que iluminou a noite, transformando o interior escuro de suas pálpebras num vívido vermelho-alaranjado.

Quando abriu os olhos, percebeu que haviam deixado as cortinas entreabertas ao irem para a cama mais cedo. Ele teria que fechá-las para impedir que os relâmpagos iluminassem o cômodo.

Entretanto, ao mudar de posição e tentar sair de baixo das cobertas, Kate agarrou seu braço com força.

– Shhhh, calma, está tudo bem – murmurou ele. – Só vou fechar as cortinas.

Ela não o soltou, e o lamento que escapou de seus lábios quando um estrondo de trovão sacudiu a noite quase partiu o coração dele.

O luar prateado entrou pela janela apenas o suficiente para iluminar as linhas tensas, cansadas do rosto de Kate. Anthony se certificou de que ela ainda dormia, então se soltou de seu braço e se levantou. Após fechar as cortinas, suspeitou que os clarões ainda entrariam no quarto, por isso acendeu uma vela solitária e colocou-a sobre a mesinha de cabeceira. A luz não era forte o bastante para acordá-la – ao menos, esperava que não –, mas evitava a escuridão completa.

E não havia nada tão assustador quanto um relâmpago cortando a escuridão completa.

Deitou-se de novo na cama e observou Kate. Ela não tinha acordado, mas seu sono não era tranquilo. Enrodilhara-se em posição semifetal e respirava com dificuldade. Os relâmpagos não pareciam incomodá-la muito, porém, sempre que um trovão sacudia o quarto, ela se encolhia.

Ele pegou sua mão, acariciou-lhe o cabelo e, durante vários minutos, ficou apenas deitado a seu lado, tentando acalmá-la enquanto ela dormia. Mas a tempestade se tornava cada vez mais forte, com trovões e relâmpagos praticamente ininterruptos. Kate ficava mais inquieta a cada segundo e então, quando um estrondo explodiu no ar, ela arregalou os olhos e seu rosto transformou-se numa máscara de terror.

– Kate? – murmurou Anthony.

Ela sentou-se com as costas muito eretas, apoiada na sólida cabeceira da cama, e ficou paralisada. Era a própria imagem do pavor. Seus olhos estavam abertos e mal piscavam, e, embora ela não fizesse nenhum movimento com a cabeça, eles giravam de um lado para o outro nas órbitas, examinando todo o quarto mas sem ver coisa alguma.

– Ah, Kate... – sussurrou ele.

Aquilo era muito pior do que o que ela passara naquela noite na biblioteca em Aubrey Hall. E ele pôde sentir a força daquela dor penetrando em seu coração.

Ninguém deveria sentir um terror como aquele. Sobretudo sua esposa.

Movendo-se bem devagar para não assustá-la, ele sentou-se a seu lado e pôs um braço sobre seus ombros com cuidado. Ela tremia, porém não o repeliu.

– Será que você vai se lembrar disso amanhã? – murmurou ele.

Ela não respondeu, mas ele também não esperava que o fizesse.

– Calma, calma – disse com delicadeza, tentando lembrar-se das palavras sem

sentido que a mãe usava sempre que um dos filhos ficava agitado. – Está tudo bem agora. Você vai ficar bem.

Os tremores pareceram diminuir um pouco, mas ela ainda estava nitidamente perturbada, e quando o estrondo seguinte sacudiu o quarto, se encolheu toda e enterrou o rosto no pescoço dele.

– Não! – gemeu ela. – Não! Não!

– Kate?

Anthony piscou várias vezes e fixou os olhos nela. Kate parecia diferente – não estava acordada, mas parecia mais lúcida, se é que isso era possível.

– Não! Não!

E parecia muito...

– Não, não, não vá!

... jovem.

– Kate?

Ele a abraçou mais forte, sem saber o que fazer em seguida. Será que deveria acordá-la? Embora seus olhos estivessem abertos, era claro que ela estava dormindo e sonhando. Parte dele queria livrá-la do pesadelo, mas, quando acordasse, ela ainda estaria no mesmo lugar: na cama, no meio de uma terrível tempestade com raios e trovões. Será que se sentiria melhor?

Ou ele deveria deixá-la dormir? Talvez, se ela continuasse presa ao sonho, Anthony pudesse ter alguma ideia do que causara seu terror.

– Kate? – murmurou ele, como se ela mesma pudesse lhe indicar como proceder.

– Não – resmungou ela, cada vez mais agitada. – Nããããão!

Anthony comprimiu os lábios contra sua têmpora, tentando acalmá-la com sua presença.

– Não, por favor... – Ela começou a soluçar, sacudida por grandes golfadas de ar enquanto suas lágrimas molhavam o ombro dele. – Não, ah, não... *Mamãe!*

Anthony ficou paralisado. Ele sabia que Kate sempre se referia à madrasta como Mary. Será que falava da mãe verdadeira, a mulher que lhe dera a vida e depois morrera, tantos anos antes?

Enquanto ele refletia sobre a questão, todo o corpo de Kate ficou rígido e ela deu um gritinho agudo.

O grito de uma menina muito pequena.

Um instante depois, ela se virou e jogou-se nos braços dele, agarrando seus ombros com um desespero apavorante.

– Não, mamãe! – gemeu Kate, com todo o seu corpo se erguendo pelo esforço que ela fazia para gritar. – Não, você não pode ir! Ah, mamãe, mamãe, mamãe, mamãe, mamãe, mamãe...

Se Anthony não estivesse encostado na cabeceira, ela o teria derrubado, tamanha sua força.

– Kate? – chamou ele, surpreso pelo traço de pânico na própria voz. – Kate? Está tudo bem. Você está bem. Está tudo certo. Ninguém vai a parte alguma. Está me ouvindo? Ninguém.

Mas as palavras dela desapareceram no ar e tudo o que restou foi o som baixo de um choro que vinha do fundo de sua alma. Anthony amparou-a e, quando ela se acalmou um pouco, acalentou-a até que estivesse deitada de novo ao lado dele. Em seguida embalou-a mais um pouco até que seu sono se tornasse tranquilo.

O que, ele notou, foi justamente no momento em que o último trovão e o último relâmpago cortaram o quarto.

∽

Quando Kate acordou na manhã seguinte, surpreendeu-se ao ver o marido sentado na cama, observando-a com um olhar muito estranho. Era uma combinação de preocupação, curiosidade e, talvez, um pouco de pena. Anthony não disse nada quando ela abriu os olhos, embora Kate pudesse perceber que ele não parava de fitá-la. Ela aguardou para ver o que ele faria até que, por fim disse, hesitante:

– Você parece cansado.

– Não dormi bem – admitiu ele.

– Não?

Ele balançou a cabeça.

– Estava chovendo.

– É mesmo?

Ele assentiu.

– E trovejando.

Ela engoliu em seco, nervosa.

– E deve ter havido relâmpagos também, suponho.
– Sim – confirmou ele, assentindo mais uma vez. – Foi uma tempestade e tanto.
Havia algo muito profundo no modo como ele falava usando frases curtas e concisas, o que fez os pelos de sua nuca se arrepiarem.
– Q-que sorte que não vi nada, então – comentou ela. – Você sabe que não gosto muito de tempestades.
– Eu sei – retrucou ele simplesmente.
Mas havia uma multiplicidade de significados por trás dessas duas palavras, e Kate sentiu seu coração acelerar um pouco.
– Anthony, o que aconteceu ontem à noite? – perguntou, sem saber ao certo se queria ouvir a resposta.
– Você teve um pesadelo.
Ela fechou os olhos por um segundo.
– Não achava que ainda os tivesse.
– Nunca nem percebi que você os tinha.
Kate deu um suspiro e sentou-se, puxando as cobertas para cima e enfiando-as debaixo dos braços.
– Quando eu era pequena, sempre que chovia. Foi o que me disseram. Não sei realmente, porque nunca me lembrava de nada. Pensei que eu...
Ela precisou fazer uma pausa – sentiu um bolo na garganta e teve a impressão de que as palavras iam sufocá-la.
Anthony esticou o braço e pegou sua mão. Foi um gesto simples, mas, por alguma razão, tocou seu coração muito mais que qualquer coisa que ele pudesse dizer.
– Kate? – disse ele em voz baixa. – Você está bem?
Ela aquiesceu.
– Pensei que eles houvessem parado. Só isso.
Ele não falou nada por um momento, e o quarto ficou tão quieto que Kate teve certeza de que escutava as batidas de seus corações. Até que ela ouviu o ruído sutil da respiração dele passando pelos lábios e ele perguntou:
– Você sabia que fala durante o sono?
Ela não estava olhando para ele, porém, ao ouvir isso, virou-se no mesmo instante para fitá-lo.
– Falo?

– Você falou ontem à noite.
Ela apertou a colcha.
– O que eu disse?
A princípio Anthony hesitou, mas quando enfim respondeu, foi com a voz firme:
– Você chamou sua mãe.
– Mary? – murmurou ela.
Ele negou.
– Não creio que fosse. Nunca a ouvi chamando Mary de outra forma que não pelo nome. Ontem você estava chorando e chamando "mamãe". Você parecia... – Ele fez uma pausa e inspirou com um pouco de dificuldade. – Você parecia muito pequena.
Kate umedeceu os lábios com a língua e mordeu o inferior.
– Não sei o que dizer – retrucou enfim, temendo chegar a recessos mais profundos da memória. – Não tenho ideia de por que estaria chamando minha mãe.
– Creio – falou ele com delicadeza – que você deveria perguntar a Mary.
Kate balançou a cabeça em um movimento rápido.
– Eu nem conhecia Mary quando minha mãe morreu. E meu pai também não. Ela não tem como saber isso.
– Seu pai pode ter contado alguma coisa a ela – argumentou ele, levando a mão dela aos lábios e dando-lhe um beijo tranquilizador.
Kate baixou os olhos para o próprio colo. Queria entender por que tinha tanto medo de tempestades, mas investigar os temores mais profundos era quase tão assustador quando o próprio temor. E se descobrisse algo que não queria saber? E se...
– Vou com você – afirmou Anthony, interrompendo seus pensamentos.
E de algum modo isso fez com que tudo ficasse bem.
Kate o encarou e concordou, com lágrimas nos olhos.
– Obrigada – murmurou. – Muito obrigada.

Mais tarde naquele mesmo dia, os dois subiram os degraus da pequena residência de Mary na cidade. O mordomo levou-os até a sala de estar, e Kate

sentou-se no familiar sofá azul enquanto Anthony caminhava até a janela e se inclinava no parapeito a fim de dar uma olhada lá fora.

– Está vendo algo interessante? – indagou ela.

Ele balançou a cabeça, dando um sorriso tímido ao se virar para encará-la.

– Apenas gosto de olhar pela janela.

Kate pensou que havia algo estranhamente meigo nisso, embora não conseguisse saber ao certo o que era. Todos os dias pareciam revelar alguma nova mania dele, algum costume que os unia ainda mais. Ela *gostava* de saber pequenas coisas estranhas a respeito do marido, como o fato de ele sempre dobrar o travesseiro antes de dormir ou detestar geleia de laranja, mas adorar a de limão.

– Você parece muito distraída – comentou Anthony.

Isso despertou a atenção dela. Ele a fitava com uma expressão de dúvida.

– Você estava divagando – disse ele, divertido –, e tinha um sorriso sonhador no rosto.

Ela corou e murmurou:

– Não foi nada.

Anthony emitiu um som dúbio como resposta e, ao se encaminhar até o sofá, comentou:

– Minha fortuna por seus pensamentos.

Kate foi salva de ter que se explicar pela entrada de Mary.

– Kate! – exclamou ela. – Que surpresa maravilhosa! E, lorde Bridgerton, que bom vê-lo também.

– A senhora deveria me chamar de Anthony – atalhou ele de forma um pouco brusca.

Mary sorriu enquanto o visconde pegava sua mão para cumprimentá-la.

– Vou tentar me lembrar disso – prometeu ela, então se sentou à frente de Kate e esperou que Anthony se acomodasse no sofá antes de informar: – Que pena, Edwina não está. O Sr. Bagwell veio inesperadamente à cidade e eles foram dar uma volta no parque.

– Nós deveríamos emprestar-lhes Newton – comentou Anthony, afável. – Não consigo imaginar uma dama de companhia melhor.

– Na verdade, viemos falar com a senhora – declarou Kate.

A voz dela tinha um traço incomum de seriedade, o que deixou Mary

preocupada.
– O que foi? – perguntou a mais velha de imediato, olhando de um para o outro. – Está tudo bem?
Kate assentiu, engolindo em seco ao buscar as palavras certas. O engraçado era que ela ensaiara o que dizer durante toda a manhã e agora não conseguia falar. Mas então, quando sentiu a mão de Anthony na sua – seu peso e seu calor estranhamente tranquilizadores –, ergueu os olhos e começou:
– Gostaria de lhe perguntar sobre minha mãe.
Mary pareceu um pouco assustada, mas retrucou:
– Claro. Você sabe que não a conheci. Só sei o que seu pai me contou.
Kate admitiu.
– Eu sei. E talvez a senhora não tenha respostas a nenhuma das minhas perguntas, mas não sei a quem mais recorrer.
Mary remexeu-se na cadeira, com as mãos entrelaçadas no colo. Kate percebeu que os nós de seus dedos estavam brancos.
– Muito bem – disse Mary. – O que quer saber? Eu lhe contarei tudo o que sei.
Kate aprovou e engoliu em seco.
– Como ela morreu?
Mary piscou e relaxou um pouco, talvez aliviada.
– Mas isso você já sabe. Foi de gripe. Ou algum tipo de pneumonia. Os médicos não tinham certeza.
– Eu sei, mas... – Kate olhou para Anthony, que assentiu para tranquilizá-la. Respirou fundo e prosseguiu: – Ainda tenho medo de tempestades, Mary. Preciso saber por quê. Não quero mais ter medo.
Mary entreabriu os lábios, mas ficou em silêncio por muitos segundos ao fitar a enteada. Sua pele ficou pálida, com um tom estranho, translúcido, e seus olhos pareciam assombrados.
– Eu não sabia – murmurou ela. – Não sabia que você ainda...
– Eu disfarcei bem – disse Kate em voz baixa.
Mary ergueu a mão e tocou a têmpora com as mãos trêmulas.
– Se eu soubesse, teria... – Ela moveu os dedos para a testa e alisou as linhas de preocupação ao tentar encontrar as palavras. – Bem, não sei o que teria feito. Teria lhe contado, imagino.
O coração de Kate parou.

– Contado o quê?

Mary deu um suspiro profundo, com as duas mãos no rosto agora, pressionando as órbitas dos olhos. Ela parecia estar com uma terrível dor de cabeça, com o peso do mundo nos ombros.

– Só queria que você soubesse – disse ela com a voz abafada – que eu não lhe contei porque achei que você não lembrasse. E, se não se lembrava, bem, não parecia certo *fazê*-la recordar.

Ela ergueu o olhar para Kate e as lágrimas lhe desceram pelo rosto.

– Mas, sem dúvida, você lembra – murmurou –, ou não teria tanto medo. Ah, Kate. Perdoe-me.

– Tenho certeza de que a senhora não tem nenhum motivo para pedir perdão – afirmou Anthony em voz baixa.

Mary o fitou, assustada, como se tivesse esquecido que ele estava ali.

– Ah, tenho, sim – retrucou ela com tristeza. – Eu não sabia que Kate ainda sentia esses temores. Devia ter imaginado. É o tipo de coisa que uma mãe deveria perceber. Posso não tê-la colocado no mundo, mas tentei ser uma mãe de verdade para ela...

– E foi – garantiu Kate. – A melhor.

Mary virou-se para ela e ficou em silêncio por alguns segundos antes de dizer, com a voz estranhamente distante:

– Você tinha 3 anos quando sua mãe morreu. Na verdade, era seu aniversário.

Kate concordou, hipnotizada.

– Quando me casei com seu pai, além do voto que fiz a ele, diante de Deus e das testemunhas, prometendo ser sua esposa, fiz outros dois votos em meu coração. Um foi para você, Kate. Bastou vê-la, tão perdida com seus olhos castanhos imensos e tristes, ah, tão tristes... olhos que nenhuma criança deveria ter... que jurei que a amaria como se fosse minha própria filha e a criaria da melhor forma que pudesse.

Ela fez uma pausa para secar os olhos, aceitando, grata, o lenço que Anthony lhe ofereceu. Quando prosseguiu, sua voz era quase um sussurro:

– O outro voto foi para sua mãe. Eu fui à sepultura dela, como você deve saber.

Kate assentiu, com um sorriso melancólico.

– Eu sei. Fui com a senhora várias vezes.

Mary balançou a cabeça.

– Não. Quero dizer, antes de me casar com seu pai. Eu me ajoelhei no túmulo dela e fiz minha terceira promessa. Ela tinha sido uma boa mãe para você. Era o que todos diziam, e qualquer um podia ver como você sentia falta dela com todo o seu coração. Então prometi a ela tudo o que já tinha lhe prometido: ser uma boa mãe, amar e cuidar de você como se fosse sangue do meu sangue. – Ergueu a cabeça e seus olhos eram claros e diretos quando ela falou: – E eu gostaria de acreditar que lhe dei um pouco de paz. Não acho que uma mãe possa morrer em paz deixando para trás uma criança tão pequena.

– Ah, Mary... – murmurou Kate.

A velha senhora olhou para ela e deu um sorriso triste, então virou-se para Anthony e falou:

– E é por isso, milorde, que eu peço perdão. Eu deveria ter sabido, deveria ter visto que ela sofria.

– Mary, eu não queria que você visse – protestou Kate. – Eu me escondia no quarto, debaixo da cama, no armário. Qualquer lugar para manter isso em segredo.

– Por quê, meu anjo?

Kate fungou e secou uma lágrima.

– Não sei. Acho que não queria lhe causar preocupação. Ou talvez tivesse medo de parecer fraca.

– Você sempre tentou ser tão forte... – comentou Mary baixinho. – Mesmo quando era bem pequenininha.

Anthony segurou a mão de Kate, mas olhou para Mary.

– Ela é forte. Assim como a senhora.

Mary fitou o rosto de Kate por um longo minuto, com os olhos nostálgicos e tristes, e então prosseguiu com a voz calma:

– Quando sua mãe morreu, foi... Eu não estava lá, contudo, quando me casei com seu pai, ele me contou. Ele sabia que eu amava você e achou que isso poderia me ajudar a entendê-la um pouco melhor. A morte de sua mãe foi muito rápida. De acordo com seu pai, ela adoeceu numa quinta-feira e morreu na terça-feira seguinte. E, durante todo esse tempo, choveu. Era uma daquelas tempestades horríveis que nunca terminam, atingindo o solo sem piedade até os rios encherem e as estradas se tornarem intransitáveis.

Ela fez uma pausa para pensar em suas próximas palavras.

– Seu pai disse que tinha certeza que ela melhoraria se a chuva parasse. Era uma tolice, ele sabia, mas todas as noites ele rezava antes de dormir para que o sol surgisse em meio às nuvens. Rezava por qualquer coisa que lhe desse um pouco de esperança.

– Ah, papai... – sussurrou Kate, com as palavras saindo de sua boca sem que ela tivesse programado.

– Você estava trancada dentro de casa, é claro, o que aparentemente a deixava muito inquieta. – Mary ergueu os olhos e sorriu para Kate, um sorriso evocado por recordações de muitos anos antes. – Você sempre gostou de ficar ao ar livre. Seu pai me disse que sua mãe costumava levar seu berço para fora e ficar balançando-o à brisa.

– Eu não sabia disso – murmurou Kate.

Mary continuou sua história:

– Você não percebeu de imediato que sua mãe estava doente. Eles a mantiveram afastada dela, temendo o contágio. Mas você deve ter sentido que havia algo errado. As crianças sempre notam essas coisas.

Ela ficou calada por um instante, depois disse:

– Na noite em que ela morreu, a chuva piorou, e, segundo me contaram, os trovões e relâmpagos eram terríveis como ninguém jamais vira. – Mary inclinou a cabeça ligeiramente para o lado e perguntou: – Você se lembra da velha árvore retorcida no quintal da casa, aquela em que você e Edwina sempre tentavam subir?

– Aquela rachada ao meio? – indagou Kate.

Mary assentiu.

– Ela se partiu na noite em que sua mãe morreu. Seu pai disse que foi o som mais terrível que ele já tinha ouvido. Os trovões e relâmpagos vinham um atrás do outro, sem intervalo, e um raio atingiu a árvore no minuto exato em que um trovão sacudiu a Terra.

Ela parou, fitou as próprias mãos e prosseguiu:

– Imagino que você não tenha conseguido dormir. Eu nunca esqueci aquela tempestade, mesmo morando num condado próximo. Não sei como alguém poderia ter dormido. Seu pai estava com sua mãe. Todos sabiam que ela estava prestes a morrer, e em meio à tristeza esqueceram-se de você. As pessoas se preocuparam tanto em mantê-la afastada, e naquela noite a atenção delas foi

desviada. Seu pai me contou que estava sentado ao lado de sua mãe, segurando sua mão enquanto ela agonizava. Não deve ter sido uma morte serena. Doenças pulmonares não costumam ser. – Mary ergueu os olhos. – Minha mãe faleceu do mesmo modo, então eu sei. O fim não é tranquilo. Ela lutava para respirar e sufocava bem diante de meus olhos.

A velha senhora engoliu em seco várias vezes, então encarou Kate.

– Só posso imaginar – murmurou – que você tenha testemunhado a mesma coisa.

Anthony apertou a mão de Kate.

– A diferença é que, quando minha mãe morreu, eu tinha 25 anos – falou Mary –, e você, 3. Não é o tipo de coisa que uma criança deva ver. Eles tentaram fazer você sair, mas você se recusou. Se debateu e gritou muito, então...

Mary parou, engasgada com as próprias palavras. Levou ao rosto o lenço que Anthony lhe dera e vários momentos se passaram antes que ela fosse capaz de continuar.

– Sua mãe estava quase morrendo – disse ela, com a voz um pouco mais alta que um sussurro. – E, assim que apareceu alguém forte o suficiente para tirar você de lá, um clarão irrompeu no quarto. Seu pai contou...

Mary interrompeu a narrativa e engoliu em seco.

– Seu pai contou que o que aconteceu em seguida foi a coisa mais sinistra e terrível que ele já tinha testemunhado. O relâmpago iluminou o quarto como se fosse dia e o clarão durou mais que um instante, ao contrário do que costuma ocorrer. Parecia pender do ar. Ele olhou e viu que você tinha ficado paralisada. Nunca me esquecerei da maneira como ele descreveu. Disse que era como se você fosse a própria imagem do pavor.

Anthony se remexeu no sofá.

– O que foi? – indagou Kate, virando-se para ele.

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

– Foi assim que você ficou ontem à noite. E foram exatamente nessas palavras que eu pensei.

– Eu...

Kate olhou de Anthony para Mary, mas não sabia o que dizer.

Anthony apertou a mão dela mais uma vez e ela se virou para Mary e pediu:

– Por favor, continue.

Ela consentiu.

– Você estava com os olhos fixos em sua mãe, então seu pai se virou para ver o que a assustara tanto, e foi nesse momento que ele... que ele viu...

Kate soltou delicadamente a mão de Anthony e se levantou. Arrastou uma poltrona para perto da cadeira de Mary e se sentou. Pegou a mão dela nas suas e murmurou:

– Está tudo bem, Mary. Pode me contar. Eu preciso saber.

A mais velha assentiu mais uma vez.

– Foi nesse instante que ela morreu. Estava sentada muito ereta. Seu pai disse que ela não levantava da cama havia dias, mas, ainda assim, sentara-se ereta. Segundo ele, ela estava rígida, com a cabeça para trás e a boca aberta, como em um grito silencioso. Então veio o trovão e você deve ter pensado que o som tinha saído da boca de sua mãe, porque berrou como ninguém jamais ouvira e saiu correndo, pulou na cama e a abraçou. Todos tentaram arrancá-la de lá, mas você não queria sair. Continuava gritando o nome dela, então ouviu-se uma pancada terrível e em seguida o barulho de estilhaços de vidro. Um raio tinha partido o galho de uma árvore e ele atingiu a janela. Havia cacos por toda parte, e o vento, a chuva, os trovões, e mais raios... E, em meio a tudo isso, você não parava de gritar. Mesmo depois que ela estava deitada sobre os travesseiros, morta, seus bracinhos ainda agarravam o pescoço dela e você soluçava, implorando que ela acordasse e não fosse embora. Você simplesmente ficou lá, tiveram que esperar que se cansasse e pegasse no sono para tirá-la do quarto.

O cômodo ficou em silêncio por um minuto e então Kate finalmente disse bem baixinho:

– Eu não sabia. Não sabia que tinha assistido a tudo isso.

– Seu pai contou que você não falava sobre o assunto – explicou Mary. – Não que pudesse, de qualquer maneira. Depois do acontecido, você dormiu por várias horas e, quando acordou, ficou claro que pegara a doença de sua mãe. Não com a mesma intensidade: sua vida não corria perigo. Mas você tinha ficado doente e não estava em condições de falar da morte dela. E, ao se recuperar, *não* falava disso. Seu pai tentou, porém, sempre que mencionava o assunto, você balançava a cabeça e cobria os ouvidos com as mãos. Até que ele parou de tentar.

Mary olhou para Kate fixamente.

– Ele disse que você pareceu mais feliz quando ele parou de tentar. Fez o que

considerou o melhor para você.

– Eu sei – sussurrou Kate. – E, na época, acho que *foi* o melhor. Mas agora eu precisava saber. – Ela se virou para Anthony, em busca não de conforto, mas de algum tipo de confirmação, e repetiu: – Eu precisava saber.

– Como você se sente agora? – perguntou ele com suavidade mas de forma direta.

Ela ficou pensativa por um momento.

– Não sei. Bem, acho. Um pouco mais leve.

Então, sem nem ao menos perceber, ela sorriu. Foi um sorriso lento e hesitante, mas um sorriso. Virou para Anthony com uma expressão de surpresa.

– Parece que um peso enorme foi tirado dos meus ombros.

– Você se lembra agora? – indagou Mary.

Kate balançou a cabeça.

– Não, mas ainda assim me sinto melhor. Não consigo explicar. Acho que é bom saber, mesmo que eu não consiga lembrar.

Mary emitiu um som abafado, depois se levantou da cadeira, foi até o lado de Kate na poltrona e abraçou-a com força. Ambas choravam, soluçavam e riam ao mesmo tempo. Eram lágrimas de felicidade, e quando Kate enfim se afastou e olhou para Anthony, viu que ele também estava secando uma lágrima.

Ele disfarçou e assumiu uma postura digna, mas ela vira. Naquele instante, soube que o amava. Com cada pensamento, cada emoção, cada pedacinho de seu ser, ela o amava.

E, se ele nunca retribuísse seu amor... Bem, ela não queria pensar nisso. Não naquele momento tão profundo.

Provavelmente, nunca.

CAPÍTULO 20

Será que mais alguém além desta autora percebeu que a Srta. Edwina Sheffield tem andado distraída? Há rumores de que seu coração foi conquistado, embora ninguém pareça saber a identidade do sortudo cavalheiro.

A julgar pelo comportamento dela nas festas, porém, esta autora acha seguro supor que o homem misterioso não reside em Londres. A Srta. Sheffield não demonstrou muito interesse por nenhum cavalheiro da cidade e, de fato, chegou a ficar sentada no baile de Lady Mottram, na última sexta-feira.

Será que seu admirador é alguém que ela conheceu no campo, no mês passado? Esta autora terá de bancar a detetive para descobrir a verdade.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
13 DE JUNHO DE 1814

– Sabe o que eu acho? – perguntou Kate ao sentar-se na penteadeira mais tarde naquela noite, para escovar os cabelos.

Anthony estava de pé, apoiado na moldura da janela, e olhava lá para fora.

– Hum? – disse ele, muito distraído com os próprios pensamentos para formular uma resposta mais coerente.

– Acho que da próxima vez que houver uma tempestade, vou ficar bem – falou animada.

Ele se virou devagar.

– É mesmo?

Kate assentiu.

– Não sei por que acho isso. Intuição, suponho.

– As maiores certezas vêm da intuição – comentou ele com uma voz que soou estranha e inexpressiva aos próprios ouvidos.

– Estou sentindo um otimismo esquisito – disse ela, balançando a escova de cabelo prateada no ar ao falar. – Durante toda a vida, tive uma sensação terrível pairando acima de mim. Eu nunca lhe contei... a ninguém, na verdade... mas sempre que havia uma tempestade e eu tremia de medo, pensava... bem, eu não *pensava* apenas. De algum modo, eu *sabia*...

– O que, Kate? – indagou ele, temendo a resposta sem nem imaginar o porquê.

– De alguma maneira – continuou ela, pensativa –, enquanto eu tremia e soluçava, simplesmente sabia que ia morrer. Não havia como passar por aquele horror e sobreviver até o dia seguinte.

Ela inclinou a cabeça ligeiramente para o lado e seu rosto assumiu uma leve expressão de tensão, como se ela não soubesse muito bem como dizer o que queria.

Mas Anthony entendeu. E isso fez seu sangue gelar.

– Você deve estar achando isso a coisa mais idiota que alguém já imaginou – falou ela, dando de ombros com constrangimento. – Você é tão racional, inteligente e prático... Não acho que poderia entender uma coisa dessas.

Se ela soubesse... Anthony esfregou os olhos, sentindo uma estranha sensação de embriaguez. Caminhou com dificuldade até uma cadeira, torcendo para que Kate não percebesse seu desequilíbrio, e sentou-se.

Felizmente, a atenção dela estava concentrada nos vários vidros e adornos na penteadeira. Ou talvez ela estivesse muito envergonhada para fitá-lo, achando que ele desprezaria seus medos irracionais.

– Sempre que a chuva passava – continuou Kate, virada para o móvel –, eu sabia que tinha agido como uma tola e que a ideia era ridícula. Afinal, eu passara por tempestades antes e nenhuma delas havia me matado. Mas essa racionalização nunca parecia me ajudar. Entende o que quero dizer?

Anthony tentou concordar, embora não soubesse de fato se entendia.

– Quando chovia – disse ela –, nada realmente existia a não ser a tempestade. E, claro, meu medo. Então o sol saía e eu percebia mais uma vez que tinha sido uma boba. Mas era só chover de novo para eu ter certeza de que morreria.

Anthony ficou nauseado. Seu corpo parecia estranho, como se não pertencesse a ele. Mesmo que tentasse, não conseguiria dizer nada.

– Na verdade – prosseguiu ela, virando a cabeça para fitá-lo –, a única vez que senti que sobreviveria foi na biblioteca em Aubrey Hall. – Ela se levantou, foi até ele, ajoelhou-se à sua frente e apoiou o rosto em seu colo. – Com você – murmurou.

Anthony afagou seus cabelos. Agiu mais por reflexo que por qualquer outra coisa. Não estava consciente de suas ações.

Não fazia ideia de que Kate tinha noção da própria mortalidade. A maioria das pessoas não tem. Isso dera a Anthony uma estranha sensação de isolamento ao longo dos anos, como se ele entendesse uma verdade terrível e fundamental que se ocultava do restante da sociedade.

E, embora a percepção de Kate não fosse semelhante à dele – a dela era passageira, causada por uma rajada temporária de vento, chuva e raios, enquanto a dele nunca o deixava e estaria com ele até o dia de sua morte –, ela conseguira superá-la.

Kate lutara contra seus demônios e vencera.

Anthony sentiu muita inveja dela.

Não era uma reação nobre, ele sabia. Gostando dela como gostava, estava satisfeito, aliviado e feliz por ela ter vencido seus temores mais profundos, mas ainda assim a invejava. Muito.

Kate vencera.

E ele, que sabia quais eram seus demônios mas se recusava a temê-los, estava petrificado de terror. Tudo isso por causa da única coisa que jurara que nunca aconteceria.

Ele se apaixonara pela esposa.

Agora, a ideia de morrer, de deixá-la, de saber que seus momentos juntos formariam um curto poema, em vez de um romance longo e apaixonado, era mais do que ele podia suportar.

Não sabia em quem pôr a culpa. Queria apontar o dedo para o pai, por ter morrido jovem e o deixado como portador dessa terrível maldição. Queria censurar Kate, por entrar em sua vida e fazê-lo temer o próprio fim. Ora, ele poderia culpar até um estranho na rua se achasse que isso adiantaria alguma coisa.

Mas a verdade era que ninguém era culpado, nem mesmo ele. Sentiria-se muito melhor se pudesse acusar alguém – qualquer um. Era uma necessidade infantil,

mas todos tinham o direito de ser infantis de vez em quando, não é?

– Estou tão feliz... – murmurou Kate, com a cabeça apoiada em seu colo.

Anthony também queria ser feliz. Desejava, com todas as forças, que tudo fosse mais simples, que a felicidade fosse apenas felicidade e nada mais. Gostaria de desfrutar das vitórias recentes sem ter que pensar nas próprias preocupações. Queria perder-se no momento, esquecer o futuro, tomar Kate em seus braços e...

De forma abrupta, não premeditada, ele se pôs de pé e ergueu Kate.

– Anthony? – disse ela, piscando, surpresa.

Em resposta, ele a beijou. Seus lábios tomaram os dela numa explosão de paixão e desejo que confundiu sua mente até que apenas seu corpo estivesse no controle. Ele não queria pensar, não queria ser *capaz* de pensar. Tudo o que queria era aquele momento.

E ele queria que o momento durasse para sempre.

Pegou Kate no colo e caminhou com dificuldade até a cama. Então deitou-a no colchão e cobriu o corpo dela com o seu meio segundo depois. Ela estava deslumbrante debaixo dele, suave e forte a um só tempo, consumida pelo mesmo fogo que ardia nele. Ela podia não compreender o que detonara aquela necessidade súbita, mas se sentia da mesma maneira.

Kate já estava vestida para dormir, e Anthony abriu facilmente seu penhoar com dedos experientes. Precisava tocá-la, senti-la, ter certeza de que ela estava ali, sob o corpo dele, e que ele estava ali para fazer amor com ela. Ela vestia uma camisola de seda azul-clara, de alcinhas, que envolvia suas curvas. Era o tipo de roupa capaz de fazer qualquer homem incendiar de paixão, e Anthony não era exceção.

Havia algo muito erótico em sentir a pele morna dela através da seda, e as mãos dele percorreram sem parar o corpo de Kate, tocando, apertando, fazendo qualquer coisa que a unisse a ele.

Se ele pudesse arrastá-la para dentro dele, faria isso e a manteria ali para sempre.

– Anthony – arfou Kate no breve instante em que ele afastou os lábios do dela –, está tudo bem?

– Eu quero você – grunhiu ele, puxando a camisola até as coxas dela. – Quero você agora.

Ela arregalou os olhos de choque e excitação, e ele se sentou sobre ela com as pernas abertas, apoiando o peso do corpo nos joelhos para não esmagá-la.

– Você é tão linda... – sussurrou. – Tão inacreditavelmente linda...

Kate se iluminou ao ouvir essas palavras. Levou as mãos ao rosto de Anthony e passou os dedos sobre a barba por fazer. Ele pegou uma das mãos dela e beijou-lhe a palma, enquanto ela fazia a outra descer pelo pescoço dele.

Os dedos de Anthony encontraram as delicadas alças da camisola nos ombros dela, amarradas em laços frouxos. Só foi necessário um leve puxão para desfazê-los, e assim que eles se soltaram Anthony puxou a peça de roupa até os pés dela, deixando-a completamente nua diante de seus olhos.

Com um gemido entrecortado, ele arrancou a camisa, fazendo os botões voarem pelos ares, e só levou alguns segundos para tirar a calça. E então, quando não havia mais nada na cama além da pele gloriosa de Kate, ele voltou a cobri-la, abrindo as pernas dela com suas coxas musculosas.

– Não consigo esperar – disse ele com a voz rouca. – Não vou conseguir fazer isto ser bom para você.

Kate deu um gemido febril ao agarrá-lo pelos quadris, dirigindo-o para sua abertura.

– É bom para mim – arfou. – Não quero que você espere.

Nesse momento, as palavras cessaram. Anthony soltou um grito gutural, primitivo, ao se lançar dentro dela, enterrando-se completamente em um longo e poderoso golpe. Kate arregalou os olhos enquanto sua boca formava um gemido de choque pela rápida invasão. Mas ela já estava pronta para ele – mais do que pronta. Havia algo no ritmo incansável dele ao fazer amor que despertava uma paixão profunda nela, até que precisasse dele com um desespero que a deixava sem fôlego.

Eles não foram delicados nem sutis. Estavam quentes, suados, necessitados, e seguravam um ao outro como se pudessem fazer o tempo durar para sempre só pela força de vontade. Quando chegaram ao clímax, foi selvagem e simultâneo, ambos os corpos arqueando-se com os gritos de liberação que se misturaram à noite.

Assim que terminaram, aninharam-se nos braços um do outro, lutando para normalizar a respiração. Nesse momento, Kate fechou os olhos, satisfeita e rendida à exaustão.

Anthony, não.

Ele a observou se afastar, e então adormecer. Fitou o modo como seus olhos, às vezes, se moviam sob as pálpebras fechadas. Mediu o ritmo de sua respiração, contando quantas vezes o peito dela subia e descia. Ouviu com atenção cada suspiro, cada murmúrio.

Havia certas recordações que um homem queria gravar no próprio cérebro, e aquela era uma delas.

Mas, quando ele teve certeza de que ela tinha adormecido, Kate fez um barulho estranho ao se aninhar mais profundamente em seu abraço e enfim abriu os olhos, bem devagar.

– Você ainda está acordado – sussurrou com a voz rouca e suave por ter acabado de acordar.

Ele admitiu, perguntando-se se a estava segurando com força demais. Não queria soltá-la. Nunca iria querer soltá-la.

– Você deveria dormir – disse ela.

Anthony assentiu mais uma vez, mas não fechou os olhos.

Kate bocejou.

– Isso é bom.

Ele beijou sua testa, fazendo um som de concordância.

Ela levantou a cabeça, deu-lhe um beijo nos lábios, então ajeitou-se no travesseiro.

– Espero que fiquemos sempre assim – murmurou ela, bocejando de novo enquanto o sono a dominava. – Para sempre.

Anthony ficou paralisado.

Sempre.

Ela não podia saber o que essa palavra significava para ele. Cinco anos? Seis? Talvez sete ou oito.

Para sempre.

Essas palavras, juntas, não lhe diziam nada, eram algo que ele simplesmente não conseguia compreender.

De repente, Anthony não conseguiu respirar.

A coberta era como uma parede de tijolos sobre ele, e o ar ficou mais denso.

Ele tinha que sair dali. Tinha que ir embora. Tinha que...

Levantou-se da cama e então, tropeçando e sufocando, pegou as próprias

roupas, jogadas de qualquer maneira no chão, e começou a enfiar as pernas nos buracos apropriados.

– Anthony?

Ele deu um pulo. Kate se esforçava para se erguer na cama, bocejando. Mesmo na escuridão, ele viu que os olhos dela revelavam sua confusão. E sua mágoa.

– Você está bem? – perguntou ela.

Ele fez um aceno rápido com a cabeça.

– Então por que está enfiando a perna na manga da camisa?

Anthony olhou para baixo e disse um palavrão que nunca imaginara pronunciar na frente de uma mulher. Praguejou mais uma vez, então enrolou a irritante peça de linho, formando uma bola enrugada, e jogou-a no chão, fazendo uma pausa de menos de um segundo antes de começar a vestir a calça.

– Aonde você vai? – perguntou Kate, ansiosa.

– Tenho que sair – resmungou ele.

– Agora?

Ele não respondeu, porque não sabia o que dizer.

– Anthony?

Ela se levantou e esticou a mão para tocá-lo, mas, um instante antes de alcançar-lhe o rosto, Anthony recuou, cambaleando para trás até se chocar contra uma das barras da cama de dossel. Ele viu a mágoa no rosto dela, a dor causada pela rejeição, porém sabia que, se ela o tocasse, ele estaria perdido.

– Mas que droga! – praguejou. – Onde estão minhas camisas?

– Em seu quarto de vestir – disse ela, nervosa. – Onde sempre ficaram.

Ele saiu para pegar outra camisa, incapaz de suportar o tom de voz dela. Não importava o que ela dissesse, Anthony só ouvia *sempre* e *para sempre*.

E isso o estava matando.

Quando saiu do quarto de vestir, com o casaco e os sapatos nas partes apropriadas do corpo, Kate andava sem parar pelo quarto, puxando a fita azul do penhoar com nervosismo.

– Tenho que sair – repetiu ele com a voz inexpressiva.

Ela não respondeu, e ele achava que era isso que queria, mas em vez de sair, ficou parado ali, sem conseguir se mover, esperando que ela falasse alguma coisa.

– Quando você volta? – perguntou Kate, por fim.

– Amanhã.
– Isso é... bom.
Ele aquiesceu.
– Não posso ficar aqui – anunciou. – Tenho que sair.
Ela engoliu em seco.
– Sim – retrucou, e o som de sua voz era dolorosamente baixo –, você já disse isso.
E então, sem olhar para trás e sem ter ideia de onde iria, ele partiu.
Kate foi devagar até a cama e fitou-a. Por alguma razão, parecia errado deitar sozinha, se cobrir e afofar as cobertas a seu redor. Achou que deveria chorar, mas não havia lágrimas em seus olhos. Em seguida caminhou até a janela, abriu as cortinas e olhou lá para fora, surpreendendo-se ao dizer uma oração em voz baixa, pedindo uma tempestade.
Anthony se fora, e, embora ela tivesse certeza de que seu corpo retornaria, não estava tão confiante a respeito do espírito. Então compreendeu que precisava de algo – da tempestade – para provar a si mesma que podia ser forte, que conseguiria se virar por si só.
Não queria ficar sozinha, mas talvez não tivesse escolha. Anthony parecia determinado a manter distância. Ele tinha seus demônios, e ela temia que fosse preferir não encará-los em sua presença.
Porém, se ela estava destinada a ficar sozinha, mesmo com um marido ao lado, então, por Deus, enfrentaria isso e seria forte.
A fraqueza, pensou, ao apoiar a cabeça contra o vidro frio da janela, não levava a lugar algum.

Anthony não tinha nenhuma lembrança do caminho cheio de tropeços que percorrera para sair de casa, mas, de alguma maneira, ele se viu descendo a escada principal, cujos degraus estavam escorregadios por causa do leve nevoeiro. Atravessou a rua sem ter ideia de para onde ia, sabendo apenas que tinha que ficar *longe*. No entanto, quando chegou à calçada oposta, algum demônio o obrigou a erguer os olhos na direção da janela do quarto.
Eu não devia tê-la visto foi o único pensamento que lhe ocorreu. Ela deveria estar deitada, ou as cortinas deveriam estar fechadas, ou então ele deveria estar a

caminho do clube naquele momento.

Mas Anthony a viu e a dor atordoante em seu peito ficou cada vez mais forte. Era como se seu coração estivesse sendo arrancado do peito – e ele teve a mais terrível sensação de que a mão que segurava a faca era a sua.

Ele a observou por um minuto – ou, talvez, por uma hora. Não achou que ela o tivesse visto – nada em sua postura indicava isso. Estava longe demais para que ele visse seu rosto, mas imaginou que os olhos dela estavam fechados.

Provavelmente, está torcendo para que não haja uma tempestade, pensou ele, erguendo os olhos para o céu nublado. Achava que as preces dela não seriam atendidas. A neblina já se transformava em gotas de umidade em sua pele e parecia apenas uma breve transição para a chuva forte.

Anthony sabia que devia ir embora, mas algo o impedia. Mesmo depois que Kate se afastou da janela, ele permaneceu no mesmo lugar, olhando para a casa. A vontade de retornar era quase impossível de negar. Queria correr de volta, cair de joelhos diante dela e implorar seu perdão. Queria levá-la para a cama e fazer amor com ela até os primeiros raios da aurora tocarem o céu. Mas tinha a consciência de que não podia fazer nada disso.

Ou, talvez, todas essas coisas fossem algo que ele não *devia fazer*. Não sabia mais.

Então, depois de ficar paralisado por quase uma hora, depois que a chuva começou a cair e o vento, a soprar rajadas de ar frio, Anthony enfim partiu.

Foi embora sem se dar conta do frio ou da chuva, que desabava com força surpreendente.

Partiu sem sentir coisa alguma.

CAPÍTULO 21

Tem sido comentado que lorde e Lady Bridgerton foram obrigados a se casar, mas, mesmo que isso seja verdade, esta autora se recusa a acreditar que sua união não foi por amor.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
15 DE JUNHO DE 1814

Era estranho, pensou Kate, enquanto fitava o café da manhã servido na mesinha lateral da pequena sala de jantar, como podia estar, ao mesmo tempo, morrendo de fome e sem apetite. Seu estômago exigia alimento e, ainda assim, tudo – dos ovos aos bolinhos, dos pedaços de peixe defumado à carne de porco assada – adquirira uma aparência horrível.

Com um suspiro deprimido, pegou uma torrada e afundou na cadeira com uma xícara de chá. Anthony não voltara para casa na noite anterior.

Ela deu uma pequena mordida na torrada e se forçou a engolir. Tinha esperanças de que ele ao menos aparecesse para o café da manhã. Kate esperara o máximo que pudera – já eram quase onze horas, e ela costumava comer às nove –, mas o marido não retornara.

– Lady Bridgerton?

Kate ergueu o olhar e piscou. Havia um criado de pé diante dela segurando um pequeno envelope bege.

– Isto chegou para a senhora há alguns minutos – disse ele.

Kate murmurou um agradecimento e pegou o envelope, fechado com um pouco de cera rosa-clara. Olhando mais de perto, ela distinguiu as iniciais EOB. Seria alguém da família de Anthony? A letra E deveria ser de Eloise, claro, já que os primeiros nomes de todos os Bridgertons correspondiam a uma letra diferente,

em ordem alfabética.
Kate rompeu o selo com cuidado e puxou o conteúdo – uma única folha de papel dobrada com cuidado pela metade.

Kate,
Anthony está aqui e a aparência dele é péssima. Sem dúvida, isso não é assunto meu, mas achei que você gostaria de saber.
Eloise

Kate contemplou o bilhete por alguns segundos, então empurrou a cadeira para trás e se levantou. Era hora de visitar a casa dos Bridgertons.

Para sua surpresa, quando ela bateu na porta da Casa Bridgerton, quem a abriu não foi o mordomo, mas Eloise, que disse no mesmo instante:
– Você veio rápido!
Kate olhou ao redor do saguão, esperando que um ou dois dos irmãos de Anthony pulassem sobre ela.
– Você estava me esperando?
Eloise assentiu.
– Você não precisa bater antes de entrar. A Casa Bridgerton pertence a Anthony, afinal. E você é a mulher dele.
Kate deu um sorriso sem graça. Não se sentia uma esposa naquela manhã.
– Espero que você não me ache uma grande intrometida – continuou Eloise, dando o braço a Kate e conduzindo-a para dentro –, mas Anthony está com uma aparência horrível e imaginei que você não soubesse que ele estava aqui.
– Por que você pensou isso? – perguntou Kate, sem conseguir evitar.
– Bem – retrucou Eloise –, ele não contou que estava aqui nem para nós.
Kate fitou a cunhada com um olhar desconfiado.
– E isso significa...?
Eloise corou.
– Significa que... hã... que só sei que ele está aqui porque andei espionando. Acho que nem minha mãe sabe que ele veio para cá.
Kate começou a piscar depressa.
– Você andou nos espionando?

– Não, claro que não. Mas, por acaso, eu estava acordada e ouvi alguém entrar, aí saí para investigar e vi a luz acesa por baixo da porta do escritório de Anthony.
– Então, como sabe que ele está com uma aparência horrível?
Eloise deu de ombros.
– Imaginei que uma hora ele sairia para comer ou se aliviar, por isso fiquei esperando nos degraus por mais de uma hora...
– Mais de uma hora? – repetiu Kate.
– Três horas, na verdade – admitiu Eloise. – Não parece muito tempo quando se está interessada na questão. Além disso, eu tinha um livro para me ajudar a passar o tempo.
Kate balançou a cabeça com admiração relutante.
– A que horas ele chegou?
– Por volta de quatro da manhã.
– E o que você fazia acordada tão tarde?
Eloise deu de ombros mais uma vez.
– Não consegui dormir. Muitas vezes, não consigo. Eu tinha descido para pegar um livro na biblioteca quando ele chegou. Então, finalmente, por volta das sete horas... na verdade, acho que foi um pouco antes das sete, logo eu não esperei por três horas...
Kate começou a ficar tonta.
–... ele saiu. Não foi na direção do salão de café da manhã, portanto imagino que tenha saído por outras razões. Depois de um minuto ou dois, apareceu de novo e voltou ao escritório. Onde – Eloise terminou com um floreio – está desde então.
Kate olhou para ela por uns dez segundos.
– Você já pensou em oferecer seus serviços ao Departamento de Guerra?
A jovem deu um sorriso tão parecido com o de Anthony que Kate quase chorou.
– Como espiã? – indagou.
Kate confirmou.
– Eu seria ótima, você não acha?
– Sensacional.
Eloise deu um abraço repentino em Kate.
– Estou tão feliz por você ter se casado com meu irmão... Agora vá ver o que

está errado.

Kate assentiu, empertigando os ombros, e deu um passo na direção do escritório. Então se virou, apontou um dedo para Eloise e disse:

– Não vá ficar ouvindo atrás da porta.

– Eu nem sonharia em fazer isso – retrucou ela.

– Estou falando sério!

Eloise suspirou.

– É melhor eu ir para a cama, de qualquer forma. Um cochilo vai cair bem, depois de ter ficado acordada a noite toda.

Kate esperou que ela desaparecesse na escada, então se dirigiu à porta do escritório de Anthony. Pôs a mão na maçaneta e sussurrou para si mesma:

– Por favor, não esteja trancada.

Para seu alívio, a porta se abriu assim que ela girou a maçaneta.

– Anthony? – chamou.

Sua voz era baixa e hesitante, e ela descobriu que não gostava daquele tom. Não estava acostumada a falar baixo e com hesitação.

Não houve resposta, então Kate entrou no aposento. As cortinas estavam bem fechadas e apenas uma luz suave passava pelo veludo pesado. Ela examinou o cômodo até seus olhos pousarem sobre o vulto do marido, debruçado na escrivaninha, entregue a um sono profundo.

Cruzou o escritório em silêncio em direção à janela e abriu as cortinas parcialmente. Não queria cegar Anthony quando ele acordasse, mas, ao mesmo tempo, não gostaria de ter uma conversa tão importante no escuro. Foi até a escrivaninha e tocou seu ombro com delicadeza.

– Anthony? – murmurou. – Anthony?

A resposta foi mais próxima de um ronco que de qualquer outra coisa.

Kate franziu a testa com impaciência e o balançou com um pouco mais de força.

– Anthony? – chamou gentilmente. – Anthon...

Ele acordou com um movimento brusco, despejando uma série de palavras incoerentes ao empertigar o tronco.

Kate observou-o piscar para clarear a visão e ele enfim focou nela.

– Kate – falou, com a voz rouca de sono e de mais alguma coisa... álcool, talvez. – O que você está fazendo aqui?

– O que *você* está fazendo aqui? – retrucou ela. – Da última vez que verifiquei, você morava a quase um quilômetro daqui.

– Eu não queria incomodar você – resmungou ele.

Ela não acreditou nisso nem por um segundo, mas decidiu que não queria discutir. Então, optou pela abordagem direta e perguntou:

– Por que você saiu ontem à noite?

Um longo silêncio pairou no cômodo, seguido de um suspiro desanimado e cansado. Depois, enfim, Anthony respondeu:

– É complicado.

Kate combateu a vontade de cruzar os braços.

– Sou uma mulher inteligente – disse ela resolutamente. – Em geral, sou capaz de compreender conceitos complexos.

Anthony não pareceu satisfeito com a ironia.

– Não quero discutir isso agora.

– Quando você *quer* discutir isso?

– Vá para casa, Kate – retrucou ele, em voz baixa.

– Você está planejando ir comigo?

Anthony deu um suspiro e passou a mão pelos cabelos. Por Deus, ela era como um cachorro que não largava o osso. A cabeça dele latejava, a boca tinha gosto de cabo de guarda-chuva, tudo o que ele queria era jogar um pouco de água no rosto e escovar os dentes e sua esposa não parava de *interrogá-lo*...

– Anthony? – insistiu ela.

Era o *bastante*. Ele se levantou de forma tão abrupta que a cadeira virou para trás e bateu no chão com um estrondo.

– Você vai parar de fazer perguntas agora mesmo.

Kate contraiu os lábios em uma expressão furiosa. Mas seus olhos...

Anthony engoliu mais uma vez o gosto amargo da culpa.

Porque os olhos dela estavam cheios de dor.

E a angústia do próprio coração aumentou dez vezes.

Ele não estava pronto. Não ainda. Não sabia o que fazer com ela. Não tinha ideia nem do que fazer consigo mesmo. Durante toda a sua vida – ou, pelo menos, desde que o pai falecera –, ele soubera que certas coisas eram verdade, que certas coisas *tinham* que ser verdade. E agora Kate virara seu mundo de cabeça para baixo.

Ele não queria amá-la. Droga, não queria amar ninguém. Isso era a única coisa que tinha o poder de fazê-lo temer a própria mortalidade. E quanto a Kate? Ele prometera amá-la e protegê-la. Como conseguiria fazer isso sabendo, durante todo o tempo, que a abandonaria? Com certeza, não poderia contar-lhe sobre suas estranhas convicções. Ela o consideraria louco, e além disso só ficaria sujeita à mesma dor e ao mesmo medo que o estavam destruindo. Seria melhor deixá-la viver numa ignorância feliz.

Ou seria melhor que ela simplesmente não o amasse?

Anthony não sabia a resposta. Precisava de mais tempo. Não conseguia pensar com Kate diante de si, com os olhos cheios de dor sondando seu rosto. E...

– Vá embora – falou com a voz abafada. – Só vá embora.

– Não – disse ela com uma determinação tranquila que o fez amá-la ainda mais. – Não até você me dizer o que o está incomodando.

Ele saiu de trás da escrivaninha e pegou o braço dela.

– Não posso ficar com você agora – falou com a voz rouca, evitando encará-la. – Amanhã. Vejo você amanhã. Ou depois de amanhã.

– Anthony...

– Preciso de tempo para pensar.

– Sobre *o quê*? – gritou ela.

– Não torne as coisas mais difíceis do que...

– Como poderiam ficar mais difíceis? – indagou ela. – Nem mesmo sei sobre o que você está falando!

– Só preciso de alguns dias – disse ele.

Tinha que pensar para descobrir o que faria, como viveria sua vida.

Mas ela se aproximou dele, encarou-o e tocou seu rosto com tanta ternura que seu coração doeu.

– Anthony – murmurou ela –, por favor...

Ele não conseguia dizer uma palavra nem emitir qualquer som.

Kate deslizou a mão para a nuca dele, puxou-o para mais perto e... ele não conseguiu se controlar. Desejava-a tanto, queria tanto sentir o corpo dela contra o seu, encostar a boca em sua pele salgada... Queria sentir seu cheiro, tocá-la, ouvir o som de sua respiração perto de seu ouvido.

Ela encostou os lábios nos dele, macios e carentes, e sua língua tocou o canto da boca. Seria tão fácil perder-se nela, deitar no tapete e...

– Não! – gritou Anthony.

A palavra saiu do fundo de sua garganta e, por Deus, ele não tinha ideia de que ela estava ali até irromper de sua boca.

– Não! – disse mais uma vez, afastando-a. – Não agora.

– Mas...

Ele não a merecia. Não naquele momento. Não ainda. Não até compreender como viveria o restante de sua vida. E, se isso significava que teria que negar a si mesmo a única coisa que poderia salvá-lo, que fosse.

– Vá embora! – ordenou, e sua voz soou mais ríspida do que ele pretendia. – Vá! Falo com você depois.

E, desta vez, ela foi.

Saiu sem olhar para trás.

Anthony, que acabara de descobrir o que era amar, aprendeu o que era morrer por dentro.

∽

Na manhã seguinte, Anthony estava bêbado. À tarde, estava de ressaca.

Sua cabeça latejava, os ouvidos zumbiam e seus irmãos, surpresos ao encontrá-lo naquele estado no clube, falavam alto *demais*.

Anthony tapou os ouvidos e gemeu. *Todos* falavam alto demais.

– Kate o expulsou de casa? – indagou Colin, pegando uma noz de um grande prato de estanho no centro da mesa e partindo-a com um som terrível.

Anthony ergueu a cabeça apenas o suficiente para fitá-lo com ar severo.

Benedict observava o irmão mais velho com as sobrancelhas franzidas e um leve sorriso.

– Com certeza ela o expulsou de casa – disse a Colin. – E me passe uma dessas nozes, sim?

Colin jogou uma para ele e perguntou:

– Quer o quebra-nozes também?

Benedict balançou a cabeça e sorriu ao erguer um livro grosso, com capa de couro.

– É muito mais satisfatório esmagá-las assim.

– Nem pense nisso – ameaçou Anthony, esticando o braço para agarrar o livro.

– Pelo jeito seus ouvidos estão sensíveis hoje, não é?

Se Anthony tivesse uma pistola, teria atirado nos dois para silenciá-los.

– Posso lhe dar um conselho? – falou Colin, mastigando a noz.

– Não – retrucou Anthony. Ergueu os olhos e viu Colin mastigando de boca aberta. Como esse era um hábito estritamente proibido na casa dos Bridgertons, Anthony imaginou que o irmão só estava fazendo isso para produzir mais barulho. – Feche sua maldita boca – resmungou ele.

Colin engoliu, estalou os lábios e tomou um gole de chá.

– O que quer que tenha feito, peça desculpas. Eu conheço você, e estou começando a conhecer Kate, e sabendo o que sei...

– De que diabo você está falando? – resmungou Anthony.

– Creio – disse Benedict, recostando-se à cadeira – que ele está dizendo que você é um imbecil.

– Exatamente! – exclamou Colin.

Anthony balançou a cabeça, com um ar cansado.

– É mais complicado do que vocês pensam.

– Sempre é – atalhou Benedict, com uma sinceridade fingida.

– Quando os dois idiotas encontrarem mulheres estúpidas o bastante para se casarem com vocês – interrompeu Anthony –, então vão poder me oferecer algum conselho. Mas até lá... *calem a boca*.

Colin olhou para Benedict.

– Você acha que ele está irritado?

Benedict ergueu uma sobrancelha.

– Ou talvez esteja bêbado.

Colin balançou a cabeça.

– Não, bêbado, não. Não mais, ao menos. Pelo jeito, está de ressaca.

– O que explicaria por que está com tanta raiva – raciocinou Benedict, assentindo com um ar filosófico.

Anthony pressionou as têmporas com o polegar e o dedo do meio.

– Meu Deus – murmurou. – O que posso fazer para vocês dois me deixarem em paz?

– Vá para casa, Anthony – disse Benedict com a voz surpreendentemente gentil.

Anthony fechou os olhos e deu um longo suspiro. Não havia nada que ele quisesse mais, mas não sabia o que dizer a Kate e, mais importante, não fazia ideia de como se sentiria ao chegar lá.

– Isso mesmo – concordou Colin. – Vá para casa e diga a ela que você a ama. O que poderia ser mais simples?

E, de repente, *era* simples. Ele precisava dizer a Kate que a amava. Naquele instante. Tinha que se certificar de que ela *soubesse*, e jurou passar o resto de sua vida miseravelmente curta demonstrando isso.

Era tarde demais para mudar o destino de seu coração. Tinha tentado não se apaixonar, e fracassara. Como não era provável que *deixasse* de amar, poderia muito bem aproveitar a situação ao máximo. Quer Kate soubesse ou não de seu amor por ela, Anthony seria assombrado pela premonição da própria morte. Será que ele não seria mais feliz durante seus últimos anos de vida se a amasse com sinceridade?

Estava certo de que ela se apaixonara por ele também. Sem dúvida, ficaria feliz em ouvir que ele se sentia da mesma maneira. Quando um homem amava uma mulher de verdade, com todas as fibras do ser, não era um dever divino tentar fazê-la feliz?

No entanto, ele não lhe contaria sobre suas premonições. Qual seria o sentido disso? Ele poderia sofrer pela consciência de que seu tempo juntos seria interrompido, mas por que ela deveria? Melhor sentir o golpe da dor súbita com sua morte que sofrer com a expectativa.

Ele morreria. Todas as pessoas, lembrou a si mesmo. Só que ele morreria cedo, em vez de tarde. Mas, por Deus, desfrutaria de seus últimos anos com a máxima intensidade. Teria sido mais conveniente não se apaixonar, mas, agora que acontecera, ele não se esconderia.

Era simples: Kate era tudo para ele. Se negasse isso, poderia muito bem parar de respirar imediatamente.

– Tenho que ir – disse ele, levantando-se tão de repente que suas coxas bateram na beirada da mesa e espalharam cascas de nozes por todos os lados.

– Acho que você deve – murmurou Colin.

Benedict apenas sorriu e falou:

– Vá.

Seus irmãos, Anthony percebeu, eram um pouco mais espertos do que demonstravam.

– Falamos com você daqui a mais ou menos uma semana, certo? – perguntou Colin.

Anthony teve que sorrir. Ele e seus irmãos haviam se encontrado todos os dias no clube durante as últimas duas semanas. A pergunta “inocente” de Colin só podia significar uma coisa: que era óbvio que Anthony entregaria seu coração por completo à esposa e planejava passar pelo menos os sete dias seguintes demonstrando isso a ela. E que a família que ele estava criando tornara-se tão importante quanto aquela na qual nascera.

– Duas semanas – retrucou ele, pegando seu casaco. – Talvez três.

Os irmãos apenas riram.

Contudo, quando Anthony atravessou a porta de casa, quase sem fôlego depois de subir os degraus de três em três, descobriu que Kate havia saído.

– Aonde ela foi? – perguntou ao mordomo.

Tolamente, ele nem pensara na possibilidade de ela não estar em casa.

– Foi dar um passeio no parque com a irmã e um tal Sr. Bagwell – retrucou o homem.

– O admirador de Edwina – murmurou Anthony para si mesmo.

Droga. Imaginou que devia ficar feliz pela cunhada, porém o momento não podia ser mais inadequado. Ele tomara uma decisão que mudaria sua vida e a da esposa. Seria bom se ela estivesse em casa.

– Aquela *criatura* dela também foi – completou o mordomo, estremecendo.

Ele nunca conseguira tolerar o que considerava a invasão do Corgi a sua casa.

– Quer dizer que ela levou Newton, hã? – murmurou Anthony.

– Imagino que voltarão em uma ou duas horas.

Anthony bateu a ponta da bota no chão de mármore. Não queria esperar tanto tempo. Droga, não queria esperar nem um minuto.

– Vou atrás deles – disse com impaciência. – Não deve ser difícil encontrá-los.

O mordomo aprovou, passou pela porta aberta e se dirigiu à pequena carruagem na qual Anthony chegara em casa.

– O senhor vai precisar de outra carruagem?

Anthony balançou a cabeça.

– Não, vou cavalgando. Será mais rápido.

– Muito bem. – O criado fez uma pequena mesura. – Vou lhe trazer a montaria.

Anthony o observou seguir devagar, com toda a tranquilidade, até os fundos da

casa, então a impaciência o dominou.
– Pode deixar que eu cuido disso sozinho – rosnou.
Em seguida, saiu correndo para pegar o cavalo.

Anthony estava confiante ao chegar ao Hyde Park. Mal podia esperar para encontrar a esposa, segurá-la nos braços e ver sua expressão quando lhe contasse que a amava. Rezou para que ela dissesse algo que retribuísse o sentimento. Achava que ela faria isso – vira o amor em seus olhos em mais de uma ocasião. Talvez ela estivesse apenas esperando que ele se declarasse primeiro. Se fosse o caso, não podia culpá-la depois do alarde que ele fizera sobre o fato de *não* ser um casamento por amor, dois dias antes da cerimônia.
Ele agira como um idiota.
Ao entrar no parque, decidiu virar a montaria e seguir em direção a Rotten Row. A agitada trilha parecia o destino mais provável do trio. Kate com certeza não teria razão para encorajar um caminho mais deserto.
Fez o cavalo diminuir a velocidade a fim de que pudesse conduzi-lo com segurança dentro dos limites do parque, tentando ignorar os cumprimentos e acenos de outros cavaleiros e pedestres.
Então, justo quando acreditou que logo encontraria Kate, ouviu uma voz feminina, idosa e muito imperiosa chamá-lo:
– Bridgerton! Bridgerton! Pare agora mesmo! Estou falando com você!
Ele deu meia-volta resmungando. Lady Danbury, o dragão da alta sociedade. Não havia meio de ignorá-la. Ele não fazia ideia de quantos anos ela tinha. Sessenta? Setenta? Não importava a idade, ela era uma força da natureza e *ninguém* a ignorava.
– Lady Danbury – falou, tentando não parecer resignado ao controlar seu cavalo –, que bom vê-la.
– Meu Deus, rapaz – gritou ela –, você fala como se tivesse acabado de vir de um enterro. Anime-se!
Anthony deu um sorriso sem graça.
– Onde está sua esposa?
– Estou procurando-a neste momento – retrucou ele. – Ou, pelo menos, *estava*.
Lady Danbury era muito inteligente para não ter entendido a indireta, portanto,

ele só podia imaginar que o ignorara de propósito ao dizer:

– Gosto de sua esposa.

– Eu também.

– Nunca consegui entender por que você quis cortejar a irmã dela. Mocinha bonita, mas não era para você. – Ela revirou os olhos e deu um suspiro indignado. – O mundo seria um lugar muito melhor se as pessoas simplesmente me ouvissem antes de se casar – acrescentou. – Eu poderia encontrar os pares de todos os que querem se casar em uma semana.

– Tenho certeza de que sim.

Ela estreitou os olhos.

– Você está sendo condescendente?

– Eu nem sonharia com isso – respondeu ele com total sinceridade.

– Ótimo. Você sempre pareceu um rapaz ajuizado. Eu... – Ela ficou boquiaberta. – Que diabo é aquilo?

Anthony seguiu o olhar horrorizado de Lady Danbury até que deparou com uma carruagem saindo de controle enquanto fazia a curva em duas rodas. Estava muito distante para que se visse o rosto dos ocupantes, mas então ele ouviu um grito e o latido assustado de um cachorro.

Seu sangue gelou nas veias.

Sua esposa estava naquela carruagem.

Sem dizer nem sequer uma palavra a Lady Danbury, ele esporeou o cavalo e galopou a toda a velocidade. Não tinha certeza do que faria ao se aproximar do veículo. Talvez tomasse as rédeas das mãos do infeliz condutor. Talvez conseguisse retirar alguém em segurança. A única coisa que sabia era que não podia ficar parado assistindo à colisão do veículo.

Ainda assim, foi exatamente o que aconteceu.

Anthony estava na metade do caminho até a carruagem desgovernada quando ela mudou de direção, passou por cima de uma imensa rocha, desequilibrou-se e caiu de lado.

Anthony só pôde observar, horrorizado, enquanto a esposa morria diante de seus olhos.

CAPÍTULO 22

Ao contrário da opinião popular, esta autora sabe muito bem que é considerada cínica.

Mas isso, querida leitora, não poderia estar mais longe da verdade. Esta autora não deseja mais nada além de um final feliz. E, se isso a torna uma tola romântica, que seja.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
15 DE JUNHO DE 1814

No momento em que Anthony alcançou a carruagem tombada, viu que Edwina conseguira engatinhar para fora dos escombros e usava um pedaço de madeira partido para tentar abrir um buraco do outro lado do veículo. A manga de seu vestido estava rasgada e a bainha, esfarrapada e suja, mas ela parecia não perceber, puxando a porta de forma frenética. Newton pulava e se contorcia a seus pés, e seus latidos eram agudos e nervosos.

– O que aconteceu? – perguntou Anthony, apavorado, enquanto descia do cavalo.

– Não sei – arfou Edwina, secando as lágrimas. – O Sr. Bagwell não é um condutor experiente, acho, e então Newton se soltou, e depois não sei *o que* aconteceu. Em um minuto nós estávamos passeando e, no seguinte...

– Onde está Bagwell?

Ela apontou para o outro lado da carruagem.

– Foi lançado para fora. Bateu a cabeça, mas vai ficar bem. Só que Kate...

– O que aconteceu com Kate? – Anthony ajoelhou-se e tentou olhar para dentro dos destroços. A carruagem tinha rolado, amassando todo o lado direito. – Onde ela está?

Edwina engoliu em seco várias vezes e sua voz era pouco mais que um sussurro quando falou:

– Acho que está presa embaixo da carruagem.

Nesse momento, Anthony sentiu o gosto da morte. Era amargo, metálico e áspero. Rasgava-o por dentro como uma faca, sufocando-o e oprimindo-o, expulsando todo o ar de seus pulmões.

Puxou os destroços com toda a força, tentando abrir um buraco maior. A situação não era tão grave quanto parecera durante a batida, mas isso não ajudou a acalmar seu coração acelerado.

– Kate! – chamou, tentando parecer calmo. – Kate, está me ouvindo?

O único som que obteve em resposta, porém, foi o relinchar agitado dos cavalos. Droga. Ele teria que desatrelá-los e soltá-los antes que entrassem em pânico e começassem a tentar arrastar os destroços.

– Edwina? – disse Anthony com a voz severa, olhando para ela por cima do ombro.

– Sim?

– Você sabe desatrelar os cavalos?

Ela assentiu.

– Não sou muito rápida, mas sei.

Anthony virou a cabeça na direção das pessoas que vinham correndo para ver o que acontecera.

– Veja se alguém pode ajudá-la.

Ela anuiu mais uma vez e começou a seguir suas orientações depressa.

– Kate? – chamou Anthony de novo. Ele não conseguia vê-la porque um banco estava bloqueando a abertura. – Você consegue me ouvir?

Nenhuma resposta.

– Tente do outro lado – sugeriu Edwina, assustada. – A abertura não está tão amassada.

Anthony se pôs de pé com um pulo e correu por trás da carruagem até o outro lado. A porta já saíra das dobradiças, deixando um buraco grande o suficiente para que ele introduzisse o tronco.

– Kate? – gritou, tentando ignorar o som agudo de pânico na própria voz.

Cada expiração que saía de seus lábios parecia muito alta e reverberava no espaço apertado, lembrando-o de que Kate continuava em silêncio.

Então, ao mover com todo o cuidado a almofada do banco que virara de lado, Anthony a viu. Ela estava assustadoramente imóvel, mas o pescoço não parecia quebrado e ele não viu sangue.

Isso só podia ser um bom sinal. Não sabia muito sobre medicina, mas agarrou-se a esse pensamento como a um milagre.

– Você não pode morrer, Kate – disse ele, puxando os destroços, apavorado, desesperado para abrir o buraco o suficiente para puxá-la por ele. – Você está me ouvindo? *Não pode morrer!*

Cortou as costas da mão em um pedaço de madeira irregular, mas nem percebeu o sangue escorrer enquanto retirava outro pedaço quebrado.

– É bom que você esteja respirando – advertiu ele com a voz trêmula e entrecortada por soluços. – Isso não deveria estar acontecendo com você. Nunca deveria acontecer com você. Não é sua hora, entendeu?

Arrancou outro pedaço quebrado de madeira e esticou o braço pelo buraco que acabara de abrir para agarrar a mão dela. Conseguiu encontrar seu pulso e sentir seus batimentos, que pareciam estáveis, mas ainda era impossível dizer se ela estava sangrando, se tinha quebrado a coluna, se tinha batido a cabeça ou...

Ele estremeceu. Havia tantos modos de perecer... Se uma abelha podia derrubar um homem no auge da vida, com certeza um acidente de carruagem seria capaz de matar uma mulher frágil.

Anthony agarrou o último pedaço de madeira que se encontrava em seu caminho e ergueu-o, mas ele não cedeu.

– Não faça isso comigo! – murmurou. – Não agora. Não é sua hora. Está me ouvindo? Não é sua hora! – Ele sentiu as faces úmidas e percebeu que eram lágrimas. – Era para ser eu – disse, engasgando com as palavras. – Deveria ser eu no seu lugar.

Quando Anthony se preparava para dar outro puxão no último pedaço de madeira, os dedos de Kate apertaram seu pulso feito garras. Ele fitou seu rosto e viu os olhos dela se abrirem e clarearem, sem nem piscar.

– De que diabo você está falando? – perguntou ela, parecendo bastante lúcida e totalmente desperta.

O alívio inundou o peito de Anthony tão rápido que foi quase doloroso.

– Você está bem? – indagou, com a voz trêmula.

Kate fez uma careta e retrucou:

– Vou ficar.

Ele ficou em silêncio por alguns segundos, refletindo sobre a resposta dela.

– Mas o que você está sentindo?

Ela tossiu baixinho e se contraiu de dor.

– Aconteceu alguma coisa com minha perna. Mas não acho que esteja sangrando.

– Você vai desmaiar? Está tonta? Fraca?

Ela balançou a cabeça.

– Só estou sentindo dor. O que você está fazendo aqui?

Ele sorriu em meio às lágrimas.

– Vim atrás de você.

– Veio? – murmurou ela.

Ele assentiu.

– Vim para... isto é, eu percebi... – Ele engoliu em seco várias vezes. Nunca sonhara que chegaria o dia em que diria estas palavras a uma mulher e que elas tomariam seu coração de tal forma que ele mal conseguiria pronunciá-las. – Eu amo você, Kate – disse, com a voz embargada. – Levei muito tempo para perceber, mas eu a amo e precisava lhe contar isso hoje.

Ela deu um sorriso nervoso e fez um gesto com o queixo indicando o restante do corpo.

– Não podia ter aparecido em hora melhor.

Anthony sorriu de volta para ela.

– Quase valeu a pena o fato de eu ter esperado tanto, não é? Se eu tivesse me declarado na semana passada, hoje não teria vindo atrás de você no parque.

Ela lhe deu a língua, o que, considerando as circunstâncias, fez com que a amasse ainda mais.

– Apenas me tire daqui.

– Aí você vai dizer que me ama? – provocou ele.

Kate ofereceu-lhe um sorriso caloroso e cheio de desejo e concordou.

Com certeza, aquilo era tão bom quanto uma declaração, e, embora ele estivesse se arrastando em meio aos destroços de uma carruagem e Kate estivesse *presa* no maldito veículo, talvez com uma perna quebrada, de repente Anthony foi tomado por uma enorme sensação de alegria e paz.

Então percebeu que não se sentira assim por quase doze anos, desde a tarde

fatídica em que entrara no quarto dos pais e vira Edmund deitado na cama, gelado e imóvel.

– Vou puxar você agora – falou, deslizando os braços por trás de suas costas. – Acho que sua perna vai doer, mas não posso evitar.

– Já está doendo – retrucou ela com um sorriso corajoso. – Só quero sair daqui.

Anthony assentiu com seriedade, depois apoiou as mãos nas laterais do corpo dela e começou a puxar.

– Como estão as coisas aí? – perguntou, com um aperto no coração cada vez que a via se encolher de dor.

– Bem – disse ela com um ofego, mas podia perceber que só estava fingindo ser corajosa.

– Vou ter que virá-la – observou Anthony.

Seria difícil tirá-la dali. Não estava preocupado em rasgar sua roupa – diabos, ele lhe compraria uma centena de vestidos novos se ela lhe prometesse nunca mais entrar numa carruagem conduzida por outra pessoa que não ele. Mas não suportava a ideia de machucá-la ainda mais. Ela já sofrera o suficiente.

– Você vai precisar ficar de bruços para que eu a puxe – falou. – Você acha que consegue se virar para que eu possa segurá-la por baixo dos braços?

Ela consentiu, trincando os dentes e girando os quadris da esquerda para a direita.

– Ótimo – disse Anthony com a voz encorajadora. – Agora vou...

– Só faça de uma vez! – berrou Kate. – Não precisa explicar.

– Muito bem – retrucou ele, recuando até que os joelhos estivessem apoiados na grama.

Depois de contar mentalmente até três, cerrou os dentes e começou a puxá-la para fora.

Parou um segundo depois, quando Kate soltou um grito ensurdecedor. Se ele não estivesse tão convencido de que morreria nos próximos nove anos, poderia jurar que ela o fizera perder dez anos de vida.

– Você está bem? – indagou, preocupado.

– Estou – garantiu ela.

Mas respirava com dificuldade e todo o seu rosto estava tenso de dor.

– O que aconteceu? – perguntou uma voz do lado de fora da carruagem. Era Edwina, que terminara de desatrelar os cavalos e parecia muito agitada. – Ouvi

Kate gritar.
– Edwina? – chamou Kate, esticando o pescoço para tentar ver do lado de fora. – Você está bem? – Ela puxou a manga de Anthony. – Minha irmã está bem? Está ferida? Precisa de um médico?
– Ela está bem – respondeu ele. – É *você* quem precisa de um médico.
– E o Sr. Bagwell?
– Como está o Sr. Bagwell? – indagou Anthony a Edwina com a voz ríspida enquanto se concentrava em tirar Kate dos destroços.
– Levou uma pancada na cabeça, mas já está de pé de novo.
– Não foi nada. Posso fazer algo para ajudar? – disse uma voz masculina preocupada.
Anthony tinha a sensação de que o acidente fora muito mais culpa de Newton que do Sr. Bagwell, mas, ainda assim, o jovem estava na direção na hora do acidente e Anthony não se sentia muito inclinado a ser bondoso com ele agora.
– Eu aviso se precisar – falou simplesmente, antes de se virar de novo para Kate e observar: – Bagwell está bem.
– Não acredito que me esqueci de perguntar por eles – comentou Kate.
– Estou certo de que seu lapso será perdoado, considerando as circunstâncias – garantiu Anthony, afastando-se ainda mais, até ficar com o corpo quase todo do lado de fora da carruagem. Agora Kate estava posicionada na abertura, e bastaria apenas mais um puxão – muito longo e doloroso – para tirá-la dali.
– Edwina? Edwina? – chamou ela. – Você tem certeza de que não se machucou?
A jovem enfiou o rosto pela abertura.
– Estou bem – afirmou com a voz tranquilizadora. – O Sr. Bagwell foi jogado para fora, e eu consegui...
Anthony cutucou-a com o cotovelo para que saísse do caminho.
– Trinque os dentes, Kate – ordenou ele.
– O quê? Eu... *Aaaaaaaai!*
Com um único puxão, ele a livrou por completo dos destroços e ambos aterrissaram no gramado, ofegantes. Porém, se Anthony estava tendo dificuldade para respirar pelo cansaço extremo, não restava dúvida de que Kate sofria com uma dor intensa.
– Meu Deus! – exclamou Edwina quase gritando. – Veja a perna dela!

Anthony olhou para Kate e sentiu um embrulho no estômago. A perna dela estava torta e curvada, evidentemente quebrada. Ele engoliu em seco várias vezes, tentando não demonstrar preocupação. Pernas fraturadas podiam ser curadas, mas ele também ouvira falar de homens que perderam os membros por causa de infecções e de um péssimo atendimento médico.

– Qual é o problema com minha perna? – indagou Kate. – Está doendo, mas... Ah, meu Deus!

– É melhor você não olhar – disse Anthony, tentando virar a cabeça dela para o outro lado.

A respiração dela, já acelerada pela tentativa de controlar a dor, tornou-se errática e assustada.

– Ah, meu Deus – ofegou. – Dói muito. Não percebi quanto doía até ver...

– Não olhe! – interrompeu Anthony.

– Ah, meu Deus. Ah, meu Deus.

– Kate? – chamou Edwina com a voz preocupada. – Você está bem?

– Olhe para minha perna! – respondeu Kate quase gritando. – Ela parece bem para você?

– Na verdade, eu me referia a seu rosto. Você está meio verde...

Mas Kate não conseguiu responder. Sua respiração tinha se acelerado demais. Então, com Anthony, Edwina, o Sr. Bagwell e Newton fitando-a, ela revirou os olhos e desmaiou.

Três horas depois, Kate estava deitada em sua cama, sem dúvida não muito confortável, mas com um pouco menos de dor graças ao láudano que Anthony a forçara a tomar assim que chegaram em casa. Sua perna tinha sido posta no lugar pelos três cirurgiões que Anthony chamou (todos eles afirmaram não ser necessário mais do que um cirurgião para pôr um osso no lugar, mas Anthony cruzou os braços de modo implacável e os encarou até que se calassem), e um clínico geral apareceu para deixar várias receitas que jurou terem a capacidade de acelerar o processo de junção do osso.

Anthony não saíra de perto dela, contestando cada movimento dos médicos, até que um deles teve a audácia de perguntar-lhe quando ele recebera o diploma da Faculdade Real de Medicina.

Anthony não gostara nem um pouco.

Contudo, depois de toda a confusão, a perna de Kate foi posta no lugar e imobilizada. Agora ela precisaria ficar, na melhor das hipóteses, um mês na cama.

– Na melhor das hipóteses? – resmungou para Anthony quando o último dos cirurgiões se foi. – Como essa pode ser a melhor das hipóteses?

– Você vai pôr a leitura em dia – sugeriu ele.

Ela deixou escapar um suspiro impaciente pelo nariz – era difícil respirar pela boca enquanto trincava os dentes.

– Não sabia que minha leitura estava atrasada.

Se ele sentiu vontade de rir, conseguiu disfarçar muito bem.

– Talvez você possa costurar um pouco.

Ela apenas o olhou de cara feia. Como se a perspectiva de costurar fosse fazê-la sentir-se melhor.

Anthony sentou-se cautelosamente na beirada da cama e afagou a mão dela.

– Vou lhe fazer companhia – prometeu com um sorriso encorajador. – Já decidi reduzir meu tempo no clube.

Kate suspirou. Estava exausta, com raiva e com dor, e não parava de descontar no marido, o que não era nada justo. Virou a mão para cima e entrelaçou os dedos nos dele.

– Eu amo você, sabia? – falou baixinho.

Ele apertou a mão dela, assentindo, e o calor de seus olhos, fixos nos dela, era mais significativo do que qualquer palavra.

– Você me disse para não amá-lo – comentou Kate.

– Eu fui um idiota.

Ela não negou, e o sorriso dele deixou claro que isso não lhe passou despercebido. Depois de um instante de silêncio, Kate continuou:

– Você não estava falando coisa com coisa no parque.

Anthony continuou com a mão entrelaçada na dela, mas se afastou um pouco.

– Não sei sobre o que você está falando – retrucou.

– Acho que sabe, sim – disse ela em voz baixa.

Anthony fechou os olhos por um momento, então se levantou, os dedos se afastando aos poucos da mão dela, até que enfim não se tocavam mais. Por tantos anos ele tivera o cuidado de manter suas estranhas convicções para si

mesmo... Sempre lhe parecera a melhor atitude, porque as pessoas poderiam acreditar nele e ficar preocupadas ou então o considerariam um louco.

Nenhuma das opções era muito interessante.

Porém, no calor daquele terrível momento, ele revelou tudo à esposa. Não se lembrava exatamente do que dissera no parque, mas fora o suficiente para despertar a curiosidade dela, e Kate não era do tipo que deixasse para lá. Ele poderia evitar quanto quisesse, no entanto uma hora ela conseguiria fazê-lo falar. Ainda não nascera mulher mais teimosa.

Ele caminhou até a janela e inclinou-se no peitoril, olhando à frente com o rosto inexpressivo, como se pudesse de fato ver os arredores através das pesadas cortinas cor de vinho que estavam fechadas havia bastante tempo.

– Há algo a meu respeito que você deveria saber – murmurou.

Ela não disse nada, mas ele soube que o ouvira. Talvez tivesse sido o som que Kate fez ao mudar de posição na cama, ou talvez a atmosfera no quarto. De alguma maneira, ele soube.

Deu meia-volta. Seria mais fácil falar para as cortinas, mas ela merecia mais do que isso. Kate estava sentada na cama, com a perna machucada sobre alguns travesseiros, os olhos arregalados e o coração cheio de uma mistura dolorosa de curiosidade e preocupação.

– Não sei como lhe contar isso sem parecer ridículo – disse ele.

– Às vezes, a maneira mais fácil é apenas dizer – retrucou ela baixinho, dando tapinhas a seu lado na cama. – Quer sentar perto de mim?

Ele balançou a cabeça. A proximidade só tornaria tudo mais difícil.

– Quando meu pai morreu, aconteceu uma coisa comigo – começou.

– Vocês eram muito próximos, não eram?

Ele assentiu.

– Mais do que eu já fui de qualquer outra pessoa, até conhecer você.

Os olhos de Kate brilharam.

– O que aconteceu?

– Foi muito inesperado – respondeu ele. Sua voz era baixa, como se estivesse contando uma notícia ruim, e não falando sobre o acontecimento mais perturbador de sua vida. – Foi uma abelha, como eu já lhe disse.

Ela aquiesceu.

– Quem pensaria que uma abelha seria capaz de matar um homem? – perguntou

Anthony com uma risada sarcástica. – Seria engraçado se não fosse tão trágico.
Kate ficou em silêncio. Apenas olhou para o marido com uma compaixão que lhe partiu o coração.
– Fiquei com ele a noite toda – prosseguiu ele, virando-se ligeiramente para não ter que encará-la. – Ele estava morto, claro, mas eu precisava de um pouco mais de tempo. Fiquei apenas sentado ao lado dele, observando-o. – Deu uma risada raivosa. – Meu Deus, como fui tolo... Acho que esperava que fosse abrir os olhos a qualquer momento.
– Não acho que tenha sido tolice – retrucou Kate em voz baixa. – Já vi a morte de perto também. É difícil acreditar que alguém se foi quando parece tão normal e tranquilo.
– Não sei quando aconteceu – continuou Anthony –, mas pela manhã eu tinha certeza.
– De que ele estava morto? – quis saber ela.
– Não – disse ele com a voz rouca. – De que eu morreria também.
Ele esperou que ela respondesse algo, que chorasse, que fizesse alguma coisa, porém Kate só ficou sentada ali, fitando-o sem nenhuma mudança perceptível na expressão, até que ele enfim teve que falar:
– Não sou um homem tão bom quanto meu pai foi.
– Talvez ele discordasse disso – sugeriu ela em voz baixa.
– Bem, ele não está aqui para fazer isso, não é? – observou Anthony.
Mais uma vez, Kate ficou em silêncio. E de novo ele se sentiu insignificante.
Praguejou em voz baixa e pressionou as têmporas com os dedos. Sua cabeça começava a latejar. Sentia-se tonto e percebeu que não lembrava a última vez que comera.
– Cabe a mim julgar isso – disse ele baixinho. – Você não o conheceu.
Ele se apoiou na parede com um suspiro longo e cansado, e prosseguiu:
– Apenas deixe-me falar tudo. Não me interrompa nem dê opiniões. Já é difícil o bastante sem isso. Você pode fazer isso por mim?
Ela concordou.
Anthony inspirou, trêmulo.
– Meu pai foi o melhor homem que conheci. Não há um só dia em que eu não chegue à conclusão de que não vivo de acordo com os padrões dele. Eu sempre soube que ele era tudo a que eu poderia almejar. Posso nunca chegar a seus pés,

mas, se conseguisse me aproximar ao menos um pouco de sua grandeza, ficaria satisfeito. Isso é tudo o que eu sempre quis.

Sem saber muito bem por quê, ele olhou para Kate. Talvez quisesse se tranquilizar, ou então buscar sua compreensão. Talvez desejasse apenas ver seu rosto.

– Se há uma coisa que eu sempre soube – murmurou ele, conseguindo encontrar, de alguma maneira, coragem para encará-la –, era que jamais o superaria. Nem mesmo em idade.

– O que você está tentando me dizer? – disse ela baixinho.

Ele deu de ombros, impotente.

– Sei que não faz sentido e que não posso oferecer nenhuma explicação racional, mas a questão é que, desde a noite em que me sentei com o cadáver de meu pai, soube que não poderia viver mais que ele.

– Entendo – retrucou ela, tranquila.

– Entende?

E então, como se uma represa tivesse se rompido, as palavras jorraram dele. Anthony falou sobre tudo: por que era tão contrário ao casamento por amor, a inveja que sentira ao ver que ela conseguira enfrentar seus demônios e vencer.

Observou Kate levar uma das mãos à boca e morder a ponta do polegar. Já a vira fazer isso, lembrou, sempre que estava perturbada ou muito concentrada nos próprios pensamentos.

– Quantos anos seu pai tinha quando morreu? – perguntou ela.

– Trinta e oito.

– Quantos anos você tem agora?

Ele a olhou com curiosidade. Kate sabia sua idade. Mas, de qualquer maneira, ele disse:

– Vinte e nove.

– Então, pelos seus cálculos, ainda temos nove anos.

– No máximo.

– E você acredita mesmo nisso?

Anthony assentiu.

Ela cerrou os lábios e respirou profundamente. Por fim, depois do que pareceu um silêncio infinito, voltou a fitá-lo.

– Bem, você está errado.

Curiosamente, o tom objetivo dela era tranquilizador. Anthony sentiu um dos cantos de sua boca se erguer em um sorriso fraco.

– Você acha que não sei como isso é ridículo?

– Em minha opinião, não é ridículo. Na verdade, parece uma reação bastante normal, sobretudo considerando que você adorava seu pai. – Ela deu de ombros e inclinou a cabeça ligeiramente para o lado. – Ainda assim, está errado.

Anthony não disse nada.

– A morte de seu pai foi um acidente – prosseguiu Kate. – Um acidente. Um acaso terrível do destino, que ninguém poderia prever.

Ele deu de ombros com um ar fatalista.

– É provável que a mesma coisa aconteça comigo.

– Ora, mas que... – Kate conseguiu morder a língua uma fração de segundo antes de blasfemar. – Anthony, eu também posso morrer amanhã. Poderia ter morrido hoje, no acidente com a carruagem.

Ele empalideceu.

– Nem me lembre disso.

– Minha mãe morreu quando eu tinha 3 anos – recordou Kate com rispidez. – Já pensou nisso? De acordo com seu raciocínio, eu já deveria estar morta.

– Não seja...

– Tola? – completou ela.

O silêncio durou um minuto inteiro.

Finalmente, Anthony disse, pouco mais alto que um sussurro:

– Não sei se posso superar isso.

– Você não precisa superar – retrucou Kate. Ela mordeu o lábio inferior, que começara a tremer, então pôs a mão a seu lado na cama. – Você poderia vir até aqui para que eu possa segurar sua mão?

Anthony obedeceu de imediato, então o calor do toque dela o invadiu, penetrando seu corpo até tocar sua alma. Naquele momento, ele percebeu que aquilo era muito mais que amor. Aquela mulher fizera dele uma pessoa melhor. Ele era bom, forte e generoso antes, mas, com Kate a seu lado, era algo mais.

Juntos, eles conseguiriam fazer qualquer coisa.

Isso quase o fez pensar que chegar aos 40 anos poderia não ser um sonho impossível de realizar.

– Você não precisa superar – repetiu ela, as palavras pairando com suavidade

entre eles. – Para ser sincera, não vejo *como* poderia deixar esse medo para trás até completar 39 anos. No entanto, o que *pode* fazer – completou, apertando sua mão, e Anthony, por alguma razão, sentiu-se mais forte que alguns instantes atrás – é não permitir que isso domine sua vida.

– Cheguei a essa conclusão hoje de manhã – sussurrou ele –, quando soube que tinha que lhe dizer que a amava. Mas, de algum modo, agora eu tenho *certeza*.

Kate assentiu e Anthony viu seus olhos se encherem de lágrimas.

– Precisamos viver cada momento como se fosse o último, como se fôssemos imortais – afirmou ela. – Quando meu pai adoeceu, tinha tantos arrependimentos... Ele me disse que havia tantas coisas que queria ter feito... Sempre imaginara que teria mais tempo. Nunca me esqueci disso. Por que você acha que resolvi aprender a tocar flauta numa idade tão avançada? Todos disseram que eu era velha demais, que para ser realmente boa eu deveria ter começado quando criança. Mas a questão é que não preciso ser boa. Só tenho que me divertir com isso. E saber que tentei.

Anthony sorriu. Ela era uma flautista horrível. Nem Newton suportava ouvi-la.

– Mas o contrário também é verdade – acrescentou Kate em voz baixa. – Você não pode evitar novos desafios ou esconder-se do amor porque talvez não esteja aqui para realizar seus sonhos. No fim, terá tantos arrependimentos quanto meu pai.

– Eu não queria amá-la – murmurou Anthony. – Era o que eu mais temia. Já estava bastante acostumado a meu curioso modo de ver a vida. Era muito conveniente, para ser sincero. Mas o amor...

Ele se interrompeu, e o som abafado que produziu parecia pouco viril, deixando evidente sua vulnerabilidade. Mas Anthony não se importava, porque era Kate ali com ele.

Não importava que ela visse suas lágrimas mais profundas, porque Anthony sabia que continuaria amando-o. Era um sentimento sublime de libertação.

– Eu conheci o amor verdadeiro – continuou ele. – Eu não era o sujeito cínico que a sociedade me fazia parecer. Sabia que esse sentimento existia. Minha mãe... meu pai...

Parou mais uma vez e inspirou com dificuldade. Era a coisa mais difícil que já tinha feito. E, ainda assim, sabia que precisava dizer aquilo. Tinha consciência de que, por mais difícil que fosse, no fim, seu coração estaria livre.

– Eu tinha tanta certeza de que o amor era a única coisa que poderia fazer isso... isso... essa consciência de mortalidade...– prosseguiu. Passou a mão pelos cabelos, procurando as palavras. – O amor era a única coisa que tornaria essa consciência insuportável. Como eu poderia amar alguém de maneira profunda e verdadeira sabendo que estou condenado?

– Mas você não está condenado – garantiu Kate, apertando sua mão.

– Eu sei. Quando me apaixonei por você, eu soube. Mesmo que eu esteja certo, ainda que esteja destinado a morrer com a mesma idade de meu pai, sei que não estou condenado. – Ele se inclinou e deu um beijo de leve nos lábios dela. – Eu tenho você – murmurou –, e não vou desperdiçar nem um segundo que temos juntos.

Os lábios de Kate se abriram num sorriso.

– O que isso significa?

– Significa que o amor não tem nada a ver com o medo de que tudo acabe, mas com encontrar alguém que o complete, que faça de você um ser humano melhor do que jamais sonhou ser. É olhar nos olhos de sua esposa e ter a certeza de que ela é a melhor pessoa que você já conheceu.

– Ah, Anthony – sussurrou Kate, com lágrimas escorrendo pelo rosto. – É assim que me sinto em relação a você.

– Quando achei que você tinha morrido...

– Não diga isso – pediu ela com a voz abafada. – Você não precisa lembrar isso mais uma vez.

– Não – retrucou ele. – Preciso, sim. Tenho que lhe dizer. Foi a primeira vez, mesmo depois de todos esses anos esperando minha morte, que eu realmente soube o que significava morrer. Porque, se você não tivesse sobrevivido... eu não veria mais motivo para viver. Não sei como minha mãe aguentou.

– Ela tinha os filhos – recordou Kate. – Não podia abandonar vocês.

– Eu sei – falou Anthony em voz baixa. – Mas a dor que ela deve ter sentido...

– Acho que o coração humano é mais forte do que nós imaginamos.

Anthony encarou-a por um longo tempo, os olhos fixos nos dela, até sentir que eles só podiam ser uma única pessoa. Então, com a mão trêmula, segurou-a pela nuca e inclinou-se para beijá-la. Adorava os lábios dela, e ofereceu-lhe todo o amor, a devoção, a reverência e a oração que sentia em sua alma.

– Eu amo você, Kate – murmurou ele, com os lábios roçando sua boca. – Amo

demais.

Ela assentiu, incapaz de dizer qualquer coisa.

– E, neste momento, eu queria... queria...

E então a coisa mais estranha aconteceu. Uma gargalhada jorrou de dentro de Anthony. Ele foi tomado pela felicidade do instante e rir foi tudo o que pôde fazer para não tomá-la nos braços e girá-la no ar.

– Anthony? – chamou Kate, parecendo ao mesmo tempo confusa e divertida.

– Você sabe o que mais significa amar? – perguntou ele baixinho, apoiando as mãos nas laterais de seu corpo e encostando o nariz no dela.

Kate balançou a cabeça.

– Não poderia nem arriscar uma resposta.

– Significa que acho essa sua perna quebrada um grande aborrecimento – resmungou ele.

– Não tanto quanto eu, milorde – retrucou ela, lançando um olhar triste ao membro engessado.

Anthony franziu a testa.

– Nenhum exercício vigoroso pelos próximos dois meses, hein?

– No mínimo.

Ele sorriu e, naquele momento, parecia o libertino que ela certa vez o acusara de ser.

– Com certeza, vou ter que ser muito, muito delicado – murmurou.

– Hoje à noite?

Ele balançou a cabeça.

– Nem eu tenho o talento necessário para me expressar com *essa* delicadeza.

Kate deu uma risadinha. Não pôde evitar. Ela amava aquele homem e ele a amava, e, mesmo que Anthony duvidasse disso, os dois envelheceriam juntos. Era o suficiente para deixar uma garota – apesar da perna quebrada – muito risonha.

– Você está rindo de mim? – indagou ele, arqueando a sobrancelha de modo arrogante ao se aproximar ainda mais dela.

– Nem sonharia em fazer isso.

– Ótimo. Porque tenho coisas importantes a lhe dizer.

– É mesmo?

Ele concordou com seriedade.

– Posso não poder demonstrar hoje à noite quanto a amo, mas posso lhe dizer isso.
– Nunca me cansarei de ouvir – sussurrou ela.
– Ótimo. Porque, depois que lhe disser, vou falar como gostaria de lhe *mostrar* isso.
– Anthony! – gritou ela com a voz aguda.
– Acho que começaria pelo lóbulo de sua orelha – refletiu ele. – Sim, com certeza pelo lóbulo. Eu o beijaria, depois daria mordidinhas, então...
Kate arfou, em seguida contorceu-se na cama. E se apaixonou por ele mais uma vez.
Enquanto Anthony sussurrava doces bobagens em seu ouvido, ela teve a mais estranha das sensações, quase como se pudesse ver todo o futuro diante de si. Cada dia seria mais rico e pleno que o anterior, e em todos eles ela se apaixonaria...
Seria possível apaixonar-se pela mesma pessoa sempre, todos os dias?
Kate suspirou ao se acomodar nos travesseiros e deixou que aquelas palavras maliciosas tomassem conta dela.
Por Deus, ela ia tentar.

EPÍLOGO

Lorde Bridgerton comemorou seu aniversário – acreditamos que tenha sido o 39º – em casa com a família.

Esta autora não foi convidada.

De qualquer forma, detalhes da celebração chegaram aos nossos ouvidos atentos, e parece ter sido uma festa muito divertida. O dia começou com um breve concerto: lorde Bridgerton no trompete e Lady Bridgerton na flauta. A Sra. Bagwell (irmã de Lady Bridgerton) aparentemente ofereceu-se para assumir o piano, mas a oferta foi recusada.

De acordo com a nobre viscondessa, nunca se realizou uma apresentação musical mais desarmônica, e soubemos que a certa altura o jovem Miles Bridgerton subiu na cadeira e implorou que seus pais parassem de tocar.

Também ouvimos dizer que ninguém censurou o garoto por sua falta de educação. Ao contrário, todos deram suspiros de alívio quando seus progenitores puseram os instrumentos de lado.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
17 DE SETEMBRO DE 1814

– Ela só pode ter um espião na família – disse Anthony à esposa, balançando a cabeça.

Kate riu enquanto escovava os cabelos, preparando-se para deitar-se.

– Ela não percebeu que seu aniversário é hoje, não ontem.

– Apenas um detalhe – resmungou ele. – Ela deve ter um espião. Não há outra explicação.

– Todo o resto está correto – observou Kate. – Vou lhe contar uma coisa: sempre admirei essa mulher.

– Não tocamos tão mal assim – protestou Anthony.

– Foi horrível. – Ela colocou a escova de lado e foi até ele. – Nunca tocamos bem. Mas, pelo menos, tentamos.

Anthony pôs os braços ao redor da cintura da esposa e apoiou o queixo no alto de sua cabeça. Poucas coisas lhe deixavam mais em paz que segurá-la nos braços. Ele não sabia como um homem conseguia sobreviver sem amar uma mulher.

– Já é quase meia-noite – murmurou Kate. – Seu aniversário está quase acabando.

Anthony assentiu. Trinta e nove anos. Nunca pensara que veria esse dia.

Não. Isso não era verdade. Desde o momento em que deixara Kate entrar em seu coração, seus temores foram desaparecendo aos poucos. Ainda assim, era bom fazer 39 anos. Tranquilizador. Ele passara boa parte do dia no escritório, fitando o retrato do pai. E então falara com ele. Durante incontáveis horas, conversara com Edmund. Contara-lhe sobre os três filhos, o casamento dos irmãos e os filhos deles. Falara sobre a mãe e contara que ela recentemente começara a pintar com tinta a óleo – e que, na verdade, era bastante talentosa. E falara sobre Kate – sobre como ela libertara sua alma e como ele a amava.

Isso sempre fora, Anthony percebeu, o que o pai desejara para ele.

O relógio na lareira começou a tocar, mas nem Anthony nem Kate falaram até a 12ª badalada.

– Então é isso – murmurou ela.

Ele aquiesceu.

– Vamos para a cama.

Kate se afastou e ele pôde ver que sorria.

– É assim que você quer comemorar? – disse ela.

Ele segurou sua mão e levou-a aos lábios.

– Não consigo imaginar modo melhor. E você?

Kate balançou a cabeça, então deu uma risadinha ao correr para a cama.

– Você leu o que mais ela escreveu na coluna?

– A tal Whistledown?

Ela concordou.

Anthony pôs as mãos nas laterais do corpo da esposa e a fitou de esguelha.

– Era sobre nós?

Kate negou com a cabeça.

– Então não me interessa – retrucou ele.

– Era sobre Colin.

Anthony soltou um suspiro.

– Ela parece escrever um bocado sobre Colin.

– Talvez *goste* dele – sugeriu Kate.

– Lady Whistledown? – Ele revirou os olhos. – Aquela velhota tagarela?

– Talvez não seja velha.

Anthony deu uma risada irônica.

– Ela é uma velhota encarquilhada e você sabe disso.

– Não sei, não – disse Kate, soltando-se das mãos dele e indo para debaixo das cobertas. – Eu acho que ela pode ser jovem.

– E *eu* acho – anunciou Anthony – que não quero falar sobre Lady Whistledown.

Kate sorriu.

– Não?

Ele deslizou na cama para o lado dela e pousou os dedos na curva de seu quadril.

– Tenho coisas melhores para fazer.

– Ah, é?

– Muito melhores. – Seus lábios encontraram a orelha dela. – *Infinitamente* melhores.

Em um quarto pequeno e decorado com elegância, não muito distante da Casa Bridgerton, uma mulher – não mais nos primeiros anos da juventude, mas com certeza nem um pouco enrugada e velha – sentava-se à escrivaninha com uma pena e um vidrinho de tinta e pegava uma folha de papel.

Alongando o pescoço para um lado e para o outro, pousou a pena sobre o papel e escreveu:

Crônicas da sociedade de Lady Whistledown, 19 de setembro de 1823

Ah, querida leitora, chegou aos ouvidos desta autora...

CARTA DA AUTORA

Prezado leitor,

Vamos encarar os fatos: lemos romances para nos apaixonar. Sobretudo pelo herói. Sem dúvida, as heroínas são importantes – na verdade, em minha opinião, se a mocinha não for alguém que poderia ser minha melhor amiga, o livro não faz sentido.

No entanto, com os heróis, a história é outra. Espero que fique bem claro que amo meu marido (apesar do tempo que ele levou para “consertar” meu computador), mas lamento: dê-me *Orgulho e preconceito* e vou me apaixonar sempre pelo Sr. Darcy.

Foi por isso que, quando me sentei para escrever *O visconde que me amava*, estava radiante. Passaria os seis meses seguintes com Anthony Bridgerton, um personagem que já conhecia e por quem me apaixonei em *O duque e eu*. Ele era lindo, inteligente, e sempre conseguia tudo o que queria. Em outras palavras: o perfeito herói romântico.

Mas não gosto de personagens perfeitos. A perfeição leva ao tédio e, em minha opinião, não constrói grandes romances. Por isso, tomei uma decisão. Anthony ainda seria lindo e inteligente, porém não mais perfeito. E, desta vez, *definitivamente* não conseguiria tudo o que queria.

A reação dele à morte do pai é muito comum, sobretudo entre o sexo masculino. (Em um grau muito inferior, mulheres que perderam a mãe cedo respondem de maneira semelhante.) Homens na situação de Anthony costumam sentir-se dominados pela certeza de que terão o mesmo destino. Muitas vezes, sabem que seus medos são irracionais, mas é quase impossível conseguirem superá-lo até que cheguem à idade da morte do pai – ou a ultrapassem.

Como a maioria de meus leitores é do sexo feminino, e como o problema de Anthony é – para usar uma expressão moderna – “coisa de homem”, tive medo

de que as mulheres não se solidarizassem com a situação dele. Como autora de romances, vejo-me com frequência cruzando um limite tênue entre criar heróis totalmente heroicos e fazê-los reais. Com Anthony, espero ter chegado a um equilíbrio. É fácil olhar de cara feia para um livro e resmungar: “Supere isso!”, mas a verdade é que, para grande parte dos homens, não é fácil “resolver” a morte súbita e prematura de um pai amado.

As leitoras mais atentas perceberão que a picada de abelha que matou Edmund Bridgerton foi, na verdade, a segunda que ele levou na vida. O que aconteceu é verossímil do ponto de vista médico – alergias a picadas de abelha não se manifestam, em geral, até a segunda ocorrência. Como Anthony só foi picado uma vez na vida, é impossível saber se ele é alérgico ou não. Como autora deste livro, porém, gostaria de acreditar que tenho certo controle criativo sobre o quadro de saúde de meus personagens, por isso decidi que Anthony não tem alergia alguma e que, além disso, viverá até os 92 anos.

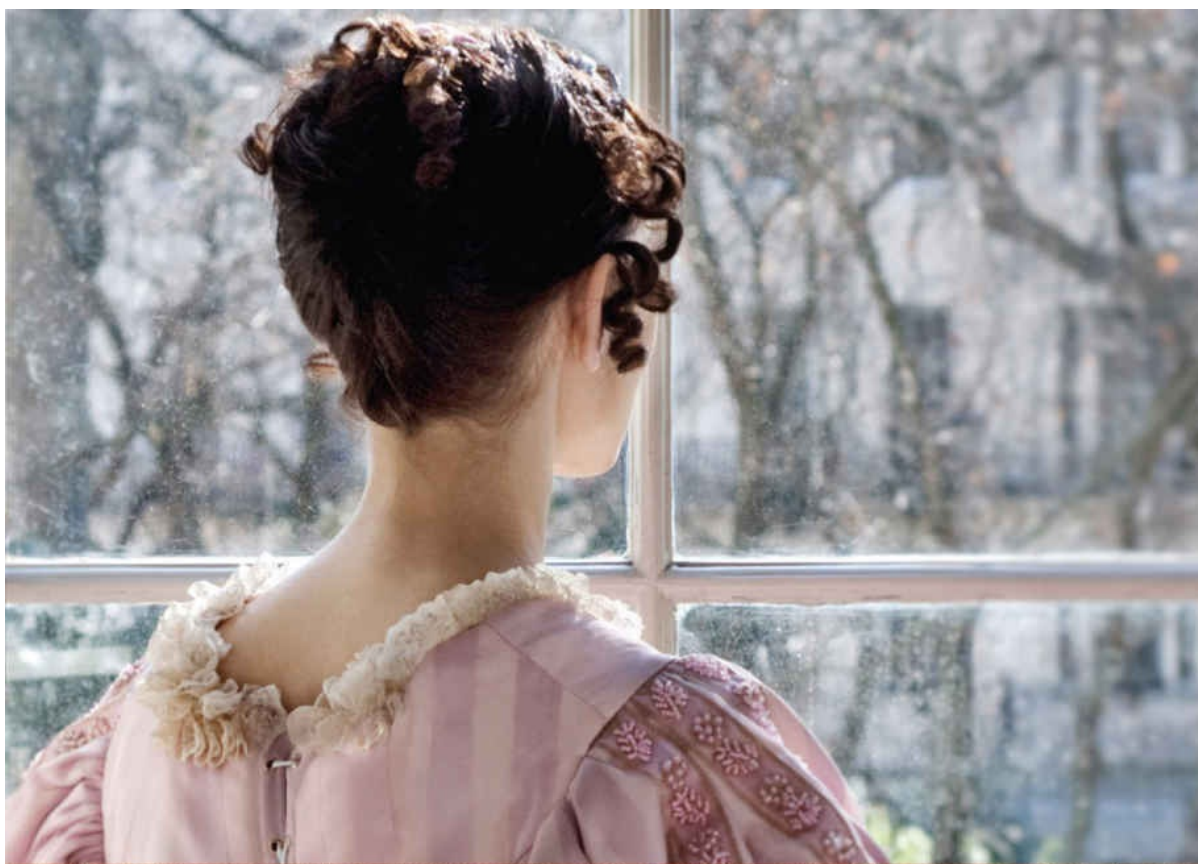
Com amor,

Julia Q.

Os Bridgertons — 3

Julia Quinn

Um Perfeito Cavalheiro

Arqueiro

Um Perfeito Cavalheiro

Os Bridgertons — 3

Julia Quinn

Um Perfeito Cavalheiro

ARQUEIRO

Título original: *An Offer from a Gentleman*

tradução: Cássia Zanon

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Clarissa Peixoto e Isabella Leal

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagens de capa: casa: Latinstock/Atlantide Phototravel/Corbis; mulher: Richard Jenkins

adaptação para e-book: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

Q64u

Quinn, Julia, 1970-
Um perfeito cavalheiro [recurso eletrônico] / Julia Quinn [tradução de Cássia Zanon]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital.

Tradução de: An offer from a gentleman
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-239-0 (recurso eletrônico)

1. Romance histórico americano. 2. Livros eletrônicos. I. Zanon, Cássia, 1974-. II. Título.

13-03013 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

A temporada de 1815 está em pleno curso, e, embora fosse de esperar que todas as conversas seriam a respeito de Wellington e Waterloo, na verdade houve poucas mudanças em relação aos assuntos de 1814, que giraram em torno do eterno tema da sociedade – casamento.

Como sempre, as esperanças matrimoniais das debutantes estão centradas na família Bridgerton, mais especificamente no mais velho dos irmãos solteiros, Benedict. Ele pode não possuir um título, mas o rosto bonito, as formas agradáveis e o bolso cheio parecem compensar essa falha. De fato, em mais de uma ocasião esta autora ouviu uma mãe ambiciosa dizendo sobre a filha: "Ela vai se casar com um duque... ou com um Bridgerton."

O Sr. Bridgerton, por sua vez, parece não ter qualquer interesse pelas jovens frequentadoras dos eventos sociais. Ele comparece a quase todas as festas, mas tudo o que faz é olhar para as portas, provavelmente esperando alguém especial.

Quem sabe...

Uma noiva em potencial?

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
12 DE JULHO DE 1815

Para Cheyenne,
e a lembrança de um verão de frappuccinos.

E também para Paul,
embora ele não veja nada de errado
em assistir a cirurgias cardíacas de peito aberto na TV
enquanto comemos espaguete.

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

PRÓLOGO

Todo mundo sabia que Sophie Beckett era bastarda.

Todos os criados tinham consciência disso. Mas eles amavam a pequena menina. Tinham começado a amá-la desde que ela chegara a Penwood Park, aos 3 anos, uma trouxinha enrolada num casaco enorme, deixada nos degraus da entrada da casa numa noite chuvosa de julho. E, como a amavam, fingiam que ela era exatamente o que o sexto conde de Penwood dizia que ela era – a filha órfã de um velho amigo. Não importava que os olhos verde-musgo e os cabelos louro-escuros de Sophie fossem muito parecidos com os do conde, nem que o formato de seu rosto lembrasse de forma impressionante o da recém-falecida mãe do conde, ou que seu sorriso fosse uma réplica precisa do da irmã dele. Ninguém queria magoar a jovem – ou arriscar o emprego – fazendo esse tipo de observação.

O conde, um certo Richard Gunningworth, nunca falava sobre Sophie ou suas origens, mas devia saber que ela era sua filha bastarda. Ninguém tinha conhecimento do que estava escrito na carta que a governanta descobrira no bolso da menina quando ela fora encontrada naquela noite chuvosa. O conde queimara a correspondência alguns segundos depois de ler. Ficou observando o papel desaparecer nas chamas e então ordenou que preparassem um quarto para a criança na ala infantil. Foi onde ela permaneceu desde então. Ele a chamava de Sophia, e ela o chamava de "milorde", e os dois se viam algumas vezes por ano, sempre que o conde vinha de Londres, o que não acontecia com muita frequência.

Mas – talvez o mais importante – Sophie tinha consciência de que era bastarda. Não tinha muita certeza de como sabia, só que sabia, e provavelmente soubera durante toda a sua vida. Tinha poucas lembranças anteriores à sua chegada a Penwood Park, mas se recordava de uma longa viagem de carruagem pela Inglaterra e também da avó, tossindo e arfando, parecendo muito magra, dizendo

que ela ia morar com o pai. Mais do que tudo, ela se lembrava de ter ficado parada nos degraus da entrada sob a chuva, sabendo que a avó estava escondida nos arbustos esperando para ver se a menina seria levada para dentro da casa.

O conde tocara no queixo da menininha, virara seu rosto para a luz e naquele momento os dois souberam a verdade.

Todo mundo sabia que Sophie era bastarda, ninguém falava sobre isso, e todos estavam bastante satisfeitos com essa situação.

Até que o conde decidiu se casar.

Sophie ficara muito satisfeita com a novidade. A governanta dissera que o mordomo dissera que a secretária do conde dissera que o conde planejava passar mais tempo em Penwood Park, agora que decidira ser um homem de família. Embora Sophie não sentisse exatamente falta do dono da casa quando ele não estava – era difícil sentir falta de alguém que não lhe dava muita atenção mesmo quando se encontrava no mesmo ambiente que ela –, a menina achava que *poderia* vir a sentir saudade dele se tivesse a oportunidade de conhecê-lo melhor, e que, se o conhecesse melhor, talvez ele não viajasse tanto. Além disso, a arrumadeira do andar de cima comentara que a governanta comentara que o mordomo dos vizinhos comentara que a pretendente do conde já tinha duas filhas mais ou menos da idade de Sophie.

Depois de sete anos sozinha na ala infantil, Sophie estava encantada. Ao contrário das outras crianças do distrito, ela nunca era convidada para festas e eventos locais. Ninguém nunca chegara a chamá-la de bastarda – o que seria o equivalente a chamar o conde de mentiroso, já que ele declarara que Sophie era sua pupila e depois nunca mais tornara a tocar no assunto. Mas, ao mesmo tempo, ele jamais fizera qualquer tentativa a sério de forçar que a aceitassem. Assim, aos 10 anos, os melhores amigos dela eram criadas e lacaios, e seus pais poderiam muito bem ser a governanta e o mordomo.

Mas agora ela ganharia irmãs de verdade.

Ah, ela sabia que não poderia chamá-las assim. Tinha consciência de que seria apresentada como Sophia Maria Beckett, a pupila do conde, mas elas *seriam como* irmãs. E era isso que importava de verdade.

Assim, numa tarde de fevereiro, Sophie esperava no grande saguão junto a toda a criadagem, espiando pela janela até que a carruagem do conde parasse na entrada da casa, trazendo a nova condessa e suas duas filhas. E, é claro, o conde.

– Será que ela vai gostar de mim? – sussurrou Sophie para a Sra. Gibbons, a governanta. – A esposa do conde, quero dizer.

– É claro que ela vai gostar de você, querida – respondeu baixinho a Sra. Gibbons.

Mas seu olhar não estava tão assertivo quanto seu tom de voz. A nova condessa poderia não gostar da presença da filha ilegítima do marido.

– E eu vou ter aulas com as filhas dela?

– Não há por que vocês terem aulas em separado.

Sophie assentiu com ar pensativo e começou a se contorcer quando viu a carruagem se aproximar.

– Eles chegaram – murmurou.

A Sra. Gibbons esticou o braço para acariciar sua cabeça, mas Sophie já havia corrido até a janela e praticamente colado o rosto ao vidro.

O conde desceu primeiro, então estendeu a mão e ajudou as duas menininhas a saltarem. Ambas vestiam casacos pretos iguais. Uma tinha um laço cor-de-rosa na cabeça e a outra, um amarelo. Então, depois que elas deram um passo para o lado, o conde ofereceu a mão à última pessoa a descer da carruagem.

Sophie prendeu a respiração enquanto esperava que a nova condessa aparecesse. Cruzou os dedinhos e sussurrou um único “Por favor” bem baixinho.

Por favor, faça com que ela me ame.

Talvez, se a condessa a amasse, o conde também sentisse o mesmo. E talvez, ainda que não a chamasse de filha, ele a tratasse como tal e então todos formariam uma família de verdade.

Enquanto Sophie observava pela janela, a nova condessa desceu da carruagem. Seus movimentos eram tão graciosos e puros que Sophie pensou na delicada cotovia que às vezes aparecia para tomar banho na fonte de pássaros do jardim. O chapéu dela inclusive era enfeitado por uma longa pluma azul-turquesa que reluzia sob o sol de inverno.

– Ela é linda – murmurou a menina.

Lançou um olhar rápido à Sra. Gibbons para avaliar a reação dela, mas a governanta estava muito concentrada, com os olhos fixos à frente, esperando que o conde entrasse na casa com a nova família para fazer as apresentações.

Sophie engoliu em seco, sem ter certeza de onde deveria ficar. Todos os demais pareciam ter um lugar designado. Os criados estavam alinhados de acordo com a

posição, do mordomo até a mais rasa faxineira. Até mesmo os cães se encontravam obedientemente sentados no canto, com as guias bem seguras pelo cuidador.

Mas Sophie não tinha raízes. Se fosse a filha real da casa, estaria parada com sua tutora, esperando pela nova condessa. Se fosse mesmo a pupila do conde, ficaria no mesmo lugar. Mas a Srta. Timmons havia pegado um resfriado e se recusara a deixar a ala infantil e descer. Nenhum dos criados acreditou nem por um instante que a tutora houvesse adoecido de verdade. Ela estava muito bem na noite anterior, mas ninguém a culpou pelo fingimento. Afinal, Sophie era a filha bastarda do conde, e ninguém queria ser a pessoa a fazer um insulto potencial à nova condessa apresentando-a à filha ilegítima do marido.

E a condessa teria de ser cega, burra ou as duas coisas para não se dar conta num instante de que Sophie não era apenas a pupila do conde.

De repente, dominada pela timidez, Sophie se encolheu num canto quando dois lacaios abriram as portas da frente com um floreio. As duas meninas entraram primeiro, e então foram para o lado enquanto o conde dava passagem para a condessa. Ele a apresentou, assim como as suas filhas, ao mordomo, que por sua vez as apresentou aos criados.

E Sophie esperou.

O mordomo apresentou os lacaios, o chef, a governanta, os cavalariços.

E Sophie esperou.

Apresentou as criadas da cozinha, as criadas do andar de cima, as arrumadeiras.

E Sophie esperou.

Por fim o mordomo – que se chamava Rumsey – apresentou a criada de menor posição, uma arrumadeira chamada Dulcie, que havia sido contratada apenas uma semana antes. O conde fez um aceno de cabeça, murmurou um agradecimento, e Sophie ainda esperava, sem ter a menor ideia do que fazer.

Então ela pigarreou e deu um passo à frente, com um sorriso de nervosismo. Ela não passava muito tempo com o conde, mas era levada à sua presença toda vez que ele visitava Penwood Park e ele sempre lhe dava alguns minutos de seu tempo, perguntando-lhe sobre as lições antes de despachá-la de volta à ala infantil.

Ele com certeza ainda iria querer saber como iam seus estudos, mesmo agora que estava casado. Com certeza iria querer saber que ela havia aprendido a

multiplicar frações e que a Srta. Timmons dissera, havia pouco tempo, que sua pronúncia em francês era “perfeita”.

Mas ele estava ocupado dizendo alguma coisa às filhas da condessa e não a escutou. Sophie pigarreou mais uma vez, agora mais alto, e disse, numa voz que saiu um pouco mais esganiçada do que ela pretendia:

– Milorde?

O conde se virou.

– Ah, Sophia – murmurou. – Eu não vi que você estava aqui.

A menina ficou radiante. Ele não a ignorara, afinal.

– E quem vem a ser esta? – perguntou a condessa, dando um passo para a frente a fim de observá-la melhor.

– É minha pupila – respondeu o conde. – Srta. Sophia Beckett.

A condessa encarou Sophie e a avaliou. Então, estreitou os olhos.

E estreitou mais um pouco.

E um pouco mais.

– Entendo – disse ela.

Nesse momento, todos os que estavam na sala souberam que ela entendia *mesmo*.

– Rosamund, Posy – chamou a condessa, virando-se para as filhas –, venham aqui.

As duas foram no mesmo instante para o lado da mãe. Sophie arriscou dar um sorriso para elas. A menorzinha retribuiu, porém a mais velha, que tinha os cabelos cor de ouro, entendeu a deixa da mãe, empinou o nariz e olhou com firmeza para o outro lado.

Sophie engoliu em seco e sorriu de novo para a menina amistosa, mas desta vez ela mordeu o lábio inferior, indecisa, e olhou para baixo.

A condessa se virou de costas para Sophie e disse ao conde:

– Imagino que tenha mandado preparar quartos para Rosamund e Posy.

Ele assentiu.

– Na ala infantil. Bem ao lado de Sophie.

Houve um longo silêncio e então a condessa deve ter decidido que algumas batalhas não deveriam ser travadas na frente dos criados, porque tudo o que retrucou foi:

– Eu gostaria de subir agora.

E saiu, levando o conde e as filhas com ela.

Sophie observou a nova família subindo a escada e, quando eles desapareceram, se virou para a Sra. Gibbons e perguntou:

– Você acha que eu devo ir junto para ajudar? Eu poderia mostrar a ala infantil para as meninas.

A Sra. Gibbons balançou a cabeça.

– Elas parecem cansadas – mentiu. – Tenho certeza de que precisam de um cochilo.

Sophie franziu a testa. Tinham lhe dito que Rosamund tinha 11 anos, e Posy, 10. Elas com certeza estavam um pouco velhas demais para cochilarem durante o dia.

A Sra. Gibbons deu alguns tapinhas em suas costas.

– Por que não vem comigo? Um pouco de companhia me faria bem, e a cozinheira me contou que acabou de preparar uma fornada de biscoitos amanteigados. Acho que ainda estão quentinhos.

Sophie assentiu e a seguiu. Teria bastante tempo para conhecer as duas meninas naquela noite. Ela lhes apresentaria a ala infantil, então as três se tornariam amigas e logo seriam como irmãs.

A menina sorriu. Seria maravilhoso ter irmãs.

Acontece que Sophie não viu mais Rosamund e Posy – nem o conde e a condessa – até o dia seguinte. Quando entrou na ala infantil para jantar, percebeu que a mesa havia sido posta para dois, não para quatro, e a Srta. Timmons (que havia, como por milagre, se recuperado do mal-estar) disse que a nova condessa lhe informara que as filhas estavam cansadas demais da viagem para comer naquela noite.

Mas as meninas precisavam ter aulas. Assim, na manhã seguinte, chegaram à ala infantil, seguindo logo atrás da condessa. Sophie já estava fazendo suas atividades havia uma hora e levantou o olhar da lição de aritmética cheia de interesse. Desta vez, não sorriu para as duas. De alguma maneira, parecia melhor não fazer isso.

– Srta. Timmons – falou a condessa.

A tutora fez um aceno de cabeça e murmurou:

– Milady.

– O conde me disse que você ensinará minhas filhas.

– Farei o melhor possível, milady.

A condessa fez um sinal para a menina mais velha, a de cabelos dourados e olhos azuis. Sophie pensou que ela era tão bonita quanto a boneca de porcelana que o conde havia mandado de Londres para seu aniversário de 7 anos.

– Esta é Rosamund – apresentou a condessa. Ela tem 11 anos. E esta – continuou, fazendo um gesto em direção à outra menina, que não havia tirado os olhos dos sapatos – é Posy. Ela tem 10.

Sophie fitou Posy com muito interesse. Ao contrário da mãe e da irmã, ela tinha os cabelos e os olhos muito escuros e o rosto um pouco rechonchudo.

– Sophie também tem 10 anos – comentou a Srta. Timmons.

A condessa apertou os lábios.

– Eu gostaria que você mostrasse a casa e o jardim às meninas.

A Srta. Timmons assentiu.

– Muito bem. Sophie, deixe sua lousa aí. Poderemos retornar à aritmética...

– Apenas às *minhas* meninas – interrompeu a condessa, com a voz de certa forma quente e fria ao mesmo tempo. – Quero falar com Sophie a sós.

Sophie engoliu em seco e tentou olhar a condessa nos olhos, mas não conseguiu passar do queixo. Enquanto a Srta. Timmons se retirava com Rosamund e Posy, ela se levantou, aguardando as próximas orientações da nova esposa do pai.

– Eu sei quem você é – começou a condessa no instante em que a porta se fechou.

– M-milady?

– Você é a filha bastarda dele, e não tente negar.

Sophie não respondeu. Era verdade, é claro, mas ninguém jamais dissera aquilo em voz alta. Pelo menos não diretamente a ela.

A condessa segurou o queixo de Sophie, apertou e puxou até que a menina foi forçada a fitá-la nos olhos.

– Escute o que vou dizer – continuou ela em tom ameaçador. – Você pode viver aqui em Penwood Park e pode ter aulas com minhas filhas, mas não passa de uma bastarda, e é tudo o que será. Nunca, *nunca*, cometa o erro de pensar que é tão boa quanto o resto de nós.

Sophie soltou um pequeno gemido. As unhas da condessa estavam machucando a parte de baixo de seu queixo.

– Meu marido – prosseguiu a mulher – sente uma espécie de dever equivocado em relação a você. É admirável da parte dele assumir os próprios erros, mas para mim é um insulto tê-la em minha casa, alimentada, vestida e educada como se fosse sua filha de verdade.

Mas ela era filha dele de verdade. E aquela casa era dela muito antes de ser da condessa.

De forma abrupta, a mulher soltou o queixo de Sophie.

– Eu não quero vê-la – sibilou ela. – Você nunca deve falar comigo e deve tratar de nunca estar perto de mim. Além disso, não deve falar com Rosamund e Posy fora das aulas. Elas são as filhas da casa agora, e não devem ser obrigadas a conviver com pessoas da sua laia. Você tem alguma pergunta?

Sophie balançou a cabeça em negativa.

– Ótimo.

Com isso, ela saiu da sala, deixando a menina de pernas bambas e lábios trêmulos.

E os olhos cheios d’água.

Com o tempo, Sophie aprendeu um pouco mais sobre sua precária posição na casa. Os criados sempre sabiam de tudo, e tudo acabava chegando aos ouvidos da menina.

A condessa, cujo nome de batismo era Araminta, insistira naquele primeiro dia que Sophie fosse retirada da casa. O conde se recusara. A mulher não precisava amar Sophie, ele dissera com frieza. Não era obrigada sequer a gostar dela. Mas teria de suportá-la. Ele havia reconhecido sua responsabilidade para com ela durante sete anos e não iria mudar agora.

Rosamund e Posy obedeceram às ordens da mãe e passaram a tratar Sophie com hostilidade e desdém, embora o coração de Posy claramente não fosse afeito à tortura e à crueldade como o de Rosamund. Esta última adorava beliscar a parte de cima da mão de Sophie quando a Srta. Timmons não estava olhando. Sophie nunca dizia nada. Duvidava que a Srta. Timmons fosse ter coragem de repreender a menina (que com certeza iria correndo até Araminta com alguma

história mentirosa), e se alguém percebia que as mãos de Sophie estavam sempre cheias de hematomas, ninguém jamais dissera nada.

Posy às vezes demonstrava alguma bondade, embora com muita frequência apenas suspirasse e dissesse:

– Mamãe mandou que não fôssemos simpáticas com você.

Quanto ao conde, ele nunca intervinha.

A vida de Sophie continuou assim por quatro anos, até que o conde surpreendeu a todos ao levar a mão ao peito enquanto tomava chá no jardim de rosas, arfar com força e cair com o rosto no piso de pedras.

Ele nunca mais recuperou a consciência.

Todos ficaram bastante chocados. O conde tinha apenas 40 anos. Quem poderia saber que seu coração pararia em tão tenra idade? Ninguém ficou mais perplexo do que Araminta, que vinha tentando desesperadamente, desde a noite de núpcias, conceber o indispensável herdeiro.

– Talvez eu esteja esperando um bebê! – apressou-se a dizer aos advogados do conde. – Vocês não podem entregar o título a algum primo distante. Posso muito bem estar grávida.

Mas não estava, e quando o testamento do conde foi lido, um mês depois (os advogados quiseram dar à condessa tempo suficiente para saber ao certo se estava grávida), Araminta foi forçada a se sentar ao lado do novo conde, um jovem bastante desregrado que passava mais tempo bêbado do que sóbrio.

A maioria dos desejos do conde eram justos e tradicionais. Ele deixou legados a criados leais. Estabeleceu fundos para Rosamund, Posy e até mesmo Sophie, garantindo que todas as três tivessem dotes respeitáveis.

E então o advogado que lia a testamento chegou ao nome de Araminta:

– “À minha esposa, Araminta Gunningworth, condessa de Penwood, deixo uma renda anual de duas mil libras...”

– Só isso? – gritou a mulher.

– “... a menos que ela concorde em abrigar e cuidar de minha pupila, a Srta. Sophia Maria Beckett, até que esta chegue aos 20 anos. Neste caso, sua renda anual deverá ser triplicada para seis mil libras.”

– Eu não a quero – murmurou Araminta.

– A senhora não precisa ficar com ela – lembrou-lhe o advogado. – Pode...

– Viver com míseros dois mil por ano? – explodiu ela. – Acho que não.

O advogado, que vivia com bem menos do que dois mil por ano, não disse nada.

O novo conde, que não parara de beber ao longo da reunião, apenas deu de ombros.

Araminta se levantou.

– Qual é sua decisão? – perguntou o advogado.

– Eu fico com ela – retrucou a condessa em voz baixa.

– Devo procurar a menina e contar a ela?

Araminta balançou a cabeça.

– Eu mesma faço isso.

Mas, quando ela encontrou Sophie, deixou de fora alguns fatos importantes...

PARTE 1

CAPÍTULO 1

O convite mais desejado deste ano só pode ser o do baile de máscaras dos Bridgertons, a ser realizado na próxima segunda-feira. De fato, não é possível dar dois passos sem ser obrigado a ouvir alguma mãe da sociedade especulando sobre quem estará presente e, talvez ainda mais importante, quem vestirá o quê.

Nenhum dos tópicos mencionados acima, no entanto, é nem de longe tão interessante quanto os dois irmãos Bridgertons solteiros, Benedict e Colin. (Antes que alguém diga que há um terceiro, esta autora pode assegurar que tem plena consciência da existência de Gregory Bridgerton. Ele, no entanto, tem 14 anos e, portanto, não é pertinente a esta coluna em particular, que trata, como todas as outras, do mais sagrado dos esportes: a caça a maridos.)

Embora os Srs. Bridgertons sejam apenas isto – apenas senhores –, ainda são considerados dois dos melhores partidos da temporada. É de conhecimento geral que ambos são donos de respeitáveis fortunas, e não é necessário ter a visão perfeita para saber que também possuem, assim como todos os outros irmãos, a beleza da família.

Será que alguma jovem afortunada usará o mistério de uma noite de máscaras para fisgar um dos cobiçados solteiros?

Esta autora não tentará sequer especular.

Crônicas da sociedade de Lady Whistledown,
31 de maio de 1815

– Sophie! Sophieeeeeeeeeeeeeee!

No que dizia respeito a guinchos, aquele seria suficiente para espatifar vidraças. Ou pelo menos um tímpano.

– Estou indo, Rosamund! Estou indo!

Sophie levantou as barras de sua saia de lã crua e correu escada acima, escorregando no quarto degrau e mal conseguindo se segurar no corrimão antes de cair sentada. Ela deveria ter se lembrado de que a escadaria estaria escorregadia, já que havia ajudado a arrumadeira do andar de baixo a encerá-la naquela manhã.

Ao parar diante da porta do quarto de Rosamund, ainda tentando recuperar o fôlego, Sophie disse:

– Pois não?

– Meu chá está frio.

O que Sophie queria responder era “Estava quente quando eu o trouxe para você há uma hora, sua grosseirona preguiçosa”, mas o que falou foi:

– Trarei outro bule.

Rosamund bufou.

– É melhor mesmo.

Sophie esticou os lábios no que só uma pessoa quase cega poderia chamar de sorriso e recolheu o serviço de chá.

– Deixo os biscoitos? – perguntou.

Rosamund balançou a bela cabeça.

– Quero biscoitos frescos.

Com os ombros um pouco arqueados pelo peso da bandeja, Sophie saiu do quarto, tomando cuidado para não começar a resmungar antes de chegar ao corredor. Rosamund estava sempre pedindo chá, sem se preocupar em tomá-lo até ter passado uma hora. Nesse momento, é claro, o chá já tinha esfriado, e então ela pedia outro bule.

Isso significava que Sophie não parava de subir e descer as escadas. Às vezes, parecia que era tudo o que ela fazia da vida.

Para cima e para baixo, para cima e para baixo.

E tinha, é claro, os remendos para fazer, as roupas para passar, os cabelos a pentear, os sapatos para polir, as peças para costurar, as camas para arrumar...

– Sophie!

Quando ela se virou, viu Posy indo em sua direção.

– Sophie, eu queria saber se você acha que esta cor fica bem em mim.

Sophie avaliou a fantasia de sereia de Posy. O corte não a favorecia muito – ela

nunca perdera toda a sua gordurinha de infância –, mas a cor destacava muito bem a sua pele.

– É um tom muito bonito de verde – respondeu ela com toda sinceridade. – Deixa as suas bochechas bem rosadas.

– Ah, ótimo. Que bom que você gostou. Você leva jeito para escolher minhas roupas. – Posy sorriu e estendeu o braço para pegar um biscoito açucarado da bandeja. – Mamãe está me perturbando a semana inteira com esse baile de máscaras, e sei que não vai parar enquanto eu não estiver com a melhor aparência possível. Ou – a menina contorceu o rosto numa careta – até ela *achar* que eu estou com a melhor aparência possível. Ela está determinada a fazer com que uma de nós fisgue um dos últimos irmãos Bridgertons, sabia?

– Eu sei.

– E, para piorar as coisas, aquela tal Whistledown anda escrevendo sobre eles de novo. E isso – Posy terminou de mastigar o biscoito e fez uma pausa para engolir – só aumenta o apetite de mamãe.

– A coluna de hoje estava boa? – perguntou Sophie, apoiando a bandeja no quadril. – Ainda não consegui ler.

– Ah, o de sempre – disse Posy com um aceno de mão. – Na verdade, ela às vezes pode ser bastante maçante, sabe?

Sophie tentou sorrir, mas não conseguiu. Não havia nada que ela gostaria mais do que viver um dia da rotina maçante de Posy. Bem, talvez não fosse querer Araminta como mãe, mas não se importaria de ter um cotidiano de festas, jantares e saraus.

– Vamos ver – considerou Posy. – Havia uma resenha do recente baile de Lady Worth, um pouco sobre o visconde de Guelph, que parece estar bastante impressionado com uma moça escocesa, e um texto mais longo sobre o próximo baile de máscaras dos Bridgertons.

Sophie suspirou. Vinha lendo sobre o próximo baile de máscaras havia semanas, e embora não passasse de uma camareira (e às vezes arrumadeira também, sempre que Araminta decidia que seu trabalho não estava pesado o suficiente), não conseguia evitar o desejo de ir ao baile.

– Eu, por exemplo, vou adorar se aquele visconde de Guelph ficar noivo – observou Posy, pegando outro biscoito. – Será um solteiro a menos sobre o qual mamãe vai ficar falando sem parar como um marido potencial. Não que eu tenha

qualquer esperança de atrair a atenção dele, de qualquer maneira. – Ela deu uma mordida ruidosa no biscoito. – Espero que Lady Whistledown esteja certa a seu respeito.

– É provável que sim – retrucou Sophie.

Ela lia as crônicas de Lady Whistledown desde sua primeira edição, em 1813, e a colunista estava quase sempre correta quando se tratava de questões do mercado de casamentos.

Não que Sophie algum dia fosse ter a chance de ver com os próprios olhos o mercado de casamentos, é claro. Mas quem lia a coluna de Lady Whistledown com frequência suficiente quase podia se sentir parte da sociedade de Londres sem de fato ter ido a qualquer um dos bailes.

Na realidade, acompanhar seus textos era um dos passatempos verdadeiramente divertidos de Sophie. Ela já lera todos os romances da biblioteca, e como nem Araminta, nem Rosamund ou Posy gostavam muito de ler, Sophie não podia esperar que um livro novo entrasse naquela casa.

Mas o *Whistledown* era muito divertido. Ninguém conhecia a identidade real da colunista. Quando o jornal estreara, dois anos antes, as especulações começaram a se difundir. Mesmo agora, sempre que a autora publicava alguma fofoca particularmente interessante, as pessoas começavam a falar e a fazer apostas de novo, imaginando quem, afinal, era capaz de informar com tamanha velocidade e precisão.

E, para Sophie, o *Whistledown* era um vislumbre irresistível do mundo que poderia ter sido dela se seus pais tivessem chegado a legalizar sua união. Ela teria sido a filha, não a bastarda, de um conde. Seu sobrenome seria Gunningworth em vez de Beckett.

Apenas uma vez, ela gostaria de ser a dama a entrar numa carruagem para ir a um baile.

Em vez disso, ela era quem vestia outras jovens para as noites na cidade – apertando o corpete de Posy, arrumando os cabelos de Rosamund ou limpando um par de sapatos de Araminta.

Mas Sophie não podia – ou pelo menos não devia – reclamar. Sim, ela era criada de Araminta e suas filhas, mas pelo menos tinha uma casa. Que era mais do que a maioria das meninas em sua posição tinha.

Quando seu pai morrera, não deixara nada para ela. Bem, nada além de um teto

sobre sua cabeça. Seu testamento garantira que ela não poderia ser mandada embora antes de completar 20 anos. Não havia qualquer possibilidade de Araminta abrir mão de quatro mil libras por ano expulsando Sophie.

Mas aquelas quatro mil libras eram de sua madrasta, não dela, e Sophie não vira um centavo dessa quantia. Não tinha mais as roupas de qualidade que costumava vestir – elas tinham sido substituídas pela lã crua dos criados. E ela comia o mesmo que as demais empregadas – qualquer coisa que Araminta, Rosamund e Posy deixassem sobrar.

O aniversário de 20 anos de Sophie, no entanto, fora quase um ano antes, e ali estava ela, ainda morando na Casa Penwood, ainda servindo Araminta de todas as maneiras possíveis. Por algum motivo desconhecido – provavelmente por não querer treinar (ou pagar) uma nova empregada –, Araminta permitira que Sophie permanecesse em sua casa.

E a menina havia ficado. Enquanto a madrasta era um demônio que ela conhecia, o resto do mundo era um demônio desconhecido. E Sophie não fazia ideia de qual seria pior.

– Essa bandeja não está pesada?

Sophie piscou para sair do mundo dos sonhos e se concentrou em Posy, que pegava o último biscoito da bandeja. Droga. Ela queria guardá-lo para si.

– Está – murmurou. – Bastante. Eu realmente deveria levá-la para a cozinha.

Posy sorriu.

– Não vou mais atrapalhá-la, mas depois que terminar você poderia passar meu vestido cor-de-rosa? Vou colocá-lo hoje à noite. Ah, imagino que os sapatos que combinam com ele também precisem ser aprontados. Ficaram um pouco sujos da última vez que os usei, e você sabe como mamãe é em relação a calçados. Não importa que não dê para vê-los embaixo do vestido. Ela conseguirá perceber a menor partícula de sujeira no instante em que eu levantar a barra para subir uma escada.

Sophie assentiu, acrescentando mentalmente os pedidos de Posy à lista diária de tarefas.

– Então nos vemos mais tarde!

Mordendo o último biscoito, Posy se virou e desapareceu para dentro do quarto.

E Sophie desceu para a cozinha.

Alguns dias depois, Sophie estava de joelhos, segurando alfinetes entre os dentes enquanto fazia modificações de última hora na fantasia de Araminta para o baile de máscaras. O vestido de rainha Elizabeth havia, é claro, sido entregue perfeito pela costureira, mas Araminta insistia que estava meio centímetro largo demais na cintura.

– Assim está bom? – perguntou Sophie, falando entre dentes para os alfinetes não caírem.

– Apertado demais.

Sophie ajustou alguns alfinetes.

– E agora?

– Folgado demais.

Sophie tirou um alfinete e o enfiou exatamente no mesmo lugar.

– Pronto. E agora?

Araminta se virou para um lado e outro e então enfim declarou:

– Assim está bom.

Sophie sorriu ao se levantar para ajudar a madrasta a tirar o vestido.

– Preciso dele pronto em uma hora para não me atrasr para o baile – decretou Araminta.

– É claro – murmurou Sophie.

Achava mais fácil apenas dizer "é claro" regularmente em conversas com a mulher.

– Esse baile é muito importante – observou Araminta. – Rosamund precisa fazer um bom casamento este ano. O novo conde... – Ela estremeceu de desgosto. Ainda considerava o atual dono do título um intruso, sem se importar com o fato de ele ser o parente homem vivo mais próximo de seu falecido marido. – Bem, ele me disse que este é o último ano que poderemos usar a Casa Penwood. Que sujeito audacioso! Eu sou a condessa viúva, afinal, e Rosamund e Posy são as filhas do conde.

Enteadas, Sophie corrigiu em pensamento.

– Nós temos todo o direito de usar a propriedade para a temporada. Não faço ideia do que ele planeja fazer com a casa.

– Talvez queira participar da temporada para procurar uma esposa – sugeriu

Sophie. – Tenho certeza de que ele deve querer um herdeiro.

Araminta fez uma careta.

– Se Rosamund não se casar com alguém de posses, não sei o que vamos fazer. É muito difícil encontrar uma boa casa para alugar. E muito caro, também.

Sophie se absteve de comentar que pelo menos Araminta não precisava pagar por uma camareira. Na verdade, até a menina fazer 20 anos, ela recebia quatro mil libras por ano apenas para *ter* uma camareira.

A mulher estalou os dedos.

– Não se esqueça de empoar os cabelos de Rosamund.

A filha mais velha iria ao baile vestida de Maria Antonieta. Sophie perguntara se ela planejava pôr um colar de sangue falso no pescoço, mas a jovem não achara graça.

Araminta vestiu o penhoar e amarrou a faixa com movimentos rápidos e precisos.

– E Posy – continuou, franzindo o nariz. – Bem, tenho certeza de que ela precisará da sua ajuda de alguma maneira.

– Eu sempre gosto de ajudar Posy – retrucou Sophie.

Araminta estreitou os olhos enquanto tentava decidir se a enteada estava sendo insolente.

– Apenas ajude – disse ela, afinal, enfatizando cada sílaba.

Então saiu a caminho da sala de banho.

Sophie agradeceu em silêncio quando a porta se fechou atrás dela.

– Ah, aí está você, Sophie – disse Rosamund ao irromper no quarto. – Preciso de você *agora*.

– É uma pena, mas antes preciso...

– Eu disse agora! – gritou a outra.

Sophie endireitou os ombros e lançou um olhar duro para a garota.

– Sua mãe quer que eu apronte o vestido dela.

– Apenas arranque os alfinetes e diga que o ajustou. Ela nunca vai notar a diferença.

Sophie estava pensando a mesma coisa, e suspirou. Se seguisse a sugestão de Rosamund, no dia seguinte ela a deduraria, e então a madrasta iria reclamar por uma semana. Agora ela definitivamente teria de fazer o ajuste.

– Do que você precisa, Rosamund?

– Tem um rasgo na barra da minha fantasia. Não faço ideia de como isso aconteceu.

– Talvez quando você a experimentou...

– Não seja impertinente!

Sophie se calou. Era muito mais difícil receber ordens de Rosamund do que de Araminta, provavelmente por elas terem sido iguais um dia, dividindo a mesma sala de aula e a mesma tutora.

– Quero que você o conserte agora – exigiu Rosamund empinando o nariz de modo afetado.

Sophie suspirou.

– Traga a fantasia para mim. Eu a consertarei assim que terminar de ajustar o vestido da sua mãe. Prometo que você a terá de volta com bastante antecedência.

– Eu me nego a chegar atrasada a esse baile – avisou Rosamund. – Se isso acontecer, vou querer *sua* cabeça numa bandeja.

– Você não vai se atrasar – prometeu Sophie.

Rosamund bufou com arrogância e passou apressada pela porta para buscar a fantasia.

– Uuuuf!

Sophie ergueu o olhar e viu Rosamund dando um encontrão em Posy, que entrava correndo no cômodo.

– Olhe por onde anda, Posy! – gritou a mais velha.

– Você também poderia olhar por onde anda – observou a caçula.

– Eu *estava* olhando. É impossível sair do seu caminho, sua desastrada.

O rosto de Posy ficou completamente vermelho e ela deu um passo para o lado.

– Precisa de alguma coisa, Posy? – perguntou Sophie assim que Rosamund desapareceu.

A menina assentiu.

– Você poderia reservar um tempinho para arrumar meus cabelos hoje? Encontrei umas fitas verdes que lembram algas marinhas.

Sophie deu um longo suspiro. As fitas verde-escuras não iriam se destacar muito nos cabelos escuros de Posy, mas ela não teve coragem de falar isso.

– Vou tentar, Posy, mas preciso consertar o vestido de Rosamund e ajustar o da sua mãe.

– Ah.

A jovem ficou abatida, o que quase partiu o coração de Sophie. Posy era a única pessoa a ser pelo menos um pouco gentil com ela naquela casa, à exceção dos criados.

– Não se preocupe – tranquilizou ela. – Vou deixar seus cabelos lindos, não importa quanto tempo tenhamos.

– Ah, obrigada, Sophie! Eu...

– Você ainda não começou a ajustar meu vestido? – trovejou Araminta quando voltou da sala de banho.

Sophie engoliu em seco.

– Eu estava falando com Rosamund e Posy. Rosamund rasgou a barra do vestido e...

– Comece a trabalhar logo!

– Vou começar. Imediatamente. – Sophie se atirou no sofá e virou o vestido do avesso para poder ajustar a cintura. – Mais rápido do que imediatamente. Mais rápido do que as asas de um beija-flor. Mais rápido do que...

– O que você está falando? – perguntou Araminta.

– Nada.

– Bem, pois pare de tagarelar. O som da sua voz é muito irritante.

Sophie rangeu os dentes.

– Mamãe – chamou Posy. – Sophie vai arrumar meus cabelos hoje como...

– É claro que ela vai arrumar os seus cabelos. Pare de perder tempo e vá agora mesmo fazer compressas nos olhos para que eles não pareçam tão inchados.

Posy fez uma expressão triste.

– Meus olhos estão inchados?

Sophie balançou a cabeça para a remota chance de Posy decidir olhar para ela.

– Seus olhos estão sempre inchados – retrucou Araminta. – Você não acha, Rosamund?

Tanto Posy quanto Sophie se viraram na direção da porta. Rosamund acabara de entrar no cômodo, levando seu vestido de Maria Antonieta.

– Acho – concordou ela. – Mas tenho certeza de que uma compressa vai ajudar.

– Você está linda hoje – disse Araminta a Rosamund. – E ainda nem começou a se arrumar. O dourado do seu vestido combina perfeitamente com os seus cabelos.

Sophie lançou um olhar solidário para a morena Posy, que nunca recebia esse

tipo de elogio da mãe.

– Você vai fisgar um daqueles irmãos Bridgertons – continuou Araminta. – Tenho certeza disso.

Rosamund baixou o olhar com uma modéstia afetada. Era uma expressão que ela havia aperfeiçoado, e Sophie tinha que admitir que lhe caía muito bem. Mas também quase tudo caía como uma luva em Rosamund. Os cabelos dourados e os olhos azuis eram a última moda naquele ano, e, graças ao generoso dote estabelecido para ela pelo finado conde, muitos acreditavam que faria um excelente casamento antes do final da temporada.

Sophie olhou de novo para Posy, que encarava a mãe com uma expressão triste e melancólica.

– Você está muito bonita também, Posy – elogiou Sophie em um impulso.

Os olhos da menina se iluminaram.

– Você acha?

– Claro que acho. E seu vestido é muito original. Tenho certeza de que não haverá mais nenhuma sereia.

– Como você poderia saber disso, Sophie? – indagou Rosamund, dando uma risada. – Você nunca foi a nenhum evento da alta sociedade.

– Estou certa de que você vai se divertir, Posy – enfatizou Sophie, ignorando a ladainha de Rosamund. – Tenho inveja de você. Gostaria de também poder ir.

O suspiro e o desejo de Sophie foram recebidos com absoluto silêncio... seguido pela gargalhada rouca de Araminta e Rosamund. Até mesmo Posy deu uma risadinha.

– Ah, que ótimo – retrucou Araminta, mal conseguindo recuperar o fôlego. – A pequena Sophie no baile dos Bridgertons. Eles não aceitam bastardas nos eventos da sociedade, sabia?

– Eu não falei que esperava ir – disse Sophie, na defensiva. – Só comentei que gostaria de *poder* ir.

– Bem, você não deveria sequer se dar esse trabalho – acrescentou Rosamund. – Se desejar coisas que não pode nem ao menos esperar realizar, acabará sempre decepcionada.

Mas Sophie não deu atenção ao que Rosamund dizia, porque, naquele momento, algo muito estranho aconteceu. Quando estava se virando para a mais velha das duas irmãs, ela viu a Sra. Gibbons parada na porta. A governanta viera

da casa de campo de Penwood Park assim que a governanta da propriedade de Londres falecera. Quando o olhar de Sophie cruzou com o dela, a mulher deu uma piscadela.

Uma piscadela!

Sophie não achava que algum dia tinha visto a Sra. Gibbons dar uma piscadela.

– Sophie! Sophie! Você está me ouvindo?

Sophie virou-se com o olhar distraído para Araminta.

– Desculpe – respondeu. – O que você estava dizendo?

– Eu estava dizendo – continuou a mulher com uma voz desagradável – que é melhor você começar a trabalhar no meu vestido neste instante. Se nos atrasarmos para o baile, *você* responderá por isso amanhã.

– Sim, é claro – retrucou Sophie rapidamente.

Enfiou a agulha no tecido e começou a costurar, mas ainda estava pensando na Sra. Gibbons.

Uma piscadela?

Por que ela lhe daria uma piscadela?

Três horas depois, Sophie estava parada na entrada da Casa Penwood, observando primeiro Araminta, em seguida Rosamund e logo após Posy segurarem a mão do lacaio e subirem na carruagem. Sophie acenou para a mais nova, que retribuiu o cumprimento, e então ficou vendo o veículo seguir pela rua e desaparecer na esquina. A Casa Bridgerton, onde o baile de máscaras ia ser realizado, ficava a apenas seis quarteirões, mas Araminta teria insistido na carruagem mesmo que morasse ao lado da propriedade.

Afinal de contas, era importante fazer uma entrada triunfal.

Com um suspiro, Sophie se virou e voltou para dentro de casa. Pelo menos, na empolgação do momento, Araminta se esquecera de lhe deixar uma lista de tarefas para serem realizadas em sua ausência. Uma noite livre era um verdadeiro luxo. Talvez ela relesse algum romance. Ou talvez conseguisse achar a edição do dia do *Whistledown*. Tinha a impressão de ter visto Rosamund levá-la para o quarto no começo daquela tarde.

Mas, no instante em que passou pela porta de entrada da Casa Penwood, a Sra. Gibbons se materializou do nada e agarrou seu braço.

– Não há tempo a perder! – disse a governanta.
Sophie olhou para ela como se a mulher tivesse ficado louca.
– Como?
A Sra. Gibbons puxou-a pelo cotovelo.
– Venha comigo.
Sophie se deixou ser arrastada por três andares acima até seu quarto, uma pequena alcova enfiada embaixo das calhas do telhado. A Sra. Gibbons estava agindo de forma bastante estranha, mas Sophie a obedeceu e a seguiu. A governanta sempre a tratara com uma bondade excepcional, até mesmo quando ficara claro que Araminta não aprovava isso.
– Você precisa tirar a roupa – falou a Sra. Gibbons ao girar a maçaneta.
– *O quê?*
– Nós precisamos correr.
– Sra. Gibbons, a senhora...
Ao ver a cena montada em seu quarto, Sophie ficou boquiaberta e as palavras se perderam antes que ela concluísse a frase. Uma banheira de água fumegante estava bem no meio do cômodo e as três arrumadeiras andavam de um lado para outro. Uma delas enchia a banheira com uma jarra d'água, outra mexia na fechadura de um baú de aparência misteriosa e a terceira segurava uma toalha e dizia:
– Rápido! Rápido!
Sophie olhou perplexa para elas.
– O que está acontecendo?
A Sra. Gibbons se virou para ela e explicou, radiante:
– Você, Srta. Sophia Maria Beckett, vai ao baile de máscaras!

Uma hora depois, Sophie estava transformada. O baú continha vestidos que haviam pertencido à finada mãe do conde. Todos eram de cerca de 50 anos atrás, mas isso não importava. A festa era um baile de máscaras, logo, ninguém esperaria que os trajes fossem os mais modernos.
No fundo da arca, encontraram uma linda criação prateada cheia de brilhos, com um corpete justo e incrustado de pérolas e saias largas que tinham sido muito populares no século anterior. Sophie se sentiu uma princesa só de tocar

nela. Cheirava um pouco a mofo, por causa dos anos passados ali dentro, então uma das criadas o levou rapidamente para fora a fim de borrifar um pouco de água de rosas sobre o tecido e deixá-lo arejar.

As criadas a banharam e perfumaram, pentearam-lhe os cabelos, e uma das arrumadeiras inclusive aplicou um toque de ruge em seus lábios.

– Não conte à Srta. Rosamund – sussurrou ela. – Eu peguei da coleção em seu quarto.

– Aaaaah, veja – disse a Sra. Gibbons. – Encontrei luvas combinando.

Sophie ergueu o olhar e viu a governanta segurando um par de luvas até os cotovelos.

– Olhe – comentou ela, pegando uma das luvas da mão da Sra. Gibbons e a examinando. – O brasão de Penwood. E tem um monograma bem na bainha.

A Sra. Gibbons virou a que estava segurando.

– SLG. Sarah Louisa Gunningworth. Sua avó.

Sophie encarou-a, surpresa. A Sra. Gibbons nunca havia se referido ao conde como pai dela. Ninguém em Penwood Park jamais admitira em voz alta os laços de sangue de Sophie com a família Gunningworth.

– Bem, ela *era* sua avó – declarou a governanta. – Já fizemos muito rodeio em torno desse assunto. É um crime a forma como Rosamund e Posy são tratadas como filhas da casa, enquanto você, a verdadeira parente de sangue do conde, precisa limpar e servir como uma criada!

As três arrumadeiras assentiram com a cabeça, concordando.

– Apenas uma vez – prosseguiu a Sra. Gibbons –, apenas por uma noite, *você* será a bela do baile.

Com um sorriso, ela virou Sophie devagar até que a jovem ficasse de frente para o espelho.

Ela prendeu a respiração.

– Essa sou eu?

A Sra. Gibbons assentiu, com os olhos brilhantes.

– Você está linda, querida – murmurou ela.

Sophie levou as mãos lentamente aos cabelos.

– Não estrague o penteado! – gritou uma das criadas.

– Não vou estragar o penteado – prometeu Sophie, com o sorrido estremecendo um pouco enquanto tentava conter as lágrimas.

Uma das mulheres havia borrifado um toque de pó brilhante em seus cabelos, de modo que ela cintilava como uma princesa de conto de fadas. Seus cachos louro-escuros estavam presos num coque frouxo no alto da cabeça, com uma mecha grossa caindo pelo pescoço. E os olhos, em geral verde-musgo, brilhavam como esmeraldas.

Embora Sophie suspeitasse que isso pudesse ter mais a ver com as lágrimas represadas do que com qualquer outra coisa.

– Aqui está sua máscara – falou a Sra. Gibbons. Era uma meia máscara, com fitas para serem amarradas atrás da cabeça, evitando que Sophie precisasse usar as mãos para segurá-la. – Agora só precisamos de sapatos.

A jovem olhou com tristeza para seus robustos e feios sapatos de trabalho, jogados em um canto.

– Infelizmente, não tenho nada adequado para algo tão refinado.

A arrumadeira que havia pintado os lábios de Sophie mostrou-lhe um par de sapatos brancos.

– Do armário de Rosamund – explicou.

Sophie calçou um e, com a mesma rapidez, o tirou.

– É grande demais – falou, olhando para a Sra. Gibbons. – Nunca conseguirei caminhar com eles.

A governanta se virou para a criada.

– Pegue um par do armário de Posy.

– Os dela são ainda maiores – afirmou Sophie. – Eu sei. Já tirei muitas manchas deles.

A Sra. Gibbons deu um longo suspiro.

– Então não temos alternativa. Precisaremos atacar a coleção de Araminta.

Sophie estremeceu. A ideia de ir a qualquer lugar usando os sapatos de Araminta era assustadora. Mas era isso ou ir descalça, e ela não achava que isso seria aceitável num sofisticado baile de máscaras londrino.

Alguns minutos depois, a criada voltou com um par de sapatos de cetim branco, costurados com linha prateada e adornados com delicadas rosetas confeccionadas em uma imitação de diamante.

Sophie ainda estava apreensiva em relação a usá-los, mas decidiu experimentá-los assim mesmo. Serviram perfeitamente.

– E combinam com a roupa também – comentou uma das criadas, apontando

para a costura prateada. – Parece que foram feitos para o vestido.

– Não temos tempo para ficar admirando sapatos – atalhou a Sra. Gibbons de repente. – Agora, ouça estas instruções com muita atenção. O cocheiro já deixou a condessa e as filhas e vai levar você à Casa Bridgerton. Mas ele precisará estar esperando do lado de fora para quando elas quiserem voltar. Isso significa que você terá que sair à meia-noite, nem um segundo mais tarde. Entendeu?

Sophie assentiu e olhou para o relógio na parede. Passava um pouco das nove, o que lhe daria mais de duas horas no baile.

– Obrigada – sussurrou ela. – Muito obrigada.

A Sra. Gibbons secou os olhos com um lenço.

– Divirta-se muito, querida. É toda a gratidão de que preciso.

Sophie fitou o relógio mais uma vez. Duas horas.

Duas horas que ela teria que fazer durar uma vida inteira.

CAPÍTULO 2

Os Bridgertons são de fato uma família singular. Com certeza não há em Londres quem não saiba que todos eles são impressionantemente parecidos, ou que foram batizados em ordem alfabética: Anthony, Benedict, Colin, Daphne, Eloise, Francesca, Gregory e Hyacinth.

Isso faz com que se imagine como o falecido visconde e a (ainda muito viva) nobre viscondessa viúva teriam batizado o filho seguinte, se tivessem tido o bebê número nove. Imogen? Inigo?

Talvez tenha sido melhor pararem no oitavo.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE JUNHO DE 1815

Benedict Bridgerton era o segundo de oito filhos, mas eles às vezes pareciam cem.

A festa que sua mãe insistira em oferecer era um baile de máscaras, e Benedict havia obedientemente colocado uma meia máscara preta, mas todo mundo sabia quem ele era. Ou melhor, *quase* sabia.

– Um Bridgerton! – exclamavam as pessoas, batendo palmas com alegria.

– Você deve ser um Bridgerton!

– Um Bridgerton! Posso reconhecer um de vocês em qualquer lugar.

Benedict era um Bridgerton, e, embora não houvesse outra família a que quisesse pertencer, às vezes desejava ser considerado um pouco menos Bridgerton e um pouco mais ele mesmo.

Nesse instante, uma mulher de idade indeterminada vestida de pastora se aproximou.

– Um Bridgerton! – trinou ela. – Eu reconheceria esses cabelos castanhos em qualquer lugar. Qual deles você é? Não, não diga. Deixe-me adivinhar. Não é o

visconde, porque acabei de vê-lo. Deve ser o número dois ou o número três.
Benedict olhou para ela com frieza.
– Qual dos dois? O número dois ou três? – insistiu a pastora.
– Dois – disparou ele.
Ela bateu palmas.
– Foi o que pensei! Ah, preciso encontrar Portia. Eu disse a ela que você era o número dois...
Benedict quase rosnou.
– ... mas ela falou que não, que era o mais jovem, porém eu...
Ele precisava sair dali. Ou isso ou acabaria matando a tagarela, e com tantas testemunhas, achava que não conseguiria se safar.
– Se puder me dar licença – disse ele com delicadeza –, estou vendo alguém com quem preciso falar.
Era mentira, mas Benedict não se importou muito. Deu um breve aceno de cabeça para a pastora solteirona e traçou uma reta até a porta lateral do salão, ávido por fugir da aglomeração e se enfiar no escritório do irmão, onde poderia ter um pouco de paz e tranquilidade, e quem sabe um bom copo de conhaque.
– Benedict!
Droga. Quase havia conseguido escapar. Levantou o olhar e viu a mãe correndo em sua direção. Ela usava uma espécie de fantasia elisabetana. Ele imaginou que era algum personagem de uma das peças de Shakespeare, mas não conseguiu descobrir qual.
– O que posso fazer pela senhora, mamãe? – perguntou. – E não diga “dançar com Hermione Smythe-Smith”. Da última vez, eu quase perdi três dedos do pé fazendo isso.
– Eu não ia pedir nada do tipo – respondeu Violet. – Só ia dizer que gostaria que você dançasse com Prudence Featherington.
– Tenha piedade, mamãe – gemeu ele. – Ela é ainda pior.
– Não quero que você se case com a moça – falou ela. – Só que lhe conceda uma dança.
Benedict lutou contra um gemido. Prudence Featherington, embora fosse uma boa pessoa, tinha o cérebro do tamanho de uma ervilha e uma risada tão irritante que ele já testemunhara homens feitos saírem correndo com as mãos nos ouvidos.

– Vamos fazer o seguinte – sugeriu ele. – Eu danço com Penelope Featherington se a senhora mantiver Prudence a distância.

– Combinado – retrucou Violet com um aceno de cabeça de satisfação, deixando Benedict com a sensação de que ela queria que ele dançasse com Penelope desde o começo.

– Ela está perto da mesa das bebidas – informou sua mãe. – Vestida de duende, pobrezinha. A cor fica bem nela, mas alguém precisa ir com a mãe dela às compras da próxima vez. Não consigo pensar numa fantasia pior.

– Pelo jeito, a senhora ainda não viu a sereia – murmurou Benedict.

Ela lhe deu um tapa no braço.

– Nada de fazer piada com as convidadas.

– Mas elas facilitam tanto...

Violet lhe lançou um olhar de advertência antes de dizer:

– Vou procurar sua irmã.

– Qual delas?

– Uma das que ainda estão solteiras – retrucou Violet com animação. – O visconde de Guelph pode estar interessado naquela menina escocesa, mas eles ainda não assumiram compromisso.

Mentalmente, Benedict desejou sorte a Guelph. O coitado iria precisar.

– E obrigada por dançar com Penelope – concluiu Violet de maneira enfática.

Ele ofereceu à mãe um meio sorriso irônico. Os dois sabiam que ela dissera isso como um lembrete, não um agradecimento.

Com os braços cruzados numa postura meio hostil, observou Violet se afastar antes de respirar fundo e se virar para seguir até a mesa das bebidas. Ele adorava a mãe, mas ela tinha o costume de se intrometer na vida social dos filhos. E, se havia algo que a incomodava ainda mais do que o status de solteiro de Benedict, era a visão do rosto triste de uma jovem quando ninguém a tirava para dançar. Como resultado disso, Benedict passava muito tempo na pista do salão de baile, às vezes com moças com quem ela queria que ele se casasse, porém mais frequentemente com as que estavam sempre tomando chá de cadeira.

Dentre as duas situações, ele preferia as do segundo tipo. As moças mais populares tendem a não ter nada na cabeça e, para ser sincero, são um pouquinho maçantes.

Violet sempre tivera um carinho especial por Penelope Featherington, que

estava em sua... Benedict franziu a testa. *Terceira* temporada? Devia ser a terceira. E sem perspectiva de casamento à vista. Ora, ele podia muito bem cumprir com seu dever. Penelope era uma jovem bastante agradável, com bom humor e personalidade. Algum dia, encontraria um marido. Não seria *ele*, é claro, e, com toda a honestidade, era provável que não fosse ninguém que ele conhecia, mas ela com certeza acharia *alguém*.

Com um suspiro, Benedict começou a caminhar na direção da mesa de bebidas. Já podia praticamente sentir o gosto do conhaque, suave e agradável, mas imaginou que um copo de limonada seria o suficiente por ora.

– Srta. Featherington! – chamou ele, tentando não estremecer quando três jovens se viraram. Deu um sorriso que em sua opinião deve ter sido o pior do mundo e acrescentou: – Hã, Penelope, eu quis dizer.

A cerca de 3 metros de distância, Penelope olhou radiante para ele, e Benedict se lembrou de que gostava de fato dela. Na verdade, ela não seria considerada tão repelente se não estivesse sempre grudada às infelizes irmãs, que podiam fazer com que um homem desejasse ser mandado para a Austrália.

Ele já quase havia chegado até ela quando ouviu uma onda de sussurros cruzar o salão atrás de si. Sabia que precisava ir em frente e iniciar logo aquela dança obrigatória, mas a curiosidade foi mais forte e ele se virou. Nesse momento, viu uma mulher que devia ser a mais espetacular de todas em que já pousara os olhos.

Ele não saberia nem dizer se ela era bonita. Os cabelos eram de um louro escuro bastante comum e, com a máscara presa em torno da cabeça, não era possível ver nem sequer metade do seu rosto.

Mas havia algo naquela mulher que o deixou hipnotizado. Era o sorriso dela, o formato dos olhos, a forma como se portava e olhava ao redor do salão de baile como se nunca tivesse visto nada mais glorioso do que os tolos membros da sociedade vestindo fantasias ridículas.

A beleza dela vinha de dentro.

Ela brilhava. Cintilava.

Era absolutamente radiante, e Benedict de repente se deu conta de que era porque parecia... *feliz*. Feliz por estar onde estava, feliz por ser *quem* era.

Feliz de uma forma que Benedict não conseguia se lembrar de ter sido. Ele tinha uma vida boa, talvez até mesmo ótima. Tinha sete irmãos maravilhosos,

uma mãe amorosa e um monte de amigos. Mas aquela mulher...

Ela sabia o que era alegria.

E Benedict precisava conhecê-la.

Deixou Penelope para lá e atravessou a multidão até estar a poucos passos dela. Três outros cavalheiros a haviam alcançado primeiro e agora a cobriam de elogios. Benedict a observou com interesse. Ela não reagia como qualquer mulher que ele conhecia poderia reagir.

A jovem não fingiu modéstia. Também não agiu como se já estivesse esperando os elogios. Não era tímida nem dava risadinhas nervosas, ou maliciosas, ou irônicas, ou qualquer das coisas que se esperaria de um ser do sexo feminino.

Ela apenas sorria. Brilhava, na verdade. Benedict imaginou que elogios fossem capazes de oferecer certa satisfação a quem os recebia, mas ele nunca vira alguém reagir com tamanha alegria – com um sentimento puro e absoluto.

Deu um passo para a frente. Queria aquela alegria para si.

– Com licença, senhores, mas a dama já tinha prometido esta dança a mim – mentiu.

As fendas para os olhos da máscara eram um pouco grandes – ele a viu arregalar os olhos e então um traço de divertimento os perpassou. Benedict estendeu a mão para ela, em um desafio velado de que a jovem o desmentisse.

Mas ela apenas ofereceu-lhe um sorriso amplo e radiante que o atingiu em cheio no coração. Pôs a mão na dele, e só então Benedict se deu conta de que estava prendendo a respiração.

– Tem permissão de dançar a valsa? – murmurou ele, quando chegaram à pista de dança.

Ela balançou a cabeça.

– Eu não danço.

– Está brincando comigo.

– Gostaria de estar, mas a verdade é que... – ela se inclinou para a frente com um vislumbre de sorriso – eu simplesmente não sei dançar.

Ele olhou para ela surpreso. A jovem se movimentava com uma graciosidade inata e, além disso, que dama bem-nascida chegaria à idade dela sem ter aprendido a dançar?

– Então há apenas uma coisa a fazer – sussurrou Benedict. – Eu a ensinarei.

Ela arregalou os olhos, entreabriu os lábios e explodiu numa gargalhada de

surpresa.
– O que é tão engraçado? – quis saber ele, tentando parecer sério.
Ela sorriu mais uma vez – era o tipo de sorriso que se espera receber de um velho colega de escola, não de uma debutante num baile e disse:
– Até mesmo eu sei que não se dá aulas de dança num baile.
– O que quer dizer com *até mesmo eu*?
Ela não respondeu.
– Então precisarei usar minha posição privilegiada e forçá-la a me acompanhar – decretou ele.
– Forçar-me?
Como ela ainda sorria ao dizer isso, Benedict soube que não havia se ofendido e continuou:
– Seria descortês da minha parte permitir que esta situação lamentável prossiga.
– Lamentável, o senhor diz?
Ele deu de ombros.
– Uma linda dama que não sabe dançar. Parece um crime contra a natureza.
– Se eu permitir que me ensine...
– *Quando* permitir que eu a ensine.
– *Se* eu permitir que me ensine, onde a lição acontecerá?
Benedict levantou o queixo e olhou ao redor do salão. Não era difícil ver por cima da cabeça da maioria dos convidados. Com 1,85 metro, ele era um dos homens mais altos do local.
– Teremos que ir para o terraço – retrucou, por fim.
– O terraço? – repetiu ela. – Não estará lotado? Afinal, a noite está bastante quente.
Ele se inclinou para ela.
– Não o terraço *privativo*.
– O terraço privativo? – perguntou ela com tom de divertimento na voz. – E como o senhor poderia conhecer um terraço privativo?
Benedict a encarou, perplexo. Seria possível que não soubesse quem ele era? Não que se considerasse tão importante a ponto de esperar que Londres inteira tivesse conhecimento de sua identidade. Só que ele era um Bridgerton, e se alguém conhecia um dos membros de sua família, isso em geral significava que seria capaz de reconhecer outro. E, como não havia naquela cidade nenhuma

pessoa não tivesse cruzado ao menos com um Bridgerton, Benedict normalmente era reconhecido em qualquer lugar. Mesmo que às vezes, pensou com tristeza, esse reconhecimento se desse sob a forma de um simples "número dois".

– O senhor não respondeu à minha pergunta – insistiu a dama misteriosa.

– Sobre o terraço privativo? – Benedict levou a mão dela aos lábios e beijou a seda da luva. – Digamos apenas que tenho meus meios.

Como ela pareceu indecisa, ele apertou sua mão e a puxou para mais perto – apenas alguns centímetros, mas de alguma forma pareceu que a misteriosa jovem estava a apenas um beijo de distância.

– Venha – disse ele. – Dance comigo.

Ela deu um passo para a frente e ele soube que sua vida havia sido mudada para sempre.

Sophie não o vira quando entrara no salão, mas sentira que havia algo mágico no ar. E quando ele surgira diante dela, como um príncipe de conto de fadas, de algum modo ela soube que *ele* tinha sido o motivo pelo qual ela entrara no baile de forma furtiva.

Era alto, e o que ela podia ver de seu rosto era muito bonito, com lábios sorridentes que tinham uma sugestão de ironia e a barba começando a nascer. Os cabelos eram castanho-escuros e a luz bruxuleante das velas lhes conferiam um leve tom avermelhado.

As pessoas pareciam saber quem ele era. Sophie percebeu que, sempre que o homem se movia, os outros convidados abriam-lhe passagem. E quando ele mentira, com a cara mais deslavada, e a chamara para dançar, os outros haviam cedido e se afastado.

Era bonito e forte e, por aquela única noite, seria dela.

Quando o relógio soasse a meia-noite, Sophie voltaria à sua vida de trabalho penoso, de costurar, lavar e atender a todos os desejos de Araminta. Estava tão errada em querer uma noite apenas de magia e amor?

Ela se sentia como uma princesa – uma princesa audaciosa – e, assim que ele a convidara para dançar, ela pusera a mão na dele. E, embora soubesse que tudo aquilo era uma mentira, que era a filha bastarda de um nobre e a criada de uma condessa, que seu vestido era emprestado e os sapatos, praticamente roubados,

nada parecera ter importância quando os dedos deles se entrelaçaram.

Por algumas horas, pelo menos, Sophie poderia fingir que era possível que aquele cavalheiro fosse dela e que, daquele momento em diante, sua vida seria modificada para sempre.

Não passava de um sonho, mas fazia muito tempo que ela se permitira sonhar pela última vez.

Pondo de lado toda a precaução, Sophie deixou que ele a conduzisse para fora do salão de baile. Ele caminhava rápido, mesmo ao passar pela multidão pulsante, e ela começou a rir ao tropeçar atrás dele.

– Por que você parece estar sempre rindo de mim? – perguntou ele, parando por um instante quando os dois chegaram ao saguão do lado de fora do salão de baile.

Ela riu de novo – não conseguia evitar.

– Eu estou feliz – retrucou, dando de ombros. – Só estou feliz por estar aqui.

– E por quê? Um baile desses deve ser rotina para alguém como você.

Sophie sorriu. Se ele achava que ela pertencia à sociedade, que era frequentadora de uma infinidade de bailes e festas, é porque devia estar interpretando seu papel à perfeição.

Ele tocou o canto de sua boca.

– Você não para de sorrir – sussurrou.

– Eu gosto de sorrir.

O cavalheiro levou a mão à cintura dela e a puxou para si. A distância entre os corpos dos dois permaneceu respeitável, mas a proximidade crescente a deixou sem fôlego.

– E eu gosto de vê-la sorrir – retrucou ele.

Falava em um tom baixo e sedutor, mas havia algo em sua voz que quase a fez acreditar que ele estava mesmo sendo sincero, que ela não era apenas a conquista da noite.

Mas, antes que Sophie pudesse responder, uma voz acusadora vinda do saguão de repente se fez ouvir:

– Aí está você!

Ela sentiu um embrulho no estômago. Havia sido descoberta. Seria atirada na rua e era provável que no dia seguinte acabasse na cadeia por roubar os sapatos de Araminta e...

E o homem que havia chamado chegara ao lado dela e agora dizia a seu cavalheiro misterioso:

– Mamãe o está procurando por todos os lugares. Você fugiu da dança com Penelope, e *eu* tive que assumir seu lugar.

– Sinto muito – murmurou o cavalheiro dela.

O pedido de desculpas não pareceu ser suficiente para o recém-chegado, porque ele fez uma careta horrível e ameaçou:

– Se você fugir da festa e me deixar sozinho com aquele bando de debutantes cruéis, eu juro que vou me vingar até o dia da minha morte.

– Um risco que estou disposto a correr – retrucou o cavalheiro.

– Bem, eu já o cobri com Penelope – resmungou o outro homem. – Você deu sorte por eu estar passando. O coração da pobrezinha pareceu se partir quando você foi embora.

O cavalheiro de Sophie teve o encanto de corar.

– Algumas coisas, infelizmente, são inevitáveis.

Sophie olhava de um para outro. Mesmo sob as máscaras, estava mais do que evidente que eram irmãos, e ela de repente se deu conta de que deviam ser os irmãos Bridgertons, e aquela devia ser a casa deles, e...

Ah, Deus, isso queria dizer que ela havia feito papel de idiota ao perguntar como ele sabia de um terraço privativo?

Mas qual dos irmãos era ele? Benedict. Só podia ser Benedict. Sophie fez um agradecimento silencioso a Lady Whistledown, que certa vez escrevera uma coluna inteira totalmente dedicada à tarefa de diferenciar os irmãos Bridgertons. Lembrou que Benedict fora descrito como o mais alto de todos.

O homem que fizera seu coração disparar era uns bons 3 centímetros mais alto do que o outro...

...que Sophie de repente percebeu que olhava para ela com muita atenção.

– Já entendi por que você sumiu – disse Colin (porque ele devia ser Colin; com certeza não era Gregory, que tinha apenas 14 anos, e Anthony estava casado e não se importaria que Benedict houvesse fugido da festa e o deixado sozinho à mercê das debutantes).

Ele olhou para Benedict com uma expressão marota.

– Não vai nos apresentar?

Benedict ergueu uma sobrancelha.

– Até poderia, mas eu mesmo ainda não sei o nome dela.
– O senhor não perguntou – comentou Sophie, sem conseguir evitar.
– E você me diria se eu perguntasse?
– Eu responderia *alguma coisa* – retrucou ela.
– Mas não a verdade.
Ela balançou a cabeça.
– Não é uma noite para verdades.
– Meu tipo preferido de noite – disse Colin numa voz alegre.
– Você não deveria estar em outro lugar? – indagou Benedict.
Colin balançou a cabeça.
– Tenho certeza que mamãe preferiria que eu estivesse no salão de baile, mas não é exatamente uma exigência.
– É uma exigência *minha* – falou Benedict.
Sophie sentiu vontade de rir.
– Muito bem – suspirou Colin. – Vou me retirar.
– Ótimo – comemorou Benedict.
– Sozinho e abandonado para encarar as lobas vorazes...
– Lobas? – perguntou Sophie.
– Jovens mocinhas casadouras – esclareceu Colin. – Um bando de lobas vorazes, todas elas. Excetuando-se a dama presente, é claro.
Sophie achou melhor não esclarecer que não era nenhuma “jovem mocinha casadoura”.
– Nada deixaria minha mãe... – começou Colin.
Benedict completou, resmungando:
– ...mais feliz do que ver meu querido irmão mais velho casado. – Fez uma pausa e pensou nas próprias palavras. – Exceto, talvez, *me* ver casado.
– Nem que fosse para fazê-lo sair de casa – disse Benedict com rispidez.
Desta vez, Sophie riu.
– Mas também, ele é consideravelmente mais velho – continuou Colin. – Então talvez devamos mandá-lo para fora... quer dizer, para o altar, primeiro.
– Você quer chegar a algum lugar com isso? – grunhiu Benedict.
– Não, nenhum – admitiu Colin. – Mas em geral eu não quero mesmo.
Benedict se virou para Sophie.
– Ele está falando a verdade.

– Então – disse Colin a Sophie com um grandioso floreio do braço –, a senhorita se compadeceria da minha pobre e sofredora mãe e levaria meu querido irmão ao altar?

– Bem, ele não fez nenhum pedido – retrucou Sophie, tentando fazer graça também.

– Quanto você já bebeu? – resmungou Benedict.

– Eu? – perguntou Sophie.

– *Ele*.

– Até agora, nada – garantiu Colin com jovialidade. – Mas estou pensando seriamente em mudar isso. Na verdade, pode ser a única coisa capaz de tornar esta noite suportável.

– Se a busca pela bebida o fizer sumir daqui – observou Benedict –, então com certeza será a única coisa que tornará a *minha* noite suportável também.

Colin sorriu, fez uma saudação pomposa e se retirou.

– É bom ver dois irmãos que se amam tanto – murmurou Sophie.

Benedict, que olhava de forma ameaçadora para a porta pela qual o irmão havia acabado de desaparecer, logo voltou a atenção a ela.

– Você chama *isso* de amor?

Sophie pensou em Rosamund e Posy, que não paravam de implicar uma com a outra, e não de brincadeira.

– Chamo – disse ela com firmeza. – É evidente que o senhor daria sua vida por ele. E vice-versa.

– Acho que você tem razão. – Benedict soltou um suspiro pesaroso e então abriu um sorriso. – Por mais que me custe admitir.

Ele se encostou na parede e cruzou os braços, uma pose que lhe dava um ar bastante sofisticado e casual.

– Então me diga: você tem irmãos? – quis saber.

Sophie ficou pensativa por um instante e depois afirmou, decidida:

– Não.

Benedict ergueu uma das sobrancelhas em um arco curiosamente arrogante. Inclinou um pouco a cabeça para o lado e comentou:

– Fiquei bastante intrigado com o motivo pelo qual você levou tanto tempo para responder. Era de se esperar que fosse uma pergunta bem simples.

Sophie virou a cabeça para o outro lado por um instante, sem querer que ele

visse o sofrimento que ela sabia que estaria em seu olhar. Ela sempre quis ter uma família. Na verdade, não havia nada que desejasse mais na vida. Seu pai nunca a reconhecera como filha, nem mesmo em particular, e sua mãe havia morrido ao lhe dar à luz. Araminta a tratava como lixo, e Rosamund e Posy com certeza jamais tinham sido irmãs para ela. Posy às vezes agia como sua amiga, mas até mesmo ela passava a maior parte do tempo pedindo que Sophie arrumasse suas roupas, penteasse seus cabelos ou limpasse seus sapatos...

E, na verdade, embora Posy pedisse e não ordenasse, como a irmã e a mãe faziam, Sophie não tinha a opção de lhe responder que não.

– Sou filha única – falou ela por fim.

– E é tudo o que você dirá sobre o assunto – murmurou Benedict.

– E é tudo o que direi sobre o assunto – concordou ela.

– Muito bem – retrucou ele, depois deu um sorriso preguiçoso tipicamente masculino. – O que, então, eu posso lhe perguntar?

– Nada, na verdade.

– Nadinha?

– Talvez eu possa ser convencida a lhe contar que minha cor preferida é o verde, mas, fora isso, o deixarei sem qualquer pista sobre minha identidade.

– Por que tantos segredos?

– Se eu respondesse a isso – retrucou Sophie com um sorriso enigmático, entregue por completo ao papel de estranha misteriosa –, não teria mais segredos, não é?

Ele se inclinou um pouco para a frente.

– Você poderia criar novos segredos.

Ela recuou um passo. Detectara um calor no olhar dele, e ouvira conversas suficientes na ala dos criados para saber o que significava aquilo. Por mais emocionante que fosse, ela não era tão ousada quanto fingia ser.

– Toda esta noite já é segredo suficiente – falou.

– Então me faça uma pergunta – pediu Benedict. – Eu não tenho segredos.

Ela arregalou os olhos.

– Nenhum? É mesmo? Todo mundo tem segredos.

– Não eu. Minha vida é bastante banal.

– Acho difícil acreditar nisso.

– É verdade – afirmou ele, dando de ombros. – Nunca seduzi uma jovem

inocente, ou mesmo uma dama casada. Não tenho dívidas de jogo e meus pais eram completamente fiéis um ao outro.

Isso significava que Benedict não era um bastardo. De alguma forma, a ideia lhe provocara um bolo na garganta. Não, é claro, por ele ser filho legítimo, mas porque Sophie sabia que jamais a cortejaria – ao menos não de forma honrosa – se soubesse que ela não era.

– Você não me perguntou nada – lembrou ele.

Sophie piscou, surpresa. Não tinha achado que ele falara a sério.

– Est-tá bem. – Ela gaguejou um pouco, desconcertada. – Qual é a sua cor preferida?

Ele sorriu.

– Você vai desperdiçar sua pergunta com isso?

– Eu só tenho direito a uma pergunta?

– Nada mais justo, considerando que não me concedeu nenhuma. – Benedict se inclinou para a frente, com os olhos escuros cintilando. – E a resposta é azul.

– Por quê?

– Por quê? – repetiu ele.

– Sim, por quê? Por causa do oceano? Ou do céu? Ou porque simplesmente gosta e pronto?

Benedict olhou para ela com curiosidade. Parecia uma pergunta esquisita – *por que* a cor preferida dele era azul. Qualquer pessoa teria ficado satisfeita apenas com sua resposta. Mas aquela mulher – cujo nome ele nem sequer sabia – foi mais fundo.

– Você é pintora? – quis saber ele.

Ela balançou a cabeça.

– Apenas curiosa.

– Por que sua cor preferida é verde?

Sophie suspirou e ficou com um olhar nostálgico.

– Por causa da grama, eu acho. E talvez as folhas. Mas sobretudo a grama. A sensação de correr descalça sobre ela no verão. O cheiro dela depois de ser aparada.

– O que a sensação e o cheiro da grama têm a ver com a cor?

– Nada, imagino. E talvez tudo. Eu morava no campo, sabe... – Ela parou abruptamente.

Não tinha a intenção de lhe contar nem mesmo aquilo, mas não parecia haver qualquer problema em Benedict saber de um fato tão inocente.

– E era mais feliz lá? – perguntou ele baixinho.

Ela assentiu, sendo tomada por uma repentina onda de consciência. Lady Whistledown nunca devia ter tido uma conversa com Benedict Bridgerton além do superficial, porque jamais havia escrito que ele era o homem mais perspicaz de Londres. Quando a fitava nos olhos, Sophie tinha a estranha sensação de que ele podia enxergar sua alma.

– Então você deve gostar de passear no parque – continuou ele.

– Gosto – mentiu Sophie.

Ela nunca tinha tempo de fazer isso. Araminta não lhe dava sequer o dia de folga que os outros criados tinham.

– Devíamos fazer um passeio juntos – convidou Benedict.

Sophie evitou responder ao lembrá-lo:

– O senhor não me contou por que sua cor preferida é o azul.

Ele inclinou a cabeça um pouco para o lado e estreitou os olhos apenas o suficiente para que Sophie soubesse que ele percebera sua evasiva. Mas falou apenas:

– Não sei. Talvez, como você, o azul me faça lembrar de algo de que sinto falta. Há um lago em Aubrey Hall, a casa onde fui criado, em Kent, mas a água parecia mais cinza do que azul.

– Ele provavelmente reflete o céu – comentou Sophie.

– Que é, com bastante frequência, mais cinza do que azul – retrucou Benedict dando uma risada. – Talvez seja disso que eu sinta falta... de céus azuis e do sol brilhando.

– Se não estivesse sempre chovendo, não seria a Inglaterra – comentou Sophie com um sorriso.

– Eu fui à Itália uma vez – falou Benedict. – O sol brilhava quase todos os dias.

– Parece o paraíso.

– Seria de se esperar que fosse – observou ele. – Mas eu me peguei sentindo falta da chuva.

– Não acredito – disse ela com uma risada. – Tenho a impressão de que passei a metade da vida olhando para fora pela janela e resmungando por causa da chuva.

– Se não houvesse mais chuva, você sentiria falta dela.

Sophie ficou pensativa. Será que havia coisas em sua vida de que ela sentiria falta se não existissem mais? Não sentiria falta de Araminta, com certeza, nem de Rosamund. Talvez ficasse com saudade de Posy, e definitivamente sentiria falta da forma como o sol entrava pela janela de seu quarto no sótão de manhã. Sentiria saudade dos risos e brincadeiras dos criados e de quando a incluíam na diversão, embora todos soubessem que era a filha bastarda do finado conde.

Mas ela jamais teria sequer a oportunidade de sentir falta dessas coisas, porque não iria a lugar algum. Depois daquela noite incrível, maravilhosa e mágica, Sophie voltaria à vida de sempre.

Imaginou que, se fosse mais forte, mais corajosa, teria deixado a Casa Penwood anos antes. Mas será que isso teria mesmo feito muita diferença? Ela não gostava de viver com Araminta, mas não era provável que fosse melhorar de vida indo embora. Talvez apreciasse ser tutora, e com certeza era qualificada para a posição, mas era difícil conseguir emprego sem referências, e não tinha qualquer dúvida de que Araminta não as forneceria.

– Você está muito quieta – comentou Benedict baixinho.

– Eu só estava pensando.

– Sobre o quê?

– Sobre as coisas de que sentiria falta, ou não, se minha vida mudasse de forma drástica.

O olhar dele ficou mais intenso.

– E você espera que ela mude de forma drástica?

Sophie balançou a cabeça e tentou disfarçar a tristeza ao responder:

– Não.

O tom de voz dele ficou tão baixo que era quase um sussurro:

– Você quer que ela mude?

– Quero – retrucou ela com um suspiro, antes que pudesse se conter. – Com certeza.

Benedict segurou as mãos dela e as levou aos lábios, beijando uma de cada vez com toda a delicadeza.

– Então vamos começar agora mesmo – decretou ele. – E amanhã você estará transformada.

– Esta noite eu estou transformada – sussurrou ela. – Amanhã, eu desaparecerei.

Benedict a puxou para perto e deu um beijo breve e suave na sobrancelha dela.
– Então teremos que fazer uma vida inteira caber nesta noite.

CAPÍTULO 3

Esta autora espera ansiosa para ver as fantasias que os membros da sociedade irão escolher para o baile de máscaras dos Bridgertons. Há boatos de que Eloise Bridgerton está planejando se vestir de Joana d'Arc e Penelope Featherington, recém-chegada de uma visita às suas primas irlandesas para sua terceira temporada, usará uma fantasia de duende. A Srta. Posy Reiling, enteada do finado conde de Penwood, planeja um traje de sereia, que esta autora mal pode esperar para ver, mas a irmã mais velha dela, a Srta. Rosamund Reiling, tem sido muito discreta quanto à própria vestimenta.

Em relação aos homens, se os bailes de máscaras anteriores servirem de indicação, os corpulentos se fantasiarão de Henrique VIII, os mais elegantes de Alexandre, o Grande, ou talvez de diabo, e os entediados (os cobiçados irmãos Bridgertons com certeza entre eles) como eles mesmos – traje preto básico de noite, apenas com uma meia máscara em reconhecimento à ocasião.

Crônicas da sociedade de Lady Whistledown,
5 de junho de 1815

– Dance comigo – pediu Sophie em um impulso.

Ele abriu um sorriso divertido e enroscou os dedos nos dela ao murmurar:

– Achei que você não soubesse dançar.

– O senhor disse que iria me ensinar.

Ele a encarou por um longo instante, olhos nos olhos, então puxou sua mão e falou:

– Venha comigo.

Com Benedict puxando Sophie atrás de si, os dois atravessaram um corredor,

subiram um lance de escada e viraram uma curva, parando diante de um par de portas francesas. Benedict girou as maçanetas de ferro forjado e as abriu, revelando um pequeno terraço privativo, enfeitado com vasos de plantas e duas *chaise longues*.

– Onde estamos? – perguntou Sophie, olhando ao redor.

– Exatamente acima do terraço do salão de baile. – Ele fechou as portas atrás dos dois. – Não está ouvindo a música?

Sophie podia escutar com facilidade o rumor baixo das conversas, mas se aguçasse os ouvidos conseguia discernir o ritmo suave da orquestra.

– Handel – comentou ela, com um sorriso deliciado. – Minha tutora tinha uma caixa de música com esta melodia.

– Você gostava muito da sua tutora – observou ele baixinho.

Sophie estava de olhos fechados, cantarolando a melodia, mas, ao ouvir o que ele dissera, abriu os olhos com ar perplexo.

– Como o senhor sabe? – perguntou.

– Da mesma forma que soube que você era mais feliz no campo. – Benedict estendeu a mão e tocou o rosto dela, passando um dedo enluvado devagar por sua pele até chegar à linha do maxilar. – Posso ver no seu rosto.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes e então se afastou.

– É, bem, eu passava mais tempo com ela do que com qualquer outra pessoa na casa.

– Parece ter sido uma infância solitária – observou Benedict baixinho.

– Às vezes era. – Sophie foi até a beirada da varanda e pousou as mãos sobre a balaustrada enquanto olhava fixamente para a noite escura. – Às vezes, não. – Então se virou de repente, com um largo sorriso, e ele soube que ela não revelaria mais nada sobre sua infância.

– Já sua infância não deve ter sido nada solitária – falou ela–, com tantos irmãos e irmãs por perto.

– Você sabe quem eu sou – disse ele.

Ela assentiu.

– No início, não sabia.

Benedict caminhou até a balaustrada e ali apoiou o quadril, cruzando os braços.

– E o que foi que me entregou?

– Seu irmão, na verdade. Vocês se parecem tanto...

– Mesmo com as máscaras?

– Mesmo com as máscaras – confirmou ela, com um sorriso indulgente. – Lady Whistledown escreve sobre vocês com frequência, e nunca deixa passar uma oportunidade de comentar como são parecidos.

– E você sabe qual deles sou eu?

– Benedict – respondeu ela. – Se de fato Lady Whistledown estivesse correta ao dizer que é o mais alto de todos.

– Você é uma boa detetive.

Ela aparentou certo constrangimento.

– Eu só leio um folhetim de fofocas. Isso não me torna nem um pouco diferente do restante das pessoas aqui.

Benedict a observou por um instante, perguntando-se se ela se dava conta de que revelara mais uma pista para o enigma de sua identidade. Se o reconhecia apenas pelo *Whistledown*, não frequentava a sociedade havia muito tempo, ou talvez nunca tivesse frequentado antes daquela noite. De qualquer maneira, não era uma das muitas jovens a quem sua mãe o havia apresentado.

– O que mais você sabe sobre mim pela coluna dela? – quis saber ele, dando um sorriso lento e indolente.

– O senhor está em busca de elogios? – indagou ela, devolvendo-lhe o meio sorriso. – Porque deve saber que os Bridgertons com frequência são poupados da pena afiada dela. Lady Whistledown quase sempre é muito lisonjeira quando escreve sobre sua família.

– Isso já levou a alguma especulação sobre a identidade dela – admitiu ele. – Algumas pessoas pensam que pode ser uma Bridgerton.

– E é?

Ele deu de ombros.

– Não que eu saiba. E você não respondeu à minha pergunta.

– Qual?

– O que você sabe sobre mim que tenha lido no *Whistledown*?

Ela pareceu surpresa.

– O senhor está mesmo interessado?

– Se não posso ter nenhuma informação sobre *você*, ao menos quero saber o que conhece a *meu* respeito.

Ela sorriu e levou a ponta do dedo indicador ao lábio inferior, num encantador

gesto de distração.

– Bem, vamos ver. No mês passado, o senhor venceu alguma corrida boba de cavalo no Hyde Park.

– Não foi uma corrida nem um pouco boba – falou ele, sorrindo. – E fiquei cem libras mais rico por causa dela.

Sophie lançou-lhe um olhar divertido.

– Corridas de cavalo são quase sempre bobas.

– Falou exatamente como uma mulher – resmungou ele.

– Bem...

– Não precisa comentar o óbvio – interrompeu ele.

Isso a fez sorrir.

– O que mais você sabe? – quis saber Benedict.

– Pelo *Whistledown*? – Ela tamborilou a bochecha com o indicador, pensativa. – Uma vez, você cortou a cabeça da boneca da sua irmã.

– E ainda estou tentando descobrir como ela soube disso – reclamou ele.

– Talvez Lady Whistledown seja uma Bridgerton, afinal.

– Impossível. Não que não sejamos inteligentes o bastante para conseguir fazer isso – acrescentou ele de forma enfática. – Só que o restante da família é esperto demais para já não ter descoberto.

Ela deu uma gargalhada e Benedict a examinou, imaginando se ela sabia que lhe dera mais uma pequena pista de sua identidade. Lady Whistledown escrevera sobre o infeliz encontro da boneca com a guilhotina dois anos antes, em uma de suas primeiras colunas. Muitas pessoas agora recebiam o folhetim em todo o país, mas, no começo, o *Whistledown* era exclusividade dos londrinos.

Isso queria dizer que sua dama misteriosa estava em Londres dois anos antes. E, no entanto, não sabia quem ele era até conhecer Colin.

Ela estava em Londres, mas não frequentava os eventos da sociedade. Talvez fosse a mais nova da família e lesse o folhetim enquanto as outras mulheres da casa estivessem fora.

Não seria o bastante para descobrir sua identidade, mas era um começo.

– O que mais você sabe? – perguntou ele, ansioso para ver se Sophie revelaria mais algum indício sem querer.

Ela riu, claramente se divertindo.

– O seu nome nunca apareceu ligado de forma séria a nenhuma jovem, e sua

mãe está desesperada para vê-lo casado.
– A pressão diminuiu um pouco agora que meu irmão já conseguiu uma esposa.
– O visconde?
Benedict assentiu.
– Lady Whistledown escreveu sobre isso também – comentou ela.
– Nos mínimos detalhes, eu sei. Embora... – ele se inclinou para ela e baixou o tom de voz – ela não tenha relatado todos os fatos.
– É mesmo? – disse Sophie muito interessada. – O que ficou de fora?
Ele balançou a cabeça para ela.
– Tsc, tsc. Não vou revelar os segredos do cortejo de meu irmão enquanto você não quer me dizer nem o seu nome.
Ela deu uma risada.
– *Cortejo* pode ser uma palavra forte demais. Lady Whistledown escreveu...
– Lady Whistledown – interrompeu ele com um sorriso vagamente irônico – não sabe de tudo o que acontece em Londres.
– Ela com certeza parece saber da maior parte.
– Você acha? – disse ele em tom divertido. – Eu tendo a discordar. Por exemplo, suspeito que, se ela estivesse aqui no terraço, não saberia quem é você.
Sophie arregalou os olhos por baixo da máscara. Benedict gostou disso.
Ele cruzou os braços.
– Não é? – perguntou.
Ela assentiu.
– Mas eu estou tão bem disfarçada que ninguém me reconheceria agora.
Ele ergueu uma sobrancelha.
– E se você tirasse a máscara? Ela a reconheceria?
Sophie se afastou da balaustrada e deu alguns passos para o meio do terraço.
– Não vou responder a isso.
Ele a seguiu.
– Não achei mesmo que fosse. Mas eu quis perguntar ainda assim.
Sophie se virou e então prendeu a respiração ao perceber que Benedict estava a poucos centímetros de distância. Ouviu-o ir atrás dela, mas não imaginou que ele se encontrasse tão perto. Abriu os lábios para falar, mas, para sua enorme surpresa, não tinha nada a dizer. Tudo o que parecia conseguir fazer era fitar aqueles olhos escuros que a observavam por detrás da máscara. Falar era

impossível. Até mesmo respirar era difícil.
– Você ainda não dançou comigo – comentou ele.
Ela não se mexeu. Apenas ficou parada enquanto ele pousava a mão em sua cintura. Sentiu a pele se arrepiar quando Benedict a tocou, e a atmosfera ao redor deles ficou pesada e quente.
Sophie se deu conta de que aquilo era desejo. Era sobre isso que ouvira as criadas sussurrarem. Era algo que damas bem-criadas nem sequer deveriam *saber*.
Mas ela não era uma dama bem-criada, pensou desafiadoramente. Era uma bastarda, a filha ilegítima de um nobre. Não era membro da sociedade e jamais seria. Será que precisava mesmo obedecer às suas regras?
Sempre jurara que jamais se tornaria amante de um homem, que nunca traria ao mundo uma criança para sofrer o mesmo destino que ela. Mas não estava planejando nada tão atrevido. Apenas uma dança, uma noite, talvez um beijo.
Sim, seria o bastante para acabar com a reputação de uma moça, mas de que tipo de reputação ela gozava, para começo de conversa? Não pertencia à sociedade, logo não devia nenhum respeito às suas normas de moral. E queria uma noite de fantasia. Ergueu o olhar.
– Então você não vai fugir – murmurou ele, com os olhos escuros brilhando de calor e excitação.
Ela balançou a cabeça, percebendo que, mais uma vez, ele adivinhara seus pensamentos. O fato de ele saber o que se passava em sua cabeça com tanta facilidade deveria assustá-la, mas ali, na sedutora escuridão da noite, com o vento batendo nas mechas soltas de seus cabelos e a música chegando a eles vindo do salão de baile abaixo, aquilo era emocionante.
– Onde devo colocar a mão? – perguntou ela. – Quero dançar.
– Bem aqui no meu ombro – instruiu Benedict. – Não, um pouquinho mais para baixo. Pronto.
– O senhor deve me achar uma tola completa – comentou ela –, por não saber dançar.
– Na verdade, eu a acho muito corajosa por admitir isso. – Com a mão livre, ele segurou a dela e a ergueu devagar. – A maioria das mulheres que conheço teria fingido estar machucada ou desinteressada.
Ela fitou-o nos olhos, mesmo sabendo que isso a deixaria sem fôlego.

– Eu não tenho o talento necessário para fingir desinteresse – admitiu.
Benedict apertou um pouco mais a cintura dela.
– Ouça a música – ensinou, com a voz curiosamente rouca. – Pode sentir o ritmo?
Ela balançou a cabeça.
– Ouça com mais atenção – sussurrou ele, aproximando os lábios do ouvido dela. – *Um*, dois, três. *Um*, dois, três.
Sophie fechou os olhos e de alguma forma conseguiu isolar o interminável murmúrio dos convidados no salão, até que tudo o que ouvia era o ritmo suave da música. Sua respiração ficou mais lenta, e ela se deslocou seguindo o andamento da orquestra, movendo a cabeça para a frente e para trás com as instruções numéricas pronunciadas baixinho por Benedict.
– *Um*, dois, três. *Um*, dois, três.
– Estou sentindo – murmurou ela.
Ele sorriu. Sophie não entendeu ao certo como soube disso, pois ainda tinha os olhos fechados, mas ela sentiu o sorriso, escutou-o no ruído da respiração dele.
– Que bom – falou Benedict. – Agora observe meus pés e me deixe conduzi-la.
Ela abriu os olhos e olhou para baixo.
– *Um*, dois, três. *Um*, dois, três – disse ele.
De maneira hesitante, ela seguiu os passos de seu par – e pisou bem em cima do pé dele.
– Ah! Sinto muito! – disparou.
– Minhas irmãs já fizeram muito pior – garantiu ele. – Não desista.
Ela tentou mais uma vez. E, de repente, seus pés sabiam o que fazer.
– Ah! – suspirou ela, surpresa. – Isso é maravilhoso!
– Olhe para cima – ordenou ele, com delicadeza.
– Mas eu vou tropeçar.
– Não, não vai – prometeu Benedict. – Não a deixarei tropeçar. Olhe nos meus olhos.
Sophie obedeceu e, no instante em que seus olhos cruzaram com os dele, algo dentro dela pareceu se encaixar e ela não conseguiu desviar. Ele a girou em círculos e espirais pelo terraço, primeiro devagar, depois mais rápido, até que ela ficou zonza e sem fôlego.
E, o tempo todo, seus olhos permaneceram presos aos dele.

– O que está sentindo? – quis saber Benedict.
– Tudo! – retrucou ela, com uma risada.
– E o que está ouvindo?
– A música. – Sophie arregalou os olhos de empolgação. – Estou escutando a música de uma forma que nunca tinha experimentado antes.
Ele puxou-a mais um pouco e o espaço entre os dois diminuiu vários centímetros.
– O que está vendo? – indagou.
Sophie tropeçou, mas não tirou os olhos dos dele em nenhum momento.
– Minha alma – sussurrou. – Estou vendo minha alma.
Ele parou.
– O que disse? – sussurrou.
Ela ficou em silêncio. O momento pareceu muito carregado, muito significativo, e ela teve medo de estragá-lo.
Não, não era isso. Sophie temeu transformá-lo em algo ainda melhor, o que tornaria mais sofrido ter que retornar à realidade à meia-noite.
Como poderia voltar a limpar os sapatos de Araminta depois daquilo?
– Eu sei o que você disse – afirmou Benedict com a voz rouca. – Eu a ouvi, e...
– Não diga nada – pediu Sophie.
Ela não queria que ele falasse que se sentia da mesma forma, não queria ouvir nada que a fizesse desejar aquele momento para sempre.
Mas achava que podia ser tarde demais para isso.
Benedict a encarou por um instante agonizantemente longo e então murmurou:
– Tudo bem. Não direi uma palavra.
Então, antes que ela tivesse um segundo para respirar, os lábios dele estavam colados aos dela, gentis e suaves.
Com uma lentidão deliberada, Benedict passou os lábios sobre os dela de um lado a outro, com a mais suave fricção fazendo o corpo dela se arrepiar inteiro.
Ele encostava em seus lábios e ela sentia o toque até nos dedos dos pés. Era uma sensação completamente nova – e maravilhosa também.
Então, com a mão que estava na cintura dela – e que a guiara com tanta tranquilidade durante a valsa –, ele começou a puxá-la em sua direção. A pressão era lenta, mas inflexível, e Sophie experimentou um calor ainda maior conforme os corpos dos dois se aproximavam, chegando ao ponto de sentir a pele queimar

quando enfim o corpo todo dele estava encostado ao seu.

Ele parecia muito grande, muito poderoso, e em seus braços ela se sentia a mulher mais linda do mundo.

De repente, tudo parecia possível, talvez até uma vida livre de servidão e estigma.

O beijo ficou mais exigente, e Benedict tocou o canto da boca de Sophie com a língua. A mão dele, que ainda a segurava na pose da valsa, deslizou pelo braço dela até as costas e foi parar em sua nuca, e depois soltou os cabelos do penteado.

– Seu cabelo parece seda – sussurrou ele, e Sophie riu, porque ele usava luvas.

Benedict se afastou.

– Do que você está rindo? – perguntou, com uma expressão divertida.

– Como pode saber disso? Você está com as mãos cobertas.

Ele deu um sorriso torto e travesso que fez o estômago de Sophie se revirar e seu coração derreter.

– Não sei como sei – retrucou ele –, mas sei. – O sorriso ficou ainda mais torto e então Benedict acrescentou: – Mas, só para ter certeza, talvez seja melhor testar com as mãos livres.

Ele levantou a mão à frente do rosto dela.

– Você faria a gentileza?

Sophie olhou fixamente para a mão dele por alguns segundos, antes de se dar conta do que Benedict queria. Com a respiração trêmula e nervosa, deu um passo para trás e pegou a mão dele com as suas. Devagar, puxou a ponta de cada dedo da luva, até tirá-la por completo.

Ainda segurando a luva, ela olhou para cima. Ele estava com uma expressão muito estranha. Era desejo... e algo mais. Alguma coisa quase espiritual.

– Eu quero tocar em você – sussurrou ele, e então segurou o rosto dela com a mão nua, acariciando a pele com as pontas dos dedos, subindo com delicadeza até tocar os cabelos perto da orelha. Puxou uma mecha com gentileza até soltá-la do penteado, e Sophie não conseguiu tirar os olhos do cacho enrolado no indicador dele. – Eu estava errado – murmurou Benedict. – É mais macio que seda.

De repente, Sophie foi tomada por uma vontade incontrolável de tocá-lo da mesma forma e estendeu a mão.

– É minha vez – falou baixinho.

Os olhos dele brilharam, e ele começou a tirar a luva dela, soltando cada um dos dedos da mesma forma como ela havia feito com os seus. Mas então, em vez de puxá-la por completo, levou os lábios até a barra, que ficava na altura do cotovelo dela, e beijou a pele sensível da parte interna do braço.

– Também é mais macia que seda – murmurou.

Sophie usou a mão livre para agarrar o ombro dele, não confiando mais em sua capacidade de se manter de pé.

Benedict enfim puxou a luva, libertando o braço dela com uma lentidão agonizante, sem tirar os lábios de seu cotovelo. Depois, olhou para cima e disse:

– Espero que não se importe que eu fique por aqui um pouco.

Sem conseguir resistir, Sophie balançou a cabeça. Benedict percorreu a dobra de seu braço com a língua.

– Ah, Deus – gemeu ela.

– Achei que você poderia gostar disso – comentou ele, com as palavras queimando a pele dela.

Sophie assentiu. Ou melhor, quis assentir. Não soube ao certo se conseguiu.

Benedict fez os lábios prosseguirem, deslizando com sensualidade pelo antebraço dela até chegarem à parte interna do pulso. Demoraram-se ali por um instante até enfim repousarem bem na palma de sua mão.

– Quem é você? – perguntou ele, levantando os olhos sem soltar a mão dela.

Sophie balançou a cabeça.

– Eu preciso saber – insistiu ele.

– Não posso dizer. – E então, quando viu que ele não aceitaria um não como resposta, ela mentiu e acrescentou: – Ainda.

Benedict pegou um dos dedos dela e o passou com delicadeza nos próprios lábios.

– Quero vê-la amanhã – falou baixinho. – Quero visitá-la e ver onde mora.

Sophie ficou em silêncio, tentando não chorar.

– Quero conhecer seus pais e brincar com seu maldito cachorrinho – continuou ele, meio inseguro. – Você está entendendo o que quero dizer?

A música e o ruído das conversas ainda vinham do salão de baile, mas o único som no terraço era o ritmo ofegante da respiração dos dois.

– Eu quero... – A voz dele virou um sussurro, e seus olhos pareceram

vagamente surpresos, como se ele não conseguisse acreditar nas próprias palavras. – Eu quero o seu futuro. Cada pedacinho seu.

– Não diga mais nada – implorou Sophie. – *Por favor*. Nem mais uma palavra.

– Então me diga seu nome. Diga onde encontrá-la amanhã.

– Eu... – Nesse momento ela escutou um som estranho, exótico e retumbante. – O que foi isso?

– Um gongo – respondeu ele. – Para anunciar que é hora de todos tirarem as máscaras.

Sophie sentiu o pânico tomar conta de seu corpo.

– O quê?

– Deve ser meia-noite.

– Meia-noite? – arfou ela.

Benedict assentiu.

– Hora de tirar sua máscara.

Sophie levou uma das mãos até a têmpora e apertou a máscara com força contra a pele, como se de alguma forma ela pudesse colá-la a seu rosto apenas com a força de vontade.

– Você está bem? – indagou Benedict.

– Preciso ir – retrucou ela, e então, sem dizer mais nada, levantou as saias do vestido e saiu correndo do terraço.

– Espere! – ouviu-o chamar, e sentiu no ar o movimento dos braços dele tentando agarrar seu vestido.

Porém Sophie era rápida e, talvez mais importante, encontrava-se em absoluto estado de pânico. Desceu a escada em uma velocidade tal que pareceu que seus pés estavam em chamas.

Enfiou-se por entre os convidados no salão de baile, sabendo que Benedict seria um perseguidor determinado e ela teria mais chances de despistá-lo em meio à multidão. Tudo o que precisava fazer era atravessar o salão, sair pela porta lateral e dar a volta na casa até a carruagem que a esperava.

Os convivas ainda estavam tirando as máscaras, e a festa continuava animada, com muitas risadas pelo salão. Sophie abria caminho empurrando as pessoas, fazendo de tudo para conseguir chegar ao outro lado. Olhou em desespero por cima do ombro. Benedict havia entrado no salão de baile e observava a multidão com urgência. Ainda não parecia tê-la visto, mas ela sabia que isso aconteceria.

Seu vestido prateado a tornava um alvo fácil de ser localizado.

Sophie continuou afastando as pessoas de sua frente. Pelo menos metade não pareceu notar, talvez pelo efeito do álcool.

– Com licença – murmurou ela, dando uma cotovelada nas costelas de Júlio César.

– Perdão – disse mais como um resmungo quando Cleópatra pisou em seu pé.

– Com licença, eu... – e então Sophie sentiu o ar literalmente ser sugado para fora de seu corpo, porque se viu face a face com Araminta.

Ou melhor, face a máscara. Sophie ainda estava disfarçada. Mas se havia alguém capaz de reconhecê-la, seria a madrasta. E...

– Olhe por onde anda – falou a mulher mais velha com arrogância.

Então, deixando Sophie parada boquiaberta, ela deu uma rabanada com a saia de seu vestido de rainha Elizabeth e se afastou.

Araminta não a reconhecera! Se Sophie não estivesse tão aflita para deixar a Casa Bridgerton antes que Benedict a alcançasse, teria começado a rir.

Ela deu outra olhada desesperada para trás. Benedict a havia localizado e estava atravessando a multidão com muito mais eficiência do que ela. Engolindo em seco, com as energias renovadas, Sophie seguiu em frente, quase derrubando duas deusas gregas no chão antes de enfim chegar à porta de saída.

Olhou para trás uma última vez apenas por tempo suficiente para ver que Benedict havia sido encurralado por uma senhora idosa de bengala. Saiu correndo do prédio e deu a volta até a frente, onde a carruagem Penwood a esperava, exatamente como a Sra. Gibbons dissera.

– Vá, vá, vá! – gritou Sophie de forma frenética para o cocheiro.

Então partiu.

CAPÍTULO 4

Mais de um convidado do baile de máscaras relatou a esta autora que Benedict Bridgerton foi visto na companhia de uma dama desconhecida usando um vestido prateado.

Por mais que tenha tentado, esta autora foi incapaz de descobrir quem era a jovem misteriosa. E, se esta autora não foi capaz de saber a verdade, o leitor pode ter certeza de que sua identidade é, de fato, um segredo muito bem guardado.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
7 DE JUNHO DE 1815

Ela havia ido embora.

Benedict ficou parado na calçada na frente da Casa Bridgerton, examinando a rua. Toda a Grosvenor Square estava repleta de carruagens. Ela poderia estar em qualquer uma delas, simplesmente parada no meio do caminho, tentando fugir do trânsito. Ou poderia estar em uma das três carruagens que haviam acabado de fugir da confusão e virado a esquina.

De qualquer forma, ela se fora.

Sentia-se tentado a estrangular Lady Danbury, que pressionara a bengala em seu pé e insistira que ele lhe desse sua opinião sobre as fantasias da maioria dos convidados. Quando conseguiu se livrar daquela senhora, sua dama misteriosa havia desaparecido pela porta lateral do salão de baile.

E ele sabia que ela não tinha intenção de deixá-lo vê-la mais uma vez.

Soltou um xingamento baixo e bastante furioso. Com nenhuma das damas que a mãe lhe apresentara – e foram muitas – Benedict sentira aquela conexão intensa de almas que ardera entre ele e a dama de prateado. Desde o instante em que a vira – não, desde *antes* de avistá-la, quando apenas sentira sua presença –,

o ar parecia estar mais vivo, crepitando de tensão e entusiasmo. E ele se sentiu vivo também, de uma forma que não experimentava havia anos, como se tudo de repente fosse novo e animado, cheio de paixão e sonhos.

E, no entanto...

Praguejou de novo, desta vez com um toque de arrependimento.

Não sabia sequer a cor dos olhos dela.

Com certeza, não eram castanhos. Mas, à fraca luz das velas, não conseguira discernir se eram azuis ou verdes. Acinzentados ou cor de mel. Por algum motivo, achava isso muito perturbador. Era algo que o devorava por dentro, causando-lhe uma sensação ardente e faminta na boca do estômago.

Dizem que os olhos são a janela da alma. Se ele de fato havia encontrado a mulher de seus sonhos, aquela com quem poderia enfim se imaginar tendo uma família e um futuro, então, por Deus, precisava saber a cor de seus olhos.

Não seria fácil encontrá-la. Nunca era fácil achar alguém que não queria ser encontrado, e ela deixara mais do que claro que queria manter a identidade em segredo.

As pistas que Benedict tinha eram, na melhor das hipóteses, insignificantes. Alguns comentários aleatórios sobre a coluna de Lady Whistledown e...

Ele olhou para a luva que ainda segurava na mão direita.

Esquecera-se por completo de que estava com ela enquanto atravessava correndo o salão de baile. Levou o acessório ao rosto e aspirou o perfume, mas, para sua surpresa, não cheirava a água de rosas e sabão, como sua dama misteriosa. Em vez disso, recendia um pouco a mofo, como se tivesse ficado guardada dentro de um baú num sótão por muitos anos.

Estranho. Por que ela estaria usando uma luva antiga?

Ele a virou na mão, como se o movimento de alguma forma pudesse trazê-la de volta, e neste momento percebeu um bordado minúsculo na bainha.

SLG. As iniciais de alguém.

Seriam as dela?

Havia também um brasão de família. Que ele não reconhecia.

Mas a mãe dele saberia a quem pertencia. Ela sempre tinha esse tipo de informação. E eram grandes as chances de que, conhecendo o brasão, também soubesse de quem eram as iniciais SLG.

Benedict sentiu seu primeiro vislumbre de esperança. Ele iria encontrá-la.

Iria encontrá-la e ela seria dele. Simples assim.

Foi preciso apenas meia hora para que Sophie retornasse a seu estado normal e sem graça, sem o vestido, os brincos brilhantes e o penteado sofisticado. Os sapatos cravejados de pedras foram recolocados no armário de Araminta e o ruge que a criada usara em seus lábios tinha voltado para a penteadeira de Rosamund. Ela havia inclusive tirado cinco minutos para massagear a pele do rosto a fim de tirar as marcas deixadas pela máscara.

Antes de ir para a cama, Sophie tinha a mesma aparência de sempre – simples, sem graça e despretensiosa, com os cabelos presos numa trança frouxa e os pés enfiados em meias quentes para afastar o ar frio da noite.

Parecia-se mais uma vez com o que era de verdade – nada além de uma arrumadeira. Não havia mais traço algum da princesa de conto de fadas que tinha sido por uma breve noite.

E o mais triste de tudo: não havia mais príncipe encantado.

Benedict Bridgerton era tudo o que ela lera no *Whistledown*. Bonito, forte, educado. Era o sonho de qualquer jovem, mas não o *seu*, ela pensou com tristeza. Um homem daqueles não se casaria com a filha ilegítima de um conde. E com certeza não se casaria com uma arrumadeira.

Mas, por uma noite, Benedict fora dela, e Sophie pensou que isso teria que ser o suficiente.

Pegou um cachorrinho de pelúcia que tinha desde pequena. Guardara-o durante todos aqueles anos como uma lembrança de tempos mais felizes. O bichinho costumava ficar sobre sua cômoda, mas, por algum motivo, ela o queria mais perto agora. Deitou-se na cama, com ele preso entre os braços, e se enroscou embaixo das cobertas.

Então fechou os olhos bem apertado e mordeu o lábio inferior enquanto lágrimas silenciosas escorriam para o travesseiro.

Foi uma noite muito, muito longa.

– A senhora reconhece isto?

Benedict Bridgerton estava sentado ao lado da mãe em sua feminina sala de estar, decorada em tons de rosa e creme, segurando a única coisa que o ligava à mulher de prateado. Violet pegou a luva e examinou o brasão. Em uma fração de segundo, anunciou:

– Penwood.

– De “conde de Penwood”?

Violet assentiu.

– E o G é de Gunningworth. Se não me falha a memória, o título saiu da família há pouco tempo. O conde morreu sem deixar... ah, deve ter sido há uns seis ou sete anos. O título ficou com um primo distante. E – acrescentou ela com um aceno desaprovador de cabeça – você se esqueceu de dançar com Penelope Featherington ontem à noite. Ainda bem que seu irmão estava lá para assumir seu lugar.

Benedict se esforçou para não resmungar e tentou ignorar a bronca.

– Quem é, então, SLG?

Violet estreitou os olhos azuis.

– Por que você está interessado?

– Pelo jeito – retrucou ele com um suspiro –, que a senhora não irá simplesmente responder à minha pergunta sem fazer outra.

Ela deu uma risadinha elegante.

– Você me conhece muito bem.

Benedict fez um esforço para não revirar os olhos.

– De quem é a luva, Benedict? – indagou Violet. Como ele não respondeu rápido o bastante para seu gosto, ela acrescentou: – É melhor me dizer tudo. Você sabe que vou descobrir a história toda por conta própria mais dia, menos dia, e será muito menos constrangedor se eu não precisar fazer perguntas.

Benedict suspirou. Ele teria que contar tudo à mãe. Ou, pelo menos, quase tudo. Uma das coisas de que menos gostava era dividir aquele tipo de detalhe com sua progenitora – ela tendia a se agarrar com a tenacidade de um carrapato a qualquer esperança de que o filho pudesse de fato se casar. Mas ele não tinha muita escolha. Não se quisesse encontrar a dama misteriosa.

– Conheci uma pessoa ontem no baile de máscaras – começou ele afinal.

Violet juntou as mãos, deliciada.

– É mesmo?

– Foi por causa dela que me esqueci de dançar com Penelope.

Violet parecia prestes a morrer de entusiasmo.

– Quem? Uma das filhas de Penwood? – Ela enrugou a testa. – Não, isso é impossível. Ele não teve filhos. Mas tinha duas enteadas.– Franziu a testa de novo. – Embora eu deva dizer, depois de conhecer aquelas duas meninas... bem...

– Bem, o quê?

Violet tentou pensar em um modo educado de se expressar.

– Bem, eu simplesmente não consigo imaginar que você se interessaria por qualquer uma delas, só isso. Mas, se quiser – acrescentou ela, com a expressão se iluminando –, convidarei a condessa viúva para um chá. É o mínimo que posso fazer.

Benedict começou a dizer algo, mas parou quando viu que a mãe franzia a testa mais uma vez.

– O que foi agora? – perguntou ele.

– Ah, nada – retrucou Violet. – É só que... bem...

– Desembuche, mamãe.

Ela deu um sorriso fraco.

– É só que eu não gosto muito da condessa viúva. Sempre a achei muito fria e ambiciosa.

– Algumas pessoas poderiam dizer isso da senhora também, mamãe – observou Benedict.

Violet fez uma careta.

– É claro que quero que meus filhos tenham casamentos bons e felizes, mas não sou do tipo que faria a filha se unir a um homem de 70 anos apenas por ele ser um duque!

– A condessa fez isso?

Benedict não se lembrava de nenhum duque de 70 anos subindo ao altar nos últimos tempos.

– Não – admitiu Violet –, mas seria capaz. Enquanto eu... – Benedict segurou um sorriso quando a mãe apontou para si mesma fazendo um floreio – ...eu permitiria que meus filhos se casassem com pessoas pobres, se isso os fizesse felizes.

Benedict ergueu uma sobrancelha.

– Pobres com princípios e trabalhadores, é claro – explicou Violet. – Não falo

de aventureiros.
Como não queria rir da mãe, Benedict deu uma tossidinha discreta em seu lenço de mão.
– Mas você não deveria se preocupar comigo – disse Violet, olhando para o filho de lado antes de lhe dar um tapinha no braço.
– É claro que deveria – retrucou ele com rapidez.
Violet sorriu com serenidade.
– Posso deixar de lado minha antipatia pela condessa se você estiver gostando de uma das filhas dela... – Ela ergueu o olhar com ar esperançoso. – É esse o caso?
– Não faço ideia – confessou Benedict. – Não sei o nome dela. Só fiquei com sua luva.
Violet fitou-o com uma expressão severa.
– Não vou nem perguntar como você ficou com a luva dela.
– Garanto que foi tudo muito inocente.
Ela o encarou como se duvidasse do que ele tinha acabado de dizer.
– Tenho filhos homens o suficiente para acreditar nisso – murmurou.
– E as iniciais? – lembrou Benedict.
Violet examinou a luva mais uma vez.
– É bem antiga – comentou.
Benedict assentiu.
– Pensei o mesmo. E estava com um pouco de cheiro de mofo, como se tivesse ficado guardada por muito tempo.
– E os pontos demonstram que foi bastante usada – sugeriu Violet. – Não sei o que significa o L, mas o S poderia ser de Sarah, a mãe do finado conde, que também já é falecida. O que faria sentido, levando em consideração a idade da luva.
Benedict olhou para o objeto na mão da mãe por um instante antes de dizer:
– Imagino que não tenha conversado com um fantasma ontem à noite, então, a quem a senhora acha que a luva pode pertencer?
– Não faço ideia. Pelo jeito, a alguém da família Gunningworth.
– Sabe onde eles moram?
– Na Casa Penwood – retrucou Violet. – O novo conde ainda não as despejou. Não sei por quê. Talvez tema que elas queiram morar com ele depois de sua

mudança. Acho que ele nem se encontra na cidade para a temporada. Jamais o conheci.

– Por acaso sabe...

– Onde fica a Casa Penwood? – interrompeu Violet. – É claro que sei. Não é longe daqui. Fica a apenas alguns quarteirões.

Ela lhe deu as orientações e, apressado, Benedict se levantou e se colocou a caminho da porta antes mesmo de a mãe terminar.

– Ah! Benedict! – chamou Violet, sorrindo com entusiasmo.

Ele se virou.

– Sim?

– As filhas da condessa se chamam Rosamund e Posy. Caso esteja interessado.

Rosamund e Posy. Nenhum dos nomes parecia combinar com a dama misteriosa, mas como ele poderia saber? Talvez também não parecesse um Benedict adequado ao olhar das pessoas que o conheciam. Deu meia-volta e tentou sair mais uma vez, mas a mãe o interrompeu mais uma vez:

– Ah! Benedict!

Ele se virou.

– Sim, mamãe? – perguntou, parecendo contrariado.

– Você vai me deixar a par dos acontecimentos, não vai?

– É claro, mamãe.

– Você está mentindo para mim – disse ela, sorrindo. – Mas eu o perdoo. É muito bom vê-lo apaixonado.

– Eu não estou...

– Está bem, está bem, querido – retrucou ela, com um aceno de mão.

Benedict decidiu que não fazia sentido responder, então, revirando os olhos, ele continuou a caminho da porta e saiu de casa com pressa.

– Sophieeeeeeeeeeeeeee!

Ela levantou o queixo. Araminta parecia ainda mais furiosa do que o normal, como se isso fosse possível. A madrasta estava *sempre* irritada com ela.

– Sophie! Que droga, onde está aquela garota irritante?

– A garota irritante está bem aqui – murmurou Sophie, largando a colher de prata que polia.

Como camareira de Araminta, Rosamund e Posy, ela não deveria ter que polir a prataria também, mas Araminta adorava fazê-la trabalhar até o limite.

– Estou aqui – gritou Sophie, levantando-se e indo até o saguão.

Só Deus sabia o que estava irritando Araminta desta vez. Ela olhou para um lado e outro.

– Milady?

Araminta apareceu furiosa diante dela.

– O que significa isto? – berrou a mulher, segurando alguma coisa na mão direita.

Quando viu o que era, Sophie mal conseguiu disfarçar uma arfada. Araminta estava segurando os sapatos que ela pegara emprestados na noite anterior.

– Eu... eu não sei do que está falando – gaguejou.

– Estes sapatos são novos. Novos!

Sophie ficou parada em silêncio até perceber que Araminta esperava uma resposta.

– Hum, e qual é o problema?

– Olhe para isto! – ganiu Araminta, apontando para um dos saltos. – Está arranhado. Arranhado! Como uma coisa dessas pode ter acontecido?

– Não faço a menor ideia, milady – disse Sophie. – Talvez...

– Talvez nada – bufou Araminta. – Alguém andou usando meus sapatos.

– Posso garantir que ninguém fez isso – retrucou Sophie, espantada de estar conseguindo manter a voz calma. – Todos sabemos como se preocupa com seus calçados.

Araminta estreitou os olhos com desconfiança.

– Você está sendo sarcástica?

Sophie pensou que, se a madrasta havia precisado perguntar, então ela estava sendo muito eficiente em sua ironia, mas mentiu:

– Não! É claro que não. Eu só quis dizer que a senhora cuida muito bem dos seus sapatos. E eles duram mais tempo dessa forma.

Como Araminta não disse nada, Sophie acrescentou:

– O que significa que não precisa comprar muitos pares.

O que era, claro, absolutamente ridículo, uma vez que Araminta já possuía mais pares de sapatos do que seria capaz de usar na vida.

– A culpa é sua – rosnou ela.

Para Araminta, tudo era sempre culpa de Sophie, mas como, desta vez, ela na verdade tinha razão, a jovem apenas engoliu em seco e falou:

– O que posso fazer a respeito, milady?

– Quero que descubra quem usou meus sapatos.

– Talvez eles tenham sido arranhados no armário – sugeriu Sophie. – Talvez os tenha chutado sem querer na última vez em que passou por eles.

– Eu nunca faço nada *sem querer* – reagiu Araminta.

Sophie concordou em silêncio. Araminta sempre fazia tudo de propósito.

– Posso perguntar às arrumadeiras – disse Sophie. – Talvez alguma delas saiba de algo.

– As arrumadeiras não passam de um bando de idiotas – retrucou Araminta. – Tudo o que elas sabem caberia na minha unha do dedo mindinho.

Sophie esperou que a madrasta completasse com "Excetuando-se a dama presente", mas é claro que ela não fez isso. Por fim, Sophie propôs:

– Posso tentar limpá-los. Tenho certeza de que é possível fazer algo a respeito.

– Os saltos são cobertos de cetim – falou Araminta. – Se descobrir uma forma de limpar isso, você terá que ser matriculada na Faculdade Real de Cientistas de Tecidos.

Sophie queria muito perguntar se existia *mesmo* uma Faculdade Real de Cientistas de Tecidos, mas Araminta não era bem-humorada nem quando não estava furiosa. Fazer uma provocação naquele momento seria um claro convite ao desastre.

– Posso tentar limpar esfregando – sugeriu. – Ou escovando.

– Faça isso – ordenou Araminta. – Na verdade, já que vai fazer isso...

Ah, *droga*. Todas as coisas ruins começavam com Araminta dizendo "Já que vai fazer isso...".

– ... pode aproveitar para limpar todos os pares.

– Todos?

Sophie engoliu em seco. A coleção dela devia ter pelo menos oitenta modelos.

– Isso mesmo. E, já que vai fazer isso...

De novo, não.

– Lady Penwood?

Felizmente, Araminta parou no meio da ordem para se virar e ver o que o mordomo queria.

– Há um cavalheiro aqui para vê-la, milady – informou ele, entregando-lhe um cartão branco imaculado.

Araminta pegou o pedaço de papel da mão do mordomo e leu o nome impresso. Arregalou os olhos e soltou um pequeno “Ah!” antes de esbravejar:

– Chá! E biscoitos! A melhor prataria. Agora!

O mordomo saiu com pressa, deixando Sophie encarando a madrasta com curiosidade.

– Posso ajudar em algo? – perguntou ela.

Araminta piscou duas vezes, encarando a enteada como se tivesse se esquecido de sua presença.

– Não – disparou. – Estou ocupada demais para me preocupar com você. Vá lá para cima agora mesmo. – Fez uma pausa, então acrescentou: – Aliás, o que você está fazendo aqui embaixo?

Sophie apontou para a sala de jantar de onde acabara de sair.

– Você tinha me pedido para polir...

– Pedi que fosse cuidar dos meus sapatos – atalhou Araminta, quase gritando.

– Está... está bem – retrucou Sophie devagar. A madrasta estava agindo de maneira muito estranha, até mesmo para ela. – Vou só guardar...

– Agora!

Sophie saiu correndo na direção da escada.

– Espere!

A jovem se virou.

– Sim? – perguntou com hesitação.

Araminta apertou os lábios, fazendo uma careta.

– Vá arrumar os cabelos de Rosamund e Posy.

– Pois não.

– Depois, peça a Rosamund que tranque você em meu closet.

Sophie a encarou. Ela queria mesmo que Sophie desse a ordem para ser trancada no closet?

– Você me entendeu? – insistiu Araminta.

Sophie não conseguiu nem assentir. Algumas coisas eram degradantes demais.

A madrasta se aproximou dela até seus rostos estarem quase colados.

– Você não me respondeu – sibilou. – Você me entendeu?

Sophie assentiu muito de leve. Cada dia parecia ter mais provas do ódio

profundo que Araminta nutria por ela.

– Por que você me mantém aqui? – sussurrou ela antes que pudesse pensar duas vezes.

– Porque a acho útil – retrucou Araminta em voz baixa.

Sophie assistiu enquanto a madrasta saía da sala e correu escada acima. Como os cabelos de Rosamund e Posy estavam bastante aceitáveis, ela suspirou, virou-se para a mais nova e disse:

– Tranque-me no closet, por favor.

Posy piscou, surpresa.

– Como?

– Fui instruída a pedir que Rosamund fizesse isso, mas não consigo.

Posy espiou dentro do closet com grande interesse.

– Posso perguntar por quê?

– Eu preciso limpar os sapatos da sua mãe.

Posy engoliu em seco, com desconforto.

– Sinto muito.

– Eu também – disse Sophie com um suspiro. – Eu também.

CAPÍTULO 5

Ainda sobre o baile de máscaras, a fantasia de sereia da Srta. Posy Reiling foi bastante infeliz, mas não, na opinião desta autora, tão pavorosa quanto a da Sra. Featherington e as de suas duas filhas mais velhas, que apareceram vestidas de frutas – Philippa de laranja, Prudence de maçã e a mãe como cacho de uvas.

Infelizmente, nenhuma das três estava nem um pouco apetitosa.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
7 DE JUNHO DE 1815

Benedict imaginou no que havia se transformado sua vida, para ele estar obcecado por uma luva. Conferira o bolso do casaco um monte de vezes desde que se sentara na sala de estar de Lady Penwood, assegurando-se de que ela ainda se encontrava lá. Estranhamente ansioso, ele não estava certo do que planejara dizer à condessa quando ela aparecesse, mas em geral era bastante articulado. Com certeza pensaria em algo quando chegasse o momento.

Sem parar de bater o pé no chão, olhou para o relógio em cima da lareira. Dera o cartão ao mordomo cerca de quinze minutos antes, o que significava que Lady Penwood deveria descer logo. Parecia haver uma regra tácita segundo a qual todas as damas da sociedade precisavam manter as visitas esperando durante pelo menos quinze minutos, ou vinte, se estivessem particularmente irritadiças.

Era um costume bastante idiota, Benedict pensou com irritação. Jamais compreenderia por que o resto do mundo não valorizava a pontualidade como ele, mas...

– Sr. Bridgerton!

Ele olhou para cima. Uma loura bastante atraente e muito elegante de 40 e poucos anos entrou na sala. Ela lhe pareceu familiar, mas isso era de se esperar.

Eles decerto haviam comparecido a muitos dos mesmos eventos da sociedade, ainda que não tivessem sido apresentados.

– A senhora deve ser Lady Penwood – murmurou ele, levantando-se e fazendo uma mesura educada.

– Isso mesmo – disse ela inclinando a cabeça com graça. – Estou encantada que tenha decidido nos homenagear com uma visita. Já informei minhas filhas sobre sua presença. Logo elas descerão.

Benedict sorriu. Era exatamente o que esperava que Lady Penwood fizesse. Teria ficado chocado se ela se comportasse de outro modo.

Nenhuma mãe de moças em idade de se casar era capaz de ignorar um Bridgerton.

– Eu gostaria muito de conhecê-las – falou ele.

Araminta franziu um pouco a testa.

– Então vocês ainda não se conhecem?

Diabos. Agora ela devia estar se perguntando por que ele fora até ali.

– Ouvi muitas coisas encantadoras a respeito das duas – improvisou Benedict, tentando não gaguejar. Se Lady Whistledown ficasse sabendo daquilo – e pelo jeito ela ficava sabendo de tudo –, logo toda a cidade estaria comentando que ele queria encontrar uma esposa e que tinha demonstrado interesse em uma das filhas da condessa. Por que outro motivo ele visitaria duas mulheres a quem jamais havia sido apresentado?

Lady Penwood ficou radiante.

– Rosamund é considerada uma das moças mais esplêndidas da temporada.

– E Posy? – perguntou Benedict, com certa perversidade.

A condessa contraiu os cantos da boca.

– Posy é, hã, encantadora.

Benedict sorriu educadamente.

– Mal posso esperar para conhecer Posy.

Lady Penwood piscou, então escondeu a surpresa com um sorriso meio forçado.

– Estou certa de que será um prazer para ela conhecê-lo.

Uma criada entrou na sala com um serviço de chá de prata ornamentado, que pousou sobre uma mesa depois de um aceno de cabeça de Lady Penwood. Antes que a serviçal se retirasse, no entanto, a condessa disse (de modo um pouco rude,

na opinião de Benedict):

– Onde estão as colheres, Penwood?

A empregada fez uma reverência bastante assustada e explicou:

– Sophie estava polindo a prataria na sala de jantar, milady, mas precisou subir quando a senhora...

– Silêncio! – interrompeu Lady Penwood, embora a pergunta sobre as colheres tivesse partido dela. – Estou certa de que o Sr. Bridgerton não faz questão de colheres com monogramas para o chá.

– É claro que não – murmurou Benedict, pensando que a própria Lady Penwood devia ser do tipo que considera esse tipo de coisa imprescindível, já que trouxera o assunto à tona.

– Vá! Vá! – ordenou a condessa à criada, acenando com a mão. – Desapareça.

A mulher se retirou com pressa e a dona da casa se virou para ele.

– Nossa melhor prataria é entalhada com o brasão de Penwood – explicou.

Benedict inclinou-se para a frente.

– É mesmo? – perguntou, com interesse evidente. Seria uma excelente maneira de verificar se o brasão na luva pertencia mesmo à família Penwood. – Não temos nada parecido na Casa Bridgerton – comentou, esperando não estar mentindo. Na realidade, ele nunca sequer notara o padrão da prataria. – Adoraria ver uma peça.

– Verdade? – retrucou Lady Penwood, com os olhos brilhando. – Eu sabia que era um homem de gosto refinado.

Benedict sorriu, tentando não soltar um gemido.

– Mandarei alguém buscar uma peça na sala de jantar. Supondo, é claro, que aquela garota irritante tenha conseguido fazer o trabalho.

Ela curvou os lábios para baixo de uma forma nada atraente, e Benedict percebeu que as rugas em sua testa eram bastante profundas.

– Algum problema? – indagou Benedict com polidez.

Ela balançou a cabeça e acenou com a mão em negativa.

– Só que é muito difícil encontrar bons criados. Tenho certeza de que a sua mãe diz a mesma coisa o tempo todo.

Violet jamais dissera nada parecido, mas talvez fosse porque todos os criados dos Bridgertons eram tratados muito bem e, como resultado, eram absolutamente dedicados à família. Mas Benedict assentiu mesmo assim.

– Um dia desses, vou dispensar Sophie – continuou a condessa torcendo o nariz. – Ela não sabe fazer nada direito.

Benedict sentiu uma pontada de pena da pobre e invisível Sophie. Mas, como a última coisa que queria era entrar numa discussão sobre criados com Lady Penwood, mudou de assunto ao fazer um gesto para o bule, dizendo:

– Imagino que já esteja no ponto.

– Claro, claro. – Lady Penwood ergueu o olhar e sorriu. – Como toma o seu chá?

– Com leite, sem açúcar.

Enquanto ela lhe preparava uma xícara, Benedict ouviu o barulho de passos descendo a escada e seu coração começou a bater mais forte. A qualquer instante, as filhas da condessa entrariam pela porta, e com certeza uma delas seria a jovem que ele conhecera na noite anterior. Era verdade que vira muito pouco do rosto dela, mas sabia mais ou menos sua altura e seu tamanho. E estava quase certo de que os cabelos eram longos e castanho-claros.

É claro que a reconheceria quando a visse. Como poderia não reconhecê-la?

Mas, quando as jovens apareceram, ele soube de imediato que nenhuma das duas era a mulher que vinha assombrando seus pensamentos. Uma delas era loira demais e, além disso, tinha uma postura presunçosa e afetada. Não havia alegria em sua expressão, nem ironia em seu sorriso. A outra parecia bastante simpática, mas era gorducha demais e os cabelos eram muito escuros.

Benedict fez o possível para não parecer decepcionado. Sorriu durante as apresentações e beijou a mão das duas, murmurando alguma bobagem sobre estar encantado por conhecê-las. Fez questão de ser simpático com a gordinha, ainda que apenas porque a preferência da mãe pela outra era muito óbvia.

Ele pensou que mulheres assim não mereciam ser mães.

– A senhora tem mais filhos? – perguntou a Lady Penwood, depois de encerradas as apresentações.

Ela lhe lançou um olhar estranho.

– Claro que não. Senão, eu os teria chamado para conhecê-lo.

– Pensei que talvez ainda tivesse filhos no meio das aulas com a tutora – retrucou ele. – Da sua união com o conde, talvez.

Ela balançou a cabeça.

– Lorde Penwood e eu não fomos abençoados com filhos. Uma pena que o

título tenha saído da família Gunningworth.

Benedict não pôde deixar de notar que a condessa parecia mais irritada do que entristecida pela falta de descendentes Penwoods do sexo masculino.

– O seu marido tinha irmãos ou irmãs? – indagou.

Talvez sua dama misteriosa fosse uma prima da família.

A condessa lhe lançou um olhar desconfiado bastante merecido – ele foi obrigado a admitir –, considerando que suas perguntas não eram nem um pouco comuns em visitas vespertinas.

– É óbvio que meu falecido marido não tinha irmãos, já que o título saiu da família – retrucou ela.

Benedict sabia que deveria ficar de boca fechada, mas havia algo tão irritante naquela mulher que ele não conseguiu se conter:

– Ele poderia ter tido um irmão que morreu antes dele.

– Bem, mas não teve.

Rosamund e Posy testemunhavam a conversa com muito interesse, virando a cabeça para um lado e outro como se assistissem a uma partida de tênis.

– E irmãs? – quis saber Benedict. – Só pergunto porque venho de uma família bem grande. – Fez um gesto na direção de Rosamund e Posy. – Não consigo imaginar ter apenas um irmão. Pensei que talvez as suas filhas pudessem ter primos que lhes fizessem companhia.

Ele pensou que a explicação havia sido muito ruim, mas teria que servir.

– Ele teve uma irmã – contou a condessa, torcendo o nariz com desdém. – Mas ela morreu solteira. Era uma mulher de muita fé, que escolheu dedicar a vida a trabalhos de caridade.

Era o fim daquela teoria.

– Gostei muito de seu baile de máscaras ontem à noite – comentou Rosamund de repente.

Benedict olhou para ela surpreso. As duas moças estavam tão silenciosas que ele se esquecera de que elas sabiam falar.

– Na verdade, o baile era de minha mãe – explicou ele. – Não participei do planejamento. Mas transmitirei seus elogios.

– Por favor, faça isso – pediu Rosamund. – Gostou do baile, Sr. Bridgerton?

Benedict a encarou por um instante antes de responder. Ela tinha um olhar rude, como se estivesse em busca de alguma informação específica.

– Gostei bastante – retrucou ele, por fim.

– Percebi que passou um bom tempo com uma dama em especial – insistiu Rosamund.

Lady Penwood virou a cabeça rapidamente para ele, mas nada falou.

– É mesmo? – murmurou Benedict.

– Ela estava usando um vestido prateado – comentou Rosamund. – Quem era?

– Uma mulher misteriosa – disse ele com um sorriso enigmático.

Não precisavam saber que ela era um mistério para ele também.

– Tenho certeza de que pode nos dizer o nome dela – observou Lady Penwood.

Benedict apenas sorriu e se levantou. Não iria conseguir mais qualquer informação ali.

– É uma pena, mas preciso ir, senhoras – informou ele com delicadeza, fazendo uma leve reverência com a cabeça.

– O senhor ainda nem viu as colheres – lembrou Lady Penwood.

– Terei de deixar para outra oportunidade – disse Benedict.

Era pouco provável que sua mãe tivesse se enganado ao identificar o brasão dos Penwoods, e, além disso, se passasse muito mais tempo na companhia da cruel e fria condessa de Penwood, ele começaria a passar mal.

– Foi um prazer – mentiu.

– Igualmente – retrucou Lady Penwood, levantando-se para acompanhá-lo até a porta. – Foi uma visita breve, mas encantadora.

Benedict não se deu ao trabalho de sorrir de novo.

– O que vocês acham que foi isso? – perguntou Araminta ao ouvir a porta da frente se fechar depois de Benedict Bridgerton sair.

– Bem – disse Posy –, talvez ele...

– Eu não estava falando com você – atacou Araminta.

– Bem, então com quem estava falando? – devolveu Posy com um desembaraço pouco característico.

– Talvez ele tenha me visto de longe – sugeriu Rosamund – e...

– Não foi isso que aconteceu – disparou Araminta, andando de um lado para outro da sala.

Rosamund recuou, surpresa. A mãe nunca se dirigia a ela com tamanha

impaciência.

Araminta continuou:

– Você mesma disse que ele estava estupefato com uma mulher de vestido prateado.

– Eu não falei exatamente “estupefato”...

– Não discuta comigo por detalhes sem importância. Estupefato ou não, ele não veio aqui à procura de nenhuma de vocês – disse Araminta com uma boa dose de escárnio. – Não sei o que ele está buscando. Ele...

Ela se interrompeu quando chegou à janela e puxou a cortina. Nesse momento, viu o Sr. Bridgerton parado na calçada, tirando alguma coisa do bolso.

– O que ele está fazendo? – murmurou.

– Acho que está segurando uma luva – disse Posy, com a intenção de ajudar.

– Não é uma... – retrucou Araminta no mesmo instante, acostumada a sempre discordar de tudo o que Posy dizia. – Ora, *é* uma luva.

– Eu costumo reconhecer uma luva quando vejo uma – resmungou Posy.

– Para o que ele está olhando? – indagou Rosamund, empurrando a irmã para fora do caminho.

– Há algo na luva – disse Posy. – Talvez seja um bordado. Temos algumas luvas com o brasão de Penwood costurado na bainha. Talvez aquela luva tenha o mesmo bordado.

Araminta ficou pálida.

– Você está se sentindo bem, mamãe? – perguntou Posy. – Está tão pálida...

– Ele veio até aqui atrás dela – sussurrou Araminta.

– Atrás de quem? – quis saber Rosamund.

– Da mulher de prateado.

– Bem, ele não irá encontrá-la aqui – retrucou Posy –, já que eu estava fantasiada de sereia e Rosamund, de Maria Antonieta. E a senhora, é claro, foi de rainha Elizabeth.

– Os sapatos – arfou Araminta. – Os sapatos.

– Que sapatos? – disse Rosamund com irritação.

– Eles estavam arranhados. Alguém usou meus sapatos. – O rosto de Araminta, que já estava muito branco, ficou ainda mais pálido. – Foi *ela*. Só pode ter sido ela.

– Quem? – indagou Rosamund.

– Mamãe, tem certeza de que está bem? – questionou Posy mais uma vez. – A senhora não está agindo com normalidade.

Mas Araminta já havia saído correndo da sala.

– Droga de sapato – resmungou Sophie, esfregando o salto de um dos modelos mais antigos de Araminta. – Ela não usa este aqui há anos.

Terminou de lustrar o bico do exemplar e o devolveu ao lugar na organizada fileira de calçados. Mas, antes que pegasse outro par, a porta do closet foi aberta de repente e bateu contra a parede com tanta força que Sophie quase gritou de susto.

– Ah, meu Deus, você me assustou – disse ela à madrasta. – Não a ouvi chegando e...

– Arrume suas coisas – ordenou Araminta em uma voz baixa e cruel. – Quero você fora desta casa antes do amanhecer.

O trapo que Sophie usava para lustrar os sapatos caiu de sua mão.

– O quê? – arfou ela. – Por quê?

– Eu preciso mesmo de um motivo? Nós duas sabemos que parei de receber quaisquer recursos para cuidar de você há quase um ano. Basta que eu não a queira mais aqui.

– Mas para onde eu irei?

Araminta estreitou os olhos cheios de crueldade.

– Isso não é problema meu, é?

– Mas...

– Você está com 20 anos. Já tem idade suficiente para se virar no mundo. Chega de mimos da minha parte.

– Você nunca me mimou – retrucou Sophie em voz baixa.

– Não ouse me responder atravessado.

– Por que não? – devolveu Sophie, com a voz ficando mais alta e aguda. – O que tenho a perder? Você está me mandando embora mesmo.

– Você pode me tratar com um pouco de respeito – sibilou Araminta, pisando na saia de Sophie para mantê-la de joelhos –, considerando que lhe dei roupa e abrigo durante todo este último ano apenas por caridade.

– Você não faz nada por caridade. – Sophie puxou a saia, mas o tecido estava

preso com força pelo salto de Araminta. – Por que me manteve aqui? Diga, de verdade?

Araminta gargalhou.

– Você é mais barata do que uma criada normal, e eu gosto de lhe dar ordens.

Sophie detestava ser praticamente escrava de Araminta, mas pelo menos a Casa Penwood era um lar. A Sra. Gibbons era sua amiga, e Posy quase sempre demonstrava compaixão. E o resto do mundo era... bem... bastante assustador. Para onde iria? O que iria fazer? Como poderia se sustentar?

– Por que agora? – quis saber Sophie.

Araminta deu de ombros.

– Você não tem mais nenhuma serventia para mim.

Sophie olhou para a longa fileira de sapatos que acabara de limpar.

– Não tenho?

Araminta pressionou ainda mais o salto pontudo na saia da enteada, rasgando o tecido.

– Você foi ao baile ontem à noite, não foi?

Sophie sentiu o sangue se esvair do rosto e soube que Araminta viu a verdade em seus olhos.

– N-não – mentiu. – Como eu poderia...

– Não sei como você fez, mas sei que esteve lá. – Ela chutou um par de sapatos na direção de Sophie. – Calce esses sapatos.

Sophie apenas olhou assustada para os calçados. Eram de cetim branco com bordados prateados. Os mesmos que ela usara na noite anterior.

– Calce os sapatos! – gritou Araminta. – Eu sei que os pés de Rosamund e Posy são grandes demais. Você é a única que poderia tê-los usado ontem à noite.

– E por causa disso, acha que fui ao baile? – perguntou Sophie, ofegante por conta do pânico.

– Calce os sapatos, Sophie.

A jovem obedeceu e os calçados, é claro, serviram com perfeição.

– Você ultrapassou os limites – disse Araminta em voz baixa. – Há anos, eu a avisei que não se esquecesse de seu lugar neste mundo. Você é uma bastarda, uma filha ilegítima, o produto de...

– Eu *sei* o que é uma bastarda – reagiu Sophie.

Araminta levantou uma sobrancelha com arrogância, ironizando

silenciosamente a explosão de Sophie.

– Você não pode se misturar à sociedade educada – continuou ela –, mas mesmo assim *ousou* fingir que é tão boa quanto o restante de nós indo ao baile de máscaras.

– Sim, eu ousei ir – gritou Sophie, não ligando mais para o fato de a madrasta ter, de alguma forma, descoberto seu segredo. – Ousei e ousaria de novo. Meu sangue é tão nobre quanto o seu, e meu coração é muito melhor, e...

Num instante, Sophie estava de pé, berrando com Araminta, e no seguinte estava no chão, com a mão no rosto, ardido pelo tapa que ela lhe desferira.

– Jamais se compare a mim – alertou Araminta.

Sophie permaneceu caída no assoalho. Como seu pai podia tê-la deixado aos cuidados de uma mulher que claramente a detestava? Ele se importava tão pouco com ela? Ou fora apenas cego?

– Você irá embora de manhã – sibilou Araminta. – E eu nunca mais quero ver seu rosto na minha frente.

Sophie começou a caminhar na direção da porta.

– Mas não até terminar a tarefa que lhe deleguei – completou a mulher, apertando a mão no ombro de Sophie.

– Vou levar até amanhã de manhã para acabar – protestou Sophie.

– Isto é problema seu.

Com isso, Araminta bateu a porta e girou a chave ruidosamente.

Sophie olhou para a vela tremeluzente que levara para iluminar o closet comprido e escuro. Com certeza a chama não duraria até de manhã.

E com certeza ela não iria limpar o resto dos sapatos da madrasta.

Sophie se sentou com os braços e as pernas cruzadas e fitou fixamente o fogo, até ficar com a vista embaralhada. No dia seguinte, quando o sol nascesse, sua vida estaria mudada para sempre. A Casa Penwood podia não ser o lugar mais acolhedor do mundo, mas pelo menos era segura.

Ela quase não tinha dinheiro. Não havia recebido sequer um centavo de Araminta ao longo dos últimos sete anos. Por sorte, ainda possuía alguma coisa das mesadas que ganhara quando o pai ainda era vivo e ela era tratada como sua pupila, não como escrava de sua mulher. Houvera várias oportunidades para gastá-lo, mas Sophie sempre soubera que aquele dia poderia chegar e parecera prudente guardar tudo o que conseguira reunir.

Mas suas parcas libras não a levariam muito longe. Ela precisava de uma passagem para sair de Londres, e isso custava dinheiro. Era provável que bem mais da metade do que ela havia economizado. Pensou que talvez pudesse ficar um pouco na cidade, mas os bairros mais pobres de Londres eram sujos e perigosos, e Sophie sabia que suas finanças não permitiriam que ela se hospedasse em nenhum dos melhores bairros. Além disso, se iria ficar sozinha, era melhor que voltasse para o campo, que tanto amava.

Sem falar que Benedict Bridgerton morava ali. Londres era uma cidade grande, e Sophie não tinha dúvida de que conseguiria evitá-lo durante anos, mas temia desesperadamente que não fosse *querer* evitá-lo, que se pegaria olhando sempre para a casa dele, esperando que ele a visse quando saísse pela porta da frente.

E, se ele a visse... Bem, Sophie não sabia o que aconteceria. Ele poderia ficar furioso com sua farsa. Poderia fazer dela sua amante. Ou poderia sequer reconhecê-la.

A única coisa que tinha certeza que ele não iria fazer era atirar-se aos seus pés, declarar devoção eterna e pedir sua mão em casamento.

Filhos de viscondes não se casam com pobres. Nem mesmo em livros românticos.

Não, ela precisava ir embora de Londres. Devia ficar longe da tentação. Mas precisaria de mais dinheiro, o suficiente para se manter até arranjar um emprego. O suficiente para...

De repente ela viu algo brilhante – um par de sapatos escondido num canto. Mas ela limpara aqueles calçados apenas uma hora antes e sabia que aqueles brilhos não eram deles, mas de um par de enfeites para sapatos com pedras, facilmente destacáveis e pequenos o suficiente para caberem em seu bolso.

Será que ela teria coragem?

Pensou em todo o dinheiro que Araminta ganhara para mantê-la, uma quantia que a madrasta jamais pensara em dividir com ela.

Pensou em todos aqueles anos durante os quais trabalhara como camareira sem receber nem um tostão.

Pensou em sua consciência, e logo a reprimiu. Em momentos como aquele, não havia espaço para consciência.

Pegou os enfeites.

E então, muitas horas depois, quando Posy a deixou sair (contra a vontade da

mãe), Sophie arrumou tudo o que tinha e foi embora.
Para sua própria surpresa, não olhou para trás.

PARTE 2

CAPÍTULO 6

Já faz três anos que nenhum irmão Bridgerton se casa, e dizem que Lady Bridgerton declarou em várias ocasiões que não sabe mais o que fazer. Benedict não escolheu nenhuma esposa (e esta autora acha que, como ele já chegou aos 30, passou bastante da hora), nem Colin, embora este possa ser perdoado pelo atraso, afinal, tem apenas 26 anos.

A viscondessa também tem duas filhas com quem precisa se preocupar. Eloise tem quase 21 anos, e, embora tenha recebido vários pedidos, não demonstrou nenhuma inclinação em se casar. Francesca está com quase 20 (as duas fazem aniversário no mesmo dia, coincidentemente), e também parece mais interessada em aproveitar a temporada do que em assumir um compromisso.

Esta autora acredita que Lady Bridgerton não precisa se preocupar. É impossível que qualquer um de seus filhos acabe não arranjando um par aceitável. Além disso, seus dois rebentos que já se casaram lhe deram um total de cinco netos, e com certeza esse é o desejo de seu coração.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
30 DE ABRIL DE 1817

Álcool e charutos. Jogos de cartas e montes de mulheres fáceis. Aquele era o tipo de festa que Benedict Bridgerton teria adorado logo depois de sair da universidade.

Agora estava apenas entediado.

Não sabia nem por que aceitara o convite. Por mais tédio, imaginava. Até então, a temporada de 1817 de Londres fora uma repetição da anterior, e em 1816 ele já não vira nada de interessante. Passar por aquilo tudo de novo era mais do que maçante.

Benedict nem sequer conhecia muito bem o anfitrião, um certo Phillip Cavender. Era amigo de um amigo de um amigo dele, e agora desejava com todas as forças ter permanecido em Londres. Acabara de se curar de um resfriado fortíssimo e devia ter usado isso como desculpa para recusar o convite, mas seu amigo – que ele mal vira nas últimas quatro horas – insistira muito, e Benedict acabara cedendo. Agora, no entanto, estava profundamente arrependido.

Percorreu o corredor principal da casa dos pais de Cavender. Pela porta à esquerda, viu um jogo de cartas de apostas altas em andamento. Um dos participantes suava em bicas.

– Imbecil – resmungou Benedict.

Era provável que o pobre coitado estivesse prestes a perder sua casa ancestral.

A porta à direita encontrava-se fechada, mas ele ouviu o som de risadinhas femininas, seguido por uma risada masculina e por gemidos e gritinhos muito pouco atraentes.

Aquilo era loucura. Não queria estar ali. Detestava jogos de cartas em que as apostas eram mais altas do que os jogadores podiam pagar, e nunca tivera qualquer interesse em se entregar aos prazeres carnais de forma tão pública. Não fazia ideia do que acontecera com o amigo que o levara até lá, e não gostava muito de nenhum dos outros convidados.

– Vou embora – decidiu, embora não houvesse ninguém por perto para escutá-lo.

Tinha uma pequena propriedade não muito longe dali, a apenas uma hora de carruagem. Era apenas um chalé, mas pertencia a ele e, naquele momento, parecia o paraíso.

Porém, as boas maneiras mandavam que ele encontrasse o anfitrião e o avisasse de sua partida, mesmo que o Sr. Cavender estivesse tão bêbado que não fosse se lembrar da conversa no dia seguinte.

Depois de cerca de dez minutos de procura infrutífera, no entanto, Benedict começava a desejar que sua mãe não tivesse sido tão inflexível em seus esforços para educar os filhos. Teria sido muito mais fácil apenas sair e pronto.

– Só mais três minutos – resmungou . – Se não encontrar o idiota em mais três minutos, vou embora.

Nesse exato momento, uma dupla de rapazes passou tropeçando nos próprios

pés e gargalhando sem parar. O cheiro de álcool tomou conta do ambiente e Benedict deu um discreto passo para trás, para o caso de um deles de repente ser compelido a eliminar o que tinha no estômago.

Ele sempre gostara muito das botas que estava usando.

– Bridgerton! – chamou um deles.

Benedict fez um breve aceno com a cabeça em cumprimento. Os dois eram cerca de cinco anos mais novos que ele, e ele não os conhecia bem.

– Não é um Bridgerton – disse o outro, com a voz engrolada. – É um... ora, *é* um Bridgerton. Tem o cabelo e o nariz deles. – Estreitou os olhos. – Mas qual Bridgerton?

Benedict ignorou a pergunta.

– Vocês viram nosso anfitrião?

– Nós temos um anfitrião?

– Claro que temos – respondeu o primeiro. – Cavender. Sujeito bom, sabe, por nos deixar usar a casa dele...

– A casa dos pais dele – corrigiu o outro. – Ele ainda não a herdou, coitado.

– Que seja. A casa dos pais dele. Mesmo assim, foi gentil da parte dele.

– Algum de vocês o viu? – resmungou Benedict.

– Está ali fora – retrucou o que primeiro não havia se lembrado de que eles tinham um anfitrião. – Na frente.

– Obrigado – disse Benedict, e passou por eles rapidamente para chegar até a porta da frente.

Desceria os degraus da entrada, cumprimentaria Cavender e seguiria até os estábulos para pegar sua carruagem. Mal teria que parar.

Sophie Beckett pensou que fora uma grande sorte ter conseguido um novo emprego.

Já fazia quase dois anos que saíra de Londres, dois anos desde que enfim deixara de ser praticamente escrava de Araminta, dois anos em que estava por conta própria.

Depois que abandonara a Casa Penwood, ela penhorara os enfeites para sapatos de Araminta, mas os diamantes de que a madrasta tanta se vangloriava acabaram não sendo legítimos, apenas cópias, e não renderam uma quantia muito alta. Ela

tentara conseguir trabalho como tutora, mas nenhuma das agências que procurara estava disposta a aceitá-la. É claro que ela era bem-educada, mas não tinha referências e, além disso, a maioria das mulheres não gostava de contratar alguém tão jovem e bonita.

Sophie acabara comprando passagem num coche até Wiltshire, que era o mais longe que conseguiria ir sem gastar a maior parte do dinheiro que tinha. Felizmente, logo conseguira um emprego como arrumadeira do Sr. e da Sra. John Cavender. Era um casal normal, que esperava que os criados fizessem as coisas direito, sem exigir o impossível. Depois de trabalhar pesado para Araminta por tantos anos, Sophie achou as tarefas na casa dos Cavenders uma verdadeira moleza.

Mas então o filho deles retornou de sua viagem pela Europa e tudo mudou. Phillip estava sempre a encurralando no corredor, e como suas insinuações eram rejeitadas, ele foi ficando mais agressivo. Sophie já começara a pensar que talvez devesse procurar emprego em outro lugar quando os donos da casa foram fazer uma visita de uma semana à irmã da Sra. Cavender em Brighton, e Phillip decidira oferecer uma festa para mais de vinte amigos próximos.

Havia sido difícil evitar os avanços dele antes, mas pelo menos Sophie se sentira mais ou menos protegida. Phillip jamais ousaria atacá-la com sua mãe presente na casa.

Mas sem o Sr. e a Sra. Cavender por perto, o jovem parecia acreditar que podia fazer o que quisesse, e seus amigos não eram nem um pouco melhores.

Sophie sabia que devia ter saído da propriedade no mesmo instante, mas a Sra. Cavender sempre a tratara bem, e ela achou que não seria educado ir embora sem um aviso prévio de duas semanas. Depois de duas horas sendo perseguida dentro da casa, no entanto, ela decidiu que as boas maneiras não manteriam sua dignidade e disse à governanta, felizmente solidária, que não podia mais ficar, arrumou seus escassos pertences numa sacola pequena, desceu a escada lateral com discrição e saiu. O caminho até a cidade tinha pouco mais de 3 quilômetros, mas, mesmo no meio da noite, a estrada parecia muito mais segura do que continuar na casa dos Cavenders. Além disso, ela conhecia uma pequena pousada onde conseguiria uma refeição quente e um quarto por um preço razoável.

Tinha acabado de dar a volta na casa e chegado à entrada da frente quando

ouviu um berro rouco.

Olhou para cima. Ah, *droga*. Era Phillip Cavender, parecendo ainda mais bêbado e desagradável do que o normal.

Sophie disparou a correr, rezando para que o álcool tivesse prejudicado a coordenação de Phillip, porque sabia que não seria mais veloz que ele.

Mas sua fuga deve ter servido apenas para excitá-lo, porque o escutou gritando de entusiasmo e logo sentiu os passos dele ribombando no piso, aproximando-se cada vez mais. Em seguida, ele agarrou o colarinho de seu casaco, obrigando-a a parar.

O rapaz começou a rir, triunfante, e Sophie nunca teve tanto medo na vida.

– Olhem só o que tenho aqui – disse ele. – A Pequena Srta. Sophie. Preciso apresentá-la aos meus amigos.

Sophie sentiu a boca seca e não soube direito se seu coração disparou ou se simplesmente parou.

– Me solte, Sr. Cavender – exigiu ela, com a voz mais firme que conseguiu.

Sabia que ele gostava dela indefesa e implorando, e se recusava a atender seus desejos.

– De jeito nenhum – retrucou ele, virando-a de modo que ela fosse obrigada a ver seus lábios se esticarem num sorriso asqueroso. Virou a cabeça para o lado e gritou: – Heasley! Fletcher! Olhem o que tenho aqui!

Sophie viu, aterrorizada, outros dois homens emergirem das sombras. Pela aparência deles, estavam tão bêbados quanto Phillip, ou mais.

– Você sempre dá as melhores festas – afirmou um deles com a voz afetada.

Phillip inflou de orgulho.

– Me solte! – exigiu Sophie mais uma vez.

Ele sorriu.

– O que acham, rapazes? Devo atender ao pedido da dama?

– É claro que não! – retrucou o mais jovem dos dois.

– Dama pode ser um substantivo um pouco inadequado, não acha? – disse o outro, o mesmo que comentara que Phillip oferecia as melhores festas.

– É verdade! – respondeu Phillip. – É uma arrumadeira, que, até onde sabemos, é uma raça que nasce para servir. – Deu um empurrão em Sophie, atirando-a na direção de um dos amigos. – Pronto. Dê uma olhada na mercadoria.

Sophie gritou ao ser jogada para a frente e apertou com força sua pequena

sacola. Estava prestes a ser estuprada, isso era óbvio. Mas sua mente em pânico queria se agarrar a qualquer resquício de dignidade, e ela se recusou a permitir que aqueles homens espalhassem todos os seus pertences pelo chão frio.

O homem que a apanhou a acariciou com brutalidade, então a atirou na direção do terceiro. Este havia acabado de passar a mão ao redor de sua cintura quando Sophie ouviu alguém gritar:

– Cavender!

Ela fechou os olhos em agonia. *Um quarto homem. Por Deus, três não são o suficiente?*

– Bridgerton! – chamou Phillip. – Junte-se a nós!

Sophie arregalou os olhos. Bridgerton?

Um homem alto e forte emergiu das sombras e avançou com graça e autoconfiança.

– O que temos aqui?

Por Deus, ela reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Escutava-a com bastante frequência em seus sonhos.

Era Benedict Bridgerton. Seu príncipe encantado.

O ar noturno estava frio, mas Benedict o achou refrescante depois de ser obrigado a respirar os vapores de álcool e tabaco do interior da casa. A lua estava quase cheia, reluzindo redonda e grande, e uma brisa suave balançava as folhas das árvores. De modo geral, era uma noite excelente para sair de uma festa enfadonha e voltar para casa.

Mas primeiro as obrigações. Precisava encontrar o anfitrião, cumprir o protocolo de agradecer pela hospitalidade e informar que estava se retirando. Quando chegou ao último degrau, chamou:

– Cavender!

– Bridgerton! Junte-se a nós! – foi a resposta, e Benedict virou a cabeça para a direita.

Cavender encontrava-se embaixo de um velho e majestoso olmo com dois outros cavalheiros. Eles pareciam se divertir com uma arrumadeira, empurrando-a de um para outro.

Benedict suspirou. Estava longe demais para saber se a criada apreciava a

atenção dos rapazes, mas, se não, ele teria que salvá-la, o que não era o que planejara fazer naquela noite. Nunca gostara muito de bancar o herói, mas tinha muitas irmãs mais jovens – quatro, para ser exato – para ignorar qualquer mulher em apuros.

– O que temos aqui? – perguntou ele enquanto se aproximava, mantendo a postura casual de forma deliberada.

Era sempre melhor se movimentar devagar e avaliar a situação do que atacar às cegas.

Benedict chegou até os rapazes no instante em que um dos três passava um braço ao redor da cintura da jovem e a grudava junto a seu corpo, de costas para ele. Com a outra mão, apertava o traseiro dela.

Benedict procurou os olhos da criada. Estavam arregalados e cheios de terror, e ela olhava para sua direção como se ele tivesse acabado de cair do céu.

– Estamos brincando um pouco – retrucou Cavender. – Meus pais foram gentis o bastante para contratar esta belezinha como arrumadeira do andar de cima.

– Ela não parece estar gostando da atenção de vocês – comentou Benedict em voz baixa.

– Ela está gostando, sim – afirmou Cavender com um sorriso. – Pelo menos o suficiente para mim.

– Mas não para mim – falou Benedict, dando um passo para a frente.

– Você vai ter sua vez – garantiu Cavender, ainda com animação. – Assim que terminarmos.

– Você não me entendeu.

A voz de Benedict soou severa, e os três homens ficaram paralisados, olhando para ele com um misto de curiosidade e medo.

– Solte a moça – exigiu.

Ainda espantado com a súbita mudança no clima e com os reflexos provavelmente entorpecidos pelo álcool, o rapaz que segurava a moça nada fez.

– Eu não quero brigar com vocês – prosseguiu Benedict, cruzando os braços –, mas vou se for preciso. E posso garantir que a perspectiva de três contra um não me assusta.

– Ora, vejam só – disse Cavender irritado. – Você não pode me dar ordens dentro da minha propriedade.

– A propriedade é dos seus pais – observou Benedict, lembrando a todos que o

anfitrião ainda era bastante imaturo.
– É *minha* casa – replicou Cavender –, e ela é *minha* criada. Vai fazer o que eu quero.
– Eu não sabia que a escravidão era legalizada neste país – murmurou Benedict.
– Ela tem que fazer o que eu mando!
– Tem, é?
– Eu a demitirei se não fizer.
– Muito bem – falou Benedict dando um leve sorriso. – Pergunte a ela, então. Pergunte se a moça quer ter relações sexuais com vocês três. Porque era nisso que você estava pensando, certo?
Cavender gaguejou enquanto raciocinava sobre o que dizer.
– Pergunte a ela – disse Benedict mais uma vez, agora sorrindo abertamente, sobretudo porque sabia que isso enfureceria ainda mais o jovem. – E, se ela responder que não, pode demiti-la aqui mesmo.
– Não vou perguntar a ela – retrucou Cavender.
– Ora, então você não pode estar de fato esperando que ela faça o que você deseja, não é? – Benedict olhou para a garota. Era uma moça atraente, com seus cabelos castanhos cacheados presos e olhos quase grandes demais para seu rosto. – Muito bem – continuou ele, lançando um olhar rápido para Cavender. – Eu pergunto.
A moça entreabriu um pouco os lábios e Benedict teve a estranha sensação de já conhecê-la. Mas isso era impossível, a menos que ela tivesse trabalhado para alguma outra família aristocrática. E, mesmo assim, ele a teria visto apenas de passagem. Seu gosto por mulheres nunca incluíra arrumadeiras e, a bem da verdade, ele quase nem as notava.
– Srta. ... – Ele franziu a testa. – Ou melhor, qual é o seu nome?
– Sophie Beckett – arfou ela.
– Srta. Beckett – prosseguiu ele –, a senhorita poderia responder à pergunta?
– Não! – explodiu ela.
– A senhorita não vai responder? – indagou ele com um ar divertido.
– Não, eu *não* quero ter relações sexuais com esses três!
A moça praticamente cuspiu as palavras.
– Bem, isso parece não deixar dúvidas – disse Benedict. Ele olhou para o rapaz

que ainda a segurava. – Sugiro que a solte, para que o nosso Cavender aqui possa demiti-la.

– E aonde ela irá? – desdenhou Cavender. – Posso garantir que não voltará a trabalhar neste distrito.

Sophie se virou para Benedict, com a mesma pergunta no olhar.

Benedict deu de ombros com ar despreocupado.

– Eu lhe arranjarei um emprego na casa de minha mãe. – Ele a fitou e ergueu uma sobrancelha. – Imagino que isso seja aceitável.

Sophie abriu a boca em completa surpresa. Benedict queria levá-la para a casa dele!

– Não era essa a reação que eu esperava – comentou Benedict com a voz áspera. – Com certeza será mais agradável do que seu emprego aqui. No mínimo, posso lhe garantir que não será estuprada. O que me diz?

Sophie olhou de forma frenética para os três homens que pretendiam violentá-la. Na realidade, não tinha escolha. Benedict Bridgerton era seu único meio de sair da propriedade. Ela sabia que não poderia trabalhar para a mãe dele em hipótese alguma. Estar tão próxima de Benedict e ainda ter que ser uma criada era mais do que conseguiria suportar. Mas poderia encontrar uma forma de evitar isso mais tarde. Por ora, precisava apenas se afastar de Phillip.

Ela se virou para Benedict e assentiu com a cabeça, ainda temerosa de falar em voz alta. Sentia-se sufocar, embora não soubesse ao certo se de medo ou alívio.

– Muito bem – disse ele. – Vamos embora?

Ela lançou um olhar bastante enfático para o braço que ainda a mantinha refém.

– Ora, pelo amor de Deus – rosnou Benedict. – Quer fazer o favor de soltá-la, ou terei que atirar no seu braço?

Ele nem sequer tinha uma arma, mas bastou seu tom de voz para que o homem a largasse no mesmo instante.

– Muito bem – falou Benedict, estendendo o braço na direção de Sophie.

Ela deu um passo para a frente e, com os dedos trêmulos, segurou o cotovelo dele.

– Você não pode simplesmente levá-la! – gritou Phillip.

Benedict lançou um olhar desdenhoso para ele.

– Pois então observe.

– Você vai se arrepender disso – ameaçou Phillip.

– Duvido. Agora, saia da minha frente.

Phillip bufou, virou-se para os amigos e disse:

– Vamos sair daqui. – Então se voltou para Benedict mais uma vez e acrescentou: – Não pense que voltará a ser convidado para alguma festa minha.

– Estou desolado – retrucou Benedict, arrastando as palavras.

Phillip deu uma risada indignada e voltou, seguido pelos outros dois rapazes, para dentro da casa.

Sophie os observou se afastando, voltando o olhar para Benedict devagar. Quando fora capturada por Phillip e seus amigos maldosos, sabia o que queriam fazer com ela e teve vontade de morrer. Então, de repente, ali estava Benedict Bridgerton, parado diante dela como um herói de seus sonhos, e ela pensou que talvez *tivesse* morrido, porque qual seria outro motivo para ele se encontrar ali se aquilo não fosse o paraíso?

Ficara tão perplexa que quase se esquecera de que o comparsa de Phillip ainda a segurava, agarrando seu traseiro de maneira absolutamente humilhante. Por um breve instante, o mundo havia desaparecido e a única coisa que ela podia ver, a única coisa que ela *conhecia*, era Benedict Bridgerton.

Fora um instante de perfeição. Mas então o mundo voltara de repente a ser o que era e tudo em que ela conseguiu pensar foi: o que ele estava fazendo ali? Era uma festa nojenta, cheia de bêbados e prostitutas. Quando o conhecera, dois anos antes, ele não parecera ser do tipo que frequentava um ambiente como aquele. Mas estivera com ele por menos de duas horas. Talvez o tivesse julgado mal. Fechou os olhos em agonia. Ao longo dos últimos dois anos, a lembrança de Benedict Bridgerton havia sido a luz mais brilhante em sua vida sombria e triste. Se havia se enganado a seu respeito, se ele era pouco melhor do que Phillip e seus amigos, ela não teria mais nada.

Nem mesmo uma lembrança de amor.

Mas ele a *salvara*. Isso era irrefutável. Talvez o porquê de ter ido àquela festa não tivesse importância, apenas que estava lá. E que a livrara das garras deles.

– Você está bem? – perguntou ele de repente.

Sophie assentiu, fitando-o nos olhos, esperando que ele a reconhecesse.

– Tem certeza?

Ela assentiu de novo, ainda em expectativa. Ele a reconheceria em breve.

– Que bom. Eles foram muito brutos.

– Eu vou ficar bem.

Sophie mordeu o lábio inferior. Não fazia ideia de como ele reagiria depois que se desse conta de quem ela era.

Ficaria entusiasmado? Furioso? O suspense a estava matando.

– De quanto tempo você precisa para pegar suas coisas?

Sophie piscou em silêncio, e então se deu conta de que ainda segurava sua bolsa.

– Está tudo aqui – falou. – Eu estava tentando ir embora quando eles me pegaram.

– Moça inteligente – murmurou Benedict em tom de aprovação.

Sophie apenas o encarou, sem poder acreditar que ele não a reconhecera.

– Vamos embora, então – disse ele. – O simples fato de estar na propriedade de Cavender me faz mal.

Sophie não respondeu, mas empinou o queixo de leve e inclinou a cabeça um pouco para o lado enquanto o observava.

– Tem certeza de que está se sentindo bem? – quis saber ele.

Então ela começou a pensar.

Dois anos antes, quando o conhecera, metade de seu rosto estava coberta por uma máscara.

Seus cabelos tinham sido ligeiramente empoados, o que os deixava parecendo mais louros do que eram na verdade. Além disso, desde então ela os cortara e vendera a um fabricante de perucas. Suas longas mechas onduladas eram agora cachos curtos.

Sem a Sra. Gibbons para cuidar da sua alimentação, emagrecera mais de 5 quilos.

E, analisando com frieza, os dois tinham estado na companhia um do outro por apenas uma hora e meia.

Ela o encarou direto nos olhos. E foi nesse momento que soube.

Ele não iria reconhecê-la.

Não fazia ideia de quem ela era.

Sophie não sabia se ria ou se chorava.

CAPÍTULO 7

Ficou claro a todos os convidados do baile Mottram, na quinta-feira passada, que a Srta. Rosamund Reiling não parava de olhar para o Sr. Phillip Cavender.

É da opinião desta autora que os dois realmente combinam.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
30 DE ABRIL DE 1817

Dez minutos mais tarde, Sophie estava sentada ao lado de Benedict Bridgerton na carruagem dele.

– Está com alguma coisa no olho? – perguntou ele com educação.

Isso chamou a atenção dela.

– C-como?

– Você não para de piscar – explicou ele. – Pensei que talvez pudesse ter alguma coisa no olho.

Sophie engoliu em seco, tentando conter uma risada nervosa. O que deveria dizer? A verdade? Que não parava de piscar porque ficava esperando acordar do que só podia ser um sonho? Ou talvez um pesadelo?

– Tem certeza de que está bem? – insistiu ele.

Ela assentiu.

– Devem ser só os efeitos do choque – comentou Benedict.

Ela assentiu de novo, deixando-o acreditar que aquilo era tudo o que a estava afetando.

Como podia não tê-la reconhecido? Ela sonhava com aquele momento havia anos. Seu príncipe encantado enfim aparecera para salvá-la, mas não sabia quem ela era.

– Como você se chama mesmo? – perguntou ele. – Sinto muitíssimo. Sempre

preciso ouvir um nome duas vezes para me lembrar dele.
– Srta. Sophia Beckett.
Não parecia haver motivo para mentir. Ela não lhe dissera seu nome no baile de máscaras.
– Prazer em conhecê-la, Srta. Beckett – disse ele, mantendo os olhos na estrada escura. – Sou o Sr. Benedict Bridgerton.
Sophie reagiu à saudação com um aceno de cabeça, embora ele não estivesse olhando para ela. Ficou em silêncio por um instante, sobretudo por não ter a menor ideia de como agir naquela situação tão inacreditável. Ela se deu conta de que se tratava da apresentação que não acontecera dois anos antes.
Por fim, falou apenas:
– O senhor foi muito corajoso.
Benedict deu de ombros.
– Eles eram três, e você, apenas um. A maioria dos homens não interviria.
Desta vez, ele olhou para ela.
– Detesto valentões – limitou-se a dizer.
Ela assentiu mais uma vez.
– Eles iam me estuprar.
– Eu sei – retrucou ele. Então acrescentou: – Eu tenho quatro irmãs.
Ela quase respondeu “Eu sei”, mas se conteve bem a tempo. Como é que uma arrumadeira de Wiltshire teria essa informação? Em vez disso, preferiu comentar:
– Imagino que por isso tenha sido tão sensível ao meu drama.
– Gosto de pensar que outro homem as ajudaria se algum dia estivessem em situação semelhante.
– Espero que nunca precise descobrir.
Ele assentiu com ar grave.
– Eu também.
A carruagem seguiu em frente na noite silenciosa. Sophie se lembrou do baile de máscaras, quando não lhes faltara assunto sequer por um instante. Ela percebia que agora era diferente. Era uma arrumadeira, não uma gloriosa dama da sociedade. Os dois não tinham nada em comum.
Mesmo assim, ela ainda esperava que ele a reconhecesse, parasse a carruagem, puxasse-a de encontro ao peito e lhe dissesse que a vinha procurando fazia dois

anos. Mas Sophie logo se deu conta de que isso não iria acontecer. Ele não conseguia reconhecer a dama na arrumadeira, e, a bem da verdade, por que deveria?

As pessoas viam o que esperavam ver. E Benedict Bridgerton com certeza não esperava ver uma fina dama da sociedade na pele de uma humilde arrumadeira.

Não se passara um dia sem que ela pensasse nele, sem que se lembrasse de seus lábios nos dela ou da magia estonteante daquela noite. Ele se tornara o ponto central de suas fantasias, o personagem principal nos sonhos em que ela era uma pessoa diferente, com pais diferentes. Em seus devaneios, ela o conhecia num baile, talvez seu próprio baile, oferecido por seus dedicados pais. Cortejava-a delicadamente, com flores perfumadas e beijos roubados. E então, num agradável dia de primavera, com os pássaros cantando e uma brisa suave, ele se ajoelhava e a pedia em casamento, jurando amor eterno.

Era ótimo sonhar acordada com isso. Só não era melhor do que o sonho em que os dois viviam felizes para sempre, com três ou quatro filhos maravilhosos, nascidos a salvo dentro do sacramento do matrimônio.

Mas ela jamais imaginara, em nenhuma de suas fantasias, que de fato o veria de novo, muito menos que seria salva por ele de um trio de agressores devassos.

Sophie se perguntou se ele pensava na mulher misteriosa de prateado com quem uma noite trocara um beijo apaixonado. Gostava de imaginar que sim, mas duvidava que para ele significasse o mesmo que significara para ela. Ele era um homem, afinal, e era provável que já houvesse beijado dezenas de mulheres.

E, para ele, aquela noite havia sido como outra qualquer. Sophie ainda lia o *Whistledown* sempre que conseguia pôr as mãos num exemplar. Sabia que ele frequentava inúmeras festas. Por que um baile de máscaras se destacaria em sua lembrança?

Ela suspirou e olhou para as mãos, ainda agarradas à sacola. Desejou ter luvas, mas seu único par havia estragado no começo daquele ano e ela não conseguira comprar outro. Estava com a pele áspera e rachada, e seus dedos estavam ficando gelados.

– Isso é tudo o que possui? – perguntou Benedict, apontando para a bolsa.

Ela assentiu.

– Infelizmente, não tenho muitos pertences. Apenas uma muda de roupas e algumas lembranças pessoais.

Ele ficou em silêncio por um instante, então disse:
– Seu sotaque é bastante refinado para uma arrumadeira.
Como Benedict não fora o primeiro a fazer tal observação, Sophie lhe deu a resposta-padrão:
– Minha mãe foi governanta de uma família muito boa e generosa. Eles permitiram que eu tivesse aulas com suas filhas.
– Por que não trabalha lá? – Girando os pulsos com habilidade, Benedict guiou os cavalos para a trilha da esquerda ao chegar a uma bifurcação na estrada. – Imagino que não esteja se referindo aos Cavenders.
– Não – retrucou ela, tentando pensar numa resposta adequada. Ninguém jamais se interessara o bastante por ela para se dar ao trabalho de aprofundar o assunto. – Minha mãe faleceu – disse ela por fim –, e eu não me dei bem com a nova governanta.
Ele pareceu aceitar a explicação e os dois seguiram sem falar nada por mais alguns minutos. A não ser pelo vento e pelo barulho rítmico dos cascos dos cavalos, a noite estava silenciosa. Enfim, sem conseguir conter a curiosidade, Sophie perguntou:
– Aonde estamos indo?
– Eu tenho um chalé não muito longe daqui – replicou Benedict. – Ficaremos lá por uma ou duas noites e então eu a levarei para a casa de minha mãe. Tenho certeza de que ela encontrará um emprego para você lá.
Sophie sentiu o coração acelerar.
– Esse seu chalé...
– Você estará adequadamente acompanhada – disse ele, sorrindo de leve. – Os caseiros estarão de serviço, e posso garantir que o Sr. e a Sra. Crabtree jamais permitiriam que qualquer coisa inconveniente ocorresse na casa deles.
– Eu achei que a propriedade fosse sua.
O sorriso dele se alargou.
– Venho tentando convencê-los disso há anos, mas nunca consegui.
Sophie sentiu os cantos dos lábios se arqueando.
– Acho que vou gostar muito deles.
– Imagino que sim.
Então os dois ficaram em silêncio de novo. Sophie manteve os olhos bem fixos à frente. Sentia um medo absurdo de que, se seus olhares se cruzassem, ele a

reconhecesse. Mas isso não passava de fantasia. Ele já a havia encarado, até mesmo mais de uma vez, e ainda pensava nela apenas como uma arrumadeira.

Depois de alguns minutos, no entanto, ela sentiu uma estranha comichão no rosto e, ao se virar para fitá-lo, viu que ele não parava de olhar para ela com uma expressão estranha.

– Nós já nos conhecemos? – perguntou ele de repente.

– Não – garantiu ela, com a voz um pouco menos segura do que gostaria. – Acho que não.

– Imagino que esteja certa – murmurou ele –, mas, ainda assim, você me parece muito familiar.

– Todas as arrumadeiras são iguais – comentou ela, com um sorriso amargo.

– Eu costumava achar isso – retrucou Benedict.

Ela virou o rosto para a frente, boquiaberta. Por que dissera aquilo? Ela não *queria* que ele a reconhecesse? Não havia passado a última meia hora esperando, desejando, sonhando e...

E esse era o problema. Ela estava sonhando. Em seus sonhos, ele a amava. Em seus sonhos, a pedia em casamento. No mundo real, ele poderia lhe pedir que fosse sua amante, e isso era algo que ela jurara jamais fazer. No mundo real, talvez ele fosse sentir a obrigação moral de devolvê-la a Araminta, que provavelmente a entregaria direto ao magistrado por ter roubado seus enfeites para sapatos (e Sophie não achara nem por um instante que a madrasta não havia notado o desaparecimento deles).

Não, era melhor que Benedict não a reconhecesse. Isso apenas complicaria a vida dela, e, considerando que não tinha qualquer fonte de renda – de fato, tinha muito pouco além das roupas do corpo –, sua vida não precisava de complicações a esta altura.

E, no entanto, ela se sentiu decepcionada de uma forma inexplicável por ele não ter sabido de imediato quem ela era.

– Foi uma gota de chuva? – perguntou Sophie, disposta a manter a conversa em torno de temas mais agradáveis.

Benedict olhou para cima. A lua estava encoberta por nuvens.

– Não parecia que ia chover quando saímos – murmurou ele. Uma grande gota caiu em sua calça. – Mas acho que você tem razão.

Ela olhou para o céu.

– O vento aumentou bastante. Espero que não seja uma tempestade.

– Com certeza será uma tempestade – comentou ele, contrariado –, já que estamos numa carruagem aberta. Se eu tivesse pegado a fechada, não haveria nem uma nuvem no céu.

– Falta quanto tempo para chegarmos a seu chalé?

– Acho que cerca de meia hora. – Ele franziu a testa. – Desde que a chuva não nos atrase.

– Bem, eu não me importo com um pouco de chuva – disse ela de forma corajosa. – Há coisas muito piores do que se molhar um pouco.

Os dois sabiam do que ela estava falando.

– Acho que não me lembrei de agradecer – falou ela em voz baixa.

Benedict virou a cabeça de repente. Por tudo o que era mais sagrado, havia algo muito familiar na voz dela. Mas, quando olhava para seu rosto, tudo o que via era uma simples arrumadeira. Uma arrumadeira muito atraente, é verdade, mas ainda assim uma arrumadeira. Ninguém com quem ele algum dia tivesse cruzado.

– Não foi nada – retrucou por fim.

– Para o senhor, talvez. Para mim, foi tudo.

Desconfortável com tamanho reconhecimento, Benedict apenas fez um sinal com a cabeça e deu um daqueles grunhidos que os homens tendem a emitir quando não sabem o que dizer.

– Foi uma atitude muito corajosa – insistiu ela.

Ele resmungou mais uma vez.

E então desabou uma verdadeira tempestade.

Não levou mais do que um minuto para as roupas deles ficarem encharcadas.

– Vou chegar lá o mais rápido possível – gritou ele, tentando se fazer ouvir acima do vento.

– Não se preocupe comigo! – respondeu Sophie, mas, quando ele olhou, ela estava se encolhendo toda, enrolando os braços sobre o peito para tentar conservar o calor do corpo.

– Deixe-me lhe dar meu casaco.

Ela balançou a cabeça e chegou a rir.

– Acho que vai me deixar ainda mais molhada, encharcado do jeito que está.

Ele incitou os cavalos a irem mais rápido, mas a estrada estava ficando

enlameada e o vento espalhava a chuva por todos os lados, diminuindo ainda mais a visibilidade.

Que inferno. Só faltava isso. Tinha passado toda a semana anterior resfriado, e era provável que ainda não estivesse recuperado por completo. Um passeio sob a chuva gelada com certeza lhe causaria uma recaída e ele passaria o mês seguinte inteiro com o nariz escorrendo, os olhos lacrimejando... todos aqueles sintomas irritantes e desagradáveis.

É claro que...

Benedict não conseguiu conter um sorriso. É claro que, se ficasse doente de novo, sua mãe não poderia tentar convencê-lo a comparecer a uma única festa na cidade, sempre na esperança de que ele encontrasse uma jovem apropriada com quem construir um casamento tranquilo e feliz.

Em sua defesa, ele estava sempre atento ao aparecimento de uma possível noiva. Com certeza não era contra o casamento. Seu irmão Anthony e sua irmã Daphne tinham se casado e eram muito felizes. Mas os matrimônios dos dois haviam sido bem-sucedidos porque ambos foram inteligentes o bastante para se unirem às pessoas certas, e Benedict sabia que ainda não a encontrara.

Não, pensou, voltando alguns anos na memória, isso não era inteiramente verdade. Ele havia conhecido alguém uma vez...

A dama de prateado.

Quando a segurara nos braços e rodopiara com ela pela varanda em sua primeira valsa, sentira algo diferente, uma sensação de agitação e vibração. A sensação deveria tê-lo deixado apavorado.

Mas não. Em vez disso, o sentimento o deixara sem fôlego, entusiasmado... e determinado a possuí-la.

Mas então ela desaparecera. Era como se tivesse sumido no ar. Ele não conseguira descobrir nada naquela irritante visita a Lady Penwood, e quando perguntara aos amigos e à família, ninguém sabia nada sobre uma jovem de vestido prateado.

Ela não chegara com ninguém e fora embora igualmente sozinha. Para todos os efeitos, a jovem nem existia.

Ele procurava por ela em todos os bailes, festas e saraus a que comparecia. Diabos, tinha passado até a ir ao dobro de eventos sociais só na esperança de vê-la.

Mas sempre voltava para casa decepcionado.

Ele pensou que pararia de procurá-la. Era um homem prático, e imaginara que acabaria desistindo. De certa forma, foi o que fez. Após algum tempo, viu-se novamente rejeitando mais convites do que aceitava. Alguns meses depois disso, percebeu que era mais uma vez capaz de conhecer outras mulheres sem compará-las a ela de forma automática.

Mas não conseguia deixar de procurá-la. Podia não sentir mais a mesma urgência, porém sempre que ia a um baile ou sarau, pegava-se varrendo a multidão com os olhos e aguçando os ouvidos em busca da risada dela.

A dama misteriosa estava em algum lugar. Fazia tempo que ele se resignara ao fato de que seria difícil encontrá-la, e não ia ativamente atrás dela fazia mais de um ano, mas...

Benedict deu um sorriso melancólico. Simplesmente não conseguia parar de tentar achá-la. A busca se tornara, de uma maneira muito estranha, parte de quem ele era. Seu nome era Benedict Bridgerton, ele tinha sete irmãos e irmãs, era bastante habilidoso com o florete e com desenhos e estava sempre na expectativa de encontrar a mulher que havia tocado sua alma.

Continuava esperando... e desejando... e procurando. E, embora dissesse a si mesmo que já estava na hora de se casar, não era capaz de reunir o entusiasmo necessário para isso.

E se ele pusesse uma aliança no dedo de uma mulher e no dia seguinte a visse?

Seria o suficiente para partir seu coração.

Não, seria mais grave do que isso. Poderia destruir sua alma.

Benedict suspirou de alívio ao ver a cidade de Rosemeade se aproximando. Isso queria dizer que o chalé estava a apenas cinco minutos de distância, e ele mal podia esperar para se atirar numa banheira de água quente. Olhou para a Srta. Beckett. Ela também tiritava de frio, mas não havia soltado um pio, ele pensou com um toque de admiração. Benedict tentou se lembrar de alguma outra mulher que conhecesse e fosse capaz de suportar a intempérie com tamanha bravura, mas nenhuma lhe veio à cabeça. Até sua irmã Daphne, que era muito bem-humorada, estaria reclamando do frio àquela altura.

– Estamos quase lá – garantiu ele.

– Eu estou... Oh! O senhor está bem?

Benedict foi tomado por um acesso de tosse, do tipo profundo e seco, que faz

doer o peito. Sentia seus pulmões em chamas e a garganta parecia ter sido cortada com uma lâmina.
– Estou bem – arfou ele, endireitando-se no banco para trazer os cavalos de volta ao prumo; os animais haviam saído um pouco do caminho enquanto Benedict tossia.
– O senhor não parece bem.
– Eu peguei um resfriado na semana passada – informou ele, com uma expressão de dor.
Droga, como se sentia mal.
– Não parece um simples resfriado – comentou ela, tentando sorrir.
Mas não conseguiu. Na verdade, parecia muito preocupada.
– Devo ter tido uma recaída – resmungou ele.
– Não quero que fique doente por minha causa.
Ele fez um esforço para sorrir, mas estava muito mal.
– Eu teria pegado chuva com ou sem você.
– Mesmo assim...
O que quer que ela pretendesse dizer se perdeu sob mais um acesso profundo de tosse seca.
– Desculpe – murmurou Benedict.
– Me deixe guiar – disse ela, tomando as rédeas.
Ele se virou para Sophie, incrédulo.
– É uma carruagem aberta, não uma carroça de um cavalo só.
Ela conteve a vontade de estrangulá-lo. Ele estava com o nariz escorrendo, os olhos vermelhos e não conseguia parar de tossir, mas ainda assim encontrou energia para agir como um pavão arrogante.
– Posso lhe garantir que sei guiar uma parelha de cavalos – garantiu ela, falando bem devagar.
– E onde você aprendeu isso?
– Com a mesma família que me deixou estudar com suas filhas – mentiu Sophie. – Aprendi a guiar junto com as meninas.
– A dona da casa devia gostar muito de você – comentou ele.
– Gostava muito – retrucou Sophie, tentando não rir.
Araminta era a dona da casa e fazia um escândalo cada vez que o marido insistia que Sophie recebesse a mesma instrução de Rosamund e Posy. As três

aprenderam a guiar parelhas no ano anterior à morte do conde.

– Pode deixar comigo, obrigado – falou Benedict de forma categórica.

Então anulou as próprias palavras tendo mais um ataque de tosse.

Sophie pegou as rédeas.

– Pelo amor de...

– Aqui – disse ele, passando as rédeas para ela e secando os olhos. – Pode pegá-las. Mas vou ficar de olho em você.

– Não esperaria nada diferente – respondeu ela com irritação.

A chuva não tornava as condições nem um pouco ideais, e fazia anos desde a última vez que ela conduzira uma carruagem, mas achou que se saiu bastante bem. Há coisas que não se desaprende, ela pensou.

Na verdade, foi bastante agradável fazer algo que não fazia desde sua vida pregressa, quando era, ao menos oficialmente, a pupila de um conde. Na época, ela tinha boas roupas, boa comida, aulas interessantes e...

Suspirou. Não era perfeito, mas era melhor do que tudo o que se seguiu.

– Qual é o problema? – quis saber Benedict.

– Nenhum. Por que pensou que pudesse haver algum problema?

– Você suspirou.

– Me ouviu suspirar com todo esse vento? – perguntou ela com incredulidade.

– Estou bastante atento. Já me encontro doente o suficiente sem que você nos faça cair numa vala.

Então teve mais um acesso de tosse.

Sophie decidiu nem sequer lhe dar uma resposta.

– Vire à direita ali na frente – orientou Benendict. – Iremos direto para meu chalé.

Ela obedeceu.

– O seu chalé tem um nome?

– Meu Chalé.

– Eu devia ter adivinhado – murmurou ela.

Benedict sorriu. Um verdadeiro feito, Sophie pensou, já que estava com uma aparência péssima.

– Não estou brincando – disse ele.

De fato, após um minuto, os dois pararam diante de uma elegante casa de campo, ornada com uma placa pequena e discreta que dizia meu chalé.

– O proprietário anterior o batizou – explicou Benedict ao lhe indicar a direção dos estábulos –, e eu decidi manter o nome.

Sophie olhou para a casa, que, embora relativamente pequena, não tinha nada de humilde.

– Chama isso de chalé?

– Não, o proprietário anterior chamava – retrucou ele. – Você precisa ver a outra casa dele.

No instante seguinte, os dois estavam abrigados da chuva. Benedict desceu e começou a desencilhar os cavalos. Usava luvas, mas, como elas se encontravam encharcadas e não paravam de escorregar nas rédeas, ele as tirou e as jogou longe. Sophie observou seus movimentos. Ela tinha os dedos murchos como uvas-passas e tremia de frio.

– Deixe-me ajudar – pediu, dando um passo à frente.

– Eu consigo fazer isso.

– Claro que consegue – disse ela de modo apaziguador –, mas será mais rápido com minha ajuda.

Ele se virou, talvez para recusar a ajuda mais uma vez, e então se dobrou em outro ataque de tosse. Sophie se aproximou dele e o ajudou a se sentar num banco.

– Fique aqui, por favor – implorou ela. – Eu termino.

Sophie achou que ele discordaria, mas dessa vez Benedict se rendeu.

– Desculpe – falou ele com a voz rouca. – Eu...

– Não tem por que pedir desculpas – retrucou ela, fazendo o trabalho com agilidade.

Ou com tanta agilidade quanto possível. Ainda estava com os dedos amortecidos e enrugados por ficarem molhados por tanto tempo.

– Não é muito... – Benedict tossiu de novo, desta vez mais baixo e mais profundamente – ... cavalheiresco de minha parte.

– Ah, acho que posso perdoá-lo desta vez, considerando a forma como me salvou mais cedo.

Sophie tentou dar um sorriso alegre, mas, por algum motivo, seus lábios estremeceram e ela se viu, de uma forma inexplicável, à beira das lágrimas. Virou-se rápido para o outro lado, tentando evitar que ele visse seu rosto.

Mas ele deve ter notado alguma coisa, ou talvez apenas tenha percebido que

havia algo errado, porque perguntou:
– Você está bem?
– Estou ótima! – retrucou ela, mas a voz saiu estrangulada e, antes que se desse conta, ele estava a seu lado, tomando-a nos braços.
– Está tudo bem – falou ele em tom tranquilizador. – Você está a salvo agora.
As lágrimas começaram a rolar sem parar. Sophie chorou pelo que poderia ter sido seu destino naquela noite e pelo que de fato fora nos últimos nove anos. Chorou pela lembrança de quando ele a tomara nos braços no baile de máscaras e chorou porque se encontrava nos braços dele naquele momento.
Chorou pela gentileza dele, que, embora estivesse claramente doente e não a visse como nada mais que uma simples arrumadeira, ainda se preocupava com ela e queria protegê-la.
Chorou porque não se permitia chorar havia tanto tempo que nem sequer lembrava quanto. E chorou porque se sentia muito solitária.
Mais do que tudo, chorou porque vinha sonhando com ele fazia tanto tempo e ele não a reconhecera. Era provável que tivesse sido melhor assim, mas seu coração estava em pedaços por causa disso.
Por fim, as lágrimas diminuíram e ele deu um passo para trás. Tocou no queixo dela e disse:
– Está se sentindo melhor agora?
Ela assentiu, surpresa por ser verdade.
– Que bom. Você levou um susto, e... – Benedict de repente se afastou dela e se dobrou num acesso de tosse.
– O senhor precisa mesmo entrar – afirmou Sophie, secando as últimas lágrimas. – Em casa, quero dizer.
Ele assentiu.
– Vamos ver quem chega primeiro.
Ela arregalou os olhos, perplexa. Não acreditava que ele tivera o ânimo de fazer uma piada daquelas, quando era claro que estava se sentindo tão mal. Mas enrolou o cordão da sacola nas mãos, levantou as saias e saiu correndo na direção da porta do chalé. Quando chegou aos degraus da entrada, não parava de rir por causa do esforço e pela situação ridícula de correr como uma louca para sair da chuva quando já estava ensopada até os ossos.
Como era de se esperar, Benedict chegara antes dela ao pequeno pórtico. Podia

estar doente, mas tinha as pernas muito mais compridas e fortes que as de Sophie. Quando ela parou ao seu lado, ele batia na porta com força.

– Não tem uma chave? – gritou Sophie.

O vento ainda soprava forte, tornando a conversa mais difícil.

Ele balançou a cabeça.

– Não planejava parar aqui.

– Acha que os caseiros irão escutá-lo?

– Espero que sim – murmurou ele.

Sophie secou o rosto e espiou por uma janela próxima.

– Está muito escuro – falou. – Será que eles podem não estar em casa?

– Não sei onde mais estariam.

– Não devia ter ao menos uma criada ou um lacaio?

Benedict balançou a cabeça.

– Venho tão pouco aqui que pareceu tolice contratar uma equipe inteira. As criadas vêm apenas durante o dia.

Sophie fez uma careta.

– Eu sugeriria que procurássemos uma janela aberta, mas é pouco provável que encontremos, com toda essa chuva.

– Não é necessário – disse Benedict. – Eu sei onde está escondida a chave reserva.

Sophie olhou para ele, surpresa.

– Por que parece tão irritado com isso?

Ele tossiu várias vezes antes de responder:

– Porque significa que terei que voltar à maldita tempestade.

Sophie sabia que ele estava ficando sem paciência. Já havia praguejado duas vezes na frente dela, e não parecia ser o tipo de homem que faz isso diante de uma mulher, mesmo de uma simples arrumadeira.

– Espere aqui – ordenou ele.

E então, antes que ela pudesse responder, ele saiu correndo pela chuva.

Alguns minutos depois, Sophie escutou uma chave girando na fechadura e a porta da frente se abriu, revelando Benedict com uma vela na mão, com a roupa pingando no chão.

– Não sei onde o Sr. e a Sra. Crabtree estão – disse ele, com a voz rouca de tanto tossir –, mas com certeza não estão aqui.

Sophie engoliu em seco.
– Estamos sozinhos?
Ele assentiu.
– Completamente.
Ela começou a ir na direção da escada.
– É melhor eu ir para os aposentos dos criados.
– Ah, não mesmo – resmungou ele, segurando o braço dela.
– Não?
Ele balançou a cabeça.
– Você, minha cara, não vai a lugar algum.

CAPÍTULO 8

Nos últimos tempos, parece não ser possível dar dois passos num baile em Londres sem tropeçar numa mãe da alta sociedade lamentando as dificuldades para se encontrar bons criados. De fato, esta autora pensou que a Sra. Featherington e Lady Penwood chegariam às vias de fato no sarau Smythe-Smith da semana passada. Pelo jeito, Lady Penwood roubou a camareira da Sra. Featherington bem debaixo do nariz dela há um mês, prometendo um salário melhor e roupas usadas. (É preciso observar que a Sra. Featherington também dava à pobre moça roupas de segunda mão, mas qualquer um que tenha prestado atenção ao guarda-roupa das irmãs Featheringtons compreenderia por que ela não via isso como um benefício.)

A situação se complicou, no entanto, quando a camareira em questão procurou a Sra. Featherington implorando para ser recontratada. Parece que a ideia que Lady Penwood tem de uma camareira inclui tarefas que dizem respeito mais precisamente à faxineira, à arrumadeira e à cozinheira.

Alguém devia dizer à mulher que uma só moça não pode fazer o trabalho de três.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE MAIO DE 1817

– Vamos acender a lareira – sugeriu Benedict – e nos aquecer antes de nos deitar. Eu não a salvei de Cavender para você acabar morrendo de pneumonia.

Sophie ficou observando enquanto ele tossia mais uma vez, o corpo sendo sacudido pelos espasmos que o forçavam a se abaixar.

– Mil perdões, Sr. Bridgerton – disse ela sem conseguir evitar –, mas, de nós dois, creio que é o senhor quem corre mais perigo de contrair uma pneumonia.

– Mesmo assim – arfou ele –, e eu lhe garanto que não tenho qualquer desejo

de adoecer também. Então... – Ele se dobrou para a frente de novo e de novo foi dominado pelo acesso de tosse.

– Sr. Bridgerton? – chamou Sophie, a voz cheia de preocupação.

Ele engoliu de maneira convulsiva e mal conseguiu responder:

– Apenas me ajude a acender o fogo antes de tossir até desmaiar.

Sophie franziu a testa. Os acessos de tosse dele estavam ficando cada vez mais próximos um do outro, além de mais profundos e ruidosos, como se viessem do fundo do peito.

Ela acendeu a lareira com facilidade. Como arrumadeira, tinha experiência suficiente com isso, e logo os dois estavam com as mãos o mais próximo possível do fogo.

– Acho que sua muda de roupa não deve estar seca – comentou Benedict, fazendo um sinal com a cabeça para a bolsa encharcada de Sophie.

– Também acho – concordou ela com tristeza. – Mas não tem importância. Se eu permanecer aqui por tempo suficiente, minha roupa do corpo vai acabar secando.

– Não seja tola – zombou ele, virando-se para o fogo aquecer suas costas. – Tenho certeza de que posso conseguir uma muda de roupa para você.

– Há roupas femininas aqui? – perguntou ela com desconfiança.

– Imagino que você não seja tão exigente que não possa vestir calças e camisa por uma noite, certo?

Até aquele exato momento, talvez Sophie fosse, sim, exigente a esse ponto, mas, analisando sob o ponto de vista de Benedict, de fato parecia um pouco tolo.

– Creio que não – retrucou ela.

Roupas secas com certeza seriam agradáveis.

– Ótimo – disse ele com rapidez. – Por que não acende as caldeiras em dois quartos enquanto eu vou atrás de roupas secas?

– Posso ficar no alojamento dos criados – observou Sophie.

– Não é necessário – garantiu ele, saindo da sala e fazendo um sinal para que ela o seguisse. – Tenho quartos extras, e você não é uma criada aqui.

– Mas *sou* uma criada – lembrou ela, apressando-se em ir atrás dele.

– Faça como preferir, então. – Ele começou a subir a escada, mas precisou parar no meio do caminho para tossir. – Você pode procurar um quartinho minúsculo no alojamento dos criados com um catrezinho duro ou pode ficar num

quarto de hóspedes, que lhe garanto que terá colchões e cobertores de penas de ganso.

Sophie sabia que devia se lembrar de seu lugar no mundo e continuar pelo próximo lance de escada, que levava ao sótão, mas, por Deus, colchão e cobertor de penas de ganso pareciam o paraíso sobre a terra. Fazia anos que não dormia com tanto conforto.

– Vou procurar um quarto de hóspedes pequeno, então – cedeu ela. – O, hã, menor que houver.

Benedict deu um meio sorriso seco, do tipo “eu avisei”.

– Escolha os aposentos que desejar. Mas não aquele – completou, apontando para a segunda porta à esquerda. – Aquele é meu.

– Vou ligar a caldeira lá agora mesmo – disse ela.

Ele precisava mais do calor do que ela e, além disso, Sophie ficou morrendo de curiosidade para ver como era o quarto dele. É possível dizer muito sobre uma pessoa pela decoração de seu próprio canto. Desde que, é claro, a pessoa possua recursos suficientes para decorá-lo conforme suas preferências, ela pensou fazendo uma careta. Duvidava muito que alguém pudesse inferir qualquer coisa a seu respeito vendo sua pequena torre do sótão dos Cavenders – a não ser o fato de que ela não tinha um centavo.

Sophie deixou sua bolsa no corredor e correu para os aposentos de Benedict. Era um cômodo encantador, aconchegante, masculino e muito confortável. Apesar de ele ter dito que quase não ia lá, havia todos os tipos de itens pessoais sobre a escrivaninha e as mesas – miniaturas do que deviam ser seus irmãos e irmãs, livros com capa de couro e até mesmo um vasinho de vidro cheio de... pedras?

– Que curioso – murmurou Sophie, aproximando-se, embora soubesse que estava sendo terrivelmente invasiva e intrometida.

– Cada uma tem um significado especial – afirmou uma voz forte atrás dela. – Eu as coleciono desde... – Ele parou para tossir. – Desde criança.

Sophie corou por ter sido flagrada bisbilhotando, mas, como sua curiosidade ainda não tinha sido satisfeita, pegou uma. Tinha um tom rosado, com uma veia cinza irregular que a atravessava no meio.

– Qual o significado desta?

– Eu a recolhi numa caminhada – explicou Benedict baixinho. – Foi no dia em

que meu pai morreu.

– Ah! – Sophie devolveu a pedra ao lugar como se ela tivesse queimado sua mão. – Eu sinto muito.

– Foi há muito tempo.

– Mesmo assim, sinto muito.

Ele deu um sorriso triste.

– Eu também.

Então ele tossiu com tanta força que teve que se apoiar na parede.

– O senhor precisa se aquecer – disse Sophie. – Deixe-me acender o fogo.

Benedict atirou um monte de roupas em cima da cama.

– Para você – falou.

– Obrigada – retrucou ela, mantendo a atenção na pequena caldeira.

Era perigoso ficar no mesmo quarto que ele. Ela não achava que Benedict poderia ter qualquer atitude inconveniente – era cavalheiro demais para se impor a uma mulher que mal conhecia. Não, o perigo estava nela mesma. Para ser sincera, Sophie achava que, se passasse tempo demais na companhia dele, poderia acabar perdidamente apaixonada.

E o que isso lhe traria?

Nada além de um coração partido.

Ela se agachou diante da pequena caldeira de ferro e permaneceu assim por vários minutos, atiçando a chama até ter certeza de que ela não se apagaria.

– Pronto – anunciou quando ficou satisfeita. Então se levantou, arqueando as costas de leve para se alongar, e se virou. – Isso vai tratar de... ah, nossa!

A pele de Benedict Bridgerton estava esverdeada.

– O senhor está bem? – perguntou ela, correndo para o lado dele.

– Não muito – admitiu ele, enrolando as palavras e se apoiando contra a coluna da cama.

Parecia meio bêbado, mas Sophie estava com ele havia pelo menos duas horas e sabia que não tinha bebido.

– O senhor precisa ir para a cama – afirmou ela, tropeçando sob o peso dele, que resolvera se apoiar nela e não mais na coluna da cama.

Ele sorriu.

– Você vem também?

Ela recuou.

– Agora eu sei que está com febre.

Ele levantou a mão para tocar na própria testa, mas bateu no nariz.

– Ai! – gritou.

Sophie se encolheu em solidariedade.

Ele levou a mão até a testa.

– Hum, acho que estou um pouco quente.

Foi um gesto incrivelmente íntimo da parte dela, mas, como a saúde de um homem estava em jogo, Sophie estendeu a mão e tocou a testa dele. Não ardia, mas também não estava fria.

– O senhor precisa tirar essas roupas molhadas – disse ela. – Agora mesmo.

Benedict olhou para baixo, piscando como se a visão das roupas encharcadas fosse uma surpresa.

– Sim – murmurou ele com ar pensativo. – Sim, acho que sim. – Levou os dedos até os botões da camisa, mas eles estavam pegajosos, dormentes, e não paravam de escorregar. Por fim, ele deu de ombros e confessou: – Não consigo.

– Ah, puxa. Aqui, eu vou... – Sophie estendeu a mão para os botões, então recuou, nervosa, até que enfim cerrou os dentes e estendeu a mão de novo. Abriu-os com rapidez, fazendo o possível para desviar os olhos à medida que se revelavam mais alguns centímetros da pele dele. – Quase pronto – falou em voz baixa. – Só mais um instante.

Como ele não respondeu nada, ela olhou para cima. Ele tinha os olhos fechados e todo o seu corpo balançava de leve. Se Benedict não estivesse de pé, Sophie teria jurado que tinha pegado no sono.

– Sr. Bridgerton? – chamou ela baixinho. – Sr. Bridgerton!

Benedict levantou a cabeça num movimento brusco.

– O quê? O quê?

– O senhor caiu no sono.

Ele piscou, confuso.

– Isso é ruim?

– Não pode dormir com essas roupas.

Ele olhou para baixo.

– Como a minha camisa está aberta?

Sophie ignorou a pergunta e preferiu empurrá-lo com delicadeza até que estivesse com o traseiro no colchão.

– Sente-se – ordenou ela.

Sua voz deve ter soado bastante autoritária, porque ele obedeceu.

– Há alguma roupa seca para vestir? – quis saber ela.

Ele tirou a camisa e a atirou no chão.

– Nunca durmo vestido.

Sophie sentiu um embrulho no estômago.

– Bem, esta noite acho que deveria colocar alguma roupa e... *O que* está fazendo?

Ele a fitou como se Sophie tivesse feito a pergunta mais idiota do mundo.

– Estou tirando as minhas calças.

– Não poderia ao menos esperar que eu me virasse de costas?

Ele a encarou com ar inexpressivo.

Ela devolveu-lhe o olhar.

Ele a fitou por um pouco mais de tempo. Depois, enfim disse:

– E então?

– E então o quê?

– Não vai se virar de costas?

– Ah! – gritou ela, girando-se como se alguém tivesse acendido uma fogueira sob seus pés.

Benedict balançou a cabeça, cansado, ao se sentar na beirada da cama e tirar as meias. Que Deus o protegesse das moças pudicas. Ela era uma arrumadeira, ora. Mesmo que fosse virgem – e seu comportamento levava a crer que era –, ela com certeza já vira um homem antes. Arrumadeiras estavam sempre entrando e saindo de quartos sem bater, levando toalhas, lençóis e tudo o mais. Era inconcebível que jamais tivesse deparado com um homem nu por acidente.

Ele tirou as calças – tarefa nada simples, considerando que elas ainda estavam um pouco úmidas e ele teve que desgrudá-las da pele. Quando terminou de se despir por completo, levantou uma sobrancelha na direção das costas de Sophie. Ela continuava parada, tensa, com as mãos fechadas ao lado do corpo.

Surpreso, ele percebeu que a visão dela o fazia sorrir.

Começava a se sentir um pouco letárgico, e precisou de duas tentativas para conseguir levantar a perna o suficiente para subir na cama. Com esforço considerável, ele se inclinou para a frente e agarrou a borda do cobertor, puxando-o para cima do corpo. Então, completamente exausto, atirou-se nos

travesseiros e gemeu.

– O senhor está bem? – perguntou Sophie.

Ele fez um esforço para responder “Ótimo”, mas saiu algo mais parecido com “Fmmph”.

Benedict a escutou se movimentar pelo quarto e, quando reuniu energia suficiente para abrir uma pálpebra pela metade, viu que ela fora para o lado da cama. Parecia preocupada.

Por algum motivo, aquilo pareceu muito comovente. Já fazia um bom tempo desde a última vez que uma mulher que não fosse sua parente havia se preocupado com seu bem-estar.

– Eu estou bem – murmurou ele, tentando dar um sorriso tranquilizador.

Mas sua voz saiu sufocada. Ele aguçou os ouvidos. Tinha a impressão de que sua boca falava corretamente, o que queria dizer que o problema devia ser com os ouvidos.

– Sr. Bridgerton? Sr. Bridgerton?

Ele abriu um olho de novo.

– Vá para a cama – resmungou ele. – Vá se secar.

– Tem certeza?

Ele assentiu. Falar estava ficando difícil demais.

– Muito bem. Mas vou deixar sua porta aberta. Se precisar de mim à noite, basta chamar.

Ele assentiu mais uma vez. Ou pelo menos tentou. Então caiu no sono.

Sophie levou menos de quinze minutos se arrumando para se deitar. Um excesso de ansiedade a manteve agitada enquanto vestia as roupas secas e aprontava a caldeira do quarto, mas, no instante em que deitou a cabeça no travesseiro, ela sucumbiu a uma exaustão tão profunda que parecia vir dos ossos.

Havia sido um longo dia, pensou meio grogue. Um dia interminável, entre cumprir suas tarefas matinais, correr pela casa fugindo de Cavender e seus amigos... Fechou os olhos. O dia havia sido muito, muito longo, e...

Ela se sentou de repente, com o coração disparado. O fogo na caldeira diminuíra, então era provável que ela tivesse caído no sono. Mas, como estava morta de cansaço, alguma coisa devia tê-la despertado. Teria sido Benedict? Será

que a chamara? Ele não parecia bem quando ela o deixara, mas também não aparentava estar à beira da morte.
Ela saltou da cama, pegou uma vela e disparou para a porta do quarto, segurando as calças imensas que Benedict lhe emprestara quando elas começaram a deslizar por seus quadris. Quando chegou ao corredor, Sophie ouviu o som que devia tê-la despertado.
Foi um gemido profundo, seguido de um barulho forte e de algo que soou como uma lamúria.
Sophie entrou no quarto de Benedict e se dirigiu à caldeira para acender a vela. Ele encontrava-se deitado na cama, em uma imobilidade quase sobrenatural. Sophie se aproximou dele, olhando fixamente para seu peito. Sabia que não podia estar morto, mas se sentiria muito melhor depois de vê-lo respirar.
– Sr. Bridgerton? – sussurrou. – Sr. Bridgerton?
Não houve resposta.
Ela se aproximou um pouco mais e se inclinou na beirada da cama.
– Sr. Bridgerton?
Ele estendeu a mão e agarrou o ombro dela, fazendo-a perder o equilíbrio até cair na cama.
– Sr. Bridgerton! – gritou Sophie. – Me solte!
Mas ele havia começado a se debater e a gemer, e seu corpo estava tão quente que Sophie soube que ele ardia em febre.
Ela deu um jeito de se soltar e saiu aos tropeços da cama, enquanto ele continuava se revirando, murmurando montes de palavras sem sentido.
Sophie esperou um instante de tranquilidade e levou a mão à testa dele. Estava queimando.
Ela mordeu o lábio inferior enquanto tentava decidir o que fazer. Não tinha experiência cuidando de pessoas febris, mas lhe pareceu que a atitude lógica seria esfriá-lo. Por outro lado, quartos de pessoas doentes pareciam ser sempre mantidos fechados, abafados e quentes, então, talvez...
Benedict começou a se debater de novo e, do nada, pediu baixinho:
– Me beije.
Sophie soltou as calças, que caíram no chão. Ela soltou um gritinho de surpresa e se abaixou com toda a rapidez para recuperá-las. Segurando-as firmemente na cintura com a mão direita, ela estendeu o braço para dar um tapinha na mão dele

com a esquerda, mas pensou melhor.

– O senhor está apenas sonhando, Sr. Bridgerton – falou.

– Me beije – repetiu ele.

Mas não abriu os olhos.

Sophie se aproximou mais. Mesmo à luz de uma vela solitária, ela pôde ver os olhos dele se movendo sob as pálpebras. Era estranho, ela pensou, ver outra pessoa sonhando.

– Que droga! – gritou ele de repente. – Me beije!

Sophie recuou, surpresa, deixando a vela sobre a mesa de cabeceira, com pressa.

– Sr. Bridgerton, eu... – começou, com a intenção de explicar por que não poderia sequer começar a pensar em beijá-lo, mas então reconsiderou: *por que não?*

Sentindo o coração batendo muito forte, ela se abaixou e deu um beijinho suave e delicado nos lábios dele.

– Eu amo você – sussurrou. – Sempre amei.

Para alívio de Sophie, Benedict não se mexeu. Não gostaria que ele se lembrasse desse momento na manhã seguinte. Mas então, justo quando tinha se convencido de que ele voltara a dormir profundamente, Benedict começou a virar a cabeça de um lado para outro, deixando marcas profundas no travesseiro de penas.

– Aonde você foi? – resmungou ele com a voz rouca. – Aonde você foi?

– Eu estou aqui – respondeu Sophie.

Ele abriu os olhos e por um brevíssimo instante pareceu totalmente desperto ao dizer:

– Não *você*.

Depois revirou os olhos e começou a mexer a cabeça de um lado para outro de novo.

– Bem, eu sou tudo o que você tem – murmurou Sophie. – Não saia daqui – continuou, com um riso nervoso. – Eu já volto.

Então, com o coração batendo forte de medo e ansiedade, ela saiu correndo do quarto.

Se havia algo que Sophie aprendera em seus dias de arrumadeira era que a maioria das casas funcionava quase da mesma maneira. Foi por isso que não teve qualquer dificuldade em encontrar roupas de cama extras para substituir os lençóis encharcados de suor de Benedict. Providenciou também uma jarra cheia de água fresca e algumas toalhas pequenas para umedecer a testa dele.

Quando voltou ao quarto, ela o encontrou imóvel, mas com a respiração superficial e rápida. Sophie estendeu a mão e tocou a testa dele. Não podia ter certeza, mas parecia que ele estava ficando mais quente.

Puxa vida. Aquilo não era bom, e ela não podia ser menos qualificada para cuidar de um paciente febril. Araminta, Rosamund e Posy nunca ficaram doentes, e os Cavenders também sempre foram muito saudáveis. O mais perto que ela chegara de cuidar de alguém fora ajudando a mãe da Sra. Cavender, que não conseguia caminhar. Mas nunca cuidara de alguém com febre.

Ela mergulhou uma toalhinha na jarra d’água e depois a segurou acima do recipiente até que parasse de pingar.

– Isso deve fazê-lo se sentir um pouco melhor – sussurrou ela, encostando o tecido úmido na testa dele. Então acrescentou, com uma voz pouco confiante: – Pelo menos é o que espero.

Benedict não se esquivou quando ela o tocou com a toalha molhada. Sophie interpretou isso como um ótimo sinal, e preparou outra. Só que não fazia ideia de onde apoiá-la. No peito dele não parecia certo, e ela com certeza não iria permitir que o lençol descesse abaixo da cintura dele, a menos que o pobre homem estivesse à beira da morte (e, mesmo assim, não sabia ao certo o que poderia fazer lá embaixo que fosse capaz de reanimá-lo). Assim, ela apenas passou o pano de leve atrás das orelhas dele e um pouco na lateral do pescoço.

– Está melhor? – perguntou, sem esperar qualquer resposta, mas sentindo que devia continuar a conversa unilateral ainda assim. – Não sei muita coisa sobre cuidar de pessoas doentes, mas achei que pudesse querer algo fresco na testa. Pelo menos eu iria querer, se estivesse no seu lugar.

Ele se remexeu e murmurou algo incompreensível.

– É mesmo? – retrucou Sophie, tentando sorrir sem sucesso algum. – Que bom.

Ele resmungou alguma outra coisa.

– Não – falou ela, passando o tecido úmido na orelha dele –, concordo com o que disse antes.

Ele voltou a ficar imóvel.

– Mas posso reconsiderar – continuou ela, preocupada. – Por favor, não se ofenda.

Ele não se mexeu.

Sophie suspirou. Havia um limite de quanto se podia conversar com um homem inconsciente antes de começar a se sentir tola. Ela tirou a toalha da testa dele e tocou em sua pele, que agora estava meio pegajosa. Pegajosa e ainda quente, uma combinação que não imaginava ser possível.

Ela decidiu manter a toalhinha fora da testa por ora e a deixou apoiada em cima da jarra. Como não parecia haver muito o que fazer por ele de imediato, Sophie começou a andar pelo quarto, examinando sem qualquer pudor tudo o que estivesse à vista.

A coleção de miniaturas foi sua primeira parada. Havia nove delas sobre a escrivaninha. Sophie deduziu que eram dos pais e dos sete irmãos de Benedict. Começou a ordenar os irmãos por idade, então lhe ocorreu que era provável que os objetos não tivessem sido todos confeccionados ao mesmo tempo, de modo que ela podia estar olhando para uma representação do irmão mais velho aos 15 anos e para a do mais jovem aos 20.

Ficou impressionada com a semelhança entre eles – todos tinham os mesmos cabelos castanhos e espessos, as mesmas bocas largas e mesma estrutura óssea elegante. Aproximou-se para tentar comparar as cores dos olhos, mas a luz da vela era muito fraca e, de qualquer maneira, essa não era uma característica que se pudesse identificar com facilidade numa miniatura.

Ao lado da minifamília de Benedict estava o vaso com a coleção de pedras dele. Sophie pegou algumas delas, uma por vez, e as girou na palma da mão.

– Por que será que estas são tão especiais para você? – sussurrou, devolvendo-as rapidamente a seu lugar.

Elas lhe pareciam simples pedras, mas imaginou que Benedict devia achá-las mais interessantes e singulares, já que representavam lembranças especiais para ele.

Encontrou uma caixinha de madeira que não conseguiu abrir de jeito nenhum. Talvez fosse uma daquelas caixas mágicas do Oriente de que ouvira falar. O mais intrigante era um grande caderno apoiado na lateral da escrivaninha, cheio de desenhos feitos a lápis, a maior parte de paisagens, mas alguns retratos

também. Seriam obra de Benedict? Sophie tentou ler a assinatura na parte inferior de cada desenho. Os pequenos rabiscos com certeza pareciam duas letras "B".

Ela prendeu a respiração e um sorriso espontâneo lhe iluminou o rosto. Jamais imaginara que Benedict pudesse ser um artista. Nunca lera nada a respeito no *Whistledown*, e parecia o tipo de coisa que Lady Whistledown teria descoberto com o passar dos anos.

Sophie aproximou o caderno da vela e o folheou. Queria se sentar com ele e passar dez minutos examinando cada desenho detalhadamente, mas parecia invasivo demais. Era provável que ela estivesse apenas tentando justificar sua bisbilhotice, mas, de alguma forma, não pareceu tão grave dar uma olhada.

As paisagens eram variadas. Algumas mostravam o Meu Chalé (ou deveria chamá-lo de Chalé Dele?) e outras eram de uma propriedade maior, que Sophie imaginou se tratar da casa de campo da família. A maioria delas não tinha qualquer construção, apenas um riacho, ou uma árvore ao vento, ou uma campina sob a chuva. O mais impressionante era que os desenhos pareciam captar a essência do momento. Sophie podia jurar que ouviu aquele riacho correndo ou a brisa balançando as folhas daquela árvore.

Os retratos eram poucos, mas Sophie os achou muito mais interessantes. Havia vários de uma jovem que só podia ser sua irmã caçula e alguns que deviam ser mãe dele. Um dos preferidos dela foi o que retratava algum tipo de jogo ao ar livre. Pelo menos cinco irmãos seguravam tacos compridos e uma das meninas fora desenhada em primeiro plano, com o rosto contorcido de determinação enquanto tentava acertar uma bola.

Algo naquele retrato quase fez Sophie rir alto. Ela pôde sentir a alegria do dia, e isso fez com que desejasse com todas as forças ter a própria família.

Olhou de novo para Benedict, que ainda dormia um sono tranquilo na cama. Será que ele sabia quanta sorte tinha por ter nascido num clã tão grande e amoroso?

Com um suspiro, ela folheou mais algumas páginas até chegar ao fim do caderno. O último desenho era diferente dos outros, porque retratava uma cena noturna na qual uma mulher segurava a barra do vestido acima dos tornozelos enquanto corria e...

Por Deus! Sophie arfou, estupefata. Era ela!

Sophie aproximou o desenho do rosto. Ele havia captado os detalhes do vestido – aquele lindo traje prateado que fora dela por apenas uma noite – com perfeição. Lembrara-se até mesmo de suas luvas compridas e de seu penteado. O rosto era um pouco menos reconhecível, mas era preciso considerar que ele nunca havia de fato visto sua fisionomia por inteiro.

Bem, não até agora.

Benedict gemeu de repente, e, quando Sophie olhou, viu que se remexia, agitado, na cama. Fechou o caderno e o recolocou no lugar antes de correr até ele.

– Sr. Bridgerton? – sussurrou.

Queria tanto chamá-lo de Benedict... Era como pensava nele. Como o chamara em seus sonhos durante aqueles dois longos anos. Mas isso seria imperdoavelmente íntimo, e com certeza não estaria de acordo com sua posição de criada.

– Sr. Bridgerton? – murmurou ela sussurrou de novo. – Está se sentindo bem?

Ele abriu os olhos.

– Precisa de alguma coisa?

Benedict piscou várias vezes, e Sophie não soube ao certo se a escutara ou não. Ele parecia tão disperso que ela ficou em dúvida se ele a vira mesmo.

– Sr. Bridgerton?

Ele estreitou os olhos.

– Sophie – disse ele com a voz rouca e a garganta muito seca e dolorida. – A arrumadeira.

Ela assentiu.

– Estou aqui. O que quer?

– Água – pediu ele.

– É para já. – Sophie tinha mergulhado as toalhinhas na água da jarra, mas decidiu que não era hora de ser detalhista, então pegou o copo que levara da cozinha e o encheu. – Aqui – falou, entregando-o a ele.

Como Benedict estava com os dedos trêmulos, ela não soltou o copo enquanto ele bebia. Ele tomou uns dois goles e se atirou de novo nos travesseiros.

– Obrigado – sussurrou.

Sophie tocou na testa dele. Ainda estava bem quente, mas ele parecia lúcido mais uma vez, e ela interpretou isso como um sinal de que a febre cedera.

– Acho que pela manhã se sentirá melhor.

Ele riu. Foi uma risada fraca, mas ainda assim uma risada.

– Duvido muito – resmungou.

– Bem, não totalmente recuperado – admitiu ela –, porém mais bem-disposto que agora.

– Seria difícil me sentir pior do que isso.

Sophie sorriu.

– Acha que consegue se virar para um dos lados da cama para que eu troque os lençóis?

Ele assentiu e obedeceu. Enquanto Sophie agia, Benedict manteve os olhos fechados.

– Técnica interessante, esta – comentou ele quando ela terminou.

– A mãe da Sra. Cavender costumava visitá-la com frequência – explicou Sophie. – Como ela só ficava na cama, precisei aprender a trocar os lençóis com ela deitada. Não é muito difícil.

Ele assentiu.

– Vou voltar a dormir agora.

Ela deu um tapinha tranquilizador no ombro dele. Simplesmente não conseguiu evitar.

– Estará se sentindo melhor pela manhã – sussurrou ela. – Eu prometo.

CAPÍTULO 9

Dizem que médicos são os piores pacientes, mas esta autora acha que qualquer homem é um paciente terrível. Pode-se dizer que é preciso paciência para ser um paciente, e Deus sabe que os machos da nossa espécie não têm muita paciência.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE MAIO DE 1817

A primeira coisa que Sophie fez na manhã seguinte foi gritar.

Ela caíra no sono na cadeira ao lado da cama de Benedict, com as pernas abertas de um modo muito deselegante e a cabeça caída para o lado numa posição bastante desconfortável. Tivera um sono a princípio leve, atenta a qualquer sinal de desconforto de Benedict. Mas, depois de cerca de uma hora, graças ao silêncio, a exaustão a venceu e ela caiu num sono mais profundo, do qual se deve despertar em paz, com um sorriso descansado e tranquilo no rosto.

E deve ter sido por isso que, quando abriu os olhos e viu dois estranhos a encarando, levou um susto tão grande que foram necessários cinco minutos para que seu coração desacelerasse.

– Quem são vocês?

As palavras saíram da boca de Sophie antes que ela se desse conta de quem eles deviam ser: o Sr. e a Sra. Crabtree, os caseiros do Meu Chalé.

– Quem é *você*? – perguntou o homem, num tom nem um pouco hostil.

– Sophie Beckett – retrucou ela, engolindo em seco. – Eu... – Ela apontou para Benedict. – Ele...

– Desembuche, menina!

– Não a trate mal – foi o resmungo que veio da cama.

Os três viraram a cabeça na direção de Benedict.

– O senhor acordou! – exclamou Sophie.

– Seria melhor ter continuado dormindo – murmurou ele. – Minha garganta parece estar pegando fogo.

– Quer que eu vá buscar mais água? – ofereceu Sophie com solicitude.

Ele balançou a cabeça.

– Chá. Por favor.

Ela se levantou.

– Vou pegar.

– *Eu* pego – disse a Sra. Crabtree com firmeza.

– Precisa de alguma ajuda? – perguntou Sophie timidamente.

Alguma coisa naqueles dois fazia com que ela se sentisse com 10 anos. Ambos eram baixos e atarracados, mas exalavam autoridade.

A Sra. Crabtree balançou a cabeça.

– Que tipo de governanta serei eu se não puder preparar um bule de chá?

Sophie engoliu em seco mais uma vez. Não soube dizer se a Sra. Crabtree estava zangada ou brincando.

– Eu não quis dizer...

A mais velha dispensou seu pedido de desculpas com um aceno de mão.

– Deseja uma xícara?

– A senhora não deve trazer nada para mim – afirmou Sophie. – Sou uma cria...

– Traga-lhe uma xícara – ordenou Benedict.

– Mas... – disse Sophie.

Ele apontou o dedo para ela, resmungou um “Fique quieta”, depois se virou para a Sra. Crabtree e lhe deu um sorriso capaz de derreter uma calota polar.

– Faria a gentileza de incluir uma xícara para a Srta. Beckett na bandeja?

– Claro, Sr. Bridgerton – respondeu ela. – Mas posso dizer...

– Pode dizer o que desejar assim que retornar com o chá – prometeu ele.

Ela lhe lançou um olhar severo.

– Tenho muito a dizer.

– Disso eu não tenho dúvida.

Benedict, Sophie e o Sr. Crabtree esperaram em silêncio que a Sra. Crabtree saísse do quarto e então, quando ela já não podia mais escutar, o Sr. Crabtree deu uma gargalhada e comentou:

– O senhor está enrascado, Sr. Bridgerton!

Ele deu um sorriso fraco.

O Sr. Crabtree se virou para Sophie e explicou:

– Quando a Sra. Crabtree tem muito a dizer, ela realmente tem muito a dizer.

– Ah – respondeu Sophie.

Gostaria de ter falado algo um pouco mais articulado, mas “ah” foi a única coisa em que conseguiu pensar tão de repente.

– E quando ela tem muito a dizer – continuou o Sr. Crabtree, com um sorriso irônico –, ela gosta de fazê-lo com muita ênfase.

– Ainda bem que teremos nosso chá para nos manter ocupados – retrucou Benedict com a voz seca.

O estômago de Sophie roncou alto.

– E – continuou Benedict, olhando para ela com ar divertido – também um belo café da manhã, se bem conheço a Sra. Crabtree.

O Sr. Crabtree assentiu.

– Já está pronto, Sr. Bridgerton. Vimos seus cavalos no estábulo quando voltamos da casa de nossa filha agora de manhã, e a Sra. Crabtree começou a preparar o desjejum no mesmo instante. Ela sabe que o senhor adora ovos.

Benedict se virou para Sophie e lhe deu um sorriso conspiratório.

– Adoro mesmo.

O estômago dela roncou de novo.

– Mas não sabíamos que havia duas pessoas – comentou o Sr. Crabtree.

Benedict riu, encolhendo-se de dor.

– Duvido que a Sra. Crabtree não tenha preparado o suficiente para alimentar um pequeno exército.

– Bem, ela não teve tempo para preparar um café completo, com torta de carne e peixe – retrucou o Sr. Crabtree –, mas creio que tenha bacon, presunto, ovos e torrada.

O estômago de Sophie roncou alto mais uma vez. Ela levou a mão à barriga, mal resistindo à vontade de sibilar “Silêncio!”.

– Devia ter mandado nos avisar que viria – acrescentou o caseiro, balançando um dedo na direção de Benedict. – Jamais teríamos saído de casa se soubéssemos que apareceria.

– Foi uma decisão de última hora – explicou Benedict, alongando o pescoço de um lado a outro. – Fui a uma festa ruim e decidi vir embora.

O Sr. Crabtree acenou para Sophie com a cabeça.

– E ela? De onde veio?

– Ela estava na festa.

– Eu não estava *na festa* – corrigiu Sophie. – Apenas estava na casa.

O Sr. Crabtree olhou para ela com ar desconfiado.

– Qual é a diferença?

– Eu não estava participando da festa. Eu era criada da casa.

– A senhorita é uma criada?

Sophie assentiu.

– É o que tentei lhes dizer.

– Você não parece uma criada. – O Sr. Crabtree se virou para Benedict. – O senhor acha que ela parece ser uma criada?

Benedict deu de ombros, impotente.

– Eu não sei o *que* ela parece ser.

Sophie fez uma careta para ele. Podia não ter sido um insulto, mas com certeza não fora um elogio.

– Se ela é criada de outra pessoa – insistiu o Sr. Crabtree –, então o que está fazendo aqui?

– Posso guardar minhas explicações até a Sra. Crabtree voltar? – indagou Benedict. – Já que ela irá repetir todas as suas perguntas?

O Sr. Crabtree olhou para ele por um instante, piscou, assentiu e se virou para Sophie.

– Por que está vestida assim?

Sophie olhou para baixo e se deu conta, horrorizada, de que se esquecera por completo de que estava usando trajes masculinos. E tão grandes que ela mal conseguia evitar que as calças caíssem a seus pés.

– Minhas roupas estavam molhadas por causa da chuva – explicou.

O Sr. Crabtree assentiu com ar solidário.

– Foi uma tempestade e tanto a de ontem à noite. Por isso ficamos na casa da nossa filha. Tínhamos planejado voltar, sabem?

Benedict e Sophie assentiram.

– Ela não mora muito longe – continuou o Sr. Crabtree. – Sua casa fica do outro lado da cidade.

Ele olhou para Benedict, que anuiu novamente.

– E está com um bebê novo – acrescentou. – Uma menina.

– Parabéns – disse Benedict, e Sophie viu por sua expressão que ele não estava apenas sendo educado, mas sincero.

Um forte barulho claudicante veio da escada. Só podia ser a Sra. Crabtree voltando com o café da manhã.

– Eu deveria ir ajudá-la – disse Sophie, dando um salto e correndo em direção à porta.

– Uma vez criada, sempre criada – comentou com sabedoria o Sr. Crabtree.

Benedict não teve certeza, mas ficou com a impressão de que Sophie estremeceu.

Um minuto depois, a Sra. Crabtree entrou no quarto carregando um esplêndido serviço de chá.

– Onde está Sophie? – perguntou Benedict.

– Desceu para buscar o resto – respondeu a Sra. Crabtree. – Deve voltar em um segundo. Boa moça – acrescentou num tom casual. – Mas está precisando de um cinto para aquelas calças que emprestou a ela.

Benedict sentiu um estranho aperto no peito quando pensou em Sophie, a arrumadeira, com as calças na altura dos tornozelos. Engoliu em seco ao se dar conta de que a sensação de aperto poderia muito bem se tratar de desejo.

Então gemeu e levou a mão ao pescoço na altura da garganta, porque engolir em seco era bastante desconfortável depois de uma noite de muita tosse.

– O senhor precisa de um dos meus tônicos – afirmou a Sra. Crabtree.

Benedict balançou a cabeça freneticamente. Certa vez tomara um dos tônicos dela e tivera ânsia de vômito por três horas.

– Não aceito não como resposta – alertou ela.

– Ela nunca aceita – acrescentou o Sr. Crabtree.

– O chá vai fazer maravilhas – retrucou Benedict bem rápido. – Tenho certeza.

Mas a Sra. Crabtree já estava pensando em outra coisa.

– Onde está aquela menina? – murmurou ela, voltando até a porta e olhando para fora do quarto. – Sophie! Sophie!

– Se conseguir impedir que ela me traga um tônico – sussurrou Benedict para o Sr. Crabtree em tom imperativo –, terá uma nota de cinco no bolso.

O caseiro ficou radiante.

– Considere feito!

– Lá vem ela – declarou a Sra. Crabtree. – Ah, meu Deus do céu.

– O que foi, querida? – quis saber o Sr. Crabtree, caminhando devagar na direção da porta.

– A pobrezinha não consegue carregar a bandeja e segurar as calças ao mesmo tempo – comentou ela em tom solidário.

– Não vai ajudá-la? – indagou Benedict.

– Ah, sim, é claro – disse ela, saindo apressadamente.

– Eu já volto – informou o Sr. Crabtree por cima do ombro. – Não quero perder isso.

– Alguém dê um cinto à moça! – gritou Benedict, mal-humorado.

Não lhe pareceu justo que todos fossem assistir ao pequeno espetáculo enquanto ele ficava preso à cama.

E estava mesmo preso à cama. A simples ideia de se levantar o deixou tonto.

Ele devia estar mais doente do que imaginara na noite anterior. Não tossia mais sem parar, mas sentia o corpo exausto. Todos os seus músculos doíam, assim como sua garganta. Até os dentes pareciam doloridos.

Vagas lembranças de Sophie tomando conta dele lhe vieram à mente. Ela pusera compressas frias em sua testa, não saíra de seu lado e até lhe cantara uma canção de ninar. Mas até aquela manhã Benedict não chegara de fato a ver seu rosto. Durante a maior parte do tempo, não tivera forças nem para abrir os olhos. E mesmo quando conseguia, o quarto estava escuro, deixando-a sempre oculta pelas sombras, fazendo-o se lembrar de...

Benedict prendeu a respiração, com o coração batendo muito depressa no peito, como se, num lampejo repentino de clareza, se lembrasse de seu sonho.

Ele sonhara com *ela*.

Não era um sonho novo, embora fizesse meses desde a última vez que o tivera. Também não era uma fantasia inocente. Benedict não era nenhum santo e, quando sonhava com a mulher do baile de máscaras, ela não usava o vestido prateado.

Não usava nada, pensou com um sorriso malicioso.

Mas o que o deixava perplexo era o fato de aquele sonho ter retornado agora, depois de tantos meses de dormência. Fora algo em Sophie que o despertara? Ele achava – na verdade, esperava – que a ausência do sonho significasse que a superara.

Pelo jeito, isso não tinha acontecido.

Com certeza, Sophie não se parecia com a mulher com quem ele dançara dois anos antes. Ela tinha o cabelo diferente e era magra demais. Ele se lembrava com clareza da sensação da mulher mascarada em seus braços. Era exuberante e curvilínea. Comparada a ela, Sophie era esquelética. Pensou que as vozes das duas eram um pouco parecidas, mas precisava admitir que, com o passar do tempo, suas lembranças daquela noite ficavam menos vívidas, e sua recordação da voz de sua dama misteriosa não era mais tão exata. Além disso, o sotaque de Sophie, ainda que excepcionalmente refinado para uma arrumadeira, não era tão aristocrático quanto o *dela*.

Benedict soltou um grunhido de frustração. Detestava chamar a mulher do baile de "ela". Esse parecia o pior dos segredos. Ela não lhe contara nem sequer seu nome. Parte dele desejava que ela tivesse mentido e lhe dito um nome falso. Ao menos ele teria algo com que se lembrar dela.

Alguma coisa para sussurrar à noite, quando estivesse olhando fixamente pela janela, imaginando por onde ela andava.

Benedict foi poupado de mais pensamentos semelhantes pelos barulhos de tropeços no corredor. O Sr. Crabtree foi o primeiro a retornar, cambaleando com o peso da bandeja do café da manhã.

– Cadê elas? – perguntou Benedict, desconfiado, olhando para a porta.

– A Sra. Crabtree foi procurar uma roupa adequada para Sophie – respondeu o homem, pousando a bandeja na mesa de Benedict. – Presunto ou bacon?

– Ambos. Estou faminto. E como assim, "roupa adequada"?

– Um vestido, Sr. Bridgerton. É o que as mulheres vestem.

Benedict teve vontade de atirar um toco de vela nele.

– O que eu quis dizer foi onde ela vai *encontrar* um vestido – retrucou ele com uma paciência de santo.

O Sr. Crabtree se aproximou do patrão com uma bandeja contendo um prato cheio e a pousou no colo dele.

– A Sra. Crabtree tem vários vestidos extras, e não se incomoda nem um pouco em emprestá-los.

Benedict se engasgou com a garfada de ovo que enfiara na boca.

– A Sra. Crabtree está longe de ter o mesmo tamanho de Sophie.

– O senhor também – observou o Sr. Crabtree –, e ela estava vestindo suas

roupas perfeitamente.

– Pensei que haviam dito que as calças tinham caído no corredor.

– Bem, não precisamos ter essa preocupação em relação a um vestido, não é? Acho difícil que o buraco da cabeça escorregue pelos ombros dela.

Benedict decidiu que era melhor para a própria sanidade cuidar da própria vida e se concentrou na refeição. Estava no terceiro prato quando a Sra. Crabtree apareceu.

– Voltamos! – anunciou ela.

Sophie entrou no quarto em silêncio, com o vestido volumoso da Sra. Crabtree quase a engolindo. Exceto, é claro, nos tornozelos, porque a Sra. Crabtree devia ser uns 10 centímetros mais baixa do que Sophie.

A mulher estava radiante:

– Ela não está linda?

– Sim, demais – respondeu Benedict, retorcendo os lábios.

Sophie olhou para ele com raiva.

– Você terá bastante espaço para o café – comentou ele, entusiasmado.

– É só até as roupas dela estarem limpas – explicou a Sra. Crabtree. – E pelo menos ela está decente. – A mulher se aproximou de Benedict. – Como está o seu desjejum, Sr. Bridgerton?

– Delicioso – retrucou ele. – Fazia meses que não comia tão bem.

A Sra. Crabtree se inclinou para ele e sussurrou:

– Gostei da sua Sophie. Podemos ficar com ela?

Benedict se engasgou. Não soube com o quê, mas se engasgou mesmo assim.

– Como?

– O Sr. Crabtree e eu não somos mais tão jovens. Uma ajudante seria útil por aqui.

– Eu, hã, bem... – ele pigarreou. – Vou pensar no caso.

– Ótimo. – A Sra. Crabtree foi até o outro lado do quarto e agarrou o braço de Sophie. – Venha comigo. Seu estômago está roncando a manhã inteira. Quando foi a última vez que comeu?

– Hã, acho que ontem.

– Ontem a que horas? – insistiu a Sra. Crabtree.

Benedict escondeu um sorriso com o guardanapo. Sophie parecia absolutamente estupefata. A Sra. Crabtree tinha a tendência de provocar esse

sentimento nas pessoas.
– Hã, bem, na verdade...
A Sra. Crabtree pôs as mãos na cintura. Benedict sorriu. Agora Sophie ia ver com quem estava lidando.
– Você vai me dizer que não comeu nada ontem? – explodiu a Sra. Crabtree.
Sophie lançou um olhar desesperado para Benedict. Ele fez um gesto de que não tinha nada a ver com aquilo. Além disso, estava gostando muito de ver a Sra. Crabtree preocupada com ela. Poderia apostar que havia anos que ninguém demonstrava qualquer interesse pela pobre moça.
– Eu estava muito ocupada ontem – desconversou Sophie.
Benedict franziu a testa. Ela devia estar ocupada correndo de Phillip Cavender e do bando de idiotas que ele chamava de amigos.
A Sra. Crabtree empurrou Sophie para a cadeira que ficava atrás da escrivaninha.
– Coma – ordenou.
Sophie atacou a comida. Era evidente que ela tentava ser o mais bem-educada possível, mas a fome deve ter falado mais alto, porque depois de um minuto ela quase empurrava a comida para dentro da boca com as mãos.
Foi só quando percebeu que estava com a mandíbula travada que Benedict se deu conta da fúria que sentia. Não sabia ao certo em relação a quem, mas não gostou de ver Sophie tão faminta.
Ele e a arrumadeira tinham criado uma ligação estranha. Ele a salvara, e ela fizera o mesmo com ele. Ah, Benedict duvidava de que a febre da noite anterior pudesse tê-lo matado. Se fosse algo realmente grave, ele ainda estaria lutando contra ela. Mas Sophie cuidara dele e se preocupara com seu conforto, e isso devia ter acelerado sua recuperação.
– Pode garantir que ela coma pelo menos mais um prato? – perguntou a Sra. Crabtree a Benedict. – Vou arrumar um quarto para ela.
– Nos alojamentos dos criados – disse Sophie com rapidez.
– Não seja boba. Enquanto não for contratada, não é uma criada aqui.
– Mas...
– Não quero ouvir mais uma palavra a respeito disso – interrompeu a Sra. Crabtree.
– Precisa da minha ajuda, querida? – ofereceu o Sr. Crabtree.

A Sra. Crabtree assentiu e num instante o casal saiu do quarto.

Sophie fez uma pausa em sua missão de ingerir o máximo de comida possível para olhar para a porta através da qual os dois tinham acabado de desaparecer. Imaginou que eles a consideravam uma semelhante, porque, se fosse qualquer coisa além de uma criada, jamais teria sido deixada a sós com Benedict. Reputações podiam ser destruídas por muito menos.

– Você não comeu o dia todo ontem, não foi? – perguntou Benedict baixinho.

Sophie assentiu.

– A próxima vez que eu vir Cavender – rosnou ele –, vou bater nele até lhe tirar sangue.

Se fosse uma pessoa melhor, Sophie teria ficado horrorizada, mas não conseguiu deixar de sorrir ao pensar em Benedict defendendo ainda mais a sua honra. Ou em ver Phillip Cavender com o nariz deslocado para a testa.

– Sirva-se de mais um prato – disse Benedict. – Nem que seja pelo meu bem. Posso garantir que a Sra. Crabtree contou quantos ovos e tiras de bacon havia na bandeja quando ela saiu, e vai me comer vivo se o número não tiver diminuído quando retornar.

– É uma senhora muito boa – comentou Sophie, servindo-se dos ovos.

O primeiro prato não tinha dado nem para a saída. Ela não precisava de qualquer estímulo extra para comer mais.

– Ótima – concordou Benedict.

Sophie equilibrou habilmente uma fatia de presunto entre um garfo e uma colher e a passou para o prato.

– Como está se sentindo hoje, Sr. Bridgerton?

– Bem, obrigado. Muito melhor do que ontem à noite.

– Fiquei bastante preocupada com o senhor – continuou ela, espetando um canto do presunto com o garfo e cortando um pedaço com a faca.

– Foi muito gentil de sua parte cuidar de mim.

Ela mastigou, engoliu e então disse:

– Não foi nada. Qualquer um teria feito o mesmo.

– Talvez – retrucou ele –, mas não com tanta graça e bom humor.

Sophie sustentou o garfo no ar.

– Obrigada – falou baixinho. – Foi um elogio encantador.

– Eu não... hã... – respondeu ele, então pigarreou.

Sophie olhou para Benedict com curiosidade, esperando que terminasse fosse lá o que quisesse dizer.
– Deixe para lá – murmurou ele.
Decepcionada, ela pôs outro pedaço de presunto na boca.
– Eu não fiz nada de que precise me desculpar, fiz? – disparou ele de repente.
Sophie cuspiu o presunto no guardanapo.
– Acho que devo interpretar isto como um sim – resmungou ele.
– Não! – falou ela com rapidez. – De modo algum. O senhor apenas me assustou.
Ele estreitou os olhos.
– Você não mentiria para mim sobre isso, certo?
Sophie balançou a cabeça enquanto se lembrava do único e perfeito beijo que lhe dera. Ele não fizera nada que exigisse um pedido de desculpas, mas isso não significava que *ela* não tivesse feito.
– Você ficou vermelha – acusou ele.
– Não fiquei, não.
– Ficou, sim – insistiu ele.
– Se fiquei, foi por imaginar por que o *senhor* acharia que teria algum motivo para se desculpar – respondeu ela atrevidamente.
– Você tem a língua ferina para uma criada.
– Sinto muito – disse Sophie com rapidez.
Ela precisava lembrar qual era o seu lugar. Mas era difícil fazer isso com aquele homem, o único membro da sociedade que a havia tratado, ainda que por poucas horas, como uma semelhante.
– Eu falei isso como um elogio – retrucou Benedict. – Não se reprima por minha causa.
Sophie ficou em silêncio.
– Eu a acho muito... – ele fez uma pausa, obviamente procurando a palavra correta – revigorante.
– Ah – Ela soltou o garfo. – Obrigada.
– Tem planos para o restante do dia? – perguntou ele.
Ela olhou para seus trajes imensos e fez uma careta.
– Pensei em esperar que minhas roupas fiquem secas e então ver se alguma das casas vizinhas está precisando de uma arrumadeira.

Benedict olhou para ela de cara feia.
– Eu disse que vou conseguir um emprego para você na casa de minha mãe.
– E eu agradeço – retrucou Sophie rapidamente. – Mas preferiria ficar no campo.
Ele deu de ombros daquele jeito que fazem os que nunca levaram uma grande rasteira da vida.
– Pode trabalhar em Aubrey Hall, então. Em Kent.
Sophie mordeu o lábio inferior. Não podia dizer que não queria trabalhar para a mãe dele porque isso a obrigaria a vê-lo.
Não conseguia pensar em nada tão torturante quanto isso.
– O senhor não deveria me ver como responsabilidade sua – retrucou ela, afinal.
Ele lhe lançou um olhar de superioridade.
– Eu prometi que encontraria um novo emprego para você.
– Mas...
– O que há para discutir?
– Nada – resmungou ela. – Absolutamente nada.
Era óbvio que não adiantava discutir com ele naquele momento.
– Ótimo. – Benedict se recostou nos travesseiros, satisfeito. – Fico feliz que concorde comigo.
Sophie se levantou.
– É melhor eu ir.
– Fazer o quê?
Ela se sentiu bastante estúpida ao responder:
– Não sei.
Ele sorriu.
– Divirta-se, então.
Ela fechou a mão em torno do cabo da colher de servir.
– Não faça isso – avisou ele.
– Não faça o quê?
– Não atire a colher.
– Eu nem sonharia em fazer tal coisa – disse ela com firmeza.
Ele riu alto.
– Ah, sonharia, sim. Está sonhando com isso neste instante. Só não tem

coragem de ir em frente.
Sophie segurava a colher com tal força que sua mão tremia.
Benedict ria tanto que sua cama sacudia.
Sophie se levantou, ainda com a colher na mão.
Ele sorriu.
– Está pensando em levá-la com você?
Lembre-se do seu lugar, disse Sophie a si mesma. *Lembre-se do seu lugar*.
– Em que você poderia estar pensando para parecer tão adoravelmente furiosa? – provocou Benedict. – Não, não me conte – acrescentou. – Estou certo de que envolve minha morte prematura e dolorosa.
Devagar e com cuidado, Sophie virou as costas para ele e pôs a colher em cima da mesa. Não queria arriscar nenhum movimento brusco. Um movimento em falso e sabia que a atiraria na cabeça dele.
Benedict levantou as sobrancelhas com ar de aprovação.
– Isso foi muito maduro de sua parte.
Sophie se virou lentamente.
– O senhor é tão encantador com todo mundo ou apenas comigo?
– Ah, apenas com você – falou ele, sorrindo. – Preciso garantir que aceite minha oferta de lhe conseguir um emprego com minha mãe. Você desperta o que há de melhor em mim, Srta. Sophie Beckett.
– Isto é o melhor? – perguntou ela, parecendo incrédula.
– Infelizmente.
Ela apenas balançou a cabeça a caminho da porta. Conversas com Benedict Bridgerton podiam ser exaustivas.
– Ah, Sophie! – chamou ele.
Ela se virou.
Ele sorriu com ar travesso.
– Eu sabia que você não atiraria a colher.
O que aconteceu em seguida não foi culpa de Sophie. Ela teve certeza de que foi, por um breve momento, possuída por um demônio, porque não reconheceu a mão que avançou para a mesinha ao lado e pegou o toco de uma vela. É verdade que a mão parecia estar bem presa ao seu braço, mas não lhe pareceu nem um pouco familiar ao se levantar e atirar o toco do outro lado do quarto.
Direto na cabeça de Benedict Bridgerton.

Sophie nem esperou para ver se acertara o alvo. Mas, ao sair pela porta, ouviu Benedict explodir numa gargalhada. Então o escutou gritar:

– Muito bem, Srta. Beckett!

E ela se deu conta de que, pela primeira vez em anos, seu sorriso foi de pura e absoluta alegria.

CAPÍTULO 10

Embora tenha confirmado presença (pelo menos é o que diz Lady Covington), Benedict Bridgerton não compareceu ao baile Covington anual. Isso gerou reclamações de moças (e de suas mães) em todo o salão de baile.

Segundo Lady Bridgerton (a mãe dele, não a cunhada), o Sr. Bridgerton foi para o campo na semana passada e não deu notícias desde então. Aqueles que estão preocupados com a saúde e o bem-estar dele não têm o que temer. A matriarca pareceu mais incomodada do que preocupada. No ano passado, nada menos do que quatro casais se formaram no baile Covington. No ano anterior, três.

Para a consternação de Lady Bridgerton, se aparecer algum novo casal no evento desta temporada, seu filho Benedict não estará entre os noivos.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
5 DE MAIO DE 1817

Benedict logo descobriu que havia vantagens numa recuperação longa.

A mais evidente era a quantidade e variedade da melhor comida levada para ele da cozinha da Sra. Crabtree. Benedict sempre comera muito bem no Meu Chalé, mas a governanta de fato fazia um esforço extra quando havia alguém doente. E, melhor ainda, o Sr. Crabtree conseguira interceptar todos os tônicos da esposa e os substituir pelo melhor conhaque de Benedict, que bebeu cada gota com obediência. Mas da última vez que olhou pela janela, parecia que três de suas roseiras haviam morrido, provavelmente por serem o local escolhido pelo Sr. Crabtree para derramar o tônico.

Foi um triste sacrifício, porém do tipo que Benedict estava mais do que disposto a fazer depois de sua última experiência com os tônicos da Sra. Crabtree.

Outro privilégio de ficar acamado foi o simples fato de que, pela primeira vez em anos, ele pôde aproveitar algum tempo de tranquilidade. Leu, desenhou e até fechou os olhos para simplesmente sonhar acordado – tudo sem se sentir culpado por negligenciar esta ou aquela atividade ou tarefa.

Benedict logo decidiu que seria muito feliz levando a vida dos indolentes.

No entanto, a melhor parte de sua recuperação foi, de longe, Sophie. Ela aparecia em seu quarto várias vezes por dia, algumas vezes para afofar seus travesseiros, outras para lhe levar algo para comer, às vezes apenas para ler para ele. Benedict tinha a sensação de que sua diligência se devia ao desejo de se sentir útil e de lhe agradecer por salvá-la de Phillip Cavender.

Mas ele não se importava muito com o motivo que a fazia ir vê-lo. Apenas gostava que o fizesse.

Ela tinha sido quieta e reservada no começo, claramente tentando respeitar o padrão de que criados não devem ser vistos ou ouvidos. Mas Benedict não aceitara esse comportamento e passara a envolvê-la nas conversas apenas para que ela não saísse do quarto. Ou então a incitava e alfinetava apenas para lhe provocar alguma reação, porque gostava muito mais dela cuspindo fogo do que dócil e submissa.

Porém, gostava sobretudo de estar no mesmo ambiente que ela. Não importava se eles estavam conversando ou se ela se encontrava apenas sentada numa cadeira, folheando um livro enquanto ele olhava pela janela.

Alguma coisa na presença de Sophie fazia com que ele se sentisse em paz.

Uma batida repentina na porta o despertou de seus pensamentos e ele levantou o olhar com entusiasmo, dizendo:

– Pode entrar!

Sophie enfiou a cabeça pela abertura, com os cachos na altura dos ombros balançando levemente ao encostar na porta.

– A Sra. Crabtree achou que talvez quisesse um chá.

– Chá? Ou chá e biscoitos?

Sophie sorriu, empurrando a porta com o quadril e equilibrando a bandeja.

– Chá e biscoitos, para ser exata.

– Ótimo. E você vai me acompanhar?

Ela hesitou, como sempre fazia, mas então assentiu, como também sempre fazia. Já aprendera que não havia como discutir com Benedict quando ele se

decidia a respeito de alguma coisa.
Ele gostava que fosse assim.
– Seu rosto está corado de novo – comentou ela ao depositar a bandeja sobre uma mesa próxima. – E não parece mais tão cansado. Pelo visto, logo o senhor estará de pé.
– Ah, em breve, tenho certeza – disse ele de forma evasiva.
– Está com a aparência cada dia mais saudável.
Ele sorriu, entusiasmado.
– Você acha?
Ela levantou o bule de chá e fez uma pausa antes de servir.
– Acho – falou, dando um sorriso irônico. – Eu não diria se não achasse.
Benedict observou as mãos de Sophie enquanto ela preparava o chá dele. Ela se movimentava com graciosidade inata e servia o chá como se fosse bem-nascida. A arte do chá da tarde claramente fora mais uma das lições que aprendera com os generosos empregadores da mãe. Ou quem sabe ela apenas tivesse observado com atenção outras damas se dedicando a essa tarefa. Benedict já havia reparado que Sophie era uma mulher muito observadora.
Eles já haviam realizado aquele ritual vezes suficientes para que ela não precisasse perguntar como ele preferia o chá – com leite, sem açúcar. Ela lhe passou a bebida e então serviu uma seleção de biscoitos e bolinhos num prato.
– Prepare uma xícara para você – disse Benedict, mordendo um biscoito – e venha se sentar comigo.
Ela hesitou mais uma vez. Ele sabia que ela faria isso, embora já tivesse concordado em acompanhá-lo. Mas Benedict era um homem paciente, e sua qualidade foi recompensada com um leve suspiro quando Sophie pegou outra xícara da bandeja.
Depois de preparar o próprio chá – dois torrões de açúcar, apenas um pouquinho de leite –, ela se sentou na cadeira forrada de veludo que ficava ao lado da cama dele e o observou por cima da borda da xícara enquanto tomava um gole.
– Não vai comer nenhum biscoito? – perguntou Benedict.
Ela balançou a cabeça.
– Comi alguns assim que saíram do forno.
– Sorte sua. Eles são sempre melhores ainda quentes. – Ele devorou um, tirou

algumas migalhas da manga e pegou outro. – E como passou o dia?

– Desde a última vez que o vi, há duas horas?

Benedict olhou para ela com uma expressão que significava que notara seu sarcasmo mas preferira não dizer nada.

– Ajudei a Sra. Crabtree na cozinha – contou Sophie. – Ela está fazendo um cozido de carne para o jantar e precisava de alguém para descascar as batatas. Depois, peguei um livro emprestado da sua biblioteca e li no jardim.

– É mesmo? Que livro?

– Um romance.

– Bom?

Ela deu de ombros.

– Bobo, mas romântico. Eu gostei.

– E você sonha com romance?

Ela ficou vermelha no mesmo instante.

– É uma pergunta bastante pessoal, não acha?

Benedict deu de ombros e já ia dizer algo insolente, como “Não custava tentar”, quando viu as bochechas dela ficando deliciosamente rosadas enquanto ela baixava os olhos e foi tomado por uma sensação muito estranha.

Ele se deu conta de que a desejava.

Desejava mesmo, de verdade.

Benedict não soube ao certo por que isso o surpreendeu tanto. É claro que a desejava. Era homem, afinal de contas, e um homem não podia passar tanto tempo perto de uma mulher tão divertida e adorável como Sophie sem desejá-la. Ora, ele sentia algum desejo por metade das mulheres que conhecia.

Mas, naquele momento, com aquela mulher, o desejo se tornou urgente.

Benedict trocou de posição. Então, amontoou o cobertor no colo. E mudou de posição mais uma vez.

– Sua cama está desconfortável? – perguntou Sophie. – Quer que eu afofe os travesseiros?

O primeiro impulso de Benedict foi responder que sim, agarrá-la quando ela se inclinasse por cima dele e então fazer o que estava pensando, já que ambos estariam, de maneira muito conveniente, na cama.

Mas ele desconfiou que esse plano específico não funcionaria com Sophie. Dessa forma, apenas respondeu “estou bem” e fez uma careta quando se deu

conta de que sua voz saíra estranhamente estridente.
Ela sorriu ao olhar para os biscoitos no prato dele e dizer:
– Talvez só mais um.
Benedict tirou o braço do caminho para lhe dar acesso ao prato, que estava, ele percebeu um pouco tarde demais, em seu colo. A visão da mão de Sophie indo na direção de sua virilha – mesmo que seu alvo fossem os biscoitos – provocou uma sensação curiosa nele; em seus genitais, para ser exato.
Benedict teve uma súbita visão de coisas... *mudando* lá embaixo e agarrou o prato com rapidez, antes que ele se desequilibrasse.
– Importa-se se eu pegar o último...
– Sem problema! – grasnou ele.
Ela alcançou um biscoito de gengibre e franziu a testa.
– Sua aparência está melhor – falou, cheirando o biscoito de leve –, mas sua voz não. A garganta ainda o está incomodando?
Benedict tomou um gole de sua bebida.
– Nem um pouco. Devo ter me engasgado com uma migalha.
– Ah. Tome mais um pouco de chá, então, que logo passa. – Ela pousou a própria xícara. – Quer que eu leia para o senhor?
– Quero! – retrucou Benedict de imediato, reunindo o cobertor ao redor da cintura. Ela poderia tentar tirar o prato que havia posicionado de forma estratégica, então com que cara ele ficaria?
– Tem certeza de que está bem? – insistiu Sophie, parecendo muito mais desconfiada do que preocupada.
Ele deu um sorriso tenso.
– Estou ótimo.
– Muito bem – disse ela, se levantando. – O que quer que eu leia?
– Ah, qualquer coisa – respondeu ele, com um aceno displicente da mão.
– Poesia?
– Ótimo.
Ele teria dito isso mesmo que ela tivesse se oferecido para ler uma dissertação sobre botânica nas tundras árticas.
Sophie foi até uma estante e examinou os títulos.
– Byron? – perguntou. – Blake?
– Blake – disse ele com bastante firmeza. Uma hora das baboseiras românticas

de Byron talvez o levasse ao desespero.
Ela tirou um exemplar fino de poesia da prateleira e voltou à cadeira, farfalhando a barra do vestido nada atraente antes de se sentar.
Benedict franziu a testa. Nunca havia notado como o traje dela era feio. Não era tão ruim quanto o que a Sra. Crabtree lhe emprestara, mas com certeza não fora pensado para destacar o melhor de uma mulher.
Ele precisava lhe comprar uma roupa nova. Sophie jamais a aceitaria, é claro, mas quem sabe se seu modelito atual fosse queimado por acidente...
– Sr. Bridgerton?
Mas como ele conseguiria queimar o vestido dela? Ela não poderia estar usando-o, e isso por si só já era um desafio...
– O senhor está me escutando? – perguntou Sophie.
– Hum?
– O senhor *não* está prestando atenção.
– Perdão – disse ele. – Desculpe-me, eu me distraí. Por favor, prossiga.
Ela recomeçou a ler, e, numa tentativa de demonstrar quanto estava atento, Benedict fixou os olhos nos lábios dela, o que se revelou um grande erro.
Porque de repente aqueles lábios eram tudo o que ele podia ver, e não conseguia parar de pensar em beijá-la, e Benedict sabia – simplesmente *sabia* – que se um deles não saísse do quarto nos trinta segundos seguintes, ele iria fazer algo pelo qual precisaria se desculpar mil vezes.
Não que não planejasse seduzi-la. Só que preferia fazê-lo com um pouco mais de elegância.
– Ah, puxa – disparou ele.
Sophie olhou para ele com uma expressão de estranhamento. Benedict não a culpou. Ele parecia um idiota completo. Devia fazer anos que não pronunciava a expressão “Ah, puxa”. Se é que algum dia a pronunciara.
Droga, parecia a própria mãe falando.
– Algum problema? – perguntou Sophie.
– Acabei de me lembrar de uma coisa – disse ele de um jeito bastante estúpido, na própria opinião.
Ela levantou as sobrancelhas com um ar curioso.
– Me esqueci de algo – continuou ele.
– Em geral as pessoas se lembram das coisas que haviam esquecido – retrucou

Sophie, parecendo achar a situação muito divertida.

Ele fez uma careta.

– Preciso de um pouco de privacidade.

Ela se levantou no mesmo instante.

– É claro – murmurou.

Benedict conteve um gemido. Droga. Ela parecia magoada. Ele não tivera a intenção de ferir seus sentimentos. Só precisava que ela saísse do quarto para que ele não a puxasse para a cama.

– É uma questão pessoal – explicou, tentando fazer com que Sophie se sentisse melhor, mas suspeitando que só estava parecendo ainda mais tolo.

– Ahhhhh – disse ela com ar de cumplicidade. – Gostaria que eu lhe trouxesse o urinol?

– Eu posso caminhar até o urinol – respondeu ele, se esquecendo de que não precisava urinar de fato.

Ela assentiu e se levantou, largando o livro de poesia em cima de uma mesa próxima.

– Vou deixá-lo a sós. Basta tocar a campainha quando precisar de mim.

– Não vou chamá-la como a uma criada – resmungou ele.

– Mas eu *sou* uma...

– Para mim, não é – disse Benedict.

As palavras saíram um pouco mais ríspidas do que o necessário, mas ele sempre detestara homens que atacavam criadas indefesas. A ideia de que podia estar se transformando numa dessas criaturas repugnantes lhe dava engulhos.

– Está bem – retrucou Sophie, pronunciando as palavras obedientemente, como uma criada.

Então ela assentiu como uma criada – ele teve quase certeza de que ela fez isso apenas para irritá-lo – e se retirou.

No instante em que Sophie saiu do quarto, Benedict saltou da cama e correu até a janela. Ótimo. Não havia ninguém à vista. Ele tirou a roupa de dormir, vestiu calças, uma camisa e um casaco e olhou pela janela mais uma vez. Ótimo. Ninguém ainda.

– Botas, botas – resmungou, procurando pelo quarto.

Por onde andavam suas botas? Não as boas, mas as que usava para caminhar na lama... Ah, ali estavam. Agarrou-as e as calçou.

De volta à janela. Nem uma alma à vista. Ótimo. Benedict passou uma perna por cima do peitoril, depois a outra, em seguida se agarrou ao galho comprido e forte de um olmo próximo. De lá, bastou um simples salto até o chão.

Então, seguiu direto para o lago. O lago gelado.

Para dar um mergulho muito gelado.

– Se ele precisava do urinol – resmungou Sophie, sozinha –, bastava ter dito. Como se eu nunca tivesse colocado as mãos em um urinol antes...

Ela desceu a escada até o piso principal, sem saber muito bem por quê (não tinha nada específico para fazer lá), mas continuou porque não conseguia pensar em nada melhor naquele momento.

Não entendia por que ele tinha tanta dificuldade em tratá-la como o que ela era – uma criada. Ficava insistindo que ela não trabalhava para ele e que não precisava fazer nada para pagar sua estada no Meu Chalé. Além disso, garantia que encontraria um emprego para ela na casa da mãe.

Se ele simplesmente a tratasse como uma criada, Sophie não se importaria em lembrar que era uma ninguém, uma filha ilegítima, e ele, membro de uma das famílias mais ricas e influentes da sociedade. Toda vez que Benedict agia como se ela fosse uma pessoa de verdade (e, pela experiência dela, a maioria dos aristocratas não via os criados nem de longe dessa forma), ela recordava a noite do baile de máscaras, quando fora, durante uma noite perfeita, uma dama glamourosa – o tipo de mulher que tinha o direito de sonhar com um futuro ao lado de Benedict Bridgerton.

Ele agia como se de fato gostasse da companhia dela. E talvez gostasse mesmo. Mas isso era o mais cruel de tudo, porque fazia com que ela o amasse, com que uma pequena parte dela pensasse que podia sonhar com ele.

E então ela precisava lembrar a si mesma da realidade da situação, e isso doía muito.

– Ah, aí está você, Srta. Sophie!

Sophie levantou os olhos, que acompanhavam distraidamente as rachaduras do piso de parquete, e viu a Sra. Crabtree descendo a escada atrás dela.

– Bom dia, Sra. Crabtree – cumprimentou Sophie. – Como vai o ensopado de carne?

– Bem, bem – respondeu ela. – Está faltando um pouco de cenoura, mas acho que ficará saboroso mesmo assim. Por acaso viu o Sr. Bridgerton?

Sophie piscou, surpresa com a pergunta.

– Estava no quarto dele há um instante.

– Bem, não está lá agora.

– Acho que ele precisava usar o urinol.

A Sra. Crabtree nem corou. Criados costumavam falar sobre esse tipo de coisa a respeito dos patrões.

– Bem, se ele precisava usar, não usou, se entende o que quero dizer. O quarto estava perfumado como um dia fresco de primavera.

Sophie franziu a testa.

– E ele não estava lá?

– Não havia nem sinal dele.

– Não imagino aonde possa ter ido.

A Sra. Crabtree apoiou as mãos nos quadris largos.

– Vou procurar no andar de baixo e você dá uma olhada no de cima. Uma de nós vai acabar o encontrando.

– Não sei se é uma boa ideia, Sra. Crabtree. Se ele saiu do quarto, deve ter um bom motivo para isso. Talvez não queira ser encontrado.

– Mas ele está doente – protestou a outra.

Sophie considerou isso e então pensou na aparência dele. A pele apresentava um brilho saudável e ele não parecia nem um pouco cansado.

– Não tenho muita certeza disso, Sra. Crabtree – falou, afinal. – Acho que ele está se fingindo de doente.

– Não seja boba – zombou a Sra. Crabtree. – O Sr. Bridgerton jamais faria uma coisa dessas.

Sophie deu de ombros.

– Eu também acharia que não, mas realmente ele não parece estar mais nem um pouco enfermo.

– São os meus tônicos – garantiu a Sra. Crabtree, com um aceno de cabeça confiante. – Eu disse que eles iriam acelerar a recuperação dele.

Sophie testemunhara o Sr. Crabtree derramando os tônicos nas roseiras. Também vira o resultado disso. Não foi algo bonito de presenciar. Jamais saberia como conseguiu sorrir e assentir.

– Bem, eu gostaria de saber aonde ele foi – continuou a Sra. Crabtree. – Ele não deveria estar fora da cama, e sabe disso.

– Tenho certeza de que ele vai voltar logo – retrucou Sophie em tom tranquilizador. – Enquanto isso, a senhora precisa de alguma ajuda na cozinha?

A Sra. Crabtree balançou a cabeça.

– Não, não. O ensopado agora só precisa ficar no fogo. Além disso, o Sr. Bridgerton anda me repreendendo por permitir que você trabalhe.

– Mas...

– Sem discussão, por favor – interrompeu a Sra. Crabtree. – Ele tem razão, é claro. Você é uma hóspede aqui, e não deveria ter que levantar nem um dedo.

– Eu não sou uma hóspede – protestou Sophie.

– Bem, então é o quê?

Sophie fez uma pausa.

– Não faço ideia – disse ela, por fim. – Mas com certeza não sou uma hóspede. Uma hóspede seria... seria... – Esforçou-se para organizar os pensamentos e sentimentos. – Imagino que uma hóspede seria alguém da mesma classe social, ou ao menos próxima disso. Alguém que jamais tivesse precisado servir a outra pessoa, ou limpar pisos, ou esvaziar urinóis. Uma hóspede seria...

– Qualquer um que o dono da casa decida convidar é um hóspede – afirmou a Sra. Crabtree. – Essa é a beleza de ser o dono da casa. Ele pode fazer o que quiser. E você deveria parar de se autodepreciar. Se o Sr. Bridgerton prefere vê-la como uma hóspede, cabe a você aceitar a decisão dele e aproveitar. Quando foi a última vez que pôde viver com conforto, sem precisar morrer de trabalhar em troca?

– Ele não pode realmente me ver como hóspede da casa – murmurou Sophie. – Se visse, teria instalado uma acompanhante para proteger minha reputação.

– Como se eu fosse permitir qualquer coisa inconveniente na minha casa – vociferou a Sra. Crabtree.

– É claro que não permitiria – tranquilizou-a Sophie. – Mas quando há reputações em jogo, as aparências são tão importantes quanto os fatos. E, aos olhos da sociedade, uma governanta não se qualifica como acompanhante, não importa quão rígida e pura seja sua moral.

– Se isso é verdade, então você precisa de uma acompanhante, Srta. Sophie – retrucou a Sra. Crabtree.

– Não seja boba. Eu não preciso de uma acompanhante porque não sou da classe dele. Ninguém se importa que uma arrumadeira viva e trabalhe na casa de um homem solteiro. Ninguém a vê com maus olhos, e com certeza ninguém que pense em se casar com ela a considerará desonrada. – Sophie deu de ombros. – É como são as coisas. E obviamente é como o Sr. Bridgerton pensa, quer ele admita isso ou não, porque nunca disse uma palavra sobre minha presença aqui ser algo inadequado.

– Bem, eu não gosto disso – anunciou a Sra. Crabtree. – Não gosto disso nem um pouco.

Sophie apenas sorriu, porque foi muito gentil da parte da governanta se interessar por sua situação.

– Acho que vou sair para uma caminhada – comentou ela –, desde que a senhora tenha certeza de que não precisa da minha ajuda na cozinha. Posso não ser uma hóspede – continuou com um sorriso travesso –, mas é a primeira vez em anos que não sou uma criada e vou aproveitar enquanto durar meu tempo livre.

A Sra. Crabtree deu um tapinha sincero no ombro dela.

– Faça isso, Srta. Sophie. E me traga uma flor do passeio.

Sophie sorriu e foi em direção à porta da frente. O dia estava maravilhoso – quente e ensolarado para aquela época do ano –, e o ar tinha a suave fragrância das primeiras flores da primavera. Não se lembrava de quando fora a última vez que caminhara pelo simples prazer de aproveitar o ar fresco.

Benedict lhe falara sobre um lago próximo, e ela pensou que poderia ir até lá, talvez até mesmo mergulhar os pés na água caso se sentisse especialmente tentada.

Sorriu na direção do sol. O clima podia estar quente, mas a água com certeza ainda estava congelante, já que ainda era início de maio. Mesmo assim, seria uma boa sensação. Qualquer coisa que representasse momentos solitários de lazer e tranquilidade era bem-vinda.

Sophie fez uma pausa e franziu a testa, pensativa, para o horizonte. Benedict dissera que o lago ficava ao sul do Meu Chalé, não? Uma estradinha que ia para o sul a levaria direto para um caminho cheio de árvores, mas uma caminhada no meio do bosque com certeza não a mataria.

Ela seguiu pela floresta e passou por cima de raízes de árvores, afastando

galhos caídos do caminho e deixando-os estalando atrás de si. O sol mal passava pela cobertura de folhas acima dela – parecia mais a hora do crepúsculo do que meio-dia.

Avistou uma clareira à frente e imaginou tratar-se do lago. Conforme chegou mais perto, viu a luz do sol cintilando na água e deu um suspiro de satisfação, feliz por constatar que seguira na direção correta.

Mas, ao se aproximar ainda mais, ouviu o barulho de alguém mergulhando e se deu conta, curiosa e atemorizada ao mesmo tempo, de que não estava sozinha.

Como se encontrava a pouco mais de 3 metros da beira do lago, bem à vista de qualquer um que estivesse na água, logo se escondeu atrás do tronco de um grande carvalho. Se tivesse um pingo de sensatez, teria dado meia-volta e corrido para a casa, mas não conseguiu deixar de espiar ao redor da árvore para ver quem poderia ser louco o suficiente para nadar num lago tão no início da estação.

Ela se afastou do carvalho lenta e silenciosamente, tentando ser o mais discreta possível.

E viu um homem.

Um homem *nu*.

Um...

Benedict nu?

CAPÍTULO 11

Uma guerra de comadres foi deflagrada em Londres. Lady Penwood chamou a Sra. Featherington de ladra malcriada na frente de não menos que três mães da alta sociedade, incluindo a conhecida viscondessa de Bridgerton!

A Sra. Featherington reagiu chamando a casa de Lady Penwood de asilo, citando o péssimo tratamento que recebera lá sua camareira (cujo nome, esta autora descobriu, não é Estelle, como se disse a princípio, e, além disso, ela está longe de ser francesa. O nome da garota é Bess, e ela é de Liverpool).

Lady Penwood se afastou furiosa da discussão, seguida por uma das filhas, a Srta. Rosamund Reiling. Sua outra filha, Posy (que usava um horroroso vestido verde), ficou para trás com uma expressão de pesar até que a mãe voltou, agarrou-a pela manga e a arrastou para fora dali.

Não é esta autora quem faz as listas de convidados das festas da alta sociedade, mas é difícil imaginar que as Penwoods sejam convidadas para o próximo evento na casa da Sra. Featherington.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
7 DE MAIO DE 1817

Foi errado da parte dela ficar.

Muito errado.

Muito, muito errado.

E, mesmo assim, ela não se moveu um centímetro.

Encontrou uma rocha grande e lisa, quase toda escondida por um arbusto, e se sentou, sem tirar os olhos dele por um instante.

Benedict estava *nu*. Ela ainda não acreditava direito nisso.

Parte de seu corpo encontrava-se submersa, claro, com a água batendo nas costelas.

A região *mais baixa* das costelas, ela pensou, de forma irrefletida.

Ou talvez Sophie devesse ser sincera consigo mesma e corrigir seu pensamento anterior para: parte de seu corpo encontrava-se, *infelizmente*, submersa.

Ela era tão inocente como qualquer outra... bem, como qualquer outra jovem, mas era curiosa, e podia dizer que estava apaixonada por aquele homem. Seria tão malicioso assim desejar uma rajada de vento forte o suficiente para criar uma onda que afastasse a água do corpo dele e a levasse para outro lugar? Qualquer outro lugar?

Sim, seria. *Ela* era maliciosa, e não se importava com isso.

Passara a vida seguindo o caminho mais seguro, mais prudente. Apenas em uma noite abandonara a precaução. E fora a noite mais emocionante, mágica e maravilhosa de toda a sua existência.

Portanto ela decidiu continuar exatamente onde estava e ver o que tivesse que ver. Não tinha nada a perder. Não tinha emprego nem qualquer perspectiva além da promessa de Benedict de lhe conseguir um trabalho na casa da mãe (e, de qualquer maneira, ela tinha a sensação de que isso seria uma péssima ideia).

Então, Sophie se recostou, tentando não mexer um só músculo, e manteve os olhos muito, muito abertos.

Benedict nunca fora supersticioso e jamais pensara em si mesmo como o tipo de homem que tem um sexto sentido, mas uma ou duas vezes na vida experimentara uma estranha onda de consciência, uma espécie de sentimento místico vibrante que lhe avisou que algo importante estava acontecendo.

A primeira vez fora no dia em que seu pai morrera. Benedict nunca havia contado isso a ninguém, nem mesmo ao irmão mais velho, Anthony – que ficara devastado pela morte de Edmund –, mas, naquela tarde fatídica, quando ele e Anthony atravessavam os campos de Kent numa tola corrida de cavalos, ele sentira um estranho torpor nos braços e nas pernas, seguido por um latejamento muito incômodo na cabeça. Não tinha sido exatamente uma dor, mas algo que lhe tirara o ar dos pulmões e o deixara com a maior sensação de terror que ele poderia imaginar.

Acabara perdendo a corrida, é claro. Era difícil segurar rédeas quando os dedos se recusavam a funcionar direito. E, quando voltara para casa, descobrira que seu pânico não fora injustificado. Seu pai já estava morto, vítima de um colapso depois de ter sido picado por uma abelha. Benedict ainda tinha dificuldade para acreditar que um homem tão forte e vigoroso como o pai pudesse ser derrubado por um inseto, mas não houvera nenhuma outra explicação.

Na segunda vez que acontecera, no entanto, fora completamente diferente. Tinha sido na noite do baile de máscaras da mãe, logo antes de ver a mulher de vestido prateado. Como na outra ocasião, a sensação começara nos braços e pernas, mas, em vez de senti-los amortecidos, ele teve um formigamento estranho, como se de repente tivesse acordado depois de anos de sonambulismo.

Então, quando se virara e a vira, soube no mesmo instante que ela era o motivo pelo qual ele estava lá naquela noite, o motivo pelo qual morava na Inglaterra. Diabo, o motivo pelo qual ele havia nascido.

Claro, ela provara que ele estava errado ao desaparecer da face da terra. Mas, na ocasião, Benedict acreditara nisso tudo e, se ela tivesse deixado, o teria provado a ela também.

Agora, parado no meio do lago, com a água batendo-lhe na barriga logo acima do umbigo, ele foi tomado mais uma vez por aquele sentimento estranho de estar mais vivo do que alguns segundos antes. Era uma sensação boa, uma onda de emoção excitante, de tirar o fôlego.

Foi como da outra vez. Quando ele a conhecera.

Algo estava prestes a acontecer, ou talvez alguém se encontrasse por perto.

Sua vida estava a ponto de mudar.

Contorcendo os lábios, ele se deu conta de que estava nu como viera ao mundo. Isso não era vantagem alguma para um homem, a não ser que estivesse entre lençóis de seda com uma jovem atraente a seu lado.

Ou embaixo dele.

Benedict deu um passo na direção da parte mais funda do lago, com a lama macia passando-lhe entre os dedos dos pés. Agora a profundidade estava uns 5 centímetros maior. Ele estava congelando, mas ao menos estava quase todo coberto.

Correu os olhos pela margem, procurando entre as árvores e no meio dos arbustos. Tinha que haver alguém ali. Nada poderia explicar aquela estranha

sensação que agora tomara todo o seu corpo. E se o corpo dele era capaz de formigar dentro de um lago tão frio, deixando-o apavorado com a ideia de fitar suas partes pudendas (que pareciam ter encolhido até se reduzirem a nada, uma imagem nada agradável para um homem), devia ser um formigamento realmente muito forte.

– Quem está aí? – perguntou.

Não houve resposta. Ele não esperava de fato que alguém respondesse, mas não custava tentar.

Vasculhou a margem mais uma vez, dando um giro de 360 graus em busca de qualquer sinal de movimento. Não viu nada além das folhas balançando ao vento, mas, quando terminou a inspeção, de alguma forma ele soube.

– Sophie!

Ouviu alguém arfando e em seguida se movimentando freneticamente.

– Sophie Beckett – gritou ele –, se correr de mim agora, eu juro que sairei atrás de você, e não vou me dar ao trabalho de me vestir.

Os barulhos vindos da margem ficaram mais lentos.

– Eu vou alcançá-la – continuou Benedict –, porque sou mais forte e mais rápido. E posso muito bem derrubá-la no chão apenas para garantir que não fuja.

Os sons dos movimentos dela pararam.

– Muito bem – rosnou ele. – Apareça.

Ela não obedeceu.

– Sophie – disse ele em tom de ameaça.

Houve um instante de silêncio, seguido pelo ruído de passos lentos e hesitantes, e então ele a viu, parada na margem do lago num daqueles vestidos horrorosos que gostaria de afundar no Tâmisa.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ele.

– Saí para dar uma caminhada. O que *o senhor* está fazendo aqui? – contrapôs ela. – Está doente. Isso não pode ser bom para a sua saúde – continuou, indicando o lago com um gesto do braço.

Ele ignorou a pergunta e indagou:

– Você estava me seguindo?

– É claro que não – retrucou Sophie, e ele acreditou.

Não achava que ela possuísse o talento artístico para fingir tal nível de honradez.

– Eu jamais o seguiria até um lago – prosseguiu ela. – Seria indecente.

Então o rosto dele ficou completamente vermelho, porque os dois sabiam que ela não tinha como manter aquele argumento. Se estivesse mesmo preocupada com decência, ela teria saído dali no instante em que o vira, tivesse sido sem querer ou não.

Benedict levantou uma mão da água e a apontou para ela, fazendo um gesto para que se virasse.

– Olhe para o outro lado enquanto me visto – ordenou ele. – Vou levar só um instante.

– Posso ir para casa – sugeriu ela. – Assim o senhor terá mais privacidade e...

– Você fica – disse ele com firmeza.

– Mas...

Benedict cruzou os braços.

– Pareço alguém que quer discutir?

Ela o encarou com rebeldia.

– Se correr, eu a pegarei – avisou ele.

Sophie avaliou o espaço entre eles e depois tentou medir a distância até o Meu Chalé. Se ele parasse para se vestir, ela poderia ter uma chance de escapar, mas, se *não* parasse...

– Sophie, eu estou quase vendo a fumacinha saindo pelas suas orelhas. Pare de forçar o cérebro com cálculos matemáticos inúteis e faça o que pedi.

Ela mexeu um dos pés. Se sua ânsia era correr para casa ou simplesmente se virar, Sophie jamais saberia.

– Agora – ordenou ele.

Após suspirar e resmungar, Sophie cruzou os braços e se voltou para uma árvore, que ficou encarando como se a própria vida dependesse disso. O sujeito infernal não estava sendo nem um pouco silencioso no que quer que estivesse fazendo, e ela não conseguia evitar ouvir e tentar identificar cada barulho que ressoava atrás de si.

Agora ele estava saindo da água, agora estava pegando as calças, agora estava...

Não adiantava. Ela tinha uma imaginação muito fértil, e não havia como calá-la.

Ele devia tê-la deixado voltar para a casa. Em vez disso, Sophie fora obrigada a esperar, absolutamente atormentada, enquanto ele se vestia. Sua pele parecia

pegar fogo, e ela tinha certeza de que seu rosto estava com uns oito tons diferentes de vermelho. Um cavalheiro a teria livrado do constrangimento e permitido que ficasse trancada em seu quarto por pelo menos três dias na esperança de que ele se esquecesse de toda a história. Mas Benedict Bridgerton estava determinado a não ser um cavalheiro naquela tarde, porque quando ela mexeu um dos pés – apenas para esticar os dedos, que estavam ficando dormentes dentro dos sapatos, ora! –, não se passou nem meio segundo antes que ele resmungasse:

– Nem pense nisso!

– Eu não pensei em nada! – protestou ela. – Meu pé estava formigando. E ande logo com isso. Não é possível que demore tanto para se vestir.

– Hã? – disse ele.

– Está fazendo isso só para me torturar – resmungou ela.

– Pode ficar à vontade para olhar a qualquer momento – retrucou Benedict, com a voz divertida. – Garanto-lhe que pedi que se virasse por causa das *suas* sensibilidades, não das minhas.

– Estou muito bem dessa forma – respondeu Sophie.

Depois do que lhe pareceu uma hora, mas deviam ter sido apenas três minutos, ela o ouviu:

– Pode se virar agora.

Sophie quase sentiu medo de obedecer. Benedict tinha o tipo de senso de humor malicioso que o faria mandar-lhe se virar antes de terminar de se vestir.

Mas ela decidiu confiar nele – não que tivesse muita escolha, foi forçada a admitir – e então fez o que ele disse. Para seu alívio e, se ela fosse sincera consigo mesma, um pouco de decepção, Benedict estava decentemente vestido, exceto por alguns pontos molhados nos quais a água de sua pele atravessara o tecido das roupas.

– Por que não me deixou voltar logo para casa? – perguntou ela.

– Eu queria você aqui – retrucou ele, com simplicidade.

– Mas por quê? – insistiu ela.

Ele deu de ombros.

– Não sei. Castigo, talvez, por me espionar.

– Eu não estava...

A negação de Sophie foi automática, mas ela parou no meio, porque era claro

que estava fazendo isso.
– Menina esperta – murmurou ele.
Ela fez uma careta. Gostaria de ter dito algo espirituoso e inteligente, mas, como teve a sensação de que qualquer coisa que saísse de sua boca naquele instante seria exatamente o oposto, segurou a língua. Melhor uma tola calada do que uma falante.
– É muito feio espionar o próprio anfitrião – comentou ele, pondo as mãos nos quadris e conseguindo parecer autoritário e relaxado ao mesmo tempo.
– Foi sem querer – ela resmungou.
– Ah, nisso eu acredito em você – retrucou Benedict. – Mas, mesmo que não tivesse a intenção de me espionar, o fato é que, quando a oportunidade surgiu, você a aproveitou.
– Está me culpando?
Ele sorriu.
– De forma alguma. Eu teria feito o mesmo.
Ela ficou boquiaberta.
– Ora, não finja estar ofendida – disse ele.
– Não estou fingindo.
Ele se inclinou um pouco mais para perto dela.
– Para dizer a verdade, estou bastante lisonjeado.
– Era curiosidade acadêmica – afirmou ela. – Posso garantir.
O sorriso dele se abriu ainda mais.
– Então está me dizendo que teria espiado qualquer homem nu com quem cruzasse?
– Claro que não!
– Como eu falei – continuou ele devagar, se encostando numa árvore –, estou lisonjeado.
– Bem, agora que já esclarecemos tudo – retrucou Sophie, torcendo o nariz –, vou voltar para a casa.
Ela deu apenas dois passos antes que ele agarrasse um pedaço do tecido de seu vestido.
– Não vai, não – falou Benedict.
Sophie se virou novamente com um suspiro cansado.
– Já me constrangeu além do razoável. O que mais poderia desejar fazer

comigo?
Bem devagar, ele a puxou para si.
– Que pergunta interessante – murmurou.
Sophie tentou firmar os pés no chão, mas não podia competir com o puxão implacável da mão de Benedict. Desequilibrou-se de leve e então se viu a poucos centímetros dele. O ar de repente ficou quente, muito quente, e Sophie teve a estranha sensação de que não sabia mais como mexer as mãos e os pés. Sentiu a pele formigar e o coração acelerar, e isso porque o sujeito estava apenas olhando para ela – não movera um músculo, não a puxara os centímetros que faltavam na direção dele.
Estava apenas olhando para ela.
– Benedict? – sussurrou Sophie, se esquecendo de que ainda o chamava de Sr. Bridgerton.
Ele sorriu. Foi um sorriso pequeno e astuto, que fez um arrepio percorrer a espinha dela até outra parte de seu corpo.
– Eu gosto quando você diz meu nome – falou Benedict.
– Não tive a intenção – admitiu Sophie.
Ele levou um dedo aos lábios dela.
– Shhh. Não diga isso. Não sabe que não é o que um homem deseja ouvir?
– Eu não tenho muita experiência com homens – retrucou ela.
– Agora *isso* é o que um homem deseja ouvir.
– É mesmo? – retrucou ela, desconfiada.
Sabia que homens queriam esposas inocentes, mas Benedict não iria se casar com uma garota como ela.
Ele tocou o rosto dela com a ponta de um dedo.
– É o que eu quero ouvir de você.
Sophie sentiu uma leve lufada de ar nos lábios ao arfar. Ele ia beijá-la.
Ele ia beijá-la. Era a coisa mais maravilhosa e terrível que poderia acontecer.
Mas, ah, como ela queria isso.
Sophie sabia que iria se arrepender no dia seguinte. Deu uma risada abafada e engasgada. A quem estava enganando? Ela se arrependeria daquilo em dez minutos. Mas passara os últimos dois anos se lembrando da sensação de estar nos braços dele, e não tinha certeza se conseguiria atravessar o resto dos dias sem ao menos mais uma lembrança para continuar.

Benedict levou o dedo à têmpora dela e depois contornou o desenho de sua sobrancelha, desgrenhando os pelos macios antes de seguir na direção do nariz.

– Tão bonita... – sussurrou ele. – Parece uma fada de um livro de histórias. Às vezes acho que você não pode ser real.

A única resposta de Sophie foi uma respiração mais acelerada.

– Acho que vou beijá-la – murmurou ele.

– Acha?

– Acho que *preciso* beijá-la – acrescentou Benedict, parecendo não acreditar direito nas próprias palavras. – É como respirar. Não há muita escolha.

O beijo de Benedict foi dolorosamente suave. Ele passou os lábios pelos dela numa carícia leve como uma pluma, de um lado a outro, com o mínimo de pressão. Foi um gesto maravilhoso, mas havia algo mais, algo que a deixou zonza e fraca. Sophie segurou os ombros dele, perguntando-se por que se sentia tão estranha e sem equilíbrio, e de repente lhe veio à cabeça...

Estava sendo como da outra vez.

A forma como os lábios dele roçavam os dela com tanta suavidade e doçura, o modo como ele começou com delicadeza, em vez de forçar a entrada... tudo isso foi exatamente o que fizera no baile de máscaras. Depois de dois anos de sonhos, Sophie enfim revivia o momento mais perfeito de sua vida.

– Você está chorando – disse Benedict, tocando o rosto dela.

Sophie piscou e então secou as lágrimas que sequer notara que caíam.

– Quer que eu pare? – sussurrou ele.

Ela balançou a cabeça. Não, não queria que ele parasse. Gostaria que a beijasse como no baile de máscaras, a carícia suave dando lugar a uma união mais apaixonada. E então queria que a beijasse um pouco mais, porque desta vez ela não precisaria sair correndo à meia-noite.

Queria que ele soubesse que ela era a mulher do baile de máscaras. Ao mesmo tempo, torceu desesperadamente para que ele nunca a reconhecesse. Estava tão confusa, e...

E ele a beijou.

Beijou de verdade, com os lábios ardentes e a língua exploradora, e toda a paixão e o desejo que uma mulher poderia querer. Benedict fez com que ela se sentisse linda, preciosa, inestimável. Tratou-a como uma mulher, não como uma criada qualquer, e, até aquele exato instante, ela não se dera conta de quanto

sentia falta de ser tratada como uma pessoa. Os bem-nascidos e aristocratas não enxergavam seus criados, tentavam não ouvi-los, e, quando precisavam falar com eles, mantinham a conversa o mais curta e superficial possível.

Mas, quando Benedict a beijou, ela se sentiu real.

E, quando a beijou, o fez com o corpo inteiro. Os lábios, que haviam começado a intimidade com tanta gentileza, agora estavam ardentemente colados aos dela. As mãos, tão grandes e fortes que pareciam cobrir metade de suas costas, a seguravam com uma força que a deixava sem fôlego. E o corpo dele... por Deus, devia ser contra a lei a forma como estava pressionado contra o dela, com o calor atravessando suas roupas e entrando em sua alma.

Ele a fazia estremecer. Derreter.

Fazia com que ela quisesse se entregar a ele, algo que jurara jamais fazer fora do matrimônio.

– Ah, Sophie – murmurou ele, com a voz rouca. – Eu nunca senti...

Ela ficou tensa, porque teve quase certeza de que ele pretendia dizer que nunca se sentira daquele jeito, e ela não fazia ideia do que fazer a respeito disso. Por um lado, era emocionante ser a mulher que conseguia deixá-lo daquela forma, tonto de desejo. Por outro lado, ele já a beijara antes. Não havia sentido o mesmo na ocasião?

Por Deus, estava com ciúme dela mesma?

Ele recuou um centímetro.

– Qual é o problema?

Ela balançou a cabeça de leve.

– Nenhum.

Benedict levou os dedos à ponta do queixo dela e levantou seu rosto.

– Não minta para mim, Sophie. Qual é o problema?

– Eu... só estou nervosa – gaguejou ela. – Só isso.

Benedict estreitou os olhos, preocupado.

– Tem certeza?

– Absoluta.

Ela se soltou do abraço dele, se virou e se afastou alguns passos, cruzando os braços na altura do peito.

– Eu não faço esse tipo de coisa, sabe?

Benedict a viu se distanciar e avaliou a postura triste das costas dela.

– Eu sei – disse ele baixinho. – Você não é o tipo de moça que faria isso.

Ela deu uma risadinha e, embora não pudesse ver seu rosto, ele pôde imaginar perfeitamente sua expressão.

– Como sabe disso? – perguntou Sophie.

– Está evidente em tudo o que você faz.

Ela não se virou. Não disse nada.

E então, antes que ele se desse conta do que estava dizendo, fez uma pergunta muito esquisita:

– Quem é você, Sophie? Quem é você de verdade?

Ela continuou sem se virar e, quando falou, sua voz era pouco mais do que um sussurro.

– O que quer dizer?

– Algo não está muito certo em relação a você – retrucou ele. – Você fala bem demais para ser uma criada.

Sophie remexia as pregas do vestido com nervosismo quando respondeu:

– É um crime desejar falar bem? Não se pode chegar muito longe neste país com um sotaque de classe baixa.

– Pode-se dizer que você não chegou muito longe – observou ele com delicadeza.

Os braços de Sophie ficaram tensos e ela cerrou os punhos. Depois, enquanto ele ainda esperava alguma explicação, ela começou a se afastar.

– Espere! – chamou Benedict. Alcançou-a em menos de três passos, segurou-a pela cintura e a puxou até que ela se viu forçada a se virar. – Não vá – pediu ele.

– Não tenho o hábito de permanecer na companhia de pessoas que me insultam.

Benedict quase se encolheu e soube que seria assombrado para sempre pelo sofrimento que vira nos olhos dela.

– Eu não a estava insultando – garantiu ele –, e você sabe disso. Só falei a verdade. Você não nasceu para ser uma arrumadeira, Sophie. Está claro para mim, e deveria estar para você também.

Ela riu – um som duro e alquebrado que ele nunca imaginou que ouviria dela.

– E o que sugere que eu faça, Sr. Bridgerton? – perguntou. – Consiga um emprego como tutora?

Benedict pensou que era uma ótima ideia e começou a dizer isso a ela, mas Sophie o interrompeu:

– E quem acha que irá me contratar?
– Bem...
– Ninguém – explodiu ela. – Ninguém irá me contratar. Eu não tenho referências e pareço jovem demais.
– E é bonita – completou ele com uma careta.
Nunca havia pensado muito na contratação de tutoras, mas sabia que em geral era feita pela dona da casa, e o bom senso lhe dizia que nenhuma mulher iria querer levar uma jovem tão bonita para dentro do próprio lar. Bastava ver o que Sophie passara nas mãos de Phillip Cavender.
– Você poderia ser camareira – sugeriu ele. – Pelo menos não precisaria limpar urinóis.
– O senhor é que acha que não – murmurou ela.
– Acompanhante de uma senhora idosa?
Ela suspirou. Foi um som triste e cansado que quase partiu o coração dele.
– É muito gentil por tentar me ajudar – falou –, mas já tentei tudo isso. Além disso, o senhor não é responsável por mim.
– Poderia ser.
Ela olhou para ele, surpresa.
Naquele momento, Benedict soube que precisava tê-la. Havia uma ligação entre eles, um laço estranho e inexplicável que sentira apenas outra vez na vida, com a dama misteriosa do baile de máscaras. Enquanto ela desaparecera, Sophie era muito real. Estava cansado de miragens. Queria alguém que pudesse ver, alguém que pudesse tocar.
E ela precisava dele. Podia não perceber isso ainda, mas era verdade. Benedict segurou a mão dela e puxou, fazendo-a se desequilibrar e abraçando-a quando ela caiu sobre o corpo dele.
– Sr. Bridgerton! – gritou Sophie.
– Benedict – corrigiu ele, com os lábios no ouvido dela.
– Deixe-me...
– Diga meu nome – pediu ele.
Podia ser muito teimoso quando queria algo, e não iria soltá-la enquanto não ouvisse seu nome ser pronunciado por ela.
E talvez nem quando isso acontecesse.
– Benedict – cedeu ela por fim. – Eu...

– Shh...

Ele a silenciou com a própria boca, mordiscando o canto dos lábios dela. Quando Sophie relaxou em seus braços, ele recuou apenas o suficiente para conseguir fitá-la nos olhos, que estavam incrivelmente verdes à luz do fim da tarde, profundos o bastante para que se afogasse neles.

– Quero que você volte para Londres comigo – sussurrou ele, antes que tivesse a chance de pensar. – Volte e vá morar comigo.

Ela o encarou, surpresa.

– Seja minha – pediu Benedict, com a voz densa e urgente. – Seja minha agora. Para sempre. Eu lhe darei tudo o que desejar. Tudo o que quero em troca é você.

CAPÍTULO 12

As especulações sobre o desaparecimento de Benedict Bridgerton continuam. De acordo com Eloise, que, como irmã dele, deveria saber, ele era esperado de volta à cidade há vários dias.
Mas, como a própria Eloise precisa ser a primeira a admitir, um homem da idade e da posição do Sr. Bridgerton não é obrigado a informar seu paradeiro à irmã mais nova.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
9 DE MAIO DE 1817

– Quer que eu seja sua amante – disse ela.

Benedict a encarou com ar confuso, embora ela não soubesse ao certo se porque a declaração era muito óbvia ou porque discordava das palavras que ela escolhera.

– Eu quero que você fique comigo – insistiu ele.

O momento era incrivelmente doloroso, mas ainda assim ela quase sorriu.

– E qual é a diferença entre isso e ser sua amante?

– Sophie...

– Qual é a diferença? – repetiu ela, com a voz ficando mais estridente.

– Não sei, Sophie. – Ele pareceu impaciente. – Isso tem alguma importância?

– Para mim, tem.

– Tudo bem – falou ele. – Tudo bem. Seja minha amante e tenha *isto*.

Sophie mal teve tempo de arfar antes que os lábios dele tomassem os dela com uma ferocidade que fez seus joelhos perderem a firmeza. Foi diferente de qualquer outro beijo que tivessem dado, cheio de sofreguidão e permeado por uma estranha agressividade.

Ele devorou a boca de Sophie com a sua numa primitiva dança da paixão. As

mãos dele pareciam estar em todo lugar: nos seios, na cintura e até mesmo embaixo da saia dela. Benedict a tocava e apertava, acariciava e alisava. E, o tempo todo, ele a manteve tão apertada contra seu corpo que Sophie teve certeza de que se fundiria a ele.

– Eu quero você – disse ele em tom rude, beijando o pescoço dela. – Agora. Aqui.

– Benedict...

– Eu quero você na minha cama – murmurou ele. – Quero amanhã, e também no dia seguinte.

A carne de Sophie era fraca e ela cedeu ao momento, arqueando o pescoço para que Benedict tivesse mais acesso a ele. Era muito bom ter os lábios dele em sua pele, causando-lhe arrepios até o seu âmago. Ele a fazia desejá-lo, assim como a todas as coisas que não podia ter, e amaldiçoar o que podia.

E então de repente ela estava deitada no chão, com metade do corpo dele sobre o seu. Ele parecia tão grande, tão forte e, naquele momento, tão dela... Uma pequena parte da mente de Sophie ainda funcionava, e ela sabia que precisava dizer não, que tinha que interromper aquela loucura, mas por Deus, não podia. Ainda não.

Passara tanto tempo sonhando com ele, tentando de todas as formas se lembrar do cheiro da pele dele, do som de sua voz... Houve muitas noites em que fantasiar com ele foi sua única companhia.

Ela vinha vivendo de sonhos, e não era uma mulher para quem muitos deles haviam se tornado realidade. Por isso não queria perder aquele ainda.

– Benedict – murmurou ela, tocando os cabelos macios dele e fingindo... fingindo que ele não acabara de pedir que ela fosse sua amante, fingindo ser outra pessoa... qualquer outra pessoa.

Qualquer uma que não a filha bastarda de um conde morto, sem meios para se sustentar a não ser servindo aos outros.

Seus murmúrios pareceram incentivá-lo e a mão dele, que estava tocando o joelho dela fazia muito tempo, começou a subir, pressionando a pele macia de sua coxa. Anos de trabalho duro a tinham deixado magra, sem curvas elegantes, mas ele não pareceu se importar. Na verdade, ela pôde sentir o coração dele bater ainda mais rápido e a respiração começar a sair em arfadas roucas.

– Sophie, Sophie, Sophie – suspirou ele, movimentando os lábios de forma

frenética pelo rosto dela até chegar à sua boca mais uma vez. – Eu preciso de você. – Ele apertou o quadril com força contra o dela. – Está sentindo quanto eu preciso de você?

– Eu também preciso de você – sussurrou ela.

E era verdade. Havia um fogo dentro dela que queimava lentamente fazia anos. A simples imagem dele acendera tudo de novo, e seu toque funcionou como querosene, provocando um incêndio.

Benedict lutava com os botões grandes e mal-acabados das costas do vestido dela.

– Vou queimar isto aqui – resmungou ele, com a outra mão acariciando a pele macia da parte de trás do joelho dela. – Vou vesti-la de seda e cetim. – Começou a mordiscar o lóbulo de sua orelha e depois a lamber a pele macia que o unia ao rosto dela. – Vou vesti-la de nada.

Sophie ficou rígida nos braços dele. Benedict conseguira dizer a única coisa que poderia lembrá-la de por que estava ali e por que ele a estava beijando. Não era por amor ou por qualquer uma das delicadas emoções com que ela havia sonhado, mas por desejo. Ele queria transformá-la numa concubina.

Assim como a mãe dela fora.

Ah, Deus, era tão tentador... Ele estava lhe oferecendo uma vida de facilidades e luxo, uma vida com *ele*.

Pelo preço de sua alma.

Não, isso não era inteiramente verdade, ou inteiramente um problema. Ela podia ser capaz de viver como amante de um homem. Os benefícios – e não tinha como pensar na existência com Benedict como nada menos que um benefício – poderiam ser maiores do que as desvantagens. Mas, embora estivesse quase disposta a tomar essa decisão, colocando a própria reputação em risco, não seria capaz de fazer o mesmo em relação a um filho. E como seria possível não haver um filho? Todas as amantes acabavam engravidando.

Com um grito de sofrimento, ela o empurrou e se soltou, depois rolou para o lado até ficar de quatro, fez uma pausa para recuperar o fôlego e se levantou.

– Eu não posso fazer isto, Benedict – falou, mal conseguindo olhar para ele.

– Não vejo por que não – murmurou ele.

– Não posso ser sua amante.

Ele se levantou.

– Por quê?

Algo na pergunta dele a feriu. Talvez tenha sido a arrogância, talvez a insolência.

– Porque não quero – disparou ela.

Ele estreitou os olhos, não com desconfiança, mas com raiva.

– Há poucos segundos, você queria.

– Você não está sendo justo – retrucou ela em voz baixa. – Eu não estava pensando direito.

Ele empinou o queixo de modo hostil.

– O objetivo era justamente esse.

Ela ficou vermelha enquanto fechava os botões da roupa. Benedict se saíra muito bem na tarefa de não deixá-la pensar direito. Ela quase jogara fora uma vida de promessas e moral, tudo por causa de um beijo malicioso.

– Bem, eu não vou ser sua amante – afirmou ela.

Talvez, se dissesse isso vezes suficientes, se sentisse mais confiante de que ele não conseguiria vencer suas defesas.

– E vai fazer o quê em vez disso? – sibilou ele. – Trabalhar como arrumadeira?

– Se for preciso.

– Você prefere servir a outras pessoas, polindo pratarias e limpando seus malditos urinóis, a ir morar comigo.

Ela disse apenas uma palavra, mas foi sincera:

– Prefiro.

Os olhos dele queimaram de fúria.

– Eu não acredito em você. Ninguém faria essa escolha.

– Eu fiz.

– Você é uma tola.

Ela não respondeu.

– Você compreende do que está abrindo mão? – insistiu ele, agitando os braços de maneira frenética enquanto falava.

Sophie se deu conta de que o magoara. Havia ferido o seu orgulho, e agora ele a atacava como um urso machucado.

Ela assentiu, embora Benedict não estivesse olhando para ela.

– Eu poderia lhe dar o que você quisesse – disparou ele. – Roupas, joias... Ora, esqueça as roupas e as joias. Eu lhe daria um teto, que é mais do que tem agora.

– Isso é verdade – concordou ela baixinho.

Ele se inclinou para a frente, fuzilando-a com os olhos.

– Eu poderia lhe dar tudo.

De alguma forma ela foi capaz de se endireitar e conseguir não chorar. E de alguma forma conseguiu manter a voz baixa ao dizer:

– Se acha que isso é tudo, então jamais entenderia por que eu tenho que recusar.

Deu um passo para trás, pretendendo voltar para a casa e fazer sua pequena mala, mas ele obviamente ainda não encerrara o assunto, porque a fez parar com um estridente:

– Aonde você vai?

– Vou voltar para a casa – informou ela. – Para arrumar minha mala.

– E aonde pensa que vai com essa mala?

Ela ficou boquiaberta. Não era possível que ele esperasse que ela *ficasse*.

– Você tem um emprego? – perguntou ele. – Tem para onde ir?

– Não – respondeu ela –, mas...

Benedict pôs as mãos nos quadris e a fuzilou com os olhos.

– E você acha que eu vou deixar você ir embora sem dinheiro ou perspectivas?

Sophie ficou tão surpresa que começou a piscar sem parar.

– B-bem – gaguejou –, eu não pensei...

– Não, você *não* pensou – reagiu ele.

Ela ficou apenas fitando-o, com os olhos arregalados e a boca entreaberta, sem poder acreditar no que ouvia.

– Sua tonta – praguejou ele. – Faz alguma ideia de como este mundo é perigoso para uma mulher sozinha?

– Hã, sim – conseguiu retrucar Sophie. – Na verdade, faço, sim.

Se Benedict a escutou, não deu nenhuma indicação disso, só continuou falando sobre “homens que se aproveitam”, “mulheres indefesas” e “destinos piores do que a morte”. Sophie não tinha certeza, mas achava que o ouvira dizer até algo sobre “rosbife e sobremesa”. Mais ou menos na metade do discurso de Benedict, ela perdeu totalmente a capacidade de se concentrar e limitou-se a olhar para a boca dele e ouvir o tom de sua voz, sempre tentando compreender o fato de que ele parecia muito preocupado com o bem-estar dela, considerando que ela acabara de rejeitá-lo.

– Você está ao menos prestando atenção a alguma coisa que estou dizendo? – perguntou Benedict.

Sophie não assentiu nem balançou a cabeça, mas fez uma estranha combinação das duas coisas.

Benedict praguejou baixinho.

– Está decidido – anunciou. – Você vai voltar para Londres comigo.

Isso pareceu despertá-la.

– Eu acabei de dizer que não vou!

– Você não precisa ser minha maldita amante – disparou ele. – Mas não vou deixá-la à própria sorte.

– Eu estava muito bem antes de conhecê-lo.

– Muito bem? – esbravejou ele. – Na casa dos Cavenders? Você chama aquilo de muito bem?

– Você não está sendo justo!

– E você não está sendo inteligente.

Benedict achou que seus argumentos eram bastante razoáveis, ainda que um pouco arrogantes, mas ficou claro que Sophie não concordava, porque, para sua surpresa, ele se viu caindo de costas no chão, derrubado por um gancho de direita impressionantemente rápido.

– Nunca mais me chame de burra – sibilou ela.

Benedict piscou, tentando recuperar a visão até o ponto de conseguir ver apenas uma Sophie.

– Eu não chamei...

– Chamou, sim – respondeu ela num tom de voz baixo e furioso.

Então deu meia-volta e, na fração de segundo antes que ela saísse, Benedict se deu conta de que havia apenas uma forma de fazê-la parar. Como não conseguiria se levantar rápido o suficiente para ir atrás dela, dado seu estado de perplexidade, ele estendeu os braços e agarrou um dos tornozelos de Sophie com as duas mãos, derrubando-a no chão, a seu lado.

Não foi um gesto de um cavalheiro, mas quem recebe esmola não tem direito de reclamar, e, além disso, ela dera o primeiro golpe.

– Você não vai a lugar algum – rosnou ele.

Sophie levantou a cabeça devagar, cuspindo poeira e olhando furiosa para ele.

– Eu não acredito que você acabou de fazer isso – disse ela severamente.

Benedict soltou o pé de Sophie e se colocou de cócoras.

– Pois acredite.

– Seu...

Ele levantou uma mão.

– Não diga nada agora. Eu imploro.

Ela arregalou os olhos.

– Você está me implorando?

– Ainda estou ouvindo a sua voz, o que significa que você continua falando – retrucou ele.

– Mas...

– E quanto a implorar – continuou Benedict, interrompendo-a mais uma vez –, posso garantir que foi apenas uma figura de linguagem.

Ela abriu a boca para dizer alguma coisa, então pensou melhor e a fechou com o ar petulante de uma criança de 3 anos. Benedict deu um suspiro breve e lhe estendeu a mão. Afinal, ela ainda estava sentada no chão e não parecia muito feliz com isso.

Sophie olhou para a mão dele com uma repulsa impressionante, depois fitou-o com tanta fúria que Benedict se perguntou se havia criado chifres. Ainda sem dizer nada, ela ignorou a oferta de ajuda e se levantou sozinha.

– Como achar melhor – murmurou ele.

– Péssima escolha de palavras – disparou ela e saiu pisando forte.

Como agora já estava de pé, Benedict não sentiu necessidade de fazê-la parar de novo.

Em vez disso, a seguiu, mantendo-se apenas dois passos atrás dela (de uma forma irritante, ele tinha certeza). Por fim, depois de mais ou menos um minuto, Sophie se virou e disse:

– Por favor, me deixe sozinha.

– Infelizmente, não posso – respondeu ele.

– Não pode ou não quer?

Ele pensou por um instante.

– Não posso.

Ela olhou furiosa para ele e continuou caminhando.

– Acho tão difícil acreditar nisso quanto você – comentou Benedict, ainda acompanhando o ritmo dela.

Ela parou e se virou.
– Isso é impossível.
– Não posso evitar – retrucou ele, dando de ombros. – Simplesmente não consigo deixá-la partir.
– Não conseguir é muito diferente de não poder.
– Eu não a salvei de Phillip Cavender para deixá-la jogar sua vida fora.
– Essa escolha não é sua.
Ela estava certa, mas ele não admitiria isso.
– Talvez – falou –, mas vou fazê-la assim mesmo. Você vai comigo para Londres. Não vamos mais discutir.
– Você está tentando me punir porque eu o rejeitei – acusou ela.
– Não – retrucou Benedict devagar, pensando no que Sophie dissera enquanto respondia. – Não, não estou. Eu gostaria de puni-la, e, no meu estado de espírito atual, até chegaria ao ponto de afirmar que você merece ser punida, mas não é por isso que estou agindo assim.
– Então por quê?
– Pelo seu próprio bem.
– Esta é a coisa mais condescendente e arrogante...
– Você tem razão – admitiu ele –, mas, ainda assim, neste caso em particular, neste momento em especial, eu sei o que é melhor para você, e você claramente não sabe, então... *Não* bata em mim de novo – avisou.
Sophie olhou para o próprio punho cerrado, que não percebera que estava posicionado para trás, pronto para desferir um golpe. Ele a estava transformando num monstro. Não havia outra explicação. Achava que nunca havia batido em alguém na vida, e ali estava ela, pronta para fazer isso pela segunda vez no mesmo dia.
Sem tirar os olhos da própria mão, ela a abriu devagar, esticando os dedos como uma estrela-do-mar e os mantendo nessa posição até contar até três.
– Como você pretende me impedir de seguir o meu caminho? – indagou num tom de voz muito baixo.
– Isso importa? – retrucou ele, dando de ombros de forma casual. – Tenho certeza de que pensarei em alguma coisa.
Ela ficou boquiaberta.
– Está dizendo que me amarraria e...

– Eu não falei nada do gênero – interrompeu Benedict com um sorriso malicioso. – Mas a ideia com certeza tem seu apelo.
– Você é desprezível – disparou ela.
– E você parece a heroína de um romance muito ruim – respondeu ele. – Qual era mesmo o livro que estava lendo hoje de manhã?
Sophie sentiu os músculos do rosto latejarem e a mandíbula se tensionar até o ponto em que acreditou que os dentes iriam se despedaçar. Como Benedict conseguia ser ao mesmo tempo o homem mais maravilhoso e o mais terrível do mundo era algo que ela jamais conseguiria compreender. Naquele momento, porém, o lado terrível parecia prevalecer, e ela estava bastante segura – deixando a lógica de lado – de que se passasse mais um segundo ao lado dele, sua cabeça iria explodir.
– Vou embora agora! – afirmou ela de maneira dramática e determinada.
Pelo menos foi o que acreditou.
Mas Benedict limitou-se a dar um meio sorriso e dizer:
– Eu vou atrás.
E o maldito sujeito se manteve dois passos atrás dela durante todo o caminho para casa.

Benedict não costumava se esforçar para irritar ninguém (com a notável exceção dos irmãos), mas Sophie Beckett conseguira despertar o diabo que vivia dentro dele. Ficou parado na porta do quarto dela, apoiado no batente em uma pose casual, enquanto ela arrumava suas coisas. Manteve os braços cruzados de uma forma que de algum modo sabia que a deixaria enraivecida e a perna direita ligeiramente dobrada, apoiando a ponta da bota no chão.
– Não se esqueça do vestido – disse ele, como se quisesse ajudar.
Ela olhou para ele furiosa.
– O feio – acrescentou Benedict, como se fosse necessário.
– Os dois são feios – disparou ela.
Ah, uma reação.
– Eu sei.
Sophie voltou a enfiar os pertences na bolsa.
Ele fez um gesto amplo com o braço.

– Sinta-se à vontade para levar uma lembrança.

Ela se endireitou, plantando as mãos nos quadris com irritação.

– Isso inclui o serviço de chá de prata? Porque eu poderia viver por vários anos com o que pagariam por ele.

– Claro que você pode levar o serviço de chá – respondeu ele com cordialidade –, já que não ficará sem a minha companhia.

– Eu não serei sua amante – sibilou ela. – Eu já disse que não farei isso. Não *posso*.

Alguma coisa no uso da expressão “não posso” pareceu significativa para Benedict. Ele ficou pensativo por alguns instantes enquanto ela reunia o restante dos pertences e fechava o cordão da sacola.

– Já chega – murmurou ele.

Sophie o ignorou, seguindo na direção da porta e lançando um olhar acintoso para ele.

Benedict sabia que ela queria que ele se afastasse para deixá-la passar. Não mexeu um músculo, exceto pelo dedo que passou pelo maxilar em um gesto de reflexão.

– Você é uma filha ilegítima – falou.

O sangue se esvaiu do rosto de Sophie.

– É, sim – insistiu ele, mais para si mesmo do que para ela.

Estranhamente, sentiu-se aliviado com a revelação. Isso explicava a rejeição de Sophie, que não tinha nada a ver com ele e tudo a ver com ela.

Fez com que sua dor cessasse.

– Eu não me importo com isso – garantiu ele, tentando não sorrir.

Era um momento sério, mas, por Deus, ele queria sorrir, porque agora ela iria para Londres com ele e seria sua amante. Não havia mais obstáculos e...

– Você não entendeu nada – retrucou Sophie, balançando a cabeça. – Não é porque não me acho boa o bastante para ser sua amante.

– Eu cuidaria de quaisquer filhos que viéssemos a ter – disse ele solenemente, afastando-se da porta.

Sophie ficou ainda mais rígida, se é que isso era possível.

– E a sua esposa?

– Eu não sou casado.

– Nunca vai ser?

Ele ficou paralisado. A imagem da dama do baile de máscaras surgiu em sua mente. Ele a visualizava de várias formas. Às vezes, usando o vestido de baile prateado, às vezes sem roupa alguma.

Às vezes ela usava um vestido de noiva.

Sophie estreitou os olhos ao observar o rosto de Benedict, e então bufou com ironia ao passar por ele.

Ele a seguiu.

– Não é uma pergunta justa, Sophie – retrucou ele, colado aos calcanhares dela.

Ela continuou o caminho pelo corredor, sem parar nem mesmo quando chegou à escada.

– Eu acho que é mais do que justa.

Ele correu pela escada até ficar à frente dela, interrompendo sua trajetória.

– Eu preciso me casar um dia.

Sophie parou. Teve que parar, pois ele estava bloqueando a passagem.

– Sim, precisa – disse ela. – Mas eu não preciso me tornar amante de ninguém.

– Quem era seu pai, Sophie?

– Não sei – mentiu ela.

– Quem era sua mãe?

– Ela morreu ao me dar à luz.

– Achei que você tivesse dito que ela era uma governanta.

– Eu claramente distorci a realidade – retrucou ela, sem se importar com o fato de ter sido flagrada numa mentira.

– Onde você foi criada?

– Não interessa – disse ela, tentando passar por ele.

Benedict segurou o braço dela com uma das mãos, mantendo-a parada.

– Eu quero saber.

– Me deixe passar!

O grito dela rompeu o silêncio do corredor, alto o bastante para que os Crabtrees aparecessem para salvá-la. Só que a governanta fora à cidade e o Sr. Crabtree também estava fora da casa, longe demais para escutá-la. Não havia ninguém para ajudá-la: Sophie se encontrava à mercê dele.

– Eu não posso deixá-la ir – sussurrou ele. – Você não nasceu para uma vida de servidão. Isso vai matá-la.

– Se fosse me matar – respondeu ela –, eu já estaria morta há muitos anos.

– Mas você não precisa mais fazer isso – insistiu Benedict.

– Não ouse fingir que isto é para o meu bem – disse ela, quase tremendo. – Você não está fazendo isso porque se preocupa comigo. Só não gosta de ser contrariado.

– Isso é verdade – admitiu ele –, mas eu também não quero vê-la sem rumo.

– Passei a vida inteira dessa forma – sussurrou ela, sentindo a ardência traiçoeira das lágrimas nos olhos.

Por Deus, ela não queria chorar na frente daquele homem. Não agora, não quando estava se sentindo tão fora de prumo e fragilizada.

Ele tocou o queixo dela.

– Deixe-me ser o seu leme.

Sophie fechou os olhos. O toque dele foi dolorosamente suave, e parte dela quis muito aceitar a oferta, deixar a vida que fora obrigada a viver e tentar a sorte com ele, com aquele homem maravilhoso, incrível e irritante que assombrava seus sonhos havia anos.

Mas a dor de sua infância ainda estava nítida demais em suas lembranças. O estigma de sua ilegitimidade parecia uma marca em sua alma. Ela não faria isso com outra criança.

– Não posso – murmurou. – Eu queria...

– O que você queria? – perguntou ele com urgência.

Ela balançou a cabeça. Estava prestes a falar que queria poder aceitar, mas sabia que fazer isso seria imprudente. Ele se agarraria a essa afirmação para retomar a proposta.

E faria com que fosse ainda mais difícil dizer não.

– Então você não me deixa escolha – declarou ele com severidade.

Os olhos dos dois se encontraram.

– Ou você vem comigo para Londres e – ele levantou a mão pedindo silêncio quando ela tentou protestar – eu consigo um emprego para você na casa da minha mãe –acrescentou enfaticamente.

– Ou? – perguntou ela, com a voz taciturna.

– Ou eu terei que informar ao magistrado que você me roubou.

De repente ela sentiu a boca ficar amarga.

– Você não faria isso – murmurou.

– Eu não *quero* fazer.

– Mas faria.
Ele assentiu.
– Faria.
– Eu seria enforcada – disse ela. – Ou enviada para a Austrália.
– Não se eu pedisse outra coisa.
– E o que você pediria?
Os olhos castanhos dele estavam estranhamente indiferentes, e de súbito Sophie se deu conta de que Benedict não estava gostando mais do que ela da conversa.
– Que você fosse libertada sob minha custódia – respondeu ele.
– Isso seria muito conveniente para você.
Os dedos dele, que estavam tocando o queixo dela o tempo todo, escorregaram para o ombro.
– Só estou tentando salvá-la de si mesma.
Sophie foi até uma janela próxima e olhou para fora, surpresa por ele não ter tentado impedi-la.
– Você está me fazendo odiá-lo, sabia? – disse ela.
– Eu posso viver com isso.
Ela deu um breve aceno com a cabeça.
– Vou esperá-la na biblioteca, então. Gostaria de partir hoje.
Benedict a viu se afastar e ficou absolutamente imóvel enquanto a porta da biblioteca se fechava atrás dela. Sabia que ela não iria fugir. Não era do tipo que não honra a própria palavra.
Ele não podia deixar Sophie ir embora. *Ela* partira – a maravilhosa e misteriosa "ela", pensou com um sorriso amargo –, a única mulher que tocara seu coração.
A mesma mulher que sequer lhe dissera o próprio nome.
Mas agora havia Sophie, e ela mexia com ele de uma forma que Benedict não sentia desde o baile de máscaras. Estava cansado de se consumir por uma mulher que praticamente não existia. Sophie estava ali, e seria dele.
Além disso, pensou com determinação, Sophie *não* iria deixá-lo.
– Eu posso viver com você me odiando – disse ele em direção à porta fechada. – Só não posso viver sem você.

CAPÍTULO 13

Foi informado anteriormente nesta coluna que esta autora previu um possível casamento entre a Srta. Rosamund Reiling e o Sr. Phillip Cavender. Podemos agora dizer que não é provável que isso vá acontecer.

Dizem que Lady Penwood (mãe da Srta. Reiling) tem afirmado que não se contentará com um simples senhor, embora o pai de sua filha, ainda que com certeza tenha sido bem-nascido, não fosse membro da aristocracia.

Sem mencionar, é claro, o fato de que o Sr. Cavender começou a demonstrar um claro interesse pela Srta. Cressida Cowper.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
9 DE MAIO 1817

Sophie começou a se sentir mal no instante em que a carruagem deixou o Meu Chalé. Quando pararam para passar a noite numa pousada em Oxfordshire, ela estava inegavelmente enjoada. E ao chegarem aos arredores de Londres... Bem, ela tinha quase certeza de que iria vomitar.

De alguma forma, Sophie conseguiu manter o conteúdo do estômago no devido lugar, mas conforme a carruagem percorria as ruas desordenadas de Londres, ela começou a sentir uma grande apreensão.

Não, não era apreensão. Era uma sensação de condenação.

Estavam no mês de maio, o que significava que a temporada seguia a pleno vapor. E isso queria dizer que Araminta se encontrava na casa da cidade.

O que, por sua vez, significava que a chegada de Sophie era uma péssima ideia.

– Péssima – murmurou ela.

Benedict olhou para ela.

– Você disse alguma coisa?

Ela cruzou os braços com ar de rebeldia.

– Só que você é um homem péssimo.

Ele riu. Ela sabia que ele faria isso, e mesmo assim ficou irritada.

Benedict afastou a cortina da janela e olhou para fora.

– Estamos quase chegando – falou.

Ele dissera que a levaria direto para a casa da mãe. Sophie se lembrava da mansão na Grosvenor Square como se tivesse estado lá na noite anterior. O salão de baile era imenso, com centenas de candeeiros nas paredes, cada um ostentando uma vela de cera de abelha perfeita. Os ambientes menores eram decorados em estilo Adam, com tetos refinadamente trabalhados e paredes claras, em tons pastel.

Era literalmente a casa dos sonhos de Sophie. Em todos os sonhos com Benedict e o futuro fictício dos dois juntos, ela sempre se vira ali. Sabia que era uma tolice, já que ele era o segundo filho e, portanto, não herdaria a propriedade. Ainda assim, era a construção mais linda que ela já vira, e de qualquer maneira sonhos não tinham compromisso com a realidade. Se Sophie quisesse sonhar que morava no palácio de Kensington, era uma prerrogativa sua.

É claro, pensou, com um sorriso irônico, que era provável que jamais visse o interior do palácio de Kensington.

– Por que está sorrindo? – perguntou Benedict.

Ela não se deu ao trabalho de olhar para ele ao responder:

– Estou tramando a sua morte.

Ele sorriu – não que ela estivesse olhando, mas conseguia sentir pela respiração dele.

Sophie detestava ser tão sensível a cada nuance de Benedict. Sobretudo por estar cada vez mais desconfiada de que ele tinha a mesma sensibilidade em relação a ela.

– Pelo menos parece divertido – comentou ele.

– O que parece divertido? – indagou ela, desviando enfim o olhar da bainha da cortina, que já encarava havia bastante tempo.

– Tramar minha morte – retrucou Benedict, dando um divertido sorriso de lado. – Se vai me matar, é melhor que se divirta, porque Deus sabe que eu não vou me divertir.

Ela ficou boquiaberta.

– Você é louco – falou.

– Devo ser. – Ele deu de ombros de maneira casual antes de se ajeitar no assento e apoiar os pés no banco à frente. – Afinal de contas, eu praticamente a sequestrei. Talvez seja a coisa mais louca que já fiz.

– Você poderia me deixar ir agora – comentou ela, embora soubesse que ele jamais faria isso.

– Aqui em Londres? Onde você poderia ser atacada por salteadores a qualquer instante? Seria muito irresponsável da minha parte, não acha?

– Não chega nem aos pés de me raptar!

– Na verdade, eu não a raptei – disse ele, examinando as próprias unhas distraidamente. – Eu a chantageei. Há uma grande diferença entre as duas coisas.

O sacolejo que a carruagem deu ao parar a poupou de ter que responder.

Benedict abriu as cortinas uma última vez, então as fechou de novo.

– Ah. Chegamos.

Sophie esperou que ele saltasse e então se dirigiu à porta do veículo. Considerou por um instante ignorar a mão estendida dele e descer sozinha, mas a carruagem era muito alta e ela realmente não queria fazer papel de boba tropeçando e caindo na sarjeta.

Seria ótimo insultá-lo, mas não ao custo de um tornozelo torcido. Dando um suspiro, segurou a mão dele.

– Muito inteligente de sua parte – murmurou Benedict.

Sophie lançou-lhe um olhar rápido. Como ele sabia o que ela estava pensando?

– Eu quase sempre sei o que você está pensando – continuou ele.

Ela tropeçou.

– Opa! – falou Benedict, segurando-a com rapidez antes que ela caísse.

Ele a manteve em suas mãos apenas um instante além do necessário antes de depositá-la na calçada. Sophie teria dito alguma coisa se não estivesse com os dentes cerrados demais.

– Você não morre de rir das ironias da vida? – perguntou Benedict, com um sorriso malicioso.

Ela fez um esforço para abrir a boca.

– Não, mas *você* pode muito bem morrer.

Ele riu, o desgraçado.

– Venha – disse Benedict. – Vou apresentá-la à minha mãe. Tenho certeza de que ela vai encontrar um emprego para você.

– Pode não haver nenhuma vaga disponível – observou Sophie.
Ele deu de ombros.
– Ela me ama. Vai arranjar alguma coisa.
Sophie ficou parada, recusando-se a dar um único passo antes de deixar as coisas muito claras.
– Eu não vou ser sua amante.
Benedict tinha uma expressão extremamente afável quando murmurou:
– Sim, você já falou isso.
– Não, eu estou querendo dizer que o seu plano não vai funcionar.
– Eu tenho um plano? – perguntou ele com ar de completa inocência.
– Ora, por favor – zombou ela. – Você vai tentar me vencer pelo cansaço, até que eu ceda.
– Eu nem sonharia com isso.
– Tenho certeza de que sonha com muito mais – resmungou ela.
Benedict deve tê-la escutado, porque riu. Sophie cruzou os braços, enfurecida, sem se importar em parecer bastante indigna naquela posição, parada na calçada à vista do mundo. De qualquer maneira, ninguém notaria sua presença, vestida naquelas roupas de criada. Pensou que podia ver as coisas de forma mais favorável e pensar em sua nova posição com mais otimismo, mas naquele momento preferiu ficar emburrada.
Francamente, achava que merecia. Se alguém tinha o direito de ficar emburrada e irritada, essa pessoa era ela.
– Podemos ficar parados aqui na calçada o dia inteiro – disse Benedict, com alguma ironia.
Ela estava prestes a lhe lançar um olhar raivoso quando percebeu onde os dois estavam. Não era a Grosvenor Square. Sophie nem sequer tinha certeza de que lugar era aquele. Ficava em Mayfair, sem dúvida, mas a casa diante deles por certo não era aquela a que ela comparecera anos antes, no baile de máscaras.
– Hã, esta é a Casa Bridgerton? – perguntou ela.
Ele levantou uma sobrancelha.
– Como sabia que a casa da minha família se chama Casa Bridgerton?
– Você falou.
O que, ainda bem, era verdade. Ele mencionara tanto a Casa Bridgerton quanto a propriedade rural da família, Aubrey Hall, diversas vezes durante conversas

que tiveram.

– Ah. – Ele pareceu aceitar a explicação. – Bem, na verdade não moramos mais lá. Deixamos a Casa Bridgerton há quase dois anos. Minha mãe ofereceu um último baile, um baile de máscaras, na realidade, e então entregou a residência a meu irmão e a esposa dele. Ela sempre disse que sairíamos de lá assim que ele se casasse e começasse a própria família. Acho que o primeiro filho dele nasceu apenas um mês depois que nos mudamos.

– Foi um menino ou uma menina? – perguntou Sophie, embora soubesse a resposta.

Lady Whistledown sempre dava esse tipo de informação.

– Um menino. Edmund. Eles tiveram outro bebê, Miles, no começo deste ano.

– Que felicidade para eles – murmurou Sophie, embora tenha sentido um aperto no peito.

Era provável que não fosse ter seus próprios filhos, e essa foi uma das conclusões mais tristes a que já chegara. Filhos exigiam um marido, e o casamento parecia um sonho impossível. Como não fora educada para ser uma criada, tinha muito pouco em comum com os homens que conhecia na vida cotidiana. Não que os outros criados não fossem pessoas boas e honradas, mas era difícil imaginar dividir a vida com uma pessoa que, por exemplo, não sabia ler.

Sophie não precisava se casar com alguém particularmente bem-nascido, mas até mesmo a classe média estava fora do seu alcance. Nenhum comerciante respeitado desposaria uma arrumadeira.

Benedict fez um sinal para que ela o seguisse e os dois chegaram aos degraus da entrada. Sophie balançou a cabeça.

– Vou usar a porta lateral.

Ele apertou os lábios.

– Você vai usar a porta da frente.

– Vou usar a porta lateral – insistiu ela com firmeza. – Nenhuma mulher de berço contratará uma criada que entra pela porta da frente.

– Você está comigo – resmungou ele. – Usará a entrada da frente.

Ela deixou escapar uma risada.

– Benedict, ontem mesmo você queria que eu me tornasse sua amante. Você ousaria trazer sua amante para conhecer sua mãe pela porta da frente?

Ela o confundiu com esse argumento e sorriu ao vê-lo contorcer o rosto de frustração.

Fazia dias que não se sentia tão bem.

– Você sequer traria a sua amante para conhecê-la – continuou ela, principalmente para torturá-lo ainda mais.

– Você não é minha amante – reagiu ele.

– De fato.

Ele empinou o queixo e a fitou direto nos olhos com uma fúria mal contida.

– Você é uma reles arrumadeirazinha – falou em um tom de voz baixo – porque insistiu em ser. E, como arrumadeira, você é, mesmo que num nível baixo da escala social, ainda absolutamente respeitável. Com toda a certeza, respeitável o suficiente para a minha mãe.

O sorriso de Sophie ficou hesitante. Talvez o tivesse provocado demais.

– Muito bem – resmungou Benedict assim que ficou claro que ela não iria mais discutir a questão. – Venha comigo.

Sophie o seguiu degraus acima. Isso poderia, na realidade, funcionar a seu favor. Era claro que a Sra. Bridgerton não contrataria uma criada que tivesse a audácia de usar a porta da frente. E, como ela se recusara de todas formas possíveis em ser amante de Benedict, ele teria que aceitar a derrota e permitir que ela retornasse para o campo.

Ele abriu a porta da frente e segurou-a para que Sophie passasse. O mordomo chegou em segundos.

– Wickham, por favor informe à minha mãe que estou aqui – pediu.

– Farei isso, Sr. Bridgerton – respondeu o mordomo. – E deixe-me tomar a liberdade de lhe dizer que ela esteve bastante curiosa quanto ao seu paradeiro na última semana.

– Eu ficaria impressionado se ela não tivesse ficado – respondeu Benedict.

Wickham fez um aceno com a cabeça na direção de Sophie com uma expressão ao mesmo tempo de curiosidade e desdém.

– Posso informá-la da chegada da sua convidada?

– Por favor.

– Devo informar-lhe a identidade dela?

Sophie olhou para Benedict com grande interesse, imaginando o que ele iria dizer.

– O nome dela é Srta. Beckett – respondeu ele. – Está aqui em busca de emprego.

Wickham levantou uma das sobrancelhas. Sophie ficou surpresa. Ela achava que mordomos não deveriam transparecer quaisquer emoções.

– Como criada? – questionou ele.

– Como qualquer coisa – retrucou Benedict, começando a demonstrar os primeiros traços de impaciência.

– Muito bem, Sr. Bridgerton – disse Wickham, desaparecendo escada acima.

– Acredito que ele não achou que tudo estava bem, não – sussurrou Sophie para Benedict, tendo o cuidado de esconder o sorriso.

– Wickham não está no comando aqui.

Sophie deu um suspiro de desdém.

– Imagino que ele discordaria disso.

Ele olhou para ela com descrença.

– Ele é o mordomo.

– E eu sou uma arrumadeira. Sei tudo sobre mordomos. Mais do que você, ouso dizer.

Ele estreitou os olhos.

– Você age menos como arrumadeira do que qualquer mulher que eu conheça.

Sophie deu de ombros e fingiu observar um quadro de natureza-morta na parede.

– O senhor desperta o pior que há em mim, Sr. Bridgerton.

– Benedict – sibilou ele. – Você já me chamou pelo primeiro nome antes. Use-o agora.

– Sua mãe está prestes a descer – lembrou ela –, e o senhor quer que ela me contrate como arrumadeira. Muitos dos seus criados o chamam pelo primeiro nome?

Benedict olhou furioso para ela, e Sophie viu que ele entendeu que ela tinha razão.

– Não se pode ter tudo, Sr. Bridgerton – concluiu ela, permitindo-se um sorrisinho.

– Eu só queria uma coisa – murmurou ele.

– Benedict!

Sophie ergueu o olhar e viu uma mulher pequena e elegante descendo a escada.

Ela tinha a pele mais clara que a de Benedict, mas seus traços não deixavam dúvidas de que era sua mãe.
– Mamãe – disse ele, indo ao encontro dela no pé da escada. – Que bom ver a senhora.
– Seria melhor vê-lo se eu soubesse por onde andou na última semana – retrucou ela. – A última notícia que tive foi de que tinha saído para a festa de Cavender e depois todos retornaram sem você.
– Eu saí da festa mais cedo e fui para o Meu Chalé – respondeu ele.
A mãe suspirou.
– Imagino que eu não possa esperar que me avise de cada movimento seu agora que já está com 30 anos.
Benedict deu um sorriso indulgente.
Ela se virou para Sophie.
– Essa deve ser a Srta. Beckett.
– Exato – confirmou Benedict. – Ela salvou a minha vida durante minha estada no Meu Chalé.
– Eu não... – começou a dizer Sophie.
– Salvou, sim – interrompeu Benedict com delicadeza. – Fiquei doente por causa da chuva e ela cuidou de mim até que eu ficasse bom.
– O senhor teria se recuperado sem mim – insistiu ela.
– Mas não tão rápido ou com tanto conforto – contestou Benedict, dirigindo-se à mãe.
– Os Crabtrees não estavam em casa? – perguntou Violet.
– Não quando chegamos – informou Benedict.
Violet olhou para Sophie com uma curiosidade tão evidente que Benedict enfim se viu forçado a explicar:
– A Srta. Beckett era empregada dos Cavenders, mas certas circunstâncias tornaram sua permanência na casa deles impossível.
– Entendo – disse Violet de maneira pouco convincente.
– O seu filho me salvou de um destino bastante desagradável – comentou Sophie baixinho. – Sou muito grata a ele.
Benedict olhou para ela surpreso. Considerando o nível de hostilidade de Sophie em relação a ele, não esperava que ela se referisse a ele de forma tão elogiosa. Então pensou que devia ter esperado exatamente isso. Sophie era uma

jovem de princípios, não era do tipo que deixa a raiva interferir na honestidade.
Era uma das coisas que mais gostava nela.
– Entendo – retrucou Violet mais uma vez, agora com mais convicção.
– Eu estava esperando que a senhora arranjasse um emprego para ela aqui – observou Benedict.
– Só se não for causar nenhum problema – Sophie apressou-se a acrescentar.
– Não – afirmou Violet devagar, olhando para Sophie com uma expressão curiosa. – Não, não será problema algum, mas...
Tanto Benedict quanto Sophie se inclinaram para a frente, à espera do restante da frase.
– Já nos conhecemos? – perguntou Violet de repente.
– Creio que não – disse Sophie, gaguejando um pouco. Como Lady Bridgerton podia achar que a conhecia? Tinha certeza de que seus caminhos não haviam se cruzado no baile de máscaras. – Não posso imaginar como poderíamos ter nos conhecido.
– Você tem razão – falou Violet com um aceno de mão. – Há algo vagamente familiar em você, mas devo ter apenas conhecido alguém com traços parecidos. Acontece o tempo todo.
– Sobretudo comigo – comentou Benedict com um sorriso torto.
Violet olhou para ele com afeição evidente.
– Não é minha culpa se todos os meus filhos são tão parecidos.
– Se a culpa não é sua, de quem é, então? – perguntou Benedict.
– Do seu pai, é claro – retrucou Violet alegremente. Então se virou para Sophie: – Todos são idênticos ao meu finado marido.
Sophie sabia que deveria permanecer em silêncio, mas o momento era tão encantador e confortável que ela comentou:
– Acho que seu filho se parece com a senhora.
– Acha mesmo? – atalhou Violet, juntando as mãos, deliciada. – Que ótimo! E eu que sempre me considerei um receptáculo para a família Bridgerton.
– Mamãe! – ralhou Benedict.
Ela suspirou.
– Estou sendo franca demais? Quanto mais envelheço, mais faço isso.
– A senhora está longe de ser velha, mamãe.
Ela sorriu.

– Benedict, por que não vai ver suas irmãs enquanto eu levo a Srta. Bennett...
– Beckett – corrigiu ele.
– Sim, é claro, Beckett – murmurou ela. – Eu a levarei para cima, para que se instale.
– Basta que me apresente à governanta – atalhou Sophie.
Era muito estranho a própria dona da casa se preocupar com a contratação de uma arrumadeira. É verdade que toda a situação era incomum, com o pedido de Benedict de que ela fosse admitida, mas era muito esquisito que Lady Bridgerton se interessasse pessoalmente por ela.
– Tenho certeza de que a Sra. Watkins está ocupada – retrucou Violet. – Além disso, creio que estejamos precisando de mais uma camareira no andar de cima. Tem alguma experiência nessa área?
Sophie assentiu.
– Ótimo. Imaginei que sim. Você fala muito bem.
– Minha mãe era governanta – comentou Sophie de forma automática. – Ela trabalhava para uma família muito generosa e...
Ela se calou, horrorizada, recordando tarde demais que contara a verdade a Benedict, que sua mãe morrera ao lhe dar à luz. Lançou um olhar nervoso para ele, que respondeu inclinando o queixo com ironia, dando a entender que não iria desmenti-la.
– A família para quem ela trabalhava era muito generosa – continuou Sophie, dando um suspiro de alívio –, e seus patrões permitiram que eu tivesse várias aulas com as filhas deles.
– Entendo – comentou Violet. – Isso explica muita coisa. Acho difícil acreditar que estivesse trabalhando como arrumadeira. Você claramente tem formação suficiente para almejar posições mais altas.
– Ela lê muito bem – disse Benedict.
Sophie olhou para ele surpresa.
Ele a ignorou, preferindo dirigir-se à mãe:
– Ela leu muito para mim durante minha recuperação.
– Sabe escrever também? – perguntou Violet.
Sophie assentiu.
– Minha caligrafia é muito boa.
– Ótimo. É sempre útil ter um par extra de mãos à disposição quando

precisamos enviar convites. E temos um baile marcado para o final do verão. Duas de minhas filhas estão debutando este ano – explicou ela a Sophie. – Tenho esperanças de que uma delas escolha um marido antes do final da temporada.

– Não creio que Eloise queira se casar – comentou Benedict.

– Não diga isso – pediu Violet.

– Uma declaração dessas é um sacrilégio por aqui – explicou ele a Sophie.

– Não dê atenção a ele – alertou Violet, a caminho da escada. – Venha comigo, Srta. Beckett. Como disse que é o seu primeiro nome?

– Sophia. Sophie.

– Venha comigo, Sophie. Vou apresentá-la às meninas. E – acrescentou, franzindo a testa em uma expressão de desagrado – vamos encontrar algo novo para você usar. Não podemos ter uma criada se vestindo tão mal. Podem dizer que não lhe pagamos um salário justo.

Como nunca tinha visto membros da sociedade preocupados em pagar salários justos aos criados, Sophie ficou tocada com a generosidade de Lady Bridgerton.

– E você – disse Violet a Benedict –, espere por mim aí embaixo. Temos muito o que conversar.

– Estou morrendo de medo – comentou ele com indiferença.

– Entre ele e o irmão, não sei qual dos dois irá me matar primeiro – murmurou Violet.

– Qual irmão? – Sophie perguntou.

– Qualquer um dos dois. Ambos. Os três. Um bando de patifes.

Mas eram patifes que ela evidentemente amava. Sophie percebeu isso na forma como ela falava deles, pôde ver em seus olhos quando eles se iluminaram ao ver o filho.

Isso fez com que Sophie se sentisse solitária, melancólica e com inveja. Como sua vida poderia ter sido diferente se sua mãe tivesse sobrevivido ao parto... As duas poderiam não ter sido respeitáveis – a Sra. Beckett, uma amante, e Sophie, uma bastarda –, mas Sophie gostava de pensar que a mãe a teria amado.

O que era mais do que ela recebera de qualquer outro adulto, de seu pai inclusive.

– Venha comigo, Sophie – chamou Violet.

Sophie a seguiu escada acima imaginando por que, se estava apenas para começar em um novo emprego, se sentia como se estivesse entrando para uma

nova família.

Foi uma sensação... boa.

E fazia muito tempo que ela não sentia algo bom na vida.

CAPÍTULO 14

Rosamund Reiling jura que viu Benedict Bridgerton de volta a Londres. Esta autora está inclinada a acreditar na veracidade da informação. A Srta. Reiling é capaz de localizar qualquer solteiro no meio de uma multidão.

Infelizmente para a Srta. Reiling, ela não parece conseguir conquistar um.

Crônicas da sociedade de Lady Whistledown,
12 de maio de 1817

Benedict mal dera dois passos na direção da sala de estar quando sua irmã Eloise veio em disparada pelo corredor. Como todos os Bridgertons, ela tinha cabelos castanhos espessos e um sorriso largo. Ao contrário de Benedict, no entanto, seus olhos eram verde-escuros – o mesmo tom dos de Colin, outro irmão.

O mesmo tom, ocorreu a ele, dos olhos de Sophie.

– Benedict! – gritou ela, atirando-se num forte abraço ao irmão. – Por onde você andou? Mamãe passou a semana toda reclamando, imaginando aonde você tinha ido.

– Que engraçado... Quando falei com ela, há menos de dois minutos, as reclamações eram sobre você, imaginando quando você enfim planejaria se casar.

Eloise fez uma careta.

– Quando conhecer alguém com quem valha a pena casar. Gostaria de conhecer alguém novo. Tenho a impressão de ver sempre as mesmas cem pessoas o tempo todo.

– Você realmente vê as mesmas cem pessoas o tempo todo.

– É isso que estou dizendo – retrucou ela. – Não há mais segredos em Londres. Eu já sei tudo sobre todo mundo.

– É mesmo? – perguntou Benedict, sem disfarçar o sarcasmo.

– Pode debochar à vontade – falou ela, empurrando-o com o dedo de uma forma que a mãe com certeza classificaria como pouco feminina –, mas não estou exagerando.

– Nem um pouquinho? – indagou ele sorrindo.

Ela olhou furiosa para ele.

– Por onde andou esta semana?

Ele entrou na sala de estar e se atirou num sofá. Talvez devesse ter esperado que ela se sentasse primeiro, mas Eloise era apenas sua irmã, afinal, e ele nunca sentia necessidade de fazer cerimônias quando estavam a sós.

– Fui à festa de Cavender – contou ele, apoiando os pés numa mesa baixa. – Foi horrível.

– Mamãe vai matar você se o pegar com os pés para cima – alertou Eloise, sentando-se numa poltrona na diagonal. – E por que a festa foi tão terrível?

– Por causa dos convidados. – Ele olhou para os próprios pés e decidiu deixá-los onde estavam. – O mais insuportável bando de palhaços inúteis que já conheci.

– Não precisa se incomodar em medir as palavras.

Benedict levantou uma sobrancelha diante do sarcasmo da irmã.

– A partir de agora, você está proibida de se casar com qualquer um que estava presente lá.

– Uma proibição que provavelmente não terei dificuldade em cumprir.

Ela bateu as mãos nos braços da poltrona. Benedict teve que sorrir. Eloise sempre fora um poço de energia.

– Mas isso não explica por onde você andou a semana inteira – comentou ela, estreitando os olhos ao fitá-lo.

– Alguém já lhe disse que você é intrometida demais?

– Ah, o tempo todo. Onde você estava?

– E insistente também.

– Não posso evitar. Onde você estava?

– Já mencionei que estou pensando em investir numa empresa que fabrica focinheiras para humanos?

Ela jogou uma almofada nele.

– Onde você estava?

– Acontece que a resposta não é nem um pouco interessante – comentou Benedict, atirando a almofada de volta para ela com delicadeza. – Eu estava no Meu Chalé, me recuperando de um resfriado horrível.

– Achei que já tivesse se recuperado.

Ele olhou para a irmã com uma expressão de espanto e contrariedade ao mesmo tempo.

– Como sabe disso?

– Eu sei de tudo. Você já deveria ter entendido isso. – Ela sorriu. – Resfriados podem ser terríveis. Você teve uma recaída?

Ele assentiu.

– Depois de dirigir debaixo de chuva.

– Bem, não foi muito inteligente da sua parte.

– Há algum motivo pelo qual eu deva permitir que a boboca da minha irmã mais nova me insulte? – perguntou ele, olhando ao redor da sala como se dirigisse a questão a outra pessoa que não Eloise.

– Provavelmente pelo fato de eu fazer isso muito bem. – Ela deu um chute no pé dele, tentando tirá-lo da mesa. – Tenho certeza que mamãe vai chegar a qualquer momento.

– Não, não vai – respondeu ele. – Ela está ocupada.

– Fazendo o quê?

Ele acenou com a mão para cima.

– Orientando a nova criada.

Ela se empertigou na poltrona.

– Nós temos uma nova criada? Ninguém me contou.

– Por Deus – comentou ele –, aconteceu algo que Eloise não sabe.

Ela se recostou de novo na poltrona e chutou o pé dele mais uma vez.

– Arrumadeira? Camareira? Faxineira? – perguntou.

– Qual a importância disso?

– É sempre bom saber o que é o quê.

– Camareira, eu acho.

Eloise levou meio segundo para digerir a informação.

– E como você sabe?

Benedict pensou que poderia muito bem dizer a verdade a ela. Deus sabia que ela estaria por dentro de toda a história até o fim do dia, mesmo que ele não

contasse.
– Porque eu a trouxe para cá.
– A criada?
– Não, a mamãe. É claro que a criada.
– Desde quando você se ocupa da contratação dos empregados?
– Desde que essa jovem em especial salvou a minha vida ao cuidar de mim enquanto eu estive doente.
Eloise ficou boquiaberta.
– Você ficou tão doente assim?
Era melhor deixá-la acreditar que ele estivera à beira da morte. Um pouco de pena e preocupação poderia ajudá-lo da próxima vez que precisasse convencê-la a fazer alguma coisa.
– Já tinha estado melhor – respondeu ele com delicadeza. – Aonde você vai?
Ela já estava de pé.
– Vou procurar mamãe e conhecer a nova criada. Ela provavelmente irá servir a mim e a Francesca, agora que Marie foi embora.
– Vocês perderam sua camareira?
Eloise fez uma careta.
– Ela nos trocou por aquela detestável Lady Penwood.
Benedict teve que sorrir diante da descrição da irmã. Lembrava-se muito bem do único encontro que tivera com Lady Penwood. Ele também a tinha achado detestável.
– Lady Penwood é famosa por maltratar os criados. Já teve três camareiras este ano. Roubou a da Sra. Featherington bem debaixo do nariz dela, mas a pobre moça durou apenas duas semanas.
Benedict escutou o discurso da irmã com toda a paciência, espantado por simplesmente estar interessado. E, no entanto, por algum estranho motivo, estava.
– Marie voltará de joelhos em uma semana pedindo que a aceitemos de volta, pode escrever o que digo – afirmou Eloise.
– Eu sempre escrevo o que você diz – respondeu ele. – Só que nem sempre eu me importo.
– Você vai se arrepender de ter falado isso – retrucou Eloise, apontando o dedo para ele.

Benedict balançou a cabeça, dando um sorrisinho.
– Duvido.
– Humpf. Vou subir.
– Divirta-se.
Ela lhe mostrou a língua – com certeza um gesto nada adequado para uma moça de 21 anos – e saiu da sala. Benedict conseguiu aproveitar apenas três minutos de solidão antes de ouvir passos no corredor, indo ritmadamente em sua direção. Quando levantou o olhar, viu a mãe na porta da sala.
Ele se levantou de imediato. Certos modos podiam ser ignorados diante da irmã, mas nunca diante da mãe.
– Eu vi os seus pés em cima da mesa – disse Violet antes que ele pudesse sequer abrir a boca.
– Eu estava apenas polindo a madeira com minhas botas.
Violet levantou as sobrancelhas, foi até a poltrona deixada vaga por Eloise e se sentou.
– Muito bem, Benedict – falou. – Quem é ela?
– Está se referindo à Srta. Beckett?
Violet assentiu, com uma expressão séria.
– Não faço ideia – respondeu Benedict –, exceto pelo fato de que ela trabalhava para os Cavenders e, pelo jeito, era maltratada pelo filho deles.
Violet empalideceu.
– Ele...? Ah, minha nossa. Ela foi...?
– Acho que não – retrucou Benedict com ar grave. – Na verdade, tenho certeza que não. Mas não por falta de tentativas da parte dele.
– Pobrezinha. Que sorte a dela que você estava lá para salvá-la.
Benedict percebeu que não queria reviver aquela noite no gramado dos Cavenders. Embora a fuga tivesse terminado de maneira bastante favorável, ele parecia não conseguir parar de pensar no que poderia ter acontecido. E se não tivesse chegado a tempo? E se Cavender e os amigos estivessem um pouco menos bêbados e um pouco mais obstinados? Sophie poderia ter sido estuprada. *Teria sido* estuprada.
E agora que ele a conhecia e passara a se importar com ela, essa simples ideia o fazia gelar.
– Bem, ela não é quem diz ser – garantiu Violet. – Disso, tenho certeza.

Benedict se empertigou.
– Por que acha isso?
– Ela é educada demais para ser arrumadeira. Os patrões da mãe podem ter permitido que ela fizesse algumas aulas com as filhas deles, mas todas? Duvido. Benedict, a menina fala francês!
– É mesmo?
– Bem, eu não posso ter certeza – admitiu Violet –, mas a peguei olhando para um livro escrito em francês em cima da escrivaninha de Francesca.
– Olhar não é o mesmo que ler, mamãe.
Ela lançou um olhar irritado para ele.
– Estou lhe falando que vi os olhos dela se movendo. Ela estava lendo.
– Se a senhora diz, deve ter razão.
Violet estreitou os olhos.
– Está sendo sarcástico?
– Em geral eu diria que sim – retrucou Benedict, sorrindo –, mas, neste caso, falei a sério.
– Talvez ela tenha sido rejeitada por uma família aristocrática – sugeriu Violet.
– Rejeitada?
– Por ter tido um filho – explicou ela.
Benedict não estava acostumado com a mãe falando de forma tão aberta.
– Hã, não – falou, pensando na firme recusa de Sophie em se tornar sua amante. – Acho que não.
Mas então pensou: por que não? Talvez ela se recusasse a pôr um filho ilegítimo no mundo porque já dera um à luz e não queria repetir o erro.
De repente ele sentiu um gosto amargo na boca. Se Sophie tivera um filho, então tivera um amante.
– Ou talvez – continuou Violet, gostando do assunto – ela seja filha ilegítima de um nobre.
Isso era bem mais plausível – e mais palatável.
– Seria de imaginar que ele teria deixado recursos suficientes para que ela não precisasse trabalhar como arrumadeira.
– Muitos homens simplesmente ignoram seus filhos ilegítimos – comentou Violet, franzindo o rosto de aversão. – É no mínimo escandaloso.
– Mais escandaloso do que *ter* filhos ilegítimos?

Violet fez uma expressão de mau humor.
– Além disso – continuou Benedict, recostando-se no sofá e apoiando um tornozelo no outro joelho –, se ela fosse a bastarda de um nobre e ele tivesse se preocupado com a educação dela quando criança, por que estaria completamente sem dinheiro agora?
– Hum, isso faz sentido. – Violet ficou tamborilando o indicador no rosto, com os lábios contraídos. – Mas não se preocupe – falou por fim. – Vou descobrir a identidade dela em um mês.
– Recomendo que peça ajuda a Eloise – sugeriu Benedict com a voz áspera.
Violet assentiu, pensativa.
– Boa ideia. Essa menina seria capaz de fazer Napoleão confessar seus segredos.
Benedict se levantou.
– Preciso ir. Estou cansado da estrada e gostaria de ir para casa.
– Você sempre pode se sentir em casa aqui.
Ele lhe deu um meio sorriso. A mãe adorava ter os filhos ao alcance da mão.
– Preciso voltar à minha própria casa – retrucou ele, abaixando-se para dar um beijo no rosto da mãe. – Obrigado por conseguir um emprego para Sophie.
– Quer dizer, para a Srta. Beckett? – perguntou Violet, curvando os lábios com ar travesso.
– Sophie, Srta. Beckett... – falou Benedict, fingindo indiferença. – Como quer que deseje chamá-la.
Quando saiu, ele não viu a mãe abrindo um largo sorriso às suas costas.

Sophie sabia que não devia se sentir muito confortável na Casa Bridgerton – afinal, ela partiria assim que conseguisse acertar tudo –, mas olhou ao redor do quarto, com certeza o melhor que já fora dado a qualquer criado, e pensou no comportamento amistoso e no sorriso simpático de Lady Bridgerton.
Simplesmente não pôde evitar o desejo de ficar ali para sempre.
Mas era impossível. Sabia disso tão bem quanto sabia que seu nome era Sophia Maria Beckett, não Sophia Maria Gunningworth.
Antes de qualquer coisa, havia sempre o perigo de acabar cruzando com Araminta, sobretudo agora que Lady Bridgerton a promovera de arrumadeira

para camareira. Uma camareira poderia, por exemplo, ir como acompanhante em passeios fora da casa. Passeios a locais que Araminta e as meninas poderiam frequentar.

E Sophie não tinha dúvidas de que a madrasta encontraria uma maneira de transformar sua vida num inferno. Araminta a odiava de uma forma que desafiava a razão. Se visse Sophie em Londres, não se contentaria em apenas ignorá-la. Iria mentir, enganar e roubar apenas para dificultar a existência de Sophie.

Ela odiava a enteada o suficiente para isso.

Mas, se Sophie fosse honesta consigo mesma, reconheceria que o verdadeiro motivo pelo qual não podia permanecer em Londres não era Araminta. Era Benedict.

Como poderia evitá-lo morando na casa da mãe dele? Estava furiosa com ele naquele momento – mais do que furiosa, na verdade –, mas sabia, no fundo, que a raiva não duraria muito. Como seria capaz de resistir a ele um dia após o outro quando a simples visão dele a deixava fraca de desejo? Algum dia, em breve, ele iria sorrir para ela, um daqueles seus sorrisos enviesados, e ela teria que se agarrar à mobília apenas para não desfalecer de forma patética.

Sophie se apaixonara pelo homem errado. Jamais poderia tê-lo da maneira que queria, e se recusava a ficar com Benedict nas condições que ele oferecia.

Não havia esperança.

Ela foi resgatada de quaisquer novos pensamentos deprimentes por uma batida rápida na porta. Quando disse “Sim?”, a porta se abriu e Lady Bridgerton entrou no quarto.

Sophie se levantou no mesmo instante e fez uma reverência.

– Deseja alguma coisa, milady? – perguntou.

– Não, nada – respondeu Violet. – Estou apenas conferindo se você já está instalada. Precisa de alguma coisa?

Sophie piscou. Lady Bridgerton tinha acabado de perguntar se *ela* precisava de alguma coisa? Era o contrário do relacionamento normal entre dama e criada.

– Hã, não, obrigada – retrucou ela. – Mas eu adoraria fazer algo para a senhora.

Violet dispensou a oferta com um aceno de mão.

– Não há necessidade. Não precisa fazer nada hoje. Prefiro que se instale primeiro, para que não se distraia depois de começar.

Sophie olhou para a pequena mala que levara.

– Não tenho muito o que guardar. Com toda a sinceridade, eu adoraria começar a trabalhar agora mesmo.

– Bobagem. Já estamos quase no fim do dia, e de qualquer maneira não planejamos sair esta noite. As meninas e eu ficamos com apenas uma camareira durante a última semana, então com certeza sobreviveremos por mais uma noite.

– Mas...

Violet sorriu.

– Sem discussão, por favor. Um último dia livre é o mínimo que posso fazer depois de você ter salvado meu filho.

– Não fiz nada de mais – afirmou Sophie. – Ele teria ficado ótimo sem mim.

– Mesmo assim, você o ajudou quando ele precisou, e por isso me sinto em dívida.

– Foi um prazer – respondeu Sophie. – Era o mínimo que eu podia fazer depois do que ele fez por mim.

Então, para grande surpresa de Sophie, Violet entrou no quarto e se sentou na cadeira atrás da escrivaninha.

Escrivaninha! Sophie ainda tentava absorver isso. Que criada algum dia fora abençoada com uma escrivaninha?

– Então me diga, Sophie – falou Violet com uma expressão simpática que no mesmo instante a lembrou o sorriso fácil de Benedict. – De onde você é?

– Da Ânglia Oriental – respondeu Sophie, não vendo motivo para mentir. Os Bridgertons eram de Kent. Era pouco provável que Violet conhecesse Norfolk, onde Sophie fora criada. – Não muito longe de Sandringham, caso saiba onde fica.

– Sei, sim – afirmou Violet. – Nunca estive lá, mas ouvi dizer que é uma construção linda.

Sophie assentiu.

– É linda, sim. Claro que eu nunca entrei, mas a parte externa é linda.

– Onde sua mãe trabalhava?

– Em Blackheath Hall – respondeu Sophie, sem qualquer dificuldade para mentir. Já haviam lhe feito a mesma pergunta várias vezes. Fazia tempo que estabelecera um nome para seu lar fictício. – A senhora conhece?

Lady Bridgerton franziu a testa.

– Não, acho que não.
– Fica um pouco ao norte de Swaffham.
Lady Bridgerton balançou a cabeça.
– Não, não conheço.
Sophie deu um sorriso gentil.
– Pouca gente conhece.
– Você tem irmãos?
Sophie não estava acostumada com um patrão desejando saber tanto a respeito de sua origem familiar. Em geral, perguntavam apenas sobre os empregos anteriores e as referências.
– Não. Era só eu.
– Ah, bem, pelo menos você tinha a companhia das meninas com quem frequentava as aulas. Deve ter sido bom para você.
– Era divertido – mentiu Sophie.
Na verdade, estudar com Rosamund e Posy fora uma tortura. Ela gostava muito mais das aulas quando eram apenas ela e a tutora, antes de as duas terem ido morar em Penwood Park.
– Devo dizer que foi muito generoso da parte dos patrões da sua mãe. – Violet fez uma pausa e franziu a testa. – Como você disse que eles se chamavam mesmo?
– Grenville.
Violet franziu a testa mais uma vez.
– Não os conheço.
– Eles não vêm a Londres com frequência.
– Ah, bem, isso explica tudo – comentou Violet. – Mas, como eu estava dizendo, foi muito generoso permitir que você frequentasse as aulas com as filhas deles. O que você estudou?
Sophie ficou paralisada, sem saber se aquilo era um interrogatório ou se Lady Bridgerton estava de fato interessada. Ninguém nunca se dera o trabalho de mergulhar tão profundamente nas origens falsas que ela criara para si mesma.
– Hã, as disciplinas de sempre – desconversou. – Aritmética e literatura. História. Um pouco de mitologia. Francês.
– Francês? – perguntou Violet, parecendo bastante surpresa. – Que interessante. Tutoras francesas podem ser muito caras.

– A tutora falava francês – explicou Sophie –, de modo que não custava nada a mais.
– Como é o seu francês?
Sophie não iria contar a verdade e dizer que era perfeito. Ou quase. Ela ficara sem praticar nos últimos anos e perdera um pouco da fluência.
– É tolerável – falou. – Bom o bastante para me passar por uma criada francesa, se é o que deseja.
– Ah, não – retrucou Violet, rindo animadamente. – Por Deus, não. Sei que é a última moda ter criadas francesas, mas eu jamais pediria que fizesse todas as suas tarefas tentando se lembrar de falar com sotaque francês.
– Isso é muito gentil da sua parte – observou Sophie, tentando não transparecer a desconfiança.
Tinha certeza de que Lady Bridgerton era uma senhora boa. *Precisava* ser, para ter criado uma família tão boa. Mas aquilo era quase bom *demais*.
– Bem, é... hã, bom dia, Eloise. O que a traz aqui?
Sophie olhou para a porta e viu uma jovem que só poderia ser uma Bridgerton. Tinha os cabelos castanhos espessos presos com elegância na altura da nuca e a boca larga e expressiva, exatamente como a de Benedict.
– Benedict me contou que temos uma nova criada – disse ela.
Violet fez um sinal na direção de Sophie.
– Essa é Sophie Beckett. Estávamos só conversando. Acho que vamos nos dar muitíssimo bem.
Eloise encarou a mãe de maneira estranha – pelo menos na opinião de Sophie. Imaginou que talvez fosse possível que a jovem sempre a fitasse com um olhar de lado, meio confuso e desconfiado. Mas achou que não.
– Meu irmão me disse que você salvou a vida dele – comentou Eloise, virando-se da mãe para Sophie.
– Ele está exagerando – garantiu Sophie, dando um leve sorriso.
Eloise dirigiu-lhe um olhar estranhamente perspicaz e Sophie teve a clara impressão de que ela analisava seu sorriso, tentando decidir se a nova criada estava ou não sendo irônica a respeito de Benedict e, caso estivesse, se era de brincadeira ou por crueldade.
O instante pareceu durar uma eternidade, então Eloise curvou os lábios de um modo surpreendentemente maroto.

– Acho que minha mãe tem razão – falou. – Vamos nos dar muitíssimo bem.

Sophie achou que acabara de passar em algum tipo de teste fundamental.

– Já conheceu Francesca e Hyacinth? – perguntou Eloise.

Sophie balançou a cabeça ao mesmo tempo que Violet começava a explicar:

– Elas saíram. Francesca foi visitar Daphne e Hyacinth está na casa das Featheringtons. Ela e Felicity parecem ter superado a briga que tiveram e voltaram a ser inseparáveis.

Eloise riu.

– Pobre Penelope. Acho que ela devia estar aproveitando a relativa paz e tranquilidade sem Hyacinth por perto. Só sei que *eu* estava gostando de ter uma folga de Felicity.

Lady Bridgerton se virou para Sophie e contou:

– Minha filha Hyacinth passa mais tempo na casa da melhor amiga, Felicity Featherington, do que aqui. E, quando não está lá, Felicity está aqui.

Sophie sorriu e assentiu, imaginando por que elas estavam compartilhando aquele tipo de informação com ela. As duas a tratavam como parte da família, algo que sua própria família jamais fizera.

Era muito estranho.

Estranho e maravilhoso.

Estranho, maravilhoso e horrível.

Porque não poderia durar.

Mas quem sabe ela pudesse ficar apenas por um tempo. Não muito. Algumas semanas – talvez até mesmo um mês. Só o suficiente para pôr suas coisas e suas ideias em ordem. O suficiente para relaxar e fingir que era mais do que apenas uma criada.

Sabia que jamais seria parte da família Bridgerton, mas talvez tivesse a chance de ser uma amiga.

Fazia muito tempo que não era amiga de ninguém.

– Algum problema, Sophie? – perguntou Lady Bridgerton. – Está com uma lágrima no olho.

Sophie balançou a cabeça.

– É só um cisco – murmurou, fingindo se ocupar de desfazer sua pequena sacola de pertences.

Sabia que nenhuma das duas acreditara nela, mas não se importava muito.

E, embora não fizesse ideia de para onde iria quando saísse dali, teve a estranha sensação de que sua vida acabara de começar.

CAPÍTULO 15

Esta autora tem certeza de que a metade masculina da população não se interessará pela próxima parte da coluna. Assim, os homens estão liberados para passar direto por ela. No entanto, para as damas, esta autora será a primeira a informar que a família Bridgerton acabou sendo atraída para a batalha das criadas que vem sendo travada durante toda a temporada entre Lady Penwood e a Sra. Featherington. Pelo jeito, a camareira das meninas Bridgerton desertou para a casa das Penwoods, substituindo a criada que voltara para a casa das Featheringtons depois que Lady Penwood a obrigou a limpar trezentos pares de sapatos.

Ainda sobre os Bridgertons, Benedict está definitivamente de volta a Londres. Parece que ele adoeceu quando estava no campo e estendeu sua permanência. Seria de se desejar uma explicação mais interessante (sobretudo quando se trata de alguém como esta autora, que depende de histórias interessantes para ganhar a vida), mas, infelizmente, a história é apenas essa.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
14 DE MAIO DE 1817

Na manhã seguinte, Sophie havia conhecido cinco dos sete irmãos de Benedict. Eloise, Francesca e Hyacinth ainda moravam com a mãe, Anthony havia passado com o filho mais novo para tomar o café da manhã e Daphne – que agora era a duquesa de Hastings – fora chamada para ajudar Lady Bridgerton a planejar o baile do fim da temporada. Os únicos membros da família a que Sophie ainda não fora apresentada eram Gregory, que estudava em Eton, e Colin, que estava, nas palavras de Anthony, sabe Deus onde.

No entanto, tecnicamente, Sophie já conhecera Colin – dois anos antes, no

baile de máscaras. Ela ficou bastante aliviada por ele estar fora da cidade. Duvidava que a reconhecesse, afinal Benedict não a reconhecera, mas, de alguma forma, a ideia de encontrá-lo de novo era muito estressante e inquietante.

Não que isso devesse importar, ela pensou com pesar. Tudo parecia muito estressante e inquietante nos últimos dias. *Não* foi surpresa para Sophie que Benedict aparecesse na casa da mãe na manhã seguinte para o desjejum. Ela poderia ter conseguido evitá-lo, só que ele estava parado no corredor quando ela tentou descer para a cozinha, onde planejava tomar o café com os demais criados.

– E como foi sua primeira noite na Bruton Street número seis? – perguntou ele, dando um preguiçoso sorriso tipicamente masculino.

– Esplêndida – respondeu Sophie, dando um passo para o lado a fim de desviar dele.

Mas ele fez o mesmo movimento, bloqueando o caminho dela com eficiência.

– Que bom que está gostando – falou Benedict baixinho.

Sophie deu um passo para o outro lado.

– Eu *estava* – retrucou de forma enfática.

Benedict era cortês demais para dar outro passo para o outro lado, porém de alguma forma conseguiu se virar e se apoiar numa mesa de tal modo que mais uma vez impediu a passagem de Sophie.

– Alguém já fez um tour pela casa com você? – quis saber ele.

– A governanta.

– E pelos jardins?

– Não há jardins.

Ele sorriu, com o olhar caloroso e sedutor.

– Há um jardim, pelo menos.

– Do tamanho de uma nota de uma libra – retrucou ela.

– Mesmo assim...

– Mesmo assim – interrompeu Sophie –, eu preciso tomar o café da manhã.

Ele deu um passo galante para o lado.

– Até a próxima vez – murmurou.

Sophie teve a nítida sensação de que a próxima vez seria muito em breve.

Trinta minutos depois, ela saiu devagar da cozinha, meio que esperando que Benedict saltasse diante dela saído de algum canto. Bem, talvez não estivesse meio que esperando. A julgar pela forma como mal conseguia respirar, estava esperando por inteiro.

Mas ele não apareceu.

Sophie seguiu em frente devagar. Com certeza ele desceria a escada a qualquer momento, encurralando-a.

Mais uma vez, nenhum sinal dele.

Sophie abriu a boca, então mordeu a língua quando se deu conta de que estava prestes a dizer o nome dele.

– Garota burra – murmurou.

– Quem é burra? – perguntou Benedict. – Com certeza, não *você*.

Sophie deu um salto de quase meio metro.

– De onde você surgiu? – indagou ela assim que recuperou o fôlego.

Ele apontou para uma porta aberta.

– Dali – falou, com a voz inocente.

– Então agora você está surgindo de dentro de *armários*?

– É claro que não. – Ele fez ar de ofendido. – Ali é uma escada.

Sophie espiou ao redor dele. Era a escada lateral. A usada pelos *criados*. Com certeza não era um lugar pelo qual um membro da família costumava circular.

– E você costuma descer furtivamente pela escada lateral? – perguntou ela, cruzando os braços.

Ele se inclinou para a frente, apenas o suficiente para deixá-la ligeiramente desconfortável e, embora Sophie jamais fosse admitir isso a ninguém – nem a si mesma –, ligeiramente excitada.

– Só quando quero surpreender alguém.

Ela tentou passar por ele.

– Preciso trabalhar.

– Agora?

Sophie rangeu os dentes.

– Sim, agora.

– Mas Hyacinth está tomando o café da manhã. Vai ser difícil conseguir vesti-la enquanto ela estiver comendo.

– Eu também cuido de Francesca e Eloise.

Benedict deu de ombros e deu um sorriso inocente.

– Elas estão tomando o café da manhã também. Na verdade, você não tem nada para fazer.

– O que mostra como você sabe pouco sobre trabalhar para viver – retrucou ela. – Eu preciso passar, costurar, polir...

– Eles a fazem polir a prataria?

– Sapatos! – exclamou Sophie, quase gritando. – Eu preciso polir os sapatos.

– Ah. – Ele se inclinou para trás, apoiando um ombro na parede e cruzando os braços. – Não parece nada interessante.

– E *não é* interessante – resmungou ela, tentando ignorar as lágrimas que de repente ardiam em seus olhos.

Sabia que sua vida era desinteressante, mas era doloroso ouvir alguém fazer essa observação.

Benedict ergueu um canto da boca num sorriso sedutor.

– Sua vida não *precisa* ser desinteressante, sabia?

Ela tentou passar por ele.

– Prefiro que seja.

Ele fez um aceno grandioso com o braço para o lado, abrindo caminho para Sophie.

– Se é o que deseja...

– É, sim. – Mas as palavras saíram sem qualquer firmeza. – *É*, sim – repetiu ela.

Ora, não fazia sentido mentir para si mesma. Ela não preferia. Não completamente. Mas era assim que devia ser.

– Você está tentando convencer a si mesma ou a mim? – indagou ele baixinho.

– Essa pergunta não é nem digna de resposta – retrucou ela.

Mas não o encarou nos olhos ao dizer isso.

– Então é melhor subir – observou Benedict, levantando uma sobrancelha quando ela não se mexeu. – Imagino que tenha muitos sapatos para polir.

Sophie saiu correndo pela escada – a usada pelos criados – e não olhou para trás.

Depois, ele a encontrou no jardim – aquela minúscula faixa de grama a que ela

se referira com tanta ironia (e precisão) pouco tempo antes como sendo do tamanho de uma nota de uma libra. As irmãs Bridgertons tinham ido visitar as irmãs Featheringtons, e Lady Bridgerton tirava um cochilo. Sophie passara todos os vestidos para a festa daquela noite, escolhera as fitas de cabelo para combinarem com cada modelo e polira sapatos suficientes para uma semana.

Com todo o trabalho pronto, Sophie decidiu fazer um intervalo e ler no jardim. Como Violet a autorizara a pegar quaisquer livros de sua pequena biblioteca, Sophie escolheu um romance publicado recentemente e se instalou numa cadeira de ferro forjado no pequeno pátio. Havia lido apenas um capítulo quando ouviu passos vindos da casa. De alguma forma, conseguiu não olhar até que uma sombra pairou sobre ela. Benedict, como era de se esperar.

– Você *mora* aqui? – perguntou Sophie com frieza.

– Não – respondeu ele, se atirando na cadeira ao lado da dela –, embora minha mãe sempre diga para eu me sentir em casa aqui.

Como não conseguiu pensar numa réplica inteligente, Sophie se limitou a soltar um "humpf" e enfiou o nariz de volta no livro.

Ele pôs os pés em cima da mesinha em frente.

– E o que você está lendo hoje?

– Essa pergunta pressupõe que eu esteja de fato lendo, o que com certeza não consigo fazer enquanto você está sentado aqui – retrucou Sophie, fechando o livro de repente, mas marcando a página com o dedo.

– Minha presença é tão irresistível assim, é?

– É tão *perturbadora* assim.

– Melhor do que desinteressante – observou ele.

– Eu gosto da minha vida desinteressante.

– Isso só pode querer dizer que você não compreende a natureza da animação.

A condescendência no tom dele era espantosa. Sophie agarrou o livro com tanta força que os nós dos dedos embranqueceram.

– Já tive animação suficiente na minha vida – garantiu ela, com os dentes cerrados. – Posso lhe garantir.

– Eu adoraria me aprofundar nesta conversa – observou Benedict com a fala arrastada –, mas você não demonstrou interesse *algum* em dividir comigo detalhe da sua vida.

– De fato, não demonstrei.

Ele estalou os lábios em desaprovação.
– Quanta hostilidade.
Sophie arregalou os olhos.
– Você me raptou...
– Convenci você a vir comigo – lembrou ele.
– Quer que eu bata em você?
– Eu não me importaria – disse ele com a voz suave. – E, além disso, agora que está aqui, foi tão terrível assim que eu a tenha coagido? Você gostou da minha família, não gostou?
– Gostei, mas...
– E todos lhe tratam bem, não tratam?
– Sim, mas...
– Então qual é o problema? – quis saber Benedict, em um tom bastante atrevido.
Sophie quase perdeu a paciência. Por um triz não saltou da cadeira, agarrou-o pelos ombros e o sacudiu, mas, no último instante, percebeu que era isso que ele queria que ela fizesse. Então, preferiu simplesmente empinar o nariz e dizer:
– Se não consegue reconhecer o problema, eu não teria como explicá-lo a você.
Ele riu, o desgraçado.
– Minha nossa – comentou –, que bela evasiva.
Ela abriu o livro.
– Eu estou lendo.
– Tentando, pelo menos – murmurou Benedict.
Ela virou uma página, embora não tivesse lido os dois últimos parágrafos. Na realidade, tentava apenas demonstrar que o estava ignorando. Além disso, poderia voltar e ler os dois parágrafos mais tarde, depois que ele fosse embora.
– Seu livro está de cabeça para baixo – observou ele.
Sophie arfou e olhou para baixo.
– Não está, não!
Ele sorriu com ar astuto.
– Mas você precisou checar para ter certeza, não foi?
Sophie se levantou e anunciou:
– Vou entrar.
Ele se levantou no mesmo instante.

– E deixar o esplêndido ar da primavera?

– E deixar *você* – retrucou ela, embora o gesto respeitoso dele não tenha passado despercebido.

Cavalheiros não costumavam se levantar para simples criadas.

– Uma pena – murmurou ele. – Eu estava me divertindo tanto...

Sophie imaginou quanto conseguiria machucar Benedict se atirasse o livro nele. Era provável que não o bastante para compensar a perda de sua dignidade.

Ela se espantava com a capacidade dele de enfurecê-la. Ela o amava desesperadamente – já desistira de mentir para si mesma quanto a isso – e, no entanto, Benedict era capaz de fazer todo o seu corpo tremer de raiva com apenas um gracejo.

– Adeus, Sr. Bridgerton.

Ele acenou para ela.

– Até mais tarde, tenho certeza.

Sophie parou por um instante, sem saber se gostava da atitude indiferente dele.

– Pensei que fosse entrar – disse ele, parecendo se divertir.

– E vou – afirmou ela.

Ele inclinou a cabeça para o lado, mas não falou nada. Não precisava. A ironia nos olhos dele foi o suficiente.

Sophie se virou e se dirigiu para a porta da casa, mas quando estava mais ou menos na metade do caminho o ouviu dizer:

– Seu vestido novo é muito bonito.

Ela parou e suspirou. Podia ter passado de falsa pupila de um conde a uma simples camareira, mas continuava tendo bons modos, logo não poderia ignorar um elogio. Voltou-se para Benedict e disse:

– Obrigada. Foi presente da sua mãe. Creio que tenha pertencido a Francesca.

Ele se apoiou na cerca, numa postura falsamente indolente.

– Dividir as roupas com as criadas é bastante comum, certo?

Sophie assentiu.

– Quando elas não estão mais sendo usadas, é claro. Ninguém daria um vestido novo a uma camareira.

– Entendo.

Sophie olhou para ele com desconfiança, imaginando por que ele se importava com as condições do vestido dela.

– Você não ia entrar? – perguntou Benedict.
– O que está tramando? – devolveu ela.
– Por que acha que estou tramando algo?
Ela contraiu os lábios antes de retrucar:
– Não seria você se não estivesse tramando algo.
Ele sorriu.
– Vou considerar isso um elogio.
– Talvez não tenha sido minha intenção.
– Mesmo assim, é como prefiro considerar – disse ele com delicadeza.
Como não soube ao certo como responder, Sophie ficou em silêncio. Também não continuou seu caminho em direção à porta. Não sabia por que, já que fora bem clara quanto ao desejo de ficar sozinha. Mas o que ela dizia e o que sentia nem sempre coincidiam. Seu coração desejava aquele homem, sonhava com uma vida que jamais poderia acontecer.
Ela não devia ficar com tanta raiva dele. Era verdade que Benedict não deveria tê-la forçado a ir para Londres contra a vontade, mas não podia culpá-lo por lhe oferecer a posição de amante dele. Ele fizera o que qualquer homem teria feito em sua situação. Sophie não tinha ilusões quanto ao seu lugar na sociedade de Londres. Ela era uma camareira. Uma criada. E a única coisa que a separava das outras camareiras e dos demais criados era que ela experimentara o luxo quando criança. Fora educada com carinho, ainda que sem amor, e a experiência moldara seus ideais e valores. Agora, ela ficaria eternamente presa entre dois mundos, sem lugar definido em nenhum deles.
– Você está muito séria – comentou ele baixinho.
Sophie o escutou, mas não conseguiu se desligar por completo dos próprios pensamentos.
Benedict deu um passo à frente. Estendeu a mão para tocar o queixo dela e então se controlou. Sophie tinha algo de intocável naquele instante, algo inalcançável.
– Não suporto quando fica com esse ar tão triste... – observou Benedict, surpreso com o que dissera.
Não pretendia falar nada, as palavras simplesmente saíram.
Ela olhou para ele.
– Não estou triste.

Ele balançou a cabeça bem de leve.

– Existe uma tristeza no fundo dos seus olhos. Quase sempre está lá.

Ela levou a mão ao rosto, como se essa tristeza fosse algo palpável, que pudesse ser tirada com a mão.

Benedict segurou a mão dela e a levou aos lábios.

– Gostaria que dividisse seus segredos comigo.

– Eu não tenho...

– Não minta – interrompeu ele, num tom mais severo do que o pretendido. – Você tem mais segredos do que qualquer mulher que... – Benedict parou de falar, com uma imagem súbita da mulher do baile de máscaras lhe passando pela cabeça. – Mais do que praticamente qualquer mulher que conheci – concluiu.

Ela o encarou por um instante, depois desviou o olhar.

– Não há nada de errado com segredos. Se eu preferir...

– Os seus segredos a estão comendo viva – disse ele de forma enfática. Não queria ficar ali parado ouvindo as desculpas dela, e sua frustração acabava com sua paciência. – Você tem a oportunidade de mudar de vida, de agarrar a felicidade, mas não faz isso.

– Eu não posso – afirmou ela, e a dor em sua voz quase o abateu.

– Bobagem – retrucou Benedict. – Você pode fazer o que desejar. Só não quer.

– Não torne as coisas mais difíceis do que já são – sussurrou ela.

Quando Sophie disse isso, algo se rompeu dentro dele. Benedict pôde sentir o fluxo de sangue se tornando mais intenso e alimentando a raiva frustrada que fervia dentro dele havia dias.

– Você acha que não são difíceis? – indagou. – Acha que não é *difícil*?

– Eu não falei isso!

Ele agarrou a mão dela e puxou-a para si, para que ela visse por si mesma a dificuldade dele.

– Meu corpo arde por você – confessou Benedict, encostando os lábios na orelha dela. – Todas as noites, eu durmo pensando em você, me perguntando por que é que você está aqui com a minha mãe, dentre todas as pessoas do mundo, e não comigo.

– Eu não queria...

– Eu não sei o que você quer – interrompeu ele.

Foi uma declaração cruel, condescendente ao extremo, mas ele não se

importava mais. Ela o ferira de uma forma que ele sequer imaginava ser possível, com uma força que jamais sonhara que ela possuía. Preferira uma vida de trabalho árduo a uma existência com ele, e agora Benedict estava condenado a vê-la quase todos os dias, a vê-la e senti-la o suficiente para manter seu desejo aceso e forte.

A culpa era dele mesmo, é claro. Ele poderia tê-la deixado no campo, poupando-se daquela tortura. Mas surpreendera até a si mesmo ao insistir que ela fosse para Londres. Era estranho, e ele quase temia analisar o que significava, mas sua necessidade de saber que ela estava a salvo e protegida era maior que sua necessidade de tê-la para si.

Sophie disse o nome dele, e a urgência contida em sua voz deixou claro que ela não era indiferente à sua presença. Ela podia não compreender completamente o que significava querer um homem, mas o desejava mesmo assim.

Benedict capturou a boca de Sophie com a sua, jurando a si mesmo que, se ela dissesse não, se desse qualquer indicação de que não queria aquilo, ele pararia. Seria a coisa mais difícil da sua vida, mas a obedeceria.

Mas ela não disse não, não o empurrou ou tentou se desvencilhar. Em vez disso, se entregou aos braços dele e acariciou seus cabelos ao abrir os lábios. Ele não sabia por que ela de repente decidira deixar que a beijasse – não, por que decidira *beijá-lo* –, mas não pretendia afastar-se de sua boca para questionar.

Benedict aproveitou o momento. Ele a saboreou, sorveu, *respirou*. Não estava mais tão confiante de que conseguiria convencê-la a se tornar sua amante, e de repente se tornou fundamental que aquele beijo fosse mais do que apenas um beijo. Talvez precisasse durar uma vida inteira.

Ele a beijou com energia renovada, afastando a voz mesquinha que lhe dizia que ele já tinha passado por aquilo antes. Dois anos antes, Benedict dançara com uma mulher e a beijara, e ela lhe dissera que ele teria que fazer toda uma vida caber num único beijo.

Na ocasião, ele experimentara um excesso de confiança. Não acreditara nela. E então a perdera. Talvez tivesse perdido tudo. Certamente não havia conhecido ninguém desde então com quem podia imaginar construir uma vida.

Até Sophie.

Ao contrário da dama de prateado, ela não era alguém com quem ele pudesse esperar se casar, mas também ao contrário da dama de prateado, ela estava *ali*.

E ele não a deixaria escapar.

Ela estava ali, com ele, e era o paraíso. O perfume suave dos cabelos dela, o leve gosto salgado de sua pele – ele pensou que ela nascera para repousar na proteção de seus braços. E ele nascera para abraçá-la.

– Venha para casa comigo – sussurrou no ouvido dela.

Sophie não disse nada, mas ele sentiu que ela ficou tensa.

– Venha para casa comigo – repetiu ele.

– Não posso – retrucou, com o ar de cada palavra sussurrada atravessando a pele dele.

– *Pode*, sim.

Ela balançou a cabeça, mas não se afastou. Então, ele aproveitou o momento e colou os lábios aos dela mais uma vez. Projetou a língua e explorou os recessos da boca de Sophie, saboreando a essência dela. Sua mão encontrou a curva do seio dela e o comprimiu com delicadeza, prendendo a respiração ao senti-la se contrair a seu toque. Mas aquilo não era o bastante. Ele queria sentir a pele dela, não o tecido do seu vestido.

No entanto, aquele não era o local adequado. Os dois estavam no jardim da mãe dele, pelo amor de Deus. Alguém poderia surpreendê-los e, para ser sincero, se ele não a tivesse puxado para dentro da alcova ao lado da porta, qualquer um teria conseguido vê-los. Era o tipo de coisa que faria Sophie perder o emprego.

Talvez ele devesse levá-la para fora, onde todos os veriam, porque então ela estaria sozinha mais uma vez e não teria escolha além de ser sua amante.

O que era, lembrou a si mesmo, o que ele desejava.

Mas lhe ocorreu – e, com toda a sinceridade, ele ficou bastante surpreso de ter presença de espírito num momento daqueles para que qualquer coisa lhe ocorresse – que parte do motivo pelo qual gostava tanto dela era a percepção impressionantemente sólida e resoluta que Sophie tinha de si mesma. Ela sabia quem era. E – o que era uma pena para ele – a pessoa que ela era não se afastava dos limites impostos pela sociedade respeitável.

Se ele arruinasse sua reputação diante de pessoas que ela admirava e respeitava, também despedaçaria seu espírito. E isso seria um crime imperdoável.

Bem devagar, Benedict se afastou. Ainda a desejava, e ainda queria que ela fosse sua amante, mas não iria se impor e comprometê-la na casa de sua mãe. Quando Sophie o procurasse – e ele jurou que ela o procuraria –, seria de livre e

espontânea vontade.

No meio-tempo, ele a cortejaria, venceria a resistência dela. No meio-tempo, ele...

– Você parou – sussurrou ela, parecendo surpresa.

– Aqui não é o lugar para isto – respondeu ele.

Por um instante, o rosto dela não demonstrou qualquer mudança de expressão. Então, quase como se uma sombra tivesse surgido sobre ele, o horror dominou-o. Começou pelos olhos, que se arregalaram e de algum modo ficaram ainda mais verdes do que o habitual, e depois chegou à boca, fazendo com que os lábios dela se entreabrissem num arfar.

– Eu não estava pensando – murmurou Sophie, mais para si mesma do que para ele.

– Eu sei. – Ele sorriu. – Eu sei. Detesto quando você pensa. Sempre termina mal para mim.

– Não podemos fazer isso de novo.

– Com certeza não podemos fazer isso *aqui*.

– Não, eu quis dizer...

– Você está estragando tudo.

– Mas...

– Faça-me um favor – disse ele – e me deixe acreditar que a tarde terminou sem você me dizer que isto nunca voltará a acontecer.

– Mas...

Ele pressionou um dedo nos lábios dela.

– Você não está me atendendo.

– Mas...

– Eu não mereço esta mísera fantasia?

Enfim, fez um progresso: ela sorriu.

– Que bom – disse ele. – Assim é melhor.

Os lábios dela estremeceram e então, incrivelmente, seu sorriso ficou mais largo.

– Ótimo – murmurou Benedict. – Agora eu vou embora. E você tem apenas uma tarefa enquanto isso: vai ficar bem aqui e continuar sorrindo. Porque me parte o coração ver qualquer outra expressão em seu rosto.

– Você não vai conseguir me ver – observou Sophie.

Ele a tocou no queixo.

– Eu saberei.

E então, antes que a expressão dela pudesse deixar de ser aquela encantadora combinação de perplexidade e adoração, Benedict foi embora.

CAPÍTULO 16

As Featheringtons ofereceram um pequeno jantar ontem à noite e, embora esta autora não tenha tido o privilégio de comparecer, dizem que a noite foi considerada um verdadeiro sucesso. Três Bridgertons compareceram, mas, infelizmente para as anfitriãs, nenhum era do sexo masculino. O sempre amável Nigel Berbrooke estava lá, muito atento à Srta. Philippa.

Esta autora foi informada de que Benedict e Colin Bridgerton foram convidados, mas não puderam estar presentes.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
19 DE MAIO DE 1817

Os dias se transformaram em uma semana e Sophie descobriu que ser camareira dos Bridgertons era capaz de manter uma moça realmente muito ocupada. Seu trabalho era cuidar das três meninas solteiras, e ela ficava hora após hora fazendo penteados, costurando, passando vestidos, polindo sapatos... Não havia saído da casa em nenhuma ocasião – a não ser por aquela única vez no jardim.

Mas, enquanto a vida semelhante que levava sob o jugo de Araminta era sombria e degradante, a Casa Bridgerton era cheia de risadas e alegria. As meninas implicavam umas com as outras e se provocavam, mas nunca com a maldade que Sophie vira Rosamund demonstrar em relação a Posy. E quando o chá era informal – no andar de cima, apenas com Lady Bridgerton e as filhas –, Sophie sempre era convidada a participar. Ela em geral levava sua cesta de costuras e cerzia ou pregava botões enquanto as mulheres da família conversavam, mas era muito bom poder sentar e tomar uma boa xícara de chá, com leite fresco e bolinhos quentes. Depois de alguns dias, Sophie passou até a se sentir confortável para às vezes participar da conversa.

Havia se tornado a hora preferida do dia de Sophie.
– Onde vocês acham que está Benedict? – perguntou Eloise, numa tarde cerca de uma semana depois do que Sophie agora chamava de “o grande beijo”.
– Ai!
Quatro rostos se viraram para Sophie.
– Você está bem? – perguntou Violet, segurando a xícara no caminho entre o pires e a boca.
Sophie fez uma careta.
– Espetei o dedo.
Violet curvou os lábios num sorrisinho.
– Mamãe já falou pelo menos *mil* vezes... – disse Hyacinth, de 14 anos.
– Mil vezes? – retrucou Francesca, com as sobrancelhas arqueadas.
– Cem vezes – corrigiu Hyacinth, olhando com irritação para a irmã mais velha – que você não precisa trazer suas costuras para o chá.
Agora foi a vez de Sophie conter um sorriso.
– Eu me sentiria muito ociosa se não trouxesse.
– Bem, eu não vou trazer meu bordado – anunciou Hyacinth, não que alguém tivesse pedido.
– Está se sentindo ociosa? – quis saber Francesca.
– Nem um pouco – respondeu Hyacinth.
Francesca se virou para Sophie.
– Você está fazendo Hyacinth se sentir ociosa.
– Não estou! – protestou Hyacinth.
Violet tomou um gole do chá.
– Você está trabalhando no mesmo bordado há um bom tempo, Hyacinth. Desde fevereiro, se não me falha a memória.
– A memória dela nunca falha – disse Francesca a Sophie.
Hyacinth olhou para Francesca, que sorriu ao levar a xícara aos lábios.
Sophie tossiu para esconder o próprio sorriso. Francesca, que aos 20 anos era apenas um ano mais jovem do que Eloise, tinha um senso de humor mordaz e apurado. Algum dia, Hyacinth seria como ela, mas não ainda.
– Ninguém respondeu à minha pergunta – lembrou Eloise, pousando a xícara no pires ruidosamente. – Onde está Benedict? Eu não o vejo há décadas.
– Faz uma semana – observou Violet.

– Ai!
– Precisa de um dedal? – perguntou Hyacinth a Sophie.
– Em geral não sou tão atrapalhada – murmurou Sophie.
Violet levou a xícara aos lábios e a manteve ali pelo que pareceu um tempo bastante longo.
Sophie cerrou os dentes e retomou a costura com fúria. Para sua surpresa, Benedict não fizera nem uma pequena aparição desde o grande beijo, na semana anterior. Ela se flagrou olhando pelas janelas, espiando pelos corredores, sempre esperando vê-lo de repente.
E, no entanto, ele nunca estava lá.
Sophie não conseguia decidir se estava arrasada ou aliviada. Ou as duas coisas.
Suspirou. Definitivamente, as duas coisas.
– Disse alguma coisa, Sophie? – quis saber Eloise.
Sophie balançou a cabeça e murmurou “não”, recusando-se a levantar o olhar do pobre indicador ferido. Fazendo algumas caretas, ela apertou a pele e assistiu o sangue escorrer devagar até a ponta do dedo.
– Onde ele está? – insistiu Eloise.
– Benedict tem 30 anos – retrucou Violet com delicadeza. – Ele não precisa nos informar de todas as suas atividades.
Eloise riu alto.
– Que bela mudança em relação à semana passada, mamãe.
– O que quer dizer?
– “Onde ele está?” – brincou Eloise, fazendo uma imitação bastante precisa da mãe. – “Como ele ousa viajar sem avisar? Parece que desapareceu da face da terra.”
– Era diferente – garantiu Violet.
– Diferente como? – quis saber Francesca, com o sorriso de sempre nos lábios.
– Ele tinha dito que ia à festa daquele jovem terrível, Phillip Cavender, e depois não deu sinal de vida, enquanto desta vez... – Ela parou e contraiu os lábios. – *Por que* estou me explicando para vocês?
– Não posso nem imaginar – murmurou Sophie.
Eloise, que estava sentada mais perto de Sophie, se engasgou com o chá.
Francesca bateu nas costas da irmã enquanto se inclinava para a frente a fim de perguntar:

– Falou alguma coisa, Sophie?

Sophie balançou a cabeça e enfiou a agulha no vestido que consertava, passando longe da costura. Eloise olhou para ela com desconfiança.

Violet pigarreou.

– Bem, eu acho que... – Parou e inclinou a cabeça para o lado. – Esperem, tem alguém no corredor?

Sophie abafou um gemido e olhou para a porta, esperando que o mordomo entrasse. Wickham sempre lhe dirigia uma expressão de desaprovação antes de transmitir qualquer notícia que trouxesse. Ele não achava adequado que a camareira tomasse chá com as damas da casa, e embora nunca dissesse o que pensava sobre o assunto na frente delas, raramente se dava ao trabalho de evitar que o rosto transparecesse suas opiniões.

Mas, em vez de Wickham, foi Benedict quem apareceu.

– Benedict! – exclamou Eloise, se levantando. – Estávamos falando em você agora mesmo.

Ele olhou para Sophie.

– É mesmo?

– Eu não – murmurou Sophie.

– Disse algo, Sophie? – inquiriu Hyacinth.

– Ai!

– Eu vou ter que tirar essas costuras de você – comentou Violet com um sorriso divertido. – Vai acabar perdendo um litro de sangue até o fim do dia.

Sophie se levantou num salto.

– Vou pegar um dedal.

– Você não está com um dedal? – quis saber Hyacinth. – Eu jamais *sonharia* em costurar sem um dedal.

– E alguma vez você já sonhou em costurar? – sorriu Francesca.

Hyacinth lhe deu um chute, quase derrubando o serviço de chá.

– Hyacinth! – ralhou Violet.

Sophie olhou fixamente para a porta, tentando com todas as forças se concentrar em qualquer coisa que não fosse Benedict. Passara a semana toda esperando vê-lo, mesmo que de relance, mas agora que ele estava ali, tudo o que queria fazer era fugir. Se o fitasse, seus olhos com certeza recairiam sobre os lábios dele. E, se isso acontecesse, seus pensamentos iriam no mesmo instante

para o beijo dos dois. E, se ela pensasse no beijo...
– Preciso do dedal – afirmou ela de repente.
Havia certas coisas que simplesmente não se podia pensar em público.
– Foi o que você disse – observou Benedict, levantando uma das sobrancelhas num arco perfeito e arrogante.
– Está lá embaixo – murmurou ela. – No meu quarto.
– Mas o seu quarto é aqui em cima – atalhou Hyacinth.
Sophie poderia ter matado a menina.
– Foi o que eu disse – resmungou ela.
– Não – retrucou Hyacinth –, não foi.
– Sim, foi o que ela disse – garantiu Violet. – Eu escutei.
Sophie virou a cabeça rapidamente a fim de olhar para Violet e soube no mesmo instante que ela estava mentindo.
– Preciso pegar o dedal – falou ela pelo que pareceu ser a trigésima vez.
E se apressou na direção da porta, engolindo em seco ao se aproximar de Benedict.
– Não é bom se machucar – comentou Benedict, dando um passo para o lado a fim de lhe dar passagem. Mas, quando ela passou, ele se inclinou para a frente e sussurrou: – Covarde.
Sophie sentiu o rosto queimar, e estava na metade da escada quando se deu conta de que deveria estar indo para o seu quarto. Azar, não queria subir a escada de novo e ter que passar por Benedict mais uma vez.
Era provável que ele ainda se encontrasse parado na porta, e iria curvar os cantos dos lábios para cima quando ela passasse – um daqueles sorrisos meio irônicos, meio sedutores que sempre a deixavam sem fôlego.
Aquilo era uma tragédia. Não havia como Sophie ficar lá. Como poderia permanecer no mesmo ambiente que Lady Bridgerton se cada vez que olhasse para Benedict suas pernas ficassem bambas? Ela simplesmente não era forte o bastante. Ele iria vencê-la pelo cansaço, iria fazer com que deixasse de lado todos os seus princípios, todas as suas promessas. Ela teria que ir embora. Não havia alternativa.
E isso era mesmo muito ruim, porque ela gostava muito de trabalhar para as irmãs de Benedict. Elas a tratavam como um ser humano, não como um burro de carga. Faziam-lhe perguntas e pareciam se importar com as respostas.

Sophie sabia que não era uma delas, jamais seria, mas elas tornavam tão fácil fingir... E, na realidade, tudo o que Sophie sempre quisera na vida fora uma família.

Com os Bridgertons, quase podia fazer de conta que tinha uma.

– Está perdida?

Sophie levantou a cabeça e viu Benedict no topo da escada, encostado na parede. Ela olhou para baixo e se deu conta de que ainda estava parada nos degraus.

– Vou sair – falou.

– Para comprar um dedal?

– Isso – assentiu ela em tom de desafio.

– Não precisa de dinheiro?

Ela podia mentir e dizer que tinha dinheiro no bolso ou podia contar a verdade e deixar claro a criatura patética que de fato era. Ou podia simplesmente descer a escada correndo e sair da casa. Era a atitude mais covarde a tomar, mas...

– Eu preciso ir – murmurou, saindo tão rápido que esqueceu por completo que deveria usar a porta de serviço.

Atravessou o saguão, empurrou a porta pesada e desceu os degraus da entrada aos tropeços. Quando chegou à calçada, ela se virou para o norte por nenhum motivo em especial, apenas porque precisava ir para algum lugar, e então ouviu uma voz.

Uma voz terrível, horrível, medonha.

Por Deus, era Araminta.

Sophie sentiu o coração parar e se encostou na parede. A madrasta estava de frente para a rua e, a menos que se virasse, jamais veria Sophie.

Pelo menos era fácil permanecer em silêncio quando não se conseguia sequer respirar.

O que ela estava fazendo ali? A Casa Penwood ficava a pelo menos oito quarteirões de distância, mais perto de...

Então Sophie se lembrou. Havia lido no *Whistledown* no ano anterior, num dos exemplares que conseguira pegar no período em que trabalhara para os Cavenders. O novo conde de Penwood enfim decidira se mudar para Londres. Araminta, Rosamund e Posy tinham sido obrigadas a encontrar novas acomodações.

Como vizinhas dos Bridgertons? Sophie não podia imaginar um pesadelo pior nem se tentasse.

– Onde está aquela menina insuportável? – ouviu Araminta perguntar.

Sophie no mesmo instante sentiu pena da menina em questão. Na posição de “ex-menina insuportável” de Araminta, sabia que a função tinha poucos benefícios.

– Posy! – gritou a mulher, depois entrou numa carruagem que estava à espera.

Sophie mordeu o lábio inferior, sentindo um peso no coração. Naquele momento, soube o que devia ter acontecido quando ela partira. Araminta devia ter contratado uma nova camareira e ter feito da vida da pobre moça um inferno, mas não teria sido capaz de degradá-la e humilhá-la da mesma forma que fazia com Sophie. Era preciso conhecer a pessoa e odiá-la de verdade para ser tão cruel. Um criado qualquer não iria servir.

E como Araminta precisava rebaixar alguém – não sabia ser feliz sem fazer outra pessoa se sentir mal –, ela obviamente escolhera Posy com seu novo bode expiatório.

Posy saiu correndo pela porta com o rosto aflito e tenso. Parecia infeliz e talvez um pouco mais pesada do que dois anos antes. Araminta não devia gostar disso, Sophie pensou com tristeza. Nunca conseguira aceitar que a filha caçula não fosse pequena, loura e linda como Rosamund e ela própria. Se Sophie era a nêmesis de Araminta, Posy sempre fora sua decepção.

Sophie observou quando a menina parou no degrau de cima e se abaixou para ajeitar os cadarços das botas de cano curto. Rosamund enfiou a cabeça pela janela da carruagem e gritou o nome da irmã num tom de voz que Sophie considerou bastante desagradável.

Sophie se encolheu e virou a cabeça para o outro lado. Estava bem na linha de visão de Rosamund.

– Já vou! – gritou a garota.

– Rápido! – disparou Rosamund.

Posy acabou de amarrar as botas e se apressou para sair, mas seu pé escorregou no último degrau e no instante seguinte ela estava estirada na calçada. Sophie se atirou para a frente, instintivamente querendo ajudar, mas logo voltou a se encostar contra a parede. Posy não se machucou, e não havia nada que Sophie quisesse menos na vida do que Araminta saber que ela estava em Londres, quase

ao lado da sua casa.

Posy se levantou, parou para esticar o pescoço, primeiro para a direita, depois para a esquerda, em seguida...

Em seguida ela a viu. Sophie teve certeza disso. Posy arregalou os olhos e entreabriu a boca. Então juntou os lábios para formar o “S” e começar a dizer “Sophie”.

Sophie balançou a cabeça de forma frenética.

– Posy! – berrou Araminta, furiosa.

Sophie balançou a cabeça de novo, implorando com o olhar, pedindo que Posy não a denunciasse.

– Estou indo, mamãe! – gritou a garota.

Deu a Sophie um único aceno de cabeça e depois subiu na carruagem, que felizmente saiu na direção oposta.

Sophie continuou grudada à parede e permaneceu imóvel por um minuto inteiro.

E depois por mais cinco.

Benedict não queria descontar na mãe e nas irmãs, mas depois que Sophie saiu correndo da sala de estar do andar de cima, ele perdeu o interesse por chá e bolinhos.

– Eu estava imaginando por onde você andava – dizia Eloise.

– Hum? – retrucou ele, entortando a cabeça ligeiramente para a direita e pensando em quanto mais da rua conseguiria ver pela janela daquele ângulo.

– Eu falei que estava imaginando... – repetiu Eloise, quase berrando.

– Eloise, fale mais baixo – interrompeu Violet.

– Mas ele não está escutando.

– Se ele não está escutando, gritar não vai chamar sua atenção – ponderou Violet.

– Atirar um bolinho pode funcionar – sugeriu Hyacinth.

– Hyacinth, não se at...

Mas a menina já tinha colocado a ideia em prática. Benedict desviou meio segundo antes que o bolinho o atingisse na cabeça. Ele olhou primeiro para a parede, que agora exibia uma leve mancha onde a iguaria batera, e depois para o

chão, onde havia pousado, impressionantemente inteira.

– Creio que esta seja a deixa para eu ir embora – murmurou Benedict, dando um sorriso insolente para a irmã mais nova.

O bolinho voador dela fora a desculpa de que ele precisava para sair da sala e ver se conseguia seguir Sophie aonde quer que ela achasse que estava indo.

– Mas você acabou de chegar – comentou Violet..

Benedict olhou para a mãe com desconfiança. Ao contrário dos gemidos de sempre de “Mas você acabou de chegar”, ela não pareceu nem um pouco incomodada por ele sair.

O que significava que ela estava tramando alguma coisa.

– Eu posso ficar – falou, apenas para testá-la.

– Ah, não – retrucou Violet, levando a xícara de chá aos lábios, embora ele tivesse quase certeza de que estava vazia. – Se está ocupado, não deixe que o atrapalhemos.

Benedict se esforçou para manter uma expressão impassível, ou pelo menos esconder a perplexidade. Da última vez que dissera à mãe que estava “ocupado”, ela respondera com um “Ocupado demais para a sua mãe?”.

Seu primeiro impulso foi falar que ia ficar e sentar numa cadeira, mas teve presença de espírito suficiente para perceber que fazer isso só para contrariar a mãe seria bastante ridículo, quando o que ele queria mesmo era ir embora.

– Então eu vou – retrucou devagar, recuando em direção à porta.

– Vá – reforçou Violet, despachando-o. – Divirta-se.

Benedict decidiu sair dali antes que a mãe conseguisse confundi-lo ainda mais. Ele se abaixou, pegou o bolinho e atirou-o gentilmente de volta para Hyacinth, que o apanhou com um sorriso. Então fez um aceno de cabeça para Violet e as irmãs e seguiu para o corredor, chegando à escada justo quando ela dizia:

– Achei que ele não fosse mais embora.

Muito estranho mesmo.

Com passos longos e rápidos, ele desceu a escada e saiu pela porta da frente. Duvidava que Sophie ainda estivesse perto da casa, mas, se tinha ido fazer compras, havia apenas uma direção em que poderia ter seguido. Ele virou à direita, pretendendo chegar até a pequena fileira de lojas, mas não deu três passos e viu Sophie, grudada à fachada de tijolos da casa da mãe, parecendo mal saber como respirar.

– Sophie? – chamou Benedict, correndo até ela. – O que aconteceu? Você está bem?

Ela se assustou quando o viu e então assentiu.

Ele não acreditou, é claro, mas não parecia fazer sentido dizer isso.

– Você está tremendo – observou, olhando para as mãos dela. – Diga o que aconteceu. Alguém a incomodou?

– Não – garantiu Sophie, com a voz estranhamente trêmula. – Eu só... eu, hã... – Olhou para a escada ao lado deles. – Eu tropecei ao descer e me assustei. – Ela deu um sorrisinho. – Com certeza você sabe o que quero dizer. Quando temos a sensação de que nosso estômago deu uma cambalhota.

Benedict assentiu, porque é claro que sabia o que ela queria dizer. Mas isso não significava que acreditava nela.

– Venha comigo – chamou.

Ela olhou para cima e algo na profundeza verde de seus olhos partiu o coração dele.

– Para onde? – sussurrou.

– Para qualquer lugar que não seja aqui.

– Eu...

– Eu moro a cinco casas daqui – falou Benedict.

– É mesmo? – Ela arregalou os olhos, então murmurou: – Ninguém me disse.

– Prometo que sua honra estará a salvo – atalhou ele. Depois acrescentou, porque não conseguiu evitar: – A menos que *você* não queira isso.

Benedict teve a sensação de que ela teria protestado se não estivesse tão abalada, mas Sophie permitiu que ele a levasse pela rua.

– Vamos apenas ficar sentados na sala até que você se sinta melhor – garantiu ele.

Ela assentiu e ele a conduziu para sua casa, um modesto sobrado ao sul da residência da mãe.

Quando os dois estavam confortavelmente instalados e Benedict havia fechado a porta para que não fossem perturbados por nenhum dos criados, ele se virou para ela pronto para dizer “Agora, por que não me diz o que aconteceu de verdade?”, mas, no último instante, algo o impediu. Podia fazer a pergunta, mas sabia que ela não iria responder. Ficaria na defensiva, e isso não o ajudaria em nada.

Então, em vez disso, ele assumiu uma máscara de neutralidade e perguntou:

– O que está achando de trabalhar para a minha família?

– São todos muito gentis – retrucou ela.

– Gentis? – repetiu Benedict, certo de que a descrença estava estampada em seu rosto. – Enlouquecedores, talvez. Talvez até mesmo exaustivos, mas gentis?

– Eu acho que eles são muito gentis – disse Sophie com firmeza.

Benedict começou a sorrir, porque amava muito sua família e adorava o fato de Sophie estar começando a gostar dela, mas então se deu conta de que isso era um tiro no próprio pé, porque quanto mais vínculo ela tivesse com seus entes queridos, menor seria a probabilidade de que ela se submetesse à vergonha de concordar em ser sua amante.

Droga. Ele cometera um sério erro de cálculo na semana anterior. Mas ficara muito focado em fazê-la vir para Londres, e um emprego na casa da mãe parecera a única forma de convencê-la.

Isso combinado com uma boa dose de coação.

Droga. Droga. Droga. Por que não a coagira a fazer algo que a levasse com um pouco mais de facilidade para seus braços?

– Você deveria agradecer aos céus por sua família – afirmou Sophie, de forma enfática. – Eu daria qualquer coisa para...

Mas ela não terminou a frase.

– Você daria qualquer coisa para o quê? – perguntou Benedict, surpreso por quanto queria ouvir a resposta.

Sophie olhou emocionada pela janela ao responder:

– Para ter uma família como a sua.

– Você não tem ninguém – falou ele.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

– Nunca tive ninguém.

– Nem mesmo a sua... – Então ele se lembrou de que ela deixara escapar que a mãe morrera ao lhe dar à luz. – Às vezes não é fácil ser um Bridgerton – garantiu, com a voz propositalmente suave e gentil.

Ela virou a cabeça para ele.

– Não consigo imaginar nada melhor.

– Não há nada melhor – confirmou ele –, mas isso não quer dizer que seja sempre fácil.

– Como assim?

Nesse momento, Benedict começou a verbalizar sentimentos que nunca compartilhara com ninguém, nem mesmo... não, *sobretudo* com sua família.

– Para a maioria das pessoas – falou –, eu sou apenas um Bridgerton. Não Benedict, ou Ben, ou mesmo um cavalheiro de posses e talvez um pouco de inteligência. Sou apenas – completou, com um sorriso triste – um Bridgerton. Especificamente, o número dois.

Os lábios dela estremeceram e em seguida se abriram num sorriso.

– Você é muito mais do que isso! – exclamou.

– Eu gostaria de acreditar nisso, mas a maioria das pessoas não vê as coisas assim.

– A maioria das pessoas é tola.

Ele riu. Não havia nada mais atraente do que Sophie de cara feia.

– Não vou discordar de você desta vez – falou ele.

Mas então, quando ele achou que a conversa havia terminado, ela o surpreendeu ao dizer:

– Você é bem diferente do resto da sua família.

– Como assim? – perguntou Benedict, sem olhar direito para ela.

Não queria que Sophie soubesse quanto aquela resposta era importante para ele.

– Bem, o seu irmão Anthony... – disse ela, franzindo o rosto, pensativa. – Toda a vida dele foi modificada pelo fato de ser o mais velho. É evidente que ele sente em relação à família uma grande responsabilidade que você não sente.

– Espere um...

– Não me interrompa – pediu Sophie, pousando uma mão tranquilizadora no peito dele. – Eu não falei que você não ama a sua família ou que não daria a vida por qualquer um deles. Mas com o seu irmão é diferente. Ele se sente responsável, e eu acredito que ele se consideraria um fracassado se algum dos irmãos fosse infeliz.

– Quantas vezes você viu Anthony? – murmurou ele.

– Só uma. – Ela contraiu os lábios como se contivesse um sorriso. – Mas foi o que bastou. Quanto ao seu irmão mais novo, Colin... Bem, eu não o conheci, mas já ouvi muitas histórias...

– De quem?

– De todo mundo – retrucou ela. – Sem falar que ele é sempre mencionado no *Whistledown*, que leio há anos, devo confessar.

– Então você sabia a meu respeito antes de me conhecer – sugeriu ele.

Ela assentiu.

– Mas eu não o *conhecia*. Você é muito mais do que Lady Whistledown imagina.

– Diga-me: o que você vê? – pediu Benedict, pondo uma das mãos sobre a dela.

Sophie o fitou nos olhos, encarando aquela profundeza cor de chocolate, e viu algo que sequer sonhara existir. Uma minúscula faísca de vulnerabilidade, de necessidade.

Ele precisava saber o que ela pensava dele, que ele tinha importância para ela. Aquele homem tão seguro e confiante precisava da sua aprovação.

Talvez precisasse *dela*.

Ela virou a mão até encostar a palma na palma de Benedict e, com o indicador da outra mão, começou a traçar círculos e redemoinhos na pelica da luva dele.

– Você... – começou, pensando bem porque sabia a importância de cada palavra num momento tão intenso como aquele. – Você não é exatamente o homem que mostra ser para o mundo. Gostaria de ser visto como atraente, irônico e bem-humorado, e de fato é todas essas coisas, mas, no fundo, é muito mais que isso.

Sophie fez uma pausa e continuou, ciente de que tinha ficado com a voz rouca de emoção:

– Você se importa. Se importa com a família, e se importa até mesmo comigo, embora Deus saiba que nem sempre eu o mereça.

– Sempre – interrompeu ele, levando a mão dela aos lábios e a beijando com tal intensidade que a deixou sem ar. – Sempre.

– E... e...

Era difícil continuar com os olhos dele presos aos dela com tamanha emoção.

– E o quê? – sussurrou Benedict.

– Muito do que você é vem da sua família – afirmou ela, com as palavras saindo num sopro. – Isso é verdade. Não se pode crescer em meio a tanto amor e lealdade e não se tornar uma boa pessoa. Mas, no fundo, no seu coração, na sua alma, está o homem que você nasceu para ser. *Você*, não o filho de alguém, não o irmão de alguém. Apenas você.

Benedict olhava para ela com atenção. Abriu a boca para responder, mas descobriu que estava sem fala. Não havia o que dizer num momento como aquele.

– No fundo – murmurou Sophie –, você tem a alma de um artista.

– Não – afirmou ele, balançando a cabeça.

– Sim – insistiu ela. – Eu vi os seus desenhos. Você é incrível. Acho que eu não sabia quanto você era fabuloso até conhecer sua família. Você retratou todos eles à perfeição, do sorriso maroto de Francesca à postura audaciosa dos ombros de Hyacinth.

– Ninguém jamais viu meus desenhos – admitiu Benedict.

Ela virou a cabeça de repente.

– Não pode estar falando a sério.

Ele balançou a cabeça.

– Nunca os mostrei a ninguém.

– Mas eles são brilhantes. *Você* é brilhante. Tenho certeza de que sua mãe adoraria vê-los.

– Não sei por quê, mas eu nunca quis dividi-los com ninguém – disse ele, sentindo-se encabulado.

– Eu os vi – retrucou Sophie baixinho.

– De alguma forma, isso não me incomoda – observou Benedict, levando os dedos ao queixo dela.

Nesse momento, ele sentiu o coração dar um pulo, porque de repente *tudo* parecia certo.

Ele a amava. Não sabia como acontecera, só que era verdade.

Não se tratava de ser conveniente. Ele já se relacionara com várias mulheres por conveniência. Sophie era diferente. Ela o fazia rir. E o fazia querer *fazê-la* rir. Quando estava com ela... bem, ele a desejava com toda a força, mas durante aqueles poucos instantes em que seu corpo conseguiu se manter sob controle...

Ele estava satisfeito.

Era estranho encontrar uma mulher que podia fazê-lo feliz apenas com sua presença. Ele não precisava sequer vê-la ou ouvir sua voz, ou mesmo sentir seu perfume. Só precisava saber que ela estava lá.

Se isso não era amor, Benedict não sabia o que era.

Ele a encarou, tentando prolongar o momento, querendo agarrar-se àqueles

instantes de perfeição absoluta. Algo se suavizara nos olhos dela, e a cor deles pareceu se transformar de um cintilante tom de esmeralda em um suave verde-musgo. Sophie entreabriu e relaxou os lábios e Benedict soube que precisava beijá-la. Não era só que quisesse, mas precisava.

Precisava dela a seu lado, embaixo dele, em cima dele.

Precisava dela nele, ao redor dele, como parte dele.

Precisava dela como precisava de oxigênio.

E, ele pensou naquele último instante racional antes de seus lábios encontrarem os dela, precisava dela imediatamente.

CAPÍTULO 17

Esta autora soube de fonte segura que, há dois dias, enquanto tomava chá no Gunter's, Lady Penwood foi atingida na lateral da cabeça por um biscoito voador.

Esta autora não sabe determinar quem atirou a iguaria, mas todas as suspeitas recaem sobre as freguesas mais jovens do estabelecimento, a Srta. Felicity Featherington e a Srta. Hyacinth Bridgerton.

*CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
21 DE MAIO DE 1817*

Sophie já fora beijada antes – por Benedict –, mas nada, nem um instante de qualquer beijo, a preparara para aquilo.

Não foi um beijo. Foi o paraíso.

Ele a beijou com uma intensidade que Sophie mal conseguiu compreender, atiçando seus lábios, afagando, mordiscando, acariciando. Ele acendeu um fogo dentro dela, um desejo de ser amada, uma necessidade de amar em troca. E, que Deus a perdoasse, quando ele a beijava, tudo o que ela queria fazer era retribuir.

Ela mal o escutou murmurar seu nome, por causa do zumbido em seus ouvidos. Era desejo. Necessidade. Que tolice a dela pensar que seria capaz de negar aquilo. Que presunçoso achar que poderia ser mais forte do que a paixão.

– Sophie, Sophie – dizia ele sem parar, com os lábios percorrendo seu rosto, seu pescoço, sua orelha.

Ele pronunciou o nome dela tantas vezes que pareceu ficar gravado em sua pele.

Sentiu as mãos de Benedict nos botões do vestido, enquanto o tecido se soltava conforme cada um deles ia passando pela casa. Era tudo o que ela jurara que jamais faria, mas quando seu corpete caiu até a cintura, deixando-a

despudoradamente exposta, ela gemeu o nome dele e arqueou o corpo para trás, oferecendo-se a ele como uma fruta proibida.

Benedict parou de respirar quando a viu. Havia imaginado aquele momento muitas vezes – todas as noites, ao se deitar, e em todos os sonhos quando conseguia de fato dormir. Mas aquilo – a realidade – era muito melhor do que um sonho, e muito mais sensual.

Fez a mão que acariciava a pele quente das costas de Sophie escorregar bem devagar para as costelas dela.

– Você é tão linda... – sussurrou, sabendo que palavras eram inadequadas ao momento.

Como se meras palavras pudessem descrever o que ele sentia. E então, quando sua mão enfim chegou ao seio dela, Benedict soltou um gemido e estremeceu. Falar era impossível. A necessidade que ele tinha dela era muito intensa, muito primitiva, a ponto de lhe roubar a capacidade de se expressar. Droga, ele mal conseguia pensar.

Não sabia ao certo como aquela mulher tinha passado a ser tão importante para ele. Parecia que num dia era uma estranha e, no dia seguinte, indispensável como o ar. E, no entanto, isso não acontecera de uma hora para outra. Fora um processo lento e sorrateiro, que despertara aos poucos suas emoções até que ele se desse conta de que, sem Sophie, sua vida não tinha qualquer significado.

Ele a tocou no queixo e levantou seu rosto até conseguir fitá-la nos olhos. As pupilas dela pareciam cintilar, reluzindo lágrimas represadas. Também tinha os lábios trêmulos, e Benedict soube que estava tão afetada pelo momento quanto ele.

Ele se inclinou para a frente... bem, bem devagar. Queria dar-lhe a chance de dizer não. Morreria se ela dissesse, mas seria muito pior ver seu arrependimento na manhã seguinte.

Mas Sophie não fez isso, e quando ele estava a poucos centímetros de distância, ela fechou os olhos e virou a cabeça um pouco para o lado, convidando-o silenciosamente a beijá-la.

Era impressionante, mas, toda vez que ele a beijava, os lábios dela pareciam mais doces e seu perfume, mais encantador. E o desejo dele também crescia. Sentia-o correr nas veias. Estava sendo obrigado a usar todo o autocontrole que lhe restava para não empurrá-la para o sofá e arrancar suas roupas.

Isso viria depois, ele pensou, sorrindo por dentro. Mas aquela com certeza seria a primeira vez dela, e seria lenta, suave, tudo com o que uma moça sonhava.

Bem, talvez não. O sorriso contido dele se transformou num sorriso largo. Sophie sequer sonhara com metade das coisas que ele faria com ela.

– Por que está sorrindo? – perguntou ela, de olhos fechados.

Benedict recuou um pouco e segurou o rosto dela com as duas mãos.

– Como sabia que eu estava sorrindo?

– Senti nos meus lábios.

Ele levou um dedo à boca de Sophie, traçou seu contorno e passou a ponta da unha pela pele macia.

– Você me faz sorrir – sussurrou. – Quando não me faz querer gritar, você me faz sorrir.

Os lábios dela estremeceram e Benedict sentiu a respiração quente e úmida em seu dedo. Pegou a mão de Sophie, levou-a à boca e passou um dedo dela em seu lábio da mesma forma que fizera com ela. Enquanto a via arregalar os olhos, mergulhou o dedo dela na própria boca e chupou a ponta com delicadeza, tocando a pele com os dentes e a língua.

Ela arfou, e o som foi doce e sensual ao mesmo tempo.

Havia milhares de coisas que Benedict queria saber. Como ela estava se sentindo? O que estava sentindo? Mas morria de medo de que ela mudasse de ideia se lhe desse a oportunidade de verbalizar seus pensamentos. Assim, em vez de fazer perguntas, ele a beijou, tomando os lábios dela numa dança de desejo intensa e que mal conseguia controlar.

Murmurou o nome dela como uma oração enquanto a deitava no sofá, com as costas nuas no estofado.

– Eu quero você – sussurrou. – Você não sabe quanto. Não sabe.

A única reação de Sophie foi um suave gemido profundo. Por algum motivo, aquilo funcionou como combustível no fogo que havia dentro dele, e Benedict a apertou ainda mais, pressionando sua pele enquanto os lábios passeavam pela elegante curva do pescoço dela.

Ele a deitou mais e mais, deixando uma trilha de calor na sua pele, parando apenas por um instante ao chegar à suave curva do seio. Ela estava totalmente embaixo dele agora, com os olhos vidrados de desejo, e era muito melhor do que qualquer um dos seus sonhos.

E como ele havia sonhado com ela...

Com um gemido baixo e possessivo, Benedict abocanhou o mamilo de Sophie. Quando ela soltou um gritinho suave, ele não conseguiu suprimir seu próprio ruído de satisfação.

– Shhh – sussurrou. – Só me deixe...

– Mas...

Ele pressionou um dedo nos lábios dela, talvez com um pouco de força demais, mas estava ficando cada vez mais difícil controlar os movimentos.

– Não pense – murmurou. – Apenas se deite e me deixe lhe dar prazer.

Sophie pareceu hesitante, mas quando ele tomou o outro seio com a boca, renovando a onda de sensualidade, ela fez uma expressão de perplexidade, entreabriu os lábios e afundou a cabeça nas almofadas.

– Você gosta disto? – perguntou ele baixinho, percorrendo o bico do seio dela com a língua.

Sophie não conseguiu abrir os olhos direito, mas assentiu com a cabeça.

– E disto?

Agora a língua dele seguiu para a parte de baixo do seio de Sophie, e ele mordiscou a pele sensível acima das costelas.

Com a respiração rápida e superficial, ela assentiu mais uma vez.

– E que tal isto?

Ele abaixou ainda mais o vestido dela e foi mordiscando a pele dela até chegar ao umbigo.

Desta vez, Sophie não conseguiu sequer assentir. Por Deus, ela estava quase nua diante dele e tudo o que conseguia fazer era gemer, suspirar e implorar por mais.

– Eu preciso de você – disse ela com um arquejo.

Ele murmurou a resposta por cima da pele macia da barriga dela:

– Eu sei.

Sophie se contorceu embaixo dele, desconcertada com aquela necessidade primitiva de se mexer. Havia algo muito estranho dentro dela, algo quente e vibrante. Era como se ela estivesse crescendo, prestes a explodir. Era como se, depois de 22 anos de vida, ela enfim se sentisse viva.

Queria desesperadamente sentir a pele dele, então agarrou o tecido fino da camisa e puxou até que ela se soltasse das calças. Passou as mãos pelas costas

dele e ficou surpresa e deliciada ao perceber que os músculos estremeceram sob seus dedos.

– Ah, Sophie – sussurrou ele.

A reação de Benedict a encorajou e ela o acariciou ainda mais, subindo até chegar aos ombros, largos e musculosos.

Ele gemeu de novo, e então praguejou baixinho enquanto saía de cima dela.

– Esta coisa está atrapalhando – murmurou, arrancando a camisa e a atirando do outro lado da sala.

Sophie teve apenas um instante para olhar seu peito nu antes que ele estivesse em cima dela mais uma vez.

A pele dele na sua foi a sensação mais deliciosa que ela poderia imaginar.

O corpo de Benedict estava muito quente, e embora ele tivesse os músculos rijos e fortes, sua pele era sedutoramente macia. Seu cheiro também era maravilhoso, uma gostosa mistura masculina de sândalo e sabonete.

Sophie tocou nos cabelos dele quando ele aninhou o rosto em seu pescoço. Eram fios espessos e macios que faziam cócegas em seu queixo enquanto ele esfregava a cabeça em sua pele.

– Ah, Benedict – suspirou ela. – Isto é tão perfeito... Não consigo imaginar nada melhor.

Ele olhou para cima, com os olhos escuros tão maliciosos quanto o sorriso.

– Eu posso.

Sophie sentiu os lábios se abrirem e soube que devia parecer uma grande tola, simplesmente deitada ali olhando para ele feito uma idiota.

– Só espere – disse ele. – Só espere.

– Mas... Ah!

Ela deu um gritinho quando ele tirou seus sapatos. Benedict passou a mão pelo tornozelo dela e subiu pela perna de forma provocativa.

– Você imaginava isto? – perguntou ele, percorrendo a dobra atrás do joelho.

Ela balançou a cabeça de maneira frenética, tentando não se contorcer.

– É mesmo? – murmurou ele. – Então tenho certeza de que também não imaginou *isto*.

Ele abriu suas ligas.

– Ah, Benedict, você não deveria...

– Ah, não, eu *devo*. – Ele abaixou as meias dela com uma lentidão agonizante.

– Eu realmente devo fazer isso.
Sophie assistiu, deliciada e boquiaberta, Benedict atirar as meias por cima da cabeça. Não eram meias de alta qualidade, mas ainda assim eram bem leves, e flutuaram no ar como tufos de dentes-de-leão até pousarem, uma sobre um abajur, outra no chão.
Então, enquanto ela ainda ria, olhando para a meia pendurada no abajur, ele se aproximou dela, deslizando as mãos por suas pernas até chegar às coxas.
– Ouso dizer que ninguém jamais a tocou aqui – disse Benedict com uma expressão maliciosa.
Sophie balançou a cabeça.
– E ouso dizer que você nunca imaginou isto, também.
Ela balançou a cabeça de novo.
– Se não imaginou isto – ele apertou as coxas dela, fazendo-a dar um gritinho e se arquear no sofá –, então tenho certeza de que não imaginou *isto* – continuou, levando a mão ainda mais para cima enquanto falava, com as curvas arredondadas das unhas raspando a pele dela de leve até atingir os pelos macios de sua feminilidade.
– Ah, não – retrucou Sophie, mais por reflexo do que qualquer outra coisa. – Você não pode...
– Ah, posso. Garanto que posso.
– Mas... Aaaaaaah.
Foi como se ela tivesse perdido a habilidade de raciocinar, porque era quase impossível pensar em qualquer coisa com os dedos dele provocando-a. Bem, quase qualquer coisa. Sophie ainda conseguia pensar em quão impróprio era aquilo e em quanto ela não queria que ele parasse.
– O que você está fazendo comigo? – arfou, com todos os músculos se enrijecendo conforme ele mexia os dedos de um modo particularmente malicioso.
– Tudo – respondeu ele, capturando os lábios dela com os seus. – Tudo o que você quiser.
– Eu quero... Ah!
– Isto, você quer? – murmurou ele.
– Eu não sei o que quero – falou Sophie com um suspiro.
– Eu sei. – Ele mordiscou o lóbulo da orelha dela com delicadeza. – Eu sei

exatamente o que você quer. Confie em mim.

E foi fácil assim. Ela se entregou a ele por inteiro – não que já não estivesse quase nesse ponto. Mas quando ele disse “Confie em mim” e ela percebeu que confiava, algo se alterou dentro dela. Estava pronta para aquilo. Ainda era errado, mas estava pronta e queria, e pela primeira vez na vida iria fazer algo maluco, ousado e inadequado de todas as formas possíveis.

Simplesmente porque queria.

Como se lesse seus pensamentos, Benedict se afastou um pouco e segurou o rosto dela com uma das mãos.

– Se quiser que eu pare – falou, a voz rouca –, precisa me dizer agora. Não daqui a dez minutos, nem em um minuto. Precisa ser agora.

Comovida por ele se preocupar em perguntar, ela tocou o rosto dele da mesma forma que ele tocava o seu. Mas, quando abriu a boca para falar, a única coisa que conseguiu dizer foi:

– Por favor.

Os olhos dele queimaram de desejo, e então, como se algo tivesse sido ligado dentro dele, Benedict mudou num instante. O amante gentil e lânguido não existia mais. No lugar dele havia um homem dominado pelo desejo. Suas mãos estavam em todos os lugares – em suas pernas, ao redor da cintura, em seu rosto. E antes que Sophie se desse conta, o vestido tinha sido tirado de seu corpo e agora jazia no chão ao lado da meia. Ela estava nua, e era algo que parecia muito estranho e ao mesmo tempo muito certo, desde que ele a estivesse tocando.

O sofá era estreito, mas isso não pareceu ter importância quando Benedict arrancou as botas e as calças. Ele se posicionou ao lado dela enquanto tirava os calçados, sem conseguir parar de tocá-la, mesmo ao se desvencilhar das próprias roupas. Levou mais tempo para se despir, mas tinha a estranha sensação de que poderia morrer ali mesmo caso se afastasse de Sophie.

Ele achava que já havia desejado mulheres antes. Mas aquilo... aquilo ia além de tudo. Era espiritual. Estava na sua alma.

Finalmente sem as roupas, ele se deitou em cima dela, fazendo uma pausa e estremecendo ao saborear a sensação do corpo de Sophie sob o seu, pele com pele, da cabeça aos pés. Ele estava firme como uma pedra, mais rijo do que se lembrava de ter ficado, mas lutou contra os impulsos e tentou se movimentar devagar.

Era a primeira vez dela. Precisava ser perfeita.

Ou, se não perfeita, ao menos muito boa.

Deslizou uma mão por entre os dois e a tocou. Ela estava pronta – mais do que pronta – para ele. Benedict pôs um dedo dentro dela e sorriu de satisfação ao sentir todo o corpo de Sophie retesado e se contorcendo.

– Isto é muito... – a voz dela estava rouca e a respiração, forçada. – Muito...

– Estranho? – sugeriu ele.

Ela assentiu.

Ele sorriu. Lentamente, como um gato.

– Você vai se acostumar com isso – prometeu. – Meus planos são deixá-la muito acostumada com isso.

Sophie arqueou a cabeça para trás. Aquilo era uma loucura. Uma febre. Sentia algo crescendo dentro de si, nas entranhas, se enrolando, pulsando, deixando-a rígida. Era algo que precisava ser liberado, algo que se agarrava a ela e, no entanto, mesmo com toda aquela pressão, era maravilhoso, como se ela tivesse nascido naquele exato instante.

– Ah, Benedict – suspirou. – Ah, meu amor.

Ele ficou paralisado – apenas por uma fração de segundo, mas o bastante para que Sophie soubesse que ele a escutara. Mas Benedict não disse nada, apenas lhe beijou o pescoço e apertou a perna dela ao se posicionar entre suas coxas e alcançar sua entrada.

Ela abriu os lábios com o choque.

– Não se preocupe – falou Benedict, com a voz divertida, lendo seus pensamentos como sempre. – Vai dar certo.

– Mas...

– Confie em mim – murmurou ele contra os lábios dela.

Bem devagar, Sophie o sentiu entrando em seu corpo. Ela estava sendo invadida, e, no entanto, não diria que era algo ruim. Era... era... ele a tocou no rosto.

– Você está séria.

– Estou tentando decidir o que estou achando disto – admitiu ela.

– Se está conseguindo pensar nisso, então com certeza não estou fazendo direito.

Espantada, ela olhou para cima. Ele sorria, aquele sorriso enviesado que

sempre a deixava toda derretida.

– Pare de pensar tanto – sussurrou ele.

– Mas é difícil não... Ah!

Nesse momento ela revirou os olhos enquanto se arqueava embaixo dele.

Benedict afundou a cabeça no pescoço de Sophie para que ela não visse sua expressão divertida. Parecia que a melhor forma de evitar que ela pensasse demais sobre um instante que deveria apenas sentir era manter-se em movimento.

E foi o que ele fez. Avançou de forma implacável, entrando e saindo até atingir a frágil barreira do hímen.

Estremeceu. Nunca estivera com uma virgem antes. Ouvira dizer que doía, que não havia nada que um homem pudesse fazer para eliminar a dor para a mulher, mas tinha certeza de que, se fosse gentil, seria mais fácil para ela.

Olhou para baixo. Sophie tinha o rosto vermelho e sua respiração tinha se acelerado. Estava com os olhos vidrados, deslumbrados, claramente arrebatados de paixão.

Isso alimentou seu próprio fogo. Deus, ele a desejava tanto que chegava a doer.

– Isto pode doer – mentiu.

Iria doer. Mas ficou indeciso entre falar a verdade para que ela se preparasse e lhe dizer a versão mais suave para que ela não ficasse nervosa.

– Eu não me importo – afirmou Sophie. – Por favor, eu preciso de você.

Benedict se abaixou para um último e intenso beijo antes de empurrar os quadris para a frente. Sentiu-a se retesar ligeiramente ao redor dele quando seu hímen se rompeu e teve que morder a própria mão para não gozar no mesmo instante.

Era como se ele fosse um rapazinho inexperiente de 16 anos, não um homem feito de 30.

Ela fazia isso com ele. Apenas ela. Experimentou uma sensação de humildade.

Cerrando os dentes para combater suas vontades mais primitivas, Benedict começou a se remexer dentro dela bem devagar, quando o que queria mesmo era se soltar por completo.

– Sophie, Sophie – gemeu, repetindo o nome dela, tentando lembrar a si mesmo que aquele momento era *dela*.

Estava ali para satisfazer as necessidades *dela*, não as suas.

Seria perfeito. Tinha que ser. Ele precisava que ela amasse aquilo. Precisava que *o* amasse.

Ela estava tomada pelo desejo embaixo dele, e cada movimento, cada contorção aumentava seu próprio frenesi. Ele continuava se esforçando para ser gentil, mas ela estava tornando isso muito difícil. As mãos de Sophie estavam em todo lugar – nos quadris, nas costas, nos ombros dele.

– Sophie – gemeu Benedict de novo.

Não conseguiria se segurar por muito mais tempo. Não era forte o bastante. Não era nobre o bastante. Não era....

– Ahhhhhhhhhhh!

Ela convulsionou sob ele, arqueando o corpo para trás com um grito. Agarrou suas costas e o arranhou com as unhas afiadas, mas ele não se importou. Tudo o que sabia era que ela conseguira chegar ao clímax, e que tinha sido bom, e, pelo amor de Deus, ele podia enfim...

– Ahhhhhhhhhhh!

Benedict explodiu. Não havia outra palavra para descrever o que aconteceu.

Não conseguia parar de se mexer, não conseguia parar de tremer, e então, num instante, desmoronou, vagamente ciente de que devia estar esmagando-a, mas incapaz de mover um único músculo.

Deveria dizer algo, falar sobre como havia sido maravilhoso. Mas não era capaz de formar as palavras e, além de tudo, mal conseguia abrir os olhos. As frases bonitas teriam que esperar, porque ele precisava recuperar o fôlego.

– Benedict? – sussurrou ela.

Ele soltou a mão de leve em cima dela. Foi a única coisa que conseguiu fazer para indicar que a ouvira.

– É sempre assim?

Ele balançou a cabeça, esperando que ela sentisse o movimento e soubesse o que queria dizer.

Sophie suspirou e pareceu afundar ainda mais nas almofadas.

– Imaginei que não.

Benedict deu um beijo na lateral da cabeça dela, o máximo que foi capaz de fazer. Não, não era sempre assim. Ele sonhara com ela tantas vezes, mas aquilo... aquilo...

Aquilo foi melhor do que qualquer sonho.

Sophie não acreditava que seria possível, mas ela deve ter apagado, mesmo com o peso de Benedict sobre seu corpo, tornando difícil respirar. Ele devia ter caído no sono também, e ela acordou ao mesmo tempo que ele, despertada pela repentina lufada de ar frio quando ele se levantou.

Benedict cobriu-a com um cobertor antes mesmo que ela tivesse tempo de ficar constrangida com a própria nudez. Sophie sorriu e ficou ruborizada, porque não havia muito o que pudesse ser feito para diminuir seu embaraço. Não que se arrependesse de seus atos. Mas uma mulher não perdia a virgindade num sofá sem se sentir ao menos um pouco constrangida. Simplesmente não era possível.

Mesmo assim, o cobertor fora um gesto atencioso. Ainda que não surpreendente. Benedict era um homem atencioso.

No entanto, estava claro que ele não compartilhava de seu recato, porque não fez qualquer tentativa de se cobrir ao atravessar o cômodo para recolher as roupas espalhadas. Sophie olhou sem qualquer pudor enquanto ele vestia as calças. Benedict endireitou a postura, e o sorriso que deu quando a pegou fitando-o foi carinhoso e sincero.

Deus, como amava aquele homem.

– Como está se sentindo? – perguntou ele.

– Bem – respondeu ela. – Ótima. – Deu um sorriso tímido. – Excelente.

Ele pegou a camisa e enfiou um braço na manga.

– Vou mandar alguém para buscar as suas coisas.

Sophie piscou.

– Como assim?

– Não se preocupe, vou garantir que seja discreto. Sei que pode ser constrangedor para você agora que conhece a minha família.

Sophie apertou o cobertor junto ao corpo, desejando que seu vestido não estivesse fora do alcance. Porque, de repente, sentiu-se envergonhada. Ela fizera a única coisa que jurara jamais fazer, e agora Benedict deduzira que seria amante dele. E por que ele não pensaria assim? Era uma suposição bastante natural.

– Por favor, não mande ninguém lá – pediu ela.

Ele olhou para ela, surpreso.

– Prefere ir você mesma?

– Prefiro que minhas coisas fiquem onde estão – respondeu ela baixinho.

Era muito mais fácil dizer isso do que falar diretamente que não iria se tornar sua amante.

Uma vez, ela poderia perdoar. Uma vez, poderia até mesmo apreciar. Mas uma vida inteira com um homem que não era seu marido – isso ela sabia que não poderia fazer.

Sophie olhou para a própria barriga, rezando para que já não houvesse ali um filho ilegítimo para vir ao mundo.

– O que está me dizendo? – perguntou ele, olhando para ela com atenção.

Droga! Ele não iria permitir que ela usasse a saída mais fácil.

– Estou dizendo – retrucou ela, engolindo em seco – que não posso ser sua amante.

– Do que chama isto? – questionou ele com a voz tensa, acenando com um braço na direção dela.

– De um deslize – falou Sophie, sem encará-lo.

– Ah, então eu sou um deslize? – disse ele, simulando um tom de voz agradável. – Que ótimo. Acho que nunca fui o deslize de alguém antes.

– Sabe que não foi isso que eu quis dizer.

– Sei? – Ele agarrou uma das botas e a apoiou no braço de uma cadeira para poder calçá-la. – Com toda a sinceridade, minha cara, eu não faço mais ideia do que você quer dizer.

– Eu não devia ter feito isso...

Ele virou a cabeça rapidamente para encará-la, com os olhos em chamas contrastando com o sorriso suave.

– Agora eu sou algo que você "não devia" ter feito? Ótimo. Ainda melhor do que um deslize. "Não devia" parece muito mais impróprio, não acha? Um deslize é apenas um erro.

– Não há necessidade de ser tão desagradável.

Ele inclinou a cabeça para o lado como se estivesse mesmo considerando o que ela dissera.

– É isso que estou sendo? Pensei que estivesse sendo o mais amigável e compreensivo possível. Veja só, nada de gritos, nada de drama...

– Eu preferiria gritos e drama a *isto*.

Ele recolheu o vestido e o atirou para ela, sem qualquer delicadeza.

– Bem, nem sempre conseguimos o que queremos, não é, Srta. Beckett? Eu certamente posso garantir isso.

Ela pegou sua roupa e a enfiou embaixo da coberta, esperando conseguir encontrar uma forma de vesti-la sem se mostrar.

– Vai ser impressionante se descobrir como fazer isso – comentou ele, lançando-lhe um olhar condescendente.

Ela o fitou com raiva.

– Não estou pedindo que se desculpe.

– Nossa, que alívio. Duvido que eu conseguisse encontrar as palavras para isso.

– Por favor, não seja tão sarcástico.

O sorriso de Benedict era pura ironia quando ele disse:

– Você não está exatamente em condições de me pedir qualquer coisa.

– Benedict...

Ele se aproximou dela com fúria nos olhos.

– A não ser, é claro, que peça que me junte a você de novo, o que farei de bom grado.

Sophie não respondeu.

– Você compreende qual é a sensação de ser desprezado? Quantas vezes acha que pode me rejeitar antes que eu pare de tentar? – perguntou ele, agora com o olhar um pouco mais suave.

– Não é que eu queir...

– Ah, pare com essa velha desculpa. Já cansou. Se quisesse ficar comigo, ficaria. Quando diz não, é porque quer dizer não.

– Você não entende – retrucou Sophie em voz baixa. – Você sempre esteve numa posição em que podia fazer o que queria. Alguns de nós não podem se dar a esse luxo.

– Como sou tolo! Achei que estivesse lhe oferecendo exatamente esse luxo.

– O luxo de ser sua amante – falou ela com amargura.

Ele cruzou os braços e retorceu os lábios ao dizer:

– Você não terá que fazer nada que já não tenha feito.

– Eu me deixei levar – observou Sophie devagar, tentando ignorar o insulto. Ela merecia. Dormira com ele. Por que ele não deveria acreditar que ela seria sua amante? – Eu cometi um erro – continuou. – Mas isso não quer dizer que eu deva cometê-lo de novo.

– Eu posso lhe oferecer uma vida melhor – comentou ele em voz baixa.

Ela balançou a cabeça.

– Eu não vou ser sua amante. Não vou ser amante de homem algum.

Benedict entreabriu os lábios, em choque, quando entendeu o que ela estava dizendo.

– Sophie – falou. – Você sabe que eu não posso me *casar* com você.

– Claro que sei – explodiu ela. – Eu sou uma criada, não uma idiota.

Benedict tentou se colocar no lugar dela por um instante. Tinha consciência de que Sophie queria uma imagem respeitável, mas ela precisava saber que ele não podia lhe dar isso.

– Seria difícil para você também – continuou ele baixinho. – Mesmo que eu me casasse com você, você não seria aceita. A sociedade sabe ser cruel.

Sophie deu uma risada sem humor.

– Eu sei. Acredite, eu sei.

– Então por quê...

– Faça-me um favor – interrompeu ela, virando o rosto para evitar o olhar dele. – Encontre alguém para se casar. Ache alguém aceitável, que vá fazê-lo feliz. E então me deixe em paz.

As palavras dela provocaram um estalo em sua mente e Benedict de repente se lembrou da dama do baile de máscaras. Ela era do mundo dele, da classe dele. Ela teria sido aceitável. Então ele se deu conta, enquanto estava ali parado fitando Sophie – ainda encolhida no sofá, tentando não encará-lo –, que era *ela* que ele sempre imaginava quando pensava no futuro. Quando se imaginava com uma esposa e filhos.

Benedict passara os dois últimos anos esperando que sua dama de prateado entrasse pela porta a qualquer momento em todos os lugares onde estava. Sentia-se tolo às vezes, até mesmo estúpido, mas nunca conseguira apagá-la de seus pensamentos.

Ou de expurgar o sonho – aquele em que ele jurava fidelidade eterna a ela e os dois viviam felizes para sempre.

Era uma fantasia tola para um homem com a sua reputação, equivocadamente doce e sentimental, mas ele não conseguira evitá-la. É o que acontece quando se cresce numa família grande e amorosa – a pessoa tende a querer o mesmo para si.

Mas a mulher do baile de máscaras se tornara apenas uma miragem. Mas que droga, ele não sabia nem mesmo o nome dela. E Sophie estava *ali*.

Não podia se casar com ela, mas isso não significava que os dois não podiam ficar juntos. Seria preciso muita concessão, sobretudo da parte dele, ele admitia. Mas eles poderiam fazer isso. E com certeza seriam mais felizes do que se permanecessem separados.

– Sophie – começou ele –, eu sei que a situação não é ideal...

– Não – interrompeu ela, com a voz baixa, quase inaudível.

– Se não me escutar...

– *Por favor*. Não.

– Mas você não está...

– Pare! – exclamou ela, levantando perigosamente o volume da voz.

Ela segurava os próprios ombros com tanta força que estava quase se machucando, mas Benedict continuou mesmo assim. Ele a amava. Precisava dela. Tinha que fazê-la pensar de forma racional.

– Sophie, sei que você irá concordar se...

– Eu não vou ter um filho ilegítimo! – ela gritou, por fim, se esforçando para manter o cobertor ao redor do corpo quando se levantou. – Não vou fazer isso! Eu amo você, mas não tanto. Não amo ninguém tanto assim.

Benedict olhou para a barriga dela.

– Pode ser tarde demais para isso, Sophie.

– Eu sei – assentiu ela baixinho. – E isso já está me consumindo.

– O arrependimento é capaz de fazer isso.

Ela afastou o olhar.

– Não me arrependo do que fizemos. Gostaria de estar arrependida. Sei que deveria estar arrependida. Mas não consigo.

Benedict apenas olhou para ela. Queria compreendê-la, mas simplesmente não conseguia entender como ela podia ser tão inflexível na decisão de não ser sua amante e ter um filho seu e, ao mesmo tempo, não se arrepender de terem feito amor.

Como Sophie podia dizer que o amava? Isso tornava a dor ainda mais intensa.

– Se não tivermos um filho, então me considerarei muito sortuda – murmurou ela. – E não brincarei mais com o destino.

– Não, brincará apenas *comigo* – disse ele, ouvindo o desprezo na voz e

odiando o que ouviu.

Ela o ignorou, apertando mais o cobertor contra seu corpo enquanto olhava para o nada.

– Guardarei para sempre a lembrança do que fizemos. Acho que é por isso que não consigo me arrepender.

– Essa lembrança não vai aquecer seu corpo à noite.

– Não – concordou ela, com tristeza. – Mas vai aquecer meus sonhos.

– Você é uma covarde – acusou ele. – Uma covarde por não ir atrás desses sonhos.

Ela se virou.

– Não – falou, com a voz impressionantemente tranquila, considerando o olhar furioso que ele lhe dirigia. – Eu sou é uma bastarda. E antes que diga que não se importa, posso lhe garantir que eu me importo. Assim como todo mundo. Não há um dia que passe que eu não seja de alguma forma lembrada da baixeza do meu nascimento.

– Sophie...

– Se eu tivesse um filho – prosseguiu ela, com a voz começando a ficar embargada –, sabe quanto eu o amaria? Mais do que a vida, do que o ar, do que qualquer coisa. Como eu poderia magoar meu próprio filho da mesma forma que fui magoada? Como seria capaz de sujeitá-lo ao mesmo tipo de sofrimento?

– Você rejeitaria o seu filho?

– É claro que não!

– Então ele não teria o mesmo tipo de sofrimento – retrucou Benedict dando de ombros. – Porque eu não o rejeitaria também.

– Você não entende – disse ela, com as palavras terminando numa lamúria.

Ele fingiu que não a escutou.

– Estou correto ao deduzir que *você* foi rejeitada pelos seus pais?

Sophie deu um sorriso tenso e irônico.

– Não exatamente. Ignorada seria mais adequado.

– Sophie – chamou Benedict, aproximando-se dela e segurando-a pelos braços –, você não precisa repetir os erros dos seus pais.

– Eu sei – falou ela com tristeza, sem resistir ao abraço dele, mas também sem corresponder. – E é por isso que não posso ser sua amante. Não vou ter a mesma vida da minha mãe.

– Você não teria a mesma...

– Dizem que uma pessoa inteligente aprende com os próprios erros – interrompeu Sophie, encerrando o protesto dele. – Mas uma pessoa inteligente de verdade aprende com os erros dos outros. – Ela se afastou e então o encarou. – Eu gostaria de acreditar que sou do segundo tipo. Por favor, não tire isso de mim.

Havia um desespero quase palpável nos olhos dela. Uma dor que o atingiu no peito e o fez dar um passo para trás.

– Eu gostaria de me vestir – pediu ela, virando-se de costas para ele. – Acho que é melhor você sair.

Benedict olhou fixamente para as costas dela antes de dizer:

– Eu poderia fazê-la mudar de ideia. Poderia beijá-la, e você...

– Você não faria isso – retrucou ela, sem mover um músculo. – Não é do seu feitio.

– *É*, sim.

– Você me beijaria e depois odiaria a si mesmo. Levaria apenas um segundo.

Ele saiu sem pronunciar mais uma palavra sequer, deixando que o clique da porta fosse o sinal de sua partida.

Dentro da sala, Sophie soltou o cobertor das mãos trêmulas e se enroscou no sofá, manchando para sempre o delicado tecido com suas lágrimas.

CAPÍTULO 18

A colheita não foi muito boa na última quinzena para as moças casadoiras e suas mães. A safra de solteiros está fraca nesta temporada, já que dois dos mais cobiçados de 1816, o duque de Ashbourne e o conde de Macclesfield, foram fisgados no ano passado.

Para piorar as coisas, os dois irmãos Bridgertons disponíveis (sem contar Gregory, que tem apenas 16 anos e não está em posição de ajudar nenhuma pobre moça quando o assunto é casamento) quase não estão aparecendo. Esta autora soube que Colin está fora da cidade, possivelmente no País de Gales ou na Escócia (embora ninguém pareça saber por que ele iria a qualquer desses lugares no meio da temporada). A história de Benedict é mais intrigante. Pelo jeito, ele está em Londres, mas evita todas as reuniões sociais em troca de ambientes menos refinados.

Ainda que, verdade seja dita, esta autora não deva dar a entender que o supracitado Sr. Bridgerton esteja passando cada hora acordado na devassidão. Se os relatos estiverem corretos, ele ficou a maior parte dos últimos quinze dias em sua casa, na Bruton Street.

Como não há boatos de que esteja doente, esta autora só pode deduzir que ele enfim chegou à conclusão de que a temporada de Londres está absolutamente desinteressante e não merece seu tempo.

Homem inteligente, de fato.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
9 DE JUNHO DE 1817

Sophie não viu Benedict por duas semanas inteiras. Não sabia se devia ficar satisfeita, surpresa ou decepcionada. Não sabia se *estava* satisfeita, surpresa ou decepcionada.

Não sabia de nada nos últimos dias. Passava metade do tempo sem saber nem mesmo quem ela era.

Tinha certeza de que tomara a decisão correta ao recusar mais uma vez a oferta de Benedict. Sabia disso racionalmente e, embora quisesse muito o homem que amava, emocionalmente também. Tinha sofrido demais por ser bastarda para algum dia se arriscar a impor o mesmo sofrimento a uma criança, sobretudo um filho seu.

Não, isso não era verdade. Correra esse risco uma vez. E não conseguia se arrepender. A lembrança era preciosa demais. Mas isso não significava que faria aquilo de novo.

No entanto, se estava tão segura de ter agido certo, por que doía tanto? Era como se seu coração não parasse de se despedaçar. Todos os dias, se partia um pouco mais, e todos os dias Sophie dizia a si mesma que não poderia ficar pior, que não havia como sofrer mais. Mesmo assim, todas as noites ela chorava até dormir, querendo Benedict.

E todos os dias se sentia ainda pior.

A tensão foi intensificada pelo fato de que ela estava apavorada de pôr os pés para fora da casa. Posy devia estar procurando por ela, e Sophie achava melhor que não a encontrasse.

Não que achasse que a menina revelaria a Araminta que ela se encontrava em Londres. Sophie a conhecia o suficiente para confiar que ela jamais quebraria uma promessa de livre e espontânea vontade. E o aceno de cabeça que Posy lhe dera quando Sophie balançara a cabeça de forma frenética pedindo-lhe que ficasse em silêncio podia ser considerado uma promessa.

Mas, por mais verdadeiro que fosse o coração de Posy quando se tratava de manter promessas, o mesmo não se podia dizer, infelizmente, de seus lábios. E Sophie podia muito bem imaginar um cenário – muitos cenários, na realidade – em que a garota deixaria escapar, sem querer, que a vira. Logo, a grande vantagem de Sophie era que Posy não tinha conhecimento de onde ela estava. Pelo que sabia, Sophie podia ter saído apenas para dar uma volta. Ou talvez tivesse ido espionar Araminta.

De fato, as duas coisas pareciam muito mais plausíveis do que a verdade, que era o fato de Sophie ter sido chantageada para aceitar um emprego de camareira na mesma rua que elas moravam.

Assim, as emoções de Sophie se alternavam entre a melancolia e o nervosismo, entre o coração partido e a simples apreensão.

Ela conseguira guardar a maior parte de seus sentimentos para si mesma, mas tinha consciência de que se tornara distraída e quieta, e também sabia que Lady Bridgerton e as filhas haviam percebido. Olhavam para ela com preocupação, falando com ainda mais gentileza. E não paravam de perguntar por que não fora tomar chá com elas.

– Sophie! Aí está você!

Sophie dirigia-se apressadamente para o quarto, onde uma pequena pilha de costuras a esperava, mas Violet a interceptou no corredor.

Ela parou e tentou dar um sorriso ao fazer uma reverência.

– Boa tarde, Lady Bridgerton.

– Boa tarde, Sophie. Estive procurando por você por toda parte.

Sophie a encarou com o rosto inexpressivo. Nos últimos tempos parecia não parar de fazer isso. Era difícil se concentrar em qualquer coisa.

– É mesmo? – perguntou.

– Sim. Estava imaginando por que você não tomou chá conosco a semana toda. Sabe que é sempre bem-vinda quando estamos tomando o chá informalmente.

Sophie sentiu o rosto enrubescer. Vinha evitando esses encontros porque era difícil demais ficar no mesmo ambiente com todas aquelas Bridgertons de uma só vez sem pensar em Benedict. Eram todos muito parecidos, e, sempre que se reuniam, eram uma grande família.

Isso forçava Sophie a se lembrar de tudo o que não tinha, a se lembrar do que jamais teria: sua própria família.

Alguém para amar. Alguém que a amasse. Tudo dentro dos limites da respeitabilidade e do casamento.

Imaginava que havia mulheres capazes de abrir mão disso por paixão e amor. Parte dela desejava ser uma dessas mulheres. Mas não era. O amor não podia vencer tudo. Pelo menos não para ela.

– Andei muito ocupada – disse ela, por fim, a Violet.

A matriarca apenas sorriu – um sorriso discreto, vagamente inquiridor, que impôs um silêncio que obrigou Sophie a falar algo mais.

– Com as costuras – acrescentou.

– Que terrível para você. Eu não sabia que furávamos tantas meias.

– Ah, não, não furam! – retrucou Sophie, mordendo a língua no mesmo instante. Lá se fora sua desculpa. – Tenho algumas costuras próprias para fazer – improvisou, engolindo em seco ao perceber como aquilo soara mal.

Violet sabia muito bem que Sophie não tinha quaisquer roupas além das que lhe dera, e era desnecessário dizer que estavam todas em perfeitas condições. Além disso, era muito errado da parte de Sophie fazer as próprias costuras durante o dia, quando deveria cuidar das meninas. Violet era uma patroa compreensiva e era provável que não se importasse, mas era algo que contrariava o próprio senso de ética de Sophie. Ela fora contratada para um emprego – um bom emprego, ainda que envolvesse ter o coração partido todos os dias – e se orgulhava do trabalho que fazia.

– Sei – comentou Violet, ainda com o sorriso enigmático no rosto. – Você pode, é claro, levar suas costuras para o chá.

– Ah, eu não faria isso.

– Mas eu estou lhe dizendo que *pode*.

Sophie percebeu pelo tom de voz de Violet que o que ela queria dizer era que *devia* levar.

– É claro – murmurou Sophie, seguindo-a para a sala de estar do andar de cima.

As meninas já estavam lá, nos lugares de sempre, implicando umas com as outras, rindo e brincando (felizmente sem arremessar nenhum bolinho). A filha mais velha, Daphne – agora a duquesa de Hastings – também se encontrava presente, com a filha mais nova, Caroline, nos braços.

– Sophie! – exclamou Hyacinth, radiante. – Achei que tivesse ficado doente.

– Mas você me viu hoje de manhã – lembrou Sophie –, quando arrumei os seus cabelos.

– Sim, mas não parecia muito bem.

Sophie não tinha uma resposta adequada, já que de fato não estava muito bem. Como não podia negar, apenas se sentou numa cadeira e assentiu com a cabeça quando Francesca perguntou se ela queria chá.

– Penelope Featherington disse que passaria aqui hoje – informou Eloise à mãe assim que Sophie tomou o primeiro gole.

Sophie não conhecia Penelope, mas seu nome estava sempre no *Whistledown*. Assim, ela sabia que a menina e Eloise eram grandes amigas.

– Alguém mais percebeu que Benedict não nos visita faz tempo? – perguntou

Hyacinth.

Sophie espetou o dedo, mas felizmente conseguiu segurar o grito de dor.

– Ele também não tem aparecido lá em casa – comentou Daphne.

– Bem, ele disse que me ajudaria com minhas lições de aritmética e não cumpriu a promessa – reclamou Hyacinth.

– Tenho certeza de que ele só se esqueceu – garantiu Violet, com diplomacia. – Por que não manda um bilhete para ele?

– Ou vá à casa dele – sugeriu Francesca, revirando um pouco os olhos. – Ele não mora longe daqui.

– Eu sou uma moça solteira – retrucou Hyacinth, bufando. – Não posso visitar a casa de um homem solteiro.

Sophie tossiu.

– Você tem 14 anos – lembrou Francesca com desdém.

– Mesmo assim!

– Peça ajuda a Simon, então – falou Daphne. – Ele é muito melhor com números do que Benedict.

– Sabe, ela tem razão – concordou Hyacinth, fitando a mãe depois de lançar um último olhar furioso para Francesca. – Azar de Benedict. Ele é totalmente inútil para mim agora.

Todas deram risada, porque sabiam que ela estava brincando. Exceto por Sophie, que achava que não era mais capaz de rir.

– Mas, falando sério – continuou Hyacinth –, no que ele é bom? Simon é melhor com números e Anthony sabe mais de história. Colin é o mais engraçado, é claro, e...

– Arte – interrompeu Sophie num tom categórico, um pouco irritada pelo fato de a própria família de Benedict não perceber sua individualidade e suas qualidades.

Hyacinth olhou para ela surpresa.

– O quê?

– Ele é bom com arte – repetiu Sophie. – Bem melhor do que qualquer um de vocês, imagino.

Isso atraiu a atenção de todas, porque, embora tivesse deixado transparecer seu humor naturalmente sarcástico, Sophie em geral era afável e jamais dissera uma palavra ríspida a qualquer uma delas.

– Eu nem sabia que ele desenhava – comentou Daphne, demonstrando interesse. – Ou ele pinta?

Sophie olhou para ela. Das mulheres da família, Daphne era a que menos conhecia, mas seria impossível deixar de notar o olhar sagaz dela. Daphne estava curiosa a respeito do talento oculto do irmão, queria saber por que não sabia sobre ele e, sobretudo, queria saber por que *Sophie* sabia.

Em menos de um segundo, Sophie viu tudo isso nos olhos da jovem duquesa. E, em menos de um segundo, percebeu que havia cometido um erro. Se Benedict não contara à família sobre seu dom, não cabia a ela fazê-lo.

– Ele desenha – disse ela, afinal, numa voz que esperava ser ríspida o bastante para evitar mais perguntas.

E foi. Ninguém deu mais um pio, embora os cinco pares de olhos tenham permanecido cravados nela.

– Ele desenha – murmurou Sophie.

Ela olhou de uma para outra. Eloise piscava rápido, enquanto Violet simplesmente não piscava.

– Ele é muito bom – continuou Sophie, repreendendo a si mesma assim que pronunciou as palavras.

Havia algo naquele silêncio que a compelia a preenchê-lo.

Por fim, depois de um instante sem que ninguém dissesse nada, Violet pigarreou e falou:

– Eu gostaria de ver os desenhos dele. – Levou um guardanapo aos lábios, embora não tivesse tomado um gole sequer de chá. – Desde, é claro, que ele quisesse dividi-los comigo.

Sophie se levantou.

– Acho melhor eu ir.

Violet lançou-lhe um olhar que a incitou a parar.

– Por favor, fique – pediu, numa voz suave e firme ao mesmo tempo.

Sophie voltou a se sentar.

Eloise deu um salto.

– Acho que ouvi Penelope.

– Não ouviu, não – retrucou Hyacinth.

– Por que eu mentiria?

– Não faço ideia, mas...

O mordomo apareceu na porta.

– A Srta. Penelope Featherington está aqui – entoou.

– *Está vendo?* – disse Eloise para Hyacinth.

– Cheguei num mau momento? – perguntou Penelope.

– Não – respondeu Daphne com um sorriso ligeiramente divertido. – Apenas um momento estranho.

– Ah. Bem, acho que posso voltar mais tarde.

– Claro que não – falou Violet. – Por favor, sente-se e tome um chá.

Sophie observou a moça se acomodar no sofá ao lado de Francesca. Penelope não tinha uma beleza sofisticada, mas era bastante atraente em seu jeito particular e descomplicado. Tinha os cabelos castanho-avermelhados e o rosto levemente salpicado de sardas. Sua pele era um pouco pálida, embora Sophie suspeitasse que isso tinha mais a ver com a roupa amarela esquisita que usava do que com qualquer outra coisa.

Pensando bem, achou até que lera algo na coluna de Lady Whistledown sobre as roupas terríveis dela. Pena que a pobre não tinha liberdade para pedir à mãe que lhe deixasse vestir azul.

Mas, enquanto avaliava Penelope com discrição, Sophie percebeu que Penelope também a avaliava, só que não tão discretamente.

– Já nos conhecemos? – perguntou a garota de repente.

Sophie foi invadida por uma terrível premonição. Ou talvez fosse um déjà-vu.

– Acho que não – afirmou ela bem rápido.

Penelope não desviou o olhar de seu rosto.

– Tem certeza?

– Eu... eu não sei como poderíamos ter nos conhecido.

Penelope suspirou e balançou a cabeça, pensativa.

– Imagino que tenha razão. Mas há algo muito familiar em você.

– Sophie é nossa nova camareira – informou Hyacinth, como se isso explicasse alguma coisa. – Ela costuma tomar o chá conosco quando estamos apenas em família.

Sophie observou Penelope murmurar alguma resposta e então de repente se lembrou. Ela *havia* visto Penelope antes! Fora no baile de máscaras, provavelmente dez segundos antes de conhecer Benedict.

Sophie acabara de entrar no salão e os jovens que a cercaram ainda estavam se

aproximando. Penelope encontrava-se parada lá, com uma fantasia verde muito estranha e um chapéu também esquisito. Por algum motivo, não usava máscara. Sophie a encarara por um instante, tentando adivinhar do que era sua fantasia, quando um jovem cavalheiro deu um encontrão em Penelope, quase a derrubando no chão.

Sophie fora até ela e a ajudara a se levantar. Dissera algo como “Pronto” e logo vários outros cavalheiros se aproximaram, separando as duas.

Então Benedict chegara e Sophie não tivera olhos para mais ninguém além dele. Penelope – e a forma abominável como ela fora tratada pelos rapazes do baile de máscaras – havia ficado esquecida até aquele exato momento.

E tudo indicava que o evento igualmente permanecera na memória de Penelope.

– Devo estar enganada – disse a jovem ao aceitar uma xícara de chá de Francesca. – Não é tanto sua aparência, mas sua postura, se é que isso faz algum sentido.

Sophie decidiu que era necessário fazer uma suave intervenção, então deu seu melhor sorriso sociável e disse:

– Vou considerar isso um elogio, já que com certeza as damas de suas relações são muito graciosas e gentis.

No instante em que fechou a boca, no entanto, Sophie percebeu que tinha exagerado. Francesca a fitava como se de repente ela tivesse criado chifres, enquanto Violet comentava:

– Ora, Sophie, posso jurar que essa foi a frase mais longa que você pronunciou em duas semanas.

Sophie levou a xícara à boca e murmurou:

– Não ando me sentindo muito bem.

– Ah! – explodiu Hyacinth de repente. – Espero que não esteja se sentindo muito mal, porque gostaria que me ajudasse hoje à noite.

– É claro – disse Sophie, ansiosa por uma desculpa para desviar o rosto de Penelope, que ainda a estudava como se ela fosse um quebra-cabeça humano. – Do que precisa?

– Eu prometi receber meus primos hoje.

– Ah, é mesmo – retrucou Lady Bridgerton, pousando o pires em cima da mesa. – Quase me esqueci.

Hyacinth assentiu.
– Você poderia nos ajudar. São quatro crianças, e eu não conseguirei dar conta delas sozinha.
– Claro – falou Sophie. – Qual é a idade deles?
Hyacinth deu de ombros.
– Entre 6 e 10 anos – informou Violet com um ar de desaprovação. – Você deveria saber disso, Hyacinth. – Virou-se para Sophie e acrescentou: – São filhos da minha irmã mais nova.
– Então me chame quando eles chegarem – pediu Sophie a Hyacinth. – Adoro crianças e ficarei feliz em ajudar.
– Ótimo – comemorou Hyacinth, juntando as mãos. – Eles são muito novos e agitados. Iriam me exaurir.
– Hyacinth, você não é exatamente uma velha decrépita – observou Francesca.
– Quando foi a última vez que você passou duas horas com quatro crianças de menos de 10 anos?
– Parem – disse Sophie, rindo pela primeira vez em duas semanas. – Eu ajudarei. Ninguém vai ficar exaurida. E você deveria aparecer também, Francesca. Tenho certeza de que será muito divertido.
– Você é... – Penelope começou a falar alguma coisa e então parou. – Deixe para lá.
Mas quando Sophie olhou para ela, a jovem ainda a encarava com uma expressão de perplexidade. Penelope abriu a boca, fechou, depois abriu de novo e afirmou:
– Eu *sei* que a conheço.
– Acho que ela tem razão – observou Eloise com um sorriso alegre. – Penelope nunca se esquece de um rosto.
Sophie empalideceu.
– Você está bem? – perguntou Violet, inclinando-se para a frente. – Não parece estar se sentindo bem.
– Acho que alguma coisa me fez mal – mentiu Sophie apressadamente, segurando a barriga para maior efeito. – Talvez o leite não estivesse bom.
– Ah, puxa – lamentou Daphne franzindo a testa de preocupação ao olhar para a bebê. – Dei um pouco a Caroline.
– Achei o gosto bom – opinou Hyacinth.

– Pode ter sido algo que comi de manhã – sugeriu Sophie, sem querer deixar Daphne preocupada. – Mas, mesmo assim, acho que é melhor eu me deitar um pouco. – Ela se levantou e deu um passo na direção da porta. – Se estiver de acordo, Lady Bridgerton.

– É claro – respondeu ela. – Espero que melhore logo.

– Tenho certeza que sim – disse Sophie, com bastante sinceridade.

Ela se sentiria melhor assim que deixasse o campo de visão de Penelope Featherington.

– Irei chamá-la quando meus primos chegarem – falou Hyacinth.

– Se você estiver se sentindo melhor – acrescentou Violet.

Sophie assentiu e deixou a sala apressadamente, mas, enquanto saía, viu Penelope Featherington observando-a com muita atenção, o que a deixou com uma terrível sensação de medo.

Benedict estava mal-humorado havia duas semanas. E seu humor estava prestes a piorar, pensou enquanto percorria a calçada que levava à casa da mãe. Vinha evitando visitá-la porque não queria ver Sophie. Também não queria ver a mãe, que com certeza perceberia seu estado de espírito e o questionaria a respeito. Além disso, não queria ver Eloise, que sem dúvida notaria o interesse de Violet e tentaria interrogá-lo. E não queria ver...

Droga, ele não queria ver ninguém. E levando em conta a forma como vinha arrancando o couro dos criados (verbalmente, é claro, embora às vezes literalmente em seus sonhos), o resto do mundo ficaria melhor se não quisesse vê-lo também.

Mas, por acaso, no instante em que pôs o pé no primeiro degrau da entrada, ouviu alguém chamar seu nome. Quando se virou, avistou Anthony e Colin vindo em sua direção.

Benedict gemeu. Ninguém o conhecia melhor do que os dois, e era bastante improvável que deixassem uma coisinha como um coração partido passar despercebida.

– Não o vejo há décadas – começou Anthony. – Por onde andou?

– Ah, por aí – retrucou Benedict de forma evasiva. – Em casa na maior parte do tempo. – Virou-se para Colin. – Por onde *você* andou?

– Pelo País de Gales.
– País de Gales? Por quê?
Colin deu de ombros.
– Senti vontade. Nunca tinha ido lá.
– A maioria das pessoas precisa de um motivo um pouco mais convincente para viajar no meio da temporada – comentou Benedict.
– Não eu.
Benedict o encarou. Anthony também.
– Ah, está bem – disse Colin com uma careta. – Eu precisava sumir. Mamãe tinha começado a vir para cima de mim com essa dolorosa conversa de casamento.
– "Dolorosa conversa de casamento"? – repetiu Anthony com um sorriso divertido. – Posso garantir que o defloramento da esposa não é tão doloroso assim.
Benedict manteve a expressão impassível. Havia encontrado uma manchinha de sangue no sofá depois de fazer amor com Sophie. Atirara uma almofada por cima da marca, na esperança de que quando algum dos criados a percebesse, todos já tivessem esquecido que ele estivera ali com uma mulher. Gostava de pensar que nenhum dos empregados ouvia atrás da porta ou fazia fofocas a seu respeito, mas a própria Sophie lhe dissera um dia que em geral os criados sabem tudo o que acontece numa casa, e ele tendia a achar que ela tinha razão.
Mas se ele tinha corado – e seu rosto de fato estava um pouco quente –, nenhum dos irmãos percebeu, porque não comentaram nada. E se havia alguma coisa certa na vida, como o fato de o sol nascer no leste, era que um Bridgerton jamais deixava passar uma oportunidade de provocar e atormentar outro Bridgerton.
– Ela não para de falar em Penelope Featherington – contou Colin com uma careta. – Vejam bem, eu conheço Penelope desde que usávamos calças curtas. Hã, desde que eu usava calças curtas, pelo menos. Ela usava... – Franziu ainda mais a testa, porque os dois irmãos estavam rindo dele. – Ela usava o que quer que meninas pequenas usem.
– Vestidos? – sugeriu Anthony.
– Anáguas? – tentou Benedict.
– A questão é que eu a conheço desde sempre, e posso garantir que vai ser

muito difícil que eu me apaixone por ela – disse Colin em um tom de voz enfático.
Anthony se virou para Benedict e comentou:
– Os dois estarão casados dentro de um ano. Escreva o que estou dizendo.
Colin cruzou os braços.
– Anthony!
– Talvez dois – continuou Benedict. – Ele é jovem ainda.
– Ao contrário de *você* – retrucou Colin. – Por que será que mamãe está no meu pé? Por Deus, você está com 31 anos...
– Trinta – disparou Benedict.
– Não importa. O certo seria *você* estar sendo importunado.
Benedict franziu a testa. A mãe andava sendo estranhamente reservada nas últimas semanas quanto a seu desejo de que Benedict se casasse logo. Claro que ele vinha fugindo de Violet como o diabo foge da cruz, mas, mesmo antes disso, ela não andava falando nada sobre o assunto.
Era muito estranho.
– De qualquer forma – resmungava Colin, ainda –, eu não vou me casar tão cedo, e muito menos com Penelope Featherington!
– Ah!
Foi um “ah” feminino. Benedict não precisou nem olhar para saber que estava prestes a presenciar um dos momentos mais constrangedores da vida de alguém. Com o coração na mão, levantou a cabeça e se virou para a porta da frente. Ali, perfeitamente emoldurada pelo batente da porta de entrada, estava Penelope Featherington, com os lábios entreabertos de perplexidade e os olhos refletindo o coração partido.
Naquele momento, Benedict se deu conta de algo que fora burro demais (como qualquer homem) para perceber antes: Penelope Featherington estava apaixonada por seu irmão.
Colin pigarreou.
– Penelope – chamou com a voz estridente, dando a impressão de ter voltado à puberdade. – Hã... que bom ver você.
Ele olhou para os irmãos com um pedido silencioso de que o salvassem, mas nenhum quis intervir.
Benedict se encolheu. Era um daqueles momentos que simplesmente não têm

salvação.

– Eu não sabia que você estava aqui – comentou Colin, sem jeito.

– Evidente que não – disse Penelope, mas faltou rispidez às suas palavras.

Colin engoliu dolorosamente em seco.

– Você veio visitar Eloise?

Ela fez que sim com a cabeça.

– Fui convidada.

– Claro que foi! – exclamou ele, rápido. – Claro que foi. Você é uma das melhores amigas da família.

Silêncio. Um terrível silêncio constrangedor.

– Como se você fosse aparecer sem ser convidada... – murmurou Colin.

Penelope não disse nada. Tentou sorrir, mas sem sucesso. Por fim, justo quando Benedict achou que ela passaria correndo por eles rua abaixo, ela olhou direto para Colin e falou:

– Eu nunca pedi que se casasse comigo.

O rosto de Colin atingiu um tom de vermelho tão escuro que Benedict não achava ser possível a qualquer ser humano. O rapaz abriu a boca, mas não conseguiu emitir som algum. Foi o primeiro – e era bem provável que fosse o único – momento em que Benedict lembrava de ter visto o irmão mais novo completamente sem ter o que dizer.

– E eu nunca... – acrescentou Penelope, engolindo em seco sem parar, com as palavras saindo um pouco angustiadas e entrecortadas. – Eu nunca falei a ninguém que queria que você me pedisse em casamento.

– Penelope – Colin enfim conseguiu dizer –, eu sinto muito.

– Não tem do que se desculpar – retrucou ela.

– Não – insistiu Colin. – Tenho, sim. Eu a magoei, e...

– Você não sabia que eu estava aqui.

– Mesmo assim...

– Você não vai se casar comigo – prosseguiu ela em um tom inexpressivo. – Não há nada de errado com isso. Eu não vou me casar com o seu irmão Benedict.

Benedict estava tentando não olhar, mas virou a cabeça assim que ouviu isso.

– Ele não fica magoado quando eu digo que não vou me casar com ele. – Penelope se virou para Benedict e fixou os olhos castanhos nos dele. – Fica, Sr.

Bridgerton?
– Claro que não – respondeu Benedict rapidamente.
– Então está resolvido – decretou ela. – Ninguém ficou magoado. Agora, se me derem licença, cavalheiros, preciso ir para casa.
Benedict, Anthony e Colin abriram caminho como se fossem o mar Vermelho quando ela desceu a escada.
– Não tem uma acompanhante? – indagou Colin.
Ela balançou a cabeça.
– Eu moro logo depois da esquina.
– Eu sei, mas...
– Eu a acompanho – disse Anthony baixinho.
– Realmente não é necessário, milorde.
– Permita-me – insistiu ele.
Ela assentiu e os dois saíram caminhando pela rua.
Benedict e Colin os observaram se afastar em silêncio por uns bons trinta segundos antes de Benedict se virar para o irmão e dizer:
– Muito bonito da sua parte.
– Eu não sabia que ela estava ali!
– Óbvio que não – atalhou Benedict.
– Não faça isso. Já estou me sentindo péssimo.
– E deveria mesmo.
– Ah, e você nunca magoou uma mulher sem querer?
Colin estava na defensiva, o que bastava para que Benedict soubesse que o irmão estava se sentindo um perfeito idiota.
Benedict foi salvo de responder à pergunta pela chegada da mãe, que parou no primeiro degrau, emoldurada pela porta da mesma forma que Penelope poucos minutos antes.
– O irmão de vocês já chegou? – quis saber ela.
Benedict fez um gesto com a cabeça para a esquina.
– Ele está acompanhando a Srta. Featherington até em casa.
– Ah. Bem, muito atencioso da parte dele. Eu... aonde você vai, Colin?
O rapaz fez uma pequena pausa, mas nem virou a cabeça ao resmungar:
– Preciso de uma bebida.
– Está um pouco cedo para... – Ela parou no meio da frase quando Benedict

pousou uma mão no braço dela.
– Deixe-o ir – falou Benedict.
Ela abriu a boca como para protestar, mas mudou de ideia e apenas fez que sim com a cabeça.
– Eu esperava conseguir reunir a família para fazer um anúncio – comentou ela com um suspiro. – Mas acho que posso deixar para depois. Enquanto isso, por que não toma o chá comigo?
Benedict olhou para o relógio no saguão.
– Não é um pouco tarde para o chá?
– Vamos pular o chá, então – retrucou Violet, dando de ombros. – Eu estava apenas procurando uma desculpa para falar com você.
Benedict deu um sorriso amarelo. Não estava com ânimo para conversar com a mãe. Para ser sincero, não estava com ânimo para falar com ninguém, fato que seria confirmado por qualquer pessoa que tivesse cruzado seu caminho nos últimos tempos.
– Não é nada sério – garantiu Violet. – Por Deus, parece que você está indo para a forca.
Provavelmente seria grosseiro observar que era assim mesmo que se sentia, então ele apenas se inclinou e a beijou no rosto.
– Ora, que boa surpresa – disse ela, sorrindo radiante para ele. – Agora venha comigo – acrescentou, seguindo para a sala de estar do andar de baixo. – Quero lhe falar sobre uma pessoa.
– Mãe!
– Apenas me escute. Ela é uma moça encantadora...
A forca, de fato.

CAPÍTULO 19

A Srta. Posy Reiling (enteada mais jovem do finado conde de Penwood) não é assunto frequente desta coluna (nem, esta autora lamenta dizer, alvo frequente de atenção em eventos sociais), mas não foi possível deixar de perceber que ela estava agindo de forma bastante estranha no sarau da mãe na terça-feira à noite. Insistiu em se sentar perto da janela e passou a maior parte da apresentação olhando fixamente para a rua, como se procurasse algo... ou seria alguém?

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
11 DE JUNHO DE 1817

Quarenta e cinco minutos mais tarde, Benedict encontrava-se atirado na poltrona com os olhos vidrados. De vez em quando, precisava parar para se certificar de que não estava com a boca aberta.

Eis quão entediante estava a conversa da mãe.

A jovem sobre quem ela queria lhe falar era, na verdade, *sete* jovens, cada uma das quais melhor do que a outra, segundo Violet.

Benedict achou que fosse enlouquecer. Bem ali, na sala de estar da mãe, ficaria louco de pedra. Saltaria da poltrona de repente e cairia no chão em meio a um ataque, sacudindo braços e pernas e espumando pela boca...

– Benedict, você ao menos está me ouvindo?

Ele olhou para ela e piscou. Droga. Agora teria que se concentrar na lista de possíveis noivas de Violet. A perspectiva de perder a sanidade era muito mais atraente que isso.

– Eu estava lhe falando sobre Mary Edgeware – disse ela, parecendo mais divertida do que frustrada.

Benedict ficou imediatamente desconfiado. Quando se tratava de arrastar os

filhos para o altar, a mãe nunca se divertia.
– Mary o quê?
– Edge... ah, deixe para lá. Dá para ver que não posso competir com o que quer que o tenha deixado perturbado assim.
– Mãe – chamou Benedict de repente.
Ela inclinou a cabeça um pouco para o lado, com ar intrigado e talvez um pouco surpreso.
– Sim?
– Quando a senhora conheceu meu pai...
– Tudo aconteceu num instante – disse ela baixinho, de certa forma sabendo o que ele iria perguntar.
– Então a senhora logo soube que ele era o homem da sua vida?
Ela sorriu e o rosto assumiu uma expressão distante e nostálgica.
– Ah, no início eu não admiti isso – contou. – Eu me considerava do tipo prático. Sempre achei a ideia de amor à primeira vista ridícula. – Ela fez uma pequena pausa e Benedict soube que a mãe não estava mais na sala com ele, mas num baile de muito tempo atrás, vendo o pai dele pela primeira vez. Enfim, quando achava que Violet se esquecera por completo da conversa, ela olhou de novo para ele e disse: – Mas eu soube.
– Desde o primeiro instante que o viu?
– Bem, desde a primeira vez que nos falamos, pelo menos.
Ela pegou o lenço que ele lhe ofereceu e secou os olhos, dando um sorriso tímido, como se estivesse encabulada com as próprias lágrimas.
Benedict sentiu um bolo na garganta e desviou o olhar, sem querer que ela o visse lacrimejar. Será que alguém choraria por ele mais de dez anos depois da sua morte? Testemunhar um amor verdadeiro era algo que dava uma sensação de humildade, e Benedict de repente sentiu muita inveja dos próprios pais.
Os dois encontraram o amor e tiveram o bom senso de reconhecê-lo e aproveitá-lo. Poucas pessoas tinham tanta sorte.
– Havia algo na voz dele que era muito tranquilizador, muito carinhoso – continuou Violet. – Quando ele falava, a gente se sentia a única pessoa da sala.
– Eu lembro – retrucou Benedict com um sorriso afetuoso e nostálgico. – Era um feito e tanto conseguir isso tendo oito filhos.
Violet engoliu em seco várias vezes e depois disse com a voz firme de novo:

– Sim. Bem, ele não chegou a conhecer Hyacinth, então eram apenas sete.
– Ainda assim...
Ela assentiu.
– Ainda assim.
Benedict lhe deu um tapinha na mão. Não sabia por quê. Não planejara o gesto. Mas, de alguma forma, pareceu a coisa certa a fazer.
– Muito bem – falou Violet, apertando de leve a mão dele antes de levá-la ao colo mais uma vez. – Você me perguntou sobre seu pai por algum motivo em especial?
– Não – mentiu ele. – Pelo menos não... Bem...
Ela esperou com toda a paciência, com aquela expressão ligeiramente esperançosa que tornava impossível guardar os sentimentos para si.
– O que acontece quando alguém se apaixona por uma pessoa inadequada? – indagou Benedict, tão surpreso pelas próprias palavras quanto a mãe com certeza estava.
– Uma pessoa inadequada? – repetiu Violet.
Benedict assentiu, já arrependido da pergunta. Jamais deveria ter dito algo à mãe, e, no entanto...
Suspirou. Violet sempre fora uma ótima ouvinte. E, na verdade, apesar de sua mania irritante de bancar a casamenteira, era mais qualificada para dar conselhos sobre questões amorosas do que qualquer outra pessoa que ele conhecesse.
Ao responder, ela pareceu escolher as palavras com todo o cuidado:
– O que quer dizer com “inadequada”?
– Alguém... – Ele parou e fez uma pausa. – Alguém com quem uma pessoa como eu provavelmente não deveria se casar.
– Alguém que talvez não pertença à nossa classe social?
Ele olhou para um quadro na parede.
– Mais ou menos isso.
– Entendo. Bem... – Violet franziu um pouco a testa e depois disse: – Acho que dependeria de quão distante da nossa classe a pessoa estivesse.
– Distante.
– Um pouco distante ou muito distante?
Benedict estava convencido de que nenhum homem da sua idade e reputação jamais tivera uma conversa como aquela com a mãe, mas, mesmo assim,

respondeu:

– Muito distante.

– Sei. Bem, eu diria... – Violet mordeu o lábio inferior por um instante antes de continuar: – Eu diria – tentou ela mais uma vez, de forma um pouco mais enfática (ainda que nem um pouco enérgica). – Eu diria – falou pela terceira vez – que eu o amo muito e o apoiarei em qualquer decisão. – Ela pigarreou. – Isso se a pessoa de fato for *você*.

Como pareceu inútil negar, Benedict apenas assentiu.

– Mas – acrescentou Violet – eu o alertaria a pensar bem no que iria fazer. O amor com certeza é o elemento mais importante de qualquer união, mas influências externas podem prejudicar um casamento. E se você se casar com alguém, digamos – ela pigarreou de novo –, da criadagem, será alvo de muita fofoca e discriminação. Isso seria algo difícil de suportar para alguém como você.

– Alguém como eu? – perguntou ele, incomodado com a escolha de palavras.

– Saiba que não falo isso como um insulto. Mas você e seus irmãos levaram uma vida privilegiada. São bonitos, inteligentes, interessantes. Todos gostam de vocês. Nem sei dizer quanto isso me deixa feliz. – Ela sorriu, mas foi um gesto melancólico e um pouco triste. – Não é fácil tomar chá de cadeira.

De repente Benedict compreendeu por que a mãe sempre o forçava a dançar com moças como Penelope Featherington. As que ficavam à margem do salão de baile, fingindo que na verdade não *queriam* dançar.

Ela própria pertencera ao grupo das que tomavam chá de cadeira.

Era difícil imaginar. Sua mãe era muito popular agora, sorridente e cheia de amigos. E se Benedict entendera a história direito, seu pai era considerado o melhor partido da temporada.

– Essa decisão só cabe a você – continuou Violet, trazendo o filho de volta à realidade. – E lamento dizer que não será uma decisão fácil.

Ele olhou pela janela, concordando com o silêncio.

– Mas – acrescentou ela –, caso decida ficar com alguém que não pertença à nossa classe, eu prometo apoiá-lo de todas as maneiras possíveis.

Benedict olhou para ela. Poucas mulheres da sociedade diriam o mesmo aos filhos.

– Você é meu filho – falou ela simplesmente. – Eu daria a vida por você.

Ele abriu a boca, mas ficou surpreso ao descobrir que não conseguiu emitir um som sequer.

– Com certeza eu não o evitaria por se casar com alguém inadequado.

– Obrigado – retrucou ele.

Foi a única palavra que conseguiu pronunciar.

Violet suspirou, alto o suficiente para chamar a atenção dele de novo. Parecia cansada e melancólica.

– Gostaria que seu pai estivesse aqui – falou.

– A senhora não costuma dizer isso – comentou Benedict baixinho.

– Eu sempre gostaria que seu pai estivesse aqui. – Ela fechou os olhos por um breve instante. – Sempre.

E então, de alguma forma, ficou claro. Ao observar o rosto da mãe, enfim percebendo – não, enfim *compreendendo* – a profundidade do amor dos pais um pelo outro, tudo ficou claro.

Amor. Ele amava Sophie. Era tudo o que deveria ter importância.

Ele achava que tinha amado a mulher do baile de máscaras. Acreditara que queria se casar com ela. Mas entendia agora que aquilo não havia passado de um sonho, uma fantasia fugaz de uma mulher que ele mal conhecia.

Mas Sophie era...

Sophie era Sophie. E isso era tudo o que ele precisava.

Sophie não acreditava muito em destino, mas depois de uma hora com Nicholas, Elizabeth, John e Alice Wentworth, os primos pequenos do clã Bridgerton, começava a achar que talvez houvesse um motivo pelo qual nunca conseguira um emprego de tutora.

Estava exausta.

Não, não, pensou, desesperada. Exaustão não era uma definição adequada para seu estado naquele momento. Exaustão não definia a sensação incipiente de insanidade que o quarteto lhe provocara.

– Não, não, não, esta boneca é *minha*! – disse Elizabeth a Alice.

– É minha! – respondeu Alice.

– Não é!

– É, sim!

– Vou resolver isto – disse Nicholas, de 10 anos, com ar de superioridade e as mãos nos quadris.

Sophie gemeu. Tinha a sensação de que não era boa ideia permitir que a disputa fosse decidida por um menino de 10 anos que acreditava ser um pirata.

– Nenhuma de vocês vai querer a boneca se eu *cortar* sua... – disse ele, com um brilho sorrateiro no olhar.

Sophie saltou para intervir:

– Você não vai cortar a cabeça dela, Nicholas Wentworth.

– Mas daí elas vão parar...

– *Não* – interrompeu Sophie com a voz enfática.

Ele olhou para ela, avaliando se Sophie estava falando a sério, então resmungou e se afastou.

– Acho que precisamos de uma nova brincadeira – sussurrou Hyacinth para Sophie.

– Tenho *certeza* de que precisamos de uma nova brincadeira – murmurou Sophie.

– Largue o meu soldado! – berrou John. – Largue, largue, largue!

– Eu nunca vou ter filhos – anunciou Hyacinth. – Na verdade, acho que nunca vou me casar.

Sophie preferiu não comentar que quando Hyacinth se casasse e tivesse filhos, com certeza teria uma esquadra de enfermeiras e babás para ajudá-la a tomar conta deles.

Hyacinth fez uma careta quando John puxou os cabelos de Alice, depois engoliu em seco quando Alice deu um soco na barriga de John.

– A situação está ficando desesperadora – sussurrou ela para Sophie.

– Cabra-cega! – exclamou Sophie de repente. – O que acham? Que tal brincarmos de cabra-cega?

Alice e John assentiram, entusiasmados, e Elizabeth disse um relutante “Está bem” depois de considerar a questão com bastante cuidado.

– O que acha, Nicholas? – perguntou Sophie, se dirigindo ao último resistente.

– Pode ser divertido – assentiu ele lentamente, assustando Sophie com seu brilho diabólico no olhar.

– Ótimo – disse ela, tentando não transparecer a desconfiança na voz.

– Mas *você* precisa ser a cabra-cega – acrescentou ele.

Sophie abriu a boca para protestar, mas, naquele momento, as outras três crianças começaram a pular e gritar de alegria. Então seu destino foi selado quando Hyacinth se virou para ela com um sorriso e falou:

– Ah, precisa mesmo.

Como sabia que não adiantaria protestar, Sophie deu um suspiro longo e sofrido – e exagerado, para encantamento das crianças – e se virou para que Hyacinth a vendasse com um lenço.

– Está conseguindo ver? – perguntou Nicholas.

– Não – mentiu Sophie.

Ele se virou para Hyacinth com uma careta.

– Ela está vendo.

Como ele podia saber?

– Ponha mais um lenço – sugeriu Nicholas. – Este é muito transparente.

– Ah, a indignidade...– murmurou Sophie, mas mesmo assim abaixou-se um pouco para que Hyacinth amarrasse mais um lenço sobre seus olhos.

– Agora sim! – gritou John.

Sophie deu a todos um sorriso meigo.

– Muito bem – disse Nicholas, claramente no comando. – Conte até dez enquanto nos escondemos.

Sophie assentiu, tentando não estremecer ao ouvir os sons de uma correria louca pela sala.

– Tentem não quebrar nada! – gritou, como se isso fosse fazer alguma diferença para uma criança superagitada de 6 anos.

– Estão prontos? – perguntou ela.

Nenhuma resposta. Isso queria dizer que sim.

– Onde estão? – falou ela.

– *Aqui!* – disseram cinco vozes em uníssono.

Sophie franziu a testa e se concentrou. Uma das meninas com certeza estava atrás do sofá. Ela deu alguns passos pequenos para a direita.

– Onde estão?

– Aqui!

A resposta, é claro, foi seguida de alguns gritinhos e risadinhas.

– Onde est... AI!

Mais risadinhas e gritinhos. Sophie resmungou enquanto esfregava a canela

machucada.
– Onde estão? – indagou de novo, com bem menos entusiasmo.
– Aqui!
– Aqui!
– Aqui!
– Aqui!
– Aqui!
– Achei você, Alice – sussurrou ela baixinho, decidindo ir atrás da menorzinha e supostamente a mais fraca do bando. – Agora você é toda minha.

Benedict quase conseguiu fugir direto. Depois que a mãe saiu da sala de estar, ele virou um oportuno copo de conhaque e seguiu em direção à porta, mas foi interceptado por Eloise, que lhe disse que ele não podia ir embora ainda, que Violet estava fazendo um esforço muito grande para reunir todos os filhos porque Daphne tinha um importante anúncio a fazer.
– Está grávida de novo? – perguntou Benedict.
– Finja surpresa. Você não deveria saber.
– Não vou fingir nada. Estou indo embora.
Ela deu um salto desesperado para a frente e, de alguma maneira, conseguiu agarrá-lo pela manga.
– Você não pode ir embora.
Benedict deu um longo suspiro e tentou se soltar, mas Eloise segurava sua camisa com muita força.
– Vou levantar um pé – disse ele devagar, em tom monótono – e dar um passo para a frente. Depois, vou levantar o outro pé...
– Você prometeu a Hyacinth que a ajudaria com as lições de aritmética – disparou Eloise. – E ela não o vê há duas semanas.
– E daí? Ela não vai à escola, não pode ser expulsa – resmungou Benedict.
– Benedict, que coisa terrível de se dizer! – exclamou Eloise.
– Eu sei – gemeu ele, esperando escapar de um sermão.
– Só porque as mulheres não têm permissão de estudar em locais como Eton e Cambridge, não quer dizer que nossa educação seja menos importante – discursou Eloise, ignorando por completo o fraco “Eu sei” do irmão. – Além

disso... – continuou.
Benedict se jogou contra a parede.
– ... acredito que o motivo pelo qual não temos acesso às escolas é que, se tivéssemos, iríamos superar os homens em todas as matérias!
– Tem razão – retrucou ele com um suspiro.
– Não seja condescendente.
– Acredite, Eloise, a última coisa que eu sonharia em fazer seria ser condescendente com você.
Ela olhou para ele com desconfiança antes de cruzar os braços e dizer:
– Bem, não decepcione Hyacinth.
– Não vou decepcionar – prometeu ele com a voz cansada.
– Acho que ela está na ala infantil.
Benedict assentiu distraidamente e se virou para a escada.
Ao começar a subir os degraus, ele não viu Eloise olhar para a mãe, que estava espiando da sala de música, e lhe dar uma piscadela e um sorriso.

A ala infantil ficava no segundo andar da casa. Benedict não costumava aparecer por lá. A maioria dos quartos dos irmãos ficava no primeiro piso. Só os de Gregory e Hyacinth ainda eram perto da ala infantil, e como o menino passava a maior parte do ano em Eton e a garota estava sempre aterrorizando alguém em alguma outra parte da casa, Benedict não tinha muitos motivos para ir até lá.
Não deixou de lhe ocorrer que, além dos aposentos das crianças, o segundo andar abrigava também os quartos dos criados. Incluindo as camareiras.
Sophie.
Era provável que ela estivesse em algum canto com suas costuras – com certeza não na ala infantil, que era o domínio das enfermeiras e babás. Uma camareira não teria razão para...
– Heeheeheehahaha!
Benedict levantou as sobrancelhas. Não tinha dúvida de que era o som da risada de uma criança, não de Hyacinth, de 14 anos.
Ah, sim. Seus primos estavam fazendo uma visita. A mãe comentara algo a respeito. Bem, isso seria um bônus. Ele não os via fazia alguns meses e eram crianças muito queridas, ainda que um pouco agitadas demais.

Ao se aproximar, a risada aumentou, com alguns gritinhos extras. Os ruídos fizeram Benedict abrir um sorriso e quando ele chegou à porta aberta...

Ele a viu.

Ela.

Não Sophie.

Ela.

E, no entanto, *era* Sophie.

Ela estava vendada, sorrindo com as mãos estendidas para a frente na direção das crianças. Benedict podia ver apenas a parte de baixo do rosto dela, e foi aí que soube.

Havia apenas outra mulher no mundo de quem ele só vira a parte inferior do rosto.

O sorriso era o mesmo. O queixo era o mesmo. Era *tudo* igual.

Ela era a mulher de prateado, a mulher do baile de máscaras.

De repente, fez sentido. Apenas duas vezes na vida Benedict sentira aquela atração inexplicável, quase mística, por uma mulher. Achava incrível ter conhecido duas mulheres, quando no fundo do coração sempre acreditara que havia apenas um par perfeito para ele no mundo.

Seu coração estava certo. Havia apenas uma.

Ele a procurara durante meses. Sonhara com ela por ainda mais tempo. E ali estava, bem debaixo do seu nariz.

E ela não lhe contara.

Será que ela compreendia o que o havia feito passar? Quantas horas ele ficara acordado na cama, sentindo que estava traindo a dama de prateado – a mulher com quem sonhava se casar – por estar se apaixonando por uma camareira?

Por Deus, aquilo beirava o absurdo. Ele enfim decidira esquecer a mulher de prateado. Ia pedir Sophie em casamento, mandando às favas as consequências sociais.

E as duas eram a mesma pessoa.

Um estranho zumbido tomou conta da sua cabeça, como se duas conchas do mar imensas tivessem sido presas a seus ouvidos. O ar de repente ficou com um cheiro pungente, tudo ficou um pouco avermelhado e...

Benedict não conseguia tirar os olhos dela.

– Há algo errado? – perguntou Sophie.

Todas as crianças haviam ficado em silêncio, encarando Benedict boquiabertas e com os olhos muito arregalados.

– Hyacinth, podem sair da sala, por favor? – disparou ele.

– Mas...

– *Agora!* – rugiu ele.

– Nicholas, Elizabeth, John, Alice, venham comigo – disse Hyacinth rapidamente, com a voz trêmula. – Tem biscoitos na cozinha, e eu sei que...

Mas Benedict não escutou o resto. A irmã conseguira esvaziar a sala em tempo recorde, e sua voz foi desaparecendo no corredor enquanto ela levava as crianças para longe.

– Benedict? – chamou Sophie, tentando desfazer o nó atrás da cabeça. – Benedict?

Ele bateu a porta. O barulho foi tão forte que ela deu um salto.

– Qual é o problema? – sussurrou Sophie.

Benedict não disse nada, apenas ficou olhando enquanto ela tentava se livrar do lenço. Gostou de vê-la impotente. Não se sentia muito gentil e generoso naquele momento.

– Tem alguma coisa que você queira me contar? – perguntou.

Estava com a voz controlada, mas suas mãos tremiam.

Sophie ficou imóvel, tão imóvel que ele juraria ter visto o ar saindo de seu corpo. Então ela pigarreou – um som desconfortável e constrangido – e voltou a tentar desfazer o nó. Os movimentos fizeram o vestido se apertar ao redor dos seios dela, mas Benedict não sentiu nem um pouco de desejo.

Foi, pensou ironicamente, a primeira vez que não sentiu desejo por aquela mulher, em qualquer de suas encarnações.

– Pode me ajudar com isto aqui? – pediu ela.

Mas sua voz estava hesitante. Benedict não se mexeu.

– Benedict?

– É interessante vê-la com um lenço amarrado na cabeça, Sophie – disse ele baixinho.

Ela deixou as mãos caírem bem vagarosamente ao lado do corpo.

– É quase como uma meia máscara, não acha?

Sophie entreabriu os lábios e a suave lufada de ar que passou por eles foi o único barulho que se ouviu na sala.

Ele andou na direção dela lenta e implacavelmente, pisando forte o bastante para que Sophie soubesse que ele estava se aproximando.

– Faz anos que não vou a um baile de máscaras – falou.

Ela sabia. Ele viu em seu rosto, na forma como contraiu os lábios. Sophie sabia que ele sabia.

Ele esperava que ela estivesse apavorada.

Deu mais dois passos na direção dela, depois virou de forma abrupta para a direita, roçando o braço na manga do vestido dela.

– Você algum dia ia me contar que já nos conhecíamos?

Ela mexeu a boca, mas não falou.

– Ia? – insistiu ele, com a voz baixa e controlada.

– Não – disse ela, em um tom hesitante.

– É mesmo?

Sophie não produziu som algum.

– Algum motivo em especial?

– Não... não parecia pertinente.

Ele deu meia-volta.

– Não pareceu *pertinente*? – disparou. – Faz dois anos que eu me apaixonei por você e não lhe pareceu pertinente?

– Posso tirar o lenço, por favor? – sussurrou ela.

– Por mim você pode continuar cega.

– Benedict, eu...

– Como *eu* estive cego no último mês – continuou ele, irritado. – Por que não vê se gosta disso?

– Você não se apaixonou por mim há dois anos – disse ela, puxando o lenço, apertado demais.

– Como você poderia saber? Você desapareceu!

– Eu *precisei* fazer isso – gritou ela. – Eu não tinha escolha.

– Nós sempre temos escolhas – retrucou Benedict com condescendência. – Chamamos de livre-arbítrio.

– É fácil para você dizer isso – disparou ela, puxando a venda dos olhos de maneira frenética. – Você, que tem tudo! Eu precisava... Ah!

Com um movimento violento, ela de alguma forma conseguiu puxar os lenços para baixo até os dois ficarem ao redor do seu pescoço.

Sophie piscou com o repentino clarão. Então viu o rosto de Benedict e cambaleou para trás.

Os olhos dele estavam em chamas, ardendo de raiva e, sim, de uma mágoa que ela mal conseguia compreender.

– É bom ver você, Sophie – disse Benedict em uma voz perigosamente baixa. – Se é que este é seu verdadeiro nome.

Ela assentiu.

– Agora me ocorreu – continuou ele, de modo casual – que se você estava no baile de máscaras, não é exatamente uma criada, é?

– Eu não tinha um convite – explicou ela com rapidez. – Eu era uma fraude. Uma mentirosa. Não tinha o direito de estar lá.

– Você mentiu para mim. O tempo todo, até agora, mentiu para mim.

– Eu tive que fazer isso – murmurou ela.

– Ora, por favor. O que pode ser tão terrível que a obrigue a esconder sua identidade de *mim*?

Sophie engoliu em seco. Ali, na ala infantil dos Bridgertons, com Benedict se aproximando cada vez mais, ela não conseguia se lembrar direito por que decidira não lhe contar que era a dama do baile de máscaras.

Talvez temesse que ele fosse querer que ela se tornasse sua amante.

O que acabou acontecendo, de qualquer maneira.

Ou talvez não tivesse dito nada porque quando se deu conta de que aquele não seria um encontro casual, que Benedict não iria deixar Sophie, a arrumadeira, sair de sua vida, já era tarde demais. Ela passara muito tempo sem dizer nada e acabara ficando com medo da sua raiva.

O que foi exatamente o que aconteceu.

Isso mostrava que ela tinha razão. Claro que não serviu de consolo, com ela parada diante dele, vendo seus olhos cada vez mais repletos de raiva e desprezo.

Talvez a verdade – por mais desagradável que pudesse ser – fosse o fato de o orgulho dela ter sido ferido. Sophie ficara decepcionada por Benedict não a ter reconhecido por si mesmo. Se a noite do baile de máscaras houvesse sido tão mágica para ele como fora para ela, então ele não deveria ter sabido de imediato quem ela era?

Passara dois anos sonhando com ele. Durante dois anos, visualizara seu rosto todas as noites em sua mente. E, no entanto, quando ele olhou para ela, viu uma

estranha.

Ou talvez, apenas talvez, não tivesse sido nada disso. Talvez fosse mais simples do que isso. Quem sabe ela quisesse apenas proteger o próprio coração. Não entendia por que, mas se sentia um pouco mais segura, um pouco menos exposta, como uma arrumadeira anônima. Se Benedict soubesse quem ela era – ou ao menos percebesse que ela era a mulher do baile de máscaras –, ele a teria perseguido. Sem descanso.

Ah, sim, ele também a tinha perseguido quando pensava que ela era uma criada. Mas teria sido diferente se conhecesse a verdade. Sophie tinha certeza disso. Ele não teria considerado a diferença de classe entre eles tão relevante, e dessa forma uma importante barreira entre os dois teria sido rompida. Sua posição social, ou a falta dela, funcionara como um muro de proteção para seu coração. Ela não *poderia* se aproximar demais, porque... Ora, não poderia se aproximar demais. Um homem como Benedict – filho e irmão de viscondes – jamais se casaria com uma criada.

Mas filha ilegítima de um conde... Essa era uma situação muito mais complicada. Ao contrário de uma criada, uma bastarda aristocrática podia sonhar.

No entanto, assim como os sonhos de uma criada, seria muito difícil que os dela se transformassem em realidade. O que tornava o ato de sonhar ainda mais doloroso. E ela sabia – toda vez que estivera prestes a revelar seu segredo, Sophie tivera essa consciência – que a consequência de contar a verdade a ele seria um coração partido.

Isso quase a fez rir. Seu coração não poderia estar pior do que naquele momento.

– Eu procurei você – disse ele, interrompendo os pensamentos dela com sua voz baixa e intensa.

Sophie arregalou os olhos e eles se encheram de lágrimas.

– Procurou? – sussurrou.

– Durante seis malditos meses – praguejou ele. – Foi como se você tivesse desaparecido da face da terra.

– Eu não tinha para onde ir – retrucou ela, sem saber por quê.

– Você tinha a *mim*.

As palavras pairaram no ar, pesadas e sombrias. Finalmente, impulsionada por

algum senso perverso de honestidade tardia, Sophie disse:
– Eu não sabia que você tinha procurado por mim. Mas... mas... – Ela engasgou com a palavra, estreitando os olhos por causa da dor daquele instante.
– Mas o quê?
Ela engoliu várias vezes em seco e, quando abriu os olhos, não fitou o rosto dele.
– Mesmo que eu soubesse que você estava atrás de mim – falou, abraçando o próprio corpo –, eu não o teria deixado me encontrar.
– Eu lhe causava tanta repulsa assim?
– Não! – gritou Sophie, olhando para ele no mesmo instante.
Benedict estava magoado. Ele disfarçava bem, mas ela o conhecia. Havia mágoa nos olhos dele.
– Não – repetiu ela, tentando falar com a voz calma e equilibrada. – Não era isso. Jamais seria isso.
– Então era o quê?
– Nós somos de mundos diferentes, Benedict. Mesmo na época eu sabia que não haveria futuro para nós. E teria sido torturante. Por que sofrer com um sonho que não poderia se realizar? Eu não seria capaz de fazer isso.
– Quem é você? – perguntou ele de repente.
Ela apenas o encarou, inerte.
– Diga-me – exigiu ele. – Diga-me quem você é. Porque não é uma maldita camareira, isso é certo.
– Eu sou exatamente quem falei que era – retrucou ela. Então, diante do olhar furioso dele, acrescentou: – Quase.
Ele avançou na direção dela.
– Quem é você?
Ela recuou mais um passo.
– Sophia Beckett.
– *Quem é você?*
– Sou criada desde os 14 anos.
– E quem você era antes disso?
A voz dela virou um sussurro:
– Uma bastarda.
– Bastarda de quem?

– Isso tem alguma importância?
A postura dele ficou ainda mais beligerante.
– Tem para mim.
Sophie sentiu o desânimo tomar conta dela. Não achava que ele ignoraria os deveres do berço e de fato se *casasse* com alguém como ela, mas esperava que não se importasse tanto assim.
– Quem eram seus pais? – insistiu Benedict.
– Ninguém que você conheça.
– Quem eram seus pais? – rugiu ele.
– O conde de Penwood! – gritou ela.
Benedict ficou absolutamente imóvel, sem mexer um único músculo. Nem sequer piscou.
– Sou a filha bastarda de um nobre – continuou Sophie com a voz áspera, extravasando anos de raiva e ressentimento. – Meu pai era o conde de Penwood e minha mãe, uma criada. Sim – disparou ela quando o viu empalidecer –, minha mãe era uma camareira. Assim como eu.
Um silêncio pesado pairou no ambiente e então Sophie disse em voz baixa:
– Eu não serei como a minha mãe.
– E, no entanto, se ela tivesse feito diferente – retrucou Benedict –, você não estaria aqui para me dizer isso.
– A questão não é essa.
As mãos de Benedict, que estavam cerradas, começaram a se contorcer.
– Você mentiu para mim – disse ele em voz baixa.
– Não havia necessidade de lhe contar a verdade.
– Quem é você para decidir isso? – explodiu ele. – Pobre Benedict, não consegue dar conta da verdade. Não consegue decidir por si mesmo. Ele...
Benedict parou, enojado pelo tom queixoso da própria voz. Ela o estava transformando em alguém que ele não conhecia, alguém de quem não gostava.
Precisava sair dali. Precisava...
– Benedict?
Sophie o encarava de uma forma estranha. Com preocupação.
– Eu preciso ir – murmurou ele. – Não posso olhar para você agora.
– Por quê? – perguntou Sophie, e ele viu pela expressão em seu rosto que ela se arrependeu imediatamente da pergunta.

– Estou com tanta raiva que não me reconheço – retrucou Benedict, com a voz seca. – Eu...

Ele olhou para as próprias mãos. Elas tremiam. Percebeu que queria machucar Sophie. Não, isso não era verdade. Ele jamais iria querer isso. E, no entanto...

E, no entanto...

Foi a primeira vez na vida que se sentiu tão fora de controle. E isso o assustou.

– Preciso ir – repetiu, e passou bruscamente por ela a caminho da porta.

CAPÍTULO 20

Enquanto estamos tratando do assunto, a mãe da Srta. Reiling, a condessa de Penwood, também tem agido de forma muito estranha nos últimos tempos. Conforme mexericos de criados (que todos sabemos são sempre dos mais confiáveis), a condessa teve um verdadeiro ataque ontem à noite, atirando nada menos do que 17 sapatos na direção deles.

Um lacaio está com um olho machucado, mas, apesar disso, todos os demais seguem apresentando boa saúde.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
11 DE JUNHO DE 1817

Em uma hora, Sophie estava com a mala pronta. Não sabia o que mais fazer. Foi dominada – dolorosamente dominada – pela ansiedade e não conseguia ficar imóvel. Não parava de mexer os pés, as mãos tremiam e a cada poucos minutos ela respirava fundo, como se o ar extra pudesse de alguma forma tranquilizá-la.

Imaginava que não lhe seria permitido continuar na casa de Lady Bridgerton depois de uma briga terrível com Benedict. Era verdade que Violet gostava de Sophie, mas Benedict era filho dela. O sangue de fato valia mais do que qualquer coisa, sobretudo quando se tratava da família Bridgerton.

Era triste, na verdade, ela pensou ao se sentar na cama, ainda amassando um lenço com as mãos. Porque, apesar de seus sentimentos tumultuosos por Benedict, ela gostava de morar ali. Sophie nunca tivera a honra de viver entre um grupo de pessoas que realmente compreendia o significado da palavra “família”.

Ela sentiria saudades deles.

Sentiria saudades de Benedict.

E lamentaria a vida que não podia ter.

Sem conseguir ficar parada, ela se levantou mais uma vez e foi até a janela.

– Maldito seja, papai – falou, olhando para o céu. – Pronto. Chamei-o de papai. O senhor nunca me deixou fazer isso. Nunca quis *ser* isso. – Ela arfou de forma convulsiva e limpou o nariz com as costas da mão. – Eu o chamei de papai. Qual é a sensação?

Mas não houve estrondo de trovão, nenhuma nuvem cinza surgindo do nada para encobrir o sol. O pai dela jamais saberia quanto ela tinha raiva dele por tê-la deixado sem dinheiro, por tê-la deixado com Araminta. Provavelmente ele não se importaria.

Como estava muito cansada, ela se apoiou na janela e esfregou os olhos com a mão.

– O senhor me deixou sentir o sabor de outra vida – sussurrou – e depois me abandonou. Teria sido muito mais fácil se eu tivesse sido criada como uma empregada. Assim eu não teria nutrido tantos desejos. Teria sido mais fácil.

Ela se virou de novo e pousou os olhos em sua única e mísera bolsa. Não queria levar os vestidos que ganhara de Lady Bridgerton e das suas filhas, mas não tinha muita escolha, já que seus trajes antigos haviam sido relegados ao cesto de trapos. Assim, Sophie pegou apenas dois, a mesma quantidade com que chegara: o que usava quando Benedict descobrira sua identidade e um outro, que enfiou na bolsa. Deixou o restante pendurado, muito bem passado, no guarda-roupa.

Ela suspirou e fechou os olhos por um instante. Estava na hora de ir. Aonde, não sabia, mas não podia ficar ali.

Sophie se abaixou e pegou a bolsa. Tinha um pouco de dinheiro guardado. Não era uma grande quantia, mas, se trabalhasse e não gastasse muito, teria recursos suficientes para ir para os Estados Unidos dentro de um ano. Ouvira dizer que as coisas lá eram mais fáceis para os que não tinham berço, que as divisões entre as classes não eram tão rígidas como na Inglaterra.

Espiou o corredor, que graças a Deus se encontrava vazio. Sabia que estava sendo covarde, mas não queria ter que se despedir das meninas. Poderia fazer algo muito estúpido, como chorar, e então se sentiria ainda pior. Nunca tivera a oportunidade de conviver com garotas da sua idade que a tratassem com respeito e afeição. Um dia, desejara que Rosamund e Posy fossem suas irmãs, mas isso nunca veio a acontecer. Posy podia ter tentado, mas Araminta não permitira, e a

jovem, apesar de toda sua doçura, nunca fora forte o bastante para enfrentar a mãe.

Mas ela tinha que se despedir de Lady Bridgerton. Não havia como escapar disso. Violet fora bondosa com ela além de quaisquer expectativas, e Sophie não agradeceria ao tratamento que recebera fugindo e desaparecendo como uma criminosa. Se tivesse sorte, ela ainda não teria ficado sabendo de sua discussão com Benedict. Sophie poderia avisá-la, dizer adeus e ir embora.

Era o fim da tarde, bem depois da hora do chá, então Sophie decidiu se arriscar e ver se a matriarca estava no pequeno escritório que mantinha ao lado de seu quarto de dormir. Era um ambiente acolhedor e confortável, com uma escrivaninha e diversas estantes de livros – o local onde Violet escrevia suas correspondências e acertava as contas da casa.

A porta estava entreaberta e Sophie bateu de leve, fazendo com que ela se abrisse mais alguns centímetros quando os nós de seus dedos encostaram na madeira.

– Pode entrar! – gritou Violet.

Sophie empurrou a porta e enfiou a cabeça dentro do escritório.

– Interrompo? – perguntou baixinho.

Violet soltou a pena.

– Sim, mas é uma interrupção bem-vinda. Nunca gostei de fazer as contas da casa.

– Eu não... – começou Sophie, então parou.

Ia falar que não se importaria em assumir a tarefa, que sempre tinha sido boa com números.

– O que estava dizendo? – indagou Violet, com um olhar carinhoso.

Sophie balançou a cabeça levemente.

– Nada.

O ambiente ficou em silêncio até que Violet deu um sorriso divertido para Sophie e perguntou:

– Você veio me ver por algum motivo específico?

Sophie respirou fundo, tentando se acalmar (sem conseguir) e retrucou:

– Vim.

Violet olhou para ela com expectativa, mas não disse nada.

– Infelizmente, terei que ir embora desta casa – afirmou Sophie.

Violet se levantou da cadeira.
– Mas por quê? Não está feliz? Alguma das meninas andou maltratando você?
– Não, não – garantiu Sophie com rapidez. – Isso não poderia estar mais distante da realidade. Suas filhas são encantadoras, tanto por dentro quanto por fora. Eu nunca... quero dizer, ninguém nunca...
– O que houve, Sophie?
Ela se segurou no batente da porta, tentando de qualquer maneira recuperar o equilíbrio. As pernas estavam bambas e o coração, abalado. A qualquer momento, iria desabar em lágrimas, e por quê? Porque o homem que ela amava jamais se casaria com ela? Porque a odiava por mentir para ele? Porque ele partira o coração dela duas vezes – uma ao pedir que fosse sua amante e outra ao fazê-la amar sua família e então forçá-la a ir embora?
Benedict podia não tê-la mandado embora, mas não poderia estar mais claro que ela não podia ficar.
– O problema é Benedict, não é?
Sophie levantou a cabeça.
Violet sorriu com tristeza.
– É evidente que há algum sentimento entre vocês – falou com delicadeza, respondendo à pergunta que Sophie sabia que seus olhos deviam estar fazendo.
– Por que a senhora não me demitiu? – sussurrou ela.
Não achava que Violet soubesse que ela e Benedict haviam ficado juntos, mas ninguém da posição de Lady Bridgerton iria querer o filho apaixonado por uma arrumadeira.
– Não sei – respondeu Lady Bridgerton, parecendo mais confusa do que Sophie poderia imaginar. – Talvez eu devesse ter feito isso. – Ela deu de ombros, com o olhar estranhamente impotente. – Mas eu gosto de você.
As lágrimas que Sophie se esforçava tanto para conter começaram a rolar pelo seu rosto, mas, apesar disso, ela de alguma forma conseguiu manter a compostura. Não estremeceu, não produziu um som sequer. Apenas ficou ali parada, chorando.
Quando Violet falou de novo, fitando Sophie nos olhos, as palavras foram pronunciadas com bastante cuidado, como se tivessem sido escolhidas com muito carinho:
– Você é o tipo de mulher que eu gostaria para o meu filho. Não convivemos há

muito tempo, mas conheço o seu caráter e o seu coração. E adoraria...

Sophie deixou escapar um soluço engasgado, mas se conteve o mais rápido que pôde.

– Adoraria que você tivesse uma origem diferente – continuou Violet, que ao notar o choro de Sophie inclinou a cabeça para o lado em um gesto de compaixão e piscou com tristeza. – Não que eu vá usar isso contra você ou que faça minha consideração diminuir, mas torna as coisas muito difíceis.

– Impossíveis – sussurrou Sophie.

Violet não disse nada e Sophie soube que, no fundo, ela concordava – se não por completo, então 98 por cento – com sua avaliação.

– É possível que a sua origem não seja exatamente o que parece ser? – quis saber Violet, medindo ainda mais as palavras do que antes.

Sophie não respondeu.

– Há coisas a seu respeito que não fazem sentido, Sophie.

Sophie sabia que Violet esperava que ela perguntasse o quê, mas tinha uma boa ideia do que a mãe de Benedict queria dizer.

– Seu sotaque é impecável – observou Lady Bridgerton. – Sei que me disse que teve aulas com as filhas da dona da casa na qual sua mãe trabalhava, mas isso não me parece explicação suficiente. Essas aulas teriam começado apenas quando você fosse mais velha, com no mínimo 6 anos, e a essa altura seus padrões de fala já estariam estabelecidos.

Sophie arregalou os olhos. Nunca havia se dado conta desse furo em especial em sua história, e ficou bastante surpresa que ninguém o tivesse notado até então. Mas Lady Bridgerton era bem mais inteligente do que a maioria das pessoas a quem ela contara sua história inventada.

– E você sabe latim – prosseguiu Violet. – Não tente negar. Eu a ouvi murmurar outro dia quando Hyacinth a chateou.

Sophie manteve o olhar fixo na janela à esquerda de Lady Bridgerton. Não tinha coragem de encará-la.

– Obrigada por não negar – falou Violet.

Então esperou que Sophie dissesse algo. Aguardou por tanto tempo que enfim Sophie precisou preencher aquele silêncio interminável:

– Eu não sou uma noiva adequada para o seu filho.

– Entendo.

– Eu realmente preciso ir – falou o mais rápido que pôde, antes que mudasse de ideia.
Violet assentiu.
– Se é o que deseja, não há nada que eu possa fazer para impedi-la. Para onde pensa em ir?
– Tenho parentes no norte – mentiu Sophie.
Ficou claro que Violet não acreditou, mas respondeu:
– Irá, é claro, usar uma de nossas carruagens.
– Não, eu jamais poderia aceitar.
– Faço questão. Eu a considero responsabilidade minha, ao menos pelos próximos dias, e é perigoso demais que saia desacompanhada. Este mundo não é seguro para mulheres sozinhas.
Sophie não conseguiu conter um sorriso triste. O tom de Violet podia ser diferente, mas suas palavras foram quase exatamente as mesmas que Benedict pronunciara algumas semanas antes. Aonde isso a levara... Sophie jamais diria que ela e Violet eram boas amigas, mas a conhecia o suficiente para saber que não mudaria de ideia naquela questão.
– Está bem – concordou Sophie. – Obrigada.
Poderia pedir que a carruagem a deixasse em algum lugar não muito longe de um porto onde pudesse reservar uma passagem para os Estados Unidos e depois decidir aonde ir a partir dali.
Lady Bridgerton lhe ofereceu um sorriso triste.
– Imagino que já tenha arrumado as malas.
Sophie assentiu. Não pareceu necessário observar que ela tinha apenas uma mala, no singular.
– Já se despediu de todos?
Sophie balançou a cabeça.
– Prefiro não fazer isso – admitiu.
Lady Bridgerton assentiu.
– Às vezes é melhor. Por que não me espera no saguão? Mandarei que tragam uma carruagem.
Sophie começou a se afastar, mas então parou e se virou de volta para Violet.
– Lady Bridgerton, eu...
Os olhos de Violet se iluminaram, como se ela esperasse uma boa notícia. Ou,

se não boa, ao menos algo diferente.
– Sim?
Sophie engoliu em seco.
– Eu só queria lhe agradecer.
O brilho nos olhos de Violet diminuiu um pouco.
– Por quê?
– Por me receber aqui, por me aceitar e por permitir que eu participasse um pouco da sua família.
– Não seja bo...
– A senhora não precisava permitir que eu tomasse chá em sua companhia – interrompeu Sophie. Se não dissesse tudo aquilo naquele instante, perderia a coragem. – A maioria das mulheres não teria feito isso. Foi encantador... e inédito... e... – Ela engoliu em seco. – Vou sentir saudade de todas vocês.
– Você não precisa ir – observou Violet com delicadeza.
Sophie tentou sorrir, mas o gesto saiu hesitante e com gosto de lágrimas.
– Preciso, sim – retrucou, quase engasgando com as palavras.
Violet a encarou por um longo instante, os olhos azul-claros cheios de compaixão e talvez um toque de compreensão.
– Entendo – falou baixinho.
E Sophie temeu que ela realmente entendesse.
– Encontro você lá embaixo – disse Violet.
Sophie assentiu e se afastou para permitir que a viscondessa passasse. Violet parou no corredor e olhou para a bolsa puída de Sophie.
– Isso é tudo o que você tem? – perguntou.
– Tudo no mundo.
Lady Bridgerton engoliu em seco, com desconforto, e seu rosto assumiu um suave tom de rosa, como se ela se sentisse realmente constrangida por sua riqueza – e pela equivalente falta de recursos de Sophie.
– Mas isso não é o que importa – observou Sophie, apontando para a bagagem. – O que a senhora tem... – Ela parou por um instante, lutando com o bolo na garganta. – Não me refiro ao que a senhora possui...
– Eu sei o que quer dizer, Sophie. – Violet secou os olhos com os dedos. – Obrigada.
Sophie deu de ombros.

– É a verdade.

– Deixe-me lhe dar algum dinheiro antes de você ir – falou Violet.

Sophie balançou a cabeça.

– Não posso aceitar. Já peguei dois vestidos que me deu. Eu não queria, mas...

– Está tudo bem – garantiu Violet. – O que mais poderia fazer? Os vestidos com que chegou aqui não existem mais. – Ela pigarreou. – Mas, por favor, aceite um pouco de dinheiro. – Viu Sophie abrir a boca para protestar e disse: – *Por favor*. Isso faria com que eu me sentisse melhor.

Violet tinha um jeito de olhar que fazia com que o interlocutor cedesse a qualquer pedido seu. Além disso, Sophie precisava realmente do dinheiro. Violet era uma pessoa generosa. Poderia até lhe dar o suficiente para comprar uma passagem de terceira classe para atravessar o oceano. Sophie se flagrou agradecendo antes mesmo que sua consciência tivesse uma chance de considerar a oferta.

Lady Bridgerton respondeu com um breve aceno de cabeça e desapareceu pelo corredor.

Sophie deu um suspiro profundo, cheia de insegurança. Pegou a bolsa e desceu a escada bem devagar. Esperou no saguão por um instante e então decidiu que seria melhor aguardar do lado de fora. Era um lindo dia de primavera e ela pensou que um pouco de sol talvez a fizesse se sentir um pouco melhor. Além disso, teria menos probabilidade de cruzar com uma das filhas de Lady Bridgerton – por mais que fosse ter saudade delas, simplesmente não queria se despedir.

Ainda agarrando a bolsa com uma das mãos, ela empurrou a porta da frente e desceu a escada da entrada da casa.

Não demoraria muito para a carruagem aparecer. Cinco minutos, talvez dez, ou então...

– Sophie Beckett!

Sophie sentiu um embrulho no estômago. Araminta. Como podia ter se esquecido?

Paralisada, ela olhou ao redor e escada acima, tentando pensar por onde escapar. Se corresse de volta para a casa, Araminta saberia onde encontrá-la, e se saísse a pé...

– Polícia! – berrou a mulher. – Cadê a polícia?

Sophie soltou a bolsa e saiu em disparada.

– Alguém segure essa garota! – gritou Araminta. – Ladra! Ladra!

Sophie continuou correndo, embora soubesse que isso a faria parecer culpada. Seguiu em frente com todas as fibras dos músculos, com cada golfada de ar que conseguia levar aos pulmões. Correu, correu e correu...

Até que alguém a parou, alcançando-a pelas costas e derrubando-a no chão.

– Peguei! – exclamou o homem. – Eu a peguei para a senhora!

Sophie piscou e arfou com a dor. Tinha batido a cabeça com força na calçada e o homem que a apanhara estava praticamente sentado em cima de sua barriga.

– Aí está você! – vociferou Araminta ao se aproximar com pressa. – Sophie Beckett. Que audácia!

Sophie olhou com ódio para a madrasta. Não havia palavras capazes de expressar o desprezo em seu coração. Sem mencionar que estava sentindo dor demais para falar.

– Estive à sua procura – disse Araminta, com um sorriso maldoso. – Posy me contou que a viu.

Sophie fechou os olhos por um instante. *Ah, Posy*. Duvidava que ela tivesse tido a intenção de entregá-la, mas a língua da menina tinha a tendência de ser mais rápida do que a mente.

Araminta parou bem perto da mão de Sophie – a que estava imobilizada por seu captor, que a apertava ao redor do pulso – e sorriu enquanto levava o pé *para cima* da mão dela.

– Você não devia ter roubado de mim – decretou ela, com os olhos azuis faiscando.

Sophie apenas gemeu. Foi tudo o que conseguiu fazer.

– Sabe, agora eu posso mandá-la para a cadeia – continuou Araminta alegremente. – Acho que poderia ter feito isso antes, mas agora eu tenho a verdade do meu lado.

Nesse instante, um homem se aproximou correndo e parou diante dela.

– As autoridades estão a caminho, milady. Essa ladra será detida o mais rápido possível.

Sophie mordeu o lábio inferior, dividida entre rezar para que as autoridades demorassem o bastante até que Lady Bridgerton saísse da casa e rezar para que chegassem imediatamente, impedindo os Bridgertons de verem sua vergonha.

No fim, conseguiu o que queria. O último desejo. Não levou dois minutos para que as autoridades aparecessem, atirassem-na dentro de uma carroça e a levassem para a cadeia.

Tudo o que Sophie conseguiu pensar no caminho foi que os Bridgertons jamais saberiam o que acontecera com ela, e que talvez isso fosse o melhor.

CAPÍTULO 21

Quanta emoção ontem na frente da residência de Lady Bridgerton na Bruton Street!

Primeiro, Penelope Featherington foi vista na companhia não de um, nem dois, mas de TRÊS irmãos Bridgertons, um feito até então impossível para a pobre moça, famosa por tomar chá de cadeira em todos os bailes. Infelizmente (mas talvez de forma previsível) para a Srta. Featherington, quando ela enfim partiu, foi de braço dado com o visconde, o único homem casado do trio.

Se a Srta. Featherington de alguma forma conseguisse arrastar um irmão Bridgerton para o altar, isso com certeza significaria o fim do mundo como o conhecemos, e esta autora, que admite que não entenderia nada de um mundo assim, seria forçada a abdicar do posto.

Se a reunião da Srta. Featherington já não fosse fofoca suficiente, pouco menos de três horas mais tarde uma mulher foi abordada bem na frente da casa pela condessa de Penwood, que mora três construções depois. Parece que a moça, que esta autora suspeita que estivesse trabalhando para Lady Bridgerton, era criada de Lady Penwood. Esta alegou que a jovem não identificada roubou dela há dois anos e imediatamente despachou a pobrezinha para a cadeia.

Esta autora não sabe ao certo qual é a punição atual para roubo, mas imagina que se alguém tem a audácia de furtar de uma condessa, a punição seja bastante rígida. É provável que a pobre moça em questão seja enforcada ou, no mínimo, extraditada.

A guerra das arrumadeiras (relatada no mês passado nesta coluna) parece bastante banal agora.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
13 DE JUNHO 1817

A primeira inclinação de Benedict na manhã seguinte foi se servir de um bom drinque bem forte. Ou talvez de três. Podia ser escandalosamente cedo para beber, mas a amnésia alcoólica parecia bastante atraente depois da violência emocional que ele sofrera na noite anterior pelas mãos de Sophie Beckett.

Mas então ele lembrou que marcara um encontro naquela manhã com Colin, para um confronto de esgrima. De repente, espetar o irmão pareceu bastante atraente. Não importava que ele não tivesse nada a ver com o terrível mau humor de Benedict.

Era para isso que serviam os irmãos, Benedict pensou com um sorriso amargo enquanto vestia o equipamento.

– Só tenho uma hora – disse Colin ao prender a ponta de proteção no florete. – Marquei um compromisso para hoje à tarde.

– Sem problema – falou Benedict, alongando os músculos das pernas. Fazia um bom tempo que não praticava esgrima. O florete na mão lhe deu uma sensação boa. Ele recuou um passo e tocou o chão com a ponta da arma, fazendo a lâmina arquear de leve. – Não preciso de mais do que isso para vencer você.

Colin revirou os olhos antes de baixar a máscara para o rosto.

Benedict caminhou até o centro do salão.

– Pronto?

– Ainda não – respondeu Colin, fazendo o mesmo.

Benedict se colocou em posição.

– Eu disse que não estava pronto! – berrou Colin ao saltar para o lado.

– Você é lento demais – disparou Benedict.

Colin praguejou baixinho e acrescentou um “maldição” mais alto, para garantir.

– O que deu em você?

– Nada – retrucou Benedict, quase rosnando. – Por quê?

Colin deu um passo para trás até os dois estarem a uma distância adequada para começar o confronto.

– Ah, não sei – falou, com sarcasmo evidente. – Talvez por você quase ter arrancado minha cabeça fora.

– Estou com uma proteção na lâmina.

– Que usou como se fosse um sabre – devolveu Colin.

Benedict deu um sorriso duro.

– É mais divertido assim.

– Não para o meu pescoço. – Colin passou o florete de uma mão para a outra enquanto flexionava e esticava os dedos. Fez uma pausa e franziu a testa. – Tem certeza de que não é uma lâmina de verdade, essa aí?

Benedict olhou para ele com irritação.

– Pelo amor de Deus, Colin, eu jamais usaria uma arma de verdade.

– Só para me certificar – resmungou Colin, tocando de leve no próprio pescoço. – Está pronto?

Benedict assentiu e se posicionou.

– Regras normais – disse Colin, também se posicionando. – *Nada* de golpes violentos.

Benedict concordou com um rápido aceno de cabeça.

– *En garde!*

Os dois levantaram as armas e giraram os pulsos até ficarem com as palmas das mãos para cima e as lâminas presas nos dedos.

– É nova? – perguntou Colin de repente, olhando para a empunhadura do florete de Benedict com interesse.

Benedict amaldiçoou a perda de concentração.

– Sim, é nova – falou. – Prefiro a empunhadura italiana.

Colin deu um passo para trás, saindo por completo da postura de esgrimista ao olhar para o próprio florete, que tinha uma empunhadura francesa menos elaborada.

– Posso pegar emprestado algum dia? Não me importaria de ver se...

– Pode! – disparou Benedict, mal resistindo à vontade de avançar e estocar naquele mesmo instante. – Pode voltar a se posicionar, por favor?

Colin deu um sorriso de lado e Benedict soube que o irmão lhe perguntara sobre a empunhadura apenas para irritá-lo.

– Como desejar – murmurou Colin, obedecendo.

Os dois ficaram parados por um instante e então Colin disse:

– Ao ataque!

Benedict avançou imediatamente, mas Colin sempre fora muito rápido com os pés e conseguiu recuar, recebendo o ataque do irmão com grande habilidade de defesa.

– Você está com um humor horrível hoje – comentou Colin, estocando e quase

acertando Benedict no ombro.

Benedict saiu do caminho do irmão, levantando a lâmina para bloquear o ataque.

– É, bem, eu tive um dia – falou, avançando de novo com a lâmina estendida para a frente – *péssimo*.

Colin desviou do ataque de forma impecável.

– Belo contragolpe – elogiou, tocando na própria testa com o punho do florete numa saudação irônica.

– Cale a boca e ataque – disparou Benedict.

Colin riu e avançou, zunindo a lâmina para lá e para cá, mantendo Benedict recuado.

– Deve ser uma mulher – ele disse.

Benedict bloqueou o ataque do irmão e em seguida começou a avançar com agilidade.

– Não é da sua conta.

– É uma mulher – afirmou Colin, com um sorriso malicioso.

Benedict deu uma estocada e acertou a clavícula de Colin com a ponta da lâmina.

– Ponto – resmungou.

Colin deu um breve aceno de cabeça.

– Toque para você.

Os dois voltaram para o centro do salão.

– Está pronto? – perguntou Colin.

Benedict assentiu.

– *En garde*. Lutar!

Desta vez, Colin foi o primeiro a atacar.

– Se precisar de algum conselho sobre mulheres... – falou, encurralando o irmão no canto.

Benedict levantou a lâmina, bloqueando o ataque de Colin com força suficiente para que ele recuasse cambaleando.

– Se eu precisasse de conselhos sobre mulheres – retrucou –, a última pessoa que procuraria seria *você*.

– Assim você me machuca – comentou Colin, recuperando o equilíbrio.

– Não – afirmou Benedict. – É para isso que serve a ponta de proteção.

– Sem dúvida eu tenho um histórico com mulheres melhor do que o seu.
– Ah, é mesmo? – retrucou Benedict com sarcasmo. Empinou o nariz e, numa boa imitação de Colin, disse: – “Não vou me casar tão cedo, e muito menos com Penelope Featherington!”
Colin estremeceu.
– Você não deveria dar conselhos a ninguém – disse Benedict.
– Eu não sabia que ela estava lá.
Benedict deu uma estocada, errando por pouco o ombro do irmão.
– Isso não é desculpa. Você estava em público, em plena luz do dia. Mesmo que ela não tivesse ouvido, alguém teria e a maldita conversa iria parar no *Whistledown*.
Colin recebeu o ataque de Benedict com um movimento de defesa, então deu um contragolpe com extrema velocidade, atingindo o mais velho direto na barriga.
– Toque meu – resmungou.
Benedict assentiu, reconhecendo o ponto.
– Eu fui um tolo – prosseguiu Colin enquanto os dois voltavam para o centro do salão. – Você, por outro lado, é burro.
– O que você quer dizer com isso?
Colin suspirou enquanto levantava a máscara.
– Por que não faz um favor a todos nós e se casa de uma vez com a garota?
Benedict apenas o encarou, afrouxando a mão ao redor do cabo do florete. Havia alguma possibilidade de que Colin não soubesse de quem eles estavam falando?
Tirou a máscara e fitou os olhos verde-escuros do irmão. Quase gemeu. Colin sabia. Não sabia como isso fora acontecer, mas era verdade. Mas não devia estar surpreso, pensou. Colin sempre sabia de tudo. Na verdade, a única pessoa que parecia conhecer mais fofocas do que ele era Eloise, e ela nunca levava mais do que poucas horas para transmitir toda sua sabedoria duvidosa a Colin.
– Como você ficou sabendo? – perguntou Benedict, enfim.
Colin levantou um canto da boca num meio sorriso.
– Sobre Sophie? É bastante evidente.
– Colin, ela é...
– Uma criada? Quem se importa? O que vai acontecer se você se casar com

ela? – perguntou Colin dando de ombros. – Pessoas que não têm a menor importância para você irão relegá-lo ao ostracismo? Ora, eu não me importaria em ser ignorado por algumas pessoas com quem sou obrigado a socializar.

Benedict deu de ombros com indiferença.

– Eu já tinha decidido que não me importava com tudo isso – contou.

– Então qual é o maldito problema? – quis saber Colin.

– É complicado.

– Nada é tão complicado quanto parece ser na nossa cabeça.

Benedict refletiu sobre a frase do irmão, apoiando a ponta do florete no chão e deixando a lâmina flexível balançar para a frente e para trás.

– Você se lembra do baile de máscaras da mamãe? – indagou.

Colin piscou diante da pergunta inesperada.

– Há alguns anos? Pouco antes de ela se mudar da Casa Bridgerton?

Benedict assentiu.

– Esse mesmo. Você se lembra de uma mulher vestida de prateado? Você cruzou conosco no saguão.

– É claro. Você estava bastante empolgado com... – Colin de repente arregalou os olhos. – Era *Sophie*?

– Incrível, não? – murmurou Benedict.

– Mas... como...

– Não sei como ela chegou lá, mas não é uma criada.

– Não?

– Bem, ela é uma criada – esclareceu Benedict. – Mas também é a filha bastarda do conde de Penwood.

– Não o atual...

– Não, o que morreu há muitos anos.

– E você sabia de tudo isso?

– Não – disse Benedict, em um tom seco. – Eu não sabia.

– Ah. – Colin mordeu o lábio inferior enquanto pensava no significado da frase curta do irmão. – Sei. O que você vai fazer?

O florete de Benedict, cuja lâmina balançava para a frente e para trás enquanto ele apoiava a ponta no chão, de repente escapou da sua mão. Indiferente, ele o observou deslizar pelo chão e não voltou a encarar o irmão ao dizer:

– Ótima pergunta.

Ainda estava furioso com Sophie por sua mentira, mas também não era inocente. Não deveria ter exigido que ela fosse sua amante. Com certeza tinha o direito de pedir, mas ela também tinha o direito de recusar. E, depois que ela disse não, ele deveria tê-la deixado em paz.

Benedict não fora criado como bastardo, e se a experiência dela havia sido terrível o bastante a ponto de ela recusar o risco de também gerar um filho bastardo... Bem, ele devia ter respeitado isso.

Se ele respeitava *Sophie*, precisava respeitar suas crenças.

Não devia ter sido tão leviano com ela, insistindo que tudo era possível, que ela era livre para tomar qualquer decisão que seu coração desejasse. Violet estava certa. De fato ele tinha uma vida privilegiada, com riqueza, família, felicidade... Nada estava verdadeiramente fora do seu alcance. A única coisa terrível que lhe acontecera tinha sido a morte precoce do pai. E, mesmo assim, ele pudera contar com os entes queridos para ajudá-lo a enfrentar a dor. Para Benedict era difícil imaginar certas dores e mágoas, porque jamais as experimentara.

Ao contrário de Sophie, ele nunca estivera sozinho.

E agora? Ele já decidira que estava preparado para enfrentar o ostracismo social e se casar com ela. A filha bastarda de um conde era uma noiva um pouco mais aceitável do que uma criada, mas não muito. A sociedade londrina poderia aceitá-la, se ele a forçasse a isso, mas ninguém seria gentil com ela. Era provável que os dois fossem obrigados a ter uma vida tranquila no campo, evitando a sociedade que quase com certeza os marginalizaria.

Mas seu coração levou menos de um segundo para perceber que uma vida tranquila com Sophie era, de longe, preferível a uma vida pública sem ela.

O fato de ela ser a mulher do baile de máscaras tinha alguma importância? Ela mentira para ele sobre sua identidade, mas Benedict conhecia a sua alma. Quando os dois se beijavam, quando se divertiam juntos, quando simplesmente sentavam e conversavam... Ela jamais fingira um instante sequer.

A verdadeira Sophie era a mulher capaz de tocar seu coração com um simples sorriso, a mulher que podia enchê-lo de contentamento apenas ficando sentada a seu lado enquanto ele desenhava.

E ele a amava.

– Você parece ter tomado uma decisão – comentou Colin baixinho.

Benedict olhou para o irmão, pensativo. Quando ele se tornara tão perspicaz?

Na verdade, quando havia crescido? Benedict sempre pensara em Colin como um jovem patife, charmoso e encantador, não como alguém que algum dia assumiria qualquer tipo de responsabilidade.

Mas, ao fitá-lo agora, ele via outra pessoa. Os ombros estavam um pouco mais largos, a postura, um pouco mais firme e tranquila. E o olhar parecia mais sábio. Essa era a maior mudança. Se os olhos de fato fossem as janelas da alma, então a alma de Colin amadurecera enquanto Benedict não estava prestando atenção.

– Eu devo a ela alguns pedidos de desculpa – comentou Benedict.

– Tenho certeza de que ela irá perdoá-lo.

– Ela também me deve vários pedidos de desculpa. Mais do que vários.

Benedict percebeu que o irmão queria perguntar “Por quê?”, mas ele se limitou a dizer:

– Você está disposto a perdoá-la?

Benedict assentiu.

Colin arrancou o florete da mão dele.

– Pode deixar que eu guardo para você.

Benedict ficou olhando para a arma por um longo tempo antes de voltar à realidade.

– Preciso ir – disparou.

Colin mal conteve um sorriso.

– Foi o que imaginei.

Benedict encarou o irmão e então sentiu a vontade incontrolável de lhe dar um abraço rápido.

– Eu não digo isso sempre – falou, a voz começando a ficar embargada –, mas eu amo você.

– Eu também amo você, meu irmão. – O sorriso de Colin se ampliou. – Agora suma daqui.

Benedict atirou a máscara para cima dele e deixou o salão.

– *Como assim, ela foi embora?*

– Simples assim, infelizmente – disse Violet, com os olhos tristes e solidários. – Ela foi embora.

A pressão na cabeça de Benedict começou a aumentar. Era incrível que não

tivesse explodido.

– E você a deixou ir?

– Acho que seria até mesmo ilegal forçá-la a ficar.

Benedict quase gemeu. Também devia ter sido ilegal forçá-la a ir para Londres, mas ele fizera isso ainda assim.

– Aonde ela foi? – perguntou.

A mãe pareceu murchar na poltrona.

– Não sei. Insisti que ela usasse uma das nossas carruagens, em parte porque temia pela segurança dela, mas também porque queria saber aonde ela iria.

Benedict bateu com as mãos na mesa.

– Bem, então o que aconteceu?

– Como eu estava dizendo, tentei fazer com que ela usasse uma das nossas carruagens, mas pelo jeito ela não quis e desapareceu antes que o veículo chegasse para pegá-la.

Benedict praguejou baixinho. Sophie ainda devia estar em Londres, mas a cidade era imensa e superpopulosa. Seria quase impossível encontrar uma pessoa que não queria ser encontrada.

– Eu imaginei que vocês dois tinham brigado – comentou Violet com delicadeza.

Benedict passou a mão pelos cabelos e então viu a manga branca.

– Ah, meu Jesus – resmungou. Correra até lá com a roupa de esgrima. Fitou a mãe revirando os olhos. – Sem sermão sobre blasfêmia agora, mãe. Por favor.

Ela contraiu os lábios.

– Eu nem sonharia em fazer isso.

– Onde eu vou encontrá-la?

O olhar de Violet perdeu a leveza.

– Não sei, Benedict. Gostaria de poder responder. Eu gostava de Sophie de verdade.

– Ela é filha de Penwood – contou ele.

Violet franziu a testa.

– Eu suspeitei de algo parecido. Ilegítima, imagino.

Benedict assentiu.

A mãe abriu a boca para dizer alguma coisa, mas ele nunca soube o quê, porque naquele momento a porta do escritório se abriu de repente e bateu na parede com

um barulho impressionante. Francesca, que obviamente atravessara a casa correndo, deu um encontrão na mesa da mãe, seguida de Hyacinth, que por sua vez deu um encontrão na irmã.

– Qual é o problema? – perguntou Violet, se levantando.

– Sophie – arfou Francesca.

– Eu sei – disse Violet. – Ela foi embora. Nós...

– Não! – interrompeu Hyacinth, largando um jornal em cima da mesa. – Veja.

Benedict tentou agarrar o periódico, que reconheceu imediatamente como uma edição do *Whistledown*, mas a mãe foi mais rápida.

– O que foi? – quis saber ele, sentindo um embrulho no estômago ao ver a mãe empalidecer.

Ela passou o jornal para o filho, que o leu rápido, passando direto pelas partes sobre o duque de Ashbourne, o conde de Macclesfield e Penelope Featherington antes de chegar ao trecho que devia dizer respeito a Sophie.

– Cadeia? – disse ele, quase em um suspiro.

– Precisamos libertá-la – afirmou Violet, empertigando-se como um general se preparando para uma batalha.

Mas Benedict já passara pela porta.

– Espere! – gritou Violet, correndo atrás dele. – Eu também vou.

Benedict parou pouco antes de chegar à escada.

– A senhora fica – ordenou. – Não vou admitir que seja exposta a...

– Ora, por favor – retrucou ela. – Eu não sou nenhuma velha caquética. E posso atestar a honestidade e a integridade de Sophie.

– Eu também vou – falou Hyacinth, parando ao lado de Francesca, que também os seguira até o corredor.

– Não! – responderam Violet e Benedict ao mesmo tempo.

– Mas...

– Eu disse *não* – disparou Violet, com a voz firme.

Francesca soltou um suspiro mal-humorado.

– Imagino que não vai adiantar eu insistir em...

– Nem termine a frase – alertou Benedict.

– Como se você fosse sequer me deixar tentar.

Benedict a ignorou e se virou para a mãe.

– Se quiser ir, vamos sair agora mesmo.

Ela assentiu.
– Chame a carruagem. Vou esperá-lo na frente da casa.
Dez minutos depois, eles estavam a caminho.

CAPÍTULO 22

Grande correria na Bruton Street. A viscondessa de Bridgerton e seu filho Benedict foram vistos saindo às pressas da casa dela na manhã da sexta-feira. O Sr. Bridgerton quase jogou a mãe dentro de uma carruagem e os dois partiram em alta velocidade. Francesca e Hyacinth Bridgerton foram vistas paradas na porta, e esta autora soube de fonte segura que a primeira foi ouvida pronunciando uma palavra extremamente indigna de uma dama.

Mas a Casa Bridgerton não foi a única a ser tomada por tamanha agitação. A residência das Penwood também foi palco de intensa atividade, culminando em uma briga pública na escada da entrada entre a condessa e sua filha, a Srta. Posy Reiling.

Como esta autora nunca gostou de Lady Penwood, tudo o que pode dizer é "Viva Posy!".

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
16 DE JUNHO DE 1817

Estava frio. Muito frio. E havia um terrível barulho de correria causado por uma pequena criatura de quatro patas. Ou, pior ainda, uma grande criatura de quatro patas. Ou, para ser mais exata, uma versão grande de uma pequena criatura de quatro patas.

Ratos.

– Ah, Meu Deus – gemeu Sophie.

Ela não costumava dizer o nome de Deus em vão, mas agora parecia um bom momento para começar. Talvez Ele a escutasse, e quem sabe matasse todos os ratos. Sim, isso seria ótimo. Um imenso raio. De proporções bíblicas. Poderia atingir a terra, espalhar pequenos tentáculos elétricos ao redor do globo e fritar todos os ratos.

Era um sonho lindo. Assim como aqueles em que ela se via vivendo feliz para sempre como a Sra. Benedict Bridgerton.

Sophie arfou ao sentir uma pontada no coração. Dos dois sonhos, ela temia que o genocídio de ratos fosse o mais passível de se tornar realidade.

Ela estava sozinha agora. Totalmente sozinha. Não sabia por que isso era tão perturbador. Na realidade, essa sempre fora sua condição. Desde que a avó a deixara nos degraus da entrada de Penwood Park, ela nunca tivera um defensor, alguém que pusesse seus interesses acima – ou ao menos no mesmo nível – dos próprios.

O estômago dela roncou, lembrando que podia acrescentar a fome à sua lista de sofrimentos.

E sede. Não haviam lhe levado sequer um gole d'água. Ela estava começando a ter fantasias muito estranhas sobre chá.

Sophie deu um suspiro longo e lento, tentando se lembrar de respirar pela boca. O fedor era insuportável. Ela recebera um urinol simples para fazer as necessidades, mas até então vinha se segurando, tentando se aliviar com o mínimo de frequência possível. O urinol fora esvaziado antes de ser atirado dentro da cela, mas não fora lavado. Na verdade, quando Sophie o pegara, ele estava molhado, e ela o largara imediatamente, com o corpo todo estremecendo de repulsa.

Ela havia, é claro, esvaziado muitos urinóis na vida, mas as pessoas para quem trabalhava em geral conseguiam acertar o alvo, por assim dizer. Sem falar que Sophie sempre podia lavar as mãos depois.

Agora, além do frio e da fome, ela se sentia suja.

Era uma sensação horrível.

– Visita para você.

Sophie deu um salto ao ouvir a voz rouca e pouco amistosa do carcereiro. Será que Benedict tinha descoberto onde ela estava? Será que ao menos sentiria vontade de ajudá-la? Será que ele...

– Ora, ora, ora.

Araminta. Sophie sentiu um peso no peito.

– Sophie Beckett – cacarejou a madrasta, aproximando-se da cela e levando um lenço ao nariz, como se Sophie fosse a única causa do mau cheiro. – Eu jamais imaginaria que você teria a audácia de aparecer em Londres.

Sophie cerrou os lábios. Sabia que Araminta queria provocá-la e se recusou a lhe dar essa satisfação.

– Infelizmente, as coisas parecem não estar indo bem para você – continuou ela, balançando a cabeça e fingindo preocupação. Inclinou-se para a frente e sussurrou: – O magistrado não gosta muito de ladrões.

Sophie cruzou os braços e fitou a parede. Se sequer olhasse para Araminta, talvez não resistisse ao impulso de se atirar contra ela, e era provável que as barras de metal da cela deixassem seu rosto muito machucado.

– Os enfeites para sapatos já haviam sido o bastante – disse Araminta, tamborilando o indicador no próprio queixo –, mas ele ficou furioso quando eu o informei sobre o roubo da minha aliança de casamento.

– Eu não...

Sophie se calou antes de gritar ainda mais. Era exatamente o que Araminta queria.

– Não? – retrucou ela, sorrindo com malícia, então agitou os dedos no ar. – Pelo jeito eu não a estou usando, e é sua palavra contra a minha.

Sophie abriu os lábios, mas não produziu som algum. A madrasta tinha razão. Nenhum juiz iria aceitar a palavra dela em detrimento da de uma condessa.

Araminta abriu um sorrisinho traiçoeiro.

– O homem aí na frente, acho que é o carcereiro, disse que será muito difícil que você seja enforcada, de modo que não precisa se preocupar com isso. É muito mais provável que seja extraditada.

Sophie quase riu. No dia anterior ela estava considerando emigrar para os Estados Unidos. Agora parecia que iria mesmo embora – só que seu destino seria a Austrália. E ela estaria acorrentada.

– Pedirei clemência para você – disse Araminta. – Não a quero morta, apenas... longe.

– Um exemplo de caridade cristã – murmurou Sophie. – Tenho certeza de que o juiz ficará tocado.

Araminta passou os dedos nas têmporas e puxou os cabelos distraidamente para trás.

– Ficará mesmo, não é?

Ela olhou direto para Sophie e sorriu. Tinha uma expressão dura e vazia, e de repente a jovem precisou saber...

– Por que me odeia? – perguntou em um sussurro.
Araminta não fez nada além de encará-la por um instante, e depois murmurou:
– Porque ele a amava.
Sophie ficou perplexa, em silêncio.
Os olhos de Araminta ficaram incrivelmente duros.
– Eu jamais o perdoarei por isso.
Sophie balançou a cabeça, incrédula.
– Ele nunca me amou.
– Ele a vestiu, a alimentou. – Araminta contraiu os lábios. – Obrigou-me a viver com você.
– Aquilo não era amor – retrucou Sophie. – Era culpa. Se ele me amasse, não teria me deixado com você. Não era burro. Devia saber quanto você me odiava. Se me amasse, não teria me ignorado no testamento. Se me amasse... – Ela parou, engasgando com a própria voz.
Araminta cruzou os braços.
– Se ele me amasse – continuou Sophie –, poderia reservar algum tempo para conversar comigo. Poderia me perguntar como havia sido meu dia, ou o que eu estava estudando, ou se eu havia gostado do café da manhã. – Ela engoliu em seco diversas vezes e virou de costas. Era difícil olhar para a madrasta naquele momento. – Ele nunca me amou. Ele não sabia amar.
Um longo instante de silêncio se passou e então Araminta disse:
– Ele estava me punindo.
Sophie se virou devagar de volta para ela.
– Por não lhe dar um herdeiro. – As mãos de Araminta começaram a tremer. – Ele me odiava por isso.
Sophie não soube o que dizer. Não sabia se havia algo a ser dito.
Depois de um longo instante, Araminta continuou:
– No começo, eu a odiava porque você era um insulto para mim. Nenhuma mulher deveria ter que abrigar a filha bastarda do marido.
Sophie ficou calada.
– Mas então... Mas então...
Para grande surpresa de Sophie, Araminta se apoiou na parede, como se as lembranças estivessem sugando suas forças.
– Mas então tudo mudou – falou Araminta, enfim. – Como ele podia ter tido

você com uma prostituta qualquer e eu não ser capaz de lhe dar um filho?

Não parecia fazer muito sentido Sophie defender a mãe.

– Eu não a odiava simplesmente, sabe? – sussurrou Araminta. – Eu odiava ver você.

De alguma forma, isso não surpreendeu Sophie.

– Odiava ouvir a sua voz. Odiava o fato de você ter os olhos dele. Odiava saber que estava na minha casa.

– Era minha casa também – respondeu Sophie baixinho.

– Sim – disse Araminta. – Eu sei. Odiava isso também.

Sophie fitou Araminta direto nos olhos.

– Por que está aqui? – perguntou. – Já não fez o bastante? Já garantiu minha extradição para a Austrália.

Araminta deu de ombros.

– Acho que não consigo ficar longe. Tem alguma coisa encantadora em vê-la na cadeia. Precisarei tomar um banho de três horas para me livrar do mau cheiro, mas valeu a pena.

– Então me dê licença para me sentar no canto e fingir que estou lendo um livro – disparou Sophie. – Não há nada de encantador em vê-la.

Ela foi até o banquinho bambo de três pernas que era a única peça de mobília da cela e se acomodou, tentando não parecer tão miserável quanto se sentia. Era verdade que Araminta a vencera, mas seu espírito continuava intacto, e ela se recusava a permitir que a madrasta acreditasse no contrário.

Sophie ficou de braços cruzados, de costas para a porta da cela, esperando ouvir os sinais de que Araminta estava saindo.

Mas ela permaneceu ali.

Finalmente, depois de cerca de dez minutos daquele absurdo, Sophie se levantou e gritou:

– Vá embora daqui!

Araminta inclinou a cabeça um pouco para o lado.

– Estou pensando.

Sophie teria perguntado “em quê?”, mas teve medo da resposta.

– Estou imaginando como são as coisas na Austrália – falou Araminta. – Nunca estive lá, é claro. Nenhuma pessoa civilizada das minhas relações pensaria nisso. Mas ouvi dizer que é um forno. E você, com essa pele clara... É provável que sua

linda cútis não sobreviva ao sol forte. Na verdade...

Mas o que quer que Araminta estivesse prestes a dizer foi interrompido (*felizmente*, porque Sophie temia ter a acusação modificada para tentativa de homicídio se fosse obrigada a escutar mais uma palavra) por uma comoção vindo pelo corredor.

– Que diabo...? – falou Araminta, dando alguns passos para trás e esticando o pescoço para ver melhor.

Então Sophie ouviu uma voz muito familiar.

– Benedict? – sussurrou.

– O que você falou? – perguntou Araminta.

Mas Sophie já estava colada nas barras da cela.

– Eu disse para *nos deixar passar*! – rugiu Benedict.

– Benedict! – gritou Sophie.

Ela esqueceu que não queria que os Bridgertons a vissem num ambiente tão degradante. Esqueceu que não tinha futuro com ele. Tudo o que conseguia pensar era que ele fora atrás dela e estava *ali*.

Se Sophie pudesse passar por entre as barras, teria feito isso.

Um barulho desagradável ecoou no ar, seguido por um ruído abafado, muito provavelmente de um corpo caindo no chão.

Passos de corrida e então...

– Benedict!

– Sophie! Meu Deus, você está bem?

Ele passou as mãos pelas barras, segurou o rosto dela e a beijou. Não foi um beijo de paixão, mas de terror e alívio.

– Sr. Bridgerton? – guinchou Araminta.

De alguma forma, Sophie conseguiu desviar os olhos de Benedict para o rosto chocado da madrasta. Em meio a toda aquela excitação, esquecera que Araminta ainda desconhecia seus laços com a família Bridgerton.

Foi um dos momentos mais perfeitos de sua vida. Talvez isso significasse que ela era uma pessoa superficial, ou que suas prioridades eram organizadas de forma equivocada. Mas Sophie simplesmente adorou o fato de Araminta, para quem posição e poder eram tudo, ter acabado de vê-la sendo beijada por um dos solteiros mais cobiçados de Londres.

E é claro que Sophie também ficou bastante feliz por ver Benedict.

Ele se afastou, as mãos relutantes ainda tocando o rosto de Sophie de leve enquanto saía de perto da cela. Benedict cruzou os braços e lançou um olhar tão furioso a Araminta que Sophie ficou convencida de que seria capaz de fulminá-la.

– Quais são as suas acusações contra ela? – perguntou ele.

O sentimento de Sophie por Araminta podia ser classificado como "aversão extrema", mas, mesmo assim, jamais a descreveria como burra. Naquele momento, no entanto, se preparou para rever seus conceitos, porque a madrasta, em vez de estremecer e se acovardar como qualquer pessoa sã faria em tal situação, plantou as mãos nos quadris e berrou:

– Roubo!

Naquele exato instante, Lady Bridgerton apareceu.

– Eu não acredito que Sophie tenha sido capaz de fazer algo do tipo – afirmou, indo para o lado do filho. Estreitou os olhos ao encarar Araminta. – E eu nunca gostei da senhora, Lady Penwood – acrescentou com bastante irritação.

Araminta recuou e levou uma mão ao peito, ofendida.

– Nada disto é culpa minha – bufou ela. – É tudo culpa daquela menina – continuou, lançando um olhar furioso para Sophie –, que teve a audácia de roubar minha aliança de casamento!

– Eu nunca roubei sua aliança de casamento, e você sabe disso! – protestou Sophie. – A última coisa que eu iria querer do seu...

– Você roubou meus enfeites para sapatos!

Sophie fechou a boca, com raiva.

– Rá! Estão vendo? – Araminta olhou ao redor, tentando avaliar quantas pessoas tinham testemunhado o gesto. – Uma clara admissão de culpa.

– Ela é sua enteada – resmungou Benedict. – Jamais deveria estar numa posição em que sentisse que precisava...

Araminta contorceu o rosto e ficou vermelha.

– *Jamais* a chame de minha enteada – alertou. – Ela não é nada para mim. Nada!

– Perdão – disse Lady Bridgerton com muita educação –, mas se ela realmente não significava nada para a senhora, não deveria estar aqui nesta cadeia imunda tentando fazer com que ela seja enforcada por roubo.

Araminta foi poupada de ter que responder pela chegada do magistrado,

seguido por um carcereiro que parecia muito irritado e que estava com um olho roxo.

Como o carcereiro lhe dera um tapa no traseiro quando a empurrara para dentro da cela, Sophie não conseguiu deixar de sorrir.

– O que está acontecendo aqui? – quis saber o magistrado.

– Essa mulher – retrucou Benedict, em um tom de voz alto o suficiente para impedir qualquer tentativa de interrupção – acusou a minha noiva de roubo.

Noiva?

Sophie conseguiu manter a boca fechada, mas, mesmo assim, precisou se agarrar com força às barras da cela, porque suas pernas ficaram bambas no mesmo instante.

– Noiva? – arfou Araminta.

O magistrado se empertigou.

– E quem é o senhor? – indagou, claramente ciente de que Benedict era alguém importante, ainda que não tivesse certeza de quem.

Benedict cruzou os braços e informou seu nome.

O magistrado empalideceu.

– Hã, alguma relação com o visconde?

– Ele é meu irmão.

– E ela é sua noiva? – perguntou ele, engolindo em seco ao apontar para Sophie.

Sophie esperou que algum tipo de sinal sobrenatural caísse do céu, denunciando Benedict como mentiroso, mas, para sua surpresa, nada aconteceu. Lady Bridgerton inclusive assentia com a cabeça.

– Você não pode se casar com ela – afirmou Araminta.

Benedict se virou para a mãe.

– Existe algum motivo pelo qual eu deva consultar Lady Penwood a respeito disso?

– Nenhum de que eu consiga me lembrar – respondeu Violet.

– Ela não passa de uma prostituta – sibilou Araminta. – A mãe dela foi uma prostituta, e o sangue que corre... *ugh*!

Benedict a agarrou pelo pescoço antes que alguém tivesse ao menos percebido que ele se movera.

– Não me faça bater em você – alertou ele.

O magistrado deu um tapinha em seu ombro.
– O senhor precisa soltá-la.
– Posso amordaçá-la?
O magistrado pareceu dividido, mas acabou balançando a cabeça.
Com clara relutância, Benedict largou Araminta.
– Se você se casar com ela – disse a mulher, esfregando o pescoço –, farei questão de contar a todos *exatamente* o que ela é: a filha bastarda de uma prostituta.
O magistrado se virou para Araminta com uma expressão severa.
– Não creio que precisemos usar esse tipo de linguagem.
– Posso lhe garantir que não tenho o hábito de falar desta maneira – retrucou ela, empinando o nariz com desdém –, mas a ocasião pede palavras fortes.
Sophie mordia os nós dos dedos enquanto olhava fixamente para Benedict, que abria e fechava as mãos de modo bastante ameaçador. Pelo jeito, *ele* acreditava que a ocasião demandava punhos fortes.
O magistrado pigarreou.
– A senhora a está acusando de um crime muito sério. – Ele engoliu em seco. – E ela vai se casar com um Bridgerton.
– Eu sou a condessa de Penwood – vociferou ela. – Condessa!
Uma a uma, o magistrado olhou para todas as pessoas no ambiente. Como condessa, Araminta era superior a todos em termos aristocráticos, mas, ao mesmo tempo, era apenas uma Penwood contra dois Bridgertons, um dos quais era muito grande, estava visivelmente furioso e já enfiara o punho no olho do carcereiro.
– Ela me roubou!
– Não, você roubou dela! – rugiu Benedict.
O lugar ficou em absoluto silêncio.
– Você roubou a infância dela – afirmou ele, com o corpo tremendo de raiva.
Havia lacunas imensas no que ele sabia sobre a vida de Sophie, mas de alguma forma tinha certeza de que aquela mulher causara muito do sofrimento explícito naqueles olhos verdes. E ele podia apostar que o querido e falecido pai dela era responsável pelo resto.
Benedict se virou para o magistrado e disse:
– Minha noiva é a filha bastarda do finado conde de Penwood. E foi por isso

que a condessa a acusou falsamente de roubo. Trata-se de vingança e ódio, apenas isso.

O magistrado olhou de Benedict para Araminta e então, enfim, para Sophie.

– Isso é verdade? – perguntou. – A senhorita foi acusada falsamente?

– Ela pegou os enfeites para sapatos! – berrou Araminta. – Juro sobre o túmulo do meu marido que ela roubou meus enfeites para sapatos!

– Ora, pelo amor de Deus, mamãe, fui *eu* que peguei os seus enfeites para sapatos.

Sophie ficou boquiaberta.

– Posy?

Benedict olhou para a recém-chegada, uma jovem baixa e meio gorducha que com certeza era uma das filhas da condessa, depois olhou de novo para Sophie, que ficara branca como papel.

– Vá embora – sibilou Araminta. – Você não tem o que fazer aqui.

– É claro que tem – disse o magistrado, virando-se para Araminta –, se ela pegou os enfeites para sapatos. Quer que ela seja acusada?

– Ela é minha filha!

– Prendam-me junto com Sophie! – exclamou Posy com dramaticidade, levando uma das mãos ao peito para maior efeito. – Se ela for extraditada por roubo, então eu também devo ser.

Pela primeira vez em vários dias, Benedict conseguiu sorrir.

O carcereiro pegou as chaves.

– Senhor? – chamou, hesitante, o magistrado.

– Guarde isso – disparou o homem. – Não vamos encarcerar a filha de uma condessa.

– Não guarde, não! – interrompeu Violet. – Quero que minha futura nora seja libertada agora mesmo.

O carcereiro olhou para o magistrado sem saber o que fazer.

– Ora, vamos lá – disse o magistrado, e apontou na direção de Sophie. – Solte aquela ali. Mas ninguém vai a lugar algum até eu resolver tudo isso.

Araminta vociferou em protesto, mas Sophie foi devidamente libertada. Fez o movimento de correr para Benedict, mas o magistrado estendeu um braço para contê-la.

– Alto lá! – exclamou. – Não teremos nenhum encontro romântico até que eu

entenda quem deve ser preso.
– Ninguém deve ser preso – rosnou Benedict.
– Ela vai para a Austrália! – gritou Araminta, apontando para a enteada.
– Prendam-me! – clamou Posy com um suspiro, levando as costas da mão à testa. – Fui eu que roubei!
– Posy, fique quieta – sussurrou Sophie. – Confie em mim, você não quer ficar naquela cela. É terrível. E tem ratos.
A menina começou a se afastar das grades.
– Você nunca mais receberá um convite nesta cidade – garantiu Violet a Araminta.
– Eu sou uma condessa! – sibilou a outra.
– E eu sou mais popular – rebateu Violet, usando de forma sarcástica uma palavra tão incomum em seu dicionário que tanto Benedict quanto Sophie ficaram boquiabertos.
– Chega! – exigiu o magistrado. Virou para Posy, apontou para Araminta e perguntou: – Ela é sua mãe?
A jovem assentiu.
– E a senhorita disse que roubou os enfeites para sapatos?
Posy assentiu mais uma vez.
– E ninguém roubou a aliança de casamento dela – completou. – Está em seu porta-joias, em casa.
Ninguém demonstrou espanto, porque de fato ninguém ficou surpreso.
Mas, de qualquer maneira, Araminta disse:
– Não está.
– No seu outro porta-joias – esclareceu Posy. – O que a senhora guarda na terceira gaveta da esquerda.
Araminta empalideceu.
– A senhora não parece ter um caso muito consistente contra a Srta. Beckett, Lady Penwood – observou o magistrado.
Araminta começou a tremer de raiva enquanto estendia o braço e o apontava para Sophie.
– Ela me roubou – afirmou num tom de voz mortalmente baixo antes de encarar Posy com fúria no olhar. – Minha filha está mentindo. Não sei por quê, e não faço ideia do que ela espera ganhar, mas está mentindo.

Sophie começou a sentir um grande desconforto. Posy estaria muito encrencada quando voltasse para casa. Não havia como saber o que Araminta faria como retaliação a tamanha humilhação pública. Sophie não poderia permitir que a menina assumisse a culpa pela mãe. Ela precisava...

– Posy não...

Sophie pronunciou as palavras antes que pudesse pensar, mas não conseguiu terminar a frase porque a jovem lhe deu uma cotovelada na barriga.

Com força.

– A senhorita disse alguma coisa? – perguntou o magistrado.

Sophie balançou a cabeça, sem conseguir falar. Posy a deixara completamente sem ar.

O magistrado deu um suspiro cansado e passou a mão pelos escassos cabelos loiros. Olhou para Posy, depois para Sophie, em seguida para Araminta e por fim para Benedict. Violet pigarreou, obrigando-o a olhar para ela também.

– Está claro – começou ele, parecendo querer estar em qualquer outro lugar que não fosse aquele – que isto tem a ver com muito mais do que apenas um enfeite para sapato roubado.

– *Enfeites* para sapatos – corrigiu Araminta, empinando o nariz. – Foram dois.

– Enfim – resmungou o magistrado –, vocês todos se detestam, e eu gostaria de saber por quê, antes de seguir em frente e acusar alguém.

Por um segundo, ninguém falou nada. Então, todos começaram a se explicar ao mesmo tempo.

– Silêncio! – rugiu o magistrado. – A senhorita começa – disse ele, apontando para Sophie.

– Hã...

Agora que estava com a palavra, Sophie se sentia muito tímida.

O magistrado pigarreou. Alto.

– O que ele disse é verdade – falou Sophie rapidamente, apontando para Benedict. – Eu sou a filha do conde de Penwood, embora nunca tenha sido reconhecida como tal.

Araminta abriu a boca para se pronunciar, mas o magistrado a olhou com uma expressão tão contundente de fúria que ela permaneceu calada.

– Eu morei em Penwood Park por sete anos antes que ela se casasse com o conde – continuou Sophie, apontando para Araminta. – Ele dizia que eu era sua

pupila, mas todo mundo sabia a verdade. – Ela fez uma pausa, lembrando-se do rosto do pai e pensando que não deveria ficar tão surpresa por não conseguir visualizá-lo sorrindo. – Eu me pareço muito com ele – concluiu.

– Eu conheci o seu pai – afirmou Violet baixinho. – E a sua tia. O que explica por que sempre achei seu rosto tão familiar.

Sophie deu um pequeno sorriso de gratidão. Algo no tom de Lady Bridgerton foi bastante tranquilizador e fez com que ela se sentisse um pouco mais confortável e segura.

– Por favor, continue – pediu o magistrado.

Sophie assentiu e acrescentou:

– Quando o conde se casou com a condessa, ela não queria que eu continuasse morando lá, mas ele insistiu. Eu quase nunca o via, e não acho que gostasse muito de mim, mas ele achava que eu era responsabilidade sua e não permitiu que ela me expulsasse. No entanto, quando ele morreu...

Sophie parou e engoliu em seco, tentando vencer o bolo na garganta. Ela nunca contara sua história a ninguém antes. As palavras pareciam estranhas saindo de sua boca.

– Quando ele morreu – prosseguiu –, seu testamento especificava que a parte de Lady Penwood seria triplicada se ela me mantivesse em sua casa até meus 20 anos. E ela o fez. Mas minha vida mudou de forma drástica. Eu me tornei uma criada. Bem, não exatamente uma criada. – Sophie deu um sorriso irônico. – Uma criada é paga por seu trabalho. De modo que eu era mais como uma escrava.

Ela olhou para a madrasta, que estava parada com os braços cruzados e o nariz empinado. Tinha os lábios cerrados, e de repente ocorreu a Sophie quantas vezes ela vira aquela exata expressão no rosto de Araminta. Mais vezes do que ousaria contar. Vezes suficientes para destruir sua alma.

No entanto, ali estava ela, suja e sem dinheiro, mas com a cabeça e o espírito ainda fortes.

– Sophie? – chamou Benedict, olhando para ela com ar de preocupação. – Está tudo bem?

Ela assentiu devagar, porque apenas começava a se dar conta de que *estava* tudo bem. O homem que ela amava havia (de uma forma bastante tortuosa) acabado de pedi-la em casamento, Araminta enfim estava prestes a receber o

castigo que merecia – pelas mãos de ninguém menos que os Bridgertons, que a deixariam em frangalhos quando tivessem terminado, e de Posy... Essa parte deve ter sido a melhor de todas. Posy, que sempre quisera ser uma irmã para ela, que nunca tivera coragem de ser ela mesma, enfrentara a mãe e possivelmente salvara o dia. Sophie tinha certeza de que se Benedict não tivesse aparecido para se declarar como seu noivo, o testemunho de Posy teria sido a única coisa a livrá-la da extradição – ou talvez até mesmo da execução. E Sophie sabia melhor do que ninguém que a menina pagaria muito caro por sua coragem. Era provável que Araminta já estivesse tramando como tornar a vida dela um verdadeiro inferno.

Sim, tudo *estava* bem, e Sophie de repente se empertigou ao dizer:

– Permitam que eu termine a minha história. Depois que o conde morreu, Lady Penwood me manteve como camareira sem salário. Ainda que, na verdade, eu fizesse o trabalho de três criadas.

– Sabe, Lady Whistledown disse exatamente isso no mês passado! – falou Posy, entusiasmada. – Eu disse a mamãe que ela...

– Posy, *cale a boca*! – explodiu Araminta.

– Quando completei 20 anos – continuou Sophie –, ela não me mandou embora. Até hoje não sei por quê.

– Acho que já ouvimos o suficiente – afirmou Araminta.

– Acho que não chegamos nem perto de ouvir o suficiente – disparou Benedict.

Sophie olhou para o magistrado em busca de orientação. Quando ele assentiu com a cabeça, ela prosseguiu:

– Só posso deduzir que ela gostava de ter alguém em quem mandar. Ou talvez apenas apreciasse ter uma criada de graça. Não havia sobrado nada do testamento dele.

– Isso não é verdade – retrucou Posy.

Sophie se virou para ela, em choque.

– Ele deixou dinheiro para você – afirmou a garota.

Sophie ficou de queixo caído.

– Isso não é possível. Eu não tinha nada. Meu pai tratou do meu bem-estar até os 20 anos, mas, depois disso...

– Depois disso – interrompeu Posy com bastante veemência –, você tinha um dote.

– Um dote? – sussurrou Sophie.

– Isso não é verdade! – vociferou Araminta.

– *É* verdade – insistiu Posy. – Você não deveria deixar provas incriminadoras espalhadas por aí, mamãe. Eu li uma cópia do testamento do conde no ano passado. – Ela se virou para os demais e disse: – Estava na mesma caixa em que ela guardou a aliança de casamento.

– Você roubou o meu dote? – indagou Sophie, com a voz pouco mais alta que um sussurro.

Todos aqueles anos, ela acreditara que o pai não lhe deixara nada. Sabia que ele jamais a amara, que só a via como uma responsabilidade, mas fora doloroso o fato de ele ter deixado dotes para Rosamund e Posy, que sequer eram suas filhas de sangue, e não para ela.

Ela nem ao menos pensara que o conde a ignorara de propósito. A bem da verdade, Sophie se sentia principalmente... esquecida.

O que parecia ainda pior do que se tivesse sido desprezada de forma deliberada.

– Ele me deixou um dote – disse ela, perplexa. Então se dirigiu a Benedict: – Eu tenho um dote.

– Eu não me importo se você tem um dote – retrucou ele. – Não preciso dele.

– Eu me importo – falou Sophie. – Eu achava que ele tinha me esquecido. Passei todos estes anos achando que ele tinha redigido o testamento e simplesmente se esquecido de mim. Eu sei que não poderia deixar dinheiro para sua filha bastarda, mas ele havia dito a todos que eu era sua pupila. Não havia nada que o impedisse de deixar algo para sua pupila. – Por algum motivo, ela olhou para Violet. – Ele poderia ter provido a uma pupila. As pessoas fazem isso o tempo todo.

O magistrado pigarreou e se virou para Araminta.

– E o que aconteceu com o dote dela?

Ela ficou em silêncio.

Violet também pigarreou.

– Não acho que usurpar o dote de uma jovem esteja nos conformes da lei – falou, depois deu um sorriso. Um sorriso lento e satisfeito. – Não é, Araminta?

CAPÍTULO 23

Lady Penwood parece ter deixado a cidade. Assim como Lady Bridgerton. Interessante...

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
18 DE JUNHO DE 1817

Benedict decidiu que nunca amara a mãe mais do que naquele instante. Estava tentando não sorrir, mas era muito difícil, com Lady Penwood arfando feito um peixe fora d’água.

O magistrado arregalou os olhos.

– A senhora não está sugerindo que eu prenda a *condessa*.

– Não, é claro que não – objetou Violet. – É provável que ela fique livre. É muito raro que os aristocratas paguem por seus crimes. Mas – acrescentou, virando um pouco a cabeça para o lado e dirigindo um olhar bastante enfático para Lady Penwood – se o senhor a prendesse, seria terrivelmente constrangedor para ela se defender das acusações.

– O que está tentando dizer? – perguntou Lady Penwood com os dentes cerrados.

Violet se voltou para o magistrado.

– Posso ter alguns instantes a sós com ela?

– É claro, milady. – Ele fez um gesto brusco com a cabeça e então rugiu: – Todos para fora!

– Não, não – disse Violet dando um sorriso doce enquanto colocava na mão dele algo que se parecia muito com uma nota de uma libra. – A minha família pode ficar.

O magistrado corou um pouco, depois agarrou o braço do carcereiro e o puxou para fora do local.

– Pronto – murmurou Violet. – Onde estávamos?

Benedict ficou radiante de orgulho ao ver sua mãe se aproximar de Lady Penwood e encará-la. Ele olhou de lado para Sophie, que estava boquiaberta.

– Meu filho vai se casar com Sophie – informou Violet –, e você vai dizer a quem puder ouvir que ela era a pupila do seu falecido marido.

– Eu jamais mentirei por ela – retrucou Lady Penwood.

Violet deu de ombros.

– Está bem. Então pode esperar que meus advogados comecem a ir atrás do dote dela imediatamente. Afinal, Benedict terá direito a ele assim que se casar com ela.

Benedict passou o braço pela cintura de Sophie e lhe deu um leve apertão.

– Se alguém me perguntar – resmungou Lady Penwood –, eu confirmarei qualquer história que você espalhar. Mas não espere que eu faça qualquer esforço para ajudá-la.

Violet fingiu avaliar a questão e em seguida falou:

– Ótimo. Creio que estamos conversadas. – Virou-se para o filho. – Benedict?

Ele assentiu com rapidez.

Violet voltou-se para Lady Penwood de novo.

– O pai de Sophie se chamava Charles Beckett e era um primo distante do conde, não?

Lady Penwood parecia ter engolido um marisco estragado, mas assentiu mesmo assim.

Violet se virou acintosamente de costas para a condessa e disse:

– Com certeza alguns membros da sociedade irão considerá-la um pouco simples, já que ninguém conhecerá a sua família, é claro, mas pelo menos ela será respeitável. Afinal – continuou, virando-se de novo para Araminta e abrindo um grande sorriso –, existe essa ligação com os Penwoods.

Araminta soltou um estranho som gutural. Benedict teve que se esforçar para não rir.

– Senhor magistrado! – chamou Violet, e, quando ele voltou ao local, ela deu-lhe um sorriso alegre e afirmou: – Acredito que meu trabalho aqui esteja terminado.

Ele soltou um suspiro de alívio e retrucou:

– Então eu não preciso prender ninguém?

– Parece que não.

Ele se apoiou na parede, praticamente se jogando contra ela.

– Bem, vou embora! – anunciou Lady Penwood, como se alguém fosse sentir sua falta. Virou-se para a filha com olhos furiosos. – Venha, Posy.

Benedict viu o sangue se esvair do rosto da menina.

No entanto, antes que ele pudesse intervir, Sophie deu um salto e disse de repente:

– Lady Bridgerton!

No mesmo instante, Araminta vociferou:

– Agora!

– Sim, querida? – falou Violet.

Sophie agarrou o braço da futura sogra e a puxou para perto, a fim de sussurrar algo em seu ouvido.

– É verdade – respondeu Violet. Ela se virou para Posy. – Srta. Gunningworth?

– Na verdade, é Srta. Reiling – corrigiu Posy. – O conde nunca me adotou.

– É claro. Srta. Reiling. Qual é a sua idade?

– Tenho 21 anos, milady.

– Bem, com certeza a senhorita já tem idade suficiente para tomar suas próprias decisões. Gostaria de fazer uma visita à minha casa?

– Ah, *claro*!

– Posy, você *não* pode ir morar com os Bridgertons! – rugiu Araminta.

Violet a ignorou por completo e se dirigiu a Posy:

– Acredito que deixarei Londres mais cedo nesta temporada. Gostaria de se juntar a nós para uma estada prolongada em Kent?

Posy assentiu no mesmo instante.

– Eu ficaria honrada.

– Está combinado, então.

– Não está nada combinado – disparou Araminta. – Ela é minha filha e...

– Benedict – chamou Violet com uma voz bastante entediada –, qual é mesmo o nome do meu advogado?

– Vá! – disse Araminta à filha. – E nunca mais apareça na minha frente.

Pela primeira vez naquela tarde, Posy começou a parecer um pouco assustada. Não ajudou muito a mãe se aproximar dela e sibilar direto em seu rosto:

– Se for com eles agora, você estará morta para mim. Entendeu? Morta!

A garota olhou em pânico para Violet, que na mesma hora deu um passo para a frente e a segurou pelo braço.

– Tudo bem, Posy – falou com delicadeza. – Pode ficar conosco pelo tempo que desejar.

Sophie se aproximou e pegou a menina pelo outro braço.

– Agora nós seremos irmãs de verdade – observou, inclinando-se para a frente e lhe dando um beijo no rosto.

– Ah, Sophie! – gritou Posy, esvaindo-se em lágrimas. – Eu sinto muito! Eu nunca defendi você. Eu devia ter dito alguma coisa. Devia ter feito alguma coisa, mas...

Sophie balançou a cabeça.

– Você era uma menina. Eu era uma menina. E eu sei melhor do que ninguém como é difícil desafiá-la.

Ela lançou um olhar furioso para Araminta.

– Não se refira a mim dessa forma – explodiu Araminta, levantando a mão como para desferir um tapa.

– Ei, ei ei! – interrompeu Violet. – Os advogados, Lady Penwood. Não se esqueça dos advogados.

Araminta abaixou o braço, mas parecia prestes a explodir a qualquer momento.

– Benedict? – chamou Violet. – Em quanto tempo conseguimos chegar ao escritório dos advogados?

Sorrindo por dentro, ele coçou o queixo, pensativo.

– Não fica muito longe daqui. Vinte minutos? Trinta, se o tráfego estiver intenso.

Araminta tremeu de raiva e falou, dirigindo-se a Violet:

– Levem-na, então. Ela nunca passou de uma decepção para mim. E pode esperar ficar presa a ela até o dia de sua morte, já que é provável que ninguém a queira. Preciso subornar os homens para que ao menos a tirem para dançar.

Nesse momento aconteceu algo muito estranho. Sophie começou a tremer. Ficou com o rosto vermelho, cerrou os dentes e deu um impressionante urro. E antes que alguém conseguisse pensar em intervir, ela havia enfiado o punho direto no olho esquerdo de Araminta e a derrubado no chão.

Benedict pensara que nada poderia surpreendê-lo mais do que o desconhecido traço maquiavélico da mãe.

Estava errado.

– Isto – sibilou Sophie – não é por ter roubado meu dote. Nem por todas as vezes que tentou me tirar da minha casa antes de meu pai morrer. E não é sequer por me transformar em sua escrava pessoal.

– Hã, Sophie – falou Benedict com carinho –, é por que então?

Ela não desviou os olhos do rosto de Araminta ao dizer:

– Por não ter amado as suas filhas da mesma maneira.

Posy começou a chorar convulsivamente.

– Há um lugar especial no inferno para mães como você – afirmou Sophie, com a voz perigosamente baixa.

– Sabem, nós precisamos mesmo liberar essa cela para o próximo ocupante – observou o magistrado.

– Ele tem razão – concordou Violet, colocando-se na frente de Sophie antes que ela resolvesse começar a chutar Araminta. Então se virou para Posy. – Você tem algum pertence que deseje buscar?

A menina balançou a cabeça.

A tristeza perpassou os olhos de Violet quando ela deu um leve apertão na mão de Posy.

– Vamos criar novas memórias para você, minha querida.

Araminta se levantou, lançou um último olhar furioso para a filha e saiu batendo pé.

– Bem, achei que ela jamais fosse ir embora – declarou Violet, pondo as mãos nos quadris.

Benedict soltou o braço da cintura de Sophie, murmurou um “não saia daqui” e então foi rapidamente até o lado da mãe.

– Eu já lhe disse hoje quanto eu amo a senhora? – sussurrou no ouvido dela.

– Não – retrucou Violet com um sorriso animado –, mas eu sei disso.

– E eu já disse que a senhora é a melhor mãe do mundo?

– Não, mas eu sei disso também.

– Que bom. – Ele se abaixou e lhe deu um beijo no rosto. – Obrigado. É um privilégio ser seu filho.

Violet, que havia se segurado durante o dia inteiro e se mostrado a mais prática e obstinada de todos, caiu no choro.

– O que você falou a ela? – perguntou Sophie.

– Está tudo bem – garantiu Violet, fungando muito. – É... – Ela jogou os braços ao redor do filho. – Eu amo você também!

Posy se virou para Sophie e comentou:

– Esta é uma boa família.

– Eu sei – respondeu ela.

Uma hora depois, Sophie estava na sala de estar de Benedict, sentada no mesmo sofá em que perdera a inocência poucas semanas antes. Violet questionara se era sábio (e adequado) Sophie ir à residência de Benedict sozinha, mas ele olhou para ela de tal maneira que a mãe logo recuou, dizendo apenas:

– Só a leve para casa antes das sete.

Isso lhes dava uma hora juntos.

– Eu sinto muito – disse Sophie quando se sentou no sofá.

Por algum motivo, os dois não falaram nada na carruagem. Permaneceram de mãos dadas, e Benedict beijara os nós de seus dedos no caminho, mas ambos ficaram em silêncio.

Sophie sentia um alívio imenso. Ainda não estava pronta para palavras. Fora fácil na cadeia, com toda a comoção, mas agora que eles estavam a sós...

Ela não sabia o que dizer.

A não ser “sinto muito”.

– Não, *eu* sinto muito – respondeu Benedict, sentando ao lado dela e segurando suas mãos.

– Não, eu... – Ela sorriu de repente. – Isto é muito bobo.

– Eu amo você – disse ele.

Ela abriu os lábios.

– Quero me casar com você – continuou Benedict.

Ela parou de respirar.

– E não me importo com os seus pais ou com a negociação da minha mãe com Lady Penwood para torná-la respeitável. – Ele a encarou, com os olhos escuros cheios de paixão. – Eu teria me casado com você de qualquer maneira.

Sophie piscou. Seus olhos estavam ficando cada vez mais cheios de lágrimas, e ela foi tomada por uma forte desconfiança de que logo iria fazer papel de boba e abrir o berreiro na frente dele. Conseguiu dizer seu nome, mas então ficou

completamente perdida a partir daí.

Benedict apertou as mãos dela.

– Nós não poderíamos morar em Londres, eu sei, mas não temos que viver aqui. Quando eu pensava no que precisava de fato na vida, não no que eu queria, mas no que *precisava*, a única coisa que me vinha à mente era você.

– Eu...

– Não, me deixe terminar – interrompeu ele, com a voz estranhamente rouca. – Eu não devia ter pedido que você fosse minha amante. Não foi certo.

– Benedict – retrucou Sophie baixinho –, o que mais poderia ter feito? Você achava que eu era uma criada. Num mundo perfeito, poderíamos ter nos casado, mas este não é um mundo perfeito. Homens como você não se casam...

– Está bem. Não foi errado pedir, então. – Ele tentou sorrir. O sorriso saiu torto. – Eu teria sido um tolo se não pedisse. Eu a desejava tanto, e acho que já a amava, e...

– Benedict, você não precisa...

– Explicar? Sim, preciso. Eu jamais deveria ter pressionado você depois que recusou minha oferta. Foi injusto pedir, sobretudo considerando que nós dois sabíamos que havia a expectativa de que eu me casasse. Eu morreria antes de dividi-la com alguém. Como pude pedir que fizesse o mesmo?

Ela estendeu a mão e limpou alguma coisa do rosto dele. Por Deus, ele estava chorando? Não se lembrava da última vez que havia chorado. Quando seu pai morrera, talvez? Mesmo assim, suas lágrimas haviam rolado fora da vista das pessoas.

– São tantos os motivos pelos quais eu amo você... – continuou, pronunciando cada palavra com uma cuidadosa precisão.

Ele sabia que a conquistara. Sophie não iria fugir – seria esposa dele. Mas, ainda assim, queria que aquilo fosse perfeito. Um homem só tinha uma chance de se declarar a seu verdadeiro amor, e ele não queria estragar tudo.

– Mas uma das coisas que eu mais amo – falou – é o fato de que você se conhece. Você sabe quem é e quanto vale. Tem princípios, Sophie, e não abre mão deles. – Ele segurou a mão dela e a levou aos lábios. – Isso é tão raro...

Os olhos de Sophie estavam marejados, e tudo o que ele queria fazer era abraçá-la, mas sabia que precisava terminar. Ainda havia muitas coisas que tinha que dizer.

– E você se dedicou a *me* ver – prosseguiu, diminuindo o tom de voz. – A me conhecer. A mim, Benedict. Não o Sr. Bridgerton, não o “número dois”. Benedict.

Ela tocou o rosto dele.

– Você é a melhor pessoa que eu conheço. Adoro a sua família, mas amo *você*.

Ele a tomou nos braços. Não conseguiu evitar. Precisava senti-la, garantir a si mesmo que ela estava ali, que sempre estaria ali. Com ele, a seu lado, até que a morte os separasse. Era estranho, mas ele foi tomado por uma forte compulsão de abraçá-la... só abraçá-la.

Benedict a desejava, é claro. Sempre a desejara. No entanto, mais do que isso, queria segurá-la. Sentir seu cheiro, tocar sua pele.

Ele se deu conta de que ficava reconfortado com sua presença. Os dois não precisavam conversar. Não precisavam nem mesmo se tocar (embora ele não estivesse pensando em soltá-la naquele momento). Em poucas palavras, Benedict era um homem mais feliz – e muito possivelmente um homem melhor – quando ela estava por perto.

Ele enterrou o rosto nos cabelos dela e inspirou seu cheiro, cheiro de...

Cheiro de...

Ele recuou.

– Gostaria de tomar um banho?

O rosto dela ficou vermelho no mesmo instante.

– Ah, não – lamentou, com as palavras saindo abafadas pela mão que ela pusera na boca. – A cadeia era tão imunda, e eu obrigada a dormir no chão, e...

– Não me conte mais nada – pediu Benedict.

– Mas...

– *Por favor*.

Se ele ouvisse mais, talvez precisasse matar alguém. Desde que não tivesse havido estragos permanentes, ele não queria saber dos detalhes.

– Eu acho que você devia tomar um banho – falou, começando a sorrir.

– Está bem – retrucou Sophie e se levantou. – Vou direto para a casa da sua mãe...

– Aqui.

– Aqui?

O sorriso dele se ampliou.

– Aqui.
– Mas nós dissemos à sua mãe...
– Que você estaria em casa às nove.
– Acho que ela disse sete.
– Disse? Curioso, eu escutei nove.
– Benedict...
Ele segurou a mão dela e a levou na direção da porta.
– Sete parece *muito* com nove.
– Benedict...
– Na verdade, parece mais ainda com onze.
– Benedict!
Ele a deixou exatamente ao lado da porta.
– Fique aqui.
– O quê?
– Não se mova um milímetro sequer – pediu ele, tocando o nariz dela com a ponta do dedo.
Sophie o viu sair pelo corredor e voltar dois minutos depois.
– Aonde você foi? – perguntou ela.
– Pedir que preparem um banho.
– Mas...
Os olhos dele ficaram muito, muito maliciosos.
– Para dois.
Ela engoliu em seco.
Benedict se inclinou para a frente.
– Por coincidência, já estavam esquentando a água.
– É mesmo?
Ele assentiu.
– Serão apenas poucos minutos para encher a banheira.
Sophie olhou para a porta da entrada.
– São quase sete horas.
– Mas eu tenho permissão de ficar com você até a meia-noite.
– Benedict!
Ele a puxou para mais perto.
– Você quer ficar.

– Eu nunca falei isso.
– Nem precisa. Se realmente discordasse de mim, teria algo mais a dizer além de “Benedict!”.
Sophie teve que sorrir. Ele fez uma imitação muito boa da sua voz.
Benedict abriu um sorriso endiabrado.
– Estou errado?
Ela afastou o olhar, mas sabia que seus lábios estavam estremecendo.
– Imaginei que não – murmurou ele. Fez um sinal com a cabeça na direção da escada. – Venha comigo.
Ela foi.

Para grande surpresa de Sophie, Benedict saiu do quarto enquanto ela se despia para o banho. Prendeu a respiração ao passar o vestido pela cabeça. Ele tinha razão: ela estava cheirando muito mal. A criada que preparara a água a perfumara com óleo e acrescentara um sabão espumante que formava bolhas na superfície.
Depois de tirar toda a roupa, Sophie mergulhou o dedo do pé no líquido quente. Em seguida, entrou na banheira por inteiro.
Aquilo era o paraíso. Era difícil imaginar que fazia apenas dois dias que ela não tomava banho. Uma noite apenas na cadeia, mas a impressão era de que tinha sido um ano.
Ela tentou esvaziar a mente e aproveitar o momento, mas foi difícil fazer isso com a expectativa que só aumentava. Quando decidiu ficar, ela sabia que Benedict planejava se juntar a ela. Poderia ter recusado. Mesmo com toda aquela sedução e persuasão, ele já a teria levado de volta à casa da mãe.
Mas ela decidira ficar. Em algum ponto entre a porta da sala de estar e o primeiro degrau da escada, Sophie percebera que *queria* ficar. Havia percorrido uma longa estrada até aquele momento e não estava pronta para se afastar de Benedict, mesmo que fosse apenas até a manhã seguinte, quando ele com certeza iria tomar o café da manhã na casa de Violet.
Ele chegaria logo. E, quando chegasse...
Sophie estremeceu. Mesmo na banheira quente, ela estremeceu. E então, quando estava afundando mais na água, mergulhando os ombros, o pescoço,

depois até o nariz, ela ouviu o estalo da porta se abrindo.

Benedict. Ele usava um robe verde-escuro amarrado na cintura com uma faixa. Estava descalço e com as pernas nuas dos joelhos para baixo.

– Espero que não se importe se eu mandar destruir isto aqui – disse ele, olhando para o vestido dela.

Sophie sorriu para ele e balançou a cabeça. Não era o que esperava que ele fosse dizer e sabia que ele falara aquilo para deixá-la mais à vontade.

– Mandarei alguém buscar outro – afirmou Benedict.

– Obrigada.

Ela se mexeu levemente dentro d'água para abrir espaço para ele, mas Benedict a surpreendeu indo até a ponta da banheira.

– Incline-se para a frente – ele murmurou.

Ela obedeceu e suspirou de prazer quando ele começou a lavar suas costas.

– Eu sonho em fazer isso há anos.

– Anos? – perguntou ela, sorrindo.

– Aham. Tive *muitos* sonhos com você depois do baile de máscaras.

Sophie agradeceu por estar inclinada para a frente, com a testa sobre os joelhos, porque corou.

– Molhe a cabeça para que eu possa lavar seus cabelos – ordenou ele.

Ela mergulhou na água e emergiu rapidamente.

Benedict esfregou a barra de sabão nas mãos e começou a aplicar a espuma nos cabelos dela.

– Eram mais longos antes – comentou.

– Eu precisei cortá-los – contou ela. – Vendi para um fabricante de perucas.

Ela não soube ao certo, mas teve a impressão de que o ouviu se lamentar.

– Antes estava muito mais curto – acrescentou Sophie.

– Pronto para enxaguar.

Ela mergulhou de novo na banheira e mexeu a cabeça para um lado e outro antes de emergir.

Benedict colocou as mãos em forma de concha e as encheu com água.

– Ainda tem um pouco de espuma atrás – falou, derramando o líquido sobre os cabelos dela.

Sophie deixou que ele repetisse o processo algumas vezes, depois perguntou:

– Você não vai entrar?

Foi bastante atrevido da parte dela, e Sophie sabia que devia estar vermelha como um tomate, mas precisava saber.

Ele balançou a cabeça.

– Eu havia planejado entrar, mas isto está divertido demais.

– O quê, me lavar? – quis saber ela, desconfiada.

Ele deu um meio sorriso.

– Estou esperando ansiosamente para secá-la também. – Ele se abaixou e pegou uma grande toalha branca. – Vamos lá.

Sophie mordeu o lábio inferior, indecisa. É claro que ela já tivera tanta intimidade com ele quanto era possível entre duas pessoas, mas não era tão sofisticada a ponto de sair nua da banheira sem um alto grau de constrangimento.

Benedict deu um leve sorriso ao se levantar e abrir a toalha. Segurou-a estendida, desviou o olhar e disse:

– Só voltarei a olhar quando estiver toda enrolada.

Sophie respirou fundo e se ergueu, de algum modo sentindo que aquele único gesto poderia marcar o começo do resto de sua vida.

Benedict enrolou a toalha com delicadeza em volta dela e levou as pontas até seu rosto. Secou as bochechas de Sophie, em seguida se abaixou e beijou o nariz dela.

– Estou feliz que esteja aqui – murmurou.

– Eu também.

Ele tocou no queixo de Sophie. Seus olhos não desviaram dos dela, e ela quase sentiu como se ele os tivesse tocado também. Então, do modo mais suave e carinhoso possível, ele a beijou. Sophie não se sentiu apenas amada. Sentiu-se reverenciada.

– Eu deveria esperar até segunda-feira – disse ele –, mas não quero.

– Eu não quero que você espere – sussurrou ela.

Ele a beijou de novo, desta vez com um pouco mais de urgência.

– Você é tão linda... – murmurou. – É tudo com o que sonhei.

Benedict beijou o rosto dela, o queixo, o pescoço, e cada beijo lhe tirava um pouco do equilíbrio e do fôlego. Sophie tinha certeza de que suas pernas não aguentariam, de que perderia todas as forças diante daquele assalto de carícias, e justo quando ela estava convencida de que iria cair no chão, ele a segurou nos braços e a levou no colo até a cama.

– No meu coração, você já é minha esposa – jurou ele, colocando-a entre os travesseiros.
Sophie prendeu a respiração.
– Depois do nosso casamento, será legalizado – continuou Benedict, deitando-se ao lado dela –, abençoado por Deus e pelo país, mas agora... – A voz dele ficou rouca enquanto ele se apoiava num cotovelo para poder fitá-la nos olhos. – Agora é *verdadeiro*.
Sophie tocou em seu rosto.
– Eu amo você – sussurrou. – Sempre amei. Acho que o amava antes mesmo de conhecê-lo.
Ele se abaixou para beijá-la de novo, mas ela o interrompeu, sussurrando:
– Não, espere.
Benedict parou a poucos centímetros dos lábios dela.
– No baile de máscaras – falou Sophie, com voz trêmula –, mesmo antes de vê-lo, eu o senti. Uma expectativa. Uma mágica. Havia algo no ar. E quando eu me virei e você estava lá, foi como se estivesse esperando por mim, e eu soube que você era o motivo pelo qual eu tinha entrado às escondidas no baile.
Algo molhado caiu no rosto dela. Uma única lágrima, derramada por ele.
– Você é o motivo pelo qual eu existo – prosseguiu Sophie, baixinho. – O motivo pelo qual eu nasci.
Benedict abriu a boca e por um instante ela teve certeza de que ele diria algo, mas o único som que emitiu foi um barulho rouco e hesitante, e Sophie se deu conta de que ele estava emocionado, que não conseguia falar.
Ela também se emocionou.
Benedict a beijou novamente, tentando demonstrar em atos o que não conseguia expressar com palavras. Ele não sabia que podia amá-la mais do que amava cinco segundos antes, mas quando ela dissera... quando ela lhe dissera aquilo...
Ele achou que seu coração poderia explodir de felicidade.
Benedict a amava. De repente, o mundo era um lugar muito simples. Ele a amava, e isso era tudo o que importava.
O robe dele e a toalha dela foram parar no chão, e quando os dois estavam nus, encostados um no outro, as mãos e os lábios dele a idolatraram. Queria que Sophie percebesse quanto precisava dela, e queria que ela sentisse o mesmo

desejo.

– Ah, Sophie – suspirou ele. O nome dela era a única palavra que conseguia dizer: – Sophie, Sophie, Sophie.

Ela sorriu para ele, e Benedict foi invadido por uma incrível vontade de rir. Ele percebeu que estava feliz. Absolutamente feliz.

E a sensação era boa.

Posicionou-se sobre Sophie, pronto para entrar nela e fazer com que ela fosse sua. Era diferente da última ocasião, quando os dois tinham sido guiados pela emoção. Desta vez, ambos haviam tomado uma decisão. Escolheram algo mais poderoso do que a paixão: escolheram um ao outro.

– Você é minha – disse ele, sem tirar os olhos dos dela ao penetrá-la. – Você é minha.

E bem mais tarde, quando os dois estavam exaustos, deitados nos braços um do outro, ele levou os lábios ao ouvido dela e sussurrou:

– E eu sou seu.

Muitas horas depois, Sophie acordou sozinha, imaginando por que estava se sentindo tão bem e aconchegada, e...

– Benedict! – chamou. – Que horas são?

Como ele não respondeu, ela agarrou o ombro dele e o sacudiu com força.

– Benedict! Benedict!

Ele resmungou enquanto rolava na cama.

– Estou dormindo.

– Que horas são?

Ele enfiou a cabeça no travesseiro.

– Não faço a menor ideia.

– Eu deveria estar na sua mãe às sete.

– Às onze – murmurou ele.

– Sete!

Benedict abriu um olho. Deu a impressão de ter feito um esforço tremendo para isso.

– Você sabia que não iria conseguir chegar às sete quando decidiu tomar um banho.

– Eu sei, mas não pensei que fosse passar muito das nove.
Ele piscou algumas vezes e olhou ao redor no quarto.
– Acho que você não vai conseguir...
Mas ela já vira o relógio em cima da lareira e agora arfava de forma frenética.
– Você está bem? – perguntou ele.
– São três da manhã!
Ele sorriu.
– Então você pode muito bem passar a noite aqui.
– Benedict!
– Você não vai querer acordar nenhum dos criados, vai? Tenho certeza de que estão todos dormindo.
– Mas eu...
– Tenha piedade, mulher – declarou ele, afinal. – Nós vamos nos casar na semana que vem.
Isso chamou a atenção de Sophie.
– Na semana que vem? – perguntou ela com a voz estridente.
Benedict tentou fazer um ar sério.
– É melhor cuidar dessas coisas com rapidez.
– Por quê?
– Por quê? – repetiu ele.
– Sim, por quê?
– Hã, por causa de fofocas e coisas do tipo.
Ela abriu a boca e arregalou os olhos.
– Você acha que Lady Whistledown vai escrever a meu respeito?
– Meu Deus, espero que não – murmurou ele.
A expressão dela foi de desânimo.
– Bem, imagino que sim. Por que diabo você gostaria que ela escrevesse a seu respeito?
– Eu leio as colunas dela há anos. Sempre sonhei em ver meu nome lá.
Ele balançou a cabeça.
– Você tem sonhos muito estranhos.
– Benedict!
– Muito bem. Sim, imagino que Lady Whistledown irá escrever sobre o nosso casamento, se não antes da cerimônia, com certeza logo depois. Ela é diabólica

nesse nível.

– Eu gostaria de saber quem ela é.

– Você e metade de Londres.

– Eu e *toda* Londres, imagino. – Ela suspirou e então disse, de forma não muito convincente. – Realmente é melhor eu ir. Estou certa de que sua mãe está preocupada comigo.

Benedict deu de ombros.

– Ela sabe onde você está.

– Mas ela vai pensar mal de mim.

– Duvido. Tenho certeza de que será um pouco flexível com você, considerando que estaremos casados em três dias.

– Três dias? – gritou ela. – Achei que você tivesse dito na semana que vem.

– Daqui a três dias já será semana que vem.

Sophie franziu a testa.

– Ah. Tem razão. Segunda, então?

Ele assentiu, parecendo muito satisfeito.

– Imagine só – falou ela. – Vou ser citada no *Whistledown*.

Ele se apoiou num cotovelo e olhou para ela com desconfiança.

– Você está ansiosa para se casar comigo ou essa empolgação toda é só por causa da menção no *Whistledown*? – perguntou ele com uma voz divertida.

Ela deu um soco de brincadeira no ombro dele.

– Na verdade – continuou ele, pensativo –, você já foi citada no *Whistledown*.

– Fui? Quando?

– Depois do baile de máscaras. Lady Whistledown observou que eu tinha ficado bastante empolgado com uma misteriosa mulher de prateado. Por mais que tenha tentado, não conseguiu deduzir sua identidade. – Ele sorriu. – Pode muito bem ser o único segredo de Londres que ela não descobriu.

Sophie ficou imediatamente séria e se afastou um pouco dele na cama.

– Ah, Benedict. Eu preciso... eu quero... quer dizer... – Ela parou, desviou o olhar por alguns segundos e então voltou a olhar para ele. – Eu sinto muito.

Benedict pensou em agarrá-la de novo, mas ela parecia tão sincera que ele não viu alternativa além de levá-la a sério.

– Pelo quê?

– Por não ter lhe dito quem eu era. Foi errado da minha parte. – Ela mordeu o

lábio. – Bem, não exatamente *errado*.

Ele recuou um pouco.

– Se não foi errado, foi o quê?

– Não sei. Não consigo explicar nos mínimos detalhes por que fiz o que fiz, mas é só que... – Ela mordeu o lábio inferior mais uma vez. Benedict começou a pensar que ela poderia se machucar.

Sophie suspirou.

– Eu não contei logo porque não me pareceu necessário. Eu tinha certeza de que nos separaríamos assim que saíssemos da casa dos Cavenders. Mas então você ficou doente, e eu tive que cuidar de você, e você não me reconheceu, e...

Ele levou um dedo aos lábios dela.

– Não tem importância.

Ela levantou as sobrancelhas.

– Pareceu ter muita importância naquela outra noite.

Ele não sabia por quê, mas não queria ter uma discussão séria naquele momento.

– Muita coisa mudou desde então.

– Não quer saber por que eu não contei quem eu era?

Ele a tocou no rosto.

– Eu sei quem você é.

Ela mordeu o lábio pela terceira vez.

– E quer ouvir o mais engraçado? – continuou Benedict. – Sabe qual era um dos motivos pelos quais eu estava tão hesitante em entregar meu coração por completo a você? Eu estava guardando um pedaço dele para a dama do baile de máscaras, sempre esperando encontrá-la um dia.

– Ah, Benedict – suspirou ela, emocionada com as palavras dele e ao mesmo tempo muito triste por tê-lo feito sofrer tanto.

– Decidir me casar com você significava ter que abandonar o meu sonho de me casar com *ela* – disse ele baixinho. – Irônico, não?

– Sinto muito por tê-lo feito sofrer ao não revelar a minha identidade – retrucou ela, sem olhar direito para o rosto dele. – Mas não sei se sinto muito por ter feito o que fiz. Isso faz algum sentido?

Ele ficou em silêncio.

– Acho que faria tudo de novo.

Ele continuou sem responder. Sophie começou a se sentir bastante desconfortável.

– É só que pareceu ser a coisa certa na ocasião – insistiu ela. – Contar a você que eu havia ido ao baile de máscaras não serviria de nada.

– Eu saberia a verdade – respondeu ele com delicadeza.

– Sim, e o que faria com isso? – Ela se sentou, puxou a coberta e a prendeu embaixo dos braços. – Você iria querer que a sua mulher misteriosa fosse sua amante, exatamente como quis que a arrumadeira fosse.

Ele não falou nada, apenas a encarou.

– Acho que o que eu estou querendo dizer – prosseguiu Sophie – é que se eu soubesse no começo o que sei agora, teria dito alguma coisa. Mas eu não sabia, e achava que só estaria me expondo à chance de ter o coração partido, e... – Ela engasgou com as últimas palavras e procurou de forma frenética no rosto de Benedict alguma pista do que ele estava sentindo. – Por favor, diga alguma coisa.

– Eu amo você – afirmou ele.

Era tudo de que ela precisava.

EPÍLOGO

A festa de domingo na Casa Bridgerton com certeza será o evento da temporada. Toda a família estará reunida, junto com cerca de uma centena dos amigos mais próximos, para comemorar o aniversário da viscondessa viúva.

É considerado grosseiro mencionar a idade de uma dama, de modo que esta autora não irá revelar quantos anos Lady Bridgerton celebrará.

Mas não há o que temer... Esta autora sabe!

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
9 DE ABRIL DE 1824

– Pare! Pare!

Sophie desceu correndo e rindo os degraus de pedra que levavam ao jardim atrás da Casa Bridgerton. Depois de sete anos de casamento e três filhos, Benedict ainda conseguia fazê-la sorrir, ainda a fazia dar risada... e ainda a perseguia pela casa sempre que podia.

– Onde estão as crianças? – arfou ela, quando ele a alcançou no final da escada.

– Francesca está cuidando delas.

– E a sua mãe?

Ele sorriu.

– Ouso dizer que Francesca está cuidando dela também.

– Alguém pode nos ver aqui – disse Sophie, olhando para um lado e para outro.

O sorriso dele ficou malicioso.

– Talvez devêssemos ir para o terraço privativo – retrucou Benedict, segurando a saia de veludo verde dela e a puxando para si.

As palavras eram tão familiares que bastou um segundo para que ela fosse transportada para nove anos antes, no baile de máscaras.

– O terraço privativo, é? – retrucou, com ar divertido. – E posso saber como o senhor teria conhecimento de um terraço *privativo*?
Ele roçou os lábios nos dela.
– Eu tenho meus métodos – murmurou.
– E eu tenho os meus segredos – respondeu Sophie, sorrindo com ar travesso.
Ele se afastou.
– Ah, é? E a senhora pode compartilhá-los?
– Nós cinco estamos prestes a nos tornarmos seis – disse ela.
Ele olhou para o rosto da esposa, e então para a barriga.
– Tem certeza?
– Tanta certeza quanto da última vez.
Ele pegou a mão dela e a levou aos lábios.
– Desta vez será uma menina.
– Foi o que você disse da última vez.
– Eu sei, mas...
– E da vez anterior.
– Mais um motivo para as chances estarem a meu favor *agora*.
Ela balançou a cabeça.
– Que bom que você não é um apostador.
Ele sorriu.
– Não vamos contar a ninguém ainda.
– Acho que algumas pessoas já desconfiam – comentou Sophie.
– Quero ver quanto tempo vai levar para aquela Lady Whistledown descobrir – disse Benedict.
– Está falando sério?
– A maldita mulher soube de Charles, de Alexander e de William.
Sophie sorriu enquanto deixava que ele a puxasse para as sombras.
– Sabia que eu já fui mencionada no *Whistledown* 232 vezes?
Isso o fez parar imediatamente.
– Você está contando?
– Duzentas e trinta e três, se incluirmos a ocasião depois do baile de máscaras.
– Eu não acredito que você está contando.
Ela deu de ombros com indiferença.
– É emocionante ser citada.

Benedict achava uma grande chateação ser citado, mas como não pretendia estragar a diversão dela, disse apenas:

– Pelo menos ela sempre escreve coisas boas a seu respeito. Do contrário, talvez eu precisasse ir atrás dela e expulsá-la do país.

Sophie não pôde deixar de sorrir.

– Ora, *por favor*. Acho difícil que consiga descobrir a identidade dela quando ninguém da sociedade foi capaz de fazer isso ainda.

Ele levantou uma sobrancelha com ar arrogante.

– Isso não parece algo que uma esposa devotada e confiante diria sobre o marido.

Ela fingiu estar examinando a própria luva.

– Você não precisa desperdiçar energia com isso. Ela obviamente é muito boa no que faz.

– Bem, ela não irá saber sobre Violet – prometeu Benedict. – Pelo menos não até ficar óbvio para o mundo.

– Violet? – indagou Sophie baixinho.

– Está na hora de a minha mãe ter uma neta batizada em homenagem a ela, não acha?

Sophie se encostou nele e pousou o rosto no tecido macio de sua camisa.

– Acho Violet um lindo nome – murmurou, afundando mais na proteção dos braços do marido. – Só espero que seja uma menina. Porque, se for um menino, ele jamais irá nos perdoar...

Mais tarde naquela noite, num sobrado na parte mais privilegiada de Londres, uma mulher pegou sua pena e escreveu:

Crônicas da sociedade de Lady Whistledown,
12 de abril de 1824

Ah, gentil leitor, esta autora descobriu que o número de netos da família Bridgerton em breve chegará a onze...

Mas, quando tentou continuar, tudo o que pôde fazer foi fechar os olhos e suspirar. Ela vinha fazendo aquilo havia muito tempo. Era possível que já tivessem se passado onze anos?

Talvez tivesse chegado a hora de seguir em frente. Estava cansada de escrever a respeito de todo mundo. Havia chegado a hora de viver a própria vida.

Assim, Lady Whistledown largou a pena e foi até a janela, abriu as cortinas verdes e olhou para a noite escura.

– Está na hora de algo novo – sussurrou. – Está na hora de finalmente ser eu mesma.

Os Bridgertons — 4

Julia Quinn

Os Segredos de Colin Bridgerton

Arqueiro

Os Segredos de Colin Bridgerton

Os Bridgertons — 4

Julia Quinn

Os Segredos de Colin Bridgerton

ARQUEIRO

Para as mulheres do avonloop, todas as colegas e amigas:
obrigada por me darem assunto para falar o dia inteiro.
O apoio e a amizade de vocês significaram mais do que
eu jamais conseguiria expressar.

E para Paul, embora em seu campo de trabalho
o máximo que se possa alcançar de romantismo seja uma
palestra intitulada “O beijo da morte”.

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

Abril está quase chegando, e com ele começará uma nova temporada em Londres. Por toda a cidade, mães ambiciosas já podem ser vistas em lojas de vestidos com suas adoráveis debutantes, ansiosas por comprarem aquele traje mágico que acreditam que fará toda a diferença entre o matrimônio e a solteirice.

E quanto às suas presas – os solteiros convictos –, o Sr. Colin Bridgerton mais uma vez ocupa o topo da lista de maridos desejáveis, embora ainda não tenha retornado de sua recente viagem ao exterior. Ele não possui título de nobreza, é verdade, mas é belo, rico e, como qualquer um que tenha passado ao menos um minuto em Londres sabe, encantador.

O problema é que ele chegou à idade um tanto avançada de 33 anos sem jamais demonstrar interesse por nenhuma jovem em particular, e há pouca razão para supor que 1824 vá ser diferente de 1823 nesse aspecto.

Talvez as adoráveis debutantes – e, mais importante, as mães ambiciosas – devam procurar em outra parte. Se o Sr. Bridgerton está à cata de uma esposa, esconde bem esse desejo.

Por outro lado, não é exatamente desse tipo de desafio que uma debutante mais gosta?

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN

PRÓLOGO

No dia 6 de abril de 1812 – dois dias antes de seu aniversário de 16 anos –, Penelope Featherington se apaixonou.

Foi, em uma palavra, emocionante. O mundo estremeceu. Seu coração deu saltos. Ela ficou sem fôlego e foi capaz de dizer a si mesma, com alguma satisfação, que o homem em questão – um tal de Colin Bridgerton – se sentiu da mesma forma.

Ah, não com relação à parte amorosa. Com certeza ele não se apaixonou por ela em 1812 (nem em 1813, 1814, 1815, nem – ora, ora! – nos anos entre 1816 e 1822, e também não em 1823, quando, de qualquer forma, passou o ano todo fora do país). Mas o mundo dele estremeceu, seu coração deu saltos e Penelope soube, sem a menor sombra de dúvida, que ele perdeu o fôlego, assim como ela. Por uns bons dez segundos.

É o que geralmente acontece quando um homem cai do cavalo.

Aconteceu assim: ela estava caminhando pelo Hyde Park com a mãe e as duas irmãs mais velhas quando sentiu um trovejante ribombar (ler acima o trecho sobre o mundo estremecer). A mãe não estava prestando muita atenção nela (como sempre), então Penelope se afastou um pouco para ver o que havia mais adiante. As outras Featheringtons estavam concentradas em sua conversa com a viscondessa de Bridgerton e a filha, Daphne, que acabara de iniciar a segunda temporada em Londres, de forma que fingiam ignorar o barulho. Os Bridgertons eram, de fato, uma família importante, e conversas com eles *não* eram algo a ser ignorado.

Ao contornar uma árvore especialmente grossa, Penelope avistou dois cavaleiros vindo em sua direção, galopando como se não houvesse amanhã, ou seja lá qual fosse a expressão usada em relação a tolos montados a cavalo que não se importavam com a própria segurança ou com o próprio bem-estar. Penelope sentiu o coração bater mais rápido (teria sido difícil manter a pulsação normal diante de tal agitação, e, além do mais, isso lhe permitiria dizer que seu

coração deu um salto quando ela se apaixonou).

Então, numa dessas inexplicáveis artimanhas do destino, o vento de repente soprou mais forte, arrancando de sua cabeça o chapéu (que, para grande desgosto da mãe, ela não amarrara direito, já que a fita roçava e irritava o seu queixo) e, *poft!*, lançando-o bem no rosto de um dos cavaleiros.

Penelope arquejou (ficando, assim, sem respiração) e o homem caiu do cavalo, aterrissando de maneira muito deselegante numa poça de lama próxima.

Ela avançou, quase sem pensar, grunhindo algo que pretendia que fosse uma pergunta sobre como ele se sentia, mas que ela suspeitava ter saído como um guincho abafado. Ele estaria, é claro, furioso com ela, uma vez que Penelope praticamente o derrubara do cavalo e o cobrira de lama – duas coisas que com certeza deixariam qualquer cavalheiro no pior dos humores. No entanto, quando ele enfim ficou de pé e começou, na medida do possível, a limpar a lama da roupa, não praguejou. Não lhe passou uma dolorosa descompostura, não gritou e nem mesmo a fuzilou com o olhar.

Ele riu.

Ele riu.

Penelope não tinha muita experiência com a risada masculina e nas poucas ocasiões em que a presenciara, ela não fora gentil. Mas os olhos daquele homem – de um tom muito intenso de verde – pareciam estar achando graça enquanto ele limpava uma mancha de lama localizada de forma bastante embaraçosa em seu rosto, para depois dizer:

– Bem, aquilo não foi muito habilidoso da minha parte, não é mesmo?

E, naquele momento, Penelope se apaixonou.

Quando encontrou a voz (o que, era-lhe doloroso admitir, ocorreu uns bons três segundos depois que qualquer pessoa com algum grau de inteligência teria respondido), ela falou:

– Ah, não, eu é que deveria me desculpar! Meu chapéu voou da minha cabeça e...

Parou de falar ao se dar conta de que ele não lhe pedira desculpas, de maneira que não fazia muito sentido contradizê-lo.

– Não foi incômodo algum – retrucou ele, dando um sorriso um tanto divertido. – Eu... Ah, bom dia, Daphne! Não sabia que estava aqui.

Penelope deu meia-volta e se viu frente a frente com Daphne Bridgerton, de

pé ao lado da Sra. Featherington, que no mesmo instante sibilou:

– O que você aprontou, Penelope Featherington?

Penelope não pôde nem responder seu “Nada” de sempre porque, na realidade, o acidente fora totalmente culpa sua e ela acabava de fazer papel de tola na frente de um homem que era, com toda a certeza – a julgar pela expressão da mãe – um solteiro *muito* cobiçável.

Não que a Sra. Featherington considerasse que *ela* teria qualquer chance com ele. Mas a matriarca nutria grandes esperanças matrimoniais em relação às suas filhas mais velhas. Além do mais, Penelope nem mesmo fora apresentada à sociedade ainda.

No entanto, se a Sra. Featherington tinha a intenção de ralhar com ela mais um pouco, não pôde fazê-lo, pois isso teria exigido desviar a atenção dos importantíssimos Bridgertons, cuja família incluía o homem agora coberto de lama, segundo Penelope logo descobriu.

– Espero que seu filho não tenha se machucado – disse a Sra. Featherington a Lady Bridgerton.

– Estou ótimo – interferiu Colin, esquivando-se com bastante habilidade antes que a mãe o cobrisse de mimos.

As devidas apresentações foram feitas, mas o resto da conversa foi desinteressante, sobretudo porque Colin, de forma rápida e precisa, entendeu que a Sra. Featherington era uma matriarca ansiosa por casar as filhas. Penelope não ficou nem um pouco surpresa quando ele logo bateu em retirada.

Mas o estrago já fora feito. Penelope agora tinha um motivo para sonhar.

Mais tarde, naquela noite, enquanto repassava o encontro pela milésima vez em sua cabeça, ocorreu-lhe que teria sido mais apropriado poder dizer que se apaixonara por Colin quando ele lhe beijara a mão antes de uma dança, os olhos verdes cintilando cheios de malícia enquanto ele segurava sua mão durante um tempo mais longo do que o comum. Ou, talvez, que tivesse acontecido enquanto ele cavalgava, audaz, por campos açoitados pelo vento, o já mencionado vendaval incapaz de contê-lo enquanto ele (ou, melhor, o cavalo) galopava cada vez mais rápido, sendo a sua única intenção (de Colin, não do cavalo) chegar perto dela.

Mas não, ela teve que se apaixonar quando ele caiu do cavalo e aterrissou com o traseiro numa poça de lama. Um fato bastante incomum e nem um pouco

romântico, embora houvesse certa justiça poética nisso, uma vez que o acontecido não teria maiores desdobramentos.

Para que perder tempo com um amor que jamais seria correspondido? Melhor deixar os devaneios sobre os campos açoitados pelo vento para pessoas que de fato tivessem um futuro juntas.

E se havia algo que Penelope sabia, mesmo na época, com 16 anos quase completos, era que o seu futuro não incluía Colin Bridgerton no papel de marido.

Ela simplesmente não era o tipo de garota que atraía um homem como ele, e temia jamais ser.

No dia 10 de abril de 1813 – dois dias após o seu aniversário de 17 anos –, Penelope Featherington debutou na sociedade londrina. Ela não o quisera. Implorara à mãe que a deixasse esperar um ano. Estava pelo menos 12 quilos acima do peso e ainda tinha a péssima tendência a desenvolver um monte de espinhas no rosto sempre que ficava nervosa, o que significava que *vivia* com espinhas, já que nada no mundo a deixava mais nervosa do que um baile em Londres.

Tentou lembrar a si mesma que a beleza era algo superficial, embora isso não fosse uma desculpa útil quando ela não sabia o que *dizer* às pessoas. Não havia nada mais deprimente do que uma menina feia sem personalidade. E naquele primeiro ano no mercado casamenteiro, era exatamente isso que Penelope era. Uma garota feia sem nenhuma – ah, está certo, ela tinha que se dar *algum* crédito: com muito pouca – personalidade.

No fundo, ela sabia quem era: uma garota inteligente, generosa e muitas vezes até mesmo engraçada, mas, de alguma forma, sua personalidade sempre se perdia em algum lugar a caminho da boca e ela acabava dizendo a coisa errada ou – o que era mais comum – nada.

Para tornar tudo ainda menos atraente, a mãe se recusava a permitir que Penelope escolhesse as próprias roupas, e quando ela não estava com o indispensável branco que a maioria das jovens usava (e que, é claro, não valorizava em *nada* a sua pele), era forçada a vestir amarelo, vermelho e laranja, cores que a deixavam com uma aparência deplorável. A única vez que Penelope

sugerira verde, a Sra. Featherington colocara as mãos nos largos quadris e declarara que a cor era melancólica demais.

O amarelo, argumentou a Sra. Featherington, era *alegre*, e uma moça *alegre* conseguiria fisgar um marido.

Penelope decidiu naquele instante, naquele local, que era melhor não tentar compreender como a mente da mãe funcionava.

Assim, ela se via vestida de amarelo e laranja, e às vezes vermelho, embora tais cores a deixassem com uma aparência *nada* alegre e, na realidade, ficassem assustadoras combinadas a seus olhos castanhos e seus cabelos avermelhados. Não havia nada que pudesse fazer a respeito, no entanto, de forma que decidira sorrir e ser tolerante. Se não conseguisse sorrir, ao menos não choraria em público.

Algo que, por ser orgulhosa, jamais fazia.

E como se isso não bastasse, 1813 foi o ano em que a misteriosa (e fictícia) Lady Whistledown começou a publicar suas *Crônicas da sociedade*, três vezes por semana. O jornal de página única se transformou numa sensação instantânea. Ninguém sabia quem era autora. Durante semanas – não, meses –, Londres não conseguia falar de outra coisa. O jornal foi distribuído gratuitamente por duas semanas – tempo suficiente para viciar os mais sedentos por novidades –, e de repente não chegou mais – para adquiri-lo, era necessário comprá-lo das mãos dos entregadores ao preço exorbitante de cinco *pennies* por exemplar.

No entanto, ninguém conseguia viver sem suas doses semanais de mexericos e quase todos pagavam.

Em certo lugar, uma mulher (ou talvez um homem, especulavam alguns) estava ganhando bastante dinheiro.

A diferença entre o jornal de Lady Whistledown e qualquer boletim anterior sobre a sociedade era o fato de a autora informar o nome verdadeiro de seus sujeitos. Não havia como se esconder por trás de abreviações como Lorde P. ou Lady B. Caso Lady Whistledown desejasse escrever sobre alguém, ela usava o nome completo da pessoa.

E quando a colunista desejou escrever a respeito de Penelope Featherington, o fez. A primeira menção à garota no periódico foi assim: “O infeliz vestido da Srta. Penelope Featherington deixou a pobre menina parecida com nada menos que uma fruta cítrica madura demais.”

Sem dúvida, uma alfinetada para lá de dolorosa, embora nada menos do que a verdade.

A sua segunda menção na coluna não foi melhor: “Nenhuma palavra foi ouvida da Srta. Penelope Featherington, e não é para menos! A pobre menina parece ter se afogado nos babados do próprio vestido.”

Nada que, temia Penelope, fosse aumentar a sua popularidade.

Mas a temporada não chegou a ser um desastre completo. Havia algumas pessoas com quem ela parecia capaz de conversar. Lady Bridgerton se afeiçoou a ela e a garota logo descobriu que podia contar à encantadora viscondessa coisas que jamais sonharia em dizer à própria mãe. Foi por meio de Lady Bridgerton que conheceu Eloise, a irmã mais nova de seu adorado Colin. A jovem também acabava de fazer 17 anos, mas a mãe sabiamente lhe permitira debutar no ano seguinte, embora Eloise possuísse a beleza da família e fosse cheia de encantos.

E, enquanto Penelope passava as tardes na sala de visitas verde e creme da Casa Bridgerton (ou, com mais frequência, no quarto de Eloise, onde as duas meninas se divertiam, davam risadinhas e falavam com bastante convicção sobre tudo o que havia para falar), às vezes travava contato com Colin, que, aos 22 anos, ainda não deixara a casa da família para morar em acomodações de solteiro.

Se Penelope achava que tinha se apaixonado por ele antes, isso não era nada comparado ao que passou a sentir depois de realmente conhecê-lo. Colin era espirituoso, bem-humorado, tinha um jeito brincalhão e despreocupado que fazia as mulheres suspirarem, mas, acima de tudo...

Colin Bridgerton era simpático.

Simpático. Uma palavrinha tão boba... Deveria ser algo banal, mas de alguma forma combinava com ele à perfeição. Colin sempre tinha algo agradável para dizer a Penelope, e quando ela enfim reunia coragem suficiente para responder (além dos cumprimentos e despedidas mais básicos), ele a escutava. O que acabava por tornar as coisas mais fáceis para a vez seguinte.

Ao final da temporada, Penelope achava que Colin fora o único homem com o qual conseguira ter uma conversa inteira.

Aquilo era amor. Ah, era amor, amor, amor, amor, amor, amor. Uma tola repetição de palavras, talvez, mas foi exatamente o que Penelope rabiscou numa folha de papel de carta caríssimo, junto com os nomes “Sra. Colin Bridgerton”,

“Penelope Bridgerton” e “Colin Colin Colin”. (O papel seguiu para o fogo no instante em que a menina ouviu passos no corredor.)

Que maravilha era amar – mesmo que o sentimento não fosse correspondido – uma pessoa simpática. Fazia com que ela se sentisse tão sensata...

É claro que não atrapalhava em nada o fato de Colin possuir, assim como todos os homens da família, a mais fabulosa aparência física. Ele tinha aquela famosa cabeleira castanha, a boca grande e sorridente, os ombros largos, 1,80 metro de altura e, no caso de Colin, os mais devastadores olhos verdes que já adornaram um rosto humano.

Eram olhos que dominavam os sonhos de uma moça.

E Penelope sonhava, sonhava e sonhava.

Em abril de 1814, Penelope voltou a Londres para uma segunda temporada e, embora tenha atraído o mesmo número de pretendentes do ano anterior (zero), para ser honesta, a temporada não fora tão ruim. Contribuiu para tal o fato de ela ter perdido quase 13 quilos e agora poder se denominar uma “cheinha agradável” em vez de uma “gorducha horrorosa”. Ainda não chegava nem perto do esbelto ideal feminino reinante à época, mas pelo menos mudou o suficiente para exigir um guarda-roupa todo novo.

Infelizmente, a mãe mais uma vez insistiu em tons de amarelo, laranja e no ocasional vermelho. E, desta vez, Lady Whistledown escreveu: “A Srta. Penelope Featherington (a menos fútil das irmãs) usou um vestido amarelo-limão que deixou um gosto azedo na boca de quem o viu.”

O que, pelo menos, pareceu sugerir que ela fosse o membro mais inteligente de sua família, apesar de o elogio ter sido, no mínimo, ambíguo.

Mas Penelope não era a única alvejada pela ácida colunista. A morena Kate Sheffield, com seu vestido amarelo, fora comparada a um narciso chamuscado e acabou se casando com Anthony Bridgerton, irmão mais velho de Colin e um visconde, ainda por cima!

Assim, Penelope mantinha as esperanças.

Bem, na verdade, não mantinha. Sabia que Colin não se casaria com ela, mas ao menos lhe convidava para dançar em todos os bailes, fazia-a rir e, de vez em

quando, também ria do que ela lhe dizia. Penelope sabia que aquilo teria de bastar.

E, assim, a vida dela foi em frente. Participou de sua terceira temporada, e depois da quarta. As duas irmãs mais velhas, Prudence e Philippa, por fim encontraram os próprios maridos e saíram de casa. A Sra. Featherington mantinha a esperança de que Penelope ainda conseguisse se casar – as outras filhas haviam levado cinco temporadas para fazê-lo –, embora a jovem soubesse que estava destinada a permanecer solteira. Não seria justo casar-se com alguém quando continuava tão apaixonada por Colin. E talvez, nos recônditos da sua mente, naquele cantinho mais distante, escondido por trás das conjugações de verbos em francês que jamais dominara e da aritmética que nunca usara, ela ainda guardasse um minúsculo frangalho de esperança.

Até *aquele* dia.

Mesmo hoje, sete anos depois, ainda se referia a ele como *aquele* dia.

Tinha ido à casa dos Bridgertons, como fazia com frequência, para tomar chá com Eloise, as irmãs dela e Violet. Isso foi um pouco antes de o irmão da amiga, Benedict, se casar com Sophie, embora não soubesse quem ela era de fato e – bem, isso não significava nada, a não ser pelo fato de que talvez tenha sido o último grande segredo da década anterior que Lady Whistledown não conseguira desvendar.

Pois bem, ela vinha atravessando o saguão de entrada, ouvindo a cadência rítmica dos próprios passos no piso de mármore ao ir embora da casa sozinha. Ajeitava a capa e se preparava para caminhar a curta distância até sua residência (que ficava logo ao dobrar a esquina) quando ouviu vozes. Vozes masculinas. Vozes de Bridgertons do sexo masculino.

Eram os três irmãos mais velhos: Anthony, Benedict e Colin. Estavam tendo uma daquelas conversas que os homens costumam ter, em que ficam grunhindo e ridicularizando uns aos outros. Penelope sempre gostara de observá-los interagirem dessa forma: eram tão *família*...

Penelope podia vê-los através do vidro da porta da frente, mas não pôde ouvir o que diziam até chegar ao vão. E como prova do péssimo timing que a assolara

a vida toda, a primeira voz que escutou foi a de Colin, e as palavras que ouviu não foram nada generosas:

– ... eu não vou me casar tão cedo, e muito menos com Penelope Featherington!

– Ah!

A palavra simplesmente saiu de seus lábios em um lamento desafinado antes mesmo que ela pudesse pensar.

Os três Bridgertons voltaram-se para encará-la, horrorizados, e Penelope soube que acabara de dar início aos piores instantes de sua vida.

Ficou em silêncio pelo que pareceu ser uma eternidade e então, por fim, com uma dignidade que jamais sonhara possuir, olhou direto para Colin e retrucou:

– Eu nunca pedi que se casasse comigo.

O rosto dele, já rosado, tornou-se rubro. Ele abriu a boca, mas não emitiu nenhum som. Talvez, pensou Penelope com estranha satisfação, aquela tivesse sido a única vez na vida que ele ficou sem palavras.

– E eu nunca... – acrescentou Penelope, engolindo em seco sem parar. – Eu nunca falei a ninguém que queria que você me pedisse em casamento.

– Penelope – conseguiu, enfim, falar Colin –, eu sinto muito.

– Não tem do que se desculpar.

– Não – insistiu ele. – Tenho, sim. Eu a magoei, e...

– Você não sabia que eu estava aqui.

– Mesmo assim...

– Você não vai se casar comigo – declarou ela, a voz soando estranha e falsa aos seus ouvidos. – Não há nada de errado com isso. Eu não vou me casar com o seu irmão Benedict.

Até então, Benedict estava olhando para o outro lado, tentando não encará-la, mas a partir desse momento passou a prestar atenção.

Penelope fechou as mãos ao lado do corpo.

– Ele não fica magoado quando eu digo que não vou me casar com ele. – Virou-se para Benedict e forçou-se a fitá-lo diretamente nos olhos. – Fica, Sr. Bridgerton?

– Claro que não – respondeu ele, com rapidez.

– Então está resolvido – disse ela decididamente, impressionada por, ao menos uma vez na vida, estar conseguindo pronunciar as palavras exatas que queria. –

Ninguém ficou magoado. Agora, se me derem licença, cavalheiros, preciso ir para casa.

Os três cavalheiros no mesmo instante deram um passo para trás, a fim de que ela pudesse passar, e Penelope teria escapado ilesa se Colin, de repente, não tivesse gritado:

– Não tem uma acompanhante?

Ela negou com a cabeça.

– Eu moro logo depois da esquina.

– Eu sei, mas...

– Eu a acompanho – ofereceu Anthony com delicadeza.

– Realmente não é necessário, milorde.

– Permita-me – insistiu ele, num tom que deixava claro que ela não tinha escolha.

Ela assentiu e os dois partiram rua abaixo. Após umas duas casas, Anthony comentou numa voz estranhamente respeitosa:

– Ele não sabia que você estava ali.

Penelope sentiu os cantos dos lábios ficarem tensos – não de raiva, mas de um misto de cansaço e resignação.

– Eu sei. Ele não é mau. Imagino que sua mãe o esteja pressionando para que se case.

Anthony assentiu. O desejo de Lady Bridgerton de ver cada um dos oito rebentos casados e felizes era lendário.

– Ela gosta de mim – declarou Penelope. – Eu me refiro à sua mãe. Temo que não consiga ver além disso. Mas a verdade é que não importa muito que ela goste ou não da noiva de Colin.

– Bem, eu não diria isso – refletiu Anthony, soando menos como um visconde muito temido e respeitado e mais como um filho bem-comportado. – Eu não gostaria de ter me casado com alguém de quem a minha mãe não gostasse. – Ele balançou a cabeça num gesto que demonstrava grande admiração e respeito. – Ela é uma força da natureza.

– A sua mãe ou a sua esposa?

Ele pensou por meio segundo.

– Ambas.

Caminharam por mais alguns instantes e Penelope deixou escapar:

– Colin deveria sair daqui.

Anthony a olhou, curioso.

– Como assim?

– Ele deveria sair daqui. Viajar. Não está pronto para se casar e a sua mãe continuará pressionando-o, ainda que sem querer. Ela tem boas intenções...

Penelope mordeu o lábio inferior, horrorizada. Esperava que o visconde entendesse que ela não estava criticando Lady Bridgerton. Até onde sabia, não havia senhora mais digna em toda a Inglaterra.

– Minha mãe sempre tem boas intenções – comentou Anthony, com um sorriso indulgente. – Mas talvez você tenha razão. Talvez ele devesse sair de Londres. Colin de fato gosta de viajar. Acabou de voltar do País de Gales.

– É mesmo? – murmurou Penelope, educadamente, como se não soubesse.

– Chegamos – disse ele, depois de assentir em resposta. – É aqui que você mora, certo?

– É, sim. Obrigada por me acompanhar.

– O prazer foi todo meu, posso lhe garantir.

Penelope observou-o enquanto ele partia, então entrou e começou a chorar.

No dia seguinte, Lady Whistledown relatou em sua coluna:

“Ora, mas quanta agitação se viu ontem em frente à casa de Lady Bridgerton, na Rua Bruton!

Primeiro, Penelope Featherington foi vista na companhia não de um, nem de dois, mas de TRÊS irmãos Bridgertons, um feito até então impossível para a pobre menina, já um tanto conhecida por ser bastante sem graça. Infelizmente (mas talvez de forma previsível) para a Srta. Featherington, quando ela enfim partiu, foi acompanhada pelo visconde, o único casado do grupo.

Se a Srta. Featherington conseguisse, de alguma forma, arrastar um dos irmãos Bridgertons para o altar, isso seria o fim do mundo como o conhecemos, e esta autora, que admite que não entenderia mais nada de tal mundo, seria forçada a renunciar ao seu posto no mesmo instante.”

Ao que parecia, até Lady Whistledown compreendia a inocuidade dos sentimentos de Penelope por Colin.

Os anos se passaram e, de alguma forma, sem perceber, Penelope deixou de ser uma debutante e ocupava agora o grupo das damas de companhia e observava a irmã mais nova, Felicity – a única das irmãs Featheringtons abençoada com graça e beleza natural –, desfrutar da própria temporada londrina.

Colin desenvolveu uma inclinação especial pelas viagens e passava cada vez mais tempo fora de Londres. Parecia que a cada mês seguia para um destino diferente. Quando estava na cidade, sempre guardava uma dança e um sorriso para Penelope, e ela, de algum jeito, conseguia fingir que nada havia acontecido, que ele jamais tinha declarado sua aversão a ela numa via pública e que seus sonhos nunca tinham sido despedaçados.

E sempre que ele estava na cidade, o que não ocorria com frequência, os dois pareciam desfrutar de uma amizade fácil, mesmo que não muito profunda. O que era tudo o que uma solteirona de 28 anos poderia esperar, certo?

Um amor não correspondido não era nada fácil de administrar, mas ao menos Penelope Featherington já estava acostumada a isso.

CAPÍTULO 1

Mamães casamenteiras, podem comemorar: Colin Bridgerton retornou da Grécia!

Para os gentis (e ignorantes) leitores recém-chegados à cidade, o Sr. Bridgerton é o terceiro da lendária série de oito irmãos Bridgertons (por isso o nome Colin, que começa com a letra C: ele nasceu depois de Anthony e Benedict e antes de Daphne, Eloise, Francesca, Gregory e Hyacinth).

Embora o Sr. Bridgerton não possua nenhum título de nobreza, e talvez jamais venha a possuir (é o sétimo na linha de sucessão do título de visconde de Bridgerton, atrás dos dois filhos do atual visconde, de seu irmão Benedict e dos três filhos dele), é considerado, apesar disso, um dos melhores partidos da temporada devido à sua fortuna, à sua beleza, à sua forma física e, acima de tudo, aos seus encantos. É difícil, no entanto, prever se ele irá sucumbir às bênçãos matrimoniais nesta temporada. Sem dúvida, tem idade para se casar (33 anos), mas jamais demonstrou interesse decisivo por nenhuma dama apropriada e, para complicar ainda mais as coisas, possui a terrível tendência de deixar Londres a qualquer instante em direção a algum destino exótico.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
2 DE ABRIL DE 1824

– Olhe só para isto! – guinchou Portia Featherington. – Colin Bridgerton está de volta!

Penelope ergueu os olhos do bordado. A mãe segurava a última edição do *Whistledown* da maneira que Penelope talvez segurasse, digamos, uma corda, caso estivesse prestes a despencar de um penhasco.

– Eu sei – murmurou ela.

Portia franziu a testa. Odiava quando alguém – qualquer um – ficava sabendo

de uma fofoca antes dela.

– Mas como você conseguiu pôr as mãos no *Whistledown* antes de mim? Eu pedi a Briarly que o separasse e que não permitisse que ninguém o tocasse...

– Eu não li no *Whistledown* – interrompeu Penelope antes que a mãe saísse para incomodar o pobre e já tão requisitado mordomo. – Felicity me contou ontem à tarde. Hyacinth Bridgerton comentou com ela.

– A sua irmã passa muito tempo na casa dos Bridgertons.

– Assim como eu – observou Penelope, perguntando-se aonde aquele comentário iria dar.

Portia tamborilava na lateral do queixo, como sempre fazia quando tramava alguma coisa.

– Colin Bridgerton está numa idade em que deveria procurar uma esposa.

Penelope conseguiu piscar para evitar que os olhos lhe saltassem das órbitas.

– Ele não vai se casar com Felicity!

Portia deu de ombros levemente.

– Coisas mais estranhas já aconteceram.

– Não que eu tenha visto – murmurou Penelope.

– Anthony se casou com Kate Sheffield, e ela era ainda menos popular do que você.

Aquilo não era exatamente verdade. Penelope achava que as duas tinham ocupado o mesmo lugar na base da pirâmide social. Mas parecia não adiantar dizer isso à mãe, que estava achando que tinha feito um elogio à filha ao afirmar que ela não fora a menina menos popular da temporada.

Penelope sentiu os lábios ficarem tensos. Os “elogios” da mãe tendiam a ter o efeito de ferrões de vespas sobre ela.

– Não pense que minha intenção é criticá-la – continuou Portia, transformando-se de repente na própria imagem da preocupação. – Na verdade, fico satisfeita com a sua solteirice. Estou só neste mundo, a não ser pelas minhas filhas, e é reconfortante saber que uma de vocês poderá cuidar de mim na velhice.

Penelope teve uma visão do futuro segundo a descrição da mãe e sentiu um súbito desejo de sair correndo e se casar com o limpador de chaminés. Fazia tempo que se resignara à vida de solteirona eterna, embora, de alguma forma, sempre tivesse se imaginado morando na própria casinha com varanda. Ou

talvez num confortável chalé à beira-mar.

Mas, nos últimos tempos, Portia vinha pontuando as conversas com a filha com referências à sua velhice e à sorte que tinha pelo fato de que Penelope cuidaria dela. Não importava o fato de que tanto Prudence quanto Philippa haviam se casado com homens ricos e que possuíam dinheiro mais do que suficiente para proporcionar todo o conforto à mãe. Ou que a própria Portia fosse uma mulher de algumas posses: quando a família estabelecera o seu dote, um quarto da quantia fora separado numa conta de uso pessoal dela.

Não, quando Portia falava em ser cuidada na velhice, não se referia a dinheiro. O que ela queria era uma escrava.

Penelope suspirou. Estava sendo muito dura com a mãe, ainda que só em pensamento. Fazia isso com excessiva frequência. Portia a amava. Penelope sabia disso. E ela também a amava.

A questão era que, às vezes, não *gostava* muito dela.

Esperava que isso não a tornasse uma pessoa ruim. Mas, com efeito, a mãe tinha a capacidade de desafiar a paciência até mesmo da mais afável e meiga das filhas, e Penelope era a primeira a admitir que podia ser um pouco sarcástica em alguns momentos.

– Por que acha que Colin não se casaria com Felicity? – indagou Portia.

Penelope ergueu os olhos, aturdida. Achou que aquele assunto já estivesse encerrado. Deveria ter desconfiado. A mãe era persistente.

– Bem – começou ela, devagar –, para início de conversa, ela é doze anos mais nova do que ele.

– Pfff – fez Portia, descartando o comentário com um aceno de mão. – Isso não tem nenhuma importância, e você sabe disso.

Penelope franziu a testa, então espetou a agulha no dedo sem querer e deu um ganido.

– Além do mais – continuou Portia, alegremente –, ele tem... – olhou outra vez para o *Whistledown* procurando a idade exata – 33 anos! Como espera que consiga evitar uma diferença de 12 anos entre ele e a esposa? Com certeza você não acha que Colin vá se casar com alguém da *sua* idade.

Penelope chupou o dedo machucado, mesmo sabendo que o gesto era bastante indelicado. Mas precisava colocar algo na boca para evitar fazer algum comentário terrível *e* maldoso.

Tudo o que a mãe dissera era verdade. Vários homens da alta sociedade – talvez até a maioria – se casavam com moças muito mais novas do que eles. Mas, de alguma forma, a diferença de idade entre Colin e Felicity parecia ainda maior, talvez porque...

Penelope foi incapaz de esconder a repugnância.

– Ela é como uma irmã para ele. Uma irmã mais nova.

– Ora, Penelope, sinceramente, não creio...

– Seria quase um incesto – murmurou Penelope.

– O que foi que você disse?

Penelope pegou o bordado outra vez.

– Nada.

– Estou certa de que disse alguma coisa.

Penelope balançou a cabeça.

– Na verdade, eu pigarreei. Talvez tenha escutado...

– Eu a ouvi dizer alguma coisa. Tenho certeza!

Penelope gemeu. Visualizou a vida longa e tediosa que tinha pela frente.

– Mamãe – retrucou, com uma paciência que se não era a de uma santa era, pelo menos, a de uma irmã de caridade muito devota. – Felicity está praticamente noiva do Sr. Albansdale.

Portia começou a esfregar as mãos uma na outra.

– Não ficará noiva dele se conseguir fisgar Colin Bridgerton.

– Ela preferiria *morrer* a correr atrás de Colin.

– É claro que não. É uma menina inteligente. Qualquer um pode ver que Colin Bridgerton é um partido melhor que o Sr. Albansdale.

– Mas Felicity ama o Sr. Albansdale!

Portia murchou na poltrona.

– Isso é verdade.

– Além do mais – continuou Penelope de forma bastante enfática –, o Sr. Albansdale possui uma fortuna bastante respeitável.

Portia bateu com o indicador no rosto.

– Tem razão. Não tão respeitável quanto parte da fortuna dos Bridgertons – continuou, bruscamente –, mas nada desprezível, suponho.

Penelope sabia que devia deixar o assunto de lado, mas não conseguiu evitar fazer um último comentário:

– Na verdade, mãe, ele é um ótimo par para Felicity. Devíamos estar felicíssimas por ela.

– Eu sei, eu sei – rosnou Portia. – É que eu queria tanto que uma das minhas filhas se casasse com um Bridgerton... Seria maravilhoso! Eu seria o principal assunto de Londres durante semanas. Anos, talvez.

Penelope enfiou a agulha na almofada a seu lado. Não havia dúvida de que se tratava de uma forma bastante tola de dar vazão à sua raiva, mas a alternativa seria se levantar e gritar: "E eu?" Portia parecia acreditar que, uma vez que Felicity se casasse, sua esperança de uma união com os Bridgertons estaria frustrada para sempre. Mas Penelope continuava solteira – será que isso não servia de nada?

Seria pedir demais que a mãe pensasse nela com o mesmo orgulho que sentia das outras filhas? Penelope sabia que Colin não a escolheria como noiva, mas será que uma mãe não deveria ser pelo menos um pouco cega com relação aos defeitos das próprias crias? Era óbvio para Penelope que nem Prudence, nem Philippa e nem mesmo Felicity jamais tinham tido qualquer chance com um Bridgerton. Então por que Portia parecia crer que os encantos das três eram tão maiores que os de Penelope a esse ponto?

Certo, Penelope tinha que admitir que Felicity era mais popular que as três irmãs mais velhas juntas. Mas Prudence e Philippa jamais haviam sido muito requisitadas. Tinham mofado às margens dos salões de baile da mesma forma que Penelope.

Exceto, é claro, pelo fato de estarem, agora, casadas. Penelope não gostaria de ter nenhum dos dois maridos, mas pelo menos as duas eram esposas.

Por sorte, porém, a mente de Portia já percorria outros caminhos.

– Eu deveria fazer uma visita a Violet – dizia ela. – Deve estar tão aliviada por Colin ter voltado...

– Estou certa de que Lady Bridgerton ficará encantada em vê-la – comentou Penelope.

– Pobre mulher – comentou Portia, com um suspiro dramático. – Ela se preocupa com ele, sabe...

– Eu sei.

– Para ser sincera, acho que é mais do que uma mãe deveria suportar. Ele vive vagando por aí, só Deus sabe por onde, nesses países *sem fé*...

– Acredito que pratiquem o cristianismo na Grécia – murmurou Penelope, com os olhos mais uma vez voltados para o bordado.

– Não seja impertinente, Penelope Anne Featherington, e eles são *católicos*!

Portia estremeceu ao pronunciar a última palavra.

– Não têm nada de católicos – replicou Penelope, desistindo do bordado e colocando-o de lado. – Pertencem à Igreja Ortodoxa Grega.

– Bem, não são da Igreja Anglicana – queixou-se Portia, fungando.

– Considerando que são gregos, não imagino que estejam muito preocupados com isso.

Portia estreitou os olhos em sinal de desaprovação.

– E, de qualquer forma, como você sabe sobre essa religião grega? Não, não me diga – continuou em tom de lamento, com um gesto dramático. – Você leu em algum lugar.

Penelope se limitou a piscar enquanto pensava numa resposta adequada.

– Eu gostaria que não lesse tanto – observou Portia com um suspiro. – Talvez eu tivesse conseguido casá-la há anos se houvesse se concentrado mais no seu traquejo social e menos em... menos em...

Penelope teve que perguntar:

– Menos em quê?

– Não sei. No que quer que faça com que você fique olhando para o nada, sonhando acordada com tanta frequência.

– Eu apenas penso – disse Penelope, baixinho. – Às vezes gosto de simplesmente parar e pensar.

– Parar de quê? – quis saber Portia.

Penelope não pôde deixar de sorrir. A pergunta da mãe parecia resumir todas as diferenças entre as duas.

– Nada, mãe – respondeu Penelope. – Sério.

Portia tinha um ar de que queria dizer mais alguma coisa, então pensou duas vezes. Ou talvez estivesse apenas com fome. Apanhou um biscoito da bandeja de chá e o pôs na boca.

Penelope ia pegando o último para si, mas decidiu deixá-lo para a mãe. Era melhor manter a boca de Portia cheia. A última coisa que desejava era se ver no meio de outra conversa sobre Colin Bridgerton.

– Colin está de volta!

Penelope ergueu os olhos do livro que lia – *Uma breve história da Grécia* – e viu Eloise entrar em seu quarto. Como sempre, a amiga não fora anunciada. O mordomo dos Featheringtons estava tão acostumado a vê-la por ali que a tratava como membro da família.

– É mesmo? – retrucou Penelope, conseguindo fingir (em sua opinião) uma indiferença bastante realista.

Ela tinha colocado *Uma breve história da Grécia* por dentro de *Mathilda*, o romance de S.R. Fielding que fora um enorme sucesso no ano anterior. Todo mundo possuía um exemplar na mesinha de cabeceira. E era grosso o bastante para esconder o livro que Penelope estava lendo de fato.

Eloise sentou-se na cadeira da escrivaninha da amiga.

– É. E está bronzeadíssimo. Também, era de se esperar, depois de ter passado tanto tempo sob o sol.

– Ele foi à Grécia, não foi?

Eloise fez que não com a cabeça.

– Ele disse que a guerra piorou por lá e que era perigoso demais. Então, acabou indo para Chipre.

– Ora, ora – comentou Penelope, sorrindo. – Então Lady Whistledown errou.

Eloise deu um daqueles sorrisos insolentes típicos dos Bridgertons e, mais uma vez, Penelope se deu conta da sorte que tinha em tê-la como melhor amiga. Ela e Eloise eram inseparáveis desde os 17 anos. Tinham debutado no mesmo ano e, para consternação de suas mães, haviam se tornado solteironas juntas.

Eloise afirmava não ter encontrado a pessoa certa.

Penelope, é claro, não recebera nenhuma proposta.

– E ele gostou de lá? – perguntou Penelope.

Eloise deixou escapar um suspiro.

– Disse que é um lugar impressionante. Ah, como eu adoraria viajar... Ao que parece, todo mundo já foi a algum lugar, menos eu.

– E eu – lembrou-lhe Penelope.

– E você – concordou Eloise. – Graças a Deus você existe.

– Eloise! – gritou Penelope, atirando uma almofada nela.

Mas ela mesma agradecia a Deus por Eloise. Todos os dias. Muitas mulheres passavam a vida toda sem uma amiga próxima e ali estava ela com uma pessoa a quem podia contar qualquer coisa. Bem, praticamente qualquer coisa. Penelope jamais lhe dissera o que sentia por Colin, embora imaginasse que Eloise suspeitasse. A amiga era muito discreta para comentar alguma coisa, o que só confirmava a certeza de Penelope de que Colin jamais a amaria. Se Eloise pensasse, mesmo por um instante, que a amiga tinha alguma chance de fisgar o irmão como marido, teria tramado estratégias casamenteiras com uma tenacidade que impressionaria qualquer general de exército.

Quando necessário, Eloise era uma pessoa com bastante instinto de liderança.

– ... então ele contou que o mar sacudia tanto que ele despejou tudo no oceano pela lateral do barco e... – Eloise fez uma careta. – Você não está escutando.

– Não – admitiu Penelope. – Bem, estou, em parte. Não consigo acreditar que Colin tenha lhe contado que vomitou.

– Ora, eu sou irmã dele.

– Ele ficaria furioso com você se soubesse que me disse isso.

Eloise descartou a queixa de Penelope com um aceno de mão.

– Ele não ligaria. Você é como uma irmã para ele.

Penelope sorriu, mas ao mesmo tempo deixou escapar um suspiro.

– É claro que mamãe quis saber se ele pretende ficar na cidade durante a temporada – continuou Eloise –, e é claro que ele fugiu da pergunta, mas quando eu resolvi interrogá-lo pessoalmente...

– Muito engenhoso da sua parte – murmurou Penelope.

Eloise atirou a almofada de volta nela.

– ... consegui que ele admitisse que sim, que passará pelo menos alguns meses aqui. Mas ele me fez prometer não contar nada a mamãe.

– Ora, mas isso não é muito inteligente da parte dele – comentou Penelope, pigarreando em seguida. – Se a sua mãe achar que a estadia dele aqui será limitada, irá redobrar os esforços para vê-lo casado. Imagino que ele haveria de querer evitar isso.

– De fato esse parece ser o objetivo de vida dele – concordou Eloise.

– Se ele conseguir enganá-la, fazendo-a acreditar que não tem pressa para ir embora, talvez ela não o pressione tanto.

– Uma ideia interessante – disse Eloise –, embora talvez seja mais verdadeira

em teoria do que na prática. Minha mãe está tão decidida a vê-lo casado que o fato de redobrar os esforços para isso não tem importância alguma. Seu empenho normal já será o bastante para levá-lo à loucura.

– Será possível uma pessoa ser levada duplamente à loucura? – refletiu Penelope.

Eloise inclinou a cabeça para o lado.

– Não sei, mas acho que não gostaria de descobrir.

As duas ficaram um momento em silêncio (algo bastante raro), então Eloise se levantou de repente e disse:

– Tenho que ir.

Penelope sorriu. Quem não conhecia Eloise muito bem achava que ela tinha o hábito de mudar de assunto do nada, mas Penelope sabia que a verdade era outra. Quando a amiga colocava algo na cabeça, simplesmente não desistia até conseguir o que queria. O que significava que, se Eloise tinha querido ir embora de repente, isso devia estar relacionado a algo que conversaram mais cedo, naquela mesma tarde, e...

– Estamos esperando Colin para o chá – explicou Eloise.

Penelope sorriu. Adorava estar certa.

– Você deveria vir – sugeriu Eloise.

Penelope fez que não com a cabeça.

– Ele iria preferir que fosse só a família.

– Talvez você tenha razão – concordou Eloise, assentindo de leve. – Muito bem, então, estou indo. Sinto muito por sair correndo, mas eu só queria lhe contar que Colin voltou para casa.

– Eu li no *Whistledown* – lembrou-lhe Penelope.

– Certo. E onde é que essa mulher consegue as informações? – considerou Eloise, balançando a cabeça, impressionada. – Juro que às vezes ela sabe tanto sobre a minha família que eu me pergunto se deveria ter medo.

– Ela não pode continuar com isso para sempre – comentou Penelope, levantando-se para acompanhar a amiga até a porta. – Em algum momento alguém haverá de descobrir quem ela é, não acha?

– Não sei. – Eloise colocou a mão na maçaneta e abriu a porta. – Eu costumava achar isso, mas já faz dez anos. Mais que isso, na verdade. Se fosse para ela ser pega, acho que já teria acontecido.

Penelope seguiu Eloise escada abaixo.

– Em algum momento ela haverá de cometer um erro. Tem que acontecer. Afinal, ela é humana.

Eloise riu.

– E eu aqui achando que era uma semideusa.

Penelope sorriu.

Eloise parou e se virou tão subitamente que Penelope trombou com ela e as duas quase rolaram os últimos degraus da escada.

– Sabe de uma coisa? – falou.

– Não consigo nem imaginar.

Eloise nem se deu o trabalho de fazer uma careta.

– Aposto que ela *já* cometeu um erro – declarou.

– Como assim?

– Você mesma disse. Ela, ou ele, escreve essa coluna há mais de uma década. Ninguém consegue fazer isso por tanto tempo sem cometer erros. Então, sabe o que eu acho?

Penelope se limitou a abrir as mãos num gesto de impaciência.

– Que todos nós somos burros demais para notar os seus erros.

Penelope a fitou por um instante, depois começou a rir.

– Ah, Eloise – falou, secando as lágrimas dos olhos. – Eu realmente amo você.

Eloise riu.

– Ainda bem que ama, solteirona que sou. Vamos morar juntas quando fizermos 30 anos e nos tornarmos duas velhas de verdade.

Penelope se apegou à ideia como quem se agarra a um barco salva-vidas.

– Acha que poderíamos? – retrucou. Em seguida olhou de maneira furtiva de um lado para outro no corredor e continuou em voz baixa: – Minha mãe vem falando sobre a velhice dela com uma frequência alarmante.

– O que há de alarmante nisso?

– Eu estou em todas as suas visões, atendendo a todos os seus desejos.

– Minha nossa.

– O que me passou pela cabeça foi uma imprecação menos branda do que essa.

– Penelope!

Mas Eloise estava rindo.

– Eu amo a minha mãe – afirmou Penelope.

– Eu sei que ama – assentiu Eloise, numa voz quase apaziguadora.

– Não, é sério, eu amo mesmo.

O canto esquerdo da boca de Eloise começou a se curvar num meio sorriso.

– Eu sei que ama. Sério.

– É só que...

Eloise ergueu uma das mãos.

– Não precisa dizer mais nada. Eu entendo perfeitamente. Eu... Ah! Bom dia, Sra. Featherington!

– Eloise – começou Portia, apressando-se pelo corredor em direção a elas. – Não sabia que estava aqui.

– Eu fui furtiva, como sempre – brincou Eloise. – Mal-educada, até.

Portia lhe lançou um sorriso indulgente.

– Eu soube que seu irmão está de volta.

– Sim, estamos todos transbordando de alegria.

– Tenho certeza disso, sobretudo a sua mãe.

– Sem dúvida. Não cabe em si de felicidade. Acredito que esteja fazendo uma lista agora mesmo.

Portia no mesmo instante ficou mais atenta, como sempre ocorria à menção de qualquer coisa que pudesse ser interpretada como uma intriga.

– Lista? Que espécie de lista?

– Ora, a senhora sabe, do mesmo tipo que fez para todos os filhos adultos. Cônjuges em potencial e tudo o mais.

– Fico me perguntando o que pode ser o “tudo o mais” – comentou Penelope com a voz seca.

– Às vezes ela inclui uma ou duas pessoas completamente inadequadas para realçar as qualidades das *reais* possibilidades.

Portia riu.

– Quem sabe ela não a coloca na lista de Colin, Penelope!

Penelope não riu. Nem Eloise. Portia não pareceu notar.

– Bem, é melhor eu ir andando – disse Eloise, pigarreando para disfarçar o momento desconfortável para duas das três pessoas que se encontravam no corredor. – Estamos esperando Colin para o chá. Mamãe quer a família toda presente.

– E vocês todos vão caber lá? – perguntou Penelope.

A casa de Lady Bridgerton era grande, mas, contando com os cônjuges e netos, os parentes já eram 21. De fato, uma grande família.

– Bem, o chá será na Casa Bridgerton – explicou Eloise.

A mãe se mudara da residência oficial dos Bridgertons em Londres depois que o filho mais velho se casara. Anthony, visconde desde os 18 anos, garantira a Violet que ela não precisava partir, mas ela insistira que ele e a esposa precisavam de privacidade. Como resultado, Anthony e Kate viviam lá com os três filhos, enquanto Violet morava com os filhos solteiros (com exceção de Colin, que tinha as próprias acomodações) a poucas quadras, na Rua Bruton, número 5. Após quase um ano de tentativas infrutíferas de dar um nome ao novo lar de Lady Bridgerton, a família começara a chamá-lo apenas de Número Cinco.

– Divirta-se – disse Portia. – Preciso encontrar Felicity. Temos hora na costureira e estamos atrasadas.

Eloise observou enquanto Portia desaparecia escada acima, então disse a Penelope:

– Sua irmã tem passado bastante tempo na costureira.

A amiga deu de ombros.

– Ela está enlouquecendo com tantas provas de roupa, mas é a única esperança de minha mãe para um casamento realmente grandioso. Acho que está convencida de que, com o vestido correto, minha irmã vá fisgar um duque.

– Ela não está quase noiva do Sr. Albansdale?

– Imagino que ele fará um pedido formal na semana que vem. Mas, até lá, minha mãe prefere manter as opções em aberto. – Penelope revirou os olhos. – É melhor avisar ao seu irmão que mantenha distância por enquanto.

– Gregory? – indagou Eloise, incrédula. – Ele ainda nem saiu da universidade.

– Colin.

– *Colin?* – Eloise explodiu em gargalhadas. – Ah, essa é boa.

– Foi o que eu falei, mas você sabe como ela é quando enfia uma coisa na cabeça.

Eloise continuou a rir.

– Um tanto como eu, imagino.

– Tenaz até a morte.

– A tenacidade pode ser uma qualidade muito boa – lembrou-lhe Eloise –, no

momento certo.

– Certo – retrucou Penelope com um sorriso sarcástico. – E no momento errado pode ser um verdadeiro pesadelo.

Eloise riu.

– Alegre-se, minha amiga. Pelo menos ela permitiu que você se livrasse de todos aqueles vestidos amarelos.

Penelope baixou os olhos para o vestido matinal que usava, de um lisonjeiro – modéstia à parte – tom de azul.

– Ela parou de escolher as minhas roupas quando enfim se deu conta de que eu não ia me casar. Uma moça sem perspectivas de matrimônio não vale o tempo nem a energia que lhe custam para oferecer conselhos de moda. Ela não me leva à costureira há mais de um ano. É uma bênção!

Eloise sorriu para a amiga, cuja pele adquiria um encantador tom de pêssego com creme quando ela usava cores frias.

– Todo mundo notou assim que ela a deixou escolher as próprias roupas. Até Lady Whistledown comentou!

– Escondi essa coluna de mamãe – admitiu Penelope. – Não quis que ficasse magoada.

Eloise piscou algumas vezes antes de dizer:

– Bondade sua, Penelope.

– Eu tenho os meus momentos de caridade e boa vontade.

– Imagino que parte muito importante da caridade e da boa vontade seja a capacidade de não chamar a atenção para o fato de possuí-las – falou Eloise, começando a rir.

Penelope fez uma careta e empurrou a amiga em direção à porta.

– Você não tinha que ir embora?

– Estou indo! Estou indo!

E ela se foi.

Era bastante agradável estar de novo na Inglaterra, pensou Colin enquanto bebericava um excelente *brandy*.

Era estranho, na verdade, gostar na mesma medida de voltar para casa e de

partir. Dentro de mais alguns meses – seis, no máximo – estaria se coçando para viajar outra vez, mas, por ora, sentia-se satisfeito: a Inglaterra no mês de abril era absolutamente maravilhosa.

– Bom, não é mesmo?

Colin ergueu os olhos. O irmão Anthony estava encostado na frente da imensa escrivaninha de mogno, acenando com o copo do mesmo *brandy* que ele bebia.

Colin assentiu.

– Não tinha me dado conta da falta que senti disto até voltar. O *ouzo* tem lá os seus encantos, mas isto – falou erguendo o copo – é o paraíso.

Anthony deu um sorriso irônico.

– E quanto tempo planeja ficar conosco desta vez?

Colin se aproximou da janela e fingiu olhar para fora. O irmão mais velho não se esforçava muito para disfarçar sua impaciência em relação à sede de Colin por aventuras. Na verdade, Colin não podia culpá-lo. Às vezes era difícil fazer com que as cartas chegassem em casa – imaginava que com frequência a família tivesse que esperar até mesmo um mês para descobrir se ele estava bem. Mas, embora tivesse consciência de que não gostaria de estar no lugar deles – sem saber se uma pessoa amada estava viva ou morta, sempre à espera da batida de um mensageiro à porta –, isso não era o suficiente para manter seus pés fincados na Inglaterra.

De vez em quando, sentia a necessidade de estar *longe*. Não havia outra forma de descrever. Longe da alta sociedade, que o via como um moleque encantador e nada mais. Longe de seu país, que encorajava seus filhos mais novos a entrar para o serviço militar ou para o clero, quando nenhuma das duas opções se encaixava em seu temperamento. Até mesmo longe da família, que o amava de forma incondicional mas que nem desconfiava de que o que ele mais desejava, no fundo, era ter algo com que se ocupar.

O irmão, Anthony, era um visconde, e com o título vinham as mais variadas responsabilidades. Ele administrava propriedades e as finanças da família e supervisionava o bem-estar de incontáveis inquilinos e criados. Benedict, quatro anos mais velho do que ele, ganhara fama como artista. Começara com papel e lápis, mas, encorajado pela mulher, passara para óleo. Uma de suas paisagens estava, agora, exposta na National Gallery.

Anthony seria sempre lembrado nas árvores genealógicas como o sétimo

visconde de Bridgerton. Benedict continuaria vivo por meio de seus quadros muito tempo depois de ter deixado este mundo.

Mas Colin não tinha nada. Administrava a pequena propriedade que lhe fora concedida pela família e frequentava festas. Não podia dizer que não se divertia, mas às vezes queria um pouco mais do que entretenimento.

Queria um objetivo.

Um legado.

Queria, se não saber, ao menos esperar que, quando morresse, fosse celebrado de alguma forma que não com uma menção na coluna de Lady Whistledown.

Suspirou. Não era de estranhar que passasse tanto tempo viajando.

– Colin? – chamou o irmão.

Ele se virou para Anthony e piscou. Tinha quase certeza de que o irmão mais velho lhe fizera uma pergunta, mas, em algum momento de seus devaneios, esquecera-se do que fora.

– Ah. Certo. – Colin pigarreou. – Vou passar pelo menos o resto da temporada aqui.

Anthony não respondeu, mas foi difícil ignorar a satisfação expressa em seu rosto.

– Afinal de contas – acrescentou Colin, abrindo seu lendário sorriso de lado –, alguém tem de mimar os seus filhos. Acho que Charlotte não tem um número suficiente de bonecas, por exemplo.

– Apenas cinquenta – concordou Anthony, com a voz inexpressiva. – A pobre criança de fato é muito negligenciada.

– O aniversário dela é no final do mês, certo? Creio que terei que negligenciá-la mais um pouco.

– E por falar em aniversários – começou Anthony, acomodando-se na imensa cadeira do outro lado da escrivaninha –, o de nossa mãe será no domingo.

– E por que acha que antecipei meu retorno?

Anthony ergueu uma das sobrancelhas e Colin teve clara impressão de que o irmão tentava decidir se ele realmente se apressara para voltar para casa a tempo do aniversário da mãe ou se estava apenas se aproveitando de uma excelente coincidência.

– Vamos dar uma festa para ela – disse Anthony.

– Ela vai deixar?

Na experiência de Colin, mulheres de certa idade não gostavam de comemorações de aniversário. E, embora a mãe continuasse linda, já contava, sem dúvida, com certa idade.

– Fomos forçados a recorrer à chantagem – admitiu Anthony. – Ou ela concordava com a festa ou revelávamos a sua verdadeira idade.

Colin estava em meio a um gole do *brandy*; ele engasgou e, por muito pouco, conseguiu não cuspi-lo inteiro em cima do irmão.

– Eu adoraria ter visto isso.

Anthony abriu um sorriso bastante satisfeito.

– Foi uma manobra brilhante da minha parte.

Colin terminou o drinque.

– Quais são as chances, na sua opinião, de que ela não use a festa como pretexto para encontrar uma esposa para mim?

– Muito poucas.

– Foi o que pensei.

Anthony recostou-se na cadeira.

– Você tem 33 anos, Colin...

O mais novo o fitou, incrédulo.

– Deus do céu, não comece *você* também.

– Eu nem pensaria em fazer isso. Apenas sugiro que você fique de olhos bem abertos esta temporada. Não é preciso buscar uma esposa ativamente, mas não há mal algum em se manter pelo menos atento à possibilidade.

Colin olhou para a porta com toda a intenção de passar logo por ela.

– Posso lhe garantir que não sou contrário à ideia do casamento.

– Não achei que fosse – concedeu Anthony.

– Apenas vejo pouca razão para pressa.

– Nunca há razão para pressa. Bem, quase nunca, quero dizer. Apenas não contrarie a mamãe, está bem?

Colin não se dera conta de que ainda segurava o copo vazio até ele escorregar de seus dedos e aterrissar no tapete com um baque surdo.

– Meu Deus – sussurrou –, ela está doente?

– Não! – garantiu Anthony, a surpresa deixando a voz alta e enérgica. – Vai viver mais tempo do que todos nós, tenho certeza.

– Então que história é essa?

Anthony deixou escapar um suspiro.

– Eu só quero vê-lo feliz.

– Eu estou feliz.

– Está?

– Ora, eu sou o homem mais feliz de Londres. Leia a coluna de Lady Whistledown. Ela lhe dirá.

Anthony baixou os olhos para o jornal que se encontrava na escrivaninha.

– Está certo, talvez não *essa*, mas qualquer uma do ano passado – falou Colin. – Fui classificado como encantador mais vezes do que Lady Danbury foi chamada de intrometida, e nós dois sabemos que isso é um feito e tanto.

– Encantador não quer necessariamente dizer feliz – comentou Anthony baixinho.

– Eu não tenho tempo para isto – murmurou Colin.

A porta nunca lhe parecera tão atraente.

– Se você estivesse mesmo feliz – insistiu Anthony –, não partiria a todo momento.

Colin fez uma pausa com a mão na maçaneta.

– Anthony, eu *gosto* de viajar.

– Sempre?

– Devo gostar, ou então não viajaria.

– Está aí a frase mais evasiva que já ouvi.

– E isto aqui... – retrucou Colin lançando um sorriso travesso para o irmão – é uma manobra evasiva.

– Colin!

Mas ele já deixara o aposento.

CAPÍTULO 2

Sempre foi moda entre a alta sociedade queixar-se do tédio, mas sem dúvida a safra de frequentadores de festas deste ano elevou o enfado a uma nova categoria. Não se pode dar dois passos em nenhum evento da sociedade por esses dias sem ouvir as expressões "terrivelmente tedioso" ou "desesperadamente banal". Na verdade, esta autora foi até informada que Cressida Twombley garantiu que está convencida de que perecerá de enfado eterno se for forçada a comparecer a mais um musical ruim.

(Esta autora tem que concordar com Lady Twombley desta vez. Apesar de a seleção de debutantes deste ano ser bastante agradável, não há uma única jovem dentre elas que seja uma musicista decente.)

Se existe algum antídoto para a doença do tédio, com certeza será a festa de domingo na Casa Bridgerton. A família inteira irá se reunir com cerca de cem amigos próximos para comemorar o aniversário da viscondessa viúva.

É considerado indelicado mencionar a idade de uma dama, portanto esta autora não irá revelar quantos anos Lady Bridgerton celebrará.

Mas não se preocupem! Esta autora sabe!

Crônicas da sociedade de Lady Whistledown,
9 de abril de 1824

Solteirona era uma palavra que costumava invocar pânico ou pena, mas Penelope começava a perceber que havia muitas vantagens em seu estado civil.

Em primeiro lugar, ninguém esperava que as solteiras dançassem nos bailes, o que significava que ela não era mais forçada a ficar à beira da pista de dança, olhando para cá e para lá, fingindo que não queria ser convidada para uma dança. Agora podia ficar sentada nas laterais com as outras solteironas e acompanhantes. Ainda queria dançar, é claro – adorava fazer isso e dançava

muito bem, embora ninguém notasse –, mas era bem mais fácil fingir desinteresse quando se estava mais distante dos casais valsistas.

Em segundo lugar, o número de horas de conversas maçantes diminuiu de maneira drástica. A Sra. Featherington desistira oficialmente da esperança de que a filha algum dia fisgasse um marido, portanto parara de atirá-la no caminho de todo e qualquer solteiro disponível do terceiro escalão. Portia jamais considerava, de fato, que Penelope tivesse qualquer chance de atrair um solteiro do primeiro ou do segundo escalão, o que talvez fosse verdade, mas a maioria dos solteiros de terceiro time era assim classificada por um motivo, que infelizmente era a personalidade, ou sua ausência. O que, combinado com a timidez de Penelope na presença de estranhos, não levava a uma conversa muito espirituosa.

E, por fim, ela podia voltar a comer. Era de enlouquecer, considerando a quantidade de comida em geral exposta nas festas da alta sociedade, mas o fato era que jovens à caça de um marido deviam demonstrar o apetite no máximo de um passarinho. Essa, pensava Penelope com alegria (enquanto mordia a melhor bomba de chocolate que já tinha existido fora da França) com certeza era a maior vantagem da solteirice.

– Meu Deus – gemeu ela.

Se o pecado assumisse uma forma sólida, sem dúvida seria a de um doce. De preferência feito de chocolate.

– Está bom assim, é?

Penelope se engasgou com a bomba e tossiu, cuspindo um fino borrifo de creme confeitado.

– Colin – ofegou, rezando com todas as forças para que as migalhas maiores tivessem desviado da orelha dele.

– Penelope. – Ele deu um sorriso carinhoso. – É bom vê-la.

– Igualmente.

Ele se balançou nos calcanhares para a frente e para trás uma, duas, três vezes, então disse:

– Você está com uma aparência ótima.

– Você também – retrucou ela, preocupada demais em encontrar um lugar onde pousar o doce para oferecer uma resposta mais elaborada.

– Bela roupa – elogiou ele, gesticulando em direção ao vestido de seda verde.

Ela deu um sorriso sem graça e explicou:

– Não é amarelo.

– De fato, não é.

Ele sorriu e o gelo foi quebrado. Foi estranho, pois era de se esperar que ela ficasse sem palavras com o homem que amava, mas havia algo em Colin que deixava todo mundo à vontade.

Talvez, Penelope pensara em mais de uma ocasião, parte do motivo pelo qual ela o amava era o fato de ele a fazer sentir-se confortável consigo mesma.

– Eloise me contou que você se divertiu bastante no Chipre – comentou ela.

Ele sorriu.

– Como resistir ao local de nascimento de Afrodite, afinal?

Penelope também sorriu. O bom humor dele era contagiante, mesmo que a última coisa que desejasse fosse ter uma conversa sobre a deusa do amor.

– Faz sempre tanto sol quanto dizem? – perguntou. – Não, esqueça que lhe perguntei isso. Dá para perceber pelo seu bronzeado que sim.

– É, eu me queimei um pouco – concordou ele, assentindo com a cabeça. – Minha mãe quase desmaiou quando me viu.

– De alegria, imagino – disse Penelope de forma enfática. – Ela morre de saudades quando você está fora.

Ele inclinou o corpo para a frente.

– Ora, Penelope, não vá começar você também. Minha mãe, Anthony, Eloise e Daphne já fazem com que eu me sinta bastante culpado.

– E Benedict, não?

Ela não conseguiu evitar o gracejo.

Ele lhe lançou um olhar divertido.

– Está viajando.

– Ah, bem, isso explica o seu silêncio.

Colin estreitou os olhos e cruzou os braços.

– Você sempre foi insolente, sabia?

– Eu disfarço bem – retrucou ela, modesta.

– É fácil perceber por que é tão próxima da minha irmã – comentou ele, seco.

– Isso deveria ser um elogio?

– Tenho quase certeza de que colocaria minha saúde em risco se a intenção tivesse sido outra.

Enquanto Penelope nutria a esperança de pensar numa resposta espirituosa, ouviu um barulho estranho de algo caindo. Olhou para baixo e descobriu que uma enorme bolota de creme despencara da bomba que ela não terminara de comer e aterrissara no imaculado chão de madeira. Ergueu a vista outra vez e deu com os olhos verdíssimos de Colin, cheios de humor, ainda que ele lutasse para manter uma expressão de seriedade.

– Nossa, que constrangedor... – disse Penelope, decidindo que a única forma de não morrer de vergonha era afirmar o óbvio.

– Eu sugiro – começou Colin, erguendo uma das sobrancelhas em um arco petulante – que deixemos a cena do crime.

Penelope olhou para a carcaça vazia da bomba, ainda em sua mão. Colin lhe respondeu acenando com a cabeça em direção a um vaso de planta próximo.

– Não! – exclamou ela, arregalando os olhos.

Ele inclinou o corpo para perto dela.

– Eu a desafio.

Penelope lançou um olhar da bomba à planta e de volta ao rosto de Colin.

– Eu não poderia.

– No que diz respeito a travessuras, essa é até leve.

Tratava-se de um desafio, e Penelope costumava ser imune a artimanhas infantis, mas era difícil resistir ao meio sorriso de Colin.

– Muito bem – retrucou ela, endireitando os ombros e enfiando o doce no vaso. Deu um passo para trás, examinou a obra, olhou à sua volta para verificar se alguém além de Colin a via, então se abaixou e girou o vaso de maneira de forma que um galho folhoso escondesse a evidência.

– Não achei que faria uma coisa dessas – brincou Colin.

– Como você mesmo disse, não é das piores travessuras.

– Não, mas é a palmeira preferida de minha mãe.

– Colin! – Penelope virou-se no mesmo instante, com a intenção de enfiar a mão no meio da planta e recuperar a bomba de chocolate. – Como pôde permitir que eu... Espere aí. – Ela se empertigou e observou melhor. – Isso não é uma palmeira.

Ele era a própria imagem da inocência.

– Não?

– É uma laranjeira em miniatura.

Ele piscou.

– É mesmo?

Ela o encarou, furiosa. Ou, pelo menos, esperava parecer furiosa. Era difícil fazer uma expressão raivosa para Colin Bridgerton. Até mesmo a mãe observara, certa vez, que era quase impossível repreendê-lo.

Ele apenas sorria com um ar de arrependimento, dizia algo engraçado e não dava mais para continuar zangado com ele. Simplesmente não dava.

– Você estava tentando fazer com que me sentisse culpada – acusou Penelope.

– Qualquer pessoa poderia confundir uma palmeira com uma laranjeira.

Ela controlou a vontade de revirar os olhos.

– A não ser pelas laranjas.

Ele mordeu o lábio inferior, com uma expressão pensativa.

– Hum, é verdade, seria de imaginar que fossem um indício revelador.

– Você é um péssimo mentiroso, sabia?

Ele endireitou o corpo e ajeitou o colete de leve enquanto erguia o queixo.

– Na verdade, sou um ótimo mentiroso. Mas sou bom mesmo em me mostrar apropriadamente envergonhado e adorável quando pego.

O que ela podia dizer depois *daquilo*? Porque sem dúvida não havia ninguém mais adoravelmente envergonhado (ou envergonhadamente adorável?) do que Colin Bridgerton com as mãos cruzadas para trás, os olhos vasculhando o teto e os lábios dando um assovio inocente.

– Quando você era pequeno, alguma vez foi castigado? – quis saber Penelope, mudando de assunto de repente.

Colin no mesmo instante se empertigou, prestando atenção.

– Como disse?

– Alguma vez foi castigado, quando criança? – repetiu ela. – É castigado hoje em dia?

Ele se limitou a fitá-la, imaginando se ela por acaso tinha alguma noção do que estava lhe perguntando. Era provável que não.

– Hã... – retrucou ele, em grande parte por não ter mais nada a dizer.

Ela deixou escapar um suspiro um pouco condescendente.

– Imaginei que não.

Se fosse um homem menos tolerante e aquela fosse qualquer pessoa que não Penelope Featherington, que ele sabia que não era nem um pouco maliciosa,

talvez tivesse se ofendido. Mas ele era um sujeito muito tranquilo e aquela *era* Penelope Featherington, amiga leal de sua irmã só Deus sabia há quantos anos, então, em vez de assumir uma expressão dura e cínica (que, precisava admitir, jamais dominara), apenas sorriu e murmurou:

– O que quer dizer com isso?

– Não ache que tenho a intenção de criticar os seus pais – começou ela com ar inocente e zombeteiro ao mesmo tempo. – Eu jamais pensaria em sugerir que você foi mimado.

Ele assentiu, afável.

– É só que... – Ela inclinou o corpo para a frente, como se estivesse prestes a compartilhar um importante segredo – acredito que você poderia se safar de um homicídio se quisesse.

Ele tossiu – não para limpar a garganta ou porque não estivesse se sentindo bem, mas por ter ficado perplexo. Penelope era uma figura tão engraçada... Não, não era exatamente isso. Ela era... *surpreendente*. Sim, isso parecia resumi-la. Poucas pessoas a conheciam – sem dúvida ela não tinha a reputação de ser uma companhia agradável. Colin tinha quase certeza de que ela resistira a festas de três horas sem jamais dizer nada além de monossílabos.

Mas quando Penelope estava com alguém com quem se sentia confortável – e Colin se deu conta de que pelo jeito fazia parte desse grupo –, possuía um humor seco, um sorriso malicioso e evidências de uma inteligência admirável.

Não o surpreendia o fato de ela jamais ter atraído qualquer pretendente sério: não era nenhuma beldade, embora, analisando-a de perto, fosse mais atraente do que ele recordava. Os cabelos castanhos tinham um toque avermelhado, realçado pela luz tremeluzente das velas. E a pele era encantadora – daquele tom de pêssego e creme perfeito que muitas mulheres obtinham besuntando o rosto com arsênico.

Mas os atrativos de Penelope não eram do tipo que os homens costumavam notar. E seus modos tímidos e às vezes até mesmo vacilantes não serviam para exibir a sua personalidade.

Ainda assim, era uma pena que fosse tão pouco popular. Teria sido uma esposa perfeitamente adequada para alguém.

– Então, você dizia – refletiu ele, voltando a atenção ao assunto que discutiam – que eu deveria considerar uma carreira no crime?

– Não, nada do gênero – respondeu ela, com um sorriso recatado. – Apenas que eu desconfio que você conseguiria usar a sua lábia para sair de qualquer tipo de situação. – Então, de forma inesperada, ela ficou séria e confessou baixinho: – Eu invejo isso.

Colin se surpreendeu ao estender a mão e convidar:

– Penelope Featherington, acho que deveria dançar comigo.

Então, ela *o* surpreendeu ao rir e responder:

– É muito gentil da sua parte me convidar, mas não precisa mais fazer isso.

Ele sentiu o orgulho estranhamente ferido.

– Que diabo quer dizer com isso?

Ela deu de ombros.

– Agora é oficial. Eu sou uma solteirona. Não precisa mais dançar comigo só para que eu não me sinta excluída.

– Não era por isso que eu dançava com você – protestou Colin, embora soubesse que era esse o motivo exato.

E, metade das vezes, ele a convidara apenas porque a mãe o cutucara, *com força*, nas costas.

Ela o olhou com certa pena, o que o irritou, porque jamais se imaginou sendo objeto da piedade de Penelope Featherington.

– Se você acha – falou Colin, se empertigando – que eu vou permitir que se esquive de dançar comigo *agora*, só pode estar delirando.

– Não precisa dançar comigo só para provar que não se importa em fazê-lo – garantiu ela.

– Eu *quero* dançar com você – retrucou ele, quase rosnando.

– Está bem – concordou ela, após uma pausa que pareceu longa demais. – Creio que seria rude da minha parte recusar.

– Provavelmente foi rude da sua parte duvidar das minhas intenções – comentou ele, dando-lhe o braço –, mas estou disposto a perdoá-la se você conseguir perdoar a si mesma.

Ela tropeçou, o que o fez sorrir.

– Acho que consigo – conseguiu dizer, mesmo que em meio a um engasgo.

– Ótimo. – Ele lhe ofereceu um sorriso afável. – Eu odiaria pensar em você tendo que conviver com a culpa.

A música acabara de começar, então Penelope lhe deu a mão e fez uma

reverência ao iniciarem o minueto. Era difícil conversar enquanto dançavam, o que deu a ela alguns instantes para recuperar o fôlego e colocar as ideias em ordem.

Talvez tivesse sido um pouco dura com Colin. Não devia ter ralhado com ele por convidá-la para dançar quando a verdade era que aquelas danças estavam entre as suas lembranças mais queridas. Importava, de fato, que ele tivesse feito aquilo por pura pena? Teria sido pior se jamais a tivesse convidado.

Ela fez uma careta. Pior ainda: será que isso queria dizer que ela precisava se desculpar?

– A bomba de chocolate não estava boa? – indagou Colin quando o passo de dança fez com que se aproximassem.

Dez longos segundos se passaram antes que estivessem próximos o suficiente para ela poder perguntar:

– O que disse?

– Você está com uma expressão de quem comeu e não gostou – comentou ele, bem alto dessa vez, pois estava claro que perdera a paciência de esperar cada aproximação para que pudessem conversar.

Diversas pessoas os olharam, então se afastaram discretamente, como se Penelope pudesse passar mal e vomitar bem ali, no chão do salão de baile.

– Precisa gritar isso para o mundo inteiro ouvir? – sibilou Penelope.

– Sabe – começou ele, pensativo, inclinando-se numa elegante reverência enquanto a música chegava ao fim –, acho que esse foi o sussurro mais alto que já ouvi na vida.

Ele era insuportável, mas Penelope não ia dizê-lo porque só a faria parecer um personagem de romance ruim. Lera um apenas alguns dias antes no qual a heroína usava essa palavra (ou um de seus sinônimos) a cada duas páginas.

– Obrigada pela dança – falou ela, ao saírem da pista de baile.

Quase acrescentou: *Agora pode dizer à sua mãe que cumpriu sua obrigação,* mas logo refreou o impulso. Colin não fizera nada para merecer tanto sarcasmo. Não era culpado do fato de os homens só a convidarem para dançar quando eram forçados pelas mães. Pelo menos ele sempre sorrira e fora agradável enquanto cumpria o seu dever, o que era bem mais do que se podia dizer sobre o resto da população masculina.

Ele assentiu educadamente e murmurou um agradecimento. Estavam prestes a

se separar quando ouviram uma voz feminina:

– Sr. Bridgerton!

Ambos ficaram paralisados. Era uma voz que os dois conheciam. Que todos conheciam.

– Salve-me – gemeu Colin.

Penelope olhou por cima do ombro e viu a infame Lady Danbury abrindo caminho em meio aos convidados, que iam fazendo caretas de dor cada vez que sua onipresente bengala aterrissava sobre o pé de alguma mocinha infeliz.

– Quem sabe ela esteja se referindo a outro Sr. Bridgerton? – sugeriu Penelope. – Há vários de vocês presentes, afinal, e é possível...

– Eu lhe dou dez libras para não sair do meu lado – sugeriu Colin.

Penelope se engasgou com o ar.

– Não seja tolo, eu...

– Vinte.

– Feito! – concordou ela com um sorriso, não porque precisasse daquela quantia, mas por ser estranhamente divertido extorquir dinheiro de Colin. – Lady Danbury! – chamou, correndo para o lado da velha senhora. – Que prazer em vê-la.

– Ninguém jamais acha que é um prazer me ver – retrucou ela de forma brusca –, a não ser, talvez, pelo meu sobrinho, e metade das vezes não estou bem certa disso. Mas obrigada por mentir.

Colin não disse nada, mas ela se virou em sua direção e bateu em sua perna com a bengala.

– Fez bem em escolher essa aqui para dançar – comentou. – Sempre gostei dela. É mais inteligente do que o restante da família todo junto.

Penelope abriu a boca para defender ao menos a irmã mais nova quando Lady Danbury latiu:

– Rá! – Depois de uma pausa de menos de um segundo, acrescentou: – Notei que nenhum dos dois me contradisse.

– É sempre um deleite vê-la, Lady Danbury – comentou Colin, dando-lhe o tipo de sorriso que talvez tivesse oferecido a uma cantora de ópera.

– Muito eloquente, este rapaz – disse Lady Danbury para Penelope. – Cuidado com ele.

– Isso quase nunca é necessário – retorquiu Penelope –, pois ele passa a maior

parte do tempo fora do país.

– Viu só? – comemorou Lady Danbury. – Eu disse que ela era esperta.

– Note que eu não a contradisse – retrucou Colin, habilmente.

A velha senhora sorriu em aprovação.

– Não, mesmo. O senhor está ficando esperto na velhice, Sr. Bridgerton.

– Já foi dito que eu possuía alguma inteligência na juventude, também.

– Humpf. A palavra mais importante da frase sendo *alguma*, é claro.

Colin fitou Penelope pelos olhos estreitados. Ela parecia se segurar para não rir.

– Nós, mulheres, precisamos cuidar umas das outras – declarou Lady Danbury a ninguém em especial –, já que está muito claro que ninguém o fará por nós.

Colin decidiu que era, definitivamente, hora de partir.

– Acho que vi minha mãe – comentou.

– É impossível escapar – avisou Lady Danbury. – Nem se dê o trabalho. Além do mais, eu sei que você não viu sua mãe coisíssima alguma. Ela está ajudando uma desmiolada que rasgou a bainha do vestido. – Ela se virou para Penelope, que se esforçava tanto para controlar o riso que os olhos brilhavam com lágrimas não vertidas. – Quanto foi que ele lhe pagou para não deixá-lo a sós comigo?

Penelope simplesmente explodiu.

– Como? – arfou ela, tapando a boca com a mão, horrorizada.

– Não, não, pode falar – autorizou Colin, muito expansivo –, você já me foi tão útil mesmo...

– Não precisa me dar as vinte libras – disse ela.

– Eu não ia mesmo lhe dar.

– Apenas vinte libras? – indagou Lady Danbury. – Humpf. Imaginei valer pelo menos 25.

Colin deu de ombros.

– Sou o terceiro filho. Não tenho muito dinheiro, sinto informar.

– Ora! Os seus bolsos vivem sempre tão recheados quanto os de três condes, no mínimo – afirmou Lady Danbury. – Bem, talvez não condes – acrescentou, depois de pensar um pouco. – Mas alguns viscondes e a maioria dos barões, sem dúvida.

Colin deu um sorriso afável.

– Não é considerado indelicado falar sobre dinheiro na companhia de damas?

Lady Danbury deixou escapar um som que podia ser tanto uma respiração asmática quanto uma risada – Colin ficou sem saber qual –, então retrucou:

– É sempre indelicado perguntar sobre dinheiro, quer estejamos na companhia de damas ou de cavalheiros, mas, quando se tem a minha idade, pode-se fazer quase tudo o que se quer.

– Eu me pergunto o que uma pessoa *não* pode fazer na sua idade – refletiu Penelope.

Lady Danbury virou-se para ela.

– Como disse?

– A senhora comentou que se pode fazer *quase* tudo o que se quer.

Lady Danbury a fitou, incrédula, depois sorriu. Colin se deu conta de que também sorria.

– Gosto dela – observou a velha senhora dirigindo-se a ele, apontando para Penelope como se fosse alguma espécie de estátua à venda. – Eu já lhe falei que gosto dela?

– Creio que sim – murmurou ele.

Lady Danbury virou-se para Penelope e afirmou, com a expressão bastante séria:

– Creio que não seria capaz de evitar as consequências caso cometesse um homicídio, mas é tudo.

No mesmo instante, tanto Penelope quando Colin explodiram em ruidosas gargalhadas.

– O que foi? – indagou Lady Danbury. – O que há de tão engraçado?

– Nada – arfou Penelope.

Já Colin não conseguia dizer nem isso.

– Tem que ser alguma coisa – insistiu Lady Danbury. – E vou ficar aqui e azucrinar os dois a noite toda até me contarem o que foi. Podem acreditar quando lhes digo que *não* é o seu melhor plano de ação.

Penelope secou as lágrimas.

– É que eu acabo de dizer – começou a explicar, acenando com a cabeça na direção de Colin – que ele provavelmente conseguiria matar alguém e se safar.

– Foi mesmo? – Lady Danbury refletiu sobre aquilo, batendo com a bengala no chão de leve, da mesma forma que outra pessoa talvez coçasse o queixo ao pensar sobre uma questão de grande profundidade. – Acho que talvez esteja

certa. Acho que Londres nunca conheceu um homem tão encantador.

Colin ergueu uma das sobrancelhas.

– Por que tenho a impressão de que a senhora não diz isso em tom de elogio, Lady Danbury?

– Mas é claro que é um elogio, seu cabeça de vento.

Colin se virou para Penelope

– Ao contrário *disso*, que foi, sem dúvida, um elogio.

Lady Danbury estava radiante.

– Preciso admitir – comentou (na verdade, *garantiu* com veemência) – que não me divirto tanto assim desde o início da temporada.

– É um prazer servi-la – disse Colin, com um sorriso sincero.

– Este ano tem sido especialmente sem graça, não acha? – perguntou ela a Penelope.

A jovem assentiu.

– O ano passado também foi um pouco entediante – completou.

– Mas não tanto quanto este – insistiu Lady Danbury.

– Não perguntem minha opinião – disse Colin com amabilidade. – Eu estava fora.

– Humpf. Suponho que vá afirmar que a sua ausência é o motivo pelo qual estivemos, todos, tão enfadados.

– Eu nem sonharia com uma coisa dessas – respondeu Colin, com um sorriso desconcertante. – Mas sem dúvida, se a ideia lhe passou pela cabeça, deve ter algum mérito.

– Humpf. Seja qual for o caso, estou entediada.

Colin olhou para Penelope, que parecia muito quieta – presumivelmente prendendo o riso.

– Haywood! – gritou Lady Danbury de repente, acenando para que um cavalheiro de meia-idade se aproximasse. – Não concorda comigo?

Uma vaga expressão de pânico atravessou o rosto de lorde Haywood e então, quando ficou claro que não tinha como escapar, ele disse:

– Eu tenho, como plano de ação, *sempre* concordar com a senhora.

Lady Danbury virou-se para Penelope e perguntou:

– Ando imaginando coisas ou os homens estão ficando mais sensatos?

A única resposta de Penelope foi um descompromissado dar de ombros. Colin

decidiu que ela era, de fato, uma moça muito sábia.

Haywood, com seu rosto carnudo e seus olhos azuis, pigarreou e piscou sem parar.

– Hã... Com o que estou concordando, exatamente?

– Com o fato de que esta temporada está monótona – respondeu Penelope, solícita.

– Ah, Srta. Featherington – comentou Haywood, com certo gracejo na voz. – Eu não a vi aí.

Colin a olhou de soslaio apenas o suficiente para perceber seus lábios formarem um pequeno sorriso de frustração.

– Bem aqui, ao seu lado – murmurou ela.

– Claro, claro – retrucou Hayword, de maneira jovial. – E, sim, a temporada está sendo terrivelmente enfadonha.

– Alguém disse que a temporada está chata?

Colin olhou para a direita. Outro homem e duas senhoras acabavam de se juntar ao grupo e concordavam de forma veemente.

– Um tédio – disse um dos integrantes do trio. – Um tédio completo.

– Eu nunca frequentei festas tão banais – anunciou uma das senhoras, com um suspiro afetado.

– Terei que informar o fato à minha mãe – comentou Colin, lacônico.

Estava entre os mais serenos dos homens, mas alguns insultos não dava para deixar passar.

– Ah, não esta – apressou-se em acrescentar a mulher. – Na verdade, este baile é o único raio de luz numa série de eventos escuros e desoladores. Inclusive, eu acabava de dizer a...

– Pare agora – ordenou Lady Danbury –, antes que engasgue com o próprio veneno.

A mulher obedeceu no mesmo instante.

– É estranho – murmurou Penelope.

– Ah, Srta. Featherington – comentou a mulher que acabava de discursar sobre eventos escuros e desoladores. – Eu não a tinha visto aí.

– O que é estranho? – perguntou Colin, antes que mais alguém dissesse a Penelope como a achava pouco interessante.

Ela lhe lançou um pequeno sorriso de gratidão antes de se explicar:

– É estranho que a sociedade pareça se divertir observando como anda se divertindo pouco.

– Como? – indagou Haywood, parecendo confuso.

Penelope deu de ombros.

– Acredito que vocês todos estejam se divertindo bastante ao falar sobre quão entediados estão, só isso.

Seu comentário foi recebido com silêncio. Lorde Haywood continuou a se mostrar confuso e uma das senhoras parecia ter um grão de poeira no olho, pois não conseguia fazer mais nada além de piscar.

Colin não pôde evitar um sorriso. Não imaginara que a afirmação de Penelope fosse um conceito tão complicado assim de se entender.

– A única coisa interessante a se fazer é ler a coluna de Lady Whistledown – observou a outra senhora, como se Penelope jamais tivesse se pronunciado.

O cavalheiro a seu lado murmurou sua concordância.

Então, Lady Danbury começou a sorrir.

Colin ficou alarmado. A velha senhora estava com um ar aterrorizante.

– Tive uma ideia – disse ela.

Alguém abafou um grito. Outra pessoa gemeu.

– Uma ideia brilhante – continuou.

– Não que suas ideias não sejam todas brilhantes – murmurou Colin em sua voz mais afável.

Lady Danbury o calou com um aceno de mão.

– Quantos grandes mistérios existem nesta vida?

Como ninguém respondeu, Colin fez uma tentativa:

– Quarenta e dois?

Ela nem se deu o trabalho de fuzilá-lo com os olhos.

– Eu lhes digo, aqui e agora...

Todos inclinaram-se para a frente. Até mesmo Colin. Era impossível não compartilhar do drama do momento.

– Vocês são minhas testemunhas...

Colin achou ter ouvido Penelope murmurar algo como “Vamos logo com isso”.

– Mil libras – declarou Lady Danbury.

A multidão que a cercava começou a crescer.

– Mil libras – repetiu ela, a voz ficando mais alta. Realmente, ela tinha um talento inato para o palco. – Mil libras.

Parecia que o salão de baile inteiro mergulhara num silêncio reverente.

– Para a pessoa que desmascarar Lady Whistledown!

CAPÍTULO 3

Esta autora estaria sendo negligente se não mencionasse que o momento mais comentado da festa de aniversário de ontem à noite, na Casa Bridgerton, não foi o estimulante brinde a Lady Bridgerton (cuja idade não haverá de ser revelada), mas a impertinente oferta de Lady Danbury de mil libras para quem desmascarar...

A mim.

Façam o seu melhor, senhoras e senhores da alta sociedade. Vocês não têm a menor chance de solucionar este mistério.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
12 DE ABRIL DE 1824

Foram necessários exatamente três minutos para que a notícia do escandaloso desafio de Lady Danbury se espalhasse pelo salão de baile. Penelope sabia que era verdade porque, por acaso, estava de frente para um imenso (e, segundo Kate Bridgerton, bastante preciso) relógio de pé quando a senhora fez o anúncio. No momento em que ela pronunciou as palavras “Mil libras para a pessoa que desmascarar Lady Whistledown”, ele marcava 22h44. O ponteiro dos minutos não avançara além de 47 quando Nigel Berbrooke tropeçou de encontro a um círculo cada vez maior de pessoas que cercava Lady Danbury e elogiou a proposta dela: “Um suculento divertimento!”

E se Nigel tinha ouvido a respeito, significava que todo mundo tinha, porque o cunhado de Penelope não era conhecido pela inteligência, concentração ou capacidade de ouvir outra pessoa.

Tampouco, pensou Penelope, com sarcasmo, pela riqueza de vocabulário. “Suculento”, francamente.

– E quem você acha que vem a ser Lady Whistledown? – perguntou Lady Danbury a ele.

– Não tenho a menor ideia – admitiu o homem. – Eu é que não sou, é só o que

sei!

– Isso eu acho que todos nós sabemos – replicou Lady Danbury.

– E quem você acha que é? – indagou Penelope a Colin.

Ele deu de ombros.

– Tenho passado tempo demais fora de Londres para especular.

– Não seja tolo – reclamou Penelope. – O total do tempo que você passou na cidade sem dúvida inclui festas e confusões o bastante para formular algumas teorias.

Mas ele se limitou a balançar a cabeça.

– Eu realmente não saberia dizer.

Penelope o encarou por um instante a mais do que o necessário ou do que seria aceitável aos olhos da sociedade. Havia algo de estranho na expressão de Colin. Algo de efêmero e evasivo. A alta sociedade com frequência o via apenas como um homem encantador e sem grandes preocupações, nada mais, porém ele era muito mais inteligente do que deixava transparecer e ela apostaria a vida se ele não tinha as suas suspeitas.

Por algum motivo, no entanto, não estava disposto a compartilhá-las com ela.

– E quem *você* acha que é? – quis saber Colin, esquivando-se da pergunta dela. – Você frequenta os eventos da sociedade há quase tanto tempo quanto Lady Whistledown. Sem dúvida deve ter pensado a respeito.

Penelope relanceou o salão de baile à sua volta, detendo-se por um instante a mais em uma ou outra pessoa antes de retornar o olhar à pequena multidão que se formara a seu redor.

– Eu acho que poderia muito bem ser Lady Danbury – respondeu. – Não seria uma peça brilhante a se pregar em todos?

Colin fitou a velha senhora, que se divertia bastante discutindo o seu mais recente projeto. Batia a bengala no chão, tagarelava cheia de entusiasmo e sorria como uma gata feliz com um peixe inteirinho na boca.

– Faz sentido – disse ele, pensativo –, de uma forma um tanto perversa.

Penelope sentiu os cantos da boca se retorcerem.

– Perversa é exatamente o que ela é.

Colin observar Lady Danbury durante mais alguns segundos e depois falou baixinho:

– Só que você não acredita que seja ela.

Ele virou a cabeça devagar para encará-la, erguendo uma das sobrancelhas numa pergunta silenciosa.

– Dá para perceber pela sua expressão – explicou Penelope.

Ele ofereceu-lhe aquele sorriso aberto e fácil que dava com tanta frequência.

– E eu, aqui, pensando ser inescrutável.

– Sinto muito em lhe informar que não é – retrucou ela. – Pelo menos, não para mim.

Colin deixou escapar um suspiro.

– Acho que jamais será meu destino ser um herói misterioso e meditativo.

– Talvez você ainda se veja no papel de herói de alguém – concedeu Penelope. – Ainda há esperança. Mas misterioso e meditativo? – Ela sorriu. – Pouco provável.

– Que pena para mim – comentou ele, com vivacidade, dando mais um de seus famosos sorrisos, desta vez do tipo enviesado e infantil. – São os misteriosos e meditativos que ganham todas as mulheres.

Penelope tossiu discretamente, um pouco surpresa por ele estar discutindo aquele assunto com ela, sem falar do fato de Colin Bridgerton jamais ter tido qualquer dificuldade em atrair as mulheres.

Ele continuava sorrindo para ela, esperando uma resposta, e ela tentava decidir se a reação correta seria o polido ultraje de uma dama ou uma gargalhada e uma risadinha que significassem *eu sou muito espirituosa, não é mesmo?*, quando Eloise apareceu correndo e parou na frente deles.

– Vocês souberam da novidade? – perguntou ela, sem fôlego.

– Você estava *correndo*? – retrucou Penelope.

Era um feito e tanto num salão de baile tão abarrotado.

– Lady Danbury ofereceu mil libras para quem desmascarar Lady Whistledown!

– Nós sabemos – disse Colin, naquele tom de ligeira superioridade exclusivo dos irmãos mais velhos.

Eloise suspirou, desapontada.

– Sabem?

Colin gesticulou em direção a Lady Danbury, ainda a poucos metros de distância.

– Estávamos bem aqui quando tudo aconteceu.

Eloise fez uma expressão irritada e Penelope soube exatamente o que ela estava pensando (e que com certeza contaria a ela na tarde seguinte). Uma coisa era perder um momento importante. Outra era descobrir que o irmão havia assistido a tudo.

– Bem, as pessoas já estão comentando – prosseguiu Eloise. – Estão arrebatadas, na verdade. Há anos não vejo tamanha excitação coletiva.

Colin se virou para Penelope e murmurou:

– É por isso que saio do país com tanta frequência.

Penelope tentou não sorrir.

– Eu sei que você está falando de mim e não me importo – continuou Eloise, mal parando para respirar. – Mas me escutem: a sociedade enlouqueceu. Todos, todos *mesmo*, estão especulando sobre a identidade dela, embora os mais espertos fiquem quietos. Não querem que os outros ganhem à custa de seus palpites, é claro.

– Acho que não estou tão necessitado de mil libras para me importar tanto assim com isso – anunciou Colin.

– É muito dinheiro – comentou Penelope, pensativa.

Ele se virou para ela, incrédulo.

– Não me diga que vai participar desse jogo ridículo.

Ela inclinou a cabeça para o lado e ergueu o queixo num gesto que esperava ser enigmático – ou, se não enigmático, ao menos um pouquinho misterioso.

– Não tenho tanto dinheiro que possa ignorar a oferta de mil libras – observou.

– Talvez, se nos unirmos... – sugeriu Eloise.

– Salve-me, meu bom Deus – retrucou Colin.

Eloise o ignorou e se dirigiu à amiga:

– ... poderíamos dividir o dinheiro.

Penelope ia abrindo a boca para responder quando a bengala de Lady Danbury surgiu de súbito em seu campo de visão, agitando-se alucinadamente no ar. Colin teve que dar um passo rápido para o lado a fim de não ter a orelha decepada.

– Srta. Featherington! – ribombou a velha senhora. – Ainda não me disse de quem suspeita.

– Não, Penelope – provocou Colin, com um sorriso bastante afetado –, não disse mesmo.

O primeiro instinto dela foi resmungar algo inaudível e esperar que a idade de

Lady Danbury a tivesse deixado surda o bastante para supor que qualquer falta de compreensão fosse culpa dos próprios ouvidos, não de Penelope. Mas mesmo sem olhar para o lado podia sentir a presença de Colin, com seu sorriso sagaz e atrevido a atiçá-la, e se empertigou mais um pouco, levantando o queixo mais do que de costume.

Ele a tornava mais confiante, mais audaciosa, mais... ela mesma. Ou, pelo menos, a versão dela mesma que desejava poder ser.

– Na verdade – disse Penelope, fitando Lady Danbury *quase* nos olhos –, eu acho que é a senhora.

Um arquejo coletivo ecoou à sua volta.

Pela primeira vez na vida, Penelope Featherington se viu bem no centro das atenções.

Lady Danbury a encarou com os olhos azul-claros astutos e avaliadores. Então, a coisa mais impressionante aconteceu: os lábios dela começaram a tremer nos cantos. Em seguida, foram se abrindo até Penelope se dar conta de que o sorriso não parava de crescer.

– Eu gosto de você, Penelope Featherington – afirmou a senhora, batendo com a bengala bem na ponta do pé dela. – Aposto que metade das pessoas neste salão pensa a mesma coisa, embora ninguém tenha a coragem necessária para me dizer.

– Na verdade, eu também não tenho – admitiu Penelope, grunhindo de leve enquanto Colin lhe dava uma cotovelada nas costelas.

– É claro que tem – afirmou Lady Danbury com um brilho estranho no olhar.

Penelope não soube o que responder. Olhou para Colin, que lhe sorria de forma encorajadora, depois olhou outra vez para Lady Danbury, que lhe pareceu quase... maternal.

O que era a coisa mais estranha de todas. Penelope duvidava muito que Lady Danbury já tivesse olhado para os próprios filhos com expressão maternal.

– Não é ótimo descobrirmos que não somos exatamente o que pensávamos ser? – disse a velha senhora, aproximando-se de Penelope de maneira que só ela pudesse ouvir as suas palavras.

Então ela se afastou, deixando a jovem a se perguntar se talvez ela não fosse exatamente o que pensava ser.

Talvez – só talvez – fosse um pouquinho mais.

O dia seguinte era uma segunda-feira, o que significava que Penelope deveria tomar chá com as mulheres da família Bridgerton no Número Cinco. Não sabia ao certo quando dera início a esse hábito, mas o seguia havia quase uma década e, se não aparecesse naquela tarde, imaginava que Lady Bridgerton mandaria alguém buscá-la.

Penelope gostava muito do costume das Bridgertons de tomar chá com biscoitos naquele horário. Não se tratava de um hábito comum. Na verdade, Penelope não conhecia ninguém que fizesse isso todos os dias. Mas Lady Bridgerton dizia que não conseguia se sustentar só com o almoço, sobretudo quando se seguiam os horários da cidade, segundo os quais o jantar era servido bem tarde. Assim, todas as tardes, às quatro, ela, os filhos que estivessem presentes e, com frequência, um ou dois amigos se juntavam na sala de visitas do segundo andar para um lanche.

Chovia de leve, embora o dia estivesse um pouco quente, então Penelope levou o guarda-chuva preto para a curta caminhada até o Número Cinco. Era um caminho que já fizera centenas de vezes: passava por algumas casas até a esquina da Mount com a Rua Davies, depois pela Praça Berkeley e continuava até a Rua Bruton. Mas naquele dia estava despreocupada, com um humor talvez até um pouco infantil, e decidiu atravessar a parte norte do gramado da Praça Berkeley apenas por gostar do barulho que as botas faziam na grama molhada.

A culpa era de Lady Danbury. Só podia ser. Ela andava com o humor instável desde a conversa da noite anterior.

– Não sou o que eu pensava ser – cantarolava para si mesma, acrescentando uma nova palavra cada vez que as solas dos sapatos afundavam na terra. – Algo mais. Algo mais.

Chegou a um trecho especialmente encharcado e passou a andar sobre a grama como se estivesse patinando, cantando (baixinho, é claro – não havia mudado tanto assim desde a noite anterior a ponto de querer que alguém a ouvisse cantar em público) enquanto deslizava para a frente:

– Algo maaaaais.

E foi, é claro (já que ela possuía, pelo menos em sua opinião, o pior timing da história da civilização), bem nesse momento que ouviu uma voz masculina

chamar o seu nome.

Parou de repente e deu graças a Deus por conseguir recuperar o equilíbrio no último instante antes que desabasse com o traseiro no gramado encharcado.

É claro que só podia ser *ele*.

– Colin! – exclamou, meio envergonhada, permanecendo parada enquanto ele se aproximava. – Que surpresa.

Ele parecia prender o riso.

– Estava dançando?

– Dançando? – ecoou ela.

– Você parecia estar dançando.

– Ah. Não. – Ela engoliu em seco, culpada, porque, embora não estivesse mentindo, tecnicamente, tinha a sensação de estar. – É claro que não.

Colin estreitou um pouco os olhos.

– Que pena. Eu me sentiria forçado a acompanhá-la. Nunca dancei na Praça Berkeley.

Se ele tivesse lhe dito a mesma coisa alguns dias antes, Penelope teria rido e deixado que ele fosse o espirituoso, o encantador dos dois. Mas ela deve ter ouvido a voz de Lady Danbury outra vez em algum lugar da memória, porque, de repente, decidiu que não queria ser a mesma Penelope Featherington de sempre.

Decidiu participar da brincadeira.

Abriu um sorriso de que nem se achava capaz, um do tipo travesso e misterioso, e ela sabia que não estava imaginando coisas porque Colin arregalou bastante os olhos quando ela murmurou:

– Que pena. É muito divertido.

– Penelope Featherington – disse ele, arrastando cada sílaba. – Pensei que tinha dito que não estava dançando.

Ela deu de ombros.

– Eu menti.

– Nesse caso, quero ter o prazer de conduzi-la.

De repente, Penelope se sentiu ridícula. Era por isso que não devia permitir que os sussurros de Lady Danbury lhe subissem à cabeça. Até conseguia ser audaz e sedutora por um curto período, mas não tinha a menor ideia de como sustentar essa imagem.

Ao contrário de Colin, obviamente, que tinha um sorriso diabólico nos lábios e os braços estendidos numa perfeita pose de valsa.

– Colin – arfou ela –, estamos na Praça Berkeley!

– Eu sei. Acabei de lhe dizer que eu nunca dancei aqui, se esqueceu?

– Mas...

Colin cruzou os braços.

– Tsc, tsc. Não pode lançar um desafio como este para depois se esquivar. Além do mais, dançar aqui me parece o tipo de coisa que uma pessoa deva fazer pelo menos uma vez na vida, não acha?

– Alguém poderia ver – sussurrou ela, com desespero.

Ele deu de ombros, tentando esconder que estava se divertindo com a reação dela.

– Eu não me importo. E você?

As faces dela ficaram rosadas e, ao que pareceu, ela precisou de um grande esforço para pronunciar as palavras:

– As pessoas vão achar que você está me cortejando.

Ele a observou com atenção, sem compreender por que ela estava tão perturbada. Quem se importava com o fato de as pessoas acharem que ele a estava cortejando? O boato logo se provaria falso e eles dariam boas risadas à custa da sociedade. Estava prestes a dizer "Que se dane a sociedade", mas ficou em silêncio. Havia algo pairando nas profundezas daqueles olhos castanhos, uma emoção que ele não podia nem mesmo começar a identificar.

Uma emoção que ele suspeitava jamais ter experimentado.

Então, Colin se deu conta de que a última coisa que queria fazer era magoar Penelope. Ela era a melhor amiga de sua irmã e, além do mais, era, pura e simplesmente, uma menina muito amável.

Ele fez uma careta. Supunha que não devia mais chamá-la de menina. Aos 28 anos, ela já tinha passado dessa fase, assim como ele, aos 33.

Por fim, de forma bastante cuidadosa e com uma boa dose de sensibilidade, Colin perguntou:

– Há algum motivo pelo qual devamos nos preocupar se as pessoas acharem que eu a estou cortejando?

Penelope fechou os olhos e, por um instante, Colin achou que ela talvez estivesse sofrendo. Quando os abriu, seu olhar era quase agridoce.

– Na verdade, seria muito engraçado – falou. – A princípio.

Ele ficou em silêncio, esperando que ela continuasse.

– Por fim, se tornaria óbvio que não é verdade e ficaria... – Ela parou, engoliu em seco, e Colin se deu conta de que ela não estava tão tranquila quanto queria transparecer – ... ficaria subentendido que foi você que terminou tudo, porque... bem, simplesmente ficaria.

Ele não discutiu. Sabia que suas palavras eram verdadeiras.

Penelope deu um suspiro triste.

– Eu não quero me sujeitar a isso. Até mesmo Lady Whistledown escreveria a respeito. E como haveria de não escrever? Seria um boato delicioso demais para que ela resistisse.

– Peço desculpas, Penelope – disse Colin.

Não sabia ao certo por que se desculpava, mas, ainda assim, lhe pareceu a coisa certa a fazer.

Ela deu um aceno breve com a cabeça, assentindo.

– Eu sei que não deveria me importar com o que os outros pensam, mas me importo.

Ele se afastou um pouco dela enquanto pesava suas palavras. Ou talvez estivesse pesando o seu tom de voz. Ou, quem sabe, ambos.

Colin sempre pensara que estivesse acima da sociedade. Não fora dela, visto que frequentava as festas e costumava se divertir bastante nelas. Mas sempre partira do princípio de que a sua felicidade não dependia da opinião dos outros.

No entanto, talvez não estivesse pensando no assunto da forma correta. É fácil achar que não nos importamos com a opinião dos outros quando elas nos são sempre favoráveis. Será que ele ignoraria com tanta facilidade o que os membros da sociedade achavam se eles o tratassem da maneira como tratavam Penelope?

Ela nunca fora vítima de ostracismo, jamais fora sujeitada a algum escândalo. Apenas não era... popular.

Sim, as pessoas a tratavam com educação e os Bridgertons a haviam acolhido, mas a maior parte das recordações que Colin tinha de Penelope eram de sua figura nas margens dos salões de baile, tentando não olhar para os casais que dançavam, claramente fingindo que não desejava estar em seu lugar. Em geral era nesse momento que ele mesmo se aproximava e a convidava. Ela sempre lhe parecia grata pelo pedido, mas também um pouco envergonhada, porque os dois

sabiam que ele o fazia, pelo menos em parte, por sentir um pouco de pena.

Colin tentou se colocar no lugar dela. Não era fácil. Ele sempre havia sido popular. Na escola, os amigos o viam como um modelo a ser seguido e as mulheres se aglomeraram à sua volta quando ele ingressara na sociedade. E, por mais que ele dissesse que não se importava com o que os outros pensavam, no final das contas...

Gostava muito de ser admirado.

De repente, não sabia o que dizer, o que era estranho, porque ele *sempre* sabia o que dizer. Na verdade, era até um pouco famoso por isso. Talvez essa fosse uma das razões pelas quais gostavam tanto dele, refletiu.

Teve a sensação de que os sentimentos de Penelope dependiam de suas próximas palavras e, em algum momento dos últimos dez minutos, os sentimentos dela haviam adquirido grande importância para ele.

– Você tem razão – respondeu, por fim, decidindo que era sempre uma boa ideia dizer a uma pessoa que ela estava certa. – Foi muito insensível da minha parte. Que tal começarmos de novo?

Ela piscou, aturdida.

– Como?

Ele fez um gesto largo, como se isso pudesse explicar tudo.

– Começar do zero.

Ela lhe pareceu adorável e confusa, o que *o* confundiu, porque jamais achara Penelope adorável.

– Mas nos conhecemos há doze anos – observou ela.

– Faz mesmo tanto tempo? – Ele vasculhou a memória, mas não conseguia recordar a primeira vez que os dois se encontraram. – Isso não importa. Eu quis dizer apenas por esta tarde, sua boba.

Ela conseguiu sorrir, apesar do que sentia, e ele soube que chamá-la de boba fora a coisa certa a fazer, embora não tivesse a menor ideia do porquê.

– Então, lá vamos nós – começou ele, alongando as palavras enquanto fazia um imenso floreio dos braços. – Você está passando pela Praça Berkeley e me vê ao longe. Eu a chamo e você responde dizendo...

Penelope mordeu o lábio inferior, tentando, por algum motivo desconhecido, conter o sorriso. Sob que estrela mágica nascera Colin, para *sempre* saber o que dizer? Ele parecia o flautista mágico, deixando corações felizes e rostos

sorridentes por onde passava. Penelope poderia apostar bem mais do que as mil libras que Lady Danbury oferecera que não era a única mulher em Londres perdidamente apaixonada pelo terceiro dos irmãos Bridgertons.

Ele inclinou a cabeça para um lado e, em seguida, ergueu-a num gesto de encorajamento.

– Eu respondo dizendo... – repetiu Penelope, devagar. – Respondo dizendo...

Colin aguardou dois segundos, então falou:

– Sério, quaisquer palavras servem.

Penelope planejara cravar um sorriso luminoso nos lábios, mas descobriu que já estava sorrindo, e que o gesto era verdadeiro.

– Colin! – exclamou, fingindo estar surpresa com a sua chegada. – O que está fazendo aqui?

– Excelente resposta – elogiou ele.

Ela balançou o dedo em sua direção.

– Está saindo do personagem.

– Sim, sim, é claro, me desculpe. – Ele fez uma pausa, piscou duas vezes e disse: – Pronto. Que tal isto: o mesmo que você, eu imagino. Indo ao Número Cinco para o chá.

Penelope entrou no ritmo da conversa:

– Do jeito que falou, parece que é só uma visita. Não mora mais lá?

Ele fez uma careta.

– Espero que em uma semana ou duas, no máximo, não more mais. Estou procurando outro lugar. Tive que abrir mão do meu antigo alojamento quando parti para o Chipre e ainda não encontrei um substituto à altura. Tinha assuntos para resolver em Piccadilly e senti vontade de voltar caminhando.

– Na chuva?

Ele deu de ombros.

– Não estava chovendo quando saí hoje de manhã. E, agora, é só um chuvisco.

Só um chuvisco, pensou Penelope. Chuvisco que grudava naqueles cílios obscenamente longos, que emolduravam olhos de um verde tão perfeito que inspirara mais de uma jovem a fazer (péssima) poesia sobre eles. Até mesmo Penelope, ajuizada como gostava de pensar ser, passara muitas noites na cama, fitando o teto, sem ver nada além daqueles olhos.

Só um chuvisco, de fato.

– Penelope?

Ela acordou de seu devaneio.

– Certo. Também estou indo tomar chá com a sua mãe. Faço isso toda segunda-feira. E, com frequência, em outros dias também – admitiu. – Quando não... hã... quando não há nada de interessante acontecendo na minha casa.

– Não precisa ficar tão culpada a respeito disso. Minha mãe é uma mulher encantadora. Se quer que você vá tomar chá com ela, deve ir.

Penelope tinha o péssimo hábito de tentar ler nas entrelinhas do que as pessoas diziam e achava que o que Colin queria dizer, na verdade, era que não a culpava se o que ela desejava era fugir da própria mãe de vez em quando. O que, de alguma forma, a fez sentir-se triste.

Ele ficou se balançando sobre os calcanhares por alguns instantes, então disse:

– Bem, eu não deveria mantê-la aqui na chuva.

Ela sorriu, porque já estavam ali ao ar livre havia pelo menos quinze minutos. Ainda assim, se ele tivesse desejado dar continuidade à brincadeira, ela teria feito o mesmo.

– Quem está segurando o guarda-chuva sou eu – observou.

Ele sorriu.

– Isso é verdade. Mas eu não seria muito cavalheiro se não a conduzisse a um ambiente mais hospitaleiro. E falando nisso...

Ele franziu a testa, olhando à sua volta.

– Falando em quê?

– Em ser cavalheiro. Acredito que seja nossa responsabilidade cuidar do bem-estar das senhoras.

– E...?

Ele cruzou os braços.

– Você não deveria estar com uma dama de companhia?

– Eu moro no mesmo quarteirão, dobrando a esquina – retrucou ela, um pouco desapontada por ele não se lembrar disso. Ela e a irmã eram as melhores amigas de duas de suas irmãs, afinal. Ele até a levara em casa algumas vezes. – Na Rua Mount – acrescentou, quando a testa franzida dele não voltou ao normal.

Ele estreitou um pouco os olhos em direção à Rua Mount, embora Penelope não tivesse a menor ideia do que ele esperava conseguir com isso.

– Ora, pelo amor de Deus, Colin. Fica quase na esquina da Rua Davies. Fica a

cinco minutos, no máximo, da casa de sua mãe. Quatro se eu andar rápido.

– Eu só estava vendo se havia locais escuros ou recuados na rua. – Ele se virou para encará-la. – Onde um criminoso talvez pudesse ficar à espreita.

– Em *Mayfair*?

– Em Mayfair – repetiu ele, soturno. – Eu realmente acho que você deveria ter uma dama de companhia para caminhar com você em seus passeios. Eu detestaria que algo lhe acontecesse.

Ela ficou estranhamente comovida com a preocupação dele, embora soubesse que Colin teria demonstrado igual atenção para com qualquer dama conhecida sua. Fazia parte de seu caráter.

– Posso lhe garantir que sigo todas as convenções quando percorro distâncias mais longas – disse ela. – Mas lá de fato é perto demais. São apenas alguns quarteirões. Nem a minha mãe se importa.

Colin pareceu travar o maxilar de repente.

– Sem contar que eu tenho 28 anos – acrescentou Penelope.

– E o que isso tem a ver com a questão? Eu tenho 33, se lhe interessa saber.

Ela sabia, é claro, já que sabia quase tudo a seu respeito.

– Colin – retrucou Penelope, transparecendo alguma irritação.

– Penelope – devolveu ele, exatamente no mesmo tom.

Ela deixou escapar um longo suspiro antes de falar:

– Meu status de solteirona já está bastante consolidado a esta altura, Colin. Não preciso me preocupar com todas as regras que me atormentavam aos 17 anos.

– Eu não acho...

Penelope plantou uma das mãos no quadril.

– Se não acredita em mim, pergunte à sua irmã.

Colin de repente adquiriu a expressão mais séria que Penelope já o vira fazer.

– Eu faço questão de não perguntar à minha irmã assuntos relacionados ao bom senso.

– Colin! – exclamou Penelope. – Mas que coisa horrível de se dizer.

– Eu não falei que não a amo. Não falei nem mesmo que não gosto dela. Eu adoro Eloise, você sabe muito bem. Mas...

– Qualquer frase que comece com *mas* só pode terminar mal – murmurou Penelope.

– Eloise já deveria estar casada a esta altura – continuou ele, com uma arrogância atípica.

Ora, *aquilo* já era um pouco demais, sobretudo naquele tom de voz.

– Alguns poderiam dizer – respondeu Penelope, inclinando o queixo de leve em um gesto de superioridade – que você também deveria estar casado a esta altura.

– Ora, por...

– Afinal você tem, como me informou com tanto orgulho, 33 anos.

Um vislumbre de divertimento perpassou o rosto de Colin, apesar de seu ligeiro ar de irritação sugerir que ele não acharia graça por muito tempo.

– Penelope, nem pense...

– Ancião! – trinou ela.

Ele praguejou baixinho, o que a surpreendeu, porque não se lembrava de já tê-lo visto fazer isso na presença de uma dama. Devia ter interpretado aquilo como um aviso, mas estava exasperada demais. Imaginava que o velho ditado fosse verdadeiro: coragem gera coragem.

Ou, em seu caso, talvez a imprudência gerasse imprudência, porque Penelope simplesmente olhou para ele com ar malicioso e disse:

– Os seus dois irmãos mais velhos já não estavam casados aos 30 anos?

Para a própria surpresa, Colin sorriu e cruzou os braços enquanto encostava um dos ombros na árvore sob a qual se encontravam.

– Meus irmãos e eu somos muito diferentes.

Aquela era, Penelope percebeu, uma afirmação muito reveladora, pois diversos membros da alta sociedade, incluindo a lendária Lady Whistledown, sempre faziam grande alarde da semelhança dos irmãos Bridgertons. Alguns haviam chegado a ponto de dizer que eram intercambiáveis. Penelope nunca achara que algum deles se incomodasse com isso – na verdade, supunha que ficassem envaidecidos com a comparação, uma vez que se amavam tanto. Mas talvez estivesse enganada.

Ou talvez nunca tivesse olhado com atenção suficiente.

O que era bastante estranho, pois tinha a sensação de que passara metade da vida observando Colin.

No entanto, se Colin tinha ficado irritado, não a deixara perceber. Penelope sem dúvida ficara bastante satisfeita ao pensar que poderia atingi-lo com sua

pequena provocação, dizendo que os irmãos haviam se casado antes dos 30 anos.

Mas não: o método de ataque dele era um sorriso preguiçoso e uma piada perfeitamente colocada. Se Colin algum dia perdesse a compostura...

Penelope balançou a cabeça de leve, incapaz até mesmo de imaginar isso. Colin jamais perderia a paciência. Pelo menos não na frente dela. Teria que estar muito transtornado para se descontrolar. E esse tipo de fúria só podia ser causado por alguém por quem a pessoa tivesse uma afeição real, verdadeira, *profunda*.

Colin gostava dela – talvez até mais do que da maioria das pessoas –, mas não tinha nenhuma grande *afeição* por ela. Não daquele jeito.

– Talvez devamos, apenas, concordar em discordar – propôs ela.

– Sobre o quê?

– Hã... – Ela já não lembrava direito. – Hã... sobre o que uma solteirona pode ou não pode fazer?

Ele parecia se divertir com a sua hesitação.

– Isso provavelmente exigiria que eu acatasse em alguma medida a opinião de minha irmã mais nova, o que seria, como pode imaginar, muito difícil para mim.

– Mas não se importa em acatar a *minha* opinião?

O sorriso que ele lhe deu foi preguiçoso e muito travesso.

– Não, se prometer não contar isto a mais ninguém.

Ele não falava sério, é claro. E ela sabia que ele sabia que ela sabia que ele não falava sério. Mas assim era Colin. O senso de humor e um sorriso facilitavam qualquer coisa. E – maldito fosse! – aquilo funcionou, pois ela suspirou, sorriu e, antes de se dar conta, disse:

– Já chega! Sigamos para a casa da sua mãe.

Ele deu um largo sorriso.

– Acha que ela vai servir biscoitos?

Penelope revirou os olhos.

– Eu *sei* que ela vai servir biscoitos.

– Que bom – retrucou ele, partindo a passos rápidos e praticamente a arrastando junto. – Eu amo muito a minha família, mas vou mesmo é pela comida.

CAPÍTULO 4

É difícil imaginar que haja qualquer notícia a respeito do baile dos Bridgertons mais importante que a determinação de Lady Danbury em descobrir a identidade desta autora, mas os seguintes itens precisam ser observados:

O Sr. Geoffrey Albansdale foi visto dançando com a Srta. Felicity Featherington.

A Srta. Felicity Featherington também foi vista dançando com o Sr. Lucas Hotchkiss.

O Sr. Lucas Hotchkiss foi visto dançando com a Srta. Hyacinth Bridgerton.

A Srta. Hyacinth Bridgerton também foi vista dançando com o visconde de Burwick.

O visconde de Burwick também foi visto dançando com a Srta. Jane Hotchkiss.

A Srta. Jane Hotchkiss também foi vista dançando com o Sr. Colin Bridgerton.

O Sr. Colin Bridgerton também foi visto dançando com a Srta. Penelope Featherington.

E para finalizar essa incestuosa brincadeira de roda, a Srta. Penelope foi vista conversando com o Sr. Geoffrey Albansdale. (Teria sido perfeito demais se ela tivesse dançado com ele, concorda, caro leitor?)

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
12 DE ABRIL DE 1824

Quando Penelope e Colin adentraram na sala de visitas, Eloise e Hyacinth já tomavam chá, junto com Violet e Kate. A primeira encontrava-se sentada diante do serviço de chá e a outra, esposa de Anthony, o atual visconde, tentava, sem muito sucesso, manter Charlotte, a filha de 2 anos do casal, sob controle.

– Olhem só quem encontrei na Praça Berkeley – anunciou Colin.

– Penelope – cumprimentou Violet com um sorriso acolhedor. – Sente-se. O chá ainda está morno e a cozinheira fez os famosos biscoitos amanteigados.

Colin partiu em direção à comida, mal parando para cumprimentar as irmãs.

Penelope acomodou-se em uma poltrona vizinha à de Violet.

– Biscoitos estão gostosos – disse Hyacinth, empurrando um prato em sua direção.

– Hyacinth – chamou Violet, numa voz que denotava leve desaprovação –, tente falar com frases completas.

A menina olhou para a mãe com expressão de surpresa.

– Biscoitos. Estão. Gostosos. – Ela inclinou a cabeça para o lado. – Substantivo. Verbo. Adjetivo.

– Hyacinth.

Penelope percebeu que Violet tentava demonstrar dureza enquanto ralhava com a filha, embora não estivesse tendo muito sucesso.

– Substantivo. Verbo. Adjetivo – repetiu Colin, limpando uma migalha do rosto sorridente. – Frase. Está. Correta.

– Só se você for semianalfabeto – retorquiu Kate, pegando um biscoito. – Estes biscoitos estão *mesmo* gostosos – falou para Penelope com um sorriso sem graça tomando-lhe os lábios. – Este já é o meu quarto.

– Eu adoro você, Colin – declarou Hyacinth, ignorando Kate por completo.

– É claro que ama – murmurou ele.

– Pessoalmente, prefiro colocar artigos antes dos substantivos nos meus escritos – decretou Eloise, muito superior.

Hyacinth resfolegou.

– Nos seus *escritos*?

– Eu redijo muitas cartas – retrucou ela, fungando. – Além de escrever um diário, que posso lhe garantir ser um hábito muito benéfico.

– De fato nos mantém muito disciplinadas – contribuiu Penelope, aceitando um pires com uma xícara das mãos estendidas de Violet.

– Você também escreve um diário? – perguntou Kate, sem olhar para ela, uma vez que acabara de saltar da poltrona para agarrar a filha antes que a menina escalasse uma mesinha de canto.

– É uma pena, mas não – respondeu Penelope, balançando a cabeça. – Exige

disciplina demais para o meu gosto.

– Não acho que seja sempre necessário colocar um artigo antes de um substantivo – insistiu Hyacinth, incapaz, como sempre, de abrir mão do próprio argumento.

Para infortúnio do restante do grupo, Eloise era tão tenaz quanto a irmã.

– É possível deixar de lado o artigo se estiver se referindo ao substantivo em questão de uma maneira geral – disse, franzindo os lábios com desdém –, mas, neste caso, uma vez que se referia a biscoitos *específicos*...

Penelope não estava certa disso, mas teve a impressão de ter ouvido Violet gemer.

– ... então, especificamente – continuou Eloise, arqueando as sobrancelhas –, você está errada.

Hyacinth se virou para Penelope.

– Tenho certeza de que ela não usou *especificamente* de forma correta nessa última frase.

Penelope pegou mais um biscoito.

– Eu me recuso a entrar nessa conversa.

– Covarde – murmurou Colin.

– Não, apenas faminta. – Ela se virou para Kate. – Estão *muito* gostosos.

Kate assentiu.

– Ouvi boatos de que sua irmã talvez fique noiva – comentou em seguida.

Penelope piscou, surpresa. Não havia imaginado que a ligação de Felicity com o Sr. Albansdale fosse de conhecimento público.

– E como você soube desse boato?

– Por Eloise, é claro – explicou Kate, com grande simplicidade. – Ela sempre sabe de tudo.

– E o que eu não sei – completou a garota, com um sorriso fácil – Hyacinth normalmente sabe. É muito conveniente.

– Vocês têm certeza de que uma das duas não é Lady Whistledown? – brincou Colin.

– Colin! – exclamou Violet. – Como pode até mesmo pensar numa coisa dessas?

Ele deu de ombros.

– Sem dúvida ambas são inteligentes o bastante para realizar uma façanha

dessas.

Eloise e Hyacinth ficaram radiantes.

Nem mesmo Violet pôde ignorar o elogio.

– Sim, bem... – falou depois de uma pausa – Hyacinth é jovem demais, e Eloise... – Ela olhou para a filha em questão, que a observava com uma expressão divertida. – Bem, Eloise não é Lady Whistledown, tenho certeza.

Eloise olhou para Colin.

– Eu não sou Lady Whistledown.

– Que pena – lamentou ele. – Ou estaria podre de rica a essa altura.

– Sabe – começou Penelope, pensativa –, essa talvez fosse uma boa forma de descobrir a identidade dela.

Cinco pares de olhos se viraram em sua direção.

– Ela só pode ser alguém com mais dinheiro do que deveria ter em teoria – explicou Penelope.

– Um bom argumento – concordou Hyacinth –, a não ser pelo fato de que eu não tenho a menor ideia de quanto dinheiro as pessoas deveriam ter.

– Eu também não, é claro – concordou Penelope. – Embora, na maioria das vezes, seja possível ter uma ideia *geral*. – Diante do olhar perdido de Hyacinth, ela acrescentou: – Por exemplo, se eu de repente saísse e comprasse um conjunto de brilhantes, isso seria muito suspeito.

Kate cutucou Penelope com o cotovelo.

– E então, comprou algum conjunto de brilhantes nos últimos tempos, hein? Umas mil libras me poderiam ser úteis...

Penelope revirou os olhos antes de responder, porque, como a atual viscondessa de Bridgerton, Kate sem dúvida não precisava de mil libras.

– Posso lhe garantir que não possuo um único diamante – disse. – Nem mesmo um anel.

Kate deixou escapar um “puxa” de desagrado fingido.

– Bem, então você não nos serve para nada.

– Não é tanto pelo dinheiro – declarou Hyacinth. – É mais pela glória.

Violet tossiu dentro de sua xícara de chá.

– Espere um instante, Hyacinth – falou em seguida. – O que acabou de dizer?

– Pense só nos louros que uma pessoa mereceria por enfim desmascarar Lady Whistledown – sugeriu Hyacinth. – Seria a glória.

– Você está dizendo que não se importa com o dinheiro? – perguntou Colin, com uma expressão de afabilidade forçada.

– Eu jamais diria *isso* – retrucou Hyacinth com um sorriso insolente.

Ocorreu a Penelope que, de todos os Bridgertons, Hyacinth e Colin eram os mais parecidos. Talvez fosse bom Colin passar tanto tempo fora do país. Se ele e a irmã caçula algum dia unissem forças, provavelmente conquistariam o mundo.

– Hyacinth, eu a proíbo de transformar a busca pela identidade de Lady Whistledown no seu objetivo de vida – decretou Violet com firmeza.

– Mas...

– Não estou dizendo que não possa ponderar sobre a questão e fazer algumas perguntas – apressou-se em acrescentar Violet, erguendo uma das mãos para impedir quaisquer outras interrupções. – Por Deus, seria de se esperar que, depois de quase quarenta anos de maternidade, eu não precisasse mais impedi-los de fazer qualquer coisa com que cismassem, por maior que fosse a tolice.

Penelope levou a xícara aos lábios para encobrir o sorriso.

– Mas é que você sabe ser bastante cabeça-dura em determinadas ocasiões – concluiu Violet.

Em seguida, pigarreou com toda a delicadeza.

– Mamãe!

Violet continuou como se Hyacinth jamais tivesse se pronunciado:

– E eu não quero que se esqueça de que o seu principal objetivo neste momento deve ser encontrar um marido.

Hyacinth pronunciou a palavra “Mamãe” novamente, embora dessa vez tenha sido mais um gemido do que um protesto.

Penelope olhou de soslaio para Eloise, que tinha os olhos fixos no teto, claramente tentando não sorrir. Eloise resistira a anos de implacáveis tentativas da mãe de lhe encontrar um marido e não se importava nem um pouco com o fato de ela parecer ter desistido e voltado-se para Hyacinth.

Na verdade, Penelope estava surpresa por Violet enfim ter aceitado o status de solteira de Eloise. Jamais escondera que o seu maior objetivo na vida era ver os oito filhos casados e felizes. Tivera sucesso com quatro. Primeiro, Daphne se casara com Simon e se tornara duquesa de Hastings. No ano seguinte, Anthony desposara Kate. Houvera uma certa calmaria depois disso, mas tanto Benedict quanto Francesca haviam se casado no intervalo de um ano: Benedict com

Sophie e Francesca com um escocês, o conde de Kilmartin.

Francesca, infelizmente, ficara viúva apenas dois anos após o casamento. Agora, dividia o tempo entre a família do marido, na Escócia, e a sua, em Londres. Quando estava na cidade, porém, insistia em ficar na Casa Kilmartin em vez de na Casa Bridgerton ou no Número Cinco. Penelope não a culpava por isso. Se fosse viúva, também iria querer usufruir de toda a sua independência.

Hyacinth costumava suportar as investidas casamenteiras da mãe com bom humor, já que, como ela mesma dissera a Penelope, de fato pretendia se casar em algum momento. Assim, permitia que Violet tivesse todo o trabalho para que ela pudesse escolher o próprio marido quando o pretendente correto surgisse.

E foi com essa disposição amigável que ela se levantou, beijou a mãe no rosto e lhe prometeu, com obediência, que seu principal objetivo seria procurar um marido. Enquanto falava, lançou um sorriso insolente e malicioso para os dois irmãos presentes. Mal retornara à sua poltrona quando perguntou ao grupo:

– E então, acham que ela vai ser pega?

– Continuamos falando sobre a tal Whistledown? – gemeu Violet.

– Ainda não ouviram a teoria de Eloise? – indagou Penelope.

Todos olharam para ela e, em seguida, para Eloise.

– Hã... e qual é a minha teoria mesmo? – perguntou Eloise.

– Faz apenas... bem, não sei, talvez uma semana – começou Penelope. – Estávamos as duas conversando sobre Lady Whistledown quando eu disse que não achava que sua identidade pudesse continuar em segredo para sempre, que em algum momento ela haveria de cometer um erro. Então, Eloise falou que não estava tão certa assim, porque já faz dez anos que ela mantém a coluna e que, se fosse cometer um erro, isso já deveria ter acontecido. Então eu disse que não, que ela não passa de um ser humano. Que, em algum momento, vai escorregar, porque ninguém pode fazer um segredo durar para sempre, então...

– Ah, lembrei! – interrompeu Eloise. – Estávamos na sua casa, no seu quarto, e eu tive uma ideia brilhante! Disse a Penelope que apostava que Lady Whistledown já havia cometido um erro e que nós é que éramos idiotas demais para percebermos.

– Acho que isso não é muito elogioso para conosco – murmurou Colin.

– Bem, quando eu disse *nós*, estava me referindo à sociedade como um todo, não só a nós, os Bridgertons – objetou Eloise.

– Então, talvez a única coisa da qual precisemos para desmascarar Lady Whistledown seja vasculhar exemplares antigos da coluna – refletiu Hyacinth.

Os olhos de Violet foram tomados por um certo pânico.

– Hyacinth, não estou gostando dessa sua expressão.

A menina sorriu e deu de ombros.

– Eu poderia me divertir tanto com mil libras...

– Que Deus nos ajude – foi a única resposta da mãe.

– Penelope – chamou Colin de repente –, você não terminou de nos contar sobre Felicity. É verdade que ela vai ficar noiva em breve?

Penelope terminou o chá que estava bebericando. Colin tinha uma forma de olhar, com os olhos verdes tão focados e atentos, que a pessoa tinha a sensação de que os dois eram os únicos em todo o universo. Infelizmente para Penelope, isso também parecia ter o poder de reduzi-la a uma idiota gaguejante. Quando estavam no meio de uma conversa, ela em geral conseguia se controlar, mas quando ele a surpreendia daquele jeito, voltando a atenção para ela no momento em que ela já se convencera de ter se misturado com perfeição ao papel de parede, ficava completamente perdida.

– Hã... Sim, é bastante possível – respondeu. – O Sr. Albansdale tem dado indicações das suas intenções. Mas se ele de fato decidir pedi-la em casamento, imagino que irá à Ânglia Oriental para ter a permissão de meu tio.

– Seu tio? – indagou Kate.

– Meu tio Geoffrey. Ele mora perto de Norwich. É nosso parente do sexo masculino mais próximo, embora, na verdade, não o vejamos com muita frequência. Mas o Sr. Albansdale é bastante tradicional. Acho que não se sentiria confortável pedindo à minha mãe.

– Espero que ele também peça a Felicity – comentou Eloise. – Sempre penso em quão ridículo é um homem pedir a mão de uma mulher ao pai dela antes de pedir à própria. O pai não terá que viver com ele.

– Essa atitude – começou Colin, com um sorriso divertido apenas parcialmente oculto pela xícara – talvez explique por que você continua solteira.

Violet olhou para o filho com severidade e disse seu nome em tom de desaprovação.

– Ah, não, mamãe – falou Eloise. – Eu não me importo. Estou muito confortável como uma solteirona. – Ela olhou para Colin com superioridade. –

Prefiro mil vezes ser solteira a ser casada com um chato. Assim – acrescentou, com um floreio – como Penelope!

Sobressaltada ao ver a mão a amiga acenando de repente em sua direção, Penelope se empertigou e concordou:

– Hã... Sim. É claro.

Mas ela tinha a sensação de não ser tão firme em suas convicções quanto Eloise. Diferentemente dela, não recusara seis propostas de casamento. Não recusara nenhuma, porque não recebera nenhuma.

Convencera-se de que não teria aceitado, de qualquer forma, pois seu coração pertencia a Colin. Mas será que aquilo era mesmo verdade ou ela apenas tentava se sentir melhor por ter sido um fracasso tão retumbante no mercado matrimonial?

Se alguém a pedisse em casamento no dia seguinte – um homem gentil e aceitável, que ela jamais viria a amar, mas de quem poderia um dia gostar muito –, será que aceitaria?

Era provável que sim.

Pensar no assunto a deixou triste, porque admitir isso a si mesma significava que realmente perdera qualquer esperança em relação a Colin. Significava que não era tão fiel aos seus princípios como esperava ser. Significava que se dispunha a aceitar um marido menos do que perfeito a fim de ter uma casa e uma família para si.

Não era nada que centenas de mulheres não fizessem todo ano, mas era algo que *ela* jamais pensara em fazer.

– Você ficou tão séria de repente... – comentou Colin.

Penelope despertou de seu devaneio.

– Eu? Ah. Não, não. Só estava perdida em meus próprios pensamentos.

Colin aceitou sua explicação com um breve aceno da cabeça e depois pegou outro biscoito.

– Temos algo mais substancial para comer? – indagou, franzindo a testa.

– Se eu soubesse que você vinha – respondeu Violet, seca –, teria dobrado a quantidade de comida.

Ele se levantou e foi até a campainha dos criados.

– Vou pedir mais. – Depois de dar um bom puxão no cordão, virou-se e perguntou: – Sabe qual é a teoria de Penelope sobre Lady Whistledown?

– Não, não sei – respondeu Violet.

– É muito inteligente, na verdade – comentou ele, parando para pedir sanduíches à criada antes de concluir: – Ela acha que é Lady Danbury.

– Aaaaah. – Hyacinth se mostrou visivelmente impressionada. – Muito perspicaz, Penelope.

Ela assentiu em agradecimento.

– Além de ser exatamente o tipo de coisa que Lady Danbury faria.

– A coluna ou o desafio? – quis saber Kate, agarrando a faixa do vestido de Charlotte antes que a menina conseguisse fugir.

– As duas coisas – respondeu Hyacinth.

– E Penelope disse isso a ela – contou Eloise. – Face a face.

Hyacinth ficou boquiaberta e Penelope soube nesse momento que acabava de subir – e muito – no conceito da jovem.

– Eu queria ter visto isso! – exclamou Violet com um sorriso largo e orgulhoso. – Para ser franca, estou surpresa de não ter dado no *Whistledown* de hoje.

– Acho que Lady Whistledown não falaria sobre as teorias das pessoas a respeito de sua identidade – comentou Penelope.

– E por que não? – indagou Hyacinth. – Seria uma maneira excelente de dar pistas erradas. Por exemplo – continuou, estendendo a mão em direção à irmã numa pose bastante dramática –, digamos que eu achasse que fosse Eloise.

– Não é Eloise! – protestou Violet.

– Não sou eu – repetiu Eloise com um sorriso.

– Mas digamos que eu *achasse* que fosse – insistiu Hyacinth com irritação – e que afirmasse isso em público.

– O que você jamais faria – disse Violet, severa.

– O que eu jamais faria – ecoou Hyacinth tal e qual um papagaio. – Mas, apenas como um exercício de imaginação, digamos que eu o afirmasse. E digamos que Eloise, de fato, fosse Lady Whistledown. Que ela não é – apressou-se em acrescentar antes que a mãe pudesse interrompê-la outra vez.

Violet ergueu as mãos em silenciosa derrota.

– Haveria forma melhor de enganar a todos do que zombando de mim na coluna dela? – concluiu Hyacinth.

– É claro que, se Eloise fosse mesmo Lady Whistledown... – refletiu Penelope.

– Ela não é! – explodiu Violet.

Penelope não conseguiu conter o riso.

– Mas se fosse...

– Sabem, agora eu *realmente* gostaria de ser – comentou Eloise.

– Você estaria rindo muito de todos nós – continuou Penelope. – Mas é claro que, na quarta-feira, não poderia escrever a coluna zombando de Hyacinth por achar que você é Lady Whistledown, porque senão todos saberíamos que só poderia ser você.

– A não ser que *seja* você – brincou Kate, olhando para Penelope. – *Isso* seria um truque muito ardiloso.

– Deixe-me ver se entendi – disse Eloise. – Penelope é Lady Whistledown e ela vai escrever uma coluna na quarta-feira zombando da teoria de Hyacinth de que *eu* sou Lady Whistledown apenas para fazer vocês pensarem que eu sou mesmo Lady Whistledown, porque Hyacinth sugeriu que isso seria um truque inteligente.

– Estou completamente perdido – comentou Colin com ninguém em especial.

– A não ser que Colin fosse Lady Whistledown... – declarou Hyacinth com um brilho endiabrado nos olhos.

– Parem! – pediu Violet. – Eu imploro.

De qualquer forma, àquela altura todos riam demais para que Hyacinth conseguisse prosseguir.

– As possibilidades são infinitas – observou Hyacinth, enxugando uma lágrima.

– Talvez todos devêssemos, simplesmente, olhar para nosso lado esquerdo – sugeriu Colin, sentando-se outra vez. – Quem sabe essa pessoa seja a nossa infame Lady Whistledown.

Todos obedeceram, com exceção de Eloise, que olhou para a direita... direto para Colin.

– Você estava tentando me dizer alguma coisa quando se sentou à minha direita? – perguntou ela com um sorriso divertido.

– De modo algum – murmurou ele, estendendo a mão em direção ao prato de biscoitos e então parando, ao se dar conta de que estava vazio.

Mas ele não deixou que seu olhar cruzasse com o de Eloise ao fazê-lo.

Se alguém além de Penelope notou a sua evasão, não pôde questioná-lo a

respeito, pois nesse momento os sanduíches chegaram e ele se tornou indisponível para qualquer conversa.

CAPÍTULO 5

Chegou ao conhecimento desta autora que Lady Blackwood torceu o tornozelo no início da semana enquanto perseguia o entregador deste humilde periódico.

Mil libras sem dúvida são uma bela quantia, embora Lady Blackwood não precise de dinheiro. Além do mais, a situação está se tornando absurda. Com certeza os londrinos têm algo melhor a fazer do que perseguir pobres entregadores numa tentativa infrutífera de descobrir a identidade desta autora.

Ou talvez não tenham.

Esta autora relata as atividades dos membros da alta sociedade há mais de uma década e não encontrou a menor prova de que eles tenham, de fato, coisa melhor a fazer com o seu tempo.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
14 DE ABRIL DE 1824

Dois dias depois, Penelope estava, mais uma vez, atravessando a Praça Berkeley a caminho do Número Cinco para ver Eloise. Desta vez, no entanto, era o fim da manhã, fazia sol e ela não encontrou Colin no percurso.

Não soube dizer se isso era ruim.

Ela e a amiga haviam combinado na semana anterior de fazerem compras, mas decidiram se encontrar no Número Cinco para saírem juntas e poderem dispensar a companhia de suas criadas. Era um dia perfeito – parecia mais que estavam em junho do que em abril – e Penelope estava ansiosa pela curta caminhada até a Rua Oxford.

Mas, quando chegou à casa de Eloise, foi recebida por um mordomo confuso.

– Srta. Featherington – disse ele, piscando de forma frenética antes de conseguir concluir o raciocínio –, infelizmente a Srta. Eloise não está em casa no momento.

Penelope entreabriu os lábios em sinal de surpresa.

– Aonde ela foi? Combinamos este encontro há mais de uma semana.

Wickham balançou a cabeça.

– Não sei. Mas saiu com a mãe e a Srta. Hyacinth há duas horas.

– Compreendo – retrucou Penelope, franzindo a testa e tentando decidir o que fazer. – Posso esperar, então? Talvez ela tenha apenas se atrasado. Não é do feitio de Eloise esquecer-se de um compromisso.

Ele fez que sim, afavelmente, e indicou o caminho até a sala de visitas do segundo andar. Depois disse que lhe levaria um lanche e lhe entregou a última edição do *Whistledown* para passar o tempo.

Penelope já a lera, claro. O periódico chegava bem cedo e ela tinha o hábito de lê-lo durante o café da manhã. Com tão pouco para lhe ocupar a mente, ela foi até a janela e espiou as ruas de Mayfair. No entanto, não havia nada de novo: eram as mesmas construções que já vira mil vezes, e inclusive as mesmas pessoas caminhando pela rua.

Talvez por estar pensando sobre a mesmice de sua vida, notou o único objeto novo a seus olhos: um livro encadernado que se encontrava aberto sobre a mesa. Até mesmo de alguns metros de distância, percebeu que não estava preenchido com palavras impressas, mas escrito à mão em uma caprichada caligrafia.

Aproximou-se e olhou para baixo sem tocar as folhas. Parecia uma espécie de diário e, no meio da página da direita, havia um cabeçalho destacado do restante do texto por um espaço em cima e um embaixo:

22 de fevereiro de 1824
Montes Troodos, Chipre

Levou uma das mãos à boca. Colin escrevera aquilo! Ele dissera, poucos dias antes, que estivera em Chipre, não na Grécia. Penelope jamais imaginara que ele mantivesse um diário.

Ergueu o pé a fim de dar um passo para trás, mas o corpo não se mexeu. Não devia ler aquilo, disse a si mesma. Aquele era o diário particular de Colin. Ela devia *mesmo* se afastar.

– Afaste-se – murmurou, olhando para os pés recalcitrantes. – Afaste-se.

Os pés não se moveram.

Mas talvez aquilo não fosse tão errado assim. Afinal de contas, será que estaria realmente invadindo a privacidade dele se lesse apenas o que se encontrasse à vista, sem virar a página? Ele *tinha* deixado o diário aberto sobre a mesa, para todo mundo ver.

Mas, também, Colin tinha todos os motivos para achar que ninguém daria com seus escritos se deixasse o cômodo por alguns instantes. Devia saber que a mãe e as irmãs tinham saído pela manhã. A maioria das visitas era conduzida à sala de estar formal, no primeiro andar. Até onde Penelope sabia, ela e Felicity eram as únicas não Bridgertons recebidas na sala informal. E, como Colin não a estava esperando (ou, o que era mais provável, não estava pensando nela em absoluto), não teria imaginado haver o menor perigo em deixar o diário aberto enquanto ia cuidar de outra coisa por um momento.

Por outro lado, ele *havia* deixado-o aberto.

Aberto, santo Deus! Se houvesse quaisquer segredos relevantes naquele diário, Colin sem dúvida tomaria o cuidado de escondê-lo ao sair do aposento. Afinal de contas, não era idiota.

Penelope inclinou o corpo para a frente.

Ah, que droga. Não conseguia ler daquela distância. Conseguira compreender o cabeçalho porque havia muito espaço em branco em torno dele, mas o resto do texto era impossível de ser decifrado de longe.

De alguma forma, ela achava que não se sentiria tão culpada se não tivesse que se aproximar mais do diário para lê-lo. Apesar, é claro, de já ter atravessado o aposento para chegar aonde estava no momento.

Tamborilou o dedo na lateral do rosto, bem ao lado do ouvido. Esse era um bom argumento. Já atravessara o aposento, o que significava que o pior de seus pecados naquele dia provavelmente já fora cometido. Um passinho a mais não era nada comparado à extensão da sala.

Chegou um pouco mais para a frente, decidindo que aquilo contava apenas como um meio passo, então se aproximou mais e olhou para baixo, começando a leitura bem no meio de uma frase.

na Inglaterra. Aqui, a areia se ondula entre tons de bege e branco e tem uma consistência tão fina que desliza sobre o pé nu como o sussurro da seda. A água é de um azul inimaginável na Inglaterra: água-marinha

com um lampejo do sol e azul-cobalto profundo quando as nuvens cobrem o céu. E é cálida – surpreendente e estarrecedoramente cálida, como uma água de banho que tenha sido aquecida, talvez, meia hora antes. As ondas são suaves e quebram na praia com delicados jatos de espuma, fazendo cócegas na pele e transformando a mais perfeita areia numa delícia macia que escorrega e desliza entre os dedos dos pés até que outra onda chegue para limpar aquela bagunça toda.

É fácil entender por que dizem que este é o local de nascimento de Afrodite. A cada passo, quase espero vê-la como no quadro de Botticelli, surgindo do mar, perfeitamente equilibrada sobre uma gigantesca concha, os longos cabelos ruivos fluindo à sua volta.

Se algum dia já nasceu uma mulher perfeita, sem dúvida foi aqui. Estou no paraíso. E, no entanto...

E, no entanto, a cada brisa cálida e a cada céu sem nuvens sou lembrado de que este não é meu lar e que nasci para viver em outro lugar. Isso não abranda o desejo – não, a compulsão! – de viajar, de ver, de conhecer. Mas alimenta o estranho anseio por tocar um gramado coberto de orvalho úmido ou de sentir a brisa fria no rosto, ou mesmo de recordar a alegria de um dia perfeito depois de uma semana de chuva.

O povo daqui não tem como conhecer tal alegria. Seus dias são sempre perfeitos. É possível apreciar a perfeição quando ela é constante na vida de alguém?

22 de fevereiro de 1824
montes Troodos, Chipre

É impressionante que eu sinta frio. O mês, é claro, é fevereiro, e, como um inglês, estou bastante acostumado com o frio de fevereiro (assim como com o de qualquer mês), mas não estou na Inglaterra. Encontro-me em Chipre, no coração do Mediterrâneo, e há apenas dois dias estive em Paphos, no litoral sudoeste da ilha, onde o sol bate forte e o mar é salgado e morno. Daqui, pode-se ver o pico do monte Olimpo, ainda coberto de uma neve tão branca que é capaz de cegar quando o

sol reflete nela.

A escalada até aqui foi traiçoeira, com o perigo se escondendo por trás de muitas curvas. A estrada é rudimentar e, no caminho, encontramos

Penelope deixou escapar um suave grunhido de protesto ao se dar conta de que a página terminara no meio de uma frase. Quem ele teria encontrado? O que teria acontecido? Que perigo era aquele?

Ficou encarando o diário, *morta* de vontade de virar a página para ver o que acontecia em seguida. Mas, quando começara a ler, conseguira justificar seu ato dizendo a si mesma que não estava de fato invadindo a privacidade de Colin. Afinal de contas, ele é que deixara o livro aberto. Ela apenas vira o que ele deixara exposto.

Virar a página já era totalmente diferente.

Estendeu a mão, depois a recolheu. Aquilo não era certo. Não podia ler o diário dele. Bem, não além do que já lera.

Por outro lado, estava claro que aquelas eram palavras que mereciam ser lidas. Era um crime que Colin as guardasse para si. Palavras deviam ser celebradas.

– Ora, pelo amor de Deus! – murmurou consigo mesma.

Estendeu a mão em direção ao canto da página.

– *O que você está fazendo?*

Penelope virou-se.

– Colin!

– Eu mesmo! – vociferou ele.

Ela deu um salto para trás. Jamais o ouvira usar aquele tom. Nem mesmo o imaginara capaz de falar daquele jeito.

Ele atravessou a sala, agarrou o diário e o fechou ruidosamente.

– O que está fazendo aqui? – perguntou.

– Esperando Eloise – conseguiu proferir Penelope, com a boca de repente muito seca.

– Na sala de visitas do segundo andar?

– Wickham sempre me traz para cá. Sua mãe disse a ele que devia me tratar como parte da família. Eu... hã... ele... bem... – Ela se deu conta de que torcia as mãos e se forçou a parar. – O mesmo acontece com a minha irmã Felicity. Por

ela e Hyacinth serem tão amigas. Eu... Eu sinto muito. Pensei que soubesse.

Ele atirou o livro encadernado em couro sobre uma poltrona próxima e cruzou os braços.

– E você tem o hábito de ler os escritos particulares dos outros?

– Não, é claro que não. Mas o livro estava aberto e... – Ela engoliu em seco, reconhecendo que a desculpa era péssima no instante em que proferiu as palavras. – É um aposento público – murmurou ela, de alguma forma achando que tinha que finalizar a sua defesa. – Talvez você devesse tê-lo levado quando saiu.

– Não se costuma levar um livro ao lugar aonde eu fui – disse ele, ainda visivelmente furioso com ela.

– Mas não é um livro muito grande – insistiu Penelope, perguntando-se por que, por que, *por que* continuava a falar quando estava tão claramente errada.

– Pelo amor de Deus – explodiu ele. – Você *quer* que eu diga a palavra *urinol* na sua presença?

Penelope sentiu as faces esquentarem.

– É melhor eu ir – falou. – Por favor, diga a Eloise...

– *Eu* irei – retrucou Colin, quase rosnando. – De qualquer forma, esta tarde me mudo daqui. Assim, aproveito e parto agora, porque pelo visto você já se apossou da casa.

Penelope jamais achara que palavras pudessem causar dor física, mas, bem naquele momento, teve a sensação de tomar uma facada no coração. Não se dera conta, até aquele exato instante, de quanto significava o fato de Lady Bridgerton ter aberto a casa para ela.

Ou de quanto doeria saber que Colin se ressentia da sua presença ali.

– Por que precisa tornar tão difícil lhe pedir desculpas? – deixou escapar, seguindo-o de perto enquanto ele recolhia o restante dos seus pertences.

– E quer me dizer por que eu deveria facilitar as coisas? – devolveu ele, sem encará-la ou diminuir o passo ao falar.

Não a encarou nem diminuiu o passo ao falar.

– Porque seria o mais gentil a se fazer – retrucou Penelope.

Isso chamou a atenção dele. Colin se virou para fitá-la, os olhos cintilando com tanta fúria que Penelope deu um passo em falso para trás. Colin era gentil, sereno. Nunca perdia a compostura.

Até aquele momento.

– Porque seria o mais gentil a se fazer? – vociferou ele. – Foi nisso que você pensou enquanto lia o meu diário? Que seria gentil ler os textos particulares de outra pessoa?

– Não, Colin, eu...

– Não há nada que justifique isso – exclamou ele, cutucando-a no ombro com o indicador.

– Colin! Você...

Ele se virou para continuar recolhendo seus pertences, dando as costas para ela da maneira mais rude que conseguiu enquanto decretava:

– Não há nada que possa justificar o seu comportamento.

– Não, é claro que não, mas...

– AI!

Penelope sentiu o sangue se esvair de seu rosto. O grito de Colin era de dor verdadeira. O nome dele escapou de seus lábios num sussurro apavorado enquanto ela corria para o seu lado.

– O que... Ah, meu Deus!

O sangue jorrava de um corte na palma de sua mão.

Penelope nunca era muito articulada em momentos de crise, mas conseguiu dizer:

– Ah! Ah! O tapete!

Em seguida, saltou para a frente com uma folha de papel que encontrou em cima de uma mesa próxima e colocou-a sob a mão dele para aparar o sangue, antes que arruinasse o tapete de valor inestimável.

– Que enfermeira atenciosa – disse Colin, com a voz vacilante.

– Bem, você não vai morrer – explicou ela –, e o tapete...

– Está tudo bem – afirmou ele. – Eu estava brincando.

Penelope ergueu os olhos para fitá-lo. Ele lhe pareceu extremamente pálido.

– Acho melhor você se sentar – sugeriu ela.

Ele assentiu, soturno, e arriou sobre uma poltrona.

Penelope experimentou um embrulho no estômago, como se estivesse em alto-mar. Jamais se sentira muito bem ao ver sangue.

– Talvez seja bom eu me sentar, também – murmurou, apoiando-se na mesinha baixa que se encontrava à frente dele.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ela fez que sim, engolindo em seco para afastar a onda de náusea.

– Precisamos arrumar algo para enrolar em seu dedo – declarou ela, fazendo uma careta ao olhar para a mão dele.

O papel não era absorvente e deixava o sangue se esvair enquanto Penelope tentava de todas as formas impedir que pingasse pelos lados.

– Tenho um lenço no bolso – informou Colin.

Com todo o cuidado, ela enfiou a mão no bolso da camisa dele, tentando não se concentrar nas cálidas batidas de seu coração enquanto tateava desajeitadamente em busca do pequeno retalho de fazenda cor de creme.

– Está doendo? – indagou, envolvendo o lenço em sua mão. – Não, não diga nada. É claro que está doendo.

Ele conseguiu lhe dar um sorriso muito vacilante.

– Está doendo, sim.

Ela espiou o corte, forçando-se a olhá-lo de perto apesar de o sangue fazer o seu estômago se revirar.

– Acho que não precisará de pontos.

– Você entende alguma coisa sobre ferimentos?

Ela fez que não.

– Nada. Mas não me parece muito sério. A não ser por... hã, esse sangue todo.

– É pior do que parece – brincou ele.

Ela olhou para o rosto dele, horrorizada.

– Outra piada – esclareceu Colin. – Bem, na verdade, não. A sensação é realmente pior do que a aparência, mas posso lhe garantir que é suportável.

– Me desculpe – disse ela, aumentando a pressão sobre o corte para estancar o sangue. – A culpa foi minha.

– Por eu ter cortado a mão?

– Se não o tivesse deixado tão furioso...

Ele se limitou a balançar a cabeça, fechando os olhos devido à dor.

– Não seja tola, Penelope. Se eu não tivesse me zangado com você, teria me zangado com outra pessoa, em algum outro momento.

– E, é claro, teria uma faca de cartas ao seu lado quando isso acontecesse – murmurou ela, levantando os olhos para ele enquanto se debruçava por cima do corte.

Quando ele a encarou, seu olhar estava cheio de humor e, talvez, um leve toque de admiração.

E alguma outra coisa que ela achou que jamais veria: vulnerabilidade, hesitação e até mesmo insegurança. Penelope se deu conta, chocada, de que ele não sabia como os seus textos eram bons. Não tinha a menor ideia e, na realidade, estava envergonhado por ela tê-los visto.

– Colin – começou ela, pressionando o lenço com mais força ainda, instintivamente. – Eu preciso lhe dizer: você...

Ela parou ao ouvir passos se aproximando pelo corredor.

– É Wickham – falou, olhando em direção à porta. – Ele insistiu em trazer alguma coisa para comer. Pode manter a pressão aqui, por enquanto?

Colin assentiu.

– Não quero que ele saiba que me machuquei. Vai acabar contando à minha mãe e eu nunca mais terei paz.

– Bem, tome aqui, então. – Ela se levantou e atirou o diário em sua direção. – Finja que está lendo isto.

Colin mal teve tempo de abri-lo e colocá-lo sobre a mão machucada antes que o mordomo entrasse carregando uma enorme bandeja.

– Wickham! – exclamou Penelope, virando-se para olhá-lo. – Como sempre, trouxe muito mais comida do que sou capaz de comer. Por sorte, o Sr. Bridgerton está aqui me fazendo companhia. Tenho certeza de que, com a ajuda dele, conseguirei dar conta de todos esses quitutes.

Wickham assentiu e removeu as tampas dos pratos. Havia carnes, queijos e frutas, além de uma jarra alta de limonada.

Penelope abriu um largo sorriso.

– Espero que não tenha pensado que eu conseguiria comer isto tudo sozinha.

– Lady Bridgerton e as filhas devem chegar daqui a pouco. Achei que poderiam estar com fome também.

– Comigo aqui, não vai sobrar nada para elas – afirmou Colin com um sorriso jovial.

Wickham fez uma discreta reverência em sua direção.

– Se eu soubesse que estava aqui, Sr. Bridgerton, teria triplicado as porções. Quer que eu faça um prato para o senhor?

– Não, não – retrucou Colin, abanando a mão que não estava machucada. –

Vou levantar assim que... hã... acabar de ler este capítulo.

– Avisem se precisarem de qualquer outra coisa – acrescentou Wickham, antes de deixar o aposento.

– Aaaai – gemeu Colin assim que ouviu os passos de Wickham se afastarem pelo corredor. – Maldição! Quer dizer, droga! Como dói!

Penelope pegou um guardanapo da bandeja.

– Tome, vamos substituir esse lenço. – Ela tirou o pedaço de pano da mão dele, mantendo os olhos fixos no tecido em vez de no ferimento. Com isso, seu estômago não ficou tão embrulhado. – Sinto dizer que o seu lenço está arruinado.

Colin apenas fechou os olhos e balançou a cabeça. Penelope era inteligente o bastante para entender que isso queria dizer que ele não se importava. E era sensível o suficiente para não falar mais nada sobre o assunto. Não havia nada pior do que uma mulher tagarela.

Ele sempre gostara de Penelope, mas como podia ter deixado de perceber, até aquele momento, quão inteligente ela era? Supunha que, se tivessem lhe perguntado sua opinião, teria dito que era esperta, mas na verdade nunca tinha pensado muito sobre o assunto.

No entanto, tornava-se cada vez mais claro para ele que a jovem era, de fato, muito inteligente. E talvez a irmã tivesse comentado, certa vez, que também era uma leitora voraz.

E, provavelmente, crítica.

– Acho que o sangramento diminuiu – disse ela, envolvendo o guardanapo limpo em torno de sua mão. – Na verdade, tenho certeza, pois já não fico tão enjoada cada vez que olho para o ferimento.

Ele teria preferido que ela não tivesse lido o seu diário, mas já que tinha...

– Hã, Penelope... – começou ele, surpreso com a nítida hesitação na própria voz.

Ela ergueu os olhos.

– Desculpe. Estou apertando demais?

Por um instante, Colin só piscou. Como era possível que jamais tivesse notado como os olhos dela eram grandes? Sabia que eram castanhos, é claro, e... Não, pensando bem, se fosse sincero, teria que admitir que, se alguém lhe perguntasse, antes daquela manhã, qual era a cor dos olhos dela, ele não teria

sido capaz de responder.

Mas, de alguma maneira, sabia que jamais se esqueceria outra vez.

Ela diminuiu a pressão.

– Assim está melhor?

Ele fez que sim.

– Obrigado. Eu mesmo o faria, mas é a minha mão direita e...

– Não precisa dizer mais nada. É o mínimo que posso fazer depois de... depois de...

Penelope olhou discretamente para o lado e ele percebeu que ela estava prestes a pedir desculpas de novo.

– Penelope – tentou ele mais uma vez.

– Não, espere! – bradou ela, os olhos escuros cintilando com... paixão?

Sem dúvida não era o tipo de paixão com o qual ele estava acostumado. Mas havia outros tipos, certo? Paixão pelo aprendizado. Paixão pela... literatura?

– Eu tenho que lhe dizer isto – recomeçou ela, com urgência. – Eu sei que ler o seu diário foi uma intromissão imperdoável da minha parte. Eu só estava... entediada... esperando... e não tinha nada para fazer, então vi aquilo e fiquei curiosa.

Ele abriu a boca para interrompê-la, para falar que o que estava feito estava feito, mas ela não parava e ele foi obrigado a escutá-la.

– Eu deveria ter me afastado assim que percebi do que se tratava – continuou Penelope –, mas, no instante em que li uma frase, não consegui mais parar! Colin, foi maravilhoso! Era como se eu estivesse lá. Pude sentir a água, e sabia exatamente a temperatura que tinha. Foi tão inteligente da sua parte descrevê-la daquela forma... Todo mundo sabe como é a água de banho meia hora depois de a banheira ter sido preparada.

Por um momento, Colin não conseguiu fazer nada além de fitá-la. Nunca vira Penelope tão animada, e era muito estranho – muito bom, na verdade – que tanta animação se devesse ao seu diário.

– Você... você gostou? – perguntou ele, por fim.

– Se eu gostei? Colin, eu adorei! Eu...

– Ai!

Em sua animação, ela começara a apertar a mão dele um pouco forte demais.

– Ah, me desculpe – disse ela distraidamente. – Colin, eu preciso saber. Qual

era o perigo? Não aguento ficar sem saber.

– Não foi nada – retrucou ele, com modéstia. – A página que você leu não foi das melhores.

– De fato, foi quase toda descritiva – concordou ela –, mas a descrição foi muito envolvente e evocativa. Eu consegui ver a cena. Ainda assim, não foi... Ah, meu Deus, como posso explicar?

Colin percebeu que estava muito ansioso para que ela conseguisse se expressar.

– Às vezes – continuou Penelope –, quando lemos uma passagem descritiva, ela é um tanto... bem, não sei... distante. Clínica, até. Você deu vida à ilha. Outras pessoas talvez dissessem que a água era morna, mas você a ligou a algo que todos conhecemos e compreendemos. Me deu a sensação de estar lá, mergulhando o dedo do pé bem ao seu lado.

Colin sorriu, ridiculamente satisfeito com o elogio.

– Ah! E antes que eu me esqueça, houve outra coisa brilhante que eu queria mencionar.

Agora ele estava sorrindo como um imbecil. Brilhante, brilhante, brilhante. Que palavra *boa*.

Penelope se aproximou um pouco dele ao dizer:

– Também mostrou ao leitor como você reagiu à cena e como ela o afetou. Tornou-se algo além da mera descrição, porque soubemos qual foi a sua reação.

Colin sabia que estava pedindo para ser elogiado, mas não se importou muito com isso ao perguntar:

– O que quer dizer?

– Bem, se você olhar para... Posso ver o diário outra vez para refrescar a memória?

– É claro – murmurou ele, entregando-o a ela. – Espere, deixe-me encontrar a página certa para você.

Assim que Colin lhe deu o caderno, Penelope vasculhou as linhas até encontrar o trecho que procurava.

– Bem aqui. Veja só esta parte, onde você se lembra de que a Inglaterra é a sua casa.

– É engraçado como viajar pode fazer isso com uma pessoa.

– Fazer o quê? – quis saber ela, com os olhos cheios de interesse.

– Fazer uma pessoa apreciar o próprio lar – disse ele, baixinho.

Ela o encarou com olhos sérios, questionadores.

– E, ainda assim, você gosta de partir.

Ele assentiu.

– Não consigo evitar. É como uma doença.

Ela riu e sua risada soou inesperadamente melodiosa.

– Não seja ridículo – falou. – Uma doença é algo nocivo. Está claro que suas viagens alimentam a sua alma. – Ela baixou os olhos para a mão dele e puxou o guardanapo com todo o cuidado para inspecionar o ferimento. – Já está quase melhor – declarou.

– Quase – concordou ele.

Na verdade, suspeitava que o sangramento tivesse estancado por completo, mas relutava em permitir que a conversa chegasse ao fim. Sabia que, no instante em que Penelope terminasse de cuidar dele, iria embora.

Ele não achava que ela quisesse partir, mas, de alguma forma, sabia que isso aconteceria. Consideraria que era o mais apropriado e, provavelmente, também acreditaria que era isso que ele desejava.

Nada poderia estar mais longe da verdade, ele percebeu, surpreso.

E nada poderia tê-lo assustado mais.

CAPÍTULO 6

Todos têm segredos.
Sobretudo eu.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
14 DE ABRIL DE 1824

– Eu teria gostado de saber que você escrevia um diário – comentou Penelope, voltando a pressionar o guardanapo sobre a palma da mão dele.

– Por quê?

– Não sei ao certo – respondeu ela, dando de ombros. – É sempre interessante descobrir algo que não se imagina sobre uma pessoa, não acha?

Colin não disse nada por vários instantes, então, de repente, deixou escapulir:

– Você gostou mesmo?

Ela olhou para ele, achando graça, e Colin ficou horrorizado. Lá estava ele, considerado um dos homens mais populares e sofisticados da alta sociedade, reduzido a um colegial tímido, prestando atenção a cada palavra pronunciada por Penelope Featherington, apenas para receber alguns elogios.

Penelope Featherington, pelo amor de Deus...

Não que houvesse qualquer coisa de errado com ela, é claro. Era só que ela era... bem... Penelope.

– É claro que gostei – afirmou ela com um sorriso suave. – Acabei de lhe dizer isso.

– Qual foi a primeira coisa que lhe chamou a atenção no texto? – indagou ele, decidindo agir como um tolo completo, uma vez que já estava a meio caminho disso.

Ela deu um sorriso malicioso.

– Na verdade, a primeira coisa que me chamou a atenção foi que a sua letra é bem mais caprichada do que eu teria imaginado.

Ele franziu a testa.

– Como assim?

– Não consigo imaginá-lo debruçado sobre a escrivaninha praticando caligrafia – respondeu ela, tentando controlar o riso.

Jamais houvera um momento tão propício à indignação quanto aquele.

– Pois saiba que eu passei muitas horas naquela sala de aula, desde muito pequeno, debruçado sobre a escrivaninha, como você disse de forma tão delicada.

– Tenho certeza que sim – murmurou ela.

– Humpf.

Ela baixou os olhos, claramente tentando não sorrir.

– Sou muito bom em caligrafia – acrescentou ele.

Agora aquilo se transformara numa brincadeira, e era bastante divertido desempenhar o papel do colegial petulante.

– Mas é claro que é – replicou ela. – Gostei sobretudo dos seus agás. São muito bem feitos. Muito bem... traçados.

– Exatamente.

Ela fez a mesma expressão de seriedade dele.

– Exatamente.

Ele desviou o olhar do dela e, por um instante, sentiu uma timidez inexplicável.

– Fico contente que tenha gostado do diário – falou.

– Achei lindo – afirmou ela com delicadeza. – Encantador e... – Ela desviou o olhar, ruborizando. – Vai me achar tola.

– Não vou não – prometeu ele.

– Bem, eu acho que um dos motivos pelos quais gostei tanto foi que pude sentir, de alguma forma, o seu prazer em escrevê-lo.

Colin passou um longo momento em silêncio. Jamais lhe ocorrera que escrever fosse algo prazeroso para ele. Era algo que simplesmente fazia.

Fazia-o porque não conseguia se imaginar sem aquilo. Como viajar para terras estrangeiras e não manter um registro do que via, do que vivenciava e, talvez o mais importante, do que sentia?

Mas, pensando em retrospecto, se deu conta de que experimentava uma estranha satisfação sempre que escrevia uma frase que saía perfeitamente correta, que expressava seus sentimentos com perfeição. Lembrava-se com

nitidez do momento em que escrevera a passagem que Penelope lera. Estivera sentado na praia ao anoitecer, o sol ainda quente sobre a pele e a areia – de alguma forma grossa e macia ao mesmo tempo – sob os pés descalços. Fora um instante maravilhoso, repleto daquela sensação cálida e indolente que só é possível no auge do verão (ou nas praias perfeitas do Mediterrâneo), e ele pensava na melhor forma de descrever a água.

Ficara sentado ali por um longo tempo – sem dúvida por cerca de meia hora – com a caneta posicionada sobre o diário, esperando a inspiração. Então, de repente, notara que a temperatura era exatamente igual à de uma água de banho já ficando morna. Nesse momento, seus lábios se abriram num sorriso largo e maravilhado.

Sim, ele gostava de escrever. Engraçado como nunca se dera conta disso antes.

– É bom ter algo que nos dê prazer – opinou Penelope, baixinho. – Algo satisfatório, que preencha as horas com a sensação de um objetivo a ser alcançado. – Ela cruzou as mãos sobre o colo e olhou para baixo, aparentemente muito interessada nos nós dos próprios dedos. – Nunca entendi as supostas alegrias de uma vida indolente.

Colin sentiu vontade de levantar o queixo dela, de olhar dentro de seus olhos ao lhe perguntar: *E o que você faz para preencher as suas horas com a sensação de ter um objetivo?* Mas não se moveu. Teria sido atrevido demais e o obrigaria a admitir a si mesmo quanto se interessava pela resposta.

Assim, ele decidiu fazer a pergunta, mas manteve as mãos paradas.

– Nada, na verdade – respondeu ela, ainda examinando as unhas. Então, após uma pausa, ergueu os olhos tão de repente que ele quase ficou tonto. – Eu gosto de ler – revelou. – Leio bastante. E bordo um pouco, de vez em quando, embora não seja muito boa. Gostaria que houvesse mais do que isso, mas, bem...

– O quê? – insistiu Colin.

Penelope balançou a cabeça.

– Não é nada. Você deve ser grato pelas suas viagens. Eu o invejo bastante.

Fez-se um longo silêncio, não constrangedor, mas ainda assim estranho, e, por fim, Colin disse, bruscamente:

– Não é o bastante.

O tom de voz dele pareceu tão inadequado na conversa que Penelope não pôde fazer nada além de fitá-lo.

– O que quer dizer? – perguntou, por fim.

Ele deu de ombros.

– Um homem não pode viajar para sempre. Isso comprometeria todo o divertimento inerente ao ato de viajar.

Ela riu, então olhou para ele e se deu conta de que ele falava sério.

– Eu sinto muito – retrucou. – Não foi minha intenção ser grosseira.

– Você não foi grosseira – disse ele, depois bebeu um gole da limonada. Quando pousou o copo na mesa, um pouco do líquido se derramou; ficou claro que ele não tinha o costume de usar a mão esquerda. – As duas melhores partes de uma viagem – começou a explicar, limpando a boca com um dos guardanapos limpos – são o momento da partida e o da volta para casa. Além do mais, eu sentiria muita falta da minha família se partisse indefinidamente.

Penelope não tinha resposta, pelo menos nada que não soasse como um clichê, portanto apenas esperou que ele continuasse.

Por um momento Colin ficou calado, depois deu um sorriso de escárnio e fechou o diário com um sonoro baque.

– Isto não serve para nada. É só para mim.

– Não precisa ser – disse ela, com delicadeza.

Se ele a escutou, não deu a menor indicação.

– É ótimo ter um diário para escrever durante uma viagem – continuou ele –, mas, quando chego em casa, não tenho nada para fazer.

– Acho difícil acreditar nisso.

Ele não respondeu. Em vez disso, limitou-se a pegar um pedaço de queijo da bandeja. Então, depois de engoli-lo com mais um gole de limonada, seu comportamento mudou por completo. Ele pareceu mais alerta, mais apreensivo, ao lhe indagar:

– Tem lido o *Whistledown*?

Penelope piscou, aturdida com a súbita mudança de assunto.

– Sim, é claro, por quê? Todo mundo lê, não é?

Ele desconsiderou a pergunta com um aceno de mão.

– Já notou como ela me descreve?

– Bem, quase sempre de maneira favorável, não?

Ele começou a acenar com a mão outra vez – de forma bastante desdenhosa, na opinião dela.

– Sim, sim, mas não é essa a questão – falou distraidamente.

– Se alguma vez tivesse sido comparado a uma fruta cítrica que passou do ponto, talvez achasse que a questão é essa – replicou Penelope, um tanto irritada.

Ele se retraiu, depois abriu e fechou a boca duas vezes antes de dizer:

– Se isso a faz se sentir melhor, eu não me lembrava de que ela a tinha chamado assim até agora. – Ele parou, pensou por um instante, então acrescentou: – Na verdade, continuo sem lembrar.

– Não tem importância – respondeu ela, assumindo sua melhor expressão de “veja como eu tenho um ótimo espírito esportivo”. – Posso lhe garantir que já passou. Além do mais, sempre tive um apreço especial por laranjas e limões.

Mais uma vez ele abriu a boca para falar, mas parou, em seguida olhou direto para ela e finalmente se pronunciou:

– Espero que não ache o que vou dizer insensível ou insultante, dado que, no fim das contas, tenho muito pouco do que me queixar.

O que queria dizer, segundo Penelope entendeu, que talvez *ela* tivesse muito do que se queixar.

– Mas vou lhe dizer mesmo assim – continuou ele, com o olhar cristalino e sincero –, porque acho que talvez compreenda.

Era um elogio. Um elogio estranho e incomum, mas ainda assim um elogio. Penelope não queria mais nada a não ser colocar a mão por cima da dele. Como não podia fazer isso, assentiu com a cabeça e falou:

– Você pode me dizer qualquer coisa, Colin.

– Meus irmãos – começou ele –, eles... – Colin se deteve e lançou um olhar inexpressivo em direção à janela antes de finalmente se virar para ela e prosseguir: – Eles realizaram grandes coisas. Anthony é visconde e Deus sabe que eu não gostaria de ter essa responsabilidade, mas ele tem um objetivo na vida. Toda a nossa herança está nas mãos dele.

– Mais do que isso, até, imagino – observou Penelope, baixinho.

Ele a fitou com um ar de interrogação.

– Eu acho que seu irmão se sente responsável pela família toda – explicou ela. – Imagino que seja um fardo pesado.

Colin tentou manter o rosto impassível, mas o estoicismo nunca fora uma de suas características e ele deve ter demonstrado seu assombro, pois Penelope quase pulou da cadeira e se apressou em acrescentar:

– Não que eu ache que ele se importe! Faz parte de quem ele é.

– Exatamente! – exclamou Colin, como se acabasse de descobrir algo muito importante, ao contrário daquela... daquela discussão inútil a respeito da própria vida.

Ele não tinha nada do que se queixar. *Tinha consciência* disso.

– Você sabia que Benedict pinta? – perguntou.

– É claro – respondeu ela. – Todos sabem. Há um quadro dele na National Gallery. E creio que estejam planejando expor outro em breve. Outra paisagem.

– É mesmo?

Ela fez que sim.

– Foi o que Eloise me contou.

Ele se retraiu outra vez.

– Então deve ser verdade. Não acredito que ninguém tenha me contado.

– Bem, você esteve fora... – recordou Penelope.

– O que estou tentando dizer – continuou ele – é que os dois têm um objetivo em suas vidas. Eu não tenho nada.

– Isso não pode ser verdade – retrucou ela.

– Acho que quem sabe disso sou eu.

Penelope se recostou, perplexa com a rispidez dele.

– Eu sei o que as pessoas pensam de mim – prosseguiu Colin.

Embora Penelope houvesse dito a si mesma que permaneceria em silêncio para ouvir o que ele tinha a dizer, não conseguiu evitar interrompê-lo:

– Todo mundo gosta de você. Todos o adoram.

– Eu sei – gemeu ele, parecendo angustiado e aflito ao mesmo tempo. – Mas... – Passou os dedos abertos pelos cabelos. – Meu Deus, como falar isso sem parecer um imbecil?

Penelope arregalou os olhos.

– Estou cansado de me considerarem um sujeito encantador e sem nada na cabeça – disse ele, por fim.

– Não seja tolo – respondeu ela imediatamente.

– Penelope...

– Ninguém o considera burro.

– Como você poderia saber is...

– Porque estou presa em Londres há muito mais tempo do que qualquer

pessoa deveria ficar – interrompeu ela, ríspida. – Talvez eu não seja a mais popular da cidade, mas depois de dez anos já ouvi mais boatos, mentiras e opiniões idiotas do que precisava, e nunca, nem uma vez, ouvi quem quer que fosse se referir a você como um burro.

Ele a fitou por um momento, um tanto atordoado diante de tão acalorada defesa.

– Eu não quis dizer *burro* exatamente – começou ele, com a voz baixa e, esperava, humilde. – Quis dizer mais... sem substância. Até Lady Whistledown se refere a mim como um sedutor.

– E o que há de errado nisso?

– Nada – replicou ele, irritado –, se ela não o fizesse dia sim, dia não.

– A coluna só é *publicada* dia sim, dia não.

– É justamente a isso que estou me referindo – devolveu ele. – Se ela pensasse que eu tenho qualquer outra coisa de interessante além dos meus lendários encantos, não acha que a esta altura já teria mencionado?

Penelope passou um longo momento em silêncio, então refletiu:

– O que ela pensa é mesmo tão importante?

Ele deixou o corpo pender para a frente e bateu com as mãos nos joelhos, dando um grito de dor ao se lembrar (tarde demais) do ferimento.

– Você não está entendendo a questão – reclamou ele, fazendo uma careta ao voltar a pressionar a palma da mão. – Eu não dou a mínima para o que Lady Whistledown pensa. Mas, queiramos ou não, ela representa o restante da sociedade.

– Acho que muitas pessoas discordariam de você.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Incluindo você?

– Na realidade, acho Lady Whistledown bastante astuta – disse ela, cruzando as mãos comportadamente sobre o colo.

– A mulher a chamou de melão maduro!

Duas bolotas vermelhas lhe coloriram as faces.

– Uma fruta cítrica madura demais – corrigiu ela por entre os dentes. – Posso lhe garantir que há uma enorme diferença.

Colin decidiu, naquele momento, que a mente feminina era algo estranho e incompreensível – algo que um homem jamais deveria tentar compreender. Não

havia uma única mulher viva que conseguisse ir do ponto A ao B sem parar diversas vezes pelo caminho.

– Penelope – falou, olhando para ela estupefato –, a mulher a insultou. Como pode defendê-la?

– Ela não disse nada que não fosse verdade – respondeu a jovem, cruzando os braços. – E, na verdade, tem sido bastante gentil desde que minha mãe passou a permitir que eu escolhesse as minhas próprias roupas.

Colin gemeu.

– Tenho certeza de que estávamos falando de outra coisa. Diga-me que não tínhamos a *intenção* de discutir o seu guarda-roupa.

Penelope estreitou os olhos.

– Creio que estávamos discutindo sua insatisfação com a vida de homem mais popular de Londres.

Ela ergueu a voz ao pronunciar as quatro últimas palavras e Colin se deu conta de que estava sendo repreendido. Claramente. O que considerou muito irritante.

– Não sei por que achei que compreenderia – vociferou, odiando o tom meio infantil da própria voz, mas incapaz de evitá-lo.

– Me desculpe – disse ela –, mas é difícil ficar aqui sentada ouvindo você dizer que sua vida não é nada.

– Eu não falei isso.

– Falou sim!

– Eu disse que não *tenho* nada – corrigiu ele, tentando não se encolher ao constatar quão idiota aquilo soava.

– Você tem mais do que qualquer pessoa que eu conheço – retrucou ela, cutucando-o no ombro. – Mas, se não se dá conta disso, talvez tenha razão: sua vida não é nada.

– É muito difícil explicar – insistiu ele, num murmúrio petulante.

– Se o que deseja é dar um novo rumo a sua vida – começou ela –, então, pelo amor de Deus, escolha alguma coisa e faça. O mundo lhe pertence, Colin. Você é jovem, rico, e é *homem*. – A voz de Penelope tornou-se amarga, ressentida. – Pode fazer o que quiser.

Ele franziu a testa, o que não a surpreendeu. Quando as pessoas se convenciam de que tinham problemas, a última coisa que desejavam era ouvir uma solução óbvia e objetiva.

– Não é tão simples assim – afirmou ele.

– Claro que é.

Ela o fitou por um longo momento se perguntando, talvez pela primeira vez na vida, quem era ele, exatamente.

Achava que soubesse tudo a seu respeito, mas não tinha a menor ideia de que escrevia um diário. Nem de que era temperamental. Muito menos de que estava insatisfeito com a vida.

E sem dúvida não imaginava que era petulante e mimado o suficiente para sentir essa insatisfação quando qualquer um sabia que não tinha motivo para tal. Que direito ele tinha de se considerar infeliz com a vida? Como ousava se queixar, sobretudo para ela?

Penelope se levantou e alisou o vestido num gesto desajeitado e defensivo.

– Da próxima vez que quiser reclamar sobre os percalços e as atribulações de ser adorado por todos, tente ser uma solteirona encalhada por um dia. Veja qual é a sensação e depois me avise se deseja continuar se lamentando.

Então, enquanto Colin continuava esparramado no sofá, olhando para Penelope como se ela fosse uma criatura bizarra de três cabeças, doze dedos e uma cauda, ela deixou o aposento.

Foi, pensou ela, enquanto descia os degraus externos que levavam à Rua Bruton, a saída mais esplêndida de toda a sua existência.

Era mesmo uma pena que o homem que ela acabara de deixar fosse o único em cuja companhia ela quisera ter permanecido.

Colin se sentiu péssimo o dia todo.

A mão doía horrivelmente, apesar do conhaque que ele despejara sobre a pele e goela abaixo. O corretor que cuidara do contrato da aconchegante casinha com varanda que ele encontrara em Bloombury lhe informara que o inquilino anterior ainda não tinha deixado o lugar e que Colin não poderia se mudar naquele dia, conforme planejado. Será que seria aceitável?

E, para piorar tudo, ele suspeitava que talvez tivesse cometido um dano irreparável à sua amizade com Penelope.

Isso o fazia se sentir péssimo, uma vez que a) dava enorme valor à sua relação

com ela e b) não se dera conta de quanto valorizava a amizade com ela, o que c) o deixava num leve estado de pânico.

Penelope sempre estivera presente em sua vida. Amiga de sua irmã, era aquela que vivia à margem nas festas; por perto, mas nunca realmente fazendo parte das coisas.

No entanto, o mundo parecia estar diferente. Só tinha voltado à Inglaterra havia duas semanas, mas já podia perceber que Penelope mudara. Ou talvez ele tivesse mudado. Ou talvez ela não tivesse, mas a forma como ele a olhava, sim.

Ela era importante. Não havia outra forma de expressar.

E, depois de ela simplesmente estar ali havia dez anos, era um tanto bizarro que tivesse tanta importância para ele.

Ficara incomodado com o fato de terem se despedido, naquela tarde, de maneira tão desajeitada. Não se lembrava de ter se sentido desconfortável com Penelope alguma vez na vida – não, isso não era verdade. Naquela ocasião... Por Deus, quantos anos fazia? Seis? Sete? A mãe começara a atormentá-lo para que se casasse, o que não era novidade alguma, a não ser pelo fato de, daquela vez em especial, ter sugerido Penelope como noiva potencial. No dia em questão, Colin não estava no clima para lidar com o espírito casamenteiro da mãe como em geral lidava: devolvendo as brincadeiras.

Então Violet se recusara a parar. Passara o dia inteiro falando sobre Penelope, depois a noite toda, ao que parecera, até Colin enfim deixar o país. Nada de radical, apenas uma pequena viagem ao País de Gales. Mas, pensando bem, o que dera na mãe dele?

Quando ele voltara a Londres, ela quisera ter uma conversa com ele, é claro – só que, dessa vez, porque a irmã, Daphne, estava grávida de novo e desejava fazer o anúncio quando toda a família estivesse reunida. Mas como ele poderia ter adivinhado? Assim, não ansiava pela visita, já que tinha certeza de que envolveria uma série de sugestões nada sutis sobre casamento. Então, ao encontrar com os irmãos, eles haviam começado a atormentá-lo exatamente sobre o mesmo assunto, daquela maneira que só irmãos conseguem fazer, e, quando ele se deu conta, estava afirmando, em um tom de voz muito alto, que não ia se casar com Penelope Featherington!

O problema foi que, por algum motivo, Penelope estava bem ali, parada no vão da porta, com a mão sobre a boca, os olhos arregalados de dor, vergonha e,

provavelmente, uma dezena de outras emoções desagradáveis que ele ficaria envergonhado demais para pesquisar mais a fundo.

Aquele fora um dos piores momento de sua vida. Um, na verdade, que ele fazia o possível para não lembrar. Não acreditava que Penelope estivesse interessada nele – pelo menos não mais do que as outras moças –, mas ele a envergonhara. Mencioná-la, especificamente, ao fazer um anúncio daqueles...

Aquilo fora imperdoável.

Ele pedira desculpas, é claro, e ela as aceitara, mas Colin jamais se perdoara por completo.

E, agora, ele a insultara outra vez. Não de forma direta, sem dúvida, mas deveria ter pensado melhor antes de se queixar da própria vida.

Diabos, como aquilo soara idiota, até mesmo para ele. Que motivo ele tinha para reclamar? Nenhum.

E, no entanto, ainda sentia aquele vazio insistente. Um anseio, na verdade, por algo que não conseguia definir. Tinha inveja dos irmãos, por terem encontrado suas paixões, por estarem construindo seu legado.

A única marca que Colin deixara no mundo se encontrava nas colunas sociais de Lady Whistledown.

Que piada.

Mas tudo era relativo, não era? Comparado a Penelope, tinha pouco do que se queixar.

Isso provavelmente significava que devia ter mantido as próprias inquietações apenas para si. Não gostava de pensar em Penelope como uma solteirona encalhada, mas supunha que era isso mesmo que ela era. E aquela não era uma posição muito respeitável na sociedade inglesa.

Na verdade, era uma situação sobre a qual muita gente se queixaria com amargura.

Mas Penelope sempre se mostrara bastante resignada – talvez não satisfeita com o seu destino, porém ao menos aceitando-o.

E quem poderia saber? Talvez ela tivesse anseios e sonhos de uma vida além da que compartilhava com a mãe e com a irmã na casa da Rua Mount. Talvez tivesse planos e objetivos mas os guardasse para si por trás de um véu de dignidade e bom humor.

Talvez houvesse mais a seu respeito do que parecia.

Talvez, pensou ele com um suspiro, ela merecesse um pedido de desculpas. Ele não sabia exatamente por que deveria se desculpar; não estava certo de que houvesse um motivo preciso.

Mas a situação exigia *alguma* coisa.

Ora, diabos. Agora teria de comparecer ao sarau dos Smythe-Smiths naquela noite. Tratava-se de um evento anual sofrido e dissonante; sempre que se acreditava que todas as meninas da família haviam crescido, alguma prima nova surgia para tomar o seu lugar, cada qual mais desafinada do que a anterior.

Mas era lá que Penelope estaria naquela noite, o que significava que era onde Colin teria de estar, também.

CAPÍTULO 7

Colin Bridgerton esteve cercado por um bom número de moças no sarau dos Smythe-Smiths na noite de quarta-feira, todas elas demonstrando uma enorme preocupação com a sua mão machucada.

Esta autora não sabe como ocorreu o ferimento – na verdade, o Sr. Bridgerton vem se mantendo irritantemente discreto a respeito dele. E, por falar em irritação, o cavalheiro em questão pareceu bastante incomodado com tanta atenção. Na verdade, esta autora o ouviu dizer ao irmão, Anthony, que gostaria de ter deixado o (palavra irrepetível) curativo em casa.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
16 DE ABRIL DE 1824

Por que, por que, por que ela fazia aquilo consigo mesma?

Ano após ano, o convite chegava via mensageiro e ano após ano Penelope jurava que nunca, em nome de Deus, nunca mais compareceria a outro sarau dos Smythe-Smiths.

E, no entanto, ano após ano ela se via sentada na sala de música da família, tentando desesperadamente não se encolher (pelo menos não de forma perceptível) enquanto a última geração de meninas Smythe-Smiths trucidavam as composições do pobre Sr. Mozart.

Era doloroso. Horrível, pavoroso, hediondo. Na verdade, não havia outra forma de descrever a experiência.

Mais assombroso era o fato de que Penelope, de alguma forma, sempre acabava na primeira fileira, ou próxima a ela, o que era ainda mais martirizante. E não apenas para os ouvidos. A cada poucos anos, uma das meninas Smythe-Smiths parecia se dar conta de que estava participando do que só podia ser chamado de crime contra as leis auditivas e, enquanto as outras atacavam violinos e pianos com um vigor inabalável, esse ser ímpar tocava com uma

expressão de dor que Penelope conhecia muito bem.

Era a expressão que se fazia quando se desejava estar em qualquer outro lugar que não aquele. Podia-se tentar ocultá-la, mas o desconforto sempre ficava evidente nos lábios rijos e esticados. E nos olhos, é claro.

Deus sabia que Penelope fora amaldiçoada com aquela expressão muitas vezes.

Talvez fosse por isso que jamais conseguia ficar em casa nas noites do referido sarau. Alguém tinha de sorrir de forma encorajadora e fingir estar gostando da música. Além do mais, só precisava ouvir aquilo uma vez ao ano.

Ainda assim, era impossível não pensar na fortuna que poderia ser ganha com a fabricação de discretos tampões de ouvidos.

O quarteto de meninas se preparava – uma confusão de notas dissonantes e escalas que só prometiam piorar assim que elas começassem a tocar de fato. Penelope escolhera um lugar no meio da segunda fileira, para completa aflição da irmã, Felicity.

– Mas há dois lugares ótimos no canto, ao fundo – sibilou ela, em seu ouvido.

– Agora é tarde – devolveu Penelope, acomodando-se na cadeira levemente acolchoada.

– Que Deus me ajude – gemeu Felicity.

Penelope pegou o programa e começou a folheá-lo.

– Se não nos sentarmos aqui, outra pessoa haverá de se sentar.

– É isso que eu quero!

Penelope se aproximou da irmã de maneira que apenas ela a ouvisse.

– Podem contar conosco para sorrirmos e sermos educadas. Imagine se alguém como Cressida Twombley se sentar aqui e passar o tempo todo dando risadinhas de desdém.

Felicity olhou à sua volta.

– Cressida Twombley não seria vista aqui nem morta.

Penelope escolheu ignorar a observação.

– A última coisa da qual elas precisam é de alguém aqui na frente que goste de fazer comentários pouco lisonjeiros. As pobres meninas ficariam tão ofendidas...

– Vão ficar ofendidas de qualquer maneira – murmurou Felicity.

– Não, não vão – discordou Penelope. – Pelo menos não aquela, aquela ou aquela – falou, apontando para as duas dos violinos e a do piano. Mas aquela –

continuou, fazendo um discreto sinal em direção à jovem sentada com um violoncelo entre os joelhos – já está se sentindo péssima. O mínimo que podemos fazer é não piorar as coisas permitindo que uma pessoa maldosa e cruel se sente aqui.

– Ela só vai ser arrasada mais para o final da semana, por Lady Whistledown – sussurrou Felicity.

Penelope abriu a boca para dizer mais alguma coisa, mas naquele exato instante se deu conta de que Eloise chegara e acabara de ocupar o assento do seu outro lado.

– Eloise – exclamou Penelope, obviamente encantada. – Pensei que tivesse planejado ficar em casa.

A jovem fez uma careta.

– Não sei como explicar, mas não consigo não vir. É mais ou menos como um acidente de carruagem. É impossível *não* olhar.

– Ou escutar – observou Felicity –, como parece ser o caso.

Penelope sorriu. Não foi capaz de evitar.

– Será que as ouvi falar de Lady Whistledown quando cheguei? – indagou Eloise.

– Eu estava comentando com Penelope – retrucou Felicity, debruçando-se por cima da irmã sem um pingo de elegância para conversar com Eloise – que as meninas vão ser destruídas por Lady Whistledown mais para o final da semana.

– Não sei – respondeu Eloise, pensativa. – Ela não costuma implicar com as Smythe-Smiths todos os anos. Não sei por quê.

– Eu sei – cacarejou uma voz vinda de trás delas.

As três se viraram em suas cadeiras, então tiveram um pequeno sobressalto quando a bengala de Lady Danbury chegou perigosamente próxima de seus rostos.

– Lady Danbury – grunhiu Penelope, incapaz de resistir ao impulso de tocar o próprio nariz, apenas para se certificar de que continuava no lugar.

– Eu já consegui entender Lady Whistledown – afirmou a velha senhora.

– É mesmo? – provocou Felicity.

– Ela tem o coração mole – continuou a outra. – Está vendo aquela – falou, apontando a bengala na direção da violoncelista, quase furando a orelha de Eloise ao fazê-lo – bem ali?

– Sim – respondeu Eloise, esfregando a orelha –, embora eu já não ache que vá conseguir escutá-la.

– Provavelmente uma bênção – comentou Lady Danbury antes de retornar ao assunto. – Pode me agradecer mais tarde.

– Estava dizendo algo sobre a violoncelista? – perguntou Penelope com bastante habilidade, antes que Eloise fizesse algum comentário inapropriado.

– É claro que estava. Olhem só para ela – prosseguiu Lady Danbury. – Está extremamente infeliz. E tem razão. É a única que tem alguma noção de quão péssimas elas são. As outras três têm a sensibilidade musical de um mosquito.

Penelope olhou para a irmã com uma expressão de completa superioridade.

– Podem escrever o que digo – continuou Lady Danbury. – Lady Whistledown não dirá uma palavra sobre este sarau. Não vai querer magoar aquela ali. O resto...

Felicity, Penelope e Eloise se abaixaram no instante em que a bengala passou.

– Ora, ela não dá a menor importância ao resto.

– É uma teoria interessante – comentou Penelope.

Satisfeita, Lady Danbury recostou-se em sua cadeira.

– Não é mesmo?

Penelope assentiu com a cabeça.

– E acho que tem razão.

– Humpf. Quase sempre tenho.

Ainda virada na cadeira, Penelope olhou primeiro para Felicity, em seguida para Eloise, e disse:

– É o mesmo motivo pelo qual eu venho a esses saraus infernais ano após ano.

– Para ver Lady Danbury? – indagou Eloise, piscando aturdida.

– Não. Por causa de meninas como ela – revelou Penelope, apontando para a violoncelista. – Porque eu sei exatamente como ela se sente.

– Não seja tola, Penelope – retrucou Felicity. – Você nunca tocou piano em público e, mesmo se tocasse, é muito boa pianista.

Penelope virou-se para a irmã.

– Não tem a ver com a música, Felicity.

Nesse momento uma coisa muito estranha aconteceu com Lady Danbury. Sua expressão se transformou por completo. Os olhos ficaram sem brilho, tristes. Os lábios, em geral levemente rijos nos cantos, e sarcásticos, se suavizaram.

– Eu também fui aquela menina, Srta. Featherington – confidenciou, tão baixinho que tanto Eloise quanto Felicity foram forçadas a se aproximar, Eloise proferindo um “Como disse?” e Felicity com um bem menos polido “O quê?”.

Mas Lady Danbury só tinha olhos para Penelope.

– E é por isso que eu venho, ano após ano – prosseguiu a velha senhora –, assim como você.

Por um instante, Penelope sentiu uma estranha conexão com ela. O que era uma loucura, pois não tinham nada em comum além do gênero – nem idade, posição social ou qualquer outra coisa. E, no entanto, era quase como se a condessa a tivesse escolhido – com que objetivo, Penelope jamais teria como adivinhar. O certo é que parecia decidida a atiçar um fogo sob a vida ordeira e muitas vezes entediante da jovem.

E Penelope não podia negar que estava, de alguma forma, funcionando.

Não é ótimo descobrirmos que não somos exatamente o que pensávamos ser?

As palavras ditas por Lady Danbury poucas noites antes ainda ecoavam na cabeça de Penelope. Quase como uma litania.

Quase como um desafio.

– Sabe o que eu acho, Srta. Featherington? – indagou Lady Danbury, o seu tom enganosamente suave.

– Não faço a mais vaga ideia – retrucou Penelope com bastante franqueza, e respeito.

– Acho que *você* poderia ser Lady Whistledown.

Felicity e Eloise arfaram.

Penelope entreabriu os lábios, surpresa. Ninguém jamais pensara em acusá-la de tal coisa antes. Era inacreditável... impensável... e...

Bastante lisonjeiro, na verdade.

Ela sentiu a boca formar um sorriso malicioso, então se inclinou para a frente como se estivesse prestes a compartilhar novidades muito importantes.

Lady Danbury chegou para a frente. Felicity e Eloise também.

– Sabe o que *eu* acho, Lady Danbury? – disse Penelope, numa voz sedutoramente suave.

– Bem – retrucou Lady D., com um brilho astucioso nos olhos –, eu poderia responder que estou sem fôlego de tanta ansiedade, mas você já me falou, certa vez, que achava que *eu* era Lady Whistledown.

– E é?

A velha senhora abriu um sorriso ardiloso.

– Talvez.

Felicity e Eloise sufocaram outro grito, ainda mais premente desta vez.

Penelope sentiu o estômago dar uma cambalhota.

– A senhora está admitindo que é? – sussurrou Eloise.

– É claro que não! – ladrou Lady Danbury, se empertigando e batendo com a bengala no chão com força suficiente para fazer com que as quatro musicistas amadoras parassem o aquecimento. – E, mesmo que fosse verdade, e eu não estou dizendo que seja, por acaso eu seria tola o suficiente para admitir?

– Então por que disse...

– Porque, sua tolinha, estou tentando explicar um argumento.

Eloise ficou silêncio até Penelope ser forçada a perguntar:

– E que argumento seria esse?

Lady Danbury lhes lançou um olhar exasperado.

– Que qualquer pessoa poderia ser Lady Whistledown – exclamou, batendo com a bengala no chão com vigor renovado. – Qualquer uma.

– Bem, exceto *eu* – atalhou Felicity. – Tenho certeza absoluta que não sou eu.

Lady Danbury não se dignou nem a olhar para ela.

– Deixem-me lhes dizer uma coisa – falou.

– Como se pudéssemos impedi-la – observou Penelope, com tanta doçura que pareceu um elogio.

E, na verdade, *era* um elogio. Ela tinha bastante admiração por Lady Danbury. Admirava qualquer pessoa que conseguisse dizer o que pensava em público.

A velha senhora riu.

– Você é bem mais profunda do que se percebe à primeira vista, Penelope Featherington.

– É verdade – concordou Felicity, sorrindo. – Ela sabe ser bastante cruel, por exemplo. Ninguém acreditaria nisso, mas quando éramos pequenas...

Penelope lhe deu uma cotovelada nas costelas.

– Viu só? – reclamou Felicity.

– O que eu ia dizer – continuou Lady Danbury – era que todos estão agindo de maneira completamente errada com relação ao meu desafio.

– E como sugere que ajamos, então? – indagou Eloise.

A senhora acenou com a mão bem à frente do rosto de Eloise.

– Primeiro tenho de explicar o que as pessoas estão fazendo de errado – começou. – Ficam olhando para os suspeitos óbvios. Gente como a sua mãe – declarou, virando-se para Penelope e Felicity.

– Nossa mãe? – ecoaram ambas.

– Ora, por favor – zombou Lady Danbury. – Esta cidade jamais conheceu pessoa tão intrometida. É exatamente o tipo de pessoa de quem todo mundo desconfia.

Penelope não tinha a menor ideia do que responder. A mãe *era*, de fato, uma notória fofoqueira, embora fosse difícil imaginá-la como Lady Whistledown.

– É por isso – continuou Lady Danbury, com um olhar muito astuto – que não pode ser ela.

– Bem, *isso* – retrucou Penelope, com um toque de sarcasmo – e o fato de que Felicity e eu podemos afirmar, com certeza, que não é ela.

– Ora, se sua mãe fosse Lady Whistledown, teria encontrado uma forma de impedir que vocês soubessem.

– Minha mãe? – disse Felicity, com sérias dúvidas. – Não creio.

– O que eu estava tentando *argumentar* – insistiu Lady Danbury, ficando impaciente –, antes de todas essas interrupções infernais...

Penelope achou ter ouvido Eloise resfolegar.

– ... era que se, Lady Whistledown fosse alguém óbvio, já teria sido descoberta, não acham?

Todas ficaram em silêncio, até se tornar claro que a velha senhora aguardava uma resposta, então as três assentiram com um ar pensativo e o vigor esperado.

– Deve ser uma pessoa de quem ninguém suspeitaria – sugeriu Lady Danbury. – Só pode ser.

Penelope assentiu. A teoria de Lady Danbury estranhamente fazia sentido.

– É por isso – prosseguiu a velha senhora, triunfante – que eu não sou uma candidata provável!

Penelope piscou repetidamente, aturdida, sem entender muito bem a lógica.

– Como disse?

– Ora, *por favor*. – Lady Danbury olhou para Penelope com o mais absoluto desdém. – Acha mesmo que foi a primeira pessoa a suspeitar de mim?

Penelope se limitou a balançar a cabeça.

– Eu continuo achando que é a senhora.

Isso lhe rendeu uma dose de respeito. Lady Danbury assentiu em sinal de aprovação enquanto dizia:

– Você é mais insolente do que parece.

Felicity se inclinou para a frente e falou, numa voz conspiratória:

– Isso é verdade.

Penelope deu um tapa na mão da irmã.

– Felicity!

– Acho que o sarau vai começar – avisou Eloise.

– Que Deus nos ajude – retrucou Lady Danbury. – Não sei por que... Sr. Bridgerton!

Penelope tinha se virado de frente para o pequeno palco, mas tornou a se voltar para trás a tempo de ver Colin percorrer a fileira e se sentar ao lado de Lady Danbury, pedindo desculpas ao esbarrar nos joelhos das pessoas pelas quais ia passando.

Os pedidos de desculpa eram acompanhados, é claro, por um de seus sorrisos fatais, e nada menos do que três senhoras simplesmente ficaram completamente derretidas em suas cadeiras.

Penelope arqueou as sobrancelhas. Era lamentável.

– Penelope – sussurrou Felicity –, por acaso você acabou de rosnar?

– Colin – disse Eloise –, eu não sabia que vinha.

Ele deu de ombros, o rosto iluminado por um sorriso de lado.

– Mudei de ideia no último instante. Afinal, sempre fui um grande amante de música.

– Isso explica a sua presença aqui – comentou Eloise num tom bastante irônico.

Em resposta, Colin se limitou a arquear a sobrancelha. Em seguida se virou para Penelope e disse:

– Boa noite, Srta. Featherington. – Depois acenou com a cabeça para Felicity e cumprimentou: – Srta. Featherington.

Penelope levou um instante para encontrar a voz. Os dois haviam se despedido de forma bastante estranha naquela tarde, e agora, ali estava ele com um sorriso simpático.

– Boa noite, Sr. Bridgerton – conseguiu dizer, por fim.

– Alguém sabe qual é o programa desta noite? – indagou ele, mostrando-se muito interessado.

Penelope foi obrigada a admirar aquilo. Colin tinha a capacidade de olhar para uma pessoa como se nada no mundo pudesse ser mais importante do que aquilo que ela fosse dizer. Era um talento e tanto. Sobretudo naquele momento, em que todos sabiam que ele não dava a menor importância para o que as meninas Smythe-Smiths teriam escolhido tocar.

– Acredito que seja Mozart – opinou Felicity. – Elas quase sempre tocam Mozart.

– Encantador – retrucou Colin, recostando-se na cadeira, como se tivesse acabado de comer uma excelente refeição. – Sou um grande fã do Sr. Mozart.

– Nesse caso – falou Lady Danbury, acotovelando-o nas costelas –, talvez queira fugir daqui enquanto a possibilidade ainda existe.

– Não seja tola – disse ele. – Estou certo de que as meninas darão o melhor de si.

– Ah, não há dúvida de que as meninas darão o melhor de si – atalhou Eloise, em um tom de mau agouro.

– Shhh – fez Penelope. – Acho que vão começar.

Ela não estava particularmente ansiosa para ouvir a versão Smythe-Smith de *Eine Kleine Nachtmusik*, admitiu para si mesma. Mas se sentiu muito pouco à vontade com Colin. Não sabia ao certo o que dizer a ele, e o que quer que *devesse* dizer não devia ser dito na frente de Eloise, Felicity e, sobretudo, Lady Danbury.

Um mordomo surgiu e apagou algumas velas de forma a sinalizar que as meninas estavam prontas para começar. Penelope se preparou e engoliu em seco para tentar entupir os canais auditivos (não funcionou), então a tortura começou.

E continuou... e continuou... e continuou.

Penelope não sabia o que era pior: a música ou a consciência de que Colin estava sentado bem atrás dela. Sentiu um arrepio na nuca ao pensar nisso e começou a se remexer como uma louca, os dedos tamborilando, implacáveis, sobre o veludo azul-escuro do vestido.

Quando o quarteto Smythe-Smith finalmente terminou de tocar, três das meninas se mostraram radiantes com o aplauso educado e a quarta – a violoncelista – parecia querer se esconder.

Penelope deixou escapar um suspiro. Pelo menos ela, em todas as suas temporadas fracassadas, jamais havia sido forçada a exibir as suas deficiências diante de toda a alta sociedade como aquelas meninas. Sempre lhe havia sido permitido se ocultar nas sombras, ficando em silêncio nos limites do salão, observando as outras moças se alternarem na pista de dança. Sim, a mãe a carregava para lá e para cá, tentando colocá-la no caminho desse ou daquele cavalheiro disponível, mas isso não era nada – nada – comparado ao que as meninas Smythe-Smith eram forçadas a enfrentar.

Embora, para ser sincera, três das quatro parecessem ignorar alegremente sua inépcia musical. Penelope limitou-se a sorrir e a bater palmas. Sem dúvida ela não ia acabar com a festa das moças.

E, se a teoria de Lady Danbury estivesse correta, Lady Whistledown não haveria de escrever uma única palavra sobre o sarau.

Os aplausos logo diminuíram e em poucos instantes todos circulavam pelo salão, puxando conversa uns com os outros, de olho na mesa de petiscos escassos no fundo do aposento.

– Limonada – murmurou Penelope para si mesma.

Perfeito. Estava sentindo muito calor – ora, no que estava pensando ao usar veludo numa noite tão quente? –, e uma bebida gelada era exatamente o que precisava. Além disso, Colin estava entretido numa conversa com Lady Danbury, fazendo daquele o momento ideal para ela fugir dali.

Mas, assim que pegou um copo com a bebida, ouviu a voz dolorosamente familiar dele às suas costas, murmurando o seu nome.

Ela se virou e, antes de ter a menor ideia do que fazia, disse:

– Eu sinto muito.

– Sente?

– Sinto – garantiu ela. – Pelo menos, acho que sim.

Ele estreitou os olhos, e pequenas rugas se formaram nos cantos.

– Esta conversa só faz ficar mais intrigante a cada segundo.

– Colin...

Ele lhe estendeu o braço.

– Não quer dar uma volta comigo pelo salão?

– Eu não acho...

Colin aproximou o braço ainda mais dela – só 2 ou 3 centímetros, mas a

mensagem era clara.

– Por favor – insistiu.

Ela fez que sim e pousou o copo na mesa.

– Está bem.

Caminharam em silêncio por quase um minuto, então Colin disse:

– Eu gostaria de me desculpar com você.

– Fui eu que saí da sala de forma tempestuosa – observou Penelope.

Colin inclinou a cabeça de leve e ela percebeu o sorriso indulgente que brincava nos lábios dele.

– Eu não diria que foi “tempestuosa” – retrucou ele.

Penelope franziu a testa. Não deveria ter ido embora mostrando-se tão ofendida, mas agora que o fizera, sentia-se estranhamente orgulhosa. Não era todos os dias que uma mulher como ela tinha a oportunidade de fazer uma saída tão dramática.

– Bem, eu não deveria ter sido tão grosseira – murmurou ela, sem muita sinceridade dessa vez.

Ele arqueou uma das sobrancelhas, obviamente decidido a continuar o que tinha a dizer.

– Eu gostaria de me desculpar por ser um fedelho mimado e chorão.

Penelope chegou a tropeçar nos próprios pés.

Ele a ajudou a recuperar o equilíbrio, então continuou:

– Sei que há muitas coisas na minha vida pelas quais eu deveria ser grato. Pelas quais eu *sou* grato – corrigiu-se, um pouco acanhado. – Fui imperdoavelmente grosseiro ao me queixar com você.

– Não – insistiu ela –, passei a noite toda pensando no que disse, e embora eu... – Ela engoliu em seco, então passou a língua pelos lábios.

Passara o dia todo procurando as palavras adequadas e acreditava que as tivesse encontrado, mas agora que ele estava ali ao seu lado, não conseguia pensar em nada.

– Está precisando de mais um copo de limonada? – perguntou Colin, educadamente.

Ela fez que não.

– Você tem todo o direito de sentir o que quiser – disse de forma atabalhoada. – Pode não ser o que eu sentiria se estivesse no seu lugar, mas todos os seus

sentimentos são legítimos. No entanto...

Ela se deteve e Colin se viu desesperado para saber o que ela estava prestes a falar.

– No entanto o quê, Penelope? – encorajou-a.

– Não é nada.

– Para mim, é.

A mão dele estava sobre o braço dela, então ele o apertou de leve para que ela soubesse que ele falava sério.

Por um longo momento, Colin não achou que Penelope fosse de fato responder, então, quando pensou que o rosto fosse rachar com o sorriso fingido que abriu – estavam em público, afinal, e não seria de bom tom gerar comentários e especulações demonstrando ansiedade e agitação –, ela suspirou.

Foi um som encantador, estranhamente reconfortante, suave e sábio. E fez com que ele desejasse olhá-la com mais atenção, olhar dentro de sua mente, escutar os ritmos de sua alma.

– Colin – começou ela –, se você se sente frustrado com a sua situação atual, deveria fazer algo para mudá-la. Na verdade, é simples assim.

– É o que faço – disse ele, encolhendo o ombro mais distante dela com indiferença. – Minha mãe me acusa de fazer minhas malas e deixar o país apenas por capricho, mas a verdade é que...

– Você faz isso quando se sente frustrado – completou ela.

Ele fez que sim. Ela o compreendia. Colin não sabia ao certo como aquilo acontecera, ou mesmo se fazia algum sentido, mas Penelope Featherington o compreendia.

– Eu acho que você deveria publicar os seus diários – opinou ela.

– Eu não posso.

– Por quê?

Ele parou e soltou o braço dela. Na verdade, não tinha resposta além do estranho ribombar de seu coração.

– Quem iria querer ler? – perguntou, por fim.

– Eu iria – respondeu ela, com sinceridade. – Eloise, Felicity... Sua mãe, Lady Whistledown, sem dúvida – acrescentou, com um sorriso travesso. – Ela escreve um bocado a seu respeito.

O bom humor dela era contagiante, e Colin não conseguiu conter um sorriso.

– Penelope, se as únicas pessoas que comprarem o livro forem as que eu conheço, não conta.

– Por que não? Você conhece muitas pessoas. Ora, se considerar só os Bridgertons...

Ele agarrou a mão dela. Não soube por quê, mas agarrou.

– Penelope, pare.

Ela riu.

– Acho que Eloise comentou que vocês também têm montes e montes de primos e...

– Já chega – advertiu ele, embora estivesse sorrindo ao dizê-lo.

Penelope olhou para a mão dele segurando a sua e falou:

– Muita gente vai querer ler sobre suas viagens. Talvez, no início, seja apenas por você ser uma figura conhecida em Londres, mas não vai demorar até todos se darem conta de que é um ótimo escritor. Então, vão clamar por mais.

– Não quero ser um sucesso por causa do nome Bridgerton – retrucou ele.

Ela soltou a mão da dele e a pousou no quadril.

– Você ouviu tudo o que eu disse? Eu acabei de falar...

– Do que vocês dois estão falando?

Era Eloise, com uma expressão muito, muito curiosa.

– De nada – murmuraram os dois, ao mesmo tempo.

Eloise resfolegou.

– Não me insultem. Não pode não ser de nada. Penelope está com um ar de quem vai começar a cuspir fogo a qualquer instante.

– Seu irmão está apenas sendo obtuso – disse Penelope.

– Ora, não há nada de novo nisso – brincou Eloise.

– Espere aí! – exclamou Colin.

– Mas a respeito de quê ele estava sendo obtuso – insistiu Eloise, ignorando-o por completo.

– Trata-se de um assunto particular – respondeu Colin, de má vontade.

– O que o torna ainda mais interessante – retrucou Eloise.

Ela olhou para a amiga, em expectativa.

– Eu sinto muito – disse Penelope –, realmente não posso contar.

– Não acredito que você não vai me contar! – exclamou Eloise.

– Não – respondeu Penelope, sentindo-se estranhamente satisfeita consigo

mesma. – Não vou.

– Não acredito – repetiu Eloise, virando-se para o irmão. – Não acredito.

Colin deu o mais discreto dos sorrisos.

– Acredite.

– Você, guardando segredos de mim.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Por acaso achou que eu lhe contava tudo?

– É claro que não. – Ela fez uma careta. – Mas achei que Penelope contasse.

– Só que este segredo não é meu para que eu lhe conte – defendeu-se Penelope. – É de Colin.

– Acho que o planeta acaba de começar a girar para o outro lado – resmungou Eloise. – Ou talvez a Inglaterra tenha se chocado com a França. Só sei que este não é o mesmo mundo que eu habitava hoje de manhã.

Penelope não conseguiu se conter. Soltou uma risadinha, divertida.

– E você está rindo de mim! – acrescentou Eloise.

– Não, não estou – garantiu Penelope, rindo. – Realmente não estou.

– Sabe do que você está precisando? – indagou Colin.

– Eu? – indagou Eloise.

Ele assentiu.

– De um marido.

– Você é tão mau quanto a mamãe!

– Eu poderia ser bem pior, se quisesse.

– Não tenho a menor dúvida disso – devolveu Eloise.

– Parem, parem! – pediu Penelope, rindo muito a essa altura.

Os dois olharam para ela em expectativa, como se perguntassem: *e agora?*

– Estou tão satisfeita por ter vindo esta noite... – disse ela, as palavras saindo da boca a despeito de sua vontade. – Não consigo me lembrar de uma noite mais agradável do que esta. Sinceramente, não consigo.

Muitas horas depois, enquanto Colin fitava o teto do quarto de seu novo apartamento em Bloomsbury, ocorreu-lhe que se sentia exatamente da mesma forma.

CAPÍTULO 8

Colin Bridgerton e Penelope Featherington foram vistos conversando no sarau Smythe-Smith, embora ninguém saiba dizer, ao certo, o que discutiam. Esta autora se arriscaria a dizer que a conversa girava em torno da identidade desta, uma vez que todos pareciam estar falando sobre isso antes, depois e (um tanto grosseiramente, na estimada opinião desta coluna) durante a apresentação.

Outras notícias: o violino de Honoria Smythe-Smith foi danificado quando Lady Danbury o atirou de cima da mesa, sem querer, enquanto agitava a bengala.

Lady Danbury insistiu em comprar outro para substituir, mas então declarou que não tem o hábito de comprar nada que não seja do melhor, assim, Honoria terá um violino Ruggieri, importado de Cremona, na Itália.

No entendimento desta autora, somando-se o tempo de fabricação, de envio, além da longa lista de espera, levará uns seis meses para que o violino chegue até nós.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
16 DE ABRIL DE 1824

Há momentos na vida de uma mulher em que seu coração dá uma cambalhota no peito, em que o mundo parece atipicamente cor-de-rosa e perfeito, em que uma sinfonia pode ser ouvida no toque de uma campainha.

Penelope Featherington vivenciou esse momento dois dias após o sarau Smythe-Smith.

Só foi preciso uma batida à porta de seu quarto, seguida da voz do mordomo, lhe informando:

– O Sr. Colin Bridgerton está aqui para vê-la.

No mesmo instante, ela caiu da cama. Briarly, que trabalhava para a família

Featherington havia tempo suficiente para nem mesmo piscar diante da falta de graça de Penelope, murmurou:

– Devo dizer a ele que a senhorita não está?

– Não! – Penelope praticamente guinchou, e se colocou de pé aos tropeços. – Quer dizer, não – acrescentou num tom mais suave. – Mas vou precisar de dez minutos para me arrumar. – Ela olhou para o espelho e estremeceu diante da aparência desgrenhada. – Quinze.

– Como desejar, Srta. Penelope.

– Ah, e por favor prepare uma bandeja com quitutes. O Sr. Bridgerton deve estar com fome. Ele está sempre com fome.

O mordomo assentiu outra vez.

Penelope ficou imóvel enquanto Briarly se retirava, então, completamente incapaz de se conter, começou a dançar pulando de um pé para o outro, emitindo um som estranho que mais parecia um ganido e que tinha certeza – ou pelo menos esperava – que jamais produzira.

Também, não conseguia se lembrar da última vez em que um cavalheiro a visitara, muito menos um pelo qual estivesse tão apaixonada havia quase metade da vida.

– Acalme-se – disse ela, espalmando as mãos e fazendo um gesto muito parecido com o que usaria para conter uma pequena e ingovernável multidão. – Você precisa permanecer calma. Calma – repetiu, como se isso fosse, de fato, resolver alguma coisa. – Calma.

Mas, por dentro, seu coração dançava.

Respirou fundo algumas vezes, foi até a penteadeira e pegou a escova. Só levaria alguns instantes para prender os cabelos outra vez. Sem dúvida Colin não iria fugir se ela o deixasse aguardando por algum tempo. Ele devia esperar que ela levasse alguns minutos para se arrumar, não?

Ainda assim, ajeitou os cabelos em tempo recorde e, ao entrar na sala de visitas, apenas cinco minutos haviam transcorrido desde o anúncio do mordomo.

– Que rapidez – observou Colin, com um sorriso maroto.

Ele estava de pé ao lado da janela, olhando para a Rua Mount, e se virou quando ela apareceu.

– Ah, você acha? – disse Penelope, esperando que o calor que sentia na pele não estivesse se traduzindo num rubor.

Uma mulher devia manter um cavalheiro esperando, embora não por muito tempo. Ainda assim, não fazia sentido ter esse tipo de comportamento logo com Colin. Ele jamais se interessaria por ela de forma romântica, e, além do mais, eram amigos.

Amigos. Parecia um conceito tão estranho e, no entanto, era isso que eram. Sempre haviam sido conhecidos que se tratavam com familiaridade, mas, desde que Colin voltara do Chipre, tinham se tornado amigos.

Era mágico.

Mesmo que ele jamais a amasse – e ela achava que isso não aconteceria –, aquilo era melhor do que o que tinham antes.

– A que devo o prazer? – perguntou Penelope, sentando-se no sofá de tecido adamascado amarelo levemente desbotado da mãe.

Colin acomodou-se de frente para ela numa cadeira de espaldar reto bastante desconfortável. Inclinou o corpo para a frente, apoiou as mãos nos joelhos e Penelope soube, no mesmo instante, que havia algo errado. Aquela não era a pose adotada por um cavalheiro numa visita social. Ele lhe pareceu perturbado demais, intenso demais.

– É bastante sério – disse ele, o rosto soturno.

Penelope quase se levantou.

– Aconteceu alguma coisa? Alguém adoeceu?

– Não, não, nada do tipo. – Colin fez uma longa pausa, expirou profundamente, então passou as mãos pelos cabelos desalinhados. – É sobre Eloise.

– O que é?

– Não sei como dizer isto... Tem algo para comer?

Penelope teve vontade de torcer o pescoço dele.

– Pelo amor de Deus, Colin!

– Me desculpe. É que não comi nada o dia todo.

– Uma novidade, estou certa – comentou Penelope, impaciente. – Já pedi a Briarly que nos trouxesse algo. Agora, poderia me contar o que há de errado ou quer que eu morra de impaciência?

– Eu acho que ela é Lady Whistledown – disse ele, atabalhoadamente.

Penelope ficou boquiaberta. Não sabia ao certo o que esperava ouvir, mas não era aquilo.

– Penelope, você me escutou?

– Eloise?

Ele fez que sim.

– Não pode ser.

Colin se levantou e começou a caminhar de um lado para outro, tão nervoso que não conseguia ficar sentado.

– Por que não?

– Porque... porque... Porque não há a menor possibilidade de ela fazer uma coisa dessas há dez anos sem eu saber.

A expressão dele se transformou de perturbação em desdém em um instante.

– Não creio que você esteja a par de tudo o que Eloise faça.

– É claro que não – devolveu Penelope, lançando-lhe um olhar bastante irritado –, mas posso lhe dizer com absoluta certeza que Eloise jamais esconderia de mim um segredo dessa magnitude durante dez anos. Ela simplesmente não seria capaz.

– Penelope, ela é a pessoa mais enxerida que conheço.

– Bem, isso é verdade – concordou Penelope. – Com exceção de minha mãe. Mas isso não é o suficiente para condená-la.

Colin parou de caminhar de um lado para outro e plantou as mãos nos quadris.

– Ela vive anotando coisas.

– Por que acha isso?

Ele ergueu a mão e esfregou as pontas dos dedos energicamente umas nas outras.

– Manchas de tinta. Sempre.

– Muitas pessoas usam canetas e tinta. Você, por exemplo, escreve diários. Estou certa de que fica com os dedos sujos de tinta de vez em quando.

– Sim, mas eu não desapareço quando escrevo nos meus diários.

Penelope sentiu sua pulsação se acelerar.

– O que quer dizer com isso? – perguntou, ficando sem fôlego.

– Quero dizer que ela se tranca no quarto hora após hora e que é depois desses períodos que os dedos ficam cheios de tinta.

Penelope ficou em silêncio por um período agonizantemente longo. A “prova” de Colin era, de fato, significativa, sobretudo somada à conhecida e bem documentada tendência de Eloise à intromissão.

Mas ela não era Lady Whistledown. Não podia ser. Penelope apostaria a própria vida.

Por fim, ela cruzou os braços e, parecendo uma criança teimosa, disse:

– Não é ela. Não é.

Colin voltou a se sentar, parecendo derrotado.

– Eu gostaria de ter essa certeza.

– Colin, você precisa...

– Droga, onde está a comida? – resmungou ele.

Ela deveria ter ficado chocada, mas de alguma forma a falta de educação dele a divertiu.

– Tenho certeza que Briarly já está chegando com ela.

Ele se esparramou numa cadeira.

– Estou com fome.

– Sim, imagino – comentou Penelope, contraindo os lábios.

Ele deixou escapar um suspiro, cansado e preocupado.

– Se ela for Lady Whistledown, vai ser um desastre. Simplesmente um desastre.

– Não seria tão ruim assim – retrucou Penelope, com cuidado. – Não que eu ache que ela seja, porque não acho! Mas, se fosse, seria tão terrível assim? Eu, particularmente, gosto bastante de Lady Whistledown.

– Sim, Penelope – respondeu Colin, de forma um tanto ríspida –, seria terrível. Ela estaria arruinada.

– Não acho que estaria *arruinada*...

– É claro que estaria. Tem ideia de quantas pessoas aquela mulher já insultou ao longo dos anos?

– Não sabia que você detestava Lady Whistledown tanto assim – observou Penelope.

– Eu não a detesto – contestou Colin, com impaciência. – Mas isso não importa. Todo mundo a detesta.

– Não creio que isso seja verdade. Todos compram o seu jornal.

– É claro que compram! Todos compram o seu maldito jornal.

– Colin!

– Desculpe – murmurou ele, embora não parecesse estar sendo sincero.

Mesmo assim, Penelope assentiu.

– Seja lá quem for Lady Whistledown – disse Colin, balançando o dedo em sua direção com tanta veemência que ela chegou o corpo para trás –, quando ela for desmascarada, não poderá mostrar o rosto em Londres.

Penelope pigarreou com discrição.

– Não tinha me dado conta de que você se importava tanto com as opiniões da sociedade.

– E não me importo. Bem, não muito, pelo menos. Qualquer um que lhe disser que não se importa é um mentiroso e um hipócrita.

Penelope achou que Colin estava certo, embora tenha ficado surpresa por ele admiti-lo. Ao que parecia, os homens gostavam de fingir ser totalmente independentes, não afetados pelos caprichos e opiniões da sociedade.

Ele inclinou o corpo para a frente, os olhos verdes queimando de intensidade.

– Isto não tem a ver comigo, Penelope. Tem a ver com Eloise. E, se ela for execrada pela sociedade, ficará arrasada. – Ele se recostou na cadeira, mas seu corpo inteiro irradiava tensão. – Sem falar do que aconteceria com minha mãe.

Penelope deu um suspiro lento.

– Eu realmente acho que você está se indispondo a troco de nada – falou.

– Espero que tenha razão – retrucou Colin, fechando os olhos.

Não sabia ao certo quando começara a desconfiar da irmã. Talvez depois que Lady Danbury lançara seu agora famoso desafio. Ao contrário de grande parte de Londres, Colin jamais se interessara pela verdadeira identidade de Lady Whistledown. A coluna era divertida e ele sem dúvida a lia, assim como todo mundo, mas, a seu ver, Lady Whistledown era apenas... Lady Whistledown, e isso era só o que ela precisava ser.

Mas o desafio de Lady Danbury o fizera começar a pensar, e, como todos os Bridgertons, sempre que enfiava uma ideia na cabeça, era incapaz de esquecê-la. De alguma forma, lhe ocorrera que a irmã possuía o temperamento e as habilidades perfeitos para escrever uma coluna como aquela, então, antes de conseguir se convencer de que estava delirando, notara as manchas de tinta em seus dedos. Desde então, fora praticamente à loucura, sem conseguir pensar em mais nada que não fosse a possibilidade de Eloise ter uma vida secreta.

Ele não sabia o que o irritava mais: que Eloise pudesse ser Lady Whistledown ou que tivesse conseguido esconder isso dele por mais de uma década.

Que coisa mais enervante, ser enganado pela própria irmã. Gostava de pensar

que era mais esperto do que isso.

Mas precisava se concentrar no presente. Porque, se as suas suspeitas estivessem corretas, como a família iria lidar com o escândalo quando Eloise fosse descoberta?

E ela seria, *sim*, descoberta. Com toda Londres ansiando pelo prêmio de mil libras, Lady Whistledown não tinha a menor chance.

– Colin! Colin!

Ele abriu os olhos, perguntando-se quanto tempo fazia que Penelope o estava chamando.

– Eu realmente acho que você deveria parar de se preocupar com Eloise – disse ela. – Há muitas pessoas em Londres, e Lady Whistledown poderia ser qualquer uma delas. Ora, considerando sua atenção aos detalhes – ela fez um gesto com a mão para lhe lembrar das pontas dos dedos sujos de tinta de Eloise –, *você* poderia ser Lady Whistledown.

Ele lhe lançou um olhar bastante condescendente.

– A não ser pelo pequeno detalhe de eu ter estado fora do país metade do tempo.

Penelope decidiu ignorar o sarcasmo.

– Sem dúvida você escreve bem o bastante para ser ela.

Colin teve vontade de dizer algo cômico e levemente ríspido para refutar os argumentos fracos que ela apresentava, mas a verdade era que, em seu íntimo, tinha ficado tão encantado com o elogio à sua escrita que a única coisa que conseguiu fazer foi ficar ali parado, exibindo um sorriso torto.

– Você está bem? – perguntou Penelope.

– Perfeitamente bem – respondeu ele, voltando a si e tentando adotar um semblante mais sóbrio. – Por quê?

– Porque, de repente, me pareceu estar passando mal. Com vertigem, talvez.

– Estou bem – repetiu ele, talvez um pouco mais alto que o necessário. – Só estou pensando no escândalo.

Penelope deixou escapar um suspiro cansado que o irritou, porque ele não via motivo para ela se impacientar tanto.

– Que escândalo? – perguntou ela.

– O escândalo que irá explodir quando ela for descoberta – disse Colin, por entre os dentes.

– Ela não é Lady Whistledown! – insistiu Penelope.

De repente, Colin se empertigou na cadeira, os olhos brilhando com uma nova ideia.

– Sabe, não acho que tenha importância o fato de ela ser ou não Lady Whistledown.

Penelope o fitou, perplexa, durante três segundos inteiros antes de olhar ao redor do aposento e murmurar:

– Onde está a comida? Acho que estou zonza. Você não passou os últimos dez minutos completamente *enlouquecido* pela possibilidade de que seja?

Como se aquela fosse a sua deixa, Briarly entrou na sala com uma pesada bandeja. Penelope e Colin observaram em silêncio enquanto o mordomo a apoiava na mesa.

– Gostariam que eu os servisse? – indagou ele.

– Não, não é preciso – respondeu Penelope. – Nós mesmos podemos fazer isso.

Briarly assentiu e, assim que terminou de arrumar os talheres e encher dois copos com limonada, saiu.

– Ouça – começou Colin, levantando-se para empurrar a porta até que ela estivesse quase fechada (caso alguém resolvesse discutir as sutilezas das convenções sociais, tecnicamente a porta continuava aberta).

– Não quer algo para comer? – indagou Penelope, estendendo-lhe um prato que enchera com diversos petiscos.

Ele pegou um pedaço de queijo, devorou-o em apenas duas mordidas, então continuou:

– Mesmo que Eloise não seja Lady Whistledown, e, aliás, ainda acho que seja, não importa. Porque, se eu suspeito dela, então alguma outra pessoa também irá suspeitar.

– E o que isso quer dizer?

Colin esteve a ponto de chacoalhar Penelope pelos ombros, mas deteve-se bem a tempo.

– Não importa! Será que não vê? Se alguém apontar o dedo para ela, ela estará arruinada.

– Não se ela não for Lady Whistledown! – exclamou Penelope, parecendo se esforçar muito para descerrar os dentes.

– E como ela poderia provar? – devolveu Colin. – Uma vez que um boato tem início, o estrago já está feito. Cria vida própria.

– Colin, há cinco minutos não estou mais entendendo você.

– Preste atenção. – Ele se virou para encará-la e foi tomado por uma intensidade tal que não poderia ter desviado os olhos dela ainda que a casa estivesse desabando ao seu redor. – Suponhamos que eu dissesse a todo mundo que seduzi você.

Penelope ficou muito, muito quieta.

– Você estaria arruinada para sempre – continuou ele, agachando-se perto da beirada do sofá, de forma que ficassem mais ou menos da mesma altura. – Não importaria que nós nem ao menos tivéssemos nos beijado. *Isso*, minha cara Penelope, é o poder da palavra.

Ela pareceu estranhamente paralisada. E, ao mesmo tempo, ruborizada.

– Eu... eu não sei o que dizer – gaguejou.

E, então, algo muito estranho aconteceu. Colin se deu conta de que ele mesmo não sabia o que dizer. Porque se esqueceu de boatos, e do poder da palavra, e daquela podridão toda, e a única coisa na qual conseguia pensar era a parte que envolvia beijar e...

E...

E...

Deus do céu, ele queria beijar Penelope Featherington.

Penelope Featherington!

Era como querer beijar a própria irmã.

A não ser pelo fato – lançou-lhe um olhar discreto e ela lhe pareceu encantadora, e ele se perguntou como não o havia notado mais cedo – de que ela não era sua irmã.

Definitivamente, não era sua irmã.

– Colin?

O nome dele era um mero sussurro nos lábios dela, que piscava sem parar de forma adorável e confusa. Como era possível que jamais houvesse notado o intrigante tom de castanho dos olhos dela? Eram quase dourados próximo à pupila. Nunca vira nada parecido e, no entanto, os vira centenas de vezes.

Ele se empertigou subitamente. Era mais seguro que não estivessem naquele ângulo. De cima, era mais difícil ver os olhos dela.

Penelope se levantou.

Maldição.

– Colin? – disse ela, a voz quase inaudível. – Posso lhe pedir um favor?

Pode ter sido intuição masculina ou insanidade, mas uma voz muito insistente dentro dele gritava que, fosse lá o que ela quisesse, só poderia ser má ideia.

Ele era, no entanto, um idiota.

Tinha de ser, pois sentiu os lábios se entreabrirem e, em seguida, ouviu uma voz muito parecida com a sua dizer:

– É claro.

Ela contraiu os lábios e, por um instante, Colin achou que fosse beijá-lo, mas então se deu conta de que só fizera isso para formar uma palavra:

– Poderia...

Apenas uma palavra. Nada além de uma palavra começando com *po.* A sílaba *po* sempre se assemelhava a um beijo.

– Poderia me dar um beijo?

CAPÍTULO 9

Toda semana parece haver um convite mais cobiçado que todos os outros, e o desta semana é, sem dúvida, o da condessa de Macclesfield, que irá oferecer um grande baile na segunda-feira à noite. Lady Macclesfield não é uma anfitriã frequente em Londres, mas é muito popular, assim como o seu marido, e espera-se que muitos solteiros compareçam, incluindo o Sr. Colin Bridgerton (supondo que não sucumba à exaustão após quatro dias passados com os dez netos dos Bridgertons), o visconde de Burwick e o Sr. Michael Anstruther-Wetherby.

Esta autora imagina que um grande número de senhoritas jovens e solteiras também confirmará presença depois da publicação desta coluna.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
16 DE ABRIL DE 1824

A vida como ele a conhecia chegara ao fim.

– O quê? – perguntou, ciente de que piscava sem parar.

O rosto de Penelope assumiu um tom de rubro mais profundo do que ele jamais imaginara ser possível, e ela se virou.

– Deixe para lá – murmurou. – Esqueça que eu disse qualquer coisa.

Colin achou aquilo uma ótima ideia.

Mas então, quando pensou que seu mundo talvez tivesse retomado o curso normal (ou pelo menos um que ele pudesse fingir ser o normal), Penelope subitamente virou-se, os olhos brilhando com uma luz apaixonada que o espantou.

– Não, não vou deixar para lá – bradou ela. – Passei a vida inteira deixando as coisas para lá, sem dizer às pessoas o que quero de verdade.

Colin tentou falar alguma coisa, mas o bolo que se formou em sua garganta o

impediu. Ele poderia cair morto a qualquer instante. Tinha certeza disso.

– Não vai significar nada, eu prometo – continuou ela. – Eu jamais esperaria alguma coisa de você, mas é que eu poderia morrer amanhã e...

– *O quê?*

Os olhos dela estavam imensos, liquefeitos em seu castanho profundo, suplicantes e...

Ele sentiu sua certeza se dissolver.

– Eu tenho 28 anos – disse Penelope, com a voz baixa e triste. – Sou uma solteirona e nunca fui beijada.

– Hã... err... b-bem...

Colin tinha certeza que sabia falar: apenas alguns minutos antes, fora uma pessoa perfeitamente articulada. Mas, agora, não conseguia formar uma única palavra.

E Penelope continuava a falar, as faces de um encantador tom rosado, os lábios se movendo tão rápido que ele não pôde evitar imaginar qual seria a sensação de tê-los sobre a sua pele. Em seu pescoço, em seu ombro, em seu... Em outras partes.

– Vou ser uma solteirona aos 29 anos – continuou ela –, e uma solteirona aos 30. E poderia morrer amanhã, e...

– Você não vai morrer amanhã! – conseguiu exclamar ele, de alguma forma.

– Mas poderia! E isso me mataria, porque...

– Você já estaria morta – argumentou ele, pensando que sua voz soava um tanto estranha e incorpórea.

– Não quero morrer sem ter sido beijada – concluiu ela.

Colin podia pensar em cem razões pelas quais beijar Penelope Featherington era uma péssima ideia, e a primeira delas era o fato de que ele *queria* beijá-la.

Abriu a boca na esperança de que algum som emergisse e que talvez fosse um argumento inteligível, mas nada saiu, apenas o som de sua respiração.

Então, Penelope fez a única coisa que podia acabar com a sua convicção. Ergueu os olhos para encará-lo e pronunciou duas únicas e simples palavras:

– Por favor.

Ele estava perdido. Havia algo de partir o coração na forma como ela o olhava, como se talvez fosse morrer se ele não a beijasse. Não de coração partido, não de vergonha – era quase como se precisasse dele para se nutrir, para

lhe alimentar a alma, preencher-lhe o coração.

E Colin não conseguiu se lembrar de mais ninguém que tivesse precisado dele com tanto fervor.

Aquilo o encheu de humildade.

Também o fez desejá-la com uma intensidade de deixar as pernas bambas. Olhou para ela e, de alguma forma, não viu a mulher que vira tantas vezes antes. Penelope estava diferente. Ela brilhava. Era uma sereia, uma deusa, e ele se perguntou como era possível que ninguém jamais o tivesse percebido.

– Colin? – sussurrou ela.

Ele deu um passo à frente. Foi um passo pequeno, mas quando tocou o queixo dela e inclinou o seu rosto para cima, os lábios dos dois ficaram a poucos centímetros de distância.

Seus hálitos se misturaram e o ar ficou cálido e pesado. Penelope estremeceu, e Colin não pôde ter certeza de que ele mesmo não estivesse tremendo.

Imaginou-se dizendo algo insolente e cômico, como o sujeito brincalhão que tinha a reputação de ser. *O que você quiser*, talvez, ou *Toda mulher merece ao menos um beijo*. Mas, ao eliminar a distância quase inexistente entre eles, percebeu que não havia palavras que pudessem captar a intensidade do momento.

Palavras para a paixão. Palavras para a necessidade.

Não havia palavras para a epifania daquele momento.

E assim, numa sexta-feira que de outra forma teria sido como qualquer outra, no coração de Mayfair, numa silenciosa sala de estar na Rua Mount, Colin Bridgerton beijou Penelope Featherington.

E foi glorioso.

Os lábios dele tocaram os dela a princípio com delicadeza, não porque ele tentasse ser dócil, embora, se tivesse lhe ocorrido a presença de espírito para pensar em tais coisas, provavelmente ele teria lembrado que aquele era o primeiro beijo dela e que, portanto, deveria ser reverente, lindo e todas as coisas com as quais uma moça sonha.

Mas, com toda a sinceridade, nada disso passou pela cabeça de Colin. Na verdade, ele mal pensava. Seu beijo foi suave e dócil porque ele ainda estava surpreso. Ele a conhecia havia anos, e jamais pensara em fazer aquilo. Agora, porém, não poderia soltá-la nem que o mundo se acabasse. Mal conseguia

acreditar no que estava fazendo – ou que desejasse tanto aquilo.

Não foi o tipo de beijo ao qual alguém dá início por estar tomado de paixão, emoção, raiva ou desejo. Foi algo mais lento, uma aprendizagem – tanto para Colin quanto para Penelope.

E ele estava aprendendo que tudo o que acreditara saber sobre o ato de beijar era bobagem.

Todo o resto havia sido apenas lábios, línguas e palavras murmuradas, mas sem o menor significado.

Aquilo, sim, era um beijo.

Havia algo no roçar dos lábios, na forma como ele podia ouvir e sentir a respiração dela ao mesmo tempo. Algo no fato de ela permanecer totalmente imóvel e, no entanto, ser possível sentir o seu coração ribombando.

Havia algo no fato de ele saber que era *ela*.

Colin mordiscou, de leve, o canto da boca de Penelope, e então acariciou o local exato onde os lábios dela se uniam. A língua dele mergulhava, delineava, aprendia os contornos de sua boca, saboreando a essência doce e ao mesmo tempo salgada.

Aquilo era mais do que um beijo.

As mãos dele, que estavam espalmadas nas costas dela, ficaram rijas, mais e mais tensas enquanto apalpavam o tecido do vestido. Ele podia sentir o calor do corpo dela na ponta dos dedos, brotando através da musselina.

Ele a puxou para mais perto, depois ainda mais, até seus corpos estarem colados. Podia sentir toda a extensão do corpo dela, e sentiu o seu próprio se incendiar. Percebeu seu membro enrijecer. Deus, como a desejava.

Colin se tornou mais exigente e fez sua língua brincar mais à frente, até Penelope entreabrir os lábios. Ele engoliu o seu suave gemido de aquiescência, então foi adiante para saborear aquela boca. Era doce, um pouco ácida devido à limonada e claramente tão inebriante quanto um bom conhaque, pois ele começava a duvidar da própria capacidade de permanecer de pé.

Percorreu as mãos pelo corpo dela – bem devagar, para não assustá-la. Ela era delicada, curvilínea e exuberante, do modo que sempre achara que uma mulher devia ser. Os quadris eram largos, o traseiro, perfeito, e os seios... por Deus, os seios eram deliciosos, pressionados de encontro ao seu peito. Ele queria muito tomá-los com as mãos, mas forçou-as a permanecer onde estavam (muito bem

posicionadas em seu traseiro, de maneira que não era tanto sacrifício assim). Além do fato de que ele, realmente, não deveria apalpar os seios de uma dama tão bem-criada no meio de sua sala de visitas, tinha a dolorosa suspeita de que, se a tocasse daquela maneira, era bastante provável que se perdesse por completo.

– Penelope, Penelope – murmurou, se perguntando por que o nome dela tinha um sabor tão delicioso em seus lábios.

Estava faminto por ela, inebriado de paixão, e queria desesperadamente que ela sentisse o mesmo. Tê-la nos braços era perfeito, mas, até o momento, ela não esboçara a menor reação. Ah, sim, havia oscilado em seus braços e aberto os lábios para acolher a sua invasão, mas, além disso, nada fizera.

E, no entanto, pelo respirar ofegante e pelas batidas aceleradas de seu coração, ele sabia que ela estava excitada.

Colin se afastou um pouco, apenas alguns centímetros, o suficiente para tocar-lhe o queixo e levantar o rosto dela para si. As pálpebras se agitaram até se abrirem, revelando olhos atordoados de paixão, em perfeita consonância com os lábios entreabertos, macios e túmidos pelos beijos dele.

Ela estava linda. Completamente linda, de tirar o fôlego. Não sabia como jamais notara isso em todos aqueles anos.

Será que o mundo estava cheio de homens cegos ou apenas estúpidos?

– Você também pode me beijar – sussurrou ele, encostando a testa, de leve, na dela.

Penelope não fez nada além de piscar.

– Um beijo envolve duas pessoas – murmurou ele, aproximando os lábios dos dela, embora apenas por um instante fugaz.

Ela correu a mão pelas costas dele.

– E o que eu devo fazer? – perguntou.

– O que quiser.

Penelope levou uma das mãos ao rosto dele bem devagar. Os dedos deslizaram de leve pela face, roçaram o queixo e então se afastaram.

– Obrigada – sussurrou ela.

Obrigada?

Ele ficou imóvel.

Não era isso que queria ouvir. Não queria receber um “obrigada” por aquele

beijo.

Aquilo o fez sentir-se culpado.

E superficial.

Como se tivesse feito aquilo por piedade. E a pior parte era que, se tudo tivesse acontecido poucos meses antes, teria sido, *de fato*, por piedade.

O que isso dizia a seu respeito?

– Não me agradeça – disse ele, rispidamente, afastando-se de repente.

– Mas...

– Eu disse *não* – repetiu ele, dando-lhe as costas como se não pudesse olhá-la quando, na verdade, não podia suportar a si mesmo.

E o mais impressionante era que ele não sabia muito bem por quê. Aquela sensação desesperada e insistente – seria culpa? Porque não era para ele tê-la beijado? Porque não era para ele ter gostado?

– Colin – retrucou ela –, não fique com raiva de você mesmo.

– Não estou – vociferou ele.

– Eu lhe pedi que me beijasse. Eu quase o forcei...

Que forma eficaz de fazer um homem se sentir másculo...

– Você não me forçou – disparou ele.

– Não, mas...

– Ora, pelo amor de Deus, Penelope, *já chega*!

Ela recuou, com os olhos arregalados.

– Me desculpe – sussurrou.

Ele baixou os olhos para as mãos dela e viu que tremiam. Colin fechou os olhos, agoniado. Por que, por que, por que estava sendo um idiota completo?

– Penelope... – começou.

– Não, está tudo bem – disse ela, depressa. – Não precisa falar nada.

– Não, eu preciso, sim.

– Eu realmente preferiria que não falasse.

E então ela lhe pareceu tão digna... O que o fez sentir-se ainda pior. Ela estava parada, ali, com as mãos cruzadas de forma recatada à sua frente, olhando para baixo – não exatamente para o chão, mas tampouco para o rosto dele.

Penelope achava que ele a beijara por piedade.

E ele era um patife, porque uma pequena parte de si queria que ela pensasse isso. Porque dessa forma talvez ele pudesse se convencer de que era verdade,

que não passara de pena, que não havia possibilidade de ser mais do que isso.

– É melhor eu ir – disse ele bem baixo, e, no entanto, sua voz ainda soou alta demais na sala silenciosa.

Penelope não tentou impedi-lo.

Ele fez um gesto em direção à porta.

– É melhor eu ir – repetiu, apesar de os pés se recusarem a se mexer.

Ela assentiu.

– Eu não... – começou a dizer Colin, e então, horrorizado com as palavras que quase saíram de sua boca, se dirigiu à porta.

Mas Penelope, é claro, perguntou:

– Não o quê?

E ele não soube o que responder, porque o que começara a dizer fora: *Eu não a beijei por pena*. Se ele quisesse que ela soubesse, se quisesse se convencer, isso só poderia significar que ansiava pela sua boa opinião, o que só poderia querer dizer...

– Eu preciso ir – falou atabalhoadamente, já em desespero, como se deixar aquela sala fosse a única forma de impedir que seus pensamentos percorressem uma estrada tão perigosa.

Atravessou a distância que ainda restava até a porta, esperando que ela falasse algo, que chamasse o seu nome.

Mas ela não o fez.

E ele se foi.

E nunca se odiou tanto na vida.

Colin estava de péssimo humor antes de o lacaio surgir à sua porta com uma convocação de sua mãe. Depois, seu humor piorou.

Maldição. Ela ia voltar àquela conversa sobre ele ter de se casar. As convocações dela eram *sempre* sobre isso. E ele não estava com o menor ânimo para tal assunto.

Mas era sua mãe. E ele a amava. Isso significava que não poderia ignorá-la. Assim, resmungando sem parar e praguejando bastante durante o processo, calçou as botas, vestiu o casaco e se dirigiu à porta.

Estava morando em Bloomsbury, que não era a parte mais elegante da cidade para um membro da aristocracia, embora a Praça Bedford, onde alugara uma pequena, porém elegante, casa com varanda, fosse sem dúvida um endereço caro e respeitável.

Colin gostava bastante de morar ali, onde os vizinhos eram médicos, advogados, intelectuais e gente que *realizava* mais do que comparecer a festa após festa. Não estava pronto para trocar sua herança por um trabalho – era ótimo ser um Bridgerton, afinal –, mas havia algo de estimulante em observar profissionais com seus afazeres, advogados rumando para o leste em direção ao Palácio de Justiça e médicos para noroeste, no sentido de Portland Place.

Teria sido fácil atravessar a cidade em sua pequena carruagem: retornara à cavalariça apenas uma hora antes, após voltar da casa das Featheringtons. Mas estava sentindo a necessidade de um pouco de ar puro, sem falar em sua teimosia, que o levava a querer demorar o máximo possível para chegar à casa da mãe.

Se a intenção de Violet era lhe dar mais um sermão sobre as virtudes do matrimônio, seguido de um longo discurso sobre os atributos de cada senhorita solteira de Londres, maldição!, então ela podia perfeitamente esperar por ele.

Colin fechou os olhos e gemeu. Seu humor devia estar até pior do que imaginava, para amaldiçoar a própria mãe, que ele (e todos os Bridgertons, na verdade) tinha em mais alta estima e afeição.

A culpa era de Penelope.

Não, a culpa era de Eloise, pensou, cerrando os dentes. Melhor culpar uma irmã.

Não, a culpa era dele mesmo, admitiu, atirando-se de volta na cadeira da escrivaninha. Se estava de mau humor, pronto para arrancar a cabeça de alguém com as próprias mãos, a culpa era só dele.

Não devia ter beijado Penelope. Não importava o fato de ter desejado isso, embora ele nem ao menos tivesse se dado conta de sua vontade até um pouco antes de ela o mencionar. Ainda assim, não devia ter feito isso. Embora, quando de fato pensava a respeito, não soubesse ao certo por que não deveria tê-la beijado.

Ele se levantou, então caminhou com passos pesados até a janela e encostou a testa na vidraça. A Praça Bedford encontrava-se em silêncio, com apenas alguns

homens caminhando pelas calçadas. Pareciam ser operários, provavelmente trabalhando na construção do novo museu na parte leste. (Tinha sido por isso que Colin alugara uma casa no oeste da praça: as obras eram bastante barulhentas.)

Ele olhou para o norte, na direção da estátua de Charles James Fox. Ali estava um homem com um objetivo. Liderara os Whigs, pessoas que apoiavam o Partido Liberal, durante anos. Nem sempre fora muito querido – de acordo com alguns membros da alta sociedade –, mas Colin começava a crer que ser tido em alta conta por todos era algo superestimado. Deus sabia que ninguém era mais querido do que ele, e, apesar disso, agora se sentia frustrado, descontente, mal-humorado e pronto para descontar em qualquer um que cruzasse o seu caminho.

Deixou escapar um suspiro enquanto se afastava da janela. Era melhor ir logo, sobretudo porque planejava caminhar até Mayfair. Embora, na realidade, não fosse tão longe assim. Provavelmente não mais do que trinta minutos, se mantivesse um ritmo enérgico (e sempre o fazia), a menos que as calçadas estivessem repletas de gente lenta. Meia hora era mais do que a maioria dos membros da alta sociedade gostava de ficar ao ar livre em Londres quando não estava fazendo compras ou passeando com elegância pelo parque, mas Colin sentia a necessidade de clarear a mente. E, embora a atmosfera de Londres não fosse das mais puras, ia ter de servir.

Do jeito que ia a sua sorte naquele dia, no entanto, ao chegar à esquina das ruas Oxford e Regent, os primeiros pingos de chuva começaram a cair em seu rosto. Ao virar na Praça Hanover para pegar a St. George, chovia torrencialmente. E já estava tão próximo da Rua Bruton que teria sido ridículo tentar parar um carro de aluguel para o resto do caminho.

Então, foi em frente.

Depois do primeiro instante de irritação, porém, teve uma sensação estranha em relação à chuva. Estava quente o bastante para que ele não se sentisse gelado até os ossos, mas ainda assim os pingos grossos lhe pareceram uma espécie de penitência.

Tinha a impressão de que talvez fosse o que merecia.

A porta da casa da mãe se abriu antes mesmo que Colin pisasse no primeiro degrau. Wickham devia estar à sua espera.

– O senhor aceitaria uma toalha? – entoou o mordomo, entregando-lhe um

enorme tecido branco.

Colin aceitou, perguntando-se como Wickham tivera tempo de ir pegar aquela toalha. Não podia ter adivinhado que Colin seria tolo o bastante para caminhar na chuva.

Não foi a primeira vez que lhe ocorreu que os mordomos deviam possuir poderes estranhos e místicos. Talvez fosse uma exigência da posição. Colin secou os cabelos, causando grande consternação em Wickham, que exalava dignidade e provavelmente esperara que Colin se retirasse para algum aposento privado e levasse pelo menos meia hora para recompor a aparência.

– Onde está minha mãe? – perguntou ele.

Wickham contraiu os lábios de tensão e olhou direto para os pés de Colin, que agora criavam pequenas poças.

– No escritório – respondeu –, mas está conversando com a sua irmã.

– Qual delas? – perguntou Colin, dando um ensolarado sorriso só para irritar Wickham, que sem dúvida também tentara irritá-lo ao omitir o nome da irmã.

Como se fosse possível dizer apenas “sua irmã” a um Bridgerton e esperar que ele soubesse de quem se tratava.

– Francesca.

– Ah, sim. Ela voltará à Escócia em breve, não?

– Amanhã.

Colin devolveu a toalha a Wickham, que a olhou como se fosse um imenso inseto.

– Não a incomodarei, então. Quando ela terminar a conversa com Francesca, apenas lhe avise que estou aqui.

Wickham assentiu.

– Gostaria de trocar de roupa, Sr. Bridgerton? Creio que temos alguns trajes de seu irmão Gregory no quarto dele.

Colin sorriu. Gregory estava terminando o último período letivo em Cambridge. Era onze anos mais novo que Colin e era difícil acreditar que pudessem usar as mesmas roupas, mas talvez fosse chegada a hora de aceitar o fato de seu irmão mais novo ter finalmente crescido.

– É uma excelente ideia – respondeu. Lançou um olhar pesaroso para a manga encharcada. – Deixarei estas roupas aqui para serem lavadas e as buscarei mais tarde.

Wickham assentiu outra vez.

– Como desejar.

Em seguida, desapareceu pelo corredor até alguma parte desconhecida da casa.

Colin subiu a escada de dois em dois degraus até os aposentos da família. Enquanto ia ensopando o corredor com seus passou, ouviu uma porta se abrir. Virou-se e deu de cara com Eloise.

Não era a pessoa que queria ver. Ela imediatamente trouxe de volta todas as recordações de sua tarde com Penelope. De sua conversa. Do beijo.

Sobretudo do beijo.

E, pior, da culpa que sentira depois.

Da culpa que ainda sentia.

– Colin – disse Eloise, alegremente –, eu não sabia que... O que aconteceu? Você veio *andando*?

Ele deu de ombros.

– Gosto de chuva.

Ela o encarou, curiosa, inclinando a cabeça para o lado como sempre fazia quando tentava decifrar alguma coisa.

– Está com um humor estranho hoje.

– Estou ensopado, Eloise.

– Não precisa ser grosseiro por causa disso – resmungou ela, fungando. – Eu não o forcei a atravessar a cidade debaixo de chuva.

– Não estava chovendo quando saí – sentiu-se obrigado a dizer.

Irmãos são capazes de fazer aflorar a criança de 8 anos que vive em nós.

– Com certeza o céu estava nublado – devolveu ela.

Pelo jeito, Eloise também estava com a criança de 8 anos aflorada.

– Podemos continuar esta discussão quando eu estiver seco? – perguntou ele, impaciente.

– É claro – respondeu ela, mostrando-se bastante compreensiva. – Esperarei bem aqui.

Colin vestiu as roupas de Gregory sem pressa, levando mais tempo no nó da gravata do que levava há anos. Por fim, quando se convenceu de que Eloise devia estar rangendo os dentes, despontou no corredor.

– Soube que foi ver Penelope esta tarde – disse ela, sem preâmbulos.

Ele não esperava ouvir isso.

– Como você sabe? – perguntou ele, cautelosamente.

Sabia que a irmã e Penelope eram próximas, mas Penelope sem dúvida não teria contado a Eloise sobre *aquilo*.

– Felicity contou a Hyacinth.

– E Hyacinth contou a você.

– É claro.

– Algo precisa ser feito a respeito das fofocas que correm nesta cidade – murmurou Colin.

– Não acho que isto conte como fofoca, Colin – retrucou Eloise. – Afinal, você não está *interessado* na Penelope.

Se ela estivesse falando de qualquer outra mulher, Colin teria esperado que finalizasse com um afetado *Está?* e um olhar de soslaio.

Mas se tratava de Penelope, e, embora Eloise fosse a sua melhor amiga e, portanto, a sua maior defensora, nem mesmo ela conseguia imaginar que um homem da reputação e popularidade de Colin pudesse se interessar por uma mulher da reputação e (falta de) popularidade de Penelope.

O humor dele mudou de ruim para péssimo.

– De qualquer forma – continuou Eloise, ignorando por completo o estado de espírito sombrio do irmão, em geral tão alegre e jovial –, Felicity disse a Hyacinth que Briarly lhe contou que você havia feito uma visita. Fiquei me perguntando sobre o que seria.

– Não é da sua conta – retrucou Colin, bruscamente, esperando que ela deixasse o assunto por isso mesmo, sem acreditar de fato que o faria.

De qualquer forma, deu um passo em direção às escadas, preservando um pouco do otimismo de sempre.

– É sobre o meu aniversário, não é? – sugeriu Eloise, correndo à frente dele de forma tão repentina que a ponta do sapato dele se chocou com o dela.

Ela fez uma careta de dor, mas Colin não demonstrou qualquer solidariedade.

– Não, não é sobre o seu aniversário – respondeu ele, de maneira áspera. – O seu aniversário só é...

Ele se deteve. Droga!

– ... na semana que vem – continuou, rosnando.

Eloise deu um sorriso malicioso. Em seguida, como se tivesse se dado conta

de que chegara à conclusão errada, ela entreabriu os lábios, consternada, enquanto voltava um pouco o raciocínio e seguia em outra direção.

– Então – prosseguiu ela, deslocando o corpo de leve, de maneira a obstruir melhor o caminho dele –, se você não foi até lá para falar sobre o meu aniversário e não há nada que possa dizer agora para me convencer do contrário, por que foi ver Penelope?

– Não se pode mais ter um assunto particular nesta vida?

– Não *nesta* família.

Colin decidiu que o melhor a fazer era adotar sua personalidade amistosa, embora não estivesse se sentindo nem um pouco bem-humorado em relação à irmã naquele momento. Assim, abriu seu sorriso mais afável, inclinou a cabeça e perguntou:

– Estou ouvindo nossa mãe me chamar?

– Eu não escutei nada – retrucou Eloise, atrevidamente. – E o que há de errado com você? Está com uma expressão muito estranha.

– Estou ótimo.

– Você não está ótimo. Está com um ar de quem acabou de sair do dentista.

– É sempre ótimo receber elogios da família – murmurou ele.

– Se você não pode confiar que a sua família seja franca com você – devolveu ela –, então em *quem* poderá confiar?

Com um movimento suave, ele se recostou na parede e cruzou os braços.

– Prefiro a lisonja à franqueza.

– Não prefere, não.

Por Deus, que vontade ele tinha de lhe dar um tapa. Era algo que não fazia desde os 12 anos. E fora castigado por isso. Que se lembrasse, tinha sido a única vez que o pai batera nele.

– O que eu quero – falou, arqueando uma das sobrancelhas – é o fim imediato desta conversa.

– O que você quer é que eu pare de lhe perguntar por que foi ver Penelope Featherington – alfinetou Eloise –, mas nós dois sabemos que não é muito provável que isso aconteça.

E foi então que ele soube. Soube, no fundo do coração, que sua irmã era Lady Whistledown. Todas as peças se encaixavam. Não havia pessoa mais teimosa e obstinada, ninguém que podia – e iria – utilizar o seu tempo para ir a fundo em

todo e qualquer pequeno boato e insinuação.

Quando Eloise queria uma coisa, não sossegava até consegui-la. Não tinha a ver com dinheiro, ganância ou bens materiais. No que dizia respeito a ela, tinha a ver com conhecimento. Gostava de saber das coisas e alfinetava, alfinetava e alfinetava até que a pessoa lhe dissesse exatamente o que ela queria ouvir.

Era um milagre que ninguém tivesse descoberto antes.

Do nada, ele disse:

– Preciso conversar com você.

Agarrou-a pelo braço e a arrastou até o quarto mais próximo, que por acaso era o dela.

– Colin! – guinchou Eloise, tentando se desvencilhar dele, em vão. – O que está fazendo?

Ele bateu a porta, soltou-a e cruzou os braços, com uma expressão ameaçadora.

– Colin? – repetiu ela, muito desconfiada.

– Eu sei o que você tem aprontado.

– O que eu tenho...

E então, maldita fosse, ela começou a rir.

– Eloise! – trovejou ele. – Estou falando com você!

– Claramente – retrucou ela, com dificuldade.

Ele não recuou, continuou fuzilando-a com o olhar.

Ela olhava para o outro lado, quase dobrada ao meio de tanto rir. Por fim, disse:

– O que você...

Mas ao olhar para ele outra vez, apesar de sua tentativa de ficar séria, explodiu na gargalhada outra vez.

Se a irmã estivesse bebendo alguma coisa, pensou Colin sem achar a menor graça, o líquido teria saído pelas suas narinas.

– Que diabo se apossou de você?! – vociferou ele.

Isso finalmente chamou a atenção dela. Ele não soube dizer se foi o tom de voz ou o fato de ter praguejado, mas Eloise voltou a si no mesmo instante.

– Minha Nossa, como você está sério – observou ela, baixinho.

– Por acaso pareço estar brincando?

– Não – respondeu Eloise. – Embora no início estivesse. Me desculpe, Colin,

mas esse olhar raivoso, esses berros e tudo o mais não fazem muito o seu estilo. Você parecia o Anthony.

– Você...

– Na verdade – corrigiu-se ela, olhando-o de forma menos cautelosa que o apropriado –, parecia você mesmo tentando imitar o Anthony.

Ele ia matá-la. Bem ali no quarto dela, na casa da mãe, ia cometer um sororicídio.

– Colin? – disse ela, hesitante, como se só então tivesse notado que ele agora, em vez de apenas zangado, estava furioso.

– Sente-se. – Ele fez um gesto brusco com a cabeça em direção a uma cadeira. – Já.

– Você está bem?

– *SENTE-SE!* – rugiu ele.

Eloise obedeceu. Rápido.

– Não consigo me lembrar da última vez em que você levantou a voz – sussurrou ela.

– E eu não consigo me lembrar da última vez em que tive motivo para fazê-lo.

– O que foi?

Ele decidiu que era melhor ser direto.

– Colin? – disse ela.

– Eu sei que você é Lady Whistledown.

– *O quêêêêêê?*

– Não adianta negar. Eu vi...

Eloise se levantou de um salto.

– Exceto pelo fato de que não é verdade!

De repente, ele já não estava mais tão furioso. Em vez disso, sentiu-se cansado, velho.

– Eloise, eu vi a prova.

– Que prova? – perguntou ela, a voz ficando aguda pela incredulidade. – Como pode haver prova de algo que não é verdadeiro?

Ele agarrou uma de suas mãos.

– Olhe para os seus dedos.

Ela fez o que o irmão pediu.

– Qual é o problema com eles?

– Manchas de tinta.
Eloise ficou boquiaberta.
– Daí você deduziu que sou Lady Whistledown?
– Por que seus dedos estão sujos, então?
– Você nunca usou uma pena?
– Eloise... – Havia um aviso bem claro na voz dele.
– Eu não tenho de lhe explicar por que meus dedos estão manchados de tinta.
Colin repetiu o seu nome.
– Eu não... – começou a protestar a garota. – Eu não lhe devo... Ah, está bem. – Ela cruzou os braços, contrafeita. – Eu escrevo cartas.
Ele a olhou com extrema desconfiança.
– Escrevo, sim! – exclamou ela. – Todos os dias. Às vezes duas vezes por dia, quando Francesca está longe. Sou uma correspondente muito leal. Você devia saber disso. Já escrevi muitas cartas com o *seu* nome no envelope, embora duvide muito que metade delas tenha chegado às suas mãos.
– Cartas? – indagou ele, a voz cheia de dúvida... e escárnio. – Pelo amor de Deus, Eloise, acha mesmo que isso é crível? E para quem é que você anda escrevendo tanto?
Ela ruborizou. Profundamente.
– Não é da sua conta.
Ele teria ficado intrigado com a reação dela se não continuasse tão certo de que mentia sobre ser Lady Whistledown.
– Pelo amor de Deus, Eloise – cuspiu ele –, quem vai acreditar que você anda escrevendo cartas todos os dias? Eu, sem dúvida, não acredito.
Ela o fuzilou com os olhos cinza-escuros cintilando de fúria.
– Não me importa o que você acha – disse ela, numa voz bem baixa. – Não, isso não é verdade. Estou *furiosa* por não acreditar em mim.
– Você não está me ajudando muito a acreditar – retrucou ele, cansado.
Ela se levantou, se aproximou dele e lhe deu um cutucão no peito. Com força.
– Você é meu irmão – vociferou ela. – Deveria acreditar em mim sem questionamentos. Me amar incondicionalmente. É isso que significa fazer parte de uma família.
– Eloise – disse ele, em um suspiro.
– Não tente inventar desculpas agora.

– Eu não ia.

– Isso é até pior! – Ela se dirigiu com passos firmes em direção à porta. – Devia estar ajoelhado implorando o meu perdão.

Ele não achou que conseguiria sorrir, mas, de alguma forma, aquilo bastou.

– Bem, isso não seria muito o meu estilo, seria?

Ela abriu a boca para dizer algo, mas a única coisa que conseguiu emitir foi algo como “Aaaahhhh” com uma voz irada. Em seguida, deixou o quarto de forma bastante tempestuosa, batendo a porta ao sair.

Colin afundou numa poltrona, perguntando-se quando ela se daria conta de que se retirara do próprio quarto.

Essa ironia possivelmente era, refletiu ele, o único vestígio de luz num dia que estava sendo um desastre completo.

CAPÍTULO 10

Caro leitor,

É com o coração surpreendentemente comovido que escrevo estas palavras. Após onze anos narrando os acontecimentos na vida da alta sociedade, esta autora está deixando de lado a sua pena.

Muito embora o desafio de Lady Danbury tenha, sem dúvida, contribuído para a aposentadoria, a culpa não pode recair (por completo) sobre os ombros da condessa. A coluna vem se tornando maçante nos últimos tempos, gerando menos satisfação em escrever e, talvez, ficando menos divertida de ler. Esta autora precisa de uma mudança. Não é algo tão difícil assim de imaginar. Onze anos é muito tempo.

E, na verdade, a recente renovação de interesse pela identidade desta autora tem se mostrado perturbadora. Amigos se viram contra amigos, irmãos contra irmãs, tudo isso numa tentativa fútil de desvendar um segredo insolúvel. Além do mais, essa brincadeira de detetive promovida pela alta sociedade está se tornando claramente perigosa. Na semana passada foi o tornozelo torcido de Lady Blackwood; esta semana a lesão, ao que parece, acometeu Hyacinth Bridgerton, que sofreu um ferimento leve na festa de sábado, realizada na residência londrina dos Riverdales. (Não escapou à atenção desta autora que lorde Riverdale venha a ser sobrinho de Lady Danbury.) A Srta. Hyacinth deve ter suspeitado de algum presente, pois se machucou ao cair para dentro da biblioteca quando a porta foi aberta, sendo que ela se encontrava com o ouvido colado à madeira.

Conversas sendo escutadas atrás de portas, perseguição a entregadores... E esses são apenas os detalhes que alcançaram os ouvidos desta autora! A que ponto chegou a sociedade londrina? Esta autora pode lhe assegurar, caro leitor, que jamais ouviu atrás de porta alguma ao longo de seus onze anos de carreira. Todos os boatos desta

coluna foram de proveniência legítima, sem ferramentas ou artimanhas além dos olhos e dos ouvidos.

Au revoir, Londres! Foi um prazer servi-la.

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
19 DE ABRIL DE 1824

Não foi surpresa alguma o fato de a coluna ter sido o assunto do baile Macclesfield.

– Lady Whistledown se aposentou!

– Dá para acreditar?

– O que vou ler no desjejum?

– Como vou saber o que aconteceu se eu perder uma festa?

– Agora nunca mais saberemos quem ela é!

– *Lady Whistledown se aposentou!*

Uma mulher desmaiou, quase batendo a cabeça na quina de uma mesa em seu caminho deselegante até o chão. Ao que parecia, não lera a coluna daquela manhã, ouvindo a notícia pela primeira vez bem ali, no baile. Foi reanimada com sais aromáticos, mas logo perdeu os sentidos outra vez.

– É uma fingida – murmurou Hyacinth Bridgerton para Felicity Featherington no pequeno grupo formado, além delas, pela viúva Lady Bridgerton e Penelope.

Esta última comparecera ao baile, oficialmente, como acompanhante de Felicity devido à decisão da mãe de permanecer em casa por um problema de estômago.

– O primeiro desmaio foi verdadeiro – continuou Hyacinth. – Qualquer um pode ver isso pela maneira desajeitada como ela caiu. Mas isto... – Fez um movimento rápido com a mão em direção à moça no chão, numa demonstração de repulsa. – Ninguém desmaia como uma bailarina. Nem mesmo as bailarinas.

Penelope ouviu a conversa inteira, uma vez que Hyacinth se encontrava a seu lado, à esquerda. Mantendo os olhos o tempo todo na pobre mulher, que agora voltava a si agitando os cílios delicadamente enquanto alguém passava, mais uma vez, os sais aromáticos abaixo de suas narinas, Penelope murmurou:

– Você já desmaiou alguma vez?

– De forma alguma! – exclamou Hyacinth com muito orgulho. – Desmaios são para os fracos de coração e para os tolos – acrescentou. – E se Lady Whistledown ainda estivesse na ativa, podem escrever o que digo, afirmaria exatamente a mesma coisa na próxima coluna.

– Ah, meu Deus! Não há mais palavras para serem escritas – comentou Felicity, com um suspiro triste.

Lady Bridgerton concordou.

– É o fim de uma era – disse. – Sinto-me um tanto perdida sem ela.

– Bem, não faz tanto tempo assim que estamos sem ela – comentou Penelope, sem conseguir resistir. – Recebemos uma coluna esta manhã. Por que se sente perdida?

– É o princípio da coisa – retrucou Lady Bridgerton com um suspiro. – Se esta fosse uma segunda-feira como outra qualquer, eu saberia que iria receber um novo relatório na quarta-feira. Mas agora...

Felicity chegou a fungar.

– Agora estamos perdidas – completou.

Penelope virou-se para a irmã, incrédula.

– Está sendo um pouco melodramática, não?

Felicity deu de ombros exageradamente, de forma teatral.

– Estou? *Estou?*

Hyacinth lhe deu um solidário tapinha nas costas.

– Não acho que esteja, Felicity. Sinto-me da mesma forma.

– É só uma coluna de mexericos – argumentou Penelope, olhando à volta em busca de algum sinal de sanidade entre as companheiras.

Não era possível que achassem que o mundo iria acabar só porque Lady Whistledown decidira pôr fim à sua carreira.

– Você tem razão, é claro – concordou Lady Bridgerton projetando o queixo para a frente e franzindo os lábios num gesto provavelmente destinado a transmitir um ar de praticidade. – Obrigada por ser a voz da razão em nosso pequeno grupo. – Mas, em seguida, pareceu desanimar um pouco e disse: – No entanto, tenho de admitir que já havia me acostumado a tê-la por perto. Seja lá quem for.

Penelope decidiu que já passava do momento de mudar de assunto.

– Eloise não veio?

– Estava indisposta, eu sinto dizer. Dor de cabeça – explicou Lady Bridgerton, com rugas de preocupação preenchendo o rosto que, de outra forma, tinha a pele bem lisa. – Não se sente bem há quase uma semana. Estou começando a ficar preocupada.

Penelope tinha o olhar fixo em uma arandela na parede, mas voltou a atenção imediatamente a Lady Bridgerton.

– Não é nada sério, eu espero.

– Não, não é – respondeu Hyacinth antes mesmo que a mãe conseguisse abrir a boca. – Eloise nunca adoece.

– E é por isso mesmo que estou preocupada – observou Lady Bridgerton. – Ela não tem comido muito bem.

– Não é verdade – retrucou Hyacinth. – Esta tarde mesmo, Wickham lhe levou uma bandeja bem farta. Tinha bolinhos e ovos, e acho que senti o cheiro de presunto. – Ela lançou um olhar irônico a ninguém em especial. – E quando ela deixou a bandeja de volta no corredor, estava vazia.

Hyacinth, decidiu Penelope, tinha um olho surpreendentemente bom para detalhes.

– Ela tem andado de mau humor desde que brigou com Colin – continuou Hyacinth.

– Ela brigou com Colin? – perguntou Penelope, com uma péssima sensação começando a lhe revirar o estômago. – Quando?

– Na semana passada – respondeu Hyacinth.

EM QUE DIA?, Penelope quis gritar, mas com certeza seria estranho querer saber esse detalhe. Teria sido na sexta-feira? Será?

Ela sempre lembraria que seu primeiro, e talvez único beijo, acontecera numa sexta-feira.

Tinha esse estranho hábito. Sempre recordava os dias da semana em que as coisas tinham ocorrido.

Conhecera Colin numa segunda-feira e o beijara numa sexta. Doze anos depois.

Deixou escapar um suspiro. Aquilo lhe pareceu um tanto patético.

– Há algo de errado, Penelope? – perguntou Lady Bridgerton.

Ela olhou para a mãe de Eloise. Seus olhos azuis transmitiam gentileza e preocupação, e algo na maneira como inclinou a cabeça para o lado fez Penelope

querer chorar. Andava muito emotiva. Chorando por um mero inclinar de cabeça...

– Estou bem – respondeu, esperando que seu sorriso parecesse sincero. – Só fiquei preocupada com Eloise.

Hyacinth resfolegou.

Penelope decidiu que precisava escapulir dali. Todos aqueles Bridgertons – bem, pelos menos duas delas – estavam levando-a a pensar em Colin ininterruptamente.

Não era nada que ela não tivesse feito a cada minuto nos últimos três dias. Mas, pelo menos, havia sido em particular, podendo suspirar, gemer e resmungar quanto quisesse.

Aquela devia ser a sua noite de sorte, pois, bem naquele instante, ouviu Lady Danbury ladrar o seu nome.

(O que estava acontecendo com o mundo para ela se considerar uma pessoa sortuda por se ver presa num canto com a língua mais ácida de Londres?)

O fato é que Lady Danbury lhe daria a desculpa perfeita para se afastar de seu grupo, e, além do mais, ela começava a se dar conta de que, de uma forma muito estranha, gostava mesmo de Lady Danbury.

– Srta. Featherington! Srta. Featherington!

Felicity imediatamente deu um passo para o lado.

– Acho que ela está se referindo a você – sussurrou, com urgência.

– É claro que está se referindo a mim – disse Penelope, com um leve toque de superioridade. – Considero Lady Danbury uma amiga querida.

Felicity arregalou tanto os olhos que eles quase saltaram do rosto.

– Considera?

– Srta. Featherington! – repetiu Lady Danbury, batendo com a bengala a dois centímetros do pé de Penelope assim que a alcançou. – Não você – falou para Felicity, embora a garota não tivesse feito nada além de sorrir educadamente à aproximação da condessa. – Você – exclamou, dirigindo-se a Penelope.

– Errr... Boa noite, Lady Danbury – cumprimentou Penelope, o que considerou um admirável número de palavras, tendo em vista as circunstâncias.

– Passei a noite toda à sua procura – anunciou a velha senhora.

Penelope achou aquilo um tanto surpreendente.

– É mesmo?

– Sim, quero conversar com você sobre a última coluna da tal Lady Whistledown.

– Comigo?

– Sim, com você – resmungou Lady Danbury. – Não me importaria de conversar com outra pessoa se você me fizesse o favor de encontrar alguém com mais do que meio cérebro.

Penelope engasgou no início de uma risada enquanto fazia um sinal para suas companheiras.

– Hã... Posso lhe garantir que Lady Bridgerton...

Violet estava balançando a cabeça furiosamente.

– Ela está ocupada demais em casar aquela prole gigantesca que tem – retrucou Lady Danbury. – Não dá para esperar que consiga ter uma conversa decente hoje em dia.

Penelope lançou um olhar rápido para Lady Bridgerton, para ver se tinha ficado ofendida com o insulto – afinal, havia uma década que tentava casar a sua prole gigantesca. Mas Violet não parecia nem um pouco incomodada. Na verdade, parecia estar prendendo o riso.

Prendendo o riso e se afastando pouco a pouco, levando Hyacinth e Felicity consigo.

Eram traidoras e furtivas, as três!

Bem, mas Penelope não podia se queixar. Afinal, tinha mesmo desejado escapar das Bridgertons, não tinha? Só não gostava muito da sensação de Felicity e Hyacinth terem achado que haviam, de alguma forma, dado um golpe nela.

– Elas se foram! – comemorou Lady Danbury. – Ótimo. Nem juntas aquelas duas conseguem dizer algo inteligente.

– Ora, isso não é verdade – protestou Penelope. – Tanto Felicity quanto Hyacinth são muito inteligentes.

– Eu nunca falei que não são espertas – devolveu Lady Danbury, ácida. – Só comentei que não têm nada inteligente a dizer. Mas não se preocupe – acrescentou, dando-lhe um tranquilizador (tranquilizador? Quem já tinha visto, alguma vez que fosse, Lady Danbury fazer qualquer coisa tranquilizadora?) tapinha no braço. – Elas não têm culpa. Isso há de mudar. As pessoas são como vinhos. Se começam boas, só fazem melhorar com a idade.

Na verdade, nesse momento Penelope estava olhando discretamente por cima do ombro direito de Lady Danbury na direção de um homem que achou que pudesse ser Colin (mas que não era), porém o comentário da velha senhora atraiu de novo a sua atenção.

– Bons vinhos? – ecoou Penelope.

– Humpf. E eu aqui pensando que você não estava ouvindo.

– Não, é claro que estava. – Penelope sentiu os lábios esboçarem algo que não era exatamente um sorriso. – Eu só me... distraí.

– Procurando aquele rapaz Bridgerton, sem dúvida.

Penelope arfou.

– Ora, não fique tão chocada – falou Lady Danbury. – Está estampado no seu rosto. Só me surpreende o fato de ele não ter notado.

– Imagino que tenha, sim – murmurou Penelope.

– Será? Humpf. – Lady Danbury franziu a testa, os cantos da boca virados para baixo, formando duas longas rugas que desciam até as laterais do queixo. – Se não fez nada a respeito, isso não diz boa coisa sobre ele.

Penelope sentiu um aperto no coração. Havia algo estranhamente doce na fé que a velha senhora depositava nela, como se homens como Colin se apaixonassem por mulheres como ela com frequência. Por Deus, Penelope tivera de lhe implorar para beijá-la. E veja só como aquilo havia terminado. Ele deixara a casa dela furioso e não se falavam havia três dias.

– Bem, não se preocupe com ele – disse Lady Danbury de repente. – Vamos encontrar outro para você.

Penelope pigarreou com delicadeza.

– Lady Danbury, a senhora fez de mim o seu *projeto*?

A senhorinha ficou radiante, abrindo um sorriso brilhante e fulguroso em meio ao rosto enrugado.

– É claro! Fico surpresa por ter levado tanto tempo para descobrir.

– Mas por quê? – perguntou Penelope, verdadeiramente incapaz de compreender.

Lady Danbury deixou escapar um suspiro. O som não era triste; estava mais para pensativo.

– Importa-se de nos sentarmos um pouco? Estes velhos ossos já não são o que foram um dia.

– É claro que não – retrucou Penelope depressa, sentindo-se péssima por não levado em consideração a idade de Lady Danbury nem mesmo uma vez enquanto estavam naquele salão de baile abafado.

Mas a condessa era tão vibrante que era difícil imaginá-la adoentada ou fraca.

– Pronto – disse Penelope, tomando-a pelo braço e conduzindo-a até uma poltrona próxima. Quando a velha senhora estava acomodada, Penelope sentou-se ao seu lado. – Está mais confortável agora? Quer alguma coisa para beber?

Lady Danbury assentiu, grata, e Penelope fez um sinal para que um criado lhes trouxesse dois copos de limonada, uma vez que não queria deixar a condessa sozinha parecendo tão pálida.

– Já não sou mais tão jovem como fui um dia – comentou Lady Danbury assim que o lacaio partiu apressado em direção à mesa de bebidas.

– Nenhum de nós é – respondeu Penelope.

Poderia ter soado como um comentário insolente, mas foi pronunciado com ternura e, de alguma forma, a jovem imaginou que Lady Danbury apreciaria o sentimento.

E estava certa. A velha senhora riu baixinho e lançou um olhar de admiração para Penelope antes de dizer:

– Quanto mais velha eu fico, mais me dou conta de quão tola é a maioria das pessoas.

– A senhora só está descobrindo isto agora? – retrucou Penelope, não com a intenção de zombar, mas porque, considerando o comportamento usual de Lady Danbury, era difícil crer que não tivesse chegado a essa conclusão anos antes.

Lady Danbury gargalhou.

– Não, às vezes acho que já sabia disso antes mesmo de nascer. O que estou percebendo agora é que é hora de fazer algo a esse respeito.

– Como assim?

– Não me importo com o que aconteça com os tolos deste mundo, mas pessoas como você... – Na falta de um lenço, ela secou os olhos com os dedos. – Bem, eu gostaria de vê-la encaminhada.

Por vários segundos, Penelope se limitou a fitá-la.

– Lady Danbury – falou enfim, com cautela –, aprecio muito o seu gesto... e o sentimento... mas a senhora sabe que não sou de sua responsabilidade.

– É claro que sei – zombou Lady Danbury. – Não tenha medo, não me sinto

responsável por você. Se sentisse, isso não seria tão divertido.

Penelope sabia que estava parecendo uma tola completa, mas a única coisa que conseguiu pensar em dizer foi:

– Não entendi.

Lady Danbury permaneceu em silêncio enquanto o criado retornava com a limonada, então, após tomar alguns pequenos goles, continuou:

– Gosto de você, Srta. Featherington. Não gosto de muita gente. É simples assim. E quero vê-la feliz.

– Mas eu sou feliz – retrucou Penelope, mais por reflexo do que por qualquer outra coisa.

Lady Danbury ergueu uma sobrancelha arrogante, expressão que dominava à perfeição.

– É mesmo? – murmurou.

Ela era? O que significava o fato de ela ter de parar para pensar na resposta? Não era *infeliz*, disso tinha certeza. Tinha amigos maravilhosos, uma confidente na irmã mais nova, Felicity, e mesmo que a mãe e as irmãs mais velhas não fossem mulheres que teria escolhido como amigas íntimas... bem, ainda assim as amava. E sabia que elas também a amavam.

Sua vida não era tão ruim assim. Faltavam-lhe emoção e entusiasmo, mas estava satisfeita.

Embora satisfação não fosse o mesmo que felicidade. Penelope sentiu uma dor aguda, uma punhalada no peito, ao se dar conta de que não tinha como responder à pergunta carinhosamente feita por Lady Danbury de maneira afirmativa.

– Eu já criei a minha família – começou Lady Danbury. – Quatro filhos, todos bem casados. Já encontrei uma noiva até para o meu sobrinho, de quem, verdade seja dita – ela inclinou o corpo para a frente e sussurrou estas três últimas palavras, dando a impressão de que iria revelar um segredo de Estado –, gosto mais do que dos meus próprios filhos.

Penelope não pôde deixar de sorrir. Lady Danbury lhe pareceu tão furtiva, tão travessa... Foi bastante gracioso, na verdade.

– Isso pode surpreendê-la – continuou a velha senhora –, mas sou um pouco intrometida por natureza.

Penelope manteve a expressão escrupulosamente séria.

– Sinto como se ainda tivesse projetos por finalizar – declarou Lady Danbury,

erguendo as mãos como em sinal de rendição. – Gostaria de ver uma última pessoa feliz e bem estabelecida antes de partir.

– Não fale desse jeito, Lady Danbury – pediu Penelope, estendendo a mão num impulso para pegar a dela. Deu-lhe um pequeno apertão. – Vai sobreviver a nós todos, tenho certeza.

– Pfff, não seja boba. – Mesmo que seu tom de voz refutasse o que Penelope dissera, Lady Danbury não fez a menor menção de retirar a mão da dela. – Não estou sendo depressiva – acrescentou. – Apenas realista. Já passei dos 70 anos, e não vou lhe contar há quantos anos isso aconteceu. Não me sobra muito tempo neste mundo e isso não me incomoda nem um pouco.

Penelope esperava ser capaz de enfrentar a própria finitude com a mesma tranquilidade.

– Mas gosto de você. Você me lembra a mim mesma. Não tem medo de falar o que pensa.

Penelope só pôde olhá-la, perplexa. Passara os últimos dez anos sem dizer exatamente o que desejava. Com as pessoas que conhecia bem, era aberta, franca e até mesmo um tanto engraçada, mas entre estranhos sua língua travava.

Lembrava-se de um baile de máscaras ao qual comparecera certa vez. Na verdade, já fora a diversos bailes de máscaras, mas aquele tinha sido único porque ela encontrara uma fantasia – nada de especial, apenas um vestido do século XVII – na qual sentira que sua identidade realmente ficara oculta. Talvez fosse a máscara. Era imensa e lhe cobria quase todo o rosto.

Sentira-se transformada. Livre, de repente, do peso de ser Penelope Featherington, percebeu uma nova personalidade aflorar. Não é que tivesse adotado um ar falso; na verdade, era como se o seu verdadeiro eu – aquele que ela não sabia mostrar a ninguém que não conhecesse bem – enfim tivesse se libertado.

Ela rira, fizera piadas. Até flertara.

E jurara que, na noite seguinte, quando as fantasias fossem guardadas e ela mais uma vez colocasse o seu mais belo vestido de noite, se lembraria de como ser ela mesma.

Mas isso não acontecera. Penelope chegara ao baile, cumprimentara as pessoas com um aceno de cabeça, sorrira com educação e, mais uma vez, ficara parada às margens do salão, sem que ninguém a visse e tirasse para dançar.

Ao que parecia, ser Penelope Featherington significava alguma coisa. Seu destino fora decidido anos antes, durante aquela primeira temporada terrível em que sua mãe insistira que ela debutasse, embora a jovem tivesse implorado pelo contrário. A menina gordinha. Desajeitada. A que sempre se vestia com cores que não lhe caíam bem. Não importava que tivesse emagrecido, se tornado graciosa e enfim jogado fora todos os vestidos amarelos. Naquele mundo – a alta sociedade londrina –, ela sempre seria a antiga Penelope Featherington.

A culpa era tão sua quanto de qualquer outra pessoa. Um círculo vicioso, na verdade. Cada vez que entrava num salão de baile e via aquelas pessoas que a conheciam havia tanto tempo, tinha a sensação de encolher, transformando-se na menina tímida e desajeitada de tantos anos antes, em vez de ser a mulher confiante na qual gostava de achar que tinha se transformado – pelo menos no coração.

– Srta. Featherington? – chamou Lady Danbury em uma voz baixa e surpreendentemente gentil. – Há algo errado?

Penelope teve consciência de que levou mais tempo do que devia para responder, mas precisou daqueles segundos a mais para encontrar a voz.

– Acho que não sei falar o que penso – confessou, por fim, virando-se para fitar Lady Danbury apenas ao pronunciar as últimas palavras: – Nunca sei o que dizer às pessoas.

– Você sabe o que dizer a *mim*.

– A senhora é diferente.

Lady Danbury atirou a cabeça para trás e gargalhou.

– Isso que é eufemismo... Ah, Penelope... Espero que não se importe que eu a chame pelo primeiro nome... Se você é capaz de dizer o que pensa para mim, é capaz de fazer isso com qualquer pessoa. Metade dos homens adultos que se encontram neste salão sai correndo para se esconder pelos cantos no instante em que me vê chegar.

– Eles só não a conhecem – retrucou Penelope, dando um tapinha carinhoso em sua mão.

– E tampouco conhecem *você* – observou Lady Danbury, sem rodeios.

– Não – concordou Penelope, com um toque de resignação na voz –, não conhecem.

– Eu diria que não sabem o que estão perdendo, mas isso seria muito arrogante

da minha parte – disse a velha senhora. – Não em relação a eles, mas a você, porque, por mais que eu os chame de tolos, o que faço com bastante frequência, alguns são decentes, e é um crime que ainda não a conheçam... Hum, o que será que está acontecendo?

Sem saber por quê, Penelope se sentou com as costas um pouco mais eretas. Perguntou a Lady Danbury:

– Como assim?

Mas estava claro que havia algo no ar. As pessoas sussurravam e faziam gestos em direção ao pequeno palco onde os músicos estavam sentados.

– Ei, você! – exclamou Lady Danbury, enfiando a bengala no quadril de um cavalheiro próximo. – O que está acontecendo?

– Cressida Twombley deseja anunciar alguma coisa – retrucou ele, afastando-se logo em seguida, presumivelmente para evitar qualquer outro diálogo com Lady Danbury ou com a bengala.

– Detesto Cressida Twombley – murmurou Penelope.

Lady Danbury se engasgou com uma risada.

– E você alega que não sabe dizer o que pensa. Não me deixe curiosa. Por que a detesta?

Penelope deu de ombros.

– Sempre se portou muito mal comigo.

Lady Danbury assentiu, com conhecimento de causa.

– Todo valentão tem uma vítima preferida.

– Hoje em dia não é mais tão ruim – disse Penelope. – Mas na época em que éramos debutantes, quando ela ainda era Cressida Cowper, não resistia a nenhuma chance de me atormentar. E as pessoas... bem... – Ela balançou a cabeça. – Deixe para lá.

– Não, por favor, continue – pediu Lady Danbury.

Penelope suspirou.

– Não é nada, sério. É só que eu já notei que muitas vezes as pessoas não fazem questão de defender as outras. Cressida era popular, pelo menos com um determinado grupo, e era temível para as outras meninas da nossa idade. Ninguém ousava ir contra ela. Bem, quase ninguém.

Isso chamou a atenção de Lady Danbury e ela sorriu.

– Quem foi a sua protetora, Penelope?

– Pretetores, na verdade. Os Bridgertons sempre saíam em minha defesa. Certa vez, Anthony lhe deu um corte e me levou para jantar. – A voz dela foi ficando mais aguda enquanto recordava o entusiasmo da ocasião. – Ele realmente não deveria ter feito aquilo. Era um jantar formal, e ele deveria ter servido de companhia para alguma marquesa, creio eu. – Ela suspirou, relembrando o momento com carinho. – Foi encantador.

– Ele é um bom homem.

Penelope assentiu com a cabeça.

– A esposa dele me disse que foi o dia em que se apaixonou por ele. Quando o viu ser o meu herói.

Lady Danbury sorriu.

– E o Sr. Bridgerton mais jovem, alguma vez ele já correu em seu socorro?

– Colin? – Penelope nem mesmo esperou que Lady Danbury assentisse antes de acrescentar: – Já, embora nunca de maneira tão dramática. Mas devo dizer que, por mais agradável que seja o fato de os Bridgertons estarem sempre ao meu lado...

– Sim, Penelope?

A jovem suspirou outra vez. Aquela parecia ser uma noite para suspiros.

– Eu gostaria que não tivessem de me defender com tanta frequência. Eu deveria ser capaz de fazer isso sozinha. Ou, pelo menos, me comportar de maneira que não fosse necessária defesa alguma.

Lady Danbury deu um tapinha em sua mão.

– Acho que você se defende bem melhor do que imagina. E quanto a Cressida Twombley... – Lady Danbury fez uma careta de aversão. – Bem, ela teve o que mereceu, se você quer saber. Embora – acrescentou rispidamente – nunca ninguém tenha me perguntado nada.

Penelope não conseguiu conter a risadinha de desdém.

– Veja só a situação dela agora – continuou Lady Danbury, ácida. – Viúva e sem fortuna. Se casou com aquele devasso do Horace Twombley, que conseguiu fazer todo mundo acreditar que tinha dinheiro. Agora só restou a ela essa beleza desgastada.

A sinceridade fez Penelope comentar:

– Mas ainda é bastante atraente.

– Humpf. Para quem gosta de mulheres espalhafatosas. – Lady Danbury

estreitou os olhos. – Eu a acho óbvia demais.

Penelope olhou em direção ao palco, onde Cressida aguardava, com enorme paciência, enquanto o salão se aquietava.

– Fico imaginando o que ela vai dizer.

– Nada que possa me interessar – retorquiu Lady Danbury. – Eu... Ah.

Ela parou e seus lábios se curvaram em uma estranha mistura de desaprovação e um meio sorriso.

– O que foi? – indagou Penelope.

Esticou o pescoço para seguir a linha de visão de Lady Danbury, mas um cavalheiro bastante corpulento bloqueava o caminho.

– O seu Sr. Bridgerton está se aproximando – falou Lady Danbury, o sorriso vencendo a carranca de desaprovação. – E parece bastante decidido.

Penelope imediatamente virou a cabeça.

– Pelo amor de Deus, menina, não olhe! – exclamou Lady Danbury, dando-lhe uma cotovelada no braço. – Ele vai saber que você está interessada.

– É provável que já saiba – murmurou Penelope.

E então ali estava ele, esplêndido, parado diante dela, mais parecendo um deus que tivesse se dignado a agraciar a terra com a sua presença.

– Lady Danbury – cumprimentou, fazendo uma reverência suave e graciosa. – Srta. Featherington.

– Sr. Bridgerton – disse Lady Danbury –, que prazer em vê-lo.

Colin olhou para Penelope.

– Sr. Bridgerton – murmurou ela, sem saber o que mais acrescentar.

O que se dizia a um homem que se beijara recentemente? Penelope não tinha a menor experiência no assunto, disso não havia dúvida. Sem mencionar a complicação a mais de ele ter deixado a casa dela enfurecido depois do beijo.

– Eu gostaria de... – começou Colin, antes de parar e franzir a testa, olhando em direção ao tablado. – O que todos estão olhando?

– Cressida Twombley tem alguma declaração a fazer.

A expressão de Colin se transformou em uma careta de reprovação.

– Não consigo pensar em nada que ela tenha a dizer que me interesse ouvir – murmurou.

Penelope não pôde deixar de sorrir. Cressida Twombley era considerada uma líder na sociedade, ou pelo menos o fora quando jovem e solteira, mas os

Bridgertons jamais haviam gostado dela e, de alguma forma, isso sempre fizera Penelope se sentir melhor.

Naquele momento uma trombeta soou e o salão foi ficando em silêncio à medida que todos voltavam a atenção para o conde de Macclesfield, de pé no tablado ao lado de Cressida, mostrando-se levemente desconfortável com tanta atenção.

Penelope sorriu. Haviam lhe contado que o conde fora um verdadeiro devasso, mas hoje era um tipo intelectual e dedicado à família. No entanto, ainda era bonito o bastante para ser um devasso. Quase tão bonito quanto Colin.

Mas só quase. Penelope sabia que era suspeita para falar, mas era difícil imaginar uma criatura tão bela quanto Colin quando sorria.

– Boa noite a todos – começou o conde.

– Boa noite! – devolveu uma voz embriagada vinda do fundo do salão.

O conde fez um simpático cumprimento com a cabeça e abriu um tolerante meio sorriso.

– Minha, hã... estimada convidada, Lady Twombley – ele fez um gesto em direção a Cressida –, gostaria de fazer um anúncio. Então, se todos puderem prestar atenção à senhora que se encontra ao meu lado...

Uma onda de sussurros se espalhou pelo salão enquanto Cressida dava um passo à frente, assentindo, como uma rainha, para a multidão. Esperou que todos estivessem em silêncio para dizer:

– Senhoras e senhores, muito obrigada por interromperem as suas festividades para me darem atenção.

– Vamos logo com isso! – gritou alguém, provavelmente a mesma pessoa que respondera ao boa-noite do conde.

Cressida ignorou a interrupção.

– Cheguei à conclusão de que não posso continuar a fraude que tomou conta de minha vida nos últimos onze anos.

O salão foi invadido por sussurros. Todos sabiam o que ela ia dizer e, no entanto, ninguém conseguia acreditar que fosse verdade.

– Portanto – continuou Cressida, aumentando o tom de voz –, decidi revelar o meu segredo. Senhoras e senhores, *eu sou Lady Whistledown.*

CAPÍTULO 11

Colin não conseguia se lembrar da última vez que entrara num salão de baile sentindo tamanha apreensão.

Os últimos dias não tinham sido os melhores de sua vida. Estivera de péssimo humor, e o fato de ser bastante conhecido pelo bom humor só piorara a situação, porque todos se sentiam na obrigação de comentar sua terrível disposição.

Para alguém mal-humorado, não havia nada pior do que ser sujeitado a constantes questionamentos como “Por que você está de mau humor?”.

A família parou de perguntar depois que ele rosnou – rosnou! – para Hyacinth quando ela lhe pediu que a acompanhasse ao teatro na semana seguinte.

Até aquele momento Colin não sabia nem que era capaz de rosnar.

Teria de se desculpar com a irmã, o que ia ser uma dor de cabeça, já que Hyacinth simplesmente não sabia aceitar desculpas – ao menos não as que provinham de outros Bridgertons.

Mas a caçula era o menor dos seus problemas. Ela não era a única pessoa que merecia um pedido de desculpas.

E era por isso que seu coração batia tão rápido e ele estava nervoso como nunca ao entrar no salão dos Macclesfields. Penelope estaria ali. Sabia disso porque ela sempre comparecia aos principais bailes, ainda que agora quase exclusivamente como acompanhante da irmã.

Sentir aquele nervosismo ao ver Penelope de certa forma o enchia de humildade. Ela era... Penelope. Sempre estivera ali, sorrindo com polidez nos limites do salão de baile. E ele achara que ela sempre estaria ali. Algumas coisas não mudavam, e Penelope era uma delas.

Só que ela havia, *sim*, mudado.

Colin não sabia quando acontecera ou se alguém além dele se dera conta disso, mas Penelope Featherington não era a mesma mulher que ele conhecia.

Ou talvez tivesse sido *ele* quem havia mudado.

O que o fazia sentir-se ainda pior, porque se fosse esse o caso, isso significaria

que Penelope era interessante, encantadora e *beijável* há anos e ele não tivera a maturidade necessária para percebê-lo.

Não, era melhor achar que ela tinha mudado. Colin nunca fora fã da autoflagelação.

Qualquer que fosse o caso, precisava se desculpar, e logo. Tinha que se desculpar pelo beijo, porque ela era uma dama e ele era (na maior parte do tempo, pelo menos) um cavalheiro. E precisava se desculpar por ter se portado como um idiota logo depois, porque era, simplesmente, a atitude certa a ser tomada.

Só Deus sabia o que Penelope achava que ele achava dela agora.

Não foi difícil encontrá-la. Nem se deu o trabalho de procurar entre os casais que dançavam (o que o deixava com raiva – por que os outros homens não a convidavam para dançar?). Em vez disso, concentrou a atenção nas paredes e, com efeito, lá estava ela, sentada ao lado de... ah, Deus... Lady Danbury.

Bem, não havia mais nada a fazer senão ir direto até elas. A julgar pela maneira como Penelope e a velha bisbilhoteira seguravam a mão uma da outra, não esperava que Lady Danbury desaparecesse tão cedo.

Ao chegar até as duas, virou-se primeiro para Lady Danbury e fez uma elegante reverência.

– Lady Danbury – cumprimentou, antes de voltar a atenção para Penelope. – Srta. Featherington.

– Sr. Bridgerton – disse Lady Danbury, com uma surpreendente falta de rispidez na voz –, que prazer em vê-lo.

Ele assentiu com a cabeça, então fitou Penelope, perguntando-se o que ela estaria pensando e se conseguiria enxergá-lo em seus olhos.

Mas o que quer que estivesse pensando – ou sentindo – estava oculto por baixo de uma grossa camada de nervosismo. Ou talvez o nervosismo fosse a única coisa que ela estava sentindo. Não podia culpá-la. Considerando a forma tempestuosa com a qual ele deixara a sala de visitas dela, sem uma explicação... ela só podia estar confusa. E Colin sabia por experiência própria que a confusão sempre levava à apreensão.

– Sr. Bridgerton – murmurou ela, enfim, sua postura transmitindo uma polidez escrupulosa.

Ele pigarreou. Como extraí-la das garras de Lady Danbury? Colin realmente

preferia não ter de expor toda a sua humildade diante da velha abelhuda.

– Eu gostaria de... – começou ele, com a intenção de dizer que gostaria de falar com ela em particular.

Lady Danbury podia ser a criatura mais curiosa que ele conhecia, mas não havia outra linha de ação a seguir, e talvez ser deixada no escuro uma vez na vida fizesse bem a ela.

Mas, no instante exato em que ele ia continuar a frase, percebeu que algo estranho acontecia no salão. As pessoas sussurravam e apontavam em direção à pequena orquestra, cujos integrantes haviam acabado de baixar os instrumentos. Além disso, nem Penelope nem Lady Danbury estavam lhe dando a menor atenção.

– O que todos estão olhando? – indagou Colin.

Lady Danbury nem se deu o trabalho de olhar para ele ao responder:

– Cressida Twombley vai fazer uma declaração.

Que coisa mais irritante. Ele nunca gostara de Cressida Twombley. Fora má e intolerante quando solteira e ficara ainda pior depois que se casara. Mas era linda e inteligente, apesar de cruel, de maneira que ainda era considerada uma líder em alguns círculos da sociedade.

– Não consigo pensar em nada que ela tenha a dizer que me interesse ouvir – murmurou Colin.

Espiou Penelope tentar conter um sorriso e lhe lançou um olhar de “peguei você”. Mas o olhar também dizia “e concordo plenamente”.

– Boa noite a todos – cumprimentou o conde de Macclesfield.

– Boa noite! – gritou algum bêbado no fundo do salão.

Colin se virou para ver quem era, mas a multidão tornou isso impossível.

O conde falou mais um pouco, então Cressida tomou a palavra, momento em que Colin deixou de prestar atenção. O que quer que ela dissesse não ia ajudá-lo a solucionar seu maior problema: descobrir como se desculpar com Penelope. Tentara ensaiar as palavras na cabeça, mas nunca soavam certas, então estava contando com sua tão famosa fluência para conduzi-lo na direção correta quando chegasse a hora. Sem dúvida Penelope compreenderia...

– *Whistledown!*

Colin só ouviu a última palavra do discurso de Cressida, mas não havia a menor forma de ignorar a comoção que tomou todo o salão.

As pessoas sussurravam sem parar, todas ao mesmo tempo e sobre o mesmo tema, o que só acontecia quando alguém era flagrado em público em posição muito embaraçosa e comprometedora.

– O quê? – perguntou ele atabalhoadamente, virando-se para Penelope, que ficou branca como uma vela. – O que ela disse?

Mas Penelope estava sem fala.

Ele olhou para Lady Danbury, porém a velha senhora tinha levado a mão à boca e parecia que iria desmaiar a qualquer momento.

O que era um tanto alarmante, pois Colin seria capaz de jurar que, em seus quase 80 anos, Lady Danbury jamais perdera os sentidos.

– O quê? – insistiu ele, na esperança de que uma das duas despertasse de seu estupor.

– Não pode ser verdade – sussurrou Lady Danbury, por fim, mal conseguindo pronunciar as palavras. – Não acredito.

– O quê?

Ela apontou em direção a Cressida, o dedo indicador tremendo à luz bruxuleante de uma vela.

– Essa senhora não é Lady Whistledown.

Colin virava a cabeça de um lado para outro. Para Cressida. Para Lady Danbury. Para Cressida. Para Penelope.

– *Ela* é Lady Whistledown? – cuspiu ele, finalmente entendendo.

– É o que ela diz – respondeu Lady Danbury, a dúvida estampada no rosto.

Colin também tinha suas dúvidas. Cressida Twombley era a última pessoa que ele teria imaginado ser Lady Whistledown. Que ela era esperta, não havia como negar. Mas não era engenhosa nem espirituosa, a não ser que estivesse zombando dos outros. Lady Whistledown tinha um senso de humor bastante ferino, porém, com exceção de seus comentários infames com relação à moda, nunca parecia implicar com os membros menos populares da sociedade.

No final das contas, Colin era obrigado a admitir que Lady Whistledown tinha bom gosto no que dizia respeito às pessoas.

– Não posso acreditar numa coisa dessas – declarou Lady Danbury em um tom de repulsa. – Se eu tivesse imaginado que *isto* aconteceria, jamais teria lançado aquele desafio abominável.

– Isto é horrível – sussurrou Penelope.

A voz dela tremia, e isso deixou Colin apreensivo.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ela fez que não.

– Acho que não. Na verdade, estou um pouco enjoada.

– Quer ir embora?

Penelope balançou a cabeça mais uma vez.

– Se não se importar, vou ficar sentada aqui.

– É claro – assentiu ele, olhando para ela com preocupação.

Continuava terrivelmente abatida.

– Ora, pelo amor de... – blasfemou Lady Danbury, pegando Colin de surpresa, mas, em seguida, ela soltou um verdadeiro impropério, o que ele achou que poderia muito bem ter tirado o planeta do eixo.

– Lady Danbury? – disse ele.

– Ela está vindo nesta direção – murmurou a velha senhora, virando a cabeça para o outro lado. – Eu deveria saber que não escaparia.

Colin olhou para a direção de Cressida, que tentava abrir caminho em meio à multidão, aparentemente para confrontar Lady Danbury e resgatar o seu prêmio. Ia, como era de se esperar, sendo abordada a cada passo pelos convidados. Parecia estar adorando o assédio, o que não era nenhuma surpresa – Cressida sempre adorara ser o centro das atenções – mas também parecia bastante decidida a chegar até Lady Danbury.

– Não há qualquer forma de evitá-la, sinto dizer – observou Colin.

– Eu sei – resmungou ela. – Venho tentando evitá-la há anos e jamais fui bem-sucedida. – Ela olhou para Colin, contrariada. – Achei que estava sendo tão esperta... Pensei que fosse ser divertido expor Lady Whistledown.

– É, bem... foi divertido – disse Colin, mas não estava sendo sincero.

Lady Danbury lhe deu uma estocada na perna com a bengala.

– Não está sendo nem um pouco divertido, seu menino tolo. Olhe só o que eu vou ter de fazer agora! – Ela agitou a bengala em direção a Cressida, que estava cada vez mais perto. – Jamais sonhei em ter de lidar com alguém da laia *dela*.

– Lady Danbury – cumprimentou Cressida, aproximando-se com a barra do vestido roçando no chão. Parou bem em frente à velha senhora. – Que prazer em vê-la.

Lady Danbury nunca fora conhecida por sua graciosidade, mas se superou ao

ignorar qualquer tentativa de saudação e dizer direto, asperamente:
– Imagino que esteja aqui para cobrar o seu dinheiro.
Cressida inclinou a cabeça para o lado num gesto encantador e ensaiado.
– A senhora disse que daria mil libras a quem desmascarasse Lady Whistledown. – Ela deu de ombros, num gesto de falsa humildade. – Jamais estipulou que ela não poderia desmascarar a si mesma.
Lady Danbury se levantou, estreitou os olhos e disparou:
– Não acredito que seja você.
Colin gostava de achar que era fino e imperturbável, mas até ele arfou diante daquilo.
Os olhos de Cressida brilharam de fúria, mas ela logo se recompôs e retrucou:
– Eu ficaria chocada se a senhora não reagisse com algum grau de ceticismo, Lady Danbury. Afinal de contas, não é do seu feitio ser crédula e bondosa.
A velha senhora sorriu. Bem, talvez aquilo não fosse um sorriso, mas os seus lábios se moveram.
– Vou encarar isso como um elogio – falou – e deixarei que me convença que foi essa a sua intenção.
Colin assistiu ao impasse atentamente – cada vez mais alarmado –, até Lady Danbury se virar de repente para Penelope, que se levantara poucos segundos depois dela.
– O que acha, Srta. Featherington? – perguntou.
O corpo inteiro de Penelope tremeu, ainda que de leve, enquanto ela gaguejou:
– O q-quê... e-eu, eu... c-como disse?
– O que acha? – repetiu Lady Danbury. – Acha que Lady Twombley é Lady Whistledown?
– Eu... Eu realmente não sei.
– Ora, vamos, Srta. Featherington. – A velha senhora pousou as mãos nos quadris e olhou para Penelope com uma expressão que beirava a exasperação. – Sem dúvida você tem uma opinião sobre o assunto.
Colin involuntariamente deu um passo à frente. Lady Danbury não tinha direito de falar com Penelope daquele jeito. E, além do mais, ele não estava gostando da expressão de Penelope. Parecia se sentir acuada, olhando na direção dele com um pânico que ele jamais vira.
Ele já vira Penelope desconfortável, já a vira magoada, mas jamais em pânico.

Então lhe ocorreu que ela odiava ser o centro das atenções. Sim, ela zombava da própria solteirice e do fato de parecer invisível em meio à sociedade, e talvez fosse gostar de receber um pouco mais de atenção, mas aquele tipo de atenção... Todos olhando para ela e esperando que falasse...

Ela estava completamente infeliz.

– Srta. Featherington – disse ele com delicadeza, passando para o seu lado –, a senhorita me parece indisposta. Gostaria de se retirar?

– Gostaria – respondeu ela, mas então algo estranho aconteceu.

Ela mudou. Colin não conseguiu pensar em outra palavra para descrever o que viu. Ela simplesmente mudou. Bem ali, no salão de baile dos Macclesfields, ao lado dele, Penelope Featherington se transformou em outra pessoa.

Sua coluna ficou ereta e ele podia jurar que o calor que emanava de seu corpo aumentou quando ela falou:

– Não. Não, eu tenho algo a dizer.

Lady Danbury sorriu.

Penelope olhou direto para a velha condessa e afirmou:

– Acho que ela não é Lady Whistledown. Acho que está mentindo.

Colin instintivamente puxou Penelope um pouco mais para perto. A expressão de Cressida levava a crer que ela poderia pular em seu pescoço a qualquer instante.

– Eu sempre gostei de Lady Whistledown – continuou Penelope, erguendo o queixo e adotando uma postura quase régia. Fitou Cressida e os olhares das duas se cruzaram quando ela acrescentou: – E meu coração ficaria partido se eu descobrisse que ela era alguém como Lady Twombley.

Colin tomou a mão dela e a apertou. Não conseguiu deixar de fazê-lo.

– Muito bem dito, Srta. Featherington! – exclamou Lady Danbury, batendo palmas de puro contentamento. – Era exatamente isso que eu estava pensando, mas não consegui encontrar as palavras. – Virou-se para Colin com um sorriso. – Ela é muito inteligente, sabe?

– Eu sei – respondeu ele, com um estranho e inédito orgulho brotando dentro de si.

– A maioria das pessoas não nota – prosseguiu Lady Danbury, de maneira que suas palavras só fossem ouvidas pelo rapaz.

– Eu sei – murmurou ele –, mas eu noto.

Teve de sorrir diante do comportamento de Lady Danbury, que tinha certeza que fora proposital, apenas para irritar Cressida, que não gostava de ser ignorada.

– Não admito ser insultada por essa... por essa... por essa *ninguém*! – exclamou Cressida, furiosa. Virou-se para Penelope com um olhar fuzilante e sibilou: – Exijo um pedido de desculpas.

Penelope limitou-se a assentir lentamente e retrucou:

– Você pode exigir o que quiser.

Então, ficou em silêncio.

Colin teve que se esforçar muito para tirar o sorriso do rosto.

Estava claro que Cressida desejava continuar discutindo (e, talvez, cometer um ato de violência no processo), mas se conteve, talvez por ser óbvio que Penelope se encontrava entre amigos. No entanto, sempre fora conhecida por sua segurança e seu equilíbrio, portanto Colin não se surpreendeu quando ela se recompôs, virou-se para Lady Danbury e perguntou:

– O que planeja fazer com relação às mil libras?

Lady Danbury a encarou por um longo instante, então se virou para *Colin* – por Deus, a última coisa que ele queria era se envolver naquela confusão – e indagou:

– O que acha, Sr. Bridgerton? Acha que Lady Twombley está dizendo a verdade?

Colin sorriu.

– A senhora deve estar louca se pensa que vou oferecer a minha opinião.

– O senhor é um homem surpreendentemente sábio, Sr. Bridgerton – retrucou Lady Danbury, em tom de aprovação.

Ele assentiu com modéstia, então arruinou o efeito ao dizer:

– Me orgulho disso.

Ora, não era todos os dias que um homem era chamado de sábio por Lady Danbury. Afinal, a maior parte dos adjetivos usada por ela tinha conotação negativa.

Cressida nem se deu o trabalho de olhar para ele. Como Colin sabia muito bem, ela não era idiota, apenas má, e depois de mais de dez anos frequentando a alta sociedade, devia ter consciência de que ele não gostava muito dela e que sem dúvida não se tornaria vítima de seus encantos. Então, ignorando-o, ela

encarou Lady Danbury e manteve a voz perfeitamente calma ao perguntar:

– O que fazemos agora, milady?

A velha senhora ficou em silêncio por um longo instante e em seguida decretou:

– Preciso de provas.

Cressida piscou, aturdida.

– O que disse?

– Provas! – Lady Danbury bateu a bengala no chão com uma força incrível. – Que parte você não compreendeu? Não vou lhe entregar uma fortuna sem ter provas.

– Como se mil libras fosse uma grande fortuna... – comentou Cressida, com petulância.

Lady Danbury estreitou os olhos.

– Então por que está tão ansiosa para recebê-las?

Cressida ficou calada por um instante, mas sua postura, seu rosto, cada fibra de seu ser estavam tensos. Todos sabiam que o marido a deixara em péssima situação financeira, mas aquela era a primeira vez que alguém tocava no assunto com ela de forma tão direta.

– Arranje-me as provas – falou Lady Danbury – e eu lhe darei o dinheiro.

– Está dizendo – retrucou Cressida (e por mais que a detestasse, Colin foi forçado a admirar a sua capacidade de manter a voz serena) – que a minha palavra não é o suficiente?

– Sim, é isso que estou dizendo – ladrou Lady Danbury. – Pelo amor de Deus, menina, ninguém chega à minha idade sem permissão para insultar quem bem entender.

Colin achou ter escutado Penelope engasgar, mas, ao olhá-la de soslaio, ela estava impassível, apenas observando o diálogo. Seus olhos castanhos brilhavam e ela recuperara a cor que perdera quando Cressida fizera o anúncio inesperado. Na verdade, agora Penelope parecia estar verdadeiramente intrigada pelos acontecimentos.

– Muito bem – disse Cressida, a voz grave e letal. – Eu lhe trarei provas no decorrer dos próximos quinze dias.

– Que tipo de provas? – indagou Colin, para logo em seguida se arrepender.

A última coisa que desejava era se envolver naquela confusão, mas a

curiosidade tomara conta dele.

Cressida se virou para ele com o rosto notavelmente plácido, a julgar pelo insulto que acabara de escutar de Lady Danbury diante de várias testemunhas.

– Saberá quando eu as entregar – disse ela, irônica.

Então estendeu o braço, esperando que um de seus sabujos o tomasse e a conduzisse para longe.

O que foi de fato impressionante, porque um jovem (um tolo apaixonado, pelo jeito) se materializou ao seu lado como se ela o tivesse invocado com a mera inclinação do braço. Um instante depois, haviam desaparecido.

– Bem, que coisa desagradável – comentou Lady Danbury, quebrando o silêncio meditativo, ou talvez atordoado, em que todos se encontravam havia quase um minuto.

– Eu nunca gostei dela – declarou Colin, para ninguém em especial.

Uma pequena multidão se formara em torno dos três, então as palavras dele não foram ouvidas apenas por Penelope e Lady Danbury, mas ele não se importou.

– Colin!

Ele se virou e deparou com Hyacinth, que arrastava Felicity Featherington consigo enquanto deslizava em meio à aglomeração até chegar ao seu lado.

– O que ela disse? – perguntou sua irmã caçula, sem fôlego. – Tentamos chegar aqui antes, mas estava tão tumultuado...

– Disse exatamente o que você esperaria dela – respondeu ele.

Hyacinth fez uma careta.

– Homens são péssimos em intrigas. Quero as palavras exatas.

– É muito interessante – comentou Penelope, de repente.

Seu tom pensativo chamou a atenção da multidão e, em segundos, todos fizeram silêncio.

– Fale – pediu Lady Danbury –, estamos ouvindo.

Colin esperava que isso fosse deixar Penelope desconfortável, mas a onda de autoconfiança que a tomara alguns minutos antes continuava em ação, pois se empertigou orgulhosamente e disse:

– Por que alguém haveria de se revelar como Lady Whistledown?

– Pelo dinheiro, é claro – retrucou Hyacinth.

Penelope fez que não com a cabeça.

– É de imaginar que Lady Whistledown estaria bastante rica a esta altura. Temos comprado seus jornais há anos.

– Meu Deus, ela tem razão! – exclamou Lady Danbury.

– Talvez só quisesse atenção – sugeriu Colin.

Não era uma hipótese tão impensável: Cressida havia passado a maior parte de sua idade adulta tentando estar no centro das atenções.

– Pensei nisso – admitiu Penelope –, mas será que ela quer mesmo esse tipo de atenção? Lady Whistledown insultou um bom número de pessoas ao longo dos anos.

– Ninguém que signifique qualquer coisa para mim – brincou Colin. Então, ao ver que todos esperavam uma explicação, acrescentou: – Vocês nunca notaram que Lady Whistledown só insulta gente que merece?

Penelope pigarreou delicadamente.

– Ela já se referiu a mim como uma fruta madura demais.

Ele fez um gesto com a mão descartando a inquietude de Penelope.

– Com exceção dos detalhes sobre moda, é claro.

Penelope deve ter decidido não insistir no assunto, pois se limitou a avaliar Colin com um longo e penetrante olhar antes de se virar outra vez para Lady Danbury e dizer:

– Lady Whistledown não tem nenhum motivo para se revelar. Cressida, obviamente, sim.

Lady Danbury ficou radiante, mas depois, de repente, seu rosto se transformou numa careta de desaprovação.

– Acho que preciso lhe conceder os quinze dias de prazo para que apareça com a tal “prova”. Para ser justa.

– Eu, particularmente, estou muito interessada em ver o que ela vai inventar – comentou Hyacinth. Então, virou-se para Penelope e acrescentou: – Nossa, você é mesmo muito esperta, sabia?

Penelope ruborizou, modesta, em seguida virou-se para a irmã e disse:

– É melhor irmos andando, Felicity.

– Tão cedo? – retrucou a garota.

Colin, consternado, se deu conta de que articulara, silenciosamente, as mesmas palavras.

– Mamãe queria que chegássemos cedo em casa – explicou Penelope.

Felicity assumiu um ar de perplexidade.

– É mesmo?

– É, sim – disse Penelope, com firmeza. – Além do mais, não estou me sentindo muito bem.

Felicity assentiu, a contragosto.

– Vou pedir a um criado que traga nossa carruagem até a frente da casa.

– Não, não – falou Penelope, colocando a mão sobre o braço da irmã. – Pode deixar que eu providencio isso.

– Eu o farei – anunciou Colin.

Ora, de que servia ser um cavalheiro quando as damas insistiam em fazer tudo sozinhas?

E então, antes mesmo de se dar conta do que estava fazendo, ele facilitara a partida de Penelope e ela acabou indo embora sem que ele tivesse lhe pedido perdão.

Talvez devesse considerar a noite um fracasso por esse único motivo, mas, na verdade, não conseguia pensar dessa forma.

Afinal, passara quase cinco minutos segurando a sua mão.

CAPÍTULO 12

Na manhã seguinte, assim que acordou, Colin lembrou que não se desculpara com Penelope. Estritamente falando, era provável que já não fosse necessário: embora mal tivessem se falado no baile dos Macclesfields, na noite anterior, pareciam ter chegado a uma trégua implícita. Ainda assim, Colin achava que não se sentiria confortável consigo mesmo até pronunciar as palavras "Me desculpe".

Era o correto a fazer.

Ele era um cavalheiro, afinal.

Além do mais, estava com vontade de vê-la naquela manhã.

Foi ao Número Cinco tomar café da manhã com a família, mas queria ir direto para casa após ver Penelope, então subiu na carruagem para fazer a viagem até a casa dos Featheringtons, na Rua Mount, apesar de a distância ser curta o bastante para que ele sentisse preguiça de percorrê-la.

Sorriu, satisfeito, e se recostou no assento para observar a encantadora paisagem primaveril que ia se revelando pela janela. Era um daqueles dias perfeitos nos quais tudo parecia correr bem. O sol brilhava, ele se sentia bem-disposto, tivera uma excelente refeição matinal...

Era quase impossível que a vida ficasse melhor do que aquilo.

E estava a caminho para ver Penelope.

Colin escolheu não analisar o motivo pelo qual se sentia tão ansioso para encontrá-la: esse era o tipo de coisa em que um homem solteiro de 33 anos em geral escolhia não pensar. Em vez disso, apenas deliciou-se com o dia: o sol, o ar, até mesmo as três elegantes casinhas por que passou na Rua Mount antes de vislumbrar a porta de Penelope. Não havia nada de diferente nem de original em qualquer uma delas, mas era uma manhã tão perfeita que lhe pareceram encantadoras, encostadas umas nas outras, altas, estreitas e imponentes, com sua fachada de pedras Portland cinzentas.

Era um dia maravilhoso, cálido e sereno, ensolarado e tranquilo...

A não ser pelo fato de que, quando começou a se levantar do assento, um

pequeno movimento do outro lado da rua chamou a sua atenção.

Penelope.

Ela estava na esquina das Ruas Mount e Penter, onde não poderia ser vista por ninguém que estivesse olhando de dentro da residência dos Featheringtons. E estava subindo numa carruagem de aluguel.

Interessante.

Colin franziu a testa. Aquilo *não* era interessante. Que diabo ele estava pensando? Não era *nada* interessante. Talvez pudesse ser se ela fosse, digamos, um *homem*. Ou se a carruagem em que acabara de entrar pertencesse aos Featheringtons, em vez de ser um maltrapilho transporte de aluguel.

Mas não, aquela era Penelope, que não era um homem, em absoluto, e que entrava numa carruagem sozinha, talvez em direção a algum destino completamente inadequado, porque, se estivesse prestes a fazer algo apropriado e normal, estaria a bordo de um transporte da família Featherington. Ou, melhor, na companhia de uma de suas irmãs, de uma dama de companhia ou de qualquer outra pessoa, e não, maldita fosse, sozinha.

Aquilo não era interessante, era uma idiotice.

– Mas que mulher tola – murmurou Colin, saltando da carruagem com a intenção de correr em direção ao carro de aluguel, escancarar a porta e arrastá-la para fora.

Porém, no instante em que colocou o pé direito para fora, foi tomado pela mesma loucura que o levava a perambular pelo mundo.

A curiosidade.

Ele murmurou vários impropérios, todos direcionados a si mesmo. Não pôde se controlar. Era tão atípico de Penelope desaparecer daquela forma, num carro de aluguel, que Colin *precisava* saber aonde ela estava indo.

Assim, em vez de tentar colocar algum juízo na cabeça dela, mandou que o chofer seguisse a carruagem, que foi para o norte, em direção à movimentada Rua Oxford, onde, refletiu Colin, provavelmente Penelope pretendia fazer compras. Podia haver inúmeras razões pelas quais ela não estava usando a carruagem dos Featheringtons. Talvez estivesse quebrada ou, quem sabe, um dos cavalos tivesse adoecido, ou talvez ela fosse comprar um presente para alguém e quisesse fazer segredo.

Não, aquilo não fazia muito sentido. Penelope jamais sairia para fazer

compras por conta própria. Levaria uma dama de companhia, uma das irmãs, ou até uma das irmãs *dele*. Caminhar pela Rua Oxford sozinha era pedir para ser alvo de fofocas. Uma mulher naquela posição certamente seria o assunto da próxima coluna de Lady Whistledown.

Se Lady Whistledown ainda existisse, ele lembrou. Era difícil se acostumar à vida sem ela. Ainda não se dera conta de quanto se habituara a ver seu jornal sobre a mesa do café da manhã quando estava na cidade.

E, por falar em Lady Whistledown, estava mais certo do que nunca de que ela só podia ser Eloise. Naquela manhã, fora ao Número Cinco para o desjejum com o único intuito de questioná-la, mas fora informado de que a irmã continuava indisposta e que não se juntaria à família.

Colin não deixara de notar, no entanto, que uma bandeja repleta de comida fora levada ao quarto dela. O que quer que estivesse fazendo mal à irmã, não havia afetado o seu apetite.

Ele não mencionara as suas suspeitas à mesa do café: não via motivo para perturbar a mãe, que sem dúvida ficaria horrorizada diante da ideia. Era difícil acreditar, porém, que Eloise, cuja disposição para fofocar sobre um escândalo só era menor que sua empolgação em descobrir um, perderia a oportunidade de comentar a revelação de Cressida Twombley na noite anterior.

A não ser que *Eloise* fosse Lady Whistledown, motivo pelo qual estaria no quarto, bolando o próximo passo.

As peças todas se encaixavam. Teria sido deprimente se Colin não fosse tomado por um estranho entusiasmo em descobri-la.

Após alguns minutos, enfiou a cabeça para fora da carruagem para se certificar de que o chofer não tinha perdido o veículo de Penelope de vista. Lá estava ela, bem à sua frente. Ou, pelo menos, ele acreditava ser ela. A maioria dos automóveis de aluguel era parecida, então teria de confiar que estava atrás do correto. No entanto, ao olhar para fora, constatou que haviam seguido bem mais para o leste do que havia se dado conta. Na verdade, acabavam de passar pela Rua Soho, o que significava que estavam quase em Tottenham Court Road, o que queria dizer que...

Por Deus, será que Penelope estava indo até a casa dele? A Praça Bedford ficava praticamente logo depois da esquina.

Foi tomado por uma deliciosa sensação, porque não conseguiu imaginar o que

ela estaria fazendo naquela parte da cidade senão indo vê-lo. Quem mais uma mulher como Penelope conheceria em Bloomsbury? Não podia imaginar que sua mãe lhe permitisse se relacionar com pessoas que trabalhavam para viver, e os vizinhos de Colin, embora fossem bem-nascidos, não faziam parte da aristocracia e em raros casos pertenciam até mesmo à pequena nobreza. Eram médicos, advogados ou...

Colin fez uma careta de desaprovação. Acabavam de passar por Tottenham Court Road. Mas que diabo ela estaria fazendo tão para o leste? Talvez o condutor não conhecesse a cidade muito bem e tivesse achado melhor pegar a Rua Bloomsbury até a Praça Bedford, apesar de ficar um pouco fora do caminho, mas...

Ele ouviu um barulho muito estranho e se deu conta de que era o som dos próprios dentes rangendo. Acabavam de passar pela Rua Bloomsbury e agora dobravam à direita em High Holborn.

Mas que diabo! Estavam praticamente na região de City. Por Deus, o que Penelope planejava fazer ali? Aquilo não era lugar para uma mulher. Ele mesmo jamais ia até lá. O mundo da alta sociedade ficava bem mais para oeste, nos sagrados prédios de St. James e Mayfair. Não em City, com suas ruas estreitas, serpenteantes e medievais, e sua perigosa proximidade com as casas de cômodos do East End.

Colin ficava cada vez mais perplexo à medida em que iam em frente... e em frente... e em frente... até que percebeu que estavam dobrando na Shoe Lane. Esticou a cabeça para fora da janela. Só estivera ali uma vez, aos 9 anos, quando seu tutor o arrastara, junto com Benedict, para lhes mostrar onde o Grande Incêndio de Londres tivera início, em 1666. Colin lembrava-se de ter ficado um pouco desapontado ao saber que o culpado fora um simples padeiro que não molhara as cinzas do forno da forma correta. Um incêndio como aquele só podia ter sido criminoso.

No entanto, aquela tragédia não era nada comparada ao que ele sentia agora. Era bom que Penelope tivesse uma excelente razão para ir até ali sozinha. Ela não devia ir a *lugar nenhum* desacompanhada, muito menos a City.

Então, justo quando Colin estava convencido de que ela iria prosseguir até a costa de Dover, a carruagem atravessou a Rua Fleet e parou. Colin ficou imóvel, esperando para ver o que Penelope ia aprontar, embora cada fibra do seu ser

gritasse para ele saltar da carruagem e abordá-la ali mesmo na calçada.

Por intuição ou por loucura, de alguma forma ele sabia que, se falasse com ela naquele momento, jamais descobriria o verdadeiro motivo de ela estar ali.

Quando ela já tinha se afastado o suficiente para que ele pudesse saltar sem ser notado, desceu da carruagem e a seguiu rumo ao sul, em direção a uma igreja que mais parecia um bolo de noiva.

– Pelo amor de Deus – murmurou Colin, sem se dar conta da quantidade de blasfêmias que proferia –, isso não é hora de ser religiosa, Penelope.

Ela desapareceu igreja adentro e ele foi atrás, diminuindo o ritmo apenas ao chegar à porta da frente. Não queria surpreendê-la cedo demais. Não sem antes descobrir o que ela pretendia. Não acreditava nem por um instante que Penelope tivesse sentido um súbito desejo de aumentar a frequência à igreja com visitas no meio da semana.

Entrou na igreja, andando o mais silenciosamente possível. Penelope seguia pelo corredor central, encostando a mão esquerda de leve em cada um dos bancos, como se estivesse...

Contando?

Colin franziu as sobrancelhas quando ela escolheu o banco que queria e andou até o meio dele. Sentou-se imóvel por um instante, então enfiou a mão dentro da bolsa e sacou um envelope. Fez um movimento quase imperceptível com a cabeça para a esquerda, depois para a direita, e Colin imaginou sua expressão ao fazer isso, os olhos escuros dardejando nas duas direções enquanto procurava saber se havia outras pessoas ali. Ele estava a salvo no fundo da igreja, oculto nas sombras, quase encostado na parede. Além do mais, ela estava muito concentrada em ser discreta e não virou a cabeça o suficiente para vê-lo às suas costas.

Havia bíblias e livros de oração enfiados em pequenos bolsos às costas dos bancos, e Colin observou enquanto Penelope enfiava sorrateiramente o envelope atrás de um deles. Então ela se levantou e se dirigiu de novo ao corredor central.

Nesse momento, ele deu o bote.

Saiu das sombras e caminhou direto até ela, sentindo uma cruel satisfação ao ver o horror estampado em seu rosto ao deparar com ele.

– Col... Col... – gaguejou Penelope.

– Acho que está querendo dizer Colin – retrucou ele, estendendo cada sílaba

enquanto a pegava pelo cotovelo.

O toque era suave, mas firme, e não havia a menor forma de ela achar que poderia escapar.

Inteligente como era, ela nem mesmo tentou.

Mas, inteligente como era, tentou se fazer de inocente.

– Colin! – conseguiu finalmente dizer. – Mas que... mas que...

– Surpresa?

Ela engoliu em seco.

– Isso.

– Tenho certeza que sim.

Penelope lançou um olhar rápido em direção à porta, depois à nave, em seguida a todos os lugares exceto o banco em que escondera o envelope.

– Eu... Eu nunca o vi por aqui antes.

– Eu nunca vim aqui.

Penelope abriu e fechou a boca várias vezes antes de conseguir dizer:

– Na verdade, é ótimo que esteja aqui, porque na verdade... na verdade... err... você conhece a história de St. Bride?

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– É onde estamos?

Penelope claramente tentava sorrir, mas o resultado foi uma expressão mais embasbacada e boquiaberta. Em geral isso o teria divertido, mas ainda estava zangado com ela por ter saído sozinha, sem considerar a própria segurança ou bem-estar.

Mas, acima de tudo, estava furioso por ela ter um segredo.

Por mais irracional que fosse, ele simplesmente não tolerava esse fato. Aquela era Penelope. Ela devia ser um livro aberto. Ele a conhecia. Sempre a conhecera.

E, agora, parecia que se enganara a esse respeito.

– Sim – respondeu ela, enfim, nervosa. – É uma das igrejas de Christopher Wren, as que ele construiu após o Grande Incêndio e que estão espalhadas por toda parte aqui em City. Esta é a minha preferida. Eu realmente adoro o campanário. Não acha que parece um bolo de noiva?

Ela tagarelava, o que nunca era um bom sinal. Em geral significava que a pessoa tinha algo a esconder. Já tinha ficado bastante óbvio que Penelope estava sendo dissimulada, mas a rapidez atípica de sua fala dizia a ele que o segredo era

muito, muito importante.

Fitou-a por um bom tempo, apenas para torturá-la, até enfim perguntar:

– É por isso que acha ótimo que eu esteja aqui?

Ela se mostrou confusa.

– O bolo de casamento... – instigou ele.

– Ah! – guinchou ela, com o vermelho profundo da culpa se insinuando em sua pele. – Não! De modo algum! É só que... O que quero dizer é que esta é a igreja para os escritores. E editores. Acho. Com relação aos editores, digo.

Ela tentava de tudo, em vão. E sabia disso. Colin o percebia em seus olhos, em seu rosto, na maneira como ela retorcia as mãos ao falar. Mas Penelope continuava tentando manter a farsa, e ele se limitou a lhe lançar um olhar sarcástico enquanto ela prosseguia:

– Mas tenho certeza em relação aos escritores. – Então, com um floreio que talvez tivesse sido triunfante se ela não tivesse estragado tudo engolindo em seco sem parar, acrescentou: – E você é escritor!

– Então está querendo dizer que esta é a igreja para mim?

– É... – Ela lançou um olhar rápido para a esquerda. – Estou.

– Ótimo.

Penelope engoliu em seco.

– É mesmo?

– É, sim – afirmou ele, imprimindo um tom sereno e informal às palavras com a intenção de apavorá-la.

Ela relanceou mais uma vez à esquerda... em direção ao banco no qual escondera o envelope. Até ali, conseguira manter a atenção longe da prova incriminadora. Ele quase sentiu orgulho dela por isso.

– Uma igreja para mim – repetiu ele. – Que ideia encantadora.

Penelope começou a arregalar os olhos, assustada.

– Acho que não entendi o que quer dizer.

Ele tamborilou um dos dedos no queixo, então estendeu a mão num gesto pensativo.

– Acho que venho desenvolvendo um gosto especial pela prece.

– Prece? – ecoou ela, com a voz fraca. – Você?

– Sim, eu.

– Eu... Bem... eu... eu...

– Sim? – disse ele, começando a gostar daquilo de forma um tanto doentia.

Jamais fizera o gênero irritadiço e rancoroso. Claramente nunca soubera o que estava perdendo. Havia algo de muito satisfatório em fazê-la se contorcer.

– Penelope? Queria dizer alguma coisa?

Ela voltou a engolir em seco.

– Não.

– Que bom. – Ele deu um sorriso afável. – Sendo assim, acho que preciso de alguns momentos a sós.

– Como?

Ele deu um passo para o lado, na direção do banco.

– Estou numa igreja. Logo, gostaria de rezar.

Ela também deu um passo para o lado.

– Como disse?

Colin olhou para Penelope com um ar de indagação.

– Falei que gostaria de rezar. Não é algo tão difícil de entender.

Percebeu que ela lutava de todas as formas para não morder a isca. Tentava sorrir, mas o maxilar estava tenso, e ele podia apostar que os dentes iriam se transformar em pó a qualquer instante de tanto ranger.

– Não achei que você fosse uma pessoa especialmente religiosa – comentou ela.

– E não sou. – Ficou em silêncio por um instante e acrescentou: – Minha intenção é rezar por *você*.

Agora ela engolia em seco descontroladamente.

– Por mim? – guinchou.

– Porque – começou ele, depois aumentou o tom de voz a cada palavra, sem conseguir se conter – a prece é a única coisa capaz de salvá-la!

Em seguida, empurrou-a para o lado e se dirigiu ao local onde ela escondera o envelope.

– Colin! – gritou Penelope, correndo, desesperada, atrás dele. – Não!

Ele arrancou o envelope de trás do livro de orações com um puxão, sem o olhar por ora.

– Quer me contar o que é isto? Antes que eu mesmo veja?

– Não – respondeu ela, a voz sumindo no meio da palavra.

O coração dele se partiu à visão do pavor nos olhos dela.

– Por favor – implorou Penelope. – Por favor, me dê isso.

Então, quando ele nada fez além de encará-la muito sério, ela sussurrou:

– É meu. É um segredo.

– Um segredo que vale o seu bem-estar? – retrucou ele, quase rugindo. – A sua vida?

– Do que você está falando?

– Tem alguma ideia de como é perigoso uma mulher andar sozinha por aqui? Ou por qualquer lugar?

A única resposta dela foi:

– Colin, por favor.

Estendeu a mão pedindo o envelope, ainda longe do seu alcance.

E, de repente, ele já não sabia mais o que estava fazendo. Aquele não era ele. Aquela fúria insana, aquela ira não podiam ser dele.

E, no entanto, eram.

Mas a parte mais inquietante era... era o fato de Penelope tê-lo deixado assim. E o que ela fizera? Atravessara Londres sozinha? Ele estava irritado com ela por sua falta de preocupação com a própria segurança, mas isso não era nada comparado à raiva que sentia por ela estar escondendo segredos.

Sua raiva era completamente injustificada. Não tinha o menor direito de esperar que Penelope compartilhasse seus segredos com ele. Não tinham compromisso algum um com o outro, nada além da amizade e um único – ainda que comovente, de uma forma bastante inquietante – beijo. Sem dúvida ele não teria lhe mostrado seu diário se Penelope não o tivesse encontrado por acaso.

– Colin – sussurrou ela. – Por favor... não faça isso.

Penelope vira seus escritos secretos. Por que ele não haveria de ver os dela? Será que ela tinha um amante? Toda aquela história sobre jamais ter sido beijada seria mentira?

Por Deus, o que era aquele fogo que queimava em seu estômago? *Ciúme?*

– Colin – repetiu ela, agora engasgando.

Pousou a mão sobre a dele, tentando impedi-lo de abrir o envelope. Fez isso com delicadeza, pois jamais seria capaz de vencê-lo pela força.

Só que não havia a menor forma de ele conseguir se conter naquele momento. Preferiria morrer a lhe devolver aquele envelope sem ver o que continha.

Abriu-o com um rasgão.

Penelope deixou escapar um grito estrangulado e saiu correndo da igreja.

Colin leu o que estava escrito.

Então desabou no banco da igreja, ficando sem ar.

– Ah, meu Deus – sussurrou. – *Ah, meu Deus.*

Ao chegar aos degraus externos da igreja de St. Bride, Penelope estava histérica. Ou, ao menos, o mais histérica que já ficara. Tinha a respiração entrecortada, as lágrimas pinicavam-lhe os olhos, e seu coração...

Bem, seu coração lhe dava a sensação de querer vomitar, se tal coisa fosse possível.

Como ele podia ter feito uma coisa daquelas? Ele a seguira. *Seguira*. Por quê? O que tinha a ganhar com isso? Por que ele...

De repente, ela olhou em volta.

– Ah, droga! – gemeu, sem se importar se alguém a ouviria.

A carruagem partira. Ela dera instruções específicas para que o chofer a aguardasse, mas não o via em lugar nenhum.

Mais um percalço pelo qual podia culpar Colin. Ele a fizera se demorar na igreja e agora a carruagem partira, deixando-a presa ali, na escadaria da St. Bride, a muitos quilômetros de casa. Agora as pessoas a encaravam e ela tinha certeza de que a qualquer instante alguém a abordaria, porque provavelmente ninguém ali nunca vira uma mulher de tão fina estirpe sozinha nas redondezas, muito menos uma que se encontrava tão claramente à beira de um ataque de nervos.

Por que, por que, *por que* fora tão tola em acreditar que ele era o homem perfeito? Passara a metade da vida venerando alguém que nem era real. Porque era muito claro que o Colin que ela conhecia – não, o Colin que ela *pensara* conhecer – não existia. E, quem quer que fosse aquele homem, ela nem sabia ao certo se gostava dele. O rapaz que ela amara com tanta lealdade ao longo dos anos jamais teria se comportado daquela forma. Ele nunca a teria seguido. Bem, teria, sim, mas apenas para garantir sua segurança. No entanto, ele não teria sido tão cruel e sem dúvida não teria aberto a sua correspondência particular.

Ela havia lido duas páginas do diário dele, era verdade, mas o caderno não

estava dentro de um envelope lacrado!

Penelope desabou sobre as escadas e sentiu a pedra fria através do tecido do vestido. Não havia muito o que pudesse fazer agora além de ficar ali, sentada, à espera de Colin. Só mesmo uma tola sairia a pé, sozinha, por um lugar tão longe de sua casa. Pensou que poderia fazer sinal para uma carruagem na Rua Fleet, mas e se estivessem todas ocupadas? Além do mais, qual era a finalidade de fugir de Colin? Ele sabia onde ela morava e, a não ser que Penelope decidisse se mudar para as Órcades, não era muito provável que fosse conseguir escapar de um confronto com ele.

Deu um suspiro. Colin provavelmente a encontraria nas Órcades, viajante experiente que era. E ela nem ao menos queria ir para as ilhas.

Conteve um soluço. Agora ela não estava nem pensando direito. Por que a ideia fixa nas Órcades?

Nesse momento, ouviu a voz de Colin atrás de si.

– Levante-se – foi só o que ele disse, rápido e com frieza.

Então ela se levantou, não porque ele tivesse mandado (pelo menos foi o que disse a si mesma), e não porque tivesse medo dele, mas porque não podia permanecer sentada nas escadas da St. Bride para sempre, e mesmo que fosse adorar passar os próximos seis meses escondida de Colin, naquele instante ele era sua única forma segura de chegar em casa.

Ele indicou a rua com um gesto rude da cabeça.

– Entre na carruagem.

Ela obedeceu e, enquanto subia, ouviu Colin dar o endereço de sua casa ao chofer, instruindo-lhe a ir “pelo caminho mais longo”.

Ah, Deus.

Depois de quase um minuto, ele lhe entregou a folha de papel que estivera dobrada dentro do envelope que ela deixara na igreja.

– Acredito que isto lhe pertença – falou.

Ela engoliu em seco e olhou para o papel. Não que precisasse fazê-lo: sabia as palavras de cor. Escrevera e reescrevera aquelas frases tantas vezes na noite anterior que achava que elas jamais lhe sairiam da memória.

> *Não há nada que eu deteste mais do que um cavalheiro que acha divertido dar um tapinha condescendente na mão de uma senhora*

enquanto murmura "Uma mulher tem o direito de mudar de ideia". E, de fato, como acredito que devemos respaldar nossas palavras com ações, me empenho para manter minhas opiniões e decisões firmes e verdadeiras.

É por isso, caro leitor, que quando escrevi minha coluna de 19 de abril, realmente tinha a intenção de que fosse a última. No entanto, acontecimentos fora de meu controle (ou, na verdade, que não contam com a minha aprovação) me forçaram a levar a caneta ao papel uma última vez.

Senhoras e senhores, esta autora NÃO É *Lady Cressida Twombley. Ela nada mais é do que uma impostora intrigueira, e meu coração ficaria partido ao ver anos do trabalho árduo serem atribuídos a alguém como ela.*

CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,
21 DE ABRIL DE 1824

Penelope dobrou o papel outra vez com toda a concentração, aproveitando o instante para tentar se recompor e descobrir o que devia dizer num momento como aquele. Por fim, tentou sorrir, sem encarar Colin, e brincou:

– Você imaginava?

Ele ficou em silêncio, então ela foi forçada a erguer a vista e, assim que o fez, se arrependeu. Colin lhe pareceu completamente diferente. O sorriso fácil que sempre brincava em seus lábios, o bom humor que permeava seu olhar – tudo isso havia sumido, sendo substituído por rugas profundas e uma frieza absoluta.

O homem que ela um dia conhecera, o homem que ela amara por tanto tempo... Penelope já não sabia quem era.

– Vou interpretar isso como um não – falou, vacilante.

– Sabe o que estou tentando fazer neste instante? – perguntou ele, a voz atemorizante e alta em meio ao barulho ritmado dos cascos dos cavalos.

Ela abriu a boca para dizer que não, mas um único olhar para o rosto dele deixou claro que Colin não desejava uma resposta, então ela segurou a língua.

– Estou tentando decidir o que exatamente me deixa com mais raiva – prosseguiu ele. – Porque há *tantas* coisas que não consigo me concentrar em

apenas uma.

Estava na ponta da língua de Penelope sugerir algo – a mentira que ela criara, por exemplo –, mas, pensando bem, aquele parecia ser um excelente momento para ficar calada.

– Em primeiro lugar – disse Colin, com o tom comedido demonstrando que ele de fato tentava se controlar (e isso era, por si só, bastante inquietante, pois ela jamais se dera conta de que ele pudesse perder o controle) –, não posso acreditar que você tenha sido estúpida a ponto de se aventurar sozinha até aqui. E numa carruagem alugada, ainda por cima!

– Como se eu pudesse vir em uma das nossas carruagens... – devolveu Penelope, antes de se lembrar que decidira permanecer em silêncio.

Colin moveu a cabeça dois centímetros para a esquerda. Ela não soube o que aquilo significava, mas não podia ser boa coisa, sobretudo porque o pescoço dele parecia se enrijecer cada vez mais enquanto ele virava a cabeça.

– O que disse? – quis saber ele, ainda naquele terrível tom de voz.

Bem, agora ela devia responder, certo?

– Err... não foi nada – falou, esperando que ele não prestasse tanta atenção ao resto da resposta. – É só que não me deixam sair sozinha.

– Eu sei – ladrou ele. – E há um ótimo motivo para isso.

– Então, se eu quisesse sair sozinha – continuou ela, escolhendo ignorar a segunda frase dele –, não poderia usar uma de nossas carruagens. Nenhum de nossos condutores concordaria em me trazer até aqui.

– Os seus condutores são, claramente, homens sábios e sensatos – vociferou ele.

Penelope não respondeu.

– Tem alguma ideia do que poderia ter acontecido com você? – prosseguiu Colin, a máscara de autocontrole começando a se desmanchar.

– Err... não exatamente, na verdade – admitiu ela, engolindo em seco. – Já estive aqui antes e...

– *O quê?* – Ele fechou a mão ao redor do braço dela com força. – O que você falou?

Penelope não teve coragem de repetir, então se limitou a fitá-lo na esperança de que ele se acalmasse e voltasse a ser o homem que ela conhecia e que tanto amava.

– Só quando preciso deixar uma mensagem urgente para o tipógrafo – explicou. – Envio uma mensagem em código, então ele sabe que tem de pegar o meu bilhete aqui.

– E, por falar nisso – disse Colin, rudemente, agarrando a folha de papel dobrada de suas mãos –, que diabo é isto?

Penelope olhou para ele, confusa.

– Imaginei que estivesse óbvio. Eu sou...

– Sim, é claro que você é a maldita Lady Whistledown e deve estar rindo de mim há semanas enquanto eu insisto que é Eloise.

Colin contorcia o rosto enquanto falava, quase partindo o coração dela.

– Não! – gritou Penelope. – Não, Colin, nunca. Eu jamais riria de você!

Mas o rosto dele deixou claro que ele não acreditava. Seus olhos esmeralda transbordavam humilhação, algo que ela jamais vira, algo que nunca esperara testemunhar. Ele era um Bridgerton. Popular, autoconfiante, autossuficiente. Nada podia envergonhá-lo. Ninguém podia humilhá-lo.

A não ser, ao que parecia, ela.

– Eu não podia lhe contar – sussurrou Penelope, tentando desesperadamente fazer com que aquela expressão desaparecesse. – É claro que você entende que eu não podia lhe contar.

Colin ficou em silêncio por um longo e agonizante momento. Depois, como se ela não tivesse dito nada, como se não houvesse tentado se explicar, ele ergueu a folha de papel incriminadora no ar e a balançou, ignorando por completo o clamor dela.

– Isto é estupidez – exclamou. – Você enlouqueceu?

– Não entendi.

– Você teve a fuga perfeita ao alcance das mãos. Cressida Twombley se dispôs a levar a culpa por você.

E então, de repente, as mãos dele estavam sobre os ombros dela e ele a segurava com tanta força que Penelope mal conseguia respirar.

– Por que não deixou o assunto por isso mesmo, Penelope?

A voz dele era urgente, os olhos ardiam. Era a expressão máxima de sensibilidade que ela já vira em Colin, e lhe partiu o coração o fato de estar sendo direcionada a ela num momento de raiva. E de vergonha.

– Não pude permitir que ela fizesse isso – sussurrou ela. – Não pude permitir

que ela fosse eu.

CAPÍTULO 13

– Por que não, droga?

Penelope não conseguiu fazer nada além de fitá-lo durante vários segundos.

– Porque... porque... – Ela se debatia por dentro, perguntando-se como explicar aquilo.

Seu coração estava sendo partido, seu segredo mais apavorante – e emocionante – havia se estilhaçado e ele ainda achava que ela tinha presença de espírito para se *explicar*?

– Eu tenho consciência de que talvez ela seja a maior cadela...

Penelope sufocou um grito.

– ... que a Inglaterra já produziu, ao menos nesta geração, mas, pelo amor de Deus, Penelope – ele passou os dedos pelos cabelos, então a fitou com severidade –, ela ia levar a culpa...

– O crédito – interrompeu Penelope, irritada.

– A culpa – insistiu ele. – Você tem alguma ideia do que vai acontecer com você se as pessoas descobrirem quem é, de fato?

Ela contraiu os lábios com impaciência e irritação diante da condescendência com que estava sendo tratada.

– Já tive mais de uma década para pensar sobre isso.

Ele estreitou os olhos.

– Está sendo sarcástica?

– Nem um pouco – devolveu ela. – Você realmente acha que não passei boa parte dos últimos dez anos contemplando o que aconteceria se eu fosse descoberta? Eu seria uma idiota se não o tivesse feito.

Ele a agarrou pelos ombros e segurou firme até mesmo enquanto a carruagem saltava por cima das pedras irregulares.

– Você ficará arruinada, Penelope. Arruinada! Entende o que estou dizendo?

– Se eu ainda não tivesse entendido – retrucou ela –, posso lhe garantir que você me teria feito compreender agora, após seus longos sermões sobre o

assunto enquanto acusava Eloise de ser Lady Whistledown.

Ele a olhou, mal-humorado, obviamente aborrecido com o fato de ter seus erros evidenciados daquela forma.

– As pessoas vão parar de falar com você – prosseguiu. – Vão ignorá-la...

– As pessoas nunca falaram comigo – interrompeu ela, ríspida. – Na metade do tempo, nem notam minha presença. Como acha que fui capaz de manter a farsa por tantos anos, para início de conversa? Eu era invisível, Colin. Ninguém me via, ninguém falava comigo. Eu simplesmente ficava ali escutando e *ninguém percebia*.

– Isso não é verdade. – Mas ele desviou os olhos dos dela ao dizê-lo.

– Ah, é verdade, sim, e você sabe disso. Apenas nega – disse ela, cutucando-o no braço –, porque se sente culpado.

– Não sinto, não!

– Ora, *por favor* – zombou ela. – Tudo o que você faz é por culpa.

– Pene...

– Tudo o que diz respeito a mim, pelo menos – corrigiu-se ela. Sentia a respiração se acelerar, o sangue correr mais rápido e, uma vez na vida, a alma se incendiar. – Você acha que não sei quanto a sua família sente pena de mim? Acha que não percebo que nas festas você e seus irmãos sempre me convidam para dançar?

– Somos educados – disse ele, entre os dentes – e *gostamos* de você.

– *E* sentem pena de mim. Você gosta de Felicity, mas não o vejo dançando com ela sempre que se encontram.

Ele a soltou subitamente e cruzou os braços.

– Bem, eu não gosto dela tanto quanto de você.

Ela piscou, desconcertada com a eloquência dele. Só mesmo Colin para *elogiá-la* no meio de uma discussão. Nada poderia tê-la desarmado mais do que aquilo.

– Além disso – continuou ele, erguendo o queixo com ironia e ar de superioridade –, você ainda não falou sobre a minha questão original.

– Que era?

– Que Lady Whistledown irá arruinar você!

– Pelo amor de Deus – murmurou ela –, você fala como se ela fosse outra pessoa.

– Ora, desculpe se tenho dificuldade em conciliar a mulher à minha frente com a megera que escreve a coluna.

– Colin!

– Ofendida? – zombou ele.

– Sim! Eu trabalhei muito naquela coluna.

Ela fechou as mãos em torno do tecido fino do vestido verde, ignorando as pregas que criava. Precisava fazer alguma coisa com as mãos ou poderia explodir com o nervosismo e a raiva que corriam em suas veias. A única opção que lhe ocorria era cruzar os braços, e ela se recusava a dar uma demonstração tão óbvia de petulância. Além do mais, *ele* estava de braços cruzados e um dos dois precisava agir como se não tivesse apenas 6 anos.

– Eu nem sonharia em denegrir o que você realizou – disse ele, condescendente.

– É claro que sonharia – retrucou ela.

– Não, não sonharia.

– Então o que acha que está fazendo?

– Sendo adulto! – respondeu ele, a voz ficando alta e impaciente. – Um de nós tem de ser.

– Não ouse falar comigo sobre comportamento adulto! – explodiu ela. – Logo você, que sai correndo à menor menção de responsabilidade.

– Que diabo você quer dizer com isso? – vociferou ele.

– Acho que fui bastante óbvia.

Ele recuou.

– Não posso acreditar que esteja falando comigo dessa maneira.

– Não pode acreditar que o esteja fazendo ou que tenha coragem suficiente para isso? – escarneceu ela.

Ele se limitou a encará-la, claramente surpreso com a pergunta.

– Você não me conhece tão bem quanto acha, Colin – concluiu ela. Então, num tom mais baixo, acrescentou: – *Eu* não me conheço tão bem quanto achava.

Ele ficou em silêncio por um longo momento e então, incapaz de mudar de assunto, perguntou entre os dentes:

– O que quis dizer quando falou que eu fujo das responsabilidades?

Ela contraiu os lábios, depois os relaxou enquanto expirava bem devagar.

– Por que você acha que viaja tanto?

– Porque gosto – respondeu ele, sucinto.
– E porque morre de tédio aqui na Inglaterra.
– E por que isso faz de mim uma criança?
– Porque você não se dispõe a crescer e fazer algo que o mantenha num único lugar.
– Como o quê?
Ela ergueu as mãos num gesto do tipo “não é óbvio?”.
– Como se casar.
– Está me pedindo em casamento? – zombou ele, abrindo um sorriso bastante insolente.
Ela sentiu as faces ruborizarem, mas se forçou a prosseguir:
– Você sabe que não, e não tente mudar de assunto sendo cruel. – Esperou que ele dissesse alguma coisa, talvez um pedido de desculpas. Tomou o silêncio que se seguiu como um insulto, então simplesmente resfolegou e falou: – Pelo amor de Deus, Colin, você tem 33 anos.
– E você tem 28 – observou ele, em um tom de voz nada gentil.
Foi como levar um soco no estômago, mas ela estava exasperada demais para se recolher à concha como de costume.
– Ao contrário de você – retrucou –, não tenho o privilégio de poder propor casamento a alguém. E, ao contrário de *você* – acrescentou, querendo despertar a culpa da qual o acusara apenas alguns minutos antes –, não tenho uma ampla gama de pretendentes em potencial, então nunca tive o privilégio de poder dizer não.
Os lábios dele ficaram rijos.
– E você acha que contar a todos que é Lady Whistledown vai aumentar o seu número de pretendentes?
– Você está sendo desagradável de *propósito*? – disse ela, com grande esforço.
– Estou tentando ser realista! Algo que você parece não conseguir.
– Eu nunca falei que pretendia contar a todos que sou Lady Whistledown.
Ele agarrou o envelope que continha a última coluna.
– Então o que é isto?
Ela pegou o envelope de volta e retirou a folha de papel de dentro dele.
– Espere um instante – falou, cada sílaba carregada de sarcasmo. – Devo ter pulado a frase que revelava a minha identidade.

– Você acha que esse seu belo discurso vai acalmar o frenesi em torno da identidade de Lady Whistledown? Ah, me desculpe – ele colocou uma mão sobre o coração, com insolência –, talvez eu devesse dizer a *sua* identidade. Afinal, não quero privá-la do seu *crédito*.

– Agora você só está sendo desagradável – comentou ela, uma vozinha no fundo de sua mente lhe perguntando por que não estava chorando àquela altura.

Ali estava Colin, a quem amaria para sempre, e ele agia como se a odiasse. Será que havia qualquer outra coisa no mundo mais digna de lágrimas?

Ou talvez não fosse isso. Talvez toda aquela tristeza que se acumulava em seu coração fosse pela morte de um sonho. Da imagem que criara de Colin. Construíra a imagem de que ele era perfeito e, com cada palavra que ele cuspia em seu rosto, tornava-se cada vez mais óbvio que o seu sonho estava errado.

– Estou demonstrando um argumento – insistiu ele, agarrando o papel mais uma vez das mãos dela. – Olhe só para isto. É praticamente um convite a maiores investigações. Você está zombando da sociedade, desafiando-a a desmascará-la.

– Não é nada disso que estou fazendo!

– Pode não ser a sua intenção, mas com certeza a consequência será essa.

Parecia um bom argumento, mas ela não iria admitir isso.

– É um risco que terei de correr – falou, cruzando os braços e desviando o olhar do dele de forma acintosa. – Passei onze anos sem ser descoberta. Não vejo por que me preocupar agora.

Ela chegou a perder o fôlego pela exasperação.

– Você conhece uma coisa chamada dinheiro? Tem alguma ideia de quantas pessoas adorariam colocar as mãos nas mil libras de Lady Danbury?

– Conheço mais do que você – respondeu ela, irritada. – Além do mais, o prêmio de Lady Danbury não torna o meu segredo nem um pouco mais vulnerável.

– Torna todo mundo mais determinado, e isso a deixa mais vulnerável. Sem mencionar – acrescentou ele, retorcendo os lábios com ironia –, como observou minha irmã mais nova, que há a glória.

– Hyacinth? – perguntou ela.

Ele fez que sim sombriamente, colocando o papel sobre o assento ao seu lado.

– Se Hyacinth acredita que a glória de descobrir a sua identidade é algo a ser

invejado, então pode ter certeza de que ela não é a única. Talvez seja esse o motivo pelo qual Cressida criou esse estratagema ridículo.

– Cressida está fazendo isso pelo dinheiro – resmungou Penelope. – Não tenho dúvidas.

– Que seja. Não importa o motivo. A única coisa que interessa é que, assim que você a desmascarar com a sua idiotice – ele deu um tapa sobre o papel, fazendo Penelope estremecer com o barulho –, outra pessoa ocupará o lugar dela.

– Isso não é nada que eu já não saiba – retrucou ela, em grande parte por não tolerar que ele tivesse a última palavra.

– Então, pelo amor de Deus, mulher – explodiu ele –, permita que Cressida se safe com o esqueminha que criou. Ela é a resposta às suas preces.

Penelope o encarou.

– Você não conhece as minhas preces.

Algo no tom de Penelope atingiu Colin bem no coração. Penelope não mudara de ideia, não chegara nem perto disso, mas ele não conseguiu encontrar as palavras certas para preencher o momento. Olhou para ela, então desviou o olhar para a janela e focou, mesmo que de maneira ausente, na cúpula da catedral de São Paulo.

– Nós realmente estamos fazendo o caminho mais longo até em casa – comentou.

Ela não disse nada. Ele não a culpou. Fora um comentário idiota para quebrar o silêncio, nada mais.

– Se você permitir que Cressida... – começou ele, de novo.

– Pare – implorou ela. – Por favor, não diga mais nada. Não posso permitir que ela continue com a farsa.

– Você já pensou de fato no que iria ganhar?

Ela o encarou com olhos severos.

– Acha mesmo que consegui pensar em outra coisa nos últimos dias?

Ele tentou outra tática:

– Será que é tão importante que as pessoas saibam que você é Lady Whistledown? Você sabe quanto foi esperta e que enganou a todos nós. Isso não basta?

– Você não ouviu o que eu falei! – exclamou Penelope, incrédula, como se não

conseguisse aceitar a incompreensão dele. – Eu não preciso que as pessoas saibam que era eu. Só preciso que saibam que não era *ela*.

– Mas você claramente não se importa que todos pensem que Lady Whistledown é outra pessoa – insistiu ele. – Afinal, vem acusando Lady Danbury há semanas.

– Eu tinha de acusar *alguém* – explicou ela. – Lady Danbury me perguntou, diretamente, quem eu achava que era, e eu não podia dizer a verdade. Além do mais, não seria tão ruim assim se as pessoas achassem que era ela. Pelo menos eu gosto de Lady Danbury.

– Penelope...

– E como você se sentiria se os seus diários fossem publicados com Nigel Berbrooke como autor? – argumentou ela.

– Nigel Berbrooke mal consegue juntar duas frases – disse ele, com um resfolego de escárnio. – Ninguém acreditaria que ele pudesse escrever os meus diários.

Pensando melhor, ele fez um pequeno aceno com a cabeça, à guisa de desculpas, afinal Berbrooke era casado com a irmã dela.

– Tente imaginar – insistiu ela, entre os dentes. – Ou então o substitua por qualquer pessoa que achar parecida com Cressida.

– Penelope – retrucou ele com um suspiro. – Eu não sou você. Não dá para comparar os dois. Além do mais, se eu fosse publicar os meus diários, acho que eles não iriam me arruinar aos olhos da sociedade.

Ela afundou no assento, calada, e ele soube que seu argumento havia sido bem construído.

– Muito bem, então está decidido. Vamos rasgar isto aqui... – falou Colin, estendendo a mão em direção à folha de papel.

– Não! – gritou Penelope, quase saltando do banco. – Não faça isso.

– Mas você acabou de dizer...

– Eu não disse nada! – retrucou ela, com a voz estridente. – Eu apenas suspirei.

– Ora, pelo amor de Deus, Penelope – reclamou ele, irritado. – Você claramente concordou com...

Ela ficou perplexa diante da audácia dele.

– Quando foi que eu lhe dei permissão para interpretar os meus suspiros?

Ele olhou para a folha incriminadora, manteve as mãos no lugar e se perguntou que diabo devia fazer com ela naquele momento.

– E, de qualquer forma – continuou Penelope, os olhos brilhando com uma raiva e um fogo que a deixavam quase deslumbrante –, até parece que eu não sei de cor cada palavra. Você pode destruir essa folha de papel, mas não pode me destruir.

– Eu bem que gostaria – murmurou ele.

– O que disse?

– Whistledown – retrucou ele, entre os dentes. – Eu gostaria de destruir Lady Whistledown. Você, eu fico satisfeito em deixar do jeito que é.

– Mas eu *sou* Lady Whistledown.

– Que Deus nos ajude.

Nesse momento, algo dentro dela simplesmente atingiu o limite. Toda a fúria, toda a frustração, cada sentimento negativo que mantivera preso ao longo dos anos, tudo isso transbordou em cima de Colin, que, de todos os membros da alta sociedade, talvez fosse o que menos merecia.

– Por que está com tanta raiva de mim?! – gritou ela. – O que fiz de tão grave? Fui mais inteligente que você? Guardei um segredo? Dei boas risadas à custa da sociedade?

– Penelope, você...

– Não – interrompeu ela, com firmeza. – Fique quieto. É a minha vez de falar.

Ele ficou boquiaberto, com o choque e a incredulidade perpassando os seus olhos.

– Eu tenho orgulho do que fiz – conseguiu dizer Penelope, a voz trêmula de emoção. – Não importa o que você disser. Não importa o que qualquer um disser. Ninguém pode tirar isso de mim.

– Eu não estou tentando...

– Eu não preciso que as pessoas saibam da verdade – continuou ela, ignorando o protesto inoportuno dele. – Mas prefiro ir direto para o inferno a permitir que Cressida Twombley, a mesmíssima pessoa que... que...

A essa altura, seu corpo inteiro tremia, enquanto as péssimas recordações se sucediam em sua mente.

Cressida, famosa pela graça e elegância, tropeçando e derramando ponche no vestido de Penelope naquele primeiro ano – o único que a mãe lhe permitira

comprar que não era nem amarelo nem laranja.

Cressida, toda doce, implorando aos jovens solteiros que convidassem Penelope para dançar, pedindo com tanto fervor que Penelope só podia se sentir humilhada.

Cressida, anunciando perante uma multidão quanto se preocupava com a aparência de Penelope. “Simplesmente não é saudável pesar mais do que 60 quilos nessa idade.”

Penelope nunca soube se Cressida conseguia esconder o sorriso afetado que se seguia às alfinetadas, porque sempre saía em disparada do salão, cega pelas lágrimas, incapaz de ignorar o balanço dos próprios quadris enquanto corria.

Cressida sempre soubera exatamente como atingi-la. Não importava que Eloise continuasse sendo sua protetora ou que Lady Bridgerton tentasse aumentar a sua autoconfiança. Penelope chorara até dormir mais vezes do que conseguia lembrar por causa das investidas maldosas de Cressida Cowper Twombley.

Havia deixado que ela se safasse de tanta coisa no passado, tudo por não ter coragem de se defender. Mas não podia permitir que ela ficasse com *aquilo*. Não a sua vida secreta, não aquele cantinho da sua alma que era forte, orgulhoso e destemido.

Talvez Penelope não soubesse se defender, mas, por Deus, Lady Whistledown sabia.

– Penelope? – chamou Colin, cautelosamente.

Ela olhou para ele, confusa, e levou alguns segundos para lembrar que estavam em 1824, não 1814, e que ela se encontrava numa carruagem com Colin Bridgerton, não agachada no canto de algum salão de baile tentando fugir de Cressida Cowper.

– Você está bem? – perguntou ele.

Ela fez que sim. Ou, pelo menos, tentou.

Ele abriu a boca para dizer alguma coisa, então se deteve, os lábios permanecendo entreabertos por um longo momento. Por fim, apenas colocou a mão sobre a dela e pediu:

– Podemos falar sobre isso depois?

Dessa vez ela conseguiu fazer que sim, de leve. E, de fato, só queria que aquela tarde horrível chegasse ao fim, embora houvesse algo que ainda não

podia deixar para trás.

– Cressida não ficou arruinada – comentou, baixinho.

Ele se virou para ela, confuso.

– O que disse?

Penelope falou um pouco mais alto:

– Cressida disse que era Lady Whistledown e não ficou arruinada.

– Porque ninguém acreditou nela – argumentou Colin. – Além do mais – acrescentou, sem pensar –, ela é... diferente.

Penelope se virou para ele bem devagar, com o olhar firme.

– Diferente como?

Algo muito parecido com pânico começou a ribombar no peito de Colin. Ele soubera que não estava dizendo as palavras certas no momento em que elas saíram de seus lábios. Como podia uma frase tão pequena ser tão equivocada?

Ela é diferente.

Ambos sabiam a que ele se referia. Cressida era popular, Cressida era linda, Cressida podia se safar daquilo tudo com a maior facilidade.

Penelope, por outro lado...

Ela era Penelope. Penelope Featherington. Não tinha a influência nem as conexões para salvá-la da ruína. Os Bridgertons ficariam ao seu lado e iam lhe dar apoio, mas nem mesmo eles poderiam impedir sua queda. Qualquer outro escândalo poderia ser administrável, mas Lady Whistledown tinha, num momento ou em outro, insultado praticamente todas as pessoas das Ilhas Britânicas. Assim que as pessoas se refizessem da surpresa, viriam as observações indelicadas.

Penelope não seria elogiada por sua inteligência ou ousadia.

Seria chamada de má, mesquinha e invejosa.

Colin conhecia bem a alta sociedade. Sabia como agiam os seus pares. A aristocracia era capaz de gestos grandiosos individuais, mas coletivamente tinha a tendência de afundar até o mais baixo denominador comum.

O que era realmente muito baixo.

– Entendi – disse Penelope.

– Não – apressou-se ele a se corrigir –, não entendeu. Eu...

– Não, Colin – retrucou ela, com um doloroso tom de sabedoria na voz –, eu entendi, sim. Acho que só esperava que *você* fosse diferente.

Os olhos dele encontraram os de Penelope e, de alguma forma, suas mãos foram parar nos ombros dela, segurando-os com tanta intensidade que ela não poderia desviar o olhar nem mesmo se quisesse. Não disse nada, permitindo que seus olhos perguntassem por ele.

– Pensei que acreditasse em mim – explicou ela –, que conseguisse enxergar além do patinho feio.

O rosto dela lhe era tão familiar... Ele o vira mil vezes antes e, no entanto, até as últimas semanas, não podia dizer que o conhecia de verdade. Será que lembrava que ela tinha uma pequena marca de nascença perto do lóbulo esquerdo? Já havia notado o ardor de sua pele? Ou que os olhos castanhos continham salpicos dourados bem perto da pupila?

Como podia ter dançado com ela tantas vezes e nunca ter notado que os lábios eram cheios, largos e feitos para beijar?

Penelope umedecia os lábios com a língua quando estava nervosa. Colin a vira fazer isso um dia. Certamente o fizera em algum momento ao longo de todos os anos em que se conheciam, mas só agora, à simples visão de sua língua, o corpo dele se enrijeceu de desejo.

– Você não é feia – falou ele, a voz grave e urgente.

Ela arregalou os olhos.

Então, ele sussurrou:

– É linda.

– Não – retrucou ela, baixinho. – Não diga coisas que não quer dizer.

Ele apertou os ombros dela ainda mais.

– Você é linda – repetiu. – Eu não sei como... Não sei quando... – Tocou os seus lábios, sentindo o hálito quente na ponta dos dedos. – Mas é... – sussurrou.

Inclinou o corpo para a frente e a beijou, devagar e com reverência, não mais tão surpreso que aquilo estivesse acontecendo, que a desejasse tão intensamente. O choque desaparecera, substituído pelo simples e primitivo desejo de reclamá-la para si, de marcá-la com ferro em brasa como sua.

Sua?

Ele se afastou e olhou para ela por um instante.

Por que não?

– O que foi? – sussurrou ela.

– Você é linda – disse ele, balançando a cabeça, confuso. – Não sei como

ninguém mais enxerga isso.

Algo cálido e encantador começou a tomar o peito de Penelope. Ela não conseguia explicar: era quase como se alguém tivesse esquentado o seu sangue. Começou em seu coração e então, lentamente, percorreu os braços, o ventre, e desceu até as pontas dos dedos dos pés.

Deixou-a tonta. Satisfeita.

E plena.

Não era linda. Sabia disso. Tinha total consciência de que nunca seria mais do que apenas aceitável, e isso nos dias bons. Mas ele a achava linda, e quando olhava para ela...

Penelope se *sentia* linda. Jamais experimentara essa sensação.

Ele a beijou outra vez, os lábios mais famintos dessa vez, mordiscando, acariciando, despertando o seu corpo, acordando a sua alma. O ventre dela começou a formigar e a pele emitia uma sensação de calor e de necessidade nos locais onde as mãos dele tocavam o tecido verde e fino do vestido.

Penelope não parou uma única vez para pensar *Isto é errado*. Aquele beijo era tudo o que ela fora criada para temer e evitar, mas sabia – de corpo, mente e alma – que nada em sua vida jamais estivera tão certo. Havia nascido para aquele homem, e passara muito anos tentando aceitar o fato de que ele havia nascido para outra pessoa.

Ter uma prova do contrário era o mais profundo prazer que poderia imaginar.

Ela o queria, queria aquilo, queria a forma como ele a fazia se sentir.

Desejava ser linda, ainda que apenas aos olhos de um único homem.

Eram, pensava ela, sonhadora, enquanto Colin a deitava sobre o assento estofado da carruagem, os únicos olhos que importavam.

Ela o amava. Sempre o amara. Até mesmo agora, quando estava tão irada com ele que mal o reconhecia, quando ele estava tão irado com ela que ela nem ao menos sabia se *gostava* dele, o amava.

E queria ser sua.

Na primeira vez em que ele a beijara, Penelope aceitara os seus avanços com deleite passivo, mas agora tinha decidido ser uma parceira ativa. Ainda não conseguia acreditar que estivesse ali com ele, e certamente não se permitia sonhar que algum dia ele passasse a beijá-la com regularidade.

Aquilo podia nunca mais voltar a acontecer. Talvez ela nunca mais sentisse o

delicioso peso dele sobre ela, ou a escandalosa comichão da língua dele de encontro à dela.

Tinha *uma* chance. Uma única oportunidade de criar uma lembrança que durasse por toda a vida. Uma chance de atingir o êxtase.

O dia seguinte seria horrível, sabendo que ele encontraria outra mulher com quem riria, faria piadas e até mesmo se casaria, mas hoje...

Hoje pertencia a ela.

E, por Deus, ia tornar aquele beijo inesquecível.

Ergueu a mão e alisou os cabelos dele. Começou hesitante – o fato de estar decidida a ser ativa naquela situação não significava que tivesse a menor ideia do que estava fazendo. Os lábios de Colin, pouco a pouco, esvaziavam a mente dela de toda a razão e inteligência, mas, ainda assim, não pôde deixar de notar que os cabelos dele tinham a mesma textura dos de Eloise, que ela escovara inúmeras vezes durante os anos de amizade das duas. E, que Deus a perdoasse...

Ela riu.

Isso chamou a atenção dele, que ergueu a cabeça com um sorriso divertido.

– O que disse? – perguntou.

Penelope balançou a cabeça, tentando lutar contra a risada, mas consciente de que estava perdendo a batalha.

– Ah, não, tem de me contar – insistiu ele. – Não posso continuar sem saber o motivo da risadinha.

Ela sentiu as faces esquentarem, o que lhe pareceu ridiculamente inoportuno. Ali estava ela, fazendo algo bastante condenável no banco de trás de uma carruagem, e só *agora* tinha a decência de ruborizar?

– Conte-me – murmurou ele, mordiscando a sua orelha.

Ela fez que não.

Os lábios dele encontraram o pescoço dela bem na base, onde sentiu a pulsação de seu sangue.

– Conte.

A única coisa que ela conseguiu fazer foi gemer, arqueando o pescoço e oferecendo-o a ele.

O vestido, que ela nem percebera que estava com os primeiros botões abertos, deslizou até a clavícula ficar exposta, e ela observou com atordoada fascinação os lábios dele percorrerem a linha do osso até o rosto estar aninhado

perigosamente próximo aos seus seios.

– Vai me contar? – sussurrou Colin, passando os dentes na pele dela.

– Contar o quê? – arfou ela.

Ele moveu os lábios mais para baixo de forma implacável, e depois mais ainda.

– Por que estava rindo?

Durante vários segundos, Penelope nem mesmo soube do que ele falava.

Colin pôs a mão no seio dela por cima do vestido.

– Não vou deixá-la em paz até que me conte – ameaçou.

A resposta de Penelope foi arquear as costas, colocando o seio ainda mais firmemente na mão dele.

Estava adorando que ele não a deixasse em paz.

– Entendi – murmurou Colin, ao mesmo tempo em que empurrou o corpete dela para baixo e roçou o mamilo com a palma da mão.

– Então, talvez eu pare – falou, afastando a mão e depois a erguendo.

– Não – gemeu ela.

– Então me conte.

Ela olhou para o próprio seio, hipnotizada à visão dele nu e livre aos olhos de Colin.

– Conte-me – insistiu ele, soprando de leve, de forma que o hálito chegasse até ela.

Penelope sentiu algo repuxar profundamente dentro dela, em lugares que jamais eram mencionados.

– Colin, por favor – implorou.

Ele deu um sorriso lento e preguiçoso, satisfeito e, de alguma forma, ainda faminto.

– Por favor o quê? – incitou.

– Me toque – sussurrou ela.

Ele deslizou o indicador pelo ombro dela.

– Aqui?

Ela balançou a cabeça freneticamente em uma negativa.

Ele foi descendo pelo braço.

– Estou chegando mais perto?

Ela fez que sim, sem jamais desviar os olhos do seio.

Colin encontrou o mamilo outra vez e traçou com os dedos espirais lentos e torturantes ao seu redor, em seguida sobre ele, enquanto ela o observava, o corpo ficando mais e mais tenso.

A única coisa que Penelope ouvia era a própria respiração escapar quente e pesada de seus lábios.

– Então...

– Colin! – exclamou ela com um grito sufocado.

Ele certamente não poderia...

Colin tomou os lábios dela nos seus e antes mesmo que Penelope pudesse sentir algo mais que o calor que emanava deles, ela ergueu os quadris do assento, surpresa com o próprio comportamento, e os pressionou contra os dele sem nenhuma vergonha. Então, se acomodou outra vez enquanto ele se deitava sobre ela, imobilizando-a e enchendo-a de prazer.

– Ah, Colin, Colin – arfou, agarrando as costas dele, apertando os músculos com desespero, não querendo nada além de segurá-lo, de guardá-lo para si e nunca mais soltá-lo.

Ele puxou a camisa, soltando-a do cós da calça, e ela enfiou as mãos por debaixo do tecido, correndo-as pela pele quente. Nunca tocara um homem daquele jeito; nunca tocara *ninguém* daquele jeito, a não ser, talvez, a si mesma, e não era muito fácil alcançar as próprias costas.

Colin gemeu quando ela o tocou, então enrijeceu o corpo quando os dedos dela começaram a roçar a sua pele. O coração dela deu um salto. Ele gostava daquilo, da maneira como ela o tocava. Penelope não era nem um pouco experiente, mas ele estava gostando, ainda assim.

– Você é perfeita – sussurrou de encontro à sua pele, os lábios deixando um rastro quente enquanto voltavam na direção do queixo dela.

Colin exigiu aquela boca para si, desta vez com fervor ainda maior, as mãos deslizando para segurar o traseiro dela, apalpando, esfregando e apertando-a de encontro ao seu membro ereto.

– Meu Deus, como eu a quero – arfou ele, pressionando os quadris contra os dela. – Quero deixá-la nua, mergulhar dentro de você e nunca mais deixá-la escapar.

Penelope gemeu de desejo, incapaz de acreditar no prazer que aquelas simples palavras lhe causavam. Ele a fazia se sentir tão devassa, tão travessa, e tão, mas

tão desejável!

Não queria que aquilo terminasse nunca mais.

– Ah, Penelope – gemeu, os lábios e as mãos cada vez mais frenéticos – Ah, Penelope. Ah, Penelope, ah...

Então ele ergueu a cabeça. De forma muito abrupta.

– *Ah, Deus.*

– O que foi? – perguntou ela, tentando levantar a cabeça do assento.

– Nós paramos.

Ela levou um certo tempo para reconhecer o significado daquilo. Se haviam parado, queria dizer que provavelmente tinham chegado ao seu destino, que era...

A casa dela.

– Ah, Deus! – Ela começou a puxar o corpete do vestido para cima com movimentos frenéticos. – Não podemos pedir ao chofer que continue?

Ela já se provara uma libertina completa mesmo. Parecia não haver nada de mais, àquela altura, em acrescentar “sem vergonha” à sua lista de características.

Ele agarrou o corpete por ela e o colocou no lugar.

– Qual é a possibilidade de sua mãe ainda não ter notado minha carruagem na frente da casa?

– Bem forte, na verdade – disse ela –, mas Briarly com certeza já viu.

– E seu mordomo conseguiria reconhecer a minha carruagem? – indagou ele, incrédulo.

Ela fez que sim.

– Você veio aqui outro dia. Ele se lembra de coisas.

Colin retorceu os lábios de maneira decidida.

– Muito bem, então – falou. – Componha-se.

– Posso correr direto para o meu quarto – disse Penelope. – Ninguém irá me ver.

– Duvido muito – retrucou ele, desanimado, enfiando a camisa para dentro da calça e ajeitando os cabelos.

– Não, eu lhe garanto...

– E *eu* lhe garanto – interrompeu ele – que você será vista, sim. – Ele lambeu os dedos e então os passou pelos cabelos. – Estou apresentável?

– Está – mentiu ela.

Na verdade, estava muito corado, com os lábios inchados e os cabelos totalmente desgrenhados.

– Ótimo.

Ele desceu da carruagem de um salto e estendeu a mão para ela.

– Vai entrar, também? – perguntou Penelope.

Ele a olhou como se ela tivesse enlouquecido de repente.

– É claro.

Ela não se mexeu, perplexa demais com as ações dele para dar às pernas o comando necessário. Não havia nenhum motivo para que ele a acompanhasse até dentro de casa. As convenções sociais não o exigiam e...

– Pelo amor de Deus, Penelope – disse ele, agarrando-lhe a mão e puxando-a para fora do veículo –, você vai ou não vai se casar comigo?

CAPÍTULO 14

Seus pés tocaram o chão.

Penelope era – ao menos na própria opinião – um pouco mais graciosa do que as pessoas costumavam reconhecer. Sabia dançar, tocava piano bem e em geral conseguia atravessar um salão sem esbarrar em um número muito grande de pessoas ou móveis.

Mas quando Colin fez a sua singela proposta, o pé dela – naquele instante apenas na metade do caminho para fora da carruagem – só encontrou o ar, o quadril esquerdo encontrou o meio-fio e a cabeça encontrou as pontas dos pés de Colin.

– Meu Deus, Penelope – exclamou ele, se abaixando. – Você está bem?

– Estou ótima – conseguiu dizer ela, procurando um buraco no qual se enfiar e morrer.

– Tem certeza?

– Não foi nada, verdade – insistiu ela, segurando o rosto certa de que agora exibia a marca perfeita da bota de Colin. – Estou apenas um pouco surpresa, só isso.

– Por quê?

– Por quê?

– Sim, por quê?

Ela piscou, aturdida. Uma, duas, três vezes.

– Err... Bem, talvez tenha a ver com você ter mencionado algo sobre casamento.

Ele a puxou sem a menor cerimônia para colocá-la de pé, quase deslocando o seu ombro enquanto o fazia.

– Bem, o que imaginou que eu diria?

Ela o fitou, incrédula. Será que ele tinha ficado louco?

– Não *isso* – respondeu, por fim.

– Eu não sou um selvagem completo – murmurou ele.

Penelope limpou a poeira e as pedrinhas das mangas do vestido.

– Eu nunca falei que era, só...

– Posso lhe garantir – continuou ele, mostrando-se agora mortalmente ofendido – que jamais me comporto da forma como acabei de me comportar com uma mulher da sua estirpe sem lhe fazer uma proposta de casamento.

Isso deixou Penelope boquiaberta, com os olhos arregalados como os de uma coruja.

– Não tem uma resposta? – perguntou ele.

– Ainda estou tentando entender o que você disse.

Ele plantou as mãos nos quadris e olhou para ela com clara impaciência.

– Você tem de admitir – começou Penelope, dirigindo-lhe um olhar incerto – que pareceu... como foi mesmo que disse... que já fez propostas de casamento antes.

Ele lhe lançou um olhar bastante irritado.

– É claro que não fiz. Agora me dê o braço antes que comece a chover.

Ela ergueu a vista para o céu azul e límpido.

– Nesse ritmo, vamos ficar aqui por dias – explicou ele, impaciente.

– Eu... bem... – Ela pigarreou. – Você certamente pode perdoar a minha confusão diante de tal surpresa.

Colin segurou o braço dela com mais força.

– Vamos logo.

– Colin! – exclamou Penelope, tropeçando nos próprios pés enquanto subia a escada. – Tem certeza...

– Não há momento melhor do que o presente – disse ele alegremente.

Parecia bastante satisfeito, o que a deixou ainda mais confusa, pois teria apostado a fortuna inteira – e como Lady Whistledown havia acumulado uma boa fortuna – que ele não pensara em pedi-la em casamento até o momento em que sua carruagem parara diante da casa.

Talvez até o instante em que tinha pronunciado as palavras.

Colin se virou para ela.

– Temos de bater à porta?

– Não, eu...

Ele bateu, ou melhor, esmurrou a porta, mesmo assim.

– Briarly – falou Penelope, tentando sorrir quando o mordomo abriu a porta

para eles.

– Srta. Penelope – murmurou o homem, erguendo uma das sobrancelhas em sinal de surpresa. Cumprimentou Colin com a cabeça. – Sr. Bridgerton.

– A Sra. Featherington está em casa? – perguntou Colin bruscamente.

– Está, mas...

– Ótimo. – Colin foi adentrando na casa, puxando Penelope a reboque. – Onde ela está?

– Na sala de estar, mas devo lhe avisar...

No entanto, Colin já estava na metade do corredor, com Penelope um passo atrás de si. (Não que ela pudesse estar em qualquer outro lugar, visto que ele a segurava, com bastante força, até, pelo braço.)

– Sr. Bridgerton! – gritou o mordomo, parecendo ligeiramente em pânico.

Penelope virou a cabeça para trás enquanto continuava seguindo Colin. Briarly nunca entrava em pânico. Por nada. Se achava que ela e Colin não deviam entrar na sala de estar, devia ter uma boa razão para isso.

Talvez até mesmo...

Ah, *não.*

Penelope tentou interromper o passo, enterrando os calcanhares no chão e deslizando pelo assoalho de madeira enquanto Colin a arrastava pelo braço.

– Colin – disse, engolindo em seco depois. – Colin!

– O que é? – perguntou ele, sem diminuir o ritmo.

– Eu realmente acho... Aaaaah!

Enquanto ela deslizava, tropeçou na barra de um tapete e voou para a frente.

Ele a pegou e a colocou outra vez de pé.

– O quê?

Ela olhou, nervosa, para a porta da sala de visitas. Encontrava-se entreaberta, mas talvez estivesse barulhento demais lá dentro e a mãe ainda não os tivesse ouvido se aproximar.

– Penelope – exigiu Colin, impaciente.

– Err...

Ainda podiam escapar, não? Ela olhou freneticamente à sua volta, como se fosse possível encontrar a solução para os seus problemas em algum lugar do corredor.

– Penelope – repetiu Colin, já batendo com o pé no chão –, que diabo está

acontecendo?

Ela olhou para trás de novo, para Briarly, que se limitou a dar de ombros.

– Talvez este não seja o melhor momento para falar com a minha mãe.

Ele ergueu uma das sobrancelhas em uma expressão bastante semelhante à que o mordomo esboçara apenas alguns momentos antes.

– Não está planejando recusar o meu pedido, está?

– Não, é claro que não – disse ela, apressada, embora ainda nem tivesse aceitado realmente o fato de que ele tinha a intenção de pedi-la em casamento.

– Então este é um excelente momento – afirmou ele, o tom deixando claro que não deveria haver mais nenhum protesto.

– Mas é que...

– O quê?

Terça-feira, pensou ela, infeliz. E passava um pouco do meio-dia, o que significava...

– Vamos – disse Colin, prosseguindo caminho.

E antes que ela pudesse detê-lo, ele empurrou a porta.

A primeira coisa que ocorreu a Colin ao entrar na sala de estar foi que, embora o dia não estivesse transcorrendo em absoluto como ele talvez tivesse previsto ao se levantar da cama naquela manhã, estava sendo bastante produtivo. Casar-se com Penelope era uma ideia bem sensata e também muito atraente, se a recente interação dos dois na carruagem servisse de indicativo.

A segunda coisa que lhe ocorreu foi que acabava de entrar no seu pior pesadelo.

Porque a mãe de Penelope não estava sozinha na sala. Absolutamente todos os Featheringtons, jovens e velhos, encontravam-se ali, acompanhados dos cônjuges, e havia até mesmo um gato.

Era o grupo de pessoas mais assustador que Colin já vira. A família de Penelope era... bem... com exceção de Felicity (por quem sempre nutrira certa desconfiança, afinal, como confiar em alguém tão próximo de Hyacinth?), a família dela era... bem...

Ele não conseguia encontrar a palavra certa para descrevê-la. Sem dúvida

nada de elogioso (embora quisesse acreditar que podia evitar um insulto direto), mas será que existia algum termo que combinasse levemente com obtusa, demasiado falante, bastante intrometida, maçante e – não se podia esquecer isto, não com o recente acréscimo de Robert Huxley ao clã – excepcionalmente ruidosa?

Então Colin apenas deu aquele seu sorriso lindo, amigável e um pouco travesso. Quase sempre funcionava, e hoje não foi exceção. Os Featheringtons todos sorriram de volta para ele e – graças a Deus – não fizeram nenhum comentário.

Pelo menos, não de imediato.

– Colin – disse a Sra. Featherington, com considerável surpresa. – Que delicadeza a sua em trazer Penelope para casa para a nossa reunião de família.

– Reunião de família? – ecoou ele.

Olhou para Penelope, que estava ao seu lado parecendo passar mal.

– Toda terça-feira – falou ela, com um sorriso fraco. – Eu não mencionei?

– Não – respondeu ele, embora estivesse óbvio que a pergunta havia sido feita em consideração à plateia que os observava. – Não mencionou.

– Bridgerton! – berrou Robert Huxley, casado com a irmã mais velha de Penelope, Prudence.

– Huxley – retrucou Colin, dando um discreto passo para trás.

Era melhor proteger os tímpanos, caso o cunhado de Penelope resolvesse deixar seu lugar perto da janela e se aproximar.

Por sorte, Huxley ficou onde estava, mas outro cunhado, o bem-intencionado porém aéreo Nigel Berbrooke, atravessou o aposento e cumprimentou Colin com um belo tapa nas costas.

– Não o estávamos esperando – comentou ele, jovial.

– Não – murmurou Colin –, não imaginei que estivessem.

– Afinal, é só a família – disse Berbrooke –, e você não faz parte da família. Não da minha, pelo menos.

– Ainda não – falou Colin baixinho, então olhou rapidamente para Penelope, que ruborizou.

Em seguida, ele olhou outra vez para a Sra. Featherington, que lhe pareceu prestes a desmaiar de emoção. Colin gemeu. Não tinha sido sua intenção que ela escutasse este último comentário. Por algum motivo, quisera manter o elemento

surpresa antes de pedir a mão de Penelope. Se Portia soubesse de sua intenção antes da hora, era capaz de distorcer a situação (ao menos na própria cabeça) de modo a fazer parecer que ela própria houvesse orquestrado tudo.

E, sem saber explicar por quê, Colin não gostaria nem um pouco disso.

– Espero não estar sendo inconveniente – disse, dirigindo-se à Sra. Featherington.

– Não, é claro que não – retrucou ela, rápido. – Estamos encantados em tê-lo aqui, numa reunião de *família*.

No entanto, sua expressão era bastante estranha, não porque estivesse indecisa a respeito da presença dele ali, mas porque claramente não sabia que passo dar a seguir. Mordeu o lábio inferior, então lançou um olhar furtivo para Felicity.

Colin se virou para Felicity, que fitava Penelope com um pequeno sorriso enigmático. Já Penelope fuzilava a mãe com os olhos, a boca retorcida numa careta de irritação.

Ele alternou a visão entre as três Featheringtons. Sem dúvida havia algo acontecendo ali, e se Colin não estivesse tão ocupado tentando descobrir como se livrar de uma conversa com os parentes de Penelope enquanto tentava fazer uma proposta de casamento, ficaria bastante curioso para saber o motivo dos olhares discretos sendo trocados sem parar entre elas.

A Sra. Featherington lançou um último olhar para Felicity e fez um pequeno gesto que Colin poderia jurar que queria dizer *Sente-se direito*, depois voltou a fixar a atenção nele.

– Não quer se sentar? – indagou com um sorriso amplo, dando um tapinha no assento ao seu lado no sofá.

– É claro – murmurou ele, porque realmente já não havia como sair daquela situação.

Ainda tinha de pedir a mão de Penelope, e embora não quisesse fazer isso na frente de todas as irmãs dela (e dos dois cunhados inúteis), estava preso ali, pelo menos até que surgisse uma oportunidade polida de fugir.

Ele se virou e ofereceu o braço a Penelope:

– Penelope?

– Err... sim, claro – gaguejou ela, colocando a mão no cotovelo dele.

– Ah! – exclamou a Sra. Featherington, como se tivesse se esquecido da presença da filha. – Me desculpe, Penelope. Não a vi. Que tal ir pedir à

cozinheira que faça mais comida? Sem dúvida precisaremos, com a presença do Sr. Bridgerton.

– É claro – concordou Penelope, contraindo os lábios.

– Ela não pode tocar a campainha e pedir? – perguntou Colin, bem alto.

– Como? – indagou a Sra. Featherington, com o olhar distraído. – Bem, acho que poderia, mas levaria mais tempo e Penelope não se importa, não é?

Penelope balançou a cabeça bem de leve.

– Eu me importo – declarou Colin.

A Sra. Featherington deixou escapar um pequeno “Ah” de surpresa, então disse:

– Muito bem. Penelope, hã... Por que não se senta ali?

Ela fez sinal para uma cadeira que ficava meio à parte do círculo da conversa.

Felicity, que estava sentada na frente da mãe, se levantou e falou:

– Aqui, Penelope, fique com o meu lugar, por favor.

– Não – exclamou a Sra. Featherington, com firmeza. – Você não tem se sentido muito bem, Felicity. Precisa se sentar.

Colin achou que Felicity era o retrato da saúde perfeita, mas ela obedeceu à mãe.

– Penelope – chamou Prudence, bem alto, de perto da janela. – Preciso falar com você.

Penelope olhou, impotente, de Colin para Prudence, depois para Felicity, em seguida para a mãe.

Colin a puxou para mais perto ainda.

– Eu também preciso falar com ela – disse, com delicadeza.

– Certo. Bem, suponho que haja lugar para vocês dois aqui – concedeu a Sra. Featherington, chegando para o lado, no sofá.

Colin ficou meio indeciso entre as boas maneiras que haviam sido marteladas em sua cabeça desde o nascimento e o enorme desejo de estrangular a mulher que um dia seria a sua sogra. Não tinha a menor ideia do motivo que a levava a tratar Penelope como uma enteada indesejada, mas aquilo precisava parar.

– O que o trouxe até aqui? – berrou Robert Huxley.

Colin levou a mão à orelha – não conseguiu evitar –, então disse:

– Eu ia...

– Minha nossa – interrompeu a Sra. Featherington, alvoroçada –, não

queremos interrogar nosso convidado, queremos?

Colin não pensara que a pergunta de Huxley caracterizava um interrogatório, mas não queria insultar a Sra. Featherington ao dizê-lo, por isso se limitou a assentir e dizer algo completamente sem sentido:

– Sim, bem, é claro.

– É claro o quê? – indagou Philippa.

Ela era casada com Nigel Berbrooke e Colin sempre acreditara que formavam um ótimo casal.

– Como? – indagou ele.

– Você disse “É claro” – retrucou Philippa. – O que é claro?

– Não sei.

– Ué, então por que você...

– Philippa – repreendeu a Sra. Featherington, bem alto –, talvez deva ir buscar a comida, já que Penelope se esqueceu de tocar a campainha para pedi-la.

– Ah, me desculpem – disse Penelope rapidamente, começando a se levantar.

– Não se preocupe – falou Colin com um sorriso sereno, agarrando a mão dela e a puxando outra vez para baixo. – Sua mãe disse que Prudence podia ir.

– Philippa – corrigiu Penelope.

– O que tem Philippa?

– Ela disse que Philippa podia ir, não Prudence.

Ele se perguntou o que teria acontecido com o cérebro dela, porque em algum momento entre a carruagem e aquele sofá, ele havia claramente desaparecido.

– Isso tem alguma importância? – perguntou.

– Na verdade, não, mas...

– Felicity – interrompeu a Sra. Featherington –, por que não conta ao Sr. Bridgerton sobre suas aquarelas?

Colin não conseguia imaginar um assunto menos interessante (exceto, talvez, pelas aquarelas de Philippa), mas ainda assim virou-se para a mais nova das Featheringtons com um sorriso simpático e perguntou:

– Como vão as suas aquarelas?

Mas graças a Deus a garota apenas sorriu para ele de maneira igualmente simpática e limitou-se a dizer:

– Acho que vão bem, obrigada.

A Sra. Featherington fez uma expressão de quem acabara de engolir uma

enguia viva e exclamou:

– Felicity!

– Sim? – respondeu Felicity, solícita.

– Você não contou a ele que venceu um prêmio. – Ela se virou para Colin. – As aquarelas de Felicity são bastante exclusivas. – Voltou-se outra vez para a filha. – Conte ao Sr. Bridgerton sobre o prêmio.

– Ah, eu acho que ele não está interessado.

– É claro que está – retrucou a Sra. Featherington com algum esforço.

Em uma situação normal, Colin teria dito *É claro que estou*, já que era, afinal de contas, um sujeito muito afável, mas fazer isso seria validar a afirmação da Sra. Featherington e, talvez o mais grave de tudo, estragar o divertimento de Felicity.

E a garota parecia estar se divertindo a valer.

– Philippa – disse a Sra. Featherington –, você não ia atrás da comida?

– Ah, é mesmo! Esqueci completamente. Vamos, Nigel, assim você me faz companhia.

– É para já! – exclamou o homem, exultante.

Com isso, ele e Philippa deixaram a sala, rindo o caminho todo.

Colin reafirmou, então, a certeza de que o casamento dos dois tinha sido uma ótima decisão.

– Acho que vou até o jardim – anunciou Prudence de repente, tomando o braço do marido. – Penelope, por que não vem comigo?

Penelope abriu a boca por alguns segundos antes de decidir o que dizer, o que lhe conferiu uma aparência um pouco parecida com a de um peixe confuso (mas, na opinião de Colin, um peixe bastante cativante, se isso fosse possível). Por fim, empinou o queixo com uma expressão decidida e falou:

– Agora não, Prudence.

– Penelope! – exclamou a Sra. Featherington.

– Preciso que me mostre uma coisa – insistiu Prudence, falando entre os dentes.

– Eu realmente acho que sou necessária aqui – devolveu Penelope. – Posso me juntar a você logo mais, à tarde, se desejar.

– Preciso de você *agora*.

Penelope olhou para a irmã, surpresa, claramente sem esperar tal resistência.

– Me desculpe, Prudence – falou. – Creio ser necessária aqui.

– Bobagem – disse a Sra. Featherington, em um tom muito jovial. – Felicity e eu podemos fazer companhia para o Sr. Bridgerton.

Felicity se levantou de repente.

– Ah, não! – exclamou, os olhos muito redondos e inocentes. – Esqueci uma coisa.

– O que você poderia ter esquecido? – perguntou a Sra. Featherington entre os dentes.

– Err... as minhas aquarelas. – Ela se virou para Colin com um sorriso ao mesmo tempo doce e travesso. – Você queria vê-las, não queria?

– É claro – murmurou ele, decidindo que gostava muito da irmã caçula de Penelope. – Considerando que são tão exclusivas.

– Pode-se dizer que são exclusivamente comuns – afirmou Felicity com um aceno de cabeça muito convicto.

– Penelope – começou a Sra. Featherington, e era claro que tentava esconder a irritação –, poderia me fazer a gentileza de ir buscar as aquarelas de Felicity?

– Ela não sabe onde estão – retrucou Felicity, apressada.

– Por que não lhe diz?

– Pelo amor de Deus – explodiu Colin, finalmente –, deixe que Felicity vá. De qualquer forma, preciso de um momento a sós com a senhora.

O silêncio reinou. Era a primeira vez que Colin Bridgerton perdia a paciência em público. Ao seu lado, ele ouviu Penelope sufocar um pequeno grito, mas, quando olhou para ela, viu que escondia um minúsculo sorriso por trás da mão.

E isso o fez sentir-se muito bem.

– Um momento a sós? – ecoou a Sra. Featherington, levando a mão trêmula até o peito.

Olhou para Prudence e Robert, que continuavam de pé ao lado da janela. Imediatamente os dois deixaram o aposento, ainda que com um bocado de resmungos da parte de Prudence.

– Penelope – chamou a Sra, Featherington –, talvez deva acompanhar Felicity.

– Penelope fica – retrucou Colin, com convicção.

– Penelope? – repetiu a Sra. Featherington, indecisa.

– Sim – confirmou Colin, bem devagar, caso ela continuasse sem compreender o que ele queria dizer. – Penelope.

– Mas...

Colin a olhou com tal ferocidade que ela chegou a se encolher e colocar as mãos sobre o colo.

– Já estou indooo! – cantarolou Felicity, deixando o aposento.

Antes que a garota fechasse a porta às suas costas, porém, Colin a viu dar uma rápida piscadela para Penelope.

E Penelope sorriu, o amor pela irmã mais nova ficando muito evidente em seu olhar.

Colin relaxou. Não se dera conta de como a infelicidade de Penelope o deixara tenso. E ela estava, sem dúvida, sentindo-se a última das criaturas. Por Deus, mal podia esperar para tirá-la do seio daquela família terrível.

A Sra. Featherington esticou os lábios numa débil tentativa de sorrir. Olhou de Colin para Penelope, depois de volta para ele e, por fim, indagou:

– Queria falar comigo?

– Queria – respondeu ele, ansioso por dar logo um fim àquilo. – Eu ficaria imensamente honrado se a senhora me concedesse a mão de sua filha em casamento.

Por um instante, a Sra. Featherington não esboçou reação alguma. Depois ela arregalou os olhos, que ficaram bem redondos, abriu a boca, que ficou bem redonda, inflou o corpo, que ficou... bom, o corpo já era bem redondo. Então começou a bater palmas, incapaz de dizer qualquer coisa além de:

– Ah! Ah! – Em seguida: – Felicity! Felicity!

Felicity?

Portia se levantou de um salto, correu até a porta e gritou feito uma vendedora de peixe:

– Felicity! Felicity!

– Ah, mamãe – gemeu Penelope, fechando os olhos.

– Por que está chamando Felicity? – indagou Colin, pondo-se de pé.

A Sra. Featherington virou-se para ele, confusa.

– O senhor não quer se casar com Felicity?

Colin achou que ia passar mal.

– Não, pelo amor de Deus, eu não quero me casar com Felicity! – vociferou. – Se quisesse me casar com ela, por acaso a teria mandado buscar as malditas aquarelas?

A Sra. Featherington engoliu em seco desconfortavelmente.

– Sr. Bridgerton – falou, retorcendo as mãos. – Eu não compreendo.

Ele a fitou horrorizado, sensação que logo se transformou em repulsa.

– Penelope – disse, agarrando a mão da jovem e puxando-a para si até que estivesse bem colada a ele. – Eu quero me casar com Penelope.

– Penelope – ecoou a Sra. Featherington. – Mas…

– Mas o quê? – interrompeu ele, com a voz muito ameaçadora.

– Mas... mas...

– Está tudo bem, Colin – apaziguou Penelope, apressada. – Eu...

– Não, não está tudo bem – explodiu ele. – Eu jamais dei a menor indicação de estar interessado em Felicity.

Felicity surgiu à porta, levou a mão à boca e sumiu de novo no mesmo instante, sabiamente fechando a porta ao passar.

– Eu sei – retrucou Penelope de forma apaziguadora, lançando um olhar rápido para a mãe –, mas Felicity é solteira e...

– Você também é – observou ele.

– Eu sei, mas estou velha e...

– E Felicity é um *bebê* – cuspiu Colin. – Meu Deus, casar-me com ela seria como me casar com Hyacinth.

– É, a não ser pelo fator incesto – lembrou Penelope.

Ele a encarou como se não tivesse achado aquilo nada engraçado.

– Certo – disse ela, em grande parte para preencher o silêncio. – Foi só um grande mal-entendido, não é mesmo?

Como ninguém respondeu, Penelope olhou para Colin, suplicante.

– Não é?

– É claro – murmurou ele.

Ela se virou para a Sra. Featherington.

– Mamãe?

– Penelope? – murmurou ela.

Penelope sabia que a mãe não lhe fazia uma pergunta. Na verdade, ainda expressava incredulidade por Colin desejar se casar com ela.

E, ah, como aquilo doía, embora já devesse estar acostumada.

– Eu gostaria de me casar com o Sr. Bridgerton – falou, tentando soar o mais digna possível. – Ele me pediu e eu aceitei.

– Ora, é claro que aceitou – retorquiu a mãe. – Teria de ser idiota para não aceitar.

– Sra. Featherington – começou Colin, irritado. – Sugiro que comece a tratar minha futura esposa com um pouco mais de respeito.

– Colin, isso não é necessário – disse Penelope, colocando uma das mãos sobre o braço dele, embora seu coração voasse naquele momento.

Talvez Colin não a amasse, mas se importava com ela. Nenhum homem defenderia uma mulher com tamanha ferocidade se não se importasse ao menos um pouquinho com ela.

– É necessário, sim – retrucou ele. – Pelo amor de Deus, Penelope, eu cheguei com você. Deixei perfeitamente claro que exigia a sua presença na sala e quase empurrei Felicity porta afora para que buscasse as aquarelas. Por que diabo alguém acharia que eu quero me casar com ela?

A Sra. Featherington abriu e fechou a boca diversas vezes antes de dizer, por fim:

– Eu amo Penelope, é claro, mas é que...

– Mas a senhora a conhece? – devolveu Colin. – É encantadora, inteligente e tem um ótimo senso de humor. Quem não gostaria de se casar com uma mulher como ela?

Penelope teria derretido no chão se não estivesse segurando a mão dele.

– Obrigada – sussurrou, sem se importar com a possibilidade de a mãe tê-la ouvido e nem mesmo ligando se Colin a escutara.

De alguma forma, precisava pronunciar a palavra para si mesma.

Ela não achava que fosse tudo aquilo.

Lembrou-se de Lady Danbury, com sua expressão amável e só um pouquinho ardilosa.

Algo mais. Talvez Penelope fosse algo mais, e talvez Colin fosse a única outra pessoa a se dar conta disso, também.

O que só fazia com que o amasse ainda mais.

A mãe pigarreou, então inclinou o corpo para a frente e abraçou Penelope. A princípio foi um gesto hesitante de parte de ambas, mas logo a Sra. Featherington apertou os braços ao redor da filha e, com um grito engasgado, Penelope se pegou retribuindo o afeto com a mesma intensidade.

– Eu a amo, sim, Penelope – disse a Sra. Featherington –, e estou satisfeita por

você. – Afastou-se e enxugou uma lágrima. – Vou me sentir solitária sem a sua presença, é claro, porque imaginei que passaríamos o resto da vida juntas, mas isto é o melhor para o seu futuro, e como mãe eu preciso aceitar.

Penelope deu uma leve fungada, então tateou cegamente à procura do lenço de Colin, que ele já sacara do bolso e estendia à sua frente.

– Um dia você irá entender – disse Portia, dando um tapinha no braço da filha. Então se virou para Colin e disse: – Estamos encantados em recebê-lo em nossa família.

Ele assentiu com a cabeça, sem grande entusiasmo, mas Penelope achou que ele fez um belo esforço, considerando a raiva que sentira apenas alguns instantes atrás.

Ela sorriu e apertou a mão dele, ciente de que estava prestes a embarcar na maior aventura de sua vida.

CAPÍTULO 15

– Sabe – começou Eloise, três dias depois de Colin e Penelope fazerem o seu anúncio surpresa –, é mesmo uma pena que Lady Whistledown tenha se aposentado, porque essa teria sido a notícia da década.

– Do ponto de vista de Lady Whistledown, sem dúvida seria – murmurou Penelope, levando a xícara de chá aos lábios e mantendo os olhos colados no relógio de parede da sala de visitas informal de Lady Bridgerton.

Pensou que seria melhor não olhar direto para Eloise. Ela tinha um jeito todo seu de descobrir segredos nos olhos das pessoas.

Era engraçado. Penelope passara anos sem se preocupar – ao menos não muito – que a amiga desvendasse a verdade sobre Lady Whistledown. Mas agora que Colin sabia, de alguma forma parecia que o seu segredo flutuava no ar, como partículas de poeira, apenas esperando para se transformarem numa nuvem de conhecimento.

Agora que um dos Bridgertons a tinha descoberto, talvez fosse só questão de tempo antes que os outros fizessem o mesmo.

– O que quer dizer? – perguntou Eloise, interrompendo os pensamentos nervosos de Penelope.

– Se me lembro bem – começou Penelope, com cautela –, ela escreveu certa vez que teria de se aposentar se eu algum dia me casasse com um Bridgerton.

Eloise arregalou os olhos.

– Escreveu?

– Ou algo do tipo – retrucou Penelope.

– Você está brincando – disse Eloise, descartando a ideia com um aceno de mão. – Ela jamais seria cruel a esse ponto.

Penelope tossiu, sem achar que poderia dar fim ao assunto fingindo estar com uma migalha de biscoito na garganta, mas tentando mesmo assim.

– Não, sério – insistiu Eloise –, o que foi que ela disse?

– Não lembro as palavras exatas.

– Tente.

Penelope tentou ganhar tempo pousando a xícara e pegando outro biscoito. Estavam tomando o chá sozinhas, o que era estranho. Mas Lady Bridgerton havia arrastado Colin para irem tomar alguma providência relacionada ao casamento iminente – marcado para dali a um mês! –, e Hyacinth estava fora fazendo compras com Felicity, que ao ouvir a novidade de Penelope havia atirado os braços ao redor da irmã e dado gritinhos estridentes de alegria até os ouvidos dela ficassem entorpecidos.

Tinha sido um maravilhoso momento entre irmãs.

– Bem – disse Penelope, mordiscando um biscoito –, acho que falou que, se eu me casasse com um Bridgerton, seria o fim do mundo conforme ela o conhecia e, como ela não saberia entender um mundo assim, teria de se aposentar.

Eloise a fitou por um momento.

– E isso não é uma lembrança precisa?

– Não há como esquecer algo assim – comentou Penelope.

– Humpf. – Eloise fez uma careta de desdém. – Bem, eu diria que isso foi terrível da parte dela. Agora mesmo é que eu queria que ainda estivesse escrevendo, porque teria de engolir as próprias palavras.

– Você é uma boa amiga, Eloise – disse Penelope, baixinho.

– Sou, sim – retrucou Eloise, com um suspiro afetado. – Eu sei disso. Das melhores.

Penelope sorriu. A resposta jovial de Eloise deixou claro que não estava com disposição para emoção ou nostalgia. O que era bom. Tudo na vida tinha seu momento e lugar. Penelope dissera o que sentia e sabia que era recíproco da parte de Eloise, ainda que a amiga preferisse brincar e zombar dela naquele momento.

– Devo confessar, no entanto – continuou Eloise, pegando mais um biscoito –, que você e Colin me surpreenderam.

– Nós também *me* surpreendemos – admitiu Penelope, irônica.

– Não que eu não esteja encantada – apressou-se em acrescentar Eloise. – Não há ninguém que eu gostaria mais de ter como irmã. Bem, além das que já tenho, é claro. E se algum dia eu tivesse sonhado que vocês dois demonstrariam qualquer inclinação nessa direção, teria conspirado a favor sem qualquer pudor.

– Eu sei – disse Penelope, sem conseguir segurar o riso.

– Sim, bem... Não sou exatamente conhecida por cuidar da minha própria vida.

– O que é isso nos seus dedos? – indagou Penelope, chegando o corpo para a frente para poder ver melhor.

– O quê? Isso? Ah, nada. – Mas pousou as mãos sobre o colo, ainda assim.

– Não parece não ser nada – insistiu Penelope. – Deixe-me ver. Parece tinta.

– Bem, é claro que parece. É tinta.

– Então por que não disse logo, quando perguntei?

– Porque não é da sua conta – retrucou Eloise, com insolência.

Penelope recuou, chocada com o tom brusco da amiga.

– Me desculpe – disse, secamente. – Não fazia ideia de que tinha tocado em um assunto tão delicado.

– Ah, mas não é – apressou-se em negar Eloise. – Não seja boba. É só que sou desajeitada e não consigo escrever sem sujar os dedos todos. Eu poderia usar luvas, é claro, mas elas ficariam manchadas e eu teria que trocá-las sempre, e posso lhe garantir que não tenho o menor desejo de gastar toda a minha pequena mesada em luvas.

Penelope a fitou, considerando a longa explicação, então perguntou:

– O que andou escrevendo?

– Nada. Apenas cartas.

Penelope percebeu, pelo tom enérgico da amiga, que ela não queria estender o assunto, mas estava sendo tão atipicamente evasiva que Penelope não conseguiu resistir:

– Para quem?

– As cartas?

– Sim – respondeu Penelope, embora achasse que fosse óbvio.

– Ah, para ninguém.

– Bem, a não ser que sejam um diário, não podem ser para *ninguém* – atalhou Penelope, a impaciência acrescentando um tom ríspido à voz.

Eloise olhou para ela com uma leve expressão de afronta.

– Você está um pouco intrometida hoje.

– Só porque você está muito evasiva.

– São para Francesca – disse Eloise, com um pequeno resfolegar.

– Ora, então por que não falou antes?

Eloise cruzou os braços.

– Talvez não tenha gostado de você ficar me questionando.

Penelope ficou boquiaberta. Não conseguia se lembrar de nenhuma vez em que ela e Eloise haviam tido qualquer coisa que se assemelhasse a uma briga.

– Eloise, o que há de errado?

– Não há nada de errado.

– Eu sei que não é verdade.

A garota ficou em silêncio, limitando-se a franzir os lábios e olhar em direção à janela, numa clara tentativa de encerrar o assunto.

– Está zangada comigo? – insistiu Penelope.

– Por que haveria de estar zangada com você?

– Não sei, mas me parece claro que está.

Eloise deixou escapar um pequeno suspiro.

– Não estou zangada.

– Bem, está *alguma* coisa.

– Eu só... eu só... – Ela balançou a cabeça. – Não sei. Estou inquieta, acho. Estranha.

Penelope permaneceu em silêncio enquanto digeria aquilo, então disse, baixinho:

– Há algo que eu possa fazer?

– Não. – Eloise sorriu, soturna. – Se tivesse, pode ter certeza de que eu já teria lhe pedido.

Penelope sentiu uma risada brotando de si. Era tão típico de Eloise fazer um comentário como aquele...

– Acho que... – prosseguiu Eloise, erguendo o queixo, perdida em pensamentos. – Não, deixe para lá.

– Não – retrucou Penelope, estendendo a mão e tomando a da amiga. – Fale.

Eloise puxou a mão e desviou o olhar.

– Você vai me achar tola.

– Talvez – atalhou Penelope, sorrindo –, mas continuará sendo a minha melhor amiga.

– Ah, Penelope, não sou digna disso – disse Eloise, triste.

– Eloise, não diga tamanha loucura. Eu teria enlouquecido por completo, tentando me situar em Londres, em meio à alta sociedade, sem você.

Eloise sorriu.

– Nós bem que nos divertimos, não foi?

– Bem, sim, quando estávamos juntas – admitiu Penelope. – O resto do tempo foi uma tristeza dos infernos.

– Penelope! Acho que nunca a ouvi praguejar antes.

Penelope sorriu, encabulada.

– Escapuliu. Além do mais, não consigo pensar numa forma melhor de descrever a vida de uma moça invisível na alta sociedade.

Eloise deixou escapar uma risada inesperada.

– Eis aí um livro que eu adoraria ler: *Uma moça invisível na alta sociedade*.

– Só se gostar de tragédias.

– Ora, vamos, não pode ser uma tragédia. Tem de ser um romance. Afinal, você vai ter um final feliz.

Penelope sorriu. Por mais estranho que parecesse, ia, *sim*, ter um final feliz. Colin estava sendo um noivo encantador e atencioso, ao menos nos três dias em que vinha desempenhando esse papel. E sem dúvida não era nada fácil: estavam sujeitos a mais especulação e escrutínio do que Penelope poderia ter imaginado.

Mas não estava surpresa; quando ela (como Lady Whistledown) escrevera que o mundo como o conhecia terminaria se uma Featherington se casasse com um Bridgerton, achara estar ecoando o sentimento geral.

Dizer que a alta sociedade ficara chocada com seu noivado seria, no mínimo, um eufemismo.

No entanto, por mais que Penelope gostasse de antecipar as coisas e refletir sobre o casamento iminente, continuava perturbada com o temperamento estranho da amiga.

– Eloise – começou, séria –, quero que me diga o que a está incomodando tanto.

A jovem deixou escapar um suspiro.

– Tinha esperança de que você esquecesse o assunto.

– Aprendi a ser perseverante com uma mestra – retrucou Penelope.

Isso fez Eloise sorrir, mesmo que só por um instante.

– Eu me sinto tão desleal – disse ela em seguida.

– O que você fez?

– Ah, nada. – Ela levou a mão ao peito na altura do coração. – Está tudo aqui

dentro. Eu...

Ela parou e olhou para baixo, na direção das franjas do tapete, mas Penelope achava que a amiga não estava enxergando muita coisa. Ao menos nada além do que atormentava sua mente.

– Estou tão feliz por você... – disse Eloise, despejando as palavras em uma explosão estranha, pontuada por pausas embaraçosas. – E acho, do fundo do coração, que não estou com ciúme. No entanto, ao mesmo tempo...

Penelope esperou enquanto ela organizava os pensamentos. Ou talvez estivesse reunindo coragem.

– Ao mesmo tempo – prosseguiu, tão baixinho que Penelope mal conseguia ouvi-la –, acho que sempre imaginei que você ficaria solteira comigo. Eu escolhi esta vida. Sei que escolhi. Eu poderia ter me casado.

– Eu sei – falou Penelope, com a voz também baixa.

– Mas nunca me casei, porque jamais pareceu certo, e eu não quis me acomodar por menos do que os meus irmãos e irmãs conseguiram. E agora, Colin também – continuou ela, fazendo um sinal na direção de Penelope.

Penelope não mencionou que Colin não dissera que a amava. Não parecia o momento certo ou, francamente, o tipo de coisa que desejasse compartilhar. Além do mais, mesmo que não a amasse, ela ainda achava que se importava com ela, e isso era o bastante.

– Eu jamais desejaria que *você* não se casasse – explicou Eloise. – Só achei que não fosse acontecer. – Ela fechou os olhos, com uma expressão de agonia. – Não foi isso que eu quis dizer. Não foi minha intenção insultá-la.

– Não, não insultou – atalhou Penelope, com sinceridade. – Eu também nunca achei que me casaria um dia.

Eloise assentiu, triste.

– E, de alguma forma, isso fazia com que tudo ficasse... bem. Eu tinha quase 28 anos e era solteira, você já tinha 28 anos e era solteira, e nós sempre teríamos uma à outra. Mas agora você tem o Colin.

– Também tenho você. Pelo menos, espero que sim.

– É claro que tem! – exclamou Eloise. – Mas não vai ser a mesma coisa. Você precisa ser fiel ao seu marido. Ou, pelo menos, é o que todos dizem – acrescentou ela com um brilho travesso nos olhos. – Colin virá em primeiro lugar, e é assim que deve ser. E, para ser sincera – acrescentou, o sorriso

tornando-se um pouco zombeteiro –, eu teria de matá-la se fosse diferente. Afinal, ele é o meu irmão preferido. Realmente, não seria justo que ele tivesse uma mulher desleal.

Penelope riu alto ao ouvir aquilo.

– Você me odeia? – indagou Eloise.

Penelope balançou a cabeça.

– Não – retrucou, baixinho. – Se for possível, eu a amo ainda mais, pois sei como foi difícil falar sobre isso comigo.

– Fico tão feliz por ter dito isso! – comemorou Eloise, com um suspiro alto e dramático. – Estava morrendo de medo que você falasse que a única solução seria eu também arrumar um marido.

A ideia havia, de fato, passado pela cabeça de Penelope, mas ela fez que não e afirmou:

– É claro que não.

– Que bom. Porque a minha mãe não para de falar isso.

Penelope sorriu.

– Eu ficaria surpresa se ela não o fizesse.

– Boa tarde, senhoras!

As duas ergueram a vista e depararam com Colin entrando na sala. O coração de Penelope deu um pequeno salto ao vê-lo e ela ficou sem fôlego. Já sentia isso havia anos, sempre que ele entrava em algum aposento, mas agora era diferente, mais intenso.

Talvez por ela *saber.*

Saber como era estar com ele, ser desejada por ele.

Saber que ele seria seu marido.

Seu coração deu outro salto.

Colin deixou escapar um gemido alto.

– Vocês acabaram com toda a comida?

– Só havia um prato pequeno de biscoitos – disse Eloise em defesa das duas.

– Não foi isso que me levaram a crer – resmungou ele.

Penelope e Eloise se entreolharam e começaram a rir.

– O que foi? – quis saber Colin, se abaixando para dar um beijo rápido e atencioso no rosto de Penelope.

– Você foi tão dramático... – explicou Eloise. – É só comida.

– Nunca é só comida – retrucou Colin, atirando-se em uma poltrona.

Penelope continuava a se perguntar quando sua bochecha pararia de formigar.

– E então – disse ele, pegando um biscoito comido pela metade do prato de Eloise –, sobre o que as duas estavam falando?

– Lady Whistledown – respondeu Eloise prontamente.

Penelope engasgou com o chá.

– É mesmo? – perguntou Colin, com delicadeza, embora Penelope tivesse detectado uma indiscutível impaciência em sua voz.

– É – confirmou Eloise. – Eu dizia a Penelope que é mesmo uma pena que ela tenha se aposentado, já que o seu noivado teria sido o mexerico mais digno de nota desta temporada.

– Interessante como isso foi acontecer – murmurou Colin.

– Aham – concordou Eloise. – Sem dúvida ela dedicaria uma coluna inteira ao seu baile de noivado amanhã.

Penelope não afastou a xícara da boca.

– Quer mais um pouco? – perguntou-lhe Eloise.

Ela fez que sim com a cabeça e lhe passou a xícara, embora tenha sentido muito a falta do objeto que estivera lhe servindo de escudo. Sabia que Eloise tinha tocado no nome de Lady Whistledown porque não queria que Colin soubesse de seus sentimentos ambíguos com relação ao casamento, mas ainda assim desejava com todas as forças que a amiga houvesse dito qualquer outra coisa em resposta à pergunta do irmão.

– Por que não pede mais comida? – sugeriu Eloise a Colin.

– Já pedi. Wickham me interceptou no corredor e perguntou se eu estava com fome. – Jogou o último pedacinho do biscoito de Eloise na boca. – Sábio, esse Wickham.

– Aonde foi hoje, Colin? – indagou Penelope, ansiosa por desviar o assunto de Lady Whistledown de uma vez por todas.

Ele balançou a cabeça, agoniado.

– Como se fosse possível saber. Mamãe me arrastou de loja em loja o dia inteiro.

– Você não tem 33 anos? – indagou Eloise, toda doce.

Ele lhe respondeu com um olhar fuzilante.

– Eu só acho que você já passou da idade de ter a mamãe o arrastando por aí,

só isso – murmurou ela.

– Mamãe nos arrastará por aí mesmo quando formos velhos tolos e senis, e você sabe disso – replicou ele. – Além do mais, está encantada por me ver casado, e eu realmente não consigo estragar o divertimento dela.

Penelope suspirou. Devia ser por isso que amava aquele homem. Qualquer um que tratasse a mãe tão bem sem dúvida daria um ótimo marido.

– E como estão indo os nossos preparativos do casamento? – perguntou Colin a Penelope.

Ela fez uma careta involuntária.

– Nunca me senti tão exausta em toda a minha vida – admitiu.

Ele estendeu a mão e catou uma migalha do prato dela.

– Devíamos fugir.

– Ah, podemos mesmo? – perguntou Penelope, pronunciando as palavras num ímpeto.

Ele piscou, aturdido.

– Na verdade eu estava brincando, embora me pareça uma ótima ideia.

– Vou providenciar uma escada – disse Eloise, batendo palmas de contentamento. – Assim você poderá chegar até o quarto dela e sequestrá-la.

– Tem uma árvore – argumentou Penelope. – Colin não terá a menor dificuldade.

– Meu Deus! – exclamou ele. – Não está falando sério, está?

– Não – suspirou ela. – Mas poderia. Se você estivesse.

– Não posso estar. Tem ideia do que isso faria com a minha mãe? – Ele revirou os olhos. – Sem falar na sua.

Penelope gemeu.

– Eu sei.

– Ela sairia à minha caça e me mataria – disse ele.

– A minha ou a sua?

– As duas. Uniriam forças. – Ele esticou o pescoço em direção à porta. – Onde está a comida?

– Você acabou de chegar, Colin – comentou Eloise. – Aprenda a esperar.

– E eu pensando que Wickham fosse alguma espécie de feiticeiro – resmungou ele – capaz de fazer a comida aparecer com um simples estalar dos dedos.

– Aqui está, senhor!

Era a voz de Wickham, que entrava elegantemente na sala com uma enorme bandeja.

– Viu só? – comentou Colin, erguendo as sobrancelhas primeiro para Eloise e depois para Penelope. – Eu lhes disse.

– Por que será que estou pressentindo que ouvirei essas palavras saindo da sua boca muitas vezes no futuro? – falou Penelope.

– Muito provavelmente porque ouvirá – respondeu Colin. – Você logo descobrirá – e aqui ele lhe lançou um sorriso muito insolente – que estou quase sempre certo.

– Ora, *por favor* – gemeu Eloise.

– Vou ter que concordar com Eloise neste caso – disse Penelope.

– E ficar contra o seu marido? – Ele levou uma das mãos ao coração (enquanto a outra apanhava um sanduíche). – Isso me magoou.

– Você ainda não é meu marido.

Colin se virou para Eloise.

– A gatinha tem garras.

Eloise ergueu as sobrancelhas.

– Não se deu conta disso antes de pedi-la em casamento?

– É claro que sim – respondeu ele, dando uma mordida no sanduíche. – Só não pensei que as usaria contra mim.

Então ele a olhou com uma expressão de tanto desejo e domínio que Penelope ficou completamente derretida.

– Bem – anunciou Eloise, levantando-se de repente. – Vou conceder aos futuros recém-casados alguns momentos de privacidade.

– Mas quanta consideração da sua parte – murmurou Colin.

Eloise olhou para ele com um sorriso irritado.

– Qualquer coisa por você, meu querido irmão. Ou melhor – acrescentou, a expressão tornando-se sarcástica –, qualquer coisa por Penelope.

Colin se levantou e se virou para a noiva.

– Parece que estou despencando na ordem de prioridades.

Penelope sorriu por trás da xícara e disse:

– Jamais ficar no meio de uma rusga entre Bridgertons agora faz parte da minha política pessoal.

– Ha ha! – riu Eloise. – Sinto informar que não conseguirá manter essa política por muito tempo, Srta. Quase-Bridgerton. Além do mais – acrescentou, com um sorriso malicioso –, se está pensando que isto aqui é uma rusga, mal posso esperar que nos veja em plena forma.

– Está querendo dizer que eu nunca vi? – perguntou Penelope.

Tanto Eloise quanto Colin balançaram a cabeça de uma forma que a deixou muito temerosa.

Ah, céus.

– Há algo que eu deva saber? – perguntou Penelope.

Colin deu um sorriso ardiloso.

– Tarde demais.

Penelope olhou para Eloise com uma expressão de impotência, mas a amiga só riu enquanto saía da sala, fechando a porta ao passar.

– *Isso* foi realmente simpático da parte de Eloise – murmurou Colin.

– O quê? – indagou Penelope, com um ar de inocência.

Os olhos dele brilharam.

– A porta.

– A porta? Ah! – exclamou ela. – A porta.

Colin sorriu enquanto se aproximava do sofá para se sentar ao seu lado. Havia algo encantador a respeito de Penelope numa tarde chuvosa. Ele mal a tinha visto desde que ficaram noivos – os preparativos para um casamento tinham um jeito todo especial de fazer isso com um casal –, e, no entanto, ela não saíra de sua mente, nem mesmo durante o sono.

Engraçado como aquilo acontecera. Havia passado anos sem jamais pensar nela de verdade, a não ser que estivesse bem diante dele, e agora ela permeava cada um de seus pensamentos.

Cada um de seus desejos.

Como aquilo havia ocorrido?

Quando ocorrera?

E tinha alguma importância, de fato? Talvez a única coisa que importasse era que ele a desejava e que ela era – ou pelo menos ia ser – sua. Uma vez que colocasse a aliança no dedo dela, os comos, porquês e quandos se tornariam irrelevantes, contanto que aquela loucura que ele sentia jamais passasse.

Levou o dedo ao queixo de Penelope e inclinou seu rosto em direção à luz. Os

olhos dela brilhavam de ansiedade e os lábios... Por Deus, como era possível que os homens de Londres jamais tivessem notado como eram perfeitos?

Ele sorriu. Aquela era uma loucura permanente. E ele não podia estar mais satisfeito.

Colin jamais fora contrário ao casamento. Só era contra um casamento entediante. Não era exigente; apenas desejava paixão, amizade, uma conversa estimulante em termos intelectuais e uma boa risada de vez em quando. Uma esposa a quem não quisesse trair.

Surpreendentemente, encontrara isso em Penelope.

Só o que precisava fazer agora era se certificar de que o Grande Segredo dela permanecesse assim. Um segredo.

Porque achava que não aguentaria ver a dor nos olhos de Penelope caso fosse rejeitada pela sociedade.

– Colin? – sussurrou ela com a respiração entrecortada, fazendo com que ele *realmente* desejasse beijá-la.

Ele chegou mais perto.

– Hum?

– Estava tão calado...

– Estava só pensando.

– Em quê?

Ele lhe deu um sorriso tolerante.

– Você anda passando tempo demais com a minha irmã.

– O que isso quer dizer? – indagou ela, os lábios estremecendo de tal forma que ele percebeu que ela jamais deixaria de zombar dele.

Ali estava uma mulher que o manteria sempre em estado de alerta.

– Você parece ter desenvolvido certa tendência à insistência.

– Tenacidade?

– Também.

– Mas isso é bom.

Os lábios dos dois continuavam a poucos centímetros de distância, mas o impulso de darem continuidade à conversa provocante era muito forte.

– Quando você *insiste* em proclamar obediência ao seu marido – murmurou ele –, é uma coisa boa.

– É mesmo?

Colin moveu o queixo muito de leve para cima e para baixo, na insinuação de um sim.

– E quando você agarra o meu ombro com tenacidade quando eu a beijo, isso também é bom.

Ela arregalou os olhos escuros de forma tão encantadora que ele teve de acrescentar:

– Você não acha?

Então ela o surpreendeu.

– Assim? – falou, colocando as mãos nos ombros dele.

Seu tom de voz era desafiador, e os olhos, puro flerte.

Deus, como ele adorava o fato de ela conseguir surpreendê-lo...

– Isso é um começo – falou. – Talvez você tenha de... – ele deslocou uma das mãos de maneira a cobrir a de Penelope, pressionando os dedos dela na própria pele – me abraçar com um pouco mais de tenacidade.

– Entendi – murmurou ela. – Então o que está dizendo é que eu jamais deveria soltá-lo?

Ele pensou naquilo por um momento.

– Isso mesmo – respondeu, dando-se conta de que havia um significado mais profundo nas palavras dela, quer fosse a intenção ou não. – É exatamente o que estou dizendo.

E então as palavras já não eram mais necessárias. Levou os lábios aos dela, a princípio com delicadeza, mas em seguida o ardor tomou conta dele, e Colin a beijou com uma paixão que nem ele mesmo sabia que possuía. Não era uma questão de desejo – ou, pelo menos, não *apenas*.

Era uma questão de necessidade.

Experimentou uma sensação estranha, ardente e feroz que o incitava a reivindicá-la, a de alguma forma marcá-la como sua.

Desejava-a desesperadamente e não tinha a menor ideia de como haveria de resistir um mês inteiro antes do casamento.

– Colin? – arfou Penelope, enquanto ele a deitava de costas no sofá.

Ele beijava seu queixo e seu pescoço, e os lábios estavam ocupados demais para qualquer coisa além de um murmúrio:

– Hum?

– Nós... Ah!

Ele sorriu ao mesmo tempo que mordiscava o lóbulo da orelha dela. Se ela conseguisse terminar uma frase, então ele claramente não a estava deixando tão tonta quanto deveria.

– O que estava dizendo? – sussurrou, então lhe deu um beijo profundo na boca, somente para torturá-la.

Depois afastou os lábios dos dela apenas o suficiente para que ela retrucasse:

– Eu só...

Logo ele a interrompeu com outro beijo e ficou tonto de prazer quando ela gemeu de desejo.

– Me desculpe – falou Colin, correndo as mãos por baixo da bainha do vestido dela e, em seguida, as usando para fazer todo tipo de coisas perversas com as panturrilhas dela. – O que você estava dizendo mesmo?

– Eu? – indagou ela, com os olhos embaçados.

Ele subiu as mãos um pouco mais, até a parte de trás dos joelhos dela.

– Você estava dizendo *alguma* coisa – respondeu ele, pressionando o quadril contra o dela por achar que explodiria em chamas naquele exato momento se não o fizesse. – Eu acho – sussurrou, deslizando a mão pela pele macia de sua coxa – que ia me pedir para tocá-la *aqui*.

Ela arfou, depois gemeu e então, de alguma forma, conseguiu retrucar:

– Acho que não era isso que eu ia dizer.

Ele sorriu de encontro ao seu pescoço.

– Tem certeza?

Ela fez que sim.

– Quer que eu pare?

Ela fez que não. Freneticamente.

Ele se deu conta de que poderia possuí-la naquele instante. Podia fazer amor com ela bem ali, no sofá da mãe, e ela não só permitiria como adoraria.

Não seria uma conquista. Não seria nem mesmo uma sedução.

Seria mais do que isso. Quem sabe até mesmo...

Amor.

Ele ficou paralisado.

– Colin? – sussurrou ela, abrindo os olhos.

Amor?

Não era possível.

– Colin?

Ou talvez fosse.

– Há algo errado?

Não é que ele temesse o amor, ou não acreditasse nele. Apenas... não o esperara.

Sempre pensara que o amor caísse sobre as pessoas como um raio, que um dia, ao flanar por um salão em uma festa, morto de tédio, um homem deparasse com uma mulher e soubesse, no mesmo instante, que sua vida estava mudada para sempre. Fora isso que acontecera com o irmão, Benedict, e Deus sabia que ele e a esposa, Sophie, eram imensamente felizes levando uma vida rústica, no campo.

Mas Penelope... Ela chegara de mansinho, sem ser vista. A mudança havia sido lenta, quase letárgica, e se era amor, bem...

Se era amor, será que ele não *saberia*?

Observou-a com toda a atenção, talvez esperando encontrar a resposta em seus olhos, ou no movimento de seus cabelos, ou na maneira como o corpete do vestido se entortava levemente para um lado. Talvez, se a observasse por tempo suficiente, soubesse.

– Colin? – sussurrou ela, começando a demonstrar um pouco de ansiedade.

Ele a beijou outra vez, agora com uma determinação feroz. Se aquilo era amor, será que não ficaria óbvio quando se beijassem?

Mas se a sua cabeça e o seu corpo funcionavam separados um do outro, então era claro que o beijo estava ligado ao corpo, porque, enquanto a mente era um borrão confuso, a necessidade do corpo estava bastante evidente.

Droga, agora ele estava sentindo pontadas agudas no baixo-ventre. E não podia fazer nada a respeito na sala de estar da casa da mãe, nem mesmo se Penelope participasse de bom grado.

Começou a se afastar dela, deslizando a mão da coxa em direção ao joelho.

– Não podemos fazer isto aqui.

– Eu sei – concordou ela, tão triste que ele manteve a mão em seu joelho e quase desistiu de fazer o que era correto de acordo com as convenções sociais.

Pensou rápido. Era possível fazer amor com ela sem que ninguém os flagrasse. É claro que, em seu estado atual, seria um ato constrangedoramente curto de qualquer forma.

– Quando é o casamento? – rosnou ele.

– Daqui a um mês.

– O que podemos fazer para adiantá-lo para daqui a quinze dias?

Ela pensou por um momento.

– Suborno ou chantagem. Talvez ambos. Nossas mães não mudariam de ideia com tanta facilidade.

Ele gemeu, mergulhando o quadril de encontro ao dela por um delicioso último momento antes de se afastar. Não podia possuí-la agora. Ela iria ser sua esposa. Haveria muito tempo para amassos ao meio-dia em sofás, mas ele queria usar uma cama pelo menos na primeira vez. Devia isso a ela.

– Colin? – disse ela, ajeitando o vestido e os cabelos, embora não houvesse a menor maneira de conseguir que o último ficasse nem remotamente apresentável sem o uso de um espelho, uma escova e talvez até mesmo uma dama de companhia. – Algum problema?

– Eu quero você – sussurrou ele.

Ela o olhou, aturdida.

– Só queria que soubesse disso – continuou. – Não quero que ache que parei porque não a desejo.

– Ah. – Ela fez uma expressão de quem queria dizer alguma coisa; parecia extremamente feliz com as palavras dele. – Obrigada por dizer isso.

Ele tomou a mão dela e a apertou.

– Estou muito desmazelada?

Ele fez que sim.

– Mas é a *minha* desmazelada – sussurrou ele.

E se sentiu muito satisfeito por aquilo.

CAPÍTULO 16

Como Colin gostava de caminhar e costumava fazer isso com frequência para desanuviar a mente, não foi nenhuma surpresa ter passado tanto tempo do dia seguinte atravessando Bloomsbury, Fitzrovia, Marylbone e diversos outros bairros londrinos até erguer a vista e perceber que estava bem no coração de Mayfair, na Grosvenor Square, para ser mais exato, na frente da Casa Hastings, residência na cidade do duque de Hastings, que por acaso era casado com sua irmã Daphne.

Já fazia algum tempo que os dois irmãos não dialogavam sobre nada além da corriqueira conversa de família. Daphne era a irmã que tinha a idade mais próxima da sua e os dois sempre haviam tido uma ligação especial, embora não se vissem mais com muita frequência, tanto por causa das viagens frequentes de Colin quanto da atribulada vida familiar de Daphne.

A Casa Hastings era uma das enormes mansões que pontilhavam Mayfair e St. James. Construída com pedras de Portland, era grande, quadrada e muito imponente em seu esplendor ducal.

O que só fazia com que fosse ainda mais divertido que a atual duquesa fosse a sua irmã, pensou Colin, com um sorriso irônico. Não conseguia pensar em ninguém menos altiva ou imponente. Na realidade, Daphne tinha tido dificuldade em encontrar um marido exatamente por ser tão simpática e afável. Os cavalheiros costumavam vê-la apenas como uma amiga, e não como uma noiva em potencial.

Mas tudo isso mudou quando ela conheceu Simon Bassett, o duque de Hastings, e agora Daphne era uma respeitável senhora da alta sociedade, com quatro filhos de 10, 9, 8 e 7 anos. Colin às vezes ainda achava estranho que a irmã fosse uma mãe de família enquanto ele continuava a ter a vida livre e desimpedida de um homem solteiro. Com apenas um ano de diferença entre eles, os dois irmãos tinham passado pelas diversas fases da vida juntos. Mesmo depois de casada, as coisas não ficaram tão diferentes: ela e Simon continuaram

frequentando as mesmas festas que ele e tinham muitos dos mesmos interesses e atividades.

Mas então ela começara a ter filhos, e embora Colin sempre ficasse encantado em ganhar mais uma nova sobrinha ou sobrinho, cada nascimento destacava o fato de que Daphne dera continuidade à sua vida de uma forma muito distinta da dele.

No entanto, ele pensou, sorrindo enquanto o rosto de Penelope invadia os seus pensamentos, em breve isso mudaria.

Filhos. Era uma ideia bastante agradável, na verdade.

Não tinha pensado em visitar Daphne, mas agora que estava ali achou que poderia entrar para cumprimentá-la, então subiu as escadas e bateu à porta com a aldrava de latão. Jeffries, o mordomo, abriu quase de imediato.

– Sr. Bridgerton – disse ele. – Sua irmã não o esperava.

– Não, decidi lhe fazer uma surpresa. Ela está em casa?

– Vou ver – respondeu o homem com um aceno da cabeça, embora ambos soubessem que Daphne jamais se recusaria a receber um membro da própria família.

Enquanto Jeffries informava a Daphne sobre sua presença, Colin aguardou na sala de estar, vagando pelo aposento, inquieto demais para se sentar ou mesmo para ficar parado. Alguns minutos depois, Daphne surgiu à porta parecendo um pouco desarrumada, mas feliz, como sempre.

E por que não deveria estar? Tudo o que ela sempre desejara na vida fora se casar e ter filhos, e ao que parecia a realidade conseguira superar os seus sonhos.

– Olá, minha irmã – cumprimentou Colin, com um sorriso, enquanto atravessava a sala para lhe dar um abraço rápido. – Seu ombro está com...

Ela olhou para o próprio ombro, então sorriu envergonhada ao perceber que havia um enorme borrão cinza-escuro sobre o rosa-pálido do vestido.

– Carvão – explicou, pesarosa. – Estava tentando ensinar Caroline a desenhar.

– Você? – indagou Colin, em tom de dúvida.

– Eu sei, eu sei – respondeu ela. – Ela realmente não poderia ter escolhido professora pior, mas só decidiu ontem que adora arte, então eu sou tudo o que ela tem, assim, de uma hora para outra.

– Porque você não arruma as malas dela e a manda passar uma temporada com Benedict? – sugeriu Colin. – Tenho certeza que ele adoraria lhe dar uma ou

duas aulas.

– A ideia já me passou pela cabeça, mas não tenho nenhuma dúvida de que ela já vai ter passado para alguma outra atividade até eu conseguir tomar as devidas providências. – Ela fez um sinal em direção ao sofá. – Sente-se. Está parecendo um felino enjaulado, andando de um lado para outro desse jeito.

Ele obedeceu, embora estivesse se sentindo incomumente irrequieto.

– E, antes que peça – acrescentou Daphne –, já solicitei a Jeffries que providencie um lanche. Sanduíches serão o bastante?

– Deu para ouvir o meu estômago roncar do outro lado da sala?

– Do outro lado da cidade, sinto dizer – retrucou ela, rindo. – Toda vez que troveja, David diz que é a sua barriga, sabia disso?

– Ah, meu Deus – murmurou Colin, embora não parasse de rir.

O sobrinho era mesmo um menino esperto.

Daphne sorriu enquanto se acomodava entre as almofadas do sofá e pousava as mãos elegantemente sobre o colo.

– O que o traz aqui, Colin? Não que precise de um motivo, é claro. É sempre um prazer vê-lo.

Ele deu de ombros.

– Só estava passando.

– Foi ver Anthony e Kate? – indagou ela. A Casa Bridgerton, onde o irmão mais velho morava com a família, ficava em frente à Casa Hastings, na mesma praça. – Benedict e Sophie já estão lá com as crianças, para ajudar a preparar o seu baile de noivado, hoje à noite.

Ele balançou a cabeça.

– Não, sinto dizer que você foi a minha vítima escolhida.

Ela sorriu de novo, mas dessa vez a expressão foi mais suave, atenuada por certa dose de curiosidade.

– Há algo de errado?

– Não, é claro que não – respondeu ele, rapidamente. – Por quê?

– Não sei. – Ela inclinou a cabeça para o lado. – Você me parece estranho, só isso.

– Apenas cansado.

Ela assentiu, compreensiva.

– Por causa dos preparativos para o casamento, imagino.

– Isso – retrucou ele, aproveitando a desculpa, embora não tivesse a menor ideia do que tentava esconder dela.

– Bem, lembre-se de que, seja lá o que você estiver passando – disse ela, com uma expressão irritadiça –, é mil vezes pior para Penelope. É sempre pior para as mulheres. Pode acreditar.

– Para casamentos ou para tudo? – indagou ele, com delicadeza.

– Tudo – falou Daphne, de imediato. – Sei que vocês, homens, acham que têm as coisas sempre sob controle, mas...

– Eu nem sonharia em pensar nisso a sério – disse Colin, sem estar sendo inteiramente sarcástico.

Ela franziu a testa, irritada.

– As mulheres têm muito mais a fazer do que os homens. Sobretudo quando se trata de casamentos. Com todas as provas de vestido que Penelope sem dúvida tem marcadas, já deve estar se sentindo como uma almofada para alfinetes.

– Eu sugeri que fugíssemos para nos casarmos – comentou Colin, com normalidade –, e acho que ela até teve esperança de que eu estivesse falando sério.

Daphne riu.

– Fico tão feliz que esteja se casando com ela, Colin...

Ele assentiu, sem planejar lhe dizer nada, então de repente se pegou falando:

– Daphne...

– Sim?

Ele abriu a boca e...

– Não é nada.

– Ah, não, você não vai fazer isso – retrucou ela. – Agora aguçou a minha curiosidade.

Ele tamborilou no sofá.

– Será que a comida já está chegando?

– Está mesmo com fome ou só tentando mudar de assunto?

– Estou sempre com fome.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos.

– Colin, o que ia dizer? – perguntou, por fim, a voz baixa e suave.

Ele se levantou de súbito, inquieto demais para permanecer parado, e pôs-se a caminhar de um lado para outro. Então, parou e se virou para a irmã, para o seu

rosto preocupado.

– Não é nada – falou, embora isso não fosse verdade. – Como é que uma pessoa sabe? – perguntou atabalhoadamente, sem ao menos saber que havia completado a frase até ela responder.

– Sabe o quê?

Ele parou diante da janela. Parecia que iria chover. Teria de pegar uma carruagem emprestada de Daphne, a não ser que quisesse chegar em casa encharcado após a longa caminhada. No entanto, nem sabia por que estava pensando nisso, pois o que queria mesmo saber era...

– Como uma pessoa sabe o quê, Colin? – repetiu Daphne.

Ele se virou e resolveu deixar as palavras saírem, livres:

– Como uma pessoa sabe se é amor?

Por um instante ela apenas o fitou, os olhos castanhos arregalados de surpresa, os lábios entreabertos.

– Deixe para lá – murmurou Colin.

– Não! – exclamou ela, levantando-se no mesmo instante. – Fico *satisfeita* por ter perguntado. Muito satisfeita. Só estou... surpresa, devo dizer.

Ele fechou os olhos, indignado consigo mesmo.

– Não acredito que lhe perguntei isso.

– Não, Colin, não seja bobo. É realmente bastante... gentil da sua parte ter perguntado. E não consigo expressar como estou envaidecida por ter me procurado quando...

– Daphne... – retrucou ele.

A irmã tinha um jeito especial de se afastar do assunto, e ele não estava com disposição para as divagações dela.

De repente, Daphne estendeu os braços e o abraçou. Depois, ainda com as mãos em seus ombros, disse:

– Eu não tenho ideia.

– Como?

Ela balançou a cabeça de leve.

– Eu não tenho ideia de como uma pessoa sabe que é amor. Acho que é diferente para cada um.

– Como você soube?

Ela mordeu o lábio inferior por vários segundos antes de responder:

– Não sei.

– *O quê?*

Ela deu de ombros, num gesto de impotência.

– Eu não me lembro. Já faz tanto tempo... Eu apenas... *soube*.

– Então, o que está dizendo – começou Colin, encostando-se no peitoril da janela e cruzando os braços – é que se uma pessoa não souber que ama outra, é provável que não ame.

– Isso – retrucou ela, com firmeza. – Não! Não foi isso que eu quis dizer de jeito nenhum.

– Então o que quis dizer?

– Eu não sei – respondeu ela, sem muita convicção.

Ele a fitou.

– E há quanto tempo está casada mesmo? – murmurou ele.

– Ora, Colin, não zombe de mim, estou tentando ajudar.

– E eu agradeço a tentativa, mas, realmente, Daphne, você...

– Eu sei, eu sei – interrompeu ela. – Eu sou uma inútil. Mas ouça: você gosta de Penelope? – Então ela sufocou um grito, horrorizada. – Estamos falando de Penelope, certo?

– É claro que estamos – retrucou ele, com impaciência.

Daphne suspirou aliviada.

– Que bom, porque, se não fosse, posso garantir que não teria nenhum conselho para lhe dar.

– Vou embora – anunciou ele, de forma abrupta.

– Não, não vá – implorou ela, colocando a mão sobre o seu braço. – Fique, Colin, por favor.

Ele olhou para a irmã e suspirou, experimentando uma sensação de derrota.

– Estou me sentindo um idiota.

– Colin – disse ela, guiando-o até o sofá e fazendo com que se sentasse. – Ouça: o amor cresce e muda todos os dias. Não é como um raio que cai do céu e transforma você num homem diferente de forma instantânea. Eu sei que Benedict costuma dizer que foi assim com ele, e isso é encantador, mas, bem, Benedict não é *normal*.

Colin teve uma vontade imensa de morder a isca e começar a falar do irmão, mas ficou em silêncio.

– Não foi assim comigo – completou Daphne – e não acho que tenha sido com Simon, embora eu não me lembre de já ter perguntado.

– Devia perguntar.

Ela ficou boquiaberta por um instante, com os olhos arregalados, parecendo um pássaro surpreso.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Para me contar.

– Por quê? Você acha que é diferente para os homens?

– Assim como tudo.

Ela fez uma careta.

– Estou começando a ter bastante pena de Penelope.

– Bem, acho que você deveria mesmo – retrucou ele. – Sem dúvida vou ser um péssimo marido.

– Não vai, não – disse ela, dando um tapa em seu braço. – Por que diabo haveria de falar uma coisa dessas? Você nunca seria infiel a ela.

– Isso é verdade – concordou ele. Ficou em silêncio por um momento e, quando enfim voltou a falar, a voz saiu baixa: – Mas talvez não a ame como ela merece.

– Ou talvez ame. – Ela atirou as mãos para cima num gesto exasperado. – Pelo amor de Deus, Colin, o simples fato de você estar aqui perguntando à sua *irmã* sobre o amor provavelmente significa que já está na metade do caminho.

– Você acha?

– Se não *achasse*, não teria falado nada – retrucou ela, então deu um suspiro. – Pare de pensar tanto, Colin. Vai achar o casamento algo bem mais fácil se deixar que tudo aconteça naturalmente.

Ele a olhou desconfiado.

– Quando você ficou tão filosófica?

– No momento em que você apareceu aqui e me forçou a pensar no assunto – respondeu ela, de imediato. – Vai se casar com a pessoa certa. Pare de se preocupar tanto.

– Não estou preocupado – disse ele, de forma automática, embora estivesse, sim, preocupado, então nem tentou contestar quando Daphne lhe dirigiu um olhar sarcástico.

No entanto, sua apreensão não era se Penelope era a mulher certa. Disso tinha certeza.

Também não era em relação ao casamento ser bom ou não. Estava certo de que seria.

Não, sua preocupação era ridícula. Estava apreensivo com relação a amar Penelope ou não, mas não porque seria o fim do mundo se amasse (ou *não* amasse), e sim por estar muito incomodado com a sensação de não saber exatamente o que estava sentindo.

– Colin?

Ele olhou para a irmã, que o encarava com uma expressão bastante confusa. Levantou-se, antes que dissesse algo tão embaraçoso que lhe causasse arrependimento, então se abaixou e a beijou no rosto.

– Obrigado – falou.

Ela estreitou os olhos.

– Não sei se está falando sério ou se está zombando de mim por ter sido inútil.

– Você foi *completamente* inútil – concordou ele –, mas ainda assim foi um agradecimento sincero.

– Pelo esforço?

– Podemos dizer que sim.

– Vai à Casa Bridgerton?

– Para quê? Ficar envergonhado na frente de Anthony também?

– Ou de Benedict. Ele também está lá.

O problema das famílias grandes era que nunca faltavam oportunidades para fazer papel de tolo na frente de um irmão.

– Não – retrucou ele, com um sorriso irônico –, acho que vou andando para casa.

– Andando? – ecoou ela, surpresa.

Ele olhou em direção à janela.

– Acha que vai chover?

– Pegue a minha carruagem, Colin, e, por favor, espere os sanduíches. Com certeza vai haver uma montanha deles. Se você for embora antes de chegarem, acabarei comendo metade e depois vou me odiar pelo resto do dia.

Ele assentiu e se sentou outra vez. Foi a melhor coisa que fez. Sempre adorara salmão defumado. Na verdade, levou um prato consigo na carruagem para comer

no caminho até sua casa, debaixo da chuva torrencial.

Quando os Bridgertons ofereciam uma festa, faziam-no em grande estilo.

E quando ofereciam um baile de noivado... Bem, se Lady Whistledown ainda estivesse na ativa, teria levado no mínimo três colunas para narrar o evento.

Até mesmo aquele baile de noivado, planejado às pressas (nem Lady Bridgerton nem Lady Featherington estavam dispostas a correr o risco de que os filhos mudassem de ideia após um longo noivado), podia facilmente ser classificado como *o* baile da temporada.

Embora parte disso, pensou Penelope, sombria mas irônica, tivesse pouco a ver com a festa em si e tudo a ver com a especulação de por que diabo Colin Bridgerton escolhera uma ninguém como ela para desposar. Os rumores não foram tão graves nem quando Anthony se casara com Kate Sheffield, que, assim como Penelope, jamais fora considerada um diamante de primeira grandeza. Mas ao menos Kate não fora considerada velha. Penelope não tinha ideia de quantas vezes ouvira a palavra *solteirona* ser sussurrada às suas costas nos últimos dias.

Mas, embora os mexericos fossem um tanto entediantes, não a incomodavam, porque ela continuava navegando em um mar de felicidade. Era impossível para uma mulher não ficar completamente boba de tanta alegria depois que o homem por quem passara a vida inteira apaixonada a tinha pedido em casamento.

Ainda que ela não conseguisse compreender exatamente *como* tudo aquilo tinha acontecido.

Bem, o importante é que *tinha* acontecido.

Colin era tudo o que qualquer pessoa podia sonhar num noivo. Passou quase a noite inteira a seu lado, e Penelope nem teve a impressão de que o fizera para protegê-la dos boatos. Na verdade, ele parecia ignorar por completo todo o falatório.

Era quase como se... Penelope sorriu. Era quase como se Colin estivesse ao seu lado porque queria.

– Você viu Cressida Twombley? – sussurrou Eloise em seu ouvido enquanto Colin dançava com a mãe. – Está verde de inveja.

– É só o vestido dela – retrucou Penelope com impressionante

impassibilidade.

Eloise riu.

– Ah, como eu queria que Lady Whistledown estivesse na ativa. Ia *acabar* com ela.

– Achei que *ela* fosse Lady Whistledown – disse Penelope, com cautela.

– Ora, mas que besteira. Não acredito nem por um instante que Cressida seja Lady Whistledown, e tampouco acredito que você ache isso.

– É, tem razão – concordou Penelope.

Sabia que seu segredo ficaria mais bem protegido se afirmasse acreditar na história de Cressida, mas qualquer um que a conhecesse consideraria isso tão sem sentido que pareceria suspeito demais.

– Cressida só queria o dinheiro – continuou Eloise, com desdém. – Ou, talvez, a notoriedade. Provavelmente, os dois.

Penelope observou a inimiga sendo paparicada pelos súditos do outro lado do salão. Seus seguidores de sempre se amontoavam a seu redor, junto com pessoas novas, que deviam estar curiosas sobre o boato de Lady Whistledown.

– Bem, pelo menos notoriedade ela conseguiu.

Eloise assentiu.

– Não consigo nem imaginar por que foi convidada. Com certeza não há nenhum laço entre você duas e nenhum de nós gosta dela.

– Colin insistiu.

Eloise se virou para ela, boquiaberta.

– Por quê?

Penelope suspeitava que o principal motivo fosse a afirmação recente de Cressida de que era Lady Whistledown; a maioria dos membros da alta sociedade não sabia ao certo se ela estava mentindo, mas ninguém se dispunha a lhe negar um convite para um evento, caso tivesse dito a verdade.

E Colin e Penelope teoricamente não tinham motivo algum para saber com certeza.

No entanto, Penelope não podia revelar isso a Eloise, então lhe contou o resto da história, que continuava sendo verdade:

– Sua mãe não queria dar margem a nenhum tipo de boato cortando-a da lista, e Colin também disse...

Ela ruborizou. Na realidade, tinha sido muita gentil da parte dele.

– O quê? – quis saber Eloise.

Penelope não conseguiu falar sem sorrir:

– Ele disse que queria que Cressida fosse forçada a me assistir em meu momento de triunfo.

– Ah. Meu. Deus. – Eloise deu a impressão de que precisava se sentar. – Meu irmão está apaixonado.

O rubor de Penelope aumentou ainda mais.

– *Está* – exclamou Eloise. – Só pode. Ah, você tem de me contar. Ele já falou?

Havia algo maravilhoso e terrível em ouvir Eloise se entusiasmar daquele jeito. Por um lado, era sempre ótimo compartilhar os momentos mais perfeitos da vida com a melhor amiga, e a alegria e animação de Eloise eram contagiantes.

Mas, por outro lado, não eram necessariamente justificadas, pois Colin não a amava. Ou, pelo menos, não o dissera.

No entanto, agia como se a amasse! Penelope se agarrava a esse pensamento, tentando se concentrar nele em vez de no fato de ele nunca ter pronunciado aquelas palavras.

Ações eram mais importantes do que palavras, certo?

E as ações dele a faziam se sentir como uma princesa.

– Srta. Featherington! Srta. Featherington!

Penelope olhou para a esquerda e ficou exultante. A voz que tinha ouvido só podia ser de Lady Danbury.

– Srta. Featherington – repetiu a velha senhora, enquanto cutucava as pessoas com a bengala até conseguir passar pela multidão e estar bem na frente de Penelope e de Eloise.

– Lady Danbury, que prazer em vê-la.

– He, he, he. – O rosto de Lady Danbury ficou quase jovem devido à força de seu sorriso. – É sempre um prazer me ver, não importa o que as outras pessoas digam. E você, sua diabinha? Veja só o que você fez.

– Não é o máximo? – comentou Eloise.

Penelope olhou para a melhor amiga. Mesmo com toda a confusão de emoções que expressara, Eloise estava sinceramente feliz por ela. De súbito, o fato de estarem no meio de um salão de baile abarrotado, com todos a olhá-la como se ela fosse algum espécime num experimento de biologia, não teve mais importância. Ela se virou e deu um abraço apertado em Eloise, sussurrando:

– Eu a amo muito.
– Eu sei que ama – murmurou Eloise.
Lady Danbury bateu com a bengala com força no chão.
– Ainda estou aqui, senhoras.
– Ah, desculpe – disse Penelope, envergonhada.
– Não há problema – retrucou Lady Danbury, com um atípico grau de paciência. – Se querem saber, é muito agradável estar diante de duas moças que preferem se abraçar a se esfaquear nas costas.
– Obrigada por vir até aqui me dar os parabéns – falou Penelope.
– Eu não teria perdido isto por nada neste mundo – comentou Lady Danbury. – He, he, he. Este bando de tolos tentando descobrir como você conseguiu que ele a pedisse em casamento quando a única coisa que fez foi ser você mesma.
Penelope entreabriu os lábios e as lágrimas arderam em seus olhos.
– Ora, Lady Danbury, deve ser a coisa mais gentil...
– Não, não – interrompeu a velha senhora, em voz bem alta. – Nada disso. Não tenho tempo ou inclinação para sentimentalismo.
Mas Penelope notou que ela sacara o lenço e secava os olhos discretamente.
– Ah, Lady Danbury – disse Colin, retornando ao grupo e passando o braço pelo de Penelope num gesto de possessividade. – Que prazer em vê-la.
– Sr. Bridgerton – retrucou ela, num breve cumprimento. – Só vim dar os parabéns à sua noiva.
– Ah, mas sem dúvida quem merece os parabéns sou eu.
– Hum, sábias palavras – elogiou Lady D. – Acho que tem razão. Ela é um prêmio muito melhor do que todos percebem.
– Eu percebo – retrucou ele, numa voz tão grave e séria que Penelope achou que poderia desmaiar de emoção. – Agora, com sua licença – acrescentou, com educação –, preciso apresentar minha noiva a meu irmão...
– Eu já conheço seu irmão – interrompeu Penelope.
– Considere isto uma tradição – explicou ele. – Temos de dar as boas-vindas oficiais a você na família.
– Ah. – Ela ficou emocionada diante da ideia de se tornar uma Bridgerton. – Que encantador.
– Como eu ia dizendo – continuou Colin –, Anthony gostaria de fazer um brinde e, em seguida, eu dançarei uma valsa com Penelope.

– Muito romântico – observou Lady Danbury, em tom de aprovação.
– É, bem, eu sou romântico – concordou Colin.
Eloise deixou escapar um resfolegar alto.
Ele se virou para ela com uma sobrancelha arqueada de forma arrogante.
– Mas eu sou.
– Pelo bem de Penelope – replicou sua irmã –, eu espero que seja mesmo.
– Eles são sempre assim? – indagou Lady Danbury a Penelope.
– Na maior parte do tempo.
A velha senhora assentiu.
– Que bom. Meus filhos quase nunca se falam. Não por má vontade, é claro, mas por não terem nada em comum. É triste, na verdade.
Colin deu um pequeno apertão no braço de Penelope.
– Realmente temos de ir.
– É claro – murmurou ela.
Mas, ao se virar para caminhar em direção a Anthony, que estava do outro lado do salão, parado próximo à pequena orquestra, ouviu um tumulto à porta.
– Atenção! Atenção!
O sangue fugiu-lhe do rosto em menos de um segundo.
– Ah, não – sussurrou.
Aquilo não devia acontecer. Não naquela noite, pelo menos.
Segunda-feira, sua mente gritou. Ela pedira ao tipógrafo na segunda-feira. No baile dos Mottram.
– O que está acontecendo? – quis saber Lady Danbury.
Dez meninos correram salão adentro – não eram mais do que moleques, na verdade – carregando maços de papéis e atirando-os para todos os lados como imensos confetes retangulares.
– A última coluna de Lady Whistledown! – gritaram eles. – Leiam agora! Leiam a verdade.

CAPÍTULO 17

Colin Bridgerton era famoso por muitas coisas.

Primeiro pela beleza, o que não era surpresa alguma: todos os homens da família Bridgerton eram famosos por isso.

Era conhecido também pelo sorriso enviesado, capaz de derreter o coração de uma mulher do outro lado de um salão de baile abarrotado e que, certa vez, de fato, levara uma jovem a desmaiar e cair dura no chão. Na verdade, a fizera ficar tonta e, então, bater com a cabeça numa mesa, o que acabou tendo como consequência o desmaio.

Era famoso, além disso, por seu temperamento tranquilo, pela capacidade de deixar qualquer pessoa à vontade com um sorriso afável e um comentário divertido.

Ele *não* era famoso por ser genioso – na realidade, muita gente teria jurado que isso era mentira.

E naquela noite, devido ao seu notável (e, até então, inexplorado) autocontrole, ninguém haveria de conhecer essa sua característica, embora sua futura esposa talvez acordasse no dia seguinte com um *sério* hematoma.

– Colin – arfou ela, olhando para o local em que ele segurava o seu braço.

Mas ele não conseguia soltá-lo. Sabia que a machucara, mas estava tão *furioso* com ela naquele momento que, se não apertasse seu braço com toda a força, perderia a compostura na frente de quinhentos dos seus mais próximos e queridos conhecidos.

No fim das contas, acreditava estar fazendo a escolha certa.

Iria matá-la. Assim que descobrisse alguma forma de tirá-la daquele maldito salão de baile iria, simplesmente, matá-la. Haviam concordado que Lady Whistledown pertencia ao passado, que deixariam o assunto morrer. Não era para aquilo acontecer. Ela estava abrindo as portas para o desastre. Para a ruína.

– Isto é fabuloso! – exclamou Eloise, agarrando um jornal no ar. – Sensacional! Aposto que ela deixou a aposentadoria de lado só para comemorar

o seu noivado.

– Não seria simpático? – comentou Colin.

Penelope não respondeu, mas estava muito, muito pálida.

– Ah, meu Deus!

Colin se virou para a irmã, que ficava cada vez mais boquiaberta enquanto lia a coluna.

– Pegue um desses para mim, Bridgerton! – ordenou Lady Danbury, batendo na perna dele com a bengala. – Não acredito que ela tenha publicado num sábado. Essa coluna deve estar ótima.

Colin se abaixou e apanhou dois jornais do chão. Em seguida, entregou um a Lady Danbury e baixou a vista para o que ainda segurava, embora tivesse quase certeza do que leria.

Estava certo.

> *Não há nada que eu odeie mais do que um cavalheiro que acha divertido dar um tapinha condescendente na mão de uma senhora enquanto murmura "Uma mulher tem o direito de mudar de ideia". E, de fato, como acredito que devemos respaldar nossas palavras com ações, me empenho para manter minhas opiniões e decisões firmes e verdadeiras.*
>
> *É por isso, caro leitor, que, quando escrevi minha coluna de 19 de abril, realmente tinha a intenção de que fosse a última. No entanto, acontecimentos fora de meu controle (ou, na verdade, que não contam com a minha aprovação) me forçaram a levar a caneta ao papel uma última vez.*
>
> *Senhoras e senhores, esta autora NÃO É Lady Cressida Twombley. Ela nada mais é do que uma impostora intrigueira, e meu coração ficaria partido ao ver anos do trabalho árduo serem atribuídos a alguém como ela.*
>
> *CRÔNICAS DA SOCIEDADE DE LADY WHISTLEDOWN,*
> *24 DE ABRIL DE 1824*

– Esta é a melhor coisa que eu já vi – exclamou Eloise, num sussurro alegre. –

Talvez eu seja, no fundo, uma pessoa ruim, porque nunca me senti tão feliz diante da ruína de alguém.

– Bobagem! – retrucou Lady Danbury. – Eu *sei* que não sou uma pessoa ruim e achei isto delicioso.

Colin ficou em silêncio. Não confiava na própria voz. Não confiava em si mesmo.

– Onde está Cressida? – perguntou Eloise, esticando o pescoço. – Alguém consegue vê-la? Aposto que já fugiu. Deve estar morta de vergonha. Eu estaria, se fosse ela.

– Você jamais seria ela – comentou Lady Danbury. – É decente demais.

Penelope não disse nada.

– Ainda assim – acrescentou Eloise, em tom jovial –, quase dá para sentir pena dela.

– Mas só quase – completou Lady Danbury.

– Ah, sim. Um quase bem pequenininho.

Colin se limitou a ficar ali rangendo os dentes.

– E eu posso ficar com as minhas mil libras! – comemorou Lady Danbury.

– Penelope! – exclamou Eloise, cutucando-a com o cotovelo. – Você ainda não disse uma palavra. Não é maravilhoso?

Penelope fez que sim e respondeu:

– Nem acredito.

Colin apertou o seu braço ainda mais.

– Lá vem o seu irmão – sussurrou ela.

Ele olhou para a direita. Anthony caminhava em sua direção com Violet e Kate logo atrás de si.

– Bem, isso certamente nos deixa em segundo plano – disse ele, parando ao lado de Colin. Cumprimentou as senhoras com um aceno da cabeça. – Eloise, Penelope, Lady Danbury.

– Acho que ninguém vai escutar o brinde de Anthony agora – comentou Violet, olhando em volta.

O burburinho era incessante. As pessoas escorregavam nos jornais que haviam aterrissado no chão sem ninguém tê-los pegado. O falatório era quase irritante, e Colin tinha a sensação de que sua cabeça iria explodir.

Tinha de escapar dali o mais rápido possível.

Sentia o corpo inteiro arder. Parecia paixão, mas na verdade era fúria, ultraje, um sentimento horrível por ter sido traído pela única pessoa que deveria ter ficado ao seu lado sem perguntas.

Era estranho. Sabia que o segredo era de Penelope, e que era ela quem mais tinha a perder. Aquilo tinha a ver com ela, não com ele. Sabia disso racionalmente, pelo menos. Mas, de alguma forma, isso deixara de ter importância. Agora os dois formavam um time, e ela havia agido sem ele.

Não tinha o menor direito de se colocar em posição tão delicada sem consultá-lo primeiro. Colin era seu marido, ou ia ser, e tinha o dever divino de protegê-la, quer ela o desejasse ou não.

– Colin? – ouviu a mãe dizer. – Você está bem? Parece um pouco estranho.

– Faça o brinde – pediu ele, virando-se para Anthony. – Penelope não está se sentindo bem e eu preciso levá-la para casa.

– Você não está se sentindo bem? – perguntou Eloise a Penelope. – O que há? Por que não comentou nada?

Ela conseguiu pronunciar uma desculpa bastante verossímil:

– Um pouco de dor de cabeça, eu sinto dizer.

– Isso, isso, Anthony – concordou Violet. – Vá em frente, faça o brinde para que Colin e Penelope possam dançar logo a valsa. Ela realmente não pode ir embora antes disso.

Anthony assentiu, então fez um gesto para que o irmão e a futura cunhada o seguissem até a frente do salão de baile. Um trompetista fez um guincho agudo com o instrumento, sinalizando para que os convidados fizessem silêncio. Todos obedeceram, talvez por achar que a declaração seria sobre Lady Whistledown.

– Senhoras e senhores – começou Anthony, bem alto, pegando uma taça de champanhe da bandeja de um criado. – Compreendo que todos estejam intrigados com a mais recente intrusão de Lady Whistledown em nossa festa, mas peço que se lembrem do que nos levou a nos reunir aqui esta noite.

Era para ser um momento perfeito, pensou Colin. Era para ser a noite de triunfo de Penelope, a sua noite para brilhar, para mostrar ao mundo quão linda, encantadora e inteligente era.

Devia ser a noite dele também, o momento de tornar suas intenções verdadeiramente públicas, de dizer a todos que a escolhera e, tão importante quanto, que ela o escolhera.

No entanto, a única coisa que ele queria naquele momento era pegá-la pelos ombros e chacoalhá-la até não ter mais força. Ela estava colocando tudo em risco. Estava colocando o próprio futuro em risco.

– Como o chefe da família Bridgerton – continuou Anthony –, sinto grande alegria quando um de meus irmãos escolhe uma noiva. Ou noivo – acrescentou com um sorriso, fazendo um sinal com a cabeça na direção de Daphne e Simon.

Colin olhou para Penelope. Ela estava parada com a coluna muito reta, em seu vestido de cetim azul. Não sorria, o que deve ter parecido muito estranho às centenas de convidados que a fitavam. Mas, talvez, apenas achassem que era nervosismo. Afinal, qualquer pessoa estaria nervosa com tanta gente a encarando.

Se qualquer um estivesse de pé bem ao lado dela, porém, como Colin estava, veria o pânico em seus olhos, o peito subindo e descendo rápido enquanto a respiração se tornava mais acelerada e entrecortada.

Ela estava com medo.

Ótimo. Devia mesmo estar com medo. Com medo do que poderia acontecer com ela se seu segredo fosse revelado. Com medo do que iria acontecer assim que ela e Colin tivessem a oportunidade de conversar.

– Assim, é com grande prazer que ergo minha taça ao meu irmão Colin e sua futura esposa, Penelope Featherington. A Colin e Penelope! – concluiu Anthony.

Colin baixou os olhos para a própria mão e se deu conta de que alguém colocara uma taça de champanhe nela. Ergueu-a na direção dos lábios, mas pensou melhor e, em vez disso, levou-a aos lábios de Penelope. A multidão gritou alucinada e então ele a observou tomar um gole, depois outro, em seguida outro, sendo forçada a continuar bebendo até que ele afastasse a taça de sua boca, o que só fez quando ela terminou.

Quando Colin se deu conta de que aquela exibição infantil de poder o deixara sem bebida, da qual precisava desesperadamente, pegou a taça de Penelope de sua mão e a virou num único gole.

A multidão gritou ainda mais alto.

Ele se abaixou e sussurrou em seu ouvido:

– Agora vamos dançar até o resto dos convidados se juntar a nós e não sermos mais o centro das atenções. Então, vamos lá para fora. E aí vamos conversar.

Penelope moveu o queixo de forma quase imperceptível para assentir.

Colin pegou a mão dela e a conduziu até a pista de dança, colocando a outra mão em sua cintura enquanto a orquestra começava a tocar os primeiros acordes de uma valsa.

– Colin – sussurrou ela. – Não foi minha intenção que isso acontecesse.

Ele deu um sorriso forçado. Afinal, aquela era a primeira dança oficial com sua prometida.

– Agora não – ordenou.

– Mas...

– Daqui a dez minutos, eu terei muitas coisas para lhe dizer, mas por enquanto vamos apenas dançar.

– Eu só queria dizer...

Ele apertou ainda mais a mão dela, num inquestionável aviso. Penelope franziu os lábios e fitou o rosto dele por um breve instante, então afastou o olhar.

– Eu deveria estar sorrindo – sussurrou.

– Então faça isso.

– *Você* deveria estar sorrindo.

– Tem razão – disse ele. – Deveria.

Mas ele não sorriu.

Penelope teve vontade de chorar, mas de alguma forma conseguiu se manter impassível. O mundo inteiro estava olhando – o mundo inteiro dela, pelo menos –, e ela sabia que todos examinavam cada um de seus gestos, atentos a cada expressão que seu rosto assumia.

Ela passara anos tendo a sensação de ser invisível e odiando aquilo. Agora, daria qualquer coisa por alguns instantes de anonimato outra vez.

Não, não qualquer coisa. Não teria aberto mão de Colin. Se tê-lo para si significava passar o resto da vida sob o escrutínio da alta sociedade, então tudo bem. E, se fazia parte do casamento ter de tolerar a sua raiva e o seu desdém num momento como aquele, tudo bem também.

Sabia que ele ficaria furioso com ela por publicar uma última coluna. Estivera apavorada durante todo o tempo que passara na igreja de St. Bride (assim como durante a viagem de ida e de volta), certa de que ele apareceria diante dela a qualquer instante cancelando o casamento porque não podia tolerar a ideia de se casar com uma pessoa que todos saberiam ser Lady Whistledown.

Mas Penelope fora em frente ainda assim.

Tinha consciência de que ele achava que ela estava cometendo um erro, mas simplesmente não podia permitir que Cressida Twombley levasse o crédito pela obra de sua vida. Seria pedir muito que Colin ao menos tentasse enxergar a situação de seu ponto de vista? Teria sido bastante difícil deixar que qualquer pessoa fingisse ser Lady Whistledown, mas Cressida era insuportável. Penelope aguentara desaforos demais da parte dela.

Além disso, sabia que Colin jamais romperia o noivado quando este se tornasse público. Essa era parte da razão pela qual ela instruíra o tipógrafo a distribuir os jornais na *segunda-feira*, no baile dos Mottrams. Bem, isso e o fato de lhe parecer muito errado fazê-lo durante o próprio baile de noivado, sobretudo quando Colin tinha se oposto de forma tão veemente à ideia.

Maldito Sr. Lacey! Sem dúvida ele fizera aquilo para maximizar a circulação e a exposição. Aprendera bastante sobre a alta sociedade lendo o *Whistledown* para saber que o baile de noivado de um Bridgerton seria o evento mais cobiçado da temporada. Por que aquilo seria importante, Penelope não sabia, já que o interesse pelo jornal não significaria mais dinheiro em seu bolso. A coluna estava terminada de verdade, e nem Penelope nem o Sr. Lacey receberiam um único centavo pela sua publicação.

A não ser...

Penelope franziu a testa e deixou escapar um suspiro. O Sr. Lacey devia ter esperança de que ela mudasse de ideia.

Sentiu a mão de Colin apertar ainda mais a sua cintura e ergueu a vista outra vez. Ele a encarou com os olhos surpreendentemente verdes mesmo à luz de velas. Ou talvez fosse o fato de ela saber que eram tão verdes. Devia ter pensado que na penumbra eles seriam cor de esmeralda.

Ele fez um gesto na direção dos outros convidados na pista de dança, agora repleta.

– Hora de fugirmos – disse ele.

Penelope assentiu. Já haviam dito à família dele que ela não se sentia bem e que queria ir para casa, então ninguém desconfiaria por terem partido tão cedo. E, embora não fosse exatamente aconselhável que os dois ficassem sozinhos na carruagem dele, às vezes as regras eram mais flexíveis quando se tratava de casais já noivos, sobretudo em noites tão românticas.

Ela deixou escapar uma risada ridícula e cheia de pânico. A noite ia acabar por

ser a *menos* romântica de toda a sua vida.

Colin olhou para ela com uma sobrancelha erguida em uma expressão de dúvida.

– Não é nada – disse Penelope.

Ele apertou a sua mão, embora de forma nada afetuosa.

– Eu quero saber – falou.

Ela deu de ombros, resignada. Não havia nada que pudesse fazer ou dizer que tornasse a noite pior.

– Só estava pensando que era para ter sido uma noite romântica.

– Podia ter sido – disse ele, cruelmente.

Ele soltou a cintura dela, mas continuou segurando a outra mão, tomando-lhe os dedos com delicadeza de forma a avançar com ela por entre a multidão até atravessarem as portas francesas que levavam ao terraço.

– Aqui, não – sussurrou Penelope, olhando com ansiedade em direção ao salão de baile.

Ele nem se deu o trabalho de responder, e puxou-a cada vez mais para dentro da escuridão. Depois de um rápido olhar para se certificar de que não havia ninguém por perto, Colin abriu uma pequena e discreta porta lateral.

– O que é isto? – perguntou Penelope.

Ele continuou em silêncio, limitando-se a conduzi-la para o interior do corredor escuro.

– Suba – falou finalmente, indicando-lhe os degraus.

Penelope não sabia se devia ficar assustada ou entusiasmada, mas subiu as escadas ainda assim, ciente da impetuosa presença de Colin às suas costas.

Depois de vários lanços, ele passou à sua frente, abriu uma porta e olhou para dentro do corredor que levava aos aposentos particulares da família, como agora Penelope se dava conta. Estava vazio, então ele a puxou atrás de si até chegarem a um quarto onde ela jamais entrara.

O quarto dele. Penelope sempre soubera onde ficava. Durante todos os anos em que visitara Eloise, nunca fizera mais do que correr os dedos pela madeira pesada da porta. Já fazia anos que Colin se mudara, mas a mãe insistira em manter o quarto. Segundo Violet, nunca se sabia quando o filho poderia precisar dele, e ela provara ter razão no começo daquela temporada, quando Colin voltara do Chipre sem ter uma casa alugada.

Ele abriu a porta com um empurrão e a puxou para dentro depois de entrar. O quarto estava escuro e ela não via por onde andava, até que de repente percebeu que ele se encontrava bem à sua frente e parou.

Colin tocou os seus braços para ajudá-la a firmar o corpo. Em seguida, em vez de soltá-la, a abraçou no escuro. Na verdade, não foi exatamente um abraço, mas o corpo dele estava encostado por inteiro no dela. Penelope não via nada, mas podia senti-lo, assim como a seu perfume, e ouvir a sua respiração acariciando-lhe a face de leve.

Era agonia.

Era êxtase.

Colin deslizou as mãos devagar pelos seus braços nus, provocando-a, e então, de repente, se afastou.

Em seguida... silêncio.

Penelope não soube ao certo o que esperar. Que ele gritasse com ela, que a repreendesse, que a mandasse se explicar.

Mas ele não fez nada disso. Só ficou ali em pé, no escuro, forçando-a, com seu silêncio, a dizer alguma coisa.

– Você poderia... poderia acender uma vela? – pediu ela, por fim.

– Não gosta da escuridão? – perguntou ele, demorando-se em casa sílaba.

– Não agora. Não desta forma.

– Compreendo – murmurou ele. – Está dizendo, então, que talvez gostasse se fosse assim?

De repente os dedos dele estavam sobre a sua pele, percorrendo a beirada do corpete.

No momento seguinte, não estavam mais.

– Não faça isso – pediu ela, com a voz trêmula.

– Não quer que eu a toque? – A voz dele era zombeteira, e Penelope ficou satisfeita por não poder ver seu rosto. – Mas você é minha, não é?

– Ainda não.

– Ah, é, sim. Você se certificou disso. O timing foi bastante inteligente, na verdade. Esperar até o nosso baile de noivado para fazer o seu comunicado final. Você sabia que eu não queria que publicasse aquela última coluna. Eu proibi! Nós concordamos...

– Nós nunca concordamos!

Ele ignorou a explosão dela.

– Você esperou até...

– Nós nunca concordamos! – bradou Penelope outra vez, precisando deixar claro que jamais voltara atrás na sua palavra. Não importava o que tivesse feito, ela não mentira para ele. Bem, era verdade que tinha mantido o *Whistledown* em segredo por mais de dez anos, mas sem dúvida Colin não fora o único a ser enganado nessa farsa. – E, sim – admitiu ela, porque não lhe pareceu certo começar a mentir agora. – Eu sabia que você não terminaria o noivado. Mas eu esperava...

A voz ficou embargada e ela não conseguiu prosseguir.

– Esperava o quê? – indagou Colin.

– Que você me perdoasse – sussurrou ela. – Ou, ao menos, que compreendesse. Sempre achei que fosse o tipo de homem que...

– Que tipo de homem? – perguntou ele.

– A culpa foi minha, na verdade – disse ela, soando cansada e triste. – Coloquei-o num pedestal. Sempre foi tão bondoso durante todos esses anos... Acho que eu o imaginava incapaz de agir de outra forma.

– E que diabo eu fiz que não tenha sido bondoso? – exigiu ele. – Eu a protegi, pedi a sua mão em casamento, eu...

– Você não tentou enxergar a situação do meu ponto de vista – interrompeu ela.

– Porque você está agindo como uma idiota! – exclamou ele, quase rugindo.

Fez-se silêncio depois disso, o tipo de silêncio que irrita os ouvidos, que corrói a alma.

– Não consigo imaginar o que mais possa ser dito – retrucou Penelope, finalmente.

Colin desviou o olhar, sem saber por quê – não conseguia enxergá-la no escuro, de qualquer forma. Mas havia algo no tom de voz dela que o inquietava. Soava vulnerável, cansada. Desejosa e de coração partido. Fazia com que ele quisesse compreendê-la, ou que ao menos tentasse, embora *soubesse* que ela cometera um erro terrível. Cada vez que a voz dela embargava, a fúria dele se dissipava mais um pouco. Continuava zangado, mas, de alguma forma, perdera o ímpeto de demonstrá-lo.

– Você vai ser descoberta, sabia? – falou, com a voz baixa e controlada. –

Humilhou Cressida, e sem dúvida ela está furiosa neste momento. Não sossegará até desmascarar a verdadeira Lady Whistledown.

Penelope se afastou; ele ouviu o farfalhar de seu vestido.

– Cressida não é inteligente o suficiente para me descobrir. Além do mais, não vou escrever nenhuma outra coluna, então não haverá outra oportunidade de cometer algum erro e revelar alguma coisa. – Depois de um instante em silêncio, ela acrescentou: – Eu lhe prometo isso.

– É tarde demais – disse ele.

– Não é tarde – protestou ela. – Ninguém sabe! Ninguém além de você, que tem tanta vergonha de mim que eu não consigo suportar.

– Ora, pelo amor de Deus, Penelope. Não sinto vergonha alguma de você.

– Poderia acender uma vela, *por favor*?

Colin atravessou o quarto e tateou dentro de uma gaveta em busca de uma vela.

– Eu não sinto vergonha de você – reiterou –, mas acho, sim, que está agindo como uma tola.

– Talvez você tenha razão, mas preciso fazer o que acho certo.

– Você não está pensando direito – disse ele, ignorando o argumento dela. Então se virou para olhá-la enquanto acendia uma vela. – Esqueça, se puder, embora eu não consiga, o que acontecerá com a sua reputação se descobrirem sua outra identidade. Esqueça que as pessoas a destruirão, que falarão mal de você pelas costas.

– Não vale a pena se preocupar com gente assim – retrucou Penelope com as costas completamente eretas.

– Talvez não – concedeu ele, cruzando os braços e a fitando. – Mas haverá de doer. Você não vai gostar, Penelope. E eu também não vou.

Ela começou a engolir em seco sem parar. Ótimo. Talvez aquilo tudo estivesse começando a entrar em sua cabeça.

– Mas esqueça isso tudo – continuou ele. – Você passou a última década insultando as pessoas. Ofendendo-as.

– Eu escrevi muitas coisas agradáveis, também – protestou ela, os olhos escuros brilhando com lágrimas não vertidas.

– Sim, mas não são essas as pessoas com as quais terá de se preocupar. Estou falando das que estão furiosas, das que foram insultadas. – Ele deu um passo à

frente e a segurou pelos braços. – Penelope, haverá gente desejando machucá-la.

As palavras eram para ela, mas acabaram ferindo o coração *dele*.

Colin tentou imaginar a vida sem ela. Era impossível.

Apenas algumas semanas antes ela fora... O quê? Uma amiga? Uma conhecida? Alguém que ele via, mas que nunca notara de verdade?

E, agora, era sua noiva. Em breve seria sua esposa. Talvez... talvez fosse algo mais do que isso. Algo mais profundo. Algo ainda mais precioso.

– O que eu quero saber – recomeçou ele, forçando-se a se concentrar no tema principal de modo que a própria mente não divagasse por caminhos tão perigosos – é por que você não aproveitou o álibi perfeito se o objetivo é permanecer anônima.

– Porque o objetivo não é permanecer anônima! – exclamou ela, quase gritando.

– Você quer ser descoberta? – indagou ele, perplexo.

– Não, é claro que não – respondeu ela. – Mas esse é o meu trabalho. É a obra da minha vida. É o que tenho como símbolo de toda uma existência, e se não posso levar o crédito por isso, ninguém mais vai.

Colin abriu a boca para retrucar, mas, para a própria surpresa, não tinha nada a dizer. *Obra da minha vida.* Penelope tinha uma obra.

Ele, não.

Talvez ela não pudesse assinar a obra, mas, sozinha em seu quarto, podia olhar os exemplares antigos do jornal, apontar para eles e dizer a si mesma: É isto. É assim que *tem sido a minha vida.*

– Colin? – sussurrou ela, claramente alarmada com o silêncio dele.

Ela era maravilhosa. Ele não sabia como não havia se dado conta disso antes, quando já sabia que era inteligente, encantadora, espirituosa e talentosa. Mas todos esses adjetivos, assim como um monte de outros nos quais ainda nem havia pensado, não davam a verdadeira medida do que ela era.

Era maravilhosa.

E ele estava... Por Deus, estava com inveja dela.

– Vou embora – disse Penelope, baixinho, virando-se e se dirigindo à porta.

Por um instante, ele não reagiu. A mente continuava girando em meio a tantas revelações. Mas, quando viu a mão dela na maçaneta, soube que não podia deixá-la partir. Não naquela noite, nem em nenhuma outra.

– Não – pediu, com a voz rouca, aproximando-se dela em três passos largos. – Não – repetiu. – Quero que fique.

Ela ergueu a vista para olhá-lo, confusa.

– Mas você disse...

Ele tomou o seu rosto ternamente nas mãos.

– Esqueça o que eu disse.

E foi então que ele se deu conta de que Daphne estava certa. O seu amor não tinha sido como um raio caído do céu. Começara com um sorriso, com uma palavra, com um olhar zombeteiro. A cada segundo que passara na companhia dela, crescera até chegarem àquele momento, e de repente ele *soube.*

Ele a amava.

Ainda estava furioso com ela por ter publicado aquela última coluna e tinha vergonha de si mesmo por estar com inveja dela por ter encontrado sua obra e seu objetivo de vida, mas, mesmo com tudo isso, ele a amava.

E se a deixasse passar por aquela porta, jamais se perdoaria.

Talvez aquilo fosse a definição do amor, afinal. Querer uma pessoa, precisar dela e a adorar até mesmo nos momentos de fúria, quando se tinha vontade de amarrá-la à cama só para que ela não saísse e causasse ainda mais problemas.

Aquela era a noite. Aquele era o momento. Ele transbordava de emoção e tinha de lhe dizer isso. Tinha de lhe *mostrar* isso.

– Fique – sussurrou, puxando-a para si com força, faminto, sem desculpas ou explicações. – Fique – repetiu, conduzindo-a até a cama.

E como ela não respondeu, ele pediu pela terceira vez:

– Fique.

Ela assentiu e Colin a tomou nos braços.

Aquela era Penelope, aquele era o seu amor.

CAPÍTULO 18

No momento em que Penelope assentiu – um instante antes, na verdade –, teve consciência de que concordara com mais do que um beijo. Não sabia ao certo o que fizera Colin mudar de ideia, por que num minuto estava tão furioso com ela e no seguinte, tão carinhoso e terno.

Não sabia ao certo, mas a verdade era que não precisava saber.

De uma coisa tinha certeza: ele não estava beijando-a com tanta doçura para castigá-la. Alguns homens até podiam usar o desejo como arma, a tentação como vingança, mas Colin não era um deles.

Simplesmente não fazia parte de sua personalidade.

Por mais libertino e travesso que fosse, apesar de todas as brincadeiras, do jeito zombeteiro e do humor sonso, era um homem nobre. E seria um marido bom e honrado.

Sabia disso tão bem quanto conhecia a si mesma.

Se ele a estava beijando com tanta paixão, deitando-a em sua cama, cobrindo-lhe o corpo com o seu, era porque a desejava, porque se importava com ela o suficiente para superar a raiva.

Importava-se com ela.

Penelope correspondeu ao beijo com cada fibra do seu ser, com cada canto da sua alma. Amava aquele homem havia muitos anos, e o que lhe faltava em experiência era compensado em fervor. Agarrava-lhe os cabelos e se contorcia embaixo dele, sem se importar com a própria aparência.

Agora não estava numa carruagem, e tampouco na sala de visitas da mãe dele. Não havia o temor da descoberta, nenhuma necessidade de parecer apresentável dali a dez minutos.

Aquela era a noite na qual podia demonstrar tudo o que sentia por ele. Corresponderia a seu desejo e, silenciosamente, faria as próprias promessas de amor, fidelidade e devoção.

Quando a noite chegasse ao fim, ele saberia que Penelope o amava. Talvez ela

não pronunciasse as palavras – talvez nem mesmo as sussurrasse –, mas ele saberia.

Ou talvez já soubesse. Era engraçado. Fora tão fácil esconder sua identidade secreta como Lady Whistledown, mas tão difícil ocultar os sentimentos cada vez que olhara para ele.

– Quando foi que comecei a precisar tanto de você? – sussurrou Colin, encostando a ponta do nariz no dela.

Penelope fitou os olhos dele, que a encaravam, escuros à luz indistinta da vela, mas muito verdes em sua memória. O hálito dele era quente e despertava partes de seu corpo nos quais ela nunca se permitira pensar.

Os dedos dele viajaram até as costas do seu vestido, movendo-se com habilidade pelos botões até que ela sentiu o tecido afrouxar, primeiro em torno do seios, depois ao redor das costelas e, em seguida, na cintura.

Então, já não estava mais lá.

– Meu Deus, você é tão linda – sussurrou ele.

Pela primeira vez na vida, Penelope realmente acreditou que podia ser verdade.

Havia algo muito perverso e excitante sobre estar quase nua diante de outro ser humano, mas ela não teve vergonha. Colin a olhava com tanto afeto e a tocava com tanta reverência que Penelope não sentiu nada além de uma avassaladora sensação de que estava destinada àquilo.

Os dedos dele roçaram a pele sensível do seio, primeiro provocando com a unha, depois acariciando de modo mais suave e em seguida retornando à posição original, próximo à clavícula.

Algo dentro dela enrijeceu. Ela não soube dizer se era o toque ou a forma como ele a olhava, mas algo a fez mudar.

Ela se sentiu estranha.

Maravilhosa.

Colin estava ajoelhado ao lado dela na cama, ainda completamente vestido, olhando para seu corpo com uma expressão de orgulho, de desejo, de possessividade.

– Jamais sonhei que você seria assim – sussurrou ele, roçando a palma da mão de leve no mamilo dela. – Nunca imaginei que a desejaria assim.

Penelope sorveu o ar enquanto um espasmo de sensações a percorreu. Mas

algo nas palavras dele a inquietaram e ele deve ter percebido isso em seus olhos, porque indagou:

– O que foi? O que há de errado?

– Nada – retrucou ela, então se arrependeu.

O casamento deles deveria se basear na franqueza, e não seria bom para nenhum dos dois se ela escondesse o que sentia de verdade.

– Como imaginou que eu seria? – perguntou, baixinho.

Ele se limitou a fitá-la, claramente confuso com a pergunta.

– Você disse que nunca sonhou que eu seria assim – explicou ela. – Como imaginou que eu seria?

– Não sei – admitiu ele. – Para ser sincero, até as últimas semanas acho que nunca tinha pensado a respeito.

– E desde então? – insistiu ela, sem saber ao certo por que precisava que ele respondesse.

Com um movimento ágil, Colin se esparramou sobre ela, fazendo o tecido do colete roçar sobre o seu ventre e seios, até o nariz tocar o dela e o hálito esquentar a sua pele.

– Desde então – sussurrou ele com a voz rouca –, pensei neste momento mil vezes, imaginei cem pares de seios diferentes, todos encantadores, desejáveis, cheios e implorando a minha atenção, mas nada, e me deixe repetir para você entender bem, *nada* chegou perto da realidade.

– Ah. – Isso foi tudo o que ela conseguiu pensar em dizer.

Ele se livrou do paletó e do colete, ficando só com a fina camisa de linho e a calça, e olhou para ela com um sorriso muito travesso, que fez subir um dos cantos de seus lábios, enquanto Penelope se contorcia embaixo dele, cada vez mais quente e faminta.

Então, quando ela já estava certa de que não aguentaria nem mais um segundo, Colin estendeu os braços e cobriu seus seios com as duas mãos, apertando de leve, sentindo o peso e o formato deles. Ele soltou um gemido rouco, então sorveu o ar enquanto ajustava os dedos de maneira que os mamilos surgissem entre eles.

– Quero que você se sente – murmurou ele –, para poder vê-los cheios, grandes e lindos. E depois quero ficar atrás de você e segurá-los. – Aproximou os lábios do ouvido dela e acrescentou: – E quero fazer isso na frente de um

espelho.

– Agora? – guinchou ela.

Ele ficou pensativo por um instante, então balançou a cabeça numa negativa.

– Mais tarde – falou, e depois repetiu num tom bastante decidido: – Mais tarde.

Penelope abriu a boca para lhe perguntar alguma coisa – não tinha a menor ideia do quê –, mas antes que pudesse proferir qualquer coisa, ele sussurrou:

– Vamos começar pelo começo.

Em seguida, levou a boca a um dos seios, provocando-a primeiro com um suave sopro e depois fechando os lábios em torno do mamilo, rindo baixinho enquanto ela gemia, surpresa, arqueando as costas.

Colin continuou a provocação até Penelope estar prestes a gritar, então passou para o outro seio e repetiu todo o processo. Só que dessa vez, ao mesmo tempo, percorreu quase o corpo inteiro dela com uma das mãos – provocando, tentando, instigando. Tocou seu ventre, seu quadril, seu tornozelo, e depois deslizou perna acima.

– Colin – arfou Penelope, remexendo-se por baixo de seu corpo enquanto ele lhe acariciava a pele delicada detrás dos joelhos.

– Está tentando fugir ou se aproximar? – murmurou ele, sem afastar os lábios do seio dela.

– Eu não sei.

Ele ergueu a cabeça e abriu um sorriso malicioso.

– Ainda bem.

Saiu de cima dela e, bem devagar, tirou o restante das roupas, primeiro a camisa, em seguida as botas e as calças. Não desviou os olhos dos de Penelope nem por um momento. Depois, começou a tirar o vestido dela com todo o cuidado, descendo-o pela cintura, pelos quadris, então ergueu o traseiro macio para deslizar o tecido por baixo dela.

Agora ela estava na frente dele vestindo apenas meias transparentes e macias como um sussurro. Ele parou por um instante e sorriu, com sua masculinidade exigindo que apreciasse o que via, então soltou as meias das pernas dela e deixou-as ondularem até o chão antes de deslizá-las por cima dos dedos de seus pés.

Penelope tremia ao ar da noite, e Colin se deitou a seu lado, pressionando o

corpo contra o dela, transferindo-lhe o seu calor enquanto saboreava a maciez sedosa de sua pele.

Precisava dela. Experimentou uma sensação de humildade ao pensar em quanto precisava dela.

Estava rijo, tão inflamado e enlouquecido de desejo que era impressionante ainda conseguir enxergar direito. E, no entanto, ao mesmo tempo que seu corpo clamava por alívio, estava possuído por uma estranha calma, uma inesperada sensação de controle. Em algum momento, aquilo deixara de ser sobre ele. Era sobre ela – não, era sobre *eles*, sobre aquela maravilhosa união, aquele maravilhoso amor que Colin só agora começava a apreciar.

Ele a queria – Deus, como a queria –, mas também queria que ela estremecesse sob ele, que gritasse de desejo, que jogasse a cabeça de um lado para outro enquanto ele a conduzia ao prazer completo.

Queria que ela adorasse aquilo, que o amasse e que soubesse, quando se deitassem nos braços um do outro, suados e exaustos, que pertencia a ele.

Porque ele já sabia que pertencia a ela.

– Avise se não gostar de algo que eu fizer – pediu ele, surpreso com o tremor na própria voz.

– Você não conseguiria fazer algo que me desagrade – sussurrou ela, tocando-lhe a face.

Ela não compreendia. Se ele não estivesse tão preocupado em fazer daquela experiência, a primeira dela, algo inesquecível, teria sorrido. As palavras murmuradas por ela só podiam significar uma coisa: que ela não tinha a menor ideia do que significava fazer amor com um homem.

– Penelope – disse ele, baixinho, cobrindo a mão dela com a sua. – Preciso lhe explicar uma coisa. Eu posso machucá-la. Jamais seria a minha intenção, mas é possível e...

Ela fez que não.

– Você não faria isso – repetiu ela. – Eu o conheço. Às vezes acho que o conheço melhor do que a mim mesma. E você jamais faria qualquer coisa que pudesse me machucar.

Ele cerrou os dentes e tentou não gemer.

– Não de propósito – insistiu, com uma minúscula sugestão de exasperação perpassando a voz. – Mas poderia, e...

– Deixe que eu decida isso – retrucou ela, então pegou a mão dele e a levou aos lábios para um beijo profundo e sincero. – E quanto à outra coisa...

– Que outra coisa?

Penelope sorriu e Colin pôde jurar que ela parecia estar se divertindo à sua custa.

– Você me pediu para avisar se não gostar de algo que você fizer – lembrou ela.

Ele observou o rosto dela com cuidado, subitamente hipnotizado com a maneira como seus lábios iam formando as palavras.

– Eu vou gostar de tudo – garantiu ela. – Prometo.

Uma estranha onda de felicidade começou a transbordar de dentro dele. Não sabia qual deus benevolente escolhera colocar Penelope em sua vida, mas achava que precisaria ser mais atencioso da próxima vez que fosse à igreja.

– Vou gostar de tudo – repetiu ela –, porque estou com você.

Ele tomou o rosto de Penelope entre as mãos e a fitou como se ela fosse a criatura mais maravilhosa da terra.

– Eu te amo – sussurrou ela. – Eu te amo há anos.

– Eu sei – disse ele, surpreendendo-se com as próprias palavras.

Colin achava que sempre soubera daquilo, mas afastara a ideia porque o amor dela o deixara desconfortável. Era difícil ser amado por alguém como Penelope quando não se retribuía o sentimento. Não podia rejeitá-la porque gostava dela e não teria conseguido se perdoar se houvesse menosprezado os seus sentimentos. E não podia flertar com ela, pelas mesmas razões.

Assim, convencera a si mesmo que o que ela sentia não era amor de verdade, e sim uma paixonite. Obrigara-se a pensar que ela não compreendia o que era o verdadeiro amor (como se ele compreendesse!) e que em algum momento conheceria outra pessoa e acabaria tendo uma vida feliz e satisfatória.

Agora, tal ideia – de que ela talvez tivesse se casado com outro – quase o deixava paralisado de pavor.

Estavam lado a lado e ela o olhava com o sentimento estampado nos olhos, o rosto inteiro iluminado de felicidade e de satisfação, como se enfim se sentisse livre por ter pronunciado as palavras. De repente, Colin se deu conta de que aquela expressão não guardava um único traço de expectativa. Ela não dissera que o amava apenas para ouvir o mesmo. Nem mesmo estava à espera de uma

resposta, qualquer que fosse.

Ela declarara seu amor simplesmente porque queria. Porque era o que sentia.

– Eu também te amo – sussurrou ele, dando-lhe um beijo profundo nos lábios e depois se afastando para ver a sua reação.

Penelope o olhou por um bom tempo antes de esboçar qualquer resposta. Por fim, após engolir em seco de forma convulsiva, retrucou:

– Não precisa dizer isso só porque eu disse.

– Eu sei – respondeu ele, sorrindo.

Ela apenas o encarou com os olhos bem abertos.

– E você também sabe disso – continuou ele, baixinho. – Você falou que me conhece melhor do que a si mesma, e sabe que eu jamais pronunciaria as palavras se não fossem sinceras.

Naquele momento, deitada nua na cama dele, embalada em seus braços, Penelope se deu conta de que, de fato, *sabia*. Colin não mentia, não quando se tratava de algo importante, e ela não conseguia pensar em nada mais importante do que o momento que compartilhavam.

Ele a amava. Não era nada que ela tivesse esperado, nada que tivesse se *permitido* esperar, e no entanto ali estava, como um milagre brilhante e resplandecente em seu coração.

– Você tem certeza? – sussurrou ela.

Ele fez que sim, puxando-a para mais perto ainda.

– Dei-me conta esta noite. Quando lhe pedi que ficasse.

– Como...?

Mas ela não terminou a pergunta, porque nem ao menos tinha certeza de qual era. Como ele sabia que a amava? Como aquilo havia acontecido? Como o fazia se sentir?

De alguma forma, Colin deve ter entendido o que ela não conseguia colocar em palavras, pois falou:

– Não sei. Não sei quando, não sei como e, para ser sincero, não importa. Só sei que te amo e me odeio por não ter enxergado quem você era de verdade por todos esses anos.

– Colin, não – pediu ela. – Nada de recriminações. Nada de arrependimentos. Não esta noite.

Ele apenas sorriu e colocou um dedo sobre os lábios dela, silenciando o apelo.

– Não creio que você tenha mudado – prosseguiu. – Pelo menos, não muito. Mas então, certo dia, ao olhar para você, percebi que estava enxergando algo diferente. – Deu de ombros. – Talvez *eu* tenha mudado. Talvez *eu* tenha crescido.

Penelope colocou um dedo sobre os lábios dele, silenciando-o da mesma forma que ele fizera com ela.

– Talvez eu também tenha crescido.

– Eu te amo – repetiu ele, inclinando-se para a frente a fim de beijá-la.

Dessa vez ela não teve como responder, porque os lábios dele permaneceram sobre os dela, famintos, exigentes e muito, muito sedutores.

Colin parecia saber exatamente o que fazer. Cada movimento da língua, cada mordiscar, enviava arrepios até a essência de seu ser, e ela se entregou à pura alegria do momento, à chama ardente do desejo. As mãos dele estavam por todas as partes de seu corpo e ela o sentia onipresente, com os dedos percorrendo a sua pele e as pernas abrindo caminho por entre as suas.

Ele a puxou para mais perto, rolando-a para cima de si enquanto se deitava de costas na cama. As mãos dele estavam no traseiro dela, e os dois agora estavam tão próximos que a prova de desejo de Colin se imprimiu, como se a ferro e fogo, sobre a pele dela.

Penelope arquejou diante da espantosa intimidade daquilo, então o seu hálito foi capturado pelos lábios dele, que a beijou mais uma vez com ferocidade e ternura.

Agora, de repente, era ela que estava deitada de costas, com o peso de Colin sobre o seu corpo, prendendo-a contra o colchão, espremendo o ar de seus pulmões. Ele deslocou os lábios para a orelha dela, em seguida para o pescoço, e Penelope arqueou as costas como se de alguma forma pudesse curvar o corpo para chegar ainda mais perto dele.

Não sabia o que devia fazer, mas sabia que precisava se mexer. A mãe já tivera a "conversinha", como a chamara, com ela, e dissera que Penelope devia ficar imóvel embaixo do marido e permitir a ele os seus prazeres.

Mas não havia a menor chance de ela ficar parada, de conseguir impedir os quadris de se movimentarem ou as pernas de enlaçarem as dele. E Penelope não queria permitir a ele os seus prazeres: queria encorajá-los, compartilhá-los.

E também os queria para si. O que quer que fosse aquilo que crescia dentro dela – a tensão, o desejo –, precisava de alívio, e Penelope não podia imaginar

que aquele momento não fosse ser o mais delicioso de sua vida.

– Diga-me o que fazer – pediu ela, a voz rouca de urgência.

Colin afastou bem as pernas dela, depois deslizou as mãos pelas laterais até chegar às coxas e as apertou.

– Deixe que eu faço tudo – falou, ofegante.

Ela agarrou o traseiro dele e o puxou para mais perto.

– Não – insistiu. – Diga-me.

Ele parou de se mexer por um instante e olhou surpreso para ela.

– Toque em mim – pediu.

– Onde?

– Em qualquer lugar.

Ela relaxou levemente as mãos sobre o traseiro dele e sorriu.

– Mas eu o estou tocando.

– Mova as mãos – grunhiu ele. – Mova as mãos.

Penelope deixou que os dedos percorressem o caminho até as coxas dele e traçou círculos suaves com elas enquanto sentia os pelos macios.

– Assim?

Ele assentiu de forma frenética.

As mãos dela deslizaram para a frente até se aproximarem, perigosamente, do membro.

– Assim?

Ele cobriu uma das mãos dela com a sua de maneira abrupta.

– Agora não – falou, taxativo.

Ela olhou para ele, confusa.

– Você entenderá depois – grunhiu ele, abrindo ainda mais as pernas dela antes de descer a mão entre os corpos dos dois e tocá-la em seu lugar mais íntimo.

– Colin! – arfou ela.

Ele sorriu com malícia.

– Achou que eu não a tocaria assim?

Como se para ilustrar o que queria dizer, começou a remexer um dos dedos pela carne sensível, levando-a a arquear o corpo, contorcendo-se de desejo.

Ele levou os lábios ao ouvido dela.

– Há muito mais – sussurrou.

Penelope não ousou perguntar o quê. Aquilo já era bem mais do que a mãe

mencionara.

Colin deslizou um dos dedos para dentro dela, levando-a a ofegar outra vez (o que o fez rir, deliciado). Então, começou a massageá-la lentamente.

– Ah, meu Deus – gemeu Penelope.

– Você já está quase pronta para mim – disse ele, a respiração ficando mais rápida. – Tão molhada, mas tão apertada...

– Colin, o que está...

Ele deslizou outro dedo para dentro dela, acabando com qualquer capacidade que ela ainda tivesse de se expressar de forma inteligível.

Penelope sentiu-se abrir, e estava adorando. Devia ser muito maliciosa, uma libertina na essência, porque a única coisa que queria era abrir as pernas mais e mais, até estar completamente disponível para ele. No que lhe dizia respeito, ele podia fazer o que quisesse com ela, tocá-la da maneira que desejasse.

Contanto que não parasse.

– Não vou conseguir esperar muito mais – arfou ele.

– Não espere.

– Preciso de você.

Ela estendeu os braços e se agarrou a ele, forçando-o a olhar para ela.

– Eu também preciso de você.

De repente, os dedos dele desapareceram. Penelope se sentiu estranhamente oca e vazia, mas apenas por um segundo, pois havia outra coisa na entrada de seu corpo, algo rijo, quente e muito, muito exigente.

– Isto talvez doa – avisou Colin, cerrando os dentes, como se ele mesmo esperasse sentir dor.

– Não importa.

Ele precisava fazer com que a experiência fosse boa para ela.

– Eu irei com calma – falou, embora o seu desejo estivesse agora tão feroz que ele não tinha a menor ideia de como poderia cumprir a promessa.

– Eu o quero – disse ela. – Eu o quero e preciso de alguma coisa, embora não saiba do quê.

Ele empurrou o membro para a frente, apenas 2 centímetros, mas teve a sensação de que ela o engolia por inteiro.

Penelope ficou em silêncio sob o corpo dele, a respiração escapando irregular pelos lábios.

Mais 2 centímetros, mais um passo em direção ao paraíso.

– Ah, Penelope – gemeu Colin, usando os braços para se manter acima dela de maneira a não esmagá-la com o seu peso. – Por favor, me diga que está achando isto bom. *Por favor*.

Porque se ela dissesse que não era e ele tivesse que sair de dentro dela, Colin morreria.

Ela fez que sim, mas falou:

– Eu preciso de um instante.

Ele engoliu em seco, forçando a respiração pelo nariz. Era a única forma possível de se concentrar em não explodir de uma só vez. Penelope precisava relaxar o corpo à volta do membro dele, permitir que os músculos se expandissem. Nunca estivera com um homem, e era tão deliciosamente apertada...

De qualquer forma, ele não podia esperar até terem a oportunidade de fazer aquilo com tanta frequência que ele não precisasse se controlar.

Quando a sentiu relaxar levemente, empurrou um pouco mais, até atingir a prova incontestável da inocência dela.

– Ah, Deus – gemeu ele. – Isto vai doer. Não há nada que eu possa fazer, mas eu lhe prometo, é só desta vez, e não vai doer demais.

– E como você sabe? – indagou ela.

Ele fechou os olhos, em agonia. Só mesmo Penelope para questioná-lo.

– Confie em mim – respondeu, esquivando-se da pergunta.

Então, deu um impulso para a frente, arremetendo até o fundo, mergulhando em seu calor até saber que tinha atingido a sua meta.

– Ah! – arquejou ela, o rosto em choque.

– Você está bem?

Ela assentiu com a cabeça.

– Acho que sim.

Ele se mexeu um pouco.

– Está bem assim?

Ela assentiu outra vez, mas seu rosto registrava surpresa, talvez algum atordoamento.

Os quadris de Colin começaram a se mover por vontade própria, incapazes de se manterem parados quando ele estava tão claramente perto do clímax. Ela era a

própria perfeição, e quando ele se deu conta de que os seus arquejos eram de prazer e não de dor, enfim se deixou levar e se entregou ao desejo avassalador que o percorria como uma onda.

Abaixo dele, Penelope ganhava mais e mais ritmo, e ele rezava para conseguir se segurar até que ela atingisse o orgasmo. Sua respiração era rápida, seu hálito, quente, e ela apertava os ombros dele sem trégua enquanto movimentava os quadris, levando a necessidade de Colin ao ápice.

Então, aconteceu. Um som saiu dos lábios dela, mais doce do que qualquer coisa que ele já tivesse ouvido. Ela gritou seu nome enquanto o corpo inteiro enrijecia de prazer, e Colin pensou: *Um dia eu a observarei. Olharei o seu rosto enquanto chega ao clímax.*

Mas não naquele momento. Ele já estava atingindo o orgasmo e seus olhos estavam fechados com todo aquele êxtase. O nome dela escapou de forma espontânea de seus lábios enquanto ele mergulhava dentro dela mais uma vez e despencava sobre o seu corpo, completamente destituído de forças.

Por um minuto inteiro, o silêncio dominou o ambiente e o único movimento era o subir e descer de seus peitos, lutando para normalizar a respiração, aguardando os corpos se acalmarem para então se entregarem àquele formigamento abençoado que se sente nos braços da pessoa amada.

Ou, pelo menos, foi o que Colin imaginou que fosse aquilo. Já estivera com outras mulheres, mas só se deu conta de que nunca fizera amor quando deitou Penelope em sua cama e deu início àquela dança íntima com um único beijo nos lábios dela.

Ele jamais sentira aquilo.

Era amor.

E ele haveria de agarrá-lo com as duas mãos.

CAPÍTULO 19

Não foi muito difícil adiantar a data do casamento.

Ocorreu a Colin, enquanto voltava para casa, em Bloomsbury (depois de sorrateiramente deixar Penelope, toda descomposta, na casa dela em Mayfair), que talvez houvesse um ótimo motivo para se casarem mais cedo do que o programado.

É claro que seria muito improvável que ela engravidasse após uma única vez. E, mesmo que isso acontecesse, o bebê nasceria depois de oito meses, o que não era nada suspeito num mundo repleto de crianças nascidas apenas seis meses depois do casamento dos pais. Sem contar que primogênitos costumavam atrasar (Colin tinha sobrinhos o suficiente para saber que era verdade), o que faria do bebê um rebento de oito meses e meio, algo nada incomum.

Então, de fato, não havia qualquer necessidade urgente de adiantar o casamento.

A não ser pelo fato de que ele queria.

Assim, teve uma "conversinha" com a mãe e a sogra, durante a qual comunicou muita coisa sem revelar nada de explícito, e elas logo concordaram com o plano dele de apressar o enlace.

Sobretudo por ele *talvez* as ter levado a entender, equivocadamente, que era *possível* que as intimidades entre os dois tivessem ocorrido várias semanas antes.

Ah, bem, mentirinhas inocentes não eram uma transgressão tão grave assim quando contadas para servir a um bem maior.

E um casamento às pressas, refletiu Colin, deitado na cama, noite após noite, revivendo o momento vivido com Penelope e desejando com fervor que ela estivesse ali, a seu lado, *definitivamente* servia a um bem maior.

Violet e Portia, que haviam se tornado inseparáveis nos últimos dias, enquanto planejavam o evento, protestaram com relação à mudança, preocupadas com boatos maliciosos (que nesse caso seriam verdadeiros), mas Lady Whistledown veio em seu auxílio, mesmo que de forma indireta.

Os rumores que giravam em torno de Lady Whistledown e de Cressida Twombley – se de fato as duas eram a mesma pessoa – dominavam Londres como jamais acontecera com outro assunto. Na verdade, o mexerico era tão poderoso que ninguém parou para pensar que a data do casamento Bridgerton-Featherington fora trocada.

O que convinha perfeitamente às duas famílias.

Exceto, talvez, a Colin e Penelope, pois nenhum dos dois se sentia muito à vontade quando o tópico da conversa era Lady Whistledown. Penelope já estava acostumada, é claro: não se passara uma única semana nos últimos dez anos sem que alguém especulasse sobre a identidade de Lady Whistledown na sua presença. Mas Colin continuava tão transtornado e irritado em relação à sua vida secreta que ela mesma passara a se sentir desconfortável. Tentara trazer o tema à tona algumas vezes, mas ele se tornara taciturno e lhe dissera (num tom que não combinava nada com ele) que não queria falar sobre o assunto.

A única conclusão a que podia chegar era que ele sentia vergonha dela. Ou, se não dela, precisamente, então de sua obra como Lady Whistledown. O que de certa forma lhe partia o coração, pois os seus escritos eram uma parte de sua vida da qual ela se orgulhava muito. Penelope havia *realizado* alguma coisa. Ainda que não pudesse assinar o próprio trabalho, tinha se tornado um sucesso estrondoso. Quantos de seus contemporâneos, homens ou mulheres, podiam dizer o mesmo?

Ela talvez estivesse pronta para deixar Lady Whistledown para trás e viver uma nova etapa de sua existência como Sra. Colin Bridgerton, esposa e mãe, mas isso não significava, de maneira alguma, que se envergonhasse do que fizera.

E queria que Colin também se orgulhasse das suas realizações.

Sim, ela acreditava com cada fibra de seu ser que ele a amava. Colin jamais mentiria sobre uma coisa dessas. Podia pronunciar palavras de efeito e oferecer os sorrisos mais provocantes para fazer qualquer mulher feliz e satisfeita sem dizer palavras de amor que não sentisse. Mas talvez fosse possível – na realidade, depois de avaliar o comportamento de Colin, ela agora tinha certeza de que era possível – alguém amar outra pessoa e, ainda assim, sentir vergonha dela. Penelope só não havia esperado que isso doesse tanto.

Passeavam por Mayfair certa tarde, dias antes do casamento, quando ela

tentou mencionar o assunto outra vez. Não soube por que fez isso, já que imaginava que a atitude dele não teria mudado por milagre desde a última vez, mas não conseguiu evitar. Além do mais, teve esperança de que o fato de estarem em público, à vista de todos, fosse forçar Colin a manter um sorriso no rosto e ouvir o que ela tinha a dizer.

Ela calculou a distância até o Número Cinco, onde eram aguardados para o chá.

– Eu acho – começou, imaginando que tinha cerca de cinco minutos para falar antes que ele a conduzisse para dentro da casa e mudasse o rumo da conversa – que temos um assunto pendente que precisa ser discutido.

Ele ergueu uma das sobrancelhas e olhou para ela com um sorriso curioso, mas ainda bastante brincalhão. Ela sabia muito bem o que ele tentava fazer: usar a sua personalidade encantadora e espirituosa para conduzir a conversa na direção que desejava. A qualquer minuto, ele diria algo planejado para mudar de assunto sem que ela se desse conta, algo como:

– Mas que coisa mais séria para um dia tão ensolarado.

Ela franziu os lábios. Não era exatamente o que esperara, mas sem dúvida tinha a função que imaginara.

– Colin – disse, tentando manter a paciência –, eu gostaria que não tentasse mudar de assunto toda vez que eu menciono Lady Whistledown.

Ele respondeu com a voz serena, controlada:

– Acho que não a ouvi mencionar o nome dela, ou suponho que deva dizer o *seu* nome. Além do mais, a única coisa que fiz foi elogiar o dia lindo que está fazendo.

Penelope teve uma vontade enorme de parar ali mesmo e obrigá-lo a ouvi-la, mas estavam em público (por sua própria culpa, já que fora ela que escolhera começar a conversa daquela forma), então continuou a caminhar com elegância e tranquilidade, ainda que estivesse com os punhos cerrados de tensão.

– Na outra noite, quando a minha última coluna foi publicada, você ficou furioso comigo – disse ela.

Ele deu de ombros.

– Já passou.

– Eu não acredito.

Ele se virou para ela com uma expressão bastante condescendente.

– Agora vai querer me dizer como me sinto?

Um golpe tão baixo não podia ficar sem resposta:

– Não é isso que se espera de uma esposa?

– Você ainda não é minha esposa.

Penelope contou até três – não, até dez – antes de retrucar:

– Me desculpe se o que fiz o deixou irritado, mas não tive escolha.

– Você teve todas as escolhas do mundo, mas eu não vou discutir isso aqui no meio da rua.

Penelope se deu conta de que já estavam na Rua Bruton. Calculara muito mal a rapidez de seus passos. Tinha apenas mais um minuto, no máximo, antes de chegarem ao Número Cinco.

– Eu posso lhe garantir – disse ela –, que "você sabe quem" nunca mais deixará a aposentadoria.

– Mal consigo expressar o alívio que sinto.

– Gostaria que não fosse tão sarcástico.

Ele se virou para encará-la com olhos faiscantes. A expressão era tão diferente da máscara de impassividade de alguns momentos antes que Penelope quase deu um passo para trás.

– Cuidado com o que deseja, Penelope – avisou ele. – O sarcasmo é a única coisa que mantém os meus verdadeiros sentimentos escondidos, e pode acreditar que você não vai querer que eles venham à tona à vista de todos.

– Acho que quero, sim – respondeu ela com a voz muito baixa, pois na verdade não tinha tanta certeza assim de que desejava isso.

– Todos os dias, sou forçado a parar e pensar no que farei para protegê-la caso o seu segredo seja descoberto. Eu amo você, Penelope. Que Deus me ajude, mas amo.

Ela teria preferido que ele não implorasse pela ajuda de Deus, mas a declaração de amor foi bastante simpática.

– Em três dias – continuou Colin –, eu serei seu marido. Farei um juramento solene de protegê-la até que a morte nos separe. Compreende o que isso quer dizer?

– Que você vai ter que me salvar de minotauros saqueadores? – sugeriu ela, tentando fazer graça.

A expressão dele deixou claro que não achara aquilo engraçado.

– Gostaria que você não ficasse tão zangado... – murmurou ela.

Colin se virou para Penelope com ar de incredulidade, como se achasse que ela não tinha o direito de falar nada.

– Se estou com raiva, é porque não gostei de descobrir sobre a sua última coluna ao mesmo tempo que todo mundo.

Ela assentiu, mordendo o lábio inferior, e depois disse:

– Peço-lhe desculpas por isso. Sem dúvida você tinha o direito de saber antes, mas como eu poderia ter lhe contado? Você teria tentado me deter.

– Exatamente.

Agora estavam bem próximos do Número Cinco. Se Penelope quisesse lhe perguntar qualquer outra coisa, teria de ser rápida.

– Você tem certeza... – começou, então se interrompeu, sem saber ao certo se devia prosseguir.

– Certeza de quê?

Ela balançou a cabeça de leve numa negativa.

– De nada.

– É óbvio que não é de nada.

– Eu só estava imaginando... – Ela olhou para o lado, como se a imagem da cidade pudesse, de alguma forma, lhe dar a coragem necessária para ir em frente. – Eu só estava imaginando...

– Fale logo, Penelope.

Não era do feitio dele ser tão curto e grosso, e isso a incitou a continuar:

– Eu estava me perguntando se talvez o seu desconforto em relação à minha... err...

– Vida secreta? – sugeriu ele, prolongando cada sílaba.

– Se é assim que quer chamá-la... – retrucou ela. – Ocorreu-me que talvez o seu desconforto não tenha origem inteiramente no desejo de proteger a minha reputação caso eu seja descoberta.

– O que você quer dizer com isso? – quis saber ele.

Ela já verbalizara a pergunta; não havia mais nada a fazer agora senão ser totalmente franca.

– Eu acho que você tem vergonha de mim.

Ele a olhou por um longo momento antes de responder:

– Eu não tenho vergonha de você. Já lhe disse isso uma vez.

– Qual é o problema, então?

Os passos de Colin falharam e, antes que ele se desse conta do que o corpo fazia, estava parado diante do número 3 da Rua Bruton. A casa da mãe ficava apenas a duas construções de distância e ele tinha quase certeza de que os aguardavam para o chá havia cinco minutos e...

Não conseguia fazer com que os pés se mexessem.

– Eu não tenho vergonha de você – repetiu, em grande parte por não conseguir dizer a verdade a ela: que tinha inveja de suas realizações, inveja *dela*.

Era um sentimento tão repugnante, uma emoção tão desagradável... Isso o consumia, criando uma vaga sensação de vergonha cada vez que alguém mencionava Lady Whistledown, o que nos últimos tempos ocorria cerca de dez vezes ao dia. E ele não sabia, ao certo, o que fazer a respeito.

Daphne comentara, certa vez, que ele sempre parecia saber o que dizer e como deixar os outros à vontade. Pensara nisso por vários dias depois que a irmã o dissera e chegara à conclusão de que essa sua capacidade devia ter origem na forma como ele percebia a si mesmo.

Era um homem que sempre se sentira muito confortável sendo quem era. Não sabia por que era tão abençoado – talvez bons pais ou, quem sabe, pura sorte. Mas agora experimentava uma sensação de desconforto e isso se mostrava em cada área da sua vida. Vinha sendo rude com Penelope, mal falava em festas...

E tudo isso por causa daquela inveja detestável e da vergonha que a acompanhava.

Ou...

Será que ele teria inveja de Penelope se já não estivesse sentindo uma ausência na própria vida?

Era uma interessante pergunta psicológica. Bem, seria interessante se dissesse respeito a qualquer outra pessoa que não ele.

– Minha mãe está nos esperando – disse ele, ríspido, sabendo que estava fugindo da verdade e se odiando por isso, mas sentindo-se incapaz de agir de outra forma. – E a sua mãe também estará presente, então é bom que não nos atrasemos.

– Já estamos atrasados – observou ela.

Ele tomou o seu braço e a puxou em direção ao Número Cinco.

– Mais um motivo para não perdermos tempo.

– Você está me evitando – acusou ela.

– Como isso é possível se você está bem aqui, de braço dado comigo?

Ela franziu a testa.

– Está fugindo da minha pergunta.

– Vamos falar sobre isso depois – disse ele –, quando não estivermos parados no meio da Rua Bruton, com só Deus sabe quem olhando para nós pela janela.

E então, para demonstrar que não aceitaria mais nenhum protesto, colocou a mão em suas costas e a conduziu, sem maiores delicadezas, pela escada que levava à entrada da casa.

Uma semana mais tarde, nada mudara, a não ser o sobrenome de Penelope.

O casamento fora mágico. Uma cerimônia íntima, para a consternação da alta sociedade londrina. E a noite de núpcias... Bem, também fora mágica.

Na verdade, o casamento como um todo era mágico. Colin era um marido maravilhoso: provocativo, gentil, atencioso...

Exceto quando o nome de Lady Whistledown era mencionado.

Então ele se tornava... Na verdade, Penelope não sabia ao certo o que Colin se tornava; só tinha certeza que não era ele mesmo. O comportamento descontraído, a fluência, tudo de maravilhoso que fazia dele o homem que amava havia tantos anos desaparecia.

De certa forma, era quase engraçado. Durante muito tempo, todos os seus sonhos estavam relacionados a se casar com Colin. Em algum momento, esses sonhos haviam incluído lhe contar sobre a sua vida secreta. E como poderia ser diferente? Na imaginação dela, o casamento com ele era uma união perfeita, e isso significava sinceridade absoluta.

Em seus pensamentos, ela o fazia sentar-se e, timidamente, revelava o seu segredo. A princípio ele reagia com incredulidade, em seguida com delicadeza e orgulho. Como ela era extraordinária por ter enganado Londres inteira por tantos anos! Como era espirituosa, por ter escrito inúmeras frases com nuances tão inteligentes! Ele a admirava por sua criatividade, a elogiava pelo seu sucesso. Às vezes até sugeria se tornar seu repórter secreto.

Aquilo lhe parecera o tipo de coisa da qual Colin teria gostado, um trabalho

divertido e insidioso que ele apreciaria.

Mas não foi assim que a situação se desenrolara.

Ele afirmara não ter vergonha dela e talvez acreditasse mesmo nisso, mas Penelope não conseguia se convencer. Vira a expressão dele quando Colin jurara que a única coisa que queria era protegê-la. O sentimento de proteção costuma ser feroz e ardente, e sempre que ele falava sobre Lady Whistledown, seus olhos escureciam e ficavam inexpressivos.

Ela tentava não ficar tão desapontada. Procurava dizer a si mesma que não tinha o direito de esperar que ele correspondesse aos seus sonhos, que a sua forma de vê-lo fora injustamente idealizada, mas...

Ainda desejava que ele fosse o homem que imaginara.

No entanto, sentia-se culpada por cada sensação de desapontamento. Aquele era Colin, pelo amor de Deus! Colin, que chegava mais perto da perfeição do que qualquer ser humano poderia esperar chegar. Ela não tinha o menor direito de encontrar defeitos nele. Ainda assim...

Ainda assim, encontrava.

Queria que ele se orgulhasse dela. Desejava isso mais do que qualquer outra coisa no mundo, mais até do que *o* desejara durante todos aqueles anos, a distância.

Mas, ao mesmo tempo, tinha profunda consideração pelo seu casamento, e, deixando de lado os momentos difíceis, tinha grande consideração também pelo marido. Assim, decidiu parar de falar de Lady Whistledown. Cansou-se da expressão sombria de Colin. Não queria mais ver as rugas de contrariedade ao redor de sua boca.

Não que ela pudesse evitar o assunto para sempre; qualquer evento da alta sociedade parecia trazer à tona alguma menção à sua identidade secreta. Mas não precisava tocar no assunto em casa.

Assim, ao se sentarem para tomar café juntos certa manhã, enquanto liam o jornal daquele dia, ela buscou outros temas.

– Acha que devemos fazer uma viagem de lua de mel? – indagou, espalhando uma generosa camada de geleia de framboesa sobre um bolinho.

Talvez não devesse comer tanto, mas a geleia era deliciosa e, além do mais, Penelope sempre ficava gulosa quando estava ansiosa.

Franziu a testa, primeiro em direção ao bolinho, em seguida para o nada. Não

se dera conta de que estava tão ansiosa. Achara ser capaz de empurrar o problema de Lady Whistledown para o fundo da sua mente.

– Talvez mais para o final do ano – respondeu Colin, pegando a geleia. – Pode me passar as torradas, por favor?

Ela o fez, em silêncio.

Ele ergueu a vista, para ela ou para o prato de peixe defumado – Penelope não soube dizer ao certo.

– Você parece ter ficado desapontada – comentou Colin.

Ela pensou que devia se sentir lisonjeada por ele ter desviado os olhos da comida. Ou talvez estivesse fitando o peixe e ela apenas se encontrasse no caminho, o que era mais provável. Era difícil competir com comida pela atenção de Colin.

– Penelope? – chamou ele.

Ela piscou.

– Você me pareceu desapontada – repetiu ele.

– Ah. Sim. Bem, acho que estou mesmo. – Ela lhe ofereceu um sorriso vacilante. – Nunca saí daqui, e você já esteve em todas as partes. Achei que pudesse me levar a algum lugar do qual tivesse gostado especialmente. Como a Grécia, talvez. Ou, quem sabe, a Itália. Sempre quis conhecer a Itália.

– Você iria gostar de lá – murmurou ele, distraído, concentrado mais nos ovos do que nela. – Sobretudo de Veneza, imagino.

– Então por que não me leva?

– Eu levarei – disse ele, espetando um pedaço rosado de bacon e atirando-o na boca. – Mas não agora.

Penelope lambeu um pouco de geleia do bolinho e tentou disfarçar a decepção.

– Se você quer mesmo saber – prosseguiu Colin, com um suspiro –, o motivo pelo qual não quero viajar é... – Ele olhou para a porta aberta e franziu os lábios, irritado. – Bem, não posso falar aqui.

Penelope arregalou os olhos.

– Está querendo dizer... – Ela desenhou um imenso *W* sobre a toalha de mesa.

– Exatamente.

Ela o fitou, surpresa, um tanto aturdida por ele ter levantado o assunto, até porque não pareceu tão contrariado por isso.

– Mas por quê? – indagou.

– Se, por acaso, o segredo for revelado – respondeu ele, atento à presença de algum dos criados, que costumavam circular por ali àquela hora –, eu gostaria de estar na cidade para controlar o dano.

Penelope sentiu-se afundar na cadeira. Nunca era agradável ser chamada de dano, que era o que ele havia feito, ao menos indiretamente. Fitou o bolinho, tentando decidir se estava com fome. Constatou que, na verdade, tinha perdido o apetite.

Ainda assim, o comeu.

CAPÍTULO 20

Alguns dias depois, Penelope retornou de uma tarde de compras com Eloise, Hyacinth e Felicity e encontrou o marido no escritório, sentado atrás da escrivaninha. Ele lia alguma coisa, atipicamente curvado, com uma expressão meditativa.

– Colin?

Ele ergueu a cabeça de súbito. Não devia tê-la ouvido chegar, o que era surpreendente, uma vez que ela não fizera o menor esforço para ser silenciosa.

– Penelope – disse ele, levantando-se enquanto ela entrava no aposento –, como foi o... err... o que quer que tenha ido fazer na rua?

– Compras – respondeu ela, com um sorriso zombeteiro. – Fui fazer compras.

– Isso. Foi isso. – Ele transferiu o peso do corpo de um pé para o outro, discretamente. – Comprou alguma coisa?

– Um gorro – retrucou ela, tentada a acrescentar “e três anéis de diamantes”, só para ver se ele estava escutando.

– Muito bem, muito bem – murmurou Colin, claramente ansioso por voltar ao que quer que estivesse sobre a sua mesa.

– O que está lendo? – perguntou Penelope.

– Nada – falou ele, quase sem pensar, então acrescentou: – Bem, na verdade, é um dos meus diários.

Em seguida assumiu uma expressão esquisita, meio envergonhada por ter sido pego e meio desafiadora, quase a incitando a perguntar mais.

– Posso dar uma olhada? – pediu ela, mantendo a voz suave e não ameaçadora.

Era estranho pensar que Colin pudesse se sentir inseguro com relação a qualquer coisa. Qualquer menção aos seus diários, no entanto, parecia suscitar uma surpreendente e tocante vulnerabilidade.

Penelope passara tanto tempo vendo-o como uma torre invencível de felicidade e animação... Era autoconfiante, bonito, querido e inteligente. Como

devia ser fácil ser um Bridgerton, ela costumava pensar.

Houvera tantas vezes – mais do que conseguia contar – que voltara para casa após o chá com Eloise e sua família e, encolhida na cama, desejara ter nascido uma Bridgerton... A vida era fácil para eles. Eram inteligentes, atraentes, ricos, e parecia que todo mundo gostava deles.

E nem era possível odiá-los por isso, porque eram todos pessoas *maravilhosas*.

Bem, agora ela fazia parte da família, ainda que por casamento e não por nascimento, e via que era verdade: a vida *era* melhor como um Bridgerton, embora isso tivesse menos a ver com qualquer grande mudança do que com o fato de estar perdidamente apaixonada pelo marido e, por algum fabuloso milagre, ele se sentir da mesma forma.

Ainda assim, a vida não era perfeita, nem para os Bridgertons.

Até mesmo Colin – o menino de ouro, o homem de sorriso fácil e humor contagiante – tinha lá os seus fantasmas. Era perseguido por sonhos jamais realizados e inseguranças secretas. Como havia sido injusta ao ponderar sobre a vida dele e nunca lhe permitir fraqueza alguma...

– Não preciso ler tudo – prosseguiu ela. – Só um ou dois trechos pequenos. Você escolhe quais. Algo de que você goste especialmente.

Ele baixou os olhos para o caderno aberto, fitando-o com ar inexpressivo, como se as palavras estivessem escritas em chinês.

– Eu não saberia o que escolher – resmungou. – Na verdade, é tudo a mesma coisa.

– É claro que não é. Compreendo isso melhor do que ninguém. Eu... – De repente ela olhou à sua volta, viu que a porta estava aberta e foi fechá-la. – Já escrevi inúmeras colunas – continuou –, e posso lhe assegurar que não eram todas a mesma coisa. Algumas, eu adorei. – Ela sorriu, nostálgica, recordando a onda de satisfação e de orgulho que a invadia quando escrevia o que considerava uma edição especial. – Era delicioso, entende o que quero dizer?

Ele fez que não.

– A sensação de *saber* que escolheu as palavras perfeitas – prosseguiu Penelope, tentando explicar. – Só é possível apreciar isso depois de ficar horas olhando para uma folha de papel em branco sem ter a menor ideia do que escrever.

– *Isso* eu entendo – comentou ele.

Penelope tentou não sorrir.

– Eu sei que você também conhece a sensação de prazer. É um escritor esplêndido, Colin. Já li o seu trabalho.

Ele ergueu a vista, assustado.

– Só um pedaço, naquela vez – assegurou-lhe ela. – Eu jamais leria os seus cadernos sem você saber. – Ela ruborizou, recordando que lera escondida o trecho sobre a viagem dele ao Chipre. – Bem, não atualmente, pelo menos – acrescentou. – Mas estava *bom*, Colin. Quase mágico, e, em algum lugar do seu íntimo, você sabe disso.

Ele se limitou a fitá-la, parecendo não saber o que dizer. Era uma expressão que ela já vira diversas vezes, mas nunca *nele*, e era tão estranho... Quis chorar, depois quis abraçá-lo. Acima de tudo, foi tomada por uma intensa necessidade de fazê-lo sorrir de novo.

– Eu sei que você já experimentou a sensação que descrevi – insistiu. – A certeza de que escreveu algo bom. – Ela o olhou, esperançosa. – Entende o que eu quero dizer, não entende?

Colin ficou em silêncio.

– Entende, sim – afirmou ela. – Eu sei que entende. Não pode ser um escritor e não saber.

– Não sou escritor – retrucou ele.

– É claro que é. – Ela fez um gesto em direção ao diário. – A prova é essa. – Deu um passo à frente. – Colin, por favor, me deixe ler um trecho.

Pela primeira vez, ele lhe pareceu em dúvida, o que Penelope considerou uma pequena vitória.

– Você já leu quase tudo o que *eu* já escrevi na vida – argumentou ela. – É justo que...

Penelope parou quando viu a expressão no rosto dele. De repente o marido lhe pareceu fechado, distante, inalcançável.

– Colin? – sussurrou.

– Se não se importa, eu preferiria manter isso para mim mesmo – disse ele.

– Não, é claro que não me importo – garantiu ela, mas ambos sabiam que estava mentindo.

Colin permaneceu tão imóvel e silencioso que ela não teve escolha senão

pedir licença e deixá-lo sozinho no aposento, fitando a porta, impotente.

Ele a magoara.

Não fora sua intenção, mas isso não importava. Ela lhe estendera a mão e ele fora incapaz de aceitá-la. E a pior parte era que Colin sabia que Penelope não compreendia. Achava que ele sentia vergonha dela. Ele lhe dissera que não, mas como não conseguira lhe contar a verdade – que sentia inveja dela –, imaginava que ela não tinha acreditado nele.

Ora, ele também não teria acreditado. Colin parecera estar mentindo porque, de certa forma, *estava* mentindo. Ou, pelo menos, omitindo uma verdade que o deixava desconfortável. Mas, no instante em que ela lhe lembrara que ele lera tudo o que ela já escrevera, o incômodo crescera dentro dele.

Colin lera tudo o que ela escrevera porque ela havia *publicado* tudo, enquanto as incursões literárias dele permaneciam foscas e sem vida dentro dos seus diários, guardadas num lugar onde ninguém jamais as veria.

Será que o que um homem escrevia tinha importância se ninguém jamais lesse? As palavras tinham sentido se jamais fossem vistas?

Ele jamais considerara publicar os diários até Penelope sugerir isso, várias semanas antes. Agora a ideia o consumia (quando não era consumido por Penelope, é claro). Só que ele morria de medo. E se ninguém quisesse publicar o seu trabalho? E se alguém publicasse, mas apenas porque ele vinha de uma família rica e poderosa? Colin queria, mais do que tudo, brilhar por si mesmo, ser conhecido pelas próprias realizações, não pelo sobrenome, pela posição social, pelo sorriso ou pelo poder de sedução.

Então, ele pensava na possibilidade mais assustadora de todas: e se os seus escritos fossem publicados, mas ninguém gostasse deles?

Como lidaria com aquilo? Como poderia existir como um fracassado?

Ou seria pior permanecer como agora: um covarde?

Mais tarde, naquela mesma noite, depois que Penelope se obrigara a levantar da poltrona, bebera uma restauradora xícara de chá e ficara andando de um lado para outro do quarto até enfim se acomodar nos travesseiros com um livro no qual não conseguiu se concentrar, Colin apareceu.

A princípio ele não disse nada, limitou-se a ficar ali parado sorrindo para ela; só que não era um de seus sorrisos de sempre, daqueles que iluminavam o ambiente e levavam quem estivesse presente a sorrir de volta.

Era um sorriso tímido, envergonhado.

Um sorriso de desculpas.

Penelope apoiou o livro no colo.

– Posso? – perguntou, fazendo um gesto em direção ao local vazio ao lado dela.

Ela chegou para o lado.

– É claro – murmurou, e em seguida colocou o livro na mesa de cabeceira.

– Marquei alguns trechos – disse ele, estendendo-lhe o diário. – Se quiser ler para... – Pigarreou para limpar a garganta – dar a sua opinião, eu acharia... – Tossiu. – Eu acharia bom.

Penelope olhou para o diário elegantemente encadernado em couro cor de carmim na mão dele, então ergueu a vista para encará-lo. Colin estava sério, com um ar sombrio, e, embora não movesse um centímetro do corpo, ela sabia que estava nervoso.

Nervoso. Colin. Pareceu-lhe a coisa mais estranha possível.

– Seria uma honra – disse ela, baixinho, puxando o caderno da mão dele com todo o cuidado.

Notou que algumas páginas estavam marcadas e, com cautela, abriu em um dos locais selecionados.

14 de março de 1819
As Terras Altas encontram-se estranhamente castanhas.

– Isso foi quando visitei Francesca na Escócia – interrompeu Colin.

Penelope lhe deu um sorriso indulgente, como uma leve repreensão por tê-la interrompido.

– Desculpe – murmurou ele.

Seria de imaginar, ou pelo menos alguém vindo da Inglaterra imaginaria, que os montes e vales seriam verde-esmeralda. Afinal, a Escócia está localizada na mesma ilha e, segundo todos os relatos, sofre

com as mesmas chuvas que afligem a Inglaterra.

Conta-se que estas estranhas colinas bege são chamadas de planaltos e que são áridas, castanhas e ermas. E, no entanto, tumultuam a alma.

– Isso foi quando eu estava em uma altitude bem elevada – explicou ele. – Mais baixo, perto dos lagos, é bastante diferente.

Penelope se virou para ele séria.

– Desculpe – disse Colin mais uma vez.

– Talvez você se sinta mais confortável se não ficar lendo por cima do meu ombro – sugeriu ela.

Ele piscou, surpreso.

– Com certeza, você já conhece todos estes textos. – Diante do olhar perplexo dele, ela acrescentou: – Então, não precisa lê-los de novo. – Esperou uma reação e Colin continuou em silêncio. – Logo, não precisa ficar colado às minhas costas, lendo por cima do meu ombro – concluiu.

– Ah. – Ele se afastou um pouco. – Perdão.

Penelope lhe lançou um olhar ambíguo.

– Levante-se da cama, Colin.

Ele obedeceu e em seguida afundou numa poltrona na outra extremidade do quarto. Cruzou os braços e ficou batendo o pé no chão numa impaciente cadência.

Tap tap tap. Tap tap tap.

– Colin!

Ele ergueu a vista, genuinamente surpreso.

– O que foi?

– Pare de bater o pé no chão!

Ele olhou para os próprios pés como se o eles fossem um corpo estranho.

– Eu estava batendo com o pé no chão?

– Estava.

– Ah. – Ele apertou os braços ainda mais de encontro ao peito. – Desculpe.

Penelope se concentrou outra vez no diário.

Tap tap.

Ela ergueu a cabeça.

– Colin!

Ele plantou os pés firmemente de volta sobre o tapete.

– Não pude evitar. Nem percebi o que estava fazendo.

Ele descruzou os braços e os apoiou na poltrona, mas não parecia relaxado: os dedos das duas mãos estavam tensos e arqueados.

Penelope o encarou por vários instantes, checando se de fato ele seria capaz de permanecer quieto.

– Não vou fazer de novo – garantiu ele. – Prometo.

Ela sustentou o olhar por mais um momento e voltou a prestar atenção ao texto.

> *Como povo, os escoceses detestam os ingleses, e muitos diriam que com razão. Individualmente, no entanto, são calorosos, afáveis e sempre ávidos por compartilhar um copo de uísque, uma refeição quente, ou para oferecer um local bem aquecido para se passar a noite. Um grupo de ingleses – na verdade, qualquer inglês – trajando qualquer tipo de uniforme não terá uma boa acolhida em qualquer vilarejo do país. Mas caso um inglês solitário esteja caminhando por alguma de suas ruas principais, a população local o receberá de braços abertos e com imensos sorrisos.*
>
> *Foi assim quando cheguei a Inveraray, às margens do Lago Fyne. Uma cidadezinha bem organizada e bem planejada, projetada por Robert Adam quando o duque de Argyll decidiu transferir a cidade inteira para acomodar o seu novo castelo, encontra-se à beira da água, seus prédios caiados de branco enfileirados em ângulos retos (sem dúvida uma disposição estranhamente organizada para alguém como eu, criado em meio às encruzilhadas tortas de Londres).*
>
> *Eu estava jantando no George Hotel, deleitando-me com um uísque de qualidade excepcional em vez do comum que poderia ser encontrado em qualquer estabelecimento semelhante na Inglaterra, quando me dei conta de que não tinha a menor ideia de como chegaria ao meu próximo destino, nem mesmo de quanto tempo levaria até lá. Abordei o proprietário (um certo Sr. Clark), expliquei a minha intenção de visitar o Castelo Blair e em seguida não pude fazer nada mais que piscar sem parar, maravilhado e confuso, enquanto os demais ocupantes da*

pousada se intrometiam na conversa, dando conselhos.

– Castelo Blair? – ribombou o Sr. Clark. (Era mesmo o tipo de homem a ribombar, nada dado a falas mansas.) – Bem, se a sua intenção é ir para lá, com certeza deve seguir para oeste, em direção a Pitlochry, e depois para o norte.

A resposta foi recebida por um coro de aprovações – e um eco igualmente ruidoso de desaprovações.

– Claro que não! – gritou outro, cujo nome era MacBogel, conforme descobri mais tarde. – Desse jeito ele vai ter de atravessar o Lago Tay, e jamais se conheceu receita melhor para o desastre. Melhor rumar direto para o norte e depois virar para oeste.

– Sim – interrompeu um terceiro –, só que, assim, ele terá Ben Navis no caminho. Está querendo dizer que uma montanha é um obstáculo menor do que um laguinho minúsculo?

– Está chamando o Lago Tay de minúsculo? Ouça bem: eu nasci às margens do Lago Tay, e não admito que ninguém o chame de minúsculo na minha presença.

Não tenho a menor ideia de quem disse isso, ou, para ser sincero, qualquer coisa que tenha sido dita a seguir, embora tudo tenha sido pronunciado com grande emoção e certeza.

– Ele não precisa seguir até Ben Navis. Pode virar para oeste em Glencoe.

– Ora, essa é boa! É melhor levar uma garrafa de uísque, então. Não há uma única estrada decente em Glescoe que vá para oeste. Está tentando matar o pobre rapaz?

E assim por diante. Se o leitor se deu conta de que parei de informar quem disse o quê, foi porque a barulheira de vozes era tão intensa que ficou impossível discernir quem era quem, e isso continuou no mínimo por mais dez minutos, até, finalmente, o velho Angus Campbell, que devia ter uns 80 anos, falar e, por respeito, todos se calarem.

– O que ele precisa fazer – arquejou Angus – é viajar até o sul, até Kintyre, rumar outra vez para o norte e atravessar o estuário de Lorne até Mull, depois seguir em direção a Iona, velejar até Skye, ir até o continente em Ullapool, descer até Inverness, prestar as suas

homenagens em Culloden e, dali, pegar o sul até o Castelo Blair, parando em Grampian, se assim escolher, para ver como é feita uma garrafa de uísque decente.

Um silêncio absoluto se seguiu ao seu pronunciamento. Por fim, um homem corajoso observou:

– Mas isso irá levar meses.

– E quem disse que não? – concordou o velho Campbell, com uma leve belicosidade. – O inglês está aqui para conhecer a Escócia. Quer dizer que ele vai conseguir fazer isso se seguir em linha reta daqui até Pertshire?

Ao ouvir isso, sorri e tomei a minha decisão: seguiria exatamente a rota traçada por ele e, quando voltasse a Londres, teria a certeza de que conhecera a Escócia.

Colin observara Penelope enquanto ela lia. De vez em quando, sua esposa sorria e o coração dele dava um salto. Então, percebeu que o sorriso se tornara permanente e que ela franzia os lábios como se prendesse o riso.

Nesse momento, Colin se deu conta de que ele também sorria.

Ficara muito surpreso com a reação dela na primeira vez em que lera o seu diário: tinha sido uma reação totalmente apaixonada, mas ao mesmo tempo muito analítica e precisa. Agora tudo fazia sentido, é claro. Penelope também era escritora, talvez até melhor do que ele, e tinha plena compreensão do texto escrito.

Era difícil acreditar que levara tanto tempo para pedir a opinião dela. O medo, supunha, o impedira. Medo, preocupação e todas aquelas emoções idiotas que ele fingia não sentir.

Quem teria imaginado que a opinião de uma mulher se tornaria tão importante para ele? Colin se empenhara em escrever os seus diários durante anos, registrando todas as viagens com cuidado, tentando captar além das coisas que via, fazia e sentia. E jamais, nem uma vez, os mostrara a quem quer que fosse.

Até agora.

Nunca tinha havido ninguém a quem desejasse mostrá-los. Não, não era verdade. No fundo, quisera mostrá-los a muitas pessoas, mas o momento nunca lhe parecera oportuno, ou então achara que mentiriam para ele e diriam que

haviam adorado apenas para não magoá-lo.

Mas Penelope era diferente. Era escritora. E uma ótima escritora, aliás. Se ela dizia que as suas anotações eram boas, ele quase conseguia acreditar.

Ela franziu os lábios levemente ao tentar virar a página, então franziu a testa quando não conseguiu. Umedeceu o dedo médio com a língua, fez outra tentativa, dessa vez bem-sucedida, e começou a ler outra vez.

E a sorrir, outra vez.

Colin deixou escapar o ar sem se dar conta de que o estivera prendendo.

Por fim, ela baixou o diário sobre o colo, deixando-o aberto na passagem que acabara de ler. Olhou para Colin e falou:

– Você queria que eu parasse de ler ao final do registro, certo?

Não era o que ele esperava que ela dissesse, e isso o confundiu.

– Hã... se você quiser – balbuciou. – Se preferir continuar, acho que não há problema.

Penelope abriu um sorriso capaz de iluminar o cômodo inteiro.

– É *claro* que prefiro continuar – exclamou ela, entusiasmada. – Mal posso esperar para saber o que aconteceu quando você chegou a Kintyre, e Mull, e... – Com uma careta, ela consultou o caderno aberto. – Skye, Ullapool, Culloden e Grampian. – Olhou mais uma vez para o texto. – Ah, sim, e ao Castelo Blair, é claro, se é que algum dia chegou até lá. Imagino que estivesse planejando visitar amigos.

Ele fez que sim.

– Murray – falou, referindo-se a um amigo de escola que era irmão do duque de Atholl. – Mas devo lhe avisar que acabei não seguindo exatamente o caminho recomendado pelo velho Angus Campbell. Primeiro, porque não encontrei estradas que ligassem metade dos lugares que ele mencionou.

– Talvez devêssemos ir até lá na nossa viagem de lua de mel – sugeriu ela, com ar sonhador.

– À Escócia? – perguntou ele, surpreso. – Não quer ir a algum lugar quente e exótico?

– Para alguém que nunca se afastou mais do que 100 quilômetros de Londres, a Escócia é exótica – retrucou ela.

– Eu posso lhe garantir que a Itália é *mais* exótica. E mais romântica – disse ele, sorrindo, enquanto atravessava o quarto e se acomodava na beirada da cama.

Ela ruborizou, o que o deixou encantado.

– Ah – murmurou, levemente envergonhada.

Ele se perguntou por quanto tempo ela ainda ficaria constrangida ao ouvi-lo falar de romance, amor e todas as esplêndidas atividades que acompanhavam ambos.

– Iremos à Escócia em outra ocasião – garantiu. – Costumo ir para o norte de tempos em tempos para visitar Francesca, de qualquer forma.

– Fiquei surpresa por ter pedido a minha opinião – comentou Penelope, após um breve silêncio.

– A quem mais eu pediria?

– Não sei – respondeu ela. – Aos seus irmãos, suponho.

Ele colocou a mão sobre a dela.

– E o que *eles* sabem sobre escrever?

Ela ergueu a cabeça e o fitou com seus olhos castanhos, límpidos e afetuosos.

– Eu sei que a opinião deles é importante para você.

– É verdade – concordou Colin –, mas a sua é mais.

Ele observou o rosto dela com cuidado enquanto avaliava as emoções que o perpassavam.

– Mas você não gosta do que eu escrevo – prosseguiu Penelope, a voz hesitante e, ao mesmo tempo, esperançosa.

Colin tocou a face de Penelope carinhosamente, fazendo-a olhar para ele.

– Nada poderia estar mais longe da verdade – declarou, com uma intensidade abrasadora. – Considero você uma escritora maravilhosa, capaz de chegar à essência de uma pessoa com uma simplicidade e uma especificidade ímpares. Durante dez anos, fez todos rirem. Também os fez se encolherem, sobressaltados. Você os fez *pensar*, Penelope. Não consigo imaginar realização maior. Sem falar que escrevia sobre a *sociedade*, e fazia isso de forma divertida, interessante e espirituosa, quando todos sabemos que esse assunto muitas vezes é mais do que entediante.

Por um longo momento, Penelope não conseguiu dizer nada. Sentira orgulho do próprio trabalho durante anos e sorrira em seu íntimo cada vez que ouvia alguém se referir a uma de suas colunas ou rir de um de seus comentários sarcásticos. Mas não tivera ninguém com quem compartilhar os triunfos.

O anonimato lhe dera uma perspectiva solitária.

Mas, agora, tinha Colin. E, embora o mundo jamais viesse a saber que Lady Whistledown era, na verdade, a sem graça e invisível Penelope Featherington, que tinha escapado por um triz de ser para sempre uma solteirona, *Colin* sabia. Ela começava a se dar conta de que mesmo que não fosse a única coisa que importava, sem dúvida era a mais importante.

Apesar disso, continuava sem compreender as ações dele.

– Por que, então – começou ela, bem devagar –, você fica tão distante e frio sempre que eu menciono o assunto?

Quando ele respondeu, sua voz era pouco mais que um sussurro:

– É difícil explicar.

– Eu sou uma boa ouvinte – retrucou ela, baixinho.

Colin afastou a mão que segurava o rosto dela com tanto carinho e deixou-a despencar sobre o colo. Então, disse a única coisa que Penelope jamais teria esperado:

– Eu tenho inveja de você. – Ele deu de ombros, mostrando-se impotente. – Sinto muito.

– Não entendi o que quer dizer – retrucou ela.

Não teve a intenção de sussurrar, mas não conseguiu falar mais alto que isso.

– Olhe só para você, Penelope. – Ele tomou as mãos dela nas suas e a encarou. – É um enorme sucesso.

– Um sucesso anônimo – lembrou ela.

– Mas *você* sabe, e *eu* sei. Além do mais, não é disso que estou falando. – Ele soltou uma das mãos dela e passou os dedos entre os cabelos enquanto procurava as palavras. – Você realizou algo. Possui uma obra.

– Mas você tem...

– O quê, Penelope? – interrompeu Colin, levantando-se. Então começou a caminhar de um lado para outro. – O que eu tenho?

– Bem, você tem a mim – disse ela, de forma débil.

Mas sabia que não era a isso que ele se referia.

Colin olhou para ela, fatigado.

– Não é disso que estou falando, Penelope...

– Eu sei.

– Preciso de uma meta – afirmou ele. – De um objetivo. Anthony tem um, Benedict também, mas eu só tenho coisas avulsas.

– Colin, não é assim. Você...

– Estou cansado de pensarem em mim como nada além de... – Ele se deteve.

– O quê, Colin? – perguntou ela, um tanto surpresa com a expressão de desgosto que de repente atravessou o rosto dele.

– Droga – praguejou ele, baixinho.

Ela arregalou os olhos. Colin não costumava blasfemar.

– Não posso acreditar – murmurou ele, balançando a cabeça numa negativa, claramente sofrendo.

– No quê? – indagou ela, suplicante.

– Eu me queixei com você – disse ele, incrédulo. – Queixei-me com você a respeito de Lady Whistledown.

Ela fez uma careta.

– Muita gente já fez isso, Colin. Estou acostumada.

– Não posso acreditar. Eu me queixei com você sobre o fato de Lady Whistledown ter me chamado de encantador.

– Ela me chamou de fruta cítrica madura demais – devolveu Penelope, tentando suavizar a conversa.

Ele interrompeu o passo apenas para encará-la, irritado.

– Estava rindo de mim o tempo todo enquanto eu me lamuriava dizendo que as gerações futuras só se lembrariam de mim por causa das colunas de Lady Whistledown?

– Não! – exclamou ela. – Espero que você me conheça melhor do que isso.

Ele balançou a cabeça, incrédulo.

– Não posso acreditar que fiquei reclamando por não ter nenhuma realização própria quando você tinha todas as suas colunas.

Ela se levantou da cama. Era impossível ficar ali, sentada, assistindo-o andar de um lado para outro como um tigre enjaulado.

– Colin, não tinha como você saber.

– Ainda assim. – Ele suspirou. – Seria uma ironia perfeita, se não fosse dirigida a mim.

Penelope entreabriu os lábios para falar, mas não conseguiu dar voz ao que estava em seu coração. Colin tinha tantas realizações que ela não conseguia nem começar a enumerá-las. Não eram algo palpável, como um exemplar do *Crônicas da sociedade de Lady Whistledown*, mas eram igualmente especiais.

Talvez até mais especiais.

Ela se lembrou de todos os momentos em que ele fizera as pessoas sorrirem, de todas as vezes que passara direto pelas garotas populares em um baile e convidara para dançar a que estava tomando chá de cadeira. Pensou no elo forte e quase mágico que compartilhava com os irmãos. Se essas coisas não eram realizações, então ela não sabia o que mais seria.

No entanto, entendia que não eram o tipo de marco ao qual ele se referia. Tinha consciência do que ele precisava: de um objetivo, uma vocação.

Algo para mostrar ao mundo que ele era mais do que pensavam que fosse.

– Publique as suas memórias de viagem – sugeriu ela.

– Eu não...

– Publique-as – insistiu ela. – Arrisque-se e veja o que acontece.

Ele a encarou, então olhou para o diário, que ela ainda segurava com força.

– Elas precisariam ser editadas – murmurou.

Penelope riu, porque sabia ter vencido. E ele também vencera. Ainda não tinha consciência disso, mas vencera.

– Todo texto precisa ser editado – comentou ela, o sorriso se alargando mais e mais a cada palavra. – Bem, exceto os meus, imagino – brincou ela. – Ou talvez precisassem, sim – acrescentou, dando de ombros. – Mas nunca saberemos, pois não havia ninguém para fazer isso.

Ele ergueu a vista, de repente.

– Como você fazia?

– Como eu fazia o quê?

Ele franziu os lábios, impaciente.

– Você sabe. Como fazia a coluna? Era preciso mais do que apenas escrever. Havia a impressão e a distribuição. Alguém tem de ter sabido sua identidade.

Ela deu um longo suspiro. Guardara aqueles segredos por tanto tempo que se sentia estranha em compartilhá-los, até mesmo com o marido.

– É uma longa história. Talvez você deva se sentar.

Os dois se acomodaram, recostando-se nos travesseiros, com as pernas estendidas à frente.

– Eu era muito jovem quando tudo começou – relatou Penelope. – Tinha apenas 17 anos. E aconteceu por acaso.

Ele sorriu.

– Como algo assim pode acontecer por acaso?

– Escrevi de brincadeira. Estava muito infeliz durante aquela primeira temporada. – Ela o encarou com honestidade nos olhos. – Não sei se lembra, mas eu pesava uns 6 quilos a mais do que hoje, e olhe que não sou esbelta, de acordo com a moda vigente.

– Eu a acho perfeita – retrucou ele, de imediato.

Isso era, pensou Penelope, um dos motivos pelos quais ela própria o achava perfeito.

– Mas, como ia dizendo – continuou –, eu não estava numa fase muito feliz, então redigi um relato bastante mordaz sobre uma festa à qual fora na noite anterior. Então escrevi outro, e mais outro. A princípio não os assinei como Lady Whistledown; apenas os escrevi por diversão e os escondi na minha escrivaninha. Daí, um dia, me esqueci de escondê-los.

Colin inclinou o corpo para a frente, absorto pela narrativa.

– O que aconteceu?

– Toda a família tinha saído, e eu sabia que ficariam fora por algum tempo, porque na época mamãe ainda achava que poderia transformar Prudence num diamante de primeira linha e as compras das duas duravam o dia todo.

Colin rolava a mão pelo ar, indicando que ela devia chegar logo à essência da história.

– De qualquer forma – continuou Penelope –, eu decidi escrever na sala de estar, porque o meu quarto estava úmido e cheirando a mofo, pois alguém, suponho que eu mesma, tinha deixado a janela aberta durante uma tempestade. Mas então eu tive de... Bem, você sabe.

– Não – disse Colin, de forma brusca –, não sei.

– Tive de cuidar de um assunto particular – sussurrou Penelope, ruborizando.

– Ah, certo – retrucou ele, sem prestar a menor atenção, claramente nem um pouco interessado nessa parte da história. – Continue.

– E quando voltei o advogado de meu pai estava lá. E estava lendo o que eu havia escrito! Fiquei horrorizada.

– E aí, o que aconteceu?

– Durante um minuto inteiro eu nem consegui falar. Mas, então, vi que ele estava rindo, e não por achar que eu era boba, mas por considerar o texto *bom*.

– Bem, seus textos *são* bons.

– Agora eu sei disso – retrucou ela com um sorriso irônico –, mas você precisa lembrar que eu tinha 17 anos. E dissera coisas bem horrendas.

– Sobre pessoas horrendas, imagino – disse ele.

– Bem, claro, mas ainda assim... – Ela fechou os olhos enquanto as lembranças afloravam. – Eram pessoas populares. Influentes. Gente que não gostava muito de mim. O fato de serem terríveis não importaria muito se o que eu tinha escrito fosse descoberto. Na verdade, seria bem pior. Eu teria sido arruinada, assim como toda a minha família.

– E o que aconteceu, então? Suponho que a publicação tenha sido ideia dele.

Penelope fez que sim com a cabeça.

– Foi. Ele tomou todas as providências junto ao tipógrafo, que, por sua vez, encontrou os meninos para fazerem a entrega. E também foi ideia dele a distribuição gratuita nas primeiras duas semanas. Disse que precisávamos viciar a alta sociedade.

– Eu estava fora do país quando a coluna começou – disse Colin –, mas minha mãe e minhas irmãs me contaram tudo a respeito.

– As pessoas resmungaram quando o jornal começou a ser cobrado – relatou Penelope. – Mas todas pagaram.

– Uma ideia muito inteligente da parte do seu advogado – murmurou Colin.

– Sim, ele era muito esperto.

Ele reparou no uso do pretérito.

– Era?

Ela assentiu, triste.

– Ele faleceu há alguns anos. Mas sabia que estava doente, então, antes de morrer, me perguntou se eu queria continuar. Eu poderia ter parado, mas não tinha mais nada na vida, e, certamente, nenhum pretendente. – Ela ergueu a vista, rápido. – Eu não quero... Estou querendo dizer...

Colin curvou os lábios num sorriso autodepreciativo.

– Pode me criticar à vontade por não tê-la pedido em casamento há anos.

Penelope retribuiu o sorriso. Como não amar aquele homem?

– Mas só depois de terminar a história – acrescentou ele, com bastante firmeza.

– Certo – assentiu ela, forçando-se a retomar o assunto. – Depois que o Sr... – Penelope ergueu a vista, hesitante. – Não sei ao certo se deveria dizer o seu

nome.

Colin sabia que ela estava dividida entre o amor e a confiança que depositava nele e a lealdade por um homem que tinha, muito provavelmente, sido um pai para ela depois que o seu deixara este mundo.

– Tudo bem – disse ele, baixinho. – O nome dele não importa.

Ela soltou a respiração.

– Obrigada – falou, depois mordeu o lábio inferior. – Não é que eu não confie em você. Eu...

– Eu entendo – garantiu ele, tranquilizando-a. – Se quiser me contar em outra ocasião, tudo bem. E se não quiser, não há problema.

Penelope assentiu com os lábios trêmulos, tentando segurar o choro.

– Depois que ele morreu, passei a trabalhar diretamente com o tipógrafo. Idealizamos um sistema de distribuição e os pagamentos continuaram a ser feitos da mesma forma: numa conta aberta em meu nome.

Colin respirou fundo, pensando em quanto dinheiro ela devia ter ganhado ao longo dos anos. Mas como ela poderia tê-lo gastado sem suscitar suspeitas?

– Fez algum saque? – perguntou ele.

Ela assentiu.

– Quando a coluna completou quatro anos, minha tia-avó faleceu e deixou o que tinha para minha mãe. O advogado de meu pai escreveu o testamento. Ela não possuía muita coisa, então nós dois fingimos que o meu dinheiro era dela. – O rosto de Penelope se iluminou enquanto ela balançava a cabeça. – Minha mãe ficou tão surpresa... Jamais imaginara que tia Georgette fosse tão rica. Passou meses sorrindo. Eu nunca a tinha visto daquela maneira.

– Foi muito gentil da sua parte – comentou Colin.

Penelope deu de ombros.

– Era a única forma de eu poder usar o meu dinheiro.

– Mas você o deu à sua mãe – observou ele.

– Ela é minha mãe – retrucou Penelope, como se aquilo explicasse tudo. – Sempre me sustentou. Dava tudo na mesma.

Ele quis dizer mais, mas não o fez. Portia era mãe de Penelope, e se Penelope quisesse amá-la, Colin não tentaria impedi-la.

– Desde então – continuou Penelope –, não toquei mais no dinheiro. Bem, não para mim mesma. Fiz algumas doações para instituições de caridade. – Ela

franziu o rosto. – Doações anônimas.

Colin ficou em silêncio por um momento, pensando em tudo o que ela fizera na última década, completamente sozinha, em segredo.

– Se quiser o dinheiro agora – disse ele, por fim –, deve usá-lo. Ninguém irá questionar o fato de você de repente ter recursos. Afinal, é uma Bridgerton. – Ele deu de ombros, com modéstia. – Todos sabem que Anthony estabeleceu um padrão de vida muito confortável para todos os irmãos.

– Eu nem saberia o que fazer com tanto dinheiro.

– Compre alguma coisa nova – sugeriu ele.

Não era verdade que todas as mulheres gostavam de fazer compras?

Ela olhou para ele com uma expressão estranha e quase indecifrável.

– Acho que você não imagina quanto dinheiro eu tenho – retrucou Penelope, com cautela. – Acho que nunca conseguiria gastá-lo por inteiro.

– Guarde-o para os nossos filhos, então – sugeriu Colin. – Tive a sorte de meu pai e meu irmão me proporcionarem todos os recursos, mas nem todos os filhos mais novos têm esse privilégio.

– E filhas – lembrou Penelope. – Nossas filhas devem ter o próprio dinheiro. *Separado* dos dotes.

Colin teve de sorrir. Arranjos do tipo eram raros, mas é claro que Penelope insistiria em algo assim.

– Como você quiser – falou de forma afetuosa.

Penelope sorriu, deixou escapar um suspiro e se ajeitou nos travesseiros. Passou os dedos preguiçosamente sobre o dorso da mão dele, mas seu olhar estava distante e Colin duvidou que ela tivesse consciência dos próprios movimentos.

– Tenho uma confissão a fazer – disse ela em uma voz muito baixa e até mesmo um pouco tímida.

Ele olhou para ela, curioso.

– Maior do que sobre Lady Whistledown?

– Diferente.

– O que é?

Penelope virou o rosto para ele e fitou-o com um olhar intenso.

– Eu tenho me sentido um pouco... – Ela mordeu o lábio enquanto fazia uma pausa e procurava as palavras certas. – Acho que tenho andado impaciente com

você nos últimos tempos. Não, não é isso. Na verdade, ando desapontada.

Uma sensação estranha invadiu o peito dele.

– Como assim, desapontada?

Ela deu de ombros de leve.

– Você parecia tão zangado comigo... Por causa de Lady Whistledown.

– Já lhe expliquei que era porque...

– Não, por favor – pediu ela, pousando a mão no peito dele. – Deixe-me terminar. Você sabe que eu pensei que tivesse vergonha de mim. Tentei deixar para lá, mas doeu muito, de verdade. Pensei que soubesse quem você era, e não podia acreditar que se consideraria tão melhor do que eu a ponto de sentir tanta vergonha das minhas realizações.

Ele a olhou em silêncio, esperando que continuasse.

– Mas o mais engraçado é que... – Ela se virou para ele com um sorriso sábio. – Não era porque você estivesse envergonhado. Você simplesmente queria ter algo parecido. Algo que se assemelhasse à minha coluna. Agora parece bobagem, mas tive tanto medo de que você não fosse o homem perfeito dos meus sonhos...

– Ninguém é perfeito – retrucou ele, baixinho.

– Eu sei. – Ela chegou para a frente e lhe deu um beijo impulsivo no rosto. – Você é o homem imperfeito do meu coração, e isso é até melhor. Sempre o considerei infalível, sempre achei que a sua vida fosse perfeita, que você não tivesse preocupações, medos ou sonhos irrealizados. Mas isso não foi muito justo da minha parte.

– Nunca senti vergonha de você, Penelope – sussurrou ele. – Nunca.

Os dois permaneceram em um confortável silêncio até Penelope dizer:

– Lembra que lhe perguntei se poderíamos fazer uma viagem de lua de mel tardia?

Ele fez que sim.

– Por que não usamos um pouco do meu dinheiro para isso?

– *Eu* vou pagar pela viagem de lua de mel.

– Ótimo – exclamou ela, com uma expressão altiva. – Pode tirar da sua mesada trimestral.

Colin olhou para ela, chocado, depois pôs-se a gargalhar.

– Agora também vai querer deixar dinheiro em casa para as emergências do

dia a dia? – indagou ele, sorrindo abertamente.

– Não, para as penas – corrigiu ela. – Para poder escrever nos seus diários.

– Hum, gostei disso – refletiu ele.

Ela sorriu e colocou uma das mãos sobre a dele.

– Eu gosto de você.

Ele apertou os dedos dela.

– Também gosto de você.

Penelope suspirou enquanto pousava a cabeça em seu ombro.

– É para a vida ser tão maravilhosa assim mesmo?

– Eu acho que sim – murmurou ele. – Acho de verdade.

CAPÍTULO 21

Uma semana depois, Penelope estava atrás da escrivaninha na sala de visitas, lendo os diários de Colin e fazendo anotações numa folha de papel à parte sempre que tinha uma pergunta ou um comentário. Ele lhe pedira ajuda para editar os textos, tarefa que ela achava emocionante.

Estava, é claro, felicíssima por ele lhe ter confiado uma função tão importante. Significava que confiava em seu julgamento, que a achava inteligente e esperta, capaz de transformar o que escrevera em algo ainda melhor.

Mas sua felicidade não se devia apenas a isso. Penelope também estava precisando de um projeto, de algo para fazer. Nos primeiros dias depois de abrir mão do *Whistledown*, tinha comemorado o tempo livre recém-conquistado. Era como ter férias pela primeira vez em dez anos. Havia lido como uma louca – todos os romances e livros que comprara e jamais tivera a oportunidade de ler. Fizera longas caminhadas, andara a cavalo no parque, sentara-se no pequeno pátio que ficava atrás de sua casa na Rua Mount para se deliciar com o agradável clima primaveril e com o calor do sol.

A seguir, vieram o casamento e a infinidade de detalhes que consumiram o seu tempo. Assim, não tivera muitas chances de se dar conta do que talvez estivesse faltando em sua vida.

Quando redigia a coluna, a tarefa em si não levava tanto tempo, mas ela precisava ficar sempre em estado de alerta, observando, escutando. E quando não estava escrevendo, estava pensando em escrever ou tentando desesperadamente chegar a alguma maneira inteligente de formular determinada frase até poder chegar em casa e anotá-la.

Havia sido intelectualmente envolvente, e ela não percebera até aquele momento quanto sentira falta de ser desafiada.

Estava anotando uma pergunta sobre a descrição de Colin de uma *villa* toscana na página 143 do volume 2 de seus diários quando o mordomo deu uma batidinha discreta à porta aberta para alertá-la de sua presença.

Penelope sorriu, encabulada. Tinha a tendência de mergulhar por completo no trabalho, e Dunwoody aprendera, com a experiência, que, se quisesse chamar a sua atenção, tinha de fazer algum barulho.

– Tem uma pessoa aqui que deseja vê-la, Sra. Bridgerton.

Penelope ergueu a vista, sorrindo. Devia ser uma das irmãs ou, talvez, um dos cunhados.

– É mesmo? Quem?

Ele deu um passo à frente e lhe entregou um cartão. Quando Penelope viu o que estava escrito, sufocou um grito, primeiro devido ao choque, depois à infelicidade. Gravado em preto clássico e imponente sobre fundo creme, havia duas palavras simples: Cressida Twombley.

Cressida Twombley? Por que diabo ela iria visitá-la?

Penelope começou a se inquietar. Cressida jamais apareceria em sua casa a não ser que fosse com um objetivo desagradável. A mulher nunca fazia nada que não fosse para alcançar um objetivo desagradável.

– Quer que eu a mande embora? – indagou Dunwoody.

– Não – respondeu Penelope, com um suspiro. Não era covarde, e Cressida Twombley não iria transformá-la em uma. – Vou recebê-la. Só me dê um instante para guardar os meus papéis. Mas...

Dunwoody parou onde estava e esperou.

– Ah, deixe para lá – murmurou Penelope.

– Tem certeza, Sra. Bridgerton?

– Tenho. Não. – Ela gemeu. Sentia-se perturbada, e esta era mais uma coisa desagradável a ser acrescentada à já longa lista de inconveniências de Cressida: ela estava transformando Penelope numa imbecil gaguejante. – O que quero dizer é que se ela ainda não tiver ido embora depois de dez minutos, poderia inventar alguma emergência que exija a minha presença? A minha presença *imediata*?

– Creio que posso atendê-la.

– Ótimo, Dunwoody – exclamou Penelope, com um sorriso débil.

Aquela podia ser a saída mais fácil, mas Penelope achava que não conseguiria reconhecer o momento perfeito para insistir que Cressida fosse embora, e a última coisa que desejava era ficar presa na sala com ela a tarde inteira. Logo, precisava da ajuda de Dunwoody.

O mordomo assentiu e se retirou. Penelope juntou os papéis em uma pilha, fechou o diário de Colin e colocou-o sobre ela de maneira que a brisa que entrava pela janela não fizesse as folhas voarem de cima da mesa. Então se levantou e foi se sentar no sofá, esperando parecer relaxada e tranquila.

Como se uma visita de Cressida Twombley pudesse ser relaxante.

Um instante depois, Cressida entrou na sala após ser anunciada pelo mordomo. Como sempre, estava linda, com cada fio de cabelo dourado no lugar perfeito. A pele era impecável, os olhos, brilhantes, as roupas seguiam a última moda e a bolsa combinava perfeitamente com elas.

– Cressida, que surpresa! – disse Penelope.

“Surpresa” era a palavra mais educada que ela conseguiu pronunciar, dadas as circunstâncias.

Os lábios de Cressida se curvaram num sorriso misterioso e quase felino.

– Tenho certeza que sim – murmurou.

– Não quer se sentar? – perguntou Penelope, em grande parte porque tinha de fazê-lo.

Passara a vida toda sendo educada; era difícil deixar de sê-lo agora. Fez sinal para uma cadeira próxima, a mais desconfortável da sala.

Cressida sentou-se na beirada. Sua postura era elegante, o sorriso, firme, e ela aparentava uma serenidade impressionante.

– Sem dúvida, está se perguntando o que vim fazer aqui – falou.

Penelope não viu motivo para negar, então assentiu.

– O que está achando da vida de casada? – perguntou Cressida de forma abrupta.

Penelope piscou, aturdida.

– O que disse?

– Deve ser uma mudança de ritmo impressionante.

– Sim, mas uma mudança muito bem-vinda – retrucou Penelope, cautelosamente.

– Claro, claro. Deve ter muito tempo livre agora. Imagino que mal saiba o que fazer com o tempo livre.

Penelope começou a sentir um formigamento se espalhar pelo corpo.

– Não entendi o que quer dizer – falou.

– Não?

Ao ver que Cressida esperava uma resposta, Penelope disse, um tanto irritada:

– Não, não entendi.

Cressida ficou em silêncio por um instante, mas seu ar de gata perigosa era bastante expressivo. Varreu a sala com os olhos e se deteu na escrivaninha à qual Penelope estivera sentada.

– O que são aqueles papéis? – indagou.

Penelope olhou no mesmo instante para as folhas empilhadas debaixo do diário de Colin. Não havia nenhuma forma de Cressida saber que se tratava de algo especial. Penelope já estava sentada no sofá quando ela entrara no aposento.

– Não vejo como os meus documentos pessoais poderiam ser da sua conta – disse.

– Ora, não se ofenda – retrucou Cressida, com uma risadinha que Penelope achou apavorante. – Estava apenas puxando conversa. Tentando saber das coisas que lhe interessam, por educação.

– Compreendo – falou Penelope, apenas para preencher o silêncio que se seguiu.

– Sou muito observadora – continuou Cressida.

Penelope ergueu as sobrancelhas interrogativamente.

– Na verdade, meus aguçados poderes de observação são muito famosos entre os melhores membros da alta sociedade.

– Eu não devo fazer parte desse grupo, então – murmurou Penelope.

Mas Cressida estava envolvida demais com o próprio discurso para ouvir o comentário de Penelope.

– E foi por isso – prosseguiu, com uma expressão pensativa – que achei que talvez fosse capaz de convencer a alta sociedade de que eu era Lady Whistledown.

O coração de Penelope batia forte.

– Então você admite que não é ela? – indagou, com cautela.

– Ora, eu acho que você sabe que não sou.

Penelope começou a ficar sem ar. De alguma forma – ela jamais saberia como –, conseguiu manter a compostura e perguntar:

– Como disse?

Cressida sorriu, mas de maneira sonsa e cruel.

– Quando inventei essa história, pensei que não tinha nada a perder. Ou

convenceria todo mundo de que era Lady Whistledown ou ninguém iria acreditar em mim e eu pareceria muito astuta quando dissesse que só estava fingindo ser ela para fazer o verdadeiro culpado se revelar.

Penelope não movia um só músculo.

– Mas as coisas não aconteceram como eu planejei. Lady Whistledown acabou sendo bem mais perversa e cruel do que eu teria imaginado. – Cressida estreitou os olhos até que o seu rosto, sempre tão encantador, assumisse uma expressão sinistra. – A última coluna que ela escreveu me transformou em alvo do ridículo.

Penelope ficou em silêncio, mal conseguindo respirar.

– Então... – continuou Cressida, baixando a voz até que ela se tornasse um sussurro. – Então você... *você* teve a desfaçatez de me insultar na frente de toda a alta sociedade.

Penelope deixou escapar um pequeno suspiro de alívio. Talvez Cressida não soubesse o seu segredo. Talvez tudo aquilo tivesse relação com o fato de ela ter sido insultada por Penelope em público, que a acusara de mentir e dissera... Por Deus, o que fora mesmo que dissera? Algo muito cruel, disso tinha certeza, mas sem dúvida merecido.

– Talvez eu tivesse conseguido tolerar o insulto se tivesse vindo de outra pessoa – prosseguiu Cressida. – Mas de alguém como você... Bem, isso não podia ficar sem resposta.

– Você deveria pensar duas vezes antes de me ofender dentro da minha casa – avisou Penelope, em voz baixa. Então acrescentou, embora detestasse usar o nome do marido para se proteger: – E eu sou uma Bridgerton agora. Carrego o peso de sua proteção.

A advertência de Penelope não teve o menor efeito sobre a máscara de satisfação que moldava o lindo rosto de Cressida.

– Eu acho melhor você ouvir o que eu tenho a dizer antes de fazer ameaças.

Penelope sabia que tinha de escutar. Era mais importante descobrir o que Cressida sabia do que fingir que estava tudo bem.

– Continue – falou.

– Você cometeu um erro essencial – afirmou Cressida, balançando o indicador na direção de Penelope. – Esqueceu que eu *jamais* perdoo um insulto, não foi?

– O que está tentando dizer, Cressida?

Penelope queria que as palavras saíssem num tom forte e decidido, mas elas foram apenas sussurros.

Cressida se levantou e se afastou bem devagar de Penelope, os quadris num leve balanço, quase um rebolado.

– Deixe-me ver se consigo lembrar as suas palavras exatas – continuou ela, batendo com um dos dedos na face. – Ah, não, não precisa me ajudar. Tenho certeza de que recordarei. Ah, sim! – Ela se virou para encarar Penelope. – Creio que tenha dito que sempre gostara de Lady Whistledown. Então, e aqui eu devo lhe dar o crédito devido, pois foi uma frase evocativa e memorável, você falou que o seu coração ficaria partido se ela acabasse sendo alguém como eu – concluiu Cressida, sorrindo.

Penelope sentiu a boca ficar seca, seus dedos começarem a tremer e seu corpo ficar gelado.

Porque, embora não se lembrasse exatamente do que dissera ao desmascarar Cressida, recordava muito bem o que escrevera naquela última e derradeira coluna – a que fora distribuída, por engano, no seu baile de noivado. A que... a que Cressida agora estendia bem à sua frente.

> *Senhoras e senhores, esta autora* NÃO É *Lady Cressida Twombley. Ela nada mais é do que uma impostora intrigueira, e meu coração ficaria partido ao ver anos do trabalho árduo serem atribuídos a alguém como ela.*

Penelope olhou fixamente para as palavras, embora soubesse cada uma delas de cor.

– O que quer dizer? – perguntou, apesar de ter plena consciência de que a tentativa de fingir inocência seria inútil.

– Você é mais inteligente do que isso, Penelope Featherington – respondeu Cressida. – Você sabe que eu sei.

Penelope fitou a folha de papel incriminadora, incapaz de desviar os olhos daquelas palavras fatais:

Meu coração ficaria partido.

Meu coração ficaria partido.

Meu coração ficaria partido.

Meu coração...

– Não vai dizer nada? – provocou Cressida, e apesar de Penelope não estar olhando para ela, pôde sentir o sorriso rancoroso e arrogante.

– Ninguém vai acreditar em você.

– Eu mesma mal posso acreditar – retrucou Cressida. – Você, dentre todas as pessoas. Mas, pelo visto, você era um pouco mais esperta e profunda do que deixava transparecer. Esperta o suficiente – acrescentou enfaticamente – para saber que, uma vez que eu acender a fagulha desse boato, a notícia vai se espalhar como fogo em palha.

Penelope sentiu a mente rodar de forma vertiginosa e desagradável. Ah, Deus, o que diria a Colin? Como haveria de lhe contar? Sabia que tinha de fazê-lo, mas onde encontraria as palavras?

– No início ninguém vai acreditar – falou Cressida. – Quanto a isso, você tem razão. Mas logo todos começarão a pensar e aos poucos as peças do quebra-cabeça se encaixarão. Alguém lembrará que lhe disse alguma coisa que foi parar na coluna. Ou que você esteve em determinada festa na casa de tal pessoa. Ou que viram Eloise Bridgerton xeretando por aí, e será que todos não sabem que vocês contam tudo uma para a outra?

– O que você quer? – perguntou Penelope, a voz baixa e assustada, quando finalmente ergueu a cabeça para enfrentar a inimiga.

– Ah, eis a pergunta que eu estava esperando. – Cressida juntou as mãos atrás das costas e começou a caminhar de um lado para outro. – Venho pensando muito no assunto. Na verdade, protelei a minha visita em quase uma semana até tomar uma decisão.

Penelope engoliu em seco, desconfortável com a ideia de Cressida saber seu segredo mais íntimo havia quase uma semana enquanto ela continuava vivendo alegremente sua vida, sem saber que o céu estava prestes a desabar sobre sua cabeça.

– Eu sabia desde o início, é claro, que queria dinheiro – continuou Cressida. – Mas a questão era: quanto? Seu marido é um Bridgerton, então é evidente que tem recursos suficientes, mas, por outro lado, é um dos filhos mais novos, de modo que não tem os bolsos tão cheios quanto o visconde.

– Quanto, Cressida? – disse Penelope, entre os dentes.

Sabia que Cressida estava estendendo o assunto só para torturá-la e tinha

pouca esperança de que ela falasse um valor antes de estar pronta para fazê-lo.

– Aí, eu me dei conta – prosseguiu Cressida, ignorando a pergunta (e provando o que Penelope imaginara) – que você também deve ser bastante rica. A não ser que seja uma tola completa, e considerando o seu sucesso em esconder esse segredinho por tanto tempo, repensei minha opinião a seu respeito e agora acho que você não é nenhuma idiota. Portanto, só pode ter ganhado uma fortuna escrevendo a coluna por todos esses anos. E, levando em conta as aparências – ela olhou com deboche para o vestido vespertino de Penelope –, não a vem gastando. Assim, só posso deduzir que todo o dinheiro esteja escondido numa discreta continha bancária, apenas aguardando ser sacado.

– Quanto, Cressida?

– Dez mil libras.

Penelope sufocou um grito.

– Você é louca!

– Não. – Cressida sorriu. – Apenas muito, muito esperta.

– Eu não tenho dez mil libras.

– Acho que está mentindo.

– Posso lhe assegurar que não estou!

E, de fato, não estava. A última vez que Penelope verificara o seu saldo bancário, tinha 8.246 libras, embora imaginasse que, com os juros, essa quantia tivesse aumentado um pouco desde então. Era uma soma enorme, sem dúvida, o suficiente para qualquer pessoa viver com conforto por várias gerações, mas não eram dez mil libras, e não era nada que ela desejasse entregar de mão beijada a Cressida Twombley.

Cressida sorriu serenamente.

– Tenho certeza que descobrirá o que fazer. Entre o dinheiro que tem guardado e o do seu marido, dez mil libras são uma soma insignificante.

– Dez mil libras nunca são uma soma insignificante.

– De quanto tempo precisa para juntar os recursos? – perguntou Cressida, ignorando a explosão de Penelope. – De um dia? Dois?

– Dois dias? – ecoou Penelope, boquiaberta. – Não conseguiria nem mesmo em duas semanas!

– Arrá! Então tem o dinheiro.

– Não tenho!

– Uma semana – decretou Cressida, com a voz áspera. – Quero o dinheiro em uma semana.

– Não o darei a você – sussurrou Penelope, mais para si mesma.

– Vai dar, sim – devolveu Cressida, confiante. – Se não der, eu a arruíno.

– Sra. Bridgerton?

Penelope ergueu a vista e deu com Dunwoody de pé no vão da porta.

– Há um assunto urgente que exige a sua atenção – disse ele. – Imediatamente.

– Tudo bem – falou Cressida, encaminhando-se para a porta. – Já terminamos aqui. – Ao chegar ao corredor, virou-se de modo que Penelope fosse forçada a encará-la. – Terei notícias suas em breve, certo? – indagou, com a voz suave e inocente, como se não estivesse falando de nada mais importante do que um convite para uma festa ou da data de uma reunião para um evento filantrópico.

Penelope assentiu de leve, apenas para se livrar dela.

Mas não importava. Cressida podia ter ido embora, porém os problemas de Penelope não iam a lugar algum.

CAPÍTULO 22

Três horas depois, Penelope continuava na sala de visitas, sentada no sofá, olhando fixamente para o nada e tentando descobrir como resolveria aquela situação.

Não era uma pessoa agressiva e não conseguia se lembrar da última vez que tivera um pensamento violento, mas naquele momento poderia torcer o pescoço de Cressida Twombley com prazer.

Olhou em direção à porta com uma sensação sombria de fatalidade, esperando o marido chegar em casa, sabendo que a cada segundo se aproximava o momento em que teria de confessar tudo a ele.

Colin não diria "Eu lhe avisei". Jamais seria capaz de algo assim.

Mas pensaria.

Não ocorrera a Penelope, nem mesmo por um minuto, esconder aquilo dele. As ameaças de Cressida não eram o tipo de coisa que se ocultava do marido, e, além do mais, iria precisar da ajuda dele.

Não sabia ao certo o que teria de fazer, mas o que quer que fosse não saberia fazê-lo sozinha.

No entanto, havia algo de que estava certa: não queria pagar nada a Cressida. Não havia a menor possibilidade de sua inimiga se satisfazer com dez mil libras, não quando achava que poderia conseguir mais. Se Penelope cedesse agora, teria que sustentar Cressida pelo resto da vida.

Isso significava que, dentro de uma semana, ela contaria para o mundo que Penelope Featherington era a infame Lady Whistledown.

Penelope achava ter duas escolhas. Podia negar, chamar Cressida de tola e esperar que todos acreditassem nela, ou podia encontrar alguma forma de usar a revelação a seu favor.

Mas, por tudo o que lhe era mais precioso, não sabia como.

– Penelope?

Era a voz de Colin. Queria se atirar em seus braços e, ao mesmo tempo, mal

conseguia se virar para ele.

– Penelope? – Agora ele parecia preocupado, os passos se tornando mais rápidos enquanto atravessava a sala. – Dunwoody me contou que Cressida esteve aqui.

Ele se sentou ao lado dela e tocou a sua face. Ela se virou e viu as rugas de preocupação no rosto dele.

Nesse momento, ela finalmente se permitiu chorar.

Era engraçado como fora capaz de se controlar até o ver. Mas agora que ele havia chegado, a única coisa que conseguia fazer era enterrar o rosto no calor de seu peito e se aninhar em seus braços, como se de alguma forma ele pudesse fazer todos os seus problemas desaparecerem apenas com a sua presença.

– Penelope? – disse ele, a voz baixa e preocupada. – O que aconteceu? O que há de errado?

Ela se limitou a balançar a cabeça enquanto tentava reunir coragem para falar e controlar as lágrimas.

– O que ela fez com você?

– Ah, Colin – retrucou ela, de alguma forma conseguindo se afastar dele o suficiente para fitá-lo. – Ela sabe.

Colin ficou pálido.

– Como?

Penelope fungou, em seguida enxugou o nariz com o dorso da mão.

– A culpa é minha – sussurrou.

Ele lhe entregou um lenço sem desviar os olhos dela.

– A culpa não é sua – falou, de forma rude.

Penelope abriu os lábios num sorriso triste. Sabia que o tom ríspido era direcionado a Cressida, mas ela mesma o merecia.

– É, sim – insistiu ela, a voz cheia de resignação. – Aconteceu exatamente o que você disse que aconteceria. Eu não prestei atenção no que escrevi. Cometi um erro.

– O que você fez?

Ela lhe contou tudo, desde o momento em que Cressida aparecera até a chantagem. Confessou que a sua péssima escolha de palavras seria a sua ruína, o que não era nada irônico, pois Penelope realmente se sentia com o coração partido.

Durante o relato, percebeu que a atenção de Colin se dispersava. Ele a escutava, mas era como se não estivesse ali. O olhar estava estranho e distante, mas ao mesmo tempo focado, intenso.

Ele estava planejando alguma coisa. Penelope tinha certeza disso.

Aquilo a apavorou.

E a excitou.

No que quer que Colin estivesse pensando, tinha a ver com ela. Penelope odiava o fato de ter sido a estupidez dela que o enredara naquele dilema, mas não conseguiu evitar o formigamento de entusiasmo que lhe percorria o corpo enquanto o observava.

– Colin? – chamou, hesitante.

Já tinha terminado o relato havia um minuto e ele ainda não dissera nada.

– Vou cuidar de tudo – garantiu ele. – Não quero que se preocupe com nada.

– Posso lhe garantir que isso é impossível – retrucou ela, com a voz trêmula.

– Levo os meus votos matrimoniais muito a sério – replicou ele, com a voz serena de uma forma quase assustadora. – E creio que prometi honrá-la e protegê-la.

– Deixe-me ajudá-lo – pediu ela, impulsivamente. – Juntos, podemos resolver isso.

Um dos cantos dos lábios dele se ergueu numa sugestão de sorriso.

– Você tem uma solução em mente?

Ela balançou a cabeça em negativa.

– Não. Passei o dia todo pensando e não sei... embora...

– Embora, o quê?

Penelope abriu a boca, depois a fechou, então a abriu outra vez e sugeriu:

– E se eu pedisse a ajuda de Lady Danbury?

– Está pensando em pedir a ela que pague Cressida?

– Não. Vou pedir que ela seja eu.

– Como assim?

– Todo mundo já acha que ela é Lady Whistledown – explicou Penelope. – Bem, ao menos a maioria das pessoas. Se ela dissesse...

– Cressida a desmentiria no mesmo instante – interrompeu Colin.

– E quem acreditaria na palavra de Cressida em detrimento da de Lady Danbury? Sei que eu não ousaria contrariar Lady Danbury, qualquer que fosse o

assunto. Se ela dissesse que é Lady Whistledown, é provável que eu mesma acreditasse.

– O que a faz pensar que pode convencer Lady Danbury a mentir por você?

– Bem, ela gosta de mim.

– Gosta de você? – ecoou Colin.

– Sim, bastante. Acho que iria gostar de me ajudar, sobretudo por detestar Cressida quase tanto quanto eu.

– Acha que a afeição dela por você a levará a mentir para toda a alta sociedade? – perguntou Colin, em tom de dúvida.

Penelope afundou no estofado.

– Vale a pena perguntar.

Ele se levantou bruscamente e foi até a janela.

– Prometa-me que não irá a ela.

– Mas...

– Prometa.

– Eu prometo, mas...

– Nada de "mas" – decretou Colin. – Se for necessário, recorreremos a ela, mas não até eu ter a chance de pensar em alguma outra coisa. – Ele passou os dedos pelos cabelos. – Deve haver outra solução.

– Temos uma semana – disse ela com a voz suave, embora não tenha considerado as próprias palavras tranquilizadoras e duvidasse de que Colin tivesse.

Ele se virou e se dirigiu decididamente à porta.

– Eu voltarei – falou.

– Mas aonde vai? – quis saber Penelope, levantando-se de repente.

– Preciso pensar.

– Não pode pensar aqui, comigo? – sussurrou ela.

A expressão dele se suavizou e ele voltou ao seu lado. Murmurou o nome dela e lhe tomou o rosto entre as mãos.

– Eu te amo – falou, com a voz baixa e ardente. – Eu te amo agora e te amarei para sempre.

– Colin...

– Eu te amo mais do que tudo. – Ele se inclinou para a frente e a beijou suavemente nos lábios. – Pelos filhos que teremos, pelos anos que passaremos

juntos. Por cada um dos meus sorrisos e mais ainda pelos teus.

Penelope se deixou arriar em uma cadeira próxima.

– Eu amo você – disse ele mais uma vez. – Sabe disso, não sabe?

Ela fez que sim, fechando os olhos enquanto roçava o rosto nas mãos dele.

– Tenho coisas para fazer – decretou Colin –, e não vou poder me concentrar se estiver pensando em você, preocupado se está chorando, me perguntando se está magoada.

– Eu estou bem – sussurrou ela. – Agora que lhe contei, me sinto melhor.

– Vou resolver essa situação – prometeu ele. – Só preciso que confie em mim.

Ela abriu os olhos.

– Com a minha vida.

Ele sorriu e ela teve certeza de que as palavras dele eram verdadeiras. Tudo ficaria bem. Talvez não naquele dia nem no próximo, mas logo. A tragédia não podia coexistir no mundo junto com um dos sorrisos de Colin.

– Não creio que chegará a tanto – disse ele afetuosamente, acariciando a face dela uma última vez antes de se afastar. Então foi de novo até a porta e, no último momento, virou-se para a esposa. – Não se esqueça da festa de minha irmã hoje à noite.

Penelope deixou escapar um pequeno gemido.

– Temos mesmo que ir? A última coisa que quero é aparecer em público.

– Temos – disse Colin. – Daphne não oferece bailes com frequência e ficaria muito magoada se não fôssemos.

– Eu sei – concordou Penelope, com um suspiro. – Eu sei. Sabia até mesmo enquanto me queixava. Me desculpe.

Ele sorriu.

– Não tem importância. Você tem direito a um pouco de mau humor hoje.

– É verdade – retrucou ela, tentando retribuir o sorriso.

– Eu volto mais tarde – prometeu ele.

– Onde você... – começou ela a questionar, mas então se conteve.

Era óbvio que ele não queria responder a nenhuma pergunta naquele momento. Nem mesmo dela.

No entanto, para a sua surpresa, ele respondeu:

– Ver o meu irmão.

– Anthony?

– Sim.

Ela assentiu, encorajando-o, e murmurou:

– Vá. Eu ficarei bem.

Os Bridgertons sempre haviam encontrado forças uns nos outros. Se Colin achava que precisava dos conselhos do irmão, então devia ir.

– Não se esqueça de se arrumar para o baile de Daphne – lembrou ele mais uma vez.

Ela assentiu sem muita disposição e ficou olhando enquanto ele deixava a sala.

Depois que Colin saiu, ela foi até a janela para vê-lo passar, mas ele não apareceu. Devia ter ido direto à cavalariça. Ela suspirou, apoiando-se no parapeito. Não se dera conta de quanto desejara olhar para ele uma última vez.

Desejou saber o que o marido estava planejando.

Desejou ter certeza de que ele sabia o que fazer.

Ao mesmo tempo, sentia-se estranhamente tranquila. Colin daria um jeito na situação. Disse que o faria, e jamais mentia.

Ela sabia que a ideia de pedir a ajuda de Lady Danbury não era a solução perfeita, mas, a não ser que Colin tivesse algo melhor em mente, o que mais poderiam fazer?

Por hora, podia tentar afastar tudo da cabeça. Estava tão chateada, tão cansada, que a única coisa que precisava era fechar os olhos e não pensar em mais nada além dos olhos verdes do marido, do brilho luminoso de seu sorriso.

Amanhã.

Amanhã ajudaria Colin a resolver os problemas deles.

Hoje, ela descansaria. Tiraria um cochilo e rezaria para encontrar uma forma de enfrentar toda a sociedade naquela noite, sabendo que Cressida estaria observando-a e ansiando que ela fizesse qualquer movimento em falso.

Era de esperar que após tantos anos fingindo ser apenas a invisível Penelope Featherington, estivesse acostumada a esconder a verdadeira identidade.

Ela se encolheu no sofá e fechou os olhos.

Tudo era diferente agora, mas isso não queria dizer que tinha de ser pior, certo?

Tudo ficaria bem. Tinha de ficar.

Não tinha?

Colin começava a se arrepender da decisão de tomar uma carruagem até a casa do irmão.

A princípio, ele pretendera ir caminhando – o vigoroso uso dos músculos das pernas e dos pés parecia ser o único escape socialmente aceitável para a sua fúria. No entanto, admitira que o tempo era precioso e que, mesmo com o trânsito, uma carruagem poderia levá-lo a Mayfair mais rápido do que os próprios pés.

Mas agora as laterais dos veículos pareciam próximas demais, o ar, sufocante, e, *maldi*ção, seria aquilo um carro de entrega de leite capotado, parando o trânsito?

– Meu Deus – murmurou, olhando a cena.

Havia cacos de vidro espalhados pela rua, leite derramado por todas as partes, e ele não saberia dizer quem guinchava mais alto: os cavalos, ainda enredados nas rédeas, ou as mulheres nas calçadas, cujos vestidos haviam ficado completamente molhados.

Colin saltou da carruagem com a intenção de ajudar a liberar o local, mas logo ficou claro que a Rua Oxford continuaria intransitável por pelo menos uma hora, com ou sem a sua ajuda. Certificou-se de que os cavalos da carruagem de leite estavam sendo bem tratados, informou ao chofer que continuaria o percurso a pé e partiu.

Fitava de forma desafiadora cada pessoa que passava, sentindo um prazer perverso quando elas desviavam o olhar ao notar sua óbvia hostilidade. Quase desejou que alguém fizesse um comentário só para ter quem agredir. Não importava que a única pessoa que queria de fato estrangular fosse Cressida Twombley; àquela altura, qualquer um teria sido um ótimo alvo.

A raiva o estava deixando desequilibrado, irracional, transformando-o em alguém que não era.

Ainda não sabia ao certo o que sentira quando Penelope lhe contara sobre a chantagem de Cressida. Aquilo era maior do que ira, maior do que fúria. Era físico: corria pelas suas veias, pulsava sob a sua pele.

Queria bater em alguém.

Queria chutar as coisas, atravessar uma parede com o punho.

Ficara furioso quando Penelope publicara a sua última coluna. Na verdade, achara que jamais sentiria raiva maior.

Enganara-se.

Ou talvez fosse apenas um tipo diferente de raiva. Alguém estava tentando machucar a pessoa que ele mais amava.

Como podia tolerar isso? Como podia permitir que acontecesse?

A resposta era simples: não podia.

Tinha de dar um fim àquilo. Precisava *fazer* alguma coisa.

Chegara a hora de agir.

Ergueu a vista, um tanto surpreso por já ter chegado à Casa Bridgerton. Era engraçado não ver mais a construção como lar. Crescera ali, mas agora era a residência do irmão.

Seu lar ficava em Bloomsbury. Seu lar era com Penelope.

Qualquer lugar com Penelope.

– Colin?

Ele se virou. Anthony estava na calçada, obviamente retornando de algum compromisso, e fez um sinal com a cabeça em direção à porta.

– Pretendia bater?

Colin olhou confuso para o irmão, só então se dando conta de que estava parado nos degraus só Deus sabia havia quanto tempo.

– Colin? – chamou Anthony outra vez, franzindo a testa, preocupado.

– Preciso da sua ajuda – retrucou Colin.

Era tudo o que precisava dizer.

∽

Penelope já estava vestida para o baile quando a dama de companhia lhe levou um bilhete de Colin.

– Dunwoody recebeu do mensageiro – informou a jovem.

Então fez uma breve reverência e deixou Penelope sozinha para lê-lo com privacidade.

Ela abriu o envelope e tirou lá de dentro a folha única que continha a caligrafia elegante e caprichada que se tornara tão familiar para ela desde que começara a editar os diários de Colin.

Irei por minha conta ao baile desta noite. Vá para o Número Cinco. Mamãe, Eloise e Hyacinth estão à sua espera para acompanhá-la à Casa Hastings.

Com todo o amor,

Colin.

Para alguém que escrevia diários tão bem, bilhetes não eram seu forte, pensou Penelope com um pequeno sorriso irônico.

Levantou-se e ajeitou o vestido. Escolhera um modelo verde, sua cor preferida, na esperança de que talvez lhe desse coragem. A mãe sempre dissera que, quando uma mulher estava bem-vestida, se sentia bem; achava que Portia tinha razão. Deus sabia que ela passara quase dez anos se sentindo bastante *mal* nos vestidos que a mãe insistira tanto que usasse.

Os cabelos estavam presos num penteado que lhe realçava o rosto, e a dama de companhia havia até passado alguma coisa nos fios (Penelope temera perguntar o quê) que parecia destacar as mechas ruivas.

Cabelos ruivos não estavam muito em voga, é claro, mas, certa vez, Colin dissera que gostava da maneira como a luz das velas realçava os dela, então Penelope decidira que aquele era um caso no qual ela e a moda teriam de discordar.

Quando chegou lá embaixo, a carruagem estava à sua espera e o chofer já havia sido instruído a levá-la ao Número Cinco.

Colin providenciara tudo. Penelope não sabia por que isso a surpreendia, afinal ele não era o tipo de homem que se esquecia dos detalhes. Mas estivera preocupado com outras coisas, então ela estranhou que tivesse gastado tempo enviando instruções aos criados sobre como deveria ser levada à casa da mãe quando ela mesma poderia tê-lo feito.

Ele só podia estar planejando alguma coisa. Mas o quê? Será que ia interceptar Cressida Twombley e despachá-la para alguma colônia penal?

Não, melodramático demais.

Talvez tivesse descoberto algum segredo a seu respeito e planejado uma contrachantagem. Silêncio por silêncio.

Penelope assentia, em sinal de aprovação, enquanto a carruagem percorria a Rua Oxford. A resposta só podia ser aquela. Era bem do feitio de Colin inventar

algo tão diabolicamente apropriado e inteligente. Mas o que será que teria desencavado sobre Cressida em tão pouco tempo? Em todos os seus anos como Lady Whistledown, jamais ouvira nem mesmo um sussurro de qualquer coisa de fato escandalosa ligada ao nome daquela mulher.

Cressida era má e mesquinha, mas nunca dera um passo que fosse fora das regras estabelecidas pela sociedade. A única coisa ousada de verdade que já fizera fora afirmar ser Lady Whistledown.

A carruagem rumou para o sul, entrando em Mayfair, e, poucos minutos depois, pararam diante do Número Cinco. Eloise devia estar olhando pela janela, pois desceu as escadas quase voando e teria se chocado com a carruagem se o chofer não tivesse descido naquele momento exato, bloqueando a sua passagem.

Eloise ficou saltando de um pé para outro enquanto esperava que o chofer abrisse a porta do veículo. Na verdade, parecia tão impaciente que Penelope ficou surpresa com o fato de a amiga não ter passado direto por ele e aberto a porta por si mesma. Finalmente, ignorando a ajuda do homem, entrou na carruagem sozinha, quase tropeçando na barra do vestido e caindo no chão do carro no processo. Assim que recuperou o equilíbrio, olhou para um lado, depois para o outro, a testa franzida numa expressão furtiva, e fechou a porta com um puxão, quase arrancando o nariz do chofer ao fazê-lo.

– O que está acontecendo? – exigiu saber ela.

Penelope se limitou a encará-la.

– Eu poderia lhe perguntar a mesma coisa.

– Poderia? Por quê?

– Porque quase derrubou a carruagem na sua pressa de entrar!

– Ah – resmungou Eloise, descartando o comentário. – A culpa é toda sua.

– Minha?

– Sim, sua! Quero saber o que está acontecendo. E quero saber agora.

Penelope tinha certeza que Colin não tinha contado à irmã sobre a chantagem de Cressida, a não ser que o seu plano fosse a irmã dar um sermão tão longo em Cressida que duraria até sua morte.

– Não sei do que você está falando.

– Você *tem* de saber do que estou falando! – insistiu Eloise, olhando de volta para a casa. A porta da frente estava se abrindo. – Ora, mas que chateação. Mamãe e Hyacinth já estão chegando. *Conte-me!*

– Contar-lhe *o quê*?

– Por que Colin nos enviou aquele bilhete tão misterioso nos instruindo a grudar em você como *cola* a noite toda.

– Ele fez isso?

– Fez, e ainda sublinhou a palavra *cola*.

– E eu aqui achando que a ênfase fosse toda sua – devolveu Penelope, secamente.

Eloise fez uma careta.

– Penelope, isto não é hora de zombar de mim.

– E quando é?

– Penelope!

– Desculpe-me, não pude resistir.

– Sabe sobre o que é o tal bilhete?

Penelope fez que não. O que não era uma mentira completa, disse a si mesma. Ela realmente não sabia o que Colin planejara para aquela noite.

Nesse momento, a porta se abriu e Hyacinth entrou no veículo.

– Penelope! – exclamou, com grande entusiasmo. – O que está acontecendo?

– Ela não sabe – respondeu Eloise.

Hyacinth olhou para a irmã com um ar irritado.

– É claro que você tinha de correr aqui para fora antes.

Violet enfiou a cabeça para dentro do veículo.

– Elas estão brigando? – perguntou à nora.

– Só um pouco – respondeu Penelope.

Violet se sentou ao lado de Hyacinth, em frente a Penelope e Eloise.

– Bem, eu não conseguiria mesmo detê-las. Mas agora, por favor, nos conte o que Colin quis dizer quando nos instruiu a grudarmos em você como cola.

– Eu lhes garanto que não sei.

Violet estreitou os olhos, como se avaliasse a sinceridade de Penelope.

– Ele foi bastante enfático. Até sublinhou a palavra *cola*...

– Eu sei – retrucou Penelope.

Ao mesmo tempo, Eloise disse:

– Eu contei a ela.

– Sublinhou duas vezes – acrescentou Hyacinth. – Se ele tivesse sido só um pouco mais enfático eu teria ido pessoalmente buscá-la em casa com a

carruagem.

– Hyacinth! – exclamou Violet.

Hyacinth deu de ombros.

– É tudo muito intrigante.

– Na verdade – começou Penelope, tentando mudar de assunto –, estou aqui me perguntando o que Colin haverá de vestir.

Isso capturou a atenção de todas.

– Ele saiu de casa com roupas vespertinas – explicou Penelope –, e não voltou. Imagino que sua irmã não aceitaria nada menos que um traje de noite completo para o baile.

– Ele deve ter pegado algum emprestado de Anthony – retrucou Eloise, com ar despreocupado. – Os dois vestem o mesmo tamanho. Gregory também, na verdade. Só Benedict é diferente.

– Cinco centímetros mais alto – comentou Hyacinth.

Penelope fez que sim, fingindo interesse enquanto olhava pela janela. O chofer acabara de diminuir a velocidade, presumivelmente para tentar contornar o grande número de carruagens que abarrotava a Praça Grosvenor.

– Quantas pessoas foram convidadas? – quis saber Penelope.

– Acredito que quinhentas – respondeu Violet. – Daphne não dá muitas festas, mas ela compensa em tamanho a falta de frequência.

– Concordo – murmurou Hyacinth. – Detesto multidões. Não vou conseguir respirar direito hoje.

– Sorte minha que você foi a última filha – comentou Violet com afeição, apesar do ar de cansaço. – Eu não teria energia para mais ninguém depois de você, tenho certeza.

– Pena que não fui a primeira – retrucou Hyacinth, com um sorriso insolente. – Pense só na atenção que eu teria tido. Sem falar na fortuna.

– Você já é uma herdeira e tanto – devolveu Violet.

– E sempre arruma uma forma de ser o centro das atenções – zombou Eloise.

Hyacinth se limitou a sorrir.

– Sabia – começou Violet, virando-se para Penelope – que todos os meus filhos estarão presentes esta noite? Não consigo me lembrar da última vez que estivemos todos juntos.

– E no seu aniversário? – perguntou Eloise.

Violet balançou a cabeça.
– Gregory não pôde deixar a universidade.
– Não está esperando que façamos uma fila de acordo com o tamanho para entoar uma canção festiva, está? – perguntou Hyacinth, não totalmente de brincadeira. – Já consigo nos ver: os Bridgertons Cantores. Ganharíamos fortunas nos palcos.
– Você está animada esta noite – comentou Penelope.
A menina deu de ombros.
– Só estou me aprontando para a transformação eminente em cola. Pelo visto isso requer certo tipo de preparação mental.
– Um estado de ânimo grudento? – indagou Penelope, com leveza.
– Exatamente.
– Temos de casá-la logo – disse Eloise à mãe.
– Você primeiro – devolveu Hyacinth.
– Estou trabalhando nisso – retrucou Eloise, misteriosa.
– *O quê?*
O volume da pergunta foi bastante amplificado pelo fato de ter sido pronunciada por três bocas ao mesmo tempo.
– É só isso que vou dizer – avisou Eloise com tal seriedade que todas souberam que falava sério.
– Podem acreditar que eu conseguirei mais detalhes – assegurou Hyacinth à mãe e a Penelope.
– Não tenho dúvidas – replicou Violet.
Penelope se virou para Eloise e disse:
– Você não vai ter a menor chance.
Eloise se limitou a erguer o queixo e olhar para fora da janela.
– Chegamos – anunciou.
As quatro esperaram até que o chofer abrisse a porta e, uma por uma, saltaram.
– Minha nossa – exclamou Violet, em tom de aprovação. – Daphne realmente se superou.
Era difícil não parar e olhar. A Casa Hastings estava toda iluminada. Cada uma das janelas havia sido adornada com uma vela e arandelas externas sustentavam tochas, assim como o grande grupo de criados que recebiam as

carruagens

– Que pena que Lady Whistledown não está aqui – comentou Hyacinth, sem qualquer vestígio de insolência, ao menos dessa vez. – Ela teria adorado.

– Talvez *esteja* aqui – disse Eloise. – Não duvido nada.

– Será que Daphne convidou Cressida Twombley?

– Tenho certeza que sim – retrucou Eloise. – Não que eu ache que ela seja Lady Whistledown.

– Acho que ninguém mais acredita nisso – completou Violet, enquanto subia o primeiro degrau da escadaria. – Vamos, meninas, a noite nos espera.

Hyacinth foi em frente para acompanhar a mãe, enquanto Eloise caminhava ao lado de Penelope.

– Há algo mágico no ar – comentou Eloise, olhando à sua volta, como se nunca tivesse presenciado um baile londrino. – Está sentindo?

Penelope apenas a olhou, temendo deixar escapar todos os seus segredos se abrisse a boca. Eloise tinha razão. Havia algo de estranho e eletrizante na noite, uma energia crepitante, do tipo que se sente um pouco antes de uma tempestade.

– Parece quase um momento decisivo – refletiu Eloise –, como se a vida de uma pessoa pudesse mudar por completo numa única noite.

– Do que você está falando, Eloise? – indagou Penelope, assustada com a expressão da amiga.

– De nada – respondeu Eloise, dando de ombros. Mas um sorriso misterioso continuou em seus lábios enquanto ela passava o braço pelo de Penelope e murmurava: – Vamos. A noite nos espera.

CAPÍTULO 23

Penelope estivera na Casa Hastings muitas vezes, tanto em festas formais quanto em visitas informais, mas nunca vira a imponente construção tão encantadora – ou mágica – quanto naquela noite.

Junto à sogra e às duas cunhadas, ela estava entre os primeiros convidados a chegar. Violet sempre dissera que era grosseiro que membros da família sequer cogitassem chegar elegantemente atrasados. E Penelope achou bom chegar tão cedo: ela teve a oportunidade de ver a decoração sem ter de enfrentar o empurra-empurra da multidão.

Daphne decidira que seu evento não seria temático, ao contrário do baile egípcio da semana passada e do grego da semana anterior a esta. Em vez disso, decorara a casa com a mesma elegância simples com a qual vivia o dia a dia. Centenas de velas bruxuleantes adornavam as paredes e mesas, refletindo os imensos candelabros que pendiam do teto. As janelas estavam envoltas em um pano brilhoso e prateado, o tipo de tecido que se podia imaginar vestindo fadas. Até o uniforme dos criados estava diferente. Penelope sabia que eles costumavam vestir azul e dourado, mas naquela noite o azul vinha adornado com prateado.

Era quase possível para uma mulher se sentir como uma princesa num conto de fadas.

– Eu imagino quanto isto tudo terá custado – comentou Hyacinth, com os olhos arregalados.

– Hyacinth! – ralhou Violet, dando um tapinha no braço da filha. – Você sabe que é deselegante fazer esse tipo de pergunta.

– Eu não perguntei. Só imaginei. Além do mais, é de Daphne que estamos falando.

– A sua irmã é a duquesa de Hastings – retrucou Violet –, e, como tal, tem certas responsabilidades com que arcar. Seria bom que você se lembrasse disso.

– Mas a senhora não concorda – disse Hyacinth, passando o braço pelo da mãe

e apertando de leve a mão dela – que é bem mais importante que eu me lembre, simplesmente, que ela é minha irmã?

– Agora ela a pegou – comentou Eloise, com um sorriso.

Violet deixou escapar um suspiro.

– Hyacinth, eu declaro que você será a responsável pela minha morte.

– Não, não serei – replicou a jovem. – Gregory será.

Penelope se pegou prendendo o riso.

– Não vejo Colin em lugar algum – disse Eloise, esticando o pescoço.

– Não? – Penelope varreu o salão com os olhos. – Isso é surpreendente.

– Ele lhe disse que estaria aqui antes de você chegar?

– Não, mas, por algum motivo, achei que estaria.

Violet deu um tapinha tranquilizador em seu braço.

– Estou certa de que chegará em breve, Penelope. Então, logo saberemos que grande segredo é esse que o fez insistir que não desgrudássemos de você. Não – acrescentou, apressada, os olhos arregalados de alarme – que estejamos encarando isto como um *sacrifício*. Você sabe que adoramos a sua companhia.

Penelope lhe lançou um sorriso tranquilizador.

– Eu sei. O sentimento é recíproco.

Havia poucas pessoas à frente delas na fila de recepção, então não demorou muito para que pudessem cumprimentar Daphne e o marido, Simon.

– *O que* está acontecendo com Colin? – perguntou Daphne, sem qualquer preâmbulo, tão logo teve certeza de que os outros convidados não poderiam ouvi-la.

Como a questão parecia, primordialmente, dirigida a ela, Penelope se viu forçada a dizer:

– Eu não sei.

– Ele também lhe mandou um bilhete? – perguntou Eloise à irmã.

Daphne fez que sim.

– Mandou. Segundo ele, é para ficarmos de olho em Penelope.

– Podia ter sido pior – falou Hyacinth. – Nós três devemos grudar nela como cola. – Ela inclinou o corpo para a frente. – E ele sublinhou *cola*.

– E eu achando que não era um sacrifício – ironizou Penelope.

– Ora, e não é – garantiu Hyacinth, com leveza –, mas há algo muito prazeroso em pronunciar a palavra *cola*. Ela escorrega da língua de maneira

muito agradável, não acha? Cola. Cooooolaaaa.

– Sou eu, ou ela enlouqueceu de vez? – perguntou Eloise.

Hyacinth a ignorou com um dar de ombros.

– Sem falar no aspecto dramático disso tudo. Parece que somos parte de alguma grande trama de espionagem.

– Espionagem – gemeu Violet. – Que Deus nos ajude.

Daphne inclinou o corpo para a frente, com a expressão grave.

– Bem, ele *nos* disse...

– Não é uma competição, meu amor – interrompeu Simon.

Ela lhe lançou um olhar bastante irritado antes de se virar outra vez para a mãe e as irmãs e continuar:

– Ele nos pediu que não a deixássemos chegar nem perto de Lady Danbury.

– Lady Danbury! – exclamaram todas.

Todas, menos Penelope, que tinha uma boa noção do motivo pelo qual Colin queria que ela ficasse longe da condessa. Devia ter bolado um plano melhor que o dela de convencer Lady Danbury a mentir e dizer a todos que *ela* era Lady Whistledown.

Só podia ser a teoria da contrachantagem. O que mais haveria de ser? Sem dúvida ele tinha descoberto algum segredo terrível sobre Cressida.

Penelope estava quase tonta de alegria.

– Achei que você fosse bastante próxima de Lady Danbury – disse-lhe Violet.

– E sou – retrucou Penelope, tentando mostrar-se perplexa.

– Isso é muito curioso – comentou Hyacinth, batendo com o indicador na face. – Muito curioso mesmo.

– Eloise – chamou Daphne, de repente –, está muito quieta hoje.

– Só não estava quando me chamou de louca – destacou Hyacinth.

– Hummm? – Eloise estava olhando para o nada, ou talvez para algo que se encontrava atrás de Daphne e de Simon, e não estava prestando atenção. – Ah, bem, creio que não tenho nada para dizer.

– Você? – perguntou Daphne, incrédula.

– Exatamente o que eu estava pensando – acrescentou Hyacinth.

Penelope concordava com Hyacinth, mas decidiu guardar a opinião para si. Não era do feitio da amiga permanecer em silêncio por tanto tempo, sobretudo numa noite como aquela, que ficava mais misteriosa a cada segundo.

– Vocês todos vinham fazendo colocações tão boas... – comentou Eloise. – O que eu poderia ter acrescentado à conversa?

Isso pareceu muito estranho a Penelope. O sarcasmo estava dentro do contexto, mas sua melhor amiga *sempre* achava que tinha algo a acrescentar a uma conversa.

Eloise apenas deu de ombros.

– É bom irmos andando – disse Violet. – Estamos começando a atrapalhar os seus outros convidados.

– Eu as verei mais tarde – prometeu Daphne. – E... Ah!

Todas se aproximaram.

– Provavelmente vão querer saber que Lady Danbury ainda não chegou – sussurrou ela.

– O que torna minha tarefa mais simples – comentou Simon, parecendo um tanto entediado com tanta intriga.

– Mas não a minha – queixou-se Hyacinth. – Ainda tenho de grudar nela...

– Como cola – exclamaram todas, inclusive Penelope.

– Por falar em cola... – começou Eloise, enquanto se afastavam de Daphne e Simon. – Penelope, acha que ficará bem com dois tubos, apenas, por um período? Eu gostaria de dar uma volta.

– Eu vou com você – anunciou Hyacinth.

– Não podem ir as duas – disse Violet. – Tenho certeza que Colin não iria querer que Penelope ficasse sozinha *comigo*.

– Posso ir quando ela voltar, então? – perguntou Hyacinth com uma careta. – Não é algo que eu possa evitar.

Violet virou-se para Eloise, em expectativa.

– O que foi? – quis saber a jovem.

– Estava esperando que você dissesse o mesmo.

– Eu sou digna demais – fungou Eloise.

– Ora, por favor... – murmurou Hyacinth.

Violet soltou um gemido.

– Tem certeza que deseja ficar conosco? – perguntou a Penelope.

– Não achei que tivesse escolha – respondeu Penelope, divertindo-se com o diálogo.

– Vá – disse Violet a Eloise. – Mas não demore.

Eloise assentiu e então, para a surpresa de todas, se aproximou de Penelope e lhe deu um abraço rápido.

– Por que isto? – indagou Penelope com um sorriso carinhoso.

– Por nada – retrucou Eloise, retribuindo o sorriso com um muito parecido com os de Colin. – Só acho que esta vai ser uma noite muito especial para você.

– Acha mesmo? – disse Penelope, cautelosamente, sem saber o que a amiga já poderia ter intuído.

– Bem, é óbvio que alguma coisa está prestes a acontecer – declarou Eloise. – Não é do feitio de Colin agir de forma tão misteriosa. E eu queria oferecer o meu apoio.

– Você vai voltar em alguns minutos – observou Penelope. – O que quer que vá acontecer, se é que algo vai acontecer de fato, não é provável que você perca.

Eloise deu de ombros.

– Foi um impulso. Um impulso nascido de muitos anos de amizade.

– Eloise Bridgerton, está ficando sentimental?

– A esta altura da vida? – indagou Eloise, fingindo-se ultrajada. – Não creio.

– Eloise – interrompeu Hyacinth. – Quer ir logo? Não posso esperar a noite toda.

Com um rápido aceno da cabeça, Eloise se afastou.

Durante a hora seguinte, elas apenas caminharam pelo salão, misturando-se aos outros convidados e se deslocando – Penelope, Violet e Hyacinth – como um ser único e gigantesco.

– Três cabeças e seis pernas, é o que temos – observou Penelope, andando em direção à janela com as duas Bridgertons se alvoroçando para chegarem logo ao seu lado.

– O que disse? – perguntou Violet.

– Você realmente queria olhar pela janela ou só estava nos testando? E *onde* está Eloise? – murmurou Hyacinth.

– Em grande parte, eu as estava testando – admitiu Penelope. – E tenho certeza que Eloise foi detida por algum outro convidado. Você sabe tão bem quanto eu que é muito difícil escapar de uma conversa com várias das pessoas presentes aqui.

– Humpf – resmungou Hyacinth. – Pelo jeito ela não conhece muito bem a definição de *cola*.

– Hyacinth, se precisar se ausentar por alguns minutos, vá em frente, por favor – disse Penelope. Então se virou para Violet. – A senhora também. Se precisar ir, prometo ficar bem aqui, neste canto, até o seu retorno.

Violet a olhou, horrorizada.

– E voltar atrás na nossa palavra com Colin?

– Err... Vocês chegaram a prometer alguma coisa a ele? – observou Penelope.

– Não, mas sem dúvida isso estava implícito no pedido dele. Ah, olhe! – exclamou ela, subitamente. – Lá está ele!

Penelope tentou fazer um sinal discreto para o marido, mas todas as suas tentativas de circunspecção foram abafadas pelos vigorosos acenos e gritos de Hyacinth:

– Colin!

Violet gemeu.

– Eu sei, eu sei – disse Hyacinth, sem o menor sinal de arrependimento. – Devo agir mais como uma dama.

– Se sabe, por que não o faz? – queixou-se Violet.

– Qual seria a graça?

– Boa noite, senhoras – cumprimentou Colin, beijando a mão da mãe antes de tomar o seu lugar, elegantemente, ao lado de Penelope, e passar o braço em torno de sua cintura.

– Bem...? – disse Hyacinth, em tom de expectativa.

Colin se limitou a erguer uma das sobrancelhas.

– Não tem nada para nos *contar*? – insistiu ela.

– Tudo em seu devido tempo, querida irmã.

– Você é um homem muito, muito mau – resmungou Hyacinth.

– Não posso negar – murmurou ele, olhando à sua volta. – E onde está Eloise?

– Boa pergunta – resmungou Hyacinth ao mesmo tempo que Penelope dizia:

– Estou certa de que logo estará de volta.

Ele assentiu, sem parecer realmente interessado.

– Mamãe – começou, virando-se para Violet –, como tem passado?

– Você envia bilhetes misteriosos pela cidade inteira e quer saber como eu tenho passado? – retrucou Violet.

Ele sorriu.

– Quero.

Violet começou a balançar o dedo para ele, algo que proibira terminantemente os próprios filhos de fazer em público.

– Ah, não, nada disso, Colin Bridgerton. Não vai se safar assim. Você me deve uma explicação. Eu sou sua mãe. Sua mãe!

– Estou ciente disso – murmurou ele.

– Não vai entrar aqui valsando e me distrair com uma frase inteligente e um sorriso travesso.

– Acha o meu sorriso travesso?

– Colin!

– Mas de fato a senhora trouxe à tona uma excelente questão.

Violet piscou, aturdida.

– Eu trouxe?

– Trouxe. A respeito da valsa. – Ele inclinou a cabeça levemente para o lado. – Creio estar ouvindo o início de uma valsa.

– Não estou ouvindo nada – comentou Hyacinth.

– Não mesmo? Que pena. – Ele agarrou a mão de Penelope. – Vamos, minha esposa. Creio que seja o nosso número de dança.

– Mas ninguém está dançando – observou Hyacinth, entre os dentes.

Ele lhe lançou um sorriso de satisfação.

– Mas logo estarão.

Então, antes que alguém tivesse chance de retrucar, ele deu um puxão na mão de Penelope e logo os dois avançavam pela multidão.

– Você não queria dançar a valsa? – perguntou Penelope, sem fôlego, logo depois de passarem pela pequena orquestra, cujos integrantes pareciam fazer uma pausa prolongada.

– Não, só queria escapar – explicou ele, passando com ela por uma porta lateral.

Alguns momentos mais tarde, depois de subirem uma escadaria estreita, estavam escondidos numa pequena sala, cuja única iluminação provinha das tochas bruxuleantes que ardiam do lado de fora da janela.

– Onde estamos? – perguntou Penelope, olhando à sua volta.

Colin deu de ombros.

– Não sei. Pareceu-me um lugar tão bom quanto qualquer outro.

– Vai me contar o que está acontecendo?

– Não. Primeiro vou beijá-la.

Antes que ela pudesse reagir (não que Penelope tivesse protestado), os lábios dele encontraram os seus num beijo que foi, ao mesmo tempo, faminto, urgente e terno.

– Colin! – arquejou ela, durante o décimo de segundo em que ele parou para respirar.

– Agora não – sussurrou ele, beijando-a outra vez.

– Mas... – A palavra saiu abafada, perdida de encontro aos lábios dele.

Era o tipo de beijo que a envolvia da cabeça aos pés, desde o modo como Colin mordiscava os seus lábios até a forma como ele apalpava o seu traseiro e deslizava as mãos por suas costas. Era o tipo de beijo que poderia facilmente tê-la deixado de pernas bambas, fazendo-a desmaiar no sofá e permitir que ele fizesse qualquer coisa com ela, apesar de estarem apenas a alguns metros de distância de cerca de quinhentos membros da alta sociedade, a não ser...

– Colin! – exclamou ela, de alguma forma conseguindo afastar a boca da dele.

– Shhhh.

– Colin, precisa parar!

A expressão dele era a de um cachorrinho confuso.

– Preciso?

– Sim, precisa.

– Imagino que vá dizer que é por causa de todas as pessoas que estão aqui ao lado.

– Não, embora seja um ótimo motivo para considerar o autocontrole.

– Para considerar e depois... ignorar, talvez? – disse ele, esperançoso.

– Não! Colin... – Ela se desvencilhou dos braços dele e se afastou vários metros, apenas por precaução. – Colin, você precisa me dizer o que está acontecendo.

– Bem – começou ele, lentamente. – Eu a estava beijando...

– Não foi isso que eu quis dizer e você sabe disso.

– Muito bem. – Colin se afastou, com os passos ecoando alto nos ouvidos dela. Quando ele se virou outra vez, a expressão se tornara muito séria. – Decidi o que fazer com relação a Cressida.

– Decidiu? O quê? Quero saber.

Colin fez uma careta.

– Na verdade, acho melhor não lhe contar até o plano já estar em curso.

Ela o fitou com incredulidade.

– Não pode estar falando sério.

– Bem... – Ele olhava para a porta com ansiedade, claramente esperando um motivo para escapar.

– Conte-me – insistiu ela.

– Muito bem.

Ele deixou escapar um suspiro, e outro em seguida.

– Colin!

– Vou dar uma declaração – disse ele, como se aquilo explicasse tudo.

A princípio Penelope ficou em silêncio, achando que tudo ficaria claro se ela esperasse um instante e pensasse a respeito. Mas não funcionou, então ela perguntou bem devagar, com toda a cautela:

– Que tipo de declaração?

Colin assumiu uma expressão decidida.

– Vou contar a verdade.

Ela sufocou um grito.

– A meu respeito?

Ele fez que sim.

– Mas não pode!

– Penelope, acho que é o melhor a fazer.

O pânico começou a brotar dentro dela e seus pulmões lhe deram a sensação de estarem impossivelmente comprimidos.

– Não, Colin, não pode fazer isso! O segredo não lhe pertence para que você o revele!

– Quer sustentar Cressida pelo resto da vida?

– Não, é claro que não, mas posso pedir a Lady Danbury...

– Não vai pedir a Lady Danbury que minta em seu nome – disse ele, com rispidez. – Isso não é condizente com a sua pessoa e você sabe muito bem disso.

Penelope arquejou diante do tom rude de Colin. Mas, no fundo, sabia que ele tinha razão.

– Se estava tão disposta a permitir que alguém usurpasse a sua identidade – continuou ele –, então devia simplesmente ter permitido que Cressida o fizesse.

– Eu não podia – sussurrou Penelope. – Não ela.

– Muito bem. Então chegou a hora de enfrentarmos a realidade.
– Colin – sussurrou ela –, isto vai me arruinar.
Ele deu de ombros.
– Podemos nos mudar para o campo.
Ela balançou a cabeça, tentando desesperadamente saber o que dizer.
Colin tomou as mãos dela.
– Isso tem mesmo tanta importância? – perguntou ele, de forma afetuosa. – Penelope, eu amo você. Contanto que fiquemos juntos, seremos felizes.
– Não é isso – disse ela, tentando desvencilhar as mãos das dele para secar as próprias lágrimas.
Mas ele não as soltou.
– O que é, então?
– Colin, você também ficará arruinado – sussurrou ela.
– Eu não me importo.
Ela o fitou, incrédula. Colin lhe soou tão insolente, tão relaxado com relação a algo que poderia mudar a sua vida de uma forma que ele não era capaz nem de imaginar...
– Penelope, é a única solução – disse ele num tom tão sensato que ela achou quase intolerável. – Ou nós contamos ao mundo, ou Cressida conta.
– Podemos pagar pelo silêncio dela.
– É realmente o que você quer fazer? – perguntou ele. – Dar-lhe todo o dinheiro que você trabalhou tanto para ganhar? Então poderia ter deixado todos acreditarem que ela era Lady Whistledown.
– Não posso permitir que você faça isso – insistiu ela. – Acho que não compreende o que é viver fora da sociedade.
– E você compreende? – devolveu ele.
– Melhor do que você!
– Penelope...
– Está tentando agir como se não importasse, mas não se sente assim. Ficou com tanta raiva de mim quando publiquei aquela última coluna, tudo porque achava que eu não deveria ter arriscado o meu segredo dessa maneira...
– E, no final das contas, eu tinha razão – observou ele.
– Viu só? Continua com raiva de mim por isso!
Colin deu um longo suspiro. A conversa não estava evoluindo da forma que

esperara. Sem dúvida ele não imaginara que a esposa lhe jogaria na cara sua insistência anterior de que ela não contasse a ninguém.

– Se você não tivesse publicado aquela última coluna – argumentou ele –, nós não estaríamos nesta posição, é verdade, mas isso agora não tem mais a menor importância, não concorda?

– Colin, se você contar para o mundo que eu sou Lady Whistledown e as pessoas reagirem da forma como acho que reagirão, você nunca verá os seus diários publicados.

O coração dele parou por um momento.

Porque foi nesse instante que ele finalmente a compreendeu.

Ela já lhe dissera que o amava e também demonstrara o seu amor de todas as formas que ele lhe ensinara. Mas esse sentimento nunca estivera tão claro, tão franco, tão cru.

Durante todo o tempo que ela lhe implorara que não contasse a verdade, fora por ele.

Ele engoliu o bolo que começava a se formar em sua garganta, lutou para encontrar as palavras, lutou até mesmo para respirar.

Penelope estendeu o braço e tocou a sua mão, os olhos suplicantes, o rosto ainda molhado das lágrimas.

– Eu jamais poderia me perdoar – falou. – Não quero destruir os seus sonhos.

– Nunca foram meus sonhos até conhecer você – sussurrou ele.

– Não quer publicar os diários? – indagou ela, piscando, perplexa. – Estava fazendo isso só por mim?

– Não – disse ele, porque Penelope não merecia nada além da mais completa sinceridade. – Eu quero, sim. É o meu sonho. Mas é um sonho que você me deu.

– O que não significa que eu possa tomá-lo de você.

– E não vai.

– Sim, eu...

– *Não* – exclamou ele, decidido –, não vai. E ter o meu trabalho publicado... Bem, não chega aos pés do meu verdadeiro sonho, que é passar o resto da vida com você.

– Você sempre terá isso – retrucou ela, baixinho.

– Eu sei. – Ele sorriu e depois acrescentou de forma bastante arrogante: – E então, o que temos a perder?

– Possivelmente mais do que jamais poderemos imaginar.

– E, possivelmente, menos – retrucou Colin. – Não se esqueça de que sou um Bridgerton. E agora, você também. Exercemos certo poder nesta cidade.

Penelope arregalou os olhos.

– O que quer dizer?

Ele deu de ombros, com modéstia.

– Anthony está preparado para lhe dar todo o apoio.

– Contou a Anthony? – arquejou ela.

– Tive de contar. Ele é o chefe da família. E há muito poucas pessoas neste planeta que ousariam se indispor com ele.

– Ah. – Penelope mordeu o lábio inferior, considerando aquilo tudo. Então, porque precisava saber, perguntou: – O que ele disse?

– Ficou surpreso.

– Imagino.

– E bastante satisfeito.

O rosto dela se iluminou.

– É mesmo?

– E achou graça. Disse que só podia admirar alguém que conseguiu guardar um segredo como esse durante tantos anos. E falou que mal podia esperar até contar a Kate.

Ela assentiu.

– Imagino que teremos de dar essa declaração agora. O segredo não é mais só nosso.

– Anthony não contará nada, se eu lhe pedir – disse Colin. – Isso não tem nada a ver com o motivo de eu querer contar a verdade ao mundo.

Ela olhou para ele com um misto de expectativa e desconfiança.

– A verdade é que sinto orgulho de você – explicou Colin, puxando as mãos dela e trazendo-a mais para perto.

Penelope se viu sorrindo, o que foi estranho, pois apenas alguns minutos antes ela não conseguira se imaginar jamais voltando a sorrir.

Colin baixou o rosto até os seus narizes se tocarem.

– Quero que todos saibam como sinto orgulho de você. Quando eu terminar, não haverá uma única pessoa em Londres que não reconhecerá como você é inteligente.

– Talvez continuem me odiando – observou ela.

– Talvez – concordou ele –, mas isso será problema delas, não nosso.

– Ah, Colin – suspirou ela. – Eu amo você. Que maravilha sentir isso.

Ele sorriu.

– Eu sei.

– Não, não sabe. Achei que o amava antes, e tenho certeza de que amava, mas não era nada comparado ao que sinto agora.

– Ótimo – disse ele, com um brilho bastante possessivo surgindo nos olhos. – É assim que eu gosto. Agora, venha comigo.

– Aonde?

– Por aqui – retrucou ele, abrindo uma porta.

Para surpresa de Penelope, ela se viu numa pequena sacada, que dava para todo o salão de baile.

– Meu. Deus. Do. Céu – falou, engolindo em seco, tentando puxá-lo de volta para o quarto.

Ninguém os vira até o momento, então ainda podiam fugir.

– Tsc, tsc – ralhou ele. – Coragem, minha querida.

– Que tal se você publicasse alguma coisa no jornal? – sussurrou ela, com urgência. – Ou contasse a alguém e deixasse que o boato se espalhasse?

– Nada como um grande gesto para comunicar a mensagem.

Penelope começou a engolir em seco sem parar. Definitivamente aquele seria um gesto dos grandiosos.

– Não sou muito boa em ser o centro das atenções – disse ela, tentando normalizar o ritmo da respiração.

Ele apertou a sua mão.

– Não se preocupe. Eu é que vou ser.

Ele fitou a multidão e trocou um olhar com o anfitrião da festa, seu cunhado, o duque de Hastings. Diante do aceno da cabeça de Colin, o duque se dirigiu à orquestra.

– Simon sabe? – arfou Penelope.

– Eu lhe contei quando cheguei – murmurou Colin. – Como acha que eu encontrei a sala com a sacada?

Então, algo notável aconteceu. Um verdadeiro tropel de criados surgiu do nada e começou a entregar compridas taças de champanhe aos convidados.

– Aqui estão as nossas – disse Colin, em tom de aprovação, enquanto pegava duas taças que os aguardavam no canto. – Exatamente como pedi.

Penelope aceitou a dela em silêncio, ainda incapaz de compreender tudo o que estava acontecendo.

– A esta altura as borbulhas já devem ter se desfeito – brincou Colin, num sussurro conspiratório que, ela sabia, tinha o intuito de fazê-la se acalmar. – Mas foi o melhor que consegui fazer, dadas as circunstâncias.

Enquanto Penelope segurava aterrorizada a mão do marido, observava, impotente, Simon silenciar a orquestra e gesticular para que a multidão de convidados voltasse a atenção para o irmão e a irmã, na sacada.

Irmão e irmã, pensou ela, maravilhada. Os Bridgertons realmente inspiravam um elo. Ela jamais pensara ver o dia em que o duque se referiria a ela como sua irmã.

– Senhoras e senhores – começou Colin, a voz forte e confiante ribombando através do salão –, eu gostaria de propor um brinde à mulher mais extraordinária do mundo.

Um discreto murmúrio se espalhou pelo salão e Penelope permaneceu imóvel enquanto todos a observavam.

– Sou um recém-casado – continuou ele, encantando a todos os presentes com seu sorriso enviesado –, e, portanto, todos vocês ainda têm de tolerar meu comportamento de homem apaixonado.

Uma simpática onda de gargalhadas se espalhou pela multidão.

– Eu sei que muitos se surpreenderam quando pedi Penelope Featherington para ser minha esposa. Eu mesmo me surpreendi.

Algumas risadinhas abafadas e indelicadas se fizeram ouvir, mas Penelope se manteve perfeitamente imóvel e orgulhosa. Colin sabia o que estava fazendo. Ela tinha certeza disso. Ele sempre dizia a coisa certa.

– Eu não me surpreendi com o fato de ter me apaixonado por ela – frisou ele, olhando para todos com uma expressão que os desafiava a tecer qualquer comentário –, e sim por isso ter demorado tanto para acontecer. Afinal, eu a conhecia havia tantos anos – continuou, a voz tornando-se mais suave –, mas, de alguma forma, jamais havia me dado o trabalho de notar a mulher linda, brilhante e espirituosa na qual ela se transformou.

Penelope sentiu as lágrimas escorrendo pelas faces, mas não conseguiu se

mexer. Mal era capaz de respirar. Esperara que Colin revelasse o seu segredo e, em vez disso, ele estava lhe dando aquele presente incrível, aquela declaração de amor espetacular.

– Assim – prosseguiu ele –, tendo todos vocês como testemunhas, eu gostaria de dizer o seguinte: Penelope... – Virou-se para ela, tomou sua mão livre e exclamou: – Eu amo você! Venero o solo sobre o qual você pisa. – Então, dirigindo-se outra vez à multidão, ergueu a taça e falou: – À minha esposa!

– À sua esposa! – gritaram todos, capturados pela magia do momento.

Colin bebeu e Penelope o imitou, embora não conseguisse deixar de se perguntar quando ele iria lhes contar o verdadeiro motivo daquela declaração.

– Baixe a sua taça, minha querida – murmurou ele, depois a tirou de sua mão e colocou-a de lado.

– Mas...

– Você me interrompe demais – ralhou, em seguida a calou com um beijo apaixonado, bem ali, na sacada, diante de toda a alta sociedade.

– Colin! – arfou ela, assim que ele lhe deu a oportunidade de respirar.

Ele lhe lançou um sorriso malicioso enquanto a plateia rugia a sua aprovação.

– Ah, mais uma coisa! – anunciou Colin para a multidão.

Todos estavam entusiasmados, atentos a cada palavra que ele dizia.

– Vou deixar a festa mais cedo. Agora mesmo, na verdade. – Olhou de soslaio para Penelope com uma expressão muito travessa. – Tenho certeza que compreendem.

Os homens presentes assoviaram e gritaram enquanto Penelope ficava vermelha como um tomate.

– Mas, antes disso, tenho uma última declaração a fazer. Algo simples, para o caso de ainda não acreditarem quando lhes digo que minha esposa é a mulher mais espirituosa, inteligente e encantadora de Londres.

– Nããããão! – gritou uma voz vinda do fundo do salão, que Penelope soube ser de Cressida.

Mas nem mesmo Cressida era páreo para a multidão, que não permitiu que ela passasse nem deu ouvidos aos seus gritos angustiados.

– É possível dizer que minha esposa tem dois nomes de solteira – começou ele, pensativo. – É claro que todos vocês a conheciam por Penelope Featherington, assim como eu. Mas o que ninguém sabia, e nem mesmo eu fui

esperto o bastante para descobrir até ela mesma me contar...

Ele fez uma pausa, esperando que o silêncio reinasse no salão.

– ... é que ela também é a brilhante, a espirituosa, a magnífica... Ora, vocês todos sabem de quem estou falando... – continuou ele, fazendo um gesto abrangente com o braço em direção à multidão. – Eu lhes apresento minha esposa, Lady Whistledown! – exclamou ele, com todo o seu amor e orgulho.

Por um instante nenhum dos presentes emitiu qualquer som. Era quase como se ninguém nem ousasse respirar.

Então, começou. *Clap. Clap. Clap*. Devagar, mas de forma metódica, com tanta força e determinação que todos tiveram de se virar para ver quem ousava romper o silêncio escandalizado.

Era Lady Danbury.

Ela tinha dado a bengala para outra pessoa segurar e erguia os braços no alto, aplaudindo sonora, radiante e orgulhosamente.

Em seguida, outra pessoa também começou a aplaudir. Penelope virou a cabeça para ver quem era...

Anthony Bridgerton.

Depois, Simon Basset, o duque de Hastings.

Então, as Bridgertons, e as Featheringtons, e outros, e outros, e cada vez mais gente, até o salão inteiro dar vivas.

Penelope não conseguia acreditar.

No dia seguinte talvez se lembrassem de sentir raiva dela, de ficar irritados por terem sido enganados por tantos anos, mas naquela noite...

Naquela noite, a única coisa a fazer era admirá-la e dar vivas.

Para uma mulher que tivera de realizar o que ela realizara em segredo, aquilo era tudo o que sonhara.

Bem, quase tudo.

Tudo com o que sonhara estava de pé bem ao seu lado, com o braço em torno de sua cintura. Quando ela ergueu os olhos para fitá-lo, para fitar aquele rosto tão amado, Colin a encarou com tanto amor e orgulho que a respiração ficou presa em sua garganta.

– Meus parabéns, Lady Whistledown – murmurou ele.

– Eu prefiro Sra. Bridgerton.

Ele sorriu.

– Excelente escolha.
– Podemos ir? – pediu ela.
– Agora?
Ela fez que sim.
– É claro que podemos – respondeu ele, enfaticamente.
E ninguém viu o casal por vários dias.

EPÍLOGO

Praça Bedford, Bloomsbury

LONDRES, 1825

– Chegou! Chegou!

Penelope ergueu os olhos dos papéis espalhados sobre a sua escrivaninha. Colin estava no vão da porta do seu pequeno escritório, saltando de um pé para o outro como um menino.

– O seu livro! – exclamou ela, levantando-se com toda a rapidez que o corpo desajeitado lhe permitiu. – Ah, Colin, deixe-me ver! Deixe-me ver! Estou ansiosa!

Ele não conseguia parar de sorrir enquanto lhe entregava a obra.

– Ahhhh – disse ela, com reverência, segurando o fascículo fino e encadernado em couro. – Minha nossa... – Levou o livro até a altura do rosto e respirou fundo. – Você não adora esse cheiro de livro novo?

– Olhe só para isto, olhe só para isto – disse ele, impaciente, apontando para o próprio nome na capa.

Penelope ficou radiante.

– Olhe só. E tão elegante, também. – Correu o dedo pelas palavras enquanto lia. – *Um inglês na Itália*, Colin Bridgerton.

Ele parecia prestes a explodir de orgulho.

– Ficou bonito, não ficou?

– Mais do que bonito. Ficou perfeito! Quando sai *Um inglês no Chipre*?

– O editor disse que vão lançar um a cada seis meses. Querem publicar *Um inglês na Escócia* depois.

– Ah, Colin, estou tão orgulhosa de você...

Ele a tomou nos braços e descansou o queixo no topo da cabeça dela.

– Eu não poderia tê-lo feito sem você.

– Poderia, sim – respondeu ela, com convicção.
– Apenas fique quieta e aceite o elogio.
– Muito bem, então – retrucou Penelope, sorrindo, embora ele não pudesse ver o seu rosto –, não poderia. É claro que jamais teria sido publicado sem uma editora tão talentosa.
– Quem sou eu para discordar? – disse ele, beijando-lhe o topo da cabeça antes de soltá-la. – Vá se sentar. Não devia passar tanto tempo de pé.
– Estou bem – garantiu ela, mas obedeceu mesmo assim.
Colin vinha sendo excessivamente protetor desde o instante em que ela dissera que estava grávida; agora, a apenas um mês da data prevista para o nascimento do bebê, ele andava insuportável.
– O que são esses papéis? – perguntou ele, olhando para os rabiscos dela.
– Isso? Ah, nada. – Ela começou a juntar as páginas em pilhas. – Só um pequeno projeto no qual estou trabalhando.
– É mesmo? – Ele se sentou diante dela. – O que é?
– Err... bem... na verdade...
– O que é, Penelope? – insistiu ele, achando cada vez mais graça da gagueira dela.
– Tenho andado ansiosa desde que acabei de editar os seus diários – explicou ela –, e descobri que estava sentindo falta de escrever.
Ele sorria enquanto chegava o corpo para a frente.
– O que está escrevendo?
Sem saber muito bem por quê, ela ruborizou.
– Um romance.
– Um romance? Ora, mas que sensacional, Penelope!
– Acha mesmo?
– Mas é claro que acho. Como se chama?
– Bem, só escrevi algumas páginas – respondeu ela –, e ainda há muito a ser feito, mas acho que se eu não decidir mudar muita coisa, vai se chamar *A moça invisível*.
Os olhos dele se encheram de afeto, ficando quase embaçados.
– É mesmo?
– É um pouquinho autobiográfico – admitiu ela.
– Só um pouquinho?

– Só um pouquinho.

– Mas tem final feliz?

– Ah, é claro – disse ela, fervorosamente. – *Tem* que ter.

– Tem que ter?

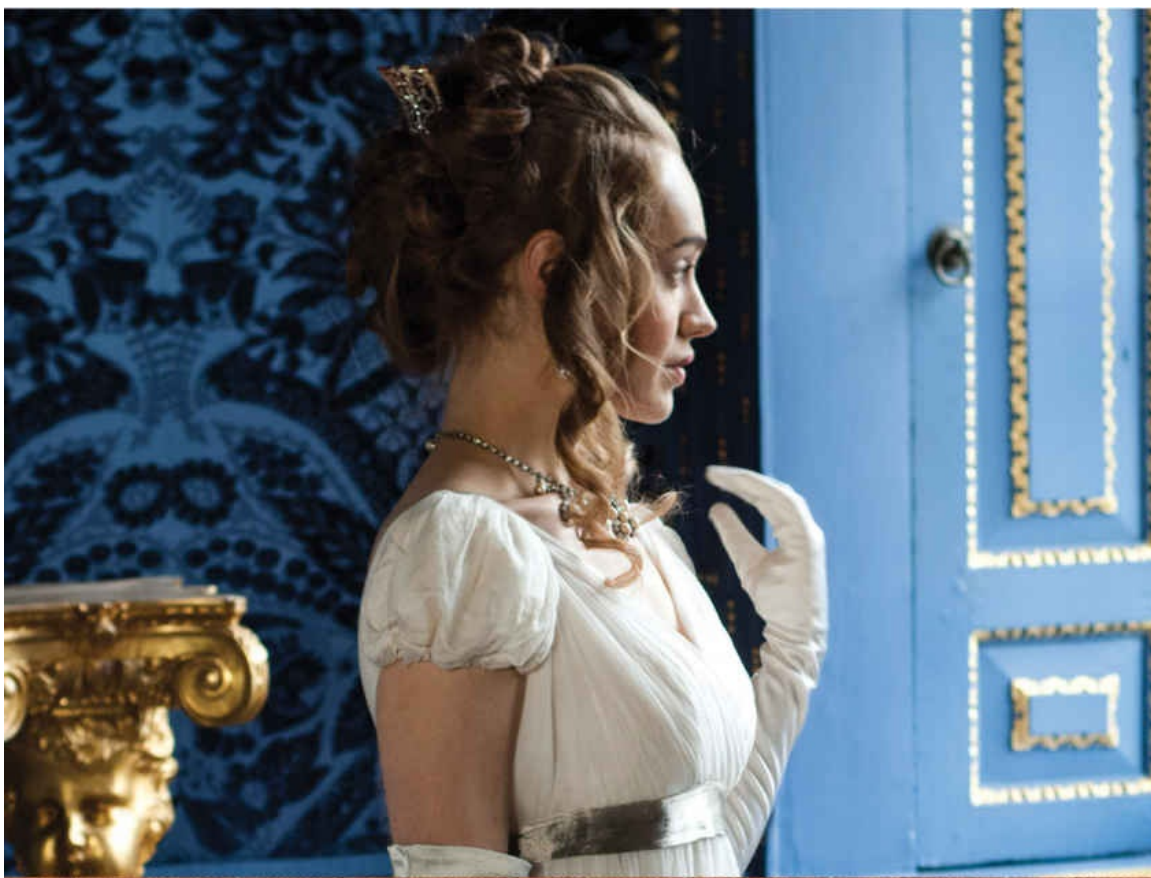
Ela estendeu a mão por cima da escrivaninha e a colocou sobre a dele.

– Eu só escrevo finais felizes – sussurrou. – Não saberia escrever qualquer outra coisa.

Os Bridgertons ~ 5

Julia Quinn

Para Sir Phillip, com Amor

Arqueiro

Para Sir Phillip, com Amor

Os Bridgertons — 5

Julia Quinn

Para Sir Phillip, com Amor

ARQUEIRO

Título original: *To Sir Phillip, with Love*

tradução: Viviane Diniz

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Carolina Rodrigues e Clarissa Peixoto

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: paisagem: Quentin Bargate/Loop Images/Corbis/Latinstock; mulher: Richard Jenkins

conversão e-book: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

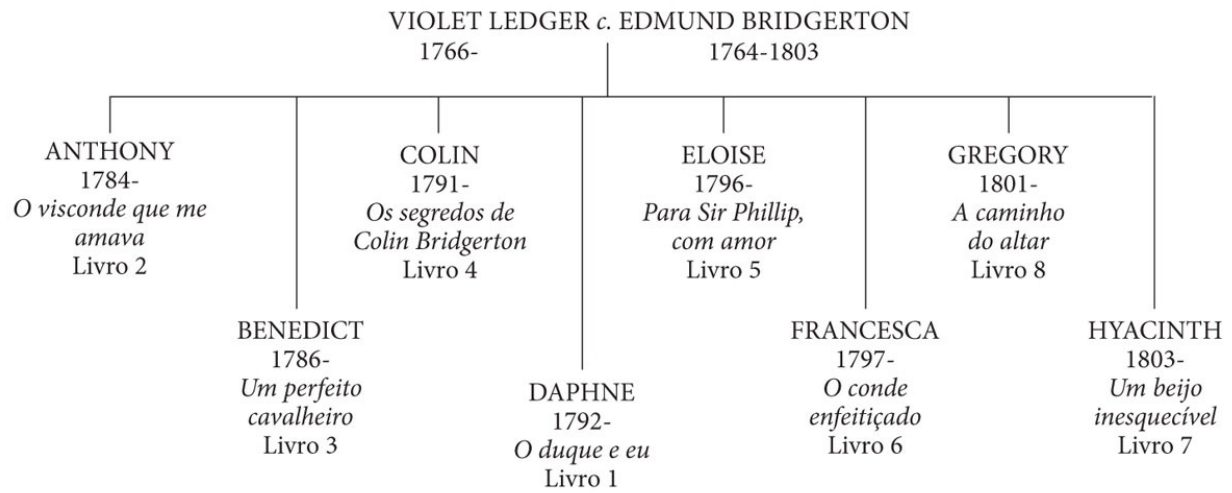
Q64p

Quinn, Julia, 1970-
Para Sir Phillip, com amor [recurso eletrônico] / Julia Quinn; tradução de Viviane Diniz. - São Paulo: Arqueiro, 2015.
recurso digital.

Tradução de: To Sir Phillip, with love
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-363-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Diniz, Viviane. II. Título.

14-18278 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Stefanie e Randall Hargreaves.
Vocês abriram sua casa,
nos mostraram sua cidade,
guardaram nossas coisas,
e, ao chegarmos,
encontramos, nos esperando,
uma cesta de iguarias na varanda.

E, quando precisei muito de alguém,
sabia exatamente para quem ligar.

E também para Paul,
desta vez Porque.
Na verdade, é sempre Porque.

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

Prólogo

Fevereiro de 1823
Gloucestershire, Inglaterra

~

Era realmente irônico que tivesse acontecido em um dia tão ensolarado.

O primeiro dia de sol em… o quê? Seis semanas inteiras de céu nublado, acompanhado de ocasionais rajadas de chuva ou neve fraca. Até Phillip, que se achava imune aos caprichos do tempo, sentiu seu espírito mais leve, seu sorriso mais aberto. Ele saíra – tivera de sair. Ninguém poderia continuar dentro de casa em um dia de sol tão esplêndido como aquele.

Principalmente no meio de um inverno tão cinzento.

Mesmo agora, mais de um mês depois do ocorrido, ele ainda não podia acreditar que o sol tivera a ousadia de provocá-lo.

E como pudera ser tão cego de não esperar isso? Vivia com Marina desde o casamento deles. Tivera oito longos anos para conhecer a mulher. Devia ter imaginado. E, para falar a verdade…

Bem, para falar a verdade, ele *tinha* imaginado. Só não quisera admitir. Talvez estivesse só tentando se iludir, até mesmo se proteger. Tentando se esconder do óbvio, esperando que, se não pensasse a respeito, aquilo nunca fosse acontecer.

Mas aconteceu. E em um dia ensolarado, para piorar. Deus com certeza tinha um senso de humor estranho.

Olhou para seu copo de uísque, que estava inexplicavelmente vazio. Devia ter tomado a maldita bebida, e ainda assim não lembrava. Não se sentia embriagado, pelo menos não tanto quanto deveria estar. Ou tanto quanto gostaria.

Pela janela, olhou para o sol, que já estava baixo no horizonte. Aquele tinha sido mais um dia ensolarado, o que provavelmente explicava sua enorme melancolia. Pelo menos era o que ele esperava. Queria uma explicação –

precisava de uma – para aquele cansaço terrível que parecia tomar conta de si.

A melancolia o apavorava. Mais do que qualquer coisa. Mais do que o fogo, mais do que a guerra, mais do que o próprio inferno. A ideia de se afundar na tristeza, de ser como *ela*…

Marina tinha sido uma pessoa melancólica. Fora assim a vida inteira, ou ao menos desde que os dois se conheceram. Ele não conseguia se lembrar do som da risada dela e, para ser sincero, não tinha nem certeza de um dia ter chegado a ouvi-lo.

Era um dia de sol e…

Ele fechou os olhos com força, sem saber se aquilo instigaria a lembrança ou a afastaria.

Era um dia de sol e…

~

– Estava achando que nunca mais sentiria esse calor de novo, não é mesmo, Sir Phillip?

Philip Crane virou o rosto para a luz, fechando os olhos e deixando que o sol o aquecesse.

– Está perfeito – murmurou ele. – Ou estaria, se não fosse esse frio maldito.

Miles Carter, seu secretário, riu.

– Não está tão frio assim. O lago nem congelou este ano. Só umas partes aqui e ali.

Com relutância, Philip se afastou do sol e abriu os olhos.

– Mas não é a primavera.

– Se estava esperando a primavera, senhor, talvez devesse ter consultado o calendário.

Philip olhou meio de lado para ele.

– Eu por acaso lhe pago para ser tão impertinente?

– Sim. E generosamente.

Philip riu por dentro enquanto os dois aproveitavam um pouco mais o calor do sol.

– Achei que não se importasse com os dias nublados – disse Miles, só para puxar assunto, quando voltaram a caminhar, seguindo em direção à estufa de Phillip.

– Não me importo – retrucou Phillip, dando passos longos com a desenvoltura de um atleta nato. – Mas não é por isso que não prefiro o sol. – Ele parou e pensou por um instante. – Lembre-se de pedir a Millsby que leve as crianças para dar uma volta hoje. Elas vão precisar de casacos, chapéus, luvas e todas essas coisas, é claro, mas têm de pegar um pouco de sol no rosto. Já ficaram confinadas por muito tempo.

– Assim como todos nós – murmurou Miles.

Phillip riu.

– É verdade. – Olhou então, por cima do ombro, para a estufa. Ele provavelmente deveria ir cuidar da correspondência, mas também precisava examinar algumas sementes e, na verdade, poderia muito bem tratar de seus assuntos com Miles dali a cerca de uma hora. – Vá falar com a babá. Podemos conversar mais tarde. Afinal, você detesta mesmo a estufa.

– Não nesta época do ano – disse Miles. – O calor é muito bem-vindo.

Phillip arqueou a sobrancelha enquanto inclinava a cabeça em direção a Romney Hall.

– Você está dizendo que a casa dos meus antepassados é cheia de correntes de ar?

– Todas as casas antigas são cheias de correntes de ar.

– Isso é verdade – disse Phillip, com um sorriso.

Gostava de Miles. Contratara-o havia seis meses para ajudá-lo com a papelada e todos os detalhes sobre a administração de sua pequena propriedade, que pareciam se acumular. Miles era muito bom. Jovem, mas competente. E seu senso de humor sarcástico com certeza era bem-vindo em uma casa onde nunca se ouviam muitas risadas. Os criados jamais se atreveriam a fazer piadas com Phillip, e Marina… Bem, era desnecessário dizer que ela não costumava rir nem brincar.

As crianças às vezes faziam Phillip rir, mas era um tipo diferente de humor e, além disso, na maioria das ocasiões ele não sabia o que lhes dizer. Até tentava, mas se sentia um bocado estranho perto dos filhos – muito grande, muito forte, se é que isso era possível. Assim, acabava enxotando-os, mandando-lhes voltar para a babá.

Era mais fácil assim.

– Vá logo resolver isso, então – falou Phillip, pedindo que Miles cuidasse de

uma tarefa que provavelmente ele mesmo deveria fazer.

Ainda não tinha visto os filhos naquele dia e achava que deveria procurá-los, mas não queria estragar o dia dizendo-lhes algo severo, o que parecia acontecer sempre.

Iria se encontrar com eles durante seu passeio com a babá. Era uma boa ideia. E então poderia apontar alguma planta e falar com eles sobre ela, e tudo continuaria perfeitamente simples e tranquilo.

Phillip entrou em sua estufa e fechou a porta, sorvendo o ar agradável e úmido. Tinha estudado botânica em Cambridge e se formado entre os primeiros da turma. Na verdade, provavelmente teria seguido a vida acadêmica se seu irmão mais velho não tivesse morrido em Waterloo, deixando para Phillip o papel de proprietário de terras e aristocrata rural.

Achava que podia ter sido pior. Afinal, podia ser um proprietário de terras e aristocrata da cidade. Pelo menos ali tinha a chance de dar seguimento às suas atividades botânicas com relativa tranquilidade.

Inclinou-se sobre a bancada de trabalho para examinar seu último projeto – a tentativa de criar uma variedade de ervilha que tivesse um desenvolvimento maior dentro da vagem. Por enquanto ainda não havia tido sucesso. O último lote, além de ter murchado, também ficara amarelo, o que estava muito longe de ser o resultado esperado.

Phillip franziu a testa, depois abriu um sorriso discreto enquanto seguia para os fundos da estufa para reunir seu material. Nunca sofria muito quando seus experimentos não alcançavam o resultado esperado. Em sua opinião, a necessidade nunca fora a mãe da invenção.

Acidentes. Eram quase sempre acidentes. Nenhum cientista admitiria, é claro, mas a maioria das grandes invenções acontecia quando alguém estava tentando resolver um problema completamente diferente.

Deu uma risada enquanto afastava as ervilhas murchas para o lado. Naquele ritmo, iria descobrir a cura para a gota até o final do ano.

De volta ao trabalho. De volta ao trabalho. Curvou-se sobre suas amostras de sementes e examinou-as com cuidado. Só precisava da semente certa para…

Ele levantou a cabeça e olhou para fora através do vidro recém-limpo. Uma movimentação pelo campo chamou sua atenção. Um vulto em vermelho.

Vermelho. Phillip riu sozinho, balançando a cabeça. Devia ser Marina.

Vermelho era sua cor preferida, algo que ele sempre achara estranho. Qualquer um que passasse algum tempo com ela acharia que sua preferência seria algo mais escuro, mais sombrio.

Acompanhou a esposa com o olhar até ela desaparecer no bosque, então voltou ao trabalho. Era raro Marina se aventurar do lado de fora. Ultimamente ela mal chegava a sair do abrigo de seu quarto. Phillip ficou feliz por vê-la ao ar livre, sob o sol. Talvez isso melhorasse seu ânimo. Não por completo, é claro. Ele achava que nem o sol era capaz disso. Mas talvez um dia quente e ensolarado pudesse tirá-la de casa por algumas horas, colocar um sorriso discreto em seu rosto.

Deus sabia que isso faria bem às crianças. Elas iam até o quarto da mãe para vê-la quase todas as noites, mas não era o suficiente.

E Phillip sabia que não podia compensar essa ausência.

Suspirou e sentiu uma onda de culpa invadi-lo. Tinha consciência de que não era o pai de que os filhos precisavam. Tentava se convencer de estar fazendo o melhor que podia, de que estava se saindo bem na única meta que tinha como pai – *não* ser como o próprio pai.

Mas sabia muito bem que não era o bastante.

Afastou-se da bancada com movimentos decididos. As sementes podiam esperar. Seus filhos também, mas isso não queria dizer que deveriam. Era ele quem devia passear com os dois, não a babá, que não tinha ideia da diferença entre uma árvore caducifólia e uma conífera, e provavelmente lhes diria que uma rosa era uma margarida e…

Olhou pela janela mais uma vez, lembrando-se de que estavam em fevereiro. Seria difícil a babá encontrar alguma flor com aquele clima, mas ainda assim isso não era desculpa. De todas as atividades que ele podia fazer com os filhos, aquela era a única em que era bom de verdade, e não devia se esquivar da responsabilidade.

Saiu a passos largos da estufa, mas de repente parou, sem ter percorrido sequer um terço do caminho até Romney Hall. Se estava indo buscar as crianças, deveria levá-las para ver a mãe. Elas ansiavam pela companhia de Marina, mesmo quando ela não fazia mais do que dar um tapinha em suas cabeças. Sim, os três iriam atrás de Marina. Isso seria ainda melhor do que uma caminhada pelo campo.

Mas ele sabia por experiência própria que não podia fazer suposições sobre o estado de espírito da mulher. Só porque ela havia se aventurado a sair não significava que estaria se sentindo bem. E ele detestava quando os filhos a viam deprimida.

Então, Phillip virou e seguiu em direção ao bosque no qual tinha visto Marina desaparecer alguns minutos antes. Caminhava praticamente duas vezes mais rápido do que ela e não demoraria para alcançá-la e checar como ela estava. Podia voltar ao quarto das crianças antes que elas saíssem com a babá.

Andou por entre as árvores, sem dificuldade para seguir o rastro da esposa. O chão estava úmido e ela devia estar com botas pesadas, porque suas pegadas tinham ficado nitidamente marcadas na terra, seguindo pelo declive suave e para fora do bosque, e entrando depois em uma área gramada.

– Droga – resmungou Phillip, a voz quase inaudível em razão do vento que aumentava à sua volta.

Era impossível ver as pegadas dela na grama. Ele protegeu os olhos do sol com a mão e se esforçou para enxergar à distância, procurando algum sinal de vermelho.

Nada perto da cabana abandonada, nada no campo de grãos experimentais, nem na imensa pedra que ele passara tantas horas escalando quando criança. Virou então para o norte, estreitando os olhos, quando finalmente a viu. Ela seguia em direção ao lago.

O lago.

Phillip entreabriu os lábios quando viu que ela caminhava a passos lentos para a beira d’água. Ele não ficou paralisado; foi mais como se tivesse… saído de seu corpo… enquanto sua mente absorvia a estranha cena. Marina não costumava nadar. Phillip nem tinha certeza se ela sabia fazê-lo. Achava que ela já devia ter ouvido falar sobre o lago no terreno da propriedade, mas, na verdade, nunca soube se ela já tinha ido até lá durante os oito anos de casamento. Começou a andar em direção a ela, os pés de alguma forma reconhecendo o que sua mente se recusava a aceitar. Quando Marina entrou na parte rasa, ele acelerou o passo, ainda muito distante para fazer qualquer outra coisa que não fosse gritar por ela.

Mas, se Marina o ouviu, não o demonstrou, apenas continuou sua caminhada lenta e decidida em direção à parte mais funda.

– Marina! – berrou Phillip, saindo em disparada. Ainda estava longe, mesmo correndo o mais rápido que podia. – Marina!

Ela chegou ao pedaço em que o fundo do lago sofria um declive acentuado e desapareceu de repente sob a superfície escura, a capa vermelha flutuando por apenas alguns segundos antes de ser sugada atrás dela.

Phillip gritou o nome da mulher de novo, mesmo sabendo que ela não podia mais ouvi-lo. Ele desceu a colina que levava até o lago derrapando e tropeçando, e teve presença de espírito suficiente apenas para arrancar o casaco e as botas antes de mergulhar desesperado na água enregelante. Marina estava embaixo d'água não fazia nem um minuto. Phillip sabia que provavelmente não tinha dado tempo de ela se afogar, mas cada segundo que demorava para encontrá-la deixava a mulher um segundo mais perto da morte.

Ele já tinha nadado naquele lago inúmeras vezes e sabia a localização exata do declive. Chegou até lá com braçadas rápidas e regulares, mal percebendo a resistência da água em suas roupas pesadas.

Podia encontrá-la. *Tinha* de encontrá-la, antes que fosse tarde demais.

Mergulhou fundo, esquadrinhando a água turva. Marina devia ter revolvido a areia do fundo, e com certeza ele também, porque o sedimento fino girava em volta dele em um redemoinho que lhe dificultava a visão.

Mas Marina acabou sendo salva graças a seu curioso gosto para cores. Quando viu o vermelho da capa flutuando na água como uma pipa lânguida, Phillip deu um impulso para chegar até lá. A esposa não lutou enquanto ele a puxava para cima. Na verdade, ela já tinha perdido a consciência e não era mais que um peso morto em seus braços.

Os dois chegaram à superfície e Phillip ofegou várias vezes para encher os pulmões, que queimavam. Por alguns instantes, ele não conseguiu fazer nada além de respirar, seu corpo percebendo que primeiro tinha de se salvar antes de pensar em ajudar outra pessoa. Então ele a levou em direção à terra, tomando o cuidado de manter o rosto dela fora d'água, embora Marina não parecesse respirar.

Por fim, chegaram à margem, e ele a arrastou para a estreita faixa de terra e pedras que separava a água da grama. Com movimentos desesperados, tentou ver se Marina estava respirando, mas não sentiu nenhum ar saindo de seus lábios.

Não sabia o que fazer, nunca pensara que teria de salvar alguém do afogamento algum dia. Então optou pelo que parecia mais razoável: colocou-a no colo, com o rosto para baixo, e bateu com força em suas costas. A princípio nada aconteceu, mas após o quarto golpe ela tossiu e uma água escura jorrou de sua boca.

Ele a virou depressa.

– Marina? – chamou com urgência, dando-lhe tapinhas de leve no rosto. – Marina?

Ela tossiu de novo, o corpo sacudido por tremores espasmódicos. Então começou a inspirar com força, os pulmões forçando-a a viver, ainda que sua alma quisesse outra coisa.

– Marina – disse Phillip, a voz trêmula de alívio. – Graças a Deus.

Ele não a amava, nunca a amara de verdade, mas ela era sua esposa, a mãe de seus filhos. E, lá no fundo, por baixo da inabalável fachada de dor e desespero, era também uma boa pessoa. Ele podia não amá-la, mas não queria que morresse.

Marina piscou, os olhos desfocados. E então finalmente pareceu perceber onde estava, quem ele era, e sussurrou:

– Não.

– Preciso levá-la de volta para casa – disse ele com rispidez, surpreso ao notar como tinha ficado irritado com aquela única palavra.

Não.

Como ela se atrevia a se opor a que ele a salvasse? Iria desistir de viver só porque estava *triste*? Sua melancolia pesava mais do que os dois filhos deles? Na balança da vida, seu estado de espírito era mais importante do que o fato de os dois precisarem de uma mãe?

– Vou levá-la para casa – disparou ele, erguendo-a nos braços sem muita delicadeza.

Ela agora já respirava e obviamente raciocinava com mais clareza, por mais confusa que fosse sua mente. Não havia por que tratá-la como uma flor frágil.

– Não – pediu Marina, chorando baixinho. – Por favor, não. Eu não quero… Eu não…

– Você vai para casa – declarou ele, subindo a colina com dificuldade, sem se importar com o vento que gelava suas roupas ou com o solo pedregoso que

machucava seus pés descalços.

– Eu não posso – sussurrou ela, com o que parecia ser suas últimas forças.

E, enquanto carregava seu fardo para casa, Phillip só pensava em como aquelas palavras eram apropriadas.

Eu não posso.

De certo modo, aquilo parecia resumir toda a vida dela.

~

Quando anoiteceu, ficou claro que a febre talvez pudesse fazer o que o lago não havia conseguido.

Phillip carregara Marina para casa o mais rápido possível e, com a ajuda da Sra. Hurley, a governanta, tirara as roupas geladas dela e tentara aquecê-la com o edredom de pluma de ganso que era a peça mais importante do enxoval de Marina quando os dois haviam se casado.

– O que aconteceu? – perguntara a Sra. Hurley, ofegante de preocupação, quando ele entrou cambaleando pela porta da cozinha.

Ele não quisera usar a entrada principal, onde podia ser visto pelos filhos. Além disso, a porta da cozinha ficava uns 20 metros mais perto.

– Ela caiu no lago – dissera Phillip rispidamente.

A Sra. Hurley olhara para ele com um misto de desconfiança e compreensão, e ele percebeu que ela sabia a verdade. Ela trabalhava para os Cranes desde o casamento deles e conhecia bem o temperamento da patroa.

A governanta o enxotara do quarto assim que os dois colocaram Marina na cama, insistindo que ele trocasse as próprias roupas antes que também ficasse doente. Phillip voltara depois para ficar ao lado da esposa. Aquele era seu lugar como marido, pensou, cheio de culpa, um lugar que evitara nos últimos anos.

Era deprimente ficar perto de Marina. *Difícil*.

Mas aquela não era hora de fugir das obrigações, então ele ficou sentado junto à sua cabeceira durante o dia inteiro e noite adentro. Enxugava a testa dela quando Marina começava a suar e tentava fazê-la tomar um pouco de caldo morno quando estava serena.

Phillip lhe dizia para lutar, mesmo sabendo que ela não daria ouvido às suas palavras.

Três dias depois, ela morreu.

Era o que Marina queria, mas isso não serviu de consolo a Phillip quando ele teve de encarar os filhos gêmeos, que tinham acabado de fazer 7 anos, para explicar que sua mãe se fora. Sentou-se no quarto deles, com sua altura e seu corpo grande demais para qualquer uma das cadeiras de criança que havia ali. Mas ele se sentou assim mesmo, todo torto, e olhou bem nos olhos dos dois enquanto tentava fazer com que as palavras saíssem.

As crianças falaram pouco, o que não era comum. Mas não pareciam surpresas, o que Phillip achou desconcertante.

– Eu… sinto muito – desabafou ele, quando chegou ao fim do discurso.

Phillip os amava tanto, e tinha falhado com os dois de tantas maneiras… Mal sabia como ser um pai, como é que poderia assumir também o papel de mãe?

– Não é culpa sua – disse Oliver, os olhos castanhos fitando os do pai com uma intensidade perturbadora. – Ela caiu no lago, não foi? Você não a empurrou.

Phillip só assentiu, sem saber como responder.

– Ela está feliz agora? – perguntou Amanda, baixinho.

– Acho que sim – retrucou Phillip. – Ela vai poder ver vocês o tempo todo lá do céu, então deve estar feliz.

Os gêmeos pareceram pensar sobre aquilo por um instante.

– Espero que ela esteja feliz – disse Oliver por fim, a voz mais decidida do que sua expressão. – Talvez ela não chore mais agora.

Phillip sentiu a respiração presa na garganta. Não sabia que os filhos ouviam os choros de Marina. Ela parecia mergulhar fundo na tristeza apenas quando já era bem tarde. O quarto das crianças ficava exatamente em cima do dela, mas ele sempre achara que os dois já deviam estar dormido quando a mãe começava a chorar.

Amanda balançou a cabecinha loira, concordando.

– Se mamãe está feliz, então fico feliz que ela tenha ido embora – falou.

– Ela não foi embora – interrompeu Oliver. – Ela morreu.

– Não, ela foi embora – insistiu Amanda.

– Dá no mesmo – disse Phillip sem rodeios, desejando ter outra coisa para lhes dizer que não fosse a verdade. – Mas acho que ela está feliz agora.

E, de certo modo, isso também era verdade. Afinal, era o que Marina queria. Talvez fosse o desejo dela o tempo todo.

Amanda e Oliver ficaram em silêncio por um longo tempo, os olhos focados

no chão enquanto balançavam as pernas de cima da cama de Oliver. Os dois pareciam tão pequenos, sentados numa cama que era claramente alta demais para eles. Phillip franziu a sobrancelha. Como ele nunca tinha notado aquilo antes? Eles não deviam ter camas mais baixas? E se caíssem durante o sono?

Ou talvez já fossem grandes demais para isso. Talvez já não caíssem mais da cama. Talvez nunca tivessem caído.

Talvez ele fosse mesmo um pai terrível. Talvez devesse saber essas coisas.

Talvez… talvez… Fechou os olhos e suspirou. Talvez ele devesse parar de pensar tanto e simplesmente tentar fazer o melhor possível e ser feliz com isso.

– Você vai embora? – perguntou Amanda, levantando a cabeça.

Ele fitou-a nos olhos, tão azuis, tão parecidos com os da mãe.

– Não – sussurrou Phillip com firmeza, ajoelhando-se diante dela e segurando suas mãozinhas, que pareciam tão pequenas nas dele, tão frágeis. – Não – repetiu. – Não vou embora. Não vou embora nunca…

~

Phillip olhou para seu copo de uísque. Estava vazio de novo. Engraçado como um copo de uísque podia continuar se esvaziando mesmo depois de enchido quatro vezes.

Ele destestava recordar o que havia acontecido. Não sabia qual era a pior parte: o mergulho ou o instante em que a Sra. Hurley se virara para ele e dissera "Ela se foi".

Ou seus filhos, a tristeza em seus rostos, o medo em seus olhos.

Levou o copo aos lábios e bebeu o último gole. Decidiu que a pior parte com certeza eram as crianças. Ele lhes dissera que nunca as deixaria, e não fizera isso – não faria –, mas sua simples presença não era suficiente. Os dois precisavam de mais. Precisavam de alguém que soubesse ser pai, que soubesse como falar com eles, que os entendesse, que fizesse com que se comportassem.

E como ele não podia lhes arrumar outro pai, acreditava que devia pensar em encontrar uma mãe para eles. Era muito cedo, claro. Phillip não podia se casar de novo até que o tradicional período de luto terminasse, mas isso não significava que não podia procurar.

Suspirou, afundando no assento. Ele precisava de uma esposa. Praticamente qualquer uma serviria. Não se preocupava em como ela seria. Nem com a sua

situação financeira. Também não precisava ser alguém que soubesse fazer contas de cabeça, falar francês ou cavalgar.

Ela só precisava ser feliz.

Será que isso era pedir muito em uma esposa? Um sorriso, pelo menos uma vez por dia? Talvez até mesmo uma gargalhada?

E ela precisava amar os filhos dele. Ou pelo menos fingir tão bem que os dois nunca soubessem a diferença.

Não era pedir muito, era?

– Sir Phillip?

Phillip levantou os olhos, maldizendo-se por ter deixado a porta do escritório entreaberta. Miles Carter, seu secretário, estava com a cabeça para dentro da sala.

– O que foi?

– Uma carta, senhor – disse o homem, andando até ele para lhe entregar um envelope. – De Londres.

Phillip olhou para o envelope em sua mão e ergueu as sobrancelhas diante da caligrafia claramente feminina. Dispensou Miles com um aceno de cabeça, pegou o abridor de cartas e passou-o sob a cera. Lá dentro, uma única folha. Phillip esfregou o papel entre os dedos. Era de qualidade excelente. Caro. Pesado, também, um claro sinal de que a remetente não precisava economizar para reduzir os custos de envio.

Então, virou a carta e começou a ler:

Bruton Street, 5
Londres

Sir Phillip Crane,

Escrevo para lhe oferecer os pêsames pela perda de sua esposa, minha querida prima Marina. Embora tenham se passado muitos anos desde que a vi pela última vez, lembro-me dela com carinho, e fiquei muito triste ao saber de seu falecimento.

Por favor, não deixe de me escrever se houver qualquer coisa que eu possa fazer para aliviar sua dor neste momento difícil.

Atenciosamente,
Srta. Eloise Bridgerton

Phillip esfregou os olhos. Bridgerton… Bridgerton. Marina tinha primos da família Bridgerton? Devia ter, já que uma deles havia lhe mandado uma carta.

Suspirou, então se surpreendeu ao estender a mão para pegar os papéis e a pena. Tinha recebido muito poucas cartas de condolências desde a morte de Marina. Parecia que a maioria de seus amigos e parentes a havia esquecido depois do casamento. E ele não achava que devesse ficar chateado, ou até mesmo surpreso. Ela mal saía do quarto. Era fácil esquecer alguém que nunca era visto.

A Srta. Bridgerton merecia uma resposta. Era uma questão de educação, e mesmo que não fosse (e Phillip tinha certeza de que não conhecia todas as regras de etiqueta ligadas à morte da esposa de alguém), ainda assim parecia o certo a fazer.

Então, com um suspiro cansado, levou a pena ao papel.

CAPÍTULO 1

Maio de 1824
No meio da noite, em algum lugar na estrada
entre Londres e Gloucestershire

~

Cara Srta. Bridgerton,

Obrigado por sua gentil mensagem a respeito da perda de minha esposa. Foi atencioso de sua parte dedicar um tempo para escrever a um cavalheiro que nem mesmo conhece. Eu lhe ofereço esta flor prensada como agradecimento. É apenas um beijo-de-freira (Silene coronaria), *mas eles alegram os campos aqui em Gloucestershire e parecem ter chegado mais cedo este ano.*

Era a flor preferida de Marina.

Cordialmente,
Sir Phillip Crane

Eloise Bridgerton alisou a folha de papel amassada de tanto ser lida em seu colo. Havia pouca luz para ver as palavras, mesmo com a lua cheia brilhando pelas janelas da carruagem, mas isso não importava. Já sabia o texto inteiro de cor e a delicada flor prensada, em tom de rosa arroxeado, estava protegida entre as páginas de um livro que Eloise pegara na biblioteca do irmão.

Ela não tinha ficado tão surpresa ao receber a resposta de Sir Phillip. Era o que ditavam as boas maneiras, embora até mesmo a mãe de Eloise, com certeza a árbitra suprema dos bons costumes, dissesse que a filha levava suas correspondências um pouco a sério demais.

Era comum, claro, que as damas da posição de Eloise passassem várias horas por semana redigindo cartas, mas havia muito tempo que a jovem criara o hábito

de passar várias horas *por dia* escrevendo-as. Ela adorava se corresponder com outras pessoas, principalmente com aquelas que não encontrava havia anos (gostava de imaginar a surpresa delas ao abrir o envelope), então sacava seu papel e sua pena em quase todas as ocasiões – nascimentos, mortes, qualquer tipo de acontecimento que merecesse parabéns ou condolências.

Ela não sabia ao certo por que tinha esse costume, mas passava tanto tempo escrevendo para os seus irmãos que não estivessem em Londres que lhe parecia muito fácil redigir um pequeno texto para qualquer parente distante, sentada à sua escrivaninha.

E embora todos os destinatários mandassem uma mensagem curta em resposta – ela era uma Bridgerton, e ninguém queria ofender um Bridgerton –, nunca ninguém tinha incluído um presente, mesmo que fosse tão humilde quanto uma flor prensada.

Eloise fechou os olhos, lembrando-se das delicadas pétalas róseas. Era difícil imaginar um homem manuseando uma flor tão frágil. Seus quatro irmãos eram todos homens grandes e fortes, com ombros largos e mãos enormes, que com certeza destruiriam a pobre flor num segundo.

A resposta de Sir Phillip a deixara intrigada, sobretudo pelo uso do latim, e ela imediatamente escrevera sua resposta.

Caro Sir Phillip,

Muito obrigada pela encantadora flor prensada. Foi uma linda surpresa quando ela caiu do envelope, além de uma preciosa lembrança da querida Marina.

Não pude deixar de notar sua intimidade com o nome científico da flor. O senhor é botânico?

Cordialmente,
Srta. Eloise Bridgerton

Tinha sido sorrateiro da parte dela terminar a carta com uma pergunta. Agora o pobre homem seria forçado a responder de novo.

E ele não a desapontou. Depois de apenas dez dias, Eloise recebeu sua réplica.

Cara Srta. Bridgerton,

De fato, sou botânico, formado em Cambridge, embora no momento não esteja ligado a nenhuma universidade ou comissão científica. Realizo experimentos aqui em Romney Hall, em minha própria estufa.
A senhorita também é uma entusiasta da ciência?

Cordialmente,
Sir Phillip Crane

Aquela troca de cartas tinha algo de muito empolgante. Talvez fosse apenas o fato de encontrar alguém com quem não tinha nenhum parentesco interessado de fato em manter um diálogo escrito. O que quer que fosse, Eloise respondeu no mesmo instante.

Caro Sir Phillip,

Ah, céus, não. Não tenho nenhuma inclinação à ciência, embora seja boa em fazer contas. Interesso-me mais pela área de humanas. Creio que tenha notado que gosto de escrever cartas.

Sua amiga,
Eloise Bridgerton

Ela não estava muito segura se devia assinar com uma saudação tão informal, mas decidiu arriscar. Sir Phillip obviamente estava gostando da troca de correspondências tanto quanto ela, ou também não teria terminado a carta com uma pergunta.
A resposta chegou duas semanas depois.

Minha querida Srta. Bridgerton,

O que temos é mesmo um tipo de amizade, não é? Confesso que me sinto meio isolado aqui no campo, e se uma pessoa não pode ter um rosto sorridente à sua frente no café da manhã, então deveria ao menos poder

receber uma carta gentil de vez em quando, concorda?

Estou lhe mandando outra flor. Esta é uma Geranium pratense, *mais conhecida como gerânio.*

Com carinho,
Phillip Crane

Eloise se lembrava bem daquele dia. Sentou-se na cadeira que ficava perto da janela do seu quarto e observou a flor roxa cuidadosamente prensada pelo que pareceu uma eternidade. Será que ele estava tentando *cortejá-la*? Por correspondência?

E então um dia ela recebeu uma carta bem diferente das outras.

Minha querida Srta. Bridgerton,

Temos nos correspondido já há um bom tempo e, embora nunca tenhamos sido formalmente apresentados, tenho a impressão de já conhecê-la. Espero que sinta o mesmo.

Perdoe-me se estou sendo muito atrevido, mas escrevo para convidá-la a vir a Romney Hall. Tenho esperança de que, após algum tempo, possamos descobrir que iremos nos entender e a senhorita aceite ser minha esposa.

É claro que a senhorita terá uma acompanhante. Se aceitar meu convite, tomarei providências imediatas para trazer minha tia viúva para Romney Hall.

Espero que pense com carinho em minha proposta.

Afetuosamente,
Phillip Crane

Eloise no mesmo instante guardou a carta em uma gaveta, sem nem conseguir entender seu pedido. Ele queria se casar com alguém que nem *conhecia*?

Não, para ser justa, isso não era inteiramente verdade. Eles se conheciam, sim. Tinham dito mais um ao outro em um ano de correspondências do que muitos maridos e esposas durante todo um casamento.

Mas, ainda assim, nunca tinham *se encontrado*.

Eloise pensou em todos os pedidos de casamento que recusara ao longo dos anos. Quantos tinham sido? No mínimo seis. E ela já nem se lembrava direito por que dissera não a alguns deles. Na verdade, não havia nenhuma razão em particular, exceto pelo fato de não terem sido…

Perfeitos.

Será que era esperar muito?

Ela balançou a cabeça, sabendo que parecia tola e mimada. Não, ela não precisava de ninguém perfeito. Só precisava de alguém perfeito *para ela*.

Sabia o que as senhoras da sociedade diziam a seu respeito. Que era exigente demais, que não passava de uma tola. E que acabaria solteirona – não, elas não falavam mais isso. Falavam que ela já *era* uma solteirona, o que era verdade. Ninguém chegava aos 28 anos sem ouvir esse tipo de comentário sussurrado às suas costas.

Ou bem na sua cara.

Mas o engraçado era que Eloise não se importava com sua situação. Ou pelo menos não até bem recentemente.

Nunca lhe ocorrera que seria uma solteirona para sempre. Além disso, ela gostava bastante de sua vida. Tinha a família mais maravilhosa que alguém podia imaginar – sete irmãos e irmãs ao todo, cujos nomes seguiam a ordem alfabética. Isso significava que ela, com a letra E, era uma das do meio: tinha quatro irmãos mais velhos e três mais novos. Sua mãe era incrível, e tinha até parado de perturbá-la dizendo que ela devia se casar. Eloise ocupava um lugar de destaque na sociedade; os Bridgertons eram adorados e respeitados (e às vezes temidos) por todos, e a jovem tinha uma personalidade tão radiante e incontrolável que todos gostavam de sua companhia, sendo ela solteirona ou não.

Mas nos últimos tempos…

Ela suspirou, sentindo-se de súbito mais velha do que seus 28 anos. Ultimamente não vinha se sentindo tão radiante. Tinha começado a pensar que talvez aquelas velhinhas rabugentas estivessem certas e que ela *não iria* encontrar um marido. Talvez estivesse sendo exigente demais, muito determinada a seguir o exemplo de seus irmãos e irmã mais velhos, que tinham achado um amor sincero e profundo (mesmo que as coisas não tivessem

necessariamente dado certo desde o início).

Talvez um casamento baseado em respeito mútuo e companheirismo fosse melhor do que nada.

Mas era difícil conversar sobre esses sentimentos com alguém. Sua mãe passara tantos anos encorajando-a a arrumar um marido… Por mais que Eloise a adorasse, seria difícil agora admitir sua derrota e dizer que deveria tê-la ouvido. Seus irmãos também não ajudariam muito. Anthony, o mais velho, provavelmente tomaria para si a responsabilidade de selecionar o companheiro apropriado e depois intimidaria o pobre homem até sua submissão. Benedict era um sonhador e, além disso, agora quase nunca ia a Londres, preferindo a tranquilidade do campo. Quanto a Colin… Bem, essa já era outra história, que merecia um capítulo à parte.

Eloise achava que deveria ter conversado com Daphne, mas, toda vez que ia vê-la, a irmã mais velha estava tão absurdamente *feliz*, tão completamente apaixonada pelo marido e pela vida de mãe de quatro filhos… Como alguém assim poderia oferecer algum conselho útil a uma pessoa na posição de Eloise? E Francesca parecia a meio mundo de distância, lá na Escócia. Além disso, Eloise não achava justo importuná-la com suas aflições tolas. Afinal, Francesca tinha ficado viúva aos 23 anos, pelo amor de Deus. Os medos e preocupações de Eloise pareciam completamente sem importância diante disso.

E talvez tivesse sido por todas essas coisas que sua troca de cartas com Sir Phillip se tornara um prazer permeado de culpa. Os Bridgertons eram uma família grande, barulhenta e escandalosa. Era quase impossível manter qualquer coisa em segredo, principalmente de suas irmãs – a caçula, Hyacinth, poderia ter vencido a guerra contra Napoleão na metade do tempo se Sua Majestade tivesse pensado em recrutá-la para o serviço de espionagem.

Sir Phillip era, à sua própria e estranha maneira, dela. A única coisa que nunca tivera de dividir com ninguém. As cartas dele estavam amarradas todas juntas com uma fita roxa, escondidas no fundo da gaveta do meio de sua escrivaninha, sob a pilha de papéis que ela usava para escrever suas muitas cartas.

Ele era seu segredo. *Seu*.

E, como nunca o havia conhecido pessoalmente, pudera criá-lo em sua cabeça, usando as correspondências como base e depois montando o resto de

acordo com o que achava interessante. Se existia mesmo um homem perfeito, com certeza era o Sir Phillip Crane da sua imaginação.

E agora ele queria se encontrar com ela? *Conhecê-la?* Estava maluco? Queria arruinar o que parecia ser a corte perfeita?

Mas então o impossível acontecera. Penelope Featherington, a melhor amiga de Eloise por quase doze anos, havia se casado. E mais: com *Colin*. Irmão de Eloise!

Se a lua tivesse, de repente, caído do céu em seu quintal, Eloise não teria ficado mais surpresa.

Ela estava feliz pela amiga. De verdade. E pelo irmão também. Eles eram provavelmente as duas pessoas de quem mais gostava em todo o mundo, e estava radiante por ver que os dois haviam encontrado a felicidade. Ninguém merecia isso mais do que os dois.

O que não queria dizer que o casamento deles não tinha deixado um buraco em sua vida.

Quando visualizava sua vida como solteirona e tentava se convencer de que era o que realmente queria, Penelope estava sempre junto a ela, igualmente solteirona. Era aceitável – quase ousado, até – ter 28 anos e ser solteira desde que Penelope também estivesse na mesma situação. Não que não *quisesse* que a amiga encontrasse um marido, só que aquilo nunca parecera nem um pouco provável. *Eloise* sabia que Penelope era maravilhosa, gentil, inteligente e brilhante, mas os cavalheiros da alta sociedade nunca pareceram notar. Em todos os anos em que Penelope frequentara a sociedade – onze ao todo –, ela nunca havia recebido nem um pedido de casamento. Nem uma mínima demonstração de interesse.

De certo modo, Eloise acreditava que ela não iria a lugar algum, que continuaria a ser o que era… antes de tudo, sua amiga. Sua companheira na vida de solteirona.

E a pior parte – a que deixava Eloise arrasada de culpa – era que ela nunca tinha parado para pensar como Penelope se sentiria caso *ela* se casasse primeiro, o que, na verdade, sempre achou que fosse acontecer.

Mas agora Penelope tinha Colin, e Eloise podia ver que encontrar seu companheiro era algo maravilhoso. E ela estava sozinha. Sozinha em meio a uma Londres cheia de gente, em meio a uma família grande e amorosa.

Era difícil imaginar um lugar mais solitário.

De repente, a proposta ousada de Sir Phillip – escondida no final de sua pilha de cartas amarradas, no fundo da gaveta do meio, e trancada em um cofre recém-adquirido, para que Eloise não ficasse tentada a ler a carta um monte de vezes por dia – parecia, bem, um pouco mais intrigante.

Na verdade, tornava-se mais intrigante a cada dia, à medida que ela ficava mais impaciente, mais insatisfeita com a vida que tinha de admitir que escolhera.

E então um dia, depois de ter ido visitar Penelope e ser informada pelo mordomo – em um tom que até Eloise sabia o que significava – de que o Sr. e a Sra. Bridgerton não podiam receber visitas naquele momento, ela tomou uma decisão. Estava na hora de assumir o controle de sua vida, decidir seu destino, em vez de comparecer a um baile atrás do outro na vã esperança de que o homem perfeito fosse se materializar diante dela, mesmo que nunca houvesse ninguém novo em Londres e que, após uma década inteira frequentando a alta sociedade, já conhecesse todo mundo.

Disse a si mesma que isso não significava que *tinha* de se casar com Sir Phillip; estaria simplesmente investigando o que parecia ser uma excelente possibilidade. Se eles não se entendessem, não precisariam se casar, afinal, ela não lhe prometera nada.

E se havia uma coisa marcante a respeito de Eloise era que, quando ela tomava uma decisão, agia com rapidez. Não, ponderou ela com uma demonstração impressionante (em sua opinião, pelo menos) de honestidade; havia *duas* coisas marcantes em suas ações – ela gostava de agir com rapidez e era persistente. Penelope uma vez dissera que ela parecia um cachorro agarrado a um osso.

E Penelope não estava brincando.

Quando Eloise cismava com uma ideia, nem mesmo toda a força da família Bridgerton era capaz de demovê-la de seu objetivo. (E os Bridgertons constituíam uma força muito poderosa.) Provavelmente era pura sorte que seus objetivos e os de sua família nunca tivessem entrado em conflito antes, ao menos não com relação a algo importante.

Eloise sabia que eles jamais permitiriam que saísse às cegas para se encontrar com um homem que nunca vira. Anthony provavelmente exigiria que Sir Phillip viesse a Londres para conhecer toda a família de uma vez, e Eloise

não podia imaginar nenhuma outra situação capaz de assustar mais um possível pretendente. Os homens que já haviam se interessado por ela pelo menos estavam familiarizados com o cenário londrino e sabiam onde estavam se metendo. O pobre Sir Phillip, que – segundo suas próprias cartas – não colocava os pés em Londres desde os tempos de escola, e nunca vivera em meio à sociedade, com certeza iria cair numa emboscada.

Então sua única opção era viajar até Gloucestershire, e, como percebeu depois de pensar por alguns dias no assunto, teria de fazer isso em segredo. Se sua família soubesse de seus planos, sem dúvida a proibiria de ir. Eloise era uma oponente incrível, e talvez até vencesse no final, mas seria uma batalha longa e difícil. Sem falar que, se permitissem que ela fosse, após uma batalha demorada ou não, insistiriam em mandar pelo menos duas pessoas de sua família para acompanhá-la.

Eloise estremeceu. Essas duas pessoas provavelmente seriam sua mãe e Hyacinth.

E, Deus do céu, ninguém poderia se apaixonar com aquelas duas por perto. Ninguém conseguiria nem mesmo construir um relacionamento simples, mas duradouro, o que Eloise achava que obteria com a viagem.

Decidiu, então, que fugiria durante o baile de sua irmã Daphne. Seria um grande acontecimento, com muitos convidados e a dose certa de alvoroço e confusão para garantir que sua ausência passasse despercebida por umas boas seis horas, talvez mais. Sua mãe sempre insistia para que fossem pontuais – ou até mesmo chegassem adiantados – quando um membro da família oferecia algum evento social, então com certeza chegariam à casa de Daphne no máximo às oito horas. Se ela escapasse logo no início e o baile fosse até de madrugada… bem, seria quase de manhã quando alguém percebesse que havia saído, e ela já estaria a meio caminho de Gloucestershire. Se não a meio caminho, pelo menos longe o bastante para assegurar que não fosse fácil seguir seu rastro.

No fim das contas, executar seu plano acabou sendo de uma simplicidade espantosa. Toda sua família se distraiu com um grande anúncio que Colin planejava fazer, então ela só precisou dizer que iria à sala de estar das mulheres, sair pelos fundos e caminhar a curta distância até o quintal de sua casa, onde tinha escondido suas bolsas. De lá, só precisou andar até a esquina, onde uma carruagem contratada a esperava.

Se ela soubesse que seria tão fácil ir atrás de seu caminho no mundo, teria feito isso muitos anos antes.

E agora ali estava, seguindo em direção a Gloucestershire, ao seu destino, acreditava – ou esperava, ainda não sabia bem –, com nada além de algumas mudas de roupa e uma pilha de cartas escritas para ela por um homem que nunca tinha visto.

Um homem que esperava poder amar.

Era emocionante.

Não, era assustador.

Era, ponderou, provavelmente a coisa mais imprudente que já fizera na vida, e precisava admitir que já tinha tomado algumas decisões bastante tolas.

Ou poderia ser sua única chance de felicidade.

Eloise fez uma careta. Estava começando a fantasiar. Isso era um mau sinal. Tinha de embarcar naquela aventura com toda a natureza prática e o pragmatismo com os quais sempre tentara tomar suas decisões. Ainda dava tempo de voltar. O que, de fato, ela sabia sobre aquele homem? Ele lhe dissera muitas coisas durante aquele ano em que se corresponderam…

Sir Phillip tinha 30 anos, dois a mais que ela.

Tinha estudado botânica em Cambridge.

Havia sido marido de Marina, uma prima de quarto grau, por oito anos, o que significava que ele tinha 21 anos quando se casou.

Seus cabelos eram castanhos.

Ele tinha todos os dentes.

Era baronete.

Morava em Romney Hall, uma construção de pedra do século XVIII perto de Tetbury, Gloucestershire.

Gostava de ler tratados científicos e livros de poesia, mas não romances e, definitivamente, nenhum trabalho de filosofia.

Apreciava a chuva.

Sua cor preferida era o verde.

Nunca tinha saído da Inglaterra.

Não gostava de peixe.

Eloise tentou conter uma gargalhada nervosa. Ele não gostava de *peixe*? Era isso que sabia a respeito dele?

– Com certeza uma base sólida para um casamento – murmurou para si mesma, tentando ignorar o pânico em sua voz.

E o que ele sabia sobre ela? O que poderia tê-lo levado a propor casamento a uma completa estranha?

Ela tentou se lembrar do que tinha dito em suas diversas cartas…

Tinha 28 anos.

Tinha cabelos castanhos e todos os dentes.

Seus olhos eram acinzentados.

Ela vinha de uma família grande e amorosa.

Um de seus irmãos era visconde.

Seu pai tinha morrido quando ela era apenas uma criança, de maneira incompreensível, por um simples ferrão de abelha.

Tinha a tendência de falar demais. (Por Deus, havia mesmo contado isso para ele?)

Gostava de ler livros de poesia e romances, mas com certeza nenhum tratado científico ou trabalhos de filosofia.

Tinha viajado para a Escócia, mas só.

Sua cor preferida era roxo.

Não gostava de carne de carneiro e, definitivamente, detestava morcela.

Outra risada nervosa irrompeu de seus lábios. Com essas características, pensou sem nem uma ponta de sarcasmo, ela parecia mesmo um ótimo partido.

Olhou pela janela, como se isso pudesse lhe dar alguma indicação de sua localização na estrada que ia de Londres a Tetbury.

Via passar uma colina verdejante após a outra, todas iguais, e, até onde sabia, podia estar no País de Gales.

Franziu a testa, olhou para o papel em seu colo e dobrou novamente a carta de Sir Phillip. Devolveu-a ao amarrado de cartas em sua valise e tamborilou os dedos nas coxas em um gesto nervoso.

Tinha razão para estar nervosa.

Afinal, havia deixado sua casa e tudo o que lhe era familiar.

Estava cruzando metade da Inglaterra e ninguém sabia.

Ninguém.

Nem mesmo Sir Phillip.

Porque, em sua pressa para sair de Londres, tinha deixado de lhe contar que

estava indo. Bem, não é que tivesse exatamente *esquecido*. Na verdade, meio que… adiara a tarefa até ser tarde demais.

Se ela lhe contasse, estaria comprometida com o plano. Daquela forma, ainda poderia voltar atrás a qualquer momento. Tentara se convencer de que decidira isso porque gostava de ter opções em aberto, mas a verdade é que estava tão assustada que temera perder a coragem.

Além disso, fora Sir Phillip quem pedira o encontro. Ele ficaria feliz em vê-la.

Não ficaria?

~

Phillip se levantou da cama e abriu as cortinas de seu quarto, revelando outro dia perfeito e ensolarado.

Perfeito.

Caminhou em silêncio até o quarto de vestir para escolher a roupa, pois havia muito tempo dispensara os criados que cuidavam dessa tarefa. Ele não sabia explicar, mas, desde a morte de Marina, não queria mais nenhuma movimentação de pessoas abrindo as cortinas em seu quarto e escolhendo o que iria vestir.

Tinha demitido até mesmo Miles Carter, que tanto tentara ser seu amigo após o falecimento de Marina. Mas de alguma forma o jovem secretário só o fazia se sentir pior, então ele o dispensara com seis meses de pagamento e uma magnífica carta de referência.

Havia passado seu casamento com Marina desejando ter alguém com quem conversar, uma vez que ela fora sempre tão ausente, mas, agora que ela morrera, ele só queria ficar sozinho.

Achava que devia ter falado algo sobre isso em uma de suas muitas cartas à misteriosa Eloise Bridgerton, porque enviara sua proposta *não de um casamento imediato, mas talvez um relacionamento que levasse a isso* um mês antes, e o silêncio da parte dela era avassalador, sobretudo tendo em vista que ela respondia às suas cartas com encantadora vivacidade.

Ele franziu a testa. A misteriosa Eloise Bridgerton não era de fato *tão* misteriosa. Em suas cartas, ela parecia bem franca, honesta, além de ter uma personalidade incrivelmente radiante, o que, no fim das contas, era tudo o que

Phillip esperava de uma esposa dessa vez.

Pegou uma camisa; pretendia passar a maior parte do dia na estufa, sujo de terra até os cotovelos. Estava bastante decepcionado que a Srta. Bridgerton obviamente tivesse achado que ele era algum lunático que devia ser evitado a todo custo. Ela parecera a solução perfeita para seus problemas. Phillip precisava desesperadamente de uma mãe para Amanda e Oliver, mas eles tinham crescido tão indisciplináveis que não conseguia imaginar nenhuma mulher disposta a se casar com ele e ficando presa àqueles dois diabinhos pela vida inteira (ou pelo menos até que chegassem à maioridade).

Mas a Srta. Bridgerton tinha 28 anos; já era uma solteirona. E, se vinha se correspondendo com um completo desconhecido havia mais de um ano, com certeza devia estar um pouco desesperada. Será que não aproveitaria a chance de arrumar um marido? Ele tinha uma casa, uma fortuna respeitável e apenas 30 anos. O que mais ela poderia querer?

Phillip resmungou algumas frases irritadas enquanto enfiava as pernas em suas ásperas calças de lã. Era óbvio que ela queria *algo mais* ou teria tido pelo menos a cortesia de responder declinando da proposta.

BUM!

Phillip olhou para o teto e fez uma careta. Romney Hall era uma casa antiga, sólida e muito bem construída, e, se ouvia um barulho no teto, então seus filhos tinham derrubado (empurrado? atirado?) alguma coisa muito grande.

BUM!

Ele se encolheu. Essa última pancada parecia ter sido pior. Mas a babá estava lá em cima com as crianças, e sempre lidava melhor com os dois do que ele. Se conseguisse calçar as botas em menos de um minuto, poderia sair de casa antes que eles causassem muito mais danos, e então seria possível fingir que nada daquilo estava acontecendo.

Pegou uma das botas. Sim, era uma ótima ideia. Se não pudesse ouvir, não se preocuparia.

Acabou de se arrumar a uma velocidade impressionante e saiu depressa para o corredor, caminhando rapidamente até a escada.

– Sir Phillip! Sir Phillip!

Droga. Seu mordomo estava atrás dele.

Phillip fingiu não ouvir.

– *Sir Phillip!*

– Droga – resmungou.

Não havia como ignorar aquele grito a não ser que estivesse disposto a aturar os empregados à sua volta, preocupados com sua aparente perda de audição.

– Sim? – disse ele, virando-se lentamente. – O que foi, Gunning?

– Sir Phillip – retrucou Gunning, depois pigarreou. – Temos visita.

– Visita? – ecoou Phillip. – Foi essa a fonte do… humm…

– Barulho? – completou Gunning, prestativo.

– Sim.

– Não. – O mordomo pigarreou de novo. – A fonte do barulho são seus filhos.

– Sei – murmurou Phillip. – Bobagem minha pensar outra coisa.

– Não acredito que tenham quebrado nada, senhor.

– Então é um alívio e uma novidade.

– É verdade, senhor, mas, como falei, temos outro assunto importante: a visita.

Phillip resmungou. Quem poderia aparecer àquela hora da manhã? Eles não costumavam receber visitas nem nos horários habituais.

Gunning esboçou um sorriso, mas dava para ver que estava fora de forma.

– Costumávamos receber visitas, o senhor lembra?

Aquele era o problema com os mordomos que trabalhavam para a família desde antes de você nascer. Adoravam um sarcasmo.

– Quem é a visita?

– Não tenho certeza, senhor.

– Não tem certeza? – perguntou Phillip, incrédulo.

– Eu não perguntei.

– Mas não é isso que os mordomos devem fazer?

– Perguntar, senhor?

– Sim – respondeu Phillip, pensando se Gunning estava tentando ver até que ponto o rosto de seu patrão podia ficar vermelho antes de ele cair no chão em meio a um ataque apoplético.

– Pensei em deixar que o senhor perguntasse.

– Pensou em deixar que eu perguntasse – afirmou Phillip, percebendo quão inútil era fazer perguntas.

– Sim, senhor. Afinal, ela está aqui para vê-lo.

– Assim como todas as nossas visitas e isso nunca impediu você de descobrir quem eram.

– Bem, na verdade, senhor…

– Tenho certeza de que… – tentou interromper Phillip.

– Nós não temos mais o costume de receber visitas, senhor – concluiu Gunning, vencendo a batalha.

Phillip abriu a boca para salientar que *sim*, recebiam visitas, e que havia uma lá embaixo naquele exato instante, mas de que adiantava?

– Está bem – falou, profundamente irritado. – Vou descer.

O rosto de Gunning se iluminou.

– Ótimo, senhor.

Phillip olhou para o mordomo, chocado.

– Você está bem, Gunning?

– Sim, senhor. Por que pergunta?

Não parecia educado dizer que o sorriso largo deixava Gunning um pouco parecido com um cavalo, então Phillip apenas resmungou:

– Não é nada.

E desceu a escada.

Uma visita? Quem poderia ser? Ninguém vinha à sua casa havia quase um ano, desde que os vizinhos tinham deixado de fazer suas aparições obrigatórias para oferecer os pêsames. Ele achava que não podia culpá-los por se manterem afastados; na última vez em que um deles fora vê-lo, Oliver e Amanda tinham lambuzado as cadeiras com geleia de morango.

Lady Winslet tinha ido embora num acesso de raiva que ultrapassava qualquer coisa que Phillip considerasse saudável para uma mulher da sua idade.

Ele franziu a testa quando chegou ao pé da escada e seguiu em direção ao saguão. Era uma mulher, não era? Gunning não dissera que a visita era uma mulher?

Mas, droga, quem…?

Ele parou de repente, chegando a tropeçar.

Porque a mulher parada em seu hall era jovem e muito bonita, e, quando ela levantou o rosto para olhar para ele, Phillip notou que a moça tinha os olhos acinzentados mais encantadoramente lindos que já vira.

Ele poderia se afogar naqueles olhos. E, como era de imaginar, Phillip nunca pensava na palavra *afogar* de forma leviana.

CAPÍTULO 2

… e, tenho certeza de que não ficará surpreso em saber, falei demais. Simplesmente não conseguia parar de falar, mas acho que é o que costumo fazer quando estou nervosa. Só espero ter menos razões para ficar nervosa com o passar dos anos.

– de Eloise Bridgerton para seu irmão Colin,
quando foi apresentada à sociedade de Londres

Então ela abriu a boca.

– Sir Phillip? – falou, e, antes que ele tivesse sequer a chance de balançar a cabeça para confirmar, ela emendou, na velocidade de um raio: – Peço mil desculpas por aparecer assim de forma tão inesperada, mas realmente não tinha opção e, para ser sincera, se eu tivesse mandado avisar, é provável que a carta só chegasse depois de mim, o que a tornaria meio irrelevante, como sei que irá concordar, e…

Phillip piscou, certo de que deveria estar acompanhando o que ela dizia, mas já sem conseguir identificar onde uma palavra terminava e a outra começava.

– … uma longa viagem, e como eu não pude dormir, peço que me desculpe pela minha aparência e…

Ela estava deixando Phillip tonto. Seria falta de educação se ele se sentasse?

– … não trouxe muita coisa, mas não tive escolha, e…

Aquilo claramente tinha ido longe demais, sem nenhum sinal, na verdade, de que iria terminar. Se ele a deixasse falar mais uma palavra que fosse, tinha certeza de que aquilo afetaria seu ouvido interno, ou talvez ela desmaiasse por falta de ar e batesse a cabeça no chão. De um jeito ou de outro, um dos dois se machucaria e acabaria com uma dor debilitante.

– Madame – disse ele, e pigarreou.

Se ela o ouviu, não demonstrou. Em vez disso, falou algo sobre a carruagem que ao que tudo indicava a levara até sua porta.

– Madame – repetiu ele, um pouco mais alto dessa vez.

– … mas então eu… – Ela levantou o rosto, piscando aqueles olhos acinzentados devastadores para ele e, por um instante, Phillip ficou tonto. – Sim?

Agora que tinha a atenção dela, ele parecia ter esquecido o que queria dizer.

– Humm… quem *é* você? – perguntou.

Ela o encarou por uns bons cinco segundos, depois entreabriu os lábios, surpresa, e por fim respondeu:

– Eloise Bridgerton, é claro.

~

Eloise tinha quase certeza de que estava falando demais, e *sabia* que estava falando muito rápido, mas fazia isso quando estava nervosa, e, apesar de se orgulhar de raramente ficar nervosa, aquela parecia uma ocasião mais do que apropriada para tal. Além do mais, Sir Phillip – se era mesmo ele o homem grande como um urso parado à sua frente – não era *de forma alguma* o que ela esperara.

– *Você* é Eloise Bridgerton?

Ela olhou para o rosto boquiaberto dele e sentiu os primeiros sinais de irritação.

– Mas é claro. Quem mais eu poderia ser?

– Não posso nem imaginar.

– Você me convidou – ressaltou ela.

– E você não respondeu ao meu convite – rebateu ele.

Eloise engoliu em seco. Nisso ele tinha razão. Razão demais, até, se quisesse ser justa, o que ela não queria. Não por ora, pelo menos.

– Não tive a oportunidade – disse ela de forma evasiva. Então, quando a expressão dele deixou claro que isso não era explicação suficiente, acrescentou: – Como mencionei antes.

Ele a encarou por um bom tempo, os olhos escuros inescrutáveis. Então finalmente, quando ela já começava a se sentir desconfortável, retrucou:

– Não entendi uma palavra do que falou.

Ela sentiu a boca abrir de… surpresa? Não, irritação.

– Você não estava ouvindo? – perguntou.

– Eu *tentei*.

Eloise contraiu os lábios.

– Muito bem – falou, contando até cinco em sua cabeça, em latim, antes de completar: – Queira me desculpar. Sinto muito por ter vindo sem avisar. Foi terrivelmente indelicado de minha parte.

Ele ficou em silêncio por três segundos completos – Eloise contou – antes de dizer:

– Aceito suas desculpas.

Ela pigarreou.

– E, é claro – continuou ele, tossindo e olhando em volta como se procurasse alguém que pudesse salvá-lo dela –, estou muito feliz em tê-la aqui.

Provavelmente não seria educado destacar que Sir Phillip parecia *tudo* menos feliz, então Eloise ficou ali parada, olhando para o rosto dele enquanto tentava pensar no que *poderia* dizer sem insultá-lo.

Achava lamentável que logo ela, que em geral tinha algo a dizer em qualquer situação, não conseguisse pensar em nada.

Por sorte, ele impediu que aquele silêncio constrangedor tomasse proporções monumentais, perguntando:

– Essa é toda a sua bagagem?

Eloise endireitou os ombros, feliz por mudarem de assunto para um mais trivial.

– Sim, eu não…

Ela se interrompeu. Precisava mesmo lhe contar que tinha saído às escondidas de casa no meio da noite? Aquilo não parecia contar muitos pontos a seu favor, ou de sua família. Ela não sabia ao certo por que, mas não queria que ele descobrisse que havia fugido. Tinha a nítida impressão de que Sir Phillip a faria pegar suas coisas e voltar para Londres imediatamente se soubesse a verdade. E, embora por enquanto não parecesse que teria o romance e a felicidade que imaginara, ela ainda não estava preparada para desistir.

Sobretudo porque isso significaria voltar correndo para sua família com o rabo entre as pernas.

– Sim, é tudo o que tenho – afirmou ela.

– Bom. Eu, hã… – Ele olhou em volta de novo, dessa vez com certo desespero, o que Eloise não considerou nem um pouco lisonjeiro. – Gunning! – gritou.

O mordomo apareceu tão depressa que só podia estar escutando atrás da porta.

– Sim, senhor?

– Nós… hã… precisamos preparar um quarto para a Srta. Bridgerton.

– Já fiz isso – retrucou Gunning.

As bochechas de Sir Phillip ficaram levemente coradas.

– Que bom – grunhiu ele. – Ela vai ficar aqui por… – Olhou para Eloise na expectativa da resposta.

– Duas semanas – disse ela, esperando que fosse o tempo adequado.

– Duas semanas – reiterou Sir Phillip como se o mordomo não a tivesse ouvido. – Faremos tudo o que estiver ao nosso alcance para deixá-la à vontade, é claro.

– É claro – concordou o mordomo.

– Ótimo – disse Sir Phillip, parecendo ainda um pouco desconfortável com toda a situação.

Ou, se não exatamente desconfortável, talvez cansado, o que era ainda pior.

Eloise estava decepcionada. Imaginara que Sir Phillip fosse um homem charmoso e desenvolto, como seu irmão Colin, que tinha um sorriso espirituoso e sempre sabia o que dizer em qualquer situação, fosse estranha ou não.

Sir Phillip, por outro lado, parecia preferir estar em qualquer outro lugar que não ali, o que Eloise não considerava nada encorajador, já que estava ali com ele. Ela achava que ele devia ao menos tentar se esforçar um pouco para conhecê-la melhor e decidir se ela daria uma boa esposa.

Seus esforços precisariam ser muito bons, porque, se era verdade que a primeira impressão é a que fica, ela duvidava muito de que um dia fosse achar que *Sir Phillip* daria um bom marido.

Eloise sorriu para ele com os dentes cerrados.

– Você gostaria de se sentar? – perguntou Sir Phillip de repente.

– Adoraria, obrigada.

Ele olhou em volta com o rosto inexpressivo, dando a Eloise a impressão de que mal conhecia a própria casa.

– Por aqui… – murmurou ele, indicando uma porta no fim do corredor. – A sala de estar.

Gunning tossiu.

Phillip olhou para ele de cara feia.

– Talvez o senhor queira pedir um lanche – sugeriu o mordomo.

– Hã, sim, é claro – disse Phillip, pigarreando. – É claro. Hã, talvez…

– Uma bandeja de chá? – sugeriu Gunning. – Com bolinhos?

– Ótimo – resmungou o outro.

– Ou quem sabe, se a Srta. Bridgerton estiver com fome, eu possa mandar preparar um café da manhã completo – continuou o mordomo.

Phillip olhou para Eloise.

– Por mim, bolinhos estão ótimos – disse ela, embora *estivesse* com fome.

Eloise deixou que Sir Phillip lhe desse o braço e a conduzisse à sala de estar, onde se sentou em um sofá coberto por seda azul listrada. O cômodo estava limpo e arrumado, mas a mobília parecia bastante velha. A casa toda parecia um pouco descuidada, como se o proprietário tivesse ficado sem dinheiro, ou apenas não se importasse.

Eloise acreditava mais na segunda opção. Até achava possível Sir Phillip estar com dificuldades finaceiras, mas o terreno da propriedade era lindo e bem cuidado, e ela vira o bastante da estufa para perceber que se encontrava em excelentes condições. Dado que Sir Phillip era botânico, isso com certeza explicava a atenção dada à área externa enquanto o interior da casa era deixado de lado.

Ele claramente precisava de uma esposa.

Eloise pousou as mãos no colo, então viu Sir Phillip se sentar à sua frente, espremendo o corpo enorme em uma cadeira que obviamente tinha sido feita para alguém bem menor que ele.

Ele parecia muito desconfortável (e Eloise tinha irmãos suficientes para reconhecer os sinais), como se quisesse praguejar, mas ela concluiu que a culpa era dele mesmo por ter escolhido aquela cadeira. Então sorriu de maneira educada e encorajadora, esperando que ele puxasse algum assunto.

Ele pigarreou.

Ela se inclinou para a frente.

Ele pigarreou de novo.

Ela tossiu.

Ele pigarreou pela terceira vez.

– Gostaria de um pouco de chá? – perguntou Eloise por fim, não suportando

a ideia de ouvir mais uma vez aquele som vindo da garganta dele.

Ele olhou para ela agradecido, embora ela não tivesse certeza se tinha sido pela sugestão do chá ou por ela ter misericordiosamente quebrado o silêncio.

– Sim, adoraria – respondeu.

Eloise abriu a boca para falar, então lembrou que estava na casa *dele* e que não fazia sentido lhe oferecer chá. Sem falar que ele também deveria ter se lembrado disso.

– Certo – disse ela. – Bem, tenho certeza de que logo chegará.

– Sim – concordou ele, remexendo-se no assento.

– Sinto muito por ter vindo sem avisar – murmurou ela, embora já tivesse dito isso.

Mas *precisava* falar alguma coisa. Sir Phillip podia estar acostumado àquelas pausas estranhas, mas Eloise era do tipo que gostava de preencher qualquer silêncio.

– Está tudo bem – disse ele.

– Na verdade, não está, não – replicou ela. – Foi terrivelmente mal-educado de minha parte, e peço desculpas.

Ele parecia espantado com toda aquela sinceridade.

– Obrigado – murmurou. – Não é problema algum, eu lhe garanto. Eu só fiquei…

– Surpreso?

– Sim.

Ela assentiu.

– Bem, qualquer um teria ficado. Eu devia ter pensado nisso e lamento muito mesmo pelo incoveniente.

Ele abriu a boca, mas depois a fechou e olhou pela janela.

– Está fazendo sol – comentou.

– É, está – concordou Eloise, achando aquilo meio óbvio.

Ele deu de ombros.

– Mas acho que vai chover à noite.

Ela não sabia ao certo o que responder, então apenas fez que sim com a cabeça, observando-o com discrição enquanto ele ainda olhava fixamente pela janela. Sir Phillip era maior do que havia imaginado, e tinha uma aparência mais rústica, menos urbana. As cartas dele eram tão charmosas e bem escritas que ela

o imaginara mais elegante… Mais esguio, talvez, com certeza nem um pouco gordo, mas menos musculoso. Ele parecia um trabalhador braçal, sobretudo com aquelas calças simples e a camisa sem gravata. E apesar de ele ter lhe dito que seus cabelos eram castanhos, ela sempre os imaginara louro-escuros, parecendo um poeta (não sabia por que sempre imaginava poetas louros). Mas os cabelos de Phillip eram exatamente como ele descrevera – castanhos bem escuros, quase pretos, na verdade, com um ondulado meio rebelde. Seus olhos eram da mesma cor, completamente indecifráveis.

Ela franziu a testa. Detestava pessoas que não conseguia decifrar de imediato.

– Você viajou a noite toda? – perguntou ele, educado.

– Sim.

– Deve estar cansada.

Ela assentiu.

– Estou, bastante.

Ele se levantou, indicando galantemente a porta.

– Você prefere descansar? Não quero prendê-la aqui se preferir dormir.

Eloise estava exausta, mas também com uma fome imensa.

– Eu gostaria de comer alguma coisa primeiro, e então ficarei feliz em aceitar sua hospitalidade e descansar um pouco.

Ele fez que sim e começou a se sentar, tentando se encaixar de novo na cadeira ridiculamente pequena, mas acabou resmungando algo baixinho e depois se dirigiu a ela de maneira um pouco mais inteligível:

– Com a sua licença. – E se mudou para outra cadeira, maior. – Pronto – disse, quando já havia se acomodado.

Eloise apenas assentiu, perguntando a si mesma se já tinha vivido situação mais estranha.

Ele pigarreou.

– Hã… Você fez boa viagem?

– Fiz, sim – respondeu ela, reconhecendo a tentativa dele de manter uma conversa. Um bom comentário merecia outro, então ela fez sua contribuição: – Você tem uma linda casa.

Ele ergueu a sobrancelha ao ouvir isso, olhando para ela de um jeito que dizia que não acreditava nem um pouco em seu falso elogio.

– Os jardins são magníficos – acrescentou ela com rapidez.

Quem poderia imaginar que ele realmente sabia que seus móveis estavam meio velhos? Os homens nunca notavam essas coisas.

– Obrigado – disse ele. – Sou botânico, como você sabe, então passo boa parte do tempo ao ar livre.

– Você planejava trabalhar lá fora hoje?

Ele balançou a cabeça em uma afirmativa.

Eloise abriu um sorriso hesitante.

– Sinto muito por ter atrapalhado seus planos.

– Não foi nada, fique tranquila.

– Mas…

– Você realmente não precisa se desculpar de novo – interrompeu ele. – Por nada.

Então seguiu-se mais uma vez aquele silêncio constrangedor e os dois olharam com ansiedade para a porta, esperando Gunning voltar com a salvação em forma de uma bandeja de chá.

Eloise tamborilava os dedos no sofá de um jeito que sua mãe teria considerado bastante rude. Olhou para Sir Phillip e ficou de certa forma feliz em ver que ele fazia o mesmo. Então ele notou que Eloise o observava e abriu um meio sorriso irritante ao perceber os dedos impacientes dela.

Eloise parou na mesma hora.

Olhou para ele, silenciosamente desafiando-o – implorando? – a *falar* alguma coisa. Qualquer coisa.

Ele não disse nada.

Aquilo estava matando Eloise. Ela precisava quebrar o silêncio. Aquilo não era natural. Era estranho demais. As pessoas deviam *falar*.

Ela abriu a boca, movida por um desespero que não entendeu direito.

– Eu…

Mas antes que pudesse continuar com uma frase que elaboraria à medida que falasse, um grito terrível cortou o ar.

Ela ficou de pé num pulo.

– O que foi…

– Meus filhos – disse Sir Phillip, deixando escapar um suspiro desanimado.

– Você tem *filhos*?

Ele notou que ela estava de pé e se levantou também, cansado.

– É claro.

Ela olhou para ele boquiaberta.

– Você nunca disse que tinha filhos.

Phillip estreitou os olhos.

– Isso é um problema? – perguntou, com rispidez.

– É claro que não! – exclamou ela, furiosa. – Adoro crianças. Tenho mais sobrinhos do que posso contar, e garanto a você que sou a tia *preferida* deles. Mas isso não justifica o fato de você não ter mencionado a existência dos seus filhos.

– Não é possível – disse ele, balançando a cabeça. – Você deve ter ignorado a parte em que falei deles.

Ela deu um tranco com a cabeça para trás tão de repente que por pouco não quebrou o pescoço.

– Isso não é o tipo de coisa que eu ignoraria – retrucou ela com altivez.

Ele deu de ombros, claramente desconsiderando seu protesto.

– Você nunca falou deles, e posso provar – disse Eloise.

Ele cruzou os braços, lançando-lhe um olhar de incredulidade.

Ela caminhou até a porta.

– Cadê minha valise?

– Exatamente onde você a deixou, imagino – disse ele, observando-a com uma expressão condescendente. – Ou já no seu quarto, o que é mais provável. Meus criados não são *tão* negligentes.

Ela fechou a cara.

– Tenho todas as cartas que você me mandou, e posso lhe garantir que nenhuma delas contém as palavras “meus filhos”.

Phillip entreabriu os lábios, surpreso.

– Você guardou minhas cartas?

– É claro. Você não guardou as minhas?

Phillip nunca entendera as mulheres e em vários momentos desejava deixar de lado o pensamento científico corrente e declará-las uma espécie completamente diferente. Aceitava o fato de quase nunca saber o que devia lhes dizer, mas dessa vez até ele percebeu que tinha cometido um erro gravíssimo.

– Tenho certeza de que guardei algumas delas – arriscou.

Ela cerrou os lábios em uma linha fina de irritação.

– A maioria delas, quero dizer – acrescentou ele com rapidez.

Eloise parecia revoltada. Como ele estava percebendo, ela tinha um temperamento forte.

– Não é que eu tenha jogado as cartas fora – disse ele, tentando sair daquele poço sem fundo. – Só não sei exatamente onde as guardei.

Ele observou com interesse Eloise recuperar o controle, depois soltar o ar brevemente. Os olhos dela, no entanto, continuavam cinzentos como um dia de tempestade.

– Muito bem – falou a jovem. – Isso não tem importância.

Era também sua opinião, pensou Phillip, mas até mesmo ele era inteligente o suficiente para não falar isso.

Além disso, o tom de Eloise deixava bem claro que, para ela, aquilo tinha importância, sim. Muita.

Outro grito rompeu o ar, seguido por um estrondo ressonante. Phillip se encolheu. Parecia um móvel batendo no chão.

Eloise olhou para o teto, como se esperasse que o gesso começasse a cair rodopiando a qualquer momento.

– Você não deveria ir ver se eles estão bem? – perguntou ela.

Sim, ele deveria, mas, por tudo o que era mais sagrado, não queria. Quando os gêmeos saíam do controle, ninguém podia detê-los, o que, acreditava Phillip, era a definição de “sair do controle”. Em geral era mais fácil deixar que fizessem o que queriam até esgotarem suas forças (o que não costumava demorar muito) e lidar com eles depois. Provavelmente não era a atitude mais benéfica, e com certeza nada que qualquer outro pai recomendaria, mas a energia de um homem para lidar com duas crianças de 8 anos tinha limites, e ele temia que a sua tivesse se esgotado uns seis meses antes.

– Sir Phillip? – chamou Eloise.

Ele expirou, cansado.

– Você tem razão, é claro.

Sem dúvida não seria adequado parecer um pai desinteressado diante da Srta. Bridgerton, que ele tentava cortejar, ainda que de maneira tão desajeitada, esperando que ela pudesse se tornar a mãe dos dois pestinhas que naquele momento tentavam destruir a sua casa.

– Queira me dar licença – disse ele, enquanto saía para o corredor. – Oliver! – gritou. – Amanda!

Ele não tinha certeza, mas pensou ter ouvido a Srta. Bridgerton conter o riso, horrorizada.

A irritação tomou conta dele, e Phillip fuzilou-a com o olhar, mesmo sabendo que não devia. Pelo visto, ela achava que podia fazer um trabalho melhor com aqueles dois diabinhos.

Ele caminhou a passos largos até a escada e gritou de novo os nomes dos gêmeos. Pensando bem, talvez não devesse ser tão severo. Afinal, esperava – não, pedia a Deus com todo o seu fervor – que Eloise Bridgerton pudesse justamente fazer um trabalho melhor com as crianças.

Se ela fosse capaz de ensiná-los a se comportar melhor, ele até beijaria o chão onde ela pisasse.

Oliver e Amanda apareceram na escada e desceram os degraus nem um pouco sem graça.

– O que foi isso? – perguntou Phillip.

– Isso o quê? – replicou Oliver de maneira atrevida.

– O barulho – insistiu Phillip.

– Foi a Amanda – disse Oliver.

– Sim, fui eu – confirmou ela.

Phillip esperou maiores esclarecimentos e, quando entendeu que nenhum dos dois colaboraria, acrescentou:

– E por que Amanda estava gritando?

– Era um sapo – explicou ela.

– Um sapo.

Ela assentiu.

– Isso. Na minha cama.

– Sei – retrucou Phillip. – Você tem alguma ideia de como ele foi parar lá?

– Eu que coloquei – replicou Amanda.

Phillip desviou os olhos de Oliver, a quem dirigira a pergunta, e voltou-se de novo para Amanda.

– Você colocou um sapo na sua cama?

Ela fez que sim.

Por quê, por quê, *por quê*? Phillip pigarreou.

– Por quê?
Ela deu de ombros.
– Porque eu quis.
Phillip, incrédulo, sentiu seu queixo se projetar à frente.
– Porque quis?
– Isso.
– Colocar um sapo na sua cama?
– Eu estava tentando criar girinos – explicou ela.
– *Na sua cama?*
– Parecia quente e aconchegante.
– Eu ajudei – interpôs Oliver.
– Disso eu não tinha dúvida – disse Phillip com a voz severa. – Mas por que você gritou?
– Eu não gritei – retrucou Oliver, indignado. – Foi a Amanda.
– Eu estava perguntando a ela! – exclamou Phillip, mal resistindo ao impulso de atirar os braços para o alto, derrotado, e se retirar para a estufa.
– O senhor estava olhando para mim – argumentou Oliver. E então, como se seu pai fosse obtuso demais para entender, acrescentou: – Quando fez a pergunta.
Phillip respirou fundo antes de transformar suas feições no que esperava ser uma expressão paciente e se dirigiu de novo a Amanda.
– Por que você gritou, *Amanda*?
Ela deu de ombros.
– Eu esqueci que tinha colocado o sapo lá.
– Achei que ela fosse *morrer*! – intrometeu-se Oliver, dramaticamente.
Phillip decidiu não comentar a declaração.
– Pensei que tínhamos combinado que vocês não podiam trazer sapos para dentro de casa – falou, cruzando os braços e encarando os filhos com seu olhar mais severo.
– Não, você falou que não podíamos trazer *rãs* – disse Oliver, apoiado por Amanda, que assentia com veemência.
– Nenhum tipo de anfíbio – disparou Phillip.
– Mas e se um deles estiver morrendo? – perguntou Amanda, os lindos olhos azuis se enchendo de lágrimas.

– Nem assim.
– Mas…
– Vocês podem cuidar dele lá fora.
– E se ele estiver com muito, muito frio e só precisar dos meus cuidados e de uma cama quente?
– Espera-se que sapos sejam muito, muito frios – rebateu Phillip. – É por isso que são anfíbios.
– Mas e se…
– *Não!* – gritou ele. – Nada de rãs, sapos, grilos, gafanhotos ou qualquer outro tipo de animal dentro de casa!
Amanda começou a arfar.
– Mas… mas… mas…
Phillip deu um longo suspiro. Nunca sabia o que dizer aos filhos, e agora parecia que Amanda ia se dissolver em uma poça de lágrimas.
– Pelo amor de… – Ele se controlou bem a tempo e suavizou a voz. – O que foi, Amanda?
Ela ofegou e então soluçou.
– E a Bessie?
Phillip procurou em volta, sem sucesso, uma parede em que se apoiar.
– É claro que eu não pretendia incluir nossa querida cachorra nisso.
– Bem, o senhor poderia ter explicado melhor – disse Amanda, fungando e parecendo surpreendente e suspeitamente recomposta. – O senhor me deixou muito triste.
Phillip trincou os dentes.
– Me desculpe por isso.
Ela assentiu como se fosse uma rainha.
Phillip gemeu. Quando foi que os gêmeos tinham começado a ganhar as discussões? Com certeza um homem de seu tamanho e intelecto (pelo menos era o que ele gostava de pensar) devia ser capaz de lidar com duas crianças de 8 anos.
Mas não, mais uma vez, apesar de suas melhores intenções, ele havia perdido totalmente o controle da conversa e agora estava, na verdade, pedindo desculpas a eles.
Nada o fazia se sentir mais fracassado.

– Está bem, então – falou, ansioso para acabar com aquilo. – Podem ir. Estou muito ocupado.

Os dois ficaram ali parados por um instante, piscando os olhos arregalados para ele.

– O dia todo? – perguntou Oliver, por fim.

– O dia todo? – ecoou Phillip.

Do que o diabinho estava falando?

– Você vai estar ocupado o dia todo? – disse Oliver.

– Sim, vou – respondeu Phillip bruscamente.

– E se fizéssemos um passeio ao ar livre? – sugeriu Amanda.

– Não posso – retrucou Phillip, mesmo que parte dele quisesse.

O problema era que os gêmeos o exasperavam tanto que acabariam fazendo com que perdesse a paciência. E não havia nada que ele detestasse mais do que isso.

– Podemos ajudá-lo na estufa – disse Oliver.

Ou, mais provavelmente, destruí-la.

– Não – decretou Phillip.

Ele achava, do fundo do coração, que não seria capaz de se controlar se os dois destruíssem seu trabalho.

– Mas…

– Não posso – disparou ele, odiando o tom de sua voz.

– Mas…

– E quem são esses? – disse uma voz que vinha de trás dele.

Phillip se virou. Era Eloise Bridgerton, metendo o nariz onde com certeza não tinha sido chamada, e isso depois de chegar a sua casa sem avisar.

– Como? – disse Phillip a ela, sem se preocupar em disfarçar a irritação em sua voz.

Ela o ignorou e olhou para os gêmeos.

– Quem são vocês? – indagou ela.

– Quem é você? – perguntou Oliver.

Amanda estreitou os olhos até eles se transformarem em duas fendas.

Phillip se permitiu abrir o primeiro sorriso sincero da manhã e cruzou os braços. Sim, queria ver como a Srta. Bridgerton lidaria com aquilo.

– Eu sou a Srta. Bridgerton – disse ela.

– Não é nossa nova professora, é? – perguntou Oliver, desconfiado, com um tom de malícia na voz.

– Por Deus, não – retrucou ela. – O que aconteceu com sua última professora?

Phillip tossiu. Alto.

Os gêmeos entenderam o recado.

– Hã, nada – disse Oliver.

A Srta. Bridgerton não parecia nem um pouco convencida pelo ar de falsa inocência dos gêmeos, mas sensatamente decidiu não insistir e disse apenas:

– Sou hóspede de vocês.

Os gêmeos pensaram naquilo por um instante, então Amanda falou:

– Nós não queremos nenhum hóspede.

– Não *precisamos* de nenhum hóspede – acrescentou Oliver em seguida.

– Crianças! – advertiu Phillip, sem querer realmente ficar do lado da Srta. Bridgerton após ela ter sido tão intrometida, mas sem ter outra escolha.

Não podia deixar os filhos serem tão rudes.

Os gêmeos cruzaram os braços ao mesmo tempo para mostrar que estavam ignorando a Srta. Bridgerton.

– Já chega! – esbravejou Phillip. – Peçam desculpas à Srta. Bridgerton agora mesmo.

Eles a encararam com ar rebelde.

– Agora! – urrou ele.

– Desculpe – resmungaram os dois, mas sua falsa sinceridade não estava enganando ninguém.

– Voltem já para o quarto – ordenou Phillip severamente.

Eles saíram como soldados orgulhosos, com a cabeça erguida. Seria uma visão já bem impressionante se Amanda não tivesse se virado no pé da escada e colocado a língua para fora.

– Amanda! – gritou ele, andando a passos largos atrás da filha.

Ela subiu as escadas rápido como uma raposa.

Phillip ficou imóvel por alguns instantes, os punhos cerrados e trêmulos. Pelo menos uma vez – *uma vez*! –, ele gostaria que os filhos se comportassem, obedecessem, não respondessem a uma pergunta com outra pergunta, fossem educados com as visistas, não mostrassem a língua e…

Pelo menos uma vez, ele gostaria de sentir que era um bom pai, que sabia o que estava fazendo.

E de não ter levantado a voz. Detestava quando levantava a voz, odiava o medo que acreditava ver nos olhos deles, ainda que brevemente.

Detestava as lembranças que isso trazia.

– Sir Phillip?

A Srta. Bridgerton. Droga, ele quase tinha esquecido que ela estava ali. Virou-se para ela.

– Sim? – falou, mortificado por ela ter testemunhado sua humilhação.

O que, é claro, fazia com que ficasse irritado com ela.

– Seu mordomo trouxe a bandeja de chá – disse a jovem, indicando a sala de estar.

Ele assentiu brevemente. Precisava sair. Ficar longe de seus filhos e da mulher que vira o pai terrível que ele era. Havia começado a chover, mas ele não se importava.

– Bom apetite – falou. – Nos vemos depois que você descansar.

E então saiu depressa pela porta a caminho da estufa, onde poderia ficar sozinho com aqueles seres que não falavam, não se comportavam mal nem se intrometiam nos assuntos dos outros: suas plantas.

CAPÍTULO 3

… você vai entender por que não pude aceitar o pedido de casamento dele. Ele era grosseiro demais e tinha um temperamento péssimo. Eu quero me casar com um homem agradável e atencioso, que me trate como uma rainha. Ou, pelo menos, como uma princesa. Tenho certeza de que não é pedir muito.

– de Eloise Bridgerton para sua querida amiga Penelope Featherington, enviada por mensageiro após Eloise receber o primeiro pedido de casamento

Ao entardecer, Eloise estava quase convencida de que tinha cometido um erro terrível.

E, para falar a verdade, só não estava totalmente convencida porque a única coisa que detestava mais do que cometer erros era admitir isso. Então tentava se manter firme e decidida e fingir que aquela situação horrível poderia acabar se resolvendo.

Ela ficara surpresa – boquiaberta, até – quando Sir Phillip se despedira de repente sem dizer nada além de “Bom apetite” e então saíra pisando forte pela porta. Tinha viajado por meia Inglaterra por causa de um convite *dele*, e ele a deixara sozinha na sala de estar meia hora depois de ela ter chegado?

Ela não esperava que ele fosse se apaixonar à primeira vista e cair de joelhos prometendo devoção eterna, mas acreditava que mereceria mais do que apenas “Quem é você?” e “Bom apetite”.

Ou talvez realmente *esperasse* que ele fosse se apaixonar à primeira vista. Construíra um sonho baseado na imagem daquele homem – uma imagem que agora sabia não ser verdadeira. Em sua cabeça, ela o transformara no homem perfeito, e doía demais perceber que imperfeito era pouco para defini-lo.

E o pior era que a única culpada era ela. Sir Phillip nunca inventara coisas a seu respeito nas cartas (embora ela ainda achasse que ele deveria ter falado dos

filhos, especialmente antes de propor casamento).

Os sonhos dela não passavam disso: sonhos. Ilusões, coisas que criara. Se ele não era quem esperara, a culpa era só dela. Vinha ansiando por algo que nem mesmo existia.

E deveria saber que isso iria acontecer.

Além disso, ele não parecia ser um bom pai, o que era um dos pontos mais negativos que alguém podia receber na avaliação dela.

Não, não estava sendo justa. Não devia julgá-lo assim tão rápido com relação a isso. As crianças não pareciam maltratadas ou malnutridas nem nada do gênero, mas Sir Phillip com certeza não fazia ideia de como cuidar delas. Tinha lidado com os filhos de maneira totalmente equivocada naquela manhã, e estava claro, pelo modo como os dois se comportaram, que o relacionamento deles era no mínimo distante.

Por Deus, eles tinham quase implorado para o pai passar o dia com eles. Qualquer criança que recebesse atenção suficiente dos pais jamais agiria assim. Eloise e os irmãos tinham passado metade da infância tentando evitar os pais, afinal a falta de supervisão é bem mais favorável às travessuras.

Seu pai fora uma pessoa incrível. Ela só tinha 7 anos quando ele morreu, mas se lembrava bem dele: das histórias que inventava na hora de dormir às caminhadas que fazia pelos campos de Kent – às vezes com todos os Bridgertons a reboque, às vezes com apenas um filho sortudo escolhido para passar um tempo especial a sós com o pai.

Tinha notado com toda a clareza que, se não fosse por sua sugestão, Sir Phillip não teria ido ver por que os filhos estavam gritando e derrubando os móveis. Teria simplesmente permitido que os dois fizessem o que quisessem. Ou, mais precisamente, teria deixado que outra pessoa cuidasse deles. Ao final da conversa, estava bem óbvio que a meta principal de Sir Phillip era evitar os meninos.

O que Eloise não aprovava nem um pouco.

Ela se forçou a levantar da cama, mesmo estando morta de cansada. Toda vez que se deitava, acabava meio sem ar, com aquela terrível sensação que antecedia não só as lágrimas, mas os soluços que faziam o corpo todo estremecer. Se não se levantasse e fizesse alguma coisa, não conseguiria se controlar.

E não poderia suportar conviver consigo mesma se chorasse.

Abriu a janela com força, ainda que o clima continuasse cinzento e chuvoso lá fora. Não estava ventando, então a chuva não entraria, e ela realmente precisava de um pouco de ar fresco. O golpe do vento frio no rosto poderia não fazê-la se sentir melhor, mas com certeza não seria prejudicial.

Da sua janela avistava a estufa de Sir Phillip. Achava que era lá que ele devia estar, já que não o ouvira pela casa, pisando forte ou gritando com os filhos. O vidro estava embaçado e a única coisa que via era uma cortina verde indistinta – suas amadas plantas, acreditava ela. Que tipo de homem era aquele, que preferia plantas a pessoas? Sem dúvida ninguém que apreciasse uma boa conversa.

Sentiu os ombros caírem de desânimo. Eloise tinha passado metade da vida em busca de uma boa conversa.

E, se ele gostava de ser um eremita, por que tinha se dado o trabalho de responder a suas cartas? Ele tinha se empenhado tanto quanto ela para manterem a correspondência. Sem falar no pedido de casamento. Se ele não queria companhia, não deveria tê-la convidado para ir até ali.

Eloise respirou fundo algumas vezes e então se forçou a se endireitar. Não sabia o que iria fazer pelo resto do dia. Já tinha cochilado, e a exaustão logo dera lugar à tristeza. E ninguém tinha ido chamá-la para o almoço ou lhe informar sobre qualquer outro plano que pudesse se estender a ela enquanto hóspede da casa.

Se continuasse naquele quarto ligeiramente frio e sombrio, iria enlouquecer. Ou acabaria caindo no choro, esquecida, o que era algo que não tolerava que os outros fizessem, que dirá ela mesma.

Não havia razão para não explorar um pouco a casa, não é mesmo? E talvez encontrasse alguma coisa para comer no caminho. Tinha devorado os quatro bolinhos da bandeja de chá naquela manhã, com toda a manteiga e geleia que pôde passar respeitando os limites da educação, mas ainda estava faminta. Faria qualquer coisa por um sanduíche de presunto.

Mudou de roupa e colocou um vestido de musselina alaranjado que era bonito e feminino, sem babados em excesso. E o mais importante: era fácil de colocar e tirar, sem dúvida um fator crítico quando se foge de casa sem uma camareira.

Em uma rápida olhada no espelho, viu que estava, se não deslumbrante, pelo menos apresentável, então saiu do quarto.

Foi imediatamente confrontada pelos gêmeos, que pareciam ter ficado sentados ali aguardando por horas.

– Boa tarde – falou Eloise, esperando que os dois ficassem de pé. – Que gentileza virem me cumprimentar.

– Não viemos *cumprimentá-la* – disparou Amanda, gemendo quando Oliver lhe deu um cutucão na altura das costelas.

– Não? – perguntou Eloise, tentando parecer surpresa. – Então estão aqui para me levar à sala de jantar? Devo confessar que estou faminta.

– Não – disse Oliver, cruzando os braços.

– Ah, também não? – retrucou Eloise, fingindo parar para pensar. – Deixem-me adivinhar. Vocês estão aqui para me levar ao quarto de vocês e me mostrar os seus brinquedos.

– Não – responderam os dois em uníssono.

– Então deve ser para me mostrar a casa. É bem grande e eu posso me perder.

– Não.

– Não? Vocês não iriam querer que eu me perdesse, não é?

– Não – falou Amanda. – Quer dizer, sim!

Eloise fingiu não entender.

– Vocês querem que eu me perca?

Amanda assentiu. Oliver apenas cruzou os braços com mais firmeza e a fulminou com um olhar zangado.

– Hum. Isso é interessante, mas não explica a presença de vocês aqui na porta do meu quarto, não é? Eu dificilmente me perderia na companhia dos dois.

Os dois entreabriram os lábios, confusos e surpresos.

– Vocês sabem andar pela casa, não sabem?

– É claro – resmungou Oliver.

– Não somos bebês – completou Amanda.

– Não, estou vendo que não – disse Eloise, fazendo um atencioso sinal de concordância com a cabeça. – Afinal, bebês não poderiam ficar sozinhos esperando na porta do meu quarto. Estariam muito ocupados com suas fraldas, mamadeiras e tudo mais.

Eles não tiveram nada a acrescentar a esse comentário.

– O pai de vocês sabe que estão aqui?

– Ele está ocupado.

– Muito ocupado.

– Ele é um homem muito ocupado.

– Ocupado demais para dar atenção a *você*.

Eloise observou e ouviu com interesse os gêmeos dispararem suas declarações rápidos como um raio, fazendo questão de demonstrar como Sir Phillip era ocupado.

– Então o que estão me dizendo é que seu pai não tem tempo – atalhou Eloise.

Eles a encararam, momentaneamente espantados por sua maneira tranquila de recontar o que estava acontecendo, então assentiram.

– Mas isso ainda não explica a presença de vocês aqui – continuou Eloise, pensativa. – Porque eu não acho que seu pai tenha mandado vocês aqui no lugar dele… – Ela esperou os dois balançarem a cabeça em uma negativa, depois acrescentou: – A não ser… Já sei! – exclamou numa voz animada, permitindo-se rir em pensamento de sua esperteza. Tinha nove sobrinhos. Sabia *exatamente* como falar com crianças. – Vocês estão aqui para me contar que têm poderes mágicos e podem prever o tempo.

– Não – retrucaram eles, mas Eloise ouviu uma risadinha.

– Não? Ah, que pena, porque esse chuvisco constante é terrível, não acham?

– Não – disse Amanda vigorosamente. – Nosso pai gosta da chuva, e nós também.

– Ele gosta da chuva? – perguntou Eloise, surpresa. – Que estranho.

– Não é, não – rebateu Oliver, a postura defensiva. – Meu pai não é estranho. Ele é perfeito. Não fale mal dele.

– Não falei mal dele – replicou Eloise, perguntando-se o que estava acontecendo ali.

A princípio, achara que os gêmeos tinham aparecido ali só para afugentá-la. Provavelmente tinham ouvido que o pai pensava em se casar com ela e não queriam uma madrasta, ainda mais levando em consideração as histórias que a criada contara a Eloise sobre a sucessão de professoras que passavam por poucas e boas e não paravam na casa.

Mas, se essa fosse toda a verdade, eles não iriam querer que ela pensasse que havia algo errado com Sir Phillip? Se queriam que ela fosse embora, não estariam tentando convencê-la de que ele seria um péssimo marido?

– Garanto que não quero mal a nenhum de vocês – disse Eloise. – Na verdade, mal conheço seu pai.

– Se deixar nosso pai triste, eu vou… eu vou…

Eloise viu o rosto do pobre garotinho ficar vermelho de frustração enquanto ele buscava as palavras para sua ameaça. Com cuidado, ela se agachou devagar ao seu lado até ficar com o rosto na mesma altura do dele e disse:

– Oliver, eu prometo que não estou aqui para deixar o seu pai triste. – Como ele não respondeu, Eloise se virou para a irmã gêmea do menino: – Amanda?

– Você tem que ir embora – disparou Amanda, os braços cruzados com tanta força que seu rosto estava ficando vermelho. – Não queremos você aqui.

– Bem, eu não vou a lugar algum pelo menos por uma semana – disse Eloise, mantendo a voz firme.

As crianças precisavam de compreensão, e provavelmente de muito amor, mas também de um pouco de disciplina e uma clara ideia de quem estava no comando.

Então, sem que ela percebesse, Oliver se atirou para a frente e a empurrou com força no peito.

Como estava agachada, seu equilíbrio era precário. Eloise caiu, aterrissou deselegantemente sobre o traseiro e rolou para trás de forma que os gêmeos puderam ver suas anáguas.

– Bem – declarou ela, levantando-se e cruzando os braços enquanto olhava com ar severo para eles. Os dois tinham dado vários passos para trás e a encaravam com um misto de alegria e horror, como se não pudessem acreditar que um deles tinha tido a coragem de derrubá-la. – Isso não foi nada prudente.

– Você vai nos bater? – perguntou Oliver.

Sua voz era desafiadora, mas havia uma ponta de medo também, como se alguém já *tivesse* batido neles antes.

– É claro que não – disse Eloise rapidamente. – Não acho certo bater em crianças. Não acho certo bater em ninguém.

A não ser em pessoas que batem em crianças, acrescentou para si mesma.

Eles pareceram de certa forma aliviados ao ouvir isso.

– Mas devo lembrar que você me bateu primeiro – continuou Eloise.

– Eu *empurrei* você – corrigiu ele.

Eloise deu um pequeno gemido. Devia ter previsto aquela resposta.

– Se não quer que as pessoas batam em você, deve seguir a mesma filosofia.

– A Regra de Ouro – falou Amanda.

– Exatamente – concordou Eloise com um sorriso largo.

Ela duvidava que tivesse mudado o curso da vida deles com uma pequena lição, mas apesar de tudo era bom acreditar que fizera os dois pararem um pouco para pensar.

– Isso não quer dizer que você deveria ir para casa? – indagou Amanda, com expressão reflexiva.

Eloise sentiu seu pequeno momento de euforia desmoronar. E tentou imaginar que salto de lógica Amanda estava prestes a dar para explicar por que Eloise deveria ser banida para a Amazônia.

– Nós estamos em casa – disse Amanda, soando excessivamente arrogante para uma criança de sua idade. Ou talvez ela fosse arrogante como *só* uma criança de sua idade poderia ser. – Então você deveria ir para a sua casa.

– As coisas não funcionam assim – retrucou Eloise, com rispidez.

– Funcionam, sim – insistiu Amanda, assentindo com um pequeno gesto presunçoso. – Aja com os outros da maneira que gostaria que agissem com você. *Nós* não fomos à sua casa, então você não deveria vir à nossa.

– Você é muito inteligente, sabia? – falou Eloise.

Amanda parecia querer assentir com a cabeça, mas claramente desconfiava demais do elogio para aceitá-lo.

Eloise se curvou para ficar cara a cara com os dois.

– Mas eu também sou – disse ela com uma voz muito séria e um pouco desafiadora.

Espantados, eles encararam boquiabertos e com os olhos arregalados aquela pessoa tão diferente de qualquer adulto que já tinham conhecido.

– Estamos entendidos? – perguntou Eloise, empertigando-se e alisando a saia de maneira propositalmente casual.

Os dois não falaram nada, então ela decidiu responder por eles.

– Ótimo. Agora vocês poderiam me mostrar onde fica a sala de jantar? Estou faminta.

– Temos aula – disse Oliver.

– Ah, têm? – indagou Eloise, arqueando as sobrancelhas. – Que interessante. Então podem ir agora mesmo. Ou vão acabar se atrasando depois de terem

passado tanto tempo plantados em frente à minha porta.

– Como você sabe…

Antes de terminar a pergunta, Amanda foi interrompida por um cutucão de Oliver em sua costela.

– Tenho sete irmãos – respondeu Eloise, concluindo que a pergunta não finalizada de Amanda merecia uma resposta. – Sou especialista nessas estratégias de guerra.

Mas, quando os gêmeos saíram depressa pelo corredor, Eloise mordeu o lábio inferior, apreensiva. Tinha a sensação de que não deveria ter encerrado a conversa daquele jeito. Ela praticamente desafiara Oliver e Amanda a encontrarem uma maneira de expulsá-la da casa.

E apesar de estar certa de que não conseguiriam – afinal de contas, ela era uma Bridgerton, e tinha muito mais fibra do que aqueles dois sequer pensavam que fosse possível –, ficou com a nítida impressão de que iriam se dedicar de corpo e alma a esse projeto.

Eloise estremeceu. Enguias na cama, cabelo mergulhado em tinta, geleia nas cadeiras. Tinha passado por tudo isso em diferentes momentos da vida e não gostaria nem um pouco de reviver as experiências, muito menos nas mãos de duas crianças vinte anos mais novas do que ela.

Suspirou, pensando em que tinha se metido. Era melhor encontrar Sir Phillip e ver se os dois se entenderiam. Porque se fosse mesmo embora em uma ou duas semanas e nunca mais voltasse a ver nenhum dos Cranes, não tinha certeza se queria passar pela provação de aturar camundongos e aranhas ou sal no açucareiro.

Seu estômago roncou. Não sabia se era por ter pensando em sal ou em açúcar, mas definitivamente estava na hora de arrumar alguma coisa para comer. E melhor que fosse logo, antes que os gêmeos tivessem a chance de descobrir como envenenar sua comida.

~

Phillip sabia que tinha errado feio. Mas, também, aquela louca não havia nem avisado que viria. Se ao menos tivesse lhe dado alguma indicação, ele poderia ter se preparado, pensado em algumas coisas poéticas para dizer. Ela achava mesmo que ele tinha escrito todas aquelas cartas sem pensar exaustivamente em

cada palavra? Ele nunca enviara o primeiro rascunho de nenhuma de suas correspondências, embora sempre os escrevesse em seu melhor papel, esperando que, daquela vez, pudesse concluir o texto na primeira tentativa.

Droga, se ela tivesse avisado, ele poderia até ter pensado em um ou outro gesto romântico. Como flores, por exemplo. Essa era uma ótima ideia. Se havia alguma coisa em que ele era bom, era em flores.

Mas em vez disso ela havia simplesmente aparecido à sua porta, como se saída de um sonho, e ele tinha estragado tudo.

E não ajudava em nada o fato de a Srta. Bridgerton *não* ser o que ele esperara.

Pelo amor de Deus, ela era uma solteirona de 28 anos. Não era para ser nada atraente. Podia até ter cara de cavalo. Mas, em vez disso, era…

Bem, ele não tinha muita certeza de como descrevê-la. Não era exatamente bonita, mas, ainda assim, estonteante, com cabelos castanhos e olhos do mais claro e vivo tom de cinza. Era o tipo de mulher cujas expressões a tornavam bela. Havia inteligência em seus olhos, curiosidade na maneira como ela inclinava a cabeça de lado. Suas feições eram únicas, quase exóticas, com o rosto em formato de coração e o sorriso largo.

Não que Phillip tivesse conseguido ver muito o tal sorriso. A falta de charme dele não tinha lhe dado muita chance.

Enfiou as mãos em uma pilha de terra úmida, tirou um pouco e colocou em um pequeno vaso de argila, sem comprimi-la, para que as raízes crescessem melhor. Mas o que ele iria fazer agora? Tinha apostado suas fichas em uma miragem da Srta. Eloise Bridgerton, baseada nas cartas que ela lhe enviara no último ano. Não tinha tempo (nem, para falar a verdade, disposição) de cortejar uma possível mãe para os gêmeos, então parecera perfeito (sem falar que era quase fácil) cortejá-la através das cartas.

Sem dúvida uma mulher prestes a fazer 30 anos e que ainda não estava casada ficaria feliz em receber um pedido de casamento. Ele não achava que ela fosse aceitar a proposta sem conhecê-lo, é claro, e não estava preparado para assumir formalmente a ideia antes de conhecê-la também. Mas esperava que ela fosse alguém que estivesse pelo menos um pouco desesperada para arrumar um marido.

Em vez disso, Eloise chegara ali toda jovem, bonita, inteligente e

autoconfiante, mas, por Deus, *por que* uma mulher como aquela iria querer se casar com alguém que nem conhecia? Sem falar no fato de se prender a uma propriedade rural no ponto mais remoto de Gloucestershire. Phillip podia não entender nada de roupas, mas até mesmo ele podia ver que as dela eram benfeitas e muito provavelmente da última moda. Com certeza, ela esperaria viagens a Londres, uma vida social ativa, amigos.

Claro que não encontraria nada disso ali em Romney Hall.

Parecia quase inútil sequer tentar conhecê-la melhor. Ela não iria ficar mesmo, e ele seria um tolo de alimentar esperanças.

Phillip resmungou, depois praguejou também. Agora teria de cortejar outra mulher. Maldição, agora teria de *encontrar* outra mulher para cortejar, o que seria quase tão difícil quanto. Ninguém na região iria nem sequer olhar para ele. Todas as mulheres solteiras sabiam sobre os gêmeos e não havia nenhuma disposta a assumir a responsabilidade de cuidar de seus pestinhas.

Ele depositara todas as esperanças na Srta. Bridgerton, e agora pelo visto teria que desistir dela também.

Arriou o vaso com força demais em uma prateleira e se encolheu quando o barulho ecoou pela estufa.

Com um suspiro alto, mergulhou as mãos enlameadas em um balde cheio de água já suja. Ele tinha sido rude naquela manhã. Ainda estava irritado por ter perdido seu tempo com a ida dela até ali – ou, se ainda não tinha perdido, com certeza estava perto disso, uma vez que ela provavelmente não iria embora naquela noite ainda.

Mas isso não justificava seu comportamento. Não era culpa dela se ele não conseguia controlar os próprios filhos, e com certeza não era culpa dela que isso sempre o deixasse de mau humor.

Limpou a mão numa toalha que deixava junto à porta e saiu andando depressa em direção à casa, sob a chuva fina. Já devia ser a hora do almoço, e não faria mal algum sentar-se com ela à mesa para uma conversa educada.

Além disso, ela estava *ali*. Depois de todo o empenho dele com as cartas, parecia besteira não tentar ver se os dois se davam bem o suficiente para se casarem. Só um idiota deixaria que ela fizesse as malas e fosse embora sem sequer saber se eles se entenderiam.

Não era provável que ela fosse ficar, mas não era impossível, calculou ele, e

deveria pelo menos fazer um teste.

Entrou em casa após limpar os pés no tapete que a governanta costumava deixar ali fora para ele, perto da entrada lateral. Estava todo sujo e desarrumado como sempre ficava quando trabalhava na estufa, e seus empregados já tinham se acostumado a vê-lo naquele estado, mas imaginava que deveria se limpar antes de procurar a Srta. Bridgerton e convidá-la para almoçar. Ela era de Londres e com certeza não iria querer se sentar à mesa com alguém que não estivesse perfeitamente bem-arrumado.

Phillip cortou caminho pela cozinha e, enquanto passava por lá, cumprimentou uma empregada que lavava cenouras em uma vasilha com água. A escada dos criados ficava logo depois da outra porta e…

– Srta. Bridgerton! – exclamou ele, surpreso. Ela parecia incrivelmente à vontade empoleirada em um banco e já estava na metade de um enorme sanduíche de presunto. – O que está fazendo aqui?

– Sir Phillip – disse ela, inclinando a cabeça para cumprimentá-lo.

– Você não precisa comer na cozinha – falou Phillip, irritado com a Srta. Bridgerton apenas por ela não estar onde ele imaginava que estaria.

Isso e o fato de que ele pretendia trocar de roupa antes do almoço – preocupação que em geral não tinha – somente por causa dela, e ela acabara vendo o estado em que ele se encontrava.

– Eu sei – retrucou ela, inclinando a cabeça para o lado e piscando aqueles devastadores olhos acinzentados. – Mas eu estava atrás de companhia e de comida, e este parecia o lugar perfeito para encontrar os dois.

Aquilo tinha sido um insulto? Ele não sabia direito, e a expressão dela parecia inocente, então ele decidiu ignorar e disse:

– Eu estava indo trocar de roupa para convidá-la para almoçar.

– Adoraria terminar meu sanduíche na sala do café da manhã, se quiser se juntar a mim – disse Eloise. – Tenho certeza de que a Sra. Smith não vai se importar de fazer outro sanduíche para você. Este aqui está uma delícia. – Ela olhou para a cozinheira. – Sra. Smith?

– Não será trabalho algum, Srta. Bridgerton – retrucou a cozinheira, deixando Phillip quase boquiaberto.

Tinha sido o tom de voz mais cordial que ele já ouvira sair dos lábios dela.

Eloise levantou do banco e pegou o prato.

– Vamos? – falou a Phillip. – Não tenho nenhuma objeção a seus trajes.

Antes mesmo de perceber que não tinha concordado com a sugestão dela, Phillip se viu na sala de café da manhã, sentado à sua frente, em uma pequena mesa redonda que ele usava com mais frequência do que a comprida e solitária mesa da sala de jantar. Uma empregada levara o serviço de chá da Srta. Bridgerton e, depois de perguntar se ele queria um pouco, a própria Eloise lhe preparou habilmente uma xícara.

Isso lhe provocou uma sensação um tanto perturbadora. Ela o manipulara de forma primorosa para atender aos próprios propósitos, e de alguma forma não parecia importar o fato de que *ele* pretendera convidá-la para almoçar exatamente daquela maneira. Ele gostava de pensar que estava, pelo menos em teoria, no comando de sua casa.

– Estive com seus filhos mais cedo – comentou Eloise, levando a xícara aos lábios.

– Sim, eu estava lá – replicou ele, contente por ela ter iniciado a conversa.

Assim ele não precisava se preocupar com isso.

– Não, depois disso – retrucou ela.

Ele lhe lançou um olhar de interrogação.

– Eles estavam me esperando na porta do meu quarto – explicou ela.

Uma sensação horrível começou a revirar e agitar o estômago de Phillip. Os dois a esperavam… como? Com um saco de rãs vivas? Com um saco de rãs *mortas*? Seus filhos nunca tinham sido gentis com as professoras, e ele não achava que seriam muito mais benevolentes com uma convidada que estava ali obviamente no papel de possível madrasta.

Ele tossiu.

– Pelo visto, você sobreviveu ao encontro.

– Ah, sim – disse ela. – Chegamos a uma espécie de acordo.

– Uma espécie de acordo? – ecoou ele, olhando para ela com cautela.

Ela fez um gesto para descartar o assunto e continuou mastigando.

– Você não precisa se preocupar comigo.

– E preciso me preocupar com meus filhos?

Ela olhou para ele com um sorriso inescrutável.

– É claro que não.

– Muito bem. – Phillip pegou o sanduíche que tinha sido colocado à sua

frente e deu uma boa mordida. Depois de engolir, fitou-a nos olhos e disse: – Queira me desculpar pela recepção de hoje de manhã. Sei que não fui nada gentil.

Ela assentiu regiamente.

– E eu peço desculpas por chegar sem avisar. Foi muito mal-educado de minha parte.

Ele assentiu.

– Mas você, ao contrário de mim, já se desculpou por isso hoje de manhã.

Ela lhe ofereceu um sorriso sincero e ele sentiu o coração dar um pulo. Santo Deus, quando Eloise sorria, o rosto inteiro dela se transformava. Durante todo o tempo em que se corresponderam, ele nunca sonhara que ela poderia deixá-lo sem ar.

– Obrigada – murmurou ela, as bochechas corando de leve. – Isso foi muito gentil de sua parte.

Phillip pigarreou e se remexeu desconfortavelmente na cadeira. O que havia de errado com ele, para ficar menos à vontade quando ela sorria do que quando demonstrava desagrado?

– Certo – disse Phillip, tossindo mais uma vez para disfarçar a rouquidão na voz. – Agora que já resolvemos isso, talvez possamos falar sobre o motivo pelo qual você veio até aqui.

Eloise abaixou o sanduíche e o encarou com evidente surpresa. Obviamente não esperava que ele fosse ser tão direto.

– Você estava interessado em se casar – disse ela.

– E você está? – rebateu ele.

– Eu estou aqui – respondeu ela simplesmente.

Ele olhou para Eloise de modo avaliador, os olhos buscando os dela, até ela se remexer sem graça na cadeira.

– Você não é como eu imaginava, Srta. Bridgerton.

– Dadas as circunstâncias, eu não acharia inapropriado se você me chamasse pelo primeiro nome – disse ela. – E você também não é como eu imaginava.

Ele se reclinou na cadeira, olhando para ela com um sorriso discreto.

– E o que você imaginava?

– O que *você* imaginava? – retrucou ela.

Eloise percebeu pelo olhar de Phillip que ele sabia que ela evitara sua

pergunta.

– Eu não imaginava que você fosse tão bonita.

Eloise se encolheu um pouco ao ouvir o elogio inesperado. Não estava muito arrumada naquela manhã, e, mesmo que estivesse… bem, ela nunca fora considerada uma das damas mais bonitas da alta sociedade. As mulheres da família Bridgerton eram sempre tidas como atraentes, radiantes e elegantes. Ela e suas irmãs eram populares, e todas tinham recebido mais do que um pedido de casamento, mas os homens pareciam gostar delas por *gostar*, não por ficarem extasiados por sua beleza.

– Eu… hã… – Ela sentiu o rosto corar, o que a deixou morta de vergonha e, consequentemente, fez suas bochechas ficarem ainda mais vermelhas. – Obrigada.

Ele assentiu de maneira cortês.

– Não sei ao certo por que minha aparência o surpreendeu – disse Eloise, bastante irritada consigo mesma pela reação que o elogio lhe provocara.

Céus, até parecia que ela nunca recebera um elogio. Mas ele continuou só lá parado, *olhando* para ela. Olhando *fixamente*, e…

Ela estremeceu.

E não havia nenhuma corrente de ar. Era possível alguém tremer por sentir muito… *calor*?

– Você escreveu dizendo que era uma solteirona – falou ele. – Deve haver alguma razão para nunca ter se casado.

– Não foi por falta de pedidos – retrucou ela, sentindo-se compelida a informá-lo.

– É claro que não – disse Phillip, inclinando a cabeça na direção dela de maneira elogiosa. – Mas não consigo evitar a curiosidade de querer saber por que uma mulher como você iria recorrer a… bem… a mim.

Eloise olhou para ele com toda a atenção pela primeira vez desde que chegara ali. Ele era bem bonito, de uma maneira rústica e ligeiramente desleixada. Seus cabelos escuros imploravam por um bom corte, e a pele mostrava sinais de um leve bronzeado, o que era impressionante considerando-se que não havia tido muitos dias de sol nos últimos meses. Ele era alto e musculoso, e estava sentado em sua cadeira com uma graça despreocupada e atlética, esparramado de um jeito que seria considerado inadmissível em uma

sala de estar em Londres.

E seu olhar dizia que ele não ligava muito para o fato de seus modos não estarem de acordo com o que era esperado pela sociedade. Não era o mesmo tipo de atitude arrogante que ela via com tanta frequência entre os jovens de seu meio. Conhecera muitos homens assim, que faziam questão de desafiar as convenções, mas se esforçavam tanto para que todos vissem como eram ousados e arrojados que arruinavam todo o efeito.

Já com Sir Phillip era diferente. Eloise podia apostar que nunca lhe passara pela cabeça se estava ou não sentado de maneira apropriada, e com certeza jamais se preocupara em garantir que as pessoas soubessem que ele não se importava.

Isso fez Eloise pensar se aquilo mostrava que ele era uma pessoa realmente autoconfiante, e, se era, por que precisava recorrer a *ela*? Porque, pelo que já vira dele, tirando o comportamento rude daquela manhã, Sir Phillip não deveria ter muito trabalho para encontrar uma esposa.

– Eu estou aqui – disse ela, lembrando-se por fim de que ele havia lhe feito uma pergunta – porque, após recusar *vários* pedidos, descobri que ainda quero me casar. – Ela sabia que uma pessoa melhor teria sido mais modesta e não se empenharia tanto em enfatizar a palavra “vários”, mas não pôde evitar. – Suas cartas pareciam mostrar que você era um bom candidato. Então não seria inteligente deixar de vir conhecê-lo para ver se era mesmo verdade.

Ele assentiu.

– Muito prático de sua parte.

– E quanto a você? – rebateu ela. – Foi você quem falou primeiro em casamento. Por que simplesmente não procurou uma esposa entre as mulheres daqui?

Ele ficou calado por um instante, olhando para Eloise como se não pudesse acreditar que ela não houvesse descoberto a razão sozinha.

– Você conheceu os meus filhos – respondeu ele, por fim.

Eloise quase se engasgou com o pedaço de sanduíche que tinha começado a mastigar.

– O que disse?

– Os meus filhos – falou Phillip. – Você já esteve com eles. Duas vezes, pelo que me contou.

– Sim, mas o que… – Eloise arregalou os olhos. – Ah, não, não me diga que eles afugentaram todas as possíveis esposas da região.

Ele a encarou com um olhar amargo.

– A maioria das mulheres daqui se recusa até mesmo a ser considerada como uma possível esposa.

– Eles não são tão ruins assim – comentou ela em tom zombeteiro.

– Eles precisam de uma mãe – disse Phillip, sem rodeios.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Tenho certeza de que você é capaz de pensar em uma maneira mais romântica de me convencer a ser sua esposa.

Phillip suspirou com ar cansado, passando a mão pelo cabelo já desgrenhado.

– Srta. Bridgerton – disse ele, e depois se corrigiu: – Eloise. Vou ser honesto com você, porque não tenho energia nem paciência para palavras românticas e elegantes ou histórias inteligentemente construídas. Preciso de uma esposa. Meus filhos precisam de uma mãe. Convidei-a até aqui para ver se aceitaria assumir esse papel, e se nós dois nos daríamos bem.

– Qual deles? – sussurrou ela.

Ele fechou as mãos, os nós dos dedos roçando a toalha da mesa. O que havia com as mulheres? Elas falavam em algum tipo de *código*?

– Qual deles… o quê? – perguntou Phillip, revelando a impaciência em sua voz.

– Qual desses papéis você quer que eu assuma? – esclareceu ela, a voz ainda tranquila. – O de esposa ou o de mãe?

– Os dois – respondeu ele. – Eu diria que isso era óbvio.

– Qual deles você quer *mais*?

Phillip olhou para ela por um bom tempo, sabendo que aquela era uma pergunta importante, que talvez marcasse o fim daquela corte pouco usual. Por fim, apenas deu de ombros desamparadamente e disse:

– Sinto muito, mas não sei como separar os dois.

Ela assentiu, a expressão séria.

– Entendo – murmurou. – Imagino que esteja certo.

Phillip, que nem notara que estava prendendo a respiração, soltou o ar em um suspiro demorado. De algum jeito – só Deus sabia como –, ele tinha respondido corretamente. Ou, pelo menos, não incorretamente.

Eloise se remexeu um pouco na cadeira, então indicou o sanduíche pela metade no prato dele.

– Vamos continuar a nossa refeição? – sugeriu ela. – Você passou a manhã toda na estufa. Com certeza estará faminto.

Phillip fez que sim e deu uma mordida, sentindo-se de repente bastante feliz com sua vida. Ele ainda não sabia se a Srta. Bridgerton iria concordar em se tornar Lady Crane, mas, se aceitasse…

Bem, ele não achava que teria qualquer objeção a isso.

Mas cortejá-la não seria tão fácil quanto havia imaginado. Estava claro para Phillip que ele precisava mais dela do que o contrário. Ele tinha esperado que ela fosse uma solteirona desesperada, o que obviamente não era o caso, apesar da sua idade. Agora suspeitava que a Srta. Bridgerton tinha muitas opções na vida, e que ele era apenas uma delas.

Mas ainda assim algo devia tê-la compelido a sair de casa e viajar toda aquela distância até Gloucestershire. Se a vida dela em Londres fosse tão perfeita, por que, então, ela partira?

Mas, à medida que ele a observava à sua frente e via o rosto dela se transformar com um simples sorriso, percebia que sua razão para ter partido não importava.

Só tinha de conseguir fazê-la ficar.

CAPÍTULO 4

… sinto muito em saber que Caroline vem sofrendo de cólicas e deixando você maluca. E é claro que é lamentável que nem Amelia nem Belinda estejam felizes com a chegada dela. Mas você deve procurar ver pelo lado positivo, querida Daphne. Tudo isso seria muito mais difícil se você tivesse tido gêmeos.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã, a Duquesa de Hastings,
um mês após o nascimento da terceira filha de Daphne

Phillip assobiava enquanto caminhava pelo corredor principal em direção à escada, demasiadamente feliz com sua vida. Tinha passado a maior parte da tarde na companhia da Srta. Bridgerton – não, *Eloise* –, e agora estava convencido de que ela seria uma ótima esposa. Sem dúvida a jovem era muito inteligente e, com todos aqueles irmãos (sem falar nos sobrinhos) de que lhe falara, com certeza saberia como lidar com Oliver e Amanda.

Além disso, pensou Phillip com um sorriso voraz, Eloise era bem bonita, e mais de uma vez naquela tarde se pegara olhando para ela, pensando em como seria tê-la em seus braços, se ela corresponderia ao seu beijo.

Seu corpo ficou rijo ao pensar nisso. Fazia muito tempo desde a última vez em que estivera com uma mulher. Tantos anos que ele nem conseguia se lembrar.

Mais anos, honestamente, do que qualquer homem admitiria.

Não tinha nem feito uso dos serviços oferecidos pelas criadas da taberna local, preferindo mulheres com a pele mais fresca de banho e, na verdade, não tão anônimas.

Ou talvez *mais* anônimas. Era provável que nenhuma daquelas criadas fosse deixar a região algum dia, e Phillip gostava muito de frequentar a taberna para arruinar isso esbarrando toda hora em mulheres com quem tivesse se deitado uma vez, mas com as quais não queria nenhum envolvimento.

E antes da morte de Marina… bem, ele nunca sequer tinha considerado ser

infiel a ela, apesar de não dividirem a cama desde que os gêmeos eram bem novos.

Ela ficara tão melancólica após o nascimento deles… Marina sempre parecera frágil e pensativa, mas só depois de ter Oliver e Amanda foi que mergulhou em seu próprio mundo de tristeza e desesperança. Tinha sido terrível para Phillip ver a vida por trás dos olhos dela ir se apagando aos poucos, dia após dia, até restar apenas uma monotonia lúgubre, a simples sombra de uma mulher que um dia existira.

Ele sabia que as mulheres não podiam ter relações logo após o parto, mas, mesmo depois que ela se recuperara, ele não conseguia nem pensar em exigir nada. Como alguém podia desejar uma mulher que parecia sempre a ponto de chorar?

Quando os gêmeos ficaram um pouco mais velhos, e Phillip achara – esperara, na verdade – que Marina estivesse melhorando, fora procurá-la em seu quarto.

Uma vez.

Ela não se recusara, mas também não participara de forma ativa. Ficara apenas lá deitada, sem fazer nada, a cabeça virada para o lado, os olhos abertos, quase sem piscar.

Era como se ela não estivesse presente.

Ele fora embora se sentindo sujo, moralmente corrompido, como se de alguma forma a tivesse violado, mesmo que ela nunca tivesse dito a palavra *não*.

E, depois disso, nunca mais a tocara.

Suas necessidades não eram tão grandes a ponto de precisar satisfazê-las com uma mulher que ficava deitada embaixo dele como um cadáver.

Phillip nunca mais quisera se sentir de novo como naquela última noite. Quando voltara ao seu quarto, na mesma hora vomitara todo o conteúdo do estômago, trêmulo e enojado consigo mesmo. Tinha se comportado como um animal, tentando desesperadamente provocar nela algum tipo – qualquer tipo – de reação. Quando isso se provara impossível, ficara furioso com ela e quisera puni-la.

E isso o horrorizara.

Fora bruto demais. Não achava que a havia machucado, mas não tinha sido gentil. E nunca mais quisera ver aquele seu lado de novo.

Mas Marina havia morrido.

Morrido.

E Eloise era diferente. Não tinha o menor jeito de quem ficaria triste assim do nada ou se trancaria no quarto, mal tocando na comida e chorando no travesseiro.

Eloise tinha fibra. Determinação.

Era *feliz*.

Se isso não era um bom critério para se escolher uma esposa, ele não sabia qual era.

Phillip parou no pé da escada para ver as horas em seu relógio de bolso. Dissera a Eloise que o jantar seria servido às sete e que a encontraria na porta do quarto para acompanhá-la até a sala. Não queria chegar cedo e parecer ansioso demais.

Por outro lado, também não queria se atrasar. Não seria nada bom fazê-la pensar que não estava interessado.

Fechou o relógio e revirou os olhos. Estava se comportando como um garoto inexperiente. Aquilo era ridículo. Ele era o senhor de sua casa e um grande cientista. Não devia ficar contando os minutos só para cair nas graças de uma mulher.

Mas, mesmo ao pensar nisso, abriu o relógio para dar mais uma olhada. Três minutos para as sete. Ótimo. Isso lhe daria tempo suficiente para subir a escada e encontrá-la na porta do quarto com exatamente um minuto de sobra.

Sorriu, sentindo a onda quente de desejo que o invadiu ao pensar nela com um vestido de noite. Esperava que fosse azul. Ela ficaria linda de azul.

Abriu ainda mais o sorriso. Ela ficaria linda sem nada.

~

Mas quando Phillip a encontrou no corredor, em frente ao quarto, o cabelo de Eloise estava branco.

Assim como o corpo todo dela.

Maldição.

– Oliver! – gritou ele. – Amanda!

– Ah, eles já foram embora há muito tempo – disparou Eloise, os olhos soltando faíscas.

Olhos que, ele não pôde deixar de notar, eram a única parte dela que não estava coberta por uma camada consideravelmente grossa de farinha.

Bom, ainda bem que ela fechara os olhos a tempo. Ele sempre admirara mulheres com reflexos rápidos.

– Srta. Bridgerton – disse Phillip, estendendo a mão para ajudá-la, mas recolhendo-a logo em seguida, ao notar que não havia *como* ajudá-la. – Não sei nem por onde começar a me…

– *Não* se desculpe por eles – rebateu ela.

– Certo. É claro. Mas eu lhe prometo… que vou…

Acabou interrompendo o que dizia. O olhar dela teria sido suficiente para silenciar o próprio Napoleão.

– Sir Phillip – falou Eloise, lenta e firmemente, como se prestes a se atirar para cima dele num frenesi furioso. – Como pode ver, ainda não estou pronta para o jantar.

Ele deu um passo para trás, obedecendo a seu instinto de autopreservação.

– Pelo visto, os gêmeos vieram visitá-la.

– Ah, sim – retrucou ela, com notável sarcasmo. – E depois fugiram. Aqueles covardezinhos não estão em parte alguma.

– Bem, eles não devem ter ido longe – ponderou Phillip, sem contrariar o merecido insulto aos seus filhos, enquanto tentava continuar a conversa como se ela não parecesse uma assombração horrível.

Achava que era sua melhor opção. Ou, pelo menos, uma em que ela não acabaria saltando em seu pescoço.

– Imagino que queiram ver o resultado do que aprontaram – disse ele, dando outro passo discreto para trás enquanto ela tossia, levantando uma nuvem de farinha. – Será que você não ouviu nenhuma risada quando a farinha caiu? Uma gargalhada, talvez?

Ela o fuzilou com o olhar.

– Certo – falou ele, recuando mais ainda.

– Foi difícil ouvir alguma coisa além do balde acertando minha cabeça – retrucou ela, tão tensa que ele pensou que seu maxilar poderia se deslocar.

– Droga – resmungou ele, seguindo o olhar dela até um grande balde de metal caído de lado no tapete, ainda com um pouco de farinha dentro. – Você se machucou?

Ela fez que não.

Phillip estendeu o braço e tomou o rosto dela nas mãos para verificar se havia algum galo ou hematoma.

– Sir Phillip! – gritou Eloise, tentando se desvencilhar. – Devo lhe pedir que…

– Fique quieta – ordenou ele, passando os polegares pela testa dela, tentando ver se havia alguma marca.

Foi um gesto bastante íntimo, que ele achou surpreendentemente agradável. Assim tão perto dele, Eloise parecia ter a altura ideal. Se ela estivesse limpa, talvez ele não tivesse resistido a se curvar e lhe dar um beijo suave na testa.

– Estou bem – resmungou ela, contorcendo-se para se livrar dele. – A farinha pesava mais do que o balde.

Phillip se abaixou e endireitou o balde, verificando seu peso. Era bem leve e não devia ter causado grandes danos, mas ainda assim não era o tipo de coisa que alguém gostaria que lhe acertasse a cabeça.

– Vou sobreviver, eu lhe garanto – disparou ela.

Ele pigarreou.

– Imagino que queira tomar um banho.

Ele *pensou* ouvi-la dizer “O que quero é ver aqueles dois pestinhas pendurados numa corda”, mas as palavras dela saíram sussurradas, e só porque isso seria o que ele teria dito… bem, não significava que ela também fosse tão impiedosa.

– Vou mandar preparar um – disse ele rapidamente.

– Não se preocupe. A água do meu último banho ainda está na banheira.

Ele se encolheu. O senso de oportunidade de seus filhos não podia ter sido mais preciso.

– Mesmo assim – continuou ele apressadamente –, cuidarei para que aqueçam a água com mais alguns baldes.

Ele se encolheu de novo diante do olhar furioso dela. Péssima escolha de palavras.

– Vou providenciar isso agora mesmo – disse ele.

– Sim – retrucou ela, tensa. – Faça isso.

Ele seguiu a passos largos pelo corredor para dar a ordem a uma das empregadas, mas, no minuto em que fez a curva, viu que meia dúzia de criados

olhavam boquiabertos para eles, e tinham, inclusive, feito uma aposta sobre quanto tempo demoraria para Phillip esquentar o traseiro dos gêmeos.

Depois de mandar que todos voltassem ao trabalho e que preparassem um novo banho imediatamente, voltou para junto de Eloise. Ele já estava todo sujo de farinha, então não viu nenhum mal em segurar a mão dela.

– Sinto muito mesmo – murmurou Phillip, agora tentando não rir.

Sua reação no momento tinha sido ficar furioso, mas agora… bem, ela estava bastante ridícula.

Ela o fuzilou com o olhar, claramente notando sua mudança de humor.

No mesmo instante, Phillip assumiu um ar mais grave.

– Que tal você voltar para o quarto? – sugeriu.

– E onde eu iria me sentar? – disparou ela.

Eloise tinha razão. Era provável que estragasse qualquer coisa que tocasse, ou no mínimo o objeto teria que passar por uma limpeza completa.

– Então vou lhe fazer companhia – disse ele em um tom descontraído.

O olhar que ela lhe lançou deixou claro que não estava nem um pouco feliz.

– Certo – disse Phillip, tentando preencher o silêncio com algo que não fosse farinha. Olhou, então, para cima da porta, impressionado com a proeza dos gêmeos, apesar da infeliz consequência. – Fico imaginando como eles fizeram isso.

Ela o encarou boquiaberta.

– E isso tem alguma importância?

Ele viu que aquele não era o melhor tópico para uma conversa, mas continuou mesmo assim:

– Bem, certamente não desculpo as ações deles, mas sem dúvida foi um trabalho muito benfeito. Não sei onde prenderam o balde, e…

– Eles o apoiaram em cima da porta.

– Como sabe?

– Tenho sete irmãos – disse ela, sem dar importância ao assunto. – Você acha que nunca vi essa travessura antes? Eles abriram a porta só um pouquinho, e então apoiaram cuidadosamente o balde em cima dela.

– E você não ouviu os dois?

Eloise olhou furiosa para Phillip.

– Certo – disse ele, rápido. – Você estava no banho.

– Não acredito que queira insinuar que a culpa foi minha por não ter ouvido os dois.

– É claro que não – retrucou ele, mais do que depressa. A julgar pelo olhar assassino de Eloise, ele tinha certeza de que sua saúde e seu bem-estar dependiam diretamente da velocidade com que concordasse com ela. – Acho melhor deixar que você…

Haveria uma boa maneira de descrever o processo de uma pessoa se limpar de vários quilos de farinha?

– Vejo você no jantar? – perguntou ele, concluindo que uma mudança de assunto seria mais do que bem-vinda.

Eloise assentiu com a cabeça uma vez, brevemente. Não havia muito entusiasmo em seu gesto, mas Phillip calculou que devia estar feliz por ela não querer ir embora naquela noite.

– Direi à cozinheira que mantenha o jantar aquecido. E depois cuidarei para que os gêmeos sejam punidos.

– Não – disse Eloise, fazendo com que ele parasse de repente. – Deixe os dois comigo.

Phillip se virou devagar, um pouco alarmado com o tom de voz dela.

– O que exatamente você planeja fazer com eles?

– Com eles ou *a* eles?

Phillip nunca pensara que chegaria o dia em que uma mulher fosse assustá-lo, mas Deus era testemunha de que Eloise Bridgerton o deixara apavorado.

O brilho nos olhos dela era absolutamente diabólico.

– Srta. Bridgerton, permita-me perguntar uma coisa – disse ele, cruzando os braços. – O que você pretende fazer aos meus filhos?

– Estou considerando algumas opções.

Ele pensou um pouco a respeito, depois disse:

– Posso ter a certeza de que eles ainda estarão vivos pela manhã?

– Ah, sim – retrucou ela. – Vivos e com todos os membros intactos, eu lhe garanto.

Phillip a obsevou por alguns instantes, depois abriu um sorriso lento e satisfeito. Tinha a sensação de que a vingança de Eloise – qualquer que fosse – seria exatamente aquilo de que os gêmeos precisavam. Com certeza alguém com sete irmãos saberia causar estragos da maneira mais perspicaz, engenhosa e

dissimulada possível.

– Muito bem, Srta. Bridgerton – falou, quase feliz por seus filhos terem derrubado um balde de farinha nela. – Eles são todos seus.

~

Uma hora mais tarde, pouco depois de ele e Eloise se sentarem para o jantar, os gritos começaram.

Phillip deixou cair a colher. Os berros de Amanda tinham um tom mais apavorado do que o normal.

Eloise nem mesmo hesitou enquanto levava uma colher de sopa de tartaruga à boca.

– Ela está bem – murmurou Eloise, limpando delicadamente os cantos dos lábios com o guardanapo.

Então ouviram o barulho de pequenos pés correndo no andar de cima, o que indicava que Amanda saía em disparada em direção à escada.

Phillip começou a se levantar.

– É melhor eu…

– Coloquei um peixe na cama dela – disse Eloise, não exatamente sorrindo, mas parecendo bastante satisfeita consigo mesma.

– Um peixe? – ecoou ele.

– Sim, um peixe bem grande.

O peixinho em que Phillip pensara logo se transformou num tubarão com dentes afiados, e ele se engasgou.

– Hã…? Onde você arrumou um peixe? – perguntou Phillip, sem conseguir evitar.

– A Sra. Smith – disse Eloise, como se a cozinheira dele distribuísse trutas enormes todos os dias da semana.

Phillip se forçou a voltar a sentar. Não iria sair correndo para salvar Amanda. Bem que queria, afinal também era impulsionado pelo peculiar instinto paternal, e, além disso, ela gritava como se o fogo do inferno a consumisse.

Mas sua filha tinha feito a própria cama, então agora devia se deitar na que a Srta. Bridgerton deixara malcheirosa para ela. Mergulhou a colher na sopa, ergueu-a alguns centímetros, depois parou.

– E o que você colocou na cama de Oliver?

– Nada.

Ele ergueu a sobrancelha em uma expressão de indagação.

– Isso o deixará na expectativa – explicou Eloise friamente.

Phillip inclinou a cabeça na direção dela, cumprimentando-a. Ela era boa.

– Você sabe que eles irão retaliar – disse Phillip, sentindo-se obrigado a alertá-la.

– Estarei pronta – afirmou ela, soando despreocupada. Então levantou o rosto e encarou-o direto nos olhos, deixando-o assustado por um momento. – Imagino que eles saibam que me convidou aqui com o propósito de me pedir em casamento.

– Nunca disse nada a eles.

– Não, não seria do seu feitio – murmurou ela.

Phillip olhou para Eloise irritado, sem saber se ela pretendera insultá-lo.

– Não vejo a necessidade de manter meus filhos informados sobre as minhas decisões pessoais.

Ela deu de ombros, um movimento suave que ele considerou enfurecedor.

– Srta. Bridgerton, não preciso dos seus conselhos sobre como criar meus filhos.

– Eu não disse uma palavra sobre o assunto, embora possa salientar que você parece bastante desesperado para encontrar uma mãe para eles, o que indica que precisa, *sim*, de ajuda.

– Até que aceite assumir esse papel, você pode guardar suas opiniões para si – disparou ele.

Eloise o encarou com um olhar gélido, depois voltou a atenção de novo para a sopa. Mas após apenas duas colheradas, olhou mais uma vez para ele de maneira desafiadora e disse:

– Eles precisam de disciplina.

– Você acha que eu não sei disso?

– Também precisam de amor.

– Eles têm amor.

– E atenção.

– Também têm isso.

– Mas precisam receber isso de *você*.

Phillip sabia que estava longe de ser um pai perfeito, mas nunca permitiria

que outra pessoa dissesse isso.

– E suponho que tenha deduzido essa negligência vergonhosa durante as *doze horas* que passou aqui.

Ela bufou de desdém.

– Não precisei nem de doze horas para ouvir os dois hoje de manhã, implorando a você para passar uns poucos minutos com eles.

– Eles não fizeram nada disso – retorquiu Phillip, mas pôde sentir as pontas de suas orelhas ficando quentes, como sempre acontecia quando estava mentindo.

Não passava tempo suficiente com os filhos e estava envergonhado por ela ter percebido isso tão depressa.

– Eles praticamente imploraram que você não se ocupasse o *dia todo* – disparou ela. – Se passasse um pouco mais de tempo com eles…

– Você não sabe nada sobre os meus filhos – sibilou Phillip. – E não sabe nada sobre mim.

Eloise se levantou de repente.

– Isso é óbvio! – exclamou ela, seguindo em direção à porta.

– Espere! – chamou ele, levantando-se.

Droga. Como aquilo tinha acontecido? Cerca de uma hora antes ele estava convencido de que Eloise se tornaria sua esposa, e agora ela estava praticamente a caminho de Londres.

Soltou o ar, frustrado. Nada o tirava mais do sério do que seus filhos, ou discutir sobre eles. Ou, para ser mais preciso, discutir sobre suas falhas como pai.

– Me desculpe – falou, com sinceridade. Ou pelo menos com sinceridade suficiente para não querer que ela fosse embora. – Por favor. – Estendeu a mão. – Não vá.

– Não vou ser tratada como uma idiota.

– Se há uma coisa que aprendi nas doze horas desde que chegou – retrucou ele, repetindo intencionalmente as palavras que usara antes – é que você não é nenhuma idiota.

Ela o observou por mais alguns segundos, depois deu a mão a ele.

– Espere pelo menos até Amanda aparecer – pediu Phillip, sem se importar de dar a impressão de que estava implorando.

Ela ergueu as sobrancelhas de forma interrogativa.

– Com certeza vai querer saborear sua vitória – murmurou ele, depois acrescentou baixinho: – Sei que *eu* iria querer.

Eloise permitiu, então, que ele a conduzisse de volta ao seu lugar, mas tiveram apenas mais um minuto a sós antes que Amanda chegasse à sala gritando, a babá correndo atrás dela.

– Pai! – choramingou a menina, atirando-se em seu colo.

Phillip a abraçou desajeitadamente. Já havia algum tempo que não fazia isso, e tinha esquecido como era.

– Qual é o problema? – perguntou ele, acariciando suas costas.

Amanda afastou o rosto do pescoço dele e apontou um dedo trêmulo e furioso em direção a Eloise.

– *Ela* – disse Amanda, como se estivesse se referindo ao próprio diabo.

– A Srta. Bridgerton? – indagou Phillip.

– Ela colocou um peixe na minha cama!

– E você jogou farinha na cabeça dela, então eu diria que estão quites – retrucou ele severamente.

Amanda ficou boquiaberta.

– Mas você é meu pai!

– Sou.

– Deveria ficar do meu lado!

– Se você tivesse razão.

– Era um *peixe* – disse ela, soluçando.

– Dá para notar pelo cheiro. Imagino que vá querer tomar um banho.

– Não quero tomar banho! – exclamou ela. – Quero que você a castigue!

Phillip riu ao ouvir isso.

– Ela é meio grandinha para isso, não acha?

Amanda o encarou chocada, sem conseguir acreditar, e então, com o lábio inferior tremendo, disse:

– Você tem que mandá-la embora. *Agora!*

Phillip colocou Amanda no chão, bastante satisfeito com o desenrolar daquela situação. Talvez fosse a presença calma de Eloise, mas ele parecia mais paciente do que o normal. Não sentiu nenhum impulso de gritar com a filha ou de evitar o problema mandando-a para o quarto.

– Sinto muito, Amanda, mas a Srta. Bridgerton é minha convidada, não sua, e ela irá ficar pelo tempo que eu desejar.

Eloise pigarreou. Alto.

– *Ou* pelo tempo que ela quiser ficar – acrescentou Phillip.

Amanda contraiu o rosto, pensativa.

– Isso não quer dizer que você possa torturá-la para fazê-la querer ir embora – disse ele rapidamente.

– Mas…

– Nada de mas.

– Mas…

– O que eu acabei de dizer?

– Mas ela é *má*!

– Acho que ela é muito inteligente, e eu mesmo gostaria de ter colocado um peixe na sua cama meses atrás.

A menina recuou, horrorizada.

– Vá para o seu quarto, Amanda.

– Mas ele está fedendo.

– Você é a única culpada por isso.

– Mas a minha cama…

– Você vai ter que dormir no chão – replicou ele.

Com o rosto tremendo – o corpo todo tremendo, na verdade –, ela se arrastou em direção à porta.

– Mas… mas…

– Sim, Amanda? – perguntou ele, com um tom de voz que considerou impressionantemente calmo.

– Mas ela não fez nada contra o Oliver – sussurrou a garotinha. – Isso não foi justo. A farinha foi ideia dele.

Phillip ergueu as sobrancelhas.

– Bem, não foi *só* ideia minha – insistiu Amanda. – Planejamos tudo juntos.

Phillip deu uma risada.

– Se fosse você, eu não me preocuparia com Oliver, Amanda. Ou melhor, me preocuparia, *sim* – acrescentou ele, coçando o queixo com expressão pensativa. – Acredito que a Srta. Bridgerton tenha outros planos para ele.

Isso pareceu satisfazer a menina.

– Boa noite, pai – resmungou ela de um jeito que mal deu para entender.

E depois deixou que a babá a conduzisse para fora da sala.

Phillip voltou-se outra vez para a sopa, muito feliz consigo mesmo. Não conseguia se lembrar da última vez que saíra de uma discussão com os gêmeos achando que lidara perfeitamente com a situação. Levou a colher aos lábios e depois, ainda segurando-a, olhou para Eloise e disse:

– O pobre Oliver deve estar tremendo nas bases.

Ela parecia estar se esforçando para não rir.

– Ele não vai conseguir dormir.

Phillip concordou:

– Acho que não vai pregar o olho. E você deveria tomar cuidado. Aposto que ele vai colocar alguma armadilha na porta do quarto dele.

– Ah, não tenho nenhuma intenção de fazer alguma coisa com Oliver hoje – disse ela, acenando a mão de maneira alegre e displicente. – Isso seria muito óbvio. Prefiro o elemento surpresa.

– Sim – falou Phillip com uma risada. – Imaginei que seria o caso.

Eloise olhou para ele com uma expressão convencida.

– Cheguei a pensar em deixá-lo em agonia para sempre, mas isso não seria justo com Amanda.

Phillip estremeceu.

– Detesto peixe.

– Eu sei. Você me falou sobre isso nas cartas.

– Falei?

Ela fez que sim.

– Achei até estranho que a Sra. Smith tivesse algum na casa, mas imagino que os criados devam gostar.

Eles ficaram em silêncio, mas era uma quietude confortável, agradável. E, à medida que o jantar transcorria e os dois conversavam sobre nenhum assunto em particular, Phillip pensou que talvez o casamento não devesse ser tão difícil.

Com Marina, ele costumava se sentir pisando em ovos pela casa, com medo de que ela pudesse ter mais um acesso de melancolia, e sempre se decepcionava quando ela parecia se esconder da vida, por vezes quase sumindo.

Mas talvez o casamento devesse ser mais fácil do que aquilo. Talvez devesse ser assim. Agradável. Confortável.

Ele não conseguia lembrar quando tinha sido a última vez que conversara com alguém sobre os filhos, ou sobre a criação deles. Ele sempre carregara seus fardos sozinho, mesmo quando Marina era viva. A própria Marina tinha sido um fardo, e ele ainda lutava com a culpa pelo alívio que sentira quando ela se fora.

Mas Eloise…

Phillip olhou para a mulher à sua frente, que surgira de maneira tão inesperada em sua vida. O cabelo dela tinha um brilho quase vermelho à luz tremeluzente das velas, e seus olhos, quando ela percebia que ele a observava, reluziam cheios de vitalidade e um toque de travessura.

Como começava a perceber, ela era exatamente o que precisava. Inteligente, obstinada, levemente autoritária – essas não eram as qualidades que um homem costumava procurar em uma esposa, mas Phillip precisava demais de alguém em Romney Hall que consertasse tudo em sua vida. Nada estava certo, desde a casa, passando pelos filhos, até a atmosfera meio sombria e silenciosa que costumava pairar por ali quando Marina estava viva e que infelizmente não se dissipara com a sua morte.

Phillip abriria mão de bom grado de parte de seus poderes de marido se arrumasse uma mulher que conseguisse endireitar tudo. Ficaria mais do que contente em desaparecer em sua estufa e deixá-la encarregada de todo o resto.

Será que Eloise Bridgerton estaria disposta a assumir esse papel?

Santo Deus, ele esperava que sim.

CAPÍTULO 5

… eu lhe imploro, mãe, você TEM que castigar a Daphne. NÃO É JUSTO que eu seja a única a ir para a cama sem pudim. E por uma semana inteira. Uma semana é muito tempo. Principalmente quando foi ~~tudo~~ quase tudo ideia da Daphne.

– bilhete de Eloise Bridgerton para sua mãe,
deixado na mesa de cabeceira de Violet Bridgerton
quando a menina tinha 10 anos

Era estranho, pensou Eloise, ver quanta coisa podia mudar em um único dia.

Porque agora, enquanto Sir Phillip a acompanhava pela casa, fingindo admirar a galeria de retratos, mas na verdade apenas prolongando o tempo que passavam juntos, ela pensava…

Ele pode vir a ser um ótimo marido, no final das contas.

Não era a maneira mais poética de expressar algo que deveria ser baseado em romantismo e paixão, mas a corte dos dois era bastante atípica, e, faltando apenas dois anos para o seu 30° aniversário, Eloise não podia se dar ao luxo de ser tão caprichosa.

Mas ainda assim havia algo…

À luz das velas, Sir Phillip parecia de alguma forma mais bonito, talvez até com um ar meio perigoso. As linhas rudes de seu rosto formavam ângulos e sombras sob a luz tremeluzente, dando-lhe uma aparência de escultura, quase como as estátuas que ela vira no Museu Britânico. E, quando ele se postava ao seu lado, a mão enorme colocada com possessividade em seu ombro, a presença dele parecia envolvê-la.

Era estranho, excitante e um pouquinho assustador.

Mas gratificante, também. Ela fizera uma coisa maluca ao fugir de casa no meio da noite esperando encontrar a felicidade com um homem que nunca vira. Era um alívio pensar que talvez tudo aquilo não tivesse sido um engano

completo, que talvez ela tivesse vencido a aposta que fizera com o destino.

Nada seria pior do que voltar constrangida para Londres, admitir seu fracasso e ter de explicar a toda a família a sua atitude.

Ela não iria gostar nem um pouco de reconhecer que errara, nem para si mesma nem para ninguém.

Mas principalmente para si mesma.

Sir Phillip tinha provado ser uma agradável companhia para o jantar, ainda que não fosse tão falante quanto as pessoas com quem estava acostumada.

E ele sem dúvida tinha senso de justiça, o que Eloise considerava essencial em qualquer marido. Havia aceitado bem – e até mesmo admirado – a estratégia de vingança que ela usara com Amanda. Muitos dos homens que Eloise conhecera em Londres teriam ficado horrorizados com o fato de uma dama bem-educada sequer pensar em recorrer a táticas tão peculiares.

E talvez, apenas talvez, aquilo pudesse dar certo. Casar-se com Sir Phillip parecia mesmo uma coisa precipitada quando parava para pensar de maneira lógica, mas ele não era exatamente um *completo* estranho, afinal vinham trocando cartas havia mais de um ano.

– Meu avô – disse Phillip com a voz serena, gesticulando em direção a um grande retrato.

– Ele era muito bonito – retrucou Eloise, mesmo sem conseguir ver direito com aquela luz fraca. Então indicou o retrato à direita. – É o seu pai?

Phillip assentiu uma vez rapidamente, a boca se estreitando, tensa.

– E cadê você? – perguntou ela, sentindo que ele não queria falar sobre o pai.

– Bem ali.

Ela seguiu sua indicação até um retrato de Phillip criança, talvez com uns 12 anos, posando ao lado de alguém que só podia ser seu irmão.

Seu irmão mais velho.

– O que houve com ele? – indagou Eloise, já que sabia que ele devia estar morto.

Se estivesse vivo, Phillip não teria herdado a casa ou o título de baronete.

– Waterloo – respondeu ele, sucintamente.

Eloise colocou a mão sobre a dele por impulso.

– Ah, sinto muito.

Por um instante, ela achou que Phillip não iria falar nada, mas ele acabou

dizendo em voz baixa:

– Ninguém sentiu mais do que eu.

– Qual era o nome dele?

– George.

– Você devia ser bem jovem – comentou ela, tentando calcular que idade ele teria em 1815.

– Vinte e um anos. Meu pai morreu duas semanas depois.

Ela pensou a respeito. Aos 21, ela deveria estar casada, seguindo o exemplo de todas as jovens de sua posição. Era possível pensar que essa era a época em que se atingia a idade adulta, mas agora, para ela, uma pessoa de 21 anos parecia incrivelmente jovem e imatura, inocente demais para ter herdado um fardo que nunca achou que receberia.

– Marina era noiva dele.

Eloise expirou o ar e olhou para Phillip, deixando cair a mão que estava sobre a dele.

– Eu não sabia – falou.

Ele deu de ombros.

– Não importa. Você gostaria de ver o retrato dela?

– Sim – retrucou Eloise, percebendo que queria mesmo ver Marina.

As duas eram primas distantes, e havia anos desde a última vez que tinham se encontrado. Eloise se recordava do cabelo escuro e dos olhos claros – azuis, talvez –, mas era tudo. Ela e Marina tinham a mesma idade, então ficavam juntas nas reuniões de família, mas Eloise lembrava que nunca tinham tido muita coisa em comum. Mesmo quando eram pouco mais velhas que Amanda e Oliver, as diferenças entre as duas ficavam bem claras. Eloise fora uma criança agitada, que gostava de subir em árvores e escorregar por corrimões, sempre seguindo os irmãos mais velhos, implorando que a deixassem participar do que quer que estivessem fazendo.

Marina era mais quieta, sempre pensativa. Eloise tinha recordações de puxá-la pela mão, tentando fazê-la sair para brincar. Mas a prima preferia ficar sentada e ler um livro.

Certa vez, no entanto, observando-a, Eloise ficara convencida de que Marina nunca passara da página 32.

Era algo estranho de lembrar, mas aos 9 anos ela achara aquilo espantoso:

por que alguém iria preferir ficar dentro de casa com um livro enquanto o sol brilhava lá fora, sem nem mesmo lê-lo? Eloise passara o resto da visita sussurrando com sua irmã Francesca, tentando entender o que Marina estava fazendo com aquele livro.

– Você se lembra dela? – perguntou Phillip.

– Só um pouco – retrucou Eloise, sem saber direito por que não queria compartilhar sua lembrança com ele.

E, de qualquer forma, dissera a verdade. Aquela era a única recordação que tinha de Marina.

Eloise deixou Phillip conduzi-la até o retrato de Marina. Ela havia sido pintada sentada, em um tipo de otomana, com a saia do vestido vermelho-escuro habilmente arrumada à sua volta. Amanda, um pouco mais nova, estava em seu colo, e Oliver ao seu lado, numa daquelas poses em que os garotos são sempre forçados a ficar. Os dois estavam muito sérios, como se fossem adultos em miniatura.

– Ela era linda – disse Eloise.

Phillip ficou olhando para a imagem da falecida esposa e depois, quase como se aquilo exigisse uma grande força de vontade, virou a cabeça e se afastou.

Será que ele a amara? Será que ainda a amava?

Marina deveria ter sido desposada pelo irmão dele, então tudo parecia indicar que Phillip acabara se casando com ela por obrigação.

Mas isso não queria dizer que não a amava. Talvez fosse apaixonado por ela enquanto era noiva de seu irmão. Ou talvez tivesse se apaixonado por ela depois do casamento.

Eloise o observou discretamente enquanto ele encarava com o olhar vazio uma pintura na parede. Havia emoção no rosto dele quando vira o retrato de Marina. Eloise não sabia ao certo o que Phillip sentira por ela, mas ainda havia alguma coisa. Fazia apenas um ano, afinal. Um ano pode marcar o período oficial de luto, mas não era muito tempo para superar a morte de alguém querido.

Então ele se virou e, quando seus olhos encontraram os dela, Eloise percebeu que ficara admirando-o, hipnotizada pelos traços de seu rosto. Entreabriu os lábios, surpresa, e quis desviar o olhar, sentindo que devia corar e gaguejar por ter sido flagrada, mas por algum motivo não conseguiu. Só ficou lá paralisada,

ofegante, enquanto um estranho calor se espalhava por seu corpo.

Phillip estava a quase 5 metros dela, no mínimo, e parecia que estavam se tocando.

– Eloise? – sussurrou ele, ou pelo menos foi o que ela pensou ter ouvido.

Viu os lábios dele formarem seu nome mais do que de fato ouviu sua voz.

E então, de alguma forma, o momento passou. Talvez tenha sido o sussurro dele, ou o zumbido do vento lá fora. O fato é que Eloise enfim conseguiu se mover… pensar… e logo virou de volta para o retrato de Marina, fixando firmemente o olhar no rosto sereno de sua falecida prima.

– As crianças devem sentir falta dela – falou, notando que precisava dizer alguma coisa, qualquer coisa, que reiniciasse a conversa e restaurasse sua compostura.

Por um instante, Phillip não respondeu. Depois, por fim:

– Sim, eles sentiam falta dela havia um bom tempo.

Eloise achou que era uma forma bem estranha de se expressar.

– Eu os entendo – disse ela. – Eu era bem nova quando meu pai morreu.

Phillip olhou para ela.

– Não sabia.

Ela deu de ombros.

– Não falo muito sobre isso. Já aconteceu há muitos anos.

Ele voltou para o lado dela, os passos lentos e metódicos.

– Você levou muito tempo para se recuperar?

– Não sei se é possível se recuperar de algo assim – retrucou ela. – Completamente, quero dizer. Mas não, não penso nele todos os dias, se é o que você quer saber.

Eloise virou de costas para o retrato de Marina. Percebeu que vinha olhando de forma fixa para ele já havia um bom tempo e estava começando a se sentir estranhamente intrusiva.

– Acho que foi mais difícil para os meus irmãos mais velhos – continuou. – Anthony, que é o primeiro filho e já era um rapaz quando aconteceu, foi o que teve mais dificuldade em aceitar. Eles eram muito próximos. E minha mãe, é claro. – Ela olhou para ele. – Meus pais se amavam muito.

– Como ela reagiu à morte dele?

– Bem, a princípio chorou muito, mas tenho certeza de que não queria que

nós percebêssemos, porque ela sempre chorava em seu quarto, à noite, quando achava que já estávamos todos dormindo. Não deve ter sido nada fácil passar por aquilo com sete filhos.

– Achei que vocês fossem oito.

– Hyacinth ainda não tinha nascido. Acho que minha mãe estava grávida de oito meses.

– Meu Deus – sussurrou ele.

Pelo menos era o que Eloise acreditava ter ouvido.

Meu Deus mesmo. Ela não fazia ideia de como sua mãe tinha conseguido.

– Foi muito inesperado – disse ela. – Meu pai foi picado por uma abelha. Uma abelha. Dá para imaginar? Ele foi picado por uma abelha, e então… Bem, não quero aborrecê-lo com os detalhes. Vamos sair daqui? Já está muito escuro para ver os retratos.

Era mentira, é claro. *Estava* muito escuro, mas Eloise não ligava minimamente para isso. Falar sobre a morte do pai sempre a fazia se sentir um pouco estranha, e ela não queria ficar ali rodeada por retratos de pessoas mortas.

– Eu gostaria de ver sua estufa – disse ela.

– Agora?

Colocado daquela forma, parecia mesmo um pedido esquisito.

– Amanhã, então, quando estiver mais claro – retrucou ela.

Os lábios dele se curvaram em um sorriso discreto.

– Podemos ir agora.

– Mas não vamos conseguir ver nada.

– Não vamos conseguir ver tudo – corrigiu ele. – Mas a lua está brilhando, e podemos levar um lampião.

Ela olhou pela janela, indecisa.

– Está frio.

– Você pode levar um casaco. – Ele se inclinou para a frente com um brilho nos olhos. – Não está com medo, está?

– É claro que não! – exclamou ela, sabendo que ele queria instigá-la, mas caindo na provocação mesmo assim.

Phillip arqueou a sobrancelha de maneira desafiadora.

– Vou lhe provar que sou a mulher mais corajosa que irá conhecer em toda a sua vida.

– Tenho certeza disso – murmurou ele.

– Agora você está sendo condescendente.

Ele apenas riu.

– Muito bem, mostre o caminho – disse ela bravamente.

~

– Está tão quente! – exclamou Eloise quando Phillip fechou a porta da estufa.

– Na verdade, em geral é mais quente do que isso – disse ele. – O vidro permite que o sol aqueça o ar, mas, exceto por esta manhã, os últimos dias têm sido bastante nublados.

Quando não conseguia dormir, Phillip costumava ir à noite até a estufa, onde trabalhava com a ajuda da luz de um lampião. E, antes de ficar viúvo, fazia isso para manter-se ocupado e não pensar em entrar no quarto de Marina.

Mas ele nunca pedira a ninguém que o acompanhasse até lá no escuro. Mesmo durante o dia, Phillip quase sempre trabalhava sozinho. Agora via tudo pelos olhos de Eloise – a magia no modo como o luar perolado projetava sombras através das folhas. Durante o dia, uma caminhada pela estufa não era muito diferente de um passeio por qualquer área verde da Inglaterra, a não ser pela rara samambaia ou a bromélia importada.

Mas àquela hora, com o véu da noite pregando peças nos olhos, era como se estivessem em alguma floresta escondida e secreta, em que a magia e a surpresa podiam espreitar a cada curva.

– O que é isso? – perguntou Eloise, observando oito pequenos vasos de argila dispostos lado a lado em sua bancada de trabalho.

Phillip caminhou até ela, imensamente satisfeito por sua curiosidade, que parecia sincera. A maioria das pessoas apenas fingia interesse, ou nem sequer se importava em fingir e tentava escapar logo dali.

– É um experimento em que venho trabalhando… com ervilhas – explicou ele.

– Do tipo que nós comemos?

– Sim. Estou tentando criar uma variedade que irá se desenvolver mais, ainda dentro da vagem.

Ela olhou para os vasos. Não havia nada brotando ainda. Ele só tinha plantado as sementes uma semana antes.

– Que curioso – murmurou Eloise. – Não tinha ideia de que alguém pudesse fazer isso.

– Eu também não faço ideia se alguém pode – admitiu ele. – Estou tentando há um ano.

– Sem sucesso? Como deve ser frustrante.

– Tive algum sucesso, só não tanto quanto gostaria.

– Tentei cultivar rosas uma vez – contou ela. – Todas morreram.

– Cultivar rosas é mais difícil do que a maioria das pessoas pensa.

Ela contraiu ligeiramente os lábios.

– Notei que você tem muitas delas.

– Tenho um jardineiro.

– Um botânico que tem um jardineiro?

Ele já ouvira aquele questionamento muitas vezes.

– Não é diferente de uma modista que tem uma costureira.

Eloise pensou sobre aquilo por um instante, depois continuou andando pela estufa, parando para ver várias plantas, repreendendo-o por não acompanhá-la com o lampião.

– Você está um pouco mandona hoje – comentou ele.

Ela se virou, viu que ele ria, ainda que discretamente, e abriu um sorriso travesso.

– Prefiro ser chamada de “gerenciadora”.

– Uma mulher que gosta de administrar, hã?

– Fico surpresa que não tenha percebido isso nas minhas cartas.

– Por que acha que a convidei? – rebateu ele.

– Você queria alguém para administrar sua vida? – perguntou ela por sobre o ombro enquanto se afastava dele de maneira provocante.

Ele queria alguém para cuidar dos filhos, mas aquela não parecia a melhor hora para falar deles. Não quando ela olhava para ele como se…

Como se quisesse ser beijada.

Phillip deu dois passos lentos e predadores em direção a ela antes mesmo de perceber o que estava fazendo.

– O que é isso? – quis saber Eloise, apontando para alguma coisa.

– Uma planta.

– Sei que é uma planta – disse ela com uma gargalhada. – Se eu…

Mas então ela olhou para cima, viu o brilho nos olhos dele e se calou.

– Posso beijá-la? – perguntou Phillip.

Ele teria parado se ela respondesse que não, mas não lhe deu muita chance disso, porque antes que ela pudesse falar qualquer coisa, diminuiu a distância entre os dois.

– Posso? – repetiu ele, tão perto que suas palavras entraram como um sussurro pelos lábios dela.

Eloise fez que sim, um movimento discreto, mas firme, e ele roçou sua boca na dela de maneira suave, delicada, como se deve beijar uma mulher com quem se pretende casar.

Ela então levou as mãos ao pescoço de Phillip e… que Deus lhe ajudasse, mas ele queria mais.

Muito mais.

Ele intensificou o beijo, ignorando o ar surpreso de Eloise quando abriu os lábios dela com sua língua. Mas isso ainda não era o que ele queria. O que desejava mesmo era o calor e a vitalidade dela por todo seu corpo, em volta e através dele, infundindo-o.

Phillip envolveu-a com os braços, colocando uma das mãos no alto das costas de Eloise, enquanto a outra procurava ousadamente a curva exuberante do traseiro dela. Ele pressionou o corpo contra o dela, com força, sem se preocupar se ela iria sentir a evidência de seu desejo. Já fazia tanto tempo… Mas que droga, muito tempo mesmo, e ela parecia tão doce e macia em seus braços…

Ele a queria.

Queria-a por inteiro, mas, mesmo com a mente enevoada pela paixão, sabia que isso seria impossível naquela noite, então estava determinado a aproveitar o que podia, que era senti-la em seus braços, o calor dela correndo por todo o seu corpo.

E ela correspondia. A princípio de maneira hesitante, como se não soubesse bem o que estava fazendo, mas depois com grande ardor, deixando escapar, baixinho, sons inocentemente sedutores.

Aquilo o deixou maluco. *Ela* o estava deixando maluco.

– Eloise, Eloise – murmurou ele, a voz rouca de desejo.

Mergulhou uma das mãos no cabelo dela até afrouxar-lhe o penteado e uma grossa mecha castanha se soltar, formando um arabesco sedutor em seu seio.

Levou os lábios ao pescoço de Eloise, provando-lhe a pele, exultando quando ela se curvou para trás, dando-lhe mais acesso. E então, bem quando ele começou a se abaixar, os joelhos se dobrando enquanto os lábios percorriam o colo dela, Eloise fez força para se soltar.

– Sinto muito – disse ela de repente, as mãos correndo para o decote do vestido, embora não estivesse nem um pouco fora do lugar.

– Eu não – disse ele, atrevidamente.

Eloise arregalou os olhos diante de tanta sinceridade. Ele não se importou. Nunca fora muito bom com as palavras, e talvez fosse melhor que ela soubesse disso logo, antes que fizessem algo mais definitivo.

E então ela o surpreendeu:

– Foi só uma maneira de falar.

– Como?

– Eu disse que sinto muito, mas na verdade não sinto. Foi apenas um jeito de falar.

Ela soava impressionantemente tranquila, quase professoral, para uma mulher que tinha acabado de ser beijada de maneira tão intensa.

– As pessoas dizem coisas assim o tempo todo apenas para preencher o silêncio – continuou ela.

Phillip começava a perceber que Eloise não era o tipo de mulher que gostava de silêncio.

– É como quando…

Ele a beijou novamente.

– Sir Phillip!

– Às vezes o silêncio é uma coisa boa – disse ele, com um sorriso satisfeito.

Ela ficou boquiaberta.

– Está dizendo que eu falo demais?

Ele deu de ombros, divertindo-se muito em provocá-la.

– Para sua informação, tenho falado *muito* menos aqui do que em casa.

– Isso é difícil de imaginar.

– Sir Phillip!

– Shh – fez ele, estendendo a mão para segurar a dela. Ela puxou o braço e ele a tomou de novo, dessa vez com mais firmeza. – Estamos precisando de um pouco de barulho por aqui.

~

Eloise acordou no dia seguinte como se ainda estivesse em um sonho. Não esperara que ele fosse beijá-la.

E não esperara que fosse gostar tanto.

Seu estômago roncou alto e ela decidiu descer para a sala de café da manhã. Não tinha a menor ideia se Sir Phillip estaria lá. Será que ele acordava cedo? Ou gostava de ficar na cama até o meio-dia? Parecia tolo não saber essas coisas sobre ele quando estava pensando seriamente em casamento.

E se ele estivesse lá, esperando-a junto a um prato de ovos cozidos, o que ela lhe diria? O que se diz a um homem depois de ele ter enfiado a língua na sua orelha?

Não importava que tivesse sido uma língua maravilhosa. Ainda assim, era algo bastante escandaloso.

E se ela chegasse lá e mal conseguisse dizer "Bom dia"? Ele acharia isso muito engraçado, depois de ter implicado com ela na noite anterior por causa de sua loquacidade.

Esse pensamento quase a fez rir. Ela, que podia falar horas sobre nada em particular, e que inclusive fazia isso com bastante frequência, não sabia direito o que iria dizer quando visse Sir Phillip Crane.

Ele a beijara. E isso mudava tudo.

Atravessou o quarto e conferiu se a porta estava bem fechada antes de abri-la. Não achava que Oliver e Amanda fossem tentar o mesmo truque de novo, mas nunca se sabe. Não gostava nem um pouco de pensar em outro banho de farinha. Ou coisa pior. Após o incidente do peixe, eles provavelmente pensariam em algo líquido. Líquido e malcheiroso.

Ela saiu no corredor cantarolando baixinho e virou à direita para chegar à escada. O dia parecia promissor, o sol despontava por entre as nuvens quando ela olhara pela janela, e…

– Ai!

O grito rasgou o ar enquanto ela mergulhava para a frente, o pé preso em algo esticado de lado a lado no corredor. Ela nem mesmo teve chance de recuperar o equilíbrio: vinha andando tão rápido, como era seu costume, que, quando caiu, foi com tudo.

Não teve tempo nem sequer de usar as mãos para aparar a queda.

As lágrimas arderam em seus olhos. Seu queixo parecia em chamas. A lateral dele, pelo menos. Ela só havia conseguido mover ligeiramente a cabeça para o lado antes de desabar.

Eloise gemeu algo incoerente, o tipo de som que alguém faz quando se machuca tanto que não consegue se conter. E ficou lá esperando que a dor diminuísse, tentando se convencer de que tinha sido como dar uma topada com o dedão: ele lateja impiedosamente por alguns segundos e então, quando a surpresa passa, resta apenas uma dor um pouco incômoda.

Mas ela continuava sentindo a pancada arder. Em seu queixo, na lateral da cabeça, no joelho e nos quadris.

Parecia que tinha levado uma surra.

Devagar e com grande esforço, conseguiu se apoiar nas mãos e nos joelhos e depois se sentar. Recostou-se na parede e levou a mão à bochecha, inspirando rapidamente para tentar controlar a dor.

– Eloise!

Phillip. Ela nem fez força para olhar para cima; não queria sair de sua posição encolhida.

– Eloise, meu Deus – disse ele, subindo os últimos degraus de três em três para chegar até ela. – O que aconteceu?

– Eu caí.

Não queria choramingar, mas as palavras acabaram saindo chorosas mesmo assim.

Com uma delicadeza que parecia incomum a um homem daquele tamanho, ele pegou a mão de Eloise e afastou-a do rosto dela.

As palavras que disse em seguida não costumavam ser pronunciadas na presença dela:

– Você precisa colocar um pedaço de carne nisso aí.

Ela olhou para ele com os olhos marejados.

– Estou com algum hematoma?

Ele assentiu, com raiva.

– Acho que vai ficar com um olho roxo. Ainda é cedo para dizer.

Ela tentou sorrir, passar um ar confiante, mas não conseguiu.

– Está doendo muito? – perguntou ele, com ternura.

Ela fez que sim, imaginando por que o som da voz dele a fazia querer chorar

ainda mais. Isso a lembrou de quando era pequena e caíra de uma árvore. Torcera o tornozelo gravemente, mas de algum jeito conseguira não chorar até voltar para casa.

Então bastara um olhar de sua mãe para ela começar a soluçar.

Phillip tocou seu rosto com cuidado, fechando a cara quando ela se encolheu.

– Vou ficar bem – garantiu Eloise.

E iria mesmo. Em alguns dias.

– O que aconteceu?

Era claro que ela sabia exatamente o que tinha acontecido. Havia algo esticado no corredor que havia sido colocado ali para fazê-la tropeçar e cair. E não era preciso ser muito inteligente para saber quem fizera aquilo.

Mas Eloise não queria colocar os gêmeos em apuros. Pelo menos não do tipo em que estariam quando Sir Phillip pusesse as mãos neles. Achava com toda a sinceridade que eles não tinham pretendido causar um estrago tão grande.

Mas Sir Phillip já tinha encontrado o barbante fino esticado no caminho, preso nas pernas de duas mesas que haviam sido arrastadas para o meio do corredor quando ela tropeçara.

Eloise viu quando ele se ajoelhou, pegou o barbante e enrolou-o em volta dos dedos. Então olhou para ela não de maneira indagadora, mas como quem constata a amarga verdade.

– Eu não vi – disse Eloise, ainda que isso estivesse óbvio.

Phillip não desviou os olhos dela, mas seus dedos continuaram enrolando o barbante até esticá-lo tanto a ponto de arrebentar.

Eloise prendeu a respiração. Aquela cena era quase assustadora. Phillip não pareceu perceber que tinha rompido o barbante, nem se dar conta de sua força.

Ou da força de sua raiva.

– Sir Phillip – sussurrou ela, mas ele nem chegou a ouvi-la.

– Oliver! – gritou. – Amanda!

– Tenho certeza de que eles não pretendiam me machucar – falou Eloise, sem saber direito por que os defendia.

Os gêmeos a haviam machucado, isso era verdade, mas tinha a sensação de que o próprio sofrimento seria consideravelmente menos doloroso do que qualquer castigo imposto a eles pelo pai.

– Não me interessa o que eles pretendiam – rebateu Phillip. – Veja só como

você veio parar perto da escada. E se tivesse caído?

Eloise olhou para os degraus. Estava próxima deles, mas não tão perto que pudesse ter caído.

– Não acho…

– Eles terão que pagar por isso – disse ele, a voz baixa e implacável vibrando de raiva.

– Vou ficar bem – garantiu Eloise, percebendo que a dor atordoante já dava lugar a uma mais branda.

Mas ainda doía, o bastante para que ela deixasse escapar um gemido quando Sir Phillip a levantou em seus braços.

E a fúria dele só aumentou.

– Vou colocá-la na cama – falou, a voz direta e rouca.

Eloise não contestou.

Uma empregada apareceu no patamar da escada e ficou aflita quando viu o hematoma, já mais escuro, no rosto de Eloise.

– Arranje alguma coisa para que eu cuide disso – ordenou Sir Phillip. – Um pedaço de carne. Qualquer coisa.

A empregada fez que sim e saiu depressa enquanto Phillip carregava Eloise até o quarto dela.

– Você se machucou em mais algum lugar?

– No quadril – admitiu ela quando ele a deitou por cima das cobertas. – E no cotovelo.

Phillip assentiu amargamente.

– Você acha que quebrou alguma coisa?

– Não! – exclamou ela com rapidez. – Não, eu…

– Vou precisar checar mesmo assim – disse ele, ignorando os protestos de Eloise enquanto examinava seu braço com delicadeza.

– Sir Phillip, eu…

– Meus filhos quase a mataram – interrompeu ele, sem nenhum vestígio de humor nos olhos. – Acho que você poderia deixar de me chamar de *sir*.

Eloise engoliu em seco enquanto ele atravessava o quarto até a porta, com passadas longas e fortes.

– Traga os gêmeos aqui agora mesmo – ordenou Phillip, provavelmente para algum criado à espera no corredor.

Eloise não acreditava que os gêmeos não tivessem ouvido o grito que ele dera antes, mas também não podia culpá-los por tentar adiar a hora do juízo final nas mãos do pai.

– Phillip, deixe que eu cuido deles – pediu ela, tentando atraí-lo de volta para o quarto com o som de sua voz. – Fui eu que me machuquei, e…

– Eles são meus filhos, e eu irei puni-los – rebateu ele com severidade. – Deus sabe que os dois estão pedindo por isso há muito tempo.

Eloise olhava para Phillip cada vez mais assustada. Ele praticamente tremia de raiva e, embora ela mesma fosse ficar satisfeita em dar umas boas palmadas nas crianças, achava que ele não devia aplicar nenhum castigo naquele estado.

– Eles feriram você – disse Phillip, a voz baixa. – Não posso aceitar isso.

– Vou ficar bem – garantiu ela, de novo. – Daqui a alguns dias não vou nem…

– Não é essa a questão – disse ele, bruscamente. – Se eu tivesse… – Ele parou e tentou outra vez: – Se eu não tivesse…

Parou de novo, sem palavras, e se recostou na parede, a cabeça para trás, olhando para o teto, como se procurasse alguma coisa… O quê, Eloise não tinha como saber. Respostas, imaginou ela. Como se alguém pudesse encontrá-las só de olhar para cima.

Phillip, então, se virou, fitou-a com ar triste, e Eloise viu em seu rosto algo pelo qual não esperava.

E foi então que ela percebeu. Toda aquela raiva na voz dele, no corpo trêmulo, nada daquilo era direcionado às crianças. Não inteiramente, pelo menos.

A expressão no rosto dele, o vazio em seus olhos… era ódio por si mesmo.

Ele não culpava os filhos.

Ele *se* culpava.

CAPÍTULO 6

… não deveria ter deixado que ele a beijasse. Quem sabe que liberdades ele tentará tomar na próxima vez em que vocês se encontrarem? Mas acho que o que está feito, está feito. Então só me resta perguntar: Foi bom?

– bilhete de Eloise Bridgerton para sua irmã Francesca, passado por baixo da porta do quarto dela na noite em que Francesca conheceu o Conde de Kilmartin, com quem se casaria dois meses depois

Quando as crianças entraram no quarto, meio arrastadas e meio empurradas pela babá, Phillip se forçou a ficar onde estava, junto à parede, com medo de que começasse a bater nos dois sem parar se fosse até eles.

E com mais medo ainda de não se arrepender quando tivesse acabado.

Então, só cruzou os braços e encarou-os, deixando que se encolhessem diante da força de sua fúria, enquanto tentava descobrir que drogas de palavras deveria dizer.

Por fim, Oliver falou, com a voz trêmula:

– Pai?

Phillip disse a única coisa que lhe veio à mente, a única que parecia importar:

– Vocês estão vendo a Srta. Bridgerton?

Os gêmeos assentiram, sem olhar direito para ela. Pelo menos não para o rosto, que começava a ficar roxo em volta do olho.

– Vocês notaram algo de estranho nela?

Eles não falaram nada, fazendo o quarto mergulhar em silêncio até uma empregada aparecer na porta e chamar:

– Sir?

Phillip indicou com um aceno de cabeça que a viu chegar, então foi depressa

pegar o pedaço de carne que ela levara para o olho de Eloise.

– Com fome? – disparou ele para os filhos. Quando viu que não iam responder, continuou: – Que bom. Porque, infelizmente, nenhum de nós vai comer este pedaço de carne, não é mesmo?

Atravessou o quarto em direção à cama, então se sentou com cuidado ao lado de Eloise.

– Aqui está – disse, ainda com muita raiva para disfarçar a irritação na voz.

Ignorou as tentativas de Eloise de ajudar e colocou o pedaço de carne no olho dela, cobrindo-o com um pano para não ter de sujar os dedos enquanto o mantinha no lugar.

Quando terminou, foi até onde os gêmeos estavam encolhidos e parou em frente a eles, os braços cruzados. E esperou.

– Olhem para mim – ordenou Phillip ao ver que nenhum dos dois despregava os olhos do chão.

Quando levantaram o rosto, ele percebeu o pavor em seus olhos e se sentiu mal, mas não sabia de que outra forma poderia agir.

– Não queríamos machucá-la – sussurrou Amanda.

– Ah, não queriam? – disparou ele com uma fúria palpável. Sua voz era fria, mas o rosto mostrava claramente sua raiva, e até Eloise se encolheu na cama. – Vocês não acharam que ela poderia se machucar quando tropeçasse no barbante? – continuou, o sarcasmo lhe conferindo um ar controlado que era ainda mais assustador. – Ou talvez vocês tenham percebido, com razão, que o barbante em si provavelmente não causaria nenhum dano, mas não ocorreu aos dois que ela pudesse se machucar quando de fato caísse.

Eles não falaram nada.

Phillip olhou para Eloise, que tinha afastado o pedaço de carne do rosto e o tocava com cuidado. O hematoma dela parecia piorar a cada minuto.

Os gêmeos precisavam entender que não poderiam continuar a fazer essas coisas. Tinham que aprender que deviam tratar as pessoas com mais respeito. Aprender…

Phillip praguejou em voz baixa. Precisavam aprender *alguma coisa*.

Inclinou a cabeça em direção à porta.

– Venham comigo, os dois. – Caminhou até o corredor, depois virou de volta para eles e disparou: – Agora.

E, à medida que os conduzia para fora do quarto, rezava para conseguir se controlar.

~

Eloise tentou não ficar escutando, mas não conseguiu deixar de aguçar os ouvidos. Não sabia aonde Phillip estava levando os filhos – podia ser para o quarto ao lado, para o quarto deles, ou lá para fora. Mas uma coisa era certa: eles iriam ser castigados.

E, embora achasse que devessem *mesmo* ser punidos – o que haviam feito era indesculpável, e sem dúvida já tinham idade suficiente para perceber isso –, não pôde evitar sentir uma estranha preocupação em relação a eles. Os dois pareciam apavorados quando Phillip os levara dali, e ainda havia aquela lembrança incômoda do dia anterior, quando Oliver perguntara de repente: “Você vai nos bater?”

Ele se encolhera na hora, como se esperasse apanhar.

Sir Phillip com certeza não… Não, isso era impossível, pensou Eloise. Uma coisa era dar umas palmadas nos filhos em uma situação como aquela, mas sem dúvida ele não tinha o costume de bater nas crianças.

Ela não podia ter se equivocado. Deixara aquele homem beijá-la na noite anterior, e tinha até mesmo retribuído o beijo. Com certeza ela teria notado que havia algo de errado, e percebido uma crueldade interior, se Phillip fosse do tipo que batia nos filhos.

Finalmente, depois do que pareceu uma eternidade, Oliver e Amanda entraram um atrás do outro, tristes e com os olhos vermelhos. Sir Phillip vinha logo depois, obrigando os filhos a não andarem a passos de lesma.

As crianças arrastaram os pés até a cabeceira da cama e Eloise virou a cabeça para poder vê-los melhor.

– Queremos pedir desculpas, Srta. Bridgerton – resmungaram eles.

– Mais alto – ordenou o pai com a voz ríspida.

– Queremos pedir desculpas.

Eloise assentiu para eles.

– Isso não vai acontecer de novo – acrescentou Amanda.

– Fico aliviada em ouvir isso – disse Eloise.

Phillip pigarreou.

– Nosso pai falou que devemos compensá-la – falou Oliver.

– Hã…

Eloise não sabia muito bem como eles pretendiam fazer isso.

– Você gosta de doces? – perguntou Amanda.

Eloise olhou para ela, piscando, confusa.

– Doces?

A menina assentiu com a cabeça.

– Bem, gosto. Acho que todo mundo gosta.

– Tenho uma caixa de drops de limão que guardei por meses. Você pode ficar com eles.

Eloise engoliu em seco ao ver a expressão torturada de Amanda. Havia algo de errado com aquelas crianças. Ou, se não com elas, então com a maneira como eram tratadas. Havia algo de errado em suas vidas. Com todos os sobrinhos que tinha, Eloise já vira várias crianças felizes para saber disso.

– Está tudo bem, Amanda – disse ela, o coração apertado. – Você pode ficar com os drops.

– Mas temos que lhe dar alguma coisa – retrucou Amanda, com um olhar temeroso para o pai.

Eloise já ia falar que aquilo não era necessário, mas então, enquanto observava o rosto de Amanda, percebeu que era, sim. Em parte, é claro, porque Sir Phillip obviamente insistira nisso, e Eloise não iria questionar sua autoridade dizendo o contrário. Mas também porque os gêmeos precisavam entender o conceito de reparar os erros cometidos.

– Muito bem – disse Eloise. – Vocês podem me dar uma tarde.

– Uma tarde?

– Sim. Quando eu estiver melhor, você e seu irmão podem me dar uma tarde. Ainda não vi muita coisa aqui em Romney Hall, e imagino que conheçam cada centímetro da casa e do terreno. Vocês poderiam me mostrar o lugar. Desde que, é claro, prometam não me pregar nenhuma peça – acrescentou ela, porque valorizava demais sua saúde e seu bem-estar.

– Nenhuma – concordou Amanda depressa, balançando a cabeça com sinceridade. – Eu prometo.

– Oliver – rosnou Phillip quando o filho não respondeu rápido o bastante.

– Não lhe pregaremos nenhuma peça nessa tarde – resmungou Oliver.

Phillip atravessou o quarto a passos largos e agarrou o filho pelo colarinho.

– Nunca! – exclamou Oliver, com a voz abafada. – Eu prometo! Vamos deixar a Srta. Bridgerton completamente sossegada no canto dela.

– Não completamente, eu espero – disse ela, encarando Phillip e esperando que ele interpretasse seu olhar de forma correta como a deixa para dispensar as crianças. – Afinal, vocês me devem uma tarde.

Amanda abriu um sorriso hesitante, mas Oliver continuou de cara fechada.

– Podem ir – falou Phillip, e as crianças saíram depressa pela porta aberta.

Os dois adultos permaneceram em silêncio por um minuto inteiro depois que Oliver e Amanda se foram, olhando para a porta com expressões vazias e cansadas. Eloise se sentia esgotada e temerosa, como se tivesse sido jogada em meio a uma situação que não entendia muito bem.

Uma risada nervosa quase escapou de seus lábios. No que ela estava pensando? Era *claro* que tinha sido jogada em meio a uma situação que não entendia muito bem e estaria mentindo para si mesma se dissesse que sabia o que fazer.

Phillip se aproximou da cama, mas parou de repente com uma postura bem formal.

– Como você está? – perguntou.

– Se eu não me livrar logo deste pedaço de carne, posso até passar mal – disse ela com toda a sinceridade.

Ele pegou o prato em que a carne tinha sido levada e estendeu para ela. Eloise colocou ali o bife, fazendo uma careta.

– Eu gostaria de lavar o rosto – falou. – Esse cheiro é insuportável.

Ele assentiu.

– Primeiro, deixe-me ver o seu olho.

– Você tem muita experiência nisso? – perguntou ela, contemplando o teto quando ele pediu que olhasse para cima.

– Alguma. – Phillip pressionou delicadamente o sulco da maçã do rosto dela com o polegar. – Olhe para a direita.

Eloise obedeceu.

– Alguma?

– Lutei boxe na universidade.

– Você era bom?

Ele virou a cabeça dela para o lado.

– Olhe para a esquerda. Bom o suficiente.

– Como assim, bom o *suficiente*?

– Feche o olho.

– Como assim, bom o suficiente? – insistiu ela.

– Você não está fechando o olho.

Ela fechou os dois, porque sempre que piscava apenas um olho acabava comprimindo-o demais.

– Quer me responder?

Eloise não podia vê-lo, mas sentiu que ele parou por um instante.

– Alguém já lhe disse que você sabe ser teimosa?

– O tempo todo. É meu único defeito.

Ela notou, pela respiração dele, que Phillip sorria.

– O único, é?

– O único que vale a pena comentar.

Eloise abriu os olhos.

– Você não respondeu à minha pergunta.

– Já até esqueci qual era.

Ela abriu a boca para repetir, mas percebeu que Phillip só queria provocá-la, então fez uma careta para ele.

– Feche o olho de novo – pediu ele. – Ainda não terminei. – Quando ela obedeceu, acrescentou: – *Bom o suficiente* significa que eu nunca tinha de lutar se não quisesse.

– Mas você não era o campeão – conjecturou ela.

– Pode abrir o olho agora.

Eloise abriu, então piscou quando percebeu como ele estava perto.

Phillip se afastou.

– Não, não era.

– Por que não?

Ele deu de ombros.

– Eu não me importava muito com isso.

– Como está? – perguntou ela.

– Seu olho?

Eloise fez que sim.

– Acho que já fizemos de tudo para deter o hematoma.

– Não achei que tivesse batido o olho – disse ela, deixando escapar um suspiro frustrado. – Quando eu caí… Pensei que tivesse acertado a bochecha.

– Você não precisa bater com o olho para que a área fique roxa. Dá para ver que esta foi a parte que atingiu o chão. – Ele tocou a maçã do rosto dela, bem onde Eloise havia batido quando caiu, mas foi tão delicado que ela não sentiu nenhuma dor. – E esta área é perto o suficiente para que a hemorragia chegue até o olho.

Ela gemeu.

– Vou ficar horrível por semanas.

– Talvez não dure semanas.

– Eu tenho irmãos – afirmou Eloise, olhando para ele com um jeito de quem sabia do que estava falando. – Já vi olhos roxos antes. Uma vez, Benedict levou dois meses para se recuperar por completo.

– O que aconteceu com ele? – perguntou Phillip.

– Meu outro irmão – retrucou ela ironicamente.

– Não precisa dizer mais nada. Também tive um irmão.

– Criaturas animalescas, todos eles – murmurou ela.

Mas havia amor em sua voz ao dizer isso.

– O seu provavelmente não vai demorar tanto – disse Phillip, ajudando Eloise a se levantar para que pudesse ir até o jarro e a bacia de lavar o rosto.

– Mas pode ser que sim.

Phillip concordou, depois, enquanto ela jogava água no rosto para tirar o cheiro da carne, falou:

– Precisamos lhe arrumar uma acompanhante.

Ela ficou paralisada.

– Eu tinha esquecido.

– Eu não – retrucou ele, vários segundos depois.

Eloise pegou uma toalha e enxugou o rosto.

– Sinto muito. A culpa é minha, é claro. Você disse na carta que arrumaria uma acompanhante. Em minha pressa de sair de Londres, acabei esquecendo que você precisaria de tempo para cuidar dessas coisas.

Phillip a observava com atenção, perguntando-se se ela havia percebido que deixara escapar mais do que provavelmente pretendia. Era difícil imaginar que

uma mulher como Eloise – franca, alegre e tão falante – tivesse segredos, mas ela não havia falado quase nada sobre suas razões para ir a Gloucestershire.

Só lhe contara que procurava um marido, mas Phillip suspeitava que seus motivos tinham a ver tanto com o que ela deixara para trás em Londres quanto com o que esperava encontrar ali no campo.

E agora dissera *em minha pressa*.

Por que havia saído tão apressada? O que acontecera por lá?

– Já entrei em contato com minha tia-avó – disse ele, ajudando-a a voltar para a cama, embora Eloise claramente quisesse fazer isso sozinha. – Mandei uma carta na manhã em que você apareceu. Mas duvido que ela consiga chegar aqui antes de quinta. Ela mora perto, em Dorset, mas não é do tipo capaz de sair de casa num piscar de olhos. Sei que vai querer algum tempo para arrumar as malas e cuidar de todas as coisas que as mulheres precisam fazer – concluiu ele, acenando com a mão como quem não dá muita importância.

Eloise fez que sim, a expressão séria.

– São só quatro dias. E você tem vários criados. Também não estamos sozinhos no meio do nada.

– Apesar disso, sua reputação pode ficar seriamente comprometida se as pessoas souberem de sua visita.

Ela soltou o ar demoradamente, depois deu de ombros em um gesto fatalista.

– Bem, não há muito que eu possa fazer quanto a isso agora. – Então apontou para o olho roxo. – Se voltasse, minha aparência geraria mais comentários do que o fato de eu ter vindo para cá.

Ele assentiu devagar, mostrando que concordava, ainda que sua mente já vagasse em outras direções. Haveria uma razão para o fato de ela parecer tão despreocupada com a própria reputação? Ele não tinha vivido muito tempo em sociedade, mas, pelo que lembrava, as damas solteiras, independentemente da idade, sempre se preocupavam com isso.

Seria possível que a reputação de Eloise já estivesse arruinada antes do dia em que chegara à sua porta?

E, o que era mais importante, ele se importava?

Phillip franziu a testa, ainda incapaz de responder à última pergunta. Sabia o que queria – ou melhor, *do que precisava* – em uma esposa, e que isso tinha pouco a ver com pureza, castidade e todos os outros ideais que jovens damas de

respeito deveriam personificar.

Precisava de alguém que começasse a agir e tornasse a sua vida mais fácil e descomplicada. Alguém que administrasse sua casa e criasse seus filhos. Ficara muito feliz em descobrir que Eloise era uma mulher por quem se sentia bastante atraído, mas mesmo que ela fosse feia… bem, ele se casaria tranquilamente com uma mulher feia desde que ela fosse prática, eficiente e boa com crianças.

Mas, se tudo isso era verdade, por que ele ficava aborrecido ao pensar que Eloise podia ter tido um amante?

Não, não exatamente aborrecido. Phillip não conseguia achar a palavra adequada para o que sentia. Talvez irritado, como alguém fica em relação a uma pedra no sapato ou uma leve queimadura de sol.

Era a sensação de que alguma coisa não estava certa. Não catastroficamente errada, mas não… *certa*.

Ele observou Eloise se recostar nos travesseiros.

– Quer que eu saia para você poder descansar? – perguntou.

Ela suspirou.

– Acho que sim, embora eu não esteja cansada. Dolorida, mas não cansada. Ainda não são nem oito da manhã.

Ele olhou para o relógio em uma prateleira.

– Já são nove.

– Oito, nove – disse ela, dando de ombros. – Não importa, ainda é cedo. – Então olhou ansiosa pela janela. – E enfim não está chovendo.

– Você preferiria se sentar no jardim? – perguntou ele.

– Eu preferiria *caminhar* no jardim – retrucou ela energicamente –, mas meu quadril está doendo um pouco. Acho que eu deveria tentar repousar por um dia.

– Mais do que um dia – disse ele com ar severo.

– Reconheço que você está certo, mas sei que não vou conseguir.

Phillip sorriu. Ela não era o tipo de mulher que preferiria passar os dias sentada em uma sala de estar, bordando, costurando ou qualquer coisa que as mulheres costumassem fazer com linhas e agulhas.

Olhou para Eloise e viu que ela se remexia, impaciente. Ela não era o tipo de mulher que chegaria a preferir passar os dias sentada quieta, ponto final.

– Você gostaria de levar um livro? – perguntou ele.

Os olhos dela se anuviaram de decepção. Phillip sabia que não era aquilo que

Eloise esperava. Ela queria que ele ficasse com ela no jardim. E Deus sabia que parte dele também desejava isso, mas algo lhe dizia que devia se afastar, quase como uma medida de autopreservação. Ainda se sentia desestabilizado, completamente constrangido por ter precisado bater nos filhos.

Parecia que a cada duas semanas eles faziam algo que exigisse castigo, e Phillip não sabia o que mais podia fazer. Aquilo não o deixava nem um pouco satisfeito. Detestava – na verdade, odiava – ter de puni-los, e toda vez tinha a impressão de que ia vomitar, mas como deveria agir quando os dois se comportavam mal daquele jeito? Ele tentava deixar as pequenas coisas de lado, mas como poderia não fazer nada se eles tinham colado o cabelo da professora nos lençóis enquanto ela dormia? Ou quando quebraram uma prateleira inteira de vasos de terracota em sua estufa? Ambos disseram que tinha sido um acidente, mas Phillip sabia que não era bem assim. E o que viu no olhar deles quando alegaram inocência deixou claro que nem mesmo os dois achavam que o pai acreditaria neles.

Quando essas coisas aconteciam, ele os disciplinava da única maneira que sabia, embora até o momento tivesse conseguido evitar usar outra coisa que não fosse sua mão. E isso quando chegava a fazer alguma coisa. Na metade das vezes – mais da metade, na verdade –, Phillip era tão dominado pelas lembranças do estilo de disciplina de seu pai que apenas se afastava, tremendo e suando, horrorizado pela maneira como sua mão coçava para bater no traseiro dos dois.

Tinha medo de estar sendo muito tolerante. E provavelmente estava, já que as crianças não pareciam melhorar em nada. Dizia a si mesmo que precisava ser mais severo, e uma vez chegara até a ir aos estábulos para pegar o chicote…

Estremeceu ao se lembrar disso. Havia sido após o incidente com a cola, quando foi preciso cortar o cabelo da Srta. Lockhart para soltá-la, e ele ficara incrivelmente irritado. Tomado pela fúria, tudo o que queria era puni-los, fazê-los se comportarem e ensinar-lhes a serem boas pessoas, então pegara o chicote…

Mas Phillip sentira o chicote queimar em sua mão e o largara, horrorizado, com medo do que se tornaria se chegasse mesmo a usá-lo.

As crianças ficaram impunes por um dia inteiro. Phillip saíra em disparada para a estufa, tremendo de desgosto, odiando-se pelo que quase tinha feito.

E pelo que era incapaz de fazer.

Tornar os filhos pessoas melhores.

Ele não sabia como ser um pai para eles. Isso estava bem claro. Não sabia como, e talvez não tivesse nascido para isso. Talvez alguns homens viessem ao mundo sabendo o que dizer e como agir e outros simplesmente não conseguissem se sair bem, não importando quanto tentassem.

Talvez fosse necessário ter tido um bom pai para saber ser um.

O que o deixava sem nenhuma chance.

E agora ali estava ele, tentando compensar os próprios defeitos com Eloise Bridgerton. Talvez ele pudesse enfim deixar de se sentir tão culpado por ser um péssimo pai se conseguisse ao menos arrumar uma boa mãe para eles.

Mas nada nunca era tão simples quanto se desejava, e Eloise, em um só dia, tinha conseguido virar a vida dele de cabeça para baixo. Phillip nunca esperara que pudesse desejá-la, pelo menos não com a intensidade que sentia toda vez que olhava furtivamente para ela. E quando ele a vira caída no chão… Por que o medo fora a primeira coisa que lhe passara pela cabeça?

Medo pelo bem-estar dela, e, para ser sincero, medo de que os gêmeos pudessem tê-la convencido a ir embora.

Quando a pobre Srta. Lockhart ficara presa à cama, a primeira reação de Phillip fora sentir raiva dos filhos. Com Eloise, mal tinha parado para pensar neles até ter certeza de que ela não estava gravemente ferida.

Phillip não planejara gostar dela. Só pensara em encontrar uma boa mãe para os seus filhos. E agora não sabia o que fazer com aquele sentimento.

Por isso, embora uma manhã no jardim com a Srta. Bridgerton pudesse parecer o paraíso, por algum motivo ele não conseguia se permitir aquele prazer.

Precisava de algum tempo sozinho. Precisava pensar. Ou melhor, *não* pensar, já que pensar só o deixava irritado e confuso. Precisava enfiar as mãos na terra, podar algumas plantas e se desligar até sua mente deixar de girar com todos os seus problemas.

Ele precisava fugir.

E, se aquilo fazia dele um covarde, tudo bem.

CAPÍTULO 7

… nunca estive tão entediada em toda a minha vida. Colin, você precisa voltar para casa. Tudo aqui fica insuportavelmente maçante sem você, e acho que não consigo aguentar tanto tédio por nem mais um instante. Por favor, volte, porque vejo que já começo a me repetir, e nada pode ser mais enfadonho do que isso.

– carta de Eloise Bridgerton para seu irmão Colin durante a quinta temporada dela como debutante, enviada (mas nunca recebida) quando Colin viajava pela Dinamarca

Eloise passou o dia todo no jardim, em uma espreguiçadeira tão extraordinariamente confortável que ela estava convencida de que havia sido importada da Itália, uma vez que, por tudo o que já tinha visto, nem a Inglaterra nem a França tinham a menor ideia de como fabricar móveis confortáveis.

Não que ela passasse muito tempo ponderando sobre a construção de cadeiras e sofás, mas, presa ali sozinha no jardim de Romney Hall, não tinha muito mais em que pensar.

Não, nada mesmo. Nem uma só coisa em que pensar a não ser na espreguiçadeira confortável na qual se alongava, e talvez no fato de que Sir Phillip era um grosseirão por deixá-la abandonada o dia todo depois que seus dois monstrinhos – cuja existência, acrescentou ela em seus pensamentos, ele nunca fora capaz de revelar nas cartas que enviara – tinham lhe deixado com o olho roxo.

Era um dia perfeito, com o céu azul e uma brisa suave, e Eloise não tinha uma única coisa em que pensar.

Ela nunca ficara tão entediada em toda a sua vida.

Não era da sua natureza ficar sentada quieta vendo as nuvens passando pelo céu. Preferiria mil vezes estar ali fora *fazendo* alguma coisa – caminhando, observando uma cerca viva, qualquer coisa que não fosse ficar plantada na

cadeira, olhando à toa para o horizonte.

Ou, se *tivesse* de ficar ali, que pelo menos fosse na companhia de alguém. Acreditava que as nuvens pareceriam mais interessantes se ela não estivesse tão solitária, se houvesse alguém a quem pudesse dizer: *Minha nossa, aquela ali parece muito um coelho, você não acha?*

Mas não, ela havia sido abandonada. Sir Phillip estava na estufa – ela podia ver o lugar dali, e até mesmo ele se movendo de um lado para outro de vez em quando – e, por mais que ela quisesse se levantar e ir até lá, mesmo que não fosse por outra razão que não o fato de que as plantas deviam ser mais interessantes do que as malditas nuvens, não iria lhe dar a satisfação de ir atrás dele.

Não após ter sido rejeitada de forma tão abrupta. Por Deus, o homem havia praticamente fugido dela. Tinha sido tudo muito estranho. Eloise achava que os dois estavam se entendendo bem e então, de repente, Sir Phillip inventara uma desculpa de que precisava trabalhar e saíra correndo do quarto, como se ela tivesse alguma doença.

Que homem detestável.

Ela pegou o livro que tinha escolhido na biblioteca e segurou-o de maneira decidida em frente ao rosto. Conseguiria ler o maldito livro dessa vez nem que isso a matasse.

Sim, pensara a mesma coisa nas últimas quatro vezes em que o pegara. Nunca conseguia terminar uma única frase – um parágrafo, quando se esforçava muito – antes que sua mente vagasse, o texto ficasse fora de foco e, desnecessário dizer, não fosse lido.

Eloise achava que era bem feito para ela, por ter ficado tão irritada com Sir Phillip a ponto de não prestar atenção na biblioteca e acabar pegando o primeiro livro que tinha encontrado.

A botânica das samambaias? No que estava pensando?

E, o que era ainda pior, se Sir Phillip a visse com aquele livro acharia que ela o escolhera porque queria aprender mais sobre os interesses dele.

Eloise piscou, surpresa, ao perceber que chegara ao fim da página. Não se lembrava de uma única frase e, na verdade, perguntava-se se seus olhos tinham apenas corrido pelas palavras sem lerem de fato o texto.

Aquilo era ridículo. Jogou o livro de lado e se levantou, depois deu alguns

passos para testar quanto seus quadris doíam. Abriu um sorriso satisfeito ao perceber que a dor não estava mais tão forte – não passava de um simples desconforto –, então caminhou até o exuberante emaranhado de roseiras ao norte e curvou-se para cheirar os botões. Ainda estavam bem fechados – afinal, era o começo da estação –, mas talvez tivessem algum cheiro e…

– *O que você pensa que está fazendo?*

Eloise mal conseguiu evitar cair em cima da roseira enquanto se virava.

– Sir Phillip – falou, como se não fosse completamente óbvio.

Ele parecia irado.

– Você deveria estar sentada.

– Eu estava sentada.

– Então deveria *continuar* sentada.

Ela achou que a verdade seria uma ótima explicação.

– Eu estava entediada.

Sir Phillip olhou para a espreguiçadeira ao longe.

– Você não pegou um livro na biblioteca?

Ela deu de ombros.

– Terminei de ler.

Ele ergueu a sobrancelha, obviamente sem acreditar.

Eloise devolveu a expressão, arqueando a própria sobrancelha.

– Bem, você precisa se sentar – disse ele com rispidez.

– Estou ótima – afirmou ela, batendo de leve nos quadris. – Quase não sinto mais dor.

Sir Phillip a encarou durante algum tempo, impaciente, como se quisesse dizer alguma coisa, mas não soubesse o quê. Devia ter saído às pressas da estufa, porque estava bem sujo, com terra nos braços, sob todas as unhas e na blusa inteira. Ele estava um horror, pelo menos segundo os padrões londrinos aos quais Eloise crescera acostumada, mas havia algo quase atraente nele, algo primitivo e rústico em vê-lo ali olhando irritado para ela.

– Não posso trabalhar se tiver que me preocupar com você – resmungou Sir Phillip.

– Então não trabalhe – retrucou ela, achando a solução muito óbvia.

– Estou no meio de algo – murmurou ele, parecendo uma criança emburrada, na opinião de Eloise.

– Então eu o acompanho – disse ela, passando por Sir Phillip em direção à estufa.

Sério, como ele esperava ver se os dois se entenderiam se não ficassem nenhum tempo juntos?

Ele estendeu o braço para segurá-la, mas então se lembrou da mão coberta de terra.

– Srta. Bridgerton – falou severamente –, você não…

– Não está precisando de ajuda? – interrompeu ela.

– Não – respondeu ele num tom que não lhe dava chance de insistir no assunto.

– Sir Phillip, posso lhe fazer uma pergunta? – disparou ela, perdendo por completo a paciência.

Então, visivelmente aturdido pela repentina mudança no rumo da conversa, ele assentiu uma única vez, de forma breve, como os homens costumam fazer quando ficam irritados e querem fingir que estão no comando.

– Você é o mesmo homem da noite passada?

Ele olhou para Eloise como se ela fosse uma lunática.

– Como?

Ela procurou resistir à vontade de cruzar os braços e continuou:

– O homem com quem estive ontem à noite, aquele que jantou comigo e depois me levou para conhecer a casa e a estufa, me *impressionou*, e, na verdade, pareceu gostar muito da minha companhia, por mais surpreendente que seja.

Ele não fez nada além de encará-la por vários segundos, depois murmurou:

– Eu gostei muito da sua companhia.

– Então por que fiquei sentada sozinha no jardim durante três horas?

– Não foram três horas.

– Não importa quanto tempo…

– Foram 45 *minutos* – disse ele.

– Seja como for…

– *Foi* assim.

– Bem… – limitou-se a dizer ela, desconfiada de que Sir Phillip pudesse estar certo, o que era meio desconcertante.

Bem parecia ser a única coisa que poderia dizer sem lhe provocar um constrangimento ainda maior.

– Srta. Bridgerton – disse ele, a secura da voz um lembrete de que ainda na noite anterior a chamara de Eloise.

E a beijara.

– Como você deve ter imaginado, o episódio desta manhã com meus filhos me deixou de péssimo humor. Só pensei em poupá-la disso.

– Entendo – retrucou ela, impressionada com o tom altivo da própria voz.

– Que bom.

Só que Eloise tinha quase certeza de que *entendia* mesmo o que estava acontecendo. E que ele estava mentindo. Sim, era verdade que seus filhos o haviam deixado de mau humor, mas havia algo além disso.

– Vou deixá-lo trabalhar, então – disse ela, fazendo um gesto em direção à estufa para deixar claro que o estava dispensando.

Sir Phillip olhou para ela com ar desconfiado.

– E o que planeja fazer?

– Acho que vou escrever umas cartas e sair para dar uma volta.

– Você *não* vai sair para dar uma volta – resmungou ele.

Assim até parecia que ele se importava *mesmo* com ela, pensou Eloise.

– Sir Phillip, posso lhe garantir que estou perfeitamente bem. Tenho certeza de que pareço bem pior do que me sinto.

– É melhor mesmo que esteja melhor do que parece – murmurou ele.

Eloise encarou-o irritada. Afinal, um olho roxo não passava de um problema temporário, então ele não precisava *lembrá-la* de que estava horrível.

– Vou ficar fora do seu caminho. É isso que importa, certo? – falou.

Uma veia começou a pulsar na têmpora dele, deixando Eloise imensamente satisfeita.

– Vá – disse ela.

E, vendo que Sir Phillip não saía, virou-se e passou por um portão para outra parte do jardim.

– Pare agora mesmo – ordenou ele, diminuindo a distância entre os dois com um único passo. – Você *não* pode sair para caminhar.

Eloise pensou em perguntar se ele pretendia amarrá-la, mas se conteve, com medo de que ele pudesse gostar da ideia.

– Sir Phillip, não vejo como… Ai!

Ele resmungou alguma coisa sobre mulheres tolas (usando um adjetivo que

Eloise achou consideravelmente menos cortês), pegou-a nos braços, caminhou a passos largos até a espreguiçadeira e jogou-a sem a menor cerimônia de volta em cima da almofada.

– Fique aí – ordenou.

Eloise gaguejou, irritada, tentando encontrar a voz após aquela exibição inacreditável de arrogância:

– Você não pode…

– Meu Deus, mulher, você acabaria com a paciência até de um santo.

Ela o fuzilou com o olhar.

– O que a faria ficar quieta aqui sentada? – perguntou ele, cansado e sem paciência.

– Não consigo pensar em nada – respondeu ela, com sinceridade.

– Está bem – disse ele, projetando o queixo à frente. – Caminhe por toda a região, se quiser. Nade até a França.

– Daqui de Gloucestershire? – indagou ela, contraindo os lábios.

– Se alguém pode descobrir uma maneira de fazer isso, com certeza é você. Tenha um bom dia, Srta. Bridgerton.

E então saiu pisando com força, deixando Eloise exatamente onde ela estava dez minutos antes: sentada na espreguiçadeira, tão surpresa pela partida repentina dele que acabou se esquecendo de que pretendia se levantar e sair.

~

Se Phillip ainda não estivesse convencido de que tinha feito papel de idiota mais cedo naquele dia, o bilhete de Eloise informando-lhe de que pretendia jantar no quarto naquela noite deixava isso bem claro.

E considerando-se que ela reclamara a tarde toda de que não tinha companhia, sua decisão de ficar sozinha era, de fato, um grande insulto.

Ele comeu só, em silêncio, como fizera durante tantos meses. Anos, na verdade, uma vez que Marina, quando viva, raramente deixava o quarto para jantar. Seria de imaginar que ele já tivesse se acostumado, mas se sentiu inquieto e desconfortável, sem conseguir se desligar da presença dos criados, que sabiam que a Srta. Bridgerton havia rejeitado sua companhia.

Phillip resmungava sozinho enquanto mastigava seu bife. Sabia que as pessoas em geral ignoravam os criados no dia a dia, como se eles nem existissem

ou como se fossem de uma espécie totalmente diferente. E, apesar de ter de admitir que não se interessava muito pelas vidas deles fora de Romney Hall, isso não mudava o fato de que eles se interessavam pela sua, e ele detestava ser alvo de fofoca.

O que sem dúvida aconteceria naquela noite, quando se reunissem para jantar no cômodo junto à cozinha.

Ele deu uma grande mordida no pão. Esperava que tivessem de comer aquele maldito peixe que Eloise colocara na cama de Amanda.

Depois da sopa e da salada, Phillip já estava satisfeito, mas comeu também a salada, a galinha e o pudim, porque sempre havia a chance de Eloise mudar de ideia e se juntar a ele. Não parecia provável, uma vez que era muito teimosa, mas, se ela decidisse ceder um pouco, ele queria estar presente quando isso acontecesse.

Quando ficou claro que ele estava só se iludindo, pensou em ir até o quarto dela, mas mesmo ali no campo isso seria muito inapropriado. Além do mais, duvidava que ela quisesse vê-lo.

Bem, isso não era exatamente verdade. Ele achava que ela até *queria* vê-lo, desde que estivesse disposto a adotar uma postura humilde e se desculpar. Mas mesmo que ele não chegasse a dizer que sentia muito, ir até lá já seria o mesmo que aceitar uma derrota humilhante.

O que não era, aliás, a pior coisa do mundo, considerando-se que Phillip estava disposto a se jogar aos pés de Eloise e implorar que se casasse com ele se ela aceitasse criar os seus filhos apesar de ele ter estragado tudo naquela tarde… e naquela manhã também, para ser sincero.

Mas querer cortejar uma mulher não significava que a pessoa de fato saiba o que fazer.

Seu irmão é que tinha nascido com todo o charme e elegância, e sempre sabia o que dizer e como agir. George nunca teria nem notado que os criados o encaravam como se fossem falar dele dez minutos depois e, na verdade, isso era irrelevante, porque tudo o que diziam a seu respeito era sempre algo como: “O senhor George é mesmo um tratante.” Isso acompanhado de um sorriso e o rosto vermelho de vergonha, é claro.

Phillip, por outro lado, sempre fora mais quieto, mais pensativo, e sem dúvida menos adequado para o papel de pai e senhor da propriedade. Sempre

planejara deixar Romney Hall sem nunca olhar para trás, pelo menos enquanto o pai ainda era vivo. George estava para se casar com Marina e ter meia dúzia de filhos perfeitos, e Phillip seria o tio mal-humorado e ligeiramente excêntrico que vivia em Cambridge e passava todo o tempo em sua estufa, realizando experimentos que ninguém mais entendia ou, na verdade, com os quais ninguém se importava.

Era assim que deveria ser, mas tudo mudara em um campo de batalha na Bélgica.

A Inglaterra vencera a guerra, mas isso não tinha sido um grande consolo para Phillip quando seu pai o arrastara de volta a Gloucestershire, determinado a transformá-lo num herdeiro adequado.

Determinado a transformá-lo em George, que sempre fora seu preferido.

E então seu pai falecera. Bem na frente de Phillip, o coração dele cedera em meio a um acesso violento de fúria, certamente agravado pelo fato de que seu filho agora era grande demais para ser colocado no colo e surrado com um remo.

E Phillip se tornou Sir Phillip, com todos os direitos e deveres de um baronete.

Direitos e deveres que ele nunca, nunca desejara.

Amava os filhos mais do que a própria vida, então achava que estava feliz com as coisas que acabaram acontecendo, mas ainda sentia como se estivesse fazendo tudo errado. Romney Hall ia bem – Phillip introduzira várias técnicas novas de agricultura que aprendera na universidade, e a produção dava lucro pela primeira vez desde… bem, Phillip não sabia desde quando. Eles com certeza não tinham ganhado nenhum dinheiro enquanto seu pai era vivo.

Mas terras eram apenas terras. Seus filhos eram seres humanos, de carne e osso, e a cada dia ele ficava mais convencido de que não estava agindo de forma correta em relação a eles. A cada dia os dois apresentavam problemas piores (o que o apavorava, já que ele não conseguia pensar no que poderia ser pior do que o cabelo colado da Srta. Lockhart ou o olho roxo de Eloise), e Phillip não tinha ideia do que fazer. Sempre que tentava conversar com eles, parecia dizer a coisa errada. Ou fazer a coisa errada. Ou não fazer nada, por causa do medo de perder a cabeça.

Menos naquela única vez. O jantar na noite anterior com Eloise e Amanda. Pela primeira vez desde que conseguia se lembrar, tinha lidado *perfeitamente*

bem com a filha. A presença de Eloise de alguma forma o acalmara e lhe conferira uma clareza de pensamento que em geral não tinha quando se tratava dos filhos. Ele havia conseguido ver a graça daquela história, ao contrário das outras vezes, em que só enxergava a própria frustração.

O que era outra razão para fazer com que Eloise ficasse e se casasse com ele. E também outra razão para ele não procurá-la naquela noite, tentando se desculpar.

Ele não se importaria de se humilhar. Mas, que droga, faria o que fosse preciso.

Só não queria tornar a situação ainda pior do que já estava.

~

Eloise levantou bem cedo na manhã seguinte, o que não era nenhuma surpresa, já que tinha ido se deitar às oito e meia na noite anterior. Tinha se arrependido do seu exílio autoimposto tão logo enviara o bilhete a Sir Phillip informando-o de sua decisão de fazer a ceia no quarto.

Ficara profundamente irritada com ele e deixara a raiva dominar seus pensamentos. A verdade era que detestava comer sozinha, odiava se sentar sozinha a uma mesa sem nada para fazer além de encarar a comida e pensar em quantas mordidas seriam necessárias para acabar com uma batata. Até mesmo Sir Phillip em seus piores dias de mau humor seria melhor do que nada.

Além disso, ainda não estava convencida de que eles não iriam se entender, e jantar longe dele não lhe ajudaria a descobrir mais nada sobre sua personalidade e seu temperamento.

Ele podia ser bem ranzinza às vezes, mas quando sorria… Eloise de repente entendeu ao que todas aquelas jovens se referiam quando falavam empolgadas sobre o sorriso de seu irmão Colin (que Eloise achava bastante comum, afinal de contas era *só* o Colin).

Mas, quando Sir Phillip sorria, ele se transformava. Seus olhos escuros adquiriam um brilho travesso, cheio de humor e malícia, como se ele soubesse algo que ela desconhecia. Mas não era isso que fazia seu coração disparar. Afinal, Eloise era uma Bridgerton. Já tinha visto diversos brilhos travessos em olhares e se orgulhava de ser imune a eles.

Quando Sir Phillip a fitava e sorria, fazia isso com um ar de timidez, como se

não estivesse acostumado a sorrir para uma mulher. E Eloise achava que ele poderia vir a gostar dela se todas as peças se encaixassem da maneira certa. Mesmo que ele nunca a amasse, iria admirá-la e reconhecer seu valor.

E era por isso que ela ainda não estava preparada para fazer as malas e ir embora, apesar do comportamento rude dele no dia anterior.

Eloise desceu até a sala de café da manhã com o estômago roncando e descobriu que Sir Phillip já tinha estado ali. Ela tentou não desanimar. Isso não queria dizer que ele estava tentando evitá-la. Afinal, era perfeitamente possível que Sir Phillip tivesse achado que ela não tinha o hábito de acordar cedo e decidido, então, não esperá-la.

Mas, quando deu uma olhada na estufa e viu que estava vazia, ficou frustrada e resolver procurar outra companhia.

Oliver e Amanda lhe deviam uma tarde, não era? Eloise subiu decidida a escada. Não havia razão para que não pudessem mudar o combinado para a parte da manhã.

~

– Você quer ir nadar? – indagou Oliver, olhando para ela como se achasse que era maluca.

– Quero – respondeu Eloise, assentindo com a cabeça. – Vocês não?

– Não – disse ele.

– Eu quero – falou Amanda, animada, dando língua para o irmão quando ele olhou para ela com raiva. – Adoro nadar, e Oliver também. Ele só está muito zangado com você para admitir.

– Acho que eles não deveriam ir – interrompeu a babá, uma mulher com ar muito severo cuja idade ela não conseguia determinar.

– Bobagem – retrucou Eloise, indiferente, antipatizando com a mulher logo de saída. Ela parecia do tipo que puxava orelhas e batia nas mãos das crianças. – O dia está surpreendentemente quente e um pouco de exercício fará bem para a saúde deles.

– Mesmo assim… – disse a babá, a voz mal-humorada demonstrando sua irritação por ter a autoridade desafiada.

– Vou aproveitar para lhes ensinar algumas coisas durante o passeio – continuou Eloise, empregando o tom de voz que sua mãe usava quando queria

deixar claro que não aceitaria nenhuma discussão. – Eles estão sem professora no momento, não é?

– Estão, esses dois monstrinhos colaram…

Eloise logo a interrompeu, certa de que não queria saber o que eles tinham feito com a última professora:

– Qualquer que tenha sido a razão para ela ir embora, deve estar sendo um fardo enorme para você assumir esses dois papéis nas últimas semanas.

– Meses – corrigiu a babá, amargamente.

– Pior ainda – concordou Eloise. – Você bem que merece uma manhã de folga, não é?

– Bem, eu queria mesmo dar uma passada na cidade…

– Então está decidido. – Eloise olhou para as crianças e se permitiu um pequeno instante de comemoração pelo que estava fazendo. Os gêmeos a fitaram espantados. – Pode ir – disse para a babá, apressando-a a sair do quarto. – Aproveite sua manhã.

Ela fechou a porta atrás da mulher ainda perplexa e se virou para encarar as crianças.

– Você é muito esperta – comentou Amanda, entusiasmada.

Nem mesmo Oliver pôde deixar de concordar, assentindo com a cabeça.

– Eu detesto a babá Edwards – falou Amanda.

– É claro que não detesta – disse Eloise, sem muita convicção.

Ela mesma não havia gostado muito da mulher.

– Detestamos, sim – afirmou Oliver. – Ela é terrível.

Amanda assentiu.

– Eu queria que a babá Millsby voltasse, mas ela teve de nos deixar para ir cuidar da mãe. Ela está doente – explicou Amanda.

– A mãe dela, não a babá Millsby – esclareceu Oliver.

– Há quanto tempo a babá Edwards está trabalhando aqui? – perguntou Eloise.

– Há cinco meses – retrucou Amanda, aborrecida. – Cinco longos meses.

– Bom, tenho certeza que ela não é tão má assim – disse Eloise.

Quando ia continuar a falar, Oliver a interrompeu:

– Ah, é, sim.

Eloise não queria falar mal de outro adulto, sobretudo de um que precisava

ter autoridade sobre as crianças, então mudou de assunto:

– Mas isso não importa agora, não é mesmo? Porque agora vocês vão ficar comigo.

Amanda estendeu a mão timidamente e pegou a de Eloise.

– Eu gosto de você – disse ela.

– Também gosto de você – respondeu Eloise, surpresa com as lágrimas que se formavam em seus olhos.

Oliver ficou em silêncio, mas Eloise não se sentiu ofendida. Algumas pessoas levam mais tempo para gostar de alguém do que outras. Além disso, aquelas crianças tinham o direito de serem desconfiadas. Afinal, sua mãe as deixara. É claro que havia sido em razão de sua morte, mas os dois eram pequenos. Só conseguiam pensar que a amavam e que ela se fora.

Eloise se lembrava bem dos meses logo após a morte do pai. Ela se agarrava à mãe sempre que tinha chance, dizendo a si mesma que, se a mantivesse por perto (ou ainda melhor, se segurasse a mão dela), ela não poderia ir embora também.

Não era de admirar que aquelas crianças não gostassem da nova babá. Provavelmente tinham sido cuidadas pela babá Millsby desde que haviam nascido, e perdê-la pouco depois da morte de Marina devia ter sido duplamente difícil.

– Sinto muito por termos deixado você com esse olho roxo – disse Amanda.

Eloise apertou a mão dela.

– Parece pior do que é de fato.

– Parece horrível – admitiu Oliver, seu pequeno rosto começando a mostrar sinais de remorso.

– Sim, mas já estou me acostumando com esta aparência. Acho que pareço um soldado que esteve em uma batalha… e venceu!

– Não parece que você venceu – comentou Oliver, repuxando um dos cantos da boca de maneira cética.

– Que bobagem. É claro que venci. Qualquer um que volta para casa depois de uma batalha é porque venceu.

– Isso quer dizer que o tio George perdeu? – quis saber Amanda.

– O irmão do seu pai?

Amanda fez que sim.

– Ele morreu antes de nós nascermos.

Eloise se perguntou se os dois sabiam que sua mãe a princípio iria se casar com ele. Provavelmente não.

– Seu tio foi um herói – disse ela, de maneira respeitosa.

– Mas não nosso pai – acrescentou Oliver.

– Seu pai não pôde ir à guerra porque tinha muitas responsabilidades aqui – explicou Eloise. – Mas essa é uma conversa muita séria para uma manhã tão agradável, não acham? Devíamos estar lá fora nadando e nos divertindo.

Os gêmeos logo se deixaram contagiar pelo entusiasmo dela e num piscar de olhos já tinham colocado seus trajes de banho e os três atravessavam os campos em direção ao lago.

– Precisamos praticar aritmética! – exclamou Eloise, enquanto os dois seguiam depressa à frente.

E, para sua surpresa, praticaram mesmo. Quem poderia pensar que todos aqueles números e contas seriam tão divertidos?

CAPÍTULO 8

… como você é feliz por estar na escola… Nós, meninas, temos uma professora nova que é o tormento em forma de gente. Ela fala sobre contas da hora de acordar até o momento de dormir. A pobre Hyacinth agora começa a chorar sempre que ouve a palavra “sete”. (Embora eu confesse que não entendo por que os números de um a seis não provocam essa mesma reação.) Não sei o que devemos fazer. Mergulhar o cabelo dela em tinta, creio eu. (O da Srta. Haversham, quero dizer, não o de Hyacinth, embora eu não descarte essa ideia.)

– de Eloise Bridgerton para o irmão Gregory,
durante o primeiro período dele como aluno de Eton

Quando Phillip voltou do jardim de rosas, ficou surpreso ao se deparar com a casa silenciosa e vazia. Era raro não ouvir o som de uma mesa derrubada ou de um grito de revolta.

As crianças obviamente não estavam lá, pensou ele, parando para saborear o silêncio. A babá devia ter levado os dois para dar uma volta.

E Eloise ainda devia estar na cama, embora, pensando bem, já fossem quase dez horas e ela não parecesse ser do tipo que fica o dia inteiro embaixo das cobertas.

Phillip olhou para as rosas em sua mão. Passara uma hora escolhendo as flores perfeitas. Romney Hall ostentava três jardins de rosas, e ele tivera de caminhar até o mais distante para encontrar as variedades que floresciam primeiro. Então as colhera com toda a atenção, cortando-as no ponto exato para promover o florescimento, e depois meticulosamente arrancara cada espinho.

De flores, ele entendia. Entendia ainda mais de plantas, mas alguma coisa lhe dizia que Eloise não acharia nada romântico receber uma braçada de hera de presente.

Foi até a sala de café da manhã esperando ver a refeição pronta aguardando

por Eloise, mas encontrou o aparador vazio e limpo, o que indicava que o café já havia terminado. Phillip franziu a testa e ficou lá parado no meio da sala por um instante, tentando pensar no que fazer em seguida. Estava claro que Eloise já tinha levantado e tomado o desjejum, mas onde poderia estar?

Naquele instante, uma criada entrou com um espanador e um pano. Ao ver Phillip, curvou-se ligeiramente em um cumprimento.

– Vou precisar de um vaso para estas flores – disse ele.

Esperava entregá-las direto para Eloise, mas não estava disposto a segurá-las a manhã toda enquanto a procurava.

A criada assentiu com a cabeça e começou a se retirar, mas ele a deteve, perguntando:

– Ah, e você por acaso sabe onde a Srta. Bridgerton pode estar? Notei que a mesa do café já foi retirada.

– Ela saiu, Sir Phillip – disse a criada. – Com as crianças.

Phillip piscou, surpreso.

– Saiu com Oliver e Amanda? Por vontade própria?

A criada confirmou.

– Interessante. – Ele suspirou, tentando não imaginar a cena. – Espero que eles não a matem.

A criada pareceu assustada.

– O que disse, senhor?

– Eu estava só brincando… hã… Mary?

Ele não pretendia terminar a frase com entonação de pergunta, mas a verdade era que não tinha muita certeza do nome dela.

Ela assentiu de um jeito que o deixou em dúvida se tinha acertado o nome ou se estava apenas sendo educada.

– Você saberia me dizer aonde eles foram? – perguntou ele.

– Para o lago, imagino. Acho que foram nadar.

Phillip sentiu o corpo gelar.

– Nadar? – repetiu ele, a voz parecendo distante e vazia aos seus ouvidos.

– Sim. As crianças estavam com roupas de banho.

Nadar. Meu Deus.

Durante um ano ele evitara aquele lago, sempre escolhendo o caminho mais longo, só para não ter de vê-lo. E tinha proibido os filhos de irem até lá.

Não tinha?

Ele dissera à babá Millsby que não os deixasse chegar perto da água, mas será que havia se lembrado de falar o mesmo para a babá Edwards?

Saiu, então, em disparada, deixando as rosas espalhadas pelo chão.

~

– O último a chegar é uma tartaruga! – gritou Oliver, entrando na água a toda a velocidade e rindo quando ela chegou à sua cintura e ele foi forçado a desacelerar.

– Não sou uma tartaruga. *Você* é uma tartaruga! – gritou Amanda em resposta enquanto entrava esguichando água na parte mais rasa.

– Você é uma tartaruga *podre*!

– Bem, você é uma tartaruga *morta*!

Eloise riu enquanto caminhava com dificuldade pela água a poucos metros de Amanda. Não tinha levado um traje de banho – como poderia imaginar que precisaria de um? –, então amarrara a saia e a anágua, deixando os joelhos à mostra. Estava expondo muito as pernas, mas isso não tinha muita importância na companhia de duas crianças de 8 anos.

Além disso, eles estavam se divertindo muito atormentando um ao outro para sequer olhar para ela.

Os gêmeos tinham se aproximado dela durante a caminhada até o lago, rindo e conversando o tempo todo, e Eloise se perguntou se eles não precisavam só de um pouco de atenção. Tinham perdido a mãe, o relacionamento deles com o pai era na melhor das hipóteses distante e até sua amada babá os deixara. Ainda bem que tinham um ao outro.

E, talvez, até ela.

Eloise mordeu o lábio, sem saber se deveria deixar que seus pensamentos fossem nessa direção. Ainda não havia decidido se queria se casar com Sir Phillip, e, por mais que aquelas duas crianças parecessem precisar dela, não podia tomar sua decisão baseada em Oliver e Amanda.

Ela não iria se casar com *eles*.

– Não vão para o fundo! – gritou ela, percebendo que Oliver se afastava lentamente.

Ele olhou com aquela cara que os meninos fazem quando acham que estão

sendo superprotegidos, mas Eloise notou que ele deu dois passos largos em direção à margem.

– Você devia entrar mais um pouco, Srta. Bridgerton – sugeriu Amanda, sentando-se no fundo do lago e depois gritando: – Ai! Está frio!

– Por que você se sentou, então? – perguntou Oliver. – Já sabia que estava frio.

– Sim, mas meus pés já tinham se acostumado – retrucou ela, abraçando o corpo. – Já não parecia mais tão frio.

– Não se preocupe, seu traseiro vai se acostumar logo também – falou ele, com um sorriso atrevido.

– Oliver – disse Eloise severamente, mas tinha certeza de que havia estragado tudo ao sorrir.

– Ele está certo! – exclamou Amanda, virando-se para Eloise com uma expressão surpresa. – Já não estou mais sentindo o meu traseiro.

– Não sei muito bem se isso é uma coisa boa – disse Eloise.

– Você devia nadar – atiçou Oliver. – Ou pelo menos ir até onde Amanda está. Você mal molhou os pés.

– Não estou com meu traje de banho – argumentou Eloise, mesmo já tendo explicado isso para eles um monte de vezes.

– Acho que você não sabe nadar – disse ele.

– Posso lhe garantir que sei nadar muito bem *e* que você não vai conseguir me fazer demonstrar isso usando meu terceiro melhor vestido – rebateu ela.

Amanda olhou para Eloise e piscou algumas vezes.

– Gostaria de ver os dois melhores. Esse vestido é lindo.

– Muito obrigada, Amanda – disse ela, perguntando-se quem escolhia as roupas da menina. A rabugenta da babá Edwards, provavelmente. Não havia nada de errado com o que Amanda vestia, mas Eloise podia apostar que ninguém nunca lhe dera a chance de se divertir escolhendo os próprios trajes. Então sorriu e acrescentou: – Se quiser fazer compras qualquer hora dessas, seria um prazer levá-la comigo.

– Ah, eu adoraria! – exclamou Amanda, ansiosa. – Mais do que tudo. Obrigada!

– Garotas… – comentou Oliver, com desdém.

– Você ficará feliz por nós um dia – observou Eloise.

– Hã?

Ela apenas balançou a cabeça, sorrindo. Isso só aconteceria quando ele começasse a pensar que as garotas serviam para alguma coisa além de fazer tranças nos cabelos umas da outras.

Oliver deu de ombros e voltou a bater na água com a palma da mão no ângulo certo para espirrar o máximo possível na irmã.

– Pare com isso! – gritou Amanda.

Ele deu uma gargalhada e jogou mais água.

– Oliver!

Amanda se levantou e foi ameaçadoramente na direção dele. Então, quando viu que não conseguia avançar rápido andando, mergulhou e começou a nadar. Ele gritou, rindo, e nadou para longe, parando para respirar por tempo suficiente apenas para provocá-la.

– Vou pegar você! – rosnou a menina, interrompendo as braçadas para tentar avançar andando dentro d'água.

– Não se afastem muito! – gritou Eloise, mas dava para ver que não tinha muita importância.

Estava claro que os dois eram excelentes nadadores.

Se eles fossem como Eloise e seus irmãos, deviam nadar desde os 4 anos. As crianças Bridgertons haviam passado inúmeras horas brincando no lago perto da sua casa em Kent, durante o verão, embora tivessem deixado de nadar com tanta frequência após a morte do pai. Quando Edmund era vivo, a família passava a maior parte do tempo no campo, mas, depois que ele se fora, eles começaram a ficar mais na cidade. Eloise nunca descobrira se era porque sua mãe preferia a cidade ou simplesmente porque a casa deles no campo trazia muitas lembranças.

Eloise adorava Londres e com certeza gostava de morar lá, mas agora que estava ali em Gloucestershire, brincando no lago com duas crianças agitadas, percebeu quanto sentia falta da vida no campo.

Não que estivesse preparada para abrir mão da cidade e de todos os amigos e diversões que o lugar oferecia, mas começava a pensar que não precisava passar *tanto* tempo na capital.

Amanda enfim alcançou o irmão e se lançou em cima dele, fazendo com que os dois afundassem. Eloise observava com atenção. Podia ver mãos e pés rompendo a superfície a curtos intervalos de tempo até os dois subirem em busca

de ar, rindo e arfando, jurando derrotarem um ao outro no que era claramente um combate muito importante.

– Tomem cuidado! – exclamou Eloise, mais porque sentiu que devia falar alguma coisa. Era estranho se encontrar na posição de um adulto que dá ordens; com seus sobrinhos, podia ser a tia divertida e tolerante. – Oliver! *Não* puxe o cabelo da sua irmã!

Ele parou, mas logo depois pegou Amanda pelo colarinho da roupa de banho e ela começou a se engasgar e tossir.

– Oliver! – berrou Eloise. – Pare com isso agora!

Ele obedeceu, o que a deixou feliz e surpresa, mas Amanda aproveitou o alívio temporário para pular em cima do irmão, afundando-o enquanto se sentava em suas costas.

– Amanda! – gritou Eloise.

A menina fingiu não ouvir.

Ah, droga, agora ela teria de se arrastar até lá para pôr um fim naquela brincadeira, e ficaria completamente ensopada.

– Amanda, pare com isso agora mesmo! – gritou, numa última tentativa de salvar o vestido e sua dignidade.

Amanda obedeceu, e Oliver se levantou, arfando, e disse:

– Amanda Crane, eu vou…

– Não, você não vai! – decretou Eloise. – Nenhum dos dois vai matar, aleijar, atacar ou até mesmo abraçar o outro por pelo menos meia hora.

Eles ficaram horrorizados só de Eloise ter mencionado a possibilidade de um abraço.

– Estamos entendidos? – indagou ela.

Os dois estavam completamente em silêncio, até que Amanda perguntou:

– E o que nós vamos fazer?

Boa pergunta. A maioria das lembranças que Eloise tinha de quando nadava envolvia as mesmas brincadeiras truculentas.

– Talvez seja melhor a gente esperar o corpo secar e descansar um pouco – disse ela.

Os dois pareceram detestar a ideia.

– Podíamos aproveitar esse tempo para estudar – propôs Eloise. – Talvez um pouco mais de aritmética. Prometi à babá Edwards que faríamos algo produtivo.

Os dois demonstraram o mesmo desânimo que haviam tido com a primeira sugestão.

– Muito bem – disse Eloise. – O que querem fazer, então?

– Não sei – resmungou Oliver, e foi apoiado por Amanda, que deu de ombros.

– Bem, não vejo nenhum sentido em ficarmos aqui sem fazer nada – falou Eloise, colocando as mãos nos quadris. – Além de ser muito chato, é capaz de conge…

– *Saiam já do lago!*

Eloise se virou rapidamente, tão surpresa com o rugido furioso que escorregou em direção à água. Droga, lá se iam sua intenção de permanecer seca e seu vestido.

– Sir Phillip – disse ela, arfando, feliz por ter conseguido aparar a queda com as mãos e não ter chegado a sentar no chão.

Ainda assim, parte de sua roupa estava completamente encharcada.

– Saiam da água! – rosnou Phillip, entrando no lago com força e rapidez impressionantes.

– Sir Phillip – chamou Eloise, a voz alterada pela surpresa enquanto tentava se levantar. – O que…?

Mas ele já tinha agarrado os filhos, passando os braços pelo peito deles, e levava os dois até a margem. Eloise assistia a tudo estupefata e viu quando Phillip largou as crianças na grama de maneira não muito gentil.

– Eu disse a vocês para nunca, nunca chegarem perto do lago! – gritou ele, sacudindo os dois pelo ombro. – Vocês sabem que devem ficar longe daqui. Vocês…

Ele parou, obviamente abalado com alguma coisa e também porque precisava tomar fôlego.

– Mas isso foi no ano passado – protestou Oliver.

– E por acaso eu retirei a ordem?

– Não, mas pensei…

– Pensou errado – rebateu Phillip. – Agora voltem já para casa. Os dois.

As crianças perceberam nos olhos do pai que ele falava sério e subiram correndo a colina. Phillip ficou parado observando enquanto eles saíam depressa. Mas, assim que estavam longe o suficiente para não serem capazes de ouvir,

virou-se para Eloise com uma expressão que a fez dar um passo para trás e disse:

– Mas o que foi que você pensou que estava fazendo?

Por um instante, ela não conseguiu dizer nada. A pergunta dele parecia ridícula demais para merecer uma resposta.

– Estava me divertindo um pouco – disse ela por fim, provavelmente de maneira um pouco mais desaforada do que devia.

– Não quero meus filhos perto do lago – disparou ele. – Deixei isso bem claro…

– Não para mim.

– Bem, você devia…

– Como eu poderia saber que você não queria que os dois entrassem na água? – perguntou ela, interrompendo-o antes que ele pudesse acusá-la de irresponsabilidade ou o que quer que fosse. – Eu disse à babá deles aonde nós iríamos *e* o que pretendíamos fazer, e ela não deu nenhuma indicação de que era proibido.

Ela podia ver no rosto de Phillip que ele não tinha nenhum argumento válido, o que o deixava ainda mais furioso. Homens… No dia em que aprendessem a admitir um erro virariam mulheres.

– O dia está quente – continuou ela, falando rápido como sempre fazia quando estava determinada a não perder uma discussão.

O que, no caso de Eloise, acontecia em qualquer discussão.

– Eu estava tentando melhorar as coisas, já que não me agrada nem um pouco a ideia de ter outro olho roxo – acrescentou ela.

Disse isso para fazê-lo se sentir culpado, e provavelmente funcionou, porque as bochechas de Phillip ficaram vermelhas e ele resmungou baixinho algo que parecia uma promessa de que aquilo não voltaria a acontecer.

Ela esperou alguns instantes para ver se ele diria mais alguma coisa, ou melhor, se diria algo razoavelmente inteligível, mas, como ele não fez nada além de olhar irritado para Eloise, ela continuou:

– Pensei que fazer algo *divertido* poderia trazer algum resultado. Deus sabe que essas crianças estão precisando de um pouco de alegria.

– Do que você está falando? – perguntou ele, a voz baixa e irritada.

– Nada – disse ela com rapidez. – Só que não vi nenhum mal em sairmos para nadar.

– Você os colocou em perigo.

– Perigo? – esbravejou ela. – Ao nadar?

Phillip não disse nada. Só a fuzilou com o olhar.

– Ah, pelo amor de Deus – disse ela sem dar importância. – Só teria sido perigoso se eu não soubesse nadar.

– Não me interessa se *você* sabe nadar – disparou ele. – O que me importa é que meus filhos não sabem.

Ela piscou. Várias vezes.

– Sabem, sim – falou. – Na verdade, os dois nadam muito bem. Achei que você houvesse lhes ensinado.

– Do que você está falando?

Ela inclinou ligeiramente a cabeça, talvez por preocupação ou, quem sabe, curiosidade.

– Você não sabia que os dois sabem nadar?

Por um instante, Phillip sentiu como se não pudesse respirar. Seus pulmões se contraíram e sua pele começou a formigar, enquanto o corpo pareceu ficar frio e duro como uma estátua.

Aquilo era horrível.

Ele era horrível.

De alguma forma, aquele momento pareceu cristalizar todas as suas falhas. O problema não era os seus filhos saberem nadar, e sim ele *não ter conhecimento* desse fato. Como um pai pode não estar ciente desse tipo de coisa sobre os filhos?

Um pai deveria saber se os filhos andam a cavalo. Se eles leem e se contam até cem.

E, pelo amor de Deus, deveria saber se eles sabiam nadar.

– Eu… – disse Phillip, a voz falhando após uma única palavra. – Eu…

Ela deu um passo à frente e perguntou, quase num sussurro:

– Você está bem?

Ele fez que sim, ou pelo menos pensou ter feito. A voz dela ecoava em sua cabeça – *Sabem sim sabem sim sabem sim sabem sim* –, e o importante não era nem o que ela dissera, mas o tom. A surpresa, e talvez até um pouco de desdém.

E o fato de que ele *não* sabia.

Seus filhos estavam crescendo e mudando, e Phillip não os conhecia. Ele os

via, mas não sabia quem eles eram.

Sentiu-se meio ofegante. Não sabia, por exemplo, quais eram suas cores preferidas.

Rosa? Azul? Verde?

Isso era importante, ou só importava o fato de ele não saber?

Phillip era, à sua maneira, um pai tão ruim quanto o seu tinha sido. Thomas Crane podia ter batido nos filhos até quase matá-los, mas pelo menos sabia do que eram capazes. Phillip ignorava, evitava, fingia – qualquer coisa para se manter afastado e não perder a paciência. Tudo para evitar que se tornasse como seu pai.

Só que talvez a distância nem sempre fosse uma coisa boa.

– Phillip? – sussurrou Eloise, colocando uma das mãos em seu braço. – Algum problema?

Ele olhou para ela, mas ainda se sentia ofuscado, e seus olhos pareciam não conseguir focar.

– Acho que você deveria ir para casa – sugeriu ela, devagar e com cuidado. – Não está com uma aparência nada boa.

– Eu…

Ele pretendia dizer *Eu estou bem*, mas as palavras simplesmente não saíram. Porque ele não estava bem, e naqueles últimos dias não tinha nem mesmo certeza de quem era.

Eloise mordeu o lábio inferior, então passou os braços ao redor do próprio corpo e olhou para o céu quando sentiu uma sombra passar sobre ela.

Phillip seguiu seu olhar e observou uma nuvem que encobriu o sol, fazendo a temperatura do ar cair vários graus. Depois fitou Eloise, com um nó na garganta, enquanto ela tremia.

Phillip sentiu mais frio do que jamais sentira em sua vida.

– Você precisa entrar – falou, pegando-a pelo braço e tentando puxá-la colina acima.

– Phillip! – gritou Eloise, tropeçando atrás dele. – Estou bem. Só com um pouco de frio.

Ele tocou a pele dela.

– Você não está só com um pouco de frio, está congelando. – Tirou o casaco. – Vista isto.

Eloise não discutiu, mas disse:

– É sério, estou bem. Não há razão para *correr*.

A última palavra saiu meio desafinada enquanto ele a puxava para a frente, quase tirando-a do chão.

– Phillip, *pare*! – gritou ela. – Por favor, quer me deixar andar sozinha?

Ele parou tão de repente que ela tropeçou. Então Phillip se virou e sibilou, irritado:

– Não serei responsável por você congelar até pegar uma pneumonia.

– Mas estamos na primavera.

– Nem que já fosse verão. Você não vai ficar com essas roupas molhadas.

– É claro que não – retrucou Eloise, tentando parecer razoável, já que estava claro que discutir só o faria acelerar ainda mais o passo. – Mas não há motivo para eu não poder *andar*. São só dez minutos até em casa. Eu não vou morrer.

Ela nunca havia pensado que o sangue poderia literalmente sumir do rosto de uma pessoa, mas não sabia de que outra forma poderia descrever a palidez da pele dele.

– Phillip? – chamou, ficando preocupada. – Qual é o problema?

Por um instante, Eloise achou que ele não fosse responder, mas então Phillip sussurrou, como se nem ele soubesse que estava emitindo algum som:

– Eu não sei.

Ela tocou o braço dele e olhou para seu rosto. Phillip parecia confuso, quase atordoado, como se estivesse no meio de uma peça de teatro e não soubesse a fala. Os olhos dele estavam abertos, e fixos nela, mas Eloise achava que, na verdade, ele não via nada, apenas a lembrança de algo que deveria ter sido mesmo horrível.

Eloise sentiu um aperto no peito. Entendia bem de lembranças ruins, sabia como eram capazes de sufocar o coração e assombrar os sonhos de alguém até a pessoa ficar com medo até de apagar a vela para dormir.

Aos 7 anos, Eloise vira o pai morrer. Lembrou-se de ter gritado e soluçado enquanto ele arfava em busca de ar e desabava no chão, depois batera em seu peito, implorando que ele acordasse e *dissesse* alguma coisa.

Agora para ela era óbvio que, àquela altura, ele já estava morto, o que só tornava a recordação ainda pior.

Mas Eloise, de algum jeito, conseguira deixar aquilo para trás. Não sabia

como – provavelmente graças à mãe, que ficara a seu lado todas as noites e lhe garantira que ela podia falar sobre o pai quando quisesse. E que não havia nada de errado em sentir falta dele.

Eloise ainda se lembrava de tudo, mas aquilo já não a assombrava, e já fazia mais de dez anos que não tinha um pesadelo.

Mas Phillip… a história dele era diferente. O que quer que tivesse acontecido com ele no passado ainda estava muito presente em sua vida.

E, ao contrário de Eloise, ele enfrentava tudo sozinho.

– Phillip – disse ela, tocando seu rosto.

Ele não se mexeu e, se ela não tivesse sentido a respiração dele em seus dedos, poderia jurar que era uma estátua. Eloise pronunciou o nome dele de novo, aproximando-se mais.

Queria apagar aquele olhar aflito de seu rosto, queria ajudá-lo a cicatrizar suas feridas.

Queria fazer de Phillip a pessoa que sabia que ele era.

Eloise sussurrou seu nome uma última vez, oferecendo-lhe compaixão e compreensão e uma promessa de ajuda, tudo em uma única palavra. Esperava que ele ouvisse, esperava que entendesse.

E então, bem devagar, a mão dele cobriu a dela. A pele de Phillip era quente e áspera, e ele pressionou a mão dela contra seu rosto, como se tentasse gravar o toque na memória. Então moveu a mão de Eloise para sua boca e beijou a palma, intensamente, quase com reverência, antes de deslizá-la até seu peito.

Até seu coração pulsante.

– Phillip? – sussurrou Eloise, o tom de pergunta na voz, embora soubesse o que ele pretendia fazer.

Phillip levou a mão livre até as costas dela e puxou-a contra si, lenta mas firmemente, com uma determinação à qual ela não pôde resistir. Segurou-a pelo queixo e inclinou o rosto dela em direção ao dele, parando apenas para sussurrar seu nome antes de seus lábios capturarem os dela em um beijo avassalador. Phillip parecia voraz, necessitado, e a beijou como se pudesse morrer sem ela, como se ela fosse seu alimento, seu ar, seu corpo e sua alma.

Era o tipo de beijo que uma mulher jamais esqueceria, o tipo que Eloise nunca sonhara ser possível.

Ele a puxou ainda para mais perto, até todo o corpo de Eloise estar colado ao

seu. Uma de suas mãos desceu das costas dela até o traseiro, envolvendo-o, trazendo-a para junto de si até deixá-la sem ar com tanta intimidade.

– Preciso de você – gemeu ele, com a voz rouca.

Seus lábios correram da boca de Eloise para a bochecha, depois para o pescoço, provocando e fazendo cócegas.

Ela sentia que estava perdendo a razão. *Ele* a estava fazendo perder a razão, até ela não saber mais quem era ou o que estava fazendo.

Tudo o que queria era ele. Mais e mais. Por inteiro.

Só que…

Só que não daquele jeito. Não sendo usada por ele como uma espécie de bálsamo para curar suas feridas.

– Phillip – disse ela, de algum jeito encontrando forças para recuar. – Não podemos. Não assim.

Por um segundo, Eloise achou que Phillip não fosse largá-la, mas, então, de repente, ele a soltou.

– Desculpe – disse ele, ofegante.

Parecia atordoado, e ela não sabia se era em razão do beijo ou apenas pelos acontecimentos turbulentos daquela manhã.

– Não se desculpe – retrucou ela, instintivamente alisando o vestido antes de perceber que estava molhado e que não havia muito como ajeitá-lo.

Mas ainda assim correu as mãos por ele, sentindo-se nervosa e desconfortável. Se não se movesse, se não se forçasse a fazer qualquer coisa, por mais sem sentido que pudesse ser, temia se atirar de volta nos braços dele.

– Você devia voltar para a casa – disse Phillip, a voz ainda baixa e rouca.

Ela arregalou os olhos, surpresa.

– Você não vem também?

Ele balançou a cabeça e retrucou com uma voz estranhamente sem emoção:

– Você não vai congelar. Afinal, estamos na primavera.

– Sim, mas…

Ela parou de falar, já que não sabia bem o que dizer. Na verdade, esperava que ele a interrompesse.

Virou-se para subir a colina, então parou quando o ouviu dizer, em voz baixa e decidida, atrás dela:

– Preciso pensar.

– Sobre o quê?

Ela não devia ter perguntado, não devia ter se intrometido, mas nunca conseguira cuidar só da própria vida.

– Não sei. – Ele deu de ombros, desamparado. – Sobre tudo, eu acho.

Eloise assentiu e continuou a caminhar de volta para a casa.

Mas aquele olhar triste e perdido de Phillip a assombrou o dia inteiro.

CAPÍTULO 9

… todos nós sentimos falta do papai, principalmente nesta época do ano. Mas pense em como você foi sortudo por ter passado dezoito anos com ele. Eu me lembro de tão pouco, e queria muito que ele pudesse ter me conhecido melhor e ter visto a pessoa que me tornei.

– de Eloise Bridgerton para seu irmão, o visconde de Bridgerton, no décimo aniversário da morte de seu pai

Eloise estava intencionalmente atrasada para a ceia naquela noite. Não muito – não era da sua natureza chegar tarde, sobretudo porque não tolerava isso dos outros. Mas após os acontecimentos daquela tarde, ela não fazia nem ideia se Sir Phillip apareceria para a ceia, e não conseguia pensar em ficar esperando na sala de estar, tentando não entrelaçar as mãos e girar os polegares, enquanto se perguntava se iria comer sozinha.

Então, às sete e dez, Eloise calculou que, se Phillip não a estivesse esperando, não iria se juntar a ela, e portanto ela poderia seguir direto para a sala de jantar e agir como se tivesse planejado comer sozinha desde o início.

Mas, para sua surpresa, e, na verdade, para seu grande alívio também, Phillip estava parado junto à janela quando ela entrou na sala de estar, elegantemente vestido com um terno que, se não era da última moda, tinha sido muito benfeito e costurado com perfeição. Eloise notou que as roupas dele eram todas pretas e brancas e se perguntou se ele ainda estava de luto por Marina ou se era apenas uma questão de preferência. Os seus irmãos raramente usavam trajes coloridos, tão populares entre alguns homens da alta sociedade, e Sir Phillip também não parecia fazer aquele tipo.

Eloise estava parada junto à porta, observando-o e pensando se ele já a vira, quando de repente Phillip se virou, murmurou o nome dela e atravessou a sala.

– Espero que aceite minhas desculpas por esta tarde – disse ele, e, embora sua voz soasse retraída, ela pôde ver a súplica em seus olhos e sentir que ele

desejava muito que o perdoasse.

– Não precisa se desculpar – retrucou Eloise rápida e sinceramente.

Como podia saber se ele devia se desculpar quando nem mesmo entendia o que havia acontecido?

– Preciso, sim – insistiu ele, devagar. – Reagi de forma exagerada. Eu…

Ela ficou em silêncio, limitando-se a olhar para Phillip enquanto ele pigarreava.

Ele abriu a boca, mas ainda levou vários segundos até conseguir falar.

– Marina quase se afogou naquele lago.

Eloise ficou sem ar, e só percebeu que levou a mão para cobrir a boca quando sentiu os dedos em seus lábios.

– Ela não nadava muito bem… – explicou Phillip.

– Sinto muito – sussurrou ela. – Você estava… – Como perguntar aquilo sem que parecesse uma curiosidade mórbida? Mas não havia como evitar, e ela não conseguia se conter. Precisava saber o que tinha acontecido. – Você estava lá?

Ele confirmou amargamente.

– Eu a tirei da água.

– Que sorte a dela – murmurou Eloise. – Devia estar apavorada.

Phillip não disse nada. Nem mesmo assentiu.

Eloise pensou no pai, em como ela se sentira impotente quando ele caíra no chão à sua frente. Mesmo sendo criança, ela era do tipo que precisava *fazer* alguma coisa. Nunca fora uma mera espectadora. Sempre quisera agir, dar um jeito nas coisas, e até mesmo nas pessoas. E, na única vez em que isso realmente importara, não havia nada que pudesse fazer.

– Estou feliz que tenha conseguido salvá-la – falou. – Ou teria sido terrível para você.

Phillip olhou confuso para Eloise, e ela percebeu como suas palavras tinham soado estranhas, então acrescentou:

– É muito difícil… quando alguém morre e a única coisa que você pode fazer é assistir, sem conseguir fazer nada para impedir. – E então, como o momento parecia pedir por isso e ela se sentia estranhamente ligada àquele homem ali tão silencioso e imóvel à sua frente, Eloise disse de maneira suave, e talvez um pouco melancólica também: – Eu sei.

Ele olhou para ela, a pergunta visível em seus olhos.

– Meu pai – respondeu ela, apenas.

Não era algo que ela dividisse com muita gente. Na verdade, fora da família, talvez apenas sua grande amiga Penelope soubesse que Eloise tinha sido a única testemunha da estranha e prematura morte do pai.

– Sinto muito – sussurrou ele.

– É – retrucou ela, com ar nostálgico. – Eu também.

E então ele comentou algo totalmente inusitado:

– Eu não tinha ideia de que meus filhos sabiam nadar.

Aquilo foi tão inesperado, tão sem ligação com o que estavam falando, que ela só conseguiu piscar e dizer:

– Perdão?

Ele estendeu o braço para levá-la até a sala de jantar.

– Eu não fazia ideia de que eles sabem nadar – repetiu Phillip, com a voz triste. – Não sei nem quem lhes ensinou.

– E isso importa? – perguntou Eloise, com delicadeza.

– Sim, porque *eu* deveria ter feito isso – respondeu ele, abatido.

Era difícil olhar para o rosto de Phillip. Eloise não se lembrava de já ter visto um homem com a fisionomia tão sofrida. Aquilo tocou seu coração de uma maneira estranha. Qualquer um que se importasse tanto com os filhos, mesmo que não soubesse exatamente como agir com eles, só podia ser um bom homem. Eloise sabia que tendia a ver o mundo de forma muito simplista e que às vezes se precipitava em algum julgamento porque não parava para analisar os detalhes, mas disso tinha certeza.

Sir Phillip Crane era um bom homem. Podia não ser perfeito, mas era bom, e seu coração era sincero.

– Bem, não há nada que se possa fazer quanto a isso agora – disse ela com rapidez, como era seu costume, porque preferia lidar logo com os problemas e resolvê-los de uma vez do que ficar se lamentando. – Eles não podem desaprender o que já sabem.

Ele parou e olhou para ela.

– Você está certa, é claro. – E depois, em voz mais baixa, acrescentou: – Mas não importa quem tenha lhes ensinado, eu deveria saber dessa habilidade deles.

Eloise concordava, mas Phillip estava tão claramente angustiado que censurá-lo parecia inadequado, sem falar que também seria insensível.

– Mas você ainda tem tempo, sabe?

– De quê? – indagou ele, com um tom de deboche dirigido a si mesmo. – De ensiná-los a nadar de costas para ampliarem seu repertório?

– Bem, sim – disse ela, de forma ligeiramente severa, já que nunca tivera muita paciência para autopiedade. – Mas também de aprender outras coisas a respeito deles. Seus filhos são crianças fascinantes.

Phillip olhou para ela com ar de dúvida.

Eloise pigarreou.

– Sei que eles se comportam mal às vezes…

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Está bem, eles se comportam mal quase sempre, mas, sinceramente, os dois só querem um pouco da sua atenção.

– Eles lhe disseram isso?

– É claro que não – disse ela, sorrindo diante da ingenuidade dele. – Eles só têm 8 anos. Não vão dizer isso assim, com todas as palavras. Mas está bem claro para mim.

Os dois chegaram à sala de jantar, e Eloise se sentou na cadeira que um dos criados puxou para ela. Phillip se acomodou à sua frente e levou a mão à taça de vinho, mas desistiu. Moveu os lábios bem devagar, como se tivesse algo a dizer, mas não soubesse bem como expressar. Finalmente, depois que Eloise tomou um gole do próprio vinho, ele perguntou:

– E eles gostaram? De nadar, quero dizer.

Ela sorriu.

– Muito. Você deveria nadar com eles.

Phillip fechou os olhos e assim ficou por um instante.

– Acho que eu não conseguiria – falou.

Ela assentiu. Sabia bem o poder que tinham as lembranças.

– Talvez em algum outro lugar – sugeriu ela. – Deve haver outro lago aqui perto. Ou mesmo uma lagoa.

Phillip esperou que Eloise pegasse a colher, depois mergulhou a própria na sopa.

– É uma boa ideia. Acho que… – Ele parou e pigarreou. – Acho que poderia fazer isso. Vou pensar em algum lugar.

Havia algo muito comovente em seu rosto – a incerteza, a vulnerabilidade. A

consciência de que, embora não soubesse se era a coisa certa a fazer, iria tentar de qualquer forma. Eloise sentiu o coração apertar, até mesmo descompassar, e queria estender a mão sobre a mesa para tocar a dele. Mas é claro que não podia. Mesmo que a mesa não fosse pelo menos uns 30 centímetros maior que o comprimento de seu braço, ela não poderia. Então apenas sorriu, esperando parecer confortadora.

Phillip tomou um pouco da sopa, depois limpou a boca de leve com o guardanapo e disse:

– Espero que você possa ir conosco.

– É claro – afirmou Eloise, radiante. – Eu ficaria triste se não fosse convidada.

– Tenho certeza de que está exagerando – retrucou ele, contraindo os lábios de maneira irônica –, mas ficaríamos honrados, e, para ser bem sincero, *eu* ficaria aliviado em tê-la conosco. – Ao ver a expressão curiosa no rosto dela, acrescentou: – O passeio será um sucesso se você for.

– Tenho certeza que você…

Ele a interrompeu e disse, enfaticamente:

– Todos iremos nos divertir muito mais se pudermos contar com sua companhia.

Diante disso, Eloise decidiu deixar de argumentar e aceitar o elogio.

Era muito provável que Phillip estivesse certo. Ele e os filhos estavam tão pouco acostumados à companhia uns dos outros que seria bom terem Eloise por perto para tornar as coisas mais fáceis.

E ela percebeu que não se importava nem um pouco com isso.

– Talvez amanhã, se o tempo continuar bom – sugeriu.

– Acho que vai continuar, sim – disse Phillip casualmente. – Não está parecendo que irá mudar.

Eloise olhou para ele enquanto tomava sua sopa, um caldo de galinha com legumes que precisava de um pouco mais de sal.

– Então você prevê o tempo? – perguntou ela, certa de que o ceticismo transparecera em seu rosto.

Tinha um primo que estava convencido de que podia prever o tempo e, toda vez que lhe dava ouvidos, ela acabava ensopada até a alma ou completamente congelada.

– Não, de forma alguma – replicou ele –, mas é possível… – Phillip parou de falar de repente e esticou um pouco o pescoço. – O que foi isso?

– O quê? – disse Eloise, mas, enquanto as palavras saíam de sua boca, escutou o que Phillip devia ter ouvido.

Vozes alteradas, que ficavam mais altas a cada segundo. Passos pesados.

Uma enxurrada de palavras furiosas foi seguida por um grito de horror que só podia ter vindo do mordomo…

E então Eloise *se deu conta* do o que era.

– Ah, meu Deus – falou, afrouxando a mão que segurava a colher até a sopa respingar, caindo de volta no prato.

– Mas o que…? – disse Phillip, ficando de pé e claramente se preparando para defender sua casa de uma invasão.

Só que ele não tinha a mínima ideia do tipo de invasores que estava para enfrentar. Que tipo de invasores irritantes, intrometidos e diabólicos ele veria em… hã… aproximadamente dez segundos.

Mas Eloise sabia. Também sabia que *irritantes, intrometidos* e *diabólicos* não eram nada comparados a *furiosos, intempestivos* e *enormes* quando se tratava da segurança iminente de Phillip.

– Eloise? – disse ele, erguendo as sobrancelhas quando os dois ouviram alguém berrar o nome dela.

A jovem sentiu seu sangue parar de correr. Não havia como ela sobreviver a um momento como aquele, não havia como passar por aquilo sem matar alguém, de preferência alguém com quem tivesse um parentesco bem próximo.

Então se levantou, agarrando-se à mesa para não cair. Os passos, que pareciam de uma multidão raivosa, se aproximavam.

– Alguém que você conheça? – perguntou Phillip, de forma bastante tranquila para quem estava prestes a encarar a morte.

Ela fez que sim, e conseguiu dizer com dificuldade:

– Meus irmãos.

~

Ocorreu a Phillip (enquanto ele era jogado contra a parede com dois pares de mãos em volta do pescoço) que Eloise poderia tê-lo prevenido com um pouco mais de antecedência.

Ele não precisava de *dias*; sim, teria sido bom, mesmo que ainda insuficiente contra a força coletiva daqueles quatro homens enormes e furiosos.

Irmãos. Ele deveria ter pensado nisso. Provavelmente era melhor evitar cortejar uma mulher que tivesse irmãos.

Menos ainda uma que tivesse quatro.

Quatro. Era um espanto que ele continuasse vivo por tanto tempo.

– Anthony? – gritou Eloise. – Pare!

Anthony, ou pelo menos Phillip presumia que fosse Anthony – eles não tinham exatamente se preocupado em fazer as apresentações necessárias –, apertou ainda mais a mão em volta do pescoço de Phillip.

– Benedict! – implorou Eloise, voltando sua atenção para o maior deles. – Seja razoável.

O outro – bem, o outro apertando sua garganta, porque havia mais dois outros, mas eles estavam apenas parados ali perto, olhando com raiva – afrouxou um pouco a mão para se virar e fitar a irmã.

O que foi péssimo, já que, na pressa em que estavam de arrancar cada membro do corpo de Phillip, nenhum deles tinha olhado para Eloise por tempo suficiente para ver que ela estava com um hematoma horrível no rosto.

Pelo qual, é claro, pensariam que *ele* tinha sido responsável.

Benedict soltou um urro terrível e apertou tanto Phillip contra a parede que os pés dele saíram do chão.

Maravilha, pensou Phillip. *Agora é que eu vou morrer mesmo*. A primeira vez que fora jogado contra a parede tinha sido só desconfortável, mas agora…

– Pare! – berrou Eloise, atirando-se nas costas de Benedict e agarrando o cabelo dele.

Benedict gemeu quando sua cabeça foi puxada para trás, mas infelizmente Anthony não afrouxou a mão que estrangulava Phillip, mesmo Benedict tendo sido forçado a soltá-lo para tentar se livrar de Eloise.

Ela, como Phillip observou o melhor que pôde, considerando sua falta de oxigênio, lutava como uma mistura de seres míticos. Puxava o cabelo de Benedict com a mão direita e tinha passado o braço esquerdo em volta do pescoço do irmão, prendendo-o sob o queixo dele.

– Meu Deus! – bradou Benedict, girando o corpo enquanto tentava se livrar dela. – Alguém tire Eloise daqui!

Não foi surpresa o fato de nenhum dos outros Bridgertons ter corrido para ajudá-lo. Na verdade, o que estava apoiado contra a parede parecia se divertir muito com aquilo tudo.

A visão de Phillip começou a se enevoar e escurecer, mas ele não podia deixar de admirar a bravura de Eloise. Ela era uma mulher incrível, que sabia lutar para vencer.

De repente, Anthony chegou o rosto bem perto do de Phillip.

– Você… bateu… nela? – rosnou ele.

Como se ele pudesse responder, pensou Phillip, tonto.

– Não! – gritou Eloise, deixando por um instante de tentar arrancar o cabelo de Benedict. – É claro que ele não me bateu.

Anthony olhou para a irmã com uma expressão severa enquanto ela voltava a bater em Benedict.

– Nada está *claro* aqui.

– Foi um acidente – insistiu Eloise. – Ele não teve nada a ver com isso. – E então, quando viu que nenhum dos irmãos parecia acreditar nela, acrescentou: – Ah, pelo amor de Deus. Vocês acham mesmo que *eu* defenderia alguém que tivesse me batido?

Isso pareceu surtir efeito, e Anthony abruptamente soltou Phillip, que caiu no chão, arfando em busca de ar.

Quatro. Ela havia lhe dito que tinha quatro irmãos? Com certeza, não. Ele nunca teria pensado em se casar com uma mulher que tinha quatro irmãos. Só um tolo se prenderia a uma família assim.

– O que você fez com ele? – indagou Eloise, irritada, saindo de cima de Benedict e correndo para junto de Phillip.

– O que *ele* fez com *você*? – perguntou o que tinha socado seu queixo um pouco antes de os outros decidirem estrangulá-lo.

Eloise fuzilou o irmão com o olhar.

– O que *você* está fazendo aqui?

– Protegendo a honra da minha irmã – disparou ele.

– Como se eu precisasse da sua proteção. Você não tem nem 20 anos!

Ah, pensou Phillip, ele devia ser o irmão cujo nome começava com G. George? Não, não era isso. Gavin? Não…

– Tenho 23 – rebateu o jovem, com toda a irritação de um irmão mais novo.

– E eu tenho 28 – respondeu ela. – Não precisava da sua ajuda quando você usava fraldas e não preciso agora.

Gregory. Era isso. Gregory. Ela havia lhe falado sobre ele em uma das cartas. Ah, droga. Se ele sabia disso, então devia saber também sobre os outros. A culpa era só dele.

– Ele quis vir junto – explicou o que estava no canto, o único que ainda não havia tentado matá-lo.

Phillip decidiu que gostava mais desse, principalmente quando o viu segurar o braço de Gregory para impedir que ele fosse para cima de Eloise.

O que ela bem que merecia, pensou Phillip, sentindo-se bastante espirituoso ali caído no chão. Eloise precisava falar em fraldas?

– Bem, vocês deveriam tê-lo impedido – retrucou ela, alheia às críticas que Phillip lhe fazia em pensamento. – Vocês fazem ideia de como isto é humilhante?

Os irmãos olharam para Eloise – com razão, na opinião de Phillip – como se ela tivesse ficado louca.

– Você perdeu o direito de se sentir humilhada, constrangida, mortificada ou qualquer outra coisa que não totalmente idiota quando fugiu sem dizer nada a ninguém – disparou Anthony.

Eloise parecia um pouco menos exaltada, mas ainda assim murmurou:

– Como se eu fosse ouvir alguma coisa do que Gregory tem a me dizer.

– Ao contrário do que faz conosco, com quem você é sempre o retrato da mansidão e da obediência – resmungou o que provavelmente era Colin.

– Ah, pelo amor de Deus – resmungou Eloise baixinho, com um tom encantador e ao mesmo tempo nada digno de uma dama aos ouvidos de Phillip, que zumbiam.

Zumbiam? Alguém tinha lhe dado um tapa nas orelhas? Era difícil lembrar. Quando uma pessoa estava em desvantagem de quatro para um, sua memória podia ficar um pouco confusa.

– Nem pense em sair daí – disparou aquele que Phillip tinha quase certeza de ser Anthony, apontando o dedo na direção dele.

Como se ele pudesse sequer pensar nisso.

– E você, o que foi que achou que estava fazendo? – perguntou Anthony a Eloise, a voz ainda mais implacável, mesmo Phillip achando que isso seria

impossível.

Eloise evitou a pergunta com outra:

– Por que vocês vieram aqui?

E conseguiu, porque seu irmão de fato respondeu:

– Para salvá-la da ruína! Pelo amor de Deus, Eloise, você faz ideia de como estávamos preocupados?

– E eu achando que vocês não tinham nem notado a minha partida – disse ela, tentando soar descontraída.

– Eloise, mamãe está transtornada.

Aquilo a deixou séria na mesma hora.

– Ah, não – sussurrou. – Eu não pensei…

– Não, não pensou – replicou Anthony, seu tom severo exatamente o que se esperaria de um homem que era o chefe da família havia vinte anos. – Eu devia pegar um chicote.

Phillip já ia intervir, porque jamais poderia permitir que batessem nela com um chicote, quando Anthony acrescentou:

– Ou pelo menos uma mordaça.

Nesse momento, Phillip concluiu que o irmão conhecia Eloise muito bem.

– Aonde você pensa que vai? – perguntou Benedict, e Phillip percebeu que deveria ter tentado se levantar antes de se estatelar de volta à sua impotente posição ali no chão.

Ele olhou para Eloise.

– Que tal nos apresentar agora?

– Ah, sim, é claro – disse Eloise, engolindo em seco. – Estes aqui são meus irmãos.

– Eu percebi – retrucou Phillip, em tom seco.

Eloise olhou para ele como quem pede desculpas, o que, pensou Phillip, era o mínimo que podia fazer depois de ter quase provocado sua tortura e morte, e então se virou em direção aos irmãos e indicou um de cada vez enquanto os apresentava:

– Anthony, Benedict, Colin, Gregory. Os três primeiros são meus irmãos mais velhos – acrescentou ela. – Este aqui é uma criança – continuou, indicando Gregory com desprezo.

Gregory parecia querer estrangulá-la, o que era ótimo para Phillip, uma vez

que desviava as intenções assassinas *dele*.

E então Eloise finalmente virou de volta para Phillip e disse para os irmãos:

– Sir Phillip Crane, mas acredito que já saibam disso.

– Você deixou uma carta em sua escrivaninha – observou Colin.

Eloise fechou os olhos, irritada. Phillip pensou ter visto os lábios dela formarem as palavras: *Idiota, idiota, idiota*.

Colin abriu um sorriso sombrio.

– Você precisa ser mais cuidadosa no futuro, caso decida fugir de novo.

– Vou me lembrar disso – rebateu Eloise, mas seu tom já era menos ardoroso.

– Agora seria uma boa hora para me levantar? – perguntou Philip, dirigindo a questão a ninguém em particular.

– *Não*.

Era difícil saber qual dos irmãos tinha falado mais alto.

Phillip continuou no chão. Não costumava se achar um covarde, e, em sua opinião, era bastante hábil com os punhos, mas, bem, eles eram *quatro*.

Ele podia ser um boxeador, mas não era um louco suicida.

– Como você conseguiu esse olho roxo? – indagou Colin baixinho.

Eloise fez uma pausa antes de responder.

– Foi um acidente.

Colin pensou no que ela disse por um instante.

– Você poderia explicar melhor?

Eloise engoliu em seco, sentindo-se desconfortável, e olhou para Phillip, o que ele realmente preferiria que ela não tivesse feito. Isso só contribuiu para que *eles* (como começava a pensar no quarteto) ficassem ainda mais convencidos de que Phillip era o responsável por aquele machucado.

Um equívoco que poderia levar à sua morte e desmembramento. Eles não pareciam homens que deixariam alguém encostar a mão em suas irmãs, muito menos causar-lhes um olho roxo.

– Conte logo a verdade a eles, Eloise – disse Phillip, sentindo-se cansado.

– Foram os filhos dele – esclareceu ela, encolhendo-se.

Mas Phillip não se preocupou. Por mais que quase o tivessem estrangulado, não pareciam capazes de machucar crianças inocentes. E com certeza Eloise não teria dito nada se achasse que poderia colocar Oliver e Amanda em perigo.

– Ele tem filhos? – perguntou Anthony, olhando para Phillip com um pouco

menos de desprezo.

Ele também devia ser pai, concluiu Phillip.

– Dois – respondeu Eloise. – Um casal de gêmeos. Eles têm 8 anos.

– Meus parabéns – resmungou Anthony.

– Obrigado – disse Phillip, sentindo-se bastante velho e cansado naquele instante. – Pêsames seriam mais apropriados.

Anthony olhou para ele com curiosidade, quase – mas não exatamente – sorrindo.

– Eles não ficaram muito felizes com minha presença aqui – explicou Eloise.

– Crianças espertas – comentou Anthony.

Ela o fuzilou com o olhar.

– Eles prenderam um fio no corredor para eu tropeçar. Da mesma forma que Colin fez comigo em 1804 – disse ela, virando-se para olhar furiosa para o irmão.

Colin fez uma expressão de incredulidade.

– Você se lembra da *data*?

– Ela se lembra de tudo – comentou Benedict.

Eloise agora olhou irritada para *esse*.

Apesar da dor no pescoço, Phillip estava começando a gostar de assistir àquela interação.

Eloise se virou para Anthony, majestosa como uma rainha.

– Eu caí – disse ela simplesmente.

– E bateu com o olho?

– Bati com o quadril, na verdade, mas não tive tempo de aparar a queda e machuquei o rosto. Acho que o hematoma se espalhou pela região do olho.

Anthony encarou Phillip com uma expressão furiosa.

– Isso é verdade?

Phillip assentiu.

– Juro pelo meu falecido irmão. Meus filhos podem confirmar isso, se achar que deve interrogá-los.

– É claro que não – resmungou Anthony. – Eu nunca… – Ele pigarreou e depois ordenou: – Levante-se.

Em seguida moderou o autoritarismo oferecendo a mão a Phillip.

Phillip aceitou, já havendo concluído que seria muito melhor ter o irmão de

Eloise como aliado do que como inimigo. Assumindo uma postura defensiva, observou os quatro homens. Não teria nenhuma chance se eles decidissem atacá-lo ao mesmo tempo, e não estava convencido de que isso havia deixado de ser uma possibilidade.

No fim das contas, ele estaria morto ou casado, e não estava preparado para deixar que aqueles quatro colocassem isso em votação.

E então, após silenciar os quatro irmãos mais novos com apenas um olhar, Anthony virou-se para Phillip e disse:

– Talvez você deva me contar o que aconteceu.

Pelo canto do olho, Phillip viu Eloise abrir a boca para interromper e depois fechá-la de novo. Em seguida, sentou-se numa cadeira com uma expressão que, se não chegava a ser submissa, pelo menos era a mais branda que podia imaginar ver no rosto dela.

Phillip chegou à conclusão de que deveria aprender a fuzilar os outros com o olhar como Anthony Bridgerton. Seus filhos entrariam na linha em pouco tempo.

– Acho que Eloise não irá nos interromper agora – disse Anthony tranquilamente. – Por favor, fale.

Phillip olhou para Eloise. Ela parecia prestes a explodir. Mas, ainda assim, ficou quieta, o que parecia um feito extraordinário para alguém como ela.

Phillip contou, de forma resumida, os fatos que levaram à chegada de Eloise a Romney Hall. Ele falou sobre as cartas, começando com a mensagem de pêsames de Eloise, e como tinham iniciado uma cordial correspondência. Parou por um instante quando Colin balançou a cabeça e resmungou:

– Sempre me perguntei o que tanto ela escrevia no quarto…

Quando Phillip olhou para ele de maneira indagadora, Colin ergueu as mãos e acrescentou:

– Os dedos dela. Estavam sempre sujos de tinta, e eu nunca soube por quê.

Phillip terminou seu relato assim:

– Então, como podem ver, eu estava procurando uma esposa. Pelo tom de suas cartas, ela parecia inteligente e sensata. Meus filhos, como irão perceber se ficarem aqui para conhecê-los, podem ser bastante… hã… – ele buscou o adjetivo menos desfavorável – indisciplinados – continuou, satisfeito com a palavra escolhida. – Eu esperava que ela pudesse ser uma influência tranquilizadora.

– Eloise? – bufou Benedict, com ar de deboche, e Phillip pôde ver nas expressões dos outros três que todos concordavam com ele.

Por mais que Phillip tivesse sentido vontade de rir com o comentário de Benedict sobre Eloise se lembrar de tudo, e até mesmo *concordasse* com Anthony sobre a mordaça, achava que os homens da família Bridgerton não nutriam o merecido apreço por ela.

– Sua irmã tem sido uma ótima influência para as crianças – garantiu Phillip, a voz meio ríspida. – Eu preferiria que não depreciassem Eloise na minha presença.

Ele provavelmente tinha assinado sua sentença de morte. Afinal, eles eram quatro, e não parecia nada sensato provocá-los. Mas, ainda que tivessem atravessado meio país para proteger a honra de Eloise, ele não podia ficar ali parado ouvindo-os bufarem e debocharem dela.

Não fariam isso com Eloise. Não na sua frente.

Mas, para sua grande surpresa, nenhum deles retrucou, e, na verdade, Anthony, que ainda estava claramente no comando, encarou-o com um olhar direto e tranquilo, analisando-o como se pudesse ver em seu interior e descobrir o que se passava em seu coração.

– Nós dois temos muito o que conversar – disse Anthony, com tranquilidade.

Phillip assentiu com a cabeça.

– Imagino que também queira conversar com sua irmã.

Eloise olhou para ele com gratidão. Phillip não ficou surpreso. Imaginava que ela jamais encararia bem o fato de ser deixada de fora de qualquer decisão relativa à própria vida. Pensando bem, ela não era do tipo que encararia bem ser deixada de fora de nada.

– Sim, quero – retrucou Anthony. – Na verdade, acho que devo conversar com ela primeiro, se você não se importar.

Como se Phillip fosse ser tolo o bastante para discutir com um Bridgerton com três outros o encarando.

– Por favor, usem meu escritório. Eloise pode lhe mostrar o caminho.

Foi a coisa errada a dizer. Nenhum dos irmãos gostou de ser lembrado de que Eloise ficara ali por tempo suficiente para conhecer toda a casa.

Anthony e ela saíram da sala sem dizer uma palavra, deixando Phillip sozinho com os outros.

– Vocês se importam que eu me sente? – perguntou Phillip, suspeitando que ficaria ali preso na sala de jantar por um bom tempo.

– Vá em frente – disse Colin, de maneira expansiva.

Benedict e Gregory continuavam a olhar irritados para ele. Phillip notou que Colin também não parecia muito interessado em começar uma amizade. Ele podia ter sido um pouco mais agradável que os irmãos, mas seus olhos revelavam uma aguda perspicácia que Phillip sabia que não deveria subestimar.

– Por favor, sirvam-se – falou Phillip, indicando a comida que ainda estava na mesa.

Benedict e Gregory fecharam a cara como se ele tivesse lhes oferecido veneno, mas Colin sentou-se à sua frente e pegou um pãozinho crocante do prato.

– Esses pães são ótimos – comentou Phillip, embora não tivesse tido a chance de prová-los naquela noite.

– Que bom – murmurou Colin, dando uma mordida. – Estou faminto.

– Como você pode pensar em comida neste momento? – perguntou Gregory, com raiva.

– Eu sempre penso em comida – retrucou Colin, correndo os olhos pela mesa até encontrar a manteiga. – Em que mais deveria pensar?

– Na sua esposa – disse Benedict.

– Ah, sim, minha esposa – falou Colin, assentindo com a cabeça. Então olhou para Phillip com ar severo e acrescentou: – Se quer saber, eu preferiria passar a noite com ela.

Phillip não conseguia pensar numa resposta que não soasse como um insulto à ausente Sra. Bridgerton, então apenas assentiu e passou manteiga num pão.

Colin deu uma grande mordida e então falou com a boca cheia, o desrespeito à etiqueta um claro insulto ao anfitrião.

– Estamos casados há apenas algumas semanas.

Phillip ergueu uma das sobrancelhas de maneira indagadora.

– Ainda somos recém-casados.

Phillip fez que sim, uma vez que parecia ser necessário algum tipo de resposta.

Colin se inclinou para a frente.

– Eu, *com certeza*, não queria ter deixado a minha esposa.

– Compreendo – murmurou Phillip, já que, sinceramente, o que mais poderia falar?

– Entendeu o que ele quis dizer? – perguntou Gregory.

Colin lançou um olhar gélido para o irmão, que claramente era jovem demais para ter dominado a arte das nuances e do discurso prudente. Phillip esperou Colin virar de volta para a mesa, ofereceu-lhe um prato de aspargos (que ele aceitou) e então retrucou:

– Entendi que você está sentindo falta de sua esposa.

Após um instante de silêncio, Colin olhou com desdém para o irmão e depois respondeu:

– Estou mesmo.

Phillip fitou Benedict, já que ele era o único que não tinha se envolvido na última discussão.

Mas foi um grande erro. Benedict flexionava as mãos, parecendo ainda se arrepender por não tê-lo estrangulado quando tivera chance.

Phillip, então, desviou o olhar para Gregory, que estava com os braços cruzados no peito com uma expressão furiosa. Seu corpo inteiro praticamente tremia de raiva, talvez direcionada a Phillip, talvez à sua família, que vinha tratando-o como um garotinho a noite toda. O olhar de Phillip não foi bem recebido. Gregory projetou o queixo para a frente, irritado, trincou os dentes e…

E Phillip já tinha visto o bastante, então virou de volta para Colin.

Ele ainda estava comendo, tendo de algum jeito convencido os criados a lhe trazerem uma tigela de sopa. Mas havia abaixado a colher e examinava a outra mão, flexionando indolentemente um dedo a cada palavra que pronunciava, esticando-o em seguida na direção de Phillip.

– Sinto. Falta. Da. Minha. Esposa.

– Mas que droga! – finalmente explodiu Phillip. – Se vocês pretendem quebrar as minhas pernas, podem fazer logo isso?

CAPÍTULO 10

… você nunca saberá como é desafortunada, querida Penelope, por só ter irmãs. Irmãos são sempre mais divertidos.

– de Eloise Bridgerton para Penelope Featherington,
após um passeio à meia-noite no Hyde Park
com os três irmãos mais velhos

– Estas são as suas opções – disse Anthony, sentado atrás da escrivaninha de Phillip como se fosse dono do lugar. – Você pode se casar com ele em uma ou duas semanas.

Eloise abriu a boca, espantada.

– Anthony!

– Você espera que eu sugira outra opção? – perguntou ele tranquilamente. – Acredito que possamos aumentar para três semanas, se tiver uma razão bastante convincente.

Eloise detestava quando ele falava assim, como se fosse prudente e sensato, e ela não passasse de uma criança teimosa. Era melhor quando Anthony gritava e esbravejava. Então, pelo menos, ela podia fingir que ele estava louco e que ela era uma pobre e maltratada inocente.

– Não vejo por que você se oporia – continuou ele. – Não veio até aqui com a intenção de se casar com ele?

– Não! Vim aqui para *descobrir* se ele era o homem certo para me casar.

– E é?

– Não sei. Só estou aqui há dois dias.

– E, ainda assim, é tempo mais do que suficiente para arruinar sua reputação – comentou Anthony, examinando as unhas à fraca luz das velas.

– Alguém sabe que eu viajei? – perguntou ela rapidamente. – Além da nossa família, é claro.

– Ainda não – admitiu ele –, mas as pessoas vão acabar descobrindo. Isso

sempre acontece.

– Era para haver uma acompanhante… – disse Eloise, carrancuda.

– É mesmo? – indagou ele em um tom casual, como se estivesse perguntando se teriam carneiro para o jantar.

– Ela chegará em breve.

– Hum… Foi uma pena para ela eu ter chegado primeiro.

– Uma pena para todo mundo – resmungou Eloise.

– O que você disse? – perguntou ele, mas em um tom que deixava bem claro que tinha ouvido cada palavra.

– Anthony – disse ela, e o nome dele saiu como uma súplica, ainda que Eloise não soubesse muito bem pelo que estava implorando.

Anthony virou para ela com um olhar tão fulminante que só então Eloise percebeu que deveria ter ficado grata por ele antes estar fingindo examinar as unhas.

Ela deu um passo para trás. Qualquer um teria feito o mesmo se confrontasse Anthony Bridgerton com tanta fúria.

Mas, quando ele falou, sua voz soou calma e controlada:

– Você fez uma bela cama para si mesma. Agora terá que se deitar nela.

– Você me obrigaria a casar com um homem que não conheço? – sussurrou Eloise.

– Não conhece? – perguntou Anthony. – Você parecia conhecê-lo muito bem lá na sala de jantar. E pulou em defesa dele em cada oportunidade possível.

Anthony a estava encurralando, e isso a enlouquecia.

– Não é o suficiente para me casar com ele – insistiu ela. – Pelo menos não ainda.

Mas Anthony não era do tipo que facilitava as coisas.

– Se não agora, então quando? Em uma semana? Duas?

– Pare! – explodiu ela, querendo tapar os ouvidos. – Não consigo pensar.

– Você *não pensa* – corrigiu ele. – Se tivesse parado um minuto para pensar, para usar essa minúscula parte do seu cérebro reservada ao bom senso, nunca teria fugido.

Ela cruzou os braços e desviou o olhar. Não tinha nenhum argumento, e isso a matava.

– O que você vai fazer, Eloise? – perguntou Anthony.

– Não sei – murmurou ela, detestando como soava idiota ao dizer isso.

– Bem, isso nos deixa em uma situação difícil, não é mesmo? – continuou ele, ainda com aquela detestável voz sensata.

– Você não pode simplesmente dizer o que quer dizer? – indagou ela, cerrando os punhos. – Precisa terminar cada frase com uma pergunta?

Ele sorriu sem uma pitada de humor.

– E eu aqui achando que você gostaria que pedíssemos sua opinião.

– Você está sendo condescendente e sabe disso.

Ele se inclinou para a frente, os olhos brilhando de fúria.

– Você faz ideia de como estou me esforçando para não perder o controle?

Eloise achou melhor não arriscar um palpite.

Anthony, então, se levantou e disse:

– Você fugiu no meio da noite sem dizer uma palavra, sem nem mesmo deixar um bilhete…

– Eu deixei um bilhete!

Ele a encarou com uma clara expressão de descrença.

– Deixei! – insistiu Eloise. – Deixei na mesinha lateral do hall da frente. Ao lado do vaso chinês.

– E esse misterioso bilhete dizia…

– Dizia para não se preocuparem, que eu estava bem e entraria em contato com vocês dentro de um mês.

– Ah, *isso* teria me tranquilizado – retrucou Anthony, com deboche.

– Não sei por que vocês não acharam – murmurou ela. – O bilhete provavelmente se perdeu em meio a uma pilha de convites.

– Achamos que você tivesse sido sequestrada – continuou Anthony, dando um passo na direção dela.

Eloise ficou pálida. Nunca havia lhe passado pela cabeça que sua família pensaria uma coisa dessas. Nunca tinha lhe ocorrido que seu bilhete poderia se extraviar.

– Você sabe o que a mamãe fez? – perguntou Anthony, a voz profundamente séria. – *Depois* de quase morrer de preocupação?

Eloise balançou a cabeça em negativa, temendo a resposta.

– Ela foi ao banco – prosseguiu Anthony. – Sabe por quê?

– Você pode parar com isso e me dizer logo? – falou Eloise, cansada.

Detestava aquelas perguntas.

– Nossa mãe foi até lá – respondeu Anthony, caminhando até Eloise de maneira ameaçadora – verificar se todos os fundos dela estavam em ordem para que pudesse retirá-los *caso precisasse pagar seu resgate*!

Eloise se encolheu diante da fúria do irmão mais velho. Quis dizer de novo que tinha deixado um bilhete, mas sabia que ele interpretaria da maneira errada. Ela agira mal, tinha sido uma tola, e não queria piorar tudo tentando amenizar o que fizera.

– Foi Penelope quem enfim calculou o que você tinha feito – continuou Anthony. – Pedimos que ela procurasse alguma pista em seu quarto, já que provavelmente passou mais tempo lá do que qualquer um de nós.

Eloise assentiu. Penelope sempre fora sua melhor amiga. Ainda era, na verdade, mesmo tendo se casado com Colin. Elas haviam passado inúmeras horas juntas em seu quarto, falando sobre todos os assuntos. As cartas de Phillip eram a única coisa que Eloise mantivera em segredo.

– Onde ela encontrou o envelope? – perguntou Eloise.

Não que tivesse alguma importância, mas ela não conseguia evitar a curiosidade.

– Caído atrás da sua escrivaninha. – Anthony cruzou os braços. – Junto com uma flor prensada.

Fazia sentido.

– Ele é botânico – sussurrou ela.

– O que disse?

– Ele é botânico – repetiu ela, mais alto. – Sir Phillip. Ele se formou em Cambridge entre os primeiros da turma. E teria seguido a carreira acadêmica se o irmão não tivesse morrido em Waterloo.

Anthony assentiu, ponderando aquilo, e o fato de Eloise saber a respeito.

– Se você me disser que ele é um homem cruel, que irá bater em você, insultá-la ou humilhá-la, não a obrigarei a se casar. Mas, antes de falar, quero que pense nas minhas palavras. Você é uma Bridgerton. Não me importa com quem vá se casar ou qual será seu nome depois que disser seus votos diante de um padre. Você sempre será uma Bridgerton, e nós nos comportamos com honra e honestidade, não porque esperam isso de nós, mas porque *é assim que somos*.

Eloise concordou, engolindo em seco enquanto tentava controlar as lágrimas

que ardiam em seus olhos.

– Então vou lhe perguntar agora – continuou ele. – Existe alguma razão para que você não possa se casar com Sir Phillip Crane?

– Não – sussurrou ela, sem ao menos hesitar.

Ela não estava preparada para aquilo, ainda não se sentia pronta para o casamento, mas não macularia a verdade hesitando para responder.

– Achei que não – retrucou Anthony.

Ela ficou parada, quase sem ânimo, sem saber direito o que fazer ou dizer em seguida. Virou-se, consciente de que o irmão sabia que ela estava chorando, mas sem querer que ele visse suas lágrimas.

– Eu me caso com ele – falou, engasgando-se com as palavras. – É só que… eu queria…

Anthony ficou em silêncio por um instante, respeitando a angústia da irmã, mas quando viu que ela não conseguia continuar, perguntou:

– O que você queria, Eloise?

– Eu queria um casamento por amor – respondeu ela, tão baixo que mal se ouviu.

– Entendo – retrucou Anthony, sua audição excelente como sempre. – Você deveria ter pensado nisso antes de fugir, não é mesmo?

Ela o odiou naquele momento.

– Você se casou por amor. Deveria entender.

– *Eu* – disse ele num tom de voz que indicava que não estava gostando nem um pouco de vê-la tentando mudar o foco da conversa para ele – me casei depois que eu e minha mulher fomos pegos em uma situação comprometedora pela maior fofoqueira da Inglaterra.

Eloise soltou o ar demoradamente, sentindo-se estúpida. Já fazia tantos anos que Anthony havia se casado que ela se esquecera das circunstâncias.

– Eu não a amava quando nos casamos, ou – acrescentou ele, sua voz ficando mais suave, mais rouca e nostálgica –, se amava, ainda não havia percebido.

Eloise fez que sim.

– Você teve muita sorte – falou, desejando saber se teria tanta sorte assim com Phillip.

E então Anthony a surpreendeu ao não repreendê-la nem censurá-la. Tudo o que disse foi:

– Sei disso.

– Eu me senti perdida – sussurrou ela. – Quando Penelope e Colin se casaram… – Eloise afundou numa cadeira e apoiou a cabeça nas mãos. – Sou uma pessoa horrível. Devo ser muito superficial e horrível, porque, quando eles se casaram, só conseguia pensar em mim mesma.

Anthony suspirou e foi se agachar ao lado dela.

– Você não é uma pessoa horrível, Eloise. Sabe disso.

Ela levantou o rosto para fitá-lo, perguntando-se quando aquele homem, seu irmão, tinha se tornado tão sábio. Se Anthony tivesse gritado mais uma palavra, passado mais um minuto falando com Eloise com aquela voz debochada, ela teria ficado arrasada. Ou teria se revoltado mais ainda. De um jeito ou de outro, algo entre os dois teria se quebrado.

Mas ali estava Anthony – justo ele, que era arrogante, orgulhoso e, sem dúvida alguma, o nobre astuto que nascera para ser – ajoelhado ao seu lado, com a mão sobre as dela, falando com uma ternura que quase lhe partiu o coração.

– Fiquei feliz por eles – disse Eloise. – *Estou* feliz por eles.

– Sei que está.

– Mas não deveria ter sentido nada além de alegria.

– Se fosse assim, não seria humana.

– Penelope se tornou minha *irmã* – observou ela. – Eu deveria ter ficado feliz.

– Você não disse que estava?

Ela assentiu.

– E estou. Sinceramente. Não estou falando da boca para fora.

Anthony abriu um sorriso carinhoso e esperou que Eloise continuasse.

– É que de repente me senti tão sozinha, e tão *velha*. – Ela olhou para ele, perguntando-se se o irmão conseguiria entender. – Nunca pensei que seria deixada para trás.

Ele riu.

– Eloise Bridgerton, creio que *nunca* alguém cometeria o erro de deixá-la para trás.

Ela sentiu os lábios se curvarem em um sorriso trêmulo, admirada por ver que justamente seu irmão podia lhe dizer a coisa certa.

– Acho que nunca pensei que um dia seria mesmo uma solteirona –

continuou. – Ou acreditava que, se viesse a ser, pelo menos Penelope estaria na mesma situação. Não foi muito gentil de minha parte, e acho que não cheguei a pensar muito sobre isso, mas…

– Mas foi o que aconteceu – disse ele, fazendo a gentileza de concluir o pensamento dela. – Acho que nem Penelope pensou que se casaria. E, para ser sincero, duvido que Colin também tivesse previsto isso. O amor às vezes chega sem ser notado, sabe?

Eloise concordou, perguntando-se se isso poderia ocorrer com ela. Provavelmente não. Ela era do tipo de pessoa que precisaria que o amor batesse com força em sua cabeça para que o percebesse.

– Estou feliz que eles tenham se casado – disse Eloise.

– Sei que está. Eu também estou.

– Sir Phillip… – prosseguiu ela, fazendo um gesto na direção da porta, embora ele estivesse longe dali, lá na sala de jantar. – Fazia mais de um ano que estávamos nos correspondendo. Então ele falou em casamento. Tocou no assunto de maneira bastante prática. Não pediu minha mão, só perguntou se eu gostaria de fazer uma visita para ver se nós nos daríamos bem. Disse a mim mesma que ele estava louco, que eu não poderia nem pensar numa proposta como essa. Quem se casaria com alguém que não conhece? – Ela abriu um sorriso trêmulo. – Mas então Colin e Penelope anunciaram o noivado. Foi como se meu mundo inteiro virasse de cabeça para baixo. Foi nesse momento que comecei a pensar a respeito. Toda vez que olhava para a minha escrivaninha, para a gaveta em que guardava as cartas dele, era como se elas me chamassem.

Anthony não disse nada, só apertou a mão dela, como se entendesse.

– Eu tinha de fazer alguma coisa – continuou Eloise. – Não podia mais ficar sentada vendo a vida passar.

Ele deixou escapar uma risada.

– Eloise, essa é a última coisa com que eu me preocuparia se fosse você.

– Anth…

– Não, deixe-me terminar. Você é uma pessoa especial, minha irmã. A vida nunca *passa* para você. Acredite em mim. Eu a vi crescer, e tive de ser seu pai em várias vezes em que só queria ser seu irmão.

Os lábios dela se entreabriram e Eloise sentiu um aperto no peito. Ele estava certo. *Tinha* sido um pai para ela. Era um papel que nenhum dos dois queria para

ele, mas que Anthony havia desempenhado durante anos, sem reclamar.

Foi a vez dela de apertar a mão dele, não porque o amava, mas porque só agora havia percebido quantas coisas ele fizera por ela.

– *Você* faz a vida acontecer, Eloise – continuou ele. – Você sempre tomou suas decisões, sempre esteve no controle. Às vezes pode não parecer, mas é verdade.

Ela fechou os olhos por um instante e balançou a cabeça enquanto dizia:

– Bem, eu estava tentando tomar minhas próprias decisões quando vim para cá. Parecia um bom plano.

– E talvez você descubra que foi mesmo um bom plano – retrucou Anthony em voz baixa. – Sir Phillip parece um bom homem.

Eloise não pôde esconder sua irritação.

– E você deduziu isso enquanto estava com as mãos em volta do pescoço dele.

Anthony olhou para ela com ar superior.

– Você ficaria surpresa com o que um homem consegue deduzir sobre outro enquanto estão lutando.

– Você chama aquilo de luta? Eram quatro contra um!

Ele deu de ombros.

– Nunca falei que era uma luta *justa*.

– Você não tem jeito.

– Engraçado ouvir isso de você, considerando o que fez.

Eloise sentiu o rosto corar.

– Muito bem – disse Anthony, o tom enérgico indicando uma mudança de assunto. – Eis o que vamos fazer.

E Eloise sabia que teria que obedecer ao que quer que fosse, de tão decidido que Anthony estava.

– Você fará as malas agora mesmo, depois vamos para a casa de Benedict e ficaremos lá por uma semana – decretou Anthony.

Eloise assentiu. A casa de Benedict ficava não muito longe de Romney Hall, em Wiltshire. Ele morava lá com a esposa, Sophie, e os três filhos. Não era particularmente grande, mas bem confortável, e com certeza havia espaço suficiente para mais alguns Bridgertons.

– Sir Phillip poderá nos visitar todos os dias – continuou Anthony, e Eloise

sabia que suas palavras queriam dizer “Sir Phillip *irá* nos visitar todos os dias”.

Ela concordou mais uma vez.

– Se, no fim da semana, eu decidir que ele é bom o bastante para se casar com minha irmã, é isso que você fará. Imediatamente.

– Você tem certeza de que pode julgar o caráter de um homem em uma semana?

– É raro levar mais tempo que isso – declarou Anthony. – E, se eu ainda não tiver me decidido, esperaremos mais uma semana.

– Sir Phillip pode não querer se casar comigo – observou Eloise, sentindo que devia salientar a questão.

Anthony encarou-a com firmeza.

– Ele não tem essa opção.

Ela engoliu em seco.

Anthony ergueu uma das sobrancelhas de maneira arrogante.

– Estamos entendidos?

Ela assentiu com a cabeça. O plano dele parecia razoável – mais razoável, na verdade, do que os outros irmãos teriam permitido –, e, se algo desse terrivelmente errado, se ela chegasse à conclusão de que não poderia mesmo se casar com Sir Phillip, bem, então tinha uma semana para descobrir como sair dessa. Muita coisa podia acontecer em sete dias.

Como os sete anteriores, por exemplo.

– Vamos voltar para a sala de jantar? – sugeriu Anthony. – Imagino que esteja com fome e, se demorarmos mais, Colin conseguirá acabar com toda a comida da casa do nosso anfitrião.

Eloise concordou.

– Isso se a esta altura eles já não o tiverem matado.

Anthony parou um instante para pensar.

– Isso me pouparia das despesas de um casamento.

– Anthony!

– Brincadeira, Eloise – disse, balançando a cabeça com um ar cansado. – Mas venha. Vamos ver se Sir Phillip ainda está no mundo dos vivos.

~

– E então – dizia Benedict quando Anthony e Eloise apareceram – a empregada

da taberna chegou, e ela tinha os *maiores*…

– Benedict! – exclamou Eloise.

Benedict olhou para a irmã com a expressão carregada de culpa, recolheu depressa as mãos que demonstravam o tamanho dos dotes claramente exagerados da mulher e murmurou:

– Desculpe.

– Você é casado – repreendeu Eloise.

– Mas não cego – disse Colin com um sorriso malicioso.

– Você também é casado! – censurou ela.

– Mas não cego – repetiu ele.

– Eloise, é simplesmente impossível não ver certas coisas – acrescentou Gregory com um ar de condescendência mais irritante que ela já tinha ouvido. – Sobretudo quando se é homem.

– É verdade – admitiu Anthony. – Eu também vi.

Eloise estava sem fala, olhando de irmão para irmão, em busca de um pouco de sanidade em meio àquela vergonhosa loucura. Seus olhos enfim chegaram a Phillip, que, ao que parecia, além de estar ligeiramente embriagado, tinha criado laços permanentes com seus irmãos durante o pouco tempo em que ela se ausentara com Anthony.

– Sir Phillip? – chamou ela, esperando que ele dissesse algo aceitável.

Mas Phillip apenas esboçou um sorriso ébrio e retrucou:

– Sei de quem eles estão falando. Já fui àquela taberna algumas vezes. Lucy é muito famosa por estas bandas.

– Até eu já ouvi falar dela – comentou Benedict, balançando a cabeça. – Moro a apenas uma hora daqui, a cavalo. Menos, se for a toda velocidade.

Gregory se inclinou em direção a Phillip, os olhos azuis brilhando de interesse quando perguntou:

– Então você chegou a…? Alguma vez?

– Gregory! – exclamou Eloise, quase gritando.

Aquilo já era demais. Seus irmãos nunca deveriam falar sobre tais assuntos na frente dela. Além do mais, a última coisa que queria saber era se Sir Phillip tinha se deitado com a garota da taberna que tinha seios do tamanho de melões.

Mas Sir Phillip apenas balançou a cabeça, fazendo que não.

– Ela é casada – disse ele. – Assim como eu era.

Anthony virou para Eloise e sussurrou no ouvido dela:

– Ele vai servir.

– Fico feliz que você tenha padrões tão altos para sua amada irmã – murmurou ela.

– Eu lhe disse – observou Anthony. – Eu vi Lucy. Esse é um homem que sabe se controlar.

Ela colocou as mãos nos quadris e fitou o irmão mais velho bem nos olhos.

– *Você* ficou tentado?

– É claro que não! Kate cortaria minha garganta.

– Não estou falando sobre o que Kate faria se descobrisse que você pulou a cerca, embora eu acredite que ela não fosse começar por sua garganta…

Anthony se encolheu. Ele sabia que era verdade.

– Quero saber se ficou tentado – acrescentou Eloise.

– Não – admitiu ele, balançando a cabeça. – Mas não conte a ninguém. Afinal, eu era considerado uma espécie de garanhão. Não quero que as pessoas pensem que fui completamente domado.

– Você é terrível.

Ele sorriu.

– Ainda assim, minha esposa é louca por mim, e é só isso que importa, não é?

Eloise achava que ele estava certo, e suspirou.

– O que você vai fazer com eles? – perguntou ela, indicando o quarteto sentado à mesa de jantar, cheia de pratos vazios.

Phillip, Benedict e Gregory estavam recostados, relaxando, e pareciam bem satisfeitos. Colin ainda não tinha terminado de comer.

Anthony deu de ombros.

– Não sei o que você quer fazer, mas eu vou me juntar a eles.

Eloise ficou parada junto à porta, vendo-o se sentar e se servir de um pouco de vinho. Felizmente eles tinham deixado de falar sobre Lucy e seus seios imensos, e agora conversavam sobre boxe. Ao menos ela achava que estavam falando sobre boxe. Phillip demonstrava um tipo de golpe de mão para Gregory.

Então deu um soco no rosto dele.

– Desculpe – disse Phillip, batendo de leve nas costas do jovem. Mas Eloise percebeu que ele erguia ligeiramente o canto direito da boca em um sorriso. –

Não vai doer por muito tempo, tenho certeza. O *meu* queixo já está bem melhor.

Gregory grunhiu que não tinha doído, mas continuava esfregando o queixo assim mesmo.

– Sir Phillip? – chamou Eloise. – Posso falar com você um minuto?

– É claro – retrucou ele, levantando-se no mesmo instante para ir até ela. – Algum problema?

– Fiquei com medo de que eles o matassem – sibilou ela.

– Ah. – Ele abriu um sorriso ébrio. – Não mataram.

– Estou vendo que não. O que houve?

Phillip olhou para a mesa. Anthony comia o pouco que Colin deixara (sem dúvida por não ter percebido que ainda havia algo) e Benedict inclinava a cadeira para trás, tentado equilibrá-la em duas pernas. Gregory cantarolava baixinho, os olhos fechados enquanto sorria extasiado, provavelmente pensando em Lucy, ou, mais provavelmente ainda, em certas partes grandes e macias de Lucy.

Então, Phillip se virou de volta para ela e deu de ombros.

– Quando foi que vocês se tornaram amigos de infância? – perguntou Eloise, com paciência exagerada.

– Ah – disse ele, balançando a cabeça. – Foi uma coisa engraçada, na verdade. Eu pedi a eles que quebrassem minhas pernas.

Eloise ficou olhando para ele boquiaberta. Jamais entenderia os homens. Como tinha quatro irmãos, deveria entendê-los melhor do que a maioria das mulheres. Talvez tivesse levado todos os seus 28 anos para perceber isso, mas os homens eram realmente criaturas muito estranhas.

Phillip deu de ombros de novo.

– Acho que isso quebrou o gelo.

– Claro.

Enquanto os dois se olhavam, Eloise notou que Anthony não parava de observá-los. Então, de repente, Phillip pareceu ficar sóbrio.

– Vamos ter que nos casar – falou.

– Eu sei.

– Eles vão mesmo quebrar minhas pernas se eu não fizer isso.

– Não fariam apenas isso, mas ainda assim uma dama gostaria de pensar que foi escolhida por outra razão que não a integridade óssea de alguém –

resmungou ela.

Phillip piscou, sem saber o que dizer.

– É isso mesmo – murmurou ela. – Sou muito sincera.

– Certo – disse ele devagar, da maneira como os homens costumam fazer quando estão sem palavras.

– Ou, se não por *outra* razão, pelo menos por uma razão *além dessa* – completou Eloise, procurando desesperadamente algo que pudesse ser interpretado como um elogio, ainda que de forma vaga.

– Certo – repetiu ele, assentindo, mas ainda sem dizer mais nada.

Ela estreitou os olhos.

– Quantas taças de vinho você bebeu?

– Só três. – Então ele parou e pensou um pouco. – Talvez quatro.

– Taças? Ou garrafas?

Phillip não parecia saber a resposta.

Eloise olhou para a mesa. Havia quatro garrafas de vinho espalhadas em meio aos restos da ceia. Três estavam vazias.

– Eu não demorei muito – disse ela.

Ele deu de ombros.

– Ou eu bebia com eles ou deixava que quebrassem minhas pernas. Pareceu-me uma decisão bem simples.

– Anthony! – chamou ela.

Já estava farta de Phillip. Aliás, estava farta de tudo: dos homens, de casamento, de pernas quebradas e garrafas de vinho vazias. Mas, sobretudo, estava farta de si mesma, de sentir que tinha tão pouco controle sobre a própria vida.

– Quero ir embora – falou.

Anthony fez que sim e resmungou alguma coisa, ainda mastigando o único pedaço de frango que Colin deixara.

– *Agora*, Anthony.

Ele deve ter ouvido a voz dela falhar, porque se levantou imediatamente e disse:

– É claro.

Em toda a sua vida, Eloise nunca ficara tão feliz em ver o interior de uma carruagem.

CAPÍTULO 11

… não consigo suportar um homem que bebe demais. E é por isso que sei que você vai entender por que não pude aceitar o pedido de lorde Westcott.

– de Eloise Bridgerton para seu irmão Benedict, quando recusou o segundo pedido de casamento

– Não! – exclamou Sophie Bridgerton, a delicada e quase etérea esposa de Benedict. – Eles não fizeram isso!

– Fizeram – disse Eloise, em um tom amargo, enquanto se reclinava na cadeira do jardim e tomava um copo de limonada. – E então todos eles ficaram bêbados!

– Mas que droga – murmurou Sophie, fazendo Eloise perceber que o que a deixara realmente farta na noite anterior fora aquele companheirismo ridículo entre os homens.

Obviamente ela só precisava de uma mulher sensata com quem pudesse falar mal deles.

Sophie fechou a cara.

– Não me diga que estavam falando daquela pobre Lucy de novo.

Eloise engasgou.

– Você sabe dela?

– Todo mundo sabe. Não dá para *deixar* de notá-la quando se cruza com ela na rua.

Eloise parou e tentou imaginá-la, mas não conseguiu.

– Verdade seja dita, sinto pena dela – sussurrou Sophie mesmo não tendo ninguém por perto que pudesse ouvir. – Toda aquela atenção não desejada… e, bem, isso não deve fazer bem para as costas dela.

Eloise tentou conter a risada, mas acabou deixando escapar.

– Posy chegou até a perguntar a ela uma vez sobre isso!

Eloise ficou boquiaberta. Posy era a meia-irmã de Sophie, que havia morado muitos anos com os Bridgertons antes de se casar com o alegre vigário que vivia a pouco menos de 10 quilômetros de Benedict e Sophie. Ela também era a pessoa mais gentil que Eloise conhecia, e, se existia alguém que faria amizade com uma funcionária casada e de seios enormes da taberna, seria ela.

– Ela é da paróquia de Hugh – explicou Sophie, referindo-se ao marido de Posy. – Então é claro que acabaram se conhecendo.

– O que ela disse? – quis saber Eloise.

– Posy?

– Não. Lucy.

– Ah, eu não sei. – Sophie amarrou a cara. – Posy não me contou, acredita? Acho que Posy nunca teve segredos para mim, mas falou que não poderia trair a confiança de uma paroquiana.

Eloise achou que era bastante nobre da parte de Posy.

– Isso não me preocupa, é claro – disse Sophie, com toda a segurança de uma mulher que sabe que é amada. – Benedict nunca me trairia.

– É claro que não – concordou Eloise rapidamente.

A história de amor de Benedict e Sophie era lendária em sua família. E tinha sido uma das muitas razões para Eloise ter recusado tantos pedidos de casamento. Ela queria aquele tipo de amor, paixão e drama. Queria mais do que "Eu tenho três casas, dezesseis cavalos e 42 cães de caça", que foi o que um de seus pretendentes lhe disse ao pedir sua mão.

– Mas não acho que seja pedir muito querer que ele fique de boca fechada quando ela passa – continuou Sophie.

Eloise estava a assentir com veemência quando viu Sir Phillip atravessar o gramado em sua direção.

– É ele? – perguntou Sophie, sorrindo.

Eloise confirmou.

– Ele é muito bonito.

– É, acho que sim – disse Eloise, devagar.

– Acha que sim? – Sophie bufou, impaciente. – Não banque a tímida comigo, Eloise Bridgerton. Já fui sua criada, e conheço você melhor do que ninguém.

Eloise se conteve e não ressaltou que Sophie só tinha sido sua criada por duas semanas antes que ela e Benedict caíssem em si e decidissem se casar.

– Está bem, ele é bonito para quem gosta do tipo rural e rústico – consentiu Eloise.

– E você gosta – disse Sophie, atrevidamente.

Eloise sentiu o rosto corar.

– Talvez – murmurou.

– E ele trouxe flores – observou Sophie, em tom de aprovação.

– Ele é botânico – retrucou Eloise.

– O que não torna o gesto menos gentil.

– Não, só mais fácil.

– Eloise, pare com isso agora mesmo – ordenou Sophie, de maneira reprovadora.

– Parar o quê?

– De tentar tirar o pobre homem do páreo antes que ele tenha alguma chance.

– Eu não estava fazendo isso – protestou Eloise, mas percebeu que mentia no instante em que as palavras saíram de seus lábios.

Detestava ver sua família decidindo sua vida, não importava quão boas fossem suas intenções, e isso a deixava mal-humorada e sem nenhum espírito cooperativo.

– Bem, acho que as flores são um gesto muito gentil – declarou Sophie, decidida. – Mesmo que ele tenha oito mil variedades disponíveis, o que conta é ter se lembrado de trazê-las.

Eloise fez que sim, odiando a si mesma. Queria se sentir melhor, queria estar toda sorridente, alegre e otimista, mas não conseguia.

– Benedict não me contou todos os detalhes – continuou Sophie, ignorando a angústia de Eloise. – Você sabe como são os homens. Eles nunca falam o que você quer saber.

– O que você quer saber?

Sophie olhou para Sir Phillip, calculando quanto tempo tinha até ele chegar aonde estavam.

– Bem, em primeiro lugar, é verdade que você não o conhecia antes de fugir?

– Pessoalmente, não – admitiu Eloise.

A história soava tão ridícula quando ela a recontava… Quem pensaria que ela, uma Bridgerton, fugiria para se encontrar com um homem que nunca tinha visto?

– Bem, se no fim tudo der certo, será uma linda história de amor – disse Sophie.

Eloise engoliu em seco, sentindo-se desconfortável. Ainda era muito cedo para saber “se no fim tudo daria certo”. Ela suspeitava – não, na verdade sabia – que se casaria com Sir Phillip, mas quem poderia prever que tipo de relação teriam? Ela não o amava, ainda não, pelo menos, e ele também não a amava. Eloise chegara a pensar que isso não seria um problema, mas agora que estava ali em Wiltshire, tentando não prestar atenção na maneira como Benedict olhava para Sophie, começava a se perguntar se tinha cometido um erro terrível.

E ela queria mesmo se casar com um homem cujo principal interesse era arrumar uma mãe para os filhos?

Se alguém não encontra o amor, é melhor então que fique sozinho?

Infelizmente, o único modo de responder a essas perguntas era se casar com Sir Phillip e ver o que iria acontecer. E se as coisas não fossem bem…

Ela estaria presa a ele.

A maneira mais fácil de escapar de um casamento era a morte, isso era algo em que Eloise nem pensava.

– Srta. Bridgerton.

Phillip estava de pé à sua frente, oferecendo-lhe um buquê de orquídeas brancas.

– Para você – disse ele.

Eloise sorriu, encorajada pela tontura e o ligeiro nervosismo que sentiu ao vê-lo de perto.

– Obrigada – murmurou, pegando o buquê e cheirando as flores. – São lindas.

– Onde você encontrou orquídeas? – perguntou Sophie. – Elas são tão raras…

– Eu as cultivo – respondeu ele. – Tenho uma estufa.

– Ah, é verdade – disse Sophie. – Eloise falou que você é botânico. Eu também gosto de cultivar flores, embora deva confessar que, na maioria das vezes, não tenha a menor ideia do que estou fazendo. Tenho certeza que nossos caseiros me consideram a ruína de sua vida.

Eloise pigarreou, consciente de que ainda não tinha feito as apresentações.

– Sir Phillip, essa é a esposa de Benedict, Sophie – disse ela, com um gesto

em direção à cunhada.

Ele cumprimentou-a com um beijo na mão e murmurou:

– Sra. Bridgerton.

– Estou muito feliz em conhecê-lo – falou Sophie, da maneira mais gentil possível. – E, por favor, me chame pelo primeiro nome. Sei que já chama Eloise pelo dela e, além disso, parece que você já é quase um membro da família.

Eloise corou.

– Ah! – exclamou Sophie, imediatamente constrangida. – Não quis dizer isso em relação a você, Eloise. Eu nunca presumiria… Ah, meu Deus. Falei isso porque os homens… – As bochechas de Sophie ficaram muito vermelhas e ela baixou os olhos em direção às próprias mãos. – Bem, soube que havia muito vinho no jantar – murmurou ela.

Phillip pigarreou.

– Um detalhe que prefiro não lembrar.

– Só o fato de você lembrar já é notável – comentou Eloise docemente.

Phillip olhou para ela com uma expressão que indicava que não tinha sido enganado pelo tom meloso.

– Você é muito gentil.

– Está com dor de cabeça? – quis saber Eloise.

Ele se encolheu.

– Morrendo de dor de cabeça.

Ela devia ter ficado preocupada. Devia ter sido gentil, principalmente por ele ter se dado o trabalho de lhe levar orquídeas raras. Mas não podia deixar de pensar que aquilo era mais do que merecido, então disse (em voz baixa, mas ainda assim disse):

– Que bom.

– Eloise! – reprovou Sophie.

– E Benedict, como está? – perguntou Eloise à cunhada, de forma amável.

Sophie suspirou.

– Passou a manhã toda com um mau humor terrível, e Gregory ainda nem saiu da cama.

– Pelo visto, comparado a eles eu estou muito bem – comentou Phillip.

– Exceto por Colin – atalhou Eloise. – Ele nunca sofre os efeitos posteriores do álcool. E, é claro, Anthony, que não bebeu muito.

– Um homem de sorte.

– Aceita algo para beber, Sir Phillip? – perguntou Sophie, endireitando o chapéu para que cobrisse melhor seus olhos. – Algo benigno e não intoxicante, é claro, dadas as circunstâncias. Posso pedir que alguém lhe traga uma limonada.

– Isso seria ótimo. Obrigado.

Ele observou Sophie se levantar e subir o caminho ligeiramente inclinado que levava até a casa, então se sentou no lugar dela, de frente para Eloise.

– É bom ver você – disse Phillip, pigarreando.

Ele não fazia o tipo falante, e agora não estava sendo diferente, apesar das circustâncias incomuns que os levaram àquele momento.

– É bom vê-lo também – murmurou ela.

Phillip se remexeu na cadeira. Era pequena demais para ele; a maioria era.

– Preciso me desculpar pelo meu comportamento ontem à noite – disse ele, com um ar formal.

Eloise fitou os olhos escuros de Phillip por um instante antes de desviar o olhar para o gramado ao lado dele. Ele parecia estar sendo sincero. Ela não o conhecia bem – com certeza não o suficiente para se casar, embora isso não estivesse mais em questão –, mas ele não aparentava ser do tipo que finge se desculpar. De qualquer forma, ela não estava pronta para se desmanchar em gentilezas, então, quando respondeu, foi bastante lacônica:

– Eu tenho irmãos. Estou acostumada.

– Talvez, mas eu não. Garanto a você que não tenho o hábito de beber em excesso.

Ela assentiu, aceitando as desculpas dele.

– Andei pensando – disse ele.

– Eu também.

Phillip pigarreou, então puxou a gravata, como se de repente tivesse ficado apertada demais.

– Nós teremos de nos casar, é claro.

Não era nada além do que Eloise já sabia, mas havia algo de horrível na maneira como ele disse isso. Talvez fosse a falta de emoção na voz, como se ela fosse um problema que ele tivesse de resolver. Ou talvez fosse o jeito tão prático como ele falou, como se Eloise não tivesse escolha (o que, de fato, não tinha, mas não gostava de ser lembrada disso).

O que quer que fosse, aquilo a fez se sentir estranha e inquieta, como se tivesse de fugir de seu corpo.

Tinha passado a vida adulta inteira fazendo as próprias escolhas e se considerava a mulher mais sortuda do mundo por ter uma família que lhe permitia agir assim. Talvez fosse por isso que agora parecia tão insuportável ser forçada a seguir um caminho para o qual não estava pronta.

Ou talvez fosse insuportável porque tinha sido ela quem dera início a tudo aquilo. Estava furiosa consigo mesma, e isso a fazia ser rude com todo mundo.

– Eu me empenharei ao máximo para fazê-la feliz – disse ele secamente. – E as crianças precisam de uma mãe.

Eloise abriu um sorriso desanimado. Queria que seu casamento fosse mais do que apenas pelos filhos dele.

– Tenho certeza de você será de grande ajuda – disse Phillip.

– De grande ajuda – repetiu ela, odiando como isso soava.

– Você não concorda?

Ela assentiu, mais por temer que, se abrisse a boca, pudesse gritar.

– Que bom – retrucou ele. – Então está tudo resolvido.

Está tudo resolvido. Pelo resto de sua vida, esse seria seu grande pedido de casamento. *Está tudo resolvido*. E a pior parte era que Eloise não tinha o direito de reclamar. Fora ela quem fugira de casa sem dar a Phillip tempo suficiente para arrumar uma acompanhante. Fora ela quem ansiara tanto por criar o próprio destino. Fora ela quem agira sem pensar, e agora só lhe restava…

Está tudo resolvido.

Engoliu em seco.

– Ótimo.

Phillip olhou para ela e piscou, confuso.

– Você não está feliz?

– É claro – retrucou Eloise, sem convicção.

– Você não parece feliz.

– Mas estou.

Phillip resmungou alguma coisa.

– O que disse? – perguntou ela.

– Nada.

– Você disse alguma coisa.

Ele olhou para ela com impaciência.

– Se eu quisesse que você ouvisse, teria dito em voz alta.

Eloise respirou fundo e falou:

– Então não deveria ter dito nada.

– Algumas coisas a gente simplesmente não consegue guardar – murmurou Phillip.

– O que você disse? – exigiu ela.

Phillip passou a mão pelo cabelo.

– Eloise…

– Você me insultou?

– Quer mesmo saber?

– Já que parece que vamos nos casar… sim.

– Não me lembro das palavras exatas, mas acredito que deva ter usado *mulheres* e *falta de sensatez* na mesma frase.

Ele não deveria ter dito isso. *Sabia* que não deveria. Teria sido rude sob quaisquer circunstâncias, e era especialmente errado naquele momento. Mas Eloise não parara de insistir, e pelo jeito não iria desistir. Parecia querer torturá-lo só por diversão.

E por que ela estava tão mal-humorada, afinal? Tudo o que Phillip fizera fora verbalizar o que ela já sabia. Eles *teriam mesmo* de se casar. E, sinceramente, ela deveria estar feliz, porque, já que se envolvera em uma situação comprometedora, pelo menos tinha sido com um homem disposto a fazer a coisa certa e transformá-la em sua esposa.

Phillip não esperava gratidão. Ora, aquilo era culpa sua tanto quanto dela, afinal fora ele que fizera o convite inicial. Mas seria demais esperar um sorriso e um pouco de bom humor?

– Fico feliz que tenhamos tido esta conversa – disse Eloise de repente. – Foi melhor assim.

Ele levantou o rosto, imediatamente desconfiado.

– Como?

– Foi muito proveitosa. É sempre bom conhecer a pessoa com quem vamos nos casar, e…

Phillip bufou, sabendo que aquilo não iria acabar nada bem.

– E… – continuou ela, irritada por ele ter bufado – com certeza é bom que eu

saiba logo como você se sente com relação ao meu gênero.

Ele era do tipo que costumava evitar conflitos, mas aquilo já era demais.

– Se eu bem me lembro, nunca lhe disse exatamente o que eu pensava sobre as mulheres.

– Eu deduzi – retrucou ela. – Acho que as palavras “falta de sensatez” foram uma ótima pista.

– É mesmo? Bem, estou pensando de maneira diferente agora.

Eloise estreitou os olhos.

– Como assim?

– Mudei de ideia. Concluí que o problema não são as mulheres em geral. É *você* que eu acho insuportável.

Ela recuou, claramente ofendida.

– Ninguém nunca lhe disse que você é insuportável?

Ele achava difícil de acreditar.

– Ninguém que não fosse meu parente – resmungou ela.

– Você deve viver em uma sociedade muito educada. – Ele se contorceu na cadeira de novo. Sério, será que ninguém mais fazia cadeiras para homens grandes? – Ou isso ou você assusta tanto as pessoas que acaba fazendo com que se curvem a cada um dos seus caprichos.

Eloise corou, e Phillip não sabia se era porque estava envergonhada por ele ter acertado na mosca ou apenas porque estava tão irritada que ficara sem palavras.

Provavelmente os dois.

– Desculpe – murmurou ela.

Ele virou para ela, surpreso.

– O que disse?

Não podia ter ouvido direito.

– Eu pedi desculpas – falou Eloise, deixando claro que não iria dizer aquelas palavras pela terceira vez, então era melhor que ele estivesse ouvindo bem.

– Ah – disse Phillip, espantado demais para acrescentar qualquer outra coisa. – Obrigado.

– De nada.

O tom de Eloise não era nada gentil, mas ela parecia estar se esforçando muito.

Por um instante, ele ficou em silêncio. Então teve de perguntar:

– Pelo quê?

Eloise olhou para ele, obviamente irritada por aquele não ter sido o fim da conversa.

– Você tinha que perguntar? – resmungou.

– Bem, sim.

– Desculpe-me por estar com um mau humor terrível e vir agindo mal. Se me perguntar *de que maneira* venho agindo mal, juro que vou me levantar e ir embora, e você nunca mais irá me ver, porque posso lhe garantir que esse pedido de desculpas já é difícil o suficiente sem que eu tenha que explicar mais.

Phillip concluiu que não podia esperar mais do que aquilo.

– Obrigado – falou, com delicadeza.

Ele se conteve por um minuto, provavelmente o mais longo de sua vida, então decidiu que também deveria abrir o jogo:

– Se isso a faz se sentir melhor, eu achava que poderíamos nos entender mesmo antes de seus irmãos aparecerem. E já planejava pedir que fosse minha esposa. Da maneira apropriada, com um anel e tudo mais que se deva fazer e que eu nem sei direito. Já faz um bom tempo que não peço alguém em casamento, e na última vez isso não aconteceu sob circunstâncias normais.

Eloise pareceu bastante surpresa… e talvez um pouco grata também.

– Sinto muito que seus irmãos tenham chegado e feito tudo acontecer mais depressa do que você esperava, mas não sinto muito que esteja acontecendo – acrescentou ele.

– Não sente? – sussurrou ela. – Sério?

– Eu lhe darei todo o tempo que você precisar, dentro dos limites razoáveis, é claro. Mas não posso… – Ele olhou para a colina. Anthony e Colin vinham descendo lentamente, seguidos por um criado carregando uma bandeja de comida. – Não posso falar por seus irmãos. Imagino que eles não vão querer esperar pelo tempo que você desejar. E, para ser sincero, se você fosse minha irmã, eu a teria levado para a igreja ontem à noite mesmo.

Eloise olhou para o alto, em direção aos irmãos. Eles ainda levariam alguns instantes até chegarem ali. Ela abriu a boca, depois fechou de novo, obviamente pensando em alguma coisa. Por fim, após vários segundos, durante os quais Phillip quase podia ver as engrenagens do cérebro dela funcionando, disparou:

– Por que você chegou à conclusão de que poderíamos nos entender?

– O quê?

Era uma tática de protelação, é claro. Não esperava uma pergunta tão direta, embora só Deus soubesse por que não. Afinal, tratava-se de Eloise.

– Por que você chegou à conclusão de que poderíamos nos entender? – repetiu ela, a voz clara e incisiva.

Era claro que ela perguntaria assim. Eloise Bridgerton não tinha nada de sutil ou insegura. Ela nunca daria voltas quando podia ir direto ao assunto.

– Eu… hã… – disse ele, depois pigarreou.

– Você não sabe – afirmou ela, parecendo decepcionada.

– É claro que eu sei – protestou ele.

Nenhum homem gostava de ouvir que não sabia direito o que pensava.

– Não, não sabe. Se soubesse, não ficaria aí sentado se engasgando para falar.

– Meu Deus, mulher, você não consegue ser nem um pouquinho tolerante? Um homem precisa de tempo para formular uma resposta.

– Ah – disse Colin Bridgerton com sua voz sempre simpática. – Aí está o casal de pombinhos.

Em toda a sua vida, Phillip nunca ficara tão feliz em ver uma pessoa.

– Bom dia – disse ele aos dois Bridgertons que entraram, contente por ter escapado da pergunta de Eloise.

– Estão com fome? – perguntou Colin ao se sentar na cadeira ao lado da de Phillip. – Tomei a liberdade de pedir que servissem o café ao ar livre.

Phillip olhou para o criado e se perguntou se deveria oferecer ajuda. O pobre homem parecia prestes a cair com o peso da comida.

– Está tudo bem? – perguntou Anthony ao se acomodar no assento acolchoado perto de Eloise.

– Está – respondeu ela.

– Com fome?

– Não.

– Alegre?

– Não graças a você.

Anthony virou para Phillip.

– Ela costuma ser mais falante.

Phillip se perguntou se Eloise iria bater nele. Anthony bem que merecia.

A bandeja de comida bateu na mesa com um estrondo. O criado, então, se desculpou por ter sido tão desastrado. Anthony lhe garantiu que não tinha sido nada e comentou que o próprio Hércules não teria conseguido carregar comida suficiente para alimentar Colin.

Os irmãos de Eloise se serviram, depois Anthony se virou para ela e Phillip e disse:

– Parece que vocês dois estão se entendendo muito bem.

Eloise olhou para ele com uma expressão claramente hostil.

– Quando você chegou a essa conclusão?

– Só levou um instante – disse Anthony, dando de ombros. Então olhou para Phillip. – Foi a discussão, na verdade. Todos os melhores casais fazem isso.

– Fico feliz em saber – murmurou Phillip.

– Minha esposa e eu costumamos ter o mesmo tipo de conversa até ela cair em si e concordar comigo – continuou Anthony, com uma voz amigável.

Eloise olhou para ele profundamente irritada.

– É claro que minha mulher pode ver as coisas de uma maneira diferente – acrescentou Anthony, dando de ombros. – Eu *deixo* que ela pense que acabo concordando com ela. – Então se virou para Phillip e sorriu. – É mais fácil assim.

Phillip deu um olhar rápido para Eloise e viu que ela parecia se segurar para não dizer nada.

– Quando você chegou? – perguntou Anthony.

– Há alguns minutos – respondeu Phillip.

– Isso – disse Eloise. – E me pediu em casamento, como sei que ficará feliz em saber.

Phillip tossiu, surpreso com aquele súbito anúncio.

– Hã?

Eloise continuou, dirigindo-se a Anthony:

– Ele disse “Nós teremos de nos casar”.

– Bem, ele está certo – retrucou Anthony, olhando tranquilamente nos olhos dela. – Vocês terão mesmo de se casar. E gostaria de felicitá-lo por não tentar fugir do assunto. Achei que você, mais do que qualquer outra pessoa, apreciaria uma conversa direta.

– Alguém quer um bolinho? – perguntou Colin. – Não? Bem, sobra mais para mim.

Então Anthony se virou para Phillip e falou:

– Eloise só está um pouco irritada porque detesta que lhe digam o que fazer. Ela vai ficar bem em alguns dias.

– Estou bem agora – resmungou Eloise.

– Claro, você parece bem – murmurou Anthony.

– Não tem mais nenhum outro lugar onde você deveria *estar*? – indagou Eloise, entre dentes.

– Uma pergunta interessante – replicou o irmão. – Poderíamos dizer que eu deveria *estar* em Londres, com minha esposa e meus filhos. Na verdade, se houvesse algum outro lugar em que eu devesse *estar*, acredito que seria lá. Mas, por estranho que pareça, estou aqui. Em Wiltshire. Quando acordei em minha cama confortável, *em Londres*, há três dias, eu jamais poderia imaginar que estaria aqui hoje. – Ele sorriu tranquilamente. – Mais alguma pergunta?

Depois dessa, ela não tinha o que dizer.

Anthony entregou um envelope a Eloise.

– Chegou para você.

Phillip pôde ver que no mesmo instante ela reconheceu a caligrafia.

– É da nossa mãe – falou Anthony, mesmo estando claro que ela já sabia disso.

– Você quer ler? – perguntou Phillip.

Eloise balançou a cabeça.

– Agora não.

O que queria dizer, ele percebeu, não na frente dos irmãos dela.

E então lhe ocorreu o que deveria fazer.

– Lorde Bridgerton, eu poderia lhe pedir um instante a sós com sua irmã? – perguntou ele a Anthony, levantando-se.

– Você acabou de ter um instante a sós com ela – observou Colin, comendo um pedaço de bacon.

Phillip o ignorou e continuou olhando para o mais velho dos Bridgertons.

– É claro, se ela estiver de acordo – respondeu Anthony.

Phillip puxou a mão de Eloise para que ela se levantasse.

– Ela está de acordo – afirmou.

– Hum – observou Colin. – Ela parece estar mesmo de acordo.

Phillip concluiu naquele instante que *todos* os Bridgertons deveriam usar mordaças.

– Venha comigo – disse ele a Eloise, antes que ela tivesse chance de discutir.

O que era claro que ela iria fazer, já que nunca conseguia simplesmente sorrir de maneira educada e seguir sem dizer nada quando havia a chance de discutir.

– Aonde estamos indo? – perguntou ela, arfando, quando já estavam longe de sua família e ele caminhava apressado pela grama, sem se preocupar com o esforço que Eloise precisava fazer para acompanhá-lo.

– Não sei.

– Não *sabe*?

Phillip parou tão de repente que ela trombou com ele. O que foi muito bom, na verdade, porque lhe deu a chance de sentir o corpo todo de Eloise, dos seios às coxas, embora ela tenha se recobrado rapidamente e se afastado antes que ele pudesse aproveitar o momento.

– Nunca vim aqui antes – disse Phillip. – Eu teria de ser um vidente para saber aonde estou indo.

– Ah – retrucou ela. – Bem, vá em frente, então.

Ele a puxou de volta para a casa, dirigindo-se a uma porta lateral.

– Aonde isso vai dar? – perguntou Phillip.

– Lá dentro.

Ele olhou para ela com ar sarcástico.

– No escritório de Sophie, que dá acesso ao corredor – acrescentou Eloise.

– Sophie está no escritório?

– Duvido que esteja. Ela não foi pedir uma limonada para você?

– Ótimo.

Ele abriu a porta, agradecendo baixinho por estar destrancada, e colocou a cabeça para dentro. Não havia ninguém, mas a porta para o corredor estava aberta, então ele atravessou rapidamente o cômodo e a fechou. Quando virou de volta, Eloise continuava parada junto à porta que dava para o lado de fora, observando-o, curiosa, e divertindo-se com a cena.

– Feche a porta – ordenou ele.

Ela ergueu as sobrancelhas.

– Hã?

– Feche a porta.

Não era um tom de voz que usasse com frequência, mas, após um ano seguindo ao sabor da maré e se sentindo perdido em meios às correntes da vida, ele enfim assumia o controle.

Agora Phillip sabia exatamente o que queria.

– Feche a porta, Eloise – disse ele em voz baixa, caminhando devagar até ela.

Ela arregalou os olhos.

– Phillip? Eu…

– Não fale nada – pediu ele. – Só feche a porta.

Mas ela estava paralisada, olhando fixamente para ele como se não o conhecesse. E, na verdade, não conhecia mesmo. Mas que droga, ela não tinha mais tanta certeza de que sabia quem ele era.

– Phillip, você…

Ele estendeu a mão e fechou a porta, trancando-a com um sonoro e ameaçador clique.

– O que você está fazendo? – perguntou Eloise.

– Você estava preocupada com a possibilidade de não nos entendermos – disse Phillip.

Eloise entreabriu os lábios.

Ele deu um passo à frente.

– Acho que já está na hora de eu lhe mostrar que vamos nos entender.

CAPÍTULO 12

… e como sabia que você e Simon combinavam perfeitamente para serem marido e mulher? Pois eu juro que nunca conheci um homem de quem pudesse dizer o mesmo, e isso após três longas temporadas à procura de alguém para casar.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã, a duquesa de Hastings, quando recusou o terceiro pedido de casamento

Eloise mal teve tempo de respirar antes que a boca de Phillip encontrasse a sua. Ainda bem que conseguiu, porque parecia que ele não tinha planos de soltá-la antes do, hã, próximo milênio.

Mas então, abruptamente, ele recuou, as mãos grandes envolvendo o rosto dela. E a fitou.

Só fitou.

– O que foi? – perguntou ela, desconfortável com aquele olhar atento.

Eloise sabia que era considerada atraente, mas também que não era dotada de nenhuma beleza fora do comum, e ele a observava como se quisesse memorizar cada um de seus traços.

– Eu queria vê-la – sussurrou Phillip. Então tocou o rosto dela, depois passou o polegar pela linha do maxilar. – Você está sempre agitada. Nunca consigo só *ver* você.

Eloise sentiu as pernas bambas e os lábios se entreabrirem. Parecia não ter controle sobre o próprio corpo, parecia não conseguir fazer nada além de olhar bem fundo nos olhos escuros dele.

– Você é tão linda… – murmurou Phillip. – Sabe o que pensei quando a vi pela primeira vez?

Ela fez que não, ansiosa pelas palavras dele.

– Que poderia me afogar nos seus olhos. Pensei… – ele se aproximou, as palavras agora praticamente um sussurro – que poderia me afogar em *você*.

Ela sentiu que se inclinava na direção dele.

Phillip tocou os lábios dela, fazendo cócegas na pele macia com o dedo indicador. O movimento provocou ondas de prazer por todo o corpo de Eloise, chegando ao centro do seu ser, alcançando lugares proibidos até para ela.

Eloise percebeu que nunca tinha entendido o poder do desejo até aquele momento. Nunca tinha entendido realmente o que era.

– Me beije – sussurrou.

Ele sorriu.

– Você sempre me diz o que fazer.

– Me beije.

– Tem certeza? – murmurou ele, a boca repuxada em um sorriso provocador. – Porque, quando eu começar, posso não conseguir…

Ela agarrou a nuca dele e o puxou para si.

Phillip sorriu contra os lábios de Eloise enquanto a abraçava com força e determinação. Ela abriu a boca e acolheu a invasão de Phillip, gemendo de prazer enquanto a língua dele percorria e explorava seu calor. Ele mordiscava a boca de Eloise, atiçando lentamente o fogo dentro dela, o tempo todo trazendo-a cada vez mais para junto dele até a própria quentura chegar ao corpo dela, envolvendo-a num torpor de desejo.

Phillip correu as mãos pelas costas de Eloise, depois desceu até o traseiro dela, segurando e apertando, puxando-a para cima até…

Eloise arfou. Tinha 28 anos, idade suficiente para já ter ouvido sussurros indiscretos. Sabia o que a rigidez dele significava. Só não esperava que fosse assim tão quente, tão insistente.

Ela tentou recuar, mais por instinto do que por qualquer outra coisa, mas ele não deixou que se afastasse; em vez disso, puxou-a para mais perto e gemeu, roçando o corpo contra o dela.

– Quero me sentir dentro de você – disse Phillip, suspirando no ouvido de Eloise.

As pernas dela cederam.

Mas isso não era problema, é claro. Phillip a segurou ainda mais firme, então colocou-a no sofá, deitando-se por cima até que todo o seu corpo pressionava-a contra as almofadas macias, cor de creme. Ele era pesado, mas seu peso era excitante, e Eloise não teve forças para nada além de inclinar a cabeça para trás

quando os lábios dele se afastaram dos dela para percorrerem seu pescoço.

– Phillip – gemeu ela, e depois repetiu, como se o nome dele fosse a única coisa que lhe restasse.

– Sim… sim – grunhiu Phillip.

Essas palavras saíram roucas da boca dele, e ela não fazia ideia do que ele estava falando. Mas, fosse lá o que fosse, se ele queria, ela com certeza também. Eloise queria tudo. Qualquer coisa que ele quisesse, qualquer coisa possível.

Na verdade, ela queria tudo o que fosse impossível também. Não havia mais razão, apenas sensações. Somente necessidade, desejo e aquela percepção avassaladora do *agora*.

Não se tratava do ontem nem do amanhã. Apenas o agora importava, e ela queria tudo.

Eloise sentiu a mão dele, áspera e calejada, subir de seu tornozelo para sua perna até chegar à beirada de sua meia fina. Ele não parou, nem fez nada para implicitamente pedir sua permissão, mas ela a concedeu assim mesmo, abrindo as pernas até ele se posicionar com mais firmeza entre elas, dando-lhe acesso a mais lugares para acariciar.

Phillip continuou a subir a mão, cada vez mais, parando de vez em quando para apertar um pouco, e ela achou que poderia morrer de ansiedade. Eloise estava em chamas, ardendo por ele, sentindo-se estranha, úmida e tão diferente do que era que chegou a pensar que poderia se dissolver em uma poça de nada.

Ou evaporar completamente. Ou até mesmo explodir.

E então, quando ela estava convencida de que nada poderia ser mais estranho, nada poderia fazê-la se contorcer ainda mais, ele a tocou.

Tocou-a onde ninguém jamais a tocara, onde nem mesmo ela ousava tocar. Tocou-a de forma tão íntima e terna que ela teve de morder o lábio para não gritar o nome dele.

E quando o dedo dele deslizou para dentro, ela soube que, naquele momento, não mais pertencia a si mesma.

Ela era dele.

Mais tarde, bem mais tarde, voltaria a ser ela de novo e estaria mais uma vez no controle da situação, de posse de sua força e de suas faculdades, mas por ora ela era dele. Naquele momento, naqueles segundos, Eloise vivia para ele, por tudo o que ele a fazia sentir, por cada sussurro de prazer, cada gemido de desejo.

– Ah, Phillip – arfou ela, dizendo o nome dele como uma súplica, uma promessa, qualquer coisa para garantir que ele não iria parar.

Eloise não fazia ideia de para onde aquilo tudo levava, e se ainda seria a mesma pessoa quando acontecesse, mas tinha de chegar a *algum* lugar. Não poderia continuar naquele estado para sempre. Sentia seu corpo tão tenso que parecia que iria se quebrar.

Estava próxima do fim. Tinha de estar.

Ela precisava de alguma coisa. Precisava relaxar, e sabia que só ele poderia conseguir isso.

Então Eloise se arqueou em direção a Phillip, impulsionada por uma força que nunca imaginou possuir, erguendo os dois do sofá com seu desejo. Agarrou os ombros de Phillip com força, depois correu as mãos para as costas dele, num esforço para trazê-lo ainda mais para junto de si.

– Eloise – gemeu Phillip, deslizando a outra mão pela saia dela até encontrar seu traseiro. – Você faz ideia…

E então Eloise não entendeu bem o que Phillip fez – ele provavelmente também não –, mas o corpo todo dela ficou completamente retesado. Ela não conseguia falar, não conseguia nem respirar. Sua boca se abriu em um grito silencioso de surpresa e prazer e uma centena de outras coisas, todas juntas em uma só. E então, quando achou que não conseguiria sobreviver por mais nem um segundo, Eloise estremeceu e desabou sob ele, ofegante de cansaço, tão exausta e sem energia que não conseguiria mover nem um dedo.

– Ah, meu Deus – disse ela por fim. – Ah, meu Deus.

Ele segurou o traseiro dela com ainda mais força.

– Ah, meu Deus.

Então Phillip subiu a mão para acariciar o cabelo de Eloise. Foi gentil, extremamente gentil, embora o corpo dele ainda estivesse rígido e tenso.

Eloise ficou só deitada, perguntando-se se algum dia conseguiria se mexer de novo, respirando contra o corpo de Phillip, enquanto sentia a respiração dele em sua testa. Depois de algum tempo, ele acabou se movendo e saindo de cima dela, murmurando alguma coisa sobre ser muito pesado, e, quando ela olhou para o lado, ele estava ajoelhado junto ao sofá, alisando e arrumando seu vestido.

Parecia um gesto particularmente carinhoso e cavalheiresco, dada a luxúria recente que Eloise experimentara.

Ela olhou para ele, sabendo que devia estar com o sorriso mais bobo do mundo.

– Ah, Phillip… – falou, suspirando.

– Onde eu encontro um lavabo? – perguntou ele com a voz rouca.

Ela piscou, percebendo pela primeira vez que ele parecia bem cansado.

– Um lavabo? – ecoou ela.

Ele assentiu, tenso.

Eloise apontou para a porta que levava ao corredor.

– Saia por ali e siga para a direita – falou.

Era difícil de acreditar que ele precisava ir ao banheiro logo depois de um momento tão excitante, mas quem era ela para entender o funcionamento do corpo masculino?

Phillip caminhou até a porta, levou a mão à maçaneta, depois se virou.

– Você acredita em mim agora? – perguntou, uma das sobrancelhas erguidas em um arco incrivelmente insolente.

Ela entreabriu os lábios, confusa.

– Com relação a quê?

Ele abriu um sorriso bem lentamente. E tudo o que disse foi:

– Nós vamos nos entender.

~

Phillip não tinha ideia de quanto tempo Eloise precisaria para recuperar a compostura e se recompor. Ela estava encantadoramente desalinhada quando ele a deixara no sofá do pequeno escritório de Sophie Bridgerton. Ele nunca pôde entender a complexidade da toalete feminina, e tinha quase certeza de que nunca iria, mas sabia que, no mínimo, ela teria de arrumar o cabelo.

Quanto a ele, precisou de menos de um minuto no lavabo para encontrar seu alívio. Estava excitado demais depois de seu encontro com Eloise.

Por Deus, ela era incrível.

Já fazia tanto tempo desde a última vez que estivera com uma mulher que ele sabia que, quando finalmente encontrasse uma que gostaria de levar para a cama, seu corpo reagiria com toda aquela intensidade. Passara mais anos do que se lembrava contando apenas com a mão para satisfazer suas necessidades. Ter um corpo de mulher para saciá-lo era o mais puro êxtase.

E Deus sabia que ele o imaginara várias vezes.

Mas aquilo não era nem um pouco parecido com o que tinha em mente. Ele ficara louco por ela. Por *ela*. Pelos sons que escapavam da boca de Eloise, pelo cheiro de sua pele, pela maneira como seu corpo parecia se encaixar com perfeição nas curvas do dela. Mesmo que tivesse precisado terminar sozinho, ainda assim tinha sentido tudo muito mais intensamente do que jamais acreditara ser possível.

Phillip costumava pensar que qualquer corpo feminino serviria, mas agora estava bem claro que havia uma razão para ele nunca ter se beneficiado dos serviços das prostitutas e atendentes de bar que se mostravam dispostas. Havia uma razão para ele nunca ter arrumado uma viúva discreta.

Ele precisava de mais.

Precisava de Eloise.

Queria poder mergulhar nela e nunca mais sair.

Queria tê-la, possuí-la, e depois deitar-se e deixá-la torturá-lo até ele gritar.

Já tivera fantasias antes. Ora, todo homem tem. Mas agora sua fantasia tinha um rosto, e ele temia andar por aí com uma ereção constante se não aprendesse a controlar seus pensamentos.

Ele precisava se casar. Bem rápido.

Gemeu enquanto lavava rapidamente as mãos na bacia. Eloise não fazia ideia do estado em que o deixara. Nem mesmo percebeu. Só olhou para ele com aquele sorriso feliz, perdida demais nas próprias sensações para notar que ele estava prestes a explodir.

Phillip abriu a porta e caminhou rápido pelo piso de mármore em direção ao gramado. Teria muito tempo para voltar a explodir em breve. E, quando acontecesse, ela estaria lá com ele.

O pensamento levou um sorriso aos seus lábios e quase o obrigou a voltar ao lavabo.

~

– Ah, aí está ele – disse Benedict Bridgerton enquanto Phillip seguia em sua direção pelo gramado.

Phillip viu a arma na mão dele e parou na hora, perguntando-se se devia se preocupar. Benedict não tinha como saber o que acabara de acontecer no

escritório de sua esposa, não é mesmo?

Engoliu em seco, pensando. Não, não havia como. E, além disso, Benedict estava sorrindo.

É claro que ele poderia ser do tipo que se divertiria acabando com a vida do homem que corrompera a inocência da irmã…

– Hã, bom dia – falou Phillip, olhando para todos em volta para avaliar a situação.

Benedict cumprimentou-o com um aceno de cabeça e perguntou:

– Você sabe atirar?

– É claro – respondeu Phillip.

– Que bom. – Benedict então indicou um alvo com a cabeça. – Junte-se a nós.

Phillip notou, aliviado, que o alvo parecia firmemente preso no lugar, o que indicava que *ele* não teria que fazer esse papel.

– Não trouxe uma pistola.

– É claro que não – retrucou Benedict. – Por que traria? Somos todos amigos aqui. – Depois ergueu as sobracelhas e perguntou: – Não somos?

– Espero que sim.

Os lábios de Benedict se curvaram para cima, mas não era o tipo de sorriso que inspirava confiança sobre o bem-estar de alguém.

– Não se preocupe com a pistola – disse ele. – Vamos providenciar uma.

Phillip assentiu. Se era assim que teria de provar a sua virilidade para os irmãos de Eloise, então tudo bem. Ele sabia atirar tão bem quanto o melhor deles. Essa era uma das atividades masculinas que seu pai tanto insistira que ele aprendesse. Passara inúmeras horas na propriedade da família com o braço esticado até os músculos arderem, prendendo a respiração enquanto mirava em qualquer coisa que seu pai quisesse que ele destruísse. Cada tiro era acompanhado por uma oração fervorosa para que sua mira fosse certeira.

Quando ele acertava o alvo, seu pai não lhe batia. Era simples – e desesperador – assim.

Ele foi até uma mesa com várias pistolas, cumprimentando Anthony, Colin e Gregory no caminho. Sophie estava sentada a uns 10 metros, o nariz enfiado em um livro.

– Vamos logo com isso antes que Eloise volte – disse Anthony. – Cadê ela?

– Foi ler a carta que recebeu da mãe – mentiu Phillip.

– Sei. Bem, isso não vai demorar muito – falou Anthony, franzindo a testa. – É melhor nos apressarmos.

– Talvez ela queira responder – observou Colin, pegando uma arma e examinando-a. – Isso nos daria mais alguns minutos. Você conhece Eloise. Está sempre escrevendo uma carta para alguém.

– É verdade – retrucou Anthony. – Foi isso que nos colocou nesta confusão, não é mesmo?

Phillip apenas o encarou com um sorriso inescrutável. Estava satisfeito demais para morder qualquer isca que o irmão mais velho de Eloise lhe jogasse.

Gregory escolheu uma arma.

– Mesmo que ela responda, logo estará de volta. Ela é extremamente rápida.

– Escrevendo? – indagou Phillip.

– Em tudo – disse Gregory, com a voz amarga. – Vamos começar a atirar.

– Por que vocês estão tão ansiosos para começar sem Eloise? – quis saber Phillip.

– Hã… por nada. – retrucou Benedict.

No mesmo instante em que dizia isso, Anthony murmurou:

– Quem falou isso?

Todos eles tinham falado, mas Phillip decidiu não lhes relembrar.

– Os mais velhos primeiro, mano – falou Colin, dando um tapinha nas costas de Anthony.

– Você é tão gentil… – murmurou Anthony, aproximando-se de uma linha de giz que alguém havia traçado na grama.

Levantou o braço, mirou e disparou.

– Muito bom – observou Phillip, quando o criado trouxe o alvo para a frente.

Anthony não tinha acertado a mosca, mas por apenas 2 centímetros.

– Obrigado. – Ele abaixou a pistola. – Quantos anos você tem?

Phillip piscou diante da pergunta inesperada, então respondeu:

– Trinta.

Anthony balançou a cabeça em direção a Colin.

– Você vai depois de Colin, então.

– De acordo – disse Phillip, então observou Benedict e Colin atirarem, um de cada vez.

Foram dois tiros bons, que não acertaram na mosca mas que seriam capazes de matar um homem, se esse fosse o objetivo deles.

O que, felizmente, não parecia ser o caso, pelo menos não naquela manhã.

Phillip escolheu uma pistola, testou o peso dela na mão, então aproximou-se do risco de giz. Fazia muito pouco tempo que ele deixara de pensar no pai toda vez que mirava em um alvo. Levara anos, mas ele enfim conseguira perceber que, na verdade, gostava de atirar, e que aquilo não tinha de ser uma obrigação. E então a voz de seu pai, que ele ouvira tantas vezes no fundo da mente, sempre gritando, sempre criticando, se fora.

Phillip ergueu o braço, os músculos firmes como uma rocha, e disparou.

Ele estreitou os olhos. Parecia ter sido um bom tiro. O criado aproximou o alvo. O tiro ficara a um centímetro, no máximo, do centro. O mais perto de todos até o momento.

O alvo foi levado de volta para o lugar e então chegou a vez de Gregory, que empatou com Phillip.

– Vamos fazer cinco rodadas – explicou Anthony a Phillip. – Se houver empate, faremos mais uma.

– Como pode ver, levamos nossas competições muito a sério – acrescentou Colin, olhando para ele com ar grave.

– Estou vendo – comentou Phillip.

– Você pratica esgrima?

– Não muito bem – disse Phillip.

Colin ergueu um dos cantos da boca num meio sorriso.

– Ótimo.

– Fique quieto – esbravejou Anthony, olhando com irritação para eles. – Estou me concentrando na mira.

– Essa necessidade de silêncio não será muito boa para você nos momentos de crise – observou Colin.

– Cale a boca – disparou Anthony.

Então Colin continuou, gesticulando com uma das mãos enquanto construía sua narrativa:

– Se fôssemos atacados, seria bem barulhento e, sinceramente, acho preocupante pensar…

– Colin! – berrou Anthony.

– Não preste atenção em mim – disse Colin.

– Eu vou matar você – ameaçou Anthony. – Alguém se importa se eu matá-lo?

Ninguém parecia se importar, embora Sophie tenha levantado os olhos e falado alguma coisa sobre sangue e sujeira e não querer ter de limpar tudo.

– Seria um excelente fertilizante – observou Phillip, prestativo, uma vez que era especialista no assunto.

– Ah. – Sophie assentiu e voltou a atenção para o livro. – Pode matá-lo, então.

– O que está achando do livro, querida? – perguntou Benedict.

– Estou gostando muito.

– Será que vocês todos podem *calar a boca*? – explodiu Anthony. Então, com o rosto começando a ficar vermelho, virou-se para a cunhada e murmurou: – Não você, é claro, Sophie.

– Fico feliz por ter sido deixada de fora – disse ela, jovialmente.

– Tente não ameaçar a minha esposa – pediu Benedict.

Anthony virou-se para o irmão e fuzilou-o com o olhar.

– Vocês todos deveriam ser esquartejados – resmungou.

– Menos Sophie – lembrou Colin.

Anthony virou-se para ele com uma expressão mortal.

– Você sabe que esta arma está carregada, não é?

– Sorte minha que o fratricídio é algo inaceitável.

Anthony fechou a boca e se virou em direção ao alvo.

– Segunda rodada – gritou ele, mirando.

– *Espeeeeeerem!*

Todos os quatro homens da família Bridgerton se viraram, gemendo ao verem Eloise descendo depressa a colina.

– Vocês estão atirando? – perguntou ela, percorrendo vacilante o restante do caminho.

Ninguém respondeu. Não era preciso. Estava bem óbvio.

– Sem mim?

– Não estamos atirando – disse Gregory. – Só estamos parados aqui com algumas armas.

– Perto de um alvo – acrescentou Colin, prestativo.

– Vocês estão atirando.

– É claro que estamos atirando – falou Anthony. Então inclinou a cabeça para a direita e continuou: – Sophie está lá sozinha. Você devia lhe fazer companhia.

Eloise colocou as mãos na cintura.

– Sophie está lendo.

– Um livro muito bom, por sinal – interveio Sophie.

– Você também deveria ler um livro, Eloise – sugeriu Benedict. – São ótimos para o aprimoramento da mente.

– Não preciso de nenhum aprimoramento – rebateu ela. – Me dê uma arma.

– Não vou lhe dar arma nenhuma – retorquiu Benedict. – Não temos o suficiente para distribuir.

– Podemos compartilhar – disse Eloise, irritada. – Já tentou? É ótimo para o aprimoramento da mente.

Benedict fechou a cara.

– Acho que o que Benedict está tentando dizer é que ele já se aprimorou o máximo que podia – opinou Colin.

– Com certeza – confirmou Sophie, sem nem levantar os olhos do livro.

– Aqui, fique com a minha – disse Phillip de maneira magnânima, entregando sua arma a Eloise.

Os quatro irmãos gemeram, mas ele concluiu que havia sido bom irritá-los.

– Obrigada – disse Eloise graciosamente. – Como ouvi Anthony gritar “Segunda rodada”, imagino que cada um de vocês já tenha dado um tiro.

– Isso – confirmou Phillip. Ele olhou para os homens e todos eles pareciam desanimados. – Qual é o problema?

Anthony só balançou a cabeça.

Phillip olhou para Benedict.

– Ela é uma aberração da natureza – murmurou Benedict.

Phillip olhou para Eloise com interesse renovado. Ela não parecia uma aberração para ele.

– Estou saindo da competição – murmurou Gregory. – Ainda nem tomei o café da manhã.

– Você vai ter de pedir mais – avisou Colin. – Acabei com tudo.

Gregory suspirou, irritado.

– É um espanto que, sendo o mais novo, eu não tenha morrido de fome – resmungou.

Colin deu de ombros.

– Se quiser comer, você tem que correr.

Anthony olhou para os dois com ar de desgosto.

– Quantos anos vocês têm? Três? – perguntou.

Phillip mordeu o lábio para conter o sorriso.

– Nós vamos atirar ou não? – indagou Eloise, contrariada.

– *Você* com certeza vai – retrucou Gregory, recostando-se em uma árvore. – Eu vou comer.

Mas ele ficou, observando aborrecido a irmã erguer o braço e atirar sem nem mirar.

Phillip piscou, surpreso, quando o criado trouxe o alvo.

Na mosca.

– Onde você aprendeu a fazer isso? – perguntou ele, tentando não demonstrar seu espanto.

Ela deu de ombros.

– Não sei. Acho que já nasci sabendo.

– Aberração da natureza – murmurou Colin. – Obviamente.

– Acho isso incrível – disse Phillip.

Eloise virou-se para ele com os olhos brilhando.

– Acha mesmo?

– É claro. Se algum dia eu precisar defender minha casa, já sei quem mandar na frente.

Ela se iluminou.

– Onde está o próximo alvo?

Gregory jogou os braços para o alto, indignado.

– Eu desisto. Vou pegar alguma coisa para comer.

– Traga um pouco para mim também – gritou Colin.

– Claro – resmungou o mais novo.

Eloise, então, perguntou a Anthony:

– É sua vez agora?

Ele pegou a arma das mãos dela e colocou-a na mesa para ser recarregada.

– Como se isso fizesse alguma diferença.

– São cinco rodadas ao todo – lembrou ela. – Foi você quem criou as regras.

– Eu sei – disse ele, mal-humorado.

Então ergueu o braço e atirou, claramente sem se concentrar, e errou o alvo por uns 10 centímetros.

– Você não está nem tentando! – reclamou Eloise.

Anthony só se virou em direção a Benedict e comentou:

– Detesto competir com ela.

– Sua vez – disse Eloise para Benedict.

Ele atirou, seguido de Colin, os dois se empenhando um pouco mais do que Anthony, mas ainda assim errando o alvo.

Phillip se aproximou da linha de giz, parando apenas para ouvir Eloise dizer:

– Nem pense em desistir.

– Não mesmo – murmurou ele.

– Que bom. Não tem a menor graça competir com *maus desportistas* – disse ela, dirigindo as duas últimas palavras de forma veemente aos irmãos.

– Essa é a questão – disse Benedict.

– Eles sempre fazem isso – informou Eloise a Phillip. – Atiram mal até eu desistir da competição, e *então* todos se divertem.

– Silêncio – pediu Phillip, contraindo os lábios. – Estou mirando.

– Ah. – Ela se calou, animada, observando com interesse Phillip se concentrar no alvo.

Então ele atirou e abriu um sorriso lento e satisfeito quando o alvo foi trazido para a frente.

– Perfeito! – exclamou Eloise, batendo palmas. – Phillip, foi maravilhoso!

Anthony resmungou alguma coisa em voz baixa que provavelmente não deveria ter dito na presença da irmã, depois acrescentou, dirigindo-se a Phillip:

– Você vai se casar com ela, não vai? Pelo amor de Deus, se levá-la embora e deixar que ela atire com você para que não nos amole mais, eu juro que dobro o dote dela.

Àquela altura, Phillip tinha certeza de que não precisava de nada para se casar com Eloise, mas apenas sorriu e disse:

– Combinado.

CAPÍTULO 13

… e, como você deve imaginar, todos tinham um péssimo temperamento. Eu tenho culpa de ser tão melhor que eles? Acho que não, assim como acho que não é culpa deles terem nascido homens e, por isso, não terem um pingo de bom senso ou boas maneiras.

– de Eloise Bridgerton para Penelope Featherington, após derrotar seis homens (três dos quais não eram seus parentes) em uma competição de tiro

No dia seguinte, Eloise viajou com Anthony, Benedict e Sophie até Romney Hall, para almoçar. Colin e Gregory decidiram que o restante da família tinha a situação perfeitamente sob controle e que poderiam retornar a Londres: Colin de volta para a esposa, com quem se casara havia pouco, e Gregory para o que quer que os jovens solteiros da alta sociedade faziam para preencher suas vidas.

Eloise estava feliz por vê-los ir embora. Amava os irmãos, mas, sinceramente, lidar com os quatro ao mesmo tempo era mais do que se deveria esperar que qualquer mulher aguentasse.

Estava otimista quando desceu da carruagem. O dia anterior tinha sido muito melhor do que ela poderia ter imaginado. Mesmo se Phillip não a tivesse levado ao escritório de Sophie para lhe provar que eles “poderiam se entender” (Eloise agora só conseguia pensar nessas palavras entre aspas), o dia teria sido um sucesso. Phillip tinha feito muito mais do que se manter firme contra a força coletiva dos irmãos Bridgertons, o que a deixara bastante feliz e orgulhosa.

Engraçado como não tinha lhe ocorrido até então que ela nunca poderia se casar com um homem que não fosse capaz de confrontar seus irmãos e sair ileso.

E Phillip enfrentara os quatro ao mesmo tempo. Impressionante.

Eloise ainda tinha reservas com relação ao casamento, claro. Como poderia não ter? Ela e Phillip tinham desenvolvido um respeito mútuo, talvez até mesmo afeição, mas não estavam apaixonados, e Eloise não tinha como saber se isso iria

acontecer um dia.

Ainda assim, estava convencida de que faria a coisa certa ao se casar com ele. Era verdade que não tinha muita escolha: ou se casava ou encarava a ruína completa e uma vida de solidão. Mas mesmo assim achava que ele daria um bom companheiro. Era honesto e honrado, e, se às vezes era quieto demais, pelo menos tinha senso de humor, o que Eloise considerava essencial em qualquer possível marido.

E quando ele a beijava…

Bem, estava bem claro que ele sabia exatamente como fazer seus joelhos perderem a firmeza.

E todo o resto também.

Mas Eloise era pragmática. Sempre fora, e sabia que a paixão não era suficiente para sustentar um casamento.

No entanto, também sabia que não faria mal, pensou ela com um sorriso travesso.

~

Phillip conferiu o relógio em cima da lareira pela 15ª vez nos últimos quinze minutos. O horário combinado com os Bridgertons era meio-dia e meia, e já eram quase 12h35. Não que cinco minutos fossem razão para se preocupar quando se tinha de viajar pelas estradas do campo, mas ainda assim era incrivelmente difícil manter Oliver e Amanda limpos, arrumados e, acima de tudo, comportados, enquanto esperavam com ele na sala de estar.

– Odeio este paletó – resmungou Oliver, puxando o casaco.

– Está muito pequeno – opinou Amanda.

– *Eu sei* – retrucou ele, com claro desdém. – Se não estivesse pequeno, eu não teria reclamado.

Phillip achava que ele teria arrumado outro motivo para reclamar, mas não havia por que expressar sua opinião.

– E, além disso, seu vestido também está muito curto – continuou Oliver. – Dá para ver seus tornozelos.

– Mas é para ser assim mesmo – disse Amanda, olhando as pernas com as sobrancelhas franzidas.

– Não tanto assim.

Ela olhou para baixo de novo, dessa vez parecendo preocupada.

– Você só tem 8 anos – observou Phillip, com a voz cansada. – Seu vestido está mais do que apropriado.

Ou pelo menos ele esperava que sim, pois não entendia muito dessas coisas.

Eloise, pensou Phillip, o nome ecoando em sua cabeça como a resposta às suas orações. Ela devia saber essas coisas. Saberia se o vestido de uma criança está curto demais e quando uma garota precisa começar a usar o cabelo preso no alto, e até mesmo se um menino deve estudar em Eton ou Harrow.

Eloise saberia todas essas coisas.

Graças a Deus.

– Acho que eles estão atrasados – observou Oliver.

– Eles não estão atrasados – disse Phillip de forma automática.

– Acho que estão atrasados, *sim* – rebateu o menino. – Você sabe que já sei ver as horas.

Phillip nem imaginava, o que o deixou deprimido. Era mais ou menos como a história de saberem nadar. Na verdade, era exatamente igual.

Eloise, procurou se lembrar. Quaisquer que fossem seus defeitos como pai, ele iria compensá-los por tudo casando-se com a mãe perfeita para eles. Sabia que estava, pela primeira vez desde que os filhos tinham nascido, fazendo a coisa certa para os dois, e a sensação de alívio era quase avassaladora.

Eloise. Ele não via a hora de ela chegar.

Não via a hora de se casar com ela. Como poderia conseguir uma licença especial? Jamais pensara que um dia precisaria saber isso, mas a última coisa que queria era esperar várias semanas para que os proclamas fossem lidos.

Os casamentos não deviam ser realizados nas manhãs de sábado? Será que não conseguiriam marcar a cerimônia para aquele sábado? Só faltavam dois dias, mas se arrumassem essa licença especial…

Phillip pegou Oliver pelo colarinho quando ele tentou sair correndo pela porta.

– Não! – exclamou, com firmeza. – Você vai esperar a Srta. Bridgerton aqui. E fará isso em silêncio, sem nenhum incidente, com um sorriso no rosto.

Oliver até que tentou ficar quieto ao ouvir o nome de Eloise, mas seu “sorriso” (seguindo obedientemente à ordem do pai) estava mais para um repuxo medonho dos lábios que deu a Phillip a impressão de que o filho havia acabado

de se deparar com uma medusa anêmica.

– Isso não foi um sorriso – comentou Amanda no mesmo instante.

– Foi, sim.

– Não foi, não. Seus lábios nem se curvaram para cima…

Phillip suspirou enquanto tentava bloquear a audição sem tapar os ouvidos. Tinha falado com Anthony sobre a licença especial naquela tarde. Parecia o tipo de coisa que o visconde saberia.

Não via a hora de o sábado chegar. Poderia, então, deixar que Eloise cuidasse dos gêmeos durante o dia e…

Ele sorriu. À noite, ela poderia cuidar *dele*.

– Por que você está rindo? – perguntou Amanda.

– Não estou rindo – disse Phillip, sentindo que começava… *Deus do céu*… a corar.

– Você *está* rindo – acusou ela. – E agora suas bochechas estão ficando vermelhas.

– Não seja tola – murmurou ele.

– Não sou tola. Oliver, preste atenção, as bochechas do papai não estão vermelhas?

– Mais uma palavra sobre as minhas bochechas e eu vou… eu vou… – ameaçou Phillip. Mas que droga, ele ia dizer *bater em vocês com o chicote*, mas os três sabiam que ele nunca faria isso – … fazer alguma coisa – concluiu, em uma tentativa ridícula de intimidá-los.

Mas, por incrível que pareça, funcionou, e os dois ficaram quietos por alguns instantes.

Então Amanda balançou as pernas no sofá e derrubou um escabelo.

Phillip olhou para o relógio.

– Opa – disse ela, pulando do sofá e depois se curvando para endireitar o banquinho. – Oliver! – gritou.

Phillip desviou os olhos do ponteiro dos minutos, que inexplicavelmente ainda não havia chegado ao oito.

Amanda estava esparramada no chão, encarando o irmão, furiosa.

– Ele me empurrou – acusou ela.

– Não empurrei, não.

– Empurrou, sim.

– Não…

– Oliver – interrompeu Phillip. – *Alguém* a empurrou e tenho certeza de que não fui eu.

O menino mordeu o lábio inferior quando se deu conta de que não havia pensado que sua culpa estaria bem óbvia.

– Talvez ela tenha caído sozinha – sugeriu.

Phillip olhou para ele, esperando que sua cara fechada fosse suficiente para cortar aquela ideia pela raiz.

– Está bem – admitiu Oliver. – Eu a empurrei. Desculpe.

Phillip piscou, surpreso. Talvez estivesse melhorando como pai. Não conseguia se lembrar da última vez que ouvira um pedido espontâneo de desculpas.

– Você pode me empurrar também – disse Oliver à irmã.

– Ah, não – interrompeu Phillip rapidamente. – Má ideia. Péssima ideia.

– Está bem – concordou Amanda, radiante.

– Não, Amanda! – exclamou Phillip, levantando-se de um pulo. – Não…

Mas ela já tinha colocado as duas maõzinhas no peito do irmão e empurrado.

Oliver tropeçou para trás com uma gargalhada.

– Agora é minha vez de empurrar *você*! – gritou ele, alegremente.

– Você *não* vai empurrar sua irmã! – esbravejou Phillip, pulando uma otomana.

– Ela me empurrou! – argumentou Oliver.

– Porque você mandou, seu patifezinho.

Phillip esticou o braço para agarrar a manga do filho antes que ele escapasse, mas o tratante era escorregadio como um sabonete.

– Me empurra! – provocava Amanda. – Me empurra!

– Não empurre sua irmã! – gritava Phillip.

Visões de sua sala de estar cheia de móveis quebrados e abajures derrubados invadiram ameaçadoramente seu cérebro.

Deus do céu, e os Bridgertons deviam chegar a qualquer instante.

Ele alcançou Oliver na mesma hora em que o menino alcançou Amanda e os três acabaram caindo, levando junto duas almofadas do sofá. Phillip agradeceu a Deus pela ajuda. Pelo menos as almofadas não quebravam.

Crec!

– Mas o que…?

– Acho que foi o relógio – sugeriu Oliver, engolindo em seco.

Como eles tinham conseguido derrubar o relógio de cima da lareira, Phillip nunca iria saber.

– Os dois vão ficar de castigo no quarto até os 68 anos – sibilou ele.

– A culpa foi do Oliver – disse Amanda, rapidamente.

– Não me importa quem seja o culpado – rebateu Phillip. – Vocês *sabem* que a Srta. Bridgerton está para chegar a qualquer…

– *Cof, cof*.

Phillip virou-se devagar para a porta, horrorizado, mas não surpreso, ao ver Anthony Bridgerton ali parado, com Benedict, Sophie e Eloise logo atrás de si.

– Meu caro – disse Phillip simplesmente.

Com certeza deveria ter sido mais cortês – não era culpa do visconde que seus filhos estivessem a um passo de serem completos monstros –, mas Phillip não conseguiu ser mais esfuziante naquele momento.

– Estamos interrompendo algo? – indagou Anthony.

– De forma alguma – retrucou Phillip. – Como podem ver, estamos apenas… hã… rearrumando os móveis.

– E estão fazendo um excelente trabalho – disse Sophie, alegremente.

Phillip sorriu para ela em agradecimento. Ela parecia o tipo de mulher que sempre se esforça para fazer os outros se sentirem mais confortáveis, e, naquele momento, ele poderia tê-la beijado por isso.

Ele se levantou, parando para endireitar a otomana virada, depois agarrou os filhos pelos braços e os colocou de pé. A pequena gravata de Oliver agora estava completamente fora do lugar, e o prendedor de cabelo de Amanda, pendurado perto da orelha.

– Permitam-me apresentar os meus filhos, Oliver e Amanda Crane – disse ele com toda a dignidade que conseguiu reunir.

As duas crianças murmuraram seus cumprimentos, parecendo bastante desconfortáveis ao serem apresentadas a tantos adultos de uma vez. Ou talvez estivessem mesmo envergonhadas por seu comportamento horrível, por mais incrível que isso pudesse ser.

– Muito bem – disse Phillip, depois que os gêmeos cumpriram seu dever. – Agora vocês já podem ir.

Os dois olharam para ele parecendo bem tristes.

– O que foi agora?

– Podemos ficar? – perguntou Amanda, baixinho.

– Não – respondeu Phillip.

Convidara os Bridgertons para o almoço e uma visita à estufa, e precisava que as crianças ficassem quietas no quarto se quisesse que tudo desse certo.

– Por favor! – implorou a menina.

Phillip evitou deliberadamente olhar para os convidados, sabendo que todos testemunhavam sua completa falta de autoridade sobre os filhos.

– A babá está à espera de vocês no corredor – disse ele.

– Não gostamos dela – retrucou Oliver.

Amanda assentiu com a cabeça, concordando com ele.

– É claro que gostam – falou Phillip, com impaciência. – Ela já é babá de vocês há meses.

– Mas nós *não* gostamos dela.

Phillip olhou para os Bridgertons.

– Queiram me perdoar – disse ele. – Peço desculpas pela interrupção.

– Não é problema algum – atalhou Sophie com rapidez, seu rosto adquirindo um ar maternal enquanto avaliava a situação.

Phillip levou os gêmeos até o canto mais distante da sala, então cruzou os braços e encarou os dois com o semblante sério.

– Crianças, eu pedi a Srta. Bridgerton em casamento – disse ele.

Os olhos dos dois se iluminaram.

– Que bom – grunhiu Phillip. – Vejo que concordam comigo que é uma excelente ideia.

– Ela vai…?

– Não me interrompam – atalhou Phillip, impaciente demais naquele instante para lidar com qualquer pergunta. – Quero que me ouçam. Eu ainda tenho que conseguir a aprovação da família dela, e para isso preciso recebê-los bem, oferecer um almoço, e tudo isso sem nenhuma criança em volta.

Bom, era quase toda a verdade. Os gêmeos não precisavam saber que Anthony tinha praticamente ordenado que se casassem e que a aprovação já não era um problema.

Mas o lábio inferior de Amanda começou a tremer, e até Oliver parecia

chateado.

– O que foi? – perguntou Phillip, cansado.

– Você tem vergonha de nós? – quis saber Amanda.

Phillip suspirou, sentindo-se muito mal. Por Deus, como tinham chegado àquele ponto?

– Eu não tenho…

– Posso ajudar?

Ele olhou para Eloise como se ela fosse sua salvadora. Observou em silêncio quando ela se ajoelhou perto de seus filhos, falando com eles com uma voz tão suave que Phillip não conseguia entender as palavras, apenas perceber o tom doce e gentil delas.

Os gêmeos disseram alguma coisa que foi obviamente um protesto, mas Eloise os interrompeu, gesticulando com as mãos enquanto falava. Então, para seu total e completo espanto, os dois se despediram de todos e saíram para o corredor. Não pareciam felizes, mas ainda assim obedeceram.

– Que bom que vou me casar com você – comentou Phillip em voz baixa.

– É mesmo – murmurou Eloise, passando por ele com um sorriso misterioso enquanto voltava para junto de sua família.

Phillip a seguiu e imediatamente se desculpou com Anthony, Benedict e Sophie pelo comportamento dos filhos.

– Vem sendo difícil lidar com eles desde que perderam a mãe – explicou ele, tentando justificar a situação.

– Não há nada mais difícil do que a morte de um dos pais – comentou Anthony, baixinho. – Por favor, não se sinta obrigado a se desculpar por eles.

Phillip acenou com a cabeça, grato pela compreensão.

– Venham, vamos almoçar – disse ao grupo.

Mas, enquanto ele os levava à sala de jantar, os rostos de Oliver e Amanda surgiram em sua mente. Os olhos dos dois pareciam bem tristes quando saíram.

Ela já vira os filhos obstinados, insuportáveis, e até mesmo tendo ataques de raiva, mas não os via tristes desde que a mãe deles morrera.

Isso era muito preocupante.

~

Depois do almoço e de um passeio pela estufa, o quinteto dividiu-se em dois

grupos. Benedict tinha levado um bloco, então ele e Sophie ficaram perto da casa, conversando alegremente enquanto ele desenhava a fachada. Anthony, Eloise e Phillip decidiram dar uma volta pela propriedade, mas Anthony, de maneira muito discreta, deixou os dois caminharem vários metros atrás, dando ao casal de noivos a chance de conversar com alguma privacidade.

– O que você disse às crianças? – perguntou Phillip.

– Não sei – respondeu Eloise, com sinceridade. – Só tentei agir como a minha mãe. – Ela deu de ombros. – Pareceu funcionar.

Ele pensou um pouco.

– Deve ser bom ter pais que se possa imitar.

Eloise olhou para ele, curiosa.

– Você não teve?

Ele balançou a cabeça.

– Não.

Eloise esperava que Phillip contasse mais, e até lhe deu tempo para isso, mas ele não falou mais nada. Por fim, ela decidiu insistir e perguntou:

– Sua mãe ou seu pai?

– O que você quer dizer?

– Qual dos dois foi tão difícil?

Ele olhou para ela por um bom tempo, os olhos escuros inescrutáveis, enquanto franzia ligeiramente as sobrancelhas.

– Minha mãe morreu no meu parto.

Eloise assentiu.

– Entendo.

– Duvido que possa entender, mas fico feliz que você tente – retrucou ele, com uma voz baixa e triste.

Eles seguiram em frente, mantendo os passos lentos, sem querer chegar perto demais de Anthony para que ele não pudesse ouvi-los, embora nenhum dos dois tenha dito nada por vários minutos. Finalmente, quando pegaram o caminho que levava aos fundos da casa, Eloise formulou a pergunta que estivera ansiosa por fazer o dia todo:

– Por que você me levou ao escritório de Sophie ontem?

Ele gaguejou e tropeçou.

– Achei que tinha ficado bem óbvio – murmurou, as bochechas ficando

vermelhas.

– Bem, sim – retrucou Eloise, corando ao perceber exatamente o que havia perguntado. – Mas com certeza você não achou que *aquilo* fosse acontecer.

– Um homem sempre pode ter esperanças.

– Você não está falando sério!

– É claro que estou. – Então acrescentou, parecendo não acreditar que estava tendo aquela conversa: – Mas não do jeito como aconteceu. Nunca passou pela minha cabeça que as coisas pudessem sair tanto de controle. – Ele olhou de soslaio para ela, com ar travesso, e concluiu: – Embora eu não lamente que tenha sido assim.

Ela sentiu o rosto ficar quente.

– Você ainda não respondeu à minha pergunta.

– Não?

– Não. – Ela sabia que estava sendo insistente, e até mesmo inconveniente, mas aquela parecia ser uma questão na qual valia a pena persistir. – Por que me levou até lá?

Phillip a encarou por uns bons dez segundos, provavelmente para avaliar se ela era louca, depois olhou rápido para Anthony, para ter certeza de que ele não poderia ouvi-lo, antes de responder:

– Bem, se quer mesmo saber, sim, eu pretendia beijá-la. Você não parava de tagarelar sobre o casamento e de me fazer todo tipo de perguntas ridículas. – Ele colocou as mãos nos quadris e deu de ombros. – Pareceu-me uma boa maneira de provar a você de uma vez por todas que podemos nos entender.

Eloise decidiu ignorar o fato de ele a ter chamado de tagarela.

– Mas a paixão com certeza não é suficiente para sustentar um casamento – insistiu ela.

– Já é um bom começo – retrucou ele. – Podemos falar de outra coisa?

– Não. O que estou tentando dizer…

Ele bufou e revirou os olhos.

– Você está sempre tentando dizer alguma coisa.

– É o que me torna fascinante – falou ela, irritada.

Ele olhou para ela com paciência forçada.

– Eloise. Nós nos damos bem e teremos um casamento perfeitamente feliz e agradável. Não sei mais o que fazer para provar isso.

– Mas você não me ama – observou ela, com a voz suave.

Aquilo o atingiu como um soco no estômago e Phillip ficou ali parado, encarando-a surpreso por um bom tempo.

– Por que você faz questão de dizer esse tipo de coisa? – perguntou ele.

Ela deu de ombros.

– Porque é importante.

Por um instante ele não fez nada além de olhar para ela.

– Nunca lhe ocorreu que você não necessariamente deva colocar em palavras tudo o que pensa ou sente?

– Já – respondeu Eloise, uma vida inteira de arrependimentos naquela única sílaba. – O tempo todo. – Ela desviou o olhar, desconfortável com a estranha sensação de vazio que experimentou. – Mas não consigo evitar.

Phillip balançou a cabeça, claramente perplexo, o que não a surpreendeu. Na metade do tempo, Eloise ficava perplexa consigo mesma. *Por que* insistira no assunto? Por que nunca podia ser sutil, reservada? Sua mãe lhe dissera uma vez que é mais fácil atrair moscas com mel do que com uma marreta, mas Eloise nunca aprendera a guardar os pensamentos para si mesma.

Tinha praticamente perguntado a Sir Phillip se ele a amava, e seu silêncio tinha o peso de um *não*. Ela sentiu um aperto no peito. Na verdade, não chegara a pensar que ele diria o contrário, mas sua decepção provava que uma pequena parte dela esperava que ele caísse de joelhos e gritasse que a amava, que a adorava e que tinha certeza de que morreria sem ela.

O que era uma grande besteira, e Eloise não sabia nem por que desejara isso se também não o amava.

Mas poderia vir a amá-lo. Tinha aquela sensação de que, se desse tempo ao tempo, seria capaz de amar aquele homem. E talvez só quisesse que ele dissesse o mesmo.

– Você amava Marina? – perguntou, as palavras escapando de seus lábios antes mesmo que tivesse a chance de pensar.

Eloise se encolheu. Já estava de novo querendo saber coisas pessoais demais.

Era um milagre que Phillip não tivesse jogado os braços para cima e saído correndo e gritando na direção oposta.

Ele ficou em silêncio por um longo tempo. Os dois só ali parados, olhando um para o outro, tentando ignorar Anthony, que examinava atentamente uma

árvore a uns 30 metros de distância. Por fim, Phillip respondeu em voz baixa:

– Não.

Eloise não ficou exultante, mas também não lamentou. Não sentiu nada quando ouviu a resposta dele, o que a surpreendeu. Mas soltou o ar demoradamente, embora nem tivesse notado que prendia a respiração. E agora estava feliz por saber a resposta.

Detestava a sensação de não saber. Qualquer coisa.

Então não deveria ter ficado espantada quando sussurrou:

– Por que se casou com ela?

Depois de um tempo encarando o nada com o olhar vazio e perdido, Phillip enfim deu de ombros e respondeu:

– Não sei. Parecia a coisa certa a fazer.

Eloise assentiu. Fazia sentido. Era exatamente o tipo de atitude que ele tomaria. Phillip estava sempre fazendo a coisa certa, seguindo o caminho mais honrado, desculpando-se por suas transgressões, carregando nos ombros o fardo de todo mundo…

Honrando as promessas do irmão.

Mas Eloise ainda tinha uma dúvida.

– Você… – sussurrou ela, quase perdendo a coragem. – Você a desejava?

Sabia que não deveria perguntar isso, mas, depois daquela outra tarde, precisava saber. A resposta não importava… ou pelo menos ela dizia a si mesma que não.

Só precisava saber.

– Não.

Ele virou para o outro lado e começou a andar, os passos largos forçando-a a acordar de seus devaneios e segui-lo. Mas, então, quando ela já andava rápido o bastante para acompanhá-lo, Phillip parou, fazendo com que ela tropeçasse e tivesse de se apoiar no braço dele para se equilibrar.

– Tenho uma pergunta para você – disse ele de maneira abrupta.

– Tudo bem – murmurou ela, surpresa pela repentina mudança de comportamento.

Ainda assim, era mais do que justo. Ela praticamente interrogara o pobre homem.

– Por que você saiu de Londres?

Eloise piscou, surpresa. Não esperava algo tão fácil de responder.

– Para conhecer você, é claro.

– Mentira.

Ela ficou boquiaberta diante do palpável desdém dele.

– Isso foi o que a fez vir para cá, não ter saído de Londres.

Não tinha ocorrido a Eloise até aquele minuto que havia uma diferença, mas ele estava certo. Phillip não tivera nada a ver com seu motivo para sair de Londres. Ele só lhe dera um meio fácil de escapar, uma maneira de ir embora sem sentir que estava fugindo.

Ele lhe fornecera uma explicação razoável. Dizer que estava *indo para* algum lugar era muito mais fácil de justificar do que *fugindo de* alguma coisa.

– Você tinha um amante? – perguntou Phillip, a voz baixa.

– Não! – exclamou Eloise, alto o bastante para fazer Anthony se virar, o que a forçou a sorrir e acenar para ele, assegurando-lhe que estava tudo bem. – Foi só uma abelha – gritou.

Anthony arregalou os olhos e começou a andar depressa na direção deles.

– A abelha já foi embora! – falou ela rapidamente, para fazê-lo parar. – Não há com que se preocupar! – Então virou-se para Phillip e explicou: – Ele tem um pavor mórbido de abelhas. – Eloise fez uma careta. – Eu esqueci. Devia ter dito que era um rato.

Phillip olhou para Anthony, curioso. Eloise não estranhou. Era difícil imaginar que um homem como seu irmão pudesse ter medo de abelhas, mas fazia sentido quando se levava em consideração que seu pai tinha morrido após ser picado por uma.

– Você não respondeu à minha pergunta.

Droga. Ela achava que tinha conseguido fugir do assunto.

– Como você pode me perguntar uma coisa dessas? – disse ela.

Phillip deu de ombros.

– Como poderia não perguntar? Você fugiu de casa, sem se preocupar em contar à sua família aonde ia…

– Eu deixei um bilhete – interrompeu ela.

– Sim, é claro, o bilhete.

Eloise ficou espantada.

– Você não acredita em mim?

– Na verdade, acredito – respondeu Phillip, balançando a cabeça. – Você é organizada demais para ir embora sem verificar se havia deixado alguma coisa mal resolvida.

– Não é culpa minha se ele se perdeu em meio aos convites da minha mãe – murmurou ela.

– A questão não é o bilhete – retrucou Phillip, cruzando os braços.

Cruzando os braços? Ela trincou os dentes. Aquilo fazia Eloise se sentir como uma criança, e não havia nada que pudesse dizer a respeito, pois tinha a impressão de que não importava o que Phillip estivesse para falar com relação ao seu comportamento recente, ele estaria certo.

Por mais que lhe doesse ter de admitir isso.

– A questão é que você fugiu de Londres no meio da noite como uma criminosa – continuou ele. – E me ocorreu que pudesse ter acontecido algo que… hã… tivesse prejudicado sua reputação. – Quando viu que ela o encarava com irritação, acrescentou: – Não é nenhuma conclusão absurda.

Phillip estava certo. Não com relação à sua reputação… que ainda era pura como a neve. Mas com certeza tudo aquilo parecia estranho e, na verdade, era um espanto que ele ainda não tivesse perguntado nada.

– Mesmo que você tenha tido um amante, isso não mudará minhas intenções – disse ele baixinho.

– Não é nada disso – retorquiu Eloise rapidamente, para fazê-lo parar de falar daquilo. – É que… – Sua voz falhou e ela deu um suspiro. – É que…

E então ela lhe contou tudo: sobre os pedidos de casamento que recebera e os que Penelope não recebera, sobre os planos que as duas faziam, de brincadeira, de envelhecerem juntas, ambas solteironas. Também falou sobre como se sentira culpada quando Penelope e Colin se casaram e ela não conseguia parar de pensar em si mesma, em como estava sozinha.

Ela lhe disse tudo isso e ainda mais: desvendou tudo o que havia em sua mente e em seu coração, coisas que nunca contara a mais ninguém. E então Eloise pensou que, para uma mulher que falava sem parar, era incrível a quantidade de coisas guardadas dentro dela que nunca havia compartilhado.

Então, quando terminou (e, para falar a verdade, ela nem percebeu que tinha acabado, só foi ficando sem energia até cair em silêncio), Phillip estendeu o braço e pegou sua mão.

– Está tudo bem – disse ele.

E estava, ela percebeu. Estava mesmo.

CAPÍTULO 14

… sei que o rosto do Sr. Wilson lembra ligeiramente o de um anfíbio, mas queria muito que você aprendesse a ser um pouco mais prudente com relação ao que diz. Por mais que eu nunca vá considerá-lo um pretendente razoável para me casar, ele certamente não é um sapo, e não convém que minha irmã caçula o chame assim, ainda mais na frente dele.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã Hyacinth, quando recusou o quarto pedido de casamento

Quatro dias depois, eles estavam casados. Phillip não tinha ideia de como Anthony Bridgerton fizera aquilo, mas ele conseguira uma licença especial, permitindo que os dois se casassem sem proclamas e em uma segunda-feira, o que, Eloise assegurou-o, não era pior do que numa terça ou numa quarta, só que não seria num sábado, como era apropriado.

A família toda de Eloise – com exceção de sua irmã viúva que morava na Escócia e não tivera tempo de fazer a viagem – fora em peso até o campo para o casamento. Normalmente a cerimônia teria sido realizada em Kent, onde ficava a principal residência dos Bridgertons, ou em Londres, onde a família frequentava com regularidade a igreja St. George, na Praça Hanover, mas não seria possível fazer os arranjos necessários em tão pouco tempo e de qualquer maneira aquele não era um casamento comum. Benedict e Sophie ofereceram a casa deles para a recepção, mas Eloise achou que os gêmeos se sentiriam mais à vontade em Romney Hall, então a cerimônia foi realizada na igreja mais próxima de lá, seguida de uma recepção íntima no gramado em frente à estufa de Phillip.

No mesmo dia, mais tarde, quando o sol começava a se pôr, Eloise estava em seu novo quarto com a mãe, que fingia arrumar o enxoval da filha, feito às pressas. Na verdade tudo já tinha sido guardado mais cedo, naquela manhã, pela criada pessoal de Eloise, que viera de Londres com a família dela, mas Eloise

não falou nada sobre o trabalho sem propósito da mãe. Parecia que Violet precisava ter algo para fazer enquanto falava.

Eloise, mais do que qualquer um, entendia perfeitamente aquela necessidade.

– Eu devia reclamar por não ter tido meu momento de glória apropriado como mãe da noiva, mas na verdade estou feliz só por vê-la se casar – disse Violet à filha, enquanto dobrava o véu de renda e o guardava com cuidado no alto da cômoda.

Eloise deu um sorriso delicado para a mãe.

– A senhora já estava perdendo as esperanças, não é mesmo?

– Estava. – Mas então ela inclinou a cabeça de lado e acrescentou: – Na verdade, não. Eu achava que, no final, você iria nos surpreender. Como sempre.

Eloise pensou em todos os anos desde sua apresentação à sociedade, todos os pedidos de casamento recusados. Todas as cerimônias de casamento a que tinham ido, em que Violet assistira a uma amiga após a outra casar as filhas com cavalheiros perfeitamente adequados.

Cavalheiro esses que já não poderiam mais pedir a mão de Eloise Bridgerton.

– Me desculpe se a decepcionei – sussurrou Eloise.

Violet olhou para ela com um ar sábio.

– Meus filhos nunca me decepcionam. Eles só… me surpreendem. Acho que gosto das coisas assim.

Eloise se curvou para abraçar a mãe. Sentiu-se estranha ao fazer isso, embora não soubesse bem por quê, já que sua família nunca desencorajara essas demonstrações de afeto na privacidade do lar. Talvez fosse por estar à beira das lágrimas, talvez por sentir que a mãe era a mesma, mas que ela, Eloise, parecia ter voltado a ser uma menina desajeitada, com braços e pernas desengonçados, cotovelos proeminentes e uma boca que sempre se abria quando devia ficar fechada.

E essa menininha queria sua mãe.

– Calma, calma – disse Violet, no mesmo tom de vários anos atrás, quando cuidava de um joelho esfolado ou sentimentos feridos. – Vamos – continuou ela, o rosto ficando vermelho. – Vamos, acalme-se.

– Mãe? – murmurou Eloise.

Estava com um ar bem estranho, como se tivesse comido algo estragado.

– Eu temia isso – falou Violet, baixinho.

– *Mãe?*

Pelo jeito, ela não tinha ouvido direito.

Violet respirou fundo, procurando criar coragem.

– Precisamos ter uma conversinha. – Então se afastou um pouco, olhou nos olhos da filha e acrescentou: – Não *precisamos*?

Eloise não sabia direito se sua mãe estava lhe perguntando se ela já tinha ouvido falar sobre os detalhes da intimidade ou se os conhecia… intimamente.

– Mãe… eu não… hã… Se a senhora quer dizer… Eu ainda sou…

– Ótimo – disse Violet com um suspiro aliviado. – Mas você… quer dizer, você sabe…?

– Sei – respondeu Eloise bem rápido, ansiosa por livrar as duas daquele constrangimento. – Acho que não preciso de nenhuma explicação.

– Ótimo – disse Violet de novo, o suspiro ainda mais aliviado. – Confesso que detesto essa parte da maternidade. Não consigo nem lembrar o que falei a Daphne, só que passei o tempo todo corando e gaguejando e, para ser sincera, não sei se ela saiu da conversa mais bem informada do que antes. – Os cantos de sua boca se curvaram para baixo. – Provavelmente não, eu receio.

– Ela parece ter se adaptado muito bem à vida de casada – murmurou Eloise.

– Parece que sim, não é mesmo? – retrucou Violet, animada. – Quatro filhos e um marido que é louco por ela. Com certeza ninguém poderia desejar mais que isso.

– E o que a senhora disse para Francesca? – perguntou Eloise.

– Hã?

– Francesca – repetiu Eloise, referindo-se à irmã mais nova, que se casara havia seis anos e tragicamente ficara viúva em dois anos. – O que a senhora disse quando ela se casou? A senhora falou de Daphne, mas não de Francesca.

Os olhos azuis de Violet se anuviaram, como sempre acontecia quando pensava na terceira filha, que ficara viúva tão jovem.

– Você conhece a Francesca. Acredito que *ela* poderia ter me ensinado uma ou outra coisa.

Eloise se engasgou.

– Não estou querendo dizer que ela sabia de algo por experiência própria, é claro – apressou-se Violet em acrescentar. – Francesca era tão inocente quanto… bem, tão inocente quanto você, imagino.

Eloise sentiu o rosto ficar mais quente e agradeceu aos céus pelo dia nublado, que deixara o quarto meio escuro. Isso e o fato de sua mãe estar ocupada examinando um pedaço de bainha desfeita no vestido. Eloise ainda era *tecnicamente* intocada, é claro, e com certeza passaria pela inspeção se fosse examinada por um médico, mas já não se sentia mais tão inocente.

– Mas você conhece a Francesca – continuou Violet, dando de ombros e voltando a olhar para a filha quando percebeu que não havia nada que pudesse fazer com relação à bainha. – Ela é tão esperta e inteligente… Imagino que tenha subornado alguma pobre criada para lhe explicar tudo anos antes.

Eloise assentiu. Não queria contar à mãe que ela e Francesca tinham juntado dinheiro para subornar a criada. Mas valera cada centavo. A explicação de Annie Mavel fora bem detalhada e, como Francesca lhe informara depois, absolutamente correta.

Violet sorriu, pensativa, depois estendeu o braço e tocou o rosto da filha, perto do canto do olho. A pele ainda estava um pouco descorada, mas o roxo tinha desbotado, passando pelo azul e pelo verde, para um tom mais pálido (mas sem dúvida menos feio) de amarelo.

– Você tem certeza de que será feliz?

Eloise deu um sorriso melancólico.

– É meio tarde para pensar nisso, não acha?

– Pode ser tarde demais para fazer alguma coisa, mas nunca é tarde demais para pensar.

– Acho que serei feliz – disse Eloise.

Espero que sim, acrescentou, ainda que só mentalmente.

– Ele parece ser um bom homem.

– Ele é um homem muito bom.

– Honrado.

– Sim.

Violet assentiu.

– Acho que você será feliz. Pode levar algum tempo até perceber isso, e talvez a princípio duvide, mas vai ser feliz. Apenas lembre-se… – Ela parou, mordendo o lábio.

– De quê, mãe?

– Apenas lembre-se de que leva tempo – continuou Violet devagar, como se

estivesse escolhendo cada palavra com muito cuidado. – Só isso.

O que leva tempo?, queria gritar Eloise.

Mas Violet já tinha se levantado e agora ajeitava o vestido.

– Acho que terei de expulsar a família, ou eles não irão embora nunca.

Ela ajeitou um laço de sua roupa enquanto se virava com rapidez. Levou uma das mãos ao rosto e Eloise tentou fingir que não a viu enxugar uma lágrima.

– Você é muito impaciente – observou Violet, olhando para a porta. – Sempre foi.

– Eu sei – disse Eloise, pensando se aquilo era uma repreensão, e, se fosse, *por que* sua mãe escolhera fazer isso naquele momento.

– Sempre adorei isso em você. Sempre adorei tudo em você, é claro, mas por algum motivo sempre achei sua impaciência especialmente encantadora. Nunca era porque você queria *mais*, mas porque queria *tudo*.

Eloise não tinha certeza se aquilo era uma boa característica.

– Você queria tudo para todo mundo, e queria saber tudo, aprender tudo, e…

Por um instante, Eloise achou que sua mãe tinha acabado, mas então Violet se virou e acrescentou:

– Você nunca ficou satisfeita com o que não fosse o melhor, e isso é bom, Eloise. Fico feliz que não tenha se casado com nenhum daqueles homens que pediram sua mão em Londres. Nenhum deles a teria feito feliz. Contente, talvez, mas não feliz.

Eloise sentiu os olhos se arregalarem de surpresa.

– Mas não deixe sua impaciência tomar conta de você – disse Violet com delicadeza. – Porque você é muito mais do que isso, mas às vezes se esquece. – Então, ela abriu o sorriso doce e sábio de uma mãe que se despede da filha. – Dê tempo ao tempo, Eloise. Seja gentil. Não pressione demais.

Eloise abriu a boca, mas se viu incapaz de falar.

– Seja paciente – disse Violet. – Não pressione.

– Eu…

Eloise pensou em dizer *Eu não vou*, mas as palavras se perderam e tudo o que ela conseguiu fazer foi olhar para o rosto da mãe, só agora percebendo o que realmente significava estar casada. Concentrara-se tanto em Phillip que não pensara em sua família.

Ela estava deixando todos eles. Sempre os teria de todas as formas que

importavam, mas, ainda assim, estava deixando todo mundo.

E Eloise não percebera até aquele momento quantas vezes se sentara com a mãe só para conversar. Ou como esses momentos eram preciosos. Violet sempre pareceu saber exatamente do que os filhos precisavam, o que era mesmo incrível, já que eles eram oito – oito personalidades muito diferentes, cada uma com esperanças e sonhos únicos.

Até a carta de Violet – aquela que ela escrevera e pedira a Anthony que entregasse a Eloise em Romney Hall – tinha sido perfeita, exatamente o que Eloise precisava ouvir. Violet poderia ter repreendido, poderia ter feito acusações. Estaria completamente em seu direito fazer qualquer uma das duas coisas, ou até mais.

Mas tudo o que escrevera foi: "Espero que esteja bem. Por favor, lembre-se de que você é minha filha e sempre será. Eu amo você."

Eloise chorara ao ler as palavras da mãe. Ainda bem que só se lembrara de ler a carta bem tarde naquela noite, na privacidade de seu quarto na casa de Benedict.

Violet nunca precisara de nada, e sua verdadeira riqueza residia em sua sabedoria e seu amor, e Eloise percebia agora, enquanto via a mãe virar de novo em direção à porta, que ela era mais do que só sua progenitora… ela era tudo o que Eloise desejava ser.

E Eloise não podia acreditar que levara tanto tempo para perceber isso.

– Imagino que você e Sir Phillip devam querer um pouco de privacidade – disse Violet, colocando a mão na maçaneta.

Eloise assentiu, mesmo que Violet não pudesse ver.

– Sentirei falta de todos vocês.

– É claro que sentirá – disse Violet rapidamente, procurando se recompor. – E nós sentiremos a sua. Mas você não estará longe. E vai morar perto de Benedict e Sophie. E de Posy, também. Eu espero vir mais vezes para cá, agora que tenho outros dois netos para mimar.

Eloise enxugou as lágrimas. Sua família aceitara os filhos de Phillip imediatamente, de forma incondicional. Não esperava menos, mas ainda assim isso tocara seu coração mais do que poderia imaginar. Os gêmeos já estavam brincando ruidosamente com as crianças Bridgertons, e Violet insistira que a chamassem de vovó. Eles concordaram com entusiasmo, sobretudo depois que

Violet lhes deu um saco inteiro de balas de hortelã que alegara ter caído dentro de sua bolsa, em Londres.

Eloise já se despedira da família, então, quando a mãe saiu, sentiu que de fato se tornara Lady Crane. A Srta. Bridgerton teria voltado para Londres com o restante da família, mas Lady Crane, esposa de um proprietário de terras e baronete, ficaria ali, em Romney Hall. Sentia-se estranha e diferente, e repreendeu-se por isso. Talvez, aos 28 anos, o casamento não devesse parecer um passo tão importante. Afinal de contas, ela não era mais tão novinha, e isso já havia algum tempo.

Ainda assim, disse a si mesma, tinha todo o direito de sentir que sua vida tinha mudado para sempre. Ora, agora era uma mulher casada e senhora do próprio lar. Sem falar que já era mãe de dois filhos. Nenhum de seus irmãos tivera de enfrentar as responsabilidades de ser pai tão de repente.

Mas ela estava pronta para a tarefa. Tinha de estar. Endireitou os ombros, olhando determinadamente para seu reflexo no espelho enquanto escovava os cabelos. Ela era uma Bridgerton, ainda que esse não fosse mais seu sobrenome legal, e estava pronta para qualquer coisa. E, como não era do tipo que poderia suportar uma vida infeliz, teria de cuidar para que a sua não fosse assim.

Ouviu, então, uma batida na porta e, quando se virou, Phillip já havia entrado no quarto. Ele fechou a porta, mas ficou onde estava, provavelmente para dar a ela algum tempo para se recompor.

– Você não quer que sua criada a ajude? – perguntou ele, indicando a escova de cabelo.

– Disse a ela para tirar a noite de folga – respondeu Eloise. Então deu de ombros. – Parecia estranho tê-la por aqui, quase uma intrusão, eu acho.

Phillip pigarreou enquanto puxava a gravata, um gesto que tinha se tornado ternamente familiar. Ele nunca se sentia muito à vontade em trajes formais, percebeu ela, estava sempre puxando alguma coisa ou se remexendo e desejando estar com suas roupas de trabalho, mais confortáveis.

Como era estranho ter um marido com uma profissão de verdade. Eloise nunca pensara em se casar com um homem assim. Não que Phillip tivesse exatamente um emprego, mas seu trabalho na estufa com certeza era muito mais do que a maioria dos jovens ociosos que conhecia tinha para preencherem suas vidas.

Ela percebeu, então, que gostava disso. Gostava que ele tivesse um propósito, que fosse inteligente e tivesse a mente voltada para a pesquisa, em vez de só pensar em cavalos e apostas.

Ela gostava *dele*.

Isso era um alívio. Estaria em uma situação muito difícil se não fosse assim.

– Você precisa de mais alguns minutos? – perguntou Phillip.

Ela fez que não. Estava pronta.

Uma lufada de ar saiu dos lábios dele. Eloise pensou ter ouvido as palavras “Graças a Deus”, e de repente estava em seus braços, e ele a beijava, e qualquer outra coisa que passasse pela cabeça dela desapareceu.

~

Phillip imaginava que deveria ter dedicado um pouco mais de atenção ao seu casamento, mas a verdade era que ele não conseguia se concentrar nos eventos do dia, não quando os eventos da noite se aproximavam de maneira tão tentadora. Toda vez que olhava para Eloise, toda vez que sentia o cheiro dela – que parecia estar em toda parte, destacando-se em meio aos perfumes delicados das mulheres da família Bridgerton –, percebia uma rigidez denunciadora em seu corpo, um tremor de expectativa quando se lembrava de como era tê-la em seus braços.

Falta pouco, ele dizia a si mesmo, obrigando o corpo a relaxar e depois agradecendo a Deus por seu esforço estar sendo bem-sucedido. *Falta pouco*.

Então finalmente chegou o momento e os dois se encontraram sozinhos, e ele não podia acreditar em como ela estava linda com seus longos cabelos castanhos caindo em cascata pelas costas. Percebeu naquela hora que nunca vira o cabelo dela solto, nunca imaginara seu comprimento enquanto ele permanecia preso em um pequeno coque bem-arrumado em sua nuca.

– Sempre me perguntei por que as mulheres usam os cabelos presos – murmurou Phillip, depois do sétimo beijo.

– É o costume, é claro – disse Eloise, sem entender bem o comentário dele.

– Não acho que seja por isso – retrucou Phillip. Então tocou o cabelo dela, passou os dedos pelos fios e depois os levou ao rosto para sentir o cheiro. – É para proteger os outros homens.

Eloise o fitou com um misto de surpresa e confusão.

– Sem dúvida você quis dizer para proteger *as mulheres* do olhar de outros homens.

Ele balançou a cabeça devagar.

– Eu teria que matar qualquer um que a visse assim.

– Phillip.

Ele estava quase certo de que o tom de Eloise deveria ter sido de repreensão, mas ela corou e parecia incrivelmente feliz com a declaração.

– Ninguém que a visse assim poderia resistir – continuou Phillip, enroscando uma mecha sedosa nos dedos. – Sei disso.

– Vários homens resistiram muito bem – comentou Eloise, oferecendo-lhe um sorriso autodepreciativo. – Muitos mesmo, para falar a verdade.

– São uns tolos – disse ele simplesmente. – Além do mais, isso só prova o que eu falei, não é mesmo? Isto – acrescentou, segurando uma mecha longa e grossa entre os rostos dos dois, depois roçando-a nos lábios, sentindo seu cheiro estonteante – esteve escondido em um coque por anos.

– Desde que eu tinha 16.

Phillip a puxou para junto de seu corpo, delicada mas resolutamente.

– Ainda bem. Você nunca teria sido minha se tivesse tirado os grampos do cabelo antes. Alguém já a teria agarrado há muitos anos.

– É só cabelo – sussurrou Eloise, a voz um pouco trêmula.

– Você tem razão – concordou Phillip. – Deve ter, porque em qualquer outra pessoa, acho que não seria nem um pouco inebriante. Deve ser você – murmurou ele, deixando os fios caírem de seus dedos. – Só você.

Então envolveu o rosto dela com as mãos, inclinando-o ligeiramente para o lado para poder beijá-la com mais facilidade. Sabia o gosto dos lábios de Eloise, já os beijara antes – inclusive apenas alguns minutos antes. Mas ainda assim ficou surpreso com sua doçura, com o calor de seu hálito e com a maneira como o corpo dele se incendiou com um simples beijo.

Só que, na verdade, nunca seria um simples beijo. Não com ela.

Phillip levou os dedos aos pequenos botões forrados que desciam pelas costas do vestido dela.

– Vire-se – ordenou, interrompendo o beijo.

Não tinha tanta experiência na arte da sedução para conseguir soltá-los de suas casas sem ver.

Além disso, gostou muito de poder despi-la lentamente, cada botão revelando mais um centímetro de pele macia.

Eloise era sua, percebia então, deslizando um dedo pelas costas dela antes de soltar o antepenúltimo botão. Sua, para sempre. Era difícil imaginar como tivera tanta sorte, mas decidiu não questionar o destino e apenas aproveitar.

Outro botão. Dessa vez uma pequena área perto da base da coluna foi revelada.

Phillip a tocou. Ela estremeceu.

Os dedos dele chegaram ao último botão. Não precisava de fato desabotoá-lo; o vestido dela já estava solto o bastante para deslizar pelos ombros. Mas sentia que tinha que fazer aquilo direito, despi-la corretamente, saborear o momento.

Além disso, o último botão revelava a curva do traseiro dela.

Ele queria beijá-la. Queria beijá-la bem ali. Bem no alto daquela fenda, enquanto ela estava virada para o outro lado, tremendo não de frio, mas de excitação.

Phillip se inclinou para a frente e tocou a nuca de Eloise com os lábios enquanto levava as mãos aos ombros dela. Algumas coisas eram maliciosas demais para uma garota inocente como ela.

Mas ela era sua. Sua esposa. E era fogo, energia e paixão, tudo em uma só pessoa. Phillip precisava lembrar que ela não era Marina, frágil e delicada, incapaz de expressar uma emoção que não fosse tristeza.

Eloise não era Marina. Tinha mesmo que se lembrar disso, não apenas naquele momento, mas sempre, o dia inteiro, cada vez que olhava para ela. Não havia a necessidade de se conter perto dela, se preocupar com as palavras que usaria, com suas expressões faciais, com qualquer coisa que pudesse fazê-la mergulhar dentro de si mesma, em seu desespero.

Aquela ali era Eloise. *Eloise*. A forte e magnífica Eloise.

Incapaz de controlar seu impulso, ajoelhou-se e segurou os quadris da esposa com firmeza quando ela emitiu um suave murmúrio de surpresa e tentou se virar.

Então ele a beijou. Bem ali, na base da coluna, no ponto que o tentara tanto. Em seguida, sem saber muito bem por quê – sua experiência com as mulheres era limitada, mas sua imaginação claramente compensava isso –, passou a língua pela linha central, descendo pela coluna até chegar ao começo da fenda,

provando a doce salinidade da pele dela, e parando, sem afastar os lábios, sempre que ela gemia. Quando Eloise já não conseguia mais ficar de pé, colocou as mãos dela na parede para apoiá-la.

– Phillip – arfou ela.

Ele se levantou e virou-a, inclinando-se para a frente até ficar com o rosto junto ao dela.

– Estava bem ali – disse ele desamparadamente, como se isso explicasse tudo.

E, na verdade, era toda a explicação que havia. Aquele pedaço tentador de pele macia e rosada estava bem ali, esperando um beijo.

Ela estava bem ali, e ele precisava possuí-la.

Phillip beijou de novo sua boca, enquanto deixava o vestido deslizar pelo corpo dela. Eloise se casara de azul, um tom claro que fazia os olhos dela parecerem mais profundos e tempestuosos do que nunca, como um céu nublado pouco antes de uma pancada de chuva.

Era um vestido celestial. Ele ouvira Daphne dizer isso a ela mais cedo naquele dia. Mas era ainda mais celestial libertá-la dele.

Eloise não usava uma combinação por baixo, e Phillip sabia que ela estava nua para ele. Pôde ouvi-la prender a respiração quando os bicos de seus seios roçaram o linho fino da blusa dele. Mas, em vez de olhar, Phillip correu a mão pelo lado do seio dela, os nós de seus dedos passando suavemente por aquele volume. Então, enquanto continuava a beijá-la, sua mão se curvou até envolver o seio dela por baixo, sentindo o delicado peso em seus dedos.

– Phillip – gemeu Eloise, a palavra se perdendo na boca dele como uma bênção.

Ele moveu a mão novamente até cobrir o seio dela, o bico atrevido escorregando por entre seus dedos. E, quando apertou – com delicadeza, reverência –, mal podia acreditar que aquilo estivesse mesmo acontecendo.

E então Phillip já não podia mais esperar. Tinha de ver cada pedacinho de Eloise e olhar para o rosto dela enquanto fazia isso. Afastou-se, interrompendo o beijo com uma promessa sussurrada de que continuaria depois.

Ele ficou sem ar ao observá-la. Ainda não havia escurecido, e os últimos vestígios da luz do sol entravam pelas janelas, conferindo à pele de Eloise um brilho dourado. Os seios dela eram maiores do que ele imaginara, volumosos e

arredondados, e teve de se controlar para não atirá-la na cama naquele mesmo instante. Ele poderia se banquetear para sempre naqueles seios, adorá-los e venerá-los até…

Deus do céu, quem ele estava tentando enganar? Até seu desejo ser forte demais e ele ser obrigado a possuí-la, mergulhar nela, devorá-la.

Phillip começou a desabotoar a própria roupa com os dedos trêmulos, vendo que ela o observava tirar a blusa. E então ele se esqueceu e virou…

E Eloise arfou, nervosa.

Ele ficou imóvel.

– O que aconteceu? – sussurrou ela.

Phillip não entendeu por que ficou tão surpreso com aquele momento, com o fato de ter de lhe explicar. Eloise era sua esposa e iria vê-lo nu todos os dias, pelo resto de sua vida. Se alguém ficaria sabendo sobre a origem de suas cicatrizes, seria ela.

Ele podia evitá-las, já que ficavam nas costas, fora do alcance de sua vista, mas Eloise não teria tanta sorte.

– São marcas de chicote – disse Phillip, sem se virar.

Provavelmente deveria poupá-la daquela visão, mas ela acabaria tendo de se acostumar.

– Quem fez isso com você? – perguntou Eloise, a voz baixa e irritada, e sua indignação tocou o coração dele.

– Meu pai.

Ele se lembrava bem do dia. Tinha 12 anos, acabara de voltar da escola e seu pai o forçara a acompanhá-lo em uma caçada. Phillip cavalgava bem, mas não o bastante para conseguir saltar como o pai fizera mais à frente. Ainda assim, ele tentara, pois sabia que, caso contrário, seria chamado de covarde.

Mas acabara caindo. Fora jogado do cavalo, na verdade. Por um milagre, conseguira sair ileso, mas seu pai tinha ficado furioso. Thomas Crane tinha uma visão muito limitada sobre a masculinidade, que não incluía cair de um cavalo. Seus filhos deviam saber cavalgar, atirar, esgrimir e lutar boxe com perfeição. Sempre.

E que Deus os ajudasse se não conseguissem.

George conseguira pular, é claro. O irmão sempre se saía um pouco melhor quando se tratava de atividades esportivas. E, além disso, ele era dois anos mais

velho do que Phillip, dois anos mais alto, dois anos mais forte. Ainda tentara interceder e salvar o caçula do castigo, mas então Thomas também o chicoteara, repreendendo-o por se intrometer. Phillip precisava aprender a ser um homem, e Thomas não admitiria que ninguém interferisse, nem mesmo George.

Phillip não sabia direito por que o castigo tinha sido diferente naquele dia. Geralmente o pai usava um cinto, que, sobre a camisa, não deixava marcas. Mas eles já estavam perto dos estábulos, o chicote, bem à mão, e seu pai ficara furioso, mais até do que o normal.

Thomas não parou nem mesmo quando o chicote cortou a camisa de Phillip.

Fora a única vez em que uma das surras de seu pai deixara cicatrizes visíveis.

E Phillip ficara preso àquela lembrança pelo resto da vida.

Ele olhou para Eloise, que o observava com um olhar estranhamente intenso.

– Sinto muito – disse ele, embora não fosse verdade.

Não havia nada a lamentar, a não ser tê-la feito conhecer o horror de sua infância.

– Eu não – murmurou Eloise.

Phillip arregalou os olhos, surpreso.

– Estou furiosa.

E então ele não conseguiu evitar e começou a rir. Atirou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Ela estava absolutamente perfeita, nua e irritada, pronta para ir até o inferno e trazer o pai dele de lá para repreendê-lo.

Eloise pareceu um pouco assustada com a gargalhada fora de hora dele, mas depois sorriu também, como se percebesse a importância do momento.

Ansioso por sentir o toque dela, Phillip pegou sua mão e levou-a ao seu peito, pressionando até os dedos de Eloise se abrirem e mergulharem nos pelos macios.

– Você é tão forte… – sussurrou ela, a mão deslizando suavemente pela pele dele. – Eu não fazia ideia de que o trabalho na estufa era tão pesado.

Ele se sentiu como um garoto de 16 anos de tão satisfeito que ficou com o elogio. E a lembrança do pai acabou indo embora.

– Eu também trabalho fora da estufa – rebateu Phillip em um tom de voz mal-humorado, incapaz de simplesmente agradecer.

– Com os trabalhadores braçais? – murmurou Eloise.

Phillip olhou para ela achando graça.

– Eloise Bridgerton…

– Crane – corrigiu ela.

Phillip foi invadido por uma sensação de prazer ao ouvir isso.

– Crane – repetiu. – Não me diga que você vem alimentando fantasias secretas sobre os trabalhadores braçais da fazenda.

– É claro que não, embora…

Não havia como ele deixar que Eloise ficasse sem terminar aquela frase.

– Embora…? – insistiu.

Ela parecia um pouco envergonhada.

– Sabe, eles parecem bem… *rústicos*… trabalhando lá fora, sob o sol.

Ele sorriu. Lentamente, como um homem prestes a se regalar com seu sonho que se tornou realidade.

– Ah, Eloise… – falou, levando os lábios ao pescoço dela e depois descendo, descendo, descendo. – Você não tem ideia do que é rústico. Não tem mesmo.

E então ele fez aquilo com que vinha sonhando havia dias – bem, uma das coisas com que vinha sonhando – e tomou o mamilo dela na boca, passando a língua em volta dele antes de fechar os lábios para sugá-lo.

– Phillip! – exclamou ela, quase gritando, desmanchando-se.

Ele a pegou nos braços e a levou para a cama, já arrumada à espera dos recém-casados. Deitou-a sobre os lençóis, parando um pouco para se deleitar com a visão de sua mulher ali, antes de tirar a meia fina, que era a única peça de roupa que ela ainda usava. As mãos de Eloise correram instintivamente para cobrir o sexo, e ele lhe permitiu o recato, sabendo que sua vez logo chegaria.

Phillip prendeu o dedo sob a beirada de uma das meias, acariciando Eloise sobre a finíssima seda, antes de tirá-la, deslizando-a pela perna. Eloise gemeu quando a peça passou pelo joelho dela, e Phillip não pôde deixar de olhar para cima e perguntar:

– Cócegas?

Ela fez que sim.

– E mais.

E mais. Ele adorou isso. Adorou que ela tivesse sentido mais, que quisesse mais.

A outra meia foi descartada mais rápido, e então Phillip ficou de pé ao lado dela e levou os dedos ao fecho da calça. Parou por um instante e olhou para

Eloise, esperando que ela lhe dissesse com os olhos que estava pronta.

Depois, com uma rapidez e uma agilidade que nunca sonhou possuir, ele tirou as roupas que restavam e se deitou ao lado dela. Eloise ficou um pouco tensa a princípio, mas depois relaxou quando Phillip começou a acariciá-la, fazendo sons para acalmá-la enquanto beijava sua testa e sua boca.

– Não precisa ter medo – murmurou ele.

– Não estou com medo.

Phillip se afastou um pouco e olhou para o rosto dela.

– Não?

– Estou nervosa, mas não com medo.

Ele balançou a cabeça, maravilhado.

– Você é incrível.

– É o que eu sempre digo às pessoas, mas você parece ser o único que acredita em mim – afirmou ela, dando de ombros com ar displicente.

Phillip mal podia acreditar que estava ali, rindo, em sua noite de núpcias. Já era a segunda vez que ela o fazia rir, e ele estava começando a acreditar que era uma dádiva. Uma incrível e inestimável dádiva, que ele era verdadeiramente abençoado por receber.

O sexo, para ele, sempre estivera relacionado à necessidade, ao seu corpo e seu desejo e ao que quer que fizesse dele um homem. Nunca tivera nada a ver com aquela alegria, aquele fascínio em descobrir outra pessoa.

Ele tomou o rosto de Eloise nas mãos e beijou-a de novo, dessa vez sentindo toda aquela emoção tomar conta de si. Beijou sua boca, depois as bochechas e o pescoço. Então continuou descendo, explorando o corpo dela, dos ombros à barriga e, em seguida, aos quadris.

Excluiu apenas um lugar, um lugar que adoraria ter explorado, mas achou que era melhor esperar mais um pouco, até que ela estivesse pronta.

Até que *ele* estivesse pronto. Marina nunca o deixara beijá-la ali. Na verdade, ele nunca nem mesmo pedira. Sempre parecera tão errado tentar alguma coisa enquanto ela ficava ali deitada embaixo dele, parada e em silêncio, como se estivesse cumprindo uma obrigação… Phillip até estivera com outras mulheres antes do casamento, mas elas eram do tipo experiente, e ele nunca quisera muita intimidade.

Mais tarde, prometeu a si mesmo quando parou, brevemente, para cheirar as

ondas do cabelo dela.

Logo. Com certeza, logo.

Segurou as panturrilhas de Eloise com suas mãos enormes e levantou-as, afastando as pernas dela para poder se posicionar ali no meio. Estava rígido, *muito* rígido, com medo de que pudesse se colocar em uma situação embaraçosa, então respirou fundo várias vezes enquanto tocava a abertura dela, tentando se acalmar para conseguir prolongar aquilo por tempo suficiente para que ela sentisse prazer.

– Ah, Eloise… – disse Phillip, embora, na verdade, fosse mais um grunhido.

Ele a queria mais do que tudo, mais até do que a própria vida, e não sabia como iria aguentar.

– Phillip? – falou ela, a voz vagamente alarmada.

Ele se afastou um pouco para poder ver o rosto de Eloise.

– Você é muito grande.

Ele sorriu.

– Você sabia que isso é *exatamente* o que um homem deseja ouvir?

– Tenho certeza que sim – disse ela, mordendo o lábio inferior. – Parece mesmo o tipo de coisa de que vocês se gabariam enquanto andam a cavalo, jogam cartas ou estão competindo entre si sem nenhuma razão em particular.

Phillip não sabia bem se os tremores que tomaram seu corpo foram em função de uma risada ou de espanto.

– Eloise, eu lhe garanto…

– Vai doer muito? – disparou ela.

– Não sei – respondeu ele francamente. – Nunca estive em seu lugar. Um pouco, eu acho. Espero que não muito.

Eloise assentiu, parecendo apreciar a sinceridade dele.

– Às vezes… – Ela interrompeu o que dizia.

– Fale – pediu ele.

Por vários segundos ela não fez nada além de piscar, mas depois disse:

– Às vezes me sinto dominada por algumas sensações, como naquele dia, mas então vejo você, ou sinto você, e não consigo *imaginar* como isso vai funcionar. Tenho medo de me machucar, e então acabo perdendo… a sensação de magia. Sinto que se perde a magia.

Ele, então, se decidiu… para o inferno com tudo aquilo. Por que deveria

esperar? Por que *ela* deveria esperar? Phillip se curvou e beijou-a rapidamente na boca.

– Espere bem aqui – falou. – Não vá a lugar algum.

Antes que ela pudesse fazer alguma pergunta – e era Eloise, então é claro que tinha perguntas a fazer –, Phillip se abaixou e abriu bem as pernas dela, da maneira como já passara noites acordado pensando, e a beijou.

Ela gemeu alto.

– Que bom – murmurou Phillip, as palavras sumindo para dentro dela.

Segurava-a firmemente com as mãos. Não tinha escolha, porque ela se contorcia toda. Ele lambia e beijava, e provou cada centímetro, cada fenda tentadora. Sentia um apetite voraz, e a devorava, pensando que aquela devia ser a *melhor* coisa que já fizera em toda a vida. E, *Deus do céu*, estava feliz por ser um homem casado e poder fazer aquilo sempre que quisesse.

Já ouvira outros homens falarem a respeito, claro, mas nunca sonhara que pudesse ser tão bom. Estava prestes a perder completamente o controle, e ela ainda nem o tocara. Não que ele quisesse isso naquele momento – pela maneira como ela agarrava os lençóis, os nós dos dedos tensos e brancos… ela acabaria rasgando-o ao meio.

Phillip deveria ter deixado que ela terminasse, deveria tê-la beijado até que ela explodisse em sua boca, mas, àquela altura, suas próprias necessidades assumiram o comando, e ele simplesmente não teve escolha. Aquela era sua noite de núpcias e, quando ele extravasasse, seria dentro dela, não nos lençóis, e, por Deus, se não sentisse logo o corpo dela apertando o seu, enlouqueceria.

Então ele levantou a cabeça, ignorando o gemido aflito dela quando afastou os lábios, e chegou o corpo mais para cima, posicionando seu membro contra ela mais uma vez, usando os dedos para abri-la enquanto fazia força para entrar.

Ela estava muito, muito molhada, um misto dela e dele, e era diferente de tudo o que ele já tinha sentido. Phillip deslizou para dentro, a passagem dela complacente e apertada ao mesmo tempo.

Eloise arfou o nome dele, e ele o dela, e então, sem conseguir mais manter o ritmo lento, Phillip arremeteu para a frente, rompendo a última barreira, até estar todo dentro dela. Talvez devesse ter parado, perguntado se ela estava bem, se sentia alguma dor, mas simplesmente não conseguiu. Já fazia tanto tempo, e precisava tanto dela, que, quando seu corpo começou a se mover, não havia nada

que pudesse fazer para impedir.

Phillip se mexia de maneira violenta e rápida, mas ela parecia estar gostando, porque também se movia da mesma forma embaixo dele, os quadris dos dois roçando um no outro com força e urgência, enquanto Eloise cravava as unhas nas costas dele.

Quando ela gemeu, não foi para dizer o nome dele, e sim:

– Mais!

Phillip deslizou a mão por baixo dela, agarrando-a pelas nádegas, apertando com força enquanto a arqueava para cima para penetrá-la melhor, e a mudança de posição alterou de alguma forma a maneira como seus corpos se atritavam, ou talvez ela tivesse apenas atingido seu limite, porque curvou o corpo e ficou tão retesada que estremeceu, e então o grito dela rasgou o ar e ele sentiu os músculos de Eloise convulsionarem embaixo dele.

Phillip não podia mais aguentar. Com um último grito, arremeteu com força, seu corpo se sacudindo em espasmos até esvaziar, declarando-a completa e indelevelmente sua.

CAPÍTULO 15

… não acredito que você não vai me contar mais nada. Como sua irmã mais velha (um ano inteiro, espero não precisar lembrá-la disso), mereço um pouco de respeito, e, embora aprecie que tenha me falado que a descrição de Annie Mavel sobre o amor conjugal estava correta, gostaria que tivesse me dado mais alguns detalhes além desse breve relato. Com certeza você não está tão extasiada por sua alegria que não possa perder algum tempo para escrever algumas palavras (adjetivos, principalmente, serão muito úteis) para sua amada
irmã.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã, a condessa de Kilmartin, duas semanas depois do casamento de Francesca

Uma semana depois, Eloise estava sentada na pequena sala de visitas que tinha sido recentemente convertida em um escritório para ela, mordendo a ponta do lápis enquanto examinava as contas da casa. Devia estar contabilizando fundos, sacos de farinha, os salários dos empregados e coisas do tipo, mas tudo o que conseguira contar fora o número de vezes que ela e Phillip fizeram amor.

Treze, pensou ela. Não, catorze. Bem, quinze, na verdade, se contasse com aquela vez em que ele não chegara a penetrá-la, mas os dois…

Eloise corou, ainda que não houvesse mais ninguém na sala. De qualquer forma, mesmo que houvesse, ninguém teria como saber no que ela estava pensando mesmo.

Mas, por Deus, ela fizera mesmo *aquilo*? Tinha beijado Phillip *lá*?

Ela nem sabia que tal coisa era possível. Annie Mavel com certeza não descrevera nada assim quando dera aquela pequena lição a Eloise e Francesca tantos anos atrás.

Eloise franziu a testa enquanto lembrava. Então se perguntou se Annie Mavel conhecia aquela possibilidade. Era difícil imaginá-la fazendo algo assim,

mas na verdade era difícil imaginar *qualquer um* fazendo aquilo, principalmente ela mesma.

Era incrível, pensou Eloise, absolutamente incrível e mais do que maravilhoso ter um marido que era louco por ela. Eles não se viam muito durante o dia, afinal Phillip trabalhava, e ela também tinha o que fazer. Mas à noite, depois que ele lhe concedia cinco minutos para a toalete… Haviam começado com vinte minutos, mas o tempo parecia vir sendo reduzido cada vez mais, e ela chegava a ouvir os passos impacientes dele em frente à porta durante os poucos minutos que agora lhe dava.

Depois desse tempo, quando Eloise aparecia, ele se lançava para cima dela como um homem possuído. Faminto. A energia de Phillip parecia inesgotável, e ele estava sempre tentando coisas novas, posicionando-a de maneiras diferentes, provocando-a e atormentando-a até ela gritar e implorar, sem nunca saber direito se era para ele parar ou continuar.

Phillip lhe dissera que não desejava Marina, mas Eloise achava difícil de acreditar. Ele era um homem de apetite *vigoroso* (era uma palavra tola, mas ela não conseguia pensar em nenhuma outra forma de descrevê-lo), e as coisas que fazia com as mãos…

E com a boca…

E com os dentes…

E com a língua…

Eloise corou de novo. As coisas que ele fazia… bem, uma mulher teria de estar praticamente morta para não corresponder.

Olhou de novo para as colunas de seu livro-razão. Os números pareciam ter ido parar ali por milagre enquanto ela divagava, e toda vez que Eloise tentava se concentrar eles começavam a dançar diante de seus olhos. Ela olhou pela janela. De seu lugar não conseguia ver a estufa, mas sabia que ficava ali perto e que ele estava lá, trabalhando, podando folhas, plantando sementes e ocupado com aquelas atividades todas que fazia lá o dia inteiro.

O dia inteiro.

Ela franziu a testa. Aquela, na verdade, era uma observação muito apropriada. Phillip passava mesmo o dia inteiro na estufa e muitas vezes até pedia que lhe levassem o almoço até lá numa bandeja. Eloise sabia que não era tão incomum assim o marido e a mulher levarem vidas separadas durante o dia

(e, para muitos casais, também à noite), mas eles só estavam casados havia uma semana.

E, na realidade, de muitas maneiras, ela ainda estava aprendendo como seu novo marido era. O casamento tinha acontecido muito de repente. Ela sabia muito pouco sobre ele. Sabia que era honesto e honrado, que a tratava bem, e agora também sabia que ele tinha um lado carnal que ela nunca imaginara que pudesse se esconder sob aquela aparência reservada.

Mas, fora o que havia descoberto sobre o pai dele, não sabia pelo que Phillip havia passado, quais eram suas opiniões e o que acontecera em sua vida para fazer dele o homem que era. Às vezes ela procurava puxar uma conversa e chegava a ter algum sucesso, mas em geral suas tentativas não davam em nada.

Porque Phillip nunca parecia querer falar quando podia beijar. E isso, inevitavelmente, levava os dois para o quarto, onde as palavras eram esquecidas.

E, nas poucas ocasiões em que ela conseguia dar início a uma conversa, o resultado era bastante frustrante. Se perguntava a opinião dele sobre algo relacionado à casa, ele apenas dava de ombros e dizia que ela podia resolver como achasse melhor. Às vezes, Eloise imaginava se Phillip não tinha se casado com ela apenas para ganhar uma governanta.

E, é claro, um corpo quente em sua cama.

Mas um casamento não se resumia àquilo. Eloise sabia que podia esperar mais, que podia haver mais em um matrimônio. Ela não conseguia se lembrar muito bem da relação entre seus pais, mas já vira os irmãos com os cônjuges e acreditava que ela e Phillip podiam encontrar a mesma felicidade se passassem um pouco mais de tempo juntos fora do quarto.

Eloise se levantou de forma abrupta e foi até a porta. Deveria falar com ele. Não havia razão para não ir à estufa conversar. Talvez Phillip até fosse gostar que ela lhe perguntasse sobre seu trabalho.

Não iria interrogá-lo, não exatamente, mas com certeza não haveria mal em fazer uma ou duas perguntas no meio do assunto. E se ele desse a entender que ela estava incomodando ou atrapalhando, iria embora no mesmo instante.

Mas então ouviu a voz da mãe ecoando em sua cabeça.

Não pressione, Eloise. Não pressione.

Ela precisou usar toda a força de vontade para se conter, uma vez que isso ia contra sua inclinação natural, mas enfim conseguiu parar, virar de volta e tornar

a se sentar.

Sua mãe não costumava se enganar quanto às coisas realmente importantes, e, se Violet achara apropriado lhe dar aquele conselho em sua noite de núpcias, Eloise suspeitava que deveria levá-lo muito a sério.

Então fechou a cara, irritada, e pensou que devia ser isso o que Violet tinha em mente quando lhe dissera que desse tempo ao tempo.

Eloise enfiou as mãos embaixo do corpo, como se para evitar que se estendessem em direção à porta. Olhou pela janela, mas então teve de desviar o olhar, porque, mesmo que não conseguisse ver a estufa, sabia que estava bem ali pertinho.

Aquela não era sua natureza, pensou, trincando os dentes. Nunca fora do tipo que gostava de ficar parada. Precisava se mexer, agir, explorar, questionar. E, para ser sincera, incomodar, importunar e manifestar sua opinião para qualquer um que pudesse ouvir.

Eloise franziu a testa e suspirou. Visto dessa forma, ela não parecia uma pessoa assim tão atraente.

Então, tentou se lembrar do discurso da mãe na noite do seu casamento. Com certeza também havia algo de positivo ali. Afinal, Violet a amava. Provavelmente dissera alguma coisa boa. Não falara algo sobre ela ser encantadora?

Eloise suspirou. Se estava lembrando bem, a mãe dissera que achava sua *impaciência* encantadora, o que não era exatamente um elogio.

Como isso era horrível. Por Deus, já tinha 28 anos. Passara a vida inteira perfeitamente feliz com quem era e com o modo como levava a vida.

Bom, quase perfeitamente feliz. Sabia que falava muito, que talvez fosse um pouco direta demais às vezes e, bem, nem todo mundo gostava dela, mas a maioria das pessoas sim, e já havia chegado à conclusão, muito tempo antes, de que estava tudo bem para ela desse jeito.

Então por que agora tinha ficado tão insegura de repente, com tanto medo de fazer ou dizer a coisa errada?

Levantou-se. Não podia suportar aquilo – a indecisão, a falta de ação. Ela seguiria o conselho da mãe e daria a Phillip um pouco de privacidade, mas não podia ficar ali sentada sem fazer nada por nem mais um segundo.

Olhou para os livros-razão incompletos. Ah, céus. Se ela continuasse

fazendo o que *deveria* estar fazendo, estaria *fazendo* alguma coisa, não é mesmo?

Então bufou, irritada, e fechou os livros com força. Não adiantava tentar ficar ali cuidando da contabilidade, porque se conhecia bem o suficiente para saber que *não* completaria a tarefa ainda que ficasse ali sentada, então era melhor sair e procurar outra coisa com que se ocupar.

As crianças. Isso mesmo. Havia assumido o papel de esposa uma semana atrás, mas também se tornara mãe. E se alguém precisava de interferência em suas vidas, eram Oliver e Amanda.

Animada com seu recém-descoberto senso de propósito, saiu apressada pela porta, sentindo-se ela mesma de novo. Precisava checar as lições deles, ver se estavam aprendendo adequadamente. Oliver tinha de se preparar para sua entrada em Eton no próximo outono.

E Eloise também precisava cuidar das roupas dos dois. Quase tudo o que havia no armário estava pequeno neles, e Amanda merecia peças mais bonitas e…

Eloise suspirou de alegria enquanto subia a escada depressa. No caminho, já ia contando nos dedos os novos projetos, planejando mentalmente chamar a costureira e o alfaiate, pensando no texto do anúncio que pretendia colocar no jornal para contratar mais alguns professores. As crianças precisavam desesperadamente aprender francês e piano, e, é claro, fazer contas, e será que eram novos demais para aprender a divisão longa?

Entusiasmada, ela abriu a porta do quarto das crianças e…

Parou de repente, tentando entender o que estava acontecendo.

Os olhos de Oliver estavam vermelhos, como se ele tivesse chorado, e Amanda fungava, limpando o nariz com as costas da mão. Os dois arfavam, claramente chateados.

– Algum problema? – perguntou Eloise, olhando primeiro para os dois e depois para a babá.

Os gêmeos não falaram nada, mas viraram para ela com os olhos arregalados e suplicantes.

– Srta. Edwards? – disse Eloise.

A babá contraiu os lábios numa expressão de desagrado.

– Eles estão só aborrecidos porque foram castigados.

Eloise assentiu lentamente. Não era de surpreender que Oliver e Amanda tivessem feito algo que exigisse castigo, mas, apesar disso, havia algo errado ali. Talvez fosse o brilho estranho no olhar deles, como se tivessem tentado desafiar a babá, mas depois desistido.

Não que Eloise os encorajasse a desafiar alguém, sobretudo a babá, que precisava manter sua posição de autoridade durante as aulas, mas também não queria vê-los daquele modo… tão abatidos, tão submissos e tristes.

– Por que eles foram castigados? – perguntou Eloise.

– Discurso desrespeitoso – respondeu a babá, de imediato.

– Sei – disse Eloise, com um suspiro.

Os gêmeos provavelmente tinham merecido o castigo. De fato, costumavam faltar com o respeito aos mais velhos e ela mesma já os repreendera várias vezes por isso.

– E qual foi o castigo?

– Bati com a régua de madeira nos dedos deles – disse a babá, as costas bem empertigadas.

Eloise se forçou a relaxar o maxilar. Não era a favor de castigos físicos, mas bater nos dedos de crianças com uma régua era algo que se via em todas as melhores escolas. Tinha quase certeza de que os seus irmãos haviam passado por isso várias vezes em Eton, afinal, ela não podia imaginar que tivessem ficado todos aqueles anos lá sem cometer inúmeras transgressões disciplinares.

Ainda assim, não gostava nem um pouco do olhar das crianças, então levou a babá para um canto e disse em voz baixa:

– Sei que eles precisam de disciplina, mas, se tiver que fazer isso de novo, peço-lhe que seja mais delicada.

– Se eu for mais delicada, eles não vão aprender a lição – respondeu ela, rispidamente.

– Quem irá julgar se aprenderam ou não a lição serei eu – rebateu Eloise, furiosa com o tom da mulher. – E não estou mais pedindo, estou lhe *dizendo* que eles são crianças e que você deve ser mais delicada.

A babá franziu os lábios, mas assentiu. Apenas uma vez, rápido, para mostrar que faria o que tinha sido ordenado, mas discordava. E também que não aprovava a interferência dela.

Eloise se virou de volta para as crianças e disse:

– Tenho certeza de que eles já estudaram o suficiente por hoje. Acho melhor fazerem um pequeno intervalo comigo.

– Estamos praticando caligrafia – retrucou a mulher. – Não podemos perder tempo. Principalmente porque estou sendo obrigada a desempenhar o papel de babá e o de professora.

– Posso lhe garantir que pretendo cuidar desse problema o mais rápido possível – afirmou Eloise. – E quanto a hoje, ficarei feliz em praticar caligrafia com eles. Pode ficar tranquila que eles não vão se atrasar nos estudos.

– Eu não acho…

Eloise fuzilou-a com o olhar. Ela era uma Bridgerton, e sabia muito bem como lidar com criados teimosos.

– Você só precisa me passar seu planejamento de aula.

A babá parecia furiosa, mas informou a Eloise que eles estavam praticando as letras m, n e o.

– Maiúsculas *e* minúsculas – acrescentou ela.

– Certo – respondeu Eloise, em um tom arrogante. – Tenho certeza de que estou qualificada para trabalhar com eles essa área específica dos estudos acadêmicos.

O rosto da babá ficou vermelho diante do sarcasmo de Eloise.

– É só isso? – disparou ela.

Eloise assentiu.

– Sim. Está dispensada. Aproveite sua folga. Sem dúvida você não tem muito tempo livre, já que precisa cumprir a jornada dupla de babá e professora. E, por favor, volte para cuidar do almoço deles.

Com a cabeça erguida, a babá deixou o quarto das crianças.

– Muito bem – falou Eloise, voltando a atenção para os gêmeos, que estavam sentados à sua pequena mesa, encarando-a como se ela fosse uma divindade que viera à Terra com o único propósito de salvar as crianças de bruxas más. – Devemos…?

Mas não conseguiu concluir a pergunta, porque Amanda se atirou para cima dela e passou os braços por sua cintura com tanta força que Eloise bateu as costas na parede. Logo em seguida, Oliver fez a mesma coisa.

– Calma, calma – disse Eloise, acariciando o cabelo deles, confusa. – O que houve?

– Nada – respondeu Amanda com a voz abafada.

Oliver se afastou e se aprumou como o rapazinho que as pessoas estavam sempre lhe dizendo para ser. Mas estragou o efeito ao limpar o nariz com as costas da mão.

Eloise lhe deu um lenço.

Ele usou, assentiu com a cabeça para agradecer e disse:

– Gostamos mais de você do que da babá Edwards.

Eloise não podia imaginar gostar de ninguém *menos* do que daquela mulher, e prometeu a si mesma que iria arrumar uma substituta assim que possível. Mas não iria falar nada a respeito disso com as crianças. Elas provavelmente dariam com a língua nos dentes e a babá ou iria pedir demissão de imediato, deixando todos eles numa situação difícil, ou descontaria sua frustração e raiva nas crianças, o que também não seria nada bom.

– Vamos nos sentar – disse Eloise, levando-os até a mesa. – Não sei quanto a vocês, mas *eu* não quero ter de encarar a Srta. Edwards sem termos praticado as letras que ela mandou.

Então pensou que precisava mesmo conversar com Phillip sobre aquilo.

Olhou para as mãos de Oliver. Não pareciam muito machucadas, mas um dos dedos estava um pouco vermelho. Podia ser só sua imaginação, mas ainda assim…

Ela precisava conversar com Phillip. Assim que pudesse.

~

Phillip cantarolava baixinho enquanto transplantava cuidadosamente uma muda, dando-se conta de que, antes do casamento, sempre trabalhava no mais completo silêncio.

Percebeu, então, que nunca antes sentira vontade de assoviar, nunca quisera cantar. Mas agora… bem, agora parecia que a música estava no ar, em todos os lugares. Ele também se sentia mais relaxado, e os nós de tensão comuns em seus ombros tinham começado a se dissolver.

Casar-se com Eloise era simplesmente a melhor coisa que poderia ter feito. Mas que droga, ele poderia até dizer que era a melhor coisa que faria na vida.

Pela primeira vez, desde que conseguia se lembrar, ele estava feliz.

Parecia uma coisa tão simples agora… estar feliz. E ele nem ao menos estava

certo se antes tinha a consciência de que não era feliz. É claro que sorrira e se divertira algumas vezes – diferente de Marina, ele não havia sido infeliz por completo, em todos os momentos.

Mas também não fora *feliz*. Não como agora, em que acordava todos os dias com a sensação de que o mundo era mesmo um lugar maravilhoso e que ainda seria assim quando fosse para a cama à noite e quando acordasse na manhã seguinte.

Ele não conseguia se lembrar da última vez em que se sentira dessa maneira. Provavelmente tinha sido na época da faculdade, quando experimentara pela primeira vez a emoção da descoberta intelectual – e estava longe o bastante do pai para não se preocupar com a ameaça constante do castigo.

Eloise tornara sua vida melhor de tantas maneiras que era difícil se lembrar de todas. Havia, é claro, o tempo que passavam no quarto, que estava muito além de tudo o que ele poderia ter imaginado. Se algum dia tivesse sonhado que o sexo pudesse ser tão esplêndido, não teria mantido o celibato por tanto tempo. Na verdade, se sua libido era um indicativo, ele jamais teria conseguido.

Mas ele simplesmente não sabia. Fazer amor com Marina sem dúvida não era assim. Nem com qualquer das mulheres com quem tinha estado quando era um jovem universitário, antes do casamento.

Porém, se fosse honesto consigo mesmo – e era uma tarefa difícil, considerando quão inebriado seu corpo estava pelo de Eloise –, o sexo não era a razão principal para seu estado de felicidade atual. Era a sensação – a certeza, na verdade – de que ele enfim tinha feito, pela primeira vez desde que se tornara pai, o que era absolutamente certo para os gêmeos.

Nunca fora um pai perfeito. Sabia disso e aceitava o fato, ainda que a contragosto. Mas finalmente fizera a melhor coisa que estava ao seu alcance e arrumara a mãe perfeita para eles.

Era como se tirasse dos ombros o enorme peso da culpa.

Não era de espantar que seus músculos enfim parecessem relaxados e livres de tensão.

Ele podia ir para a estufa de manhã *sem se preocupar*. Não conseguia lembrar a última vez que fora trabalhar lá e não se encolhera cada vez que ouvira um barulho alto ou um grito. Ou em que pudera se concentrar nas tarefas que fazia sem que sua mente se distraísse com a culpa, incapaz de focar em qualquer

coisa que não fossem suas falhas como pai.

Mas agora ele entrava lá e esquecia todas as preocupações. Ora, ele *não tinha* mais preocupações.

Era esplêndido. Mágico.

Um alívio.

E se às vezes sua esposa o olhava como se quisesse que ele dissesse ou fizesse algo diferente… bem, Phillip achava que isso se devia ao simples fato de que ele era um homem, e ela, uma mulher, e um nunca entenderia o outro por completo. E, na verdade, ele deveria agradecer por Eloise quase sempre dizer exatamente o que pensava, assim não tinha de ficar tentando adivinhar o que esperava dele.

O que seu irmão dizia mesmo? Cuidado com as mulheres que fazem muitas perguntas. Você nunca irá responder a todas da forma correta.

Phillip sorriu sozinho com aquela lembrança. Pensando assim, não havia razão para se preocupar se o assunto entre eles às vezes acabava simplesmente morrendo. Na maior parte do tempo, isso acontecia na cama, o que ele achava ótimo.

Olhou para a saliência que se formava em sua calça. Droga. Tinha que parar de pensar na esposa no meio do dia. Ou, pelo menos, descobrir uma forma de voltar com discrição para casa naquelas condições e encontrá-la bem rápido.

Mas então, como se Eloise soubesse que ele estava ali pensando em como era perfeita e quisesse lhe provar isso mais uma vez, ela abriu a porta da estufa e pôs a cabeça para dentro.

Phillip olhou em volta e se perguntou por que tinha construído a estrutura toda de vidro. Precisava instalar algum tipo de proteção que lhe desse privacidade se ela passasse a visitá-lo com regularidade.

– Estou atrapalhando?

Ele pensou na pergunta. Na verdade, sim, estava ocupado. Mas percebeu que não ligava, o que era estranho e bom ao mesmo tempo. Ele geralmente se irritava muito com interrupções. Mesmo quando era alguém de quem gostava, depois de alguns minutos começava a querer que a pessoa fosse logo embora para poder retomar o que estava fazendo antes.

– De forma alguma, desde que não se importe com a minha aparência.

Eloise olhou para ele, sujo de terra e lama e com uma mancha na bochecha

esquerda, e balançou a cabeça.

– Não me importo nem um pouco.

– Qual é o problema?

– É a babá das crianças – disse ela, sem preâmbulos. – Eu não gosto dela.

Aquilo não era o que ele esperava. Abaixou a pá.

– Não? O que há de errado com ela?

– Não sei exatamente. Eu só não gosto dela.

– Bem, isso não chega a ser um motivo concreto para mandá-la embora.

Eloise estendeu os lábios em uma linha fina, um sinal claro, pelo que ele veio a perceber, de que estava irritada.

– Ela bateu com uma régua nos dedos das crianças.

Ele suspirou. Não gostava da ideia de saber que alguém havia batido em seus filhos, mas não tinha sido nada grave. Nada que não acontecesse em todas as salas de aula do país. E Oliver e Amanda não eram exatamente modelos de bom comportamento, pensou, resignado. Então, suspirando mais uma vez, perguntou:

– Eles mereceram?

– Não sei – admitiu Eloise. – Eu não estava lá. A babá disse que eles falaram com ela de maneira desrespeitosa.

Phillip sentiu os ombros se curvarem um pouco.

– Infelizmente, não acho difícil de acreditar.

– Não, é claro que não – retrucou Eloise. – Tenho certeza de que eles foram terríveis. Mas ainda assim algo não parecia certo.

Phillip se recostou na bancada, depois puxou-a pela mão até Eloise se encostar por inteiro nele.

– Então investigue melhor.

Ela entreabriu os lábios, surpresa.

– *Você* não quer investigar melhor?

Ele deu de ombros.

– Não sou eu que estou preocupado. Nunca tive motivos para duvidar da babá Edwards antes, mas, se você se sente desconfortável com ela, sem dúvida deveria investigar. Além disso, você é melhor nessas coisas do que eu.

– Mas você é o pai deles – retrucou Eloise, contorcendo-se um pouco quando ele roçou o nariz no pescoço dela.

– E você é a mãe deles – disse Phillip, as palavras saindo quentes contra a

pele dela.

Eloise era inebriante, e ele estava ardendo de desejo. Se ao menos conseguisse fazê-la parar de falar, talvez pudesse levá-la para o quarto, onde se divertiriam bem mais.

– Confio no seu julgamento – continuou Phillip, achando que isso a acalmaria, além de ser mesmo verdade. – Foi por isso que me casei com você.

A resposta dele claramente a surpreendeu.

– Foi por isso que você… *o quê*?

– Bem, por isso também – murmurou ele, tentando pensar em que carícias conseguiria fazer com tantas roupas entre os dois.

– Phillip, pare! – gritou ela, esforçando-se para se soltar dele.

Mas que droga…?

– Eloise, qual é o problema? – perguntou ele cautelosamente, já que sua experiência, ainda que limitada, lhe dizia que sempre se deve ter muito cuidado com uma mulher irritada.

– Qual é o *problema*? – repetiu ela, os olhos brilhando de fúria. – Como você pode perguntar isso?

– Bem, talvez porque eu realmente não saiba qual é o problema – disse ele devagar e só com um pouco de sarcasmo.

– Phillip, não é hora para isso.

– Para lhe perguntar qual é o problema?

– Não! – respondeu ela, quase gritando.

Phillip deu um passo para trás. Por uma questão de sobrevivência, pensou com ironia. Sem dúvida era disso que o lado masculino tratava nas brigas de casal. Sobrevivência, e nada mais.

Ela começou a gesticular com os braços de maneira bizarra.

– De fazer isso.

Ele olhou em volta. Ela acenava em direção à bancada, aos vasos de plantas, ao céu que cintilava através do teto de vidro.

– Eloise, sou um homem inteligente, mas não faço ideia do que esteja falando – disse ele, a voz deliberadamente tranquila.

Ela estava boquiaberta, e ele percebeu que estava em apuros.

– Você não *sabe*?

Era provável que Phillip devesse ter seguido os próprios conselhos sobre

sobrevivência, mas algum diabinho – um diabinho do sexo masculino irritado, ele tinha certeza – forçou-o a dizer:

– Não sei ler mentes, Eloise.

– Não é hora para intimidades – disparou ela, finalmente.

– Bem, é claro que não – concordou Phillip. – Não temos nenhuma privacidade aqui. Mas nós poderíamos voltar para casa e… Sei que estamos no meio do dia, mas…

– Não foi isso que eu quis dizer!

– Muito bem – retrucou Phillip, cruzando os braços. – Desisto. O que você quer dizer, Eloise? Porque eu lhe garanto que não tenho a mínima ideia.

– Homens… – resmungou ela.

– Vou interpretar isso como um elogio.

O olhar dela poderia ter congelado o Tâmisa. E quase esfriou o desejo de Phillip, o que o deixou bastante irritado, já que estava ansioso por resolver aquilo de uma maneira bem diferente.

– Mas não era para ser – disse ela.

Ele se recostou na bancada de maneira propositalmente casual, para irritá-la.

– Eloise, tente respeitar um pouco a minha inteligência.

– É difícil, quando você mostra tão pouca – rebateu ela.

Chega.

– Não sei nem por que estamos discutindo! – explodiu ele. – Em um minuto você está cheia de desejo em meus braços, e, no outro, gritando como uma maluca!

Eloise balançou a cabeça.

– Nunca estive cheia de desejo em seus braços.

Foi como se ele tivesse perdido o chão de repente.

Ao perceber o choque no rosto de Phillip, ela acrescentou rapidamente:

– Hoje. Estava falando só de hoje. De agora, na verdade.

Phillip sentiu o corpo relaxar de alívio, embora continuasse fervendo de raiva.

– Eu estava tentando falar com você – explicou ela.

– Você está sempre tentando falar comigo – observou ele. – É só o que você faz. Falar, falar, falar.

Eloise se afastou um pouco.

– Se não gosta, não deveria ter se casado comigo – retrucou, irritada.

– Até parece que eu tive escolha – disparou ele. – Seus irmãos estavam prontos para me castrar. E para que você não me pinte pior do que eu sou, não *me importo* que você fale. Mas, pelo amor de Deus, não precisa ser o tempo todo.

Eloise parecia estar buscando na mente um comentário inteligente e afiado, mas tudo o que conseguiu fazer foi ficar com a boca aberta como um peixe, emitindo sons de contrariedade.

– Às vezes você poderia pensar em calar a boca e usá-la para outro propósito – disse ele, sentindo-se superior.

– Você é insuportável – respondeu ela, fumegando de raiva.

Phillip ergueu as sobrancelhas, sabendo que isso a irritaria.

– Sinto muito que você ache minha propensão a falar tão ofensiva – continuou Eloise –, mas eu estava querendo conversar sobre algo importante e você tentou me beijar.

Ele deu de ombros.

– Sempre tento beijá-la. Você é minha esposa. O que mais eu deveria fazer?

– Às vezes não é o momento certo – disse Eloise. – Phillip, se queremos ter um bom casamento…

– Nós temos um bom casamento – interrompeu ele, a voz defensiva e amarga.

– Sim, é claro – concordou ela, rápido. – Mas um matrimônio não pode se resumir a… você sabe.

– Não – respondeu ele, se fazendo de desentendido. – Não sei.

Eloise rangeu os dentes.

– Phillip, não seja assim.

Ele não disse nada, só cruzou ainda mais os braços e encarou-a fixamente.

Eloise fechou os olhos e seu queixo se projetou um pouco para a frente enquanto os lábios se moviam. Então ele percebeu que ela estava falando. Não emitia nenhum som, mas ainda assim estava falando.

Meu Deus, a mulher não parava nunca. Até naquele momento ela estava falando consigo mesma.

– O que você está fazendo? – perguntou ele, por fim.

Ainda de olhos fechados, ela disse:

– Estou tentando me convencer de que posso ignorar o conselho da minha mãe.

Ele balançou a cabeça. Nunca entenderia as mulheres.

– Phillip – continuou ela, quando ele tinha acabado de resolver que ia sair e deixá-la falando sozinha. – Gosto muito do que fazemos na cama…

– É bom ouvir isso – retrucou ele rispidamente, ainda muito irritado para ser gentil.

Eloise ignorou sua falta de cortesia.

– Mas não pode se resumir a isso.

– O que não pode se resumir a isso?

– Nosso casamento. – Ela corou, claramente desconfortável com todo aquele discurso sincero. – Não pode se resumir a fazer amor.

– Mas sem dúvida pode representar uma boa parte – resmungou ele.

– Phillip, por que você não fala comigo sobre isso? Nós temos um problema, e precisamos conversar.

Aquilo o atingiu de repente como um choque. Ele estava convencido de que seu casamento era perfeito e ela se atrevia a *reclamar*? E ele andara tão certo de que acertara dessa vez…

– Estamos casados há uma semana, Eloise – resmungou ele. – Uma semana. O que você espera de mim?

– Eu não sei. Eu…

– Eu sou só um homem.

– E eu sou só uma mulher – disse ela, serenamente.

Por alguma razão, aquelas palavras pronunciadas em voz baixa só o irritaram ainda mais. Ele se inclinou para a frente, usando seu tamanho para intimidá-la.

– Você sabe há quanto tempo eu não me deitava com uma mulher? – sibilou Phillip. – Faz alguma ideia?

Ela arregalou os olhos e balançou a cabeça em negativa.

– Oito anos – disparou ele. – Oito longos anos sem nada além da minha própria mão para me confortar. Então, na próxima vez em que parecer que estou tendo prazer enquanto penetro seu corpo, por favor, perdoe minha imaturidade e minha *virilidade…* – Ele falou a palavra cheio de raiva e sarcasmo. – Estou simplesmente tendo dias incríveis após um longo período de seca.

E então, incapaz de suportá-la por mais um instante…

Não, não era verdade. Phillip não podia suportar a si mesmo.
Fosse como fosse, ele saiu.

CAPÍTULO 16

… você tem mesmo o direito, cara Kate. Os homens são tão fáceis de levar… Não consigo imaginar um dia perder uma discussão para um deles. É claro que se eu tivesse aceitado o pedido de lorde Lacye, não teria nem mesmo a oportunidade. Ele raramente fala, o que eu acho muito estranho.

– de Eloise Bridgerton para sua cunhada, a viscondessa de Bridgerton, quando recusou o quinto pedido de casamento

Eloise ficou na estufa por quase uma hora, sem conseguir fazer qualquer coisa além de olhar para o nada se perguntando o que tinha acontecido.

Num minuto eles estavam conversando – tudo bem, discutindo, mas de maneira relativamente razoável e civilizada – e no outro ele havia perdido a cabeça, o rosto tomado pela fúria.

E então Phillip fora embora. Saíra de repente, no meio da discussão, deixando-a ali sozinha na estufa, de boca aberta e com o orgulho mais do que ferido.

Ele fora embora. Na verdade, isso era o que mais a incomodava. Como alguém pode sair no meio de uma briga?

Tudo bem que tinha sido ela quem instigara a discussão – ou melhor, o desentendimento –, mas ainda assim não havia acontecido nada que pudesse provocar aquela saída repentina e furiosa dele.

E o pior é que ela não sabia o que fazer.

Durante toda a sua vida, Eloise sempre soubera o que fazer. Nem sempre dava certo, mas pelo menos tinha segurança ao tomar as decisões. Agora, sentada ali junto à bancada de Phillip, sentindo-se completamente confusa e despreparada, percebeu que, ao menos em sua opinião, era muito melhor agir e descobrir que estava errada do que se sentir impotente e desamparada.

E, como se tudo isso não fosse o bastante, não conseguia tirar a voz de sua

mãe da cabeça. *Não pressione, Eloise. Não pressione*.

Mas ela não achava que havia pressionado. Por Deus, o que ela havia feito além de procurá-lo preocupada com os filhos dele? Era tão errado querer *falar* em vez de correr para o quarto? Achava que até poderia ser errado se o casal em questão nunca tivesse nenhum momento de intimidade, mas eles tinham… eram íntimos…

Esse desencontro só tinha acontecido naquela manhã!

Ninguém poderia dizer que eles tinham qualquer problema na cama. Ninguém.

Eloise suspirou e deixou os ombros caírem, desanimada. Nunca se sentira tão sozinha na vida. O que era engraçado. Quem diria que ela teria que se casar – unir sua vida à de outra pessoa pela *eternidade* – para se sentir só?

Queria sua mãe.

Não, não queria Violet. Com certeza, não. Sua mãe seria gentil, compreensiva e tudo o que uma mãe deve ser, mas falar com ela só faria com que se sentisse uma criança, não a adulta que deveria ser.

Queria as irmãs. Não Hyacinth, que só tinha 21 anos e não sabia nada sobre os homens. Preferia falar com uma das irmãs casadas. Daphne, por exemplo, que sempre sabia o que dizer, ou Francesca, que nunca falava o que se queria ouvir, mas mesmo assim conseguia sempre arrancar um sorriso da pessoa.

Mas elas estavam muito distantes, em Londres e na Escócia, respectivamente, e Eloise *não ia* fugir. Tinha se colocado naquela situação quando se casara, e de fato suas noites com Phillip eram muito felizes. Só os dias é que eram um pouco estranhos.

Ela não iria bancar a covarde e fugir, mesmo que fosse só por alguns dias.

No entanto, Sophie morava ali perto, a apenas uma hora de distância. E ainda que elas não fossem irmãs de sangue, bem, eram irmãs de coração.

Eloise olhou para fora pela porta. O dia estava muito nublado para saber a posição do sol, mas ela tinha quase certeza de que não havia passado muito do meio-dia. Mesmo com o tempo de viagem, ela poderia passar o resto da tarde com Sophie e estar de volta para o jantar.

Seu orgulho a fazia não querer que ninguém soubesse que estava triste, mas seu coração pedia um ombro para chorar.

O coração venceu.

~

Depois da discussão dos dois, Phillip passou várias horas andando irritado por sua propriedade, arrancando ervas daninhas do chão furiosamente.

A tarefa o manteve bem ocupado, já que não estava em uma área cultivada e isso significava que, se alguém desejasse, praticamente todas as plantas por ali poderiam ser consideradas ervas daninhas.

E ele queria *tanto*… Mais do que queria. Se pudesse, arrancaria cada maldita planta da Terra.

Logo ele, um botânico.

O fato era que Phillip não sentia vontade de plantar nada naquele momento, não queria fazer nada brotar ou florescer. Só queria chutar, arrancar, destruir. Estava nervoso e frustrado, irritado consigo mesmo e com Eloise, pronto para se aborrecer com qualquer um que cruzasse seu caminho.

Mas depois de uma tarde assim, chutando, pisando duro, arrancando flores selvagens e rasgando folhas, sentou-se em uma pedra e apoiou a cabeça nas mãos.

Que droga!

E a ironia maior era que ele… tinha achado que eles eram felizes.

Achara que seu casamento era perfeito, e durante todo aquele tempo… bem, só tinha se passado uma semana, mas, em sua opinião, tinha sido uma semana perfeita. Só que ela estava infeliz.

Ou, se não infeliz, não estava completamente satisfeita.

Ou talvez estivesse um pouco satisfeita, mas com certeza não extasiada de alegria, como ele.

E agora ele teria de *fazer* algo, o que era a última coisa de que gostaria. Teria de conversar com Eloise, fazer perguntas para tentar entender o que havia de errado, sem falar em procurar descobrir como consertar tudo…. Ah, esse era o tipo de coisa que ele nunca fazia bem.

Mas Phillip não tinha muita opção, não é? Tinha se casado com Eloise em parte – bem, na realidade esse era praticamente o único motivo – porque queria que ela assumisse o controle de tudo, que se encarregasse de todas as pequenas tarefas maçantes de sua vida, liberando-o para as coisas que importavam de verdade. O fato de ele começar a gostar dela havia sido um bônus inesperado.

Mas suspeitava que o casamento não contava como uma dessas pequenas

tarefas maçantes, e que ele não podia simplesmente deixá-lo por conta de Eloise. E, por mais difícil que uma conversa franca pudesse ser, ele teria de fazer o sacrifício e tentar.

Tinha quase certeza de que só pioraria as coisas, mas pelo menos poderia dizer que havia tentado.

Phillip soltou um gemido, aborrecido. Eloise provavelmente iria lhe perguntar sobre seus *sentimentos*. Será que não havia uma mulher na face da Terra capaz de entender que os homens não conversavam sobre sentimentos? Mas que droga, metade deles nem mesmo tinha algum.

Ou talvez ele pudesse escolher o caminho mais simples e pedir desculpas. Não tinha muita certeza do motivo pelo qual estaria se desculpando, mas isso a acalmaria e a deixaria feliz, e era só o que importava.

Ele não queria que Eloise fosse infeliz. Não queria que ela se arrependesse do casamento nem por um instante. Queria que seu casamento voltasse a ser como ele achava que era – fácil e confortável durante o dia, ardente e fogoso à noite.

Phillip subiu a penosa caminhada de volta a Romney Hall, ensaiando mentalmente o que diria e fechando a cara quando pensava como aquilo tudo soava estúpido.

Mas todo aquele esforço foi irrelevante, porque, ao chegar em casa e encontrar Gunning, o mordomo foi logo falando:

– Ela não está aqui.

– Como assim, não está? – perguntou Phillip.

– Ela saiu, senhor. Foi para a casa do irmão.

Phillip sentiu um embrulho no estômago.

– Que irmão?

– Acho que é o que mora aqui perto.

– Você *acha*?

– Tenho quase certeza – corrigiu-se Gunning.

– Ela disse quando pretendia voltar?

– Não, senhor.

Irritado, Phillip resmungou algo, baixinho. Com certeza, Eloise não o *deixara*. Ela não era do tipo que abandonava um navio afundando, pelo menos não até que soubesse que todos os passageiros tinham saído em segurança antes.

– Ela não levou nenhuma bagagem, senhor – informou Gunning.

Ah, *aquilo* o fez se sentir bem melhor. Seu mordomo achara bom assegurá-lo de que não tinha sido abandonado pela esposa.

– Pode se retirar, Gunning – disse Phillip, entre dentes.

– Está bem, senhor – retrucou o mordomo.

Então curvou a cabeça, como sempre fazia quando pedia licença, e deixou a sala.

Phillip ficou completamente imóvel no corredor por vários minutos, os punhos fechados com raiva. Mas que raios ele deveria fazer agora? Não iria sair correndo atrás de Eloise. Se ela precisava tão desesperadamente ficar longe dele, então, por Deus, que ficasse à vontade.

Começou a caminhar em direção ao escritório, onde podia espumar de ódio sozinho, mas então, quando estava a poucos passos da porta, parou e olhou para o grande relógio de pêndulo no fim do corredor. Passava um pouco das três, que era a hora em que os gêmeos costumavam fazer o lanche da tarde. Antes de se casarem, Eloise o acusara de não se preocupar muito com o bem-estar deles.

Colocou as mãos nos quadris e girou ligeiramente o pé como se não soubesse direito para que lado ir. Ele bem que poderia ir até o quarto dos filhos e surpreendê-los passando alguns minutos com eles. Na verdade, nem tinha muita coisa melhor a fazer enquanto esperava sua mulher errante retornar. E quando Eloise voltasse… bem, ela não teria do que reclamar depois de ele ter se espremido todo em uma daquelas cadeiras minúsculas para tomar leite com biscoitos com os gêmeos.

Virou-se, então, de maneira decidida e subiu para o quarto das crianças, que ficava no último andar da casa, sob o beiral do telhado. Era o mesmo cômodo em que ele tinha crescido, com a mesma mobília e os mesmos brinquedos, e provavelmente a mesma fenda no teto sobre as pequenas camas – uma que parecia um pato.

Phillip franziu a testa, pensativo, quando saiu da escada no corredor do terceiro andar. Devia ver se aquela fenda ainda estava lá e, se estivesse, perguntar aos filhos se achavam que parecia alguma coisa. George, seu irmão, sempre jurara que tinha a forma de um porco, mas Phillip nunca entendera como ele podia confundir o bico com um focinho.

Balançou a cabeça, pensativo, até que de repente…

Ele parou a apenas duas portas do quarto dos filhos. Tinha ouvido alguma coisa e não sabia bem o que era, só que não havia gostado nem um pouco. Era…

Prestou atenção de novo.

Era um choramingo.

Seu primeiro impulso foi irromper pelo cômodo, mas se segurou quando percebeu que a porta estava entreaberta, então se aproximou em silêncio e espiou pelo vão o mais discretamente possível.

Só precisou de meio segundo para entender o que estava acontecendo lá dentro.

Oliver estava curvado no chão, o corpo trêmulo e soluçante, e Amanda encontrava-se de pé, de frente para uma parede, choramingando enquanto a babá batia nas costas dela com um livro grande e pesado.

Phillip escancarou a porta com tanta força que quase a arrancou das dobradiças.

– Mas o que você pensa que está fazendo?! – gritou.

A babá Edwards se virou, surpresa, mas, antes que pudesse abrir a boca para falar, Phillip agarrou o livro e atirou-o contra a parede atrás de si.

– Sir Phillip! – gritou a mulher, em choque.

– Como você se atreve a bater nessas crianças? – indagou ele, a voz vibrando de fúria. – E com um livro!

– As minhas instruções…

– E escolheu um lugar que ninguém veria facilmente. – Phillip sentiu o rosto esquentar. Ele estava agitado, prestes a partir para o ataque. – Em quantas crianças você já bateu, cuidando para deixar as marcas onde ninguém as veja?

– Eles falaram comigo de maneira desrespeitosa – explicou a babá. – Tinham de ser punidos.

Phillip deu um passo à frente, aproximando-se o bastante para fazer a mulher recuar.

– Quero você fora da minha casa.

– O senhor me deu instruções de disciplinar seus filhos como achasse mais adequado – protestou ele.

– E é isso que você acha adequado? – sibilou ele, usando todo o seu autocontrole para manter os braços junto ao corpo.

Sua vontade era agitá-los furiosamente, pegar um livro, partir para cima dela

e lhe bater como ela fizera com as crianças.

Mas procurou aguentar firme. Não fazia ideia de como, mas conseguiu se conter.

– Você bateu neles com um livro? – perguntou, ríspido.

Olhou para os filhos. Os dois estavam encolhidos em um canto, provavelmente com tanto medo do pai naquele estado quanto da babá. Sentia-se mal por deixar que o vissem assim, tão perto de perder a cabeça, mas não havia mais nada que pudesse fazer para se controlar.

– Não havia nenhuma vara – explicou a babá, com arrogância.

Ela não deveria ter dito isso. Phillip sentiu o corpo ficar ainda mais quente e tentou lutar contra o ódio que começava a lhe embotar a razão. Já *houvera* uma vara no quarto das crianças um dia. O gancho em que ficava pendurada ainda estava lá, perto da janela.

Phillip a queimara no dia do enterro do pai. Ficara de pé junto ao fogo, vendo a vara virar cinzas. Jogá-la fora não seria suficiente. Era preciso vê-la completamente destruída, para sempre.

Então, agora, ele pensou naquele instrumento de tortura e em todas as centenas de vezes em que fora usado contra ele. Lembrou-se da dor, da indignidade, de todo o esforço que fazia para não chorar.

Seu pai detestava crianças choronas. As lágrimas de Phillip só faziam com que ele apanhasse mais ainda. Com a vara. Ou com o cinto. Ou com o chicote. Ou, quando não havia mais nada disponível, a mão do pai.

Mas nunca com um livro, pensou ele com um estranho distanciamento. Provavelmente seu pai nunca havia pensado nisso.

– Saia – ordenou ele, a voz quase inaudível. E então, quando viu que a babá não se movia, urrou: – Saia! Saia desta casa!

– Sir Phillip – protestou ela, afastando-se dele para ficar fora do alcance de seus braços longos e fortes.

– Saia! Saia! Saia!

Phillip já não sabia de onde vinha toda aquela raiva. De algum lugar bem lá no fundo, nunca domado, apenas mantido sob controle por pura força de vontade.

– Preciso recolher as minhas coisas! – exclamou ela.

– Você tem meia hora – disse Phillip, a voz baixa, mas ainda trêmula em

consequência de sua explosão. – Trinta minutos. Se não tiver ido embora até lá, eu mesmo vou colocá-la para fora.

A babá Edwards hesitou junto à porta, começou a andar e depois virou de volta.

– Você está estragando essas crianças – sibilou.

– São meus filhos e eu faço o que bem entender com eles.

– Faça como quiser, então. Eles não passam de uns monstrinhos geniosos, malcomportados…

Será que ela não se preocupava nem um pouco com sua segurança? O controle de Phillip estava por um fio, e ele estava prestes a pegar a mulher pelo braço e atirá-la porta afora.

– Saia já daqui! – rosnou ele, pelo que esperava que fosse a última vez.

Não conseguiria se conter por muito mais tempo. Deu um passo à frente, pontuando as palavras com seu movimento, e finalmente… *finalmente*… ela saiu correndo do quarto.

Por um instante Phillip ficou apenas parado, tentando se tranquilizar, normalizar a respiração e os batimentos cardíacos. Estava de costas para os gêmeos e temia se virar. Estava morrendo por dentro, devastado pela culpa por ter contratado aquela mulher, aquele monstro, para cuidar de seus filhos. E por estar sempre muito ocupado tentando evitá-los para perceber seu sofrimento.

O mesmo sofrimento que ele tivera um dia.

Phillip virou lentamente, com medo do que veria nos olhos deles.

Mas quando levantou a cabeça e os fitou, os dois se atiraram para cima dele com tanta força que quase o derrubaram.

– Ah, papai! – exclamou Amanda, com uma ternura que ele não ouvia há muito tempo.

Fazia anos que era apenas “pai” e esquecera como aquela palavra soava doce.

Oliver também o abraçava, os braços pequenos e finos apertados em volta da cintura de Phillip, o rosto enterrado na camisa do pai para que ele não o visse chorar.

Mas Phillip podia sentir. As lágrimas do filho encharcavam sua camisa, e sua barriga vibrava toda vez que ele fungava.

Então, envolveu os dois num abraço apertado, protetor.

– Shhh – sussurrou. – Está tudo bem. Estou aqui agora. – Eram palavras que nunca pronunciara, palavras que nunca imaginara que diria. Nunca pensara que sua presença pudesse fazer tudo ficar bem. – Me desculpem – desabafou. – Sinto muito mesmo.

Os filhos já tinham lhe dito que não gostavam da babá, mas ele não lhes dera ouvidos.

– Não é culpa sua, papai – disse Amanda.

Era, sim, mas não havia razão para insistir. Não naquele momento, não quando era a hora perfeita para um recomeço.

– Vamos encontrar outra babá para vocês – garantiu ele.

– Alguém como a babá Millsby? – perguntou Oliver, fungando, já que as lágrimas enfim haviam deixado de cair.

Phillip confirmou com a cabeça.

– Exatamente como ela.

Oliver olhou para ele com muita intensidade.

– A Srta… A mamãe pode ajudar?

– É claro – retrucou Phillip, desgrenhando o cabelo dele. – Acredito que ela vá mesmo querer dar sua opinião. Afinal, é uma mulher que tem sempre muito a dizer.

As crianças riram.

Phillip também se permitiu rir.

– Vejo que vocês a conhecem bem.

– Ela gosta mesmo de falar – concordou Oliver, hesitantemente.

– Mas é muito inteligente! – interveio Amanda.

– É mesmo – murmurou Phillip.

– Eu gosto dela – disse o menino.

– Eu também – acrescentou sua irmã.

– Fico feliz em ouvir isso – falou Phillip. – Porque acredito que ela esteja aqui para ficar.

E eu também, acrescentou ele em pensamento. Passara anos evitando os filhos, temendo cometer algum erro ou perder a calma. Acreditara que estava fazendo o que era melhor para eles mantendo os dois a distância, mas se enganara. Redondamente.

– Eu amo vocês – disse ele, a voz rouca de tanta emoção. – Vocês sabem

disso, não sabem?

Eles fizeram que sim, os olhos brilhando.

– Sempre vou amar vocês – sussurrou Phillip, agachando-se até ficar da altura dos dois. Então puxou-os para perto, feliz em sentir seu calor. – Sempre vou amar vocês.

CAPÍTULO 17

… apesar de tudo, Daphne, não acho que você deveria ter fugido.

– de Eloise Bridgerton para sua irmã, a duquesa de Hastings,
durante a breve separação de Daphne do marido,
poucas semanas após o casamento

O caminho para a casa de Benedict era acidentado, e a viagem tinha sido cheia de solavancos, então, quando Eloise chegou aos degraus da frente da casa do irmão, seu humor havia passado de ruim para péssimo. Para piorar, quando o mordomo abriu a porta, olhou para ela como se fosse louca.

– Graves? – chamou Eloise, quando ficou claro que ele estava sem palavras.

– Eles estão esperando você? – perguntou o homem, ainda de boca aberta.

– Bem, não – retrucou ela, olhando para dentro da casa.

Havia começado a chuviscar, e ela não estava usando uma roupa apropriada para isso.

– Mas dificilmente acho… – começou Eloise.

Graves enfim percebeu que estava no caminho e se afastou, permitindo a entrada dela.

– É que o pequeno Charles… – disse o mordomo, referindo-se ao filho mais velho de Benedict e Sophie, de apenas cinco anos e meio. – Ele está bem doente. E…

Eloise sentiu um gosto ácido horrível lhe subir à garganta.

– O que houve? – perguntou, aflita. – Ele está…

Por Deus, como se pergunta se uma criança pequena está morrendo?

– Vou chamar a Sra. Bridgerton – disse Graves, engolindo convulsivamente.

Então se virou e subiu depressa a escada.

– Espere! – exclamou Eloise, querendo saber mais, mas ele já tinha ido.

Ela desabou na cadeira, sentindo-se mal de tanta preocupação, e, como se não fosse o bastante, aborrecida consigo mesma por ter ficado insatisfeita –

ainda que só um pouco – com a própria vida. Seus problemas com Phillip, que na verdade nem chegavam a ser problemas, e sim pequenos contratempos… bem, tudo parecia insignificante perto *daquilo*.

– Eloise!

Era Benedict, e não Sophie, que vinha descendo a escada. Ele parecia cansado, os olhos vermelhos, a pele pálida. Eloise sabia que era melhor não perguntar quanto tempo fazia que ele não dormia. Seria inconveniente. Além do mais, a resposta estava bem ali no rosto do irmão. Era claro que ele não pregava o olho havia dias.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ele.

– Vim fazer uma visita – explicou ela. – Eu não fazia ideia… O que houve? Como Charles está? Eu o vi na semana passada e ele parecia bem. Ele… O que aconteceu?

Benedict precisou de vários segundos para reunir forças e responder.

– Ele está com febre. Não sei por quê. No sábado ele acordou bem, mas na hora do almoço estava… – Benedict se apoiou na parede e fechou os olhos, em desespero. – Estava queimando de febre – sussurrou. – Não sei o que fazer.

– O que o médico disse? – perguntou Eloise.

– Nada – retrucou Benedict. – Nada de útil, pelo menos.

– Posso vê-lo?

Ele assentiu, os olhos ainda fechados.

– Você precisa descansar – disse ela.

– Não posso.

– Mas deve. Você não tem como ajudar ninguém nesse estado, e aposto que Sophie está assim também.

– Eu falei para ela ir dormir há uma hora – falou Benedict. – Estava péssima.

– Bem, você não está nem um pouco melhor – afirmou Eloise, usando um tom enérgico e prático.

Às vezes as pessoas precisam de alguém que lhes dê uma ordem, que lhes diga o que fazer. Compaixão só faria seu irmão chorar, e nenhum dos dois queria que isso acontecesse.

– Você precisa ir para a cama – ordenou ela. – *Agora*. Eu cuidarei de Charles. Mesmo que você durma apenas uma hora, já irá se sentir bem melhor.

Ele não respondeu. Havia praticamente dormido em pé.

Então Eloise logo assumiu o controle. Disse a Graves que levasse Benedict até a cama e foi para o quarto em que estava o sobrinho doente, tentando não demonstrar sua surpresa ao vê-lo.

Ele parecia pequeno e frágil naquela cama enorme. Benedict e Sophie tinham levado o filho para o quarto deles, onde havia mais espaço para as pessoas cuidarem de Charles. Eloise notou o rubor em sua pele e, quando ele abriu os olhos, pôde ver que estavam opacos e desfocados. Além disso, quando não estava estranhamente imóvel, o menino se agitava e balbuciava coisas incoerentes sobre pôneis, casas na árvore e balas de marzipã.

Isso fez Eloise pensar no que ela murmuraria, fora de si, se um dia fosse acometida por uma febre daquela gravidade.

Ela enxugou a testa dele, depois o virou e ajudou as empregadas a mudarem os lençóis da cama. Nem notou quando o sol começou a se pôr no horizonte. Só agradeceu a Deus por Charles não ter piorado sob seus cuidados, porque, de acordo com os criados, Benedict e Sophie tinham ficado ao lado dele por dois dias inteiros, e ela não queria ter de acordar nenhum dos dois com más notícias.

Eloise se sentou na cadeira junto à cama, leu para ele histórias de seu livrinho preferido e lhe falou sobre quando seu pai era jovem. Duvidava que ele tivesse ouvido uma palavra, mas tudo aquilo a fez se sentir melhor, porque não podia ficar ali sentada sem fazer nada.

Só lá pelas oito da noite, quando Sophie por fim acordou de seu estupor e perguntou por Phillip, foi que lhe ocorreu que precisava mandar uma mensagem – ele já devia estar preocupado.

Então Eloise rabiscou um bilhete apressado e retomou sua vigília. Phillip iria entender.

~

Às oito da noite, Phillip pensou que das duas, uma: ou sua esposa havia morrido em um acidente de carruagem ou o deixara.

Nenhuma das possibilidades era boa.

Ele não *achava* que Eloise o tinha abandonado. Ela parecia bem feliz com o casamento, apesar da briga daquela tarde. E, além do mais, não tinha levado nenhum de seus pertences, embora isso não quisesse dizer muita coisa. A maioria das coisas dela ainda estava para chegar de sua casa em Londres. Ela

não estaria exatamente deixando muito para trás ali em Romney Hall.

Apenas um marido e dois filhos.

E ele tinha acabado de dizer aos dois, naquela tarde, que acreditava que ela estava ali para ficar…

Não, pensou Phillip, decidido. Eloise não o deixaria. Nunca faria uma coisa dessa. Ela não era nem um pouco covarde, e não iria simplesmente fugir, desistindo do casamento deles. Se estivesse insatisfeita com alguma coisa, ela diria, bem na cara e sem meias palavras.

Mas isso significava, então, que estava morta em alguma vala na estrada para Wiltshire, pensou ele, pegando o casaco enquanto praticamente saía correndo porta afora. Chovia sem parar, e as estradas entre sua casa e a de Benedict não eram bem conservadas, isso para dizer o mínimo.

Droga, ele quase preferiu que ela o tivesse deixado.

Mas, enquanto seguia pela estrada até a casa do cunhado, completamente ensopado e com um humor terrível, Phillip começou a achar mais provável que Eloise tivesse desistido do casamento.

Porque ela não estava caída em nenhuma vala à margem da estrada, não havia qualquer sinal de acidente de carruagem, e ela também não estava entocada em nenhuma das duas pousadas ao longo do caminho.

E como só existia uma estrada para chegar à casa de Benedict, não havia a possibilidade de sua esposa estar em alguma pousada em outro lugar e tudo aquilo não passar de um grande mal-entendido.

– Calma – disse a si mesmo enquanto subia a escada da frente pisando duro. – Calma.

Porque nunca estivera tão perto de perder a cabeça antes.

Talvez houvesse uma explicação lógica. Talvez ela só não quisesse ter feito o caminho de volta na chuva. Não estava chovendo *tanto*, mas já era mais do que um chuvisco, e ele imaginou que Eloise poderia ter preferido não fazer a viagem.

Phillip ergueu a aldrava e então bateu. Com força.

Talvez uma roda da carruagem pudesse ter quebrado.

Bateu de novo.

Não, isso não explicaria. Afinal, Benedict poderia ter mandado Eloise de volta na carruagem dele.

Talvez…

Talvez…

Sua mente procurava em vão por algum outro motivo para ela estar ali com o irmão, e não em casa com o marido. Mas não conseguia pensar em nada.

Praguejou.

Levou a mão à aldrava de novo, dessa vez preparado para arrancar aquela maldita coisa e atirá-la longe, quando a porta enfim se abriu e ele se viu diante de Graves, que conhecera menos de duas semanas antes, durante sua corte a Eloise.

– Minha esposa? – perguntou ele, praticamente rosnando.

– Sir Phillip! – disse o mordomo, num arquejo.

Phillip não se mexeu, embora a chuva escorresse pelo seu rosto. Maldita casa que não tinha um pórtico. Quem é que já tinha ouvido falar de uma coisa dessas, ainda mais na Inglaterra?

– Minha esposa – repetiu ele, irritado.

– Ela está aqui – tranquilizou-o Graves. – Entre.

Phillip entrou.

– Quero ver minha esposa – exigiu de novo. – Agora.

– Deixe-me pegar seu casaco – falou o mordomo.

– Não dou a mínima para o meu casaco – disparou Phillip. – Quero falar com minha esposa.

Graves ficou paralisado, as mãos ainda estendidas para pegar o casaco de Phillip.

– O senhor não recebeu o bilhete de Lady Crane?

– Não, não recebi nenhum bilhete.

– Bem que achei que o senhor chegou rápido demais – murmurou Graves. – Deve ter passado pelo mensageiro no caminho. É melhor entrar.

– Já estou aqui dentro – lembrou Phillip, impaciente.

Graves soltou o ar demoradamente, quase como um suspiro, o que era incomum para um mordomo que havia sido educado para não demonstrar nenhuma emoção.

– Acho que ficará aqui por algum tempo – disse ele com delicadeza. – Tire o casaco. É melhor se secar um pouco e ficar confortável.

A raiva de Phillip de repente se transformou no mais profundo pavor. Será que havia acontecido alguma coisa com Eloise? Deus do céu, se algo…

– O que está havendo? – sussurrou ele.

Tinha acabado de se entender com os filhos. Não estava pronto para perder a mulher.

O mordomo apenas virou em direção à escada com os olhos tristes.

– Venha comigo – falou, em voz baixa.

Phillip o seguiu, sentindo o medo aumentar a cada passo.

~

Sim, Eloise tinha ido à igreja quase todos os domingos de sua vida. Era o esperado e o que as pessoas boas e honestas faziam, mas, na verdade, ela nunca fora do tipo religioso ou temente a Deus. Seus pensamentos vagavam durante os sermões, e ela cantava os hinos não em razão de alguma elevação espiritual, mas porque gostava das músicas, e a igreja era o único lugar aceitável para uma pessoa desafinada como ela erguer a voz e cantar.

Mas ali, naquela noite, enquanto velava o sobrinho, ela rezou.

Charles não havia piorado, mas também não melhorara, e o médico, que o vira pela segunda vez naquele dia, dissera que a saúde dele "estava nas mãos de Deus".

Eloise detestava essa frase, odiava que os médicos recorressem a ela quando uma doença estava além de suas habilidades, mas se ele estivesse certo e a situação se encontrasse mesmo nas mãos de Deus, então ela suplicaria por Sua ajuda.

Bem, pelo menos enquanto não estivesse colocando um pano frio na testa de Charles ou lhe dando na boca colheradas de caldo morno. Mas não havia muito a fazer, e passava a maior parte do tempo ali no quarto sentindo-se impotente, em vigília.

Então agora ela sussurrava, com as mãos no colo:

– Por favor. *Por favor*.

E de repente, como se a oração errada tivesse sido atendida, ela ouviu um barulho na entrada. Embora só tivesse enviado o mensageiro uma hora antes, de alguma forma Phillip já estava ali. Encontrava-se ensopado da chuva, o cabelo grudado de maneira deselegante na testa, mas era a visão mais linda de sua vida, e, antes que pudesse perceber o que estava fazendo, ela cruzou o quarto e se atirou nos braços dele.

– Ah, Phillip – falou, soluçando, finalmente se permitindo chorar.

Tinha sido muito valente o dia todo, obrigando-se a ser a rocha de que seu irmão e sua cunhada precisavam. Mas agora o marido estava ali, e, quando a envolveu com os braços, sua presença era tão sólida e tão tranquilizadora que ela deixou que alguém fosse forte por ela.

– Achei que fosse você – sussurrou Phillip.

– O quê? – perguntou ela, confusa.

– O mordomo… ele não explicou até subirmos a escada. Achei que fosse… – Ele balançou a cabeça em negativa. – Deixe para lá.

Eloise não disse nada, só olhou para ele, com um sorriso triste e discreto nos lábios.

– Como ele está?

– Nada bem – disse ela, balançando a cabeça.

Phillip olhou para Benedict e Sophie, que tinham se levantado para cumprimentá-lo. Os dois também não pareciam "nada bem".

– Há quanto tempo ele está assim? – perguntou Phillip.

– Dois dias – respondeu Benedict.

– Dois dias e meio – corrigiu Sophie. – Desde sábado de manhã.

– Você precisa se secar – disse Eloise, afastando-se dele. – E, agora, eu também. – Ela olhou pesarosamente para o vestido, que estava ensopado em razão da roupa molhada de Phillip. – Ou vai ficar igual a Charles.

– Estou bem – retrucou Phillip, passando por ela enquanto se aproximava da cabeceira do pequeno. Ele tocou a testa de Charles, depois balançou a cabeça e olhou para os pais. – Não consigo sentir. Meu corpo está muito frio por causa da chuva.

– Ele está com febre – falou Benedict com a voz amarga.

– Que providências vocês tomaram? – perguntou Phillip.

– Você entende alguma coisa de medicina? – indagou Sophie, os olhos se enchendo de ansiedade e esperança.

– O médico fez uma sangria – respondeu Benedict. – Não pareceu ajudar.

– Estamos lhe dando caldos mornos e tentando resfriar seu corpo quando fica quente demais – explicou Sophie.

– E aquecê-lo quando está muito frio – completou Eloise, arrasada.

– Nada parece dar certo – sussurrou Sophie.

E então, ela simplesmente desmoronou. Deixou-se desabar com o rosto apoiado na cama e começou a soluçar.

– Sophie – disse Benedict, emocionado.

Então caiu de joelhos ao lado da esposa e abraçou-a enquanto ela chorava.

Phillip e Eloise desviaram o olhar quando perceberam que ele também estava chorando.

– Ele chegou a tomar chá de casca de salgueiro? – perguntou Phillip a Eloise.

– Acho que não. Por quê?

– Aprendi isso em Cambridge. Esse chá costumava ser usado como analgésico, antes de o láudano se tornar tão popular. Um dos meus professores insistia que também ajudava a baixar a febre.

– Você deu esse chá para Marina? – perguntou Eloise.

Phillip olhou para ela, surpreso, depois lembrou que ela ainda achava que Marina tinha morrido de pneumonia, o que era quase toda a verdade.

– Eu tentei, mas não consegui fazer com que ela bebesse muito – respondeu Phillip. – E, além disso, ela estava muito mais doente do que Charles. – Ele engoliu em seco, lembrando. – Em vários sentidos.

Eloise olhou para o rosto dele com atenção, depois se virou rapidamente para Benedict e Sophie, que estavam em silêncio, unidos em seu sofrimento.

Mas Eloise, sendo Eloise, não se preocupava muito em respeitar momentos íntimos em situações como aquela, então agarrou o ombro do irmão e o virou.

– Vocês têm casca de salgueiro? – perguntou.

Benedict só olhou para ela, piscando sem entender bem, e finalmente respondeu:

– Não sei.

– A Sra. Crabtree deve ter – atalhou Sophie. Os Crabtrees eram um velho casal que cuidava da casa de Benedict quando ela não passava de um lugar onde ele se hospedava de vez em quando, antes de se casar. – Ela sempre tem coisas assim. Mas ela e o marido foram visitar a filha e só voltarão daqui a alguns dias.

– Você tem as chaves da casa deles? – indagou Phillip. – Podemos ver se ela tem. Então faremos o chá, que pode ajudar a baixar a febre.

– Casca de salgueiro? – retrucou Sophie, não muito confiante. – Você pretende curar meu filho com a casca de uma *árvore*?

– Com certeza não fará mal a esta altura – disse Benedict, em tom áspero,

caminhando a passos largos até a porta. – Venha comigo, Crane. Temos a chave da cabana deles. Eu mesmo o levarei até lá. – Mas, quando chegou junto à porta, ele virou para Phillip e perguntou: – Você sabe se isso vai dar certo?

Phillip respondeu da única maneira que podia:

– Não tenho certeza. Mas espero que sim.

Benedict observou-o atentamente, e Phillip sabia que o irmão de Eloise o estava avaliando. Uma coisa era Benedict permitir que ele se casasse com sua irmã. Outra bem diferente era deixá-lo enfiar poções estranhas pela goela do filho.

Mas Phillip entendia. Também era pai.

– Muito bem – disse Benedict. – Vamos lá.

E, enquanto Phillip saía depressa da casa, só rezava poder honrar a confiança que Benedict Bridgerton estava depositando nele.

~

No fim das contas, foi difícil dizer se o que deu resultado foi a casca de salgueiro, as orações sussurradas de Eloise ou pura e simples sorte, mas, na manhã seguinte, a febre de Charles tinha cedido, e, embora o menino ainda parecesse fraco e apático, sem dúvida estava se recuperando. Por volta de meio-dia, Eloise e Phillip perceberam que já não eram mais necessários e que, na verdade, estavam até atrapalhando um pouco. Então pegaram sua carruagem e seguiram para casa, ansiosos para desabar na cama e, dessa vez, não fazerem nada além de dormir.

Durante os primeiros dez minutos da viagem, os dois permaneceram em silêncio. Surpreendentemente, Eloise estava cansada demais para falar. Mas, mesmo exausta, também se sentia agitada demais, tensa demais em razão do estresse e da preocupação da noite anterior, para dormir. Então se contentou em ficar olhando a paisagem pela janela. Havia parado de chover mais ou menos na hora em que a febre de Charles cedera, o que sugeria uma intervenção divina que poderia indicar as orações de Eloise como salvadoras do menino. Mas quando ela deu uma olhada furtiva em Phillip, sentado a seu lado na carruagem, de olhos fechados (embora Eloise tivesse quase certeza de que ele não estava dormindo), de alguma forma soube que o milagre tinha operado por meio da casca de salgueiro.

Eloise não podia explicar como tinha tanta certeza, e estava ciente de que nunca teria como provar, mas a vida de seu sobrinho tinha sido salva por uma xícara de chá.

Então pensou em como era improvável que Phillip tivesse ido parar na casa de seu irmão naquela noite. Fora uma sequência de acontecimentos bastante singular. Se ela não tivesse ido ver os gêmeos, se não tivesse ido contar a Phillip que não gostava da babá, se eles não tivessem brigado…

Visto dessa forma, o pequeno Charles Bridgerton era o menino mais sortudo da Inglaterra.

– Obrigada – disse ela, sem perceber que estava falando até as palavras saírem de seus lábios.

– Pelo quê? – murmurou Phillip, sonolento, sem abrir os olhos.

– Charles – retrucou ela, simplesmente.

Phillip abriu os olhos e virou-se para ela.

– Nunca saberemos se foi a casca de salgueiro.

– Eu sei – disse ela, convicta.

Ele abriu um sorriso.

– Você sempre sabe.

E então ela pensou… Era por aquilo que vinha esperando a vida inteira? Não a paixão, não a respiração ofegante de prazer quando ele se juntava a ela na cama, mas *aquilo*.

Aquela sensação de conforto, bem-estar, companheirismo, de se sentar ao lado de alguém em uma carruagem e saber com cada fibra de seu ser que aquele era o seu lugar.

Eloise colocou a mão na dele.

– Foi tão terrível… – falou, surpresa ao perceber que seus olhos estavam cheios de lágrimas. – Acho que nunca tive tanto medo na vida. Não consigo imaginar como foi para Benedict e Sophie.

– Nem eu – concordou Phillip, baixinho.

– Se tivesse sido um de nossos filhos… – disse ela, e percebeu então que era a primeira vez que falava assim.

Nossos filhos.

Phillip ficou em silêncio por um longo tempo. Quando falou, foi olhando pela janela.

– Durante todo o tempo que fiquei ali com Charles, só conseguia pensar que graças a Deus não eram Oliver e Amanda – confessou ele, a voz rouca. Depois virou de volta para ela, o rosto atormentado pela culpa. – Mas não deveria acontecer com o filho de ninguém.

Eloise apertou a mão dele.

– Não vejo nada de errado com o que sentiu. Você não é um santo. É apenas um pai. E um pai muito bom, na minha opinião.

Phillip olhou para ela com uma expressão estranha, e depois balançou a cabeça.

– Não, não sou. Mas espero me tornar um.

Ela inclinou a cabeça para o lado com um ar de indagação.

– Você estava certa – continuou ele. – Sobre a babá. Eu não queria que houvesse nada errado, então não dei atenção ao assunto, mas você estava certa. Ela estava batendo neles.

– *O quê?*

– Com um livro. Eu entrei e ela estava batendo em Amanda com um livro. E já tinha batido em Oliver antes.

– Ah, não… – disse Eloise, enquanto lágrimas de aflição e raiva enchiam seus olhos. – Nunca imaginei. Eu não gostava dela, e sabia que havia batido nos dedos deles com uma régua, mas… já bateram nos *meus* dedos desse jeito. Todo mundo já passou por isso. – Eloise se deixou afundar no banco, a culpa pesando em seus ombros. – Eu devia ter percebido. Devia ter visto.

Phillip bufou.

– Você só está lá em casa há umas duas semanas. Eu convivi com aquela mulher monstruosa durante meses. Se eu não percebi, por que você deveria ter visto?

Eloise não tinha o que responder, pelo menos nada que não fosse fazer seu marido já sentindo tanta culpa ficar ainda pior.

– Imagino que você tenha mandado a babá embora – conseguiu dizer ela, depois de algum tempo.

Phillip confirmou.

– Falei com as crianças que você me ajudaria a encontrar uma substituta.

– É claro – concordou ela rapidamente.

– E eu… – Ele parou, pigarreou e olhou pela janela antes de continuar. –

Eu…

– O quê? – perguntou Eloise com delicadeza.

Ele não a encarou quando disse:

– Eu vou procurar melhorar como pai. Mantive os dois afastados por muito tempo. Tinha tanto medo de me tornar o meu pai, de ser como ele, que…

– Phillip, você não é como o seu pai – afirmou Eloise, colocando a mão sobre a dele. – Nunca poderia ser.

– Não, mas achei que isso pudesse acontecer. Peguei um chicote uma vez. Fui até o estábulo e peguei um chicote. – Ele apoiou a cabeça nas mãos e continuou: – Eu estava tão irritado… Furioso, na verdade.

– Mas você não o usou – sussurrou ela, sabendo que o que dizia era verdade. Tinha de ser.

– Mas quis usar.

– Mas não usou – repetiu Eloise, a voz o mais firme possível.

– Eu estava tão irritado… – repetiu Phillip, e ela não sabia nem se ele a ouvira, de tão perdido que estava em suas lembranças. Mas então ele virou para ela e olhou fundo em seus olhos. – Você sabe o que é ficar apavorado com sua própria raiva?

Ela balançou a cabeça.

– Não sou um homem pequeno, Eloise – disse ele. – Eu poderia machucar alguém.

– Eu também – retrucou ela. E então, ao notar o olhar incrédulo dele, acrescentou: – Bem, talvez não você, mas com certeza sou grande o bastante para machucar uma criança.

– Você nunca faria isso – grunhiu ele, virando-se para o outro lado.

– Nem *você* – reafirmou ela.

Phillip ficou em silêncio.

E então, de repente, Eloise entendeu.

– Phillip, você disse que estava irritado, mas… com *quem* você estava irritado? – perguntou ela delicadamente.

Ele a fitou, sem entender.

– Eles colaram o cabelo da professora nos lençóis, Eloise.

– Eu sei – disse ela, acenando com a mão num gesto de quem não dava muito importância àquilo. – Sem dúvida eu teria sentido vontade de estrangular

os dois se estivesse no seu lugar. Mas não foi isso que eu perguntei. – Ela esperou alguma reação dele, mas, quando viu que continuou impassível, acrescentou: – Você estava irritado com eles por causa da cola ou consigo mesmo por não conseguir fazê-los obedecer e se comportar?

Phillip não disse nada, mas os dois sabiam a resposta.

Eloise estendeu o braço e tocou a mão dele.

– Você não é nada parecido com seu pai, Phillip. Nada.

– Agora eu sei disso – retrucou ele em voz baixa. – Você não faz ideia da vontade que tive de destroçar aquela maldita babá.

– Posso imaginar – disse Eloise, bufando enquanto se ajeitava no banco.

Phillip sentiu os lábios se repuxarem. Não sabia por que, mas havia algo quase engraçado no tom de sua mulher, algo até mesmo reconfortante. De alguma forma eles tinham encontrado humor naquela situação. E a sensação era boa.

– Era o que ela merecia – acrescentou Eloise, dando de ombros. Então ela o encarou. – Mas você não tocou nela, certo?

Phillip balançou a cabeça em negativa.

– Não. E, se consegui manter a calma com ela, tenho certeza que nunca vou perder o controle com meus filhos.

– É claro que não – disse Eloise, como se aquilo nunca tivesse sido uma questão.

Deu um tapinha de leve na mão dele e depois olhou pela janela, claramente despreocupada.

Eloise tinha tanta fé nele, percebeu Phillip. Tanta fé em sua bondade, na natureza de sua alma, e ele vivera tão devastado pela dúvida por todos aqueles anos…

Então ele sentiu que devia ser honesto, que devia se abrir, e, antes que percebesse, disparou:

– Achei que você tinha me deixado.

– Ontem à noite? – Ela olhou para ele, espantada. – Mas por que você pensaria isso?

Ele deu de ombros.

– Ah, não sei. Talvez porque você tenha ido para a casa do seu irmão e ficado por lá.

Ela bufou, contrariada.

– Agora já está claro por que eu não pude voltar. Além disso, eu nunca o abandonaria. Você devia saber disso.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Devia?

– É claro – retrucou Eloise, irritada. – Fiz meus votos naquela igreja, e posso lhe garantir que levo essas coisas muito a sério. Além disso, assumi um compromisso com Oliver e Amanda de que seria mãe deles, e nunca daria as costas para isso.

Phillip olhou para ela atentamente, depois murmurou:

– Sim, eu sei. Fui um tolo por não pensar nisso antes.

Ela se recostou e cruzou os braços.

– Bem, devia ter pensado mesmo. Você sabe que não sou assim. – E então, como ele não disse nada, acrescentou: – Aquelas pobres crianças já perderam a mãe uma vez. Eu nunca iria embora e faria os dois passarem por tudo aquilo de novo. Não posso acreditar que você pensou isso de mim.

Phillip começava a achar o mesmo. Ele só conhecia Eloise havia… Deus do céu, era mesmo possível que só tivessem se passado duas semanas? Em vários aspectos, parecia uma vida inteira. Porque ele sentia mesmo que a conhecia, por dentro e por fora. Ela sempre teria alguns segredos, é claro, como todo mundo, e ele estava quase certo de que nunca a *entenderia*, uma vez que acreditava que nunca entenderia mulher alguma.

Mas Phillip a conhecia. Não tinha dúvidas de que a conhecia. E devia saber que não precisava ter medo de que ela o abandonasse.

Ele provavelmente tinha sido tomado pelo pânico. E isso porque era melhor pensar que ela o havia deixado do que imaginá-la morta em uma vala à beira da estrada. No primeiro caso, Phillip ao menos poderia entrar furioso na casa do irmão dela e arrastá-la de volta.

Mas se ela estivesse morta…

Ele não estava preparado para a dor que sentiu só de pensar nisso.

Quando Eloise passara a ser tão importante para ele? E o que ele iria fazer para mantê-la feliz?

Porque Phillip precisava que ela fosse feliz. Não só porque, desse jeito, como vinha dizendo a si mesmo, sua vida continuaria a correr tranquilamente. Ele

precisava vê-la feliz porque só de pensar o contrário sentia uma punhalada no coração.

O que, de fato, era uma grande ironia. Ele afirmara para si mesmo, várias vezes, que se casaria com ela para ter uma mãe para seus filhos, mas agora, quando Eloise dissera que nunca o deixaria, que o compromisso que assumira com os gêmeos era muito forte…

Ele sentira ciúme.

Sentira mesmo ciúme dos próprios filhos. Queria que ela tivesse usado a palavra *esposa*, mas tudo o que ouvira tinha sido mãe.

Phillip a queria para ele. Só para ele. Não apenas por causa dos votos que Eloise fizera em uma igreja, mas por ela ter certeza de que não viveria sem ele. Talvez até porque ela o amasse.

Porque ela o amasse.

Deus do céu, quando isso tinha acontecido? Quando ele passara a querer tanto do matrimônio? Ele se casara com ela apenas para dar uma mãe para seus filhos. Os dois sabiam disso.

E então descobrira a paixão. Ora, ele era homem, afinal, e não se deitava com uma mulher havia oito anos. Como poderia não se inebriar com a pele de Eloise junto à sua, com o som dos gemidos dela quando explodia em volta dele?

Com a força de seu próprio prazer toda vez que a penetrava?

Phillip encontrara tudo com o que sempre sonhara em um casamento. Eloise administrava sua vida com perfeição durante o dia e esquentava sua cama com a habilidade de uma cortesã à noite. Ela preenchia tudo o que ele sempre desejara de forma tão maravilhosa que Phillip não percebera que Eloise fizera algo mais.

Ela tocara e mudara seu coração. Ela *o* mudara.

Ele a amava. Não tinha procurado o amor, nem se preocupara com isso, mas ali estava ele, e era a coisa mais preciosa que Phillip podia imaginar.

Ele vivia a aurora de um novo dia, a primeira página de um novo capítulo da vida. Era emocionante. E assustador. Porque Phillip não queria fracassar. Não agora, não quando finalmente descobrira tudo de que precisava. Eloise. Seus filhos. Ele mesmo.

Havia anos que não se sentia em paz, que não confiava em seus instintos. Havia anos que não ficava de frente para um espelho sem evitar seu olhar.

A carruagem começou a desacelerar e Phillip observou, pela janela, que

haviam chegado a Romney Hall. Tudo parecia cinza – o céu, a fachada da casa, as janelas, que refletiam as nuvens. Até a grama parecia um pouco menos verde sem o sol para avivar sua cor.

E tudo isso combinava perfeitamente com seu estado de espírito contemplativo.

Um criado apareceu para ajudar Eloise a descer e, quando Phillip saltou do seu lado, ela se virou para ele e disse:

– Estou exausta, e parece que você também. Vamos dormir um pouco?

Ele já ia concordar, porque realmente estava muito cansado, mas quando as palavras estavam prestes a sair de seus lábios, Phillip balançou a cabeça e disse:

– Pode ir na frente.

Eloise abriu a boca para falar algo, mas ele a silenciou apertando de leve seu ombro.

– Eu subirei logo, mas agora quero abraçar meus filhos.

CAPÍTULO 18

… eu não lhe digo isso sempre, minha querida mãe, mas sou muito grata por ser sua filha. É raro um pai ou uma mãe que ofereça ao filho tanta liberdade e compreensão. E mais raro ainda que trate a filha como amiga. Eu a amo muito, mamãe querida.

– de Eloise Bridgerton para sua mãe,
quando recusou o sexto pedido de casamento

Quando Eloise acordou de seu cochilo, ficou surpresa ao ver que os lençóis a seu lado da cama estavam limpos e arrumados. Phillip estava tão cansado quanto ela, provavelmente até mais, uma vez que fizera toda a viagem até a casa de Benedict na noite anterior, e em meio ao vento e à chuva, ainda por cima.

Depois de se arrumar, ela começou a procurá-lo, mas não o achou em lugar algum. Disse a si mesma para não se preocupar, que eles tinham passado por alguns dias difíceis e que ele só devia estar precisando ficar um pouco sozinho, para pensar.

Só porque ela geralmente não gostava de ficar só não significava que todos tinham de pensar do mesmo jeito.

Sorriu, pensativa. Essa era uma lição que vinha tentando aprender a vida inteira, ainda que sem sucesso.

Então se forçou a parar de procurar por ele. Estava casada agora, e de repente compreendeu o que sua mãe tanto tentara lhe fazer entender em sua noite de núpcias. Num casamento, é preciso ceder, abrir mão, e ela e Phillip eram pessoas muito diferentes. Eles podiam ser perfeitos um para o outro, mas isso não queria dizer que fossem iguais. E se ela queria que ele mudasse um pouco por ela, bem, então teria de fazer o mesmo por ele.

Ela não o viu pelo resto do dia, nem quando tomou chá à tarde, nem quando foi dar boa-noite aos gêmeos, nem durante o jantar, que foi obrigada a comer sozinha, sentindo-se muito pequena e solitária sentada àquela enorme mesa de

mogno. Jantou em silêncio, ciente dos olhares atentos dos dois criados, que sorriam compreensivamente para ela enquanto traziam a comida.

Eloise retribuía os sorrisos, porque acreditava que devia ser educada sempre, mas por dentro ela suspirava resignada. Era bem triste perceber que os criados (*homens*, Deus do céu, que normalmente nem notavam a aflição dos outros) estavam sentindo pena de você.

Mas, por outro lado, ali estava ela, casada havia apenas uma semana, jantando sozinha. Quem não teria pena?

Além disso, até onde os criados sabiam, Sir Phillip tinha saído de casa furioso para buscar a mulher, que provavelmente fugira para a casa do irmão depois de uma briga terrível.

Visto dessa forma, pensou Eloise, não era de surpreender que Phillip tivesse pensado que ela o deixara.

Ela comeu pouco, sem querer prolongar a refeição mais do que o necessário, e, quando terminou as duas colheradas obrigatórias de sobremesa, levantou-se, decidida a ir direto para a cama, onde achava que passaria a noite da mesma forma que tinha passado o dia inteiro – sozinha.

Mas, quando chegou ao corredor, percebeu que estava se sentindo inquieta e que ainda não estava pronta para se recolher. Então começou a andar sem destino pela casa. Era uma noite bem fria, e ela ficou feliz por estar com um xale. Eloise já se hospedara em diversas casas de campo, e em todas elas as lareiras ficavam acesas à noite, deixando o lugar todo quente e iluminado, mas Romney Hall, apesar de muito confortável, não era nada requintada, então a maioria dos cômodos ficava fechada à noite e as lareiras só eram acesas quando necessário.

E, droga, estava *frio* ali.

Eloise puxou o xale para proteger melhor os ombros enquanto caminhava, achando agradável ter apenas a luz fraca do luar para guiá-la. Mas, ao se aproximar da galeria de retratos, viu a luz inconfundível de um lampião.

Havia alguém ali, e ela sabia que era Phillip mesmo antes de dar mais um passo.

Eloise se aproximou em silêncio, feliz por estar usando seus chinelos de solado macio, e espiou pela abertura da porta.

O que ela viu quase partiu seu coração.

Phillip estava ali de pé, completamente imóvel, em frente ao retrato de

Marina. O único movimento que fazia era piscar de vez em quando. Sua expressão era tão triste e desoladora que Eloise quase ficou sem ar.

Será que ele havia mentido quando lhe dissera que não amara a falecida esposa? Quando garantira que não a desejava?

E isso importava? Marina estava morta, então não chegava a ser uma rival de fato. E, mesmo que fosse, que diferença fazia? Porque ele também não amava Eloise, e ela não…

Ou talvez, como percebeu em um daqueles lampejos de consciência que nos deixam sem ar, ela o amasse.

Era difícil saber quando isso havia acontecido, ou como, mas a afeição e o respeito que nutria por ele haviam se tornado algo maior e mais profundo.

E, nossa, como ela queria que ele sentisse o mesmo.

Phillip precisava dela. Disso, tinha certeza. Ele precisava dela talvez até mais do que ela dele, mas não era essa a questão. Ela adorava se sentir necessária, indispensável, até, mas seus sentimentos eram maiores do que isso.

Eloise adorava o sorriso dele, meio torto, meio infantil, com um toque de surpresa, como se não pudesse acreditar na própria felicidade.

Adorava a maneira como ele a olhava, como se ela fosse a mulher mais bonita do mundo, ainda que soubesse muito bem que não era.

Adorava a maneira como ele ouvia o que tinha a dizer, e como não se deixava intimidar por ela. Adorava até o modo como Phillip dizia que ela falava demais, porque ele quase sempre fazia isso com um sorriso e, é claro, porque era verdade.

E adorava a maneira como ele ainda a ouvia com atenção, mesmo depois de ter dito que ela falava demais.

Ela adorava ver como ele amava os filhos.

Adorava sua honra, sua honestidade e seu senso de humor travesso.

E adorava a maneira como ela se encaixava em sua vida, e ele na dela.

Era confortável. Parecia o certo.

Eloise, então, finalmente percebeu que aquele era o seu lugar.

Mas ele estava ali parado, olhando para o retrato da esposa morta, e pelo modo como se encontrava tão quieto… bem, só Deus sabia quanto tempo fazia que ele estava ali. E se Phillip ainda a amava…

Eloise reprimiu uma onda de culpa. Quem era ela para sentir algo além de

tristeza pela história de Marina? Sua prima tinha morrido tão jovem, de forma tão inesperada… E ela perdera o que Eloise considerava ser o direito divino de toda mãe: ver os filhos crescerem.

Sentir ciúme de uma mulher como aquela era irracional.

E ainda assim…

Ainda assim Eloise podia não ser uma pessoa tão boa quanto deveria, porque não conseguia observar aquela cena sem que a inveja apertasse seu coração. Havia acabado de se dar conta de que amava aquele homem, e que o amaria até o fim de seus dias. *Ela* precisava dele, não uma mulher morta.

Não, pensou ela ardentemente. Phillip não amava Marina. Talvez nunca tivesse amado. Ainda na noite anterior ele lhe dissera que não se deitava com uma mulher havia oito anos.

Oito anos?

Aquelas palavras por fim penetraram em sua mente.

Deus do céu…

Ela passara os últimos dois dias em um turbilhão de emoções tão intenso que ainda não tinha parado para pensar no que ele dissera.

Oito anos.

Não era o que ela teria esperado. Não de um homem como Phillip, que claramente gostava – não, *precisava* – dos aspectos físicos do amor conjugal.

Marina havia falecido quinze meses antes. Se Phillip tinha ficado sem se deitar com uma mulher por oito anos, isso significava que os dois não dormiam juntos desde que os gêmeos tinham sido concebidos.

Não…

Eloise fez alguns cálculos mentais. Na verdade, desde um pouco depois do nascimento dos gêmeos.

É claro que Phillip podia estar confundindo um pouco as datas, ou talvez exagerando, mas alguma coisa fazia Eloise acreditar que não. Ela achava que ele sabia exatamente quando Marina e ele tinham dormido juntos pela última vez, e suspeitava, sobretudo agora que identificara quando isso havia acontecido, que tinha sido uma ocasião terrível.

Mas ele não traíra Marina. Permanecera fiel a uma mulher de cuja cama havia sido banido. Eloise não estava surpresa, dado o seu senso inato de honra e dignidade, mas achava que não o consideraria menos se ele tivesse procurado

consolo em outro lugar.

E o fato de que ele não tinha feito isso…

Só a levou a amá-lo ainda mais.

Mas se esse tempo que vivera com Marina tinha sido tão difícil e perturbador, por que ele fora até a galeria naquela noite? Por que estava encarando o retrato dela, como se não conseguisse sair do lugar? Olhando para ela como se lhe suplicasse alguma coisa?

Implorando algo de uma mulher morta.

Eloise não podia mais suportar aquilo. Deu um passo à frente e pigarreou.

Phillip a surpreendeu ao se virar imediatamente. Ela achava que ele estava tão perdido em seu próprio mundo que não a ouviria. Ele não disse nada, nem mesmo o nome dela, mas então…

Estendeu-lhe a mão.

Eloise se aproximou e pegou a mão dele, sem saber bem o que fazer, sem saber nem mesmo – por mais estranho que pudesse parecer – o que dizer. Então ficou só ali parada ao lado dele, olhando para o retrato de Marina.

– Você a amava? – indagou ela, mesmo já tendo lhe perguntado isso antes.

– Não – disse Phillip, e Eloise percebeu que, bem no fundo, ainda devia estar preocupada, porque a onda de alívio que sentiu com a resposta dele foi surpreendentemente forte.

– Sente falta dela?

Dessa vez ele retrucou com a voz mais baixa, mas ainda segura:

– Não.

– Você a odiava? – sussurrou ela.

Ele balançou a cabeça, e parecia muito triste quando disse:

– Não.

Eloise não sabia mais o que perguntar, nem o que *devia* perguntar, então ficou em silêncio, esperando que Phillip falasse alguma coisa.

Após um bom tempo, ele disse:

– Ela era triste. Estava sempre triste.

Ela o fitou, mas ele não retribuiu o olhar. Continuava focado no retrato de Marina, como se precisasse encará-la enquanto falava dela. Como se lhe devesse isso.

– Ela sempre foi melancólica, sempre serena demais, se é que isso faz algum

sentido, mas piorou depois que os gêmeos nasceram – continuou ele. – Não sei o que houve. A parteira disse que era normal as mulheres ficarem mais sensibilizadas após darem à luz e que eu não devia me preocupar, porque passaria em algumas semanas.

– Mas não passou – disse Eloise.

Phillip fez que não com a cabeça, então afastou bruscamente uma mecha de cabelo escuro que lhe caiu na testa.

– Só piorou. Não sei bem explicar. Era quase como se… – Ele deu de ombros, desamparado, enquanto procurava as palavras, e, quando continuou, foi em um sussurro: – Era quase como se ela tivesse sumido… Quase nunca saía da cama… Eu nunca a via sorrir… Ela chorava muito. Muito mesmo.

As frases saíam de sua boca lentamente, à medida que ele extraía cada informação de suas lembranças. Eloise não disse nada. Não parecia certo interrompê-lo ou tentar tirar suas conclusões sobre um assunto do qual nada sabia.

E então, por fim, ele se virou para ela e olhou bem dentro de seus olhos.

– Tentei de tudo para fazê-la feliz. Tudo o que estava ao meu alcance. Tudo o que eu sabia. Mas não foi suficiente.

Eloise abriu a boca, começou a emitir um som, o início de um murmúrio com o qual pretendia garantir que Phillip fizera o melhor possível, mas ele a interrompeu.

– Você entende, Eloise? – perguntou, a voz ficando mais alta, mais urgente. – Não foi suficiente.

– Você não teve culpa – disse ela gentilmente, porque mesmo que não tivesse tido contato com Marina depois de adulta, conhecia Phillip e sabia que devia ser verdade.

– Com o tempo, acabei desisitindo – prosseguiu ele, a voz apática. – Então eu parei de tentar ajudá-la. Estava tão cansado de insistir… Depois disso, tudo o que tentei fazer foi proteger as crianças, mantê-las afastadas quando a mãe delas passava por dias mais difíceis. Porque os dois a amavam tanto… – Phillip fitou Eloise com olhos suplicantes, talvez por compreensão, talvez por alguma outra coisa que ela não entendeu. – Ela era mãe deles.

– Eu sei – disse Eloise.

– Ela era mãe deles e não… ela não podia…

– Mas *você* estava lá – interrompeu Eloise fervorosamente. – Você estava lá.

Phillip deu uma risada amarga.

– É, e isso fez muito bem a eles… Já é horrível ter um pai ou uma mãe ruim, mas os dois? Eu nunca desejaria isso aos meus filhos, e ainda assim… aqui estamos nós.

– Você não é um pai ruim – afirmou Eloise, incapaz de disfarçar o tom de repreensão em sua voz.

Ele apenas deu de ombros e virou de volta para o retrato, claramente sem conseguir acreditar nas palavras dela.

– Você sabe como isso dói? – sussurrou ele. – Tem alguma ideia?

Ela balançou a cabeça, embora ele estivesse virado para o outro lado e não pudesse ver.

– Você tentar, se matar de tentar e nunca conseguir? Mas que droga… – Ele riu, um som curto e amargo, cheio de desprezo por si mesmo. – Mas que droga, eu nem gostava dela e doía tanto…

– Você não gostava dela? – perguntou Eloise, a surpresa mudando o tom da sua voz.

Phillip repuxou os lábios de maneira irônica.

– É possível gostar de alguém que você nem conhece? – Ele olhou de volta para ela. – Eu não a conhecia, Eloise. Fui casado com ela por oito anos e nunca a conheci.

– Talvez ela não tenha deixado você conhecê-la.

– Talvez eu devesse ter tentado mais.

– Talvez não houvesse mais nada que você pudesse fazer – argumentou Eloise, dotando a voz de toda a certeza e convicção que pôde. – Algumas pessoas nascem depressivas, Phillip. Não sei por quê, e duvido que alguém saiba, mas elas simplesmente são assim.

Phillip olhou para Eloise com uma expressão cínica, claramente discordando de sua opinião. Então ela insistiu:

– Não esqueça que eu também a conheci. Quando éramos crianças, muito antes de você saber que ela existia.

Depois disso o semblante dele mudou, e ele olhou para Eloise com tanta intensidade que ela quase se encolheu.

– Eu nunca a vi dar uma gargalhada – continuou ela, com delicadeza. – Nem

mesmo uma vez. Venho tentando me lembrar melhor de Marina desde que conheci você, procurando entender por que as minhas recordações sempre parecem tão estranhas, e acho que é isso. Ela nunca gargalhava. Quem já ouviu falar de uma criança que não dá gargalhadas?

Phillip ficou em silêncio por alguns instantes, depois disse:

– Acho que também nunca ouvi Marina dar nenhuma gargalhada. Às vezes ela sorria, normalmente quando as crianças iam vê-la, mas nunca ria alto.

Eloise fez que sim.

– Eu não sou a Marina, Phillip.

– Eu sei – retrucou ele. – Pode acreditar que eu sei. Foi por isso que a pedi em casamento, você sabe disso.

Não foi bem o que Eloise queria ouvir, mas ela procurou conter a decepção e deixou que ele continuasse.

As rugas na testa de Phillip tinham se salientado, e ele as esfregava com força. Parecia tão sobrecarregado, tão cansado de suas responsabilidades…

– Eu só queria alguém que não fosse triste – disse ele. – Alguém que fosse estar presente na vida das crianças, alguém que não fosse…

Ele parou de falar e virou de costas.

– Alguém que não fosse o quê? – perguntou Eloise com urgência, sentindo que aquilo era importante.

Durante um bom tempo, ela achou que Phillip não fosse responder, mas então, quando havia praticamente desistido, ele disse:

– Ela morreu de pneumonia. Você sabe disso, não é?

– Sei.

– Foi isso que dissemos a todos – falou Phillip.

Eloise de repente teve uma sensação horrível, porque sabia, sabia *mesmo* o que ele iria dizer.

– Bem, não foi mentira – continuou ele amargamente, surpreendendo-a com essa declaração.

Eloise estava certa de que ele diria que haviam mentido o tempo todo.

– Falamos a verdade – reafirmou Phillip. – Mas não toda a verdade. Ela morreu mesmo de pneumonia, mas nunca contamos a ninguém por que ela ficou doente.

– O lago – sussurrou Eloise, as palavras saindo sem que ela sentisse.

Ela nem havia percebido que estava pensando naquilo até dizer.

Phillip confirmou, arrasado.

– Não foi um acidente.

Eloise levou a mão à boca. Não era de espantar que Phillip tivesse ficado tão chateado por ela ter ido com seus filhos até o lago. Ela se sentiu péssima. É claro que não sabia, não tinha como saber, mas ainda assim…

– Eu cheguei bem na hora – prosseguiu ele. – Quer dizer, bem a tempo de salvá-la do afogamento. Não a tempo de evitar que morresse de pneumonia três dias depois. – Ele reprimiu uma risada amarga. – Nem mesmo meu famoso chá de casca de salgueiro conseguiu ajudá-la.

– Sinto muito – sussurrou Eloise, e estava sendo sincera, ainda que a morte de Marina tivesse, de tantas maneiras, tornado sua felicidade possível.

– Você não entende – falou Phillip, sem olhar para ela. – Não tem como entender.

– Nunca conheci ninguém que tivesse tirado a própria vida – comentou ela com cautela, sem saber direito se essas eram as palavras que deveria pronunciar numa situação como aquela.

– Não foi o que eu quis dizer – replicou ele bruscamente. – Você não sabe como é se sentir aprisionado em uma armadilha, sem esperanças. Tentar tanto e nunca, *nunca*… – Ele se virou para ela, e seus olhos faiscavam – conseguir nem uma brecha. Eu tentei. Tentei todos os dias. Fiz isso por mim, por Marina e, acima de tudo, por Oliver e Amanda. Fiz tudo o que sabia, tudo o que todos me diziam para fazer, e nada, nada mesmo deu certo. Eu tentava e ela chorava, então tentava de novo, e de novo, e de novo, e tudo o que ela fazia era se afundar ainda mais naquela cama e puxar as cobertas até a cabeça. Ela vivia na escuridão, com as cortinas fechadas, e escolheu o único maldito dia ensolarado para se matar.

Eloise arregalou os olhos.

– Um dia ensolarado – repetiu Phillip. – Tivemos um mês horrível de dias nublados, e quando o sol finalmente apareceu, Marina tinha de se matar. – Ele riu, mas o som foi ressentido e breve. – Depois de tudo o que ela fez, ainda tinha que acabar com a alegria que os dias ensolarados me traziam.

– Phillip – disse Eloise, colocando a mão no braço dele.

Mas ele evitou o toque dela.

– E, como se isso não bastasse, ela nem conseguiu se matar direito. Bem, na

verdade não, acredito que isso tenha sido culpa minha. Ela teria morrido logo se eu não tivesse aparecido para forçá-la a torturar todos nós por mais três dias, que eu passei me perguntando se ela sobreviveria. – Ele cruzou os braços e bufou de desgosto. – Mas é claro que ela morreu. Nem sei por que tivemos esperança. Ela nem sequer lutou, não usou um pingo de energia para resistir à doença. Só ficou lá deitada, deixando que a pneumonia a levasse. Achei até que ela fosse morrer sorrindo, feliz por ter conseguido a única coisa que queria.

– Ah, meu Deus… – sussurou Eloise, sentindo-se mal com a imagem. – E ela sorriu?

Ele balançou a cabeça.

– Não. Não teve energia nem para isso. Morreu com a mesma expressão que sempre teve. Vazia.

– Sinto muito – disse Eloise, mesmo sabendo que suas palavras nunca seriam suficientes. – Ninguém deveria passar por algo assim.

Ele olhou para Eloise por um bom tempo, seus olhos buscando alguma coisa nos dela, uma resposta que ela não sabia se tinha. Então ele se virou de repente, caminhou até a janela, observou a noite escura lá fora e disse, com a voz baixa de resignação e tristeza:

– Tentei tanto, e, ainda assim, todo dia eu desejava ter me casado com outra pessoa. – A cabeça dele pendeu para a frente, até a testa encostar no vidro. – Qualquer outra pessoa.

Phillip ficou em silêncio por um longo tempo. Tempo demais, na opinião de Eloise, então ela se aproximou e murmurou o nome dele, só para ver qual seria sua reação. Só para saber se ele estava bem.

– Ontem você falou que nós tínhamos um problema – disse Phillip abruptamente.

– Não – interrompeu ela, o mais rápido que pôde. – Eu não quis dizer…

– Você falou que tínhamos um problema – repetiu ele, a voz tão enérgica que ela achou que ele nem a ouviria se ela tentasse interrompê-lo mais uma vez. – Mas até você viver o que eu vivi, até se ver presa a um casamento sem esperança, a uma pessoa que não lhe dá nenhum alento, até ir para a cama sozinha por anos desejando nada além do toque de outro ser humano…

Ele se virou, caminhou até ela, os olhos brilhando com um fogo que a mortificava.

– Até você passar por tudo isso, *nunca* reclame do que temos – continuou Phillip. – Porque para mim… para mim… – Ele se engasgou com as palavras, mas prosseguiu rapidamente: – Isto… nós… é o paraíso. E não vou suportar ouvi-la dizer o contrário.

– Ah, Phillip… – disse Eloise, e então fez a única coisa que podia. Aproximou-se, passou os braços em volta dele e abraçou-o com força. – Me desculpe – murmurou, as lágrimas ensopando a blusa dele. – Sinto muito mesmo.

– Não quero fracassar de novo – desabafou ele, enterrando o rosto na curva do pescoço dela. – Eu não posso… não poderia…

– E não vai – prometeu ela. – *Nós* não vamos.

– Você tem de ser feliz – falou ele, soando como se as palavras saíssem rasgando sua garganta. – Tem de ser. Por favor, diga…

– Eu *sou* feliz – garantiu ela. – Eu sou. Juro a você.

Phillip se afastou um pouco e tomou o rosto dela nas mãos, forçando-a a encará-lo. Ele parecia procurar algo desesperadamente na expressão dela: uma confirmação ou talvez absolvição ou quem sabe uma simples promessa.

– Eu *sou* feliz – sussurrou Eloise, cobrindo as mãos dele com as suas. – Mais do que um dia sonhei ser possível. E tenho orgulho de ser sua esposa.

O rosto dele pareceu se contrair e o lábio inferior começou a tremer. Eloise ficou sem ar. Nunca tinha visto um homem chorar antes, a não ser seus irmãos, nunca nem chegara a pensar que era possível, mas então uma lágrima rolou lentamente pela bochecha de Phillip e parou no canto de sua boca. Ela estendeu a mão e secou-a.

– Eu amo você – disse ele, com a voz embargada. – Não me importa se você não sentir o mesmo. Amo você e… e…

– Ah, Phillip – sussurrou ela, estendendo de novo a mão para tocar as lágrimas em seu rosto. – Eu amo você também.

Ele moveu os lábios como se tentando formar palavras, mas então desistiu de falar e envolveu-a em um abraço, que a impressionou por toda sua força e intensidade. Phillip enterrou o rosto no pescoço de Eloise, sussurrou o nome dela repetidas vezes e então começou a beijar a pele dela até chegar à boca.

Eloise não soube dizer quanto tempo eles ficaram ali, beijando-se como se o mundo fosse acabar naquela noite. Então ele a tomou nos braços e a carregou

para fora da galeria e pelas escadas. Antes que ela se desse conta, já estava em sua cama, e ele, em cima dela.

Depois disso os lábios dele não se afastaram mais dos seus.

– Preciso de você – disse Phillip com a voz rouca enquanto tirava o vestido dela com dedos trêmulos. – Preciso de você como preciso do ar que eu respiro. Como preciso de comida, de água.

Eloise tentou dizer que precisava dele também, mas não conseguiu, porque Phillip fechou a boca em torno de seu mamilo e começou a sugá-lo, fazendo com que uma onda de calor se espalhasse por todo o seu corpo, tornando-a refém, e Eloise não conseguiu fazer mais nada além de agarrar aquele homem, seu marido, e se entregar a ele por inteiro.

Phillip se levantou apenas por tempo suficiente para tirar a roupa e se juntou de novo a ela, dessa vez deitando-se ao seu lado. Puxou-a para junto dele até ficarem colados, acariciou o cabelo dela com delicadeza com uma das mãos enquanto a outra repousava em suas costas.

– Eu amo você – sussurrou ele. – O que mais quero na vida é agarrá-la e… – Ele engoliu em seco. – Você não faz ideia de como a desejo agora.

Eloise sorriu abertamente.

– Acho que tenho alguma ideia.

Isso o fez sorrir também.

– Meu corpo todo está ardendo de desejo. Nunca senti nada assim antes, mas… – Ele se curvou para mais perto de Eloise e roçou os lábios nos dela. – Eu tinha que parar. Tinha de lhe dizer.

Ela não conseguia falar; mal podia respirar. Sentiu as lágrimas chegarem, ardendo em seus olhos até se derramarem e correrem pelas mãos dele.

– Não chore – sussurrou Phillip.

– Não consigo evitar – disse Eloise, a voz trêmula. – Eu amo tanto você… Nunca pensei que… Sempre tive esperanças, mas acho que nunca pensei…

– Eu também nunca pensei – interrompeu ele, e os dois sabiam do que estavam falando…

Eu nunca pensei que isso pudesse acontecer comigo.

– Tenho tanta sorte… – falou Phillip, deslizando as mãos pelas costelas dela, depois pela barriga, contornado o corpo até as nádegas. – Acho que esperei você a vida inteira.

– Eu tenho certeza que estava esperando você – retrucou Eloise.

Então ele apertou o traseiro dela, puxando-a para mais perto de seu corpo, que ardia de paixão.

– Sei que não conseguirei ir devagar – disse Phillip, nervoso. – Usei toda a minha força de vontade para me controlar até agora.

– Não vá devagar – falou Eloise, deitando de costas e puxando Phillip para cima dela. Abriu as pernas até que ele se acomodasse ali no meio, com o membro pousando bem na abertura de sua feminilidade, depois mergulhou as mãos no cabelo dele e puxou-lhe a cabeça até suas bocas ficarem bem próximas. – Não quero que você vá devagar.

E então, em um único movimento fluido, tão rápido que a deixou sem ar, ele estava todo dentro dela, arremetendo com tanta força que arrancou um “Ah” surpreso de seus lábios.

Phillip abriu um sorriso travesso.

– Você disse que queria que fosse rápido.

Em resposta, ela enroscou as pernas em volta dele, prendendo-o. Arqueou os quadris, puxando-o ainda mais para dentro, e retribuiu o sorriso.

– Você não está fazendo nada – disse.

E então ele fez.

Todas as palavras se perderam em meio à movimentação deles. Não estavam sendo graciosos, e não se moviam em harmonia, como se fossem um. Seus corpos não estavam em sintonia, e os sons que emitiam não eram melodiosos, nem bonitos.

Eles apenas se moviam, com paixão, fogo e total abandono, em busca um do outro, em busca do clímax. A espera não foi longa. Eloise tentou fazer durar mais, tentou resistir, mas não havia como. A cada estocada, Phillip despertava um calor dentro dela que não podia ser negado. E então, finalmente, quando não podia mais conter o que sentia, Eloise soltou um grito e arqueou o corpo embaixo dele, levantando os dois da cama com a força de seu prazer. Seu corpo tremia e ela arfava em busca de ar quando agarrou com força as costas de Phillip, deixando marcas de unha em sua pele.

E então, antes mesmo que ela pudesse entender o que estava acontecendo, Phillip urrou e arremeteu com força várias vezes, explodindo dentro dela, até desabar, prendendo-a no colchão com todo o seu peso.

Mas ela não se importava. Adorava senti-lo em cima dela, amava o peso dele, o cheiro e o sabor de seu suor.

Ela *o* amava.

Era simples assim.

Ela o amava, ele a amava e nada mais no mundo importava. Não ali, não naquela hora.

– Eu amo você – sussurrou Phillip, quando enfim saiu de cima de Eloise e permitiu que os pulmões dela se enchessem de ar.

Eu amo você.

Ela não precisava de mais nada.

CAPÍTULO 19

… meus dias são cheios de diversão. Faço compras, vou a almoços e faço visitas (e também as recebo). À noite, em geral frequento bailes, saraus ou pequenas reuniões. Às vezes fico em casa sozinha, lendo um livro. Tenho realmente uma vida plena e animada, não posso reclamar. E sempre me pergunto: o que mais uma dama pode querer?

– de Eloise Bridgerton para Sir Phillip Crane, seis meses após terem iniciado sua incomum correspondência

Pelo restante de seus dias, Eloise se lembraria da semana seguinte como uma das mais mágicas de sua vida. Não houve nenhum acontecimento extraordinário, nenhum dia de clima surpreendentemente bom, nenhum aniversário, nenhum presente extravagante nem visitas inesperadas.

Mas ainda assim, por mais que tudo parecesse bem comum…

Tudo havia mudado.

Não tinha sido o tipo de coisa que atinge alguém como um raio, ou até mesmo, pensou Eloise com um sorriso torto, como uma porta que se bate ou um dó de peito em uma ópera. Tinha sido uma mudança lenta, do tipo que chega sem ser notado e termina antes mesmo que alguém se dê conta de que teve início.

Tudo começou alguns dias depois que ela encontrou Phillip na galeria. Quando Eloise acordou, ele estava sentado aos pés da cama, completamente vestido, olhando para ela com um sorriso indulgente.

– O que você está fazendo aqui? – perguntou Eloise, com o lençol embolado embaixo dos braços enquanto procurava se sentar depressa.

– Estou observando você.

Ela entreabriu os lábios, surpresa, e não pôde deixar de sorrir.

– Não deve ser algo muito interessante de se ver.

– Pelo contrário. Eu não conseguiria pensar em nenhuma outra coisa que

pudesse prender a minha atenção por tanto tempo.

Eloise corou, murmurando algo sobre ele estar sendo tolo, mas, na verdade, aquelas palavras fizeram com que quisesse puxá-lo de volta para a cama. Tinha a sensação de que Phillip não iria resistir – ele nunca resistia –, mas procurou controlar seu desejo, afinal de contas ele devia ter se vestido por algum motivo.

– Trouxe um bolinho para você – disse ele, estendendo-lhe um prato.

Eloise agradeceu e pegou o prato. Enquanto ela mastigava (e pensava que teria sido bom se ele tivesse trazido algo para beber também), Phillip disse:

– Acho que poderíamos fazer um passeio hoje.

– Nós dois?

– Na verdade, pensei que pudéssemos ir nós quatro.

Eloise congelou, os dentes cravados no bolinho, e olhou para ele. Aquela era a primeira vez que ele sugeria algo assim. A primeira vez, pelo menos que ela soubesse, que ele propunha um programa com os filhos, em vez de deixá-los de lado, esperando que outra pessoa cuidasse deles.

– Acho que é uma ótima ideia – disse ela carinhosamente.

– Que bom – falou Phillip, levantando-se. – Vou deixá-la à vontade para cuidar de sua rotina matinal. Enquanto isso, vou avisar àquela pobre criada que você coagiu a assumir o papel de babá que iremos sair com eles hoje.

– Tenho certeza que ela ficará aliviada – retrucou Eloise.

Mary não queria exatamente assumir o cargo de babá, mesmo que fosse só algo temporário. Nenhuma das criadas queria. Todas conheciam muito bem os gêmeos. E a pobre Mary, com seus cabelos compridos, se lembrava muito bem de ter de queimar os lençóis depois que não conseguiram tirar deles o cabelo colado da última professora.

Mas não havia nenhuma opção, e Eloise fizera as crianças prometerem que tratariam Mary como se fosse, digamos, a própria rainha, e até o momento elas estavam honrando sua palavra. Eloise estava torcendo para que Mary acabasse cedendo e concordasse em assumir a função permanentemente. Afinal, o salário era melhor do que o das criadas que faziam a limpeza.

Eloise olhou para a porta e ficou surpresa ao ver Phillip parado, franzindo a testa.

– O que houve? – perguntou ela.

Ele piscou, depois a fitou pensativo, as sobrancelhas ainda franzidas.

– Não sei bem o que fazer.

– É só girar a maçaneta para o lado – provocou Eloise.

Ele só olhou para ela por um momento e logo disse:

– Não há nenhuma feira ou outro evento na cidade. O que podemos fazer com eles?

– Qualquer coisa – falou Eloise, sorrindo para ele com todo o amor que tinha em seu coração. – Ou nada. Na verdade, não importa. Tudo o que eles querem é você, Phillip. Eles só querem você.

~

Duas horas depois, Phillip e Oliver estavam parados em frente à Larkin's, uma loja de artigos finos na vila de Tetbury, esperando impacientemente Eloise e Amanda terminarem suas compras.

– Nós tínhamos de vir *fazer compras*? – gemeu Oliver, como se tivessem pedido que ele usasse maria-chiquinhas e um vestido.

Phillip deu de ombros.

– Era o que a sua mãe queria fazer.

– Na próxima vez, os homens escolhem – resmungou o menino. – Se eu soubesse que ter uma mãe daria *nisso*…

Phillip teve de se conter para não dar uma gargalhada.

– Os homens devem fazer sacrifícios pelas mulheres que amam – disse ele, em tom sério, batendo de leve no ombro do filho. – Receio que seja assim que o mundo funciona.

Oliver soltou um suspiro resignado, como se tivesse de fazer sacrifícios assim diariamente.

Phillip olhou pela vitrine. Eloise e Amanda não pareciam nem perto de acabar.

– Mas, no que diz respeito à questão das compras e a quem irá decidir nossa próxima atividade em família, eu concordo com você.

Bem nessa hora, Eloise colocou a cabeça para fora da loja e disse:

– Oliver? Você gostaria de entrar?

– Não – retrucou o garoto, balançando a cabeça enfaticamente.

Eloise franziu os lábios.

– Deixe-me colocar de outra forma: Oliver, eu gostaria que você entrasse.

O menino olhou para o pai com ar suplicante.
– Acho melhor você obedecer – disse Phillip.
– Tantos sacrifícios… – resmungou Oliver, balançando a cabeça, enquanto subia os degraus de má vontade.
Phillip tossiu para disfarçar uma risada.
– Você vem também? – perguntou o garoto.
É claro que não, quase disse Phillip, mas conseguiu se controlar a tempo de mudar para:
– Preciso ficar aqui fora para cuidar da carruagem.
Oliver estreitou os olhos.
– Por que a carruagem precisa ser vigiada?
– Hã… por causa do peso nas rodas – murmurou Phillip. – Todos esses pacotes, você sabe…
Ele não conseguiu ouvir o que Eloise falou baixinho, mas o tom não era nada cortês.
– Ande logo, Oliver – disse ele, dando um tapinha nas costas do filho. – Sua mãe precisa de você.
– E de você também – atalhou Eloise de forma doce, só para torturá-lo, ele tinha certeza. – Você precisa de camisas novas.
Phillip gemeu.
– Não podemos pedir que o alfaiate vá até a nossa casa?
– Você não quer escolher o tecido?
Ele balançou a cabeça e disse de maneira solene:
– Confio totalmente em você.
– Acho que ele precisa cuidar da carruagem – comentou Oliver, ainda parado na soleira da porta.
– Ele vai ter é que *se* cuidar, se não… – murmurou Eloise.
– Ah, está bem – concordou Phillip. – Eu vou entrar. Mas só por um instante. – Ele se viu, então, no lado feminino da loja, um lugar cheio de fru-frus e babados, e estremeceu. – Mais do que isso e posso até morrer de claustrofobia.
– Um homem grande e forte como você? – retrucou Eloise com a voz gentil. – Que bobagem…
Então olhou para o marido e fez um sinal com o queixo para que ele se aproximasse.

– Sim? – disse ele, tentando entender o que ela queria.

– Amanda – sussurrou Eloise, indicando com a cabeça uma porta nos fundos da loja. – Quando ela sair, faça-lhe muitos elogios.

Ele deu uma olhada na loja, inseguro e desconfiado. Sentia-se tão deslocado quanto se estivesse na China.

– Não sou muito bom em fazer grandes elogios.

– Aprenda – ordenou ela, depois voltou a atenção para Oliver e disse: – Agora é a sua vez, rapazinho. Sra. Larkin…

O menino gemeu como um moribundo.

– Quero que o Sr. Larkin me atenda – protestou ele. – Como o papai.

– Você quer ver o alfaiate? – perguntou Eloise.

Oliver confirmou energicamente.

– Sério? – insistiu Eloise.

Ele assentiu de novo, embora já sem tanta convicção.

Eloise, então, prosseguiu com uma entonação tão teatral que poderia estar no palco das maiores produções:

– Isso embora você tenha jurado, há menos de uma hora, que nem cavalos selvagens poderiam arrastá-lo para dentro de uma loja a menos que houvesse armas ou soldados de brinquedo na vitrine?

Oliver não sabia o que dizer, mas fez que sim. Quase imperceptivelmente.

– Você é boa – sussurrou Phillip no ouvido dela enquanto via o filho se arrastar pelo portal que separava a parte masculina da parte feminina da loja.

– É tudo uma questão de mostrar a eles como a alternativa pode ser pior – disse Eloise. – Deixar que o Sr. Larkin ajuste as roupas para ele pode ser tedioso, mas ser atendido pela *Sra. Larkin*… ah, isso seria terrível.

Um gemido indignado rasgou o ar e Oliver voltou correndo… direto para Eloise, o que deixou Phillip um pouco desolado e o fez perceber que gostaria que os filhos corressem para ele.

– Ele me espetou com um alfinete! – exclamou o menino.

– Você estava se mexendo? – perguntou Eloise, sem pestanejar.

– Não!

– Nem um pouquinho?

– Só um pouquinho de nada.

– Então – retrucou Eloise. – Da próxima vez, não se mexa. Posso lhe garantir

que o Sr. Larkin é muito bom no que faz. Se você ficar quieto, ele não o espetará. É simples assim.

Oliver pensou sobre isso por um instante, depois se virou para Phillip com olhos suplicantes. Era muito bom ser visto como um aliado, mas Phillip não iria contestar o que Eloise dissera e, assim, questionar sua autoridade. Sobretudo porque concordava plenamente com ela.

Mas então Oliver o surpreendeu. Ele não implorou para que o livrassem das garras do Sr. Larkin nem disse nada horrível sobre Eloise, o que Phillip tinha certeza que ele teria feito algumas semanas antes com relação a qualquer adulto que contrariasse seus desejos.

O menino só olhou para ele e pediu:

– Você pode vir comigo, pai? Por favor.

Phillip abriu a boca para responder, mas então, inexplicavelmente, teve de parar. Seus olhos começaram a arder, cheios de lágrimas não derramadas, e ele percebeu que estava tomado pela emoção.

Não era apenas aquele momento, o fato de o filho querer sua companhia para um rito de passagem masculino. Oliver já tinha implorado para estar junto dele antes.

O fato era que aquela era a primeira vez que Phillip se sentia realmente preparado para dizer sim, confiante de que, se fosse, faria e diria a coisa certa.

E de que, mesmo que errasse, não haveria problema. Ele não era seu pai, nunca seria… nunca *poderia* ser como ele. Não devia bancar o covarde e continuar empurrando os filhos para outras pessoas, tudo porque tinha medo de cometer erros.

Ele *cometeria* erros. Era inevitável. Mas nenhum erro grave, e, com Eloise ao seu lado, estava certo de que poderia fazer qualquer coisa.

Até mesmo conseguir lidar bem com os gêmeos.

Em seguida colocou a mão no ombro de Oliver e disse:

– Eu ficaria muito feliz em acompanhá-lo, filho. – Então pigarreou, porque a última palavra havia saído meio rouca, curvou-se e sussurrou: – A última coisa que queremos é uma mulher lá no lado masculino.

Oliver assentiu vigorosamente com a cabeça.

Phillip se empertigou, preparando-se para seguir o filho. Então ouviu Eloise pigarrear atrás dele. Virou-se e viu que ela indicava os fundos da loja com um

gesto de cabeça.

Amanda.

Ela parecia uma moça em seu vestido lilás novo, um vislumbre da mulher que seria um dia.

Pela segunda vez em poucos minutos, os olhos de Phillip começaram a lacrimejar.

Era aquilo que vinha perdendo. Em meio aos seus medos e inseguranças, ele vinha perdendo tudo aquilo.

Os filhos estavam crescendo sem ele.

Phillip bateu de leve no ombro de Oliver para dizer que voltaria em um instante, então atravessou a sala em direção à filha. Sem dizer uma palavra, ele beijou a mão dela.

– Você, Srta. Amanda Crane, é a garota mais bonita que eu já vi – disse ele, a emoção latente nos olhos, na voz, no sorriso.

A menina arregalou os olhos e formou um pequeno *O* com os lábios, de pura alegria.

– Mas e a Srta… a mamãe? – sussurrou ela.

Phillip olhou para a esposa, que também parecia prestes a chorar, depois virou de volta para Amanda e curvou-se para falar baixinho em seu ouvido:

– Vamos combinar uma coisa. Você pode achar sua mãe a mulher mais bonita do mundo. Mas eu acho que é você.

Mais tarde naquela noite, enquanto saía do quarto dos filhos depois de tê-los colocado na cama e beijado os dois na testa, ouviu a menina dizer baixinho:

– Pai?

Ele voltou.

– Amanda?

– Hoje foi o melhor dia da minha vida, pai.

– O melhor – concordou Oliver.

Phillip assentiu.

– Da minha também – disse ele, carinhosamente. – Para mim também.

~

Tudo começou com um bilhete.

Mais tarde naquela noite, quando terminou o jantar e seu prato foi retirado,

Eloise notou que havia um papel embaixo dele, dobrado duas vezes.

Seu marido tinha pedido licença para sair, dizendo que precisava encontrar um livro com um poema sobre o qual conversavam enquanto comiam a sobremesa. Então, sem ninguém para observá-la, nem mesmo o empregado que estava ocupado levando os pratos para a cozinha, Eloise abriu o papel.

Eu nunca fui bom com as palavras,

Assim começava o bilhete, escrito na caligrafia inconfundível de Phillip. E então, com uma letra menor, no cantinho:

Vá até o seu escritório.

Curiosa, ela se levantou e saiu da sala de jantar. Um minuto depois, entrou no escritório.

Lá, em cima de sua escrivaninha, havia outro pedaço de papel.

Mas tudo começou com uma carta, não é mesmo?

Em seguida, havia instruções para que ela seguisse até a sala de estar. Eloise obedeceu, tendo de usar toda a sua força de vontade para evitar que seus passos apressados se transformassem em uma corrida desabalada.

Um pequeno pedaço de papel, também dobrado duas vezes, estava sobre uma almofada vermelha bem no meio do sofá.

E, já que começou com palavras, então deve continuar assim.

Dessa vez ela devia se dirigir ao saguão de entrada.

Mas não existem palavras suficientes para lhe agradecer por tudo o que me deu, então usarei as únicas em que consigo pensar e lhe direi da única maneira que conheço.

E, no canto inferior do bilhete, Phillip dizia que ela fosse até o quarto.

Eloise subiu a escada lentamente, o coração batendo rápido de tanta expectativa. Aquele era seu destino final, tinha certeza. Phillip estaria esperando

por ela, então pegaria sua mão e a conduziria ao futuro que os dois viveriam juntos.

Tudo havia começado mesmo com uma carta, percebeu ela. Algo tão inocente, tão inofensivo, e tinha se transformado naquilo, um amor tão rico e tão completo que ela mal podia conter.

Eloise chegou ao andar de cima e, sem fazer barulho, caminhou até o quarto. A porta estava ligeiramente aberta, e, com a mão trêmula, ela a empurrou…

E ficou sem ar.

Pois ali, na cama, havia flores. Centenas e centenas de flores, algumas claramente fora de época, tiradas da seleção especial que Phillip mantinha na estufa. E Eloise encontrou ali mais três palavras, escritas com flores vermelhas, contra o fundo de pétalas brancas e rosa:

EU AMO VOCÊ.

– Palavras não são o bastante – disse Phillip suavemente, saindo das sombras atrás dela.

Eloise virou-se na direção dele, mal percebendo as lágrimas que corriam pelo seu rosto.

– Quando você fez isso?

Phillip sorriu.

– Acho que você não vai se importar se eu tiver os meus segredos.

– Eu… eu…

Ele pegou a mão dela e puxou-a para perto.

– Está sem palavras? – murmurou Phillip. – Você? Devo ser melhor nisso do que eu pensei.

– Eu amo você – disse ela, a voz embargada de emoção. – Muito.

Phillip a envolveu nos braços e, quando Eloise apoiou o rosto em seu peito, ele pousou o queixo delicadamente na cabeça dela.

– Antes de dormir os gêmeos me falaram que este foi o melhor dia da vida deles – disse ele, baixinho. – E eu percebi que estavam certos.

Eloise fez que sim, ainda sem palavras.

– Mas depois pensei melhor e concluí que estavam errados.

Ela ergueu os olhos para ele, sem entender.

– Eu não poderia escolher um dia só. Qualquer dia com você é perfeito,

Eloise. Qualquer um.

Então ele segurou o queixo da esposa e levou os lábios ao encontro dos dela.

– Qualquer semana, qualquer mês, qualquer hora – murmurou.

Então a beijou, suavemente mas com todo o amor de sua alma, e sussurrou:

– Qualquer momento, desde que eu esteja com você.

Epílogo

Tenho tanta coisa para lhe ensinar, minha pequena. Espero poder fazer isso servindo-lhe de exemplo, mas sinto necessidade de escrever algumas coisas também. Essa é uma peculiaridade minha, que eu espero que você descubra e considere divertida quando ler esta carta.

Seja forte.

Seja cuidadosa.

Seja conscienciosa. Nunca se ganha nada quando se escolhe o caminho fácil. (A não ser, é claro, que o caminho já seja fácil para início de conversa. Isso às vezes acontece. Se for o caso, não invente um caminho novo e mais difícil. Só os mártires saem por aí procurando problemas.)

Ame os seus irmãos. Você já tem dois e, se Deus quiser, terá outros um dia. Ame-os muito, porque eles são sangue do seu sangue, e, quando se sentir insegura ou os tempos forem difíceis, serão eles que ficarão ao seu lado.

Ria. Ria alto, e sempre. E, quando as circunstâncias pedirem silêncio, transforme sua gargalhada em um sorriso.

Não se acomode. Saiba o que quer e corra atrás. Se não souber o que quer, seja paciente. As respostas chegarão no tempo devido, e pode ser que você venha a descobrir que o que o seu coração deseja estava bem debaixo do seu nariz o tempo todo.

E lembre-se, lembre-se sempre de que você tem uma mãe e um pai que se amam e que amam você.

Sinto que você está ficando inquieta. Seu pai está fazendo sons estranhos e, com certeza, vai perder a calma se eu não sair logo do escritório e for para a cama.

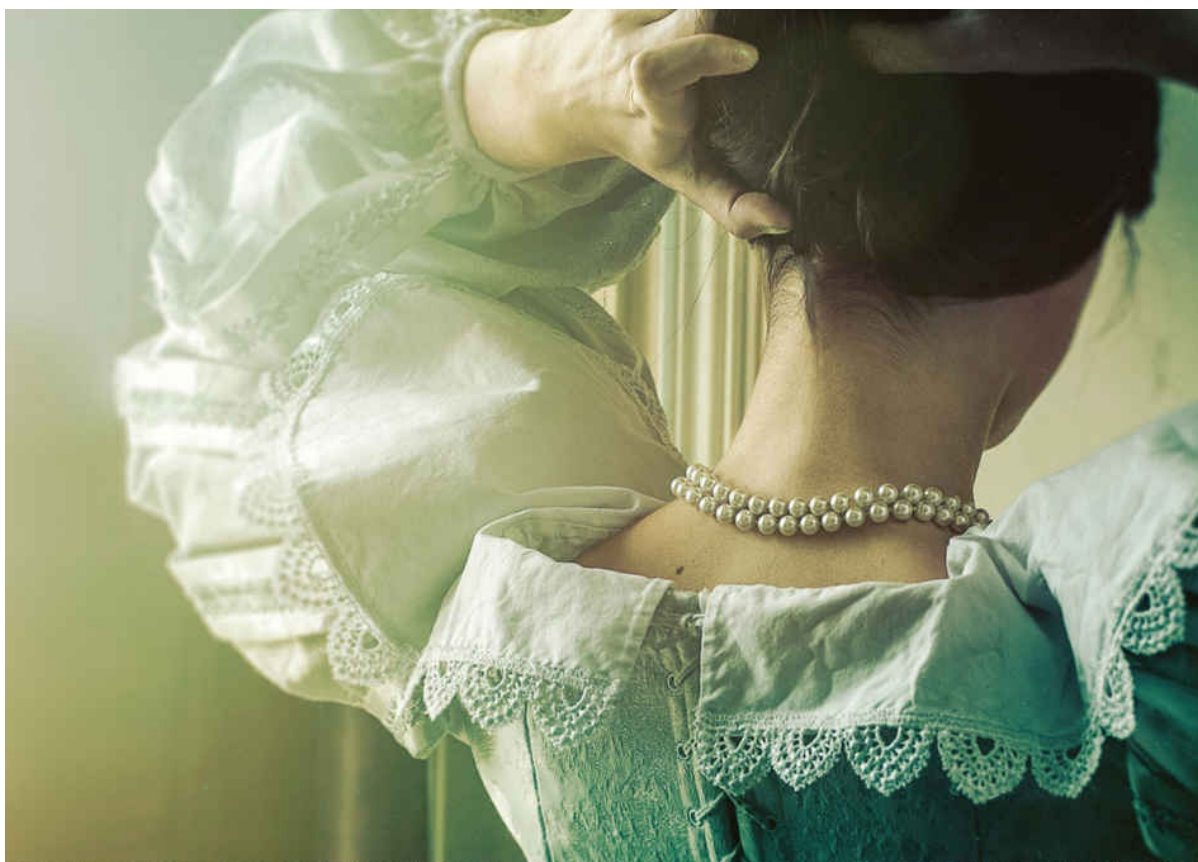
Seja bem-vinda ao mundo, minha pequena. Estamos todos muito felizes com a sua chegada.

– de Eloise, Lady Crane, para sua filha Penelope,
quando ela nasceu

OS BRIDGERTONS ~ 6

Julia Quinn

O CONDE ENFEITIÇADO

ARQUEIRO

O Conde Enfeitiçado

Os Bridgertons ~ 6

Julia Quinn

O Conde Enfeitiçado

Arqueiro

Título original: *When He Was Wicked*

tradução: Claudia Costa Guimarães

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Cristhiane Ruiz e Tereza da Rocha

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagem de capa: David & Myrtille/ Arcangel Images (mulher); Tim Daniels/ Arcangel Images (casa)

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64c

Quinn, Julia, 1970-
O conde enfeitiçado [recurso eletrônico] / Julia Quinn [tradução de Claudia Costa Guimarães]; Rio de Janeiro: Arqueiro, 2015.
recurso digital (Os Bridgertons - 6)

Tradução de: When he was wicked
Sequência de: Para Sir Phillip, com amor
Continua com: Um beijo inesquecível
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-441-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Guimarães, Claudia Costa. II. Título. III. Série.

15-23942 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para B.B.,
que me fez companhia enquanto eu escrevia este livro.
As melhores coisas acontecem para quem sabe esperar!

E também para Paul,
embora ele quisesse chamar o livro de
O amor nos tempos da malária.

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

PARTE 1

Março de 1820
Londres, Inglaterra

CAPÍTULO 1

... Eu não diria que está sendo divertidíssimo, mas também não tem sido tão ruim. Afinal, há mulheres e, onde há mulheres, eu tendo a me alegrar.

– de Michael Stirling para o primo John,
conde de Kilmartin, enviada do 52º Regimento de Granadeiros
durante as Guerras Napoleônicas

Em toda vida ocorre um momento decisivo. Um instante tão extraordinário, tão claro e tão nítido que temos a sensação de havermos sido golpeados no peito, deixados sem fôlego, sabendo, *sabendo*, sem a menor sombra de dúvida, que nossa vida jamais será a mesma.

Para Michael Stirling, esse momento aconteceu ao pôr os olhos em Francesca Bridgerton.

Depois de uma vida inteira cortejando mulheres, sorrindo maliciosamente enquanto elas corriam atrás dele, permitindo-se ser conquistado apenas para virar o jogo e se tornar o conquistador, acariciando-as, beijando-as e fazendo amor com elas sem jamais entregar-lhes o coração, Michael viu Francesca Bridgerton uma única vez e se apaixonou tão rápida e perdidamente que ficou surpreso por conseguir permanecer de pé.

Infelizmente para Michael, no entanto, o sobrenome de Francesca só continuaria a ser Bridgerton por apenas 36 horas; a ocasião do encontro foi, de

forma lamentável, um jantar de comemoração pelo iminente casamento dela com o primo de Stirling.

A vida era mesmo irônica, Michael costumava pensar quando estava de bom humor. Em seus momentos de estado de espírito menos agradável, lançava mão de um adjetivo bastante diferente.

E, desde que se apaixonara pela esposa do primo, seu humor não andava dos mais agradáveis.

Ah, ele disfarçava bem. Não seria de bom-tom mostrar-se incomodado ou triste. Se fizesse isso, algum observador mais sagaz poderia notar e – Deus o livre – *perguntar* como ele se sentia. E embora Michael Stirling se orgulhasse bastante de sua capacidade de dissimulação (afinal, ele havia seduzido mais mulheres do que qualquer um se daria o trabalho de contar, e o fizera sem jamais ser desafiado para um duelo)... bem, a lamentável verdade era que jamais se apaixonara, e se havia uma ocasião em que um homem talvez perdesse a capacidade de manter as aparências mesmo sob questionamento direto, provavelmente era essa.

Assim, ele ria, mostrava-se muito alegre e continuava a seduzir as mulheres, fingindo não notar que tendia a fechar os olhos quando estava com elas na cama. Também parou de frequentar a igreja, pois não via motivo para fazer uma prece sequer em louvor de sua alma. Além do mais, a igreja da paróquia próxima a Kilmartin, datada de 1432, com pedras prestes a desabar, sem dúvida não ficaria em pé se fosse atingida por um raio.

E se Deus pretendesse castigar um pecador, nenhuma escolha seria melhor do que Michael Stirling.

Michael Stirling, Pecador.

Podia ver isso escrito num cartão de visitas. Ele mesmo o teria mandado fazer – seu humor era exatamente deste tipo: negro – se não estivesse convencido de que a mãe morreria de desgosto no mesmo instante.

Ele podia ser um devasso, mas não via necessidade de torturar a mulher que o trouxera ao mundo.

Curioso como nunca encarara como pecado sua relação com todas aquelas mulheres. E continuava a não fazê-lo. Todas tinham agido de acordo com a própria vontade, é claro – não se podia seduzir uma mulher que não desejasse ser seduzida, ao menos quando se levava a sedução ao pé da letra, tomando todo o

cuidado para não confundi-la com sexo à força. Era necessário que elas, de fato, quisessem aquilo – se Michael sentisse qualquer sinal de desconforto, dava meia-volta e partia. Suas paixões nunca fugiam ao controle a ponto de ele não poder sair de cena.

Além do mais, jamais seduzira uma virgem ou dormira com uma mulher casada. Bem, era preciso ser sincero até mesmo ao se viver uma mentira: dormira, sim, com mulheres casadas, muitas, mas apenas aquelas cujos maridos eram profundamente desagradáveis e, ainda assim, não antes de já terem produzido dois varões. Três, no caso de um dos meninos aparentar ter a saúde frágil.

Afinal de contas, um homem precisava ter regras de conduta.

Mas aquilo... Aquilo passava dos limites. Era inaceitável. Era a única transgressão (e ele cometera muitas) que enfim enegreceria a sua alma, ou, no mínimo – e isso supondo que ele se mantivesse forte o bastante para jamais tomar nenhuma atitude concreta –, a transformaria numa alma de um tom bem escuro. Porque aquilo... aquilo...

Estava cobiçando a mulher do primo.

Cobiçando a mulher de John.

John.

John, que – maldito fosse – era mais seu irmão do que qualquer um dos seus jamais poderia ter sido. John, cuja família o acolhera quando o pai morreu. John, cujo pai o criara e lhe ensinara a ser homem. John, com quem...

Ora, que diabo! Será que precisava fazer aquilo consigo mesmo? Poderia passar uma semana inteira catalogando os motivos pelos quais iria direto para o inferno por ter se apaixonado logo pela esposa do primo. E nenhum dos motivos mudaria a situação.

Não podia tê-la.

Jamais poderia ter Francesca Bridgerton Stirling.

Mas, pensou ele com uma risada desdenhosa, deixando-se despencar sobre o sofá, apoiando o tornozelo no joelho e observando os dois do outro lado da sala, dando risadas, sorrindo e se olhando com um carinho de dar enjoo, ele *bem* que podia tomar mais um drinque.

– Acho que vou querer, sim – anunciou, virando a bebida num único gole.

– O que disse, Michael? – indagou John, cuja audição sempre fora prodigiosa.

Michael deu um sorriso falso e ergueu o copo no ar.

– Que estou com sede – retrucou, mantendo a imagem perfeita de bon vivant.

Estavam na Casa Kilmartin, em Londres, e não em Kilmartin (nada de Casa, nada de Castelo, Kilmartin, apenas), na Escócia, onde os meninos haviam passado a infância, ou na outra Casa Kilmartin, também na Escócia (em Edimburgo) – não houve uma única alma criativa dentre os seus antepassados, pensava Michael com frequência. Havia também a Cabana Kilmartin (se alguém achasse cabível chamar uma construção de 22 cômodos de cabana), a Abadia Kilmartin e, é claro, o Palácio Kilmartin. Michael não tinha a menor ideia do motivo pelo qual ninguém pensara em dar o nome da família a uma das residências. "Casa Stirling" soava perfeitamente respeitável, na sua opinião. Supunha que os ambiciosos – e pouco originais – Stirlings de outrora ficaram tão abobalhados com o condado recém-conferido que não conseguiram pensar em colocar outro nome em qualquer uma de suas propriedades.

Deu uma risada desdenhosa para dentro do copo de uísque. Era impressionante que não tomasse chá Kilmartin e não se sentasse em cadeiras estilo Kilmartin. Na verdade, era provável que estivesse fazendo exatamente essas coisas se a avó tivesse encontrado uma forma de conseguir realizá-las sem que a família precisasse entrar para o ramo do comércio. A velha, dona de uma disciplina rígida, tinha sido tão orgulhosa que era de esperar que tivesse nascido Stirling em vez de ter contraído o sobrenome pelo casamento. Na opinião dela, a condessa de Kilmartin (ela própria) era tão importante quanto qualquer personagem de maior nobreza e, mais de uma vez, ficara contrariada ao ser conduzida para a mesa de jantar depois de uma marquesa ou uma duquesa arrivistas.

A rainha, pensou Michael, impassível. Supunha que a avó tivesse se ajoelhado diante da rainha, mas na verdade não conseguia imaginá-la sendo deferente a qualquer outra mulher.

Teria aprovado Francesca Bridgerton. Vovó Stirling sem dúvida teria torcido o nariz ao saber que o pai de Francesca não passava de um mero visconde, mas os Bridgertons eram uma família antiga e bastante popular – e, quando desejava, poderosa. Além do mais, Francesca andava com a coluna ereta e seus modos

irradiavam orgulho; tinha um senso de humor malicioso e subversivo. Se tivesse cinquenta anos mais e não fosse tão bonita, teria sido uma excelente companheira para a vovó Stirling.

E agora Francesca era a condessa de Kilmartin, casada com o primo dele, John, que, embora fosse um ano mais novo do que Michael, sempre fora tratado na família Stirling com a deferência reservada ao mais velho. Afinal, era o herdeiro. Seus pais eram gêmeos, mas o de John chegara ao mundo sete minutos antes do de Michael.

Os sete minutos mais críticos da vida de Michael, e ele ainda nem era vivo para testemunhá-los.

– O que devemos fazer para comemorar nosso segundo aniversário de casamento? – indagou Francesca, atravessando a sala para se sentar ao piano.

– O que quiser – respondeu John.

Francesca se virou para Michael, os olhos de um azul estonteante até mesmo à luz de velas. Ou talvez ele simplesmente soubesse a intensidade daquele azul. Nos últimos tempos, tinha a impressão de que até seus sonhos eram azuis. Azul-Francesca devia ser o nome daquela cor.

– Michael? – chamou ela, o tom indicando que ela insistia no chamado.

– Desculpe – disse ele, oferecendo-lhe o sorriso enviesado que usava com frequência. Ninguém o levava a sério quando sorria daquela forma, o que era, é claro, o objetivo. – Não estava prestando atenção.

– Tem alguma ideia? – perguntou ela.

– Para o quê?

– Para o nosso aniversário de casamento.

Se ela tivesse cravado uma flecha em seu coração, não teria conseguido feri-lo mais. Mas ele apenas deu de ombros, já que era espantosamente bom em esconder os sentimentos.

– O aniversário de casamento não é meu – lembrou ele.

– Eu sei – disse ela.

Ele não a estava olhando, mas imaginou que ela podia estar revirando os olhos.

Mas não estava. Disso Michael tinha certeza. Passara a conhecer Francesca dolorosamente bem nos últimos dois anos e sabia que ela não revirava os olhos. Quando queria ser sarcástica, irônica ou maliciosa, era seu tom de voz que

indicava isso, e ela formava um peculiar bico com os lábios. Não precisava revirar os olhos. Limitava-se a encará-lo com um olhar direto, os lábios se curvando levemente e...

Michael engoliu em seco enquanto refletia sobre aquilo, então encobriu o gesto tomando um gole de bebida. Não pegava nada bem passar tanto tempo analisando a curva dos lábios da mulher do primo.

– Posso lhe garantir – continuou Francesca, roçando as pontas dos dedos, preguiçosamente, na superfície das teclas do piano, sem emitir som algum – que sei com quem me casei.

– Tenho certeza que sim – murmurou ele.

– Como disse?

– Continue.

Francesca franziu os lábios numa expressão contrariada. Ele já observara a mudança de fisionomia com alguma frequência, em geral quando ela interagia com os irmãos.

– Estou pedindo a sua opinião porque você está sempre tão alegre... – prosseguiu ela.

– Eu estou sempre tão alegre? – repetiu ele, sabendo que era assim que o mundo o enxergava (afinal, o chamavam de Devasso Alegre), mas odiando a palavra nos lábios dela.

O que ela disse o fez sentir-se frívolo, vazio.

Então sentiu-se ainda pior, porque devia ser verdade.

– Você discorda? – indagou ela.

– De jeito nenhum – murmurou ele. – Só não estou acostumado a me pedirem conselhos com relação a comemorações de aniversários de casamento, pois é notório que não tenho o menor talento para o casamento.

– Não acho isso nem um pouco notório – rebateu ela.

– Agora você se complicou – avisou John com uma risadinha, acomodando-se outra vez em sua poltrona, com um exemplar do *The Times* daquela manhã nas mãos.

– Você nunca foi casado – observou Francesca. – Como haveria de saber que não tem o menor talento para o casamento?

Michael conseguiu fingir um sorrisinho presunçoso.

– Acho que está bastante claro para qualquer um que me conhece. Além do mais, que necessidade tenho eu de me casar? Não tenho título, não possuo propriedades...

– Você possui propriedades, sim – interveio John, demonstrando ainda estar escutando mesmo por detrás do jornal.

– Apenas uma pequena propriedade – corrigiu Michael –, que eu ficarei mais do que satisfeito em deixar para os seus filhos, uma vez que me foi dada por John.

Francesca olhou para o marido e Michael soube exatamente o que ela estava pensando – que John lhe dera a propriedade por desejar que ele se sentisse dono de alguma coisa, que tivesse algum objetivo, na verdade. Michael estivera um tanto perdido desde que dera baixa do exército, vários anos antes. E, embora John jamais tivesse tocado no assunto, Michael sabia que o primo se sentia culpado por não ter lutado pela Inglaterra no continente, por ter ficado em casa enquanto Michael corria riscos sozinho.

Mas John herdara um condado. Tinha o dever de se casar e de ter muitos filhos. Ninguém tivera a expectativa de que partisse para a guerra.

Com frequência, Michael se perguntava se a propriedade – uma adorável e confortável quinta com 8 hectares – era a penitência de John. E suspeitava que Francesca se perguntasse a mesma coisa.

Mas ela jamais comentaria a questão. Francesca compreendia os homens com surpreendente clareza – provavelmente por ter crescido com muitos irmãos. Sabia muito bem o que não perguntar a um homem.

O que sempre deixava Michael um pouco preocupado. Ele achava que escondia bem os sentimentos, mas e se ela *soubesse*? Não diria nada, é claro, nem mesmo faria alusão ao assunto. Na verdade, ele acreditava que, por alguma ironia, fossem parecidos nesse aspecto – se Francesca suspeitasse que ele era apaixonado por ela, *jamais* mudaria a forma de agir com ele.

– Acho que deveriam ir para Kilmartin – disse Michael, de forma abrupta.

– Para a Escócia? – perguntou Francesca, pressionando o si bemol com delicadeza ao piano. – Com a temporada tão próxima?

Michael se levantou, subitamente ansioso por ir embora. Não deveria ter aparecido, de qualquer forma.

– Por que não? – retrucou, num tom casual. – Você adora aquele lugar. John adora aquele lugar. Não é uma viagem tão longa assim numa boa carruagem.

– Você virá? – perguntou John.

– Não creio – disse Michael, um tanto bruscamente.

Como se quisesse ser testemunha da comemoração do aniversário de casamento dos dois. Só serviria para lhe lembrar do que jamais poderia ter. O que, por sua vez, lhe lembraria da culpa que sentia. Ou a aumentaria. Lembretes eram um tanto desnecessários; vivia com eles todos os dias.

Não cobiçarás a mulher do teu primo.

Moisés deve ter se esquecido de anotar esse.

– Tenho muita coisa para fazer por aqui – comentou Michael.

– É mesmo? – retrucou Francesca, os olhos se iluminando de interesse. – O quê?

– Ora, você sabe – começou ele, num tom de ironia –, todas aquelas coisas que preciso fazer para me preparar para uma vida de libertinagem e divagação.

Francesca se levantou.

Ah, Deus, ela caminhava em sua direção. Aquela era a pior parte, quando ela o tocava.

– Eu gostaria que você não falasse dessa forma – disse ela.

Michael olhou por cima do ombro para John, que ergueu o jornal apenas o suficiente para fingir que não estava escutando.

– Pretende, então, que eu me torne o seu projeto? – perguntou Michael, um tanto indelicadamente.

Ela se retraiu.

– Nós nos importamos com você.

Nós. *Nós*. Não *eu*, não *John*. Um sutil lembrete de que eram uma unidade. John e Francesca. Lorde e Lady Kilmartin. Ela não quisera dar essa impressão, é claro, mas fora assim que ele interpretara.

– E eu com vocês – devolveu Michael, esperando que uma praga de gafanhotos invadisse a sala.

– Eu sei – disse ela, ignorando por completo o sofrimento dele. – Eu não poderia ter pedido um primo melhor. Mas quero que você seja feliz.

Michael olhou para John com uma expressão que dizia claramente: *Socorro.*

John desistiu de fingir que estava lendo e baixou o jornal.

– Francesca, meu anjo, Michael já é adulto. Encontrará a felicidade como lhe convier. *Quando* lhe convier.

Francesca franziu os lábios e Michael percebeu que estava irritada. Não gostava de ser contrariada e, sem dúvida, detestava admitir que talvez não pudesse arrumar o seu mundo – e as pessoas que nele habitavam – de acordo com a sua vontade.

– Eu deveria apresentá-lo à minha irmã – disse.

Meu bom Deus.

– Eu conheço a sua irmã – disse Michael rapidamente. – Na verdade, todas elas. Até mesmo a que ainda nem aprendeu a andar direito.

– Ela já sabe... – Francesca se deteve, rangendo os dentes. – Eu lhe garanto que Hyacinth não é apropriada, mas Eloise é...

– Não vou me casar com Eloise – retrucou Michael, asperamente.

– Eu não disse que tinha de se casar com ela – devolveu Francesca. – É só dançar com ela uma ou duas vezes.

– Já fiz isso – lembrou ele –, e é só o que vou fazer.

– Mas...

– Francesca – disse John.

A voz saiu doce, mas a intenção era clara. *Pare.*

Michael poderia ter dado um beijo no primo pela interferência. John, é claro, apenas acreditava estar salvando-o da desnecessária chateação feminina; não havia nenhuma forma de ele conhecer a verdade: que Michael tentava calcular o nível de culpa que um ser humano poderia sentir por estar apaixonado pela esposa do primo *e* se casar com a irmã dela.

Meu Deus, casado com Eloise Bridgerton... Será que Francesca estaria tentando *matá-lo*?

– Devíamos sair para uma caminhada – sugeriu Francesca subitamente.

Michael olhou pela janela. Qualquer vestígio de luz do dia já desaparecera.

– Não está um pouco tarde para isso? – perguntou.

– Não com dois homens fortes como acompanhantes – disse ela. – Além do mais, as ruas de Mayfair são bem iluminadas. Estaremos em perfeita segurança. – Ela se virou para o marido. – O que acha, meu bem?

– Tenho um compromisso esta noite – retrucou John, consultando o relógio de bolso –, mas você deveria ir com Michael.

Mais uma prova de que John não tinha a menor ideia dos sentimentos do primo.

– Vocês dois sempre se divertem tanto juntos... – acrescentou John.

Francesca se virou para Michael e sorriu, ganhando mais um centímetro do seu coração.

– Você vem? – perguntou ela. – Estou desesperada por um pouco de ar puro, agora que a chuva parou. E devo confessar que passei o dia todo me sentindo um pouco estranha.

– É claro – respondeu Michael, pois todos sabiam que ele não tinha compromisso nenhum.

Sua vida libertina era cuidadosamente cultivada.

Além disso, não conseguia resistir a Francesca. Sabia que devia manter distância, que jamais deveria se permitir estar a sós com ela. Jamais obedeceria aos próprios desejos, mas qual a necessidade de se sujeitar àquele tipo de agonia? Apenas terminaria o dia sozinho na cama, destroçado de culpa e desejo em doses quase iguais.

Mas quando ela sorria para ele, Michael não conseguia dizer não. E, sem dúvida, não era forte o bastante para negar a si mesmo uma hora ao lado dela.

Pois a companhia de Francesca era a única coisa que poderia ter. Jamais haveria um beijo, um olhar ou um toque mais íntimo. Jamais haveria palavras de amor sussurradas ou gemidos de paixão.

As únicas coisas que podia ter eram o seu sorriso e a sua companhia, e, como o idiota patético que era, ele se dispunha a aceitá-los.

– Só um instante – pediu ela, detendo-se no vão da porta. – Preciso pegar o casaco.

– Seja rápida – disse John. – Já passa das sete.

– Estarei segura com Michael para me proteger – retrucou ela com um sorriso alegre. – Mas não se preocupe, serei rápida. – Em seguida, lançou um sorriso atrevido para o marido. – Eu sempre sou rápida.

Michael desviou os olhos e o primo chegou a ruborizar. Por Deus, ele não queria *mesmo* saber o significado por trás de *Serei rápida*. Infelizmente, podia ser um bom número de coisas, todas elas deliciosamente sexuais. E era provável que ele passasse a hora seguinte a catalogá-las na mente, imaginando-as todas sendo feitas com ele.

Deu um puxão na gravata. Talvez conseguisse se desvencilhar daquele passeio com Francesca. Talvez pudesse ir para casa e tomar um banho gelado. Ou, melhor ainda, encontrar uma mulher bem-disposta com longos cabelos castanho-avermelhados. E, se estivesse com sorte, olhos azuis.

– Sinto muito por isso – disse John quando Francesca saiu.

Michael grudou os olhos no rosto do primo. Com certeza, John jamais mencionaria a insinuação de Francesca.

– Essa importunação de Francesca – acrescentou John. – Você é jovem. Não é preciso se casar tão cedo.

– Você é mais novo do que eu – retrucou Michael, em grande parte só para discordar.

– Sim, mas conheci Francesca. – John deu de ombros num gesto de impotência, como se isso explicasse tudo.

E é claro que explicava.

– Não me incomodo com os comentários dela – declarou Michael.

– É claro que se incomoda. Percebo em seus olhos.

E aí estava o problema. John realmente podia percebê-lo em seus olhos. Não havia ninguém no mundo que o conhecesse melhor. Se algo o estivesse incomodando, John sempre conseguiria notar. O milagre era que ele não se dava conta de *por que* Michael estava aflito.

– Vou dizer a ela que o deixe em paz – continuou John –, embora você precise saber que ela só o importuna por amá-lo.

Michael conseguiu forçar um sorriso. Não foi capaz de produzir palavra.

– Obrigado por levá-la para dar uma volta – disse John, levantando-se. – Passou o dia todo um pouco inquieta. Comentou que estava se sentindo excepcionalmente claustrofóbica.

– A que horas é o seu compromisso? – perguntou Michael.

– Às nove horas – respondeu John, ao saírem para o corredor. – Tenho um encontro com o lorde Liverpool.

– Assuntos parlamentares?

John fez que sim. Levava muito a sério a posição na Câmara dos Lordes. Com frequência Michael se perguntava se cumpriria esse dever com igual seriedade se tivesse nascido lorde.

Provavelmente não. Mas, pensando bem, que importância tinha aquilo, certo?

Michael observou John esfregar a têmpora esquerda.

– Você está bem? – perguntou. – Parece um pouco...

Não terminou a frase por não saber ao certo o que dizer. Seu primo não parecia bem. Era só isso que sabia.

E conhecia John. Muito bem. Provavelmente melhor do que Francesca.

– Estou com uma dor de cabeça terrível – murmurou ele. – Passei o dia todo assim.

– Quer que eu mande comprar láudano?

John fez que não.

– Detesto aquilo. Deixa a minha mente turva, e preciso estar concentrado para a reunião com o lorde Liverpool.

Michael assentiu.

– Você está pálido – comentou, sem saber por que, já que isso não mudaria a opinião de John com relação ao láudano.

– Estou? – perguntou John, fazendo uma careta de dor ao pressionar os dedos com um pouco mais de força na têmpora. – Acho que vou me deitar, se não se importa. Só preciso sair daqui a uma hora.

– Certo – disse Michael. – Quer que eu peça a alguém que o acorde?

John fez que não.

– Eu mesmo peço ao camareiro.

Nesse instante, Francesca vinha descendo as escadas, envolta num longo manto de veludo azul-escuro.

– Boa noite, cavalheiros – disse, claramente se deleitando com a exclusiva atenção masculina. Mas, ao chegar ao pé da escada, franziu a testa. – Há algo errado, meu amor? – perguntou a John.

– Só uma dor de cabeça. Nada de mais.

– Devia se deitar um pouco – sugeriu ela.

John conseguiu sorrir.

– Acabo de dizer a Michael que pretendia fazer exatamente isso. Vou pedir a Simons que me acorde a tempo para a minha reunião.

– Com o lorde Liverpool? – indagou Francesca.

– Sim. Às nove.

– É sobre os Seis Atos?

John assentiu.

– Sobre isso e sobre o retorno do padrão-ouro. Eu comentei com você durante o café da manhã.

– Certifique-se de que... – Ela se deteve, sorrindo enquanto balançava a cabeça. – Bem, você sabe como me sinto.

John sorriu e, em seguida, deu um beijo carinhoso em seus lábios.

– Eu sempre sei como se sente, meu amor.

Michael fingiu olhar para o outro lado.

– Nem sempre – respondeu ela, a voz afetuosa e provocadora.

– Sempre que importa – devolveu John.

– Bem, *isso* é verdade – admitiu ela. – Posso esquecer as minhas tentativas de ser a rainha do mistério.

Ele a beijou outra vez.

– Pessoalmente, eu a prefiro sendo um livro aberto.

Michael pigarreou. Aquilo não devia ser tão difícil; John e Francesca não estavam agindo de forma nada diferente do normal. Eram, como grande parte da sociedade costumava comentar, dois pombinhos enamorados, em total sintonia e perdidamente apaixonados.

– Está ficando tarde – observou Francesca – É melhor eu ir, se quiser tomar um pouco de ar fresco.

John assentiu, fechando os olhos por um instante.

– Tem certeza de que está se sentindo bem?

– Tenho. É só uma dor de cabeça.

Francesca colocou a mão no cotovelo de Michael.

– Tome um pouco de láudano quando voltar da reunião – disse ela, por cima do ombro, ao chegarem à porta –, já que sei que não vai fazê-lo agora.

John assentiu, com uma expressão de cansaço, e foi subindo as escadas.

– Pobre John – comentou Francesca, saindo para o revigorante ar noturno. Respirou fundo e deixou escapar um suspiro. – Detesto dores de cabeça. Sempre me deixam especialmente indisposta.

– Eu nunca as tenho – admitiu Michael, conduzindo-a escada abaixo até a calçada.

– É mesmo? – Ela ergueu a vista para olhá-lo, um dos cantos da boca se curvando daquela forma tão dolorosamente familiar. – Que sorte a sua.

Aquilo quase fez Michael rir. Ali estava, em um passeio noturno com a mulher amada.

Que sorte a sua.

CAPÍTULO 2

... e se fosse tão ruim assim, eu suspeito que você não me contaria. E, quanto às mulheres, pelo menos tente se certificar de que sejam limpas e livres de doenças. Fora isso, faça o que for necessário para tornar o seu tempo suportável. E, por favor, tente não ser morto. Correndo o risco de soar piegas, não sei o que faria sem você.

– do conde de Kilmartin para o primo Michael Stirling, enviada ao 52º Regimento de Granadeiros durante as Guerras Napoleônicas

Apesar de todos os seus defeitos – e Francesca se dispunha a aceitar que Michael Stirling possuísse muitos –, ele realmente era o mais *querido* dos homens.

Era terrivelmente namorador (já o vira em ação e até mesmo ela devia admitir que mulheres que, em outras situações, demonstravam ser inteligentes perdiam todo o bom senso quando ele resolvia ser sedutor) e, sem dúvida, não encarava a própria vida com a seriedade que ela e John desejavam, mas ainda assim ela não podia deixar de amá-lo.

Era o melhor amigo que John já tivera – até se casar com *ela*, é claro – e, no decorrer dos últimos dois anos, se tornara seu confidente mais próximo também.

Que coisa engraçada aquilo. Quem poderia imaginar que ela incluiria um homem dentre os seus amigos mais próximos? Não que se sentisse desconfortável na companhia masculina – quatro irmãos tendiam a extinguir a

delicadeza até da mais feminina das criaturas. Mas ela não era como as irmãs. Daphne e Eloise – assim como Hyacinth, supunha, embora ela ainda fosse um pouco nova para se saber com certeza – eram tão extrovertidas e tão alegres... Eram boas esportistas, o tipo de mulher que se destaca na caça e no tiro. Os homens sempre se sentiam à vontade na presença delas e o sentimento era, Francesca observara, completamente mútuo.

Mas ela não era assim. Sempre se sentira um pouco diferente do resto da família. Amava-os com fervor e daria a vida por qualquer um deles, mas, embora por fora se parecesse com uma Bridgerton, por dentro sempre tivera a sensação de ter sido trocada quando pequena.

Enquanto a maioria dos Bridgertons era extrovertida, ela era... bem, não exatamente tímida, mas um pouco mais reservada, mais cuidadosa com as palavras. Ficara conhecida pela ironia e pela sagacidade e tinha de admitir que quase nunca resistia à oportunidade de alfinetar os irmãos com alguma observação sarcástica. Tudo com amor, é claro, e talvez um toque de desespero por passar demasiado tempo com a própria família, mas eles devolviam a zombaria de imediato, então estavam sempre quites.

Assim eram os Bridgertons. Riam, zombavam uns dos outros e discutiam. As contribuições de Francesca para o alarido geral eram apenas um pouco mais silenciosas do que as do resto, um pouco mais maliciosas e subversivas.

Volta e meia ela se perguntava se parte da atração que sentira por John devia-se ao simples fato de que ele a tirara do caos que, com tanta frequência, era o lar dos Bridgertons. Não que não o amasse; amava, sim. Adorava-o com cada fibra de seu corpo. John era a sua alma gêmea, parecido com Francesca em muitos aspectos. Mas havia sido, de uma maneira bastante estranha, um alívio deixar a casa da mãe, escapar para uma existência mais serena ao lado de John, cujo senso de humor era exatamente igual ao dela.

Ele a entendia, se adiantava às suas necessidades.

Ele a completava.

Tivera uma sensação muito curiosa ao conhecê-lo, quase como se fosse uma peça de quebra-cabeça que enfim encontrara o encaixe correspondente. O primeiro encontro deles não fora de uma paixão arrebatadora, mas naquele momento ela tivera a noção de ter enfim conhecido a única pessoa com quem podia ser totalmente autêntica.

Havia sido instantâneo. Súbito. Não conseguia se lembrar com exatidão do que ele lhe dissera, mas no instante em que as palavras saíram dos lábios de John, ela se sentira em casa.

E com ele viera Michael, o primo – embora, verdade seja dita, os dois estivessem mais para irmãos. Haviam sido criados juntos e eram tão próximos em idade que compartilhavam tudo.

Bem, quase tudo. John era herdeiro de um condado e Michael era apenas seu primo, então era natural que os dois meninos não fossem tratados exatamente da mesma forma. Mas, pelo que Francesca ouvira falar e a julgar pelo que viera a conhecer da família Stirling, haviam sido amados em igual medida, e ela imaginava que aquilo fosse o segredo do bom humor de Michael.

Porque, apesar de John ter herdado o título, a riqueza e, bem, tudo, Michael não parecia invejá-lo.

Ela achava aquilo incrível. Ele fora criado como irmão de John – na verdade, como seu irmão mais velho – e jamais invejara nenhuma das bênçãos de John.

E aquele era o motivo pelo qual Francesca mais o amava. Sem dúvida, Michael zombaria dela se tentasse elogiá-lo por isso, e com certeza apontaria suas muitas transgressões (sem qualquer exagero, temia ela) para provar que sua alma era sombria e que ele era um completo canalha. Mas a verdade era que Michael Stirling possuía uma generosidade de espírito e uma capacidade para o amor ímpares entre os homens.

E se ela não encontrasse uma esposa para ele em breve, iria enlouquecer.

– O que há de errado com a minha irmã? – começou Francesca, dando-se conta de que sua voz parecia perfurar o silêncio da noite.

– Francesca, eu não vou me casar com a sua irmã – devolveu ele, e ela pôde perceber a irritação e, felizmente, algum divertimento em sua resposta.

– Eu não disse que tinha de se casar com ela.

– Nem precisava. Seu rosto é um livro aberto.

Ela ergueu a vista para olhá-lo, retorcendo os lábios.

– Você não estava nem me olhando.

– É claro que estava, e, de qualquer forma, nem precisaria. Eu sei o que você quer.

Ele tinha razão e isso a assustava. Algumas vezes a preocupava o fato de ele a compreender tão bem quanto John.

– Você precisa de uma esposa – disse ela.

– Você não prometeu ao seu marido que pararia de me importunar com isso?

– Na verdade, não – respondeu ela, lançando-lhe um olhar bastante superior. – Ele pediu, é claro...

– É claro – murmurou Michael.

Ela riu. Michael sempre conseguia fazê-la rir.

– Pensei que esposas deveriam obedecer aos desejos dos maridos – caçoou Michael, arqueando a sobrancelha direita. – Na verdade, tenho certeza de que isso consta dos votos de casamento.

– Eu lhe prestaria um grande desserviço se lhe arrumasse uma esposa *desse* tipo – comentou ela, enfatizando sua opinião com um resfolegar muito bem cronometrado e bastante desdenhoso.

Ele se virou e baixou os olhos para encará-la com uma expressão que tinha algo de paternal. Devia ter sido um nobre, pensou Francesca. Era inconsequente demais para as responsabilidades de um título, mas quando olhava para alguém com aquela expressão, com a mais completa altivez e absoluta confiança, podia passar por um duque da realeza.

– As suas responsabilidades como condessa de Kilmartin não incluem encontrar uma esposa para mim – concluiu.

– Pois deveriam.

Ele riu, o que a deliciou. Sempre conseguia fazê-lo rir.

– Muito bem – disse ela, desistindo por ora. – Então me conte algo indecente. Algo que John não aprovaria.

Era um jogo do qual brincavam, até mesmo na presença de John, embora John fingisse desencorajá-los. Mas Francesca suspeitava que o marido se divertisse tanto quanto ela com as histórias de Michael. Assim que terminava as reprimendas obrigatórias, sempre se dispunha a escutar as narrativas do primo.

Não que Michael lhes contasse muita coisa. Era discreto demais para isso. Mas fazia alusões e insinuações, e Francesca e John se divertiam muito. Não trocariam a sua felicidade conjugal por nada, mas quem não gostava de ouvir histórias devassas e picantes?

– Sinto dizer que não fiz nada de indecente esta semana – retrucou Michael, levando-a a dobrar a esquina até King Street.

– Você? Impossível.

– Ainda é só terça-feira – lembrou ele.

– Sim, mas descontando o domingo, que tenho certeza que você não seria capaz de profanar – ela o olhou com uma expressão de quem não tinha a menor dúvida que ele já havia pecado de todas as maneiras, sendo ou não domingo –, ainda lhe sobra a segunda-feira, e um homem pode fazer muita coisa numa segunda-feira.

– Não este homem. Não nessa segunda-feira.

– O que você fez, então?

Ele ficou pensativo por um instante, então disse:

– Na verdade, nada.

– Impossível – zombou ela. – Tenho certeza que o vi acordado por pelo menos uma hora.

Ele permaneceu calado e, em seguida, deu de ombros de uma forma que ela achou bastante perturbadora e comentou:

– Não fiz nada. Caminhei, conversei, comi. Nada de mais.

Impulsivamente, Francesca apertou o seu braço.

– Vamos ter de encontrar alguma coisa para você – disse, com delicadeza.

Ele se virou e a fitou, seus olhos estranhos e quase prateados encarando os dela com uma intensidade que Francesca sabia que ele quase nunca deixava emergir.

Então o instante terminou e Michael voltou a ser ele mesmo, embora ela suspeitasse que ele não fosse, de maneira alguma, o homem que queria que os outros – inclusive ela – acreditassem que fosse.

– Devíamos voltar para casa – disse ele. – Já está ficando tarde e John vai querer cortar a minha cabeça se você se resfriar por minha causa.

– John culparia a *mim* pela minha tolice e você sabe muito bem disso – comentou Francesca. – Isto é só sua forma de me informar que tem uma mulher à sua espera, provavelmente nua a não ser pelos lençóis da cama dela.

Ele se virou para Francesca e sorriu. Era perverso e diabólico, e ela compreendia por que metade da sociedade – isto é, a metade pertencente ao sexo feminino – se acreditava apaixonada por ele, mesmo desprovido de título de nobreza ou fortuna.

– Você me pediu que contasse algo indecente, certo? – perguntou ele. – Vai querer mais detalhes? A cor dos lençóis, talvez?

Ela ruborizou. *Odiava* ruborizar, mas pelo menos sua reação estava sendo encoberta pela escuridão.

– Espero que não sejam amarelos – retrucou, porque não podia tolerar que a conversa terminasse com o seu constrangimento. – Essa cor o deixa abatido.

– Eu não vou vestir os lençóis – comentou ele, esticando cada sílaba.

– Ainda assim.

Michael riu e Francesca soube que ele tinha noção de que ela dissera aquilo apenas para ter a última palavra. E pensou que ele lhe permitiria aquela pequena vitória, mas, quando começava a sentir algum alívio no silêncio, ele continuou:

– Vermelhos.

– O quê? – perguntou ela, embora tivesse entendido muito bem.

– Imagino que os lençóis sejam vermelhos.

– Não acredito que tenha me contado isso.

– Você perguntou, Francesca Stirling. – Ele baixou a vista para olhá-la e um cacho de cabelos negros como a meia-noite caiu-lhe sobre a testa. – Você tem sorte por eu não a delatar ao seu marido.

– John jamais desconfiaria de mim – retrucou ela.

Por um instante, Francesca achou que ele não diria mais nada, mas então Michael falou:

– Eu sei. – A voz saiu estranhamente circunspecta e séria. – E é o único motivo pelo qual implico com você.

Ela estava com os olhos fixos chão, procurando imperfeições, mas o tom dele foi tão sóbrio que Francesca teve de erguer os olhos.

– Você é a única mulher que conheço que jamais seria infiel – continuou ele, tocando-lhe o queixo. – Não tem ideia de quanto a admiro por isso.

– Amo o seu primo – declarou ela. – Jamais o trairia.

Ele abaixou a mão.

– Eu sei.

À luz da lua, Michael lhe pareceu tão belo e tão insuportavelmente necessitado de amor que ela ficou com o coração quase partido. É claro que nenhuma mulher conseguia resistir a ele, com aquele rosto perfeito, aquele porte tão alto e musculoso. E qualquer um que se desse o trabalho de conhecê-lo mais profundamente passaria a vê-lo como Francesca o via: um homem de bom coração, leal e verdadeiro.

Com um toque demoníaco, é claro, mas Francesca supunha que era isso que atraía as mulheres, para início de conversa.

– Vamos? – perguntou Michael, subitamente o encanto em pessoa.

Inclinou a cabeça em direção à casa dela. Francesca suspirou e deu meia-volta.

– Obrigada por me acompanhar – disse ela, após alguns minutos de um confortável silêncio. – Não exagerei quando disse que estava enlouquecendo com a chuva.

– Você não disse isso – comentou ele, repreendendo-se no mesmo instante.

Ela dissera que estava se sentindo um pouco estranha, não que estava enlouquecendo, mas apenas um idiota-prodígio ou um tolo apaixonado teria notado a diferença.

– Não disse? – Ela franziu as sobrancelhas. – Bem, eu certamente pensei. Tenho me sentido indisposta, se quer saber. O ar fresco me fez muito bem.

– Então fico contente em ter ajudado – afirmou ele, galanteador.

Ela sorriu ao subirem as escadas da Casa Kilmartin. A porta se abriu no mesmo instante em que seus pés tocaram o degrau de cima – o mordomo devia estar à sua espera –, então Michael aguardou enquanto o homem retirava o manto de Francesca no hall de entrada.

– Fica para mais um drinque ou precisa partir imediatamente para o seu compromisso? – indagou ela, os olhos luzindo, endiabrados.

Ele olhou para o relógio, ao final do corredor. Eram oito e meia e, embora não tivesse de estar em lugar nenhum – não havia ninguém à sua espera, embora ele sem dúvida pudesse encontrar uma companhia a qualquer instante e talvez fizesse isso mesmo –, não estava com disposição para permanecer na Casa Kilmartin.

– Preciso ir – respondeu. – Tenho muito que fazer.

– Você não tem nada para fazer e sabe muito bem disso – disse ela. – Apenas gosta de ser malvado.

– É um passatempo admirável – murmurou ele.

Ela abriu a boca para soltar uma réplica, mas no mesmo instante Simons, o camareiro particular que John contratara recentemente, veio descendo as escadas.

– Milady? – chamou.

Francesca se virou para ele e inclinou a cabeça, indicando que ele deveria falar.

– Bati à porta do senhorio e chamei duas vezes, mas ele parece estar dormindo profundamente. Deseja que eu o acorde, ainda assim?

Francesca fez que sim.

– Claro. Eu adoraria deixá-lo dormir. Tem trabalhado tanto nos últimos tempos... – Ela dirigiu essa última parte a Michael. – Mas sei que essa reunião com o lorde Liverpool é de grande importância. Deve acordá-lo, sim... Não, espere, deixe que eu mesma o faço. É melhor.

Ela se virou para Michael.

– Eu o vejo amanhã?

– Na verdade, já que John ainda não saiu, eu espero – disse ele. – Vim a pé, então posso continuar na carruagem dele quando ele não precisar mais dela.

Ela assentiu e se precipitou escada acima, deixando Michael sem muito que fazer a não ser cantarolar baixinho enquanto examinava os quadros do hall.

Então Francesca deu um grito.

Michael não se lembrava de ter corrido escada acima, mas, de alguma forma, lá estava, no quarto de John e de Francesca, o único aposento da casa em que jamais entrara.

– Francesca? – chamou, ofegante. – Frannie, Frannie, o que...

Ela estava sentada ao lado da cama, segurando o braço de John, pendurado para fora do colchão.

– Acorde-o, Michael – gritou. – Acorde-o. Faça isso por mim. Acorde-o!

Michael sentiu o seu mundo inteiro começar a desabar. A cama ficava do outro lado do quarto, a uns 3 metros de onde estava, mas ele *sabia*.

Ninguém conhecia John tão bem quanto ele. Ninguém.

E John não estava no quarto. Tinha partido. O que estava sobre a cama...

Não era John.

– Francesca – sussurrou, deslocando-se lentamente em sua direção. Seus membros lhe pareceram estranhos, lentos. – Francesca.

Ela ergueu para ele os olhos enormes e aflitos.

– Acorde-o, Michael.

– Francesca, eu...

– Agora! – gritou ela, atirando-se sobre ele. – Acorde-o! Você há de conseguir. Acorde-o! Acorde-o!

A única coisa que ele pôde fazer foi ficar ali, de pé diante de Francesca, enquanto ela esmurrava o seu peito com os punhos, enquanto agarrava a sua gravata e a sacudia e até ele perder a respiração. Não conseguiu abraçá-la, não conseguiu lhe oferecer consolo, porque se sentia tão prostrado e confuso quanto ela.

E, subitamente, todo o fogo lhe escapou e ela desabou em seus braços, as lágrimas encharcando-lhe a camisa.

– Ele estava com dor de cabeça – gemeu ela. – Só isso. Só estava com dor de cabeça. Era só uma dor de cabeça. – Ergueu os olhos para ele, buscando o seu rosto, procurando respostas que ele jamais seria capaz de lhe dar. – Era só uma dor de cabeça – repetiu.

E pareceu perdida.

– Eu sei – disse ele, mesmo sabendo que não era o bastante.

– Ah, Michael! – exclamou ela, soluçando. – O que vou fazer?

– Não sei – respondeu ele, porque era verdade.

Na escola, na faculdade e no exército, ele fora treinado para tudo o que a vida de um cavalheiro inglês tinha a oferecer. Mas não fora treinado para *aquilo.*

– Eu não entendo – falou Francesca, e ele supunha que ela estivesse dizendo diversas coisas, embora nenhuma delas fizesse sentido aos seus ouvidos.

Ele nem mesmo tinha forças para ficar de pé e, juntos, os dois desceram até o tapete, permanecendo encostados na lateral da cama.

Ele olhou, sem de fato ver, a parede oposta, perguntando-se por que não chorava. Sentia-se entorpecido, o corpo parecia pesado, e não conseguia se livrar da sensação de a alma ter sido arrancada de seu corpo.

John não.

Por quê?

Por quê?

Sentado ali, mal se dando conta de que os empregados se aglomeravam do lado de fora do quarto, ocorreu-lhe que Francesca gemia as mesmas palavras.

– John não. Por quê? *Por quê?*

∽

– Acha possível que ela esteja grávida?

Michael olhou fixamente para o lorde Winston, um recém-nomeado e, pelo jeito, afoito membro da Comissão de Privilégios da Câmara dos Lordes, tentando entender o que ele dizia. Não fazia nem um dia que John morrera. Ainda era difícil encontrar sentido em qualquer coisa. E agora, ali estava aquele homenzinho inflado exigindo uma audiência com ele e tagarelando sobre algum dever sagrado junto à Coroa.

– A esposa – esclareceu o lorde Winston. – Se estiver grávida, isso complicará tudo.

– Não sei – disse Michael –, não perguntei a ela.

– Pois precisa perguntar. Tenho certeza de que está ansioso por assumir o controle de suas novas posses, mas realmente precisamos saber se ela está grávida. Além do mais, se estiver, um dos membros do nosso comitê terá de estar presente no nascimento.

Michael sentiu o rosto perder toda e qualquer expressão.

– O que disse? – conseguiu pronunciar, de alguma maneira.

– Trocas de bebês – falou o lorde Winston, com a voz soturna. – Já houve casos.

– Pelo amor de Deus...

– É para a sua proteção tanto quanto para a de qualquer um – interrompeu o homem. – Se a senhora der à luz uma menina e não houver ninguém presente para testemunhar o ocorrido, o que poderá impedi-la de trocar a criança por um menino?

Michael nem mesmo se dignou a responder.

– Precisa saber se ela está grávida – pressionou o lorde Winston. – Providências terão de ser tomadas.

– Ela perdeu o marido ontem – disse Michael, num tom áspero. – Não vou sobrecarregá-la com perguntas tão invasivas.

– Há muito mais em jogo do que os sentimentos dela – retrucou o lorde. – Não podemos transferir o condado de forma apropriada enquanto houver dúvida quanto à sucessão.

– Que o diabo fique com o condado – vociferou Michael.

O lorde Winston sufocou um grito, encolhendo-se, visivelmente horrorizado.

– Controle-se, milorde.

– Não sou seu lorde – retrucou Michael, quase gritando. – Não sou lorde de...

Ele controlou as palavras, deixando-se despencar sobre a poltrona enquanto tentava não pensar que estava perigosamente próximo às lágrimas. Bem ali, no escritório de John, com aquele maldito homenzinho que não parecia compreender que um homem havia morrido, não só um conde, mas um homem, Michael queria chorar.

E ia chorar, imaginava. Tão logo o lorde Winston saísse e ele pudesse trancar a porta para ninguém vê-lo, provavelmente enterraria o rosto nas mãos e choraria.

– Alguém tem de perguntar a ela – insistiu o lorde Winston.

– Não serei eu – avisou Michael, em voz baixa.

– Eu o farei, então.

Michael saltou da poltrona e prendeu o homem contra a parede.

– Não chegará perto de Lady Kilmartin – rosnou. – Nem mesmo respirará o mesmo ar que ela. Estou sendo claro?

– Bastante – gorgolejou o homenzinho.

Michael o soltou, quase sem notar que o rosto do sujeito começava a arroxear.

– Saia – ordenou.

– Terá de...

– Saia! – rugiu.

– Voltarei amanhã – avisou o lorde Winston, deslizando porta afora. – Conversaremos quando estiver mais calmo.

Michael se encostou na parede. Por Deus, como tudo havia chegado àquele ponto? John não tinha nem 30 anos. Um homem saudável. De fato, Michael era o próximo na linha de sucessão ao título de conde caso John e Francesca não tivessem filhos, mas ninguém imaginara que ele um dia poderia se tornar o herdeiro.

Nos clubes, já se comentava que ele era o homem mais sortudo de toda a Grã-Bretanha. Da noite para o dia, saíra das margens da aristocracia para o seu epicentro. Ninguém parecia compreender que Michael jamais desejara aquilo. Jamais.

Não queria um condado. Queria o primo de volta. E ninguém parecia entender isso.

A não ser, talvez, Francesca, mas ela estava tão entregue ao próprio sofrimento que não tinha como compreender a dor que se alojara no coração de Michael.

E ele não lhe pediria isso. Não quando ela mesma estava tão dilacerada.

Michael cruzou os braços no peito ao pensar nela. Enquanto vivesse, jamais se esqueceria do rosto de Francesca quando por fim se dera conta da verdade. John não estava dormindo. Não iria acordar.

E Francesca Bridgerton Stirling se tornara, na tenra idade de 22 anos, a pessoa mais triste que se podia imaginar.

Sozinha.

Michael compreendia o desespero dela melhor do que qualquer um.

Ele e a mãe dela a haviam colocado na cama naquela noite. Violet Bridgerton aparecera após o chamado urgente que Michael lhe enviara. E Francesca dormira como um bebê, sem emitir um único som, o corpo exausto devido ao choque.

Mas, ao acordar na manhã seguinte, se imbuíra da proverbial capacidade britânica de jamais deixar transparecer os sentimentos, decidida a permanecer firme, cuidando dos inúmeros detalhes que choveram sobre a casa com a morte de John.

O problema era que nenhum dos dois sabia quais eram esses detalhes. Eram jovens, haviam levado a vida de forma despreocupada até ali. Jamais lhes ocorrera ter de lidar com a morte.

Quem teria imaginado, por exemplo, que a Comissão de Privilégios se envolveria? E que exigiria um lugar de camarote num momento que deveria ser íntimo para Francesca?

Se, de fato, estivesse grávida.

Mas que diabo! *Ele* não iria lhe perguntar.

– Precisamos avisar à mãe dele – dissera Francesca mais cedo naquela manhã.

Tinham sido suas primeiras palavras, na verdade. Não houvera preâmbulo ou cumprimento, apenas “Precisamos avisar à mãe dele”.

Michael assentira, pois era claro que Francesca tinha razão.

– Também precisamos avisar à sua mãe – prosseguira ela. – As duas estão na Escócia, portanto, com certeza, ainda não sabem.

Ele assentiu mais uma vez. Era só o que conseguia fazer.

– Vou escrever os comunicados.

Michael assentiu uma terceira vez, perguntando-se o que *ele* deveria fazer.

Essa questão tinha sido respondida com a visita do lorde Winston, embora Michael não conseguisse nem pensar naquilo no momento. Parecera-lhe de imenso mau gosto. Não queria pensar no que ganharia com a morte de John. Como era possível que alguém falasse como se algo de *bom* tivesse saído daquilo tudo?

Michael sentiu-se afundar cada vez mais, deslizar pela parede até estar sentado no chão, as pernas dobradas à sua frente, a cabeça repousando sobre os joelhos. Ele não havia desejado aquilo. Havia?

Desejara Francesca. Apenas isso. Mas não dessa forma. Não àquele preço.

Jamais invejara a boa sorte de John. Jamais invejara o título, o dinheiro ou o poder dele.

Invejara apenas a sua mulher.

Agora, esperavam que ele assumisse o título de John, que seguisse os seus passos. E a culpa apertava o seu coração com o seu punho implacável.

Será que, de alguma forma, teria pedido aquilo? Não, não teria sido capaz. Certo?

Certo?

– Michael?

Ele ergueu a vista. Era Francesca, ainda com a mesma expressão vazia, o rosto como uma máscara em branco que rasgou o coração dele mais do que o seu choro jamais teria feito.

– Mandei buscar Janet.

Ele fez que sim. A mãe de John. Ela ficaria devastada.

– Sua mãe também.

Que ficaria igualmente devastada.

– Há qualquer outra pessoa de que você se lembre...

Ele fez que não, ciente de que deveria se levantar, ciente de que a convenção social ditava que se levantasse, mas simplesmente não conseguia reunir forças. Não queria que Francesca o visse tão fraco, mas não tinha escolha.

– Você deveria se sentar – disse ele, por fim. – Precisa descansar.

– Não posso – retrucou ela. – Preciso... Se eu parar, nem que seja por um minuto, eu...

As palavras dela foram sumindo, mas não era necessário que dissesse mais nada. Ele compreendia.

Ergueu os olhos para ela. Os cabelos castanho-avermelhados estavam presos numa trança simples e o rosto estava pálido. Pareceu-lhe jovem, mal saída da escola, certamente jovem demais para aquele tipo de sofrimento.

– Francesca – começou ele, o tom não exatamente de uma pergunta, mas quase um suspiro.

Então ela disse. Sem que ele nem precisasse lhe perguntar.

– Estou grávida.

CAPÍTULO 3

... Eu o amo loucamente. Loucamente! Acho que morreria sem ele.

– da condessa de Kilmartin para a irmã Eloise Bridgerton uma semana após se casar

– Eu declaro, Francesca, que é a grávida mais saudável que já vi.

Francesca sorriu para a sogra, que acabava de entrar no jardim da mansão de St. James que agora compartilhavam. Da noite para o dia, ao que parecia, a Casa Kilmartin se transformara num lar de mulheres. Primeiro, Janet se mudara para lá; em seguida, Helen, mãe de Michael, também. Era uma casa repleta de mulheres Stirlings.

E tudo ficou tão diferente...

Era estranho. Ela imaginara que sentiria a presença de John, que o sentiria no ar, que o veria no ambiente que compartilharam durante dois anos. Mas, em vez disso, ele simplesmente se foi e a chegada das mulheres mudou o ambiente da casa por completo. Francesca supunha que aquilo fosse bom; precisava do apoio feminino naquele momento.

Mas era estranho viver em meio a mulheres. Havia mais flores, agora: vasos por todos os lados. E já não sentia o aroma do charuto de John ou do sabonete de sândalo do qual ele tanto gostava.

A Casa Kilmartin passara a recender a lavanda e água de rosas, e cada vez que sentia aquele cheiro o coração de Francesca partia.

Até mesmo Michael encontrava-se estranhamente distante. Aparecia para visitá-las – várias vezes por semana, se alguém se desse o trabalho de contar, algo que Francesca admitia fazer. Mas não parecia *presente*, não da forma que fora antes da morte de John. Não era o mesmo, e ela achava melhor não tocar no assunto, nem sequer em sua mente.

Ele também estava triste, ela sabia.

Isso ficava claro quando o fitava e via os olhos dele distantes. Quando ela não sabia o que dizer a ele e quando ele não zombava dela.

Quando se sentavam juntos na sala de visitas e não tinham o que dizer um ao outro.

Perdera John e agora, ao que parecia, perdera Michael também. E mesmo com três mães superprotetoras a cobri-la de atenções – sua mãe verdadeira a visitava todos os dias –, sentia-se só.

E triste.

Ninguém jamais lhe dissera quão triste se sentiria. Quem teria *pensado* em lhe dizer algo do gênero? E mesmo que isso tivesse acontecido, ainda que sua mãe, que também ficara viúva jovem, tivesse explicado a dor, como poderia ter compreendido?

Era o tipo de coisa que só se entendia sentindo. E como Francesca gostaria de não fazer parte daquele clube de melancólicos.

E onde estava Michael? Por que não a consolava? Por que não se dava conta de quanto precisava dele? Dele, não de sua mãe. Não da mãe de quem quer que fosse.

Ela precisava de Michael, da única pessoa que conhecera John tão bem quanto ela, tão completamente. Michael era o único elo que Francesca tinha com o marido que perdera, e ela o odiava por se manter distante.

Mesmo quando estava ali, na Casa Kilmartin, na mesma maldita sala que ela, as coisas não eram iguais. Não faziam graça, não troçavam um do outro. Ficavam apenas sentados, com o rosto triste e pesaroso, e, quando se falavam, havia um constrangimento que nunca existira.

Será que nada podia se manter da forma que havia sido *antes* da morte de John? Jamais lhe ocorrera que sua amizade com Michael pudesse morrer junto do marido.

– Como está se sentindo, meu bem?

Francesca ergueu o olhar para Janet, dando-se conta, um tanto tardiamente, de que a sogra lhe fizera uma pergunta. Talvez várias, que ela não respondera, perdida nos próprios pensamentos. Vinha fazendo isso com frequência nos últimos tempos.

– Bem – respondeu. – Nenhuma diferença.

Janet assentiu, maravilhada.

– É impressionante. Nunca ouvi falar em algo parecido.

Francesca deu de ombros.

– Se não fosse pela ausência das minhas regras, eu jamais saberia que algo mudou.

E era verdade. Não sentia enjoo, nem fome, nada. Supunha estar um pouco mais cansada do que de costume, mas isso podia ser também devido ao luto. A mãe lhe contara que passara um ano inteiro cansada após a morte do pai.

É claro que Violet tivera oito filhos para criar. Francesca tinha apenas a si mesma, com um pequeno exército de criados a cuidar dela como se fosse uma rainha inválida.

– Tem muita sorte – comentou Janet, sentando-se numa poltrona em frente à de Francesca. – Quando eu estava grávida de John, passava mal todas as manhãs. Quase todas as tardes também.

Francesca assentiu e sorriu. Janet já havia lhe dito isso várias vezes. A morte de John tinha transformado a sogra numa tagarela que não parava de tentar preencher o silêncio criado pela dor de Francesca. A jovem viúva a amava por essa tentativa, embora suspeitasse que a única coisa que abrandaria o seu sofrimento seria o tempo.

– Estou tão feliz com sua gravidez... – disse Janet, chegando o corpo para a frente e impulsivamente apertando a mão de Francesca. – Torna tudo um pouco mais tolerável. Um pouco menos intolerável, enfim – acrescentou, sem sorrir de verdade, embora parecesse tentar.

Francesca se limitou a assentir, temendo que falar liberasse as lágrimas acumuladas.

– Eu sempre quis mais filhos – confessou Janet. – Mas não aconteceu. E quando John morreu... Bem, digamos apenas que nenhum neto jamais será tão amado quanto o que você está esperando. – Ela parou, fingindo dar uma pancadinha de leve com o lenço sobre o nariz quando, na verdade, secava os

olhos. – Não diga a ninguém, mas eu não me importo se for menino ou menina. É um pedaço dele. É só o que importa.

– Eu sei – disse Francesca, baixinho, pondo a mão sobre a barriga.

Desejava que houvesse algum sinal do bebê que estava dentro dela. Sabia que era cedo demais para que ele se mexesse; não estava nem no terceiro mês, de acordo com as suas cuidadosas estimativas. Todos os seus vestidos ainda cabiam e a comida tinha o sabor de sempre, e ela não estava sendo assaltada por nenhum dos desejos ou mal-estares sobre os quais outras mulheres haviam lhe contado.

Teria ficado satisfeita em se sentir indisposta todas as manhãs se isso a fizesse imaginar que o bebê estava acenando a mãozinha com um alegre “Estou aqui!”.

– Tem visto Michael? – perguntou Janet.

– Não o vejo desde segunda-feira – respondeu Francesca. – Ele já não vem nos visitar com tanta frequência.

– Ele sente a falta de John – disse Janet, baixinho.

– Eu também – retrucou Francesca, horrorizada com o tom ríspido de sua voz.

– Deve ser muito difícil para ele – refletiu a outra.

Francesca se limitou a encará-la, surpresa.

– Não estou querendo dizer que não seja difícil para você também – ela se apressou em acrescentar –, mas pense na fragilidade da posição na qual Michael se encontra. Não saberá pelos próximos seis meses se será conde ou não.

– Não há nada que eu possa fazer quanto a isso.

– Não, é claro que não – falou Janet –, mas isso o coloca numa situação desconfortável. Já ouvi mais de uma senhora dizer que simplesmente não pode considerá-lo um pretendente em potencial para as filhas até que você dê à luz, e a não ser que seja uma menina. Uma coisa é se casar com o conde de Kilmartin. Outra é se casar com o seu primo pobre. E ninguém sabe qual dos dois ele haverá de ser.

– Michael não é pobre – rebateu Francesca, irritada. – Além do mais, ele jamais se casará enquanto estiver de luto por John.

– Não, eu suponho que não, mas espero que comece a procurar uma noiva – disse Janet. – Desejo tanto que ele seja feliz... E é claro que se ele for conde, vai

gerar um conde. De outra forma, o título irá para aquele tenebroso ramo Debenham da família.

Janet estremeceu diante da ideia.

– Michael fará o que tiver de fazer – disse Francesca, embora não estivesse tão certa disso.

Era difícil imaginá-lo se casando. Sempre fora difícil – Michael não era o tipo a manter-se fiel a mulher nenhuma por muito tempo –, mas agora a ideia simplesmente lhe causava estranheza. Durante anos ela tivera John, e Michael servira de companheiro para ambos. Será que toleraria vê-lo casado, com ela servindo de acompanhante para o casal? Seria o seu coração nobre o bastante para se alegrar por ele enquanto ela estava sozinha?

Esfregou os olhos. Sentia-se muito cansada e, na verdade, um pouco fraca. Um bom sinal, supunha; ouvira dizer que mulheres grávidas tendiam a se sentir mais cansadas do que o habitual. Olhou para Janet.

– Achou que vou subir e dormir um pouco.

– Excelente ideia – disse Janet, num tom de aprovação. – Precisa descansar.

Francesca fez que sim e se levantou, em seguida agarrou o braço da poltrona para se firmar, sentindo-se tonta.

– Não sei o que há de errado comigo – falou, dando um sorriso vacilante. – Estou me sentindo tão instável. Eu...

Ela se interrompeu ao perceber que a sogra tentava conter um grito.

– Janet? – falou Francesca, preocupada.

A mãe de John estava bastante pálida e levara uma das mãos, trêmula, aos lábios.

– O que foi? – perguntou Francesca, então se deu conta de que Janet não olhava para ela.

Olhava para a poltrona.

Com pavor crescente, Francesca olhou para baixo, forçando-se a encarar o assento do qual acabava de se levantar.

Ali, no meio da almofada, havia uma pequena mancha vermelha.

Sangue.

A vida teria sido mais fácil, pensou Michael, ironicamente, se ele fosse dado a bebedeiras. Se havia uma ocasião apropriada para exageros, para afogar as mágoas numa garrafa de bebida, era aquela.

Mas não, ele fora amaldiçoado com uma constituição robusta e a maravilhosa capacidade de beber bem, com dignidade e elegância. O que significava que se quisesse atingir qualquer grau de entorpecimento mental, teria de virar a garrafa inteira de uísque sentado à escrivaninha e depois ainda beber mais um pouco.

Olhou pela janela. Ainda não escurecera. Até mesmo ele, devasso libertino que tentava ser, não conseguia se levar a entornar uma garrafa inteira de uísque antes de o sol se pôr.

Michael tamborilou os dedos sobre a escrivaninha desejando saber o que fazer consigo mesmo. Fazia seis semanas que John tinha morrido, mas ele continuava vivendo em suas modestas acomodações no Albany. Não conseguia se obrigar a se mudar para a Casa Kilmartin. Era a residência do conde, um título que, com certeza, ele não teria pelos próximos seis meses.

Ou talvez nunca.

De acordo com o lorde Winston, cujos sermões ele, por fim, fora forçado a tolerar, o título ficaria em suspenso até que Francesca desse à luz. E se ela parisse um menino, Michael permaneceria na mesma posição de sempre, como primo do conde.

Mas não era a peculiar situação dele que o mantinha afastado. Sentiria-se reticente em se mudar para a Casa Kilmartin mesmo que Francesca não estivesse grávida. Ela ainda estava *lá.*

Ainda estava lá e ainda era a condessa de Kilmartin, e mesmo que ele fosse o conde, sem questão nenhuma pendendo em relação ao título, ela não seria a *sua* condessa e ele não sabia se toleraria uma ironia dessas.

Achou que o seu luto pudesse, talvez, sobrepujar seus sentimentos por ela, que finalmente fosse conseguir estar ao seu lado e não mais desejá-la Mas não: ainda perdia o fôlego cada vez que ela entrava num aposento, seu corpo se retesava cada vez que ela se aproximava e seu coração ainda padecia da dor de amá-la.

Só que, agora, tudo isso se revestia de uma dose extra de culpa – como se ele já não tivesse se sentido bastante culpado enquanto John era vivo. Ela estava

devastada, de luto, e ele deveria consolá-la, não desejá-la. Por Deus, o corpo de John mal esfriara na sepultura. Que tipo de monstro cobiçaria a sua esposa?

Sua esposa grávida.

Já estava seguindo os passos de John de tantas maneiras... Não haveria de completar a traição tomando o seu lugar junto a Francesca também.

Assim, mantinha-se afastado. Não completamente, já que isso teria sido muito óbvio e, além do mais, ele não conseguiria agir assim, com a mãe dele e a de John morando na Casa Kilmartin. Somado a isso, ainda havia o fato de todos contarem com ele para administrar os negócios do conde, embora o título não fosse ser seu por no mínimo mais seis meses.

Mas ainda assim ele se encarregara dessa função. Não ligava para os detalhes, não se importava com o fato de passar várias horas por dia cuidando de uma fortuna que talvez estivesse destinada a outra pessoa. Era o mínimo que podia fazer por John.

E por Francesca. Não conseguia ser um amigo para ela, não da forma que deveria, mas podia se certificar de que suas finanças estivessem em ordem.

Sabia, no entanto, que ela não compreendia. Com frequência ia vê-lo enquanto ele estava trabalhando no escritório de John na Casa Kilmartin, debruçado sobre relatórios de diversos administradores de terras e de advogados. Michael percebia que ela buscava a antiga amizade dos dois, mas ele simplesmente não conseguia revivê-la.

Que o chamassem de fraco, de superficial. Mas não conseguia ser seu amigo. Não ainda, pelo menos.

– Sr. Stirling?

Michael ergueu os olhos. Seu camareiro estava à porta, acompanhado de um lacaio vestido com o inconfundível uniforme verde e dourado da Casa Kilmartin.

– Uma mensagem para o senhor – disse o homem. – De sua mãe.

Michael estendeu a mão enquanto o lacaio atravessava o aposento, perguntando-se o que seria dessa vez. Ao que parecia, a mãe o convocava para que fosse à Casa Kilmartin dia sim, dia não.

– Ela disse que era urgente – acrescentou o criado, colocando o envelope na mão de Michael.

Urgente? Essa era nova. Michael ergueu o olhar para o lacaio e o camareiro, dispensando-os, e assim que se viu sozinho enfiou o abridor de cartas por baixo

da aba do envelope.

Venha rápido, Francesca perdeu o bebê, era só o que dizia.

Michael quase se matou para chegar à Casa Kilmartin rápido. Estava a cavalo, a toda a velocidade, ignorando os gritos dos pedestres zangados que quase atropelou em sua pressa.

Mas, agora que estava ali, de pé no corredor, não tinha a menor ideia do que fazer.

Um aborto espontâneo? Aquilo parecia ser uma coisa tão feminina... O que esperavam que ele fizesse? Era uma tragédia e ele se sentia péssimo por Francesca, mas o que achavam que ele diria? Por que o queriam ali?

Então Michael se deu conta. Era o conde, agora. Estava feito. Lenta, mas definitivamente, ele assumia a vida de John, preenchendo cada canto do mundo que um dia pertencera ao primo.

– Ah, Michael... – disse sua mãe, correndo até o corredor. – Estou tão contente por você estar aqui...

Ele a enlaçou com os braços, de forma desajeitada. Então disse algo completamente sem sentido, como “Mas que tragédia”, embora na maior parte do tempo tenha se limitado a ficar ali, sentindo-se tolo e deslocado.

– Como está ela? – perguntou finalmente, quando sua mãe deu um passo para trás.

– Em estado de choque. Chorando.

Ele engoliu em seco, com um desejo desesperado de afrouxar a gravata.

– Bem, é de esperar – falou. – Eu... eu...

– Ela parece não conseguir parar – interrompeu Helen.

– De chorar? – perguntou Michael.

Helen fez que sim.

– Não sei o que fazer – acrescentou.

Michael foi controlando a respiração de forma ritmada, lenta. Inspirando, expirando.

– Michael?

A mãe o olhava, aguardando uma resposta. Talvez esperando algum sinal de liderança.

Como se *ele* soubesse o que fazer.

– A mãe dela veio aqui – disse Helen, quando ficou evidente que Michael não se manifestaria. – Quer que Francesca volte para a Casa Bridgerton.

– E Francesca quer?

Helen deu de ombros, triste.

– Não creio que saiba. É tudo um choque tão grande...

– Sim – falou Michael, engolindo em seco outra vez. Não queria estar ali. Queria ir embora.

– De qualquer forma, o médico disse que não devemos deslocá-la por alguns dias – acrescentou Helen.

Ele assentiu.

– Naturalmente, mandamos chamar você.

Naturalmente? Não havia nada de natural naquilo. Ele nunca se sentira tão deslocado, tão sem saber o que dizer ou como agir.

– Você é um Kilmartin agora – disse a mãe, baixinho.

Ele assentiu outra vez. Uma única vez. Era toda a concordância que conseguia emitir.

– Preciso dizer que eu... – Helen se deteve, franzindo os lábios de maneira estranha, contraída. – Bem, qualquer mãe deseja o mundo para os filhos, mas eu não... eu jamais teria...

– Não diga isso – pediu Michael, com a voz rouca.

Não estava pronto para que ninguém observasse que aquilo era uma boa coisa. E, por Deus, se alguém lhe desse parabéns...

Bem, ele não se responsabilizaria pela violência com que reagiria.

– Ela chamou você – falou Helen.

– Francesca? – indagou ele, os olhos se arregalando diante da surpresa.

Sua mãe fez que sim.

– Ela disse que queria você.

– Não posso.

– Você precisa.

– Não posso. – Ele balançava a cabeça, o pânico tornando os seus movimentos rápidos demais. – Não posso ir lá dentro.

– Não pode abandoná-la.

– Ela nunca foi minha para que eu tivesse o poder de abandoná-la.

– Michael! – exclamou Helen. – Como pode dizer uma coisa dessas?

– Mãe – começou ele, tentando desesperadamente mudar o rumo da conversa –, ela precisa de uma mulher. O que *eu* posso fazer?

– Pode ser seu amigo – disse Helen, baixinho, e ele se sentiu outra vez com 8 anos, repreendido por uma transgressão impensada.

– Não – retrucou Michael, e a própria voz o deixou horrorizado.

Soava como um animal ferido e confuso. Embora houvesse uma coisa da qual ele tinha certeza: não podia vê-la. Não agora, ainda não.

– Michael – chamou a mãe.

– Não – disse ele mais uma vez. – Eu vou... Amanhã eu...

Então ele caminhou em direção à porta sem nada mais que um “Deseje a ela melhoras”.

E fugiu, como o covarde que era.

CAPÍTULO 4

... tenho certeza que não é digno de tanto drama. Não afirmo saber ou compreender o amor que existe entre marido e mulher, mas não pode ser tão grande que a perda de um destrua o outro. Você é mais forte do que imagina, irmã querida. Sobreviveria facilmente sem ele, por mais inútil que seja estarmos discutindo isso.

– de Eloise Bridgerton para a irmã, a condessa de Kilmartin, três semanas após o casamento de Francesca

Michael estava certo de que o mês que se seguiu foi o mais próximo do inferno que um ser humano podia experimentar.

A cada nova cerimônia, a cada novo documento que assinava como Kilmartin ou a cada “milorde” que era obrigado a tolerar, era como se o espírito de John estivesse sendo empurrado para mais e mais longe.

E logo, pensou Michael de forma impassível, seria como se ele jamais tivesse existido. Até mesmo o bebê – que deveria ter sido o último resquício de John Stirling sobre a terra – se fora.

E tudo o que fora de John pertencia, agora, a Michael.

Exceto Francesca.

E a intenção de Michael era manter as coisas dessa forma. Ele não iria – não, ele *não podia* – cometer esse último insulto ao primo.

Fora obrigado a vê-la, é claro, e lhe oferecera as melhores palavras de consolo que conseguira, mas o que quer que tivesse dito não havia sido a coisa certa, e ela apenas virara a cabeça e fitara a parede.

Ele não sabia o que dizer. Francamente, estava mais aliviado por ela não ter sofrido nenhum dano físico do que triste pela perda do bebê. As mães – a dele, a de John e a de Francesca – tinham lhe descrito o aborto em detalhes estarrecedores, e uma das criadas chegara a lhe mostrar os lençóis ensanguentados que alguém guardara para oferecer como prova de que Francesca perdera a criança.

O lorde Winston assentira em sinal de aprovação, mas então acrescentara que teria de manter a condessa sob observação apenas para se certificar de que o lençol pertencia mesmo a ela e que a barriga não continuaria a crescer. Aquela não seria a primeira vez que alguém tentasse burlar as leis sagradas da primogenitura, acrescentou.

Michael sentira vontade de atirar o homenzinho tagarela pela janela, mas, em vez disso, apenas lhe mostrara a porta da rua. Ao que parecia, não tinha mais energia para aquele nível de raiva.

Ele ainda não se mudara para a Casa Kilmartin. Não estava pronto para isso. Achava sufocante a ideia de morar ali com todas aquelas mulheres. Sabia que teria de fazê-lo em breve; era o que se esperava do conde. Mas, por ora, estava satisfeito em permanecer em seu pequeno apartamento.

Era onde se encontrava, evitando os seus deveres, quando Francesca finalmente veio à sua procura.

– Michael? – disse ela assim que o camareiro a conduziu à pequena sala de visitas.

– Francesca – falou Michael, perplexo pela aparição dela. Ela nunca estivera ali antes. Não enquanto John era vivo e, certamente, não depois. – O que está fazendo aqui?

– Queria vê-lo.

O que ficou subentendido foi: *Você está me evitando.*

Era verdade, é claro, mas tudo o que ele disse foi:

– Sente-se. – E, um pouco tarde: – Por favor.

Será que aquilo era impróprio? O fato de ela estar em seu apartamento? Ele não sabia ao certo. As circunstâncias da posição de ambos eram tão estranhas,

tão completamente incomuns, que ele não tinha a menor ideia das regras de etiqueta que deveriam norteá-las.

Ela se sentou e não fez nada além de remexer os dedos sobre a saia do vestido por um minuto inteiro, então ergueu a vista para ele, encarando-o com uma intensidade de partir o coração.

– Eu sinto a sua falta.

As paredes começaram a se fechar em torno dele.

– Francesca, eu...

– Você era meu amigo – disse ela, num tom acusatório. – Além de John, você era o meu amigo mais próximo, e eu já não o reconheço mais.

– Eu...

Ah, ele se sentia como um tolo, completamente impotente e vencido por um par de olhos azuis e uma montanha de culpa.

Culpa de quê, ele já nem mais sabia ao certo. Parecia vir de tantas fontes, de tantos lugares, que ele não conseguia mais acompanhá-la.

– O que há de errado com você? – perguntou ela. – Por que está me evitando?

– Não sei – confessou ele, uma vez que não poderia mentir para ela e dizer que não a estava evitando.

Francesca era inteligente demais para isso. Mas ele tampouco poderia lhe contar a verdade.

Os lábios dela tremeram e então ela mordeu o inferior. Ele apenas a fitou, incapaz de desviar os olhos daquela boca, odiando-se pela onda de desejo que o invadiu.

– Você deveria ser meu amigo também – sussurrou ela.

– Francesca, não faça isso.

– Eu precisei de você. Ainda preciso.

– Não, não precisa – contestou ele. – Você tem sua mãe, a minha, a de John, além de todas as suas irmãs.

– Não quero conversar com minhas irmãs – disse ela, a voz profunda. – Elas não entendem.

– Bem, *eu* certamente não entendo – devolveu ele, o desespero dando uma impaciência desagradável à sua voz.

Ela se limitou a encará-lo, a condenação colorindo seus olhos.

– Francesca, você... – Ele quis atirar os braços para cima, mas, em vez disso, se limitou a cruzá-los. – Você... você teve um *aborto.*

– Estou ciente disso – retrucou ela, irritada.

– E o que eu sei sobre essas coisas? Você precisa conversar com uma mulher.

– Você não pode dizer que sente muito?

– Mas eu *disse* que sentia muito!

– Não pode demonstrar sinceridade?

O que ela queria dele?

– Francesca, eu estava sendo sincero.

– É que eu estou com tanta raiva... – disse ela, elevando o tom de voz –, tão triste, e transtornada, e olho para você e não compreendo como pode *não* estar.

Por um instante, ele nem ao menos se mexeu.

– Jamais repita isso – sussurrou ele.

Os olhos dela luziram de raiva.

– Bem, você tem uma forma estranha de demonstrar. Não vai me ver, não fala comigo e não compreende...

– O que você quer que eu compreenda? – explodiu ele. – O que eu *posso* compreender? Pelo amor de... – Ele se deteve antes de proferir uma blasfêmia e se afastou dela, apoiando-se pesadamente no batente da janela.

Atrás dele, Francesca permaneceu sentada, em silêncio, imóvel como a morte. Então, por fim, disse:

– Não sei por que vim. Vou embora.

– Não vá – pediu ele, com a voz rouca.

Mas não se virou.

Ela não respondeu; não soube ao certo o que ele quis dizer.

– Você acabou de chegar – continuou Michael, a voz vacilante e desajeitada. – Deve tomar uma xícara de chá, pelo menos.

Francesca assentiu, embora ele ainda não tivesse se virado para ela.

Os dois permaneceram assim por vários minutos, até ela não aguentar mais o silêncio. Os ponteiros do relógio corriam e a única companhia dela eram as costas de Michael. A única coisa que ela podia fazer era ficar ali, sentada, se perguntando por que fora até a casa dele.

O que queria de Michael?

Sua vida seria bem mais fácil se soubesse.

– Michael – começou, pronunciando o nome dele antes mesmo de se dar conta.

Ele se virou. Nada disse, mas demonstrou com os olhos que a tinha ouvido.

– Eu... – Por que o chamara? O que queria? – Eu...

Ele permaneceu em silêncio. Limitou-se a ficar ali, à espera de que ela organizasse os pensamentos, o que tornava as coisas bem mais difíceis.

Então, para completo horror dela, as palavras transbordaram:

– Não sei o que devo fazer agora – falou, ouvindo a emoção embargar-lhe a voz. – Estou com tanta raiva, e...

Ela se deteve, arfante, tentando a todo custo conter as lágrimas.

Diante dela, Michael abriu a boca quase imperceptivelmente, mas não conseguiu dizer nada.

– Não sei por que isso está acontecendo – choramingou ela. – O que foi que eu fiz? O que eu posso ter feito?

– Nada – assegurou ele.

– Ele se foi para sempre, e eu estou tão... tão... – Ela ergueu a vista para olhá-lo, sentindo a dor e a raiva estamparem-se em seu rosto. – Não é justo. Não é justo que isso tenha acontecido comigo e não com outra pessoa, e não é justo que tivesse de acontecer com qualquer um, e não é justo que eu tenha perdido o...

Então ela engasgou e os ofegos se transformaram em soluços, e a única coisa que conseguiu fazer foi chorar.

– Francesca – disse Michael, ajoelhando-se a seus pés. – Eu sinto muito. Eu realmente sinto muito.

– Eu sei – falou ela, soluçando –, mas isso não melhora as coisas.

– Não – murmurou ele.

– E não torna as coisas justas.

– Não – repetiu ele.

– E não... E não...

Ele não tentou terminar a frase por ela. Francesca queria que o tivesse feito; por anos, desejou que houvesse feito isso, porque talvez dessa forma ele tivesse dito a coisa errada, e quem sabe ela não teria inclinado o corpo em sua direção e permitido que ele a abraçasse.

Mas, ah, Deus, como sentia falta de ser abraçada...

– Por que você sumiu? – chorava ela. – Por que não pode me ajudar?

– Eu quero... Você não... – Por fim, ele simplesmente falou: – Eu não sei o que dizer.

Ela estava pedindo muito dele. Sabia disso, mas não se importava. Estava tão cansada da solidão...

E naquele momento, por um instante que fosse, não estava sozinha. Michael estava ali abraçando-a e ela se sentiu acolhida e segura pela primeira vez em semanas. Simplesmente chorou. Derramou as lágrimas contidas durante todo aquele tempo. Chorou por John e pelo bebê que perdera.

Mas, acima de tudo, chorou por si mesma.

– Michael – disse ela, assim que se recuperou o suficiente para falar.

A voz continuava trêmula, mas conseguiu balbuciar o nome dele e sabia que teria de conseguir dizer mais.

– Sim?

– Não podemos continuar assim.

Sentiu algo nele mudar. O abraço ficou mais apertado – ou talvez menos apertado, mas, sem dúvida, diferente.

– Assim como? – indagou ele, a voz rouca e hesitante.

Ela deu um passo para trás de forma a fitá-lo, e ficou aliviada quando os braços dele a soltaram e ela não teve de se desvencilhar.

– Assim – repetiu ela, mesmo sabendo que ele não a compreendia. Ou, se compreendia, fingia o contrário. – Com você me ignorando.

– Francesca, eu...

– De certa forma, era para o bebê ter sido seu também – balbuciou ela.

Ele ficou pálido, extremamente pálido. Tanto que, por um instante, ela não conseguiu respirar.

– O que quer dizer com isso? – sussurrou Michael.

– Ele teria precisado de um pai – respondeu ela, dando de ombros, indefesa. – Eu... Você... Precisaria ter sido você.

– Você tem irmãos – disse ele, engasgando.

– Não conheciam John. Não como você.

Ele deu um passo para trás, parou e então, como se ainda não fosse o bastante, se afastou o máximo possível indo até a janela. Os olhos se acenderam discretamente e, por um instante, ela pôde jurar que ele lembrava um animal preso, encurralado e amedrontado, esperando a morte.

– Por que está me dizendo isso? – indagou ele, a voz inexpressiva e grave.

– Não sei.

Mas ela sabia, sim. Queria que ele sofresse como ela. Queria que ele sentisse toda a dor que ela estava sentindo. Não era justo, não era agradável, mas não podia evitar, e tampouco tinha a necessidade de se desculpar por isso.

– Francesca – começou ele, e seu tom era estranho, oco e áspero, como nada que ela ouvira na vida.

Ela moveu a cabeça lentamente a fim de olhar para ele, temendo o que talvez visse em seu rosto.

– Eu não sou John – disse Michael.

– Eu sei.

– Eu não sou John – repetiu ele, mais alto, e ela se perguntou se ele a teria ouvido.

– Eu sei.

Ele estreitou os olhos e a encarou com perigosa intensidade.

– O bebê não era meu, e eu não posso ser o que você precisa.

Dentro dela, algo começou a morrer.

– Michael, eu...

– Eu não vou tomar o lugar dele – afirmou ele.

Não estava gritando, embora parecesse que talvez quisesse fazer isso.

– Não, você não poderia. Você...

Então, num surpreendente lampejo de ação, ele estava ao lado dela, agarrando os seus ombros e colocando-a de pé.

– Eu não hei de fazê-lo – gritou, sacudindo-a para em seguida mantê-la imóvel e então sacudi-la outra vez. – Não posso ser ele. Não vou ser ele.

Francesca não conseguia falar, não conseguia formar as palavras, não sabia o que fazer.

Não sabia quem ele era.

Ele parou de sacudi-la, mas enterrou os dedos em seus ombros enquanto a fitava, os olhos queimando com uma expressão terrível e triste.

– Não pode me pedir isso – arfou ele. – Não posso fazê-lo.

– Michael? – sussurrou ela, ouvindo algo de pavoroso na própria voz. Medo. – Michael, por favor, me solte.

Ele não a soltou, mas ela não sabia nem se ele a ouvira. Tinha os olhos perdidos e parecia estar num lugar distante, inalcançável.

– Michael! – repetiu ela, a voz mais alta, em pânico.

Então, abruptamente, ele fez o que Francesca pediu, cambaleando para trás, o rosto mostrando a aversão que sentia por si mesmo naquele momento.

– Sinto muito – sussurrou ele, fitando as mãos como se fossem corpos estranhos. – Sinto muito.

Francesca foi se aproximando da porta.

– É melhor eu ir – disse.

Ele assentiu.

– Sim.

– Eu acho... – Ela parou, perdendo a fala enquanto pousava a mão na maçaneta, agarrando-a como se fosse a sua salvação. – É melhor não nos vermos por algum tempo.

Ele assentiu.

– Talvez... – começou Francesca, mas não foi em frente.

Não sabia o que dizer. Se compreendesse o que acabara de acontecer entre os dois, talvez tivesse encontrado as palavras, mas por ora estava confusa e amedrontada demais para decifrar aquilo tudo.

Amedrontada por quê? Ela certamente não tinha medo *dele*. Michael jamais a machucaria. Daria a vida por ela, se preciso fosse. Não tinha a menor dúvida disso.

Talvez ela só tivesse medo do futuro. Perdera tudo e agora, ao que parecia, perdera Michael também. Simplesmente não sabia como poderia suportar aquilo tudo.

– Estou indo – disse ela, dando a ele uma última chance de detê-la, de dizer alguma coisa, qualquer coisa que fizesse tudo aquilo desaparecer.

Mas ele não fez nada. Nem mesmo assentiu. Limitou-se a fitá-la, os olhos silenciosos em sua concordância.

Então Francesca se foi. Passou pela porta e se foi. Entrou na carruagem e tomou o caminho de casa.

Ao chegar, ela não disse uma palavra a ninguém. Subiu as escadas e foi se deitar.

Mas não chorou. Ficou pensando que deveria fazer isso, que talvez precisasse.

Mas a única coisa que fez foi fitar o teto.

O teto, pelo menos, não se incomodava com o seu olhar.

Em seu apartamento no Albany, Michael pegou a garrafa de uísque e se serviu de uma grande dose, embora o relógio indicasse que ainda não era sequer meio-dia.

Aquele era o ponto mais baixo da sua vida, isso estava claro.

Mas, por mais que tentasse, não conseguia pensar no que mais poderia ter feito. Não *queria* tê-la magoado. Não fora algo pensado e decidido. *Ah, sim, acho que vou agir como um asno*. No entanto, apesar de seus atos terem sido rápidos e impensados, não conseguia imaginar como poderia ter agido de outra forma.

Ele se conhecia. Nem sempre – e atualmente quase nunca – gostava muito de si mesmo, mas se conhecia. E quando Francesca se virara para ele com aqueles insondáveis olhos azuis e dissera "De certa forma, era para o bebê ter sido seu também", ela o estilhaçara até a alma.

Ela não sabia.

Não tinha a menor ideia.

E, enquanto Francesca ignorasse o que ele sentia por ela, enquanto continuasse sem entender por que ele não tinha escolha senão se odiar por cada passo que desse seguindo o caminho de John, Michael não poderia ficar perto dela. Porque ela continuaria dizendo coisas como aquelas.

E ele simplesmente não sabia quanto conseguiria tolerar.

E assim, de pé em seu escritório, com o corpo rijo de infelicidade e culpa, ele se deu conta de duas coisas.

A primeira era fácil. O uísque não estava diminuindo nem um pouco a sua dor, e se um uísque de 25 anos vindo direto de Speyside não fazia com que se sentisse melhor, nada nas Ilhas Britânicas haveria de fazê-lo.

O que o levava à segunda coisa, que não era nada fácil. Mas seria necessária. Quase nunca as escolhas em sua vida haviam sido tão claras. Aquela era dolorosa, mas inegavelmente clara.

Michael pousou o copo, ainda com dois dedos do líquido âmbar em seu interior, sobre a escrivaninha e foi até o quarto.

– Reivers – disse, ao encontrar o camareiro ao lado do guarda-roupa, dobrando cuidadosamente uma gravata –, o que acha da Índia?

PARTE 2

Março, 1824
Quatro anos depois

CAPÍTULO 5

... você gostaria daqui. Acho que não iria apreciar o calor; ninguém parece gostar disso. Mas o resto a encantaria. As cores, os temperos, o aroma no ar são capazes de nos cercar em uma névoa estranha e sensual que pode ser, dependendo do momento, inquietante e inebriante. Acima de tudo, acho que adoraria os jardins. São bastante parecidos com os parques londrinos, mas muito mais verdes, luxuriantes e repletos das flores mais impressionantes que já se viu. Você sempre gostou de estar cercada pela natureza; iria adorar isto aqui, tenho certeza.

– de Michael Stirling (o novo conde de Kilmartin) para a condessa de Kilmartin, um mês após a sua chegada à Índia

Francesca queria um bebê.

Já queria havia algum tempo, mas só alguns meses antes fora capaz de admiti-lo para si mesma, de enfim colocar em palavras o desejo que parecia acompanhá-la aonde quer que fosse.

Começara de forma inocente, com uma pequena pontada no coração, após ler uma carta que Kate, esposa do irmão, lhe enviara, contando várias novidades sobre sua filhinha, Charlotte, prestes a fazer 2 anos e já incorrigível.

Mas a pontada crescera e se transformara em algo mais próximo à dor quando a irmã, Daphne, chegara à Escócia para uma visita com os quatro filhos a reboque. Não ocorrera a Francesca como uma penca de crianças podia

transformar um lar por completo. Os pequenos Hastings haviam alterado a verdadeira essência de Kilmartin, preenchendo-a com vida e alegria que, Francesca se deu conta, infelizmente estavam ausentes havia anos.

Então, quando eles se foram, o silêncio reinou, mas não a paz.

Apenas o vazio.

Daquele momento em diante, Francesca ficou diferente. Via uma ama-seca empurrando um carrinho de bebê e seu coração doía. Observava um coelho atravessando saltitante o jardim e não podia deixar de pensar que devia estar mostrando o animalzinho para outra pessoa, para uma criança. Viajou para Kent a fim de passar o Natal com a família, mas quando a noite caía e todos os sobrinhos estavam na cama, sentia-se só.

Só conseguia pensar que a vida a estava deixando para trás e que se não fizesse algo logo, morreria daquela forma.

Sozinha.

Não infeliz – não era infeliz. Por mais estranho que fosse, acostumara-se à viuvez, encontrara um padrão confortável e satisfatório para a sua vida. Era algo que jamais teria imaginado possível durante os terríveis meses que se seguiram à morte de John, mas conseguira encontrar um lugar para si no mundo. E, com isso, alcançara alguma paz.

Gostava de sua vida como condessa de Kilmartin – Michael não se casara, portanto ela conservara os deveres e o título. Adorava Kilmartin e administrava a propriedade sem a menor interferência do novo conde; a instrução dele ao deixar o país, quatro anos antes, fora que ela deveria cuidar do condado da forma que lhe conviesse, e, uma vez passado o choque de sua partida, Francesca se dera conta de que aquele havia sido o maior presente que ele poderia ter lhe dado.

Aquilo lhe dera algo para fazer, algo pelo qual trabalhar.

Um motivo para deixar de olhar para o teto.

Tinha amigos e família, tanto Stirlings quanto Bridgertons, e levava uma vida plena na Escócia e em Londres, onde passava vários meses ao ano.

De maneira que deveria ser feliz. E era, em grande parte.

Só queria um bebê.

Levara algum tempo para admitir isso a si mesma. Era um desejo que lhe parecia um tanto desleal para com John; o bebê não seria dele, afinal, e, mesmo

agora, quatro anos após sua morte, era difícil imaginar uma criança sem os traços dele no rostinho.

Além de isso significar que precisaria se casar de novo. Teria de mudar de nome e jurar ser fiel a outro homem, prometer amá-lo e ser-lhe leal, e, embora pensar nisso já não lhe causasse sofrimento, bem... era... estranho.

Mas ela supunha haver certas coisas na vida que uma mulher simplesmente precisava superar. Então, num dia frio de fevereiro, enquanto olhava pela janela de Kilmartin e observava a neve envolver aos poucos os galhos das árvores como em um manto, Francesca se deu conta de que aquela era uma delas.

Havia muitos sentimentos a temer na vida, mas a estranheza não deveria ser um deles.

Assim, decidiu fazer as malas e viajar para Londres um pouco mais cedo naquele ano. Costumava passar a temporada na cidade, durante a qual saía com a família, fazia compras, frequentava saraus e ia a peças de teatro – em resumo, fazia tudo o que não podia fazer no interior da Escócia. Mas aquela temporada seria diferente. Para início de conversa, precisava de um novo guarda-roupa. Já deixara o luto havia algum tempo, mas ainda não tinha se livrado dos tons de cinza e lilás do meio-luto e não dera a devida atenção à moda que uma mulher de sua posição deveria dar.

Chegara a hora de usar azul. Um brilhante e belo azul-centáurea. Tinha sido sua cor favorita anos antes, e ela fora vaidosa o bastante para usá-la esperando que as pessoas comentassem quanto combinava com os seus olhos.

Ela compraria vestidos azuis e, sim, rosa e amarelos também, e talvez – algo em seu coração estremeceu diante da ideia – carmim.

Agora não era mais uma mulher solteira. Era uma viúva que podia ser considerada um bom partido e, portanto, as regras eram diferentes.

Embora as aspirações fossem as mesmas.

Estava a caminho de Londres para encontrar um marido.

∽

Já fazia muito tempo.

Michael sabia que já passara da hora de voltar à Grã-Bretanha, mas acabara protelando a decisão sem a menor dificuldade. Segundo as cartas da mãe, que

lhe escrevia com impressionante regularidade, o condado prosperava sob a administração de Francesca. Ele não tinha dependentes que pudessem acusá-lo de negligência e, ao que parecia, todos os que havia deixado para trás estavam melhor na sua ausência do que quando ele se encontrava por perto.

Assim, não havia por que se sentir culpado.

Mas um homem não podia fugir do destino por muito tempo, e, ao completar seu terceiro ano nos trópicos, tinha de admitir que a novidade de uma vida exótica se desgastara e, para ser completamente franco, estava ficando um tanto cansado do clima. A Índia lhe dera um objetivo, uma vida além das duas coisas nas quais sempre se destacara: guerrear e se divertir. Embarcara num navio sem levar nada além do nome de um amigo que fazia parte do exército e que se mudara para Madras três anos antes. No espaço de um mês, obteve uma posição no governo e se viu tomando decisões importantes, implementando leis e políticas que, de fato, mudavam a vida das pessoas.

Pela primeira vez, Michael compreendeu por que John fora tão apaixonado por seu trabalho no Parlamento Britânico.

Mas a Índia não o fizera feliz. Dera-lhe alguma paz, o que parecia um tanto paradoxal, considerando que nos últimos anos ele quase morrera três vezes, ou quatro, se contasse o incidente com uma princesa indiana de faca em punho. Michael ainda afirmava que poderia tê-la desarmado sem se machucar, embora tivesse de admitir que a moça trazia uma luz homicida no olhar; desde então, aprendera que jamais se deve subestimar uma mulher que acredita ter sido – por mais enganada que esteja – desprezada.

Deixando de lado os episódios que colocaram sua vida em risco, o tempo passado na Índia lhe proporcionara certo equilíbrio. Ele enfim fizera alguma coisa por si mesmo, finalmente fizera algo *de si*.

Mas, acima de tudo, a Índia lhe dera paz porque não precisara viver com a consciência de que Francesca se encontrava a apenas uma esquina de distância.

A vida não era necessariamente melhor com milhares de quilômetros entre ele e Francesca, mas, sem dúvida, era mais fácil.

Já passara da hora, no entanto, de enfrentar as dificuldades da proximidade dela, assim, Michael juntou seus pertences, informou o camareiro – que se viu bastante aliviado – de que voltariam para a Inglaterra, reservou uma luxuosa suíte a bordo do *Princess Amelia* e zarpou para casa.

Teria de enfrentá-la, isso estava claro. Não haveria escapatória. Teria de encarar aqueles olhos azuis que o haviam assombrado de forma implacável e tentar ser seu amigo. Fora a única coisa que ela quisera durante os tenebrosos dias que se seguiram à morte de John e fora a única coisa que ele não tinha sido capaz de fazer por ela.

Mas talvez agora, depois de tanto tempo e do poder curativo da distância, ele conseguisse. Não era estúpido a ponto de esperar que ela tivesse mudado, de achar que, ao revê-la, descobriria que não a amava mais – *isso* Michael tinha certeza que jamais aconteceria. Mas ele enfim se acostumara a ouvir a expressão "conde de Kilmartin" sem olhar por cima do ombro à procura do primo. Então, talvez agora, com a dor um pouco mais distante, pudesse estar ao lado de Francesca como amigo, sem a sensação de ser um ladrão planejando roubar aquilo que cobiçara por tanto tempo.

Também esperava que ela tivesse prosseguido com a própria vida e não lhe pedisse que cumprisse os deveres de John de todas as formas exceto uma.

De qualquer modo, estava satisfeito por seu desembarque em Londres estar previsto para março, cedo demais para Francesca já ter chegado para a temporada.

Era um homem corajoso; provara isso diversas vezes, dentro e fora do campo de batalha. Mas também era sincero o bastante para admitir que a perspectiva de se ver diante dela era apavorante, como nenhum campo de guerra francês ou tigre faminto jamais seriam.

Quem sabe, se tivesse sorte, ela decidiria não ir para Londres naquela temporada.

Que dádiva seria.

Estava escuro e ela não conseguia dormir. A casa estava terrivelmente fria, e o pior de tudo era que a culpa era toda sua.

Ora, é claro que não com relação à escuridão. Não podia se culpar por isso. A noite era a noite, afinal, e ela não tinha controle sobre o pôr do sol. Mas era, sim, culpada pelo fato de a criadagem não ter se preparado para a sua chegada. Esquecera de mandar avisar que planejava estar em Londres um mês antes do

usual, e, como resultado, a Casa Kilmartin ainda estava funcionando com uma equipe mínima e o estoque de carvão e de velas de cera de abelha estava perigosamente baixo.

Tudo ficaria melhor no dia seguinte, depois que a governanta e o mordomo fossem às pressas até as lojas de Bond Street, mas, por ora, Francesca estava batendo queixo na cama. Fora um dia terrivelmente frio, com um vento ruidoso que o tornara ainda mais frio do que seria o normal para o início de março. A governanta tentara transferir todo o carvão disponível para a lareira de Francesca, mas, condessa ou não, ela não podia permitir que os outros cômodos da casa congelassem por sua causa. Além do mais, o quarto dela era imenso e sempre fora difícil aquecê-lo de forma adequada a não ser que o resto da casa estivesse igualmente quente.

A biblioteca. Era isso. Era pequena e aconchegante, e, se Francesca fechasse a porta, a lareira acesa manteria o aposento agradável e aquecido. Sem contar que havia um divã no qual ela poderia se deitar. Era diminuto, mas, pensando bem, ela também o era, e não podia ser pior do que morrer congelada no próprio quarto.

Tomada a decisão, Francesca saltou da cama e atravessou o ar frio para apanhar o robe que se encontrava atirado por cima do espaldar de uma cadeira. Não era quente o bastante – ela não pensara que pudesse precisar de algo mais pesado –, mas era melhor do que nada e ela não podia se dar ao luxo de ser seletiva demais, sobretudo com os dedos dos pés congelando de tão frios.

Correu escada abaixo, as pesadas meias de lã escorregando nos degraus encerados. Tropeçou nos dois últimos e, felizmente, aterrissou de pé e continuou correndo pela passadeira até a biblioteca.

– Fogo, fogo, fogo – foi resmungando para si mesma.

Tocaria a campainha para chamar alguém tão logo chegasse à biblioteca. Acenderiam a lareira para ela imediatamente. Francesca voltaria a sentir o nariz, as pontas dos dedos perderiam o doentio tom azul e...

Ela empurrou a porta.

Um grito breve, seco, escapou dos seus lábios. A lareira já estava acesa e havia um homem de pé diante do fogo, aquecendo as mãos preguiçosamente.

Francesca tateou em busca de alguma coisa – qualquer coisa – que talvez pudesse usar como arma.

Então ele se virou.

– *Michael?*

Não sabia que ela estaria em Londres. Droga, nem mesmo lhe passara pela cabeça que isso pudesse acontecer. Não que tivesse feito qualquer diferença, mas pelo menos teria se preparado. Poderia ter se obrigado a dar um sorriso lento ou ao menos se certificar de que estaria vestido de forma impecável, integralmente imerso no papel de devasso irrecuperável.

Engoliu em seco. Não olhe. *Não* olhe.

– Michael? – sussurrou ela outra vez.

– Francesca – falou, já que precisava dizer alguma coisa. – O que está fazendo aqui?

Isso pareceu impeli-la a pensar e agir.

– O que *eu* estou fazendo aqui? – ecoou ela. – Não sou eu quem deveria estar na Índia. O que *você* está fazendo aqui?

Ele deu de ombros de forma um tanto indiferente.

– Achei que tinha chegado a hora de voltar para casa.

– Não podia ter escrito?

– Para você? – indagou ele, arqueando uma das sobrancelhas.

Foi, e era mesmo para ser, uma alfinetada. Ela não lhe escrevera uma única carta durante a viagem. Ele lhe enviara três correspondências, mas uma vez que ficara óbvio que ela não pretendia lhe responder, ele passou a escrever apenas para a mãe e para a mãe de John.

– Para qualquer um – retrucou ela. – Alguém teria estado aqui para recebê-lo.

– Você está aqui – observou ele.

Ela fechou o rosto ao olhá-lo.

– Se soubéssemos que estava a caminho, teríamos preparado a casa para você.

Ele deu de ombros mais uma vez. O ato parecia comunicar o sentimento que Michael precisava tão desesperadamente deixar claro.

– Está preparada o suficiente.

Ela envolveu o corpo com os braços, na verdade escondendo os seios, o que, Michael precisava concordar, provavelmente era o melhor a ser feito.

– Bem, você poderia ter escrito – disse ela por fim, a voz pairando áspera no ar. – Teria sido, no mínimo, cortês.

– Francesca – começou ele, virando-se ligeiramente para longe dela de maneira a continuar a esfregar as mãos diante do fogo –, tem alguma ideia de quanto tempo leva para uma carta chegar a Londres vinda da Índia?

– Cinco meses – respondeu ela de pronto. – Quatro se os ventos forem generosos.

Droga, ela estava certa.

– Seja lá o tempo que for – retrucou ele, irritado –, uma vez que decidi voltar, fazia pouco sentido tentar avisar com antecedência. A carta teria vindo no mesmo navio que eu.

– É mesmo? Achei que as embarcações de passageiros fossem mais lentas do que as que carregam as correspondências.

Ele deixou escapar um suspiro, olhando para ela por cima do ombro.

– Todas carregam correspondências. Além do mais, isso tem realmente alguma importância?

Por um instante, ele achou que ela responderia que sim, mas então Francesca disse, baixinho:

– É claro que não. O importante é que está em casa. Sua mãe ficará exultante.

Ele se virou de maneira que ela não pudesse ver seu sorriso completamente sem humor.

– Sim – murmurou –, é claro.

– E eu... – Ela se deteve e pigarreou. – Eu também estou feliz em tê-lo de volta.

Ela soou como se tentasse convencer a si mesma disso, mas Michael decidiu ser cavalheiro uma vez na vida e não chamar a atenção dela para esse fato.

– Está com frio? – perguntou.

– Não muito – disse ela.

– Está mentindo.

– Só um pouco.

Ele deu um passo para o lado, abrindo espaço para ela em frente à lareira. Quando não a ouviu se aproximar, fez um gesto com a mão em direção ao espaço vazio.

– É melhor eu voltar para o meu quarto – disse ela.

– Pelo amor de Deus, Francesca, se está com frio, venha para perto do fogo. Eu não mordo.

Ela rangeu os dentes e deu um passo à frente, juntando-se a ele em frente às chamas. Mas manteve-se um pouco para o lado, guardando alguma distância entre os dois.

– Você está ótimo – comentou ela.

– Você também.

– Faz tanto tempo...

– Eu sei. Uns quatro anos, acho.

Francesca engoliu em seco, desejando que aquilo não fosse tão difícil. Ora, pelo amor de Deus, aquele era Michael. Não era para ser difícil. Era verdade que haviam tido uma despedida ruim, mas isso fora nos terríveis dias logo após a morte de John. Na época, todos estavam sofrendo muito, e eram como feras feridas atacando qualquer um que se colocasse em seu caminho. Era para ser diferente agora. Deus sabia que ela pensara bastante naquele reencontro. Michael não podia ficar longe para sempre, todos sabiam disso. Mas, uma vez que a sua raiva inicial passara, Francesca esperara que quando ele voltasse os dois pudessem esquecer qualquer coisa desagradável que tivesse ocorrido entre eles.

E que voltassem a ser amigos. Ela precisava disso, mais do que jamais se dera conta.

– Tem planos? – perguntou, em grande parte porque o silêncio estava insuportável.

– Por enquanto, só consigo pensar em me aquecer – murmurou ele.

Ela sorriu involuntariamente.

– Está *mesmo* bastante frio para esta época do ano.

– Eu havia esquecido como pode ser terrivelmente frio aqui – resmungou ele, esfregando as mãos uma na outra.

– Seria de supor que você jamais conseguiria escapar à lembrança de um inverno britânico – murmurou Francesca.

Ele se virou para ela, então, com um sorriso irônico no canto dos lábios. Michael estava mudado. Sim, havia as diferenças óbvias – aquelas que todos notariam. Estava bronzeadíssimo e os cabelos, sempre negros como a meia-noite, agora revelavam algumas mechas prateadas.

Mas havia mais. A boca estava diferente, com traços mais rijos, se é que isso fazia sentido, e a graça fluida e esguia parecia ter desaparecido. Ele sempre lhe parecera tão relaxado, tão à vontade consigo mesmo, mas agora estava tão... tenso.

– Seria de supor – murmurou ele. Francesca o olhou com o rosto inexpressivo, já tendo esquecido ao que ele estava respondendo até que Michael acrescentou: – que eu teria voltado para casa por não tolerar mais o calor e agora cá estou, prestes a morrer de frio.

– Logo chegará a primavera – comentou ela.

– Ah, sim, a primavera. Com seus ventos apenas frios, em vez dos vendavais congelantes do inverno.

Ela riu ao ouvir isso, muito satisfeita por ter algo do que rir na presença dele.

– A casa estará melhor amanhã – disse. – Eu só cheguei hoje à noite e, como você, sem avisar. A Sra. Parrish me garantiu que o estoque estará completo amanhã.

Ele fez que sim e se virou, para aquecer as costas.

– O que está fazendo aqui?

– Eu?

Em resposta, ele fez um gesto indicando o aposento vazio.

– Eu moro aqui – disse ela.

– Mas só costuma chegar em abril.

– Você sabe disso?

Por um instante ele lhe pareceu quase encabulado.

– As cartas de minha mãe são cheias de detalhes – revelou Michael.

Ela deu de ombros e se aproximou um pouco mais do fogo. Não devia ficar tão perto dele, mas ainda estava sentindo muito frio e o robe, fino demais, quase não a protegia da friagem.

– Isso foi uma resposta? – perguntou ele.

– Vim mais cedo porque me deu vontade – respondeu ela, insolente. – Isso não é prerrogativa de uma dama?

Ele se virou outra vez, presumivelmente para esquentar a lateral do corpo, ficando então de frente para ela.

E lhe pareceu próximo demais.

Ela se afastou um pouco – apenas alguns centímetros; não queria que ele soubesse que ficara desconfortável com a sua proximidade.

Tampouco queria admitir isso para si mesma.

– Pensei que fosse prerrogativa de uma dama mudar de ideia – comentou ele.

– É prerrogativa de uma dama fazer o que bem entender – devolveu Francesca, atrevida.

– *Touché* – murmurou Michael. Olhou para ela outra vez, agora com mais atenção. – Você não mudou nada.

Francesca entreabriu os lábios.

– Como pode dizer isso?

– Porque está igual à lembrança que tenho de você. – Então, maliciosamente, fez um gesto em direção à reveladora camisola. – Sem contar as vestimentas, é claro.

Ela conteve um grito e deu um passo para trás, abraçando o corpo ainda mais.

Fora um pouco ridículo da parte dele, mas ficou bastante satisfeito por tê-la ofendido. Achara necessário fazê-la dar um passo para trás, afastando-se do seu alcance. *Ela* teria de impor os limites.

Porque ele não estava certo de que seria capaz de fazer isso.

Ele mentira ao dizer que ela não tinha mudado. Havia algo diferente em Francesca, algo completamente inesperado.

Algo que o abalou até a alma.

Era apenas uma impressão, mas nem por isso menos devastadora. Ele experimentou a sensação de que Francesca estava disponível, foi tomado por uma terrível e tortuosa noção de que John realmente se fora e que a única coisa que impedia Michael de estender a mão e tocá-la era a própria consciência.

Era quase engraçado.

Quase.

E lá estava ela, ainda sem a menor noção dos sentimentos dele, ainda completamente alheia à ideia de que o homem que se encontrava a seu lado não

queria nada além de despir cada camada de seda de seu corpo e deitá-la diante do fogo. Queria apenas afastar as suas coxas, mergulhar entre elas e...

Ele riu sombriamente. Ao que parecia, quatro anos haviam feito pouca coisa para esfriar o seu ardor inoportuno.

– Michael?

Ele a olhou.

– O que há de tão engraçado?

A pergunta dela, isso, sim.

– Você não compreenderia.

– Tente explicar.

– Ah, eu acho melhor não.

– Michael.

Ele se virou para ela e disse, com frieza deliberada:

– Francesca, há coisas que você jamais compreenderá.

Os lábios dela se entreabriram e, por um instante, ela pareceu ter levado um golpe.

E ele se sentiu tão mal como se o tivesse dado.

– Que coisa mais horrível de dizer – sussurrou ela.

Ele deu de ombros.

– Você mudou – acrescentou ela.

O mais triste era que isso não era verdade. Pelo menos não de uma forma que teria tornado a vida mais fácil de tolerar. Ele deixou escapar um suspiro, odiando-se por não suportar o ódio dela.

– Desculpe – disse ele, passando a mão pelos cabelos. – Estou cansado, com frio, e sou um asno.

Ela sorriu ao ouvir aquilo e, por um instante, foram transportados no tempo.

– Está tudo bem – disse ela, afavelmente, tocando-lhe o braço. – Você fez uma longa viagem.

Ele suspirou. Ela costumava fazer aquilo o tempo todo – tocar-lhe o braço num gesto de amizade. Jamais em público, é claro, e raramente até quando estavam só os dois. John estava sempre junto. E aquilo sempre – *sempre* – abalara Michael.

Mas nunca tanto quanto agora.

– Preciso me deitar – murmurou ele.

Costumava ser um mestre em disfarçar o desconforto, mas não estava preparado para vê-la naquela noite e, além disso, sentia-se mesmo cansado.

Ela recolheu a mão.

– Não há nenhum quarto pronto para você. Fique com o meu. Eu durmo aqui.

– Não – disse ele, com mais vigor do que pretendia. – Eu durmo aqui ou... mas que diabo – resmungou, atravessando o aposento para tocar a campainha.

Qual era a vantagem de ser o maldito conde de Kilmartin se não podia ter um quarto preparado para ele a qualquer hora da noite?

Além do mais, tocar a campainha significava que um empregado chegaria dali a instantes, o que queria dizer que ele não estaria mais sozinho com Francesca.

Não que nunca tivessem ficado sozinhos antes, mas nunca à noite, e nunca com ela de camisola, e...

Ele tocou a campainha de novo.

– Michael – disse ela, soando quase divertida. – Tenho certeza que o escutaram da primeira vez.

– Sim, bem, é que foi um longo dia – comentou ele. – Pegamos uma tempestade no canal e tudo o mais.

– Vai ter de me contar tudo sobre suas viagens – disse Francesca com delicadeza.

Michael olhou para ela, erguendo uma sobrancelha.

– Eu poderia ter-lhe escrito a respeito.

Ela franziu os lábios por um instante. Era uma expressão que ele vira inúmeras vezes em seu rosto. Estava escolhendo as palavras, decidindo se iria ou não espetá-lo com a lança de sua lendária ironia.

Aparentemente, decidiu que não, pois disse apenas:

– Fiquei bastante aborrecida com você por ter partido.

Ele respirou fundo. Só mesmo Francesca para escolher a sinceridade nua e crua em vez uma réplica mordaz.

– Sinto muito – disse ele, e estava sendo sincero, mas ainda assim não teria agido de outra forma.

Precisara partir. Talvez isso quisesse dizer que era um covarde; talvez fosse um homem menor. Mas naquela ocasião não estava pronto para ser o conde. Não

era John, jamais poderia ser John. E aquilo era a única coisa que todos pareciam desejar dele.

Até mesmo Francesca, daquela forma um tanto parcial.

Olhou para ela. Estava quase certo de que ela continuava sem compreender por que ele havia partido. Provavelmente achava que entendia, mas como poderia? Não sabia que ele a amava, não havia como entender a culpa que ele sentia em assumir a vida de John.

Mas nada disso era culpa dela. E, ao olhar para ela, frágil e orgulhosa enquanto fitava o fogo, ele repetiu:

– Sinto muito.

Ela aceitou o pedido de desculpas com um sutil um aceno da cabeça.

– Eu devia ter lhe escrito – disse ela. Virou-se então para fitá-lo, os olhos cheios de tristeza e talvez de uma insinuação de seu próprio pedido de desculpas. – Mas a verdade é que eu simplesmente não senti vontade. Pensar em você me fazia lembrar de John, e eu achei que era melhor não pensar demais nele naquela época.

Michael não fingiu compreender, mas ainda assim assentiu.

Ela sorriu, melancólica.

– Nós três nos divertíamos tanto, não é?

Michael assentiu outra vez.

– Eu sinto a falta dele – falou, surpreendendo-se com quanto era bom dar voz àquele sentimento.

– Sempre achei que seria tão bom quando você finalmente se casasse – acrescentou Francesca. – Você escolheria uma mulher brilhante e divertida, tenho certeza. E teríamos nos divertido muito, nós quatro.

Michael tossiu. Aquilo lhe pareceu a melhor coisa a fazer.

Ela olhou para ele, despertando de seu devaneio.

– Está se resfriando?

– Provavelmente. Até sábado estarei à beira da morte, pode ter certeza.

Ela arqueou uma sobrancelha.

– Espero que não ache que eu vou cuidar de você.

Era só a abertura que ele precisava para adotar a postura sarcástica com a qual se sentia tão confortável.

– Não será preciso – falou, com um aceno da mão. – Não devo levar mais do que três dias para atrair um séquito de mulheres inadequadas para cuidarem de todas as minhas necessidades.

Francesca franziu os lábios de leve, ainda que se mostrasse claramente divertida.

– O mesmo de sempre, pelo visto.

Ele deu um sorriso apoiado no canto da boca.

– Na verdade, ninguém jamais muda, Francesca.

Ela inclinou a cabeça para o lado, indicando o corredor, onde podia-se ouvir alguém vindo com passos rápidos. O lacaio chegou e Francesca cuidou de tudo, enquanto Michael continuou em frente ao fogo com uma postura vagamente imperial, acenando a sua concordância.

– Boa noite, Michael – disse ela assim que o lacaio saiu para cumprir suas ordens.

– Boa noite, Francesca – retrucou ele, baixinho.

– É bom vê-lo outra vez – falou ela. Então, como se precisasse convencer um dos dois, e ele não sabia ao certo qual, de que isso era verdade, ela acrescentou: – Muito bom.

CAPÍTULO 6

... Sinto muito por não ter escrito. Não, não é verdade. Eu não sinto. Não tenho vontade de escrever. Não tenho vontade de pensar em...

– da condessa de Kilmartin para o novo conde de Kilmartin, um dia após o recebimento de sua primeira correspondência, rasgada em pedacinhos, então encharcada em lágrimas

Quando Michael se levantou na manhã seguinte, a Casa Kilmartin parecia estar funcionando como cabia ao lar de um conde. Todas as lareiras tinham sido acesas e um esplêndido café da manhã fora servido na sala de jantar, com ovos cozidos, presunto, bacon, linguiças, torradas amanteigadas, geleia e o seu prato preferido: cavalinhas assadas na brasa.

Francesca, no entanto, não estava em lugar algum.

Ao perguntar por ela, Michael recebeu um bilhete dobrado que ela deixara mais cedo. Ao que parecia, temia que as más línguas começassem a falar sobre estarem vivendo sob o mesmo teto na Casa Kilmartin e, por isso, resolvera se hospedar na residência da mãe na Bruton Street até que Janet ou Helen chegassem da Escócia. Convidou-o, no entanto, para ir visitá-la, pois achava que tinham muito a conversar.

E Michael concordava com ela, assim, tão logo terminou o desjejum (descobrindo, para sua surpresa, que sentia falta das iguarias indianas), foi até o Número Cinco.

Preferiu ir caminhando; o lugar não ficava muito longe e o clima esquentara agradavelmente desde o dia anterior. Mas, na verdade, queria mesmo era absorver a paisagem da cidade, recordar o ritmo de Londres. Jamais havia notado os aromas e os sons específicos da capital, a forma como o ruído dos cascos dos cavalos combinava com os gritos festivos do vendedor de flores e com o grave retumbar de vozes cultas. O barulho de seus passos na calçada, o aroma de castanhas assadas e uma ligeira presença de fuligem no ar, tudo isso combinado de modo a formar uma cidade única.

Era quase opressor, o que era estranho, pois lembrava-se de ter se sentido exatamente assim ao chegar à Índia, quatro anos antes. O ar úmido, perfumado com especiarias e flores, afetara gravemente cada um de seus sentidos. Sentira-se quase como se houvesse sido golpeado pela cidade, tonto e desorientado. E, embora sua reação a Londres não fosse tão dramática, estava um pouco como um peixe fora d'água, assaltado por cheiros e sons que não deveriam lhe parecer tão pouco familiares.

Será que Michael se tornara um estranho na própria terra natal? Aquilo lhe pareceu meio bizarro e, no entanto, enquanto caminhava pelas ruas apinhadas do bairro comercial mais exclusivo da cidade, não pôde deixar de notar que sua presença sobressaía, que qualquer um que o olhava parecia saber, instantaneamente, que ele era diferente, despojado de sua essência britânica.

Ou então, ele se permitiu pensar, ao captar o próprio reflexo numa vitrine, talvez fosse o bronzeado.

Levaria semanas para sua pele voltar à cor normal. Meses, talvez.

A mãe ficaria escandalizada.

A ideia o fez sorrir. Gostava de surpreender a mãe. Não amadurecera o bastante para que isso deixasse de diverti-lo.

Dobrou na Bruton Street e passou pelas últimas casas antes de chegar ao Número Cinco. Já estivera lá, é claro. A mãe de Francesca costumava definir a palavra "família" da forma mais ampla possível, assim Michael era sempre convidado junto a John e Francesca para inúmeros eventos da família Bridgerton.

Ao chegar, Lady Bridgerton já se encontrava na sala de visitas decorada em tons de verde e creme, tomando uma xícara de chá à sua escrivaninha, próxima à janela.

– Michael! – exclamou, pondo-se de pé com óbvia satisfação. – Que prazer em vê-lo!

– Lady Bridgerton – cumprimentou ele, tomando-lhe a mão e a agraciando com um galante beijo.

– Ninguém faz isso como você – comentou ela em tom de aprovação.

– É preciso saber cultivar os melhores costumes – murmurou ele.

– E eu posso lhe assegurar que as senhoras de certa idade ficam muito agradecidas por fazê-lo.

– Certa idade quer dizer... – ele sorriu maliciosamente – trinta e um?

Violet Bridgerton era o tipo de mulher que se tornava mais encantadora com a idade, mas o sorriso que ela deu a deixou ainda mais radiante.

– Você é *sempre* bem-vindo nesta casa, Michael Stirling.

Ele sorriu e se acomodou numa cadeira de espaldar alto quando ela lhe fez um gesto para que ele se sentasse.

– Minha nossa – começou ela, franzindo a testa –, eu devo me desculpar. Imagino que deva chamá-lo de Kilmartin, agora.

– "Michael" está ótimo – assegurou-lhe ele.

– Eu sei que faz quatro anos – continuou ela –, mas como não o vejo...

– Pode me chamar como desejar – disse ele, com delicadeza.

Era estranho. Finalmente se acostumara a ser chamado de Kilmartin, adaptando-se à forma como o título se sobrepusera ao seu sobrenome. Mas isso fora na Índia, onde ninguém o conhecera apenas como Sr. Stirling e, talvez o mais importante, onde ninguém conhecera John como o conde. Ouvir seu título dos lábios de Violet Bridgerton era um pouco assustador, em especial considerando que ela, como era o costume de muitas sogras, costumava se referir a John como filho.

Mas percebeu o desconforto dele, não deu a menor indicação disso.

– Se pretende me deixar tão à vontade assim – disse ela –, então eu devo fazer o mesmo. Por favor, me chame de Violet. Já passou da hora de fazê-lo.

– Ah, eu não poderia – apressou-se ele em retrucar.

E estava sendo sincero. Aquela era Lady Bridgerton. Era... Bem, ele não sabia o que ela era, mas não podia ser *Violet* para ele, de modo algum.

– Eu insisto, Michael – replicou ela –, e tenho certeza que você sabe que sempre consigo o que quero.

Ele não tinha a menor chance de vencer aquela discussão, então apenas respirou fundo e disse:

– Não sei se posso beijar a mão de uma Violet. Isso me parece um gesto escandalosamente íntimo, não acha?

– Não ouse parar.

– Mas as pessoas começarão a falar – advertiu ele.

– Acredito que minha reputação haverá de resistir.

– Ah, mas será que a minha resistirá?

Ela riu.

– Você é um patife.

Ele se recostou na cadeira.

– Isso me cai bem.

– Aceita um chá? – Ela indicou o delicado bule de porcelana que se encontrava do outro lado do aposento. – O meu já esfriou, então eu adoraria pedir outro bule.

– Um chá seria ótimo.

– Imagino que seu paladar esteja desacostumado ao chá depois de tantos anos na Índia – comentou ela, levantando-se e atravessando a sala para tocar a campainha.

– De fato, não é o mesmo – disse ele, depois de ter se colocado de pé assim que ela levantou. – Não sei explicar, mas nada tem exatamente o mesmo sabor do chá inglês.

– Será a qualidade da água?

Ele sorriu furtivamente.

– Creio que a qualidade das mulheres que o servem.

Ela riu.

– Você, milorde, precisa de uma esposa. Imediatamente.

– Ah, é mesmo? E por que diz isso?

– Porque no seu estado atual, representa um grande risco para mulheres solteiras de todos os lugares.

Ele não pôde resistir a um último flerte:

– Espero que esteja se incluindo nesse grupo, Violet.

Então, ouviu-se uma voz vinda da porta:

– Está flertando com a minha *mãe*?

Era Francesca, é claro, usando um vestido lilás adornado com renda belga. Parecia estar se esforçando um bocado para ser severa com ele.

E não estava sendo completamente bem-sucedida.

Michael curvou os lábios num sorriso misterioso enquanto assistia às duas senhoras se sentarem.

– Viajei o mundo todo, Francesca, e posso afirmar que há poucas mulheres com as quais eu preferiria flertar no lugar de sua mãe.

– Eu o convido para jantar conosco hoje – anunciou Violet –, e não aceitarei uma recusa como resposta.

Michael deu uma risada maliciosa.

– Será uma honra.

À sua frente, Francesca murmurou:

– Você é incorrigível.

Ele se limitou a lhe lançar um sorriso preguiçoso. Aquilo era bom, pensou. A manhã estava transcorrendo exatamente como esperava, com ele e Francesca retomando a antiga dinâmica. Ele era, mais uma vez, o sedutor imprudente, enquanto ela fingia repreendê-lo. Tudo voltava a ser como antes da morte de John.

Ele ficara surpreso na noite anterior. Não esperara vê-la. E não tivera tanta certeza de que sua *máscara* pública estivesse no lugar.

Não que *tudo* a seu respeito fosse uma representação. Ele sempre fora um pouco imprudente e *de fato* era um namorador inveterado. A mãe costumava dizer que ele enfeitiçava as moças desde a mais tenra idade.

No entanto, quando estava com Francesca, era fundamental que esse aspecto de sua personalidade permanecesse em evidência para que ela não suspeitasse de nada.

– Quais são seus planos agora que retornou? – indagou Violet.

Michael se virou para ela com uma expressão vaga.

– Na verdade, não tenho certeza – respondeu, com vergonha de admitir para si mesmo que não estava mentindo. – Imagino que levarei algum tempo para compreender o que exatamente é esperado de mim neste papel.

– Estou certa de que Francesca poderá lhe ser útil nisso – observou Violet.

– Apenas se ela assim desejar – retrucou Michael, baixinho.

– É claro – disse Francesca, chegando levemente para o lado quando uma criada entrou com uma bandeja de chá. – Eu o ajudarei no que for preciso.

– Quanta rapidez – murmurou Michael.

– Eu sou louca por chá – explicou Violet. – Bebo o dia todo. As criadas têm sempre uma panela com água próxima do ponto de fervura.

– Aceita uma xícara? – indagou Francesca, que assumira a função de servir.

– Sim, por favor – respondeu Michael.

– Ninguém conhece Kilmartin como Francesca – revelou Violet, explodindo de orgulho maternal.

– Ela provará ser de valor inestimável para você.

– Tenho certeza disso – disse Michael, pegando a xícara das mãos de Francesca. Ela se lembrara de como ele gostava do chá: com leite, sem açúcar. Por algum motivo, isso o alegrou imensamente. – É condessa há seis anos e, durante quatro, teve de ser conde também. – Diante do olhar perplexo de Francesca, ele acrescentou: – De todas as formas, exceto no nome. Ora, vamos, Francesca, precisa reconhecer que é verdade.

– Eu...

– E trata-se de um elogio – continuou ele. – Tenho com você uma dívida de gratidão muito maior do que minhas condições de pagar. Não poderia ter ficado longe por tanto tempo se não soubesse que o condado se encontrava em mãos tão capazes.

Francesca chegou a ruborizar, o que o surpreendeu. Desde que a conhecera, podia contar em uma das mãos o número de vezes que vira suas faces ficarem rosadas.

– Muito obrigada – disse ela. – Não foi difícil, posso lhe garantir.

– Pode ser, mas eu lhe sou grato mesmo assim.

Ele levou a xícara aos lábios, permitindo às senhoras que conduzissem a conversa dali em diante.

Violet, então, lhe perguntou sobre o tempo que ele passara na Índia e, antes que Michael se desse conta, estava contando-lhes a respeito de palácios e princesas, caravanas e *curries*. Excluiu os saqueadores e a malária, decidindo que não eram exatamente assunto para a sala de visitas.

Depois de algum tempo, deu-se conta de que estava se divertindo muito. Talvez, pensou, ao ouvir Violet mencionar um baile de tema indiano no ano

anterior, ele tivesse tomado a decisão acertada.

Talvez fosse bom estar em casa.

∽

Uma hora mais tarde, Francesca se viu de braços dados com Michael, passeando pelo Hyde Park. O sol irrompera através das nuvens e quando ela declarou que não conseguia resistir ao bom tempo, Michael não tivera outra escolha senão se oferecer para acompanhá-la numa caminhada.

– É um pouco como nos velhos tempos – comentou ela, inclinando o rosto em direção ao sol.

Era capaz de acabar com um bronzeado assustador ou algumas sardas, mas supunha que sempre pareceria pálida como porcelana ao lado de Michael, cujo tom de pele deixava claro que ele tinha acabado de voltar dos trópicos.

– A caminhada, você quer dizer? – indagou ele. – Ou a sua forma de me manipular tão habilmente de modo a acompanhá-la?

Ela tentou se manter séria.

– As duas coisas, é claro. Você costumava me levar para passear com bastante frequência. Sempre que John estava ocupado.

– É verdade.

Caminharam em silêncio por algum tempo, então ele disse:

– Fiquei um pouco surpreso ao descobrir que você partira esta manhã.

– Espero que compreenda por que precisei fazer isso – disse ela. – Eu não queria, é claro; voltar para a casa de minha mãe me dá a sensação de retornar à infância. – Ela franziu os lábios em sinal de aversão. – Eu a amo, é claro, mas me acostumei à minha própria rotina doméstica.

– Gostaria que eu fosse morar em outro lugar?

– Não, é claro que não – retrucou ela rapidamente. – Você é o conde. A Casa Kilmartin pertence a você. Além do mais, Helen e Janet partiram apenas uma semana depois de mim; devem chegar logo, então eu vou poder me mudar de volta para lá.

– Coragem, Francesca. Tenho certeza que haverá de suportar.

Ela o olhou de soslaio.

– Não é nada que você ou qualquer homem seja capaz de entender, mas prefiro o meu status de mulher casada ao de debutante. Quando estou no Número Cinco, com Eloise e Hyacinth, tenho a sensação de ter retornado à minha primeira temporada, com todas as regras e todos os regulamentos.

– Nem todos – comentou ele. – Se isso fosse verdade, não lhe permitiriam sair comigo agora.

– Tem razão – reconheceu ela. – Especialmente com você, imagino.

– Como assim, *especialmente* comigo?

Ela riu.

– Ora, vamos, Michael. Acha mesmo que sua reputação vai ser esquecida apenas por ter passado quatro anos fora do país?

– Francesca...

– Você é uma *lenda*.

Ele se mostrou horrorizado.

– É verdade – disse ela, perguntando-se por que ele estava tão surpreso. – Minha nossa, as mulheres ainda falam em você.

– Não para você, eu espero – murmurou ele.

– Ah, sim, sobretudo para mim. – Ela deu um sorriso malicioso. – Todas queriam saber quando você planejava voltar. E agora vai ser pior, quando a notícia de seu retorno se espalhar. Devo dizer que é um papel bastante estranho o de confidente do mais notório libertino de Londres.

– Confidente, é?

– Do que mais você chamaria?

– Não, não, confidente é uma palavra perfeitamente apropriada. Só que se você acha que eu lhe confidenciei *tudo*...

Francesca lançou-lhe um olhar enviesado. Aquilo era tão típico dele, deixar as palavras no ar e a imaginação correr solta.

– Imagino, então – murmurou ela –, que não tenha compartilhado conosco todas as novidades da Índia.

Ele se limitou a sorrir. Diabolicamente.

– Muito bem – disse ela. – Permita-me, então, passar a conversa a áreas mais respeitáveis. O que planeja fazer agora que voltou? Vai assumir o seu assento no Parlamento?

Ele parecia não ter pensado nisso.

– É o que John teria desejado – acrescentou ela, sabendo que estava sendo terrivelmente manipuladora.

Michael olhou para Francesca com uma expressão implacável, deixando claro que ele não apreciava suas táticas.

– Também terá de se casar – prosseguiu ela.

– Está planejando assumir o papel de casamenteira? – perguntou ele, irritado.

Ela deu de ombros.

– Se assim desejar. Tenho certeza que não poderia fazer um trabalho pior do que você.

– Meu bom Deus... – retrucou ele. – Faz um dia que voltei. Precisamos falar sobre isso agora?

– Não, é claro que não. Mas logo teremos que falar. Você não está ficando mais jovem.

Michael se limitou a fitá-la, atônito.

– Não consigo me imaginar permitindo que qualquer pessoa se dirija a mim dessa forma.

– Não se esqueça de sua mãe – retrucou ela, com um sorriso satisfeito.

– Você *não* é minha mãe – rebateu ele, com veemência.

– Graças a Deus por isso – devolveu ela. – Eu já teria sucumbido à falência cardíaca há anos. Não sei como ela consegue.

Ele parou de caminhar.

– Eu não sou *tão* ruim assim.

Ela deu de ombros levemente.

– Não?

E ele ficou sem fala. Absolutamente sem fala. Era uma conversa que tinham tido tantas vezes, mas havia algo diferente agora. Uma aspereza na voz, uma ironia nas palavras que nunca tinham atribuído.

Ou talvez ele nunca as tivesse notado.

– Ora, não fique tão chocado, Michael – disse ela, dando-lhe um tapinha de leve no braço. – É claro que você tem uma péssima reputação. Mas é encantador e, por isso, é sempre perdoado.

Michael perguntou-se se era assim que ela o via. Por que estava surpreso, afinal? Era exatamente essa a imagem que cultivara.

– E, agora que é o conde – continuou ela –, as mãezinhas vão fazer fila para tentar casá-lo com as preciosas filhinhas.

– Estou com medo – disse ele, baixinho. – Morrendo de medo.

– E deveria estar mesmo – retrucou ela, sem a menor compaixão. – Vai ser um frenesi, isso eu posso lhe garantir. Você tem sorte por eu ter feito minha mãe jurar esta manhã que não atiraria Eloise ou Hyacinth nos seus braços. E ela o faria, é bom que saiba – acrescentou, claramente deleitando-se com a conversa.

– Pelo que me lembro, você costumava tentar atirar suas irmãs nos meus braços.

Os lábios dela se retorceram levemente.

– Isso foi há muito tempo – falou, com um gesto da mão para descartar o comentário dele. – Você jamais serviria.

Ele nunca desejara cortejar nenhuma das irmãs dela, mas não pôde resistir à chance de implicar com Francesca:

– Jamais serviria para Eloise ou para Hyacinth?

– Para nenhuma das duas – respondeu ela, irritada o bastante para fazê-lo sorrir. – Mas eu hei de encontrar alguém para você, não se aflija.

– E eu pareço aflito?

Ela foi em frente, como se ele não tivesse falado.

– Acho que vou apresentá-lo à amiga de Eloise, Penelope.

– A Srta. Featherington? – indagou ele, recordando-se vagamente de uma moça meio rechonchuda que nunca abria a boca.

– Também é minha amiga, é claro – acrescentou Francesca. – Acho que vai gostar dela.

– A Srta. Featherington já aprendeu a falar?

Ela o fulminou com os olhos.

– Vou ignorar esse comentário. Penelope é uma moça agradável e muito inteligente depois que consegue vencer a timidez inicial.

– E quanto tempo demora isso? – murmurou ele.

– Acho que ela seria um bom ponto de equilíbrio para você.

– Francesca – disse ele, com firmeza –, você não vai servir de casamenteira para mim. Estamos entendidos?

– Bem, al...

– E não venha me dizer que alguém tem de fazer esse papel – interrompeu ele.

Ela realmente ainda era o livro aberto de outrora. Sempre querendo administrar a vida dele.

– Michael – começou Francesca, a palavra saindo como um suspiro que sugeria um sofrimento muito maior do que o que tinha o direito de sentir.

– Só estou de volta há um dia – observou ele. – Um dia. Estou cansado e não quero saber se o sol saiu: continuo com frio e os meus pertences ainda nem foram tirados das malas. Por favor, espere pelo menos uma semana antes de começar a planejar meu casamento.

– Uma semana, então? – indagou Francesca, zombeteira.

– Francesca – disse ele, a voz contendo um claro aviso.

– Muito bem – retrucou ela, com algum desdém. – Mas depois não diga que eu não lhe avisei. Quando estiver em algum evento social e as mocinhas o tiverem encurralado em algum canto, acompanhadas de suas mãezinhas, prontas para atacá-lo...

Ele estremeceu diante da imagem. E também ante a constatação de que o prognóstico dela provavelmente estava correto.

– ... irá implorar pela minha ajuda – terminou ela, erguendo o olhar para ele com um irritante ar de satisfação.

– Estou certo que irei – disse ele, lançando-lhe um sorriso condescendente que sabia que ela detestaria. – E quando isso acontecer, prometo que demonstrarei o devido pesar.

Então ela riu, o que aqueceu o coração dele bem mais do que deveria. Ele sempre conseguira fazê-la rir.

Francesca se virou para ele, sorriu e deu um tapinha em seu braço.

– É bom tê-lo de volta.

– É bom estar de volta – disse ele.

Embora tivesse proferido as palavras de maneira automática, deu-se conta de que estava sendo sincero. *Era* bom. Difícil, mas bom. E, de qualquer forma, difícil nem sempre era algo ruim. Certamente não era nada com que não estivesse acostumado.

A essa altura, estavam bem no coração do Hyde Park e a região ia ficando um pouco mais cheia de gente. As árvores apenas começavam a brotar, mas o ar

ainda estava frio o bastante para que as pessoas não precisassem procurar um lugar com sombra.

– Eu devia ter trazido pão para os pássaros – murmurou Francesca.

– No Serpentine? – perguntou Michael, surpreso.

Havia passeado no Hyde Park com Francesca com frequência e lembrava que os dois costumavam evitar a todo custo as margens do Serpentine. Viviam repletas de babás e de crianças berrando como pequenos selvagens (as babás com frequência mais do que as crianças), e Michael tinha pelo menos um conhecido que já fora atingido na cabeça por um pão inteiro. Ao que parecia, ninguém dissera ao futuro jogadorzinho de críquete que se devia partir o pão em pedacinhos menos perigosos.

– Eu gosto de atirar pão para os pássaros – disse Francesca, um pouco na defensiva. – Além do mais, não deve haver muitas crianças por lá hoje. Ainda está um pouco frio.

– Isso nunca foi um impedimento para mim ou John – observou Michael, alegremente.

– Bem, claro, vocês são escoceses – devolveu ela. – O sangue de vocês continua circulando mesmo congelado.

Ele sorriu.

– Somos mesmo muito saudáveis, os escoceses.

Estava brincando. Com tantos casamentos dentro da própria família, eram tão ingleses quanto escoceses, talvez ainda mais ingleses, até. Mas sendo Kilmartin localizada nos condados da fronteira, os Stirlings se agarravam à herança escocesa como um distintivo de honra.

Encontraram um banco não muito longe do Serpentine e se sentaram para observar os patos na água.

– É de supor que procurassem um local mais quente – comentou Michael. – A França, talvez.

– E se privarem de toda a comida que as crianças atiram para eles? – retrucou Francesca com um sorriso irônico. – Não são tolos.

Michael apenas deu de ombros. Quem era ele para fingir conhecimento sobre o comportamento das aves?

– O que achou do clima da Índia? – indagou Francesca. – É tão quente quanto dizem?

– Mais, até – respondeu ele. – Não sei. Acho que as descrições são bastante precisas. O problema é que nenhum inglês consegue compreender verdadeiramente até chegar lá.

Ela o olhou, confusa.

– É muito mais quente do que você poderia imaginar – disse ele.

– Parece... Bem, não sei o que parece – admitiu ela.

– Mas o calor não é nada comparado aos insetos.

– Parece aflitivo – comentou Francesca.

– Você provavelmente não gostaria de lá. Não para uma estada prolongada, pelo menos.

– Eu gostaria de viajar, entretanto – disse ela, baixinho. – Eu sempre planejei isso.

Ela ficou em silêncio, assentindo distraidamente por tanto tempo que Michael desconfiou que ela esquecera que fazia aquilo. Então ele se deu conta de que ela mantinha os olhos fixos a distância. Observava alguma coisa, embora ele não imaginasse o quê. Não havia nada de interessante na paisagem, apenas uma babá de cara amarrada empurrando um carrinho.

– O que está olhando? – perguntou ele, por fim.

Ela não respondeu, apenas continuou a olhar.

– Francesca?

Ela se virou para ele.

– Eu quero um bebê.

CAPÍTULO 7

... eu esperava ter recebido um bilhete seu a esta altura, mas é claro que o correio é notoriamente precário quando tem de viajar tão longe assim. Ainda na semana passada ouvi uma história sobre a chegada de um malote de dois anos atrás; vários dos destinatários já haviam retornado à Inglaterra. Minha mãe escreve que você se encontra bem, completamente recuperada de sua penosa experiência; fico contente em sabê-lo. Meu trabalho aqui continua a me desafiar e me satisfazer. Estabeleci-me da cidade, como faz a maior parte dos europeus aqui em Madras. Mas gosto bastante de visitar a cidade; tem um aspecto bem grego, pelo menos eu acho, já que nunca fui à Grécia. O céu é azul, tão azul que é praticamente cegante, praticamente a coisa mais azul que eu já vi na vida.

– do conde Kilmartin para a condessa de Kilmartin,
seis meses após a sua chegada à Índia

– Como disse?

Ela o chocara. Ele chegou até a gaguejar. Ela não havia feito o anúncio para provocar aquele tipo de reação, mas agora que ele estava sentado ali, boquiaberto, Francesca não podia deixar de sentir certo prazer.

– Eu quero um bebê – repetiu ela, dando de ombros. – Existe algo de surpreendente nisso?

Os lábios dele se moveram antes de ele emitir qualquer som.

– Bem... não... mas...

– Tenho 26 anos.

– Eu sei quantos anos tem – disse ele, um tanto impaciente.

– Farei 27 no fim de abril. Não acho que seja tão estranho eu querer um filho.

Os olhos dele ainda guardavam uma aparência vítrea.

– Não, é claro que não, mas...

– E eu não deveria ter de me explicar para você!

– Eu não pedi que o fizesse – disse ele, olhando-a como se ela tivesse adquirido duas cabeças.

– Sinto muito – murmurou Francesca. – Não quis ser rude.

Ele não disse nada, o que a irritou. No mínimo, deveria tê-la contradito. Teria sido uma mentira, mas, ainda assim, gentil e cortês da parte dele.

Por fim, como se o silêncio fosse insuportável, ela murmurou:

– Muitas mulheres querem filhos.

– Certo – concordou ele, tossindo ao dizer a palavra. – É claro. Mas... não acha que talvez queira um marido primeiro?

– É claro. – Ela dirigiu-lhe um olhar irritado. – Por que acha que voltei mais cedo para Londres?

Ele a fitou sem entender.

– Estou à procura de um marido – explicou ela, falando como se ele fosse um imbecil.

– Que colocação mais interesseira – murmurou ele.

Ela franziu os lábios.

– Mas é isso mesmo. E é melhor você ir se acostumando, para o seu próprio bem. É exatamente assim que as senhoras haverão de começar a se referir a respeito de *você*, em breve.

Ele ignorou a segunda parte do que Francesca dissera.

– Tem algum cavalheiro em mente?

Ela balançou a cabeça.

– Ainda não. Mas imagino que vá aparecer alguém assim que eu começar a procurar. – Ela tentou conferir um tom jocoso ao que disse, mas em vez disso

sua voz foi perdendo a força e a convicção. – Estou certa de que meus irmãos têm amigos.

Michael olhou para ela, então se deixou afundar no banco e olhou para a água.

– Eu o choquei – disse ela.

– Bem... sim.

– Normalmente eu sentiria grande prazer nisso – confessou ela, os lábios se retorcendo com ironia.

Ele não respondeu, mas revirou levemente os olhos.

– Não posso chorar a morte de John para sempre – continuou Francesca. – Quer dizer, eu posso e vou, mas... – Ela parou, odiando o fato de estar à beira das lágrimas. – E a pior parte é que talvez eu nem possa ter filhos. Levei dois anos para engravidar e olhe só como consegui estragar tudo.

– Francesca – começou ele, com veemência –, você não deve se culpar por ter perdido o bebê.

Ela soltou uma risada amarga.

– Você pode imaginar? Casar-se com alguém só para ter um filho e depois não conseguir ter um?

– Acontece o tempo todo – disse ele, com todo o cuidado.

Era verdade, mas isso não a fez sentir-se nem um pouco melhor. *Ela* podia escolher. Não precisava se casar; continuaria a ter dinheiro para se sustentar – e ser abençoadamente independente – se permanecesse como viúva. Caso se casasse – não, *quando* se casasse; precisava se comprometer mentalmente com a ideia –, não seria por amor. Não teria um casamento como o que tivera com John; uma mulher não conseguia encontrar um amor como aquele duas vezes na vida.

Iria se casar para ter um filho e não havia a menor garantia de que teria um.

– Francesca?

Não olhou para ele; limitou-se a ficar ali, sentada, tentando desesperadamente ignorar as lágrimas que lhe queimavam os cantos dos olhos.

Michael estendeu um lenço em sua direção, mas ela não quis demonstrar que notara o gesto. Se aceitasse o lenço, *teria* de chorar. Não haveria nada para detê-la.

– Eu preciso ir em frente – disse ela, desafiadora. – Preciso. John se foi e eu...

Então algo muito estranho aconteceu. De fato, *estranho* não seria a palavra correta. Chocante, talvez, ou transformador, ou quem sabe não houvesse uma palavra para definir o tipo de surpresa que deixa uma pessoa paralisada e incapaz de respirar.

Ela se virou para ele. Deveria ter sido algo simples, uma vez que Francesca já fizera aquele gesto centenas... não... milhares de vezes. Sim, era verdade que ele passara os últimos quatro anos na Índia, mas ela conhecia seu rosto, conhecia seu sorriso. Na realidade, conhecia tudo a respeito dele...

Só que dessa vez foi diferente. Quando se virou para ele, não esperava que ele já tivesse se voltado para ela. Tampouco esperava que ele se encontrasse tão próximo que fosse possível enxergar os salpicos cor de carvão em seus olhos.

Mas, acima de tudo, não esperava que o próprio olhar se direcionasse aos lábios dele. Eram lábios cheios, opulentos e bem contornados, e Francesca conhecia seu formato tão bem quanto o dos próprios lábios, a não ser pelo fato de que jamais os olhara *realmente*, jamais notara como eram uniformes na cor, ou como a curva do lábio inferior era sensual e...

Ela se levantou com tanta rapidez que quase perdeu o equilíbrio.

– Preciso ir – declarou, estranhando o fato de sua voz não soar como a de algum demônio sobrenatural. – Tenho um compromisso. Tinha me esquecido.

– É claro – disse ele, levantando-se também.

– Com a costureira – acrescentou ela, como se detalhes pudessem tornar a mentira mais convincente. – Todas as minhas roupas são em cores de meio-luto.

Ele assentiu.

– Não lhe caem bem.

– É muito gentil da sua parte fazer essa observação – disse ela, irritada.

– Devia encomendar vestidos azuis – sugeriu ele.

Ela fez que sim, movendo a cabeça com gestos espasmódicos, ainda desestabilizada e aborrecida.

– Você está bem? – perguntou ele.

– Estou ótima – afirmou Francesca. Então acrescentou, com um pouco mais de delicadeza: – Estou ótima, sério. É que detesto me atrasar.

Isso era verdade e ele sabia dessa característica dela, então era de esperar que aceitasse aquilo como um motivo para a rudeza.

– Muito bem – disse Michael em concordância, e Francesca foi tagarelando durante todo o percurso de volta até o Número Cinco.

Precisava criar uma boa fachada, pensou, à beira do desespero. Não podia permitir que ele adivinhasse o que realmente acontecera com ela naquele banco à beira do Serpentine.

Sempre achara Michael bonito, é claro. Mas era uma beleza que não significava nada para ela. Ele era belo assim como Benedict, irmão dela, era alto, e a mãe tinha olhos lindos.

Mas agora, de repente...

Ela olhara para ele e vira algo completamente novo.

Vira um *homem*.

E aquilo a assustara terrivelmente.

Francesca tendia a acreditar que a melhor atitude a tomar era agir, assim, ao retornar ao Número Cinco, foi à procura da mãe e lhe informou que precisava visitar a modista. Afinal, era melhor transformar a sua mentira em verdade o mais rápido possível.

Violet ficou mais do que satisfeita com o desejo da filha de se livrar de seus tons cinza e lilás do meio-luto, então, pouco menos de uma hora depois, as duas se encontravam confortavelmente acomodadas na elegante carruagem de Violet a caminho das exclusivas lojas da Bond Street. Normalmente, Francesca teria se irritado diante da interferência da mãe – tinha plena capacidade de escolher o próprio guarda-roupa –, mas naquele dia achou a presença dela estranhamente reconfortante.

Não que Violet não costumasse ser um conforto, mas Francesca gostava de cultivar sua independência e preferia que não a vissem como “uma das meninas Bridgertons”. Agora, aquela visita à costureira estava sendo bastante desconcertante. Teria sido necessária uma sessão de tortura completa para levá-la a admiti-lo, mas Francesca estava, para usar um termo bem adequado, apavorada.

Mesmo que não tivesse decidido que chegara o momento de se casar outra vez, despir-se dos trajes de viúva assinalava uma enorme mudança para a qual ela não estava certa de estar preparada.

Sentada na carruagem, baixou o olhar para os braços. Não conseguia ver as mangas do vestido – estavam cobertas pelo casaco –, mas sabia que eram lilás. Havia algo reconfortante nisso, algo sólido e seguro. Vinha usando aquela cor, e também o cinza, havia três anos. E, um ano antes disso, o inevitável preto. Funcionara como uma espécie de distintivo, de uniforme. Não era necessário se preocupar com quem se era quando as roupas o proclamavam com tanta clareza.

– Mãe? – começou ela, antes mesmo de se dar conta de que tinha uma pergunta a fazer.

Violet se virou para ela com um sorriso.

– Sim, minha querida?

– Por que você nunca se casou de novo?

Violet entreabriu os lábios e, para grande surpresa de Francesca, os olhos da mãe brilharam.

– Sabe que esta é a primeira vez que um de vocês me faz essa pergunta?

– Não é possível – retrucou Francesca. – Tem certeza?

Violet assentiu.

– Nenhum dos meus filhos jamais me perguntou isso. Eu teria me lembrado.

– Sim, é claro que teria – apressou-se Francesca em dizer.

Mas tudo aquilo era tão... estranho... E impensado, na verdade. Por que será que ninguém nunca tinha feito aquela pergunta a Violet? Do ponto de vista de Francesca, era a mais urgente de todas as perguntas imagináveis. E, mesmo que nenhum de seus irmãos tivesse levantado a questão apenas por curiosidade, será que não se davam conta de quão importante era para Violet?

Será que não desejavam *conhecer* a mãe? Conhecê-la *de verdade*?

– Quando o seu pai morreu... Bem, não sei até que ponto você lembra, pois foi muito repentino. Nenhum de nós esperava.

Ela deu um sorriso triste e Francesca se perguntou se algum dia seria capaz de rir sobre a morte de John, mesmo que o gesto contivesse uma nuance de tristeza.

– Uma picada de abelha – continuou Violet, e Francesca se deu conta de que, mesmo hoje, mais de vinte anos após a morte de Edmund, a mãe ainda

demonstrava surpresa ao falar a respeito. – Quem teria imaginado isso? – prosseguiu, balançando a cabeça. – Não sei se você lembra, mas seu pai era um homem muito grande. Alto como Benedict, talvez com os ombros até mais largos. Ninguém imaginaria que uma abelha... – Ela se deteve e sacou um lenço engomado e branco, levando-o aos lábios enquanto pigarreava. – Bem, foi inesperado. Eu realmente não sei o que dizer, a não ser... – Ela se virou para a filha com uma dolorosa consciência nos olhos. – A não ser que acredito que você compreenda melhor do que ninguém.

Francesca assentiu, sem nem tentar disfarçar a ardência nos olhos.

– De qualquer forma – prosseguiu Violet de modo brusco, claramente ansiosa por seguir adiante –, depois da morte dele eu fiquei tão... aturdida. Tive a sensação de estar andando em meio a uma névoa. Não sei muito bem como agi naquele primeiro ano. Ou mesmo nos anos seguintes. Não tinha nem como pensar em casamento.

– Eu sei – disse Francesca, baixinho.

E sabia, mesmo.

– E depois disso... Bem, eu não sei o que aconteceu. Talvez eu simplesmente não tenha conhecido ninguém com quem quisesse compartilhar a vida. Talvez eu amasse demais o seu pai. – Ela deu de ombros. – Talvez eu simplesmente nunca tenha sentido necessidade. Afinal, eu estava numa posição muito diferente da sua. Era mais velha, não se esqueça, e já era mãe de oito filhos. E o seu pai deixou os nossos negócios em muito boa posição. Eu sabia que nunca passaria necessidade alguma.

– John deixou Kilmartin em uma posição excelente – apressou-se Francesca em dizer.

– É claro que deixou – retrucou Violet, dando um tapinha em sua mão. – Perdoe-me, eu não quis sugerir o contrário. Mas você não tem oito filhos, Francesca. – Os olhos dela pareceram ainda mais profundamente azuis. – E você tem muito tempo à sua frente para passá-lo sozinha.

Francesca assentiu com a cabeça, num gesto rápido e espasmódico.

– Eu sei, eu sei – falou. – Eu sei, mas não consigo... Não consigo...

– Não consegue o quê? – perguntou Violet, com delicadeza.

– Não consigo... – Francesca baixou os olhos. Não sabia por que, mas não conseguia tirar os olhos do chão. – Não consigo me livrar da sensação de que

estou fazendo algo errado, de que estou desonrando John, desonrando o nosso casamento.

– John teria desejado que você fosse feliz.

– Eu sei, eu sei. É claro que teria. Mas a senhora não percebe...? – Ergueu a vista outra vez, os olhos buscando os da mãe atrás de algo que ela não sabia muito bem o que era: talvez aprovação, talvez apenas amor, já que havia certo reconforto em procurar algo que ela estava certa que encontraria. – Não estou nem querendo isso – acrescentou. – Não vou encontrar alguém como John. Já aceitei esse fato. E me parece tão errado me casar por menos que isso...

– Você não vai encontrar alguém como John, é verdade – começou Violet. – Mas talvez encontre um homem que seja apropriado para você, só que de outra forma.

– Você não encontrou.

– Não, não encontrei – concordou a mãe –, mas não procurei muito. Não procurei nem um pouco.

– Gostaria de ter procurado?

Violet abriu a boca, mas não emitiu som algum, nem mesmo o da própria respiração. Por fim, disse:

– Não sei, Francesca. Com toda a sinceridade, não sei. – Então, como o momento parecia precisar de alguma leveza, acrescentou: – Eu certamente não queria mais filhos!

Francesca não pôde deixar de sorrir.

– Eu quero – disse, baixinho. – Quero um bebê.

– Imaginei que sim.

– Por que nunca me perguntou a respeito?

Violet inclinou a cabeça para o lado.

– Por que nunca me perguntou por que nunca me casei outra vez?

Francesca sentiu os lábios se entreabrirem. Não deveria se surpreender tanto com a sensibilidade da mãe.

– Se você fosse Eloise, eu acho que teria dito alguma coisa – acrescentou Violet. – Ou, pensando bem, qualquer uma das suas irmãs. Mas você... – Ela deu um sorriso nostálgico. – Você não é igual a elas. Nunca foi. Mesmo quando criança, se distinguia. E precisava de distância.

Impulsivamente, Francesca estendeu a mão e apertou a da mãe.

– Eu amo a senhora, sabia?

Violet sorriu.

– Confesso que desconfiava.

– Mãe!

– Está bem, é claro que eu sabia. Como poderia não me amar quando eu a amo tanto, tanto?

– Eu não tenho dito isso com muita frequência... – comentou Francesca, sentindo-se um tanto horrorizada com a omissão.

– Tudo bem. – Violet devolveu o aperto de mão da filha. – Tem tido outras coisas em que pensar.

Por algum motivo, isso fez Francesca rir baixinho.

– Eu diria que há um certo eufemismo na sua afirmação.

Violet se limitou a sorrir.

– Mãe? – balbuciou Francesca. – Posso lhe fazer mais uma pergunta?

– É claro.

– Se eu não encontrar alguém... Não como John, é claro, mas que seja igualmente apropriado para mim. Se eu não encontrar alguém assim e me casar com uma pessoa de quem goste bastante, mas talvez não ame... Tudo bem?

Violet ficou em silêncio por um longo instante antes de responder.

– Imagino que só você conheça a resposta a essa pergunta – disse, por fim. – Eu jamais diria que não, é claro. Metade da sociedade, na verdade, mais da metade, tem casamentos desse tipo e muitos estão perfeitamente satisfeitos. Mas você terá que fazer esses julgamentos por si mesma quando eles surgirem. As pessoas são diferentes umas das outras, Francesca, e eu suspeito que você saiba disso melhor do que a maioria. E, quando um homem pedir a sua mão, você terá de avaliá-lo com base em seus méritos e não por algum padrão arbitrário que você mesma tenha estabelecido de antemão.

Violet tinha razão, mas Francesca estava tão cansada de a vida ser desordenada e complicada que aquela não era a resposta que buscava.

E nada daquilo esclarecia a questão que habitava o fundo de seu coração. O que aconteceria se ela de fato conhecesse alguém que a fizesse se sentir como se sentira com John? Não podia imaginar que isso aconteceria – aquilo lhe parecia absurdamente improvável.

Mas e se conhecesse? Conseguiria viver consigo mesma?

Havia algo realmente satisfatório no mau humor, então Michael decidiu dar completa vazão ao seu.

Foi chutando um seixo ao longo de todo o caminho até a casa.

Rosnava para qualquer um que esbarrasse nele na rua.

Abriu a porta da frente da casa com tal ferocidade que ela se chocou contra a parede de pedra. Na verdade, teria feito isso se o maldito mordomo não fosse tão solícito e já tivesse aberto a porta antes mesmo de os dedos de Michael tocarem a maçaneta.

Mas ele *pensou* em escancará-la com toda a força, o que lhe proporcionou alguma satisfação.

Então subiu pisando forte os degraus que levavam ao seu quarto – um cômodo que ainda lhe dava a impressão de pertencer a John, embora não houvesse nada que pudesse fazer a respeito disso no momento – e arrancou as botas dos pés.

Ou, pelo menos, tentou.

Maldição.

– Reivers! – gritou a plenos pulmões.

O camareiro surgiu – pareceu se materializar automaticamente, na verdade – no vão da porta.

– Sim, milorde?

– Poderia me ajudar com as botas? – disse Michael por entre os dentes, sentindo-se um tanto infantil.

Três anos no exército e quatro na Índia e não conseguia tirar as próprias botas? O que havia em Londres que reduzia um homem a um idiota lamuriento? Lembrou que, antes de deixar a cidade, Reivers também precisava tirar as botas para ele.

Baixou os olhos. Eram botas diferentes. Tipos distintos para situações distintas, pensou, e Reivers sempre sentira grande orgulho de seu trabalho. É claro que haveria de querer vestir Michael com o melhor da moda londrina. Ele teria...

– Reivers? – disse Michael com voz grave. – Onde arranjou estas botas?

– Milorde?

– Estas botas. Não as reconheço.

– Ainda não recebemos todos os seus baús do navio, milorde. O senhor não tinha nada apropriado para Londres, então achei este par entre os pertences do outro conde...

– *Meu Deus.*

– Milorde! Peço-lhe que me perdoe se estas não lhe parecem apropriadas. Recordo-me de que os dois usavam o mesmo tamanho e achei que o senhor desejaria...

– Apenas tire-as. Agora.

Michael fechou os olhos e se sentou numa poltrona de couro – na poltrona de couro de *John* –, perplexo com a ironia daquilo. Seu maior pesadelo se tornando realidade na forma mais literal.

– É claro, milorde.

Reivers parecia contrariado, mas obedeceu imediatamente.

Michael apertou a ponte do nariz com o polegar e o indicador e deixou escapar um longo suspiro antes de voltar a falar:

– Eu preferiria não usar nenhum artigo do guarda-roupa do conde anterior.

Na verdade, não tinha a menor ideia de por que os pertences de John continuavam ali; já deveriam ter sido doados aos empregados ou para instituições de caridade anos antes. Mas ele supunha que a decisão coubesse a Francesca, não a ele.

– É claro, milorde. Cuidarei disso agora mesmo.

– Muito bem – resmungou Michael.

– Quer que eu mande trancá-los em algum lugar?

Trancá-los? Por Deus, as coisas de John também não eram venenosas...

– Não há necessidade – retrucou Michael. – Apenas não quero usá-las.

– Certo.

Reivers engoliu em seco repetidas vezes, desconfortavelmente.

– O que foi agora, Reivers?

– É que todo o equipamento do outro lorde Kilmartin continua aqui.

– Aqui? – indagou Michael sem compreender.

– Aqui – confirmou Reivers, olhando à sua volta, para o quarto.

Michael sentiu-se encolher na poltrona. Não tinha o desejo de apagar da face da terra todo e qualquer vestígio do primo; *ninguém* sentia tanto a falta dele

como Michael. Ninguém.

Bem, exceto, talvez, Francesca, ele admitiu, mas isso era diferente.

Só que simplesmente não sabia como queriam que ele seguisse com a vida em meio a todos os pertences de John. Detinha o seu título, gastava o seu dinheiro, vivia em sua casa. Esperava-se que também calçasse os seus sapatos?

– Empacote tudo – disse a Reivers. – Amanhã. Não desejo ser importunado esta noite.

Além disso, era provável que devesse alertar Francesca de sua intenção.

Francesca.

Deixou escapar um suspiro, levantando-se assim que o camareiro saiu. Por Deus, Reivers se esquecera de levar as botas. Michael as pegou e as colocou do lado de fora do quarto. Talvez estivesse exagerando, mas, que diabo, apenas não desejava ter de olhar para os calçados de John pelas próximas seis horas.

Após fechar a porta de forma decidida, caminhou lenta e silenciosamente em direção à janela, sem pensar muito bem no que estava fazendo. Encostou-se com pesar contra o parapeito, olhando para a rua logo abaixo através das cortinas transparentes. Empurrou o tecido fino para o lado, os lábios se retorcendo num sorriso amargo enquanto observava uma babá levar uma criança pequena pela calçada.

Francesca. Ela queria um bebê.

Não sabia por que ficara tão surpreso. Se pensasse naquilo de maneira racional, não deveria ter achado nem um pouco estranho. Afinal, ela era uma mulher; é claro que haveria de querer filhos. Todas as mulheres não queriam? E embora ele nunca tivesse, de forma consciente, dito a si mesmo que ela choraria a perda de John para sempre, tampouco considerara a ideia de que pudesse realmente querer se casar de novo algum dia.

Francesca e John. John e Francesca. Eram uma unidade, ou pelo menos tinham sido, e embora a morte dele tivesse tornado muito triste a visão de um sem o outro, era totalmente diferente imaginar um deles junto a outra pessoa.

E ainda havia, é claro, o pequeno detalhe dos calafrios que ele andava tendo ao pensar em Francesca com outro homem.

Ele estremeceu. Ou seria um arrepio? Raios, esperava que não fosse um arrepio.

Imaginou que teria simplesmente de se acostumar à ideia. Se Francesca queria filhos, então precisava de um marido, e não havia nada que ele pudesse fazer. Teria sido ótimo se ela tivesse tomado essa decisão e cuidado do detestável assunto no ano anterior, poupando-lhe o desconforto de ter de assistir a todo o processo. Se ela tivesse se casado no ano passado, isso tudo já estaria encerrado.

Fim de história.

Mas agora ele iria ter de *assistir*. Talvez, até mesmo, aconselhar.

Maldição.

Estremeceu outra vez. Mas que diabo. Talvez não passasse de um resfriado. Afinal, era março, e um março frio, além de tudo, mesmo com a lareira sempre acesa.

Deu um puxão na gravata, que começava a lhe parecer inexplicavelmente apertada, e então arrancou-a de uma vez. Por Deus, estava sentindo calor e frio ao mesmo tempo, estranhamente descompensado.

Sentou-se. Aquilo lhe pareceu ser a melhor coisa a fazer.

Então desistiu de fingir que se sentia bem e tirou o resto das roupas para enfiar-se na cama.

Aquela seria uma longa noite.

CAPÍTULO 8

... ~~maravilhoso agradável ótimo~~ bom ter notícias suas. Fico contente por estar passando bem. John teria se orgulhado. ~~Sinto a sua falta.~~ Sinto a falta dele. ~~Sinto a sua falta.~~ Algumas flores ainda estão abertas. Não é ótimo que algumas flores ainda estejam abertas?

– da condessa de Kilmartin para o conde de Kilmartin,
uma semana após o recebimento de sua segunda missiva para ela,
primeiro esboço, jamais terminado, jamais enviado

– Michael não disse que jantaria conosco hoje?

Francesca ergueu o olhar para a mãe, que se encontrava diante dela com a fisionomia preocupada. Estivera pensando exatamente a mesma coisa, perguntando-se por que ele se atrasara.

Passara a maior parte do dia apreensiva com a chegada de Michael, embora ele não tivesse a menor ideia de que havia ficado tão aflita com aquele encontro no parque. Por Deus, era provável que ele nem tivesse se dado conta de que houvera um “momento”.

Fora a primeira vez na vida que Francesca ficara satisfeita pela falta de sensibilidade dos homens.

– Sim, ele disse que viria – respondeu Violet, remexendo-se de leve na cadeira.

Francesca já esperava havia algum tempo na sala de visitas com a mãe e duas de suas irmãs, passando o tempo enquanto os convidados não chegavam.

– Nós não lhe informamos a hora? – indagou Violet.

Francesca fez que sim.

– Confirmei com ele quando me deixou aqui após nosso passeio no parque.

Estava bastante certa disso; lembrava-se com clareza de ter sentido um embrulho no estômago ao falarem a respeito. Não desejara vê-lo outra vez – pelo menos não tão cedo –, mas o que podia fazer? A mãe havia feito o convite.

– É provável que esteja só atrasado – sugeriu Hyacinth, a irmã mais nova de Francesca. – Não me surpreende. Esse tipo sempre se atrasa.

Francesca se virou para ela de modo brusco.

– Como assim, esse tipo?

– Eu já ouvi falar da reputação dele.

– E o que a reputação dele tem a ver com isso? – perguntou Francesca, irritada. – E, de qualquer maneira, o que você poderia saber? Ele deixou a Inglaterra antes de você debutar na sociedade.

Hyacinth deu de ombros, espetando a agulha com força num bordado extremamente malfeito.

– As pessoas ainda falam dele – retrucou ela, distraidamente. – As senhoras desfalecem como idiotas à mera menção de seu nome, se você quer saber.

– Não há outra forma de desfalecer – observou Eloise, que, embora fosse um ano mais velha do que Francesca, permanecia solteira.

– Bem, por mais devasso que seja – disse Francesca –, ele sempre foi bastante pontual.

Jamais conseguira tolerar que falassem mal de Michael. Ela podia suspirar, gemer e resmungar por causa dos defeitos dele, mas era inaceitável que Hyacinth, cujo conhecimento de Michael se baseava apenas em boatos e insinuações, fizesse tal julgamento.

– Acredite no que quiser – acrescentou Francesca de repente, pois simplesmente não podia permitir que Hyacinth tivesse a última palavra –, mas ele jamais se atrasaria para um jantar nesta casa. Ele tem a nossa mãe em altíssima estima.

– E o que diz da estima dele por você? – perguntou Hyacinth.

Francesca fulminou a irmã, que mostrava um sorriso afetado por trás do bordado.

– Ele...

Não, ela não faria aquilo. Não ficaria ali discutindo com a irmã mais nova, não quando algo podia estar errado. Michael era, apesar do comportamento libertino, impecavelmente educado e atencioso, ou, pelo menos, sempre o fora na presença dela. E jamais chegaria para o jantar – ela olhou para o relógio que ficava sobre o console da lareira – com mais de meia hora de atraso. Não sem avisar.

Ela se levantou e alisou a saia cinza energicamente.

– Vou até a Casa Kilmartin – anunciou.

– Sozinha? – indagou Violet.

– Sozinha – respondeu Francesca, com firmeza. – Afinal, trata-se da minha casa. Não creio que haja algum falatório se eu for até lá para uma breve visita.

– Sim, sim, é claro – disse a mãe. – Mas não fique muito tempo.

– Mãe, eu sou uma viúva. E não pretendo passar a noite lá. Apenas quero ter notícias de Michael. Vou ficar bem, posso lhe garantir.

Violet assentiu com a cabeça, mas sua expressão dizia bem mais, Francesca percebeu. Vinha sendo assim havia anos: Violet queria retomar o papel de mãe dedicada para com a filha viúva, mas se controlava, tentando respeitar sua independência.

Nem sempre conseguia resistir à interferência, mas tentava, e Francesca se sentia grata pelo esforço.

– Quer que a acompanhe? – perguntou Hyacinth, com os olhos iluminados.

– Não! – exclamou Francesca, a surpresa tornando o tom um pouco mais veemente do que pretendera. – Por que diabo você ia querer me acompanhar?

Hyacinth deu de ombros.

– Curiosidade. Eu gostaria de conhecer o Devasso Alegre.

– Você já o conhece – observou Eloise.

– Sim, mas já faz muito tempo – disse Hyacinth, com um suspiro dramático –, antes de eu entender o que era um devasso.

– Você ainda não sabe o que é um devasso – disse Violet bruscamente.

– Ah, mas eu...

– Não, você *não* sabe o que é um devasso – repetiu Violet.

– Muito bem, então. – Hyacinth se virou para a mãe com um sorriso enjoativo de tão doce. – Eu não sei o que é um devasso. Também não sei me vestir ou escovar os próprios dentes.

– De fato, vi Polly ajudá-la a pôr o vestido de baile ontem à noite – murmurou Eloise, do sofá.

– Ninguém consegue pôr um vestido de baile sozinha – devolveu Hyacinth.

– Estou indo – avisou Francesca, mesmo tendo quase certeza de que ninguém a ouvia.

– O que está fazendo? – perguntou Hyacinth.

Francesca parou onde estava até se dar conta de que a irmã não falava com ela.

– Apenas examinando os seus dentes – retrucou Eloise, com extrema doçura.

– Meninas! – exclamou Violet, embora Francesca imaginasse que Eloise não tinha gostado muito da generalização, considerando que tinha 27 anos.

E, de fato, não gostou. De qualquer forma, a irritação da irmã e a réplica que se seguiu serviram como a oportunidade perfeita para Francesca deixar o aposento e pedir a um lacaio que chamasse uma carruagem para ela.

As ruas não estavam cheias; ainda era cedo e a alta sociedade não tomaria o caminho das festas e dos bailes por pelo menos mais uma ou duas horas. A carruagem se deslocou rapidamente por Mayfair e em menos de quinze minutos Francesca subia os degraus de entrada da Casa Kilmartin, em St. James. Como sempre, um lacaio abriu a porta antes mesmo de ela erguer a aldrava e ela entrou, apressada.

– Kilmartin está em casa? – perguntou ela, dando-se conta, com surpresa, de que era a primeira vez que se referia a Michael assim.

Era estranha, refletiu, e boa, na verdade, a naturalidade com a qual o nome lhe viera aos lábios. Já estava mais do que na hora de todos se acostumarem à mudança. Ele era o conde agora, e nunca mais voltaria a ser apenas o Sr. Stirling.

– Creio que sim – respondeu o lacaio. – Chegou esta tarde e não fui informado de que tenha saído.

Francesca franziu a testa, então fez um aceno para dispensar o homem antes de subir as escadas. Se Michael de fato estivesse em casa, devia estar lá em cima; se estivesse no primeiro andar, em seu escritório, o criado teria notado a sua presença.

Ela chegou ao segundo andar, então seguiu pelo corredor em direção aos aposentos do conde.

– Michael? – chamou baixinho, aproximando-se do quarto. – Michael?

Não havendo resposta, aproximou-se mais da porta, que ela notou não estar completamente fechada.

– Michael? – chamou outra vez, um pouco mais alto.

Não seria apropriado sair gritando o nome dele pela casa. Além do mais, não desejava acordá-lo caso ele estivesse dormindo. Era provável que ainda estivesse cansado de sua longa viagem, sendo orgulhoso demais para indicá-lo quando Violet o convidara para jantar.

Nada, ainda; ela então empurrou a porta mais alguns centímetros.

– Michael?

Ouviu alguma coisa. Um farfalhar, talvez. Quem sabe um gemido.

– Michael?

– Frannie?

Com certeza era a voz dele, mas não se parecia nada com qualquer coisa que ela já tivesse ouvido sair de seus lábios.

– Michael?

Ela se aproximou correndo, e o encontrou encolhido na cama, com uma aparência tão doentia como jamais vira em qualquer ser humano. John, é claro, nunca ficara doente. Apenas fora se deitar um dia e morrera.

Por assim dizer.

– Michael! – arfou ela. – O que há de errado com você?

– Ah, nada de mais – gemeu ele. – Imagino que seja um resfriado.

Francesca olhou para ele, em dúvida. Os cabelos castanhos colavam-se à testa, a pele estava muito vermelha e manchada e a quentura que irradiava da cama a deixou sem fôlego.

Sem falar que ele recendia a doença. Era aquele cheiro desagradável, suarento e levemente pútrido – do tipo que, se tivesse cor, sem dúvida seria verde-vômito. Francesca estendeu a mão e tocou-lhe a testa, recolhendo-a imediatamente ao sentir sua temperatura.

– Isto não é só um resfriado – afirmou ela, de forma brusca.

Os lábios dele se esticaram num horrível remedo de sorriso.

– Um resfriado bem ruim, então?

– Michael Stuart Stirling!

– Meu Deus, você parece minha mãe.

Ela não se sentia nem um pouco como a mãe dele, sobretudo depois do que acontecera no parque, e era quase um alívio vê-lo tão fraco e pouco atraente. Abrandava o que quer que tivesse sentido mais cedo.

– Michael, o que há de errado com você?

Ele deu de ombros e se afundou ainda mais nas cobertas, o corpo inteiro tremendo com o esforço.

– Michael! – Ela estendeu o braço e agarrou o ombro dele sem se preocupar em ser gentil. – Não ouse tentar nenhum de seus truques comigo. Sei exatamente como você age. Sempre finge que nada tem importância, que nada o afeta...

– Mas é verdade – murmurou ele.

– Michael! – Ela teria lhe dado um tapa se ele não estivesse tão doente. – Não vai tentar minimizar isso, está me entendendo? Eu insisto que me diga, neste instante, o que há de errado com você!

– Eu estarei melhor amanhã – afirmou ele.

– Ah, *certo* – disse Francesca, de forma bastante sarcástica.

– Estarei, sim – insistiu ele, mudando de posição, cada movimento pontuado por um gemido. – Estarei bem amanhã.

Francesca achou a afirmação dele bastante estranha.

– E depois de amanhã? – perguntou, estreitando os olhos.

Uma risada áspera emergiu de algum lugar debaixo das cobertas.

– Ora, aí eu voltarei a ficar doente feito um cão, é claro.

– Michael – começou ela outra vez, o pavor forçando a voz a permanecer baixa –, o que há de errado com você?

– Ainda não entendeu? – Ele tirou a cabeça de debaixo das cobertas e lhe pareceu tão doente que ela teve vontade de chorar. – Estou com malária.

– Ah, mas que diabo – disse Francesca com um suspiro, chegando a dar um passo para trás. – Ah, maldição.

– É a primeira vez que a ouço blasfemar – observou ele. – Talvez eu deva me sentir lisonjeado que seja por minha causa.

Ela não tinha a menor ideia de como ele conseguia ser tão insolente num momento como aquele.

– Michael eu...

Ela ia estendendo a mão, então desistiu, sem saber o que fazer.

– Não se preocupe – disse ele, encolhendo-se ainda mais no momento em que o corpo era sacudido por outra onda de tremores. – Não é contagioso.

– Não? – Ela piscou. – Quer dizer, é claro que não.

E, mesmo que fosse, aquilo não a impediria de cuidar dele. Afinal, era Michael. Era... bem, era difícil definir com precisão o que ele era para ela, embora os dois tivessem um elo indestrutível que quatro anos e milhares de quilômetros de distância não haviam conseguido diminuir.

– É o ar – disse ele, com a voz cansada. – É preciso respirar o ar pútrido para pegar. É por isso que chamam de malária. Se fosse algo contagioso, a Inglaterra inteira já estaria infectada.

Ela assentiu diante da explicação.

– Você está... está...

Não conseguiu se obrigar a concluir a pergunta.

– Não – respondeu ele. – Pelo menos, acham que não.

Ela se sentiu desmoronar, tamanho o alívio que a invadiu, e precisou se sentar. Não podia imaginar o mundo sem ele. Mesmo enquanto estivera fora, Francesca sempre soubera que ele estava *presente*, vivendo no mesmo planeta que ela, caminhando sobre a mesma terra. E mesmo naqueles primeiros dias depois da morte de John, quando ela o odiara por tê-la deixado, quando sentira tanta raiva dele que quisera chorar, experimentara algum consolo em saber que estava vivo e bem, e que retornaria para ela em um instante se um dia lhe pedisse.

Ele estava ali. Estava vivo. E com John morto... Bem, ela não conseguia nem pensar na possibilidade de perder os dois.

Ele estremeceu outra vez, violentamente.

– Precisa de remédio? – perguntou ela, alerta. – Você *tem* algum remédio?

– Já tomei – respondeu ele, batendo o queixo.

Mas ela precisava fazer *alguma* coisa. Não se odiava a ponto de achar que houvera algo que pudesse ter feito para impedir a morte de John – mesmo no pior momento de sua dor, não havia encarado a situação daquela forma –, mas sempre detestara o fato de tudo ter acontecido em sua ausência. Na realidade, fora a única coisa relevante que John fizera sem a presença dela. E ainda que

Michael estivesse apenas doente, e não à beira da morte, não iria permitir que sofresse sozinho.

– Deixe-me pegar outra manta para você – falou.

Sem esperar a resposta, passou correndo pela porta que ligava os aposentos que agora pertenciam a ele e arrancou a coberta de cima da cama. Era cor-de-rosa e provavelmente ofenderia a sensibilidade masculina de Michael assim que ele voltasse a ficar bem, mas isso, decidiu, era problema *dele*.

Ao retornar, Francesca o viu de tal forma imóvel que pensou que Michael tivesse adormecido, mas ele conseguiu voltar à consciência por tempo suficiente para lhe agradecer enquanto ela o cobria com a manta.

– O que mais posso fazer? – perguntou Francesca, puxando uma cadeira para o lado da cama e se sentando.

– Nada.

– Tem de haver alguma coisa – insistiu ela. – Não é possível que tenhamos que simplesmente esperar isso passar.

– É possível – disse ele, sem forças. – É só isso que podemos fazer.

– Não consigo acreditar que seja verdade.

Ele abriu um dos olhos.

– Pretende desafiar toda a classe médica?

Ela rangeu os dentes e curvou o corpo para a frente na cadeira.

– Tem certeza que não precisa de mais remédio?

Ele balançou a cabeça, então gemeu com o esforço.

– Não por mais algumas horas.

– Onde está? – perguntou ela.

Se a única coisa que podia fazer era localizar o remédio e estar pronta para ministrá-lo, então faria pelo menos isso.

Ele moveu a cabeça levemente para a esquerda. Francesca seguiu o movimento em direção a uma pequena mesa do outro lado do aposento, na qual um frasco de vidro repousava sobre um jornal dobrado. Ela se levantou e foi buscá-lo, lendo a etiqueta enquanto caminhava de volta para a cadeira.

– Quinino – murmurou. – Já ouvi falar disso.

– Medicamento miraculoso – disse Michael. – Pelo menos é o que dizem.

Francesca olhou para ele com uma expressão de dúvida.

– É só olhar para mim – acrescentou ele com um sorriso torto e débil. – Sou a prova viva disso.

Ela inspecionou o frasco outra vez, observando o pó se deslocar ao inclinálo.

– Ainda não estou convencida.

Michael mexeu um dos ombros de leve.

– Não estou morto.

– Isso não tem graça.

– Não, é a *única* coisa que tem graça – corrigiu ele. – Precisamos achar graça onde for possível. Pense só: se eu morresse, o título iria para... como é mesmo que Janet sempre diz... para aquele...

– Tenebroso ramo Debenham da família – disseram os dois em uníssono e, embora não conseguisse acreditar, Francesca chegou a sorrir.

Ele sempre conseguia fazê-la sorrir.

Francesca estendeu a mão e tomou a dele.

– Vamos superar isso – falou.

Ele assentiu e fechou os olhos.

E quando achou que ele tivesse dormido, Michael sussurrou:

– É melhor com você aqui.

∽

Na manhã seguinte, Michael estava se sentindo mais revigorado, e se ainda não tinha voltado ao normal, pelo menos estava com uma aparência muito melhor do que a da noite anterior. Francesca, ele ficou horrorizado em constatar, continuava na cadeira ao lado de sua cama, a cabeça inclinada como a de uma bêbada para o lado. Parecia bastante desconfortável.

Mas estava dormindo. Chegava até a roncar, o que ele achou muito cativante. Jamais a imaginara roncando e, era triste dizer, já a imaginara dormindo mais vezes do que gostaria de admitir.

Supunha que seria querer muito esconder a doença dela; Francesca era perceptiva e abelhuda demais para deixar que isso acontecesse. E, embora tivesse preferido que ela não se preocupasse com ele, a verdade era que havia

ficado satisfeito com a sua presença na noite anterior. Não deveria ter se sentido assim, mas simplesmente não podia evitar.

Ouviu-a se mexer e virou de lado para olhá-la melhor. Nunca a vira despertar, pensou. Não sabia por que achava aquilo tão estranho, já que não testemunhara muitos momentos íntimos dela antes. Talvez fosse porque, em todos os seus devaneios, em todas as suas fantasias, Michael nunca houvesse imaginado aquilo exatamente – o ruído surdo escapando de sua boca enquanto ela mudava de posição, o pequeno suspiro quando ela bocejava ou mesmo o delicado balé de suas pálpebras enquanto adejavam para abrir.

Era linda.

Disso ele sabia, é claro, havia anos, mas jamais o sentira de forma tão profunda e completa.

Não era a maravilhosa cabeleira castanho-avermelhada que ele tão raramente tinha o privilégio de ver solta. Tampouco eram os olhos, de um azul tão radiante que tinham servido de inspiração para alguns poemas – para o profundo divertimento de John, recordava Michael. Também não era o formato do rosto; se fosse o caso, seria obcecado pela beleza de todas as Bridgertons, tão parecidas entre si.

Era algo na forma como ela se movia.

Algo na maneira de respirar.

Algo na sua forma de *existir*.

Ele achava que jamais superaria aquilo.

– Michael – murmurou ela, esfregando os olhos.

– Bom dia – cumprimentou ele, esperando que ela associasse a rouquidão de sua voz à exaustão.

– Você parece melhor.

– Estou me sentindo melhor.

Ela engoliu e fez uma pausa antes de dizer:

– Já está acostumado.

Ele fez que sim.

– Não chegaria a ponto de dizer que a doença não me incomoda, mas, sim, estou acostumado com ela. Sei o que fazer.

– Quanto tempo vai durar?

– É difícil dizer. Vou ter febres em dias alternados até... parar de ter. Uma semana ao todo, talvez duas. Três, se eu estiver com um azar terrível.

– E então?

Ele deu de ombros.

– Então eu torcerei para que nunca mais aconteça.

– E isso é possível? – Ela endireitou as costas na cadeira. – Simplesmente nunca mais voltar?

– É uma doença estranha e volúvel.

Ela estreitou os olhos.

– *Não* diga que é como uma mulher.

– Isso nem me ocorreu até você mencionar.

Ela franziu os lábios de leve, em seguida os relaxou e perguntou:

– Quanto tempo faz desde a sua última... Como as chama?

Ele deu de ombros.

– Chamo de crises. Faz seis meses.

– Bem, isso é bom! – Ela mordeu o lábio inferior. – Não é?

– Considerando que o intervalo anterior havia sido de três meses, eu acho que sim.

– Há quanto tempo isso vem acontecendo?

– Esta é a terceira vez. Comparado ao que já presenciei, não é tão ruim.

– Isso deveria ser um consolo?

– É a verdade – disse ele, muito francamente. – É assim que vejo a situação, modelo de virtude cristã que sou.

Ela estendeu o braço e tocou-lhe a testa.

– Está bem menos quente – observou.

– Sim, hoje a febre deve baixar. É uma doença notavelmente consistente. Bem, pelo menos quando se está no meio de uma crise. Seria ótimo se eu soubesse quando esperar o início de uma crise.

– E você realmente voltará a ter outra febre daqui a um dia?

– Isso – confirmou ele.

Ela pareceu pensar naquilo por um instante, depois disse:

– Não vai poder esconder isso da sua família, é claro.

Ele chegou a tentar se sentar na cama.

– Pelo amor de Deus, Francesca, *não* conte à minha mãe e...

– Elas vão chegar à Inglaterra a qualquer momento – interrompeu ela. – Quando deixei a Escócia, elas disseram que viriam apenas uma semana depois, e, conhecendo Janet, isso significa três dias, no máximo. Você acha mesmo que não notarão que você está convenientemente...

– Inconvenientemente... – interrompeu ele, mordaz.

– Que seja – disse ela bruscamente. – Acha mesmo que não notarão que você fica à beira da morte dia sim, dia não? Pelo amor de Deus, Michael, reconheça que as duas possuem alguma inteligência.

– Tudo bem – retrucou ele, afundando outra vez nos travesseiros. – Mas não quero que mais ninguém saiba. Não tenho o menor desejo de me transformar na aberração de Londres.

– Até parece que você é a primeira pessoa a ser acometida de malária.

– Não quero a piedade de ninguém – rosnou ele. – Especialmente a sua.

Ela se encolheu como se tivesse recebido um golpe e ele, é claro, se sentiu como um imbecil.

– Desculpe – disse ele. – Não me expressei bem.

Ela o fuzilou com os olhos.

– Eu não quero a sua piedade – recomeçou ele, em tom de arrependimento –, mas os seus cuidados são extremamente bem-vindos.

O olhar dela não cruzou com o dele, mas Michael percebeu que ela tentava decidir se acreditava nele.

– Estou sendo sincero – garantiu ele, sem energia para tentar disfarçar a exaustão na voz. – Fico contente por você estar aqui. Já passei por isso antes.

Ela o fitou com severidade, com indagação nos olhos.

– Já passei por isso antes – repetiu ele –, e desta vez foi... diferente. Melhor. Mais fácil. – Ele deixou o ar escapar longamente, aliviado por ter encontrado a palavra certa. – Fácil. Foi mais fácil.

– Ah. – Ela mudou de posição na cadeira. – Que... bom.

Ele olhou para as janelas. Estavam cobertas por pesadas cortinas, mas podia ver o brilho do sol penetrar pelas laterais.

– Será que sua mãe não está preocupada com você?

– Ah, *não*! – gritou Francesca, levantando-se com tal rapidez que a mão se chocou contra a mesa de cabeceira. – Ai, ai, *ai*.

– Está tudo bem? – indagou Michael por educação, uma vez que ficou bem claro que ela não se machucara de fato.

– Ah... – Ela balançava a mão, esperando que a dor do choque passasse. – Esqueci completamente da minha mãe. Ela esperava que eu voltasse para casa ontem à noite.

– Não lhe enviou um bilhete?

– Enviei – disse ela. – Falei que você estava doente, mas ela escreveu de volta e disse que passaria por aqui hoje manhã para ajudá-lo. Que horas são? Tem um relógio? É claro que tem um relógio. – Ela se virou, agitada, em direção ao relógio que ficava sobre a lareira.

Aquele tinha sido o quarto de John; ainda era o quarto de John, de certa maneira. É claro que ela sabia onde ficava o relógio.

– Ainda são oito horas – constatou Francesca com um suspiro aliviado. – Mamãe nunca se levanta antes das nove, a não ser que haja alguma emergência, e vamos torcer para que ela não considere isto uma. Tentei não demonstrar pânico em meu bilhete.

Conhecendo Francesca, o tal bilhete devia ter sido escrito com toda a calma pela qual ela era conhecida. Michael sorriu. Provavelmente mentira e dissera ter contratado uma enfermeira.

– Não há motivo para pânico – comentou ele.

Ela se virou para ele com aflição no olhar.

– Você disse que não queria que ninguém soubesse que está com malária.

Ele entreabriu os lábios. Jamais imaginara que ela levaria os desejos dele tão a sério.

– Esconderia isso de sua mãe? – perguntou ele, baixinho.

– É claro. A decisão de contar a ela cabe a você, não a mim.

Era bastante comovente. Enternecedor, na verdade...

– Eu o acho louco – acrescentou ela, em tom de repreensão.

Bem, talvez enternecedor não fosse a palavra exata.

– Mas respeitarei sua decisão. – Ela colocou as mãos nos quadris e o fitou com certa censura no olhar. – Como pode pensar que eu agiria de outra forma?

– Não tenho ideia – murmurou ele.

– Francamente, Michael – resmungou ela. – Não sei o que há de errado com você.

– O ar pantanoso? – disse ele, descontraidamente.

Ela lhe lançou Um Olhar. Com maiúsculas.

– Vou voltar à casa de minha mãe – declarou ela, calçando as botas cinza de cano curto. – Se eu não for rápida, você pode ter certeza de que ela aparecerá aqui com o corpo docente da Faculdade Real de Medicina inteiro a reboque.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Ela fez isso quando você adoeceu?

Francesca deixou escapar um pequeno som que era um misto de resfôlego com grunhido, mas que denotava grande irritação.

– Voltarei logo. Não saia daí.

Ele ergueu as mãos, fazendo um gesto de alguma forma sarcástico em direção ao seu leito de doente.

– Bem, eu não duvidaria você seja capaz – resmungou ela.

– A sua fé na minha força sobre-humana é comovente.

Francesca fez uma pausa ao chegar à porta.

– Michael, posso garantir que você é o paciente à beira da morte mais irritante que eu já conheci.

– Mas eu vivo para diverti-la! – gritou ele quando Francesca já estava no corredor, certo de que se ela tivesse alguma coisa para atirar na porta, o teria feito. Com imenso vigor.

Ele se acomodou outra vez sobre os travesseiros e sorriu. Até podia ser um paciente irritante, mas ela era uma enfermeira rabugenta.

O que, a seu ver, estava ótimo.

CAPÍTULO 9

... é possível que nossas cartas tenham se cruzado no correio, embora me pareça mais provável que você, simplesmente, não deseje se corresponder comigo. Aceito isso e lhe desejo o melhor. Não voltarei a incomodá-la. Espero que saiba que estou à disposição para ouvi-la, caso algum dia mude de ideia.

– do conde de Kilmartin para a condessa de Kilmartin,
oito meses após a sua chegada à Índia

Não foi fácil esconder a sua doença. Não por conta da sociedade – Michael simplesmente recusou todos os convites que recebeu e Francesca espalhou que ele desejava se acomodar em seu novo lar antes de começar a frequentar eventos sociais.

Já os criados representaram uma dificuldade maior. Conversavam entre si, é claro, e com frequência também com empregados de outras casas, então Francesca tivera de se certificar de que apenas os mais leais soubessem o que se passava no quarto de Michael. Era complicado, em especial por ela não estar morando oficialmente na Casa Kilmartin, pelo menos até a chegada de Janet e de Helen, o que Francesca esperava com fervor que acontecesse em breve.

Mas a parte mais difícil foi a família de Francesca: todos os Bridgertons ficaram curiosíssimos e foi quase impossível guardar segredo diante deles. Tentar esconder a situação foi simplesmente um pesadelo.

– Por que você vai lá todos os dias? – perguntou Hyacinth durante o desjejum.

– Eu moro lá – respondeu Francesca mordendo um *muffin*, o que qualquer pessoa sensata teria entendido como um sinal de que não desejava conversa.

Hyacinth, no entanto, jamais fora conhecida por sua sensatez.

– Você mora aqui – observou.

Francesca engoliu em seco, então tomou um gole de chá, a demora calculada para conseguir se manter impassível.

– Eu durmo aqui – disse, imperturbável.

– Não é a mesma coisa?

Francesca passou mais geleia no *muffin*.

– Estou comendo, Hyacinth.

A irmã mais nova deu de ombros.

– Eu também, mas isso não me impede de ter uma conversa inteligente.

– Eu vou matá-la – disse Francesca para ninguém em especial.

O que provavelmente era uma boa coisa, visto que não havia ninguém mais presente.

– Com quem está falando? – indagou Hyacinth.

– Com Deus – devolveu Francesca. – E acredito ter recebido permissão divina para assassiná-la.

– Humpf – foi a resposta de Hyacinth. – Se fosse fácil assim, eu teria pedido permissão para eliminar metade da alta sociedade há anos.

Francesca decidiu, então, que nem todos os comentários da irmã precisavam de réplica. Na verdade, poucos precisavam.

– Ah, Francesca! – exclamou Violet, chegando à sala e interrompendo a conversa. – Está aí.

Francesca ergueu a vista para ver a mãe entrando, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, Hyacinth exclamou:

– Francesca estava prestes a me matar!

– Cheguei na hora certa, então – disse Violet, tomando o seu lugar e virando-se para Francesca: – Está planejando ir até a Casa Kilmartin agora de manhã?

Francesca assentiu.

– Eu moro lá.

– Eu acho que ela mora aqui – rebateu Hyacinth, acrescentando uma boa dose de açúcar ao chá.

Violet a ignorou.

– Acho que vou junto.

Francesca quase deixou cair o garfo.

– Por quê?

– Eu gostaria de ver Michael – disse Violet, com um delicado dar de ombros. – Hyacinth, poderia me passar os *muffins*?

– Não sei quais são os planos dele para hoje – atalhou Francesca apressadamente.

Michael tivera uma crise na noite anterior, o quarto ataque de febre, e esperavam que fosse o último do ciclo. Mas, embora já devesse estar recuperado a essa altura, era bem possível que ainda estivesse com uma péssima aparência. A pele, com a graça de Deus, não estava amarelada, o que Michael lhe dissera ser, com frequência, sinal de que a doença progredia para o estágio final. Mas, ainda assim, ele exibia um ar doentio e Francesca sabia que se a mãe o olhasse, ainda que de relance, ficaria horrorizada. Além de furiosa.

Violet Bridgerton não gostava de não saber das coisas. Em especial quando o assunto estava ligado ao uso da expressão “vida e morte”.

– Se ele não estiver disponível, eu simplesmente darei meia-volta e virei para casa – retrucou Violet. – A geleia, por favor, Hyacinth.

– Eu também vou – disse a caçula.

Ah, Deus. A faca de Francesca escorregou por cima do *muffin*. Teria de dopar a irmã. Era a única solução.

– Não se importa se eu for também, não é? – perguntou Hyacinth a Violet.

– Não tinha algo planejado com Eloise? – falou Francesca, rapidamente.

Hyacinth parou, pensou, piscou algumas vezes.

– Acho que não.

– Compras? No chapeleiro?

Hyacinth ficou pensativa por mais um instante.

– Não, na verdade tenho certeza que não marquei nada com ela. Comprei um chapéu novo na semana passada. É lindo. Verde, com detalhes em bege. – Ela baixou a vista para a torrada, olhou-a por um momento, então estendeu o braço em direção à geleia. – Estou cansada de fazer compras – acrescentou.

– Nenhuma mulher se cansa de fazer compras – atalhou Francesca, um tanto desesperadamente.

– Bem, eu me cansei. Além do mais, o conde... – Hyacinth se interrompeu, virando-se para a mãe: – Posso chamá-lo de Michael?

– Terá de perguntar a ele – respondeu Violet, levando uma garfada de ovos à boca.

Hyacinth virou-se outra vez para Francesca.

– Ele está de volta a Londres há uma semana e eu ainda nem o vi. Minhas amigas vêm me fazendo perguntas a respeito dele e eu não tenho nada a dizer.

– Não é cortês espalhar boatos, Hyacinth – observou Violet.

– Mas não são boatos – devolveu Hyacinth. – É uma franca disseminação de informações.

Francesca ficou boquiaberta.

– Mãe – começou, balançando a cabeça –, você realmente deveria ter parado em sete.

– Filhos, você quer dizer? – indagou Violet, bebericando o chá. – Às vezes eu penso a mesma coisa.

– Mãe! – exclamou Hyacinth.

Violet se limitou a sorrir para ela.

– Sal?

– Ela teve de tentar oito vezes até acertar – retrucou Hyacinth, estendendo o saleiro em direção à mãe com decidida ausência de modos.

– E por acaso isso quer dizer que você também espera ter oito filhos? – indagou Violet, com doçura.

– Por Deus, não – retrucou a menina de forma bastante veemente.

Nem ela nem Francesca conseguiram conter uma boa risada depois disso.

– Por que não damos uma passada por lá depois do meio-dia? – perguntou Violet a Francesca, assim que o momento de frivolidades passou.

Francesca olhou para o relógio. Isso mal lhe daria uma hora para deixar Michael apresentável. E a mãe dissera *nós*. Planejava mesmo levar Hyacinth, que possuía a capacidade de transformar qualquer situação desconfortável num pesadelo.

– Eu vou indo na frente – disse ela, levantando-se de súbito. – Para ver se ele está disponível.

Para a sua surpresa, a mãe também se levantou.

– Vou acompanhá-la até a porta – disse Violet, com firmeza.

– Vai?

– Vou.

Hyacinth começou a se levantar.

– Sozinha – acrescentou Violet, sem nem mesmo olhar para Hyacinth.

A menina voltou a se sentar. Até mesmo ela era sábia o bastante para compreender que não devia discutir com a mãe quando esta combinava um sorriso sereno com um tom de aço na voz.

Francesca deixou que a mãe passasse à sua frente e as duas caminharam em silêncio até o hall de entrada, onde ela esperou que um criado fosse buscar seu casaco.

– Há algo que gostaria de me contar? – perguntou Violet.

– Não sei do que está falando.

– Acho que sabe, sim.

– Posso lhe garantir que não sei – retrucou Francesca, olhando para a mãe com o máximo de inocência.

– Tem passado muito tempo na Casa Kilmartin.

– Eu moro lá – observou Francesca pelo que parecia ser a centésima vez.

– Neste momento, não, não mora, e eu temo que as pessoas comecem a comentar.

– Ninguém disse uma única palavra a respeito – devolveu Francesca. – Não li nada nas colunas de fofocas, e, se as pessoas estivessem comentando, uma de nós já teria ouvido alguma coisa.

– Só porque as pessoas estão sendo discretas hoje, não quer dizer que o serão amanhã – argumentou Violet.

Francesca deixou escapar um suspiro de irritação.

– Até parece que eu sou uma virgem que nunca se casou.

– Francesca!

Ela cruzou os braços.

– Perdoe por eu falar tão francamente, mãe, mas é verdade.

O criado surgiu nesse momento com o casaco de Francesca e lhe informou que a carruagem estaria na frente da casa em instantes. Violet esperou que ele saísse, então virou-se para Francesca e perguntou:

– Exatamente que tipo de relacionamento você tem com o conde?

Francesca deu um grito entrecortado.

– Mamãe!

– Não é uma pergunta tola – disse Violet.

– É a pergunta mais tola... não, é a pergunta mais estúpida que eu já ouvi. Michael é meu primo!

– Ele era primo do seu marido – corrigiu Violet.

– E meu, também – afirmou Francesca. – E meu amigo. Por Deus, de todas as pessoas... Não posso nem imaginar... Michael!

Mas a verdade é que podia, *sim*, imaginar. A doença de Michael mantivera tudo em suspenso; estivera tão ocupada em cuidar dele e em mantê-lo bem que conseguira evitar pensar no que sentira no parque quando olhara para ele e algo voltara à vida dentro dela.

Algo que achava que tivesse morrido quatro anos antes.

Mas ouvir a *mãe* dizer isso em voz alta... Por Deus, era ofensivo. Simplesmente não podia se sentir atraída por Michael. Era errado. Muito errado. Era... bem, era *errado* e pronto. Não havia outra palavra que descrevesse aquilo melhor.

– Mãe – começou Francesca, tentando manter a voz serena –, Michael não tem se sentido bem. Eu já lhe disse isso.

– Sete dias é muito tempo para um resfriado.

– Talvez seja algo que ele pegou na Índia – sugeriu Francesca. – Não sei. Acho que já está quase recuperado. Eu o tenho ajudado a se estabelecer aqui em Londres. Ele passou muito tempo fora e, como a senhora mesma observou, tem muitas responsabilidades como conde. Achei que era meu dever auxiliá-lo com tudo isso.

Ela olhou para a mãe com uma expressão decidida, bastante satisfeita com seu discurso. Violet, no entanto, limitou-se a dizer:

– Eu a verei daqui a uma hora.

E se afastou, deixando Francesca realmente em pânico.

Michael estava aproveitando alguns momentos de paz e de tranquilidade – não que estivesse adorando o silêncio, mas a malária era uma doença realmente cansativa – quando Francesca irrompeu pela porta de seu quarto com os olhos arregalados e sem fôlego.

– Você tem duas escolhas – disse ela; ou melhor, vomitou ela.

– Só duas? – murmurou ele, apensar de não ter a menor ideia do que ela estava falando.

– Não é hora para brincadeiras.

Ele foi erguendo o corpo devagar até se sentar.

– Francesca? – falou cuidadosamente, uma vez que, pela sua experiência, sempre se devia proceder com cautela quando uma senhora se encontrava em tal estado de agitação. – Você está um tanto...

– Minha mãe está vindo... – disse ela.

– Aqui?

Ela fez que sim.

Não se tratava de uma situação ideal, mas não era nada que merecesse tanto desespero da parte de Francesca.

– Por quê? – indagou ele, educadamente.

– Ela acha que... – Francesca fez uma pausa, tentando recuperar o fôlego. – Ela acha que... Ah, minha nossa, você não vai acreditar.

Ao perceber que ela não iria em frente na exposição do assunto, ele arregalou os olhos e estendeu as mãos num gesto de impaciência, como se dissesse: *Importa-se em explicar?*

– Ela acha – falou Francesca, estremecendo ao se virar para ele – que estamos tendo um caso amoroso.

– Depois de eu estar de volta a Londres há uma semana apenas – murmurou ele, pensativo. – Eu sou mais rápido do que imaginava.

– Como consegue fazer gracejo com um assunto desses? – disse Francesca.

– E como você não consegue? – devolveu ele.

Embora, é claro, ela jamais pudesse ser capaz de rir de tal coisa. Para ela era impensável. Para ele era...

Bem, outra coisa completamente diferente.

– Eu estou horrorizada – declarou ela.

Michael se limitou a lhe oferecer um sorriso e um dar de ombros, embora começasse a se sentir um pouco ofendido. Claro que ele não esperava que Francesca pensasse nele dessa forma, mas uma reação de horror não fazia um homem se sentir exatamente *bem* sobre a sua masculinidade.

– Quais são as minhas duas escolhas? – indagou ele, abruptamente.

Ela se limitou a fitá-lo.

– Você disse que eu tinha duas escolhas.

Francesca piscou e teria lhe parecido adorável em sua confusão se ele não estivesse tão irritado pela reação dela.

– Eu... não me lembro – admitiu Francesca, por fim. – Ah, meu Deus – gemeu ela –, o que vou fazer?

– Acalmar-se talvez seja um bom começo – disse ele, fazendo-a virar a cabeça em sua direção. – Pare e pense, Frannie. Estamos falando de *nós dois*. A sua mãe vai se dar conta da tolice que está pensando assim que parar para pensar um pouco.

– Foi o que eu disse a ela – retrucou Francesca, fervorosamente. – Quer dizer, pelo amor de Deus, você consegue imaginar?

Na verdade, ele conseguia, sim, o que sempre representara um pequeno problema.

– É a coisa mais impensável possível – murmurou Francesca, andando de um lado para outro do aposento. – Como se eu... – Ela se virou para ele, gesticulando com emoção exagerada. – Como se *você*... – Ela se deteve, plantou as mãos nos quadris, então desistiu de ficar parada e começou a caminhar de um lado para outro de novo. – Como ela pode imaginar tal coisa?

– Acho que jamais a vi tão ofendida – comentou Michael.

Ela parou onde estava e o fitou como se ele fosse um imbecil.

E como se tivesse dois chifres e um rabo.

– Você realmente deveria tentar se acalmar – disse ele, mesmo sabendo que suas palavras talvez tivessem o efeito contrário.

As mulheres odiavam que as mandassem se acalmar, sobretudo mulheres como Francesca.

– Me acalmar? – ecoou ela, virando-se para ele furiosa. – Me *acalmar*? Por Deus, Michael, você continua com febre?

– Nem um pouco – retrucou ele, impassível.

– Compreende o que estou lhe dizendo?

– Perfeitamente – respondeu, com toda a educação possível a um homem cuja masculinidade sofrera um golpe.

– É loucura – insistiu ela. – Loucura. Quer dizer, olhe só para você.

Por que ela simplesmente não pegava uma faca e a levava aos seus testículos de uma vez?

– Sabe, Francesca – começou ele, com brandura estudada –, há muitas mulheres em Londres que ficariam muito satisfeitas em, como foi que você disse?, terem um caso amoroso comigo.

Francesca, que ainda estava com a boca aberta após sua derradeira explosão, fechou-a rapidamente.

Ele ergueu as sobrancelhas e se recostou outra vez nos travesseiros.

– Algumas se sentiriam privilegiadas.

Ela o fuzilou com os olhos.

– *Algumas* mulheres – prosseguiu Michael, sabendo que jamais deveria provocá-la com relação àquele assunto – poderiam até mesmo brigar fisicamente pela mera oportunidade...

– Pare! – vociferou ela. – Meu Deus, Michael, ter uma visão tão inflada das próprias proezas não é nada atraente.

– Ouço dizerem que é merecida – disse ele, com um sorriso lânguido.

O rosto dela ardeu, ruborizado.

Ele bem que gostou do que viu. Podia amá-la, mas odiava o efeito que ela exercia sobre ele e não tinha o coração tão grande a ponto de não sentir a ocasional satisfação de vê-la tão incomodada.

Era apenas uma fração do que *ele* sentia no dia a dia, afinal.

– Não tenho o menor desejo de ouvi-lo falar sobre as suas conquistas amorosas – retrucou Francesca, seca.

– Mas que engraçado, você costumava querer saber sobre elas o tempo todo. – Ele fez uma pausa, observando-a estrebuchar. – Como era mesmo que você me pedia?

– Eu não...

– *Conte algo indecente* – disse ele, fingindo ter acabado de se lembrar quando, é claro, jamais se esquecera de qualquer coisa que ela já tivesse lhe dito. – Conte algo indecente – repetiu ele, mais devagar dessa vez. – Era isso. Você

bem que gostava quando eu era indecente. Sempre se mostrou muito curiosa sobre as minhas conquistas.

– Isso foi antes...

– Antes de que, Francesca?

Fez-se uma estranha pausa antes que ela falasse:

– Antes disso. Antes de agora. Antes de tudo.

– Essa resposta deveria ser esclarecedora?

A resposta dela foi apenas mais um olhar fulminante.

– Muito bem – disse ele –, acho que devo me preparar para a visita de sua mãe. Não há de ser um problema tão grande assim.

Francesca o olhou com uma expressão de dúvida.

– Mas você está com uma aparência horrível.

– Eu sabia que havia um motivo para eu querer tão bem a você – disse ele, num tom seco. – Não há o menor perigo de se cometer o pecado da vaidade na sua presença.

– Michael, fale sério.

– Infelizmente, estou falando.

Ela fez uma careta horrível.

– Posso ficar de pé agora, expondo-a a partes do meu corpo que imagino que você prefira não ver, ou você pode sair e aguardar a minha gloriosa presença lá embaixo.

Ela saiu correndo.

O que o confundiu. A Francesca que ele conhecia não corria de nada.

Pensando bem, tampouco saía sem ao menos tentar ter a última palavra.

Mas, acima de tudo, Michael não conseguiu acreditar que ela saíra correndo sem contestar sua autodenominação de glorioso.

Por fim, Francesca não precisou ser submetida à visita da mãe. Menos de vinte minutos após deixar o quarto de Michael, um bilhete de Violet chegou informando-lhe que Colin, seu irmão – que estava viajando pelo Mediterrâneo havia meses –, acabava de retornar a Londres e que ela, portanto, teria de adiar a visita. E mais tarde, naquela mesma noite, como Francesca havia previsto no

início da crise de Michael, Janet e Helen chegaram a Londres, aplacando a preocupação de Violet sobre Francesca e Michael e a ausência de um acompanhante para os dois.

As mães – que era como Francesca e Michael tinham passado a chamá-las – ficaram esfuziantes com a chegada inesperada de Michael, embora um único olhar para o seu rosto doente tenha lhes provocado tamanho acesso de preocupação maternal que ele teve que levar Francesca até um canto e lhe implorar que não o deixasse a sós com nenhuma das duas. Na realidade, elas chegaram num momento bastante fortuito, pois Michael tivera um dia bem saudável antes de ser assolado por mais um acesso de febre arrasador. Francesca conversou com elas em particular sobre a próxima crise esperada, explicando-lhes a natureza da doença, assim, quando vissem a malária se manifestar em toda a sua potência, já estariam preparadas.

E, ao contrário de Francesca, as duas concordaram com mais facilidade – na verdade, com avidez – em manter a enfermidade em segredo. Era difícil imaginar que um conde rico e bonito pudesse não ser considerado um excelente partido pelas moças solteiras de Londres, mas a malária nunca fora um ponto a favor de ninguém na busca de uma esposa.

E, se havia uma coisa que Janet e Helen estavam decididas a ver antes do final do ano, era Michael na frente de um altar, colocando uma aliança no dedo de uma nova condessa.

Na verdade, Francesca adorou ouvir as duas darem-lhe um sermão sobre a necessidade de ele se casar. Pelo menos aquilo tirava a atenção de cima *dela*. Não tinha a menor ideia de como haveriam de reagir a *seu* projeto de matrimônio – embora imaginasse que se alegrariam por ela –, mas a última coisa que queria eram mais duas mamães casamenteiras tentando uni-la a qualquer solteiro patético disponível no mercado.

Por Deus, já teria de lidar com a *própria* mãe, que, sem dúvida, não iria resistir à tentação de se meter, uma vez que Francesca deixara clara a intenção de encontrar um marido naquele ano.

Assim, Francesca se mudou de volta para a Casa Kilmartin e a família Stirling se recolheu a uma espécie de casulo, com Michael recusando todos os convites recebidos com a promessa de que estaria disponível tão logo estivesse estabelecido após a sua longa jornada. As três senhoras frequentavam a

sociedade ocasionalmente e, embora Francesca esperasse as perguntas sobre o novo conde, não imaginava que seriam tantas, e tão frequentes.

Ao que parecia, todos eram loucos pelo Devasso Alegre, sobretudo agora que andava envolvido por uma aura de mistério.

Ah, e com um condado de herança. E com as 100 mil libras esterlinas que o acompanhavam.

Francesca balançou a cabeça em uma negativa enquanto pensava naquilo. Nem a Srta. Radcliffe poderia ter imaginado um herói mais perfeito. Ia ser um pandemônio quando ele estivesse recuperado.

Então, de repente, ele ficou bom.

Bem, não tão de repente assim: os acessos de febre foram diminuindo aos poucos. De qualquer forma, Francesca teve a impressão de que um dia ele ainda parecia abatido e pálido e no dia seguinte voltara ao normal, tornando-se outra vez robusto e vigoroso, vagando pela casa ávido pelo sol.

– Quinino – declarou Michael, com um preguiçoso dar de ombros quando Francesca comentou sobre a melhora em sua aparência durante o desjejum. – Eu tomaria esse troço seis vezes ao dia se o maldito sabor não fosse tão ruim.

– Olhe a língua, Michael, por favor – murmurou a mãe, espetando uma linguiça com o garfo.

– Já provou quinino, mãe? – indagou ele.

– É claro que não.

– Então prove e vamos ver como a *sua* língua se comportará.

Francesca riu por baixo do guardanapo.

– Eu já provei – anunciou Janet.

Todos os olhos se voltaram para ela.

– Provou? – indagou Francesca.

Nem mesmo ela tivera essa coragem. O cheiro ruim fora o bastante para que ela mantivesse distância do frasco.

– É claro – respondeu Janet. – Fiquei curiosa. – Ela se virou para Helen. – É realmente terrível.

– Pior do que aquela mistura horrorosa que a cozinheira nos fez tomar no ano passado para... hã...

Helen olhou para Janet com uma expressão que significava *você sabe o que quero dizer.*

– Muito pior.

– Você dissolveu? – indagou Francesca. O pó era para ser misturado com água purificada, mas ela supunha que Janet pudesse simplesmente ter colocado um pouco sobre a língua.

– É claro. Não é assim que se prepara?

– Tem gente que gosta de misturar com gim – comentou Michael.

Helen estremeceu.

– Não imagino que seja pior do que puro – comentou Janet.

– Ainda assim, se alguém pretende misturá-lo a uma bebida alcoólica, que pelo menos escolha um bom uísque – sugeriu Helen.

– Para estragar o uísque? – falou Michael, servindo-se de várias colheradas de ovos.

– Não pode ser tão ruim assim – insistiu Helen.

– É, sim – disseram Michael e Janet em uníssono.

– Tem razão, Michael – acrescentou Janet. – Não posso imaginar estragar um bom uísque dessa forma. Um gim seria um bom meio-termo.

– Já provou gim alguma vez? – perguntou Francesca.

Afinal, não era considerada uma bebida apropriada para as classes mais abastadas, em especial para as mulheres.

– Uma ou duas vezes – admitiu Janet.

– E eu pensava saber tudo a respeito de você... – murmurou Francesca.

– Tenho os meus segredos – retrucou ela, descontraída.

– Esta é uma conversa muito estranha para o desjejum – observou Helen.

– É verdade – concordou Janet. Virou-se para o sobrinho: – Michael, estou muito satisfeita em vê-lo de pé e com uma aparência tão saudável.

Ele inclinou a cabeça para o lado, agradecendo-lhe o elogio.

Janet limpou os cantos da boca com o guardanapo.

– Mas agora precisa cumprir com suas responsabilidades de conde.

Ele grunhiu.

– Não seja tão petulante – admoestou Janet. – Ninguém está ameaçando amarrá-lo pelas mãos e torturá-lo. Só quero dizer que precisa ir até o alfaiate para se certificar de ter roupas de noite suficientes.

– Tem certeza que não posso simplesmente doar as minhas mãos?

– São mãos adoráveis – retrucou Janet –, mas tenho certeza que servirão melhor à humanidade presas a seus pulsos.

Michael encarou-a placidamente.

– Vamos ver. Hoje, que é o primeiro dia que me levanto da cama desde que adoeci, tenho marcadas uma reunião com o primeiro-ministro para tratar da tomada de posse de meu assento no Parlamento, uma reunião com o advogado da família para tomar pé de nossa situação financeira e uma entrevista com o principal administrador das propriedades, que, segundo me consta, veio a Londres com o único objetivo de discutir o estado de todas as nove propriedades de nossa família. Em que momento, devo perguntar, a senhora deseja que eu encaixe uma visitinha ao alfaiate?

As três estavam sem fala.

– Talvez eu deva informar ao primeiro-ministro que preciso adiar nossos encontro para a quinta-feira – disse ele, com bastante delicadeza.

– Quando marcou todos esses compromissos? – perguntou Francesca, um pouco envergonhada por estar tão surpresa com o seu zelo.

– Pensou que eu havia passado as duas últimas semanas olhando para o teto?

– Bem, não – respondeu ela, embora a verdade fosse que não tinha a menor ideia do que ele andara fazendo.

Lendo, supunha. Era o que ela teria feito.

Quando ninguém disse mais nada, Michael empurrou a cadeira para trás.

– Se me dão licença, senhoras – falou, pousando o guardanapo sobre a mesa –, creio já ter deixado claro que tenho um dia cheio pela frente.

Ele não chegou sequer a levantar da cadeira antes de Janet falar, em voz baixa:

– Michael? O alfaiate.

Ele gelou.

Ela sorriu para ele, com doçura.

– Amanhã seria perfeitamente aceitável.

Francesca pensou ouvi-lo ranger os dentes.

Janet se limitou a inclinar a cabeça de leve para o lado.

– Você precisa de roupas novas para a noite. Certamente não está pensando em faltar ao baile de aniversário de Lady Bridgerton.

Francesca logo enfiou uma garfada de ovos na boca de forma que ele não a pegasse sorrindo. Janet era ardilosa ao extremo. A festa de aniversário de Violet era o único evento ao qual Michael definitivamente se sentiria obrigado a comparecer. Qualquer outra coisa ele poderia dispensar sem pensar duas vezes.

Mas Violet?

Francesca *achava* que não.

– Quando é? – perguntou ele.

– No dia onze de abril – respondeu Francesca, muito doce. – Todos estarão presentes.

– Todos? – ecoou ele.

– Todos os Bridgertons.

Ele se alegrou visivelmente.

– E todo o resto – acrescentou ela, dando de ombros.

Ele olhou para ela com severidade.

– Defina “todo o resto”.

Francesca o encarou.

– Todo mundo.

Ele se deixou cair na cadeira.

– Não tenho direito a um adiamento?

– É claro que tem – disse Helen. – Na verdade, já teve um. Na semana passada. Chamamos de malária.

– E aqui estava eu, ansiando por ficar bom – resmungou ele.

– Não tem nada a temer – observou Janet. – Vai se divertir muito, tenho certeza.

– E, quem sabe, conhecer uma senhora encantadora – acrescentou Helen, muito prestativa.

– Ah, sim – murmurou Michael –, não nos esqueçamos do verdadeiro objetivo de minha vida.

– Não é um objetivo tão ruim assim – atalhou Francesca, incapaz de resistir a uma pequena chance de implicar com ele.

– É mesmo? – perguntou ele, virando a cabeça para encará-la. Seu olhar era tão intenso que Francesca teve a impressão extremamente desagradável de que talvez não devesse tê-lo provocado.

– É... de verdade – disse ela, já que não podia mais voltar atrás.

– E quais são os *seus* objetivos? – provocou ele, com toda a doçura.

Pelo canto do olho, Francesca viu Janet e Helen observarem a troca com ávida e indisfarçada curiosidade.

– Bem, nada muito grandioso – respondeu Francesca. – No momento, meu único objetivo é terminar meu desjejum. Está uma delícia, não concorda?

– Ovos quentes com uma porção de mães intrometidas?

– Não se esqueça de acrescentar sua prima – sugeriu ela, repreendendo-se assim que as palavras deixaram os seus lábios.

Todo o gestual dele alertava para que ela não o provocasse, mas Francesca simplesmente não conseguia resistir.

Havia poucas coisas no mundo das quais gostasse mais do que provocar Michael Stirling, e momentos como aquele eram deliciosos demais para serem ignorados.

– E como pretende passar a sua temporada? – insistiu Michael, inclinando a cabeça de leve e adotando uma expressão irritantemente paciente.

– Acho que vou começar comparecendo à festa de aniversário de minha mãe.

– E o que irá fazer lá?

– Darei a ele os meus parabéns.

– Só?

– Bem, não lhe perguntarei a sua idade, se é isso que está sugerindo – respondeu Francesca.

– Ah, não – concordou Janet.

– Não faça uma coisa dessas – proferiu Helen fervorosamente.

As três senhoras se viraram para Michael com o mesmo olhar de expectativa. Afinal, era a vez dele de falar.

– Tenho que ir – decretou ele, arrastando a cadeira para trás e se levantando.

Francesca ia abrindo a boca para dizer algo provocador, já que essa era sempre sua primeira reação quando o via sem palavras, mas desistiu.

Michael havia mudado.

Não que antes fosse irresponsável. Apenas não havia nada pelo que devesse ser responsável. E, na verdade, não ocorrera a ela a possibilidade de ele se adaptar bem às novas circunstâncias uma vez que retornasse à Inglaterra.

– Michael – chamou ela, a voz suave imediatamente chamando a atenção dele. – Boa sorte com o lorde Liverpool.

Os olhos dele encontraram os dela e algo ali luziu. Uma sugestão de apreço, talvez de gratidão.

Ou quem sabe tivesse sido apenas um momento de silencioso entendimento.

Do tipo que ela tinha com John.

Francesca engoliu em seco, subitamente desconfortável ao se dar conta daquilo. Estendeu a mão em direção ao chá com um movimento lento e deliberado, como se o controle sobre o corpo pudesse se estender também à mente.

O que acabara de acontecer?

Ele era apenas Michael, não era?

Apenas o seu amigo e confidente de longa data.

Não era só isso?

Não?

CAPÍTULO 10

...

– nada além de marcas feitas pela caneta da condessa de Kilmartin sobre o papel, duas semanas após o recebimento da terceira correspondência do conde de Kilmartin endereçada a ela

– Ele está aqui?

– Não.

– Tem certeza?

– Tenho.

– Mas ele vem?

– Disse que viria.

– Ah. Mas quando?

– Não sei.

– Não sabe?

– Não, não sei.

– Ah. Está certo. Bem... Ah, olhe! Lá está minha filha. Foi um prazer vê-la, Francesca.

Francesca revirou os olhos – o que não costumava fazer a não ser em circunstâncias extremas – enquanto observava a Sra. Featherington, uma das mais notórias mexeriqueiras da alta sociedade, caminhar com passos vacilantes em direção à filha, Felicity, que conversava animadamente com um rapaz

simpático, embora sem qualquer título de nobreza, na extremidade do salão de baile.

A conversa poderia ter sido divertida se não houvesse sido a sétima vez – não, a oitava, não esquecendo a própria mãe – que fora submetida a ela. Era sempre o mesmo diálogo, palavra por palavra, a não ser pelo fato de que nem todo mundo a conhecia bem o bastante para tratá-la pelo primeiro nome.

Uma vez que Violet Bridgerton divulgara que o arredio conde de Kilmartin faria sua reaparição na alta sociedade em sua festa de aniversário, Francesca tivera certeza de que nunca mais estaria livre de interrogatórios, pelo menos não da parte de qualquer pessoa que tivesse algum elo com uma mulher solteira.

Michael era o bom partido da temporada e nem mesmo aparecera ainda.

– Lady Kilmartin!

Ela ergueu a vista. Lady Danbury caminhava em sua direção. Nunca uma senhora tão rabugenta e franca frequentara os salões de Londres, mas Francesca até que gostava dela, então sorriu enquanto a condessa se aproximava, notando que os convidados se afastavam à medida que ela passava entre eles.

– Lady Danbury – cumprimentou Francesca –, muito prazer em vê-la. Está se divertindo?

Lady D. bateu com a bengala no chão sem nenhum motivo aparente.

– Eu me divertiria bem mais se alguém me contasse quantos anos a sua mãe tem.

– Eu não ousaria.

– Pfff. Qual é o problema? Até parece que ela é tão velha quanto eu.

– E quantos anos a senhora tem? – perguntou Francesca, com a voz doce e um sorriso zombeteiro.

O rosto enrugado de Lady D. se abriu num sorriso.

– He, he, he, muito esperta. Não pense que vou lhe contar.

– Então, com certeza, entende por que devo exercer a mesma lealdade para com minha mãe.

– Humpf – resmungou a velha senhora, batendo a bengala no chão para dar ênfase. – Qual o objetivo de uma festa de aniversário se ninguém sabe o que se está comemorando?

– O milagre da vida e da longevidade?

Lady Danbury resfolegou ao ouvir isso, então perguntou:

– E por onde anda esse seu novo conde?

Por Deus, como ela era direta.

– Ele não é o *meu* conde – observou Francesca.

– Bem, é mais seu do que de qualquer outra pessoa.

Isso provavelmente era verdade, embora Francesca não fosse admiti-lo para Lady Danbury. Então limitou-se a dizer:

– Imagino que o senhor conde se oporia a ser rotulado como propriedade de qualquer pessoa a não ser de si mesmo.

– O senhor conde? Que coisa mais formal... Achei que vocês dois fossem amigos.

– E somos – confirmou Francesca. O que não queria dizer que ela saísse por aí chamando-o pelo nome de batismo. De fato, não havia motivo para dar margem a boatos. Não diante da necessidade de manter a reputação irrepreensível na busca de um marido para si. – Era o confidente mais próximo de meu marido – declarou, muito diretamente. – Eram como irmãos.

Lady Danbury mostrou-se desapontada com a caracterização sem graça de seu relacionamento com Michael, mas limitou-se a franzir os lábios e varrer a multidão com os olhos.

– Esta festa está precisando de um pouco de animação – murmurou, mais uma vez batendo com a bengala no chão.

– Tente não dizer isso à minha mãe – pediu Francesca.

Violet passara semanas cuidando dos detalhes e, francamente, ninguém poderia encontrar um só defeito. A iluminação era suave e romântica, a seleção musical era perfeita e até a comida estava ótima – o que não era pouca coisa num baile londrino. Francesca já se deleitara com dois doces deliciosos e desde então bolava um jeito de voltar à mesa do bufê sem parecer uma glutona.

A única coisa que não a agradava era ser continuamente abordada por matronas curiosas.

– Ah, a culpa não é da sua mãe – disse Lady D. – Ela não pode ser responsabilizada pela superpopulação de gente sem graça em nossa sociedade. Por Deus, ela fez oito de vocês e não há um único idiota no grupo. – Ela lançou um olhar carregado de significado para Francesca. – Aliás, pode considerar isso um elogio.

– Estou comovida.

Os lábios de Lady Danbury se estreitaram, dando a ela um ar assustadoramente sério.

– Vou ter de fazer alguma coisa – declarou.

– A respeito quê?

– A respeito da festa.

Uma péssima sensação tomou conta de Francesca. Jamais soubera de uma ocasião na qual Lady Danbury estragara a festa de alguém, mas a velha senhora era esperta o bastante para causar algum dano grave se assim decidisse.

– O que exatamente planeja fazer? – perguntou Francesca, tentando manter o pânico afastado da voz.

– Ah, não olhe para mim como se eu estivesse prestes a matar o seu gato.

– Eu não tenho um gato.

– Bem, *eu* tenho e posso lhe garantir que ficaria incrivelmente furiosa se alguém tentasse lhe fazer mal.

– Lady Danbury, do que está falando?

– Ora, e eu lá sei? – disse a velha senhora com um aceno da mão. – Pode estar certa de que se eu soubesse, já o teria feito. Mas certamente eu não causaria um escândalo na festa da sua mãe. – Ela levou o queixo à frente e brindou Francesca com uma fungada de desdém. – Até parece que eu faria alguma coisa para magoar a sua querida mãezinha.

Por algum motivo isso não diminuiu a apreensão de Francesca.

– Certo. Bem, o que quer que vá fazer, tenha cuidado, por favor.

– Francesca Stirling – começou Lady D., com um sorriso malicioso –, está preocupada com o meu bem-estar?

– Pela senhora eu não estou nem um pouco aflita – respondeu Francesca, com insolência. – É pelo resto de nós que eu temo.

Lady Danbury deu uma gargalhada.

– Muito bem, Lady Kilmartin. Creio que merece um descanso. De mim – acrescentou ela, caso Francesca não tivesse compreendido o que queria dizer.

– A senhora é o meu descanso – murmurou Francesca.

Mas Lady D. obviamente não a ouviu enquanto olhava por cima da multidão, pois soou bastante decidida ao declarar:

– Acho que vou importunar o seu irmão.

– Qual deles?

Não que todos eles não merecessem um pouco de tortura.

– Aquele ali. – Ela apontou na direção de Colin. – Ele não acaba de retornar da Grécia?

– De Chipre, na verdade.

– Grécia, Chipre, é tudo a mesma coisa para mim.

– Não para eles, imagino – murmurou Francesca.

– Para quem? Para os gregos?

– Ou os cipriotas.

– Pfff. Bem, se alguém de qualquer um dos dois povos aparecer esta noite, pode ficar à vontade para me explicar a diferença. Até então, continuarei com minha ignorância. – E, com isso, Lady D. bateu com a bengala outra vez no chão antes de se virar na direção de Colin e gritar: – Sr. Bridgerton!

Francesca observou, divertida, enquanto o irmão tentava desesperadamente fingir não tê-la ouvido. Ficou bastante satisfeita que Lady D. tivesse decidido torturar Colin um pouco – sem dúvida, ele merecia –, mas agora que estava outra vez sozinha se deu conta de que a velha senhora lhe proporcionara uma defesa bastante eficaz contra uma multidão de mães casamenteiras que a viam como o seu único elo com Michael.

Por Deus, já podia ver três delas se aproximando.

Hora de escapulir. Imediatamente. Francesca deu meia-volta e começou a caminhar em direção a Eloise, fácil de encontrar graças ao verde brilhante do vestido. Na verdade, teria preferido evitar a irmã e seguir direto para a porta de saída, mas realmente estava determinada a arrumar um marido e, assim, precisava circular e fazer com que soubessem que estava disponível.

Não que alguém houvesse de se importar com qualquer coisa até Michael enfim dar as caras. Ela poderia anunciar o seu plano de se mudar para a África e adotar a prática do canibalismo e a única coisa que lhe perguntariam seria: “E o conde a acompanhará?”

– Boa noite! – exclamou Francesca, juntando-se ao pequeno grupo em que estava a irmã.

Era todo composto de parentes: Eloise conversava animadamente com as duas cunhadas, Kate e Sophie.

– Ah, olá, Francesca – cumprimentou Eloise. – Onde está...

– Não comece *você* também.

– O que há de errado? – perguntou Sophie, os olhos cheios de preocupação.

– Se mais uma pessoa perguntar a respeito de Michael, eu juro que minha cabeça vai explodir.

– Isso certamente mudaria o teor da noite – observou Kate.

– Sem falar do trabalho que a equipe de limpeza teria – acrescentou Sophie.

Francesca chegou a resmungar.

– Bem, e onde ele está? – quis saber Eloise. – E não me olhe como se...

– Como se você estivesse prestes a matar o meu gato?

– Você não tem gato. De que diabo está falando?

Francesca se limitou a suspirar.

– Eu não sei. Ele disse que viria.

– Se for inteligente, deve estar escondido no corredor – comentou Sophie.

– Meu Deus, acho que você tem razão.

Francesca podia imaginá-lo evitando o salão de baile para se instalar comodamente no salão para fumantes.

Em outras palavras, longe de todas as senhoras.

– Ainda está cedo – acrescentou Kate, tentando ser útil.

– Nem tanto – resmungou Francesca. – Eu queria que ele chegasse logo para que as pessoas parassem de me perguntar sobre ele.

Eloise começou a rir, traidora diabólica que era.

– Ah, minha pobre e delirante Francesca – começou –, assim que ele chegar as perguntas irão se multiplicar. Simplesmente irão mudar de “onde está ele” para “conte-nos mais sobre ele”.

– Temo que ela tenha razão – concordou Kate.

– Ah, maldição... – gemeu Francesca, procurando uma parede na qual se amparar.

– Você acabou de blasfemar? – perguntou Sophie, piscando, surpresa.

Francesca deixou escapar um suspiro.

– Parece que venho fazendo isso bastante nos últimos tempos.

Sophie a olhou com compaixão e subitamente exclamou:

– Você está usando azul!

Francesca baixou os olhos para o novo vestido de baile. Na verdade, estava muito satisfeita com ele, não que alguém além de Sophie o tivesse notado. Era um de seus tons de azul preferidos. O traje era elegantemente simples, com um

decote adornado por uma faixa de seda azul-clara formando um drapeado. Sentia-se como uma princesa, ou pelo menos não tanto como uma viúva intocável.

– Deixou o luto, então? – perguntou Sophie.

– Bem, já deixei o luto há alguns anos – resmungou Francesca.

Agora que finalmente havia deixado de lado os tons cinza e lilás, sentia-se tola por ter se agarrado a eles por tanto tempo.

– Sabíamos que já estava de volta às atividades normais – comentou Sophie –, mas nunca trocou as vest... Bem, não importa. Fico muito contente em vê-la de azul!

– Isso quer dizer que está considerando se casar outra vez? – perguntou Kate. – Já se passaram *quatro anos*.

Francesca se sobressaltou. Só mesmo Kate para ir direto ao assunto. Mas não tinha como manter o seu projeto em segredo para sempre, não se quisesse ter algum sucesso, então se limitou a dizer:

– Sim.

Por um instante, ninguém se pronunciou. Então, é claro, todas falaram ao mesmo tempo, dando os parabéns, oferecendo conselhos e dizendo várias bobagens que Francesca não estava certa de que quisesse escutar. Mas foi tudo com as melhores e mais carinhosas intenções, então ela se limitou a sorrir, assentir e aceitar os bons votos.

Então Kate declarou:

– Precisamos colocar este projeto em curso, é claro.

Francesca ficou horrorizada.

– O que disse?

– O vestido azul é um ótimo indício das suas intenções – começou a explicar Kate –, mas acha mesmo que os homens de Londres sejam perceptivos o bastante para notar isso? É claro que não – concluiu ela, respondendo à própria pergunta antes que outra pessoa o fizesse. – Eu poderia pintar os cabelos de Sophie de preto e nenhum deles notaria a diferença.

– Bem, Benedict notaria – observou Sophie, lealmente.

– Sim, bem, ele é seu marido e, além do mais, é pintor. É treinado para notar as coisas. A maior parte dos homens... – Kate deixou a frase no ar, mostrando-se

um tanto irritada com a mudança de rumo da conversa. – Mas percebe o que quero dizer, não?

– É claro – murmurou Francesca.

– O fato é que – continuou Kate – a maior parte da humanidade tem mais cabelos do que inteligência na cabeça. Se quer que as pessoas saibam que você está disponível para se casar de novo, precisa deixar isso bem claro. Ou, melhor, nós deixaremos claro por você.

Francesca teve visões horríveis de seus familiares perseguindo os homens até os pobres coitados saírem correndo aos berros em direção à saída.

– O que exatamente pretende fazer?

– Ora, por favor, não precisa colocar o jantar para fora por causa disso.

– Kate! – exclamou Sophie.

– Bem, é preciso admitir que ela estava com uma expressão de quem está prestes a vomitar.

Sophie revirou os olhos.

– Bem, estava, mas você não precisava ter mencionado.

– Eu achei o comentário divertido – observou Eloise, solícita.

Francesca lançou-lhe um olhar letal, já que sentia a necessidade de fuzilar *alguém* com os olhos e sempre era mais fácil fazê-lo com algum parente.

– Nós seremos mestres do tato e da discrição – garantiu Kate.

– Pode confiar – acrescentou Eloise.

– Bem, certamente eu não posso impedi-las – disse Francesca.

Ela notou que nem mesmo Sophie a contradisse.

– Muito bem, vou pegar um último doce de chocolate.

– Acho que acabaram – avisou Sophie, olhando para ela com uma expressão de solidariedade.

O coração de Francesca pareceu encolher dentro do peito.

– E os biscoitos de chocolate?

– Também acabaram.

– O que sobrou?

– O bolo de amêndoas.

– Aquele com gosto de poeira?

– Esse mesmo – disse Eloise. – Foi a única sobremesa que a mamãe não provou antes. Eu tentei avisar, é claro, mas ninguém nunca me dá ouvidos.

Francesca ficou abalada. Estava se sentindo péssima, e a promessa de um doce fora a única coisa que mantivera o seu ânimo naquele momento.

– Alegre-se, Frannie – falou Eloise, olhando por cima da multidão. – Estou vendo Michael.

De fato, lá estava ele, do outro lado do salão, pecaminosamente elegante com seu traje de noite negro. Encontrava-se cercado de mulheres, o que não surpreendeu Francesca nem um pouco. Metade era do tipo que o perseguia com o objetivo de conseguir um casamento, para si ou para as filhas.

A outra metade, observou Francesca, eram jovens casadas e corriam atrás dele claramente por um motivo diferente.

– Eu havia esquecido como ele é bonito – murmurou Kate.

Francesca a fuzilou com os olhos.

– Está muito bronzeado – acrescentou Sophie.

– Estava na Índia, é claro que está bronzeado – comentou Francesca.

– Você está um bocado sem paciência hoje – observou Eloise.

Francesca forçou-se a assumir uma expressão de completa indiferença.

– Estou cansada de ser inquirida a respeito dele, só isso. Michael não é o meu tópico de conversa preferido.

– Vocês brigaram? – quis saber Sophie.

– Não, é claro que não – respondeu Francesca, dando-se conta, tarde demais, de que passara a impressão errada. – Mas não fiz nada além de falar dele a noite toda. A esta altura, eu adoraria falar sobre qualquer outra coisa, até sobre o tempo.

– Hum.

– Sim.

– Certo. É claro.

Francesca não tinha a menor ideia de quem dissera o quê, só viu que as quatro estavam ali em pé olhando fixamente para Michael e seu bando de mulheres.

– Ele é *mesmo* bonito – suspirou Sophie. – Com toda essa cabeleira negra maravilhosa.

– Sophie! – exclamou Francesca.

– Bem, ele é – retrucou a outra, na defensiva. – E você não disse nada para Kate quando ela fez o mesmo comentário.

– Vocês duas são casadas – murmurou Francesca.

– Quer dizer então que *eu* posso comentar sobre a beleza dele, se quiser? – perguntou Eloise. – Já que sou solteira?

Francesca virou-se para a irmã, incrédula.

– Michael é o último homem com o qual você haveria de querer se casar.

– Por quê?

A pergunta veio de Sophie, mas Francesca notou que Eloise escutava atentamente, à espera de sua resposta.

– Por ele ser um libertino inveterado – respondeu Francesca.

– Que engraçado – murmurou Eloise. – Você ficou furiosa quando Hyacinth disse a mesma coisa há uns quinze dias.

Só mesmo Eloise para se lembrar de absolutamente *tudo*.

– Hyacinth não sabia do que estava falando – declarou Francesca. – Nunca sabe. Além do mais, estávamos conversando sobre sua pontualidade, não sobre sua... digamos... *desposabilidade*.

– E o que o torna tão *indesposável*? – indagou Eloise.

Francesca lançou um olhar carregado de seriedade para a irmã mais velha. Eloise estava louca se pensava que deveria perseguir a ideia de se casar com Michael.

– E então? – insistiu ela.

– Ele jamais conseguiria ser fiel a uma única mulher – concluiu Francesca –, e eu duvido que você conseguisse tolerar infidelidades.

– É verdade – murmurou Eloise –, a não ser que ele estivesse disposto a tolerar lesões corporais graves.

As quatro se calaram diante de tal comentário e passaram a se dedicar ao descarado escrutínio de Michael e suas interlocutoras. Ele se inclinou para a frente e murmurou alguma coisa no ouvido de uma delas, levando a senhora em questão a soltar uma risadinha abafada e a ruborizar, ocultando a boca com a mão.

– É mesmo um conquistador – disse Kate.

– Ele tem certo encanto – concordou Sophie. – Aquelas mulheres não têm a menor chance.

Naquele momento, Michael sorriu para uma das mulheres do séquito, um sorriso que levou até mesmo as Bridgertons a suspirar.

– Será que não temos nada melhor para fazer do que espionar Michael? – perguntou Francesca, contrariada.

Kate, Sophie e Eloise se entreolharam.

– Não.

– Não.

– Eu acho que não – concluiu Kate. – Pelo menos não neste momento.

– Você deveria ir até lá falar com ele – sugeriu Eloise, cutucando Francesca com o cotovelo.

– Posso saber por quê?

– Porque ele está *aqui*.

– Assim como uma centena de outros homens com os quais eu preferiria me casar – comentou Francesca.

– Só vejo três com os quais eu consideraria fazer isso – resmungou Eloise –, e mesmo sobre esses não tenho certeza absoluta.

– Ainda assim – disse Francesca, sem o menor desejo de concordar com Eloise –, o meu objetivo aqui é encontrar um marido, e não consigo ver como ficar cobrindo Michael de atenções poderia ajudar.

– E eu pensando que estivéssemos aqui para desejar à nossa mãe um feliz aniversário – murmurou Eloise.

Francesca a fuzilou com os olhos. Ela e Eloise tinham quase a mesma idade – apenas um ano de diferença. Francesca seria capaz de dar a vida pela irmã, é claro, e sem dúvida não existia outra pessoa que conhecesse melhor seus segredos e pensamentos mais íntimos, mas isso não a impedira de passar metade do tempo com vontade de estrangulá-la.

Este era um desses momentos. Especialmente agora.

– Eloise está certa – disse Sophie a Francesca. – Você deveria ir até lá cumprimentar Michael. É o mínimo de cortesia, considerando o tempo que passou fora.

– Estamos morando na mesma casa há mais de uma semana – resmungou Francesca. – Já cansamos de nos cumprimentar.

– Sim, mas não em público – observou Sophie. – E, se você não for até lá falar com ele, todos comentarão amanhã. Vão achar que existe alguma desavença entre vocês. Ou, pior, que você não o aceita como o novo conde.

– É claro que eu o aceito – contestou Francesca. – E, mesmo que não aceitasse, que importância teria isso? Nunca houve motivo para questionar a linha de sucessão.

– Você precisa mostrar a todos que o tem em grande estima – sugeriu Sophie. Em seguida, virou-se para Francesca com uma expressão de dúvida. – A não ser, é claro, que isso não seja verdade.

– É claro que é verdade – disse Francesca, com um suspiro.

Sophie estava certa. Estava sempre certa quando o assunto eram as convenções sociais. Francesca deveria ir cumprimentar Michael. Ele merecia uma saudação oficial e pública de boas-vindas a Londres, por mais ridículo que isso pudesse parecer, dado que ela passara as últimas semanas cuidando dele durante a crise de malária. Mas não sentia a menor satisfação em ter de lutar para passar por entre a multidão de admiradoras dele.

Sempre achara a reputação de Michael divertida. Provavelmente porque se sentira afastada de tudo aquilo, até mesmo superior. Sempre fora uma espécie de piada íntima entre os três – ela, John e Michael. Ele nunca levara nenhuma das mulheres a sério, então ela tampouco o fizera.

Mas agora não estava mais na posição de mulher casada e feliz. E Michael já não era só o Devasso Alegre, um irresponsável que mantinha a posição na sociedade com perspicácia e modos encantadores.

Era um conde e ela era uma viúva. De repente, sentia-se pequena e impotente.

A culpa não era dele, é claro. Ela sabia disso assim como sabia... Bem, assim como sabia que ele seria um péssimo marido para alguém algum dia. Mas, de alguma forma, não conseguia evitar por completo sua raiva, se não dele, então da turba de mulherzinhas risonhas à sua volta.

– Francesca? – chamou Sophie. – Quer que uma de nós vá com você?

– O quê? Não. Não, é claro que não. – Francesca se empertigou, envergonhada por ter sido flagrada pelas irmãs com o pensamento tão longe. – Eu posso lidar com Michael – acrescentou, com firmeza.

Deu dois passos na direção dele, então se virou de volta para Kate, Sophie e Eloise.

– Depois de cuidar de mim mesma – acrescentou.

E, com isso, se virou para ir até a sala de descanso feminina. Se tinha de sorrir e ser educada em meio ao séquito de Michael, pelo menos que o fizesse sem que os sapatos a estivessem matando.

Mas, ao partir, ouviu Eloise murmurar:

– Covarde.

Francesca precisou reunir toda a sua força para não se virar e desferir uma resposta mordaz à irmã.

E também para não acreditar que Eloise estivesse certa.

Porque era apavorante pensar que talvez tivesse se tornado covarde justamente por causa de Michael.

CAPÍTULO 11

... Tive notícias de Michael. Três vezes, na verdade. Ainda não lhe respondi. Estou certa de que você ficaria desapontado comigo. Mas eu...

– da condessa de Kilmartin para o falecido marido, dez meses após a partida de Michael para a Índia; o recado, com um “Isto é loucura”, foi amassado e atirado no fogo

Michael avistou Francesca no instante em que entrou no salão. Ela estava de pé do outro lado do aposento conversando com as irmãs, em seu vestido azul e um novo penteado.

Também notou quando ela saiu por uma porta lateral, presumivelmente para ir ao cômodo reservado às senhoras, que ele sabia que ficava naquele corredor.

O pior de tudo é que sabia que também veria quando ela voltasse, embora estivesse conversando com uma dezena de mulheres que acreditavam que ele estava completamente absorto pela pequena reunião.

Para Michael, era como se fosse uma doença, um sexto sentido. Não conseguia estar num lugar em que Francesca também se encontrasse sem saber o ponto exato onde ela se achava. Fora assim desde o instante em que se conheceram e a única coisa que tornava aquilo suportável era que Francesca nem ao menos desconfiava.

Um dos aspectos que ele mais apreciara na Índia tinha sido o fato de ela não estar lá; ele nunca precisara estar ciente de sua presença. Mas ela o assombrara

ainda assim. Às vezes vislumbrava cabelos castanho-avermelhados que refletiam a luz de uma vela como os dela, ou alguém ria e, por um centésimo de segundo, soava como ela. Ele prendia a respiração e a procurava, embora soubesse que não estava lá.

Era um inferno, em geral digno de uma boa bebida. Ou de uma noite ao lado da amante mais recente.

Ou ambos.

Mas isso ficara para trás. Agora estava de volta a Londres, surpreso com sua facilidade em retomar o papel de sedutor inconsequente. Pouca coisa mudara na cidade – alguns rostos eram novos, mas essencialmente a alta sociedade permanecia a mesma. A festa de aniversário de Lady Bridgerton estava sendo como ele imaginara, embora precisasse admitir certa surpresa com o grau de curiosidade em relação à sua volta a Londres. Pelo visto, o Devasso Alegre se transformara no Conde Arrojado, e em quinze minutos já tinha sido abordado por nada menos que oito – não, nove; não podia se esquecer da própria Lady Bridgerton – damas da sociedade, todas ansiosas por chamar a sua atenção e, é claro, apresentá-lo às encantadoras filhas solteiras.

Ele não sabia ao certo se aquilo era divertido ou infernal.

Divertido, decidiu, pelo menos por ora. Na semana seguinte já seria infernal, tinha certeza disso.

Após outros quinze minutos de apresentações, reapresentações e propostas mal disfarçadas (felizmente, feitas por uma viúva e não por uma das debutantes ou alguma das mães), ele anunciou que iria procurar a anfitriã, pediu licença e se afastou do grupo.

E lá estava ela. Francesca. Do outro lado do salão, o que significava que ele teria de abrir caminho por entre a multidão se desejasse falar com ela. Estava encantadora naquele vestido de baile de um azul profundo, e ele se deu conta de que mesmo depois de ouvi-la falar tantas vezes em mudar todo o guarda-roupa, era a primeira vez que a via usar algo diferente das cores do meio-luto.

Então Michael se deu conta de outra coisa. Ela finalmente deixara o luto. Iria se casar outra vez. Iria rir, flertar, usar vestidos azuis e encontrar um marido.

E era bem provável que aquilo tudo acontecesse no espaço de um mês. Assim que Francesca deixasse clara a intenção de se casar outra vez, os homens iriam pôr a sua porta abaixo. Como alguém poderia *não* querer se casar com ela?

Podia não ser tão jovem quanto as outras mulheres também atrás de um marido, mas tinha algo que faltava às jovens debutantes: um brilho, uma vivacidade, um lampejo de inteligência nos olhos que davam algo mais à sua beleza.

Continuava sozinha, de pé, no vão da porta. Era impressionante, mas ninguém mais parecia ter notado a sua entrada, assim Michael resolveu enfrentar a multidão e abrir caminho até ela.

Então ela o viu e, embora não tenha sorrido exatamente, seus lábios se curvaram e os olhos brilharam, demonstrando satisfação. Quando ela começou a caminhar na direção dele, Michael perdeu o fôlego.

Não deveria ter se surpreendido. E, no entanto, se surpreendeu. Cada vez que acreditava saber tudo a respeito dela, que memorizava, mesmo sem querer, cada novo detalhe a respeito de Francesca, algo nela tremeluzia e mudava, e ele se pegava apaixonando-se outra vez.

Jamais escaparia daquela mulher. E jamais poderia tê-la. Mesmo com John morto, era impossível. Era errado. Muita coisa havia acontecido e ele jamais seria capaz de se livrar da sensação de tê-la roubado.

Ou, pior, de ter desejado aquilo. De ter desejado John fora do caminho; de ter desejado o título, Francesca e todo o resto.

Diminuiu a distância entre os dois, encontrando-a na metade do caminho.

– Francesca – falou, com a voz suave e amigável –, é um prazer vê-la.

– Igualmente – disse ela.

Sorriu, então, mas de forma divertida, e ele teve a inesperada impressão que ela zombava dele. De qualquer modo, achou que não fazia sentido apontá-lo; apenas serviria para demonstrar como estava em sintonia com cada uma das expressões dela. Assim, limitou-se a falar:

– Está se divertindo?

– É claro. E você?

– É claro.

Ela arqueou uma das sobrancelhas.

– Até mesmo em seu atual estado de solidão?

– Como?

Ela deu de ombros.

– Da última vez que o vi, estava cercado de mulheres.

– Se me viu, por que não foi me salvar?

– Salvá-lo? – ecoou ela, com uma risada. – Qualquer um podia ver que estava se deleitando.

– É mesmo?

– Ora, por favor, Michael – disse ela, encarando-o. – Você vive para cortejar e seduzir.

– Nessa ordem?

Ela deu de ombros.

– Não ficou conhecido como Devasso Alegre a troco de nada.

Ele sentiu o maxilar se contrair. O comentário o incomodou e depois Michael ficou mais incomodado ainda por ter se incomodado.

Francesca estudou o rosto dele detidamente o bastante para fazê-lo se contorcer de desconforto, então ela abriu um sorriso.

– Você não gosta – declarou ela, lentamente, quase sem fôlego diante da constatação. – Ah, meu Deus, você não gosta.

Ela estava com uma expressão de quem acabava de ter uma epifania de proporções bíblicas, mas como tinha sido às custas dele, Michael se limitou a lhe lançar um olhar mal-humorado.

Então ela riu, o que só fez piorar as coisas.

– Ah, céus – disse Francesca, chegando a levar a mão à barriga, tamanho o seu divertimento. – Está se sentindo como a presa numa caçada, e não está gostando nem um pouco. Ah, isso é simplesmente sensacional. Depois de todas as mulheres que você já perseguiu...

Ela estava enganada, é claro. Ele não estava nem um pouco interessado se as matronas da sociedade haviam decidido que ele era o grande partido da temporada e não paravam de correr atrás dele. Esse era o tipo de coisa sobre o qual se podia facilmente manter o senso de humor.

Não se importava que o chamassem de Devasso Alegre. Não se importava que pensassem nele como um sedutor inconsequente.

Mas quando as palavras saíam da boca de Francesca...

Era como ácido.

E o pior de tudo era que ele não podia culpar ninguém a não ser a si mesmo. Cultivara aquela reputação durante anos, passara horas a fio provocando, flertando e se certificando de que Francesca assistisse a tudo a fim de que jamais descobrisse a verdade.

E talvez tivesse agido daquela forma por si mesmo também, pois se era o Devasso Alegre, pelo menos era *alguma* coisa. A alternativa era ser um tolo perdidamente apaixonado pela mulher de outro. E, diabo, ele era *bom* em ser o homem que conseguia seduzir com um sorriso. Por que, então, se furtar a algo que sabia fazer tão bem?

– Você não pode dizer que eu não lhe avisei – disse Francesca, parecendo muito satisfeita consigo mesma.

– Não é tão ruim assim estar cercado de belas mulheres – declarou ele, em grande parte para irritá-la. – Melhor ainda quando isso ocorre sem que eu precise fazer o menor esforço.

Funcionou, pois ela contraiu os lábios, ainda que de forma quase imperceptível.

– Tenho certeza que é maravilhoso, mas precisa ter cuidado – disse ela com dureza. – Não se trata das suas mulheres de costume.

– Eu não sabia que tinha mulheres de costume.

– Sabe exatamente a que estou me referindo, Michael. Outras pessoas podem considerá-lo um completo moleque, mas eu o conheço melhor do que isso.

– É mesmo?

Ele quase riu. Ela pensava conhecê-lo tão bem, mas não sabia de nada. Jamais conheceria a verdade.

– Você tinha limites há quatro anos – continuou ela. – Jamais seduzia uma mulher que pudesse ser irreparavelmente magoada pelos seus atos.

– E o que a faz pensar que eu faria diferente agora?

– Ah, não acho que faria algo assim de propósito – atalhou ela –, mas antes você não chegava nem perto de jovens que sonham em se casar. Não havia a mais remota possibilidade de você dar um passo em falso e, sem querer, arruinar a reputação de uma delas.

A vaga e ardente sensação de irritação que vinha aflorando nele começou a crescer.

– Quem você acha que sou, Francesca? – perguntou Michael, o corpo todo rijo de algo que não conseguia identificar.

Detestava o fato de ela pensar aquilo dele, *detestava*.

– Michael...

– Você me acha mesmo cretino a ponto de arruinar *acidentalmente* a reputação de alguma jovem?

Os lábios dela se entreabriram, então estremeceram de leve antes que ela respondesse:

– Cretino, não, Michael, é claro que não. Mas...

– Descuidado, então – acusou ele, conciso.

– Não, isso também não. Eu apenas acho...

– O quê, Francesca? – perguntou ele, sem recuar. – O que você pensa de mim?

– Eu o considero um dos melhores homens que conheço – disse ela, baixinho.

Maldição. Só mesmo ela para emasculá-lo com uma única frase. Ele a fitou, simplesmente a fitou, tentando descobrir o que *diabo* ela quisera dizer com aquilo.

– Considero mesmo – insistiu ela, dando de ombros. – Mas o acho igualmente tolo, e acredito que pode ser volúvel e partir mais corações nesta primavera do que eu serei capaz de contar.

– Não é sua função contá-los – retrucou ele, a voz baixa e dura.

– Não, não é, não é mesmo? – Ela olhou para ele e sorriu ironicamente. – Mas acabarei por fazê-lo de qualquer forma, não é?

– E por quê?

Ela não parecia ter uma resposta para aquilo, e então, quando ele achou que ela não diria mais nada, Francesca sussurrou:

– Porque eu não conseguirei evitar.

Vários segundos se passaram. Ficaram ali, encostados na parede, dando a impressão ao resto do mundo que apenas observavam a festa. Por fim, Francesca rompeu o silêncio e disse:

– Você deveria dançar.

Ele se virou para ela.

– Com você?

– Sim. Ao menos uma vez. Mas também deveria dançar com alguém disponível, alguém com quem talvez pudesse se casar.

Alguém com quem pudesse se casar. Qualquer uma que não ela.

– Sinalizará para a sociedade que está, pelo menos, aberto à possibilidade do matrimônio – acrescentou Francesca. Quando ele não fez nenhum comentário, ela perguntou: – Não está?

– Aberto à possibilidade do matrimônio?

– Sim.

– Se você o diz... – retrucou ele, num tom bastante petulante.

Precisava agir de maneira desdenhosa. Era a única forma de mascarar a amargura que o dominava.

– Felicity Featherington – sugeriu Francesca, mostrando-lhe uma linda jovem que se encontrava a uns 10 metros de distância. – Seria uma ótima escolha. Muito sensata. Não se apaixonaria por você.

Ele olhou para ela, desdenhoso.

– Que Deus me proteja de um dia encontrar o amor.

Os lábios de Francesca se entreabriram e ela arregalou os olhos.

– É o que você deseja? – perguntou. – Encontrar o amor?

Ela lhe pareceu maravilhada com tal perspectiva. Maravilhada com a perspectiva de que ele pudesse encontrar a mulher perfeita.

E lá estava. A reafirmação de sua fé num poder supremo. De fato, momentos de tão perfeita ironia não podiam acontecer por acidente.

– Michael? – chamou Francesca.

Os olhos dela brilhavam: ela claramente desejava algo maravilhoso para ele.

E tudo o que ele queria era gritar.

– Mas que diabo, não tenho a menor ideia – declarou ele, num tom cáustico.

– Michael...

Ela lhe pareceu magoada, mas dessa vez ele não se importou.

– Se me dá licença – disse ele, com a voz dura –, creio que haja uma Srta. Featherington com a qual devo dançar.

– Michael, o que há de errado? – indagou ela. – O que foi que eu disse?

– Nada. Nada mesmo.

– Não seja assim.

Ao se virar para ela, sentiu-se tomado por um entorpecimento que, de alguma forma, fez com que uma máscara cobrisse outra vez seu semblante, permitindo que ele sorrisse com facilidade e a encarasse com o lendário olhar

travesso. Era, outra vez, o devasso, talvez não tão alegre, mas, sem dúvida, o sofisticado sedutor.

– Assim como? – perguntou ele, os lábios se retorcendo num misto perfeito de inocência e condescendência. – Estou fazendo exatamente o que me pediu. Dance com uma Featherington, não foi isso? Estou seguindo as suas instruções à risca.

– Está zangado comigo – sussurrou ela.

– É claro que não – assegurou ele, embora os dois soubessem que a voz dele estava branda demais, suave demais. – Apenas aceitei que você, Francesca, sabe o que é bom para mim melhor do que eu mesmo. E pensar que esse tempo todo eu estive escutando a voz da minha mente e da minha consciência, mas para quê? Deus sabe onde eu estaria se a tivesse ouvido por todos esses anos.

A respiração ficou entrecortada e ela deu um passo para trás.

– Eu tenho de ir.

– Então vá – retrucou ele.

Ela ergueu o queixo levemente.

– Há muitos homens aqui.

– Muitos mesmo.

– Preciso encontrar um marido.

– E deve fazer isso – concordou ele.

Ela estreitou os lábios e acrescentou:

– Talvez eu encontre um hoje mesmo.

Ele quase lhe lançou um sorriso zombeteiro. Sempre tinha de ter a última palavra.

– É possível – falou, no exato instante em que soube que ela dera a conversa por encerrada.

Àquela altura Francesca já se afastara o suficiente para não poder gritar uma última réplica. Mas ele percebeu, pela forma como ela fez uma pausa e enrijeceu os ombros, que o ouvira.

Ele se recostou na parede e sorriu. Era preciso gozar dos pequenos prazeres da vida sempre que possível.

No dia seguinte, Francesca estava se sentindo péssima. E, pior, não podia calar um irritante sentimento de culpa, embora tivesse sido Michael quem lhe falara de forma tão insultante na noite anterior.

Francamente, o que ela dissera para provocar uma reação tão rude da parte dele? E que direito ele tinha de agir daquela forma com ela? A única coisa que fizera fora expressar um pouco de alegria pela possibilidade de ele desejar ter um matrimônio verdadeiro e amoroso em vez de passar o resto da vida em meio à devassidão.

Mas, pelo visto, ela se enganara. Michael passara a noite toda – tanto antes quanto depois da conversa – dedicando os seus encantos a todas as mulheres na festa. Francesca quase chegara a ficar enjoada.

Mas o pior de tudo tinha sido a incapacidade dela em parar de contar as conquistas dele, exatamente da forma como previra na noite anterior. *Um, dois, três*, murmurara Francesca ao observá-lo encantar um trio de irmãs com seu sorriso. *Quatro*, *cinco*, *seis* – e lá se foram duas viúvas e uma condessa. Era repugnante, e Francesca estava contrariada por ter ficado tão hipnotizada pelo comportamento dele.

E, de vez em quando, ele olhava para ela. Simplesmente a encarava com aquele olhar zombeteiro e Francesca não conseguia evitar o pensamento de que Michael sabia o que ela estava fazendo e passava de uma mulher a outra apenas para que ela pudesse arredondar as contas para a próxima dezena, mais ou menos.

Por que ela dissera aquilo? Em que estava pensando?

Ou será que simplesmente não estava pensando? Essa parecia ser a única explicação. Certamente, ela não tivera a intenção de lhe dizer que não seria capaz de evitar contar os corações que ele partiria. As palavras haviam saído de seus lábios antes mesmo que ela se desse conta de as haver pensado.

E, mesmo agora, não tinha a menor ideia do que pretendera dizer.

Por que se importava? Por que diabo haveria de se importar com o número de mulheres enfeitiçadas por ele? Nunca havia se incomodado antes...

Além do mais, aquilo só havia de piorar. As mulheres eram loucas por Michael. Se as regras da sociedade fossem invertidas, pensou Francesca, sarcasticamente, a sala de visitas da Casa Kilmartin estaria transbordando de flores, todas elas endereçadas ao Conde Arrojado.

Ainda assim, o dia seria pavoroso. Ela seria inundada por visitas, tinha certeza. Todas as mulheres de Londres a procurariam na esperança de que Michael adentrasse a sala de estar. Francesca teria de aturar inúmeras perguntas, uma ocasional insinuação e...

– Meu Deus! – Ela parou de súbito, espiando desconfiada para dentro da sala de visitas. – O que vem a ser isto tudo?

Flores. Por todos os lados.

Era o seu pesadelo tornado realidade. Será que alguém mudara as regras da sociedade e se esquecera de lhe avisar?

Violetas, íris e margaridas. Tulipas importadas. Orquídeas de estufa. E rosas. Rosas por todos os lados. De todas as cores. O perfume era quase sufocante.

– Priestley! – gritou Francesca, avistando o mordomo do outro lado do aposento, pousando um longo vaso de boca-de-leão sobre uma mesa. – O que significam todas essas flores?

Ele fez um último ajuste no vaso, torcendo um talo de maneira a afastá-lo da parede, então se virou e caminhou em direção a ela.

– São para a senhora, milady.

Ela piscou.

– Para mim?

– Sim, senhora. Gostaria de ler os cartões? Eu os deixei nos arranjos para que possa identificar quem enviou cada um.

– Ah.

Pareceu-lhe a única coisa a dizer. Sentiu-se uma boba, com a mão aberta sobre a boca, olhando de um lado para outro, para as flores.

– Se preferir – continuou Priestley –, eu posso retirar cada cartão e anotar o arranjo do qual o tirei. Dessa forma a senhora poderia lê-los todos de uma vez. – Quando Francesca não respondeu, ele sugeriu: – Gostaria de ir se sentar à sua escrivaninha? Eu adoraria lhe levar os cartões.

– Não, não – disse ela, sentindo-se completamente perturbada com aquilo tudo.

Por Deus, era uma viúva. Não era apropriado os homens lhe mandarem flores. Era?

– Milady?

– Eu... eu... – Ela se virou para Priestley, endireitando as costas enquanto se forçava a pensar com clareza. Ou tentava. – Eu só... hã... vou dar uma olhadinha...

Ela se virou para o buquê mais próximo, um encantador e delicado arranjo de jacintos e jasmins. “Estas flores empalidecem se comparadas aos seus olhos”, dizia o cartão. Estava assinado pelo conde de Chester.

– Ah! – exclamou Francesca, contendo um pequeno grito.

A esposa do lorde Chester morrera dois anos antes. Todos sabiam que ele estava em busca de uma noiva.

Mal conseguindo conter a estranha sensação de hilaridade que começava a invadi-la, ela se aproximou de um buquê de rosas e pegou o cartão, fazendo um enorme esforço para não se mostrar ávida demais diante do mordomo.

– Eu me pergunto de quem será este daqui – comentou ela, com estudada descontração.

Um soneto. De Shakespeare, se recordava corretamente. Assinado pelo visconde Trevelstam.

Trevelstam? Haviam se visto uma única vez. Era jovem, muito bonito e, segundo boatos, o pai gastara quase toda a fortuna da família. O novo visconde teria de se casar com uma mulher rica. Ou, pelo menos, era o que todos diziam.

– Meu Deus!

Francesca se virou e deparou com Janet às suas costas.

– O que é isto?

– Creio que foram as minhas palavras exatas ao entrar nesta sala – murmurou Francesca.

Passou os dois cartões para a sogra e ficou observando com atenção enquanto ela lia as linhas meticulosamente escritas.

Janet havia perdido o único filho quando John morrera. Como reagiria a Francesca ser cortejada por outros homens?

– Minha nossa – disse Janet, erguendo os olhos. – Pelo visto, você é a mais desejada da temporada.

– Ora, não seja tola – retrucou Francesca, ruborizando. Ruborizando? Meu Deus, o que havia de errado com ela? Francesca não ruborizava. Não ruborizara nem mesmo na sua primeira temporada, quando de fato fora uma das jovens mais desejadas. – Estou velha demais para isso.

– Pelo visto, não – comentou Janet.

– Há outros no corredor – avisou Prestley.

Janet se virou para Francesca.

– Já leu todos os cartões?

– Ainda não. Mas imagino...

– Que dizem mais ou menos a mesma coisa?

Francesca fez que sim.

– Isso a incomoda?

Janet deu um sorriso triste, mas seus olhos revelavam gentileza e sabedoria.

– Se você me perguntar se eu gostaria que você ainda fosse casada com o meu filho, a resposta é: claro que sim. Se me perguntar se eu desejo que você passe o resto da vida casada com a memória dele, é claro que não. – Ela pegou a mão da nora. – Você é uma filha para mim, Francesca. Quero que seja feliz.

– Eu jamais desonraria a memória de John.

– É claro que não. Se fosse do tipo que o faria, ele jamais teria se casado com você, para início de conversa. Ou eu jamais o teria permitido.

– Eu quero ter filhos – disse Francesca.

De alguma forma, sentia necessidade de explicar aquilo, de se certificar de que Janet compreendesse que o que ela desejava, de fato, era ser mãe, não necessariamente esposa.

Janet fez que sim, virando-se enquanto secava os olhos com as pontas dos dedos.

– Devíamos ler o resto desses cartões – declarou, o tom ríspido sinalizando que desejava encerrar o assunto – e talvez nos prepararmos para a chuva de visitas desta tarde.

Francesca a seguiu em direção a um enorme arranjo de tulipas e pegou o cartão.

– Acredito que as visitas serão de mulheres querendo saber de Michael – comentou.

– Talvez tenha razão – disse Janet. Ela ergueu o cartão. – Posso?

– É claro.

Janet leu o que estava escrito, então ergueu os olhos e disse:

– Cheshire.

Francesca deu um gritinho entrecortado e perguntou:

– O duque?

– O próprio.

Francesca chegou a levar a mão ao peito.

– Minha nossa. O duque de Cheshire.

– Você, minha cara, é claramente o bom partido da temporada.

– Mas eu...

– Que diabo é isto?

Era Michael, apanhando um vaso que ele quase virara e se mostrando bastante contrariado e desconcertado.

– Bom dia, Michael – disse Janet, alegremente.

Ele fez um aceno com a cabeça, então se virou para Francesca e resmungou:

– Está numa pose de quem se encontra prestes a jurar fidelidade a seu senhor soberano.

– E este seria você, imagino? – devolveu ela, abaixando a mão. Não se dera conta de que ainda estava com ela sobre o peito.

– Se você for sortuda o suficiente – murmurou ele.

Francesca se limitou a olhá-lo.

Ele retribuiu com um sorriso afetado.

– Por acaso vamos abrir uma floricultura? – perguntou.

– Não, mas poderíamos – respondeu Janet. – São para Francesca – acrescentou.

– É claro que são – retrucou ele –, embora eu não saiba quem seria idiota o suficiente para enviar rosas.

– Eu gosto de rosas – disse Francesca.

– Todo mundo manda rosas – observou ele, com desdém. – São comuns e... – Fez um aceno em direção às amarelas, enviadas por Trevelstam. – Quem mandou essas?

– Trevelstam – respondeu Janet.

Michael deixou escapar um resfôlego e de súbito se virou para encarar Francesca.

– Não vai se casar com *ele*, vai?

– Provavelmente não, mas não vejo o que...

– Ele não tem nem duas moedas para esfregar uma na outra – afirmou ele.

– E como haveria você de saber? – perguntou Francesca. – Não faz nem um mês que voltou de viagem...

Michael deu de ombros.

– Tenho frequentado o clube.

– Bem, pode até ser verdade, mas a culpa não chega a ser dele – comentou Francesca, sentindo-se na obrigação de defender o homem.

Não que sentisse qualquer grande lealdade com relação a ele, mas gostava de ser justa e era sabido por todos que o jovem visconde passara o último ano tentando reparar o estrago que o extravagante pai fizera na fortuna da família.

– Não vai se casar com ele e ponto final – anunciou Michael.

Ela *deveria* ter ficado irritada com a arrogância dele, mas na verdade sentiu-se bastante divertida.

– Muito bem, então – começou, com os lábios querendo se abrir num sorriso. – Vou escolher outro.

– Ótimo – grunhiu ele.

– Ela tem várias opções – acrescentou Janet.

– De fato – concordou Michael, cáustico.

– Preciso chamar Helen – disse Janet. – Ela não vai querer perder isto.

– Imagino que as flores não vão sair voando pela janela antes de ela acordar – observou Michael.

– É claro que não – respondeu Janet, com grande doçura, dando-lhe um tapinha maternal no braço.

Francesca se apressou em engolir uma risada. Michael odiava esse tipo de gesto e Janet sabia disso.

– Mas ela adora flores – comentou a mais velha. – Posso levar um dos arranjos para ela ver?

– É claro – disse Francesca.

Janet estendeu os braços em direção ao de Trevelstam, então se deteve.

– Ah, não, é melhor que não seja este – falou, virando-se para encarar Michael e Francesca. – É possível que ele passe por aqui e não vamos querer que pense que escondemos as flores em algum canto oculto da casa.

– Ah, certo – murmurou Francesca –, é claro.

Michael se limitou a grunhir.

– De qualquer forma, é melhor eu ir lhe contar a respeito disso – disse Janet, então se virou e subiu as escadas correndo.

Michael espirrou, então olhou com malevolência para um arranjo particularmente inócuo de gladíolos.

– Vamos ter de abrir uma janela – resmungou.

– Para morrermos congelados?

– Eu visto um casaco – disse ele, de má vontade.

Francesca se limitou a dar um pequeno sorriso, mas queria mesmo era rir.

– Está com ciúme? – perguntou, travessa.

Ele se virou de forma bastante brusca e a olhou com uma expressão apatetada.

– Não de *mim* – esclareceu ela depressa, quase ruborizando diante da ideia. – Meu Deus, não isso.

– Então de quê? – perguntou ele em voz baixa.

– É só que... Quero dizer... – Ela fez um sinal em direção às flores, uma clara demonstração de sua súbita popularidade. – Bem, nós dois temos basicamente o mesmo objetivo nesta temporada, não temos?

Ele olhou para ela de forma inexpressiva.

– *Casamento* – esclareceu ela.

Céus, ele estava especialmente estúpido esta manhã.

– Aonde está querendo chegar?

Ela deixou escapar um suspiro impaciente.

– Não sei se você chegou a pensar nisso, mas eu havia imaginado que seria você a ser perseguido de forma implacável. Jamais sonhei que eu... Bem...

– Acabaria se transformando em um prêmio a ser conquistado?

Aquela não era a forma mais simpática de colocar as coisas, mas tampouco era inexata, então ela se limitou a dizer:

– Bem, sim, eu acho.

Por um instante ele nada disse, mas ficou a observá-la de maneira estranha, quase irônica, e então falou, mantendo a voz baixa:

– Qualquer homem teria de ser um tolo para não querer se casar com você.

Francesca sentiu a boca formar um “oh” de surpresa.

– Ah – soltou, completamente sem saber o que dizer. – Isso... isso... é a coisa mais simpática que você poderia me dizer agora.

Ele deixou escapar um suspiro e passou a mão pelos cabelos. Ela decidiu não lhe avisar que acabava de depositar uma camada de pólen amarelo em meio aos fios negros.

– Francesca – começou Michael, com uma expressão cansada, aborrecida e alguma outra coisa.

Arrependimento?

Não, isso era impossível. Michael não era do tipo que se arrependia do que quer que fosse.

– Eu jamais desejaria qualquer outra coisa a você. Você... – Ele pigarreou. – Você merece ser feliz.

– Eu... – Aquele estava sendo um momento muito esquisito, em especial após as palavras tensas da noite anterior. Ela não tinha a menor ideia de como responder ao que ele dissera, então simplesmente falou: – A sua vez vai chegar.

Ele olhou para ela, confuso.

– Na verdade, já chegou – continuou Francesca. – Ontem à noite fui assediada por muito mais admiradoras suas do que pretendentes meus. Se as mulheres pudessem enviar flores, estaríamos agora soterrados por elas.

Ele sorriu, mas o sorriso não chegou aos seus olhos. Não parecia zangado, apenas... vazio.

– Hã... sobre ontem à noite... – começou ele, erguendo a mão para ajeitar a gravata. – Se eu disse qualquer coisa que a aborreceu...

Ela observou o rosto dele. Era-lhe tão caro, e ela conhecia cada detalhe... Quatro anos, ao que parecia, não eram capazes de apagar uma lembrança. Mas havia algo diferente agora. Ele estava mudado, embora ela não soubesse exatamente como.

E não soubesse ao certo por quê.

– Está tudo bem – assegurou-lhe.

– Ainda assim – insistiu ele, um tanto rispidamente. – Eu sinto muito.

Mas, pelo resto do dia, Francesca se perguntou se ele sabia por que tinha se desculpado. E tampouco conseguiu se livrar da sensação de que nem ela própria sabia.

CAPÍTULO 12

... um tanto ridículo lhe escrevendo, mas suponho que depois de tantos meses no Oriente minha perspectiva sobre a morte e a vida após a morte tenha se transformado em algo capaz de fazer o vigário MacLeish sair correndo, gritando. Estando longe assim da Inglaterra, é quase possível, para mim, fingir que você continua vivo e que vai receber este bilhete, da mesma forma que recebeu os muitos que enviei da França. Mas então alguém chama o meu nome e sou lembrado de que sou Kilmartin, e de que você se encontra num local onde não pode ser encontrado pelo Correio Real.

– do conde de Kilmartin para o primo falecido, o conde anterior, um ano e dois meses após sua partida para a Índia, escrita por completo e, em seguida, queimada na chama de uma vela

Não que *gostasse* de se sentir um asno, refletiu Michael no clube enquanto girava um copo de brandy na mão. No entanto, parecia-lhe que nos últimos tempos, pelo menos perto de Francesca, não conseguia evitar agir como tal.

Lá estivera ela, na festa de aniversário da mãe, tão *feliz* por ele, tão encantada por ele ter usado a palavra *amor* em sua presença, que ele simplesmente perdera o juízo.

Porque sabia como a cabeça dela funcionava e estava convencido de que já estava pensando adiante, tentando escolher a mulher perfeita para ele, e a

verdade era...

Bem, a verdade era patética demais para ser posta em palavras.

Mas ele pedira desculpas e, embora pudesse jurar que não agiria como um idiota outra vez, provavelmente ainda precisaria se desculpar muitas vezes no futuro, e quase com certeza Francesca consideraria tudo parte de sua natureza rabugenta, apesar de ele ter sido a própria imagem do bom humor enquanto John era vivo.

Bebeu o resto do brandy. Para o inferno com aquilo tudo.

Bem, ele logo daria um fim àquela bobagem toda. Ela encontraria alguém, se casaria com o sujeito e deixaria a casa. Continuariam amigos, é claro – Francesca não permitiria que fosse diferente –, mas não a veria todos os dias à mesa do café da manhã. Tampouco a veria com a mesma frequência que antes da morte de John. O novo marido não a deixaria passar tanto tempo em sua companhia, primos ou não.

– Stirling! – ouviu alguém chamar, seguido da costumeira e discreta tosse que precedia: – Kilmartin, eu quero dizer. Sinto muito.

Michael ergueu os olhos e deu com Sir Geoffrey Fowler, um conhecido dos tempos de Cambridge.

– Não há necessidade de se desculpar – disse, indicando a cadeira à sua frente.

– Que maravilha encontrá-lo – falou Sir Geoffrey, sentando-se. – Imagino que sua viagem de retorno tenha transcorrido sem maiores surpresas.

Os dois conversaram sobre amenidades até Sir Geoffrey chegar ao assunto:

– Soube que Lady Kilmartin está à procura de um marido.

Michael se sentiu como se tivesse levado um soco. Muito pior do que a tenebrosa vitrine de arranjos florais na sala de sua casa era ouvir aquelas palavras saindo dos lábios de outra pessoa.

Alguém jovem, razoavelmente bem-apessoado e claramente em busca de uma esposa.

– Sim – respondeu ele, por fim. – Creio que esteja, sim.

– Ótimo.

Sir Geoffrey esfregou as mãos uma na outra, mostrando-se ansioso e despertando em Michael o desejo de lhe virar a mão no rosto.

– Ela será bastante seletiva – retrucou ele, irritado.

Sir Geoffrey não pareceu se importar.

– Vai lhe proporcionar um dote?

– Como? – indagou Michael, com a voz áspera.

Por Deus... Agora era ele o parente homem mais próximo de Francesca, não era? Provavelmente teria de conduzi-la ao altar na cerimônia.

Maldição.

– Vai? – insistiu Sir Geoffrey.

– É claro – grunhiu Michael.

Sir Geoffrey sorveu o ar em sinal de satisfação.

– O irmão dela também se ofereceu para isso.

– Os Stirlings cuidarão dela – disse Michael, secamente.

Sir Geoffrey deu de ombros.

– Ao que parece, os Bridgertons farão o mesmo.

Michael teve a sensação de que os dentes rangiam tanto que em breve iriam se transformar em pó.

– Alegre-se – incitou Sir Geoffrey. – Com um dote duplo, ela logo estará fora de suas mãos. Deve estar ansioso para se livrar dela.

Michael inclinou a cabeça para o lado, tentando decidir que parte do nariz de Sir Geoffrey se prestaria melhor a um soco.

– Deve ser um fardo para você – continuou Sir Geoffrey, com animação. – As roupas, por si só, devem custar uma fortuna.

Michael se perguntou quais seriam as implicações legais de se estrangular um cavalheiro da Coroa. Certamente nada que não valesse a pena enfrentar.

– Além do mais, quando *você* se casar – prosseguiu Sir Geoffrey, obviamente ignorando o fato de que Michael dobrava e desdobrava os dedos enquanto avaliava o seu pescoço com o olhar –, a nova condessa não vai querer que ela permaneça em sua casa. Não é possível ter duas mulheres no comando de uma única casa, certo?

– Certo – concordou Michael, a contragosto.

– Muito bem, então – disse Sir Geoffrey, levantando-se. – Foi bom falar com você, Kilmartin. Tenho de ir. Preciso dar a notícia a Shively. Não que eu queira a concorrência, é claro, mas não é provável que uma informação como essa permaneça em segredo por muito tempo, de qualquer forma. Assim, que caiba a mim revelá-lo.

Michael lhe lançou um olhar glacial, mas Sir Geoffrey estava animado demais com o mexerico para notá-lo. Michael baixou os olhos para o copo. Estava vazio. Maldição.

Fez sinal a um garçom para que lhe trouxesse mais um, então se recostou na poltrona com a intenção de ler o jornal que apanhara ao entrar, mas, antes mesmo de ler a primeira manchete, ouviu seu nome outra vez. Fez um esforço para ocultar a irritação e ergueu o olhar.

Trevelstam. O das rosas amarelas. Michael começou a espremer o jornal entre as mãos.

– Kilmartin – cumprimentou o visconde.

Michael assentiu.

– Trevelstam. – Os dois se conheciam, não intimamente, mas bem o suficiente para travar uma conversa cordial. – Sente-se – disse, indicando a poltrona à sua frente.

Trevelstam se acomodou e pousou a bebida, que se encontrava pela metade, sobre a mesa.

– Como tem passado? – perguntou. – Não o tenho visto com muita frequência desde o seu retorno.

– Bem – grunhiu Michael.

Considerando que estava sendo forçado a interagir com um tolo que desejava se casar com o dote de Francesca, pensou. Não, na verdade, com o seu dote duplo. Do jeito que os boatos se espalhavam, Trevelstam já devia ter ouvido a notícia por meio de Sir Geoffrey.

Trevelstam era ligeiramente mais sofisticado do que Sir Geoffrey – conseguiu conduzir uma conversa leve durante três minutos inteiros, indagando sobre a viagem de Michael à Índia, a viagem de retorno, etc. Mas então, é claro, chegou a seu verdadeiro objetivo:

– Passei para visitar Lady Kilmartin esta tarde.

– É mesmo? – murmurou Michael.

Não voltara a sua casa desde que saíra pela manhã. A última coisa que desejava era estar presente para o desfile de pretendentes de Francesca.

– Sim. É uma mulher encantadora.

– Tem razão – concordou Michael, satisfeito por ter chegado a bebida.

Mas sua satisfação durou pouco: dois minutos depois ele constatou que já a consumira.

Trevelstam pigarreou.

– Certamente já sabe de que tenho a intenção de cortejá-la.

– Agora não tenho mais nenhuma dúvida.

Michael olhou para o copo tentando ver se ainda restavam algumas gotas de brandy.

– Eu não sabia ao certo se deveria informar a você ou ao irmão dela sobre minhas intenções.

Michael tinha certeza de que Anthony Bridgerton, irmão mais velho de Francesca, era perfeitamente capaz de se livrar dos pretendentes inadequados, mas ainda assim disse:

– Basta falar comigo.

– Ótimo, ótimo – murmurou Trevelstam, tomando outro gole da bebida. – Eu...

– Trevelstam! – exclamou uma ribombante voz. – E Kilmartin!

Era o grandalhão e corpulento lorde Hardwick, a meio caminho da embriaguez.

– Hardwick – cumprimentaram os dois homens sentados.

Hardwick agarrou uma cadeira e a arrastou pelo chão até a mesa deles.

– Que bom encontrá-los aqui – disse. – Excelente noite, não acham? Excelente. Realmente excelente.

Michael não tinha a menor ideia do que ele queria dizer, mas assentiu mesmo assim. Melhor do que lhe perguntar por que a noite estava tão excelente. Sabia que não estava com paciência para ouvir a explicação.

– Thistleswaite está ali apostando nos cães da rainha e... Ah, ouvi falar de Lady Kilmartin também. Um ótimo tema para conversa – disse ele, assentindo com a cabeça. – Um ótimo assunto, realmente. Detesto quando as coisas ficam calmas demais por aqui.

– E como vão os cães da rainha? – indagou Michael.

– Terminou o luto, pelo que soube.

– Dos cães?

– Não, de Lady Kilmartin! – exclamou Hardwick, rindo. – He, he, he. Muito boa esta, Kilmartin.

Michael fez um gesto para que lhe trouxessem outro drinque. Ia precisar.

– Ela estava vestindo azul na outra noite – comentou Hardwick. – Todo mundo viu.

– Estava encantadora – acrescentou Travelstam.

– Ora, realmente, realmente – concordou Hardwick. – É uma ótima mulher. Eu mesmo a cortejaria se já não estivesse acorrentado a Lady Hardwick.

Sorte de Francesca, pensou Michael.

– Por quanto tempo ela ficou de luto pelo velho conde? – perguntou Hardwick. – Seis anos?

Considerando que o "velho conde" tinha apenas 28 anos à época de sua morte, Michael achou o comentário um tanto ofensivo, mas parecia inútil tentar mudar o mau comportamento do lorde Hardwick num estágio tão avançado de sua vida – e considerando o tamanho e a robustez dele, iria cair duro a qualquer momento. Agora mesmo, na verdade, se Michael estivesse com sorte.

Olhou para o outro lado da mesa. O homenzarrão continuava vivo.

Droga.

– Quatro anos – retrucou. – Meu primo morreu há quatro anos.

– Quatro, seis, não importa – disse Hardwick, dando de ombros. – É muito tempo para manter as janelas cobertas de preto.

– Acho que ela passou algum tempo em meio-luto também – observou Trevelstam.

– Ah, é mesmo? – Hardwick tomou um gole de sua bebida, então limpou a boca de forma um tanto desleixada com um lenço. – Se parar para pensar, dá no mesmo. Ela não estava procurando um marido até agora.

– Não – concordou Michael, em grande parte porque Hardwick parara de falar por alguns segundos.

– Os homens vão persegui-la como abelhas atrás de mel – previu Hardwick. – Abelhas atrás de mel, podem acreditar. Todos sabem como era dedicada ao velho conde. Todos.

O drinque de Michael chegou. Com a graça de Deus.

– E nunca houve a menor sugestão de escândalo com relação ao nome dela desde que ele morreu – acrescentou Hardwick.

– Eu diria que não – concordou Travelstam.

– Ao contrário de outras viúvas que há por aí – continuou Hardwick, tomando outro gole da bebida. Riu obscenamente e deu uma cotovelada em Michael. – Se sabe o que quero dizer.

Michael se limitou a beber.

– É como... – Hardwick chegou o corpo para a frente, a papada balançando enquanto a expressão em seu rosto se tornava lasciva. – É como...

– Ora, por Deus, homem, fale logo – murmurou Michael, encarando-o de cara feia.

– Eu vou lhe dizer como é – continuou Hardwick com um olhar de pura malícia. – É como ter uma virgem que sabe o que fazer.

Michael o fitou.

– O que foi que disse? – indagou, num tom muito baixo.

– Eu disse...

– Eu não repetiria o que disse, se fosse você – interveio Trevelstam, olhando apreensivo para a expressão sombria que se formava no rosto de Michael.

– O quê? Não é um insulto – grunhiu Hardwick, engolindo o resto da bebida. – É que ela já foi casada, então sabemos que não é intocada, mas não é como se tivesse saído por aí e...

– Pare, *agora* – exigiu Michael, por entre os dentes.

– O que foi? É o que todo mundo está dizendo.

– Não na minha presença – vociferou Michael. – Não se dão valor à própria vida.

– Bem, é melhor do que dizerem que ela não é como uma virgem – atalhou Hardwick, rindo. – Se sabe o que quero dizer.

Michael saltou para a frente.

– Meu Deus, homem! – ganiu Hardwick, caindo no chão. – Qual é o problema?

Michael não sabia ao certo como as mãos tinham ido parar em volta do pescoço de Hardwick, mas constatou que gostava delas ali.

– Nunca mais se atreva a pronunciar o nome dela – sibilou. – Está me entendendo?

Hardwick assentiu freneticamente, mas o movimento cortou-lhe o ar ainda mais e suas faces começaram a arroxear.

Michael o soltou e se levantou, esfregando as mãos uma na outra como se tentasse limpá-las.

– Não vou tolerar que se fale de Lady Kilmartin de maneira tão desrespeitosa – disse por entre os dentes. – Está claro?

Hardwick fez que sim. Assim como alguns dos espectadores.

– Ótimo – grunhiu Michael, decidindo que aquele era um bom momento para deixar o local.

Com alguma sorte, Francesca já teria se recolhido quando ele chegasse em casa. Ou isso ou estaria fora. Qualquer coisa, contanto que não tivesse de vê-la.

Encaminhou-se para a saída, mas, ao deixar o salão em direção ao corredor, ouviu seu nome ser chamado mais uma vez. Virou-se, perguntando-se que homem seria imbecil o suficiente para incomodá-lo no estado em que se encontrava.

Colin Bridgerton. Irmão de Francesca. Maldição.

– Kilmartin – disse Colin, o belo rosto decorado com o costumeiro meio sorriso.

– Bridgerton.

Colin fez um sinal discreto em direção à mesa que, agora, se encontrava virada.

– Belo espetáculo lá dentro.

Michael não respondeu. Colin Bridgerton sempre o enervara. Compartilhavam o mesmo tipo de reputação – a de moleques inconsequentes. No entanto, enquanto Colin era o queridinho das mamães da sociedade, que arrulhavam diante de seu comportamento encantador, Michael sempre fora (ou pelo menos até herdar o título) tratado com um pouco mais de reserva.

Mas havia muito tempo que Michael suspeitava existir bastante conteúdo por trás da superfície sempre jovial de Colin, e talvez isso se devesse ao fato de serem parecidos de tantas maneiras. De forma que Michael sempre temera que se alguém fosse desconfiar de seus verdadeiros sentimentos por Francesca, esse alguém seria ele.

– Eu estava tomando um drinque calmamente quando ouvi a confusão – contou Colin, indicando um salão privativo. – Junte-se a mim.

Tudo o que Michael queria era ir embora, mas Colin era irmão de Francesca, o que os tornava, de certa forma, parentes. Isso exigia ao menos uma afetação de

educação. Assim, rangeu os dentes e entrou no salão privativo com a intenção de tomar apenas um drinque e partir em menos de dez minutos.

– Uma noite agradável, não acha? – comentou Colin enquanto Michael se sentava. – Apesar de Hardwick e aquilo tudo. – Acomodou-se de volta em sua poltrona com uma elegância inata. – É um idiota.

Michael fez que sim rigidamente, tentando ignorar que, como sempre, o irmão de Francesca o observava com a sagacidade do olhar disfarçada por um ar de encantadora inocência. Colin inclinou a cabeça de leve para o lado, como se – pensou Michael, azedo – procurasse um bom ângulo para estudar melhor a sua alma.

– Para o diabo com tudo isso – murmurou Michael, baixinho, chamando um garçom.

– O que disse? – indagou Colin.

Michael se voltou lentamente para olhá-lo.

– Quer outro drinque? – perguntou, tentando pronunciar as palavras o mais claramente possível por entre os dentes cerrados.

– Acho que sim – respondeu Colin, a própria imagem da amabilidade e da alegria.

Michael não acreditou naquela fachada nem por um instante.

– Tem planos para hoje? – quis saber Colin.

– Nenhum.

– Por acaso, nem eu – murmurou Colin.

Maldição. Era realmente pedir demais ter uma hora só para si?

– Obrigado por defender a honra de Francesca – falou Colin em voz baixa.

O primeiro impulso de Michael foi dizer que não era preciso que lhe agradecessem; era papel dele, assim como de qualquer Bridgerton, defender a honra de Francesca. Mas os olhos verdes de Colin pareciam excepcionalmente argutos naquela noite, então Michael se limitou a assentir.

– Sua irmã merece ser tratada com respeito – retrucou, por fim, certificando-se de que a voz saísse suave e serena.

– É claro – concordou Colin, inclinando a cabeça.

As bebidas chegaram. Michael lutou contra o ímpeto de virar a sua de uma vez só, embora tenha tomado um gole grande o bastante para sentir a garganta queimar.

Colin, por outro lado, deixou escapar um suspiro de satisfação e se recostou na poltrona.

– Excelente uísque – comentou, com grande prazer. – É a melhor coisa da Inglaterra. Ou, pelo menos, uma delas. Simplesmente não há nada parecido no Chipre.

Michael se limitou a grunhir. Pareceu-lhe a única resposta necessária.

Colin tomou outro gole, claramente saboreando a bebida.

– Ahhh – gemeu, pousando o copo sobre a mesa. – Quase tão bom quanto uma mulher.

Michael voltou a grunhir, levando o copo aos lábios.

Então Colin disse:

– Você deveria simplesmente se casar com ela, sabe?

Michael quase engasgou.

– O que disse?

– Case-se com ela – repetiu Colin, dando de ombros. – Isso me parece bem simples.

Provavelmente era querer muito supor que Colin estivesse falando de qualquer uma que não fosse Francesca, mas Michael fez uma tentativa desesperada ainda assim, com o tom de voz mais frio que conseguiu:

– De quem está falando?

Colin ergueu as sobrancelhas.

– Precisamos mesmo fazer este jogo?

– Não posso me casar com Francesca – declarou Michael atabalhoadamente.

– Por que não?

– Porque... – Ele se interrompeu. Havia cem razões pelas quais não podia se casar com ela, mas não podia dizer nenhuma em voz alta. Assim, limitou-se a responder: – Porque ela foi casada com meu primo.

– Da última vez que verifiquei, isso não era ilegal.

Não, mas era imoral. Ele desejara e amara Francesca por tanto tempo... Mesmo enquanto John era vivo. Enganara o primo da forma mais vil possível; não podia aumentar a traição roubando-lhe a mulher.

Isso completaria o círculo sombrio que o levara a se tornar conde de Kilmartin, um título que nunca deveria ter sido seu. *Nada* daquilo deveria ser seu. E, a não ser por aquelas malditas botas que ele forçara Reivers a enfiar

dentro de algum armário, Francesca era a única coisa que sobrara de John da qual ele *não* se apossara.

A morte do primo lhe proporcionara uma fortuna fabulosa, lhe dera poder, prestígio e o título de conde.

Se além de tudo também lhe desse Francesca, como Michael poderia se agarrar a um filete de esperança que fosse de que ele, de alguma forma, mesmo que apenas em seus sonhos, não desejara que aquilo acontecesse?

Como poderia viver consigo mesmo?

– Ela tem de se casar com alguém – prosseguiu Colin.

Michael ergueu os olhos, ciente de que ficara pensativo por algum tempo e de que Colin o estivera observando atentamente enquanto isso. Deu de ombros, tentando manter uma postura desinteressada, ainda que suspeitasse que isso não enganaria o homem do outro lado da mesa.

– Ela fará o que quiser – disse. – Sempre faz.

– Talvez ela aja movida pela pressa – murmurou Colin. – Quer ter filhos antes de ser velha demais.

– Mas ela não é velha.

– Não, mas talvez pense que seja. E talvez se preocupe com que os outros achem o mesmo. Ela não conseguiu conceber com o seu primo, afinal.

Michael teve de agarrar os cantos da mesa para não se levantar. Não conseguia entender por que a observação de Colin o tinha enfurecido tanto.

– Se ela agir com muita pressa – acrescentou o irmão de Francesca, quase sem pensar –, é possível que escolha alguém que seja cruel com ela.

– Francesca? – indagou Michael, descartando a pergunta.

Talvez outra mulher pudesse ser tola a tal ponto, mas não a sua Francesca.

Colin deu de ombros.

– É possível.

– Ainda que isso acontecesse – falou Michael –, ela nunca permaneceria num casamento assim.

– E que escolha ela teria?

– Estamos falando de *Francesca* – insistiu Michael.

O que realmente deveria ter sido o bastante para explicar tudo.

– Talvez tenha razão – retrucou Colin, bebericando seu drinque. – Sempre terá os Bridgertons como refúgio. Certamente nós jamais a forçaríamos a viver

com um cônjuge cruel. – Ele pousou o copo sobre a mesa e se recostou na poltrona. – Além do mais, esta é uma discussão inútil, não é mesmo?

Havia algo estranho no tom de Colin, algo oculto e provocador. Michael ergueu os olhos de súbito, incapaz de resistir ao impulso de estudar o rosto do outro em busca de pistas das suas intenções.

– Por que diz isso? – perguntou.

Colin tomou mais um gole da bebida. Michael notou que o volume do líquido no copo jamais parecia diminuir.

Colin brincou com o copo por vários segundos antes de erguer o olhar para encarar Michael. Qualquer outra pessoa poderia ter visto aquela expressão como vazia, mas havia algo nos olhos de Colin que fez Michael querer se contorcer na cadeira. Eram argutos, penetrantes e, apesar de diferentes na cor, idênticos aos de Francesca no formato.

Aquilo era sinistro.

– Porque esta discussão é inútil? – murmurou Colin, pensativo. – Bem, porque você claramente não quer se casar com ela.

Michael abriu a boca para lhe dar uma resposta rápida, mas logo a fechou ao se dar conta – com um choque considerável – de que estivera prestes a dizer: “É claro que quero.”

E queria.

Queria se casar com ela.

Apenas não achava que conseguiria viver com a própria consciência se o fizesse.

– Você está bem? – perguntou Colin.

Michael piscou.

– Perfeitamente. Por quê?

Colin inclinou um pouco a cabeça para o lado.

– Por um instante você pareceu... – Ele balançou a cabeça de leve. – Deixe para lá.

– O quê, Bridgerton? – exigiu Michael, quase gritando.

– Surpreso – completou Colin. – Você pareceu um tanto surpreso. Um pouco estranho, eu achei.

Meu Deus, mais um instante com Colin e o filho da mãe saberia todos os segredos de Michael. Ele empurrou a cadeira para trás.

– Tenho de ir – disse abruptamente.

– É claro – retrucou Colin com simpatia, como se a conversa inteira tivesse girado em torno de cavalos e do tempo.

Michael se levantou e fez um breve aceno com a cabeça. Não foi uma despedida muito calorosa, considerando que eram praticamente parentes, mas era o melhor que podia fazer diante das circunstâncias.

– Pense no que eu disse – disse Colin assim que Michael chegou à porta.

Michael deixou escapar uma risada estridente enquanto empurrava a porta e saía para o corredor. Como se fosse conseguir pensar em qualquer outra coisa.

Pelo resto da vida.

CAPÍTULO 13

... está tudo bem em casa, e Kilmartin vem prosperando sob a cuidadosa administração de Francesca. Ela continua de luto por John, mas todos nós continuamos, assim como você, tenho certeza. Você deveria pensar em escrever para ela. Sei que sente a sua falta. Conto a ela todas as suas histórias, mas, sem dúvida, você as narraria de uma forma diferente da que faz com a sua mãe.

– de Helen Stirling para o filho, o conde de Kilmartin,
dois anos após a partida dele para a Índia

O resto da semana passou voando em meio a uma enervante sucessão de flores, doces e declamação de poesia, recordou Michael com um tremor nas escadas diante de sua casa.

Ao que parecia, Francesca estava deixando para trás todas as debutantes de rostinhos frescos e jovens. O número de homens que competiam pela sua mão podia não estar dobrando a cada dia, mas Michael certamente tinha essa sensação cada vez que tropeçava em algum pretendente apaixonado no saguão.

Era o bastante para fazer um homem querer vomitar. De preferência, em cima do pretendente apaixonado.

É claro que ele mesmo tinha as suas admiradoras, mas como não era apropriado para uma mulher visitar um homem, Michael só precisava lidar com elas quando queria, e não quando elas decidiam passar pela sua casa sem serem

convidadas e sem qualquer outro motivo aparente a não ser comparar os olhos dele a...

Bem, ao que quer que fosse possível comparar um par de olhos comum. De qualquer forma, aquela era uma analogia idiota, embora Michael tivesse sido forçado a escutar mais de um homem recitando poemas sobre os olhos de Francesca.

Meu bom Deus, será que nenhum deles conseguia ter uma ideia original? Nem precisavam deixar de falar dos olhos dela, mas pelo menos um deles poderia ter criatividade suficiente para compará-los a algo que não fosse a água do mar ou o céu.

Michael resfolegou, contrariado. Qualquer um que observasse com atenção os olhos de Francesca se daria conta de que possuíam uma cor única.

Uma cor da qual o céu não chegava nem perto.

Além do mais, o enfadonho desfile dos pretendentes de Francesca estava tornando ainda mais difícil para Michael parar de pensar na conversa que tivera com o irmão dela.

Casar-se com Francesca? Jamais se permitira sequer pensar em tal ideia.

A não ser pelo fato de que agora essa ideia o tomara com uma intensidade que o deixava zonzo.

Casar-se com Francesca. Meu Deus. Tudo naquilo estava errado.

Exceto pelo fato de que o desejava tão ardentemente.

Era terrível observá-la, conversar com ela, viverem na mesma casa. Antes ele já achava difícil amar uma mulher que não podia ser sua, mas aquilo...

Aquilo era mil vezes pior.

Colin sabia.

Sem dúvida, ele sabia. Por que haveria de sugerir aquilo se não soubesse?

Michael se mantivera são por todos aqueles anos por um único motivo: ninguém sabia que ele era apaixonado por Francesca.

Mas agora, pelo jeito, lhe seria negado até mesmo esse último frangalho de dignidade.

Agora Colin sabia, ou, no mínimo, suspeitava, e Michael não conseguia controlar a sensação de pânico que crescia em seu peito.

Colin sabia, e Michael teria de fazer alguma coisa a respeito.

Por Deus, e se ele contasse a Francesca?

Essa era a pergunta que vinha em primeiro lugar em sua mente, mesmo agora que se encontrava levemente afastado do burburinho generalizado no baile dos Burwicks, quase uma semana após o fatídico encontro com Colin.

– Ela está linda hoje, não é mesmo?

Era a voz da mãe em seu ouvido; ele se esquecera de fingir que não observava Francesca. Virou-se para Helen e fez uma pequena reverência.

– Mamãe – murmurou.

– Não está? – insistiu Helen.

– É claro que sim – concordou ele, rápido o bastante para que ela achasse que estava apenas sendo gentil.

– Ela fica bem de verde.

Tudo ficava bem em Francesca, mas ele não iria dizer isso à mãe, então se limitou a assentir e murmurar sua concordância.

– Você deveria dançar com ela.

– Farei isso – disse ele, tomando um gole de seu champanhe. O que queria *mesmo* era atravessar o salão de baile e arrancá-la do meio de sua irritante multidãozinha de admiradores, mas não podia confessar tal desejo à mãe. Assim, concluiu com: – *Depois* de terminar a minha bebida.

Helen franziu os lábios.

– Até lá, Francesca já não terá tempo para você. Vá agora.

Ele se virou para Helen e sorriu, exatamente o tipo de sorriso diabólico planejado para desviar a atenção da mãe do que quer que a estivesse mantendo tão concentrada.

– Ora, e por que eu haveria de fazer isso quando posso dançar com você? – perguntou ele, pousando a taça de champanhe sobre uma mesa próxima.

– Seu patife – disse Helen.

Mas deixou que ele a conduzisse até a pista de dança.

Michael sabia que pagaria por isso no dia seguinte; as matronas da alta sociedade já nadavam ao seu redor prontas para o ataque, e não havia nada que as agradasse mais do que um libertino que sabia ser atencioso com a mãe.

Tratava-se de uma música alegre, o que não permitia muita conversa. E enquanto ele rodopiava e girava, se abaixava e fazia reverências, não parava de vislumbrar Francesca, radiante em seu vestido esmeralda. Ninguém parecia notar que ele a observava, o que lhe convinha perfeitamente. O único problema foi

que, quando a música atingiu o seu penúltimo crescendo, Michael foi forçado a dar um giro para longe dela.

E quando se virou de novo em sua direção Francesca havia sumido.

Ele franziu a testa. Aquilo não lhe pareceu certo. Achou que ela poderia ter ido ao toalete, mas, tolo patético que era, vinha olhando para ela com atenção suficiente para saber que o fizera vinte minutos antes.

Terminou de dançar com a mãe, despediu-se dela e foi caminhando de forma lenta e descompromissada até o extremo norte do salão, onde vira Francesca pela última vez. Precisava ser rápido, caso alguém tentasse interceptá-lo. Manteve os ouvidos bem abertos enquanto avançava pela multidão, mas ninguém parecia estar falando sobre ela.

Ao chegar ao local onde ela estivera antes, notou portas duplas que deviam dar para um jardim nos fundos da casa. Estavam fechadas e cobertas por cortinas. Estavam em abril, mês em que não fazia calor suficiente para que se deixasse entrar o ar noturno, mesmo com uma multidão de trezentas pessoas aquecendo o salão. No mesmo instante Michael ficou desconfiado; ele próprio já atraíra muitas mulheres até jardins como aquele para não saber o que podia acontecer na escuridão.

Abriu a porta e deslizou para fora da forma mais discreta possível. Se Francesca estivesse mesmo no jardim dos fundos com um cavalheiro, a última coisa que queria era uma multidão a segui-lo.

O ribombar da festa parecia pulsar nas portas de vidro, mas ainda assim a noite estava silenciosa.

Então ouviu a voz dela.

E sentiu as entranhas se contorcerem.

Ela lhe pareceu feliz, constatou, mais do que satisfeita em estar na companhia do homem que a atraíra para fora, quem quer que ele fosse. Michael não conseguia distinguir as palavras, mas não tinha dúvida de que ela estava rindo. Era um som leve, musical, e terminou num murmúrio namorador, de incendiar a alma.

Michael colocou a mão de volta na maçaneta. Devia partir. Ela não haveria de querer encontrá-lo ali.

Mas parecia ter criado raízes naquele local.

Ele nunca – nunca – a espionara quando estava com John. Jamais escutara uma conversa que não tivesse o intuito de incluí-lo. Caso se encontrasse próximo o bastante para ouvi-los, sempre se afastara imediatamente. Mas agora era diferente. Não conseguia explicar, mas era diferente, e não conseguia se forçar a sair dali.

Só mais um minuto, jurou para si mesmo. Só isso. Um minuto para se certificar de que ela não se encontrava numa situação de perigo e...

– Não, não.

Era a voz de Francesca.

Esticou as orelhas e deu alguns passos em direção à voz. Ela não parecia zangada, mas dizia *não*. É claro que podia estar rindo de alguma piada ou, quem sabe, de algum mexerico sem importância.

– Eu realmente preciso.... *Não!*

Foi o suficiente para fazer Michael se mexer.

Francesca sabia que não deveria ter saído com Sir Geoffrey Fowler, mas ele fora educado e encantador, e ela estava se sentindo um pouco abafada no salão de baile atulhado de gente. Era o tipo de coisa que jamais havia feito quando solteira, mas viúvas não precisavam seguir os mesmos padrões e, além do mais, Sir Geoffrey tinha dito que deixaria a porta entreaberta.

Tudo fora perfeitamente agradável durante os primeiros minutos. Sir Geoffrey a fizera rir e sentir-se encantadora, e era quase de partir o coração constatar quanto sentira falta daquilo. Assim, ela se permitira divertir-se e viver o momento. Queria se sentir como uma mulher outra vez – talvez não no sentido pleno da palavra, mas seria mesmo tão errado desfrutar da inebriante sensação de saber que era desejada?

Talvez todos estivessem atrás do que agora se tornara o seu infame dote duplo. Talvez quisessem se ligar a duas das mais notáveis famílias britânicas – afinal, Francesca era uma Bridgerton e uma Stirling. Mas, por uma encantadora noite, iria se permitir acreditar que era tudo por causa *dela*.

Então Sir Geoffrey se aproximara mais um pouco. Francesca chegara para trás discretamente, mas ele dera outro passo em sua direção, então outro, e antes

que ela se desse conta estava encostada numa árvore com as mãos de Sir Geoffrey plantadas no tronco, cada qual de um lado de sua cabeça.

– Sir Geoffrey – começou Francesca, fazendo o possível para manter a educação enquanto lhe fosse possível. – Acho que houve um mal-entendido. Eu gostaria de voltar para a festa.

Manteve a voz leve e simpática, sem querer correr o risco de incitá-lo a fazer algo de que se arrependesse.

Ele aproximou a cabeça alguns centímetros da dela.

– Ora, e por que haveria de querer isso? – murmurou.

– Não, não – disse ela, virando a cabeça para o lado quando ele se aproximou ainda mais. – Vão sentir a minha falta. – Maldição, ia ter de pisar no pé dele ou, pior, emasculá-lo da maneira que os irmãos haviam lhe ensinado quando era jovem e inocente. – Sir Geoffrey – continuou, tentando ser cortês pela última vez. – Eu realmente tenho de...

Então aquela boca molhada demais, mole e completamente importuna, aterrissou sobre a sua.

– ... Não! – conseguiu guinchar.

Mas Sir Geoffrey estava decidido a beijá-la. Francesca começou a se contorcer, mas ele era mais forte do que ela imaginara e claramente não tinha a menor intenção de deixá-la escapar. Ainda lutando, Francesca conseguiu deslocar a perna de maneira a talvez conseguir enfiar o joelho na virilha dele, mas, antes que pudesse fazê-lo, Sir Geoffrey pareceu... simplesmente... desaparecer.

– Ah! – exclamou ela, involuntariamente.

Ouviu uma breve agitação, um som parecido com nós de dedos se chocando contra carne e outro com um sincero grito de dor. Até Francesca ter alguma ideia do que estava acontecendo, Sir Geoffrey já estava estatelado de bruços no chão, praguejando, tendo um homem muito forte inclinado sobre ele com a bota plantada firmemente em suas costas.

– Michael? – disse Francesca, sem conseguir acreditar nos próprios olhos.

– É só pedir – começou Michael, numa voz que ela jamais tinha ouvido dele antes – e eu esmago as costelas dele.

– Não! – exclamou Francesca rapidamente.

Não teria se sentido nem um pouco culpada por dar um joelhada no meio das pernas de Sir Geoffrey, mas não queria que Michael *matasse* o homem.

E pela expressão no rosto dele, Francesca tinha certeza que ele faria isso com grande satisfação.

– Não é preciso – continuou ela, correndo para o lado de Michael e em seguida dando um passo para trás ao perceber o brilho feroz em seus olhos. – Talvez possamos pedir-lhe, apenas, que se vá?

Por um instante Michael nada fez além de fitá-la com um olhar duro e uma intensidade que a deixou sem fôlego. Então ele pressionou a bota nas costas de Sir Geoffrey. Não fez muita força, só o suficiente para levar o homem a grunhir de desconforto.

– Tem certeza? – rosnou Michael.

– Tenho, por favor, não há necessidade de machucá-lo – pediu Francesca. Minha nossa, seria um pesadelo se alguém os pegasse naquela situação. A reputação dela ficaria arruinada e só Deus sabe o que diriam sobre Michael, atacando um respeitado baronete. – Eu não devia ter vindo até aqui com ele – acrescentou ela.

– Não, não devia – concordou Michael, de forma brusca. – Mas isso não dá a ele o direito de se impor a você.

Retirou a bota de cima de Sir Geoffrey e colocou o homem trêmulo de pé. Em seguida agarrou-o pelas lapelas, encostou-o contra a árvore e aproximou o próprio corpo do dele até os dois estarem praticamente cara a cara.

– Não é muito agradável se sentir preso, é? – escarneceu Michael.

Sir Geoffrey não respondeu, limitando-se a fitá-lo, apavorado.

– Tem alguma coisa para dizer à senhora?

Sir Geoffrey balançou a cabeça freneticamente.

Michael chocou a cabeça dele contra a árvore.

– Pense melhor! – rosnou.

– Sinto muito! – guinchou Sir Geoffrey.

Parecia uma moça, pensou Francesca, impassível. Sabia que ele não daria um bom marido, mas aquilo encerrava qualquer possível discussão.

Mas Michael ainda não terminara com ele.

– Se algum dia chegar perto de Lady Kilmartin de novo, eu o estriparei com minhas próprias mãos.

Até mesmo Francesca se encolheu.

– Fui claro? – disse Michael, por entre os dentes.

Outro ganido e, dessa vez, Sir Geoffrey pareceu que ia chorar.

– Saia daqui – grunhiu Michael, empurrando o homem apavorado para longe. – E aproveite para passar um mês longe da cidade.

Sir Geoffrey o olhou, em estado de choque.

Michael permaneceu imóvel, perigosamente imóvel, para então dar de ombros de maneira insolente.

– Ninguém vai sentir a sua falta – acrescentou em voz baixa.

Francesca então se deu conta de que estava prendendo a respiração. Michael era apavorante, mas também era magnífico, e ela ficou perplexa por jamais tê-lo enxergado daquela maneira.

Por jamais ter sonhado que ele pudesse ser assim.

Sir Geoffrey saiu correndo, atravessando o gramado em direção ao portão dos fundos, e deixou Francesca sozinha com Michael, sem palavras pela primeira vez desde que o conhecera.

Ela só conseguiu dizer:

– Desculpe.

Michael se virou para ela com uma ferocidade que quase a fez cair para trás.

– Não tem do que se desculpar – falou, sucintamente.

– Não, é claro que não – disse ela. – Mas eu deveria ter sido mais esperta e...

– *Ele* deveria ter sido mais esperto – interrompeu ele, duro.

Ele tinha razão e, certamente, Francesca não iria se culpar pelo ataque, mas ao mesmo tempo achou melhor não alimentar ainda mais a raiva de Michael, ao menos não por ora. Nunca o vira assim. Nunca vira *ninguém* assim, tão tomado pela fúria. Achou que ele estivesse descontrolado, mas enquanto o observava, de tal forma imóvel que ela teve medo de respirar, ela se deu conta de que, na verdade, ele estava totalmente sob controle.

Do contrário, Sir Geoffrey estaria encolhido no chão em uma poça de sangue.

Francesca abriu a boca para dizer alguma coisa, algo leve ou até mesmo engraçado, mas se viu sem palavras, sem condições de fazer qualquer coisa além de observá-lo, aquele homem que ela pensava conhecer tão bem.

Havia algo hipnotizante naquele momento, e ela não conseguia desviar os olhos dele. Michael estava ofegante, claramente lutando para controlar a raiva, e ela percebeu que ele não estava inteiramente *presente*. Fitava algum ponto do horizonte, os olhos desfocados, de certa forma parecendo...

Sentir dor.

– Michael? – sussurrou.

Nenhuma reação.

– Michael?

Dessa vez estendeu a mão para tocá-lo e ele se sobressaltou, virando-se com tal rapidez que Francesca se desequilibrou, precisando dar um passo para trás.

– O que é? – perguntou ele, rispidamente.

– N-nada – gaguejou ela, sem saber ao certo o que deveria dizer, sem nem mesmo saber se *tinha* algo a dizer.

Ele fechou os olhos por um instante, então os abriu, claramente esperando que ela falasse mais alguma coisa.

– Acho que vou para casa – comentou ela.

A festa já perdera a graça; Francesca queria apenas se recolher para um lugar seguro e familiar.

E Michael, subitamente, não era nenhuma das duas coisas.

– Pode deixar que eu apresento suas desculpas lá dentro – disse ele, com a voz seca.

– Vou mandar a carruagem de volta para você e para as mães – acrescentou Francesca.

Da última vez que ela as vira, Janet e Helen estavam se divertindo muito. Não queria estragar a noite das duas.

– Quer que eu a acompanhe até o portão dos fundos ou prefere passar pelo meio do baile?

– Acho melhor ir pelo portão dos fundos.

Então ele a acompanhou até a carruagem, a mão queimando nas costas dela o tempo todo. Quando enfim chegaram, em vez de aceitar a ajuda de Michael para subir, Francesca virou-se para ele com uma pergunta que lhe veio subitamente à cabeça:

– Como sabia que eu estava no jardim? – perguntou.

Ele não disse nada.

– Estava me observando? – perguntou ela.

Os lábios dele se curvaram no que não era exatamente um sorriso, nem mesmo o esboço de um sorriso.

– Eu estou sempre observando você – respondeu ele, com uma expressão soturna.

E assim ela ficou com *aquilo* para refletir pelo resto da noite.

CAPÍTULO 14

... foi Francesca quem disse que sente a minha falta? Ou a senhora simplesmente deduziu?

– do conde de Kilmartin para a mãe, Helen Stirling, dois anos e dois meses após a sua partida para a Índia

Três horas depois, Francesca estava sentada em seu quarto na Casa Kilmartin quando ouviu Michael retornar. Janet e Helen haviam chegado em casa bem mais cedo, e quando Francesca as encontrou no corredor (um tanto propositadamente), as duas lhe informaram que Michael decidira terminar a noite com uma visita ao clube.

Muito provavelmente para evitá-la, decidiu Francesca, embora não houvesse motivo algum para ele achar que a encontraria em um horário tão avançado. De qualquer forma, ela deixara o baile naquela noite com a nítida impressão de que Michael não desejava a sua companhia. Defendera a sua honra com a coragem e o empenho de um verdadeiro herói, mas ela não conseguia evitar a sensação de que o fizera quase com relutância, como se fosse algo que *tivesse* de fazer, não algo que *quisesse* fazer.

E, pior, como se ela fosse alguém cuja companhia ele precisasse tolerar, em vez de ser a amiga querida que sempre acreditara ser.

Isso, ela percebeu, doía.

Francesca dissera a si mesma que quando ele voltasse para casa ela deixaria o assunto de lado, não faria nada além de escutar à porta enquanto ele atravessasse o corredor até o quarto. (Era honesta o suficiente para admitir ser capaz de – na verdade, incapaz de resistir a – escutar atrás da porta.) Em seguida, iria até a pesada porta de carvalho que ligava seu quarto ao dele (trancada dos dois lados desde que voltara da casa da mãe; obviamente ela não temia Michael, mas convenções eram convenções) e, de lá, escutaria por mais algum tempo.

Não tinha a menor ideia do que esperava ouvir, ou mesmo por que sentia necessidade de escutar os passos dele, mas simplesmente precisava fazê-lo. Algo mudara naquela noite. Ou talvez nada tivesse mudado, o que podia ser ainda pior. Seria possível que Michael jamais houvesse sido o homem que ela achava que fosse? Seria possível que ela tivesse sido próxima dele por tanto tempo, considerando-o um de seus amigos mais queridos mesmo quando estavam longe e, ainda assim, não *conhecê-lo*?

Jamais sonhara que Michael pudesse guardar segredos dela. *Dela!* De todo o resto do mundo, talvez, mas não dela.

Esse pensamento a fazia sentir-se desestabilizada, desequilibrada. Quase como se alguém tivesse virado seu mundo de cabeça para baixo. Independentemente do que ela fizesse, independentemente do que pensasse, ainda assim tinha a sensação de estar caindo. Para onde, não sabia dizer, e também não ousava arriscar um palpite.

Só sabia que o chão definitivamente não se encontrava mais firme sob seus pés.

Seu quarto dava para a frente da Casa Kilmartin, então, quando tudo se encontrava em silêncio, ela podia ouvir a porta da rua se fechar, contanto que a pessoa o fizesse com alguma força. Não era preciso que a batesse, mas...

Bem, qualquer que fosse a firmeza necessária, Michael sem dúvida a estava exercitando, pois Francesca ouviu o revelador baque sob os pés, seguido de um grave ribombar de vozes, presumivelmente Priestley conversando com ele, enquanto tirava o seu casaco.

Michael estava em casa, o que significava que ela enfim podia se deitar e fingir que dormia. Deveria deixar aquilo tudo para trás, ir em frente, talvez fingir que nada tinha acontecido...

Mas, ao ouvir os passos dele subindo as escadas, fez a única coisa que jamais esperaria fazer...

Abriu a porta do quarto e saiu para o corredor.

Não tinha a menor ideia do que estava fazendo. Quando os pés descalços pisaram a passadeira, ficou tão perplexa com a própria ação que se viu paralisada e sem fôlego.

Michael lhe pareceu exausto. E surpreso. E lindo, com a gravata afrouxada e os cabelos caindo em ondas sobre a testa. O que a fez se perguntar desde quando começara a notar quão bonito ele era. A beleza dele sempre fora algo que existira, algo que ela soubera, mas jamais notara de fato.

Só que agora...

A respiração ficou presa no peito. Agora a beleza de Michael parecia impregnar o ar à sua volta, deixando-a trêmula e quente, tudo ao mesmo tempo.

– Francesca – disse ele, com a voz cansada.

Ela, é claro, nada tinha a dizer. Fazer algo como dar um passo impetuoso não fazia parte de seu comportamento, mas Francesca não se sentia como ela mesma naquela noite. Estava tão inquieta, tão desestabilizada, que a única coisa que passara pela sua cabeça (se é que alguma coisa havia passado) antes de sair do quarto era que precisava *vê-lo*. E, quem sabe, ouvir a sua voz. Se conseguisse se convencer de que ele realmente era a pessoa que ela achava conhecer, então talvez ela também ainda fosse a mesma.

Porque não se sentia a mesma.

E aquilo a abalava até o âmago.

– Michael – disse ela, por fim encontrando a voz. – Eu... Boa noite.

Ele apenas olhou para ela, erguendo a sobrancelha diante da frase sem sentido.

Ela pigarreou.

– Eu queria me certificar de que você estava... bem.

O final da frase soou um pouco fraco até mesmo aos próprios ouvidos, mas foi o melhor adjetivo que conseguiu encontrar, tão de última hora.

– Estou bem – disse ele, bruscamente. – Só cansado.

– É claro. É claro, é claro.

Ele sorriu, mas foi um gesto desprovido de humor.

– É claro.

Ela engoliu em seco, então tentou sorrir, mas lhe pareceu forçado.

– Não lhe agradeci mais cedo – falou.

– Agradecer o quê?

– Você ter ido em meu socorro – respondeu ela, achando que devia ser óbvio. – Eu teria... Bem, eu teria me defendido. – Diante do olhar irônico dele, ela acrescentou, um tanto na defensiva: – Os meus irmãos me ensinaram.

Ele cruzou os braços e a encarou de forma um tanto condescendente.

– Nesse caso, estou certo de que teria acabado com ele sem a menor dificuldade.

Ela franziu os lábios.

– Não importa – falou, decidida a não tecer comentários sobre o seu sarcasmo. – Fico muito agradecida por não ter precisado... hã...

Ela ruborizou. Ah, Deus, destestava ficar ruborizada.

– Aplicar-lhe uma joelhada nos testículos? – finalizou Michael, prestativo, um dos lados da boca se curvando num sorriso divertido.

– Exato – concordou ela, com alguma dificuldade, convencida de que as faces haviam passado do rosa para o carmim.

– Não há de quê – retrucou ele, abruptamente, fazendo um aceno com a cabeça que tinha o intuito de indicar que a conversa chegara ao fim. – Agora, se me dá licença...

Ele ia se dirigindo à porta do quarto, mas Francesca ainda não estava pronta (e tinha certeza de que apenas o diabo em pessoa saberia o motivo) para terminar a conversa.

– Espere! – gritou, engolindo em seco ao se dar conta de que agora iria ter de dizer alguma coisa.

Ele se virou devagar e com um estranho ar de decisão.

– Sim?

– Eu... Eu só...

Ele esperou enquanto ela tentava decidir o que dizer, então, por fim, falou:

– Isso pode esperar até amanhã de manhã?

– Não! Espere! – E, dessa vez, Francesca estendeu a mão e segurou-lhe o braço.

Ele ficou paralisado.

– Por que está tão bravo comigo? – sussurrou ela.

Michael apenas balançou a cabeça, como se não conseguisse acreditar na pergunta. Mas não tirou os olhos da mão dela sobre o seu braço.

– Do que está falando? – perguntou.

– Por que está tão bravo comigo? – repetiu ela, então se deu conta de que não lhe ocorrera que se sentia assim até as palavras deixarem os seus lábios.

Mas algo não estava bem entre os dois e ela precisava saber por quê.

– Não seja ridícula – murmurou ele. – Não estou bravo com você. Só estou cansado e quero ir dormir.

– Está, sim. Tenho certeza.

A convicção a fez erguer a voz. Agora que o colocara em palavras, sabia que era verdade. Ele tentava esconder e aperfeiçoara a capacidade de se desculpar quando o sentimento ficava evidente, mas estava com raiva, e era dela.

Michael colocou a mão por cima da dela. Francesca teve de conter a ânsia de gritar ante o calor do contato, mas ele se limitou a tirar a mão dela de seu braço.

– Vou me deitar – falou.

Então, lhe deu as costas e começou a se afastar.

– Não! Você não pode ir!

Ela saiu atrás dele, sem pensar, sem se dar conta...

Direto para dentro do quarto dele.

Se ele não estava bravo antes, ficara agora.

– O que está fazendo aqui? – perguntou ele.

– Você não pode simplesmente me dispensar – protestou ela.

Ele a encarou. Severo.

– Você está no meu quarto – falou, em voz baixa. – Sugiro que saia.

– Não até você explicar o que está acontecendo.

Michael se manteve perfeitamente imóvel. Cada um de seus músculos estava paralisado, o que era uma bênção, na verdade, pois se ele se permitisse se mexer – se ao menos se sentisse capaz de se mexer –, teria saltado em cima dela. E o que faria uma vez que colocasse as mãos nela, era impossível saber.

Havia sido levado a seu limite. Primeiro pelo irmão dela, depois por Sir Geoffrey, agora pela própria Francesca, de pé à sua frente.

Seu mundo havia sido virado de cabeça para baixo por uma simples sugestão.

Por que, simplesmente, não se casa com ela?

A pergunta pendia diante dele como uma maçã madura, uma perversa possibilidade que não devia lhe pertencer.

John, pulsava a sua consciência. *John. Lembre-se de John.*

– Francesca – disse ele, a voz áspera e controlada –, já passa da meia-noite e você está no quarto de um homem com o qual não é casada. Eu sugiro que saia.

Mas ela não saiu. Nem mesmo se mexeu. Limitou-se a ficar ali, a pouco menos de um metro da porta ainda aberta, olhando para ele como se nunca o tivesse visto.

Ele tentou ignorar que os cabelos dela estavam soltos. Tentou não notar que ela usava roupas de dormir. Sim, eram discretas, mas ainda assim um convite para serem removidas, e o olhar dele não parava de ir até a barra sedosa que roçava o topo dos pés dela, permitindo-lhe um vislumbre atormentador de seus dedinhos.

Meu Deus, ele estava olhando para os dedos dos pés dela. *Dos pés*. A que ponto chegara?

– Por que está tão bravo comigo? – insistiu ela.

– Eu não estou bravo – vociferou ele. – Eu só quero que... mas que diab... – Ele se interrompeu no último instante. – Quero que você saia do meu quarto.

– É porque eu desejo me casar outra vez? – indagou ela, a emoção embargando a voz. – É isso?

Ele não sabia o que responder, então apenas a fitou.

– Você acha que estou traindo John – sugeriu ela. – Acha que eu deveria passar os meus dias chorando a morte do seu primo.

Michael fechou os olhos.

– Não, Francesca – disse, cansado –, eu jamais...

Mas ela não estava escutando.

– Acha que eu não choro a perda dele? – continuou ela. – Acha que não penso nele todos os dias? Acha que eu me sinto *bem* em saber que, quando eu me casar, estarei escarnecendo do sacramento?

Ele olhou para ela. Ela respirava com dificuldade, tomada pela raiva e, possivelmente, também pela dor que sentia.

– O que eu tive com John – prosseguiu Francesca, o corpo trêmulo – não hei de encontrar com nenhum desses homens que têm me mandado flores. E me dá a sensação de profanação... de estar cometendo uma egoísta profanação só em

pensar em me casar outra vez. Se eu não quisesse tanto um bebê... tanto... ah, maldição...

Ela se interrompeu, talvez pelo excesso de emoção, ou pelo choque de ter blasfemado em voz alta. Ficou ali, piscando, os lábios entreabertos e trêmulos, dando a impressão de que poderiam se partir com um mero toque.

Talvez ele devesse ter sido mais solidário. Talvez devesse tê-la consolado. E teria feito isso se estivessem em qualquer outro aposento que não o seu quarto. Mas, na situação em que se encontravam, o melhor que podia fazer era controlar a respiração.

E a si próprio.

Ela lhe devolveu o olhar, os olhos enormes de um azul de tirar o fôlego até mesmo à luz da vela.

– Você não sabe – disse Francesca, virando-se. Caminhou até uma cômoda longa e baixa. Inclinou-se pesadamente contra ela, os dedos cravados na madeira. – Você simplesmente não entende – sussurrou ela, ainda de costas para ele.

E, de alguma forma, aquilo foi mais do que ele pôde tolerar. Ela entrara em seu espaço sem pedir licença, exigindo respostas quando nem ao menos compreendia as perguntas. Invadira o seu quarto, levara-o a seu limite e agora esperava *dispensá-lo*? Dar-lhe as costas e lhe dizer que *ele* não entendia?

– Não entendo o quê? – exigiu ele, um pouco antes de atravessar o quarto em direção a ela.

Com os pés silenciosos, mas rápidos, antes de se dar conta ele se encontrava logo atrás dela, perto o bastante para tocá-la, para tomar para si o que desejava e...

Francesca se virou, de súbito.

– Você...

Então ela se deteve. Não emitiu mais um único som. Não fez mais nada além de permitir que os olhos se perdessem nos dele.

– Michael? – sussurrou.

E ele ficou sem saber o que ela queria dizer. Seria uma pergunta? Uma súplica?

Permaneceu ali imóvel, o único som audível era a respiração que lhe passava pelos lábios. E seus olhos jamais deixaram o rosto dele.

Os dedos de Michael formigavam. O corpo ardia. Ela estava tão próxima... O mais perto que já estivera dele. E se fosse qualquer outra mulher, ele teria jurado que desejava ser beijada.

Os lábios estavam entreabertos, os olhos não tinham foco. E o queixo parecia inclinar-se para cima, como se ela estivesse esperando, desejando, imaginando quando ele finalmente se abaixaria e selaria o seu destino.

Ele sentiu que dizia alguma coisa. O nome dela, talvez. Sentiu um aperto no peito, o coração começou a bater mais forte e, de repente, o impossível se tornou inevitável. Michael se deu conta de que, dessa vez, não havia como parar. Dessa vez o que contava não era o seu controle, o seu sacrifício ou a sua culpa.

Dessa vez o que contava era ele.

E ele ia beijá-la.

Quando Francesca pensou a respeito mais tarde, a única desculpa que conseguiu inventar foi que não sabia que ele se encontrava imediatamente atrás dela. O tapete era macio e espesso e ela não ouvira os seus passos devido à pulsação em seus ouvidos. Não sabia, não *podia* saber, do contrário jamais teria se virado tão de repente com a intenção de calá-lo com uma reposta mordaz. Estava prestes a dizer algo terrível e cortante com o objetivo de fazê-lo sentir-se culpado e péssimo, mas ao se virar...

Lá estava ele.

Perto, muito perto. A meros centímetros de distância.

De repente Francesca tornou-se incapaz de falar, de pensar, de fazer alguma coisa além de respirar enquanto fitava o rosto dele, dando-se conta, com uma intensidade terrível, de que queria que ele a beijasse.

Michael.

Por Deus, ela desejava Michael.

Era como uma faca a cortá-la. Não deveria se sentir assim. Não deveria desejar *quem quer que fosse*. Mas Michael...

Devia ter se afastado. Diabo, devia ter saído correndo. Mas algo a fez criar raízes naquele lugar. Não conseguiu afastar os olhos dos dele, não conseguiu se

impedir de umedecer os lábios, e quando as mãos dele pousaram em seus ombros, ela não protestou.

Nem mesmo se mexeu.

E talvez até tenha inclinado o rosto levemente para a frente, algo dentro dela reconhecendo aquele momento, aquela dança sutil entre homem e mulher.

Fazia muito tempo que ela não era beijada, mas parecia haver coisas que o corpo não esquecia.

Michael tocou o seu queixo, ergueu o seu rosto apenas um pouco.

E, ainda assim, ela não disse não.

Fitou-o, passou a língua pelos lábios e aguardou...

Aguardou o momento, o primeiro toque, porque, por mais apavorante que fosse, ela sabia que seria perfeito.

E foi.

Os lábios dele tocaram os seus de leve. Era o tipo de beijo que seduzia com a sutileza, que fazia o corpo formigar e que deixava a pessoa desesperada, querendo mais. Em algum lugar, nos recantos mais nebulosos de sua mente, Francesca sabia que aquilo era errado, que era mais do que errado: era insano. Mas não conseguiria ter se movido nem se as labaredas do inferno estivessem lambendo os seus pés.

Estava hipnotizada, atônita com o toque dele. Não conseguia reunir forças para tomar qualquer outra atitude, para encorajá-lo de qualquer outra forma que não com a suave inclinação do corpo, mas tampouco fez qualquer tentativa de se afastar.

Apenas esperou, com a respiração suspensa, que ele fizesse o próximo movimento.

E ele fez. Pousou a mão na base de suas costas, os dedos incendiando-a com o seu calor inebriante. Não a puxou para si exatamente, mas a pressão se fez clara e o espaço entre os dois foi desaparecendo até ela sentir o suave roçar dos trajes de noite dele na seda de sua camisola.

E o calor começou a aumentar, e ela se sentiu derreter.

Os lábios de Michael tornaram-se exigentes e os dela se abriram para ele, dando-lhe total acesso. Ele aproveitou a oportunidade ao máximo, a língua investindo numa perigosa dança, provocando e seduzindo, atiçando-lhe o desejo até as pernas ficarem bambas e ela não ter escolha senão se agarrar aos braços

dele, segurá-lo, tocá-lo por iniciativa própria, admitir que também estava presente naquele beijo, que participava dele.

Que queria aquilo.

Ele murmurou o nome dela, a voz rouca de desejo, necessidade e algo mais, algo dolorido, mas a única coisa que ela conseguia fazer era segurá-lo, permitir que ele a beijasse e, que Deus a perdoasse, beijá-lo de volta.

Francesca deslocou a mão para o pescoço dele, deleitando-se com o calor macio de sua pele. Os cabelos dele estavam mais longos do que de costume e se enroscaram em seus dedos, grossos e ondulados e... Ah, Deus, ela só queria afundar neles.

A mão dele foi deslizando pelas costas dela, deixando um rastro de fogo pelo caminho. Os dedos acariciaram os seus ombros, desceram-lhe pelo braço e passaram ao seu seio.

Francesca ficou paralisada.

Mas Michael estava envolvido demais para notar; tomou o seio na mão, gemendo audivelmente ao apertá-lo.

– Não – sussurrou ela.

Aquilo era demais, íntimo demais.

– Francesca – murmurou ele, os lábios percorrendo o caminho da face até a orelha.

– Não – disse ela, retorcendo-se até se desvencilhar. – Eu não posso.

Não quis olhar para ele, mas não podia *não* fazê-lo. E quando olhou, preferiria não tê-lo feito.

O rosto estava abaixado, levemente inclinado, mas ainda a fitava, os olhos abrasadores, intensos.

E ela se sentiu queimar.

– Não posso fazer isso – sussurrou.

Ele não disse nada.

– Não posso – repetiu ela. – Não posso. Não posso. Eu... Eu...

– Então vá – vociferou ele. – Agora.

Ela correu.

Correu para o quarto e, no dia seguinte, correu para a casa da mãe.

E no outro, correu para a Escócia.

CAPÍTULO 15

... Fico satisfeita que esteja prosperando na Índia, mas gostaria que pensasse em voltar para casa. Todos sentimos a sua falta e você tem responsabilidades que não podem ser cumpridas do exterior.

– de Helen Stirling para o filho, o conde de Kilmartin, dois anos e quatro meses após a sua partida para a Índia

Francesca sempre fora uma boa mentirosa e – refletiu Michael enquanto relia a breve carta que ela deixara para Helen e Janet – era ainda melhor quando podia evitar um contato cara a cara e fazê-lo por escrito.

Uma emergência surgira em Kilmartin, explicara ela, descrevendo com admirável riqueza de detalhes um surto de febre maculosa entre as ovelhas, o que exigia sua atenção imediata. Não precisavam se preocupar, garantia ela: estaria de volta em breve e prometia lhes trazer a extraordinária geleia de framboesa da cozinheira, a melhor de Londres.

Não importava que Michael jamais tivesse ouvido falar de uma ovelha – ou qualquer outro animal de criação, na verdade – que houvesse contraído febre maculosa.

Era tudo muito organizado, muito fácil, e Michael se perguntava se Francesca chegara a providenciar para que Janet e Helen estivessem fora no fim de semana de maneira a executar sua fuga sem ter de se despedir cara a cara.

E era, *sim*, uma fuga. Não havia como duvidar disso. Michael não acreditava, nem por um minuto, que houvesse alguma emergência em Kilmartin. Se fosse o caso, Francesca teria se sentido no dever de lhe comunicar. Podia estar administrando as propriedades havia anos, mas ele era o conde e ela não era do tipo que usurparia ou minaria a autoridade dele agora que estava de volta.

Além do mais, ele a havia beijado e, mais do que isso, havia visto o rosto dela quando a beijara.

Se ela pudesse fugir para a lua, teria feito isso.

Janet e Helen não pareceram muito preocupadas com a partida dela, embora tivessem comentado sem parar (realmente, sem parar) sobre como sentiriam falta de sua companhia.

Michael se limitou a ficar em seu escritório, ponderando métodos de autoflagelação.

Ele a havia beijado. *Beijado.*

Não fora, refletiu, a melhor conduta para um homem que tentava esconder os verdadeiros sentimentos.

Fazia seis anos que a conhecia. Durante seis anos mantivera tudo sob controle, desempenhando seu papel à perfeição. Seis anos e conseguira estragar tudo com um simples beijo.

Só que não houvera nada de simples com relação ao beijo.

Como era possível que um beijo pudesse superar cada uma de suas fantasias? E com seis anos para fantasiar, ele havia imaginado um beijo de tirar o fôlego.

Mas aquilo... aquilo tinha sido mais. Tinha sido melhor. Era...

Era Francesca.

Engraçado como aquilo mudara tudo. Era possível pensar numa mulher todos os dias durante anos, imaginar como seria tê-la nos braços, mas os pensamentos nunca, nunca correspondiam à realidade.

E agora ele se encontrava numa situação pior do que antes. Sim, ele a beijara; sim, provavelmente fora o beijo mais espetacular de sua vida.

Mas, sim, também tinha sido sua ruína.

Agora que enfim acontecera, agora que ele saboreara a perfeição, sua agonia era maior do que antes. Agora sabia exatamente o que não tinha; compreendia, com dolorosa clareza, o que jamais seria seu.

E nada nunca mais seria igual.

Eles nunca mais voltariam a ser amigos. Francesca não era o tipo de mulher a tratar a intimidade com leviandade. E como detestava constrangimentos de qualquer tipo, faria tudo para evitar a presença dele.

Maldição, fora até a Escócia só para se afastar dele. Nenhuma mulher seria capaz de deixar os sentimentos mais claros do que isso.

E o bilhete que escrevera para ele... Bem, tinha sido bem mais sucinto do que o que deixara para Janet e Helen.

Foi errado. Me perdoe.

Por que diabo ela achava que precisava ser perdoada, ele não tinha a menor ideia. *Ele* a havia beijado. Talvez ela tivesse adentrado o quarto dele contra a sua vontade, mas Michael era homem o suficiente para saber que ela não o fizera na expectativa de que ele pudesse atacá-la. Estava apenas preocupada achando que ele estivesse bravo com ela, pelo amor de Deus.

Ela agira de maneira impensada, mas apenas porque se importava com ele e dava valor à amizade que tinham.

E agora ele conseguira arruinar *isso*.

Ainda não sabia muito bem como acontecera. Lembrava que estava olhando para ela; não conseguia tirar os olhos dela. O momento estava gravado a fogo em sua mente: o robe de seda cor-de-rosa, a maneira como os dedos haviam se fechado enquanto falava com ele. Os cabelos soltos caíam sobre um ombro, os olhos enormes e úmidos de emoção.

E então ela havia se virado.

Fora então que acontecera. Fora ali que tudo mudara. Algo se libertara dentro dele, algo que ele não tinha como identificar e que fizera seus pés se deslocarem. De alguma forma ele se vira do outro lado do quarto, a centímetros de distância dela, próximo o bastante para tocá-la, próximo o bastante para possuí-la.

E nesse momento ela se voltara para ele.

E ele se sentira perdido.

Àquela altura não havia como se controlar, não havia nenhuma forma de ouvir a razão. Todo o controle que ele havia mantido sobre seu desejo durante anos simplesmente evaporara e ele tivera de beijá-la.

Fora simples assim. Ele simplesmente não tivera escolha. Talvez houvesse conseguido evitar se ela tivesse dito não, se tivesse dado um passo para trás e se

afastado. Mas Francesca não fizera nada disso; ficara ali esperando, a respiração o único som no quarto dele.

Será que ela havia esperado o beijo? Ou esperara que ele caísse em si e se afastasse?

Não importava, pensou Michael, amassando um pedaço de papel entre os dedos. O chão ao redor de sua escrivaninha encontrava-se agora coberto de pedaços de papel amassados. Ele estava com o temperamento irascível e as folhas eram um alvo fácil. Pegou um cartão cor de creme sobre o mata-borrão e o olhou antes de posicionar os dedos para a execução. Era um convite.

Parou e olhou com mais atenção. Era para aquela noite e ele provavelmente confirmara presença. Tinha quase certeza de que Francesca planejara comparecer; a anfitriã era sua amiga de longa data.

Talvez devesse arrastar o seu corpo patético escada acima e se arrumar. Talvez devesse sair e encontrar uma mulher para ser sua esposa. Isso não curaria o que o afligia, mas teria de ser feito mais cedo ou mais tarde. E era melhor para a alma do que ficar sem fazer nada, sentado à escrivaninha bebendo.

Levantou-se, olhando o convite outra vez. Deixou escapar um suspiro. Realmente não desejava passar a noite cercado por pessoas que não parariam de lhe perguntar sobre Francesca. Do jeito que andava a sua sorte, todos os Bridgertons estariam na festa, ou, pior, todas as mulheres da família Bridgerton, que se pareciam umas com as outras, com o cabelo castanho-avermelhado e o sorriso largo. Nenhuma chegava aos pés de Francesca, é claro – as irmãs eram simpáticas e animadas demais. Faltava-lhes o mistério de Frannie, o brilho irônico que lhe coloria os olhos.

Não, ele não queria passar a noite tendo de ser cortês.

Assim, resolveu cuidar dos problemas como fizera tantas vezes.

Encontrando uma mulher.

Três horas mais tarde, Michael estava na porta da frente do clube, com o humor péssimo.

Fora ao La Belle Maison, que era, para ser franco, nada mais que um prostíbulo, embora fosse fino, discreto e oferecesse a garantia de que as

mulheres eram limpas e estavam ali por vontade própria. Michael frequentara o local ocasionalmente nos anos em que vivera em Londres; a maioria dos homens que conhecia já visitara em algum momento o La Belle, como gostavam de chamá-lo. Até mesmo John fora lá, antes de se casar com Francesca.

Michael foi recebido com grande carinho pela dona do lugar, tratado como um filho pródigo. Ele tinha uma reputação, explicou ela, e haviam sentindo sua falta. As mulheres sempre o adoraram, observando com frequência que era um dos poucos que parecia se importar tanto com o prazer delas quanto com o próprio.

Por algum motivo a bajulação deixou um gosto azedo em sua boca. Não se sentia um amante lendário naquele momento; tinha se cansado da reputação de devasso e não estava muito preocupado se iria satisfazer alguém naquela noite. Só queria uma mulher que talvez o fizesse esquecer tudo, mesmo que só por alguns minutos.

Tinham a garota certa para ele, afirmou a dona. Era nova e vinha sendo muito solicitada – ele a adoraria. Michael apenas deu de ombros e se deixou ser conduzido até uma bela loura de tipo mignon que, segundo lhe garantiram, era “o que havia de melhor”.

Quando ia fazer menção de tocá-la, desistiu. Não era adequada. Era loura demais. Não queria uma loura.

Não havia o menor problema, lhe disseram, e então lhe apresentaram uma encantadora morena.

Exótica demais.

Uma ruiva?

Completamente errada.

E assim começou um desfile de mulheres, mas eram jovens demais, ou velhas demais, ou rechonchudas demais, ou frágeis demais, e então, por fim, escolhera uma a esmo, decidido a simplesmente fechar os olhos e terminar logo com aquilo.

Durara dois minutos.

A porta se fechara às suas costas e ele ficara enjoado, quase em pânico, ao dar-se conta de que não conseguiria.

Não conseguia fazer amor com uma mulher. Era estarrecedor. Castrador. Mas que inferno, daria no mesmo pegar uma faca e se transformar num eunuco.

Antes ele procurara o prazer com várias mulheres para apagar a lembrança de *uma* mulher. Agora que sentira o seu sabor, ainda que com um beijo rápido, estava arruinado.

Assim, saiu do prostíbulo e tomou o caminho do clube, onde não teria de se preocupar em ver ninguém do sexo feminino. O objetivo, é claro, era apagar o rosto de Francesca da mente, e esperava que o álcool funcionasse melhor que as lindas meninas do La Belle Maison.

– Kilmartin.

Michael ergueu a vista. Colin Bridgerton.

Maldição.

– Bridgerton – grunhiu.

Droga, droga, droga. Colin Bridgerton era a última pessoa que queria ver naquele momento. Até o fantasma de Napoleão se materializando para atravessar sua goela com uma espada teria sido preferível.

– Sente-se – disse Colin, indicando a poltrona à sua frente.

Não havia como sair daquela situação; podia ter mentido e dito que iria se encontrar com alguém, mas ainda assim não teria nenhuma desculpa para não se sentar com Colin e tomar um drinque rápido enquanto esperava. Assim, Michael rangeu os dentes e obedeceu, na esperança de que o irmão de Francesca tivesse outro compromisso que exigisse a sua presença durante... bem, mais ou menos três minutos.

Colin pegou o copo, olhou-o com curiosa dedicação, então girou o líquido cor de âmbar diversas vezes antes de tomar um pequeno gole.

– Soube que Francesca voltou para a Escócia.

Michael soltou um grunhido e assentiu com a cabeça.

– Surpreendente, não acha? Com a temporada tão no começo...

– Não vou fingir que entendo o que se passa na cabeça dela.

– Não, não, é claro que não – retrucou Colin, baixinho. – Nenhum homem com algum grau de inteligência fingiria compreender a mente de uma mulher.

Michael ficou em silêncio.

– Ainda assim, faz apenas... o que... quinze dias desde que ela chegou?

– Um pouco mais – respondeu Michael.

Francesca chegara a Londres exatamente no mesmo dia que ele.

– Certo, claro. Você deve saber melhor que eu, não é mesmo?

Michael olhou para Colin com severidade. Aonde ele estava querendo chegar?

– Ah, bem – retrucou Colin, erguendo um ombro num gesto descontraído. – Tenho certeza que ela voltará em breve. Afinal, não é provável que encontre um marido na Escócia, e é esse o seu objetivo nesta primavera, não?

Michael assentiu de leve com a cabeça, olhando para uma mesa do outro lado do salão. Estava vazia. Tão abençoadamente vazia...

Podia se ver como um homem muito satisfeito naquela mesa.

– Não estamos muito falantes hoje, não é mesmo? – perguntou Colin, invadindo as suas (inofensivas, era verdade) fantasias.

– Não – respondeu Michael, não gostando nada da sugestão de condescendência na voz dele –, não *estamos*.

Colin deu uma risada suave, então tomou o último gole de sua bebida.

– Só o estava testando – falou em seguida, se recostando na poltrona.

– Para ver se eu me dividi em dois seres distintos? – resmungou Michael.

– Não, é claro que não – disse Colin, com um sorriso. – Estava apenas testando o seu estado de espírito.

Michael arqueou uma das sobrancelhas de forma ameaçadora.

– E decidiu que está...?

– Da mesma forma que sempre – respondeu Colin, sem se deixar intimidar.

Michael nada fez além de olhá-lo com o semblante fechado enquanto o garçom chegava com as bebidas.

– À felicidade – disse Colin, erguendo o copo no ar.

Eu vou estrangulá-lo, decidiu Michael naquele instante. *Vou estender os braços por cima desta mesa e envolver o pescoço dele até esses olhos verdes irritantes saltarem de dentro das órbitas.*

– Não vai brindar à felicidade? – perguntou Colin.

Michael deixou escapar um grunhido ininteligível e virou o copo num único gole.

– O que está bebendo? – perguntou Colin, puxando conversa. Inclinou o corpo para a frente e espiou dentro do copo de Michael. – Deve ser excelente.

Michael lutou contra o desejo incontrolável de atingi-lo na cabeça com o copo, agora vazio.

– Muito bem – falou Colin, dando de ombros –, então eu brindarei à minha felicidade.

Tomou um gole, recostou-se e levou o copo mais uma vez aos lábios.

Michael olhou para o relógio.

– Não é bom não ter nenhum compromisso? – refletiu Colin.

Michael pousou o copo sobre a mesa com um baque bem alto.

– Esta conversa tem algum objetivo? – perguntou.

Por um instante pareceu que Colin, que segundo diziam era mais falante do que qualquer um quando assim desejava, permaneceria em silêncio. Mas então, exatamente quando Michael estava pronto para desistir do menor sinal de educação para se levantar e ir embora, ele indagou:

– Já decidiu o que vai fazer?

Michael ficou paralisado.

– Sobre o quê?

Colin sorriu com a dose exata de condescendência para que Michael desejasse lhe dar um soco.

– Sobre Francesca, é claro.

– Não acabamos de comentar que ela deixou o país? – disse Michael, com todo o cuidado.

Colin deu de ombros.

– A Escócia não fica muito longe.

– Ainda assim, é longe – murmurou Michael.

Sem dúvida, longe o bastante para deixar perfeitamente claro que Francesca não queria contato nenhum com ele.

– Ela está completamente sozinha... – observou Colin, com um suspiro.

Michael apenas apertou os olhos e o fitou com intensidade.

– Eu acho que você deveria... – Colin se interrompeu. – Bem, você sabe o que eu acho – disse ele por fim, tomando em seguida um longo gole de sua bebida.

Nesse momento Michael desistiu de ser educado.

– Você não sabe de nada, Colin Bridgerton.

O rapaz ergueu as sobrancelhas diante do tom ríspido de Michael.

– Engraçado – murmurou. – Costumo ouvir isso o dia todo. Normalmente vindo de minhas irmãs.

Michael conhecia bem essa tática. O elegante subterfúgio de Colin era o tipo de manobra que ele mesmo utilizava com imensa facilidade. E foi provavelmente devido a essa constatação que sua mão direita se fechou em punho embaixo da mesa. Nada tinha o poder de irritar tanto quanto o reflexo do nosso próprio comportamento em outra pessoa.

Mas, por Deus, como o rosto de Colin estava próximo...

– Mais um uísque? – perguntou ele, estragando por completo a encantadora fantasia de Michael de deixar seu olho roxo.

Michael tinha o estado de espírito perfeito para beber até cair, mas *não* na companhia de Colin Bridgerton, então respondeu com apenas um conciso:

– Não.

E arrastou a cadeira para trás.

– Você se dá conta, Kilmartin – disse Colin, com uma voz tão suave que chegava a ser sinistra –, que não há nada que o impeça de se casar com ela? Nada mesmo. A não ser, é claro – e acrescentou quase como se a ideia tivesse acabado de lhe ocorrer –, as razões que você próprio cria.

Michael sentiu algo se rasgar dentro do peito. O coração, provavelmente, mas vinha se acostumando de tal maneira à sensação que era impressionante que ainda notasse.

E Colin simplesmente não calava a boca.

– Se não quer se casar com ela – prosseguiu ele, pensativo –, então tudo bem. Mas...

– Ela pode dizer não – interrompeu Michael.

Sua voz lhe soou áspera, estrangulada, estranha aos próprios ouvidos.

Por Deus, se tivesse saltado sobre a mesa e declarado seu amor por Francesca, não poderia ter sido mais transparente.

Colin inclinou a cabeça para o lado de forma quase imperceptível, apenas o bastante para deixar claro que entendera as entrelinhas do que Michael dissera.

– É possível – murmurou. – Na verdade, é provável que o faça. As mulheres costumam agir assim na primeira vez em que as pedimos em casamento.

– E quantas vezes já pediu alguém em casamento?

Colin abriu um sorriso lento.

– Só uma, na verdade. Esta tarde, aliás.

Era a única coisa – a *única* – que Colin poderia ter dito para dissipar por completo as agitadas emoções de Michael.

– O quê? – perguntou Michael, boquiaberto com o choque.

Aquele era Colin Bridgerton, o mais velho dos irmãos solteiros da família. Praticamente inventara o ofício de evitar o casamento.

– É verdade – disse ele de forma amena. – Achei que era chegada a hora, embora eu deva ser franco com você e admitir que ela não me forçou a lhe pedir em casamento duas vezes. Mas, se isto o faz se sentir melhor, demorei vários minutos para arrancar um *sim* dela.

Michael apenas o fitou.

– A primeira reação dela à minha pergunta foi cair no chão, tamanha a sua surpresa – continuou Colin.

Michael lutou contra a impulso de olhar à sua volta para ver se de alguma forma fora parar no meio de uma farsa teatral sem saber.

– Hã... ela está bem? – perguntou.

– Ah, sim, muito bem – respondeu Colin, pegando o drinque.

Michael pigarreou.

– Importa-se de me dizer a identidade dessa senhora de sorte?

– Penelope Featherington.

A que não fala?, Michael quase deixou escapulir. Ali estava uma combinação estranha.

– Agora você *realmente* está com expressão de surpresa – disse Colin, bem-humorado.

– Eu não sabia que você estava querendo deixar a vida de solteiro – improvisou Michael com agilidade.

– Nem eu – disse Colin, com um sorriso. – Engraçado como as coisas acontecem.

Michael abriu a boca para parabenizá-lo, mas, em vez disso, ouviu-se perguntar:

– Alguém já contou a Francesca?

– Eu fiquei noivo *esta tarde* – lembrou-lhe Colin, um tanto divertido.

– Ela vai querer saber.

– Imagino que sim. Eu certamente a atormentei bastante quando éramos pequenos. Sem dúvida, ela vai querer bolar algum tipo de tortura para mim,

relacionada às núpcias.

– Alguém precisa contar a ela – insistiu Michael, ignorando as memórias de infância de Colin.

Colin se recostou na poltrona com um suspiro imperturbável.

– Imagino que minha mãe lhe escreverá um bilhete.

– Sua mãe estará muito ocupada. Não será o primeiro item de sua lista.

– Não tenho como discordar.

Michael franziu a testa.

– Alguém devia lhe dar a notícia.

– Sim – concordou Colin, com um sorriso –, tem razão. Eu mesmo o faria. Faz séculos desde que fui à Escócia pela última vez. Mas é claro que estarei um pouco ocupado aqui em Londres, considerando que vou me casar. O que nos traz, na verdade, ao motivo principal desta discussão, não é mesmo?

Michael lhe lançou um olhar irritado. Detestava o fato de Colin Bridgerton achar que o estava manipulando de forma tão astuta, embora não soubesse como livrá-lo dessa impressão sem admitir que desejava desesperadamente ir até a Escócia para ver Francesca.

– Quando será o casamento? – perguntou.

– Ainda não sei bem – disse Colin. – Logo, eu espero.

Michael assentiu.

– Então Francesca deve ser informada imediatamente.

Colin abriu lentamente um sorriso.

– Deve, não é mesmo?

Michael franziu as sobrancelhas.

– Não precisa se casar com ela enquanto estiver por lá – acrescentou Colin. – Só tem de informá-la sobre as minhas núpcias iminentes.

Michael reviveu a fantasia anterior sobre estrangular Colin e achou a imagem ainda mais sedutora.

– Até breve – disse Colin enquanto Michael se dirigia para a porta. – Talvez daqui a um mês, mais ou menos?

Isso queria dizer que esperava que Michael *não* estivesse em Londres num futuro próximo.

Michael praguejou baixinho, mas nada fez para contradizê-lo. Talvez viesse a se odiar por isso, mas agora que tinha uma desculpa para ir atrás de Francesca,

não conseguiria resistir à viagem.

A pergunta era: será que conseguiria resistir a *ela*?

E, de uma forma mais direta: será que *queria*?

Vários dias depois, Michael se encontrava diante da porta de Kilmartin, o lar em que havia passado a infância. Fazia mais de quatro anos desde a última vez que estivera ali, e não conseguia conter a emoção ao constatar que tudo aquilo – a casa, as terras, o legado – lhe pertencia. De alguma forma, ainda não tinha se dado conta disso por completo – talvez racionalmente sim, mas não com o coração.

A primavera parecia ainda não ter chegado aos condados fronteiriços da Escócia e o ar, embora não estivesse cortante, estava frio o suficiente para fazê-lo esfregar as mãos enluvadas uma na outra. O céu estava enevoado e cinzento, mas algo no ambiente lhe agradava, lembrando à sua alma cansada que *aquela,* e não Londres ou qualquer lugar na Índia, era a sua casa.

Mas a sensação de estar no lugar certo não era tão reconfortante enquanto se preparava para o que tinha pela frente. Era chegada a hora de enfrentar Francesca.

Ensaiara o momento mil vezes desde a conversa com Colin, em Londres. O que lhe diria, como apresentaria o seu lado da questão. Achava que chegara a uma conclusão. Antes de convencer Francesca, precisou convencer a si mesmo.

Iria se casar com ela.

Ela teria de concordar, é claro; não poderia forçá-la a aceitá-lo como marido. Ela provavelmente arranjaria inúmeros motivos para provar que aquela era uma ideia maluca, mas, no final, ele a convenceria.

Eles se casariam.

Se casariam.

Era o único sonho que ele nunca se permitira considerar.

No entanto, quanto mais pensava a respeito, mais fazia sentido. Deixaria de lado o fato de que a amava havia anos. Ela não precisava saber disso; contar-lhe apenas faria com que ela se sentisse desconfortável, e ele, tolo.

Mas se conseguisse lhe apresentar a ideia em termos práticos, explicar-lhe por que fazia *sentido* eles se casarem, tinha certeza que ela aceitaria a ideia. Talvez não compreendesse as emoções, não quando ela própria não as tinha, mas era uma mulher racional e de bom senso.

E agora que ele enfim se permitira imaginar uma vida com ela, não conseguia afastar a ideia. *Tinha* de fazer aquilo acontecer.

E seria bom. Talvez não a tivesse por completo – seu coração, ele sabia, jamais seria seu –, mas se contentaria com o que ela pudesse oferecer.

Certamente seria mais do que tinha agora.

E até mesmo metade de Francesca... Bem, até isso seria maravilhoso.

Não seria?

CAPÍTULO 16

... Mas como a senhora mesma escreveu, Francesca está administrando Kilmartin com admirável habilidade. Não é a minha intenção esquivar-me de meus deveres e eu posso lhe garantir que se não tivesse uma substituta tão capaz, retornaria imediatamente.

– do conde de Kilmartin para a mãe, Helen Stirling, dois anos e seis meses após a sua partida para a Índia, escrito com um murmurado: "Ela jamais respondeu à minha pergunta."

Francesca não gostava de achar que era covarde, mas entre ser covarde e tola, escolhia a primeira opção. De bom grado.

Pois somente uma tola teria permanecido em Londres – na mesma casa, inclusive – com Michael Stirling após passar pela experiência de um beijo seu.

Sem contar...

Não, Francesca não ia pensar nisso. Quando pensava a respeito, acabava por se sentir culpada e envergonhada, porque não deveria se sentir dessa forma com relação a Michael.

Não por ser Michael.

Não planejara desejar *quem quer que fosse*. Na verdade, o máximo que esperara de um marido fora uma sensação suave e agradável – um beijo que lhe desse algum prazer, mas só.

Isso teria sido o bastante.

Mas agora... aquilo...

Michael a beijara. E o pior, ela o beijara de volta e desde então não parava de imaginar os lábios dele sobre os dela para, então, imaginá-los em todas as outras partes de seu corpo. À noite, sozinha em sua cama enorme, os sonhos haviam se tornado mais intensos: a mão dele ia descendo pelo seu corpo, apenas para se deter antes do destino final.

Ela não ia... Não, não podia ter fantasias a respeito de Michael. Era errado. Teria se sentido péssima por desejar quem quer que fosse, mas Michael...

Era primo de John. Seu melhor amigo. O melhor amigo dela, também. E não deveria tê-lo beijado.

No entanto, pensou com um suspiro, fora magnífico.

E por isso escolhera ser covarde em vez de tola e fugira para a Escócia. Porque não tinha a menor fé na sua capacidade de resistir de novo.

Estava em Kilmartin fazia quase uma semana tentando se ocupar com a vida cotidiana da vivenda da família. Sempre havia muita coisa a fazer – contas para revisar, inquilinos para visitar –, mas Francesca não estava conseguindo sentir a mesma satisfação que encontrava em tais tarefas. A regularidade das incumbências deveria ter tido um efeito calmante, mas, em vez disso, apenas a deixava inquieta, sem conseguir se concentrar.

Andava ansiosa e distraída, e passava metade do tempo sem saber o que faria da própria vida. Não era capaz de ficar parada, então saía para caminhar pelo campo com suas botas mais confortáveis até ficar exausta.

Isso não a fazia dormir melhor à noite, mas ainda assim estava tentando.

E, naquele momento, estava tentando com bastante vigor: tinha acabado de subir o maior morro da propriedade. Respirando com dificuldade devido ao esforço, Francesca ergueu a vista em direção ao céu que escurecia, tentando calcular a hora e a possibilidade de chuva.

Era tarde e provavelmente choveria.

Ela franziu a testa. Devia voltar para casa.

Não estava muito longe: só precisava descer um morro e atravessar um campo relvado. Ao atingir o imponente pórtico à frente de Kilmartin, começou a chuviscar e seu rosto ficou salpicado de gotas. Tirou a touca da cabeça e a sacudiu, grata por tê-la colocado antes de sair – não era sempre tão zelosa –, e estava se dirigindo a seu quarto no segundo andar, onde pensava em se entregar

aos prazeres de um chocolate quente com biscoitos, quando Davies, o mordomo, surgiu à sua frente.

– Milady?

– Sim?

– A senhora tem uma visita.

– Visita? – disse Francesca, sentindo a testa franzir.

Quase todos que costumavam visitá-la em Kilmartin já haviam partido para Edimburgo ou para Londres para passar a temporada.

– Não exatamente uma visita, milady.

Michael. Só podia ser. E não podia dizer que estava surpresa. Havia achado que ele poderia segui-la, embora tivesse suposto que ou o faria de imediato ou não o faria em momento algum. Agora, depois de uma semana, ela imaginara estar a salvo.

– Onde ele está? – perguntou ela.

– À sua espera na sala de visitas rosada.

– Faz muito tempo que ele chegou?

– Não, milady.

Francesca dispensou o mordomo com um movimento da cabeça, então se forçou a ir até a sala de visitas. Não deveria estar tão apreensiva. Por Deus, era só Michael...

O problema era que tinha a estranha sensação de que ele nunca mais voltaria a ser *só Michael*.

Ainda assim, ela havia repassado um milhão de vezes o que diria. Mas todos os lugares-comuns e todas as explicações lhe soavam inadequados agora que se via diante da perspectiva de realmente ter de pronunciá-los em voz alta.

Que prazer em vê-lo, Michael, poderia dizer, fingindo que nada tinha acontecido.

Ou *Você precisa compreender que nada mudará entre nós* – embora, é claro, tudo já tivesse mudado.

Ou ela poderia lançar mão do bom humor e começar com algo como: *Consegue acreditar na tolice daquilo tudo?*

Só que duvidava muito que qualquer um dos dois tivesse achado aquilo tolice.

Assim, simplesmente aceitou que teria de improvisar no momento em que chegou à sala de visitas rosada.

Ele estava de pé próximo à janela – à sua procura, talvez? – e não se virou quando ela entrou. Parecia cansado da viagem, as roupas um pouco amarrotadas e os cabelos em desalinho. Não devia ter cavalgado até a Escócia – só um tolo faria isso. Entretanto, viajara com Michael vezes suficientes para saber que ele provavelmente se sentara ao lado do condutor por grande parte do trajeto. Sempre detestara carruagens fechadas para viagens longas e mais de uma vez se sentara na frente debaixo de chuva em vez de ficar confinado com o restante dos passageiros.

Ela não o chamou. Deveria tê-lo feito: não estava ganhando tanto tempo assim, porque ele logo se viraria. Mas, por ora, ficou ali em silêncio, acostumando-se à presença dele, certificando-se de que a respiração estivesse sob controle, de que não iria fazer algo ridículo como cair no choro ou, mais ridículo ainda, explodir em uma gargalhada nervosa.

– Francesca – disse ele, sem nem ao menos se virar.

Sentira a presença dela, então. Francesca arregalou os olhos, embora não devesse ter se surpreendido. Desde que deixara o Exército, ele havia desenvolvido uma capacidade quase felina de sentir o ambiente à sua volta. Fora provavelmente o que o mantivera vivo durante a guerra. Ao que constava, ninguém conseguia atacá-lo pelas costas.

– Sim – respondeu ela. Então, achando que deveria falar mais alguma coisa, acrescentou: – Espero que tenha feito boa viagem.

Ele se virou.

– Foi muito boa.

Ela engoliu em seco, tentando ignorar a beleza dele. Sem dúvida, ele a deixara sem fôlego em Londres, mas ali, na Escócia, parecia mudado. Tinha um ar mais selvagem, talvez.

Bem mais perigoso.

– Algum problema em Londres? – indagou ela, esperando que houvesse um objetivo prático para a visita dele.

Porque, se não houvesse, ele fora até ali apenas por *ela*, e isso a aterrorizava.

– Nada de ruim – respondeu ele –, embora eu tenha novidades para contar.

Ela inclinou a cabeça, esperando que ele continuasse.

– Seu irmão ficou noivo.

– Colin? – perguntou ela, surpresa.

O irmão se dedicara de tal maneira à vida de solteiro que ela não estranharia se Michael lhe dissesse que o rapaz de sorte era, na verdade, o caçula, Gregory, embora ele fosse dez anos mais novo que Colin.

Michael fez que sim.

– De Penelope Featherington.

– De Penel... Minha nossa, isso *é* surpreendente. Mas encantador, devo acrescentar. Acho que os dois combinam muitíssimo bem.

Michael deu um passo em sua direção, as mãos ainda para trás.

– Achei que iria querer saber.

E não podia ter escrito uma carta?

– Obrigada – disse ela. – Fico-lhe grata por tanta atenção. Há muito tempo não temos um casamento na família. Desde...

O meu, ambos se deram conta de que ela estivera prestes a dizer.

O silêncio pairou no aposento como um convidado indesejado até ela enfim rompê-lo:

– Bem, já faz muito tempo. Minha mãe deve estar radiante.

– Está mesmo – confirmou Michael. – Pelo menos foi o que me disse o seu irmão. Não tive a oportunidade de conversar com ela pessoalmente.

Francesca pigarreou, então tentou fingir que estava à vontade fazendo um pequeno aceno com a mão ao perguntar:

– Vai ficar muito tempo?

– Ainda não decidi – disse ele, dando outro passo em sua direção. – Depende.

Ela engoliu em seco.

– De quê?

Ele reduziu à metade a distância entre os dois.

– De você – falou baixinho.

Ela sabia o que ele queria dizer com aquilo, ou achava saber, mas a última coisa que queria, naquele momento, era admitir o que acontecera em Londres, então deu um passo para trás – que era o máximo que podia fazer sem sair correndo da sala – e se fez de desentendida:

– Não seja tolo – falou. – Kilmartin pertence a você. Pode ir e vir quando bem entender. Não tenho o menor controle sobre as suas ações.

Os lábios dele se curvaram num sorriso irônico.

– É nisso que está pensando? – murmurou.

Ela se deu conta de que ele diminuíra ainda mais o espaço entre eles.

– Vou mandar preparar um quarto para você – disse ela, apressada. – Qual deles vai querer?

– Não importa.

– O quarto de dormir do conde, então – falou Francesca, ciente de que tagarelava a essa altura. – Não faria sentido ser qualquer outro aposento. Eu passarei para outro, mais para o final do corredor. Ou... hã... para outra ala – acrescentou ela, quase gaguejando.

Michael deu outro passo em sua direção.

– Talvez não seja necessário.

Ela o encarou. O que ele estaria sugerindo? Certamente não achava que um único beijo em Londres lhe dava o direito de se aproveitar das portas de comunicação entre os quartos do conde e da condessa.

– Feche a porta – disse ele, fazendo um sinal com a cabeça em direção à porta que se encontrava aberta atrás dela.

Francesca olhou para trás, embora soubesse exatamente o que veria ali.

– Não estou bem certa de que...

– Eu estou. – Então, com uma voz ao mesmo tempo suave e exigente, ele disse: – Feche-a.

E ela obedeceu. Estava bastante certa de que era uma má ideia, mas o fez ainda assim. O que quer que ele estivesse planejando lhe dizer, ela não queria que os empregados ouvissem.

Assim que tirou a mão da maçaneta, ela passou por ele devagar e continuou o caminho de modo a estabelecer uma distância mais confortável – e todo um conjunto de sofás e poltronas – entre eles.

Ele pareceu divertir-se com isso, mas não zombou dela. Em vez disso, disse apenas:

– Tenho pensado muito desde que você deixou Londres.

Assim como ela, embora Francesca achasse que não fazia sentido dizê-lo.

– Não foi minha intenção beijá-la – disse ele.

– Não! – exclamou ela, alto demais. – Quer dizer, não, é claro que não.

– Mas agora que o fiz... agora que *nós* o fizemos...

Ela se encolheu diante do plural. Ele não permitiria que ela fingisse que não havia participado de bom grado do ato.

– Agora que aconteceu – prosseguiu ele –, tenho certeza que compreende que tudo mudou.

Nesse momento, ela ergueu a vista para olhá-lo; até então, mantivera-se concentrada na estampa de flores rosa e creme do sofá.

– É claro – concordou, esforçando-se para ignorar o bolo que começava a se formar em sua garganta.

Michael fechou os dedos em torno da beirada da cadeira de mogno. Francesca olhou para as mãos dele: os nós dos dedos estavam brancos.

Estava nervoso, constatou ela, surpresa. Não esperara isso. Achava que jamais o vira nervoso. Sempre fora um modelo de sofisticação e elegância, de modos fáceis e suaves, com uma gracinha na ponta da língua.

Mas agora ele lhe pareceu diferente. Desprovido de tudo aquilo. Apreensivo. Isso a fez sentir-se... não melhor, exatamente, mas talvez como se não fosse a única tola na sala.

– Andei pensando muito no assunto – continuou ele.

Agora ele estava se repetindo. Aquilo era muito estranho.

– E cheguei a uma conclusão que surpreendeu até mesmo a mim, embora, agora que pensei nisso, esteja convencido de que seja o melhor a ser feito.

A cada palavra que Michael dizia, ela se sentia mais no controle, menos desconfortável com tudo. Não que *quisesse* que ele se sentisse mal – bem, talvez quisesse; era o mais justo, considerando o modo como *ela* se sentira na última semana. Mas estava bastante aliviada em saber que o desconforto não era apenas seu, que ele estivera tão perturbado e abalado quanto ela.

Ou, ao menos, que não havia passado incólume.

Ele pigarreou, então moveu o queixo levemente, esticando o pescoço.

– Eu creio – falou, o olhar pousando sobre o dela com impressionante clareza – que devemos nos casar.

O quê?

Ela entreabriu os lábios.

O quê?

Então, por fim, ela disse:

– *O quê?*

Não *Eu não entendi, poderia repetir?*. Nem *Como disse?*. Apenas *O quê?*.

– Se ouvir os meus argumentos – continuou ele –, verá que faz sentido.

– Você enlouqueceu?

Ele se encolheu discretamente.

– De forma nenhuma.

– Não posso me casar com você, Michael.

– Por que não?

Por que não? Porque... Porque...

– Porque não posso! – exclamou ela. – Pelo amor de Deus, você, mais do que qualquer pessoa, deveria compreender a insanidade de tal sugestão.

– Concordo que, num primeiro momento, pareça bastante inadequado, mas, se me ouvir, verá que faz sentido.

Ela o fitou, boquiaberta.

– E como pode fazer sentido? Não consigo pensar em nada que faça *menos* sentido!

– Você não precisará se mudar, e manterá o título e a posição – começou ele, enumerando os itens nos dedos.

Sim, duas coisas convenientes, mas de forma alguma motivos fortes o bastante para se casar com *Michael*, que... bem... *Michael*.

– Vai se casar sabendo que será tratada com cuidado e respeito – acrescentou ele. – Poderá levar meses para chegar à mesma conclusão sobre outro homem e, mesmo então, não poderá realmente ter certeza. Afinal, primeiras impressões podem ser equivocadas.

Ela perscrutou o rosto dele, tentando ver se havia qualquer coisa, *qualquer coisa*, por trás de suas palavras. Tinha de haver algum motivo para aquilo, pois ela não conseguia conceber que ele a estivesse pedindo em casamento. Era loucura. Era...

Por Deus, ela não sabia ao certo o que era. Haveria alguma palavra para descrever com exatidão algo que simplesmente tirasse o chão de debaixo dos pés de alguém?

– Eu lhe darei filhos – disse ele, baixinho. – Ou, pelo menos, tentarei.

Ela ruborizou. Sentiu no mesmo instante as faces se tornando vermelhas. Não queria se imaginar na cama com ele. Passara a última semana tentando desesperadamente não fazê-lo.

– O que você ganhará com isso? – sussurrou ela.

Por um instante ele pareceu sobressaltado com a pergunta dela, mas logo recuperou a compostura e respondeu:

– Terei uma esposa que já vem administrando minhas propriedades há anos. Não sou orgulhoso a ponto de não admitir seu conhecimento.

Ela assentiu. Uma vez, apenas, mas foi o bastante para indicar que ele fosse em frente.

– Eu já a conheço e confio em você . E estou seguro de que não será infiel.

– Não posso pensar nisso agora – disse ela, levando as mãos ao rosto.

Sua mente rodava com tudo aquilo e Francesca tinha a terrível sensação de que talvez jamais se recuperasse.

– Faz sentido – retrucou Michael. – Você só precisa considerar...

– Não – declarou ela, tentando soar resoluta. – Jamais funcionaria. Você sabe disso. – Ela desviou o olhar, não querendo encará-lo. – Não acredito que você sequer consideraria uma coisa dessas.

– Nem eu – admitiu ele –, quando a ideia me ocorreu de início. Mas uma vez que o pensamento surgiu, não consegui mais deixá-lo de lado e logo me dei conta de que fazia todo o sentido.

Ela pressionou os dedos contra as têmporas. Pelo amor de Deus, por que ele ficava insistindo nessa coisa de sentido? Se repetisse a palavra mais uma vez, ela achava que gritaria.

E como ele podia estar tão calmo? Francesca não sabia ao certo como *devia* agir; certamente jamais imaginara aquele momento. Mas algo naquele discurso sem graça que ele fizera sobre os dois se casarem a incomodava. Fora tão impassível, tão controlado... Um pouco nervoso, talvez, mas sereno, distante.

Enquanto ela fora tomada pela sensação de que o mundo tinha saído do eixo.

Não era justo.

E, por um instante, ela o odiou por fazê-la se sentir assim.

– Vou subir – falou, abruptamente. – Conversarei com você sobre isso pela manhã.

Ela quase conseguiu. Já tinha passado da metade do caminho até a porta quando sentiu a mão dele em seu braço, o toque suave mas firme.

– Espere – pediu Michael, e ela não conseguiu se mexer.

– O que quer? – sussurrou Francesca.

Não o olhava, mas podia ver o rosto dele em sua mente, a forma como os cabelos escuros lhe caíam sobre a testa, os olhos emoldurados por cílios tão longos que poderiam levar um anjo às lágrimas.

E os lábios. Acima de tudo, podia ver os lábios perfeitos, elegantemente moldados, sempre curvados naquela expressão de quem *sabia* das coisas, como se ele compreendesse o mundo de uma forma que os mortais mais inocentes jamais compreenderiam.

A mão dele subiu pelo seu braço até chegar ao ombro, então um dos dedos percorreu uma linha, leve como uma pluma, até a lateral do seu pescoço.

A voz, quando saiu, soou grave e rouca, e ela a sentiu bem no centro de seu ser.

– Não vai querer outro beijo?

CAPÍTULO 17

... sim, é claro. Francesca é um prodígio. Mas você já sabia disso, não é mesmo?

– de Helen Stirling para o filho, o conde de Kilmartin,
dois anos e nove meses após a sua partida para a Índia

Michael não sabia ao certo quando ficara claro para ele que teria de seduzi-la. Tentara apelar para a sua mente, para o seu senso inato do que era prático e sábio, e isso não estava funcionando.

E não podia se concentrar em emoções, porque sabia que elas eram só de sua parte.

Então teria de apelar para a paixão.

Ele a desejava – ah, Deus, sim. Desejava-a com uma intensidade que nem imaginara antes de beijá-la na semana anterior, em Londres. Mas mesmo enquanto o sangue corria por suas veias com desejo, necessidade e, sim, com amor, a mente continuava aguçada e calculista, e ele sabia que se desejava tê-la, teria de fazê-lo dessa forma. Teria de falar de modo que ela não pudesse rejeitá-lo. Não bastaria apenas tentar convencê-la com palavras, pensamentos e ideias. Ela poderia tentar usar de ardis para se esquivar, fingir que os sentimentos não existiam.

Mas se ele a tornasse sua, deixasse sua marca sobre ela da forma mais física possível, estaria sempre com ela.

E Francesca seria sua.

Ela se esquivou do toque dele, chegando lentamente para trás até conseguir colocar alguma distância entre os dois.

– Não quer outro beijo, Francesca? – murmurou ele, aproximando-se dela com a elegância de um predador.

– Foi um erro – disse ela, com a voz trêmula.

Afastou-se mais alguns centímetros, parando apenas quando se chocou contra a beirada da mesa.

Ele chegou para a frente.

– Não se nos casarmos.

– Não posso me casar com você, sabe disso.

Michael tomou a mão dela e esfregou a pele com o polegar, preguiçosamente.

– E por que diz isso?

– Porque eu... você... você é você.

– É verdade – disse ele, levando a mão dela à boca e beijando-lhe a palma. Em seguida, passou a língua pelo punho. – E, pela primeira vez em muito tempo – afirmou, olhando-a por entre os cílios –, não há ninguém que eu preferiria ser.

– Michael... – sussurrou ela, arqueando as costas.

Mas ela o desejava. Ele podia sentir isso em sua respiração.

– "Michael, não" ou "Michael, sim"? – murmurou ele, beijando-lhe a parte interna do cotovelo.

– Eu não sei – gemeu ela.

– Muito bem.

Ele subiu um pouco a cabeça, tocando-lhe o queixo até ela não ter escolha senão atirar a cabeça para trás.

E ele não ter escolha senão explorar o pescoço dela.

Beijou-a lenta e meticulosamente, sem deixar nenhum centímetro de pele de fora de seu ataque sensual. Passou para o queixo, em seguida para o lóbulo da orelha, então para a beirada do corpete, agarrando-o com os dentes. Ouviu Francesca sufocar um grito, embora não o tenha mandado parar, então ele puxou o corpete para baixo com os dentes até um dos seios se libertar.

Deus, como ele adorava a atual moda feminina.

– Michael? – sussurrou ela.

– Shhh.

Ele não queria ter de responder a nenhuma pergunta. Não a queria pensando o suficiente para fazer uma.

Correu a língua pela parte inferior do seio, saboreando a essência de sua pele, então estendeu a mão e o tomou. Ele a tocara por cima do vestido na primeira vez em que se beijaram e pensara estar no paraíso, mas aquilo não tinha sido nada comparado à sensação dela, quente e nua, em sua mão.

– Ah, Meu Deus... – gemeu Francesca. – Ah...

Ele soprou o mamilo com leveza.

– Devo beijá-la? – perguntou ele, erguendo a vista.

Sabia que estava se arriscando ao esperar uma resposta. Talvez não devesse nem mesmo ter feito a pergunta, mas, embora a intenção fosse seduzir, precisava ouvir ao menos uma palavra afirmativa.

– Devo? – repetiu Michael, adoçando a proposta com um leve e rápido movimento da língua por cima do mamilo.

– Deve! – explodiu ela. – Sim, pelo amor de Deus, deve!

Ele sorriu lenta e languidamente, saboreando o momento. Então, depois de deixá-la estremecer de ansiedade por um segundo mais, chegou o rosto para a frente e a tomou na boca, libertando anos e anos de desejo sobre um único seio, concentrando-os diabolicamente sobre um inocente mamilo.

Ela não teria a menor chance.

– Ah, meu Deus! – arfou ela, agarrando a beirada da mesa em busca de apoio enquanto o corpo todo se arqueava para trás. – Ah, meu Deus. Ah, Michael. Ah, meu Deus.

Aproveitou-se da paixão que ela exprimia para deslizar as mãos em torno de seus quadris e erguê-la até estar sentada na mesa, as pernas se abrindo para ele enquanto Michael se posicionava entre elas.

A satisfação corria pelas veias dele mesmo enquanto o corpo clamava pelo próprio prazer. Adorava poder fazer aquilo com ela, poder fazê-la gritar, gemer e bradar de desejo. Ela era tão forte, sempre tão impassível e contida, e, no entanto, naquele momento, era sua, escrava das próprias necessidades, prisioneira de seu toque de especialista.

Ele beijou, lambeu, mordiscou e puxou. Ele a torturou até achar que ela poderia explodir. A respiração saía alta e entrecortada e seus gemidos haviam se

tornado mais e mais incoerentes.

E, o tempo todo, deslocava as mãos pernas acima, primeiro segurando-lhe os tornozelos, depois as panturrilhas, então levantando o vestido cada vez mais até formar um amarfanhado acima de seus joelhos.

Foi só então que ele se afastou um pouco e deu a ela algum sinal de alento.

Francesca o fitou, os olhos vidrados, os lábios rosados e entreabertos. Não disse nada; Michael achava que ela não *conseguiria* dizer nada. Mas ele percebeu que havia perguntas em seus olhos. Ela podia estar além da capacidade da fala, mas estava longe da insanidade completa.

– Achei que seria cruel torturá-la por muito mais tempo – disse ele, tomando-lhe o mamilo, suavemente, entre o polegar e o indicador.

Ela gemeu.

– Você gosta disso. – Era uma afirmação, e não das mais sofisticadas, mas aquela era Francesca, não uma mulher desconhecida com a qual se deitava de olhos fechados enquanto imaginava o rosto dela. E cada vez que ela gemia de prazer, o coração dele batia mais rápido, satisfeito. – Você gosta disso – repetiu Michael, sorrindo.

– Gosto – sussurrou ela. – Gosto.

Ele inclinou o corpo para a frente até os lábios roçarem sua orelha.

– Vai gostar disso também.

– De quê? – indagou ela, surpreendendo-o com a pergunta.

Ele achara que ela estivesse arrebatada demais para questioná-lo em voz alta.

Puxou a saia do vestido dela um pouco mais para cima, apenas o suficiente para que não despencasse sobre o seu colo.

– Você quer ouvir, não quer? – murmurou ele, deslizando as mãos até estarem logo acima dos joelhos dela. Apertou-lhe as coxas de leve, fazendo círculos em sua pele com os polegares. – Você quer saber.

Ela fez que sim com a cabeça.

Deslocou-se em sua direção mais uma vez, dando-lhe um beijo rápido e depois se afastando apenas o suficiente para poder falar:

– Você sempre foi tão curiosa... Sempre me fez tantas perguntas...

Escorregou os lábios pelas suas faces até chegar às orelhas, sussurrando o tempo todo.

– “Michael” – disse ele, suavizando a voz para imitar a dela –, “conte algo indecente. Conte algo devasso.”

Ela ruborizou. Ele não podia ver, mas conseguia sentir.

– Mas eu nunca lhe disse o que você queria ouvir, não é? – perguntou ele, mordiscando-lhe de leve o lóbulo da orelha. – Eu sempre a deixei do lado de fora do quarto.

Ele fez uma pausa, não porque esperasse uma resposta, mas apenas por querer ouvi-la respirar.

– Você se perguntava? – sussurrou. – Ficava imaginando o que eu não lhe contara? – Ele inclinou o corpo para a frente só para que ela pudesse sentir os seus lábios se mexerem em sua orelha enquanto falava. – Você queria saber o que eu fazia quando era lascivo?

Não a faria responder; não era justo. Mas não conseguia fazer a mente parar de voltar no tempo, recordando as inúmeras vezes que a provocara com insinuações de suas conquistas.

Nunca fora ele quem as mencionara, no entanto; era sempre ela que lhe perguntava.

– Quer que eu lhe conte? – murmurou. Sentiu-a dar um pequeno salto, surpresa, e riu. – Não sobre elas, Francesca. Sobre você. Só você.

Ela se virou, fazendo os lábios dele se arrastarem contra a sua face. Ele se afastou, de forma a poder ver o seu rosto, e a pergunta se mostrou clara nos olhos dela:

O que quer dizer com isso?

Ele afastou as coxas dela apenas dois centímetros mais.

– Vai querer que eu lhe conte o que vou fazer agora? – Chegou para a frente e correu a língua pelo seu mamilo, que se tornara duro e retesado ao ar frio do final de tarde. – Quer que eu lhe mostre?

Ela engolia em seco freneticamente. Ele decidiu interpretar aquilo como um sim.

– Há tantas escolhas... – falou, com a voz rouca, deslizando a mão perna acima só mais alguns centímetros. – Eu nem sei por onde começar.

Parou para olhá-la por um instante. Ela respirava com dificuldade, os lábios entreabertos e inchados após tantos beijos. E estava hipnotizada, completamente enfeitiçada por ele.

Lançou-se à outra orelha de Francesca para se certificar de que as suas palavras se imprimiriam, quentes e úmidas, em sua alma.

– Mas eu acho que teria de começar por onde você mais precisa de mim. Primeiro eu a beijaria... – Ele pressionou os polegares de encontro à carne macia da parte interna de suas coxas. – ... Aqui.

Permaneceu em silêncio, por um segundo apenas, só o suficiente para ela estremecer de prazer.

– Gostaria disso? – murmurou ele, provocando-a. – Sim, estou vendo que sim. Mas isso não seria suficiente. Para nenhum dos dois. Então eu teria de beijá-la *aqui*. – Os polegares dele foram subindo devagar até chegarem à fenda quente entre as pernas, então Michael pressionou de leve, de maneira que ela soubesse exatamente do que ele estava falando. – Acho que você adoraria um beijo bem aqui – acrescentou – quase tanto quanto – e ele foi deslizando pelo vinco, descendo, descendo, cada vez mais próximo à verdadeira essência dela, mas não exatamente até o fim – eu gostaria de beijá-la.

Ela começou a respirar um pouco mais rápido.

– Eu teria de me demorar ali – sussurrou ele – e usar a língua. Corrê-la por aquela beirada ali. – Usou um dedo para lhe mostrar o que queria dizer. – E, o tempo todo, eu a estaria abrindo mais e mais. Assim, talvez?

Ele se afastou, como se para examinar sua obra. Vê-la daquela forma era impressionantemente erótico. Estava sentada na beirada da mesa, as pernas abertas para ele, embora não o suficiente para o que ele desejava fazer. A saia do vestido continuava pendurada em meio às coxas, protegendo-a de seus olhos, mas de alguma forma aquilo a tornava ainda mais tentadora. Ele se deu conta de que não precisava vê-la, pelo menos não ainda. A pose dela era sensual o suficiente, tornada ainda mais libidinosa devido ao seio nu, o mamilo rosa e ereto lhe implorando mais carícias.

Mas nada poderia lhe dar um desejo maior do que o rosto. Lábios entreabertos, olhos obscurecidos tamanha a intensidade da paixão. A cada respiração, ela parecia pedir:

Me possua.

Isso quase o fazia abandonar o seu obsceno ato de sedução e mergulhar dentro dela naquele momento, bem ali.

Mas não, precisava fazer aquilo devagar. Precisava provocá-la, torturá-la, levá-la ao ápice do êxtase e mantê-la ali pelo máximo de tempo possível. Precisava fazê-la compreender que aquilo era algo sem o qual nenhum dos dois jamais, *jamais*, conseguiria viver.

Ainda assim, era duro – não, *ele* estava duro e era extremamente difícil exercitar qualquer controle.

– O que acha, Francesca? – sussurrou, apertando as coxas mais uma vez. – Acho que ainda não estão abertas o suficiente, concorda?

Ela emitiu um som. Ele jamais saberia descrevê-lo, mas o incendiou por inteiro.

– Quem sabe um pouco mais assim – disse Michael baixinho. E então ele afastou as pernas dela por completo. A barra do vestido tinha caído por cima das coxas e ele fez um pequeno som de desaprovação, murmurando: – Isso não pode estar confortável. Permita-me que a ajude.

Ergueu a bainha até formar um bolo em torno da cintura dela.

Agora ela estava completamente exposta.

Ele ainda não podia vê-la, atento que estava a seu rosto. Mas a compreensão da posição na qual ela se encontrava fez com que os dois estremecessem, ele de desejo, ela de ansiedade, e Michael teve de se esforçar para manter o controle. Ainda não chegara a vez dele. Chegaria em breve, sem dúvida; tinha quase certeza de que morreria se não a possuísse naquela noite.

Mas, por ora, precisava se concentrar em Francesca. E no que poderia fazê-la sentir.

Aproximou os lábios do ouvido dela.

– Não está com frio, está?

A única resposta foi sua respiração trêmula.

Ele levou um dedo ao cerne da feminilidade dela e se pôs a massageá-lo.

– Eu jamais permitiria que sentisse frio – sussurrou. – Seria muito pouco cavalheirismo de minha parte.

Passou a traçar círculos lentos e quentes sobre a sua pele.

– Se estivéssemos ao ar livre – refletiu –, eu lhe ofereceria o meu casaco. Mas aqui – enfiou um dedo dentro dela, apenas o bastante para fazê-la ofegar – só posso lhe oferecer a minha boca.

Ela emitiu mais um som incoerente, um pouco mais que um grito estrangulado.

– Isso – gemeu ele. – é o que eu faria com você. Eu a beijaria bem aqui, bem onde mais lhe daria prazer.

Ela não podia fazer nada mais além de ofegar.

– Começaria com os lábios, beijando – murmurou –, mas logo usaria a língua para poder explorá-la mais profundamente. – Foi demonstrando com os dedos o que planejava fazer com a boca. – Acho que faria assim, só que seria bem mais quente. – Passou a língua por dentro da sua orelha. – E molhado.

– Michael – gemeu ela.

Ela dissera o seu nome. E nada mais. Estava chegando ao limite.

– Eu saborearia tudo – sussurrou ele. – Cada última gota sua. Depois, assim que tivesse certeza de que a explorara por completo, a abriria ainda mais. – Ele a apartou com os dedos, abrindo-a da forma mais indecorosa possível. Então massageou. – Caso tivesse esquecido algum canto secreto.

– Michael – gemeu ela de novo.

– Quem sabe por quanto tempo eu a beijaria? – murmurou ele. – Talvez eu não conseguisse parar. – Desceu o rosto um pouco, chegando ao pescoço. – Talvez você não queira que eu pare. – Fez uma pausa e deslizou mais um dedo para dentro dela, então sussurrou: – Quer que eu pare?

Brincava com fogo cada vez que lhe fazia uma pergunta, cada vez que lhe dava a oportunidade de dizer não. Se fosse mais frio, mais calculista, apenas iria em frente e a arrebataria antes mesmo que ela pudesse se dar conta das próprias ações. Ela estaria perdida em meio à sua onda de paixão e quando menos esperasse ele estaria dentro dela e ela seria, final e indelevelmente, dele.

Mas algo dentro dele jamais conseguiria ser tão impiedoso assim, pelo menos com Francesca. Precisava de sua aprovação, mesmo que fosse apenas um aceno com a cabeça ou um gemido. Era provável que ela se arrependesse mais tarde, mas ainda assim ele não queria que ela pudesse dizer, nem para si mesma, que não estava pensando direito, que não tinha concordado.

E *ele* precisava do sim. Amara aquela mulher durante anos, sonhara em tocá-la por tanto tempo... E agora que esse momento enfim chegara, não sabia se toleraria se ela realmente não o desejasse. Havia um limite de vezes em que o

coração de um homem podia se partir e Michael tinha a sensação de que o dele não sobreviveria a mais uma desilusão.

– Quer que eu pare? – sussurrou ele outra vez, e agora parou, de fato.

Não afastou as mãos, mas interrompeu o movimento e permitiu a ela um momento de silêncio para lhe dar uma resposta. Afastou a cabeça para trás apenas o suficiente para que ela pudesse olhá-lo.

– Não – murmurou Francesca, sem encará-lo.

O coração dele deu um salto.

– Então é melhor eu começar a fazer tudo aquilo que falei – sussurrou ele.

E fez. Pôs-se de joelhos e a beijou. Beijou-a enquanto ela estremecia, beijou-a enquanto ela gemia. Beijou-a enquanto ela agarrava seus cabelos e os puxava e beijou-a quando ela os soltou, as mãos tateando, desesperadas, em busca de apoio.

Beijou-a de todas as formas que prometera e beijou-a até ela quase atingir o orgasmo.

Quase.

Devia tê-lo feito, devia ter ido até o fim, mas simplesmente não conseguiu. Tinha de possuí-la. Desejara aquilo por tanto tempo, desejara fazê-la gritar seu nome, estremecer em seus braços. Mas quando acontecesse, pela primeira vez ao menos, queria estar dentro dela. Queria senti-la à sua volta e queria...

Ora, apenas queria que fosse assim e se isso significava que estava fora de controle, que fosse.

Com as mãos tremendo, abriu as calças com um puxão, finalmente expondo o membro.

– Michael? – sussurrou ela.

Ela estava com os olhos fechados, mas quando ele se afastou dela, ela os abriu. Fitou-o e arregalou os olhos. Não havia como se equivocar em relação ao que estava prestes a acontecer.

– Eu preciso de você – disse ele, com a voz rouca. E quando ela nada fez além de olhá-lo fixamente, ele repetiu: – Preciso de você agora.

Mas não sobre a mesa. Nem mesmo ele era tão talentoso, então a tomou nos braços, estremecendo de ansiedade quando ela o enlaçou com as pernas, e deitou-a sobre o suntuoso tapete. Não era uma cama, mas não havia a menor condição de ele conseguir chegar até uma cama e, para dizer a verdade, não

achava que nenhum dos dois se importaria. Ergueu a saia do vestido dela mais uma vez até a cintura e se deitou sobre ela.

E a penetrou.

Pensou em ir devagar, mas ela estava tão molhada e pronta para recebê-lo que ele simplesmente deslizou para dentro dela mesmo enquanto ela arfava ante a intrusão.

– Eu a machuquei? – grunhiu ele.

Ela fez que não com a cabeça.

– Não pare – gemeu. – Por favor.

– Nunca – jurou ele. – Nunca.

Michael começou a se mover dentro dela e ela se contorceu por baixo dele, e ambos já estavam num tal ponto de excitação que demorou apenas um instante até explodirem.

E ele, que dormira com tantas mulheres, subitamente se deu conta de que nada fora até então além de um menino imaturo.

Porque *nunca* tinha sido daquela maneira.

Antes tinha sido o seu corpo. *Aquilo* era a sua alma.

CAPÍTULO 18

... sem dúvida.

– de Michael Stirling para a mãe, Helen,
três anos após a sua partida para a Índia

A manhã seguinte foi, até onde Francesca recordava, possivelmente a pior de sua memória recente.

Tudo o que queria fazer era chorar, mas até mesmo isso parecia demais para ela. As lágrimas eram para os inocentes, e esse era um adjetivo que ela jamais poderia voltar a usar em relação a si mesma.

Odiava-se, e odiava o fato de ter traído o próprio coração, cada um de seus princípios, tudo por alguns instantes de paixão lasciva.

Odiava o fato de ter sentido desejo por um homem que não era John e *realmente* odiava o fato de o desejo ter ido além de qualquer coisa que experimentara com o marido. Seu leito conjugal tinha sido repleto de alegria e de paixão, mas nada, *nada* poderia tê-la preparado para a emoção libidinosa que sentira quando Michael levara os lábios à sua orelha e lhe contara todas as indecências que queria fazer com ela.

Ou para a explosão que se seguira quando ele cumprira todas as suas promessas.

Odiava o fato de que tudo aquilo acontecera e de que acontecera com Michael, pois de alguma forma fazia a situação parecer triplamente errada.

E, acima de tudo, odiava-o por ter lhe pedido permissão, porque até mesmo enquanto os dedos dele a provocavam sem trégua, ele se certificara de que ela estava ali de bom grado; não poderia dizer que fora arrebatada, que tinha ficado impotente diante da força do desejo dele.

Agora, na manhã seguinte, Francesca se dava conta de que já não sabia a diferença entre ser covarde e ser tola.

Ela sem dúvida era as duas coisas, e possivelmente também imatura.

Porque a única coisa que desejava fazer era sair correndo.

Claro que poderia assumir as consequências de seus atos.

Na verdade, era o que *deveria* fazer.

Mas, em vez disso, exatamente como da vez anterior, fugiu.

Não podia ir embora de Kilmartin; só fazia uma semana que chegara, afinal, e, a não ser que continuasse a fuga em direção ao norte, passando pelas ilhas Órcades até a Noruega, estava presa ali.

Mas podia, sim, deixar a casa, o que fez tão logo os primeiros raios da manhã surgiram no céu. Isso após sua patética atitude na noite anterior, quando saíra aos tropeços da sala rosada dez minutos depois da troca de intimidades com Michael, resmungando incoerências e desculpas e indo se esconder no quarto pelo resto da noite.

Não queria enfrentá-lo ainda.

Por Deus, não sabia se *conseguiria*.

Ela, que sempre se orgulhara da cabeça fria e do equilíbrio, fora reduzida a uma idiota balbuciante, gaguejando para si mesma como uma louca, apavorada por ter de enfrentar o único homem que ela obviamente não poderia evitar para sempre.

Mas se pudesse evitá-lo por um dia, pensou, já era alguma coisa. E quanto ao dia seguinte... Bem, se preocuparia com isso em algum outro momento. Por ora, a única coisa que desejava fazer era fugir de seus problemas.

A coragem, ela agora tinha certeza, era uma virtude superestimada.

Não sabia bem para onde queria ir; podia ser qualquer lugar onde não corresse o risco de se encontrar com Michael.

E assim, como se já não estivesse bastante convencida de que nenhuma força do além jamais voltaria a lhe demonstrar qualquer benevolência, começou a chover uma hora após o início de sua caminhada, primeiro uma leve garoa, que

logo se transformou num verdadeiro temporal. Francesca se encolheu debaixo de uma árvore em busca de abrigo, resignada a esperar que a chuva passasse, então, por fim, depois de vinte minutos transferindo o peso do corpo de um pé para o outro, simplesmente se sentou na terra úmida, mandando às favas a limpeza.

Iria ficar ali por algum tempo, portanto era bom estar confortável, já que não estaria nem aquecida nem seca.

E, é claro, foi assim que Michael a encontrou, um pouco menos de duas horas depois.

Por Deus, é claro que ele sairia à sua procura. Não se podia contar com um homem para se comportar como um cafajeste quando realmente importava?

– Tem espaço para mim aí embaixo? – gritou ele, para se sobrepor ao barulho da chuva.

– Não para você *e* o cavalo – resmungou ela.

– O que disse?

– Não! – gritou ela.

Ele não lhe deu ouvidos, é claro, e acomodou o cavalo debaixo da árvore, amarrando-o num galho baixo depois de saltar.

– Meu Deus, Francesca. Que diabo está fazendo aqui fora?

– Bom dia para você também – murmurou ela.

– Tem alguma ideia de quanto tempo já faz desde que saí à sua procura?

– Mais ou menos o tempo que estou encolhida debaixo desta árvore, imagino – respondeu ela.

Achava que no fundo estava satisfeita por ele ter ido resgatá-la, e seus membros trêmulos só queriam saltar sobre o cavalo dele e sair dali. Mas continuava de mau humor e querendo ser do contra só por ser... bem... do contra.

E de qualquer forma, pensou ela um tanto irritada, *ele* certamente não era inocente do desastre que fora a noite anterior. E se achava que o festival de S*into muito* cheio de pânico que se seguiu ao fato significava que ela o absolvia da culpa, estava bastante enganado.

– Bem, então vamos embora – disse ele, fazendo um sinal com a cabeça em direção ao cavalo.

Ela manteve o olhar fixo por cima do ombro dele.

– A chuva está diminuindo.

– Só se for na China.

– Eu estou bem – mentiu ela.

– Ora, pelo amor de Deus, Francesca – disse ele, perdendo a paciência –, pode me odiar quanto quiser, mas não seja idiota.

– É tarde demais para isso – retrucou ela baixinho.

– Pode ser – concordou ele, demonstrando que possuía uma ótima audição. – Mas estou morrendo de frio e quero ir para casa. Pode não acreditar, mas neste instante desejo uma xícara de chá mais do que desejo você.

Isso deveria tê-la tranquilizado, mas a única coisa que ela sentiu vontade de fazer foi atirar uma pedra na cabeça dele.

Mas então, talvez só para provar que a alma dela não estava irreversivelmente condenada a ir para o inferno, a chuva de fato diminuiu o suficiente para dar um vislumbre de verdade à sua mentira.

– O sol logo sairá – observou ela. – Estou bem.

– E está planejando ficar no meio do campo até seu vestido secar? – perguntou ele. – Ou só prefere mesmo correr o risco de cair doente e ficar de cama por várias semanas?

Ela o encarou pela primeira vez.

– Você é um homem horrível – falou.

Ele riu.

– Ora, esta foi a primeira coisa sincera que você disse hoje.

– Será que você não entende que eu quero ficar sozinha? – devolveu ela.

– Será que você não entende que eu não quero que você fique doente? Suba no cavalo, Francesca – ordenou ele, no mesmo tom que ela o imaginava usando com suas tropas na França. – Quando chegarmos em casa você poderá se sentir à vontade para se trancar no quarto durante duas semanas inteiras, se quiser, mas agora será que podemos sair da chuva, pelo amor de Deus?

Era tentador, é claro, mas, acima disso, era terrivelmente irritante, porque o que Michael dizia fazia todo o sentido, e a última coisa que ela queria naquele momento era que ele estivesse *certo* sobre qualquer coisa. Sobretudo por ter a péssima sensação de que precisaria de mais do que duas semanas para se recuperar do que acontecera na noite anterior.

Precisaria de uma vida inteira.

– Michael – sussurrou ela, esperando apelar para alguma parte dele que se apiedasse de mulheres patéticas e trêmulas. – Não posso ficar perto de você

neste momento.

– Nem para um percurso de vinte minutos? – vociferou ele.

Então, antes mesmo que ela conseguisse emitir um som de irritação, ele se levantou, ergueu-a no colo e a colocou sobre o cavalo.

– Michael! – exclamou Francesca.

– Que pena que não disse meu nome no mesmo tom sussurrado de ontem à noite – retrucou ele numa voz seca.

Ela lhe deu um tapa.

– Eu mereci isso – observou ele, subindo no cavalo por trás dela para, então, começar a se remexer diabolicamente até ela ser forçada, devido ao formato da sela, a se acomodar em parte sobre o seu colo –, mas não tanto quanto você merece levar umas chicotadas pela sua tolice.

Ela arfou.

– Se queria que eu me ajoelhasse aos seus pés, implorando o seu perdão – disse ele, os lábios escandalosamente próximos de seu ouvido –, não deveria ter se portado como uma idiota e fugido na chuva.

– Não estava chovendo quando saí – retrucou ela, de modo infantil, deixando escapar um pequeno “Oh!” de surpresa quando ele esporeou o cavalo para que andasse.

Então, é claro, desejou ter alguma outra coisa além das coxas dele em que se segurar para se equilibrar.

Ou que o braço dele não a estivesse envolvendo com tanta força ou tão próximo a seus seios. Por Deus, eles estavam praticamente repousando sobre o braço dele.

Sem contar que ela se encontrava firmemente aninhada em meio às suas pernas, com o traseiro posicionado bem de encontro a seu...

Bem, ela supunha que a chuva havia sido boa para uma coisa. Ele só podia estar murcho e gelado, o que ajudaria muito a manter o seu corpo traidor sob controle.

Exceto pelo fato de que o vira na noite anterior, vira-o de uma forma que jamais pensara, em toda a sua esplêndida glória masculina.

E essa era a pior parte. Uma expressão como “esplêndida glória masculina” deveria ser uma piada pronunciada com sarcasmo e um sorriso depravado e malicioso.

Mas, no caso de Michael, cabia com perfeição.

Ele coubera perfeitamente.

E ela havia perdido qualquer vestígio de sanidade que ainda possuísse.

Percorreram todo o caminho em silêncio. Isto é, não *falaram* nada, mas havia outros sons, bem mais perigosos e enervantes que palavras. Francesca tinha plena consciência de cada vez que ele inspirava, o som grave e sussurrante próximo ao seu ouvido, e podia jurar que conseguia ouvir o coração dele batendo nas suas costas. Então...

– Maldição.

– O que foi? – perguntou ela, tentando se virar para olhar o seu rosto.

– Felix está mancando – murmurou ele, fazendo o cavalo parar e em seguida saltando da sela.

– Ele está bem? – indagou ela, aceitando a oferta silenciosa dele para ajudá-la a descer.

– Vai ficar – afirmou Michael, ajoelhando-se para inspecionar a pata dianteira esquerda do animal. Seus joelhos imediatamente afundaram na terra lamacenta, arruinando as calças de montaria. – Mas não pode carregar nós dois. Acho que não consegue nem levar só você. – Ele se levantou e vasculhou o horizonte, tentando chegar a uma conclusão do ponto exato em que estavam na propriedade. – Vamos ter de ir até a casa do jardineiro – falou, impaciente, afastando os cabelos encharcados da testa. No mesmo instante, as mechas caíram de volta sobre os olhos.

– A casa do jardineiro? – ecoou Francesca, embora soubesse muito bem ao que ele se referia. Era uma construção pequena, de um cômodo só, vazia desde que o homem e a esposa, que recentemente dera à luz gêmeos, se mudaram para um lugar maior, do outro lado de Kilmartin. – Não podemos ir para casa? – perguntou ela, um pouco desesperada.

Não queria ficar a sós com ele, presa num aconchegante chalé com, se ela se lembrava bem, uma cama bastante grande.

– Vamos levar mais de uma hora a pé – lembrou ele –, e a chuva parece estar piorando.

Droga, ele estava certo. O céu adquirira um sinistro tom de cinza e as nuvens tinham aquela estranha luz que precedia os temporais violentos.

– Muito bem – concordou ela, tentando controlar a apreensão.

Não sabia o que a assustava mais: a ideia de enfrentar uma tempestade ou ficar presa dentro de um casebre com Michael.

– Se corrermos, conseguiremos chegar lá em poucos minutos – disse ele. – Ou, melhor, você pode correr. Eu terei de conduzir Felix. Não sei quanto tempo ele levará para fazer o percurso.

Francesca estreitou os olhos ao se virar para ele.

– Não fez isso de propósito, fez?

Ele a fitou com uma expressão ameaçadora ao mesmo tempo que um relâmpago assustador rasgou o céu.

– Desculpe – disse ela, imediatamente arrependida do que dissera. Havia acusações que jamais se deveria fazer a um cavalheiro inglês, e a primeira delas era a de ter machucado de propósito um animal, por *qualquer* que fosse o motivo. – Sinto muito – acrescentou, no mesmo instante em que o estampido de um trovão chocalhou a terra. – Sinto muito mesmo.

– Sabe chegar lá? – gritou ele, para ser ouvido por cima do temporal.

Ela fez que sim.

– Pode acender a lareira enquanto me espera?

– Posso tentar.

– Então vá – disse ele, lacônico. – Corra e se aqueça. Eu logo chegarei.

E ela correu, embora não soubesse ao certo se corria para o casebre ou dele.

E, considerando que ele chegaria lá alguns minutos depois dela, isso tinha alguma importância?

De qualquer forma, enquanto ela corria, com as pernas queimando e os pulmões ardendo, parou de pensar nisso. A dor causada pelo esforço tomou conta dela, sendo igualada apenas pelas ferroadas da chuva caindo em seu rosto. Mas tudo lhe pareceu estranhamente apropriado, como se ela merecesse passar por aquilo.

E, pensou ela, infeliz, provavelmente merecia mesmo.

Quando Michael abriu a porta da casa do jardineiro, estava encharcado e tremendo. Levara mais tempo do que previra para conduzir Felix até lá, e então, é claro, precisara encontrar um local decente para amarrar o cavalo ferido.

Finalmente, conseguiu criar um estábulo improvisado no que um dia fora um galinheiro, mas até conseguir chegar ao casebre as mãos sangravam e as botas estavam salpicadas de uma substância imunda que a chuva, por algum motivo inexplicável, não conseguira limpar.

Francesca estava ajoelhada ao lado da lareira tentando acendê-la. A julgar por seus resmungos, não estava tendo muito sucesso.

– Meu Deus! – exclamou ela. – O que aconteceu com você?

– Tive dificuldade em encontrar um lugar para amarrar Felix – explicou ele, mal-humorado. – Precisei construir um abrigo para ele.

– Com as próprias mãos?

– Não tinha outras ferramentas – disse ele, dando de ombros.

Ela olhou nervosamente pela janela.

– Ele vai ficar bem?

– Espero que sim – respondeu Michael, sentando-se num banquinho de três pernas para tirar as botas. – Não podia lhe dar um tapa no traseiro e mandá-lo para casa com aquela pata machucada.

– Não, é claro que não – concordou ela. Então assumiu uma expressão horrorizada e se levantou de um salto. – E você, vai ficar bem?

Normalmente ele teria ficado satisfeito com a preocupação dela, mas teria sido bem mais fácil desfrutar da atenção se tivesse alguma ideia do que ela estava falando.

– Como assim? – perguntou, com delicadeza.

– A malária – disse ela, com um toque de urgência. – Está encharcado e teve uma crise há pouco tempo. Não quero que você... – Ela se deteve, pigarreando e se empertigando. – Minha preocupação não significa que eu esteja mais inclinada do que há uma hora a ser caridosa com você, mas não quero que tenha uma recaída.

Por um instante ele pensou em mentir para despertar a compaixão dela, mas, em vez disso, apenas falou:

– Não é assim que funciona.

– Tem certeza?

– Absoluta. A friagem não desperta a doença.

– Ah. – Ela demorou um pouco para digerir a informação. – Bem, nesse caso... – As palavras dela ficaram em suspenso e os lábios se franziram numa

expressão não muito compassiva. – Continue o que estava fazendo, então – disse, por fim.

Michael bateu continência para ela de maneira insolente e voltou às botas, dando um bom puxão na segunda antes de pegar as duas pela borda, com cuidado, e colocá-las perto da porta.

– Não toque nelas – avisou, indo até a lareira. – Estão imundas.

– Não consegui acender o fogo – disse Francesca, ainda postada desconfortavelmente perto da lareira. – Sinto muito. Creio que não tenho muita experiência nessa área. Mas encontrei um pouco de lenha seca no canto.

Ela fez um sinal em direção à grade, onde colocara duas toras.

Ele se pôs a acender a chama, as mãos ainda ardendo dos arranhões que sofrera ao tirar o mato de dentro do galinheiro para acomodar Felix. Na verdade, sentiu-se grato pela dor. Por menor que fosse, lhe dava algo em que pensar além da mulher que estava atrás dele.

Ela estava irritada.

Ele devia ter esperado isso. Na verdade, *tinha* esperado, mas não contava que a reação dela fosse ferir tanto o seu orgulho e, para ser franco, o seu coração. Tinha consciência, é claro, de que ela não declararia amor eterno por ele após um único episódio de avassaladora paixão, mas fora tolo o bastante para que um pedacinho minúsculo de si desejasse isso, ainda assim.

Quem teria imaginado que, depois de tantos anos de mau comportamento, ele se revelaria um romântico inveterado?

Mas Francesca daria o braço a torcer, ele tinha quase certeza. Teria de dar. Ela se entregara – de forma bem completa, pensou ele, com alguma satisfação. E embora obviamente já não fosse virgem, isso ainda queria dizer alguma coisa para uma mulher de princípios como ela.

Agora ele tinha uma decisão a tomar: deveria esperar que a raiva dela passasse ou pressioná-la até ela aceitar a inevitabilidade da situação? A última opção provavelmente seria a mais desgastante, mas ele acreditava que era a que apresentava maior chance de sucesso.

Se a deixasse em paz, talvez ela começasse a refletir e possivelmente encontraria alguma forma de fingir que nada jamais acontecera.

– Conseguiu acender? – ele a ouviu perguntar do outro lado do aposento.

Michael abanou a fagulha por mais alguns segundos e deixou escapar um suspiro satisfeito quando as minúsculas chamas alaranjadas começaram a bruxulear e a se espalhar.

– Vou ter de ficar aqui um pouco mais – avisou ele, virando-se para olhá-la. – Mas, sim, logo o fogo deverá estar bastante forte.

– Ótimo – disse ela, sucintamente. Deu alguns passos para trás até estar encostada na cama. – Ficarei bem aqui.

Ele não pôde deixar de dar um sorriso irônico ao ouvir isso. A casa só tinha um cômodo. Aonde mais ela achava que iria?

– E você – acrescentou Francesca, com a expressão de uma governanta antipática – pode ficar bem aí.

Ele seguiu a linha de seu dedo em riste.

– É mesmo?

– Acho melhor.

Ele deu de ombros.

– Está bem.

Então se levantou e começou a tirar as roupas.

– O que está fazendo? – perguntou ela, sufocando um grito.

Ele sorriu para si mesmo, permanecendo de costas para ela.

– Me mantendo no meu canto – respondeu, descontraído, por cima do ombro.

– Está tirando as roupas – observou ela, conseguindo, de alguma forma, soar chocada e altiva ao mesmo tempo.

– E sugiro que você faça o mesmo – retrucou ele, franzindo a testa ao notar uma mancha de sangue na manga.

Droga, suas mãos estavam mesmo em péssimo estado.

– Com toda a certeza eu não farei uma coisa dessas – afirmou Francesca.

– Segure isto, sim? – disse ele, atirando-lhe a camisa.

Ela gritou quando a peça a atingiu no peito, o que deu a ele uma boa dose de satisfação.

– Michael! – exclamou, atirando o traje de volta para ele.

– Desculpe – respondeu ele, da maneira mais flagrantemente falsa que conseguiu. – Achei que talvez quisesse usar para se secar.

– Vista essa camisa.

– Para congelar? – perguntou ele, erguendo uma sobrancelha de forma arrogante. – Com malária ou sem malária, não tenho o menor desejo de pegar um resfriado. Além do mais, não é nada que você ainda não tenha visto. – Depois do grito abafado dela, ele acrescentou: – Não, espere. Desculpe. Você não viu. Eu não consegui despir nada além das calças ontem à noite, não foi?

– Saia – ordenou ela, a voz grave e furiosa.

Ele se limitou a rir e inclinou a cabeça em direção à janela, que tamborilava com o som da chuva se chocando contra o vidro.

– Não, Francesca. Sinto dizer que está presa aqui comigo enquanto a chuva durar.

Como para provar que o que ele dizia era verdade, o pequeno casebre estremeceu até os alicerces com a força do trovão.

– Talvez seja melhor se virar – disse Michael, em tom descontraído. Ela fez uma expressão de quem não havia compreendido o que ele dizia, então ele acrescentou: – Estou prestes a tirar as calças.

Francesca deixou escapar um pequeno grunhido de ultraje, mas se virou.

– Ah, e saia de cima do cobertor – ordenou ele, despindo as roupas ensopadas. – Está ficando encharcado.

Por um segundo Francesca pensou em plantar o traseiro ainda mais sobre a cama só para desafiá-lo, mas o bom senso acabou falando mais alto, pois ela se levantou e arrancou a coberta de cima da cama, sacudindo qualquer gota que pudesse ter deixado sobre ela.

Michael se aproximou rapidamente e pegou a outra coberta para si. Não era tão grossa quanto a que ela segurava, mas seria suficiente.

– Pode se virar – avisou quando já estava no seu canto.

Ela se virou. Lentamente e com apenas um olho aberto.

Michael lutou contra o impulso de balançar a cabeça para ela. Todo aquele pudor lhe parecia desnecessário, considerando o que acontecera na noite anterior. Mas se ela se sentia melhor se agarrando aos fiapos de sua virtude virginal, ele lhe concederia esse direito... ao menos pelo restante da manhã.

– Você está tremendo – observou ele.

– Estou com frio.

– É claro que está. Seu vestido está encharcado.

Ela não respondeu, apenas o fuzilou com um olhar que deixava claro que não pretendia tirar a roupa.

– Faça o que quiser, então – disse ele –, mas pelo menos venha se sentar perto do fogo.

Ela hesitou.

– Pelo amor de Deus, Francesca – falou Michael, a paciência se esgotando. – Prometo que não vou devorá-la. Pelo menos não agora, e não sem a sua permissão.

Por algum motivo, aquilo fez com que as faces dela queimassem ainda mais, mas ela deve ter dado algum crédito à palavra dele, pois atravessou o aposento e se sentou perto do fogo.

– Aquecida? – perguntou ele, apenas para provocá-la.

– Bastante.

Ele atiçou o fogo pelos minutos que se seguiram, ficando por perto para se certificar de que as chamas não se apagariam, e vislumbrava Francesca de perfil de vez em quando. Após algum tempo, depois que a expressão dela se abrandou um pouco, decidiu testar a própria sorte e disse, baixinho:

– Você acabou não respondendo à minha pergunta ontem à noite.

Ela não se virou.

– Que pergunta?

– Creio que a pedi em casamento.

– Não, não pediu – retrucou ela, com a voz bastante calma –, você disse que acreditava que deveríamos nos casar e, então, explicou por quê.

– Foi mesmo? – murmurou ele. – Que descuido o meu.

– *Não* ache que isso foi um convite para fazer o pedido agora – avisou ela de forma brusca.

– Prefere que eu desperdice este momento fabulosamente romântico? – indagou ele.

Michael não pôde ter certeza, mas achou que os lábios dela se retesaram com uma discreta sugestão de humor contido.

– Muito bem – falou em seu tom mais magnânimo –, não a pedirei em casamento. Esqueça que um cavalheiro insistiria nisso depois do que aconteceu...

– Se você fosse um cavalheiro – interrompeu ela –, não teria acontecido.

– Havia dois de nós presentes, Francesca – lembrou-lhe ele, com delicadeza.

– Eu sei – disse ela, e seu tom de voz era tão amargo que ele se arrependeu de a ter provocado.

Infelizmente, assim que tomou a decisão de não a atormentar mais, se viu sem mais nada para falar. O que não dizia nada de bom a respeito dele, mas era verdade. Assim, permaneceu em silêncio, enrolando mais a coberta em torno do corpo quase nu, olhando-a de vez em quando discretamente, tentando ver se ela estaria ficando resfriada.

Ele não falaria mais nada, mesmo que estivesse cheio de veneno a destilar, para lhe poupar os sentimentos, mas se a saúde dela estivesse em risco... bem, então ele não poderia garantir que ficaria calado.

Mas ela não tremia nem mostrava sinais de estar sentindo frio demais, a não ser pelo modo como segurava várias partes da saia em direção ao fogo, tentando, em vão, secar o tecido. De vez em quando, parecia prestes a dizer alguma coisa, mas logo voltava a fechar a boca, umedecendo os lábios com a língua e deixando escapar pequenos suspiros.

Então, sem nem mesmo olhá-lo, ela disse:

– Eu pensarei a respeito.

Ele arqueou uma das sobrancelhas, esperando que ela fosse em frente.

– Sobre me casar com você – esclareceu ela, ainda olhando para o fogo. – Mas não lhe darei uma resposta agora.

– É possível que já esteja grávida de um filho meu – disse ele baixinho.

– Estou perfeitamente ciente disso. – Ela passou os braços ao redor dos joelhos dobrados. – Eu lhe darei uma resposta assim que estiver pronta para isso.

Michael enterrou as unhas nas palmas das mãos. Fizera amor com ela, em parte, para forçar-lhe uma decisão a seu favor – não tinha como negar esse fato moralmente ofensivo –, mas não como tentativa de engravidá-la. Achou que a prenderia por paixão, não devido a uma gravidez inesperada.

E agora ela estava lhe dizendo, em resumo, que a única coisa que a faria se casar com ele seria o bem de um possível bebê.

– Compreendo – retrucou ele, achando que a voz saíra impressionantemente calma, considerando o ímpeto de fúria que corria em suas veias.

Fúria esta que provavelmente ele não tinha o menor direito de sentir, mas que ainda assim era uma realidade, e ele não era cavalheiro o suficiente para ignorá-la.

– É uma pena, então, eu ter prometido não devorá-la esta manhã – falou ameaçadoramente, incapaz de evitar o sorriso de predador.

Ela virou a cabeça para encará-lo.

– Eu poderia... como é mesmo que dizem? – refletiu ele, dando uma coçadinha no queixo. – Concluir o negócio. Ou, pelo menos, me divertir bastante no processo.

– Michael...

– Mas, felizmente, segundo o meu relógio... – interrompeu ele. Estava próximo o suficiente do paletó, sobre a mesa, para sacar o relógio de bolso. – Segundo o meu relógio, só faltam cinco minutos para o meio-dia.

– Você não faria uma coisa dessas – murmurou ela.

Mesmo sem achar muita graça de tudo aquilo, ele sorriu.

– Você não me dá muita escolha.

– Por quê? – disse ela.

Embora ele não soubesse o que de fato ela lhe perguntava, respondeu com a única verdade da qual não conseguia escapar:

– Porque é o que tenho de fazer.

Ela arregalou os olhos.

– Quer me beijar, Francesca? – perguntou ele.

Ela fez que não.

Estava a cerca de 1,5 metro de distância dele, ambos sentados no chão. Ele se aproximou mais, de quatro, com o coração disparando quando ela não se afastou.

– Vai me deixar beijá-la? – sussurrou.

Ela não se mexeu.

Ele inclinou o corpo em sua direção.

– Eu lhe disse que não a seduziria sem a sua permissão – lembrou ele, a voz rouca, a boca chegando a poucos centímetros dos lábios dela.

Mesmo assim, ela não se mexeu.

– Quer me beijar, Francesca? – repetiu ele.

Ela vacilou.

E ele soube que ela era sua.

CAPÍTULO 19

... acredito que Michael esteja pensando em voltar para casa. Não o diz diretamente, em suas cartas, mas não posso ignorar minha intuição de mãe. Eu sei que não deveria afastá-lo de todos os seus sucessos na Índia, mas acho que ele sente a nossa falta também. Não seria maravilhoso tê-lo em casa?

– de Helen Stirling para a condessa de Kilmartin, nove meses antes de o conde de Kilmartin retornar da Índia

Ao sentir os lábios dele tocarem os seus, Francesca só pôde se perguntar se perdera a sanidade. Mais uma vez, Michael pedira a sua permissão. Mais uma vez, ele lhe dera a oportunidade de se esquivar, de rejeitá-lo e de se manter a uma distância segura.

E, mais uma vez, a mente dela fora completamente escravizada pelo corpo e ela não fora forte o suficiente para negar a aceleração da respiração ou o ribombar do coração.

Ou o formigar lento e quente de ansiedade que sentiu quando aquelas mãos grandes e fortes foram deslizando pelo seu corpo, chegando cada vez mais perto da essência de sua feminilidade.

– Michael – sussurrou, mas ambos sabiam que seu apelo não era de rejeição.

Ela não o pedia para parar, e sim implorava que continuasse, que alimentasse sua alma como fizera na noite anterior, que lhe lembrasse de todos os motivos

pelos quais amava ser mulher e que lhe ensinasse a estonteante bênção de sua própria sensualidade.

A única resposta dele foi um gemido.

Os dedos se mantiveram ocupados com os botões do vestido e, embora o tecido ainda estivesse úmido e meio colado ao corpo dela, ele conseguiu tirá-lo em tempo recorde, deixando-a apenas com um fino chemise de algodão que a chuva tornara quase transparente.

– Você é tão linda... – murmurou ele, baixando os olhos para o contorno de seus seios, claramente definidos sob o algodão branco. – Não posso... Não consigo...

Ele não disse mais nada, o que ela achou intrigante, e olhou para o seu rosto. Aquelas não eram palavras fáceis para ele, constatou ela, surpresa. Michael lutava com alguma emoção que Francesca achava nunca ter visto nele antes.

– Michael? – sussurrou ela.

Pronunciou o nome dele como uma pergunta, embora não estivesse bem certa do que perguntava.

E ele não sabia como responder, ela percebeu. Pelo menos não com palavras. Tomou-a nos braços e a carregou até a cama, detendo-se na beirada do colchão para despi-la do chemise.

Era naquele instante que ela poderia parar, Francesca constatou. Poderia interromper aquilo. Michael a queria – desesperadamente, pelo que podia perceber, pois era bastante visível. Mas ele pararia se ela lhe pedisse.

Mas não podia. Por mais que sua mente tentasse ser racional e manter a clareza, os lábios não conseguiam deixar de se deslocar em direção aos dele, aproximando-se para um beijo desesperado.

Ela queria aquilo. Ela o desejava. E, embora soubesse que era errado, estava excitada demais para parar.

Ele a tornara uma devassa.

E ela queria se refestelar naquilo.

– Não – disse ela.

As mãos dele pararam onde estavam.

– Eu o farei – falou Francesca.

Os olhos dele encontraram os dela e ela se afogou em suas profundezas. Havia um milhão de perguntas ali, nenhuma das quais estava preparada para

responder. Mas havia uma coisa que sabia, embora jamais fosse pronunciar as palavras em voz alta. Se era para fazer aquilo, se era incapaz de negar o próprio desejo, então, por Deus, iria fazer aquilo de todas as formas possíveis. Iria tomar o que quisesse, agarrar o que lhe fosse necessário e, ao final de tudo, se conseguisse cair em si e colocar um fim àquela loucura toda, teria tido uma tarde erótica, um interlúdio espetacular durante o qual tudo estivera sob o seu controle.

Ele despertara a libertina que existia dentro dela, e ela queria vingança.

Com uma das mãos sobre o peito dele, ela o empurrou para cima da cama e ele a encarou com os olhos cheios de fogo, os lábios entreabertos de desejo enquanto a olhava, incrédulo.

Ela deu um passo para trás, então baixou a mão e segurou a bainha do chemise com leveza.

– Quer que eu tire? – sussurrou.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Fale – exigiu ela.

Queria saber se ele perdera a capacidade de falar. Queria saber se conseguiria levá-lo à loucura, deixá-lo à mercê das próprias necessidades como ele fizera com ela.

– Quero – ofegou Michael, a palavra saindo rouca e rasgada.

Francesca não era nenhuma inocente; fora casada por dois anos com um homem que possuía desejos saudáveis e ativos, um homem que a ensinara a celebrar o próprio corpo. Ela sabia ser atrevida, compreendia como aquilo tinha o poder de incitar o próprio senso de urgência, mas nada poderia tê-la preparado para aquele momento eletrizante, para a delícia decadente que era se despir para Michael.

Ou para o estonteante e súbito calor que sentiu ao erguer os olhos para observá-lo e constatar que ele a encarava.

Aquilo era poder.

E ela o amava.

Com lentidão deliberada, foi subindo a barra do chemise, começando logo acima do joelho e deslizando-a coxa acima até quase chegar aos quadris.

– Já chega? – provocou, lambendo os lábios num sensual meio sorriso.

Ele fez que não.

– Mais – exigiu.

Exigiu? Ela não gostou daquilo.
– Implore – sussurrou ela.
– Mais – pediu ele, com mais humildade.
Ela assentiu para ele em aprovação, mas antes de lhe permitir ver os pelos que cobriam a sua feminilidade, Francesca se virou, esvoaçando o chemise e passando-o por cima do traseiro, das costas e, por fim, pela cabeça.
A respiração dele escapava quente e pesada pelos lábios; ela conseguia ouvir cada sussurro. Ainda assim, não se virou. Em vez disso, deixou escapar um gemido lento e sedutor e deslizou as mãos pela lateral do corpo, curvando-se levemente para trás enquanto as passava por cima das nádegas e passando-as para a frente até chegar aos seios. Então, mesmo sabendo que ele não podia vê-la, apertou-os.
Ele sabia o que ela estava fazendo.
E aquilo o levaria à loucura.
Ouviu um farfalhar na cama, ouviu a estrutura de madeira ranger e ordenou:
– Não se mexa.
– Francesca – gemeu ele, e sua voz estava mais próxima.
Devia ter se sentado, devia estar prestes a estender a mão para tocá-la.
– Deite-se – disse ela suavemente, mas com um aviso contido.
– Francesca – repetiu ele, embora agora houvesse uma sugestão de desespero em sua voz.
Isso a fez sorrir.
– Deite-se – repetiu ela, ainda sem olhar para ele.
Ouviu-o ofegar. Sabia que ele não se mexera, que ainda tentava decidir o que fazer.
– Deite-se – disse ela, pela última vez. – Se me quiser.
Por um segundo ele ficou em silêncio, então ela o ouviu se acomodar na cama. Mas também o escutou respirar, agora de uma forma perigosamente irregular.
– Isso mesmo – murmurou ela.
Ela o torturou um pouco mais, passando as mãos com leveza pela pele, as unhas roçando a superfície e eriçando os pelos por onde passavam.
Ela gemeu em provocação.
– Francesca – implorou ele.

Ela passou as mãos pela barriga, então as escorregou para baixo, mas não tão profundamente a ponto de se acariciar – não estava certa de ser devassa o bastante para fazê-lo –, mas apenas o suficiente para cobrir o sexo, para deixar Michael às escuras, perguntando-se o que os dedos dela estariam fazendo.

Ela gemeu outra vez:

– Ohhhh.

Ele emitiu um som gutural, primitivo e completamente incompreensível. Estava se aproximando do limite; ela não seria capaz de contê-lo por muito mais tempo.

Olhou por cima do ombro, lambendo os lábios enquanto o fitava.

– Por que não tira isso? – disse ela, olhando para a virilha dele, ainda coberta. Ele não se despira por completo quando removera as vestes molhadas e seu membro forçava o tecido furiosamente. – Não está parecendo muito confortável – acrescentou, imprimindo à voz uma sutil insinuação de inocência.

Ele grunhiu alguma coisa e praticamente rasgou as roupas de baixo.

– Minha nossa! – exclamou Francesca, e embora tivesse planejado as palavras como parte de seu torturante ato de sedução, percebeu que estava sendo sincera ao pronunciá-las.

Ele se mostrou enorme e poderoso, e ela sabia que estava jogando um jogo perigoso ao levá-lo a seu limite.

Mas não conseguia parar. Sentia-se gloriosa com o poder que tinha sobre ele.

– Que lindo – ronronou, deixando os olhos percorrerem o corpo dele de cima a baixo e parando em seu membro.

– Frannie – implorou ele –, já chega.

Ela olhou dentro dos olhos dele.

– Você obedece a *mim*, Michael – avisou ela, com uma doce autoridade. – Se me quiser, pode me ter. Mas sou eu quem manda.

– Fr...

– Essas são as minhas condições.

Ele permaneceu imóvel, então aquiesceu. Não se deitou. Apenas permaneceu sentado, com o tronco levemente inclinado para trás, as mãos apoiadas no colchão. Cada um de seus músculos estava retesado e os olhos tinham uma expressão felina, como se estivesse pronto para saltar sobre a presa.

Ele era, ela se deu conta, estremecendo de desejo, simplesmente magnífico.

E era dela.

– O que devo fazer agora? – perguntou a si mesma em voz alta.

– Venha aqui – respondeu ele, asperamente.

– Ainda não – sussurrou Francesca, virando-se até estar de perfil para ele.

Viu o olhar de Michael se dirigir para seus mamilos eretos, viu os olhos escurecerem enquanto ele lambia os lábios. Sentiu os seios enrijecerem ainda mais quando a imagem mental da língua dele sobre ela fez com que uma nova onda de calor percorresse o seu corpo.

Levou uma das mãos ao seio, segurou-o por baixo e ergueu-o como se fosse uma deliciosa oferenda.

– É isto que você quer? – sussurrou.

A voz dele não passava de um rosnado:

– Você sabe o que eu quero.

– Hum, sei... – murmurou ela. – E enquanto isso? As coisas não são melhores quando somos forçados a esperar por elas?

– Você não tem ideia – disse ele, rudemente.

Ela baixou os olhos para os seios.

– Eu me pergunto o que aconteceria se eu fizesse... isto – disse ela, então levou os dedos aos mamilos e acariciou-os, o corpo se contorcendo enquanto o movimento enviava calafrios até o centro de seu ser.

– Frannie – gemeu Michael.

Ela ergueu os olhos para ele. Seus lábios estavam entreabertos e os olhos, vidrados de desejo.

– Hum, que delícia – comentou Francesca, quase maravilhada. Nunca se tocara daquela forma, nem mesmo pensara em fazê-lo até aquele momento, com Michael assistindo. – Que delícia – repetiu, levando a mão livre ao outro seio e acariciando os dois ao mesmo tempo. Ergueu-os e os uniu, as mãos formando um sedutor corpete.

– Ah, meu Deus – gemeu Michael.

– Não tinha ideia de que podia fazer isto – disse ela, arqueando as costas.

– Eu sei fazer melhor – arfou ele.

– Hum, provavelmente sim – disse ela. – Tem muita experiência, não é?

E ela lhe lançou um olhar de sofisticada elegância, como se estivesse à vontade com o fato de ele ter seduzido inúmeras mulheres. E a estranha verdade

era que, até aquele exato momento, estava mesmo à vontade com isso.

Mas agora...

Agora ele lhe pertencia. Era seu e ela podia deleitar-se com ele à vontade. Contanto que o tivesse exatamente onde queria, ele não pensaria nessas outras mulheres. Elas não estavam naquele quarto. Ali eram apenas ela, Michael e o calor abrasador que só fazia aumentar entre os dois.

Francesca chegou mais perto da cama e repeliu a mão de Michael quando ele a estendeu em sua direção.

– Se eu o deixar me tocar, você me promete uma coisa? – sussurrou ela.

– Qualquer coisa.

– Você só pode fazer o que eu lhe permitir e nada mais – disse ela, num tom quase oficial.

Ele assentiu com a cabeça.

– Recoste-se – ordenou ela.

Michael obedeceu.

Ela subiu na cama sem deixar que seus corpos se tocassem. Ficou de quatro por cima dele e então disse suavemente:

– Uma das mãos, Michael. Pode usar uma das mãos.

Com um gemido que pareceu vir das profundezas de seu ser, ele estendeu o braço em direção a ela, a mão grande o bastante para agarrar o seio inteiro.

– Ah, meu Deus – ofegou, o corpo se contraindo com movimentos involuntários enquanto o apertava. – As duas mãos, por favor – implorou.

Ela não conseguiu resistir. Aquele simples toque a estava incendiando e, mesmo enquanto desejava exercitar seu poder sobre ele, não podia dizer não. Assentindo com a cabeça porque mal conseguira falar, arqueou as costas e, subitamente, as duas mãos estavam nela, amassando, acariciando, num frenesi maravilhoso.

– O bico – sussurrou ela. – Faça o que eu fiz.

Ele sorriu discretamente, dando a ela a impressão de que já não tinha a situação tão sob controle assim, mas fez o que ela mandou.

E, conforme prometera, era melhor naquilo do que ela.

O corpo dela estremeceu por inteiro e ela quase perdeu a força para se manter naquela posição.

– Coloque na boca – ordenou Francesca, embora a voz já não estivesse tão autoritária.

Ela estava implorando e ambos sabiam disso.

Mas ela queria aquilo. Demais. John, apesar de todo o seu entusiasmo na cama, jamais se deleitara com os seus seios como Michael fizera na noite anterior. Nunca os chupara, jamais lhe mostrara como lábios e língua podiam fazer o seu corpo todo se contorcer. Francesca nem mesmo sabia que um homem e uma mulher podiam fazer uma coisa assim.

Mas, agora que sabia, não conseguia parar de fantasiar a respeito.

– Abaixe-se mais – pediu Michael –, se quiser que eu continue deitado.

Ainda de quatro, ela desceu o corpo, permitindo que um dos seios balançasse próximo à boca dele.

A princípio ele nada fez, forçando-a a se abaixar mais e mais, até o mamilo roçar de leve em seus lábios.

– O que quer, Francesca? – perguntou ele, o hálito quente e úmido na pele dela.

– Você sabe – sussurrou ela.

– Fale outra vez.

Ela já não mandava mais em nada. Sabia disso, mas não se importava. A voz dele trazia uma leve sugestão de autoridade, mas ela estava envolvida demais para fazer qualquer coisa senão obedecer.

– Coloque na boca – repetiu.

Ele ergueu a cabeça e os lábios abocanharam o seio dela, puxando-a para baixo até ela se encontrar na posição adequada para que ele se deleitasse com toda a calma. Fazia cócegas e provocava, e ela se sentia mergulhar cada vez mais profundamente em seu encanto, perdendo a vontade própria e a força, não desejando mais do que se deitar e permitir que ele fizesse dela o que quisesse.

– E agora? – perguntou ele, sem soltá-la. – Quer mais? Ou... – Ele fez círculos com a língua de uma maneira especialmente perversa – ... alguma outra coisa?

– Outra coisa – arfou ela, desesperada.

– Você é quem manda – disse ele, a voz contendo uma sutil insinuação de zombaria. – Estou sob seu inteiro comando.

– Eu quero... Eu quero... – Estava ofegante demais para terminar a frase.

Ou talvez não soubesse o que queria.

– Quer que eu lhe ofereça algumas escolhas?

Ela fez que sim.

Ele foi descendo o dedo pela barriga dela até chegar ao sexo.

– Eu poderia tocá-la aqui – disse ele, com um sussurro diabólico –, ou, se preferir, poderia beijá-la.

O corpo dela ficou rijo diante da ideia.

– Mas isso apresenta outras perguntas, ainda – continuou ele. – Quer se recostar e permitir que eu me ajoelhe entre as suas pernas ou ficar em cima de mim e se abaixar sobre a minha boca?

– Ah, meu Deus!

Ela não sabia. Simplesmente não conseguia decidir.

– Ou – prosseguiu ele, pensativo – poderia me levar à sua boca. Eu, com certeza, adoraria.

Francesca sentiu os lábios se entreabrirem diante do choque e não pôde se furtar de olhar para o membro dele, intumescido e pronto para ela. Beijara John ali uma ou duas vezes, quando se sentira especialmente ousada, mas colocá-lo dentro da boca?

Era escandaloso demais. Até mesmo em seu atual estado de devassidão.

– Não – disse Michael, com um sorriso divertido. – Em outra ocasião, talvez. Percebo que será uma aluna de grande habilidade.

Francesca assentiu com a cabeça, incapaz de acreditar no que estava prometendo.

– Então, por ora – disse ele –, estas são as nossas opções, ou...

– Ou o quê? – perguntou ela, a voz pouco mais do que um sussurro áspero.

As mãos dele pararam sobre os seus quadris.

– Ou poderíamos ir direto ao prato principal – respondeu ele em tom de comando, exercendo uma pressão suave mas constante sobre ela, conduzindo-a em direção à prova de seu desejo. – Poderia montar em mim. Já fez isso antes?

Ela balançou a cabeça em negativa.

– Quer fazer?

Ela assentiu.

Uma das mãos deixou os quadris dela e encontrou a sua nuca, puxando-a para baixo até estarem nariz com nariz.

– Eu não sou um pônei dócil – avisou ele, suavemente. – Preciso lhe avisar que terá de se esforçar para se manter na sela.

– Eu quero – sussurrou ela.

– Está pronta para mim?

Ela fez que sim.

– Tem certeza? – sussurrou ele, os lábios se curvando apenas o bastante para provocá-la.

Ela não sabia ao certo o que ele estava lhe perguntando e Michael sabia disso.

Francesca se limitou a fitá-lo, abrindo mais os olhos em sinal de pergunta.

– Você está molhada? – murmurou ele.

As faces dela ficaram mais quentes ainda, e ela fez que sim.

– Tem certeza? – questionou ele. – Acho que eu deveria verificar, só para me certificar.

Francesca ficou sem fôlego enquanto observava a mão dele percorrer o caminho de sua coxa até o seu sexo. Michael se moveu lenta e deliberadamente, estendendo a tortura da ansiedade. Então, quando ela achou que iria gritar, ele a tocou, um dos dedos fazendo círculos preguiçosos sobre a carne macia.

– Muito bom – ronronou ele.

– Michael.

Mas ele estava se divertindo demais na posição em que se encontrava para permitir que ela apressasse as coisas.

– Não estou bem certo – disse ele. – Aqui você está pronta, mas e... aqui?

Francesca quase gritou quando o dedo dele deslizou para dentro dela.

– Ah, sim – murmurou ele. – E você gosta disto.

– Michael... Michael... – Era só o que ela conseguia dizer.

Ele introduziu mais um dedo.

– Tão quente... – sussurrou. – Sua verdadeira essência.

– Michael...

Os olhos dele encontraram os dela.

– Você me quer? – perguntou ele, a voz firme e direta.

Ela fez que sim.

– Agora?

Ela assentiu de novo, dessa vez com mais vigor.

Os dedos escorregaram para fora e as mãos encontraram os quadris dela outra vez, guiando-a para baixo... e para baixo... até ela sentir a ponta do membro dele em sua abertura. Ela tentou descer o corpo de maneira a se abaixar até ele, mas ele a segurou no lugar.

– Não tão rápido – sussurrou ele.

– Por favor...

– Deixe-me movê-la – disse ele, e as mãos empurraram os quadris dela suavemente, movendo-a para baixo até ela se sentir ser aberta por ele.

Francesca teve a sensação de que ele era enorme e que tudo era diferente naquela posição.

– Está bom? – perguntou ele.

Ela assentiu.

– Mais?

Francesca fez que sim mais uma vez.

Ele continuou a tortura, mantendo-se imóvel mas movimentando o corpo dela sobre o dele, cada centímetro seu deslizando para dentro dela, roubando-lhe o fôlego, a voz, a capacidade de pensar.

– Deslize para cima e para baixo – ordenou ele.

Ela o encarou de olhos arregalados.

– Você consegue – disse ele, baixinho.

E ela obedeceu, testando o movimento, gemendo diante do prazer daquela fricção, ofegando ao se dar conta de que descia cada vez mais sobre ele, que ele ainda não estava completamente dentro de seu corpo.

– Me envolva por completo – mandou ele.

– Não consigo.

E não conseguia mesmo. Não havia como. Ela sabia que o fizera na noite anterior, mas aquilo era diferente. Ele simplesmente não cabia.

Ele apertou os quadris dela e arqueou os seus com um solavanco entorpecedor, e ela se viu completamente sentada sobre ele, pele com pele.

E mal conseguia respirar.

– Ah, meu Deus – gemeu ele.

Então ela ficou sentada ali, embalando o corpo para a frente e para trás, sem saber ao certo o que fazer.

Ele respirava com dificuldade, e começou a contorcer o corpo sob o dela. Francesca o agarrou pelos ombros numa tentativa de se firmar, de se manter sentada, e, ao fazê-lo, pôs-se a se movimentar para cima e para baixo para assumir o controle, buscando o prazer para si.

– Michael, Michael – gemia, o corpo começando a se agitar, incapaz de se manter ereto, incapaz de se manter forte contra o desejo que o varria.

Ele apenas grunhia, o corpo saltando por baixo dela. Conforme prometera, não era dócil nem manso. Forçou-a a se empenhar pelo próprio prazer, a se segurar com força, a se mover ao mesmo tempo que ele, de encontro a ele e então...

Um grito saiu, como se arrancado, da garganta dela.

E o mundo simplesmente desmoronou.

Ela não sabia o que fazer, não sabia o que dizer. Soltou os ombros dele enquanto o corpo se esticava e arqueava, cada músculo se retesando de maneira impossível.

E, por baixo dela, ele explodiu. O rosto se contorceu, seus quadris levantaram os dois da cama e ela sabia que ele se despejava para dentro dela. O nome de Francesca veio aos lábios dele e ali ficou, sendo repetido e repetido, de modo mais e mais suave até se tornar o mais leve sussurro. E quando ele terminou, disse apenas:

– Deite-se comigo.

E ela se deitou. E dormiu.

Pela primeira vez em dias, dormiu profundamente.

E jamais soube que ele permaneceu acordado o tempo todo, com os lábios encostados em sua têmpora e a mão em seus cabelos.

Sussurrando o seu nome.

E sussurrando também outras palavras.

CAPÍTULO 20

... Michael fará o que quer. É o que sempre faz.

– da condessa de Kilmartin para Helen Stirling,
três dias após a carta de Helen

Os dias que se seguiram não trouxeram nenhuma paz para Francesca. Quando conseguia pensar racionalmente, tinha a impressão de que deveria ter achado algumas respostas, de que deveria ter encontrado alguma lógica, algo que lhe dissesse o que fazer, como agir, que tipo de escolha devia fazer.

Mas não. Nada.

Fizera amor com ele duas vezes.

Duas vezes.

Com Michael.

Isso, por si só, deveria ter ditado suas decisões, convencido Francesca a aceitar o pedido dele. Deveria ter tornado as coisas claras. Ela dormira a seu lado. Era possível que estivesse grávida, embora lhe parecesse uma possibilidade remota, visto que demorara dois anos inteiros para engravidar de John.

Mas, mesmo sem considerar a gravidez, sua decisão deveria ter sido óbvia. No seu mundo, na sua sociedade, os tipos de intimidades com os quais se ocupara queriam dizer uma única coisa.

Deveria se casar com ele.

E, no entanto, não conseguia dizer *sim*. Cada vez que achava ter se convencido de que era o que tinha de fazer, uma voz dentro dela pedia cautela e ela então parava, incapaz de ir em frente, temerosa demais para mergulhar nos próprios sentimentos, para tentar compreender por que estava tão paralisada.

Michael não entendia, é claro. Como poderia, quando ela própria não conseguia compreender?

– Visitarei o vigário amanhã pela manhã – murmurou ele em seu ouvido, enquanto a ajudava a montar outro cavalo do lado de fora do casebre do jardineiro.

Ela acordara sozinha, em algum momento do final da tarde, com um bilhete dele sobre o travesseiro a seu lado, explicando que levara Felix de volta a Kilmartin e que retornaria em breve com outro cavalo.

Um cavalo só, forçando-a mais uma vez a dividir a sela, dessa vez empoleirada atrás dele.

– Não estou pronta – dissera ela com uma súbita onda de pânico. – Não vá vê-lo. Ainda não.

Uma sombra descera sobre o rosto dele, mas Michael não permitira que o mau humor aflorasse.

– Discutiremos isso mais tarde – retrucou.

E seguiram para casa em silêncio.

Ela tentou escapar para o quarto assim que chegaram a Kilmartin, resmungando que precisava de um banho, mas ele lhe agarrou a mão com firmeza e ela se viu a sós com ele mais uma vez – e, de todos os lugares, na sala rosada, com a porta firmemente fechada.

– Que história é essa? – perguntou Michael.

– Sobre o que está falando? – disse ela, tentando ganhar tempo.

Tentando, desesperadamente, não olhar para a mesa atrás dele, sobre a qual ele a posicionara na noite anterior para fazer com ela coisas impronunciáveis.

A lembrança, por si só, era o bastante para fazê-la estremecer.

– Você sabe do que estou falando – retrucou ele, impaciente.

– Michael, eu...

– Vai se casar comigo?

Deus, como ela queria que ele não tivesse sido tão direto... Era tudo tão mais fácil de evitar quando as palavras não eram pronunciadas em voz alta...

– Eu... eu...

– Vai se casar comigo? – repetiu ele, e dessa vez as palavras saíram duras.

– Eu não sei. Preciso de mais tempo.

– Tempo para quê? – vociferou ele. – Para eu me empenhar um pouco mais em engravidá-la?

Ela se encolheu como se tivesse levado um golpe.

Ele avançou em sua direção.

– Porque eu posso fazê-lo. Posso possuí-la neste instante, voltar a fazê-lo esta noite e, depois, três vezes amanhã se for preciso.

– Michael, pare... – sussurrou ela.

– Nós fizemos amor – disse ele, as palavras saindo de sua boca com uma estranha urgência. – Duas vezes. Você não é nenhuma inocente. Sabe o que isso significa.

Justamente por não ser nenhuma inocente – e ninguém jamais esperaria que ela fosse – ela foi capaz de dizer:

– Eu sei. Mas isso não importa. Não se eu não conceber.

Michael sibilou uma palavra que ela jamais sonhara que ele fosse capaz de dizer em sua presença.

– Preciso de tempo – repetiu ela, abraçando o próprio corpo.

– Por quê?

– Não sei. Para pensar. Colocar as ideias em ordem. Não sei.

– Mas que diabo ainda há para pensar? – vociferou ele.

– Bem, em primeiro lugar, se você daria ou não um bom marido – devolveu ela, com a ira finalmente despertada.

Ele recuou.

– Que diabo quer dizer com isso?

– Para início de conversa, temos o modo como você sempre se comportou em relação às mulheres – respondeu ela, estreitando os olhos. – Não foi nenhum modelo de retidão cristã.

– Isto vindo da mulher que me mandou tirar a roupa hoje à tarde? – provocou ele.

– Não seja baixo – disse ela, diminuindo a voz.

– Não me provoque.

A cabeça de Francesca começou a latejar e ela pressionou os dedos de encontro às têmporas.

– Pelo amor de Deus, Michael, não pode me deixar pensar? Não pode me dar algum tempo?

Mas a verdade era que estava apavorada com a possibilidade de pensar. O que haveria de descobrir? Que era uma depravada? Que sentira uma emoção primitiva com aquele homem, uma sensação explosiva e escandalosa que nunca estivera presente com o marido, a quem ela amara com cada fibra de seu ser?

Ela sentira prazer com John, mas nada como aquilo.

Nem ao menos sonhara que *aquilo* existia.

E, no entanto, o encontrara com Michael.

Seu amigo também. Seu confidente.

Seu amante.

Meu Deus, no que aquilo a transformava?

– Por favor – sussurrou ela, por fim. – Por favor. Eu preciso ficar sozinha.

Michael a fitou por um longo tempo, o suficiente para ela querer sair correndo, mas finalmente se limitou a praguejar baixinho e saiu da sala pisando duro.

Ela se atirou no sofá e deixou a cabeça pender nas mãos. Mas não chorou.

Não derramou uma única lágrima. E, por mais que tentasse, não compreendia por quê.

Ele jamais entenderia as mulheres.

Praguejou furiosamente enquanto arrancava as botas, depois atirou-as de encontro à porta do armário.

– Milorde? – chamou o hesitante camareiro através da porta aberta do quarto de vestir.

– Agora não, Reivers – vociferou Michael.

– Certo – disse o camareiro depressa, correndo até o outro lado do aposento para pegar as botas. – Vou só pegar isto para limpar.

Michael praguejou outra vez.

– Hã... talvez seja melhor queimá-las – falou Reivers, em seguida engoliu em seco.

Michael se limitou a fitá-lo e a grunhir.

Reivers fugiu dali, mas esqueceu-se de encostar a porta ao passar.

Michael a chutou para fechá-la, praguejando outra vez por não ter ficado satisfeito o suficiente com o estrondo da batida.

Ao que parecia, até as pequenas satisfações da vida lhe estavam sendo negadas.

Caminhou, inquieto, de um lado para outro, sobre o grosso tapete cor de vinho, parando apenas ocasionalmente à janela.

Era impossível compreender as mulheres. Jamais fingira possuir tal capacidade. Mas pensara entender Francesca. Pelo menos o suficiente para acreditar que ela se casaria com qualquer homem com o qual dormira duas vezes.

Uma vez ela podia atribuir a um erro. Mas duas...

Jamais permitiria que um homem a possuísse duas vezes a não ser que tivesse alguma estima por ele.

Mas, pensou Michael com um careta, talvez as coisas não fossem assim.

Pelo visto, estava disposta a usá-lo apenas para o próprio prazer. Meu Deus, fora isso que ela fizera. Tomara o controle da situação, fizera o que desejava, abrindo mão desse controle apenas quando as chamas entre os dois chegaram a um ponto insuportável.

Ela o usara.

E ele jamais a teria imaginado capaz disso.

Teria ela sido daquela forma com John? Teria assumido o controle? Teria...

Ele parou.

John.

Esquecera-se de John.

Como era possível?

Por anos, a cada vez que vira Francesca, a cada vez que inclinara o corpo para a frente e inspirara o seu inebriante aroma, John estivera presente.

Mas, desde o momento em que ela entrara na sala de visitas rosada na noite anterior, quando ele escutara seus passos às suas costas e dissera que eles deveriam se casar, esquecera-se de John.

Sua memória jamais desapareceria. Era querido demais, importante demais para ambos. Mas em algum momento, em algum ponto durante o percurso até a Escócia, Michael finalmente se permitira pensar...

Eu poderia me casar com ela. Poderia pedi-la em casamento.

E ao se dar tal permissão, cada vez menos tinha a sensação de estar roubando-a da memória do primo.

Michael não havia pedido para ser colocado na posição em que estava. Nunca desejara o condado. Nem mesmo desejara Francesca de verdade, sempre aceitara que ela jamais lhe pertenceria.

Mas John havia morrido. *Morrido.*

E a culpa não era de ninguém.

John estava morto e a vida de Michael mudara de todas as formas imagináveis exceto uma.

Ainda amava Francesca.

Deus, como a amava.

Não havia motivo pelo qual não poderiam se casar. Não havia leis, costumes, nada além da própria consciência, que, de forma um tanto súbita, se calara a respeito.

Então Michael finalmente se permitiu pensar, pela primeira vez, na única pergunta que jamais se fizera.

O que John acharia daquilo tudo?

E ele se deu conta de que o primo teria dado a sua bênção. O coração de John era grande a esse ponto, seu amor por Francesca – e por Michael –, verdadeiro assim. Ele teria desejado que Francesca fosse amada da maneira que Michael a amava e a queria.

Teria desejado que Michael fosse feliz.

O único sentimento que Michael nunca achara ser possível aplicar a si mesmo.

A felicidade.

Francesca esperara que Michael fosse bater à sua porta, mas quando ouviu a batida saltou, surpresa, mesmo assim.

Seu choque foi muito maior quando abriu a porta e descobriu que precisava baixar o olhar consideravelmente para ver quem era. Não era Michael. Era só uma das criadas levando-lhe uma bandeja.

Estreitando os olhos, desconfiada, Francesca olhou de um lado para outro no corredor, convencida de que Michael estaria à espreita em algum canto escuro, apenas esperando o momento ideal para saltar sobre ela.

Mas ele não estava em lugar algum.

– O conde achou que a senhora poderia estar com fome – disse a criada, pousando a bandeja sobre a escrivaninha de Francesca.

Francesca buscou dentre os itens algum bilhete, uma flor, algo que indicasse as intenções de Michael, mas não havia nada.

E não houve nada pelo resto da noite, tampouco na manhã seguinte.

Nada além de uma bandeja com o desjejum e outra reverência por parte da criada, com mais um “O conde achou que a senhora poderia estar com fome”.

Francesca havia pedido tempo para pensar e isso parecia ser exatamente o que estava recebendo.

E estava sendo horrível.

É claro que teria sido pior se ele tivesse ignorado sua vontade, não lhe permitindo ficar só. Ela claramente não podia confiar em si mesma na presença dele. E tampouco confiava nele, com aquela aparência sedutora e as perguntas sussurradas.

Quer me beijar, Francesca? Permite que eu a beije?

Ela não conseguia lhe dizer não, não quando estava tão próximo, com aqueles olhos profundos a observá-la com uma intensidade tão ardente.

Ele a hipnotizava. Só podia ser essa a explicação.

Colocou um vestido diurno que lhe cairia bem ao ar livre. Não desejava permanecer presa no quarto, mas tampouco pretendia perambular pelos corredores de Kilmartin prendendo a respiração ao dobrar cada esquina, esperando que Michael surgisse à sua frente.

Supunha que ele poderia encontrá-la ao ar livre se quisesse, mas para isso teria de fazer algum esforço.

Tomou café da manhã, surpresa por ter apetite sob tais circunstâncias, então deixou o quarto, balançando a cabeça para si mesma enquanto espiava

sorrateiramente o corredor, agindo quase como uma ladra ansiosa por escapar sem ser vista.

Tinha sido reduzida àquilo, pensou de mau humor.

Mas não o viu enquanto percorria o corredor e tampouco o viu nas escadas.

Não estava em nenhuma das salas de visitas ou nenhum dos salões, e, quando ela chegou à porta da frente, franziu a testa.

Onde estaria Michael?

Não desejava vê-lo, é claro, mas aquilo lhe pareceu um tanto anticlimático após tanta preocupação.

Colocou a mão na maçaneta.

Devia sair depressa. Devia sair agora, enquanto não houvesse perigo à vista e ela pudesse escapulir.

Mas se deteve.

– Michael?

Falou tão baixo que mal foi um som compreensível, o que não devia ter servido para nada. Mas não pôde evitar a sensação de que ele estava ali, a observá-la.

– Michael? – sussurrou, olhando de um lado para outro.

Nada.

Balançou a cabeça. Meu bom Deus, em que havia se transformado? Estava ficando muito fantasiosa. Até mesmo paranoica.

Com uma última olhada para trás, deixou a casa.

Não viu que ele a espiava de debaixo da escada em caracol, o rosto esboçando um sorriso discreto e verdadeiro.

Francesca permaneceu fora o máximo de tempo que lhe foi possível, finalmente cedendo a uma mistura de cansaço e de frio. Passou seis ou sete horas perambulando pela propriedade e ficara cansada, faminta e ansiosa por uma xícara de chá.

Além do mais, não havia como evitar a própria casa para sempre.

Assim, entrou tão silenciosamente quanto havia saído, planejando subir para o quarto, onde jantaria sozinha. Mas, antes que conseguisse chegar ao pé da

escada, ouviu seu nome.

– Francesca!

Michael. É claro que era Michael. Não podia esperar que a deixasse em paz para sempre.

Mas o estranho era que não sabia muito bem se estava irritada ou aliviada.

– Francesca – repetiu ele, aproximando-se da porta da biblioteca –, junte-se a mim.

Ele lhe soou amável – amável demais, se é que era possível – e, além disso, Francesca desconfiou da sua escolha de aposento. Não teria desejado atraí-la para a sala rosada, onde seria assaltada por lembranças de seu tórrido encontro? Não teria, pelo menos, escolhido o salão verde, que havia sido decorado num estilo opulento e romântico, cheio de divãs acolchoados e almofadas rechonchudas?

O que estaria fazendo na biblioteca, que era o lugar menos indicado em Kilmartin para se encenar uma sedução?

– Francesca? – chamou ele pela terceira vez, já demonstrando divertir-se com a sua indecisão.

– O que está fazendo aí? – perguntou ela, tentando não despertar suspeita.

– Tomando chá.

– Chá?

– Folhas fervidas em água – murmurou ele. – É possível que já tenha provado.

Ela franziu os lábios.

– Na biblioteca?

Ele deu de ombros.

– Me pareceu um lugar tão adequado quanto qualquer outro. – Deu um passo para o lado e fez um gesto largo com os braços indicando que ela entrasse. – Um lugar tão *inocente* quanto qualquer outro – acrescentou.

Ela tentou não ruborizar.

– Fez uma caminhada agradável? – indagou ele com uma voz perfeitamente normal.

– Hã... fiz.

– Está um dia encantador.

Ela concordou com a cabeça.

– Mas imagino que o terreno ainda esteja úmido em determinados lugares.

O que ele estaria aprontando?

– Chá? – perguntou.

Ela fez que sim, arregalando os olhos enquanto ele lhe servia. Homens *jamais* faziam isso.

– Eu tinha de me servir sozinho na Índia de vez em quando – explicou ele, lendo os pensamentos dela com perfeição. – Tome.

Ela aceitou a delicada xícara de porcelana e se sentou, permitindo que o calor do chá penetrasse através da porcelana e passasse para as suas mãos. Soprou o líquido de leve e provou um pouco, testando a temperatura.

– Biscoitos? – ofereceu Michael, estendendo-lhe um prato repleto de delícias confeitadas.

A barriga dela roncou e ela pegou um sem dizer nada.

– Estão gostosos – disse ele. – Comi quatro enquanto a esperava.

– Esperou por muito tempo? – perguntou ela, quase surpresa com o som da própria voz.

– Uma hora e pouco.

Ela bebericou o chá.

– Ainda está bem quente.

– Mandei encher o bule de novo a cada dez minutos – disse ele.

– Ah.

Tanta atenção era, se não exatamente surpreendente, ainda assim inesperada.

Michael levantou de leve uma das sobrancelhas, e ela não estava bem certa se o fizera de propósito. Sempre tinha tanto controle sobre as próprias expressões... Teria sido um apostador de primeira linha, se quisesse. Mas a sobrancelha esquerda era diferente; Francesca notara, havia anos, que ela às vezes se movimentava de forma involuntária. Sempre pensara naquilo como o seu segredinho, a sua janela particular para as engrenagens que faziam a mente dele funcionar.

Só que agora ela já não sabia se desejava abrir tal janela. Implicava uma proximidade com a qual já não se sentia tão confortável.

Sem contar que claramente permitira-se deixar enganar pela ideia de que talvez pudesse, algum dia, compreender as engrenagens que faziam a mente dele funcionar.

Ele pegou um biscoito da bandeja, lançou um olhar preguiçoso para uma gota de geleia de framboesa em seu miolo e o enfiou na boca.

– O que significa tudo isto? – perguntou ela, incapaz de conter a curiosidade por mais tempo.

Sentia-se como uma presa sendo engordada para o abate.

– O chá? – disse ele, assim que engoliu o biscoito. – É só um chá.

– *Michael.*

– Pensei que talvez estivesse com frio – explicou ele, dando de ombros. – Passou bastante tempo fora.

– Sabe quando saí?

Ele lançou-lhe um olhar sarcástico.

– Mas é claro.

Ela não se espantou. O fato de não ter se surpreendido foi a única coisa que a deixou surpresa, na verdade.

– Tenho algo para você – disse ele.

Ela estreitou os olhos.

– É mesmo?

– É tão surpreendente assim? – murmurou ele, estendendo o braço em direção ao assento ao seu lado.

Ela prendeu a respiração. *Não uma aliança. Por favor, uma aliança não. Ainda não.*

Não estava pronta para aceitar o pedido.

Tampouco estava pronta para não aceitá-lo.

Em vez disso, no entanto, ele colocou sobre a mesa um pequeno arranjo, cada flor mais delicada do que a outra. Ela nunca fora boa com flores, jamais se dera o trabalho de aprender seus nomes, mas havia uma branca de caule mais grosso, algumas avermelhadas e outras azuis. Todas elas tinham sido unidas de maneira bastante elegante com uma fita prateada.

Francesca se limitou a olhá-lo, incapaz de decidir como interpretar tal gesto.

– Pode tocá-lo – disse ele, insinuando algum divertimento na voz. – Não vai lhe transmitir nenhuma doença.

– Não – retrucou ela rapidamente, estendendo a mão em direção ao buquê –, é claro que não. Eu só... – Levou as flores ao rosto e inspirou, depois as abaixou, as mãos voltando ao colo.

– Você só o quê? – perguntou ele com cuidado.

– Não sei exatamente – respondeu ela. E era verdade. Não tinha a menor ideia de como completar aquela frase, se é que tivera a intenção de fazê-lo. Baixou os olhos para o pequeno arranjo e piscou diversas vezes antes de perguntar: – O que é isto?

– Costuma-se chamá-las de flores.

Ela ergueu os olhos, encontrando os dele de maneira completa e profunda.

– Não. *O que é isto?*

– O gesto, você quer dizer? – Ele sorriu. – Ora, eu a estou cortejando.

Ela entreabriu os lábios.

Michael tomou um gole do chá.

– É tão surpreendente assim?

Depois de tudo o que acontecera entre eles?

Era.

– Você não merece menos – disse ele.

– Pensei que sua intenção fosse...

Ela se interrompeu, ruborizando furiosamente. Ele tinha dito que sua intenção era possuí-la até engravidá-la.

Aliás, dissera que a possuiria três vezes hoje. Três vezes, prometera ele, e ainda estavam no zero e...

Suas faces queimavam e ela não pôde evitar a lembrança dele entre as suas pernas.

Meu Deus.

Mas – com a graça de Deus – a expressão dele permaneceu inocente e a única coisa que disse foi:

– Andei repensando as minhas estratégias.

Ela deu uma mordida frenética no biscoito. Qualquer desculpa para levar a mão ao rosto e esconder parte da vergonha que sentia.

– É claro que ainda planejo fazer o que disse antes – continuou ele, chegando o corpo para a frente com um olhar sedutor. – Afinal, sou um homem. E você, como acredito que já tenha ficado bem claro, é uma mulher.

Ela enfiou o resto do biscoito na boca.

– Mas eu achei que merecia mais – acrescentou ele, recostando-se com uma expressão amena, como se não tivesse acabado de provocá-la com uma

insinuação. – Não acha?

Não, ela não achava. Não mais, pelo menos. Era um pouco problemático isso.

Porque, sentada ali, enfiando comida na boca furiosamente, não conseguia desviar os olhos da boca dele. Daqueles lábios magníficos que sorriam para ela de forma lânguida.

Ouviu-se suspirar. Aqueles lábios haviam feito coisas tão maravilhosas com ela...

Com ela por inteiro. Com cada centímetro de seu corpo.

Por Deus, praticamente conseguia sentir tudo de novo naquele instante.

E o pensamento a fez se contorcer na cadeira.

– Você está bem? – perguntou ele, muito solícito.

– Ótima – disse ela, conseguindo de alguma maneira responder antes de engolir o chá.

– A cadeira está desconfortável?

Ela fez que não.

– Há algo que eu possa providenciar para você?

– Por que está fazendo isto? – perguntou ela, finalmente explodindo.

– Fazendo o quê?

– Sendo tão amável comigo.

Ele ergueu as sobrancelhas.

– E não deveria?

– Não!

– Eu não deveria ser amável.

Não era uma pergunta. Na verdade, era uma declaração divertida.

– Não foi isso que eu quis dizer – corrigiu ela, balançando a cabeça em uma negativa.

Ele a confundia e ela detestava aquilo. Não havia nada que valorizasse mais do que uma mente clara, e Michael conseguira lhe roubar isso com um único beijo.

E, em seguida, conseguira ainda mais.

Tanto mais...

Ela nunca mais seria a mesma.

Nunca mais seria sã.

– Você parece aflita – comentou ele.

Ela quis estrangulá-lo.

Ele inclinou a cabeça para o lado e sorriu.

Francesca quis beijá-lo.

Ele ergueu o bule de chá.

– Quer mais?

Por Deus, sim, e esse era o problema.

– Francesca?

Queria saltar por cima da mesa e se sentar em seu colo.

– Você está bem?

Estava ficando difícil respirar.

– Frannie?

Cada vez que ele falava, cada vez que movia a boca, cada vez que *respirava*, os olhos dela iam parar nos lábios dele.

Ela sentiu o impulso de lamber os próprios lábios.

E soube que ele sabia – com toda a experiência que possuía, com todo o seu prodigioso poder de sedução – exatamente como ela estava se sentindo.

Poderia tocá-la naquele momento e ela não o recusaria.

Poderia tocá-la e ela arderia em chamas.

– Eu tenho de ir – disse ela, mas as palavras saíram bruscas e sem convicção.

Tampouco ajudava o fato de ela não conseguir desviar os olhos dos dele.

– Há assuntos importantes à sua espera no quarto? – murmurou ele, quase sorrindo.

Ela fez que sim, mesmo sabendo que ele zombava dela.

– Vá, então – falou Michael, mas a voz era amena, pouco mais do que um ronronar sedutor.

De alguma forma ela conseguiu levar as mãos até a beirada da mesa. Agarrou a madeira dizendo a si mesma para tomar impulso e se afastar, para fazer alguma coisa, para se mexer.

Mas estava paralisada.

– Prefere ficar? – murmurou ele.

Ela fez que não. Ou, pelo menos, pensou fazê-lo.

Ele se levantou e se postou por trás da cadeira dela, inclinando-se para a frente para sussurrar em seu ouvido:

– Gostaria que eu a ajudasse a se levantar?

Ela mais uma vez fez que não e levantou praticamente de um pulo, a proximidade dele paradoxalmente rompendo o encanto que lançara sobre ela. Seu ombro se chocou contra o peito dele e ela cambaleou, apavorada com a possibilidade de que qualquer outro tipo de contato físico a levasse a fazer algo de que se arrependeria.

Como se já não tivesse feito o suficiente.

– Preciso subir – deixou escapar.

– Percebe-se – disse ele baixinho.

– Sozinha.

– Eu não sonharia em forçá-la a ter de suportar minha companhia por nem mais um minuto.

Ela estreitou os olhos. O que ele estaria aprontando? E por que diabo estava tão desapontada?

– Mas, quem sabe... – murmurou ele.

O coração dela deu um salto.

– ... quem sabe eu deva lhe oferecer um beijo de despedida – concluiu ele. – Na mão, é claro. Seria o mais apropriado.

Como se já não tivessem descartado todo o decoro.

Ele tomou os dedos dela com toda a suavidade entre os seus.

– Afinal, estamos fazendo a corte – disse ele. – Não estamos?

Ela olhou para ele, incapaz de desviar o olhar enquanto ele se curvava sobre a sua mão. Seus lábios roçaram sobre os seus dedos uma... duas vezes... então ele parou.

– Sonhe comigo – falou, suavemente.

Os lábios dela se entreabriram. Não conseguia parar de fitá-lo. Ele a hipnotizara, tornara a sua alma prisioneira. E ela não conseguia se mexer.

– A não ser que queira mais do que um sonho – sugeriu ele.

Ela queria.

– Quer ficar? – murmurou ele. – Ou deseja ir?

Ela ficou. Que Deus a ajudasse.

E Michael lhe mostrou quanto uma biblioteca podia ser romântica.

CAPÍTULO 21

... apenas um breve bilhete para que saiba que cheguei em segurança à Escócia. Devo dizer que estou satisfeita por estar aqui. Londres foi estimulante, como sempre, mas creio que precisava de um pouco de quietude. Sinto-me mais focada e mais em paz aqui no interior.

– da condessa de Kilmartin para a mãe, a viscondessa viúva Bridgerton, um dia após a sua chegada à Escócia.

Três semanas depois, Francesca continuava sem saber o que faria.

Michael mencionara a questão do casamento mais duas vezes e, a cada uma delas, ela conseguira evitar o assunto. Se considerasse o pedido, teria de pensar de verdade. Seria obrigada a pensar nele, em John e, pior de tudo, em si mesma.

E teria de descobrir exatamente o que estava fazendo. Ficava dizendo a si mesma que se casaria com ele apenas se estivesse grávida, e continuava voltando à sua cama e deixando que ele a seduzisse.

Bem, não era bem assim. Estava delirando se achava que precisava ser seduzida para ir para a cama com ele. Francesca é que se transformara na devassa da história, por mais que tentasse ignorar o fato dizendo a si mesma que perambulava pela casa à noite com roupas de dormir porque se sentia inquieta e não porque buscava a companhia dele.

Mas sempre o encontrava. Ou então sempre se colocava em alguma situação em que ele pudesse encontrá-la.

E nunca dizia não.

Michael estava ficando impaciente. Escondia-o bem, mas ela o conhecia melhor do que qualquer pessoa, e, embora ele insistisse que a estava cortejando, galanteando-a com frases e gestos românticos, Francesca percebia a impaciência surgindo em seu rosto. Ele dava início a conversas que, ela sabia, levariam ao tema casamento e ela sempre se esquivava antes que Michael pudesse mencionar a palavra.

Ele, por sua vez, permitia que ela mudasse de assunto, mas a expressão dos olhos se transformava e o maxilar ficava tenso. Então, quando a possuía – o que sempre fazia em momentos como aqueles –, era com urgência renovada e até mesmo um toque de raiva.

Mas, ainda assim, não o bastante para incitá-la a tomar uma atitude.

Ela não conseguia dizer sim. Não sabia por quê. Simplesmente não conseguia.

Tampouco conseguia dizer não. Talvez fosse uma devassa, uma libertina, mas não queria que aquilo acabasse. Nem a paixão nem, precisava admitir, a companhia dele.

Não era só o sexo, mas também os momentos que se seguiam, quando ela se aninhava nos braços dele, e Michael acariciava os seus cabelos suavemente. Às vezes ficavam em silêncio, mas às vezes conversavam, sobre qualquer coisa ou sobre tudo. Ele lhe contava sobre a Índia e ela lhe contava sobre sua infância. Ela lhe dava sua opinião sobre assuntos políticos e ele a ouvia. E ele lhe contava piadas diabólicas que homens jamais deveriam contar às mulheres e das quais as mulheres, sem dúvida, não deveriam gostar.

Então, uma vez que a cama parava de sacudir com as risadas dela, a boca de Michael encontrava a sua com um sorriso cravado nos lábios.

– Adoro sua risada – murmurava ele, e a puxava para si.

Ela suspirava, ainda rindo, e eles renovavam sua paixão.

E Francesca, mais uma vez, conseguia manter o resto do mundo a distância.

E então, um dia, ela sangrou.

Começou como sempre: apenas algumas gotas em sua roupa. Não deveria ter se surpreendido; seus ciclos podiam não ser regulares, mas sempre chegavam e ela já sabia que não era especialmente fértil.

Mas, ainda assim, de alguma forma, ela não estava esperando.

Aquilo a fez chorar.

Não foi nada muito dramático – seu corpo não foi sacudido pelos soluços e sua alma não foi consumida pelas lágrimas –, mas ela prendeu a respiração ao ver as minúsculas gotas de sangue e, antes de se dar conta, estava chorando.

Não sabia ao certo por quê.

Seria porque não haveria bebê ou – que Deus a perdoasse – porque não haveria casamento?

Michael entrou em seu quarto naquela noite, mas ela mandou que saísse explicando que não era o momento certo. Os lábios dele encontraram o seu ouvido e ele lembrou-a de todas as coisas perversas que poderiam fazer com ou sem sangue, mas ela se recusou e lhe pediu que se fosse.

Ele se mostrou desapontado, mas pareceu compreender. As mulheres podiam ser melindrosas com relação a tais coisas.

Mas quando Francesca acordou no meio da noite, desejou que ele a estivesse abraçando.

As regras não duraram muito tempo. E quando Michael lhe perguntou, discretamente, se o período já passara, ela não mentiu. Ele teria sabido de qualquer forma; sempre sabia.

– Que bom – disse ele, com um sorriso discreto. – Tenho sentido sua falta.

Francesca abriu a boca para lhe dizer que também sentira a falta dele, mas por algum motivo sentiu medo de pronunciar as palavras.

Ele começou a levá-la em direção à cama e eles foram tropeçando, seus corpos um nó de braços e pernas.

– Sonhei com você – disse ele com a voz rouca, as mãos erguendo-lhe o vestido até a cintura. – Todas as noites você vinha me ver em sonho. – O dedo dele encontrou a sua essência e mergulhou dentro dela. – Foram sonhos muito, muito bons – concluiu ele, a voz quente e despudorada.

Ela mordeu o lábio inferior, respirando em pequenos arquejos enquanto o dedo dele deslizava para fora e ele a acariciava bem onde sabia que a faria enternecer.

– Nos meus sonhos – murmurou Michael, os lábios quentes na orelha dela –, você fazia coisas indizíveis.

Ela gemeu diante da sensação. Ele conseguia fazer com que seu corpo despertasse com um simples toque, e Francesca ardia em chamas quando ele

falava daquele jeito.

– Coisas novas – murmurou ele, afastando ainda mais as pernas dela –, coisas que vou ter de lhe ensinar... hoje.

– Ah, Deus – arfou ela.

Ele deslocara os lábios até as coxas dela e ela sabia o que estava por vir.

– Mas, antes, um pouco do já provado e aprovado – continuou ele, os lábios lhe fazendo cócegas enquanto chegavam ao destino. – Temos a noite toda para explorar.

Então ele a beijou no centro de sua feminilidade, exatamente como sabia que ela gostava, imobilizando-a com as poderosas mãos enquanto os lábios a levavam mais e mais em direção ao ápice da paixão.

Mas, antes que ela chegasse ao máximo do prazer, ele se afastou e começou a puxar as presilhas das calças. Praguejou quando os dedos tremeram, quando o botão não abriu na primeira tentativa.

O que deu a Francesca tempo suficiente para parar e pensar.

A única coisa que realmente não queria fazer.

Mas sua mente era implacável e, antes de se dar conta do que estava fazendo, ela se levantara da cama gritando “Pare!” enquanto quase voava para o outro lado do quarto.

– O quê? – arquejou ele.

– Não posso fazer isso.

– Você não... – Ele se deteve, incapaz de finalizar a pergunta sem respirar fundo. – Como?

Michael enfim se entendera com as calças e agora elas estavam caídas no chão, deixando-a com uma visão impressionante de sua ereção.

Francesca desviou o olhar. Não podia olhá-lo. Não para o seu rosto e não para o seu...

– Não posso... – repetiu, a voz trêmula. – Não devo. Eu não sei.

– *Eu* sei – rosnou ele, dando um passo em sua direção.

– Não! – gritou ela, precipitando-se em direção à porta.

Brincara com fogo durante semanas, apostando com o destino e ganhando. Se havia um momento para fugir, era aquele. E, por mais difícil que fosse partir, sabia que precisava fazê-lo. Não era aquele tipo de mulher. Não podia ser.

– Não posso fazer isso – disse ela, agora encostada na dura madeira da porta. – Não posso. Eu... Eu...

Eu quero, pensou ela. Mesmo sabendo que não devia, não conseguia escapar do fato de que, ainda assim, queria. Mas se ela lhe dissesse isso, será que ele a faria mudar de ideia? Ele saberia fazê-lo. Ela sabia que sim. Um beijo, um toque e toda a determinação dela estaria perdida.

Michael praguejou e voltou a vestir as calças.

– Não sei mais quem sou – falou Francesca. – Não sou esse tipo de mulher.

– Que *tipo* de mulher? – indagou ele, asperamente.

– Uma libertina – sussurrou ela. – Uma devassa.

– Então case-se comigo – devolveu ele. – Quis torná-la respeitável desde o início, mas *você* recusou.

Ele estava certo e ela sabia. Mas a lógica não parecia ter lugar em sua mente e a única coisa em que ela conseguia pensar era: como poderia se casar com ele? Como poderia se casar com *Michael?*

– Não era para eu sentir *isso* por outro homem – disse ela, mal conseguindo acreditar que pronunciara aquelas palavras em voz alta.

– Sentir *o quê*? – perguntou ele, com urgência.

Ela engoliu, forçando-se a encará-lo.

– Paixão – admitiu.

O rosto dele assumiu uma expressão estranha, quase de nojo.

– Certo – disse, devagar. – É claro. Que bom que você me tem aqui para estar a seu serviço.

– Não! – gritou ela, horrorizada com o escárnio na voz dele. – Não é isso.

– Não?

– Não.

Mas ela não sabia o que era.

Ele respirou com dificuldade e se virou para longe dela, o corpo rijo de tensão. Francesca observou as costas dele com uma terrível fascinação, incapaz de desviar os olhos. A camisa estava solta e, apesar de não conseguir ver seu rosto, conhecia seu corpo, cada uma de suas curvas. Ele lhe pareceu desconsolado.

Exausto.

– Por que você fica? – perguntou ele em voz baixa, inclinando o corpo sobre a beirada do colchão.

– Co... como?

– Por que fica? – repetiu ele, as palavras ganhando volume sem que ele perdesse o controle. – Se me odeia tanto, por que fica?

– Eu não o odeio – disse ela. – Você sabe que eu...

– Eu não sei de nada, Francesca – vociferou ele. – Não a conheço mais.

Os ombros ficaram tensos enquanto os dedos penetravam o colchão. Os nós dos dedos estavam brancos.

– Eu não o odeio – repetiu ela, como se dizê-lo duas vezes pudesse tornar as palavras sólidas, palpáveis e reais, forçando-o a entender. – Não. Eu não o odeio.

Ele ficou em silêncio.

– Não é você, sou eu – continuou ela, agora com uma súplica na voz.

O que estava suplicando, não sabia dizer. Talvez que ele não *a* odiasse. Isso era algo que achava que não conseguiria tolerar.

Mas a única coisa que ele fez foi rir. Foi um som horrível, amargo e grave.

– Ora, Francesca – retrucou com condescendência. – Conheço essa fala. Já a disse um milhão de vezes às mulheres que eu não queria mais...

Os lábios dela formaram uma linha implacável e cruel. Não gostava de ser lembrada de todas as mulheres que a haviam precedido. Não queria saber sobre elas; não queria nem mesmo recordar sua existência.

– Por que você fica? – perguntou ele outra vez, finalmente encarando-a.

Ela quase caiu para trás diante do fogo que ardia em seus olhos.

– Michael, eu...

– Por quê? – exigiu ele, com uma fúria cortante.

O rosto estava raivoso e a mão dela instintivamente procurou a maçaneta.

– Por que você fica, Francesca? – perguntou ele mais uma vez, indo na direção dela com a graça predatória de um tigre. – Não há nada para você aqui em Kilmartin, nada além *disto.*

Ela sufocou um grito de surpresa quando Michael agarrou os seus ombros e os lábios dele encontraram os seus. Era um beijo de ira, de desespero brutal, mas, ainda assim, seu corpo traidor não queria nada além de fundir-se naqueles braços, de deixar que ele fizesse o que desejasse, dedicando toda a sua diabólica atenção a ela.

Ela o queria. Por Deus, até mesmo naquela situação ela o queria.

E temia que jamais aprenderia a dizer não.

Mas ele se afastou dela. *Ele* o fez. Não ela.

– É isso que você quer? – perguntou ele, a voz entrecortada e rouca. – Só isso?

Ela não respondeu. Nem mesmo se mexeu. Apenas o fitou com olhos confusos.

– *Por que você fica?* – insistiu ele, e ela soube que era a última vez que ele perguntaria.

Não tinha resposta.

Michael esperou vários segundos. Esperou que ela falasse até o silêncio se tornar cada vez mais pesado. Cada vez que Francesca abria a boca, nenhum som saía e ela não conseguia fazer nada além de ficar ali, de pé, tremendo enquanto olhava o seu rosto.

Praguejando ferozmente, ele lhe deu as costas.

– Saia – ordenou. – Já. Eu a quero longe desta casa.

– Co... Como?

Não podia acreditar que ele chegaria ao ponto de expulsá-la.

Ele não a olhou enquanto dizia:

– Se não consegue estar comigo, se não pode se doar para mim por completo, então a quero fora daqui.

– Michael?

Foi apenas um sussurro, se é que chegou a tanto.

– Não consigo tolerar uma relação pela metade – declarou ele, falando tão baixo que ela não estava certa de ter ouvido corretamente.

– Por quê? – Foi a única coisa que Francesca conseguiu dizer.

A princípio achou que ele não fosse responder. Sua postura se tornara incrivelmente tensa, então ele se pôs a tremer.

Ela levantou a mão para cobrir a boca. Estaria ele chorando? Poderia estar...

Rindo?

– Ah, Francesca... – disse ele, com uma risada amarga. – Eis aí uma boa pergunta. Por quê? Por quê? *Por quê?*

Ele pronunciou a mesma pergunta cada vez de uma forma diferente, como se estivesse testando as palavras, dirigindo-a a diversas pessoas.

– Por quê? – falou outra vez, aumentando o volume ao se virar para encará-la. – *Por quê?* Porque eu a amo, droga. Porque sempre a amei. Porque eu a amava quando estava com John e a amava quando eu estava na Índia, e Deus sabe que não a mereço, mas a amo ainda assim.

Francesca deixou o corpo desabar, ainda de encontro à porta.

– Não é engraçado? – disse ele. – Eu amo *você*. *Você*, a esposa do meu primo. *Você*, a única mulher que não posso ter. *Você*, Francesca Bridgerton Stirling, que...

– Pare – pediu ela, engasgando.

– Agora? Agora que eu enfim consegui começar? Ora, não vou parar agora – retrucou ele acenando os braços no ar de forma grandiosa, como um ator no palco. Aproximou-se dolorosa e penosamente até estar bem perto dela. E seu sorriso foi apavorante quando perguntou: – Já está horrorizada?

– Michael...

– Porque eu mal comecei – interrompeu ele, a voz abafando a dela. – Quer saber em que eu pensava enquanto você estava casada com John?

– Não – respondeu ela, desesperada, balançando a cabeça.

Ele abriu a boca para continuar, os olhos ainda brilhando, mas então algo aconteceu. Algo mudou. Estava em seus olhos. Continham tanta ira, tanto fogo, e de repente só...

Se apagaram.

Tornaram-se frios. Cansados.

Então ele os fechou. Parecia exausto.

– Vá – falou. – Agora.

Ela sussurrou o seu nome.

– Vá – repetiu ele, ignorando a súplica. – Se você não é minha, eu não a quero mais.

– Mas eu...

Ele caminhou até a janela e se encostou pesadamente no peitoril.

– Se é para isto terminar, você terá de fazê-lo. Terá de ir, Francesca. Porque agora... depois de tudo... Eu não sou forte o bastante para dizer adeus.

Ela permaneceu vários segundos imóvel, então, quando estava certa de que a tensão entre os dois aumentaria até chegar a um ponto insuportável, de alguma forma conseguiu se mover e saiu correndo do quarto.

Começou a correr.
E correu.
E correu.
Correu cegamente, sem pensar.
Correu para fora de casa, noite adentro, no meio da chuva.
Correu até os pulmões arderem. Até perder o equilíbrio, até tropeçar e escorregar na lama.
Correu até não conseguir mais, então se sentou, encontrando alento e abrigo no coreto que John construíra para ela anos antes, depois de atirar os braços para cima e anunciar que desistira de tentar controlar suas longas caminhadas e que, pelo menos daquela forma, ela teria um local ao ar livre para chamar de seu.
Ficou sentada ali durante horas, tremendo de frio, mas sem sentir nada. E a única coisa que fazia era se perguntar...
De que exatamente estava correndo?

Michael não tinha lembrança dos momentos que se seguiram à partida dela. Poderia ter sido um minuto, poderiam ter sido dez. Só pareceu despertar quando lembrou que quase destruíra a parede com um soco.
E, ainda assim, mal notou a dor.
– Milorde?
Era Reivers, enfiando a cabeça pela porta para perguntar o que tinha acontecido.
– Saia – rosnou Michael.
Não queria ver ninguém, não queria nem mesmo ouvir outra pessoa respirar.
– Mas quem sabe não seria melhor trazer um pouco de gelo para...
– Saia! – gritou Michael, com a sensação de que o corpo se tornava imenso e monstruoso ao se virar.
Queria machucar alguém.
Reivers saiu dali depressa.
Michael enterrou as unhas nas palmas das mãos, e continuou enterrando mesmo enquanto o punho direito começava a inchar. O movimento parecia ser a

única forma de manter o demônio que o habitava a distância, de impedi-lo de destruir o quarto com as próprias mãos.

Seis anos.

Ficou ali de pé, imóvel como uma rocha, com um único pensamento em mente.

Seis malditos anos.

Guardara aquilo para si durante seis anos; mantivera os sentimentos escondidos enquanto convivia com ela, sem jamais revelá-los a ninguém.

Por seis anos ele a amara, para que tudo terminasse *naquilo*.

Havia exposto o coração. Praticamente dera a Francesca uma faca e lhe pedira que o partisse.

Ah, não, Francesca, você pode fazer melhor do que isso. Pode estraçalhá-lo facilmente, em vez de só parti-lo em pedaços. Por que não faz isso de uma vez?

Quem quer que tivesse falado que era sempre melhor dizer a verdade era um idiota. Michael teria dado qualquer coisa para voltar no tempo e fazer aquilo tudo desaparecer.

Mas esse era o problema com as palavras.

Ele riu, amargo.

Não se podia tomá-las de volta.

Agora coloque os pedaços no chão. Isso mesmo, pisoteie. Não, com vontade. Mais forte do que isso, Frannie. Você consegue.

Seis anos.

Seis malditos anos, todos perdidos num único momento. Tudo porque ele achara que talvez tivesse o direito de ser feliz.

Deveria ter sido mais esperto.

E, para o gran finale*, ateie fogo no que sobrou. Isso, Francesca!*

Lá se foi o seu coração.

Baixou a vista para as mãos. As unhas haviam esculpido meias-luas nas palmas. Uma delas havia até rompido a pele.

O que iria fazer? Que *diabo* iria fazer agora?

Não sabia se poderia viver com Francesca agora que ela conhecia a verdade. Durante seis anos, cada um de seus pensamentos e atos havia girado em torno de se certificar de que ela não descobrisse. Todo homem possuía algum princípio para guiar sua vida, e esse fora o seu.

Certifique-se de que Francesca jamais descubra.

Sentou-se em sua poltrona, tendo dificuldade para conter a própria risada histérica.

Ah, Michael, pensou, a poltrona sacudindo sob o seu peso enquanto ele enterrava a cabeça nas mãos. *Bem-vindo ao resto de sua vida.*

∽

Por acaso, o seu segundo ato teve início muito antes do que esperava, com uma suave batida à porta, cerca de três horas mais tarde.

Michael ainda estava sentado na poltrona, agora com a cabeça apoiada no encosto. Estava nessa posição já havia algum tempo, o pescoço desconfortável mas imóvel, os olhos fitando, sem ver, um ponto qualquer da seda crua que forrava a parede.

Sentia-se alheio a tudo, distante, e, ao ouvir a batida, a princípio não reconheceu o som.

Então bateram outra vez, com insistência.

Quem quer que fosse, não iria embora.

– Entre! – gritou.

Era ela.

Francesca.

Deveria ter se levantado. Quis fazer isso. Mesmo depois do que acontecera, não a odiava, não desejava desrespeitá-la. Mas ela lhe arrancara tudo, até o último vestígio de força, e tudo o que conseguiu fazer foi erguer as sobrancelhas e dizer:

– O quê?

Ela entreabriu os lábios, mas nada disse. Estava molhada, ele constatou. Devia ter saído. Tolice sua, porque fazia frio.

– O que é, Francesca?

– Eu me caso com você – disse ela, tão baixinho que ele leu as palavras em seus lábios mais do que as ouviu. – Se ainda me quiser.

Seria de esperar que ele saltasse daquela poltrona. Que pelo menos se levantasse, incapaz de conter a alegria que o invadia. Seria de esperar que atravessasse o quarto, decidido, para erguê-la do chão e cobri-la de beijos, e

quem sabe deitá-la sobre a cama para selar o “sim” da forma mais primitiva possível.

Mas, em vez disso, permaneceu ali sentado, cansado demais para fazer mais do que perguntar:

– Por quê?

Ela se encolheu diante da suspeita que se revelou na voz dele, mas Michael não estava se sentindo especialmente caridoso naquele momento. Depois do que ela lhe fizera, podia sentir um pouco de desconforto também.

– Não sei – admitiu Francesca.

Estava muito quieta, imóvel, com os braços estendidos ao longo do corpo. Michael pôde ver que ela fazia um grande esforço para não se mexer.

Se o fizesse, ele suspeitou, sairia correndo dali.

– Vai ter de se empenhar um pouco mais – disse ele.

Ela mordeu o lábio inferior.

– Não sei – repetiu. – Não me faça tentar compreender.

Ele ergueu uma das sobrancelhas sarcasticamente.

– Não por ora, pelo menos – acrescentou ela.

– Não pode voltar atrás – declarou ele, baixinho.

Ela assentiu com a cabeça.

Ele se levantou, bem devagar.

– Não haverá como voltar atrás. Perder a coragem. Mudar de ideia.

– Não – disse ela. – Eu prometo.

E foi então que ele enfim se permitiu acreditar nela. Francesca não fazia promessas em vão. Jamais quebrava um juramento.

Ele atravessou o aposento em um instante, enlaçou-a com os braços e começou a beijar o rosto dela desesperadamente.

– Você será minha – disse. – Minha. Está entendendo?

Ela vez que sim, arqueando o pescoço enquanto os lábios dele desciam até chegar a seu pescoço.

– Se eu quiser amarrá-la à cama e mantê-la ali, eu o farei – jurou ele.

– Sim – arquejou ela.

– E você não se queixará.

Ela fez que não.

Michael puxou a camisola dela com os dedos, e o traje fino caiu no chão com impressionante rapidez.

– E você gostará disso – disse ele, com a voz rouca.

– Sim. Ah, *sim*.

Ele a deitou na cama. Não foi cuidadoso nem dócil, mas ela não pareceu querer isso, então Michael se atirou sobre ela como um homem faminto.

– Você será minha – repetiu ele, agarrando-lhe o traseiro e puxando-a para si. – Minha.

E ela foi. Por aquela noite, pelo menos, ela foi.

CAPÍTULO 22

... Estou certa de que tem tudo sob controle. Sempre tem.

– de Violet Bridgerton para a filha, a condessa de Kilmartin, imediatamente após o recebimento da carta da filha

A parte mais difícil em planejar um casamento com Michael, Francesca logo se deu conta, era descobrir o que dizer às pessoas.

Por mais difícil que tivesse sido para ela aceitar a ideia, não conseguia imaginar como os outros receberiam a notícia. Meu Deus, o que diria Janet? Ela havia sido totalmente a favor da decisão de Francesca de voltar a se casar, mas, com certeza, não pensara em Michael como candidato.

Ainda assim, mesmo enquanto estava sentada à escrivaninha havia horas, a caneta pairando sobre o papel, tentando encontrar as palavras exatas, algo dentro dela sabia que estava fazendo a coisa certa.

Ainda não sabia ao certo *por que* decidira se casar com ele. E também não sabia como deveria se sentir em relação à impressionante revelação de que ele a amava, mas de alguma forma sabia que desejava ser sua esposa.

Mas isso não tornava mais fácil contar a todos.

Francesca se encontrava sentada em seu escritório, escrevendo para a família – ou, melhor, amassando as folhas de papel após cometer algum erro e atirando-as no chão –, quando Michael entrou com a correspondência.

– Isto chegou da sua mãe – disse ele, entregando-lhe um elegante envelope cor de creme.

Francesca enfiou o abridor de cartas por baixo da aba e removeu a carta que tinha a impressionante extensão de quatro páginas inteiras.

– Minha nossa – murmurou.

Normalmente a mãe conseguia dizer o que precisava em apenas uma folha, duas, no máximo.

– Há algo errado? – indagou Michael, empoleirando-se na beirada da escrivaninha.

– Não, não – disse Francesca, distraidamente. – Eu só... Meu Deus!

Ele se esticou um pouco, tentando ver o que estava escrito.

– O que é?

Francesca se limitou a abanar a mão em sua direção para que se calasse.

– Frannie?

Ela passou à página seguinte.

– Meu Deus!

– Me dê isso aqui – disse ele, estendendo a mão para lhe tomar o papel.

Ela se virou de lado rapidamente, recusando-se a lhe dar a folha.

– Ah, meu Deus – arfou.

– Francesca Stirling, se você não...

– Penelope e Colin se casaram.

Michael revirou os olhos.

– Nós já sabíamos...

– Não, estou querendo dizer que adiantaram a data em... bem, acho que em mais de um mês.

Michael se limitou a dar de ombros.

– Que bom para eles.

Francesca ergueu a vista para fitá-lo com um olhar irritado.

– Alguém poderia ter me contado.

– Imagino que não tenha dado tempo.

– Mas isso não é o pior de tudo – prosseguiu ela, irritada.

– Não posso imaginar...

– *Eloise* também vai se casar.

– Eloise? – ecoou Michael, com alguma surpresa. – Mas ela estava sendo cortejada por alguém?

– Não – disse Francesca, passando depressa à terceira página da carta. – É um homem que ela nunca conheceu pessoalmente.

– Bem, imagino que a esta altura já o conheça – comentou Michael secamente.

– Não acredito que ninguém tenha me contado.

– Você está na Escócia há algum tempo...

– Ainda assim.

Michael se limitou a rir de sua contrariedade.

– É como se eu não existisse – comentou ela, irritada a ponto de lhe lançar seu olhar mais feroz.

– Ora, eu não diria...

– Ninguém sequer se lembrou de mim! – disse ela, com grande afetação.

– Frannie... – A esta altura, ele parecia estar se divertindo.

– “Alguém contou a Francesca?” – prosseguiu ela, criando uma ótima representação de sua família. – “Lembra-se dela? A sexta irmã? A dos olhos azuis?”

– Frannie, não seja boba.

– Não estou sendo boba, apenas ignorada.

– Eu sempre achei que gostasse de se manter um pouco distante da família.

– Bem, sim – resmungou ela –, mas isso não vem ao caso.

– É claro – murmurou ele, sarcástico.

Ela o fuzilou com os olhos.

– Devemos preparar nossa partida para o casamento? – perguntou ele.

– Como se fosse possível. É daqui a três dias.

– Minhas felicitações – disse Michael, admirado.

Ela estreitou os olhos, desconfiada.

– O que quer dizer com isso?

– Deve-se respeitar qualquer homem que consiga realizar tal façanha com tanta rapidez – retrucou ele, dando de ombros.

– Michael!

Ele olhou para ela com malícia.

– Eu consegui.

– Eu ainda não me casei com você – observou ela.

Ele sorriu.

– Não era a essa façanha que eu estava me referindo.

Ela sentiu o rosto ficar vermelho.

– Pare.

Michael começou a fazer cócegas com os dedos na mão dela.

– Ah, eu acho que não.

– Michael, este não é o momento – disse ela, puxando a mão.

Ele deixou escapar um suspiro.

– Pronto, começou.

– Começou o quê?

– Ora, nada – disse ele, atirando-se numa poltrona próxima. – A não ser pelo fato de que ainda nem nos casamos e já somos um casal antigo.

Ela lhe lançou um olhar irônico e voltou à carta da mãe. Realmente pareciam um casal antigo, mas ela não lhe daria a satisfação de concordar com ele. Afinal, pensou, ao contrário da maior parte dos casais recém-noivados, eles já se conheciam havia anos. Ele era, apesar das impressionantes mudanças nas últimas semanas, seu melhor amigo.

Ela parou.

– Algum problema? – perguntou Michael.

– Não – respondeu ela, balançando a cabeça de leve.

De alguma forma, em meio a toda sua confusão, ela se esquecera disso. Michael podia ser a última pessoa com a qual imaginara se casar, mas havia um bom motivo para isso, não?

Quem teria imaginado que se casaria com seu melhor amigo?

Isso, sem dúvida, era um bom presságio para a união.

– Vamos nos casar – disse ele, subitamente.

Ela ergueu a vista, confusa.

– Isso já não estava decidido?

– Não – falou Michael, tomando-lhe a mão. – Vamos nos casar hoje.

– *Hoje?* Você enlouqueceu?

– De forma nenhuma. Estamos na Escócia. Não precisamos fazer correr os proclamas.

– Bem, é verdade, mas...

Ele se ajoelhou diante dela, os olhos brilhando.

– Vamos, Frannie. Sejamos loucos e impetuosos.

– Ninguém vai acreditar que fizemos isso.

– Ninguém vai acreditar de qualquer forma.

Quanto a isso ele tinha razão.

– Mas a minha família... – acrescentou ela.

– Você acabou de dizer que a excluíram de suas festividades.

– Sim, mas não foi proposital!

Ele deu de ombros.

– E isso tem alguma importância?

– Bem, sim, se pararmos para pensar...

Ele a puxou e a colocou de pé.

– Vamos.

– Michael...

Ela não sabia por que estava hesitante, a não ser pelo fato de achar que era o que se esperaria dela. Afinal, tratava-se de um casamento, e tanta pressa lhe pareceu um pouco inapropriada.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

– Você realmente quer um casamento pomposo?

– Não – respondeu ela, e estava sendo sincera.

Já tivera um assim. Não lhe parecia apropriado ter uma segunda vez.

Ele chegou para a frente e encostou os lábios em sua orelha.

– Está disposta a arriscar um bebê de oito meses?

– É óbvio que eu já me *dispus* – devolveu ela, insolente.

– Vamos dar a nosso filho respeitáveis nove meses de gestação – disse ele, atrevido.

Ela engoliu em seco, desconfortável.

– Michael, é preciso que você compreenda que eu talvez não possa conceber. Com John, foi preciso...

– Eu não me importo – interrompeu ele.

– Eu acho que se importa, sim – disse ela, baixinho, preocupada com a resposta que ele lhe daria, mas sem querer começar um casamento sem a consciência limpa. – Você já falou nisso várias vezes e...

– Para fazê-la se casar comigo – emendou ele. Então, com impressionante rapidez, imprensou-a contra a parede, o corpo colado ao dela com assustadora intimidade. – Eu não me importo se você for estéril – afirmou Michael, a voz quente em seu ouvido. – Não me importo nem se der à luz uma ninhada de cachorrinhos.

A mão foi subindo lentamente pelo vestido, deslizando coxa acima.

– A única coisa que me importa – disse ele, a voz cada vez mais rouca e um dedo se tornando mais e mais travesso – é que você seja *minha*.

– Ah! – gemeu Francesca, sentindo as pernas perderem a firmeza. – Ah, sim.

– Sim para isto aqui? – perguntou ele diabolicamente, remexendo o dedo apenas o bastante para levá-la à loucura. – Ou sim para se casar hoje?

– Para isto aqui – arfou ela. – Não pare.

– E quanto ao casamento?

Francesca se agarrou aos ombros dele em busca de apoio.

– E quanto ao casamento? – repetiu ele, retirando o dedo.

– Michael! – implorou ela.

Os lábios dele foram se abrindo num sorriso lento e feroz.

– E quanto ao casamento?

– Sim! – exclamou ela. – Sim! O que você quiser.

– Qualquer coisa?

– Qualquer coisa – arfou Francesca.

– Ótimo – disse ele, então se afastou abruptamente.

Deixando-a boquiaberta e um tanto amarrotada.

– Quer que eu pegue o seu casaco? – perguntou Michael, ajustando os punhos da camisa.

Era a própria imagem da elegância masculina, sem um único fio de cabelo fora do lugar, totalmente calmo e composto.

Ela, por outro lado, tinha certeza de estar muito longe do apresentável.

– Michael? – conseguiu dizer, tentando ignorar a sensação extremamente desconfortável que ele havia deixado em sua região íntima.

– Se quiser terminar – começou ele, usando o mesmo tom que talvez usasse para falar de negócios –, terá de fazê-lo como condessa de Kilmartin.

– Eu *sou* a condessa de Kilmartin – resmungou ela.

Ele assentiu.

– Sim, mas terá de fazê-lo como a *minha* condessa de Kilmartin – corrigiu-se. Deu a ela um instante para reagir e, quando não o fez, perguntou outra vez: – Quer que eu pegue o seu casaco?

Ela fez que sim.

– Ótimo – murmurou ele. – Espera aqui ou me acompanha até o saguão?

Francesca abriu a boca apenas o bastante para dizer:

– Irei até o saguão.

Ele lhe tomou o braço e a guiou até a porta, abaixando-se para murmurar em seu ouvido:

– Como estamos ansiosos, não é mesmo?

– Vá pegar o meu casaco – disse ela, de má vontade.

Ele riu, mas era um som afetuoso e sincero, e ela já sentia a irritação desaparecer. Michael era um moleque, um sem-vergonha e provavelmente muitas outras coisas, mas era o *seu* moleque, o *seu* sem-vergonha, e ela sabia que ele tinha um coração tão bom e tão verdadeiro quanto ela poderia esperar encontrar em um homem. A não ser por...

Ela parou de repente e enfiou um dedo em seu peito.

– Não haverá outras mulheres – falou, asperamente.

Ele se limitou a olhá-la com uma sobrancelha arqueada.

– Estou falando sério – prosseguiu ela. – Nada de amantes, nada de flertes, nada...

– Meu Deus, Francesca – interrompeu Michael –, acha mesmo que eu poderia fazer uma coisa dessas? Não. Acha mesmo que eu *gostaria*?

Ela estava tão absorta nos próprios pensamentos que não olhara para o rosto dele, e quando fez isso ficou perplexa com a expressão que viu. Michael estava com raiva, constatou ela, aborrecido por ela ter sequer sugerido aquilo. Mas Francesca não podia simplesmente ignorar uma década de mau comportamento e achava que ele não tinha o direito de esperar que ela o fizesse, então respondeu, baixando a voz:

– Você não tem a melhor das reputações.

– Pelo amor de Deus – grunhiu ele, puxando-a sem muita cerimônia até o saguão. – Eram todas para tirar você da minha cabeça.

Francesca ficou tão perplexa que não disse nada enquanto era praticamente arrastada até a porta da frente.

– Mais alguma pergunta? – falou ele, virando-se para ela com uma expressão tão insolente que seria de supor que houvesse nascido conde em vez de o condado ter caído em seu colo por puro acaso.

– Não, nenhuma.

– Ótimo. Então vamos. Temos um casamento ao qual comparecer.

Mais tarde, naquela noite, Michael não pôde deixar de se sentir satisfeito com a virada dos acontecimentos do dia.

– Muito obrigado, Colin – disse jovialmente para si mesmo enquanto trocava de roupa para se deitar –, e obrigado também a quem quer que seja você que se casou com Eloise de uma hora para a outra.

Michael duvidava muito que Francesca teria concordado com uma cerimônia de última hora se dois de seus irmãos não tivessem se casado sem a sua presença.

E, agora, era sua esposa.

Sua esposa.

Era quase impossível acreditar.

Fora seu objetivo durante semanas, e ela finalmente concordara na noite anterior, mas Michael só conseguira acreditar ao colocar a antiquíssima aliança de ouro no dedo dela.

Ela era sua.

Até que a morte os separasse.

– Obrigado, John – acrescentou, agora com a voz não tão leve.

Agradeceu ao primo não por ele ter morrido, é claro. Mas por tê-lo libertado da culpa. Michael não sabia ao certo como aquilo havia acontecido, mas desde aquela noite fatídica, depois de ele e Francesca fazerem amor no casebre do jardineiro, Michael soubera, no fundo do coração, que John teria aprovado.

Ele teria dado a sua bênção e, em seus momentos mais fantasiosos, Michael gostava de pensar que se o primo pudesse ter escolhido um novo marido para Francesca, teria sido ele.

Vestido num roupão cor de vinho, Michael atravessou a porta de comunicação entre o seu quarto e o de Francesca. Embora fossem íntimos desde

a sua chegada a Kilmartin, ele só havia se mudado para o quarto do conde hoje. Era estranho: em Londres, não se importara tanto com as aparências. Haviam ocupado os quartos oficiais do conde e da condessa e simplesmente se certificado de que a casa inteira soubesse que a porta de comunicação estava trancada dos dois lados.

Mas ali, na Escócia, onde vinham se comportando de uma forma que poderia mesmo gerar boatos, tivera o cuidado de desfazer as malas no quarto mais distante possível do de Francesca. Não importava que ele ou ela tivesse ido e voltado sorrateiramente pelo corredor o tempo todo; pelo menos haviam mantido uma aparência de decoro.

Os criados não eram idiotas; Michael tinha certeza que todos sabiam o que estava acontecendo, mas adoravam Francesca e queriam que ela fosse feliz, portanto jamais diriam qualquer coisa a respeito dela a quem quer que fosse.

Ainda assim, era muito bom poder deixar aquilo tudo para trás.

Estendeu a mão em direção à maçaneta, mas não a tocou imediatamente, parando para ouvir os sons lá dentro. Não escutou grande coisa. Afinal, a porta era sólida e antiga, construída de forma a não revelar segredos. Ainda assim, sentiu a necessidade de parar um instante para saborear o momento.

Estava prestes a entrar no quarto de Francesca.

E tinha todo o direito de estar ali.

A única coisa que poderia ter tornado a situação ainda melhor seria ela dizer que o amava.

A ausência da declaração dava uma pequena e persistente pontada em seu coração, embora fosse totalmente eclipsada por sua recém-descoberta alegria. Não queria que ela dissesse algo que não sentia, e, mesmo que nunca viesse a amá-lo, Michael sabia que os sentimentos de Francesca por ele eram mais fortes e mais nobres do que os da maioria das esposas por seus maridos.

Ele sabia que ela se importava com ele, que o amava profundamente como amigo. E se algo acontecesse com ele, ela choraria sua perda com cada fibra de seu ser.

De fato, Michael não podia pedir mais nada.

Talvez *quisesse* mais, mas já tinha muito mais do que ousara esperar. Não deveria ser ganancioso. Não quando, além de tudo, ainda tinha paixão.

E havia paixão entre eles.

Era quase engraçado quão surpresa Francesca ficara com esse fato, e como isso continuava a surpreendê-la a cada dia. Ele usara isso a seu favor; sabia disso e não se envergonhava. Usara naquela tarde fatídica para convencê-la de se casar com ele naquele instante.

E funcionara.

Graças a Deus funcionara.

Ele sentira uma alegria atordoante e infantil, como a de um menino inocente. Quando a ideia lhe ocorrera – a de se casar naquele mesmo dia –, fora como uma estranha onda de eletricidade correndo por suas veias e ele mal conseguira se conter. Fora um desses momentos em que soubera que precisava vencer, e teria feito qualquer coisa para convencê-la.

De pé à porta do quarto dela, não pôde deixar de imaginar se a relação deles seria diferente. Será que a sensação de tê-la em seus braços seria diferente agora que era sua esposa e não mais sua amante? Quando olhasse para o rosto de Francesca pela manhã, será que algo teria mudado? Quando a visse do outro lado de um salão cheio de gente, será que...

Balançou a cabeça de leve. Estava se transformando num tolo sentimental. Seu coração sempre dera um salto quando a via em um salão cheio de gente. Se sentisse mais do que aquilo, o coração não aguentaria o esforço.

Empurrou a porta.

– Francesca? – chamou, a voz suave e rouca no ar da noite.

Ela estava próxima à janela, com uma camisola azul. O corte era discreto, mas o tecido se colava ao corpo e, por um instante, Michael não conseguiu respirar.

Então, naquele momento, soube que sempre seria assim.

– Frannie? – sussurrou, caminhando devagar em sua direção.

Ela se virou e havia hesitação em seu rosto. Não exatamente nervoso, mas um cativante ar de apreensão, como se ela também se desse conta de que tudo havia mudado.

– Nós conseguimos – disse ele, incapaz de tirar o sorriso bobo do rosto.

– Ainda não consigo acreditar – retrucou ela.

– Eu também não – admitiu Michael, estendendo a mão para lhe tocar o rosto –, mas é verdade.

– Eu... – Ela balançou a cabeça. – Não importa.

– O que ia dizer?

– Não é importante.

Ele pegou as mãos dela e a puxou para si.

– Claro que é importante – murmurou. – Quando se trata de nós dois, tudo é importante.

Ela engoliu em seco, as sombras do quarto dançando nas delicadas linhas de seu pescoço, e falou, por fim:

– Eu só... Eu queria dizer...

Michael apertou de leve suas mãos, encorajando-a. Queria que ela falasse. Não achara que precisasse de palavras, ao menos não por ora, mas, por Deus, como desejava ouvi-las...

– Estou muito satisfeita por ter me casado com você – concluiu ela, a voz refletindo uma timidez atípica em seu rosto. – Foi a coisa certa a fazer.

Michael sentiu os dedos dos pés se encolherem levemente, agarrando o tapete, enquanto tentava controlar sua decepção. Era mais do que ele jamais imaginara ouvir dela e, no entanto, muito menos do que esperara.

Mas, mesmo assim, ela continuava em seus braços, e era sua esposa, e isso, ele jurou para si mesmo, tinha de valer alguma coisa.

– Eu também estou satisfeito – falou baixinho, trazendo-a para perto.

Tocou os lábios dela com os seus e foi, *sim*, diferente quando a beijou. Havia uma nova sensação de pertencimento e de falta de clandestinidade e de desespero.

Michael a beijou lenta e suavemente, demorando-se ao explorar sua boca, aproveitando cada momento. As mãos deslizaram pela seda da camisola e ela gemeu enquanto o tecido ia sendo deslocado por ele.

– Eu te amo – sussurrou ele, decidindo que já não havia motivo para guardar as palavras para si, mesmo que ela não fosse dizer o mesmo.

Seus lábios se deslocaram do rosto à orelha e ele mordiscou o lóbulo com delicadeza antes de descer pelo pescoço até o colo.

– Michael – sussurrou ela, pressionando o corpo contra o dele. – Ah, Michael...

Ele segurou o traseiro dela e a puxou ainda mais para si, deixando escapar um gemido ao senti-la firme e cálida de encontro a sua ereção.

Ele pensara que a havia desejado antes, mas aquilo... era diferente.

– Eu preciso de você – disse ele com a voz rouca caindo de joelhos enquanto os lábios deslizavam até a essência dela, por cima da seda. – Eu preciso tanto de você...

Ela sussurrou o nome dele e pareceu confusa enquanto olhava para baixo, para ele, para a sua posição de súplica.

– Francesca – murmurou Michael, o nome dela sendo a coisa mais importante do mundo naquele momento. O nome, o corpo e a beleza de sua alma. – Francesca – repetiu, enterrando o rosto no ventre dela.

Francesca pousou as mãos sobre a cabeça dele, os dedos se emaranhando em seus cabelos. Ele poderia ter ficado assim durante horas, de joelhos diante dela, então ela também se abaixou e começou a beijá-lo.

– Eu quero você – disse. – Por favor.

Michael gemeu, então levantou-se junto com ela e puxou-a até a cama. Em instantes estavam sobre o colchão, a penugem macia os envolvendo enquanto se abraçavam.

– Frannie – sussurrou ele, os dedos trêmulos subindo a camisola de seda pelo corpo dela.

Francesca agarrou-o pela nuca e o puxou para si para lhe dar outro beijo, profundo e ardente.

– Eu preciso de você – repetiu ela, quase implorando. – Preciso tanto de você...

– Eu quero vê-la por inteiro – disse ele, praticamente rasgando a seda de seu corpo. – Preciso *senti-la* por inteiro.

Francesca estava tão ávida quanto Michael, e levou as mãos até a faixa do roupão dele, desamarrando o nó frouxo antes de abri-lo para revelar o peito largo. Tocou os pelos ralos, maravilhada, enquanto o acariciava.

Jamais imaginara estar naquele lugar, daquele jeito. Não era a primeira vez que o via assim, que o tocava daquela forma, mas de certo modo agora era diferente.

Ele era seu marido.

Era tão difícil de acreditar e, no entanto, a sensação era tão perfeita e tão certa...

– Michael? – chamou ela, tirando o roupão dele.

– Hum? – murmurou ele.

Estava ocupado fazendo algo delicioso com as mãos no corpo dela.

Francesca se recostou nos travesseiros, esquecendo-se por completo do que estava prestes a dizer, se é que desejara dizer alguma coisa.

As mãos dele deslizavam pelas suas coxas, então subiram para o seu quadril, seguiram até a cintura e, finalmente, até os seios. Francesca queria participar, queria se aventurar a tocá-lo da mesma forma que ele fazia com ela, mas as carícias de Michael a deixavam lânguida e preguiçosa, e a única coisa que podia fazer era se recostar e se deleitar, esticando as mãos de vez em quando para percorrer qualquer parte da pele dele que acaso alcançasse.

Sentiu-se querida.

Adorada.

Amada.

Isso a fazia sentir-se humilde.

Era maravilhoso.

Era sagrado e sedutor, e lhe tirava o fôlego.

Os lábios dele seguiram a trilha que as mãos já tinham percorrido, fazendo com que ondas de desejo se espalhassem pelo ventre dela até o vale entre os seus seios.

– Francesca – murmurou Michael, abrindo caminho até o mamilo com beijos.

Primeiro o estimulou com a língua, depois o tomou na boca, mordiscando-o suavemente.

A sensação foi intensa. Ela se contorceu e se agarrou aos lençóis numa busca desesperada de apoio.

– Michael – arfou, arqueando as costas.

Os dedos dele estavam agora no meio de suas pernas, como se ela precisasse de qualquer coisa para prepará-la para o momento da penetração. Ela queria aquilo ardentemente, e o queria para sempre.

– Você é deliciosa – disse ele com a voz rouca, o hálito quente sobre a pele dela.

Então deslocou o corpo, posicionando-se à entrada de sua feminilidade. Estava frente a frente com ela, os olhos brilhando, quentes e intensos.

Francesca ajeitou o corpo por baixo do dele, inclinando o quadril de maneira a acomodá-lo mais profundamente.

– Agora – disse ela em um misto de ordem e súplica.

Ele se movimentou bem devagar; avançou pouco a pouco, deliciosamente. Ela se abriu cada vez mais para ele, até sentir que ele a penetrara por completo.

– Ah, meu Deus – grunhiu ele, o rosto retesado de paixão. – Não posso... Preciso...

Ela respondeu arqueando os quadris, pressionando o corpo ainda mais firmemente contra o dele.

Ele começou a se mexer dentro dela, cada movimento trazendo uma nova onda de prazer que se espalhava e incendiava o corpo de Francesca. Ela disse o seu nome, então não conseguiu mais falar, não conseguiu fazer mais nada senão arquejar, buscando o ar, enquanto seus movimentos se tornavam mais frenéticos e desesperados.

Então aquilo tudo culminou num forte jorro de prazer. Seu corpo explodiu e ela gritou, incapaz de conter a intensidade da experiência. Michael a penetrou com ainda mais força, e mais outra vez, e outra. Gritou ao atingir o clímax, o nome dela uma prece e uma bênção em seus lábios, então deixou-se cair sobre ela.

– Eu sou pesado demais – disse ele em seguida, numa tentativa não muito convincente de sair de cima dela.

– Não – pediu Francesca, detendo-o.

Não queria que ele se mexesse, não por enquanto. Logo ficaria difícil de respirar e ele teria de ajustar a posição, mas por ora havia algo fundamental na posição em que se encontravam, algo do qual não queria abrir mão.

– Não – disse ele, e ela ouviu o sorriso em sua voz. – Vou amassá-la. – Ele deslizou de cima dela, mas não se afastou, e Francesca se enroscou ao lado dele como uma concha, as costas aquecidas pelo calor da pele dele, o corpo imobilizado pelo braço dele sob os seus seios.

Michael murmurou algo de encontro ao pescoço dela e, embora ela não pudesse compreender as palavras, na verdade não tinha importância: sabia o que ele dissera.

Ele adormeceu logo, a respiração uma lenta e constante canção de ninar em seu ouvido. Mas Francesca não dormiu. Estava cansada, sonolenta e satisfeita, mas não dormiu.

Havia sido diferente naquela noite.

E ela ficou se perguntando por quê.

CAPÍTULO 23

... Tenho certeza que Michael também lhe enviará uma carta, mas como a considero uma amiga muito, muito querida, queria lhe escrever pessoalmente para contar que nos casamos. Está surpresa? Eu preciso confessar que fiquei.

– da condessa de Kilmartin para Helen Stirling,
três dias após o seu casamento com o conde de Kilmartin

– Está com uma aparência horrível.

Michael se virou para Francesca com uma expressão um tanto seca.

– Bom dia para você também – falou, voltando a atenção para os ovos e torradas que comia.

Francesca se sentou à frente dele à mesa do café. Já estavam na segunda semana de casamento. Michael se levantara cedo naquela manhã, e quando ela acordara o lado dele da cama já estava frio.

– Não estou brincando – insistiu ela, franzindo a testa. – Está pálido e sua postura está terrível. Devia voltar para a cama e descansar.

Ele começou a tossir, o corpo se sacudindo.

– Estou bem – falou, embora as palavras tenham saído mais como um arfar.

– Você não está bem.

Ele revirou os olhos.

– Casados há duas semanas e já...

– Se não queria uma mulher controladora, não devia ter se casado comigo – disse Francesca, medindo a largura da mesa e decidindo que não conseguiria estender a mão até a testa dele para ver se estava com febre.

– Estou bem – repetiu Michael, agora com firmeza.

Em seguida pegou um exemplar do jornal *The London Times* de vários dias antes, mas tão atual quanto se podia esperar nos condados fronteiriços da Escócia, e continuou a ignorá-la.

Francesca decidiu ignorá-lo também e começou a se dedicar à tarefa sempre desafiadora de espalhar geleia sobre o *muffin*.

Então ele tossiu de novo.

Ela se remexeu na cadeira, esforçando-se para não dizer nada.

Ele voltou a tossir, dessa vez se afastando da mesa e dobrando um pouco o corpo.

– M...

Ele a olhou com tal ferocidade que ela se calou.

Francesca estreitou os olhos.

Michael inclinou a cabeça de maneira irritantemente condescendente, até que o gesto foi estragado pelo espasmo que fez o corpo dele convulsionar mais uma vez.

– Já chega – anunciou Francesca, pondo-se de pé. – Vai voltar para a cama. Já.

– Eu estou bem – grunhiu ele.

– Você não está bem.

– Eu estou...

– Doente – interrompeu ela. – Você está doente, Michael. Enfermo, adoentado, acometido pela peste. Está doente. Não há maneira mais clara de dizer isso.

– Eu não estou acometido pela peste – murmurou ele.

– Não – concordou ela, dando a volta na mesa para segurar o braço dele –, mas tem malária e...

– Não é a malária – interrompeu ele, batendo no peito enquanto voltava a tossir.

Ela o fez se levantar, tarefa que não teria conseguido concluir sem alguma ajuda da parte dele.

– E como sabe disso? – perguntou.

– Apenas sei.

Ela franziu os lábios.

– E fala com o conhecimento médico proveniente de...

– De ter a doença há quase um ano – disse ele. – Não é a malária.

Ela o guiou em direção à porta.

– Além disso, é cedo demais – protestou ele.

– Cedo demais para quê?

– Para outra crise. A última foi aquela em Londres, e quanto tempo faz mesmo? Dois meses? É cedo demais.

– Por que é cedo demais? – indagou ela, a voz estranhamente baixa.

– Apenas é – murmurou ele, embora, em seu íntimo, soubesse que não era; conhecera muitas pessoas que tiveram crises de malária com intervalos de dois meses.

E várias haviam morrido.

Se as crises estavam se aproximando, será que isso queria dizer que a doença estava vencendo?

Que ironia. Finalmente se casara com Francesca e, agora, talvez estivesse morrendo.

– Não é a malária – repetiu, dessa vez com convicção suficiente para fazê-la interromper o passo e olhar para ele.

– Não é – repetiu.

Ela apenas assentiu.

– Provavelmente é só um resfriado – falou ele.

Francesca assentiu outra vez, mas ele teve a impressão de que o fazia apenas para apaziguá-lo.

– Vou colocá-lo na cama.

E ele deixou.

~

Dez horas depois, Francesca estava apavorada. A febre de Michael subira e, embora ele não estivesse delirando ou dizendo coisas desconexas, estava claro que seu estado era muito, muito ruim. Ficava dizendo que não era malária, que a

sensação não era de malária, mas cada vez que ela o pressionava a lhe dar mais detalhes, ele não conseguia explicar por quê – ou pelo menos não de maneira que ela considerasse satisfatória.

Francesca não sabia muita coisa sobre a doença; as elegantes livrarias para senhoras de Londres se recusavam a vender livros de medicina. Havia desejado perguntar ao próprio médico ou mesmo a um especialista da Faculdade Real de Medicina, mas prometera a Michael manter a doença em segredo. Se saísse por aí indagando sobre a malária, alguém ia querer saber por quê. Assim, quase tudo o que sabia aprendera com Michael desde que ele voltara da Índia, poucos meses antes.

Mas não lhe parecia certo que as crises estivessem se tornando mais frequentes. Embora ela tivesse de admitir que não possuía qualquer conhecimento médico no qual basear tal suposição. Quando ele adoecera em Londres, dissera que seis meses haviam se passado desde a última crise, e três entre essa e a penúltima.

Por que então a doença haveria de mudar de curso de repente e atacar de novo tão rápido? Simplesmente não fazia sentido. Não se ele estivesse melhorando.

E ele *tinha* de estar melhorando.

Francesca deixou escapar um suspiro, estendendo a mão para lhe tocar a testa. Estava dormindo agora, roncando suavemente, como costumava fazer quando congestionado. Ao menos fora o que lhe dissera. Não estavam casados por tanto tempo para ela já ter conhecimento disso.

A pele estava quente, mas não muito. A boca parecia ressecada, então ela levou uma colherada de chá tépido aos lábios dele, inclinando-lhe o queixo para cima na tentativa de fazê-lo engolir enquanto dormia.

Em vez disso, ele engasgou e acordou, cuspindo o líquido na cama.

– Perdão – disse Francesca, avaliando o estrago.

Pelo menos fora uma colherada pequena.

– Que diabo está fazendo comigo? – perguntou ele.

– Não sei – admitiu ela. – Não tenho muita experiência como enfermeira. Você parecia estar com sede.

– Da próxima vez que eu estiver com sede, avisarei – resmungou ele.

Ela assentiu e observou enquanto ele tentava se acomodar outra vez.

– Não está com sede agora? – perguntou ela, com uma voz amável.

– Só um pouco. – As sílabas saíram entrecortadas.

Sem uma palavra, ela estendeu uma xícara de chá em sua direção. Ele a virou de um único gole.

– Quer mais uma xícara?

Ele fez que não.

– Se beber mais vou ter de uri... – Ele se interrompeu e pigarreou. – Desculpe – resmungou.

– Eu tenho quatro irmãos – disse ela. – Não se preocupe. Quer que eu vá pegar um urinol?

– Eu posso fazer isso sozinho.

Ele não lhe pareceu bem o bastante para atravessar o quarto por conta própria, mas ela sabia que não era prudente discutir com um homem tão irritado. Ele acabaria por ceder quando tentasse se levantar e caísse outra vez sobre a cama. Não havia argumento que pudesse convencê-lo do contrário antes disso.

– Está bastante febril – comentou ela baixinho.

– Não é a malária.

– Eu não disse...

– Mas pensou.

– E se *for* a malária? – perguntou ela.

– Não é...

– E se for? – interrompeu Francesca, constatando uma nota de pavor em sua voz.

Michael a fitou por vários segundos com olhos impiedosos. Por fim, apenas lhe deu as costas e disse:

– Não é.

Francesca engoliu em seco. Agora tinha a resposta que buscara.

– Se importa se eu der uma saída? – falou, levantando-se com tanta rapidez que chegou a ficar tonta.

Michael não respondeu, mas ela percebeu que ele deu de ombros por baixo das cobertas.

– Só quero dar uma caminhada – explicou ela, hesitante, dirigindo-se à porta. – Antes de o sol se pôr.

– Eu ficarei bem – resmungou.

Ela assentiu, embora ele não a estivesse olhando.

– Eu o verei em breve – disse ela.

Mas ele já adormecera.

~

O ar estava enevoado e ameaçava chover ainda mais, então Francesca pegou um guarda-chuva e caminhou em direção ao coreto. Pelo menos lá haveria um telhado sobre a sua cabeça.

Mas, a cada passo, sua respiração se tornava mais difícil, e até chegar a seu destino já estava arfando devido ao esforço, não da caminhada, mas da tentativa de conter as lágrimas.

No minuto em que se sentou, parou de tentar.

Os soluços eram enormes, mas ele não ligou.

Existia a possibilidade de Michael estar morrendo. Até onde sabia, ele *estava* morrendo e ela seria viúva duas vezes.

E isso quase a matara da última vez.

Simplesmente não sabia se era forte o bastante para passar por aquilo tudo outra vez. Não sabia se queria ser forte o bastante.

Maldição, não era certo e não era justo que ela tivesse de perder dois maridos quando tantas mulheres conseguiam ter um pela vida inteira. E a maioria dessas mulheres nem ao menos gostava do cônjuge, enquanto *ela* tinha amado um e agora amava o outro...

Francesca perdeu o fôlego.

Ela o amava? Amava Michael?

Não, não, pensou, ela não o *amava*. Não como amava John. Quando pensou a respeito, quando a palavra ecoou em sua mente, ela quis dizer como amigo. É claro que amava Michael dessa forma. Sempre o amara, não era mesmo? Era o seu melhor amigo, e o fora até mesmo enquanto John era vivo.

Pensou nele, viu o seu rosto, o seu sorriso.

Fechou os olhos, recordou o seu beijo e a sensação perfeita da mão colocada na base da sua coluna enquanto atravessavam a casa.

Então se deu conta do motivo pelo qual tudo parecia diferente entre eles nos últimos tempos. Não era, como havia pensado a princípio, apenas por terem se

casado. Era porque ele era seu marido, porque ela usava a aliança que ele lhe dera.

Porque o amava.

Aquilo que existia entre eles, aquele elo, não era só paixão.

Era amor, e era divino.

E Francesca não poderia ter ficado mais surpresa nem se John se materializasse diante dela e começasse a dançar.

Michael.

Ela amava Michael.

Não só como amigo, mas como marido. Amava-o com a profundidade e com a intensidade que sentira por John. Era diferente porque eram homens diferentes, e ela também tinha se tornado diferente. Mas ainda era o amor de uma mulher por um homem, e preenchia cada centímetro do seu coração.

E, por Deus, não queria que ele morresse.

– Você não pode fazer isso comigo – gritou ela, colocando a cabeça para fora do coreto e olhando para o céu.

Um grosso pingo de chuva caiu entre seus olhos e espirrou dentro de um deles.

– Ah, não, não vai fazer isso, não – rosnou ela, secando o rosto. – Não pense que pode...

Mais três pingos em rápida sucessão.

– Maldição – murmurou Francesca, seguido por um “perdão” direcionado às nuvens.

Enfiou a cabeça outra vez para dentro do coreto e a chuva começou a aumentar.

O que deveria fazer agora? Encarar os fatos e voltar para casa ou chorar à vontade por algumas boas horas?

Olhou para a chuva, agora forte o suficiente para deixar assustada até mesmo a mais corajosa das mulheres.

Definitivamente, chorar bastante primeiro.

Michael abriu os olhos, surpreso em descobrir que já tinha amanhecido. Piscou algumas vezes apenas para se certificar disso. As cortinas estavam fechadas, embora não por completo, e havia um risco de luz no tapete.

Sim, já era de manhã. Devia mesmo ter estado cansado. A última coisa da qual se lembrava era de Francesca saindo correndo do quarto, avisando que pretendia caminhar um pouco apesar de estar tão claro que iria chover que qualquer tolo teria se dado conta disso.

Mas que mulher tola.

Tentou se sentar, mas logo caiu deitado outra vez. Maldição, estava morto. Não que fosse, teve de admitir, a melhor das metáforas, dadas as circunstâncias, mas não conseguia pensar em outra palavra que descrevesse melhor a dor que percorria seu corpo. Sentia-se exausto. Só de pensar em se sentar ele já começava a querer gemer.

Diabo, como se sentia *mal*.

Tocou a própria testa tentando verificar se continuava com febre, mas nesse caso a mão também estaria quente. Só podia ter certeza de que estava suando e, sem dúvida, necessitado de um bom banho.

Tentou farejar o ar à sua volta, mas estava tão congestionado que começou a tossir.

Deixou escapar um suspiro. Bem, se estivesse fedendo, pelo menos *ele* não era obrigado a sentir o cheiro.

Ouviu um barulho suave à porta e ergueu a vista para ver Francesca entrar no quarto. Ela andava em silêncio, apenas com meias nos pés, claramente tentando não incomodá-lo. Ao se aproximar da cama, no entanto, olhou para ele e deixou escapar um pequeno “Oh!” de surpresa.

– Está acordado – disse ela.

Ele fez que sim.

– Que horas são? – perguntou ele.

– Oito e meia. Não é tão tarde, a não ser pelo fato de você ter adormecido ontem antes do jantar.

Ele assentiu outra vez, já que não tinha mais nada de pertinente para acrescentar à conversa. Além disso, estava cansado demais para falar.

– Como está se sentindo? – indagou ela, sentando-se ao seu lado. – Quer alguma coisa para comer?

– Péssimo, e não, obrigado.

Francesca contraiu os lábios de leve.

– Quer beber alguma coisa?

Ele fez que sim.

Ela pegou uma pequena tigela em uma mesa próxima. Um pires a cobria, presumivelmente para manter o conteúdo morno.

– É de ontem à noite – disse ela, em tom de desculpas –, mas ficou coberta, então não deve estar pavorosa.

– É caldo? – perguntou ele.

Ela assentiu, levando a colher aos lábios dele.

– Está frio demais?

Ele provou um pouco e balançou a cabeça. Não estava nem perto de morno, mas não achou que toleraria qualquer coisa que estivesse quente demais, de qualquer forma.

Ela lhe deu mais algumas colheradas e então, assim que ele disse que já tomara o bastante, ela baixou a tigela e recolocou o pires cuidadosamente de volta no lugar, embora fosse pedir uma porção nova para a próxima refeição.

– Está com febre? – sussurrou ela.

Ele tentou sorrir.

– Não tenho a menor ideia.

Ela levou a mão à sua testa.

– Não tive tempo de me banhar – resmungou ele.

Ela não fez a menor menção de ter ouvido e franziu a testa enquanto apertava a mão de encontro à testa dele com mais força. Então levantou-se, inclinou o corpo sobre ele e encostou os lábios à sua fronte.

– Frannie?

– Você está quente – disse ela, mal sussurrando as palavras. – Você está quente!

Ele nada fez além de piscar.

– Ainda está com febre! – exclamou ela, muito animada. – Não compreende? Se continua com febre, não pode ser a malária!

Por um instante, ele não conseguiu respirar. Ela estava certa. Ainda não conseguia acreditar, mas ela estava certa. As febres da malária sempre

desapareciam depois do primeiro dia. Voltavam a atacar no dia seguinte, e muitas com força arrasadora, mas sempre se dissipavam antes disso.

– Não é malária – repetiu ela, os olhos estranhamente brilhantes.

– Eu lhe disse que não era – retrucou Michael, embora em seu íntimo ele soubesse a verdade: não estivera tão certo assim.

– Não vai morrer – sussurrou ela, mordendo o lábio inferior.

Ele a encarou.

– Ficou temerosa de eu morrer? – perguntou, baixinho.

– É claro – respondeu ela, já não tentando esconder a voz embargada. – Meu Deus, Michael, você é inacreditável... Tem alguma ideia de quanto eu... Ora, pelo amor de Deus...

Ele não havia entendido muito do que ela acabava de dizer, mas tinha a impressão de que era bom.

Francesca se levantou. Havia um guardanapo de pano ao lado do caldo; ela o pegou e o usou para secar os olhos.

– Frannie? – murmurou ele.

– Você é o típico *homem* – declarou ela, fazendo uma careta.

Ao ouvir isso, ele se limitou a erguer as sobrancelhas, esperando que ela prosseguisse.

– Devia saber que eu... – Então ela se deteve.

– O que, Frannie?

Ela balançou a cabeça.

– Ainda não – disse, e ele teve a impressão de que falava mais consigo mesma do que com ele. – Logo, mas ainda não.

Michael piscou.

– Não estou entendendo.

– Tenho de sair – disse ela abruptamente. – Preciso fazer uma coisa.

– Às oito e meia da manhã?

– Eu volto logo – retrucou ela, apressando-se em direção à porta. – Não saia daí.

– Ah, maldição. Lá se vão os meus planos de visitar o rei – gracejou ele.

Mas Francesca estava tão distraída que nem se deu o trabalho de ironizar sua patética tentativa de fazer humor.

– Logo – repetiu ela, a palavra soando estranhamente como uma promessa. – Eu volto logo.

E ele só pôde dar de ombros e observar enquanto a porta se fechava às costas dela.

CAPÍTULO 24

... Não sei muito bem como lhe contar isso, e também não sei muito bem como a notícia será recebida, mas Michael e eu nos casamos há três dias. Não tenho como descrever os eventos que conduziram ao casamento; só posso dizer que tive a sensação de que era o certo a ser feito. Por favor, tenha a certeza de que isso em nada diminui meu amor por John. Ele sempre terá um lugar especial em meu coração, assim como você...

– de Francesca para a mãe de John, a condessa viúva de Kilmartin, três dias após o seu casamento com o conde de Kilmartin

Quinze minutos depois, Michael se sentia muito melhor. Não completamente bem, é claro; não poderia ter se convencido de maneira alguma – ou a qualquer outra pessoa, na verdade – que voltara a ser ele próprio, com a robustez e o vigor de costume. Mas o caldo deve ter lhe devolvido um pouco do ânimo, assim como a interação com Francesca, e quando se levantou para usar o urinol, percebeu que as pernas estavam mais firmes do que teria pensado. Depois tomou um banho improvisado, usando um pano úmido para tirar o grosso do suor do corpo. Após vestir um roupão limpo, sentiu-se quase humano outra vez.

Começou a voltar para a cama, mas não conseguiu se forçar a se enfiar de volta entre os lençóis suados, então chamou um criado e se sentou na poltrona de couro após virá-la levemente de maneira a poder olhar pela janela.

Fazia sol. Era uma agradável mudança. O céu tinha estado cinzento desde o seu casamento, duas semanas antes. Não se importara muito com isso; quando alguém passava tanto tempo fazendo amor com a esposa, como ele, não se importava se o sol estava brilhando.

Mas agora, ao escapar da cama depois de ter estado tão debilitado, sentiu o ânimo melhorar com o faiscar da luz do sol sobre a grama coberta de orvalho.

Do lado de fora da janela, um movimento atraiu os seus olhos e ele percebeu que era Francesca atravessando o gramado, apressada. Estava longe demais para que ele pudesse vê-la com clareza, mas estava embrulhada em seu casaco mais simples, levando algo na mão.

Inclinou o corpo para a frente para poder ver melhor, mas ela desapareceu de vista, deslizando por trás de uma cerca viva.

Nesse momento, Reivers entrou no quarto.

– Chamou, milorde?

Michael se virou para olhá-lo.

– Chamei. Pode pedir que alguém venha trocar os lençóis?

– É claro, milorde.

– E... – Michael estivera prestes a pedir também que Reivers lhe preparasse um banho, mas em vez disso perguntou: – Por acaso sabe aonde Lady Kilmartin foi? Eu a vi atravessar o gramado.

Reivers fez que não.

– Não, milorde. Ela não me disse, mas Davies me contou que ela pediu ao jardineiro que cortasse algumas flores para ela.

Michael assentiu enquanto seguia mentalmente a cadeia de pessoas pelas quais a informação tinha sido passada adiante. De fato, precisava ter mais respeito pela simples eficiência dos boatos dos criados.

– Flores – murmurou ele.

Devia ser o que ela levava nas mãos ao atravessar o gramado alguns minutos antes.

– Peônias – confirmou Reivers.

– Peônias – ecoou Michael, chegando o corpo para a frente, com interesse.

Eram as flores preferidas de John e haviam composto o miolo do buquê de casamento de Francesca. Era quase assustador que se lembrasse de um detalhe

desses, mas embora tivesse se embebedado por completo tão logo John e Francesca deixaram a festa, ele recordava a cerimônia nos menores detalhes.

O vestido tinha sido azul. Azul cor de gelo. E as flores, peônias. Tiveram de encomendar de uma estufa, mas Francesca havia insistido.

E de repente ele soube exatamente aonde ela estava indo.

Dirigia-se à sepultura de John.

Michael visitara o local uma vez desde que voltara. Fora sozinho, alguns dias após o extraordinário momento em que de repente se dera conta de que John teria aprovado seu casamento com Francesca. Mais do que isso, chegara a imaginar que o primo lá cima, em algum lugar, dava uma boa risada daquilo tudo.

E Michael não podia deixar de se perguntar: será que Francesca compreendia isso? Será que percebia que John teria desejado isso? Para os dois?

Ou será que continuava possuída pela culpa?

Michael se levantou. Ele conhecia a culpa, sabia como podia devorar o coração de uma pessoa e dilacerar-lhe a alma. Conhecia a dor e sabia que funcionava como ácido.

E nunca desejaria isso a Francesca. Nunca.

Talvez ela não o amasse. Talvez nunca viesse a amá-lo. Mas estava mais feliz agora do que antes de se casarem; disso ele tinha certeza. E ficaria arruinado se ela sentisse qualquer vestígio de vergonha por tal felicidade.

John teria desejado que ela fosse feliz. Que amasse e fosse amada. E se Francesca, de alguma forma, não se dava conta disso...

Michael começou a se vestir. Podia ainda estar fraco e febril, mas, por Deus, tinha condições de chegar à capela do cemitério. Aquilo poderia quase matá-lo, mas ele não permitiria que ela mergulhasse na mesma culpa arrasadora com a qual ele sofrera por tanto tempo.

Francesca não precisava amá-lo. Mas tinha de se sentir livre. Livre para ser feliz.

Porque se não estivesse feliz...

Bem, *isso* o mataria. Podia viver sem o seu amor, mas não sem a sua felicidade.

Francesca sabia que o chão estaria úmido, então levara consigo uma pequena manta. O verde e dourado do quadriculado Stirling a fez sorrir melancolicamente ao estendê-lo sobre a grama.

– Olá, John – disse, ajoelhando-se para ajeitar as peônias com cuidado na base da lápide.

A sepultura era simples, bem menos ostentosa que a dos monumentos que muitos nobres erigiam em homenagem a seus mortos.

Mas era o que John teria desejado. Ela o conhecia tão bem que fora capaz de prever as suas palavras durante metade do tempo que tinham passado juntos.

Ele teria desejado algo simples, e que fosse ali, no canto extremo do pátio da igreja mas próximo aos campos abertos de Kilmartin, seu lugar preferido no mundo.

E fora isso que ela lhe dera.

– Está um dia agradável – disse Francesca, sentando-se de pernas cruzadas no chão.

Não podia sentar-se daquela maneira na companhia de outras pessoas, mas ali pôde ficar à vontade.

John teria desejado isso.

– Choveu por semanas – disse ela. – Alguns dias foram piores do que outros, é claro, mas nenhum deles se passou sem ao menos alguns minutos de chuva. Você não teria se importado, mas eu confesso que estava ansiando pelo sol.

Ela notou que um dos caules não estava exatamente onde queria, então chegou para a frente e o ajeitou.

– É claro que isso não me impediu de sair – continuou ela, com uma risadinha. – Nos últimos tempos eu tenho sido pega pela chuva com alguma frequência. Não sei ao certo o que é; eu costumava prestar mais atenção ao tempo.

Ela suspirou.

– Não, eu sei, sim, o que é. Mas estou com receio de lhe contar. É bobagem minha, eu sei, mas...

Ela riu outra vez, um som forçado que lhe pareceu completamente inadequado. Era a única coisa que ela jamais sentira na presença de John: nervoso. No mesmo instante em que haviam se conhecido, ela se sentira totalmente à vontade na presença dele, tanto com ele quanto consigo mesma.

Agora ela finalmente sentia ter motivo para estar nervosa.

– Algo aconteceu, John – continuou, os dedos puxando o tecido do casaco. – Eu... comecei a sentir uma coisa por alguém que talvez não devesse.

Olhou à sua volta, quase esperando algum tipo de sinal divino. Mas não houve nada, apenas o suave farfalhar do vento entre as folhas.

Ela engoliu em seco, concentrando a atenção de volta na lápide de John. Que bobagem um pedaço de rocha poder simbolizar um homem, mas ela não tinha a menor ideia de para onde olhar enquanto conversava com a memória dele.

– Eu talvez não devesse ter começado a sentir isso – prosseguiu –, ou talvez só tenha achado que não devia. Não sei. Só sei que aconteceu. Eu não esperava, mas então lá estava e... por...

Ela se deteve, os lábios se curvando num sorriso quase de pesar.

– Bem, acho que você já sabe por quem. Pode imaginar?

Então, algo extraordinário aconteceu. A terra não se moveu e nenhum feixe de luz atravessou o cemitério. Não foi nada disso. Não foi nada palpável, nada audível ou visível, apenas uma estranha sensação de mudança dentro dela, quase como se algo tivesse, por fim, se acomodado no lugar.

E ela soube verdadeira e completamente que John poderia ter imaginado. E, mais do que isso, que o teria desejado.

Teria desejado que ela se casasse com Michael. Na verdade, teria desejado que ela se casasse com qualquer homem pelo qual se apaixonasse, mas ela achava que ficaria contente se fosse Michael.

Os dois eram suas pessoas preferidas no mundo, e ele teria gostado de saber que estavam juntos.

– Eu o amo – disse ela, dando-se conta de que era a primeira vez que proferia isso em voz alta. – Eu amo Michael. Amo de verdade, e, John... – Ela tocou nome dele gravado na lápide. – Eu acho que você aprovaria. Chego a achar que foi você quem arranjou tudo isso.

Ela fez uma pausa e depois, com lágrimas nos olhos, prosseguiu:

– É tão estranho... Passei tanto tempo achando que nunca mais voltaria a me apaixonar... Como poderia? E quando alguém me perguntava o que você teria desejado para mim, é claro que eu respondia que gostaria que eu encontrasse outra pessoa. Mas no fundo... – Ela sorriu, melancólica. – No fundo eu sabia que jamais aconteceria. Eu não ia me apaixonar. Eu sabia. Tinha certeza absoluta.

Assim, não tinha muita importância o que você teria desejado para mim, não é mesmo?

Agora a emoção deixava sua voz embargada:

– Só que aconteceu. Aconteceu mesmo sem eu esperar. E com Michael. Eu o amo tanto, John... Eu insistia em dizer para mim mesma que não, mas quando achei que ele estivesse morrendo, foi demais para mim e eu soube... ah, Deus, eu soube, John. Eu preciso dele. Eu o amo. Não posso viver sem ele e precisava lhe contar, saber que você... que você...

Não conseguiu continuar. Havia muitos sentimentos tomando conta dela, todos lutando desesperadamente para sair. Ela enterrou o rosto nas mãos e chorou, não de pesar, não de alegria, mas porque não conseguia conter aquelas emoções todas dentro de si.

– John – arfou ela. – Eu o amo. E acho que é o que você teria querido. Eu realmente acho...

E então ouviu um barulho vindo de trás de si. Um passo, um respirar. Virou-se, mas já sabia quem seria. Podia senti-lo no ar.

– Michael – murmurou, fitando-o como se fosse um espectro.

Estava pálido e abatido, e teve de se encostar numa árvore em busca de apoio, mas aos olhos dela ele pareceu perfeito.

– Francesca – falou, num suspiro. – Frannie.

Ela se levantou sem desviar os olhos dos dele por um instante sequer.

– Você me ouviu?

– Eu te amo – disse ele, com a voz rouca.

– Mas você me ouviu? – insistiu ela.

Ela precisava saber, e se ele não a tivesse ouvido, ela teria de lhe dizer.

Michael assentiu com um movimento espasmódico da cabeça.

– Eu te amo – disse ela. Queria ir até ele, queria atirar os braços a seu redor, mas permaneceu presa no mesmo lugar. – Eu te amo – repetiu. – Eu te amo.

– Você não precisa...

– Preciso, sim. Eu tenho de dizê-lo. Eu te amo. Amo, sim. Eu te amo muito.

Então, a distância entre os dois desapareceu e os braços dele a envolveram. Ela enterrou o rosto em seu peito, as lágrimas encharcando-lhe a camisa. Não sabia ao certo por que chorava, mas não se importava. Só queria o calor de seu abraço.

Ali, ela podia pressentir o futuro, e era maravilhoso.

Michael repousou o queixo sobre a cabeça dela.

– Eu não estava querendo dizer que você não precisava falar – murmurou ele –, só que não precisava repetir.

Ela riu ao ouvir aquilo, mesmo enquanto as lágrimas continuavam a fluir.

– Você tem de dizê-lo – continuou ele. – Se sente, então tem de dizer. Eu sou ganancioso e quero tudo para mim.

Ela ergueu a vista para ele, os olhos brilhantes.

– Eu te amo.

Michael tocou a sua face.

– Não tenho a menor ideia do que fiz para merecê-la – falou.

– Não teve de fazer nada – sussurrou ela. – Só precisou existir. – Ela ergueu a mão e tocou o rosto dele, o gesto um reflexo perfeito do dele. – Eu só demorei um pouco para me dar conta, só isso.

Ele virou o rosto em direção à mão dela, então cobriu-a com as próprias mãos. Beijou-lhe a palma, parando apenas para sentir o perfume de sua pele. Tentara se convencer de que não importava se ela o amava, que tê-la como esposa era o suficiente. Mas agora...

Agora que ela o dissera, agora que seu coração voara às maiores alturas, ele havia descoberto que não era bem assim.

Aquilo era o paraíso.

Aquilo era ser abençoado.

Era algo que ele nunca ousara esperar, algo que jamais poderia ter sonhado que existisse.

Era *amor*.

– Eu a amarei pelo resto da minha vida – jurou ele. – Darei minha vida por você. Eu a honrarei e a tratarei com carinho. Eu...

Ele engasgava nas palavras, mas não se importava. Apenas queria lhe dizer. Apenas queria que ela soubesse.

– Vamos para casa – pediu ela baixinho.

Ele assentiu com a cabeça.

Francesca pegou a mão dele, conduziu-o cuidadosamente para longe da clareira e tomou o bosque que levava a Kilmartin. Michael se deixou levar por

ela, mas, antes de seguir caminho, voltou-se para a sepultura de John e articulou as palavras: *Muito obrigado.*

Então deixou que a esposa o guiasse até a casa.

– Eu queria lhe contar mais tarde – comentou ela. A voz ainda tremia de emoção, mas ela já começava a soar um pouco mais normal. – Eu havia planejado algum gesto bem romântico. Algo... – Ela se virou para ele, oferecendo-lhe um sorriso de pesar. – Bem, não sei o quê, mas teria sido grandioso.

Ele apenas balançou a cabeça.

– Não preciso disso. Eu só preciso... Só preciso...

E não importava que ele não soubesse como terminar a frase, porque de alguma forma ela sabia.

– Eu sei – murmurou Francesca. – Preciso exatamente da mesma coisa.

EPÍLOGO

Meu querido sobrinho,

Embora Helen insista em que não se surpreendeu com o anúncio de seu casamento com Francesca, devo admitir que possuo uma imaginação bem menos fértil e confesso que, para mim, foi um choque.

Imploro-lhe, no entanto, que não confunda choque com falta de aceitação. Não precisei de muito tempo ou reflexão para me dar conta de que você e Francesca formam um casal ideal. Não sei como não enxerguei isso antes. Não afirmo entender de metafísica e, na verdade, raramente tenho muita paciência para quem diz entender, mas há uma compreensão entre vocês dois, uma comunhão de mentes e de almas existente num plano superior.

Está claro que nasceram um para o outro.

Estas não são palavras fáceis de escrever. John ainda vive em meu coração e eu sinto sua presença todos os dias. Choro a perda de meu filho e sempre o farei. Não posso lhe dizer quanto me conforta saber que você e Francesca se sentem da mesma forma.

Espero que não me ache presunçosa ao lhe oferecer minha bênção.

E espero que não me ache tola por também lhe agradecer.

Obrigada, Michael, por ter permitido que meu filho a amasse primeiro.

– de Janet Stirling, viúva condessa de Kilmartin, para Michael Stirling, conde de Kilmartin, junho de 1824

NOTA DA AUTORA

Caro leitor,

Sujeitei os personagens de *O conde enfeitiçado* a uma parcela não muito justa de infortúnios médicos. Pesquisar as doenças que acometeram tanto John quanto Michael foi complicado; tive de me certificar de que o processo de suas doenças fizesse sentido do ponto de vista científico ao mesmo tempo que revelava apenas o que era conhecido pela ciência na Inglaterra de 1824.

John morreu de um aneurisma cerebral rompido. Aneurismas cerebrais são enfraquecimentos congênitos das paredes dos vasos sanguíneos do cérebro. Podem permanecer dormentes por muitos anos ou se dilatarem depressa e romper, levando a um sangramento dentro do cérebro, que pode ser seguido por perda de consciência, coma e morte. As dores de cabeça provocadas por aneurismas cerebrais rompidos em geral são súbitas e violentas, mas antes da ruptura em si a pessoa pode sentir uma dor de cabeça persistente.

Nada poderia ter sido feito para salvá-lo; mesmo hoje, aproximadamente metade dos aneurismas cerebrais rompidos leva à morte.

No século XIX, a única forma de se fazer o diagnóstico definitivo dessa condição era durante a autópsia. É muito pouco provável, no entanto, que um conde fosse submetido a uma dissecação após a morte; dessa forma, o falecimento de John teria permanecido um mistério para aqueles que o amavam. Tudo o que Francesca poderia saber era que o marido teve uma dor de cabeça, foi se deitar e morreu.

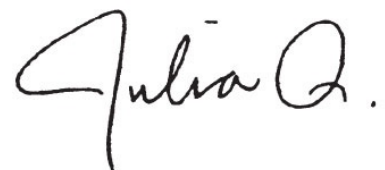
O ponto decisivo para a detecção de aneurismas cerebrais ocorreu com o uso do angiograma, na década de 1950. Essa técnica, que consiste na aplicação de um contraste nos vasos sanguíneos que alimentam o cérebro para criar um raio X

da anatomia vascular, foi desenvolvida por Egas Moniz, em Portugal, em 1927. Uma informação interessante: Moniz ganhou o Nobel de Medicina em 1949, mas não pelo seu trabalho no campo do angiograma, pioneiro e que salvou inúmeras vidas. Na verdade, foi celebrado pela descoberta da lobotomia frontal como tratamento para doenças mentais.

Quanto à malária, trata-se de uma doença existente desde a Antiguidade. Por meio de registros históricos, observou-se que a exposição ao ar quente e úmido está associada a febres periódicas, fraqueza, anemia, falência renal, coma e morte. O nome da doença vem da expressão italiana para “ar ruim” e reflete a crença em nossos ancestrais de que o ar, em si, era o culpado. Em *O conde enfeitiçado*, Michael cita o “ar pútrido” como a fonte de sua doença.

Hoje sabemos que a malária é, na verdade, infecciosa. As condições climáticas quentes e pantanosas não são as únicas causas, mas servem de solo fértil para a reprodução de mosquitos do gênero *Anopheles*, vetor da infecção. Durante uma picada do inseto, a fêmea injeta organismos microscópicos no infeliz hospedeiro humano. Esses organismos são parasitas unicelulares do gênero *Plasmodium*. Há quatro espécies de *Plasmodium* que podem infectar as pessoas: *falciparum*, *vivax*, *ovale* e *malariae*. Uma vez na corrente sanguínea, esses micro-organismos são levados até o fígado, onde se multiplicam em ritmo frenético. No espaço de uma semana, dezenas de milhares de parasitas são liberados outra vez na corrente sanguínea, onde infectam os glóbulos vermelhos e se alimentam da hemoglobina que se encontra em seu interior e que carrega o oxigênio. A cada dois ou três dias, através de um processo sincronizado pouco compreendido, os filhotes desses parasitas surgem de dentro dos glóbulos vermelhos, causando febres altas e calafrios violentos. No caso da malária *falciparum*, as células infectadas podem se tornar pegajosas, grudando-se à parte interna dos vasos sanguíneos do rim e do cérebro, levando à insuficiência renal e ao coma – e à morte, caso o tratamento demore a ocorrer.

Michael teve sorte. Pegou a malária *vivax*, que persiste no fígado da pessoa infectada por décadas, mas raramente a mata. A exaustão e as febres causadas por ela, no entanto, são graves.

Ao final do livro, Michael e Francesca temem que o aumento das crises signifique o fracasso da batalha contra a doença. Na verdade, no caso da malária *vivax*, isso não teria importado. Não é possível saber quando um portador da

malária *vivax* poderá ter uma crise de febre (a não ser no caso de imunossupressão, como em pacientes com câncer, grávidas ou pessoas com aids). Na verdade, em alguns pacientes as febres nunca mais ocorrem e eles permanecem saudáveis pelo resto da vida. Gosto de pensar que Michael tenha sido um dos afortunados, mas mesmo que não tenha sido esse o caso, não há motivo para crer que não tenha vivido até uma idade bem avançada. Além do mais, como a malária é, estritamente, uma doença transmissível por via sanguínea, ele não poderia tê-la passado para os membros de sua família.

A causa da malária ainda não seria compreendida durante décadas após a ambientação de *O conde enfeitiçado*, mas o tratamento básico já era conhecido: havia a possibilidade de cura pelo consumo da casca da árvore tropical cinchona. A casca costumava ser misturada à água, produzindo o quinino. O quinino começou a ser comercializado na França em 1820, mas seu uso já tinha sido razoavelmente difundido algum tempo antes.

No mundo desenvolvido, a malária já foi praticamente erradicada, em grande parte devido a iniciativas de controle dos mosquitos. No entanto, continua sendo uma das principais causas de morte e invalidez entre os habitantes do mundo em desenvolvimento. Entre 1 e 3 milhões de pessoas morrem por ano de malária *falciparum*. Isso significa uma morte a cada trinta segundos. A maioria das mortes ocorre na África subsaariana e a maioria das vítimas é de crianças com menos de 5 anos.

Parte do lucro deste livro será doada à pesquisa pelo desenvolvimento de medicamentos para a malária.

Com carinho,

Julia Q.

AGRADECIMENTOS

Meu muito obrigada aos Drs. Paul Pottinger e Philip Yarnell pela expertise no campo das doenças infecciosas e da neurologia, respectivamente.

OS BRIDGERTONS 7

Julia Quinn

UM BEIJO INESQUECÍVEL

ARQUEIRO

Um Beijo Inesquecível

Os Bridgertons — 7

Julia Quinn

Um Beijo Inesquecível

ARQUEIRO

Título original: *It’s in his kiss*

tradução: Claudia Costa Guimarães

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Milena Vargas e Raphani Margiotta

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagens de capa: Arcangel Images; mansão: Yolande de Kort / mulher: Małgorzata Maj

adaptação para e-book: Hondana

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64b

Quinn, Julia, 1970-
Um beijo inesquecível [recurso eletrônico]/Julia Quinn [tradução de Claudia Costa Guimarães]; São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (Os Bridgertons - 7)

Tradução de: It's in his kiss
Sequência de: O conde enfeitiçado
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-486-8 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Guimarães, Claudia Costa. II. Título. III. Série.

15-28643 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Steve Axelrod, por cem razões diferentes.
(Mas, especialmente, pelo caviar!)

E também para Paul, apesar de ele achar que
sou o tipo de pessoa que gosta de compartilhar caviar.

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

PRÓLOGO

1815, dez anos antes de a nossa história começar de verdade...

Gareth St. Clair tinha quatro princípios básicos para manter o bom humor e a sanidade no relacionamento com o pai.

Um: eles só conversavam se fosse absolutamente necessário.

Dois: as conversas absolutamente necessárias deviam ser as mais breves possíveis.

Três: quando trocassem mais do que um simples cumprimento, era sempre preferível que houvesse uma terceira pessoa presente.

E, por fim, quatro: para que os pontos um, dois e três fossem cumpridos, Gareth devia conseguir acumular o maior número de convites possível para passar as férias escolares com amigos.

Em outras palavras, não em casa.

Em palavras ainda mais precisas, longe do pai.

De modo geral, quando se dava o trabalho de pensar a respeito – o que não era frequente, agora que transformara as táticas de evasão numa ciência –, Gareth achava que esses princípios lhe serviam bem.

E também serviam bem ao pai, pois Richard St. Clair gostava do filho mais novo tanto quanto o caçula gostava dele. Por isso Gareth ficara tão surpreso ao ser convocado à sua casa quando estava na escola. E o convite fora feito com bastante vigor.

A missiva do pai não continha a menor ambiguidade: Gareth devia se dirigir à Casa Clair imediatamente.

Aquilo era um tanto irritante. Como faltavam apenas dois meses para que deixasse Eton, a vida estava em plena marcha na escola, uma inebriante mistura de divertimento e estudo, com a ocasional incursão clandestina ao pub local, sempre tarde da noite e envolvendo vinho e mulheres.

Gareth vivia exatamente como um rapaz de 18 anos desejaria viver. Contanto

que permanecesse fora da linha de visão do pai, pensara que a vida aos 19 seria igualmente abençoada. No outono, pretendia ir com todos os amigos mais próximos para Cambridge, onde tinha a intenção de se dedicar com igual fervor aos estudos e à vida social.

Olhando à sua volta, já no vestíbulo da Casa Clair, deixou escapar um longo suspiro que deveria soar impaciente, mas acabou por sair mais nervoso do que qualquer outra coisa. O que o barão – como começara a chamar o pai – queria? Havia muito tempo ele anunciara que não se importava com o caçula e só estava pagando a sua instrução porque isso era o esperado.

Ou seja, mandara o filho para uma boa escola porque não desejava ficar mal aos olhos dos amigos e dos vizinhos.

Quando Gareth e o pai de fato se encontravam, o barão passava o tempo todo afirmando que o garoto era uma decepção, levando Gareth a querer contrariar Richard ainda mais. Afinal, não havia nada tão bom como confirmar as expectativas alheias.

Sentindo-se um estranho na própria casa, Gareth batia o pé no chão enquanto esperava que o mordomo avisasse o pai de sua chegada. Passara tão pouco tempo ali nos últimos nove anos que era difícil ficar apegado ao lugar. Para ele, não era mais do que um monte de pedras que pertenciam ao pai e que acabariam sendo passadas para o irmão mais velho, George. Nada da casa e nada da fortuna dos St. Clairs seria transmitido a Gareth e ele sabia que deveria trilhar o próprio caminho naquele mundo. Supunha que entraria para o Exército depois de Cambridge; a única outra vocação aceitável era o clero e ele não se encaixava *nem um pouco*.

Gareth tinha poucas recordações da mãe, que morrera em um acidente quando ele tinha 5 anos, mas se lembrava de ela desalinhar os seus cabelos e de rir por ele nunca levar nada a sério.

– Meu diabinho, é o que você é – costumava dizer. – Não abandone esse seu jeito. O que quer que você faça, não o perca.

Ele não o perdera. E duvidava muito que a Igreja Anglicana desejasse vê-lo entre os seus.

– Mestre Gareth.

Gareth ergueu a vista ao ouvir a voz do mordomo. Como sempre, as frases de Guilfoyle eram sem inflexão, jamais com interrogações.

– Seu pai o receberá agora. Está no escritório.

Gareth assentiu para o mordomo idoso e se dirigiu pelo corredor até o escritório de Richard, que sempre fora o seu aposento menos querido da casa. Era ali que o pai ministrava seus sermões, dizia que ele jamais daria para coisa nenhuma, afirmava gelidamente que nunca deveria ter tido um segundo filho, pois Gareth não era mais do que um desperdício das finanças da família e uma mancha em sua reputação.

Não, pensou Gareth enquanto batia à porta, não havia lembranças felizes naquele lugar.

– Entre!

Gareth empurrou a pesada porta de carvalho e deu um passo para dentro. O pai estava sentado atrás da escrivaninha, rabiscando algo numa folha de papel. Pareceu-lhe bem, pensou Gareth, casualmente. O pai sempre parecia estar bem. Tudo seria mais fácil se ele tivesse se transformado em alguém de aparência menos digna, apenas uma casca de homem, de cara avermelhada, mas não, lorde St. Clair estava em boa forma, era forte e dava a impressão de ter 30 anos, e não 50 e tantos.

Tinha a aparência de um homem que um menino como Gareth deveria respeitar. E isso tornava ainda mais cruel a dor da rejeição.

Gareth esperou pacientemente até que o pai erguesse a vista. Como isso não aconteceu, pigarreou.

Nenhuma reação.

Gareth tossiu.

Nada.

Gareth rangeu os dentes. Esta era a rotina do pai: ignorá-lo por um tempo, para lhe lembrar que não o considerava digno de nota.

Gareth pensou em dizer “senhor”, “milorde” e, até mesmo, “pai”, mas ao final apenas relaxou o corpo de encontro ao batente da porta e se pôs a assobiar.

O pai ergueu os olhos imediatamente.

– Pare.

Gareth arqueou a sobrancelha e ficou em silêncio.

– E fique em pé direito. Por Deus – disse o barão, irritado –, quantas vezes eu já lhe disse que assobiar é falta de educação?

Gareth esperou um segundo e perguntou:

– Devo responder ou é uma pergunta retórica?

O rosto do pai ficou avermelhado.

Gareth engoliu em seco. Não devia ter dito aquilo. Sabia que o tom deliberadamente jocoso enfureceria o barão, mas de vez em quando era tão difícil ficar de boca fechada... Passara anos tentando fazer com que o pai gostasse dele, mas, por fim, desistira.

Agora, se pudesse ter a satisfação de deixar o velho tão infeliz quanto ele o deixava, que assim fosse. Cada um encontrava os seus prazeres onde podia.

– Estou surpreso que esteja aqui – comentou o pai.

Gareth pestanejou, aturdido.

– O senhor me mandou vir.

A triste realidade era que jamais havia desafiado o pai. Não de verdade. Cutucava, incitava, acrescentava um toque de insolência a cada uma de suas afirmações e ações, mas nunca se portava de maneira explicitamente desafiadora.

Era um covarde miserável.

Em seus sonhos, ele reagia. Em seus sonhos, dizia ao pai o que achava dele, mas, na vida real, o desafio se limitava a assobios e expressões mal-humoradas.

– Mandei, sim – disse o pai, recostando-se ligeiramente na cadeira. – Porém nunca dou uma ordem esperando que a siga da forma correta. Você raramente o faz.

Gareth permaneceu em silêncio. O barão ficou de pé e andou até uma mesa próxima, onde mantinha um decanter de conhaque.

– Imagino que esteja se perguntando do que se trata.

Gareth assentiu, mas o pai não se deu o trabalho de olhá-lo, então ele acrescentou:

– Sim, senhor.

O barão sorveu o conhaque com grande satisfação e Gareth aguardou enquanto ele saboreava o líquido âmbar. Por fim, Richard se virou e, com um olhar de frio escrutínio, disse:

– Descobri uma maneira de você ser útil à família St. Clair.

Gareth ergueu a cabeça abruptamente.

– É mesmo... senhor?

O pai tomou outro gole, então baixou o copo.

– Com efeito. – O barão olhou diretamente para Gareth pela primeira vez durante a conversa. – Você vai se casar.

– Senhor? – indagou Gareth, quase engasgando.

– Este verão – confirmou lorde St. Clair.

Gareth agarrou o espaldar da cadeira para se manter em pé. Pelo amor de Deus, ele só tinha 18 anos. Era jovem demais para se casar. E quanto a Cambridge? Será que poderia estudar depois de casado? E onde ficaria a esposa?

E com quem iria se casar?

– Trata-se de um ótimo acordo – continuou o barão. – O dote restabelecerá as nossas finanças.

– As nossas finanças, senhor? – sussurrou Gareth.

Lorde St. Clair cravou o olhar no filho como se fincasse garras.

– Estamos hipotecados até a alma – respondeu asperamente. – Mais um ano e perderemos tudo o que não fizer parte da linha de sucessão.

– Mas… como?

– Eton não é uma escola barata – vociferou o barão.

Não, mas certamente não era cara o bastante para levar a família à mendicância, pensou Gareth, desesperado. Aquilo não podia ser *apenas* culpa sua.

– Você pode até estar desapontado – continuou o pai –, mas nunca me esquivei das minhas responsabilidades. Você recebeu a educação de um cavalheiro. Teve um cavalo, roupas e um teto sobre a cabeça. Agora é hora de se comportar como um homem.

– Com quem? – sussurrou Gareth.

– Como?

– Com quem? – repetiu ele, um pouco mais alto.

– Mary Winthrop – revelou o pai, sem muito rodeio.

Gareth sentiu o sangue se esvair do corpo.

– Mary…

– Filha de Wrotham – acrescentou o pai.

Como se Gareth não soubesse.

– Mas Mary…

– Será uma ótima esposa – interrompeu o barão. – Será dócil, e você poderá deixá-la no interior se desejar vadiar pela cidade com os tolos dos seus amigos.

– Mas, pai, Mary…

– Já aceitei em seu nome. Está feito. Os acordos já foram assinados.

Gareth lutava para respirar. Aquilo não podia estar acontecendo. Não deveria ser permitido forçar um homem a se casar.

– Wrotham gostaria que fosse em julho – acrescentou o pai. – Eu disse que não temos objeções.

– Mas… Mary… – falou Gareth, arfante. – Eu não posso me casar com Mary!

Uma das sobrancelhas grossas do pai se arqueou.

– Você pode e vai se casar.

– Mas, pai, ela é… ela é...

– Simplória? – completou o pai e riu. – Quando ela estiver embaixo de você na cama, não vai fazer a menor diferença. De qualquer forma, não precisa ter nenhuma relação com ela agora. – Aproximou-se do filho até estarem desconfortavelmente próximos. – A única coisa que precisa fazer é aparecer na igreja. Compreende?

Gareth permaneceu em silêncio, imóvel. Só conseguia respirar.

Conhecia Mary Winthrop desde sempre. Era um ano mais velha do que ele, e as propriedades das duas famílias ficavam uma ao lado da outra havia mais de um século. Tinham brincado juntos na infância, mas logo ficara claro que Mary não era exatamente boa da cabeça. Gareth permanecera como seu defensor sempre que se encontrava na região; fizera sangrar mais de um valentão que a insultara ou quisera se aproveitar de sua natureza doce e despretensiosa.

Mas não podia se *casar* com ela. Mary era como uma criança. Isso devia ser pecado. E, mesmo que não fosse, não podia tolerar a ideia. Como Mary compreenderia o que deveria acontecer entre um homem e sua esposa?

Nunca poderia dormir com ela. Nunca.

Gareth se limitou a fitar o pai, sem palavras. Pela primeira vez na vida, não lhe veio uma resposta fácil, uma réplica insolente.

Não havia palavras. Simplesmente não havia palavras para um momento como aquele.

– Vejo que estamos de acordo – disse o barão, sorrindo diante do silêncio do filho.

– Não! – explodiu Gareth, a sílaba única saiu rasgando tudo por dentro. –

Não! Eu não posso!

Os olhos do pai se estreitaram.

– Você vai estar lá nem que eu precise amarrá-lo.

– Não! – Ele teve a sensação de estar engasgando, mas, de alguma forma, conseguiu emitir as palavras. – Pai, Mary é... bem, ela é uma criança. Nunca vai ser mais do que uma criança. O senhor sabe disso. Não posso me casar com ela. Seria pecado.

O barão riu, aliviando a tensão.

– Está tentando me convencer de que logo *você* se converteu?

– Não, mas…

– Não há nada a ser discutido – interrompeu o pai. – Wrotham foi bastante generoso com o dote; sabe bem que só assim pode se livrar daquela idiota.

– Não fale dela assim – sussurrou Gareth.

Não queria se casar com Mary Winthrop, mas a conhecia a vida toda e ela não merecia ser chamada daquela forma.

– É o melhor que você vai conseguir – avisou lorde St. Clair. – O melhor que terá. O acordo com Wrotham é extremamente generoso e vou providenciar para que você receba uma mesada, que o manterá com conforto pelo resto da vida.

– Uma mesada... – ecoou Gareth, sem emoção.

O pai deixou escapar uma risadinha curta.

– Achava que eu confiaria a você uma quantia alta de uma só vez? *A você?*

Gareth engoliu em seco, desconfortável.

– E quanto à faculdade? – sussurrou.

– Você pode continuar a estudar. Na verdade, tem que agradecer à sua noiva por isso. Eu não teria tido a verba necessária para enviá-lo para lá sem o acordo de casamento.

Gareth ficou imóvel, tentando forçar a respiração a se assemelhar a algo de remotamente normal. O pai sabia quanto significava para ele frequentar Cambridge. Sobre uma coisa estavam de acordo: um cavalheiro precisava de uma instrução de cavalheiro. Não importava nem um pouco que Gareth desejasse ardentemente a experiência como um todo, tanto social quanto acadêmica, enquanto lorde St. Clair a via apenas como algo que um homem devia realizar para manter as aparências. Aquilo ficara decidido havia anos: Gareth estudaria lá e se diplomaria.

Mas, agora, parecia que lorde St. Clair sempre soubera que não podia pagar a instrução do filho mais jovem. Quando planejara lhe contar? Enquanto Gareth estivesse fazendo as malas?

– Está feito, Gareth – disse o pai asperamente. – E tem que ser você. George é o herdeiro e não posso permitir que ele macule a linhagem. Além do mais – acrescentou, franzindo os lábios –, eu não o sujeitaria a uma coisa dessas.

– Mas me sujeitará? – sussurrou Gareth.

O pai o odiava, o desprezava tanto assim? Ergueu a vista para encarar o pai, para fitar o rosto que lhe trouxera tanta infelicidade. Nunca houvera um sorriso, uma palavra de encorajamento. Nunca um…

– Por quê? – Gareth ouviu-se dizer; as palavras pareciam ditas por um animal ferido, patético e lamentoso. – Por quê?

O pai limitou-se a ficar parado, segurando a beirada da mesa até os nós dos dedos ficarem brancos. E Gareth nada pôde fazer além de fitá-lo, de alguma forma hipnotizado pela visão mais do que corriqueira das mãos do pai.

– Eu sou seu filho – sussurrou, ainda incapaz de tirar os olhos das mãos do barão. – Seu filho. Como pode fazer isso com o próprio filho?

E então o pai – o mestre das réplicas mordazes, cuja raiva sempre vinha revestida de gelo em vez de fogo – explodiu. Ele abriu os braços de súbito e rugiu como um demônio.

– Por Deus, como é que você ainda não percebeu? Você não é meu filho! Nunca foi meu filho! Você não passa de um bastardo, de um cachorrinho sarnento que a sua mãe arranjou com outro homem enquanto eu estava viajando.

A raiva fluiu como algo quente e represado havia tempo de mais e atingiu Gareth como uma onda, redemoinhando à sua volta, apertando-o e sufocando-o até ele mal conseguir respirar.

– Não – disse, balançando a cabeça desesperadamente.

Não que isso nunca tivesse lhe passado pela cabeça, que já não tivesse desejado, mas não podia ser verdade. Ele se *parecia* com o pai. Tinham o mesmo nariz, não tinham? E...

– Eu o alimentei – falou o barão, a voz grave e dura. – Eu o vesti e o apresentei ao mundo como meu filho. Eu o sustentei, quando outro homem o teria atirado na rua. Já passou da hora de você retribuir o favor.

– Não – insistiu Gareth. – Não pode ser. Eu me pareço com o senhor. Eu...

Por um instante, lorde St. Clair permaneceu em silêncio. Então afirmou, amargo:

– Garanto que é apenas uma infeliz coincidência.

– Mas…

– Eu poderia tê-lo rejeitado quando você nasceu – interrompeu lorde St. Clair –, poderia ter mandado sua mãe embora e atirado os dois na rua. Mas eu não o fiz. – Ele se aproximou, ficando com o rosto muito próximo ao de Gareth. – Você foi aceito e é legítimo. – Então, com uma voz furiosa e grave, acrescentou: – Você me deve.

– Não – disse Gareth, a voz finalmente convicta. – Não. Não vou fazer o que está me pedindo.

– Eu cortarei os seus recursos. Você não verá mais um único centavo. Pode esquecer os seus sonhos de Cambridge, o seu…

– Não – repetiu Gareth e dessa vez soou diferente.

Sentiu-se diferente. Aquilo era o fim, deu-se conta. O fim da sua infância, o fim da sua inocência e o começo de...

Só Deus sabia do que era o começo.

– Para mim, basta de você – sibilou o pai... não, ele não era seu pai. – Basta.

– Que assim seja – declarou Gareth, e se retirou.

CAPÍTULO 1

Dez anos se passaram e conhecemos a nossa heroína que – é preciso dizer – nunca foi considerada uma florzinha tímida e discreta. O cenário é o recital anual dos Smythe-Smiths, uns dez minutos antes de o Sr. Mozart começar a se revirar no túmulo.

– Por que fazemos isso conosco? – perguntou-se Hyacinth Bridgerton em voz alta.

– Porque somos pessoas boas e generosas – respondeu a cunhada, Penelope, já sentada (que Deus as ajudasse) na primeira fila.

– Era para termos aprendido a lição no ano passado – persistiu Hyacinth, olhando para a cadeira que se encontrava ao lado de Penelope com a mesma animação com a qual olharia para um ouriço-do-mar. – Ou, talvez, no ano anterior. Ou, quem sabe, até...

– Hyacinth? – ralhou Penelope.

A Srta. Bridgerton olhou para a cunhada, erguendo a sobrancelha de forma interrogativa.

– Sente-se.

Hyacinth suspirou e se sentou.

O recital dos Smythe-Smiths. Por sorte, ocorria apenas uma vez ao ano, pois Hyacinth estava bastante convicta de que eram necessários doze meses para os ouvidos se recuperarem.

Deixou escapar outro suspiro, este mais alto do que o anterior.

– Não tenho certeza de que sou boa ou generosa.

– Eu, tampouco – comentou Penelope. – Mas resolvi ter fé em você, ainda assim.

– Muito engraçado da sua parte – retrucou Hyacinth.

– Eu também achei.

Hyacinth olhou para ela de soslaio.

– É claro que você não teve escolha.

Penelope se virou no assento, estreitando os olhos.

– Como assim?

– Colin se recusou a acompanhá-la, não foi? – indagou Hyacinth, com um olhar matreiro.

Colin era irmão de Hyacinth e se casara com Penelope um ano antes. A cunhada comprimiu os lábios.

– Eu adoro ter razão – disse Hyacinth, triunfante. – É uma felicidade para mim, pois isso acontece com bastante frequência.

Penelope se limitou a olhá-la.

– Você sabe que é intolerável, não sabe?

– É claro. – Hyacinth inclinou o corpo em direção a Penelope com um sorriso diabólico. – Mas você me ama ainda assim, admita.

– Não vou admitir coisa nenhuma até o fim da noite.

– Quando já estivermos surdas?

– Se você tiver se comportado.

Hyacinth riu.

– Você entrou para a família por casamento. Tem que me amar. É uma obrigação contratual.

– Engraçado, mas eu não lembrava que isso constava dos votos matrimoniais.

– Engraçado: eu lembro perfeitamente.

Penelope a encarou e riu.

– Não sei como você faz isso, Hyacinth... Apesar de ser irritante, sempre consegue ser encantadora.

– É o meu maior dom – esclareceu Hyacinth de forma recatada.

– Bem, você ganha pontos por ter vindo comigo esta noite – disse Penelope, dando um tapinha em sua mão.

– É claro. Apesar de meus modos insuportáveis, eu sou a essência da bondade e da amabilidade.

E teria que ser mesmo, pensou, contemplando a cena que se desenrolava sobre o pequeno palco improvisado. Mais um ano, mais um recital dos Smythe-Smiths. Mais uma oportunidade de aprender de quantas formas é possível estragar uma peça musical perfeitamente boa. Todos os anos, Hyacinth jurava

que não voltaria a comparecer, então, de algum modo, se via outra vez no evento, sorrindo de forma encorajadora para as quatro meninas no palco.

– No ano passado eu pude me sentar lá no fundo, pelo menos – comentou Hyacinth.

– É verdade – concordou Penelope, virando-se para ela, desconfiada. – Como você conseguiu? Felicity, Eloise e eu estávamos todas aqui na frente.

Hyacinth deu de ombros.

– Uma visita bem cronometrada ao lavatório das senhoras. Pensando bem...

– Não ouse tentar isso esta noite – avisou Penelope. – Se me deixar aqui sozinha...

– Não se preocupe – disse Hyacinth, com um suspiro. – Vou ficar aqui até o fim. Mas – acrescentou, apontando o dedo de uma forma que a mãe sem dúvida teria chamado de "muito pouco apropriada" a uma dama – quero que a minha devoção a você seja devidamente observada.

– Por que tenho a impressão de que você está registrando a pontuação de tudo e, quando eu menos esperar, vai saltar na minha frente exigindo algum favor?

Hyacinth pestanejou, aturdida.

– E por que eu haveria de saltar?

– Ah, olhe – disse Penelope, depois de fitar a cunhada como se ela fosse uma lunática –, aí vem Lady Danbury.

– Sra. Bridgerton – cumprimentou, ou melhor, latiu Lady Danbury – e Srta. Bridgerton.

– Boa noite, Lady Danbury – falou Penelope à condessa idosa. – Guardamos um lugar para a senhora bem aqui na frente.

Lady D estreitou os olhos e cutucou Penelope no tornozelo, de leve, com a bengala.

– Você está sempre pensando nos outros, não é mesmo?

– É claro – concordou Penelope, hesitante. – Eu nem sonharia em...

– Rá – fez Lady Danbury.

Aquela era a sílaba favorita da condessa. Essa e *humpf*.

– Passe para o outro assento, Hyacinth – ordenou Lady D. – Vou me sentar entre vocês duas.

Obedientemente, Hyacinth pulou uma cadeira para a esquerda.

– Acabamos de ponderar nossos motivos para vir – comentou ela, enquanto Lady Danbury se acomodava em seu lugar. – Eu não encontrei razão nenhuma.

– Não posso falar por você, mas *ela* – Lady D indicou Penelope com a cabeça – está aqui pelo mesmo motivo que eu.

– Pela música? – indagou Hyacinth, talvez um pouco educadamente demais.

Lady Danbury virou-se outra vez para Hyacinth, o rosto se contraindo naquilo que poderia ser considerado um sorriso.

– Sempre gostei de você, Hyacinth Bridgerton.

– Eu também sempre gostei da senhora.

– Imagino que seja porque vai ler para mim de vez em quando.

– Toda semana – lembrou-lhe Hyacinth.

– De vez em quando, toda semana... pfft. – A mão de Lady Danbury cortou o ar com um aceno desdenhoso. – É tudo a mesma coisa quando não se faz um esforço diário.

Hyacinth achou melhor não dizer nada. Lady D certamente encontraria uma forma de distorcer suas palavras, transformando-as numa promessa de visitá-la todas as tardes.

– E, eu devo acrescentar – começou Lady D, com uma fungada –, você foi extremamente descortês na semana passada, me deixando com a pobre Priscilla pendurada em um precipício.

– O que estão lendo? – perguntou Penelope.

– *Srta. Butterworth e o Barão Louco* – respondeu Hyacinth. – E ela não ficou pendurada. Ainda.

– Você leu mais adiante? – questionou Lady D.

– Não – respondeu Hyacinth, revirando os olhos. – Mas não é difícil de prever. A Srta. Butterworth já ficou pendurada em um prédio e em uma árvore.

– E continua viva? – indagou Penelope.

– Eu disse que ela ficou pendurada, não que foi enforcada – murmurou Hyacinth. – Que pena.

– De qualquer forma – insistiu Lady Danbury –, foi muito descortês da sua parte me deixar em suspense.

– Mas a autora terminou o capítulo assim – replicou Hyacinth, impenitente. – Além do mais, a paciência não é uma virtude?

– De forma alguma – disse Lady Danbury, enfática. – Se você pensa assim, é

menos mulher do que eu imaginava.

Ninguém entendia por que Hyacinth visitava Lady Danbury toda terça-feira para ler, mas ela apreciava as tardes passadas com a condessa. Lady Danbury era rabugenta e excessivamente franca, e Hyacinth a adorava.

– Vocês duas juntas são uma ameaça – observou Penelope.

– Meu objetivo de vida – anunciou Lady Danbury – é ser uma ameaça para o maior número de pessoas possível, logo considero esse o maior dos elogios, Sra. Bridgerton.

– Por que a senhora só me chama de Sra. Bridgerton quando expressa as opiniões em grande estilo?

– Soa melhor – respondeu Lady D, batendo a bengala no chão.

Hyacinth deu um sorriso torto. Quando ficasse velha, queria ser exatamente como Lady Danbury. Na verdade, gostava mais da condessa idosa do que da maioria das pessoas que conhecia da própria idade. Depois de três temporadas no mercado casamenteiro, Hyacinth estava ficando um pouco cansada das mesmas pessoas, dia após dia. Os bailes, as festas, os pretendentes, que já haviam sido divertidos um dia... Bem, tudo ainda era divertido, ela precisava admitir. Hyacinth certamente não era uma dessas meninas que se queixava de toda a riqueza e privilégio que era forçada a tolerar.

Mas não era a mesma coisa. Já não prendia a respiração toda vez que entrava num salão de baile. E uma dança era, agora, apenas uma dança, e não mais o mágico rodopio que fora em anos passados.

Ela se deu conta de que o entusiasmo acabara.

Infelizmente, sempre que mencionava isso para a mãe, a resposta era: encontre um marido. Violet Bridgerton fazia enorme questão de assinalar que isso mudaria tudo.

Havia muito tempo, a mãe deixara a sutileza de lado quando o assunto era a solteirice da quarta e última filha. Tinha se transformado numa cruzada pessoal, pensou Hyacinth soturnamente. Esqueçam Joana D’Arc. Nem praga, peste ou amante pérfido desviariam Violet de Mayfair do objetivo de ver os oito filhos casados e felizes. Restavam apenas dois: Gregory e Hyacinth, embora ele tivesse apenas 24 anos, uma idade considerada aceitável (um tanto injustamente, na opinião da caçula) para um cavalheiro permanecer só.

Mas Hyacinth, com 22 anos? A única coisa que impedia o completo colapso

da mãe era o fato de a irmã mais velha, Eloise, só ter ficado noiva na avançada idade dos 28 anos. Em comparação, Hyacinth estava praticamente de fraldas.

Ninguém poderia dizer que a moça era ignorada, mas até ela precisava admitir que estava se aproximando de tal posição. Havia recebido algumas propostas desde o seu début, três anos antes, mas não tantas quanto seria de esperar, considerando o seu aspecto físico – não era a menina mais bonita da cidade, mas certamente melhor do que pelo menos metade – e a sua fortuna – não o maior dote do mercado, mas o bastante para que um caçador de fortunas a olhasse com mais atenção.

E as suas relações eram, é claro, não menos do que impecáveis. O irmão herdara do pai o título de visconde Bridgerton e, apesar de não ser a mais alta honraria do país, a família era imensamente popular e influente. E, se isso não fosse o bastante, a irmã Daphne era a duquesa de Hastings, e a irmã Francesca, a condessa de Kilmartin.

Se um homem quisesse se alinhar às famílias mais poderosas da Grã-Bretanha, podia arranjar coisa bem pior do que Hyacinth Bridgerton.

Mas se alguém se desse o trabalho de refletir sobre o número de propostas que Hyacinth recebera – o que ela não gostava de admitir ter feito –, a situação começava a parecer bastante ruim, de fato.

Três propostas na primeira temporada.

Duas na segunda.

Uma no ano anterior.

E, até o presente, nenhuma nesta.

O único argumento possível era que ela estivesse ficando menos popular. E se alguém, por acaso, fosse tolo o bastante para alegar isso, Hyacinth tomaria o partido oposto, apesar dos fatos e da lógica que se apresentavam.

E era bem provável que vencesse a discussão. Raramente havia um homem – ou mulher – mais espirituoso, articulado ou bom de debate do que Hyacinth Bridgerton. Num raro momento de autorreflexão, imaginou que isso pudesse ter a ver com o motivo pelo qual o número de propostas vinha caindo num ritmo tão alarmante.

Não importava, pensou, observando as Smythe-Smiths andarem em círculos pelo pequeno tablado montado na parte frontal do salão. Não que ela devesse ter aceitado qualquer uma das seis propostas: três vieram de caça-dotes, duas foram

feitas por tolos e uma, por um homem extremamente enfadonho.

Era melhor permanecer solteira do que se acorrentar a alguém que a entediaria a ponto de levá-la às lágrimas. A própria mãe, casamenteira inveterada, não tinha como refutar tal argumento.

Quanto à atual temporada sem propostas... Bem, se os cavalheiros da Grã-Bretanha não conseguiam apreciar o valor de uma mulher inteligente, dona da própria opinião, isso era problema deles, não seu.

Lady Danbury bateu a bengala no chão, errando o pé direito de Hyacinth por pouco.

– Por acaso vocês viram o meu neto? – perguntou.

– Qual neto? – indagou Hyacinth.

– Qual neto?! – ecoou Lady D, impaciente. – Qual neto?! O único de que eu gosto, ora.

Hyacinth nem mesmo se deu o trabalho de ocultar o choque.

– O Sr. St. Clair vem esta noite?

– Eu sei, eu sei – cacarejou Lady D. – Eu mesma mal consigo acreditar. Fico esperando que um feixe de luz divina se irradie através do teto.

Penelope franziu o nariz.

– Acho que isso é uma blasfêmia, mas não estou certa.

– Não é – assegurou Hyacinth, sem nem mesmo olhá-la. – E por que ele vem?

Lady Danbury sorriu lentamente. Como uma cobra.

– Por que está tão interessada?

– Estou *sempre* interessada em intrigas – respondeu Hyacinth, bem francamente. – Sobre qualquer um. A senhora já deveria saber disso.

– Muito bem – começou Lady D, um tanto rabugenta após ser frustrada. – Ele vem porque eu o chantageei.

Hyacinth e Penelope a encararam com as sobrancelhas arqueadas.

– Está certo – admitiu Lady Danbury –, se não foi chantagem, pelo menos foi uma boa dose de culpa.

– É claro – murmurou Penelope, no momento exato em que Hyacinth disse:

– *Isso* faz muito mais sentido.

Lady D suspirou.

– É possível que eu tenha lhe dito que não estava me sentindo bem.

– É *possível*? – indagou Hyacinth.

– Eu disse, sim.

– Deve ter caprichado, para ele vir.

O senso dramático de Lady Danbury era admirável, em especial quando ela conseguia manipular os que a cercavam. Era um talento que Hyacinth também cultivava.

– Acho que nunca o vi num recital – comentou Penelope.

– Humpf – resmungou Lady D. – Estou certa de que não há libertinas o suficiente para o gosto dele.

Dita por qualquer outra pessoa, teria sido uma afirmação chocante. Mas aquela era Lady Danbury, e Hyacinth (assim como o resto da alta sociedade) havia muito se acostumara com as suas frases surpreendentes.

Além do mais, era preciso considerar o homem em questão.

O neto de Lady Danbury não era outro senão o notório Gareth St. Clair. Provavelmente ele não ficara com a reputação tão depravada só por sua culpa, refletiu Hyacinth. Havia muitos outros homens que se comportavam com igual falta de decoro, e um bom número que era estonteante, mas Gareth St. Clair era o único capaz de combinar os dois elementos com tanto sucesso.

Mas a sua reputação era abominável.

Ele estava na idade de se casar, mas nunca, nem uma vez, fora visitar uma jovem decente em sua casa. Hyacinth estava bastante certa disso, pois, se alguma vez ele tivesse apenas insinuado interesse por alguém, a notícia logo teria corrido à boca pequena. Além do mais, Lady Danbury lhe contaria, já que amava um mexerico ainda mais do que ela.

Havia, ainda, a questão do pai dele, lorde St. Clair. Os dois tinham uma conhecida desavença, mas ninguém sabia o motivo. Pessoalmente, Hyacinth achava que não comentar os problemas familiares em público era um ponto favorável a Gareth – em especial depois de ter conhecido o pai dele e de tê-lo achado extremamente grosseiro, logo acreditava que o jovem St. Clair não tinha culpa.

A situação acrescentava um ar de mistério ao homem, que já era carismático. Na opinião de Hyacinth, isso o transformava num desafio para as senhoras da alta sociedade. Ninguém parecia saber ao certo como encará-lo. Por um lado, as mães desviavam as filhas de seu caminho; com certeza uma ligação com Gareth

St. Clair não faria bem à reputação de uma moça. Por outro lado, seu irmão morrera tragicamente jovem quase um ano antes e, agora, ele era o herdeiro do baronato. Portanto, transformara-se numa figura mais romântica e cobiçável. No mês anterior, Hyacinth vira uma moça desmaiar – ou pelo menos fingir desmaiar – quando ele se dignara a aparecer no Baile Bevelstoke.

Fora estarrecedor.

Hyacinth havia *tentado* dizer à tola infantil que ele estava ali apenas porque a avó o forçara a ir e, é claro, porque o pai estava viajando. Afinal, todos sabiam que ele só se associava com cantoras de ópera e atrizes – sem dúvida não se relacionaria com nenhuma das senhoras que talvez conhecesse no Baile Bevelstoke. Mas a menina não pôde ser dissuadida de seu estado para lá de emotivo e, por fim, acabara por despencar sobre um canapé vizinho, formando um amontoado suspeitosamente gracioso.

Hyacinth fora a primeira a encontrar um vinagrete e enfiá-lo debaixo do seu nariz. Sinceramente, determinados comportamentos não podiam ser tolerados.

Enquanto reanimava a jovem, Hyacinth o pegara espiando-a com aquele seu olhar vagamente zombeteiro e ela não pudera se livrar da sensação de que ele a achava divertida. Da mesma forma que ela achava divertidos crianças pequenas e cachorros grandes.

Não se sentira especialmente lisonjeada com a atenção dele, por mais breve que tivesse sido.

– Humpf – grunhiu.

Hyacinth se virou para encarar Lady Danbury, que ainda observava o salão em busca do neto.

– Ele não deve ter chegado – comentou Hyacinth, e acrescentou bem baixinho: – Ninguém desmaiou ainda.

– Hein? O que foi?

– Eu disse que ele não deve ter chegado.

Lady D estreitou os olhos.

– Eu ouvi essa parte.

– Foi só o que eu disse.

– Mentirosa.

Hyacinth olhou para Penelope.

– Ela me trata de maneira abominável, sabia?

Penelope deu de ombros.

– Alguém precisa se encarregar disso.

Lady Danbury abriu um largo sorriso e se voltou para Penelope.

– Pois sim, eu preciso perguntar… – Ela olhou para o palco, esticando o pescoço e semicerrando os olhos para enxergar melhor o quarteto. – É a mesma menina no violoncelo este ano?

Penelope assentiu tristemente. Hyacinth olhou para elas.

– Do que é que vocês estão falando?

– Se você não sabe – disse Lady Danbury de forma imponente –, então é porque não vem prestando atenção. Você deveria se envergonhar.

Hyacinth ficou de queixo caído.

– Bem... – começou ela, já que a alternativa era permanecer em silêncio e ela não gostava nem um pouco de fazer isso.

Nada era mais irritante do que ser excluída de uma piada. Exceto, talvez, ser repreendida por algo que nem ao menos compreendia. Virou-se outra vez para o palco e examinou a violoncelista com mais cuidado. Como não viu nada de extraordinário, encarou as suas companheiras e abriu a boca para falar, mas elas já estavam profundamente envolvidas numa conversa que não a incluía.

Odiava quando isso acontecia.

– Humpf. – Hyacinth se recostou na cadeira e repetiu: – Humpf.

– Você bufa exatamente como a minha avó – ela ouviu uma voz divertida por cima de seu ombro.

Hyacinth ergueu a vista. Lá estava ele, Gareth St. Clair, chegando bem naquele seu momento de frustração. E, é claro, o único lugar vazio era ao lado dela.

– Não é mesmo? – indagou Lady Danbury, fitando o neto enquanto batia a bengala no chão. – Ela vem substituindo você como a minha maior alegria e orgulho.

– Diga-me, Srta. Bridgerton – indagou o Sr. St. Clair, encurvando o canto dos lábios num zombeteiro meio sorriso –, por acaso a minha avó a está reconstruindo à própria imagem e semelhança?

Hyacinth achou profundamente irritante não ter uma réplica pronta para St. Clair.

– Mude de lugar outra vez, Hyacinth – bradou Lady D. – Preciso me sentar

ao lado de Gareth.

Hyacinth se virou para dizer algo, mas Lady Danbury a interrompeu:

– Alguém precisa se certificar de que ele se comporte.

Hyacinth bufou ruidosamente e passou para o assento seguinte.

– Pronto, meu garoto – disse Lady D, dando um tapinha na cadeira vazia com óbvia satisfação. – Sente-se e divirta-se.

Ele a olhou por um longo instante antes de dizer por fim:

– Vai ficar me devendo esta, vovó.

– Rá! Sem mim, você não existiria.

– Um argumento difícil de refutar – murmurou Hyacinth.

St. Clair a encarou, provavelmente apenas porque isso lhe permitia desviar o olhar da avó. Hyacinth sorriu afavelmente para ele, satisfeita consigo mesma por não ter esboçado a menor reação.

Ele sempre a fizera pensar num leão feroz e predador, cheio de uma energia inquieta. Além disso, os cabelos eram de um castanho-dourado, curiosamente pairando entre o castanho-claro e o louro-escuro, e estavam sempre desalinhados. Gareth gostava de desafiar a convenção ao mantê-los longos apenas o bastante para amarrá-los num pequeno rabo, na nuca. Ele era alto, mas não tanto, com a elegância e a força de um atleta e um rosto que não chegava a ser perfeito, mas que era belo.

E os olhos eram azuis. Muito azuis. Desconfortavelmente azuis.

Desconfortavelmente azuis? Ela balançou a cabeça de leve. Aquele devia ser o pensamento mais idiota que já lhe passara pela cabeça. Os seus próprios olhos eram azuis e, sem dúvida, não havia nada de desconfortável nisso.

– E o que a traz aqui, Srta. Bridgerton? – perguntou ele. – Não sabia que era uma amante inveterada de música.

– Se ela amasse música – disse Lady D –, já teria fugido para a França.

– Ela realmente detesta ser excluída de qualquer conversa, não é mesmo? – murmurou Gareth sem se virar. – Ai!

– Bengala? – indagou Hyacinth com doçura.

– Ela é uma ameaça à sociedade – resmungou ele.

Hyacinth observou com interesse enquanto Gareth estendia a mão para trás e, sem nem mesmo virar a cabeça, puxava a bengala das mãos da avó.

– Pegue – disse ele, entregando-lhe a bengala. – Tome conta, está bem? Ela

não vai precisar disso enquanto estiver sentada.

Hyacinth ficou de queixo caído. Nem mesmo ela jamais ousara mexer na bengala de Lady Danbury.

– Vejo que, enfim, consegui impressioná-la – comentou Gareth, recostando-se na cadeira com a expressão de quem está bastante satisfeito consigo mesmo.

– De fato – admitiu Hyacinth antes que pudesse se conter. – Quero dizer, não. Isto é, não seja tolo. Eu certamente não estava *não* impressionada por você.

– Mas que gratificante – murmurou ele.

– Quis dizer – emendou ela, rangendo os dentes com as próprias frases sem sentido – que eu não havia parado para pensar nisso.

Ele se deu umas batidinhas no lado esquerdo do peito.

– Fui ferido – disse, petulante. – E bem no coração.

Hyacinth trincou os dentes. A única coisa pior do que ser alvo de troça era não saber ao certo se você está sendo alvo de troça. Podia interpretar todo o resto de Londres como o texto de um livro. Mas, quando se tratava de Gareth St. Clair, não fazia a menor ideia. Espiou se Penelope os ouvia – não que isso tivesse importância –, mas Pen estava ocupada em aplacar Lady Danbury, que ainda sofria com a perda da bengala.

Hyacinth se remexeu no assento, sentindo-se desconfortavelmente espremida. Lorde Somershall – nem de longe a pessoa mais delgada do lugar – encontrava-se à sua esquerda, transbordando sobre a cadeira dela. Logo, teve que chegar um pouco para a direita, ficando, é claro, ainda mais próxima de St. Clair, que inegavelmente irradiava calor.

Meu Deus, será que o homem havia mergulhado em bolsas de água quente antes de sair de casa?

Hyacinth pegou o livreto do programa com o máximo de discrição possível e o usou para se abanar.

– Há algo errado, Srta. Bridgerton? – indagou ele, entortando a cabeça enquanto a olhava com curiosa diversão.

– É claro que não. É só que está um pouco quente aqui dentro, não acha?

Gareth a olhou por um segundo a mais do que ela teria gostado, então se virou para Lady Danbury.

– A senhora está com calor, vovó? – perguntou, solícito.

– Nem um pouco – veio a resposta, áspera.

Ele se virou de volta para Hyacinth com um leve dar de ombros.

– Deve ser você – murmurou.

– Deve ser – retrucou ela de má vontade, olhando para a frente com determinação.

Talvez ainda houvesse tempo de escapar para o lavatório de senhoras. Se fizesse isso, Penelope ia querer vê-la morta e esquartejada, mas será que contava como abandono, se havia duas pessoas sentadas entre elas? Além disso, com certeza poderia usar lorde Somershall como desculpa. Ele não parava de se remexer no assento e se chocar com ela de uma forma que Hyacinth não estava inteiramente convencida de ser acidental.

Hyacinth se deslocou um pouco para a direita. Dois centímetros ou nem isso. A última coisa que queria era ficar imprensada em St. Clair. Bem, a penúltima coisa, de qualquer forma. A corpulência de lorde Somershall era, decididamente, pior.

– Há algo errado, Srta. Bridgerton? – indagou St. Clair.

Ela balançou a cabeça, já firmando as mãos na cadeira, preparando-se para ficar de pé. Não podia...

Clap.

Clap clap clap.

Hyacinth quase gemeu. Era uma das Smythe-Smiths avisando que o concerto estava prestes a começar. Perdera a oportunidade. Agora já não havia forma de partir educadamente.

Pelo menos podia encontrar algum consolo no fato de que não era a única alma infeliz. Enquanto as senhoritas Smythe-Smiths erguiam os arcos para atacar os instrumentos, ouviu St. Clair soltar um gemido bem baixinho, seguido de um sofrido “Que Deus nos ajude”.

CAPÍTULO 2

Trinta minutos depois e em algum lugar não muito longe dali, um pequeno cão uiva de agonia. Infelizmente, ninguém consegue ouvi-lo acima do alarido...

Havia apenas uma pessoa no mundo por quem Gareth ficaria sentado educadamente, ouvindo péssima música. Essa pessoa era a vovó Danbury.

– Nunca mais – sussurrou em seu ouvido, enquanto algo que talvez pudesse ser Mozart agredia seus canais auditivos. Isso depois de algo que talvez tivesse sido Haydn, que se seguira a algo que talvez tivesse sido Handel.

– Você não está sentado educadamente – retrucou ela aos sussurros.

– Podíamos ter nos sentado nos fundos.

– E perder todo o divertimento?

Ele não conseguia entender como alguém podia chamar um recital dos Smythe-Smiths de divertimento, mas a avó sentia o que só podia ser chamado de amor mórbido por aquele evento anual.

Como sempre, havia quatro meninas Smythe-Smiths sentadas num pequeno tablado, duas com violinos, uma com um violoncelo e uma ao piano, e o barulho que faziam era tão dissonante que Gareth quase ficou impressionado.

Quase.

– Ainda bem que eu amo a senhora – disse por cima do ombro.

– Rá – veio a resposta, não menos truculenta, apesar do tom sussurrado. – Ainda bem que *eu* amo você.

Então – graças a Deus –, o concerto terminou e as meninas já meneavam a cabeça e faziam reverências. Três delas se mostravam bastante satisfeitas, mas a do violoncelo parecia querer se atirar pela janela.

Gareth se virou ao ouvir a avó suspirar. Ela balançava a cabeça e se mostrava atipicamente solidária.

As Smythe-Smiths eram famosas em Londres e cada apresentação delas era,

de forma inexplicável, ainda pior do que a anterior. Quando ninguém achava que fosse possível distorcer Mozart ainda mais, um novo grupo de primas Smythe-Smiths surgia em cena e provava o contrário.

Mas eram boas meninas – ou pelo menos foi o que lhe disseram – e a avó, em um de seus raros ataques de desavergonhada gentileza, insistia que alguém se sentasse na primeira fila e aplaudisse, pois “três delas não saberiam diferenciar um elefante de uma flauta, mas uma sempre está pronta para morrer de infelicidade”.

Assim, vovó Danbury, que não achava nada de mais dizer a um conde que ele tinha o bom senso de um mosquito, acreditava ser de importância vital aplaudir essa única Smythe-Smith em cada geração desentoada.

Todos ficaram de pé para aplaudir, mas Gareth suspeitou que a avó o fez apenas para poder pegar a bengala, que Hyacinth lhe entregou sem o menor protesto.

– Traidora – murmurou ele.

– Os dedos do pé são seus – retrucou ela.

Gareth não conteve um sorriso. Jamais conhecera alguém como Hyacinth Bridgerton. Era vagamente divertida, vagamente irritante, mas não se podia deixar de admirar quanto era espirituosa.

Hyacinth Bridgerton, refletiu ele, tinha uma reputação interessante e única dentre as socialites de Londres. Era a caçula dos irmãos Bridgertons, batizados em ordem alfabética, de A a H. Na teoria, pelo menos para aqueles que se importavam com tais coisas, considerada um bom partido em termos matrimoniais. Jamais se vira envolvida, nem mesmo tangencialmente, em escândalos, e a família e as relações eram incomparáveis. Muito bonita, mas não de uma beleza exótica, com cabelos castanho-avermelhados cheios e olhos azuis que pouco faziam para ocultar a astúcia. O mais importante, talvez, pensou Gareth com um toque de cinismo, era o boato de que o irmão mais velho, lorde Bridgerton, aumentara o seu dote no ano anterior, depois que Hyacinth completara a terceira temporada em Londres sem uma proposta de casamento aceitável.

Mas, quando ele perguntara a seu respeito – não por estar interessado, é claro; na verdade, queria saber mais sobre a jovem que parecia gostar de passar longos períodos com a sua avó –, todos os amigos tinham estremecido.

– Hyacinth Bridgerton? Certamente não é para se casar. Você deve estar louco.

Outro a chamara de apavorante.

Na realidade, ninguém parecia desgostar dela – havia certo encanto que fazia com que todos a vissem com bons olhos –, mas achava-se que era melhor encará-la em pequenas doses.

– Nenhum homem gosta de mulheres mais inteligentes que ele – um dos amigos mais sagazes comentara – E Hyacinth Bridgerton não é do tipo que se faça de tola.

Gareth havia pensado em mais de uma ocasião que ela era uma versão mais jovem de sua avó. Apesar de não haver ninguém que ele adorasse mais do que a vovó Danbury, achava que o mundo só precisava de um exemplar.

– Não está feliz de ter vindo? – indagou a senhora em questão, elevando a voz acima dos aplausos.

Nenhuma plateia aplaudia tão alto quanto a das Smythe-Smiths: estava sempre muito grata porque o concerto terminara.

– Nunca mais – respondeu Gareth com firmeza.

– É claro que não – disse a avó, com a dose exata de condescendência necessária para demonstrar estar mentindo impiedosamente.

Ele a olhou bem nos olhos.

– Vai ter que encontrar outra pessoa para acompanhá-la no ano que vem.

– Eu nunca sonharia em lhe pedir outra vez.

– A senhora está mentindo.

– Que coisa terrível de se dizer para a sua amada avó. – Ela aproximou o rosto dele. – Como sabia?

Ele olhou para a bengala.

– A senhora não agitou essa coisa no ar uma única vez desde que induziu a Srta. Bridgerton a devolvê-la.

– Bobagem. A Srta. Bridgerton é esperta demais para se deixar ser induzida, não é mesmo, Hyacinth?

A moça inclinou o corpo para a frente de maneira a poder enxergar a condessa.

– Perdão?

– Apenas diga que sim – aconselhou vovó Danbury. – Isso vai irritá-lo.

– Então, sim, é claro – disse ela, sorrindo.

– Quero que você saiba – continuou a avó, como se aquela digressão ridícula não tivesse ocorrido – que eu sou a essência da discrição quando se trata da minha bengala.

Gareth a fuzilou com os olhos.

– É de admirar que eu ainda tenha os pés.

– É de admirar que você ainda tenha as orelhas, querido menino – replicou ela, com altivo desdém.

– Olha que eu lhe tomo essa coisa outra vez.

– Não toma, não. Vou sair com Penelope para pegar um copo de limonada. Faça companhia a Hyacinth.

Ele a viu se afastar, então se virou outra vez para Hyacinth, que observava o salão com os olhos semicerrados.

– Está à procura de quem? – indagou ele.

– De ninguém em especial. Apenas analisando o entorno.

Ele a olhou com curiosidade.

– Você sempre fala como um detetive?

– Apenas quando me convém – disse ela, dando de ombros. – Gosto de saber o que está acontecendo.

– E tem alguma coisa *acontecendo*?

– Não. – Ela estreitou os olhos mais uma vez ao observar duas pessoas numa discussão acalorada no canto extremo. – Mas nunca se sabe.

Ele lutou contra o impulso de balançar a cabeça. Ela era a *mais estranha* das mulheres. Olhou para o palco.

– Estamos seguros?

Ela o fitou com os olhos azuis repletos de uma incomum franqueza.

– Está perguntando se terminou?

– Sim.

Hyacinth franziu a testa e, naquele momento, Gareth se deu conta de que ela tinha um leve salpico de sardas no nariz.

– Acho que sim. Que eu saiba, nunca fazem intervalo.

– Graças a Deus – disse ele com sinceridade. – Por que fazem isso?

– As Smythe-Smiths, você quer dizer?

– Exato.

Por um momento, ela permaneceu em silêncio, então balançou a cabeça.

– Eu não sei. Fico pensando... – Hyacinth se interrompeu. – Não importa.

– Fale – encorajou ele, bastante surpreso com a própria curiosidade.

– Não é nada. Fico pensando que, a esta altura, já era para alguém ter dito alguma coisa a elas. Mas, na verdade... – Ela olhou ao redor. – A plateia diminuiu nos últimos anos. Apenas os mais bondosos continuam.

– E você se inclui entre esses, Srta. Bridgerton?

Ela o fitou com aqueles olhos intensamente azuis.

– Eu não teria pensado em me descrever dessa forma, mas suponho que seja, sim. Sua avó também, embora ela o fosse negar até a morte.

Gareth riu ao ver a avó cutucar o duque de Ashbourne na perna com a bengala.

– De fato, é o que ela faria, não é mesmo?

A avó materna era, desde a morte do irmão de Gareth, George, a única pessoa que restara no mundo que ele amava de verdade. Depois que o pai o expulsara, ele fora à Casa Danbury, em Surrey, e lhe contara o que havia acontecido. Exceto que era um bastardo, é claro.

Gareth achava que Lady Danbury teria se colocado de pé e dado vivas se soubesse que ele não era um verdadeiro St. Clair. Nunca gostara do genro e costumava se referir a ele como "aquele idiota pomposo". Mas a verdade teria revelado que a sua mãe – filha mais nova de Lady Danbury – era adúltera e ele não desejara desonrá-la dessa forma.

E, por mais estranho que fosse, o pai – engraçado como ainda o chamava assim, mesmo depois de tantos anos – nunca o denunciara publicamente. De início, isso não surpreendera Gareth: lorde St. Clair era orgulhoso e não apreciaria ser exposto como um homem traído. Além disso, provavelmente ainda esperava controlar Gareth e dobrá-lo à sua vontade. Talvez, até mesmo, conseguir que ele se casasse com Mary Winthrop, restaurando a saúde financeira da família.

Mas George contraíra alguma espécie de doença extenuante aos 27 anos e, aos 30, já estava morto.

Sem deixar filhos.

Assim, Gareth se tornara o herdeiro dos St. Clairs. E isso o mantivera em suspense. Nos últimos onze meses, parecia não ter feito nada além de esperar.

Mais cedo ou mais tarde, o pai anunciaria para quem quisesse ouvir que Gareth não era seu filho. O terceiro passatempo preferido do barão (depois de caçar e de criar cães de caça) era traçar a árvore genealógica dos St. Clairs até os Plantagenetas e ele não aprovaria que o título fosse passado para um bastardo de linhagem desconhecida.

Gareth tinha quase certeza de que o barão o deserdaria após arrastá-lo, junto com uma matilha de testemunhas, até a Comissão de Privilégios na Câmara dos Lordes. Seria um incidente incômodo e detestável e era pouco provável que funcionasse. O barão era casado com a mãe de Gareth quando ela dera à luz e isso tornava Gareth legítimo aos olhos da lei, mesmo levando em conta a linhagem.

Mas isso geraria um enorme escândalo e, muito possivelmente, arruinaria Gareth aos olhos da sociedade. Havia um bom número de aristocratas andando por aí com o sangue e o nome de dois homens diferentes, mas a alta sociedade não gostava de falar a respeito. Pelo menos, não em público.

Porém, até ali, o pai não dissera uma palavra sequer.

Na metade do tempo, Gareth se perguntava se o barão mantinha silêncio apenas para torturá-lo.

Olhou para a outra extremidade da sala, para a avó, que aceitava um copo de limonada das mãos de Penelope Bridgerton – de alguma forma coagida a fazer todas as suas vontades. Agatha, mais conhecida como Lady Danbury, costumava ser descrita como rabugenta, e isso vindo de gente que tinha certa afeição por ela. Era uma leoa na alta sociedade, intrépida nas palavras e disposta a zombar dos mais augustos personagens e, até mesmo, ocasionalmente, de si mesma. No entanto, apesar da acidez, tinha uma notória lealdade àqueles que amava, e Gareth sabia que se encontrava no topo dessa lista.

Quando lhe dissera que o pai o expulsara, ela ficara lívida, mas jamais tentara usar o poder de condessa para forçar lorde St. Clair a aceitar o filho de volta.

– Rá! – exclamara a avó. – Prefiro sustentar você eu mesma.

E foi o que fez. Pagou as despesas de Gareth em Cambridge e, quando ele se formou (não como o primeiro da turma, embora tivesse passado com boas notas), lhe informou que a mãe lhe deixara uma pequena herança. Gareth jamais soubera que a mãe tinha dinheiro próprio, mas Lady Danbury se limitara a

retorcer os lábios e dizer:

– Você acha mesmo que eu deixaria aquele idiota ter total controle sobre o dinheiro dela? Fui eu quem escreveu o acordo nupcial, sabia?

Gareth não duvidou disso nem por um instante.

A herança lhe proporcionara uma pequena renda, que financiava um apartamento não muito grande e permitia que Gareth se sustentasse. Não com luxo, mas bem o suficiente para não se sentir um completo vagabundo – algo que, ficou surpreso em constatar, importava mais para ele do que poderia ter imaginado.

Esse atípico senso de responsabilidade provavelmente era algo bom, pois, quando assumisse o título dos St. Clairs, herdaria uma montanha de dívidas.

Era óbvio que o barão mentira ao dizer a Gareth que perderiam tudo o que não fazia parte do título se ele não se casasse com Mary Winthrop. Ainda assim, estava claro que, na melhor das hipóteses, a fortuna se tornara escassa. Além do mais, lorde St. Clair não parecia gerenciar as finanças da família melhor do que quando tentara forçar Gareth a se casar. Na verdade, parecia estar levando as propriedades à falência.

Portanto, Gareth imaginava que o barão *não* tivesse a intenção de denunciá-lo: a vingança perfeita era deixar o falso filho cheio de dívidas.

E Gareth sabia – com cada fibra do seu ser – que o pai não lhe desejava a menor felicidade. Gareth não se importava com a maior parte das atividades da alta sociedade, mas Londres não era tão grande assim do ponto de vista social e nem sempre conseguia evitar o pai por completo. E lorde St. Clair nunca fazia o menor esforço de esconder a sua inimizade.

Gareth também não era muito bom em manter os sentimentos para si. Sempre parecia retornar aos velhos modos, fazendo algo propositalmente provocador só para deixar o barão com raiva. Na última vez, Gareth havia rido alto demais e, em seguida, dançara próximo demais com uma viúva notoriamente alegre.

O rosto de Lorde St. Clair se avermelhara muito e, em seguida, ele sibilara algo sobre Gareth não ser melhor do que o que devia ser. Gareth não sabia ao que o pai estivera se referindo, mas, de qualquer forma, o barão estava bêbado. Porém isso o deixara com uma poderosa certeza...

Ainda haveria um desenlace. Quando Gareth menos esperasse ou, talvez,

agora que andava tão desconfiado, exatamente quando mais esperava. Assim que tentasse mudar de vida, seguir em frente...

Esse seria o momento de o barão dar a cartada. Gareth tinha certeza disso.

E o seu mundo todo desabaria.

– Sr. St. Clair?

Gareth piscou e se virou para Hyacinth Bridgerton, que, ele se deu conta com algum constrangimento, vinha ignorando.

– Sinto muito – murmurou, abrindo o sorriso lento e fácil que parecia funcionar tão bem quando precisava apaziguar alguma mulher. – Me perdi em pensamentos. – Diante da expressão de dúvida dela, acrescentou: – De vez em quando eu penso.

Ela sorriu, claramente a contragosto, mas ele contou aquilo como um êxito. O dia em que não conseguisse fazer uma mulher sorrir seria o dia em que desistiria da vida e se exilaria.

– Sob circunstâncias normais – continuou ele, já que a ocasião parecia pedir uma conversa educada –, eu lhe perguntaria se apreciou o recital, mas de alguma forma isso me parece cruel.

Ela se remexeu um pouco na cadeira, o que era interessante, pois a maioria das moças era treinada desde muito cedo a se manter perfeitamente imóvel. Gareth se pegou gostando ainda mais dela por sua energia inquieta; ele próprio por vezes tamborilava sobre a mesa sem se dar conta.

Examinou o rosto de Hyacinth, aguardando uma resposta, mas ela apenas o encarou, desconfortável. Por fim, inclinou-se adiante e sussurrou:

– Sr. St. Clair?

Ele próprio havia chegado o corpo para a frente, arqueando a sobrancelha para ela em expressão conspiratória.

– Srta. Bridgerton?

– Poderíamos dar uma volta pelo salão?

Ele hesitou e a viu indicar algo atrás de si com um mínimo meneio de cabeça. Lorde Somershall se remexia de leve na cadeira e suas formas abundantes imprensavam Hyacinth.

– É claro – concordou Gareth, galante, pondo-se de pé e oferecendo-lhe o braço. – Afinal, preciso salvar lorde Somershall – acrescentou, tão logo haviam se afastado alguns passos.

Hyacinth virou o rosto para ele bruscamente.

– Perdão?

– Se eu fosse homem de fazer apostas, apostaria quatro a um a seu favor.

Durante meio segundo, ela pareceu confusa, então o rosto se abriu num sorriso de satisfação.

– Está querendo dizer que não é homem de fazer apostas?

Gareth riu.

– Não tenho condições de ser – disse, com bastante franqueza.

– Isso não parece deter a maioria dos homens – replicou ela, insolente.

– Ou mulheres – completou ele, inclinando a cabeça.

– *Touché* – murmurou Hyacinth, varrendo o salão com os olhos. – Somos seres de apostas, não é mesmo?

– E você, Srta. Bridgerton? Gosta de apostar?

– É claro – respondeu ela, surpreendendo-o com a sinceridade. – Mas só quando sei que vou ganhar.

Ele riu.

– Estranhamente, acredito – disse Gareth, conduzindo-a em direção à mesa de iguarias.

– Ah, e deve mesmo – falou ela, alegremente. – Pergunte a qualquer um que me conhece.

– Ferido outra vez – comentou ele, oferecendo-lhe o seu sorriso mais encantador. – Pensei que eu a conhecesse.

Hyacinth abriu a boca, então mostrou-se chocada por não ter uma resposta. Gareth se apiedou dela e lhe entregou um copo de limonada.

– Beba – murmurou. – Você parece estar com sede.

Ela o fuzilou com os olhos por cima da beirada do copo, mas Gareth apenas riu, o que, é claro, só a fez redobrar os esforços de incinerá-lo.

Havia algo de muito divertido em Hyacinth Bridgerton. Era esperta – muito esperta –, com um ar de quem estava acostumada a ser sempre a pessoa mais inteligente do aposento. Não era desagradável, mas bastante encantadora à sua própria maneira, e ele imaginava que tivesse aprendido a dizer o que pensava de forma a ser ouvida pela família – era, afinal, a mais nova de oito.

Isso significava que Gareth gostava de vê-la sem palavras. Era divertido confundi-la. Não sabia por que não fazia questão de confundi-la com mais

frequência.

Observou-a pousar o copo.

– Diga-me, Sr. St. Clair – começou ela –, o que foi que a sua avó lhe disse para convencê-lo a vir esta noite?

– Não acredita que eu tenha vindo por livre e espontânea vontade?

Ela ergueu uma das sobrancelhas. Aquilo o impressionou. Jamais conhecera uma mulher que conseguisse fazer aquilo.

– Muito bem – confessou Gareth –, ela agitou muito as mãos, depois disse algo sobre uma visita ao médico e, em seguida, acredito que tenha suspirado.

– Só uma vez?

Ele arqueou a sobrancelha.

– Sou mais forte do que isso, Srta. Bridgerton. Ela levou meia hora para me convencer.

Hyacinth assentiu.

– Você é realmente bom.

Ele se inclinou para a frente e sorriu.

– Em muitas coisas – murmurou.

Ela ruborizou, o que lhe deu imenso prazer, mas logo disse:

– Preveniram-me a respeito de homens como você.

– Espero mesmo que sim.

Hyacinth riu.

– Não acredito que apresente metade do perigo que gostaria que achassem.

– E por que diz isso?

Ela não respondeu de imediato. Mordendo o lábio inferior, ponderou as palavras.

– É gentil demais com a sua avó – disse, por fim.

– Alguns diriam que ela é gentil demais comigo.

– Ora, muita gente diz isso – concordou Hyacinth, dando de ombros.

Ele engasgou com a limonada.

– Você não tem nada de recatada, não é mesmo?

Hyacinth olhou para a outra extremidade do salão, para Penelope e para Lady Danbury, antes de se virar outra vez para ele.

– Eu vivo tentando, mas não, pelo visto, não. Imagino que seja por isso que continuo solteira.

Ele sorriu.

– É claro que não.

– Ah, mas é, sim – insistiu ela, muito embora claramente Gareth estivesse zombando. – Os homens precisam ser laçados para se casarem, quer se deem conta disso ou não. E eu pareço ser completamente desprovida dessa capacidade.

Ele abriu um sorriso torto.

– Está querendo dizer que não joga sujo e que não é sonsa?

– Eu sou as duas coisas. Só que não sou sutil.

– Não é – murmurou ele, e Hyacinth não conseguiu decidir se a sua concordância a incomodava ou não. – Mas, diga-me, pois estou profundamente curioso: por que acredita que os homens precisem ser laçados para se casarem?

– *Você* iria até o altar por livre e espontânea vontade?

– Não, mas...

– Viu só? Eu tenho razão.

De alguma forma, isso a fez se sentir muito melhor.

– Mas que vergonha, Srta. Bridgerton. Não é muito simpático não permitir que eu termine a minha fala.

Ela inclinou a cabeça.

– Tinha alguma coisa interessante a dizer?

Ele sorriu e Hyacinth sentiu aquele sorriso se irradiar até os dedos dos pés.

– Eu sou sempre interessante.

– Agora você só está tentando me assustar.

Hyacinth não sabia de onde vinha aquela louca sensação de ousadia. Não era tímida nem tão recatada quanto deveria estar sendo, porém tampouco era imprudente. E Gareth St. Clair não era o tipo de homem com o qual se devia gracejar. Estava ciente de que brincava com fogo, mas de alguma forma não conseguia parar. Sentia como se cada frase que deixava os lábios dele fosse um desafio e ela precisasse fazer uso de toda a inteligência só para manter o mesmo ritmo.

Se aquilo era uma competição, queria ganhar. E esse seria seu erro fatal.

– Srta. Bridgerton, o diabo em pessoa não conseguiria assustá-la.

Ela se obrigou a olhar nos olhos dele.

– Isso não é um elogio, certo?

Gareth levou a mão dela aos próprios lábios, roçando-lhe um beijo suave

como pluma sobre os nós dos dedos.

– Vai ter que descobrir isso por conta própria.

Para qualquer um que estivesse observando, ele fora a própria essência do decoro, mas Hyacinth captara o brilho ousado em seus olhos e sentiu o ar lhe faltar, assim como formigamentos percorrem sua pele. Os lábios se entreabriram, mas ela não disse uma única palavra.

Então ele se endireitou, como se nada tivesse acontecido, e disse:

– Avise-me da sua decisão.

Ela se limitou a encará-lo.

– Sobre o elogio – acrescentou ele. – Sem dúvida você vai me falar depois, para eu saber como me sinto a seu respeito – disse ele com ironia.

Aquilo a deixou boquiaberta.

Ele deu um sorriso. Amplo.

– Você até ficou sem fala. Eu mereço um elogio.

– Você...

– Não, não – disse Gareth, erguendo a mão e apontando para ela como se o que realmente quisesse fazer fosse levar o dedo aos seus lábios e calá-la. – Não estrague este momento. É raro demais.

Ela poderia ter dito algo. *Deveria* ter dito algo. Mas a única coisa que conseguiu fazer foi ficar parada feito uma idiota ou, pelo menos, feito alguém que pouco se assemelhava a ela mesma.

– Até a próxima, Srta. Bridgerton – sussurrou ele.

E, então, partiu.

CAPÍTULO 3

Três dias depois, o nosso herói descobre que ninguém consegue, de fato, escapar do passado.

– Há uma mulher aqui que deseja vê-lo, senhor.

Gareth desviou o olhar da escrivaninha, um enorme mastodonte de mogno que ocupava quase metade do pequeno escritório.

– Disse *uma mulher*?

O novo camareiro fez que sim.

– Ela diz ser esposa do seu irmão.

– Caroline? – Agora Gareth estava atento de verdade. – Mande-a entrar. Imediatamente.

Ele ficou de pé, aguardando a chegada da cunhada ao escritório. Fazia meses que não via Caroline; na verdade, a vira apenas uma vez desde o enterro de George. E aquele não fora um evento dos mais alegres. Gareth passara o tempo todo evitando o pai, adicionando estresse à imensa tristeza da perda.

Lorde St. Clair ordenara a George que cessasse qualquer relação fraterna com Gareth, mas o irmão nunca o excluíra de sua vida. Em todo o resto, George obedecera o pai, mas não nisso. E Gareth o amara ainda mais por isso. O barão não quisera que o filho bastardo comparecesse à cerimônia, mas quando Gareth abrira caminho igreja adentro, nem mesmo ele se dispusera a causar um escândalo e expulsá-lo.

– Gareth?

Ele se virou, sem se dar conta de que estivera olhando pela janela.

– Caroline – disse afetuosamente, atravessando o cômodo para cumprimentar a cunhada. – Como tem passado?

Ela deu de ombros, num gesto de desamparo. No casamento dela houvera amor de fato e Gareth jamais vira nada de tão devastador quanto os olhos de Caroline no enterro do marido.

– Eu sei – falou Gareth baixinho.

Ele também sentia falta de George. Haviam sido uma dupla improvável: George, sóbrio e sério, e Gareth, sempre desregrado. Mas foram amigos além de irmãos, e Gareth gostava de acreditar que haviam se completado. Ultimamente, vinha pensando que devia tentar levar uma vida mais tranquila, e buscava tomar as lembranças do irmão como guia para as próprias atitudes.

– Estive remexendo nas coisas dele – começou Caroline – e encontrei algo que acredito pertencer a você.

Gareth observou, com curiosidade, enquanto ela enfiava a mão na bolsa e sacava um pequeno livro.

– Não o reconheço – disse ele.

– Não – falou Caroline, entregando-o. – Não teria como reconhecer. Pertenceu à mãe do seu pai.

À mãe do seu pai. Gareth não conseguiu reprimir uma careta. Caroline não sabia que ele não era um verdadeiro St. Clair. Gareth jamais soubera se George sabia da verdade. Ao menos nunca dissera nada.

O livro era pequeno, encadernado em couro marrom. Havia uma minúscula tira do verso à frente, onde podia ser presa com um botão. Gareth a desabotoou cautelosamente e abriu o volume, tomando todo o cuidado com o papel envelhecido.

– É um diário – percebeu ele, surpreso. Então abriu um sorriso: estava escrito em italiano. – O que diz?

– Não sei – revelou Caroline. – Eu nem sabia da sua existência até encontrá-lo na escrivaninha de George no começo da semana. Ele nunca falou a respeito.

Gareth olhou para o diário, para a elegante caligrafia que formava palavras incompreensíveis. A avó paterna pertencia a uma nobre linhagem italiana. Sempre divertira Gareth o fato de o pai ser metade italiano; o barão era irritantemente orgulhoso dos ancestrais St. Clairs e gostava de se gabar de que estavam na Inglaterra desde a invasão normanda. Na verdade, Gareth não se lembrava de ele ter mencionado alguma vez as raízes italianas.

– Havia um bilhete de George me instruindo a entregá-lo a você.

Gareth voltou a olhar para o livro com o coração pesado. Era mais um sinal de que George jamais soubera que não eram irmãos por completo. Gareth não tinha parentesco de sangue com Isabella Marinzoli St. Clair, logo não tinha

direito ao tal diário.

– Você terá que encontrar alguém para traduzi-lo – comentou Caroline, esboçando um sorriso. – Estou curiosa para saber o que diz. George sempre falava da sua avó com grande afeto.

Gareth assentiu. Ele próprio a recordava com carinho, embora não tivessem convivido muito. Lorde St. Clair não se dava bem com a mãe, então Isabella não os visitara com frequência. Mas ela sempre mimara seus *due ragazzi*, como gostava de chamar os dois netos, e Gareth se lembrava de ter se sentido muito triste quando soube da sua morte, aos 7 anos. Se a afeição tivesse metade da importância do parentesco, supunha que o diário encontraria um lar melhor em suas mãos do que nas de qualquer outra pessoa.

– Vou ver o que posso fazer – garantiu Gareth. – Não deve ser tão difícil assim encontrar alguém que traduza do italiano.

– Eu não o confiaria a qualquer um – opinou Caroline. – Afinal, é o diário da sua avó. Os pensamentos pessoais dela.

Caroline tinha razão. Isabella merecia que alguém discreto traduzisse as suas memórias. E sabia exatamente por onde começar a busca.

– Vou levá-lo para a vovó Danbury – contou Gareth, erguendo e baixando a mão como se testasse o peso do diário. – Ela saberá o que fazer.

E saberia mesmo. A avó materna gostava de dizer que tinha solução para tudo, e o mais irritante era que, com frequência, ela estava certa.

– Me conte, por favor, o que descobrir – pediu Caroline, dirigindo-se à porta.

– É claro – murmurou ele, muito embora ela já tivesse saído.

Baixou os olhos para o livro. *10 Settembre, 1793...*

Gareth sacudiu a cabeça e sorriu. É claro que a sua herança da fortuna dos St. Clairs seria um diário que ele nem mesmo podia ler.

Que ironia.

Enquanto isso, numa sala de estar não muito longe dali...

– Hein? – guinchou Lady Danbury. – Você não está falando alto o bastante!

Hyacinth deixou que o livro se fechasse, mantendo apenas o indicador dentro para marcar a página. Lady Danbury gostava de fingir surdez quando lhe era conveniente, e isso geralmente ocorria nas partes mais apimentadas dos

escabrosos romances dos quais a condessa tanto gostava.

– Eu disse – falou Hyacinth, encarando a condessa – que a nossa heroína respirava com dificuldade, não, deixe-me verificar, a moça estava *ofegante* e *sem ar*. – Ela ergueu os olhos. – Ofegante *e* sem ar?

– Pfft – desdenhou Lady Danbury, com um aceno da mão.

Hyacinth olhou a capa do livro.

– Será que o inglês é a primeira língua da autora?

– Continue a ler – ordenou Lady D.

– Muito bem, deixe-me ver: *Miss Bubblehead correu como o vento ao ver lorde Savagewood vindo em sua direção*.

Lady Danbury estreitou os olhos.

– O nome dela nunca significaria “tola”.

– Deveria – murmurou Hyacinth.

– Bem, isso lá é verdade, mas não fomos nós que escrevemos a história, certo?

Hyacinth pigarreou e voltou a ler:

– *Ele se aproximava cada vez mais e Miss Butterhead*...

– Hyacinth!

– *Butterworth* – rosnou a moça – ... ou qualquer que seja o nome dela... *correu para os penhascos*. Fim do capítulo.

– Penhascos? Ainda? Ela não estava correndo para os penhascos no fim do último capítulo?

– Talvez o caminho seja longo.

Lady Danbury semicerrou os olhos.

– Não acredito em você.

Hyacinth deu de ombros.

– Sem dúvida eu não me furtaria a mentir só para não precisar ler os próximos parágrafos da vida incrivelmente perigosa de Priscilla Butterworth. Mas, por acaso, estou dizendo a verdade. – Como Lady D não se pronunciou, Hyacinth estendeu o livro em sua direção. – Quer verificar por conta própria?

– Não, não – respondeu a condessa, fazendo uma grande demonstração da sua aceitação. – Eu acredito em você, até porque não tenho escolha.

Hyacinth a fuzilou com os olhos.

– Ficou cega agora, além de surda?

– Não. – Lady D suspirou, deixando que uma das mãos pairasse um instante até pousar sobre a testa, com a palma para fora. – Só estou praticando a minha alta dramaticidade.

Hyacinth soltou uma gargalhada.

– Não estou brincando – replicou Lady Danbury, a voz retornando ao áspero tenor de sempre. – Estou pensando em fazer uma mudança na minha vida. Eu seria melhor no palco do que a maioria das tolas que se autodenominam atrizes.

– Infelizmente não parece haver uma grande demanda de papéis para condessas idosas.

– Se qualquer outra pessoa me dissesse isso – falou Lady D, batendo a bengala no chão, muito embora estivesse sentada numa cadeira perfeitamente adequada –, eu tomaria como insulto.

– Mas não vindo de mim? – indagou Hyacinth, tentando soar desapontada.

Lady Danbury riu.

– Sabe por que eu gosto tanto de você, Hyacinth Bridgerton?

A Srta. Bridgerton se inclinou para a frente.

– Estou ansiosa por saber.

O rosto de Lady D se abriu num sorriso cheio de rugas.

– Porque você, minha querida menina, é exatamente como eu.

– Sabe, Lady Danbury, se a senhora dissesse isso para qualquer outra pessoa, ela tomaria como insulto.

O corpo magro de Lady D chacoalhou com as risadas.

– Mas você, não?

– Eu, não.

– Que bom. – Lady Danbury abriu um sorriso de avó que lhe era pouco característico, então consultou o relógio no console da lareira. – Temos tempo para outro capítulo, creio eu.

– Nós combinamos que seria um capítulo por terça-feira – replicou Hyacinth, em grande parte só para aborrecê-la.

A boca de Lady D formou uma linha de rabugice.

– Muito bem, então – disse, olhando para Hyacinth com uma expressão maliciosa –, vamos conversar sobre outra coisa.

Ah, minha nossa.

– Diga-me, Hyacinth – começou Lady D, inclinando-se à frente –, como

andam as suas perspectivas ultimamente?

– A senhora está parecendo a minha mãe – comentou Hyacinth com doçura.

– Um enorme elogio. Gosto da sua mãe, e olha que gosto de muito pouca gente.

– Direi isso a ela.

– Ora, ela já sabe e você está evitando a pergunta.

– As minhas perspectivas – respondeu Hyacinth –, como a senhora chamou tão delicadamente, são as mesmas de sempre.

– Aí está o problema: minha cara menina, você precisa de um marido.

– Tem certeza de que a minha mãe não está escondida atrás das cortinas, lhe passando as falas?

– Viu só? – disse Lady Danbury com um enorme sorriso. – Eu seria, sim, boa no palco.

Hyacinth se limitou a encará-la.

– A senhora enlouqueceu, sabia?

– Apenas estou velha o bastante para dizer de imediato o que penso. Quando chegar à minha idade, você vai adorar, prometo.

– Eu já faço isso.

– Verdade. Provavelmente é por isso que continua solteira.

– Se houvesse algum homem inteligente e solteiro em Londres – disse Hyacinth com um suspiro exasperado –, garanto que me encantaria por ele. – Ela deixou que a cabeça pendesse de lado, num gesto sarcástico. – Sem dúvida a senhora não gostaria de me ver casada com um tolo.

– É claro que não, mas...

– E *pare* de mencionar o seu neto como se eu não fosse inteligente para saber o que a senhora está aprontando.

Lady D bufou.

– Eu não disse uma palavra.

– Mas estava pronta para dizer.

– Bem, ele é perfeitamente amável – murmurou Lady Danbury, sem nem tentar negar nada – e mais do que bem-apessoado.

Hyacinth mordeu o lábio inferior, tentando não recordar seu incômodo no recital dos Smythe-Smiths, simplesmente pelo fato de St. Clair estar ao seu lado. Esse era o problema com ele, deu-se conta. Não se sentia ela mesma quando ele

estava por perto. E isso era muito desconcertante.

– Você não parece discordar – observou Lady D.

– A respeito do belo rosto do seu neto? É claro que não – respondeu Hyacinth, já que havia pouco motivo para discussão. Quando se tratava de certas pessoas, a beleza era um fato, não uma opinião.

– Além disso – continuou Lady Danbury em grande estilo –, fico feliz em dizer que ele herdou o cérebro do *meu* lado da família, o que... eu devo acrescentar com grande pesar... não é o caso dos meus outros descendentes.

Hyacinth ergueu os olhos para o teto, tentando se esquivar de qualquer comentário. O primogênito de Lady Danbury ficara famoso por prender a cabeça entre as grades do portão principal do Palácio de Windsor.

– Ora, pode falar – grunhiu Lady D. – Pelo menos dois de meus filhos são imbecis, e só Deus sabe como são os filhos *deles*. Eu fujo quando eles vêm para a cidade.

– Eu nunca diria...

– Bem, mas estava pensando e tem toda a razão. É o que me coube por ter me casado com lorde Danbury, mesmo sabendo que ele não tinha miolos. Mas Gareth é um tesouro e você é uma tola de não...

– Seu neto – interrompeu Hyacinth – não está nem um pouco interessado em mim ou em qualquer moça casadoura, aliás.

– Bem, isso é um problema, e juro que não consigo entender por que aquele menino evita a sua espécie.

– Minha *espécie*?

– Jovem, mulher e alguém com quem ele teria de se casar caso se engraçasse.

Hyacinth sentiu as faces queimarem. Normalmente, aquele era o gênero de conversa que ela adorava ter – bem mais divertido ser imprópria do que dentro do limite do razoável –, mas dessa vez a única coisa que se viu capaz de dizer foi:

– Não creio que a senhora devesse discutir esse tipo de coisa comigo.

– Ora – reclamou Lady D com um aceno desdenhoso –, desde quando você ficou tão afetadinha?

Hyacinth abriu a boca mas, por sorte, Lady Danbury não pareceu desejar uma resposta.

– Ele é malandro, é verdade – continuou a condessa. – Mas não é nada que

você não possa superar.

– Eu não vou...

– É só puxar um pouquinho o vestido para baixo da próxima vez que o vir – interrompeu Lady D, agitando a mão impacientemente diante do rosto dela. – Os homens perdem qualquer razão diante de um decote farto. Você o terá...

– Lady Danbury!

Hyacinth cruzou os braços. Tinha o próprio orgulho e não ia correr atrás de um libertino que, claramente, não se interessava nem um pouco em se casar. Podia viver sem esse tipo de humilhação pública.

Além do mais, era necessária uma grande dose de imaginação para descrever o seu decote como farto. Hyacinth sabia que não tinha o corpo de um menino, graças a Deus, mas tampouco possuía atributos que levariam qualquer homem a olhar duas vezes para a região localizada abaixo do seu pescoço.

– Muito bem, então – disse Lady Danbury, soando muitíssimo mal-humorada. – Não direi mais uma palavra sequer.

– Nunca mais?

– Até.

– Até quando? – indagou Hyacinth, desconfiada.

– Não sei – respondeu Lady D, num tom ainda irritado.

Hyacinth teve a sensação de que isso significava dali a cinco minutos. A condessa ficou em silêncio por um momento, mas os lábios estavam franzidos, indicando que a mente bolava algo bastante tortuoso.

– Você sabe no que estou pensando? – perguntou ela.

– Em geral sei.

Lady D fechou a cara.

– Você fala demais.

Hyacinth se limitou a sorrir e comeu outro biscoito.

– Estou pensando – continuou Lady D, aparentemente não mais tão ressentida – que deveríamos escrever um livro.

Hyacinth conseguiu não se engasgar com a comida.

– Como disse?

– Preciso de um desafio – declarou Lady D. – Desafios deixam a mente afiada. – Faríamos algo bem melhor do que *Miss Butterworth e o Barão Rouco*.

– *Barão Louco* – corrigiu Hyacinth automaticamente.

– Isso mesmo. Com certeza podemos fazer algo bem melhor.

– Sem dúvida, mas isso traz à tona a inevitável pergunta: por que iríamos querer fazer isso?

– Porque *podemos*.

Hyacinth pesou a possibilidade de uma parceria criativa com Lady Danbury, de passar horas e mais horas...

– Não – disse com bastante firmeza –, não podemos.

– É claro que podemos – insistiu Lady D, batendo a bengala no chão apenas pela segunda vez durante a conversa, certamente um novo recorde em termos de comedimento. – Eu vou tendo as ideias e você vai pensando em formas de colocar tudo em palavras.

– Não me parece ser uma divisão de trabalho muito justa.

– E por que deveria ser?

Hyacinth abriu a boca para responder, mas decidiu que não havia motivo para fazer isso. Lady Danbury franziu a testa por um momento, então, por fim, acrescentou:

– Bem, pense na minha proposta. Vamos formar uma excelente equipe.

– Estremeço só de pensar – disse uma voz vinda da porta – no que você está tentando forçar a pobre Srta. Bridgerton a fazer.

– Gareth! – exclamou Lady Danbury com óbvio deleite. – Que simpático da sua parte *finalmente* vir me visitar.

Hyacinth se virou. Gareth St. Clair acabava de entrar na sala, mostrando-se alarmantemente belo em seus elegantes trajes vespertinos. Um feixe de luz do sol penetrava pela janela, transformando os cabelos dele em ouro polido.

Sua presença ali era surpreendente. Havia um ano que Hyacinth fazia suas visitas, toda terça-feira, e aquela era apenas a segunda vez que seus caminhos cruzavam. Começara a achar que ele a evitava.

Por que estava ali agora? A conversa durante o recital fora a primeira que passara das mais básicas cortesias e, de repente, ele aparecia na sala de estar da avó, bem no meio da visita semanal.

– Finalmente? – repetiu St. Clair, em um tom de divertimento. – Não é possível que tenha se esquecido da minha visita de sexta-feira passada. – Ele se voltou para Hyacinth, assumindo uma convincente expressão de preocupação. – Acha que ela está começando a perder a memória, Srta. Bridgerton? Quantos

anos ela tem mesmo? Noventa...

A bengala de Lady D desceu direto sobre os dedos do pé dele.

– Nem de perto, caro rapaz – rosnou ela. – Se você preza o seu corpo, não haverá de me blasfemar dessa maneira.

– Evangelho segundo Agatha Danbury – murmurou Hyacinth.

St. Clair lhe deu um breve sorriso. Ela foi pega de surpresa, porque não achara que ele tivesse ouvido a sua observação e porque, de súbito, viu ali uma aparência de menino inocente – e sabia muito bem que ele não era nada disso.

Embora...

Hyacinth lutou contra o impulso de sacudir a cabeça. Sempre havia um *embora*. Apesar dos “finalmentes” de Lady D, Gareth St. Clair era um visitante frequente da Casa Danbury. Assim, Hyacinth se questionava se ele era mesmo o cafajeste que a sociedade considerava. Nenhum demônio seria tão dedicado à avó. Ela dissera isso no recital, mas ele mudara de assunto com grande habilidade.

St. Clair era um quebra-cabeça. E Hyacinth odiava quebra-cabeças.

Bem, não, na verdade os adorava.

Contanto, é claro, que conseguisse solucioná-los.

O quebra-cabeça em questão atravessou o salão, inclinando-se para dar um beijo na bochecha da avó. Hyacinth se pegou fitando a sua nuca, o rabicho de cabelo que roçava o colarinho do casaco verde-oliva.

Sabia que ele não tinha muito dinheiro para alfaiates e coisas do tipo, e que nunca pedia nada à avó, mas, meu Deus, aquele casaco lhe caía com perfeição.

– Srta. Bridgerton – disse ele, acomodando-se no sofá e apoiando o tornozelo preguiçosamente sobre o joelho oposto. – Hoje deve ser terça-feira.

– De fato, deve ser.

– E como vai Priscilla Butterworth?

Hyacinth arqueou as sobrancelhas, surpresa que ele soubesse qual livro estavam lendo.

– Está correndo em direção aos penhascos. Temo pela segurança dela, se quer saber. Ou melhor, eu temeria se não houvesse ainda onze capítulos a serem lidos.

– Que pena. O livro teria uma reviravolta muito mais interessante se ela fosse morta.

– Você já o leu, então? – indagou Hyacinth educadamente.

Por um instante, achou que St. Clair só a encararia com uma expressão de quem diz “Você só pode estar brincando”, mas ele também acrescentou:

– Minha avó gosta de recontar a história quando a vejo, às quartas. Algo que *sempre* faço – frisou, estreitando os olhos para a avó. – E na maioria das sextas e dos domingos, também.

– Mas não no domingo passado – retrucou Lady D.

– Eu fui à igreja – disse ele, muito sério.

Hyacinth engasgou com o biscoito.

– Não viu que um raio atingiu o campanário? – perguntou St. Clair.

Ela se recuperou tomando um gole de chá, então sorriu com doçura.

– Eu estava ouvindo o sermão com enorme devoção.

– Na semana passada o padre falou, falou e não disse nada – opinou Lady D. – Acho que ele está ficando velho.

Gareth abriu a boca, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, a bengala da avó fez um arco horizontal impressionantemente firme.

– Não faça qualquer comentário que comece com as palavras “vindo de você...” – avisou ela.

– Eu nem mesmo pensaria numa coisa dessas – afirmou ele, com enorme recato.

– É claro que pensaria. Você não seria meu neto se não pensasse. – Ela se virou para Hyacinth. – Não concorda?

Hyacinth entrelaçou as mãos sobre o colo e disse:

– É claro que não há resposta certa para essa pergunta.

– Garota esperta – comentou Lady D em tom de aprovação.

– Aprendi com a mestre.

Lady Danbury ficou radiante.

– Insolência à parte – continuou, decidida, gesticulando na direção de Gareth como se ele fosse algum tipo de espécime selvagem –, ele é realmente um neto excepcional. Eu não poderia ter pedido neto melhor.

Divertindo-se, Gareth observou Hyacinth murmurar algo que deveria comunicar a sua concordância sem, de fato, fazê-lo.

– É claro que ele não tem muita concorrência – acrescentou vovó Danbury com um aceno desdenhoso. – Meus outros netos só têm três cérebros para

compartilhar entre si.

Não era a mais gentil demonstração de apoio, visto que tinha doze netos vivos.

– Já ouvi dizer que alguns animais comem os filhotes – sussurrou Gareth para ninguém em especial.

– Considerando que hoje é *terça-feira* – continuou a avó, ignorando o comentário por completo –, o que o traz aqui?

Gareth enfiou a mão no bolso que trazia o livro. Estivera tão intrigado com a sua existência, desde que Caroline o entregara, que se esquecera por completo do encontro semanal da avó com Hyacinth Bridgerton. Se estivesse raciocinando direito, teria esperado até o fim da tarde, depois de sua partida.

Mas, agora, lá estava ele e precisava justificar a sua presença. Senão – que Deus o ajudasse –, a avó suporia que Gareth estava ali *por causa* da Srta. Bridgerton e ele levaria meses para dissuadi-la.

– O que foi, menino? – indagou a avó com seus modos inimitáveis. – Desembuche.

Gareth se virou para Hyacinth, sentindo certo prazer quando ela se contorceu sob seu intenso escrutínio.

– Por que você visita a minha avó?

Ela deu de ombros.

– Porque gosto dela.

Em seguida, Hyacinth se inclinou para a frente.

– Por que *você* a visita?

– Porque é minha...

Ele se deteve. Não a visitava só por ser sua avó. Lady Danbury representava várias coisas: megera, juíza e nêmesis eram algumas das que lhe vinham à mente – mas nunca um dever.

– Também gosto dela – emendou lentamente, sem que os olhos jamais deixassem os de Hyacinth.

Ela não piscou.

– Que bom.

Então se limitaram a encarar um ao outro, como se estivessem presos em alguma competição bizarra.

– Não tenho qualquer queixa com relação a este rumo da conversa – declarou

Lady Danbury bem alto –, mas de que diabos vocês estão falando?

Hyacinth se recostou na cadeira e olhou para Lady Danbury como se nada tivesse acontecido.

– Não tenho a menor ideia – disse com displicência, passando a bebericar o chá. Ao pousar a xícara de novo sobre o pires, acrescentou: – Ele me fez uma pergunta.

Gareth a observou com curiosidade. Não era lá muito fácil fazer amizade com a avó e, se Hyacinth Bridgerton alegremente sacrificava as suas tardes de terça-feira para estar com ela, isso era sem dúvida um ponto a seu favor.

Além disso, mesmo não gostando de quase ninguém, a avó fazia enormes elogios à Srta. Bridgerton toda vez que se apresentava uma oportunidade. Em parte porque, é claro, estava tentando juntar os dois – a avó nunca fora conhecida pelo tato ou sutileza.

Ainda assim, com os anos, Gareth aprendera que a avó era uma excelente julgadora de caráter. Além do mais, o diário estava escrito em italiano. Mesmo se contivesse algum segredo indiscreto, a Srta. Bridgerton jamais viria a saber.

Decidido, enfiou a mão no bolso e sacou o livro.

CAPÍTULO 4

Momento no qual a vida de Hyacinth, por fim, fica quase tão excitante quanto a de Priscilla Butterworth. Com exceção dos penhascos, é claro...

Hyacinth observou com interesse a hesitação de St. Clair. Ele a encarou, os olhos de um azul translúcido se estreitando um pouco antes de se voltar para a avó. Hyacinth procurou não se mostrar interessada demais; obviamente, St. Clair tentava decidir se devia mencionar o assunto em sua presença, e ela suspeitava que qualquer interferência o faria permanecer calado.

Aparentemente, ela devia ter passado no teste, pois, após um breve momento de silêncio, ele enfiou a mão no bolso e sacou o que parecia ser um livro encadernado em couro.

– O que é isso? – perguntou Lady Danbury, tomando-o nas mãos.

– É o diário da vovó St. Clair. Caroline o trouxe para mim esta tarde. Ela o encontrou em meio aos pertences de George.

– Está em italiano.

– Sim, eu percebi.

– O que eu quis dizer foi: por que você o trouxe para *mim*? – questionou ela com um pouco de impaciência.

St. Clair lhe deu um preguiçoso meio sorriso.

– Você vive dizendo que sabe tudo ou, senão tudo, que conhece todo mundo.

– A senhora me disse isso mais cedo, hoje à tarde – acrescentou Hyacinth, querendo ser útil.

Ela recebeu ao mesmo tempo o “obrigado” condescendente de St. Clair e o olhar fuzilante de Lady Danbury.

Hyacinth se contorceu, mas não devido ao olhar da condessa – era invulnerável a ele. Odiou o fato de que St. Clair a achasse merecedora da sua condescendência.

– Eu esperava – continuou ele para a avó – que a senhora conhecesse um

tradutor de boa reputação.

– De italiano?

– Imagino que seja a língua exigida.

– Humpf. – Lady D começou a bater com a bengala no chão, lembrando o tamborilar de uma pessoa normal. – Italiano? Não é tão comum quanto o francês que, é claro, qualquer pessoa decente poderia...

– Eu sei ler italiano – interrompeu Hyacinth.

Dois pares de olhos azuis idênticos se viraram em sua direção.

– Você está brincando – declarou St. Clair, um mero meio segundo depois da avó ladrar: “Sabe?”

– A senhora não sabe tudo a meu respeito – replicou Hyacinth com veemência.

– Bem, sim, é claro – vociferou Lady D –, mas *italiano*?

– Tive uma governanta italiana quando era pequena – explicou Hyacinth, dando de ombros. – Ela se divertia me ensinando. Eu não sou fluente, mas se me derem uma ou duas páginas, consigo compreender o sentido geral.

– Aqui há bem mais do que uma ou duas páginas – retrucou St. Clair, indicando com a cabeça o diário, que ainda estava nas mãos da avó.

– Deu para reparar – disse Hyacinth, um tanto irritada. – Mas eu não leria mais do que duas páginas de cada vez. E ela não escreveu no estilo dos antigos romanos, escreveu?

– Isso seria latim – declarou St. Clair, arrastando as sílabas.

Hyacinth trincou os dentes.

– Que seja.

– Pelo amor de Deus, menino – interrompeu Lady Danbury –, dê o livro a ela.

St. Clair resolveu não comentar que a avó ainda estava com ele. Hyacinth achou que essa era uma grande demonstração de autocontrole. Ele se levantou, tirou o delgado volume das mãos da condessa e se virou para Hyacinth. Hesitou então. Só por um instante. Ela nem teria notado se não estivesse olhando diretamente para o rosto dele.

St. Clair levou o livro até ela, depois estendeu-o em sua direção com um suave “Srta. Bridgerton”. Hyacinth o aceitou, estremecendo diante da estranha sensação de ter feito algo de muito mais poderoso do que apenas tomar um livro

nas mãos.

– Está com frio, Srta. Bridgerton? – murmurou St. Clair.

Ela fez que não, usando o livro como barreira para evitar olhá-lo.

– As páginas estão um pouco quebradiças – declarou, virando uma com todo o cuidado.

– O que diz aí?

Hyacinth rangeu os dentes. Ela não suportava agir sob pressão, ainda mais que St. Clair estava praticamente fungando no seu cangote.

– Deixe-a respirar! – bradou Lady D.

Ele se afastou, mas não o bastante para que Hyacinth se sentisse mais à vontade.

– E então?

Hyacinth meneava a cabeça para a frente e para trás enquanto decifrava o significado.

– Ela escreveu sobre o casamento, que estava prestes a acontecer. Acho que era para ela se casar com o seu avô em... – Hyacinth mordeu o lábio, examinando a página em busca das palavras apropriadas – três semanas. Pelo que entendi, a cerimônia foi na Itália.

St. Clair assentiu.

– E...?

– E...

Hyacinth franziu o nariz, como sempre fazia quando se concentrava com intensidade. Não era uma expressão muito atraente, mas a alternativa era não pensar, o que ela não achava nada agradável.

– O que foi que ela disse? – encorajou Lady Danbury.

– *Orrendo orrendo*... – murmurou Hyacinth. – Ah, certo. – Ergueu os olhos. – Ela não estava muito feliz.

– E quem estaria? – questionou Lady D. – O homem era um ogro... Peço perdão àqueles presentes que compartilham o seu sangue.

St. Clair a ignorou.

– O que mais?

– Eu lhe disse que não sou fluente – esbravejou Hyacinth. – Preciso de tempo para entender.

– Leve-o para casa – sugeriu Lady Danbury. – Você vai vê-lo amanhã à noite

mesmo.

– Vou? – indagou Hyacinth no mesmo instante em que St. Clair perguntou: “Vai?”

– Você vai comigo ao sarau de poesias dos Pleinsworths – respondeu Lady D ao neto. – Ou se esqueceu?

Hyacinth se recostou na cadeira, deleitando-se com a aflição de St. Clair, que abria e fechava a boca, como um peixe. Um peixe com traços de deus grego, mas, ainda assim, um peixe.

– Eu... Quer dizer, eu não...

– Você pode e vai – sentenciou Lady D. – Você prometeu.

Ele a encarou com uma expressão implacável.

– Eu não posso imaginar...

– Bem, se não prometeu, devia ter prometido. Se me ama de verdade...

Hyacinth tossiu para abafar a risada, então tentou não dar um sorriso insolente ao ser fuzilada por St. Clair.

– Quando eu morrer – começou ele –, meu epitáfio certamente dirá: “Ele amou a avó quando ninguém a amou.”

– E o que há de errado com isso? – indagou Lady Danbury.

– Estarei lá – afirmou ele, suspirando.

– Leve lã para os ouvidos – aconselhou Hyacinth.

Ele se mostrou horrorizado.

– Não é possível ser pior do que o recital de ontem.

Hyacinth não conseguiu evitar que um dos cantos da boca se erguesse.

– Lady Pleinsworth *foi* uma Smythe-Smith.

Do outro lado da sala, Lady Danbury soltou uma risadinha divertida.

– É melhor eu ir para casa – disse Hyacinth, pondo-se de pé. – Tentarei traduzir o primeiro registro antes de vê-lo amanhã à noite, Sr. St. Clair.

– Fico muito grato, Srta. Bridgerton.

Hyacinth meneou a cabeça e atravessou a sala, tentando ignorar a estranha euforia que crescia em seu peito. Por Deus, era só um livro.

E ele era só um homem.

Era irritante aquela estranha compulsão de impressioná-lo. Queria fazer algo para provar quanto era inteligente e espirituosa, algo que o forçaria a olhá-la com uma expressão além do leve divertimento.

– Permita-me acompanhá-la até a porta – disse St. Clair, colocando-se ao seu lado.

Hyacinth se virou, então sentiu a respiração falhar: ele estava próximo demais.

– Eu... ah...

Eram os olhos dele, deu-se conta. Tão azuis e translúcidos que ela deveria poder ler os seus pensamentos, mas, em vez disso, achava que *ele* pudesse ler os seus.

– Sim? – murmurou St. Clair, pousando a mão dela sobre o próprio braço.

– Não é nada.

– Ora, Srta. Bridgerton – começou ele, conduzindo-a em direção ao hall. – Não creio já tê-la visto sem palavras. A não ser no outro dia.

Ele inclinou a cabeça um pouco para o lado. Ela o encarou, estreitando os olhos.

– No recital – lembrou ele –, foi encantador. – St. Clair sorriu de forma muito irritante. – Não foi encantador?

Hyacinth comprimiu os lábios com força.

– Você mal me conhece.

– Sua reputação a precede.

– Assim como a sua.

– *Touché*, Srta. Bridgerton – disse ele, embora ela não se sentisse vitoriosa.

Hyacinth viu a ama aguardando à porta, então se desvencilhou e atravessou o vestíbulo.

– Até amanhã, Sr. St. Clair.

Equanto a porta se fechava às suas costas, pôde jurar que o ouvira responder "*Arrivederci*".

Hyacinth chega em casa. A mãe está à sua espera.
Isso não é nada bom.

– Charlotte Stokehurst vai se casar – anunciou Violet Bridgerton.

– Hoje? – indagou Hyacinth, tirando as luvas.

A mãe a olhou de cara feia.

– Ela ficou noiva. A mãe me contou esta manhã.

Hyacinth olhou ao redor.

– Você estava à minha espera no hall?

– Noiva do conde de Renton – acrescentou Violet. – Renton.

– Temos chá? Andei até em casa e estou com sede.

– Renton! – exclamou Violet, olhando à sua volta, pronta para erguer as mãos em sinal de desespero. – Você me ouviu?

– Renton – repetiu Hyacinth, prestativa. – Ele tem tornozelos gordos.

– Ele... – Violet se deteve. – Por que andou olhando para os tornozelos dele?

– Impossível não notá-los. – Hyacinth entregou a bolsa, que continha o diário italiano, para uma das amas. – Poderia levar isto ao meu quarto, por favor?

Violet esperou até a ama se afastar.

– O chá está esperando na sala de estar e não há nada de errado com os tornozelos de Renton.

Hyacinth deu de ombros.

– Para quem gosta do tipo rechonchudo.

– Hyacinth!

Ela deixou escapar um suspiro cansado e seguiu a mãe até a sala de estar.

– Mãe, você tem seis filhos casados e todos estão bastante satisfeitos com as escolhas que fizeram. Por que tem que *me* forçar a fazer uma aliança inadequada?

Violet se sentou e preparou uma xícara de chá para a filha.

– Eu não estou fazendo isso, Hyacinth, mas será que você não podia ao menos procurar?

– Mãe, eu...

– Ou fingir, por mim?

Hyacinth não pôde deixar de sorrir.

Violet estendeu-lhe a xícara, então a recolheu outra vez e acrescentou mais uma colher de açúcar. Hyacinth era a única da família que tomava chá com açúcar; gostava dele extradoce.

– Obrigada – agradeceu Hyacinth, provando a bebida.

Não estava tão quente quanto gostava, mas bebeu mesmo assim.

– Hyacinth – continuou a mãe, naquele tom de voz que sempre a fazia se sentir um pouco culpada, embora não devesse –, você sabe que eu só quero vê-la feliz.

– Eu sei.

Era esse o problema. De fato, a mãe só queria vê-la feliz. Se Violet a estivesse obrigando a casar por status ou ganho financeiro, teria sido muito mais fácil ignorá-la. Mas não, a mãe a amava e realmente queria vê-la feliz, não apenas casada. Assim, Hyacinth fazia o possível para manter o bom humor em meio a todos os suspiros da mãe.

– Eu jamais gostaria de vê-la casada com uma pessoa de cuja companhia não gostasse – prosseguiu Violet.

– Eu sei.

– E se você nunca conhecesse a pessoa certa, eu ficaria perfeitamente satisfeita com sua solteirice.

Hyacinth a olhou com suspeita.

– Está bem – corrigiu-se Violet –, não *perfeitamente* satisfeita, mas você sabe que eu nunca a pressionaria a se casar com alguém que fosse inadequado.

– Eu sei – repetiu Hyacinth.

– Mas, querida, você nunca vai encontrar ninguém se não procurar.

– Eu procuro, sim! Saí quase todas as noites esta semana. Eu até mesmo fui ao recital das Smythe-Smiths ontem à noite, ao qual, aliás – frisou ela –, a senhora não compareceu.

Violet tossiu.

– Estou com um pouco de tosse, eu acho.

Hyacinth não disse nada, mas seu olhar era bem claro.

– Eu soube que você se sentou ao lado de Gareth St. Clair – comentou Violet após um silêncio apropriado.

– A senhora tem espiões em todos os lugares? – grunhiu Hyacinth.

– Quase. Torna a vida muito mais fácil.

– Para você, talvez.

– Gostou dele?

Gostar dele? Que pergunta estranha. Será que gostava de Gareth St. Clair? Será que gostava de ele sempre parecer rir dela, até mesmo depois de sua concordância em traduzir o diário? Será que gostava de nunca saber ao certo o que ele estava pensando? Será que gostava de se sentir inquieta ao lado dele, e não exatamente ela mesma?

– E então? – insistiu a mãe.

– Um pouco – esquivou-se Hyacinth.

Violet ficou em silêncio, mas seus olhos ganharam um brilho que a aterrorizou até a alma.

– *Não* – avisou Hyacinth.

– Ele seria um ótimo partido.

Hyacinth fitou a mãe como se ela tivesse agora uma cabeça a mais.

– A senhora enlouqueceu? Conhece a reputação dele tão bem quanto eu.

Violet dispensou o comentário na mesma hora.

– A reputação dele não importará depois que estiverem casados.

– Importará, sim, se ele continuar a se associar com cantoras de ópera e afins.

– Ele não faria isso – replicou Violet com um aceno desdenhoso.

– E como a senhora pode saber?

Violet hesitou.

– Não sei, acho que é só um pressentimento.

– Mãe – disse Hyacinth com uma expressão de grande solicitude –, a senhora sabe que eu a amo imensamente...

– Quando uma frase começa desse jeito, nunca vem nada de bom.

– ... mas me perdoe se eu me recusar a me casar com alguém com base em um pressentimento seu.

Violet bebericou o chá com uma indiferença impressionante.

– É quase tão seguro quanto um pressentimento que *você* poderia ter. Se me permitir ser sincera, meus pressentimentos com relação a essas coisas tendem a ser bastante precisos. – Diante da expressão seca de Hyacinth, ela acrescentou: – Eu ainda não me enganei.

Bem, isso era verdade, Hyacinth precisava admitir. Só para si mesma, é claro. Se o fizesse em voz alta, a mãe acharia que tinha carta branca para perseguir St. Clair até ele sair correndo aos gritos de tão assustado.

– Mãe – começou Hyacinth, fazendo uma pausa um pouco mais longa do que o normal, tentando ganhar tempo para organizar as ideias –, eu não vou correr atrás do Sr. St. Clair. Ele não é, de forma alguma, o tipo certo de homem para mim.

– Não sei ao certo se você reconheceria o tipo certo de homem para você se ele chegasse à nossa porta montado num elefante.

– Imagino que o elefante seria uma indicação bastante precisa de que eu não deveria escolhê-lo.

– *Hyacinth*.

– Além disso – acrescentou ela, pensando em como St. Clair sempre a olhava de um jeito vagamente condescendente –, não acho que ele goste muito de mim.

– Bobagem – replicou Violet, com todo o ultraje de uma mãe protetora. – Todo mundo gosta de você.

Hyacinth pensou nisso por um instante.

– Não. Não acho que todo mundo goste.

– Hyacinth, eu sou sua mãe e sei...

– Mãe, você é a última pessoa a quem qualquer um diria não gostar de mim.

– Ainda assim...

– Mãe – interrompeu Hyacinth, pousando a xícara firmemente sobre o pires –, não importa. Eu não ligo de não ser unanimidade. Se eu quisesse que todo mundo gostasse de mim, teria que ser boazinha e encantadora, sem graça e enfadonha o tempo todo, e isso não seria nada divertido, certo?

– Você está parecendo Lady Danbury.

– Eu gosto de Lady Danbury.

– Eu também gosto dela, mas isso não significa que a queira como filha...

– Mãe...

– Você não vai tentar conquistar o Sr. St. Clair porque ele a assusta.

Hyacinth chegou a perder o fôlego.

– Isso não é verdade.

– É claro que é – rebateu Violet, mostrando-se enormemente satisfeita consigo mesma. – Não sei por que isso não me ocorreu antes. E ele não é o único.

– Não sei do que a senhora está falando.

– Por que você ainda não se casou?

Hyacinth pestanejou, aturdida diante da pergunta brusca.

– Como?

– Por que você ainda não se casou? – repetiu Violet. – Vai querer se casar algum dia?

– É claro que sim.

Ela já queria. Mais do que seria capaz de admitir, provavelmente até mais do

que se dera conta até aquele exato momento. Olhou para a mãe e viu uma matriarca, uma mulher que amava a família com uma ferocidade que levava às lágrimas. Naquele instante, Hyacinth percebeu que desejava amar com aquela ferocidade. Queria filhos. Queria uma família.

Mas isso não significava que estava disposta a se casar com o primeiro homem que aparecesse. Hyacinth era pragmática: ficaria satisfeita em se casar com alguém que não amasse, contanto que ele combinasse com ela em todos os outros aspectos. Mas, minha nossa, seria demais pedir um cavalheiro com um pouquinho de inteligência?

– Mãe – disse ela, amansando o tom, sabendo que Violet tinha boas intenções –, eu quero, sim, me casar. Juro que quero. E, claramente, venho procurando alguém.

Violet ergueu as sobrancelhas.

– Claramente?

– Eu recebi seis propostas – respondeu Hyacinth, talvez um pouco na defensiva. – A culpa não é minha se nenhum era adequado.

– É verdade.

Hyacinth ficou de queixo caído diante do tom usado pela mãe.

– O que quer dizer com isso?

– É *claro* que nenhum daqueles homens era adequado: metade estava atrás da sua fortuna e a outra metade... bem, você os teria reduzido às lágrimas em uma semana.

– Quanta delicadeza com a sua filha mais nova – murmurou Hyacinth. – Assim você me arruina.

Violet bufou.

– Ora, por favor, Hyacinth, você sabe o que eu quero dizer e sabe que tenho razão. Nenhum daqueles homens era um bom partido para você. Você precisa de alguém que realmente seja o seu par.

– É exatamente o que eu venho tentando lhe dizer.

– Mas a minha pergunta é: por que os homens errados é que pedem a sua mão?

Hyacinth ensaiou uma resposta, mas não soube o que dizer.

– Você diz que deseja encontrar um homem que combine com você e eu até acredito nisso. Mas a verdade é, Hyacinth, que cada vez que você conhece

alguém que consegue se manter firme, você o afasta.

– Não afasto, não – reclamou Hyacinth, não soando muito convincente.

– Bem, você certamente não os encoraja. – Violet se inclinou à frente, fitando-a com uma olhar tanto de preocupação quanto de admoestação. – Você sabe que a amo muito, Hyacinth, mas o fato é que você gosta de estar em posição de vantagem em qualquer conversa.

– E quem não gosta? – murmurou Hyacinth.

– Um homem que combine com você não permitirá ser manipulado da maneira que você achar conveniente.

– Mas não é isso que eu quero – protestou Hyacinth.

Violet deixou escapar um suspiro. Mas era um som nostálgico, repleto de carinho e amor.

– Queria lhe explicar como me senti no dia em que você nasceu.

– Mãe? – indagou Hyacinth baixinho.

A mudança de assunto foi súbita e, de alguma maneira, ela soube que o que quer que a mãe lhe dissesse importaria mais do que qualquer coisa que chegaria a ouvir na vida.

– Foi logo depois da morte do seu pai. E eu estava tão triste... Nem posso expressar quanto estava triste. Existe um tipo de tristeza que consome a gente. Que nos puxa para baixo. E a gente não consegue... – Violet se deteve e os lábios tremeram, os cantos se franzindo enquanto ela engolia em seco, tentando não chorar. – Bem, não consegue fazer nada. Não dá para explicar; só sentindo mesmo.

Hyacinth assentiu, mesmo sabendo que nunca compreenderia de verdade.

– Naquele último mês inteiro, eu simplesmente não sabia como me sentir – continuou Violet, com a voz ainda mais baixa. – Eu não sabia como me sentir com relação a você. Eu já tinha sete bebês; era de se esperar que eu fosse uma especialista. Mas, de repente, tudo era novo. Você não ia ter um pai e eu fiquei tão assustada... Eu precisaria ser tudo para você. Suponho que também precisaria ser tudo para os seus irmãos, mas, de alguma forma, era diferente. Com você...

Hyacinth percebeu que não conseguia tirar os olhos do rosto da mãe.

– Eu fiquei assustada – repetiu Violet –, apavorada de falhar com você de alguma maneira.

– Não falhou – sussurrou Hyacinth.

Violet sorriu, melancólica.

– Eu sei. Olhe só para você.

Hyacinth sentiu os lábios tremerem e não teve certeza se ia rir ou chorar.

– Mas não é isso que quero lhe dizer – continuou Violet, com um olhar ligeiramente decidido. – Quando você nasceu e a colocaram nos meus braços... foi estranho porque, por algum motivo, eu estava tão convencida de que você seria igual ao seu pai... Estava certa de que daria de cara com o rosto dele e que isso seria um sinal dos céus.

A respiração de Hyacinth falhou e ela se perguntou por que a mãe nunca havia lhe contado aquela história. E por que ela nunca havia pedido para que contasse sobre seu nascimento.

– Mas não era – prosseguiu Violet. – Você se parecia um bocado comigo. E, então, minha nossa, eu me lembro como se fosse ontem... Você olhou nos meus olhos e piscou. Duas vezes.

– Duas vezes? – repetiu Hyacinth, querendo saber por que aquilo era tão importante.

– Duas vezes. – Violet a encarou, curvando os lábios num sorrisinho engraçado. – Eu só me lembro disso porque a sua expressão foi tão *decidida*. Foi muito esquisito. Você me olhou como se dissesse “Eu sei exatamente o que estou fazendo”.

Uma pequena lufada de ar escapou dos lábios de Hyacinth e ela se deu conta de que era uma risada. Uma pequena risada, do tipo que pega de surpresa.

– E, então, você deixou escapar um *lamento* – contou Violet, balançando a cabeça. – Meu Deus, achei que você fosse quebrar o vidro das janelas. E eu sorri. Foi a primeira vez, desde a morte do seu pai, que eu sorri.

Violet respirou fundo, então pegou o chá. Hyacinth observou a mãe se recompor, querendo, desesperadamente, lhe pedir que continuasse. Mas, de alguma forma, sabia que o momento pedia silêncio.

Por um minuto inteiro, Hyacinth esperou. Por fim, a mãe disse baixinho:

– Desse momento em diante, você se tornou muito querida para mim. Eu amo todos os meus filhos, mas você... – Ela ergueu a vista e olhou nos olhos de Hyacinth. – Você me salvou.

Hyacinth sentiu um aperto no peito. Não conseguia se mexer direito, não conseguia respirar direito. Só fitar o rosto da mãe, ouvir as suas palavras e se

sentir tão, tão grata por ser sua filha.

– De certa forma, eu a protegi um pouco demais – admitiu Violet, os lábios formando o mais minúsculo dos sorrisos – e, ao mesmo tempo, fui permissiva demais. Você era tão exuberante, tão segura de quem era e de como se encaixava no mundo à sua volta... Era uma força da natureza e eu não queria cortar as suas asas.

– Obrigada – sussurrou Hyacinth, mas as palavras saíram tão baixinho que ela não soube se as dissera mesmo em voz alta.

– Mas, às vezes, eu me pergunto se isso não a deixou pouco consciente das pessoas à sua volta.

Subitamente, Hyacinth se sentiu péssima.

– Não, não – corrigiu-se Violet depressa ao ver a expressão de choque de Hyacinth. – Você é gentil e carinhosa e muito mais atenciosa do que qualquer um se dê conta. Mas... minha nossa, eu não sei como explicar isso... – Ela respirou fundo, franzindo o nariz enquanto buscava as palavras certas. – É que você já está muito acostumada a se sentir confortável consigo mesma e com o que diz.

– O que há de errado nisso? – perguntou Hyacinth, não de maneira defensiva, mas apenas baixinho.

– Nada. Eu só gostaria que outras pessoas tivessem esse talento.

Violet juntou as mãos e começou a acariciar a palma da mão direita com o polegar esquerdo. Era um gesto que Hyacinth observara a mãe fazer incontáveis vezes, sempre perdida em pensamentos.

– Mas o que eu acho que acontece – continuou Violet – é que, quando você *não* se sente assim, quando algo a deixa desconfortável, bem, você não parece saber como lidar. E foge. Ou decide que não vale a pena. – Encarou a filha com um olhar direto e, talvez, só um pouco resignado demais. – Por isso eu tenho medo de que você nunca encontre o homem certo. Ou melhor, que você o encontre, mas não saiba que o encontrou. Que você não se permita saber.

Hyacinth fitou a mãe, sentindo-se tensa, muito pequena, muito insegura. Como fora que aquilo havia acontecido? Como fora que entrara ali, esperando a mesma conversa de sempre sobre maridos e casamentos, sobre a ausência deles, apenas para se ver desnudada e aberta até já não estar mais certa de quem era?

– Vou pensar nisso – garantiu à mãe.

– É só o que lhe peço.

E era só o que podia prometer.

CAPÍTULO 5

Na noite seguinte, na sala de visitas da estimável Lady Pleinsworth. Por algum estranho motivo, há galhos presos ao piano. E uma garotinha exibe um chifre na cabeça.

– As pessoas vão achar que você está me cortejando – comentou Hyacinth quando St. Clair caminhou diretamente em sua direção sem nem ao menos olhar em volta da sala primeiro.

– Bobagem – replicou ele, sentando-se na cadeira vazia ao lado dela. – Todos sabem que eu não cortejo mulheres respeitáveis. Além do mais, acho que seria bom para a sua reputação.

– E eu achava que a modéstia fosse uma virtude superestimada.

Ele lhe lançou um sorriso afável.

– Não desejo lhe dar munição, mas o triste fato é que a maioria dos homens são ovelhas. Onde um vai, seguem os demais. E você não disse que gostaria de se casar?

– Não com alguém que o tome como carneiro-guia.

Ele abriu um sorriso diabólico que devia usar para seduzir legiões de mulheres. Então olhou ao redor, como se pretendesse fazer algo de dissimulado, e chegou o corpo para a frente.

Hyacinth não conseguiu se conter e também se inclinou.

– Sim? – murmurou ela.

– Estou quase balindo.

Hyacinth tentou reprimir a risada, mas foi um erro, pois acabou soltando um deselegantíssimo borrifo de perdigotos.

– Que sorte que você não estava bebendo leite – comentou Gareth, recostando-se na cadeira. Maldito, ele continuava sendo a compostura em pessoa.

Hyacinth tentou fuzilá-lo com os olhos, mas estava quase certa de que não

conseguia esconder o divertimento.

– Poderia ter saído pelo nariz – disse ele, dando de ombros.

– Será que ninguém nunca lhe disse que esse não é o tipo de coisa que se diz para impressionar uma mulher? – indagou ela, tão logo recuperou a fala.

– Não estou tentando impressioná-la – respondeu ele, olhando para a frente do salão. – Minha nossa! – exclamou, piscando os olhos, surpreso. – O que é *aquilo*?

Hyacinth seguiu o olhar dele. Várias Pleinsworths caminhavam de um lado para o outro; uma delas parecia estar vestida de pastora.

– Mas que interessante coincidência – murmurou Gareth.

– Talvez seja o momento de começarmos a balir.

– Pensei que íamos assistir a um recital de poesia.

Hyacinth fez uma careta e balançou a cabeça.

– Uma inesperada mudança no programa, sinto dizer.

– De pentâmetro iâmbico a peça de pastorinha? Parece-me um pouco forçado.

Hyacinth olhou para ele com expressão de pesar.

– Ainda acho que vá haver pentâmetro iâmbico.

Ele ficou de queixo caído.

– Pastorinhas recitando poesia?

Ela fez que sim, mostrando o livreto do programa que descansava em seu colo.

– Trata-se de uma composição original – disse, como se isso explicasse tudo. – De Harriet Pleinsworth. *A Pastorinha, o Unicórnio e Henrique VIII*.

– Todos eles? De uma vez só?

– Não estou brincando.

– É claro que não. Nem mesmo você conseguiria inventar uma coisa dessas.

Hyacinth decidiu tomar isso como um elogio.

– Por que foi que eu não recebi um desses? – indagou Gareth, pegando o programa.

– Creio que decidiram que não deviam entregá-lo aos cavalheiros – opinou Hyacinth, olhando ao redor. – Na verdade, é preciso admirar a presciência de Lady Pleinsworth: você certamente sairia correndo se soubesse o que o aguarda.

Gareth se remexeu no assento.

– Já trancaram as portas?

– Não, mas a sua avó já chegou.

Hyacinth teve a impressão de que ele gemeu.

– Não parece estar vindo nesta direção – acrescentou Hyacinth, observando Lady Danbury se acomodar numa cadeira do corredor a várias fileiras de distância.

– É claro que não – murmurou Gareth, e Hyacinth soube que ele estava pensando a mesma coisa que ela.

Casamenteira.

Bem, Lady Danbury nunca fora sutil com relação àquele assunto.

Hyacinth começou a se virar para a frente, então parou ao avistar a mãe, para quem vinha guardando um assento vazio à sua direita. Violet fingiu – bem mal, na opinião de Hyacinth – não vê-la e se sentou ao lado de Lady Danbury.

– Ok...

Violet também não era conhecida pela sutileza, mas, depois da conversa da tarde anterior, Hyacinth achara que a mãe não seria *tão* óbvia.

Teria sido simpático reservar alguns dias para refletir sobre tudo aquilo.

Hyacinth já havia passado os dois últimos dias ponderando sobre a conversa com a mãe. Tentou pensar em todas as pessoas que conhecera nos anos que passara no Mercado Casamenteiro. Em geral, fora agradável. Ela dissera o que queria, fizera os outros rirem e gostara de ser admirada por sua espirituosidade.

Mas não se sentira completamente à vontade com algumas pessoas – não muitas. Durante a primeira temporada, ficara muda na companhia de um cavalheiro. Ele era inteligente e bem-apessoado e, quando a olhara, Hyacinth tinha achado que suas pernas iam falhar. E, havia apenas um ano, o irmão, Gregory, a apresentara a um dos amigos de escola que havia sido seco e sarcástico e mais do que páreo para ela. Hyacinth dissera a si mesma que não gostara dele e, depois, falara à mãe que o homem lhe parecera ser do tipo que não teria piedade com os animais. Mas a verdade era que...

Bem, ela não sabia qual era a verdade. Não sabia tudo, por mais que tentasse dar a impressão contrária.

Mas havia evitado esses homens. Alegara que não gostara deles, mas talvez não fosse isso. Talvez, simplesmente, não tivesse gostado de si mesma quando estava com eles.

Ergueu a vista. St. Clair estava recostado na cadeira com uma expressão entre entediada e divertida, de um tipo sofisticado e polido que homens de toda a Londres tentavam imitar. St. Clair a fazia melhor do que a maioria.

– Você está um tanto séria para uma noite de pentâmetro bovino – observou ele.

Hyacinth olhou para o palco, surpresa.

– Também haverá vacas?

Ele lhe devolveu o pequeno folheto e suspirou.

– Estou me preparando para o pior.

Hyacinth sorriu. Ele realmente *era* engraçado. E inteligente. E muito, muito bonito, embora isso jamais tivesse sido colocado em questão.

Ela se deu conta de que Gareth era tudo aquilo o que sempre dissera para si mesma que procurava num marido.

Meu bom Deus.

– Você está bem? – indagou ele, empertigando-se subitamente.

– Estou, sim. Por quê?

– Você parecia... – Ele pigarreou. – Bem, parecia... ahn... Desculpe-me, não posso dizer isso a uma mulher.

– Nem mesmo a uma que *não* está tentando impressionar? – gracejou Hyacinth, mas sua voz saiu levemente forçada.

Ele a encarou por um momento, então disse:

– Muito bem. Você parecia estar prestes a vomitar.

– Eu nunca vomito – disse ela, olhando resolutamente para a frente. Gareth St. Clair *não* era tudo o que ela sempre quisera num marido. Não podia ser. – E tampouco desmaio. Nunca.

– *Agora* você parece zangada.

– Não estou – rebateu ela, e ficou bastante orgulhosa com o quanto soou radiante.

Ele era dono de uma péssima reputação, recordou-se. Será que realmente queria se associar com um homem que se relacionara com tantas mulheres? E, ao contrário da maioria das solteironas, Hyacinth sabia o que significava "se relacionar". Não em primeira mão, é claro, mas conseguira arrancar os detalhes básicos das irmãs mais velhas e casadas. Daphne, Eloise e Francesca lhe garantiam que tudo era muito prazeroso com o tipo certo de marido, e Hyacinth

acreditava que o tipo correto de marido fosse um que permanecesse fiel à esposa.

St. Clair, por outro lado, mantivera relações com *centenas* de mulheres.

É claro que tal comportamento não podia ser saudável.

E mesmo que “centenas” fosse um exagero e o verdadeiro número fosse bem mais modesto, como poderia competir? Sabia, sem sombra de dúvida, que a última amante dele fora ninguém menos do que Maria Bartolomeo, uma soprano italiana famosa tanto pela beleza quanto pela voz. Nem mesmo Violet poderia afirmar que Hyacinth chegava perto de ser tão linda assim.

Devia ser horroroso passar a própria noite de núpcias sofrendo com comparações.

– Acho que está começando. – Ouviu St. Clair suspirar.

Os lacaios cruzavam o salão, soprando velas para obscurecer o ambiente. Hyacinth vislumbrou o perfil de St. Clair. Um candelabro fora deixado aceso por cima de seu ombro e, sob as luzes oscilantes, parecia haver mechas de ouro em seus cabelos. O rabo de cavalo fora amarrado de forma casual, o único do tipo naquele aposento.

Não sabia por quê, mas gostou disso.

– Seria muito ruim – ela o ouviu sussurrar – se eu corresse em direção à porta?

– Neste instante? – indagou Hyacinth, tentando ignorar o formigamento que sentia quando ele se aproximava. – Muito ruim.

Gareth se recostou com um suspiro melancólico, então se concentrou no palco, com toda a aparência de um cavalheiro polido, mesmo que levemente enfadado.

Mas, apenas um minuto depois, Hyacinth ouviu. Baixinho e só para os seus ouvidos:

– Bééé.

– Bééééééééé.

Noventa minutos de entorpecer o cérebro mais tarde e, infelizmente, o nosso herói estava correto com relação aos bois.

– Já bebeu vinho do Porto, Srta. Bridgerton? – indagou Gareth, mantendo os olhos no palco enquanto se levantava e aplaudia os Pleinsworths.

– É claro que não, mas sempre quis provar. Por quê?

– Porque nós dois merecemos uma bebida.

Ela abafou uma risada.

– Bem, o unicórnio estava bastante simpático.

Ele bufou. O unicórnio não poderia ter mais do que 10 anos. Isso não constituiria problema se Henrique VIII não tivesse insistido em dar uma cavalgada que não constava do roteiro.

– Fico surpreso de não terem precisado chamar um médico – murmurou Gareth.

Hyacinth se retraiu.

– Ela realmente pareceu mancar um pouco.

– Tive que me esforçar para não relinchar de dor no lugar dela. Minha nossa, quem... Ah, Lady Pleinsworth! – exclamou Gareth, estampando um sorriso no rosto com admirável rapidez. – Que prazer vê-la.

– Sr. St. Clair – disse Lady Pleinsworth efusivamente. – Estou encantada que tenha podido comparecer.

– Eu não teria perdido.

– E Srta. Bridgerton – continuou ela, claramente buscando um bom mexerico. – É a você que preciso agradecer pela vinda do Sr. St. Clair?

– Temo dizer que a culpa é da avó – respondeu Hyacinth. – Ela o ameaçou com a bengala.

Lady Pleinsworth não pareceu saber ao certo como reagir, então se virou outra vez para Gareth, pigarreando algumas vezes antes de perguntar:

– Já foi apresentado às minhas filhas?

Gareth conseguiu não fazer uma careta; era exatamente esse o motivo pelo qual tentava evitar tais ocasiões.

– É... não, não creio que já tenha tido esse prazer.

– A pastora – falou Lady Pleinsworth, prestativa.

Gareth assentiu.

– E o unicórnio? – indagou ele, com um sorriso.

– Sim – respondeu ela, piscando os olhos, confusa e, provavelmente, angustiada –, mas ela é um pouco jovem.

– Estou certa de que o Sr. St. Clair ficaria encantado em conhecer Harriet – interveio Hyacinth antes de se virar para Gareth com um explicativo “A

pastora”.

– É claro – concordou ele. – Sim, encantado.

Hyacinth se virou para Lady Pleinsworth com um sorriso excessivamente inocente.

– O Sr. St. Clair é especialista em tudo o que diz respeito aos ovinos.

– Onde está a *minha* bengala quando preciso dela? – murmurou ele.

– Como disse? – indagou Lady Pleinsworth, inclinando-se para a frente.

– Eu ficaria honrado em conhecer a sua filha – esclareceu ele, já que parecia ser a única coisa aceitável a ser dita naquele momento.

– Maravilhoso! – exclamou Lady Pleinsworth, batendo palmas. – Sei que ela vai ficar muito contente em conhecê-lo.

Então, dizendo algo sobre ter que falar com os outros convidados, retirou-se.

– Não fique tão amuado – falou Hyacinth, tão logo os dois se viram a sós outra vez. – Você é um partido e tanto.

Ele a olhou como se a avaliasse.

– É normal se dizer essas coisas assim, de maneira tão direta?

Ela deu de ombros.

– Não a homens que se esteja tentando impressionar.

– *Touché*, Srta. Bridgerton.

Ela suspirou, feliz.

– Minhas três palavras favoritas.

Disso ele não tinha a menor dúvida.

– Conte-me, Srta. Bridgerton: já começou a ler o diário da minha avó?

Ela fez que sim.

– Estou surpresa que não tenha perguntado antes.

– Eu estava distraído pela pastora. Mas lhe peço, por favor, que não mencione isso à mãe dela. Certamente compreenderia da maneira errada.

– As mães sempre o fazem – concordou ela, olhando à sua volta.

– O que está procurando?

– Hmmm? Ah, nada. Só olhando.

– Olhando o quê?

Ela o encarou com os olhos arregalados e atordoantemente azuis.

– Nada em especial. Não gosta de saber tudo o que está acontecendo?

– Só o que tem a ver comigo.

– É mesmo? – Ela fez uma pausa. – Eu gosto de saber de tudo.

– Já notei. Bom, o que descobriu sobre o diário?

– Ah, sim – disse ela, radiante.

De fato, Hyacinth Bridgerton irradiava uma luz quando tinha a oportunidade de falar com autoridade. E o mais estranho era que Gareth achava aquilo um tanto encantador.

– Li apenas doze páginas, sinto dizer – confessou ela. – Minha mãe precisou da minha assistência com a correspondência esta tarde e eu não tive o tempo que gostaria para me empenhar na tarefa. Não lhe contei a respeito, aliás. Não sabia ao certo se era segredo.

Gareth pensou no pai, que provavelmente ia querer o diário só por estar em posse do filho.

– É segredo, sim. Pelo menos até eu declarar que não é.

Ela assentiu.

– Talvez seja melhor não dizer nada até você saber o que ela escreveu.

– O que foi que você descobriu?

– Bem...

Ela fez uma careta.

– O que foi? – perguntou ele.

Os cantos da boca de Hyacinth se curvaram para baixo, naquela expressão típica de uma pessoa que não quer dar más notícias.

– Receio que não haja forma educada de dizer isto.

– Raramente existe, quando o assunto é a minha família.

Ela o olhou com curiosidade.

– Ela não queria se casar com o seu avô.

– Sim, você mencionou isso naquela tarde.

– Não, eu quero dizer que ela *realmente* não queria se casar com ele.

– Mulher esperta – murmurou ele. – Os homens da minha família são idiotas obstinados.

Ela sorriu. Discretamente.

– Você, inclusive?

Ele devia ter previsto isso.

– Não conseguiu resistir, não é mesmo?

– *Você* teria conseguido?

– Imagino que não. O que mais ela disse?

– Não muito. Tinha apenas 17 anos no começo do diário. Os pais a obrigaram a se casar e ela escreveu três páginas sobre quanto estava contrariada.

– Contrariada?

Ela se encolheu.

– Bem, um pouco mais do que contrariada, devo dizer, mas...

– Fiquemos com "contrariada".

– Isso, é melhor.

– Como eles se conheceram? Ela contou?

– Não. Parece ter começado o diário depois de serem apresentados. Ainda que ela tenha mencionado uma festa na casa do tio. Talvez tenha sido lá.

Gareth assentiu, pensativo.

– Meu avô fez uma grande viagem. Eles se conheceram e se casaram na Itália, mas foi só isso que me contaram.

– Bem, não acho que ele a tenha desonrado, se é isso que quer saber. Imagino que ela teria mencionado uma coisa *dessas* no diário.

Gareth não pôde resistir a uma pequena provocação.

– *Você* teria mencionado?

– Como disse?

– Você escreveria no seu diário se alguém a tivesse desonrado?

Ela ruborizou, o que o deixou encantado.

– Eu não escrevo um diário.

Ah, como ele estava adorando aquilo.

– Mas se escrevesse...

– Mas eu *não escrevo*.

– Covarde – disse ele, baixinho.

– Você escreveria todos os seus segredos num diário? – retrucou ela.

– É claro que não. Se alguém o encontrasse, não seria muito justo para com as pessoas que mencionei.

– Pessoas? – provocou ela.

Ele abriu um sorrisinho.

– Mulheres.

Ela voltou a ruborizar, embora com menos intensidade dessa vez, a ponto de deixá-lo em dúvida. O rubor a coloriu de rosa, mesclando-se às sardas do nariz.

Àquela altura, a maioria das mulheres teria expressado o seu ultraje, ou pelo menos fingido fazê-lo, mas não Hyacinth. Ele a viu franzir os lábios ligeiramente – talvez para ocultar a vergonha, talvez para conter uma réplica.

Gareth se deu conta de que estava se divertindo. Era difícil acreditar, considerando que se encontrava ao lado de um piano coberto de galhos e que precisaria passar o resto da noite evitando a pastora e sua mãe ambiciosa, mas estava se divertindo.

– Você é realmente tão mau como dizem? – indagou Hyacinth.

Ele se sobressaltou. Não esperava por aquilo.

– Não – admitiu Gareth –, mas não conte a ninguém.

– Eu não achei que fosse – disse ela, pensativa.

Algo no tom dela o assustou. Não queria Hyacinth Bridgerton pensando tanto a respeito dele. Tinha a mais estranha sensação de que, se ela o fizesse, talvez o enxergasse por inteiro e com enorme transparência.

E não sabia ao certo o que ela encontraria.

– A sua avó está vindo para cá – avisou Hyacinth.

– É verdade – disse ele, satisfeito com a distração. – Devemos tentar escapar?

– Já é tarde demais – respondeu ela, retorcendo os lábios. – E traz a minha mãe a reboque.

– Gareth! – a voz estridente da avó se fez ouvir.

– Vovó – falou ele, beijando-lhe galantemente a mão quando ela chegou ao seu lado. – É sempre um prazer vê-la.

– É claro que é – replicou ela, insolente.

Gareth se virou para encarar uma versão mais velha, e de cabelos um pouco mais claros, de Hyacinth.

– Lady Bridgerton.

– Sr. St. Clair – cumprimentou Violet afetuosamente. – Faz um século.

– Não costumo comparecer a tais recitais.

– Sim, a sua avó me contou que precisou forçá-lo a vir.

Ele se voltou para a avó com as sobrancelhas erguidas.

– A senhora vai acabar com a minha reputação.

– Isso você já fez por conta própria, meu caro menino.

– Acho que o que ele quis dizer – interveio Hyacinth – foi que

provavelmente não será tido como arrojado e perigoso se o mundo souber quanto é louco pela senhora.

Um silêncio levemente desconfortável caiu sobre o grupo quando Hyacinth se deu conta de que todos haviam compreendido o que ele quisera dizer. Gareth se apiedou dela e falou:

– Tenho outro compromisso esta noite, então sinto dizer que preciso ir embora.

Lady Bridgerton sorriu.

– Veremos o senhor na terça-feira, no entanto, não é mesmo?

– Na terça-feira? – indagou ele, dando-se conta de que o sorriso de Lady Bridgerton não era nem um pouco inocente, como aparentava ser.

– Meu filho e a esposa vão dar um grande baile. Estou certa de que recebeu um convite.

Gareth também estava certo de que recebera, mas em geral os atirava para o lado sem nem mesmo olhá-los.

– Eu lhe prometo – continuou Lady Bridgerton – que não haverá unicórnios.

Fisgado. E por uma mestre, acima de tudo.

– Nesse caso – começou ele educadamente –, como poderia recusar?

– Excelente. Sem dúvida Hyacinth ficará encantada em vê-lo.

– Eu mal consigo me conter de alegria – murmurou Hyacinth.

– Hyacinth! – exclamou a mãe, e se virou para Gareth. – Ela não quis dizer isso.

Ele se voltou para Hyacinth.

– Estou desolado.

– Por eu não conseguir me conter de alegria ou por conseguir?

– Qualquer um dos dois. – Gareth se virou para o grupo como um todo. – Senhoras...

– Não se esqueça da pastora – provocou Hyacinth, o sorriso doce e só um pouco travesso. – Você *prometeu* à mãe dela.

Maldição, ele havia se esquecido. Olhou para o outro lado do salão. A pequena pastora começava a apontar o cajado em sua direção e Gareth teve a desconfortável sensação de que, se chegasse perto o bastante, ela talvez o passasse pelo pescoço dele e o puxasse para si.

– Vocês duas não são amigas? – perguntou a Hyacinth.

– Ah, não. Eu mal a conheço.

– Não gostaria de conhecê-la? – disse ele, rangendo os dentes.

Hyacinth bateu o dedo no queixo, pensativa.

– Eu... Não, não. – Ela sorriu suavemente. – Mas fico observando daqui, de longe.

– Traidora – murmurou Gareth, passando por ela em direção à pastora.

E, pelo resto da noite, não conseguiu esquecer o perfume dela.

Ou, talvez, o som suave da sua risada.

Ou, talvez, nenhuma das duas coisas. Talvez ela, apenas.

CAPÍTULO 6

Na terça-feira seguinte, no salão de baile da Casa Bridgerton, as velas estão acesas, a música enche o ar e a noite parece ter sido feita para o romance.
Mas não para Hyacinth, que está aprendendo que os amigos podem ser tão irritantes quanto os familiares.
Certas vezes, até mais.

– Sabe com quem eu acho que você deveria se casar? Com Gareth St. Clair.

Hyacinth olhou para Felicity Albansdale, sua amiga mais próxima, com uma expressão que oscilava entre a incredulidade e o alarme. Ela não estava *mesmo* preparada para afirmar que deveria se casar com Gareth St. Clair, mas, por outro lado, começava a se perguntar se não era o caso de considerar a ideia.

Será que ela era tão transparente assim?

– Você só pode estar louca – retrucou Hyacinth, pois não estava disposta a contar a quem quer que fosse que talvez estivesse desenvolvendo um fraco pelo homem.

Não gostava de fazer nada sem excelência, e tinha a crescente sensação de que não sabia perseguir um homem com qualquer coisa que lembrasse graça ou dignidade.

– De forma alguma – replicou Felicity, olhando o cavalheiro em questão do outro lado do salão. – Ele seria perfeito para você.

Considerando que Hyacinth passara os últimos dias sem pensar em nada além de Gareth, na avó dele e no diário de sua outra avó, não teve escolha senão dizer:

– Bobagem, eu mal conheço o homem.

– Ninguém conhece. Ele é um enigma.

– Bem, eu não chegaria a *tanto* – murmurou Hyacinth.

Enigma soava romântico demais e...

– É claro que ele é – insistiu Felicity, intrometendo-se nos seus pensamentos. – O que sabemos sobre ele? Nada. Logo...

– Logo nada – cortou Hyacinth. – E eu certamente não vou me casar com ele.

– Bem, você tem que se casar com alguém.

– É isso o que acontece quando as pessoas se casam... – queixou-se Hyacinth, enojada. – A única coisa que querem é ver o resto do mundo casado.

Felicity, que se casara com Geoffrey Albansdale seis meses antes, apenas deu de ombros.

– É um objetivo nobre.

Hyacinth voltou a olhar para Gareth, que dançava com a muito bela, muito loura e muito miúda Jane Hotchkiss. Parecia prestar atenção em cada palavra dita por ela.

– Eu *não* vou me interessar por Gareth St. Clair – insistiu Hyacinth, voltando-se para Felicity ainda mais decidida.

– A dama protesta demais, penso eu – disse Felicity com leveza, citando *Hamlet*.

Hyacinth trincou os dentes.

– A dama protestou *duas vezes*.

– Se você parar para pensar...

– O que eu não hei de fazer – interrompeu Hyacinth.

– ... vai ver que ele é o par perfeito para você.

– E por que diz isso? – indagou Hyacinth, mesmo sabendo que a pergunta só encorajaria a amiga.

Felicity a olhou bem nos olhos.

– Ele é a única pessoa na qual eu consigo pensar que você não conseguiria esgotar.

Hyacinth a encarou por um longo momento, sentindo-se inexplicavelmente ofendida.

– Não sei se devo me sentir lisonjeada.

– Hyacinth! Você sabe que não quis insultá-la. Pelo amor de Deus, o que você tem?

– Não é nada – murmurou.

Porém, entre aquela conversa e a que tivera na semana anterior com a mãe,

começava a se perguntar como exatamente o mundo a via. Porque ela não estava muito convicta de que correspondia à forma como ela mesma se via.

– Não quero que você mude – continuou Felicity, tomando a mão de Hyacinth num gesto de amizade. – Minha nossa, de modo nenhum. É só que você precisa de alguém que consiga acompanhá-la. Até você precisa confessar que a maioria das pessoas não consegue.

– Sinto muito – desculpou-se Hyacinth, balançando a cabeça. – Minha reação foi exagerada. Eu só... não venho me sentindo eu mesma nos últimos dias.

E era verdade. Disfarçava bem, ou pelo menos achava que sim, mas andava um pouco perturbada. Tinha sido aquela conversa com a mãe. Não, tinha sido aquela conversa com St. Clair.

Não, era tudo. Tudo ao mesmo tempo. E ficara com a sensação de já não saber mais quem ela era, o que se tornava intolerável.

– Provavelmente é um resfriado – sugeriu Felicity, olhando outra vez para o salão de baile. – Todo mundo parece estar com um esta semana.

Hyacinth não a contradisse. Seria bom se fosse apenas um resfriado.

– Sei que são amigos – continuou Felicity. – Soube que se sentaram juntos no recital dos Smythe-Smiths e no sarau de poesia dos Pleinsworths.

– Foi uma peça – explicou Hyacinth, sem pensar muito. – Mudaram no último instante.

– Pior ainda. Achei que você conseguiria se safar de pelo menos um dos dois.

– Não foram tão terríveis assim.

– Porque estava sentada ao lado do Sr. St. Clair – disse Felicity com um sorriso malicioso.

– Você é terrível – comentou Hyacinth, recusando-se a encará-la.

Se a encarasse, Felicity veria a verdade em seus olhos. Hyacinth era uma boa mentirosa, mas não tanto assim, ainda mais com a amiga.

E o pior de tudo era que podia se reconhecer nas palavras de Felicity. Quantas vezes havia caçoado dela, exatamente da mesma forma, antes do casamento? Uma dúzia? Mais?

– Você devia dançar com ele – sugeriu Felicity.

Hyacinth manteve os olhos na pista de dança do salão.

– Não posso fazer nada se ele não me convidar.

– É claro que vai convidar. Basta ficar do outro lado do salão, onde ele a verá com facilidade.

– *Não vou correr atrás dele*.

O sorriso de Felicity se espalhou pelo rosto.

– Você gosta dele, sim! Ah, que adorável! Eu nunca vi...

– Eu não gosto dele – interrompeu Hyacinth. Então, dando-se conta de quanto aquilo soava juvenil e de que Felicity jamais acreditaria nela, acrescentou: – Apenas acho que deveria ver se *talvez* gosto dele.

– Bem, isso é mais do que você já disse a respeito de qualquer outro cavalheiro. Você não precisa correr atrás do Sr. St. Clair. Ele não ousaria ignorá-la. Você é irmã do anfitrião e, além do mais, não acha que a avó daria uma bronca se ele não a convidasse para dançar?

– Obrigada por me fazer sentir como um troféu.

Felicity riu.

– Eu nunca a vi assim e devo confessar que estou me divertindo tremendamente.

– Fico contente que uma de nós esteja – resmungou Hyacinth, embora as palavras tenham se perdido em meio ao grito entrecortado de Felicity.

– O que foi? – perguntou, alarmada.

Felicity meneou a cabeça para a esquerda, indicando o outro lado do salão.

– O pai dele.

Hyacinth se virou bruscamente, sem nem tentar ocultar o interesse. Minha nossa, lorde St. Clair estava presente. Londres inteira sabia que pai e filho não se falavam, mas, ainda assim, eram expedidos convites de festas para ambos. Eles pareciam ter um impressionante talento para não aparecerem onde o outro pudesse estar, portanto as anfitriãs costumavam ser poupadas da vergonha de ter os dois no mesmo evento.

No entanto, algo obviamente dera errado aquela noite.

Será que Gareth sabia da presença do pai? Hyacinth olhou para a pista de dança. Ele estava rindo de alguma coisa que a Srta. Hotchkiss dizia. Não, ele não sabia. Hyacinth o testemunhara com o pai uma vez. Vira tudo do outro lado do aposento, mas percebera muito bem sua expressão tensa. E a forma como os dois haviam se dirigido tempestuosamente até a saída mais próxima.

Hyacinth observou lorde St. Clair olhar ao redor. Ele viu o filho e suas feições se endureceram.

– O que é que você vai fazer? – sussurrou Felicity.

Fazer? Os lábios de Hyacinth se entreabriram enquanto ela olhava de Gareth para o pai. Sem saber que estava sendo observado, lorde St. Clair girou sobre os calcanhares e saiu, provavelmente em direção ao salão de carteado.

Mas não havia a menor garantia de que não retornaria.

– Você vai fazer alguma coisa, não vai? – insistiu Felicity. – Tem que fazer.

Hyacinth estava bastante certa de que *isso* não era verdade. Nunca fizera nada antes. Mas agora era diferente. Gareth era... Bem, ela supunha que era seu amigo, de uma maneira estranha e perturbadora. E de fato precisava conversar com ele. Passara a manhã inteira e a maior parte da tarde no quarto, traduzindo o diário da avó dele. Sem dúvida Gareth iria querer saber o que ela havia descoberto.

E, caso conseguisse impedir uma briga nesse meio-tempo... Ela sempre ficava feliz em ser a heroína do dia, mesmo se ninguém além de Felicity soubesse.

– Vou convidá-lo para dançar – anunciou Hyacinth.

– Vai? – indagou a amiga, arregalando os olhos.

Hyacinth era famosa por sua originalidade, mas nem mesmo ela jamais ousara convidar um cavalheiro para dançar.

– Não vou fazer uma grande cena – assegurou Hyacinth. – Ninguém vai saber, só o Sr. St. Clair. E você.

– E quem mais estiver ao lado dele, por acaso. E para quem mais *essa* pessoa contar e quem quer que...

– Sabe o que é bom em amizades longas como a nossa? – interrompeu Hyacinth.

Felicity balançou a cabeça.

– Você não ficará ofendida para sempre quando eu lhe der as costas e me afastar.

E foi o que fez Hyacinth.

Mas a dramaticidade da saída foi consideravelmente atenuada quando ela ouviu Felicity dar uma risadinha e dizer: “Boa sorte!”

Trinta segundos depois. Não é preciso muito tempo para atravessar um salão de baile, afinal de contas.

Gareth sempre gostara de Jane Hotchkiss. A irmã dela era casada com o primo dele, logo os dois se viam de vez em quando na casa de vovó Danbury. E o mais importante: podia convidá-la para dançar sem ela se perguntar se havia alguma intenção matrimonial por trás do convite.

Por outro lado, ela o conhecia muito bem. Ou, pelo menos, bem o bastante para saber quando ele estava agindo em completo desacordo com o normal.

– O que está procurando? – perguntou Jane quando a quadrilha que dançavam foi chegando ao fim.

– Nada.

– Muito bem – disse ela, com as sobrancelhas louro-claras juntando-se numa leve expressão de exasperação. – *Por quem* está procurando, então? Não me diga “ninguém” porque você esticou o pescoço o tempo todo durante o número de dança.

Ele a encarou.

– Jane, sua imaginação não tem limites.

– Agora você está mentindo.

Ela estava certa, é claro. Gareth estivera à procura de Hyacinth Bridgerton desde que passara pela porta, vinte minutos antes. Pensava tê-la visto antes de tropeçar com Jane, mas na verdade era uma de suas muitas irmãs. Todas as Bridgertons se pareciam diabolicamente. Vistas do outro lado do salão, eram indistinguíveis.

Enquanto a orquestra tocava as últimas notas do número de dança, Gareth tomou o braço de Jane e a conduziu à lateral do salão.

– Eu nunca mentiria para você, Jane – garantiu, lançando-lhe um vistoso meio sorriso.

– É claro que mentiria. De qualquer maneira, está claro como água. Seus olhos o delatam: eles só ficam sérios quando você está mentindo.

– Isso não pode ser...

– É verdade – insistiu ela. – Confie em mim. Ah, boa noite, Srta. Bridgerton.

Gareth se virou bruscamente e deu de cara com Hyacinth, uma aparição sobrenatural trajada em seda azul. Estava especialmente encantadora naquela

noite. Fizera algo diferente nos cabelos. Não sabia ao certo o quê; era raro perceber minúcias como essa. Mas tinha sido alterado de alguma forma. Devia estar emoldurando o rosto dela de uma maneira distinta, pois algo a seu respeito não lhe pareceu exatamente igual.

Talvez fossem os olhos, que lhe pareceram decididos, até mesmo para Hyacinth.

– Srta. Hotchkiss – disse Hyacinth, com um educado meneio de cabeça. – É um prazer revê-la.

Jane sorriu afetuosamente.

– Lady Bridgerton sempre dá festas tão agradáveis... Transmita a ela minha estima.

– Eu o farei. Kate está logo ali, ao lado do champanhe – avisou Hyacinth, referindo-se à cunhada, a atual Lady Bridgerton. – Caso queira lhe falar pessoalmente.

Gareth se pegou arqueando as sobrancelhas. Hyacinth estava aprontando algo e queria lhe falar a sós.

– Compreendo – murmurou Jane. – É melhor eu ir lhe falar, então. Desejo aos dois uma noite agradável.

– Moça esperta – comentou Hyacinth, logo que se viram sozinhos.

– Você não foi nem um pouco sutil – disse Gareth.

– Não, mas eu raramente sou. Não é uma habilidade que se possa adquirir; é preciso nascer com ela, sinto dizer.

Ele sorriu.

– Agora que você me tem com exclusividade, o que deseja fazer comigo?

– Não deseja saber sobre o diário da sua avó?

– É claro.

– Podemos dançar? – sugeriu ela.

– Você está *me* convidando? – Ele bem que gostou daquilo.

Hyacinth fechou a cara.

– Ah, eis a verdadeira Srta. Bridgerton – troçou ele. – Revelando-se como uma carrancuda...

– Gostaria de dançar comigo? – disse ela de má vontade, e Gareth se deu conta de que tomar aquela atitude não era fácil para ela.

Hyacinth Bridgerton, que nunca dava a impressão de ter conflitos internos,

estava com medo de convidá-lo para dançar.

Que divertido.

– Eu ficaria encantado – respondeu ele de imediato. – Posso conduzi-la à pista de dança ou será esse um privilégio reservado para quem fez o convite?

– Pode me conduzir – disse ela, com toda a altivez de uma rainha.

Mas, quando chegaram à pista, Hyacinth se mostrou um pouco menos confiante. Embora escondesse bastante bem sua insegurança, os olhos adejavam pelo salão.

– Por quem está procurando? – indagou Gareth, divertindo-se ao se dar conta de que estava repetindo a pergunta de Jane a ele.

– Ninguém – respondeu Hyacinth rapidamente, e voltou a olhá-lo tão de supetão que quase o deixou tonto. – O que há de tão engraçado?

– Nada. Mas sem dúvida você estava à procura de alguém, embora eu deva parabenizá-la pela habilidade de dissimulação.

– Porque eu não estava – retorquiu ela, fazendo uma elegante reverência enquanto a orquestra entoava os primeiros acordes de uma valsa.

– Você é uma boa mentirosa, Hyacinth Bridgerton – murmurou ele, tomando-a nos braços –, mas não tão boa quanto pensa ser.

A música começou a tomar o ar, uma melodia suave e delicada em compasso ternário. Gareth sempre gostara de dançar, em especial com uma parceira atraente, mas com o primeiro passo – não, para ser justo, provavelmente com o sexto –, ficou aparente que aquela não seria uma valsa comum.

Hyacinth Bridgerton, ele se divertiu em descobrir, era uma dançarina desajeitada.

Gareth não pôde se furtar de sorrir.

Não soube dizer por que achou aquilo tão engraçado. Talvez por ela ser tão hábil em tudo o mais que fazia. Ouvira dizer que, recentemente, Hyacinth desafiara um rapaz a uma corrida de cavalos no Hyde Park e que vencera. E tinha bastante certeza de que, se ela um dia encontrasse alguém disposto a ensiná-la a lutar esgrima, logo estaria espetando os adversários no coração.

Mas quando o assunto era dança...

Devia ter imaginado que ela tentaria conduzir.

– Diga-me, Srta. Bridgerton – disse ele, na esperança de que um pouco de conversa talvez a distraísse, pois sempre lhe parecera que se dançava de forma

mais graciosa quando não se pensava tanto a respeito. – Aonde já chegou no diário?

– Só consegui ler outras dez páginas desde a nossa última conversa. Pode não parecer muito...

– Parece-me um bocado – garantiu ele, colocando um pouco mais de pressão na base de sua coluna. Um pouco mais e talvez conseguisse forçá-la a... se virar...

Para a esquerda.

Ufa.

Era, sem dúvida, a valsa mais cansativa que já dançara.

– Bem, eu não sou fluente – afirmou ela. – Como lhe falei. Logo, está me tomando muito mais tempo do que uma leitura comum.

– Não precisa se desculpar – disse ele, puxando-a para a direita.

Ela pisou no pé de Gareth, o que ele normalmente teria considerado um ato de retaliação, mas sob as atuais circunstâncias, achou que fosse um acidente.

– Desculpe-me – murmurou ela, com as faces rosadas. – Não costumo ser tão desajeitada.

Ele mordeu o lábio. Não podia rir dela. Partiria o seu coração. Hyacinth Bridgerton não gostava de fazer nada sem qualidade. E Gareth suspeitava que ela não soubesse que era uma dançarina deplorável, pois considerava a pisada de pé uma aberração.

Agora entendia por que ela sentia necessidade de lhe lembrar continuamente que não era fluente em italiano. Precisava lhe dar um bom motivo para sua lentidão na leitura.

– Tive que fazer uma lista de palavras desconhecidas. Vou mandá-la por correio para a minha antiga governanta. Ela ainda mora em Kent e sei que ficará satisfeita em traduzi-las para mim. Mas, ainda assim...

Hyacinth grunhiu ao ser girada para a esquerda, um tanto contra a vontade.

– ... ainda assim – continuou, obstinada –, consigo decifrar o sentido geral. É impressionante o que se consegue deduzir com apenas três quartos do total.

– Tenho certeza de que sim – comentou ele, em grande parte porque algum tipo de concordância pareceu adequada. Então perguntou: – Por que não compra um dicionário de italiano? Eu arco com a despesa.

– Eu tenho um, mas não acho que seja muito bom. Metade das palavras está

faltando.

– Metade?

– Bem, algumas. Mas esse não é o problema.

Ele pestanejou, esperando que ela continuasse.

E continuou. É claro.

– Não creio que o italiano seja a língua nativa do autor.

– Do autor do dicionário?

– Sim. Não é muito idiomático.

Ela fez uma pausa, aparentemente perdida em pensamentos estranhos. Então deu de ombros – perdendo um passo da valsa, mas sem nem notar – e seguiu dizendo:

– Na verdade, não importa. Estou progredindo bem, mesmo que um pouco devagar. Ela já chegou à Inglaterra.

– Em apenas dez páginas?

– Vinte e duas, no total, mas ela não escreve todos os dias. Na verdade, com frequência, salta várias semanas de uma só vez. Dedicou apenas um parágrafo à travessia por mar, expressando seu deleite com o fato de o marido estar mareado.

– Deve-se encontrar a felicidade quando se é possível – murmurou Gareth.

Hyacinth fez que sim.

– E, também, ela, ahn... não mencionou a noite de núpcias.

– Creio que podemos considerar isso uma pequena bênção.

A única noite de núpcias sobre a qual gostaria de saber menos do que a da vovó St. Clair era a da vovó Danbury.

Meu bom Deus, isso seria de mais para ele.

– Por que a expressão de dor? – perguntou Hyacinth.

Ele se limitou a balançar a cabeça.

– Há determinadas coisas que uma pessoa não deve saber sobre os avós.

Hyacinth sorriu.

Gareth ficou sem ar por um instante, então se pegou sorrindo de volta. Havia algo de contagioso nos sorrisos de Hyacinth, algo que forçava os seus acompanhantes a pararem o que estavam fazendo, até mesmo o que estavam pensando para, simplesmente, retribuírem.

Quando Hyacinth sorria – se dava um sorriso de verdade, não um daqueles meios sorrisos falsos de quando tentava ser espertinha –, seu rosto se

transformava. Os olhos se iluminavam, as faces ficavam coradas e...

Ela ficava linda.

Engraçado que ele nunca tinha notado isso antes. Engraçado que ninguém tivesse notado. Gareth estava em Londres desde o *début* de Hyacinth, alguns anos antes, e embora jamais tivesse ouvido qualquer um falar coisas pouco lisonjeiras sobre a sua aparência, tampouco ouvira alguém dizer que era linda.

Talvez todos estivessem sempre tão ocupados em tentar acompanhar o que ela dizia que não paravam para olhar o seu rosto.

– Sr. St. Clair? Sr. St. Clair?

Gareth baixou os olhos. Ela o encarava com uma expressão impaciente e ele imaginou quantas vezes já teria dito seu nome.

– Considerando as circunstâncias – disse ele –, devia me chamar pelo primeiro nome.

Ela fez que sim, em sinal de aprovação.

– Boa ideia. O senhor devia fazer o mesmo.

– Hyacinth. Um nome que lhe cai bem.

– Era a flor preferida do meu pai: o jacinto-uva. Floresce enlouquecidamente na primavera perto de nossa casa, em Kent. São as primeiras a mostrar a cor, todos os anos.

– E são a cor exata dos seus olhos.

– Uma feliz coincidência – admitiu Hyacinth.

– Ele deve ter ficado deliciado.

– Jamais soube – disse ela, desviando o olhar. – Morreu antes de eu nascer.

– Sinto muito – lamentou-se Gareth baixinho. Não conhecia bem os Bridgertons, mas ao contrário dos St. Clairs, pareciam uma família unida. – Eu sabia que ele tinha falecido havia algum tempo, mas não estava ciente de que você não o conhecera.

– Isso não deveria importar. Eu não deveria sentir falta daquilo que nunca tive, mas, às vezes... devo confessar que... sinto.

Ele escolheu as palavras com todo o cuidado.

– É difícil... eu acho, não conhecer o próprio pai.

Ela assentiu, baixando a vista e, então, olhando por cima do ombro dele. Era estranho, pensou Gareth, mas um tanto cativante, que Hyacinth não desejasse encará-lo num momento como aquele. Até ali, as conversas dos dois haviam

consistido inteiramente de gracejos zombeteiros e mexericos. Aquela era a primeira vez que diziam algo substancioso, algo que revelasse, de fato, a pessoa que se encontrava detrás do humor espirituoso e ágil e do sorriso fácil.

Hyacinth manteve os olhos fixos em algo atrás dele, até mesmo depois de Gareth rodopiá-la habilmente para a esquerda. Não conseguiu conter um sorriso. Estava dançando bem melhor agora, que se achava distraída.

Então ela se voltou para ele outra vez, fitando-o com determinação. Estava pronta para uma mudança de assunto.

– Gostaria de ouvir o resto do que traduzi?

– É claro.

– Creio que o número de dança esteja terminando. Mas parece haver lugar ali. – Com a cabeça, Hyacinth indicou o outro extremo do salão de baile, onde várias cadeiras haviam sido dispostas para as pessoas de pés cansados. – Estou certa de que teremos alguns momentos de privacidade sem que ninguém se intrometa.

A valsa chegou ao fim e Gareth deu um passo atrás e fez uma pequena mesura para ela.

– Vamos? – murmurou ele, estendendo o braço de forma que ela pousasse a mão na curva de seu cotovelo.

Hyacinth aquiesceu e, dessa vez, ele deixou que *ela* o conduzisse.

CAPÍTULO 7

Dez minutos depois, o cenário é o hall.

Gareth não costumava ver muita serventia em grandes bailes; eram calorentos e cheios e, por mais que gostasse de dançar, descobrira que acabava passando a maior parte do tempo de conversa mole com gente em quem não estava especialmente interessado.

Mas, enquanto se dirigia ao hall lateral da Casa Bridgerton, pensou que estava tendo uma ótima noite.

Após dançar com Hyacinth, eles haviam passado para o canto do salão de baile, onde ela lhe informara de seu trabalho com o diário. Apesar das desculpas dadas, ela progredira bem e estava no momento da chegada de Isabella à Inglaterra, que não fora nada auspiciosa. A avó escorregara ao deixar o pequeno bote que a levara até a costa e, assim, o primeiro contato com terras inglesas fora do traseiro enfiado na lama molhada do litoral de Dover.

O novo marido, é claro, não levantara um único dedo para ajudá-la.

Gareth balançou a cabeça. Era surpreendente que ela não tivesse dado meia-volta e retornado para a Itália. É claro que, segundo Hyacinth, tampouco havia muito à sua espera por lá. Isabella implorara aos pais diversas vezes que não a fizessem se casar com o inglês, mas eles haviam insistido e não seriam especialmente acolhedores se ela tivesse corrido de volta para casa.

Mas Gareth não podia passar muito tempo num canto mais ou menos isolado do salão de baile com uma dama solteira sem causar falatório. Assim, tão logo Hyacinth terminara a narrativa, ele se despedira e a entregara para o próximo cavalheiro que desejava dançar com ela.

Como os objetivos da noite tinham sido alcançados (cumprimentar a anfitriã, dançar com Hyacinth, estabelecer seu progresso com o diário), decidiu partir de uma vez. Ainda não estava tarde; poderia ir ao clube ou a alguma jogatina.

Ou, pensou ele com um pouco mais de expectativa, podia encontrar a

amante, que não via fazia algum tempo. Bem, ela não era exatamente sua amante. Gareth não tinha dinheiro o bastante para manter uma mulher como Maria dentro dos padrões com os quais estava acostumada, mas, por sorte, um de seus cavalheiros anteriores lhe dera uma confortável casinha em Bloomsbury, eliminando, assim, a necessidade de que Gareth fizesse o mesmo. Como ele não pagava as suas contas, ela não se sentia na obrigação de ser fiel, mas isso pouco importava, uma vez que Gareth também não era.

E já fazia um tempo. Parecia que a única mulher com quem vinha convivendo ultimamente era Hyacinth, e sabia que não podia se divertir por ali.

Gareth murmurou despedidas para alguns conhecidos que se encontravam próximos à porta do salão de baile e passou ao hall de entrada. Estava surpreendentemente vazio, dado o número de pessoas presentes à festa. Começou a caminhar em direção à frente da casa, mas se deteve. Era um longo caminho até Bloomsbury, em especial num veículo alugado. Gareth decidiu ir a um aposento nos fundos reservado pelos Bridgertons para que os cavalheiros pudessem fazer as suas necessidades.

Deu meia-volta, passou direto pela porta do salão de baile e seguiu adiante pelo corredor. Dois cavalheiros risonhos iam saindo quando ele chegou à porta e Gareth fez um cumprimento de cabeça antes de entrar.

Tratava-se de uma dessas câmaras de dois aposentos, com uma pequena sala de espera, de maneira a proporcionar um pouco mais de privacidade. A porta para o segundo aposento encontrava-se fechada, então Gareth assobiou baixinho para si mesmo enquanto esperava sua vez.

Adorava assobiar.

My bonnie lies over the ocean...

Sempre cantava as palavras para si mesmo enquanto assobiava.

My bonnie lies over the sea....

Metade das canções que gostava de assobiar tinham letras que ele não poderia mesmo cantar em voz alta.

My bonnie lies over the ocean...

– Eu devia saber que era você.

Gareth ficou paralisado, vendo-se face a face com o pai, que, agora se deu conta, era a pessoa que ele vinha aguardando com tanta paciência para poder entrar.

– *So bring back my bonnie to me* – cantou Gareth em voz alta, dando à última palavra um floreio bastante dramático.

Observou o maxilar do pai se retesar. O barão odiava o canto ainda mais do que assobios.

– Fico surpreso que tenham permitido a sua entrada – comentou lorde St. Clair, com a voz enganosamente plácida.

Gareth deu de ombros de modo insolente.

– Engraçado como o sangue de uma pessoa permanece tão convenientemente escondido, até mesmo quando não é azul. – Ele abriu um sorriso pouco convincente para o pai. – O mundo inteiro pensa que sou seu filho. Não é a coisa mais...

– Pare – sibilou o barão. – Meu Deus, já é o bastante olhar para você. Ouvi-lo me faz mal.

– Por mais estranho que possa parecer, isso em nada me incomoda.

Mas, por dentro, Gareth sentiu-se começar a mudar. O coração se acelerou e o peito foi tomado por uma sensação estranha, trêmula. Estava desconcentrado, inquieto, e foi preciso todo o autocontrole para manter os braços parados ao lado do corpo.

Já deveria ter se acostumado com aquilo, mas sempre era surpreendido. Dizia a si mesmo que aquela seria a vez em que veria o pai e que não se importaria, mas não...

Sempre se importava.

E lorde St. Clair nem ao menos era seu pai de verdade. Essa era a questão. O homem tinha a capacidade de transformá-lo em um idiota imaturo sem ser seu pai verdadeiro. Não eram parentes de sangue e o barão não deveria significar mais do que um estranho que passasse na rua.

Mas significava. Gareth não queria mais a sua aprovação; já desistira disso havia muito tempo, pois nem ao menos o respeitava.

Tratava-se de outra coisa. Algo muito mais difícil de definir. Via o barão e, subitamente, tinha a necessidade de se afirmar, de fazer com que a sua presença fosse percebida.

De fazer sua presença ser sentida.

Precisava *incomodar* o homem. Porque só Deus sabia como o homem o incomodava.

Sentia-se dessa forma toda vez que o via. Ou, pelo menos, quando eram forçados a conversar. E Gareth sabia que precisava dar fim ao contato naquele instante, antes de fazer algo de que talvez se arrependesse.

Porque sempre se arrependia. Toda vez, jurava a si mesmo que aprenderia, que seria mais maduro, mas então voltava a acontecer. Via o pai e, de repente, tinha 15 anos outra vez, dando sorrisos zombeteiros e portando-se mal.

Mas, dessa vez, ia tentar. Estava na Casa Bridgerton, afinal de contas, e o mínimo que podia fazer era evitar um escândalo.

– Se me der licença... – disse, tentando passar por ele.

Mas lorde St. Clair deu um passo para o lado, forçando os seus ombros a se chocarem.

– Saiba que ela não vai querer você – proclamou, rindo.

Gareth permaneceu imóvel.

– Do que está falando?

– Da jovem Bridgerton. Eu o vi ofegando atrás dela.

Nem ao menos se dera conta de que o pai estivera no salão de baile. Isso o incomodou. Não que devesse. Diabos, deveria estar dando vivas por finalmente ter conseguido se divertir num evento sem ser alfinetado por lorde St. Clair.

Mas, em vez disso, apenas se sentiu um pouco enganado. Como se o barão tivesse se escondido dele, espiando-o.

– Não tem nada a dizer? – escarneceu o barão.

Gareth apenas ergueu a sobrancelha enquanto olhava através da porta aberta, para o urinol.

– A não ser que deseje que eu mire daqui – respondeu, arrastando as palavras.

O barão se virou, viu o que ele queria dizer, então disse, enojado:

– Você faria mesmo uma coisa dessas.

– Sabe, acho mesmo que faria.

Não lhe ocorrera, na verdade, até aquele momento – o comentário fora mais uma ameaça do que qualquer coisa –, mas ele bem que se disporia a se comportar de maneira rude se isso significasse observar as veias do pai praticamente explodirem de fúria.

– Você é revoltante.

– Você me criou.

Um golpe direto. O barão bufou.

– Não porque quisesse. E jamais sonhei em ter que passar o título para você.

Gareth conteve a língua. Seria capaz de dizer muitas coisas para irritar o pai, mas nunca trataria a morte do irmão com leviandade. Nunca.

– George deve estar se revirando no túmulo – declarou lorde St. Clair, baixinho.

E Gareth perdeu a paciência. Em um instante, estava de pé no meio do pequeno aposento, os braços pendendo rígidos; no seguinte, tinha o pai preso contra a parede, uma das mãos em seu ombro, a outra em seu pescoço.

– Ele era meu irmão – sibilou Gareth.

O barão cuspiu em seu rosto.

– Ele era meu filho.

Gareth começou a arfar como se não conseguisse inspirar ar suficiente.

– Ele era meu irmão – repetiu, esforçando-se ao máximo para manter a voz serena. – Talvez não pelo seu sangue, mas por parte da nossa mãe. E eu o amava.

E, de alguma forma, a perda lhe pareceu ainda mais grave. Ele chorara a perda de George desde o dia da sua morte, mas, naquele momento, sentiu um buraco imenso se abrir por dentro. E Gareth não sabia como preenchê-lo.

Contava com uma única pessoa agora. Apenas a avó. Uma única pessoa que podia dizer amar, e com sinceridade. E que também o amava.

Não se dera conta disso antes. Talvez tivesse evitado. Mas agora, de pé ali – com o homem a quem sempre chamara de pai, até mesmo depois de saber da verdade –, deu-se conta de quanto estava sozinho.

E se sentiu enojado consigo mesmo. Com o próprio comportamento, com aquilo em que se transformava na presença do barão.

Abruptamente, soltou-o e recuou, observando o pai recuperar o fôlego.

A respiração do próprio Gareth tampouco estava serena.

Devia partir. Precisava ir embora, estar em qualquer lugar que não fosse ali.

– Você nunca a terá – veio a voz escarninha do pai.

Gareth só percebeu que dera um passo em direção à porta quando as palavras do barão o paralisaram.

– A Srta. Bridgerton – esclareceu o pai.

– Eu não quero a Srta. Bridgerton – retrucou Gareth com cautela.

O barão riu.

– É claro que quer. Ela é tudo o que você não é. Tudo o que jamais poderá ser.

Gareth se forçou a relaxar ou, ao menos, a parecer relaxado.

– Bem, para início de conversa – começou, com o sorrisinho arrogante que sabia que o pai detestava –, ela é mulher.

O pai sorriu com escárnio diante da tentativa de piada.

– Ela nunca se casará com você.

– Não me lembro de tê-la pedido em casamento.

– Ora, você passou a semana inteira colado aos seus calcanhares. Todo mundo tem comentado.

Gareth sabia que a atenção atípica que vinha prestando a uma jovem digna erguera algumas sobrancelhas, mas também sabia que os boatos não haviam chegado nem perto do que o pai sugeria. Ainda assim, sentiu uma satisfação doentia em perceber que o pai era tão obcecado por ele.

– A Srta. Bridgerton é amiga próxima de minha avó – explicou Gareth tranquilamente.

Adorou ver o lábio do pai se encrespar à menção de Lady Danbury. Sempre haviam se odiado e, quando se falavam, Lady D jamais abria mão de sua posição superior. Era esposa de um conde, e lorde St. Clair era um mero barão; nunca permitiria que ele se esquecesse disso.

– É claro que é amiga da condessa – comentou o barão, recuperando-se. – Tenho certeza de que é por isso que tolera as suas atenções.

– O senhor teria que perguntar à Srta. Bridgerton – disse Gareth jocosamente, tentando tratar o assunto como algo insignificante.

Ele nunca revelaria que Hyacinth estava traduzindo o diário de Isabella. Lorde St. Clair provavelmente exigiria que Gareth o devolvesse, e isso era algo que não tinha a menor intenção de fazer.

E não só porque estava de posse de algo que o pai talvez desejasse ter. Gareth queria mesmo saber que segredos se escondiam nas páginas delicadamente manuscritas. Ou, talvez, não houvesse segredos, apenas a monotonia diária de uma nobre casada com um homem que não amava.

De qualquer forma, queria ouvir o que a avó tinha a dizer.

Por isso, conteve a língua.

– Pode tentar – insistiu lorde St. Clair, baixinho –, mas nunca vão aceitá-lo.

Sangue é sangue. Sempre é.

– O que quer dizer com isso? – indagou Gareth, num tom cuidadosamente sereno.

Era sempre difícil saber se o pai o estava ameaçando ou se apenas falava de seu assunto preferido: linhagens e nobreza.

Lorde St. Clair cruzou os braços.

– Os Bridgertons nunca vão permitir que ela se case com você, nem mesmo se ela for tola o bastante para achar que o ama.

– Ela não...

– Você é grosseiro – explodiu o barão. – Você é estúpido...

Antes que conseguisse se conter, disparou:

– Eu não sou...

– Você age com estupidez – interrompeu o barão – e sem dúvida não é bom o bastante para uma jovem Bridgerton. Logo vão perceber quem é de verdade.

Gareth se forçou a manter a respiração sob controle. O barão adorava provocá-lo, adorava dizer coisas que levariam Gareth a protestar como uma criança.

– De certa forma – continuou lorde St. Clair, enquanto um sorriso triunfal se espalhava lentamente pelo rosto –, é uma questão interessante.

Gareth se limitou a fitá-lo, irritado demais para lhe dar a satisfação de perguntar o que queria dizer com aquilo.

– Diga-me, por favor, quem é o seu pai?

Gareth perdeu o fôlego. Era a primeira vez que o barão indagava aquilo de maneira tão direta. Já chamara Gareth de bastardo, vira-lata e cachorrinho sarnento. E já chamara a esposa de diversas outras coisas, até mesmo menos lisonjeiras. Mas nunca havia ponderado a questão da paternidade de Gareth.

E isso o fez se perguntar: será que conhecia a verdade?

– O senhor é que deveria saber – disse Gareth baixinho.

Dava para sentir uma estática no ar, o silêncio pesado. Gareth nem respirava; teria impedido o coração de bater se pudesse, mas, ao final, a única coisa que lorde St. Clair disse foi:

– Sua mãe não quis contar.

Gareth o encarou, desconfiado. A voz do pai ainda saía entremeada de amargura, mas havia algo a mais ali, uma certa sondagem. Notou que o barão o

examinava, tentando saber se o bastardo descobrira algo sobre a paternidade.

– Isso o está consumindo – disse Gareth, incapaz de conter um sorriso. – Ela desejou outra pessoa mais do que você e isso ainda o consome, mesmo depois de tantos anos.

Por um momento, achou que o barão fosse lhe dar um soco, mas no último segundo, lorde St. Clair recuou, com os braços rígidos ao lado do corpo.

– Eu não amava a sua mãe.

– Nunca achei que tivesse amado – replicou Gareth.

A questão nunca fora amor. Fora orgulho. Com o barão, a questão era sempre orgulho.

– Eu quero saber – disse lorde St. Clair, com a voz grave. – Eu quero saber quem foi... e lhe dou a satisfação de admitir esse desejo. Eu nunca a perdoei por seus pecados. Mas você... você... – Ele gargalhou, fazendo estremecer a alma de Gareth. – Você é o pecado dela. – O barão voltou a rir e o som ficava mais assustador a cada segundo. – Você nunca vai saber. Nunca vai saber a quem pertence o sangue que corre em suas veias. E nunca vai conhecer quem não o amou o suficiente para chamá-lo de seu.

O coração de Gareth parou.

O barão sorriu.

– Pense nisso da próxima vez que convidar a Srta. Bridgerton para dançar. Você provavelmente não passa do filho de um limpador de chaminés. – Ele deu de ombros de forma desdenhosa. – Talvez de um lacaio. De fato, sempre tivemos jovens lacaios muito robustos na Casa Clair.

Gareth quase lhe deu um tapa. Estava morrendo de vontade. Meu Deus, estava se coçando para fazê-lo e precisou recorrer a um autocontrole que nem sabia possuir. De alguma maneira, conseguiu permanecer imóvel.

– Você não passa de um vira-lata – continuou lorde St. Clair, caminhando para a porta. – Isso é tudo o que você sempre será.

– Sim, mas sou o *seu* vira-lata – replicou Gareth, sorrindo com crueldade. – Nascido durante o seu casamento, mesmo que não da sua semente. – Deu um passo à frente, ficando com o rosto quase grudado no dele. – Eu sou seu.

O barão praguejou e se afastou, agarrando a maçaneta com dedos trêmulos.

– Isso não o tortura?

– Não tente ser melhor do que você é – sibilou o barão. – É doloroso demais

observá-lo tentar.

Então, antes que Gareth pudesse ter a última palavra, o barão deixou o aposento tempestuosamente.

Por um bom tempo, Gareth não se mexeu. Parecia que algo em seu corpo reconhecia que ele precisava da mais absoluta quietude, como se um único movimento o levasse a se estilhaçar.

Então...

Os braços se agitaram enlouquecidamente, os dedos formaram garras furiosas. Trincou os dentes para não gritar, e de sua garganta saíram sons graves e guturais.

Ferido.

Odiava aquilo. Meu Deus, por quê?

Por quê, por quê, por quê?

Por que o barão ainda exercia aquele tipo de poder sobre ele? Não era seu pai. Jamais fora seu pai e, maldição, Gareth devia se sentir feliz por isso.

E se sentia. Quando estava com a cabeça no lugar, quando conseguia pensar com clareza, sentia-se feliz.

Mas quando ficavam cara a cara e o barão sussurrava todos os seus medos secretos, isso não importava.

Não havia nada além de dor. Nada além do garotinho que vivia dentro dele, tentando e tentando e tentando, sempre se perguntando por que nunca era bom o bastante.

– Eu preciso ir – murmurou Gareth para si mesmo, deixando o banheiro. Precisava partir, se afastar, ficar sozinho.

Não era uma boa companhia. Não por qualquer uma das razões que o pai havia mencionado, mas era capaz de...

– Sr. St. Clair!

Ergueu a vista.

Hyacinth.

Estava no corredor, sozinha. A luz das velas incendiava seus cabelos. Estava linda e, de alguma forma, lhe pareceu... completa.

Sua vida era plena, ele se deu conta. Ela não era casada, mas tinha uma família.

Sabia quem era. Sabia o seu lugar.

Ele nunca teve tanta inveja de outro ser humano como naquele momento.

– Você está bem? – perguntou ela.

Gareth não disse nada, mas isso nunca detivera Hyacinth.

– Vi seu pai – continuou ela, baixinho. – No fim do corredor. Parecia zangado e, quando me viu, deu uma risada.

Gareth fincou as unhas nas palmas das mãos.

– Por que ele fez isso? – perguntou Hyacinth. – Eu mal o conheço e...

Ele estivera olhando fixamente para um ponto acima do ombro dela, mas seu silêncio o fez encará-la.

– Sr. St. Clair? – perguntou Hyacinth, baixinho. – Tem certeza de que não há nada de errado? – Sua testa estava franzida de preocupação, não havia dúvida disso. – Ele disse alguma coisa que o perturbou?

O pai tinha razão em uma coisa: Hyacinth Bridgerton era boa. Podia ser provocadora, mandona e, com frequência, bastante irritante, mas no fundo era boa. Então ouviu a voz do pai.

Você nunca a terá.

Você não é bom o bastante para ela.

Você nunca...

Vira-lata. Vira-lata. Vira-lata.

Gareth a encarou, realmente olhou para ela, examinando-a do rosto até os ombros, revelados pelo sedutor decote do vestido. Seus seios não eram grandes, mas tinham sido empinados, sem dúvida por alguma engenhoca cujo objetivo era instigar e seduzir, e ele podia ver uma pequena sugestão de seus seios espiando pela beirada da seda azul-marinho.

– Gareth? – sussurrou ela.

Hyacinth nunca o chamara pelo primeiro nome. Ele lhe dera permissão, mas ela ainda não o tinha feito. Estava bastante certo disso.

Queria tocá-la.

Não, queria consumi-la.

Queria usá-la, provar para si mesmo que era tão bom e tão digno quanto ela e, talvez, mostrar ao pai que não corromperia cada alma que tocasse.

Contudo, mais do que isso, ele apenas a queria.

Os olhos de Hyacinth se arregalaram quando ele deu um passo em sua direção, reduzindo à metade a distância que os separava.

Ela não se afastou. Seus lábios se entreabriram e ele ouviu a sua respiração se acelerar suavemente, mas ela não se mexeu.

Podia não ter dito que sim, mas tampouco disse que não.

Gareth estendeu a mão, passando o braço pelas costas dela e, num instante, Hyacinth estava pressionada contra ele. Gareth a queria. Meu Deus, como a queria. Precisava dela para além dos desejos carnais.

E precisava dela *agora*.

Seus lábios se encontraram e ele não fez o correto para uma primeira vez. Não foi dócil nem doce. Não executou nenhuma dança de sedução, provocando-a até que ela não pudesse recusá-lo.

Simplesmente a beijou. Com tudo o que tinha, com todo o desespero que corria por suas veias.

A língua de Gareth entreabriu os lábios dela, investiu boca adentro, saboreando-a, buscando o seu calor. Ele sentiu as mãos de Hyacinth em sua nuca, agarrando-o com todas as forças, e seu coração disparou.

Ela o queria. Talvez não o compreendesse, talvez não soubesse o que fazer com aquilo, mas o queria.

E aquilo o fez sentir-se como um rei.

O coração ribombou com mais força e o corpo começou a se contrair. De alguma forma, estavam encostados numa parede e ele mal conseguia respirar enquanto a mão subia tateando, passando pelas costelas até chegar ao seio macio. Apertou-o um pouco, sem querer assustá-la, mas com força o suficiente para recordar o feitio, a sensação do peso na mão.

Era perfeito, e podia sentir a sua reação através do vestido.

Quis tomá-lo em sua boca, despir-lhe o vestido e fazer uma centena de depravações com ela.

Sentiu a resistência se esvair do corpo de Hyacinth, ouviu-a suspirar de encontro à sua boca. Nunca havia sido beijada, disso ele tinha certeza. Mas estava ávida e excitada. Dava para perceber, pela forma como pressionava o corpo contra o seu, pela forma como agarrava desesperadamente os seus ombros.

– Retribua o meu beijo – murmurou ele, mordiscando-lhe os lábios.

– Eu *estou* retribuindo – veio a resposta abafada.

Ele se afastou alguns centímetros e disse com um sorriso:

– Vai precisar de uma ou duas aulas. Mas não se preocupe, ficaremos bons

nisso.

Gareth se inclinou para beijá-la outra vez – meu Deus, estava se deleitando com aquilo –, mas ela se contorceu até se libertar.

– Hyacinth – falou ele, com a voz rouca, tomando a mão dela.

Puxou-a, com a intenção de trazê-la de volta para si, mas ela se desvencilhou.

Gareth arqueou as sobrancelhas, esperando que Hyacinth dissesse algo.

Aquela era Hyacinth, afinal. Certamente diria algo.

Mas ela apenas lhe pareceu aflita, enojada consigo mesma.

Então fez a única coisa que ele jamais imaginaria que fizesse.

Fugiu correndo.

CAPÍTULO 8

Na manhã seguinte, nossa heroína encontra-se sentada na cama, recostada nos travesseiros. O diário italiano está ao seu lado, mas ela nem o pegou.
Já reviveu o beijo em sua mente 42 vezes.
E o está revivendo agora de novo.

Hyacinth gostava de pensar que era o tipo de mulher que podia beijar com desenvoltura para, então, continuar a noite como se nada tivesse acontecido. Gostava de achar que, quando chegasse o momento de tratar um cavalheiro com o merecido desdém, não se portaria como uma donzela inocente, mas os olhos seriam perfeitas lascas de gelo e ela conseguiria lhe dar um corte direto, com estilo e talento.

Na sua imaginação, fazia tudo isso e muito mais.

A realidade, no entanto, não fora tão doce. Quando Gareth pronunciara o seu nome e tentara puxá-la de volta para mais um beijo, a única coisa na qual conseguiu pensar foi em fugir. E isso não combinava com o seu caráter, assegurou-se ela pelo que devia ser a quadragésima terceira vez desde que os lábios dele a tocaram.

Não podia ser. Não podia permitir que fosse. Ela era Hyacinth Bridgerton.

Hyacinth.

Bridgerton.

Isso certamente deveria significar alguma coisa. Um beijo não podia transformá-la numa completa tola.

Mas o problema não tinha sido o beijo. O beijo não a incomodara. O beijo, na verdade, fora bastante agradável. E, para ser sincera, já era passada a hora de acontecer.

Em seu mundo, na sua sociedade, ela até poderia se orgulhar de seu status de intocada, nunca beijada. Afinal de contas, a simples insinuação de impropriedade era o bastante para arruinar a reputação de uma mulher.

Porém uma jovem não chegava aos 22 anos, à quarta temporada em Londres, sem se sentir um pouco rejeitada por ninguém ter tentado beijá-la.

E ninguém havia tentado. Hyacinth não estava pedindo para ser violada, por Deus, mas ninguém nem sequer se aproximara dela ou olhara com exagerada atenção para os seus lábios.

Não até a noite anterior. Não até Gareth St. Clair.

Seu primeiro instinto fora pular de surpresa. Apesar dos modos devassos de Gareth, ele não mostrara o menor interesse em maculá-la com sua reputação de libertino. Afinal, tinha uma cantora de ópera escondida em Bloomsbury. Por que diabos precisaria *dela*?

Mas, então...

Bem, minha nossa, ainda não sabia como aquilo tudo havia acontecido. Num instante ela lhe perguntava se estava passando mal – ele lhe parecera muito estranho e era óbvio que tivera algum tipo de discussão com o pai, apesar de seus esforços para manter os dois separados. No instante seguinte, Gareth a encarava com uma intensidade que a fizera estremecer. Ele lhe dera a impressão de estar possuído, consumido.

De querer consumi-la.

No entanto, Hyacinth não conseguia se livrar da sensação de que ele não tivera a intenção de beijá-la. De que, talvez, qualquer mulher que passasse no corredor teria servido.

Especialmente depois que ele lhe dissera que Hyacinth precisava melhorar.

Não achava que ele tivera a intenção de ser cruel, mas suas palavras a haviam machucado.

– Retribua o meu beijo – disse para si mesma, numa reprodução queixosa da voz dele. – Retribua o meu beijo.

Ela se atirou outra vez sobre os travesseiros.

– *Eu retribuí.*

Minha nossa, o que isso dizia a seu respeito se um homem nem ao menos conseguia saber quando ela tentava beijá-lo de volta?

E mesmo que não tivesse se saído tão bem assim – Hyacinth não estava pronta para admitir isso –, achava que era algo que se manifestaria naturalmente e, sem dúvida, algo que deveria se manifestar naturalmente a *ela*. Bem, ainda assim, que diabos Gareth esperava dela? Que brandisse a língua como uma

espada? Ela colocara as mãos sobre os ombros dele. Não se debatera em seus braços. O que mais deveria ter feito para demonstrar que estava gostando?

Tratava-se de um enigma muito injusto. Os homens queriam as suas mulheres castas e intocadas para, então, caçoarem delas pela falta de experiência.

Era... Era simplesmente...

Hyacinth mordeu o lábio, horrorizada por estar à beira das lágrimas.

Havia imaginado que o primeiro beijo seria mágico. E pensara que o cavalheiro em questão sairia do encontro, se não impressionado, ao menos um pouco satisfeito com o desempenho dela.

Mas Gareth St. Clair tinha sido zombeteiro como sempre e Hyacinth o odiava por tê-la feito se sentir diminuída.

– Foi só um beijo – sussurrou, as palavras flutuando pelo quarto vazio. – Só um beijo. Não significa nada.

Mas ela sabia, até mesmo enquanto se empenhava em mentir para si mesma, que fora mais do que um beijo. Muito, muito mais.

Pelo menos para ela. Fechou os olhos, em agonia. Meu Deus, enquanto ficava na cama remoendo e remoendo pensamentos, ele provavelmente estava dormindo como um bebê. St. Clair havia beijado...

Bem, ela não desejava especular a quantidade de mulheres, mas fora o bastante para fazê-la parecer a menina mais imatura de Londres.

Como iria encará-lo agora? E o pior é que precisaria encará-lo, pois estava traduzindo o diário da avó dele. Se tentasse evitá-lo, tudo ficaria óbvio.

E a última coisa que desejava era transparecer que ele a magoara. O orgulho não era uma das primeiras necessidades de uma mulher, mas Hyacinth iria se apegar a sua dignidade até onde fosse possível.

Enquanto isso...

Pegou o diário da avó dele. Não trabalhava nele havia um dia inteiro. Só avançara 22 páginas; tinha pelo menos mais cem pela frente.

Fitou o livro, fechado sobre o colo. Imaginou que pudesse devolvê-lo. Na verdade, provavelmente *devia* devolvê-lo. Seria bem feito. Ele se veria forçado a encontrar outro tradutor após o comportamento da noite anterior.

Mas ela estava se divertindo com o diário. A vida não lançava muitos desafios a moças bem-criadas. Francamente, seria ótimo poder dizer que tinha

traduzido um livro inteiro do italiano. E seria agradável executar a tarefa.

Hyacinth passou o dedo pelo pequeno marcador de páginas e abriu o livro. Isabella acabara de chegar à Inglaterra no meio da temporada e, após uma única semana no interior, o novo marido a arrastara para Londres, onde se esperava que ela fosse sociável e recebesse visitas, como cabia à sua posição – sem a vantagem de um inglês fluente.

Para piorar a situação, a mãe de lorde St. Clair estava residindo com o casal, claramente infeliz por ter que abrir mão da posição de dona da casa.

Hyacinth seguiu na leitura franzindo a testa, detendo-se de vez em quando para procurar uma palavra desconhecida. A baronesa viúva interferia no serviço dos empregados, dava ordens contrárias às instruções de Isabella e criava problemas para aqueles que aceitavam a nova baronesa como patroa.

Esse distúrbio não tornava o matrimônio nada atraente. Hyacinth se lembrou de se casar apenas com um homem que não tivesse mãe.

– Queixo erguido, Isabella – murmurou ela. Retraiu-se ao ler a discussão mais recente, algo sobre o acréscimo de mexilhões ao menu, apesar de mariscos provocarem urticária em Isabella.

– Precisa deixar claro quem manda – disse Hyacinth para o diário. – Você...

Ela franziu a testa, fitando o último registro. Aquilo não fazia sentido. Por que Isabella falava de seu *bambino?*

Hyacinth leu as palavras três vezes antes de lhe passar pela cabeça verificar a data acima: *24 Ottobre, 1766*.

1766? Espere aí...

Ela voltou uma página.

1764.

Isabella saltara dois anos. Por que faria isso?

Hyacinth deu uma olhada rápida nas próximas vinte e tantas páginas. *1766... 1769... 1769... 1770... 1774...*

– Você não é uma escritora muito dedicada – comentou Hyacinth.

Por isso Isabella conseguira fazer com que décadas coubessem num volume tão fino; frequentemente havia intervalos de anos entre os registros.

Hyacinth retornou à passagem sobre o *bambino*, dando continuidade à laboriosa tradução. Isabella estava de volta a Londres, dessa vez sem o marido, o que não parecia incomodá-la nem um pouco. E parecia ter ganhado um pouco de

autoconfiança, embora isso pudesse ser apenas o resultado da morte da viúva, que Hyacinth supôs ter ocorrido um ano antes.

Encontrei o local perfeito, traduziu Hyacinth, anotando as palavras em um papel. *Ele nunca*... Ela franziu a testa. Sem compreender o resto da frase, colocou algumas lacunas no papel para indicar um trecho sem tradução e foi em frente. *Ele não acredita que eu seja inteligente o bastante. Assim, não vai suspeitar*...

– Ah, minha nossa! – exclamou Hyacinth, empertigando-se.

Folheou as páginas do diário, lendo-o o mais rápido possível, e praticamente deixou de lado a tradução escrita.

– Isabella... – disse ela, admirada. – Sua raposa ardilosa.

Uma hora depois, mais ou menos, um instante antes de Gareth bater à porta de Hyacinth.

Gareth inspirou fundo, reunindo coragem para segurar a pesada aldrava de latão da porta do número cinco da Bruton Street, a elegante casinha que a mãe de Hyacinth comprara depois que o filho mais velho se casara e se apossara da Casa Bridgerton.

Então tentou não se sentir completamente desgostoso consigo mesmo por achar que precisava de coragem. E, na verdade, não era de coragem que estava precisando. Pelo amor de Deus, não estava com *medo*. Era... bem, não, não era exatamente pavor. Era...

Ele gemeu. Toda pessoa tinha momentos em sua vida que faria qualquer coisa para protelar. Se não querer lidar com Hyacinth Bridgerton significava que era menos homem... bem, estava perfeitamente disposto a se denominar um tolo juvenil.

Na verdade, não conhecia ninguém que desejaria lidar com Hyacinth Bridgerton num instante como aquele.

Revirou os olhos, impaciente consigo mesmo. Aquilo não deveria ser difícil. Ele não deveria estar tenso. Até parecia que nunca tinha beijado uma mulher e precisara enfrentá-la no dia seguinte.

Exceto que...

Exceto que ele nunca beijara uma mulher como Hyacinth, uma que A) nunca

havia sido beijada e B) tinha todos os motivos para esperar que um beijo talvez significasse algo mais.

Sem contar que C) tratava-se de Hyacinth.

Porque não se podia descontar a magnitude dela. Na última semana, ele descobrira que Hyacinth era bem diferente de qualquer outra mulher que já conhecera.

De qualquer forma, Gareth ficara em casa a manhã inteira à espera do pacote que com certeza chegaria por um lacaio uniformizado, contendo o diário de sua avó. Hyacinth não iria mais querer traduzi-lo, não depois que ele a insultara tão gravemente na noite anterior.

Não, pensou ele – só um pouquinho na defensiva –, que ele tivesse tido a intenção de insultá-la. Na verdade, não tivera intenção de nada. Nem de beijá-la. A ideia nem ao menos lhe ocorrera. Ele achava que não lhe teria ocorrido se não estivesse tão desequilibrado. De alguma maneira, Hyacinth surgira no corredor, quase como se invocada por magia.

Logo depois de o pai o atormentar por causa dela.

Que diabos esperavam que ele fizesse?

E não significara nada. Fora agradável – bem mais agradável do que ele imaginara –, mas não significara nada.

Contudo, as mulheres não tendiam a lidar bem com essas coisas, e a expressão dela ao se afastar não fora das mais convidativas.

Na verdade, ela lhe parecera horrorizada, fazendo-o se sentir como um tolo. Nunca enojara uma mulher com um beijo antes.

E tudo ficara pior mais tarde, naquela mesma noite. Perguntaram a Hyacinth a respeito de Gareth e ela desconsiderara a pergunta com uma risada, dizendo que não poderia ter se recusado a dançar com ele: era próxima demais de sua avó.

Isso era verdade e Gareth compreendia por que ela tentaria mascarar as aparências, mesmo sem saber que ele podia ouvi-la, mas aquilo se parecia demais com as palavras do pai.

Suspirou. Já não havia mais como postergar. Ergueu a mão com a intenção de pegar a aldrava...

E quase perdeu o equilíbrio quando a porta se escancarou.

– Pelo amor de Deus – disse Hyacinth, encarando-o com olhos impacientes

–, você ia bater algum dia?

– Estava me vigiando?

– É claro que estava. Meu quarto fica bem aqui em cima. Eu vejo todo mundo.

Por que, se perguntou, aquilo não o surpreendia?

– E eu lhe mandei um bilhete – acrescentou ela. Deu um passo para o lado, fazendo sinal para que ele entrasse. – A despeito de seu comportamento recente, você parece ter educação o bastante para não recusar um pedido direto, e feito por escrito, de uma dama.

– É... sim.

Foi só o que conseguiu pensar, pois se encontrava no meio de um turbilhão de sensações.

Por que não estava zangada com ele? Não deveria estar?

– Precisamos conversar – anunciou Hyacinth.

– É claro – murmurou ele. – Preciso me desculpar...

– Não com relação a isso – disse ela com desdém. – Embora... – Ela ergueu os olhos, a expressão entre pensativa e aborrecida. – Você *certamente* deveria se desculpar.

– Sim, é claro, eu...

– Mas não foi por isso que o chamei.

Se fosse um gesto educado, ele teria cruzado os braços.

– Deseja que eu me desculpe ou não?

Hyacinth olhou para os dois lados, colocando o dedo sobre os lábios com um “Shhh” bem suave.

– Por acaso eu fui subitamente transportado para dentro de um exemplar de *Miss Butterworth e o Barão Louco*? – perguntou-se Gareth em voz alta.

Hyacinth o olhou de cara feia, uma expressão bem típica dela. Sim, era uma carranca, mas com um toque – não, digamos que três toques – de impaciência. Era a expressão de uma mulher que passara a vida toda esperando que as pessoas acompanhassem o seu ritmo.

– Aqui – disse ela, fazendo sinal para uma porta aberta.

– Como desejar, milady.

Longe dele se queixar de não precisar lhe pedir perdão.

Ele a seguiu até uma sala de estar elegantemente decorada em tons de rosa e

creme. Era muito delicada e feminina, e Gareth imaginou se teria sido planejada com o único objetivo de fazer homens se sentirem grandalhões e desconfortáveis.

Hyacinth lhe indicou alguns assentos, então ele seguiu em frente, observando-a fechar quase totalmente a porta, com cuidado. Gareth espiou a abertura de 10 centímetros com divertimento. Engraçado como um espaço tão pequeno podia significar a diferença entre a decência e o desastre.

– Não quero que ouçam o que vou dizer – explicou-se Hyacinth.

Gareth se limitou a erguer uma das sobrancelhas em sinal de questionamento, esperando que ela se sentasse no sofá. Como se convenceu de que ela não verificaria atrás das cortinas em busca de algum bisbilhoteiro, sentou-se em uma cadeira de braços no estilo Hepplewhite, posicionada de viés em relação ao sofá.

– Preciso lhe falar sobre o diário – disse ela, os olhos brilhando de animação.

Ele piscou, surpreso.

– Você vai devolvê-lo, então?

– É claro que não. Você acha mesmo que eu...

Hyacinth se deteve e começou a traçar espirais no tecido verde e macio da saia. Por algum motivo, isso deixou Gareth satisfeito. Ficou aliviado por ela não estar furiosa – como qualquer homem, faria o possível para evitar qualquer tipo de cena histérica feminina. Mas, ao mesmo tempo, não desejava que ela ficasse completamente indiferente.

Meu Deus, seus beijos costumavam provocar melhores efeitos.

– Eu *deveria* devolver o diário – retomou Hyacinth, parecendo ela mesma outra vez. – Na verdade, eu deveria forçá-lo a encontrar outra pessoa para traduzi-lo. É o mínimo que você merece.

– Certamente – concordou, acanhado.

Ela o encarou como se não apreciasse aquela concordância tão superficial.

– *No entanto*... – disse, como só ela sabia dizer.

Gareth se inclinou para a frente. Parecia ser o esperado.

– No entanto – repetiu ela –, gosto muito de ler o diário da sua avó e não vejo motivo para me privar de um desafio prazeroso só por você ter se comportado de maneira inapropriada.

Gareth permaneceu em silêncio, já que sua última tentativa de concordância

fora mal recebida. Porém logo ficou claro que, dessa vez, ele deveria fazer algum comentário. Então rapidamente falou:

– É claro que não.

Hyacinth assentiu em aprovação e acrescentou:

– Além do mais – ela chegou o corpo para a frente, os brilhantes olhos azuis reluzindo de animação –, *ele acaba de ficar interessante*.

Algo se revirou no estômago de Gareth. Teria Hyacinth descoberto o segredo de seu nascimento? Nem mesmo lhe ocorrera que Isabella pudesse ter sabido da verdade; ela tivera muito pouco contato com o filho, afinal, e raramente os visitara.

Mas, se soubesse, talvez tivesse escrito a respeito.

– Como assim? – indagou ele com cautela.

Hyacinth pegou o diário, que estava sobre uma mesa de canto próxima.

– Sua avó tinha um segredo – começou, irradiando excitação.

Ela abriu o livro onde havia um elegante marcador de páginas e o estendeu em sua direção, apontando com o indicador para uma frase no meio da página.

– *Diamanti. Diamanti*. – Ela ergueu a vista, incapaz de conter um sorriso de divertimento. – Sabe o que isso quer dizer?

– Sinto dizer que não.

– Diamantes, Gareth. Quer dizer diamantes.

Ele fitou a página, muito embora não compreendesse as palavras.

– Perdão?

– Sua avó tinha joias, Gareth. E nunca falou disso ao seu avô.

– O que está querendo dizer?

– A avó *dela* veio visitá-la um pouco depois de o seu pai nascer. E trouxe consigo um conjunto de joias. Anéis, creio eu. E uma pulseira. E Isabella nunca contou a ninguém.

– E o que fez com elas?

– Escondeu. – Hyacinth estava quase saltando do sofá. – Ela as escondeu na Casa Clair, bem aqui em Londres. Escreveu que o seu avô não gostava muito de Londres, por isso haveria menos chance de ele descobri-las.

Por fim, um pouco do entusiasmo de Hyacinth começou a passar para Gareth, mas não muito. Não ficaria animado demais com o que provavelmente acabaria se transformando numa perseguição infrutífera. Porém o fervor dela era

contagiante e, antes que se desse conta, ele se inclinou mais ainda, o coração um pouco acelerado.

– O que isso significa? – perguntou ele.

– Isso significa – respondeu ela, como se repetisse algo que já dissera cinco vezes – que essas joias provavelmente ainda estão lá. Oh! – Ela se deteve, olhando nos olhos dele de maneira desconcertante. – A não ser que você já saiba a respeito. Seu pai já está de posse delas?

– Não – disse Gareth, pensativo. – Creio que não. Pelo menos não me contou nada.

– Viu só? Nós podemos...

– Mas meu pai raramente me conta qualquer coisa. Ele nunca me considerou o seu confidente mais próximo.

Por um momento, os olhos dela assumiram uma expressão solidária, que logo foi substituída por um ardor maníaco.

– Então ainda estão lá. Ou, pelo menos, há uma boa chance. Precisamos pegá-las.

– *Precisamos?*

Ah, não...

Hyacinth estava tão perdida na própria agitação que nem notou a ênfase.

– Pense só, Gareth – prosseguiu ela, agora claramente bastante confortável com o uso de seu primeiro nome –, isso poderia ser a resposta para todos os seus problemas financeiros.

Ele recuou.

– O que a faz pensar que eu tenho problemas financeiros?

– Ora, faça-me o favor – escarneceu ela. – Todos sabem que você tem problemas financeiros. Ou, se não tem, vai ter. Seu pai contraiu dívidas daqui até Nottinghamshire e de volta. – Ela fez uma pausa, provavelmente em busca de ar. – A Mansão Clair fica em Nottinghamshire, não fica?

– Sim, é claro, mas...

– Certo. Bem, você vai herdar essas dívidas, sabia?

– Estou ciente disso.

– Então, que forma melhor de evitar a ruína do que obtendo as joias de sua avó antes que lorde St. Clair as encontre? Porque nós dois sabemos que ele só vai vendê-las e gastar o lucro.

– Você parece saber um bocado a respeito do meu pai – disse Gareth baixinho.

– Bobagem – retrucou ela energicamente. – Só sei que ele o detesta.

Gareth abriu um pequeno sorriso, que surpreendeu a si mesmo. Não era um assunto que costumava tratar com humor. Mas, pensando bem, ninguém jamais ousara abordá-lo com tanta franqueza.

– Eu não poderia falar por você – continuou Hyacinth, dando de ombros –, mas se *eu* detestasse uma pessoa, faria o possível para que ela não ficasse com um tesouro.

– Quanta ternura – murmurou Gareth.

Ela arqueou a sobrancelha.

– Eu nunca disse que era um modelo de bondade.

– Não – concordou Gareth, sentindo os lábios se repuxarem. – Certamente não disse.

Hyacinth bateu as palmas das mãos, depois pousou-as sobre o colo, olhando-o na expectativa.

– Bem, então... – disse ela, vendo que ele não iria fazer nenhum comentário –, quando vamos?

– *Vamos?*

– Procurar os diamantes – respondeu ela, impaciente. – Não escutou nada do que eu disse?

De repente, Gareth teve uma visão apavorante de como Hyacinth devia visualizar tudo: ela estaria trajando preto e – meu Deus – certamente vestimentas masculinas. Também insistiria em descer da janela do quarto por lençóis amarrados.

– *Nós* não vamos a lugar nenhum – retrucou com firmeza.

– É claro que vamos. Você precisa pegar essas joias. Não pode deixar que seu pai fique com elas.

– *Eu* irei.

– Você não vai *me* deixar para trás.

Foi uma afirmação, não uma pergunta. Não que Gareth esperasse qualquer outra coisa vinda dela.

– *Se* eu tentar entrar na Casa Clair – começou Gareth –, e esse é um *se* muito grande, terei que fazê-lo na calada da noite.

– Isso é óbvio.

Meu bom Deus, será que ela *nunca* parava de falar? Gareth ficou em silêncio, para se certificar de que Hyacinth tinha terminado. Por fim, com uma demonstração de paciência exagerada, ele concluiu:

– Não arrastá-la-ia cidade afora à meia-noite. Esqueça, por um momento, o perigo, que eu lhe garanto haver em abundância. Se fôssemos flagrados, exigiriam que eu me casasse com você. Suponho que o seu desejo por tal desfecho corresponda exatamente ao meu.

Foi um discurso pomposo e enfadonho, mas teve o efeito desejado, forçando-a a fechar a boca tempo o bastante para decifrar a rebuscada estrutura de suas frases. Mas então abriu-a outra vez e disse:

– Bem, você não precisa me arrastar.

Gareth achou que sua cabeça fosse explodir.

– Meu Deus, mulher, escutou alguma parte do que eu disse?

– É claro que sim. Tenho quatro irmãos mais velhos. Sei reconhecer um homem arrogante, dado a sermões.

– Ora, pelo amor de...

– Você não está pensando com clareza. – Ela se inclinou para a frente, erguendo a sobrancelha com uma autoconfiança quase desconcertante. – Você precisa de mim.

– Tanto quanto preciso de um abscesso inflamado – resmungou ele.

– Vou fingir que não ouvi isso – replicou Hyacinth entre os dentes. – Porque, se não o fizesse, não me sentiria inclinada a auxiliá-lo em seu empreendimento. E se eu não o ajudar...

– Aonde você quer *chegar*?

Ela o olhou friamente.

– Você não chega nem perto de ser tão sensato quanto imaginei.

– Estranhamente, você é tão sensata quanto imaginei.

– Vou fingir que *também* não ouvi isso – disse Hyacinth, apontando para ele com os modos menos femininos possíveis. – Você parece esquecer que só eu leio italiano. E não vejo como você vai encontrar as joias sem a minha ajuda.

Gareth ficou de queixo caído.

– Você esconderia as informações de mim? – perguntou, com uma voz grave e de uma serenidade quase apavorante.

– É claro que não – respondeu Hyacinth, pois não conseguia mentir para Gareth, ainda que ele o merecesse. – Eu tenho *alguma* honradez. Estava apenas tentando explicar que você vai precisar da minha presença na casa. Meu conhecimento do italiano não é perfeito. Há algumas palavras que podem ficar abertas à interpretação e eu talvez precise ver o aposento em questão antes de poder dizer exatamente sobre o que ela estava falando.

Os olhos dele se estreitaram.

– É verdade, eu juro! – Hyacinth pegou o livro, virando as páginas, para então retornar à original. – Bem aqui, está vendo? *Armadio*. Pode querer dizer “estante”. Ou “armário”. Ou... – Ela se deteve, engolindo em seco. Odiava admitir que não sabia algo direito, mesmo que essa deficiência fosse a única coisa capaz de lhe garantir um lugar ao lado dele quando fosse procurar as joias. – Eu não estou certa quanto ao que quer dizer – começou ela, incapaz de esconder a irritação. – Precisamente – acrescentou, pois a verdade era que tinha, *sim*, uma boa ideia.

Já tinha dificuldade para admitir falhas que, de fato, possuía.

– Por que não procura no seu dicionário de italiano?

– Não está lá – mentiu ela.

Não se tratava de uma mentira *tão* absurda. O dicionário listara diversas traduções possíveis, sem dúvida o suficiente para Hyacinth alegar uma compreensão imprecisa.

Esperou que ele falasse – provavelmente não tanto tempo quanto deveria esperar, mas pareceu ser uma eternidade. Hyacinth não conseguia ficar calada.

– Se você desejar, eu poderia escrever para a minha antiga governanta e lhe pedir uma definição mais exata, só que ela não é a mais confiável das correspondentes...

– Como assim?

– Não escrevo para ela há três anos, embora saiba que ela viria ao meu auxílio neste momento. É só que não tenho a menor ideia do quanto está ocupada ou quando talvez encontre tempo para escrever... Da última vez que tive notícias, tinha dado à luz gêmeos...

– Por que isso não me surpreende?

– É verdade, e só Deus sabe quanto tempo vai levar para me responder. Gêmeos dão bastante trabalho, ou pelo menos é o que dizem...

Ao ver que ele não a escutava, Hyacinth foi diminuindo o volume da voz até se silenciar. Ela o encarou e resolveu concluir o que dizia, em grande parte porque já tinha pensado nas palavras e não havia muito motivo para *não* dizê-las:

– Bem, eu não acho que ela tenha condições de ter uma babá.

Gareth permaneceu em silêncio pelo que pareceu ser um tempo interminavelmente longo. Por fim, falou:

– Se o que você diz está correto e as joias ainda estão escondidas... e quanto a isso não há certezas, visto que ela as escondeu... – ele olhou para cima por um instante enquanto fazia as contas – ... há mais de sessenta anos, então certamente podem continuar no mesmo lugar até obtermos uma tradução precisa da sua governanta.

– Você aguentaria esperar? – indagou Hyacinth, curvando-se toda para a frente, sem conseguir acreditar. – Você realmente aguentaria *esperar*?

– E por que não?

– Porque elas estão *lá*. Porque...

Ela se interrompeu; só conseguia fitá-lo, como se ali estivesse um louco. Sabia que a mente dos outros não funcionava da mesma maneira. E aprendera que a mente de quase ninguém funcionava igual à dela. Mas não sabia como alguém conseguiria esperar vendo-se diante *daquilo*.

Se dependesse dela, os dois escalariam os muros da Casa Clair naquela mesma noite.

– Pense assim – insistiu Hyacinth, chegando para a frente. – Se ele encontrar aquelas joias antes de você achar tempo para procurá-las, você nunca vai se perdoar.

Gareth ficou em silêncio, mas ela percebeu que, enfim, o fizera compreender a situação.

– Isso sem contar que *eu* jamais o perdoaria se isso acontecesse.

Ela o olhou de relance. Ele não pareceu afetado por aquele argumento em especial.

Hyacinth esperou enquanto ele pensava no que fazer. O silêncio foi terrível. Durante o relato sobre o diário, fora capaz de esquecer que Gareth a beijara, que ela gostara e que ele, ao que parecia, não. Achara que o encontro seguinte dos dois seria embaraçoso e desconfortável, mas, com um objetivo e uma missão,

sentira-se restaurada ao seu eu de sempre. Mesmo que Gareth não a levasse para encontrar os diamantes, supunha que devesse agradecer a Isabella.

Ainda assim, acreditava que morreria se ele não a levasse junto. Ou isso ou o mataria.

Ela juntou as mãos com força, escondendo-as nas dobras da saia. Era um gesto nervoso, que a deixava ainda mais impaciente. Odiava estar nervosa, odiava o fato de ele a deixar nervosa, odiava ter que ficar ali sentada sem dizer uma palavra enquanto ele ponderava as opções dela. Mas, ao contrário do que todos acreditavam, ocasionalmente ela sabia manter a boca fechada, e ficou claro que não podia fazê-lo mudar de ideia.

A não ser, quem sabe...

Não, nem ela era louca o suficiente de ameaçar ir sozinha.

– O que você ia dizer? – indagou Gareth.

– Como assim?

Ele chegou para a frente, os olhos azuis vivos e resolutos.

– O que você ia dizer?

– O que o faz achar que eu ia dizer alguma coisa?

– Deu para ver no seu rosto.

Ela inclinou a cabeça para o lado.

– Você me conhece bem assim?

– Por mais assustador que possa parecer, pelo visto conheço.

Ela o observou se recostar outra vez na cadeira. Gareth a lembrou dos irmãos, remexendo-se na cadeira pequena demais; eles viviam reclamando que a sala de estar da mãe fora decorada para mulheres minúsculas. Mas era aí que terminava a semelhança. Nenhum dos irmãos tivera a audácia de usar o cabelo preso num rabinho daqueles e jamais olhara para ela com tal intensidade, fazendo-a se esquecer do próprio nome.

Gareth parecia vasculhar o rosto dela atrás de algo. Ou, talvez, apenas a estivesse encarando, esperando que ela sucumbisse.

Hyacinth mordeu o lábio inferior – não era forte o bastante para manter a perfeita compostura. Mas conseguiu ficar com a coluna ereta e o queixo erguido e, talvez o mais importante, a boca fechada.

Um minuto inteiro se passou. Muito bem, provavelmente não foram mais do que dez segundos, mas a sensação foi de um minuto. Então, por fim, como ela já

não conseguisse aguentar, disse (bem baixinho):

– Você precisa de mim.

O olhar dele recaiu sobre o tapete por um momento antes de retornar ao seu rosto.

– Se eu a levar...

– Oh, obrigada! – exclamou ela, mal resistindo ao desejo de se colocar de pé com um salto.

– Eu disse *se* eu a levar – retrucou ele, a voz atipicamente severa.

Hyacinth se silenciou de imediato, olhando-o com uma expressão apropriada de obediência.

– Se eu a levar – repetiu ele, os olhos perfurando os dela –, espero que siga as minhas ordens.

– É claro.

– Procederemos como eu julgar conveniente.

Ela hesitou.

– *Hyacinth*.

– É claro – concordou ela às pressas, pois tinha a sensação de que, se não o fizesse, ele voltaria atrás ali mesmo. – Mas, se eu tiver uma boa ideia...

– Hyacinth.

– Por eu entender italiano, e você, não.

O olhar que ele lhe dirigiu foi tão exausto quanto austero.

– Não precisa fazer o que eu pedir – acrescentou ela. – É só escutar.

– Está certo – disse ele com um suspiro. – Vamos na segunda-feira à noite.

Hyacinth arregalou os olhos. Depois de todo o estardalhaço que Gareth havia feito, não esperava que ele escolhesse ir tão cedo. Mas não ia reclamar.

– Segunda-feira à noite – concordou ela.

Mal podia esperar.

CAPÍTULO 9

Segunda-feira à noite. Nosso herói, que passou grande parte da vida no mais imprudente abandono, está descobrindo como é estranho ser o membro mais sensato de uma dupla.

Enquanto seguia furtivamente para os fundos da casa de Hyacinth, Gareth pensou que havia alguns motivos para questionar a própria sanidade.

Um: passava da meia-noite.

Dois: eles estariam a sós.

Três: estavam a caminho da casa do barão.

Quatro: iam cometer um roubo.

Entre todas as más ideias, a de Hyacinth ganhava qualquer prêmio.

Mas de alguma forma ela o convencera daquilo, então lá estava ele, contrariando toda a lógica, pronto para conduzir uma senhorita para fora de sua casa, noite adentro e, muito provavelmente, rumo ao perigo.

Isso sem falar que, se qualquer um os descobrisse, os Bridgertons o colocariam de pé diante de um padre antes mesmo de ele conseguir recuperar o fôlego, e os dois ficariam algemados um ao outro pelo resto da vida.

Ele estremeceu. A simples ideia de ter Hyacinth Bridgerton como sua companheira de vida... Parou por um momento, piscando, surpreso. Bem, não era horrível, na verdade, mas ao mesmo tempo deixava qualquer homem bastante inquieto.

Hyacinth achava que o convencera a fazer aquilo, e talvez tivesse contribuído até certo ponto para a sua decisão, mas a verdade era que alguém com as finanças de Gareth não podia se dar ao luxo de torcer o nariz a uma oportunidade como aquela. Ele ficara um pouco perplexo com a avaliação franca de Hyacinth sobre a sua situação financeira. É claro que tais assuntos não deveriam fazer parte de uma conversa educada (não que ela costumasse se ater a noções comuns de decoro). Mas não sabia que o estado de seus negócios fosse

de conhecimento geral.

Isso era desconcertante.

De qualquer forma, o mais atraente – e o que de fato o impelia a buscar as joias agora em vez de esperar até que Hyacinth obtivesse uma tradução mais precisa do diário – era a deliciosa ideia de que talvez conseguisse arrancar os diamantes bem debaixo do nariz do pai.

Era difícil não aproveitar uma oportunidade *dessas*.

Gareth foi se esgueirando pelos fundos da casa de Hyacinth até a entrada de serviço, localizada em frente à cavalariça. Haviam combinado de se encontrar ali à uma e meia da madrugada e ele não tinha a menor dúvida de que ela estaria pronta e à sua espera, vestida como lhe instruíra, toda de preto.

E, de fato, lá estava Hyacinth, segurando a porta dos fundos com uma brecha de 2 centímetros, espiando pela abertura.

– Chegou bem na hora – comentou ela, saindo.

Ele a fitou, incrédulo. Hyacinth havia levado a ordem dele muito a sério e estava vestida toda de preto, da cabeça aos pés. Em vez da saia, trajava calças e um colete.

Gareth *sabia* que ela faria isso. Ainda assim, não pôde conter a surpresa.

– Pareceu-me mais sensato do que um vestido – explicou Hyacinth, interpretando corretamente o silêncio dele. – Além do mais, não possuo nada que seja preto por completo. Nunca fiquei de luto, graças a Deus.

Gareth se limitou a fitá-la. Deu-se conta do motivo para as mulheres não usarem calças compridas. Não sabia onde ela arranjara o traje – provavelmente pertencera a um dos irmãos em sua juventude. Aderia ao seu corpo de forma escandalosa, realçando as curvas de um modo que Gareth teria preferido não ver.

Não queria saber que Hyacinth Bridgerton tinha um corpo delicioso. Não queria saber que as pernas eram bem longas para uma mulher não tão alta ou que o quadril era suavemente arredondado e se movia de maneira hipnotizante quando não estava escondido debaixo das dobras sedosas de uma saia.

Já era ruim o bastante tê-la beijado. Não precisava desejar fazê-lo outra vez.

– Não acredito que estou fazendo isto – murmurou ele, balançando a cabeça.

Meu Deus, ele soava como um chato, como todos os amigos sensatos que arrastara para a baderna quando era mais novo.

Começava a achar que eles sabiam do que estavam falando.

Hyacinth o encarou com um olhar acusatório.

– Você não pode voltar atrás agora.

– Eu nem sonharia com uma coisa dessas – garantiu ele com um suspiro. Se fizesse isso, a louca provavelmente correria atrás dele com um porrete. – Venha, vamos, antes que alguém nos apanhe aqui.

Ela assentiu, então o seguiu descendo Barlow Place. A Casa Clair ficava a uns 400 metros de distância, logo Gareth traçara uma rota a pé mantendo-se, sempre que possível, nas silenciosas ruas secundárias, onde era mais provável que não fossem vistos por um membro da alta sociedade voltando de carruagem de alguma festa.

– Como sabia que seu pai não estaria em casa esta noite? – sussurrou Hyacinth ao se aproximarem da esquina.

– O quê?

Ele examinou as proximidades, certificando-se de que o caminho estava livre.

– Como sabia que seu pai não estaria em casa esta noite? – repetiu ela. – Isso é surpreendente. Imagino que ele não o mantenha informado de sua agenda.

Gareth rangeu os dentes, espantado com a própria raiva.

– Não sei. Eu apenas sei.

Era bem irritante estar sempre tão ciente dos movimentos do pai, mas pelo menos sentia alguma satisfação em saber que o barão sofria de um mal semelhante.

– Oh – fez Hyacinth. E foi só. Uma atitude simpática. Contrária à sua natureza, mas simpática.

Gareth fez sinal para que ela o seguisse pela Hay Hill e, por fim, chegaram à Dover Street, que os levou até o beco atrás da Casa Clair.

– Quando foi a última vez que você esteve aqui? – sussurrou Hyacinth enquanto andavam sorrateiramente até o muro dos fundos.

– Lá dentro? Há dez anos. Mas, se estivermos com sorte, aquela janela... – Gareth apontou para uma abertura no andar térreo, apenas um pouco além do alcance deles – ainda vai estar com o ferrolho quebrado.

Ela assentiu em sinal de apreciação.

– Eu estava mesmo me perguntando como entraríamos.

Os dois permaneceram em silêncio por um momento, olhando para a janela.

– Mais alta do que se lembrava? – indagou Hyacinth, mas, é claro, não esperou uma resposta para acrescentar: – Ainda bem que você me trouxe junto: pode me dar um apoio para subir.

Gareth alternou o olhar entre ela e a janela. De alguma forma, pareceu-lhe errado mandá-la para dentro da casa primeiro. Não havia pensado nisso ao planejar a invasão.

– Você não vai se apoiar em mim, certo? – disse Hyacinth, impacientemente. – A não ser que você tenha um caixote escondido em algum lugar ou, quem sabe, uma pequena escada...

– Vá logo – Gareth praticamente rosnou, fazendo um apoio para ela com as mãos.

Já havia feito isso várias vezes, mas era muito diferente ter Hyacinth Bridgerton roçando na lateral do seu corpo em vez de um dos colegas de escola.

– Consegue alcançar? – perguntou, erguendo-a.

– Uhum.

Gareth ergueu os olhos. Bem diante do traseiro dela. Decidiu se deleitar com a vista, pois Hyacinth não tinha a menor ideia do que estava lhe proporcionando.

– Só preciso firmar os dedos debaixo do beiral – sussurrou ela.

– Vá em frente – respondeu ele, sorrindo pela primeira vez em toda a noite.

Ela se virou bruscamente.

– Por que você está falando com a voz tão tranquila de repente?

– Apenas apreciando a sua utilidade.

– Eu... – Ela franziu os lábios. – Sabe, acho que não confio em você.

– Não deve mesmo, de forma nenhuma.

Ele a observou chacoalhar a janela e deslizá-la para abri-la.

– Consegui! – sussurrou Hyacinth, triunfante.

Ela era um tanto intolerável, mas não se podia negar sua eficiência.

– Vou empurrá-la para cima. Você deve conseguir...

Mas ela já havia entrado. Gareth deu um passo atrás, admirado. Hyacinth Bridgerton era, claramente, uma atleta nata.

Ou uma gatuna.

Seu rosto surgiu na janela aberta.

– Não creio que alguém tenha ouvido – murmurou ela. – Consegue subir sozinho?

– Com a janela aberta, não há problemas.

Já fizera isso diversas vezes, durante as férias, quando ainda era um garoto. O muro externo era feito de pedra e havia alguns locais mais ásperos, com afloramentos onde dava para apoiar o pé. Também podia segurar naquela pequena saliência do beiral...

Estava dentro em menos de vinte segundos.

– Estou impressionada – comentou Hyacinth, espiando outra vez o lado de fora.

– Você se impressiona com as coisas mais estranhas – disse ele, limpando-se.

– Qualquer um pode trazer flores – replicou ela, dando de ombros.

– Tudo o que um homem precisa fazer para ganhar o seu coração é escalar um prédio?

Ela olhou outra vez pela janela.

– Bem, ele teria que fazer um pouco mais do que isso. Dois andares, no mínimo.

Ele balançou a cabeça, mas não pôde deixar de sorrir.

– Você disse que o diário mencionava um aposento decorado em tons de verde?

– Não tenho muita certeza do significado. Pode ser uma sala de estar. Ou, talvez, um escritório. Mas ela mencionou uma janela pequena e redonda.

– O escritório da baronesa. Fica no segundo andar, na saída do quarto.

– É claro! – sussurrou ela, animada. – Faz todo o sentido. Em especial se sua avó desejasse esconder isso do marido. Ela escreveu que ele nunca visitava os seus aposentos.

– Vamos subir pela escadaria principal – falou Gareth, baixinho. – É menos provável que nos ouçam. A dos fundos fica perto demais da ala dos empregados.

Ela assentiu e, juntos, avançaram furtivamente pela casa. O silêncio reinava, como Gareth imaginara. O barão vivia sozinho e, quando estava fora, os empregados se recolhiam cedo. Exceto um. Estacou, refletindo. O mordomo estaria acordado; nunca se deitava antes de lorde St. Clair retornar, pois o patrão poderia precisar de assistência.

– Por aqui – Gareth articulou as palavras para Hyacinth, dando meia-volta para que fizessem um trajeto diferente.

Ainda tomariam a escadaria principal, mas percorreriam um caminho mais

longo para chegar até ela. Hyacinth seguiu a sua orientação e, um minuto depois, subiam as escadas vagarosamente. Gareth a puxou para o lado; os degraus sempre haviam rangido no centro e ele duvidava que o pai tivesse os recursos necessários para mandar consertá-los.

Já no corredor do segundo andar, ele conduziu Hyacinth ao escritório da baronesa. Era um cômodo engraçado, retangular, com uma janela e três portas: uma dava para o corredor, outra para o quarto da baronesa e a última para um pequeno quarto de vestir que era usado com mais frequência como depósito, pois havia uma área de vestir bem mais confortável na saída do quarto de dormir.

Gareth fez sinal para que Hyacinth entrasse, então a seguiu, fechando a porta cuidadosamente, sem fazer ruído. Ele soltou o ar, aliviado.

– Diga-me exatamente o que ela escreveu – sussurrou, afastando um pouco as cortinas para que um pouco de luar penetrasse o cômodo.

– Ela disse que estava no *armadio* – disse Hyacinth. – Que é, provavelmente, um armário. Ou, talvez, uma cômoda. Ou...

Seu olhar recaiu sobre uma cristaleira alta, porém estreita. Era triangular e ficava enfiada em um dos cantos, nos fundos do aposento, feita de uma madeira de tom escuro e brilhoso. O móvel se equilibrava sobre três pés finos com cerca de 60 centímetros.

– É este aqui – sussurrou Hyacinth, agitada. – Só pode ser.

Antes mesmo que Gareth tivesse a oportunidade de se mexer, ela já havia atravessado o aposento. Quando ele se aproximou, ela já estava revistando uma das gavetas.

– Vazia – declarou, franzindo a testa. Ajoelhou-se e puxou a última gaveta. Igualmente vazia. Olhou para Gareth. – Acha que alguém removeu os pertences dela depois do falecimento?

– Não faço ideia.

O interior também estava vazio.

Hyacinth ficou de pé e ficou examinando a cristaleira com as mãos no quadril.

– Não posso imaginar o que mais... – Suas palavras se perderam enquanto ela corria os dedos pelos entalhes decorativos próximos do topo.

– Quem sabe a escrivaninha – sugeriu Gareth, indo até o móvel.

– Acho que não. Ela não teria chamado uma escrivaninha de *armadio*. Teria

sido *scrivania*.

– Mas tem gavetas – murmurou Gareth, abrindo-as para inspecionar o conteúdo.

– Este móvel aqui... – cochichou Hyacinth – tem uma aparência um tanto mediterrânea, não acha?

Gareth ergueu a vista.

– Tem, sim – concordou lentamente, pondo-se de pé.

– Se ela trouxe isto da Itália – falou Hyacinth, entortando a cabeça enquanto analisava a cristaleira –, ou se a avó a trouxe quando a visitou...

– Ela saberia da existência de um compartimento secreto – concluiu Gareth.

– E o marido, *não* – acrescentou Hyacinth, os olhos iluminados de excitação.

Gareth rapidamente arrumou a escrivaninha e retornou à cristaleira.

– Chegue para trás – instruiu ele, segurando a borda inferior para afastá-la da parede.

No entanto, era bem mais pesada do que parecia, e ele só conseguiu deslocá-la alguns centímetros, apenas o bastante para correr a mão pelo fundo.

– Sente alguma coisa? – sussurrou Hyacinth.

Ele fez que não. Não conseguiu esticar muito o braço, então ficou de joelhos e tentou tatear o fundo do móvel.

– Alguma coisa aí? – perguntou Hyacinth.

– Nada. Eu só preciso... – Ele se interrompeu ao sentir uma saliência octogonal na madeira.

– O que foi? – indagou ela, tentando espiar a parte de trás do móvel.

– Não sei ao certo – respondeu ele, esticando o braço mais um centímetro. – É um puxador de algum tipo, talvez uma alavanca.

– Consegue movê-la?

– Estou tentando – disse ele, ofegante.

Estava difícil alcançar o puxador; ele teve que se contorcer e retorcer o corpo apenas para prendê-lo entre os dedos. A beirada inferior da cristaleira se enterrava dolorosamente nos músculos de seu braço e a cabeça encontrava-se virada para o lado numa pose canhestra, a face encostada na porta do móvel.

Não era a mais graciosa das posições.

– E se eu fizer isto?

Hyacinth se colocou ao lado da cristaleira e enfiou o braço pelos fundos.

Seus dedos encontraram o puxador com facilidade. Gareth imediatamente o soltou e recolheu o braço.

– Não se preocupe – disse ela, um tanto solidária –, seu braço não caberia ali atrás. Não há muito espaço.

– Não me interessa a pessoa a alcançar o puxador.

– Ah, não? – Ela deu de ombros. – Bem, eu me importaria.

– Eu sei.

– Não que tenha importância de fato, é claro, mas...

– Está sentindo alguma coisa? – interrompeu ele.

– Não parece se deslocar. Já tentei para cima e para baixo e de um lado para o outro.

– Puxe-o.

– Isso também não funciona. A não ser que eu... – Ela perdeu o fôlego.

– O que foi? – indagou Gareth com urgência.

Ela ergueu a vista, os olhos brilhando até mesmo sob o tênue luar.

– Girou. E eu senti algo fazer clique.

– Há uma gaveta aí? Consegue puxá-la para fora?

Hyacinth fez que não com a cabeça, a boca se contorcendo numa expressão de concentração enquanto deslocava a mão pelo fundo da cristaleira. Não conseguia encontrar fissuras ou recortes. Abaixou-se lentamente, ajoelhando-se até a mão chegar à beirada inferior. Então baixou os olhos: havia um pedacinho de papel no chão.

– Isto estava aqui antes? – indagou ela. Mas foi apenas uma pergunta retórica: sabia que não estava.

Gareth se ajoelhou ao seu lado.

– O que é?

Ela desdobrou o papelzinho com as mãos trêmulas.

– Acho que caiu de algum lugar quando girei o puxador.

Ainda de gatinhas, Hyacinth se deslocou um pouco para que o papel ficasse sob o estreito feixe de luar que entrava pela janela. Gareth se abaixou ao seu lado, o corpo cálido e rijo e irresistivelmente próximo enquanto ela alisava a folha frágil para abri-la.

– O que diz? – indagou, o hálito aquecendo-lhe a nuca.

– Eu... não sei direito.

Ela piscou, forçando os olhos a se concentrarem nas palavras. A caligrafia era claramente de Isabella, mas o papel fora dobrado e redobrado diversas vezes, dificultando a leitura.

– Está em italiano. Deve ser outra pista.

Gareth balançou a cabeça.

– Só mesmo Isabella para transformar isto numa caçada extravagante.

– Ela era muito engenhosa?

– Não, mas aficionada por jogos, algo fora do comum. – Ele se virou para a cristaleira. – Não me surpreende que tivesse uma peça como esta, com um compartimento secreto.

Hyacinth o observou correr a mão pelos fundos do móvel.

– Aqui está – disse ele, em tom de apreciação.

– Onde? – perguntou ela, deslocando-se para o seu lado.

Gareth lhe tomou a mão e a guiou até um local no fundo da cristaleira. Um pedaço de madeira parecia ter girado, apenas o suficiente para permitir que um pedacinho de papel passasse por ele e caísse no chão.

– Consegue sentir? – sussurrou Gareth.

Ela fez que sim, mesmo sem saber se ele se referia à madeira ou ao calor de suas mãos sobre as dela. A pele era morna e levemente áspera, como se não costumasse ver luvas. Mas o importante era o tamanho da mão, que cobria toda a dela.

Hyacinth se sentiu engolfada.

E, meu bom Deus, era só a mão dele.

– Devíamos colocar isto de volta no lugar – disse ela rapidamente, ávida por forçar a mente a se concentrar em qualquer outra coisa.

Estendendo a mão, girou a madeira. Era pouco provável que alguém notasse a mudança na face inferior do móvel, ainda mais levando em conta que o compartimento secreto permanecera invisível por mais de sessenta anos. De qualquer forma, achou mais prudente deixar tudo da forma que haviam encontrado.

Gareth fez sinal para que ela chegasse para o lado e empurrou a cristaleira outra vez contra a parede.

– Encontrou algo útil no bilhete?

– Bilhete? Ah, o bilhete – disse ela, sentindo-se a maior das idiotas. – Ainda

não. Mal consigo ler, só com o luar. Acha que seria seguro acender uma...

Ela se deteve, pois Gareth lhe tapara a boca.

Hyacinth ergueu a vista, de olhos arregalados. Com um dos dedos sobre os lábios, Gareth indicou a porta com a cabeça.

Então ela ouviu o movimento no corredor.

– É o seu pai? – articulou ela, logo que Gareth afastou a mão. Mas ele não a estava olhando.

Gareth se levantou e, silenciosamente, deslocou-se até a porta. Encostou o ouvido nela e, em menos de um segundo, deu um rápido passo atrás, virando a cabeça para a esquerda.

Num instante, ele a puxou para dentro de um armário grande e cheio de roupas. Estava escuro como breu e havia pouco espaço para se mexer. De um lado, Hyacinth era espremida de encontro ao que parecia um vestido de baile de brocado; de outro, era imprensada contra Gareth.

Achava que não sabia mais respirar.

Os lábios dele encontraram a sua orelha e ela sentiu as palavras, mais do que ouviu.

– Não diga uma palavra.

A porta que ligava o escritório ao corredor fez um clique e se abriu, e passos pesados atravessaram o assoalho.

Hyacinth prendeu a respiração. Seria o pai de Gareth?

– Mas que estranho – ouviu uma voz masculina. Parecia vir da direção da janela...

Ah, não. Haviam deixado as cortinas abertas.

Hyacinth apertou a mão de Gareth com força como se assim pudesse transferir essa informação a ele.

Quem quer que estivesse no quarto deu alguns passos, então parou. Apavorada com a perspectiva de ser pega, Hyacinth esticou o braço para trás, tentando calcular a profundidade do armário. A mão não encontrou outra parede, logo ela se remexeu entre dois vestidos e se escondeu atrás, dando um pequeno puxão na mão de Gareth antes de soltá-la, de forma que ele fizesse o mesmo. Não havia dúvida de que seus pés continuavam visíveis por debaixo das bainhas dos vestidos, mas pelo menos agora, se alguém abrisse a porta, o rosto não estaria bem ali, na altura dos olhos.

Hyacinth ouviu uma porta se abrir e se fechar, mas logo os passos se deslocaram outra vez pelo corredor. O homem que se encontrava no cômodo obviamente acabara de espiar para dentro do quarto da baronesa, que Gareth lhe dissera ser ligado ao pequeno escritório.

Hyacinth engoliu em seco. Se ele se dera o trabalho de inspecionar o quarto de dormir, então o armário viria em seguida. Enfiou-se ainda mais no armário, movendo-se até o ombro encostar na parede. Gareth estava bem ao seu lado e logo a puxava para si, deslocando-a para o canto antes de cobrir o corpo dela com o seu.

Ele a estava protegendo. Se o armário fosse aberto, só o corpo dele estaria visível.

Hyacinth ouviu passos se aproximarem. A maçaneta estava frouxa e chacoalhou quando uma mão pousou sobre ela.

Hyacinth se agarrou a Gareth, puxando o seu paletó pelas pregas laterais. Ele estava próximo, escandalosamente próximo, com as costas de tal forma pressionadas que ela podia sentir toda a extensão de seu corpo, dos joelhos até os ombros.

E tudo o mais que havia entre uns e outros.

Ela se forçou a respirar de modo sereno e silencioso. A posição em que se encontrava, a combinação de medo e de alerta, a proximidade do corpo quente dele... Ela se sentiu estranha, tonta, quase como se estivesse de alguma forma suspensa no tempo, pronta para levitar e flutuar para longe.

Seu bizarro desejo era chegar ainda mais perto, aproximar o quadril e abraçá-lo. Estava no armário de uma estranha no meio da noite e, no entanto, até mesmo paralisada de pavor, não pôde se furtar de sentir outra coisa... algo mais poderoso do que o medo. Era excitação, emoção, algo de fazer girar a cabeça, uma novidade que levava o seu coração a disparar, o sangue a ribombar pelas veias e...

E algo mais. Algo que não estava exatamente pronta para analisar ou nomear.

Hyacinth mordeu o lábio.

A maçaneta girou.

Seus lábios se entreabriram.

A porta se abriu.

E então fechou-se outra vez. Hyacinth despencou contra a parede dos fundos

e sentiu Gareth ceder também. Não sabia como não haviam sido pegos. Provavelmente Gareth estava mais bem protegido pelas roupas do que ela julgara. Ou, talvez, a luz fosse tênue demais ou o homem não pensara em olhar para baixo, em busca de pés se projetando de trás dos vestidos. Ou a sua visão fosse ruim ou...

Quem sabe eles só haviam tido uma tremenda sorte.

Aguardaram em silêncio até se certificarem de que o homem havia deixado o escritório da baronesa e, em seguida, esperaram mais uns cinco minutos, por via das dúvidas. Hyacinth aguardou nos fundos até ouvi-lo sussurrar:

– Vamos.

Ela o seguiu em silêncio, caminhando furtivamente pela casa até a janela do ferrolho quebrado. Gareth saltou para fora, então estendeu as mãos para que ela pudesse se equilibrar contra o muro e fechar a janela antes de pular ao chão.

– Siga-me – ordenou Gareth, tomando-lhe a mão e a puxando enquanto corria pelas ruas de Mayfair.

Hyacinth foi tropeçando atrás dele e, a cada passo dado, uma parte do temor que se apossara dela dentro do armário foi sendo substituído pela animação.

Pela euforia.

Quando chegaram à Hay Hill, Hyacinth sentia que estava prestes a gargalhar. Por fim, teve que fincar os pés no chão e pedir:

– Pare! Não consigo respirar.

Gareth obedeceu, mas a fitou com olhos severos.

– Preciso levá-la até em casa.

– Eu sei, eu sei, eu...

Os olhos dele se arregalaram.

– Você está rindo?

– Não! Sim. Quer dizer... – Ela sorriu, impotente. – É possível que sim.

– Você é louca.

Hyacinth assentiu, ainda sorrindo como uma tola.

– Acho que sim.

Ele pôs as mãos na cintura.

– Você não tem juízo? Nós poderíamos ter sido pegos. Era o mordomo do meu pai e, acredite, ele nunca teve senso de humor. Se tivesse nos descoberto, meu pai teria nos atirado na cadeia e os seus irmãos nos teriam arrastado direto

para uma igreja.

– Eu sei – disse Hyacinth, tentando se mostrar apropriadamente solene.

E fracassou. Lastimavelmente.

Por fim, desistiu e perguntou:

– Mas não foi divertido?

Por um instante, não achou que ele fosse responder. Por um instante, teve a impressão de que ele só iria fitá-la com uma expressão entorpecida, estupefata. Mas, logo, ouviu a sua voz, grave e incrédula:

– Divertido?

Ela fez que sim.

– Um pouquinho, pelo menos.

Hyacinth pressionou os lábios, esforçando-se para segurar o riso. Tentava fazer qualquer coisa para não cair na gargalhada.

– Você é louca – disse ele, com uma expressão severa e chocada e, ao mesmo tempo, doce. – Você é louca de pedra. Todo mundo me disse isso, mas não acreditei de verdade...

– Alguém lhe disse que eu era louca?

– Excêntrica.

– Oh. – Ela franziu os lábios. – Bem, isso é verdade, suponho.

– Trabalho demais para um homem são.

– É isso que dizem? – perguntou ela, começando a se sentir um pouco menos lisonjeada.

– Isso tudo e mais um pouco.

Hyacinth pensou naquilo por um momento, então simplesmente deu de ombros.

– Bem, eles não têm o menor bom senso, nenhum deles.

– Meu Deus, você fala igualzinho à minha avó.

– Você já mencionou isso. – Hyacinth não conseguiu resistir e perguntou: – Mas, diga-me... – começou ela, aproximando-se dele só um pouco. – Não achou nem um pouquinho emocionante? Depois que o medo de sermos descobertos se esvaiu e você soube que não seríamos notados? Não foi só um pouquinho maravilhoso? – indagou ela, as palavras saindo como um suspiro.

Ele a encarou. Não sabia se era o luar ou apenas a sua imaginação desejosa, mas Hyacinth pensou ter visto algo luzir nos olhos dele. Algo de delicado, algo

só um pouco indulgente.

– Um pouco – concordou ele. – Mas só um pouco.

Hyacinth sorriu.

– Eu sabia que você não era um homem pedante.

Ele a fitou com uma irritação palpável. Ninguém nunca o acusara de ser um chato.

– Pedante? – indagou ele, aborrecido.

– Enfadonho.

– Eu tinha entendido.

– Então por que perguntou?

– Porque você, Srta. Bridgerton...

E assim foram conversando pelo resto do caminho.

CAPÍTULO 10

Na manhã seguinte, Hyacinth continua de ótimo humor. Infelizmente, a mãe comentou sobre isso tantas vezes durante o desjejum que, por fim, ela se viu forçada a se refugiar no quarto.
Violet Bridgerton é uma mulher excepcionalmente astuta, afinal, e logo pode descobrir que Hyacinth está se apaixonando.
Provavelmente até mesmo antes de Hyacinth.

Hyacinth cantarolava baixinho, sentada à pequena escrivaninha do quarto, tamborilando no mata-borrão. Havia traduzido e retraduzido o bilhete encontrado na noite anterior e ainda não estava satisfeita com o resultado, embora nem isso fosse o bastante para desanimá-la.

Ficara um pouco desapontada, é claro, por não terem encontrado os diamantes, mas o bilhete da cristaleira parecia indicar que as joias ainda não tinham sido pegas. No mínimo, ninguém mais conseguira seguir o rastro de pistas deixado por Isabella.

A maior felicidade de Hyacinth era ter uma tarefa, um objetivo, algum tipo de missão. Adorava o desafio de solucionar um quebra-cabeça, de analisar uma pista. E Isabella Marinzoli St. Clair transformara o que certamente teria sido uma temporada enfadonha e banal na primavera mais emocionante da vida de Hyacinth.

Voltou a fitar o bilhete, retorceu a boca enquanto se esforçava para retornar a sua tarefa. Em uma estimativa otimista, concluíra setenta por cento do trabalho, mas achava que chegara a uma tradução adequada o suficiente para justificar mais uma tentativa. A pista seguinte – ou os próprios diamantes, se estivessem com sorte – devia estar na biblioteca.

– Num livro, imagino – murmurou ela, olhando pela janela, mas sem nada enxergar, na realidade.

Pensou na biblioteca da família, escondida na casa do irmão na Grosvenor

Square. O aposento em si não era incrivelmente grande, mas as estantes iam do chão ao teto.

E os livros enchiam as prateleiras. Cada centímetro delas.

– Talvez os St. Clairs não sejam muito de ler – disse ela, baixinho, voltando a atenção mais uma vez para o bilhete de Isabella.

Naquelas palavras enigmáticas, devia haver uma pista do livro que servia de esconderijo. Algo de científico, estava quase certa. Isabella tinha sublinhado parte do bilhete, e Hyacinth achava que se referia a um título, pois não parecia fazer sentido, dentro do contexto, que fosse uma ênfase. E a parte que ela sublinhara mencionava água e “coisas que se movem”, o que soava um pouco como física. Não que Hyacinth já houvesse estudado física, mas tinha quatro irmãos que foram para a universidade e os escutara estudar, tendo uma vaga noção do que se tratava a matéria.

Ainda assim, não estava satisfeita com a tradução. Talvez, se a levasse a Gareth, ele conseguiria decifrar algo que ela não havia percebido. Afinal, estava mais familiarizado com a Casa Clair. Talvez soubesse de algum livro estranho ou interessante, algo de único ou extraordinário.

Gareth.

Ela sorriu para si mesma, um sorriso torto e tolo. Preferia morrer antes de permitir que outra pessoa o visse.

Algo importante acontecera na noite anterior. Algo especial.

Gareth gostava dela. Gostava dela de verdade. Haviam rido e tagarelado o caminho todo até em casa. E, quando a deixara na entrada de serviço, ele a olhara daquele jeito intenso, com as pálpebras pesadas. Também tinha sorrido, erguendo um dos cantos da boca, como se guardasse um segredo.

Ela estremeceu. Chegara a se esquecer de como falar. E se perguntara se ele a beijaria outra vez – o que, obviamente, não havia feito, mas...

Quem sabe em breve.

Não tinha a menor dúvida de que o levara à loucura. Mas ela parecia levar todo mundo à loucura, então era melhor não dar muita importância a isso.

Mas ele gostava dela. E respeitava a sua inteligência. De vez em quando, Gareth se mostrava relutante em demonstrar isso... mas, bem, Hyacinth tinha quatro irmãos e já aprendera que só um milagre os faria admitir que uma mulher poderia ser mais inteligente em qualquer assunto além de tecidos, sabonetes

perfumados e chá.

Consultou o relógio sobre o console da pequena lareira. Já passava do meio-dia. Gareth prometera que viria vê-la à tarde para saber como estava progredindo com o bilhete. Provavelmente só chegaria no mínimo às duas, embora já fosse de tarde...

Seus ouvidos se aguçaram. O que fora aquilo, alguém à porta? Seu quarto ficava na parte frontal da casa, logo costumava ouvir quando alguém entrava ou saía.

Hyacinth se levantou e foi até a janela, espiando de trás das cortinas para ver se havia alguém na escada que levava à porta da frente.

Nada.

Foi até a porta e a abriu apenas o bastante para poder escutar.

Nada.

Deu um passo para fora do quarto, o coração ribombando de expectativa. Na verdade, não havia motivo para estar nervosa, mas não conseguira parar de pensar em Gareth e nos diamantes e...

– Hyacinth, o que você está fazendo?

Ela quase morreu de susto.

– Desculpe – disse Gregory, seu irmão, não parecendo lamentar nem um pouco.

Estava de pé bem atrás dela, com os cabelos castanho-avermelhados bagunçados pelo vento e cortados só um pouco longos demais.

– Não faça isso – reclamou ela, pondo a mão no peito, como se pudesse apaziguar o coração.

Ele se limitou a cruzar os braços e a apoiar um dos ombros na parede.

– É o que faço de melhor – replicou ele com um sorriso.

– *Eu* não me gabaria de algo assim.

Ele a ignorou e tratou de retirar um fiapo de tecido imaginário da manga do paletó de montaria.

– Por que você estava andando de forma tão furtiva?

– Eu não estava andando de forma furtiva.

– É claro que estava. É o que você faz de melhor.

Ela fuzilou o irmão com os olhos, embora já o conhecesse muito bem. Gregory era dois anos e meio mais velho e vivia para irritá-la. Sempre tinha sido

assim. Os dois estavam um pouco afastados do resto da família em termos de idade. Gregory era quase quatro anos mais novo do que Francesca e dez anos mais novo do que Colin, o próximo irmão mais novo. Portanto, ele e Hyacinth sempre haviam ficado um pouco à parte, agindo quase que como uma dupla.

Uma dupla dada a discussões, cutucões e implicâncias, mas uma dupla, ainda assim. Embora já tivessem amadurecido e não pregassem mais as grandes peças de antigamente, nenhum dos dois resistia a alfinetar o outro.

– Achei ter ouvido alguém chegar – disse Hyacinth.

Ele sorriu, afável.

– Fui eu.

– Já percebi. – Ela abriu a porta. – Se me der licença...

– Você está agitada hoje.

– Eu não estou agitada.

– É claro que está. É...

– *Não* é o que eu faço de melhor – interrompeu Hyacinth de má vontade.

Ele sorriu.

– Você está definitivamente agitada.

– Eu...

Ela trincou os dentes. Não ia se rebaixar ao comportamento de uma criança de 3 anos.

– Vou voltar para o meu quarto agora. Tenho um livro para ler.

Antes que pudesse escapar, ouviu o irmão dizer:

– Vi você com Gareth St. Clair numa noite dessas.

Hyacinth gelou. Não era possível que ele soubesse... Ninguém os vira. Sabia disso.

– Na Casa Bridgerton – continuou Gregory. – Num dos cantos do salão de baile.

Hyacinth soltou o ar e se virou para ele. O irmão a encarava com um sorriso espontâneo, mas ela percebeu que havia algo mais em sua expressão, uma certa astúcia nos olhos.

Gregory não era nenhum idiota, apesar de se portar de forma contrária. E parecia achar que a sua função na vida era tomar conta da caçula. Talvez por ser o segundo mais novo e por ela ser a única com quem podia assumir um papel de superioridade. O resto dos irmãos não engoliria bem isso.

– Sou amiga da avó dele – retrucou Hyacinth, já que isso lhe pareceu ser satisfatoriamente neutro. – Você sabe disso.

Ele deu de ombros; era um gesto que os dois compartilhavam. Às vezes, Hyacinth tinha a sensação de estar se olhando no espelho, o que parecia loucura, já que ele era 30 centímetros mais alto.

– Vocês pareciam estar muito entretidos conversando sobre alguma coisa.

– Nada pelo que você se interessaria.

Uma das sobrancelhas dele se arqueou.

– Talvez eu a surpreenda.

– Isso é raro.

– Está se interessando por ele?

– Isso não é da sua conta – replicou ela acidamente.

Gregory se mostrou triunfante.

– Então é porque *está*.

Hyacinth ergueu o queixo, olhando o irmão bem nos olhos.

– Eu não sei – respondeu.

Apesar das constantes discussões, Gregory provavelmente a conhecia melhor do que qualquer pessoa no mundo. E saberia se ela estivesse mentindo.

Ele a torturaria até ouvir a verdade, de qualquer forma.

As sobrancelhas de Gregory sumiram por debaixo da franja, que estava longa demais e vivia caindo em seus olhos.

– É mesmo? Ora, *isso* é uma novidade.

– Guarde só para você. Na verdade, nem se trata de uma novidade. Não decidi nada ainda.

– Ainda assim...

– Estou falando sério, Gregory. Não me faça lamentar ter me aberto com você.

– Mas quanta falta de fé...

A insolência da resposta não a deixou nem um pouco confiante. Com as mãos no quadril, ela disse:

– Só lhe contei porque, de vez em quando, você não é um idiota completo. E, apesar de todo o bom senso, eu o amo.

Ele ficou sério. Hyacinth lembrou que, apesar das tentativas estúpidas (na opinião dela) de se portar como um alegre vadio, Gregory era bastante

inteligente e dono de um coração de ouro.

De um *tortuoso* coração de ouro.

– E não esqueça – Hyacinth achou necessário acrescentar – que eu disse *talvez*.

Ele franziu a testa.

– Disse?

– Se não disse, era para ter dito.

Ele fez um gesto magnânimo com a mão.

– Se houver algo que eu possa fazer...

– Nada – replicou ela firmemente, aterrorizada com a possibilidade de Gregory se meter na sua vida. – Nada *mesmo*. Por favor.

– Um desperdício dos meus talentos.

– *Gregory!*

– Bem – disse ele, com um suspiro afetado –, pelo menos você tem a minha aprovação.

– Por quê? – perguntou Hyacinth, desconfiada.

– Seria um belo casal. Pense só nos filhos.

Ela sabia que ia se arrepender, mas, ainda assim, teve que perguntar:

– Que filhos?

Ele abriu um sorriso torto.

– *Off lindof filhinhof de língua presa que vocêf poderiam ter juntof. Gareff e Hyafinff. Hyafinff e Gareff. E af fublime crianfinhaf Faint Clair*.

Hyacinth o fitou como se ele fosse um idiota. O que ele era, na verdade.

– Não sei como a mamãe conseguiu dar à luz sete filhos perfeitamente normais e uma aberração.

– *O berfário fica por aqui*. – Gregory ria enquanto ela entrava no quarto. – *Off delifiosof Farinha e Famuel Faint Clair. Ah, fim, e não nof esquefamof da pequenina Fusannah!*

Hyacinth fechou a porta na cara dele, mas a madeira não era espessa o bastante para abafar o seu golpe final.

– Você é um alvo tão fácil, Hy... Não se esqueça de descer para o chá.

Uma hora mais tarde, Gareth está prestes a aprender o que significa pertencer a uma família numerosa, para a alegria ou para a dor.

– A Srta. Bridgerton está tomando chá – informou o mordomo, após permitir a entrada de Gareth no vestíbulo.

Gareth seguiu o homem pelo corredor até a mesma sala de estar rosa e creme na qual se encontrara com Hyacinth na semana anterior.

Meu Deus, fazia só uma semana? Parecia ter passado uma vida.

Bem, andar furtivamente por aí, desrespeitar as leis e quase arruinar a reputação de uma jovem digna costumava envelhecer um homem antes do tempo.

O mordomo entrou no aposento, entoou o nome de Gareth e chegou para o lado, de forma que ele pudesse entrar.

– Sr. St. Clair!

Surpreso, Gareth se viu frente a frente com a mãe de Hyacinth sentada num sofá listrado, pousando a xícara num pires. Não soube dizer *por que* se surpreendeu; era normal ela estar em casa àquela hora da tarde. Mas só havia imaginado encontrar Hyacinth.

– Lady Bridgerton – cumprimentou ele, fazendo uma educada reverência. – É um prazer vê-la.

– Conhece o meu filho?

Filho? Gareth nem reparou que havia mais alguém no aposento.

– Meu irmão, Gregory – ouviu a voz de Hyacinth.

Ela estava sentada em frente à mãe, num sofá combinando. Inclinou a cabeça em direção à janela, onde Gregory Bridgerton se achava de pé, analisando-o com um assustador meio sorriso afetado de um irmão mais velho. Provavelmente, Gareth também faria essa expressão se tivesse uma irmã mais nova para torturar e proteger.

– Já nos conhecemos – disse Gregory.

Gareth fez que sim. Seus caminhos haviam se cruzado algumas vezes na cidade e eles até mesmo tinham estudado em Eton na mesma época. Mas Gareth era bem mais velho, logo não se conheciam muito bem.

– Bridgerton – murmurou Gareth, meneando a cabeça para o outro.

Gregory atravessou a sala e se esparramou ao lado da irmã.

– Que bom vê-lo. Hyacinth diz que você é o amigo especial dela.

– Gregory! – exclamou Hyacinth, e se virou rapidamente para Gareth. – Eu não disse nada do tipo.

– Estou de coração partido.

Hyacinth o encarou com uma expressão ligeiramente enfurecida, então se voltou para o irmão.

– Pare com isso.

– Não quer tomar um chá, Sr. St. Clair? – perguntou Lady Bridgerton, colocando de lado a discussão dos filhos. – Trata-se de um *blend* especial que adoro.

– Eu ficaria encantado.

Gareth se sentou na mesma cadeira que escolhera da última vez, em grande parte porque o deixava mais distante de Gregory – embora não soubesse qual Bridgerton estaria mais apto a despejar sem querer chá escaldante em seu colo.

De qualquer forma, era uma posição ingrata: como todos os Bridgertons estavam nos sofás, ele parecia ser um patriarca, sentado à cabeceira da mesa de centro baixa.

– Leite? – indagou Lady Bridgerton.

– Obrigado – respondeu Gareth. – Sem açúcar, por favor.

– Hyacinth toma o dela com três gotas – comentou Gregory, estendendo a mão para um biscoito amanteigado.

– Por que ele se importaria com isso? – questionou Hyacinth entre os dentes.

– Bem – começou Gregory, mastigando o biscoito –, ele é o seu amigo especial.

– Não é... – Ela se virou para Gareth. – Ignore-o.

Era muito irritante ser o alvo da condescendência de um rapaz mais novo. Ao mesmo tempo, Gregory estava se saindo muito bem em exasperar Hyacinth, uma façanha que Gareth só podia aprovar.

Assim, decidiu ficar de fora e se virou para Lady Bridgerton, que, por acaso, era a pessoa mais próxima dele.

– E como está a senhora esta tarde?

Lady Bridgerton abriu um pequeno sorriso enquanto lhe passava a xícara de chá.

– Eis um homem inteligente – murmurou ela.

– Autopreservação, na verdade – comentou ele, evasivo.

– Não diga isso. Eles não seriam capazes de machucá-lo.

– Não, mas eu seria ferido em meio ao tiroteio.

Gareth ouviu um pequeno arquejo e viu que o olhar de Hyacinth se assemelhava a adagas, cravado nele. Gregory sorria.

– Desculpe-me – disse ele, mais por educação, pois não se lamentava nem um pouco.

– Sua família não é numerosa, certo, Sr. St. Clair? – perguntou Lady Bridgerton.

– Não – respondeu ele tranquilamente, tomando um gole do chá, que era de excelente qualidade. – Éramos só eu e meu irmão.

Ele se deteve, piscando, assolado pela onda de tristeza que sempre vinha quando pensava em George.

– Ele faleceu no ano passado.

– Oh! – exclamou Lady Bridgerton, tapando a boca. – Sinto muito. Havia me esquecido por completo. Perdoe-me, por favor. E aceite os meus mais profundos pêsames.

O pedido de desculpas foi tão natural, e as condolências, tão sinceras, que Gareth quase sentiu necessidade de consolá-la. Olhou bem nos seus olhos e se deu conta de que ela o compreendia.

A maioria das pessoas não havia compreendido. Os amigos tinham lhe dado um tapinha canhestro nas costas, mas não entenderam. Talvez a vovó Danbury tivesse entendido – também chorara a perda de George. Mas isso era diferente, pois ele e a avó eram muito próximos. Já Lady Bridgerton era praticamente uma estranha e, no entanto, se importava.

Tratava-se de uma situação comovente e quase desconcertante. Gareth não conseguia se lembrar da última vez em que alguém lhe falara de forma sincera.

Isso sem contar Hyacinth, é claro. Ela sempre dizia o que lhe vinha à cabeça. Mas, ao mesmo tempo, nunca se revelava por completo, nunca se mostrava vulnerável.

Olhou em sua direção. Hyacinth estava sentada bem ereta, as mãos entrelaçadas elegantemente sobre o colo, observando-o com uma expressão curiosa.

Não podia culpá-la: ele era exatamente igual.

– Obrigado – agradeceu, voltando-se outra vez para Lady Bridgerton. – George foi um irmão excepcional e o mundo ficou mais triste com a sua partida.

Lady Bridgerton permaneceu em silêncio por um momento, então, como se

pudesse ler a mente dele, sorriu e disse:

– Mas, neste momento, é melhor não se alongar nesse assunto. Falemos de outra coisa.

Gareth olhou para Hyacinth, que permanecia imóvel. Dava para ver que ela respirava com impaciência. Havia trabalhado na tradução e sem dúvida desejava lhe contar o que descobrira.

Gareth conteve um sorriso. Estava quase certo de que Hyacinth se fingiria de morta se, assim, conseguisse ficar a sós com ele.

– Lady Danbury fala muito bem a seu respeito – comentou Lady Bridgerton.

– Tenho a sorte de ser seu neto.

– Sempre gostei da sua avó – disse Violet, bebericando o chá. – Sei que ela mete medo em metade de Londres...

– Ah, mais do que isso – falou Gareth, jovial.

Lady Bridgerton deu uma risadinha.

– Ou assim ela gostaria.

– De fato.

– Eu, no entanto, sempre a achei muito encantadora – continuou Violet. – Uma lufada de ar fresco, na verdade. E, é claro, muito astuta e com um caráter bastante confiável.

– Eu lhe mandarei suas lembranças.

– Ela fala muito bem a seu respeito – disse Lady Bridgerton.

Gareth não soube dizer se a repetição fora acidental ou deliberada, mas seu sentido era muito claro. Daria no mesmo levá-lo até um canto e lhe oferecer dinheiro para que pedisse a filha em casamento.

É claro que Lady Bridgerton não sabia que seu pai não era, de fato, lorde St. Clair ou que Gareth não conhecia o pai. Por mais encantadora e generosa que fosse a mãe de Hyacinth, duvidava muito que o trataria com tanta atenção se soubesse que ele provavelmente trazia nas veias o sangue de um lacaio.

– Minha avó também fala muito bem a seu respeito – respondeu Gareth. – Trata-se de um grande elogio, pois ela raramente fala bem de quem quer que seja.

– Sem contar Hyacinth – acrescentou Gregory.

Gareth se virou para ele; quase se esquecera da presença do jovem.

– É claro – concordou afavelmente. – Minha avó adora a sua irmã.

Gregory se voltou para Hyacinth.

– Ainda lê para ela às quartas-feiras?

– Terças – corrigiu Hyacinth.

– Ah. *Defculpe*.

Gareth piscou, aturdido. Será que o irmão de Hyacinth tinha a língua presa? Ele pensou ver Hyacinth dar uma cotovelada nas costelas de Gregory.

– Sr. St. Clair... – disse ela.

– Sim? – murmurou ele, mais para ser gentil. Hyacinth hesitou e Gareth teve a sensação de que ela falara o seu nome sem pensar em algo para lhe perguntar.

– Soube que é um espadachim de grande competência.

Ele a olhou, curioso. Onde será que queria chegar com aquilo?

– Gosto de esgrimir, é verdade.

– Eu sempre quis aprender.

– Minha nossa – grunhiu Gregory.

– Eu seria muito boa – protestou ela.

– Estou certa de que seria. – concordou o irmão. – Por isso nunca deveriam permitir que você chegasse a 10 metros de um florete. – Ele se virou para Gareth. – Ela é um tanto diabólica.

– Sim, já notei – murmurou Gareth.

Gregory deu de ombros, pegando outro biscoito amanteigado.

– Deve ser por isso que não conseguimos casá-la.

– Gregory! – exclamou Hyacinth.

Lady Bridgerton só não falou nada porque já pedira licença e seguira um dos lacaios até o corredor.

– É um elogio! – protestou Gregory. – Você é mais inteligente do que qualquer um dos pobres tolos que tentaram cortejá-la. Você não esperou a vida toda para que eu admitisse?

– Você pode achar difícil de acreditar, mas eu não me deito toda noite pensando: *Oh, como eu gostaria que meu irmão me fizesse algo que a sua mente deturpada acredita ser um elogio*.

Gareth engasgou com o chá e Gregory se virou para ele.

– Entende agora por que a chamo de diabólica?

– Recuso-me a comentar – disse Gareth.

– Olhem quem está aqui! – veio a voz de Lady Bridgerton. E bem a tempo,

pensou Gareth. Mais dez segundos e Hyacinth teria assassinado o irmão com grande satisfação.

Gareth se virou para a porta e, imediatamente, se pôs de pé. Atrás de Lady Bridgerton estava uma das irmãs mais velhas de Hyacinth, a que se casara com um duque. Ou, pelo menos, ele achava que fosse. Todas se pareciam irritantemente umas com as outras e ele não tinha como saber ao certo.

– Daphne! – exclamou Hyacinth. – Venha se sentar ao meu lado.

– Não tem lugar ao seu lado – replicou Daphne, piscando em sinal de confusão.

– Vai ter – garantiu Hyacinth com um exultante veneno –, assim que Gregory se levantar.

Ele fez um exagerado teatro para oferecer o assento à irmã mais velha.

– Filhos... – falou Lady Bridgerton com um suspiro ao reassumir o seu lugar. – Nunca sei se fico feliz por tê-los.

Apesar da fala, havia humor e amor em sua voz. Gareth se viu bastante cativado. O irmão de Hyacinth era uma praga ou, pelo menos, assim se portava quando Hyacinth estava por perto. Nas poucas vezes em que escutara mais de dois Bridgertons participarem da mesma conversa, eles se atropelavam e raramente resistiam ao impulso de trocar alfinetadas zombeteiras.

Mas se amavam. Quando se tirava o barulho, isso ficava espantosamente claro.

– É um prazer vê-la, Sua Graça – disse Gareth assim que a duquesa se sentou ao lado de Hyacinth.

– Por favor, me chame de Daphne – pediu ela com um sorriso radiante. – Não há necessidade de ser tão formal se é amigo de Hyacinth. Além do mais – acrescentou ela, pegando uma xícara e se servindo de chá –, não consigo me sentir duquesa na sala de estar da minha mãe.

– Como se sente, então?

– Hmmm. – Ela tomou um gole do chá. – Apenas como Daphne Bridgerton, suponho. É difícil se livrar do sobrenome neste clã. Em espírito, pelo menos.

– Espero que isso seja um elogio – observou Lady Bridgerton.

Daphne sorriu para a mãe.

– Temo dizer que jamais escaparei de você. – Ela se virou para Gareth. – Nada como a própria família para nos fazer sentir que nunca crescemos.

Gareth pensou em seu recente encontro com o barão e disse, talvez com mais emoção do que deveria verbalizar:

– Sei exatamente o que quer dizer.

– Imagino que saiba.

Gareth ficou em silêncio. Seu afastamento do barão era, certamente, bem conhecido do público, mesmo que não o motivo.

– Como vão as crianças, Daphne? – indagou Lady Bridgerton.

– Travessas como sempre. David quer um cachorrinho, de preferência um que chegue até o tamanho de um pequeno pônei, e Caroline está morrendo de vontade de retornar à casa de Benedict. – Ela bebericou o chá e se virou para Gareth. – Minha filha passou três semanas com meu irmão e a família no mês passado. Ele vem lhe dando aulas de desenho.

– É um artista de renome, não é mesmo?

– Tem dois quadros na National Gallery – disse Lady Bridgerton, radiante de orgulho.

– Mas ele raramente vem à cidade – comentou Hyacinth.

– Ele e a esposa preferem a paz do campo – retrucou a mãe, com uma leve firmeza que indicava que ela não desejava discutir mais o assunto.

Pelo menos não na frente de Gareth.

Ele tentou recordar se já ouvira algum tipo de escândalo relacionado a Benedict Bridgerton. Achava que não, mas, pensando bem, Gareth era pelo menos uma década mais novo e, se houvesse algo inadequado em seu passado, provavelmente teria ocorrido antes de Gareth se mudar para a cidade.

Ele olhou para Hyacinth, querendo ver como reagiria às palavras da mãe. Não fora uma repreensão, mas Violet desejara impedir que a filha fizesse qualquer outro comentário.

Porém Hyacinth não se mostrou ofendida. Olhando pela janela, franziu ligeiramente a testa.

– Está quente lá fora? – perguntou à irmã. – Parece estar fazendo sol.

– E está mesmo – confirmou Daphne, bebericando o chá. – Caminhei até aqui da Casa Hastings.

– Eu adoraria sair para uma caminhada – comentou Hyacinth.

Em um segundo, Gareth reconheceu a sua deixa.

– Eu ficaria encantado em acompanhá-la, Srta. Bridgerton.

– É mesmo? – disse Hyacinth com um estonteante sorriso.

– Eu saí esta manhã – comentou Lady Bridgerton – e o açafrão está em flor no parque. Um pouco depois da Casa da Guarda.

Gareth quase sorriu. A Casa da Guarda ficava na extremidade oposta do Hyde Park. Precisariam andar metade da tarde para ir até lá e voltar.

Ele ficou de pé e lhe ofereceu o braço.

– Vamos ver o açafrão, então?

– Seria encantador. – Hyacinth ficou de pé. – Só preciso buscar a minha dama de companhia.

Gregory se afastou do parapeito da janela e sugeriu:

– Posso ir também.

Hyacinth o fuzilou com os olhos.

– Ou talvez não – murmurou ele.

– Preciso de você aqui, de qualquer forma – disse Lady Bridgerton.

– É mesmo? – Gregory sorriu inocentemente. – Por quê?

– Porque sim – respondeu ela entre os dentes.

Gareth se virou para Gregory.

– Sua irmã estará em segurança em minha companhia. Eu lhe dou a minha palavra.

– Ah, não estou preocupado com isso – falou Gregory com um sorriso afável. – A verdadeira questão é: você estará em segurança na companhia dela?

Ainda bem que Hyacinth já tinha deixado o aposento para pegar o casaco e buscar a dama de companhia. Senão, provavelmente mataria o irmão ali mesmo.

CAPÍTULO 11

Quinze minutos mais tarde, Hyacinth ignora por completo que sua vida esteja prestes a mudar.

– Sua dama de companhia é discreta? – indagou Gareth, tão logo ele e Hyacinth se viram na calçada, diante da casa.

– Ah, não se preocupe com Frances – respondeu Hyacinth, ajustando as luvas. – Ela e eu temos um acordo.

Ele ergueu as sobrancelhas numa indolente expressão de humor.

– Por que essas palavras, vindas dos seus lábios, enchem a minha alma de pavor?

– Não tenho a mínima ideia – falou Hyacinth com leveza –, mas garanto que ela não chegará a 5 metros de nós durante a nossa caminhada. Só precisamos comprar para ela uma latinha de balas de hortelã.

– Balas de hortelã?

– Ela se deixa subornar com facilidade – explicou Hyacinth, virando-se para olhar Frances, que já assumira a distância exigida do casal e, àquela altura, parecia bastante entediada. – As melhores damas de companhia são assim.

– Eu não saberia dizer – murmurou Gareth.

– *Isso* eu acho difícil de acreditar.

Ele provavelmente subornara damas de companhia de toda a Londres. Com a reputação que tinha, Gareth não poderia ter chegado à sua idade sem ter tido um caso amoroso com uma mulher que desejava mantê-lo em segredo.

Ele sorriu, enigmático.

– Um cavalheiro nunca conta nada.

Hyacinth decidiu não dar continuidade ao assunto. Não por não estar curiosa, é claro, mas por achar que ele falava a verdade e não deixaria escapar segredo nenhum, por mais prazerosos que fossem.

Para que gastar energia se não chegaria a lugar nenhum?

– Pensei que não escaparíamos nunca – comentou ela, tão logo alcançaram o fim da rua onde ela morava. – Tenho tanto para contar...

Ele se virou para ela com óbvio interesse.

– Conseguiu traduzir o bilhete?

Hyacinth olhou para trás. Mesmo tendo dito que Frances permaneceria afastada, era sempre bom verificar, em especial porque Gregory também era afeito a subornos.

– Consegui – respondeu ela, tão logo se certificou que não seriam ouvidos. – Bem, a maior parte, pelo menos. O bastante para saber que precisamos concentrar a nossa busca na biblioteca.

Gareth riu.

– Qual é a graça?

– Isabella era bem mais inteligente do que deixava transparecer. O marido dificilmente entraria na biblioteca, era o melhor aposento para se escolher. Com exceção do quarto de dormir, suponho, mas... – Ele a fitou com um olhar irritantemente paternal. – Não se trata de assunto apropriado para os seus ouvidos.

– Você é tão chato... – murmurou ela.

– Não estou acostumado a ser acusado disso – comentou ele com um sorriso de divertimento –, mas você faz aflorar o que há de melhor em mim.

Ele foi tão descaradamente sarcástico que Hyacinth não pôde fazer nada além de franzir a testa.

– A biblioteca, você diz... – refletiu Gareth, depois de desfrutar a angústia de Hyacinth. – Faz sentido. O pai de meu pai não era nenhum intelectual.

– Espero que isso queira dizer que não possuía muitos livros – disse Hyacinth. – Acho que ela deixou outra pista dentro de um deles.

– Estamos sem sorte – falou Gareth com uma careta. – Meu avô não era muito chegado em livros, mas se importava muito com as aparências, e nenhum barão que se preze teria uma casa sem uma biblioteca ou uma biblioteca sem livros.

Hyacinth deixou escapar um gemido.

– Precisaríamos de uma noite inteira para revistar uma biblioteca de verdade.

Ele lhe lançou um sorriso de compaixão e algo se agitou na barriga dela. Hyacinth abriu a boca para falar, mas só conseguiu inspirar, ainda se sentindo

estranhamente surpresa.

– Talvez, ao se ver lá dentro, você adivinhe – arriscou Gareth, encolhendo um dos ombros enquanto dobravam uma esquina e entravam na Park Lane. – Esse tipo de coisa acontece comigo o tempo todo. Normalmente, quando eu menos espero.

Hyacinth assentiu, ainda um pouco inquieta com a leve tontura que a tomara de assalto.

– Espero que isso aconteça – disse ela, forçando-se a focar no assunto que estava sendo discutido. – Mas Isabella foi um tanto misteriosa, sinto dizer. Ou... não sei... talvez não, e o problema sejam as palavras não traduzidas. Mas acho que não encontraremos os diamantes e, sim, outra pista.

– Por que diz isso?

– Estou quase certa de que devemos procurar na biblioteca, num livro específico. Como ela esconderia os diamantes entre as páginas?

– Ela pode ter tirado o miolo do livro. Criado um esconderijo.

Hyacinth ficou sem ar.

– Não pensei nisso. – Seus olhos se arregalaram de animação. – Vamos precisar redobrar nossos esforços. Acho que o livro terá um tópico científico.

– Isso limita bem as possibilidades. Já faz algum tempo que estive na biblioteca da Casa Clair, mas não me lembro de haver muita coisa relacionada a tratados científicos.

Hyacinth retorceu a boca enquanto tentava recordar as palavras precisas da pista.

– Tinha algo a ver com água. Mas não acho que seja biológico.

– Excelente trabalho. Caso eu ainda não tenha dito... muito obrigado.

Hyacinth quase tropeçou, de tão inesperado que foi o elogio.

– De nada – respondeu ela, tão logo se recuperou da surpresa inicial. – Estou adorando fazer esse trabalho. Para ser sincera, não sei o que vai ser de mim quando tudo isso terminar. O diário é uma distração encantadora.

– Do que você precisa se distrair?

Hyacinth pensou por um momento.

– Não sei – disse, por fim. Encarando-o, franziu a testa. – Não é triste?

Ele balançou a cabeça e abriu um sorriso, mas dessa vez não condescendente, nem mesmo seco. Foi apenas um sorriso.

– Suspeito que seja bastante normal.

Mas ela não estava tão convencida assim. Quando o diário e a busca das joias entraram na sua vida, Hyacinth notou que os seus dias sempre haviam sido iguais. As mesmas tarefas, as mesmas pessoas, a mesma comida, as mesmas paisagens.

Não se dera conta de quanto desejara desesperadamente uma mudança.

Talvez essa fosse mais uma maldição que devesse atribuir a Isabella Marinzoli St. Clair. Talvez Hyacinth não tivesse desejado uma mudança antes de começar a tradução. Talvez nem soubesse que desejava uma.

Mas agora... Depois disso...

Tinha a sensação de que nada seria igual.

– Quando voltaremos à Casa Clair? – perguntou, ansiosa por mudar de assunto.

Ele suspirou. Ou, talvez, tenha sido um gemido.

– Imagino que você não reagiria bem se eu dissesse que vou sozinho.

– Eu reagiria muito mal.

– Foi o que suspeitei. – Ele a olhou de soslaio. – Todo mundo na sua família é tão obstinado quanto você?

– Não – admitiu ela de bom grado –, embora cheguem perto. Minha irmã Eloise, especialmente. Você ainda não a conheceu. E Gregory. – Ela revirou os olhos. – Ele é um animal.

– Suponho que, o que quer que ele tenha feito, você deu o troco na mesma moeda, e multiplicado por dez?

Ela inclinou a cabeça para o lado, tentando parecer incrivelmente sarcástica e sofisticada.

– Não acredita que eu seja capaz de oferecer a outra face?

– Nem por um segundo.

– Muito bem, é verdade – reconheceu ela, dando de ombros. Não ia conseguir fingir por muito tempo, de qualquer forma. – Tampouco consigo ficar sentada durante um sermão.

Ele sorriu.

– Eu, tampouco.

– Mentiroso. Você nem tenta. Sei, de fonte segura, que você nunca vai à igreja.

– Fontes seguras andam me vigiando? – Ele abriu um sorriso débil. – Isso é muito tranquilizador.

– A sua avó.

– Ah, isso explica tudo. Você acreditaria se eu dissesse que a minha alma já está muito além da redenção?

– Certamente, mas isso não é motivo para nos fazer sofrer.

Ele a fitou com um brilho travesso nos olhos.

– É uma tortura tão profunda assim se ver na igreja sem a minha reconfortante presença?

– Você *sabe* o que eu quis dizer. Não é justo que eu precise frequentar a igreja se você não precisa.

– Desde quando somos uma dupla e temos que ser iguaizinhos? – indagou ele.

Isso a calou. Obviamente, Gareth continuou a amofiná-la:

– Sua família não foi muito sutil.

– Ah – disse ela, e não pôde conter um gemido. – *Aquilo*.

– Aquilo?

– *Eles*.

– Não são tão ruins assim.

– Não. Mas é necessário se acostumar. Suponho que deva me desculpar.

– Não é necessário – murmurou ele, embora ela suspeitasse que a frase não passasse de um chavão automático.

Hyacinth suspirou. Já estava afeita às tentativas desesperadas da família de casá-la, mas sabia que isso podia ser um pouco inquietante para o homem em questão.

– Se serve de consolo – começou ela, lançando-lhe um olhar de solidariedade –, você não é o primeiro cavalheiro que eles tentam atirar para cima de mim.

– Que fraseado mais encantador.

– Mas, se você parar para pensar, é bom acharem que estamos pensando em nos casar.

– Como assim?

Ela pensou furiosamente. Ainda não sabia se queria investir no seu interesse por ele, mas também não queria transparecer sua vontade. Pois, se Gareth a rejeitasse... bem, nada poderia ser mais brutal.

– Bem – começou ela, improvisando –, vamos ter que passar bastante tempo na companhia um do outro, pelo menos até o fim do diário. Se a minha família achar que há uma igreja ao término da jornada, é mais provável que não se preocupe.

Ele pareceu levar o argumento em consideração. Para a surpresa de Hyacinth, no entanto, Gareth não se pronunciou, então ela teve que falar, como se o assunto lhe fosse completamente indiferente:

– A verdade é que estão morrendo de vontade de se livrar de mim.

– Acho que você não está sendo justa com a sua família – disse ele baixinho.

Hyacinth ficou de queixo caído. Havia uma rispidez inesperada na sua voz.

– Ah... – Ela pestanejou, tentando se sair com um comentário apropriado. – Bem...

– Você tem muita sorte de tê-los – continuou ele, com um brilho estranho no olhar.

Ela se sentiu subitamente desconfortável. Gareth a olhava com tanta intensidade... Era como se o mundo estivesse desaparecendo à sua volta, mas só estavam no Hyde Park, pelo amor de Deus, falando sobre a família dela...

– Bem, sim – concordou ela, por fim.

– Eles a amam e querem o melhor para você – continuou Gareth, num tom áspero.

– Está dizendo que você é o melhor para mim? – zombou Hyacinth.

Precisava zombar. Não sabia de que outra forma reagir aos estranhos modos dele. Qualquer reação diferente seria muito reveladora.

E quem sabe a sua brincadeira não o faria revelar algo a seu respeito.

– Não foi o que eu quis dizer, e você sabe bem disso – retrucou ele, zangado.

Hyacinth deu um passo atrás.

– Desculpe – lamentou-se ela, perplexa.

Mas Gareth não havia terminado. Ele a encarou, os olhos luzindo com algo que ela jamais vira antes.

– Você devia dar graças a Deus por fazer parte de uma família tão grande e tão carinhosa.

– Eu dou. Eu...

– Faz ideia de quantas pessoas eu tenho neste mundo? – interrompeu ele, ficando desconfortavelmente próximo. – Faz ideia? Uma. Uma, apenas –

continuou, sem esperar a resposta dela. – Minha avó. E eu daria a vida por ela.

Hyacinth nunca o vira com aquele grau de paixão, nem mesmo sonhara que ele a possuísse. Costumava ser tão calmo, imperturbável... Até mesmo naquela noite, na Casa Bridgerton, quando o encontro com o pai o perturbara, ainda assim demonstrava certo ar de leveza. Então Hyacinth se deu conta do que havia de especial nele, o que o destacava dos demais... Gareth nunca se mostrava completamente sério.

Até aquele momento.

Ela não conseguiu desviar os olhos de seu rosto, nem quando ele se virou, exibindo-lhe apenas o perfil. Fitava algum ponto distante no horizonte, alguma árvore ou arbusto que, provavelmente, não conseguia nem mesmo identificar.

– Tem ideia do que significa ser só? – perguntou ele baixinho, ainda sem olhá-la. – Não por uma hora, não por uma noite, mas simplesmente saber, com absoluta certeza, que daqui a alguns anos você não terá ninguém.

Ela abriu a boca para responder “não, é claro que não”, mas percebeu que não havia ponto de interrogação ao final da frase dele.

Hyacinth ficou em silêncio, pois não sabia o que dizer. Reconheceu que, se dissesse alguma coisa, se tentasse sugerir que o compreendia, o momento seria perdido e ela jamais saberia o que ele estava pensando.

Fitando o rosto de Gareth, imerso em pensamentos, Hyacinth se deu conta de que queria, desesperadamente, saber o que ele pensava.

– Sr. St. Clair? – sussurrou, depois que um minuto se passou. – Gareth?

Ela viu os lábios se moverem antes de ouvir a sua voz. Um canto da boca se virou para cima num sorriso zombeteiro e ela teve a sensação de que ele aceitara o próprio azar, que estava pronto para abraçá-lo e se comprazer porque, se tentasse combatê-lo, apenas acabaria com o coração partido.

– Eu daria o mundo para ter mais uma pessoa pela qual daria a minha vida.

E então, de repente, Hyacinth viu que certas coisas apenas se sabem, e não há como explicá-las.

Naquele momento, ela soube que se casaria com aquele homem.

Ninguém mais serviria.

Gareth St. Clair compreendia o que era importante. Era engraçado e sarcástico e sabia ser arrogante, mas compreendia o que era importante.

E agora Hyacinth percebia a relevância disso para *ela*.

Queria dizer alguma coisa, fazer alguma coisa. Enfim tivera um estalo e sabia exatamente o que queria da vida. Teve a sensação de que devia mergulhar de cabeça e se certificar de que atingiria o seu objetivo.

Mas ficou paralisada, sem fala, enquanto observava Gareth. Havia algo no modo como tensionava o maxilar. Pareceu-lhe triste, atormentado. Hyacinth sentiu um impulso avassalador de estender a mão para tocá-lo, de deixar os dedos roçarem a sua face, de alisar as mechas louro-escuras do rabo de cavalo que caíam sobre o colarinho do paletó.

Mas não fez nada disso. Não era tão corajosa assim.

Ele se virou de repente, lançando um olhar pleno de força e clareza que lhe roubou o fôlego. Ela sentiu que só agora via o homem que existia por baixo da superfície.

– Vamos voltar? – perguntou Gareth, num tom leve e decepcionantemente normal.

O que quer que tivesse acontecido entre eles havia passado.

– É claro – respondeu Hyacinth. Não era o momento de pressioná-lo. – Quando vai querer voltar à Casa...

Ela parou de falar ao ver que Gareth se enrijecera, focando algo acima do ombro dela.

Hyacinth se virou para olhar o que lhe chamara a atenção.

Ela ficou sem ar: lorde St. Clair vinha descendo a trilha, caminhando na direção deles.

Olhou rapidamente ao redor. Estavam na parte menos elegante do parque, que não era lá muito cheia. Via alguns membros da alta sociedade do outro lado da clareira, embora ninguém estivesse próximo o bastante para entreouvir a conversa, caso Gareth e o pai conseguissem permanecer civilizados.

Hyacinth olhou de um para o outro e se deu conta de que nunca os vira juntos. Parte dela queria puxar Gareth para o lado e impedir um escândalo; a outra estava morta de curiosidade. Talvez finalmente conseguisse descobrir o motivo do afastamento dos dois.

Mas a escolha não era sua. A decisão tinha que ser de Gareth.

– Você quer ir? – perguntou, mantendo a voz baixa.

– Não – respondeu ele, a voz estranhamente contemplativa, o queixo um pouco erguido. – O parque é público.

– Tem certeza? – indagou Hyacinth, mas ele não a ouviu.

Provavelmente ele não teria ouvido um canhão ser detonado junto ao seu ouvido, de tão concentrado que estava no homem que vinha em sua direção com passos lentos e um ar de excessiva indiferença.

– Pai – disse Gareth, dando-lhe um sorriso untuoso. – Que prazer vê-lo.

Uma expressão de repugnância invadiu o rosto de lorde St. Clair antes que ele a reprimisse.

– Gareth – falou ele, a voz serena, correta e, na opinião de Hyacinth, completamente sem vida. – Que... estranho... vê-lo aqui com a Srta. Bridgerton.

Hyacinth virou a cabeça de supetão, traindo a sua surpresa. Ele dera muita ênfase ao seu nome. Ela não esperara ser arrastada para aquela batalha, mas parecia que, de alguma maneira, isso já havia acontecido.

– Conhece o meu pai? – perguntou Gareth, alongando cada sílaba. Apesar de dirigir a pergunta a ela, não tirou os olhos do rosto do barão.

– Já fomos apresentados – respondeu Hyacinth.

– É verdade – concordou lorde St. Clair, tomando a mão dela e se inclinando para beijar-lhe os nós dos dedos enluvados. – Sempre encantadora, Srta. Bridgerton.

Hyacinth ficou desconfiada, pois *sabia* que nem sempre era encantadora.

– Aprecia a companhia de meu filho? – perguntou-lhe lorde St. Clair, e Hyacinth notou mais uma vez que lhe faziam uma pergunta sem olhá-la diretamente.

– É claro – respondeu ela, alternando o olhar entre os dois homens. – É um acompanhante muito divertido. – Como não conseguisse resistir, acrescentou: – Deve estar muito orgulhoso dele.

Isso despertou a atenção do barão, que então se virou para ela, os olhos inquietos, sem o mínimo humor.

– Orgulhoso... – murmurou, os lábios se curvando num meio sorriso que ela achou bastante parecido com o de Gareth. – É um adjetivo interessante.

– Bastante objetivo, diria eu – disse Hyacinth, imperturbável.

– Nada é objetivo quando se trata do meu pai – comentou Gareth.

O olhar do barão se endureceu.

– O que o meu filho quer dizer é que sou capaz de perceber as nuances de uma situação... quando existem. – Ele se virou para Hyacinth. – Às vezes, minha

querida Srta. Bridgerton, as questões que se apresentam são preto no branco.

Ela olhou para ambos. De que diabos eles estavam falando?

Gareth apertou ainda mais o braço dela, mas falou em um tom leve e descontraído. Descontraído demais.

– Pelo menos uma vez na vida meu pai e eu estamos completamente de acordo. É com frequência que se pode enxergar o mundo com total clareza.

– Neste instante, talvez? – murmurou o barão.

Na verdade, não, Hyacinth sentiu vontade de responder. No que lhe dizia respeito, aquela era a conversa mais abstrata e turva que já presenciara na vida. Mas conteve a língua. Em parte porque realmente não lhe cabia dizer nada no momento, mas também porque não queria impedir o desenrolar da cena.

Virou-se para Gareth. Ele sorria, mas os olhos se mostravam frios.

– Acredito que, neste momento, as minhas opiniões estejam claras – disse ele baixinho.

E então, de súbito, o barão voltou de novo a atenção para Hyacinth.

– E você, Srta. Bridgerton? Enxerga as coisas em preto e branco ou o seu mundo é pintado em tons de cinza?

– Isso depende – respondeu ela, erguendo o queixo até conseguir olhá-lo diretamente nos olhos.

Lorde St. Clair era tão alto quanto Gareth e aparentava ser saudável e estar em boa forma. Suas feições eram agradáveis e supreendentemente joviais, com olhos azuis e maçãs do rosto saltadas e largas.

Mas Hyacinth desgostara dele logo de cara. Havia uma certa ira em seu rosto, algo de dissimulado e cruel.

Também não gostava do que ele provocava em Gareth.

Não que Gareth lhe tivesse dito qualquer coisa, mas via o mal-estar, claro como o dia, em seu rosto, em sua voz, até mesmo na forma de posicionar o queixo.

– Uma resposta muito diplomática, Srta. Bridgerton – comentou o barão, meneando a cabeça.

– Que engraçado, não costumo ser diplomática.

– Não mesmo, certo? – murmurou ele. – A senhorita é famosa pela extrema... franqueza.

Hyacinth estreitou os olhos.

– Com razão.

O barão riu.

– Apenas certifique-se de que possui todas as informações antes de formar as suas opiniões, Srta. Bridgerton. Ou... – ele inclinou a cabeça, fitando-a de maneira estranha e astuciosa – ... antes de tomar qualquer decisão.

Hyacinth abriu a boca para lhe dar uma resposta mordaz, uma que esperava poder inventar à medida que fosse falando, já que não tinha a menor ideia sobre o que ele tentava preveni-la. Mas, antes que pudesse falar, o aperto de Gareth em seu braço se tornou doloroso.

– É hora de irmos. Sua família está à espera.

– Dê-lhes as minhas lembranças – disse lorde St. Clair, fazendo uma pequena e elegante reverência. – São ótimos membros da alta sociedade. Estou certo de que querem o melhor para você.

Hyacinth se limitou a fitá-lo. Não fazia a menor ideia de qual era a mensagem subliminar da conversa, pois claramente não tinha todos os fatos. E odiava ser deixada no escuro.

Gareth puxou-lhe o braço com força, começando a se afastar. Hyacinth tropeçou numa elevação que havia no caminho ao tomar o lugar ao lado dele.

– O que foi *aquilo*? – indagou ela, sem ar após tentar manter o ritmo dele.

Gareth atravessava o parque numa velocidade que as suas pernas, mais curtas, não conseguiam acompanhar.

– Nada – respondeu ele, ríspido.

– Foi alguma coisa, sim.

Ela olhou por cima do ombro, para verificar se lorde St. Clair ainda estava à vista. Não estava. O movimento a desequilibrou, ela deu um passo em falso e caiu em cima de Gareth, que não se mostrou especialmente inclinado a tratá-la com ternura ou solicitude. Entretanto, parou por tempo o bastante para que Hyacinth recuperasse o equilíbrio.

– Não foi nada – insistiu ele, num tom áspero, brusco e com diversas nuances que ela nunca imaginou poder carregar.

Sabia que não deveria ter dito mais nada, porém nem sempre dava ouvidos aos próprios alertas. Enquanto ele a puxava, praticamente arrastando-a rumo ao leste, em direção a Mayfair, Hyacinth perguntou:

– O que nós vamos fazer?

Gareth parou tão de repente que ela quase se chocou contra ele.

– Fazer? Nós?

– Nós – confirmou ela, ainda que não com a firmeza pretendida.

– *Nós* não vamos fazer coisa alguma – retrucou ele, intensificando a rispidez da voz. – *Eu* vou caminhar de volta para a sua casa, deixá-la na porta da frente e, então, retornar para o meu apartamento e tomar um drinque.

– Por que você o odeia tanto? – indagou Hyacinth, num tom suave, mas direto.

Ele permaneceu em silêncio e ficou claro que não iria responder. Aquilo não era da conta dela, mas, ah, como queria que fosse.

– Deseja que eu a deixe em casa ou prefere caminhar com a sua dama de companhia? – perguntou Gareth por fim.

Hyacinth olhou por cima do ombro. Frances continuava atrás dela, próxima a um enorme olmo. Não lhe pareceu nem um pouco entediada.

Suspirou. Ia precisar de um bocado de balas de hortelã.

CAPÍTULO 12

Vinte minutos mais tarde, após uma caminhada longa e silenciosa.

Era impressionante, pensava Gareth, irritado consigo mesmo, como um encontro com o barão era capaz de estragar um dia perfeitamente agradável.

O problema não era tanto o barão. Claro que não tolerava o pai, mas não era isso que o incomodava, que o mantinha acordado à noite, remoendo a própria estupidez.

Odiava o que o barão provocava nele, o fato de uma conversa transformá-lo num estranho. Ou, se não num estranho, num fac-símile assustadoramente bom de Gareth William St. Clair... aos 15 anos. Pelo amor de Deus, já era um homem de 28 anos. Havia saído de casa e já deveria ter crescido, ser capaz de se comportar como um adulto durante uma conversa com o barão. Não deveria sentir nada. Nada.

Mas todas as vezes ficava com raiva. E falava de forma mordaz, só pelo prazer de provocar. Era grosseiro e imaturo; tratava-se de algo mais forte que ele.

E, dessa vez, tudo acontecera na frente de Hyacinth.

Ele a acompanhara até em casa em silêncio. Notou que ela desejava conversar. Mesmo se não tivesse visto o seu rosto, teria sabido que ela desejava conversar. Hyacinth sempre queria falar. Mas, ao que parecia, às vezes sabia se controlar, pois permaneceu em silêncio durante toda a longa caminhada por Hyde Park e Mayfair. E, agora, lá estavam, na frente da casa dela, seguidos por Frances.

– Sinto muito pela cena no parque – disse ele rapidamente, já que algum tipo de pedido de desculpas se fazia necessário.

– Não creio que alguém tenha visto. Ou, pelo menos, não creio que alguém tenha ouvido. E a culpa não foi sua.

Ele se pegou sorrindo. Era um sorriso irônico, o único que conseguia

esboçar. A culpa era sua, sim. O pai o provocara, mas já passava da hora de Gareth aprender a ignorá-lo.

– Vai entrar? – indagou Hyacinth.

– É melhor não.

Ela o encarou, os olhos atipicamente sérios.

– Eu gostaria que você entrasse.

Foi uma frase simples, tão franca que não poderia recusar. Ele assentiu e, juntos, subiram os degraus. Os outros Bridgertons haviam se dispersado, e os dois entraram na sala de estar rosa e creme, agora vazia. Hyacinth aguardou perto da porta até ele se aproximar dos sofás e das cadeiras e, então, a fechou. Toda.

Gareth ergueu a sobrancelha de maneira interrogativa. Em alguns círculos, uma porta fechada era o bastante para obrigar que duas pessoas se casassem. Após um instante, Hyacinth disse:

– Eu achava que a única coisa que tornaria a minha vida melhor era um pai.

Ele ficou em silêncio.

– Sempre que eu me zangava com a minha mãe – continuou ela, ainda próxima à porta – ou com um dos meus irmãos, eu costumava pensar: *Se ao menos eu tivesse um pai... Tudo seria perfeito e ele certamente tomaria o meu partido*. – Hyacinth ergueu a vista, os lábios curvados num encantador sorriso torto. – Ele não teria feito isso, é claro, já que na maioria das vezes eu estava errada. Mas me dava certo conforto pensar nisso.

Gareth continuou calado. Só conseguiu ficar parado, imaginando-se um Bridgerton. Visualizando-se com todos aqueles irmãos, com todo aquele riso e alegria. Era doloroso demais pensar que ela tivera tudo aquilo e ainda desejara mais.

– Sempre senti inveja de quem tinha pai, porém não sinto mais.

Ele se virou bruscamente e a encarou com intensidade. Então percebeu que não conseguia desviar os olhos. Não devia... não podia.

– É melhor não ter pai do que ter um igual ao seu, Gareth – disse ela, baixinho. – Sinto muito.

Isso o desmontou. Lá estava aquela menina que tinha tudo – pelo menos tudo o que *ele* sempre quisera –, mas, de alguma forma, ela o compreendia.

– Eu tenho lembranças – continuou Hyacinth, sorrindo com tristeza. – Ou,

pelo menos, as lembranças que os outros me contaram. Sei que o meu pai era um homem bom. Teria me amado se tivesse sobrevivido. Teria me amado sem reservas e de forma incondicional.

Os lábios dela assumiram uma expressão que ele jamais vira, de autodepreciação. Não era o feitio de Hyacinth e, por isso, era completamente hipnotizante.

– E eu sei – prosseguiu ela, deixando escapar uma respiração curta e entrecortada, como se não conseguisse acreditar no que estava prestes a dizer – que, com frequência, é bastante difícil me amar.

De repente, Gareth viu que certas coisas apenas se sabem, e não há como explicá-las. Enquanto a observava, teve apenas um pensamento: *Não*.

Não.

Seria muito fácil amar Hyacinth Bridgerton.

Não sabia de onde havia saído aquele pensamento ou qual canto estranho do seu cérebro chegara a tal conclusão, porque estava certo de que seria quase impossível *conviver* com ela – embora soubesse, de alguma forma, que não seria nem um pouco difícil amá-la.

– Eu falo demais – disse ela.

Gareth se perdera em pensamentos. O que ela estava dizendo mesmo?

– E sou muito cheia de opiniões.

Isso era verdade, mas o que...

– E sou insuportável quando não consigo impor a minha vontade, embora goste de pensar que, na maior parte do tempo, sou razoável...

Gareth começou a rir. Meu Deus, ela estava listando todos os motivos pelos quais era difícil amá-la. Todos eram verdadeiros, mas nada disso parecia importar. Pelo menos, não no momento.

– O que foi? – indagou Hyacinth, desconfiada.

– Fique quieta – disse ele, aproximando-se.

– Por quê?

– Apenas fique quieta.

– Mas...

Ele colocou um dos dedos sobre os seus lábios.

– Faça-me o favor de não dizer uma palavra sequer – sussurrou ele, baixinho.

Surpreendentemente, ela obedeceu.

Por um momento, Gareth apenas a fitou. Era tão raro que ela estivesse quieta, que nada em seu rosto se mexesse ou expressasse uma opinião, mesmo que só um nariz franzido. Ele memorizou o modo como as suas sobrancelhas se arqueavam para formar delicadas asinhas e como os olhos se arregalavam diante do esforço de permanecer em silêncio. Sentiu o hálito quente dela sobre o seu dedo e o barulhinho engraçado que ela fazia no fundo da garganta sem se dar conta.

Então não conseguiu se controlar. Ele a beijou.

Da última vez, estava com raiva e a vira como pouco mais do que um pedaço do fruto proibido, justo a garota que o pai achava que ele não poderia ter.

Mas, dessa vez, faria direito. *Aquele* seria o primeiro beijo dos dois.

E seria um beijo inesquecível.

Seus lábios eram macios, suaves. Gareth esperou que Hyacinth suspirasse, que o seu corpo relaxasse. Não a tomaria até ela deixar claro que estava pronta para se entregar.

E então ele também se entregaria.

Roçou a boca na dela, friccionando apenas o bastante para sentir a textura dos seus lábios, o calor do seu corpo. Provocou-a com a língua, com ternura e doçura, até os lábios se entreabrirem.

Então sentiu o seu sabor. Ela era doce e cálida e retribuiu o beijo com a mais diabólica mistura de inocência e de experiência que ele jamais poderia ter imaginado. Inocência porque não sabia o que estava fazendo. E experiência porque, apesar de tudo, o levava à loucura.

Gareth intensificou o beijo, descendo as mãos pela extensão das suas costas até pousar na curva de seu traseiro e na altura da cintura. Ele a puxou ao seu encontro, ao encontro da crescente evidência do seu desejo. Aquilo era insano. Era loucura. Estavam na sala de estar da mãe dela, a um metro de uma porta que poderia ser aberta a qualquer momento por um irmão que não sentiria o menor remorso em despedaçar Gareth, membro por membro.

No entanto, não conseguia parar.

Ele a desejava. Ele a desejava por inteiro.

Que Deus o ajudasse, ele a desejava naquele instante.

– Você gosta disso? – murmurou Gareth no seu ouvido.

Ela assentiu, e arfou quando ele tomou o lóbulo de sua orelha entre os

dentes. Isso o encorajou, o incitou.

– Você gosta disso? – sussurrou, pousando a mão sobre a curva de seu seio.

Ela assentiu outra vez, arfando um minúsculo “Sim”.

Não pôde conter um sorriso. Deslizou a mão por dentro das dobras da roupa dela, e só o que havia entre a sua mão e o corpo de Hyacinth era o tecido fino do vestido.

– Vai gostar disso ainda mais – disse ele maliciosamente, passando a mão por baixo do tecido e apertando seu seio até sentir o mamilo endurecer.

Hyacinth gemeu e Gareth se permitiu liberdades ainda maiores, segurando o bico entre os dedos, rolando-o entre os dedos, puxando-o até ela gemer outra vez e lhe agarrar os ombros.

Ela seria boa de cama, pensou, sentindo uma satisfação primitiva. Não saberia o que estaria fazendo, mas isso não importava. Aprenderia depressa e ele se divertiria como nunca na vida ensinando-lhe.

E ela seria sua.

Sua.

E então, enquanto a beijava de novo, deslizando a língua para dentro da sua boca, ele pensou...

Por que não?

Por que não me casar com ela? Por que n...

Ele recuou, ainda segurando o rosto dela nas mãos. Algumas coisas precisavam ser ponderadas com uma mente desanuviada, e isso nunca acontecia quando beijava Hyacinth.

– Fiz algo errado? – sussurrou ela.

Gareth balançou a cabeça, incapaz de desviar o olhar.

– Então o q...

Ele a calou com um dedo firme sobre o seu lábio.

Por que não se casar com ela? Todos pareciam querer que se casassem. A avó fazia insinuações havia mais de um ano e a família dela era quase tão sutil quanto uma marreta. Além do mais, Gareth até *gostava* de Hyacinth, o que era mais do que podia dizer a respeito da maioria das mulheres que conhecera em seus anos de solteiro. Era verdade que ela o levava à loucura na metade do tempo, mas, ainda assim, gostava dela.

Já estava bem claro que não conseguiria manter as mãos longe dela por

muito mais tempo. Mais uma tarde como aquela e ele a arruinaria.

Podia imaginar a cena. Não só os dois, mas todas as pessoas que faziam parte da vida deles: a família Bridgerton, vovó Danbury.

O pai.

Gareth quase riu alto. Mas que bênção! Podia se casar com Hyacinth – o que começava a se delinear como um empreendimento extremamente agradável – e, ao mesmo tempo, derrotar o barão.

Aquilo o mataria.

Mas, pensou ele, roçando os dedos pela linha da mandíbula dela enquanto se afastava, tinha que fazer tudo corretamente. Nem sempre levara a vida seguindo as leis do decoro, mas às vezes um homem precisava agir como um cavalheiro.

Hyacinth não merecia nada menos do que isso.

– Tenho que ir – murmurou ele, tomando-lhe a mão e levando-a à boca num gesto cortês de despedida.

– Aonde? – ela deixou escapar, os olhos ainda atordoados de paixão.

Ele gostou daquilo. Gostava de deixá-la tonta, sem o seu famoso autocontrole.

– Preciso pensar em algumas coisas e fazer outras.

– Mas... o quê?

Gareth sorriu.

– Vai descobrir logo, logo.

– Quando?

Ele caminhou até a porta.

– Você está cheia de perguntas esta tarde, não está?

– Eu não estaria se você dissesse algo substancioso – retrucou ela, claramente recobrando a presença de espírito.

– Até a próxima, Srta. Bridgerton – murmurou ele, passando para o corredor.

– Mas *quando?* – ouviu a sua voz exasperada.

Ele foi rindo até deixar a casa.

Uma hora depois, no vestíbulo da Casa Bridgerton.
Nosso herói, ao que parece, não perde tempo.

– O visconde o receberá agora, Sr. St. Clair.

Gareth seguiu o mordomo de lorde Bridgerton pelo corredor até uma ala privativa da casa, que ele jamais vira no punhado de vezes que visitara a casa da família.

– Está no escritório – explicou o mordomo.

Gareth assentiu com a cabeça. Pareceu-lhe o lugar certo para uma conversa como aquela. Lorde Bridgerton queria mostrar que tinha a situação sob controle, e um encontro em seu santuário privado só enfatizaria isso.

Quando Gareth batera à porta da Casa Bridgerton cinco minutos antes, não dera ao mordomo a menor indicação de seu objetivo ali. Porém não tinha a menor dúvida de que o irmão de Hyacinth, o poderoso visconde Bridgerton, estivesse a par de suas intenções com perfeita exatidão.

Por qual outro motivo Gareth iria visitá-lo? Nunca tivera razão para isso. Depois que conhecera a família de Hyacinth – parte dela, pelo menos –, tinha certeza de que a mãe já se reunira com o irmão e discutira a possibilidade de os dois formarem um casal.

– Sr. St. Clair – disse o visconde, levantando-se de trás da mesa quando Gareth entrou no aposento.

Aquilo era promissor. A etiqueta não exigia que o visconde se colocasse de pé, logo se tratava de uma demonstração de respeito.

– Lorde Bridgerton – falou Gareth com um meneio de cabeça.

O irmão de Hyacinth tinha os mesmos cabelos de um profundo castanho-avermelhado, embora os dele começassem a ficar grisalhos nas têmporas. O discreto sinal da idade, no entanto, nada fazia para diminuí-lo. Era um homem alto, provavelmente uns dez anos mais velho que Gareth, mas continuava em forma, irradiando uma aura de poder. Gareth não gostaria de encontrá-lo num ringue. Ou num campo de duelo.

O visconde gesticulou para uma grande poltrona de couro posicionada em frente à sua escrivaninha.

– Sente-se, por favor.

Gareth obedeceu, esforçando-se para se manter imóvel, sem tamborilar nervosamente sobre o braço da poltrona. Era a primeira vez que fazia aquilo, é claro, e percebia agora que se tratava de uma das experiências mais inquietantes do mundo. Precisava se mostrar calmo, manter os pensamentos organizados e sob controle. Não achava que o pedido fosse ser recusado, mas gostaria de

passar por aquele momento com um pouco de dignidade. Caso se casasse mesmo com Hyacinth, veria o visconde pelo resto da vida e não desejava que o chefe da família Bridgerton o considerasse um tolo.

– Imagino que saiba por que estou aqui – começou Gareth.

O visconde, que reassumira o assento por trás da imensa mesa de mogno, inclinou a cabeça ligeiramente para o lado. Batia as pontas dos dedos umas nas outras, formando um triângulo com as mãos.

– Talvez, para nos poupar algum possível embaraço, você pudesse expressar as suas intenções com clareza.

Gareth sorveu o ar. O irmão de Hyacinth não facilitaria a situação. Mas isso não importava. Prometera que faria aquilo da maneira certa e não ficaria intimidado.

Olhou nos olhos escuros do visconde com firmeza.

– Eu gostaria de me casar com Hyacinth. – Como o visconde não disse nada, nem mesmo se mexeu, Gareth acrescentou: – Ahn... se ela quiser.

E então oito coisas aconteceram ao mesmo tempo. Ou, talvez, tivessem sido apenas duas ou três e apenas parecessem oito, pois foi tudo muito inesperado.

Primeiro, o visconde exalou, ou melhor, meio que suspirou – um imenso, cansado e sincero suspiro que o fez desinflar diante de Gareth. Foi impressionante. Gareth tinha visto o visconde em inúmeras ocasiões e estava bem familiarizado com sua reputação. Aquele não era um homem de desinflar ou de gemer.

Além disso, os lábios pareceram se movimentar o tempo todo e, se Gareth prestasse atenção, decifraria algo como “Graças a Deus”. Como o visconde olhou para cima, de fato essa parecia a tradução mais provável.

Enquanto Gareth absorvia tudo isso, lorde Bridgerton bateu com as palmas das mãos na mesa com uma força surpreendente.

– Ah, ela vai querer – disse, olhando-o bem fundo nos olhos. – Ela definitivamente vai querer.

Não era bem o que Gareth esperara.

– Como disse? – indagou, pois não conseguiu pensar em mais nada.

– Preciso de uma bebida – anunciou o visconde, colocando-se de pé. – Temos motivos para comemorar, não acha?

– Ahn... temos?

Lorde Bridgerton atravessou o aposento até uma estante recuada e pegou um decanter de vidro.

– Não – disse para si, colocando-o de volta de qualquer maneira –, é melhor uma de qualidade mesmo, suponho. – Ele se virou para Gareth, os olhos ganhando uma luz estranha e quase eufórica. – De qualidade, não concorda?

– Ahn... – Gareth não sabia ao certo como lidar com aquilo.

– De qualidade – decidiu o visconde com firmeza. Afastou alguns livros e enfiou a mão na prateleira para puxar o que parecia ser uma garrafa muito antiga de conhaque. – Tenho que mantê-la escondida – explicou, despejando-o generosamente em dois copos.

– Empregados? – perguntou Gareth.

– Irmãos. – Ele lhe entregou um dos copos. – Bem-vindo à família.

Gareth aceitou, quase desconcertado com a facilidade de tudo aquilo. Não teria se surpreendido se o visconde fizesse aparecer uma autorização especial e um vigário ali mesmo.

– Obrigado, lorde Bridgerton, eu...

– Deve me chamar de Anthony. Seremos irmãos, afinal de contas.

– Anthony – repetiu Gareth. – Eu só queria...

– Este é um dia maravilhoso – murmurou Anthony para si mesmo. – Um dia maravilhoso. – Ele encarou Gareth de repente. – Não tem irmãs, certo?

– Nenhuma.

– Eu tenho quatro – disse Anthony, virando pelo menos três quartos do conteúdo do copo. – Quatro. E, agora, estão todas fora de minhas mãos. Acabou – declarou, como se pudesse começar a dançar a qualquer instante. – Estou livre.

– Tem filhas, não tem? – Gareth não pôde resistir ao lembrete.

– Só uma, e ela tem apenas 3 anos. Ainda transcorrerão anos antes que eu precise passar por isso outra vez. Se eu tiver sorte, ela se tornará católica e virará freira.

Gareth engasgou com a bebida.

– Delicioso, não é mesmo? – perguntou Anthony, olhando para a garrafa. – Tem 24 anos.

– Não creio já ter ingerido nada tão antigo – murmurou Gareth.

– Pois, então – prosseguiu Anthony, recostando-se na beirada da escrivaninha –, tenho certeza de que vai querer discutir o acordo.

A verdade era que Gareth nem mesmo pensara nos acordos, por mais que fosse um homem de poucos recursos. Ficara tão surpreso com a própria decisão de se casar com Hyacinth que sua mente nem mesmo se detivera sobre os aspectos práticos da união.

– É de conhecimento geral que aumentei o dote dela no ano passado – continuou Anthony, ficando mais sério. – Manterei o prometido, embora espere que esse não seja o seu principal motivo para se casar com ela.

– É claro que não – replicou Gareth, indignado.

– Não achei que fosse, mas é preciso perguntar.

– Acho difícil que um homem admitisse isso a você, se fosse o caso.

– Prefiro acreditar que consigo ler o rosto de um homem bem o bastante para saber se está mentindo.

– É claro – disse Gareth, recostando-se outra vez.

Mas o visconde não parecia ofendido.

– E, então – prosseguiu ele –, a parte que cabe a ela está em...

Gareth observou, confuso, Anthony deixar as palavras no ar, balançando a cabeça.

– Milorde?

– Perdão – desculpou-se Anthony, voltando a si. – Estou um pouco aéreo no momento, devo lhe assegurar.

– É claro – murmurou Gareth, pois a concordância era a única atitude a tomar naquele ponto.

– Nunca achei que este dia chegaria. Já tivemos ofertas, é claro, mas nenhuma que eu estivesse disposto a considerar e nenhuma em tempos recentes. – Ele soltou o ar longamente. – Já havia começado a me desesperar, achando que ninguém de mérito desejasse se casar com ela.

– Parece fazer um péssimo juízo da sua irmã – comentou Gareth serenamente.

Anthony deu um meio sorriso.

– De forma nenhuma. Mas tampouco sou cego às suas... ahn... qualidades únicas.

Ele se levantou e Gareth percebeu que lorde Bridgerton estava usando a altura para intimidá-lo. Também notou que não devia interpretar mal a demonstração inicial de leveza e gentileza do visconde. Tratava-se de um

homem perigoso ou, pelo menos, um que podia ser quando queria, e Gareth faria bem em não se esquecer disso.

– Minha irmã, Hyacinth – continuou o visconde, caminhando até a janela –, é um tesouro. Você deve se lembrar disso. Se dá valor à própria pele, você a tratará como merece.

Gareth conteve a língua. Não lhe pareceu ser o momento correto de falar.

– Apesar de ser um tesouro – prosseguiu Anthony, virando-se com os passos lentos e estudados de um homem bastante familiarizado com o próprio poder –, Hyacinth não é fácil. Serei o primeiro a admitir. Não existem muitos homens capazes de se equiparar a ela em termos de rapidez de raciocínio. Caso se veja presa a um casamento com alguém que não aprecie... a sua personalidade única, ela será imensamente infeliz.

Gareth permaneceu mudo. No entanto, não desviou os olhos do rosto do visconde. Anthony também o encarava.

– Eu lhe darei permissão para se casar com ela. Mas você deve pensar seriamente, por um bom tempo, antes de pedir sua mão.

– Como assim? – perguntou Gareth, desconfiado, pondo-se de pé.

– Não mencionarei esta conversa a ela. Fica a seu critério dar o passo final. Se não o fizer... – O visconde deu de ombros. – Nesse caso, ela nunca chegará a saber – concluiu, com uma calma quase inquietante.

Quantos homens o visconde teria espantado dessa maneira?, perguntou-se Gareth. Meu Deus, seria essa a causa da longa solteirice da Hyacinth? Devia se sentir grato por isso, pois ela ficara livre para se casar com ele, mas será que se dava conta de que o irmão mais velho era louco?

– Se não fizer a minha irmã feliz – continuou Anthony, com um olhar intenso que confirmava sua insanidade –, *você* não será feliz. Eu mesmo me certificarei disso.

Gareth abriu a boca para dar uma resposta sarcástica ao visconde – estava farto de tratá-lo com luvas de pelica e de pisar em ovos devido à sua arrogância. Porém, quando estava prestes a insultar o futuro cunhado, provavelmente de modo imperdoável, outra coisa saiu de sua boca:

– Você a ama, não é?

Anthony bufou, impaciente.

– É claro que a amo. Ela é minha irmã.

– Eu amava o meu irmão – disse Gareth, baixinho. – Além da minha avó, era a única pessoa que eu tinha neste mundo.

– Não pretende resolver a desavença existente com o seu pai, então.

– Não.

Anthony não fez perguntas, mas se limitou a assentir e a dizer:

– Caso se case com a minha irmã, terá a todos nós.

Gareth ficou sem palavras. Não havia palavras para o sentimento que o tomava.

– Para o bem ou para o mal – continuou o visconde, com uma risada zombeteira. – Com frequência você vai desejar que Hyacinth tivesse sido enjeitada pela família, deixada na porta da frente de alguém, sem um parente para chamar de seu.

– Não – disse Gareth, resoluto. – Eu não desejaria isso a ninguém.

O aposento ficou em silêncio e então o visconde perguntou:

– Há alguma coisa que deseje compartilhar comigo a respeito dele?

Um desconforto se infiltrou no sangue de Gareth.

– De quem?

– Seu pai.

– Não.

Anthony pareceu ponderar essa resposta.

– Ele vai causar problemas?

– Para mim?

– Para Hyacinth.

Gareth não conseguiu mentir:

– É possível.

E isso era o pior de tudo. O que o manteria acordado à noite. Gareth não tinha a menor ideia do que o barão poderia fazer. Ou do que poderia dizer.

Ou de como os Bridgertons se sentiriam ao descobrir a verdade.

Naquele momento, Gareth se deu conta de que precisava fazer duas coisas.

Primeiro: precisava se casar com Hyacinth o mais rápido possível. Ela e a mãe desejariam um daqueles casamentos absurdamente complicados que levavam meses para serem planejados, mas ele teria que se impor e insistir que se casassem logo.

Segundo: como uma espécie de seguro, precisaria fazer algo para impedi-la

de desistir, mesmo que lorde St. Clair mostrasse provas da filiação de Gareth.

Hyacinth teria que se comprometer. Ainda havia o diário de Isabella. A avó talvez tivesse sabido da verdade, e, se escrevera a respeito, Hyacinth conheceria os seus segredos até mesmo sem a intervenção do barão.

Embora Gareth não se importasse muito que ela viesse a saber dos fatos envolvendo o seu nascimento, era vital que isso não acontecesse antes do casamento.

Ou antes que a seduzisse para que o matrimônio fosse celebrado.

Gareth não gostava muito de ser colocado contra a parede, de ser obrigado a fazer o que quer que fosse.

Mas aquilo...

Seria puro prazer.

CAPÍTULO 13

Apenas uma hora mais tarde. Conforme já observamos, quando o nosso herói está determinado...
E será que mencionamos que é terça-feira?

– Hein? – ganiu Lady Danbury. – Não está falando alto o bastante!

Hyacinth deixou que o livro se fechasse, marcando-o com o indicador.

– Por que eu tenho a impressão de já ter ouvido isso antes? – perguntou-se ela em voz alta.

– E já ouviu mesmo. Você nunca fala alto o bastante.

– Engraçado, minha mãe nunca se queixa disso.

– Os ouvidos da sua mãe não têm a mesma idade que os meus – replicou Lady D, bufando. – E por onde anda a minha bengala?

Desde que vira Gareth em ação, Hyacinth passara a se sentir mais ousada no que dizia respeito aos embates com a bengala de Lady Danbury.

– Escondi – respondeu ela com um sorriso malévolo.

A condessa chegou o corpo para trás.

– Hyacinth Bridgerton, sua gata sonsa.

– Gata?

– Não gosto de cães – declarou Lady D com um aceno desdenhoso da mão. – Nem de raposas, se quer saber.

Hyacinth decidiu tomar aquilo como um elogio – sempre a melhor linha de ação quando não compreendia Lady Danbury – e retornou ao capítulo dezessete de *Miss Butterworth e o Barão Louco*.

– Vamos ver – murmurou ela –, onde estávamos...

– Onde foi que você a escondeu?

– Não estaria escondida se eu lhe contasse, certo? – provocou Hyacinth sem erguer a vista.

– Sem ela, estou presa a esta cadeira. Você não gostaria de privar uma velha

senhora de seu único modo de locomoção, não é mesmo?

– Gostaria, sim – respondeu Hyacinth, ainda fitando o livro. – Eu certamente gostaria.

– Você tem passado tempo demais com o meu neto – murmurou a condessa.

Hyacinth manteve-se focada no romance, mas não conseguiu ficar impassível. Sugou os lábios, então os franziu, como sempre fazia quando tentava não olhar para alguém, e sentiu as faces arderem.

Minha nossa.

Lição Número Um ao lidar com Lady Danbury: nunca demonstre fragilidade.

Lição Número Dois: quando em dúvida, veja a Lição Número Um.

– Hyacinth Bridgerton – disse a condessa, numa cadência lenta que denotava a mais habilidosa das travessuras –, por acaso as suas faces estão coradas?

Hyacinth ergueu a cabeça com a mais neutra das expressões.

– Não consigo ver as minhas faces.

– Estão coradas.

– Se é o que você diz...

Hyacinth virou a página com um pouco mais de força do que o necessário, então ficou consternada ao ver que fizera um pequeno rasgo próximo à lombada. Oh, céus. Bem, não havia nada que pudesse fazer, e Priscilla Butterworth certamente sobrevivera a coisas piores.

– Por que está ruborizando? – indagou Lady D.

– Não estou ruborizando.

– Acredito que esteja.

– Não... – Hyacinth se deteve a tempo, antes que começassem a discutir como duas crianças. – Estou com calor – alegou, com o que achou ser uma admirável demonstração de dignidade e decoro.

– Este aposento está com uma temperatura perfeitamente agradável – retrucou Lady Danbury. – Por que está ruborizando?

Hyacinth a olhou de mau humor.

– Deseja que eu leia o livro ou não?

– Não, prefiro saber por que você está ruborizando.

– Não estou ruborizando! – Hyacinth praticamente gritou.

Lady Danbury sorriu. Em qualquer outra pessoa, talvez tivesse sido uma

expressão agradável, mas, nela, era diabólica.

– Bem, agora está.

– Se as minhas faces estão coradas – vociferou Hyacinth entre os dentes –, é de raiva.

– De mim? – indagou Lady D, colocando uma das mãos no peito, numa exibição da mais pura inocência.

– Vou ler o livro agora.

– Como queira... – falou Lady D com um suspiro. Esperou mais ou menos um segundo antes de acrescentar: – Creio que a Srta. Butterworth estivesse subindo o morro aos tropeços.

Determinada, Hyacinth voltou a atenção para o livro que se encontrava em suas mãos.

– E então? – exigiu Lady Danbury.

– Tenho que achar onde estava.

Perscrutou a página, tentando achar Miss Butterworth e o morro correto – havia mais de um e ela havia subido mais de um aos tropeços –, mas as palavras se embaralhavam diante de seus olhos e a única coisa que enxergava era Gareth.

Gareth, com aqueles olhos atrevidos e os lábios perfeitamente moldados. Gareth, com aquela covinha que ele negaria ter se ela a mencionasse. Gareth...

Que a estava fazendo soar tão tonta quanto Miss Butterworth. Por que ele negaria uma covinha?

Na verdade...

Hyacinth voltou algumas páginas. Sim, de fato, lá estava, bem no meio do capítulo dezesseis:

Seus olhos eram atrevidos e os lábios, perfeitamente moldados. Ele tinha uma covinha bem acima do canto esquerdo da boca, que negaria ter se ela algum dia tivesse a ousadia de mencioná-la.

– Meu Deus – murmurou Hyacinth. Gareth nem devia ter covinha nenhuma.

– Não estamos tão perdidas assim, estamos? Você voltou pelo menos três capítulos.

– Estou procurando, estou procurando – falou Hyacinth.

Estava enlouquecendo. Só podia ser. Andava citando Miss Butterworth inconscientemente... Devia ter perdido as faculdades mentais.

Mas, também...

Ele a beijara. De verdade.

Na primeira vez, no corredor da Casa Bridgerton... aquilo fora algo completamente diferente. Seus lábios haviam se tocado; na verdade, várias outras coisas haviam se tocado, mas não fora um beijo.

Não como aquele.

Hyacinth suspirou.

– Por que está bufando? – quis saber a condessa.

– Não é nada.

Lady D comprimiu os lábios.

– Você não está sendo você mesma esta tarde, Srta. Bridgerton. Nem um pouco.

Essa não era uma questão que Hyacinth desejasse discutir.

– "*Miss Butterworth*" – leu ela, com mais ênfase do que era necessária – "*subiu o morro aos tropeços, os dedos se enterrando mais profundamente na terra a cada passo dado.*"

– Dedos podem dar passos?

– Podem, sim, neste livro. – Hyacinth pigarreou e foi em frente: "*Podia ouvi-lo em seu encalço. Ele encurtava a distância e, logo, ela seria apanhada. Mas com qual objetivo? Para o bem ou para o mal?*"

– Para o mal, eu espero. Isso manterá as coisas interessantes.

– Estou completamente de acordo. "*Como ela saberia?*" – continuou. – "*Como ela saberia? Como ela SABERIA?*" – Ergueu os olhos. – A ênfase foi minha.

– Permitida – disse Lady D graciosamente.

– "*Então ela se recordou do conselho que lhe fora dado pela mãe, antes que a abençoada mulher partisse para a sua salvação, bicada até a morte por pombos...*"

– Isso não pode ser real!

– Pois é claro que não: é um romance. Mas, juro, está bem aqui, na página 193.

– Deixe-me ver isso!

Os olhos de Hyacinth se arregalaram. Com frequência, Lady Danbury acusava Hyacinth de florear, mas aquela era a primeira vez que exigia

verificação. Ela se levantou e mostrou o livro à condessa, apontando para o parágrafo em questão.

– Ora, ora. A pobre mulher realmente sucumbiu aos pombos. – Ela balançou a cabeça. – Não quero partir assim.

– Não precisa se preocupar com isso – comentou Hyacinth, reocupando o seu lugar.

Lady D estendeu a mão, então franziu a testa ao se dar conta de que a bengala não estava mais ali.

– Continue.

– Certo. – Hyacinth olhou outra vez para o livro. – Deixe-me ver. Ah, sim... "*partisse para a sua salvação, bicada até a morte por pombos*". – Ela ergueu os olhos, falando atabalhoadamente: – Sinto muito. Não consigo ler isso sem rir.

– Limite-se a ler!

Hyacinth pigarreou diversas vezes antes de recomeçar:

– "*Ela* só *tinha 12 anos na época, cedo demais para uma conversa do tipo, mas talvez a mãe tivesse previsto a morte precoce*." Sinto muito – interrompeu-se de novo –, mas como poderia alguém prever uma coisa dessas?

– Como você disse – começou Lady D secamente –, trata-se de um romance.

Hyacinth respirou fundo e foi em frente:

– "*A mãe agarrara a sua mão e, com olhos melancólicos e solitários, dissera: 'Minha queridíssima Priscilla, não há nada de mais precioso neste mundo do que o amor*.'"

Hyacinth olhou furtivamente para Lady Danbury, que sem dúvida estaria bufando de repulsa. No entanto, para sua enorme surpresa, a condessa encontrava-se extasiada, prestando atenção em cada palavra.

Concentrando-se outra vez no livro, Hyacinth leu:

– "*'Mas há enganadores, minha querida Priscilla, e alguns homens tentarão se aproveitar de você sem que haja o encontro sincero de dois corações.'*"

– É verdade – concordou Lady Danbury.

Hyacinth ergueu a vista e percebeu que a condessa não se dera conta de que falara em voz alta.

– Ora, mas é verdade – insistiu Lady D, na defensiva, ao constatar que Hyacinth a encarava.

Sem desejar encabular a condessa ainda mais, Hyacinth se voltou para o

livro. Pigarreou e continuou:

– *"'Vai precisar confiar nos próprios instintos, querida Priscilla, mas eu lhe darei um conselho. Guarde-o em seu coração e lembre-se sempre dele, pois juro que é verdade.'"*

Hyacinth virou a página, um pouco envergonhada ao notar que estava mais cativada pelo livro do que jamais estivera.

– *"Priscilla tocou a face pálida da mãe. 'O que é, mamãe?', perguntou. 'Só há uma forma de saber se um cavalheiro a ama', respondeu a mãe."*

Lady Danbury se inclinou para a frente. Hyacinth fez o mesmo, apesar de estar segurando o livro.

– *"'Pelo beijo dele', sussurrou a mãe. 'Está tudo ali, no beijo dele.'"*

Os lábios de Hyacinth se entreabriram e, inconscientemente, ela os tocou com uma das mãos.

– Ora, não era isso que eu estava esperando – declarou Lady Danbury.

O beijo dele. Seria verdade?

– Achei que ela falaria das ações ou dos feitos dele – continuou Lady D –, mas suponho que isso não soasse romântico o bastante para Miss Butterworth.

– E o Barão Louco – murmurou Hyacinth.

– Exatamente! E que mulher sã iria querer um louco?

– O beijo dele... – sussurrou Hyacinth para si mesma.

– Hein? Não consigo ouvi-la.

– Não é nada – respondeu Hyacinth rapidamente, balançando a cabeça de leve, forçando-se a se concentrar outra vez na condessa. – Eu só estava sonhando acordada.

– Ponderando os dogmas intelectuais expostos pela Mamãe Butterworth?

– É claro que não. – Ela tossiu. – Devo ler um pouco mais?

– É melhor – resmungou Lady D. – Quanto mais rápido terminarmos este livro, mais rápido podemos passar a outro.

– Não precisamos terminar este – sugeriu Hyacinth. Se bem que, se não o concluíssem, ela teria que furtá-lo e levá-lo para casa.

– Não seja tola. Não tem como *não* terminá-lo. Paguei um bom dinheiro por essa bobagem. Além disso... – Lady D se mostrou acanhada, apesar de não ser algo tão constrangedor. – Quero saber como termina.

Hyacinth sorriu. Aquilo era o mais próximo da doçura que Lady Danbury

conseguiria chegar, e Hyacinth acreditava que isso devia ser encorajado.

– Muito bem, se a senhora me permitir retomar...

– Lady Danbury – veio a voz grave e serena do mordomo, que entrara na sala de estar com passos silenciosos –, o Sr. St. Clair pede uma audiência.

– Ele está pedindo uma audiência? Normalmente entra sem nem pedir licença.

O mordomo ergueu a sobrancelha, e esse foi o máximo de expressividade que Hyacinth viu no rosto de um mordomo.

– Ele pediu uma audiência com a Srta. Bridgerton.

– Comigo? – guinchou Hyacinth.

O queixo de Lady Danbury caiu.

– Hyacinth! Na *minha* sala de estar?

– Foi o que ele disse, milady.

– Ora, ora – disse Lady D, olhando à sua volta, embora não houvesse mais ninguém presente. – Ora, ora.

– Devo fazê-lo entrar? – quis saber o mordomo.

– É claro – respondeu Lady Danbury –, mas eu não vou a lugar nenhum. O que quer que ele tenha a dizer à Srta. Bridgerton, pode falar na minha frente.

– O quê? – reclamou Hyacinth, virando-se para a condessa. – Não acho...

– A sala de estar é minha e ele é meu neto. E você é... – Ela comprimiu os lábios enquanto a encarava. – Bem, você é você. Humpf.

– Srta. Bridgerton – disse Gareth, surgindo no vão da porta e (para usar uma expressão butterworthiana) preenchendo-o com a sua magnífica presença. Virou-se para Lady Danbury. – Vovó.

– O que quer que seja, pode falar na minha frente – avisou ela.

– Estou quase tentado a testar essa teoria – murmurou ele.

– Há algo errado? – perguntou Hyacinth, empoleirando-se na cadeira. Afinal de contas, tinham se despedido havia menos de duas horas.

– De modo algum – respondeu Gareth.

Atravessou a sala até ficar perto dela ou, pelo menos, o mais perto que lhe permitiam os móveis. A avó o fitava com indisfarçado interesse e ele começava a questionar sua ida até lá.

Mas, logo que chegara à calçada da Casa Bridgerton, dera-se conta de que era terça-feira e, de alguma forma, isso lhe parecera auspicioso. Aquilo tudo

começara numa terça-feira, meu Deus... havia apenas duas semanas?!

Terça-feira era o dia em que Hyacinth lia para a avó dele. Toda terça-feira, sem erro, na mesma hora, no mesmo local. Enquanto descia a rua, ponderando sobre o novo rumo de sua vida, Gareth percebera que sabia onde Hyacinth estava naquele momento. E que, se desejasse pedi-la em casamento, só precisava percorrer a pequena distância de Mayfair à Casa Danbury.

Ele provavelmente deveria ter esperado. Deveria ter escolhido um momento e um local bem mais românticos, algo que a arrebatasse e a deixasse sem fôlego, querendo mais. Mas Gareth tomara a sua decisão e não desejava esperar. Além do mais, depois de tudo o que fizera por ele ao longo dos anos, a avó merecia ser a primeira a saber.

No entanto, não esperara fazer o pedido na presença da velha senhora.

Olhou para ela.

– O que é? – latiu a condessa.

Devia pedir-lhe que saísse. Devia mesmo, embora...

Ah, diabos, ela não deixaria a sala nem mesmo se ele se ajoelhasse e implorasse. Por outro lado, Hyacinth teria enorme dificuldade em recusar o pedido na presença de Lady Danbury.

Não achava que ela diria não, mas fazia sentido ter o maior número de elementos possível a seu favor.

– Gareth? – chamou Hyacinth, baixinho.

Ele se virou para ela, perguntando-se quanto tempo ficara ali, ponderando as opções.

– Hyacinth – respondeu ele.

Ela o encarou, na expectativa.

– Hyacinth – repetiu Gareth, dessa vez com um pouco mais de firmeza. Ele sorriu, com um olhar de derreter corações. – Hyacinth.

– Sabemos o nome dela – interveio a avó.

Gareth a ignorou e empurrou uma das mesas para o lado a fim de poder se abaixar sobre um dos joelhos.

– Hyacinth – disse ele, deleitando-se com o arquejo dela quando lhe tomou a mão –, você me daria a imensa honra de se tornar minha esposa?

Os olhos dela se arregalaram, então ficaram marejados. Os lábios, que ele estivera beijando tão deliciosamente havia poucas horas, começaram a tremer.

– Eu... Eu...

Não era normal vê-la sem palavras, e ele saboreou o momento, em especial as emoções que surgiam no seu rosto.

– Eu... Eu...

– Sim! – gritou a avó. – Sim! Ela se casará com você!

– Ela pode falar por conta própria – declarou Gareth.

– Não, não pode. Está claro que não.

– Sim – respondeu Hyacinth, assentindo em meio a pequenas fungadas. – Sim, eu me casarei com você.

Ele levou a mão dela aos lábios.

– Ótimo.

– Ora, ora – disse Lady Danbury, então murmurou: – Preciso da minha bengala.

– Está atrás do relógio – informou Hyacinth, sem desviar os olhos de Gareth.

A condessa piscou, surpresa, depois se levantou e a pegou.

– Por quê? – perguntou Hyacinth.

Gareth sorriu.

– "Por que" o quê?

– Por que me pediu em casamento?

– Imaginei que estivesse bastante claro.

– Diga a ela! – berrou Lady D, batendo com a bengala no tapete. Ela olhou para o objeto com óbvia afeição. – Assim está muito melhor – sussurrou.

Hyacinth e Gareth se viraram para a condessa. Ela a encarou, impaciente, e ele a fitou com aquele olhar vazio que sugeria condescendência sem dizê-lo com todas as letras.

– Ah, muito bem – resmungou Lady Danbury. – Suponho que desejem um pouco de privacidade.

Gareth e Hyacinth não disseram uma palavra sequer.

– Estou saindo, estou saindo – disse a condessa, capengando até a porta com muito menos agilidade do que a demonstrada quando fora buscar a bengala apenas alguns instantes antes. – Mas não pensem – continuou ela, parando à porta – que vou deixá-los por muito tempo. Eu o conheço – declarou, apontando a bengala para Gareth – e, se acha que confio a virtude dela a você...

– Eu sou seu neto.

– Isso não o torna um santo – anunciou ela para então deixar a sala, fechando a porta.

Gareth se mostrou confuso.

– Acho que ela quer que eu a comprometa – murmurou ele. – Caso contrário, nunca teria fechado a porta até o fim.

– Não seja tolo – replicou Hyacinth, lançando mão de certa bravata para ocultar o rubor que sentia se espalhar pelas faces.

– Não, eu acho mesmo que é o que ela quer – insistiu Gareth, levando as mãos dela aos lábios. – Provavelmente ela a quer como neta mais do que me quer como neto, e é traiçoeira ao ponto de arruiná-la só para garantir o resultado.

– Eu não voltaria atrás – murmurou Hyacinth, desconcertada pela proximidade dele. – Eu lhe dei a minha palavra.

Gareth tomou um de seus dedos e colocou a ponta entre os lábios.

– Deu mesmo, não foi?

Ela fez que sim, hipnotizada pela visão do dedo encostado em sua boca.

– Você não respondeu à minha pergunta – sussurrou Hyacinth.

Ele lambeu o dedo dela.

– Você me fez uma?

Ela assentiu. Era difícil pensar enquanto ele a seduzia. Incrível pensar que tinha a capacidade de reduzi-la a uma criatura ofegante com um mero dedo levado aos lábios.

Gareth se deslocou, sentando-se ao lado dela no sofá sem nem soltar a sua mão.

– Tão encantadora... E logo será minha.

Tomou-lhe a mão com a palma virada para cima. Hyacinth o observou inclinar-se e lhe beijar o punho. A respiração dela estava ruidosa demais em meio à quietude da sala. Perguntou-se o que seria mais responsável pelo seu atual estado de exaltação: a sensação da boca dele sobre a sua pele ou a visão dele seduzindo-a apenas com um beijo.

– Gosto dos seus braços – comentou ele, segurando um deles como se fosse um tesouro precioso que precisasse ser examinado e protegido. – Em primeiro lugar, a pele, acho – continuou, deslizando os dedos suavemente pela pele sensível do antebraço.

Fizera um dia quente e ela usava um vestido de verão por baixo da peliça. As

mangas eram curtas e – Hyacinth respirou fundo – se ele continuasse a exploração do seu braço, ela poderia derreter ali mesmo no sofá.

– Embora também goste do formato – prosseguiu Gareth, fitando-o como se fosse um objeto sagrado. – Delgados, ligeiramente roliços e fortes. – Ele a encarou com um humor indolente nos olhos. – Gosta de praticar esportes, não é?

Ela assentiu. Ele abriu um meio sorriso.

– Percebo pela sua forma de andar, pela sua forma de se deslocar. Até mesmo... – Ele lhe acariciou o braço uma última vez, detendo-se próximo ao punho dela – ... pelo formato do seu braço.

Ele se inclinou até ficar com o rosto próximo de Hyacinth e ela se sentiu beijada pelo seu hálito.

– Você se move de maneira diferente das outras mulheres – disse Gareth, baixinho. – Me faz pensar...

– No quê?

De alguma maneira, a mão dele chegou ao seu quadril, depois à perna, descansando na curva da coxa. Gareth não a acariciava; apenas marcava presença com o seu calor e o seu peso.

– Acho que você sabe – murmurou ele.

Hyacinth sentiu o corpo arder em chamas enquanto imagens intrusas enchiam a sua mente. Ela sabia o que acontecia entre um homem e uma mulher; havia muito tempo, arrancara a verdade das irmãs mais velhas. E, certa vez, encontrara um escandaloso livro com imagens eróticas no quarto de Gregory, repleto de ilustrações vindas do Oriente que a haviam deixado com uma sensação muito estranha por dentro.

Mas nada a preparara para o fluxo de desejo que a percorreu após ouvir Gareth. Começou a imaginá-lo acariciando-a, beijando-a.

Aquilo a deixou fraca, levou-a a desejá-lo.

– Você não fica pensando...? – sussurrou ele, as palavras quentes de encontro à sua orelha.

Ela concordou com a cabeça. Não podia mentir. Sentiu-se nua naquele momento, a própria alma exposta ao suave ataque dele.

– O que acha? – insistiu Gareth.

Hyacinth engoliu em seco.

– Eu não saberia dizer.

– Não, não saberia mesmo, não é? – disse ele, sorrindo com malícia. – Mas não importa. – Ele a beijou lentamente. – Você logo saberá.

Gareth ficou de pé.

– É melhor eu partir antes que minha avó tente nos espionar da casa do outro lado da rua.

Hyacinth olhou para a janela, horrorizada.

– Não se preocupe – falou Gareth com uma risadinha. – Ela não enxerga tão bem assim.

– Ela tem um telescópio – argumentou Hyacinth, ainda olhando para a janela com expressão de suspeita.

– Por que isso não me surpreende? – murmurou Gareth, caminhando até a porta.

Hyacinth o observou atravessar a sala. Ele sempre lhe lembrara um leão. Ainda lembrava, só que, agora, seria domado.

– Vou visitá-la amanhã – disse Gareth, honrando-a com uma pequena reverência.

Ela assentiu. Depois que ele se foi, Hyacinth ficou olhando para a frente, sem reação.

– Ai, meu...

– O que foi que ele disse? – quis saber Lady Danbury, reentrando na sala meros trinta segundos após a saída de Gareth.

Hyacinth apenas a olhou, inexpressiva.

– Você perguntou por que ele a pediu em casamento – lembrou-lhe Lady D. – O que foi que ele disse?

Hyacinth abriu a boca para responder e, só então, deu-se conta de que ele não respondera à pergunta.

– Ele disse que era impossível não se casar comigo – mentiu. Era o que desejava que ele dissesse.

– Oh! – Lady D suspirou, levando a mão ao peito. – Que encantador.

Hyacinth a encarou com renovada apreciação.

– A senhora é romântica.

– Sempre – respondeu Lady D, com um sorriso que Hyacinth sabia que ela não compartilhava com frequência. – Sempre.

CAPÍTULO 14

Duas semanas se passaram. Toda a Londres já sabe que Hyacinth será a Sra. St. Clair. Gareth está desfrutando de seu novo status de Bridgerton honorário, mas não consegue se livrar da sensação de que tudo aquilo desmoronará.
Agora é meia-noite e estamos diretamente abaixo da janela do quarto de Hyacinth.

Ele se antecipara a tudo, planejara cada detalhe. Reviu tudo em sua mente, exceto as palavras que diria, pois sabia que lhe viriam à cabeça no calor do momento.

Seria belo.

Seria um ato de paixão.

Aquela noite, pensou Gareth, com uma estranha mescla de cautela e de êxtase, ele seduziria Hyacinth.

Por vezes se culpava por ter planejado a desonra dela, mas logo deixava o sentimento de lado. Ora, não iria abandoná-la aos lobos, mas planejava se casar com a garota.

E ninguém iria saber. Ninguém além dele e de Hyacinth.

E a consciência dela jamais lhe permitiria desmanchar um noivado após ter se entregado a Gareth.

Naquela noite, haviam planejado uma busca na Casa Clair. Hyacinth desejara ir na semana anterior, mas Gareth protelara. Era cedo demais para colocar o plano em ação, então inventara que o pai estava com visitas. O bom senso ditava que a busca deveria ser feita quando a residência estivesse com o menor número de pessoas possível.

Como era uma moça prática, Hyacinth concordara de imediato.

Mas aquela noite seria perfeita. Era quase certo que o pai estaria no baile Mottram. E o mais importante: Hyacinth estava pronta.

Ele se certificara de que estivesse pronta.

As duas semanas anteriores foram surpreendentemente deliciosas. Ele havia sido forçado a comparecer a um impressionante número de festas e bailes. Comparecera à ópera e ao teatro. Mas fizera tudo isso ao lado de Hyacinth e, se tivera alguma dúvida sobre a decisão de se casar, todas tinham se dissipado. Às vezes ela era irritante, ocasionalmente exasperadora, mas sempre divertida.

Daria uma ótima esposa. Não para a maior parte dos homens, mas, sim, para ele. E isso era só o que importava.

Mas, primeiro, precisava garantir que ela não pudesse voltar atrás. O acordo dos dois deveria ser permanente.

Começara a seduzi-la lentamente, tentando-a com olhares, toques e beijos roubados. Ele a atiçara, fazendo-a imaginar o que poderia vir a seguir. Ele a deixara sem fôlego... ele *se* deixara sem fôlego.

Começara com aquele estratagema duas semanas antes, quando lhe pedira em casamento sabendo que o noivado deles precisava ser rápido. Começara com um beijo. Apenas um beijo. Um simples beijo.

Naquela noite, mostraria a ela exatamente o que um beijo podia ser.

De maneira geral, pensava Hyacinth, enquanto subia apressada as escadas até o quarto, tudo correra bastante bem.

Preferia ter ficado em casa aquela noite – teria mais tempo para se preparar para a ida à Casa Clair. Porém Gareth já enviara um pedido de desculpas para os Mottrams pela própria ausência e achara melhor que ela comparecesse. Assim, ninguém especularia sobre o paradeiro dos dois. Depois de passar três horas conversando, rindo e dançando, Hyacinth localizara a mãe e alegara estar com dor de cabeça. Violet estava se divertindo imensamente, como previra, e não desejava partir, então mandara a filha para casa sozinha na carruagem.

Perfeito, perfeito. Tudo estava perfeito. A carruagem não ficara presa em nenhum engarrafamento, logo ainda devia estar perto da meia-noite. Hyacinth teria quinze minutos para se trocar e descer as escadas dos fundos

sorrateiramente para aguardar Gareth.

Mal podia esperar.

Ela não estava certa de que encontrariam as joias aquela noite. Não ficaria surpresa se Isabella tivesse deixado ainda mais pistas. Contudo, eles dariam mais um passo em direção ao seu objetivo.

E seria uma aventura.

Sempre tivera aquele temperamento imprudente?, perguntou-se Hyacinth. Sempre se excitara com o perigo? Seu espírito só estivera aguardando a oportunidade de se rebelar?

Andou silenciosamente pelo corredor do segundo andar em direção ao quarto. A casa estava quieta e ela não desejava acordar nenhum empregado. Estendeu a mão e girou a maçaneta bem lubrificada, empurrou a porta e entrou.

Até que enfim.

Agora, a única coisa que precisava fazer era...

– Hyacinth.

Ela quase gritou.

– Gareth? – arfou, os olhos quase saltando das órbitas. Meu Deus, o homem estava descansando sobre a sua cama.

Ele sorriu.

– Estava à sua espera.

Hyacinth olhou rapidamente ao redor. Como ele teria entrado?

– O que está fazendo aqui? – sussurrou ela, em frenesi.

– Cheguei cedo – respondeu ele, com a voz indolente, mas um olhar aguçado, intenso. – Resolvi esperá-la.

– *Aqui?*

Ele deu de ombros e sorriu.

– Estava frio lá fora.

Só que não estava. Fazia um calor fora de época. Todos vinham comentando a respeito.

– Como você entrou?

Meu Deus, será que os empregados sabiam? Será que alguém o *vira*?

– Escalei a parede.

– Você escalou a... Você fez o quê? – Ela correu até a janela, espiando para baixo. – Como foi que...

Mas Gareth já se levantara e se colocara silenciosamente por trás de Hyacinth. Envolvendo-a, murmurou próximo ao seu ouvido:

– Eu sou muito, muito esperto.

Ela deixou escapar uma risada nervosa.

– Ou parte gato.

– Isso também – murmurou ele. Após uma pausa, acrescentou: – Senti a sua falta.

– Eu...

Hyacinth também queria dizer que sentira a falta dele, mas ele estava próximo demais, ela estava muito acalorada e a voz lhe faltou.

Gareth encostou os lábios no local macio logo abaixo da orelha dela. Foi algo tão suave que não soube dizer se aquilo fora um beijo.

– Divertiu-se esta noite? – sussurrou ele.

– Sim. Não. Eu estava muito... – Ela engoliu em seco, incapaz de tolerar o toque dos lábios dele sem reagir – ... ansiosa.

Ele lhe tomou as mãos, beijando uma de cada vez.

– Ansiosa? Mas por quê?

– As joias – recordou-lhe ela.

Minha nossa, será que toda mulher tinha tanta dificuldade assim em respirar ao ficar tão próxima de um belo homem?

– Ah, sim. – Gareth pousou as mãos na cintura dela e a puxou para si. – As joias.

– Você não quer...

– Ah, eu quero, sim – murmurou ele, segurando-a escandalosamente próxima ao corpo. – Eu quero. Quero muito.

– Gareth – arquejou ela.

As mãos dele estavam sobre o seu traseiro, e os lábios, em seu pescoço.

Hyacinth não sabia por quanto tempo mais conseguiria permanecer de pé. Gareth a levava a sentir coisas que não reconhecia, a fazia arquejar e gemer. Ela só sabia que queria mais.

– Penso em você todas as noites – sussurrou ele de encontro à sua pele.

– Pensa?

– Aham. – A voz dele, quase um ronronar, ressoou no seu pescoço. – Fico deitado na cama, desejando que você estivesse ao meu lado.

Hyacinth teve que se esforçar ao máximo apenas para respirar. No entanto, uma pequena parte dela, um cantinho depravado e muito descontrolado de sua alma, a fez perguntar:

– No que é que você pensa?

Ele riu, claramente satisfeito.

– Eu penso em fazer *isto*.

A mão que já lhe segurava o traseiro a pressionou seu quadril até estar encostado na evidência do desejo dele.

Ela fez um barulho. Talvez tivesse falado o nome dele.

– E eu penso *muito* em fazer isto – continuou Gareth, os dedos ágeis abrindo um dos botões às costas do vestido.

Hyacinth engoliu em seco. Então engoliu outra vez ao se dar conta de que ele havia desabotoado mais três no tempo que ela levara para respirar.

– Acima de tudo – disse ele, a voz grave e serena. – Eu penso em fazer *isto*.

Gareth a tomou nos braços, a saia espiralando ao redor das pernas dela até mesmo enquanto o corpete do vestido deslizava para baixo, descansando precariamente acima dos seios. Ela agarrou os ombros dele, os dedos mal vincando os músculos, e quis dizer qualquer coisa que talvez a fizesse parecer mais sofisticada do que era de fato, mas tudo o que conseguiu emitir foi um pequeno e assustado “Oh!”, sentindo-se leve, flutuando no ar até ele a pousar sobre a cama.

Gareth ficou ao seu lado, empoleirado, acariciando preguiçosamente o colo dela com uma das mãos.

– Tão bonita... Tão macia...

– O que você está fazendo? – cochichou ela.

Ele sorriu. Lentamente, como um gato.

– Com você?

Ela fez que sim.

– Isso depende – respondeu Gareth, roçando a língua pelo colo dela. – Como você está se sentindo?

– Não sei – admitiu Hyacinth.

Ele riu, o som grave e suave, estranhamente reconfortante.

– Isso é bom – comentou ele, os dedos encontrando o corpete do vestido, já solto. – Isso é muito bom.

Gareth deu um puxão e Hyacinth sorveu o ar ao se ver exposta à friagem.

A ele.

– Tão bela... – sussurrou Gareth, sorrindo, e ela imaginou se o toque dele seria capaz de deixá-la sem fôlego tanto quanto o olhar.

Ele apenas a olhava, rija e tensa.

Ávida.

– Você é tão linda... – murmurou ele, para então tocá-la, deslizando a mão pelo bico do seio tão suavemente que mais parecia o toque do vento.

Ah, sim, o seu toque fazia muito mais com ela do que o olhar.

Sentiu algo no meio das pernas que se irradiou até as pontas dos dedos dos pés. Ela se arqueou, buscando algo mais próximo, mais firme.

– Achei que você era perfeita – disse ele, também torturando o outro seio. – Eu não havia me dado conta. Simplesmente não havia me dado conta.

– Do quê? – sussurrou ela.

Gareth a olhou nos olhos.

– De que você é mais... mais do que perfeita.

– I-Isso não é possível, você não pode... Oh!

Ele havia feito outra coisa, algo mais perverso ainda. Se aquilo era uma batalha com as faculdades mentais dela, Hyacinth estava perdendo miseravelmente.

– O que é que eu não posso fazer? – perguntou ele num tom inocente, os dedos esfregando o seu mamilo, sentindo-o endurecer até se transformar num biquinho ereto.

– Você não pode... Você não pode...

– Eu não posso?– Ele sorriu maliciosamente, fazendo os seus truques no outro lado. – Acho que posso. Acho que acabo de conseguir.

– Não. – Ela arfou. – Você não pode dizer que eu sou mais do que perfeita. Isso é impossível.

Então ele ficou imóvel. Mas seus olhos ainda ardiam e, enquanto a examinavam de cima a baixo, ela o *sentiu*. Era algo inexplicável.

– Foi o que achei – cochichou ele. – A perfeição é absoluta, não é? Ninguém pode ser ligeiramente único ou mais do que perfeito. Porém, de alguma forma, você é.

– Ligeiramente única?

O sorriso se espalhou aos poucos pelo rosto dele.

– Mais do que perfeita.

Ela lhe tocou a face, então alisou uma mecha dele e a ajeitou por trás da orelha. O luar se refletia nos fios, deixando-os ainda mais dourados do que o normal.

Hyacinth não sabia o que dizer, o que fazer. Só sabia que amava aquele homem.

Quando isso acontecera? Não fora como a decisão que tomara de se casar com ele, súbita e clara. Esse... esse amor se irradiara por ela, fluindo como um rio, ganhando impulso até que, um dia, estava lá.

E sabia que sempre estaria com ela.

Agora, deitada em sua cama, na quietude secreta da noite, desejou se entregar a ele. Queria amá-lo de todas as formas que uma mulher pode amar um homem, queria que ele tomasse tudo o que ela tivesse para dar. Não importava que não fossem casados; logo, logo seriam.

Naquela noite ela não podia esperar.

– Me beije – sussurrou Hyacinth.

Ele sorriu, e era um sorriso que estava em seus olhos ainda mais do que nos lábios.

– Pensei que não fosse pedir nunca.

Ele baixou a cabeça, mas apenas roçou os lábios por menos de um segundo. Eles seguiram adiante, para baixo, ardendo na sua pele até encontrarem o seio. Então ele...

– Ohhhh! – gemeu ela.

Ele não podia fazer aquilo. Podia?

Podia. E fez.

Hyacinth foi tomada pelo prazer, cada canto do seu corpo comichando. Ela o agarrou pela cabeça, enterrando as mãos nos cabelos grossos e lisos. Achava que não aguentaria mais; no entanto, não queria que ele parasse.

– Gareth – arfou. – Eu... Você...

As mãos dele pareciam estar por todos os lados, tocando-a, acariciando-a, puxando-lhe o vestido cada vez mais para baixo... até estar recolhido ao redor dos seus quadris, a centímetros de revelar a própria essência de sua feminilidade.

O pânico começou a se avolumar no peito de Hyacinth. Ela queria aquilo.

Sabia que queria, porém ficara subitamente apavorada.

– Não sei o que fazer.

– Não tem problema. – Ele se endireitou e arrancou a própria camisa com força, mas incrivelmente nenhum botão saiu voando. – Eu sei o que fazer.

– Eu sei, mas...

Ele tocou os lábios dela com o dedo.

– Shhh. Deixe que eu mostro. – Gareth sorriu, os olhos dançando com uma expressão travessa. – Será que eu ouso? Será que eu... Bem... talvez...

Ele tirou o dedo de sua boca.

– Mas eu tenho medo de...

Ele colocou o dedo de volta.

– Eu sabia que isso ia acontecer.

Ela o fuzilou com os olhos. Ou, melhor, tentou. Gareth tinha uma capacidade impressionante de fazê-la rir de si mesma. Hyacinth conseguia sentir os lábios se repuxarem até mesmo enquanto ele os forçava a permanecerem fechados.

– Vai ficar quieta? – perguntou Gareth, sorrindo.

Ela fez que sim. Ele fingiu pensar a respeito.

– Não acredito em você.

Hyacinth plantou as mãos no quadril, numa pose ridícula, pois estava nua da cintura para cima.

– Muito bem, mas as únicas palavras que eu permitirei que saiam da sua boca serão: “Oh, Gareth” e “Sim, Gareth.”

Ele retirou o dedo.

– E que tal “Mais, Gareth”?

Ele quase conseguiu se manter sério.

– Isso será aceitável.

Ela se sentiu rir por dentro. Não chegou a emitir nenhum som, só teve aquela sensação boba e eufórica que formiga e dança na barriga. E ficou maravilhada. Estava tão nervosa... ou melhor, tinha estado.

Ele levara o nervosismo embora.

E, de alguma forma, Hyacinth soube que tudo ficaria bem. Talvez ele já tivesse feito aquilo uma centena de vezes com mulheres cem vezes mais bonitas.

Isso não importava. Ele era o primeiro dela, e ela era a sua última.

Gareth se deitou ao lado dela, puxando-a para um beijo. As mãos dele

afundaram em seus cabelos, libertando-os dos cachos até despencarem em ondas sedosas pelas costas. Ela se sentiu livre, indomada.

Ousada.

Pressionou a mão no peito dele, explorando a sua pele, testando os contornos dos músculos. Nunca o havia tocado. Não daquela forma. Deixou os dedos deslizarem pela lateral do corpo dele até chegarem ao quadril, traçando o cós das calças.

E sentiu a sua reação. Os músculos saltaram e, quando passou à sua barriga, ao local entre o umbigo e o que restava de suas roupas, ele inspirou fundo.

Ela sorriu, sentindo-se poderosa e muito, muito feminina.

Arranhou a pele dele de leve, só o bastante para fazer cócegas e para atiçá-lo. O abdômen era plano, com uma linha tênue de pelos que desaparecia por baixo das calças.

– Você gosta disso? – sussurrou ela, fazendo um círculo ao redor de seu umbigo.

– Aham. – A voz era serena, mas a respiração se tornara irregular.

– E disso? – Ela percorreu lentamente a fileira de pelos.

Ele não disse nada, mas os olhos responderam que sim.

– E que tal...

– Desabotoe – grunhiu ele.

Hyacinth se deteve.

– Eu?

De alguma forma, não lhe ocorrera que ela pudesse ajudá-lo a se despir. Pareceu-lhe ser uma tarefa do sedutor.

Gareth tomou a mão dela, conduzindo-a até os botões.

Com os dedos trêmulos, Hyacinth foi libertando cada disco, mas sem afastar o tecido. Isso era algo que ainda não estava preparada para fazer.

Gareth pareceu compreender a sua relutância e saltou da cama só para se livrar do resto das roupas. Hyacinth desviou os olhos... de início.

– Minha nos...

– Não se preocupe – disse ele, voltando a ficar ao seu lado, e puxou o vestido até o chão. – Nunca – beijou-lhe a barriga –, nunca – beijou-lhe o quadril – se preocupe.

Hyacinth quis dizer que não iria se preocupar, que confiava nele, mas bem

naquele instante ele deslizou os dedos para o meio das suas pernas e ela teve dificuldade para respirar.

– Shhhh – cantarolou ele, persuadindo-a a abrir as pernas. – Relaxe.

– Eu estou relaxada.

– Não. – Ele sorriu. – Não está, não.

– Estou, sim.

Gareth deu um beijo indulgente em seu nariz.

– Confie em mim – sussurrou ele. – Só por enquanto, confie em mim.

Ela tentou relaxar, mas era quase impossível, já que ele incitava seu corpo a se transformar num flamejante inferno. Gareth abriu-a ao meio e começou a tocá-la onde jamais havia sido tocada.

– Oh, minha... Oh!

Seus quadris arquearam e ela não sabia o que fazer. Não sabia o que dizer.

Não sabia o que sentir.

– Você é perfeita – disse ele, encostando os lábios em sua orelha. – Perfeita.

– Gareth, o que é que você...

– Estou fazendo amor com você. Estou fazendo amor com você.

O coração dela saltou dentro do peito. Não era exatamente *Eu te amo*, mas chegava bem perto.

Naquele último momento em que o cérebro dela ainda funcionava, Gareth deslizou um dos dedos para dentro dela.

– Gareth!

Ela agarrou os seus ombros. Com força.

– Shhhh. Os empregados.

– Não me importo.

Ele a olhou com a mais divertida das expressões, então... o que quer que ele tivesse feito... voltou a fazer.

– Eu acho que se importa, sim.

– Não, eu não me importo. Não me importo. Eu...

Ele fez outra coisa, algo por fora, e o corpo dela todo sentiu.

– Você está tão pronta... Não posso nem acreditar.

Gareth se posicionou acima dela. Os dedos ainda administravam aquela tortura, mas Hyacinth pôde se perder nas profundezas do azul límpido dos olhos dele.

– Gareth – sussurrou, mesmo sem ter a menor ideia do que queria dizer com aquilo.

Não era uma pergunta, um apelo ou, de fato, qualquer coisa além do nome dele. Mas precisava ser dito porque era ele.

E era sagrado.

Ele ficou entre as coxas dela e Hyacinth o sentiu em sua fenda, imenso e exigente. Os dedos dele continuavam em sua brecha, preparando-a para o membro.

– Por favor – gemeu ela e, dessa vez, foi um apelo. Ela queria aquilo. Precisava dele. – Por favor.

Lentamente, Gareth a penetrou e Hyacinth sorveu o ar, perplexa com o tamanho e a sensação.

– Relaxe – pediu ele, mas sem soar relaxado.

Ela o encarou. Gareth lhe pareceu tenso e sua respiração estava acelerada, rasa.

Ele ficou imóvel, dando-lhe tempo para se ajustar, então foi adiante, só um pouco, mas o bastante para fazê-la ofegar.

– Relaxe.

– Estou *tentando* – retrucou ela entre os dentes.

Gareth quase sorriu. Aquela frase era bem o estilo de Hyacinth, muito tranquilizadora. Até mesmo agora, naquela que era uma das mais surpreendentes e estranhas experiências de sua vida, ela era... a mesma.

Era ela mesma.

Isso não era tão comum assim.

Empurrou um pouco mais e pôde senti-la ceder, estendendo-se para cabê-lo. A última coisa que queria era machucá-la. Tinha a sensação de que não conseguiria eliminar a dor por completo, mas, por Deus, tornaria aquilo o mais perfeito possível. Se isso quisesse dizer quase se matar para ir com calma, ele o faria.

Hyacinth estava rija, rangendo os dentes, na expectativa da invasão. Gareth quase gemeu; ele a tivera tão próxima, tão pronta e, agora, ela se achava tão relaxada quanto uma cerca de ferro batido.

Gareth passou a mão pela perna dela. Rígida como uma vara.

– Hyacinth – murmurou em seu ouvido, tentando não trair o divertimento –,

acho que, um minuto atrás, você estava gostando um pouco mais.

Após um minuto, ela disse:

– Isso talvez seja verdade.

Ele mordeu o lábio para não rir.

– Acha que consegue encontrar o caminho de volta à diversão?

Ela franziu os lábios naquela sua típica expressão – a que fazia quando sabia que estava sendo alvo de troça e desejava retribuir na mesma moeda.

– Acho que sim.

Gareth a admirava: era rara a mulher que conseguia manter a compostura em tal situação.

Ele passou a língua por trás de sua orelha, distraindo-a, enquanto a mão encontrava o caminho por entre as suas pernas.

– Talvez eu consiga ajudá-la.

– Com o quê? – arquejou ela.

O quadril dela saltou e ele soube que Hyacinth estava mais uma vez a caminho do completo atordoamento.

– Ora, com aquela sensação – respondeu ele, acariciando-a enquanto a penetrava ainda mais profundamente. – Com aquela sensação de *Oh*, *Gareth, Sim, Gareth, Mais, Gareth*.

– Oh – ela soltou um gemido agudo quando os dedos dele começaram a se movimentar em delicados círculos. – Essa sensação.

– É uma ótima sensação.

– Você está quase... Oh! – Ela trincou os dentes e gemeu com as sensações que ele lhe provocava.

– Quase o quê? – perguntou Gareth, agora quase penetrando-a por completo.

Ia ganhar uma medalha por aquilo, com certeza. Nenhum homem jamais exercitara tanto autocontrole.

– Me colocando em apuros.

– Espero que sim – comentou ele antes de avançar ainda mais, rompendo a última barreira, agora completamente envolto por ela.

Gareth estremeceu ao senti-la sacudir-se por inteiro. Cada músculo do corpo dele gritava, exigindo ação, mas ele se manteve imóvel. Era o necessário. Se não lhe desse tempo para se ajustar, acabaria machucando-a. Não queria de jeito nenhum que sua noiva recordasse o primeiro ato de intimidade com dor.

Meu Deus, aquilo poderia lhe deixar marcas para a vida inteira.

Mas, se Hyacinth estava sentindo dor, nem mesmo ela sabia, pois o quadril começara a se movimentar, pressionando para cima, em movimentos circulares. Quando ele olhou para o seu rosto, nada viu além de paixão.

E os últimos resquícios de autocontrole se foram.

Ele começou a se mexer, o corpo entrando no ritmo da própria necessidade. O desejo se intensificou e Gareth teve quase certeza de que não aguentaria mais. Então ela fez um único barulhinho, nada além de um gemido, e ele a desejou ainda mais.

Aquilo lhe pareceu impossível.

Mágico.

Agarrou os ombros dela com uma força exagerada, mas se viu incapaz de suavizá-la. Foi dominado por um desejo sobrepujante de fazê-la sua, de marcá-la de alguma maneira como sua.

– Gareth – gemeu ela. – Oh, Gareth.

E aquele som foi demais. Tudo era demais: a imagem, o cheiro dela... Sentiu-se estremecer em direção ao prazer completo.

Rangeu os dentes. Ainda não. Não quando ela estava tão perto.

– Gareth!

Mais uma vez, ele deslizou a mão entre os corpos dos dois. Encontrou-a intumescida e molhada e pressionou, provavelmente com menos sutileza do que deveria, mas com o máximo possível.

E jamais desviou os olhos do rosto dela. Seus olhos pareceram escurecer, a cor quase azul-marinho. Os lábios se entreabriram, desesperados em busca de ar, enquanto o corpo arqueava, pressionava, empurrava.

– Oh! – gritou ela, e Gareth a beijou rapidamente para abafar o som.

Hyacinth se enrijeceu, se sacudiu e, logo, se desfazia em espasmos. As mãos agarravam os ombros dele, o pescoço, os dedos, mordiscando-lhe a pele.

Mas ele não se importou. Nem conseguiu sentir. Nada havia além da deliciosa pressão no seu membro, agarrando-o, sugando-o para dentro até ele, literalmente, explodir.

Precisou beijá-la outra vez, só que agora para calar os próprios gritos de paixão.

Nunca fora assim. Ele não soubera que podia ser assim.

– Minha nossa – suspirou Hyacinth, uma vez que ele deslizara de cima dela e se deitara de barriga para cima.

Gareth assentiu, exausto demais para falar. Tomou a mão dela. Ainda queria tocá-la. Precisava do contato.

– Eu não sabia – disse ela.

– Nem eu – ele conseguiu dizer.

– É sempre...

Gareth apertou a mão dela e, quando a ouviu se virar em direção a ele, balançou a cabeça.

– Oh. – Fez-se um momento de silêncio. – Bem, ainda bem que vamos nos casar.

Gareth começou a rir, sacolejando.

– O que foi? – quis saber ela.

Ele não conseguia falar. Continuou deitado, sacudindo a cama toda.

– Qual é a graça?

Gareth recuperou o fôlego e rolou até estar sobre ela outra vez, nariz com nariz.

– Você.

Ela franziu a testa, mas logo abriu um sorriso.

Um sorriso lascivo.

Meu Deus, como ele ia gostar de ser marido daquela mulher.

– Talvez tenhamos que apressar a data do casamento – opinou Hyacinth.

– Eu estou disposto a arrastá-la até a Escócia amanhã mesmo.

Ele estava falando sério.

– Eu não posso – replicou ela, embora parecesse querer.

– Seria uma aventura – disse ele, deslizando uma das mãos pelo quadril dela para tornar a ideia ainda mais atraente.

– Vou falar com a minha mãe. Se eu for irritante o suficiente, poderemos reduzir o noivado pela metade.

– Isso me faz pensar... na condição de seu futuro marido, devo me preocupar com “se eu for irritante o suficiente”?

– Não se ceder a todos os meus desejos.

– Uma frase que me preocupa ainda mais.

Ela sorriu.

Então, quando Gareth começava a se sentir confortável, ela deixou escapar um “Oh!” e foi se remexendo até sair de baixo dele.

– O que foi? – indagou Gareth, a pergunta abafada pela deselegante aterrissagem sobre os travesseiros.

– As joias – disse ela, segurando o lençol de encontro ao peito enquanto se sentava na cama. – Me esqueci completamente delas. Minha nossa, que horas são? Temos que ir.

– Você consegue se *mexer*?

Ela pestanejou.

– Você não consegue?

– Se eu não tivesse que desocupar esta cama antes do amanhecer, eu ficaria bastante satisfeito em roncar até o meio-dia.

– Mas as joias! Os nossos planos!

Ele fechou os olhos.

– Podemos ir amanhã.

– Não – replicou ela, batendo no ombro dele com a palma da mão –, não podemos, não.

– Por que não?

– Por que eu já tenho compromissos para amanhã, e a minha mãe vai desconfiar se eu continuar alegando dor de cabeça. Além do mais, você combinou de ir esta noite.

Ele abriu um dos olhos.

– Até parece que tem alguém à nossa espera.

– Bem, eu vou – afirmou ela, envolvendo-se com o lençol e se levantando da cama.

As sobrancelhas de Gareth se ergueram e ele olhou para Hyacinth com um sorriso masculino que se espalhou ainda mais quando ela ruborizou e se virou.

– Eu... ahn... só preciso me lavar – murmurou Hyacinth, indo para o quarto de vestir.

Com uma enorme demonstração de relutância – embora Hyacinth estivesse de costas para ele –, Gareth começou a se vestir. Não conseguia acreditar que ela até mesmo pensasse em sair aquela noite. Não era para as virgens ficarem rijas e doloridas depois da primeira vez?

Hyacinth enfiou a cabeça pela porta.

– Comprei sapatos mais apropriados – informou ela, cochichando como se falasse das coxias de um teatro –, caso precisemos correr.

Ele balançou a cabeça. Ela não era uma virgem comum.

– Tem certeza de que quer fazer isso esta noite? – perguntou Gareth, tão logo ela ressurgiu com suas vestes pretas masculinas.

– Absoluta. – Hyacinth fez um rabo de cavalo perto da nuca. Ela ergueu a vista, os olhos brilhando de emoção. – Você não tem?

– Estou exausto.

– Sério? – Ela o olhou com franca curiosidade. – Eu me sinto exatamente ao contrário. Energizada.

– Você ainda vai acabar comigo.

Ela abriu um largo sorriso.

– Melhor eu do que outra.

Gareth suspirou e se dirigiu à janela.

– Quer que eu o espere lá embaixo – indagou ela, polidamente – ou prefere descer pelas escadas dos fundos comigo?

Gareth se deteve com um dos pés no peitoril da janela.

– Ah, as escadas dos fundos são perfeitamente aceitáveis.

Ele a seguiu para fora da casa.

CAPÍTULO 15

No interior da biblioteca da Casa Clair. Não há por que narrar a jornada por Mayfair, a não ser para destacar a energia e o entusiasmo de Hyacinth e a completa ausência deles em Gareth.

– Está vendo alguma coisa? – sussurrou Hyacinth.

– Apenas livros.

Ela o fuzilou com os olhos, mas decidiu não zombar da sua falta de entusiasmo. Uma discussão só os distrairia da tarefa que tinham a fazer.

– Você está vendo – começou ela, com toda a paciência possível – alguma seção que pareça ser composta de títulos científicos? – Olhou para a prateleira à sua frente, contendo três romances, duas obras de filosofia, três volumes da história da Grécia, além de *Como tratar e alimentar suínos*. – Ou será que estão em algum tipo de ordem?

– Mais ou menos – veio a resposta, de cima. Gareth estava de pé num banquinho, investigando as prateleiras superiores. – Na verdade, não.

– O que está vendo?

– Um tanto sobre os primórdios da Grã-Bretanha. Mas olhe só o que encontrei, enfiado lá no canto.

Ele tirou um livrinho da prateleira e o atirou para baixo.

Hyacinth o pegou com facilidade, então virou o livro para ler o título.

– Não é possível!

– Difícil de acreditar, não é mesmo?

Bem ali, em letras douradas, estava escrito “Miss Davenport e o Marquês Sombrio”.

– Não acredito.

– Talvez você deva levá-lo para a minha avó. Ninguém vai sentir falta dele aqui.

Hyacinth abriu na folha de rosto.

– Foi escrito pela mesma autora de *Miss Butterworth*.

– Só podia ser – comentou Gareth, dobrando os joelhos para inspecionar melhor a prateleira abaixo.

– Não conhecíamos esse. Já lemos *Miss Sainsbury e o Coronel Misterioso*, é claro.

– Um romance militar?

– Passado em Portugal. – Hyacinth reiniciou a inspeção da prateleira à sua frente. – Mas não me pareceu nada autêntico. Não que eu já tenha ido a Portugal.

Ele assentiu, então desceu do banquinho e o levou até o grupo seguinte de prateleiras. Hyacinth observou-o subir outra vez e recomeçar a tarefa, agora na prateleira mais alta.

– O que é mesmo que estamos procurando?

Hyacinth tirou o bilhete todo dobrado de dentro do bolso.

– *Discorso intorno alle cose che stanno in su l'acqua*.

Ele a olhou por um instante.

– Que quer dizer...?

– Discussão de dentro de coisas que estão na água?

Não fora a sua intenção dizer aquilo em tom de pergunta.

Ele se mostrou desconfiado.

– De dentro de coisas?

– Que estão na água. Ou que se movem – acrescentou ela. – *O che in quella si muovono*. Essa é a última parte.

– E por que alguém iria ler isso?

– Não faço a menor ideia – respondeu ela, balançando a cabeça. – Foi você quem estudou em Cambridge.

Ele pigarreou.

– Sim, bem, nunca fui muito afeito às ciências.

Hyacinth decidiu não tecer comentários e se voltou à prateleira diante de si, que continha uma coleção em sete volumes sobre botânica inglesa, duas obras de Shakespeare e um livro bem grosso intitulado *Flores silvestres*.

– Acho – começou ela, mordendo o lábio por um instante enquanto fitava tudo o que já havia analisado – que esses livros já estiveram em ordem em algum momento. Parece, sim, haver alguma organização. Se olhar bem – ela fez sinal para uma das prateleiras que inspecionara –, esta é quase toda composta de

obras de poesia. Mas então, bem no meio, encontra-se algo escrito por Platão e, no fim, *História ilustrada da Dinamarca*.

– Certo – disse Gareth, parecendo sentir dor. – Certo.

– Certo? – repetiu ela, olhando para cima.

– Certo. – Agora ele soava envergonhado. – Isso talvez tenha sido minha culpa.

Ela piscou, aturdida.

– Como assim?

– Foi um dos meus momentos mais imaturos. Estava com raiva.

– Você estava... com raiva?

– Eu baguncei as prateleiras.

– Você fez... *o quê*?

Ela quis gritar e, francamente, sentiu-se muito orgulhosa de ter se contido. Gareth deu de ombros, envergonhado.

– Na época, achei que seria bastante furtivo.

Hyacinth ficou olhando a prateleira à sua frente sem enxergá-la de verdade.

– Quem iria imaginar que isso voltaria para assombrá-lo um dia?

– Quem...

Ele passou a outra prateleira, inclinando a cabeça enquanto lia os títulos nas lombadas.

– O pior é que foi um pouco furtivo *demais*. Não incomodou o meu pai em nada.

– Teria me levado à loucura.

– Sim, mas você lê. Meu pai nem ao menos notou que algo estava errado.

– Mas alguém deve ter estado aqui desde o seu *esforço* de reorganização. – Hyacinth olhou para o livro que se encontrava ao seu lado. – Não acho que *Miss Davenport* foi publicado há tanto tempo.

– Talvez alguém o tenha deixado aqui. Pode ter sido a esposa do meu irmão. Imagino que um dos empregados o tenha enfiado na primeira prateleira que tivesse espaço.

Hyacinth suspirou fundo, tentando descobrir a melhor maneira de proceder.

– Consegue se lembrar de qualquer coisa relacionada à organização dos títulos? Qualquer coisa? Sabe se eram agrupados por autor? Por assunto?

– Eu estava com um pouco de pressa. Fui agarrando livros a esmo e

trocando-os de lugar. – Ele parou, soltando o ar, enquanto plantava as mãos no quadril e estudava o aposento. – Lembro que parecia haver bastante coisa sobre cães. E ali havia...

As palavras se esvaíram. Hyacinth ergueu os olhos com urgência e viu que ele fitava uma prateleira próxima à porta.

– O que foi? – perguntou, colocando-se de pé.

– Uma seção em italiano – respondeu ele, indo até o outro extremo do aposento.

– Devem ter sido os livros da sua avó.

– E os últimos que qualquer St. Clair pensaria em abrir.

– Consegue vê-los?

Gareth balançou a cabeça enquanto passava o dedo pelas lombadas, buscando livros em italiano.

– Suponho que não tenha lhe passado pela cabeça deixar esse grupo intacto – murmurou Hyacinth, agachando-se para inspecionar as prateleiras inferiores.

– Não me recordo. Mas com certeza a maioria ainda vai estar onde deveria. Fiquei cansado demais da brincadeira para fazer um bom trabalho. Deixei a maioria no lugar. Na verdade... – Ele se empertigou de repente. – Aqui estão.

Hyacinth se levantou imediatamente.

– São muitos?

– Apenas duas prateleiras. Imagino que fosse bastante caro importar livros da Itália.

Os livros estavam bem na altura do rosto de Hyacinth, então ela lhe pediu que segurasse a vela enquanto examinava os títulos em busca de algo que soasse como o que Isabella escrevera no bilhete. Vários não tinham o título inteiro impresso na lombada e ela precisou puxá-los para ler as palavras na capa. Cada vez que o fazia, ouvia Gareth respirar fundo e, em seguida, soltar o ar, desapontado, quando o volume era devolvido.

Ela chegou ao fim da prateleira inferior e ficou nas pontas dos pés para investigar a superior. Gareth vinha logo atrás, e estava tão próximo que ela podia sentir o seu corpo irradiando calor.

– Está vendo alguma coisa? – perguntou ele, as palavras graves e mornas de encontro ao ouvido dela.

Hyacinth não achava que ele quisesse inquietá-la com a proximidade, mas

foi o que aconteceu.

– Ainda não.

A maioria dos livros de Isabella era de poesia. Alguns pareciam ser de poetas ingleses, traduzidos para o italiano. Quando Hyacinth chegou à metade da prateleira, no entanto, passaram a ser volumes de não ficção. História, filosofia, história, história...

Hyacinth prendeu a respiração.

– O que foi? – quis saber Gareth.

Com as mãos trêmulas, ela puxou um volume delgado e o virou para que Gareth também visse a capa.

Discorso intorno alle cose che stanno in su l’acqua,
O che in quella si muovono

Galileu Galilei

– Exatamente o que ela escreveu na pista – sussurrou Hyacinth, acrescentando, apressada: – Exceto o Sr. Galilei. Teria sido bem mais fácil encontrar o livro se soubéssemos quem era o autor.

Gareth desconsiderou a desculpa e gesticulou para o volume.

Lenta e cuidadosamente, Hyacinth abriu o livro para procurar a tira de papel. Não havia nada ali dentro, então ela virou uma página, depois outra, depois outra... Até Gareth arrancar a obra das suas mãos.

– Quer ficar aqui até a semana que vem? – cochichou ele impacientemente.

Sem a menor delicadeza, segurou o livro pelas capas, com a lombada virada para cima.

– Gareth, você...

– Shhh.

Ele sacudiu o livro, espiou lá dentro, então o sacudiu outra vez, com mais força. Como esperado, uma tira de papel se soltou e caiu sobre o tapete.

– Agora me dê isso – exigiu Hyacinth, depois de Gareth pegá-la. – Você não vai conseguir ler de qualquer forma.

Convencido pela lógica, ele lhe entregou a pista, mas permaneceu próximo, inclinando-se sobre o ombro de Hyacinth, empunhando a vela, enquanto ela desdobrava o papel.

– O que diz? – perguntou ele.

– Não sei.

– Com assim, você não...

– Não sei – vociferou ela, *odiando* ter que admitir sua derrota. – Não consigo entender nada. Nem sei se isso é italiano. Sabe se ela falava outra língua?

– Não faço ideia.

Hyacinth cerrou os dentes, desanimada com a mudança no rumo dos acontecimentos. Não achava que encontrariam as joias naquela noite, mas nunca lhe ocorrera que a pista seguinte poderia levá-los a um beco sem saída.

– Posso ver? – pediu Gareth.

Ela lhe deu o bilhete.

– Não sei o que é, mas não é italiano.

– Nem nada parecido – completou Hyacinth.

Gareth praguejou baixinho, mas Hyacinth conseguiu ouvir os palavrões.

– Com a sua permissão – disse ela, com aquele tom de voz sereno que sempre utilizava ao lidar com um homem truculento –, poderia mostrar ao meu irmão, Colin. Ele já viajou muito e talvez reconheça a língua, mesmo se não for capaz de fazer a tradução.

Gareth pareceu hesitar, então ela acrescentou:

– Podemos confiar nele. Eu prometo.

Ele assentiu.

– É melhor irmos. Não podemos fazer mais nada esta noite.

Havia pouca coisa para colocar no lugar; tinham posto os livros de volta nas prateleiras tão logo os removiam. Hyacinth encostou um banco de volta na parede e Gareth fez o mesmo com uma cadeira. Dessa vez, as cortinas haviam permanecido no lugar; de qualquer forma, o luar era muito fraco e não os ajudaria a enxergar.

– Está pronta? – perguntou ele.

Ela pegou *Miss Davenport e o Marquês Sombrio*.

– Tem certeza de que ninguém vai sentir falta disto?

Ele enfiou a pista de Isabella nas páginas para guardá-la.

– Absoluta.

Gareth encostou o ouvido na porta. Ninguém andava pela casa quando entraram, pé ante pé, meia hora antes, mas o mordomo nunca se recolhia antes

do barão. Logo, com o barão ainda fora, havia um homem acordado e, talvez, perambulando pela casa, e outro que poderia retornar a qualquer momento.

Gareth levou um dos dedos aos lábios e fez sinal para que ela o seguisse enquanto girava cautelosamente a maçaneta. Abriu uma frestinha, apenas o bastante para espiar e se certificar de que era seguro prosseguirem. Juntos, entraram no corredor, passando às escadas que levavam ao primeiro andar. Estava escuro, mas os olhos de Hyacinth já haviam se acostumado e ela podia ver aonde ia. Em menos de um minuto, se viram de volta à sala de estar – a tal com o trinco de janela quebrado.

Como na vez anterior, Gareth saiu primeiro, então fez um apoio com as mãos para que Hyacinth se equilibrasse enquanto se esticava para fechar a janela. Ajudou-a a voltar para o chão, deu um beijo em seu nariz e disse:

– Você precisa ir para casa.

Ela não pôde deixar de sorrir.

– Mas eu já estou desesperançosamente comprometida.

– Sim, mas sou o único que sabe disso.

Hyacinth achou encantador que ele estivesse tão preocupado com a sua reputação. Afinal, não importava, de fato, se alguém os apanhasse; ela se deitara com ele e agora precisavam se casar. Uma mulher da sua origem não podia fazer menos do que isso. Minha nossa, podia haver um bebê a caminho e, mesmo se não houvesse, ela já não era virgem.

Mas soubera o que estava fazendo ao se entregar a ele. Estivera ciente dos desdobramentos.

Juntos, percorreram sorrateiramente o beco em direção à Dover Street. Era crucial que fossem rápidos. O baile Mottram sempre ia até altas horas da madrugada, mas os dois tinham demorado a começar a busca e, em breve, todos estariam indo para casa. Haveria carruagens pelas ruas de Mayfair, logo ela e Gareth precisavam ficar invisíveis.

Apesar do gracejo, Hyacinth não desejava ser pega na rua, no meio da noite. O casamento dos dois era, sim, inevitável, mas não ficaria especialmente satisfeita em se ver assunto de mexericos.

– Espere aqui – disse Gareth, impedindo-a, com o braço, de ir em frente.

Hyacinth permaneceu nas sombras enquanto ele tomava a Dover Street. Aproximou-se da esquina o máximo que ousava, certificando-se de que não

havia ninguém por perto. Depois de alguns segundos, viu a mão de Gareth estendida para trás, gesticulando “venha comigo”.

Saiu para a Dover Street, mas permaneceu ali menos de um segundo antes de ouvir a respiração entrecortada de Gareth e ser jogada de volta nas sombras.

Espremendo-se de encontro à parede dos fundos do prédio de esquina, ela agarrou *Miss Davenport* – e, dentro dele, a pista de Isabella – junto ao peito enquanto esperava que Gareth surgisse ao seu lado.

Então ela a ouviu.

Uma única palavra, na voz do pai dele.

– *Você*.

Gareth teve menos de um segundo para reagir. Não sabia como tinha acontecido, não sabia de onde o barão surgira, mas de alguma forma conseguiu empurrar Hyacinth para o beco no exato segundo antes de ser pego.

– Saudações – disse, no seu tom mais divertido, dando um passo à frente para se afastar do beco.

O pai já se aproximava, o rosto visivelmente zangado até mesmo ao tênue luar.

– O que faz aqui?

Gareth deu de ombros, do jeito que enfurecera o pai tantas vezes. Mas, dessa vez, não estava tentando provocá-lo: apenas procurava manter a atenção do barão concentrada só nele.

– Só estou indo para casa – respondeu Gareth, com deliberada indiferença.

O pai lhe lançou um olhar desconfiado.

– Está um pouco longe de casa.

– Gosto de parar para inspecionar a minha herança de vez em quando – comentou Gareth, com um sorriso terrivelmente inócuo. – Só para me certificar de que você não incendiou o lugar.

– Não pense que nunca considerei isso.

– Ah, sei que sim.

O barão ficou em silêncio por um momento.

– Você não estava no baile desta noite.

Gareth não sabia como responder, então se limitou a erguer as sobrancelhas ligeiramente e a manter a expressão serena.

– A Srta. Bridgerton tampouco estava.

– Não? – perguntou Gareth, baixinho, esperando que a dama em questão tivesse autocontrole o bastante para não saltar do beco gritando: “Estava, sim!”

– Apenas no início – admitiu o barão. – Saiu bastante cedo.

Gareth deu de ombros.

– É a prerrogativa de uma dama.

– Mudar de ideia? – Os lábios do barão se curvaram milimetricamente e os olhos se tornaram zombeteiros. – Você deve torcer para que ela não seja muito instável.

Gareth o olhou com frieza. De alguma forma, ainda sentia a situação sob controle. Ou, pelo menos, como o adulto que gostava de achar que era. Não sentiu nenhum desejo infantil de agredir ou de dizer algo com o simples propósito de enfurecê-lo. Passara metade da vida tentando impressionar aquele homem, e a outra tentando irritá-lo. Mas, agora... enfim, a única coisa que queria era se livrar dele.

Não chegou a sentir a indiferença que desejara sentir, mas chegou muito perto. Talvez fosse porque encontrara alguém para preencher o vazio.

– Sem dúvida você não perdeu tempo com ela – disse o barão, sarcástico.

– Um cavalheiro precisa se casar – comentou Gareth.

Não queria dizer isso diante de Hyacinth, mas era muito mais importante manter a farsa do que fazer um discurso romântico.

– Sim – murmurou o barão –, um *cavalheiro* precisa, sim.

A pele de Gareth começou a se eriçar. Ele sabia o que o pai estava sugerindo e, embora já tivesse comprometido Hyacinth, preferiria que ela só soubesse da verdade a respeito de seu nascimento depois do casamento. Seria mais fácil assim e, quem sabe...

Bem, quem sabe ela jamais soubesse a verdade. Era algo improvável, considerando o veneno do pai e o diário de Isabella, porém situações mais estranhas já haviam ocorrido.

Precisava partir. Imediatamente.

– Tenho que ir agora – disse ele de súbito.

A boca do barão se curvou num sorriso desagradável.

– Sim, sim. Vai precisar se arrumar antes de ir lamber os pés da Srta. Bridgerton amanhã.

– Saia da minha frente – replicou entre os dentes.

Mas o barão ainda não tinha terminado:

– O que eu me pergunto é... como conseguiu que ela dissesse sim?

Gareth já estava com sangue nos olhos.

– Eu disse...

– Você a seduziu? Certificou-se de que ela não pudesse dizer “não” até mesmo...

Gareth queria manter a calma, e seria bem-sucedido se o barão tivesse mantido os insultos restritos a ele. Mas, ao mencionar Hyacinth...

A fúria tomou conta dele e, antes que se desse conta, tinha o pai imprensado na parede.

– Não ouse falar dela comigo outra vez – avisou, mal reconhecendo a própria voz.

– Você cometeria o erro de me matar aqui, numa rua pública?

O barão arquejava, mas manteve um impressionante tom de ódio.

– É tentador.

– Ah, mas você perderia o título. E, então, como ficaria? Ah, sim – continuou ele, praticamente engasgando nas palavras –, enforcado.

Gareth diminuiu a força. Não devido às palavras do pai, mas porque enfim começava a recuperar o controle sobre as emoções. Hyacinth estava escutando tudo, conseguiu se lembrar. Estava bem ali, na esquina. Gareth não podia fazer algo de que se arrependeria mais tarde.

– Eu sabia que você faria isso – disse o pai, logo que o bastardo o soltou e se virou para ir embora.

Maldição, ele sempre sabia o que dizer e como manipulá-lo para impedir que Gareth tomasse a atitude correta.

– Faria o quê? – indagou Gareth, estacando.

– Pediria a Srta. Bridgerton em casamento.

Ele se virou lentamente. O pai sorria, satisfeito consigo mesmo. Aquela visão fez o sangue de Gareth gelar.

– Você é tão previsível... – disse o barão, entortando a cabeça só alguns centímetros.

Era um gesto que Gareth já vira uma centena de vezes, talvez mil: condescendente e desdenhoso, sempre fazia Gareth se sentir outra vez como um menino, esforçando-se muito pela aprovação do pai.

E fracassando toda vez.

– Uma palavra minha – provocou o barão, rindo para si mesmo. – Só uma palavra minha.

Gareth escolheu as palavras cuidadosamente. Precisava lembrar que tinha uma plateia. Portanto, apenas falou:

– Não tenho a menor ideia do que você quer dizer.

O pai irrompeu em gargalhadas. Atirou a cabeça para trás e rugiu, demonstrando um grau de alegria que reduziu Gareth a um silêncio chocado.

– Ora, vamos – continuou ele, enxugando os olhos. – Eu lhe disse que não conseguiria conquistá-la, e olhe só o que você fez.

Gareth sentiu um aperto no peito. O pai *queria* que ele se casasse com Hyacinth?

– Você logo a pediu em casamento. Quanto tempo levou? Um dia? Dois? Não mais que uma semana, tenho certeza.

– Meu pedido à Srta. Bridgerton não teve nada a ver com você – retrucou Gareth friamente.

– Ora, por favor – disse o barão com completo desdém. – Tudo o que você faz é por minha causa. Ainda não percebeu isso até hoje?

Gareth o fitou, horrorizado. Seria verdade?

– Bem, está na hora de ir para a cama – prosseguiu o barão, com um suspiro afetado. – Isso foi... divertido, não acha?

Gareth não sabia o que pensar.

– Ah, e antes de se casar com a Srta. Bridgerton – concluiu o pai, enquanto colocava o pé no primeiro degrau que levava à porta da frente da Casa Clair –, seria bom resolver a questão do seu outro noivado.

– *O quê?*

O barão abriu um sorriso afável.

– Não sabia? Você continua noivo da pobrezinha da Mary Winthrop. Ela não se casou com mais ninguém.

– Isso não pode ser legal.

– Ora, mas eu lhe garanto que é. – O barão se inclinou um pouco para a frente. – Eu me certifiquei disso.

Gareth se limitou a ficar de queixo caído, com os braços pendentes, sem vida, completamente atordoado.

– Vejo você no casamento! – gritou o barão. – Ora, que tolo eu sou. Em qual casamento? – Ele riu, dando mais alguns passos em direção à porta. – Por favor, mande me avisar assim que resolver tudo.

Fez um pequeno aceno, satisfeito, e entrou na casa.

– Meu Deus – disse Gareth para si mesmo, então mais uma vez, já que nunca na vida uma situação demandara tanto desespero: – Meu Deus.

Em que tipo de confusão ele havia se metido? Um homem não podia pedir mais de uma mulher em casamento ao mesmo tempo. Embora ele não tivesse proposto nada a Mary Winthrop, o pai o fizera em seu nome e assinara documentos. Gareth não fazia ideia de como isso interferia nos seus planos com Hyacinth, mas não podia ser nada bom.

Ora, maldição... Hyacinth.

Meu Deus. Ela ouvira cada palavra.

Gareth se pôs a correr em direção à esquina, então se deteve, erguendo os olhos para se certificar de que o pai não o estava espiando de casa. As janelas continuavam às escuras, o que não queria dizer nada...

Ora, que importância tinha isso?

Dobrou a esquina em disparada, derrapando bem na frente do beco onde a deixara.

Ela se fora.

CAPÍTULO 16

Ainda no beco, Gareth olha fixamente para o local onde Hyacinth deveria estar.
Nunca mais quer se sentir daquela forma.

O coração de Gareth parou.

Onde diabos estaria Hyacinth?

Será que corria perigo? Já estava tarde e, embora se encontrassem numa das regiões mais caras e exclusivas de Londres, ladrões e assassinos poderiam estar à espreita e...

Não, não poderia ter acontecido nada com ela. Não ali perto. Gareth teria ouvido alguma coisa. Um confronto. Um grito. Hyacinth jamais teria sido levada sem luta. Uma luta muito ruidosa.

Isso significava que ela ouvira o pai falar sobre Mary Winthrop e que fugira correndo. Maldita mulher. Devia ter mais bom senso.

Gareth deixou escapar um grunhido irritado enquanto punha as mãos no quadril e perscrutava os arredores. Ela podia ter corrido para casa por oito rotas diferentes – provavelmente mais se contasse todos os becos e vielas, mas Gareth esperava que ela fosse sensata o bastante para evitá-los.

Decidiu tentar a rota mais direta. Ela teria dobrado à direita na Berkeley Street, por onde deviam passar carruagens vindo do baile Mottram, mas Hyacinth provavelmente estaria tão furiosa que o seu principal objetivo seria chegar em casa o mais rápido possível.

Para Gareth, isso seria ótimo. Ele preferia que ela fosse vista por um mexeriqueiro na via principal do que por um ladrão numa rua secundária.

Gareth saiu correndo em direção à Berkeley Square, diminuindo o ritmo a cada esquina para olhar as ruas transversais.

Nada.

Aonde ela teria ido? Sabia que era atipicamente atlética para uma mulher,

mas, por Deus, será que corria tão rápido assim?

Ele passou direto pela Charles Street e foi dar na praça. Uma carruagem o ultrapassou, mas Gareth não lhe deu a menor atenção. Os mexericos do dia seguinte provavelmente discorreriam sobre a sua corrida enlouquecida no meio da noite pelas ruas de Mayfair, mas a sua reputação resistiria sem problemas.

Correu ao redor da praça, então, por fim, chegou à Bruton Street, passando pelo número dezesseis, doze, sete...

Lá estava ela, correndo como o vento, dobrando a esquina para entrar na casa pelos fundos.

Gareth sentiu o corpo impulsionado por uma energia furiosa. Os braços se moviam ritmicamente, as pernas queimavam e a camisa permaneceria para sempre empapada de suor, mas ele não se importava. Ia pegar a maldita mulher antes que ela entrasse em casa e, quando o fizesse...

Não sabia o que faria com ela, mas não ia ser nada bonito.

Hyacinth derrapou ao dobrar a última esquina, diminuindo o passo apenas o bastante para olhar por cima do ombro. Ela ficou de boca aberta ao vê-lo, mas, com o corpo rijo de determinação, disparou até a entrada dos empregados, nos fundos.

Os olhos de Gareth se estreitaram com satisfação. Ela iria se atrapalhar à procura da chave. Nunca conseguiria entrar. Diminuiu o ritmo um pouco, só o bastante para recuperar o fôlego, então passou a caminhar normalmente.

Agora estava enrascada.

Mas, em vez de pegar a chave por trás de um tijolo, Hyacinth apenas abriu a porta.

Que inferno, não haviam trancado a porta ao saírem. Gareth voltou a correr e quase conseguiu alcançá-la.

Quase.

Chegou à porta bem no instante em que ela a bateu na sua cara.

A mão dele pousou na maçaneta bem a tempo de ouvir o trinco encaixar com um clique.

Gareth cerrou o punho, morrendo de vontade de esmurrar a porta. Mais do que tudo, queria berrar o nome dela, e para o diabo com o decoro. Os dois seriam obrigados a casar ainda mais cedo, o que era o seu objetivo, de qualquer forma.

Porém certas coisas ficavam muito enraizadas num homem e ele era, ao que parecia, cavalheiro demais para destruir a reputação dela em público.

– Toda a destruição será estritamente particular – murmurou para si mesmo, retornando à frente da casa.

Plantou as mãos no quadril e olhou de cara feia para a janela do quarto dela. Já entrara ali uma vez; podia repetir a dose.

Deu uma olhada rápida para os dois lados da rua e viu que ninguém estava vindo. Então escalou o muro, e a subida foi muito mais fácil dessa vez, já que sabia exatamente onde colocar as mãos e os pés. A janela continuava um pouco aberta, como a deixara – claro que não achara que precisaria entrar por ali outra vez.

Ele se encolheu para passar, tropeçou e aterrissou sobre o tapete com um baque surdo no mesmo instante em que Hyacinth passou pela porta.

– Você tem muito o que explicar – rosnou ele, pondo-se de pé como um gato.

– Eu? Eu? Tenho dificuldade em... – Ela ficou parada com os lábios entreabertos, analisando a situação com certo atraso. – Saia do meu quarto!

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

– Quer que eu desça pelas escadas da frente?

– Vai sair pela janela, seu verme infeliz.

Gareth se deu conta de que nunca vira Hyacinth com raiva. Irritada, sim; aborrecida, sem dúvida. Mas aquilo... era completamente diferente.

– Como você pôde fazer isso?! – enfureceu-se ela. – Como *pôde*? – Antes mesmo que ele pudesse começar a responder, Hyacinth se atirou para a frente e o empurrou com as duas mãos. – Saia! Agora!

– Não até você me prometer que nunca mais fará nada tão insensato quanto o que fez esta noite – retrucou ele, pontuando as palavras com o dedo em riste apontado para ela.

– Argh! – ela deixou escapar um barulho engasgado, do tipo que se faz quando não se consegue exprimir nem mesmo uma sílaba inteligível.

Então, por fim, depois de mais alguns arquejos de fúria, ela disse, a voz perigosamente baixa:

– Você não está em posição de exigir o que quer que seja de mim.

– Não? – Ele ergueu uma das sobrancelhas e a encarou com um arrogante meio sorriso. – Como seu futuro marido...

– Nem mencione isso neste momento.

Gareth sentiu um aperto no coração.

– Pretende desistir?

– Não – ela o olhou com uma expressão de ira –, mas você cuidou disso esta noite, não foi? Qual era o seu objetivo? Me tornar inadequada para qualquer outro homem?

Como esse fora exatamente o objetivo dele, Gareth nada disse. Nem uma palavra.

– Você vai se arrepender disso – sibilou Hyacinth. – Vai, sim. Pode acreditar.

– Ah, é mesmo?

– Como sua futura esposa – começou ela, os olhos faiscando –, posso transformar a sua vida num inferno.

Gareth não tinha a menor dúvida disso, mas decidiu lidar com o problema quando chegasse o momento.

– Esta situação não tem nada a ver com o que aconteceu entre nós mais cedo e com o que você talvez tenha ouvido o barão dizer. Ela tem a ver com...

– Ora, pelo amor de Deus... Quem você pensa que é?

Ele aproximou o rosto do dela, parando a centímetros.

– O homem que vai se casar com você. E você, Hyacinth Bridgerton prestes a se tornar St. Clair, nunca, *nunca* vai perambular pelas ruas de Londres sem um acompanhante, a qualquer hora do dia.

Por um instante, ela não disse nada e Gareth já estava convencido de que Hyacinth se comovera com a preocupação dele. Então ela deu um passo atrás e falou:

– Mas que momento conveniente para se desenvolver algum decoro.

Ele mal resistiu ao incontrolável desejo de agarrá-la pelos ombros e chacoalhá-la.

– Tem alguma ideia de como eu me senti quando dobrei a esquina e você tinha desaparecido? Parou para pensar no que poderia acontecer com você antes de sair correndo sozinha?

Uma das sobrancelhas dela se ergueu num arco de perfeita arrogância.

– Nada pior do que o ocorrido aqui.

Esse dardo foi disparado com precisão e Gareth quase se retraiu. Mas conseguiu manter a calma e retrucou, com uma voz serena:

– Você não quis dizer isso. Talvez ache que sim, mas não quis, e eu a perdoo por isso.

Hyacinth ficou perfeitamente imóvel, exceto pelo peito, que subia e descia. Seus punhos estavam cerrados ao lado do corpo e o rosto se avermelhava cada vez mais.

– Nunca – disse ela, por fim, a voz grave e terrivelmente controlada – fale comigo nesse tom outra vez. E jamais tenha a pretensão de achar que sabe o que se passa na minha cabeça.

– Não se preocupe, essa é uma afirmação que eu provavelmente não farei com frequência.

Hyacinth engoliu em seco – o único sinal de nervosismo que demonstrou antes de dizer:

– Quero que você vá embora.

– Não antes de ter a sua promessa.

– Eu não lhe devo nada, Sr. St. Clair. E o senhor não se encontra em posição de fazer exigências.

– Sua promessa – insistiu ele.

Hyacinth se limitou a fitá-lo. Como ele ousava entrar ali e reverter a situação? Ela era a parte lesada. Era ele quem... Ele... Meu Deus, ela não conseguia nem mesmo *pensar* em frases completas.

– Quero que você vá embora.

Ele emendou no mesmo segundo:

– E eu quero a sua promessa.

Hyacinth rangeu os dentes. Teria sido uma promessa fácil de fazer; sem dúvida não planejava fazer mais nenhum passeio no meio da noite. Mas uma promessa teria sido algo próximo de um pedido de desculpas e ela não lhe daria essa satisfação.

Talvez fosse tola, juvenil, mas não ia dizer nada. Não depois do que ele lhe fizera.

– Meu Deus – murmurou ele –, como você é teimosa.

Ela lhe lançou um sorriso doentio.

– Vai ser uma alegria estar casado comigo.

– Hyacinth – disse ele, meio que suspirando. – Em nome de tudo o que é... – Ele passou a mão pelos cabelos e pareceu esquadrinhar o quarto todo antes de se

virar para ela outra vez. – Compreendo que esteja zangada...

– Não fale comigo como se eu fosse uma criança.

– Eu não falei.

Ela o encarou com frieza.

– Falou, sim.

– O que o meu pai disse a respeito de Mary Winthrop...

Ela ficou boquiaberta.

– Você acha que estou irritada com *isso*?

Ele a fitou, piscando duas vezes antes de perguntar:

– E não está?

– É claro que não. Minha nossa, você acha que sou tola?

– Eu... ahn... não?

– Sei muito bem que você não pediria duas mulheres em casamento. Pelo menos, não de propósito.

– Certo – disse ele, mostrando-se um pouco confuso. – Então o que...

– Você sabe por que me pediu em casamento?

– De que diabos você está falando?

– Sabe ou não sabe?

Ela lhe fizera essa pergunta na casa de Lady Danbury e ele não havia respondido.

– É claro que sei. Foi porque... – Ele se deteve, sem saber o que dizer.

Ela balançou a cabeça, piscando para conter as lágrimas.

– Não quero vê-lo neste momento.

– O que há de *errado* com você?

– Não há nada de errado comigo – vociferou ela, o mais alto que ousava. – Eu, pelo menos, sei por que aceitei a sua proposta. Mas você... você não tem a menor ideia do motivo.

– Então me diga – explodiu ele. – Me diga o que você parece achar tão importante. Você sempre parece saber o que é melhor para tudo e para todos e, agora, claramente, também sabe o que se passa na cabeça de todo mundo. Me diga, Hyacinth...

Ela se encolheu diante do veneno que havia na voz dele.

– ... me diga.

Hyacinth engoliu em seco. Não iria ceder. Mesmo tremendo, mesmo à beira

das lágrimas como nunca estivera na vida, não iria ceder.

– Você me pediu em casamento... – começou ela, falando baixo para controlar os tremores – por causa *dele*.

Gareth apenas fitou-a, fazendo um gesto de cabeça que queria dizer “por favor, explique melhor”.

– Do seu pai. – Ela teria gritado se já não estivesse tão tarde.

– Ora, pelo amor de Deus... Você acredita mesmo nisso? O pedido não tem nada a ver com ele.

Hyacinth o olhou com compaixão.

– Nada que faço é por causa dele – sibilou Gareth, furioso por até mesmo ela sugerir isso. – Ele não significa nada para mim.

Hyacinth balançou a cabeça.

– Está se iludindo, Gareth. Tudo o que você faz é por causa dele. Eu não tinha me dado conta disso até ele dizer, mas é verdade.

– Você dá mais crédito à palavra dele do que à minha?

– Isso não tem nada a ver com a *palavra* de uma pessoa – replicou ela, soando cansada, frustrada e, talvez, só um pouco triste. – As coisas são assim, e ponto. E você... você me pediu em casamento porque queria mostrar a ele que podia. O motivo não tem nenhuma relação comigo.

Gareth ficou estático.

– Isso não é verdade.

– Não? – Ela sorriu, mas seu rosto se mostrou triste, quase resignado. – Eu sei que você não me pediria em casamento se acreditasse estar prometido a outra mulher, mas eu também sei que faria qualquer coisa para esfregar na cara do seu pai. Até mesmo se casar comigo.

– Você está completamente enganada – retrucou ele, mas, por dentro, sua certeza começava a se esvair.

Gareth havia pensado mais de uma vez – com uma alegria inadequada – que o pai devia estar lívido diante do seu sucesso. E se deleitara com aquilo, sabendo que, no jogo de xadrez que era o relacionamento com lorde St. Clair, finalmente executara a jogada mortal. Xeque-mate.

A sensação fora especial.

Mas essa não fora a razão do pedido. Ele a pedira porque... Bem, havia uma centena de razões. Era complicado.

Gareth gostava dela. Isso não era importante? Até mesmo gostava da sua família. E ela gostava de sua avó. Nunca se casaria com uma mulher que não conseguisse lidar bem com Lady Danbury.

E ele a desejara. Ele a desejara com uma intensidade que o deixara sem fôlego.

Fizera sentido se casar com Hyacinth. Ainda fazia.

Era o que precisava expressar. Apenas deveria lhe explicar. E ela compreenderia. Não era nenhuma tola. Era Hyacinth.

Por isso gostava tanto dela.

Gareth abriu a boca, gesticulando antes que qualquer palavra saísse. Tinha que dizer aquilo da maneira certa. Ou, pelo menos, não da forma mais errada.

– Se você encarar a questão de forma sensata...

– Eu a estou encarando de forma sensata – interrompeu ela. – Meu Deus, se eu não fosse tão *sensata*, teria voltado atrás.

Sua mandíbula estava tensa e ela engoliu em seco.

Gareth pensou: *Meu Deus, ela vai chorar*.

– Eu sabia o que estava fazendo mais cedo – começou ela, a voz dolorosamente baixa. – Sabia o que significava e que era irreversível. – O lábio inferior tremeu e ela desviou o olhar. – Só não esperava me arrepender.

Foi como um soco no estômago. Ele a magoara. Não fora a sua intenção e não sabia se ela estava exagerando na reação, mas ele a magoara.

Ficou perplexo ao constatar quanto isso *o* magoava.

Por um instante, ficaram parados, um observando o outro cautelosamente.

Gareth queria dizer alguma coisa, mas não tinha a menor ideia do quê. As palavras simplesmente lhe faltavam.

– Você imagina o que é se sentir como o peão do jogo de outra pessoa? – perguntou Hyacinth.

– Imagino – sussurrou ele.

Os cantos da boca de Hyacinth se enrijeceram. Ela não parecia zangada, apenas... triste.

– Então compreende por que estou lhe pedindo que vá.

Havia algo de primitivo dentro dele gritando para que ficasse, algo que o impelia a agarrá-la e fazê-la entender. Ele podia usar as palavras ou o corpo. Não importava, na verdade.

Mas havia outra sensação dentro dele, triste e solitária. De alguma forma, soube que, se ficasse, se a forçasse a entender, não teria sucesso – não naquela noite. Soube que a perderia.

– Discutiremos isso mais tarde – disse, então.

Ela permaneceu em silêncio.

Gareth foi até a janela. Pareceu-lhe um pouco ridículo e anticlimático sair por ali, mas quem diabos se importava com isso?

– Com relação a essa tal de Mary – falou Hyacinth às suas costas –, qualquer que seja o problema relacionado a ela, estou certa de que pode ser resolvido. Minha família pagará à dela, se necessário.

Hyacinth tentava recuperar o controle, sufocar a dor se concentrando em praticidades. Gareth reconhecia a tática; ele próprio a utilizara inúmeras vezes.

Virou-se, olhando-a diretamente nos olhos.

– É a filha do conde de Wrotham.

– Oh. – Ela fez uma pausa. – Bem, isso muda a situação, mas estou certa de que, se foi há muito tempo...

– Foi.

Ela engoliu em seco.

– Essa foi a causa do rompimento com o seu pai? O noivado?

– Você não exigiu que eu partisse? Agora está fazendo perguntas?

– Vou me casar com você. Vou acabar sabendo em algum momento.

– Sim, vai. Mas não esta noite.

Com isso, ele se lançou pela janela.

Ao chegar ao chão, olhou para cima, desesperado por um último vislumbre dela. Qualquer coisa teria servido, uma silhueta, quem sabe, ou mesmo a sombra de seu corpo se deslocando por trás das cortinas.

Mas não houve nada.

Ela se fora.

CAPÍTULO 17

Hora do chá no Número Cinco. Hyacinth está sozinha na sala de estar com a mãe, sempre uma situação perigosa quando está de posse de um segredo.

– O Sr. St. Clair está viajando?

Hyacinth ergueu a vista do bordado um tanto desleixado apenas tempo o bastante para dizer:

– Creio que não. Por quê?

A mãe franziu os lábios.

– Há vários dias que ele não vem nos visitar.

– Creio que esteja ocupado com alguma coisa relacionada à propriedade em Wiltshire – falou Hyacinth, mantendo uma expressão neutra.

Era mentira, é claro. Hyacinth não achava que ele possuísse propriedade alguma, quer fosse em Wiltshire ou em qualquer outro lugar. Mas, com alguma sorte, a mãe se distrairia com outro assunto antes de se lembrar de perguntar sobre as propriedades inexistentes de Gareth.

– Compreendo – murmurou Violet.

Hyacinth enfiou a agulha no tecido, talvez com um pouco mais de vigor do que o necessário, então olhou para a sua obra com um pequeno rosnado. Era uma péssima bordadeira. Nunca tivera paciência ou olho para os detalhes exigidos pela atividade, mas sempre mantinha um bastidor com algum trabalho na sala de estar. Não dava para saber quando precisaria de um para se abster de uma conversa.

O estratagema funcionara muito bem durante anos. Mas, agora, Hyacinth era a única das Bridgertons que morava em casa e, com frequência, na hora do chá só estavam ela e a mãe. Infelizmente, os bordados que a haviam mantido afastada de conversas com tanta elegância já não pareciam funcionar bem com apenas duas pessoas.

– Há algo errado? – indagou Violet.

– É claro que não.

Hyacinth não queria erguer os olhos, mas, se evitasse contato visual, deixaria a mãe desconfiada. Então baixou a agulha e ergueu o queixo. Como precisava dizer uma mentira, que pelo menos fosse convincente.

– Ele anda ocupado, só isso. Eu bem o admiro. Não quer que eu me case com um vagabundo, não é mesmo?

– Não, é claro que não – murmurou Violet –, mas me parece estranho. Vocês ficaram noivos há tão pouco tempo...

Em qualquer outro dia, Hyacinth simplesmente teria se virado para a mãe e dito: “Se tiver alguma pergunta para fazer, apenas faça.”

Só que a mãe, então, perguntaria alguma coisa.

E Hyacinth não desejava responder.

Haviam se passado três dias desde que soubera a verdade a respeito de Gareth. A frase soava tão dramática, até mesmo melodramática: “desde que soubera a verdade”. Parecia que tinha descoberto algum segredo terrível, que revelara um segredo repulsivo da família St. Clair.

Mas não havia segredo. Nada de sombrio, perigoso ou, até mesmo, ligeiramente vergonhoso. Apenas uma simples verdade que a vinha encarando desde sempre.

E ela fora cega demais para perceber. O amor fazia isso com uma mulher, supunha.

E Hyacinth certamente se apaixonara por ele. Isso estava claro. Em algum momento entre a aceitação do pedido e a noite em que haviam feito amor, ela se apaixonara.

Mas não o conhecia. Será que podia, de fato, dizer que o conhecia, que realmente sabia do que era capaz quando nem ao menos compreendera o elemento mais básico de seu caráter?

Ele a usara.

Fora isso. Ele a usara para vencer a interminável batalha contra o pai.

E isso doía muito mais do que ela poderia ter imaginado.

Ficava repetindo para si mesma que estava sendo tola, que estava exagerando. Será que não contava para nada o fato de ele gostar dela, de achá-la inteligente e engraçada e, até mesmo, ocasionalmente sábia? Não importava o fato de que ele a protegeria, a honraria e, apesar do passado um tanto manchado,

seria um marido bom e fiel?

Por que fazer caso do motivo do pedido? O importante é que ele pedira.

Mas não era algo insignificante. Ela se sentia usada, sem importância, como se fosse apenas uma peça num tabuleiro de xadrez muito maior.

E a pior parte era que nem mesmo compreendia o jogo.

– Esse foi um suspiro bastante sentido.

Hyacinth piscou e se concentrou na imagem da mãe. Minha nossa, havia quanto tempo estava ali sentada, olhando para o nada?

– Você quer me contar alguma coisa? – perguntou Violet com cuidado.

Hyacinth fez que não com a cabeça. Como é que uma pessoa compartilhava uma coisa daquelas com a mãe?

"Caso lhe interesse, eu soube recentemente que meu noivo me pediu em casamento porque desejava enfurecer o pai. Ah, e será que mencionei que não sou mais virgem? Não tenho mais como não me casar!"

Não, isso não daria certo.

– Suspeito – começou Violet, tomando um gole do chá – que vocês tenham tido sua primeira briga de amantes.

Hyacinth se esforçou para não ruborizar. Amantes, de fato.

– Não é nada de que precise se envergonhar – comentou Violet.

– Não estou envergonhada – replicou Hyacinth às pressas.

Violet ergueu as sobrancelhas e Hyacinth se odiou por ter caído tão facilmente na armadilha da mãe.

– Não foi nada – sussurrou ela, espetando o bordado até a flor amarela na qual estivera trabalhando se parecer com um pintinho eriçado.

Hyacinth deu de ombros e sacou a linha laranja: iria lhe dar pés e bico.

– Sei que é considerado inconveniente demonstrar os próprios sentimentos – começou Violet –, e eu nunca sugeriria que você fizesse qualquer coisa que pudesse ser considerada teatral, mas às vezes ajuda dizer a alguém como você se sente.

Hyacinth ergueu os olhos, enfrentando o olhar da mãe.

– Eu raramente tenho dificuldade em dizer às pessoas como me sinto.

– Bem, isso é verdade – concordou Violet, mostrando-se desgostosa por sua teoria ter sido destroçada.

Hyacinth voltou ao bordado, franzindo a testa ao se dar conta de que

colocara o bico alto demais. Ora, seria um pintinho usando um chapéu de festa.

– Talvez – insistiu a mãe – o Sr. St. Clair é que tenha dificuldade em...

– Eu sei como ele se sente.

– Ah. – Violet franziu os lábios e soltou o ar lentamente pelo nariz. – Talvez ele não saiba como proceder. Como deve abordá-la.

– Ele sabe onde eu moro.

Violet deixou escapar um suspiro audível.

– Você não está facilitando as coisas para mim.

– Eu estou *tentando* bordar.

Hyacinth exibiu a sua obra de arte como prova.

– Você está é tentando evitar... – A mãe se deteve, piscando. – Ora, por que é que essa flor tem orelha?

– Não é uma orelha. – Hyacinth baixou a vista. – E não é uma flor.

– Não era uma flor ontem?

– Tenho uma mente muito criativa – disse Hyacinth de má vontade, dando à maldita flor outra orelha.

– Isso jamais esteve em questão.

Hyacinth fitou a desordem que criara no tecido.

– É um gato malhado. Eu só preciso lhe dar um rabo.

Violet permaneceu em silêncio por um instante, então disse:

– Você às vezes pode ser muito dura com as pessoas.

Hyacinth ergueu a cabeça de súbito.

– Eu sou sua filha!

– É claro que é – concordou Violet, mostrando-se ligeiramente chocada com a agressividade de Hyacinth. – Mas...

– Por que é que você parte do princípio de que os erros só podem ter sido meus?

– Eu não falei isso!

– Falou, sim. – Hyacinth pensou nas incontáveis disputas entre os irmãos Bridgertons. – Você sempre acha isso.

Violet reagiu com um arquejo horrorizado.

– Isso não é verdade, Hyacinth. É só que eu a conheço melhor do que conheço o Sr. St. Clair e...

– Portanto, conhece todos os meus defeitos?

– Bem, conheço, sim. – Violet se mostrou surpresa com a própria resposta e se apressou em acrescentar: – Isso não significa que o Sr. St. Clair não tenha as suas próprias fraquezas e defeitos. É só que... Bem, eu não os conheço.

– São gigantescos – afirmou Hyacinth com amargor – e, muito provavelmente, intransponíveis.

– Ah, Hyacinth... – começou a mãe, e havia tanta preocupação em sua voz que ela chegou muito perto de cair em prantos naquele instante. – O que está acontecendo?

Hyacinth desviou os olhos. Não devia ter dito nada. Agora a mãe ficaria indócil e ela teria que ficar sentada ali, sentindo-se péssima, querendo desesperadamente atirar-se em seus braços e voltar a ser criança.

Na infância, convencera-se de que a mãe era capaz de resolver qualquer problema, de melhorar tudo com uma palavra suave e um beijo na testa.

Mas ela já não era criança e aquelas não eram questões infantis.

Não podia compartilhá-las com a mãe.

– Você quer desistir do casamento? – perguntou Violet, baixinho e com cautela.

Hyacinth balançou a cabeça. Não podia desistir do casamento. Mas...

Surpreendeu-se com os rumos dos próprios pensamentos. Será que *queria* voltar atrás? Se não tivesse se entregado a Gareth, se não tivessem feito amor e não houvesse nada que a forçasse a permanecer noiva... o que ela faria?

Passara os últimos três dias pensando obsessivamente naquela noite, naquele terrível momento em que ouvira o pai de Gareth zombando por tê-lo manipulado.

Havia repassado cada frase em sua mente, cada palavra que conseguia recordar e, no entanto, só agora se fazia aquela que devia ser a pergunta mais importante. A única que importava, de fato. E ela se deu conta de que...

Manteria o compromisso.

Repetiu isso em sua mente, necessitando de tempo para absorver as palavras.

Continuaria noiva.

Ela o amava. Seria tão simples assim?

– Não quero desistir do casamento – afirmou, apesar de já ter balançado a cabeça. Algumas coisas precisavam ser ditas em voz alta.

– Então você precisará ajudá-lo – disse Violet. – Com o que o está afligindo.

Hyacinth assentiu lentamente, tão imersa em pensamentos que não conseguia reagir de forma mais significativa. Será que podia ajudá-lo? Seria possível? Mal o conhecia, havia apenas um mês; ele, no entanto, tivera toda uma vida para construir o ódio pelo pai.

Talvez Gareth não quisesse ajuda ou, quem sabe, o mais provável, talvez nem soubesse que precisava de ajuda. Os homens nunca sabiam.

– Acho que ele gosta de você – disse a mãe. – Realmente acho.

– Eu sei que gosta – concordou Hyacinth, triste.

Mas ele não gostava dela tanto quanto odiava o pai.

E, quando se abaixara sobre um dos joelhos e lhe pedira para passar o resto da vida ao seu lado, para ostentar o seu sobrenome e lhe dar filhos, não fora por causa *dela*.

O que isso dizia sobre *ele*?

Ela suspirou, sentindo-se muito cansada.

– Você não costuma ser assim – observou a mãe.

Hyacinth ergueu a vista.

– Tão quieta, esperando – esclareceu Violet.

– Esperando?

– Por ele. Imagino que seja isso que você está fazendo, esperando que ele venha vê-la e que implore o seu perdão.

– Eu...

Ela se deteve. Era o que vinha fazendo mesmo. Nem se dera conta. E, provavelmente, esse era o motivo para se sentir tão infeliz. Colocara o seu destino e a sua felicidade nas mãos de outra pessoa, e odiava ter feito isso.

– Por que não lhe manda uma carta? – sugeriu Violet. – Peça a ele que venha visitá-la. Ele é um cavalheiro e seu noivo. Nunca se recusaria a vir.

– Não, ele não se recusaria. Mas... – seus olhos imploravam por um conselho – o que eu diria?

Era uma pergunta boba. Violet nem mesmo sabia qual era o problema, então como saberia a solução? No entanto, conseguiu dizer o certo.

– Diga o que estiver no seu coração – respondeu Violet. Os lábios se retorceram com ironia e ela acrescentou: – Se isso não funcionar, sugiro que leve um livro e que o golpeie na cabeça.

Hyacinth piscou, aturdida.

– O quê?

– Eu não disse nada.

Hyacinth sorriu.

– Tenho bastante certeza de que disse, sim.

– Você acha? – sussurrou Violet, ocultando o próprio sorriso com a xícara.

– Um livro grande ou pequeno?

– Grande, creio eu, não concorda?

Hyacinth fez que sim.

– Por acaso temos *A obra completa de Shakespeare* na biblioteca?

– Acredito que sim.

Hyacinth sentiu algo fervilhar no peito, que parecia impeli-la ao riso. Foi bom sentir isso outra vez.

– Eu te amo, mamãe – disse ela, subitamente necessitada de dizer aquilo em voz alta. – Quero que saiba disso.

– Eu sei, minha querida – falou Violet, com os olhos brilhantes. – Eu também te amo.

Hyacinth assentiu. Nunca parara para pensar como era precioso o amor de um pai ou de uma mãe. Gareth nunca o tivera. Só Deus sabia como fora a sua infância. Ele nunca falara a respeito e Hyacinth sentiu vergonha de nunca ter demonstrado interesse.

Nem ao menos percebera que o assunto nunca fora mencionado.

Talvez, quem sabe, ele merecesse um pouco de compreensão.

Gareth ainda teria que implorar o seu perdão; ela também não era *tão* gentil e caridosa para dispensar isso.

Mas podia tentar compreendê-lo, podia amá-lo e, talvez, se ela desse o seu melhor, poderia preencher o vazio que havia dentro dele.

Quem sabe ela podia lhe proporcionar aquilo de que precisava.

E talvez isso fosse tudo o que importava.

Mas, nesse meio-tempo, Hyacinth precisaria gastar um pouco de energia para que o final feliz ocorresse. E tinha a sensação de que um bilhete não seria suficiente.

Era o momento de ser descarada, de ser ousada.

De enfrentar o leão na sua toca, de...

– Hyacinth, você está bem?

– Estou perfeitamente bem – respondeu ela, embora balançasse a cabeça. – Pensando como uma tola, só isso.

Uma tola apaixonada.

CAPÍTULO 18

Naquela mesma tarde, no pequeno escritório do minúsculo apartamento de Gareth, nosso herói resolve que precisa agir.
Mal sabe ele que Hyacinth está prestes a ser mais rápida.

Um gesto grandioso. Era disso que ele precisava. As mulheres adoravam. Embora Hyacinth fosse bem diferente de qualquer mulher, ainda assim ficaria balançada, ao menos um pouco, diante de um gesto grandioso.

Certo?

Bem, era melhor que sim, pensou Gareth, mal-humorado, pois não sabia mais o que fazer.

O problema era que os gestos mais grandiosos custavam dinheiro, algo que Gareth não tinha muito. Os menos dispendiosos envolviam constrangimentos públicos: recitar poesias, entoar baladas ou fazer declarações açucaradas diante de oitocentas pessoas.

Nada que ele se dispusesse a fazer.

Mas Hyacinth era, como ele observara com frequência, um tipo incomum de mulher, logo, quem sabe, um tipo incomum de gesto surtisse efeito.

Tudo precisava terminar bem.

– Sr. St. Clair, temos visita.

Ele ergueu a vista. Estava sentado havia tanto tempo à escrivaninha que bem poderia já ter criado raízes. Seu lacaio postava-se no vão da porta do escritório. Como Gareth não pudesse ter um mordomo – quem precisava de um se havia apenas quatro cômodos para cuidar? –, Phelps também assumia tais tarefas.

– Mande-o entrar – disse Gareth, sem prestar muita atenção, deslizando alguns livros por cima dos papéis que já se encontravam sobre a escrivaninha.

– É...

Coff, coff. Coff, coff, coff.

Gareth ergueu os olhos.

– Algum problema?

– Bem... não...

O criado parecia aflito. Gareth tentou se apiedar dele. Ao ser entrevistado para o cargo, o pobre Sr. Phelps não entendera direito que às vezes serviria como mordomo e, claramente, jamais aprendera a mordomesca habilidade de manter a expressão desprovida de qualquer emoção.

– Sr. Phelps? – indagou Gareth.

– Ele é ela, Sr. St. Clair.

– Um hermafrodita, Sr. Phelps? – perguntou Gareth, só para ver o pobre homem ruborizar.

Contudo, o criado apenas retesou o maxilar.

– É a Srta. Bridgerton.

Gareth colocou-se de pé com tanta rapidez que colidiu com a escrivaninha.

– Aqui? Agora?

Phelps fez que sim, demonstrando-se só um pouco satisfeito com o desnorteamento do patrão.

– Ela me deu o próprio cartão. Foi muito educada, como se não houvesse nada de incomum.

As engrenagens na cabeça de Gareth giravam, tentando compreender por que diabos Hyacinth faria algo tão imprudente quanto ir até a sua casa no meio do dia. Não que o meio da noite tivesse sido melhor, porém qualquer pessoa intrometida poderia tê-la visto entrar no prédio.

– Ah, mande-a entrar.

Não podia mandá-la embora. Nas atuais circunstâncias, ele teria que levá-la em casa pessoalmente. Imaginava que não tivesse vindo com um acompanhante adequado. Talvez tivesse trazido aquela dama de companhia devoradora de balas de hortelã que não servia de proteção nenhuma nas ruas de Londres.

Aguardou de braços cruzados. O apartamento era um quadrado e dava para chegar ao escritório tanto pela sala de jantar quanto pelo quarto. Infelizmente, a faxineira escolhera justo aquele dia para fazer na sala o enceramento bianual que – ela jurava sobre a sepultura da querida mãe, em alto e bom som – mantinha o chão limpo *e* evitava doenças. Portanto, a mesa bloqueava a porta do escritório, e a única forma de entrar era pelo quarto dele.

Gareth gemeu e balançou a cabeça. A última coisa de que precisava era

imaginar Hyacinth em seu quarto.

Esperava que ela se sentisse desconfortável ao passar por lá. Era o mínimo que merecia, indo até ali sozinha.

– Gareth – disse ela, surgindo no vão da porta.

Então ele jogou pela janela todas as boas intenções.

– Que diabos está fazendo aqui?

– É ótimo vê-lo também – replicou ela, com tanta serenidade que ele se sentiu um tolo.

Mas Gareth foi em frente mesmo assim.

– Qualquer pessoa pode ter visto você. Não liga para a sua reputação?

Ela deu de ombros de leve, tirando as luvas.

– Eu estou noiva. Você não pode desistir e eu não pretendo fazê-lo, então duvido que ficarei arruinada para sempre se alguém me flagrar.

Gareth tentou ignorar a onda de alívio provocada por aquelas palavras. Ele havia feito de tudo para que ela não desistisse de se casar e Hyacinth já garantira que não voltaria atrás, mas era surpreendentemente bom ouvir aquilo.

– Muito bem – começou ele devagar, escolhendo as palavras com enorme cuidado. – Por que, então, está aqui?

– Não estou aqui para discutir sobre o seu pai – disse ela asperamente –, se é isso que o preocupa.

– Não estou preocupado – retrucou ele, irritado.

Ela ergueu uma das sobrancelhas. Diabos, *por que* escolhera a única mulher do mundo que conseguia fazer aquilo? Ou, pelo menos, a única que conhecia.

– Não estou – repetiu ele, impaciente.

Hyacinth permaneceu em silêncio, mas o encarou com uma expressão incrédula.

– Eu vim discutir sobre as joias.

– As joias – repetiu ele.

– Sim – respondeu ela, ainda com aquela voz afetada e objetiva. – Espero que não tenha se esquecido delas.

– E como poderia?

Hyacinth estava começando a irritá-lo. Ou melhor, a atitude dela. Gareth ainda tinha um turbilhão por dentro, ficava tenso só de olhá-la, e ela estava impassível, quase sobrenaturalmente serena.

– Espero que ainda pretenda procurá-las – continuou ela. – Já chegamos longe demais para desistir agora.

– Tem alguma ideia de por onde deveríamos começar? – perguntou ele, mantendo a voz tranquila. – Se me lembro bem, chegamos a um beco sem saída.

Hyacinth enfiou a mão na bolsa e sacou a última pista deixada por Isabella, que permanecera com ela desde que haviam se separado, alguns dias antes. Com cuidado, desdobrou o papel e o alisou até se abrir por completo sobre a mesa.

– Tomei a liberdade de levar isto até o meu irmão, Colin. Você havia me dado permissão.

Gareth assentiu.

– Como falei – prosseguiu ela –, ele viajou por todo o continente. Colin acha que foi escrito numa língua eslava. Após consultar um mapa, ele acredita que seja o esloveno.

Diante de sua expressão de incompreensão, ela acrescentou:

– É a língua que falam na Eslovênia.

Gareth piscou, surpreso.

– Isso é um país?

Pela primeira vez na conversa, Hyacinth sorriu.

– É. Devo confessar que também não sabia de sua existência. Na realidade, trata-se mais de uma região. Ao norte e ao leste da Itália.

– Faz parte da Áustria-Hungria, então?

– E fazia parte do Sacro Império Romano-Germânico. Sua avó era do norte da Itália?

Gareth percebeu que não fazia a menor ideia. Vovó Isabella adorava lhe contar histórias sobre a infância passada na Itália, mas tudo se resumia a comida e festas – o tipo de coisa que um menino muito pequeno pudesse achar interessante. Ela poderia até ter mencionado a cidade onde nascera, mas ele era pequeno demais para prestar atenção.

– Não sei – confessou ele, sentindo-se bastante tolo por sua ignorância; achava até que faltara consideração de sua parte. – Talvez. Não era muito morena. Na verdade, sua cor de pele era muito parecida com a minha.

Hyacinth assentiu.

– Eu já tinha pensado nisso... Nem você nem seu pai têm um aspecto muito mediterrâneo.

Gareth sorriu, tenso. Havia um ótimo motivo para *ele* não parecer ter nem um pingo de sangue italiano.

– Bem... – continuou Hyacinth, fitando o pedaço de papel. – Se ela era do nordeste, poderia ter vivido próximo à fronteira eslovena e, assim, estar familiarizada com a língua. Ao menos para escrever duas frases no idioma.

– Ela deve ter pensado que ninguém aqui na Inglaterra seria capaz de traduzi-la.

– Exatamente – concordou Hyacinth, assentindo, animada.

Ao ver que Gareth não compreendera, acrescentou:

– Se você quisesse tornar uma pista particularmente difícil, não a escreveria na língua mais obscura possível?

– É uma pena que eu não fale chinês.

Ela o encarou, com impaciência ou irritação, então foi em frente:

– Estou convencida de que esta é a pista final. Qualquer um que chegasse até aqui seria forçado a gastar um tanto de energia e, provavelmente, de recursos para obter uma tradução. Ela não faria ninguém ter trabalho duas vezes.

Gareth mordeu o lábio, fitando as palavras estranhas.

– Não concorda? – insistiu Hyacinth.

Ele ergueu os olhos, dando de ombros.

– Bem, *você* se disporia a ter esse trabalho.

Ela ficou boquiaberta.

– O que quer dizer com isso? Não... – Hyacinth se deteve, refletindo. – Tudo bem, eu me disporia. Mas podemos concordar que, para o bem ou para o mal, eu sou um pouco mais diabólica do que uma mulher comum... e um homem comum, pensando bem.

Gareth sorriu, perguntando-se se deveria ficar ainda mais nervoso com aquela expressão: “para o bem ou para o mal”.

– Acha que sua avó teria a mente tão tortuosa quanto... ahn... – ela pigarreou – eu?

Gareth viu em seus olhos que ela não estava tão controlada quanto gostaria que ele pensasse.

– Não sei – respondeu ele com franqueza. – Ela faleceu quando eu era ainda muito pequeno. Minhas lembranças e percepções são dos meus 7 anos.

– Bem – disse ela, tamborilando sobre a escrivaninha num revelador gesto de

nervosismo. – Podemos começar a nossa busca por um falante de esloveno. – Ela revirou os olhos enquanto acrescentava, um tanto seca: – Em alguma parte de Londres deve haver.

– Deve haver – murmurou ele.

Não devia provocá-la, é claro; àquela altura isso já estava mais do que claro, porém era... divertido ver Hyacinth tão decidida.

E, como sempre, ela não o desapontou.

– Nesse meio-tempo, devemos retornar à Casa Clair.

– E revirá-la? – indagou ele, com o máximo de polidez, indicando que a achava louca.

– É claro que não – disse ela, fechando a cara.

Gareth quase sorriu. Essa atitude fazia bem mais o tipo de Hyacinth.

– Mas me parece – continuou ela – que as joias estão escondidas no quarto dela.

– Por quê?

– Onde mais ela as colocaria?

– No quarto de vestir – sugeriu ele, inclinando a cabeça para o lado –, na sala de estar, no sótão, no armário do mordomo, no quarto de hóspedes, no *outro* quarto de hóspedes...

– Mas onde faria mais sentido? – ela o interrompeu, mostrando-se um tanto contrariada com o sarcasmo. – Até aqui, ela manteve tudo restrito às áreas menos visitadas pelo seu avô. Que lugar seria melhor do que o quarto particular?

Ele a olhou pensativo por um tempo, fazendo-a ruborizar.

– Sabemos que ele a visitou lá pelo menos duas vezes.

– Duas vezes?

– Meu pai e o irmão mais novo. Ele morreu em Trafalgar – explicou Gareth.

– Ah. – Isso pareceu tirar um pouco do ímpeto que ela vinha exibindo. Pelo menos momentaneamente. – Sinto muito.

Gareth deu de ombros.

– Já faz muito tempo, mas obrigado.

Ela assentiu, parecendo não saber o que dizer a seguir.

– Certo. Bem....

– Certo.

– Bem...

– Bem... – disse ele, baixinho.

– Ora, para o diabo com tudo isso! – explodiu ela. – Não aguento mais. Não fui *feita* para ficar sentada sem fazer nada e varrer as coisas para debaixo do tapete.

Gareth abriu a boca para falar, ainda que não fizesse ideia do quê, mas Hyacinth não terminara:

– Eu sei que devia ficar quieta e deixar tudo como está, mas não consigo. Simplesmente não consigo. – Ela parecia querer sacudi-lo. – Você compreende?

– Nem uma palavra sequer – admitiu ele.

– Eu preciso saber! Preciso saber por que você me pediu em casamento.

Aquele era um tópico que ele não desejava revisitar.

– Pensei que você não tivesse vindo aqui discutir sobre o meu pai.

– Eu menti. Você não acreditou de verdade, certo?

– Não. Suponho que não.

– É que... Eu não posso...

Ela torcia as mãos, mostrando-se mais atormentada do que nunca. Algumas mechas do cabelo tinham se soltado e seu rosto estava avermelhado.

Mas eram os olhos que traíam a maior mudança: havia um desespero, um estranho desconforto que não lhes pertencia.

Então percebeu que essa era a característica marcante de Hyacinth, que a distinguia do resto da humanidade. Estava sempre à vontade na própria pele: sabia quem era, gostava de ser quem era. Gareth imaginava que esse fosse o principal motivo para apreciar tanto a sua companhia.

Hyacinth tinha muitas coisas que ele sempre desejara.

Ela conhecia o seu lugar no mundo.

E ele queria o mesmo. Queria com uma intensidade que lhe dilacerava a alma. Era uma inveja estranha e quase indescritível, mas lá estava ela. E o queimava por dentro.

– Se você sente qualquer coisa por mim, então compreende como isso é difícil. Pelo amor de Deus, Gareth, você podia dizer *alguma coisa, por favor*?

– Eu...

As palavras pareciam estrangulá-lo. Por que ele a pedira em casamento? Havia cem, mil razões. Tentou lembrar o que tinha colocado a ideia em sua cabeça. Fora algo súbito, mas não recordava exatamente o motivo. Só lhe

parecera o certo a fazer.

Não por ser o esperado, não por ser o adequado, mas apenas por ser o certo.

Sim, pensara que seria a vitória definitiva no jogo eterno com o pai, mas esse não fora o motivo.

Ele a pedira em casamento porque precisava fazer isso.

Porque não podia imaginar não pedir.

Porque a amava.

Sentiu-se desmoronar e, felizmente, a mesa estava bem atrás, senão teria acabado no chão.

Como aquilo teria acontecido? Estava apaixonado por Hyacinth Bridgerton.

Com certeza alguém estaria rindo dele agora.

– Eu vou embora – anunciou ela, com a voz embargada, já perto da porta.

Ele devia ter passado um minuto inteiro em silêncio!

– Não! – gritou ele, com a voz rouca. – Espere! Por favor.

Ela se virou e fechou a porta.

Gareth teria que lhe contar. Não que a amava – *isso* ele ainda não estava exatamente pronto para revelar. Mas a verdade sobre o seu nascimento. Não podia mais esconder isso.

– Hyacinth, eu...

As palavras ficaram entaladas. Nunca havia contado a ninguém. Nem mesmo à avó. Ninguém sabia da verdade, a não ser ele e o barão.

Durante dez anos, Gareth guardara aquilo em seu íntimo, permitira que crescesse e que o preenchesse. Às vezes, tinha a sensação de que era tudo o que era. Nada além de um segredo. Nada além de uma mentira.

– Preciso lhe contar uma coisa – disse, hesitante.

Hyacinth percebeu que era algo extraordinário, pois ficou muito quieta, o que raramente acontecia.

– Eu... Meu pai...

Era estranho dizer aquilo, pois nunca ensaiara as palavras. Não sabia juntá-las, não sabia qual frase escolher.

– Ele não é meu pai – disse por fim, de forma atabalhoada.

Hyacinth pestanejou.

– Não sei quem é o meu verdadeiro pai.

Ela continuou em silêncio.

– Imagino que eu nunca vá saber.

Ele a observou, aguardou algum tipo de reação. Ela estava inexpressiva, petrificada; não parecia mesmo a Hyacinth de sempre. Então, quando Gareth teve certeza de que a perdera de vez, Hyacinth comprimiu os lábios e declarou:

– Bem, isso é um alívio.

– Como disse?

– Eu não estava animada com a perspectiva de os meus filhos carregarem o sangue de lorde St. Clair. – Ela deu de ombros, erguendo as sobrancelhas numa expressão especialmente hyacinthiana. – Fico feliz por terem o título dele... é uma coisa útil... mas o sangue dele já é outra história. St. Clair tem um mau humor notável, sabia?

Gareth assentiu, sentindo a euforia crescer dentro de si.

– Eu já havia percebido.

– Imagino que tenhamos de manter isso em segredo – disse ela, como se não estivesse falando de nada além de um mexerico. – Quem mais sabe?

Ele estava ainda um pouco atordoado com a praticidade com que Hyacinth abordava o problema.

– Apenas o barão e eu, que eu saiba.

– E o seu verdadeiro pai.

– Espero que não – falou Gareth. Nunca havia parado para pensar nisso.

– É possível que ele nem tenha sabido – disse Hyacinth, baixinho. – Ou achou que você estaria melhor com os St. Clairs, como filho da nobreza.

– Sim, mas isso não me faz sentir melhor – replicou Gareth com amargura.

– Talvez a sua avó saiba mais.

Ele a encarou.

– Isabella. Em seu diário.

– Ela não era minha avó de fato.

– Alguma vez ela agiu dessa forma? Como se você não fosse neto dela?

– Não – respondeu ele, perdendo-se nas lembranças. – Ela me amava. Não sei por quê, mas me amava.

– Talvez porque você seja um pouquinho amável – comentou Hyacinth, a voz estranhamente falhando.

O coração de Gareth deu um salto.

– Então você não quer terminar o noivado? – perguntou ele, um tanto

cauteloso.

– Você quer?

Ele balançou a cabeça.

– Por que eu iria querer? – indagou ela, abrindo o mais discreto dos sorrisos.

– Sua família poderia fazer objeções.

– Pffft. Nós não somos tão arrogantes assim. A esposa do meu irmão é filha ilegítima do duque de Penwood com uma atriz de quem só Deus sabe a origem, e qualquer um de nós daria a vida por ela. – Hyacinth estreitou os olhos, pensativa. – Mas você não é ilegítimo.

– Para o eterno desespero de meu pai.

– Ora, então eu não vejo problema. Meu irmão e Sophie gostam de viver no campo, em parte devido ao passado dela, mas nós não seremos forçados a fazer o mesmo. A não ser, é claro, que você deseje.

– O barão poderia fazer um escândalo.

Ela sorriu.

– Está tentando me convencer a não me casar com você?

– Só quero que você compreenda...

– Porque espero que, a esta altura, você já tenha percebido que tentar me dissuadir é uma tarefa muito cansativa.

Gareth não teve como não sorrir.

– Seu pai não dirá uma palavra sequer – assegurou ela. – Qual seria a finalidade? Você nasceu durante o casamento, logo ele não pode lhe tirar o título. E a revelação de que você é bastardo só o exporia como um marido traído. Nenhum homem quer isso – afirmou, gesticulando com grande autoridade.

Os lábios dele se curvaram e Gareth sentiu algo se alterar por dentro, como se estivesse ficando mais leve, mais livre.

– Você pode falar por todos os homens? – murmurou ele, deslocando-se lentamente na sua direção.

– *Você* gostaria de ter fama de marido traído?

Ele fez que não com a cabeça.

– Mas eu não preciso me preocupar com isso.

Ela pareceu perder um pouco da firmeza – embora tenha ficado excitada – quando ele começou a se aproximar.

– Não se você me mantiver feliz.

– Ora, Hyacinth Bridgerton, isso é uma ameaça?
Ela assumiu uma expressão coquete.
– Talvez.
Gareth só estava a um passo de distância agora.
– Pelo visto, vou ter muito trabalho pela frente.
Ela empinou o queixo e sua respiração se acelerou.
– Não sou uma mulher particularmente fácil.
Ele lhe tomou a mão.
– Gosto de um desafio.
– Que bom que você...
Gareth enfiou um dos dedos dela na boca e Hyacinth arquejou.
– ... vai se casar comigo – ela conseguiu terminar.
Ele passou a outro dedo.
– Aham.
– Eu... Ah... Eu... Ah...
– Você gosta mesmo de falar – comentou ele, com uma risadinha.
– O que você... Oh!
Ele sorriu para si mesmo enquanto passava à parte interna de seu punho.
– ... quer dizer com isso? – concluiu ela, com a voz fraca.
Hyacinth já estava com o corpo todo mole e ele se sentiu o rei do mundo.
– Ora, nada demais – murmurou Gareth, puxando-a para si e roçando os lábios no seu pescoço. – É só que estou ansioso por me casar, assim você vai poder fazer quanto barulho quiser.
Ele não conseguia ver o seu rosto – estava ocupado demais com o decote do vestido, que, claramente, precisava ser baixado –, mas sabia que ela havia ruborizado. Sentiu o calor emanar do corpo.
– Gareth... – disse ela, num débil protesto. – Deveríamos parar com isso.
– Essa não é a sua vontade – retrucou ele, deslizando a mão por debaixo da bainha da saia dela, pois ficou claro que o corpete não queria ceder.
– Não – ela suspirou –, não mesmo.
Ele sorriu.
– Que bom.
Hyacinth deixou escapar um gemido enquanto os dedos dele subiam por suas pernas, fazendo cócegas. Agarrando-se a um último fiapo de sanidade, ela disse:

– Mas não podemos... Oh.

– Não, não podemos – concordou ele.

A escrivaninha não seria confortável, não havia lugar no chão e só Deus sabia se Phelps fechara a porta exterior do seu quarto. Ele se afastou e lhe deu um sorriso endiabrado.

– Mas podemos fazer outras coisas.

Os olhos dela se arregalaram.

– Que outras coisas? – indagou Hyacinth, soando deliciosamente desconfiada.

Ele entrelaçou os dedos nos dela e, em seguida, ergueu-lhe as mãos acima da cabeça.

– Você confia em mim?

– Não, mas não me importo com isso.

Ainda segurando as mãos dela no alto, ele a encostou na porta e se aproximou para beijá-la. Tinha sabor de chá e de...

Dela mesma.

Podia contar em uma das mãos o número de vezes que a beijara e, no entanto, sabia que aquela era a sua essência. Era única em seus braços, durante os beijos, e ele compreendeu que ninguém mais lhe bastaria.

Soltou uma das mãos, percorrendo com carícias o caminho do antebraço ao ombro... ao pescoço... ao rosto. Então libertou-a de vez e voltou à bainha do vestido.

Ela gemeu o nome dele, arfando à medida que os seus dedos subiam-lhe pela perna.

– Relaxe – instruiu ele, os lábios quentes de encontro ao seu ouvido.

– Não consigo.

– Consegue, sim.

– Não – disse ela, agarrando-lhe o rosto e forçando-o a olhá-la. – Eu não consigo.

Gareth riu alto; Hyacinth realmente gostava de dominar.

– Muito bem, então não relaxe.

Antes que ela tivesse chance de responder, ele deslizou o dedo pela beirada de suas roupas íntimas e a tocou.

– Oh!

– Agora não vai mais relaxar – falou ele com uma risadinha.

– Gareth.

– *Oh, Gareth, Não, Gareth* ou *Mais, Gareth*?

– Mais – ela gemeu. – Por favor.

– Adoro uma mulher que sabe quando implorar.

Ela o encarou.

– Você vai pagar por isso.

Ele arqueou a sobrancelha.

– Vou?

– Mas não agora.

Ele riu baixinho.

– Muito justo.

Gareth a massageou suavemente, excitando-a. Hyacinth respirava com dificuldade, os lábios entreabertos e os olhos vidrados. Ele adorava as suas feições, amava cada curvinha, o modo como os malares refletiam a luz, o formato da mandíbula.

Mas havia algo no seu rosto, agora que ela estava mergulhada na paixão, que lhe tirou o fôlego. Era linda – não de fazer um homem trocar os pés pelas mãos, mas de uma forma mais discreta.

Sua beleza pertencia a ele, e a ele apenas.

Diante disso, Gareth se sentiu humilde.

Inclinou a cabeça para beijá-la carinhosamente, com todo o amor que sentia. Queria absorver o seu arquejo quando ela atingisse o orgasmo, queria sentir o seu hálito e o seu gemido. Os dedos dele faziam cócegas, provocavam, e Hyacinth ficou rija, o corpo preso entre ele e a parede.

– Gareth – arfou ela, libertando-se do beijo apenas tempo o bastante para dizer o nome dele.

– Em breve – prometeu ele, e sorriu. – Talvez agora.

Então, enquanto a beijava, deslizou um dedo para dentro dela, ainda acariciando com outro. Sentiu-a se contrair à sua volta, o corpo praticamente levitar com a força da sua paixão.

Nesse momento é que ele se deu conta da verdadeira intensidade do seu desejo. Estava duro, quente e desesperado por Hyacinth, mas estivera tão concentrado nela que não havia notado.

Até agora.

Gareth a encarou. Ela estava mole, sem ar, mais próxima de perder os sentidos do que nunca.

Estava tudo bem, disse para si mesmo, não muito convencido. Tinham toda a vida à sua frente. Um encontro com uma banheira de água gelada não iria matá-lo.

– Feliz? – murmurou ele, olhando-a com indulgência.

Ela assentiu, mas foi só.

Gareth lhe deu um beijo no nariz, então lembrou-se dos papéis que deixara sobre a escrivaninha. Não estava exatamente finalizado, mas lhe pareceu um bom momento para mostrar a ela.

– Tenho um presente para você.

Os olhos dela se iluminaram.

– Tem?

Ele fez que sim.

– Mas lembre-se de que o que vale é a intenção.

Ela sorriu, seguindo-o até a escrivaninha e sentando-se na cadeira à sua frente.

Gareth colocou alguns livros de lado e, cuidadosamente, ergueu uma folha de papel.

– Não está concluído.

– Não me importo – disse ela, baixinho.

Ainda assim, Gareth não lhe mostrou.

– Acho que já ficou bastante óbvio que não vamos achar as joias.

– Não! – protestou ela. – Nós podemos...

– Shhh. Deixe-me terminar.

Contendo todos os seus impulsos, ela conseguiu ficar calada.

– Eu não tenho muito dinheiro – continuou ele.

– Isso não importa.

– Fico feliz que se sinta dessa maneira, pois, mesmo que jamais nos falte qualquer coisa, nós não viveremos como os seus irmãos e irmãs.

– Não preciso disso tudo – disse ela rapidamente.

E não precisava mesmo. Ou, pelo menos, esperava que não. Mas sabia, com toda a sua alma, que não precisava de nada tanto quanto precisava dele.

Gareth se mostrou grato e, talvez, só um pouco desconfortável.

– É provável que a situação fique ainda pior, pois vou herdar o título – acrescentou ele. – Acho que o barão está preparando tudo para me reduzir à mendicância.

– Está tentando me convencer outra vez a não me casar com você?

– Ah, não. Agora você está definitivamente presa a mim. Mas você precisa saber que, se pudesse, eu lhe daria o mundo. – Ele estendeu o papel em sua direção. – A começar por isto.

Ela pegou a folha. Gareth a desenhara ali.

Ela arregalou os olhos.

– Você é que fez?

Ele aquiesceu.

– Não tenho o treinamento adequado, mas consigo...

– Está muito bom – interrompeu ela.

Gareth jamais entraria para a história como um artista famoso, mas a semelhança era grande. Ele havia capturado algo de seu olhar que não vira em nenhum dos retratos dela encomendados pela família.

– Eu tenho pensado em Isabella – revelou ele, apoiando-se na beirada da mesa. – E me lembrei de uma história que ela me contou quando eu era pequeno. Havia uma princesa e um príncipe malvado e... – ele sorriu com algum pesar – uma pulseira de diamantes.

Hyacinth estivera observando o seu rosto, hipnotizada pelo ardor em seus olhos, mas ao ouvir isso, voltou a fitar o desenho. Ali, em seu punho, havia uma pulseira de diamantes.

– Estou certo de que não se parece em nada com a que ela escondeu – continuou Gareth –, mas é como eu me lembro de ela a descrever para mim e é o que eu lhe daria se pudesse.

– Gareth, eu... – As lágrimas encheram os seus olhos, ameaçando escorrer por suas faces. – É o presente mais precioso que já recebi.

Ele a olhou... não como se não acreditasse nela, mas como se não soubesse ao certo se devia.

– Você não precisa dizer...

– Mas é – insistiu ela, pondo-se de pé.

Gareth pegou outra folha de papel da mesa.

– Desenhei aqui também, só que maior, para você poder ver melhor.

Hyacinth viu que ali estava apenas a pulseira, como se suspensa no ar.

– É linda – comentou ela, tocando o desenho.

Ele abriu um sorriso autodepreciativo.

– Se não existe, deveria existir.

Ela assentiu, ainda examinando a imagem. A pulseira era linda, delicada e extravagante, cada elo num formato parecido ao de uma folha. Hyacinth sentiu um enorme desejo de usá-la.

Mas jamais poderia estimá-la tanto quanto estimava aqueles dois desenhos. Nunca.

– Eu...

Ela ergueu os olhos, os lábios se entreabrindo em surpresa. Quase disse “Eu te amo”.

– ... amei os desenhos – completou, mas imaginou que a verdade estivesse em seus olhos.

Ela sorriu e colocou a mão por cima da dele. Queria dizer “Eu te amo”, mas não estava exatamente pronta. Não sabia por quê. Talvez temesse ser a primeira a dizê-lo. Ela não tinha medo de quase nada, porém não era corajosa o bastante para pronunciar três palavrinhas.

Impressionante.

Assustador.

Então decidiu mudar de ânimo.

– Ainda quero procurar as joias – afirmou, pigarreando, até que sua voz pudesse soar bem clara.

Ele gemeu.

– Por que você não desiste?

– Porque eu... Bem, porque não posso. – Hyacinth franziu a boca. – Não quero que o seu pai fique com elas. Oh. É assim que devo me referir a ele?

Gareth deu de ombros.

– Eu ainda o chamo assim. É difícil acabar com o hábito.

– Não me importa que Isabella não fosse sua avó de verdade. Você merece a pulseira.

Ele abriu um sorriso divertido.

– E por que acha isso?

Ela ficou confusa por um instante.

– Porque merece. Porque alguém tem que ficar com ela e eu não quero que seja ele. Porque... – Ela olhou, desejosa, para o desenho que se encontrava em suas mãos. – Porque é *maravilhosa*.

– Não podemos esperar encontrar o nosso tradutor de esloveno?

Ela fez que não, apontando para o bilhete, ainda sobre a mesa.

– E se não for esloveno?

– Achei que você tivesse dito que era – replicou ele, claramente exasperado.

– Eu disse que meu irmão *achava* que fosse. Você sabe quantas línguas existem na Europa Central?

Ele praguejou baixinho.

– Eu sei que é muito frustrante – concordou ela.

Hyacinth a encarou, incrédulo.

– Não foi por isso que praguejei.

– Então por que...

– Porque você vai acabar comigo.

Hyacinth sorriu, enfiando o indicador no peito dele.

– Agora você sabe por que a minha família estava louca para se livrar de mim.

– Que Deus me ajude... sei mesmo.

Ela entortou a cabeça.

– Podemos ir amanhã?

– Não!

– No dia seguinte?

– Não!

– Por favor? – insistiu ela.

Gareth girou-a até que ela estivesse de frente para a porta.

– Vou levá-la para casa.

Ela virou a cabeça, tentando falar por cima do ombro.

– Por...

– Não!

Hyacinth foi arrastando os pés, permitindo a Gareth empurrá-la em direção à porta. Quando já não podia mais evitar a expulsão, agarrou a maçaneta, mas, antes de girá-la, se virou uma última vez, abriu a boca e...

– NÃO! – gritou Gareth.

– Eu não...

– Muito bem – gemeu ele, com vontade de atirar os braços para cima em exasperação. – Você venceu.

– Oh, obri...

– Mas não vai junto.

Ela ficou imóvel, a boca ainda aberta.

– Como disse?

– Eu vou – respondeu ele, com uma careta, como se preferisse ter todos os dentes extraídos a fazer aquilo. – Mas você não vai.

Ela o fitou, tentando encontrar alguma forma de dizer “Isso não é justo” sem soar como uma adolescente. Impossível. Quis perguntar como poderia ter certeza que ele iria sem dar a entender que não confiava nele.

Droga, outra causa perdida.

Assim, simplesmente cruzou os braços e o fuzilou com os olhos. Em vão.

– Não – repetiu Gareth.

Hyacinth abriu a boca uma última vez, então desistiu, suspirando.

– Bem, imagino que, se conseguisse manipulá-lo sempre, não valeria a pena me casar com você.

Ele gargalhou.

– Você vai ser uma ótima esposa, Hyacinth Bridgerton – disse, empurrando-a para fora da sala.

– Humpf.

Ele grunhiu.

– Mas não se você se transformar na minha avó.

– É o meu maior sonho – replicou ela, travessa.

– Que pena – murmurou ele, puxando-lhe o braço para que não entrasse na sala de estar.

Ela se virou com um olhar interrogativo.

Gareth curvou os lábios, com um ar de completa inocência.

– Ora, eu não posso fazer *isto* com a minha avó.

– Oh!

Como ele conseguira enfiar a mão *ali*?

– Ou *isto*.

– Gareth!
– *Gareth, sim* ou *Gareth, não*?
Ela sorriu. Não dava para se conter.
– Gareth, *mais*.

CAPÍTULO 19

Terça-feira seguinte.
Tudo de importante acontece às terças-feiras, não é mesmo?

– Olhe só o que eu trouxe!

De pé à porta da sala de estar de Lady Danbury, Hyacinth sorriu, erguendo o exemplar de *Miss Davenport e o Marquês Sombrio*.

– Um livro novo? – perguntou Lady D, na outra extremidade da sala.

Estava sentada em sua poltrona favorita, mas, pela postura, mais parecia estar num trono.

– Não é um livro qualquer – respondeu Hyacinth com um sorriso maroto, estendendo-o em sua direção. – Olhe só.

Lady Danbury pegou o livro e ficou exultante.

– Ainda não lemos este. – Ela olhou para Hyacinth. – Espero que seja tão ruim quanto os demais.

– Ora, vamos, Lady Danbury – disse Hyacinth, sentando-se ao seu lado –, a senhora não devia chamá-los de ruins.

– Eu não falei que não eram divertidos – replicou a condessa, folheando as páginas ansiosamente. – Quantos capítulos ainda temos com a querida Miss Butterworth?

Hyacinth pegou o livro em questão de uma mesa vizinha e o abriu no local marcado na terça-feira anterior.

– Três.

– Humpf. Eu me pergunto de quantos penhascos Priscilla conseguirá se pendurar nesse tempo.

– De pelo menos dois, imagino – murmurou Hyacinth. – Contanto que não seja apanhada pela peste.

Lady Danbury tentou espiar o livro por cima de seu ombro.

– Acha isso possível? Um bocado de bubônica faria maravilhas pela prosa.

Hyacinth riu.

– Talvez esse devesse ser o subtítulo. *Miss Butterworth e o Barão Louco ou* – ela baixou a voz de maneira dramática – *Um bocado de bubônica*.

– Prefiro *Bicada até a morte pelos pombos*.

– Talvez devêssemos escrever um livro – disse Hyacinth com um sorriso, preparando-se para começar o capítulo dezoito.

Lady Danbury fez uma careta, como se quisesse golpear a cabeça de Hyacinth.

– Já venho dizendo isso há algum tempo.

Hyacinth franziu o nariz enquanto balançava a cabeça.

– Não, não seria tão divertido. Acha que alguém compraria uma coleção de títulos de livros divertidos?

– Comprariam se tivesse o meu nome na capa – respondeu Lady D com grande autoridade. – Por falar nisso, como anda a tradução do diário da outra avó de meu neto?

Hyacinth meneou a cabeça ligeiramente na tentativa de seguir a complicada estrutura da frase da condessa.

– Perdoe-me, mas o que isso tem a ver com as pessoas se sentirem compelidas a comprar um livro com o seu nome na capa?

Lady Danbury gesticulou com vigor, como se o comentário de Hyacinth fosse um objeto que ela pudesse afastar.

– Você não me contou nada – insistiu.

– Só passei um pouco da metade. Não me lembro tanto de italiano quanto imaginava e estou achando a tarefa muito difícil.

Lady D assentiu.

– Ela era uma mulher encantadora.

Hyacinth piscou, surpresa.

– A senhora a conheceu? Isabella?

– Mas é claro que sim. O filho dela se casou com a minha filha.

– Ah, sim – murmurou Hyacinth.

Não sabia por que isso não lhe ocorrera antes. Será que Lady Danbury sabia algo sobre as circunstâncias do nascimento de Gareth? Ele dissera que não ou que, pelo menos, nunca havia conversado com ela a respeito. Mas talvez cada um estivesse mantendo silêncio supondo que o outro não soubesse.

Hyacinth abriu a boca, então a fechou com determinação. Não cabia a ela dizer nada. *Não* cabia.

Mas...

Não. Ela trincou os dentes com força, como se isso pudesse impedi-la de falar o que não devia. Não podia revelar o segredo de Gareth. *Não, não, não, não*.

– Comeu algo azedo? – indagou Lady D sem a menor delicadeza. – Está com uma expressão um tanto adoentada.

– Estou perfeitamente bem – respondeu Hyacinth, grudando no rosto um sorriso cristalino. – Só estava pensando no diário. Na verdade, eu o trouxe comigo. Para ler na carruagem.

Vinha trabalhando incansavelmente na tradução desde que descobrira o segredo de Gareth naquela semana. Não sabia se descobririam a identidade do verdadeiro pai de Gareth, mas o diário de Isabella lhe parecia ser o melhor ponto de partida para a busca.

– É mesmo? – Lady Danbury se recostou na poltrona e fechou os olhos. – Por que não lê para mim?

– A senhora não entende italiano.

– Eu sei, mas é uma língua encantadora, tão melodiosa e suave... E eu preciso tirar um cochilo.

– Tem certeza? – perguntou Hyacinth, enfiando a mão na pequena bolsa para pegar o diário.

– De que preciso de um cochilo? Sim, lamentavelmente. Há dois anos não consigo mais existir sem tirar um todas as tardes.

– Na verdade, estava me referindo à leitura do diário. Se deseja adormecer, há métodos mais eficazes do que ouvir italiano.

– Ora, Hyacinth, está se oferecendo para cantar músicas de ninar para mim?

Hyacinth revirou os olhos.

– A senhora é tão cruel quanto uma criança.

– Todos nós já fomos crianças um dia, minha querida Srta. Bridgerton. Todos nós já fomos.

Hyacinth balançou a cabeça e encontrou o ponto onde havia parado: primavera de 1793, quatro anos antes do nascimento de Gareth. Segundo o que lera na carruagem, a mãe de Gareth estava grávida daquele que Hyacinth

presumia ser o irmão mais velho, George. Anteriormente, já sofrera dois abortos espontâneos, mas isso não aumentara em nada a afeição do marido por ela.

O mais interessante na história era o desapontamento de Isabella com o filho. Sim, ela o amava, mas se arrependia de ter deixado o marido moldá-lo. Assim, o filho era exatamente como o pai. Tratava a mãe com desdém, e a esposa não recebia melhor tratamento.

No geral, a narrativa era bastante triste. Hyacinth gostava de Isabella. Apesar de não conseguir traduzir palavra por palavra, a inteligência e o humor da italiana se sobressaíam na escrita. Hyacinth acreditava que, se tivessem a mesma idade, vivendo na mesma época, teriam sido amigas. Entristecia-se ao constatar quanto Isabella fora sufocada pelo marido, tornando-se infeliz.

E isso reforçou sua crença de que realmente importava com quem uma pessoa se casava. Não por riqueza ou posição social, embora Hyacinth não fosse idealista a ponto de fingir que ambos não tinham importância nenhuma.

Mas só se tinha uma vida e, com a graça de Deus, um marido. E que alegria era *gostar* do homem com quem vai se casar. Isabella não fora espancada ou maltratada, mas havia sido ignorada e ninguém dera ouvidos aos seus pensamentos e opiniões.

O marido a enviara para uma casa de campo num local remoto e ensinara os filhos por meio do exemplo. O pai de Gareth tratou a mulher exatamente da mesma forma.

Hyacinth imaginava que o tio de Gareth se portaria da mesma forma se tivesse vivido o bastante para se casar.

– Vai ler para mim ou não vai? – questionou Lady D num tom um tanto estridente.

Hyacinth fitou a condessa, que nem ao menos se dera o trabalho de abrir os olhos para fazer o pedido.

– Desculpe – disse ela. – Só preciso de um momento para... Ah, aqui estamos.

Hyacinth pigarreou e se pôs a ler em italiano:

– *Si avvicina il giorno in cui nascerà il mio primo nipote. Prego che sia un maschio*...

Traduzia na cabeça enquanto continuava a ler em voz alta em italiano:

Aproxima-se o dia em que nascerá o meu primeiro neto. Rezo para que seja um menino. Eu adoraria que fosse uma menininha – provavelmente permitiriam que eu a visse e cuidasse mais dela, mas será melhor para todos nós se for um menino. Temo pensar em como Anne será forçada a aturar as atenções de meu filho se tiver uma menina.

Eu deveria amar mais o meu próprio filho, mas me preocupo mesmo é com a minha nora.

Hyacinth fez uma pausa para fitar Lady Danbury, buscando sinais de que ela compreendia alguma coisa de italiano. Afinal, o texto era sobre a sua filha. Perguntou-se se a condessa teria alguma ideia da infelicidade daquela união. Mas, para sua surpresa, Lady D havia começado a roncar.

Nunca imaginara que Lady Danbury conseguisse adormecer tão depressa. Permaneceu em silêncio por alguns minutos, esperando que a condessa abrisse os olhos de repente e gritasse para continuar a ler.

Após um minuto, no entanto, Hyacinth teve certeza de que Lady D adormecera. Assim, continuou lendo para si mesma, traduzindo cada frase na cabeça. O registro seguinte era de alguns meses mais tarde; Isabella expressava alívio por Anne ter dado à luz um menino, batizado de George. O barão estava esfuziante de orgulho e até mesmo dera à esposa um bracelete de ouro de presente.

Hyacinth folheou o diário, tentando ver quantas páginas faltavam para 1797, ano do nascimento de Gareth. Uma, duas, três... Sete, oito, nove... Ah, 1796. Gareth nascera em março. Então, se Isabella escrevera a respeito da sua concepção, o texto apareceria ali, não em 1797.

Um intervalo de dez páginas.

Então lhe ocorreu: por que não saltar adiante? Nenhuma lei exigia que ela lesse o diário em perfeita ordem cronológica. Podia *só* olhar adiante, para 1796 e 1797, e ver se havia algo relacionado a Gareth e sua ascendência. Se não houvesse, voltaria diretamente para o ponto onde parara e recomeçaria a leitura.

Lady Danbury não dissera que a paciência não era uma virtude?

Hyacinth olhou pesarosamente para 1793 e então, segurando as cinco folhas como uma única, passou a 1796.

Segurou firme o diário; agora estava determinada a *não voltar* atrás.

– “24 de junho de 1796” – leu em voz baixa. – “Cheguei à Casa Clair para uma visita de verão e me informaram que meu filho já partira para Londres.”

Hyacinth subtraiu os meses rapidamente na cabeça. Gareth nascera em março de 1797. Três meses a levaram de volta a dezembro de 1796 e outros seis a... junho.

E o pai de Gareth estava viajando.

Mal conseguindo respirar, Hyacinth foi em frente:

> *Anne parece satisfeita por ele estar fora, e o pequeno George é um verdadeiro tesouro. Será que é terrível admitir que fico mais feliz quando Richard não está? É uma alegria tão grande ter todas as pessoas que amo por perto...*

Hyacinth franziu a testa ao concluir o registro. Não havia nada de extraordinário ali. Nada sobre um estranho misterioso ou um amigo inadequado.

Ergueu a vista para Lady Danbury, cuja cabeça, agora, encontrava-se atirada para trás. Sua boca estava um pouco aberta.

Hyacinth retornou, decidida, ao diário, indo para o registro seguinte, de três meses depois.

Ela ofegou.

> *Anne está grávida. E todos sabemos que não pode ser de Richard. Ele está fora há dois meses. Dois meses. Temo por ela. Meu filho está furioso. Mas ela não quer revelar a verdade.*

– Revele – suplicou Hyacinth. – Revele.

– Hein?

Hyacinth fechou o diário com violência e ergueu os olhos. Lady Danbury se agitou no assento.

– Por que parou de ler? – perguntou Lady D, grogue.

– Eu não parei – mentiu Hyacinth, segurando o diário com tanta força que se surpreendeu de não abrir buracos na encadernação. – A senhora adormeceu.

– Foi mesmo? Devo estar ficando velha.

Hyacinth sorriu sem ânimo.

– Muito bem – disse Lady D, com um aceno. Ela se remexeu um pouco,

movendo-se primeiro para a esquerda, depois para a direita e mais uma vez para a esquerda. – Agora estou acordada. Voltemos à Miss Butterworth.

Hyacinth ficou pasma.

– *Agora*?

– E seria quando?

Hyacinth não tinha uma boa resposta.

– Muito bem – aceitou, com o máximo de paciência.

Forçou-se a pousar o diário ao seu lado e sacou *Miss Butterworth e o Barão Louco*.

– Ram-ram. – pigarreou ela, abrindo na primeira página do capítulo dezoito. – Ram-ram.

– A garganta a está incomodando? – perguntou Lady Danbury. – Ainda tenho um pouco de chá no bule.

– Não é nada – respondeu Hyacinth. Soltou o ar, olhou para baixo e leu com muito menos animação do que o normal: – *“O barão tinha um segredo. Priscilla estava bastante certa disso. A única pergunta era: A verdade seria revelada algum dia?”* Também quero saber – murmurou Hyacinth.

– Hein?

– Acho que alguma coisa importante está prestes a acontecer – comentou Hyacinth com um suspiro.

– Alguma coisa importante está sempre prestes a acontecer, minha querida menina. E, se não estiver, é uma boa ideia agir como se estivesse. Dessa forma, você aproveitará melhor a vida.

Hyacinth fez uma pausa, ponderando aquele comentário filosófico, algo nada típico de Lady Danbury.

– Não tenho a menor paciência com a moda atual do *ennui* – continuou Lady Danbury, batendo a bengala no chão. – Rá. Quando foi que se tornou crime demonstrar interesse pelas coisas?

– Como disse?

– Apenas leia o livro. Acho que estamos chegando a uma parte boa. Finalmente.

Hyacinth assentiu. O problema era que ela estava chegando à parte boa do *outro* livro. Inspirou fundo, tentando voltar sua atenção para Miss Butterworth, mas as palavras se embaralhavam diante de seus olhos.

Por fim, ergueu os olhos para Lady Danbury e perguntou:

– Sinto muito, mas a senhora se importaria muito se eu encurtasse a minha visita? Não estou me sentindo bem.

Lady Danbury a fitou como se ela tivesse acabado de anunciar que carregava no ventre o filho ilegítimo de Napoleão.

– Ficarei satisfeita em compensar amanhã – acrescentou Hyacinth rapidamente.

– Mas hoje *é terça-feira*.

– Eu sei. Eu... – Hyacinth suspirou. – A senhora é mesmo uma criatura de hábitos, não é?

– A marca da civilização é a rotina.

– Sim, compreendo, mas...

– Mas o sinal de uma mente verdadeiramente avançada é a capacidade de se adaptar a circunstâncias cambiantes.

O queixo de Hyacinth caiu. Nunca, nem mesmo nos seus sonhos mais loucos, imaginaria Lady Danbury dizendo aquilo.

– Vá, menina querida – disse Lady D, enxotando-a em direção à porta. – Vá resolver o que quer que a esteja deixando tão intrigada.

Por um instante, Hyacinth apenas a fitou. Então, sentindo-se amada e acolhida, juntou os pertences, ficou de pé e se aproximou de Lady Danbury.

– A senhora vai ser minha avó – falou ela, se abaixando e lhe dando um beijo na face. Jamais fizera um gesto de tanta intimidade, mas, de alguma forma, agora lhe parecia certo.

– Sua criança tola – disse Lady Danbury, secando os olhos enquanto Hyacinth se encaminhava para a porta. – No meu coração, sou sua avó há anos. Só estava esperando que se tornasse oficial.

CAPÍTULO 20

Mais tarde, à noite... Bem mais tarde, na verdade. A tradução teve que ser postergada devido a um longo jantar de família seguido de um interminável jogo de mímica.

Por fim, às onze e meia, ela encontrou a informação que buscava.

A excitação se mostrou mais forte do que a cautela...

Mais dez minutos e Gareth não teria estado ali para ouvir a batida. Vestira o suéter, uma coisa áspera, de lã, que a avó teria considerado pavorosamente incivilizada, mas que tinha a vantagem de ser negra como a noite. Estava sentado no sofá, calçando botas de solado mais silencioso, quando a ouviu.

Uma batida suave, mas firme.

Olhou de relance para o relógio e viu que era quase meia-noite. Phelps já fora se deitar havia muito tempo, então o próprio Gareth foi até a porta.

– Sim? – disse, posicionando-se junto à pesada madeira.

– Sou eu – veio a resposta instantaneamente.

O quê? Não, não podia ser...

Ele abriu a porta com um puxão.

– O que está fazendo aqui? – sibilou, puxando Hyacinth para dentro do apartamento.

Ela se chocou contra uma cadeira quando ele a soltou para espiar para fora.

– Não trouxe ninguém com você?

– Não tive tempo de...

– Você enlouqueceu? – sussurrou ele, furioso. – Está completamente louca?

Achava que não poderia ficar mais irritado do que quando ela correra por Londres sozinha de madrugada. Mas, pelo menos, Hyacinth tivera algum tipo de desculpa, pois fora surpreendida pelo pai dele.

Mas dessa vez... *dessa vez*... ele mal conseguia se controlar.

– Vou ter que trancafiar você – disse ele, mais para si mesmo. – É isso. É a

única solução. Vou ter que prendê-la e...

– Se você puder escu...

– Entre já – vociferou ele, agarrando-a pelo braço e puxando-a para dentro do próprio quarto.

Era o local mais distante do pequeno aposento de Phelps, localizado à saída da sala de estar. O criado costumava ter sono pesado, mas, como Gareth não tinha lá muita sorte, Phelps escolheria justamente aquela noite para acordar e fazer um lanche à meia-noite.

– Gareth – sussurrou Hyacinth, seguindo-o com passos rápidos –, eu preciso lhe contar...

Ele se virou para ela com um olhar furioso.

– Não tenho que ouvir nada vindo de você que não comece com “Eu sou uma completa tola.”

Ela cruzou os braços.

– Bem, eu *não* vou dizer isso.

Ele ficou flexionando os dedos, num movimento cuidadoso que o impedia de saltar sobre ela. O mundo começava a tomar um perigoso tom de vermelho. Tudo em que conseguia pensar era em Hyacinth atravessando Mayfair em disparada, sozinha, prestes a ser atacada, violentada...

– Eu vou matar você.

Ora, se era para alguém atacá-la, que pelo menos fosse ele.

Mas ela apenas balançou a cabeça, não lhe dando ouvidos.

– Gareth, eu tenho que...

– Não – interrompeu ele energicamente. – Nem uma palavra. Não diga uma palavra sequer. Apenas fique aí, sentada... – Ele piscou, dando-se conta de que ela estava de pé, então apontou para a cama. – Sente-se aí, *quieta*, até eu descobrir que diabos fazer com você.

Ela obedeceu e, uma vez na vida, não pareceu que abriria a boca. Na verdade, até se mostrou um tanto presunçosa, deixando-o desconfiado.

Não sabia como ela descobrira que aquela era a noite da última busca pelas joias. Devia ter deixado alguma informação escapar, ter feito alusão à ida durante uma de suas conversas recentes. Achava que tomara todas as precauções, porém Hyacinth era diabolicamente esperta e poderia ter deduzido as intenções dele.

Na opinião de Gareth, era uma tarefa tola. Não fazia ideia da localização dos diamantes e só havia a teoria de Hyacinth sobre o quarto de dormir da baronesa. Mas ele lhe prometera que iria. Devia ter um senso de honra muito elevado, pois lá estava ele, indo à Casa Clair pela terceira vez naquele mês.

Gareth a olhou de cara feia. Ela sorriu com serenidade, enfurecendo-o ainda mais. Já passara dos limites.

– Muito bem – disse ele, a voz tão baixa, quase trêmula. – Vamos estabelecer algumas regras.

Ela se empertigou.

– Como disse?

– Quando nos casarmos, você não poderá deixar a casa sem a minha permissão...

– *Nunca?*

– Até você provar ser uma adulta responsável – concluiu ele, mal se reconhecendo nas próprias palavras. Mas não havia outra forma de manter a maldita tolinha segura.

Ela deixou escapar um suspiro impaciente.

– Quando foi que você ficou tão pomposo?

– Quando me apaixonei por você! – ele praticamente rugiu. Só não rugiu de verdade porque estava num edifício repleto de apartamentos, todos habitados por homens solteiros que ficavam acordados até tarde e gostavam de falar da vida alheia.

– Você... Você... Você, o quê?

A boca de Hyacinth se abriu num cativante e pequeno oval, mas Gareth estava bravo demais para apreciar o efeito.

– Eu amo você, sua boboca – respondeu ele, agitando os braços como um louco.

Era impressionante como ela o reduzira àquilo. Não conseguia se lembrar da última vez que perdera a paciência daquela forma, da última vez que alguém o deixara com tanta raiva que ele mal conseguia falar.

Sem contar Hyacinth, é claro.

Ele rangeu os dentes.

– Você é a mais enlouquecedora, a mais frustrante...

– Mas...

– E *nunca* sabe quando parar de falar, mas, que Deus me ajude, eu amo você...

– Mas, Gareth...

– E se eu tiver que amarrá-la à cama só para mantê-la a salvo, Deus é minha testemunha, eu o farei.

– Mas, Gareth...

– Nem uma palavra. Nem uma mísera palavra – interrompeu ele, agitando o dedo para ela num gesto extremamente indelicado.

Por fim, Gareth pareceu congelar com o indicador em riste e, após alguns poucos movimentos espasmódicos, conseguiu se acalmar e plantar as mãos no quadril.

Hyacinth o fitava com os olhos azuis imensos e cheios de espanto. Gareth não conseguiu desviar o olhar enquanto ela se levantava lentamente e se aproximava.

– Você me ama? – sussurrou ela.

– Isso vai acabar comigo, mas amo você. – Ele suspirou, exausto diante da simples perspectiva do futuro. – Não dá para evitar.

– Oh. – Seus lábios tremeram e ela abriu um sorriso. – Que bom.

– “Que bom”? É só isso que você tem a dizer?

Ela deu um passo à frente e tocou a face dele.

– Eu também amo você. De todo o coração, com tudo o que sou e tudo...

Ele jamais saberia o que ela ia dizer, pois se perdeu em meio ao beijo.

– Gareth – ofegou Hyacinth no breve momento em que parou para respirar.

– Agora não – pediu ele, tomando sua boca outra vez.

Não conseguia parar de beijá-la. Ele lhe dissera que a amava e, agora, precisava lhe mostrar.

– Mas, Gareth...

– Shhh...

Ele lhe tomou o rosto nas mãos e a beijou, e a beijou... até cometer o erro de libertar a sua boca para lhe atacar o pescoço.

– Gareth, eu preciso lhe contar...

– Agora não – murmurou ele. Tinha outras coisas em mente.

– Mas é muito importante e...

Ele se arrastou para longe dela.

– Meu Deus, mulher – rosnou. – *O que é?*

– Você precisa me escutar – pediu ela, ofegante, e Gareth se sentiu satisfeito. – Eu sei que foi loucura vir até aqui tarde assim.

– Sozinha – ele achou por bem acrescentar.

– Sozinha – concedeu ela, os lábios retorcidos em irritação. – Mas juro que não teria feito algo tão tolo se não precisasse falar com você imediatamente.

– Um bilhete não teria bastado?

Hyacinth balançou a cabeça.

– Gareth – começou ela, o rosto tão sério que ele prendeu a respiração –, eu sei quem é o seu pai.

Ele ficou sem chão. Sem conseguir desviar os olhos dela, agarrou-lhe os ombros, enterrando os dedos com força. Se alguém lhe perguntasse depois sobre aquele momento, Gareth diria que, se não fosse por Hyacinth, não teria se mantido em pé.

– Quem é? – indagou ele, quase apavorado com a resposta dela.

Passara a vida adulta inteira querendo saber e, agora que chegara a hora, estava morrendo de medo.

– O irmão do seu pai – sussurrou Hyacinth.

Gareth ficou sem ar, como se algo tivesse colidido com o seu peito.

– O tio Edward?

– Isso – confirmou Hyacinth, perscrutando o rosto dele num misto de amor e preocupação. – Estava no diário da sua avó. Ela não sabia, de início. Ninguém sabia. Só sabiam que não podia ser o seu pa... ahn... o barão. Ele esteve em Londres a primavera e o verão todos. E a sua mãe... não.

– Como foi que a minha avó descobriu? E ela estava certa disso?

– Isabella juntou as peças depois que você nasceu – disse Hyacinth, baixinho. – Ela escreveu que você era parecido demais com um St. Clair para ser bastardo e que Edward estivera morando na Casa Clair enquanto o seu pai estava fora.

Gareth sacudiu a cabeça, tentando desesperadamente compreender aquilo.

– Ele sabia?

– O seu pai? Ou o seu tio?

– O meu... – ele lhe deu as costas e um som engasgado escapou de sua garganta. – Eu não sei como chamar nenhum dos dois.

– O seu pai... Lorde St. Clair – ela se corrigiu – não sabia. Ou, pelo menos, Isabella não achava que soubesse. Para ele, Edward nem estivera na Casa Clair naquele verão. O irmão acabara de deixar Oxford e... bem, não sei o que aconteceu, mas era para ele ter ido à Escócia com alguns amigos. Mas acabou não indo. Então, foi para a Casa Clair. Sua avó disse... – Hyacinth se deteve, arregalando os olhos. – Sua avó... Ela era *realmente* sua avó.

Ele sentiu a mão dela no ombro, implorando-lhe que se virasse, mas de alguma forma não conseguia encará-la naquele momento. Tudo aquilo era demais.

– Gareth, Isabella era sua avó.

Ele fechou os olhos, tentando se recordar do rosto de Isabella. Era uma tarefa difícil, pois a lembrança era muito antiga.

Mas ela o amara, disso tinha certeza. Ela o amara.

E sabia da verdade.

Se o tivesse visto adulto, se tivesse conhecido o homem no qual se tornara, será que lhe contaria a verdade?

Ele jamais poderia saber, mas talvez... Se a avó tivesse presenciado o tratamento que o barão lhe dispensava... aquilo em que os dois haviam se transformado... Gostava de acreditar que sim, ela contaria.

– Seu tio... – veio a voz de Hyacinth.

– Ele sabia – completou Gareth, a voz grave e firme.

– Como você sabe? Ele disse alguma coisa?

Gareth balançou a cabeça. Não conseguia explicar. Mas ele vira o tio pela última vez aos 8 anos. Crescido o bastante para se lembrar das coisas. Crescido o bastante para se dar conta do que era importante.

Edward o amara de uma maneira que o barão nunca tinha amado. Fora ele que lhe ensinara a cavalgar e que lhe dera um cachorrinho de presente no aniversário de 7 anos.

Edward conhecera a família o suficiente para saber que a verdade os destruiria. Richard já não perdoava Anne por dar à luz um filho que não era seu, mas se soubesse que seu amante era o próprio *irmão*...

Gareth se escorou na parede; precisava de algum apoio além das próprias pernas. Talvez fosse uma bênção a verdade ter demorado tanto tempo para ser revelada.

– Gareth? – sussurrou Hyacinth, aproximando-se.

Ela lhe tomou a mão com uma suavidade e uma delicadeza que lhe provocaram um aperto no coração.

Ele não sabia o que pensar. Não sabia se sentia raiva ou alívio. Era, de fato, um St. Clair, mas depois de tantos anos pensando em si mesmo como um impostor, era difícil aceitar isso. E, levando em conta o comportamento do barão, deveria se orgulhar da sua condição?

Passara tanto tempo se perguntando quem era, de onde viera e...

– Gareth.

A voz dela outra vez, suave, sussurrante.

Apertou a mão dele.

Então, subitamente...

Ele soube.

Não que aquilo tudo não importasse, mas percebeu que não importava tanto quanto ela, que o passado não era tão relevante quanto o futuro e que a família que perdera não lhe era tão cara quanto a que iria construir.

– Eu te amo – disse ele, a voz enfim mais alta que um suspiro. Ele se virou, o coração, *a própria alma* nos olhos. – Eu te amo.

Ela ficou confusa com a súbita mudança de comportamento, mas então sorriu. Parecia estar prestes a gargalhar. Sua felicidade transbordava.

Gareth queria ver aquela expressão no rosto de Hyacinth todos os dias. A toda hora. A todo minuto.

– Eu também te amo – disse ela.

Ele tomou o seu rosto nas mãos e a beijou uma vez, profundamente, na boca.

– Quero dizer, eu *realmente* te amo.

Hyacinth arqueou uma sobrancelha.

– Isto é uma competição?

– É o que você quiser que seja.

Ela abriu aquele sorriso perfeito e encantador, tão típico dela.

– Sinto que devo avisar, então – começou ela, inclinando a cabeça para o lado. – Quando se trata de competições e jogos, eu sempre ganho.

– Sempre?

Os olhos dela se encheram de malícia.

– Sempre que importa.

Ele sorriu, sentindo a alma ficar leve e as preocupações se esvaírem.

– E o que exatamente isso quer dizer?

– Quer dizer – ela ergueu as mãos para desabotoar o casaco – que eu realmente te amo *de verdade*.

Ele deu um passo atrás, cruzando os braços, enquanto a avaliava com os olhos.

– Conte-me mais.

O casaco dela caiu no chão.

– É o suficiente?

– Ah, nem de perto.

Hyacinth tentou afetar descaramento, mas as faces começavam a ficar rosadas.

– Vou precisar de ajuda com o resto – disse ela, pestanejando teatralmente.

Num instante, ele estava ao seu lado.

– Eu vivo para servi-la.

– É mesmo? – perguntou ela, intrigada.

Gareth percebeu o perigo daquela afirmação e se sentiu forçado a acrescentar:

– Na cama.

Os dedos encontraram as fitas duplas das alças no seu ombro e as puxaram, afrouxando o corpete.

– Precisa de mais auxílio, milady?

Ela fez que sim.

– Talvez... – começou ele, passando os dedos pelo decote, preparando-se para descê-lo.

Porém Hyacinth pousou uma das mãos sobre a dele. Gareth ergueu a vista. Ela balançou a cabeça.

– Não. Agora é a sua vez.

Levou um minuto para ele compreender, então um sorriso lento se espalhou pelo seu rosto.

– Mas é claro, milady – falou ele, tirando o suéter. – Qualquer coisa que desejar.

– Qualquer coisa?

– Neste instante, qualquer coisa – disse em tom sedutor.

Ela sorriu.

– Os botões.

– Como queira.

Num instante, a camisa estava no chão, deixando-o nu da cintura para cima.

Lançou-lhe um olhar sexy. Hyacinth estava com os olhos arregalados, a boca entreaberta. Ele podia ouvir o som rouco de sua respiração, em sincronia perfeita com o subir e descer do peito.

Estava excitada. Gloriosamente excitada. Precisou de todo o autocontrole para não arrastá-la para a cama naquele instante.

– Mais alguma coisa?

Os lábios dela apenas se moveram, os olhos relancearam para a calça. Ela era tímida, percebeu, deliciado, ainda inocente demais para lhe dar a ordem de despi-la.

– Isto? – perguntou, enfiando o polegar no cós.

Ela assentiu.

Ele as tirou sem desviar os olhos do seu rosto. E ele sorriu ao ver seus olhos se esbugalharem.

Queria se mostrar blasé, mas não era. Não ainda.

– Você está vestida demais – disse ele suavemente, aproximando o rosto a meros centímetros do dela.

Ergueu o queixo de Hyacinth com dois dedos e se inclinou para beijá-la enquanto puxava o seu vestido para baixo.

Agora ela estava despida e ele podia passar a mão pela pele cálida das suas costas, apertando-a de encontro ao próprio corpo até os seios se achatarem contra o peito dele. Os dedos traçaram sua coluna, detendo-se na base, bem onde o vestido repousava, quase solto, em torno do quadril.

– Eu te amo – declarou-se ele, encostando o nariz no dela.

– Eu também te amo.

– Fico tão contente... – Ele sorriu. – Porque, se você não amasse, isso tudo seria muito desconfortável.

Ela riu, embora não tão livremente.

– Está querendo dizer que todas as suas outras mulheres o amavam?

Gareth recuou, tomando o rosto dela nas mãos.

– Eu nunca as amei – afirmou ele, certificando-se de que Hyacinth olhava em

seus olhos – E, como amo tanto você, não sei se aguentaria não ter esse amor retribuído.

Hyacinth observou o rosto dele, perdendo-se no azul profundo de seus olhos. Tocou-lhe a testa, em seguida os cabelos, afastando uma mecha dourada antes de, carinhosamente, colocá-la por trás de sua orelha.

Parte dela queria ficar ali para sempre, só olhando para o rosto dele, decorando cada superfície e sombra, desde a curva cheia do lábio inferior ao arco preciso de suas sobrancelhas. Ia ter uma vida com aquele homem, ia lhe dar amor e gerar os seus filhos. Experimentava agora a mais maravilhosa expectativa, como se estivesse prestes a embarcar numa espetacular aventura.

E tudo isso começava naquele momento.

Ela ficou nas pontas dos pés e o beijou.

– Eu te amo.

– Ama mesmo, não é? – murmurou ele, tão impressionado com aquele milagre quanto ela.

– Às vezes vou levá-lo à loucura.

Ele abriu um sorriso torto e deu de ombros de forma meio desajeitada.

– É só eu ir para o clube.

– E você vai fazer o mesmo comigo – acrescentou ela.

– Você pode tomar chá com a sua mãe. – Gareth tomou a mão dela enquanto enlaçava a sua cintura; agora estavam juntos quase como se valsassem. – E vamos ter momentos maravilhosos mais tarde, nos beijando e implorando o perdão do outro.

– Gareth – disse ela, se perguntando se aquela devia ser uma conversa mais séria.

– Ninguém disse que precisávamos passar juntos cada momento acordado, mas ao final do dia – ele beijou as suas sobrancelhas –, e na maioria do tempo durante o dia, não há ninguém que eu gostaria de ver mais, cuja voz eu preferiria ouvir, cuja mente eu preferiria explorar.

Ele a beijou, então. Uma vez, lenta e profundamente.

– Eu te amo, Hyacinth Bridgerton. E sempre amarei.

– Oh, Gareth.

Hyacinth queria dizer algo mais eloquente, mas as palavras de Gareth teriam que ser suficientes para os dois, porque, naquele momento, ela se sentia

dominada pelas emoções e só conseguia suspirar.

Quando ele a carregou até a cama, apenas disse “Sim”.

O vestido escorregou do corpo antes que ela fosse deitada no colchão e, logo, já estavam pele contra pele. Havia algo de emocionante em ficar por baixo dele, sentindo o seu poder, a sua força. Se quisesse, Gareth poderia dominá-la, machucá-la, até. No entanto, em seus braços, ela se transformava no mais valioso tesouro.

As mãos dele passeavam por seu corpo, deixando um rastro de fogo. Hyacinth sentia cada toque na essência do seu ser. Ele acariciou o seu braço e ela sentiu aquilo dentro do ventre; tocou o seu ombro e ela sentiu os dedos dos pés formigarem.

Ele lhe beijou os lábios e o coração dela disparou.

Fez suas pernas se abrirem e se aninhou ao lado dela. Hyacinth podia senti-lo, rijo e insistente, mas dessa vez não houve medo, não houve apreensão, apenas uma irresistível necessidade de tê-lo, de tomá-lo dentro dela, de envolvê-lo.

Ela o queria. Cada centímetro dele, cada pedaço que ele pudesse lhe dar.

– Por favor – implorou, projetando o quadril. – Por favor.

Ele permaneceu em silêncio, mas dava para ouvir sua respiração irregular, que demonstrava todo o seu desejo. Gareth chegou mais perto, posicionando-se próximo à sua fenda, e ela arqueou as costas, aproximando-se para recebê-lo.

Agarrou os ombros dele, fincando os dedos em sua pele. Havia algo selvagem dentro dela, algo novo, faminto. Precisava dele. Agora.

– Gareth – arfou, tentando desesperadamente pressionar o corpo contra o dele.

Ele se deslocou um pouco, mudando o ângulo, e começou a penetrá-la.

Era o que ela queria, o que esperara, mas o primeiro contato dele foi um choque. Hyacinth se esticou, puxou e sentiu até mesmo um pouco de dor, porém a sensação foi boa e ela desejou mais.

– Hy... Hy... Hy... – dizia ele, a respiração acelerada, enquanto impelia o corpo para a frente, cada estocada preenchendo-a ainda mais.

Então, por fim, ele estava empurrando tão profundamente para dentro dela que os seus corpos se encontraram.

– Oh, meu Deus – arquejou ela, a cabeça sendo atirada para trás pela força

do ato.

Gareth se mexeu para a frente e para trás, a fricção levando-a a perder a sensibilidade. Ela o arranhou, o agarrou, fazendo qualquer coisa para se aproximar mais dele, qualquer coisa para chegar ao clímax.

Ela sabia aonde estava indo dessa vez.

– Gareth! – soltou um grito, abafado por um beijo.

Algo dentro dela se tensionou e se distendeu, até que Hyacinth teve certeza de que seu corpo ia se desfazer. Quando já não podia aguentar nem mais um segundo, atingiu o auge e algo explodiu dentro dela, impressionante e autêntico.

Enquanto o corpo ameaçava se fragmentar com o vigor de tudo daquilo, sentiu Gareth se tornar frenético e selvagem. Ele enterrou o rosto em seu pescoço e deixou escapar um grito primal, despejando-se por inteiro dentro dela.

Por um minuto, dois, talvez, só conseguiram ficar parados, respirando. Então, por fim, Gareth saiu de cima dela, ainda abraçando-a, enquanto se acomodava de lado.

– Minha nossa – disse ela, pois parecia resumir tudo o que estava sentindo. – Minha nossa.

– Quando vamos nos casar? – perguntou ele, puxando-a gentilmente até ficarem de conchinha.

– Em seis semanas.

– Duas. Não importa o que você vai ter que dizer à sua mãe. Mude para duas ou a carrego para Gretna.

Hyacinth fez que sim, aninhando-se de encontro a ele, deliciando-se com aquela leve pressão por trás.

– Duas – repetiu ela, a palavra praticamente um suspiro. – Quem sabe até mesmo uma.

– Melhor ainda.

Permaneceram deitados juntos por vários minutos, deleitando-se com o silêncio, então Hyacinth se remexeu em seus braços, esticando o pescoço para ver o rosto dele.

– Você ia à Casa Clair esta noite?

– Você não sabia?

Ela balançou a cabeça.

– Não achei que você fosse voltar lá.

– Eu prometi que iria.

– Bem, prometeu, mas achei que estivesse mentindo só para ser simpático.

Gareth praguejou baixinho.

– Você ainda vai acabar comigo. Não acredito que não quisesse, de verdade, que eu fosse.

– É claro que eu queria. Só achei que não iria.

Ela se sentou tão repentinamente que a cama chacoalhou. Então arregalou os olhos, que ganharam um perigoso ardor.

– Vamos. Esta noite.

A resposta veio fácil:

– Não.

– Ora, por favor. Por favor. Presente de casamento para mim.

– Não.

– Compreendo a sua relutância...

– Não – repetiu ele, tentando ignorar a estranha sensação na boca do estômago. A estranha sensação de que iria ceder. – Não, não compreende.

– Sério – insistiu ela, com os olhos brilhantes –, o que temos a perder? Vamos nos casar daqui a duas semanas...

Ele ergueu a sobrancelha.

– Na semana que vem – ela se corrigiu. – Na semana que vem, eu prometo.

Ele ponderou o argumento. Era, de fato, tentador.

– Por favor. Você sabe que quer.

– Por que me sinto como se estivesse de volta à universidade, na companhia do meu amigo mais degenerado, que tenta me convencer que eu preciso beber mais três copos de gim?

– E por que você iria querer ser amigo de um degenerado? – indagou ela. Então sorriu com travessa curiosidade. – Você bebeu?

Gareth pensou se seria sensato responder; não desejava que ela soubesse dos seus excessos estudantis. Mas se isso fosse desviá-la do assunto das joias e...

– Vamos – instigou ela. – *Eu* sei que você quer.

– E *eu* sei o que quero fazer – sussurrou ele, apertando-lhe o traseiro. – E não é isso.

– Você não quer as joias?

Ele se pôs a acariciá-la.

– Uhummm.

– Gareth! – exclamou ela, tentando se soltar.

– *Gareth, sim* ou *Gareth*...

– *Não* – cortou ela com firmeza, de alguma forma se desvencilhando e se contorcendo até o outro lado da cama. – Gareth, *não*. Não até irmos à Casa Clair procurar as joias.

– Meu Deus... Estou diante da Lisístrata britânica.

Ela lhe lançou um sorriso triunfante por cima do ombro enquanto se vestia.

Ele ficou de pé, sabendo que fora derrotado. Além do mais, Hyacinth tinha certa razão. Sua maior preocupação fora a reputação dela; confiava que conseguiria mantê-la em segurança, contanto que ela permanecesse ao seu lado. Se, de fato, fossem se casar dali a uma ou duas semanas, o comportamento dos dois seria ignorado com uma piscadela. Ainda assim, deveria mostrar ao menos alguma resistência.

– Você não deveria estar cansada, depois dessa brincadeira toda na cama?

– Sinto-me positivamente energizada.

Ele deixou escapar um suspiro cansado.

– Esta é a última vez – afirmou severamente.

– Prometo.

Ele se vestiu.

– Estou falando sério. Se não encontrarmos as joias esta noite, não voltaremos lá até eu herdar a casa. Aí, você poderá desmontar o lugar, pedra por pedra, se desejar.

– Não será necessário. Vamos achá-las esta noite. Tenho um pressentimento.

Gareth pensou em várias respostas, mas nenhuma era apropriada para os ouvidos dela.

Hyacinth se examinou com pesar.

– Na verdade, não estou vestida da forma adequada – falou, passando os dedos pelas pregas da saia.

O tecido era escuro, mas seria bem melhor se fosse a calça das duas expedições anteriores. Ele nem mesmo sugeriu que adiassem a caça. Não adiantaria. Não quando ela irradiava animação.

E, de fato, Hyacinth descobriu um dos pés e completou:

– Mas estou usando os meus calçados mais confortáveis e, certamente, isso é

o mais importante.

– Certamente.

Ela ignorou a ironia dele.

– Está pronto?

– Nunca estive mais pronto – respondeu Gareth com um sorriso obviamente falso.

Mas a verdade era que Hyacinth plantara nele a semente da excitação e Gareth já projetava a rota. Se não quisesse ir, se duvidasse da própria capacidade de mantê-la em segurança, a teria amarrado à cama.

Tomando-lhe a mão, levou-a à boca e a beijou.

– Vamos?

Ela assentiu e saiu para o corredor, pé ante pé.

– Vamos encontrá-las – garantiu ela –, sei que vamos.

CAPÍTULO 21

Meia hora mais tarde.

– Não vamos encontrá-las.

Com as mãos plantadas no quadril, Hyacinth examinava o quarto da baronesa. Haviam levado quinze minutos para chegar à Casa Clair, cinco entrando furtivamente pela janela defeituosa e caminhando até o quarto, e mais dez buscando cada esconderijo e cada canto.

As joias não estavam em lugar nenhum.

Não era do feitio de Hyacinth admitir a derrota. Na verdade, era algo tão atípico que a frase “Não vamos encontrá-las” fora enunciada num tom de surpresa.

Nunca lhe ocorrera que não encontrariam as pedras. Ela imaginara a cena cem vezes, pensara no esquema todo até o fim, e nem mesmo uma vez vira a si mesma de mãos abanando.

Parecia que tinha dado de cara com uma parede de tijolos.

Talvez tivesse sido tolamente otimista. Talvez tivesse sido apenas cega.

– Você vai desistir? – indagou Gareth, erguendo os olhos.

Estava agachado ao lado da cama, em busca de painéis na parede de trás da cabeceira. Ele soou... não satisfeito, exatamente, mas um tanto resignado.

Sabia que não encontrariam nada. Ou, ao menos, tivera quase certeza. E viera aquela noite apenas para agradá-la. Hyacinth decidiu que o amava ainda mais por isso.

Mas, agora, a expressão dele, o seu aspecto, a sua voz pareciam dizer somente uma coisa: *Nós tentamos e perdemos, será que podíamos seguir em frente com a nossa vida?*

Não havia sorriso de satisfação, nenhum ar de sabe-tudo, só um olhar fixo de pura praticidade e, talvez, apenas um ligeiro desapontamento, como se uma pequena parte dele esperasse queimar a língua.

– Hyacinth? – falou Gareth, já que ela não respondeu.

– Eu... Bem... – Ela não sabia o que dizer.

– Não temos muito tempo – ele a interrompeu, assumindo uma expressão decidida.

Não havia mais tempo para ela refletir. Gareth ficou de pé, esfregando as mãos para tirar a poeira. O quarto da baronesa estava fechado e não parecia ser limpo regularmente.

– Esta noite é a reunião mensal do barão com o clube de criadores de cães de caça.

– Criadores de cães de caça? Em Londres?

– Reúnem-se na última terça-feira do mês, sem falta. Fazem isso há anos. Para se manterem a par das práticas pertinentes enquanto estão em Londres.

– E as práticas pertinentes mudam com muita frequência? – indagou Hyacinth. Era exatamente o tipo de informação aleatória que sempre lhe interessava.

– Não faço a menor ideia – respondeu Gareth com rispidez. – É provável que não passe de um pretexto para se reunirem e beber. Os encontros sempre terminam às onze e, em seguida, eles passam aproximadamente duas horas conversando. O que quer dizer que o barão estará em casa... – ele sacou o relógio do bolso e praguejou – agora.

Hyacinth assentiu, soturna.

– Acho que só pronunciei essas palavras sob coação... mas *eu desisto*.

Gareth acariciou-lhe o queixo.

– Não é o fim do mundo, Hy. E, pense só, você poderá continuar a sua missão quando o barão enfim bater as botas e eu herdar a casa. Tenho algum direito, não é? – Ele balançou a cabeça. – Quem diria.

– Será que Isabella queria que alguém as encontrasse?

– Não sei. Se ela quisesse, poderia ter escolhido uma língua mais acessível para a pista final.

– Temos que ir agora – disse Hyacinth com um suspiro. – Preciso voltar para casa, de qualquer forma. Vou importunar a minha mãe agora para mudar a data do casamento, enquanto ela está sonolenta. Será mais fácil convencê-la.

Gareth a olhou por cima do ombro, já com a mão na maçaneta.

– Você é mesmo diabólica.

– Ainda tinha dúvidas?

Ele sorriu, então indicou o corredor com a cabeça quando achou seguro sair. Juntos, desceram as escadas até a sala de estar, onde ficava a janela defeituosa. Depressa, em silêncio, saltaram até o beco logo abaixo.

Gareth caminhava na frente. No fim do beco, parou e esticou o braço para trás, mantendo Hyacinth afastada, enquanto espiava a Dover Street.

– Vamos – sussurrou, fazendo um rápido movimento com a cabeça em direção à rua.

Tinham vindo num carro de aluguel – o apartamento de Gareth não ficava tão perto para irem andando –, que estava à sua espera a duas esquinas. Na verdade, não precisavam pegá-lo para chegarem à casa de Hyacinth, que ficava logo do outro lado de Mayfair, mas Gareth decidira que era melhor fazer uso do carro, já que o tinham à disposição. Ele planejara um bom local para saltarem, na esquina do Número Cinco, escondidos nas sombras, à vista apenas de poucas janelas.

– Por aqui – instruiu Gareth, puxando Hyacinth pela mão. – Vamos, nós podemos...

Ele parou, tropeçou. Hyacinth estacara.

– O que foi? – sibilou ele, virando-se para olhá-la.

Mas ela não o olhava. Hyacinth fitava alguma coisa – alguém – que se encontrava à sua direita.

O barão.

Gareth ficou paralisado. Lorde St. Clair – seu pai, seu tio ou o que quer que devesse chamá-lo – estava no topo dos degraus que levavam à porta da frente. A chave estava na mão e ele obviamente os vira na hora em que ia entrar em casa.

– Mas que interessante... – comentou o barão. Os olhos faiscavam.

Gareth estufou o peito, numa demonstração instintiva de bravata, enquanto empurrava Hyacinth parcialmente para trás do seu corpo.

– Senhor.

Sempre chamara o homem dessa forma, e era difícil acabar com alguns hábitos.

– Imagine só a minha curiosidade – murmurou o barão. – Esta é a segunda vez que o encontro aqui, no meio da noite.

Gareth ficou em silêncio.

– E, agora – lorde St. Clair gesticulou para Hyacinth –, trouxe a sua encantadora noiva. Um pouco ortodoxo, devo dizer. Por acaso a família da Srta. Bridgerton sabe que ela está correndo por aí depois da meia-noite?

– O que o senhor quer? – indagou Gareth asperamente.

O barão se limitou a rir.

– Acredito que a pergunta mais pertinente seja: o que *você* quer? Não vá me dizer que está aqui apenas pelo ar fresco da noite.

Gareth o encarou, buscando semelhanças. Estavam todas ali: o nariz, os olhos, a maneira de posicionar os ombros. Era por isso que, até aquele dia fatídico no escritório do barão, nunca imaginara ser um bastardo. Sentira-se muito confuso na infância, tratado com tanto desdém pelo pai. Quando crescera o suficiente para compreender um pouco do que acontecia entre homens e mulheres, ele devaneara – a infidelidade da mãe parecia ser uma explicação plausível para o comportamento paterno.

Mas ele rejeitara a ideia todas as vezes. Havia aquele maldito nariz St. Clair bem no meio do seu rosto. Então o barão o olhara dentro dos olhos e lhe dissera que não era seu pai, que não podia ser, que o nariz era mera coincidência.

Gareth acreditara nele. O barão era muitas coisas, mas não burro.

Nem um dos dois imaginara que o nariz fosse algo mais do que uma coincidência, que Gareth talvez fosse um St. Clair, no fim das contas.

O barão amava o irmão? Richard e Edward St. Clair tinham sido próximos? Gareth não conseguia se lembrar de um na companhia do outro, mas, também, ficara restrito ao quarto das crianças na maior parte do tempo.

– E então? – exigiu o barão. – O que tem a dizer a seu favor?

E lá estava, na ponta da língua. Gareth encarou o homem que fora, por tantos anos, a força dominante em sua vida e quase disse: *Nada de mais, tio Richard*.

Seria o melhor golpe, uma completa surpresa, projetada para desequilibrar e derrubar.

Valeria a pena ver o choque no rosto do barão.

Seria perfeito.

Só que Gareth não queria fazer isso. Não precisava. E *isso* o deixou sem fôlego.

Antes, teria tentado adivinhar como o pai se sentiria. Ficaria aliviado em saber que o baronato iria parar nas mãos de um verdadeiro St. Clair ou furioso,

arrasado ao saber que fora traído pelo próprio irmão?

Antes, Gareth teria pesado as opções e seguido os seus instintos, procurando desferir o golpe mais avassalador.

Mas, agora...

Não se importava.

Ele nunca amaria aquele homem. Ora, nunca *gostaria* daquele homem. Mas, pela primeira vez na vida, simplesmente não se importava.

Ficou atordoado com a sensação. Era muito boa.

Tomou a mão de Hyacinth, entrelaçou os dedos nos dela.

– Apenas saímos para passear – respondeu ele, sereno.

Era uma afirmação obviamente ridícula, mas Gareth a proferiu com o *savoir-faire* de sempre, no mesmo tom que sempre usara com o barão.

– Venha, Srta. Bridgerton – acrescentou, virando-se para conduzi-la.

Mas Hyacinth não se mexeu. Gareth a encarou; ela parecia ter paralisado. Fitou-o com um olhar questionador, sem conseguir acreditar que ele tivesse mantido o silêncio.

Gareth olhou para lorde St. Clair, então olhou para dentro de si mesmo. E se deu conta de que, embora a guerra eterna que travava com o barão não tivesse mais importância, a verdade importava. Não por ter o poder de machucar, mas porque ela precisava ser revelada.

Aquele segredo definira a vida dos dois por tempo demais. E chegara o momento de os dois se libertarem.

– Preciso lhe dizer uma coisa – começou Gareth, olhando dentro dos olhos do barão.

Não era fácil ser direto assim. Não estava acostumado a falar com aquele homem sem malícia. Sentiu-se estranho, desnudo.

Lorde St. Clair não disse nada, mas sua expressão se alterou ligeiramente, tornando-se mais vigilante.

– Estou de posse do diário da vovó St. Clair – contou Gareth. Diante da expressão confusa do barão, acrescentou: – Caroline o encontrou entre os pertences de George com um bilhete que a instruía a me dar o diário.

– Ele não sabia que você não era neto dela – disse o barão, ríspido.

Gareth abriu a boca para responder “Mas eu sou, sim”, porém conseguiu reprimir o comentário. Ia fazer aquilo da maneira certa.

Hyacinth encontrava-se ao seu lado e, subitamente, seus próprios modos raivosos lhe pareceram infantis, imaturos. Não queria que ela o visse assim. Não queria *ser* assim.

– A Srta. Bridgerton sabe um pouco de italiano – continuou Gareth, mantendo a voz serena – e me ajudou com a tradução.

O barão examinou Hyacinth com um olhar penetrante antes de se virar para Gareth.

– Isabella sabia quem era o meu pai – revelou Gareth, baixinho. – Era o tio Edward.

O barão permaneceu em silêncio. Seus lábios se entreabriram e ele ficou tão imóvel que Gareth se perguntou se estaria respirando.

Será que ele soubera? Teria desconfiado?

O barão olhou rua abaixo, detendo-se em algum ponto distante. Ao se virar de novo, estava branco como um lençol.

Pigarreou e meneou a cabeça, uma vez apenas, confirmando que compreendera.

– Você deve mesmo se casar com essa menina – disse, indicando Hyacinth –, porque com certeza vai precisar do dote.

Então subiu os degraus remanescentes, entrou em casa e fechou a porta.

– Só isso? – perguntou Hyacinth após permanecer um instante de queixo caído. – É *só isso* que ele vai dizer?

Gareth começou a se sacudir. Demorou um pouco para se dar conta de que estava rindo. *Rindo*.

– Ele não pode fazer isso – protestou Hyacinth, os olhos brilhando de indignação. – Você acaba de revelar o maior segredo da vida de vocês e a única coisa que ele faz é... Você está *rindo*?

Gareth balançou a cabeça, embora estivesse claro que ria.

– O que há de tão engraçado? – perguntou Hyacinth, desconfiada.

E a sua expressão se mostrou tão... *ela*. Isso só o fez rir mais ainda.

– O que há de tão engraçado? – repetiu ela, só que, dessa vez, estava quase sorrindo. – *Gareth* – persistiu, puxando a sua manga. – Me diga.

Ele deu de ombros, impotente.

– Eu estou feliz.

Ele se divertira ao longo da vida e certamente tivera muitos momentos

felizes, mas havia muito tempo que não sentia aquilo: felicidade plena. Quase se esquecera da sensação.

Ela colocou a mão, abruptamente, em sua testa.

– Você está com febre?

– Estou ótimo. – Ele a tomou nos braços. – Estou mais do que ótimo.

– Gareth! – arquejou Hyacinth, tentando se esquivar, enquanto ele a agarrava para um beijo. – Você enlouqueceu? Estamos no meio da Dover Street e é...

Ele a interrompeu com um beijo.

– É o meio da noite – concluiu ela atabalhoadamente.

Gareth abriu um sorriso diabólico.

– Mas eu vou me casar com você na semana que vem, lembra?

– Lembro, mas...

– E por falar nisso...

Hyacinth ficou de boca aberta ao vê-lo se abaixar sobre um dos joelhos.

– O que é que você está fazendo? – guinchou ela, olhando freneticamente para os dois lados. Lorde St. Clair devia estar espiando-os, e só Deus sabia quem mais. – Alguém vai ver – cochichou ela.

Gareth não pareceu se importar nem um pouco.

– As pessoas vão dizer que estamos apaixonados.

– Eu...

Minha nossa, como uma mulher podia contestar algo desse tipo?

– Hyacinth Bridgerton – continuou ele, tomando-lhe a mão –, você quer se casar comigo?

Ela piscou, confusa.

– Eu já disse que sim.

– Mas, como você mesma disse, não lhe pedi em casamento pelos motivos certos. Em grande parte, eram os motivos certos, mas nem todos.

– Eu... eu... – Ela tropeçava nas palavras, engasgando com a emoção.

Ele a fitava com os olhos faiscantes sob a luz tênue dos postes.

– Eu estou lhe pedindo que se case comigo porque a amo, porque não consigo imaginar a vida sem você. Quero ver o seu rosto de manhã, depois à noite, e cem vezes ao longo do dia. Quero envelhecer com você, quero rir com você e suspirar para os meus amigos, reclamando que você é mandona, mesmo sabendo, secretamente, que sou o homem mais sortudo da cidade.

– O quê?

– Um homem precisa manter as aparências. Vou ser universalmente detestado se todos se derem conta da sua perfeição.

– Oh.

Mais uma vez, como uma mulher podia contestar algo desse tipo?

Então seu olhar se tornou sério.

– Quero que você forme comigo uma família. Quero que seja a minha esposa.

Ele a olhava com um amor e devoção tão cristalinos que ela não soube o que fazer. Aqueles sentimentos pareciam abraçá-la, pareciam fluir como poesia, música.

Ele sorriu e ela só conseguiu retribuir o sorriso; mal estava ciente das faces molhadas.

– Hyacinth. Hyacinth.

Ela assentiu. Ou, pelo menos, achou que tinha assentido.

Ele apertou a sua mão enquanto se colocava de pé.

– Nunca pensei que precisaria lhe pedir isso, mas, pelo amor de Deus, diga alguma coisa!

– Sim – respondeu ela, atirando-se em seus braços. – Sim!

EPÍLOGO

Alguns momentos para nos atualizarmos...

Quatro dias após o término de nossa história, Gareth se encontrou com lorde Wrotham. O conde não considerava que o noivado comprometia St. Clair, em especial depois de saber que Lady Bridgerton prometera tutelar uma das meninas Wrotham mais novas durante a temporada seguinte.

Depois de mais quatro dias, Lady Bridgerton informou categoricamente a Gareth que a caçula não iria se casar às pressas e ele foi forçado a esperar dois meses antes de desposar Hyacinth numa cerimônia elaborada e de bom gosto, na capela de São Jorge, em Londres.

Onze meses depois disso, Hyacinth deu à luz um menino saudável, batizado de George.

Após dois anos, foram abençoados com uma menina, Isabella.

Quatro anos depois, lorde St. Clair caiu do cavalo durante uma caça à raposa e morreu instantaneamente. Gareth assumiu o título e ele e Hyacinth se mudaram para a sua nova residência na cidade, a Casa Clair.

Isso aconteceu há seis anos. Ela vem buscando as joias desde então...

– Você já não procurou neste aposento?

Hyacinth estava no chão do lavatório da baronesa e ergueu os olhos para Gareth, de pé no vão da porta, encarando-a com uma expressão indulgente.

– Não faço isto há pelo menos um mês – respondeu ela, testando as tábuas do assoalho em busca de partes soltas, como se já não as tivesse puxado e cutucado incontáveis vezes.

– Meu amor... – disse Gareth.

Só pelo tom dele, Hyacinth já sabia o que o marido estava pensando.

Ela o fuzilou com os olhos.

– Não comece.

– Meu amor...

– Não. – Ela retornou às tábuas. – Não quero saber. Eu vou encontrar essas malditas joias, nem que procure até o dia da minha morte.

– Hyacinth...

Ela o ignorou, apertando o arremate onde o rodapé encontrava o chão.

Gareth a observou por um tempo antes de falar:

– Tenho certeza de que você já fez isso antes.

Ela o olhou apenas de relance antes de se levantar para inspecionar a moldura da janela.

– Hyacinth...

Ela se virou tão subitamente que quase perdeu o equilíbrio.

– O bilhete dizia: “A limpeza está perto de Deus e o Reino dos Céus é realmente rico.”

– Em esloveno – completou ele, irônico.

– Três eslovenos leram a pista e todos chegaram à mesma tradução.

Não havia sido nem um pouco fácil encontrar três eslovenos.

– Hyacinth... – disse Gareth, como se já não tivesse pronunciado o nome dela duas vezes... e incontáveis vezes antes disso, sempre com o mesmo tom ligeiramente resignado.

– Só pode estar aqui. Tem que estar.

Gareth deu de ombros.

– Muito bem. Só que Isabella traduziu um texto em italiano e gostaria que você corrigisse o trabalho dela.

Após um instante, ela suspirou. Aos 8 anos, a filha anunciara que desejava aprender a língua de sua homônima e os dois haviam contratado uma professora particular para lhe dar aulas as três manhãs por semana. Em um ano, a fluência de Isabella ultrapassara a da mãe e Hyacinth fora forçada a contratar a professora para si mesma nos outros dois dias só para poder acompanhá-la.

– Por que você nunca estudou italiano? – perguntou ela, enquanto Gareth a conduzia pelo quarto e pelo corredor.

– Não tenho cabeça para línguas – respondeu ele com leveza. – Também não há nenhuma necessidade, pois tenho duas damas ao meu lado que já sabem.

Hyacinth revirou os olhos.

– Não vou lhe ensinar mais nem uma palavra maliciosa.

Ele riu.

– Então não vou mais passar nenhuma nota de 1 libra para a Signorina Orsini com instruções para ensinar as palavras maliciosas para *você*.

Hyacinth se virou para ele, horrorizada.

– Você fez isso?!

– Fiz.

Ela franziu os lábios.

– E não parece sentir o menor remorso.

– Remorso?

Ele deu uma risada sonora e se inclinou para encostar os lábios na orelha dela. Gareth sussurrou para Hyacinth todas as palavras italianas a que se dera o trabalho de memorizar.

– Gareth! – guinchou ela.

– *Gareth, sim*? Ou *Gareth, não*?

Ela suspirou. Não conseguia evitar.

– Gareth, *mais*.

Isabella St. Clair batia com o lápis na lateral da cabeça enquanto olhava para as palavras que acabara de escrever. Era um desafio traduzir. O sentido literal nunca soava muito exato, então era preciso escolher as expressões com grande cuidado. Mas aquilo – ela olhou para a página aberta do *Discorso intorno alle cose che stanno in su l'acqua, o che in quella si muovono*, de Galileu – aquilo era perfeito.

Perfeito, perfeito, perfeito.

Suas três palavras preferidas.

Olhou para a porta, esperando que a mãe surgisse. Isabella adorava traduzir textos científicos porque Hyacinth sempre parecia tropeçar nas palavras técnicas e era, é claro, muito divertido observá-la fingir que sabia mais italiano do que a filha.

Não que Isabella fosse mesquinha. Ela franziu os lábios ao pensar nisso. A única pessoa que adorava mais do que a mãe era a bisavó Danbury, que, apesar de estar numa cadeira com rodas, ainda era capaz de usar a bengala com quase a mesma precisão que a língua.

Isabella sorriu. Quando crescesse, queria ser, em primeiro lugar, exatamente como a mãe e, em seguida, exatamente como a bisa.

Suspirou. Seria uma vida maravilhosa.

Mas por que ela estava demorando *tanto*? Já haviam se passado séculos desde que mandara o pai descer... – é claro que Isabella o amava com igual fervor, só que Gareth não passava de um homem e ela não podia aspirar a crescer e ser como ele um dia.

Fez uma careta. A mãe e o pai provavelmente estavam de risadinhas e cochichos, escondidos em algum canto escuro. Minha nossa, era muito vergonhoso.

Isabella se levantou, resignando-se a uma longa espera. Aproveitaria para usar o lavatório. Pousando o lápis com cuidado, olhou uma última vez em direção à porta e atravessou o quarto. Enfurnado no topo, sob os beirais da velha mansão, era o seu cômodo preferido da casa – algo um tanto inesperado. Em algum momento do passado, alguém obviamente se afeiçoara ao pequeno aposento e ele fora decorado no que ela presumia ser um estilo oriental meio festivo. Havia lindos azuis e turquesas tremeluzentes e amarelos que pareciam riscos de puro sol.

Se fosse grande o suficiente, Isabella teria arrastado uma cama lá para dentro e chamado de quarto. Achava divertido que o mais lindo cômodo da casa (na sua singela opinião) fosse o mais humilde.

O lavatório do quarto das crianças? Só mesmo a ala dos empregados tinha menos prestígio.

Isabella fez o que tinha que fazer, colocou o urinol de volta no canto e se dirigiu mais uma vez à porta. Porém, antes que chegasse até lá, algo lhe chamou a atenção.

Uma rachadura. Entre dois azulejos.

– Isso não estava aí antes – murmurou a menina.

Ela se abaixou, depois se sentou para inspecionar a rachadura que ia do chão ao topo do primeiro azulejo, com o tamanho de uns 30 centímetros. Não era o

tipo de coisa que a maioria das pessoas notaria, mas Isabella fazia parte da minoria. Notava tudo.

E aquilo, de alguma forma, era novo.

Frustrada por não poder se aproximar muito, ficou de bruços, com a face encostada no chão.

– Hummm. – Cutucou o azulejo que se encontrava à direita da rachadura, então o da esquerda. – Hummm.

Por que uma rachadura se abriria na parede do seu lavatório? A Casa Clair tinha bem mais de cem anos e não havia como ter se deslocado e se acomodado recentemente. Embora Isabella tivesse ouvido falar que havia lugares distantes onde a terra se deslocava e sacudia, isso não acontecia num lugar civilizado como *Londres*.

Será que tinha chutado a parede sem se dar conta? Será que tinha deixado alguma coisa cair?

Cutucou outra vez. E outra vez.

Quando estava prestes a dar um murro, lembrou que o lavatório da mãe ficava diretamente abaixo do seu. Se fizesse barulho demais, ela subiria para saber o que a filha estava fazendo. Embora tivesse mandado o pai atrás da mãe havia milênios, podia apostar que ela continuava no lavatório.

E, quando a mãe entrava no lavatório... Bem, ou saía em um minuto ou ficava lá dentro durante uma hora. Era a coisa mais estranha.

Portanto, Isabella não queria fazer muito barulho. Os pais certamente não aprovariam que ela demolisse a casa.

Mas, talvez, um golpezinho de nada...

Cantarolou uma canção infantil para decidir qual azulejo atacar, escolheu o da esquerda e bateu nele com um pouco mais de força. Nada aconteceu.

Enfiou a unha na beirada da rachadura e a enterrou lá dentro. Um pedaço de gesso ficou preso debaixo da unha.

– Hummm.

Talvez se conseguisse aumentar a rachadura...

Perscrutou a penteadeira até avistar um pente de prata. Talvez aquilo funcionasse. Pegou-o e posicionou o último dente cautelosamente próximo à beirada. Então, com movimentos precisos, puxou-o para trás e foi batendo no gesso que corria por entre os azulejos.

A rachadura foi serpenteando para cima! Bem diante dos seus olhos!

Repetiu o processo, dessa vez acima do azulejo da esquerda. Nada. Tentou acima do da direita.

E com mais força.

Isabella sufocou um grito quando a rachadura atravessou o gesso até percorrer todo o topo do azulejo. Ela fez o mesmo procedimento mais algumas vezes até a rachadura descer pelo outro lado.

Com a respiração suspensa, a menina enfiou as unhas em cada uma das extremidades do azulejo e puxou. Remexeu para frente e para trás, balançou e chacoalhou, forçando-o o máximo possível.

Então, com um rangido e um gemido que lhe lembrou a bisavó se movimentando quando conseguia se levantar da cadeira de rodas, o azulejo cedeu.

Isabella o baixou cuidadosamente e olhou para o que ficara no lugar. Onde não deveria haver nada além de parede, estava um pequeno compartimento de poucos centímetros. Isabella enfiou a mão, juntando os dedos de maneira a espichar a mão como uma pinça.

Sentiu algo macio. Como veludo.

Puxou aquilo para fora. Era uma bolsinha amarrada com uma corda macia e sedosa.

Isabella se empertigou rapidamente, cruzando as pernas para se sentar. Enfiou um dedo na bolsinha para afrouxá-la.

Então, com a mão direita, virou-a de cabeça para baixo, para despejar o conteúdo na mão esquerda.

– *Oh, meu*...

Isabella conteve o grito. Um verdadeiro jorro de diamantes despencou na sua mão.

Era um colar. E uma pulseira. Embora não pensasse em si mesma como o tipo de garota que perdia a cabeça por causa de adereços e de roupas, *OH, MEU DEUS DO CÉU*, aquelas eram as coisas mais lindas que já tinha visto.

– Isabella?

A mãe. Oh, não. Oh não oh não oh não.

– Isabella? Onde você está?

– No... – Ela se interrompeu para pigarrear, pois a voz saíra esganiçada. –

Estou no lavatório, mamãe. Já estou saindo.

O que fazer? O que fazer?

Ah, muito bem, ela sabia o que devia fazer. Mas o que será que *queria* fazer?

– Isto aqui é a sua tradução, em cima da mesa?

– É... é, sim! – Ela tossiu. – É Galileu. O original está bem ao lado.

– Oh – disse a mãe num tom engraçado. Ela fez uma pausa. – Por que você... Deixa pra lá.

Isabella olhou desesperada para as joias. Precisava decidir o que fazer numa questão de segundos.

– Isabella! Você se lembrou de fazer as contas de adição hoje de manhã? Vai começar as aulas de dança esta tarde. Lembra-se?

Aulas de dança? O rosto de Isabella se contorceu, como se ela tivesse tomado lixívia.

– Monsieur Larouche estará aqui às duas. Em ponto. Logo, você precisa...

Isabella fitou os diamantes com tanta intensidade que a visão periférica ficou toda borrada e se esvaiu, e os sons à sua volta foram desaparecendo gradualmente até cessarem. Os barulhos da rua, que entravam pela janela aberta, sumiram. A voz da mãe, que falava monotonamente sobre aulas de dança e sobre a importância da pontualidade, silenciou. Tudo se foi, exceto o ruído do sangue que corria nos seus ouvidos e o som rápido e irregular da própria respiração.

Então Isabella sorriu.

E os colocou de volta onde os encontrara.

AGRADECIMENTOS

A Eloisa James e a Alessandro Vettori por sua expertise em tudo o que se refere à Itália.

Os Bridgertons ~ 8

Julia Quinn

A Caminho do Altar

Arqueiro

A Caminho do Altar

Os Bridgertons — 8

Julia Quinn

A Caminho do Altar

Arqueiro

Título original: *On the Way to the Wedding*

Publicado mediante acordo com a Harper Collins Publishers.

tradução: Viviane Diniz

preparo de originais: Taís Monteiro

revisão: Cristhiane Ruiz e Dayana Santos

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Raul Fernandes

imagens de capa: Mulher: Sanja Kulusic/ Trevillion Images;
Mansão: stocker1970/ Shutterstock

foto da autora: © Roberto Filho

adaptação para e-book: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q64c

Quinn, Julia, 1970-
A caminho do altar [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Viviane Diniz. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (Os Bridgertons; 8)

Tradução de: On the way to the wedding
Sequência de: Um beijo inesquecível
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-574-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Diniz, Viviane. II. Título. III. Série.

16-32713 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para Lyssa Keusch.
Porque você é minha editora.
Porque você é minha amiga.

E também para Paul.
Só porque.

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

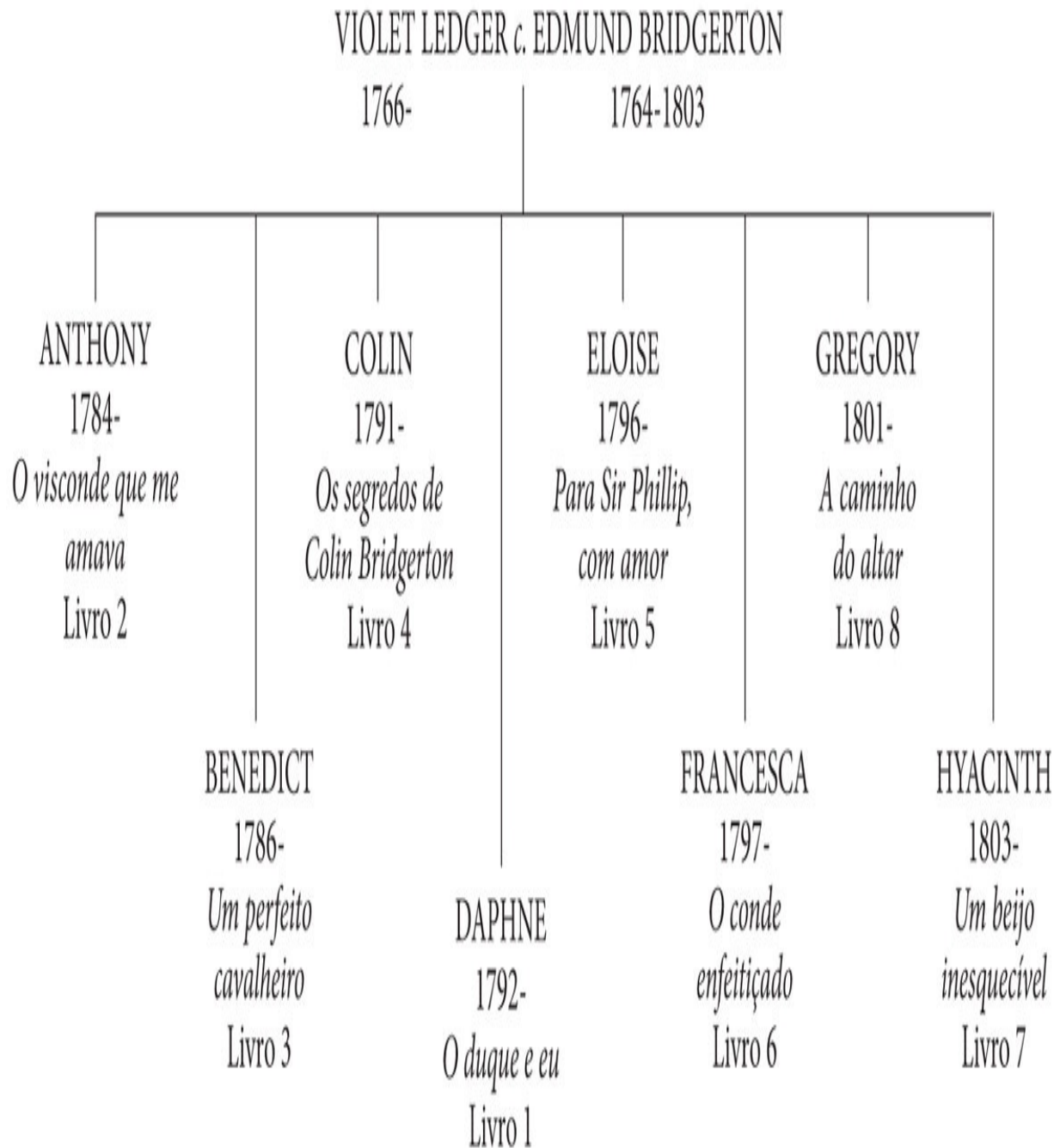
COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

PRÓLOGO

Londres, não muito longe da igreja St. George, Hanover Square.
Verão de 1827.

Seus pulmões estavam em chamas.

Gregory Bridgerton corria pelas ruas de Londres. Alheio aos olhares curiosos dos espectadores, ele corria.

O ritmo estranho e forte de seus movimentos – *um, dois, três, quatro; um, dois, três, quatro* – o fazia continuar, impelindo-o à frente enquanto sua mente permanecia focada em uma única coisa.

A igreja. Ele tinha de chegar à igreja.

Tinha de impedir o casamento.

Fazia quanto tempo que estava correndo? Um minuto? Cinco? Não sabia, não conseguia se concentrar em nada além do seu destino.

Havia começado às onze. Aquilo. A cerimônia. Que nunca deveria ter acontecido, mas que ela fizera mesmo assim. E ele tinha de impedir. Tinha de *detê-la*. Não sabia como, e certamente não sabia por quê, mas ela de fato estava fazendo aquilo, e era errado.

Ela devia saber que era errado.

Ela era *dele*. Os dois deviam ficar juntos. Ela sabia. Maldição, ela sabia.

Quanto tempo durava uma cerimônia de casamento? Cinco minutos? Dez? Vinte? Ele nunca tinha prestado atenção a isso antes, e com certeza nunca pensara em checar as horas no início e no fim.

Nunca pensara que precisaria dessa informação, que algum dia ela seria tão importante.

Fazia quanto tempo que estava correndo? Dois minutos? Dez?

Ele derrapou em uma esquina e entrou na Regent Street, resmungando alguma coisa que devia servir como “Desculpe-me” quando esbarrou em um

cavalheiro respeitavelmente vestido e derrubou sua pasta no chão.

Em qualquer outra ocasião, Gregory teria parado para ajudar o cavalheiro, abaixando para pegar a pasta, mas não naquele dia, não naquela manhã.

Não naquele momento.

A igreja. Ele tinha de chegar à igreja. Não conseguia pensar em mais nada. Não podia. Não podia...

Droga! Parou de repente, escorregando um pouco, quando uma carruagem cruzou seu caminho. Apoiou as mãos nas coxas – não porque quisesse, mas porque seu corpo desesperado exigia isso – e respirou fundo várias vezes, tentando aliviar a imensa pressão no peito, aquela terrível sensação dilacerante de ardor como...

A carruagem passou e ele saiu em disparada novamente. Estava perto agora. Ia conseguir. Não deviam ter se passado mais do que cinco minutos desde que saíra de casa. Talvez seis. Parecia meia hora, mas não podiam ter sido mais do que sete minutos.

Tinha de impedir aquilo. Estava errado. Precisava impedir. *Ia* impedir.

Podia ver a igreja. Ao longe, o campanário cinza se erguia em direção ao límpido céu azul. Alguém tinha pendurado flores nos lampiões. Ele não sabia dizer de que tipo eram – amarelas e brancas, mas sobretudo amarelas. Elas se derramavam das cestas com um abandono negligente. Pareciam festivas, alegres mesmo, e era tão errado. Aquele não era um dia alegre. Não era um evento para ser festejado.

E ele *iria* detê-lo.

Diminuiu o ritmo apenas o suficiente para subir os degraus sem cair de cara e então abriu a porta com tanta força que mal ouviu o estrondo quando ela se chocou contra a parede externa. Talvez ele devesse ter parado para respirar. Talvez devesse ter entrado em silêncio, permitindo-se um momento para avaliar a situação e ver até onde a cerimônia tinha ido.

A igreja ficou em silêncio. O padre parou e todos se viraram para trás.

Para ele.

– Não – disse Gregory, arfando, mas estava tão sem ar que mal ouviu a própria voz. – Não – repetiu, mais alto dessa vez, segurando a beirada dos bancos enquanto avançava, cambaleando. – Não faça isso...

Ela não falou nada, mas ele a viu. Viu que estava boquiaberta com o choque. Viu o buquê escorregar de suas mãos e soube... ah, Deus, soube que ela ficara sem ar.

Ela estava tão bonita... Seu cabelo dourado parecia captar a luz e brilhava de um jeito que o enchia de força. Ele se endireitou. Ainda respirava com dificuldade, mas agora já podia caminhar sem ajuda e soltou o banco.

– Não faça isso – pediu de novo, indo em direção a ela com a graça furtiva de um homem que sabe o que quer.

Que sabe como as coisas deveriam ser.

Ainda assim, ela não falou nada. Ninguém na igreja falou. Aquilo era estranho. Trezentos dos maiores bisbilhoteiros de Londres reunidos em um só lugar e ninguém conseguia dizer uma palavra. Ninguém conseguia tirar os olhos de Gregory enquanto ele caminhava pela nave da igreja.

– Eu te amo – disse ele, bem ali, na frente de todos.

Quem se importava? Ele não podia manter aquilo em segredo. Não podia deixá-la se casar com outro homem sem garantir que o mundo todo soubesse que ela era dona do seu coração.

– Eu te amo – repetiu Gregory, e, pelo canto do olho, viu sua mãe e sua irmã elegantemente sentadas. E boquiabertas. Continuou andando, cada passo mais confiante, mais seguro. – Não faça isso – pediu, saindo da nave para a abside. – Não se case com ele.

– Gregory – sussurrou ela. – Por que você está fazendo isso?

– Eu te amo – falou ele mais uma vez, porque era a única coisa a dizer, a única coisa que importava.

Os olhos dela brilharam, e ele viu sua respiração ficar presa na garganta. Ela olhou para o homem com quem tentava se casar. Ele arqueou as sobrancelhas, enquanto erguia ligeiramente um dos ombros, como se dissesse *A escolha é sua.*

Gregory se apoiou em um joelho.

– Case-se comigo – propôs, colocando a alma nas palavras. – Case-se *comigo*.

Então prendeu a respiração. A igreja inteira prendeu a respiração.

Ela o encarou com seus olhos grandes, claros e que continham tudo o que ele sempre vira como bom, gentil e verdadeiro.

– Case-se comigo – sussurrou ele, uma última vez.

Os lábios dela tremiam, mas sua voz soou clara quando disse...

CAPÍTULO 1

No qual nosso herói se apaixona.
Dois meses antes.

Ao contrário da maioria dos homens que conhecia, Gregory Bridgerton acreditava em amor verdadeiro.

E seria um tolo se não acreditasse.

Porque seu irmão mais velho, Anthony; sua irmã mais velha, Daphne; e seus outros cinco irmãos – Benedict, Colin, Eloise, Francesca e Hyacinth – eram todos – *todos* – perdidamente apaixonados por seus cônjuges.

Para a maioria dos homens, esse fato apenas os faria revirar os olhos e querer vomitar, mas para Gregory – que havia nascido com uma animação excepcional, ainda que (de acordo com sua irmã mais nova) às vezes pudesse ser bem irritante – isso significava apenas que ele não tinha escolha além de acreditar no óbvio: o amor existia.

Não era um fruto insignificante da imaginação, inventado para que os poetas não morressem de fome. Podia não ser algo visível, palpável ou perceptível pelo cheiro, mas existia, e era apenas uma questão de tempo até ele também encontrar a mulher de seus sonhos e se casar, procriar e se dedicar a passatempos desconcertantes como fazer esculturas de papel machê e colecionar raladores de noz-moscada.

Embora, para ser mais específico – o que parecia quase impossível para um conceito tão abstrato –, seus sonhos não exatamente incluíssem uma mulher. Bem, ao menos não uma em particular, com atributos pré-definidos. Gregory não sabia nada sobre essa mulher que deveria mudar sua vida por completo, transformando-a no exemplo perfeito de tédio e respeitabilidade. Não fazia ideia se ela seria baixa ou alta, de cabelos negros ou louros. Gostava de pensar que ela seria inteligente e teria um fino senso de humor, mas como poderia saber?

Poderia ser tímida ou direta. Poderia gostar de cantar ou não. Talvez fosse uma amazona, com a tez corada por ficar muito ao ar livre.

Realmente não sabia. No que dizia respeito a esta incrível, maravilhosa e, por enquanto, inexistente mulher, só o que ele tinha certeza era que, quando a encontrasse...

Ele saberia.

De alguma forma, ele saberia. Algo tão importante, tão grandioso e capaz de mudar sua vida não surgiria despercebidamente. Chegaria com força total, como um furacão. A única questão era *quando*.

E, enquanto aguardava sua chegada, Gregory não via nenhuma razão para não se divertir. Afinal, um homem não precisa se comportar como um monge enquanto espera o amor verdadeiro.

Gregory era, sem dúvida, um homem bem típico de Londres, com uma confortável – embora de maneira nenhuma extravagante – mesada, muitos amigos e um senso de responsabilidade bom o suficiente para saber quando deixar uma mesa de jogo. Era considerado um bom partido no mercado de casamentos, ainda que não estivesse exatamente no topo da lista (os filhos mais novos nunca atraem muita atenção) e era sempre procurado quando as senhoras da alta sociedade precisavam de um homem solteiro e respeitável para equilibrar o número de convidados em seus jantares.

Isso fazia sua já mencionada mesada render um pouco mais – o que era sempre uma vantagem.

Talvez ele devesse ter um objetivo definido na vida. Algum caminho a seguir ou apenas algo importante para realizar. Mas isso podia esperar, não podia? Logo tudo ficaria claro, ele tinha certeza. Logo saberia exatamente o que gostaria de fazer e com quem. Enquanto isso, ele...

Não iria se divertir. Não *naquele* momento, pelo menos.

Naquele momento específico, Gregory estava sentado em uma cadeira de couro, bem confortável por sinal – não que isso tivesse alguma influência no caso, fora o fato de que o conforto o levava a sonhar acordado, o que, por sua vez, fazia com que não ouvisse seu irmão, que estava a cerca de um metro de distância, seguindo com sua ladainha, que quase com certeza envolvia alguma variação das palavras *dever* e *responsabilidade*.

Gregory não estava prestando atenção de fato. Nunca prestava. Bem, de vez em quando prestava, mas...

– Gregory? Gregory!

Ele levantou os olhos, piscando. Os braços de Anthony estavam cruzados, o que jamais era um bom sinal. Anthony era o visconde de Bridgerton havia mais de vinte anos. E, apesar de ser um ótimo irmão, ele também poderia ter sido um senhor feudal perfeito.

– Peço perdão por me intrometer em seus pensamentos, sejam eles quais forem – disse Anthony com a voz seca –, mas você, por acaso... assim, só por acaso... ouviu alguma coisa do que eu acabei de falar?

– Diligência – repetiu Gregory, acenando a cabeça de uma forma que considerava suficientemente séria. – Caminho a seguir.

– Exato – retrucou Anthony, e Gregory se parabenizou pela própria atuação inspirada. – Já passa da hora de você dar um rumo à sua vida.

– É claro – murmurou Gregory, sobretudo porque tinha perdido o jantar, estava com fome e tinha ouvido que sua cunhada mandara servir refrescos no jardim.

Além disso, nunca fizera sentido discutir com Anthony. Nunca.

– Você tem que fazer alguma mudança. Escolher um novo caminho a seguir.

– Sem dúvida.

Talvez houvesse sanduíches. Ele podia comer uns quarenta daqueles sanduichinhos minúsculos naquele instante.

– Gregory.

A voz de Anthony tinha aquele tom impossível de descrever, mas bem fácil de identificar. E Gregory sabia que era hora de prestar atenção.

– Certo – falou, para ter tempo de pensar no que dizer em seguida. – Creio que vou me juntar ao clero.

Essa declaração fez Anthony estacar. Ficou paralizado, como uma estátua. Gregory fez uma pausa para saborear o momento. Que pena que ele tivesse de se tornar um vigário para conseguir isso.

– O que disse? – murmurou Anthony, finalmente.

– Eu não tenho muitas opções – respondeu Gregory. E, à medida que as palavras saíam, ele percebeu que era a primeira vez que as enunciava. Isso de

alguma forma as tornava mais reais, mais permanentes. – Ou me torno militar ou entro para o clero e, bem, isso tem que ser dito, tenho uma péssima pontaria.

Anthony não disse nada. Todos sabiam que era verdade.

Após um instante constrangedor de silêncio, Anthony murmurou:

– Também há espadas.

– Sim, mas com a minha sorte, vou ser mandado para o Sudão. – Gregory estremeceu. – Não quero ser exigente demais, mas pense naquele calor. *Você* iria querer ir?

Anthony respondeu imediatamente:

– Não, claro que não.

– E também tem a nossa mãe – acrescentou Gregory, começando a se divertir.

Após uma pausa, Anthony perguntou:

– E o que ela tem a ver com o Sudão?

– Ela não iria gostar nem um pouco que eu fosse, e então você, como deve saber, teria que segurar a mão dela sempre que ficasse preocupada, ou tivesse algum pesadelo horripilante com...

– Não diga mais nada – interrompeu Anthony.

Gregory se permitiu um sorriso interior. Não estava sendo justo com a mãe, que, era importante salientar, nunca alegara ter nenhum pressentimento baseado em algo tão frágil quanto um sonho. Mas ela *destestaria* que ele fosse para o Sudão, e Anthony *teria* que ouvir suas preocupações com relação a isso.

E, como Gregory não pretendia mesmo deixar a costa enevoada da Inglaterra, a questão era irrelevante.

– Certo – falou Anthony. – Certo. Fico feliz por finalmente termos tido essa conversa.

Gregory olhou para o relógio.

Anthony pigarreou e, quando falou, havia uma pontada de impaciência em sua voz.

– E por você finalmente estar pensando em seu futuro.

Gregory sentiu o maxilar ficar tenso.

– Tenho só 26 anos – lembrou ele. – Com certeza sou jovem demais para esse uso repetido da palavra *finalmente*.

Anthony apenas arqueou uma sobrancelha.

– Devo entrar em contato com o arcebispo? Para achar uma paróquia?

Gregory começou a tossir, o peito sacudindo-se.

– Hã, não – respondeu, quando conseguiu falar. – Não por enquanto, pelo menos.

Um canto da boca de Anthony se mexeu. Mas não muito, e não, por qualquer extensão da definição, lembrando um sorriso.

– Você poderia se casar – disse ele tranquilamente.

– Eu poderia – concordou Gregory. – E vou. Na verdade, planejo isso.

– É mesmo?

– Quando encontrar a mulher certa. – Ao ver a expressão cética de Anthony, Gregory acrescentou: – Com certeza você, mais do que qualquer pessoa, recomendaria um casamento por amor, e não por conveniência.

Anthony era louco de amor pela esposa, sentimento absolutamente recíproco. Também era muito dedicado aos sete irmãos mais novos, como todos sabiam, então Gregory não deveria ter ficado tão inesperadamente emocionado quando ele disse baixinho:

– Desejo-lhe toda a felicidade que tenho em minha vida.

O ronco alto do estômago de Gregory o salvou de ter de responder. Então, um pouco encabulado, ele encarou o irmão.

– Desculpe-me. Perdi o jantar.

– Eu sei. Nós o esperávamos mais cedo.

Gregory por pouco não estremeceu.

– Kate ficou chateada – acrescentou o irmão mais velho.

Isso foi ainda pior. Uma coisa era Anthony ficar desapontado. Mas quando ele dizia que a esposa havia se magoado de alguma forma...

Bem, foi nesse momento que Gregory *teve certeza* de que estava em apuros.

– Saí tarde de Londres – murmurou.

Era verdade, mas não justificava o mau comportamento. Ele estava sendo esperado para o jantar na casa de Anthony e não cumprira o compromisso. Gregory quase disse “Vou me desculpar com ela”, mas, no último instante, voltou atrás. De alguma forma, sabia que isso só pioraria as coisas, como se não estivesse dando importância ao seu atraso e acreditasse que poderia amenizar qualquer transgressão com um sorriso e um comentário fútil. O que quase sempre era verdade, mas, por alguma razão, dessa vez, ele não queria.

Então, em vez disso, apenas falou:

– Sinto muito.

E estava sendo sincero.

– Ela está no jardim – disse Anthony, com rispidez. – Acho que pretende organizar uma dança. No pátio, acredita?

Gregory acreditava. Era exatamente o tipo de coisa que sua cunhada faria. Ela não costumava deixar passar nenhum momento feliz e inesperado, e, com o clima tão agradável, por que não organizar um pequeno baile de improviso ao ar livre?

– Trate de dançar com quem ela quiser – avisou Anthony. – Kate não gostaria que nenhuma das senhoritas se sentisse esquecida.

– É claro – murmurou Gregory.

– Irei me juntar a vocês em quinze minutos – acrescentou Anthony, voltando para sua mesa, onde várias pilhas de papel o aguardavam. – Ainda preciso terminar algumas coisas.

Gregory se levantou.

– Vou avisar a Kate.

E então, vendo que a conversa claramente tinha terminado, ele deixou o escritório e saiu para o jardim.

Já fazia algum tempo desde a última vez que fora a Aubrey Hall, o lar ancestral dos Bridgertons. A família se reunia ali em Kent para o Natal, é claro, mas, na verdade, Gregory não via – nunca vira – aquela casa como um lar. Depois que seu pai falecera, a mãe, de forma nada convencional, afastara a família de lá, optando por passar a maior parte do ano em Londres. Ela nunca dissera isso, mas Gregory sempre suspeitara que a elegante construção trazia muitas lembranças.

Por isso, Gregory sempre se sentira mais à vontade na cidade do que no campo. A Casa Bridgerton, em Londres, era o lar de sua infância, não Aubrey Hall. Ainda assim, ele gostava de ir lá em visitas e estava sempre disposto a participar de atividades bucólicas, como cavalgar e nadar (quando o lago ficava quente o bastante para isso), e, por incrível que parecesse, ele gostava da mudança de ritmo. Adorava a forma como o ar parecia puro e tranquilo após meses na cidade.

E também adorava deixar tudo para trás quando ficava puro e tranquilo *demais*.

As festividades da noite estavam sendo realizadas no gramado sul, ou pelo menos foi o que lhe dissera o mordomo quando chegara mais cedo naquela noite. Parecia um bom local para uma recepção ao ar livre – terreno plano, vista para o lago e um grande pátio com muitas opções de lugares para os menos dispostos se sentarem.

Quando ele se aproximou do grande salão que abria para a área externa, ouviu o zumbido das vozes pelas portas envidraçadas. Não sabia bem quantas pessoas sua cunhada tinha convidado – provavelmente algo entre vinte e trinta. Uma recepção pequena o suficiente para ser íntima, mas grande o bastante para que alguém pudesse escapar em busca de um pouco de paz e tranquilidade sem que sua ausência fosse notada.

Quando atravessou o salão, Gregory respirou fundo, tentando, em parte, descobrir que tipo de petiscos Kate decidira servir. Não devia ser nada muito substancioso, é claro; com certeza ela já havia estufado os convidados no jantar.

Doces, concluiu Gregory, sentindo cheiro de canela quando chegou ao pátio de pedra cinza-claro. Deixou escapar um suspiro desapontado. Estava morrendo de fome, e um enorme pedaço de carne seria o paraíso.

Mas ele estava atrasado, o que não era culpa de ninguém além dele mesmo, e Anthony o mataria se não se juntasse à festa naquele mesmo instante, então teria de se contentar com bolos e biscoitos mesmo.

Uma brisa quente roçou sua pele quando pisou do lado de fora. O tempo estava bem abafado para maio e todos falavam sobre isso. Era o tipo de clima que parecia levantar o astral – tão surpreendentemente agradável que ninguém conseguia deixar de sorrir. E, de fato, as pessoas que perambulavam pela festa pareciam bastante animadas – o burburinho das conversas era entremeado por frequentes trinados de risos.

Gregory olhou ao redor, tanto à procura de algo para comer quanto de alguém conhecido, de preferência sua cunhada Kate, a quem a etiqueta dizia que devia cumprimentar primeiro. Mas, de repente, ele viu...

Ela.

Ela.

E ele soube. Teve certeza de que era ela. Ficou congelado, paralisado. Não perdeu o fôlego de repente; em vez disso, o ar pareceu escapar lentamente até não lhe restar mais nada e Gregory ficou ali parado, querendo mais.

Não podia ver o rosto dela, nem mesmo o perfil. Só viu suas costas, a curva perfeita do pescoço, um cacho de cabelo louro caindo pelo ombro.

E tudo em que conseguiu pensar foi... *Estou acabado*.

Para todas as outras mulheres, ele estava acabado. Aquela intensidade, aquele fogo, aquela avassaladora sensação do que era certo... Gregory nunca havia sentido nada parecido.

Talvez fosse bobo. Ou louco. Provavelmente as duas coisas. Mas ele já estava esperando. Esperava havia tanto tempo por aquele momento... E, de repente, ficou muito claro por que não tinha se tornado militar, ou entrado para o clero, ou aceitado uma das frequentes ofertas do irmão para administrar uma pequena propriedade da família.

Estava esperando. Era isso. Mas que diabo, ele nem percebera que não vinha fazendo nada além de esperar por aquele momento.

E tinha chegado.

Ali estava *ela*.

E ele soube.

Ele soube.

Caminhou lentamente pelo gramado, já esquecido da comida e de Kate. Conseguiu murmurar um cumprimento para uma ou duas pessoas que encontrou no caminho, ainda mantendo o passo. Tinha de chegar até ela. Precisava ver seu rosto, sentir seu cheiro, saber qual era o som de sua voz.

Em um instante, já estava a poucos metros de distância. Sem fôlego, maravilhado, de alguma forma feliz só de estar perto dela.

Ela conversava com outra jovem com uma animação que deixava claro que eram grandes amigas. Gregory ficou parado por um momento, só observando as duas, até que elas se viraram devagar e perceberam que ele estava ali.

Ele abriu um sorriso discreto e gentil, e então disse...

– Como vai?

Lucinda Abernathy, mais conhecida como Lucy, abafou um gemido ao virar para o cavalheiro que havia se aproximado dela de forma furtiva, provavelmente para ver melhor Hermione, como faziam, bem, todos os que conheciam Hermione.

Eram os ossos do ofício de ser amiga de Hermione Watson. Ela colecionava corações partidos da mesma forma que o antigo vigário que morava perto de sua casa colecionava borboletas.

A única diferença era que, obviamente, Hermione não prendia sua coleção com aqueles terríveis alfinetes pequeninos. Justiça seja feita, Hermione não tentava conquistar os corações dos cavalheiros, e com certeza nunca planejara partir nenhum deles. Mas... acontecia. Àquela altura, Lucy já havia se acostumado. Hermione era Hermione, com seu cabelo louro-claro cor de palha, seu rosto em forma de coração e seus olhos grandes do mais surpreendente tom de verde.

Lucy, por outro lado, era... Bem, *não era* Hermione, isso estava claro. Era simplesmente ela mesma e, na maioria das vezes, isso bastava.

Lucy era, sob quase todos os aspectos visíveis, apenas um pouco *menos* do que Hermione. Um pouco menos loura. Um pouco menos magra. Um pouco menos alta. Seus olhos eram de uma cor um pouco menos vívida – cinza-azulados, na verdade. Ela era bastante atraente se comparada com qualquer outra jovem que não fosse Hermione, mas isso não adiantava muito, já que *nunca* ia a parte alguma sem a amiga.

Chegara a essa conclusão impressionante certo dia, enquanto não prestava atenção às aulas de redação e literatura inglesa na Escola para Jovens Extraordinárias da Srta. Moss, em que ela e Hermione estudaram por três anos.

Lucy era um pouco menos. Ou talvez, se alguém quisesse ver as coisas de um jeito mais positivo, ela apenas não era *tão* extraordinária.

Acreditava ser razoavelmente atraente, no mais tradicional e saudável estilo inglês, mas os homens quase nunca (ou melhor, nunca) ficavam sem fala em sua presença.

Hermione, no entanto... Bem, o lado bom é que ela era muito amável e gentil. Ou teria sido impossível ser sua amiga.

Bem, isso e o fato de que ela simplesmente não sabia dançar. Valsa, quadrilha, minueto, não importava. Se envolvia música e movimento, Hermione

não levava o menor jeito.

E isso era *maravilhoso*.

Lucy não se achava uma pessoa superficial, e, caso alguém perguntasse, afirmaria com toda a certeza que seria capaz de se atirar em frente a uma carruagem para salvar a melhor amiga, mas havia uma espécie de justiça gratificante no fato de a garota mais bonita da Inglaterra ter dois pés esquerdos, e pelo menos um deles chato.

Metaforicamente falando.

E agora ali estava outro. Homem, é claro, não pé. Bonito, também. Alto, mas não muito, com lindos cabelos castanhos e um sorriso bastante simpático, além do brilho nos olhos, cuja cor ela não conseguia definir em razão da má iluminação noturna.

Sem falar que ela não podia de fato *ver* seus olhos, já que ele não estava olhando para ela. Fitava fixamente Hermione, como os homens sempre faziam.

Lucy sorriu educadamente, mesmo achando que ele não iria notar, e esperou que ele se curvasse e se apresentasse.

E então ele fez algo surpreendente. Após revelar seu nome – pela sua aparência, ela deveria ter imaginado que ele era um Bridgerton –, ele se curvou e beijou a mão *dela* primeiro.

Lucy ficou sem ar.

Então, é claro, percebeu o que ele estava fazendo.

Ah, ele era *esperto*. Muito esperto. Nada, *nada* possibilitaria a um homem tocar o coração de Hermione mais rápido do que um elogio a Lucy.

Lamentavelmente para ele, o coração da moça já tinha dono.

Ah, bem, seria divertido ver o desenrolar da situação, pelo menos.

– Eu sou a Srta. Hermione Watson – dizia Hermione, e Lucy percebeu que a tática do Sr. Bridgerton era duplamente inteligente.

Ao deixar para beijar a mão de Hermione depois, além de poder se demorar mais na interação com ela, a responsabilidade por fazer as apresentações seria da moça.

Lucy estava quase impressionada. No mínimo, ele se destacava por ser um pouco mais inteligente do que muitos cavalheiros.

– E esta é a minha melhor amiga – continuou Hermione. – Lady Lucinda Abernathy.

Ela falou isso da maneira de sempre, com amor e devoção, e talvez com um toque indisfarçado de desespero, como se dissesse *Pelo amor de Deus, olhe para Lucy também.*

Mas é claro que eles nunca olhavam. A não ser quando queriam conselhos sobre Hermione, sobre como conquistá-la. Nessas ocasiões, Lucy era sempre muito requisitada.

O Sr. Bridgerton – Sr. *Gregory* Bridgerton, ela se corrigiu mentalmente, pois, até onde sabia, havia três Srs. Bridgertons, sem contar com o visconde – se virou e a surpreendeu com um sorriso atraente e um olhar afetuoso.

– Como vai, Lady Lucinda? – murmurou.

– M-muito bem, obrigada.

E então ela teve vontade de se socar por ter gaguejado, mas também, Deus do céu, os homens nunca olhavam para ela depois de verem Hermione, nunca.

O Sr. Bridgerton poderia estar interessado *nela*?

Não, impossível. Isso nunca acontecia.

E isso importava? É claro que seria encantador se um homem se apaixonasse louca e perdidamente por ela, para variar. De fato, ela não ficaria *triste* com toda a atenção. Mas a verdade era que Lucy estava quase noiva de lorde Haselby havia muitos anos, então não fazia muito sentido existir um admirador todo derretido por ela. Não levaria a nada mesmo.

E, além disso, com certeza Hermione não tinha culpa de ter nascido com o rosto de um anjo.

Então Hermione era a sereia, e Lucy, a amiga leal, e estava tudo certo com o mundo. Ou, se não certo, ao menos bastante previsível.

– Podemos considerá-lo um de nossos anfitriões? – perguntou Lucy finalmente, já que ninguém dissera nada após os devidos cumprimentos.

– Receio que não – respondeu o Sr. Bridgerton. – Por mais tentador que seja receber créditos pela festa, eu moro em Londres.

– O senhor tem muita sorte por Aubrey Hall pertencer à sua família – disse Hermione, educadamente –, mesmo que seja propriedade do seu irmão.

E foi nesse momento que Lucy teve certeza. O Sr. Bridgerton gostava de Hermione. Não importava o fato de ele ter beijado sua mão primeiro, ou ter realmente olhado para ela durante a conversa, o que a maioria dos homens nunca

se preocupava em fazer. Bastava ver a forma como ele fitava Hermione quando ela falava para saber que era como todos os outros.

Os olhos dele tinham aquele brilho ligeiramente vidrado, os lábios estavam entreabertos e havia uma intensidade em seu semblante, como se ele quisesse tomar Hermione nos braços e levá-la embora, sem dar a mínima para as pessoas e o decoro.

Ao contrário do modo como olhava para ela, que poderia ser interpretado como um desinteresse educado. Ou talvez *Por que você está no meu caminho, me impedindo de tomar Hermione nos braços e levá-la embora, sem dar a mínima para as pessoas e o decoro?*

Não era exatamente decepcionante. Mas também não era... não decepcionante.

Devia haver uma palavra para isso. Devia mesmo.

– Lucy? Lucy?

Ela percebeu, um pouco constrangida, que não vinha prestando atenção na conversa. Hermione olhava para ela com ar curioso, a cabeça inclinada daquele jeito que os homens achavam tão atraente. Lucy tentara imitá-la uma vez, mas ficara tonta.

– Sim? – murmurou ela, uma vez que algum tipo de expressão verbal parecia necessária.

– O Sr. Bridgerton me chamou para dançar – disse Hermione –, mas eu lhe disse que não *posso*.

A amiga estava sempre fingindo tornozelos torcidos e resfriados para ficar longe dos salões de dança. O que não era nenhum problema, a não ser pelo fato de ela sempre empurrar seus admiradores para Lucy. O que também não era nenhum problema *no início*, mas tinha se tornado tão comum que Lucy acreditava que os cavalheiros já pensavam que eram empurrados para ela por pena, o que não poderia estar mais longe da verdade.

Lucy, para ser sincera, era uma ótima dançarina. E uma pessoa bastante sociável também.

– Seria um prazer dançar com Lady Lucinda – disse o Sr. Bridgerton, porque o que mais poderia falar?

E assim Lucy sorriu, ainda que não muito convencida, e permitiu que ele a conduzisse até o pátio.

CAPÍTULO 2

No qual nossa heroína mostra uma completa falta de respeito por tudo o que é romântico.

Gregory era um cavalheiro, portanto disfarçou bem sua decepção quando ofereceu o braço a Lady Lucinda e a acompanhou até a pista de dança improvisada. Ele tinha certeza de que ela devia ser uma jovem encantadora e adorável, mas não era a Srta. Hermione Watson.

E ele esperara a vida inteira para conhecer a Srta. Hermione Watson.

Ainda assim, aquilo *poderia* ser bom para sua causa. Estava claro que Lady Lucinda era a melhor amiga da Srta. Watson – a jovem falara com efusividade sobre ela durante sua rápida conversa, enquanto Lady Lucinda olhava com ar perdido por sobre o ombro dele, aparentemente sem ouvir uma palavra. Tendo quatro irmãs, Gregory sabia uma ou duas coisas sobre as mulheres, e a mais importante era que é sempre uma boa ideia fazer amizade com a amiga, desde que o que tivessem fosse *mesmo* amizade, e não apenas aquela coisa estranha quando as mulheres fingem ser amigas e, na verdade, esperam apenas o momento perfeito para apunhalar uma à outra.

Criaturas misteriosas, as mulheres. Se elas ao menos aprendessem a dizer o que pensam, o mundo seria um lugar muito mais simples.

Mas, nos momentos em que Lady Lucinda não estava devaneando, as duas jovens tinham dado todas as mostras de amizade e devoção. E, se Gregory queria saber mais sobre a Srta. Watson, Lady Lucinda Abernathy era a melhor fonte.

– A senhorita está hospedada em Aubrey Hall há muito tempo? – perguntou ele, educadamente, enquanto esperavam a música começar.

– Só desde ontem – respondeu ela. – E o senhor? Não o vimos em nenhuma das reuniões até agora.

– Cheguei hoje à noite – disse ele. – Depois do jantar.

Ele fez uma careta. Agora que já não olhava mais para a Srta. Watson, lembrou-se de que estava com fome.

– Deve estar faminto! – exclamou Lady Lucinda. – Prefere dar uma volta no pátio em vez de dançar? Podemos passar pela mesa de aperitivos.

Gregory quase a abraçou.

– Lady Lucinda, a senhorita é uma jovem incrível.

Ela sorriu, mas era um tipo estranho de sorriso, e ele não sabia dizer o que significava. Ela havia gostado do elogio, disso ele tinha certeza, mas havia algo mais ali – uma certa tristeza, talvez um pouco de resignação.

– A senhorita deve ter um irmão – sugeriu Gregory.

– Tenho – confirmou ela, sorrindo à dedução dele. – Ele é quatro anos mais velho que eu e está sempre faminto. Era um espanto termos comida na despensa quando ele voltava da escola.

Gregory apoiou a mão dela na curva de seu cotovelo e, juntos, caminharam até o pátio.

– Por aqui – disse Lady Lucinda, puxando de leve o braço dele quando Gregory tentou guiá-los na outra direção. – A menos que prefira doces.

Gregory sentiu seu rosto se iluminar.

– Há salgados?

– Sanduíches. São pequenos, mas deliciosos, sobretudo os de ovos.

Ele assentiu, um pouco distraído. Tinha visto a Srta. Watson pelo canto do olho, o que tornava um pouco difícil se concentrar em qualquer outra coisa. Principalmente porque ela estava cercada de homens. Gregory tinha certeza de que haviam só esperado que alguém tirasse Lady Lucinda do lado dela para poderem atacar.

– Hã, a senhorita conhece Lady Hermione há muito tempo? – perguntou ele, tentando não ser muito óbvio.

Após uma ligeira pausa, ela respondeu:

– Há três anos. Estudamos juntas na Escola da Srta. Moss. Ou melhor, estudávamos. Terminamos nossos estudos este ano.

– Devo supor que a senhorita planeja debutar em Londres na primavera?

– Sim – disse ela, apontando com a cabeça para uma mesa cheia de petiscos. – Passamos os últimos meses nos preparando, como a mãe de Hermione gosta de dizer, participando de festas e pequenas reuniões.

– Tornando-se mais polidas? – perguntou ele com um sorriso.

Os lábios dela se curvaram em resposta.

– Exatamente isso. Se eu fosse um castiçal, estaria brilhando a esta altura.

Ele achou graça.

– Um castiçal, Lady Lucinda? Ah, vamos, não se subestime. No mínimo, a senhorita seria uma daquelas urnas de prata extravagantes que todos parecem ter em suas salas de estar nos últimos tempos.

– Então sou uma urna – disse ela, quase parecendo considerar a ideia. – Nesse caso, me pergunto o que Hermione seria.

Uma joia. Um diamante. Um diamante incrustado em ouro. Um diamante incrustado em ouro cercado por...

Ele se obrigou a mudar o rumo dos pensamentos. Poderia praticar sua ginástica poética mais tarde, quando não tivesse de continuar uma conversa. Uma conversa com outra jovem.

– Não faço a menor ideia – disse ele despreocupadamente, oferecendo-lhe um prato. – Afinal, mal falei com a Srta. Watson.

Ela não disse nada, mas ergueu de leve as sobrancelhas. E foi nesse momento, é claro, que Gregory percebeu que olhava por sobre o ombro dela para ver melhor a Srta. Watson.

Lady Lucinda deixou escapar um suspiro.

– É melhor o senhor saber que ela está apaixonada por outro homem.

Gregory então voltou o olhar para a mulher em quem deveria estar prestando atenção.

– O que disse?

Ela deu de ombros delicadamente enquanto colocava alguns sanduichinhos no prato.

– Hermione. Ela está apaixonada por outro homem. Achei que o senhor gostaria de saber.

Gregory a encarou completamente pasmo e, em seguida, contrariando todo o seu bom senso, olhou de novo para a Srta. Watson. Era o gesto mais óbvio e patético, mas não pôde evitar. Ele só... Deus do céu, ele só queria olhar para ela pelo resto da vida e não fazer mais nada. Se aquilo não era amor, então não sabia o que era.

– Presunto?

– *O quê?*

– Sanduíche de presunto. – Lady Lucinda segurava com um par de pinças de servir um pãozinho recheado. Seu rosto estava irritantemente sereno. – O senhor aceitaria um?

Ele resmungou e estendeu o prato. E então, porque não podia deixar o assunto para lá, disse em um tom áspero:

– Sem dúvida isso não é da minha conta.

– Está falando sobre o sanduíche?

– Sobre a Srta. Watson – grunhiu ele.

Mas não falava sério, claro. No que lhe dizia respeito, Hermione Watson era totalmente da sua conta, ou pelo menos seria, muito em breve.

Era um pouco desconcertante que *ela*, até onde podia perceber, não tivesse sido atingida pelo mesmo raio que ele. Nunca ocorrera a Gregory que, quando ele se apaixonasse, sua pretendida pudesse não sentir o mesmo, e com igual rapidez. Mas, pelo menos, aquela explicação – o fato de ela achar que estava apaixonada por outra pessoa – aplacava seu orgulho. Era muito mais palatável pensar que ela estava encantada por outra pessoa do que completamente indiferente a ele.

Só precisava fazê-la perceber que, quem quer que fosse o outro homem, não era a pessoa certa para ela.

Gregory não era tão convencido a ponto de achar que poderia conquistar qualquer mulher que desejasse, mas nunca tivera *dificuldades* com o sexo oposto, e, levando em conta como reagira à Srta. Watson, era simplesmente inconcebível que seus sentimentos pudessem não ser correspondidos por muito tempo. Ele poderia ter de batalhar para ganhar seu coração e sua mão, mas isso só tornaria a vitória ainda mais saborosa.

Ou pelo menos foi o que disse a si mesmo. A verdade era que fazer um raio atingir os dois ao mesmo tempo poderia ser uma tarefa muito mais fácil.

– Não se sinta mal – disse Lady Lucinda, esticando um pouco o pescoço enquanto examinava os sanduíches, talvez procurando algo mais exótico do que porco.

– Não me sinto – disparou Gregory, então esperou que ela voltasse de fato a atenção para ele. Como isso não aconteceu, repetiu: – Não me sinto.

Ela virou, olhou para ele com um ar franco e piscou.

– Bem, devo dizer que isso é reconfortante. A maioria dos homens fica devastada.

Ele fez uma careta.

– O que quer dizer com isso?

– Exatamente o que eu disse – respondeu ela, encarando-o com impaciência. – Ou, se não ficam devastados, acabam inexplicavelmente irritados. – Ela bufou como fazem as damas. – Como se isso de alguma forma pudesse ser culpa dela.

– Culpa? – ecoou Gregory, pois, na verdade, estava tendo uma grande dificuldade em acompanhar o raciocínio dela.

– Você não é o primeiro cavalheiro a se imaginar apaixonado por Hermione – disse ela, o ar bastante cansado. – Isso acontece o tempo todo.

– Eu não *me imagino* apaixonado...

Ele se interrompeu, esperando que ela não notasse o destaque que dera às palavras *me imagino*. Deus do céu, o que estava acontecendo? Ele costumava ter senso de humor. Até com relação a si mesmo. Sobretudo com relação a si mesmo.

– Não? – Ela parecia agradavelmente surpresa. – Bem, isso é reconfortante.

– Por que reconfortante? – quis saber ele, estreitando os olhos.

– Por que está fazendo tantas perguntas? – rebateu ela.

– Não estou – protestou Gregory, mesmo não sendo verdade.

Lady Lucy suspirou, depois o surpreendeu, dizendo:

– Eu sinto muito.

– Perdão?

Ela olhou para o sanduíche de salada de ovo em seu prato, em seguida para ele, seguindo uma ordem que ele não achou nada cortês. Costumava ter mais importância do que um sanduíche de salada de ovo.

– Achei que o senhor quisesse falar sobre Hermione – disse ela. – Peço desculpas se me enganei.

Isso deixava Gregory em um grande dilema. Ele podia admitir que tinha se apaixonado perdidamente pela Srta. Watson, o que era um pouco embaraçoso, até mesmo para um romântico incurável como ele. Ou podia negar tudo, e ela com certeza não acreditaria. Ou podia, ainda, chegar a um meio-termo e confessar que tinha um leve interesse em Lady Hermione – achava que esta seria

a melhor solução, tirando o fato de que talvez soasse como um insulto a Lady Lucinda.

Afinal, conhecera as duas jovens ao mesmo tempo. E não tinha se apaixonado perdidamente por *ela*.

Mas então, como se Lady Lucinda pudesse ler seus pensamentos (o que o assustou), ela balançou a mão no ar num gesto de desimportância e disse:

– Por favor, não se preocupe com os meus sentimentos. Já estou acostumada. Como eu falei, isso acontece o *tempo todo*.

Abra o coração, crave um punhal cego nele. Gire.

– Sem falar que estou praticamente noiva – continuou ela, com a voz descontraída.

Então deu uma mordida em seu sanduíche de salada de ovo.

Gregory se perguntou que tipo de homem poderia estar ligado àquela estranha criatura. Não é que tenha sentido pena do sujeito, só... ficou imaginando.

De repente, Lady Lucinda deixou escapar um:

– Ah!

Os olhos dele seguiram os dela até o local onde a Srta. Watson estivera momentos antes.

– Onde será que ela foi? – disse Lady Lucinda.

Gregory se virou para a porta no mesmo instante, esperando conseguir vê-la uma última vez antes que desaparecesse, mas ela já havia ido embora. Aquilo era terrivelmente frustrante. Qual era o sentido de ter uma forte e fulminante atração imediata se não se podia fazer nada a respeito?

Além do fato de ser algo unilateral. Deus do céu.

Ele suspirou profundamente.

– Ah, Lady Lucinda, aí está a senhorita.

Gregory levantou os olhos e viu a cunhada se aproximando.

Então lembrou que a esquecera por completo. Kate não ficaria ofendida; ela levava tudo na esportiva. Mas, ainda assim, Gregory costumava ter modos um pouco melhores com mulheres que não eram suas parentes de sangue.

Lady Lucinda a cumprimentou:

– Lady Bridgerton.

Kate sorriu calorosamente para ela.

– A Srta. Watson me pediu que lhe dissesse que não estava se sentindo bem e que decidiu se retirar.

– É mesmo? Ela disse... Ah, não importa.

Lady Lucinda acenou com a mão, como se quisesse dizer que não havia problema, mas Gregory notou uma ponta de frustração em seu semblante.

– Um princípio de resfriado, eu acho – acrescentou Kate.

Lady Lucinda assentiu de leve.

– Sim, deve ser – falou, parecendo um pouco menos solidária do que Gregory teria imaginado, dadas as circunstâncias.

– E, você – continuou Kate, virando para Gregory –, em nenhum momento achou que devia me cumprimentar? Como está?

Ele pegou as mãos dela e beijou-as juntas como um pedido de desculpas.

– Atrasado.

– Isso eu sabia. – Seu rosto não mostrava irritação, apenas um pouco de aborrecimento. – Como está, fora isso?

– Fora isso, estou ótimo. – Ele sorriu. – Como sempre.

– Como sempre – repetiu ela, lançando-lhe um olhar que era uma promessa clara de um futuro interrogatório. – Lady Lucinda – continuou Kate, o tom consideravelmente menos seco. – Vejo que conheceu o irmão do meu marido, Sr. Gregory Bridgerton.

– De fato – respondeu a jovem. – Estávamos apreciando a comida. Os sanduíches estão deliciosos.

– Obrigada – disse Kate, e em seguida acrescentou: – Gregory lhe prometeu uma dança? Não posso garantir que a música tenha qualidade profissional, mas conseguimos reunir um quarteto de cordas entre os nossos convidados.

– Prometeu – respondeu Lady Lucinda. – Mas eu o liberei de sua obrigação para que ele possa saciar a fome.

– Você deve ter irmãos – observou Kate com um sorriso.

Lady Lucinda olhou para Gregory com uma expressão um pouco assustada, antes de responder:

– Só um.

Ele se virou para Kate.

– Fiz a mesma observação mais cedo – explicou.

Kate deixou escapar uma risadinha.

– Grandes mentes, com certeza. – Depois se virou para a jovem e disse: – É ótimo entender o comportamento dos homens, Lady Lucinda. Nunca se deve subestimar o poder da comida.

Ela arregalou os olhos.

– Para que fiquem bem-humorados?

– *Também*, claro – respondeu Kate, casualmente –, mas não se deve descartar seu uso quando se quer ganhar uma discussão. Ou apenas conseguir o que se quer.

– Ela mal acabou os estudos, Kate – repreendeu-a Gregory.

A cunhada o ignorou e abriu um largo sorriso para Lady Lucinda.

– Nunca é cedo demais para aprender habilidades tão importantes.

Lady Lucinda fitou Gregory, depois Kate e, então, seus olhos começaram a brilhar, cheios de humor.

– Entendo por que tantas pessoas a admiram e respeitam, Lady Bridgerton.

Kate riu.

– A senhorita é muito gentil, Lady Lucinda.

– Ah, por favor, Kate – cortou Gregory. Depois virou para Lady Lucinda e acrescentou: – Ela vai ficar aqui a noite toda, se a senhorita continuar elogiando-a.

– Não dê atenção a ele – disse Kate, sorrindo. – Ele é jovem e tolo e não sabe o que fala.

Gregory estava prestes a fazer outro comentário – não podia deixar Kate dar a última palavra –, mas Lady Lucinda o interrompeu:

– Eu ficaria feliz em tecer-lhe elogios pelo resto da noite, Lady Bridgerton, mas preciso me recolher. Preciso ver como está Hermione. Ela ficou indisposta o dia todo, e eu gostaria de me assegurar de que está bem.

– É claro – disse Kate. – Por favor, informe-lhe que estimo suas melhoras e fique à vontade para chamar se precisar de alguma coisa. Nossa governanta se acha uma especialista em ervas e está sempre inventando poções. Algumas até funcionam.

Kate sorriu com tanta cordialidade que Gregory logo percebeu que ela simpatizava com Lady Lucinda. Isso queria dizer muita coisa. Kate nunca suportara tolos, de bom grado ou de qualquer outra maneira.

– Vou levá-la até a porta – afirmou ele rapidamente.

Era o mínimo que podia fazer, e, além disso, não seria nada bom insultar a amiga mais próxima da Srta. Watson.

As duas se despediram e Gregory apoiou o braço de Lady Lucinda na curva de seu cotovelo. Caminharam em silêncio até a porta para a sala de visitas e ele disse:

– Creio que possa seguir sozinha a partir daqui.

– Claro. – Ela levantou os olhos, que eram azulados, e perguntou: – O senhor quer que eu leve alguma mensagem para Hermione?

Os lábios dele se entreabriram de surpresa.

– Por que a senhorita faria isso? – perguntou Gregory, antes que pudesse tentar suavizar sua reação.

Ela apenas deu de ombros e disse:

– O senhor é o menor de dois males, Sr. Bridgerton.

Ele queria muito lhe pedir para esclarecer o comentário, mas não podia, não a conhecendo tão pouco, então só procurou manter o semblante tranquilo e falou:

– Diga apenas que estimo sua melhora.

– Só isso?

Minha nossa, aquele olhar dela era irritante.

– Só isso.

Ela fez uma ligeira reverência e saiu.

Gregory olhou por um instante para a porta pela qual ela desapareceu, depois virou para a festa. Mais convidados estavam dançando e o riso preenchia o ar, mas de alguma forma a noite parecia sem graça e maçante.

Comida, pensou. Iria comer mais uns vinte daqueles sanduichinhos e depois também se recolheria.

Tudo ficaria melhor pela manhã.

Lucy *sabia* que Hermione não estava com dor de cabeça, ou qualquer outro tipo de dor, e não ficou de todo surpresa ao encontrá-la sentada na cama, pensativa, com o que parecia ser uma carta de quatro páginas na mão.

Escrita com uma letra extremamente compacta.

– Um criado trouxe para mim – explicou a amiga, sem nem olhar para a outra. – Ele disse que chegou com o correio de hoje, mas esqueceram de trazer mais cedo.

Lucy suspirou.

– Do Sr. Edmonds, presumo.

Hermione assentiu.

Lucy cruzou o quarto que as duas estavam dividindo e se sentou na cadeira da penteadeira. Aquela não era a primeira carta que Hermione recebia do Sr. Edmonds, e Lucy sabia por experiência que a amiga a leria duas vezes, depois mais uma, para uma análise mais profunda, e, finalmente, uma última vez, nem que fosse para captar qualquer significado oculto na saudação e na despedida.

Isso queria dizer que Lucy não teria nada a fazer além de examinar as unhas por pelo menos cinco minutos.

O que ela fez, não porque estivesse muito interessada no estado de suas unhas, nem porque fosse uma pessoa especialmente paciente, mas sim porque sabia reconhecer uma causa perdida e não via por que gastar energia para começar uma conversa com Hermione quando a amiga estava com a atenção tão claramente focada em outra coisa.

Mas a checagem das unhas não ocupa muito tempo, sobretudo quando já estão limpas e tratadas, então Lucy se levantou e caminhou até o armário, olhando distraidamente para seus pertences.

– Ah, que lástima – murmurou. – Detesto quando ela faz isso.

Sua criada tinha deixado um par de calçados trocados, o pé esquerdo disposto à direita e vice-versa, e, embora Lucy soubesse que não havia nada tão errado assim nisso, aquilo mexia com um lado um pouco excêntrico (e extremamente meticuloso) de sua personalidade, então ela endireitou os sapatos, afastou-se para inspecionar o trabalho, depois colocou as mãos nos quadris e se virou.

– Já terminou? – perguntou.

– Quase – respondeu Hermione, tão rápido que pareceu já estar com a palavra na ponta da língua para despachar Lucy quando ela perguntasse.

Lucy sentou-se, bufando. Era uma cena que tinham vivido inúmeras vezes. Na verdade, quatro.

Sim, Lucy sabia exatamente quantas cartas Hermione recebera do romântico Sr. Edmonds. E preferiria *não saber*. De fato, estava bastante irritada por aquilo ocupar em sua mente um espaço precioso que poderia ser dedicado a algo útil, como o estudo das plantas ou de música ou, Santo Deus, até mesmo a leitura de outra página de seu manual de boas maneiras, mas a questão era que – para sua infelicidade – as cartas do Sr. Edmonds eram um *acontecimento*, e, quando havia um acontecimento na vida de Hermione, bem, Lucy era obrigada a passar por ele também.

As duas jovens haviam dividido um quarto durante três anos na Escola da Srta. Moss, e, como Lucy não tinha nenhum parente próximo do sexo feminino que pudesse ajudá-la a debutar na sociedade, a mãe de Hermione havia concordado em orientá-la. Por isso, ali estavam elas, ainda juntas.

O que era maravilhoso, na verdade, exceto pelo sempre presente (em espírito, pelo menos) Sr. Edmonds. Lucy o vira apenas uma vez, mas sem dúvida ele *parecia* estar sempre pairando sobre elas, fazendo Hermione suspirar em momentos estranhos e ficar com olhar melancolicamente perdido, como se estivesse decorando um soneto de amor para incluí-lo em sua próxima resposta.

– Você sabe que seus pais nunca a deixarão se casar com ele – comentou Lucy, embora a amiga não tivesse dado mostras de que acabara de ler.

Isso foi o suficiente para fazer Hermione abaixar a carta, ainda que apenas por um breve instante.

– Sim, você já disse isso – respondeu ela num tom irritado.

– Ele é um secretário – disse Lucy.

– Eu sei disso.

– Um secretário – repetiu Lucy, embora já tivessem tido aquela conversa inúmeras vezes. – O secretário do seu *pai*.

Hermione tinha levantado a carta numa tentativa de ignorar Lucy, mas finalmente desistiu e abaixou-a de novo, confirmando a suspeita da amiga de que já tinha terminado de ler havia muito tempo e agora estava na primeira, ou talvez segunda, releitura.

– O Sr. Edmonds é um homem bom e honrado – observou Hermione, os lábios franzidos.

– Não tenho dúvidas disso, mas você não pode se casar com ele – retrucou Lucy. – Seu pai é um visconde. Acha mesmo que ele vai permitir que sua única

filha se case com um pobre secretário?

– Meu pai me ama – murmurou Hermione, mas sua voz não parecia convicta.

– Não estou tentando dissuadi-la de se casar por amor – falou Lucy –, mas...

– É exatamente isso que você está tentando fazer – interrompeu Hermione.

– De forma alguma. Só não vejo por que você não pode tentar se apaixonar por alguém que tenha alguma chance de ser aprovado pelos seus pais.

A linda boca de Hermione se contraiu em uma linha frustrada.

– Você não entende.

– O que há para entender? Não acha que sua vida poderia ser um pouco mais fácil se você se apaixonasse por um rapaz apropriado?

– Lucy, nós não escolhemos por quem nos apaixonamos.

Lucy cruzou os braços.

– Não vejo por que não.

Hermione ficou boquiaberta.

– Lucy Abernathy, você não entende nada.

– Sim, você já disse isso – retrucou Lucy, com a voz seca.

– Como pode achar que uma pessoa tem como escolher por quem vai se apaixonar? – perguntou Hermione com fervor, embora não tanto que precisasse sair de sua posição reclinada na cama. – Não se *escolhe*. Simplesmente acontece. Em um instante.

– *Nisso* eu não acredito – atalhou Lucy, e então acrescentou, porque não pôde resistir: – nem por um instante.

– Bem, é verdade – insistiu Hermione. – Sei porque aconteceu comigo. Eu não estava *querendo* me apaixonar.

– Não estava?

– Não. – Hermione olhou fixamente para ela. – Não estava. Minha intenção era encontrar um marido em Londres. Ora, quem esperaria conhecer alguém em *Fenchley*?

Falou isso com o desdém típico apenas de quem nasceu em Fenchley.

Lucy revirou os olhos e inclinou a cabeça para o lado, esperando que a amiga continuasse.

Hermione não gostou nem um pouco da expectativa da outra.

– Não olhe para mim desse jeito – falou.

– De que jeito?

– *Desse* jeito.

– Eu repito: de que jeito?

Todo o rosto de Hermione se contraiu.

– Você sabe muito bem.

Lucy levou a mão espalmada ao rosto.

– Minha nossa – disse, arfando. – Você pareceu sua mãe agora.

Hermione recuou com a afronta.

– Que comentário cruel.

– Sua mãe é linda!

– Não quando o rosto dela está todo contraído.

– Ela é linda, mesmo com o rosto contraído – insistiu Lucy, tentando colocar um fim no assunto. – Agora, você pretende me contar sobre o Sr. Edmonds ou não?

– Você vai zombar de mim?

– É claro que não.

Hermione ergueu as sobrancelhas.

– Hermione, eu prometo que não vou zombar de você – disse Lucy.

A jovem ainda parecia desconfiada, mas falou:

– Muito bem. Mas se você...

– *Hermione.*

– Como falei – disse ela, encarando Lucy com um olhar de advertência –, eu não esperava encontrar o amor. Nem sabia que meu pai tinha contratado um novo secretário. Estava só caminhando pelo jardim e pensando qual das rosas queria que cortassem para enfeitar a mesa, quando... *o vi*.

Falou de forma dramática o suficiente para lhe garantir um papel no palco de um teatro.

– Ah, Hermione... – Lucy suspirou.

– Você falou que não ia zombar de mim – lembrou Hermione, e chegou a apontar um dedo na direção da amiga, gesto que Lucy achou tão atípico que se calou. – Nem sequer vi logo o seu rosto – continuou Hermione. – Só a parte de trás de sua cabeça, a forma como seu cabelo se enrolava por cima da gola do paletó. – Ela suspirou com uma expressão sonhadora. – E a cor. Diga a verdade, Lucy, você já viu algum cabelo com um tom tão espetacular de louro?

Considerando as vezes que Lucy havia sido forçada a ouvir vários cavalheiros fazerem a mesma declaração sobre o cabelo de Hermione, ela achou que se saíra muito bem ao não tecer nenhum comentário.

Mas a amiga não tinha terminado. Nem de longe.

– Então ele se virou, eu vi o seu perfil e juro que ouvi música tocando.

Lucy pensou em lembrá-la que o conservatório dos Watsons ficava bem ao lado do jardim de rosas, mas se conteve.

– Naquele momento – prosseguiu Hermione, a voz cada vez mais suave e os olhos com aquele brilho de *estou memorizando um soneto de amor* –, a única coisa que consegui pensar foi... *estou arruinada*.

Lucy engasgou.

– Não *diga* isso. Nem sequer pense.

Ruína não era algo que uma jovem mencionasse nem de brincadeira.

– Não arruinada *arruinada* – disse Hermione, impaciente. – Deus do céu, Lucy, eu estava no jardim de rosas, ou você não está prestando atenção? Mas eu sabia... *sabia* que estava arruinada para todos os outros homens. Nunca poderia haver outro que se comparasse a ele.

– E você soube disso tudo só de ver a nuca dele? – perguntou Lucy.

Hermione a encarou com um ar de extrema irritação.

– E o seu perfil, mas não é essa a questão.

Lucy esperou pacientemente pela questão, mesmo tendo certeza de que não concordaria com ela e de que nem ao menos a entenderia.

– A questão é – prosseguiu Hermione, a voz tão baixa que Lucy teve de se curvar para a frente para ouvi-la – que não posso, de jeito nenhum, ser feliz sem ele. De jeito nenhum.

– Bem – disse Lucy bem devagar, porque não tinha muita certeza do que poderia falar depois *disso* –, você parece feliz agora.

– Só porque sei que ele está me esperando. E... – Hermione levantou a carta – porque afirma que me ama.

– Ah, querida... – disse Lucy, mais para si mesma.

Hermione devia ter ouvido, porque sua boca se retesou, mas ela não falou nada. As duas ficaram ali sentadas por um minuto, então Lucy pigarreou e disse:

– Aquele gentil cavalheiro, o Sr. Bridgerton, parecia encantado por você.

Hermione deu de ombros.

– Ele é um filho caçula, mas acredito que tenha um bom dote. E com certeza é de uma boa família.

– Lucy, eu falei que não estou interessada.

– Bem, ele é muito bonito – disse Lucy, talvez com um pouco mais de veemência do que o pretendido.

– Vá atrás dele você, então – retorquiu Hermione.

Lucy olhou para ela em choque.

– Você sabe que não posso. Estou praticamente noiva de lorde Haselby.

– Praticamente – lembrou Hermione.

– É quase oficial – disse Lucy.

E era verdade. Seu tio fizera os arranjos com o conde de Davenport, pai do visconde de Haselby, anos antes. Haselby era cerca de dez anos mais velho do que Lucy e estavam apenas esperando que ela chegasse a uma idade apropriada para se casar.

O que, ela imaginava, já havia acontecido. Com certeza o casamento não devia estar muito longe agora.

E era um bom arranjo. Haselby era um cavalheiro muito agradável. Não falava com ela como se fosse uma idiota, parecia ser gentil com os animais e tinha uma aparência bastante razoável, ainda que seu cabelo estivesse começando a ficar ralo. Sim, Lucy só o vira três vezes, mas todo mundo sabe que as primeiras impressões são importantíssimas e, em geral, muito acuradas.

Além disso, o tio era seu tutor desde que o pai dela falecera, havia dez anos, e, ainda que não tivesse exatamente coberto de amor e carinho a ela e a seu irmão Richard, cumprira sua obrigação com eles e os criara bem, e Lucy sabia que tinha o dever de obedecer-lhe, honrando o noivado que ele havia combinado.

Ou praticamente combinado.

De fato, não fazia muita diferença. Ela se casaria com Haselby. Todo mundo sabia disso.

– Acho que você usa lorde Haselby como desculpa – opinou Hermione.

Lucy se empertigou.

– O que disse?

– Você usa Haselby como desculpa – repetiu Hermione, e seu rosto assumiu uma expressão superior da qual Lucy não gostou nem um pouco. – Para não permitir que seu coração seja conquistado por outro homem.

– E que outro homem poderia conquistar meu coração? – perguntou Lucy. – A temporada ainda nem começou!

– Talvez, mas temos circulado bastante – observou Hermione. – Você não vive trancada dentro de casa, Lucy. Já conheceu vários homens.

Não havia por que salientar que nenhum daqueles homens sequer a *via* quando Hermione estava por perto. A amiga tentaria negar, mas as duas saberiam que ela estaria mentindo para poupar os sentimentos de Lucy. Então, em vez disso, Lucy deixou escapar um murmúrio sem significado à guisa de resposta.

Hermione não disse nada; só lançou-lhe aquele olhar travesso que nunca usava com mais ninguém, e finalmente Lucy teve de se defender.

– Não estou usando ninguém como desculpa – falou ela, cruzando os braços. Depois, mudou de ideia e colocou as mãos nos quadris. – Sério, de que adiantaria? Você sabe que devo me casar com Haselby. Isso foi planejado há muito tempo.

Lucy cruzou os braços de novo. Depois os abaixou. Então, decidiu se sentar.

– Não é um arranjo ruim – afirmou. – Inclusive, depois do que aconteceu com Georgiana Whiton, eu deveria beijar os pés do meu tio por fazer um acordo tão bom.

Houve, então, um instante de silêncio horrorizado e quase reverente. Se fossem católicas, com certeza teriam feito o sinal da cruz.

– Deus nos salvou dessa – comentou Hermione, por fim.

Lucy assentiu lentamente. Georgiana tinha sido obrigada a se casar com um senhor de 70 anos, que tinha gota e cuja respiração chiava. E não era nem um senhor de 70 anos com gota que tivesse um título. Deus do céu, ela deveria, pelo menos, ter recebido o título de Lady pelo sacrifício.

– Então, como vê, Haselby não é uma má opção. É melhor do que a maioria, na verdade.

Hermione olhou para ela com bastante atenção.

– Bem, se é o que deseja, Lucy, você sabe que vou apoiá-la incondicionalmente. Mas quanto a mim... – Ela suspirou e seus olhos verdes assumiram aquele ar distante que fazia os homens se extasiarem. – Eu quero outra coisa.

– Eu sei – disse Lucy, tentando sorrir.

Mas não conseguia imaginar como Hermione realizaria o seu sonho. No mundo em que viviam, filhas de viscondes não se casavam com secretários de viscondes. E Lucy tinha a impressão de que faria muito mais sentido ajustar os sonhos na amiga do que reformular a ordem social. Mais fácil, também.

Porém agora ela estava cansada e queria ir para a cama. Falaria sobre aquilo com Hermione pela manhã. A começar pelo belo Sr. Bridgerton. Ele seria perfeito para ela, e com certeza estava interessado.

Hermione mudaria de ideia. Lucy cuidaria disso.

CAPÍTULO 3

No qual nosso herói se esforça muito, muito mesmo.

O dia amanheceu claro e brilhante, e, enquanto Gregory se servia de café da manhã, sua cunhada apareceu ao seu lado com um discreto sorriso, claramente tramando algo.

– Bom dia – cumprimentou ela, jovial e alegre demais.

Gregory acenou com a cabeça para cumprimentá-la enquanto enchia o prato de ovos.

– Kate.

– Pensei que, neste dia tão lindo, podíamos organizar um passeio à vila.

– Para comprar laços e fitas?

– Exatamente. Acho importante apoiar os comerciantes locais, não?

– É claro, embora eu não esteja precisando muito de laços e fitas – murmurou ele.

Kate pareceu não notar seu sarcasmo.

– Todas as jovens têm algum dinheiro para pequenas despesas e nenhum lugar para gastá-lo. Se eu não mandá-las à cidade, é bem capaz de criarem um salão de jogos no salão rosa.

Isso, sim, era algo que ele gostaria de ver.

– E – continuou Kate, bastante determinada –, se mandá-las à cidade, vou precisar mandar acompanhantes com elas.

Como Gregory não compreendeu rápido o bastante, ela repetiu:

– *Acompanhantes.*

Ele pigarreou.

– Suponho que está me pedindo para ir à vila hoje à tarde.

– Agora de manhã – corrigiu ela –, *e*, como pretendo arrumar par para todos, *e*, como você é um Bridgerton e, portanto, o meu cavalheiro preferido do grupo,

pensei em perguntar se haveria alguém que você preferiria acompanhar.

Kate era uma grande casamenteira, mas, naquele caso, Gregory achou que devia ficar grato por sua tendência a se intrometer.

– Para falar a verdade, tem... – começou ele.

– Ótimo! – interrompeu Kate, batendo palmas. – Lucy Abernathy, então.

Lucy Aber...

– Lucy Abernathy? – repetiu ele, atônito. – Lady Lucinda?

– Sim. Vocês pareceram ter se dado tão bem ontem à noite, e devo dizer, Gregory, que gosto imensamente dela. Lucy diz que está quase noiva, mas eu acho que...

– Não estou interessado em Lady Lucinda – cortou ele, concluindo que seria arriscado demais esperar Kate parar para respirar.

– Não?

– Não. Não estou. Eu... – Ele se curvou para a frente, apesar de serem as únicas pessoas presentes ali. De alguma forma parecia estranho e, sim, um pouco embaraçoso dizer aquilo. – Hermione Watson – falou baixinho. – Gostaria de acompanhar a Srta. Watson.

– É mesmo?

Kate não parecia desapontada, mas resignada. Como se já tivesse ouvido isso antes. Várias vezes.

Maldição.

– É – respondeu Gregory, e sentiu uma onda considerável de irritação invadi-lo.

Primeiro com relação a Kate, porque, ora, ela estava bem ali e tudo o que tinha a dizer sobre o fato de ele ter se apaixonado perdidamente era "É mesmo?". Mas então Gregory percebeu que tinha andado bastante irritado a manhã toda. Não havia dormido bem na noite anterior, porque não conseguira parar de pensar em Hermione e na curva de seu pescoço, no verde dos seus olhos, na melodia suave de sua voz. Ele nunca – nunca – havia ficado assim por causa de uma mulher, e, embora estivesse de alguma forma aliviado por enfim ter encontrado aquela com quem pretendia se casar, era um pouco desconcertante que ela não tivesse reagido da mesma maneira com relação a *ele*.

Só Deus sabia como Gregory tinha sonhado com aquele momento. Sempre que pensava em encontrar seu verdadeiro amor, a imagem dessa mulher aparecia

indistinta em seus pensamentos – sem nome, sem rosto. Mas ela sempre era tomada por aquela mesma paixão avassaladora. E, é claro, não o fazia dançar com sua melhor amiga, pelo amor de Deus.

– Que seja Hermione Watson, então – concluiu Kate, soltando o ar daquela forma que as mulheres fazem quando querem lhe dizer algo que você não conseguiria nem começar a entender, mesmo que tivessem decidido falar na sua língua, o que, é claro, não fizeram.

Era Hermione Watson. Seria Hermione Watson.

Logo.

Talvez até mesmo naquela manhã.

– Você acha que existe alguma coisa para comprar na vila além de laços e fitas? – perguntou Hermione a Lucy enquanto vestiam as luvas.

– Espero que sim – respondeu Lucy. – Fazem isso em todos esses eventos longos, não é mesmo? Sempre nos mandam a algum lugar com nossos trocados para comprar laços e fitas. Eu já poderia decorar uma casa inteira. Ou, pelo menos, uma pequena cabana de palha.

Hermione sorriu.

– Doarei os meus à causa e, juntas, vamos redecorar uma... – Ela fez uma pausa, pensando, e depois sorriu. – Uma grande cabana de palha!

Lucy também sorriu. A amiga era uma pessoa tão *leal*... Ninguém nunca via isso, é claro. Ninguém nunca se importava em ver além do seu rosto. Embora, para ser justa, Hermione quase nunca se abrisse muito com qualquer um de seus admiradores a ponto de perceberem o que havia por trás de sua linda aparência. Não era exatamente por ser tímida, apesar de com certeza não ser tão extrovertida quanto Lucy. Hermione era apenas reservada, e simplesmente não pensava em dividir seus pensamentos e opiniões com quem não conhecia.

E isso deixava os homens loucos.

Lucy olhou pela janela enquanto entravam em uma das muitas salas de visita de Aubrey Hall. Lady Bridgerton havia lhes instruído a chegarem às onze em ponto.

– Pelo menos não parece que vai chover – disse ela.

Na última vez em que tinham sido mandadas para comprar bugigangas, chuviscara durante todo o caminho de volta para casa. As copas das árvores ajudaram-nas a permanecer razoavelmente secas, mas suas botas tinham sido quase arruinadas. E Lucy ficara espirrando por uma semana.

– Bom dia, Lady Lucinda. Bom dia, Srta. Watson.

Era Kate Bridgerton, a anfitriã, entrando na sala com aquele seu ar confiante. Seu cabelo escuro estava bem puxado para trás e o brilho dos olhos mostrava sua viva inteligência.

– Como é maravilhoso ver as duas – disse ela. – São as últimas senhoritas a chegar.

– Somos? – perguntou Lucy, horrorizada. Ela *odiava* se atrasar. – Sinto muitíssimo. A senhora não disse onze horas?

– Ah, querida, não pretendia chateá-la – respondeu Lady Bridgerton. – Falei mesmo onze horas. Mas é porque pensei em mandá-las para o passeio em grupos.

– Em grupos? – ecoou Hermione.

– Sim, é muito mais divertido dessa forma, não acha? Tenho oito damas e oito cavalheiros. Se mandasse todos vocês de uma vez só, seria impossível terem uma boa conversa. Isso sem falar da largura da estrada. Detestaria que ficassem tropeçando uns nos outros.

A questão do número de pessoas também influenciava na segurança, mas Lucy guardou seus pensamentos para si. Lady Bridgerton claramente tinha algum tipo de programação planejada, e, como Lucy já concluíra que admirava muito a viscondessa, estava bastante curiosa sobre o que aconteceria.

– Srta. Watson, a senhorita será acompanhada pelo irmão do meu marido. Creio que o tenha conhecido ontem à noite.

Hermione assentiu.

Lucy sorriu para si mesma. O Sr. Bridgerton tinha andado atarefado naquela manhã. Ele merecia parabéns.

– E a senhorita, Lady Lucinda, será acompanhada pelo Sr. Berbrooke – continuou Lady Bridgerton. Então deu um sorrisinho discreto, quase se desculpando. – Ele é praticamente da família – acrescentou –, e também um rapaz muito simpático.

– Praticamente da família? – ecoou Lucy, já que não sabia muito bem como reagir ao estranho tom de hesitação de Lady Bridgerton.

– Sim. A irmã da esposa do irmão do meu marido é casada com o irmão dele.

– Ah. – Lucy manteve um ar sereno no rosto. – Então vocês são próximos?

Lady Bridgerton riu.

– Eu gosto muito da senhorita, Lady Lucinda. E, quanto a Neville... bem, tenho certeza de que vai achá-lo divertido. Ah, aqui está ele. Neville! Neville!

Lucy observou enquanto Lady Bridgerton ia cumprimentar o Sr. Neville Berbrooke à porta. Eles já tinham sido apresentados, é claro; todas as apresentações tinham sido feitas na festa. Mas Lucy ainda não havia conversado com o Sr. Berbrooke. Ele parecia um sujeito bem gentil, particularmente alegre, de pele avermelhada e fartos cabelos louros.

– Olá, Lady Bridgerton – disse ele, de alguma forma trombando com a perna de uma mesa quando entrou na sala. – Que café da manhã maravilhoso. Sobretudo o peixe defumado.

– Obrigada – respondeu a anfitriã, olhando nervosamente para o vaso chinês que oscilava na mesa. – Sem dúvida, se lembra de Lady Lucinda.

Os dois se cumprimentaram, então o Sr. Berbrooke perguntou:

– A senhorita gosta de peixe defumado?

Lucy olhou primeiro para Hermione, depois para Lady Bridgerton, em busca de orientação, mas nenhuma das duas parecia menos confusa do que ela, então respondeu apenas:

– Hã... sim?

– Ótimo! – comentou ele. – É uma andorinha-do-mar lá fora na janela?

Lucy piscou. Olhou para Lady Bridgerton, mas a viscondessa não fez contato visual.

– Uma andorinha-do-mar... – murmurou Lucy finalmente, uma vez que não conseguia pensar em outra resposta adequada.

O Sr. Berbrooke tinha ido devagar até a janela, então Lucy foi se juntar a ele. Olhou para fora. Não viu nenhum pássaro.

Enquanto isso, pelo canto do olho, notou que o Sr. Bridgerton tinha entrado na sala e fazia o máximo para encantar Hermione. Deus do céu, o homem tinha um belo sorriso! Dentes brancos bem certinhos, e ela notou que o sorriso se

estendia até os olhos, ao contrário da maioria dos jovens aristocratas entediados que Lucy havia conhecido. O Sr. Bridgerton sorria com vontade.

O que fazia sentido, é claro, já que sorria para Hermione, por quem estava obviamente apaixonado.

Lucy não conseguia ouvir o que diziam, mas reconheceu a expressão de Hermione. Educada, é claro, já que a amiga nunca seria indelicada. E talvez ninguém além de Lucy pudesse ver isso, já que ela conhecia Hermione como a palma de sua mão, mas a jovem não fazia nada mais do que apenas tolerar as atenções do Sr. Bridgerton, aceitando sua bajulação com um aceno de cabeça e um sorriso bonito, enquanto sua mente estava em um lugar muito, muito distante.

Naquele maldito Sr. Edmonds.

Lucy trincou a mandíbula enquanto fingia procurar andorinhas, do mar ou não, com o Sr. Berbrooke. Ela não tinha nenhuma razão para pensar que o Sr. Edmonds não fosse um bom homem, mas a verdade era que os pais de Hermione jamais permitiriam que se casassem, e, embora a amiga acreditasse que poderia viver feliz com um salário de secretário, Lucy tinha certeza de que, assim que a empolgação inicial do matrimônio passasse, Hermione ficaria arrasada.

E ela poderia conseguir algo *tão* melhor. Era óbvio que Hermione poderia se casar com qualquer um. Qualquer um. Não precisava se acomodar. Poderia ser uma rainha da sociedade, se quisesse.

Lucy olhou para o Sr. Bridgerton, balançando a cabeça e tentando continuar ouvindo o Sr. Berbrooke, que voltara ao assunto do peixe defumado. O homem era perfeito. Não possuía um título, mas Lucy não era tão cruel a ponto de pensar que Hermione só deveria se casar com alguém das classes mais altas. Só não podia ser um secretário, pelo amor de Deus.

Além disso, o Sr. Bridgerton era muito bonito, com cabelo castanho-escuro e belos olhos castanho-claros. E sua família parecia perfeitamente boa e razoável, o que Lucy acreditava ser um ponto a favor. Quando você se casa com um homem, também se casa com a família dele.

Ela não podia imaginar um marido melhor para Hermione. Bem, não iria reclamar se o Sr. Bridgerton fosse o próximo da fila para um título de marquês, mas não se pode ter tudo. E o mais importante era que ela tinha certeza de que ele faria Hermione feliz, mesmo que a amiga ainda não se desse conta disso.

– Vou fazer isso acontecer – falou para si mesma.

– Hã? – disse o Sr. Berbrooke. – Achou o pássaro?

– Lá – respondeu Lucy, apontando em direção a uma árvore.

Ele se inclinou para a frente.

– É mesmo?

– Lucy! – Era a voz de Hermione. – Podemos ir? O Sr. Bridgerton está ansioso para sairmos.

– Estou ao seu dispor, Srta. Watson – disse o Sr. Bridgerton. – Partiremos quando achar melhor.

Hermione lançou a Lucy um olhar que deixava claro que *ela* estava ansiosa para saírem logo, então Lucy respondeu:

– Vamos, então.

Pegou o braço que o Sr. Berbrooke lhe oferecia e permitiu que ele a conduzisse até a entrada da propriedade, conseguindo deixar escapar um único gemido mesmo tendo batido o pé três vezes em sabe-se lá o quê, porque, de alguma forma, mesmo com uma bela extensão de grama, o Sr. Berbrooke conseguia encontrar cada raiz de árvore, pedra e saliência no chão, e guiá-la direto para lá.

Minha nossa.

Lucy se preparou mentalmente para outros machucados. Seria um passeio doloroso. Mas produtivo. Quando voltassem para casa, Hermione estaria pelo menos um pouco intrigada com o Sr. Bridgerton.

Lucy garantiria isso.

Se Gregory tinha quaisquer dúvidas sobre a Srta. Hermione Watson, elas se dissiparam no momento em que colocou a mão dela na curva de seu cotovelo. Aquilo lhe passava a impressão de ser certo, uma estranha e misteriosa sensação de duas metades se unindo. Ela se encaixava com perfeição ao seu lado. *Eles* combinavam. E ele a queria.

Não era nem desejo. Era estranho, na verdade. Gregory não sentia por ela algo tão ordinário quanto desejo carnal. Era outra coisa. Algo mais profundo. Simplesmente queria que ela fosse sua. Queria olhar para ela e saber. *Saber* que

ela usaria seu nome, teria seus filhos e olharia com afeto para ele todas as manhãs ao tomar sua xícara de chocolate quente.

Ele queria lhe dizer tudo isso, compartilhar seus sonhos, pintar um retrato de sua vida juntos, mas não era bobo, então, enquanto a guiava pelo caminho na frente da casa, disse apenas:

– A senhorita está excepcionalmente linda esta manhã, Srta. Watson.

– Obrigada – respondeu ela.

E depois não falou mais nada.

Ele limpou a garganta.

– Teve uma boa noite de sono?

– Sim, obrigada.

– Está gostando da sua estadia?

– Sim, obrigada.

Engraçado, mas ele sempre pensara que uma conversa com a mulher com quem se casaria seria um *pouco* mais fácil.

Procurou, então, lembrar que ela acreditava estar apaixonada por outro homem. Pelo que Lady Lucinda comentara na noite anterior, alguém inadequado. Como ela se referira a Gregory? O menor de dois males?

Ele olhou para a frente. Lady Lucinda tropeçava à frente dele, de braço dado com Neville Berbrooke, que nunca tinha aprendido a ajustar seu passo ao de uma dama. Ela parecia estar indo bem, embora ele pensasse ter ouvido um gritinho de dor em determinado momento.

Gregory balançou mentalmente a cabeça. Devia ter sido só um pássaro. Neville não dissera que tinha visto um bando deles pela janela?

– Você é amiga de Lady Lucinda há muito tempo? – perguntou à Srta. Watson.

Ele sabia a resposta, é claro – Lady Lucinda lhe dissera na noite anterior. Mas não conseguia pensar em mais nada para falar. E precisava de alguma coisa que não pudesse ser respondida com “sim, obrigada” ou “não, obrigada”.

– Três anos – respondeu a Srta. Watson. – É minha melhor amiga. – E então seu rosto se iluminou quando ela disse: – Precisamos alcançá-los.

– O Sr. Berbrooke e Lady Lucinda?

– Sim – disse ela com um aceno firme de cabeça. – Sim, nós precisamos.

A última coisa que Gregory queria era desperdiçar seu precioso tempo a sós com a Srta. Watson, mas obedeceu-a e gritou para Berbrooke esperar. Neville parou tão de repente que Lady Lucinda trombou para a frente e quase caiu.

Ela deixou escapar um grito assustado, mas, não havia se ferido.

No entanto, a Srta. Watson aproveitou o instante para soltar o cotovelo de Gregory e correr na direção da amiga.

– Lucy! – gritou ela. – Ah, minha querida Lucy, você se machucou?

– Nem um pouco – respondeu Lady Lucinda, parecendo um tanto confusa com a extrema preocupação de Hermione.

– É melhor eu lhe dar o braço – declarou a Srta. Watson, enganchando o cotovelo no dela.

– É melhor? – ecoou Lady Lucinda, desvencilhando-se. Ou melhor, tentando se desvencilhar. – Não, realmente não é necessário.

– Eu faço questão.

– Não é necessário – repetiu Lady Lucinda, e Gregory queria poder ver o rosto dela, porque *parecia* estar cerrando os dentes.

– Ha, ha – riu Berbrooke. – Talvez eu deva lhe dar o braço, Bridgerton.

Gregory olhou para ele com uma expressão séria.

– *Não*.

Berbrooke piscou.

– Era só uma brincadeira.

Gregory lutou contra a vontade de suspirar e, de alguma forma, conseguiu dizer:

– Eu sei.

Conhecia Neville Berbrooke desde a época em que mal sabiam andar, e em geral tinha mais paciência com ele, mas naquele momento o que mais queria era lhe colocar uma focinheira.

Enquanto isso, as duas jovens discutiam tão baixo que Gregory não tinha a menor esperança de ouvir o que diziam. Não que ele fosse entender a língua delas, mesmo que estivessem gritando – estava claro que era algo desconcertantemente feminino. Lady Lucinda ainda tentava se afastar da Srta. Watson, que continuava se recusando a soltá-la.

– Ela se machucou – disse a primeira, virando e piscando os olhos várias vezes.

Piscando? Ela escolheu *aquele* momento para flertar?

– Não me machuquei, não – rebateu Lucy. Então virou-se para os dois cavalheiros. – Não me machuquei. Nem um pouco. Vamos continuar.

Gregory não conseguia decidir se achava graça ou ficava insultado com todo o espetáculo. A Srta. Watson claramente não queria sua companhia e, embora alguns homens gostassem de ansiar pelo inatingível, ele sempre preferira suas mulheres sorridentes, cordiais e dispostas.

Mas a Srta. Watson se virou de novo para a frente e ele viu sua nuca (qual era o *encanto* daquela nuca?). Nesse momento, a sensação de estar perdidamente apaixonado que tomara conta dele na noite anterior voltou, e Gregory disse a si mesmo para não perder as esperanças. Não fazia nem 24 horas que a conhecera; ela só precisava de tempo para saber quem ele era. O amor não atinge a todos com a mesma velocidade. Seu irmão Colin, por exemplo, já conhecia sua esposa havia muitos anos antes de perceber que tinham sido feitos um para o outro.

Não que Gregory planejasse esperar muitos anos, mas ainda assim isso dava uma perspectiva melhor à sua situação atual.

Depois de alguns instantes, ficou claro que a Srta. Watson não cederia e as duas jovens passaram a caminhar de braços dados. Gregory procurou ficar ao lado da Srta. Watson, enquanto Berbrooke andava mais ou menos perto de Lady Lucinda.

– O senhor precisa nos contar como é pertencer a uma família tão grande – disse Lady Lucinda a ele, curvando-se um pouco e falando à frente da Srta. Watson. – Hermione e eu só temos um irmão.

– Eu tenho três – disse Berbrooke. – Todos homens. Exceto pela minha irmã, é claro.

– É... – Gregory estava prestes a dar a resposta habitual, sobre ser uma loucura e causar todo tipo de confusão, mas então a verdade mais profunda saiu de sua boca: – Para ser sincero, é reconfortante.

– Reconfortante? – ecoou Lady Lucinda. – Que escolha intrigante de palavra.

Ele olhou para além da Srta. Watson e viu que Lucy o observava com curiosos olhos claros.

– Sim – respondeu ele devagar, permitindo que seus pensamentos se formassem melhor antes de continuar. – É reconfortante ter uma família, eu acho. É uma sensação de... *certeza,* digamos.

– Como assim? – perguntou Lucy, e parecia verdadeiramente interessada.

– Sei que eles estão lá. Quer eu esteja em apuros ou só precisando de uma boa conversa, sempre posso recorrer a eles.

E era verdade. Gregory nunca chegara a tentar colocar essa sensação em palavras, mas era verdade. Não era tão próximo de seus irmãos como eles eram uns dos outros, mas isso era natural, dada a diferença de idade. Quando eles já eram adultos e moravam na cidade, ele ainda era um estudante, em Eton. E agora todos os três estavam casados e tinham as próprias famílias.

Mas, ainda assim, ele sabia que, caso precisasse deles, ou de suas irmãs, bastava pedir.

Nunca tinha precisado, é claro. Não com relação a nada importante. Ou até mesmo para a maioria das coisas sem importância. Mas sabia que podia. Era mais do que a maioria dos homens tinha neste mundo, mais do que a maioria dos homens jamais teria.

– Sr. Bridgerton?

Ele piscou. Lady Lucinda o fitava com uma interrogação no olhar.

– Minhas desculpas – murmurou ele. – Estava devaneando, eu acho.

Então lhe ofereceu um sorriso e um aceno de cabeça, depois olhou para a Srta. Watson, que, para sua surpresa, também tinha se virado para olhar para ele. Os olhos dela pareciam enormes, claros e de um verde deslumbrante, e, por um momento, ele sentiu uma forte conexão com ela. A jovem deu um leve sorriso, meio constrangida por ter sido flagrada, depois desviou os olhos.

O coração de Gregory deu um salto.

Então Lady Lucinda falou:

– É exatamente como me sinto com relação a Hermione. Ela é minha irmã do coração.

– A Srta. Watson é realmente uma dama incrível – murmurou Gregory, e depois acrescentou: – Assim como a senhorita, é claro.

– Ela é uma excelente aquarelista – comentou Lady Lucinda.

Hermione ficou vermelha como um tomate.

– *Lucy.*

– Mas você é – insistiu a amiga.

– Gosto de pintar o meu retrato – disse Neville Berbrooke com sua voz jovial. – Mas sempre estrago minhas camisas.

Gregory olhou para ele, surpreso. Entre sua conversa estranhamente reveladora com Lady Lucinda e o olhar trocado com a Srta. Watson, tinha quase esquecido que o sujeito estava presente.

– Meu criado fica furioso com isso – continuou ele. – Não sei por que não fazem uma tinta que não manche peças de linho. – Ele fez uma pausa, aparentando refletir. – Ou de lã.

– Você gosta de pintar? – perguntou Lady Lucinda a Gregory.

– Não tenho nenhum talento para isso – admitiu ele. – Mas meu irmão é um artista de algum renome. Há duas pinturas dele na Galeria Nacional.

– Ah, isso é maravilhoso! – exclamou ela. Então se virou para a Srta. Watson. – Ouviu isso, Hermione? Devia pedir ao Sr. Bridgerton para apresentá-la ao seu irmão.

– Eu não gostaria de incomodar nenhum dos dois Srs. Bridgertons – disse ela timidamente.

– Não incomodaria de forma alguma – retrucou Gregory, sorrindo para ela. – Adoraria apresentá-los, e Benedict gosta muito de conversar sobre arte. Eu quase nunca consigo acompanhar a conversa, mas ele sempre parece animado.

– Está vendo? – interveio Lucy, batendo de leve no braço de Hermione. – Você e o Sr. Bridgerton têm muito em comum.

Até mesmo Gregory achou que era um pouco de exagero, mas não fez nenhum comentário.

– Veludo – declarou Neville de repente.

Os três viraram a cabeça para ele.

– O que disse? – murmurou Lady Lucinda.

– É ainda pior – falou ele, balançando a cabeça com grande vigor. – De se tirar manchas de tinta, quero dizer.

Gregory só conseguia ver a parte de trás da cabeça de Lady Lucinda, mas podia perfeitamente imaginá-la piscando quando disse:

– O senhor usa roupas de veludo enquanto pinta?

– Quando está frio.

– Isso é bastante... excepcional.

O rosto de Neville se iluminou.

– A senhorita acha mesmo? Sempre quis ser excepcional.

– O senhor é – disse ela, e Gregory não ouviu nada além de reafirmação em sua voz. – O senhor certamente é, Sr. Berbrooke.

Neville sorriu.

– Excepcional. Gosto disso. Excepcional. – Ele testou a palavra nos lábios: – Excepcional. *Excepcional.* Excepcionaaaaaal.

O quarteto continuou caminhando em direção à vila em um silêncio cordial, pontuado pelas tentativas ocasionais de Gregory de iniciar uma conversa com a Srta. Watson. Às vezes, ele conseguia, porém o mais frequente era Lady Lucinda acabar falando com ele. Isso quando não tentava fazer a Srta. Watson falar.

E o tempo todo Neville tagarelou, na maioria das vezes conversando consigo mesmo, principalmente sobre seu caráter excepcional recém-descoberto.

Enfim, as familiares construções da vila começaram a surgir. Neville declarou estar com uma fome única, fosse lá o que isso quisesse dizer, então Gregory levou o grupo para o Cervo Branco, uma pousada local que servia uma comida simples, mas deliciosa.

– Deveríamos fazer um piquenique – sugeriu Lady Lucinda. – Não seria maravilhoso?

– Que ideia incrível! – exclamou Neville, olhando para ela como se fosse uma deusa.

Gregory ficou um pouco assustado com o fervor na expressão dele, porém Lady Lucinda pareceu não notar.

– O que a senhorita acha, Srta. Watson? – perguntou Gregory.

Mas Lady Hermione estava perdida em pensamentos, os olhos desfocados, ainda que estivessem fixos em uma pintura na parede.

– Srta. Watson? – repetiu ele, e então, quando conseguiu chamar a atenção dela, falou: – A senhorita gostaria de fazer um piquenique?

– Ah, sim, seria ótimo.

Em seguida, ela voltou a olhar para o nada, os lábios perfeitos curvados de um jeito melancólico e quase nostálgico.

Gregory assentiu, disfarçando sua decepção, e começou a cuidar dos preparativos. O dono da pousada, que conhecia bem sua família, deu-lhe dois lençóis limpos para estender na grama e garantiu que levaria um cesto com a comida quando ficasse pronta.

– Excelente trabalho, Sr. Bridgerton – disse Lady Lucinda. – Não concorda, Hermione?

– Sim, claro.

– Espero que ele traga torta – comentou Neville, enquanto segurava a porta aberta para as damas. – Adoro torta.

Gregory apoiou a mão da Srta. Watson na curva do braço antes que ela pudesse escapar.

– Pedi vários pratos diferentes – disse ele em voz baixa para ela. – Espero que algo lhe apeteça.

A Srta. Watson olhou para Gregory e ele sentiu mais uma vez o ar deixando seu corpo enquanto se perdia no olhar dela. E sabia que ela havia experimentado a mesma sensação. Tinha de ter experimentado. Como poderia não se sentir da mesma forma, quando parecia que as pernas dele podiam ceder a qualquer instante?

– Tenho certeza de que tudo estará delicioso – disse ela.

– A senhorita gosta de doces?

– Adoro – admitiu ela.

– Então está com sorte. O Sr. Gladdish prometeu colocar um pedaço da famosa torta de groselha da sua esposa.

– Torta? – Neville se animou visivelmente, então virou para Lady Lucinda. – Ele disse que vamos ter torta?

– Acho que sim – respondeu ela.

Neville suspirou de prazer.

– A senhorita gosta de torta, Lady Lucinda?

A exasperação estava clara no rosto dela quando a jovem perguntou:

– Que tipo de torta, Sr. Berbrooke?

– Ah, qualquer uma. Doces, salgadas, de frutas, de carne.

– Bem... – Ela pigarreou, olhando em volta como se as casas e árvores pudessem oferecer alguma orientação. – Eu... hã... acho que gosto de tortas em geral.

Gregory teve quase certeza de que foi nesse momento que Neville se apaixonou por ela.

Pobre Lady Lucinda.

Eles atravessaram a rua principal até um campo gramado e Gregory abriu as toalhas, estendendo-as no chão em seguida. Lady Lucinda, como era uma jovem muito esperta, sentou-se primeiro e deu um tapinha no chão a seu lado olhando para Neville, o que garantiria que Gregory e a Srta. Watson fossem forçados a dividir a outra toalha.

E, então, Gregory começou a se empenhar em conquistar o coração dela.

CAPÍTULO 4

No qual nossa heroína oferece um conselho, nosso herói aceita, e todos enchem a barriga de torta.

Ele estava fazendo tudo errado.

Lucy olhou por cima do ombro do Sr. Berbrooke, tentando não franzir a testa. O Sr. Bridgerton tentava bravamente conquistar a atenção de Hermione, e Lucy tinha de admitir que, em circunstâncias normais, com qualquer outra mulher, ele teria conseguido seu intento com bastante facilidade. Lucy pensou nas várias garotas que conhecia da escola e constatou que qualquer uma estaria apaixonada por ele agora. *Todas*, na verdade.

Mas não Hermione.

Ele estava se esforçando demais. Sendo atencioso demais, focado demais, encantado demais, tudo demais... Bem, apaixonado demais, em resumo.

O Sr. Bridgerton era encantador, bonito e muito inteligente também, mas Hermione já tinha visto *tudo isso* antes. Lucy tinha perdido a conta do número de cavalheiros que havia corrido atrás de sua amiga mais ou menos daquela forma. Alguns eram espirituosos, outros eram sérios. E lhe davam flores, poesias, doces – um até levou para ela um cachorrinho (imediatamente recusado pela mãe de Hermione, que informara ao pobre cavalheiro que cães não combinavam com tapetes Aubusson, porcelanas chinesas, ou com ela mesma).

Mas, fora isso, eram todos iguais. Ficavam hipnotizados com tudo o que Hermione dizia, olhavam para ela como se fosse uma deusa grega e disputavam para ver quem conseguia fazer-lhe os elogios mais românticos e inteligentes. E nunca pareciam perceber que não estavam sendo nem um pouco originais.

Se o Sr. Bridgerton desejava mesmo despertar o interesse de Hermione, precisaria fazer algo diferente.

– Mais torta de groselha, Lady Lucinda? – perguntou o Sr. Berbrooke.

– Sim, por favor – murmurou Lucy, apenas para mantê-lo ocupado enquanto pensava no que fazer a seguir.

Ela realmente não queria que Hermione jogasse sua vida fora por causa do Sr. Edmonds, e o Sr. Bridgerton era mesmo perfeito. Ele só precisava de um pouco de ajuda.

– Ah, olhe! – exclamou Lucy. – Hermione não está comendo torta.

– Não está? – perguntou o Sr. Berbrooke, quase engasgando.

Lucy olhou para ele piscando os cílios, uma afetação em que não tinha muita prática ou habilidade.

– O senhor faria a gentileza de servi-la?

Quando o Sr. Berbrooke assentiu, Lucy se levantou.

– Acho que vou esticar as pernas – anunciou ela. – Há flores lindas do outro lado do campo. Sr. Bridgerton, o senhor sabe alguma coisa sobre a flora local?

Ele levantou os olhos, surpreso com a pergunta.

– Um pouco.

Mas não se mexeu.

Hermione estava ocupada assegurando ao Sr. Berbrooke que adorava torta de groselha, então Lucy aproveitou o instante e acenou com a cabeça em direção às flores, lançando ao Sr. Bridgerton o tipo de olhar urgente que dizia "Venha comigo agora".

Por um momento, ele pareceu confuso, mas logo se recuperou e ficou de pé.

– Permitiria que eu lhe falasse um pouco sobre a paisagem, Lady Lucinda?

– Seria maravilhoso – disse ela, talvez entusiasmada demais.

Hermione olhou para a amiga com clara desconfiança, mas Lucy sabia que ela não se ofereceria para se juntar a eles, porque isso faria o Sr. Bridgerton acreditar que ela desejava sua companhia.

Então Hermione ficaria com o Sr. Berbrooke e a torta. Lucy deu de ombros. Era justo.

– Essa, creio, é uma margarida – disse o Sr. Bridgerton quando atravessaram o campo. – E aquela azul de caule comprido... Na verdade, não sei como se chama.

– Espora-dos-jardins – falou Lucy rapidamente –, e o senhor deve saber que não o chamei para falar de flores.

– Eu tinha um leve pressentimento.

Ela decidiu ignorar seu tom.

– Preciso lhe dar um conselho.

– É mesmo – disse ele bem devagar, mas não foi uma pergunta.

– É mesmo.

– E qual seria o conselho?

Não havia nenhuma maneira de fazer aquilo soar menos duro, então ela o encarou e disse:

– O senhor está fazendo tudo errado.

– O que disse? – perguntou ele, severamente.

Lucy abafou um gemido. Agora tinha ferido o orgulho do Sr. Bridgerton, que, com certeza, ficaria insuportável.

– Se o senhor quer conquistar Hermione, tem que fazer algo diferente.

Gregory olhou para ela com uma expressão que beirava o desprezo.

– Sou plenamente capaz de conduzir meus próprios galanteios.

– Tenho certeza de que é... com outras damas. Mas Hermione é diferente.

Ele permaneceu em silêncio e Lucy sabia que tinha alcançado seu intento. Gregory também achava Hermione diferente, ou não estaria se esforçando tanto.

– Todos fazem o mesmo que o senhor – disse Lucy, olhando para as toalhas de piquenique para se certificar de que nem Hermione nem o Sr. Berbrooke tinham se levantado para se juntar a eles. – Todos.

– Um cavalheiro adora ser comparado com o rebanho – murmurou o Sr. Bridgerton.

Lucy tinha várias respostas para *isso*, mas concentrou sua mente na tarefa mais urgente e disse:

– O senhor não pode agir como o resto deles. Precisa se destacar.

– E como sugere que eu faça isso?

Ela respirou fundo. Ele não ia gostar da sua resposta.

– O senhor precisa parar de ser tão... dedicado. Não a trate como uma princesa. Na verdade, acho que deveria deixá-la em paz por alguns dias.

Ele olhou para ela com ar desconfiado.

– E deixar o caminho livre para todos os outros cavalheiros?

– Eles já correrão atrás dela de qualquer maneira – explicou Lucy em um tom de voz prático. – Não há nada que possa fazer quanto a isso.

– Que maravilha.

Ela continuou seu trabalho árduo:

– Se o *senhor* se afastar, Hermione vai ficar curiosa em saber por quê.

O Sr. Bridgerton parecia em dúvida, então ela prosseguiu:

– Não se preocupe, ela vai saber que está interessado. Céus, depois de hoje ela teria de ser uma idiota para não perceber.

Ele fechou a cara ao ouvir isso, e Lucy não podia acreditar que falava com tanta franqueza com um homem que mal conhecia, mas situações desesperadoras pedem medidas desesperadas... ou discursos desesperados.

– Ela vai saber, eu garanto. Hermione é muito inteligente, apesar de ninguém perceber. A maioria dos homens não consegue ver além de sua beleza.

– Eu gostaria de saber o que se passa na mente dela – disse Gregory em voz baixa.

Algo em seu tom atingiu-a bem no coração. Lucy olhou bem nos seus olhos e teve a estranha sensação de que eles estavam em outro lugar, e que o mundo desaparecia aos poucos em volta dos dois.

Ele era diferente dos outros cavalheiros que conhecera. Ela não sabia bem como, a não ser que tinha algo a mais. Algo diferente, que a fazia sentir uma pontada bem no fundo do peito.

E por um instante ela pensou que iria chorar.

Mas não chorou. Porque, na verdade, não podia. E ela também não era esse tipo de garota. Não queria ser. E com certeza não chorava quando não sabia a razão.

– Lady Lucinda?

Ela havia ficado em silêncio por um tempo prolongado demais. Não era típico dela, e...

– Ela não vai deixar – falou Lucy, sem pensar. – Não vai deixá-lo saber o que se passa na mente dela, quero dizer. Mas o senhor pode... – Ela pigarreou, piscou, recuperou o foco e, em seguida, fixou os olhos na pequena área de margaridas que brilhavam ao sol. – Pode convencê-la do contrário. Tenho certeza de que consegue. Se for paciente. E sincero.

A princípio ele não falou nada. Não se ouvia som nenhum além do fraco assovio da brisa. E então, em voz baixa, ele perguntou:

– Por que a senhorita está me ajudando?

Lucy olhou para ele e ficou aliviada em constatar que, desta vez, a terra continuou bem firme sob seus pés. Era ela mesma de novo, rápida, sensata e extremamente prática. E ele era apenas mais um cavalheiro disputando a mão de Hermione.

Tudo estava normal.

– É o senhor ou o Sr. Edmonds – disse ela.

– Esse é o nome dele? – murmurou Gregory.

– Ele é o secretário do pai dela – explicou Lucy. – Não é um homem ruim, e não acho que esteja apenas interessado no dinheiro, mas qualquer tolo pode ver que o senhor é o melhor partido.

O Sr. Bridgerton inclinou a cabeça de lado.

– Por que eu tenho a impressão de que você acabou de chamar a Srta. Watson de tola?

Lucy o encarou com olhos frios e sérios.

– *Nunca* questione minha devoção a Hermione. Eu não poderia... – Lucy lançou um rápido olhar para a amiga, para se certificar de que ela não estava atenta a eles, antes de baixar a voz e continuar: – Eu não a amaria mais nem se fosse minha irmã de sangue.

Num gesto louvável, o Sr. Bridgerton assentiu respeitosamente e disse:

– Fui injusto com a senhorita. Me desculpe.

Lucy engoliu em seco, desconfortável, enquanto ouvia as palavras de Gregory. Ele realmente parecia estar sendo sincero, o que foi fundamental para acalmá-la.

– Hermione é muito importante para mim – disse ela.

Lucy pensou nas férias escolares que passara com a família Watson e nas visitas solitárias à sua casa. Seus retornos nunca pareciam coincidir com os do irmão, e Fennsworth Abbey era um lugar frio e sombrio só com seu tio por companhia.

Robert Abernathy sempre cumprira o seu dever com os sobrinhos aos seus cuidados, mas era muito distante e austero. Estar em casa significava longas caminhadas sozinha, intermináveis leituras sozinha, até mesmo fazer as refeições sozinha, já que o tio nunca havia demonstrado qualquer interesse em jantar com ela. Quando ele lhe informara que ela frequentaria a Escola da Srta. Moss, seu

impulso inicial tinha sido atirar os braços em volta dele e exclamar, entusiasmada: “Obrigada, obrigada, *obrigada*!”

Só que ela nunca o havia abraçado nos sete anos em que ele fora seu guardião. E, além disso, ele estava sentado atrás de sua mesa e já tinha voltado a atenção para os papéis à sua frente. Lucy já fora dispensada.

Quando chegara à escola, ela se atirara de cabeça em sua nova vida como estudante. E adorou cada momento. Só de ter pessoas com quem conversar já era maravilhoso. Seu irmão Richard tinha ido para Eton aos 10 anos, até mesmo antes de seu pai ter morrido, e Lucy tinha vagado pelos corredores de Abbey por quase uma década sem a companhia de mais ninguém além de sua governanta intrometida.

Na escola, as pessoas gostavam dela. Essa era a melhor parte. Em casa, Lucy não passava de um acessório sem importância, mas ali as outras alunas procuravam sua companhia. Faziam-lhe perguntas e esperavam mesmo para ouvir a resposta. Lucy podia não ter sido a líder da escola, mas sentira que fazia parte daquele lugar, que era importante.

Naquele primeiro ano, ela e Hermione dividiram um quarto, e sua amizade tinha sido quase instantânea. Na primeira noite as duas já riam e conversavam como se fossem velhas conhecidas.

Hermione a fazia se sentir... melhor, de alguma forma. Não apenas a amizade em si, mas a *consciência* da sua amizade. Lucy *gostava* de ser a melhor amiga de alguém. Gostava de ter uma melhor amiga também, é claro, mas adorava saber que ela era a pessoa de que alguém mais gostava no mundo todo. Isso a fazia se sentir confiante. Segura.

Na verdade, era um pouco como o que o Sr. Bridgerton falara sobre a família dele.

Lucy sabia que podia contar com Hermione. E Hermione sabia que a recíproca era verdadeira. Lucy não tinha certeza se havia outra pessoa no mundo sobre quem poderia dizer o mesmo. Seu irmão, provavelmente. Richard sempre viria em seu auxílio se precisasse dele, mas se viam tão pouco nos últimos tempos. Era uma pena. Eles tinham sido muito próximos quando pequenos. Confinados em Fennsworth Abbey, era difícil terem mais alguém com quem brincar, então não havia muita escolha a não ser recorrerem um ao outro. Ainda bem que quase sempre se entendiam.

Lucy, então, se forçou a voltar para o presente e se virou para o Sr. Bridgerton. Ele estava de pé, imóvel, observando-a com um ar educado de curiosidade, e Lucy teve a estranha sensação de que, se lhe contasse tudo – sobre Hermione, Richard e Fennsworth Abbey, e sobre como tinha sido maravilhoso ir para a escola –, ele seria capaz de entender.

Isso parecia impossível, já que ele vinha de uma família tão grande e notoriamente unida. O Sr. Bridgerton não teria como saber como era se sentir só, ter algo para dizer sem ninguém para ouvir. Mas de alguma forma... Talvez fossem os olhos dele, de repente mais verdes do que ela havia notado, e tão concentrados em seu rosto...

Lucy engoliu em seco. Por Deus, o que estava acontecendo com ela que nem mesmo conseguia terminar os próprios pensamentos?

– Só quero a felicidade de Hermione – conseguiu dizer. – Espero que perceba isso.

Ele assentiu, em seguida olhou de novo na direção das toalhas estendidas no chão.

– Devemos nos juntar aos outros? – perguntou. Então sorriu melancolicamente. – Acho que o Sr. Berbrooke já deu uns três pedaços de torta para a Srta. Watson.

Lucy sentiu uma gargalhada subindo-lhe pela garganta.

– Ah, céus.

O tom de Gregory era encantadoramente gentil quando ele disse:

– Devemos voltar nem que seja pelo bem da saúde dela.

– Vai pensar no que eu disse? – perguntou Lucy, permitindo que ele colocasse a mão dela em seu braço.

Ele assentiu.

– Vou, sim.

Lucy sentiu que apertou o braço dele com um pouco de força de mais.

– Tenho certeza de tudo o que falei. Juro. Ninguém conhece Herminone melhor do que eu. E ninguém mais viu todos esses cavalheiros tentarem, sem sucesso, conquistar seu coração.

Gregory virou o rosto e seus olhos encontraram os dela. Por um momento, os dois ficaram imóveis e Lucy percebeu que ele a avaliava de um jeito que deveria tê-la deixado desconfortável.

Mas não deixou. O que era muito estranho. Ele olhava para ela como se pudesse ver até a sua alma, e não era nem um pouco esquisito. Na verdade, era estranhamente... bom.

– Eu ficaria honrado em aceitar o seu conselho com relação à Srta. Watson – disse ele, começando a andar em direção ao local do piquenique. – E agradeço que tenha se oferecido para me ajudar a conquistá-la.

– Ob-brigada – gaguejou Lucy, porque, afinal, não tinha sido essa a sua intenção?

Mas então ela percebeu que já não se sentia tão bem.

Gregory seguiu as instruções de Lady Lucinda ao pé da letra. Naquela noite, não se aproximou da Srta. Watson na sala de visitas, onde os convidados se reuniram antes do jantar. Quando se retiraram para a sala de jantar, ele não fez nenhuma tentativa de trocar de lugar para poder se sentar ao lado dela. E, quando os cavalheiros terminaram de beber seu vinho do Porto e se juntaram às damas no conservatório para um recital de piano, ele se sentou no fundo, ainda que ela e Lady Lucinda estivessem praticamente sozinhas e fosse muito fácil – até mesmo esperado – para ele parar rapidamente e murmurar seus cumprimentos a caminho de seu assento.

Mas não, Gregory havia se comprometido com aquele plano provavelmente imprudente, então o correto seria ir direto para o fundo da sala. Ele viu quando a Srta. Watson encontrou um lugar três fileiras à frente e se sentou. Nesse momento, Gregory enfim se permitiu contemplar sua nuca.

O que teria sido um passatempo bastante gratificante se ele conseguisse pensar em *qualquer* outra coisa que não fosse a absoluta falta de interesse dela por ele.

Para falar a verdade, ainda que tivessem nascido nele duas cabeças e uma cauda, não teria recebido nada além do meio sorriso educado que ela parecia distribuir a todos. Se tanto.

Não era o tipo de reação que Gregory costumava provocar nas mulheres. Não esperava uma adulação efusiva, mas, quando fazia algum esforço, em geral via resultados melhores.

Na verdade, aquilo era muito irritante.

E assim ele observava as duas jovens, desejando que se virassem, que se mexessem na cadeira, que fizessem algo para indicar que tinham percebido sua presença. Enfim, depois de três concertos e uma fuga, Lady Lucinda se virou bem devagar em seu assento.

Ele podia facilmente imaginar seus pensamentos.

Devagar, devagar, finja que está olhando para a porta para ver se alguém entrou. Lance um olhar de relance para o Sr. Bridgerton...

Ele ergueu a taça para cumprimentá-la.

Ela engasgou, ou pelo menos ele esperava que sim, e virou-se rapidamente.

Gregory sorriu. Talvez não devesse se divertir tanto com a aflição dela, mas, na verdade, aquela tinha sido a única coisa boa da noite até então.

Quanto à Srta. Watson... Se ela podia sentir o calor de seu olhar, não deu nenhuma indicação. Gregory gostaria de pensar que ela o ignorava de propósito – isso, pelo menos, poderia significar que lhe dava alguma importância. Mas, enquanto a observava correr os olhos despreocupadamente pela sala, curvando a cabeça de vez em quando para sussurrar algo no ouvido de Lady Lucinda, ficou dolorosamente claro que ela não o ignorava de forma alguma. Isso implicaria haver notado sua presença.

O que, estava muito claro, não era o caso.

Gregory sentiu que cerrara a mandíbula. Embora não duvidasse das boas intenções por trás do conselho de Lady Lucinda, o conselho em si era terrível. E como a estadia do grupo em Aubrey Hall só duraria mais cinco dias, ele havia perdido um tempo precioso.

– Você parece entediado.

Ele se virou. Sua cunhada se sentara discretamente a seu lado e falava em voz baixa, para não interferir na apresentação.

– Um golpe duro para minha reputação como anfitriã – acrescentou, seca.

– De forma alguma – murmurou ele. – Você continua esplêndida, como sempre.

Kate virou para a frente e ficou em silêncio por alguns instantes antes de dizer:

– Ela é muito bonita.

Gregory não se deu o trabalho de fingir que não sabia do que ela estava falando. Kate era esperta demais. Mas isso não significava que ele tinha de encorajar a conversa.

– Sim – disse apenas, olhando para a frente.

– Imagino que o coração dela já tenha sido conquistado – continuou Kate. – Ela não encorajou a atenção de nenhum dos cavalheiros, e com certeza todos eles tentaram.

Gregory sentiu o maxilar tenso.

– Ouvi falar que o mesmo aconteceu durante toda a primavera – comentou Kate, sabendo que o estava incomodando, mas sem deixar que isso a detivesse. – A garota não dá nenhuma indicação de que deseja se comprometer com alguém.

– Ela gosta do secretário do pai – disse Gregory.

Porque, bem, qual era a razão para manter aquilo em segredo? Kate descobria tudo o que queria mesmo. E talvez ela pudesse ajudar.

– É mesmo? – A voz de Kate saiu um pouco alta demais e ela foi forçada a murmurar desculpas para os seus convidados. – Verdade? – insistiu, um pouco mais baixo. – Como você sabe?

Gregory abriu a boca para falar, mas Kate respondeu à própria pergunta:

– Ah, é claro, Lady Lucinda. Ela deve saber de tudo.

– Tudo – confirmou Gregory, secamente.

Kate ficou pensativa por um instante, em seguida declarou o óbvio:

– Os pais dela não devem estar satisfeitos com isso.

– Acho que eles não sabem.

– Ah, meu Deus.

A voz de Kate soou tão impressionada com a pequena fofoca que Gregory virou para observá-la. De fato, os olhos dela, arregalados, brilhavam.

– Tente se conter – disse ele.

– Mas essa é a coisa mais empolgante que ouvi em toda a primavera.

Gregory fitou-a bem diretamente.

– Você precisa encontrar um hobby.

– Ah, Gregory – disse ela, cutucando-lhe de leve com o cotovelo. – Não deixe que o amor faça isso com você. Você é muito divertido para esse tipo de coisa. Os pais dela nunca pemitirão que se case com o secretário, e ela não é do tipo que fugiria de casa. Você só tem que esperar.

Ele deixou escapar um suspiro irritado.

Kate deu-lhe um tapinha confortador.

– Eu sei, eu sei, você queria que tudo já estivesse resolvido. Você não é do tipo paciente.

– Não sou?

Ela balançou a mão, considerando o gesto uma resposta mais do que suficiente.

– Gregory, acredite: assim é melhor.

– O fato de ela estar apaixonada por outra pessoa?

– Pare de ser tão dramático. Quis dizer que isso lhe dará tempo para ter certeza de seus sentimentos por ela.

Gregory pensou na sensação de soco no estômago que o atingia toda vez que olhava para ela. Deus do céu, sobretudo quando via sua nuca, por mais estranho que parecesse. Ele não achava que precisava de tempo. Aquilo era tudo o que imaginara que o amor seria. Enorme, repentino e completamente emocionante.

E, de alguma forma, ao mesmo tempo esmagador.

– Fiquei surpresa por você não pedir para se sentar ao lado dela no jantar – murmurou Kate.

Gregory olhou irritado para as costas de Lady Lucinda.

– Posso cuidar disso amanhã, se quiser – ofereceu Kate.

– Quero, sim.

Ela assentiu.

– Sim, eu... Ah, veja só. A música está terminando. Preste atenção agora, para ao menos parecermos educados.

Ele se levantou para aplaudir, assim como ela.

– Alguma vez você *não* conversou o tempo todo durante um recital de música? – perguntou, mantendo os olhos fixos à frente.

– Tenho uma curiosa aversão a eles – disse Kate. Mas então seus lábios se curvaram em um discreto sorriso travesso. – E uma espécie de afeição nostálgica também.

– É mesmo?

Agora ele estava interessado.

– Não fico falando disso, é claro – murmurou ela, evitando olhar para ele –, mas você já me viu assistir a alguma ópera?

Gregory sentiu suas sobrancelhas se erguerem. Claramente havia uma cantora de ópera em algum lugar no passado do seu irmão. Onde *estava* seu irmão, afinal? Anthony parecia ter desenvolvido um talento incrível para evitar a maioria dos eventos sociais daquela reunião em sua casa. Gregory o tinha visto apenas duas vezes depois da noite em que chegara.

– Onde está o vivaz lorde Bridgerton? – perguntou à cunhada.

– Ah, não sei. Por aí. Estaremos juntos no final do dia, que é o que importa. – Kate virou para ele com o sorriso irritantemente sereno de quem não parece ter nenhuma preocupação na vida. – Devo me juntar aos outros. Divirta-se.

E saiu.

Gregory se recostou na cadeira e ficou conversando com alguns dos outros convidados, enquanto observava discretamente a Srta. Watson. Ela falava com dois jovens cavalheiros – dois cretinos irritantes –, enquanto Lady Lucinda aguardava pacientemente ao lado. E, embora a Srta. Watson não parecesse estar flertando com nenhum dos dois, ela sem dúvida estava lhes dando mais atenção do que ele recebera naquela noite.

E lá estava Lady Lucinda, com um sorriso plácido, observando tudo.

Os olhos de Gregory se estreitaram. Será que ela o havia enganado? A moça não parecia ser desse tipo. Mas eles só tinham sido apresentados havia cerca de 24 horas. Até que ponto ele podia conhecê-la? Talvez ela tivesse um motivo oculto. E *podia* ser uma excelente atriz, cheia de segredos obscuros escondidos por trás da...

Ah, maldição. Ele estava ficando louco. Apostaria até o último centavo que Lady Lucinda não mentiria nem para salvar a própria vida. Ela era franca, radiante e *nada* misteriosa. E tinha boas intenções, disso ele tinha certeza.

Mas seu conselho tinha sido o pior possível.

Ela olhou para trás e Gregory atraiu sua atenção. Um breve ar de desculpas pareceu passar pelo seu rosto, e ele achou que ela dera de ombros.

Dera de ombros? Mas que diabo queria dizer aquilo?

Ele deu um passo à frente. Então parou.

Depois pensou em dar mais um passo.

Não. Sim. Não.

Talvez?

Droga. Ele não sabia o que fazer. Era uma sensação totalmente desagradável.

Olhou de novo para Lady Lucinda, certificando-se de que seu rosto não mostrasse nenhuma doçura e leveza. Afinal, aquilo era tudo culpa dela.

Mas é claro que agora ela já não estava olhando para ele.

Gregory não desviou o olhar.

Então Lady Lucinda se virou para trás mais uma vez e arregalou os olhos, com alguma sorte em razão do susto.

Ótimo. Agora eles estavam chegando a algum lugar. Se ele não podia sentir a felicidade do olhar da Srta. Watson, então pelo menos poderia fazer Lady Lucinda sofrer com a infelicidade do seu.

Alguns momentos simplesmente não pedem maturidade e tato.

Ele continuou no fundo da sala, começando enfim a se divertir. Havia algo de perversamente agradável em imaginar Lady Lucinda como uma pequena lebre indefesa, que não tinha certeza se ou quando encontraria seu fim prematuro.

Não que Gregory pudesse se atribuir o papel de caçador, é claro. Graças à sua péssima pontaria, ele não conseguia acertar nada que se movesse, e era ótimo não precisar caçar a própria comida.

Mas ele *podia* se imaginar como uma raposa.

Sorriu. Foi seu primeiro sorriso sincero da noite.

E então soube que a sorte estava a seu lado, porque viu Lady Lucinda pedir licença e sair furtivamente do conservatório, provavelmente para ir ao toalete. Como Gregory estava sozinho no canto de trás, ninguém percebeu quando ele deixou a sala.

E, no momento em que Lady Lucinda passou pela porta da biblioteca, conseguiu puxá-la para dentro sem fazer nenhum barulho.

CAPÍTULO 5

No qual nosso herói e nossa heroína têm uma conversa muito intrigante.

Num instante, Lucy andava pelo corredor, franzindo o nariz enquanto tentava lembrar onde ficava o toalete mais próximo, e no seguinte praticamente voava para trás, indo bater em uma forma decididamente grande, decididamente quente e decididamente humana.

– Não grite – disse a voz.

Era uma voz que ela conhecia.

– Sr. Bridgerton?

Deus do céu, aquilo parecia inadequado. Lucy não tinha certeza se devia ficar assustada.

– Precisamos conversar – disse Gregory, soltando o braço dela.

Mas trancou a porta e guardou a chave no bolso.

– Agora? – perguntou Lucy. Seus olhos se adaptaram à luz fraca e ela percebeu que estavam na biblioteca. – Aqui? – E então uma pergunta mais pertinente lhe veio à cabeça: – Sozinhos?

Ele fez uma careta.

– Não vou violá-la, se é isso que a preocupa.

Ela sentiu que cerrou a mandíbula. Não tinha pensado que o Sr. Bridgerton *seria capaz* de algo assim, mas ele não precisava fazer o comportamento honrado dela soar como um insulto.

– Bem, então do que se trata? – quis saber. – Se formos pegos aqui, terei sérios problemas. Estou praticamente noiva, o senhor sabe.

– Eu sei – disse ele.

Naquele tom. Como se ela já tivesse falado sobre aquilo um milhão de vezes, quando sabia que não tinha tocado no assunto mais de uma vez. Ou, talvez, mais de duas.

– Bem, estou mesmo – resmungou ela, ciente de que a resposta perfeita só lhe ocorreria várias horas depois.

– O que está acontecendo? – perguntou Gregory.

– O que quer dizer? – devolveu Lucy, mesmo sabendo muito bem do que o Sr. Bridgerton falava.

– A Srta. Watson – grunhiu ele.

– Hermione?

Como se houvesse outra Srta. Watson. Mas isso lhe garantiu um pouco mais de tempo.

– Seu conselho foi péssimo – acusou ele, com um olhar penetrante.

Estava certo, é claro, mas ela esperava que ele não tivesse notado.

– Certo – falou, observando, com cautela, Gregory cruzar os braços.

Não era o mais cordial dos gestos, mas teve de admitir que ele se saiu bem.

Ela ouvira falar que ele era famoso por seu jeito jovial e divertido, embora nenhuma dessas qualidades estivesse em evidência naquele momento, mas, como dizem, ninguém é capaz de controlar a fúria de uma mulher desprezada. Ela imaginava que não era preciso ser mulher para se sentir um pouco desapontado com a perspectiva de um amor não correspondido.

E, ao olhar para o belo rosto do Sr. Bridgerton, ocorreu-lhe que era provável que ele não soubesse muito bem o que era um amor não correspondido. Porque quem teria coragem de dizer *não* àquele cavalheiro?

Além de Hermione, é claro. Mas ela dizia não a todos. Ele não devia levar aquilo para o lado pessoal.

– Lady Lucinda? – chamou Gregory lentamente, à espera de uma resposta.

– É claro – respondeu ela, protelando e desejando que ele não parecesse tão *grande* naquela sala fechada. – Certo. Certo.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Certo.

Ela engoliu em seco. O tom de voz de Gregory era de uma indulgência quase paternal, como se ela fosse divertida, mas não exatamente interessante. Lucy conhecia muito bem aquele tom. Era do tipo que os rapazes gostavam de usar com suas irmãs mais novas. E com qualquer amiga que levassem para casa nas férias escolares.

Ela detestava aquele tom.

Mas, apesar disso, prosseguiu com dificuldade:

– Concordo que o meu plano acabou não sendo o mais bem-sucedido, mas, para ser sincera, não sei muito bem se qualquer outra atitude teria tido um resultado melhor.

Aquilo não parecia ser o que ele queria ouvir. Pigarreou. Uma, duas, três vezes.

– Sinto muito – acrescentou, porque se sentia mal e sabia que um pedido de desculpas sempre funciona quando não se sabe bem o que dizer. – Mas realmente pensei...

– A senhorita me disse que se eu ignorasse a Srta. Watson... – interrompeu ele.

– Eu não lhe disse para *ignorá-la*!

– Disse, sim, com certeza.

–Não, eu não disse. Falei para se afastar um pouco. Para tentar não ser tão óbvio em sua deslumbração.

A palavra “deslumbração” não existia, mas Lucy não se importou com isso.

– Muito bem – retrucou Gregory, e seu tom ligeiramente superior de irmão mais velho foi substituído pela condescendência óbvia. – Se eu não devia ignorá-la, então exatamente o que a senhorita acha que eu deveria ter feito?

– Bem...

Ela coçou a nuca, que pareceu acometida de repente pela mais terrível das urticárias. Ou talvez estivesse apenas nervosa. Preferiria que fosse urticária. Ela não gostava muito daquela sensação de enjoo crescente enquanto tentava pensar em algo razoável para dizer.

– Fora o que eu fiz, é claro – acrescentou ele.

– Não tenho certeza – grunhiu ela. – Não sou exatamente a pessoa mais experiente nesse tipo de coisa.

– Ah, *agora* você me diz isso.

– Bem, valia a pena tentar – rebateu ela. – Deus é testemunha de que o senhor não estava se saindo bem por conta própria.

Os lábios de Gregory se contraíram e ela se permitiu um discreto sorriso de satisfação por ter atingido um ponto sensível. Lucy não era uma pessoa má, mas o momento parecia pedir um pouco de autocongratulação.

– Muito bem – disse ele austeramente, e, embora ela tivesse preferido um pedido de desculpas e o reconhecimento de que ela estava certa e ele, errado, Lucy acreditava que, em alguns círculos, um “Muito bem” *poderia* ser aceito como uma admissão de erro.

E, a julgar pelo rosto dele, era o máximo que conseguiria.

Ela assentiu regiamente. Parecia o melhor a fazer. Agir como uma rainha para talvez ser tratada como uma.

– A senhorita tem alguma outra ideia brilhante?

Ou não.

– Bem – respondeu ela, fingindo que ele de fato parecia se importar com o que ela tinha a dizer. – Não acho que seja tanto uma questão *do que* fazer, e sim *por que* o que o senhor fez não deu certo.

Ele piscou.

– Ninguém jamais desistiu de Hermione – explicou Lucy com um toque de impaciência. Detestava quando as pessoas não entendiam logo o que ela queria dizer. – O desinteresse dela só faz com que os homens redobrem os esforços. É muito constrangedor.

Ele pareceu levemente ofendido.

– O que disse?

– Não o *senhor* – disse Lucy com rapidez.

– Fico muitíssimo aliviado.

Lucy deveria ter se ofendido com o sarcasmo, mas o senso de humor de Gregory era tão parecido com o dela que não pôde deixar de achar graça.

– Como eu dizia – continuou, porque queria se concentrar no assunto em questão –, ninguém nunca parece admitir a derrota e transferir suas atenções para uma dama mais ao alcance. Quando um cavalheiro percebe que *todos* os outros a querem, parece ficar louco. É como se ela não passasse de um prêmio a ser conquistado.

– Não para mim – disse ele em voz baixa.

Nesse momento, Lucy olhou para o rosto de Gregory e percebeu imediatamente que, para ele, Hermione era *mais* do que um prêmio. Ele gostava dela. De verdade. Lucy não sabia muito bem por quê, ou mesmo como, já que ele mal conhecia a amiga. E Hermione não tinha sido muito receptiva em suas conversas – não que alguma vez fosse com os cavalheiros que a cortejavam. Mas

o Sr. Bridgerton se importava com quem ela era por dentro, não só com o rosto perfeito. Ou, pelo menos, ele acreditava que sim.

Lucy assentiu lentamente, absorvendo tudo.

– Pensei que talvez, se alguém *deixasse* de cercá-la de atenção, ela pudesse achar intrigante. Não que Hermione considere conveniente toda essa atenção que os cavalheiros lhe dispensam – apressou-se em acrescentar. – Muito pelo contrário. Para ser honesta, na maior parte do tempo é um transtorno.

– Seus elogios não conhecem limites.

Mas ele sorria *um pouco* ao dizer isso.

– Nunca tive muito jeito para elogios – admitiu ela.

– Pelo jeito, não.

Lucy deu um sorriso irônico. Ele não pretendera insultá-la, e ela não encararia dessa forma.

– Ela vai mudar de ideia.

– A senhorita acha?

– Acho. Vai ter que mudar. Hermione é romântica, mas entende como o mundo funciona. No fundo ela sabe que não pode se casar com o Sr. Edmonds. É simplesmente impossível. Seus pais vão renegá-la, ou ameaçar fazer isso, e ela não é do tipo que arriscaria algo assim.

– Se ela amasse alguém de verdade, arriscaria tudo – murmurou ele.

Lucy ficou paralisada. Havia algo na voz dele. Algo direto, forte. Um arrepio percorreu sua pele, deixando-a estranhamente incapaz de se mover.

Ela precisava perguntar. Tinha de saber.

– E o senhor? – falou, num sussurro. – Arriscaria qualquer coisa?

Ele não se moveu, mas seus olhos arderam. E ele não hesitou:

– Qualquer coisa.

Os lábios dela se entreabriram. De surpresa? Espanto? Algo mais?

– E *a senhorita*? – devolveu ele.

– Eu... eu não tenho certeza.

Ela balançou a cabeça e teve a estranha sensação de que já não se conhecia mais. Porque deveria ter sido uma pergunta fácil. Apenas alguns dias antes, teria sido. Ela responderia *É claro que não,* e acrescentaria que era muito prática para esse tipo de bobagem.

E, principalmente, diria que esse tipo de amor não existia.

Mas alguma coisa havia mudado dentro dela, e Lucy não sabia o quê. Algo que a deixara desestabilizada.

Insegura.

– Não sei – acrescentou. – Acho que dependeria.

– Do quê? – perguntou Gregory, com a voz ainda mais baixa, incrivelmente baixa, e ainda assim Lucy conseguiu entender cada palavra.

– De... – Ela não sabia. Como podia não saber? Ela se sentia perdida, e sem chão, e... e... e então as palavras simplesmente surgiram e saíram de sua boca: – Do amor, eu acho.

– Do amor.

– Sim.

Deus do céu, algum dia ela já tivera uma conversa como aquela? As pessoas falavam *mesmo* sobre essas coisas? E será que existia alguma resposta?

Ou ela era a única pessoa no mundo que não entendia?

Sentiu um nó na garganta e de repente experimentou uma grande solidão em sua ignorância. Ele sabia, Hermione sabia e os poetas também diziam saber. Parecia que *ela* era a única alma perdida, a única que não compreendia o que era o amor, que não tinha nem certeza de que ele existia, ou, caso existisse, se era para ela.

– De como ele é – disse ela finalmente, porque não sabia mais o que falar. – De como o amor é.

O olhar dos dois se encontrou.

– A senhorita acha que há variações?

Ela não esperava outra pergunta. Ainda estava se recuperando da última.

– De amor, digo – esclareceu ele. – Acha que ele pode ser diferente dependendo da pessoa? Se a senhorita amasse alguém, verdadeira e profundamente, não seria... *tudo*?

Ela não sabia o que dizer.

Gregory se virou e deu alguns passos em direção à janela.

– Iria consumi-la – disse ele. – Como poderia ser diferente?

Lucy só olhava para as costas dele, hipnotizada pela maneira como seu paletó finamente cortado cobria-lhe os ombros. Era a coisa mais estranha, mas ela não conseguia deixar de olhar para o ponto em que o cabelo dele tocava o colarinho.

Quase pulou de susto quando ele se virou de volta para ela.

– Não haveria nenhuma dúvida – disse Gregory, a voz baixa, com a intensidade de uma pessoa que acredita mesmo no que está falando. – A senhorita simplesmente saberia. Seria tudo com que sempre sonhou, e então seria mais.

Ele deu um passo em direção a ela. Outro. E então concluiu:

– É assim que eu acho que é o amor.

E naquele momento Lucy soube que não estava destinada a se sentir assim. Se o amor existia mesmo da maneira como Gregory Bridgerton o imaginava, não era para ela. Não conseguia imaginar um turbilhão assim de emoções. E não iria gostar nem um pouco. Disso ela sabia. Não queria se sentir perdida em meio ao furacão, à mercê de algo além de seu controle.

Não queria infelicidade. Desespero. E, se isso significava que também teria de abrir mão da felicidade e do arrebatamento, que assim fosse.

Ela ergueu os olhos até os dele, sem ar por conta das revelações que acabara de ter.

– É de mais para mim – ouviu-se dizer. – Seria de mais. Eu não... não...

Lentamente, ele balançou a cabeça.

– A senhorita não teria escolha. Seria algo além do seu controle. Simplesmente... acontece.

A boca de Lucy se abriu com a surpresa.

– Foi o que ela disse.

– Quem?

E, quando ela respondeu, sua voz parecia estranhamente distante, como se as palavras viessem direto de suas lembranças.

– Hermione. Foi o que Hermione disse sobre o Sr. Edmonds.

Os lábios de Gregory se contraíram nos cantos.

– Ela disse?

Lucy assentiu devagar.

– Quase com as mesmas palavras. Falou que simplesmente acontece. Em um instante.

– Ela disse isso? – As palavras soaram como um eco, e, na verdade, era tudo o que ele podia fazer... sussurrar perguntas inúteis, aguardando uma

confirmação, na esperança de que talvez tivesse ouvido mal e Lucy fosse responder algo totalmente diferente.

Mas é claro que não foi assim. Na verdade, era ainda pior do que ele temia.

– Hermione falou que estava no jardim, só olhando as rosas, quando o viu. E então ela soube.

Gregory olhou para ela. Seu peito estava vazio e ele sentia um nó na garganta. Aquilo não era o que queria ouvir. *Maldição*, aquela era a única coisa que ele não queria ouvir.

Lucy, então, virou para Gregory, e os olhos dela, cinzentos na penumbra da noite, encontraram os dele de uma forma estranhamente íntima. Era como se ele a conhecesse, soubesse o que ela iria dizer, e como estaria o rosto dela quando falasse. Era estranho, assustador e, acima de tudo, desconfortável, porque ela não era a Srta. Hermione Watson.

Aquela era Lady Lucinda Abernathy, não a mulher com quem ele pretendia passar o resto de sua vida.

Ela era incrivelmente bonita, inteligente e, com certeza, mais do que atraente. Mas não era para ele. Gregory quase riu, porque tudo teria sido muito mais fácil se seu coração tivesse disparado na primeira vez em que vira *Lucy*. Ela podia estar quase noiva, mas não estava apaixonada. Disso ele tinha certeza.

Já Hermione Watson...

– O que ela disse? – murmurou ele, temendo a resposta.

Lady Lucinda inclinou a cabeça para o lado, e parecia nada menos do que confusa.

– Ela disse que nem sequer viu o rosto dele. Só a parte de trás de sua cabeça...

Só a parte de trás do pescoço dela.

–... que então ele se virou e ela pensou ter ouvido música, e tudo em que conseguiu pensar foi...

Estou acabado.

–... "Estou arruinada". Foi o que ela me disse. – Lucy olhou para ele com a cabeça ainda inclinada, o ar curioso. – O senhor pode imaginar? Arruinada? Não consigo entender isso.

Mas *ele* entendia. Entendia muito bem.

Entendia perfeitamente.

Gregory olhou para Lady Lucinda e viu que ela o fitava. Ainda parecia confusa, preocupada e até um pouco desconcertada quando perguntou:

– O senhor não acha estranho?

– Acho.

Apenas uma palavra, mas dita com toda a sinceridade. Porque *era* estranho. E cortava como uma faca. Ela não deveria se sentir assim com relação a nenhuma outra pessoa que não fosse ele.

Não era assim que devia acontecer.

E então, como se um feitiço tivesse sido quebrado, Lady Lucinda virou e deu alguns passos para o lado. Olhou para as estantes – não que pudesse identificar qualquer título com aquela luz –, então correu os dedos pelas lombadas.

Gregory observou a mão dela, não soube dizer por quê. Só ficou ali vendo a mão dela se mover. Lucy era muito elegante, percebeu. Não era algo que ficasse evidente no início. Era de esperar que a elegância cintilasse como a seda, reluzisse, paralisasse. A elegância era uma orquídea, não uma simples margarida.

Mas quando Lady Lucinda se movia, ela parecia diferente. Parecia... deslizar.

Era uma boa dançarina, ele tinha certeza, embora não soubesse muito bem que importância tinha isso.

– Eu sinto muito – disse Lucy, virando-se de repente.

– Sobre a Srta. Watson?

– Sim. Não tive a intenção de ferir seus sentimentos.

– Não feriu – retrucou ele, talvez de forma um pouco brusca.

– Ah. – Ela piscou. – Que bom. Realmente não foi minha intenção.

Gregory sabia que ela não faria algo assim de propósito. Não era de seu feitio.

Os lábios de Lucy se abriram, mas ela não falou de imediato. Seus olhos pareciam focados para além do ombro de Gregory, como se procurasse as palavras certas a distância.

– É só que... Bem, quando o senhor disse aquelas coisas sobre o amor – começou ela –, me pareceu tão familiar. Eu não conseguia entender.

– Nem eu – disse ele em voz baixa.

Lucy ficou em silêncio, sem olhar bem para ele. Seus lábios estavam um pouco franzidos e de vez em quando ela piscava. Não de um jeito rápido e irrefletido, mas como uma ação deliberada.

Ela estava pensando, percebeu Gregory. Lucy era do tipo que *pensava* sobre as coisas, provavelmente para a frustração interminável de qualquer um encarregado da tarefa de orientá-la na vida.

– O que o senhor vai fazer agora? – perguntou ela.

– Com relação à Srta. Watson?

Lucy fez que sim.

– O que a senhorita sugere que eu faça?

– Não tenho certeza. Posso falar com ela sobre o senhor, se quiser.

– Não.

Isso parecia juvenil demais e Gregory só agora começava a se sentir verdadeiramente um homem adulto, pronto para deixar sua marca.

– O senhor pode esperar, então – disse ela, dando de ombros. – Ou pode continuar tentando cortejá-la. Ela não terá oportunidade de ver o Sr. Edmonds por pelo menos um mês, e acho que... com o tempo... talvez ela perceba...

Mas ela não terminou. E ele queria saber.

– Perceba o quê? – pressionou Gregory.

Lucy levantou os olhos, como se arrancada de um sonho.

– Bem, que o senhor... que o senhor... é muito *melhor* do que os outros. Não sei por que ela não consegue ver. É bastante óbvio para mim.

Essa afirmação vinda de qualquer outra pessoa teria sido estranha. Fora fervorosa demais. Talvez até mesmo uma dica tímida de que a moça estava disponível. Mas a pessoa em questão era Lady Lucinda. Ela não usava artifícios – era o tipo de garota em quem um homem podia confiar. Um pouco como suas irmãs, imaginou, com uma inteligência vivaz e um senso de humor afiado. Lucy Abernathy nunca inspiraria poesia, mas daria uma ótima amiga.

– Vai acontecer – garantiu ela, a voz suave, mas segura. – Ela vai perceber. O senhor e Hermione vão ficar juntos. Tenho certeza.

Gregory observou os lábios de Lucy enquanto ela falava. Não soube por quê, mas o formato deles de repente lhe pareceu intrigante... a maneira como se moviam, desenhando as consoantes e as vogais. Eram lábios comuns. Nada neles havia atraído a sua atenção antes. Mas ali, na biblioteca escura, sem nada no ar além do suave sussurro de suas vozes...

Ele se perguntou como seria beijá-la.

Deu um passo para trás, sentindo que seus pensamentos eram súbita e avassaladoramente *errados*.

– Devemos voltar – falou, de forma abrupta.

Um brilho de mágoa passou pelos olhos de Lucy. Maldição. Ele não queria parecer ansioso para se livrar dela. Nada daquilo era culpa dela. Ele só estava cansado. E frustrado. E ela estava ali, a noite escura, os dois sozinhos...

Não tinha sido desejo. Não *podia* ser desejo. Gregory havia esperado a vida inteira para sentir por uma mulher o que sentira ao ver Hermione Watson pela primeira vez. Não era possível que desejasse qualquer outra mulher depois disso. Nem Lady Lucinda, nem ninguém.

Aquilo não era nada. *Ela* não era nada.

Não, isso não era justo. Ela era alguma coisa. Muita coisa, na verdade. Mas não para ele.

CAPÍTULO 6

No qual nosso herói faz progresso.

Deus do céu, *o que* ela dissera?

Esse único pensamento martelava a cabeça de Lucy quando ela deitou na cama naquela noite, horrorizada demais até para ficar se revirando. Ficou deitada de costas, olhando para o teto, totalmente imóvel e mortificada.

E na manhã seguinte, quando olhou no espelho, suspirando ao notar olheiras, lá estava tudo de novo...

Ah, Sr. Bridgerton, o senhor é *muito melhor do que os outros*...

E toda vez que ela pensava nisso, a voz em sua lembrança ficava mais aguda, mais risonha e boba, até ela se transformar em uma daquelas criaturas horríveis – as garotas que ficavam agitadas e nervosas toda vez que o irmão mais velho de alguém aparecia para uma visita na escola.

– Lucy Abernathy, sua tola – murmurou baixinho.

– Você disse alguma coisa?

Hermione, próxima à cama, olhou para a amiga. Lucy já estava com a mão na maçaneta da porta, pronta para sair para o café da manhã.

– Estou só fazendo umas contas na minha cabeça – mentiu Lucy.

Hermione voltou a colocar os sapatos.

– Pelo amor de Deus, *por quê*? – perguntou, mais para si mesma.

Lucy deu de ombros, embora Hermione não estivesse olhando para ela. Sempre dizia que estava fazendo contas em sua cabeça quando Hermione a pegava falando sozinha. Não fazia ideia de por que a amiga acreditava nela – Lucy detestava contas, quase tanto quanto odiava frações e tabuadas. Mas parecia o tipo de coisa que ela poderia fazer, por ser assim tão prática, e Hermione nunca questionara.

Às vezes Lucy murmurava um número, só para parecer mais real.

– Está pronta para descer? – perguntou a Hermione, girando a maçaneta.

Não que *ela* estivesse. A última coisa que queria era ver qualquer pessoa. O Sr. Bridgerton em particular, é claro, e pensar em enfrentar o mundo como um todo era assustador.

Mas ela estava com fome, e teria de aparecer alguma hora, então não via por que sua infelicidade deveria vir acompanhada de um estômago vazio.

Enquanto se dirigiam à sala do café da manhã, Hermione olhou para ela com ar curioso.

– Você está bem, Lucy? – perguntou. – Parece um pouco estranha.

Lucy lutou contra a vontade de rir. Ela *era* estranha. Era uma idiota e provavelmente não deveria ser deixada solta em público.

Deus do céu, havia mesmo dito a Gregory Bridgerton que ele era melhor do que os outros?

Ela queria morrer. Ou, pelo menos, esconder-se debaixo de uma cama.

Mas não, ela não conseguia nem fingir que estava se sentindo mal e aproveitar o descanso. Nem lhe ocorrera tentar. Ela era tão ridiculamente normal que estava de pé e pronta para tomar café antes mesmo de conseguir formar um único pensamento coerente.

Além de refletir sobre sua evidente loucura, é claro. Não tinha nenhuma dificuldade em se concentrar *nisso*.

– Bem, você está ótima, de qualquer maneira – elogiou Hermione quando chegaram à escada. – Adorei essa fita verde com o vestido azul. Eu não teria pensado nisso, mas ficou lindo. E combinou de maneira tão adorável com os seus olhos...

Lucy olhou para sua roupa. Não tinha nenhuma recordação de ter se vestido. Era um milagre não parecer que tinha escapado de um circo cigano.

Embora...

Deixou escapar um suspiro. Fugir com os ciganos parecia uma ideia bastante atraente, prática, até, uma vez que tinha certeza de que nunca iria mostrar sua cara em uma sociedade civilizada de novo. Claramente estava lhe faltando uma conexão muito importante entre o cérebro e a boca, e só Deus sabia o que poderia sair de seus lábios em seguida.

Meu Deus, poderia muito bem ter dito a Gregory Bridgerton que o achava um deus.

O que ela *não* achava. De modo algum. Só acreditava que ele seria um melhor partido para Hermione. E tinha lhe dito isso. Não tinha?

O que *exatamente* ela dissera?

– Lucy?

Ela dissera... que...

Lucy congelou.

Santo Deus. Ele ia pensar que *ela* gostava dele.

Hermione andou mais alguns passos antes de perceber que Lucy não estava mais ao seu lado.

– Lucy?

– Sabe, acho que na verdade não estou com fome – disse ela, a voz um pouco estridente.

Hermione parecia incrédula.

– No café da manhã?

Era um *pouco* forçado. Lucy sempre comia como um marinheiro no café da manhã.

– Eu... hã... acho que algo não me fez bem ontem à noite. Talvez o salmão. – Ela colocou a mão na barriga para enfatizar o que dizia. – Acho que eu deveria me deitar.

E nunca mais levantar.

– Você parece mesmo um pouco pálida – observou Hermione.

Lucy abriu um fraco sorriso, decidindo ser grata pelas pequenas coisas.

– Que que eu lhe traga alguma coisa? – perguntou-lhe a amiga.

– Sim – respondeu Lucy fervorosamente, esperando que Hermione não tivesse ouvido o ronco de seu estômago.

– Ah, mas eu não devia – disse Hermione, levando um dedo aos lábios com ar pensativo. – Talvez seja melhor você não comer, se está se sentindo enjoada. A última coisa que você deve querer é vomitar.

– Não é enjoo, exatamente – improvisou Lucy.

– Não?

– É... hã... um pouco difícil de explicar. Eu...

Ela se escorou na parede. Quem poderia imaginar que tinha tanto talento para atriz?

Hermione correu para seu lado, a preocupação franzindo-lhe a testa.

– Ah, meu Deus... – falou, passando um braço pelas costas de Lucy. – Você está muito pálida.

Lucy piscou. Talvez *estivesse* ficando doente. Isso seria ainda melhor, porque a manteria afastada por dias.

– Vou levá-la de volta para a cama – disse Hermione, sem dar espaço para discussão. – E depois vou chamar minha mãe. Ela vai saber o que fazer.

Lucy assentiu, aliviada. O remédio de Lady Watson para qualquer tipo de doença era chocolate e biscoitos. Nada ortodoxo, com certeza, mas como era o que a mãe de Hermione escolhia sempre que dizia estar doente, não podia negar isso a ninguém.

Hermione a guiou de volta ao quarto e até mesmo tirou os sapatos de Lucy antes que ela deitasse na cama.

– Se eu não a conhecesse tão bem, acharia que está fingindo – comentou Hermione, atirando os calçados descuidadamente no armário.

– Eu nunca faria isso.

– Ah, faria, sim. Com certeza faria. Mas nunca conseguiria levar até o fim. Você é muito tradicional.

Tradicional? O que *isso* tinha a ver?

Hermione bufou um pouco.

– Eu provavelmente vou ter que me sentar com aquele enfadonho Sr. Bridgerton no café.

– Ele não é tão terrível – disse Lucy, talvez com um pouco mais de entusiasmo do que se poderia esperar de alguém doente.

– É, acho que não – concordou Hermione. – Ao menos é melhor do que a maioria, me atrevo a dizer.

Lucy estremeceu com o eco das próprias palavras. *Muito melhor do que os outros.* Muito melhor do que *os outros.*

Devia ter sido a coisa mais terrível que já havia saído de seus lábios.

– Mas não é para mim – continuou Hermione, alheia à angústia da amiga. – Ele logo vai perceber isso. E então vai seguir em frente e cortejar outra pessoa.

Lucy duvidava disso, mas não disse nada. Que confusão. Hermione estava apaixonada pelo Sr. Edmonds, o Sr. Bridgerton estava apaixonado por Hermione e Lucy *não* estava apaixonada pelo Sr. Bridgerton.

Mas ele devia achar que ela estava.

O que era um absurdo, é claro. Ela nunca permitiria que isso acontecesse, estando praticamente noiva de lorde Haselby.

Haselby. Ela quase gemeu. Aquilo tudo seria muito mais fácil se ela se lembrasse do rosto dele.

– Talvez eu peça para trazerem o café da manhã – disse Hermione, o rosto se iluminando como se ela tivesse acabado de descobrir um novo continente. – Você acha que mandariam uma bandeja aqui para cima?

Ah, maldição. Lá se iam todos os seus planos. Agora Hermione tinha uma desculpa para ficar no quarto delas o dia todo. E no seguinte também, se Lucy continuasse a fingir que se sentia mal.

– Não sei por que não pensei nisso antes – continuou Hermione, indo em direção ao cordão da campainha. – Prefiro ficar aqui com você.

– Não! – gritou Lucy, o cérebro dando voltas, enlouquecido.

– Por que não?

Lucy pensou rapidamente.

– Se pedir que lhe tragam uma bandeja, pode não ter o que quer.

– Mas eu sei o que quero. Ovos cozidos e torradas. Com certeza podem trazer isso.

– Mas *eu* não quero ovos cozidos e torradas. – Lucy tentou manter a expressão o mais lastimável e patética possível. – Você conhece tão bem o meu gosto... Se for à sala de café da manhã, tenho certeza de que vai encontrar a coisa certa.

– Mas pensei que você não fosse comer.

Lucy colocou a mão de volta na barriga.

– Bem, eu posso querer comer um pouco.

– Ah, está bem – disse Hermione, agora soando mais impaciente do que qualquer outra coisa. – O que você quer?

– Hã, talvez um pouco de bacon?

– Bacon? Mas você não está passando mal por causa do peixe?

– Não tenho certeza se foi o peixe.

Hermione ficou encarando-a por um longo instante.

– Só bacon, então? – perguntou finalmente.

– Hum, e qualquer outra coisa que você ache que eu possa gostar – respondeu Lucy, uma vez que seria muito fácil pedir para trazerem bacon.

Hermione deixou escapar um suspiro contido.

– Eu volto logo. – Depois olhou para Lucy com um ar um pouco desconfiado. – Não vá se cansar.

– Não vou – prometeu ela.

Então sorriu olhando para a porta, quando Hermione a fechou. Contou até dez e em seguida pulou da cama e correu para o armário para endireitar seus sapatos. Quando ficou satisfeita com o resultado, pegou um livro e voltou para se acomodar na cama e ler.

De um modo geral, aquela estava se tornando uma ótima manhã.

Quando Gregory entrou na sala de café da manhã, sentia-se muito melhor. O que tinha acontecido na noite anterior... não era nada. Estava praticamente esquecido.

Ele não havia *desejado* beijar Lady Lucinda. Só havia se perguntado como seria, o que era bem diferente.

Afinal, ele era homem. Já havia imaginado como seria beijar centenas de mulheres, na maioria das vezes sem a menor intenção de sequer falar com elas. Todo mundo se perguntava. A diferença era se você decidia fazer alguma coisa a respeito.

O que seus irmãos – seus irmãos felizes no casamento, ele devia acrescentar – disseram uma vez? O casamento não os deixava *cegos*. Eles podiam não estar à procura de outras mulheres, mas isso não significava que não notavam o que estava à sua frente. Quer fosse uma garçonete com seios muito grandes ou uma respeitável senhorita com... bem, com lindos lábios, um cavalheiro não podia simplesmente deixar de *ver* a parte do corpo em questão.

E se visse, então é claro que pensaria a respeito, e...

E nada. Aquilo não resultaria em nada.

O que significava que Gregory podia tomar seu café da manhã com a cabeça tranquila.

Ovos eram bons para a alma, ponderou. Bacon, também.

O único outro ocupante da sala era o cinquentão e sempre formal Sr. Snowe, que felizmente estava mais interessado em seu jornal do que em conversar. Após

os obrigatórios cumprimentos resmungados, Gregory sentou-se no extremo oposto da mesa e começou a comer.

A salsicha estava excelente. As torradas também estavam ótimas, com a quantidade certa de manteiga. Faltava um pouco de sal nos ovos, mas, fora isso, estavam bem saborosos.

Experimentou o bacalhau. Nada mau. Nada mau mesmo.

Deu outra mordida. Mastigou. Aproveitou o momento. Pensou coisas muito profundas sobre política e agricultura.

Depois passou, determinado, para a física newtoniana. Ele realmente devia ter prestado mais atenção às aulas em Eton, porque não conseguia lembrar a diferença entre força e trabalho.

Vejamos, trabalho era aquela parte com quilograma-metro, e força era...

Ele não estava nem exatamente *se perguntando*. Para ser sincero, a culpa de tudo podia ser um truque de luz. E seu humor. Estava se sentindo um pouco estranho. Ele tinha reparado nos lábios de Lady Lucinda porque ela estava falando, pelo amor de Deus. Para onde ele deveria olhar?

Gregory pegou o garfo com vigor renovado. De volta ao bacalhau. E ao seu chá. Nada ordenava melhor a mente do que chá.

Tomou um longo gole, espiando por cima da borda da xícara, quando ouviu alguém vindo pelo corredor.

E então *ela* surgiu à porta.

Ele piscou, surpreso, depois olhou por cima do ombro dela. Estava sozinha.

Agora que parava para pensar sobre isso, achava que nunca tinha visto a Srta. Watson sem Lady Lucinda.

– Bom dia – cumprimentou ele, em um tom cordial o suficiente para não parecer entediado, mas não cordial *demais*.

Um homem nunca quer parecer desesperado.

Gregory se levantou e a Srta. Watson olhou para ele sem registrar absolutamente nenhuma emoção. Nem felicidade, nem raiva, nada além de um discreto olhar confirmando que o vira. O que foi bem marcante.

– Bom dia – murmurou ela.

Mas que diabo, por que não?

– Quer se juntar a mim? – perguntou ele.

Os lábios de Hermione se entreabriram e ela fez uma pausa, como se não tivesse certeza do que queria fazer. E então, como numa prova perversa de que eles tinham de fato algum tipo de conexão maior, ele leu sua mente.

Leu mesmo. Sabia exatamente o que ela estava pensando.

Ah, tudo bem, tenho que tomar café da manhã de qualquer maneira.

Aquilo com certeza acalentava a alma.

– Não posso ficar muito tempo – disse a Srta. Watson. – Lucy não está se sentindo bem, e prometi levar uma bandeja para ela.

Era difícil imaginar a indomável Lady Lucinda doente, embora Gregory não soubesse por quê. Ele não podia dizer que a *conhecia*. Os dois só tinham tido algumas conversas. Se tanto.

– Não deve ser nada sério – murmurou ele.

– Acho que não – falou ela, pegando um prato. Hermione olhou para ele com aqueles olhos verdes incríveis. – O senhor comeu o peixe?

Ele olhou para o bacalhau.

– Agora?

– Não, ontem à noite.

– Acho que sim. Costumo comer de tudo.

Os lábios da Srta. Watson se contraíram por um instante, então ela murmurou:

– Eu também comi.

Gregory esperou alguma outra explicação, mas ela não parecia inclinada a falar mais nada. Então, em vez disso, ele continuou de pé enquanto ela colocava pequenas porções de ovos e presunto no prato. Após um instante de deliberação...

Estou realmente com fome? Porque, quanto mais comida eu colocar no prato, mais tempo ficarei aqui. Na sala de café da manhã. Com ele...

... ela pegou um pedaço de torrada.

Hummm. Sim, estou com fome.

Gregory esperou até que ela se acomodasse à sua frente e também se sentou. A Srta. Watson esboçou um pequeno sorriso – do tipo que não passava de um discreto erguer dos cantos dos lábios – e começou a comer seus ovos.

– A senhorita dormiu bem? – perguntou Gregory.

Ela levou o guardanapo à boca com delicadeza.

– Muito bem, obrigada.

– Eu não – declarou ele.

Mas que diabo, se uma conversa educada não conseguia fazê-la falar mais, talvez ele devesse optar pela surpresa.

Ela ergueu os olhos.

– Sinto muito.

Então abaixou a cabeça de novo e continuou a comer.

– Tive um sonho terrível – disse ele. – Um pesadelo. Assustador.

Ela pegou a faca e cortou o bacon.

– Sinto muito – falou, aparentemente sem notar que havia pronunciado essas mesmas palavras segundos antes.

– Não consigo lembrar o que era – prosseguiu Gregory. Ele estava inventando isso tudo, é claro. Não tinha dormido bem, só que não por causa de um pesadelo. Mas ia fazê-la conversar com ele ou morrer tentando. – A senhorita costuma se lembrar dos seus sonhos?

Ela parou o garfo a meio caminho da boca e ele sentiu aquela incrível conexão de mentes de novo.

Em nome de Deus, por que ele está me perguntando isso?

Bem, talvez não em nome de Deus. Isso exigiria um pouco mais de emoção do que ela parecia expressar.

– Hã, não – respondeu ela. – Em geral, não.

– É mesmo? Que intrigante. Lembro-me dos meus metade das vezes, eu acho.

Ela assentiu.

Se eu balançar a cabeça, não preciso pensar no que dizer.

Ele se esforçou para continuar:

– Meu sonho de ontem à noite foi bem vívido. Havia uma tempestade. Raios e trovões. Muito impressionante.

Ela virou o pescoço lentamente e olhou por cima do ombro.

– Srta. Watson?

Então ela olhou de volta para ele.

– Pensei ter ouvido alguém.

Eu esperava ter ouvido alguém.

Aquele talento para ler os pensamentos dela estava começando a ficar tedioso.

– Certo – disse ele. – Bem, onde eu estava?

A Srta. Watson começou a comer muito depressa.

Gregory se inclinou para a frente. Ela não ia escapar assim tão fácil.

– Ah, sim, a chuva. Estava caindo um temporal. Um completo dilúvio. E o chão começou a se desmanchar sob os meus pés. A me arrastar para baixo.

Ele parou, propositalmente, e então manteve os olhos fixos no rosto de Hermione, até ela ser forçada a dizer alguma coisa.

Depois de alguns instantes do mais estranho silêncio, ela enfim desviou os olhos da comida para o rosto dele. Um pequeno pedaço de ovo tremeu na ponta de seu garfo.

– O chão estava se desmanchando – disse ele.

E quase riu.

– Que... horrível.

– Foi mesmo – falou Gregory, com grande animação. – Pensei que fosse me engolir. Alguma vez já sentiu isso, Srta. Watson?

Silêncio. E então...

– Não. Não, acredito que não.

Ele mexeu indolentemente no lóbulo da orelha e então disse, de forma bem casual:

– Não gostei muito da experiência.

Gregory achou que ela fosse cuspir o chá.

– Bem, na verdade – continuou ele –, quem gostaria?

E, pela primeira vez desde que a conhecera, pensou ter visto o desinteresse deixar os olhos de Hermione quando ela disse, com um pouco mais de emoção:

– Não tenho ideia.

Ela até balançou a cabeça. Três coisas de uma vez! Uma frase completa, uma pitada de emoção *e* um aceno de cabeça. Por Deus, talvez ele estivesse enfim conseguindo quebrar a barreira até ela.

– E o que aconteceu depois, Sr. Bridgerton?

Meu Deus, ela tinha lhe feito uma pergunta. Ele quase caiu da cadeira.

– Na verdade, eu acordei – respondeu.

– Que sorte.

– Também achei. Dizem que, se você morrer em seus sonhos, morre durante o sono.

Os olhos dela se arregalaram.

– Dizem?

– Bem, meus irmãos dizem. Fique à vontade para avaliar as informações considerando a sua origem.

– Eu tenho um irmão – comentou ela. – Ele adora me atormentar.

Gregory assentiu gravemente com a cabeça.

– É o que os irmãos devem fazer.

– O senhor atormenta suas irmãs?

– Em geral, só a mais nova.

– Porque ela é a caçula.

– Não, porque ela merece.

Ela riu.

– Sr. Bridgerton, o senhor é terrível.

Ele abriu um sorriso, bem devagar.

– A senhorita não conheceu Hyacinth.

– Se ela o perturba tanto a ponto de fazê-lo querer atormentá-la, tenho certeza de que iria adorá-la.

Ele se recostou, apreciando a sensação de descontração e tranquilidade. Era bom não ter de se esforçar tanto.

– Seu irmão é mais velho que a senhorita, então?

Ela assentiu.

– E, de fato, ele me atormenta porque sou mais nova.

– Quer dizer que não merece isso?

– Claro que não.

Ele não sabia dizer se ela estava brincando.

– E onde está seu irmão agora?

– Em Trinity Hall. – Ela comeu o último pedaço de ovo. – Cambridge. O irmão de Lucy também estava lá. Faz um ano que ele se formou.

Gregory não sabia bem por que ela estava lhe dizendo isso. Não estava interessado no irmão de Lucinda Abernathy.

A Srta. Watson cortou outro pedaço pequeno de bacon e levou o garfo à boca. Gregory também continuou a comer, olhando furtivamente para ela

enquanto mastigava. Deus do céu, era linda. Ele não acreditava já ter visto outra mulher com aquela cor de pele. A maioria dos homens devia achar que a beleza dela era resultado do cabelo e dos olhos, e na verdade eram mesmo essas coisas que a princípio hipnotizavam. Mas a pele dela era como alabastro sobre uma pétala de rosa.

Ele parou com a comida na boca. Não fazia ideia de que podia ser tão poético.

A Srta. Watson pousou o garfo.

– Bem – disse ela, com o mais breve suspiro –, acho que preciso preparar aquele prato para Lucy.

Ele se levantou de imediato para ajudá-la. Por Deus, ela havia mesmo falado como se não quisesse deixá-lo. Gregory elogiou a si mesmo pelo café da manhã extremamente produtivo.

– Vou pedir que alguém leve o prato para a senhorita – falou, fazendo sinal para um empregado.

– Ah, isso seria ótimo.

Ela sorriu, agradecida, e o coração de Gregory parou de bater por um segundo. Ele sempre achara que isso se tratava de uma figura de linguagem, mas agora sabia que não. O amor podia mesmo afetar seus órgãos internos.

– Por favor, diga a Lady Lucinda que estimo suas melhoras – disse ele, observando com curiosidade a Srta. Watson empilhar cinco fatias de bacon no prato.

– Lucy adora bacon – comentou ela.

– Estou vendo.

Então ela também pegou ovos, bacalhau, batatas, tomates e, em um prato à parte, colocou bolinhos e torradas.

– O café da manhã sempre foi a refeição favorita dela – disse a Srta. Watson.

– A minha também.

– Vou dizer isso a ela.

– Não acho que ela vá se interessar.

Uma empregada tinha entrado na sala com uma bandeja e a Srta. Watson pousou nela os pratos cheios.

– Ah, vai, sim – retrucou ela, descontraidamente. – Lucy se interessa por tudo. Ela até faz contas de cabeça. Por diversão.

– A senhorita está brincando.

Gregory não podia imaginar uma forma menos agradável de se manter ocupado.

A Srta. Watson levou a mão ao peito.

– Não, é verdade! Acho que ela deve estar tentando ficar com a mente mais afiada, porque nunca foi muito boa em matemática. – Caminhou até a porta, em seguida se virou para ele. – O café da manhã foi ótimo, Sr. Bridgerton. Obrigada pela companhia e pela conversa.

Ele inclinou a cabeça para o lado.

– O prazer foi todo meu.

Só que não era verdade. Ela também tinha gostado do tempo que passaram juntos. Gregory podia ver isso no sorriso dela. E nos olhos.

E sentiu-se como um rei.

– Sabia que, se morrer em seus sonhos, você morre durante o sono?

Lucy nem sequer parou de cortar o bacon.

– Bobagem – respondeu ela. – Quem lhe disse isso?

Hermione se empoleirou na ponta da cama.

– O Sr. Bridgerton.

Aquilo, sim, merecia mais atenção do que o bacon. Lucy levantou os olhos imediatamente.

– Então, você o viu no café da manhã?

Hermione assentiu.

– Sentamos à mesma mesa. Ele me ajudou a conseguir a bandeja.

Lucy olhou sua enorme refeição com desânimo. Em geral, conseguia disfarçar seu apetite voraz demorando-se à mesa do café da manhã, depois se servindo de novo quando a primeira leva de convidados saía.

Ah, bem, não havia nada que pudesse fazer. Gregory Bridgerton já pensava que ela era um pato selvagem – não faria muita diferença achar que era um pato selvagem que pesaria uns 100 quilos até o fim do ano.

– Ele é bem divertido, na verdade – comentou Hermione, enrolando distraidamente o cabelo.

– Ouvi dizer que é muito charmoso.

– Hum.

Lucy observou a amiga com atenção. Hermione olhava para fora da janela e, embora não chegasse a estar com aquele ar ridículo de quem memoriza um soneto de amor inteiro, tinha evoluído para um verso ou dois.

– Ele é incrivelmente bonito – disse Lucy.

Parecia não haver mal em confessar. Ela não pretendia mesmo flertar com o Sr. Bridgerton, e ele era tão lindo que aquilo poderia ser interpretado como uma constatação, em vez de opinião.

– Você acha? – perguntou Hermione.

Então se virou para Lucy, inclinando a cabeça de maneira pensativa.

– Ah, sim – respondeu Lucy. – Sobretudo os olhos. Gosto muito de olhos castanho-claros, cor de avelã. Sempre gostei.

Na verdade, nunca tinha pensado muito sobre isso, mas, agora que considerava o assunto, olhos cor de avelã eram *mesmo* bem bonitos. Um pouco de marrom, um pouco de verde. O melhor de dois mundos.

Hermione olhou para ela com ar curioso.

– Eu não sabia disso.

Lucy deu de ombros.

– Eu não lhe conto tudo.

Outra mentira. Havia três anos que Hermione conhecia cada detalhe enfadonho da vida de Lucy. Exceto, é claro, os planos dela para juntar a amiga e o Sr. Bridgerton.

Sr. Bridgerton. Certo. Precisava voltar a falar *dele*.

– Mas você deve concordar que ele não é bonito *demais* – comentou Lucy com seu tom de voz mais ponderado. – O que é algo bom, na verdade.

– O Sr. Bridgerton?

– Sim. O nariz dele tem muita personalidade, não acha? E as sobrancelhas não são bem uniformes.

Lucy franziu a testa. Não tinha percebido que estava tão familiarizada com o rosto de Gregory Bridgerton.

Hermione não fez nada além de assentir, então Lucy continuou:

– Não acho que eu iria querer me casar com alguém bonito *demais*. Deve ser terrivelmente intimidante. Eu me sentiria como um pato toda vez que abrisse a

boca.

Hermione riu.

– Um pato?

Lucy assentiu e decidiu não grasnar. Ela se perguntou se os homens que cortejavam Hermione se preocupavam com a mesma coisa.

– Os cabelos dele são bem escuros – observou Hermione.

– Não são tão escuros assim.

Lucy lembrava que eram castanhos.

– É, mas o Sr. Edmonds é tão louro...

O Sr. Edmonds tinha mesmo lindos cabelos louros, então Lucy decidiu não comentar. E ela sabia que tinha de ter muito cuidado naquele momento. Se tentasse empurrar Hermione na direção do Sr. Bridgerton com muito afinco, a amiga com certeza iria empacar e continuar apaixonada pelo Sr. Edmonds, o que, é claro, seria um completo desastre.

Não, Lucy precisava ser sutil. Se Hermione mudaria sua devoção para o Sr. Bridgerton, teria de descobrir isso por si mesma. Ou achar que descobriu.

– E a família dele é muito inteligente – murmurou Hermione.

– Do Sr. Edmonds? – perguntou Lucy, se fazendo de desentendida.

– Não, a do Sr. Bridgerton, é claro. Ouvi coisas muito interessantes a respeito deles.

– Ah, sim. Também ouvi. E admiro muito Lady Bridgerton. Ela tem sido uma anfitriã maravilhosa.

Hermione assentiu.

– Acho que ela prefere você a mim.

– Não seja boba.

– Eu não me importo – disse Hermione, dando de ombros. – Não é que ela *não goste* de mim. Só prefere você. As mulheres sempre gostam mais de você.

Lucy abriu a boca para contradizê-la, mas depois parou, percebendo que era verdade. Que estranho ela nunca ter notado isso.

– Bem, de qualquer forma, não é com *ela* que você iria se casar.

Hermione olhou para Lucy com ar sério.

– Eu não disse que queria me casar com o Sr. Bridgerton.

– Não, é claro que não – retrucou Lucy, sentindo vontade de se socar.

Percebera que aquelas palavras eram um erro no momento em que escaparam de sua boca.

– Mas... – Hermione suspirou e começou a olhar para o nada.

Lucy se inclinou para a frente. Então aquela era a sensação de ficar em expectativa.

Ela esperou, esperou... até não aguentar mais.

– Hermione? – chamou enfim.

Hermione se jogou de costas na cama.

– Ah, Lucy – gemeu ela, dramática. – Estou tão confusa...

– Confusa?

Lucy sorriu. Isso só podia ser uma coisa boa.

– Sim – respondeu Hermione, de sua posição deselegante em cima da cama. – Quando eu estava sentada à mesa com o Sr. Bridgerton... bem, na verdade, no começo pensei que ele era completamente louco, mas então percebi que eu estava me divertindo. Ele é mesmo engraçado, e me fez rir.

Lucy permaneceu em silêncio, esperando Hermione formular melhor seus pensamentos.

Hermione deixou escapar um ruído em parte gemido, em parte suspiro, totalmente angustiado.

– E então, quando percebi isso, olhei para ele e... – Ela rolou de lado, erguendo-se no cotovelo e apoiando a cabeça em uma das mãos. – E *estremeci*.

Lucy ainda tentava digerir aquele insano comentário.

– Estremeceu? – ecoou ela. – O que quer dizer com isso?

– Meu estômago. Meu coração. Meu... meu alguma coisa. Não sei.

– Igual a quando você viu o Sr. Edmonds pela primeira vez?

– Não. *Não.* Não.

Cada não foi dito com uma ênfase diferente, e Lucy teve a nítida sensação de que Hermione tentava se convencer disso.

– Não foi igual mesmo – afirmou Hermione. – Mas foi... parecido. Em uma escala muito menor.

– Entendo – disse Lucy, com uma seriedade admirável, considerando que ela não entendia nem um pouco.

De qualquer maneira, ela nunca entendia mesmo esse tipo de coisa. E depois de sua estranha conversa com o Sr. Bridgerton na noite anterior, estava bastante

convencida de que nunca entenderia.

– Mas você não acha que... como estou perdidamente apaixonada pelo Sr. Edmonds... enfim, não era de esperar que eu nunca mais estremeceria assim por ninguém?

Lucy pensou por um instante antes de responder:

– Não vejo por que o amor tem de ser esse desespero todo.

Hermione se levantou sobre os cotovelos e olhou para ela com curiosidade.

– Não foi isso que perguntei.

Não era? Não deveria ter sido?

– Bem – falou Lucy, escolhendo as palavras com cuidado –, talvez signifique...

– Eu sei o que você vai dizer – interrompeu Hermione. – Vai dizer que significa que não devo estar tão apaixonada pelo Sr. Edmonds como eu pensava. E então vai falar que preciso dar uma chance ao Sr. Bridgerton. E, depois, que eu deveria dar uma chance a todos os outros cavalheiros.

– Bem, não a *todos* eles – retrucou Lucy.

Mas o restante era bem parecido.

– Você não acha que isso tudo já me ocorreu? Não percebe como é terrivelmente angustiante? Ter tantas dúvidas assim? Deus do céu, Lucy, e se isso não for o fim? E se acontecer de novo? Com outra pessoa?

Lucy suspeitava que não *precisava* responder, mas falou assim mesmo:

– Não há nada de errado em ter dúvidas, Hermione. O casamento é uma decisão importantíssima. A maior que você terá de tomar na vida. Depois disso, não poderá mudar de ideia.

Lucy deu uma garfada no bacon, procurando lembrar como ficava grata pelo fato de lorde Haselby ser um cavalheiro tão apropriado. A situação dela poderia ser muito pior. Ela mastigou, engoliu e disse:

– Você só precisa se dar um pouco de tempo, Hermione. E deveria. Não há motivo para se casar com pressa.

Fez-se um longo silêncio antes de Hermione responder:

– Acho que você está certa.

– Se você e o Sr. Edmonds realmente foram feitos um para o outro, então ele vai esperá-la.

Ah, céus. Lucy não podia *acreditar* que tinha acabado de dizer isso.

Hermione pulou da cama, correu até Lucy e a abraçou.

– Ah, Lucy, essa é a coisa mais doce que você já me disse. Sei que não o aprova.

– Bem... – Lucy pigarreou, tentando pensar em uma resposta aceitável. Algo que a fizesse não se sentir *tão* culpada por não ter sido sincera. – Não é que...

Bateram à porta.

Ah, graças a Deus.

– Pode entrar – disseram as duas em uníssono.

Uma criada abriu a porta e fez uma rápida reverência.

– Milady – falou, olhando para Lucy –, o Sr. Fennsworth está aqui para vê-la.

Lucy ficou pasma.

– Meu *irmão*?

– Ele a espera no Salão Rosa, milady. Devo dizer-lhe que a senhorita já vai descer?

– Sim, sim, claro.

– Mais alguma coisa?

Lucy balançou a cabeça lentamente.

– Não, obrigada. É só.

A criada saiu, deixando as duas olhando uma para a outra em choque.

– O que você acha que Richard veio fazer aqui? – perguntou Hermione, os olhos arregalados de interesse. Ela vira o irmão da amiga várias vezes e eles sempre tinham se dado bem.

– Não sei. – Lucy desceu rápido da cama, esquecendo completamente a falsa dor de estômago. – Espero que não haja nada de errado.

Hermione assentiu e a seguiu até o armário.

– O seu tio está doente?

– Não que eu tenha sido informada. – Lucy pegou os sapatos e sentou-se na beira da cama para calçá-los de novo. – É melhor eu descer para falar com ele. Se Richard está aqui, é algo importante.

Hermione olhou para ela por um instante, então perguntou:

– Quer que eu a acompanhe? Não vou me intrometer em sua conversa, é claro. Mas posso descer com você, se quiser.

Lucy assentiu, e juntas foram para o Salão Rosa.

CAPÍTULO 7

No qual nosso convidado inesperado traz uma notícia angustiante.

Gregory conversava com a cunhada na sala de café da manhã quando o mordomo a informou sobre o convidado inesperado, e assim, naturalmente, ele decidiu acompanhá-la ao Salão Rosa para cumprimentar o Sr. Fennsworth, irmão mais velho de Lady Lucinda. Não tinha nada melhor para fazer, e teve a sensação de que deveria ir conhecer o jovem conde, considerando que a Srta. Watson falara sobre ele quinze minutos antes. Gregory só o conhecia de nome – os quatro anos de diferença entre os dois fizeram com que seus caminhos não tivessem se cruzado na universidade e Fennsworth ainda não tinha decidido assumir seu lugar na sociedade de Londres.

Gregory esperava um tipo estudioso, amante de livros – tinha ouvido falar que Fennsworth optava por permanecer em Cambridge mesmo quando a faculdade estava em recesso. Na verdade, o cavalheiro à espera junto à janela do Salão Rosa possuía mesmo uma certa seriedade que o fazia parecer um pouco mais velho do que era. Mas lorde Fennsworth também era um homem alto, em forma, e, embora talvez um pouco tímido, se portava com um ar centrado e seguro que vinha de algo mais profundo do que um título de nobreza.

O irmão de Lady Lucinda sabia quem ele era, não apenas quem devia ser pela sua origem. Gregory gostou dele imediatamente.

Até ficar óbvio que ele, assim como o restante dos homens do mundo, estava apaixonado por Hermione Watson.

O único mistério, na verdade, era por que Gregory estava surpreso.

O jovem Bridgerton tinha de reconhecer suas qualidades – Fennsworth conseguira passar um minuto perguntando sobre o bem-estar da irmã antes de acrescentar:

– E a Srta. Watson? Também vai se juntar a nós?

Era mais o tom que as palavras. Na verdade, era o brilho nos olhos – aquela faísca de ansiedade, de expectativa.

Ora, falando de forma bem clara, era pura e simplesmente um desejo irremediável. Gregory deveria saber – tinha certeza de que o mesmo brilho iluminara seus olhos mais de uma vez nos últimos dias.

Santo Deus.

Ele pensou que ainda considerava Fennsworth um bom sujeito, mesmo com aquela paixão irritante, mas na verdade toda aquela história já estava ficando cansativa.

– Estamos muito felizes em recebê-lo em Aubrey Hall, lorde Fennsworth – disse Kate, depois que explicou que não sabia se a Srta. Watson acompanharia a irmã dele até o Salão Rosa. – Espero que sua presença não indique uma emergência em casa.

– De forma alguma – retrucou Fennsworth. – Mas meu tio pediu que eu viesse buscar Lucy e a levasse para casa. Ele tem um assunto importante para tratar com ela.

Gregory sentiu um dos cantos de sua boca se curvar para cima.

– Você deve ser muito dedicado à sua irmã para vir de tão longe – observou. – Com certeza poderia apenas ter mandado uma carruagem.

Era preciso reconhecer que o irmão de Lucy não pareceu perturbado com a pergunta, mas também não tinha uma resposta imediata.

– Ah, não – disse ele após uma longa pausa, as palavras saindo em um borbotão. – Fiquei mais do que feliz em fazer a viagem. Lucy é uma boa companhia, e já faz algum tempo que não nos vemos.

– Vocês precisam partir imediatamente? – perguntou Kate. – Tenho gostado tanto da companhia da sua irmã... E adoraríamos incluir o senhor entre os nossos convidados.

Gregory se perguntou o que ela estava fazendo. Kate teria de convidar outra dama para igualar os números se lorde Fennsworth fosse participar da festa. Mas imaginou que, se Lady Lucinda fosse embora, ela teria de fazer o mesmo.

O jovem conde hesitou e Kate aproveitou o momento para insistir de forma primorosa:

– Ah, diga que vai ficar. Mesmo que não possa ser por todo o tempo da festa.

– Bem... – respondeu Fennsworth, piscando enquanto pensava no convite.

Estava claro que ele queria ficar (e Gregory tinha quase certeza de que sabia o motivo). Mas com ou sem título, ele ainda era jovem, e Gregory imaginava que se reportava ao tio em todos os assuntos relativos à família.

E parecia óbvio que o tal tio queria que Lady Lucinda regressasse rapidamente.

– Acredito que não haverá mal algum em ficarmos um dia – disse Fennsworth.

Ah, que maravilha. Ele estava disposto a desafiar o tio para conseguir um pouco mais de tempo com a Srta. Watson. E, como irmão de Lady Lucinda, era o único homem que Hermione nunca afastaria com seu educado enfado de costume. Gregory se preparou para mais um tedioso dia de competição.

– Por favor, diga que vai ficar até sexta – pediu Kate. – Estamos planejando um baile de máscaras para quinta à noite, e detestaria que vocês perdessem.

Gregory fez uma anotação mental para não esquecer de dar a Kate um presente bem simples em seu próximo aniversário. Pedras, talvez.

– É só mais um dia – acrescentou ela com um sorriso cativante.

Foi nesse momento que Lady Lucinda e a Srta. Watson entraram na sala, a primeira em um vestido simples azul-claro e a outra com o mesmo vestido verde que tinha usado para o café da manhã. Lorde Fennsworth olhou para as duas (mais para uma do que para a outra, e basta dizer que os laços de sangue não foram mais fortes do que o amor não correspondido) e murmurou:

– Sexta, então.

– Esplêndido – comemorou Kate, juntando as mãos. – Vou mandar preparar um quarto para o senhor imediatamente.

– Richard? – disse Lady Lucinda. – O que está fazendo aqui?

Ela parou à porta e olhou para todos, um por um, parecendo confusa com a presença de Kate e Gregory.

– Lucy – disse lorde Fennsworth. – Quanto tempo.

– Quatro meses – retrucou ela, quase sem pensar, como se uma pequena parte do seu cérebro precisasse de uma precisão absoluta, mesmo quando não havia importância.

– Minha nossa, mas isso é muito tempo – comentou Kate. – Vamos deixá-los agora, lorde Fennsworth. Tenho certeza de que o senhor e sua irmã gostariam de alguns momentos a sós.

– Não há pressa – disse Fennsworth, os olhos correndo brevemente para a Srta. Watson. – Não gostaria de ser rude, e ainda não tive chance de lhe agradecer por sua hospitalidade.

– Não seria rude de forma alguma – interrompeu Gregory, prenunciando uma rápida saída do salão de braços dados com a Srta. Watson.

Lorde Fennsworth se virou, piscando, como se tivesse esquecido a presença de Gregory. Não era de estranhar, já que Gregory permanecera estranhamente calado durante a conversa.

– Por favor, não se incomodem – disse o conde. – Lucy e eu teremos nossa conversa mais tarde.

– Richard, tem certeza? – perguntou Lucy, parecendo um pouco preocupada. – Eu não esperava vê-lo aqui, e se há algo errado...

Mas seu irmão balançou a cabeça.

– Nada que não possa esperar. Tio Robert quer falar com você. E me pediu para levá-la para casa.

– Agora?

– Ele não especificou, mas Lady Bridgerton nos pediu cortesmente para ficar até sexta, e eu concordei. Isto é – limpou a garganta –, supondo que seja do seu agrado.

– É claro – respondeu Lucy, parecendo confusa e desorientada. – Mas eu... bem... o tio Robert...

– Devemos nos retirar agora – disse a Srta. Watson com firmeza. – Lucy, você precisa de um instante com o seu irmão.

Lucy olhou para o lorde Fennsworth, mas ele aproveitou que a Srta. Watson entrou na conversa para olhar para ela e dizer:

– E como você está, Hermione? Quanto tempo.

– Quatro meses – disse Lucy.

A Srta. Watson deu uma risada e sorriu calorosamente para o conde.

– Estou bem, obrigada. E Lucy está certa, como sempre. Nós nos vimos pela última vez em janeiro, quando nos visitou na escola.

Fennsworth assentiu.

– Como eu poderia ter esquecido? Foram dias tão agradáveis...

Gregory teria apostado o braço direito que Fennsworth sabia até quantos minutos haviam se passado desde que estivera com a Srta. Watson pela última

vez. Mas a dama em questão estava claramente alheia à paixão dele, porque apenas sorriu e disse:

– Foram, não foram? Foi tão gentil de sua parte nos levar para patinar no gelo. O senhor é sempre uma ótima companhia.

Meu Deus, como ela podia não perceber nada? Com certeza a Srta. Watson jamais agiria de forma tão encorajadora se tivesse notado a natureza dos sentimentos que o conde nutria por ela. Gregory sabia disso.

Mas, embora estivesse óbvio que a jovem gostava muito de lorde Fennsworth, não havia nenhuma indicação de que tivesse por ele algum tipo de afeição romântica. Gregory se consolou em pensar que os dois sem dúvida se conheciam havia anos e era natural a cordialidade dela para com Fennsworth, considerando sua amizade com Lady Lucinda.

Praticamente irmão e irmã, na verdade.

E por falar em Lady Lucinda... Gregory virou-se na direção dela e não se surpreendeu ao ver que ela franzia a testa. Seu irmão, que tinha viajado pelo menos um dia para vê-la, agora parecia não ter pressa alguma de falar com ela.

E, de fato, todos tinham ficado em silêncio também. Gregory observava, curioso, o estranho quadro. Todos estavam em volta, aparentemente esperando para ver quem falaria em seguida. Até mesmo Lady Lucinda, que ninguém chamaria de tímida, parecia não saber o que dizer.

– Lorde Fennsworth – disse Kate, quebrando o silêncio para o alívio geral –, o senhor deve estar faminto. Gostaria de fazer o desjejum?

– Adoraria, Lady Bridgerton.

Kate se virou, então, para Lady Lucinda.

– Também não a vi no café da manhã. Gostaria de comer alguma coisa agora?

Gregory pensou na enorme bandeja que a Srta. Watson havia levado para ela e se perguntou quanto teria conseguido comer antes de ter de ir falar com o irmão.

– É claro – murmurou Lady Lucinda. – Em todo caso, eu gostaria de fazer companhia a Richard.

– Srta. Watson – falou Gregory sutilmente –, a senhorita me acompanharia em um passeio pelos jardins? Acho que as peônias estão em flor. E aquelas coisas azuis de caule comprido... nunca me lembro o nome delas...

– Espora-dos-jardins. – Era Lady Lucinda, é claro. Ele sabia que ela não conseguiria resistir. Então ela virou e olhou para ele, estreitando um pouco os olhos. – Eu lhe falei no outro dia.

– Acho que falou – murmurou ele. – Nunca me ative muito a detalhes.

– Ah, Lucy se lembra de tudo – observou a Srta. Watson, descontraída. – E eu adoraria ver os jardins com o senhor. Isto é, se Lucy e Richard não se importarem.

Os dois asseguraram que não, embora Gregory tivesse certeza de ter visto um brilho de decepção e – ele ousaria dizer – irritação nos olhos de lorde Fennsworth.

Gregory sorriu.

– Encontro você em nosso quarto? – perguntou a Srta. Watson a Lucy.

A jovem fez que sim e, com uma sensação de triunfo – não havia nada como vencer alguém em uma competição –, Gregory colocou a mão da Srta. Watson na curva de seu cotovelo e a conduziu para fora da sala.

Seria uma manhã excelente, afinal.

Lucy seguiu o irmão e Lady Bridgerton até a sala de café da manhã, com o que não se importou nem um pouco, já que não tivera a oportunidade de comer quase nada do que Hermione levara para ela mais cedo. Mas isso significava ter de suportar cerca de meia hora de conversa trivial, enquanto seu cérebro não parava de pensar em todo tipo de desastre que poderia ser a causa de sua inesperada volta para casa.

Richard não poderia falar muito sobre qualquer coisa importante com Lady Bridgerton e metade dos convidados conversando descontraidamente sobre ovos cozidos e as últimas chuvas, então Lucy esperou, com toda a calma, que ele terminasse (o irmão sempre comera com uma vagarosidade irritante) e se esforçou ao máximo para não perder a paciência quando saíram para o gramado lateral e Richard lhe perguntou primeiro sobre a escola, depois sobre Hermione, então sobre a mãe de Hermione, sobre a estreia dela na alta sociedade, que estava próxima, e sobre Hermione de novo, aproveitando para falar sobre o irmão dela, com quem se encontrara em Cambridge, e depois mais uma vez

sobre a estreia dela na sociedade, e até que ponto ela iria compartilhá-la com Hermione...

Até que Lucy parou, colocou as mãos nos quadris e exigiu que ele lhe contasse por que estava lá.

– Eu lhe falei – disse Richard, sem encará-la. – Tio Robert quer conversar com você.

– Mas *por quê*?

Não era uma pergunta com uma resposta óbvia. O tio não se dera o trabalho de falar com ela mais do que poucas vezes nos últimos dez anos. Se ele estava planejando começar agora, havia uma razão para isso.

Richard pigarreou algumas vezes antes de enfim dizer:

– Bem, Lucy, acho que ele planeja casar você.

– Logo? – sussurrou Lucy, e não entendeu por que estava tão surpresa.

Sabia que isso iria acontecer – estava praticamente noiva havia anos. E dissera a Hermione, em mais de uma ocasião, que uma temporada para ela era uma grande tolice – por que gastar com isso se, de qualquer forma, ela se casaria com Haselby de qualquer maneira?

Mas agora, de repente, não era isso que queria. Pelo menos não tão rápido. Ela não queria passar de estudante a esposa, sem nada no meio. Não estava pedindo por aventura – ela nem *queria* aventura –, porque sinceramente, isso nem fazia seu tipo.

Ela não estava pedindo muito – só alguns meses de liberdade, de risadas.

De dançar sem fôlego, girando tão rápido que as chamas das velas pareceriam longas serpentes de luz.

Talvez ela fosse prática. Talvez fosse “aquela velha Lucy”, como muitos a chamavam na Escola da Srta. Moss. Mas ela gostava de dançar. E queria fazer isso. Agora. Antes de ficar velha. Antes de se tornar a esposa de Haselby.

– Não sei quando – disse Richard, olhando para ela com... aquilo era tristeza? Por que seria tristeza? – Em breve, eu acho. Tio Robert parece um pouco ansioso com isso.

Lucy só olhava para ele, perguntando-se por que não conseguia parar de pensar em dançar, não conseguia parar de pensar em si mesma com um vestido azul-claro, mágico e radiante, nos braços do...

– Ah! – Ela levou a mão à boca, como se isso de alguma forma pudesse silenciar seus pensamentos.

– O que foi?

– Nada – falou, balançando a cabeça.

Seus sonhos não tinham um rosto. Não podiam ter. Então ela disse de novo, com mais firmeza:

– Não foi nada. Absolutamente nada.

Seu irmão inclinou-se para examinar uma flor silvestre que havia, de alguma forma, passado despercebida pelo olhar atento dos jardineiros de Aubrey Hall. Era pequena, azul e começava a se abrir.

– É linda, não é? – murmurou Richard.

Lucy assentiu. Seu irmão sempre gostara de flores, sobretudo as silvestres. Eles eram diferentes nesse aspecto, ela percebeu. Lucy sempre preferira uma cama perfeitamente arrumada, cada flor em seu lugar, cada padrão mantido com cuidado e carinho.

Mas agora...

Ela olhou para aquela flor, pequena e delicada, brotando desafiadora num lugar a que não pertencia.

E concluiu que gostava das flores silvestres também.

– Sei que você devia ter uma temporada – disse Richard, em um tom de desculpas. – Mas, sinceramente, isso é tão terrível assim? Você nunca quis isso, não é mesmo?

Ela engoliu em seco.

– Não – respondeu, porque sabia que era o que ele queria ouvir, e ela não gostaria que o irmão se sentisse pior do que estava.

E, de uma forma ou de outra, ela nunca se importara mesmo com uma temporada em Londres. Pelo menos não até recentemente.

Richard arrancou a pequena flor silvestre azul pela raiz, examinou-a com atenção e se levantou.

– Anime-se, Lucy – falou, batendo de leve no queixo da irmã. – Haselby não é má pessoa. Não será ruim ser casada com ele.

– Eu sei – disse ela em voz baixa.

– Ele não vai magoá-la – acrescentou Richard, e sorriu de um jeito não muito sincero.

O tipo de sorriso que devia ser reconfortante, mas, de alguma forma, nunca era.

– Não pensei isso – retrucou Lucy, em um tom... *diferente* de sua voz. – Por que tocou nesse assunto?

– Por nada – respondeu Richard com rapidez. – Mas sei que é uma preocupação para muitas mulheres. Nem todos os homens tratam as esposas com o respeito que Haselby terá por você.

Lucy assentiu. Claro. Era verdade. Ela ouvira histórias. Todos ouviam histórias.

– Não vai ser tão ruim – acrescentou Richard. – Você provavelmente vai até gostar dele. É um homem muito agradável.

Agradável. Isso era bom. Melhor do que desagradável.

– E ele será o conde de Davenport um dia – acrescentou Richard, embora, é claro, ela já soubesse disso. – Você vai ser uma condessa. Uma bem importante.

Tinha isso também. Suas colegas de escola sempre falavam que ela era afortunada por ter o futuro já acertado, e de maneira tão grandiosa. Ela era filha de um conde, irmã de um conde, e estava destinada a ser a esposa de um também. Não tinha do que reclamar. Nada.

Mas se sentia tão vazia...

Não era exatamente um mau pressentimento. Mas era desconcertante. E estranho. Ela se sentia sem chão. Sem rumo.

Não se sentia ela mesma. E isso era o pior de tudo.

– Você não está surpresa, está, Lucy? – perguntou Richard. – Sabia que isso iria acontecer. Todos nós sabíamos.

Ela balançou a cabeça.

– Não é nada – falou, tentando soar do seu jeito prático de sempre. – É só que nunca pareceu tão imediato.

– É claro – disse ele. – É uma surpresa, é só. Quando se acostumar com a ideia, tudo vai parecer muito melhor. Normal, até. Afinal, você sempre soube que seria a esposa de Haselby. E pense em como vai gostar de planejar o casamento. Segundo tio Robert, será um grande evento. Em Londres, acredito. Davenport insiste nisso.

Lucy assentiu de forma automática. Era verdade que gostava de planejar as coisas. Isso sempre vinha acompanhado da agradável sensação de estar no

comando.

– Hermione pode ser sua madrinha – acrescentou Richard.

– É claro – murmurou Lucy.

Claro – quem mais ela escolheria?

– Existe alguma cor que não a favoreça? – perguntou Richard, franzindo a testa. – Porque você vai ser a noiva. E não vai querer ser ofuscada por ninguém.

Lucy revirou os olhos. Que irmão.

Mas ele pareceu não perceber que a havia insultado, e Lucy pensou que não deveria ter ficado surpresa. A beleza de Hermione era tão lendária que ninguém se ofendia com uma comparação desfavorável. A pessoa teria de ser louca para pensar diferente.

– Não posso mandá-la se vestir de preto – respondeu Lucy.

Era a única cor que talvez deixasse Hermione um pouco pálida.

– Não, não pode, não é? – Richard fez uma pausa, claramente poderando a respeito, e Lucy olhou para ele, incrédula.

O irmão dela, que nunca sabia o que estava ou não na moda, parecia interessado de *verdade* na cor do vestido de madrinha de Hermione.

– Ela pode usar a cor que quiser – concluiu Lucy.

E por que não? De todas as pessoas que estariam presentes, não havia ninguém mais importante para ela do que sua melhor amiga.

– Isso é muito gentil da sua parte – disse Richard. Olhou para ela, pensativo. – Você é uma boa amiga, Lucy.

Ela sabia que tinha sido um elogio, mas só conseguiu pensar por que ele tinha levado tanto tempo para perceber isso.

Richard abriu um sorriso, depois olhou para a flor ainda em sua mão. Ele ergueu-a e girou-a algumas vezes, o caule rolando para a frente e para trás entre o polegar e o indicador. Então piscou, franzindo um pouco a testa, e em seguida colocou a flor em frente ao vestido dela. Eram do mesmo tom de azul – ligeiramente arroxeado, com um toque acinzentado.

– Você deveria usar mais esta cor – disse Richard. – Está muito bonita hoje.

Ele parecia um pouco surpreso, então Lucy percebeu que não estava apenas falando da boca para fora.

– Obrigada. – Ela sempre havia pensado que aquele tom deixava seus olhos um pouco mais brilhantes. Richard era a primeira pessoa, além de Hermione, a

falar sobre isso. – Talvez eu use.

– Vamos voltar lá para dentro? Tenho certeza de que vai querer contar tudo a Hermione.

Ela pensou por um momento, depois balançou a cabeça.

– Não, obrigada. Acho que vou ficar aqui mais um pouco. – Apontou para um local perto do caminho que levava até o lago. – Tem um banco não muito longe daqui. E estou gostando de sentir os raios de sol no meu rosto.

– Tem certeza? – Richard estreitou os olhos em direção ao céu. – Você está sempre dizendo que não quer ficar com sardas.

– Eu já tenho sardas, Richard. E não vou demorar.

Ela não planejara sair de casa quando fora recebê-lo, então não levara seu chapéu. Mas ainda estava cedo. Alguns minutos sob o sol não iriam destruir sua pele.

Além disso, ela queria. Não seria bom fazer algo só porque queria, e não porque era esperado?

Richard assentiu.

– Vejo você no almoço?

– Acho que é servido à uma e meia.

Ele sorriu.

– É claro que você saberia o horário exato.

– Não há nada como um irmão – resmungou ela.

– E não há nada como uma irmã.

Ele se curvou e beijou a testa dela, pegando-a completamente de surpresa.

– Ah, Richard – murmurou Lucy, consternada com sua reação sentimental.

Ela nunca chorava. Na verdade, era conhecida por jamais derramar uma lágrima sequer por nada.

– Vá lá – disse ele, de forma tão carinhosa que uma lágrima rolou pelo rosto dela.

Lucy a secou, envergonhada por ele ter visto, envergonhada por ter feito aquilo.

Richard apertou sua mão e fez um gesto com a cabeça em direção ao gramado sul.

– Vá olhar as árvores e fazer o que quer que precise fazer. Vai se sentir melhor depois de alguns minutos sozinha.

– Não estou me sentindo mal – disse Lucy rapidamente. – Não preciso me sentir *melhor*.

– É claro que não. Está apenas surpresa.

– Exatamente.

Exatamente. Exatamente. Na verdade, ela estava contente. Vinha esperando por esse momento havia anos. Não seria bom ter tudo resolvido? Ela gostava de tudo organizado. Gostava de ser decidida.

Era só a surpresa. Um pouco como quando alguém vê uma amiga em um local inesperado e quase não a reconhece. Ela não esperava o anúncio naquele momento. Ali, na festa dos Bridgertons. E essa era a única razão para se sentir tão estranha.

Mesmo.

CAPÍTULO 8

No qual nossa heroína descobre uma verdade sobre o irmão (mas não acredita), nosso herói descobre um segredo sobre a Srta. Watson (mas não está preocupado com isso) e os dois descobrem uma verdade sobre si mesmos (mas não se dão conta disso).

Uma hora mais tarde, Gregory ainda estava se regozijando pela combinação magistral de estratégia e senso de oportunidade que o levou ao seu passeio com a Srta. Watson. Eles tiveram momentos muito agradáveis, e lorde Fennsworth... bem, Fennsworth talvez também tivesse tido momentos muito agradáveis, mas, se fosse o caso, teria sido na companhia da irmã dele e não da adorável Hermione Watson.

A vitória era realmente doce.

Como prometido, Gregory a levara para um passeio pelos jardins de Aubrey Hall, deixando os dois – a Srta. Watson e ele mesmo – impressionados ao se lembrar do nome de seis plantas diferentes. Até mesmo da espora-dos-jardins, embora, para ser sincero, esta tivesse sido apenas graças a Lady Lucinda.

As outras, só para dar o devido crédito, haviam sido: rosa, margarida, peônia, jacinto e grama. De maneira geral, achou que tinha se saído bem. Detalhes nunca haviam sido o seu forte. E, na verdade, àquela altura tudo se resumia a um jogo.

A Srta. Watson parecia estar começando a gostar da companhia dele também. Podia não estar suspirando e piscando sonhadora, mas o véu do desinteresse educado tinha caído, e ele já até a fizera rir duas vezes.

A Srta. Watson, por sua vez, não o fizera rir, mas ele não sabia muito bem se ela havia tentado, e, além disso, ele tinha *sorrido*. Em mais de uma ocasião.

O que era uma coisa boa. Mesmo. Era ótimo ter seu juízo de volta. Não parecia mais fulminado por aquela sensação de soco no peito, o que certamente era ótimo para a sua saúde respiratória. Ele descobria que gostava muito de

respirar, uma tarefa que parecia bem difícil ao contemplar a nuca da Srta. Watson.

Gregory franziu a testa, fazendo uma pausa em seu passeio solitário até o lago. Era uma reação *bem* estranha. E sem dúvida ele tinha visto sua nuca naquela manhã. Ela não tinha se adiantado no caminho para cheirar uma flor?

Hum. Talvez não. Ele não conseguia se lembrar.

– Bom dia, Sr. Bridgerton.

Ele se virou, surpreso ao ver Lady Lucinda sentada sozinha em um banco de pedra ali perto. Sempre pensara que era um lugar estranho para um banco, de frente para um monte de árvores e nada mais. Mas talvez fosse esse o ponto. Deixar para trás a casa – e seus muitos moradores. Sua irmã Francesca dissera muitas vezes que, depois de um dia ou dois com toda a família Bridgerton, as árvores podiam ser uma ótima companhia.

Lady Lucinda sorriu discretamente para cumprimentá-lo e ele notou que ela não parecia a mesma. Seu olhar estava cansado, e sua postura, não muito ereta.

Ela parece vulnerável, pensou Gregory, de maneira inesperada. Seu irmão deve ter trazido notícias tristes.

– Está com um ar abatido – comentou, caminhando até ela. – Posso me juntar à senhorita?

Ela fez que sim, abrindo outro sorriso discreto. Na verdade, dessa vez não era bem um sorriso.

Gregory se sentou ao lado dela.

– Teve oportunidade de conversar com seu irmão? – perguntou.

Ela assentiu.

– Ele trouxe notícias da minha família. Não era... nada importante.

Gregory inclinou a cabeça para o lado enquanto olhava para Lady Lucinda. Era claro que ela mentia. Mas ele não insistiu. Se ela quisesse se abrir, teria feito isso. E, de qualquer forma, não era da sua conta.

Mas ele estava curioso.

Lucy olhou ao longe, provavelmente para alguma árvore.

– É bastante agradável aqui – falou.

Era um comentário estranhamente sem graça, vindo dela.

– Sim – disse ele. – O lago fica a uma curta caminhada depois dessas árvores. Costumo vir aqui quando quero pensar.

Ela se virou de repente.

– Costuma?

– Por que está tão surpresa?

– Eu... eu não sei. – Ela deu de ombros. – Acho que o senhor não faz o tipo.

– O tipo que pensa?

Ora bolas.

– Claro que não – disse ela, olhando para Gregory com ar irritado. – Quis dizer o tipo que precisa se afastar dos outros para fazer isso.

– Perdoe o atrevimento, mas a senhorita também não.

Ela considerou por um instante o que ele falou.

– Tem razão.

Ele riu.

– A senhorita deve ter tido uma conversa daquelas com seu irmão.

Ela piscou, surpresa. Mas não deu mais detalhes. O que também não era do seu feitio.

– Está aqui para pensar em quê? – perguntou a Gregory.

Ele abriu a boca para responder, mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, ela disse:

– Hermione, imagino.

Não havia por que negar.

– Seu irmão está apaixonado por ela.

Isso pareceu tirá-la do torpor.

– *Richard?* Não seja ridículo.

Gregory olhou para ela espantado.

– Não acredito que a senhorita não tenha percebido.

– Não acredito que o senhor *tenha* percebido alguma coisa. Pelo amor de Deus, ela o vê como um irmão.

– Isso pode ser verdade, mas ele não sente o mesmo.

– Sr. Br...

Mas ele ergueu a mão para interrompê-la.

– Chega, chega, Lady Lucinda. Atrevo-me a dizer que já vi mais tolos apaixonados do que a senhorita...

Lucy deixou escapar uma gargalhada.

– Sr. Bridgerton – disse ela, quando recuperou o ar –, tenho sido companhia constante de Hermione Watson nesses últimos três anos. *Hermione Watson* – acrescentou, para o caso de ele não haver entendido o que isso significava. – Acredite quando afirmo que ninguém viu mais tolos apaixonados do que eu nessa vida.

Por um instante, Gregory não soube o que responder. Lucy tinha um bom argumento.

– Richard não está apaixonado por Hermione – garantiu ela, balançando a cabeça.

E bufando. Como uma dama, mas ainda assim ela *bufou* para ele.

– Eu discordo – disse Gregory, porque tinha sete irmãos e não sabia abandonar uma discussão graciosamente.

– Ele não pode estar apaixonado por ela – retrucou Lucy, parecendo bem certa do que falava. – Gosta de outra pessoa.

– Ah, é mesmo? – perguntou Gregory, mas nem sequer se deixou animar.

– É. Ele está sempre falando sobre uma garota que um de seus amigos lhe apresentou. Acho que era a irmã de alguém. Não me lembro do nome dela. Mary, talvez.

Mary. Humpf. Ele *sabia* que Fennsworth não tinha criatividade.

– Portanto – continuou Lady Lucinda –, ele não está apaixonado por Hermione.

Pelo menos ela tinha voltado a ser como era. O mundo parecia um pouco mais no eixo com Lucy Abernathy ganindo como um terrier. Ele se sentira meio perdido ao vê-la olhando melancolicamente para as árvores.

– Acredite no que quiser – disse Gregory com um suspiro orgulhoso. – Mas saiba de uma coisa: o seu irmão estará tentando curar um coração partido em breve.

– Ah, é mesmo? – zombou ela. – E por quê? Porque o senhor está convencido do seu sucesso?

– Porque estou convencido de que ele não vai conseguir.

– O senhor nem mesmo o conhece.

– Agora está defendendo seu irmão? Há poucos instantes a senhorita disse que ele não estava interessado nela.

– E não está. – Ela mordeu o lábio. – Mas é meu irmão. E se ele *estivesse* interessado, eu teria que apoiá-lo, não acha?

Gregory levantou uma sobrancelha.

– Meu Deus, como a senhorita muda de lado rápido.

Ela parecia quase querer se desculpar.

– Ele é um conde. E o senhor... não.

– A senhorita daria uma ótima mãe da alta sociedade.

Ela se enrijeceu.

– Perdão?

– Leiloando sua amiga assim pelo maior lance. Já vai estar bem experiente quando tiver uma filha.

Ela se levantou, os olhos faiscando de raiva e indignação.

– Que coisa horrível de se falar. Minha maior preocupação sempre foi a felicidade de Hermione. E se ela puder ser feliz com um conde... que por acaso é meu *irmão*...

Ah, ótimo. Agora ela tentaria juntar Hermione e Fennsworth. Muito bem, Gregory. Muito bem mesmo.

– Eu posso fazê-la feliz – afirmou ele, levantando-se.

E era verdade. Ele a fizera rir duas vezes naquela manhã, mesmo que ela não tivesse feito o mesmo por ele.

– É claro que pode – disse Lady Lucinda. – E, céus, é provável que vá mesmo, se não estragar tudo. De qualquer forma, Richard é muito jovem para se casar. Ele só tem 22 anos.

Gregory observou-a curiosamente. Agora ela parecia ter voltado a achar que ele era o melhor candidato. O que Lady Lucinda queria, afinal?

– E ele *não* está apaixonado por ela – acrescentou Lucy, impaciente, colocando uma mecha de seu cabelo louro-escuro atrás da orelha quando o vento o jogou em seu rosto. – Tenho certeza absoluta.

Nenhum deles parecia ter nada a acrescentar depois *disso*, então, uma vez que os dois já estavam de pé, Gregory apontou para a casa.

– Vamos voltar?

Ela assentiu e eles começaram a caminhar sem pressa.

– Isso ainda não resolve o problema do Sr. Edmonds – comentou Gregory.

Ela olhou para ele de um jeito engraçado.

– O que foi isso? – perguntou ele.

Lucy deu uma risadinha. Bem, talvez não uma risadinha, mas fez aquele som com o nariz de quando alguém acha graça.

– Não foi nada – disse ela, ainda sorrindo. – Estou bastante impressionada, na verdade, pelo fato de o senhor não ter fingido não se lembrar do nome dele.

– O quê? Eu deveria tê-lo chamado de Sr. Edwards, e então Sr. Ellington, e depois Sr. Edifice, e...

Lucy olhou para ele de um jeito maroto.

– O senhor teria perdido todo o meu respeito, eu lhe garanto.

– Que horror. Ah, que horror – retrucou ele, levando a mão ao peito.

Ela olhou para ele por cima do ombro com um sorriso travesso.

– Foi por pouco.

Ele parecia tranquilo.

– Tenho uma péssima pontaria, mas sei como me esquivar de uma bala.

Aquilo a deixou curiosa.

– Nunca conheci um homem que admitisse atirar mal.

Ele deu de ombros.

– Há coisas que simplesmente não podemos evitar. Sempre serei o Bridgerton que pode ser derrotado pela irmã.

– Aquela de quem o senhor me falou?

– Por todas elas – admitiu ele.

– Ah.

Ela franziu a testa.

Deveria haver algum tipo de comentário recomendado para tal situação. O que se diz quando um cavalheiro confessa uma inaptidão? Ela nem conseguia se lembrar de alguma vez ter ouvido um deles fazer isso, mas sem dúvida, em algum momento no curso da história, isso tinha ocorrido. E alguém teve de lhe dizer alguma coisa.

Ela piscou, esperando que alguma ideia incrível lhe viesse à cabeça. Mas nada.

E então...

– Hermione não sabe dançar.

Aquilo saiu de repente de sua boca, sem que sua mente tivesse qualquer envolvimento.

Meu Deus, *essa* era a ideia incrível?

Gregory parou e se virou para ela com uma expressão curiosa. Ou talvez assustada. Provavelmente os dois. E disse a única coisa que ela imaginou que alguém poderia dizer em tais circunstâncias:

– Perdão?

Lucy repetiu, já que não poderia retirar o que tinha falado.

– Ela não sabe dançar. É por isso que não dança. Porque não sabe.

Então esperou um buraco se abrir no chão para ela enfiar a cabeça. Não ajudava nada ele estar olhando-a como se ela fosse ligeiramente perturbada.

Lucy conseguiu abrir um fraco sorriso, e essa foi a única coisa que preencheu o longo instante até ele enfim falar:

– Deve haver uma razão para a senhorita estar me dizendo isso.

Lucy deixou escapar um suspiro nervoso. Ele não parecia irritado – estava mais curioso do que qualquer coisa. E ela *não pretendera* insultar Hermione. Mas quando ele contara que não sabia atirar, parecia fazer um estranho sentido lhe dizer que Hermione não sabia dançar. Tudo se encaixava bem, na verdade. Os homens deveriam saber atirar, as mulheres deveriam saber dançar, e as amigas de confiança deveriam manter a boca estúpida fechada.

Claramente, todos os três tinham algo que precisavam aprender.

– Pensei em fazê-lo se sentir melhor – explicou Lucy, por fim. – Por não saber atirar.

– Ah, eu sei *atirar* – retrucou ele. – Essa é a parte fácil. Só não sei *mirar* direito.

Lucy riu. Não pôde evitar.

– Eu poderia lhe ensinar.

Ele encarou-a.

– Ah, *Deus do céu*. Não me diga que a *senhorita* sabe atirar.

Ela se animou.

– Muito bem, na verdade.

Ele balançou a cabeça.

– Não me faltava mais nada hoje.

– É uma habilidade admirável – protestou ela.

– Sem dúvida, mas já existem quatro mulheres na minha vida que são melhores nisso do que eu. A última coisa de que preciso é... ah, Deus do céu, por

favor, não me diga que a Srta. Watson é uma ótima atiradora também.

Lucy piscou.

– Sabe, não tenho certeza.

– Bem, então ainda há esperança.

– Isso não é peculiar? – murmurou ela.

Gregory a fitou com o rosto impassível.

– O fato de eu ter esperança?

– Não, que...

Lucy não podia dizer isso. Céus, parecia bobo até mesmo para ela.

– Ah, então a senhorita deve achar peculiar não ter certeza se a Srta. Watson sabe atirar.

E lá estava. Ele acabou adivinhando, de qualquer maneira.

– Sim – admitiu ela. – Mas, na verdade, por que eu saberia? Tiro ao alvo não fazia parte do currículo da Escola da Srta. Moss.

– Para grande alívio dos cavalheiros de toda parte, eu lhe garanto. – Ele abriu um sorriso torto. – Quem lhe ensinou?

– Meu pai – disse Lucy, e foi um momento estranho, porque os lábios dela se entreabriram antes de responder.

Por um instante ela pensou ter ficado surpresa com a pergunta, mas não tinha sido isso.

Havia ficado surpresa com a própria resposta.

– Deus do céu, a senhorita ao menos já tinha largado os cueiros?

– Pouquíssimo tempo antes – disse Lucy, ainda intrigada com sua estranha reação.

Provavelmente era só porque ela não costumava pensar no pai. Ele já se fora havia tantos anos que não existiam muitas perguntas para as quais o antigo conde de Fennsworth fosse a resposta.

– Ele achava que era uma habilidade importante – acrescentou ela. – Até mesmo para as garotas. Nossa casa é perto da costa de Dover, e sempre houve contrabandistas por lá. A maioria era amigável, todo mundo sabia quem eles eram, até mesmo o magistrado.

– Ele devia gostar do brandy francês – murmurou o Sr. Bridgerton.

Lucy sorriu com a lembrança.

– Assim como meu pai. Mas nem todos os contrabandistas eram nossos conhecidos. Alguns, tenho certeza, eram bastante perigosos. E...

Ela se inclinou em direção a ele. Não se podia dizer algo assim sem se aproximar. Qual seria a graça?

– E...? – incentivou ele.

Ela baixou a voz.

– Acho que havia espiões.

– Em Dover? Há dez anos? Sem dúvida havia. Embora eu questione a prudência de dar armas até aos bebês.

Lucy riu.

– Eu era um pouco mais velha do que isso. Acho que começamos quando eu tinha 7 anos. Richard continuou a me dar aulas quando meu pai faleceu.

– Presumo que ele também seja um exímio atirador.

Ela assentiu pesarosamente.

– Sinto muito.

Eles retomaram a caminhada em direção à casa.

– Sendo assim, não vou desafiá-lo para um duelo – comentou ele, distraidamente.

– Eu preferiria que não.

Gregory, então, virou-se para ela com uma expressão um tanto astuciosa.

– Ora, Lady Lucinda, acredito que a senhorita tenha acabado de declarar sua afeição por mim.

A boca de Lucy se abriu como a de um peixe inarticulado.

– Eu não... o que o teria feito chegar a essa conclusão?

E *por que* as bochechas dela de repente pareciam tão quentes?

– Não seria uma disputa justa – disse ele, incrivelmente à vontade com suas inaptidões. – Embora, para ser sincero, eu não saiba se haveria um homem sequer na Grã-Bretanha com quem eu poderia ter uma disputa justa.

Ela ainda se sentia um pouco zonza com a surpresa anterior, mas conseguiu dizer:

– Tenho certeza de que está exagerando.

– Não – retrucou ele. – Sem dúvida seu irmão acertaria uma bala no meu ombro. – Fez uma pausa, pensando no assunto, e acrescentou: – Supondo que ele não quisesse acertar uma em meu coração.

– Ah, não seja bobo.

Ele deu de ombros.

– Independentemente disso, a senhorita deve se preocupar mais com meu bem-estar do que faz ideia.

– Preocupo-me com o bem-estar de todos – murmurou ela.

– Sim, tenho certeza disso – murmurou ele.

Lucy recuou.

– Por que isso soa como um insulto?

– É mesmo? Posso lhe assegurar de que não foi minha intenção.

Ela encarou-o desconfiada por tanto tempo que ele enfim levantou as mãos em sinal de rendição.

– Foi um elogio, eu juro – falou.

– A contragosto.

– Nem um pouco!

Ele a encarou sem conseguir conter um sorriso.

– O senhor está rindo de mim.

– Não – insistiu Gregory, e então, naturalmente, deu uma risada. – Perdão. Agora estou.

– Poderia pelo menos *tentar* ser gentil e dizer que está rindo *comigo*.

– Poderia. – Ele sorriu e seus olhos pareciam definitivamente endiabrados. – Mas seria uma mentira.

Lucy quase bateu no ombro dele.

– Ora, o senhor é terrível!

– A ruína da vida dos meus irmãos, eu lhe garanto.

– É mesmo? – Lucy nunca tinha sido a ruína da vida de ninguém, e naquele momento aquilo pareceu bastante atraente. – Como assim?

– Ah, as coisas normais. Preciso tomar juízo, encontrar um propósito, ser útil.

– Casar-se?

– Isso também.

– É por isso que está tão apaixonado por Hermione?

Ele parou... apenas por um instante. Mas estava lá. Lucy podia sentir.

– Não – afirmou ele. – Foi algo completamente diferente.

– Claro – disse ela, rápido, sentindo-se uma tola por ter perguntado.

Ele lhe falara tudo sobre isso na noite anterior – que o amor só acontece, e não se tem nenhuma escolha. Ele não desejava conquistar Hermione para agradar o irmão, e sim porque não podia *não* querê-la.

E isso a fez se sentir um pouco mais solitária.

– Chegamos – disse ele, apontando para a porta da sala de visitas, à qual ela não percebera que tinham chegado.

– Sim, é claro. – Lucy olhou para a porta, depois para ele, então se perguntou por que parecia tão estranho terem de se despedir. – Obrigada pela companhia.

– O prazer foi todo meu.

Ela deu um passo em direção à porta, mas em seguida se virou para olhar para ele, deixando escapar um discreto:

– Ah!

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Algo errado?

– Não. Mas devo me desculpar. Acabei fazendo o senhor seguir para o outro lado. O senhor disse que gosta de andar em direção ao lago quando precisa pensar. E não chegou a ir até lá.

Gregory olhou para ela com curiosidade, a cabeça inclinada de leve para o lado. E os olhos dele... Ah, Lucy gostaria de poder descrever o que viu neles. Porque ela não entendia, não conseguia compreender por que isso a fazia inclinar a cabeça junto com ele, por que lhe dava a sensação de que aquele momento se estendia... mais... e mais... até poder durar uma eternidade.

– O senhor não queria um tempo para si mesmo? – perguntou ela, baixinho, tão baixo que foi quase um sussurro.

Lentamente, ele balançou a cabeça.

– Queria – falou, como se não tivesse pensado nas palavras e elas chegassem até seus lábios naquele momento, como se fosse algo novo para ele e não exatamente o que esperava. – Queria, mas agora não mais.

Ela olhou para ele, e ele olhou para ela. E o pensamento de repente se formou na cabeça de Lucy...

Ele não sabe por quê...

Gregory não sabia por que não queria mais ficar sozinho.

E ela não sabia por que isso era algo tão significativo.

CAPÍTULO 9

No qual nossa história sofre uma reviravolta.

Na noite seguinte, haveria o baile de máscaras. Era para ser um grande acontecimento, não grande demais, é claro – Anthony, irmão de Gregory, não suportaria tamanha perturbação em sua confortável vida no campo. No entanto, era para ser o auge dos eventos daquela reunião em Aubrey Hall. Todos os hóspedes estariam lá, assim como uma centena de outros convidados – alguns de Londres, outros vindos direto de suas casas no campo. Todos os quartos tinham sido arejados e preparados para os ocupantes, e, mesmo assim, um bom número de convidados iria se hospedar em casas de vizinhos ou, no caso de uns poucos sem sorte, em pousadas próximas.

A intenção original de Kate era oferecer um baile à fantasia – queria muito se vestir de Medusa (para a surpresa de ninguém) –, mas enfim abandonara a ideia após Anthony lhe falar que, se ela fizesse mesmo a festa, *ele* escolheria a própria fantasia.

O olhar que ele lançou à esposa aparentemente foi o bastante para ela optar por uma desistência imediata.

Mais tarde ela contou a Gregory que Anthony ainda não a havia perdoado por fantasiá-lo de Cupido no baile em Billington no ano anterior.

– Angelical demais para ele? – murmurou Gregory.

– Mas o lado bom é que agora sei exatamente como ele era quando bebê. Muito fofo, na verdade.

– Acho que até este momento eu não sabia muito bem quanto meu irmão a amava – disse Gregory, estremecendo.

– Muito. – Ela sorriu e acenou com a cabeça. – Muito mesmo, posso garantir.

E assim chegaram a um acordo. Nada de fantasias, apenas máscaras. Anthony não se importou nem um pouco com isso, já que lhe permitiria

abandonar completamente suas funções como anfitrião, se assim preferisse (afinal, quem iria notar sua ausência?), e Kate começou a trabalhar no projeto de uma máscara de Medusa com cobras saindo em todas as direções (o projeto não foi bem-sucedido).

Por insistência de Kate, Gregory chegou ao salão de festas pontualmente às oito e meia, o início anunciado do baile. Isso significava, é claro, que os únicos convidados presentes eram ele, seu irmão e Kate, mas havia criados suficientes andando por ali para que não parecesse tão vazio, e Anthony disse que estava adorando a reunião.

– A festa fica muito melhor sem todas aquelas pessoas esbarrando umas nas outras – comentou alegremente.

– Quando você ficou tão avesso a eventos socias? – perguntou Gregory, pegando uma taça de champanhe de uma bandeja.

– Não é nada disso – respondeu Anthony, dando de ombros. – Só perdi a paciência para qualquer tipo de coisas estúpidas.

– Ele não está envelhecendo bem – confirmou a esposa.

Se Anthony se ressentiu com o comentário dela, não demonstrou.

– Só me recuso a lidar com idiotas – disse a Gregory. Seu rosto se iluminou. – Isso cortou minhas obrigações sociais pela metade.

– Qual é a razão de se ter um título se não se pode recusar alguns convites? – murmurou Gregory ironicamente.

– De fato – retrucou Anthony. – De fato.

Gregory se virou para Kate.

– Você não tem argumentos para isso?

– Ah, eu tenho muitos argumentos – respondeu ela, esticando o pescoço para examinar o salão de baile em busca de eventuais catástrofes de última hora. – Sempre tenho argumentos.

– É verdade – disse Anthony. – Mas ela sabe quando não pode vencer.

Kate se virou para Gregory ao falar, mas o que disse era claramente dirigido ao marido:

– O que eu *sei* é como escolher minhas batalhas.

– Não dê atenção a ela – aconselhou Anthony. – Essa é só a maneira dela de admitir a derrota.

– E ainda assim ele continua – disse Kate para ninguém em particular –, mesmo sabendo que eu sempre venço no final.

Anthony deu de ombros e abriu para o irmão um sorriso atipicamente constrangido.

– Ela está certa, é claro. – Ele terminou sua bebida. – Mas não há razão em se entregar sem lutar.

Gregory só podia sorrir. Ainda estavam para nascer dois tolos mais apaixonados. Era algo lindo de se ver, mesmo que o fizesse sentir uma ligeira pontada de inveja.

– Como vai a sua corte? – perguntou Kate a ele.

Anthony ficou todo interessado.

– Sua corte? – ecoou, o rosto assumindo a habitual expressão *me obedeça, sou o visconde*. – Quem é ela?

Gregory lançou a Kate um olhar irritado. Ele não havia compartilhado seus sentimentos com o irmão. Não sabia bem por quê, mas em parte era por não ter visto Anthony com muita frequência nos últimos dias. De qualquer forma, não parecia o tipo de coisa a ser compartilhada com um irmão. Sobretudo com um que estava bem mais para pai do que irmão.

Isso sem falar... Que se ele não tivesse sorte...

Bem, não iria querer que sua família soubesse.

Mas ele *ia* conseguir. Por que estava duvidando de si mesmo? Mesmo antes, quando a Srta. Watson ainda o tratava como um estorvo, ele tinha certeza do resultado. Não fazia sentido que agora, que a amizade dos dois crescia, ele de repente questionasse suas possibilidades de sucesso.

Kate, como era de esperar, ignorou a irritação de Gregory.

– Adoro quando você não sabe de alguma coisa – disse ela ao marido. – Principalmente quando eu sei.

Anthony virou para Gregory.

– Tem certeza de que quer se casar com uma dessas?

– Não com essa, exatamente – respondeu Gregory. – Mas com uma bem parecida.

Kate pareceu bastante contrariada por ter sido tratada por “essa”, mas logo se recuperou, dirigindo-se a Anthony ao dizer:

– Ele declarou seu amor por...

Ela balançou uma das mãos no ar como se afastasse uma ideia tola.

– Ah, esqueça, acho que não vou lhe dizer.

Seu jeito de falar era um pouco suspeito. Ela provavelmente tivera a intenção de não lhe contar o tempo todo. Gregory não sabia direito o que era melhor – Kate ter honrado seu segredo ou Anthony ter ficado desconcertado.

– Veja se consegue adivinhar – desafiou Kate, com um sorriso travesso. – Isso deve dar à sua noite um senso de propósito.

Anthony encarou Gregory com ar sério.

– Quem é?

Gregory deu de ombros. Ele sempre ficava do lado de Kate quando era para contrariar o irmão.

– Longe de mim lhe negar um senso de propósito.

Anthony resmungou, chamando-o de *fedelho arrogante*, e Gregory soube que a noite tinha começado bem.

Os convidados foram chegando e, em cerca de uma hora, o salão de baile já estava preenchido pelo zumbido baixo da conversa e dos risos. Todos pareciam um pouco mais arrojados com uma máscara no rosto, e logo a brincadeira tornou-se mais ousada, e as piadas, mais irreverentes.

E as risadas... Era difícil explicar com palavras, mas eram diferentes. Havia mais do que alegria no ar. Tudo beirava a excitação, como se os foliões de alguma forma soubessem que aquela era uma noite para se arriscar.

Para se soltar.

Porque, na manhã seguinte, ninguém saberia.

De modo geral, Gregory gostava de noites como aquela.

Por volta das nove e meia, no entanto, estava ficando frustrado. Não podia afirmar, mas tinha quase certeza de que a Srta. Watson não aparecera. Mesmo com uma máscara, seria quase impossível para ela manter a identidade em segredo. Seu cabelo era impressionante demais, etéreo demais à luz das velas, para ela ser confundida com outra pessoa.

Já Lady Lucinda, por outro lado, não teria nenhum problema em se misturar aos demais. Seu cabelo sem dúvida tinha um belo tom de mel, mas não era nada inesperado ou único. Metade das damas da alta sociedade devia ter o cabelo dessa cor.

Ele olhou ao redor do salão. Muito bem, não metade. E talvez nem mesmo um quarto. Mas sem dúvida o cabelo de Lady Lucinda não tinha o brilho do luar do de sua amiga.

Gregory franziu a testa. A Srta. Watson realmente já deveria ter chegado àquela altura. Como estava hospedada ali, não precisava lidar com estradas lamacentas, cavalos ruins ou mesmo a longa fila de carruagens à frente da casa esperando para deixar os convidados. E, embora duvidasse que ela fosse querer chegar tão cedo quanto ele, com certeza não se atrasaria mais de uma hora.

Se não por outro motivo, porque Lady Lucinda não teria aceitado. Ela era claramente do tipo pontual.

De um jeito bom. Não de um jeito insuportável e irritante.

Ele sorriu para si mesmo. Ela não era assim.

Era mais como Kate. Ou pelo menos seria, quando fosse mais velha. Inteligente, prática e só um pouco ardilosa.

Na verdade, bem divertida. Lady Lucinda era uma boa esportista.

Mas ele também não a via entre os convidados. Ou, pelo menos, achava que não. Não dava para ter certeza. Ele já tinha avistado várias damas com o cabelo da cor aproximada do dela, mas nenhuma parecia ser a própria. Uma se movia da maneira errada – muito deselegante, talvez até um pouco desajeitada. E outra tinha a altura errada. Não por muita diferença, provavelmente apenas alguns centímetros. Mas ele sabia.

Não era ela.

Devia estar junto com a Srta. Watson. O que, de certa forma, ele achava reconfortante. A Srta. Watson não poderia se meter em problemas com Lady Lucinda por perto.

Sua barriga começou a roncar e ele decidiu abandonar a busca por um tempo, para procurar algo para comer. Como sempre, Kate tinha providenciado uma farta seleção de petiscos para seus convidados beliscarem durante o correr da noite. Ele foi direto para a bandeja de sanduichinhos – que se pareciam bastante com os que havia na noite em que ele chegara, dos quais gostara muito. Dez deles deviam bastar.

Hum. Ele viu pepino – um desperdício de pão, na sua opinião. Queijo – não, não era o que ele estava procurando. Talvez...

– Sr. Bridgerton?

Lady Lucinda. Ele reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

Ele virou. Lá estava ela. Gregory se parabenizou. Estava certo com relação às outras mascaradas com cabelo louro-escuro. Definitivamente ainda não havia cruzado com ela naquela noite.

Seus olhos se arregalaram e ele percebeu que a máscara dela, coberta com feltro azul-acinzentado, era da cor exata de seus olhos. Ele se perguntou se a Srta. Watson tinha arrumado uma parecida em verde.

– É o *senhor*, não é?

– Como a senhorita sabia? – perguntou ele.

Ela piscou.

– Não sei bem. Apenas sabia. – Então os lábios dela se abriram, apenas o suficiente para revelar um suave brilho de dentes brancos, e ela disse: – Sou a Lucy. Lady Lucinda.

– Eu sei – murmurou ele, ainda olhando para sua boca.

O que havia com as máscaras? Era como se, ao cobrirem a parte de cima, fizessem a parte inferior ficar mais intrigante. Quase hipnotizante.

Como ele podia não ter notado a forma como os lábios dela se curvavam ligeiramente para cima nos cantos? Ou as sardas em seu nariz? Havia sete, todas ovais, a não ser pela última, que na verdade parecia um pouco o mapa da Irlanda.

– Está com fome? – perguntou ela.

Ele piscou, forçando os olhos a voltarem para os dela.

Lucy apontou para os sanduíches.

– O de presunto está muito bom. O de pepino também. Em geral não tenho nenhuma predileção especial por sanduíches de pepino... nunca parecem satisfazer, embora eu goste do fato de ser crocante, mas esses têm um pouco de queijo cremoso em vez de apenas manteiga. Foi uma agradável surpresa.

Ela fez uma pausa e olhou para ele, virando a cabeça de lado enquanto esperava sua resposta.

E Gregory sorriu. Não pôde evitar. Havia algo tão peculiarmente divertido com relação a ela quando tagarelava sobre comida.

Ele estendeu a mão e colocou um sanduíche de pepino em seu prato.

– Com tal recomendação, como eu poderia recusar?

– Bem, o de presunto está bom também, se o senhor não gostar de pepino.

Mais uma vez, aquilo era tão típico dela... Querer que todos ficassem felizes. *Tente isto. E se não gostar, experimente este, ou este, ou este. E se isso não der certo, fique com o meu.*

Lucy nunca disse isso, é claro, mas de alguma forma ele sabia que era assim que ela agiria.

Ela olhou para a bandeja.

– Eu gostaria que eles não estivessem todos misturados.

Gregory olhou para ela com ar curioso.

– Perdão?

– Bem... – disse Lucy, aquele tipo singular de *bem* que pressagia uma explicação longa e profunda. – O senhor não acha que faria muito mais sentido separar os sanduíches por tipo? Colocar cada um em uma bandeja menor? Assim, se a pessoa provasse um que a agradasse, saberia exatamente onde conseguir outro. *Ou* – nesse ponto ela ficou ainda mais animada, como se estivesse cuidando de um problema de grande importância social – *se* havia outro. Pense só. – Ela acenou em direção à bandeja. – Pode não haver mais nenhum sanduíche de presunto ainda na pilha. E não seria possível revirar todos eles, procurando. Seria muito indelicado.

Ele a observou, pensativo, depois disse:

– A senhorita gosta das coisas organizadas, não é?

– Ah, gosto – disse ela com convicção. – Gosto mesmo.

Gregory pensou em seu próprio jeito desorganizado. Ele jogava os sapatos no armário, deixava convites espalhados... No ano anterior, havia liberado seu criado pessoal do serviço por uma semana para que ele visitasse o pai doente, e quando o pobre homem voltara, o caos na mesa de Gregory quase o matara.

Gregory olhou para o rosto sério de Lady Lucinda e riu. Ele provavelmente a deixaria maluca em menos de uma semana também.

– Gostou do sanduíche? – perguntou ela, quando ele deu uma mordida. – De pepino?

– Muito intrigante – murmurou ele.

– Fico me perguntando se a comida deveria ser algo intrigante.

Ele terminou o sanduíche.

– Não tenho certeza.

Ela assentiu distraidamente, e em seguida disse:

– O de presunto está bom.

Eles passaram então para um silêncio sociável enquanto olhavam ao redor da sala. Os músicos tocavam uma valsa animada e as saias das damas ondulavam como sinos de seda quando giravam e rodopiavam. Era impossível assistir à cena e não ter a sensação de que a noite em si estava viva, inquieta com toda aquela energia, esperando para fazer a sua jogada.

Algo iria acontecer naquela noite. Gregory tinha certeza disso. A vida de alguém mudaria.

Se tivesse sorte, seria a dele.

Suas mãos começaram a formigar. Os pés também. Ele estava tendo de se controlar ao máximo para conseguir ficar parado. Queria se mexer, *fazer* alguma coisa. Queria colocar sua vida em movimento, estender a mão e alcançar seus sonhos.

Queria se mexer. Não podia ficar parado. Ele...

– A senhorita quer dançar?

Ele não tinha a intenção de perguntar. Mas quando se virara, Lucy estava bem ali ao seu lado e as palavras simplesmente saíram.

Os olhos dela se iluminaram. Mesmo com a máscara, ele podia ver que ela estava encantada.

– Sim – respondeu. E estava quase suspirando quando acrescentou: – Adoro dançar.

Ele pegou sua mão e levou-a até a pista de dança. A valsa estava no auge e eles logo se ajustaram ao ritmo, que parecia contagiá-los, torná-los um só. Gregory só precisava pressionar a mão na cintura de Lucy e ela se movia exatamente como ele havia imaginado. Os dois giravam, rodopiavam, o ar correndo pelos seus rostos tão rápido que os fazia rir.

Era perfeito. De tirar o fôlego. Era como se a música os tivesse invadido e guiasse todos os seus movimentos.

E então acabou.

Tão depressa... Depressa *demais*. Por um instante depois do fim da música eles continuaram ali, ainda nos braços um do outro, envoltos pela lembrança da melodia.

– Ah, isso foi formidável – disse Lady Lucinda, os olhos brilhando.

Gregory a soltou e fez uma reverência.

– A senhorita é uma excelente dançarina, Lady Lucinda. Eu sabia que seria.

– Obrigada, eu... – Ela o encarou. – O senhor sabia?

– Eu... – Por que ele tinha dito isso? Não tivera essa intenção. – A senhorita é muito graciosa – falou finalmente, levando-a de volta para a lateral do salão de baile.

Muito mais graciosa do que a Srta. Watson, na verdade, apesar de isso fazer sentido, considerando o que Lucy dissera sobre a habilidade para a dança da amiga.

– É seu jeito de andar – acrescentou, já que ela parecia estar esperando uma explicação mais detalhada.

E aquilo teria de bastar, porque ele não estava disposto a falar mais nada sobre o assunto.

– Ah – disse ela, e os lábios se curvaram só um pouquinho para cima.

Mas foi o suficiente para surpreendê-lo. Ela parecia... feliz. Gregory percebeu que não era o caso da maioria das pessoas. Elas pareciam se divertir, ou ficarem entretidas, ou satisfeitas.

Lady Lucinda parecia *feliz*. Ele gostava disso.

– Queria saber onde Hermione está – disse ela, olhando ao redor.

– Ela não veio com a senhorita? – perguntou Gregory, surpreso.

– Veio. Mas então encontramos com Richard e ele a chamou para dançar. *Não* – acrescentou Lucy com veemência – porque esteja apaixonado por ela. Ele estava apenas sendo educado. Isso é o que se faz pelas amigas da irmã.

– Tenho quatro irmãs – lembrou Gregory. – Eu sei. – Mas então ele se lembrou. – Pensei que a Srta. Watson não dançasse.

– E não dança. Mas Richard não sabe disso. Ninguém sabe. A não ser eu. E o senhor. – Ela olhou para ele com certa urgência. – Por favor, não conte a ninguém. Eu imploro. Hermione ficaria arrasada.

– Meus lábios estão selados – prometeu Gregory.

– Imagino que tenham saído para ir atrás de alguma bebida – sugeriu Lucy, inclinando-se um pouco para o lado para tentar ver a mesa de limonada. – Hermione falou algo sobre o calor. É a sua desculpa favorita. E quase sempre funciona quando alguém a convida para dançar.

– Não estou vendo os dois – disse Gregory, seguindo o olhar dela.

– Não, o senhor não veria mesmo. – Ela virou de volta para ele, balançando de leve a cabeça. – Não sei por que eu estava procurando. Isso já foi há algum tempo.

– Mais do que se leva para tomar uma bebida?

Ela riu.

– Hermione pode fazer um copo de limonada durar a noite inteira quando precisa. Mas acho que Richard teria perdido a paciência.

Gregory achava que o irmão dela ficaria feliz em cortar o braço direito se isso lhe desse a chance de olhar para a Srta. Watson enquanto ela fingia beber limonada, mas não havia muito sentido em tentar convencer Lucy disso.

– Acredito que tenham decidido dar um passeio – disse ela, obviamente despreocupada.

Mas Gregory se sentiu logo meio inquieto.

– Lá fora?

Ela deu de ombros.

– Imagino que sim. Com certeza não estão aqui no salão de baile. Hermione não pode se esconder na multidão. O cabelo dela, o senhor sabe.

– Mas a senhorita acha que é prudente os dois saírem sozinhos? – pressionou Gregory.

Lady Lucinda olhou para ele como se não conseguisse entender a urgência em sua voz.

– Acho difícil estarem sozinhos – disse ela. – Há pelo menos umas vinte pessoas lá fora. Olhei pelas portas de vidro.

Gregory se forçou a ficar calmo enquanto pensava no que fazer. Era óbvio que precisava encontrar a Srta. Watson, e rápido, antes que ela fosse submetida a qualquer situação que pudesse ser considerada irrevogável.

Irrevogável.

Jesus.

Vidas podiam mudar em um único instante. Se a Srta. Watson estava mesmo lá fora com o irmão de Lucy... Se alguém os pegasse...

Um calor estranho começou a subir dentro dele, uma sensação de raiva e ciúme completamente desagradável. A Srta. Watson podia estar em perigo... ou podia não estar. Talvez ela gostasse dos avanços de Fennsworth...

Não. Não, ela não faria isso. Ele afastou o pensamento. A Srta. Watson achava estar apaixonada por aquele ridículo Sr. Edmonds, quem quer que ele fosse. E não ficaria feliz com os avanços de Gregory *nem* com os de lorde Fennsworth.

Mas será que o irmão de Lucy tinha aproveitado uma oportunidade que *Gregory* perdera? Doía, bem ali em seu peito, como uma bala de canhão, aquela *sensação*, aquela emoção, aquela coisa maldita... terrível... enlouquecedora...

– Sr. Bridgerton?

Nojenta. Sim, definitivamente nojenta.

– Sr. Bridgerton, há alguma coisa errada?

Ele moveu a cabeça apenas o necessário para encarar Lady Lucinda, mas mesmo assim levou vários segundos para conseguir se concentrar em suas feições. Os olhos dela estavam aflitos, a boca contraída em uma linha de preocupação.

– O senhor não parece bem – disse ela.

– Estou bem – grunhiu ele.

– Mas...

– Estou *bem*.

Lucy recuou.

– Sim, é claro que está.

Como Fennsworth tinha feito isso? Como tinha conseguido sair sozinho com a Srta. Watson? Ele ainda era tão inexperiente, pelo amor de Deus... Mal tinha saído da universidade, e nunca tinha morado em Londres. E Gregory era... Bem, mais experiente do que isso.

Devia ter prestado mais atenção.

Nunca devia ter permitido isso.

– Acho que vou procurar Hermione – disse Lucy, afastando-se devagar. – Posso ver que o senhor prefere ficar sozinho.

– Não – disparou Gregory, com um pouco mais de veemência do que pretendia. – Vou acompanhá-la. Vamos procurar juntos.

– O senhor acha isso prudente?

– Por que não seria?

– Eu... não sei. – Ela parou e o fitou com os olhos arregalados, sem piscar, e por fim disse: – Só não acho que seja. O senhor mesmo acabou de questionar se

teria sido prudente Richard e Hermione saírem juntos.

– A senhorita com certeza não pode revistar a casa sozinha.

– É claro que não – retrucou Lucy, como se ele fosse tolo por sequer ter sugerido isso. – Eu estava indo procurar Lady Bridgerton.

Kate? Meu Deus.

– Não faça *isso* – disse ele, depressa.

E talvez com um pouco de desdém também, embora não tivesse sido sua intenção.

Mas ela claramente se ofendeu, porque sua voz saiu bem firme e direta quando perguntou:

– E por que não?

Ele se aproximou, o tom de voz baixo e urgente:

– Se Kate encontrá-los e eles não estiverem dentro das regras do decoro, estarão casados em menos de duas semanas. Guarde minhas palavras.

– Não seja ridículo. É claro que eles estarão dentro das regras do decoro – sibilou Lucy, e Gregory se surpreendeu, porque nunca lhe ocorreu que ela pudesse defendê-los com tanto vigor. – Hermione nunca se comportaria de forma indevida – continuou, furiosamente. – Nem Richard, aliás. Ele é meu irmão. Meu *irmão*.

– Ele a ama – disse Gregory simplesmente.

– Não. Ele. *Não*. Ama. – Deus do céu, ela parecia prestes a explodir. – E, mesmo que amasse – seguiu, afrontando-o –, o que não é verdade, ele *nunca* a desonraria. Nunca. Ele, não. Não...

– Não o quê?

Ela engoliu em seco.

– Ele não faria isso *comigo*.

Gregory não podia acreditar na ingenuidade dela.

– Ele não está pensando na *senhorita*, Lady Lucinda. Na verdade, creio que a senhorita não tenha passado pela cabeça dele nem uma vez.

– Que coisa terrível de se dizer.

Gregory deu de ombros.

– Ele é um homem apaixonado. Portanto, é um homem insensato.

– Ah, é *assim* que funciona? – retrucou ela. – Então isso faz com que o *senhor* também seja insensato?

– Não – respondeu ele laconicamente, e percebeu que era verdade.

Gregory já havia se acostumado a esse estranho fervor. Tinha recuperado seu equilíbrio. E, como um cavalheiro com muito mais experiência, estava, mesmo quando a Srta. Watson não era uma questão, mais em posse de seu juízo do que Fennsworth.

Lady Lucinda encarou-o com um olhar impaciente e desdenhoso.

– Richard não está apaixonado por ela. Não sei de quantas maneiras posso lhe explicar isso.

– A senhorita está enganada – disse Gregory, sem rodeios.

Vinha observando Fennsworth havia dois dias. E o vira olhando para a Srta. Watson. Rindo de suas piadas. Buscando bebidas para ela. Escolhendo uma flor silvestre e colocando atrás da orelha dela.

Se aquilo não era amor, então Richard Abernathy era o irmão mais velho mais atencioso, carinhoso e altruísta da história da humanidade.

E, sendo ele mesmo um irmão mais velho – um que muitas vezes tinha sido obrigado a cercar de atenção as amigas da caçula –, Gregory poderia dizer categoricamente que não existia um homem na mesma condição que a sua com níveis tão elevados de consideração e devoção.

Era natural amar a irmã, é claro, mas não a ponto de sacrificar cada minuto pelo bem da melhor amiga dela, sem nenhum tipo de compensação.

A menos que um amor patético e não correspondido entrasse na equação.

– Não estou enganada – afirmou Lady Lucinda, parecendo querer cruzar os braços. – E vou chamar Lady Bridgerton.

Gregory fechou a mão em torno do pulso dela.

– Isso seria um erro de proporções grandiosas.

Ela puxou a mão, mas ele não a soltou.

– Não seja condescendente comigo – sibilou.

– Não estou sendo. Estou só orientando-a.

Lucy ficou boquiaberta. Gregory teria apreciado a visão, se não estivesse tão furioso com tudo mais no mundo naquele momento.

– O senhor é insuportável – disse ela, quando se recuperou.

Ele deu de ombros.

– Às vezes.

– *E* delirante.

– Muito bem, Lady Lucinda. – Tendo sete irmãos, Gregory não podia deixar de apreciar qualquer piada ou réplica bem colocada. – Mas eu admiraria muito mais suas habilidades verbais se não estivesse tentando impedi-la de fazer algo assim tão monumentalmente estúpido.

Ela estreitou os olhos em direção a ele e disse:

– Não vou mais me dar o trabalho de falar com o senhor.

– Nunca mais?

– Vou procurar Lady Bridgerton – anunciou ela.

– Vai me procurar? Por quê?

Era a última voz que Gregory queria ouvir.

Ele se virou. Kate estava de frente para os dois, observando-os com uma sobrancelha levantada.

Ninguém falou nada.

Kate olhou enfaticamente para a mão de Gregory, ainda no pulso de Lady Lucinda. Ele a soltou, dando um passo rápido para trás.

– Há algo que queiram me contar? – perguntou Kate, a voz uma mistura terrível de indagação refinada e autoridade moral.

Gregory lembrou que sua cunhada podia ser bastante imponente quando desejava.

Lady Lucinda – é *claro* – se pronunciou no mesmo instante:

– O Sr. Bridgerton acha que Hermione pode estar em perigo.

O comportamento de Kate mudou na mesma hora.

– Perigo? Aqui?

– Não – grunhiu Gregory.

Mas o que realmente queria ter dito era “Eu vou *matar* a senhorita”. Lady Lucinda, para ser mais preciso.

– Já faz algum tempo que eu não a vejo – continuou a tola irritante. – Chegamos juntas, mas isso já faz quase uma hora.

Kate correu os olhos em volta, parando ao ver as portas que davam para fora.

– Ela não pode estar no jardim? Muitos convidados foram para lá.

Lady Lucinda balançou a cabeça.

– Eu não a vi. Já olhei.

Gregory não disse nada. Era como se estivesse assistindo à destruição do mundo diante de seus olhos. E, pensando bem, o que poderia fazer para impedir?

– Não está lá fora? – indagou Kate.

– Não achei que houvesse nada errado – disse Lady Lucinda, importunamente. – Mas o Sr. Bridgerton ficou logo preocupado.

– Ficou? – Kate virou de repente para ele. – Você ficou? Por quê?

– Podemos falar sobre isso outra hora? – resmungou Gregory.

Kate imediatamente o ignorou e encarou Lucy.

– Por que ele ficou preocupado?

Lady Lucinda engoliu em seco. Então, sussurrou:

– Acho que ela pode estar com o meu irmão.

Kate ficou pálida.

– Isso não é bom.

– Richard nunca faria nada impróprio – falou Lucy. – Eu garanto.

– Ele está apaixonado por ela – observou Kate.

Gregory não falou nada. A vingança nunca fora menos doce.

Lucy olhou de Kate para Gregory, a expressão quase beirando o pânico.

– Não – sussurrou. – Não, a senhora está enganada.

– Não estou, não – retrucou Kate com a voz grave. – E nós precisamos encontrá-los. Depressa.

Ela então se virou e imediatamente foi em direção à porta. Gregory a seguiu, as longas pernas alcançando-a com facilidade. Lady Lucinda pareceu ficar paralisada por um instante, então de repente pôs-se em ação, saindo depressa atrás deles.

– Ele nunca faria nada contra a vontade de Hermione – disse ela com urgência. – Eu garanto.

Kate parou e se virou. Olhou para Lucy, o rosto franco e, talvez, um pouco triste também, como se reconhecesse que a jovem estava, naquele momento, perdendo um pouco de sua inocência, e ela, Kate, lamentasse ser a responsável por isso.

– Ele pode não precisar – falou Kate, calmamente.

Forçá-la. Kate não disse isso, mas as palavras pairaram no ar.

– Ele pode não... O que a senhora...

Gregory viu o momento em que ela se deu conta. Seus olhos, de coloração sempre tão mutável, nunca pareceram mais cinzentos.

Chocados.

– Precisamos encontrá-los – sussurrou Lucy.
Kate assentiu e os três silenciosamente deixaram a sala.

CAPÍTULO 10

No qual o amor triunfa... mas não para nosso herói e nossa heroína.

Lucy seguiu Lady Bridgerton e Gregory pelo corredor, tentando conter a ansiedade que crescia dentro dela. Sentia algo estranho no estômago e sua respiração não parecia normal.

Além disso, sua mente não clareava. Ela precisava se concentrar no assunto em questão. Sabia que tinha de dedicar todos os esforços na busca, mas parecia que parte de seu cérebro continuava zonza, em pânico, incapaz de evitar uma terrível sensação de mau presságio.

Que ela não entendia. Lucy não *queria* que Hermione se casasse com seu irmão? Não dissera ao Sr. Bridgerton que ver os dois juntos, ainda que fosse improvável, seria maravilhoso? Hermione seria sua irmã no papel, não apenas de coração, e Lucy não podia imaginar nada mais perfeito. Mas ainda assim, ela se sentia... Apreensiva.

E um pouco irritada também.

Além de culpada, é claro. Afinal, que direito tinha de se sentir irritada?

– É melhor nos separarmos para procurar – instruiu o Sr. Bridgerton, após dobrarem várias esquinas e os sons do baile de máscaras parecerem distantes.

Ele arrancou a máscara, as duas damas fizeram o mesmo e eles deixaram todas elas em uma mesinha em um recanto do corredor.

Lady Bridgerton balançou a cabeça.

– Não podemos. *Você* com certeza não pode encontrá-los sozinho – disse a ele. – Não quero nem pensar nas consequências de a Srta. Watson estar a sós com dois cavalheiros solteiros.

Sem mencionar a reação dele, pensou Lucy. O Sr. Bridgerton lhe parecia um homem calmo, portanto ela não sabia se ele seria capaz de encontrar os dois sozinho e não se sentir na obrigação de fazer um discurso sobre a honra e a

defesa da virtude, o que sempre levava ao desastre. Sempre. No entanto, dada a intensidade dos sentimentos dele por Hermione, sua reação poderia ser um pouco menos honrada e virtuosa e um pouco mais furiosa e ciumenta.

Pior ainda: embora o Sr. Bridgerton não soubesse mirar direito, Lucy não tinha dúvida de que ele seria capaz de deixar um olho roxo com velocidade letal.

– E *ela* não pode ficar sozinha – continuou Lady Bridgerton, apontando na direção de Lucy. – Está escuro. E deserto. E os cavalheiros estão usando máscaras, pelo amor de Deus. Isso relaxa a consciência.

– Eu também não saberia onde procurar – acrescentou Lucy.

Era uma casa grande. Estava ali havia cerca de uma semana, mas duvidava que tivesse visto metade do lugar.

– Vamos permanecer juntos – disse Lady Bridgerton com firmeza.

Pareceu que Gregory queria argumentar, mas se controlou e, em vez disso, falou:

– Ótimo. Então não vamos perder tempo.

Em seguida saiu andando, as pernas compridas dando passos largos que as duas teriam que correr para acompanhar.

Ele escancarava portas e as largava abertas, empenhado demais em chegar ao próximo cômodo para deixar as coisas como encontrara. Lucy vinha atrás dele, procurando do outro lado do corredor. Lady Bridgerton estava um pouco mais à frente, fazendo o mesmo.

– Ah! – exclamou Lucy em certo momento, dando um pulinho para trás e batendo uma porta.

– Achou os dois? – perguntou Gregory, correndo até ela ao mesmo tempo que Kate.

– Não – respondeu Lucy, ficando ruborizada. Engoliu em seco. – Outras pessoas.

Lady Bridgerton gemeu.

– Meu Deus. Por favor, diga que não era uma dama solteira.

Lucy abriu a boca, mas vários segundos se passaram antes que dissesse:

– Não sei. Por causa das máscaras...

– Eles estavam usando máscaras? – disse Lady Bridgerton. – São casados, então. E não um com o outro.

Lucy queria muito perguntar como ela havia chegado a essa conclusão, mas não teve coragem, e, além disso, o Sr. Bridgerton interrompeu seus pensamentos, passando na frente dela e abrindo a porta com força. Um grito feminino cortou o ar, seguido de uma voz masculina irritada, proferindo palavras que Lucy não se atrevia a repetir.

– Desculpe – resmungou o Sr. Bridgerton. – Continuem. – Enquanto fechava a porta, anunciou: – Morley e a esposa de Winstead.

– Ah – falou Lady Bridgerton, surpresa. – Eu não tinha ideia.

– Devemos fazer alguma coisa? – quis saber Lucy.

Deus do céu, havia pessoas cometendo *adultério* a menos de 3 metros dela.

– Isso é problema de Winstead – respondeu o Sr. Bridgerton severamente. – Temos nossos próprios assuntos para tratar.

Os pés de Lucy continuaram grudados no lugar quando ele se afastou depressa de novo, pisando firme pelo corredor. Lady Bridgerton olhou para a porta, parecendo querer abrir e dar uma espiada lá dentro, mas por fim suspirou e seguiu o cunhado.

Lucy ficou parada, tentando descobrir exatamente o que perturbava sua mente. O casal em cima da mesa – da *mesa* – tinha sido um choque, mas outra coisa a incomodava. Havia algo errado com relação à cena. Alguma coisa fora do lugar. Fora de contexto.

Ou talvez algo que estivesse despertando uma lembrança.

O que era?

– A senhorita não vem? – perguntou Lady Bridgerton.

– Sim – respondeu Lucy. Então ela se aproveitou de sua inocência e juventude e acrescentou: – Foi um choque, entende? Só preciso de um instante.

Lady Bridgerton lançou-lhe um olhar compreensivo e acenou com a cabeça, mas continuou em frente, inspecionando os cômodos do lado esquerdo do corredor.

O que ela vira? Havia o homem e a mulher, é claro, e a já mencionada mesa. Duas cadeiras cor-de-rosa. Um sofá listrado. Uma mesa lateral, com um vaso de flores...

Flores. Era isso.

Ela sabia onde estavam.

Se Lucy estivesse errada e todos os outros, certos, e seu irmão realmente estivesse apaixonado por Hermione, só havia um lugar para onde ele a levaria para tentar convencê-la a retribuir seus sentimentos.

O jardim de inverno. Ficava do outro lado da casa, longe do salão de baile. Era repleto de laranjeiras, flores e lindas plantas tropicais que lorde Bridgerton devia ter gastado uma fortuna para importar. Orquídeas refinadas, rosas raras e até mesmo humildes flores silvestres, levadas lá para dentro e replantadas com cuidado e devoção.

Não havia lugar mais romântico à luz do luar, e nenhum outro local em que seu irmão se sentiria mais à vontade. Ele adorava flores. Sempre gostara, e tinha uma memória impressionante para guardar seus nomes, tanto os científicos quanto os comuns. Estava sempre falando sobre alguma planta, citando algum tipo de curiosidade – “Esta só se abre ao luar”, “Aquela se assemelha a tal planta trazida da Ásia”. Lucy sempre achara isso um tanto tedioso, mas via como podia parecer romântico quando quem falava não era seu irmão.

Ela olhou para o corredor. Os Bridgertons tinham parado para falar algo entre si e Lucy podia ver, pela postura deles, que a conversa estava sendo bem intensa.

Não seria melhor se fosse ela, Lucy, que os encontrasse? Sem *nenhum* dos Bridgertons?

Se conseguisse fazer isso sozinha, poderia alertá-los e evitar o desastre. Se Hermione quisesse se casar com seu irmão... bem, seria por escolha própria, não por obrigação, depois de ter sido flagrada em uma situação comprometedora.

Lucy sabia o caminho do jardim de inverno. Poderia chegar lá em minutos.

Deu um passo cauteloso para trás em direção ao salão de baile. Nem Gregory nem Lady Bridgerton pareceram notá-la.

Ela se decidiu.

Deu seis passos silenciosos, recuando até a esquina. Então, após dar uma última olhada rápida no corredor, sumiu de vista e saiu em disparada.

Levantou as saias e correu como o vento – ou ao menos tão rápido quanto pôde, com seu pesado vestido de baile de veludo. Não tinha ideia de quanto tempo levaria para que os Bridgertons notassem sua ausência, e, embora eles não soubessem para onde estava indo, não tinha dúvidas de que a achariam. Tudo o que Lucy tinha a fazer era encontrar Hermione e Richard primeiro. Se

conseguisse fazer isso, poderia empurrar Hermione para fora do jardim e dizer que tinha encontrado Richard sozinho lá dentro.

Ela não teria muito tempo, mas tinha certeza de que daria certo.

Lucy chegou ao corredor principal, diminuindo o ritmo ao máximo que a situação permitia ao passar por ele. Havia criados por ali, talvez alguns convidados atrasados também, e ela não podia levantar suspeitas correndo.

Saiu depressa para o corredor oeste, derrapando em uma curva quando começou a correr novamente. Seus pulmões começaram a arder e sua pele estava úmida de suor por baixo do vestido, mas ela não reduziu o passo. Não faltava muito agora. Ela ia conseguir. Sabia que era capaz.

Tinha de ser.

Então Lucy enfim estava de frente para as pesadas portas duplas do jardim de inverno. Levou a mão decididamente a uma das maçanetas e já ia girá-la, mas, em vez disso, curvou-se, tentando recuperar o fôlego.

Seus olhos ardiam e ela tentou se reerguer, porém foi atingida por uma imensa onda de pânico. Era física, palpável e a dominou tão depressa que ela teve de se agarrar à parede em busca de apoio.

Por Deus, não queria abrir aquela porta. Não queria vê-los ou saber o que tinham andado fazendo, nem como, nem por quê. Queria que tudo voltasse ao que era apenas três dias antes.

Será que não era possível voltar no tempo? Eram apenas *três dias*. Três dias e Hermione ainda estaria apaixonada pelo Sr. Edmonds, o que não chegava a ser um problema verdadeiro, já que não daria em nada mesmo, e Lucy ainda seria...

Ainda seria ela mesma, feliz e confiante. *Praticamente* noiva.

Por que tudo tinha de *mudar*? A vida de Lucy estava mais do que aceitável do jeito que era. Todos tinham seu lugar, as coisas encontravam-se na mais perfeita ordem e ela não precisava *pensar* tanto a respeito de tudo. Não se importava com o que o amor significava ou como era, seu irmão não era secretamente apaixonado por sua melhor amiga e seu casamento era um plano distante. Lucy era *feliz*.

E queria tudo de volta.

Agarrou a maçaneta com mais força e tentou girá-la, mas sua mão não se movia. O pânico ainda estava lá, paralisando seus músculos, pressionando seu peito. Ela não conseguia se concentrar. Não conseguia pensar.

E suas pernas começaram a tremer.

Ah, meu Deus, ela ia cair. Bem ali, a centímetros de seu objetivo, ela ia desabar no chão. E então...

– *Lucy!*

Era o Sr. Bridgerton, que vinha correndo até ela, e então Lucy percebeu que falhara.

Tinha conseguido chegar à estufa a tempo, mas ficara ali parada junto à porta como uma idiota, com os dedos na maldita maçaneta e...

– Meu Deus, Lucy, no que você estava pensando?

Ele a agarrou pelos ombros e Lucy se apoiou em sua força. Ela queria desabar em cima dele e esquecer.

– Me desculpe – sussurrou. – Me desculpe.

Não sabia pelo que estava se desculpando, mas falou isso assim mesmo.

– Aqui não é lugar para uma mulher sozinha – disse Gregory, e sua voz soou diferente. Rouca. – Os homens andaram bebendo, e usam as máscaras para se permitirem... – Ele se calou por um tempo e depois completou: – As pessoas não estão em seu estado normal.

Ela assentiu e enfim ergueu os olhos do chão até o rosto dele. Então viu aqueles traços que tinham se tornado tão familiares. As ondas suaves de seu cabelo, a pequena cicatriz perto de sua orelha esquerda...

Lucy engoliu em seco e tentou respirar fundo. Não conseguiu fazer isso normalmente, mas chegou perto.

– Me desculpe – repetiu, porque não sabia mais o que dizer.

– Meu Deus – disse Gregory, examinando o rosto dela com urgência –, o que aconteceu? Você está bem? Por acaso alguém...

Ele afrouxou um pouco as mãos enquanto olhava com desespero em volta.

– Quem fez isso? – perguntou. – Quem fez você...

– Não – respondeu Lucy, balançando a cabeça. – Não foi ninguém. Fui só eu. Eu... queria encontrá-los. Achei que se eu... Bem, não queria que vocês... E então eu... E depois cheguei aqui, e...

Os olhos de Gregory correram rapidamente para as portas da estufa.

– Eles estão aí dentro?

– Não sei. Acho que sim. Não consegui...

O pânico enfim estava diminuindo – tinha quase sumido, na verdade – e tudo parecia tão estúpido agora. Sentia-se tão tola. Tinha ficado ali junto à porta e não fizera nada. Nada.

– Eu não consegui abrir a porta – sussurrou ela, finalmente.

Precisava lhe dizer isso. Não sabia explicar o que tinha acontecido, mas tinha de dizer a ele. Porque ele a encontrara. E isso fizera a diferença.

– Gregory! – Lady Bridgerton chegou de repente e quase se chocou contra eles, claramente sem fôlego por ter tentado acompanhá-lo. – Lady Lucinda! Por que a senhorita... A senhorita está bem?

Ela parecia tão preocupada que Lucy se perguntou como devia estar. Sentia-se pálida. Sentia-se pequena, na verdade, mas como devia estar seu rosto para fazer com que Lady Bridgerton olhasse para ela com uma aflição tão óbvia?

– Eu estou bem – disse Lucy, aliviada por Lady Bridgerton não tê-la visto como Gregory a encontrara. – Só um pouco agitada. Acho que corri rápido demais. Que tolice a minha. Sinto muito.

– Quando nos viramos a senhorita havia sumido... – falou Lady Bridgerton.

Parecia tentar ser severa, mas a preocupação franzia sua testa e seus olhos brilhavam de delicadeza.

Lucy queria chorar. Ninguém nunca tinha olhado para ela assim. Hermione a amava e Lucy sentia-se muito reconfortada com isso, mas aquilo era diferente. Lady Bridgerton não devia ser muito mais velha do que ela – dez, talvez quinze anos –, mas a maneira como a fitava... Era quase maternal.

Durou apenas um instante – só alguns segundos, na verdade –, mas ela podia fingir. E talvez desejar, só um pouco.

Lady Bridgerton se aproximou depressa e passou um braço pelos ombros de Lucy, puxando-a para longe de Gregory, que ficou parado no mesmo lugar.

– Tem certeza de que está bem? – perguntou.

Lucy anuiu.

– Estou. Agora estou.

Lady Bridgerton olhou para Gregory. Ele assentiu. Uma vez.

Lucy não sabia o que aquilo significava.

– Achei que eles poderiam estar dentro do jardim – disse ela, sem saber direito o que ouvia em sua voz... resignação ou arrependimento.

– Muito bem – retrucou Lady Bridgerton, aprumando os ombros quando foi até a porta. – Não temos muitas opções, não é?

Lucy balançou a cabeça. Gregory não fez nada.

Lady Bridgerton respirou fundo e abriu a porta. Lucy e Gregory na mesma hora se aproximaram para espiar lá dentro, mas o jardim de inverno estava escuro, e a única luz era a do luar, que brilhava através das amplas janelas.

– Droga.

Lucy se retraiu de surpresa. Ela nunca tinha ouvido uma mulher praguejar antes.

Por um momento o trio ficou parado, e depois Lady Bridgerton adiantou-se e gritou:

– Lorde Fennsworth! Lorde Fennsworth, por favor responda. O senhor está aqui?

Lucy começou a chamar Hermione, mas Gregory tapou sua boca.

– Não – sussurrou ele em seu ouvido. – Se há mais alguém aqui, não queremos que saiba que estamos procurando os dois.

Lucy assentiu, sentindo-se aflitivamente ingênua. Ela pensara que sabia alguma coisa sobre o mundo, mas nos últimos dias parecia entender cada vez menos. O Sr. Bridgerton se afastou, avançando para dentro do jardim. Parou, então, com as mãos nos quadris, a expressão bem atenta, enquanto examinava o lugar.

– Lorde Fennsworth! – chamou Lady Bridgerton de novo.

Dessa vez, eles ouviram um farfalhar suave e lento. Como se alguém tentasse se esconder.

Lucy se virou em direção ao som, mas ninguém apareceu. Ela mordeu o lábio. Talvez fosse apenas um animal. Havia vários gatos em Aubrey Hall. Dormiam num cercadinho perto da porta da cozinha, mas talvez um deles tivesse perdido o caminho e ficado preso no jardim.

Só podia ser um gato. Se fosse Richard, ele teria aparecido quando ouviu seu nome.

Ela olhou para Lady Bridgerton, esperando para ver o que ela faria em seguida. A viscondessa fitava o cunhado fixamente, murmurando alguma coisa, fazendo um gesto com as mãos e apontando na direção do barulho.

Gregory assentiu para ela, em seguida caminhou em silêncio, as pernas compridas atravessando a sala com uma velocidade impressionante, até...

Lucy engasgou. Antes que tivesse tempo de piscar, Gregory havia disparado para a frente, um som estranho e primitivo escapando-lhe da boca. Em seguida ele saltou no ar e aterrissou com um baque surdo, grunhindo:

– Peguei você!

– Ah, não.

Lucy cobriu a boca com a mão. O Sr. Bridgerton tinha prendido alguém no chão e suas mãos pareciam estar muito perto da garganta da pessoa.

Lady Bridgerton disparou em direção a eles, e Lucy, ao vê-la, finalmente se lembrou dos próprios pés e também correu até lá. Se fosse Richard – *Ah, por favor, que não seja Richard* –, precisava alcançá-lo antes que o Sr. Bridgerton o matasse.

– Me... *solte*!

– Richard! – gritou Lucy, com a voz estridente.

Era a voz dele. Sem dúvida alguma.

A figura no chão se contorcia e então ela pôde ver seu rosto.

– Lucy?

Ele parecia surpreso.

– *Ah, Richard...* – disse ela, as duas palavras carregadas de decepção.

– Cadê ela? – exigiu Gregory.

– Ela quem?

Lucy sentiu-se mal. Richard fingia não saber de quem ele falava. Ela o conhecia bem demais. O irmão estava mentindo.

– A Srta. Watson – grunhiu Gregory.

– Eu não sei do que...

Um horrível barulho gorgolejante veio da garganta de Richard.

– Gregory! – exclamou Lady Bridgerton, agarrando o braço do cunhado. – Pare!

Ele relaxou um pouco as mãos em torno do pescoço de Richard.

– Talvez ela não esteja aqui – disse Lucy. Sabia que não era verdade, mas de alguma forma parecia ser a melhor maneira de salvar a situação. – Richard adora flores. Sempre adorou. E ele não gosta de festas.

– É verdade – concordou Richard, arfando.

– Gregory, você precisa deixá-lo se levantar – falou Lady Bridgerton.

Lucy virou para ela quando a ouviu, e foi nesse momento que viu. Atrás de Lady Bridgerton.

A cor rosa. Apenas de relance. Mais como um risco, na verdade, mal visível através das plantas.

Hermione estava usando um vestido daquele mesmo tom.

Os olhos de Lucy se arregalaram. Talvez fosse apenas uma flor. Havia montes de flores rosa. Virou de volta para Richard. Bem rápido.

Rápido demais. O Sr. Bridgerton viu quando ela virou a cabeça.

– O que você viu? – perguntou ele.

– Nada.

Mas ele não acreditou nela. Soltou Richard e começou a ir na direção em que ela estava olhando, mas o irmão de Lucy rolou para o lado e agarrou um dos tornozelos dele. Gregory caiu com um grito e revidou o golpe rapidamente, agarrando a camisa de Richard e puxando com força suficiente para arrastar a cabeça dele no chão.

– Não! – gritou Lucy, correndo até eles.

Deus do céu, eles iam se matar. Primeiro o Sr. Bridgerton estava por cima, então Richard, depois o Sr. Bridgerton, em seguida ela não sabia dizer *quem* estava ganhando, só tinha certeza de que eles não paravam de se esmurrar.

Lucy queria desesperadamente separá-los, mas não via como poderia fazer isso sem o risco de se machucar. Os dois estavam incapacitados de notar algo tão mundano quanto uma pessoa.

Talvez Lady Bridgerton pudesse detê-los. Era sua casa, e os convidados, sua responsabilidade. Ela teria como cuidar daquela situação com mais autoridade do que Lucy podia esperar ter.

– Lady Br... – começou a dizer ela, mas parou.

Lady Bridgerton não estava no lugar em que Lucy a vira momentos antes.

Ah, *não*.

Lucy procurou freneticamente.

– Lady Bridgerton? Lady Bridgerton?

De repente a viu, voltando em sua direção, passando por entre as plantas e segurando Hermione pelo pulso. O cabelo de Hermione estava desgrenhado, seu vestido, amassado e sujo, e ela parecia prestes a chorar.

– Hermione? – sussurrou Lucy.

O que tinha acontecido? O que Richard fizera?

Por um instante, Hermione não fez nada. Só ficou ali parada como um cãozinho culpado, o braço estendido à frente, quase como se tivesse esquecido que Lady Bridgerton ainda a segurava.

– Hermione, o que aconteceu?

Lady Bridgerton a soltou e ela correu até a amiga.

– Ah, Lucy – disse, com a voz trêmula. – Eu sinto muito.

Lucy ficou em estado de choque, abraçando-a, sem jeito. Hermione a agarrava como uma criança, mas Lucy não sabia como agir. Seus braços pareciam estranhos, não propriamente ligados ao corpo. Ela olhou para além do ombro de Hermione, para o chão. Os homens enfim haviam parado de lutar, mas ela não tinha certeza se isso importava.

– Hermione? – Lucy deu um passo para trás, afastando-se o suficiente para ver o rosto da amiga. – O que aconteceu?

– Ah, Lucy... – disse Hermione. – Eu *estremeci*.

Uma hora mais tarde, Hermione e Richard estavam noivos e Lady Lucinda tinha sido conduzida de volta à festa. Não que fosse conseguir se concentrar em qualquer coisa que alguém dissesse, mas Kate insistira.

Gregory estava bêbado. Ou, pelo menos, fazendo de tudo para ficar.

Ele imaginava que a noite tinha lhe feito alguns pequenos favores. Não tinha chegado de fato a se deparar com lorde Fennsworth e a Srta. Watson em flagrante delito. O que quer que estivessem fazendo – e Gregory estava gastando uma boa dose de energia para *não* pensar nisso –, tinham interrompido quando Kate chamara Fennsworth.

Mesmo agora, tudo parecia um teatro. Hermione se desculpara, então Lucy se desculpara, depois *Kate* se desculpara, o que parecera completamente sem sentido até ela terminar a frase com:

–... mas, a partir de agora, vocês estão noivos.

Fennsworth parecera maravilhado, aquele cretino irritante, e então tivera a ousadia de dar um risinho triunfante para Gregory.

E Gregory lhe dera uma joelhada nas partes íntimas. Não com *muita* força. Poderia ter sido um acidente. Mesmo. Eles ainda estavam no chão, um imobilizando o outro. Era completamente plausível que seu joelho pudesse ter escorregado. Para cima.

Qualquer que fosse o caso, Fennsworth gemera, saindo definitamente derrotado do embate. Gregory rolara para o lado assim que o conde afrouxara a mão e se colocara de pé sem nenhuma dificuldade.

– Sinto muito – dissera para as damas. – Não sei o que houve com ele.

E, pelo jeito, isso foi tudo. A Srta. Watson pedira desculpas a ele – depois de se desculpar com Lucy, depois com Kate, então com Fennsworth, embora só Deus soubesse por quê, uma vez que ele tinha sido o grande vencedor da noite.

– Não precisa pedir desculpas – retrucara Gregory com firmeza.

– Não, mas eu... – Ela parecia angustiada, mas Gregory não se importara muito na hora. – Gostei muito mesmo de tomar café da manhã com o senhor. Só queria que soubesse disso.

Por quê? Por que ela falara isso? Será que achara que o faria se sentir melhor?

Gregory não falara nem uma palavra. Apenas acenara para ela uma vez com a cabeça e depois se afastara. Os outros poderiam resolver os detalhes sozinhos. Ele não tinha nenhum vínculo com o casal de noivos recém-formado, nenhum dever para com eles ou com o decoro. E não se importava quando ou como as famílias seriam informadas.

Não era preocupação sua. Nada daquilo era.

Então saíra. Precisava encontrar uma garrafa de brandy.

Agora, ali estava ele. No escritório de Anthony, tomando a bebida do irmão e se perguntando o que diabo aquilo tudo significava. Não tinha mais nenhuma chance com a Srta. Watson, isso estava claro. A menos que estivesse disposto a raptá-la.

O que não era o caso. Ela provavelmente se esgoelaria pelo caminho todo. Isso sem falar que devia ter se entregado a Fennsworth. Sem falar também que, ao fazer isso, Gregory destruiria sua boa reputação. Não é possível sequestrar uma jovem bem criada – sobretudo a noiva de um conde – e querer que seu nome permaneça intacto.

Ele se perguntou que argumento Fennsworth usara para ficar sozinho com ela.

E se perguntou o que Hermione quisera dizer ao falar que estremecera.

E se perguntou se o convidariam para o casamento.

Provavelmente. Lucy insistiria nisso, não é? Ela era uma defensora da etiqueta. Das boas maneiras em geral.

Então, e agora? Depois de tantos anos sentindo-se meio sem rumo, de esperar que as peças de sua vida se encaixassem, ele havia pensado que enfim entendera tudo. Ao conhecer a Srta. Watson, sentira-se pronto para tomar as rédeas da própria vida e vencer.

O mundo parecia bonito, bom e cheio de promessas.

Ora, tudo bem, o mundo já era bonito, bom e cheio de promessas antes. Ele não vinha sendo nem um pouco infeliz. Na verdade, não se importava com a espera. Não tinha nem certeza se queria encontrar sua noiva tão cedo. Só porque sabia que seu verdadeiro amor existia não significava que ele o queria imediatamente.

A vida estava sendo bastante agradável antes. Mas que diabo, a maioria dos homens daria tudo para trocar de lugar com ele.

Não Fennsworth, é claro. O maldito imbecil provavelmente estava planejando todos os detalhes de sua noite de núpcias naquele exato momento.

Desgraçado...

Gregory tomou a bebida de um só gole e se serviu um pouco mais.

Então o que aquilo significava? O que significava conhecer a mulher que o faz esquecer como se respira e ela estar prestes a se casar com outro homem? O que ele deveria fazer agora? Sentar e esperar até que a visão da nuca de outra moça o deixasse extasiado?

Tomou outro gole. Já estava farto de pescoços. Eram valorizados demais.

Ele se recostou, apoiando os pés na mesa do irmão. Anthony iria odiar isso, é claro, mas estava ali na sala? Não. Tinha acabado de ver a mulher com quem esperava se casar nos braços de outro homem? Não. E, indo direto ao ponto, o rosto dele tinha servido como saco de pancadas para um jovem conde surpreendentemente em forma? Definitivamente, não.

Gregory tocou com cuidado a bochecha esquerda. E o olho direito. Não estaria nada atraente no dia seguinte, isso era certo.

Mas Fennsworth também não, pensou, animado.

Animado? Ele estava animado? Quem poderia imaginar?

Deixou então escapar um longo suspiro, tentando alcançar a sobriedade. Devia ser o brandy. A alegria e a animação não estavam na agenda para aquela noite.

Embora...

Gregory se levantou. Apenas como um teste. Um pouco de investigação científica. Ele podia ficar de pé? Podia.

Podia andar? Sim!

Ah, mas podia andar direito?

Quase.

Hum. Não estava tão embriagado quanto tinha pensado.

Poderia muito bem sair. Não havia sentido em desperdiçar um bom humor inesperado.

Caminhou até a porta e colocou a mão na maçaneta. Então parou e inclinou a cabeça para o lado, pensativo.

Devia ser o brandy. Realmente, não havia outra explicação para isso.

CAPÍTULO 11

No qual nosso herói faz uma coisa que nunca teria imaginado.

Lucy não deixou de notar a ironia daquela noite quando fez seu caminho de volta para o quarto.

Sozinha.

Depois de o Sr. Bridgerton ter entrado em pânico pelo desaparecimento de Hermione... depois de Lucy ter sido severamente repreendida por fugir sozinha no meio do que estava se transformando em uma noite um tanto turbulenta... pelo amor de Deus, depois que um casal fora forçado a ficar noivo... ninguém notou quando Lucy deixou o baile de máscaras sozinha.

Ainda não conseguia acreditar que Lady Bridgerton tivesse insistido para ela voltar à festa e que praticamente tinha arrastado Lucy pela gola, deixando-a aos cuidados da tia solteirona de alguém antes de ir chamar a mãe de Hermione, que, era de presumir, não fazia ideia da emoção que a aguardava.

E assim Lucy ficara no canto do salão como uma tola, olhando para o restante dos convidados, perguntando-se como não poderiam ter notado os acontecimentos da noite. Parecia inconcebível que três vidas tivessem sido completamente transformadas e o resto do mundo seguisse como de costume.

Não, pensara ela, na verdade tinham sido quatro vidas – a do Sr. Bridgerton também. Os planos dele para o futuro com certeza eram bem diferentes no início da noite.

De qualquer forma, todos pareciam se comportar de maneira perfeitamente normal. Dançavam, riam, comiam sanduíches que ainda estavam perturbadoramente misturados em uma única bandeja.

Era a mais estranha visão. Algo não deveria parecer diferente? Alguém não deveria ter ido até Lucy e dizer, com olhos indagadores: *Você parece um pouco angustiada. Ah, já sei. Seu irmão deve ter seduzido sua melhor amiga.*

Ninguém fizera isso, é claro, e quando Lucy vira a própria imagem em um espelho, ficara espantada ao notar que parecia exatamente a mesma. Um pouco cansada, quem sabe, talvez um pouco pálida também, mas, fora isso, a mesma boa e velha Lucy.

Cabelos louros, não *muito* louros. Olhos azuis, também não *muito* azuis. Boca de um formato estranho, que nunca ficava quieta como ela queria, e o mesmo nariz comum, com aquelas sete sardas de sempre, incluindo a próxima a seu olho que ninguém nunca notara, a não ser ela.

E que parecia a Irlanda. Ela não sabia por que isso a interessava, mas sempre ficara intrigada com esse fato.

Suspirou. Nunca tinha ido à Irlanda, e provavelmente nunca iria. Parecia tolo que isso de repente a incomodasse, já que nunca nem quisera ir à Irlanda.

Mas, se um dia tivesse esse desejo, teria de pedir a lorde Haselby, não é? Não era muito diferente de ter de pedir ao tio Robert permissão para fazer... bem, qualquer coisa, mas de alguma forma...

Ela balançou a cabeça. Já era o bastante. Tinha sido uma noite estranha, e ela estava com um humor estranho, presa em toda a sua estranheza no meio de um baile de máscaras.

Era óbvio que o que precisava era ir para a cama.

Assim, depois de ter passado trinta minutos fingindo se divertir, por fim percebera que a tia solteirona encarregada de tomar conta dela não havia entendido muito bem sua tarefa. Não fora difícil deduzir: quando Lucy tentara falar com ela, a mulher estreitara os olhos através da máscara e gritara:

– Levante o queixo, garota! Eu conheço você?

Lucy concluíra que não devia desperdiçar a oportunidade, e por isso respondera:

– Sinto muito. Pensei que fosse outra pessoa.

E saíra do salão. Sozinha.

Realmente, era quase engraçado.

Quase.

Mas ela não era tola, e tinha andado bastante pela casa naquela noite para saber que, embora os convidados tivessem se espalhado para oeste e sul do salão de baile, não haviam se aventurado pela ala norte, onde ficavam os aposentos particulares da família. Rigorosamente falando, Lucy também não deveria ir por

ali, mas, depois do que tinha passado nas últimas horas, achava que merecia um pouco mais de liberdade.

No entanto, quando chegou ao longo corredor que levava à ala norte, viu uma porta fechada. Piscou, surpresa. Nunca tinha notado uma porta ali antes. Imaginou que os Bridgertons deviam deixá-la sempre aberta. Então desanimou. Sem dúvida estaria trancada, afinal, qual era o propósito de uma porta fechada se não manter as pessoas fora?

Mas a maçaneta girou facilmente. Lucy entrou e fechou a porta com todo o cuidado, quase desmaiando de alívio. Não podia voltar à festa. Só queria ir para a cama, meter-se debaixo das cobertas, fechar os olhos e dormir, dormir, dormir.

Parecia o paraíso. E, com um pouco de sorte, Hermione ainda não teria voltado. Ou, melhor ainda, sua mãe insistiria para que a amiga passasse a noite no quarto dela.

Sim, um pouco de privacidade parecia algo muito atraente.

Estava tudo escuro à sua volta à medida que andava, e silencioso também. Depois de mais ou menos um minuto, os olhos de Lucy se ajustaram à luz fraca. Não havia lampiões ou velas para iluminar o caminho, mas algumas portas haviam sido deixadas abertas, permitindo que pálidos feixes de luar fizessem paralelogramos no tapete. Ela avançava bem devagar, cada passo cuidadosamente calculado, como se estivesse se equilibrando sobre uma linha fina, estendida pelo meio do corredor.

Um, dois...

Nada de extraordinário nisso. Ela costumava contar seus passos. E *sempre* fazia isso nas escadas. Ficara surpresa quando chegara à escola e percebera que as outras pessoas não tinham esse hábito.

... três, quatro...

O tapete comprido do corredor parecia monocromático ao luar, mas Lucy sabia que os grandes losangos eram vermelhos, e os menores, dourados. Perguntou-se se seria possível pisar apenas nos dourados.

... cinco, seis...

Ou talvez nos vermelhos. Nos vermelhos seria mais fácil. Aquela não era uma noite para grandes desafios.

... sete, oito, n...

– Ooops!

Ela bateu em alguma coisa. Ou, Deus do céu, em *alguém*. Vinha olhando para baixo, seguindo os losangos vermelhos, e não tinha visto... Mas a outra pessoa não devia *tê-la* visto?

Mãos fortes a pegaram pelos braços e a firmaram. E então...

– Lady Lucinda?

Ela congelou.

– Sr. Bridgerton?

A voz dele soou baixa e tranquila na escuridão.

– Que *coincidência*.

Lucy se desvencilhou dele – o Sr. Bridgerton a segurara pelos braços para evitar que caísse – e recuou. Ele parecia muito grande no espaço estreito do corredor.

– O que o senhor está fazendo aqui? – perguntou ela.

Ele abriu um sorriso tranquilo e desconfiado.

– O que a *senhorita* está fazendo aqui?

– Indo para a cama. Este corredor parecia o melhor caminho – explicou ela. Depois acrescentou, com um ar irônico: – Dado o meu estado de desacompanhamento.

Ele inclinou a cabeça para o lado. Franziu a testa. Piscou. Então, disse:

– Essa palavra existe?

Por alguma razão aquilo a fez sorrir. Não com os lábios, exatamente, mas por dentro, que era o mais importante.

– Acho que não – respondeu –, mas, na verdade, não me importo.

Ele abriu um discreto sorriso, em seguida fez um sinal com a cabeça em direção ao cômodo de onde devia ter acabado de sair.

– Eu estava no escritório do meu irmão. Ponderando.

– Ponderando?

– Temos bastante em que pensar esta noite, não acha?

– Sim. – Ela olhou em volta do corredor, só para ver se havia mais alguém por perto, mesmo tendo quase certeza de que não. – Eu realmente não deveria estar aqui sozinha com o senhor.

Ele assentiu com um ar grave.

– Eu não iria querer prejudicar seu quase noivado.

Lucy ainda não tinha pensado *nisso*.

– Eu quis dizer depois do que aconteceu com Hermione e... – De repente pareceu insensível continuar. – Bem, o senhor sabe.

– De fato.

Ela engoliu em seco, em seguida tentou fingir que não olhava para o rosto dele para ver se estava chateado.

Gregory só piscou, então deu de ombros, com um ar... Indiferente?

Lucy mordeu o lábio. Não, não podia ser. Ela devia ter interpretado mal. Ele era um homem apaixonado. Tinha dito a ela.

Só que isso não era da sua conta. Exigia um certo grau de autorrelembramento (para acrescentar outra palavra à sua coleção de termos inexistentes, que crescia rapidamente), mas era isso. Não era da sua conta. Nem um pouco.

Bem, exceto pela parte sobre seu irmão e sua melhor amiga. Ninguém poderia dizer que *isso* não lhe dizia respeito. Se tivesse sido só com Hermione, ou só com Richard, poderia haver quem opinasse que ela deveria manter o nariz fora do assunto, mas como se tratava dos dois – bem, era bastante claro que ela estava envolvida.

No entanto, com relação ao Sr. Bridgerton... não era da sua conta.

Lucy olhou para ele. O colarinho de sua camisa estava frouxo e ela podia ver um pedacinho de pele, num lugar que sabia que não deveria olhar.

Não. Nada daquilo... era da sua conta. Nada!

– Certo – disse ela, arruinando seu tom determinado com uma tosse involuntária. Espasmo. Espasmo de tosse. Seguido por: – Preciso ir.

Mas a frase saiu mais parecida com... Bem, com algo que Lucy tinha quase certeza de que não poderia ser descrito com as 26 letras do nosso alfabeto.

– Você está bem? – perguntou Gregory.

– Ótima – respondeu ela, engasgada, então percebeu que tinha voltado a olhar para aquele ponto que não era nem mesmo o pescoço dele.

Estava mais para o peito, o que significava que era um lugar ainda mais inadequado.

Ela desviou os olhos depressa, então tossiu de novo, dessa vez de propósito, porque tinha de fazer *alguma coisa*, do contrário seus olhos voltariam para onde não deveriam.

Gregory observou Lucy com ar sério, enquanto ela se recuperava.

– Está melhor? – perguntou.

Ela assentiu.

– Fico feliz – disse ele.

Feliz? *Feliz?* Ela pensou no que *isso* queria dizer.

Gregory deu de ombros.

– Odeio quando isso acontece – falou.

Só que ele é um ser humano, Lucy, sua idiota. Alguém que sabe como é ruim sentir a garganta arranhando.

Ela estava ficando louca. Tinha certeza disso.

– É melhor eu ir – disparou.

– É melhor.

– É o que eu realmente deveria fazer.

Mas ficou ali parada.

Gregory a estava fitando de uma maneira muito estranha, com os olhos estreitados. Não com irritação, motivo pelo qual em geral as pessoas estreitam os olhos, mas como se estivesse pensando muito a respeito de algo.

Ponderando. Era isso. Ele estava ponderando, justo como dissera.

Só que estava ponderando a respeito *dela*.

– Sr. Bridgerton? – disse Lucy, hesitante.

Não que soubesse o que perguntar quando ele lhe desse atenção.

– A senhorita bebe, Lady Lucinda?

Se ela bebia?

– Perdão?

Ele abriu um sorriso um pouco envergonhado.

– Brandy. Sei onde meu irmão guarda as bebidas boas.

– Ah. – *Deus do céu*. – Não, é claro que não.

– Que pena – murmurou ele.

– Eu realmente não poderia – acrescentou ela, porque, bem, sentia como se tivesse de explicar.

Embora fosse claro que não tomava bebidas alcoólicas. E, é claro, ele sabia disso.

Gregory deu de ombros.

– Não sei por que perguntei.

– Eu deveria ir – disse ela.

Mas ele não se mexeu. Nem ela.

Lucy se perguntou como seria o gosto de brandy. E se algum dia saberia.

– Gostou da festa? – perguntou Gregory.

– Da festa?

– A senhorita não foi obrigada a voltar?

Ela assentiu, revirando os olhos.

– Recomendaram fortemente que eu voltasse.

– Ah, então ela arrastou a senhorita.

Para grande surpresa de Lucy, ela riu.

– Quase isso. E eu não estava de máscara, o que fez com que eu me destacasse um pouco.

– Como um cogumelo?

– Como um...?

Ele olhou para o vestido dela e acenou a cabeça, ao confirmar a cor.

– Um cogumelo azul.

Ela olhou para si mesma e depois para ele.

– Sr. Bridgerton, o senhor está embriagado?

Ele se curvou para a frente com um sorriso dissimulado e um pouco bobo. Ergueu a mão, com um espaço de uns 2 centímetros entre o polegar e o indicador.

– Só um pouquinho.

Lucy olhou para ele com ar de dúvida.

– Tem certeza?

Gregory olhou para os dedos com a testa franzida, então acrescentou mais uns 2 centímetros ao espaço entre eles.

– Bem, talvez um tanto assim.

Lucy não conhecia muito bem nem os homens nem bebidas, mas sabia o bastante sobre os dois juntos para perguntar:

– O senhor sempre esquece quanto bebeu?

– Não. – Ele levantou as sobrancelhas e olhou de cara feia para ela. – Em geral, sei exatamente até que ponto estou bêbado.

Lucy não fazia ideia de como responder a isso.

– Mas, de fato, hoje eu não tenho certeza.

Ele parecia surpreso com isso.

– Ah.

Lucy não estava nada articulada naquela noite.

Gregory sorriu.

Ela sentiu um frio na barriga, algo muito estranho.

Tentou sorrir de volta. Deveria mesmo ir embora.

Apesar de ter essa consciência, ela não se moveu.

Gregory virou a cabeça de lado, pensativo, e deixou escapar um suspiro. Ocorreu a Lucy, então, que ele estava fazendo exatamente o que dissera... ponderando.

– Eu estava pensando que – falou Gregory, devagar –, dados os acontecimentos de hoje à noite...

Ela se inclinou para a frente, esperando. Por que as pessoas sempre param de falar quando estão prestes a dizer algo importante?

– Sr. Bridgerton? – insistiu Lucy, porque agora ele estava só olhando para uma pintura na parede.

Os lábios dele se contraíram.

– A senhorita não acha que eu deveria estar um pouco mais chateado?

Lucy entreabriu os lábios, surpresa.

– O senhor não está chateado?

Como isso era possível?

Ele deu de ombros.

– Não tanto quanto deveria, uma vez que meu coração quase parou de bater na primeira vez em que vi a Srta. Watson.

Lucy abriu um sorriso discreto.

Ele piscou para ela e assumiu um ar bem decidido, como se tivesse acabado de chegar a uma conclusão óbvia.

– É por isso que suspeito do brandy.

– Entendo. – Ela não entendia, é claro, mas o que mais poderia dizer? – O senhor... hã... o senhor certamente parecia chateado.

– Eu estava irritado – corrigiu Gregory.

– Não está mais?

Ele pensou um pouco.

– Ah, sim, ainda estou.

E Lucy sentiu a necessidade de se desculpar. O que ela *sabia* ser ridículo, porque nada daquilo era culpa sua. Mas a necessidade de se desculpar por tudo estava muito arraigada nela. Não conseguia evitar. Queria que todos fossem felizes. Sempre quisera.

– Perdão por não ter acreditado no que o senhor disse sobre meu irmão – disse ela. – Eu não sabia. Não sabia mesmo.

Ele a encarou, e seu olhar era gentil. Lucy não tinha certeza do que havia acontecido, porque um instante atrás ele fora indiferente e petulante. Mas agora... estava diferente.

– Sei que não sabia – falou Gregory. – E não há necessidade de se desculpar.

– Eu fiquei tão surpresa quanto vocês quando nós os encontramos.

– Eu não fiquei muito surpreso – disse ele com delicadeza, como se estivesse tentando poupar os sentimentos dela e não fazê-la se sentir tão tola por não ver o óbvio.

Lucy assentiu.

– Não, imagino que não. O senhor percebeu o que estava acontecendo, e eu não.

E ela se sentia mesmo uma idiota. Como podia não ter notado nada? Eram Hermione e seu irmão, pelo amor de Deus. Se alguém tivesse de ter percebido algum indício de romance, deveria ter sido ela.

Seguiu-se um silêncio bem estranho – e, em seguida, Gregory falou:

– Eu vou ficar bem.

– Ah, é claro que vai – disse Lucy, de maneira tranquilizadora.

E então *ela* se sentiu mais tranquila, porque era tão bom e *normal* ser a pessoa que tentava fazer tudo ficar bem. Porque esta era sua especialidade: tentar deixar todo mundo feliz e confortável.

Mas, então, ele perguntou...

– A senhorita vai?

Ah, *por que* ele perguntou isso?

Ela não disse nada.

– Ficar bem – esclareceu Gregory. – Vai ficar bem – ele fez uma pausa, em seguida deu de ombros – também?

– Claro – respondeu Lucy, um pouco rápido demais.

Pensou que o assunto se encerraria ali, mas então ele disse:

– Tem certeza? Porque a senhorita parecia um pouco...

Ela engoliu em seco, esperando desconfortavelmente pelo restante da frase.

–... transtornada.

– Bem, eu fiquei surpresa – explicou ela, feliz por ter o que dizer. – E então, é claro, fiquei um pouco desconcertada.

Lucy notou um leve gaguejar em sua voz e se perguntou qual dos dois ela estava tentando convencer.

Gregory não disse nada.

Ela engoliu em seco. Aquilo era desconfortável. *Ela* estava desconfortável, e ainda assim continuava falando, continuava explicando tudo.

– Não sei bem o que aconteceu – acrescentou.

Ele continuou em silêncio.

– Me senti um pouco... Bem aqui... – tentou explicar, levando a mão ao peito, ao local onde se sentira paralisada.

Então ela fitou Gregory, praticamente implorando com os olhos que ele dizesse alguma coisa, para mudar de assunto e finalizar a conversa.

Mas ele não falou nada. E o silêncio a fez continuar falando.

Se Gregory tivesse feito uma pergunta, se tivesse dito ao menos uma palavra de conforto, ela não teria falado mais nada. Mas o silêncio era muito desconfortável. Tinha de ser preenchido.

– Eu não conseguia me mexer – prosseguiu Lucy, testando as palavras à medida que saíam de seus lábios. Era como se, ao falar, ela enfim estivesse confirmando o que acontecera. – Cheguei à porta, e não conseguia.

Ela olhou para ele, em busca de respostas. Mas é claro que ele não tinha nenhuma.

– Eu... eu não sei por que estava tão abalada. – Sua voz soava ofegante, nervosa até. – Quero dizer... era Hermione. E meu irmão. Eu... sinto muito pelo seu sofrimento, Sr. Bridgerton, mas isso tudo, na verdade, é perfeito. É ótimo. Ou pelo menos deveria ser. Hermione será minha irmã. Eu sempre quis uma.

– Às vezes elas são divertidas – disse ele com um meio sorriso, o que fez Lucy se sentir melhor.

Foi incrível o poder dessa simples frase. Foi o suficiente para fazer com que as palavras jorrassem da boca de Lucy, desta vez sem hesitação.

– Eu não podia acreditar que eles tinham saído juntos. Deviam ter dito alguma coisa. Deviam ter me contado que se gostavam. Eu não deveria precisar descobrir daquela forma. Não está certo. – Ela agarrou o braço de Gregory e o encarou, o olhar sério e urgente. – Não está certo, Sr. Bridgerton. Não está certo.

Ele balançou a cabeça, mas apenas ligeiramente. Seu queixo mal se moveu, assim como seus lábios, quando ele disse:

– Não.

– Tudo está mudando – sussurrou ela, e não estava mais falando de Hermione, mas isso não tinha importância. Ela só não queria mais pensar. Não sobre isso. Não sobre o futuro. – Tudo está mudando, e eu não posso impedir.

De alguma forma, o rosto de Gregory estava mais perto quando ele repetiu:

– Não.

– É de mais para mim.

Ela não conseguia parar de olhar para ele, não conseguia desviar o olhar, e ainda estava sussurrando "É de mais mesmo" quando já não havia mais distância nenhuma entre os dois.

E os lábios dele... tocaram os dela.

Era um beijo.

Ela havia sido beijada.

Ela. Lucy. Dessa vez, tratava-se dela. Ela mesma estava no centro do seu mundo. Era a vida, acontecendo com *ela*.

Era incrível, porque aquilo parecia algo tão *importante*, tão transformador. E ainda assim era só um simples beijo – suave, apenas um roçar de lábios, tão leve que quase fazia cócegas. Lucy sentiu um calor, um arrepio, uma leveza no peito. Seu corpo parecia ter ganhado vida e, ao mesmo tempo, ficado paralisado, como se tivesse medo de que o movimento errado pudesse fazer tudo desaparecer.

Mas ela não queria que desaparecesse. Santo Deus, Lucy queria aquilo. Aquele momento, aquela lembrança, aquele...

Ela só *queria*.

Ela queria tudo. Qualquer coisa que conseguisse. Qualquer coisa que pudesse sentir.

Os braços de Gregory a envolveram e ela se inclinou, suspirando junto aos lábios dele quando seus corpos se tocaram. Era isso, pensou ela vagamente.

Aquilo era a música a que Hermione tinha se referido. Era uma verdadeira sinfonia.

O tal estremecimento de que a amiga havia falado. Mais do que um estremecimento.

O beijo ficou mais urgente e ela se entregou, deleitando-se com o calor de Gregory, que lhe chegava à alma. As mãos dele a agarravam cada vez com mais força, e as dela serpentearam em torno dele, finalmente pousando no ponto em que o cabelo dele encontrava o colarinho.

Lucy não tivera a intenção de tocá-lo – ainda não tinha pensado nisso. Suas mãos pareciam ter vida própria e saber aonde ir, como encontrá-lo e trazê-lo para mais perto. As costas dela se arquearam e o calor entre eles aumentou.

E o beijo continuou... e continuou.

Ela o sentiu em todos os poros. Parecia estar em toda parte, por toda a sua pele, e ir direto até seu íntimo.

– Lucy – sussurrou ele, os lábios finalmente se afastando dos dela e indo percorrer uma trilha ardente até a orelha. – Meu Deus, Lucy.

Ela não queria falar, não queria fazer nada que pudesse interromper o momento. Não sabia como chamá-lo, não conseguia dizer *Gregory*, mas *Sr. Bridgerton* já não parecia certo. Ele era mais do que isso agora para ela.

Tinha razão antes. Tudo *estava* mudando. Já não se sentia mais a mesma. Sentia-se... Desperta.

Lucy arqueava o pescoço e gemia enquanto ele mordiscava o lóbulo de sua orelha, sons suaves e incoerentes que escapuliam de seus lábios como uma canção. Ela queria se afundar nele. Queria deslizar para o tapete e levá-lo com ela. Queria sentir o calor e o peso dele, e queria *tocá-lo*. Queria *fazer* algo. Ser ousada.

Levou as mãos ao cabelo de Gregory e afundou os dedos nos fios sedosos. Ele deixou escapar um pequeno gemido, e só o som da voz dele foi o suficiente para fazer seu coração bater mais rápido. Ele estava fazendo coisas incríveis com seu pescoço – os lábios dele, a língua, os dentes pareciam atiçar fogo em seu corpo.

Então os lábios de Gregory foram descendo e as mãos dele percorriam-na inteira, agarrando-a, pressionando-a contra ele, e tudo parecia tão *urgente*.

Já não se tratava mais do que ela queria, e sim do que precisava.

Será que havia sido o mesmo que acontecera com Hermione? Teria sua amiga saído inocentemente para um passeio com Richard e então...?

Lucy entendia agora o que significava querer algo que você sabia que estava errado, permitir que uma coisa acontecesse apesar da possibilidade de levar a um escândalo e...

E então ela não aguentava mais ficar em silêncio.

– Gregory – sussurrou, testando o nome em seus lábios.

Parecia uma carícia, uma intimidade, quase como se pudesse mudar o mundo e tudo ao seu redor com uma única palavra.

Se ela dissesse o nome dele, então ele poderia ser dela, e Lucy poderia esquecer todo o resto, poderia esquecer... *Haselby.*

Deus do céu, ela estava noiva. Já não era mais só um acordo. Os papéis tinham sido assinados. E ela estava...

– Não – falou, pressionando as mãos no peito dele. – Não, eu não posso.

Gregory permitiu que Lucy o afastasse. Ela virou a cabeça, com medo de encará-lo. Sabia que, se visse o rosto dele...

Ela era fraca. Não conseguiria resistir.

– Lucy – disse Gregory, e ela percebeu que ouvir a voz dele era tão difícil quanto teria sido ver o rosto.

– Não posso fazer isso. – Ela balançou a cabeça, ainda sem olhar para ele. – É errado.

– Lucy.

Dessa vez ela sentiu os dedos de Gregory em seu queixo, delicados, fazendo-a olhar para ele.

– Por favor, permita-me que eu a acompanhe até lá em cima – falou.

– Não! – A afirmação acabou saindo muito alta e ela parou, engolindo em seco desconfortavelmente. – Não posso arriscar – concluiu, enfim permitindo que seus olhos encontrassem os dele.

Era um erro. A maneira como ele estava olhando para ela... O olhar de Gregory era sério, mas havia mais. Uma certa suavidade, um toque de ternura. E curiosidade. Como se... Como se ele não tivesse certeza do que estava vendo. Como se a estivesse vendo pela primeira vez.

Deus do céu, essa era a parte que Lucy não podia suportar. Ela não sabia nem bem por quê. Talvez fosse porque ele estava olhando para *ela*. Talvez fosse

porque aquela expressão era tão... *ele*. Talvez fossem as duas coisas.

Talvez isso não tivesse importância. Mas a aterrorizava mesmo assim.

– Não serei dissuadido – falou Gregory. – Sua segurança é minha responsabilidade.

Lucy se perguntou o que tinha acontecido com o homem ligeiramente embriagado com quem estivera conversando minutos antes. Em seu lugar estava uma pessoa completamente diferente. Alguém muito responsável.

– Lucy – disse ele, e não era uma pergunta.

Estava mais para um lembrete. Aquilo seria resolvido do jeito dele, e ela teria de aceitar.

– Meu quarto não fica longe – disse ela, fazendo uma última tentativa. – Não precisa mesmo me acompanhar. É logo subindo a escada.

E seguindo por um corredor e dobrando uma esquina, mas ele não precisava saber disso.

– Então vou levá-la até a escada.

Ela sabia que não adiantava discutir. Gregory não iria ceder. Sua voz estava calma, mas havia algo nela que Lucy não tinha certeza de já ter ouvido antes.

– E vou ficar lá até você chegar ao seu quarto.

– Isso não é necessário.

Ele a ignorou.

– Bata três vezes quando chegar lá.

– Eu não vou...

– Se eu não ouvir suas batidas, subirei até lá para ver com meus próprios olhos que você está bem.

Gregory cruzou os braços e, ao encará-lo, Lucy se perguntou se ele seria o mesmo homem se fosse o primogênito. Havia uma imperiosidade inesperada nele. Teria dado um ótimo visconde, concluiu ela, embora não tivesse certeza de que, nesse caso, teria gostado tanto assim dele. Lorde Bridgerton simplesmente a aterrorizava, embora ele devesse ter um lado mais suave, pela maneira óbvia como adorava a esposa e os filhos.

Ainda assim...

– *Lucy*.

Ela engoliu em seco e cerrou os dentes, odiando ter de admitir que tinha mentido.

– Muito bem – falou, a contragosto. – Se quiser me ouvir bater, é melhor subir até o alto da escada.

Gregory assentiu e a seguiu até o topo dos dezessete degraus.

– Vejo você amanhã – disse ele.

Lucy não falou nada. Tinha a sensação de que seria imprudente.

– Vejo você amanhã – repetiu ele.

Ela assentiu, já que ele parecia esperar uma resposta.

E, de qualquer forma, queria vê-lo. Não deveria querer, e sabia que não deveria fazer isso, mas não se conteve.

– Acho que iremos embora – falou. – Tenho que voltar a pedido do meu tio, e Richard... Bem, ele também terá assuntos a tratar.

Mas suas explicações não mudaram a expressão de Gregory. O rosto dele ainda estava decidido, os olhos tão firmemente fixos nos dela que Lucy estremeceu.

– Vejo você pela manhã – foi tudo o que disse.

Ela assentiu mais uma vez e saiu, andando o mais rápido que podia sem correr. Dobrou a esquina e enfim viu seu quarto, apenas três portas adiante.

Mas ela parou. Bem ali na esquina, fora do alcance da vista dele.

E bateu três vezes.

CAPÍTULO 12

No qual nada é resolvido.

Quando Gregory se acomodou para o café da manhã no dia seguinte, Kate já estava lá, de cara fechada e cansada.

– Sinto muito – foi a primeira coisa que ela disse quando se sentou ao lado dele.

Por que a cunhada estava se desculpando?, ele se perguntou. Estava ouvindo muitas desculpas naqueles últimos dias.

– Sei que você esperava...

– Não foi nada – interrompeu ele, olhando para o prato que ela havia deixado do outro lado da mesa.

A dois lugares de distância.

– Mas...

– Kate – disse, e nem ele reconheceu a própria voz.

Parecia mais velho, se isso era possível. Mais grave.

Ela se calou, os lábios ainda entreabertos, como se as palavras tivessem se congelado em sua língua.

– Não foi nada – repetiu Gregory, e tornou a se concentrar nos ovos.

Ele não queria falar sobre isso, não queria ouvir explicações. O que estava feito não tinha volta.

Não sabia direito o que Kate estava fazendo antes que ele voltasse a olhar para o próprio prato – provavelmente checando a sala ao redor, avaliando se algum dos convidados podia ouvir a conversa deles. De vez em quando, ele a ouvia se remexer no assento, mudando de posição na expectativa de falar alguma coisa.

Ele começou a comer o bacon. E então...

– Mas você está... – começou Kate.

Gregory sabia que ela não conseguiria ficar de boca fechada por muito tempo.

Levantou o rosto e encarou-a com um ar sério.

– *Não* – disse apenas.

Por um momento, ela pareceu perplexa. Em seguida, arregalou os olhos e ergueu um dos cantos da boca. Só um pouco.

– Quantos anos você tinha quando nos conhecemos? – perguntou Kate.

Mas que diabo ela queria?

– Não sei – respondeu Gregory, impaciente, tentando se lembrar do casamento do irmão. Havia milhares daquelas malditas flores. Lembrava-se de ter ficado espirrando por semanas. – Treze, talvez. Doze?

Ela o observou com curiosidade.

– Deve ser difícil, eu acho, ser assim tão mais jovem do que seus irmãos.

Ele pousou o garfo.

– Anthony, Benedict e Colin... eles vieram um atrás do outro – continuou Kate. – Como livros numa prateleira, eu sempre pensei, embora não seja tão tola de dizer isso. E então... hum... São quantos anos de diferença entre você e Colin?

– Dez.

– Só isso?

Kate pareceu surpresa, o que ele não sabia se achava particularmente lisonjeiro.

– São seis anos de diferença entre Colin e Anthony – continuou ela, pressionando um dedo contra o queixo, indicando uma reflexão profunda. – Um pouco mais do que isso, na verdade. Mas suponho que pareça menos, com Benedict no meio deles.

Gregory esperou.

– Bem, não importa – logo acrescentou ela. – Afinal de contas, todo mundo encontra o seu lugar na vida. Agora, então...

Ele olhou para a cunhada, espantado. Como ela podia mudar de assunto assim, antes que ele tivesse alguma ideia do que estava falando?

–... creio que eu deveria informá-lo sobre o restante dos acontecimentos de ontem à noite. Depois que você saiu. – Kate suspirou. Gemeu, na verdade, balançando a cabeça. – Lady Watson ficou um pouco irritada quando soube que a filha não tinha sido supervisionada de perto, mas de quem é a culpa por isso,

não é? Então, logo depois, ela ficou transtornada pelo fato de a temporada da Srta. Watson em Londres estar acabada antes que ela tivesse a chance de renovar o guarda-roupa da filha. Porque, afinal de contas, Hermione não vai mais debutar agora.

Kate fez uma pausa, esperando Gregory dizer alguma coisa. Ele ergueu de leve as sobrancelhas, apenas o suficiente para dizer que não tinha nada a acrescentar à conversa.

A cunhada lhe deu mais um segundo, em seguida continuou:

– Mas Lady Watson mudou de ideia rapidamente quando lhe disseram que Fennsworth é um conde, ainda que jovem. – Ela fez uma pausa, contraindo os lábios. – Ele é muito jovem, não é?

– Não muito mais do que eu – respondeu Gregory, mesmo que tivesse achado Fennsworth um criançõo na noite anterior.

Kate pareceu ter pensando o mesmo.

– Não – falou ela –, há uma diferença. Ele não... Bem, não sei. De qualquer forma...

Por que ela ficava mudando de assunto bem quando começava a dizer algo que ele realmente queria ouvir?

–... o noivado está arranjado – continuou –, e eu acredito que todas as partes envolvidas estejam contentes.

Gregory supôs que ele não contava como uma parte envolvida. Porém, mais uma vez, sentiu mais irritação do que qualquer outra coisa. Não gostava de ser derrotado. Em nada.

Bem, exceto no tiro ao alvo. Ele já tinha desistido disso havia muito tempo.

Como poderia não ter lhe ocorrido, nem mesmo uma vez, que ele talvez não ficasse com a Srta. Watson no final? Admitira que não seria fácil, mas, em sua cabeça, era um fato consumado. Predestinado.

Na verdade, vinha fazendo progressos com ela. Santo Deus, ela rira com ele. Rira. Com certeza isso tinha de significar alguma coisa.

– Eles estão indo embora hoje – contou Kate. – Todos eles. Separados, é claro. A Srta. Watson e a mãe vão cuidar dos preparativos do casamento, e lorde Fennsworth vai levar a irmã para casa. Afinal, foi isso que ele veio fazer aqui.

Lucy. Ele tinha de ver Lucy.

Vinha tentando não pensar sobre ela e obtivera resultados variados.

Mas ela estava lá, o tempo todo, pairando em sua mente, mesmo enquanto se irritava pela perda da Srta. Watson.

Lucy. Era impossível agora pensar nela como Lady Lucinda. Mesmo que ele não a tivesse beijado, ela seria Lucy. O apelido combinava com ela.

Mas ele a *havia* beijado. E tinha sido maravilhoso. E, acima de tudo, inesperado.

Tudo com relação ao beijo o surpreendera, até mesmo o fato de ele ter feito isso. Era Lucy. Ele não devia beijar *Lucy*.

Mas ela estava segurando seu braço. E os olhos dela... Ele queria entender o poder que um olhar tem... Ela o fitava, procurando algo.

Procurando algo *nele*.

Gregory não tivera a intenção de beijá-la. Simplesmente acontecera. Ele se sentira atraído para ela de forma implacável, e o espaço entre eles fora ficando cada vez menor...

E então lá estava ela. Em seus braços.

Gregory quisera deslizar até o chão, perder-se nela e nunca mais soltá-la.

Quisera beijá-la até os dois enlouquecerem de paixão.

Quisera...

Bem. Quisera fazer muitas coisas, para dizer a verdade. Mas, também, estava um pouco bêbado.

Não muito, porém o suficiente para duvidar da veracidade de sua reação.

E estava com raiva. E não muito equilibrado.

Não por causa de Lucy, é claro, mas tinha certeza de que isso prejudicara seu julgamento.

Ainda assim, ele deveria vê-la. Ela era uma jovem bem-criada. Não se beija uma moça dessas sem dar as devidas explicações. E ele deveria pedir desculpas também, embora não fosse bem o que queria fazer.

Mas era o que *devia* fazer.

Ele olhou para Kate.

– Quando vão embora?

– A Srta. Watson e a mãe? Hoje à tarde, acredito.

Não, ele quase deixou escapar, *quis dizer Lady Lucinda*. Mas se conteve e manteve a voz despreocupada ao dizer:

– E Fennsworth?

– Logo, eu acho. Lady Lucinda já desceu para o café da manhã. – Kate pensou por um instante. – Acho que Fennsworth disse que queria estar em casa para o jantar. Mas eles podem fazer a viagem em um dia. Não moram muito longe.

– Perto de Dover – murmurou Gregory distraidamente.

Kate franziu a testa.

– Sim, acho que sim.

Gregory olhou aborrecido para a comida. Ele tinha pensado em esperar Lucy ali – ela não iria perder o café da manhã. Mas, se ela já havia comido, então não demoraria a ir embora. E ele precisava encontrá-la.

Levantou-se, de forma um tanto abrupta. Bateu a coxa na beirada da mesa, fazendo com que Kate olhasse para ele com uma expressão assustada.

– Não vai terminar seu café da manhã? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Não estou com fome.

Kate olhou para ele com óbvia incredulidade. Afinal, já fazia parte da família havia mais de dez anos.

– Como isso é possível?

Ele ignorou a pergunta.

– Tenha uma ótima manhã.

– Gregory?

Ele virou. Não queria, mas algo na voz dela lhe deu a entender que precisava prestar atenção.

Os olhos de Kate se encheram de compaixão... e apreensão.

– Você não vai procurar a Srta. Watson, não é?

– Não – disse ele, e foi quase engraçado, porque essa era a última coisa em sua mente.

Lucy olhou para seus baús cheios e fechados, sentindo-se cansada, triste e confusa.

Esgotada também. Era assim que se sentia. Tinha observado as empregadas torcerem as toalhas de banho até a última gota de água e concluiu que era isso.

Ela era uma toalha espremida.

– Lucy?

Era Hermione, entrando silenciosamente nos aposentos delas. Quando ela retornara, na noite anterior, Lucy já tinha pegado no sono, e quando Lucy saíra para o café da manhã, Hermione ainda não tinha acordado. Quando Lucy voltara do desjejum, Hermione não estava no quarto. De muitas maneiras, Lucy tinha ficado grata por isso.

– Eu estava com a minha mãe – explicou Hermione. – Partiremos hoje à tarde.

Lucy assentiu. Lady Bridgerton a encontrara no café da manhã e falara dos planos de todos. Quando voltara ao quarto, seus pertences já estavam todos guardados e prontos para serem levados para a carruagem.

Então era isso.

– Eu queria falar com você – disse Hermione, empoleirando-se na beirada da cama, mas mantendo uma distância respeitosa de Lucy. – Queria explicar.

Lucy continuou olhando fixamente para os baús.

– Não há nada para explicar. Estou muito feliz por você se casar com Richard. – Ela abriu um sorriso esgotado. – Você será minha irmã agora.

– Você não parece feliz.

– Estou cansada.

Hermione ficou em silêncio por um instante, e depois, quando se tornou claro que Lucy já tinha acabado de falar, ela disse:

– Queria deixar claro que eu não estava guardando segredos de você. Eu nunca faria isso. Espero que saiba.

Lucy assentiu, porque era verdade, ainda que tivesse se sentido abandonada, e talvez até um pouco traída, na noite anterior.

Hermione engoliu em seco, depois contraiu a mandíbula e respirou fundo. E Lucy soube, naquele momento, que ela tinha ensaiado por horas o que diria, tentando encontrar a forma perfeita de colocar os sentimentos em palavras.

Era o que Lucy também teria feito, e ainda assim, de alguma forma, isso a fez querer chorar.

No entanto, apesar de todo o treino de Hermione, ela ainda não tinha chegado a uma conclusão definitiva e ia escolhendo novos termos e frases à medida que falava:

– Eu realmente amava... Não. Não. O que eu quero dizer é que achava, do fundo do coração, que amava o Sr. Edmonds. Mas o fato é que eu estava enganada. Porque primeiro foi o Sr. Bridgerton, e então... Richard.

Lucy olhou para ela com atenção.

– O que quer dizer com “primeiro foi o Sr. Bridgerton”?

– Eu... eu não tenho certeza – respondeu Hermione, perturbada com a pergunta. – Quando tomei café da manhã com ele, foi como se eu estivesse acordando de um sonho longo e estranho. Você se lembra de que lhe falei sobre isso? Ah, eu não ouvi música ou algo assim, e nem sequer senti... Bem, não sei como explicar, mas mesmo que eu não tenha ficado de nenhuma forma *arrebatada*, como eu estava pelo Sr. Edmonds, eu... fiquei pensando. Sobre ele. E se talvez eu *poderia* sentir alguma coisa. Se tentasse. E eu não via como podia estar apaixonada pelo Sr. Edmonds se o Sr. Bridgerton me fazia pensar sobre essas coisas.

Lucy assentiu. Gregory Bridgerton a fizera pensar sobre aquelas coisas também. Mas não se ela poderia. Isso ela sabia. Ela só queria saber como fazer para *não* sentir.

Mas Hermione não notou sua angústia. Ou talvez Lucy escondesse bem. De um jeito ou de outro, ela continuou com sua explicação:

– E então... com Richard... Não sei bem como aconteceu, mas nós estávamos andando, e conversando, e era tão agradável. Mais do que agradável – acrescentou rapidamente. – Agradável soa tedioso, e não foi assim. Parecia... certo. Como se eu estivesse em casa.

Hermione sorriu, quase como se não conseguisse acreditar em sua sorte. E Lucy estava feliz por ela. De verdade. Mas se perguntava como era possível estar tão feliz e tão triste ao mesmo tempo. Porque ela nunca iria se sentir daquela forma. E, mesmo que não acreditasse naquelas coisas antes, tinha passado a acreditar agora. E isso era muito pior.

– Sinto muito se não pareci feliz por você ontem à noite – disse Lucy, baixinho. – Estou. Muito. Foi o choque, só isso. Tantas mudanças ao mesmo tempo...

– Mas mudanças *boas*, Lucy – retrucou Hermione, os olhos brilhando. – Mudanças boas.

Lucy queria ter a confiança e a certeza da amiga. Queria abraçar seu otimismo, mas em vez disso se sentia oprimida. Não podia dizer isso a ela, é claro. Não naquele momento em que Hermione estava radiante de felicidade.

Então Lucy sorriu e falou apenas:

– Você vai ser feliz com Richard.

E estava sendo sincera.

Hermione agarrou a mão dela e a apertou com força, colocando nesse gesto toda a sua amizade e devoção.

– Ah, Lucy, eu sei. Eu o conheço há tanto tempo, e ele é *seu* irmão, então sempre me fez sentir segura. Confortável, mesmo. Não preciso me preocupar com o que ele pensa de mim. Você certamente já lhe disse tudo a meu respeito, de bom e de ruim, e ele ainda acha que valho a pena.

– Ele não sabe que você não sabe dançar – admitiu Lucy.

– Não sabe? – Hermione deu de ombros. – Vou contar-lhe, então. Talvez ele possa me ensinar. Ele dança bem?

Lucy balançou a cabeça.

– Está vendo? – disse Hermione, o sorriso melancólico, esperançoso e alegre ao mesmo tempo. – Somos perfeitos um para o outro. Ficou tudo tão claro... É tão fácil conversar com ele, e ontem à noite... Eu estava rindo, e ele também, e foi tudo tão... *maravilhoso*. Eu realmente não sei explicar.

Mas ela não precisava explicar. Lucy estava apavorada por saber exatamente o que Hermione queria dizer.

– E de repente estávamos dentro do jardim de inverno, e estava tudo tão bonito, com o luar brilhando através do vidro. Parecia tudo tão embaçado, indistinto e... e então eu olhei para ele.

Os olhos dela ficaram enevoados e distantes, e Lucy sabia que ela estava perdida na lembrança.

Perdida e feliz.

– Eu olhei para ele – repetiu Hermione –, e ele estava olhando para mim. Eu não consegui desviar o olhar. Não podia. E então nos beijamos. Foi... Eu nem sequer pensei a respeito. Só aconteceu. E foi a coisa mais maravilhosa e natural do mundo.

Lucy assentiu com um ar de tristeza.

– Eu percebi que não entendia antes. Com o Sr. Edmonds... ah, eu me achava tão perdidamente apaixonada, mas não sabia o que era o amor. Ele era tão bonito, e me deixava tímida e empolgada, mas eu nunca desejei beijá-lo. Nunca olhei para ele e me inclinei para a frente, oferecendo os lábios. Não porque eu queria, mas só porque... porque...

Porque o quê?, Lucy queria gritar. Mas, mesmo tendo vontade, faltava-lhe energia.

– Porque era onde eu deveria estar – concluiu Hermione, baixinho, e parecia espantada, como se não tivesse se dado conta daquilo até aquele momento.

Lucy de repente começou a se sentir muito estranha, agitada. Teve o desejo insano e inesperado de cerrar os punhos. O que ela *queria dizer*? Por que estava falando isso? Todo mundo tinha passado tanto tempo dizendo-lhe que o amor era algo mágico, algo selvagem e incontrolável que vinha como uma tempestade.

E agora era *reconfortante*? Tranquilo? Algo que, na verdade, parecia *bom*?

– O que aconteceu com a parte de ouvir música? – perguntou. – Olhar para a parte de trás da cabeça dele e *saber*?

Hermione deu de ombros com ar desamparado.

– Eu não sei. Mas não confiaria nisso, se fosse você.

Lucy fechou os olhos, desesperada. Não precisava do aviso de Hermione. Nunca teria confiado nesse tipo de coisa. Não era, e nunca seria, do tipo que memorizava sonetos de amor. Mas naquele outro tipo – o das risadas, da sensação reconfortante, de se sentir *bem* –, ela confiaria num piscar de olhos.

E, Deus do céu, era isso que ela havia sentido com o Sr. Bridgerton.

Tudo isso e a música, também.

Lucy sentiu o sangue se esvair de seu rosto. Ela ouvira *música* quando o beijara. Tinha sido uma verdadeira sinfonia, com magníficos crescendos, uma percussão ritmada e até aquela batida pulsante mais baixa que ninguém percebe até ir aumentando aos poucos e assumir o ritmo do seu coração.

Lucy flutuara. E sentira frêmitos. Experimentara todas as sensações que Hermione dissera ter experimentado com o Sr. Edmonds – e com Richard também.

Tudo isso com uma pessoa.

Ela estava apaixonada por ele. Estava apaixonada por Gregory Bridgerton. Não poderia ser mais claro... ou mais cruel.

– Lucy? – chamou Hermione, hesitante. – Lucy?

– Quando vai ser o casamento? – perguntou Lucy abruptamente. Porque mudar de assunto era a única coisa que podia fazer. Ela virou e encarou Hermione pela primeira vez durante a conversa. – Já começou a fazer os planos? Será em Fenchley?

Detalhes. Detalhes eram sua salvação. Sempre foram.

Hermione pareceu confusa, então preocupada, e depois disse:

– Eu... não, acho que será em Abbey. É mais grandioso. E... você tem certeza de que está bem?

– Muito bem – respondeu Lucy rapidamente. – Mas você não falou quando.

– Ah. Muito em breve. Soube que havia pessoas perto do jardim de inverno ontem à noite. Não sei bem o que ouviram ou falaram, mas os rumores já começaram, por isso precisamos resolver logo tudo. – Hermione abriu um sorriso doce. – Eu não me importo. E acho que Richard também não.

Lucy se perguntou qual delas subiria ao altar primeiro. Esperava que fosse Hermione.

Bateram à porta. Era uma empregada, seguida por dois criados, que estavam ali para pegar os baús de Lucy.

– Richard quer ir embora cedo – explicou ela à amiga, mesmo não tendo visto o irmão desde os acontecimentos da noite anterior.

Hermione provavelmente sabia mais sobre os planos deles do que ela.

– Pense só, Lucy – disse Hermione, levando-a até a porta. – Nós duas seremos condessas. Eu, de Fennsworth, e você, de Davenport. Vamos causar uma impressão e tanto, nós duas.

Lucy sabia que ela estava tentando animá-la, então usou toda a sua energia para forçar o sorriso a alcançar seus olhos quando disse:

– Vai ser muito divertido, não é?

Hermione pegou sua mão e apertou-a.

– Ah, vai sim, Lucy. Você vai ver. Estamos no alvorecer de um novo dia, que será, de fato, radiante.

Lucy abraçou a amiga. Era a única maneira de esconder seu rosto.

Porque não havia como fingir um sorriso desta vez.

Gregory a encontrou bem a tempo. Ela estava na entrada, surpreendentemente sozinha, a não ser por um punhado de criados correndo de um lado para outro. Ele a viu de perfil, o queixo erguido de leve, enquanto observava seus baús sendo levados para a carruagem. Ela parecia... serena. Contida.

– Lady Lucinda! – gritou ele.

Ela ficou imóvel por alguns instantes antes de se virar. E, ao fazer isso, seus olhos pareciam aflitos.

– Fico feliz por tê-la encontrado – disse Gregory, embora já não tivesse certeza disso.

Ela claramente não estava feliz em vê-lo. Ele não esperava por isso.

– Sr. Bridgerton – falou Lucy.

Seus lábios estavam contraídos nos cantos, mas ela não estava sorrindo, ao contrário do que parecia pensar.

Havia uma centena de coisas que ele poderia ter dito, então é claro que escolheu a menos significativa e mais óbvia:

– A senhorita está indo embora.

– Estou – disse ela, após uma ligeira pausa. – Richard quer sair cedo.

Gregory olhou em volta.

– Ele está aqui?

– Ainda não. Imagino que esteja se despedindo de Hermione.

– Ah. Sim. – Ele pigarreou. – Claro.

Olhou para ela, que também o encarou, e os dois ficaram em silêncio.

Um silêncio embaraçoso.

– Queria dizer que sinto muito – disse Gregory.

Ela... não sorriu. Ele não sabia direito o que viu em seu rosto, mas não foi um sorriso.

– Tudo bem – falou Lucy.

Tudo bem? *Tudo bem?*

– Desculpas aceitas. – Ela olhou por sobre o ombro dele. – Por favor, não pense mais nisso.

Sem dúvida era o que ela devia dizer, mas ainda assim Gregory ficou incomodado. Ele a beijara, e tinha sido maravilhoso, e, se quisesse pensar no beijo, faria isso.

– Vejo a senhorita em Londres? – perguntou Gregory.

Os olhos dela enfim encontraram os dele, à procura de algo. Por fim, Gregory achou que ela não encontrou o que buscava.

Lucy parecia muito abatida, muito cansada. Muito diferente do que era.

– Creio que sim – respondeu. – Mas as coisas não serão as mesmas. Estou noiva, o senhor sabe.

– *Praticamente* noiva – lembrou ele, sorrindo.

– Não. – Ela balançou a cabeça, lenta e resignadamente. – Agora estou mesmo. É por isso que Richard veio me levar para casa. Meu tio concluiu o acordo. Acredito que os proclamas devam ser lidos em breve. Está feito.

Os lábios de Gregory se abriram de surpresa.

– Entendo – disse ele, os pensamentos se sucedendo em disparada, sem formar conclusão alguma. – Faço votos de que seja feliz – acrescentou, porque o que mais poderia falar?

Ela assentiu, em seguida acenou com a cabeça em direção ao grande gramado verde na frente da casa.

– Acho que vou dar uma volta pelo jardim. Tenho uma longa viagem pela frente.

– É claro – disse Gregory, fazendo uma reverência educada.

Ela não queria sua companhia. Não poderia ter deixado isso mais claro nem se tivesse dito em voz alta.

– Foi ótimo conhecê-lo – falou Lucy.

Os olhos dela encontraram novamente os dele e, pela primeira vez durante a conversa, Gregory a *viu* de verdade, enxergou seu interior cansado e machucado.

E viu que ela estava se despedindo.

– Eu sinto muito... – Ela parou e olhou para o lado. Para uma parede de pedra. – Sinto muito que as coisas não tenham saído como o senhor esperava.

Eu não, pensou ele, e percebeu que era verdade. Teve um súbito vislumbre de como seria sua vida casado com Hermione Watson e viu que parecia... Entediado.

Meu Deus, como só agora ele percebia isso? Ele e a Srta. Watson não combinavam de forma nenhuma, e, na verdade, ele tinha escapado por um triz.

Aparentemente ele não podia mais confiar no próprio julgamento em matéria de assuntos do coração, mas isso parecia muito melhor do que um casamento sem graça. Talvez devesse agradecer a Lady Lucinda, embora não soubesse

muito bem por quê. Ela não impedira seu casamento com a Srta. Watson; na verdade, havia incentivado isso o tempo todo.

Mas, de alguma forma, havia sido responsável por Gregory recuperar a razão. Se havia alguma coisa importante para ele se dar conta naquela manhã, era isso.

Lucy fez sinal para o gramado mais uma vez.

– Vou dar aquela volta, então – falou.

Ele acenou um cumprimento e observou enquanto Lucy se afastava. O cabelo dela estava perfeitamente arrumado em um coque, os fios louro-escuros capturando a luz do sol como mel e manteiga.

Gregory ficou ali por algum tempo, não porque imaginasse que ela fosse virar, ou mesmo porque esperasse isso. Era só para o caso de acontecer.

Porque ela poderia. Ela poderia se virar, e poderia ter algo a lhe dizer, e então ele poderia responder, e ela...

Mas Lucy não virou. Continuou andando. Não olhou para trás nem uma vez e então ele passou os últimos minutos observando a nuca dela. E tudo em que conseguia pensar era... *Algo não está certo.* Mas ele não sabia o que era.

CAPÍTULO 13

No qual nossa heroína tem um vislumbre do seu futuro.
Um mês depois.

A comida era requintada, os talheres, magníficos, tudo em volta mais do que luxuoso.

Lucy, no entanto, estava infeliz.

Lorde Haselby e o pai, o conde de Davenport, tinham ido à Casa Fennsworth, em Londres, para o jantar. Tinha sido ideia de Lucy, um fato que agora ela achava penosamente irônico. Ela se casaria em apenas uma semana, e ainda assim, até aquela noite, ainda não tinha visto seu futuro marido. Não desde que o casamento tinha passado de provável para iminente, pelo menos.

Ela e o tio tinham chegado a Londres duas semanas antes e, após onze dias sem que visse seu pretendente, ela procurara o tio e perguntara se poderiam organizar algum tipo de reunião. Ele parecera um pouco irritado, embora não porque achasse o pedido tolo, Lucy tinha certeza disso. Não, a simples presença dela bastava para provocar tal reação nele. Ela esperara à frente dele por uma resposta, e ele tinha sido forçado a levantar os olhos.

Tio Robert não gostava de ser interrompido.

Mas aparentemente tinha chegado à conclusão de que era prudente permitir que um casal de noivos trocasse uma ou duas palavras antes de se encontrarem na igreja, então lhe dissera, em poucas palavras, que iria tomar as providências.

Estimulada por sua pequena vitória, Lucy também tinha perguntado se poderia comparecer a um dos muitos eventos sociais que aconteciam praticamente à sua porta. A temporada londrina tinha começado, e todas as noites Lucy ficava à janela, observando as elegantes carruagens passarem. Certa noite houvera uma festa do outro lado da St. James Square, bem em frente à Casa Fennsworth. A fila de carruagens dera a volta à praça e Lucy tinha apagado

as velas em seu quarto, para sua silhueta não ser vista à janela, enquanto ela acompanhava tudo. Alguns convidados ficaram impacientes com a espera e, como o clima estava ameno, desembarcaram do lado dela da praça e andaram o resto do caminho.

Lucy dissera a si mesma que só queria ver os vestidos, mas, no fundo do seu coração, sabia a verdade.

Ela procurava o Sr. Bridgerton.

Não sabia bem o que faria se chegasse a vê-lo. Provavelmente se abaixaria para não ser vista. Ele devia saber que aquela era a casa dela, e com certeza teria a curiosidade de olhar para a fachada, mesmo que a presença de Lucy em Londres não fosse um fato amplamente conhecido.

Mas ele não tinha ido àquela festa, ou, se fora, sua carruagem o deixara bem na entrada.

Ou talvez ele não estivesse em Londres. Lucy não tinha como saber. Estava presa em casa com seu tio e sua tia idosa e um pouco surda Harriet, que fora chamada para lá por uma questão de decoro. Lucy saía de casa para ir à costureira e para alguns passeios no parque, mas, fora isso, passava o tempo inteiro sozinha com um tio que não falava e uma tia que não ouvia direito.

Então ela em geral não estava a par de fofocas. Sobre Gregory Bridgerton ou qualquer outra pessoa, aliás.

E, mesmo quando por acaso encontrava alguém que conhecia, ela não podia simplesmente perguntar por ele. As pessoas iriam pensar que estava interessada, o que era verdade, só que ninguém jamais poderia saber disso.

Ela iria se casar com outra pessoa. Em uma semana. E, mesmo que não fosse, Gregory Bridgerton não tinha demonstrado nenhum sinal de querer tomar o lugar de Haselby.

Ele a havia beijado, isso era verdade, e parecia preocupado com o bem-estar dela, mas, se acreditava que um beijo implicava a necessidade de um pedido de casamento, não dera nenhuma indicação disso. Ele não sabia que o noivado dela com Haselby tinha sido formalizado, não quando a beijara, e não na manhã seguinte, quando se encontraram meio sem jeito na entrada da casa. Gregory devia ter imaginado que estava beijando uma jovem sem compromisso. Não se faz uma coisa dessas a menos que se esteja pronto e disposto para subir ao altar.

Mas não Gregory. Quando ela enfim lhe contara sobre o noivado, ele não parecera abalado. Nem mesmo ligeiramente angustiado. Não houvera nenhum apelo para que ela reconsiderasse, ou tentasse encontrar uma maneira de cancelar o compromisso. Tudo o que ela vira em seu rosto – e, ah, como ela tinha *procurado...* – fora... nada.

Seu rosto, seus olhos pareciam quase inexpressivos. Talvez um pouco surpresos, mas ela não vira nenhuma tristeza ou alívio. Nada que indicasse que o casamento iminente de Lucy significava alguma coisa para ele.

Ah, não, ela não achava que Gregory era um cafajeste, e tinha certeza de que ele teria se casado com ela se houvesse sido necessário. Mas ninguém os vira, e assim, no que dizia respeito ao restante do mundo, nada havia acontecido.

Não houvera consequências. Para nenhum deles.

Mas não teria sido bom se ele tivesse parecido pelo menos um pouco chateado? Gregory a beijara e a terra *tremera* – não era possível que ele não tivesse sentido. Então ele não deveria querer mais? Não deveria querer, se não casar com ela, pelo menos ter a chance de fazer isso?

Mas ele dissera “Faço votos de que seja feliz”, e isso soara tão definitivo... Enquanto estava lá, vendo seus baús sendo levados para a carruagem, Lucy sentira o coração se partir. Sentira *dor*. E, quando se afastara, a sensação só piorara, fazendo-a achar que ficaria sem ar. Ela, então, começara a caminhar o mais rápido que podia sem sair correndo, até que enfim dobrara uma esquina e desabara em um banco, enterrando o rosto desamparadamente nas mãos.

E rezara para que ninguém a visse.

Ela quisera olhar para trás. Quisera roubar um último olhar e guardar na memória a imagem de Gregory naquele momento – aquela maneira singular que ele tinha de ficar em pé, as mãos atrás das costas, as pernas ligeiramente afastadas. Lucy sabia que centenas de homens paravam daquela mesma forma, mas com ele era diferente. Gregory poderia estar virado para o outro lado, a centenas de metros de distância, e ela saberia que era ele.

Ele tinha um jeito próprio de caminhar também, tranquilo e descontraído, como se uma pequena parte do seu coração ainda tivesse 7 anos de idade. Era algo em seus ombros, nos quadris talvez – o tipo de coisa que quase ninguém notaria, mas Lucy sempre fora atenta aos detalhes.

Mas ela não olhara para trás. Só teria piorado tudo. Ele provavelmente não estaria olhando para ela, mas se estivesse... e a visse se virar...

Teria sido devastador. Ela não sabia bem por quê, mas teria sido. Não queria que ele visse seu rosto. Tinha conseguido manter-se tranquila durante a conversa, mas, quando virara para sair, ela sentira que mudara. Seus lábios se entreabriram, ela respirara fundo, e era como se tivesse se esvaziado.

Era horrível. E ela não queria que ele visse isso.

Além disso, Gregory não estava interessado. Ele só fizera questão de se desculpar pelo beijo. Lucy sabia que era o que ele tinha de fazer – a sociedade exigia isso (ou, se não isso, então uma rápida ida ao altar). Mas, ainda assim, doía. Lucy queria pensar que ele compartilhara, pelo menos um pouco, do que ela sentira. Não que alguma coisa pudesse resultar disso, mas com certeza a faria ter uma sensação melhor. Ou talvez pior.

E, no fim, não importava. Não importava o que o coração dela sentia ou deixava de sentir, porque ela não poderia fazer nada a respeito. Que sentido fazia ter sentimentos se eles não poderiam ser direcionados para um fim tangível? Lucy tinha de ser prática. E ela era assim. Era sua única constante em um mundo que estava girando rápido demais para seu gosto.

Mas, ainda assim, ali em Londres, ela queria vê-lo. Era tolo, estúpido e, quase sem dúvida, desaconselhável, mas ela queria assim mesmo. Ela não tinha nem que falar com ele. Na verdade, provavelmente não *deveria* falar com ele. Mas vê-lo de relance não faria mal a ninguém.

Só que, quando ela perguntara a tio Robert se poderia ir a uma festa, ele recusara, alegando que não fazia muito sentido perder tempo ou dinheiro com a temporada se ela já tinha alcançado o resultado esperado: um pedido de casamento.

Além disso, ele lhe informara que lorde Davenport gostaria que Lucy fosse apresentada à sociedade como Lady Haselby, e não como Lady Lucinda Abernathy. Lucy não sabia muito bem por que isso era importante, principalmente porque vários membros da sociedade já a conheciam como Lucinda Abernathy. Mas tio Robert indicara (à sua inimitável maneira, ou seja, sem dizer uma palavra) que a conversa havia acabado e já tinha voltado a atenção para os papéis em sua mesa.

Por um breve instante, Lucy permanecera no lugar. Se dissesse o nome dele, talvez ele levantasse os olhos. Ou talvez não. Mas, se fizesse isso, estaria impaciente, e ela se sentiria um estorvo, e, de qualquer forma, não receberia nenhuma resposta às suas perguntas.

Então, ela apenas acenou com a cabeça e saiu da sala. Embora só Deus soubesse por que se dava ao trabalho de cumprimentá-lo. Tio Robert nunca voltava a olhar para ela depois que a dispensava.

E agora ali estava, no jantar que ela mesma solicitara, desejando fervorosamente que nunca tivesse aberto a boca. Haselby era gentil, até mesmo bem agradável. Mas seu pai...

Lucy rezava para não ter de morar na casa dos Davenports. Por favor, *por favor*, Deus permita que Haselby tenha sua própria casa.

No País de Gales. Ou talvez na França.

Lorde Davenport, depois de reclamar do tempo, da Câmara dos Comuns e da ópera (que achava, respectivamente, chuvoso, cheia de idiotas mal-educados e, *por Deus, nem mesmo era em inglês!*), voltara seu olhar crítico para ela.

Lucy precisara de toda sua força para não recuar enquanto ele a atacava. O homem parecia um um peixe acima do peso, com os olhos saltados e os lábios grossos. Para ser sincera, Lucy não teria ficado surpresa se ele tivesse aberto a camisa e revelado brânquias e escamas.

E então... *ecaaa*... ela estremeceu só de lembrar. Ele se aproximara tanto, tanto, que Lucy sentira seu hálito quente e fedido no rosto. Ela ficara rígida, com a postura perfeita que havia aprendido desde criança. E ele lhe dissera para mostrar os dentes.

Tinha sido humilhante.

Lorde Davenport a inspecionara como se fosse uma égua reprodutora, chegando ao ponto de colocar as mãos em seus quadris para medi-los para um possível parto! Lucy engasgara e olhara desesperada para o tio, em busca de ajuda, mas ele continuara impassível, o olhar fixo em um local que não era o seu rosto.

E agora que tinham se sentado para comer... Santo Deus! Lorde Davenport decidira *interrogá-la*. Fizera todas as perguntas possíveis sobre sua saúde, cobrindo áreas que Lucy tinha quase certeza que não eram apropriadas para uma

conversa entre homens e mulheres, e então, quando ela achou que o pior já tinha passado...

– Você sabe a tabuada?

Lucy piscou.

– Perdão?

– A tabuada – disse ele, impaciente. – De seis, de sete...

Por um instante, Lucy não conseguiu falar. Ele queria que ela fizesse *contas*?

– Bem...? – insistiu ele.

– É c-claro – gaguejou Lucy.

E olhou de novo para o tio, mas ele mantinha a expressão de determinado desinteresse.

– Mostre-me. – A boca de Davenport contraiu-se em uma linha firme entre as bochechas salientes. – Pode ser a de sete.

– Eu... hã...

Totalmente desesperada, ela ainda tentou chamar a atenção de tia Harriet, mas esta se mostrava alheia a tudo. Na verdade, não havia dito uma palavra desde que a noite começara.

– Pai – interrompeu Haselby –, com certeza o senhor...

– É tudo uma questão de criação – retrucou lorde Davenport, bruscamente. – O futuro da família está no ventre dela. Temos o direito de saber o que estamos recebendo.

Os lábios de Lucy se abriram com o choque. Então ela percebeu que tinha levado a mão ao abdômen e abaixou de imediato. Ficou olhando alternadamente para o pai e para o filho, sem saber direito se deveria falar.

– A última coisa que você quer é uma mulher que pense demais – dizia lorde Davenport –, mas ela deve ser capaz de fazer coisas simples como a multiplicação. Santo Deus, filho, pense nas implicações.

Lucy olhou para Haselby. Ele retribuiu o olhar como quem pede desculpas.

Ela engoliu em seco e fechou os olhos por um instante para reunir forças. Quando os abriu, lorde Davenport a encarava e começava a abrir a boca. Quando Lucy percebeu que ele ia falar de novo, pensou que não poderia suportar isso, então...

– Sete, catorze, vinte e um – disparou ela, interrompendo-o da melhor forma que pôde. – Vinte e oito, trinta e cinco, quarenta e dois...

Ela se perguntou o que ele faria se ela errasse. Será que cancelaria o casamento?

–... quarenta e nove, cinquenta e seis...

Era tentador. Tão tentador...

–... sessenta e três, setenta, setenta e sete...

Ela olhou para o tio. Ele estava comendo. E nem olhava para ela.

–... oitenta e dois, oitenta e nove...

– Hã, já basta – disse lorde Davenport, começando a falar no *oitenta e dois*.

A euforia rapidamente se esvaiu do peito de Lucy. Ela havia se rebelado – talvez pela primeira vez na vida – e ninguém tinha notado. Tinha esperado demais.

E se perguntou o que mais já deveria ter feito.

– Muito bem – disse Haselby, com um sorriso encorajador.

Lucy conseguiu retribuir com um sorriso discreto. Ele não era nada mau. Na verdade, se não fosse por Gregory, ela o consideraria bem razoável. O cabelo talvez fosse um pouco fino demais, e ele também era meio magro demais, mas isso não era exatamente um motivo de reclamação. Sobretudo porque a personalidade dele – sem dúvida o aspecto mais importante de qualquer homem – era bastante agradável. Eles tinham conseguido conversar um pouco antes do jantar, enquanto lorde Davenport e o tio de Lucy discutiam sobre política, e ele fora encantador. Até fizera um comentário sarcástico sobre o pai e ainda revirara os olhos, fazendo Lucy rir.

Ela não devia mesmo reclamar.

E não estava reclamando. Não faria isso. Só queria outra coisa.

– Posso crer que se saiu bem na Escola da Srta. Moss? – perguntou lorde Davenport, com os olhos semicerrados de forma que sua indagação não soasse exatamente amigável.

– Sim, claro – respondeu Lucy, piscando, surpresa.

Tinha pensado que já não era mais o foco da conversa.

– Excelente instituição – comentou o conde, mastigando um pedaço de cordeiro assado. – Eles têm exata noção do que uma garota deve e não deve saber. A filha de Winslow estudou lá. A de Fordham também.

– Sim – murmurou Lucy, uma vez que uma resposta parecia esperada. – As duas são meninas muito gentis – mentiu.

Sybilla Winslow era uma tirana bastante desagradável que achava divertido beliscar as alunas mais jovens.

Mas, pela primeira vez naquela noite, lorde Davenport parecia satisfeito com ela.

– Você as conhece bem, então? – indagou.

– Hã, um pouco – falou Lucy, de forma evasiva. – Lady Joanna era um pouco mais velha, mas não é uma escola grande. Não há como *não* conhecer as outras alunas.

– Bom – comentou lorde Davenport, em aprovação, as bochechas sacudindo com o movimento.

Lucy tentou não olhar.

– Essas são as pessoas que você precisa conhecer – continuou ele. – Ligações que deve cultivar.

Lucy assentiu respeitosamente, fazendo ao mesmo tempo uma lista mental de onde preferiria estar. Paris, Veneza, Grécia... se bem que... esses lugares não estavam em guerra? Não importava. Ela ainda preferiria estar na Grécia.

–... responsabilidade com o nome... certos padrões de comportamento...

Será que era muito quente no Oriente? Ela sempre admirara os vasos chineses.

–... não vamos tolerar qualquer desvio...

Qual era o nome daquela parte terrível da cidade? St. Giles? Sim, ela também preferiria estar lá.

–... obrigações. Obrigações!

Ao dizer a última palavra, ele bateu com o punho na mesa, fazendo a prataria sacudir e Lucy dar um pulo no assento. Até mesmo tia Harriet levantou os olhos da comida.

Lucy logo voltou a prestar atenção e, como todos os olhos estavam voltados para ela, disse:

– Sim?

Lorde Davenport se inclinou de forma quase ameaçadora.

– Algum dia você será Lady Davenport. E terá obrigações. Muitas.

Lucy conseguiu esticar os lábios apenas o suficiente para simular uma resposta. Santo Deus, quando aquela noite iria acabar?

Lorde Davenport se inclinou ainda mais e, ainda que a mesa fosse grande e estivesse cheia de comida, Lucy instintivamente se afastou.

– Você não deve desprezar suas responsabilidades – continuou ele, o volume da voz aumentando de maneira assustadora. – Está me entendendo, garota?

Lucy se perguntou o que aconteceria se levasse as mãos à cabeça e gritasse:

Deus do céu, ponha um fim a esta tortura!!!

Sim, pensou ela, isso provavelmente o faria desistir da ideia do casamento. Talvez ele a achasse insana e...

– É claro, lorde Davenport – ela se ouviu dizer.

Era uma covarde. Uma covarde desprezível.

E então, como se ele fosse uma espécie de brinquedo de corda que alguém tivesse acionado até o fim, recostou-se na cadeira, perfeitamente composto.

– Fico feliz em ouvir isso – falou, limpando o canto da boca com o guardanapo. – E tranquilo em ver que ainda ensinam deferência e respeito na Escola da Srta. Moss. Não me arrependo de ter decidido mandá-la para lá.

Lucy parou o garfo a meio caminho da boca.

– Não sabia que a decisão havia sido do senhor.

– Eu tinha de fazer alguma coisa – resmungou ele, olhando para Lucy como se ela fosse tonta. – Você não tinha uma mãe para se certificar de que você fosse devidamente instruída para o papel que irá desempenhar na vida. E há coisas que você precisa saber para ser uma condessa. Habilidades que deve ter.

– Claro – disse ela com deferência, concluindo que uma demonstração de absoluta humildade e obediência seria a maneira mais rápida de pôr um fim àquela tortura. – Hã, e muito obrigada.

– Por quê? – quis saber Haselby.

Lucy virou para o noivo. Ele parecia genuinamente curioso.

– Ora, por ter me enviado para a Escola da Srta. Moss – explicou ela, tomando o cuidado de se referir diretamente a Haselby.

Talvez, se não *olhasse* para lorde Davenport, ele esquecesse que ela estava lá.

– Então a senhorita gostou de lá? – perguntou Haselby.

– Sim, muito – respondeu ela, um tanto surpresa ao perceber como era *agradável* que lhe fizessem uma pergunta educada. – Foi ótimo. Fui muito feliz lá.

Haselby abriu a boca para falar, mas, para o horror de Lucy, a voz que ouviu foi a do pai dele.

– Não se trata do que faz alguém feliz! – rugiu lorde Davenport, enfurecido.

Lucy não conseguia tirar os olhos da boca ainda aberta de Haselby. Sinceramente, pensou ela, em um estranho momento de calma absoluta, isso foi quase assustador.

Haselby fechou a boca e virou para o pai com um sorriso tenso.

– Do que se trata, então? – perguntou ele, e Lucy ficou impressionada com a absoluta falta de desagrado em sua voz.

– Trata-se do que se aprende – respondeu o conde, batendo um dos punhos na mesa de uma maneira bastante inadequada. – E das amizades que se faz.

– Bem, com certeza eu aprendi a tabuada – disse Lucy com delicadeza, embora ninguém parecesse ouvi-la.

– Ela será uma condessa! – bradou Davenport. – Uma condessa!

Haselby encarou o pai com tranquilidade.

– Ela só será uma condessa quando o senhor morrer – murmurou.

Lucy ficou boquiaberta.

– Então, na verdade – continuou Haselby, levando casualmente um minúsculo pedaço de peixe à boca –, isso não importa muito para o senhor, não é?

Lucy virou em direção a lorde Davenport, os olhos muito arregalados.

O conde estava vermelho. Era uma cor horrível – sombria, forte e colérica, agravada pela veia que saltava em sua têmpora esquerda. Ele fuzilava Haselby com os olhos estreitos de raiva. Não havia ódio ali, nenhum desejo de fazer mal ou ferir, mas, embora não fizesse absolutamente nenhum sentido, Lucy poderia jurar que naquele momento Davenport odiava o filho.

E Haselby disse apenas:

– Como o tempo anda bom, não é mesmo?

E sorriu. Sorriu!

Lucy encarou-o, perplexa. Fazia dias que não parava de chover. Mas, mais importante que isso, será que ele não tinha percebido que seu pai estava a um comentário atrevido de distância de um ataque apoplético? Lorde Davenport parecia prestes a explodir, e Lucy tinha certeza de que podia ouvir seus dentes rangendo do outro lado da mesa.

E então, quando a sala praticamente pulsava de fúria, tio Robert entrou na conversa.

– Estou satisfeito por termos decidido realizar o casamento aqui em Londres – disse ele, a voz tranquila e objetiva. – Como você sabe – continuou ele, enquanto os outros recuperavam a compostura –, Fennsworth se casou em Abbey há apenas duas semanas, e, embora isso lembre a todos de nossa história ancestral já que, se não me engano, os últimos sete condes se casaram em casa, quase ninguém pôde comparecer.

Lucy suspeitava que isso tinha a ver tanto com a pressa com que o evento fora realizado quanto com o local, mas aquele não parecia o momento propício de abordar o assunto. E ela havia adorado o fato de ter sido uma cerimônia mais íntima. Richard e Hermione estavam muito felizes e todos os presentes tinham comparecido em nome do amor e da amizade. Tinha sido uma ocasião realmente alegre.

Até eles partirem no dia seguinte em viagem de lua de mel para Brighton. Lucy nunca se sentira tão infeliz e sozinha como quando acenara em despedida para eles na entrada de casa.

Os dois estariam de volta em breve, procurou se lembrar. Antes do casamento dela. Hermione seria sua única madrinha, e Richard a levaria ao altar.

Nesse meio-tempo, tinha tia Harriet como companhia. E lorde Davenport. E Haselby, que era ou totalmente brilhante ou completamente insano.

Uma risada – irônica, absurda e bastante inadequada – subiu pela sua garganta, escapando pelo nariz num bufar deselegante.

– Hã? – resmungou lorde Davenport.

– Não é nada – disse ela com rapidez, tossindo para disfarçar. – Engasguei com a comida. Uma espinha de peixe, é provável.

Foi quase engraçado. Teria sido engraçado, até, se ela estivesse lendo a cena em um livro. Teria de ser uma sátira, pensou, porque certamente não poderia ser um romance.

E ela não suportava pensar que poderia se tornar uma tragédia.

Lucy olhou ao redor da mesa para os três homens com poder de decisão sobre sua vida. Teria de tentar tirar o melhor disso. Não havia outra opção. Não fazia sentido continuar infeliz, por mais difícil que fosse ver as coisas pelo lado positivo. E, na verdade, poderia ter sido pior.

Então ela fez o que fazia melhor e tentou encarar aquilo tudo de um ponto de vista prático, catalogando mentalmente de que formas as coisas poderiam ser piores.

Mas, em vez disso, continuava pensando no rosto de Gregory Bridgerton – e de que formas tudo poderia ser melhor....

CAPÍTULO 14

No qual nosso herói e nossa heroína se reúnem e as aves de Londres ficam em êxtase.

Quando Gregory a viu, bem ali no Hyde Park, em seu primeiro dia de volta a Londres, seu primeiro pensamento foi...

Bem, é claro.

Parecia natural se deparar com Lucy Abernathy literalmente em sua primeira hora em Londres. Ele não sabia *por quê* – não havia nenhuma razão lógica para que seus caminhos se cruzassem. Mas ela não saía de seus pensamentos desde que cada qual seguira para um lado em Kent. E, embora achasse que Lucy ainda estava em Fennsworth, de alguma forma não lhe causava surpresa o fato de ela ser o primeiro rosto familiar que via em seu retorno após um mês no campo.

Ele tinha chegado à cidade na noite anterior, atipicamente cansado após uma longa viagem por estradas inundadas, e fora direto para a cama. Quando acordara – bem mais cedo do que o normal –, ainda estava tudo molhado lá fora em razão da chuva, mas o sol já saíra e brilhava no céu.

Na mesma hora, Gregory se vestira para sair. Ele adorava o cheiro fresco do ar logo após uma boa tempestade – mesmo em Londres. Não, *sobretudo* em Londres. Era o único momento em que a cidade tinha aquele odor – forte e límpido, quase como o aroma de folhas.

Gregory era proprietário de alguns quartos em um bonito prédio em Marylebone, e, embora seus aposentos tivessem poucos móveis, e estes fossem simples, gostava do lugar. Sentia-se em casa ali.

Em várias ocasiões, seu irmão e sua mãe o haviam convidado a morar com eles. Seus amigos o achavam louco de recusar – as duas residências eram consideravelmente mais luxuosas e, mais importante, tinham mais empregados do que seu humilde lar. Mas ele preferia sua independência.

Não era que se importasse que eles lhe dissessem o que fazer – todos sabiam que ele não iria ouvir e na maior parte das vezes encaravam isso de forma tranquila. Era a sensação de ser constantemente observado que Gregory não conseguia suportar. Mesmo que a mãe fingisse não interferir em sua vida, ele sabia que ela estava sempre vendo tudo o que fazia, acompanhando todos os seus compromissos sociais.

E *falando* sobre eles, além de observá-los. Violet Bridgerton podia, quando lhe dava vontade, conversar sobre senhoritas, cartões de dança e a interseção dos mesmos (no que dizia respeito a seu filho solteiro) com uma rapidez e facilidade capaz de deixar mesmo um homem já adulto zonzo.

E muitas vezes deixava.

Havia esta senhorita, e aquela outra, e ele não podia se esquecer de dançar com as duas – duas vezes – no próximo evento, e, principalmente, nunca, de forma alguma, podia esquecer aquela *terceira* senhorita. Aquela junto à parede, estava vendo, ali sozinha? A tia dela, como devia se lembrar, era uma amiga íntima.

A mãe de Gregory tinha várias amigas íntimas.

Violet Bridgerton tinha conseguido que sete dos seus oito filhos se casassem e fossem felizes, e agora Gregory carregava sozinho o fardo de seu fervor casamenteiro. Ele a amava, é claro, e adorava ver que se importava tanto com seu bem-estar e sua felicidade, mas às vezes ela o fazia querer arrancar os cabelos.

E Anthony era pior. Ele nem precisava *dizer* nada. Sua simples presença costumava ser o bastante para Gregory sentir que, de alguma forma, não estava fazendo jus ao nome da família. Era difícil construir seu caminho no mundo com o poderoso lorde Bridgerton de olho em tudo o que fazia. Até onde Gregory sabia, seu irmão mais velho nunca tinha cometido um erro na vida.

O que tornava os seus ainda mais evidentes.

Mas, por sorte, esse fora um problema relativamente fácil de resolver. Gregory simplesmente se mudara. Gastava boa parte da mesada para manter seu lar, que, embora fosse pequeno, valia cada centavo.

Até mesmo algo tão simples assim – como sair de casa sem ninguém perguntar por quê ou para onde (ou, no caso de sua mãe, *para a casa de quem*) –

era ótimo. Encorajador. Era estranho como um simples passeio podia fazer alguém se sentir senhor de si mesmo, mas era verdade.

E então lá estava ela. Lucy Abernathy. No Hyde Park, quando era de esperar que ainda estivesse em Kent.

Encontrava-se sentada em um banco, jogando migalhas de pão para um bando de pássaros esquálidos, e Gregory se lembrou daquele dia em que tinha esbarrado com ela atrás de Aubrey Hall. Ela também estava sentada em um banco e parecia bem desanimada. Pensando melhor agora, Gregory percebeu que o irmão dela provavelmente havia lhe contado que o noivado tinha sido formalizado.

E se perguntou por que ela não lhe dissera nada na hora.

Queria que ela tivesse dito alguma coisa.

Se soubesse que Lucy estava comprometida, nunca a teria beijado. Isso ia contra todos os códigos de conduta em que acreditava. Um cavalheiro não fazia algo do tipo com a noiva de outro homem. Isso simplesmente não era possível. Se ele soubesse a verdade, teria se afastado dela naquela noite, e teria...

Ficou paralisado. Não sabia o que teria feito. Como era possível ter reescrito aquela cena na cabeça tantas vezes e só agora percebido que nunca chegara ao ponto em que a afastava?

Se ele soubesse, teria feito Lucy seguir seu caminho logo naquele primeiro momento? Tivera de segurá-la nos braços para ajudá-la a se equilibrar, mas poderia tê-la virado em direção a seu destino quando a soltou. Não teria sido difícil, apenas um girar de pés. Teria terminado o que quer que fosse ali na hora, antes que existisse a chance de começar.

Mas em vez disso, ele sorrira e perguntara o que ela estava fazendo ali, e então – *Deus do céu*, no que estava pensando – se ela bebia brandy.

Depois disso... bem, ele não sabia direito como havia acontecido, mas se lembrava de tudo. Cada detalhe. A maneira como ela olhava para ele, com a mão em seu braço. Lucy o segurava e, por um instante, quase parecera precisar dele. Gregory poderia ser sua rocha, seu porto seguro.

Ele nunca fora o porto seguro de ninguém.

Mas não tinha sido isso. Não a beijara por essa razão. Beijara-a porque...

Porque...

Mas que diabo, ele não sabia *por que* a beijara. Só sabia que houvera aquele momento estranho e inescrutável em que tudo ficara tão quieto... um silêncio incrível, mágico, hipnotizante, que pareceu se infiltrar nele e roubar seu fôlego.

A casa estava cheia, fervilhando de convidados, mas naquele momento o corredor era só dos dois. Lucy olhava para ele, procurando alguma coisa, e então... de alguma forma... de repente ela estava mais perto. Ele não se lembrava de ter se movido, ou abaixado a cabeça, mas o rosto dela estava a poucos centímetros de distância. E a próxima coisa de que se lembrava... Era de tê-la beijado.

Daquele momento em diante, era como ele tivesse simplesmente se perdido. Era como se não soubesse mais falar, raciocinar ou pensar. Sua cabeça havia se tornado um estranho emaranhado pré-verbal. O mundo era cor e som, calor e sensação. Era como se sua mente tivesse sido absorvida pelo corpo.

E agora, quando se permitia pensar, ele se perguntava se poderia ter evitado aquilo. Se Lucy não tivesse dito *não*, se não tivesse colocado as mãos em seu peito e lhe dito para parar... Ele teria parado por conta própria?

Conseguiria parar?

Endireitou os ombros e aprumou o queixo. É claro que poderia. Ela era Lucy, pelo amor de Deus. Era maravilhosa de inúmeras formas, mas não fazia o tipo pelo qual os homens perdem a cabeça. Tinha sido uma anomalia temporária. Insanidade momentânea provocada por uma noite estranha e perturbadora.

Mesmo agora, sentada em um banco no Hyde Park, com um pequeno bando de pombos a seus pés, ela era a mesma boa e velha Lucy. Ainda não o vira, e era incrível ficar observando. Estava sozinha, a não ser por sua criada, que girava os polegares com as mãos entrelaçadas a dois bancos de distância. E sua boca se mexia.

Gregory sorriu. Lucy estava conversando com os pássaros. Provavelmente estava lhes dando algum tipo de orientação, talvez marcando uma data para jogar-lhes migalhas de novo outro dia. Ou dizendo-lhes para mastigar com os bicos fechados.

Ele riu. Não pôde se conter.

Ela se virou e o viu. Os olhos dela se arregalaram e lábios se entreabriram, e aquilo o atingiu em cheio no peito...

Era *bom* vê-la.

O que lhe causou bastante estranheza, dada a maneira como se despediram.

– Lady Lucinda – disse Gregory, aproximando-se. – Que surpresa. Não pensei que estivesse em Londres.

Por um momento, pareceu que ela não sabia como agir, então sorriu – talvez de forma um pouco mais hesitante do que de costume – e estendeu uma fatia de pão.

– Para os pombos? – murmurou ele. – Ou para mim?

O sorriso dela mudou, ficou mais familiar.

– Como o senhor preferir. Embora eu deva avisá-lo... está um pouco velho.

Os lábios dele se contraíram.

– Então a senhorita já experimentou?

E de repente parecia que nada daquilo tinha acontecido. O beijo, a conversa constrangedora na manhã seguinte... tudo isso se fora. Eles tinham voltado à sua amizade peculiar e estava tudo certo com o mundo.

A boca de Lucy se franziu, como se achasse que deveria repreendê-lo, e ele riu, porque era muito divertido provocá-la.

– É o meu segundo café da manhã – disse ela, com desfaçatez.

Gregory se sentou na extremidade oposta do banco e começou a despedaçar o pão. Quando tinha um punhado de bom tamanho, atirou-os todos de uma vez, em seguida aprumou-se para assistir ao frenesi de bicos e penas que se seguiu.

Já Lucy jogava suas migalhas metodicamente, uma após a outra, com precisos três segundos de intervalo, como ele pôde observar.

– Eles me abandonaram – comentou ela, franzindo a testa.

Gregory riu quando o último pombo pulou para o banquete Bridgerton. E atirou outro punhado.

– Sempre ofereço as melhores festas.

Ela virou e lhe lançou um olhar mordaz por cima do ombro.

– O senhor é insuportável.

Ele a encarou com um ar travesso.

– É uma das minhas melhores qualidades.

– De acordo com quem?

– Bem, minha mãe parece gostar muito de mim – disse ele modestamente.

Ela engasgou com o riso.

Gregory considerou aquilo uma vitória.

– Minha irmã... nem tanto.

Lucy ergueu uma das sobrancelhas.

– A que o senhor gosta de torturar?

– Eu não a torturo porque *gosto* – respondeu ele. – Faço isso porque é *necessário*.

– Para quem?

– Para toda a Grã-Bretanha. Confie em mim.

Lucy olhou para ele com ar de dúvida.

– Ela não pode ser tão ruim assim.

– Acho que não – disse ele. – Minha mãe parece gostar muito dela, por mais que isso me espante.

Lucy riu de novo e o som era... *bom*. Uma palavra nada específica, sem dúvida, mas que de alguma forma ia direto ao ponto. A risada dela vinha de dentro e era quente, rica e sincera.

Então ela o fitou e seus olhos pareceram bem sérios.

– O senhor gosta de provocar, mas aposto que daria a vida por ela.

Ele fingiu pensar a respeito.

– De quanto seria essa aposta?

– Que vergonha, Sr. Bridgerton. O senhor está fugindo do assunto.

– Claro que daria – disse ele em voz baixa. – Ela é minha irmã caçula. Minha para torturar e proteger.

– Ela não está casada agora?

Ele deu de ombros, olhando para o parque.

– Sim, creio que St. Clair possa cuidar dela agora, que Deus o ajude. – Ele a encarou, abrindo um sorriso torto. – Perdão.

Mas Lucy não se sentia tão superior assim para julgá-lo por ter proferido o nome do Senhor em vão. E, na verdade, ela o surpreendeu completamente ao dizer com convicção:

– Não há necessidade de se desculpar. Há momentos em que só o nome do Senhor pode transmitir com exatidão o tamanho do nosso desespero.

– Por que tenho a impressão de que a senhorita está falando em razão de alguma experiência recente?

– Ontem à noite – confirmou ela.

– É mesmo? – Ele se inclinou, muito interessado. – O que aconteceu?

Mas ela só balançou a cabeça.

– Não foi nada.

– Não se a *senhorita* usou o nome de Deus em vão...

Ela suspirou.

– Eu já lhe disse que o senhor é insuportável, não é mesmo?

– Uma vez hoje, e quase certamente várias outras antes.

Lucy fuzilou-o com os olhos, o azul-acinzentado se intensificando quando encontraram os dele.

– O senhor andou contando?

Gregory fez uma pausa. Era uma pergunta estranha, não porque ela havia feito – pelo amor de Deus, ele teria perguntado a mesma coisa se tivessem lhe provocado daquela forma. Era estranho porque ele tinha a sensação de que, se pensasse a respeito por algum tempo, poderia de fato saber a resposta.

Gostava de conversar com Lucy. E quando ela lhe dizia alguma coisa... Ele lembrava. O que era bastante peculiar.

– Andei pensando... – disse Gregory, uma vez que parecia um bom momento para mudar de assunto. – *Suportável* é uma palavra?

Ela ficou em silêncio por alguns instantes.

– Acredito que deva ser, não acha?

– Ninguém jamais disse isso na minha frente.

– E isso o surpreende?

Ele abriu lentamente um sorriso. De admiração.

– A senhorita é terrível, Lady Lucinda.

Ela arqueou as sobrancelhas e, naquele momento, pareceu diabólica.

– É um dos meus segredos mais bem guardados.

Gregory começou a rir.

– Não sou só uma intrometida.

Ele riu ainda mais. A risada retumbava no fundo de sua barriga, chegando a sacudir seu corpo.

Lucy o observava com um sorriso indulgente e, por alguma razão, ele achou isso tranquilizador. Ela parecia feliz. Serena, até.

E ele se sentia feliz por estar na companhia dela. Era muito agradável. Então ele virou. E sorriu.

– A senhorita tem outro pedaço de pão?

Ela lhe entregou três.

– Trouxe o pão inteiro.

Ele começou a despedaçá-los.

– Está tentando engordar os pássaros?

– Adoro torta de pombo – retrucou ela, voltando à sua distribuição avarenta de migalhas.

Gregory tinha quase certeza de que era sua imaginação, mas poderia jurar que os pássaros olhavam ansiosamente na direção dele.

– A senhorita vem sempre aqui? – perguntou.

Ela não respondeu de imediato. Em vez disso, inclinou a cabeça, quase como se tivesse de pensar sobre a resposta.

O que era estranho, uma vez que era uma pergunta bem simples.

– Eu gosto de alimentar os pássaros – disse ela. – É relaxante.

Ele atirou mais um punhado de pedaços de pão e abriu um sorriso.

– A senhorita acha?

Lucy estreitou os olhos e jogou a próxima migalha com um movimento preciso, e quase militar, do pulso. E a seguinte da mesma forma. Então virou para ele com os lábios franzidos.

– É, se a pessoa não estiver tentando incitar uma revolta.

– Está falando de mim? – rebateu ele, com ar de inocência. – A senhorita é quem está forçando os pássaros a lutarem até a morte por uma patética migalha de pão dormido.

– É um belo pedaço de pão, muito bem-feito e extremamente saboroso, fique o senhor sabendo.

– Em matéria de comida – disse ele com exagerada graciosidade –, sempre acatarei o que a senhorita decidir.

Lucy encarou-o com ar mordaz.

– A maioria das mulheres não acharia isso um elogio.

– Ah, mas a senhorita não é uma delas. E... – acrescentou ele – eu já a vi tomar café da manhã.

Ela abriu a boca, mas, antes que pudesse expressar sua indignação, ele a interrompeu:

– Isso foi um elogio, aliás.

Lucy balançou a cabeça. Ele realmente era insuportável. E ela estava *tão* grata por isso. Assim que o vira, ali parado observando-a alimentar os pássaros, sentira um aperto no estômago, ficara apreensiva, sem saber o que dizer ou como agir.

Mas então ele se aproximara e fora tão... *ele mesmo*. Gregory logo a deixara à vontade, o que, dadas as circunstâncias, era muito surpreendente.

Afinal, ela estava apaixonada por ele.

Ele dera aquele seu sorriso indolente e familiar e fizera alguma piada sobre os pombos, e, antes que percebesse, ela estava sorrindo também. E se sentindo à vontade, o que era muito reconfortante.

Não se sentia assim havia semanas.

E então, no espírito de tirar o melhor proveito das coisas, Lucy decidira não se concentrar em sua afeição inapropriada por ele e, em vez disso, ficar grata por poder estar junto em sua companhia sem se transformar em uma tola atrapalhada que só fazia gaguejar.

Aparentemente ainda *havia* alguns pequenos prazeres no mundo.

– Faz muito tempo que o senhor voltou a Londres? – indagou ela, bastante determinada a manter uma conversa agradável.

Ele pareceu surpreso. Claramente não esperava aquela pergunta.

– Não. Só cheguei ontem à noite.

– Entendo.

Lucy parou para pensar sobre isso. Era estranho, mas não tinha nem considerado a hipótese de que ele pudesse não estar na cidade. Mas isso explicava... Bem, ela não sabia direito o que explicava. O fato de não o ter visto em nenhum momento? De qualquer forma, ela não ia a nenhum outro lugar que não fosse sua casa, o parque e a costureira.

– Estava em Aubrey Hall, então?

– Não, fui embora pouco depois de você e decidi visitar o meu irmão. Ele mora com a esposa e os filhos em Wiltshire, alegremente longe de tudo o que é civilizado.

– Wiltshire não é assim tão longe.

Ele deu de ombros.

– Na metade do tempo eles nem sequer recebem o *Times*. E dizem não estar interessados.

– Que estranho...

Lucy não conhecia ninguém que não recebesse o jornal, mesmo nos condados mais distantes.

Ele assentiu.

– Mas achei isso bastante revigorante dessa vez. Não faço ideia do que ninguém anda fazendo e não estou me importando nem um pouco com isso.

– O senhor normalmente é tão fofoqueiro?

Gregory olhou para ela meio de lado.

– Os homens não fofocam. Nós conversamos.

– Entendo – disse ela. – Isso explica muita coisa.

Ele riu.

– A *senhorita* está há muito tempo na cidade? Achei que também estivesse no campo.

– Duas semanas – respondeu ela. – Chegamos logo depois do casamento.

– *Nós?* Então o seu irmão e a Srta. Watson estão aqui?

Ela odiava estar procurando pela ansiedade na voz dele, mas achava que não havia como evitar.

– Ela é Lady Fennsworth agora, e não, eles estão em viagem de lua de mel. Estou aqui com o meu tio.

– Para a temporada?

– Para o meu casamento.

Isso interrompeu o fluxo fácil da conversa.

Ela pegou outra fatia de pão.

– Será daqui a uma semana.

Gregory olhou para ela em estado de choque.

– Tão rápido?

– Tio Robert diz que não há razão para esperar.

– Entendo.

E talvez entendesse. Talvez houvesse algum tipo de etiqueta para tudo o que Lucy, sendo a garota do campo que era, não aprendera. Talvez não houvesse *mesmo* nenhuma razão para adiar o inevitável. Talvez tudo fosse parte daquela filosofia de tirar o melhor das coisas que vinha procurando tão diligentemente adotar.

– Bem – disse Gregory.

Então piscou algumas vezes e Lucy percebeu que ele não sabia o que falar.

Era uma reação bastante incomum, que ela achou gratificante. Era um pouco como Hermione não saber dançar. Se Gregory Bridgerton não conseguia encontrar as palavras, então havia esperança para o resto da humanidade.

Finalmente, ele disse:

– Meus parabéns.

– Obrigada.

Lucy se perguntou se ele havia recebido um convite. Tio Robert e lorde Davenport estavam determinados a realizar a cerimônia diante de absolutamente todo mundo. Segundo eles, seria sua grande apresentação à sociedade, e queriam que a alta sociedade em peso soubesse que ela era a esposa de Haselby.

– Será na igreja St. George – acrescentou ela, sem nenhuma razão.

– Aqui em Londres? – Ele parecia surpreso. – Achei que se casaria em Fennsworth Abbey.

Era engraçado, pensou Lucy, o fato de *não* ser doloroso discutir seu casamento iminente com ele. Sentia-se entorpecida, na verdade.

– Foi o que meu tio decidiu – explicou, pegando outra fatia de pão.

– Seu tio continua a ser o chefe da família? – perguntou Gregory, olhando para ela com uma leve curiosidade. – Seu irmão é o conde. Ele não chegou à maioridade?

Lucy jogou a fatia inteira no chão, depois observou com mórbido interesse os pombos enlouquecerem.

– Chegou – respondeu ela. – Ano passado. Mas deixou meu tio cuidar dos negócios da família enquanto fazia sua pós-graduação em Cambridge. Espero que assuma seu lugar em breve, agora que está... – Ela abriu um sorriso como quem se desculpa – casado.

– Não se preocupe em ferir meus sentimentos – tranquilizou-a Gregory. – Já estou recuperado.

– É mesmo?

Ele ergueu ligeiramente um dos ombros.

– Para ser sincero, acho que dei sorte.

Ela pegou outra fatia de pão, mas seus dedos ficaram paralisados antes de tirar um pedaço.

– Acha? – perguntou Lucy, virando-se para ele com interesse. – Como isso é possível?

Ele piscou, surpreso.

– A senhorita é bem direta, não é?

Ela corou. Pôde sentir isso de forma horrível em suas bochechas, que arderam.

– Sinto muito – falou. – Foi muito rude de minha parte. É só que o senhor estava tão...

– Não precisa dizer mais nada – interrompeu Gregory, e então ela se sentiu ainda pior, porque estava prestes a descrever, provavelmente com detalhes meticulosos, como ele tinha ficado caído de amores por Hermione.

O que, se ela estivesse em seu lugar, não gostaria que fosse relembrado.

– Sinto muito – repetiu Lucy.

Ele se virou e a encarou com uma curiosidade contemplativa.

– A senhorita diz isso com bastante frequência.

– “Sinto muito”?

– Sim.

– Eu... eu não sei. – Sentiu seus dentes rangerem e ficou muito tensa. Desconfortável. Por que ele tinha de reparar em algo do tipo? – É o meu jeito – falou, com firmeza.

Ele assentiu. E isso a fez se sentir ainda pior.

– É quem eu sou – acrescentou Lucy defensivamente, mesmo que ele já tivesse concordado com ela. – Eu tento resolver as coisas, acalmar os ânimos, corrigir situações.

Ao terminar de falar, ela atirou o último pedaço de pão no chão.

Gregory arqueou as sobrancelhas e os dois viraram ao mesmo tempo para observar o caos que se seguiu.

– Muito bem – murmurou ele.

– Eu tiro o melhor das coisas – disse ela. – Sempre.

– É uma característica louvável – falou ele em voz baixa.

E isso, de alguma forma, a deixou irritada. Verdadeiramente irritada. Não queria ser elogiada por saber se contentar com o que não era o melhor. Era irrelevante e *não* a coisa principal na vida.

– E quanto ao senhor? – perguntou ela, a voz ficando estridente. – Acha que tira o melhor das coisas? É por isso que se diz recuperado? Não era o senhor que ficava todo enlevado só de pensar no amor? Não tinha dito que o amor era *tudo*, que não lhe deixava escolha? Que...

Lucy parou, horrorizada com seu tom. Gregory a encarava como se ela tivesse enlouquecido, e talvez tivesse mesmo.

– O senhor disse muitas coisas – murmurou ela, esperando que isso pudesse encerrar a conversa.

Precisava encerrá-la. Já estava ali no banco pelo menos quinze minutos antes de Gregory chegar, e o clima estava úmido e ventoso, e sua criada não usava uma roupa quente o suficiente, e, se pensasse bem, provavelmente se lembraria de uma centena de coisas que precisava fazer em casa.

Ou, pelo menos, de um livro que poderia ler.

– Sinto muito se aborreci a senhorita – disse Gregory, com toda a calma.

Ela não conseguia olhar para ele.

– Mas não menti quando disse aquelas coisas – acrescentou ele. – Sinceramente, não penso mais na Srta... me desculpe, em Lady Fennsworth... com frequência, exceto, talvez, para concluir que, no fim das contas, não combinaríamos mesmo.

Ela virou para Gregory e percebeu que queria acreditar nele. Queria muito.

Porque, se ele conseguira esquecer Hermione, talvez ela pudesse esquecê-lo.

– Não sei como explicar isso – disse Gregory, e balançou a cabeça, como se estivesse tão confuso quanto ela. – Mas se algum dia a senhorita se apaixonar perdida e inexplicavelmente...

Lucy congelou. *Ele não ia falar aquilo.*

Gregory deu de ombros.

– Bem, eu não confiaria nisso.

Santo Deus. As exatas palavras de Hermione.

Ela tentou se lembrar do que respondera à amiga. Porque tinha de falar algo, ou ele notaria o silêncio e então se viraria e a veria nervosa daquele jeito. E iria começar a fazer perguntas, e ela não saberia as respostas, e...

– Não é provável que aconteça comigo – disse Lucy, sem conseguir conter as palavras.

Gregory virou, mas ela manteve o rosto rigorosamente virado para a frente. E desejou com todas as forças que não tivesse jogado todo o pão. Seria muito mais fácil evitar olhar para ele se pudesse fingir estar concentrada em outra coisa.

– A senhorita não acredita que vai se apaixonar? – perguntou ele.

– Bem, talvez – disse ela, tentando parecer alegre e superior. – Mas não *assim*.

– *Assim?*

Ela respirou fundo, odiando que ele a forçasse a explicar.

– Dessa maneira desesperada que você e Hermione agora renegam – respondeu ela. – Não faço o tipo, o senhor não acha?

Lucy mordeu o lábio, então enfim se permitiu virar na direção dele. Porque... e se ele pudesse ver que ela estava mentindo? E se percebesse que já estava apaixonada... por ele? Lucy ficaria extremamente envergonhada, mas não seria melhor *saber* que ele sabia? Pelo menos, assim, não ficaria na dúvida.

A ignorância não era uma bênção. Não para alguém como ela.

– De qualquer maneira, não vem ao caso – continuou ela, porque não podia suportar o silêncio. – Vou me casar com lorde Haselby daqui a uma semana, e *nunca* trairia os meus votos. Eu...

– *Haselby?* – Gregory virou o tronco inteiro para encará-la. – Vai se casar com *Haselby*?

– Vou – respondeu ela, piscando furiosamente. Que tipo de reação era *aquela*? – Pensei que o senhor soubesse.

– Não. Eu não...

Gregory parecia chocado. Estupefato. Deus do céu.

Ele balançou a cabeça.

– Não consigo imaginar por que eu não sabia.

– Não era um segredo.

– *Não* – disse ele vigorosamente. – Quero dizer, não. Não, é claro que não. Não quis dizer isso.

– O senhor não tem lorde Haselby em boa conta? – perguntou ela, escolhendo as palavras com muito cuidado.

– Não é isso – respondeu Gregory, balançando a cabeça de leve, como se não se desse conta do gesto. – Não. Eu o conheço há vários anos. Estudamos juntos no colégio. E na faculdade.

– Os dois são da mesma idade, então? – perguntou Lucy, e ocorreu-lhe que algo estava errado se ela não sabia a idade de seu noivo.

Por outro lado, ela também não sabia direito a idade de Gregory.

Ele assentiu.

– Ele é muito... afável. Vai tratá-la bem. – Gregory pigarreou. – Com delicadeza...

– Delicadeza? – repetiu ela.

Parecia uma escolha estranha de palavra.

O olhar dos dois se encontrou e foi só nesse momento que Lucy percebeu que ele não tinha olhado diretamente para ela desde que lhe dissera o nome de seu noivo. Mas Gregory não falou nada. Em vez disso, só a encarou com tanta intensidade que os olhos dele pareceram mudar de cor. Eram castanho-esverdeados, depois ficaram verdes com tons de castanho, e então tudo ficou meio turvo.

– O que foi? – sussurrou ela.

– Nada importante – disse Gregory, mas já não parecia o mesmo. – Eu... – E então ele virou, quebrando o encanto. – Minha irmã – falou, limpando a garganta. – Minha irmã vai oferecer uma soirée amanhã à noite. Gostaria de ir?

– Ah, sim, seria ótimo – respondeu Lucy, embora soubesse que não deveria.

Mas já fazia tanto tempo que não participava de nenhuma interação social, e não poderia passar mais tempo nenhum na companhia de Gregory quando estivesse casada... Não deveria se torturar agora, ansiando por algo que não poderia ter, mas não conseguia evitar.

Colha seus botões de rosa enquanto podes. *Agora.* Porque, se não agora, quando mais...

– Ah, mas eu não posso – disse ela, a decepção transformando sua voz quase em um gemido.

– Por que não?

– É o meu tio – respondeu Lucy, suspirando. – E lorde Davenport... pai de Haselby.

– Eu sei quem ele é.

– Claro. Sinto mui... – Ela parou. Não ia dizer. – Eles não querem que eu debute ainda.

– Perdão, por quê?

Lucy deu de ombros.

– Não há razão para ser apresentada à sociedade como Lady Lucinda Abernathy quando me tornarei Lady Haselby em uma semana.

– Isso é ridículo.

– É o que eles dizem. – Ela franziu a testa. – E acho que também não querem arcar com a despesa.

– A senhorita vai à festa amanhã à noite – disse Gregory com firmeza. – Vou cuidar disso.

– O senhor? – perguntou Lucy, duvidando.

– Não *eu* – respondeu ele, como se ela tivesse enlouquecido. – Minha mãe. Confie em mim. Quando se trata de assuntos de etiqueta social, ela pode conseguir qualquer coisa. Já tem uma acompanhante?

Lucy assentiu.

– Minha tia Harriet. Ela é um pouco frágil, mas tenho certeza de que poderia ir a uma festa se meu tio deixasse.

– Ele vai deixar – garantiu Gregory, confiante. – Minha irmã em questão é a mais velha. Daphne. – Em seguida, esclareceu: – Sua graça, a duquesa de Hastings. Seu tio não diria não a uma duquesa, não é?

– Acho que não – falou Lucy, lentamente.

Não conseguia pensar em ninguém que diria não a uma duquesa.

– Então está resolvido – disse Gregory. – A senhorita deve ter notícias de Daphne hoje à tarde.

Ele se levantou, oferecendo a mão para ajudá-la.

Lucy engoliu em seco. Seria um pouco melancólico tocá-lo, mas deu a mão a ele. Parecia quente e confortável. E segura.

– Obrigada – murmurou, antes de recolher a mão.

Então acenou para a empregada, que começou a andar até ela.

– Até amanhã – disse ele, curvando-se de maneira quase formal ao se despedir.

– Até amanhã – repetiu Lucy, perguntando-se se era verdade.

Nunca soubera de seu tio ter mudado de ideia antes. Mas talvez...

Era possível.

Com um pouco de esperança.

CAPÍTULO 15

No qual nosso herói descobre que não é, e provavelmente nunca será, tão sábio quanto sua mãe.

Uma hora mais tarde, Gregory estava esperando na sala de estar do número 5 da Bruton Street, a casa de sua mãe em Londres desde que ela insistira em deixar a Casa Bridgerton, quando Anthony se casara. Ali tinha sido o lar de Gregory também, até ele encontrar sua própria residência, anos antes. Lady Bridgerton morava lá sozinha desde que a irmã mais nova dele tinha se casado. Gregory fazia questão de visitá-la pelo menos duas vezes por semana, quando estava em Londres, mas nunca deixava de se surpreender com o silêncio que imperava ali agora.

– Querido! – exclamou a mãe, entrando na sala com um sorriso largo. – Achei que só fosse vê-lo hoje à noite. Como foi a viagem? E me conte tudo sobre Benedict, Sophie e as crianças. É um crime eu ver tão pouco os meus netos.

Gregory sorriu de maneira indulgente. Sua mãe visitara Wiltshire no mês anterior, e fazia isso várias vezes por ano. Então ele obedientemente lhe deu notícias dos quatro filhos de Benedict, com ênfase maior ao contar sobre a pequena Violet, batizada em homenagem à avó. Quando por fim ela esgotou seu estoque de perguntas, Gregory disse:

– Na verdade, mãe, eu tenho um favor a lhe pedir.

A postura de Violet era sempre ereta, mas ainda assim ela pareceu se aprumar um pouco.

– Tem? Do que você precisa?

Ele lhe contou sobre Lucy, encurtando a história o máximo possível, para que ela não chegasse a conclusões inadequadas sobre o interesse dele por ela.

Sua mãe tendia a ver qualquer moça solteira como uma noiva em potencial. Mesmo aquelas com um casamento marcado para o final da semana.

– É claro que vou ajudá-lo – disse ela. – Isso vai ser fácil.

– O tio dela está determinado a mantê-la isolada – lembrou Gregory.

Ela dispensou a advertência.

– Coisa fácil, meu filho querido. Deixe isso comigo. Vou cuidar de tudo num piscar de olhos.

Gregory decidiu não insistir no assunto. Se sua mãe garantia que alguém iria a um baile, acreditava nela. Continuar perguntando só a levaria a acreditar que ele tinha um motivo oculto. E não tinha.

Apenas gostava de Lucy. E a considerava uma amiga. Então queria que ela tivesse um pouco de diversão.

Era admirável, na verdade.

– Pedirei à sua irmã para mandar um convite com um bilhete – ponderou Violet. – E talvez eu fale diretamente com o tio dela. Posso mentir e dizer que a conheci no parque.

– Mentir? – Gregory contraiu os lábios. – A senhora?

Violet abriu um sorriso diabólico.

– Não importa se ele não acreditar em mim. É uma das vantagens da idade avançada. Ninguém se atreve a contrariar uma velha ranheta como eu.

Gregory ergueu as sobrancelhas, recusando-se a morder a isca. Violet Bridgerton podia ter oito filhos adultos, mas, com sua pele clara e sem rugas e o sorriso sempre no rosto, ela não parecia de forma alguma uma velha. Na verdade, Gregory sempre se perguntava por que ela não se casara novamente. Não fora por falta de arrojados viúvos querendo levá-la para jantar ou tirá-la para dançar. Gregory suspeitava que nenhum deles perderia a oportunidade de se casar com sua mãe, se ela demonstrasse algum interesse.

Mas ela não demonstrava, e Gregory tinha de admitir que ficava feliz por isso. Apesar da intromissão da mãe, havia algo muito reconfortante em sua sincera devoção aos filhos e netos.

O pai dele tinha morrido havia mais de vinte anos. Gregory não tinha a menor lembrança dele. Mas sua mãe falava muito a respeito do falecido marido e, sempre que fazia isso, sua voz mudava. Os olhos dela se suavizavam e os

cantos dos lábios se mexiam de uma forma só um pouco diferente, o suficiente para Gregory ver as lembranças em seu rosto.

Era nesses momentos que ele entendia por que a mãe era tão inflexível em sua regra de que os filhos deviam escolher seus cônjuges por amor.

Gregory sempre planejara obedecê-la nesse quesito em particular. Era irônico, na verdade, dada a história com a Srta. Watson.

Naquele instante, uma criada chegou com uma bandeja de chá, que colocou na mesa baixa entre eles.

– Cook fez seus biscoitos favoritos – disse Violet, entregando-lhe uma xícara preparada exatamente como ele gostava: sem açúcar, com um pouco de leite.

– A senhora estava esperando minha visita? – perguntou ele.

– Não esta tarde – disse Violet, tomando um gole do chá. – Mas eu sabia que não demoraria a aparecer. Uma hora, você precisaria de sustância.

Gregory abriu um sorriso torto. Era verdade. Como muitos homens de sua idade e posição, ele não tinha espaço em sua residência para uma cozinha adequada. Comia em festas, em seu clube, e, é claro, na casa da mãe e dos irmãos.

– Obrigado – murmurou, aceitando o prato em que a mãe empilhara seis biscoitos.

Violet olhou para a bandeja de chá por um instante, a cabeça ligeiramente inclinada para o lado, em seguida colocou dois biscoitinhos no próprio prato.

– Estou muito comovida que você tenha vindo pedir minha ajuda com Lady Lucinda.

– Está? – disse ele, curioso. – Quem mais eu poderia procurar para resolver um problema desses?

Ela deu uma delicada mordida em seu biscoito.

– Sim, sou a escolha mais óbvia, é claro, mas você deve perceber que é raro procurar a família quando precisa de alguma coisa.

Gregory ficou imóvel, em seguida virou-se bem devagar na direção dela. Os olhos de sua mãe – tão azuis e tão perturbadoramente observadores – estavam fixos em seu rosto. O que ela teria querido dizer com isso? Ninguém podia amar a família mais do que ele.

– Isso não pode ser verdade – disse, por fim.

Mas sua mãe apenas sorriu.

– Você acha que não?

Ele cerrou a mandíbula.

– Acho *mesmo* que não.

– Ah, não se ofenda – retrucou ela, estendendo a mão até o outro lado da mesa para dar um tapinha em seu braço. – Não quero dizer que você não nos ama. Mas prefere resolver as coisas sozinho.

– Coisas como...?

– Ah, encontrar uma esposa...

Ele a interrompeu na hora:

– Está tentando me dizer que Anthony, Benedict e Colin aceitaram sua interferência de bom grado quando procuravam uma esposa?

– Não, claro que não. Nenhum homem faz isso. Mas... – Ela agitou rapidamente uma das mãos no ar, como se pudesse apagar a frase. – Perdoe-me. Não foi um bom exemplo.

Violet deixou escapar um pequeno suspiro enquanto olhava para fora da janela e Gregory percebeu que ela iria deixar o assunto para lá. Para sua surpresa, no entanto, ele não iria.

– O que há de errado em preferir resolver as coisas sozinho? – perguntou.

Ela virou para ele como se não tivesse acabado de abordar um assunto potencialmente desconfortável.

– Ora, nada. Estou muito orgulhosa de ter criado filhos independentes. Afinal, três de vocês devem achar o seu próprio caminho. – Ela parou para pensar, então acrescentou: – Com a ajuda de Anthony, é claro. Eu ficaria muito decepcionada se ele não cuidasse do resto de vocês.

– Anthony é muitíssimo generoso – disse Gregory, calmamente.

– Ele é, não é? – falou Violet, sorrindo. – Com seu dinheiro *e* seu tempo. Se parece com o seu pai nisso. – Ela o fitou com o olhar melancólico. – Sinto muito que você não o tenha conhecido.

– Anthony foi um bom pai para mim – retrucou Gregory, porque sabia que isso a deixaria feliz, mas também porque era verdade.

Sua mãe franziu os lábios e, por um instante, Gregory achou que ela fosse chorar. Ele imediatamente pegou seu lenço e o estendeu para ela.

– Não, não é necessário – disse Violet, mas pegou assim mesmo e enxugou os olhos. – Estou bem. Apenas um pouco... – Ela engoliu em seco, depois sorriu.

Mas seus olhos ainda brilhavam. – Um dia você vai entender, quando tiver seus filhos, como foi bom ouvir isso.

Ela pousou o lenço e pegou a xícara de chá. Então bebeu, pensativa, deixando escapar um pequeno suspiro de contentamento.

Gregory sorriu para si mesmo. Sua mãe adorava chá. Ia muito além da habitual devoção britânica. Ela dizia que a ajudava a pensar, o que Gregory em geral acharia algo bom, só que, muitas vezes, *ele* era o assunto de seus pensamentos, e depois de sua terceira xícara ela normalmente já tinha concebido um plano bastante minucioso para casá-lo com a filha de qualquer amiga que tivesse visitado nos últimos dias.

Mas dessa vez, pelo jeito, sua mente não estava no casamento. Violet pousou a xícara e, justo quando Gregory pensou que estivesse pronta para mudar de assunto, ela disse:

– Mas ele não é o seu pai.

Ele parou, a xícara a meio caminho da boca.

– Perdão.

– Anthony. Ele não é o seu pai.

– Sim? – disse ele lentamente, porque o que mais poderia dizer?

– Ele é seu irmão – continuou ela. – Como são Benedict e Colin, e quando você era pequeno... ah, você queria participar de tudo o que eles faziam.

Gregory ficou muito quieto.

– Mas é claro que eles nunca queriam levá-lo junto. E quem poderia culpá-los?

– Quem, não é mesmo? – murmurou ele, contido.

– Ah, não se ofenda, Gregory – disse Violet, voltando-se para ele com uma expressão que era um pouco pesarosa e um pouco impaciente. – Eles foram irmãos maravilhosos, e, para ser sincera, muito pacientes na maioria das vezes.

– Na maioria das vezes?

– Algumas vezes – corrigiu ela. – Mas você era tão mais novo do que eles... Simplesmente não havia muita coisa que pudessem fazer juntos. E então, quando você cresceu, bem...

Ela parou de falar e suspirou. Gregory se curvou para a frente.

– Bem...? – insistiu.

– Ah, não é nada.

– *Mãe*.

– Muito bem – disse Violet, e Gregory notou na mesma hora que ela sabia *exatamente* o que estava dizendo, e que quaisquer suspiros e hesitações tinham a única intenção de causar impacto. – Acho que você pensa que tem algo a provar a eles.

Gregory a encarou, surpreso.

– E não tenho?

Os lábios de sua mãe se abriram, mas ela não emitiu nenhum som por alguns segundos.

– Não – respondeu, enfim. – Por que você pensaria isso?

Que pergunta tola. Porque... Porque...

– Não é o tipo de coisa que se coloca em palavras com facilidade – murmurou ele.

– É mesmo? – Ela tomou um gole de chá. – Devo dizer que essa não é a reação que eu esperava.

Gregory sentiu-se cerrar a mandíbula.

– E o que precisamente a senhora esperava?

– O que eu esperava? – Ela olhou para ele com um ar bem-humorado que o irritou completamente. – Não tenho certeza se posso ser precisa, mas acho que eu esperava que você fosse negar isso.

– Só porque eu não gostaria que fosse assim não faz com que não seja verdade – retrucou ele, dando de ombros.

– Seus irmãos o respeitam – observou Violet.

– Eu não disse que não respeitam.

– Eles reconhecem que você é dono do próprio nariz.

Isso, pensou Gregory, não era exatamente verdade.

– Não é um sinal de fraqueza pedir ajuda – continuou Violet.

– Nunca achei que fosse. Inclusive não vim aqui atrás do seu auxílio?

– Com um assunto que só poderia ser tratado por uma mulher – retrucou ela, com ar de desdém. – Você não tinha escolha a não ser me procurar.

Era verdade, então Gregory não fez nenhum comentário.

– Você está acostumado a ter as coisas de mão beijada – disse ela.

– Mãe.

– Hyacinth é assim também – acrescentou ela, rápido. – Acho que deve ser um sintoma de serem os mais novos. E, sinceramente, não quis dizer que nenhum de vocês dois é preguiçoso, ou mimado, ou mesquinho.

– O que quis dizer, então? – perguntou ele.

Ela levantou os olhos com um sorriso travesso.

– Precisamente?

Ele sentiu um pouco da tensão ir embora.

– Precisamente – falou, com um aceno de cabeça para mostrar que havia entendido seu jogo de palavras.

– Só quis dizer que você nunca precisou batalhar de verdade por nada. Você tem muita sorte nesse sentido. Coisas boas parecem simplesmente acontecer com você.

– E, como minha mãe, a senhora está incomodada com isso porque...?

– Ah, Gregory... Não estou nem um pouco incomodada. Desejo-lhe apenas coisas boas. Você sabe disso.

Ele não sabia bem qual seria a resposta adequada, então ficou em silêncio, apenas erguendo as sobrancelhas de maneira indagadora.

– Eu fiz uma confusão enorme com isso, não é? – perguntou Violet, franzindo a testa. – Só estou tentando dizer que você nunca teve de se esforçar muito para alcançar seus objetivos. Se isso é um resultado de suas habilidades ou de seus objetivos, eu não tenho certeza.

Gregory não falou nada. Seus olhos encontraram um local particularmente intrincado no padrão do tecido que cobria as paredes e ele ficou hipnotizado, incapaz de se concentrar em qualquer outra coisa enquanto sua mente fervilhava. E ansiava.

E então, antes mesmo que percebesse no que estava pensando, perguntou:

– O que isso tem a ver com meus irmãos?

Ela piscou, sem compreender, e depois enfim murmurou:

– Ah, você quer dizer com sua sensação de ter sempre algo a provar?

Ele assentiu.

Violet franziu os lábios, pensativa, e em seguida disse:

– Não tenho certeza.

Gregory abriu a boca. Essa não era a resposta que esperava.

– Não sei tudo – disse ela, e Gregory suspeitava que era a primeira vez que aquelas palavras saíam de seus lábios. – Eu acho – continuou, lenta e cuidadosamente – que você... Bem, é uma combinação estranha, eu preciso pensar. Ou talvez não tão estranha, quando se tem tantos irmãos mais velhos.

Gregory esperou que ela formulasse melhor os pensamentos. A sala estava silenciosa, o ar, tranquilo, e ainda assim parecia que havia algo caindo sobre ele, pressionando-o de todos os lados.

Ele não tinha certeza sobre o que a mãe ia dizer, mas de alguma forma sabia... que era importante.

Talvez mais do que qualquer outra coisa que já tivesse ouvido.

– Você não gosta de pedir ajuda porque é importante para você que seus irmãos o vejam como um homem crescido – falou Violet. – E, no entanto, ao mesmo tempo... Bem, as coisas vêm para você com facilidade, por isso às vezes eu acho que você não tenta.

Os lábios dele se abriram.

– Não é que você se recuse a tentar – apressou-se ela em acrescentar. – É só que, na maioria das vezes, não precisa. E, quando algo exige muito esforço... Se for alguma coisa de que você não pode cuidar sozinho, conclui que não vale a pena o esforço.

Gregory sentiu seus olhos serem atraídos de volta ao ponto na parede, aquele onde a videira se retorcia tão curiosamente.

– Eu sei o que significa trabalhar por alguma coisa – disse ele em voz baixa. Então se virou para ela, encarando-a. – Querer algo desesperadamente e saber que pode não ser seu.

– Sabe? Fico feliz. – Ela estendeu a mão para o chá, depois mudou de ideia e ergueu os olhos. – E você conseguiu o que queria?

– Não.

Os olhos dela ficaram um pouco tristes.

– Sinto muito.

– Eu não – disse ele. – Não mais.

– Ah. Bem. – Ela se remexeu no assento. – Então não sinto muito. Imagino que você seja um homem melhor agora em razão disso.

O impulso inicial de Gregory foi se ofender, mas, para sua grande surpresa, ele se viu dizendo:

– Acho que a senhora tem razão.

E, para a surpresa ainda maior, ele estava sendo sincero.

Sua mãe abriu um sorriso sábio.

– Fico tão feliz que você seja capaz de ver isso dessa forma... A maioria dos homens não é. – Ela olhou para o relógio e soltou uma exclamação de surpresa. – Ah, meu Deus, a hora. Prometi a Portia Featherington que a visitaria hoje à tarde.

Gregory se levantou quando a mãe ficou de pé.

– Não se preocupe com Lady Lucinda – disse ela, correndo para a porta. – Vou cuidar de tudo. E, por favor, termine seu chá. Eu me preocupo em vê-lo morando sozinho, sem nenhuma mulher para cuidar de você. Mais um ano assim e vai ficar só pele e ossos.

Ele a levou até a porta.

– Em matéria de indiretas sobre casamento, essa foi particularmente nada sutil.

– Foi? – Ela o encarou com um olhar travesso. – Que bom que eu já nem tento mais ser sutil. Descobri que a maioria dos homens não percebe nada que não esteja bem claro.

– Nem mesmo os seus filhos.

– *Principalmente* os meus filhos.

Ele deu um sorriso irônico.

– Eu pedi isso, não pedi?

– Praticamente implorou.

Ele tentou acompanhá-la ao salão principal, mas ela o enxotou.

– Não, não, isso não é necessário. Vá terminar seu chá. Pedi às criadas que providenciassem sanduíches quando soube que você estava aqui. Devem chegar a qualquer momento e com certeza vão para o lixo se você não comê-los.

O estômago de Gregory roncou naquele exato momento, então ele se curvou e disse:

– A senhora é uma mãe maravilhosa, sabia disso?

– Porque eu lhe dou de comer?

– Bem, sim, mas talvez por algumas outras coisas também.

Ela ficou na ponta dos pés e lhe deu um beijo no rosto.

– Você já não é mais meu menininho, não é?

Gregory sorriu. Era como ela o chamava desde que se lembrava.
– Vou ser pelo tempo que desejar, mãe. Pelo tempo que desejar.

CAPÍTULO 16

No qual nosso herói se apaixona. Mais uma vez.

Quando se tratava de maquinações sociais, Violet Bridgerton era tão habilidosa quanto afirmava, e, de fato, quando Gregory chegou à Casa Hastings na noite seguinte, sua irmã Daphne, a atual duquesa de Hastings, informou-lhe que Lady Lucinda Abernathy iria mesmo comparecer ao baile.

Ele ficou inexplicavelmente satisfeito com isso. Lucy parecera tão desapontada quando lhe dissera que não poderia ir, e, de fato, a garota não deveria desfrutar de uma última noite de festa antes de se casar com Haselby?

Haselby.

Gregory ainda não conseguia acreditar. Como pudera lhe escapar o fato de que ela iria se casar com Haselby? Não havia nada que pudesse fazer para impedir, e, para ser sincero, não cabia a ele, mas, Deus do céu, era *Haselby*. Lucy não deveria saber?

O sujeito era muito agradável e, Gregory tinha de admitir, dotado de um bom senso mais do que razoável. Não bateria em Lucy, e não seria rude com ela, mas ele não... ele não podia... Não seria um bom marido para ela.

Só de pensar nisso, Gregory já ficava triste. Lucy não teria um casamento normal, porque Haselby não *gostava* de mulheres. Não do jeito que um homem deveria gostar.

Seria gentil com ela, e provavelmente lhe daria uma mesada bem generosa, o que era mais do que muitas mulheres tinham em seu casamento, não importava a inclinação de seu marido.

Mas não parecia justo que logo Lucy estivesse destinada a uma vida assim. Ela merecia tão mais... Uma casa cheia de crianças. E cães. Talvez um gato ou dois. Ela parecia do tipo que iria querer um zoológico inteiro.

E flores. Na casa de Lucy haveria flores por todos os lugares, ele tinha certeza disso. Peônias cor-de-rosa, rosas amarelas e aquela coisa azul de caule comprido de que ela gostava tanto. Espora-dos-jardins. Era isso.

Ele parou. Guardou na memória. Espora-dos-jardins.

Lucy podia dizer que seu irmão era o entendido de plantas da família, mas Gregory não podia imaginá-la vivendo em uma casa sem cor.

Haveria risadas, barulho e uma desordem esplêndida – apesar de suas tentativas de manter tudo arrumado com perfeição. Gregory podia facilmente vê-la em seus pensamentos, correndo de um lado para outro, organizando tudo, tentando fazer com que todos cumprissem seus compromissos.

Ele quase riu alto só de pensar nisso. Não importava se haveria um batalhão de criados limpando, arrumando, polindo e varrendo. Com crianças as coisas nunca permaneciam em seus lugares corretos.

Lucy era uma gerente. Era o que a fazia feliz, e ela deveria ter uma casa para gerir.

Crianças. Muitas crianças. Talvez oito.

Ele olhou em volta do salão de baile, que começava lentamente a encher. Não viu Lucy, e ainda não estava tão cheio que pudesse deixar de notá-la. No entanto, viu sua mãe. E ela vinha em sua direção.

– Gregory – falou Violet, estendendo as mãos para ele quando o alcançou –, você está especialmente bonito esta noite.

Ele pegou as mãos dela e levou-as aos lábios.

– Ah, a opinião honesta e imparcial de uma mãe... – murmurou ele.

– Bobagem – disse ela com um sorriso. – É um fato que todos os meus filhos são extremamente inteligentes e bonitos. Se fosse apenas a minha opinião, você não acha que alguém já teria me corrigido?

– Como se alguém fosse ter a coragem.

– Bem, você tem razão, eu suponho – falou ela, mantendo o rosto impressionantemente impassível. – Mas vou ser teimosa e insistir que a questão é irrelevante.

– Como quiser, mãe – disse ele com extrema solenidade. – Como quiser.

– Lady Lucinda já chegou?

Gregory balançou a cabeça.

– Ainda não.

– Não é estranho que eu ainda não a conheça? – ponderou ela. – Era de esperar que já tivéssemos sido apresentadas, uma vez que ela já está na cidade há duas semanas... Ah, bem, não importa. Tenho certeza de que vou achá-la encantadora, se você se esforçou tanto para garantir a presença dela esta noite.

Gregory olhou para ela. Conhecia aquele tom. Era uma mistura perfeita de indiferença e precisão absoluta, que em geral ela utilizava enquanto tentava conseguir mais informações. Sua mãe era mestre nisso.

E, de fato, ela estava ajeitando os cabelos discretamente, sem olhar direto para ele, quando disse:

– Você falou que foram apresentados quando estava visitando Anthony, não é mesmo?

Ele não via razão para fingir que não sabia aonde ela queria chegar.

– Ela está prestes a se casar, mãe – falou com firmeza. E, em seguida, por medida de segurança, acrescentou: – Daqui a uma semana.

– Sim, sim, eu sei. Com o filho de lorde Davenport. É um acordo de longa data, pelo que entendi.

Gregory assentiu. Imaginava que a mãe não tinha como saber a verdade sobre Haselby. Não era um fato de conhecimento geral. Havia rumores, claro. Mas ninguém se atreveria a repeti-los na presença de damas.

– Recebi um convite para o casamento – comentou Violet.

– É mesmo?

– Deve ser um grande acontecimento, pelo que soube.

Gregory trincou um pouco os dentes.

– Ela será uma condessa.

– Sim, imagino. Não é o tipo de coisa que possa ser simples.

– Não.

Violet suspirou.

– Adoro casamentos.

– A senhora?

– Sim. – Ela suspirou de novo, de forma ainda mais dramática, mesmo que isso não parecesse possível. – É tudo tão romântico... A noiva, o noivo...

– Os dois são presença obrigatória na cerimônia, pelo que sei.

Sua mãe encarou-o com um olhar irritado.

– Como pude ter criado um filho tão pouco romântico?

Gregory concluiu que não havia uma resposta para isso.

– Que vergonha – disse Violet. – Eu pretendo ir. Quase nunca recuso um convite para um casamento.

E então veio *a voz*:

– Quem vai se casar?

Gregory virou. Era a sua irmã mais nova, Hyacinth. Vestida de azul e metendo o nariz nos assuntos dos outros, como de costume.

– Lorde Haselby e Lady Lucinda Abernathy – respondeu Violet.

– Ah, sim. – Hyacinth franziu a testa. – Recebi um convite. Na igreja St. George, não é mesmo?

Violet assentiu.

– E em seguida haverá uma recepção na Casa Fennsworth.

Hyacinth olhou ao redor da sala. Fazia isso com bastante frequência, mesmo quando não procurava ninguém em particular.

– Não é estranho que eu não a conheça? Ela é irmã do conde de Fennsworth, não é? – Deu de ombros. – Estranho eu ainda não conhecê-lo também.

– Acredito que Lady Lucinda ainda não tenha se “apresentado” – disse Gregory. – Não formalmente, pelo menos.

– Então ela irá debutar esta noite – observou Violet. – Que empolgante para todos nós.

Hyacinth virou para o irmão com o olhar afiado.

– E como você já conhece Lady Lucinda, Gregory?

Ele abriu a boca, mas ela já estava falando:

– E não diga que não, porque Daphne já me contou tudo.

– Então por que você está perguntando?

Hyacinth revirou os olhos.

– Ela não me contou *como* vocês se conheceram.

– Você devia rever seu entendimento da palavra *tudo*. – Gregory virou para a mãe. – Vocabulário e compreensão nunca foram os pontos fortes dela.

Violet fez uma expressão de enfado.

– Não canso de me admirar por vocês dois terem conseguido chegar à idade adulta.

– A senhora temia que pudéssemos nos matar antes? – brincou Gregory.

– Não, que eu mesma fosse fazer isso.

– Bem – declarou Hyacinth, ignorando os comentários anteriores –, Daphne me disse que você estava ansioso para que Lady Lucinda recebesse um convite, e mamãe, pelo que soube, chegou até a enviar um bilhete dizendo como gosta da companhia dela, o que todos sabemos ser uma mentira deslavada, já que nenhum de nós a conhece...

– Você alguma hora consegue parar de falar? – interrompeu Gregory.

– Não por você – respondeu Hyacinth. – Como a conheceu? E, mais precisamente, quão bem a conhece? *E* por que está tão ansioso em estender um convite a uma jovem que vai se casar em uma semana?

E então, surpreendentemente, Hyacinth *parou* de falar.

– Eu também estava me perguntando isso – murmurou Violet.

Gregory olhou da irmã para a mãe e concluiu que não podia estar falando sério quando dissera aquela besteira a Lucy sobre ser reconfortante pertencer a uma família grande. Na verdade, era incômodo, invasivo e uma série de outras coisas que ele não conseguia colocar em palavras.

O que talvez fosse melhor, porque era provável que nenhuma delas fosse educada.

Apesar de tudo, foi com extrema paciência que ele disse:

– Fui apresentado a Lady Lucinda em Kent, no mês passado, na reunião na casa de Kate e Anthony. E pedi a Daphne para convidá-la esta noite porque ela é uma jovem adorável, e a encontrei por acaso ontem no parque. Seu tio não a deixou participar da temporada, e achei que seria gentil lhe dar uma oportunidade de se divertir por uma noite.

Ele ergueu as sobrancelhas, desafiando-as silenciosamente a responder.

O que elas fizeram, é claro. Não com palavras – palavras nunca teriam sido tão eficientes quanto os olhares duvidosos que lançavam em sua direção.

– Ah, pelo amor de Deus – disparou Gregory, irritado. – Ela está *noiva*. Vai se casar.

Isso teve pouco efeito visível.

Ele fechou a cara.

– Eu pareço estar tentando impedir o casamento?

Hyacinth piscou. Várias vezes, como sempre fazia quando pensava seriamente a respeito de algo que não era da sua conta. Mas, para grande surpresa de Gregory, ela deixou escapar um *humm* de aquiescência e disse:

– Acho que não. – Então olhou em volta da sala. – Mas eu gostaria de conhecê-la.

– Tenho certeza de que vai – retrucou Gregory, e deu os parabéns a si mesmo, como fazia ao menos uma vez por mês, por não estrangular a irmã.

– Kate escreveu que ela é adorável – comentou Violet.

Gregory virou para ela desanimado.

– *Kate* escreveu para você?

Deus do céu, o que será que ela havia revelado? Já era ruim o suficiente Anthony saber sobre o fiasco com a Srta. Watson – ele tinha percebido, é claro –, mas, se sua mãe descobrisse, a vida de Gregory seria o mais absoluto inferno.

Ela o afogaria em gentilezas. Ele tinha certeza disso.

– Kate me escreve duas vezes por mês – retrucou Violet, erguendo delicadamente um dos ombros. – Ela me conta tudo.

– Anthony sabe disso? – murmurou Gregory.

– Não faço ideia – respondeu Violet, encarando-o com um olhar superior. – Não é da conta dele.

Deus do céu. Gregory conseguiu não dizer isso em voz alta.

– Entendi que o irmão dela foi pego em uma situação comprometedora com a filha de lorde Watson – continuou a mãe.

– É mesmo? – falou Hyacinth, que observava a multidão e virou de repente ao ouvir isso.

Violet assentiu, pensativamente.

– Eu me perguntava por que aquele casamento aconteceu tão depressa.

– Bem, foi por isso – disse Gregory, quase como um grunhido.

– Hum – murmurou Hyacinth.

Era o tipo de som que alguém nunca queria ouvir sair da boca de Hyacinth.

Violet virou para a filha e disse:

– Foi uma confusão.

– Na verdade – retrucou Gregory, ficando mais irritado a cada segundo –, tudo foi tratado com bastante discrição.

– Sempre há rumores – observou Hyacinth.

– Que você não seja mais uma a engrossar o coro – advertiu Violet.

– Não vou dizer uma palavra – prometeu Hyacinth, acenando com a mão como se nunca tivesse participado de nenhuma fofoca na vida.

Gregory bufou.

– Ah, *por favor.*

– Não vou – repetiu ela. – Sou ótima para guardar segredos, desde que eu *saiba* que é um segredo.

– Ah, então o que você quer dizer é que não tem nenhum senso de discrição?

Hyacinth estreitou os olhos.

Gregory levantou as sobrancelhas.

– Quantos *anos* vocês têm? – ralhou Violet. – Meu Deus, vocês não mudaram nada desde que largaram os cueiros. Daqui a pouco estarão puxando o cabelo um do outro.

Gregory cerrou a mandíbula e olhou resolutamente para a frente. Nada como uma repreensão da mãe para fazer a pessoa se sentir uma criança.

– Ora, não precisa ficar nervosa, mãe – pediu Hyacinth, reagindo à bronca com um sorriso. – Ele sabe que eu só o provoco desse jeito porque o amo muito.

Então, ela abriu um sorriso radiante e caloroso para o irmão.

Gregory suspirou, porque era verdade, porque sentia o mesmo e porque, apesar de tudo, era cansativo ser irmão de Hyacinth. Mas os dois eram bem mais jovens do que os outros e, como resultado, sempre foram próximos.

– A recíproca é verdadeira, a propósito – disse Hyacinth para Violet –, mas, como homem, ele nunca admitiria isso.

Violet assentiu.

– É verdade.

Hyacinth virou para Gregory.

– E, só para deixar claro, nunca puxei seu cabelo.

Sem dúvida isso era um sinal de que ele deveria se retirar. Ou ficar e perder a sanidade. A escolha era dele.

– Hyacinth, eu adoro você – falou. – Você sabe. Mãe, também adoro a senhora. Mas agora vou deixá-las.

– Espere! – gritou Violet.

Ele virou. Devia saber que não seria tão fácil.

– Você seria meu acompanhante?

– Quando?

– Ora, no casamento, é claro.

Deus, o que era aquele gosto horrível em sua boca?

– No casamento de quem? De Lady Lucinda?

Sua mãe o observava com os mais inocentes olhos azuis.

– Eu não gostaria de ir sozinha.

Ele acenou com a cabeça na direção da irmã.

– Leve Hyacinth.

– Ela vai querer ir com Gareth – observou Violet.

Fazia quatro anos que Hyacinth tinha se casado com Gareth St. Clair. Gregory gostava imensamente dele e os dois tinham se tornado ótimos amigos. Por isso, sabia que Gareth preferiria fazer qualquer coisa a participar de um evento social longo e arrastado.

No entanto, Hyacinth, como ela não se importava de dizer, estava sempre interessada em uma *fofoca*, o que significava que com certeza detestaria perder um casamento tão importante. Alguém sem dúvida beberia demais, alguém dançaria muito próximo a seu par, e Hyacinth odiaria ser a última a saber dessas coisas.

– Gregory? – instigou Violet.

– Eu não vou.

– Mas...

– Eu não fui convidado.

– Um equívoco, sem dúvida. Que será corrigido, tenho certeza, depois de seus esforços esta noite.

– Mãe, eu adoraria transmitir meus votos de felicidades a Lady Lucinda, mas não tenho a menor vontade de assistir ao casamento dela ou de mais ninguém. São sentimentais demais.

Silêncio. O que nunca era um bom sinal.

Ele olhou para Hyacinth. Ela o encarava com os olhos arregalados.

– Você gosta de casamentos – disse ela.

Ele resmungou. Parecia a melhor reação.

– Gosta, sim – insistiu ela. – No meu casamento, você...

– Hyacinth, você é minha irmã. É diferente.

– Sim, mas você também foi ao casamento de Felicity Albansdale, e eu me lembro bem...

Gregory virou de costas para ela antes que a irmã pudesse falar mais sobre sua felicidade.

– Mãe – disse ele –, obrigado pelo convite, mas não tenho intenção alguma de ir ao casamento de Lady Lucinda.

Violet abriu a boca como se fosse fazer uma pergunta, mas desistiu.

– Muito bem – falou, simplesmente.

Na mesma hora, Gregory ficou desconfiado. Sua mãe não costumava desistir de nada com tanta facilidade. Mas procurar saber quais eram seus motivos eliminaria qualquer possibilidade de uma fuga rápida.

Não foi uma decisão difícil.

– E agora, *adieu* às duas – falou.

– Aonde você vai? – quis saber Hyacinth. – E por que está falando francês?

Ele olhou para a mãe.

– Ela é toda sua.

– Sim – disse Violet, suspirando. – Eu sei.

Hyacinth imediatamente se virou para ela.

– O que *isso* quer dizer?

– Ah, pelo amor de Deus, Hyacinth, você...

Gregory aproveitou o momento em que uma estava concentrada na outra e escapuliu.

A festa ficava cada vez mais cheia, e então lhe ocorreu que Lucy poderia ter chegado enquanto conversava com a mãe e a irmã. Se fosse o caso, ela ainda não teria conseguido ir muito longe no salão de baile, então ele se dirigiu à recepção. Foi um processo lento – ele tinha passado mais de um mês fora da cidade, e todo mundo parecia ter algo a lhe dizer, nada nem remotamente interessante.

– Boa sorte, então – murmurou para lorde Trevelstam, que tentava convencê-lo a se interessar por um cavalo com o qual não podia arcar. – Tenho certeza de que não terá dificuldade em...

Ele perdeu a voz. Não conseguia falar. Não conseguia *pensar*.

Ah, Deus, de novo não.

– Bridgerton?

Do outro lado da sala, perto da porta, havia três cavalheiros, uma senhora idosa, duas mulheres de meia-idade e...

Ela.

Era ela. E ele estava sendo atraído com tanta força que era como se houvesse uma corda entre os dois. Precisava alcançá-la.

– Bridgerton, foi alguma coisa...

– Perdão – conseguiu dizer Gregory, passando por Trevelstam.

Era ela. Só que... Era uma *ela* diferente. Não era Hermione Watson. Era... Ele não sabia bem quem – só conseguia ver suas costas. Mas lá estava... aquela mesma sensação a um só tempo terrível e esplêndida, que o deixava zonzo. Em êxtase. Sem ar. E ele a queria.

Foi como sempre imaginara – aquela sensação mágica e arrebatadora de saber que sua vida estava completa, que *ela* era a garota certa.

Só que Gregory já tinha passado por isso antes. E Hermione Watson *não era* a garota certa.

Santo Deus, um homem podia se apaixonar completa e perdidamente duas vezes?

Ele não dissera a Lucy para ser cautelosa e atenta, e que, se algum dia ela fosse tomada por tal sentimento, não deveria confiar nisso?

E, no entanto... lá estava ela.

E lá estava *ele*.

E estava acontecendo tudo de novo.

Foi exatamente como tinha sido com Hermione. Não, pior. Seu corpo formigava e ele não conseguia ficar parado. Queria correr pelo salão e... só... só...

Só *vê-la*.

Queria que ela virasse. Queria ver seu rosto. Queria saber quem ela era. Queria *conhecê-la*.

Não.

Não, disse a si mesmo, tentando forçar os pés a seguirem em outra direção. Aquilo era loucura. Gregory devia sair dali. Devia sair naquele exato momento.

Só que não podia. Mesmo com todo o lado racional de sua alma gritando que ele fosse embora dali, Gregory não era capaz. Tinha que esperar que ela virasse.

Esperou e rezou. E então a dama virou. E era...

Lucy.

Ele tropeçou como se tivesse sido fulminado.

Lucy?

Não. Não era possível. Ele conhecia Lucy.

Ela não fazia aquilo com ele.

Já a vira dezenas de vezes, até mesmo a beijara, e nunca se sentira daquele jeito, como se o mundo pudesse engoli-lo se não fosse até ela e pegasse sua mão.

Tinha de haver uma explicação. Ele já tinha experimentado aquela sensação. Com Hermione.

Mas agora... não era exatamente a mesma coisa. Com Hermione tinha sido vertiginoso, novo. Houvera a emoção da descoberta, da conquista. Mas aquela era Lucy, e...

De repente, tudo voltou. A cabeça de Lucy inclinada para o lado quando ela dissera por que os sanduíches deviam ficar separados por sabor. O olhar encantadoramente irritado dela quando tentara lhe explicar por que ele estava fazendo tudo errado em sua corte à Srta. Watson.

A forma como parecera tão certo apenas ficar sentado com ela em um banco do Hyde Park, jogando pão para os pombos.

E o beijo. Deus do céu, o *beijo.* Ele ainda sonhava com aquele beijo. E queria que ela sonhasse com isso também.

Deu um passo à frente. Apenas um, para poder ver melhor o seu perfil. Era tudo tão familiar agora... a forma como ela inclinava a cabeça, ou o modo como seus lábios se moviam quando falava. Como podia não tê-la reconhecido de imediato, mesmo a vendo de costas? As lembranças estavam lá, escondidas nos recônditos de sua mente, mas ele não quisera – na verdade, não se permitira – admitir.

E então ela o viu. Seus olhos brilharam e seus lábios se curvaram num sorriso.

Ela sorriu. Para ele.

Aquilo o preencheu quase a ponto de fazê-lo explodir. Foi apenas um sorriso, mas era tudo de que precisava.

Gregory começou a andar. Mal podia sentir seus pés, quase não tinha controle sobre o corpo. Simplesmente se mexeu, sabendo do fundo da alma que precisava chegar até ela.

– Lucy – falou quando a alcançou, esquecendo que estavam cercados por estranhos e, pior, amigos, e não devia chamá-la pelo primeiro nome.

Mas nada mais parecia certo em seus lábios.

– Sr. Bridgerton – disse ela, mas seus olhos falavam *Gregory.*

E ele sabia.

Ele a amava.

Era a sensação mais estranha e mais maravilhosa. Era emocionante. Era como se o mundo de repente tivesse se aberto para ele. Claro. Ele entendeu tudo o que precisava saber, e estava tudo bem ali nos olhos dela.

– Lady Lucinda – falou, com uma grande reverência. – A senhorita me concederia esta dança?

CAPÍTULO 17

No qual a irmã de nosso herói faz as coisas acontecerem.

Era o paraíso.

Esqueça os anjos, esqueça São Pedro e harpas brilhantes. O paraíso era uma dança nos braços do seu verdadeiro amor. E quando a pessoa em questão estava a apenas uma semana de se casar com outro, era preciso agarrar o paraíso com força, com ambas as mãos.

Metaforicamente falando.

Lucy sorria enquanto deslizava e girava. Agora tinha uma imagem a zelar. O que as pessoas diriam se ela corresse e o agarrasse com força? E não soltasse mais?

A maioria diria que estava louca. Alguns, que estava apaixonada. Os perspicazes diriam as duas coisas.

– No que está pensando? – perguntou Gregory.

Ele a olhava de um jeito... diferente.

Lucy virou para o outro lado e depois de volta. Sentia-se ousada, quase mágica.

– O senhor não iria querer saber.

Gregory contornou a senhora à sua esquerda e voltou ao lugar.

– Iria, sim – respondeu ele, abrindo um sorriso selvagem.

Mas Lucy apenas sorriu e balançou a cabeça. Naquele momento, queria fingir ser outra pessoa. Alguém um pouco menos convencional, muito mais impulsivo.

Não queria ser a Lucy de sempre. Não naquela noite. Estava cansada de planejar, de apaziguar, de não fazer nada sem antes pensar em cada possibilidade e consequência.

Se eu agir assim, então isso vai acontecer, mas se eu fizer aquilo, então isso, isso, e aquela outra coisa vão acontecer, o que geraria um resultado completamente diferente, o que poderia significar que...

Era o suficiente para deixar uma garota zonza. O suficiente para fazê-la se sentir paralisada, incapaz de tomar as rédeas da própria vida.

Mas não naquela noite. Naquela noite, de alguma forma, por meio de um milagre incrível chamado duquesa de Hastings – ou talvez a viúva Lady Bridgerton, Lucy não tinha certeza –, ela usava um vestido de uma delicada seda verde, no baile mais reluzente que poderia ter imaginado.

E estava dançando com o homem que tinha certeza de que amaria até o fim dos tempos.

– A senhorita está diferente – disse ele.

– Eu me sinto diferente.

Ela tocou a mão dele quando passaram um pelo outro. E os dedos de Gregory agarraram os dela, quando deveriam apenas tê-los roçado. Ela levantou os olhos e viu que ele a fitava, os olhos quentes e intensos...

Santo Deus, ele olhava para ela da maneira como olhara para Hermione.

O corpo de Lucy começou a formigar, desde as pontas dos dedos do pé até alguns lugares em que não se atrevia a pensar.

Eles passaram um pelo outro novamente, mas dessa vez Gregory se curvou, talvez um pouco mais do que deveria, e disse:

– Eu me sinto diferente também.

A cabeça dela girou, mas Gregory já tinha virado e estava de costas para ela. Como assim, ele estava diferente? Por quê? O que ele quis *dizer*?

Lucy deu a volta no cavalheiro à sua esquerda, em seguida passou por Gregory.

– Está feliz por ter vindo ao baile esta noite? – murmurou ele.

Ela apenas assentiu, uma vez que havia se afastado muito para responder sem falar alto demais.

Mas, então, eles estavam juntos novamente, e Gregory sussurrou:

– Eu também.

Eles voltaram aos seus lugares originais e ficaram parados enquanto outro casal começava a dançar. Lucy ergueu os olhos até encontrar os dele.

Que não se afastavam mais do rosto dela.

E, mesmo em meio à luz bruxuleante da noite – as centenas de velas e tochas que iluminavam o reluzente salão –, ela podia ver o brilho que havia naquele olhar. A maneira como ele a fitava era ardente, possessiva e orgulhosa.

Aquilo a fez estremecer. E duvidar de sua capacidade de ficar de pé.

Então a música acabou e Lucy percebeu que algumas coisas deviam ser mesmo arraigadas, porque ela se viu fazendo uma reverência, sorrindo e acenando para a mulher ao lado como se toda a sua vida não tivesse sido alterada durante a dança anterior.

Gregory pegou sua mão e levou-a para a lateral da pista de dança, onde os acompanhantes circulavam, observando, por cima da borda dos copos de limonada, aqueles sob sua responsabilidade. Mas, antes de chegarem ao seu destino, ele se curvou e sussurrou no ouvido dela:

– *Preciso falar com você.*

Lucy arregalou os olhos e o encarou.

– Em particular – acrescentou Gregory.

Ela sentiu que ele desacelerou o passo, provavelmente para lhes dar um pouco mais de tempo antes de levá-la até tia Harriet.

– O que foi? – perguntou ela. – Há algo errado?

Ele balançou a cabeça.

– Não mais.

E ela se permitiu ter esperança. Só um pouco, porque não podia suportar pensar na mágoa que sentiria se estivesse errada, mas talvez... Talvez ele a amasse. Talvez quisesse se casar com ela. O casamento dela seria em menos de uma semana, mas ainda não fizera os votos.

Talvez houvesse uma chance.

Ela procurou no rosto de Gregory por pistas, por respostas. Mas quando o pressionou para obter mais informações, ele só balançou a cabeça e sussurrou:

– A biblioteca. Fica a duas portas do lavabo das senhoras. Encontre-me lá em meia hora.

– Você está louco?

Ele sorriu.

– Só um pouco.

– Gregory, eu...

Ele a encarou com avidez e isso a silenciou. O modo como olhava para ela... tirou seu fôlego.

– Eu não posso – sussurrou Lucy, porque, independentemente do que sentiam um pelo outro, ela ainda estava noiva de outro homem. E, mesmo que não estivesse, tal comportamento só podia levar a um escândalo. – Não posso ficar sozinha com você. Sabe disso.

– Mas você precisa.

Ela tentou balançar a cabeça, mas não conseguia se mexer.

– Lucy, você precisa.

Então ela assentiu. Seria provavelmente o maior erro que cometeria na vida, mas não tinha como dizer não.

– Sra. Abernathy – disse Gregory, a voz demasiado alta quando cumprimentou tia Harriet. – Devolvo Lady Lucinda aos seus cuidados.

A velha senhora acenou com a cabeça, embora Lucy suspeitasse que ela não fazia ideia do que Gregory havia lhe dito. Em seguida, ela virou para a sobrinha e gritou:

– Vou me sentar!

Gregory riu, antes de dizer:

– Devo dançar com outras damas.

– É claro – retrucou Lucy, embora suspeitasse de que não estava totalmente a par das complexidades envolvidas em se marcar um encontro ilícito. – Estou vendo uma conhecida – mentiu.

Então, para seu grande alívio, de fato viu alguém que conhecera na escola. Não uma grande amiga, mas ainda assim um rosto familiar o suficiente para ir cumprimentar.

Mas, antes que pudesse sequer tirar o pé do chão, Lucy ouviu uma voz feminina chamar o nome de Gregory.

Não viu de imediato quem era, mas podia ver Gregory. Ele fechou os olhos e parecia bastante aflito.

– Gregory!

A voz tinha se aproximado e, quando Lucy virou para a esquerda, viu uma jovem que só poderia ser uma das irmãs de Gregory. A mais nova, provavelmente, a não ser que estivesse muito bem conservada.

– Essa deve ser Lady Lucinda – disse a mulher.

O cabelo dela, Lucy notou, tinha o mesmo tom do de Gregory: um castanho vivo e brilhoso. Mas os olhos eram azuis e aguçados.

– Lady Lucinda – falou Gregory, como quem cumpria uma obrigação –, permita-me que lhe apresente minha irmã, Lady St. Clair.

– Hyacinth – disse ela, com firmeza. – Devemos dispensar as formalidades. Tenho certeza de que seremos grandes amigas. Agora precisa me contar tudo sobre você. E depois eu gostaria de saber tudo sobre a festa de Anthony e Kate, no mês passado. Queria ter ido, mas já tinha um compromisso. Soube que foi muito divertida.

Assustada com o furacão humano à sua frente, Lucy olhou para Gregory em busca de algum conselho, mas ele só deu de ombros e informou:

– Esta é a que eu gosto de torturar.

Hyacinth virou para ele.

– Perdão?

Gregory fez uma reverência.

– Preciso ir.

Então Hyacinth Bridgerton St. Clair fez a coisa mais estranha. Estreitou os olhos e encarou Gregory, depois Lucy e em seguida Gregory de novo. E disse:

– Vocês vão precisar da minha ajuda.

– Hy... – começou Gregory.

– Vão – cortou ela. – Vocês têm planos. Não tente negar.

Lucy não podia acreditar que Hyacinth tinha deduzido tudo isso a partir de uma reverência e um *Preciso ir*. Ela abriu a boca para fazer uma pergunta, mas tudo o que conseguiu dizer, antes de Gregory silenciá-la com um olhar de advertência, foi:

– Como...

– Sei que você está tramando alguma coisa – falou Hyacinth para Gregory. – Ou não teria se empenhado tanto para garantir que ela viesse ao baile hoje.

– Ele só estava sendo gentil – observou Lucy.

– Não seja boba – retrucou Hyacinth, dando-lhe um tapinha tranquilizador no braço. – Ele nunca faria isso.

– Isso não é verdade – protestou Lucy.

Gregory podia ser um pouco terrível, mas seu coração era bom e sincero, e ela não iria permitir que ninguém, nem mesmo a irmã dele, falasse o contrário.

Hyacinth olhou para ela com um sorriso satisfeito.

– Gostei de você – disse lentamente, como se acabasse de se dar conta disso. – Está errada, é claro, mas gostei de você mesmo assim. – Então virou para o irmão. – Eu gostei dela.

– Sim, você já disse isso.

– E você precisa da minha ajuda.

Lucy observou os irmãos trocarem um olhar que ela não conseguiu entender.

– Precisa hoje – prosseguiu Hyacinth, tranquilamente – e precisará depois também.

Gregory encarou a irmã, sério, e então disse, em uma voz tão baixa que Lucy teve de se inclinar para a frente para ouvir:

– Preciso falar com Lady Lucinda. A sós.

Hyacinth abriu um sorriso discreto.

– Posso conseguir isso.

Lucy tinha a sensação de que ela podia conseguir qualquer coisa.

– Quando? – perguntou Hyacinth.

– Quando for mais fácil – respondeu Gregory.

Hyacinth olhou em volta do salão, embora Lucy não fizesse ideia do que ela poderia encontrar ali que tivesse a ver com a decisão que precisava tomar.

– Daqui a uma hora – anunciou ela, com a precisão de um general militar. – Gregory, vá fazer o que costuma fazer nesses eventos. Dançar. Buscar limonada. Interagir com aquela tal de Whitford, cujos pais não desgrudam de você há meses.

– E você – acrescentou Hyacinth, voltando-se para Lucy com um brilho autoritário nos olhos – deve continuar comigo. Vou apresentá-la a todos que precisa conhecer.

– Quem eu preciso conhecer? – perguntou Lucy.

– Não tenho certeza ainda. Isso não importa muito.

Lucy não conseguia fazer mais nada além de olhar para ela espantada.

– Daqui a exatos 55 minutos, o vestido de Lady Lucinda vai se rasgar – disse Hyacinth.

– Vai?

– *Eu* vou rasgá-lo – respondeu Hyacinth. – Sou boa nesse tipo de coisa.

– Você vai rasgar o vestido dela? – indagou Gregory, inseguro. – Bem aqui no salão de baile?

– Não se preocupe com os detalhes – falou Hyacinth, acenando com a mão de maneira descontraída. – Só vá e faça a sua parte, e encontre-a no toucador de Daphne em uma hora.

– No quarto da duquesa? – gemeu Lucy.

Ela não poderia fazer algo assim.

– Nós a conhecemos como Daphne – retrucou Hyacinth. – Agora, todo mundo, fora daqui.

Lucy olhou para ela e piscou. Não devia ficar ao lado de Hyacinth?

– Quero dizer *ele* – esclareceu Hyacinth.

E então Gregory fez a coisa mais surpreendente. Pegou a mão de Lucy. Bem ali, no meio do salão de baile, onde qualquer um poderia ver, ele pegou sua mão e beijou.

– Estou deixando-a em boas mãos – falou, dando um aceno educado com a cabeça. E lançou à irmã um olhar de advertência antes de acrescentar: – Por mais difícil que seja acreditar.

Então saiu, provavelmente para cortejar alguma pobre dama desavisada que não tinha ideia de que não passava de um peão inocente nos planos de sua irmã.

Lucy olhou de novo para Hyacinth, um pouco esgotada em razão daquele encontro. Hyacinth sorria para ela.

– Muito bem – disse, embora Lucy tenha tido a impressão de que ela se autocongratulava. – Agora, por que meu irmão precisa falar com você? E não diga que não faz ideia, porque não vou acreditar.

Lucy pensou em várias respostas e por fim falou:

– Não faço ideia.

Não era exatamente verdade, mas ela não revelaria suas esperanças e seus sonhos mais secretos para uma mulher que tinha acabado de conhecer, não importava de quem fosse irmã.

E isso lhe deu a sensação de que tinha vencido o embate.

– Verdade? – perguntou Hyacinth, desconfiada.

– Verdade.

Hyacinth claramente não estava convencida.

– Bem, pelo menos você é inteligente. Tenho de admitir isso.

Lucy decidiu que não seria intimidada.

– Sabe, pensei que eu fosse a pessoa mais organizada e habilidosa do mundo para resolver as coisas, mas acho que você me superou.

Hyacinth riu.

– Ah, não sou nem um pouco organizada. Mas *realmente* sou boa em resolver as coisas. E vamos nos dar muito bem. – Ela passou o braço pelo de Lucy. – Como irmãs.

Uma hora depois, Lucy tinha percebido três coisas sobre Lady Hyacinth St. Clair.

Primeiro, ela conhecia todo mundo. E sabia tudo sobre todos.

Segundo, era uma excelente fonte de informações sobre o irmão. Lucy não precisara fazer uma única pergunta e, quando deixaram o salão de baile, já sabia a cor preferida de Gregory (azul), a comida preferida (queijo, de qualquer tipo) e que, quando criança, ele falava com a língua presa.

Também descobriu que ninguém deveria cometer o erro de subestimar a irmã mais nova dele. Não só Hyacinth tinha rasgado o vestido de Lucy, como fizera isso com talento e astúcia, garantindo que quatro pessoas soubessem do incidente (e da necessidade de consertá-lo). E fizera todo o estrago próximo à bainha, preservando convenientemente o recato de Lucy.

Era muito impressionante.

– Já fiz isso antes – confidenciou Hyacinth, enquanto a guiava para fora do salão.

Lucy não ficou surpresa.

– É um talento bastante útil – acrescentou Hyacinth, com o semblante bem sério. – Por aqui.

Lucy a seguiu por uma escadaria na parte de trás da casa.

– Há muito poucas desculpas para uma mulher deixar um evento social – continuou Hyacinth, exibindo um talento notável para se manter fiel ao assunto escolhido. – Cabe a nós dominarmos todas as armas em nosso arsenal.

Lucy começava a acreditar que havia levado uma vida muito isolada e protegida de tudo.

– Ah, aqui estamos nós. – Hyacinth abriu uma porta e espiou lá dentro. – Ele não está aqui ainda. Ótimo. Isso me dá tempo.

– Para quê?

– Para consertar seu vestido. Confesso que me esqueci desse detalhe quando elaborei meu plano. Mas sei onde Daphne guarda as agulhas.

Então ela foi até uma penteadeira e abriu uma gaveta.

– Exatamente onde pensei que estavam – falou, com um sorriso triunfante. – Adoro quando estou certa. Isso torna a vida muito mais prática, não acha?

Lucy assentiu, mas estava concentrada na pergunta que queria fazer.

– Por que você está me ajudando?

Hyacinth a encarou como se ela fosse idiota.

– Você não pode voltar ao baile com o vestido rasgado. Não depois de falarmos para todo mundo que íamos sair para consertá-lo.

– Não, não é isso.

– Ah. – Hyacinth olhou para uma agulha, pensativa. – Esta vai servir. Que cor de linha você acha melhor?

– Branca, e você não respondeu à minha pergunta.

Hyacinth arrebentou um pedaço de linha e enfiou no buraco da agulha.

– Gostei de você – disse ela. – E amo meu irmão.

– Você sabe que estou noiva e prestes a me casar – retrucou Lucy, em voz baixa.

– Eu sei.

Hyacinth se ajoelhou aos pés de Lucy e, com pontos rápidos e desleixados, começou a costurar.

– Em uma *semana*. Menos de uma semana.

– Eu sei. Fui convidada.

– Ah. – Lucy imaginou que devia saber disso. – Hã, você pretende ir?

Hyacinth levantou os olhos.

– *Você* pretende?

Os lábios de Lucy se entreabriram. Até aquele momento, pensar em não se casar com Haselby era uma ideia frágil e absurda, mais uma sensação do tipo *ah, como eu gostaria de não ter de me casar com ele*. Mas agora, com Hyacinth observando-a tão atentamente, a ideia começava a parecer um pouco mais sólida. Ainda impossível, é claro, ou pelo menos...

Bem, talvez...

Talvez não impossível. *Quase* impossível.

– Os papéis já estão assinados – acrescentou Lucy.

Hyacinth voltou a atenção para sua costura.

– Estão?

– Meu tio o *escolheu* – disse Lucy, pensando em quem estava tentando convencer. – Isso foi decidido há anos.

– Hum.

Hum? Que diabo aquilo queria dizer?

– E ele não... Seu irmão não... – Lucy procurava encontrar as palavras, mortificada por estar desabafando com uma quase desconhecida, com a irmã de Gregory, pelo amor de Deus. Mas Hyacinth não *falava* nada; estava só ali, sentada, com os olhos focados na agulha entrando e saindo da bainha de Lucy. E já que ela não dizia nada, então Lucy precisava falar. Porque... Porque... Bem, porque sim. – Ele não me fez nenhuma promessa – disse Lucy, a voz quase tremendo. – Não declarou suas intenções.

Ao ouvir isso, Hyacinth levantou o rosto. Então olhou em volta do quarto, como se dissesse: *Olhe bem para nós, consertando seu vestido no quarto da duquesa de Hastings*. Depois murmurou:

– Não declarou?

Lucy fechou os olhos em agonia. Não era como Hyacinth St. Clair. Só eram necessários quinze minutos na companhia dela para saber que ela ousaria qualquer coisa, arriscaria tudo para garantir sua felicidade. Desafiaria as convenções, enfrentaria as mais duras críticas e emergiria de tudo intacta de corpo e alma.

Lucy não era tão audaciosa. Não era governada por paixões. Seu cerne sempre estivera ligado ao bom senso. Ao pragmatismo.

Não fora ela que dissera a Hermione que a amiga precisava se casar com um homem que os pais aprovassem?

Não dissera a Gregory que não queria um amor forte e avassalador? Que não fazia o seu tipo?

Ela não era esse tipo de pessoa. Simplesmente não era. Quando sua professora fazia desenhos para ela colorir, Lucy nunca ultrapassava as linhas.

– Acho que não consigo fazer isso – sussurrou Lucy.

Hyacinth a encarou por um instante agonizantemente longo antes de voltar os olhos para a costura.

– Eu a julguei mal – disse, baixinho.

Isso atingiu Lucy como um tapa na cara.

– O q... o q...

O que você disse?

Mas os lábios de Lucy não formavam as palavras. Ela não queria ouvir a resposta. E Hyacinth já estava de volta ao seu enérgico eu, olhando para ela com ar irritado, quando ordenou:

– Não se mexa tanto.

– Desculpe – resmungou Lucy.

E então pensou... Aqui estou eu me desculpando de novo. Sou tão previsível, tão convencional e sem imaginação...

– Você ainda está se mexendo.

– Ah. – Deus do céu, será que ela não conseguiria fazer nada direito naquela noite? – Perdão.

Hyacinth espetou-a com a agulha.

– Você *ainda* está se mexendo.

– Não estou! – exclamou Lucy, quase gritando.

Hyacinth sorriu para si mesma.

– Assim é melhor.

Lucy olhou para baixo, com a cara feia.

– Estou sangrando?

– Se está, a culpa é só sua – respondeu Hyacinth, levantando-se.

– Perdão?

Mas Hyacinth já estava de pé, com um sorriso satisfeito no rosto.

– Aí está – anunciou, apontando para sua obra. – Não ficou como novo, mas passará por qualquer inspeção esta noite.

Lucy se ajoelhou para examinar sua bainha. Hyacinth tinha sido generosa nos elogios a si mesma. A costura estava um horror.

– Nunca fui muito boa em corte e costura – comentou Hyacinth, dando de ombros, despreocupada.

Lucy se levantou, lutando contra o impulso de rasgar os pontos e refazê-los todos.

– Você devia ter me falado – murmurou.

Os lábios de Hyacinth se curvaram em um sorriso lento e dissimulado.

– Ai, ai, você ficou toda nervosa de repente.

E então Lucy se chocou ao dizer:

– *Você* ficou muito difícil.

– Talvez – retrucou Hyacinth, como se não se importasse muito com o que Lucy achava. Então olhou para a porta com ar de quem estava estranhando algo. – Ele já deveria estar aqui.

O coração de Lucy bateu estranhamente no peito.

– Você ainda pretende me ajudar? – sussurrou ela.

Hyacinth virou de volta.

– Eu espero – respondeu ela, os olhos encontrando os de Lucy de forma avaliadora – que você tenha julgado mal a si mesma.

Gregory estava dez minutos atrasado. Não conseguira evitar. Depois que dançara com uma jovem, ficou claro que teria de repetir o gesto com mais meia dúzia.

E, embora fosse difícil se manter atento às conversas que precisou manter, ele não se importava com o atraso. Isso significava que Lucy e Hyacinth já teriam deixado o salão muito antes de ele ir atrás delas. Queria encontrar uma maneira de fazer Lucy ser sua esposa, mas não havia necessidade de arrumar um escândalo.

Seguiu, então, para o quarto da irmã. Já havia passado incontáveis horas na Casa Hastings e conhecia bem o lugar. Quando chegou a seu destino, entrou sem bater, as dobradiças bem lubrificadas da porta se movendo sem um som sequer.

– Gregory.

Era a voz de Hyacinth. Ela estava de pé ao lado de Lucy, que parecia...

Abatida.

O que Hyacinth teria feito com ela?

– Lucy? – chamou ele, correndo em sua direção. – Algo errado?

Ela balançou a cabeça.

– Não foi nada.

Ele então virou para a irmã com olhos acusadores.

Hyacinth deu de ombros.

– Estarei na sala ao lado.

– Escutando atrás da porta?

– Vou esperar na escrivaninha de Daphne – disse ela. – É no meio da sala, e, antes que faça alguma objeção, não posso me afastar mais. Se alguém aparecer, vocês vão precisar que eu entre depressa para fazer tudo parecer respeitável.

O argumento era válido, por mais que Gregory não gostasse de admitir, então assentiu e a observou sair, esperando o clique do trinco na porta antes de falar.

– Hyacinth disse algo indelicado? – perguntou a Lucy. – Ela pode ser constrangedoramente rude, mas tem bom coração.

Lucy balançou a cabeça.

– Não – respondeu, gentil. – Na verdade, acho que ela pode ter dito a coisa certa.

– Lucy...? – falou Gregory, fitando-a com ar indagador.

Os olhos dela, que pareciam tão enevoados, de repente entraram em foco.

– O que você precisava me dizer? – perguntou.

– Lucy – começou ele, perguntando-se qual era a melhor forma de falar.

Vinha ensaiando discursos na mente durante todo o tempo que passara dançando lá embaixo, mas, agora que estava ali, não sabia o que dizer.

Ou melhor, sabia. Só não sabia a ordem, nem o tom. Devia dizer que a amava? Abrir o coração a uma mulher que pretendia se casar com outro? Ou devia optar pelo mais seguro e explicar por que ela não podia se casar com Haselby?

Um mês antes, a escolha teria sido óbvia. Ele era um romântico, apreciador de grandes gestos. Teria declarado seu amor, certo de que suas palavras seriam bem recebidas. Teria pegado a mão dela. Ficado de joelhos.

Ele a teria beijado.

Mas agora...

Não estava mais tão seguro. Confiava em Lucy, mas não no destino.

– Você não pode se casar com Haselby – falou.

Ela arregalou os olhos.

– Como assim, não posso?

– Você não pode se casar com ele – repetiu Gregory. – Vai ser um desastre. Vai... Você tem de confiar em mim. Não pode se casar com ele.

Ela balançou a cabeça.

– Por que está me dizendo isso?

Porque eu quero você para mim.

– Porque... porque... – Ele procurava as palavras certas. – Porque você se tornou minha amiga. E desejo a sua felicidade. Ele não será um bom marido para você, Lucy.

– Por que não?

A voz dela soou baixa, inexpressiva, dolorosamente diferente da sua voz de sempre.

– Ele... – Santo Deus, como falar aquilo? Será que ela sequer entenderia o que ele queria dizer? – Ele não... – Engoliu em seco. Tinha de haver uma maneira delicada de tratar do assunto. – Ele não... Algumas pessoas...

Gregory olhou para Lucy e o lábio inferior dela tremia.

– Ele prefere os homens – desabafou o mais rápido que pôde. – Às mulheres. Alguns homens são assim.

E então esperou. Por um longo instante, Lucy não esboçou nenhuma reação, só ficou parada como uma estátua trágica. De vez em quando ela piscava, mas, fora isso, nada. E então finalmente...

– Por quê?

Por quê? Ele não entendeu.

– Por que ele...

– Não! – interrompeu Lucy vigorosamente. – Por que você me contou? Por que me disse isso?

– Eu lhe contei...

– Não, você não fez isso para ser gentil. Por que me contou? Foi só para ser cruel? Para fazer com que eu me sinta como você, porque Hermione se casou com meu irmão e não com você?

– Não! – A palavra irrompeu do âmago de Gregory, e ele segurava Lucy com as duas mãos em torno dos braços dela. – Não, Lucy. Eu nunca faria isso. Quero que você seja feliz. Quero...

Você. Ele a queria, e não sabia como dizer isso. Não naquele momento, não quando ela olhava para ele como se tivesse partido seu coração.

– Eu poderia ser feliz com ele – sussurrou ela.

– Não. Não, não poderia. Você não entende, ele...

– Sim, poderia! – gritou ela. – Talvez eu não fosse amá-lo, mas poderia ser feliz. Era o que eu esperava. Era para isso que eu estava preparada. E você... você... – Ela se desvencilhou dele, virando-se até não ver mais o seu rosto. – Você arruinou tudo.

– Como?

Ela levantou os olhos e o encarou, e o que Gregory viu ali era tão enérgico, tão intenso, que ele não conseguiu respirar. E Lucy disse:

– Porque me fez querer você em vez disso.

O coração dele bateu forte no peito.

– Lucy – disse Gregory, porque não conseguia falar mais nada. – Lucy.

– Eu não sei o que fazer – confessou ela.

– Me beije. – Ele tomou o rosto dela entre as mãos. – Apenas me beije.

Desta vez, o beijo foi diferente. Ela era a mesma mulher, mas *ele* não era o mesmo homem. A ânsia que sentia por ela era mais profunda, mais elementar.

Ele a amava.

Beijou-a com todo o seu ser, com todo o ar, com cada batida do seu coração. Os lábios dele encontraram suas bochechas, a testa, as orelhas, e, durante todo o tempo, ele sussurrava o nome dela como uma prece.

Lucy. Lucy. Lucy.

Ele a queria. Precisava dela. Ela era como o ar. Comida. Água.

Ele deslizou os lábios para o pescoço dela, em seguida até a borda rendada de seu corpete. A pele de Lucy se incendiava sob os lábios dele, e, quando Gregory puxou o vestido, descobrindo um de seus ombros, ela arfou... Mas não o deteve.

– Gregory – sussurrou, enfiando os dedos no cabelo dele enquanto ele distribuía beijos pelo seu colo. – Gregory, ah, meu Gregory.

Ele passou a mão reverentemente pelo ombro dela. A pele reluzia, pálida, à luz das velas, e ele foi atingido por uma intensa sensação de posse. De orgulho.

Nenhum outro homem a vira assim, e ele rezava para que nenhum outro jamais visse.

– Você não pode se casar com ele, Lucy – sussurrou com urgência, as palavras quentes contra a pele dela.

– Gregory, não diga isso – gemeu Lucy.

– Não pode.

E então, como sabia que aquilo não podia ir mais longe, ele se endireitou, pressionando um último beijo nos lábios dela antes de afastá-la, obrigando-a a encará-lo.

– Você não pode se casar com ele – insistiu.

– Gregory, o que eu posso...

Ele agarrou os braços dela. Com força. E disse:

– *Eu te amo.*

Os lábios dela se abriram. Mas ela não conseguia falar.

– Eu te amo – repetira.

Lucy desconfiara – esperara – aquilo, mas não se permitira de fato acreditar. E assim, quando finalmente encontrou as palavras, o que disse foi:

– Você me ama?

Ele sorriu, então gargalhou, depois apoiou a testa na dela.

– Com todo o meu coração. Só agora percebi isso. Sou um idiota. Um cego. Um...

– Não – interrompeu ela, balançando a cabeça. – Não se repreenda. As pessoas nunca reparam em mim quando Hermione está por perto.

Ele apertou as mãos dela com ainda mais força.

– Ela não chega a seus pés.

Uma sensação de calor começou a se espalhar pelo corpo de Lucy. Não desejo, não paixão, apenas a mais pura e completa felicidade.

– Você está sendo sincero? – sussurrou.

– O suficiente para fazer o que for preciso para que você não se case com Haselby.

Ela empalideceu.

– Lucy?

Não. Ela conseguiria. Faria aquilo. Era quase engraçado, na verdade. Passara três anos dizendo a Hermione que ela deveria ser prática, seguir as regras. Havia inclusive zombado quando a amiga discursara sobre amor e paixão. E agora...

Respirou fundo, procurando se fortalecer. E agora iria romper seu noivado.

Que tinha sido combinado havia anos. Cinco dias antes do casamento. Com o filho de um conde. Deus do céu, mas que escândalo.

Ela deu um passo para trás, levantando o queixo para poder ver o rosto de Gregory. Ele a fitava com todo o amor que ela mesma sentia.

– Eu te amo – sussurrou Lucy, porque ainda não tinha dito isso. – Eu também te amo.

Pela primeira vez ela iria parar de pensar em todos. Não aceitaria as coisas do jeito que elas eram, tentando tirar o melhor proveito disso. Iria atrás da própria felicidade, iria construir o próprio destino.

Não iria fazer o que era esperado. Iria fazer o que queria. Já era hora.

Ela apertou as mãos de Gregory e sorriu. Não de uma forma hesitante, mas com confiança, um sorriso largo, cheio de esperanças e sonhos – e da certeza de que iria realizar todos.

Seria difícil. Seria assustador. Mas valeria a pena.

– Vou falar com meu tio – disse ela, as palavras firmes e seguras. – Amanhã.

Gregory puxou-a para si para um último beijo, rápido e apaixonado, cheio de promessas.

– Devo estar com você? – perguntou. – Fazer-lhe uma visita para assegurá-lo das minhas intenções?

A nova Lucy, a Lucy ousada e corajosa, perguntou:

– E quais *são* suas intenções?

Os olhos de Gregory se arregalaram de surpresa, depois aprovação, e então ele segurou a mão dela.

Lucy percebeu o que ele fazia antes mesmo de ver. As mãos de Gregory pareceram deslizar pela dela enquanto se abaixava...

Até ficar apoiado em um joelho, olhando para ela como se não houvesse mulher mais bonita no mundo.

Ela levou a mão à boca e percebeu que tremia.

– Lady Lucinda Abernathy – disse ele, a voz fervorosa e segura –, você me daria a imensa honra de se tornar minha esposa?

Ela tentou falar. Tentou assentir.

– Case comigo, Lucy – pediu Gregory. – Case comigo.

Desta vez ela conseguiu responder:

– Sim. Sim! Ah, sim!

– Vou fazê-la feliz – disse ele, ficando de pé para abraçá-la. – Eu prometo.

– Não precisa prometer. – Ela balançou a cabeça, piscando para afastar as lágrimas. – Não haveria como você não fazer.

Ele abriu a boca, provavelmente para falar mais, mas foi interrompido por uma batida na porta, suave, mas rápida.

Hyacinth.

– Vá – disse Gregory. – Deixe Hyacinth levá-la de volta ao salão de baile. Vou depois.

Lucy assentiu, endireitando o vestido até tudo estar de volta em seu devido lugar.

– Meu cabelo – sussurrou ela, os olhos arregalados quando encontraram os dele.

– Está lindo – assegurou Gregory. – Você está deslumbrante.

Ela correu para a porta.

– Tem certeza?

Eu te amo, disse ele, movendo os lábios, sem emitir nenhum som. E seus olhos diziam o mesmo.

Lucy abriu a porta e Hyacinth entrou depressa.

– Meu Deus, vocês dois são lentos – falou. – Precisamos voltar. Agora.

Ela caminhou até a porta que levava ao corredor, então parou, olhando primeiro para Lucy, depois para o irmão e para Lucy de novo, erguendo uma sobrancelha indagadora.

Lucy encarou-a com orgulho de si mesma.

– Você não me julgou mal – disse ela calmamente.

Os olhos de Hyacinth se arregalaram, depois seus lábios se curvaram num sorriso.

– Que bom.

E era, percebeu Lucy. Era muito bom mesmo.

CAPÍTULO 18

No qual nossa heroína faz uma terrível descoberta.

Ela podia fazer isso.

Sim, podia.

Só precisava bater.

E, ainda assim, lá estava ela, em frente à porta do escritório do tio, a mão em punho, *pronta* para bater à porta. Mas não completamente.

Fazia quanto tempo que ela estava nessa posição? Cinco minutos? Dez? De qualquer maneira, era o suficiente para rotulá-la como uma tola ridícula. Uma covarde.

Como isso acontecera? *Por que* acontecera? Na escola, ela era conhecida por ser competente e pragmática. Era a garota que fazia as coisas acontecerem. Não era tímida. Não era medrosa.

Mas quando se tratava de tio Robert...

Ela suspirou. Sempre fora assim com seu tio. Ele era tão severo, tão taciturno... Tão diferente do pai dela, que sempre fora tão risonho...

Ela se sentira como uma borboleta ao ir para a escola, mas, sempre que voltava para casa, era como se fosse enfiada de volta em seu pequeno casulo apertado. Ficava desanimada, calada. Solitária.

Mas não desta vez. Ela respirou fundo e endireitou os ombros. Desta vez, colocaria para fora o que precisava dizer. Iria se fazer ouvir.

Levantou a mão, bateu na porta e esperou.

– Entre.

– Tio Robert – disse ela, adentrando no escritório.

Parecia escuro, mesmo com a luz do fim de tarde entrando pela janela.

– Lucinda – falou ele, levantando brevemente os olhos antes de voltar para seus papéis. – O que foi?

– Preciso falar com o senhor.

Ele fez uma anotação, olhou de cara feia para o papel, então riscou o texto.

– Fale.

Lucy limpou a garganta. Aquilo seria muito mais fácil se ele *olhasse* para ela. Odiava falar com o topo da cabeça dele. Odiava.

– Tio Robert – chamou, novamente.

Ele resmungou uma resposta, mas continuou escrevendo.

– *Tio Robert.*

Ela observou-o desacelerar os movimentos e então, enfim, erguer os olhos.

– O que é, Lucinda? – perguntou, claramente irritado.

– Precisamos ter uma conversa sobre lorde Haselby.

Pronto. Ela falara.

– Algum problema? – perguntou ele, devagar.

– Não – ela se ouviu dizer, embora isso não estivesse nem perto da verdade.

Mas era o que sempre respondia quando alguém perguntava se havia um problema. Era uma daquelas coisas que simplesmente saía, como *Desculpe-me*, ou *Perdão*. Era o que tinha sido treinada a dizer.

Algum problema?

Não, claro que não. Não, não se aflija por minha causa. Não, por favor, não se preocupe comigo.

– Lucinda? – chamou o tio com a voz severa, quase rude.

– Não – repetiu ela, dessa vez mais alto, como se o volume pudesse lhe dar coragem. – Quero dizer, sim, há um problema. E preciso falar com o senhor sobre isso.

Seu tio olhou para ela com ar de enfado.

– Tio Robert – começou ela, como se estivesse andando em campo minado –, o senhor sabia... – Mordeu o lábio, olhando para todos os lados, menos o rosto dele. – Quer dizer, o senhor estava ciente...

– Fale logo – disparou ele.

– Lorde Haselby – disse Lucy rapidamente, desesperada para acabar logo com aquilo. – Ele não gosta de mulheres.

Por um instante, tio Robert não fez nada além de encará-la. E então ele...

Riu. Ele *riu*.

– Tio Robert? – O coração de Lucy começou a bater mais rápido. – O senhor sabia disso?

– É claro que eu sabia – retrucou ele. – Por que você acha que o pai dele está tão ansioso para que vocês se casem? Ele sabe que você não vai falar nada.

Por que ela não falaria?

– Você devia me agradecer – disse tio Robert, áspero, interrompendo os pensamentos de Lucy. – Os homens da alta sociedade são quase todos uns brutos. Estou lhe oferecendo o único que não vai incomodá-la.

– Mas...

– Você faz ideia de quantas mulheres gostariam de estar no seu lugar?

– Essa não é a questão, tio Robert.

O olhar dele ficou frio como gelo.

– Perdão?

Lucy ficou completamente imóvel, ao perceber que era isso. O momento havia chegado. Ela nunca o contrariara antes, e era provável que nunca o fizesse de novo.

Engoliu em seco. E então disse:

– Não quero me casar com lorde Haselby.

Silêncio. Mas os olhos dele eram como um trovão.

Lucy encarou-o com frio distanciamento. Podia sentir uma força nova e estranha crescendo dentro de si. Não iria recuar. Não agora, quando sua vida estava em jogo.

Seu tio franziu e contraiu os lábios, embora o restante de seu rosto parecesse feito de pedra. Finalmente, bem quando Lucy estava certa de que não suportaria mais o silêncio, ele falou, a voz direta:

– Posso perguntar por quê?

– Eu... eu quero ter filhos – respondeu ela, agarrando-se à primeira desculpa em que pensou.

– Ah, mas você terá filhos.

Então ele sorriu e o sangue dela gelou.

– Tio Robert? – sussurrou Lucy.

– Ele pode não gostar de mulheres, mas será capaz de fazer o trabalho com frequência suficiente para gerar um pirralho em você. E se ele não conseguir...

Seu tio deu de ombros.

– O quê? – Lucy sentiu o pânico crescer em seu peito. – O que o senhor quer dizer?

– Davenport cuidará disso.

– O pai dele? – indagou Lucy, engasgando.

– De qualquer maneira, será um herdeiro do sexo masculino, e isso é tudo o que importa.

Lucy levou a mão à boca.

– Ah, não. Eu não posso, não posso. – Ela pensou em lorde Davenport, com seu hálito horrível, suas bochechas balançantes, os olhos assustadoramente cruéis.

Ele não seria gentil. Lucy não tinha certeza de como sabia disso, mas sabia.

Tio Robert se inclinou para a frente na cadeira, estreitando os olhos de forma ameaçadora.

– Todos temos nossas obrigações na vida, Lucinda, e a sua é ser esposa de um nobre. Seu dever é prover um herdeiro. E você fará isso, da forma que Davenport julgar necessário.

Lucy engoliu em seco. Sempre fizera o que lhe diziam. Sempre aceitara que o mundo funcionava de determinada maneira. Sonhos podiam ser ajustados; a ordem social, não.

Aceite o que a vida lhe der e tire o melhor proveito disso. Era isso que sempre dizia. Era o que sempre fizera.

Mas não agora. Ela levantou o rosto e olhou bem dentro dos olhos do tio.

– Eu não vou fazer isso – afirmou, e sua voz não vacilou. – Não vou me casar com ele.

– O que... você... disse? – Cada palavra saiu como uma pequena frase, fria e afiada.

Lucy engoliu em seco.

– Eu disse...

– Eu sei o que você disse! – gritou ele, batendo com as mãos na mesa enquanto se levantava. – Como se atreve a me questionar? Eu criei você, a alimentei e lhe dei cada maldita coisa de que sempre precisou. Cuidei de vocês e protegi esta família por dez anos, e nada disso... *nada disso*... será meu.

– Tio Robert – tentou dizer Lucy.

Mas ela mal podia ouvir a própria voz.

Tudo o que ele dissera era verdade. Ele não era dono daquela casa. Não era dono de Abbey ou de qualquer outra propriedade dos Fennsworths. Não possuía nada e nunca possuiria nada além do que Richard fosse querer lhe dar quando assumisse sua posição como conde.

– Sou seu guardião – disse o tio, a voz baixa e sibilante. – Está entendendo? Você vai se casar com Haselby e não falaremos mais sobre isso.

Lucy olhou para ele horrorizada. Aquele homem era seu guardião havia dez anos, e em todo aquele tempo nunca o vira perder a paciência. Seu descontentamento era sempre servido frio.

– É aquele idiota do Bridgerton, não é? – disparou ele, derrubando alguns livros que estavam na mesa e caíram no chão com um baque alto.

Lucy pulou para trás.

– Diga-me! – exclamou ele.

Ela não falou nada, observando o tio com cautela enquanto ele avançava em sua direção.

– Diga-me!

– Sim – respondeu ela, dando mais um passo para trás. – Como o senhor... Como o senhor sabia?

– Você acha que sou idiota? A mãe e a irmã dele pedirem, no mesmo dia, que eu autorizasse sua presença numa festa da família? – Ele praguejou baixinho. – Estavam obviamente conspirando para roubá-la.

– Mas o senhor me deixou ir ao baile.

– Porque a irmã dele é uma duquesa, sua tola! Até Davenport concordou que você tinha de ir.

– Mas...

– Jesus Cristo – blasfemou tio Robert, deixando Lucy chocada e muda. – Não consigo acreditar na sua estupidez. Será que ele ao menos lhe prometeu casamento? Você está mesmo preparada para abrir mão de herdar um condado pela *possibilidade* de se casar com o quarto filho de um visconde?

– Sim – sussurrou Lucy.

O tio deve ter visto a determinação no rosto dela, porque empalideceu.

– O que você fez? – perguntou ele. – Você deixou que ele a tocasse?

Lucy pensou no beijo, e corou.

– Sua vaca estúpida – sibilou ele. – Bem, sorte sua que Haselby não saberá distinguir uma virgem de uma prostituta.

– *Tio Robert!* – Lucy estremeceu de horror. Não tinha ficado tão valente a ponto de permitir que ele achasse que era impura. – Eu nunca iria... Eu não... Como o senhor pode pensar isso de mim?

– Porque você está agindo como uma maldita idiota – retrucou ele. – A partir de agora, não vai sair desta casa até o dia do seu casamento. Se eu tiver que colocar vigias na porta do seu quarto, farei isso.

– Não! – gritou Lucy. – Como pode fazer isso comigo? Que importância tem isso? Não precisamos do dinheiro deles. Não precisamos dos contatos deles. Por que não posso me casar por amor?

A princípio, seu tio não reagiu. Ficou como se estivesse congelado, o único movimento era uma veia pulsando em sua têmpora. E então, bem quando Lucy pensou que poderia começar a respirar de novo, ele praguejou furiosamente e se lançou em direção a ela, imobilizando-a contra a parede.

– Tio Robert! – exclamou, engasgando. A mão dele estava em seu queixo, forçando sua cabeça para trás. Ela tentou engolir, mas era quase impossível com o pescoço arqueado daquele jeito. – Não... – gemeu. – Por favor... Pare.

Mas ele apertou ainda mais, pressionando o antebraço contra a clavícula de Lucy, os ossos de seu pulso afundando-se dolorosamente na pele dela.

– Você vai se casar com lorde Haselby – sibilou ele. – Vai se casar com ele, e eu vou dizer por quê.

Lucy não tentou mais falar, só o encarou com olhos desesperados.

– Você, minha querida Lucinda, é o último pagamento de uma dívida de longa data com lorde Davenport.

– O que o senhor quer dizer? – sussurrou ela.

– Chantagem – respondeu tio Robert com uma voz amarga. – Estamos pagando Davenport há anos.

– Mas por quê? – perguntou Lucy.

O que eles poderiam ter feito para justificar uma chantagem?

Os lábios de seu tio se curvaram em um sorriso irônico.

– Seu pai, o amado oitavo conde de Fennsworth, era um traidor.

Lucy arfou e teve a sensação de que sua garganta se fechava. Não podia ser verdade. Ela havia pensado, talvez, em um caso extraconjugal. Quem sabe um

conde que não fosse realmente um Abernathy. Mas traição? Santo Deus... *não*.

– Tio Robert – disse ela, tentando soar inteligível. – Deve haver algum engano. Um mal-entendido. Meu pai... Ele não era um traidor.

– Ah, eu lhe asseguro que era, e Davenport sabe disso.

Lucy pensou em seu pai. Ainda podia vê-lo em sua mente – alto, bonito, com olhos azuis luminosos. Ele gastava dinheiro de maneira um pouco inconsequente; mesmo ainda sendo uma criança pequena, ela podia ver isso. Mas não era um traidor. Não podia ter sido. Ele tinha a honra de um cavalheiro. Ela se lembrava disso. Dava para ver na maneira como se portava, nas coisas que lhe ensinara.

– O senhor está mentindo – acusou ela, as palavras queimando em sua garganta. – Ou mal informado.

– Há provas – disse Robert, soltando-a abruptamente e atravessando a sala até sua garrafa de brandy. Encheu um copo e tomou um longo gole. – E Davenport está com elas.

– Como?

– Eu não sei *como*. Só sei que está. Eu mesmo vi.

Lucy engoliu em seco e envolveu o corpo com os braços, ainda tentando absorver o que ele estava dizendo.

– Que tipo de provas?

– Cartas. Escritas com a letra do seu pai.

– Podem ter sido forjadas.

– Têm o selo dele! – trovejou o tio, batendo o copo na mesa.

Os olhos de Lucy se arregalaram ao verem o brandy espirrar na mesa.

– Você acha que eu aceitaria algo assim sem verificar pessoalmente? – perguntou ele. – Havia informações... detalhes... coisas que só seu pai poderia saber. Você acha que eu teria aceitado pagar pela chantagem de Davenport durante todos esses anos se houvesse uma chance de ser mentira?

Lucy balançou a cabeça. Seu tio podia ser muitas coisas, mas não era um tolo.

– Ele veio me procurar seis meses após a morte do seu pai. E venho pagando a ele desde então.

– Mas por que eu? – perguntou ela.

Seu tio riu amargamente.

– Porque você vai ser a perfeita noiva honrada e obediente. Vai compensar as imperfeições de Haselby. Davenport tinha que casar o rapaz com alguém, e precisava de uma família que não fosse dar com a língua nos dentes. – Ele a encarou com um olhar firme. – E nós não vamos. Não podemos. Ele sabe disso.

Lucy assentiu. Nunca falaria sobre essas coisas, independentemente de ser ou não casada com Haselby. Ela *gostava* de Haselby. Não queria tornar a vida difícil para ele. Mas também não queria ser sua esposa.

– Se não se casar com ele – disse o tio, devagar –, toda a família Abernathy estará arruinada. Você entende?

Lucy ficou paralisada.

– Não estamos falando de uma transgressão infantil, um cigano na árvore genealógica. Seu pai cometeu alta traição. Vendeu segredos de Estado para os franceses, passando-os a agentes disfarçados de contrabandistas na costa.

– Mas por quê? – sussurrou Lucy. – Nós não precisávamos do dinheiro.

– Como você acha que *conseguimos* o dinheiro? – rebateu o tio, amargo. – E seu pai... – Ele praguejou em voz baixa. – Seu pai sempre foi atraído pelo perigo. Provavelmente fez tudo isso pela emoção. Não é uma piada? O próprio condado está em perigo, e tudo porque seu pai queria um pouco de aventura.

– Meu pai não era assim – disse Lucy, mas não estava tão segura.

Só tinha 8 anos quando ele foi morto por um salteador em Londres. Disseram-lhe que ele tentara defender uma dama, mas e se aquilo também fosse uma mentira? Será que ele fora assassinado por sua traição? Ele era seu pai, mas até que ponto Lucy realmente sabia sobre sua vida?

Mas tio Robert não pareceu ter ouvido o comentário dela.

– Se você não se casar com Haselby – disse ele, as palavras baixas e precisas –, lorde Davenport irá revelar a verdade sobre seu pai, e você trará vergonha para toda a casa de Fennsworth.

Lucy balançou a cabeça. Tinha que haver outra solução. A responsabilidade não podia estar toda em seus ombros.

– Você acha que não? – Tio Robert riu com desdém. – Quem você acha que vai sofrer, Lucinda? Você? Bem, sim, suponho que vá, mas sempre podemos mandá-la para alguma escola e deixá-la apodrecer lá como professora. Você provavelmente iria gostar.

Ele deu alguns passos na direção dela, sem deixar de encará-la por um só momento.

– Mas pense no seu irmão – continuou ele. – Como ele se sairá como o filho de um traidor? É provável que o rei tire seu título. E a maior parte de sua fortuna também.

– Não – falou Lucy.

Não. Ela não queria acreditar. Richard não fizera nada de errado. Não poderia ser culpado pelos pecados do pai.

Ela afundou em uma cadeira, tentando desesperadamente ordenar seus pensamentos e emoções.

Traição. Como seu pai poderia ter feito uma coisa dessas? Isso ia contra tudo o que ela fora criada para acreditar. Ele não amava a Inglaterra? Não lhe dissera que os Abernathys tinham um dever sagrado com toda a Grã-Bretanha?

Ou tinha sido tio Robert? Lucy fechou os olhos com força, tentando lembrar. Alguém lhe dissera isso. Tinha certeza. Recordava o lugar onde estava na hora, em frente ao retrato do primeiro conde. Lembrava-se do cheiro do ar, e das palavras exatas, e... maldição, ela se lembrava de tudo, menos da pessoa que havia falado.

Abriu os olhos e fitou o tio. Provavelmente tinha sido ele. Parecia algo que diria. Ele não falava muito com ela, mas, quando fazia isso, dever era sempre um de seus temas preferidos.

– Ah, pai... – sussurrou ela.

Como ele tinha sido capaz? Vender segredos para Napoleão... Ele havia colocado em risco a vida de milhares de soldados britânicos. Até mesmo...

Seu estômago revirou. Deus do céu, ele podia ter sido responsável pelas mortes deles. Quem sabia o que havia revelado ao inimigo, quantas vidas tinham sido perdidas em razão de seus atos?

– Depende de você, Lucinda – disse o tio. – É a única maneira de acabar com isso.

Ela balançou a cabeça, sem compreender.

– O que o senhor quer dizer?

– Quando for uma Davenport, não poderá mais haver chantagem. Qualquer vergonha de que quisessem nos acusar iria cair sobre os ombros deles também. –

Ele caminhou até a janela, apoiando-se pesadamente no parapeito enquanto olhava para fora. – Depois de dez anos, eu enfim... *Nós* enfim ficaremos livres.

Ela não respondeu. Não havia nada a dizer. Tio Robert a olhou por cima do ombro, em seguida virou-se e caminhou até ela, observando-a com atenção o tempo todo.

– Vejo que você enfim compreendeu a gravidade da situação – falou.

Ela encarou o tio, assombrada. Não havia nenhuma compaixão no rosto dele, nenhuma solidariedade ou afeição. Apenas uma máscara fria de dever. Ele fizera o que se esperava dele, e ela teria de fazer o mesmo.

Pensou em Gregory, na expressão dele quando a pedira em casamento. Ele a amava. Ela não sabia que milagre provocara isso, mas ele a amava.

E ela também o amava.

Deus do céu, era quase engraçado. Ela, que sempre debochara do amor romântico, tinha se apaixonado. Completa e perdidamente – o suficiente para deixar de lado tudo em que pensara acreditar. Por Gregory, Lucy estava disposta a mergulhar no escândalo e no caos. Por ele, enfrentaria a fofoca, os rumores e as insinuações.

Ela, que enlouquecia quando seus sapatos ficavam fora de ordem no armário, estava preparada para romper com o filho de um conde quatro dias antes do casamento! Se isso não era amor, ela não sabia o que era.

Só que agora estava tudo acabado. Suas esperanças, seus sonhos, os riscos que ansiava correr... estava tudo acabado.

Ela não tinha escolha. Se desafiasse lorde Davenport, sua família estaria arruinada. Pensou em Richard e Hermione – tão felizes, tão apaixonados... Como poderia condená-los a uma existência de vergonha e pobreza?

Se ela se casasse com Haselby, sua vida não seria o que queria, mas não sofreria. Haselby era sensato. Era gentil. Se recorresse a ele, sem dúvida ele iria protegê-la de Davenport. E a vida dela seria... Confortável. Rotineira.

Muito melhor do que o que Richard e Hermione enfrentariam se a desonra de seu pai se tornasse pública. Seu sacrifício não era nada comparado ao que sua família seria forçada a suportar se ela recusasse.

Um dia ela já não quisera apenas conforto e rotina? Não poderia aprender a querer isso de novo?

– Vou me casar com ele – disse Lucy, olhando cegamente pela janela.

Estava chovendo. Quando tinha começado a chover?

– Que bom – respondeu seu tio.

Ela se sentou na cadeira e ficou imóvel. Podia sentir a energia deixando seu corpo, fluindo por seus membros, escorrendo pelos dedos das mãos e dos pés. Santo Deus, ela estava cansada. Esgotada. E não parava de pensar que queria chorar.

Mas não tinha lágrimas. Mesmo depois de se levantar e caminhar lentamente de volta para o quarto dela... não tinha lágrimas.

No dia seguinte, quando o mordomo perguntou se podia receber o Sr. Bridgerton e ela balançou a cabeça dizendo que não... não tinha lágrimas.

E no dia depois desse, quando foi forçada a repetir o mesmo gesto... não tinha lágrimas.

Mas no terceiro dia, depois de passar vinte horas segurando o cartão de visita dele, deslizando suavemente o dedo pelo seu nome, contornando cada letra – *O Honorável Gregory Bridgerton* –, ela começou a finalmente sentir as lágrimas se formando em seus olhos.

Então ela o viu em pé na calçada, olhando para a fachada da Casa Fennsworth.

Nesse momento, Gregory a viu. Ela sabia que sim – os olhos dele se arregalaram e o corpo ficou tenso, e Lucy conseguiu sentir todo seu espanto e sua raiva.

Fechou a cortina rapidamente, e ficou ali tremendo, incapaz de se mover. Seus pés estavam pregados ao chão, e ela começou a sentir aquilo de novo – a terrível sensação de pânico crescendo dentro de si.

Aquilo estava errado. Estava tudo tão errado, e ainda assim ela sabia que estava fazendo o que precisava.

Permaneceu ali, junto à janela, olhando para as ondulações na cortina, enquanto seus membros ficavam cada vez mais tensos e ela se forçava a respirar. Continuou no mesmo lugar quando seu coração começou a doer cada vez mais, e ainda quando tudo foi lentamente se acalmando.

Depois, de alguma forma, conseguiu ir até a cama e se deitou.

E então, enfim, encontrou suas lágrimas.

CAPÍTULO 19

No qual nosso herói toma o problema – e nossa heroína – em suas mãos.

Quando a sexta-feira chegou, Gregory estava desesperado.

Tentara falar com Lucy, na Casa Fennsworth, três vezes. Em todas, tinha sido mandado embora.

Estava ficando sem tempo. *Eles* estavam ficando sem tempo.

O que *diabo* estava acontecendo? Mesmo que o tio de Lucy tivesse negado seu pedido de cancelar o casamento – e ele não deveria ter ficado satisfeito, afinal, ela estava tentando romper com um futuro conde –, com certeza Lucy teria tentado entrar em contato com ele.

Ela o amava.

Ele sabia disso como sabia que a Terra era redonda, que os olhos dela eram azul-esverdeados e que dois mais dois sempre, *sempre*, seriam quatro.

Lucy o amava. Ela não mentira sobre algo assim. Era impossível.

O que significava que havia algo errado. Não poderia existir outra explicação.

Ele a procurara no parque, esperando por horas no banco onde ela gostava de alimentar os pombos, mas Lucy não aparecera. Vigiara a porta da casa dela, planejando interceptá-la quando estivesse a caminho de fazer alguma coisa, mas ela não saíra de casa.

E então, quando não o deixaram entrar pela terceira vez, ele a viu, apenas de relance, pela janela, e ela fechara as cortinas rapidamente. Mas tinha sido suficiente. Não conseguira ver o rosto de Lucy – não bem o bastante para saber como ela estava. Mas havia algo na maneira como ela se movera, na maneira apressada e quase frenética com que soltara as cortinas.

Algo estava errado.

Será que ela estava sendo mantida presa contra a vontade? Será que tinha sido drogada? A mente de Gregory avaliava todas as possibilidades, cada uma mais terrível do que a outra.

E agora já era noite de sexta. O casamento seria em menos de doze horas. E não havia nenhum boato, nenhum comentário, nenhum vestígio de fofoca. Se houvesse qualquer indício de que o casamento Haselby-Abernathy pudesse não acontecer como o planejado, Gregory teria ouvido falar. No mínimo, Hyacinth teria dito alguma coisa. Ela sabia de tudo, em geral antes dos próprios implicados na fofoca.

Ele estava em meio à sombra em frente à Casa Fennsworth e se recostou no tronco de uma árvore, só olhando. Será que aquela era a janela dela, à qual a vira mais cedo naquele dia? Não avistava nenhuma luz de vela, mas as cortinas provavelmente eram pesadas e grossas. Ou talvez ela tivesse ido para a cama. Era tarde. E ela iria se casar pela manhã. Santo Deus.

Ele não podia deixá-la se casar com lorde Haselby. Se tinha certeza de alguma coisa, era de que ele e Lucinda Abernathy tinham sido feitos para serem marido e mulher. O rosto dela era o que ele deveria ver todas as manhãs à mesa do café.

Gregory riu pelo nariz, uma risada nervosa e desesperada, o som que se faz quando a única alternativa é chorar. Lucy tinha de se casar com ele, nem que fosse só para devorarem toneladas de comida juntos todas as manhãs.

Continuou olhando para a janela dela. A que *esperava* que fosse dela. Com sua sorte, ele podia estar todo sonhador olhando para a janela do banheiro dos criados.

Não soube quanto tempo ficou lá. Pela primeira vez, sentia-se impotente, e pelo menos aquilo – ficar olhando para uma maldita janela – era algo que ele podia controlar.

Então pensou em sua vida. Uma vida glamorosa, com certeza. Muito dinheiro, uma família maravilhosa, montes de amigos. Tinha saúde, sensatez e – até o fiasco com Hermione Watson – uma crença inabalável em sua capacidade de julgamento. Podia não ser o mais disciplinado dos homens, e talvez devesse ter dado mais atenção a todas as coisas a respeito das quais Anthony gostava de importuná-lo, mas sabia o que era certo e o que era errado, e tinha absoluta *certeza* de que sua vida continuaria transcorrendo de maneira feliz e contente.

Ele era um homem que acreditava nesse tipo de coisa.

Não era melancólico. Não era dado a acessos de raiva.

E nunca tivera de se esforçar muito para nada.

Ainda olhando para a janela, pensou que tinha se tornado complacente. Tão confiante em seu próprio final feliz que não acreditara – *ainda* não conseguia acreditar – que poderia não conseguir o que queria.

Ele a pedira em casamento. Lucy tinha aceitado. Sim, era verdade que ela havia sido prometida a Haselby – e as coisas continuavam assim, aliás –, mas o verdadeiro amor não deveria triunfar? Não tinha sido assim com todos os seus irmãos? Por que diabo ele era tão desafortunado?

Pensou na mãe e lembrou-se do olhar dela quando dissecara tão habilmente seu caráter. Ela acertara quase tudo. Mas só quase.

Sim, ele nunca tivera de se esforçar muito por nada. Mas isso era só parte da história. Não era indolente. E seria capaz de fazer tudo por alguma coisa se...

Se tivesse um motivo.

Encarando a janela, pensou que agora tinha um motivo.

Então percebeu que até o momento só tinha esperado. Esperara Lucy convencer o tio a liberá-la do noivado. Esperara as peças do quebra-cabeça da sua vida se encaixarem para poder colocar a última no lugar com um triunfante “A-ha!”.

Esperara o amor. Um chamado.

Esperara a clareza, aquele momento em que saberia exatamente como proceder.

Era hora de parar de esperar, hora de esquecer o destino. Era o momento de agir. De se esforçar. Muito.

Ninguém ia lhe entregar aquela penúltima peça do quebra-cabeça – ele tinha de encontrá-la sozinho.

Precisava ver Lucy. E tinha de ser naquele momento, uma vez que parecia que estava proibido de visitá-la de uma forma mais convencional.

Atravessou a rua, depois furtivamente deu a volta na esquina e foi até os fundos da casa. As janelas do térreo encontravam-se bem fechadas e tudo estava escuro. Mais no alto, algumas cortinas esvoaçavam com a brisa, mas não havia como Gregory escalar o prédio sem cair e morrer.

Ele avaliou os arredores. À esquerda, a rua. À direita, o beco e as cavalariças. E à sua frente... A entrada de serviço.

Observou-a, pensativo. Bem, por que não?

Então se aproximou e colocou a mão na maçaneta. Que girou.

Gregory quase riu de alegria. No mínimo, voltou a acreditar – bem, talvez só um pouco – no destino e todas aquelas besteiras. Com certeza aquilo não era o usual. Um criado devia ter escapulido, talvez para ir a seu próprio encontro amoroso. Se a porta estava destrancada, então claramente era porque Gregory devia entrar.

Ou estava maluco.

Ele preferia acreditar no destino.

Entrou e fechou a porta silenciosamente, então aguardou por um minuto que os olhos se acostumassem à escuridão. Parecia estar em uma grande despensa, com a cozinha à direita. Havia uma boa chance de alguns dos criados de atribuições mais humildes dormirem ali por perto, então tirou as botas e carregou-as enquanto se aventurava mais para o interior da casa.

Seus pés, calçados só com as meias, não fizeram barulho quando ele subiu a escada dos fundos para chegar ao segundo andar – aquele em que achava ficar o quarto de Lucy. Fez uma pausa no patamar, para um breve instante de reflexão e bom senso antes de sair no corredor.

Em que estava pensando? Ele não tinha a menor ideia do que poderia acontecer se fosse pego ali. Estava violando alguma lei? Provavelmente. Não conseguia imaginar como poderia não estar. E, embora ser irmão de um visconde fosse salvá-lo da forca, não conseguiria escapar sem nenhuma consequência quando a casa que tinha invadido pertencia a um conde.

Mas ele tinha de ver Lucy. Estava cansado de esperar.

Ficou mais um tempo ali no patamar para se orientar, em seguida caminhou em direção à frente da casa. Havia duas portas no final. Ele parou, pensando na fachada da construção, depois seguiu para a da esquerda. Se Lucy estava mesmo em seu quarto quando a vira, então aquela era a porta correta. Se não...

Bem, então ele não tinha a menor ideia. Nem uma pista. E ali estava, perambulando pela casa do conde de Fennsworth depois da meia-noite.

Santo Deus.

Girou a maçaneta devagar, deixando escapar um suspiro de alívio ao constatar que não fez nenhum clique ou rangido. Abriu a porta apenas o suficiente para passar, então a fechou cuidadosamente, para só depois examinar o quarto.

Estava escuro e o luar mal passava pelas frestas nas cortinas. Mas seus olhos já haviam se ajustado à escuridão e ele conseguia identificar vários móveis – uma penteadeira, um armário... Uma cama.

Era bem grande e pesada, de dossel, com cortinas a toda a volta. Se havia mesmo alguém ali dentro, dormia silenciosamente – nenhum ronco, nenhum farfalhar, nada.

Deve ser assim que Lucy dorme, pensou de repente. Como os mortos. Sua Lucy não era uma flor delicada e não toleraria nada menos do que uma noite de descanso perfeita. Parecia estranho ele ter tanta certeza disso, mas tinha.

Ele a *conhecia*, percebeu. Realmente conhecia. Não só as coisas usuais. Na verdade, ele não sabia as coisas usuais, como a cor favorita dela, ou seu animal ou comida preferidos.

Mas não importava se não sabia se ela preferia rosa, azul, roxo ou preto. Ele conhecia o seu coração. *Queria* o seu coração.

E não podia deixar que ela se casasse com outra pessoa.

Cuidadosamente, abriu a cortina em torno da cama. Não havia ninguém deitado ali.

Gregory praguejou baixinho, até perceber que os lençóis estavam amassados, o travesseiro com a marca recente da cabeça de alguém.

Virou bem a tempo de ver um castiçal balançando com força no ar em direção a ele.

Deixou escapar um gemido de surpresa e se abaixou, mas não rápido o suficiente para evitar um golpe de raspão na têmpora. Praguejou de novo, dessa vez sem abaixar a voz, e então ouviu...

– Gregory?

Ele piscou.

– Lucy?

Ela correu até ele.

– O que você está fazendo aqui?

Gregory acenou com impaciência para a cama.

– Por que não está dormindo?

– Porque vou me casar amanhã.

– Bem, é por isso que estou aqui.

Ela olhou para ele em silêncio, como se sua presença fosse tão inesperada que ela não soubesse como reagir.

– Pensei que você fosse um intruso – disse Lucy, finalmente, apontando para o castiçal.

Ele se permitiu abrir um discreto sorriso.

– Bem, atrevo-me a dizer que, de fato, sou – murmurou.

Por um instante, parecia que ela ia retribuir o sorriso. Mas, em vez disso, ela se encolheu e disse:

– Você deve ir. Agora.

– Não até você falar comigo.

Ela olhou por cima do ombro dele.

– Não há nada a dizer.

– Que tal... eu te amo?

– Não diga isso – sussurrou ela.

Ele chegou mais perto.

– Eu te amo.

– Gregory, por favor.

Ainda mais perto.

– Eu te amo.

Ela respirou fundo. Empertigou os ombros.

– Vou me casar com lorde Haselby amanhã.

– Não, não vai.

Os lábios dela se abriram.

Gregory estendeu o braço e pegou a mão de Lucy. Ela não se afastou.

– Lucy – sussurrou ele.

Ela fechou os olhos.

– Fique comigo – pediu ele.

– Por favor, não – disse ela, balançando a cabeça lentamente.

Gregory a puxou para mais perto e pegou o castiçal da mão dela, que já não o segurava com firmeza.

– Fique comigo, Lucy Abernathy. Seja meu amor, seja minha esposa.

Ela abriu os olhos, mas o encarou apenas por um instante, antes de virar.

– Você está tornando tudo isso muito pior – sussurrou.

A dor em sua voz era insuportável.

– Lucy – disse Gregory, tocando o rosto dela –, deixe-me ajudá-la.

Ela balançou a cabeça, mas fez uma pausa quando seu rosto se aninhou na palma da mão dele. Não por muito tempo. Pouco mais de um segundo. Mas ele percebeu.

– Você não pode se casar com ele – afirmou Gregory, virando o rosto dela em sua direção. – Não vai ser feliz.

Os olhos dela brilharam ao encontrarem os dele. Na penumbra da noite, pareciam de um tom de cinza muito, muito escuro, e dolorosamente tristes. Gregory podia imaginar o mundo inteiro ali, nas profundezas do olhar dela. Tudo o que precisava saber, tudo o que podia *um dia* precisar saber... estava lá, dentro dela.

– Você não vai ser feliz, Lucy – sussurrou. – Sabe que não.

Ela continuou em silêncio. O único som era o de sua respiração. E, então, finalmente...

– Serei contente.

– *Contente?* – repetiu Gregory, a mão deixando o rosto dela e caindo do lado do corpo enquanto se afastava. – Você vai ser contente?

Ela assentiu.

– E isso é o *suficiente*?

Lucy assentiu de novo, mas de maneira mais contida.

A raiva começou a faiscar dentro dele. Ela estava disposta a deixá-lo por isso? Por que não queria lutar?

Ela o amava, mas será que o bastante?

– É a posição dele? – perguntou. – Significa tanto assim para você ser uma condessa?

Lucy esperou muito tempo antes de responder, e Gregory sabia que ela estava mentindo quando disse:

– Sim.

– Eu não acredito – disse ele, e sua voz soou terrível.

Ferida. Irritada.

Ele olhou para a mão e piscou, surpreso, ao perceber que ainda segurava o castiçal. Queria atirá-lo na parede. Mas, em vez disso, só o pousou. Pôde ver que suas mãos não estavam muito firmes.

Olhou para ela, que não falou nada.

– Lucy, me diga o que é – implorou. – Deixe-me ajudá-la.

Ela engoliu em seco e ele percebeu que não o olhava mais.

Pegou as mãos dela. Lucy ficou tensa, mas não se afastou. Seus corpos estavam frente a frente e ele podia ver o peito dela subir e descer, arfando. Que era o que estava acontecendo com seu próprio peito.

– Eu te amo – disse ele.

Porque, se continuasse falando isso, talvez pudesse bastar. Talvez as palavras enchessem o quarto, envolvessem-na e chegassem até seu coração. Talvez ela enfim percebesse que há certas coisas que não se pode negar.

– Pertencemos um ao outro – disse ele. – Pela eternidade.

Lucy fechou os olhos com força. Quando os abriu novamente, parecia devastada.

– Lucy – chamou Gregory, tentando colocar toda sua alma em uma única palavra. – Lucy, diga que você...

– Por favor, não fale isso – pediu ela, virando a cabeça para não olhar direto para ele. Sua voz ficou trêmula, difícil de sair. – Fale qualquer outra coisa, mas não isso.

– Por que não?

Então ela sussurrou:

– Porque é verdade.

Ele ficou sem ar e, em um rápido movimento, puxou-a para junto de si. Não era exatamente um abraço. Os dedos dos dois estavam entrelaçados, os braços dobrados, as mãos no meio dos ombros.

Gregory sussurrou o nome dela.

Os lábios de Lucy se entreabriram.

Ele sussurrou de novo, tão baixinho que as palavras eram mais um movimento do que um som.

Lucy, Lucy.

Ela ficou parada, mal respirando. O corpo de Gregory estava tão perto do dela, e ainda assim sem tocar exatamente. Mas havia calor preenchendo o espaço

entre eles, rodopiando pela sua camisola, vibrando pela sua pele.

Lucy estremeceu.

– Deixe-me beijar você – sussurrou ele. – Só mais uma vez. Deixe-me beijá-la mais uma vez e, se você me disser para ir embora, eu juro que vou.

Lucy sentiu sua força de vontade se desfazendo, transformando-se em necessidade, e então ela se perdeu em um estado nebuloso de amor e desejo, no qual não era possível discernir muito bem o certo do errado.

Ela o amava. Amava tanto, e ele não podia ser dela. Seu coração estava acelerado, a respiração, trêmula, e tudo em que conseguia pensar era que nunca iria se sentir assim de novo. Ninguém jamais olharia para ela da maneira como Gregory estava olhando naquele momento. Em menos de um dia, ela se casaria com um homem que não iria nem mesmo querer beijá-la.

Nunca mais sentiria aquela estranha contração no núcleo de sua feminilidade, a vibração em sua barriga. Aquela era a última vez que olharia para os lábios de alguém *ansiando* para que tocassem os dela.

Santo Deus, ela o queria. Queria *aquilo*. Antes que fosse tarde demais.

E Gregory a amava. Dissera isso, e mesmo que ela quase não conseguisse acreditar no fato, acreditava *nele.*

Passou a língua pelos lábios.

– Lucy – sussurrou ele, o nome dela uma indagação, uma declaração e um apelo, tudo ao mesmo tempo.

Ela assentiu. E então, porque sabia que não poderia mentir para si mesma ou para ele, Lucy disse:

– *Me beije*.

Não haveria por que fingir depois, dizer que fora arrebatada pela paixão, privada de sua capacidade de pensar. A decisão fora dela. E ela escolhera.

Por um instante, Gregory não se mexeu, mas ela sabia que a ouvira. Ele ficou sem ar e seus olhos pareceram derreter diante dela.

– Lucy – disse ele, a voz grave, rouca e uma centena de outras coisas que fizeram os ossos dela se desmancharem.

Os lábios dele encontraram a curva entre o queixo e o pescoço dela.

– Lucy – murmurou Gregory.

Ela queria dizer algo em resposta, mas não conseguia. Precisara de todas as suas forças só para pedir que a beijasse.

– Eu te amo – sussurrou ele, deixando um rastro de palavras ao longo do pescoço dela até a clavícula. – Eu te amo. Eu te amo.

Eram as palavras mais dolorosas, magníficas, terríveis e maravilhosas que ele poderia ter dito. Ela queria chorar... de felicidade *e* de tristeza.

Prazer e dor.

E Lucy entendeu – pela primeira vez – a alegria espinhosa do completo egoísmo. Ela não devia estar fazendo aquilo, por saber que Gregory provavelmente estava pensando que ela encontraria uma forma de cancelar seu compromisso com Haselby.

De certa forma, estava mentindo para ele. Tanto quanto se tivesse dito as palavras.

Mas não podia evitar.

Aquele era o seu momento. O momento de agarrar a felicidade. E a lembrança dessa alegria teria de durar uma vida inteira.

Encorajada pelo fogo que a consumia, Lucy tomou o rosto de Gregory entre as mãos e puxou-o para si com força, para um beijo tórrido. Não tinha ideia do que estava fazendo – estava certa de que devia haver regras para tudo aquilo, mas não se importava. Só queria beijá-lo, e não conseguia se conter.

A mão de Gregory se moveu para o quadril dela, fazendo sua pele arder através do fino tecido da camisola. Em seguida, deslizou para o traseiro dela, segurando e apertando, e não havia mais espaço entre eles. Lucy sentiu que foi se deitando e então de repente os dois estavam na cama, ele deitado em cima dela, seu calor e seu peso maravilhosamente masculinos.

Lucy se sentia uma mulher. Uma deusa.

Sentiu que podia envolvê-lo com seu corpo e nunca mais soltar.

– Gregory – sussurrou, encontrando a voz enquanto entrelaçava os dedos nos cabelos dele.

Ele parou e ela sabia que estava esperando que dissesse mais alguma coisa.

– Eu te amo – falou Lucy, então, porque era verdade, e porque ela precisava que *algo* fosse verdade.

No dia seguinte, ele a odiaria. Ela o trairia, mas pelo menos com relação àquilo não estava mentindo.

– Eu quero você – disse, quando ele levantou a cabeça para olhar em seus olhos.

Gregory a fitou com ar sério por um longo tempo e Lucy teve consciência de que ele estava lhe dando uma última chance de voltar atrás.

– Eu quero você – repetiu, porque o queria muito além das palavras.

Queria que ele a beijasse, que a tomasse e esquecesse que ela não estava sussurrando juras de amor.

– Lu...

Ela levou um dedo à sua boca e sussurrou:

– Eu quero ser sua. Hoje.

O corpo dele estremeceu, a respiração correndo de forma audível pelos lábios. Ele gemeu alguma coisa, talvez o nome de Lucy, e então sua boca encontrou a dela em um beijo que dava e tomava, queimava e consumia, até Lucy não conseguir mais ficar só parada embaixo dele. As mãos dela deslizaram para o pescoço de Gregory, depois para dentro de seu paletó, os dedos procurando desesperadamente calor e pele. Ele então murmurou alguma coisa com a voz rouca, levantou o tórax, ainda em cima dela, e arrancou o paletó e a gravata.

Lucy o encarou com os olhos arregalados. Gregory tirava a camisa, não lenta ou elegantemente, mas com uma velocidade frenética que ressaltava seu desejo.

Ele não estava em controle de si mesmo. Ela podia não estar, mas ele também não. Era um escravo daquele fogo tanto quanto ela.

Gregory jogou a camisa de lado e ela ficou sem ar com a visão dos poucos pelos no peito dele, dos músculos que esculpiam e modelavam sua pele.

Ele era lindo e gracioso. Lucy não tinha percebido como um homem podia ser gracioso assim, mas era a única palavra capaz de descrevê-lo. Ela levantou a mão e pousou-a na pele dele cuidadosamente. Os músculos de Gregory pulsavam por baixo e ela quase recolheu a mão.

– Não – pediu ele, cobrindo a mão dela com a sua e em seguida levando-a até seu coração.

Então olhou nos olhos dela.

Ela não conseguiu desviar o olhar.

No momento seguinte o corpo forte e quente dele estava de novo totalmente em cima do dela, suas mãos e lábios correndo por todos os lugares. E de repente a camisola de Lucy já não parecia cobrir muito de seu corpo. Estava bem para

cima, na altura das coxas, depois embolada em volta da cintura. Ele a tocava – não *lá*, mas perto. Roçando a barriga dela, fazendo a pele de Lucy queimar.

– Gregory – disse ela, arfando, porque de alguma forma os dedos dele tinham encontrado seu seio.

– Ah, Lucy... – gemeu ele, apertando, provocando o mamilo, e...

Ah, meu Deus. Como era possível ela sentir isso *lá*?

Lucy precisava estar mais perto dele, e seus quadris arquearam e corcovearam. Ela tinha a necessidade de algo que não sabia bem o que era, algo que iria preenchê-la, completá-la.

Ele então puxou a camisola dela para cima, passando-a pela cabeça e deixando-a escandalosamente nua. Uma das mãos de Lucy subiu, por instinto, para se cobrir, mas ele agarrou o pulso dela e segurou-o contra o próprio peito. Gregory estava sentado por cima dela, encarando-a como se... como se...

Como se ela fosse bonita.

Ele a encarava como os homens sempre olhavam para Hermione, só que agora havia *mais*. Mais paixão, mais desejo.

Ela se sentiu adorada.

– Lucy – murmurou Gregory, acariciando levemente o seio dela. – Eu sinto... Eu acho... – Ele abriu os lábios e balançou a cabeça bem devagar, como se não compreendesse muito bem o que acontecia com ele. – Eu estava esperando por isso – sussurrou. – A vida inteira. E eu nem sabia. Eu não sabia.

Ela pegou a mão dele, levou-a à boca e beijou a palma. Ela entendia.

A respiração de Gregory acelerou e então ele saiu de cima dela, as mãos indo em direção ao fecho da calça.

Os olhos de Lucy se arregalaram e ela ficou observando.

– Vou ser gentil – disse ele. – Eu juro.

– Não estou preocupada – garantiu ela, conseguindo abrir um sorriso vacilante.

Os lábios dele se curvaram em resposta.

– Você parece preocupada.

– Não estou.

Mas, ainda assim, os olhos dela divagavam.

Gregory riu, deitando-se ao seu lado.

– Pode doer. Já me disseram que isso acontece no começo.

Ela balançou a cabeça.

– Eu não me importo.

Ele deslizou a mão pelo braço dela.

– Só lembre, se doer, que vai ficar melhor.

Ela sentiu aquela sensação começando de novo, aquele ardor.

– Melhor como? – perguntou, a voz ofegante.

Ele sorriu enquanto seus dedos encontravam o quadril dela.

– *Muito* melhor, pelo que soube.

– *Muito* melhor? – perguntou ela, agora mal conseguindo falar.

Gregory foi para cima de Lucy de novo, cada centímetro de sua pele cobrindo a dela. Era tentador. Maravilhoso.

– Muito mesmo – respondeu Gregory, mordiscando de leve o pescoço dela. – Incrivelmente melhor, na verdade.

Lucy notou as próprias pernas se abrirem e o corpo dele se aninhar no espaço entre elas. Podia senti-lo, rígido e quente, pressionando o corpo contra o dela. Lucy se retesou, e ele deve ter sentido, porque fez um *Shhh* tranquilizador com os lábios no ouvido dela.

Então começou a descer.

E descer.

E descer.

Os lábios de Gregory foram incendiando cada milímetro do pescoço dela até a curva do ombro, e depois... Ah, meu Deus.

A mão dele segurava seu seio, deixando-o bem redondo e aprumado, e a boca encontrou o mamilo.

Ela se arqueou embaixo dele.

Gregory riu e sua outra mão a manteve imóvel, segurando-lhe o ombro, enquanto ele continuava sua tortura, parando apenas para passar para o outro lado.

– Gregory... – gemeu Lucy, porque não sabia mais o que dizer.

Estava perdida em meio àquela sensação, completamente indefesa diante daquela investida sensual. Não conseguia explicar, não conseguia entender ou racionalizar. Só podia sentir, e era a coisa mais assustadora e emocionante possível.

Então Gregory largou seu seio, depois de mordiscá-lo uma última vez, e olhou para ela de novo. A respiração dele estava ofegante, os músculos, tensos.

– Toque em mim – pediu ele com a voz rouca.

Os lábios dela se entreabriram e seus olhos encontraram os dele.

– Em qualquer lugar – implorou ele.

Foi só nesse momento que Lucy percebeu que suas mãos estavam ao lado do corpo, agarrando os lençóis como se isso pudesse mantê-la sã.

– Ah, me desculpe – disse ela, e então, surpreendentemente, começou a rir.

Um dos cantos da boca de Gregory se curvou.

– Temos que acabar com esse seu hábito – murmurou ele.

Lucy levou as mãos às costas dele, explorando delicadamente sua pele.

– Você não quer que eu peça desculpas? – perguntou.

Quando Gregory brincava, quando a provocava, isso a deixava mais à vontade. Mais ousada.

– Não por isso – gemeu ele.

Ela esfregou os pés contra as panturrilhas dele.

– Nunca?

E então as mãos dele começaram a fazer coisas indizíveis.

– Você quer que *eu* peça desculpas? – indagou ele.

– Não – respondeu ela, arfando.

Ele estava tocando-a intimamente, de maneiras que Lucy não sabia que eram possíveis. Deveria ser a coisa mais incômoda do mundo, mas não era. Os movimentos dele a faziam se retesar, se arquear, se contorcer. Ela não tinha ideia do que estava sentindo – não poderia descrever nem se tivesse Shakespeare à sua disposição.

Mas queria mais. Esse era o seu único pensamento, a única coisa de que tinha certeza.

Gregory a fazia se sentir tomada, arrebatada, extasiada.

E ela queria tudo isso.

– Por favor – implorou Lucy, as palavras escapando de seus lábios. – Por favor...

Mas Gregory também estava além das palavras. Ele dizia o nome dela várias vezes seguidas, como se não fosse mais capaz de pronunciar qualquer outra coisa.

– Lucy... – sussurrou, os lábios deslizando para o espaço entre os seios dela. – Lucy... – gemeu, deslizando um dedo para dentro dela e arfando. – *Lucy!*

Ela o tocara. Suave e timidamente.

Mas era ela. Era a mão dela, sua carícia, e parecia que havia ateado fogo nele.

– Desculpe – disse, afastando a mão.

– *Não* se desculpe – grunhiu Gregory, não porque estivesse com raiva, mas porque mal conseguia falar. Ele pegou a mão dela e levou-a de volta para o mesmo lugar. – É assim que a quero – falou, colocando a mão por cima da dela. – Com tudo o que tenho, com tudo o que sou.

Seu nariz estava só a uns 2 centímetros do dela. A respiração dos dois se misturava, e seus olhos... eram como se fossem um só.

– Eu te amo – murmurou Gregory, posicionando-se em cima dela.

Lucy moveu a mão suavemente, levando-a para as costas dele.

– Eu também te amo – sussurrou, e então arregalou os olhos, como se estivesse surpresa por ter dito isso.

Mas ele não ligava. Não importava se ela tivera ou não a intenção de falar. Já proferira as palavras e não poderia voltar atrás. Ela era dele.

E ele era dela. Enquanto Gregory se mantinha imóvel, pressionando delicadamente a entrada dela, percebeu que estava à beira de um precipício. A vida dele agora se dividiria em duas partes: antes e depois daquilo.

Ele nunca mais amaria outra mulher.

Nunca *seria capaz* de amar outra mulher.

Não depois daquilo. Não enquanto Lucy andasse sobre a Terra. Não poderia haver mais ninguém.

O precipício era aterrorizante. Aterrorizante, emocionante, e...

E ele pulou.

Lucy arfou quando ele arremeteu para a frente, mas quando Gregory olhou para ela, viu que não parecia sentir dor. A cabeça dela estava jogada para trás e cada respiração era acompanhada de um suave gemido, como se não conseguisse conter o próprio desejo.

Ela o envolveu com as pernas, os pés deslizando pelas panturrilhas dele. E os quadris dela se levantavam da cama, implorando-lhe para continuar.

– Não quero machucar você – disse ele, todos os músculos tensos, desejando avançar.

Nunca quisera nada como a queria naquele momento. E, ainda assim, nunca se sentira tão controlado. Aquele momento era dela. Não podia machucá-la.

– Não está machucando – gemeu Lucy, e então ele não pôde mais se controlar.

Capturou o seio dela na boca enquanto investia, rompendo a barreira final e enterrando-se por completo dentro dela.

Se Lucy sentira dor, não se importara. Deixou escapar um gritinho de prazer e agarrou impetuosamente a cabeça dele. Começou a se contorcer e, quando Gregory tentou passar para o outro seio, ela o manteve no lugar com uma feroz intensidade.

E o tempo todo o corpo dele se unia ao dela, movendo-se em um ritmo que ia muito além de qualquer pensamento ou controle.

– Lucy, Lucy, Lucy... – gemeu ele, finalmente largando o seio dela.

Gregory não estava mais aguentando. Era de mais. Ele precisava de espaço para respirar, para buscar o ar que nem sempre parecia chegar a seus pulmões.

– *Lucy!*

Tinha que esperar. Estava tentando. Mas ela o agarrava, cravando as unhas em seus ombros, e o corpo dela se projetava para cima com força suficiente para levantá-lo junto.

E então ele a sentiu. Ela se retesou, prendendo-o e estremecendo ao redor dele, e ele explodiu.

E, junto com ele, o mundo também.

– Eu te amo – falou Gregory, ofegante, enquanto desabava em cima dela.

Tinha achado que não conseguiria dizer mais nada, mas lá estavam as palavras.

Aquelas três pequenas palavras, que agora eram suas companheiras.

Eu te amo.

Ele nunca mais ficaria sem elas.

E isso era uma coisa esplêndida.

CAPÍTULO 20

No qual nosso herói tem uma manhã muito ruim.

Mais tarde, após dormirem um pouco e depois desfrutarem de mais alguns momentos de paixão, e em seguida não dormirem exatamente, mas aproveitarem um pouco de descanso tranquilo e silencioso, seguido de mais paixão – porque simplesmente não conseguiam se controlar –, estava na hora de Gregory ir embora.

Era a coisa mais difícil que faria, mas ainda assim partiria com o coração cheio de alegria, porque sabia que aquele não era o fim. Não era sequer um adeus – não era nada tão permanente assim. Mas já começava a ficar perigoso. Logo amanheceria, e, embora tivesse a intenção de se casar com Lucy assim que possível, não a faria passar pela vergonha de ser pega na cama com ele na manhã de seu casamento com outro.

Também tinha de pensar em Haselby. Não o conhecia bem, mas ele sempre parecera um sujeito gentil que não merecia ser humilhado publicamente.

– Lucy – sussurrou Gregory, cutucando a bochecha dela com o nariz –, já é quase de manhã.

Ela deixou escapar um gemido sonolento, então virou a cabeça.

– Sim.

Apenas *Sim*, não *É tudo tão injusto* ou *Não deveria ter que ser assim*. Mas essa era Lucy. Pragmática, prudente e sensata de uma forma encantadora, e ele a amava por tudo isso e mais. Ela não queria mudar o mundo. Só queria torná-lo lindo e maravilhoso para as pessoas que amava.

O fato de ela ter permitido que ele fizesse amor com ela e estivesse planejando cancelar o casamento bem na manhã da cerimônia só mostrava a ele como o amava. Lucy não procurava atenção e drama. Só desejava estabilidade e rotina, e para ela dar aquele salto...

Isso o comovia.

– Você devia vir comigo – disse ele. – Agora. Precisamos sair juntos antes de os outros acordarem.

O lábio inferior dela se estendeu um pouco em uma expressão de *ah, querido* tão linda que ele foi obrigado a beijá-la. De leve, apenas um rápido beijo no canto da boca, já que não havia tempo suficiente para se deixar levar pela emoção. Nada que interferisse na resposta dela, que foi um decepcionante:

– Não posso.

Ele recuou.

– Você não pode ficar.

Mas ela balançou a cabeça.

– Eu... eu tenho que fazer a coisa certa.

Gregory olhou para ela com ar indagador.

– Devo me comportar com honra – explicou Lucy.

Ela então se sentou e agarrou os lençóis com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Parecia nervosa, o que ele imaginava que fazia sentido. Ele se sentia no limiar de um novo alvorecer, ao passo que ela ainda tinha uma imensa montanha para escalar antes de alcançar o seu final feliz.

Gregory estendeu o braço, tentando pegar a mão dela, mas Lucy não estava receptiva. Não é que estivesse se afastando dele; na verdade, parecia que não estava nem percebendo o seu toque.

– Não posso fugir e deixar que lorde Haselby fique me esperando em vão na igreja – disse ela, as palavras saindo depressa de seus lábios enquanto seus olhos se voltavam para os dele, arregalados e suplicantes.

Mas apenas por um momento.

Logo depois ela virou.

E engoliu em seco. Gregory não conseguia ver o rosto dela, mas podia notar pela forma como ela se movia.

Lucy então disse baixinho:

– Tenho certeza que você entende.

Sim, ele entendia. Era uma das coisas que mais amava nela. Lucy tinha um forte senso de certo e errado, às vezes ao ponto da teimosia. Mas ela nunca era moralista, nunca era condescendente.

– Vou ficar de olho em você – falou Gregory.

Ela virou a cabeça de repente com um olhar de indagação.

– Você pode precisar da minha ajuda – disse ele.

– Não, isso não será necessário. Tenho certeza que posso...

– Eu insisto – interrompeu Gregory, com firmeza suficiente para silenciá-la. – Este será o nosso sinal. – Ele ergueu a mão, os dedos fechados, a palma para fora. Então, girou o pulso uma vez, para deixar a palma da mão de frente para ele, e depois de novo, para que voltasse à posição original. – Vou ficar de olho em você. Se precisar da minha ajuda, venha para a janela e faça o sinal.

Lucy abriu a boca, como se fosse protestar mais uma vez, mas acabou apenas assentindo.

Gregory então se levantou e abriu as cortinas que cercavam a cama dela, à procura de suas roupas. Estava tudo espalhado – as calças de um lado, a camisa do outro –, mas ele logo reuniu o que precisava e se vestiu.

Lucy continuou sentada na cama, com os lençóis presos por baixo do braço. Ele achou seu recato charmoso e quase a provocou. Mas, em vez disso, decidiu só abrir um alegre sorriso. Tinha sido uma noite importante para Lucy; ela não devia se sentir constrangida por sua inocência.

Gregory foi até a janela para espiar lá fora. Ainda não havia amanhecido, mas faltava pouco, o horizonte com aquela luz suave que só se vê antes de o sol aparecer. O céu tinha um brilho delicado, um tom sereno de azul-arroxeado, e estava tão bonito que Gregory fez um gesto para que ela se juntasse a ele. Virou de costas enquanto Lucy vestia a camisola e, quando ela cruzou o quarto com os pés descalços, a puxou gentilmente para si, abraçando-a por trás, e apoiou o queixo no alto da cabeça dela.

– Olhe – sussurrou.

A noite parecia dançar, reluzente e vibrante, como se o próprio ar entendesse que nada nunca mais seria a mesma coisa. A aurora aguardava do outro lado do horizonte e as estrelas já começavam a parecer menos brilhantes no céu.

Se ele pudesse ter congelado o tempo, teria feito isso. Nunca tinha experimentado um momento tão mágico, tão... pleno. Estava tudo lá, tudo o que era bom, honesto e verdadeiro. Gregory finalmente entendeu a diferença entre felicidade e contentamento, e como era afortunado e abençoado de sentir os dois de forma tão impressionante.

O motivo era Lucy. Ela o completava e tornava sua vida tudo o que ele sempre soubera que um dia poderia ser.

Aquele era o sonho dele. E estava se tornando realidade, bem ali ao alcance de seus braços.

E então, bem quando eles estavam ali junto à janela, uma das estrelas riscou o céu. Fez um arco amplo e Gregory quase achou que podia ouvi-la viajar, faiscando e crepitando, até desaparecer de vista.

Aquilo o fez beijá-la. Ele imaginava que um arco-íris também teria feito, ou um trevo de quatro folhas, ou até mesmo um simples floco de neve que pousasse em sua manga sem derreter. Era simplesmente impossível contemplar qualquer pequeno milagre da natureza e não beijá-la. Beijou o pescoço dela, depois a virou de frente para ele para poder beijar sua boca, sua testa, até seu nariz.

E as sete sardas também. Deus, ele amava as sardas dela.

– Eu te amo – sussurrou.

Lucy apoiou o rosto no peito dele e sua voz estava rouca, quase sufocada, quando ela disse:

– Eu também te amo.

– Tem certeza de que não quer vir comigo agora?

Ele sabia a resposta, mas perguntou mesmo assim.

Como esperava, ela balançou a cabeça.

– Tenho que fazer isso sozinha.

– Como será que seu tio vai reagir?

– Eu... não tenho certeza.

Ele deu um passo para trás, segurando-a pelos ombros e se abaixando até a altura dos olhos dela.

– Ele vai machucá-la?

– Não – garantiu Lucy, tão rápido que ele acreditou. – Não. Eu juro.

– Será que ele vai tentar forçá-la a se casar com Haselby? Trancá-la no quarto? Porque eu posso ficar. Se você achar que vai precisar de mim, eu posso ficar bem aqui.

Isso criaria um escândalo ainda pior do que o que já precisariam enfrentar, mas se a segurança dela estivesse em risco...

Não havia nada que ele não fizesse.

– Gregory...

Ele a silenciou com um aceno de cabeça.

– Você entende que deixá-la aqui para enfrentar isso sozinha vai completamente contra tudo em que acredito, não entende?

Os lábios dela se abriram, e os olhos...

Os olhos se encheram de lágrimas.

– Jurei, em meu coração, protegê-la – disse Gregory, a voz apaixonada, ardente e talvez até um pouco reveladora.

Porque, percebeu ele, aquele era o dia em que realmente se tornava um homem. Depois de 26 anos de uma existência agradável e, sim, inconsequente, ele enfim tinha encontrado o seu propósito.

Enfim sabia por que tinha nascido.

– Jurei, em meu coração – repetiu ele –, e vou jurar diante de Deus assim que pudermos. E dói como ácido em meu peito deixá-la sozinha.

Sua mão encontrou a dela e seus dedos se entrelaçaram.

– Não é justo – disse ele, a voz baixa, mas firme.

Lentamente, ela assentiu.

– Mas é o que deve ser feito.

– Se houver algum problema, se perceber algum perigo, você tem que me prometer que vai dar o sinal e eu virei ajudá-la. Você pode se refugiar na casa da minha mãe. Ou com qualquer uma das minhas irmãs. Elas não se importarão com o escândalo. Só se preocuparão com a sua felicidade.

Ela engoliu em seco, depois sorriu, e seu olhar pareceu melancólico.

– Sua família deve ser maravilhosa – comentou.

Ele tomou as mãos dela e as apertou.

– Também é a *sua* família agora. – Gregory esperou que Lucy dissesse alguma coisa, mas ela ficou em silêncio. Ele levou as mãos dela aos lábios e beijou uma de cada vez. – Em breve, tudo isso vai ficar para trás – sussurrou.

Ela fez que sim e olhou por cima do ombro em direção à porta.

– Os criados vão acordar daqui a pouco.

Então ele saiu. Passou de fininho pela porta, botas na mão, e se esgueirou pelo mesmo caminho por onde entrara.

Ainda estava escuro quando chegou ao pequeno parque na praça em frente à casa dela. Faltavam horas para o casamento, e certamente ele tinha tempo suficiente para voltar em casa e mudar de roupa.

Mas não estava disposto a arriscar. Dissera a Lucy que iria protegê-la, e nunca quebraria essa promessa.

Nesse momento, algo lhe ocorreu: não precisava fazer aquilo sozinho. Na verdade, não *devia* fazer aquilo sozinho. Se Lucy precisasse dele, teria de estar firme e forte. E, se Gregory precisasse recorrer à força, sem dúvida seria bom poder contar com um par extra de mãos.

Ele nunca procurara os irmãos para pedir ajuda, nunca recorrera a eles para sair de uma situação difícil. Era um homem relativamente jovem e já saíra para beber, jogar, flertar.

Mas nunca tinha bebido demais, ou apostado mais do que tinha, ou, até a noite anterior, flertado com uma mulher que arriscava a reputação para estar com ele.

Nunca tinha procurado ser responsável, mas também jamais fora atrás de problemas.

Seus irmãos sempre o viram como um garoto. Mesmo agora, aos 26 anos, ele suspeitava que não o encaravam como um adulto. E, assim, ele não pedia ajuda. Não se colocava em nenhuma situação em que pudesse precisar de alguém.

Até agora.

Um de seus irmãos morava perto dali, a menos de meio quilômetro de distância, talvez a uns 200 metros. Gregory poderia ir lá e voltar em vinte minutos, incluindo o tempo que levaria para tirar Colin da cama.

Ele estava se preparando para começar a correr quando viu um limpador de chaminés atravessando a rua. Era jovem – 12, talvez 13 anos – e com certeza ansioso por um guinéu. E pela promessa de outro assim que entregasse a mensagem de Gregory ao irmão dele.

Gregory o viu dobrar a esquina correndo, então atravessou de volta para o jardim público. Não havia lugar para sentar – na verdade, não havia lugar para ficar em que não fosse imediatamente visto da Casa Fennsworth.

Então ele subiu em uma árvore. Sentou-se em um galho baixo e forte, recostou-se no tronco e esperou.

Um dia, disse a si mesmo, riria daquilo. Um dia eles contariam essa história aos netos e tudo soaria muito romântico e emocionante.

Mas por ora... Romântico, sim. Emocionante, nem tanto.

Ele esfregou as mãos. Acima de tudo, estava frio.

Deu de ombros, torcendo para não sentir mais a friagem. Não deu certo, mas não se importava. O que eram alguns dedos com a ponta azul comparados ao restante da sua vida?

Ele sorriu, erguendo o olhar até a janela de Lucy. Lá estava ela, pensou. Bem ali, atrás daquela cortina. E ele a amava. Com todas as forças.

Pensou em seus amigos, a maioria deles cínicos, sempre lançando um olhar entediado ao mais novo grupo de debutantes, dizendo que o casamento é uma obrigação, que as mulheres são todas iguais e que é melhor deixar o amor para os poetas.

Tolos, a maioria deles.

O amor existia.

Estava bem ali, no ar, no vento, na água. Só era preciso esperá-lo.

Cuidar dele.

Lutar por ele.

E Gregory faria isso. Deus era sua testemunha. Lucy só tinha de sinalizar e ele iria resgatá-la.

Era um homem apaixonado.

Nada poderia detê-lo.

– Você percebe que não era assim que eu pretendia passar a minha manhã de sábado, certo?

Gregory respondeu apenas com um aceno de cabeça. Seu irmão tinha chegado quatro horas antes e o saudara com a seguinte declaração:

– Isso é interessante.

Gregory contara tudo a ele, até mesmo o que acontecera na noite anterior. Não queria expor Lucy, mas não se pode pedir a um irmão que se sente em uma árvore por horas a fio sem explicar por quê. E Gregory achara de certa forma reconfortante se abrir com Colin. Ele não lhe dera um sermão. Não o julgara.

Na verdade, ele entendera.

Quando Gregory terminara a história, explicando de forma sucinta por que estava esperando em frente à Casa Fennsworth, Colin simplesmente assentira e dissera:

– Imagino que você não tenha nada aí para comer.

Gregory balançara a cabeça e sorrira.

Era bom ter um irmão.

– Que péssimo planejamento da sua parte – resmungou Colin.

Mas ele também sorria.

Então voltaram a olhar para a casa, que fazia algum tempo já havia começado a mostrar sinais de vida. Cortinas tinham sido puxadas, velas tinham sido acesas e depois, apagadas, quando a aurora dera lugar à manhã.

– Ela já não deveria ter saído a esta altura? – perguntou Colin, estreitando os olhos em direção à porta.

Gregory franziu a testa. Vinha se perguntando a mesma coisa. Dissera a si mesmo que o fato de ela ainda não ter aparecido era um bom presságio. Se o seu tio fosse forçá-la a se casar com Haselby, ela já não teria saído para a igreja? De acordo com seu relógio de bolso – que, verdade fosse dita, não era o mais preciso dos relógios –, a cerimônia deveria começar em menos de uma hora.

Mas Lucy também não havia sinalizado pedindo sua ajuda.

E ele não estava nada feliz com isso.

De repente, Colin se animou.

– O que foi? – perguntou Gregory.

Colin fez um gesto para a direita com a cabeça.

– Estão trazendo uma carruagem das cavalariças – disse ele.

Os olhos de Gregory se arregalaram de horror quando a porta da frente da casa se abriu. Vários criados saíram, rindo e comemorando, enquanto o veículo parava diante da construção.

Era branco, aberto, enfeitado com flores e largas fitas rosadas, penduradas atrás, que esvoaçavam com a suave brisa.

Era uma carruagem de casamento.

E ninguém parecia estranhar.

Gregory começou a sentir a pele formigar. Seus músculos ardiam.

– Ainda não – disse Colin, apoiando a mão no braço de Gregory para contê-lo.

Gregory balançou a cabeça. Sua visão periférica estava começando a falhar e tudo o que conseguia ver era aquela maldita carruagem.

– Tenho que resgatá-la – falou. – Tenho que ir.

– Espere – instruiu Colin. – Espere para ver o que acontece. Ela pode não sair. Ela pode...

Mas Lucy saiu.

Não foi a primeira. Na frente vinha o irmão dela, de braço dado com a esposa.

Então saiu um homem mais velho – o tio, provavelmente – e aquela senhora idosa que Gregory conhecera no baile de sua irmã.

E depois... Lucy.

Em um vestido de noiva.

– Santo Deus – sussurrou Gregory.

Ela andava voluntariamente. Ninguém a forçava.

Hermione sussurrou algo no ouvido dela.

E Lucy sorriu. Ela sorriu.

Gregory começou a engasgar.

A dor era palpável. Real. Atravessava sua barriga e contraía seus órgãos até que ele já não podia se mover.

Só podia olhar. E pensar.

– Ela lhe disse que não iria até o fim com isso? – sussurrou Colin.

Gregory tentou dizer que sim, mas não conseguiu falar. Tentou se lembrar da última conversa deles, de cada palavra. Ela dissera que devia se comportar com honra. Que devia fazer o que era certo. Que o amava.

Mas nunca dissera que não se casaria com Haselby.

– Ah, meu Deus – sussurrou ele.

Seu irmão colocou a mão sobre a dele.

– Sinto muito.

Gregory viu Lucy subir na carruagem aberta. Os criados ainda aplaudiam. Hermione arrumou o cabelo dela, ajeitou o véu, depois riu quando o vento levantou o tecido fino no ar.

Aquilo não podia estar acontecendo. Tinha de haver uma explicação.

– Não – disse Gregory, porque era a única palavra que conseguia dizer. – Não.

Então ele se lembrou. O sinal que tinha combinado com ela, o código secreto. Ela ia fazer. Ia sinalizar para ele. O que quer que tivesse acontecido na

casa não lhe permitira impedir o andamento das coisas. Mas agora, ali, a céu aberto, onde ele podia ver, ela faria o sinal.

Tinha de fazer. Ela sabia que ele podia vê-la. Sabia que ele estava lá fora. Atento a ela.

Gregory engoliu convulsivamente, sem tirar os olhos da mão direita dela.

– Está todo mundo aqui? – perguntou o irmão de Lucy, alto o suficiente pra que ele ouvisse.

Gregory não distinguiu a voz dela no coro de respostas, mas não era necessário: ninguém estava em dúvida quanto à sua presença, já que era a noiva.

E ele era um tolo, vendo-a ir embora.

– Sinto muito – repetiu Colin em voz baixa, enquanto acompanhavam com os olhos a carruagem desaparecer na esquina.

– Não faz sentido – murmurou Gregory.

Colin pulou da árvore e, silenciosamente, estendeu a mão para o irmão.

– Não faz sentido – falou Gregory mais uma vez, perplexo demais para fazer qualquer coisa além de aceitar a ajuda de Colin para descer. – Ela não faria isso. Ela me ama.

Ele olhou para Colin. O olhar do irmão era gentil, mas cheio de pena.

– Não – disse Gregory. – Não. Você não a conhece. Ela não iria... Não. Você não a conhece.

E Colin, cuja única experiência com Lady Lucinda Abernathy fora o momento em que ela partira o coração do irmão, perguntou:

– *Você* a conhece?

Gregory deu um passo para trás, surpreso.

– Sim – respondeu. – Sim, eu a conheço.

Colin não falou nada, mas ergueu as sobrancelhas, como se perguntasse: *Bem, então?*

Gregory virou e olhou para a esquina que Lucy acabara de dobrar. Por um momento ele ficou completamente imóvel, apenas piscando, pensativo.

Então virou de volta e encarou o irmão.

– Eu a conheço – garantiu. – Conheço, sim.

Os lábios de Colin se moveram, como se ele estivesse tentando formar uma pergunta, mas Gregory já tinha virado de novo para olhar para esquina mais uma vez. E então começou a correr.

CAPÍTULO 21

No qual nosso herói arrisca tudo.

– Você está pronta?

Lucy observava o esplêndido interior da igreja St. George – o vitral brilhante, os arcos elegantes, as pilhas e pilhas de flores trazidas para celebrar seu casamento.

E pensou em lorde Haselby, de pé com o padre no altar.

Pensou nos convidados – mais de trezentos –, todos esperando que ela entrasse de braço dado com o irmão.

E pensou em Gregory, que com certeza a vira subir na carruagem nupcial, vestida para o casamento.

– Lucy, você está pronta? – repetiu Hermione.

Ela se perguntou o que a amiga faria se ela dissesse que não.

Hermione era uma romântica incorrigível.

Provavelmente diria a Lucy que ela não precisava seguir em frente com aquilo, que não tinha nenhuma importância o fato de estarem às portas do santuário da igreja, ou de o primeiro-ministro em pessoa ter sido convidado e estar sentado lá dentro.

Diria que não importava que documentos tivessem sido assinados e proclamas tivessem sido lidos em três paróquias diferentes. Não importava que, ao fugir da igreja, Lucy fosse ser responsável pelo escândalo da década. Hermione garantiria à amiga que ela não precisava fazer aquilo, que não deveria se contentar com um casamento por conveniência quando poderia ter um cheio de amor e paixão. Diria...

– Lucy?

(Foi isso que ela realmente disse.)

Lucy virou, piscando, confusa, porque a Hermione da sua imaginação fazia um belo discurso apaixonado.

Hermione abriu um sorriso gentil.

– Você está pronta?

E Lucy, porque era Lucy, porque sempre seria Lucy, assentiu.

Não podia fazer mais nada.

Richard se juntou a elas.

– Não consigo acreditar que você vai se casar – disse ele à irmã, depois de lançar um olhar carinhoso para a esposa.

– Não sou muito mais nova do que você, Richard – lembrou Lucy. Então inclinou a cabeça em direção a Hermione. – E sou dois meses mais velha do que Hermione.

Richard riu com um ar de menino travesso.

– Sim, mas ela não é minha irmã.

Lucy sorriu e se sentiu grata por isso. Precisava de sorrisos. De todos os que conseguisse.

Era o dia do seu casamento. Ela havia sido banhada, perfumada e arrumada com o que devia ser o vestido mais luxuoso que já tinha visto, e se sentia...

Vazia.

Nem imaginava o que Gregory estava pensando dela. Tinha permitido, deliberadamente, que ele achasse que ela planejava cancelar o casamento. Tinha sido terrível de sua parte, cruel e desonesto, mas Lucy não sabia mais o que fazer. Era uma covarde, e não suportaria ver o rosto dele quando dissesse que ainda pretendia se casar com Haselby.

Por Deus, como ela poderia ter explicado isso? Gregory teria insistido que havia outra maneira, mas ele era um idealista e nunca enfrentara uma verdadeira adversidade. *Não havia* outra maneira. Não desta vez. Não sem sacrificar sua família.

Deixou escapar um longo suspiro. Conseguiria levar aquilo até o fim. Era capaz disso.

Fechou os olhos, balançando ligeiramente a cabeça enquanto as palavras ecoavam em sua mente.

Vou conseguir fazer isso. Vou conseguir. Vou conseguir.

– Lucy? – Era a voz preocupada de Hermione. – Você está se sentindo mal?

Ela abriu os olhos e falou a única coisa em que Hermione acreditaria:

– Só estou fazendo alguns cálculos mentais.

Hermione balançou a cabeça.

– Espero que lorde Haselby goste de matemática, porque você é maluca, Lucy.

– Talvez.

Hermione olhou para ela com curiosidade.

– O que foi? – perguntou Lucy.

A amiga piscou várias vezes antes de finalmente responder:

– Não é nada. Só que não parecia você.

– Como assim? O que quer dizer?

– Concordar comigo quando a chamei de maluca? Não é mesmo algo que você diria.

– Bem, obviamente foi o que eu disse – resmungou Lucy –, então não sei o que...

– Ora, a Lucy que eu conheço diria algo como: "A matemática é uma atividade extremamente importante e, sério, Hermione, você devia pensar em praticar algumas contas."

Lucy fez uma careta.

– Eu sou assim tão inoportuna?

– É – respondeu Hermione, como se Lucy fosse louca até mesmo de questionar isso. – Mas é o que eu mais amo em você.

Então Lucy conseguiu abrir outro sorriso.

Talvez tudo fosse ficar bem. Talvez ela fosse ser feliz. Se conseguira abrir dois sorrisos em uma manhã, então com certeza não poderia ser tão ruim assim. Ela só precisava seguir em frente – sua mente e seu corpo. Precisava acabar logo com aquilo, ir até o fim, para poder deixar Gregory no passado e pelo menos fingir abraçar sua nova vida como esposa de lorde Haselby.

Mas Hermione perguntou a Richard se poderia ter um momento a sós com Lucy, depois pegou as mãos dela, inclinou a cabeça para a frente e perguntou:

– Lucy, você tem certeza de que quer fazer isso?

Lucy olhou para ela, surpresa. Por que Hermione estava dizendo isso bem no momento em que ela mais queria sair correndo?

Ela não tinha sorrido? Hermione não a vira sorrir?

Engoliu em seco e tentou endireitar os ombros.

– Tenho – falou. – Tenho, claro. Por que está perguntando isso?

Hermione não respondeu de imediato. Mas seus olhos – aqueles enormes olhos verdes que faziam os homens perderem a razão – responderam por ela.

Lucy engoliu em seco e virou, incapaz de suportar o que viu ali.

E Hermione sussurrou:

– *Lucy.*

Isso foi tudo. Apenas “Lucy”.

Lucy virou de volta. Queria perguntar à amiga o que ela queria dizer. Queria saber por que ela chamara seu nome como se fosse uma tragédia. Mas não perguntou nada. Não podia. E esperava que Hermione conseguisse ver as indagações em seus olhos.

E é claro que ela viu. Hermione tocou seu rosto, sorrindo melacolicamente.

– Você é a noiva mais triste que eu já vi.

Lucy fechou os olhos.

– Não estou triste. Só sinto...

Mas ela não sabia o que estava sentindo. O que deveria sentir? Ninguém a preparara para aquilo. Nada do que aprendera com sua ama, com sua professora particular e durante os três anos na Escola da Srta. Moss a preparara para *aquilo*.

Por que ninguém percebera que isso era muito mais importante do que bordado ou dança?

– Eu sinto... – E então ela entendeu. – Sinto como se estivesse dizendo adeus.

Hermione piscou, surpresa.

– A quem?

A mim mesma.

Era isso. Estava dizendo adeus a si mesma e a tudo o que poderia ter se tornado.

Então sentiu a mão do irmão em seu braço.

– Está na hora – disse ele.

Lucy assentiu.

– Onde está seu buquê? – quis saber Hermione, então ela mesma respondeu: – Ah. Bem ali. – Pegou as flores, que estavam junto com as suas em uma mesa próxima, e entregou-as a Lucy. – Você vai ser feliz – sussurrou, enquanto beijava

o rosto da amiga. – Você merece isso. Simplesmente não vou tolerar um mundo em que isso não aconteça.

Os lábios de Lucy tremeram.

– Ah, querida – disse Hermione. – Estou falando como você agora. Vê que boa influência você é?

Então, depois de soprar um último beijo para Lucy, ela entrou na capela.

– Sua vez – disse Richard.

– Só um instante – falou Lucy.

E chegou a hora.

Ela estava na igreja, andando pela nave. Depois de um instante estava lá na frente, cumprimentando o padre com um aceno de cabeça, olhando para Haselby e lembrando-se de que apesar de... bem, apesar de certos hábitos que ela não entendia muito bem, ele seria um marido perfeitamente razoável.

Era aquilo que ela tinha de fazer.

Se dissesse não...

Ela não *podia* dizer não.

Via Hermione pelo canto do olho, de pé ao seu lado com um sorriso sereno. Ela e Richard tinham chegado a Londres duas noites antes, e estavam tão felizes... Eles tinham rido, brincado, contado sobre as melhorias que planejavam fazer em Fennsworth Abbey. Pretendiam construir um jardim de inverno, falaram, rindo. E um quarto de crianças.

Como Lucy poderia tirar isso deles? Como poderia lançá-los em uma vida de vergonha e pobreza?

Ela ouviu a voz de Haselby, respondendo:

– Aceito – e, então, era a vez dela.

Você aceita este homem como seu legítimo esposo, para viver com ele, conforme os mandamentos de Deus, em sagrado matrimônio? Promete amá-lo e respeitá-lo, na alegria e na tristeza, na saúde e na doença? E, renunciando a todos os outros, ser-lhe fiel, por todos os dias de sua vida?

Ela engoliu em seco e tentou não pensar em Gregory.

– Aceito.

Tinha dado seu consentimento. Estava feito? Ela não se sentia diferente. Ainda era a mesma Lucy, a não ser pelo fato de se encontrar diante de mais

pessoas do que imaginara que um dia estaria, com seu irmão entregando sua mão.

O padre colocou a mão direita dela na de Haselby e ele prometera ser fiel, a voz forte, firme e clara.

Em seguida Lucy pegou a mão dele.

Eu, Lucinda Margaret Catherine...

– Eu, Lucinda Margaret Catherine...

... te recebo, Arthur Fitzwilliam George...

–... te recebo, Arthur Fitzwilliam George...

Ela disse mesmo aquilo. Repetiu tudo depois do padre, palavra por palavra. Recitou sua parte até o pedaço em que devia jurar fidelidade a Haselby, até a parte...

As portas da capela se abriram de repente. Ela virou. Todo mundo virou.

Gregory.

Meu Deus.

Ele parecia um louco, com a respiração tão pesada que mal conseguia falar.

Cambaleou para a frente, segurando a beirada do banco para se apoiar, e ela o ouviu dizer...

– *Não.*

O coração de Lucy parou.

– *Não faça isso.*

Seu buquê escorregou-lhe das mãos. Ela não conseguia se mover, não conseguia falar, não conseguia fazer mais nada além de ficar ali como uma estátua enquanto Gregory caminhava na sua direção, aparentemente alheio às centenas de pessoas que olhavam para ele.

– Não faça isso – repetiu ele.

E ninguém falava nada. Por que ninguém falava nada? Com certeza alguém iria correr até lá, segurar Gregory pelos braços, tirá-lo dali...

Mas ninguém fez isso. Era um espetáculo. Uma peça dramática, e parecia que ninguém queria perder o final.

E então, bem ali, na frente de todo mundo, ele parou e disse:

– Eu te amo.

Ao lado dela, Hermione murmurou:

– Ah, meu Deus.

Lucy queria chorar.

– Eu te amo – repetiu Gregory, e continuou andando em direção a ela, sem desviar os olhos de seu rosto. – Não faça isso – pediu, finalmente chegando ao altar. – Não se case com ele.

– Gregory, por que você está fazendo isso? – sussurrou ela.

– Eu te amo – disse ele mais uma vez, como se não pudesse haver outra explicação.

Um pequeno gemido ficou preso na garganta de Lucy. As lágrimas ardiam em seus olhos e ela sentia o corpo inteiro tenso e paralisado. Qualquer vento suave, qualquer *sopro* poderia derrubá-la. E ela não conseguia pensar em nada além de *Por quê*?

E *Não*. E *Por favor*. E... ah, céus, *lorde Haselby*!

Lucy olhou para ele, para o noivo que se viu rebaixado ao papel de coadjuvante no próprio casamento. Ele tinha ficado em silêncio o tempo todo, acompanhando tudo com tanto interesse quanto os convidados. Lucy implorou, com o olhar, pela orientação dele, mas Haselby só balançou a cabeça. Foi apenas um ligeiro movimento, sutil demais para qualquer outra pessoa perceber, mas ela viu, e sabia o que significava.

A decisão é sua.

Ela virou de novo para Gregory. Os olhos dele pareciam em chamas e ele se apoiou em um joelho.

Não, ela tentou dizer, mas não conseguiu mover os lábios. Não conseguiu encontrar sua voz.

– Case comigo – pediu ele, e Lucy *sentiu* a voz dele envolver-lhe o corpo, beijá-la, abraçá-la. – Case *comigo*.

E, ah, Deus do céu, ela queria aquilo. Mais do que tudo, Lucy queria cair de joelhos e tomar o rosto dele nas mãos. Queria beijá-lo, queria gritar seu amor por ele ali, na frente de todos.

Mas também quisera tudo isso no dia anterior, e no dia antes desse. Nada havia mudado. Seu mundo tinha se tornado mais público, mas não havia mudado.

Seu pai ainda era um traidor. Sua família ainda estava sendo chantageada. O destino de seu irmão e de Hermione ainda estava nas mãos dela.

Lucy então olhou para Gregory, sofrendo por ele, sofrendo pelos dois.

– Case comigo – sussurrou ele.
Os lábios de Lucy se entreabriram e ela disse...
– Não.

CAPÍTULO 22

No qual o mundo vem abaixo.

O mundo veio abaixo.

Lorde Davenport disparou para a frente, assim como o tio de Lucy e o irmão de Gregory, que tinha acabado de subir aos tropeços os degraus da igreja depois de perseguir o mais novo pela Mayfair.

Richard correu para tirar tanto Lucy quanto Hermione do meio da confusão, mas lorde Haselby, que assistia aos acontecimentos como um espectador intrigado, calmamente pegou o braço de sua noiva e disse:

– Eu cuido dela.

Quanto a Lucy, ela cambaleou para trás, chocada e boquiaberta, quando lorde Davenport saltou para cima de Gregory, aterrissando de bruços como um... bem, como nada que Lucy já tivesse visto.

– Eu o peguei! – gritou Davenport, triunfante, sendo atingido em seguida pela bolsa de mão de Hyacinth St. Clair.

Lucy fechou os olhos.

– Imagino que não seja o casamento dos seus sonhos – murmurou Haselby em seu ouvido.

Lucy balançou a cabeça, zonza demais para fazer qualquer outra coisa. Devia ajudar Gregory. Devia mesmo. Mas estava sem forças e, além disso, era covarde demais para encará-lo novamente.

E se ele a rejeitasse?

E se ela não conseguisse resistir?

– Espero que ele consiga sair de baixo do meu pai – continuou Haselby, o tom de voz suave como se estivesse assistindo a uma disputa nada empolgante. – O homem pesa uns 130 quilos... Não que ele vá admitir isso, claro.

Lucy virou para ele, sem entender como podia estar tão calmo diante da confusão que tomara conta da igreja. Até o primeiro-ministro parecia estar se defendendo de uma senhora grande e rechonchuda, usando um chapéu enfeitado com frutas, que batia em todos que se mexiam.

– Acho que ela não consegue vê-lo – disse Haselby, seguindo o olhar de Lucy. – Suas uvas estão caindo.

Quem *era* aquele homem? Santo Deus, ela já havia se casado com ele? Eles tinham concordado com alguma coisa, disso tinha certeza, mas ninguém os declarara marido e mulher. De qualquer forma, Haselby estava estranhamente sereno, dados os acontecimentos.

– Por que você não disse nada? – perguntou Lucy.

Ele virou, olhando para ela com curiosidade.

– Enquanto o Sr. Bridgerton professava seu amor?

Não, enquanto o sacerdote desfiava sua cantilena sobre o sacramento do matrimônio, ela quis rebater.

Em vez disso, só assentiu.

Haselby inclinou a cabeça para o lado.

– Acho que eu queria ver o que você faria.

Ela olhou para ele, incrédula. O que ele teria feito se ela tivesse dito sim?

– Sinto-me honrado, a propósito – disse Haselby. – E serei um bom marido para você. Não precisa se preocupar quanto a isso.

Mas Lucy não conseguia falar. Lorde Davenport tinha sido tirado de cima de Gregory, e, embora outro cavalheiro que ela não reconhecia o estivesse puxando para trás, ele ainda lutava para alcançá-lo.

– Por favor – sussurrava ela, embora ninguém pudesse ouvi-la, nem mesmo Haselby, que tinha acabado de ir ajudar o primeiro-ministro. – Por favor, não.

Mas Gregory era incansável e, mesmo com dois homens puxando-o, um que gostava dele e outro que não, conseguiu chegar aos degraus. Ergueu o rosto e a encarou com os olhos em chamas. Pareciam repletos de angústia e incompreensão, e Lucy quase cambaleou com tamanha dor que viu neles.

– Por quê? – perguntou Gregory.

Ela começou a tremer. Conseguiria mentir para ele ali, em uma igreja, depois de tê-lo ferido pessoal e publicamente daquela forma?

– *Por quê?*

– Porque eu tinha de fazer isso – sussurrou ela.

Os olhos dele brilharam de... decepção? Não. Esperança? Não, isso também não. Era outra coisa. Algo que ela não conseguia identificar.

Ele abriu a boca para falar, para perguntar algo, mas foi nesse instante que os dois homens que o seguravam foram ajudados por um terceiro, e juntos eles conseguiram arrastá-lo para fora da igreja.

Lucy abraçou o corpo, mal conseguindo ficar de pé enquanto o via ser levado para longe dela.

– *Como você pôde?*

Ela se virou. Hyacinth St. Clair tinha chegado furtivamente atrás dela e a fuzilava com o olhar como se ela fosse o próprio diabo.

– Você não entende – disse Lucy.

Mas os olhos de Hyacinth ardiam de fúria.

– Você é fraca – sibilou ela. – Não o merece.

Lucy balançou a cabeça, sem saber exatamente se estava concordando com ela ou não.

– Espero que você...

– Hyacinth!

Lucy olhou para o lado. Outra mulher havia se aproximado. Era a mãe de Gregory. Elas haviam sido apresentadas no baile na Casa Hastings.

– Já chega – disse ela, severamente.

Lucy engoliu em seco, piscando para conter as lágrimas.

Lady Bridgerton a encarou.

– Queira nos perdoar – falou, puxando a filha.

Lucy viu as duas se afastarem e teve a estranha sensação de que tudo aquilo estava acontecendo com outra pessoa, que talvez fosse apenas um sonho, um pesadelo, ou talvez ela estivesse presa em uma cena de um romance terrível. Talvez sua vida inteira fosse fruto da imaginação de alguém. Talvez, se fechasse os olhos...

– Vamos continuar?

Ela engoliu em seco. Era lorde Haselby. O pai estava ao lado dele, expressando a mesma opinião, mas com palavras muito menos corteses.

Lucy assentiu.

– Que bom – resmungou Davenport. – Garota sensata.

Lucy se perguntou o que significava ser elogiada por um homem como aquele. Sem dúvida, nada de bom.

Mas, ainda assim, ela permitiu que ele a levasse de volta ao altar e ficou lá em frente à metade da congregação que não tinha preferido acompanhar o espetáculo lá fora.

Então, finalmente, se casou com Haselby.

– *No que você estava pensando?*

Gregory levou um instante para perceber que sua mãe perguntava isso a Colin, e não a ele. Estavam sentados na carruagem dela, para a qual ele fora arrastado quando deixaram a igreja. Gregory não sabia aonde estavam indo. Andando em círculos aleatórios, muito provavelmente. Para qualquer lugar que não fosse a igreja St. George.

– Eu tentei detê-lo – protestou Colin.

Violet Bridgerton parecia mais irritada do que qualquer um deles jamais a vira.

– Obviamente não foi o suficiente.

– A senhora tem ideia de como ele corre rápido?

– Muito rápido – confirmou Hyacinth, sem olhar para eles.

Estava sentada na diagonal de Gregory, estreitando os olhos para ver pela janela.

Gregory não falou nada.

– Ah, meu filho... – disse Violet, suspirando. – Ah, meu pobre filho.

– É melhor você deixar a cidade – sugeriu Hyacinth.

– Ela está certa – falou a mãe. – Não dá para evitar.

Gregory não respondeu. O que Lucy quisera dizer com *Porque eu tinha de fazer isso*?

O que isso queria dizer?

– Nunca a receberei em minha casa – resmungou Hyacinth.

– Ela será uma condessa – lembrou Colin.

– Não me importo se ela será a maldita rainha da...

– Hyacinth! – repreendeu Violet.

– Bem, não receberei – retrucou Hyacinth. – Ninguém tem o direito de tratar meu irmão assim. Ninguém!

Violet e Colin olharam para ela. Colin parecia achar graça. Violet estava espantada.

– Vou destruí-la – continuou Hyacinth.

– Não, não vai – disse Gregory em voz baixa.

O restante da família ficou em silêncio e Gregory desconfiou que eles não tinham percebido, até o momento em que falou, que ele não estava participando da conversa.

– Você vai deixá-la em paz – ordenou.

Hyacinth rangeu os dentes.

Gregory olhou nos olhos dela, firme e decidido.

– E, se os seus caminhos um dia se cruzarem, você deve ser o mais gentil e amável que puder – continuou ele. – Está me entendendo?

Hyacinth não disse nada.

– Está me entendendo? – repetiu ele.

A família o olhou em choque. Ele nunca perdia a paciência. Nunca.

E então Hyacinth, que nunca tivera um senso muito desenvolvido de tato, respondeu:

– Na verdade, não.

– Perdão? – disse Gregory, a voz fria como gelo, no exato momento em que Colin virou para ela e sussurrou que calasse a boca.

– Eu não entendo você – continuou Hyacinth, dando uma cotovelada nas costelas de Colin. – Como ainda pode ter compaixão por ela? Se isso tivesse acontecido comigo, você não...

– Isso não aconteceu com você – disparou Gregory. – E você não a conhece. Não sabe o que motivou as ações dela.

– E *você* sabe? – indagou Hyacinth.

Ele não sabia. E isso o matava.

– Ofereça a outra face, Hyacinth – disse Violet, com delicadeza.

Hyacinth se recostou, o rosto tenso de raiva, mas fez silêncio.

– Talvez você possa ficar com Benedict e Sophie em Wiltshire – sugeriu Violet. – Acho que Anthony e Kate virão para a cidade em breve, então você não

pode ir para Aubrey Hall, embora eu tenha certeza de que eles não se importariam que você ficasse lá na ausência deles.

Gregory continuou só olhando pela janela. Não queria ir para o campo.

– Você poderia viajar para fora do país – disse Colin. – A Itália é particularmente agradável nesta época do ano. E você nunca foi lá, não é?

Gregory balançou a cabeça, sem prestar muita atenção. Ele não queria ir para a Itália.

Porque eu tinha de fazer isso, ela dissera.

Não porque ela queria. Não porque era sensato.

Porque *tinha* de fazer.

O que isso queria dizer? Será que tinha sido forçada? Estava sendo chantageada? O que Lucy poderia ter feito para justificar uma chantagem?

– Teria sido muito difícil para ela não seguir adiante com o casamento – opinou Violet, de repente, colocando a mão no braço dele de maneira solidária. – Lorde Davenport não é um homem que alguém queira ter como inimigo. E, sinceramente, ali na igreja, com todos olhando... Bem – continuou, com um suspiro resignado –, era preciso ser *muito* corajoso. E resiliente. – Ela fez uma pausa, balançando a cabeça. – E preparado.

– Preparado? – indagou Colin.

– Para o que viria a seguir – esclareceu Violet. – Teria sido um enorme escândalo.

– Já é um enorme escândalo – murmurou Gregory.

– Sim, mas não tanto quanto se ela tivesse dito sim – falou Violet. – Não que eu esteja contente com isso. Você sabe que só desejo a sua felicidade. Mas a decisão dela será vista com aprovação. Ela será considerada uma garota sensata.

Gregory sentiu um dos cantos de sua boca se erguer em um sorriso irônico.

– E eu, um tolo apaixonado.

Ninguém o contradisse.

Depois de um instante, sua mãe falou:

– Você está lidando com isso muito bem, devo dizer.

De fato.

– Eu achava... – Ela se interrompeu. – Bem, não importa o que eu achava, apenas o que realmente aconteceu.

– Não – disse Gregory, virando de forma brusca para olhar para ela. – O que a senhora achava? Como eu devia estar reagindo?

– Não se trata de *dever* – respondeu Violet, claramente perturbada pelas perguntas repentinas. – É só que achei que você ficaria... mais irritado.

Gregory a fitou por um bom tempo, depois virou de novo para a janela. Estavam passando pela Piccadilly, seguindo para oeste em direção ao Hyde Park. Por que ele *não* estava mais irritado? Por que não estava socando as paredes? Tivera de ser arrastado da igreja e colocado à força na carruagem, mas, depois disso, fora tomado por uma estranha calma, uma calma quase sobrenatural.

E então algo que sua mãe disse ecoou em sua mente.

Você sabe que só desejo a sua felicidade.

A felicidade dele.

Lucy o amava, ele tinha certeza disso. Vira nos olhos dela, mesmo no momento em que o rejeitara. Ela lhe *dissera* isso, e Lucy não mentiria sobre tal coisa. Ele sentira isso na maneira como ela o beijara, e no calor do seu abraço.

Ela o amava. E o que quer que a tivesse feito seguir em frente com o casamento era maior do que ela. Mais forte.

Ela precisava da sua ajuda.

– Gregory? – chamou sua mãe delicadamente.

Ele virou. Piscou.

– Você pulou no banco – disse ela.

Ele tinha pulado? Nem notara. Mas seus sentidos estavam mais alertas e, quando olhou para baixo, viu que flexionava os dedos.

– Pare a carruagem.

Todos viraram para encará-lo. Até mesmo Hyacinth, que vinha olhando furiosa pela janela.

– Pare a carruagem – repetiu.

– Por quê? – perguntou a mãe, claramente desconfiada.

– Preciso de ar – respondeu ele, o que não era mentira.

Colin bateu na lateral do veículo.

– Vou com você.

– Não. Prefiro ficar sozinho.

Violet arregalou os olhos.

– Gregory... Você não pretende...

– Invadir a igreja? – completou ele. Então se inclinou para trás e abriu um sorriso meio torto. – Acredito que já tenha me constrangido o suficiente por um dia, a senhora não acha?

– De qualquer forma, a esta altura eles já disseram os votos – observou Hyacinth.

Gregory lutou contra a vontade de fuzilar a irmã com o olhar. Ela parecia nunca perder uma oportunidade de cutucar, espicaçar ou provocar.

– Exatamente – disse ele, apenas.

– Eu me sentiria melhor se você não fosse sozinho – comentou Violet, os olhos azuis ainda cheios de preocupação.

– Deixe-o ir – falou Colin, tranquilamente.

Gregory virou para o irmão mais velho, surpreso. Não esperava ser apoiado por ele.

– Ele é um homem – acrescentou Colin. – Pode tomar as próprias decisões.

Nem mesmo Hyacinth tentou contradizê-lo.

A carruagem já havia parado e o condutor esperava do lado de fora. Ao sinal de Colin, ele abriu a porta.

– Preferiria que você não fosse – disse Violet.

Gregory beijou o rosto dela.

– Preciso de ar – repetiu. – É só isso.

Ele saltou, mas, antes que pudesse fechar a porta, Colin se inclinou para fora.

– Não faça nenhuma tolice – aconselhou Colin calmamente.

– Nenhuma tolice – prometeu Gregory. – Só o que for necessário.

Ele parou para se localizar melhor e então, como a carruagem de sua mãe não saía do lugar, seguiu para o sul.

Para o lado oposto ao da igreja St. George.

Mas, quando chegou à rua seguinte, dobrou a esquina. Correndo.

CAPÍTULO 23

No qual nosso herói arrisca tudo. Mais uma vez.

Nos dez anos desde que seu tio havia se tornado seu guardião, Lucy nunca o vira dar uma festa. Ele não era do tipo que aprovava, feliz, nenhuma despesa desnecessária – na verdade, ele não era de ficar feliz com nada. Por isso, foi com certa desconfiança que ela chegou à luxuosa festa em sua homenagem que estava sendo realizada na Casa Fennsworth após a cerimônia do casamento.

Lorde Davenport devia ter insistido nisso. Tio Robert teria se contentado em servir bolinhos na igreja e só.

Mas não, o casamento devia ser um acontecimento, no sentido mais extravagante da palavra. Então, assim que a cerimônia terminou, Lucy foi levada para a casa que em breve não seria mais sua e pôde passar rapidamente no quarto que em breve não seria mais seu para jogar um pouco de água fria no rosto antes de cumprimentar os convidados lá embaixo.

Era notável, pensou enquanto balançava a cabeça ao receber os cumprimentos das pessoas, ver como a alta sociedade sabia fingir que nada havia acontecido.

Ah, eles não estariam falando de outra coisa no dia seguinte, e ela provavelmente podia esperar ser o tema principal das conversas nos próximos meses, até. E, com certeza, durante um ano inteiro ninguém diria o nome dela sem acrescentar: “Você sabe quem. Aquela do *casamento*.” Frase que sem dúvida seria seguida por: “Ahhhhhhhh. *Ela*.”

Mas, por enquanto, na frente de Lucy, tudo o que diziam era:

– Mas que dia feliz.

– Você está linda de noiva.

E, é claro, também havia os ousados e dissimulados...

– Linda cerimônia, Lady Haselby.

Lady Haselby.

Ela testou o nome na mente. Era Lady Haselby agora.

Poderia ter sido a Sra. Bridgerton. Lady Lucinda Bridgerton, imaginou, já que não era obrigada a renunciar ao título caso se casasse com alguém que não era da nobreza. Era um bonito nome – não tão imponente quanto Lady Haselby, talvez, e com certeza nada comparado a condessa de Davenport, mas...

Lucy engoliu em seco, conseguindo de alguma forma não desmanchar o sorriso que tinha se forçado a estampar cinco minutos antes.

Teria gostado de ser Lady Lucinda Bridgerton.

Lady Lucinda Bridgerton seria feliz, com um sorriso sempre espontâneo e uma vida plena. Teria um cachorro, talvez dois, e vários filhos. Sua casa seria aconchegante e acolhedora, ela tomaria chá com as amigas e riria.

Lady Lucinda Bridgerton riria.

Mas ela nunca seria essa mulher. Tinha se casado com lorde Haselby e, por mais que tentasse, não conseguia imaginar como sua vida seria. Não sabia o que significava ser Lady Haselby.

Enquanto a festa prosseguia, Lucy cumpriu a dança obrigatória com seu marido, que dançava muito bem, como ficou aliviada em notar. Em seguida, dançou com o irmão, o que quase a fez chorar, e depois com o tio, porque era o esperado.

– Você fez a coisa certa, Lucy – disse ele.

Ela não respondeu. Achava melhor ficar calada.

– Estou orgulhoso de você – acrescentou ele.

Lucy quase riu.

– O senhor nunca teve orgulho de mim antes.

– Agora eu tenho.

Ela não deixou de notar que não era uma contradição.

Seu tio a levou de volta para a lateral do salão de baile e, em seguida – *Santo Deus* –, esperava-se que ela dançasse com lorde Davenport.

O que Lucy fez, porque era seu dever. Naquele dia, sobretudo, ela sabia muito bem qual era o seu dever.

Pelo menos não teve de falar. Lorde Davenport estava efusivo como nunca e conduziu a conversa pelos dois. Ele estava maravilhado com Lucy. Ela era uma magnífica aquisição para a família.

E então ela percebeu que tinha conseguido fazer com que ele a admirasse da forma mais indelével possível. Lucy não tinha apenas concordado em se casar com seu filho de reputação duvidosa, como também havia afirmado sua decisão em frente a toda a sociedade em uma cena digna das peças representadas no teatro Drury Lane.

Lucy virou a cabeça discretamente para o lado. Quando lorde Davenport estava animado, a saliva tendia a voar de sua boca com velocidade e precisão alarmantes. Na verdade, ela não sabia o que era pior – o desprezo de lorde Davenport ou sua eterna gratidão.

Mas, graças aos céus, Lucy conseguiu evitar o sogro durante a maior parte da festa. Na verdade, conseguiu evitar a maioria das pessoas, o que, considerando que era a noiva, surpreendentemente não foi nem um pouco difícil. Ela queria olhar o menos possível para lorde Davenport, porque o detestava, e não queria ver o tio, porque desconfiava de que também o detestava. Não queria ver lorde Haselby, porque isso só a faria pensar na noite de núpcias que estava por vir, e não queria ver Hermione, porque ela faria perguntas e Lucy iria chorar.

Também não queria ver seu irmão, porque com certeza ele estava com Hermione, e, além disso, ela se sentia um pouco amarga, e às vezes um pouco culpada por se sentir amarga. Não era culpa de Richard o fato de ele estar delirantemente feliz e ela não.

Mas, ainda assim, ela preferiria não ter de interagir com ele.

Assim, só restavam os convidados, a maioria dos quais ela não conhecia e não queria conhecer.

Então encontrou um lugar num canto e, depois de algumas horas, todos tinham bebido tanto que ninguém parecia notar que a noiva estava sentada sozinha.

E com certeza ninguém percebeu quando ela fugiu para seu quarto para um breve descanso. Provavelmente não era muito educado a noiva escapar da própria festa de casamento, mas, àquela altura, Lucy não se importava. Todos iriam pensar que ela havia saído para ir ao toalete, isso se alguém notasse sua ausência. E de alguma forma lhe parecia apropriado ficar sozinha naquele dia.

Ela subiu as escadas dos fundos com medo de esbarrar em algum convidado perdido, mas, com um suspiro de alívio, entrou em seu quarto e fechou a porta.

Depois apoiou as costas na porta e expirou lentamente, até parecer que não havia mais nada dentro dela.

Agora vou chorar, pensou.

Era isso que ela queria. De verdade. Sentia como se estivesse prendendo as lágrimas havia várias horas, esperando por um instante de privacidade. Mas agora o choro simplesmente não vinha. Lucy estava entorpecida demais, atordoada demais pelos acontecimentos das últimas 24 horas. Então ficou ali, olhando para sua cama. Lembrando.

Deus do céu, tinha sido apenas doze horas antes que estivera ali mesmo, envolta pelos braços dele? Pareciam anos. Era como se sua vida agora tivesse se dividido em duas, e ela estivesse firmemente plantada no *depois*.

Lucy fechou os olhos. Talvez, se não olhasse para a cama, aquilo tudo fosse desaparecer. Talvez se ela...

– Lucy...

Ela congelou. Santo Deus, *não.*

– Lucy...

Bem devagar, ela abriu os olhos. E sussurrou:

– Gregory?

Ele estava horrível, todo desgrenhado pelo vento e sujo como só uma corrida desembestada a cavalo poderia deixar um homem. Devia ter entrado escondido da mesma forma que na noite anterior. Devia tê-la ficado esperando.

Ela abriu a boca, mas não conseguiu falar.

– Lucy – repetiu Gregory.

Ela engoliu em seco.

– Por que você está aqui?

Ele deu um passo em direção a ela e o coração de Lucy *doeu* com isso. O rosto dele era tão lindo, tão querido, tão perfeita e maravilhosamente familiar... Ela conhecia cada milímetro de sua face, o tom exato de seus olhos, castanhos perto da íris, fundindo-se com o verde em volta.

E sua boca... Lucy conhecia aquela boca, e a sensação dela. Conhecia aquele sorriso, e o modo como ele franzia as sobrancelhas, e também...

Ela o conhecia demais.

– Você não deveria estar aqui – falou, a voz trêmula em desacordo com sua postura serena.

Gregory deu mais um passo na direção dela. Não havia raiva em seus olhos, o que ela não entendia. A maneira como ele a fitava era ardente, possessiva, algo que uma mulher casada não devia, de jeito nenhum, permitir vindo de um homem que não era seu marido.

– Eu tinha que saber por quê – disse Gregory. – Não podia deixá-la. Não até saber por quê.

– Não – sussurrou ela. – Por favor, não faça isso.

Por favor, não faça com que eu me arrependa. Por favor, não me faça ansiar, desejar e imaginar.

Ela abraçou o corpo, como se talvez... como se pudesse apertar com tanta força que não teria de ver, não teria de ouvir mais nada. Poderia só ficar sozinha, e...

– Lucy...

– Não – disse ela de novo, com mais veemência.

Não. *Não me faça acreditar no amor.* Mas ele se aproximava cada vez mais. Lentamente, mas sem hesitação.

– Lucy – repetiu Gregory, a voz calorosa e decidida. – Só me diga por quê. Isso é tudo o que peço. Então vou embora e prometo nunca mais me aproximar de você, mas preciso saber o porquê.

Ela balançou a cabeça.

– Não posso contar.

– Você não *quer* contar – corrigiu ele.

– Não! – gritou ela. – Eu não posso! Por favor, Gregory. Vá embora.

Por um longo instante, ele não disse nada. Ficou só olhando para o rosto de Lucy e ela praticamente pôde *vê-lo* pensando.

Ela não devia permitir isso, pensou, o pânico começando a se instalar dentro dela. Devia gritar. Deixar que o expulsassem. Devia correr dali antes que ele pudesse arruinar seus cuidadosos planos para o futuro. Mas, em vez disso, ela só ficou ali parada, e ele disse...

– Você está sendo chantageada.

Não era uma pergunta.

Ela não respondeu, mas sabia que sua expressão a entregara.

– Lucy – disse ele, a voz delicada e cuidadosa. – Eu posso ajudá-la. Seja o que for, posso cuidar disso.

– Não, não pode, e é um tolo por achar qu...

Ela parou, furiosa demais para falar. O que o fazia pensar que podia aparecer de repente e consertar as coisas, mesmo não sabendo nada sobre seus tormentos? Será que ele achava que ela havia entregado os pontos por qualquer coisa? Por algo que poderia ser facilmente resolvido?

Ela não era assim tão fraca.

– Você não sabe – falou, enfim. – Não faz ideia.

– Então me conte.

Os músculos dela tremiam, e ela sentia o corpo quente, frio, e todas as nuances entre um extremo e outro.

– Lucy – disse ele, e sua voz era tão calma, tão serena...

Parecia alcançar algum ponto exato onde ela menos podia suportar.

– Você não pode consertar isso – grunhiu Lucy.

– Não é verdade. Não há nada com que alguém possa ameaçá-la que não tenha como ser resolvido.

– De que forma? – perguntou ela. – Arco-íris, fadas e os eternos votos de felicidade da sua família? Não vai funcionar, Gregory. Não vai. Os Bridgertons podem ser poderosos, mas não podem mudar o passado, nem alterar o futuro, para atender aos próprios caprichos.

– Lucy – disse ele, estendendo a mão para ela.

– Não. Não! – Ela o empurrou. – Você não entende! Não tem como entender. Vocês são todos tão felizes, tão perfeitos...

– Não somos.

– *S*ão. E nem sequer sabem que são, e não conseguem conceber que o restante de nós não seja, que podemos lutar, sermos bons e ainda assim não conseguirmos o que desejamos.

Enquanto ela falava, Gregory ficou apenas olhando. Deixou-a continuar abraçando o corpo, parecendo pequena, pálida e aflitivamente sozinha.

Então ele perguntou:

– Você me ama?

Ela fechou os olhos.

– Não me pergunte isso.

– Ama?

Ele a viu cerrar a mandíbula e retesar os ombros, e sabia que ela estava tentando balançar a cabeça.

Então Gregory caminhou em direção a ela, lenta e respeitosamente.

Lucy estava sofrendo. Seu sofrimento era tão grande que se espalhava pelo ar, em torno dele, em volta de seu coração. Ele ansiava por ela. Era uma coisa física, forte e terrível, e pela primeira vez ele começava a duvidar da própria capacidade de fazer aquilo desaparecer.

– Você me ama? – perguntou.

– Gregory...

– Você me ama?

– Eu não posso...

Ele colocou as mãos nos ombros dela. Lucy se encolheu, mas não se afastou.

Então Gregory tocou o queixo dela, encostou em seu rosto até se perder no azul-acinzentado de seus olhos.

– Você me ama?

– Amo – respondeu ela, soluçando, deixando-se cair em seus braços. – Mas eu não posso. Você não entende? Eu não deveria. Tenho que parar com isso.

Por um instante, Gregory não conseguiu se mexer. A confissão dela deveria ter sido um alívio, e de certa forma foi, porém foi mais do que isso: ele sentiu seu sangue recomeçar a correr.

Ele acreditava no amor. Essa não era a única coisa da qual ele tinha certeza na vida? Acreditava no poder do amor, em sua benevolência fundamental, em sua justiça. Ele o reverenciava por sua força e o respeitava por sua preciosidade.

E soube, bem ali, naquele momento, enquanto Lucy chorava em seus braços, que seria capaz de fazer qualquer coisa por isso. Pelo amor.

– Lucy – sussurrou, uma ideia começando a se formar em sua mente.

Era uma ideia ruim, louca e completamente desaconselhável, mas ele não conseguiu escapar do único pensamento que tomou conta de seu cérebro.

Ela não havia consumado seu casamento. Eles ainda tinham uma chance.

– *Lucy.*

Ela se afastou.

– Tenho que voltar. Vão sentir minha falta.

Mas ele pegou sua mão.

– Não volte.

Lucy arregalou os olhos.

– O que você quer dizer?

– Venha comigo. Venha comigo agora. – Ele se sentia zonzo, perigoso e um pouco maluco. – Você ainda não é mulher dele. Pode anular o casamento.

– Ah, não. – Ela balançou a cabeça, puxando o braço. – Não, Gregory.

– Sim. Sim.

E, quanto mais ele pensava nisso, mais fazia sentido.

Eles não tinham muito tempo. Depois daquela noite, seria impossível Lucy dizer que continuava intocada. As próprias ações de Gregory tinham se certificado disso. Se havia alguma chance de ficarem juntos, tinha de ser agora.

Ele não podia sequestrá-la – não havia como tirá-la da casa sem chamar atenção. Mas podia conseguir um pouco mais de tempo para eles. O suficiente para decidir o que fazer.

Gregory a trouxe para mais perto.

– Não – disse ela, não mais em um sussurro.

Em seguida, começou a puxar o braço com força, e Gregory pôde ver o pânico crescendo nos olhos dela.

– Lucy, sim – falou.

– Eu vou gritar.

– Ninguém vai ouvir você.

Lucy olhou para ele em choque, e nem o próprio Gregory conseguia acreditar no que estava dizendo.

– Você está me ameaçando? – perguntou ela.

Ele balançou a cabeça.

– Não. Estou salvando você.

E então, antes que tivesse a chance de pensar melhor no que estava fazendo, agarrou-a pela cintura, jogou-a por cima do ombro e saiu depressa do quarto.

CAPÍTULO 24

No qual nosso herói deixa nossa heroína em uma situação embaraçosa.

– Você está me prendendo a uma *privada*?

– Perdão – disse Gregory, amarrando dois cachecóis com nós tão habilidosos que ela quase ficou preocupada de que ele já tivesse feito isso antes. – Não podia deixá-la em seu quarto. É o primeiro lugar em que qualquer um procuraria. – Ele apertou os nós, depois testou se estavam firmes. – Foi o primeiro local em que *eu* procurei.

– Mas uma privada!

– No terceiro andar – acrescentou ele. – Vão se passar horas até que alguém a descubra aqui.

Lucy cerrou a mandíbula, tentando desesperadamente conter a fúria que crescia dentro dela.

Ele tinha amarrado suas mãos juntas. *Atrás das costas.*

Deus do céu, ela não sabia que era possível ficar tão irritada com uma pessoa.

Não era só uma reação emocional – o corpo todo de Lucy estava tomado pela fúria. Ela sentia a pele quente e irritada, e, mesmo sabendo que não adiantaria, fazia força contra o cano da privada, rangendo os dentes e deixando escapar um grunhido frustrado quando não conseguia nada além de um ruído surdo.

– Por favor, não faça força – pediu ele, beijando-a no alto da cabeça. – Isso só vai deixá-la cansada e dolorida. – Ele levantou os olhos, examinando a estrutura da privada. – Ou você vai quebrar o cano, e acho que o resultado disso não será muito higiênico.

– Gregory, você tem que me deixar sair daqui.

Ele se agachou, ficando com o rosto na altura do dela.

– Não posso. Não enquanto ainda houver uma chance de ficarmos juntos.

– Por favor – implorou ela –, isso é uma loucura. Você tem que me deixar voltar. Minha honra será arruinada.

– Eu vou me casar com você.

– Eu já sou casada!

– Não exatamente – disse ele com um sorriso malicioso.

– Eu falei os meus votos!

– Mas não os consumou. Ainda pode conseguir uma anulação.

– Essa não é a questão! – gritou ela, lutando inutilmente enquanto ele se levantava e caminhava até a porta. – Você não entende a situação, e está colocando suas necessidades e sua felicidade acima dos outros de maneira egoísta.

Ao ouvir isso, ele parou, com a mão já na maçaneta, e, quando virou, seu olhar quase partiu o coração dela.

– Você está feliz? – perguntou, com tanta delicadeza e tanto amor que ela quis chorar.

– Não – sussurrou Lucy –, mas...

– Nunca vi uma noiva que parecesse tão triste.

Ela fechou os olhos, abatida. Era um eco do que Hermione dissera, e Lucy sabia que era verdade. E mesmo ali, enquanto olhava para ele, os ombros doendo, ela não podia escapar das batidas de seu coração.

Ela o amava. Sempre amaria. E também o odiava por fazê-la querer o que não podia ter. Ela o odiava por amá-la tanto que estava disposto a arriscar tudo para ficarem juntos. E, acima de tudo, ela o odiava por transformá-la no instrumento que iria destruir sua família.

Até Lucy conhecer Gregory, Hermione e Richard eram as duas únicas pessoas no mundo com quem realmente se importava. E agora eles seriam arruinados, e sua desgraça e infortúnio seriam muito maiores do que o que Lucy poderia imaginar ter com Haselby.

Gregory pensou que demoraria horas para alguém encontrá-la ali, mas ela sabia que não era bem assim. Levariam *dias* para encontrá-la. Lucy não conseguia se lembrar da última vez que alguém tinha andado por ali. Ela estava no banheiro da babá, mas não havia uma babá morando na Casa Fennsworth fazia muitos anos.

Quando o seu desaparecimento fosse notado, primeiro procurariam em seu quarto. Então pensariam em algumas opções razoáveis – a biblioteca, a sala de visitas, um banheiro que não estava em desuso havia meia década...

E então, quando não fosse encontrada, pensariam que ela havia fugido. E, depois do que tinha acontecido na igreja, ninguém acharia que fizera isso sozinha.

Ela estaria arruinada. Assim como todos os outros.

– Não é só a minha felicidade que está em jogo – disse ela finalmente, a voz baixa, meio embargada. – Gregory, eu lhe imploro, por favor, não faça isso. Não se trata apenas de mim. Minha família... Estaremos arruinados, todos nós.

Ele se aproximou de novo dela e se sentou.

– Me conte tudo – pediu.

E foi o que ela fez. Ele não iria desistir de outro jeito, Lucy tinha certeza.

Ela lhe falou sobre o pai, sobre a prova escrita da traição dele. Falou sobre a chantagem. E que ela era o pagamento final e a única coisa que impediria que seu irmão perdesse o título.

Lucy olhava direto para a frente enquanto narrava a história toda, e Gregory se sentiu grato por isso. Porque o que ela disse... abalou-o profundamente.

Ele tinha passado o dia inteiro tentando imaginar que terrível segredo poderia levá-la a se casar com Haselby. Ele tinha corrido por Londres duas vezes, a primeira até a igreja, e depois até ali. Tivera tempo de sobra para pensar, e imaginar. Mas nunca – nem uma vez – aquilo passara por sua cabeça.

– Então você entende, não é nada tão trivial quanto um filho ilegítimo, nada indecente como um caso extraconjugal. Meu pai, um conde do reino, cometeu um ato de traição. *Traição*.

E então ela riu. *Riu*. Do jeito que as pessoas fazem quando o que querem mesmo é chorar.

– É uma coisa horrível – concluiu ela, a voz baixa e resignada. – Não há como escapar disso.

Lucy virou para Gregory, esperando que ele tivesse algo a dizer, mas ele permaneceu calado.

Traição. Santo Deus, ele não conseguia pensar em nada pior. Havia muitas maneiras – muitas maneiras *mesmo* – pelas quais alguém poderia ser banido da sociedade, mas nada era tão imperdoável quanto uma traição. Não havia homem,

mulher ou criança na Grã-Bretanha que não tivesse perdido alguém para Napoleão. As feridas ainda eram muito recentes, e mesmo que não fossem...

Estavam falando de *traição*. Um cavalheiro não renuncia a seu país. Isso estava enraizado na alma de cada homem britânico.

Se a verdade sobre o pai de Lucy fosse revelada, o condado de Fennsworth seria dissolvido. O irmão dela seria destituído. Ele e Hermione quase certamente teriam de deixar o país.

E Lucy...

Bem, Lucy provavelmente sobreviveria ao escândalo, sobretudo se viesse a se tornar uma Bridgerton, mas ela nunca se perdoaria. Disso, Gregory tinha certeza.

Então, finalmente, ele entendeu.

Olhou para Lucy e viu como parecia pálida e cansada.

– Minha família tem sido boa e devotada – disse ela, a voz trêmula de emoção. – Os Abernathys têm sido leais à coroa desde que o primeiro conde recebeu o título, no século XV. E meu pai desonrou a todos nós. Não posso permitir que isso seja revelado. Não posso. – Ela engoliu em seco, sem graça, e acrescentou, com tristeza: – Você devia ver seu rosto. Nem mesmo você me quer agora.

– Não – disse Gregory, imediatamente. – Não. Isso não é verdade. Isso nunca poderia ser verdade. – Pegou as mãos dela, deleitando-se com sua forma, o arco de seus dedos, o calor delicado de sua pele. – Sinto muito. Eu não deveria ter levado tanto tempo para me recompor. É só que não havia imaginado algo como traição.

Ela balançou a cabeça.

– E como poderia?

– Mas isso não muda o que sinto.

Ele tomou o rosto dela entre as mãos, ansioso para beijá-la, mas sabendo que não podia.

Ainda não.

– O que o seu pai fez... é censurável. É... – Ele praguejou baixinho. – Serei sincero com você. Me deixa enojado. Mas você... *você*, Lucy, é inocente. Não fez nada de errado, e não deveria ter que pagar pelos pecados dele.

– Nem meu irmão – retrucou ela em voz baixa. – Mas, se eu não consumar meu casamento com Haselby, Richard vai...

– Shhh. – Gregory levou um dedo aos lábios dela. – Me ouça. Eu te amo.

Os olhos dela se encheram de lágrimas.

– Eu te amo – repetiu ele. – Não há nada nesta vida ou na próxima que possa me fazer deixar de te amar.

– Você sentiu o mesmo por Hermione – sussurrou ela.

– Não – disse Gregory, quase sorrindo ao pensar em como aquilo parecia tolo agora. – Fazia tanto tempo que ansiava por me apaixonar que desejava mais o amor do que a mulher. Eu nunca amei Hermione, só a ideia que tinha criado a respeito dela. Mas com você... É diferente, Lucy. É mais profundo. É... é...

Ele lutou para encontrar as palavras, mas não havia nenhuma. Simplesmente não havia palavras para explicar o que sentia por ela.

– Sou *eu* – disse ele por fim, consternado com a deselegância com que se expressou. – Sem você, eu... eu...

– Gregory – sussurrou ela –, você não tem que...

– Eu não sou nada – interrompeu ele, porque não ia permitir que ela lhe dissesse que não precisava explicar. – Sem você, eu não sou nada.

Ela sorriu. Era um sorriso triste, mas sincero, e parecia que Gregory o estava esperando havia anos.

– Isso não é verdade – disse Lucy. – Você sabe que não é.

Ele balançou a cabeça.

– Um exagero, talvez, mas apenas isso. Você faz de mim um homem melhor, Lucy. Me faz sonhar, desejar e aspirar. Me faz querer *realizar* coisas.

As lágrimas começaram a correr pelo rosto dela.

Gregory secou-as com as pontas dos polegares.

– Você é a melhor pessoa que eu conheço, o ser humano mais honrado que já vi – disse ele. – Você me faz rir. E me faz *pensar*. E eu... – Ele respirou fundo. – Eu te amo. – E de novo: – Eu te amo. – E mais uma vez: – Eu te amo. – Ele balançou a cabeça, impotente. – Não sei de que outra maneira dizer isso.

Lucy então virou a cabeça de modo que as mãos dele deslizaram de seu rosto para os ombros e, depois, para longe de seu corpo. Gregory não conseguia ver o rosto dela, mas podia ouvi-la – o som baixo e entrecortado de sua respiração, o gemido suave em sua voz.

– Eu te amo – disse ela, finalmente, ainda sem encará-lo. – Você sabe disso. Não vou nos depreciar mentindo. Se fosse só por mim, eu faria qualquer coisa, qualquer coisa, por esse amor. Me arriscaria à pobreza, à ruína. Me mudaria para a América, me mudaria para a região mais remota da África se essa fosse a única maneira de ficar com você. – Ela deixou escapar um suspiro longo e trêmulo. – Mas não posso ser tão egoísta a ponto de arruinar as duas pessoas que me amam tanto e há tanto tempo.

– Lucy...

Ele não fazia ideia do que pretendia lhe dizer, só não queria que ela completasse. Sabia que não queria ouvir o que viria em seguida.

Mas ela o interrompeu:

– Não, Gregory. Por favor. Sinto muito. Não posso fazer isso, e, se você me ama como diz, vai me levar de volta agora, antes que lorde Davenport perceba que eu sumi.

Gregory cerrou os punhos, depois flexionou os dedos bem abertos. Sabia o que devia fazer. Devia soltá-la e deixá-la voltar correndo para a festa. Devia sair furtivamente pela porta dos empregados e jurar nunca mais se aproximar dela.

Ela prometera amar, honrar e respeitar outro homem. Devia renunciar a todos os outros.

Com certeza ele se incluía nessa categoria.

E ainda assim ele não podia desistir. Não ainda.

– Uma hora – pediu, agachando-se ao lado dela. – Só me dê uma hora.

Ela virou, o olhar incerto, surpreso e talvez – *talvez* – também um pouco esperançoso.

– Uma hora? O que você acha que pode...

– Eu não sei – interrompeu ele, com honestidade. – Mas prometo isto a você: se eu não descobrir uma maneira de libertá-la dessa chantagem em uma hora, volto aqui. E solto você.

– Para voltar para o Haselby? – sussurrou ela, e parecia...

Desapontada? Mesmo que só um pouco?

– Sim – disse ele.

Porque, na verdade, era a única coisa que podia dizer.

Por mais que quisesse deixar a cautela de lado, sabia que não podia simplesmente roubá-la. Lucy não perderia sua honra, já que iria se casar com ela

assim que Haselby concordasse com a anulação, mas ela nunca seria feliz.

E ele sabia que não poderia viver com isso.

– Você não terá sua honra arruinada se sumir por uma hora – garantiu ele. – Pode alegar que estava exausta e quis tirar um cochilo. Tenho certeza de que Hermione vai confirmar sua história, se você lhe pedir.

Lucy assentiu.

– Você vai me soltar agora?

Ele balançou a cabeça e se levantou.

– Eu confiaria minha vida a você, Lucy, mas não a sua. Você é honrada demais, e isso pode não ser nada bom.

– Gregory!

Ele deu de ombros enquanto caminhava até a porta.

– Sua consciência vai falar mais alto. Você sabe que vai.

– E se eu prometer...

– Sinto muito – interrompeu Gregory, com uma expressão que não era de quem sentia muito. – Não vou acreditar em você.

Ele deu uma última olhada para ela antes de sair e teve de sorrir, o que parecia ridículo, já que tinha uma hora para neutralizar a ameaça de chantagem contra a família de Lucy e livrá-la daquele casamento. Durante a festa.

Mover céus e terras parecia bem mais fácil que isso naquele momento.

Mas, quando virou para ela e a viu sentada ali no chão, Lucy parecia...

Ela mesma de novo.

– Gregory, você não pode me deixar aqui. E se alguém encontrá-lo e colocá-lo para fora da casa? Quem vai saber que estou aqui? E se... e se... e se...

Ele sorriu, encantado demais para ouvir o que ela dizia. Lucy definitivamente era a mesma de sempre de novo.

– Quando tudo isso acabar, vou lhe trazer um sanduíche – prometeu ele.

Isso a fez parar de repente.

– Um sanduíche? Um *sanduíche*?

Ele girou a maçaneta da porta, ainda sem puxá-la.

– Você quer um sanduíche, não quer? Você sempre quer um sanduíche.

– Você ficou louco – disse ela.

Ele não podia acreditar que ela tivesse chegado a essa conclusão só agora.

– Não grite – alertou Gregory.

– Você sabe que não posso – murmurou ela.

Era verdade. A última coisa que ela queria era ser encontrada. Se Gregory não conseguisse fazer nada por sua situação, ela precisaria voltar à festa da forma mais discreta possível.

– Até logo, Lucy – disse ele. – Eu te amo.

Ela ergueu os olhos.

– Uma hora. Você acha mesmo que consegue? – sussurrou.

Gregory assentiu. Era o que ela precisava ver, e era o que ele precisava fingir.

Quando enfim fechou a porta, ele podia jurar tê-la ouvido dizer:

– Boa sorte.

Parou para respirar fundo antes de seguir para a escada. Precisava de mais do que sorte. Precisava de um maldito milagre.

As chances estavam todas contra ele. Mas Gregory sempre tivera o costume de torcer para o azarão. E, se havia algum senso de justiça no mundo, alguma equidade existencial no ar... Se *Faça aos outros o que gostaria que fizessem com você* garantia algum tipo de retorno, com certeza ele merecia.

O amor existia. Ele sabia que sim. E estaria perdido se não existisse para ele.

A primeira parada de Gregory foi no quarto de Lucy, no segundo andar. Ele não podia simplesmente ir até o salão de baile e solicitar uma audiência com um dos convidados, mas achava que havia uma chance de alguém ter notado a ausência de Lucy e ido procurá-la. Se Deus quisesse, seria alguém simpático à causa deles, alguém que se preocupasse de fato com a felicidade dela.

Mas quando ele entrou no quarto, tudo estava exatamente como havia deixado.

– Droga – murmurou, caminhando de volta para a porta.

Agora teria de pensar em um jeito de conseguir falar com o irmão dela – ou com Haselby, imaginava – sem chamar a atenção.

Quando colocou a mão na maçaneta e já ia puxar, a porta se abriu e Gregory não entendeu bem o que aconteceu primeiro – o grito feminino de surpresa ou o corpo macio e quente que trombou com ele.

– Você!

– Você! – exclamou ele de volta. – Graças a Deus.

Era Hermione. A única pessoa que ele *sabia* que se preocupava com a felicidade de Lucy acima de tudo.

– O que está fazendo aqui? – sibilou ela.

Mas fechou a porta atrás de si, o que sem dúvida era um bom sinal.

– Eu tinha de falar com Lucy.

– Ela se casou com lorde Haselby.

Gregory balançou a cabeça.

– Ainda não foi consumado.

Ela ficou, literalmente, de boca aberta.

– Santo Deus, o senhor não pretende...

– Vou ser sincero com a senhorita – interrompeu ele. – Não sei o que pretendo fazer, fora encontrar uma maneira de libertá-la.

Hermione olhou para ele por alguns segundos. E então, aparentemente do nada, ela disse:

– Ela o ama.

– Ela lhe contou isso?

Hermione balançou a cabeça.

– Não, mas é óbvio. Ou, pelo menos agora, pensando em retrospecto, é. – Ela caminhou pelo quarto e de repente se virou. – Mas então por que ela se casou com lorde Haselby? Sei que ela acredita firmemente que se deve honrar os compromissos, mas com certeza poderia ter cancelado tudo antes de hoje.

– Ela está sendo chantageada – disse Gregory, irritado.

Hermione arregalou os olhos.

– Com o quê?

– Não posso lhe dizer.

Num gesto louvável, ela não perdeu tempo protestando. Em vez disso, olhou para ele, os olhos firmes e decididos.

– O que posso fazer para ajudar?

Cinco minutos mais tarde, Gregory encontrava-se na companhia de lorde

Haselby e do irmão de Lucy. Ele teria preferido resolver tudo sem Richard, que parecia capaz de decapitar Gregory a qualquer momento, não fosse pela presença da esposa, que segurava seu braço com toda a força.

– Onde está Lucy? – perguntou Richard.

– Ela está segura – respondeu Gregory.

– Perdoe-me se não pareço tranquilo – retrucou Richard.

– Richard, pare – interrompeu Hermione, puxando-o para trás. – O Sr. Bridgerton não vai machucá-la. Ele só quer o melhor para ela.

– Ah, é mesmo? – falou Richard, em um tom de dúvida.

Hermione olhou para ele com a expressão mais alegre que Gregory já vira em seu lindo rosto.

– Ele a ama – falou a moça.

– *De fato.*

Todos os olhos se voltaram para lorde Haselby, que estava de pé junto à porta, observando a cena com uma estranha expressão de interesse.

Ninguém parecia saber o que dizer.

– Bem, ele certamente deixou isso claro hoje de manhã – continuou Haselby, sentando-se em uma cadeira com uma graça impressionante. – Vocês não acham?

– Hã... Sim? – respondeu Richard, e Gregory não podia culpá-lo por seu tom duvidoso.

Haselby parecia estar encarando aquilo tudo de uma maneira bastante incomum. E tranquila. Tão tranquila que o coração de Gregory parecia bater duas vezes mais rápido só para compensar a pulsação baixa de Haselby.

– Ela me ama – disse Gregory a ele, cerrando a mão em punho atrás das costas, não em preparação para um ato violento, mas sim porque, se não movesse alguma parte do corpo, talvez tivesse um colapso. – Sinto muito dizer isso, mas...

– Não, não, de forma alguma – retrucou Haselby, acenando com a mão. – Sei muito bem que ela não *me* ama. E creio que é melhor assim, como todos podemos concordar.

Gregory não tinha certeza se devia dizer alguma coisa. Richard estava muito vermelho, e Hermione parecia completamente confusa.

– Você está disposto a liberá-la do compromisso? – quis saber Gregory.

Não tinha tempo para rodeios.

– Se eu não estivesse, acha mesmo que estaria aqui conversando com você no mesmo tom que uso para falar sobre o tempo?

– Hã... Não?

Haselby sorriu.

– Meu pai não vai ficar satisfeito. Algo que em geral me traz grande alegria, com certeza, mas que neste caso traz inúmeras dificuldades. Devemos proceder com cautela.

– Lucy não deveria estar aqui? – perguntou Hermione.

Richard voltou a encarar Gregory com um olhar furioso.

– Onde está a minha irmã?

– Lá em cima – respondeu ele, sucinto.

O que reduzia a dúvida a trinta e poucos cômodos.

– Lá em cima *onde*? – grunhiu Richard.

Gregory ignorou a pergunta. Realmente não era o melhor momento para revelar que ela estava amarrada a uma privada.

Virou de volta para Haselby, que ainda estava sentado, uma perna cruzada de forma casual sobre a outra, examinando as unhas.

Gregory se sentia prestes a subir pelas paredes. Como podia o maldito homem ficar ali sentado com tanta calma? Aquela era a conversa mais importante que teriam na vida, e tudo o que ele fazia era avaliar suas unhas?

– Você vai liberá-la do compromisso? – grunhiu Gregory.

Haselby olhou para ele e piscou.

– Eu disse que sim.

– Mas vai revelar os segredos dela?

Nesse momento, o comportamento de Haselby mudou por completo. Seu corpo pareceu ficar tenso, e seus olhos, muito atentos.

– Não tenho ideia do que você está falando – disse ele.

– Nem eu – acrescentou Richard, aproximando-se.

Gregory virou rapidamente para este último.

– Ela está sendo chantageada.

– Não por mim – afirmou Haselby com veemência.

– Minhas desculpas – disse Gregory. Chantagem era uma coisa terrível. – Não tive a intenção de sugerir isso.

– Sempre me perguntei por que ela havia concordado em se casar comigo – comentou Haselby, com uma expressão serena.

– Foi tudo arranjado pelo tio dela – interpôs Hermione. Então, quando todos viraram para ela meio surpresos, acrescentou: – Bem, você conhece a Lucy. Ela não é do tipo que se rebela. *Gosta* de respeitar as normas.

– Ainda assim – disse Haselby –, ela teve uma oportunidade bastante dramática de sair da situação. – Ele fez uma pausa, inclinando a cabeça para o lado. – É o meu pai, não é?

Gregory assentiu uma única vez, de maneira amarga.

– Isso não me surpreende. Ele está muito ansioso para me ver casado. Bem, então... – Haselby juntou as mãos, entrelaçando os dedos. – O que devemos fazer? Desafiá-lo a abrir o jogo, eu imagino.

Gregory balançou a cabeça.

– Não podemos.

– Ah, por favor. Não pode ser tão ruim. O que Lady Lucinda poderia ter feito?

– Deveríamos mesmo ir buscá-la – disse Hermione mais uma vez. E então, quando os três homens viraram para ela de novo, acrescentou: – Vocês gostariam que seu destino fosse discutido sem a sua presença?

Richard se colocou à frente de Gregory.

– Diga-me.

Gregory foi honesto:

– É muito grave.

– Diga-me.

– É sobre o seu pai – disse ele em voz baixa.

E então relatou o que Lucy lhe contara.

– Ela fez isso por nós – sussurrou Hermione quando Gregory terminou. Depois virou para o marido, segurando sua mão. – Ela fez isso para nos salvar. Ah, *Lucy*...

Mas Richard só balançou a cabeça.

– Não é verdade – afirmou.

Gregory tentou esconder a pena que sentia quando disse:

– Há provas.

– Ah, é mesmo? Que tipo de provas?

– Lucy diz que há provas escritas.

– E ela viu? – perguntou Richard. – E por acaso saberia se tivessem sido falsificadas?

Gregory respirou fundo. Não podia culpar o irmão de Lucy por sua reação. Imaginava que faria o mesmo se fosse algo ligado ao seu pai.

– Lucy não tem como saber – continuou Richard, ainda balançando a cabeça. – Ela era muito jovem. Meu pai não teria feito uma coisa dessas. É inconcebível.

– Você também era muito novo – disse Gregory, gentilmente.

– Eu tinha idade suficiente para conhecer meu próprio pai, e ele não era um traidor – retrucou Richard. – Alguém enganou Lucy.

Gregory virou para Haselby.

– Seu pai?

– Não é tão engenhoso – respondeu ele. – Ele recorreria tranquilamente à chantagem, mas faria isso usando a verdade, não uma mentira. É um homem inteligente, mas não criativo.

Richard deu um passo à frente.

– Mas meu tio é.

Gregory virou para ele com urgência.

– Você acha que ele mentiu para Lucy?

– Com certeza ele lhe disse a única coisa que faria com que ela não desistisse do casamento – observou Richard com uma expressão amarga.

– Mas por que ele *precisa* que ela se case com lorde Haselby? – perguntou Hermione.

Todos olharam para o homem em questão.

– Eu não tenho ideia – disse ele.

– Ele deve ter os próprios segredos – sugeriu Gregory.

Richard balançou a cabeça.

– Não são dívidas.

– Ele não está recebendo nenhum dinheiro com o acordo – apontou Haselby.

Todos viraram para olhar para ele.

– Posso ter deixado meu pai escolher minha noiva – explicou, dando de ombros –, mas não ia me casar sem ler o contrato.

– Segredos, então – disse Gregory.

– Talvez em conjunto com lorde Davenport – acrescentou Hermione. Então virou para Haselby. – Sinto muito.

Ele acenou com a mão, dispensando a necessidade de desculpas.

– Não foi nada.

– O que devemos fazer agora? – perguntou Richard.

– Buscar Lucy – respondeu Hermione de imediato.

Gregory assentiu energicamente.

– Ela está certa.

– Não – disse Haselby, levantando-se. – Precisamos do meu pai.

– Seu pai? – disparou Richard. – Não acho que ele seja simpático à nossa causa.

– Sim, e sou o primeiro a admitir que ele é insuportável por mais do que três minutos, mas ele terá respostas. E, apesar de todo o seu veneno, em geral ele é inofensivo.

– Em geral? – ecoou Hermione.

Haselby pareceu pensar a respeito.

– Em geral.

– Precisamos agir – decretou Gregory. – Agora. Haselby, você e Fennsworth vão encontrar seu pai e interrogá-lo para descobrir a verdade. Lady Fennsworth e eu vamos buscar Lucy e trazê-la para cá, onde Lady Fennsworth ficará com ela. – Ele virou para Richard. – Peço desculpas pelo plano, mas preciso estar com sua esposa para proteger a reputação de Lucy, caso alguém nos veja. Ela já está fora há quase uma hora. Alguém vai notar.

Richard assentiu brevemente, mas ficou claro que não estava feliz com a situação. Ainda assim, não tinha escolha. Sua honra exigia que ele interrogasse lorde Davenport.

– Está certo – disse Gregory. – Então estamos de acordo. Encontrarei vocês dois de novo...

Ele parou para pensar. Além do quarto de Lucy e do banheiro no andar de cima, não conhecia os cômodos da casa.

– Encontre-nos na biblioteca – instruiu Richard. – Fica no térreo, voltada para o leste. – Ele deu um passo em direção à porta, em seguida virou e se dirigiu a Gregory: – Espere aqui. Voltarei em um instante.

Gregory estava ansioso para sair, mas o semblante sério de Richard foi o suficiente para convencê-lo a ficar. De fato, quando o irmão de Lucy voltou, pouco mais de um minuto depois, trazia duas armas.

Estendeu uma para Gregory.

Santo Deus.

– Você pode precisar disso – disse Richard.

– Que o céu nos ajude se eu precisar – retrucou Gregory, baixinho.

– Perdão?

Ele balançou a cabeça.

– Boa sorte, então – disse Richard.

Em seguida acenou para Haselby e os dois saíram depressa pelo corredor.

Gregory chamou Hermione.

– Vamos – disse, levando-a na direção oposta. – E tente não me julgar quando vir para onde a estou levando.

Ele a ouviu rir enquanto subiam as escadas.

– Por que eu tenho a impressão de que, na verdade, acharei que foi muito inteligente?

– Não confiei que ela fosse ficar parada esperando – admitiu Gregory, subindo dois degraus de cada vez. Quando chegaram ao topo da escada, virou para encará-la. – Foi rude, mas não havia mais nada que eu pudesse fazer. Tudo o que eu precisava era de um pouco de tempo.

Hermione assentiu.

– Para onde estamos indo?

– Para o banheiro da babá. Eu a amarrei à privada.

– Você a amarrou à... Ah, minha nossa, mal posso esperar para ver isso.

Mas quando eles abriram a porta, Lucy não estava mais lá.

E tudo indicava que não tinha saído por vontade própria.

CAPÍTULO 25

No qual ficamos sabendo o que aconteceu apenas dez minutos antes.

Tinha se passado uma hora? Com certeza, uma hora.

Lucy respirou fundo e tentou se acalmar. Por que ninguém pensara em colocar um relógio no banheiro? Não deviam ter imaginado que alguém, *um dia*, poderia ficar preso à privada e querer saber a hora?

Era só uma questão de tempo.

Lucy tamborilava os dedos da mão direita no chão. Rápido, rápido, do indicador ao dedo mindinho, do indicador ao dedo mindinho. Sua mão esquerda estava amarrada de modo que as pontas dos dedos ficavam para cima, então ela os dobrava, depois esticava, dobrava e esticava...

– Aaaaahhhhh! – gemeu, frustrada.

Gemeu? Grunhiu. *Gegrunhiu.* Isso devia ser uma palavra.

Sim, já fazia uma hora. Com certeza.

E então...

Passos.

Lucy ficou atenta, olhando para a porta. Estava furiosa. E esperançosa. E apavorada. E nervosa. E...

Meu Deus, ela não devia ter de sentir todas essas emoções ao mesmo tempo. Uma de cada vez era o máximo com que conseguia lidar. Talvez duas.

A maçaneta girou e a porta foi aberta com força, então...

Aberta com força? Lucy teve um segundo para perceber que havia algo errado. Gregory não teria empurrado a porta com força. Ele teria...

– Tio Robert?

– Você – disse ele, a voz baixa e furiosa.

– Eu...

– Sua vadia – sibilou o homem.

Lucy se encolheu. Sabia que ele não tinha nenhuma grande afeição por ela, mas ainda assim doía.

– O senhor não entende – disse ela, porque não fazia ideia do que falar, e se recusava... se recusava a mentir que sentia muito.

Estava decidida a dar um basta nas desculpas, de uma vez por todas.

– Ah, é mesmo? – esbravejou ele, agachando-se perto dela. – O que exatamente eu não entendo? A parte em que você fugiu do casamento?

– Eu não fugi – rebateu ela. – Eu fui sequestrada! Ou o senhor não notou que estou *amarrada* à privada?

Os olhos dele se estreitaram de forma ameaçadora e Lucy começou a ficar assustada.

Ela se encolheu, a respiração curta e rápida. Fazia muito tempo que se sentia intimidada pelo tio – a frieza de seu temperamento, o olhar fixo e indiferente de desdém –, mas nunca ficara assustada daquele jeito.

– Onde ele está? – perguntou ele.

Lucy não se fez de desentendida.

– Eu não sei.

– Diga-me!

– Eu não sei! – exclamou ela. – O senhor acha que ele teria me amarrado se confiasse em mim?

Seu tio ficou de pé e praguejou.

– Não faz sentido.

– O que não faz sentido? – perguntou Lucy, cautelosamente.

Ela não sabia direito o que estava acontecendo, e nem de quem seria esposa no final daquele dia, mas tinha certeza de que devia ganhar tempo.

E não revelar nada.

– Isso! Você! – disparou o homem. – Por que ele iria raptá-la e deixá-la aqui, na Casa Fennsworth?

– Bem, acho que ele não conseguiria sair daqui comigo sem que alguém visse – disse Lucy lentamente.

– Ele não poderia ter entrado na festa sem que alguém visse também.

– Não sei o que o senhor quer dizer.

– Como ele a pegou sem o seu consentimento? – perguntou o tio, abaixando-se e aproximando o rosto do dela.

Lucy soltou o ar, bufando. A verdade era fácil. E inócua.

– Fui para o meu quarto me deitar – explicou. – E ele estava lá me esperando.

– Ele sabia qual era o seu quarto?

Ela engoliu em seco.

– Pelo jeito, sabia.

Seu tio a encarou por um instante desconfortavelmente longo.

– As pessoas já começaram a notar a sua ausência – murmurou.

Lucy não disse nada.

– Mas não se pode evitar.

Ela piscou. Do que ele estava falando?

Ele balançou a cabeça.

– É a única maneira.

– Perdão...?

E então Lucy percebeu. Ele não estava falando com ela. Estava falando consigo mesmo.

– Tio Robert? – sussurrou.

Mas ele já estava cortando os cachecóis que a prendiam.

Cortando? *Cortando?* Por que ele tinha uma faca?

– Vamos – grunhiu o homem.

– Voltar para a festa?

Ele abriu um sorriso sombrio.

– Você bem que gostaria, não é?

O pânico começou a se instalar no peito dela.

– Aonde pretende me levar?

Ele puxou Lucy para colocá-la de pé e passou um dos braços com força em volta dela.

– Para o seu marido.

Ela conseguiu torcer o corpo apenas o suficiente para encará-lo.

– Meu mar... Lorde Haselby?

– Você tem outro marido?

– Mas ele não está na festa?

– Pare de fazer tantas perguntas.

Ela olhava freneticamente de um lado para outro.

– Mas aonde o senhor está me levando?

– Você não vai estragar isso – sibilou ele. – Está entendendo?

– Não – respondeu ela, suplicante.

Porque não entendia. Já não estava entendendo mais nada.

Ele a puxou com força contra si.

– Quero que você me ouça, porque só vou dizer isto uma vez.

Lucy assentiu. Não estava de frente para o tio, mas sabia que ele podia sentir a cabeça dela se mexendo contra seu peito.

– Este casamento vai ser consumado – afirmou ele, a voz baixa e mortal. – E eu vou garantir, pessoalmente, que isto aconteça esta noite.

– *O quê?*

– Não discuta comigo.

– Mas...

Ela fazia força com os pés no chão enquanto ele a arrastava até a porta.

– Pelo amor de Deus, não lute comigo – murmurou ele. – Não é nada que você já não tivesse de fazer de qualquer maneira. A única diferença é que vai ter uma plateia.

– Uma plateia?

– É indelicado, mas terei a minha prova.

Ela então começou a se debater como louca, e conseguiu soltar um braço por tempo suficiente para balançá-lo descontroladamente pelo ar. O tio logo a conteve, mas a mudança momentânea de posição permitiu que Lucy chutasse com força a canela dele.

– *Maldição* – resmungou o homem, puxando-a para perto. – Pare com isso!

Ela chutou de novo, virando um penico vazio.

– Pare! – Ele pressionou suas costelas com um objeto indefinido. – Agora!

Lucy parou na mesma hora.

– Isso é uma faca? – sussurrou.

– Lembre-se disso – respondeu ele, as palavras quentes contra o ouvido dela. – Não posso matá-la, mas posso lhe causar muita dor.

Ela engoliu um soluço.

– Eu sou sua sobrinha.

– Não me importo.

Lucy engoliu em seco e perguntou bem baixo:

– E algum dia já se importou?

Ele a empurrou em direção à porta.

– Se eu já me importei?

Ela assentiu.

Por um instante, ele ficou em silêncio, e Lucy não soube como interpretar isso. Não conseguia ver o rosto do tio e não sentiu nenhuma mudança em sua postura. Não podia fazer nada além de olhar para a porta e para a mão dele, que se estendia até a maçaneta.

Então ele disse:

– Não.

E ela teve sua resposta.

– Você era uma obrigação – acrescentou o homem. – Um dever que cumpri, e do qual estou feliz em me livrar. Agora venha comigo, e não diga uma palavra.

Lucy assentiu. A faca dele pressionava suas costelas cada vez mais forte, a lâmina roçando o tecido duro de seu corpete.

Ele a levou pelo corredor e desceu as escadas. Gregory estava ali, Lucy dizia a si mesma. Estava ali e iria encontrá-la. A Casa Fennsworth era grande, mas não havia tantos lugares assim em que seu tio poderia escondê-la.

E havia centenas de convidados no térreo.

Além disso, lorde Haselby com certeza não iria concordar com aquele plano.

Havia pelo menos uma dezena de razões para seu tio não conseguir o que queria. Talvez até mais. E ela só precisava de uma para frustrar seu plano.

Mas esse pensamento não foi muito reconfortante quando ele parou e colocou uma venda nos olhos dela.

E menos ainda quando a jogou em um cômodo e a amarrou.

– Eu vou voltar – disparou ele, deixando-a sentada em um canto, com as mãos e os pés atados.

Lucy ouviu os passos dele pela sala e sentiu escapar dos próprios lábios uma pergunta, a única que importava:

– *Por quê?*

Ele parou de andar.

– Por que, tio Robert?

Não era possível que ele estivesse fazendo aquilo apenas pela honra da família. Ela já não tinha provado que não a colocaria em risco? Ele já não devia

confiar nela àquela altura?

– Por quê? – perguntou Lucy de novo, rezando para que ele tivesse uma consciência.

Tinha certeza de que o tio não poderia ter cuidado dela e de Richard por tantos anos sem algum senso de certo e errado.

– Você sabe por quê – respondeu ele, mas ela sabia que estava mentindo, porque tinha demorado demais a responder.

– Vá, então – disse ela, amargamente.

Não havia razão para atrasá-lo. Seria muito melhor que Gregory a encontrasse sozinha.

Mas ele não se mexeu. E, mesmo com os olhos vendados, ela podia sentir sua desconfiança.

– O que está esperando? – gritou Lucy, então.

– Eu não tenho certeza – respondeu ele, devagar.

Em seguida, Lucy ouviu os passos do tio se aproximarem dela.

Lentamente.

Lentamente...

E então...

– Cadê ela? – perguntou Hermione, aflita.

Gregory entrou no pequeno cômodo, observando tudo atentamente – os cachecóis cortados, o penico virado.

– Alguém a levou – disse ele, sério.

– O tio dela?

– Ou Davenport. Eles são os únicos com alguma razão para... – Ele balançou a cabeça. – Não, eles não podem lhe fazer mal. Precisam que o casamento seja legal e irrevogável. E duradouro. Davenport quer que Lucy lhe dê um herdeiro.

Hermione assentiu.

Gregory virou para ela.

– Você conhece a casa. Onde ela poderia estar?

Hermione balançava a cabeça.

– Não sei. Não sei. Se tiver sido o tio dela...

– Suponha que tenha sido – falou Gregory.

Ele não acreditava que Davenport fosse ágil o bastante para raptar Lucy, e, além disso, se o que Haselby dissera sobre o pai era verdade, então Robert Abernathy era o homem cheio de segredos.

Era ele a pessoa com algo a perder.

– O escritório – sussurrou Hermione. – Ele está sempre no escritório.

– Onde fica?

– No térreo. Voltado para os fundos.

– Ele não arriscaria – disse Gregory. – É perto demais do salão de baile.

– Então o quarto dele. Se ele quiser evitar os cômodos abertos a todos, então é para lá que a levaria. Ou para o quarto dela.

Gregory pegou o braço de Hermione e saiu à frente dela. Desceram um lance de escada, fazendo uma pausa antes de abrir a porta que levava da escada de serviço para o patamar do segundo andar.

– Mostre-me a porta dele e então vá.

– Eu não...

– Encontre o seu marido – ordenou ele. – Traga-o de volta.

Hermione parecia indecisa, mas enfim assentiu e obedeceu.

– Vá – disse ele, quando já sabia para onde ir. – Rápido.

Ela desceu a escada enquanto Gregory caminhava furtivamente pelo corredor. Chegou à porta que Hermione tinha indicado e encostou a orelha a ela, com cuidado.

– O que está esperando?

Era Lucy. A voz estava abafada pela pesada porta de madeira, mas era ela.

– Eu não tenho certeza – disse uma voz masculina, que Gregory não conseguiu identificar.

Ele só tinha falado algumas vezes com lorde Davenport e nenhuma com o tio dela. Não fazia ideia de quem a estava mantendo refém.

Gregory prendeu a respiração e, lentamente, girou a maçaneta com a mão esquerda.

Com a mão direita, puxou a arma.

Que Deus os ajudasse, se tivesse de usá-la.

Conseguiu abrir a porta um pouco – apenas o suficiente para espiar sem ser notado.

Seu coração parou.

Lucy estava amarrada e vendada, encolhida no canto do outro lado do cômodo. Seu tio encontrava-se de pé na frente dela, uma arma apontada para sua testa.

– O que você está tramando? – perguntou-lhe o tio, a voz fria e suave.

Lucy não disse nada, mas seu queixo tremia, como se ela estivesse se esforçando muito para se manter firme.

– Por que você quer que eu saia? – insistiu o tio.

– Eu não sei.

– Diga! – Ele se lançou para a frente e enfiou a arma entre as costelas dela. E então, como Lucy não respondeu rápido o bastante, ele arrancou a venda de seus olhos e aproximou o rosto do dela até restarem poucos centímetros de distância entre os dois. – Diga-me!

– Porque não posso suportar a espera – sussurrou ela, a voz trêmula. – Porque...

Gregory entrou silenciosamente no quarto e apontou a arma para as costas de Robert Abernathy.

– *Solte-a*.

O tio de Lucy ficou paralisado.

Gregory posicionou o dedo em torno do gatilho.

– Solte Lucy e se afaste bem devagar.

– Acho melhor não – disse Abernathy, e virou apenas o suficiente para Gregory ver que sua arma agora estava encostada na têmpora de Lucy.

De alguma forma, Gregory se manteve inabalável. Ele nunca saberia como, mas seu braço estava firme. Sua mão não tremia.

– Largue a arma – ordenou o tio.

Gregory não se mexeu. Olhou para Lucy, depois de volta para o tio dela. Será que ele iria machucá-la? Seria capaz disso? Gregory ainda não sabia exatamente por que Robert Abernathy queria que Lucy se casasse com Haselby, mas estava claro que fazia questão absoluta disso.

O que significava que ele não poderia matá-la.

Gregory cerrou os dentes e apertou mais o dedo no gatilho.

– Solte Lucy – ordenou ele, a voz baixa, firme e forte.

– Largue a arma! – rugiu Abernathy, e um som horrível e sufocado escapou da boca de Lucy quando ele prendeu um dos braços sob suas costelas.

Santo Deus, ele estava louco. Seus olhos corriam ensandecidos pela sala, e sua mão – aquela com a arma – tremia.

Ele ia atirar nela. Gregory percebeu isso em um segundo nauseante. O que quer que Abernathy tivesse feito, ele achava que não tinha mais nada a perder e não se importava com quem levaria com ele.

Gregory começou a se ajoelhar, sem tirar os olhos do tio de Lucy.

– Não faça isso! – gritou Lucy. – Ele não vai me machucar. Não pode.

– Ah, eu posso sim – respondeu o tio dela, abrindo um sorriso.

O sangue de Gregory gelou. Ele ia tentar – Deus do céu, ele ia tentar de tudo para que os dois saíssem dali vivos e ilesos –, mas se fosse preciso escolher, se apenas um deles pudesse sair andando por aquela porta...

Seria Lucy.

Isso, percebeu ele, era amor. Era aquela sensação de que era o certo, sim. E era paixão também, e saber que poderia acordar feliz ao lado dela pelo resto de sua vida.

Mas era mais do que tudo isso. Era esse sentimento, essa compreensão, essa *certeza* de que ele daria sua vida por ela. Não havia dúvida. Nenhuma hesitação. Se ele largasse a arma, Robert Abernathy com certeza atiraria nele.

Mas Lucy viveria.

Gregory agachou-se.

– Não a machuque – disse ele em voz baixa.

– Não solte a arma! – gritou Lucy. – Ele não vai...

– Cale a boca! – bradou o tio, e pressionou ainda mais o cano de sua arma contra ela.

– Nem mais uma palavra, Lucy – alertou Gregory.

Ele ainda não sabia como diabo sairia daquela situação, mas tinha certeza de que a coisa certa a fazer era manter Robert Abernathy o mais calmo e lúcido possível.

Os lábios de Lucy se abriram, mas então os olhos deles se encontraram... E ela fechou a boca.

Ela confiava nele. Santo Deus, confiava nele para mantê-la segura – para manter os dois seguros –, e ele se sentia um farsante, porque tudo o que estava

fazendo era tentando ganhar tempo até que alguém chegasse.

– Não vou machucar você, Abernathy – garantiu Gregory.

– Então solte a arma.

Gregory continuava com o braço estendido, a arma agora de lado para que pudesse pousá-la no chão.

Mas ele não a soltou.

Sem tirar os olhos do rosto de Robert Abernathy, perguntou:

– Por que você precisa que ela se case com Haselby?

– Ela não lhe contou? – devolveu Abernathy, em tom de zombaria.

– Ela me contou o que você disse a ela.

O tio de Lucy começou a tremer.

– Conversei com lorde Fennsworth – falou Gregory calmamente. – Ele ficou um tanto surpreso com a caracterização que você fez do pai dele.

O tio de Lucy não respondeu, mas Gregory viu seu pomo de Adão subindo e descendo enquanto ele engolia em seco de maneira convulsiva.

– Na verdade – continuou Gregory –, Fennsworth estava bastante convencido de que você se enganou.

Ele procurava manter a voz suave, tranquila. Sem deboche. Falava como se estivesse em um jantar. Não pretendia provocar; só queria conversar.

– Richard não sabe de nada – retrucou o tio de Lucy.

– Falei com lorde Haselby também – prosseguiu Gregory. – Ele ficou tão surpreso quanto Fennsworth. Não sabia que o pai vinha chantageando você.

O tio de Lucy olhou fixamente para ele.

– Ele está falando com o pai agora – acrescentou Gregory.

Ninguém falou. Ninguém se mexeu. Os músculos de Gregory ardiam. Ele estava agachado havia vários minutos, equilibrando-se na parte da frente dos pés. Seu braço, ainda estendido, ainda segurando a arma de lado, parecia estar em chamas.

Ele olhou para a arma. Olhou para Lucy. Ela balançava a cabeça bem devagar, com movimentos discretos. Seus lábios não emitiam nenhum som, mas ele não teve nenhuma dificuldade para identificar as palavras.

Vá. Por favor.

Surpreendentemente, Gregory sentiu que abria um sorriso. Então fez que não e sussurrou:

– Nunca.
– O que você disse? – perguntou Abernathy.
Gregory respondeu a única coisa que lhe veio à cabeça:
– Eu amo a sua sobrinha.
Abernathy olhou para Gregory como se ele tivesse enlouquecido.
– Eu não me importo.
– Eu a amo o suficiente para guardar os seus segredos – acrescentou Gregory.
Robert Abernathy perdeu por completo a cor e ficou absolutamente imóvel.
– Foi você – disse Gregory, com a voz calma.
– Tio Robert? – falou Lucy.
– Cale a boca – disparou ele.
– O senhor mentiu para mim? – perguntou ela, e sua voz soou quase magoada. – Mentiu?
– Lucy, *não* – disparou Gregory.
Mas ela já estava balançando a cabeça.
– Não foi o meu pai, não é mesmo? Foi o *senhor*. Lorde Davenport estava chantageando o senhor pelos *seus próprios* crimes.
O tio dela não disse nada, mas a verdade estava clara em seus olhos.
– Ah, tio Robert... – murmurou ela, com tristeza. – Como pôde?
– Eu não tinha nada – sibilou ele. – Nada. Só os restos que seu pai deixou.
Lucy ficou pálida.
– O senhor o matou?
– Não – disse Abernathy, simplesmente.
– Por favor – implorou ela, a voz fraca e aflita. – Não minta para mim. Não sobre isso.
O homem soltou um suspiro irritado e falou:
– Sei apenas o que as autoridades me informaram. Que ele foi encontrado perto de um lugar de apostas, com um tiro no peito, e que tinham roubado todos os seus objetos de valor.
Lucy encarou-o por um instante e em seguida, com os olhos cheios de lágrimas, assentiu de leve.
Gregory se levantou lentamente.

– Acabou, Abernathy – disse ele. – Haselby sabe, e Fennsworth também. Você não pode forçar Lucy a fazer o que quer.

O homem agarrou-a com mais força.

– Posso usá-la para fugir.

– Pode, sim. Se soltá-la.

Abernathy riu. Era um som amargo, cáustico.

– Não temos nada a ganhar desmascarando você – disse Gregory, com cautela. – É melhor deixarmos que vá embora discretamente do país.

– Nunca seria discreto – zombou o tio de Lucy. – Se ela não se casar com aquele almofadinha esquisito, Davenport vai espalhar a notícia daqui até a Escócia. E a família será arruinada.

– Não – retrucou Gregory, balançando a cabeça. – Não vai. Você nunca foi conde. Não era o pai deles. Haverá um certo escândalo; isso não pode ser evitado. Mas o irmão de Lucy não perderá o título, e tudo vai passar quando as pessoas começarem a lembrar que nunca gostaram realmente de você.

Num piscar de olhos, o tio de Lucy moveu a arma para o pescoço dela.

– Cuidado com o que você diz – ameaçou.

Gregory ficou pálido e deu um passo atrás. E então os três ouviram o barulho alto de passos vindo rapidamente pelo corredor.

– Abaixe a arma – disse Gregory. – Você só tem um segundo antes qu...

Várias pessoas surgiram na entrada do quarto. Richard, Haselby, Davenport, Hermione – todos eles irromperam pelo cômodo, sem saber do confronto mortal que estava acontecendo.

O tio de Lucy saltou para trás, apontando a arma descontroladamente para todos eles.

– Fiquem longe! – gritou. – Saiam! Todos vocês!

Seus olhos brilhavam como os de um animal acuado e seu braço balançava de um lado para outro, sem deixar ninguém fora da mira.

Mas Richard deu um passo à frente.

– Seu desgraçado – sibilou. – Vejo você no...

Uma arma disparou.

Gregory assistiu, horrorizado, Lucy cair no chão. Um grito gutural rasgou sua garganta enquanto via a própria arma levantada.

Ele tinha apontado. Atirado. E, pela primeira vez na vida, acertado o alvo.

Bem, quase.

O tio de Lucy não era um homem grande, mas, mesmo assim, quando caiu em cima dela, doeu. Ela sentiu o ar deixar completamente os seus pulmões, enquanto arfava, sufocada, os olhos bem fechados de dor.

– Lucy!

Era Gregory, tirando o tio de cima dela.

– Onde você foi atingida? – perguntou ele, e suas mãos estavam por toda parte, movimentando-se freneticamente, enquanto procurava uma ferida.

– Eu não... – Ela fazia força para respirar. – Ele não... – Ela conseguiu olhar para o peito. Estava coberto de sangue. – Ah, meu Deus.

– Não consigo encontrar – disse Gregory.

Pegou o queixo de Lucy e posicionou seu rosto de modo a olhar direto nos olhos dela.

E ela quase não o reconheceu.

Os olhos dele... aqueles belos olhos castanhos... era quase como se estivessem perdidos, vazios. E isso parecia levar embora tudo o que fazia com que ele fosse... *Gregory*.

– Lucy – disse ele, a voz rouca de emoção. – *Por favor*, fale comigo.

– Eu não estou ferida – conseguiu dizer ela, finalmente.

As mãos dele ficaram paralisadas.

– O sangue...

– Não é meu.

Ela o encarou e levou a mão ao seu rosto. Ele tremia. Ah, Santo Deus, ele tremia. Ela nunca o tinha visto assim, nunca tinha imaginado que ele pudesse chegar àquele ponto.

O olhar dele... Ela percebia agora. Era de pavor.

– Não estou ferida – sussurrou ela. – Por favor... não... está tudo bem, querido.

Ela nem sabia o que estava dizendo; só queria confortá-lo.

Gregory respirava com dificuldade e, quando conseguiu falar, sua voz falhou, sofrida.

– Achei que eu tivesse... não sei o que pensei.

Uma lágrima tocou o dedo de Lucy e ela a secou delicadamente.

– Agora acabou – disse ela. – Acabou tudo, e... – De repente, ela se deu conta do resto das pessoas na sala. – Bem, eu acho que acabou – acrescentou, hesitante, sentando-se.

Seu tio estava morto? Tinha certeza de que tinha sido baleado. Por Gregory ou Richard, ela não sabia. Os dois haviam disparado.

Mas ele não fora mortalmente ferido. Havia se arrastado para o canto da sala e estava encostado na parede, segurando o ombro e olhando para a frente com um ar derrotado.

Lucy fez uma cara feia para ele.

– A sua sorte é que ele não tem boa pontaria.

Gregory bufou de um jeito engraçado.

No canto, Richard e Hermione estavam abraçados e pareciam não ter se ferido. Lorde Davenport berrava algo incompreensível e lorde Haselby – Deus do céu, seu *marido* – estava encostado de forma indolente no batente da porta, observando a cena.

Ele olhou nos olhos dela e sorriu discretamente.

– Eu sinto muito – disse ela.

– Não sinta.

Gregory ficou de joelhos ao lado de Lucy, um braço protetor sobre o ombro dela. Haselby observava a cena com evidente graça, e talvez também com um toque de prazer.

– Você ainda quer a anulação? – perguntou ele.

Lucy assentiu.

– Os papéis estarão prontos amanhã.

– Tem certeza? – disse ela, preocupada.

Ele era mesmo um homem adorável. Não queria que sua reputação sofresse com isso.

– Lucy!

Ela virou rapidamente para Gregory.

– Perdão. Não quis dizer... Eu só...

Haselby acenou com a mão.

– Por favor, não se preocupe. Foi a melhor coisa que poderia ter acontecido. Tiros, chantagem, traição... Ninguém nunca vai olhar para *mim* como a causa da anulação agora.

– Ah. Bem, isso é bom – disse Lucy, alegremente. Ela se levantou, porque, bem, parecia educado, tendo em vista como ele estava sendo generoso. – Mas você ainda deseja uma esposa? Porque eu poderia ajudá-lo a encontrar uma. Assim que minha situação estiver resolvida, quero dizer.

Gregory revirou os olhos.

– Santo *Deus*, Lucy.

Ela o viu se levantar.

– Sinto que devo consertar as coisas. Ele achou que tinha arrumado uma esposa. De certa forma, isso não é justo.

Gregory fechou os olhos por um longo instante.

– Sorte sua que eu a amo tanto – falou, com um ar cansado. – Caso contrário, eu teria de lhe colocar uma mordaça.

Lucy ficou de boca aberta.

– Gregory! – E então: – Hermione!

– Sinto muito! – exclamou Hermione, uma das mãos ainda sobre a boca para conter o riso. – Mas vocês combinam perfeitamente.

Haselby entrou no quarto e estendeu um lenço para Abernathy.

– É melhor colocar isto no ferimento, para estancar o sangue – murmurou. Então virou de novo para Lucy. – Não quero uma esposa, como você deve saber muito bem, mas imagino que deva encontrar alguma maneira de procriar, ou o título ficará para o meu detestável primo. O que seria uma pena. Sem dúvida a Câmara dos Lordes optaria por se dissolver, caso ele decidisse ocupar o seu lugar.

Lucy só olhou para ele e piscou.

Haselby sorriu.

– Então, sim, eu ficaria grato se você me ajudasse a encontrar uma pessoa adequada.

– É claro – murmurou ela.

– Você vai precisar da minha aprovação também – vociferou lorde Davenport, aproximando-se.

Gregory virou para ele com um ar muito evidente de aversão.

– E você pode calar a boca – disparou. – Agora.

Davenport recuou, num acesso de raiva.

– Você sabe com quem está falando, seu fedelho insolente?

Gregory estreitou os olhos.

– Com um homem em uma posição bastante precária.

– *O que disse?*

– Sua chantagem termina aqui e agora – ordenou Gregory.

Lorde Davenport acenou com a cabeça na direção do tio de Lucy.

– Ele era um traidor!

– E você decidiu não entregá-lo – retrucou Gregory –, o que imagino que o rei acharia igualmente condenável.

Lorde Davenport cambaleou para trás, surpreso.

– Você vai deixar o país – disse Gregory ao tio de Lucy. – Amanhã. Para nunca mais voltar.

– Vou pagar a passagem dele – falou Richard. – E nada mais.

– Você é mais generoso do que eu conseguiria ser – murmurou Gregory.

– Quero que ele vá embora – disse Richard, com a voz tensa. – Se puder apressar a sua partida, fico feliz em custear a despesa.

Gregory virou para lorde Davenport.

– Você nunca vai dizer uma palavra sobre isso. Entendeu? – Então olhou para Haselby. – E, você, obrigado.

Haselby acenou graciosamente com a cabeça.

– Não posso evitar. Sou um romântico – disse, e depois deu de ombros. – Isso de vez em quando dá confusão, mas não podemos mudar nossa natureza, podemos?

Gregory balançou a cabeça lentamente, enquanto um largo sorriso se abria em seu rosto.

– Você não tem ideia – murmurou, pegando a mão de Lucy.

Não podia suportar se separar dela naquele momento, nem que fossem apenas alguns centímetros. Os dedos deles se entrelaçaram e Gregory a encarou. Os olhos de Lucy brilhavam de amor, e ele sentiu uma vontade incontrolável e absurda de rir. Só porque podia. Só porque a amava.

Nesse momento, notou que os lábios dela também estavam se contraindo nos cantos, tentando conter o riso.

E então, bem ali, na frente daquele estranho grupo de testemunhas, ele a tomou nos braços e a beijou com todas as forças de sua alma irremediavelmente romântica.

Depois de algum tempo – bastante tempo –, lorde Haselby pigarreou.

Hermione fingiu olhar para longe, e Richard disse:

– Sobre aquele casamento...

Com grande relutância, Gregory se afastou. Olhou para a esquerda, depois para a direita, em seguida de volta para Lucy.

E a beijou de novo.

Porque realmente tinha sido um dia bem longo, e ele merecia um pouco de prazer.

E também porque só Deus sabia quanto tempo ainda levaria até que pudesse se casar com ela.

Mas, principalmente, ele a beijou porque...

Porque...

Gregory sorriu, tomando o rosto dela entre as mãos e encostando o nariz no dela.

– Eu te amo. Você sabe, não sabe?

Ela sorriu de volta.

– Eu sei.

Então ele enfim percebeu por que ia beijá-la novamente.

Só porque podia.

EPÍLOGO

No qual nosso herói e nossa heroína mostram a diligência de que sabíamos serem capazes.

Na primeira vez, Gregory tinha ficado uma pilha de nervos.

Na segunda, tinha sido ainda pior. A lembrança da primeira vez não o tinha ajudado muito a se acalmar. Muito pelo contrário, na verdade. Agora que sabia melhor o que acontecia (Lucy não havia poupado nenhum detalhe, o lado ruim de sua alma meticulosa), cada pequeno ruído estava sujeito a análise mórbida e especulação.

Era uma coisa maravilhosa os homens não poderem ter filhos. Gregory não tinha nenhuma vergonha em admitir que a raça humana teria se extinguido gerações antes.

Ou, pelo menos, *ele* não teria contribuído para a atual tropa de pequenos Bridgertons travessos.

Mas Lucy parecia não se importar com o parto, desde que mais tarde pudesse descrever a experiência a ele em impiedosos detalhes.

Sempre que desejasse.

Assim, na terceira vez, Gregory ficara um pouco mais à vontade. Ainda se sentara em frente à porta, e ainda ficara sem ar ao ouvir qualquer gemido particularmente desagradável, mas, apesar de tudo, não fora devastado pela ansiedade.

Na quarta vez, ele trouxera um livro.

Na quinta, apenas um jornal. (Parecia mesmo estar ficando mais rápido a cada criança. O que era conveniente.)

O sexto filho o pegara completamente de surpresa. Ele tinha saído para uma rápida visita com um amigo e, quando voltara, Lucy já estava sentada com o bebê nos braços e um sorriso alegre e nem um pouco cansado no rosto.

Mas ela fazia questão de sempre lembrá-lo de sua ausência, então Gregory tomara todo o cuidado para estar presente na chegada do sétimo bebê. E conseguira, desde que não lhe descontassem pontos por ter abandonado seu posto em frente à porta dela em busca de um lanche no meio da noite.

Depois desse sétimo, Gregory achou que já estava bom. Sete era um número perfeitamente razoável de filhos, e, como dissera a Lucy, ele mal se lembrava de como ela era quando não estava grávida.

– Lembra bem o suficiente para garantir que eu engravide de novo – respondera ela, atrevidamente.

Gregory não tinha argumentos contra isso, então lhe dera um beijo na testa e saíra para visitar Hyacinth, para explicar as muitas razões pelas quais sete era o número ideal de filhos. (Sua irmã não achou graça.)

Mas então, como era de imaginar, seis meses após o sétimo parto, Lucy timidamente lhe dissera que estava grávida outra vez.

– Agora chega – declarou Gregory. – Mal podemos arcar com as despesas dos filhos que já temos....

(Isso não era verdade – o dote de Lucy tinha sido generosíssimo, e Gregory descobrira que possuía grande talento para investimentos.)

Mas, de fato, oito *tinham* de ser o bastante.

Não que ele estivesse disposto a reduzir suas atividades noturnas com Lucy, mas havia coisas que um homem podia fazer – coisas que ele provavelmente já devia ter feito, para dizer a verdade.

Assim, como Gregory estava convencido de que aquele seria seu último filho, decidiu que poderia muito bem ver como as coisas aconteciam, e, apesar da reação horrorizada da parteira, permaneceu junto de Lucy durante o parto (ao lado do ombro dela, é claro.)

– Ela é uma especialista nisso – disse o médico, levantando o lençol para dar uma olhada. – Sinceramente, a esta altura já sou desnecessário.

Gregory olhou para Lucy. Ela tinha pegado seu bordado, e deu de ombros.

– Sim, é verdade que fica cada vez mais fácil.

E, de fato, quando chegou o momento, ela pousou a costura, deu um pequeno gemido e...

Uuush!

Gregory piscou ao olhar para o bebê aos berros, todo vermelho e enrugado.

– Bem, isso foi muito menos complexo do que eu esperava – comentou.

Lucy olhou para o marido com ar impaciente e irritado.

– Se você tivesse assistido na primeira vez, teria... Aaaaaaai!

Gregory olhou depressa de volta para ela.

– O que foi?

– Eu não sei – respondeu Lucy, os olhos cheios de pânico. – Mas isso não está certo.

– Calma, calma – disse a parteira –, você só está...

– Eu sei o que deveria sentir – retrucou Lucy. – E não é isso.

O médico entregou o bebê recém-nascido – uma menina, Gregory ficou feliz em saber – à parteira e voltou para o lado de Lucy. Colocou as mãos na barriga dela.

– Hum.

– Hum? – repetiu Lucy, sem muita paciência.

O médico levantou o lençol e olhou por baixo.

– Minha nossa! – deixou escapar Gregory, voltando para o lado do ombro de Lucy. – Eu não queria ver isso.

– O que está acontecendo? – perguntou ela. – O que você... Aaaaai!

Uuush!

– Santo Deus – exclamou a parteira. – São dois.

Não, pensou Gregory, sentindo-se decididamente enjoado. Eram nove.

Nove filhos.

Apenas um a menos do que dez.

Que tinha dois dígitos. Se eles tivessem mais um filho, Gregory estaria na casa dos dois dígitos da paternidade.

– Ah, Santo Deus – sussurrou ele.

– Gregory? – chamou Lucy.

– Preciso me sentar.

Ela abriu um sorriso fraco.

– Bem, pelo menos sua mãe ficará contente.

Ele assentiu, quase sem conseguir pensar. Nove filhos. O que se faz com nove filhos?

Você os ama, pensou.

Então olhou para a esposa. O cabelo dela estava desalinhado, o rosto, inchado, e as olheiras já tinham começado a se tornar cinza-arroxeadas.

Ele pensou como ela era linda.

O amor existe, pensou. E é bem grande. Sorriu. Nove vezes grande. Enorme, na verdade.

Os Bridgertons – 9

Julia Quinn

E Viveram Felizes para Sempre

Arqueiro

E Viveram Felizes para Sempre

Os Bridgertons — 9

Julia Quinn

E Viveram Felizes para Sempre

ARQUEIRO

Q64v

Quinn, Julia
E viveram felizes para sempre [recurso eletrônico]/ Julia Quinn; tradução de Viviane Diniz. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (Bridgertons; 9)

Tradução de: Happily ever after
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-638-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Diniz, Viviane. II. Título. III. Série.

16-36561 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para os meus leitores,
que nunca deixaram de perguntar:
“E depois, o que aconteceu?”

E também para Paul,
que nunca deixou de dizer:
“Mas que ótima ideia!”

Árvore genealógica da família Bridgerton

VIOLET LEDGER *c.* EDMUND BRIDGERTON
1766- 1764-1803

ANTHONY
1784-
O visconde que me amava
Livro 2

BENEDICT
1786-
Um perfeito cavalheiro
Livro 3

COLIN
1791-
Os segredos de Colin Bridgerton
Livro 4

DAPHNE
1792-
O duque e eu
Livro 1

ELOISE
1796-
Para Sir Phillip, com amor
Livro 5

FRANCESCA
1797-
O conde enfeitiçado
Livro 6

GREGORY
1801-
A caminho do altar
Livro 8

HYACINTH
1803-
Um beijo inesquecível
Livro 7

Caro leitor,

Você alguma vez já se perguntou o que aconteceu com seus personagens favoritos depois de virada a última página? Ficou querendo um pouco mais de seu romance preferido? Eu já e, pelas minhas conversas com os leitores, sei que não sou a única. Então, após inúmeros pedidos, revisitei os livros da série Os Bridgertons e dei a cada um deles um segundo epílogo – a história que vem *depois* da história.

Para aqueles que não leram os livros da série, devo avisar que alguns desses segundos epílogos podem não fazer muito sentido sem que se tenha lido antes o romance correspondente. Para aqueles que leram os romances originais, espero que gostem de conhecer estes contos tanto quanto gostei de escrevê-los.

Com carinho,
Julia Quinn

O DUQUE E EU

No meio de *O duque e eu*, Simon se recusa a aceitar um pacote de cartas escritas para ele por seu falecido pai, um homem que o tratava com indiferença. Daphne, prevendo que ele pudesse um dia mudar de ideia, pega as cartas e as esconde, mas, quando as oferece a Simon no final do livro, ele decide não abri-las. Inicialmente, eu não pretendia que ele fizesse isso – sempre imaginei que haveria algo muito importante nessas cartas. Mas, quando Daphne as entregou, ficou claro para mim que Simon não precisava ler as palavras do pai. Finalmente não importava mais o que o falecido duque pensava sobre ele.

Os leitores queriam saber o que havia nas cartas, mas devo confessar: eu, não. O que me interessava era o que seria necessário para fazer Simon *querer* lê-las...

O DUQUE E EU:

O segundo epílogo

Matemática nunca foi o forte de Daphne Basset, mas com certeza ela sabia contar até trinta e, como trinta era o número máximo de dias que normalmente transcorriam entre suas regras mensais, o fato de ela estar consultando o calendário em sua mesa e contando até 43 era motivo de alguma preocupação.

– Não é possível – disse ela ao calendário, meio esperando que ele respondesse.

Sentou-se devagar, tentando relembrar os acontecimentos das últimas seis semanas. Talvez tivesse contado errado. Tinha sangrado enquanto visitava a mãe, e isso havia sido nos dias 25 e 26 de março, o que significava que... Ela contou novamente, tocando com o indicador cada quadrinho do calendário.

Quarenta e três dias.

Ela estava grávida.

– Santo Deus.

Mais uma vez, o calendário tinha pouco a dizer sobre o assunto. Não. Não, não podia ser. Tinha 41 anos. Não que nenhuma mulher na história do mundo tivesse dado à luz aos 42 anos, mas já haviam se passado dezessete anos desde a sua última gravidez. Dezessete anos de prazerosas relações com o marido durante os quais eles não tinham feito nada – absolutamente nada – para impedir a concepção.

Daphne simplesmente acreditara que não era mais fértil. Tivera seus quatro filhos em rápida sucessão, um por ano durante os quatro primeiros anos do casamento. Então... nada.

Ficara surpresa ao perceber que o filho mais novo completara 1 ano e ela não estava grávida novamente. Então ele fizera 2 anos, depois 3, e sua barriga não mais crescera, e Daphne olhara para sua prole – Amelia, Belinda, Caroline e David – e concluíra que tinha sido abençoada além do que podia esperar. Quatro filhos saudáveis e fortes, entre os quais um garotinho robusto que um dia assumiria o lugar do pai como o duque de Hastings.

Além disso, Daphne não gostava particularmente de ficar grávida. Seus tornozelos inchavam e as bochechas ficavam cheias, e seu trato digestivo fazia coisas pelas quais ela não desejava passar mais uma vez. Pensou na cunhada Lucy, que ficava radiante durante a gestação – o que era ótimo, já que Lucy no momento estava no décimo quarto mês de gestação do quinto filho.

Ou nono mês, como era o caso. Mas Daphne a vira apenas alguns dias antes, e ela *parecia* estar grávida de catorze meses.

Enorme. Espantosamente enorme. Mas ainda assim radiante, e com os tornozelos incrivelmente graciosos.

– Eu não posso estar grávida – disse Daphne, colocando a mão na barriga plana.

Talvez estivesse passando pela mudança. Quarenta e um anos parecia um pouco cedo, mas essa era uma das coisas sobre as quais as pessoas nunca falavam. Talvez muitas mulheres deixassem de menstruar aos 41.

Ela devia estar feliz. Grata. Sangrar todo mês era mesmo um incômodo.

Ouviu passos vindo em sua direção no corredor e rapidamente deslizou um livro por sobre o calendário, embora não fizesse ideia do que pensava estar escondendo. Era apenas um calendário. Não havia um grande X vermelho, seguido da anotação “Sangrei hoje”.

Seu marido entrou na sala.

– Ah, que bom, finalmente a encontrei. Amelia está procurando você.

– Está me procurando?

– Se existe um Deus misericordioso, ela não está procurando por *mim* – rebateu Simon.

– Ah, céus – murmurou Daphne.

Normalmente teria uma resposta mais inteligente, mas sua mente ainda estava envolta no conflito “talvez grávida, talvez velha”.

– Algo sobre um vestido.

– O rosa ou o verde?

Simon a encarou.

– Sério?

– Não, é claro que você não saberia – respondeu ela distraidamente.

Ele pressionou os dedos nas têmporas e afundou em uma cadeira próxima.

– Quando ela vai se casar?

– Depois que ficar noiva.

– E quando vai ser isso?

Daphne sorriu.

– Ela teve cinco propostas no ano passado. Foi você quem insistiu para que ela esperasse para se casar por amor.

– Não ouvi você discordar.

– Eu não discordo.

Ele suspirou.

– Como foi que conseguimos ter três meninas na sociedade ao mesmo tempo?

– Diligência procriadora no início do nosso casamento – respondeu Daphne com atrevimento, então se lembrou do calendário em sua mesa.

Aquele com o X vermelho que ninguém podia ver, a não ser ela.

– Diligência, hein? – Ele olhou para a porta aberta. – Uma escolha interessante de palavras.

Ela viu a expressão no rosto dele e sentiu que estava corando.

– Simon, estamos no meio do dia!

Os lábios dele se abriram lentamente em um sorriso.

– Não me lembro de isso nos deter quando estávamos no auge da nossa diligência.

– Se as meninas subirem...

Ele ficou de pé num pulo.

– Vou trancar a porta.

– Ah, pelo amor de Deus, elas vão *saber*.

Ele trancou a porta com um clique decisivo e se virou para ela com uma das sobrancelhas arqueada.

– E de quem é a culpa?

Daphne recuou. Só um pouquinho.

– De jeito nenhum vou deixar que minhas filhas se casem tão irremediavelmente ignorantes como eu era.

– Encantadoramente ignorante – murmurou ele, cruzando o quarto para pegar a mão dela.

Ela deixou que ele a puxasse para ficar de pé.

– Você não achou tão encantador quando imaginei que você fosse impotente.

Ele fez uma careta.

– Muitas coisas na vida são mais encantadoras depois que passa algum tempo.

– Simon...

Ele roçou o nariz na orelha dela.

– Daphne...

A boca dele se moveu ao longo da linha do pescoço dela, e Daphne se sentiu derreter. Vinte e um anos de casamento e ainda...

– Pelo menos feche as cortinas – murmurou ela.

Não que alguém pudesse ver lá dentro com o sol brilhando tão forte, mas ela se sentiria mais confortável. Afinal, estavam no meio da Mayfair, com todo o seu círculo de amizades muito provavelmente passeando bem diante da janela.

Ele foi depressa até a janela, mas fechou apenas o fino forro.

– Gosto de ver você – disse ele com um sorriso travesso.

E então, com notável rapidez e agilidade, Simon cuidou de tudo a fim de vê-la *completamente*, e logo ela estava na cama, gemendo baixinho enquanto ele beijava a parte de dentro de seu joelho.

– Ah, Simon – suspirou Daphne.

Ela sabia exatamente o que ele ia fazer em seguida. Ia começar a subir, beijando e lambendo ao longo de sua coxa. E fazia isso *tão* bem.

– No que você está pensando? – murmurou ele.

– Agora? – perguntou ela, piscando para tentar despertar de seu estado de embriaguez.

Ele estava com a língua na sua virilha e achava que ela conseguia *pensar*?

– Você sabe no que estou pensando? – perguntou ele.

– Se não for em mim, vou ficar terrivelmente decepcionada.

Ele riu, moveu a cabeça para poder beijar de leve seu umbigo, então deslizou para cima até roçar os lábios suavemente nos dela.

– Eu estava pensando em como é maravilhoso conhecer tão completamente outra pessoa.

Ela o abraçou. Não pôde evitar. Enterrou o rosto na curva quente do pescoço dele, sentiu seu cheiro familiar e disse:

– Eu amo você.

– Eu adoro você.

Ah, então ele ia fazer daquilo uma competição? Ela se afastou, apenas o suficiente para dizer:

– Eu gosto de você.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

– Você *gosta* de mim?

– Foi o melhor que consegui fazer assim tão rápido. – Ela encolheu de leve os ombros. – E, além disso, gosto mesmo.

– Muito bem. – Os olhos dele escureceram. – Eu *venero* você.

Os lábios de Daphne se entreabriram. O coração dela bateu forte, depois pareceu dar um salto, e qualquer habilidade que pudesse ter para encontrar um sinônimo desapareceu de repente.

– Acho que você ganhou – disse ela, a voz tão rouca que mal conseguiu reconhecê-la.

Ele a beijou mais uma vez, de um jeito demorado, quente e extremamente doce.

– Ah, eu sei que sim.

A cabeça dela tombou para trás quando ele fez o caminho de volta para sua barriga.

– Você ainda tem que me venerar – disse ela.

Ele se moveu mais para baixo.

– Nisso, Vossa Graça, sou seu eterno servo.

E essa foi a última coisa que eles disseram por um bom tempo.

Alguns dias depois, Daphne se viu olhando para o calendário outra vez. Fazia 46 dias agora desde sua última regra, e ela ainda não tinha dito nada a Simon. Sabia que devia, mas parecia um pouco prematuro. Podia haver outra explicação para o

atraso – ela só tinha de lembrar da última visita à mãe. Violet Bridgerton se abanava constantemente, insistindo que o ar estava sufocante, embora Daphne achasse que a temperatura estava perfeitamente agradável.

Na única vez em que Daphne pedira a alguém que acendesse uma das lareiras, Violet a contradissera com tal ferocidade que Daphne meio que esperara que ela partisse para proteger a lareira com um atiçador.

– Não acenda sequer um fósforo – rosnara Violet.

Ao que Daphne sabiamente respondera:

– Acho que vou buscar um xale. – Olhou para a criada da mãe, tremendo ao lado da lareira. – Hã, e talvez você devesse fazer o mesmo.

Mas ela não estava sentindo calor *agora*. Ela sentia...

Não sabia como se sentia. Perfeitamente normal, na verdade. O que era suspeito, já que nunca se sentira nem um pouco normal nas outras vezes em que estivera grávida.

– Mamãe!

Daphne virou depressa o calendário e ergueu os olhos da escrivaninha bem a tempo de ver sua segunda filha, Belinda, parada à entrada do cômodo.

– Entre – disse Daphne, feliz com a distração. – Por favor.

Belinda se sentou em uma cadeira confortável próxima, seus olhos azul-claros encontrando os da mãe com sua franqueza habitual.

– A senhora precisa fazer algo com relação a Caroline.

– *Eu* preciso? – perguntou Daphne, sua voz se demorando ligeiramente no “eu”.

Belinda ignorou o sarcasmo.

– Se ela não parar de falar sobre Frederick Snowe-Mann-Formsby, vou enlouquecer.

– Não pode simplesmente ignorá-la?

– O *nome* dele é Frederick Snowe... Mann... *Formsby*!

Daphne piscou.

– Snowe Mann, mamãe! Boneco de neve!

– Realmente é uma falta de sorte – concedeu Daphne. – Mas, Lady Belinda Basset, não se esqueça de que você poderia ser comparada a um cão de caça de olhos caídos.

O olhar aborrecido de Belinda deixou claro que alguém de fato já a comparara a um basset hound.

– Ah – disse Daphne, um pouco surpresa pelo fato de a filha nunca ter lhe contado isso. – Eu sinto muito.

– Foi há muito tempo – disse Belinda, torcendo o nariz. – E eu lhe asseguro de que não foi dito mais de uma vez.

Daphne cerrou os lábios, tentando não rir. Definitivamente não era nada adequado encorajar brigas, mas como ela mesma tivera uma vida atribulada até chegar à idade adulta, dividindo a casa com sete irmãos, quatro deles meninos, não conseguiu deixar de dizer baixinho:

– Muito bem.

Belinda assentiu de forma régia, e em seguida disse:

– Vai conversar com Caroline?

– O que quer que eu diga?

– Não sei. Aquelas coisas que costuma falar. Sempre parecem funcionar.

Havia um elogio ali em algum lugar, Daphne tinha certeza, mas, antes que pudesse dissecar a frase, sentiu seu estômago revirar de um jeito horrível, em seguida se contrair de forma estranha e então...

– Com licença! – gritou ela, e correu para o banheiro bem a tempo de alcançar o urinol.

Ah, meu Deus. Aquilo não era a mudança. Ela estava grávida.

– Mamãe?

Daphne balançou a mão pra Belinda, tentando fazê-la ir embora.

– Mamãe? A senhora está bem?

Daphne vomitou de novo.

– Vou chamar o papai – anunciou Belinda.

– Não! – Daphne praticamente uivou.

– Foi o peixe? Porque achei que o peixe estava com um gosto um pouco duvidoso.

Daphne assentiu, esperando que aquilo encerrasse a conversa.

– Ah, espere um momento, a senhora não comeu peixe. Eu me lembro muito claramente.

Céus, a terrível Belinda e sua maldita atenção aos detalhes!

Não era o mais maternal dos sentimentos, Daphne pensou enquanto mais uma vez seu estômago se revirava, mas não estava se sentindo particularmente tolerante naquele momento.

– A senhora comeu pombo. Eu comi peixe, e David também, mas você e Caroline só comeram pombo, e acho que papai e Amelia comeram os dois, e todos nós tomamos a sopa, embora...

– Pare! – implorou Daphne.

Ela não queria falar sobre comida. Só de ouvir...

– Acho melhor eu chamar o papai – disse Belinda novamente.

– Não, estou bem – disse Daphne, sem ar, ainda agitando a mão atrás de si em um movimento para que Belinda ficasse quieta.

Não queria que Simon a visse daquele jeito. Ele saberia na mesma hora o que estava acontecendo.

Ou talvez, mais precisamente, o que ia acontecer. Em sete meses e meio, mais ou menos.

– Tudo bem – cedeu Belinda –, mas pelo menos me deixe buscar sua criada. A senhora deveria se deitar.

Daphne vomitou novamente.

– Depois que você terminar – corrigiu Belinda. – Deveria se deitar quando terminar com... hã... *isso*.

– Minha criada – Daphne finalmente concordou.

Maria deduziria a verdade na mesma hora, mas não diria uma palavra a ninguém, empregados ou familiares. E talvez o mais importante naquele momento: saberia exatamente o que levar para ela tomar. Teria um gosto horrível e um cheiro ainda pior, mas acalmaria seu estômago.

Belinda saiu correndo, e Daphne – quando estava convencida de que não poderia haver mais nada em seu estômago – cambaleou até a cama. Procurou ficar absolutamente imóvel; o menor movimento a fazia se sentir como se estivesse no mar.

– Estou velha demais para isso – gemeu Daphne, porque estava.

Com certeza estava.

Se tudo seguisse como o esperado – e por que essa gravidez seria diferente das quatro anteriores? –, ela continuaria tendo enjoos por pelo menos mais dois meses. A falta de comida a manteria esbelta, mas isso duraria apenas até meados

do verão, quando ela dobraria de tamanho praticamente da noite para o dia. Seus dedos iam inchar até o ponto em que não poderia mais usar seus anéis, não conseguiria calçar nenhum de seus sapatos, e até mesmo um único lance de escadas a deixaria ofegante.

Ela ia virar um elefante. Um elefante de duas pernas e cabelos castanhos.

– Vossa Graça!

Daphne não conseguia levantar a cabeça, então ergueu a mão, cumprimentando Maria, que estava de pé ao lado da cama, olhando para ela com uma expressão de horror...

... que rapidamente se transformou em desconfiança.

– Vossa Graça – repetiu Maria, dessa vez com uma inflexão inconfundível.

Ela sorriu.

– Eu sei – disse Daphne. – Eu sei.

– O duque sabe?

– Ainda não.

– Bem, não vai conseguir esconder por muito tempo.

– Ele parte esta tarde para passar alguns dias em Clyvedon – disse Daphne. – Vou contar a ele quando voltar.

– Acho melhor a senhora contar a ele agora – retrucou Maria.

Vinte anos no emprego davam a uma criada alguma liberdade para falar de forma franca.

Daphne ergueu cuidadosamente o corpo, ficando em uma posição reclinada, parando uma vez para acalmar uma onda de náusea.

– Pode não vingar – argumentou ela. – Na minha idade, muitas vezes isso acontece.

– Ah, acho que já vingou – disse Maria. – Já se olhou no espelho?

Daphne balançou a cabeça.

– A senhora está verde.

– Pode não...

– A senhora não vai vomitar o bebê.

– Maria!

Maria cruzou os braços e encarou Daphne com um olhar penetrante.

– A senhora sabe a verdade, Vossa Graça. Só não quer admitir.

Daphne abriu a boca para falar, mas não tinha nada a dizer. Sabia que Maria estava certa.

– Se o bebê não tivesse vingado – disse a criada, de maneira um pouco mais gentil –, a senhora não estaria se sentindo tão mal. Minha mãe teve oito bebês depois de mim e perdeu quatro no início. Ela nunca passou mal assim, nem mesmo uma única vez, com aqueles que não vingaram.

Daphne suspirou e assentiu, reconhecendo que a criada tinha razão.

– Mas ainda assim vou esperar – insistiu ela. – Só um pouco mais.

Não sabia exatamente por que queria guardar aquilo para si por mais alguns dias, mas queria. E como era seu corpo que parecia querer se virar do avesso no momento, achava que a decisão de fato cabia a ela.

– Ah, quase esqueci – disse Maria. – Seu irmão mandou um recado. Ele virá à cidade na semana que vem.

– Colin? – perguntou Daphne.

Maria assentiu.

– Com a família.

– Eles devem ficar conosco – disse Daphne. Colin e Penelope não tinham casa na cidade e, para economizar, costumavam ficar ou com Daphne ou com seu irmão mais velho, Anthony, que herdara o título e tudo o que vinha com ele. – Por favor, peça a Belinda que escreva uma carta em meu nome, insistindo que fiquem na Casa Hastings.

Maria fez que sim com a cabeça e partiu.

Daphne gemeu e foi dormir.

Quando Colin e Penelope chegaram, com seus quatro filhos queridos a tiracolo, Daphne estava vomitando várias vezes ao dia. Simon ainda não sabia sobre sua condição; acabara se detendo por mais tempo no campo – algo relativo a uma área inundada – e agora só deveria estar de volta no fim da semana.

Mas Daphne não ia deixar um estômago nauseado impedi-la de cumprimentar seu irmão preferido.

– Colin! – exclamou, o sorriso eufórico ao ver os familiares olhos verdes e brilhantes. – Já fazia tempo de mais que não nos víamos.

– Concordo plenamente – disse ele, dando-lhe um rápido abraço enquanto Penelope tentava fazer seus filhos entrarem em casa.

– Não, você não pode perseguir aquele pombo! – falou ela com firmeza. – Sinto muito, Daphne, mas...

Ela correu de volta até os degraus da frente, agarrando o filho Thomas, de 7 anos, pelo colarinho.

– Agradeça por seus pestinhas já estarem crescidos – disse Colin com uma risada, enquanto dava um passo atrás. – Não conseguimos... Santo Deus, Daff, o que há de errado com você?

Nada como um irmão para dispensar o tato.

– Você está com um aspecto lamentável – continuou ele, como se já não tivesse deixado isso claro com sua primeira declaração.

– Só estou um pouco indisposta – murmurou ela. – Acho que foi o peixe.

– Tio Colin!

Colin felizmente voltou sua atenção para Belinda e Caroline, que desciam correndo as escadas com uma decidida falta de graça feminina.

– Venha cá, você! – disse ele com um sorriso, puxando uma delas para um abraço. – E você! – Ele olhou para cima. – Onde está a outra?

– Amelia saiu para fazer compras – respondeu Belinda, antes de voltar sua atenção para os primos pequenos.

Agatha tinha acabado de completar 9 anos, Thomas estava com 7 e Jane, com 6. O pequeno Georgie faria 3 no mês seguinte.

– Você está ficando tão grande! – disse Belinda para Jane, sorrindo para ela.

– Eu cresci 5 centímetros no último mês! – anunciou ela.

– No último ano – corrigiu Penelope gentilmente. Ela não conseguia alcançar Daphne para lhe dar um abraço, então se inclinou e apertou a mão dela. – Sei que suas meninas já estavam bem grandes na última vez em que as vi, mas juro que sempre me surpreendo.

– Eu também – admitiu Daphne.

Ainda acordava algumas manhãs esperando ver as filhas vestindo aqueles aventais de criança. O fato de já serem damas, totalmente crescidas...

Era desconcertante.

– Bem, você sabe o que dizem sobre a maternidade – comentou Penelope.

– O quê? – murmurou Daphne.

Penelope fez uma pausa apenas por tempo suficiente para abrir um sorriso irônico.

– Os anos voam, mas os dias são intermináveis.

– Isso é impossível – afirmou Thomas.

Agatha deixou escapar um suspiro aborrecido.

– Ele é tão literal...

Daphne estendeu a mão para afagar o cabelo castanho-claro de Agatha.

– Você só tem 9 anos mesmo?

Ela sempre gostara muito de Agatha. Havia algo naquela menininha tão séria e determinada que sempre tocara seu coração.

Agatha, sendo Agatha, imediatamente reconheceu se tratar de uma pergunta retórica e ficou nas pontas dos pés para beijar a tia.

Daphne retribuiu o gesto com um beijinho na bochecha, em seguida se voltou para a babá da jovem família, parada junto à porta, segurando o pequeno Georgie.

– E como está você, meu lindinho? – murmurou ela, estendendo os braços para pegar o menino no colo. Ele era louro e rechonchudo, com bochechas rosadas e um cheiro divino de bebê, apesar de não ser mais exatamente um bebê. – Você parece delicioso – disse ela, fingindo dar uma mordidinha no pescoço dele. Então testou seu peso, balançando-o um pouco de um lado para outro de um jeito instintivamente maternal. – Você não precisa mais ser embalado, não é mesmo? – murmurou, beijando-o novamente.

A pele dele era muito macia e a fez relembrar seus dias como uma jovem mãe. Ela tivera enfermeiras e babás, é claro, mas não podia contar o número de vezes que entrara no quarto das crianças para dar-lhes um beijo na bochecha e vê-los dormir.

Fazer o quê? Ela era sentimental. Isso não era novidade.

– Quantos anos você tem agora, Georgie? – perguntou ela, pensando que talvez *pudesse* fazer isso de novo.

Não que tivesse muita escolha, mas ainda assim se sentiu mais tranquila, ali de pé com aquele menino nos braços.

Agatha puxou sua manga e sussurrou:

– Ele não fala.

Daphne piscou.

– Como assim?

Agatha olhou para os pais, como se não tivesse certeza se devia ter dito alguma coisa. Eles estavam ocupados conversando com Belinda e Caroline e não notaram.

– Ele não fala – disse ela novamente. – Nem uma palavra.

Daphne se afastou um pouco para olhar o rosto de Georgie de novo. Ele sorriu para ela, os olhos franzindo nos cantos exatamente como os de Colin.

Daphne olhou de volta para Agatha.

– Ele entende o que as pessoas dizem?

Agatha assentiu.

– Cada palavra. Tenho certeza. – Então baixou a voz para um sussurro. – Acho que minha mãe e meu pai estão preocupados.

Uma criança perto do terceiro aniversário sem dizer uma palavra? Daphne tinha *certeza* de que eles estavam preocupados. De repente, a razão para a viagem inesperada de Colin e Penelope à cidade ficou clara. Eles estavam em busca de orientação. Simon passara pelo mesmo problema quando criança. Não dissera uma palavra até os 4 anos. E então sofrera de uma gagueira debilitante por anos. Mesmo agora, quando estava chateado com alguma coisa, a gagueira voltava a se insinuar, e ela podia notá-la em sua voz. Uma pausa estranha, um som repetido, uma parada hesitante. Ele ainda ficava constrangido com isso, embora não tanto quanto na época em que eles se conheceram.

Mas podia ver isso nos olhos dele. Um vislumbre de sofrimento. Ou talvez raiva. De si mesmo, de sua fraqueza. Daphne supunha que havia algumas coisas que as pessoas nunca superavam, não completamente.

Relutante, entregou Georgie de volta para a babá e apressou Agatha em direção às escadas.

– Venha, querida – disse ela. – O quarto das crianças está pronto. Tiramos todos os brinquedos antigos das meninas dos armários.

Ela observou com orgulho Belinda pegar Agatha pela mão.

– Você pode brincar com minha boneca preferida – disse Belinda, com ar de grande importância.

Agatha olhou para a prima com uma expressão que só poderia ser descrita como reverência e então subiu a escada atrás dela.

Daphne esperou todas as crianças saírem e então virou-se para o irmão e a mulher.

– Chá? – perguntou. – Ou querem trocar de roupa primeiro?

– Chá – disse Penelope, com o suspiro de uma mãe exausta. – Por favor.

Colin assentiu, e juntos foram para a sala de visitas. Quando se sentaram, Daphne concluiu que não havia razão para não ser direta. Afinal, aquele era o seu irmão, e ele sabia que podia falar sobre qualquer coisa com ela.

– Vocês estão preocupados com o Georgie – começou.

Era uma afirmação, não uma pergunta.

– Ele ainda não falou uma palavra – confirmou Penelope em voz baixa.

Sua voz parecia tranquila, mas ela engoliu em seco de maneira desconfortável.

– Ele nos entende – disse Colin. – Tenho certeza disso. Outro dia mesmo, pedi a ele que recolhesse seus brinquedos e ele obedeceu. Na mesma hora.

– Simon também era assim – falou Daphne. Ela olhou de Colin para Penelope e depois de volta. – Foi por isso que vieram? Para falar com Simon?

– Esperávamos que ele pudesse nos dar alguma luz – disse Penelope.

Daphne assentiu lentamente.

– Tenho certeza de que poderá. Ele ficou preso no campo, mas deve voltar antes do fim da semana.

– Não há pressa – disse Colin.

Pelo canto do olho, Daphne viu os ombros de Penelope afundarem. Era um pequeno movimento, mas que qualquer mãe reconheceria. Penelope sabia que não havia pressa. Eles já tinham esperado quase três anos para que Georgie falasse; mais alguns dias não fariam diferença. Mas ainda assim queria muito fazer *alguma* coisa. Tomar alguma atitude, ajudar o filho a se recuperar.

Ir até lá, vindo de tão longe, e descobrir que Simon não estava... Devia ser desanimador.

– Acho que o fato de ele entender vocês é um ótimo sinal – disse Daphne. – Eu ficaria muito mais preocupada se ele não entendesse.

– Fora isso, ele é completamente normal – disse Penelope fervorosamente. – Ele corre, pula, come. Acho até mesmo que lê.

Colin se virou para ela, surpreso.

– Ele lê?

– Acho que sim – disse Penelope. – Eu o vi com a cartilha do William na semana passada.

– Ele provavelmente estava apenas vendo as ilustrações – disse Colin, com delicadeza.

– Foi o que pensei, mas depois observei seus olhos! Eles se moviam de um lado para outro, seguindo as palavras.

Os dois se viraram para Daphne, como se ela pudesse ter todas as respostas.

– Imagino que ele pudesse estar lendo – disse Daphne, sentindo-se bastante despreparada.

Ela queria ter todas as respostas. Queria poder lhes dizer algo além de *imagino* ou *talvez*.

– É muito novinho, mas não há razão para que não possa estar lendo.

– Ele é muito inteligente – disse Penelope.

Colin lhe lançou um olhar sobretudo indulgente.

– Querida...

– Ele é! E William aprendeu a ler quando tinha 4 anos. Agatha também.

– Na verdade – admitiu Colin, pensativo –, Agatha começou a ler aos 3. Nada muito complexo, mas sei que ela lia palavras curtas. Lembro-me muito bem.

– Georgie está lendo – disse Penelope com firmeza. – Tenho certeza disso.

– Bem, então isso significa que temos ainda menos com que nos preocupar – disse Daphne com um entusiasmo determinado. – Qualquer criança que já leia antes do terceiro aniversário não terá problemas para falar quando estiver pronta.

Ela não tinha ideia se esse era realmente o caso. Mas achava que devia ser. E *parecia* razoável. E se Georgie acabasse por ter uma gagueira, assim como Simon, sua família ainda iria amá-lo e dar-lhe todo o apoio para se tornar a pessoa maravilhosa que ela sabia que ele ia ser.

Ele teria tudo o que Simon não tivera quando criança.

– Vai dar tudo certo – disse Daphne, inclinando-se para pegar a mão de Penelope. – Você vai ver.

Penelope comprimiu os lábios e Daphne notou que ela estava com um nó na garganta. Ela se virou, a fim de dar à cunhada um momento para se recompor. Colin estava comendo seu terceiro biscoito e estendendo a mão para pegar uma xícara de chá, então Daphne decidiu direcionar sua próxima pergunta a ele.

– Está tudo bem com as outras crianças? – perguntou.

Ele engoliu o chá.

– Tudo bem. E com as suas?

– David andou aprontando algumas travessuras na escola, mas parece estar tomando juízo.

Ele pegou outro biscoito.

– E as meninas não estão lhe dando dor de cabeça?

Daphne piscou, surpresa.

– Não, é claro que não. Por que pergunta?

– Você está com um aspecto horrível – disse ele.

– Colin! – interveio Penelope.

Ele deu de ombros.

– Ela está. Falei sobre isso quando chegamos.

– Não importa – censurou sua mulher –, você não deveria...

– Se eu não posso dizer isso a ela, quem pode? – indagou ele com franqueza. – Ou, mais precisamente, quem *vai*?

Penelope baixou a voz para um sussurro aflito.

– Não é o tipo de coisa sobre a qual se fale.

Ele olhou para ela por um instante. Então olhou para Daphne. Em seguida, voltou a olhar para a mulher.

– Não tenho ideia do que você está falando – retrucou.

Os lábios de Penelope se entreabriram e suas bochechas ficaram um pouco rosadas. Ela olhou para Daphne como se dissesse: *E agora?*

Daphne apenas suspirou. Sua condição era assim *tão* óbvia?

Penelope olhou para Colin com impaciência.

– Ela está... – Então virou-se de volta para Daphne. – Você está, não está?

Daphne acenou ligeiramente a cabeça, confirmando.

Penelope olhou para o marido com um leve ar de presunção.

– Ela está grávida.

Colin congelou por cerca de meio segundo antes de continuar com seu jeito imperturbável de costume.

– Não, não está.

– Está – replicou Penelope.

Daphne resolveu não dizer nada. Estava se sentindo enjoada.

– O filho mais novo dela tem 17 anos – ressaltou Colin. Então olhou para Daphne. – Não é?

– Dezesseis – murmurou Daphne.

– Dezesseis – repetiu ele, dirigindo-se Penelope. – Ainda assim.

– Ainda assim?

– Ainda assim.

Daphne bocejou. Não podia evitar. Andava se sentindo *exausta*.

– Colin – disse Penelope, com aquele tom paciente, ainda que um pouco condescendente, que Daphne *adorava* ouvi-la usar com seu irmão –, a idade do David não tem nada a ver com...

– Eu sei – interrompeu ele, encarando-a com um olhar ligeiramente irritado. – Mas você não acha que, se ela estivesse... – Ele fez um gesto com a mão na direção de Daphne, fazendo com que ela se perguntasse se ele não conseguia pronunciar a palavra *grávida* para se referir à irmã. Limpou a garganta. – Bem, não haveria um intervalo de dezesseis anos.

Daphne fechou os olhos por um momento, em seguida apoiou a cabeça no encosto do sofá. Ela realmente *devia* se sentir envergonhada. Aquele era seu irmão. E mesmo que estivesse usando termos bastante vagos, falava sobre os aspectos mais íntimos de seu casamento.

Ela deixou escapar um som baixo de quem estava cansada, algo entre um suspiro e um gemido. Estava com muito sono para ficar constrangida. E talvez muito velha também. As mulheres deviam poder dispensar os arroubos de recato quando passavam dos 40 anos.

Além disso, Colin e Penelope estavam discordando, e isso era bom. Fazia com que não pensassem em Georgie.

Na verdade, Daphne achava aquilo bastante divertido. Era ótimo ver um de seus irmãos em um impasse com a esposa.

Ter 41 anos definitivamente não a tornava velha demais para ter um pouquinho de prazer com o desconforto dos irmãos. Embora – ela bocejou de novo – fosse mais divertido se ela estivesse um pouco mais alerta para apreciar a cena. Ainda assim...

– Ela dormiu?

Colin olhou para a irmã, incrédulo.

– Acho que sim – respondeu Penelope.

Ele se curvou na direção dela, esticando o pescoço para ver melhor.

– Há tantas coisas que eu poderia fazer com ela agora – ponderou ele. – Sapos, gafanhotos, rios que viram sangue.

– Colin!

– É tão tentador.

– É também uma prova – disse Penelope com um discreto sorriso.

– Prova?

– De que ela está grávida! Como eu disse. – Como ele não concordou rápido o suficiente, ela acrescentou: – Você alguma vez já a viu pegar no sono no meio de uma conversa?

– Não desde... – Ele se interrompeu.

O sorriso de Penelope ficou significativamente menos sutil.

– Exatamente.

– Odeio quando você está certa – resmungou ele.

– Eu sei. Pena para você que isso aconteça com tanta frequência.

Ele olhou de volta para Daphne, que começava a roncar.

– Imagino que tenhamos que lhe fazer companhia – disse ele, com alguma relutância.

– Vou chamar a criada dela – disse Penelope.

– Você acha que Simon sabe?

Penelope olhou por cima do ombro quando chegou ao cordão da campainha.

– Não faço ideia.

Colin se limitou a balançar a cabeça.

– O pobre homem deve estar prestes a ter a maior surpresa da vida dele.

Quando finalmente retornou a Londres, com uma semana de atraso, Simon estava exausto. Ele sempre fora um proprietário de terras mais comprometido do que a maioria de seus pares – mesmo que já estivesse se aproximando dos 50 anos. Assim, quando vários de seus campos foram inundados, incluindo um que

provia a única renda de uma família de inquilinos, ele arregaçou as mangas e começou a trabalhar ao lado de seus homens.

Figurativamente, é claro. As mangas com certeza tinham ficado no lugar. Fazia um frio terrível em Sussex. Pior quando se estava molhado. O que, naturalmente, todos estavam, já que houvera uma inundação.

Então ele estava cansado, ainda sentia frio – não tinha certeza se seus dedos algum dia recuperariam a temperatura anterior – e estava com saudade da família. Teria pedido que se juntassem a ele no campo, mas as garotas estavam se preparando para a temporada, e Daphne parecera um pouco abatida quando ele viajara.

Esperava que não fosse ficar resfriada. Quando ela ficava doente, a casa inteira sofria com isso.

Ela se achava estoica. Uma vez ele tentara argumentar que uma pessoa realmente estoica não ficava pela casa dizendo repetidamente “Não, não, estou bem” enquanto se afundava em uma cadeira.

Na verdade, ele tentara salientar isso duas vezes. Na primeira vez em que dissera algo assim, ela não respondera. Na época, ele achara que ela não tinha escutado. Parando para pensar, no entanto, era muito mais provável que tivesse *decidido* não escutá-lo, porque, na segunda vez em que ele dissera algo sobre a verdadeira natureza de uma pessoa estoica, a reação dela tinha sido...

Bem, digamos apenas que, quando se tratava de sua mulher e um resfriado comum, os lábios dele nunca mais pronunciariam outras palavras que não “Pobrezinha” e “Quer que eu lhe traga um pouco de chá?”.

Depois de duas décadas de casamento, um homem aprendia algumas coisas.

Quando ele chegou ao salão da frente, o mordomo estava à sua espera, o rosto da maneira habitual, isto é, completamente inexpressivo.

– Obrigado, Jeffries – murmurou Simon, entregando-lhe o chapéu.

– Seu cunhado está aqui – disse Jeffries.

Simon fez uma pausa.

– Qual deles? – Ele tinha sete.

– O Sr. Colin Bridgerton, Vossa Graça. Com a família.

Simon inclinou a cabeça.

– É mesmo? – Ele não ouvia caos nem tumulto.

– Eles saíram, Vossa Graça.

– E a duquesa?

– Está descansando.

Simon não conseguiu conter um gemido.

– Ela não está doente, está?

Jeffries, de uma maneira nada característica, corou.

– Eu não saberia dizer, Vossa Graça.

Simon encarou Jeffries com um olhar curioso.

– Ela está doente ou não está?

Jeffries engoliu em seco, pigarreou, e então disse:

– Acredito que ela esteja cansada, Vossa Graça.

– Cansada – repetiu Simon, mais para si mesmo, uma vez que ficara claro que Jeffries morreria de um constrangimento inexplicável se ele insistisse naquela conversa.

Balançando a cabeça, subiu as escadas, acrescentando:

– É claro que ela está cansada. Colin tem quatro filhos com menos de 10 anos, e ela provavelmente pensa que tem de bancar a mãe de todos eles enquanto estão aqui.

Talvez ele pudesse se deitar com ela. Estava exausto também e sempre dormia melhor quando ela estava perto.

A porta do quarto deles estava fechada, e ele quase bateu – era um hábito fazer isso diante de uma porta fechada, mesmo que levasse ao seu próprio quarto –, mas, no último momento, pegou a maçaneta e abriu a porta devagar. Ela podia estar dormindo. Se estava realmente cansada, devia deixá-la descansar.

Então entrou no quarto sem fazer barulho. As cortinas estavam parcialmente cerradas, e ele podia ver Daphne deitada na cama, completamente imóvel. Aproximou-se na ponta dos pés. Ela parecia *mesmo* pálida, embora fosse difícil dizer em meio à penumbra.

Ele bocejou e se sentou no lado oposto da cama, inclinando-se para tirar as botas. Afrouxou a gravata e em seguida a tirou, deitando-se perto dela. Não ia acordá-la, apenas se aconchegar para se aquecer um pouco.

Sentira sua falta.

Acomodando-se com um suspiro de satisfação, ele passou o braço em volta dela, descansando o peso logo abaixo das suas costelas e...

– Grughargh!

Daphne se levantou de repente e praticamente deu um salto da cama.

– Daphne?

Simon também se sentou, bem a tempo de vê-la correr para o urinol.

O urinol????

– Ah, querida – disse ele, fazendo uma careta enquanto ela vomitava. – Você comeu peixe?

– Não diga essa palavra – retrucou ela, arfando.

Devia ter sido o peixe. Eles realmente precisavam arrumar um novo peixeiro na cidade.

Ele se arrastou para fora da cama para pegar uma toalha.

– Quer alguma coisa?

Ela não respondeu. Ele não esperava que respondesse. Ainda assim, estendeu a toalha, tentando não se encolher quando ela vomitou pelo que devia ser a quarta vez.

– Pobrezinha! – murmurou ele. – Sinto muito que esteja assim. Não vejo você desse jeito desde...

Desde...

Ah, Deus do céu.

– *Daphne?*

Sua voz saiu trêmula. Mas que diabos, seu corpo todo tremia.

Ela assentiu.

– Mas... como...?

– Da maneira usual, imagino – disse ela, pegando a toalha, agradecida.

– Mas já faz... Já faz...

Ele tentou pensar. Não conseguia pensar. Seu cérebro tinha parado completamente de funcionar.

– Acho que terminei – disse ela. Parecia exausta. – Você poderia pegar um pouco de água?

– Tem certeza?

Se ele lembrava bem, a água iria toda direto para dentro do urinol.

– Está ali – disse ela, apontando fracamente para um jarro na mesa. – Não vou engolir.

Ele serviu um copo e a esperou bochechar.

– Bem – disse ele, limpando a garganta várias vezes –, eu... hã...

Ele tossiu novamente. Não conseguia dizer uma palavra. E não podia culpar sua gagueira dessa vez.

– Todo mundo sabe – disse Daphne, colocando a mão no braço dele para se apoiar enquanto voltava para a cama.

– Todo mundo?

– Eu não planejava dizer nada até você voltar, mas eles adivinharam.

Ele balançou a cabeça lentamente, ainda tentando absorver aquilo tudo. Um bebê. Na sua idade. Na idade *dela*.

Era...

Era...

Era *incrível*.

Era estranho receber uma notícia daquelas assim tão de repente. Mas, depois do choque inicial, ele foi tomado pela mais pura alegria.

– É uma notícia maravilhosa! – exclamou. Então estendeu as mãos para abraçá-la, mas pensou melhor quando viu seu rosto pálido. – Você nunca deixa de me surpreender – disse, dando-lhe um tapinha desajeitado no ombro em vez do abraço.

Ela estremeceu e fechou os olhos.

– Não balance a cama – gemeu. – Você está me deixando mareada.

– Você não fica mareada – lembrou ele.

– Fico quando estou grávida.

– Você é bastante peculiar, Daphne Basset – murmurou ele, e em seguida recuou para parar de balançar a cama e sair de perto, caso ela ficasse chateada por ele ter dito que era peculiar.

(Havia um histórico. Quando estava no fim da gravidez de Amelia, ela lhe perguntara se estava radiante ou se estava andando feito uma pata. Ele respondera que ela parecia uma pata radiante. Não fora a resposta correta.)

Ele limpou a garganta e disse:

– Pobrezinha!

Em seguida, fugiu.

Várias horas depois, Simon estava sentado à mesa de carvalho maciço, os cotovelos apoiados na madeira lisa, correndo o dedo indicador pela borda do copo de brandy, que já voltara a encher duas vezes.

Tinha sido um dia grandioso.

Cerca de uma hora depois de deixar Daphne descansar, Colin e Penelope voltaram com sua prole, e todos eles tomaram chá e biscoitos na sala de café da manhã. Simon tinha começado a se encaminhar para a sala de estar, mas Penelope perguntara se não havia outra opção, algum lugar sem “tecidos e estofados caros”.

O pequeno Georgie sorrira para ele nessa hora, o rosto ainda sujo com uma substância que Simon esperava que fosse chocolate.

Enquanto Simon observava as migalhas que caíam da mesa no chão e o guardanapo molhado que usaram para absorver o chá que Agatha derrubara, lembrou-se de que ele e Daphne sempre tomavam o chá ali quando as crianças eram pequenas.

É engraçado como costumamos esquecer esses detalhes.

Quando as pessoas à mesa do chá se dispersaram, no entanto, Colin pedira para conversar com ele em particular. Eles se dirigiram ao escritório de Simon, e fora lá que Colin lhe confidenciara sua preocupação em relação a Georgie.

Ele não falava.

Seus olhos eram inteligentes. Colin achava que ele estava lendo.

Mas ele não falava.

Colin lhe pedira um conselho, e Simon se dera conta de que não tinha nenhum. Já tinha pensado nisso, é claro. Essa possibilidade o assombrara todas as vezes que Daphne engravidava e até que cada um de seus filhos começasse a formar frases.

E imaginava que iria voltar a assombrá-lo agora. Haveria outro bebê, outra alma para amar desesperadamente... e com quem se preocupar.

Tudo o que ele conseguiu dizer a Colin foi para que amasse o menino. Conversasse com ele, o elogiasse e o levasse para andar a cavalo e pescar, e todas aquelas coisas que um pai deve fazer com um filho.

Todas aquelas coisas que seu pai nunca fizera com ele.

Não pensava mais no pai com muita frequência. E agradecia a Daphne por isso. Antes de se conhecerem, Simon era obcecado por vingança. Queria muito

ferir o pai, fazê-lo sofrer como sofrera quando criança, com toda a dor e a angústia de saber que tinha sido rejeitado e considerado inferior.

Não importava que seu pai estivesse morto. Simon ansiara por vingança mesmo assim, e fora preciso amor, primeiro de Daphne e depois de seus filhos, para expulsar aquele fantasma. Ele finalmente percebeu que estava livre quando Daphne lhe entregou um maço de cartas de seu pai que havia sido deixado aos cuidados dela. Ele não quis queimá-las; não quis fazê-las em pedaços.

Tampouco quis lê-las.

Olhara para a pilha de envelopes, cuidadosamente amarrados com uma fita vermelha e dourada, e percebera que não sentia nada. Nem raiva, nem tristeza, nem mesmo pesar. Fora a maior vitória que ele poderia ter imaginado.

Não sabia direito quanto tempo as cartas tinham ficado na escrivaninha de Daphne. Sabia que ela as guardara na gaveta de baixo e de vez em quando dava uma espiada para ver se ainda estavam lá.

Mas, com o tempo, até mesmo isso fora diminuindo gradualmente. Ele não esquecera as cartas – de vez em quando alguma coisa fazia com que se lembrasse delas –, mas não pensava nelas com tanta frequência. E provavelmente estavam longe de sua mente havia meses quando um dia abriu a gaveta de baixo da própria escrivaninha e viu que Daphne as colocara lá.

Isso tinha sido vinte anos antes.

E, embora continuasse não sentindo vontade de queimá-las ou rasgá-las, tampouco sentira necessidade de abri-las.

Até aquele momento.

Bem, não.

Talvez?

Olhou para as cartas novamente, ainda amarradas. *Queria* abri-las? Poderia haver alguma coisa nas cartas de seu pai que talvez ajudasse Colin e Penelope enquanto guiavam Georgie pelo que poderia ser uma infância difícil?

Não. Era impossível. Seu pai tinha sido um homem duro, insensível e implacável. Era tão obcecado com sua herança e seu título que virara as costas para o único filho. Nada do que ele tivesse escrito – nada – poderia ajudar Georgie de alguma forma.

Simon pegou as cartas. Os papéis estavam ressecados. Cheiravam a coisa antiga.

O fogo na lareira parecia novo. Quente, forte e redentor. Olhou fixamente para as chamas até a visão se turvar, ficou ali sentado por minutos intermináveis, agarrado às palavras finais do pai para ele. Eles não se falavam havia mais de cinco anos quando o pai morreu. Se o velho duque tinha alguma coisa a lhe dizer, estava ali.

– Simon?

Ele levantou os olhos lentamente, mal conseguindo sair de seu torpor. Daphne estava parada à entrada, a mão pousada de leve na beirada da porta. Usava sua camisola azul-clara preferida. Tinha aquela camisola havia anos; toda vez que ele perguntava se queria substituí-la, ela recusava. Algumas coisas são melhores macias e confortáveis.

– Você vem deitar? – perguntou ela.

Ele assentiu, ficando de pé.

– Daqui a pouco. Eu só estava... – Limpou a garganta, porque a verdade era que... não sabia bem o que estava fazendo. Não sabia ao certo nem mesmo o que estava pensando. – Como você está? – perguntou a ela.

– Melhor. É sempre melhor à noite. – Ela deu alguns passos para a frente. – Comi algumas torradas, até um pouco de geleia, e...

Ela parou, o único movimento em seu rosto o rápido piscar dos olhos. Estava olhando para as cartas. Ele não tinha percebido que ainda as segurava quando se levantou.

– Você vai ler a cartas? – perguntou ela em voz baixa.

– Eu pensei... talvez... – Ele engoliu em seco. – Não sei.

– Mas por que agora?

– Colin me contou sobre Georgie. Pensei que poderia haver alguma coisa aqui. – Ele moveu ligeiramente a mão, levantando um pouco a pilha de cartas. – Algo que pudesse ajudá-lo.

Os lábios de Daphne se entreabriram, mas vários segundos se passaram antes que conseguisse falar.

– Acho que você deve ser um dos homens mais amáveis e generosos que eu conheço.

Ele olhou para ela, confuso.

– Sei que não quer ler as cartas – disse ela.

– Realmente não me importo...

– Não, você se importa, sim – interrompeu ela gentilmente. – Não o suficiente para destruí-las, mas ainda assim significam alguma coisa para você.

– Quase não penso mais nelas – disse ele.

Era verdade.

– Eu sei. – Ela estendeu o braço e pegou a mão dele, passando o polegar suavemente pelos nós de seus dedos. – Mas só porque conseguiu se libertar do seu pai, isso não significa que ele nunca teve importância.

Simon ficou em silêncio. Não sabia o que dizer.

– Não me surpreende que, se você finalmente decidir lê-las, seja para ajudar alguém.

Ele engoliu em seco, então agarrou a mão dela como uma tábua de salvação.

– Você quer que eu abra? – perguntou Daphne.

Ele fez que sim, entregando-lhe a pilha sem dizer uma palavra.

Ela se sentou em uma cadeira próxima, puxando a fita para abrir o laço.

– Estão em ordem? – perguntou.

– Não sei – admitiu ele.

Então se sentou de novo atrás da mesa. Era longe o suficiente para que não visse as páginas.

Ela acenou com a cabeça, em seguida rompeu cuidadosamente o selo do primeiro envelope. Seus olhos se moviam ao longo das linhas – ou pelo menos ele achava que sim. A luz era muito fraca para que Simon visse a expressão no rosto de Daphne de forma clara, mas já a vira lendo cartas antes tantas vezes que sabia exatamente como ela devia estar.

– Ele tinha uma letra terrível – murmurou Daphne.

– Tinha?

Agora que parava para pensar, Simon não tinha certeza se já vira a letra do pai. Devia ter visto, em algum momento. Mas não era algo de que se lembrasse.

Ele esperou um pouco mais, tentando não prender a respiração quando ela virou a página.

– Ele não escreveu no verso – disse ela, com alguma surpresa.

– Ele não faria isso – falou Simon. – Ele nunca faria nada que desse a impressão de que estava economizando.

Ela levantou os olhos, as sobrancelhas arqueadas.

– O duque de Hastings não precisa economizar – disse Simon friamente.

– Sério? – Ela passou para a próxima página, murmurando: – Vou me lembrar disso na próxima vez em que for à modista.

Simon sorriu. Adorava o fato de ela conseguir fazê-lo sorrir em um momento como aquele.

Depois de mais alguns instantes, ela dobrou novamente os papéis e ergueu os olhos. Em seguida fez uma breve pausa, talvez para o caso de ele querer dizer alguma coisa, e então, quando viu que ele não ia falar nada, começou:

– Na verdade, é um pouco maçante.

– Maçante?

Ele não tinha certeza do que esperava, mas não era isso.

Daphne deu de ombros.

– É sobre a colheita, uma reforma na ala leste da casa e vários colonos que ele desconfiava que o enganavam. – Ela contraiu os lábios de maneira reprovadora. – Não estavam fazendo isso, é claro. Eram o Sr. Miller e o Sr. Bethum. Eles nunca enganariam ninguém.

Simon piscou. Pensara que nas cartas do pai poderia haver algum pedido de desculpas. Ou, se não isso, então mais acusações de inadequação. Nunca lhe ocorrera que ele poderia simplesmente ter lhe mandado um relatório sobre a propriedade.

– Seu pai era um homem muito desconfiado – murmurou Daphne.

– Ah, sim.

– Devo ler a próxima?

– Por favor.

Ela leu e era mais ou menos a mesma coisa, só que dessa vez a carta tratava de uma ponte que precisava de reparos e de uma janela que não tinha sido feita de acordo com suas especificações.

E assim ia. Aluguéis, prestação de contas, consertos, reclamações... Havia uma ou outra coisa diferente, mas nada mais pessoal do que *Estou pensando em organizar uma caçada mês que vem. Depois me diga se deseja participar.* Era impressionante. O pai dele não só negara sua existência quando o considerava um idiota gago, mas também conseguira negar sua própria negação quando Simon passara a falar claramente, atendendo às expectativas. Ele agira como se nada tivesse acontecido, como se nunca tivesse desejado que o próprio filho estivesse morto.

– Santo Deus – disse Simon, porque *alguma* coisa tinha de ser dita.

Daphne ergueu os olhos.

– Hum?

– Nada – murmurou ele.

– Esta é a última – disse ela, segurando a carta.

Ele suspirou.

– Você quer que eu leia?

– É claro – respondeu ele com sarcasmo. – Pode ser sobre aluguéis. Ou prestação de contas.

– Ou uma colheita ruim – brincou Daphne, obviamente tentando não rir.

– Ou isso.

– Aluguéis – disse ela quando terminou de ler. – E prestação de contas.

– E a colheita?

Ela abriu um sorriso discreto.

– Foi boa naquela temporada.

Simon fechou os olhos por um instante, enquanto uma estranha tensão deixava seu corpo.

– É estranho – disse Daphne. – Eu me pergunto por que ele nunca mandou essas cartas para você.

– O que você quer dizer?

– Bem, ele não enviou. Você não se lembra? Ele guardou todas elas, depois as entregou a lorde Middlethorpe antes de morrer.

– Imagino que tenha sido porque eu estava fora do país. Ele não devia saber para onde mandá-las.

– Ah, sim, é claro. – Ela franziu a testa. – Ainda assim, acho interessante que ele tenha dedicado tempo para lhe escrever essas cartas quando não tinha esperança de enviá-las. Se eu fosse escrever cartas para alguém a quem não pudesse enviá-las, seria por ter algo a dizer, algo importante que eu gostaria que a pessoa soubesse, mesmo depois que eu tivesse partido.

– Uma das muitas coisas em que você difere bastante do meu pai – disse Simon.

Ela sorriu com tristeza.

– Bem, creio que sim.

E se levantou, colocando as cartas em uma mesinha.

– Vamos para a cama?

Ele assentiu e caminhou até ela. Mas, antes de lhe dar o braço, se abaixou, pegou as cartas e atirou-as no fogo. Daphne ofegou um pouco ao se virar a tempo de vê-las escurecerem e se encolherem.

– Não há nada que valha a pena guardar – disse ele. Então se inclinou e a beijou, no nariz, depois na boca. – Vamos para a cama.

– O que você vai dizer a Colin e Penelope? – perguntou ela, enquanto caminhavam de braços dados em direção às escadas.

– Sobre Georgie? A mesma coisa que lhes disse esta tarde. – Ele a beijou novamente, dessa vez na testa. – Que apenas o amem. É tudo o que podem fazer. Se ele falar, falou. Se não falar, não falou. Mas, de qualquer forma, tudo vai ficar bem, desde que eles o amem.

– Você, Simon Arthur Fitzranulph Basset, é um ótimo pai.

Ele tentou não se inflar de orgulho.

– Você esqueceu Henry.

– O quê?

– Simon Arthur *Henry* Fitzranulph Basset.

Ela deixou escapar um *pfttt*.

– Você tem nomes de mais.

– Mas não filhos de mais.

Ele parou de andar e puxou-a para junto de si até ficarem frente a frente. Então pousou uma das mãos suavemente na barriga dela.

– Acha que conseguimos fazer tudo isso de novo?

Ela assentiu.

– Desde que eu tenha você.

– Não – disse ele amorosamente. – Desde que *eu* tenha *você*.

O visconde que me amava

Sem dúvida, a cena preferida dos leitores de *O visconde que me amava* (e talvez de todos os meus livros) é quando os Bridgertons se reúnem para jogar *Pall Mall*, a versão do século XIX do croquet. Eles são ferozmente competitivos e desprezam as regras por completo, tendo há muito tempo chegado à conclusão de que a única coisa melhor do que ganhar é garantir que seus irmãos percam. Quando chegou a hora de revisitar os personagens deste livro, eu sabia que tinha de ser em uma partida de *Pall Mall*.

O VISCONDE QUE ME AMAVA:

O segundo epílogo

Dois dias antes...

Kate atravessou o gramado depressa, olhando por cima do ombro para se certificar de que o marido não a seguia. Quinze anos de casamento haviam lhe ensinado uma ou duas coisas e ela sabia que ele estaria observando cada movimento seu.

Mas ela era inteligente. E determinada. E sabia que, por uma libra, o criado de Anthony poderia fingir alguma grande calamidade com suas roupas. Algo envolvendo geleia no ferro de passar ou talvez uma infestação no armário – aranhas, ratos, realmente não importava o quê. Kate ficava mais do que feliz em deixar os detalhes para o criado desde que Anthony fosse devidamente distraído por tempo suficiente para que ela desse uma escapada.

– É meu, todo meu – disse ela, rindo alto, no mesmo tom que usara durante a produção de *Macbeth* da família Bridgerton no mês anterior.

Seu filho mais velho tinha distribuído os papéis; ela fora a Primeira Bruxa.

Kate fingira não perceber quando Anthony o recompensara com um cavalo novo.

Ele ia pagar por isso agora. As camisas dele ficariam manchadas de rosa com geleia de framboesa, e ela...

Sorria tanto que já tinha começado a rir.

– Meu, meu, meu, *meeeeeeuuu* – cantarolou, empurrando com força a porta do galpão na última sílaba, que por acaso era exatamente a nota grave da *Quinta* de Beethoven.

– Meu, meu, meu, *meeeeeeuuu*.

Ela o teria. Era dela. Podia praticamente sentir seu gosto. Teria sentido seu gosto até se isso de alguma forma tivesse garantido que ele ficasse com ela. É claro que não gostava tanto assim de madeira, mas aquele não era um instrumento de destruição comum. Aquele era...

O taco da morte.

– Meu, meu, meu, *meu*, meu, meu, meu, *meu*, meu, meu, meu, *meeeeuuu* – continuou, passando para a parte rápida que se seguia ao familiar refrão.

Mal podia se conter quando atirou um cobertor de lado. O conjunto de *Pall Mall* estaria ali no canto, como sempre, e em apenas um instante...

– Procurando isto?

Kate se virou. Era Anthony, de pé junto à porta, com um sorriso diabólico enquanto girava o taco preto de *Pall Mall* nas mãos.

Sua camisa estava ofuscantemente branca.

– Você... Você...

Uma das sobrancelhas dele se ergueu perigosamente.

– Você nunca foi boa em encontrar as palavras quando fica irritada.

– Como você... Como você...

Ele se inclinou para a frente, estreitando os olhos.

– Paguei a ele *5 libras*.

– Você deu 5 libras ao Milton?

Santo Deus, esse era praticamente o salário anual dele.

– Foi muito mais barato do que substituir todas as minhas camisas – disse ele, fechando a cara. – Geleia de framboesa? Sério? Você não pensa nas despesas?

Kate olhou para o taco, ansiosa.

– O jogo é em três dias – disse Anthony, com um suspiro satisfeito –, e eu já ganhei.

Kate não o contradisse. Os outros Bridgertons podiam pensar que a disputa anual de *Pall Mall* começava e terminava no mesmo dia, mas ela e Anthony sabiam que não era bem assim.

Ela o derrotara na disputa pelo taco durante três anos consecutivos. Não ia deixar que ele levasse a melhor dessa vez, de jeito nenhum.

– Desista agora, querida esposa – provocou Anthony. – Admita a derrota, e todos seremos mais felizes.

Kate suspirou baixinho, quase como se aquiescesse.

Anthony estreitou os olhos.

Kate tocou indolentemente o decote do vestido.

Os olhos de Anthony se arregalaram.

– Está quente aqui, não acha? – perguntou ela, a voz suave, doce e terrivelmente ofegante.

– Sua atrevida – murmurou ele.

Ela deslizou o tecido pelos ombros. Não estava usando nada por baixo.

– Sem botões? – sussurrou ele.

Ela balançou a cabeça. Não era estúpida. Até mesmo os melhores planos podiam dar errado. É preciso sempre se vestir para a ocasião. O ar ainda estava um pouco frio, e ela sentiu seus mamilos se enrijecerem como pequenos botões de rosa ofendidos.

Kate estremeceu, então tentou disfarçar, arfando, como se estivesse incrivelmente excitada.

O que poderia ser verdade, se não estivesse obstinadamente focada em tentar *não* parecer focada no taco na mão do marido.

Isso sem falar do frio.

– Adorável – murmurou Anthony, estendendo a mão e acariciando a lateral de seu seio.

Kate gemeu. Ele nunca resistia a isso.

Anthony sorriu lentamente, em seguida deslizou a mão para a frente, até poder rolar o mamilo dela entre os dedos.

Kate ficou sem ar, e seus olhos correram para os dele. Anthony parecia... não exatamente calculista, mas, ainda assim, muito no controle. E então lhe ocorreu: ele sabia exatamente ao que *ela* nunca conseguia resistir.

– Ah, esposa – murmurou ele, envolvendo o seio dela por baixo e levantando-o até ficar todo em sua mão.

Ele sorriu.

Kate parou de respirar.

Anthony se inclinou para a frente e tomou o mamilo na boca.

– *Ah!*

Ela não estava fingindo mais nada naquele momento. Ele repetiu a tortura do outro lado.

Então deu um passo atrás.

Outro.

Kate ficou parada, ofegante.

– Ah, se eu tivesse uma pintura dessa cena – disse ele. – Eu a penduraria no meu escritório.

Kate ficou boquiaberta.

Ele levantou o taco, vitorioso.

– Adeus, querida esposa.

E saiu do galpão, mas em seguida colocou a cabeça para dentro de volta.

– Tente não pegar um resfriado. Você odiaria perder a revanche, não é?

Ele teve sorte, concluiu Kate mais tarde, por ela não ter pensado em pegar uma das bolas de *Pall Mall* quando estava procurando o conjunto do jogo. Se bem que, pensando melhor, a cabeça dele provavelmente era dura demais para que ela conseguisse rachá-la.

Um dia antes...

Anthony concluiu que havia poucos momentos tão deliciosos quanto levar a melhor, completa e absolutamente, sobre a esposa. Isso dependia da esposa, é claro, mas, como ele tinha escolhido se casar com uma mulher de intelecto e sagacidade incríveis, seus momentos, ele tinha certeza, eram mais deliciosos do que os da maioria.

Saboreou aquela vitória com chá em seu escritório, suspirando de prazer enquanto contemplava o taco negro, exposto em sua mesa como um estimado troféu. Era lindo, reluzente sob a luz da manhã – ou pelo menos reluzente onde não estava arranhado e desgastado por décadas de jogo duro.

Não importava. Anthony adorava cada amassado e cada arranhão. Talvez fosse infantil, imaturo mesmo, mas ele o *adorava*.

Adorava mais do que tudo o fato de tê-lo em seu poder, mas ainda assim gostava muito do taco. Quando conseguiu esquecer que o havia arrancado de maneira brilhante, bem debaixo do nariz de Kate, lembrou que o objeto marcava outra coisa...

O dia em que se apaixonara.

Não que tivesse percebido isso na época. Nem Kate, ele imaginava, mas tinha certeza de que aquele havia sido o dia em que o destino decidira que deveriam ficar juntos – o dia da infame partida de *Pall Mall*.

Ela o deixara com o taco rosa. E jogara a bola dele no lago.

Deus, mas que mulher!

Tinham sido quinze anos maravilhosos.

Ele sorriu, satisfeito, em seguida voltou a olhar para o taco preto. Todo ano eles disputavam uma nova partida. Todos os jogadores originais – Kate, Anthony, seu irmão Colin, sua irmã Daphne e o marido dela, Simon, e Edwina, irmã de Kate – se dirigiam diligentemente para Aubrey Hall toda primavera e assumiam seus lugares no percurso em constante mudança. Alguns concordavam em participar com entusiasmo, outros, por mera diversão, mas todos estavam lá a cada ano.

E naquele ano...

Anthony riu alto de felicidade. Ele tinha o taco, e Kate não.

A vida era boa. A vida era muito, muito boa.

– Kaaaaaaaaaaate!

Kate levantou os olhos do livro.

– Kaaaaaaaaaaate!

Ela tentou avaliar a distância dele. Depois de quinze anos ouvindo seu nome ser berrado mais ou menos da mesma forma, ela se tornara uma especialista em calcular o tempo entre o primeiro berro e a chegada do marido.

Não era um cálculo tão simples quando podia parecer. Tinha de considerar o local em que estava – no andar de cima ou no de baixo, se podia ser vista da

porta, etc., etc.

Então, era preciso levar em conta as crianças. Elas estavam em casa? Provavelmente no caminho dele? Iriam detê-lo, com certeza, talvez até mesmo por um minuto inteiro, e...

– *Você!*

Kate piscou, espantada. Anthony estava parado à porta, ofegante de cansaço e fuzilando-a com uma surpreendente ferocidade no olhar.

– Onde está? – perguntou.

Bem, talvez não tão surpreendente.

Ela piscou, impassível.

– Gostaria de se sentar? Você parece um pouco extenuado.

– Kate...

– Você já não é mais tão jovem – disse ela, com um suspiro.

– Kate... – O volume da voz dele estava aumentando.

– Posso pedir um chá – sugeriu ela com doçura.

– Estava trancado – rosnou ele. – Meu escritório estava trancado.

– Estava? – murmurou ela.

– Eu tenho a única chave.

– Tem?

Os olhos dele se arregalaram.

– O que você fez?

Ela virou uma página, embora não estivesse olhando para o livro.

– Quando?

– O que quer dizer com quando?

– Quero dizer...

Ela fez uma pausa, porque aquele não era um momento para se deixar passar sem uma devida comemoração íntima.

– Quando? Hoje de manhã? Ou no mês passado?

Ele levou um instante para perceber. Não mais do que um ou dois segundos, mas apenas tempo suficiente para que Kate visse sua expressão passar de confusa para desconfiada e depois, indignada.

Foi glorioso. Encantador. Delicioso. Ela teria gargalhado, até, mas isso só encorajaria outro mês de brincadeiras e provocações, e tinha acabado de conseguir fazê-lo parar.

– Você fez uma cópia da chave do meu escritório?

– Eu sou sua mulher – disse ela, olhando para as unhas. – Não deve haver segredos entre nós, não acha?

– Você fez uma cópia da chave?

– Você não ia gostar se eu guardasse segredos, ia?

Ele agarrou a moldura da porta até os nós dos dedos ficarem brancos.

– Pare de se comportar como se estivesse gostando disso – grunhiu ele.

– Ah, mas isso seria uma mentira, e é pecado mentir para o marido.

Sons estranhos começaram a vir da garganta de Anthony, que parecia engasgado.

Kate sorriu.

– Eu não prometi sinceridade em algum momento?

– Era *obediência* – rosnou ele.

– Obediência? Certamente que não.

– Onde está?

Ela deu de ombros.

– Não vou dizer.

– Kate!

Ela, então, cantarolou.

– *Não vou dizeeeer.*

– Mulher...

Ele deu um passo. Ameaçadoramente.

Kate engoliu em seco. Havia uma pequena chance, bem pequena mesmo, mas ainda assim muito real, de que ela pudesse ter ido um pouquinho longe demais.

– Vou amarrá-la à cama – alertou ele.

– Siiiimm – disse ela, enquanto calculava a distância até a porta. – Mas posso não me *importar* com isso, para ser sincera.

Os olhos de Anthony se iluminaram, não exatamente de desejo – ele ainda estava muito concentrado no taco de *Pall Mall* para isso –, mas ela pensou ter visto um brilho de... *interesse* neles.

– Amarrá-la, não é? – murmurou ele, se aproximando. – E você ia gostar, hã?

Kate entendeu o que ele queria dizer e engasgou.

– Você não faria isso!

– Ah, eu faria.

Ele estava pensando em repetir a performance. Ia amarrá-la e *deixá-la* ali enquanto procurava o taco.

Não no que dependesse dela.

Kate passou por cima do braço da cadeira e, em seguida, correu para trás dela. É sempre bom ter uma barreira física em situações como essa.

– Ah, Kaaaaate – provocou ele, movendo-se na direção dela.

– É meu. Era meu quinze anos atrás, e ainda é.

– Era meu antes de ser seu.

– Mas você se casou comigo!

– E isso o torna seu?

Kate não disse nada, apenas olhou nos olhos dele. Ela estava sem ar, ofegante, tomada pela agitação do momento.

E então, rápido como um raio, ele pulou para a frente, estendendo o braço sobre a cadeira e agarrando o ombro dela por um breve instante antes que Kate conseguisse se desvencilhar.

– Você nunca vai encontrá-lo – ela praticamente gritou, fugindo para trás do sofá.

– Não pense que vai escapar agora – alertou ele, correndo para o lado e se colocando entre ela e a porta.

Kate olhou para a janela.

– A queda iria matá-la – disse ele.

– Ah, pelo amor de Deus – falou uma voz vinda da porta.

Kate e Anthony se viraram. Colin, irmão de Anthony, estava parado lá, encarando os dois com um ar de profundo desgosto.

– Colin – disse Anthony, sério. – Que bom ver você.

Colin apenas arqueou uma das sobrancelhas.

– Creio que esteja procurando *isto*.

Kate arfou. Ele segurava o taco preto.

– Como você...

Colin passou a mão pela ponta cilíndrica de maneira quase carinhosa.

– Só posso falar por mim, é claro – respondeu ele, com um suspiro feliz –, mas, até onde sei, eu já ganhei.

Dia da partida

– Não consigo entender – comentou Daphne, irmã de Anthony – por que é você quem define o percurso.

– Porque sou o dono deste maldito gramado – disparou ele.

Então ergueu a mão para proteger os olhos do sol enquanto inspecionava sua obra. Tinha feito um trabalho brilhante dessa vez, modéstia à parte. Era diabólico.

Pura genialidade.

– Alguma chance de você moderar o vocabulário na presença das damas? – disse o marido de Daphne, Simon, duque de Hastings.

– Ela não é uma dama – resmungou Anthony. – É minha irmã.

– Ela é *minha* mulher.

Anthony sorriu.

– Ela já era minha irmã antes.

Simon se virou para Kate, que batia seu taco – verde, com o qual se declarara satisfeita, embora Anthony soubesse a verdade – contra a grama.

– Como você o aguenta?

Ela deu de ombros.

– É um talento que poucos possuem.

Colin se aproximou, segurando o taco negro como se fosse o Santo Graal.

– Podemos começar? – perguntou, com ar grandioso.

Os lábios de Simon se entreabriram de surpresa.

– O taco da morte?

– Eu sou muito inteligente – confirmou Colin.

– Ele subornou a empregada – resmungou Kate.

– Você subornou meu criado – ressaltou Anthony, dirigindo-se a Kate.

– Você também!

– Eu não subornei ninguém – disse Simon, para ninguém em particular.

Daphne deu um tapinha em seu braço de maneira condescendente.

– Você não nasceu nesta família.

– Nem ela – rebateu ele, apontando para Kate.

Daphne pensou a respeito.

– Ela é uma aberração – finalmente concluiu.

– Uma aberração? – questionou Kate.

– É o maior dos elogios – informou Daphne. Fez uma pausa, depois acrescentou: – Neste contexto. – Então virou-se para Colin. – Quanto?

– Quanto o quê?

– Quanto você deu à empregada?

Ele deu de ombros.

– Dez libras.

– Dez *libras*? – Daphne praticamente gritou.

– Ficou louco? – disse Anthony.

– Você deu cinco ao criado – lembrou Kate.

– Espero que não tenha sido para uma das *boas* empregadas – resmungou Anthony –, porque ela com certeza vai pedir demissão até o fim do dia com todo esse dinheiro no bolso.

– Todas as nossas empregadas são boas – disse Kate, com certa irritação.

– Dez libras – repetiu Daphne, balançando a cabeça. – Vou contar para sua mulher.

– Vá em frente – disse Colin, acenando a cabeça com indiferença na direção da colina que descia até o percurso de *Pall Mall*. – Ela está bem ali.

Daphne levantou os olhos.

– Penelope está aqui?

– Penelope está aqui? – bradou Anthony. – Por quê?

– Ela é minha mulher – rebateu Colin.

– Mas ela nunca veio às partidas antes.

– Ela queria me ver ganhar – disparou Colin, premiando o irmão com um sorriso provocador.

Anthony resistiu à vontade de estrangulá-lo. Por pouco.

– E como você sabe que vai ganhar?

Colin balançou o taco negro diante dele.

– Eu já ganhei.

– Bom dia a todos! – disse Penelope, aproximando-se lentamente do grupo.

– Nada de ficar torcendo – advertiu Anthony.

Penelope piscou, confusa.

– Perdão?

– E em nenhuma circunstância – continuou ele, porque alguém precisava garantir que o jogo preservasse alguma integridade – fique a menos de dez passos de seu marido.

Penelope olhou para Colin, balançou a cabeça nove vezes enquanto calculava os passos entre eles e então deu um passo atrás.

– Nada de trapaça – alertou Anthony.

– Pelo menos nenhuma *nova* forma de trapaça – acrescentou Simon. – Técnicas de trapaça previamente estabelecidas são permitidas.

– Posso falar com meu marido durante o jogo? – perguntou Penelope tranquilamente.

– Não! – respondeu um coro retumbante de três vozes enérgicas.

– Você pode notar que eu não fiz nenhuma objeção – disse Simon.

– Como eu disse, você não nasceu nesta família – rebateu Daphne, passando pelo marido no caminho para inspecionar um arco.

– Cadê Edwina? – perguntou Colin bruscamente, estreitando os olhos em direção à casa.

– Ela vai descer daqui a pouco – respondeu Kate. – Estava terminando de tomar café da manhã.

– Ela está atrasando a partida.

Kate se virou para Daphne.

– Minha irmã não compartilha da nossa devoção pelo jogo.

– Ela pensa que somos todos loucos? – perguntou Daphne.

– Completamente.

– Bem, é gentil da parte dela vir todos os anos – disse Daphne.

– É uma tradição – rosnou Anthony.

Ele tinha conseguido pegar o taco laranja e o balançava contra uma bola imaginária, estreitando os olhos enquanto praticava a mira.

– Ele não tem praticado o percurso, não é? – perguntou Colin.

– Como poderia? – disse Simon. – Acabou de prepará-lo hoje de manhã. Nós todos vimos.

Colin o ignorou e se virou para Kate.

– Ele desapareceu à noite, de maneira estranha, alguma vez nos últimos dias?

Ela ficou boquiaberta.

– Você acha que ele tem saído de fininho à noite para jogar *Pall Mall* à luz da lua?

– Eu não ficaria surpreso – resmungou Colin.

– Nem eu – respondeu Kate –, mas lhe asseguro que ele tem dormido em sua cama.

– Não é uma questão de *camas* – informou Colin. – É uma questão de competição.

– Isso não é uma conversa apropriada para se ter diante de uma dama – disse Simon, mas era óbvio que estava se divertindo.

Anthony lançou um olhar irritado para Colin e em seguida para Simon, por via das dúvidas. Aquela conversa estava ficando ridícula e já estava passando da hora de começarem a jogar.

– *Cadê* Edwina? – perguntou ele.

– Está descendo a colina – respondeu Kate.

Ele olhou para cima e viu Edwina Bagwell, irmã mais nova de Kate, descendo com cuidado o terreno. Ela nunca tinha sido muito fã de atividades ao ar livre, e ele podia imaginá-la suspirando e revirando os olhos.

– Rosa para mim este ano – declarou Daphne, pegando um dos tacos restantes da pilha. – Estou me sentindo feminina e delicada. – Então lançou aos irmãos um olhar travesso. – Para não dizer o contrário.

Simon estendeu a mão por trás dela e pegou o taco amarelo.

– Azul para Edwina, é claro.

– A Edwina sempre fica com o azul – disse Kate a Penelope.

– Por quê?

Kate fez uma pausa.

– Não sei.

– E quanto ao roxo? – perguntou Penelope.

– Ah, nós nunca usamos *esse*.

– Por quê?

Kate fez outra pausa.

– Não sei.

– Tradição – interveio Anthony.

– Então por que o restante de vocês troca de cor todo ano? – continuou Penelope.

Anthony virou-se para o irmão.

– Ela sempre faz tantas perguntas?

– Sempre.

Então voltou a olhar para Penelope e disse:

– Nós gostamos assim.

– Estou aqui! – gritou Edwina alegremente enquanto se aproximava dos jogadores. – Ah, azul novamente. Que atencioso!

Ela pegou seu equipamento e se voltou para Anthony.

– Vamos jogar?

Ele fez que sim, em seguida olhou para Simon.

– Você começa, Hastings.

– Como sempre – murmurou ele, colocando a bola na posição inicial. – Afastem-se – advertiu, embora ninguém estivesse ao seu alcance. Ele ergueu o taco para trás e, em seguida, moveu-o para a frente com uma magnífica batida. A bola saiu rolando com perfeição pelo gramado, parando a poucos metros do próximo arco.

– Ah, muito bem! – comemorou Penelope, batendo palmas.

– Eu disse para não torcer – resmungou Anthony. – Ninguém mais sabe seguir instruções?

– Nem mesmo para Simon? – rebateu Penelope. – Pensei que fosse só para Colin.

Anthony colocou sua bola no chão com cuidado.

– Tira a concentração.

– Como se o restante de nós já não estivesse fazendo isso – comentou Colin. – Torça à vontade, querida.

Mas ela ficou em silêncio enquanto Anthony fazia pontaria. Sua tacada foi ainda mais forte do que a do duque, e sua bola rolou ainda mais longe.

– Hum, que azar – disse Kate.

Anthony se virou para ela, desconfiado.

– O que quer dizer com isso? Foi uma tacada brilhante.

– Bem, sim, mas...

– Saia do meu caminho – ordenou Colin, marchando para a posição inicial.

Anthony olhou nos olhos da mulher.

– O que você quer *dizer*?

– Nada – respondeu ela casualmente, – só que está um pouco lamacento naquela direção.

– Lamacento? – Anthony olhou em direção à sua bola, depois para a mulher, em seguida de volta para a bola. – Não chove há dias.

– Hum, não.

Ele olhou de volta para ela– sua mulher enlouquecedora, diabólica e que em breve seria trancafiada em um calabouço.

– Como aquela área ficou lamacenta?

– Bem, talvez não *lamacenta*...

– Talvez não lamacenta – repetiu ele, com muito mais paciência do que ela merecia.

– *Empocenta* pode ser mais apropriado.

Ele ficou sem palavras.

– Empoçada? – Ela franziu um pouco a testa.

Ele deu um passo na direção da mulher, que correu para trás de Daphne.

– O que está acontecendo? – perguntou Daphne, virando-se.

Kate esticou o pescoço para espiar e sorriu, triunfante.

– Acho que ele vai me matar.

– Com tantas testemunhas? – perguntou Simon.

– E como se formou uma poça no meio da primavera mais seca de que tenho lembrança?

Kate abriu outro de seus sorrisos irritantes.

– Derramei meu chá.

– Uma poça inteira de chá?

Ela deu de ombros.

– Eu estava com frio.

– Frio.

– E sede.

– E aparentemente desastrada também – acrescentou Simon.

Anthony fuzilou-o com o olhar.

– Bem, se for mesmo matá-la, será que se importaria de esperar que minha mulher não esteja mais entre vocês dois? – perguntou Simon. Então virou-se para Kate. – Como sabia onde fazer a poça?

– Ele é muito previsível – respondeu ela.

Anthony esticou os dedos e calculou o tamanho do pescoço dela.

– Todos os anos, você sempre coloca o primeiro arco no mesmo lugar e acerta a bola exatamente da mesma maneira – disse ela, sorrindo diretamente para ele.

Colin escolheu esse momento para voltar.

– Sua vez, Kate.

Ela saiu depressa de trás de Daphne e correu para o ponto de partida.

– No amor e na guerra, vale tudo, querido marido – gritou ela alegremente.

E então se inclinou para a frente, mirou e fez a bola verde voar.

Direto para a poça.

Anthony suspirou de alegria. Havia justiça no mundo, afinal.

Trinta minutos depois, Kate esperava junto à sua bola, perto do terceiro arco.

– Que pena essa lama... – disse Colin, passando por lá.

Ela o encarou irritada.

Daphne passou logo depois.

– Você está com um pouco de... – E apontou para o cabelo de Kate. – Sim, aí – acrescentou, enquanto Kate esfregava furiosamente a têmpora. – Embora tenha um pouco mais, bem... – Ela limpou a garganta. – Hã, por toda parte.

Kate olhou para ela, furiosa.

Simon se juntou às duas. Deus do céu, todo mundo tinha que passar pelo terceiro arco para chegar ao sexto?

– Você está um pouco suja de lama – disse ele, prestativo.

Os dedos de Kate agarraram mais firmemente o taco. A cabeça dele estava muito, muito perto.

– Mas pelo menos é lama misturada com chá – acrescentou ele.

– O que isso tem a ver? – perguntou Daphne.

– Não tenho certeza – Kate o ouviu dizer enquanto ele e Daphne caminhavam em direção ao quinto arco –, mas achei que devia dizer *alguma* coisa.

Kate contou até dez mentalmente e então, como era de esperar, Edwina passou por ela, Penelope chegando três passos atrás. As duas pareciam ter

formado uma espécie de equipe – Edwina fazia as jogadas e Penelope opinava sobre a estratégia.

– Ah, Kate – disse Edwina com um suspiro de pena.

– Não diga nada – resmungou Kate.

– Foi você quem fez a poça – ressaltou Edwina.

– Você é irmã de quem *mesmo*? – perguntou Kate.

Edwina abriu um sorriso travesso.

– A devoção fraternal não obscurece meu espírito esportivo.

– Isso aqui é *Pall Mall*. Não *existe* espírito esportivo.

– Aparentemente não – observou Penelope.

– Dez passos – alertou Kate.

– De Colin, não de você – rebateu Penelope. – Embora eu ache prudente ficar a pelo menos um taco de distância sempre.

– Vamos? – perguntou Edwina. Ela se virou para Kate. – Acabamos de terminar o quarto arco.

– E precisavam dar a volta pelo caminho mais longo? – murmurou Kate.

– Pareceu próprio do espírito esportivo vir lhe fazer uma visita – objetou Edwina.

Ela e Penelope se viraram para ir embora, então Kate deixou escapar, sem conseguir se conter:

– Onde está Anthony?

Edwina e Penelope olharam de volta.

– Você quer realmente saber? – perguntou Penelope.

Kate se forçou a fazer que sim com a cabeça.

– Receio que no último arco – respondeu Penelope.

– Antes ou depois? – grunhiu Kate.

– Perdão?

– Ele está antes ou depois do arco? – repetiu ela com impaciência. E então, quando Penelope não respondeu de imediato, acrescentou: – Ele já passou pelo maldito arco?

Penelope piscou, surpresa.

– Hã, não. Ele ainda tem mais duas tacadas, acho. Talvez três.

Kate observou-as sair, estreitando os olhos. Não ia ganhar – não havia a menor chance disso agora. Mas, se não podia vencer, então, por Deus, Anthony

também não venceria. Ele não merecia nenhuma glória naquele dia, não depois de fazê-la tropeçar e cair na poça de lama.

Ah, ele tinha alegado que fora um acidente, mas Kate achou altamente suspeito a bola dele sair espirrando da poça no exato momento em que ela dera um passo à frente para alcançar sua própria bola. Teve de dar um pulinho para evitá-la, e estava se felicitando por ter escapado por pouco quando Anthony se virou com um claramente falso:

– Você está bem?

O taco girou com ele, convenientemente à altura do tornozelo. Kate não conseguiu pular esse e voou direto para a lama.

De cara.

E, então, Anthony tivera a ousadia de lhe oferecer um lenço.

Ela ia matá-lo.

Matá-lo.

Matá-lo, matá-lo, matá-lo.

Mas primeiro ia cuidar para que ele não ganhasse.

~

Anthony exibia um largo sorriso – assobiava, até – enquanto esperava sua vez. Demorava um tempo absurdo para voltar a ser sua vez de jogar, com Kate tão para trás que alguém tinha de correr até lá para avisá-la que era hora de fazer uma jogada, isso para não falar em Edwina, que nunca parecia entender a importância de jogar rápido. Os últimos catorze anos com ela andando sem pressa como se tivesse o dia inteiro já tinham sido ruins o suficiente, mas agora, para piorar, ainda tinha Penelope, que não a deixava acertar a bola sem antes ouvir sua análise e seus conselhos.

Mas, dessa vez, Anthony não se importava. Ele estava na liderança, tão à frente que ninguém ia conseguir alcançá-lo. E, para tornar sua vitória ainda mais doce, Kate estava em último lugar.

Tão para trás que não podia ter esperança de ultrapassar ninguém.

Quase compensava o fato de Colin ter pegado o taco da morte.

Ele se virou em direção ao último arco. Precisava de uma tacada para deixar sua bola na posição e mais uma para passá-la pelo arco. Depois disso, bastaria

conduzi-la ao marcador final e terminar o jogo com apenas um toque.

Brincadeira de criança.

Olhou por cima do ombro. Podia ver Daphne parada junto ao velho carvalho. Ela estava no topo de uma colina e, portanto, podia ver onde a vista dele não alcançava.

– De quem é a vez? – gritou ele.

Ela esticou o pescoço, enquanto observava os outros jogarem na parte de baixo da colina.

– De Colin, acho – respondeu ela, virando-se de volta –, o que significa que Kate é a próxima.

Anthony riu.

Tinha montado o percurso um pouco diferente naquele ano, de forma meio circular. Os jogadores tinham de seguir um padrão em curva, o que significava que, em linha reta, ele estava mais perto de Kate do que dos outros. Na verdade, só precisava andar cerca de dez metros na direção sul e poderia vê-la seguir para o quarto arco.

Ou ainda seria o terceiro?

De qualquer maneira, não iria perder isso.

Assim, com um sorriso no rosto, ele correu. Deveria gritar? Ele a irritaria mais se gritasse.

Mas isso seria cruel. Por outro lado...

VUUSH!

Anthony parou de ponderar e levantou os olhos bem a tempo de ver a bola verde voando em sua direção.

Mas que diabo?

Kate soltou uma gargalhada triunfante, pegou suas saias e começou a correr até lá.

– O que em nome de Deus você está fazendo? – perguntou Anthony. – O quarto arco é para *lá*. – Ele apontou o dedo na direção certa, embora tivesse certeza de que ela sabia para que lado ficava.

– Ainda estou no terceiro arco – respondeu ela, travessa –, e, de qualquer forma, já desisti de ganhar. É impossível a esta altura, não acha?

Anthony olhou para a mulher, depois para sua bola, parada tranquilamente perto do último arco.

Então olhou para Kate novamente.

– Ah, não, você não vai fazer isso – rosnou ele.

Ela sorriu lentamente.

Diabolicamente.

Como uma bruxa.

– Quer apostar?

Bem nessa hora, Colin chegou, subindo correndo a colina.

– Sua vez, Anthony!

– Como é possível? – perguntou ele. – Kate acabou de jogar, então ainda faltam Daphne, Edwina e Simon.

– Nós jogamos muito rápido – disse Simon, aproximando-se. – Com certeza não queremos perder *isso*.

– Ah, pelo amor de Deus – murmurou ele, vendo os outros chegarem, apressados.

Então caminhou até a sua bola, estreitando os olhos enquanto fazia mira.

– Tenha cuidado com a raiz da árvore! – gritou Penelope.

Anthony rangeu os dentes.

– Eu não estava torcendo – disse ela, o rosto magnificamente sereno. – Com certeza um aviso não pode ser considerado tor...

– *Cale a boca* – grunhiu Anthony.

– Todos nós temos o nosso lugar neste jogo – disse ela, os lábios se contraindo.

Anthony se virou.

– Colin! – bradou. – Se não deseja ficar viúvo, faça o favor de amordaçar a sua mulher.

Colin se aproximou de Penelope.

– Eu amo você – disse ele, beijando-a na bochecha.

– E eu...

– Parem! – explodiu Anthony. Quando todos os olhos se voltaram para ele, acrescentou em um grunhido: – Estou tentando me concentrar.

Kate se aproximou um pouco mais.

– Fique longe de mim, mulher.

– Eu só quero *ver* – disse ela. – Quase não tive a chance de *ver* nada neste jogo, ficando tão para trás o tempo todo.

Ele estreitou os olhos.

– Eu *posso* ter sido responsável por você cair na lama, e por favor note minha ênfase na palavra *posso*, que não implica nenhum tipo de confirmação da minha parte.

Ele fez uma pausa, claramente ignorando o restante do grupo, todos boquiabertos.

– No entanto – continuou –, não consigo ver como posso ser culpado por você estar em último lugar.

– A lama deixou minhas mãos escorregadias – grunhiu ela. – Eu não conseguia segurar o taco direito.

Ao lado deles, Colin fez uma careta.

– Receio que esse argumento tenha sido muito fraco, Kate. Dessa vez vou ter que concordar com o Anthony, por mais que me doa.

– Está bem – disse ela, depois de lançar a Colin um olhar fulminante. – A culpa é só minha. No entanto...

E se calou.

– Hã, no entanto o quê? – Edwina finalmente perguntou.

Kate parecia uma rainha com seu cetro, parada ali, toda coberta de lama.

– No entanto – continuou ela regiamente –, não tenho que gostar disso. E como estamos jogando *Pall Mall*, e somos Bridgertons, não tenho que jogar limpo.

Anthony balançou a cabeça e se inclinou novamente para fazer mira.

– Ela tem razão dessa vez – disse Colin, irritante como era. – Espírito esportivo nunca foi algo muito valorizado neste jogo.

– Fique quieto – resmungou Anthony.

– Na verdade – continuou Colin –, poderíamos até dizer que...

– Eu disse para ficar quieto.

–... na verdade é o oposto, e a *falta* de espírito esportivo...

– Cale a *boca*, Colin.

–... de fato deve ser enaltecida e...

Anthony decidiu desistir e dar uma tacada. Se continuassem naquele ritmo, ficariam ali até a festa de São Miguel. Colin nunca iria parar de falar, não enquanto achasse que podia irritar o irmão.

Anthony se concentrou em não ouvir nada além do vento. Ou pelo menos tentou.

Então mirou.

Afastou o taco.

Bateu!

Não muito forte, não muito forte.

A bola rolou para a frente, infelizmente não longe o bastante. Ele não ia conseguir fazê-la passar pelo arco em sua próxima tentativa. Pelo menos não sem uma intervenção divina para fazer a bola contornar uma pedra do tamanho de um punho.

– Colin, você é o próximo – disse Daphne, mas ele já estava correndo de volta para a sua bola. Ele a acertou de qualquer jeito e em seguida gritou:

– Kate!

Ela deu um passo à frente, piscando enquanto avaliava o terreno. Sua bola estava a cerca de 30 centímetros da dele. A pedra, no entanto, estava do outro lado, o que significava que, se tentasse sabotá-lo, não conseguiria mandá-lo para muito longe – a pedra certamente ia parar a bola.

– Um dilema interessante – murmurou Anthony.

Kate deu a volta nas bolas.

– Seria um gesto romântico – ponderou ela –, se eu deixasse você ganhar.

– Ah, não é uma questão de você *deixar* – provocou ele.

– Resposta errada – disse ela, e mirou.

Anthony estreitou os olhos. O que ela estava fazendo?

Kate bateu na bola com força moderada, mirando não no meio da bola dele, mas sim para o lado esquerdo. Sua bola bateu na dele, lançando-a em um movimento giratório para a direita. Por causa do ângulo, ela não teve como arremessá-la tão longe quanto poderia se a acertasse em cheio, mas conseguiu fazê-la chegar ao topo da colina.

Bem no topo.

Bem no topo.

E, em seguida, colina abaixo.

Kate deixou escapar um grito de alegria que poderia muito bem ter sido dado em um campo de batalha.

– Você vai pagar por isso – disse Anthony.

Ela estava ocupada demais pulando para lhe dar atenção.

– Quem você acha que vai ganhar agora? – perguntou Penelope.

– Sabe – disse Anthony em voz baixa –, não me importo.

E então ele caminhou até a bola verde e mirou.

– Espere, não é a sua vez! – gritou Edwina.

– E não é a sua bola – acrescentou Penelope.

– É mesmo? – murmurou ele, e então bateu com força na bola de Kate, fazendo-a correr pelo gramado e descer até o lago.

Kate bufou de indignação.

– Isso não foi muito esportivo da sua parte!

Ele abriu um sorriso enlouquecedor.

– No amor e na guerra, vale tudo, esposa.

– Você vai pegar a bola – retrucou ela.

– É você que está precisando de um banho.

Daphne deixou escapar uma risadinha e então disse:

– Acho que deve ser a minha vez. Vamos continuar?

Ela saiu, com Simon, Edwina e Penelope logo atrás.

– Colin! – bradou Daphne.

– Ah, está bem – resmungou ele, e a seguiu também.

Kate olhou para o marido, os lábios começando a se contrair.

– Bem – falou, coçando um ponto da orelha que estava particularmente coberto de lama –, creio que seja o fim do jogo para nós dois.

– Eu diria que sim.

– Brilhante trabalho este ano.

– Você também – disse ele sorrindo. – A poça foi uma ideia inspirada.

– Eu também achei – concordou ela, sem um pingo de modéstia. – E, bem, quanto à lama...

– Não foi *exatamente* de propósito – murmurou ele.

– Eu teria feito o mesmo.

– Sim, eu sei.

– Estou imunda – constatou ela, olhando para o vestido.

– O lago está bem ali.

– Está tão frio...

– Um banho, então?

Ela sorriu sedutoramente.
– Quer se juntar a mim?
– Mas é claro.
Ele estendeu o braço e juntos começaram a caminhar de volta para casa.
– Deveríamos ter dito a eles que desistimos? – perguntou Kate.
– Não.
– Colin vai tentar roubar o taco preto, você sabe.
Ele olhou para ela com interesse.
– Você acha que ele vai tentar tirá-lo de Aubrey Hall?
– Você não faria isso?
– Com certeza – respondeu ele, com grande ênfase. – Temos que unir forças.
– Ah, de fato.
Eles caminharam mais alguns metros, então Kate disse:
– Mas quando o recuperarmos...
Ele olhou para ela, horrorizado.
– Ah, então é cada um por si. Você não achou...
– Não – ela se apressou em dizer. – De jeito nenhum.
– Então estamos de acordo – falou Anthony, com certo alívio.
Onde estaria a diversão se ele não pudesse derrotar Kate?
Caminharam por mais alguns segundos e, em seguida, ela disse:
– Ano que vem, eu vou ganhar.
– Sei que você acha que vai.
– Não, eu vou. Tenho ideias. Estratégias.
Anthony riu, depois se curvou para beijá-la, com lama e tudo.
– Eu tenho ideias também – disse ele com um sorriso. – E muitas, muitas estratégias.
Ela lambeu os lábios.
– Não estamos mais falando de *Pall Mall*, estamos?
Ele balançou a cabeça.
Kate passou os braços em torno de Anthony, puxando sua cabeça na direção dela. E então, um instante antes de seus lábios tomarem os dela, ele a ouviu suspirar...
– Ótimo!

Um perfeito cavalheiro

Um perfeito cavalheiro é minha homenagem a Cinderela, mas logo ficou claro que na história original havia um excesso de meias-irmãs perversas. Na minha versão, enquanto Rosamund era maliciosa e cruel, Posy tinha um coração de ouro e, quando a história chegou ao clímax, foi ela quem arriscou tudo para salvar nossa Cinderela. Parece mais do que justo, então, que ela também tenha seu final feliz...

UM PERFEITO CAVALHEIRO:

O segundo epílogo

Aos 25 anos, a Srta. Posy Reiling era considerada *quase* uma solteirona. Havia quem achasse que ela já havia cruzado o limite entre senhorita e solteirona; 23 anos era a idade com frequência citada como a cruel fronteira cronológica. Mas Posy era, como Lady Bridgerton (sua guardiã não oficial) muitas vezes observava, um caso único.

Durante as temporadas de debutantes, Lady Bridgerton insistia que Posy tinha apenas 20 anos, *talvez* 21.

Eloise Bridgerton, a mais velha filha solteira da casa, colocava as coisas de forma um pouco mais direta: os primeiros anos de Posy na sociedade tinham sido inúteis e não deviam ser contados contra ela.

A irmã mais nova de Eloise, Hyacinth, que nunca seria verbalmente superada, simplesmente declarava que os anos de Posy entre os 17 e os 22 tinham sido “um completo horror”.

Fora nessa altura que Lady Bridgerton suspirara, servindo-se de uma bebida forte e afundando em uma cadeira. Eloise, cuja língua era tão afiada quanto a de Hyacinth (embora felizmente moderada por alguma prudência), comentara que era melhor que eles casassem Hyacinth rapidamente ou a mãe se tornaria uma alcoólatra. Lady Bridgerton não apreciara o comentário, embora intimamente tivesse pensado que talvez fosse verdade.

Hyacinth era assim.

Mas esta é uma história sobre Posy. E como Hyacinth tem uma tendência a tomar conta de qualquer coisa em que esteja envolvida... por favor, esqueça dela

pelo resto do conto.

O fato era que os primeiros anos de Posy no mercado casamenteiro *tinham* sido um total horror. Era verdade que ela havia debutado em uma idade apropriada, aos 17 anos. E, de fato, era a enteada do falecido conde de Penwood, que prudentemente deixara o dote dela acertado antes de sua morte prematura, havia vários anos.

Ela era bem bonita – ainda que talvez um pouco rechonchuda, tinha todos os dentes e por vezes se comentava que tinha olhos excepcionalmente gentis.

Qualquer um que a avaliasse na teoria não entenderia por que ela passara tanto tempo sem nem sequer uma única proposta.

Mas qualquer um que a avaliasse na teoria poderia não saber sobre a mãe de Posy, Araminta Gunningworth, a viúva condessa de Penwood.

Araminta era magnificamente bonita, mais ainda do que a irmã mais velha de Posy, Rosamund, que havia sido abençoada com cabelos louros, lábios em forma de coração e olhos azul-celeste.

Araminta também era ambiciosa e tinha um imenso orgulhoso de sua ascensão da pequena nobreza à aristocracia. Ela passara de Srta. Wincheslea a Sra. Reiling, e por fim Lady Penwood, embora quem a ouvisse falar pensasse que tinha nascido em berço de ouro.

Mas Araminta havia falhado em um aspecto: não fora capaz de dar ao conde um herdeiro. O que significava que, apesar do *Lady* antes do nome, ela não detinha grande poder. Nem tinha acesso ao tipo de fortuna a que achava ter direito.

Assim, concentrou suas esperanças em Rosamund. Rosamund, ela tinha certeza, faria um esplêndido casamento. Rosamund era belíssima. Rosamund sabia cantar e tocar piano e, embora não fosse talentosa com a agulha, sabia exatamente como espetar Posy, que era. E como Posy não gostava de repetidas marcas de agulha na pele, era o bordado de Rosamund que sempre parecia primoroso.

O de Posy, por outro lado, geralmente ficava mal-acabado.

Como o dinheiro não era tão abundante quanto Araminta gostaria que seus pares pensassem, ela gastava tudo o que tinham nas roupas de Rosamund, nas aulas de Rosamund e em *tudo* de Rosamund.

Não deixava que Posy parecesse embaraçosamente maltrapilha, mas não havia por que gastar mais do que o necessário com ela. Quem nasceu para vintém nunca chega a tostão, e com certeza uma Posy nunca se tornaria uma Rosamund.

Mas...

(E esse é um *mas* bem grande.)

As coisas não terminaram tão bem para Araminta. É uma história terrivelmente longa e que talvez mereça seu próprio livro, mas basta dizer que Araminta roubou a herança de outra jovem, Sophia Beckett, que vinha a ser filha ilegítima do conde. Ela teria se safado dessa completamente, porque, afinal, ninguém se preocupa com uma bastarda, mas Sophie tivera a ousadia de se apaixonar por Benedict Bridgerton, o segundo filho da anteriormente mencionada (e extremamente bem-relacionada) família Bridgerton.

Isso não teria sido suficiente para selar o destino de Araminta, mas Benedict concluiu que também amava Sophie. Perdidamente. E, embora pudesse fazer vista grossa para o desfalque, com certeza não ia deixar Sophie ser presa (por acusações fradulentas, em sua maioria).

As coisas pareciam sombrias para a querida Sophie, mesmo com a intervenção de Benedict e de sua mãe, a também já mencionada Lady Bridgerton. Mas, então, quem apareceu para salvar o dia se não Posy?

Posy, que tinha sido ignorada a maior parte da vida.

Posy, que passara anos se sentindo culpada por não enfrentar a mãe.

Posy, que ainda era um pouco rechonchuda e nunca seria tão bonita quanto a irmã, mas que sempre teria os olhos mais *gentis*.

Araminta a renegara na hora, mas, antes que Posy tivesse sequer um instante para pensar se isso era sorte ou azar, Lady Bridgerton a convidara para morar em sua casa, pelo tempo que quisesse.

Posy podia ter passado 22 anos sendo diminuída pela irmã, mas não era tola. Aceitou de bom grado e nem sequer se preocupou em voltar em casa para recolher seus pertences.

Quanto a Araminta, bem, ela rapidamente concluiu que era melhor não fazer nenhum comentário público sobre aquela que em breve se tornaria Sophia Bridgerton, a menos que fosse para declarar que ela era um amor de pessoa.

O que ela não fez. Mas tampouco saiu por aí dizendo que era uma bastarda, que era o que todos esperavam.

Tudo isso explica (de forma confessadamente longa) por que Lady Bridgerton era a guardiã não oficial de Posy e por que a considerava um caso único. Em sua mente, Posy não debutara verdadeiramente até ir morar com ela. Com o dote de Penwood ou não, quem teria olhado duas vezes para uma garota com roupas sem um bom caimento, que andava sempre pelos cantos, fazendo o máximo para não ser notada pela própria mãe?

E se ela ainda estava solteira aos 25 anos, ora, isso com certeza equivalia a apenas 20 para qualquer outra pessoa. Ou pelo menos era o que Lady Bridgerton dizia.

E ninguém ousaria contradizê-la.

Quanto a Posy, ela costumava dizer que sua vida só tinha começado depois que fora para a cadeia.

Isso exigia alguma explicação, mas a maioria das declarações de Posy era assim.

Ela não se importava. Os Bridgertons *gostavam* de suas explicações. Eles gostavam *dela*.

Ainda melhor, *ela* gostava de si mesma.

O que era mais importante do que ela jamais percebera.

Sophie Bridgerton considerava sua vida quase perfeita. Amava o marido, adorava sua casa aconchegante e tinha certeza de que seus dois filhos eram as criaturas mais bonitas e mais brilhantes do mundo inteiro e que, bem... nunca haveria ninguém como eles.

Era verdade que eles *tinham* de morar no campo, porque, mesmo com a considerável influência da família Bridgerton, Sophie, em razão de seu nascimento, provavelmente não seria aceita por algumas das famílias mais exigentes de Londres.

(Sophie as chamava de exigentes. Benedict as chamava de algo completamente diferente.)

Mas isso não importava. Não de fato. Ela e Benedict preferiam a vida no campo, então não foi uma grande perda. E embora sempre fossem comentar aos sussurros que o nascimento de Sophie não fora como deveria ser, a história oficial era de que ela era uma parente distante – e completamente legítima – do falecido conde de Penwood. E embora ninguém tivesse *de fato* acreditado em Araminta quando ela confirmara a história, foi exatamente o que ela fez.

Sophie sabia que, quando seus filhos se tornassem adultos, os rumores já seriam antigos o bastante para que nenhuma porta se fechasse para eles caso quisessem assumir seus lugares na sociedade de Londres.

Tudo estava bem. Tudo estava perfeito.

Quase. Na verdade, ainda faltava encontrar um marido para Posy. Não qualquer um, é claro. Posy merecia o melhor.

– Nem todos se interessariam por ela – admitira Sophie a Benedict no dia anterior –, mas isso não significa que ela não seja um ótimo partido.

– É claro que não – murmurou ele.

Estava tentando ler o jornal. Era de três dias antes, mas para ele as notícias ainda eram novidade.

Sophie olhou para Benedict com ar severo.

– Quero dizer, é claro – continuou ele rapidamente. E então, quando ela não prosseguiu de imediato, ele corrigiu: – O que quis dizer é que ela vai ser uma excelente esposa.

Sophie deixou escapar um suspiro.

– O problema é que a maioria das pessoas não parece perceber como ela é adorável.

Benedict acenou com a cabeça, confirmando respeitosamente. Compreendia seu papel naquele quadro. Tratava-se do tipo de conversa que não era bem uma conversa. Sophie estava pensando alto, e cabia a ele apenas mostrar que a acompanhava com algum gesto ou palavra.

– Ou pelo menos é o que sua mãe diz – continuou Sophie.

– Aham.

– Não a chamam para dançar nem de longe tanto quanto deveriam.

– Os homens são umas bestas – concordou Benedict, virando para a próxima página.

– É verdade – disse Sophie com alguma emoção. – Fora a presente companhia, é claro.

– Ah, é claro.

– A maior parte do tempo – acrescentou ela, um pouco irritada.

Ele acenou com a cabeça.

– De nada.

– Você está me ouvindo? – perguntou ela, estreitando os olhos.

– Cada palavra – garantiu ele, abaixando o jornal apenas o suficiente para vê-la.

Não *vira* os olhos dela se estreitarem, mas a conhecia bem o suficiente para ouvir isso em sua voz.

– Precisamos encontrar um marido para Posy.

Ele pensou a respeito.

– Talvez ela não queira um.

– É claro que ela quer!

– Sempre ouvi que toda mulher quer um marido, mas, pela minha experiência, isso não é exatamente verdade – opinou Benedict.

Sophie limitou-se a olhar para ele, o que não o surpreendeu. Era um comentário bem longo, vindo de um homem com um jornal.

– Veja Eloise – disse ele. Então balançou a cabeça, o que costumava fazer quando pensava na irmã. – Quantos homens ela já recusou até agora?

– Pelo menos três – responde Sophie –, mas essa não é a questão.

– Qual é a questão, então?

– *Posy*.

– Certo – disse ele lentamente.

Sophie se inclinou para a frente, os olhos assumindo uma estranha mistura de perplexidade e determinação.

– Não sei por que os cavalheiros não veem como ela é maravilhosa.

– Ela não chama atenção à primeira vista – disse Benedict, esquecendo-se momentaneamente de que não deveria de fato dar sua opinião.

– *O quê?*

– *Você* disse que nem todos se interessariam por ela.

– Mas você não deveria... – Ela afundou um pouco no assento. – Não importa.

– O que você ia dizer?

– Nada.

– *Sophie* – insistiu ele.

– Só que você não deveria ter concordado comigo – murmurou ela. – Mas até eu admito que isso é ridículo.

Benedict já tinha percebido havia muito tempo que era maravilhoso ter uma mulher sensata.

Sophie ficou em silêncio por algum tempo, e Benedict teria retomado a leitura do jornal, mas era muito interessante observar o rosto dela. Sophie mordeu o lábio, depois deixou escapar um suspiro cansado, então se endireitou um pouco, como se houvesse tido uma boa ideia, em seguida franziu a testa.

Ele podia ter ficado ali olhando para ela a tarde toda.

– Você consegue pensar em alguém? – perguntou ela, de repente.

– Para Posy?

Ela lançou-lhe um olhar do tipo *de quem mais eu estaria falando*?

Ele suspirou. Devia ter esperado a pergunta, mas começara a pensar na pintura em que estava trabalhando em seu estúdio. Era um retrato de Sophie, o quarto que pintava em seus três anos de casamento. Começava a achar que não conseguira fazer sua boca direito. Não tanto os lábios, mas os cantos. Um bom retratista precisava entender sobre os músculos do corpo humano, mesmo os da face, e...

– Benedict!

– Que tal o Sr. Folsom? – disse ele rapidamente.

– O advogado?

Benedict assentiu.

– Ele não me parece muito confiável.

Ela estava certa, ele percebia agora que parava para pensar.

– Sir Reginald?

Sophie encarou-o outra vez, visivelmente decepcionada com sua seleção.

– Ele é *gordo*.

– Assim como...

– Ela *não é* gorda – interrompeu Sophie. – É um pouco rechonchuda.

– Na verdade, eu ia dizer *assim como o Sr. Folsom* – disse Benedict, sentindo a necessidade de se defender –, mas você preferiu falar sobre sua falta de

confiabilidade.

– Ah.

Ele se permitiu um discreto sorriso.

– Falsidade é muito pior do que excesso de peso – murmurou ela.

– Eu não poderia estar mais de acordo – disse Benedict. – Que tal o Sr. Woodson?

– Quem?

– O novo vigário. Aquele que você disse...

–... que tem um sorriso radiante! – completou Sophie, animada. – Ah, Benedict, é perfeito! Ah, eu amo você, amo você, amo você!

Com isso, ela praticamente deu um salto sobre a mesa baixa entre eles e se jogou em seus braços.

– Bem, eu também amo você – disse ele, e se congratulou por ter tido a precaução de fechar a porta para a sala de visitas mais cedo.

O jornal voou por cima do ombro dele, e estava tudo certo com o mundo.

A temporada chegou ao fim algumas semanas mais tarde, e assim Posy decidiu aceitar o convite de Sophie para uma visita prolongada. Londres ficava quente, úmida e bastante malcheirosa no verão, e uma estadia no campo parecia algo perfeito. Além disso, não via seus afilhados havia vários meses e tinha ficado *espantada* quando Sophie escrevera para dizer que Alexander já havia começado a perder um pouco de seu jeito rechonchudo de bebê.

Ah, ele era tão fofinho e tão bom de apertar! Tinha de ir vê-lo antes que ficasse magrinho demais. Definitivamente precisava ir.

E seria ótimo ver Sophie também. Ela escrevera dizendo que ainda se sentia um pouco fraca, e Posy iria gostar de ajudá-la.

Poucos dias depois da chegada de Posy, ela e Sophie estavam tomando chá quando a conversa se voltou, como ocasionalmente acontecia, para Araminta e Rosamund, com quem Posy tinha esbarrado em Londres. Depois de mais de um ano de silêncio, a mãe finalmente falara com ela, mas, ainda assim, a conversa fora breve e formal. Posy, entretanto, concluíra que era melhor assim. A mãe podia não ter nada para lhe dizer, mas ela tampouco tinha o que dizer à mãe.

No que dizia respeito a epifanias, tinha sido bastante libertador.

– Eu a vi em frente ao chapeleiro – disse Posy, servindo seu chá do jeito que gostava, com bastante leite e sem açúcar. – Ela tinha acabado de descer a escada e não pude evitá-la, e foi então que percebi que não queria evitá-la. Não que eu quisesse falar com ela. – Ela tomou um gole. – Só não queria gastar a energia necessária para me esconder.

Sophie assentiu de maneira aprovadora.

– E então nos falamos e não dissemos nada de importante, embora ela tenha conseguido fazer um de seus pequenos insultos inteligentes.

– Odeio isso.

– Eu sei. Ela é *tão* boa nessas coisas.

– É um talento – comentou Sophie. – Não um bom talento, é claro, mas um talento de qualquer jeito.

– Bem – continuou Posy –, devo dizer que fui bastante madura com relação a todo o encontro. Deixei que ela dissesse o que queria e me despedi. E então percebi a coisa mais incrível.

– O que foi?

Posy abriu um sorriso.

– Eu gosto de mim mesma.

– Mas é claro que gosta – disse Sophie, piscando, confusa.

– Não, não, você não entendeu – rebateu Posy.

Era estranho porque Sophie deveria ter entendido perfeitamente. Ela era a única pessoa no mundo que sabia o que significava ser a filha não preferida de Araminta. Mas Sophie era tão radiante... Sempre fora. Mesmo quando Araminta a tratava praticamente como uma escrava, Sophie nunca parecia se deixar abater. Sempre tivera um espírito singular, um brilho. Não era provocação; Sophie era a pessoa menos insubordinada que Posy conhecia, exceto talvez por si mesma.

Não era subordinação... era resiliência. Sim, era exatamente isso.

De qualquer forma, Sophie deveria ter entendido o que Posy queria dizer, mas não entendera, então Posy explicou:

– Nem sempre gostei de mim mesma. E por que eu deveria? Minha própria mãe não gostava.

– Ah, Posy – disse Sophie, os olhos cheios de lágrimas –, você não deve...

– Não, não – interrompeu Posy, bem-humorada. – Não se preocupe. Isso não me incomoda.

Sophie apenas olhou para ela.

– Bem, não mais – corrigiu Posy.

Então virou-se para o prato de biscoitos na mesa entre as duas. Ela realmente não devia comer mais nenhum. Já comera três e *queria* mais três, então talvez, se comesse só mais um, isso na verdade significasse que tinha deixado de comer dois...

Apoiou as mãos entrelaçadas na perna, girando os polegares. Provavelmente não devia comer nenhum. Provavelmente devia deixá-los para Sophie, que tinha acabado de ter um bebê e precisava recuperar as forças. Embora Sophie parecesse perfeitamente recuperada e o pequeno Alexander já tivesse 4 meses...

– Posy?

Ela levantou os olhos.

– Há algo errado?

Posy deu de ombros.

– Não consigo decidir se como um biscoito.

Sophie piscou.

– Um biscoito? Sério?

– Há pelo menos duas razões, provavelmente até mais do que isso, pelas quais eu não deveria. – Ela fez uma pausa, franzindo a testa.

– Você parecia muito séria – comentou Sophie. – Quase como se estivesse conjugando verbos em latim.

– Ah, não, eu pareceria muito mais em paz se estivesse conjugando verbos em latim – declarou Posy. – Seria bastante simples, já que não sei nada a respeito. Biscoitos, por outro lado, me fazem ponderar indefinidamente. – Ela suspirou e olhou para a barriga. – Para a minha tristeza.

– Não seja boba, Posy – repreendeu Sophie. – Você é a mulher mais adorável que eu conheço.

Posy sorriu e pegou o biscoito. O que era maravilhoso em Sophie era que ela não estava mentindo. Realmente achava que ela era a mulher mais adorável que conhecia. Por outro lado, Sophie sempre fora esse tipo de pessoa. Ela via bondade onde outros viam... Bem, para onde os outros nem sequer se preocupavam em olhar, para ser sincera.

Posy deu uma mordida e mastigou, concluindo que valia muito a pena. Manteiga, açúcar e farinha. O que poderia ser melhor?

– Recebi uma carta de “Lady Bridgerton” hoje – comentou Sophie.

Posy ergueu os olhos, interessada. Tecnicamente, “Lady Bridgerton” poderia ser a cunhada de Sophie, a esposa do atual visconde. Mas as duas sabiam que ela se referia à mãe de Benedict. Para elas, ela sempre seria Lady Bridgerton. A outra era Kate. E era melhor desse jeito, já que Kate preferia ser chamada assim pela família.

– Ela disse que o Sr. Fibberly foi visitá-la.

Como Posy não disse nada, Sophie acrescentou:

– Ele estava procurando você.

– Bem, é claro que estava – falou Posy, resolvendo por fim comer o quarto biscoito. – Hyacinth é muito jovem e Eloise o apavora.

– Eloise *me* apavora – admitiu Sophie. – Ou pelo menos me apavorava. E tenho certeza de que Hyacinth vai me apavorar até o túmulo.

– Você só precisa saber como lidar com ela – disse Posy com um aceno.

Era verdade: Hyacinth Bridgerton *era* aterrorizante, mas as duas sempre tinham se dado muito bem. Provavelmente em razão do firme (alguns poderiam dizer inflexível) senso de justiça de Hyacinth. Quando ela descobrira que a mãe de Posy nunca a amara tanto quanto a Rosamund...

Bem, Posy nunca fora de contar histórias, e não ia começar agora... Basta dizer que, graças a uma ideia de Hyacinth, Araminta nunca mais comera peixe.

Nem frango.

Posy ficara sabendo disso pelos empregados, e eles sempre estavam mais a par das fofocas.

– Mas você ia me falar do Sr. Fibberly – disse Sophie, ainda tomando seu chá.

Posy deu de ombros, embora não estivesse prestes a fazer nada do tipo.

– Ele é tão maçante...

– Bonito?

Posy deu de ombros novamente.

– Não sei dizer.

– Geralmente basta olhar para o rosto da pessoa.

– Não consigo tolerar seu jeito maçante. Não creio que ele ria.

– Não pode ser assim tão ruim.

– Ah, pode sim, eu lhe garanto. – Ela estendeu a mão e pegou outro biscoito antes de perceber que não pretendera fazer isso. Ah, bem, já estava em sua mão agora, então não podia colocá-lo de volta. Ela acenava com o biscoito no ar enquanto falava, tentando provar seu ponto de vista. – Ele às vezes faz um barulho terrível assim "erm, erm, erm", e acho que pensa que está rindo, mas claramente não está.

Sophie riu, embora aparentasse achar que não deveria.

– E ele nem sequer olha para os meus seios!

– Posy!

– É meu único atributo.

– Não é! – Sophie olhou ao redor da sala de visitas, embora não houvesse ninguém por perto. – Não acredito que você disse isso.

Posy soltou um suspiro frustrado.

– Não posso dizer *seios* em Londres e agora não posso em Wiltshire também?

– Não quando estou à espera do novo vigário – disse Sophie.

Um pedaço do biscoito de Posy caiu em seu colo.

– O quê?

– Eu não lhe falei?

Posy olhou para ela desconfiada. A maioria das pessoas achava que Sophie era uma péssima mentirosa, mas isso era apenas por causa de seu olhar angelical. E ela raramente mentia. Então todos achavam que, se mentisse, seria péssima nisso.

Posy, no entanto, sabia que não era bem assim.

– Não – disse ela, limpando as saias –, você não me falou.

– Que curioso, não costumo esquecer – murmurou Sophie.

Ela pegou um biscoito e deu uma mordida.

Posy olhou para ela.

– Você sabe o que não estou fazendo agora?

Sophie fez que não.

– Não estou revirando os olhos porque estou tentando agir de maneira adequada à minha idade e maturidade.

– Você parece mesmo bem séria.

Posy encarou-a um pouco mais.

– Ele é solteiro, imagino.

– Hã, sim.

Posy ergueu a sobrancelha esquerda, a expressão astuta provavelmente a única coisa útil que herdara da mãe.

– Quantos anos tem esse vigário?

– Não sei – admitiu Sophie –, mas ele ainda tem cabelo na cabeça toda.

– E chegamos a esse ponto – murmurou Posy.

– Pensei em você quando o conheci – disse Sophie –, porque ele sorri.

Porque ele *sorri*? Posy estava começando a achar que Sophie era um pouco maluca.

– Como assim?

– Ele sorri tanto... E tão bem... – Ao dizer isso, *Sophie* sorriu. – Não pude deixar de pensar em você.

Posy revirou os olhos dessa vez e em seguida falou:

– Resolvi deixar a maturidade de lado.

– Sem dúvida.

– Vou conhecer seu vigário – disse Posy –, mas você precisa saber que decidi aspirar à excentricidade.

– Boa sorte com isso – retrucou Sophie, com sarcasmo.

– Acha que não consigo?

– Você é a pessoa menos excêntrica que eu conheço.

Era verdade, é claro, mas se Posy fosse passar a vida como uma solteirona, queria ser aquela excêntrica com o chapéu grande, e não a desesperada com os lábios apertados.

– Qual é o nome dele? – perguntou ela.

Mas antes que Sophie pudesse dizer alguma coisa, ouviram a porta da frente se abrir, e foi o mordomo quem respondeu ao anunciar:

– O Sr. Woodson está aqui para vê-la, Sra. Bridgerton.

Posy escondeu o biscoito meio comido sob um guardanapo e cruzou as mãos elegantemente sobre o colo. Estava um pouco irritada com Sophie por convidar um homem solteiro para o chá sem avisá-la, mas, ainda assim, isso não parecia razão para não causar uma boa impressão. Olhou cheia de expectativa para a

porta, esperando pacientemente enquanto os passos do Sr. Woodson se aproximavam.

E então...

E então...

Sinceramente, não adiantaria tentar contar o que houve, porque ela não se lembrava de quase nada do que aconteceu em seguida.

Ela o viu e foi como se, depois de 25 anos de vida, seu coração finalmente tivesse começado a bater.

Hugh Woodson nunca tinha sido o menino mais admirado da escola. Nunca fora o mais bonito ou o mais atlético. Nem fora o mais inteligente, ou o mais esnobe, ou o mais tolo. O que ele tinha sido, e que fora a vida inteira, era o mais querido.

As pessoas gostavam dele. Sempre tinham gostado. Ele imaginava que era porque, por sua vez, ele também gostava da maioria das pessoas. Sua mãe jurava que ele saíra do ventre sorrindo. E dizia isso com muita frequência, embora Hugh suspeitasse que fazia isso só para dar a deixa para que seu pai dissesse:

– Ah, Georgette, você sabe que eram apenas gases...

O que nunca deixava de provocar acessos de risos nos dois.

O fato de Hugh geralmente também rir era uma prova tanto de seu amor pelos pais quanto de que estava bem à vontade consigo mesmo.

No entanto, apesar de toda a sua simpatia, nunca parecera atrair as mulheres. Elas o adoravam, é claro, e lhe confiavam seus maiores segredos, mas sempre faziam isso de um jeito que levava Hugh a acreditar que era visto como uma espécie de criatura divertida e confiável.

A pior parte era que cada uma dessas mulheres parecia ter absoluta certeza de que conhecia a mulher *perfeita* para ele ou, se não, então tinha convicção de que essa mulher perfeita realmente existia.

Que nenhuma mulher *se* achasse a mulher perfeita não passara despercebido. Não para Hugh, pelo menos. Todos os outros pareciam não notar.

Mas ele seguia adiante, porque não havia razão para ser diferente. E, como sempre suspeitara de que as mulheres eram o sexo mais inteligente, ainda tinha esperanças de que o espécime perfeito estivesse por aí, em algum lugar.

Afinal, praticamente cinquenta mulheres tinham dito isso. Elas não podiam estar todas erradas.

Mas Hugh tinha quase 30 anos, e a Srta. Perfeição ainda não achara prudente se revelar. Hugh começava a achar que devia tomar as rédeas do problema, mas não tinha a menor ideia de como fazer isso, principalmente porque acabara de assumir um trabalho em um recanto tranquilo de Wiltshire e não parecia haver uma única moça solteira com a idade adequada em sua paróquia.

Incrível, mas era verdade.

Talvez devesse ir até Gloucestershire no domingo seguinte. Havia uma vaga lá, e ele fora convidado a ajudar e fazer um sermão ou dois até que encontrassem um novo vigário. Tinha de haver pelo menos uma moça solteira por lá. Não era possível que não houvesse nenhuma em toda a área das Cotswolds.

Mas aquela não era a hora de pensar nessas coisas. Estava chegando para tomar chá com a Sra. Bridgerton, um convite pelo qual ficou enormemente grato. Ainda estava se familiarizando com a área e seus moradores, mas bastara um serviço religioso para saber que a Sra. Bridgerton era querida e admirada por todos. E ela também parecia muito inteligente e gentil.

Esperava que ela gostasse de fofocar. Precisava de alguém que lhe contasse o que se passava na vizinhança. Não se pode cuidar de um rebanho sem conhecer a sua história.

Também ouvira dizer que a cozinheira dela preparava um maravilhoso chá. E tinham mencionado especificamente os biscoitos.

– O Sr. Woodson está aqui para vê-la, Sra. Bridgerton.

Hugh entrou na sala de visitas quando o mordomo anunciou seu nome. Ficara feliz por ter se esquecido de almoçar, porque a casa tinha um aroma celestial e...

E então ele se esqueceu de praticamente tudo.

Por que fora até lá.

Quem era.

A cor do céu, até, e o cheiro da grama.

Na verdade, enquanto estava parado à porta em arco da sala de visitas dos Bridgertons, só sabia de uma coisa e uma coisa apenas.

A mulher no sofá, aquela com os olhos extraordinários e que não era a Sra. Bridgerton, era a Srta. Perfeição.

Sophie Bridgerton sabia uma ou duas coisas sobre o amor à primeira vista. Um dia, ela mesma fora atingida por seu famoso raio e tomada por uma paixão de tirar o fôlego, uma felicidade inebriante e um formigamento estranho por todo o corpo.

Ou pelo menos era assim que se lembrava.

Também se lembrava de que, embora a flecha do Cupido tivesse se mostrado notavelmente precisa em seu caso, levara algum tempo para que ela e Benedict chegassem a seu "felizes para sempre". Assim, embora quisesse saltar de alegria no assento enquanto observava Posy e o Sr. Woodson olharem um para o outro como dois pombinhos apaixonados, outra parte dela – a parte extremamente prática que sabia que o mundo não era feito de anjos e arco-íris – tentava conter a empolgação.

Mas no fundo Sophie, apesar da sua infância horrível (e partes dela tinham sido terrivelmente ruins), das crueldades e indignidades que enfrentara na vida (e nisso também não tivera sorte), era uma romântica incurável.

O que a levava a Posy.

Era verdade que Posy a visitava várias vezes ao ano e era também verdade que uma dessas visitas quase sempre coincidia com o final da temporada, mas talvez Sophie tivesse acrescentado um pouco de súplica extra ao convite mais recente. Talvez houvesse exagerado um pouco ao descrever como as crianças estavam crescendo rapidamente, e havia uma chance de ter de fato mentido quando dissera que estava se sentindo fraca.

Mas, nesse caso, os fins com certeza justificavam os meios. Ah, Posy tinha lhe dito que estava perfeitamente satisfeita em continuar solteira, mas Sophie não acreditara nela nem por um segundo. Ou, para ser mais precisa, acreditava que Posy achava estar perfeitamente satisfeita. Mas bastava olhar para ela aconchegando os pequenos William e Alexander para ver que nascera para ser mãe e que o mundo seria um lugar muito menos feliz se ela não tivesse filhos.

Era verdade que, diversas vezes, Sophie fizera questão de apresentar Posy a qualquer cavalheiro solteiro que estivesse em Wiltshire, mas daquela vez...

Daquela vez, Sophie sabia.

Daquela vez era amor.

– Sr. Woodson – disse ela, tentando não sorrir como uma louca –, gostaria de lhe apresentar minha querida irmã, a Srta. Posy Reiling.

O Sr. Woodson parecia achar que estava dizendo alguma coisa, mas a verdade era que olhava para Posy como se tivesse acabado de conhecer Afrodite.

– Posy – continuou Sophie –, este é o Sr. Woodson, nosso novo vigário. Ele chegou há pouco tempo. Quanto mesmo, três semanas?

Já ia fazer dois meses que ele estava ali. Sophie sabia disso perfeitamente, mas ansiava por ver se ele estava prestando atenção o suficiente para corrigi-la.

Ele apenas assentiu, sem tirar os olhos de Posy.

– Por favor, Sr. Woodson, sente-se – murmurou Sophie.

Ele conseguiu entender o que ela disse e sentou-se em uma cadeira.

– Chá, Sr. Woodson? – ofereceu Sophie.

Ele fez que sim com a cabeça.

– Posy, você pode servir?

Posy assentiu.

Sophie esperou e, então, quando ficou claro que Posy não faria muito além de sorrir para o Sr. Woodson, disse:

– *Posy.*

Posy se virou para olhar para Sophie, mas sua cabeça se moveu tão lentamente e com tanta relutância que era como se um ímã gigante estivesse exercendo sua força sobre ela.

– Você pode servir chá para o Sr. Woodson? – murmurou Sophie, tentando restringir seu sorriso aos olhos.

– Ah. É claro.

Posy se virou de novo para o vigário, o sorriso bobo voltando ao rosto.

– Aceitaria um pouco de chá?

Em condições normais, Sophie teria comentado que já perguntara ao Sr. Woodson se ele queria chá, mas não havia nada de normal com relação àquele encontro, então ela decidiu simplesmente se recostar e observar.

– Eu adoraria – respondeu ele. – Mais do que tudo.

Realmente era como se ela não estivesse ali, pensou Sophie.

– Como gosta do seu chá? – perguntou Posy.

– Do que jeito que a senhorita quiser.

Ah, isso já era de mais. Nenhum homem caía tão cegamente de amor que não tinha mais preferências em relação ao chá. Estavam na Inglaterra, Santo Deus. Na Inglaterra, falando de *chá*.

– Temos leite e açúcar – disse Sophie, incapaz de se controlar.

Pretendera simplesmente ficar sentada e assistir, mas nem mesmo o romântico mais incorrigível teria conseguido ficar em silêncio.

O Sr. Woodson não a ouviu.

– Qualquer um dos dois ficaria ótimo em seu chá – acrescentou.

– Seus olhos são extraordinários – disse ele, e sua voz parecia maravilhada, como se não pudesse acreditar que estava ali naquela sala, com Posy.

– Seu sorriso – falou Posy em resposta. – É... tão lindo.

Ele se inclinou para a frente.

– Gosta de rosas, Srta. Reiling?

Posy assentiu.

– Vou lhe trazer algumas.

Sophie desistiu de tentar parecer serena e finalmente se permitiu sorrir. Nenhum dos dois estava olhando para ela mesmo.

– Temos rosas – disse ela.

Nenhuma reação.

– No jardim dos fundos.

Mais uma vez, nada.

– Onde vocês podiam dar um passeio.

Foi como se alguém tivesse espetado um alfinete nos dois.

– Ah, vamos?

– Eu adoraria.

– Por favor, permita-me...

– Pegue meu braço.

– Eu adoraria...

– por favor...

Quando Posy e o Sr. Woodson chegaram à porta, Sophie já não sabia dizer quem estava dizendo o quê. E nem uma gota de chá tinha sido servida na xícara do Sr. Woodson.

Sophie esperou um minuto e então caiu na gargalhada, levando a mão à boca para abafar o som, embora não soubesse bem por que deveria fazer isso. Era uma

risada de pura alegria. E de orgulho também, por ter orquestrado aquilo tudo.

– Do que você está rindo? – Era Benedict, entrando na sala, os dedos sujos de tinta. – Ah, biscoitos. Ótimo. Estou faminto. Acabei me esquecendo de comer hoje de manhã.

Ele pegou o último e franziu a testa.

– Você podia ter deixado mais para mim.

– É Posy – disse Sophie, sorrindo. – E o Sr. Woodson. Prevejo um noivado bem curto.

Os olhos de Benedict se arregalaram. Ele se virou para a porta, depois para a janela.

– Onde eles estão?

– Lá nos fundos. Não dá para vê-los daqui.

Ele mastigou, pensativo.

– Do meu estúdio, dá.

Por cerca de dois segundos nenhum dos dois se mexeu. Mas só por dois segundos.

Então eles correram para a porta, abrindo caminho às pressas pelo corredor até o estúdio de Benedict, que se projetava para fora da parte de trás da casa, recebendo luz de três direções diferentes. Sophie chegou primeiro, embora não por meios inteiramente justos, e arfou, chocada.

– O que foi? – perguntou Benedict da porta.

– Eles estão se beijando!

Benedict caminhou até ela.

– Não pode ser.

– Ah, estão sim.

Benedict se aproximou e ficou boquiaberto.

– Mas o que diabo...

E Sophie, que nunca praguejava, respondeu:

– Eu sei. Eu *sei*.

– E eles acabaram de se conhecer? Sério?

– Você me beijou na noite em que nos conhecemos – ressaltou ela.

– Aquilo foi diferente.

Sophie conseguiu desviar a atenção do casal se beijando no gramado apenas por tempo suficiente para perguntar:

– Como?

Ele pensou por um instante, então respondeu:

– Era um baile de máscaras.

– Ah, então não há problema em beijar alguém se você não sabe quem é?

– Isso não é justo, Sophie – disse ele, estalando a língua enquanto balançava a cabeça. – Eu perguntei, e você não quis me dizer.

Foi o suficiente para pôr fim àquele rumo particular da conversa. Ficaram parados ali por um mais momento, observando Posy e o vigário sem nenhum constrangimento. Eles tinham parado de se beijar e agora estavam conversando – pelo jeito, muito depressa. Posy falou, e então o Sr. Woodson concordou vigorosamente e a interrompeu, e então ela o interrompeu, e depois pareceu que ele, surpreendentemente, estava rindo, e então Posy começou a falar com tanta animação que agitava os braços em volta da cabeça.

– Mas sobre o que será que estão falando? – perguntou Sophie.

– Provavelmente sobre tudo o que deveriam ter dito antes que ele a beijasse. – Benedict franziu a testa, cruzando os braços. – Há quanto tempo eles estão nisso, afinal?

– Você está assistindo tudo há tanto tempo quanto eu.

– Não, quer dizer, quando foi que ele chegou? Eles falaram alguma coisa antes...?

Ele acenou em direção à janela, apontando para o casal, que parecia prestes a se beijar novamente.

– Sim, é claro, mas...

Sophie fez uma pausa, pensando. Nem Posy nem o Sr. Woodson tinham conseguido dizer muita coisa antes. Na verdade, ela não se lembrava de terem dito nada muito importante.

– Bem, não muito, eu receio.

Benedict balançou a cabeça lentamente.

– Você acha que eu deveria ir até lá?

Sophie olhou para ele, depois para a janela, e então de volta para ele.

– Ficou louco?

Ele deu de ombros.

– Ela é minha irmã agora, e é a minha casa...

– Não se atreva!

– Então não devo proteger a honra dela?

– É seu primeiro beijo!

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

– E aqui estamos nós, espiando.

– É meu direito – disse Sophie, indignada. – Eu arranjei a coisa toda.

– Ah, você arranjou tudo, não foi? Acho que me lembro de ter sido *eu* quem sugeriu o Sr. Woodson.

– Mas você não *fez* nada a respeito.

– Esse é o seu trabalho, querida.

Sophie pensou em uma resposta, porque o tom de Benedict era bastante irritante, mas ele tinha razão. Ela gostara muito de tentar encontrar um bom partido para Posy e *com certeza* estava adorando seu óbvio sucesso.

– Sabe – disse Benedict, pensativo –, podemos ter uma filha algum dia.

Sophie se virou para ele. Ele não era de fazer comentários a troco de nada.

– O que quer dizer com isso?

Ele apontou para os pombinhos no gramado.

– Que essa pode ser uma excelente chance para eu praticar. Estou bastante certo de que gostaria de ser um pai superprotetor. Eu poderia irromper lá fora de repente e fazer picadinho dele.

Sophie estremeceu. O pobre Sr. Woodson não teria a menor chance.

– Desafiá-lo para um duelo?

Ela balançou a cabeça.

– Tudo bem, mas, se ele a deitar no chão, eu vou até lá.

– Ele não vai... Minha nossa!

Sophie se inclinou para a frente, o rosto quase colado ao vidro.

– Ah, meu Deus.

E nem sequer cobriu a boca, horrorizada por ter blasfemado.

Benedict suspirou, então flexionou os dedos.

– Eu realmente não queria ferir minhas mãos. Estou na metade do seu retrato, e está ficando muito bom.

Sophie estava com uma das mãos em seu braço, segurando-o, ainda que ele não fizesse força para se desvencilhar.

– Não – disse ela –, não... – Ela engasgou. – Ah, meu Deus. Talvez devêssemos fazer alguma coisa.

– Eles ainda não estão no chão.

– Benedict!

– Normalmente eu diria para chamarmos o padre, mas isso parece ter sido o que nos colocou nessa confusão, para começo de conversa – observou ele.

Sophie engoliu em seco.

– Talvez você pudesse conseguir uma licença especial para eles. Como presente de casamento.

Ele sorriu.

– Considere feito.

Foi um casamento maravilhoso. E aquele beijo no final...

Ninguém ficou surpreso quando Posy teve um bebê exatos nove meses depois e, então, outros em intervalos anuais depois disso. Ela escolhia com bastante cuidado os nomes de seus filhos, e o Sr. Woodson, que era tão amado como vigário como tinha sido em todas as outras fases de sua vida, a amava demais para argumentar contra qualquer uma das suas escolhas.

A primeira foi batizada de Sophia, por razões óbvias, depois veio Benedict. A próxima teria sido Violet, mas Sophie lhe pedira que não fizesse isso. Sempre quisera dar esse nome a sua filha, e seria muito confuso com as famílias morando tão perto. Então Posy escolheu Georgette, em homenagem à mãe de Hugh, que ela achava que tinha um sorriso *lindo*.

Depois veio John, em homenagem ao pai de Hugh. Por algum tempo, parecia que ele seria o caçula da família. Após dar à luz todo mês de junho durante quatro anos consecutivos, Posy parou de ficar grávida. Ela não estava fazendo nada diferente, confidenciou a Sophie; e ela e Hugh ainda estavam muito apaixonados. Parecia apenas que seu corpo tinha decidido não conceber mais.

O que estava ótimo também. Com duas meninas e dois meninos, todos ainda com menos de 10 anos, Posy tinha muito o que fazer.

Mas então, quando John estava com 5 anos, Posy se levantou da cama certa manhã e vomitou no chão. Isso só podia significar uma coisa e, no outono seguinte, ela deu à luz uma menina.

Sophie estava presente ao nascimento, como sempre.

– Como vai chamá-la? – perguntou.

Posy olhou para a pequena criatura perfeita em seus braços. O bebê dormia profundamente e, embora Posy soubesse que os recém-nascidos não sorriam, a pequena de fato parecia bastante satisfeita com alguma coisa.

Talvez com o fato de ter nascido. Talvez ela fosse encarar a vida com um sorriso nos lábios. O bom humor seria sua arma preferida.

Que ser humano esplêndido ela ia ser.

– Araminta – disse Posy de repente.

Sophie quase caiu com o choque.

– *O quê?*

– Quero que ela se chame Araminta. Estou certa disso.

Posy acariciou a bochecha da bebê, então tocou suavemente seu queixo.

Sophie parecia não conseguir parar de balançar a cabeça.

– Mas a sua mãe... Não posso acreditar que você iria...

– Não estou dando esse nome a ela *em homenagem* à minha mãe – interrompeu Posy gentilmente. – Estou dando esse nome a ela *por causa* da minha mãe. É diferente.

Sophie parecia hesitante, mas se inclinou para olhar a bebê mais de perto.

– Ela é realmente muito doce – murmurou.

Posy sorriu, sem tirar os olhos do rosto da menininha.

– Eu sei.

– Acho que posso me acostumar com isso – disse Sophie, assentindo.

Ela encaixou o dedo na mãozinha da bebê, fazendo um pouco de cócegas na palma da mão dela até os pequenos dedinhos se fecharem instintivamente ao redor dos seus. – Boa noite, Araminta – falou. – Muito prazer em conhecê-la.

– Minty – corrigiu Posy.

Sophie ergueu os olhos.

– O quê?

– Vou chamá-la de Minty. Araminta vai ficar bem na Bíblia da família, mas acho que ela tem mais cara de Minty.

Sophie comprimiu os lábios em um esforço para não rir.

– Sua mãe ia detestar isso.

– É verdade – murmurou Posy –, ela ia detestar, não ia?

– Minty – disse Sophie, testando o som. – Gostei. Não, acho que na verdade adorei. Combina com ela.

Posy beijou o alto da cabeça de Minty.

– Que tipo de garota você vai ser? – sussurrou ela. – Doce e meiga?

Sophie riu. Estivera presente em doze partos – quatro seus, cinco de Posy e três de Eloise, irmã de Benedict. E nunca tinha ouvido um bebê entrar neste mundo com um choro tão alto quanto o da pequena Minty.

– Essa aí – disse ela com firmeza – vai deixar você louca.

E ela deixou. Mas isso é outra história...

Os segredos de Colin Bridgerton

Dizer que um grande segredo foi revelado em *Os segredos de Colin Bridgerton* seria pouco. Mas Eloise Bridgerton – um dos mais importantes personagens secundários do livro – deixou a cidade antes que toda a Londres ficasse sabendo a verdade sobre Lady Whistledown. Muitos dos meus leitores esperavam uma cena no livro seguinte (*Para Sir Phillip, com amor*) que mostrasse Eloise "descobrindo", mas não havia como encaixar esse acontecimento na história. Uma hora, porém, Eloise teria de saber, e é aí que entra o segundo epílogo...

OS SEGREDOS DE COLIN BRIDGERTON:

O segundo epílogo

– V*ocê não contou a ela?*

Penelope Bridgerton teria dito mais, e de fato gostaria de ter dito mais, mas era difícil dizer alguma coisa com a boca aberta de espanto. Seu marido tinha acabado de voltar de uma corrida louca pelo sul da Inglaterra com os três irmãos em busca da irmã Eloise, que tinha, segundo todos achavam, fugido para se casar com...

Ah, meu Deus.

– Ela está casada? – perguntou Penelope ansiosa.

Colin jogou o chapéu em uma cadeira com um ligeiro e hábil movimento do pulso, erguendo um canto da boca em um sorriso de satisfação quando ele girou pelo ar em um eixo horizontal perfeito.

– Ainda não – respondeu ele.

Então ela não tinha fugido para se casar. Mas *havia* fugido. E fizera isso em segredo. Eloise, que era a melhor amiga de Penelope. Eloise, que contava tudo a Penelope. Eloise, que aparentemente *não contava* tudo a Penelope, tinha fugido para a casa de um homem que nenhum deles conhecia, deixando um bilhete no qual assegurava à família que tudo ficaria bem e que eles não deviam se preocupar.

*N*ão *deviam se preocupar????*

Santo Deus, era de esperar que Eloise Bridgerton conhecesse melhor a própria família.

Todos tinham simplesmente enlouquecido. Penelope ficara com a sogra enquanto os homens procuravam Eloise. Violet Bridgerton parecia aguentar bem, mas sua pele estava pálida, e Penelope não podia deixar de notar como suas mãos tremiam a cada movimento.

E agora Colin estava de volta, agindo como se não houvesse nada de errado, sem responder a nenhuma de suas perguntas de maneira satisfatória e além de tudo isso...

– Como você pôde não contar a ela? – perguntou Penelope novamente, andando atrás dele.

Colin se esparramou em uma cadeira e deu de ombros.

– Não houve um momento apropriado.

– Você ficou fora cinco dias!

– Sim, bem, mas não estive com Eloise o tempo todo. Afinal, levei um dia para ir e outro para voltar.

– Mas... mas...

Colin reuniu energia suficiente apenas para olhar em volta da sala.

– Você não pediu chá?

– Pedi, é claro – disse Penelope automaticamente, porque sabia bem, e havia muito tempo, que, quando se tratava do marido, era melhor sempre ter comida pronta. – Mas, Colin...

– Eu me apressei em voltar, sabia?

– Estou vendo – disse ela, observando seu cabelo úmido e despenteado pelo vento. – Você veio a cavalo?

Ele assentiu.

– De Gloucestershire?

– Wiltshire, na verdade. Nós ficamos na casa de Benedict.

– Mas...

Ele sorriu de maneira irresistível.

– Senti sua falta.

E Penelope não estava tão acostumada assim à sua afeição para não corar.

– Senti sua falta também, mas...

– Venha se sentar comigo.

Onde?, quase perguntou Penelope. Porque a única superfície plana era o colo dele.

O sorriso de Colin, que era o charme personificado, ficou mais ardente.

– Estou sentindo sua falta bem agora – murmurou ele.

Para extremo embaraço de Penelope, seu olhar correu instantaneamente para a frente das calças dele. Colin deu uma gargalhada, e ela cruzou os braços.

– *Não*, Colin – falou.

– Não o quê? – perguntou ele, com inocência.

– Mesmo que não estivéssemos na sala de estar e mesmo que as cortinas não estivessem abertas...

– Um problema fácil de resolver – comentou ele, olhando para as janelas.

– E *mesmo* – grunhiu ela, a voz ficando mais grave, se não mais alta – que não estivéssemos esperando uma empregada entrar a qualquer momento, a pobre coitada cambaleando com o peso da bandeja de chá, a verdade é que...

Colin deixou escapar um suspiro.

–... você *não respondeu à minha pergunta!*

Ele piscou.

– Eu esqueci o que você perguntou.

Passaram-se dez segundos antes de Penelope falar. E então:

– Eu vou matar você.

– Disso eu tenho certeza – disse ele, espontaneamente. – Na verdade, a única questão é quando.

– Colin!

– Pode ser antes do que eu imaginava – murmurou ele. – Mas, na verdade, pensei que teria uma apoplexia, causada por mau comportamento.

Ela olhou para ele.

– *Seu* mau comportamento – esclareceu Colin.

– Eu não me comportava mal antes de conhecer você – respondeu ela.

– Ha, ha, ha. Essa é boa.

E Penelope foi forçada a calar a boca. Porque, maldição, ele estava certo. E era disso que tudo aquilo se tratava, aliás. Depois de entrar no salão, tirar o casaco e beijá-la com força nos lábios (na frente do mordomo!), Colin tinha casualmente lhe informado:

– Ah, e a propósito, não contei a ela que você era Lady Whistledown.

E, se havia alguma coisa que podia contar como mau comportamento, tinham de ser dez anos como a autora das agora infames *Crônicas da sociedade*

de Lady Whistledown. Durante a última década, usando seu pseudônimo, Penelope conseguira insultar quase todo mundo na sociedade, até a si mesma. (As pessoas certamente teriam desconfiado se ela nunca zombasse de si mesma e, além disso, ela de fato parecia uma fruta cítrica estragada vestindo os terríveis tons de amarelo e laranja que sua mãe sempre a forçara a usar.)

Penelope tinha se “aposentado” pouco antes do casamento, mas uma tentativa de chantagem convencera Colin de que o melhor a fazer era revelarem o segredo com um gesto grandioso, então ele anunciara a identidade dela no baile de sua irmã Daphne. Tudo tinha sido muito romântico e muito, bem, *grandioso*, mas ao final da noite acabaram descobrindo que Eloise tinha desaparecido.

Eloise era a melhor amiga de Penelope havia anos, mas nem mesmo ela sabia do seu grande segredo. E continuava sem saber. Deixara a festa antes de Colin fazer o anúncio, e ele aparentemente não tinha achado apropriado lhe contar a verdade quando a encontrara.

– Sinceramente – disse Colin, a voz com um tom de irritação nada característico –, ela não merecia, depois do que nos fez passar.

– Bem, sim – murmurou Penelope, sentindo-se bastante desleal ao concordar.

Mas todo o clã Bridgerton tinha ficado louco de preocupação. Eloise deixara um bilhete, era verdade, mas de alguma forma ele se misturara à correspondência da mãe e um dia inteiro se passara até a família ter certeza de que ela não fora raptada. E, mesmo assim, ninguém ficou calmo; Eloise podia ter ido embora por vontade própria, mas fora preciso outro dia inteiro revirando o quarto dela de cabeça para baixo para encontrarem uma carta de Sir Phillip Crane que indicava para onde ela poderia ter fugido.

Considerando tudo isso, Colin tinha alguma razão.

– Temos que voltar em poucos dias para o casamento – disse ele. – Então contaremos a ela.

– Ah, não podemos!

Ele fez uma pausa. Então sorriu.

– E por que não? – perguntou, pousando os olhos nela com grande satisfação.

– Vai ser o dia do casamento dela – explicou Penelope, sabendo que ele esperava uma razão mais diabólica. – Ela deve ser o centro das atenções. Não posso lhe contar algo *assim*.

– Um pouco mais altruísta do que eu gostaria – ponderou ele, – mas o resultado final é o mesmo, então você tem minha aprovação...

– Não preciso da sua aprovação – cortou Penelope.

– Entretanto, apesar disso, você a tem – disse ele suavemente. – Mas ñao vamos contar a Eloise por enquanto. – Ele juntou as pontas dos dedos e suspirou alto de satisfação. – Vai ser um excelente casamento.

A empregada chegou naquele momento, trazendo uma bandeja de chá carregada. Penelope tentou fingir que não notou quando ela deixou escapar um pequeno grunhido ao finalmente pousá-la sobre a mesa.

– Pode fechar a porta ao sair – disse Colin quando a empregada se empertigou.

Os olhos de Penelope correram para a porta, depois para o marido, que tinha se levantado e estava fechando as cortinas.

– Colin! – gritou ela, porque ele a agarrara, seus lábios estavam no pescoço dela, e Penelope se sentia desmanchar em seu abraço. – Pensei que você quisesse comer alguma coisa – disse ela, arfando.

– Eu quero – murmurou ele, mexendo no corpete de seu vestido. – Mas primeiro quero você.

E quando se deitou nas almofadas que, de alguma forma, tinham encontrado o caminho até o tapete de veludo no chão, Penelope se sentiu realmente muito desejada.

Vários dias depois, estava sentada em uma carruagem, olhando pela janela, enquanto se repreendia.

Colin estava dormindo.

Era uma tola mesmo por ficar tão nervosa em ver Eloise novamente. Era Eloise, pelo amor de Deus. Elas eram próximas como irmãs havia mais de uma década. Mais próximas do que irmãs. Só que talvez... não tão próximas quanto qualquer uma das duas tinha pensado. Elas haviam guardado segredos, as duas. Penelope queria torcer o pescoço de Eloise por não ter lhe contado sobre seu pretendente, mas na verdade não tinha o menor direito de fazer isso. Quando Eloise descobrisse que ela era Lady Whistledown...

Penelope estremeceu. Colin podia estar ansioso por esse momento – sua alegria parecia definitivamente diabólica –, mas ela estava se sentindo muito mal, para falar a verdade. Não tinha comido o dia todo e *não* era do tipo que pulava o café da manhã.

Ela torceu as mãos e esticou o pescoço para ver melhor pela janela – achava que podiam ter virado na entrada para Romney Hall, mas não tinha certeza –, então olhou de volta para Colin.

Ele ainda estava dormindo.

Ela o chutou. Delicadamente, é claro, porque não se considerava muito violenta, mas não era justo ele estar dormindo como um bebê desde que a carruagem começara a andar. Ele havia se acomodado em seu lugar, perguntado se ela estava confortável e então, antes mesmo que ela pudesse dizer o *obrigada* de "Estou muito bem, obrigada", os olhos dele se fecharam.

Trinta segundos depois, estava roncando.

Realmente não era justo. Ele também sempre dormia antes dela à noite.

Penelope o chutou novamente, dessa vez com mais força.

Ele murmurou alguma coisa, mudou ligeiramente de posição e desabou em direção ao canto.

Penelope deslizou para o lado. Mais perto, mais perto...

Em seguida, apontou o cotovelo e acertou as costelas dele.

– O q...? – Colin acordou de repente, piscando e tossindo. – O que houve? O que houve? O que houve?

– Acho que chegamos.

Ele olhou pela janela, depois de volta para ela.

– E você tinha de dizer isso me cutucando com uma arma?

– Foi meu cotovelo.

Ele olhou para o braço dela.

– Você, minha querida, tem cotovelos muito ossudos.

Penelope tinha certeza de que seus cotovelos – ou qualquer outra parte dela, aliás – não eram nem um pouco ossudos, mas não achava que ganharia muito em contradizê-lo, então repetiu:

– Acho que chegamos.

Colin se inclinou na direção do vidro, piscando, ainda sonolento.

– Acho que você está certa.

– É lindo – disse Penelope, observando o terreno extremamente bem cuidado. – Por que me disse que o lugar parecia meio decadente?

– Porque parece – respondeu Colin, entregando-lhe o xale. – Tome – falou com um sorriso meio irritado, como se ainda não estivesse acostumado a cuidar do bem-estar de outra pessoa como fazia com ela. – Vai esfriar.

Ainda era bem cedo; a estalagem na qual tinham dormido ficava a apenas uma hora de distância. A maior parte da família tinha se hospedado com Benedict e Sophie, mas a casa deles não era grande o bastante para acomodar todos os Bridgertons. Além disso, como Colin explicara, eles eram recém-casados. Precisavam de privacidade.

Penelope cobriu o corpo com a lã macia e se inclinou sobre ele para ver melhor pela janela. E, para ser honesta, só porque gostava de se inclinar sobre ele.

– Pessoalmente, achei o lugar lindo – disse ela. – Nunca vi rosas assim.

– É mais bonito do lado de fora do que por dentro – explicou Colin enquanto a carruagem parava. – Mas espero que Eloise mude isso.

Ele mesmo abriu a porta e saltou, então ofereceu o braço para ajudá-la a descer.

– Venha comigo, Lady Whistledown...

– Sra. Bridgerton – corrigiu ela.

– Não importa como queira ser chamada – disse ele com um magnífico sorriso –, você ainda é minha. E este é o seu canto do cisne.

Quando Colin cruzou a soleira da porta do que viria a ser a nova casa da irmã, foi tomado por uma inesperada sensação de alívio. Apesar de toda a sua irritação, ele a amava. Não tinham sido muito chegados na infância; ele era muito mais próximo de Daphne em idade, e Eloise muitas vezes parecia basicamente um incômodo secundário. Mas o ano anterior aproximara mais os dois e, se não fosse por Eloise, ele poderia nunca ter descoberto Penelope.

E sem Penelope, ele seria...

Era engraçado. Não conseguia imaginar o que seria sem ela.

Olhou para a mulher com quem se casara havia pouco tempo. Ela observava o saguão, tentando não ser muito óbvia. Seu rosto parecia impassível, mas ele sabia que ela estava prestando atenção em tudo. E no dia seguinte, quando conversassem sobre o que acontecera, ela se lembraria de todos os detalhes.

Penelope tinha uma memória de elefante. E ele adorava isso.

– Sr. Bridgerton – disse o mordomo, cumprimentando-os com um aceno de cabeça. – Bem-vindo de volta a Romney Hall.

– É um prazer, Gunning – murmurou Colin. – Sinto muito pela última vez.

Penelope olhou para ele, desconfiada.

– Nós entramos... meio de repente – explicou Colin.

O mordomo devia ter visto a expressão de alarme no rosto de Penelope, porque rapidamente acrescentou:

– Eu saí do caminho.

– Ah – começou a dizer ela –, sinto...

– Sir Phillip não saiu – cortou Gunning.

– Ah. – Penelope tossiu, sem graça. – Ele vai ficar bem?

– O pescoço estava um pouco inchado – disse Colin, despreocupado. – Espero que tenha melhorado.

Ele a pegou olhando para suas mãos e deu uma risada.

– Ah, não fui eu – explicou, tomando-a pelo braço para conduzi-la pelo corredor. – Eu apenas assisti.

Ela fez uma careta.

– Acho que poderia ter sido pior.

– Provavelmente – concordou ele com grande alegria. – Mas tudo acabou bem. Até gosto do camarada agora e eu... Ah, mãe, você está aí.

E, de fato, Violet Bridgerton vinha apressada pelo corredor.

– Vocês estão atrasados – disse ela, embora Colin tivesse certeza de que não estavam.

Ele se curvou para beijar-lhe o rosto do lado que ela oferecia, em seguida deu um passo para o lado quando sua mãe se adiantou para pegar as mãos de Penelope.

– Minha cara, precisamos de você lá atrás. Você é a madrinha, afinal.

Colin teve uma súbita visão da cena – um bando de mulheres tagarelas, todas discutindo sobre minúcias com as quais ele não se importava nem um pouco e

das quais entendia menos ainda. Elas contavam tudo umas às outras e...

Ele se virou bruscamente.

– Não diga uma palavra – advertiu.

– Me desculpe – falou Penelope bufando de justa indignação –, mas fui eu quem disse que não deveríamos contar nada a ela no dia do casamento.

– Eu estava falando com a minha mãe – disse ele.

Violet balançou a cabeça.

– Eloise vai nos matar.

– Ela já quase nos matou, fugindo como uma idiota – disse Colin, com uma nada característica falta de paciência. – Já instruí os outros a ficarem de boca fechada.

– Até mesmo Hyacinth? – perguntou Penelope, em dúvida.

– Principalmente Hyacinth.

– Você a subornou? – perguntou Violet. – Porque não vai funcionar a menos que você a suborne.

– Santo Deus – murmurou Colin. – Parece até que entrei para esta família ontem. É claro que a subornei. – Ele se virou para Penelope. – Sem ofensas a quem entrou para a família recentemente.

– Ah, não fiquei ofendida – disse ela. – O que deu a ela?

Ele pensou na sessão de barganha com a irmã mais nova e quase estremeceu.

– Vinte libras.

– Vinte libras! – exclamou Violet. – Ficou louco?

– Eu queria ver a senhora fazer melhor – retrucou ele. – E só dei a ela a metade. Não confio nem um pouco naquela garota. Mas se ela mantiver a boca fechada, ficarei 10 libras mais pobre depois.

Colin se virou para a mãe.

– Tentei por 10, mas ela não cedeu.

Violet suspirou.

– Eu deveria repreendê-lo por isso.

– Mas não vai. – Colin abriu um sorriso.

– Que Deus me ajude – foi sua única resposta.

– Que Deus ajude o homem louco o suficiente para se casar com ela – comentou ele.

– Acho que Hyacinth é capaz de muito mais do que vocês pensam – interpôs Penelope. – Não deviam subestimá-la.

– Santo Deus, nós não fazemos *isso* – respondeu Colin.

– Você é tão doce... – disse Violet, inclinando-se para dar um abraço repentino em Penelope.

– É apenas pura sorte ela ainda não ter dominado o mundo – resmungou Colin.

– Ignore-o – disse Violet para Penelope. – E você – acrescentou, virando-se para Colin – deve ir imediatamente para a igreja. O restante dos homens já foi para lá. É uma caminhada de apenas cinco minutos.

– Você planeja ir andando? – perguntou ele, incrédulo.

– Claro que não – respondeu a mãe, com desdém. – E nós certamente não podemos deixar uma carruagem apenas para você.

– Eu nem sonharia em pedir uma – respondeu Colin, concluindo que uma caminhada solitária ao ar fresco da manhã era decididamente preferível a uma carruagem fechada com as mulheres de sua família.

Ele se inclinou para beijar o rosto da mulher. Bem perto da orelha.

– Lembre-se – sussurrou –, não diga nada.

– Eu sei guardar segredo – respondeu ela.

– É muito mais fácil guardar um segredo de mil pessoas do que de apenas uma – disse ele. – Há muito menos culpa envolvida.

As bochechas dela coraram, e ele a beijou novamente perto da orelha.

– Conheço você bem demais – murmurou ele.

E praticamente podia ouvir os dentes dela rangendo quando saiu.

– Penelope!

Eloise fez menção de pular da cadeira para cumprimentá-la, mas Hyacinth, que supervisionava o penteado, colocou a mão no ombro dela e disse em voz baixa e quase ameaçadora:

– *Fique sentada.*

E Eloise, que normalmente teria fuzilado Hyacinth com o olhar, voltou obedientemente para a cadeira.

Penelope olhou para Daphne, que parecia supervisionar Hyacinth.

– Está sendo uma longa manhã – disse Daphne.

Penelope se aproximou, afastou gentilmente Hyacinth e abraçou Eloise com cuidado para não desarrumar seu penteado.

– Você está linda – disse ela.

– Obrigada – respondeu Eloise, mas seus lábios tremiam e seus olhos estavam úmidos, ameaçando transbordar a qualquer momento.

Mais do que qualquer coisa, Penelope queria levá-la para um canto e dizer que tudo ficaria bem, que ela não *tinha* que se casar com Sir Phillip se não quisesse, mas, no fim das contas, Penelope *não sabia* se ia ficar tudo bem e desconfiava de que Eloise tinha mesmo de se casar com Sir Phillip.

Tinha escutado algumas coisas. Eloise ficara em Romney Hall por mais de uma semana sem uma acompanhante. Sua reputação estaria arruinada se a notícia se espalhasse, o que com certeza aconteceria. Penelope conhecia melhor do que ninguém o poder e a tenacidade das fofocas. Além disso, ouvira dizer que Eloise e Anthony tinham tido *uma conversa*.

A questão do casamento, ao que parecia, estava decidida.

– Estou tão feliz por você estar aqui... – disse Eloise.

– Por Deus, você sabe que eu nunca perderia o seu casamento.

– Eu sei. – Os lábios de Eloise tremeram, e então seu rosto assumiu aquela expressão de alguém que está tentando parecer valente e realmente acha que está conseguindo. – Eu sei – repetiu ela, um pouco mais tranquila. – É claro que não. Mas isso não diminui o meu prazer em vê-la.

Era uma frase estranhamente formal para Eloise, e por um instante Penelope esqueceu seus segredos, medos e preocupações. Eloise era sua amiga mais querida. Colin era seu amor, sua paixão e sua alma, mas tinha sido Eloise, mais do que qualquer outra pessoa, que moldara a vida adulta de Penelope. Ela não podia imaginar como teria sido a última década sem o sorriso de Eloise e seu incansável bom humor.

Ainda mais do que sua própria família, Eloise a amara.

– Eloise – disse Penelope, agachando-se ao lado dela para passar o braço em volta dos seus ombros. Então limpou a garganta, em grande parte porque estava prestes a lhe fazer uma pergunta cuja resposta provavelmente não importava. – Eloise – repetiu, baixando a voz para quase um sussurro. – Você quer isso?

– É claro – respondeu Eloise.

Mas Penelope não tinha certeza se acreditava nela.

– Você o a... – Ela se conteve. E tentou esboçar um sorriso. Então perguntou: – Você gosta dele? Do seu Sir Phillip?

Eloise assentiu.

– Ele é... complexo.

E isso fez com que Penelope se sentasse.

– Você está brincando.

– Em um momento como este?

– Não era você que sempre dizia que os homens eram criaturas simples?

Eloise olhou para ela com uma expressão estranhamente desamparada.

– Eu achava que fossem.

Penelope se inclinou para perto, ciente de que as habilidades auditivas de Hyacinth eram definitivamente caninas.

– Ele gosta de você?

– Ele acha que eu falo demais.

– Você fala demais – replicou Penelope.

Eloise a encarou.

– Você podia pelo menos sorrir.

– É a verdade. Mas acho isso encantador.

– Acho que ele pensa assim também. – Eloise fez uma careta. – Às vezes.

– Eloise! – chamou Violet da porta. – Nós realmente temos que ir.

– Não vamos querer que o noivo pense que você fugiu – brincou Hyacinth.

Eloise se levantou e endireitou os ombros.

– Já fugi o bastante ultimamente, não acha? – Depois virou-se para Penelope com um sorriso sábio e melancólico. – Está na hora de começar a correr em direção às coisas e não para longe delas.

Penelope olhou para ela, curiosa.

– O que está dizendo?

Eloise se limitou a balançar a cabeça.

– É só algo que ouvi recentemente.

Era uma afirmação curiosa, mas aquele não era o momento de se aprofundarem nisso, então Penelope começou a seguir o restante da família. Depois de alguns passos, no entanto, foi interrompida pelo som da voz de Eloise.

– Penelope!

Ela se virou. Eloise ainda estava parada à porta, uns bons três metros para trás. Tinha um olhar estranho, que Penelope não conseguiu interpretar. Ela esperou, mas a amiga não disse nada.

– Eloise? – chamou Penelope em voz baixa, porque parecia que ela *queria* dizer alguma coisa, só não sabia bem como. Ou talvez o quê.

E então...

– *Eu sinto muito* – disparou Eloise, as palavras escapando de seus lábios a uma velocidade notável até mesmo para ela.

– Você sente muito – ecoou Penelope, principalmente em razão da surpresa. Ela não imaginava o que Eloise poderia dizer naquele momento, mas um pedido de desculpas não estava no topo da lista. – Pelo quê?

– Por guardar segredos. Não foi certo da minha parte.

Penelope engoliu em seco. *Santo Deus.*

– Você me perdoa?

A voz de Eloise era suave, mas em seus olhos havia urgência, e Penelope se sentiu uma péssima amiga.

– É claro – gaguejou ela. – Não foi nada.

E não *tinha sido* nada, pelo menos comparado aos seus próprios segredos.

– Eu devia ter contado a você sobre a minha correspondência com Sir Phillip. Não sei por que não fiz isso no início – continuou Eloise. – Mas então, mais tarde, quando você e Colin se apaixonaram... eu acho que foi... acho que foi só porque eu queria ter algo só *meu*.

Penelope assentiu. Ela sabia bem o que era querer que algo fosse só seu.

Eloise deu uma risada nervosa.

– E agora olhe para mim.

– Você está linda – disse Penelope.

Era verdade. Eloise não era uma noiva serena, mas uma noiva radiante, e Penelope sentiu as preocupações dela se suavizarem e por fim desaparecerem.

Tudo ficaria bem. Não sabia se Eloise teria o mesmo arrebatamento que ela encontrara no casamento, mas pelo menos estaria feliz e satisfeita.

E quem era Penelope para dizer que o novo casal não ia se apaixonar perdidamente? Coisas mais estranhas já tinham acontecido.

Ela passou o braço pelo de Eloise e a conduziu para o corredor, onde Violet levantara a voz a um volume até então inimaginável.

– Acho que sua mãe quer que a gente se apresse – sussurrou Penelope.

– Eloiiiiiiiiiiiise! – berrou Violet. – AGORA!

Eloise ergueu as sobrancelhas ao olhar de lado para Penelope.

– O que a faz achar uma coisa dessas?

Mas elas não se apressaram. De braços dados, deslizaram pelo corredor como se estivessem na nave da igreja.

– Quem teria imaginado que nós duas nos casaríamos com apenas alguns meses de diferença? – comentou Penelope. – Não planejávamos ficar juntas como duas velhas caducas?

– Ainda podemos ser velhas caducas – respondeu Eloise alegremente. – Mas seremos velhas caducas casadas.

– Vai ser grandioso.

– Magnífico!

– Estupendo!

– Seremos líderes da moda caduca!

– Mestras do gosto caduco.

– Do que vocês duas estão falando? – perguntou Hyacinth, as mãos nos quadris.

Eloise ergueu o queixo e olhou com desdém para ela.

– Você é muito nova para entender.

E ela e Penelope praticamente desmoronaram em um ataque de riso.

– Elas enlouqueceram, mãe – declarou Hyacinth.

Violet olhou amorosamente para a filha e a nora, as duas tendo chegado aos 28 anos antes de ficarem noivas.

– Deixa-as em paz, Hyacinth – disse ela, encaminhando-a para a carruagem à espera. – Elas virão logo. – E então acrescentou, quase como uma reflexão tardia: – Você é muito nova para entender.

Após a cerimônia, após a recepção e depois que Colin se certificou de uma vez por todas que Sir Phillip Crane daria um marido aceitável para a irmã, ele conseguiu encontrar um canto tranquilo para onde pôde levar a mulher a fim de terem uma conversa em particular.

– Ela desconfia de alguma coisa? – perguntou ele, sorrindo.

– Você é terrível – respondeu Penelope. – É o *casamento* dela.

O que não era nenhuma das duas respostas habituais a uma pergunta que pedia um sim ou um não. Colin resistiu ao impulso de suspirar, impaciente, e em vez disso se saiu com um gentil e educado:

– E com isso você quer dizer...?

Penelope encarou-o por dez segundos e, em seguida, murmurou:

– Não sei do que Eloise estava falando. Os homens são criaturas abissalmente simples.

– Bem... *sim* – concordou Colin, uma vez que havia muito tempo ficara óbvio para ele que a mente feminina era um completo e absoluto mistério. – Mas o que isso tem a ver com alguma coisa?

Penelope olhou sobre os ombros antes de baixar a voz até um sussurro.

– Por que ela estaria pensando em Lady Whistledown em um momento como este?

Penelope tinha razão, por menos que Colin quisesse admitir. Em sua mente, tudo aquilo tinha se desenrolado com Eloise de alguma forma ciente de que era a única pessoa que desconhecia o segredo sobre a identidade de Lady Whistledown.

O que era ridículo, com certeza, mas, ainda assim, um devaneio gratificante.

– Humm – disse Colin.

Penelope olhou para ele, desconfiada.

– No que você está pensando?

– Tem certeza de que não podemos contar a ela no dia do casamento?

– Colin...

– Porque *se não* contarmos, ela certamente vai ficar sabendo por meio de *outra pessoa*, e não parece justo não estarmos presentes para ver a cara dela.

– Colin, *não*.

– Depois de tudo pelo que você passou, não diria que merece ver a reação dela?

– Não – respondeu Penelope lentamente. – Não. Não, eu não diria.

– Ah, você se contenta com pouco, minha querida – disse ele, sorrindo para ela de maneira benevolente. – E, além disso, pense em Eloise.

– Não fiz outra coisa além disso a manhã inteira.

Ele balançou a cabeça.

– Ela ficaria devastada por ouvir a verdade terrível de um completo estranho.

– Não é uma verdade terrível – disparou Penelope de volta –, e como você sabe que seria um estranho?

– Fizemos toda a minha família jurar segredo. Quem mais a conhece neste lugar desolado?

– Eu gosto de Gloucestershire – disse Penelope, os dentes agora encantadoramente cerrados. – Acho encantador.

– Sim – disse ele sem emoção, observando enquanto ela franzia a testa, comprimia a boca e estreitava os olhos. – Você parece muito encantada.

– Não foi você que insistiu que não contássemos a ela pelo máximo de tempo humanamente possível?

– Exatamente, como eu disse, *humanamente possível* – respondeu Colin. – E *este* humano – explicou, gesticulando desnecessariamente em direção a si mesmo – acha impossível manter o silêncio.

– Não posso acreditar que você mudou de ideia.

Ele deu de ombros.

– Não é uma prerrogativa masculina?

Então os lábios dela se entreabriram, e ele desejou encontrar um canto reservado e tranquilo, porque Penelope estava praticamente implorando para ser beijada, soubesse disso ou não.

Mas ele era um homem paciente, eles tinham aquele quarto confortável na estalagem, e ainda havia muito que aprontar bem ali mesmo, no casamento.

– Ah, Penelope – disse ele com a voz rouca, curvando-se para cima dela mais do que era adequado, mesmo que fosse sua mulher –, você não quer se divertir um pouco?

O rosto dela ficou muito vermelho.

– Não *aqui*.

Ele riu alto.

– Eu não estava falando disso – murmurou ela.

– Nem eu, na verdade – respondeu ele, sem conseguir esconder que achava graça –, mas fico feliz que isso venha à mente assim de imediato. – Ele fingiu que olhava em volta da sala. – Quando acha que seria educado partir?

– Definitivamente é cedo demais.

Ele fingiu refletir.

– Hum, sim, você provavelmente está certa. Que pena. Mas... isso nos deixa com tempo para aprontar – disse, mostrando empolgação.

Mais uma vez, ela ficou sem fala. Ele gostava disso.

– Vamos? – murmurou ele.

– Eu não sei o que fazer com você.

– Precisamos trabalhar nisso – respondeu ele, balançando a cabeça. – Não tenho certeza se você compreende bem como funciona uma pergunta que demanda como resposta um sim ou um não.

– Acho que você deveria se sentar – disse ela, os olhos agora com aquele brilho de exaustão cautelosa geralmente reservado às crianças pequenas.

Ou aos adultos tolos.

– E, então – completou –, acho que deveria continuar em seu lugar.

– Indefinidamente?

– *Sim.*

Só para torturá-la, ele se sentou. E então...

– *Nããão*, acho que eu prefiro aprontar.

E estava de pé de novo, seguindo em direção a Eloise antes que Penelope pudesse segurá-lo.

– Colin, *não*! – gritou ela, sua voz ecoando nas paredes da sala da recepção.

Ela conseguira gritar – é claro – no exato momento em que todos os outros convidados do casamento fizeram uma pausa para respirar.

Uma sala cheia de Bridgertons. Quais eram as chances?

Penelope abriu um sorriso enquanto observava duas dezenas de cabeças se virarem em sua direção.

– Não foi nada – disse ela, a voz saindo alegre e sufocada. – Desculpem o incômodo.

E, aparentemente, a família de Colin estava acostumada a vê-lo envolvido em situações que exigiam a réplica “Colin, não!”, porque todos retomaram suas conversas, mal olhando para ela de novo.

Menos Hyacinth.

– Ah, maldição – murmurou Penelope, e saiu correndo.

Mas Hyacinth era rápida.

– O que está acontecendo? – perguntou ela, acompanhando a cunhada com notável agilidade.

– Nada – respondeu Penelope, porque a última coisa que queria era Hyacinth se somando ao desastre.

– Ele vai contar a ela, não vai? – insistiu Hyacinth, soltando o ar e pedindo desculpas, ao abrir caminho, passando por um dos irmãos.

– Não, não vai – garantiu Penelope, desviando dos filhos de Daphne.

– Ele *vai*.

Penelope então parou por um instante e se virou.

– Algum de vocês ouve alguém?

– Não eu – respondeu Hyacinth alegremente.

Penelope balançou a cabeça e seguiu em frente, com Hyacinth colada a seus calcanhares. Quando alcançou Colin, ele estava parado ao lado dos recém-casados, de braços dados com Eloise, e sorria para ela como se nunca na vida tivesse pensado em:

a. Ensiná-la a nadar atirando-a em um lago.
b. Cortar meio palmo do cabelo dela enquanto ela dormia.
ou
c. Amarrá-la a uma árvore para que ela não o seguisse até uma estalagem local.

Coisas que ele naturalmente considerara, todas as três, e duas das quais chegara de fato a fazer. (Nem mesmo Colin ousaria fazer algo tão permanente quanto um corte de cabelo.)

– Eloise – disse Penelope, um pouco sem fôlego por tentar escapar de Hyacinth.

– Penelope.

A voz de Eloise soou curiosa. O que não surpreendeu Penelope; Eloise não era boba e sabia bem que o comportamento usual do irmão não incluía sorrisos beatíficos dirigidos a ela.

– Eloise – disse Hyacinth, por nenhuma razão que Penelope pudesse deduzir.

– Hyacinth.

Penelope se virou para o marido.

– Colin.

Ele parecia achar graça.

– Penelope. Hyacinth.

Hyacinth sorriu.

– Colin. – E então: – Sir Phillip.

– Senhoras. – Sir Phillip, ao que parecia, preferia ser conciso.

– Parem! – explodiu Eloise. – O que está acontecendo?

– A declamação dos nossos nomes, aparentemente – disse Hyacinth.

– Penelope tem algo a lhe contar – começou Colin.

– Não tenho.

– Tem, sim.

– Eu *tenho* – reiterou Penelope, pensando rápido. Então correu para a frente, pegando as mãos de Eloise. – Parabéns. Estou tão feliz por você!

– Era isso que você tinha a dizer? – perguntou Eloise.

– Sim.

– *Não.*

Então Hyacinth falou:

– Estou me divertindo muito.

– Hã, é muito gentil da sua parte dizer isso – comentou Sir Phillip, parecendo um pouco perplexo com aquela repentina necessidade de cumprimentar os anfitriões.

Penelope fechou os olhos por um breve momento e deixou escapar um suspiro cansado; teria que chamar o pobre homem de lado e orientá-lo sobre as peculiaridades de se casar com alguém da família Bridgerton.

E como conhecia tão bem seus novos parentes e sabia que não havia como deixar de revelar seu segredo, virou-se para Eloise e disse:

– Posso falar com você a sós?

– Comigo?

Foi o suficiente para fazer com que Penelope quisesse estrangular alguém. Qualquer um.

– Sim – disse ela pacientemente –, com você.

– E comigo – disse Colin.

– E comigo – acrescentou Hyacinth.

– Você *não* – disse Penelope, sem se preocupar em olhar para ela.

– Mas comigo sim – acrescentou Colin, passando o braço livre pelo de Penelope.

– Isso pode esperar? – perguntou Sir Phillip educadamente. – É o dia do nosso casamento, e imagino que ela não queira perdê-lo.

– Eu sei – disse Penelope, cansada. – Sinto muito.

– Tudo bem – falou Eloise, desviando de Colin e virando-se para o marido.

Ela murmurou para ele algumas palavras que Penelope não conseguiu ouvir, então disse:

– Há uma sala depois daquela porta. Vamos?

Ela foi à frente, e Penelope aproveitou para dizer a Colin:

– Você não vai falar nada.

Ele a surpreendeu ao assentir e, então, mantendo o silêncio, Colin segurou a porta aberta para ela quando entrou na sala atrás de Eloise.

– Não vai demorar muito – disse Penelope, desculpando-se. – Pelo menos, espero que não.

Eloise não disse nada, apenas olhou para ela com uma expressão que era – Penelope teve presença de espírito suficiente para notar – estranhamente serena.

O casamento devia ter feito bem a ela, pensou Penelope, porque a Eloise que *ela* conhecia estaria roendo as unhas de ansiedade em uma ocasião como aquela. Um grande segredo, um mistério a ser revelado... Eloise amava esse tipo de coisa.

Mas limitou-se a ficar ali parada, esperando com calma, um discreto sorriso no rosto. Penelope olhou para Colin, confusa, mas ele, ao que parecia, seguia fielmente suas instruções e sua boca estava bem fechada.

– Eloise – começou Penelope.

Eloise sorriu. Um pouco. Só com os cantos da boca, como se estivesse prendendo o riso.

– Sim?

Penelope limpou a garganta.
– Eloise, tem algo que preciso lhe dizer.
– É mesmo?
Penelope estreitou os olhos. Com certeza o momento não pedia sarcasmo. Ela respirou fundo, contendo a vontade de disparar uma resposta igualmente seca, e disse:
– Eu não queria lhe contar no dia do seu casamento – nesse momento, ela fuzilou o marido com o olhar –, mas parece que não tenho escolha.
Eloise piscou algumas vezes, mas, fora isso, seu comportamento tranquilo não se alterou.
– Não consigo pensar em nenhuma outra maneira de dizer – continuou Penelope com dificuldade, sentindo-se definitivamente mal com aquilo –, mas enquanto você estava fora... Ou melhor, na noite em que você partiu, para falar a verdade...
Eloise se inclinou um tantinho para a frente. Foi um movimento sutil, mas Penelope o percebeu e por um momento pensou... bem, não chegou de fato a pensar nada claramente, ou pelo menos nada que pudesse ter expressado com uma frase. Mas sentiu certo desconforto – um incômodo de tipo diferente daquele que já estava sentindo. Era um desconforto de desconfiança e...
– Eu sou Lady Whistledown – disparou ela, porque se esperasse mais achava que seu cérebro poderia explodir.
E Eloise disse:
– Eu sei.
Penelope sentou-se no objeto sólido mais próximo, que por acaso era uma mesa.
– Você sabe.
Eloise deu de ombros.
– Sei.
– Como?
– Hyacinth me contou.
– O quê? – falou Colin, que parecia furioso e pronto para acertar as contas com Hyacinth.
– Tenho certeza de que ela está atrás da porta – murmurou Eloise, com um aceno de cabeça. – Caso você queira...

Mas Colin estava um passo à frente dela e já abria com força a porta do pequeno salão. Como era de esperar, Hyacinth quase caiu lá dentro.

– Hyacinth! – disse Penelope em tom de reprovação.

– Ah, por favor – replicou Hyacinth, alisando as saias. – Vocês não acharam que eu não ia escutar atrás da porta, não é? Vocês me conhecem.

– Eu vou torcer seu pescoço – grunhiu Colin. – Tínhamos feito um acordo.

Hyacinth deu de ombros.

– Acho que eu não preciso de 20 libras, no fim das contas.

– Eu já lhe *dei* 10.

– Eu sei – disse Hyacinth com um largo sorriso.

– Hyacinth! – exclamou Eloise.

– O que não quer dizer – continuou Hyacinth modestamente – que eu não *queira* os outros 10.

– Ela me contou ontem à noite – explicou Eloise, estreitando os olhos –, mas só depois de me informar que sabia quem era Lady Whistledown e que, na verdade, toda a sociedade sabia, mas que a informação me custaria 25 libras.

– Não lhe ocorreu que, se toda a sociedade sabia, você poderia simplesmente ter perguntado a outra pessoa? – indagou Penelope.

– Toda a sociedade não estava no meu quarto às duas da manhã – rebateu Eloise.

– Estou pensando em comprar um chapéu – ponderou Hyacinth. – Ou talvez um pônei.

Eloise lhe lançou um olhar furioso, em seguida virou-se para Penelope.

– Você é mesmo Lady Whistledown?

– Sou – admitiu Penelope. – Ou melhor...

Ela olhou para Colin, sem saber bem por que estava fazendo isso, além do fato de amá-lo muito e de ele conhecê-la tão bem que, quando visse o discreto sorriso vacilante dela, sorriria de volta, não importava quão furioso estivesse com Hyacinth.

E ele sorriu. De alguma forma, em meio a tudo aquilo, sabia do que ela precisava. Ele sempre sabia.

Penelope se virou para Eloise.

– *Era* – corrigiu ela. – Não sou mais. Eu me aposentei.

Mas era claro que Eloise já sabia disso. A carta de aposentadoria de Lady W. havia circulado muito antes de Eloise deixar a cidade.

– Para sempre – acrescentou Penelope. – As pessoas têm perguntado, mas não serei induzida a pegar minha pena novamente. – Ela fez uma pausa, pensando nas coisas que andara escrevendo em casa. – Pelo menos não como Lady Whistledown.

Olhou para Eloise, que se sentara ao lado dela na mesa. O rosto da amiga estava inexpressivo e ela não dizia nada havia *séculos*... bem, séculos para Eloise, pelo menos.

Penelope tentou sorrir.

– Estou pensando em escrever um romance, na verdade.

Eloise continuava sem dizer nada, embora piscasse rapidamente, franzindo a testa, como se estivesse muito concentrada em seus pensamentos.

E então Penelope pegou uma de suas mãos e disse aquilo que estava realmente sentindo.

– Eu lamento muito, Eloise.

Eloise olhava fixamente para uma mesinha lateral, mas, ao ouvir isso, virou-se e encarou a amiga.

– Você lamenta? – repetiu ela, e parecia hesitante, como se lamentar-se não pudesse ser a emoção correta, ou pelo menos não correta o *suficiente*.

Penelope sentiu um aperto no coração.

– Lamento muito mesmo – falou. – Eu devia ter lhe contado. Eu devia ter...

– Você ficou *louca*? – perguntou Eloise, parecendo finalmente acordar. – É *claro* que você não devia ter me contado. Eu nunca conseguiria guardar esse segredo.

Penelope achou admirável ela admitir isso.

– Estou tão *orgulhosa* de você! – continuou Eloise. – Esqueça a escrita por um momento... Não consigo sequer imaginar a logística de tudo isso e, um dia, quando não for o dia do meu casamento, vou querer ouvir todos os detalhes.

– Ficou surpresa então? – murmurou Penelope.

Eloise lhe lançou um olhar sarcástico.

– Para dizer o mínimo.

– Tive de pegar uma cadeira para ela – comentou Hyacinth.

– Eu já estava me sentando – grunhiu Eloise.

Hyacinth fez um aceno com a mão no ar.

– Ainda assim.

– Ignore-a – disse Eloise, concentrando-se em Penelope. – Sinceramente, não consigo dizer como estou impressionada... agora que me recuperei do choque, é claro.

– Sério?

Não ocorrera a Penelope até aquele momento quanto desejava a aprovação de Eloise.

– Conseguir esconder isso por todo esse tempo – disse Eloise, balançando a cabeça lentamente, com admiração. – De mim. *Dela*. – E apontou um dedo na direção de Hyacinth. – É realmente um feito e tanto. – E então se curvou para a frente e envolveu Penelope em um abraço carinhoso.

– Você não está com raiva de mim?

Eloise se afastou e abriu a boca, e Penelope pôde ver que ela estava prestes a dizer "Não", provavelmente seguido de "É claro que não".

Mas as palavras permaneceram na boca de Eloise, e ela ficou ali sentada, parecendo ligeiramente pensativa e surpresa, até que enfim disse:

– Não.

Penelope sentiu as sobrancelhas se erguerem.

– Tem certeza?

Porque Eloise não parecia segura. Nem parecia Eloise falando, para ser sincera.

– Seria diferente se eu ainda estivesse em Londres, sem mais nada para fazer – disse Eloise com tranquilidade. – Mas este lugar... – Ela olhou ao redor da sala, acenando vagamente para a janela. – *Aqui*. Não é a mesma coisa. É uma vida diferente – continuou de maneira serena. – Eu sou uma pessoa diferente. Um pouco, pelo menos.

– Lady Crane – lembrou Penelope.

Eloise sorriu.

– Que bom que me lembrou disso, Sra. Bridgerton.

Penelope quase riu.

– Dá para acreditar?

– No seu casamento ou no meu? – perguntou Eloise.

– Nos dois.

Colin, que vinha mantendo uma distância respeitosa – uma das mãos firmemente ao redor do braço de Hyacinth para *mantê-la* a uma distância respeitosa –, se aproximou.

– Acho que devíamos voltar – disse ele tranquilamente. Então estendeu a mão e ajudou primeiro Penelope, depois Eloise, a ficarem de pé. – Você – continuou ele, inclinando-se para beijar a irmã no rosto – *certamente* deveria voltar.

Eloise sorriu, melancólica, a noiva ruborizada mais uma vez, e fez que sim. Então apertou uma última vez as mãos de Penelope, passou por Hyacinth (revirando os olhos ao fazer isso) e voltou à sua festa de casamento.

Penelope observou Eloise sair, dando o braço a Colin, e se apoiou suavemente nele. Os dois ficaram ali, em silêncio, olhando com ar indolente para a entrada agora vazia enquanto ouviam os barulhos da festa que chegavam até eles.

– Você acha que seria educado irmos embora? – murmurou ele.

– Provavelmente não.

– Acha que Eloise se importaria?

Penelope balançou a cabeça.

Colin apertou os braços em volta dela e Penelope sentiu os lábios dele roçarem suavemente sua orelha.

– Vamos – disse ele.

Ela não discutiu.

No dia 25 de maio de 1824, precisamente um dia depois do casamento de Eloise Bridgerton com Sir Phillip Crane, três cartas foram entregues no quarto do Sr. e da Sra. Colin Bridgerton, hóspedes da estalagem Rose and Bramble, perto de Tetbury, em Gloucestershire. Chegaram juntas, todas remetidas de Romney Hall.

– Qual delas vamos abrir primeiro? – perguntou Penelope, espalhando-as à sua frente na cama.

Colin arrancou a camisa que vestira para atender à porta.

– Deixo a cargo do seu bom julgamento, como sempre.

– Como sempre?

Ele voltou para o lado de Penelope na cama. Ela ficava incrivelmente adorável quando era sarcástica. Ele não conseguia pensar em outra alma que fosse capaz disso.

– Sempre que me convém – corrigiu ele.

– A da sua mãe, então – disse Penelope, pegando uma das cartas em cima do lençol.

Rompeu o selo e desdobrou cuidadosamente o papel.

Colin ficou observando Penelope ler. Os olhos dela se arregalaram, em seguida suas sobrancelhas se levantaram e seus lábios se ergueram ligeiramente nos cantos, como se ela estivesse sorrindo, ainda que não pretendesse.

– O que ela está dizendo? – perguntou ele.

– Está dizendo que nos perdoa.

– Imagino que não faria sentido perguntar pelo quê.

Penelope lançou-lhe um olhar severo.

– Por ir embora cedo do casamento.

– Você me disse que Eloise não se importaria.

– E tenho certeza de que ela não se importou. Mas estamos falando da sua *mãe*.

– Responda dizendo que, se ela se casar novamente, garanto que ficarei até o amargo fim.

– Não vou fazer uma coisa dessas – respondeu Penelope, revirando os olhos. – Também não acho que ela espere uma resposta, em todo caso.

– Sério? – Agora ele estava curioso, porque sua mãe sempre esperava respostas. – O que fizemos para merecer seu perdão, então?

– Hã, ela disse alguma coisa sobre lhe darmos netos no momento oportuno.

Colin sorriu.

– Você está corando?

– Não.

– Está, *sim*.

Ela lhe deu uma cotovelada nas costelas.

– Não estou. Tome, leia você mesmo se está tão interessado. Vou ler a de Hyacinth.

– Suponho que ela não tenha devolvido minhas dez libras – resmungou Colin.

Penelope desdobrou o papel e o sacudiu. Mas não caiu nada.

– Aquela atrevida tem sorte de ser minha irmã – murmurou ele.

– Que mau perdedor você é – repreendeu Penelope. – Ela superou você, e de forma brilhante além de tudo.

– Ah, por favor – zombou ele. – Não vi você elogiando a esperteza dela ontem à tarde.

Penelope acenou com a mão, ignorando os protestos dele.

– Sim, bem, vemos melhor algumas coisas quando paramos para pensar a respeito.

– O que ela está dizendo? – perguntou Colin, inclinando-se sobre o ombro de Penelope. Conhecendo Hyacinth, provavelmente era algum esquema para extorquir mais dinheiro de seu bolso.

– É bem gentil, na verdade – disse Penelope. – Nada nem um pouco maldoso.

– Você leu os dois lados? – perguntou Colin, em dúvida.

– Ela só escreveu de um lado.

– Estranhamente nada econômico da parte dela – acrescentou ele, desconfiado.

– Ah, céus, Colin, ela só está nos contando o que aconteceu no casamento depois que saímos. E, devo dizer, ela tem um olho incrível para o humor e os detalhes. Daria uma ótima Lady Whistledown.

– Que Deus nos ajude!

A última carta era de Eloise, e, ao contrário das outras duas, era endereçada apenas a Penelope. Colin estava curioso, é claro – quem não ficaria? –, mas se afastou para dar privacidade à mulher. A amizade dela com sua irmã era algo que ele via com admiração e respeito. Era muito chegado aos irmãos – muito mesmo. Mas nunca tinha visto um elo de amizade tão profundo como o de Penelope e Eloise.

– Ah! – deixou escapar Penelope, ao virar uma página. A carta de Eloise era muito maior do que as duas anteriores; ela conseguira preencher duas folhas, frente e verso. – Aquela atrevida.

– O que ela fez? – perguntou Colin.

– Ah, não foi nada – respondeu Penelope, embora parecesse bastante irritada. – Você não estava lá, mas, na manhã do casamento, ela não parava de pedir

desculpas por guardar segredos, e nem me ocorreu que estava tentando me fazer admitir que eu também guardava os meus. Ela me deixou arrasada.

Sua voz foi sumindo à medida que lia a outra página. Colin se recostou nos travesseiros macios, pousando os olhos no rosto da mulher. Ele gostava de ver os olhos dela se moverem da esquerda para a direita, seguindo as palavras. Gostava de ver seus lábios se mexerem quando sorria ou franzia a testa. Era surpreendente, na verdade, como ficava feliz só de observá-la enquanto lia.

Até ela engasgar e ficar completamente branca.

Ele se levantou depressa, apoiando-se nos cotovelos.

– O que foi?

Penelope balançou a cabeça e gemeu.

– Ah, ela é terrível.

Para o inferno com a privacidade. Ele pegou a carta.

– O que ela disse?

– Lá embaixo – explicou Penelope, apontando, infeliz. – No fim.

Colin afastou o dedo dela e começou a ler.

– Santo Deus, ela é prolixa – murmurou. – Não consigo entender nada do que ela diz.

– Vingança – disse Penelope. – Ela diz que o meu segredo era maior do que o dela.

– E era.

– Ela diz que merece uma compensação.

Colin ponderou a respeito.

– Provavelmente sim.

– Para acertar o placar.

Ele acariciou a mão dela.

– Receio que seja assim que nós, Bridgertons, pensamos. Você nunca jogou com a gente, não é?

Penelope gemeu.

– Ela disse que vai consultar Hyacinth.

Colin sentiu o sangue deixar seu rosto.

– Eu sei – disse Penelope, balançando a cabeça. – Nunca estaremos seguros de novo.

Colin passou o braço em volta dela e puxou-a para perto.

– Nós não falamos que queríamos visitar a Itália?
– Ou a Índia.
Ele sorriu e beijou-a no nariz.
– Ou podemos simplesmente ficar aqui.
– Na Rose and Bramble?
– Íamos embora amanhã de manhã. É o último lugar em que Hyacinth procuraria por nós.
Penelope olhou para ele, seus olhos se iluminando e parecendo talvez um pouco travessos.
– Não tenho nenhum compromisso urgente em Londres por pelo menos quinze dias.
Colin rolou para cima dela, puxando-a até ela ficar com o corpo esticado por baixo dele.
– Minha mãe disse que não nos perdoaria se não lhe déssemos um neto.
– Ela não colocou as coisas em termos tão rígidos.
Ele a beijou bem no ponto sensível atrás da orelha, o que sempre fazia com que se contorcesse.
– Finja que sim.
– Bem, nesse caso... ah!
Os lábios de Colin deslizaram pela barriga dela.
– Ah? – murmurou ele.
– É melhor então nós... ah!
Ele ergueu os olhos.
– Você estava dizendo...?
– Começar logo a trabalhar nisso – Penelope mal conseguiu completar.
Ele sorriu contra a pele dela.
– A seu dispor, Sra. Bridgerton. Sempre.

Para Sir Phillip, com amor

Não me lembro de já ter escrito em outra ocasião sobre crianças tão intrometidas quanto Amanda e Oliver Crane, os solitários filhos gêmeos de Sir Phillip Crane. Parecia impossível que eles pudessem se tornar adultos bem ajustados e sensatos, mas imaginei que, se havia alguém capaz de colocá-los na linha, esse alguém era sua nova madrasta, Eloise (Bridgerton de nascimento) Crane. Havia muito tempo que eu tinha vontade de experimentar escrever na primeira pessoa, então resolvi ver o mundo através dos olhos de uma Amanda adulta. Ela iria se apaixonar, e Phillip e Eloise teriam de ver isso acontecer.

PARA SIR PHILLIP, COM AMOR:

O segundo epílogo

Não sou a mais paciente das pessoas. E quase não tolero estupidez. Era por isso que estava orgulhosa de mim mesma por ter controlado minha língua esta tarde, enquanto tomava chá com a família Brougham.

Os Broughams são nossos vizinhos há seis anos, desde que o Sr. Brougham herdou a propriedade do tio, também chamado Sr. Brougham. Eles têm quatro filhas e um filho extremamente mimado. Para minha sorte, o filho é cinco anos mais jovem do que eu, o que significa que nunca terei de pensar na possibilidade de me casar com ele. (Embora minhas irmãs Penelope e Georgiana, nove e dez anos mais novas do que eu, não tenham tanta sorte.) As irmãs Broughams têm todas um ano de diferença de uma para a outra, sendo a primeira dois anos mais velha do que eu, e a mais jovem, um ano mais nova. São todas bastante agradáveis, ainda que talvez um pouco delicadas e gentis demais para o meu gosto. Mas ultimamente tem sido impossível suportá-las.

Isso porque eu também tenho um irmão, e ele não é cinco anos mais jovem do que elas. Na verdade, é meu irmão gêmeo, o que o torna uma possibilidade matrimonial para qualquer uma delas.

Previsivelmente, Oliver não quis acompanhar minha mãe, minha tia Penelope e a mim no chá.

Mas eis o que aconteceu, e eis por que estou orgulhosa de mim por não ter dito o que queria dizer, que era: *Com certeza, você deve ser uma idiota.*

Eu estava tomando meu chá, tentando manter a xícara em meus lábios pelo maior tempo possível a fim de evitar perguntas sobre Oliver, quando a Sra.

Brougham disse:

– Deve ser tão intrigante ser gêmeo. Diga-me, querida Amanda, em que é diferente de não ser gêmeo?

Eu não devia ter de explicar por que essa pergunta era tão estúpida. Eu dificilmente poderia dizer a ela qual era a diferença, já que passei cem por cento da minha vida sendo gêmea e, portanto, não tinha nenhuma experiência em não ser uma.

O desdém deve ter ficado claro em meu rosto, porque minha mãe me lançou um de seus lendários olhares de advertência no momento em que meus lábios se abriram para responder. Como não queria constranger minha mãe (e não porque tivesse a necessidade de fazer a Sra. Brougham se sentir mais inteligente do que realmente é), eu disse:

– Imagino que seja o fato de sempre se ter um companheiro.

– Mas seu irmão não está aqui agora – disse uma das garotas Brougham.

– Meu pai não está sempre com a minha mãe, mas imagino que ela o considere seu companheiro – respondi.

– Um irmão não é o mesmo que um marido – trinou a Sra. Brougham.

– Espera-se que não – retruquei.

Na verdade, essa foi uma das conversas mais ridículas de que já participei. E Penelope estava com uma cara de que teria perguntas a fazer quando voltássemos para casa.

Minha mãe me lançou outro olhar, que dizia que sabia exatamente que tipo de perguntas Penelope teria a fazer e que não queria respondê-las. Mas como minha mãe sempre dissera que apreciava a curiosidade nas mulheres...

Bem, ela seria pega em sua própria armadilha.

Devo dizer que, a não ser por essas questões de ser pega em suas próprias armadilhas, estou convencida de que tenho a melhor mãe da Inglaterra. E, ao contrário de ser um não gêmeo, sobre o que não tenho o menor conhecimento, sei como é ter outra mãe, por isso estou totalmente qualificada, na minha opinião, para julgar.

Minha mãe, Eloise Crane, é na verdade minha madrasta, embora só me refira a ela assim quando necessário, para efeito de esclarecimento. Ela se casou com meu pai quando Oliver e eu tínhamos 8 anos, e estou bastante certa de que salvou todos nós. É difícil explicar como nossas vidas eram antes de a minha

mãe entrar nelas. Eu certamente poderia descrever acontecimentos, mas o *tom* de tudo, o clima em nossa casa...

Realmente não sei como descrever.

Minha mãe – minha primeira mãe – se matou. Durante a maior parte da vida, eu não soube disso. Achava que ela houvesse morrido de uma febre, o que imagino que seja verdade. O que ninguém me disse foi que a febre tinha sido consequência de ela ter tentado se afogar em um lago no período mais rigoroso do inverno.

Não tenho nenhuma intenção de tirar minha própria vida, mas devo dizer que este não seria o método que eu escolheria.

Sei que eu deveria ser compreensiva e sentir compaixão por ela. Minha mãe atual é uma prima distante dela e me disse que minha mãe biológica foi triste a vida inteira. Ela me disse que algumas pessoas são assim, do mesmo jeito que outras são estranhamente alegres o tempo todo. Mas não consigo deixar de pensar que, se ela ia se matar, podia muito bem ter feito isso antes. Talvez quando eu ainda era bem pequena. Ou, melhor ainda, quando era um bebê. Com certeza teria tornado a minha vida mais fácil.

Perguntei ao meu tio Hugh (que não é meu tio de verdade, mas é casado com a meia-irmã da mulher do irmão da minha mãe atual *e* mora bem perto daqui *e* é vigário) se eu iria para o inferno por pensar assim. Ele disse que não, que, na verdade, isso fazia muito sentido para ele.

Acho que prefiro a paróquia dele à minha.

Mas a questão é que agora tenho lembranças dela. De Marina, minha primeira mãe. Não *quero* lembranças dela. As que tenho são nebulosas e confusas. Não consigo me lembrar do som de sua voz. Oliver diz que pode ser porque ela quase não falava. Não me lembro se ela falava ou não. Não me lembro da forma exata do seu rosto, não me lembro do seu cheiro.

Em vez disso, me lembro de ficar parada do lado de fora de sua porta, me sentindo muito pequena e assustada. E me lembro de andar muito na ponta dos pés, porque sabíamos que não devíamos fazer barulho. Lembro-me de ficar o tempo todo nervosa, como se eu soubesse que algo ruim estava prestes a acontecer.

E de fato aconteceu.

Uma lembrança não devia ser específica? Eu não me importaria de ter a lembrança de um momento, ou de um rosto, ou de um som. Em vez disso, tenho sentimentos vagos com relação a isso, sentimentos que nem ao menos são felizes.

Uma vez perguntei a Oliver se ele tinha as mesmas lembranças, e ele apenas deu de ombros e disse que não pensava nela. Não tenho certeza se acredito nele. Acho que provavelmente sim; ele não costuma pensar muito sobre essas coisas. Ou talvez, para ser mais precisa, ele não pense muito sobre nada. Só espero que, quando ele se casar (o que as irmãs Broughams não veem a hora de acontecer), escolha uma noiva com uma sensibilidade e uma capacidade de reflexão parecidas. Caso contrário, ela será infeliz. Ele não, é claro; ele não vai nem notar a infelicidade dela.

Os homens são assim, me disseram.

Meu pai, por exemplo, é incrivelmente desatento. A menos, é claro, que você seja uma planta, aí ele nota tudo. Ele é botânico e poderia passar o dia inteiro feliz em sua estufa. Ele me parece um par improvável para minha mãe, que é muito alegre e extrovertida e nunca fica sem assunto, mas, quando eles estão juntos, fica claro que se amam muito. Na semana passada, peguei os dois se beijando no jardim. Fiquei espantada. Minha mãe tem quase 40 anos, e meu pai é mais velho do que isso.

Mas acabei me perdendo. Eu estava falando da família Brougham, mais especificamente da pergunta tola da Sra. Brougham sobre não ser um gêmeo. Eu estava, como disse anteriormente, bastante satisfeita comigo mesma por não ter sido rude quando a Sra. Brougham disse algo *interessante*.

– Meu sobrinho vem nos visitar esta tarde.

As garotas Broughams se endireitaram prontamente em seus assentos. Eu juro, foi como um tipo de brincadeira em que, de repente, elas passaram de uma postura perfeita para anormalmente eretas.

Em razão disso, deduzi de imediato que o sobrinho da Sra. Brougham devia estar em idade de se casar, provavelmente tinha dinheiro e talvez fosse bonito.

– Você não falou que o Ian estava vindo nos visitar – disse uma das filhas.

– Não é ele – respondeu a Sra. Brougham. – Ele ainda está em Oxford, como vocês bem sabem. Quem está vindo é Charles.

Puf. As garotas Broughams pareceram murchar, todas de uma vez.

– Ah – disse uma delas. – O Charlie.

– Hoje, você disse – comentou outra, com uma notável falta de entusiasmo.

E então a terceira completou:

– Tenho de esconder minhas bonecas.

A quarta não disse nada. Apenas voltou a tomar o chá, parecendo bastante entediada o resto do tempo.

– Por que você tem de esconder suas bonecas? – perguntou Penelope.

Para ser sincera, eu estava me perguntando a mesma coisa, mas parecia uma pergunta muito infantil para uma dama de 19 anos.

– Isso foi há doze anos, Dulcie – disse a Sra. Brougham. – Deus do céu, você tem uma memória de elefante.

– Não dá para esquecer o que ele fez com as minhas bonecas – disse Dulcie sombriamente.

– O que ele fez? – perguntou Penelope.

Dulcie passou o dedo pelo pescoço como se o estivesse cortando. Penelope engasgou, e devo confessar que havia algo bastante terrível na expressão de Dulcie.

– Ele é um selvagem – disse uma das irmãs dela.

– Ele *não* é um selvagem – insistiu a Sra. Brougham.

As garotas Brougham olharam para nós, balançando a cabeça em silêncio, como se dissessem: *Não deem ouvidos a ela*.

– Quantos anos tem o seu sobrinho agora? – perguntou minha mãe.

– Vinte e dois – respondeu a Sra. Brougham, parecendo bastante agradecida pela pergunta. – Ele se formou em Oxford no mês passado.

– É um ano mais velho que o Ian – explicou uma das meninas.

Assenti, embora não pudesse ter Ian – que nunca tinha visto – como referência.

– Ele não é tão bonito.

– Nem tão simpático.

Olhei para a mais nova das Broughams, esperando sua contribuição. Mas ela se limitou a bocejar.

– Quanto tempo ele vai ficar aqui? – perguntou minha mãe educadamente.

– Duas semanas – respondeu a Sra. Brougham, mas na verdade só conseguiu dizer “Duas se” antes que uma de suas filhas gemesse, consternada.

– Duas semanas! Praticamente uma quinzena inteira!

– Eu esperava que ele pudesse nos acompanhar até a assembleia local – disse a Sra. Brougham.

Essa explicação provocou mais gemidos. Devo dizer que eu estava começando a ficar curiosa sobre esse tal de Charles. Qualquer um capaz de deixar as garotas Broughams tão apavoradas devia ter algo de bom.

Não, apresso-me a acrescentar, que eu não goste das irmãs Broughams. Ao contrário do irmão, nenhuma delas tem cada desejo e capricho atendido, então não são de todo insuportáveis. Mas são – como posso dizer? – serenas e obedientes e, portanto, não as companhias naturais para mim (a quem esses adjetivos nunca se aplicaram). Para ser sincera, acho que nunca vi nenhuma delas expressar uma opinião veemente sobre nada. Se todas as quatro detestavam tanto alguém... bem, no mínimo ele devia ser interessante.

– Seu sobrinho gosta de cavalgar? – perguntou minha mãe.

Os olhos da Sra. Brougham brilharam de um jeito astucioso.

– Acredito que sim.

– Talvez Amanda pudesse lhe mostrar os arredores.

Com isso, minha mãe abriu um sorriso estranhamente inocente e doce.

Devo acrescentar que uma das razões pelas quais estou convencida de que minha mãe é a melhor da Inglaterra é o fato de ela raramente ser inocente e doce. Ah, não me entenda mal... ela tem um coração de ouro e faria qualquer coisa por sua família. Mas é a quinta de oito irmãos e sabe ser maravilhosamente sorrateira e dissimulada.

Além disso, ninguém consegue vencê-la em uma discussão. Confie em mim, eu já tentei.

Então, quando me ofereceu como guia, não pude fazer nada a não ser dizer que sim, mesmo vendo que três das quatro irmãs Broughams começaram a dar risadinhas. (A quarta ainda parecia entediada. Eu estava começando a me perguntar se não haveria algo errado com ela.)

– Amanhã – disse a Sra. Brougham com satisfação. Ela batia palmas e sorria. – Vou mandá-lo à sua casa amanhã à tarde. Está bem assim?

Novamente, só me restava concordar, e foi o que fiz, perguntando-me exatamente com o que eu havia concordado.

Na tarde seguinte, eu vestia meu melhor traje de montaria e andava pela sala de estar, me perguntando se o misterioso Charles Brougham iria mesmo aparecer. Se não aparecesse, pensei, estaria totalmente em seu direito. Seria rude, é claro, já que estaria desonrando um compromisso assumido em nome dele pela tia, mas, ao mesmo tempo, ele não tinha nenhuma obrigação *selada* com a nobreza local.

O trocadilho não foi intencional.

Minha mãe nem sequer tentou negar que estava bancando a casamenteira. Isso me surpreendeu; eu imaginava que ela fosse ao menos protestar um pouco. Mas, em vez disso, me lembrou que eu havia me recusado a participar de uma temporada em Londres e em seguida começou a discursar sobre a falta de cavalheiros apropriados e com a idade certa no recanto de Gloucestershire em que morávamos.

Lembrei-lhe, então, que ela não havia encontrado *seu* marido em Londres.

Em seguida, ela disse algo que começava com "Seja como for" , depois desviou do assunto tão rapidamente e com tantas voltas e mais voltas, que não consegui acompanhar mais nada do que disse.

E tenho certeza de que era essa sua intenção.

Minha mãe não estava exatamente chateada por eu ter recusado uma temporada; ela gostava da nossa vida no campo, e Deus sabe que meu pai não sobreviveria mais de uma semana na cidade. Minha mãe disse que fui indelicada ao dizer isso, mas acho que, em seu íntimo, ela concorda comigo – meu pai se distrairia com uma planta no parque, e nós nunca mais o encontraríamos. (Ele é um pouco distraído.)

Ou, e confesso que isso é mais provável, diria algo totalmente inadequado em uma festa. Ao contrário de minha mãe, ele não tem o dom da conversa educada e com certeza não vê a necessidade de duplos sentidos ou construções frasais complexas. Na opinião dele, uma pessoa deveria dizer o que quer dizer.

Amo meu pai, mas está claro que ele deve ser mantido longe da cidade.

Eu poderia ter participado de uma temporada em Londres, se quisesse. A família da minha mãe é extremamente bem-relacionada. Seu irmão é um visconde e suas irmãs se casaram com um duque, um conde e um barão. Eu

poderia frequentar as festas mais exclusivas. Mas realmente não queria ir. Não teria nenhuma liberdade. Aqui posso fazer caminhadas ou cavalgar sozinha, desde que diga a alguém aonde estou indo. Em Londres, uma jovem não pode sequer pôr o dedo do pé nos degraus da frente sem uma acompanhante.

Isso parece terrível.

Mas de volta à minha mãe. Ela não se importou de eu ter me recusado a participar da temporada, porque isso significava que não teria de se separar do meu pai por vários meses. (Uma vez que, como já vimos, ele teria de ser deixado em casa.) Mas, ao mesmo tempo, ela estava realmente preocupada com o meu futuro. Então, se lançou nessa pequena cruzada. Se eu não ia ao encontro dos cavalheiros adequados, ela os traria até mim.

Daí Charles Brougham.

Às duas horas, ele ainda não tinha chegado, e devo confessar que estava ficando irritada. Era um dia quente, ou tão quente quanto é possível em Gloucestershire, e meu traje verde-escuro, que parecera tão elegante e garboso quando o vesti, estava começando a incomodar.

Eu estava começando a desanimar.

De alguma forma, minha mãe e a Sra. Brougham tinham se esquecido de combinar uma hora para a chegada do sobrinho, então fui obrigada a estar vestida e pronta ao meio-dia em ponto.

– A que horas você diria que acaba oficialmente a tarde? – perguntei, me abanando com um jornal dobrado.

– Hum?

Minha mãe estava escrevendo uma carta – provavelmente para um de seus muitos irmãos – e não prestava muita atenção. Ela estava linda ali sentada à janela. Não tenho ideia da aparência que minha mãe verdadeira teria quando fosse mais velha, uma vez que ela não se dignou a viver tanto tempo, mas Eloise não perdera nem um pouco de sua beleza. Seu cabelo continuava de um lindo tom castanho e em sua pele não havia nem uma ruga sequer. Seus olhos são difíceis de descrever – a cor parece mudar bastante.

Ela me disse que nunca foi considerada linda quando jovem. Ninguém a achava mal-apessoada, e ela era, na verdade, bastante popular, mas nunca fora considerada um diamante raro. Ela me diz que as mulheres inteligentes envelhecem melhor.

Acho isso interessante e espero que seja um bom presságio para o meu futuro.

Mas, naquele momento, eu não estava preocupada com nenhum futuro além dos dez minutos seguintes, depois dos quais eu estava convencida de que morreria por causa do calor.

– A tarde – repeti. – Quando você diria que termina? Às quatro horas? Cinco? Por favor, diga que não é às seis.

Ela finalmente ergueu os olhos.

– Do que você está falando?

– Do Sr. Brougham. Marcamos à tarde, não foi?

Ela me olhou sem entender.

– Posso deixar de esperá-lo quando a tarde virar noite, não posso?

Minha mãe parou por um instante, a pena suspensa no ar.

– Você não devia ser tão impaciente, Amanda.

– Eu não sou – insisti. – Estou *com calor*.

Ela pensou a respeito.

– Está quente aqui, não está?

Fiz que sim.

– Meu traje é de lã.

Minha mãe fez uma careta, mas notei que ela não sugeriu que eu me trocasse. Não ia sacrificar um pretendente em potencial por algo tão sem importância quanto o clima. Voltei a me abanar.

– Não acho que o sobrenome dele seja Brougham – disse minha mãe.

– Como assim?

– Acho que ele é parente da Sra. Brougham, e não do marido dela. Não sei qual é o sobrenome da família dela.

Dei de ombros.

Ela voltou para a sua carta. Minha mãe escreve uma quantidade desmedida de cartas. Sobre o quê, não posso imaginar. Não diria que nossa família é maçante, mas somos bastante comuns. Com certeza suas irmãs já estão cansadas de ler coisas como *Georgiana aprendeu a conjugação francesa* e *Frederick esfolou o joelho*.

Mas minha mãe gosta de receber cartas, e diz que é preciso enviar para receber, então lá está ela à sua mesa, quase todos os dias, contando os detalhes

enfadonhos de nossas vidas.

– Vem vindo alguém – disse ela, justo quando eu começava a cochilar no sofá.

Sentei-me ereta e me virei em direção à janela. De fato, uma carruagem se aproximava.

– Achei que fôssemos sair para cavalgar – falei, um pouco irritada.

Eu estava derretendo no meu traje de montaria por nada?

– Vocês vão – murmurou minha mãe, erguendo as sobrancelhas enquanto observava a carruagem se aproximar.

Não acho que o Sr. Brougham – ou quem quer que estivesse na carruagem – pudesse ver a sala de visitas pela janela aberta, mas, em todo caso, continuei sentada de maneira digna no sofá, inclinando a cabeça ligeiramente para observar os acontecimentos na entrada de casa.

A carruagem parou e um cavalheiro saltou, mas ele estava de costas para a casa e não pude ver nada além de sua altura (mediana) e seu cabelo (escuro). Em seguida, ele estendeu a mão e ajudou uma dama a descer.

Dulcie Brougham!

– O que ela está fazendo aqui? – perguntei, indignada.

E então, quando Dulcie já estava com os dois pés plantados seguramente no chão, o cavalheiro ajudou outra jovem, depois outra. Depois outra.

– Ele trouxe todas as garotas Broughams? – indagou minha mãe.

– Aparentemente, sim.

– Pensei que o detestassem.

Balancei a cabeça.

– Aparentemente, não.

A razão para as irmãs terem mudado de ideia ficou clara alguns momentos depois, quando Gunning anunciou a chegada deles.

Não sei como o primo Charles *era*, mas agora... bem, digamos apenas que qualquer jovem iria achá-lo interessante. Seu cabelo era espesso e ondulado e mesmo do outro lado da sala dava para ver que seus cílios eram incrivelmente longos. Sua boca era do tipo que sempre parece estar prestes a sorrir, o que, na minha opinião, é o melhor tipo de boca para se ter.

Não estou dizendo que senti algo além de um educado interesse, mas as irmãs Broughams estavam na maior disputa para ver quem lhe daria o braço.

– Dulcie – disse minha mãe, aproximando-se com um sorriso acolhedor. – E Antonia. E Sarah. – Ela respirou. – E Cordelia também. Que surpresa agradável ver todas vocês.

Uma prova da habilidade da minha mãe como anfitriã era que ela de fato parecia contente.

– Não podíamos deixar nosso querido primo Charles vir sozinho – explicou Dulcie.

– Ele não sabe o caminho – acrescentou Antonia.

Não poderia ter sido um trajeto mais simples – bastava entrar na vila, virar à direita na igreja e então era apenas mais um quilômetro e meio até a nossa casa.

Mas eu não disse isso. Apenas olhei para o primo Charles com compaixão. Não devia ter sido uma viagem muito divertida.

– Charles, querido – dizia Dulcie –, estas são Lady Crane e a Srta. Amanda Crane.

Fiz uma reverência, me perguntando se teria de subir naquela carruagem com todos os cinco. Esperava que não. Se estava quente ali, estaria insuportável dentro da carruagem.

– Lady Crane, Amanda – continuou Dulcie –, meu querido primo Charles, Sr. Farraday.

Inclinei a cabeça para o lado ao ouvir isso. Minha mãe estava certa, o sobrenome dele não era Brougham. Ah, céus, isso queria dizer que ele era parente da *Sra*. Brougham? Eu achava o Sr. Brougham o mais sensato dos dois.

O Sr. Farraday curvou-se educadamente e, por um breve instante, os olhos dele encontraram os meus.

Eu deveria dizer nesse momento que não sou romântica. Ou pelo menos não acho que seja. Se fosse, teria ido a Londres para a temporada. E passaria os dias lendo poesia e as noites dançando, flertando e me divertindo.

Com certeza não acredito em amor à primeira vista. Até mesmo meus pais, que se amam mais do que qualquer casal que eu conheça, me dizem que não se apaixonaram imediatamente.

Mas quando meus olhos encontraram os dos Sr. Farraday...

Como eu disse, não foi amor à primeira vista, já que não acredito nessas coisas. Não foi nada à primeira vista, na verdade, mas havia algo... uma identificação... um senso de humor. Não sei ao certo como descrever.

Imagino que, se pressionada, eu diria que era uma sensação de familiaridade. Como se, de alguma forma, eu já o conhecesse. O que, naturalmente, era ridículo.

Mas não tão ridículo quanto suas primas, que trinavam, afetadas e alvoroçadas. Claramente tinham chegado à conclusão de que o primo Charles não era mais um selvagem e que, se alguém ia se casar com ele, seria uma delas.

– Sr. Farraday – falei, e podia sentir os cantos da minha boca se franzindo na tentativa de conter um sorriso.

– Srta. Crane – disse ele, com a mesma expressão, curvando-se e beijando minha mão, para grande consternação de Dulcie, que estava bem ao meu lado.

Mais uma vez, *devo* salientar que não sou romântica. Mas senti uma agitação por dentro quando seus lábios tocaram minha pele.

– Receio que eu esteja vestida para cavalgar – continuei, apontando para a minha roupa.

– Está mesmo.

Olhei com tristeza para suas primas, que com certeza não estavam vestidas para nenhum tipo de atividade atlética.

– Está um dia tão bonito... – murmurei.

– Meninas – disse minha mãe, olhando diretamente para as irmãs Broughams –, por que não se juntam a mim, enquanto Amanda e seu primo saem para cavalgar? Prometi à sua mãe que ela mostraria a área a ele.

Antonia abriu a boca para protestar, mas não era páreo para Eloise Crane e de fato não chegou a fazer sequer um som antes de minha mãe acrescentar:

– Oliver vai descer daqui a pouco.

Isso resolveu a questão. Todas as quatro se sentaram arrumadinhas em ordem decrescente no sofá, com sorrisos identicamente plácidos no rosto.

Quase senti pena de Oliver.

– Não trouxe minha montaria – disse Farraday, pesarosamente.

– Isso não é problema – respondi. – Temos excelentes cavalos. Estou certa de que podemos encontrar algum adequado.

E lá fomos nós, saindo da sala de visitas, da casa, depois dobrando a esquina para o gramado dos fundos, e então...

O Sr. Farraday se apoiou na parede, rindo.

– Ah, muito obrigado! – disse ele, empolgado. – Obrigado! Obrigado!

Eu não tinha certeza se deveria fingir ignorância. Não podia mostrar que o compreendia sem insultar suas primas, o que eu não queria fazer. Como já disse, não desgosto das irmãs Broughams, ainda que as tivesse achado um pouco ridículas naquela tarde.

– Diga-me que você sabe cavalgar – disse ele.

– É claro que sei.

Ele apontou para a casa.

– Nenhuma delas sabe.

– Isso não é verdade – respondi, perplexa.

Eu estava certa de que já as vira sobre um cavalo em algum momento.

– Elas sabem se sentar em uma sela – disse ele, os olhos brilhando com o que só podia ser um desafio –, mas não sabem cavalgar.

– Entendi – murmurei. Pensei em minhas opções e disse: – Eu sei.

Ele olhou para mim, um dos cantos da boca puxado para cima. Seus olhos tinham um bonito tom de verde, com pequenos pontos marrons. E, novamente, tive uma estranha sensação de afinidade.

Espero não estar sendo presunçosa quando digo que existem algumas coisas que sei fazer muito bem. Sei atirar com uma pistola (embora não com um rifle, e não tão bem quanto minha mãe, que é assustadoramente boa). Sei fazer contas duas vezes mais rápido do que Oliver, desde que tenha caneta e papel. Sei pescar, nadar e, principalmente, cavalgar.

– Venha comigo – falei, apontando para os estábulos.

Ele seguiu ao meu lado.

– Diga-me, Srta Crane – falou, com um tom de divertimento na voz –, com o que a subornaram para que estivesse presente esta tarde?

– O senhor acha que a sua companhia não é recompensa suficiente?

– A senhorita não me conhece – observou ele.

– Tem razão. – Dobramos no caminho para os estábulos, e fiquei feliz por sentir que a brisa estava aumentando. – Na verdade, fui superada estrategicamente pela minha mãe.

– A senhorita admite ter sido superada estrategicamente – murmurou ele. – Interessante.

– O senhor não conhece a minha mãe.

– Não – assegurou-me ele. – Estou impressionado. A maioria das pessoas não confessaria isso.

– Como eu disse, o senhor não conhece a minha mãe. – Virei para ele e sorri. – Ela tem sete irmãos. Superá-la quando se trata de qualquer questão sorrateira não é nada menos que um triunfo.

Chegamos aos estábulos, mas fiz uma pausa antes de entrar.

– E quanto ao senhor, Sr. Farraday? – perguntei. – Com o que o subornaram para que viesse até aqui esta tarde?

– Também fui ludibriado – explicou ele. – Disseram-me que eu escaparia das minhas primas.

Dei uma risada ao ouvir isso. Inapropriada, sim, mas inevitável.

– Elas me atacaram quando eu estava saindo – continuou amargamente.

– Elas são bastante impetuosas – comentei, mantendo o rosto impassível.

– Eu estava em desvantagem.

– Pensei que elas não gostassem do senhor.

– Eu também. – Ele colocou as mãos nos quadris. – Foi a única razão pela qual consenti a visita.

– O que exatamente fez a elas quando eram crianças? – perguntei.

– Seria melhor perguntar... o que elas fizeram comigo.

Eu sabia bem que não devia dizer que ele levava vantagem em razão do gênero. Quatro meninas poderiam facilmente derrotar um garoto. Eu tinha enfrentado Oliver inúmeras vezes quando criança e, embora ele nunca fosse admitir isso, o superava na maioria das vezes.

– Sapos? – perguntei, pensando em minhas próprias brincadeiras de infância.

– Isso – admitiu ele timidamente.

– Peixe morto?

Ele não disse nada, mas sua expressão era claramente de culpa.

– Qual delas? – perguntei, tentando imaginar o horror de Dulcie.

– Todas.

Prendi a respiração.

– Ao mesmo tempo?

Ele assentiu.

Eu estava impressionada. Suponho que a maioria das mulheres não ia considerar essas coisas atraentes, mas eu sempre tive um senso de humor

incomum.

– Já fez um fantasma de farinha? – perguntei.

Ele ergueu as sobrancelhas e se inclinou para a frente, interessado.

– Conte-me mais.

E então falei sobre a minha mãe e sobre como Oliver e eu tínhamos tentado assustá-la para que ela fosse embora antes de se casar com o meu pai. Tínhamos sido um completo terror. Mesmo. Não apenas crianças travessas, mas sim pestes que assolavam a humanidade. É de espantar que meu pai não tenha nos mandado para um reformatório. A mais memorável das nossas façanhas foi quando colocamos um balde de farinha no alto da porta para que o pó caísse em cima dela quando saísse para o corredor.

Só que tínhamos enchido muito o balde, então não apenas a sujamos, mas a cobrimos de farinha; na verdade foi praticamente um soterramento.

Também não contávamos que o balde batesse na cabeça dela.

Quando disse que minha mãe atual entrou em nossas vidas para nos salvar, eu quis dizer literalmente. Oliver e eu estávamos desesperados por atenção, e nosso pai, por mais adorável que seja agora, não tinha ideia de como lidar conosco.

Contei tudo isso ao Sr. Farraday. Foi a coisa mais estranha. Não sei por que falei por tanto tempo e disse tanta coisa. Pensei que pudesse ser porque ele era um ótimo ouvinte, mas ele me disse mais tarde que não é, que na verdade é um péssimo ouvinte e em geral interrompe as pessoas a toda hora.

Mas não fez isso comigo. Ele ouviu, e eu falei, e então eu ouvi e ele falou, e me contou de seu irmão Ian, com sua aparência angelical e suas boas maneiras. Como todos o bajulavam, mesmo Charles sendo o mais velho. Mas mesmo assim nunca conseguira odiá-lo, porque, no fim das contas, Ian era um bom sujeito.

– Ainda quer cavalgar? – perguntei, quando notei que o sol já tinha começado a baixar no céu. Não fazia ideia de quanto tempo tínhamos passado ali de pé, falando e ouvindo, ouvindo e falando.

Para minha grande surpresa, Charles disse que não e sugeriu que fôssemos caminhar em vez disso.

E nós caminhamos.

Ainda estava quente mais tarde naquela noite, então, depois do jantar, saí para dar uma volta. O sol tinha baixado no horizonte, mas ainda não estava completamente escuro. Sentei-me nos degraus do pátio dos fundos, virada para o oeste para poder ver as últimas luzes do dia passarem de lavanda a roxo e, por fim, a preto.

Adoro esse momento do anoitecer.

Fiquei lá sentada por algum tempo, tempo suficiente para as estrelas começarem a aparecer, tempo suficiente para eu ter de abraçar meu corpo para afastar o frio. Não tinha levado um xale. Acho que não tinha pensado que ia ficar sentada ali fora por tanto tempo. Estava prestes a entrar quando ouvi alguém se aproximando.

Era meu pai, voltando da estufa. Ele segurava um lampião e suas mãos estavam sujas. Algo naquela cena me fez sentir criança novamente. Ele era grande e forte e, mesmo antes de se casar com Eloise, na época em que não parecia saber o que dizer aos próprios filhos, sempre fez com que eu me sentisse segura. Ele era o meu pai e ia me proteger. E não precisava dizer isso, eu simplesmente sabia.

– Já é tarde e você ainda está aqui fora – disse ele, sentando-se ao meu lado.

Colocou o lampião no chão e passou as mãos na calça que usava para trabalhar, limpando a sujeira.

– Só estou pensando – respondi.

Ele assentiu, em seguida apoiou os cotovelos nas coxas e olhou para o céu.

– Alguma estrela cadente hoje?

Balancei a cabeça, mesmo que ele não estivesse de frente para mim.

– Não.

– Você precisa de uma?

Sorri para mim mesma. Ele estava me perguntando se eu tinha algum pedido a fazer. Fazíamos pedidos para as estrelas juntos o tempo todo quando eu era pequena, mas de alguma forma acabamos deixando isso de lado.

– Não – respondi.

Estava me sentindo introspectiva, pensando em Charles e me perguntando o que significava ter passado a tarde inteira com ele e agora mal poder esperar para

vê-lo novamente no dia seguinte. Mas não sentia como se precisasse que meus desejos fossem atendidos. Pelo menos não ainda.

– Eu sempre tenho pedidos – comentou meu pai.

– Tem?

Virei-me para ele, inclinando a cabeça de lado enquanto observava seu perfil. Sei que ele era terrivelmente infeliz antes de conhecer minha mãe atual, mas tudo isso tinha ficado muito para trás. Se algum homem tivera uma vida feliz e realizada, era ele.

– E o que costuma pedir? – perguntei.

– Pela saúde e felicidade dos meus filhos, em primeiro lugar.

– Isso não conta – falei, sentindo que sorri.

– Ah, acha que não? – Ele olhou para mim, e havia mais do que um brilho de diversão em seus olhos. – Eu lhe asseguro, é a primeira coisa em que penso pela manhã e a última antes de me deitar para dormir.

– Sério?

– Eu tenho cinco filhos, Amanda, e todos são saudáveis e fortes. E, até onde sei, todos são felizes. Provavelmente é pura sorte vocês estarem tão bem, mas não vou arriscar desejando nenhuma outra coisa.

Pensei nisso por um instante. Nunca tinha me ocorrido pedir por algo que eu já tinha.

– É assustador ser pai? – perguntei.

– A coisa mais assustadora do mundo.

Não sei o que pensei que ele fosse dizer, mas não era isso. E então percebi – ele estava falando comigo como se eu fosse uma adulta. Não sei se já tinha feito isso antes. Ele ainda era meu pai, e eu ainda era sua filha, mas eu tinha cruzado algum limiar misterioso.

Foi emocionante e triste ao mesmo tempo.

Ficamos sentados juntos por mais alguns minutos, apontando constelações, sem dizer nada importante. E então, quando eu já ia entrar, ele disse:

– Sua mãe me contou que um cavalheiro a visitou hoje à tarde.

– E quatro primas dele – brinquei.

Ele olhou para mim com as sobrancelhas arqueadas, me repreendendo em silêncio por não tratar do assunto com seriedade.

– Sim – falei. – É verdade.

– Você gostou dele?

– Sim. – Então me senti um pouco leve, como se houvesse borboletas na minha barriga. – Gostei.

Ele ficou pensativo, então disse:

– Vou ter que arrumar uma vara muito grande.

– O quê?

– Eu dizia à sua mãe que, quando você tivesse idade suficiente para ser cortejada, eu teria de pôr os cavalheiros para correr daqui.

Havia algo quase doce nisso.

– Mesmo?

– Bem, não quando você era muito pequena. Você era um pesadelo tão grande que eu duvidava que alguém um dia fosse querer se casar com você.

– Pai!

Ele riu.

– Não diga que não sabe que é verdade.

Eu não tinha como contradizê-lo.

– Mas quando ficou um pouco mais velha e comecei a ver os primeiros sinais da mulher que se tornaria... – Ele suspirou. – Santo Deus, se existe um momento em que ser pai é aterrorizante...

– E agora?

Ele pensou por um instante.

– Imagino que agora eu só possa esperar ter criado você bem o suficiente para que saiba tomar decisões sensatas. – Ele fez uma pausa. – E, é claro, se alguém pensar em maltratar você, ainda terei aquela vara.

Eu sorri, então deslizei um pouco para o lado, para apoiar minha cabeça em seu ombro.

– Eu amo você, pai.

– Eu também amo você, Amanda. – Ele se virou e me deu um beijo no alto da cabeça. – Também amo você.

Eu me casei com Charles, a propósito, e meu pai nunca teve de brandir uma vara. O casamento aconteceu seis meses mais tarde, depois de um namoro

apropriado e de um noivado ligeiramente impróprio. Mas certamente não vou escrever sobre nenhuma das coisas que tornaram o noivado impróprio.

Minha mãe insistiu em ter a conversa que toda mãe tem com a filha antes do casamento, mas isso foi na noite anterior à cerimônia, ocasião em que a informação não era mais exatamente oportuna, mas não deixei transparecer. No entanto, tive a impressão de que ela e meu pai também anteciparam seus votos matrimoniais. Fiquei perplexa. Perplexa. Isso não parecia coisa deles. Agora que experimentei os aspectos físicos do amor, só de pensar em meus pais...

É de mais para suportar.

A casa da família de Charles é em Dorset, bem perto do mar, mas, como o pai dele está vivo e bem de saúde, temos uma casa em Somerset, a meio caminho entre a família dele e a minha. Charles detesta a cidade tanto quanto eu. Ele está pensando em começar um programa de criação de cavalos, e é a coisa mais estranha, mas, aparentemente, a criação de plantas e a criação de animais não são de todo diferentes. Ele e meu pai se tornaram grandes amigos, o que é ótimo, só que agora meu pai aparece para nos visitar toda hora.

Nossa nova casa não é grande e os quartos são bem próximos um do outro. Charles criou um novo jogo que chama de "Vamos ver quão silenciosa Amanda consegue ser".

Então ele começa a fazer todo tipo de travessuras comigo – tudo isso enquanto meu pai dorme do outro lado do corredor!

Ele é uma peste, mas eu o adoro. Não posso evitar. Principalmente quando ele...

Ah, espere, eu não ia escrever sobre nenhuma dessas coisas, não é mesmo?

Apenas saiba que estou com um largo sorriso no rosto ao me lembrar disso.

E que isso *não* foi descrito na conversa que tive com a minha mãe antes do casamento.

Creio que deva admitir que ontem à noite perdi o jogo. Não fui nem um pouco silenciosa.

Meu pai não disse uma palavra. Mas partiu inesperadamente naquela tarde, alegando algum tipo de emergência botânica.

Não sei se plantas *têm* emergências, mas, assim que ele saiu, Charles insistiu em inspecionar nossas rosas para ver se encontrava alguma que tivesse o problema que meu pai dissera haver com as suas.

Só que, por algum motivo, ele queria inspecionar as rosas que já tinham sido cortadas e estavam em um vaso no nosso quarto.

– Vamos jogar um novo jogo – sussurrou em meu ouvido. – Ver quão barulhenta Amanda consegue ser.

– Como faço para ganhar? – perguntei. – E qual é o prêmio?

Posso ser bastante competitiva, e ele também, mas acho que se pode dizer que ambos ganhamos dessa vez.

E o prêmio foi realmente maravilhoso.

O conde enfeitiçado

Confesso que, quando escrevi as últimas palavras de *O conde enfeitiçado*, nem sequer me ocorreu pensar se Francesca e Michael teriam filhos. A história de amor deles era tão comovente e tão completa que achei que tinha chegado à última página, por assim dizer. Mas, alguns dias depois da publicação do livro, comecei a receber os comentários dos leitores, e todos queriam saber a mesma coisa: Francesca teve o bebê que tanto queria? Quando me sentei para escrever o segundo epílogo, sabia que essa era a pergunta que devia responder...

O CONDE ENFEITIÇADO:

O segundo epílogo

Ela estava contando novamente.

Contando, sempre contando.

Sete dias desde a última menstruação.

Seis até o próximo período fértil.

De 24 a 31 até sangrar de novo, se não engravidasse.

O que provavelmente não aconteceria.

Fazia três anos que se casara com Michael. Três anos. Sofrera durante suas regras 33 vezes. Ela as contara, é claro; fizera pequenas marcas deprimentes em uma folha de papel que guardava escondida em sua mesa, nos fundos da gaveta do meio, onde Michael não veria.

Isso o faria sofrer. Não porque quisesse um filho, o que ele queria, mas sim porque *ela* queria um tão desesperadamente.

E ele desejava ser pai por ela. Talvez até mais do que por si mesmo.

Ela tentava esconder sua tristeza. Tentava sorrir à mesa do café e fingir que não se *importava* de ter um pedaço de pano entre as pernas, mas Michael sempre via em seus olhos e parecia abraçá-la mais forte ao longo do dia, beijar sua testa com mais frequência.

Ela tentou se convencer de que deveria pensar em tudo de bom que havia em sua vida. E foi o que fez. Ah, e como fez. Todos os dias. Ela era Francesca Bridgerton Stirling, condessa de Kilmartin, abençoada com duas famílias amorosas– aquela na qual nascera e a que passara a ser sua – duas vezes – por meio do casamento.

Tinha um marido com que a maioria das mulheres apenas sonhava. Bonito, engraçado, inteligente e perdidamente apaixonado por ela, assim como ela por ele. Michael a fazia rir. Tornava seus dias alegres e fazia de suas noites uma aventura. Ela adorava conversar com ele, caminhar com ele, ou apenas ficar sentada na mesma sala que ele e trocar olhares enquanto os dois fingiam ler um livro.

Ela era feliz. De verdade. E se nunca tivesse um bebê, pelo menos tinha esse homem – esse homem incrível, maravilhoso e milagroso que a compreendia de um jeito que a deixava sem fôlego.

Ele a conhecia. Conhecia cada pedacinho dela e ainda assim nunca deixava de surpreendê-la e desafiá-la.

Ela o amava. Com todo o seu ser, ela o amava.

E na maior parte do tempo isso era o suficiente. Na maior parte do tempo era mais do que suficiente.

Tarde da noite, entretanto, depois que ele caía no sono e ela ainda estava acordada, enroscada nele, sentia um vazio que temia que nenhum dos dois jamais pudesse preencher. Tocava a barriga e lá estava ela, lisa como sempre, zombando dela com a sua recusa em fazer aquilo que ela queria mais do que qualquer outra coisa.

E era então que chorava.

Devia haver um nome para isso, pensava Michael parado junto à janela, observando Francesca desaparecer na colina em direção ao cemitério da família Kilmartin. Devia haver um nome para aquele tipo particular de dor, de tortura, na verdade. Tudo o que ele queria no mundo era fazê-la feliz. Ah, com certeza havia outras coisas – paz, saúde, prosperidade para seus colonos, homens sensatos no cargo de primeiro-ministro nos próximos cem anos. Mas, no fim das contas, o que ele queria era a felicidade de Francesca.

Ele a amava. Sempre a amara. Era, ou pelo menos deveria ter sido, a coisa mais simples do mundo. Ele a amava. Ponto. E teria movido céus e terras se estivesse apenas em seu poder fazê-la feliz.

No entanto, aquilo que ela queria mais do que tudo, a única coisa que desejava tão desesperadamente – enquanto lutava tão bravamente para esconder sua dor de não alcançá-la –, ele não parecia conseguir lhe dar.

Um filho.

E o engraçado era que começava a sentir a mesma dor.

A princípio, sentia apenas por ela. Ela queria um filho e, portanto, ele queria um também. Francesca queria ser mãe e, portanto, ele queria que ela fosse. Queria vê-la segurando um filho, não porque seria seu, mas porque seria dela.

Queria que ela tivesse o que desejava. E, de maneira egoísta, queria ser o homem que lhe daria isso.

Recentemente, no entanto, aquilo passara a lhe doer também. Visitavam um dos muitos irmãos ou irmãs dela e eram imediatamente cercados pela próxima geração. Eles puxavam sua perna e gritavam "Tio Michael!", gargalhando quando ele os jogava para o alto, sempre implorando por mais um minuto, mais um rodopio, mais uma bala secreta de menta.

Os Bridgertons eram incrivelmente férteis. Todos pareciam produzir a quantidade de filhos que desejavam. E então, talvez, mais um, só por via das dúvidas.

Menos Francesca.

Quinhentos e oitenta e quatro dias mais tarde, Francesca desceu da carruagem e respirou o ar fresco e puro da região de Kent. A primavera já tinha começado havia algum tempo, e o sol esquentava seu rosto, mas, quando o vento soprava, ainda era possível sentir o que restava do inverno. Francesca, porém, não se importava. Sempre gostara do formigamento de um vento frio em sua pele. Isso enlouquecia Michael – ele sempre reclamava que não se readaptara à vida em um clima frio depois de tantos anos na Índia.

Ela sentia muito por ele não ter podido acompanhá-la na longa viagem da Escócia para o batizado de Isabella, filha de Hyacinth. Ele estaria lá, é claro – Michael e ela nunca tinham perdido o batismo de nenhum dos sobrinhos –, mas negócios em Edimburgo tinham atrasado sua chegada. Francesca poderia ter

adiado a viagem também, mas havia muitos meses que não via sua família e sentia saudade deles.

Foi divertido. Quando era mais nova, sempre ansiara por ir embora, por ter sua própria casa, sua própria identidade. Mas agora que via os sobrinhos crescerem, visitava a todos com mais frequência. Não queria perder os acontecimentos importantes. Estava visitando Colin quando sua filha Agatha dera os primeiros passos. Tinha sido de tirar o fôlego. E, embora tivesse chorado silenciosamente em sua cama naquela noite, as lágrimas em seus olhos quando vira Aggie se lançar para a frente e rir tinham sido de pura alegria.

Se não ia ser mãe, então, por Deus, pelo menos teria aqueles momentos. Não podia suportar pensar na vida sem eles.

Francesca sorriu ao entregar sua capa a um criado e caminhou pelos corredores familiares de Aubrey Hall. Tinha passado a maior parte da infância ali, e na Casa Bridgerton, em Londres. Anthony e sua mulher tinham feito algumas mudanças, mas continuava quase tudo como sempre fora. As paredes ainda eram pintadas do mesmo branco cremoso, com um tom suave de pêssego. E o Fragonard que o pai comprara para a mãe em seu trigésimo aniversário ainda ficava pendurado sobre a mesa junto à porta do salão rosa.

– Francesca!

Ela se virou. Era a mãe, levantando-se de onde estava sentada no salão.

– Há quanto tempo você está aí em pé? – perguntou Violet, indo cumprimentá-la.

Francesca abraçou a mãe.

– Não muito. Eu estava admirando a pintura.

Violet parou ao lado dela e, juntas, observaram o Fragonard.

– É maravilhosa, não é? – murmurou ela, um sorriso suave e melancólico no rosto.

– Eu adoro – disse Francesca. – Sempre adorei. Esse quadro me faz pensar no meu pai.

Violet se virou para ela, surpresa.

– Faz?

Francesca podia entender sua reação. A pintura era de uma jovem mulher segurando um buquê de flores com um bilhete preso a ele. Não era um tema muito masculino. Mas ela olhava por sobre o ombro e sua expressão parecia um

pouco travessa, como se, caso fosse devidamente provocada, pudesse rir. Francesca não conseguia se lembrar muito do relacionamento dos pais; tinha apenas 6 anos quando ele morrera. Mas se lembrava da gargalhada. O som da risada forte e deliciosa do pai... vivia dentro dela.

– Acho que o seu casamento deve ter sido assim – disse Francesca, apontando para a pintura.

Violet deu meio passo para trás e inclinou a cabeça para o lado.

– Acho que você está certa – disse ela, parecendo encantada ao perceber isso. – Nunca pensei nela dessa forma.

– Devia levar a pintura de volta com a senhora para Londres – sugeriu Francesca. – É sua, não é?

Violet corou, e por um breve instante Francesca viu a jovem que ela devia ter sido brilhando em seus olhos.

– Sim – disse a mãe –, mas ela pertence a este lugar. Foi aqui que ele me deu essa pintura. E aqui – ela apontou para o seu lugar de honra na parede – foi onde a penduramos juntos.

– A senhora foi muito feliz – falou Francesca.

Não era uma pergunta, apenas uma observação.

– Assim como você é.

Francesca assentiu.

Violet estendeu o braço e pegou a mão dela, acariciando-a delicadamente enquanto continuavam a estudar a pintura. Francesca sabia no que a mãe estava pensando – em sua infertilidade e no fato de parecerem ter um acordo velado de nunca falar sobre isso. E, aliás, por que deveriam? O que Violet poderia dizer para melhorar as coisas?

Francesca não podia dizer nada, porque isso só faria a mãe se sentir ainda pior, e assim, em vez de falar, elas ficaram ali como sempre faziam, pensando na mesma coisa mas sem nunca dizer nada, perguntando-se qual das duas sofria mais.

Francesca achava que devia ser ela – afinal o ventre infértil era seu. Mas talvez a dor da mãe fosse mais aguda. Violet era sua *mãe* e sofria pelos sonhos perdidos da filha. Isso não devia ser doloroso? E a ironia era que Francesca nunca saberia. Nunca saberia qual era a sensação de sofrer por um filho, porque nunca saberia o que era ser mãe.

Tinha quase 33 anos. Nunca soubera de nenhuma mulher casada que tivesse chegado a essa idade sem conceber um bebê. Parecia que ou os filhos vinham logo ou simplesmente não vinham.

– Hyacinth chegou? – perguntou Francesca, ainda olhando para a pintura, ainda observando o brilho nos olhos da mulher.

– Ainda não. Mas Eloise vai chegar ainda esta tarde. Ela...

Francesca notou a voz da mãe falhar antes que se interrompesse.

– Ela está grávida? – perguntou.

Houve um momento de silêncio e em seguida:

– Sim.

– Isso é maravilhoso.

E ela estava sendo sincera. Estava mesmo, com todo o seu ser. Só não sabia como fazer as palavras soarem dessa maneira.

Não queria olhar para o rosto da mãe. Porque então iria chorar.

Francesca limpou a garganta, inclinando a cabeça de lado como se houvesse um pedacinho do Fragonard que ainda não tivesse examinado.

– Mais alguém? – perguntou ela.

Sentiu a mãe ficar ligeiramente tensa ao seu lado e se perguntou se Violet estava ponderando se valia a pena fingir que não sabia exatamente do que ela estava falando.

– Lucy – disse a mãe em voz baixa.

Francesca finalmente se virou e olhou para Violet, soltando a mão que a mãe segurava.

– De novo? – perguntou ela.

Lucy e Gregory estavam casados havia menos de dois anos, mas aquele já seria seu segundo filho.

Violet assentiu.

– Sinto muito.

– Não diga isso – retrucou Francesca, horrorizada ao notar sua voz embargada. – Não diga que sente muito. Não é nada para se lamentar.

– Não – falou a mãe rapidamente. – Não foi isso que eu quis dizer.

– A senhora devia estar muito feliz por eles.

– E estou!

– Mais feliz por eles do que triste por mim – desabafou Francesca.

– Francesca...

Violet tentou tocá-la, mas Francesca se afastou.

– Prometa-me – disse ela. – A senhora tem que me prometer que sempre será mais feliz do que triste.

Violet olhou para ela, impotente, e Francesca percebeu que a mãe não sabia o que dizer. Por toda a sua vida, Violet Bridgerton sempre fora a mais sensível e maravilhosa das mães. Sempre parecia saber do que seus filhos precisavam, exatamente quando precisavam – fosse uma palavra gentil, uma leve cutucada ou até mesmo uma tremenda bronca.

Mas ali, naquele momento, parecia perdida. E fora Francesca quem fizera isso com ela.

– Sinto muito, mãe – desculpou-se ela, as palavras saindo de repente. – Eu sinto muito, muito mesmo.

– Não. – Violet se adiantou para abraçá-la, e dessa vez Francesca não se afastou. – Não, querida – disse Violet novamente, acariciando seus cabelos. – Não diga isso, por favor, não diga isso.

Violet fez *shhh* e cantalorou baixinho, e Francesca deixou que a mãe a abraçasse. E quando as lágrimas silenciosas e quentes de Francesca caíram no ombro da mãe, nenhuma das duas disse uma palavra.

Quando Michael chegou, dois dias depois, Francesca tinha se lançado aos preparativos do batismo da pequena Isabella e sua conversa com a mãe estava, se não esquecida, pelo menos não em primeiro plano em sua mente. Afinal, nada daquilo era novidade. Francesca era tão infértil quanto tinha sido todas as vezes que fora para a Inglaterra ver a família. A única diferença daquela vez era que ela realmente falara com alguém sobre isso. Um pouco.

O máximo que conseguia.

E, ainda assim, de alguma forma, um peso tinha sido tirado de seus ombros. Quando estava no corredor, os braços da mãe em volta dela, alguma coisa tinha extravasado junto com as lágrimas.

E, embora ainda lamentasse pelos bebês que nunca teria, pela primeira vez em muito tempo sentia-se absolutamente feliz.

Era estranho e maravilhoso, e ela se recusava a questionar isso.

– Tia Francesca! Tia Francesca!

Francesca sorriu ao passar o braço pelo da sobrinha. Charlotte era a filha mais nova de Anthony e completaria 8 anos em um mês.

– O que foi, boneca?

– Você viu o vestido da bebê? É tão *comprido*!

– Eu sei.

– E cheio de babados.

– Vestidos de batizado devem ser cheios de babados. Até os meninos são cobertos de renda.

– Que desperdício – disse Charlotte, dando de ombros. – Isabella *não sabe* que está vestindo algo tão bonito.

– Ah, mas nós sabemos.

Charlotte ponderou a respeito por um instante.

– Mas eu não me importo com isso, e você?

Francesca riu.

– Não, acho que não. Eu a amo independentemente do que ela esteja usando.

As duas continuaram seu passeio pelos jardins, pegando jacintos-uva para decorar a capela. Tinham quase enchido a cesta quando ouviram o som inconfundível de uma carruagem chegando.

– Quem será agora? – disse Charlotte, ficando na ponta dos pés como se isso pudesse ajudá-la a ver melhor a carruagem.

– Não tenho certeza – respondeu Francesca.

Vários parentes estavam sendo esperados naquela tarde.

– Tio Michael, talvez.

Francesca sorriu.

– Tomara que sim.

– Eu *adoro* o tio Michael – disse Charlotte com um suspiro, e Francesca quase riu, porque já vira aquele olhar da sobrinha milhares de vezes antes.

As mulheres adoravam Michael. Ao que parecia, nem as garotas de 7 anos eram imunes ao seu charme.

– Bem, ele é muito bonito – hesitou Francesca.

Charlotte deu de ombros.

– Acho que sim.

– Você acha? – respondeu Francesca, tentando conter o riso.

– Eu gosto do tio Michael porque ele me joga no ar quando papai não está olhando.

– Ele gosta de quebrar as regras.

Charlotte riu.

– Eu sei. É por isso que não conto ao papai.

Francesca nunca considerara Anthony particularmente severo, mas ele era o chefe da família havia mais de vinte anos, e ela imaginava que a experiência despertara nele um certo gosto pela ordem e pela meticulosidade.

E era preciso dizer: ele *gostava* de estar no comando.

– Vai ser o nosso segredo – disse Francesca, inclinando-se para sussurrar no ouvido da sobrinha: – E você pode nos visitar na Escócia sempre que quiser. Quebramos as regras o tempo todo lá.

Charlotte arregalou os olhos.

– Quebram mesmo?

– Às vezes tomamos café da manhã no jantar.

– Que incrível!

– E andamos na chuva.

Charlotte deu de ombros.

– Todo mundo anda na chuva.

– É, acho que sim, mas às vezes nós *dançamos*.

Charlotte deu um passo atrás.

– Posso voltar com você *agora*?

– Isso é com seus pais, boneca. – Francesca riu e pegou a mão de Charlotte. – Mas podemos dançar agora.

– Aqui?

Francesca assentiu.

– Onde todos podem ver?

Francesca olhou em volta.

– Não vejo ninguém olhando. E mesmo se houvesse alguém, quem se importa?

Charlotte franziu os lábios, e Francesca podia praticamente *ver* sua mente trabalhando.

– Eu não! – anunciou, passando o braço pelo de Francesca.

Juntas, dançaram um pouco de giga, depois dança escocesa, girando e rodopiando até ficarem sem fôlego.

– Ah, eu queria que chovesse! – Charlotte riu.

– Que graça teria isso? – disse uma nova voz.

– Tio Michael! – gritou Charlotte, atirando-se em cima dele.

– E sou imediatamente esquecida – disse Francesca com um sorriso irônico.

Michael olhou para ela carinhosamente por sobre a cabeça de Charlotte.

– Não por mim – murmurou ele.

– A tia Francesca e eu estávamos dançando – disse Charlotte.

– Eu sei. Vi vocês de dentro da casa. Gostei principalmente daquela nova.

– Que nova?

Michael fingiu parecer confuso.

– Aquela nova dança de vocês.

– Não estávamos fazendo nenhuma dança nova – respondeu Charlotte, erguendo as sobrancelhas.

– Então o que foi aquilo que envolvia se jogar na grama?

Francesca mordeu o lábio para conter o riso.

– Nós *caímos*, tio Michael.

– Não!

– Caímos sim!

– Era uma dança muito enérgica – confirmou Francesca.

– Vocês devem ser excepcionalmente graciosas, então, porque parecia *mesmo* que tinham feito de propósito.

– Não fizemos! Não fizemos! – disse Charlotte, animada. – Nós só caímos mesmo. Por acidente!

– Acho que vou acreditar em você – disse ele com um suspiro –, mas só porque sei que é muito sincera para mentir.

Ela olhou nos olhos dele com um ar derretido.

– Eu nunca mentiria para você, tio Michael – declarou ela.

Ele beijou sua bochecha e a colocou no chão.

– Sua mãe disse que está na hora do jantar.

– Mas você acabou de chegar!

– E não vou a lugar nenhum. Você precisa de sustância depois de dançar tanto.

– Não estou com fome – tentou ela.

– É uma pena, então – disse ele –, porque eu ia ensiná-la a dançar valsa esta tarde e você com certeza não poderá fazer isso de estômago vazio.

Os olhos de Charlotte se arregalaram completamente.

– Mesmo? Papai disse que não posso aprender até fazer 10 anos.

Michael abriu um daqueles meios sorrisos devastadores que ainda deixavam Francesca arrepiada.

– Não precisamos contar a ele, não é?

– Ah, tio Michael, eu *amo* você – disse ela com fervor e em seguida, depois de um abraço incrivelmente forte, saiu correndo na direção de Aubrey Hall.

– E mais uma cai – comentou Francesca, balançando a cabeça enquanto observava a sobrinha correr pelos campos.

Michael pegou a mão dela e puxou-a para si.

– O que isso quer dizer?

Francesca sorriu um pouco, suspirou um pouco e disse:

– Eu *nunca* mentiria para você.

Ele a beijou intensamente.

– Espero que não.

Ela olhou nos olhos radiantes dele e relaxou contra o calor de seu corpo.

– Parece que nenhuma mulher está imune.

– Que sorte eu tenho, então, de ter me deixado enfeitiçar por apenas uma.

– Sorte *minha*.

– Bem, sim – disse ele com afetada modéstia –, mas eu não ia apontar isso.

Ela bateu no braço dele.

Ele a beijou de volta.

– Senti sua falta.

– Também senti a sua.

– E como está o clã Bridgerton? – perguntou ele, passando o braço pelo dela.

– Ótimo – respondeu Francesca. – Estou muito contente, na verdade.

– Na verdade? – repetiu ele, parecendo achar um pouco de graça.

Francesca levou-o para longe da casa. Fazia mais de uma semana que ela não o via e ainda não queria dividi-lo.

– O que você quer dizer? – perguntou ela.

– Você disse “na verdade”. Como se estivesse surpresa.

– É claro que não – disse ela. Mas então pensou. – Sempre fico muito contente quando visito minha família – acrescentou com cuidado.

– Mas...

– Mas está melhor dessa vez. – Ela deu de ombros. – Não sei por quê.

O que não era exatamente verdade. Aquele momento com a mãe... houvera mágica naquelas lágrimas.

Mas não podia contar isso ao marido. Ele só ouviria a parte do choro e nada mais e então ficaria preocupado, e ela se sentiria péssima por preocupá-lo e estava *cansada* de tudo isso.

Além disso, ele era homem. Nunca entenderia, de qualquer maneira.

– Estou feliz – anunciou ela. – Alguma coisa no ar.

– O sol *está* brilhando – observou ele.

Ela ergueu um dos ombros, animada, e recostou-se contra uma árvore.

– Os pássaros estão cantando.

– As flores estão desabrochando?

– Só algumas – admitiu ela.

Ele observou a paisagem.

– Está faltando apenas um pequeno coelho angelical pulando pelo campo para este momento ficar completo.

Ela sorriu alegremente e se inclinou em direção a ele para um beijo.

– O esplendor bucólico é uma coisa maravilhosa.

– Com certeza. – Os lábios dele encontraram os dela com uma voracidade familiar. – Senti sua falta – disse, a voz rouca de desejo.

Ela deixou escapar um pequeno gemido quando ele mordiscou sua orelha.

– Eu sei. Você já disse isso.

– Vale repetir.

Francesca quis dizer algo espirituoso sobre nunca se cansar de ouvir isso, mas naquele momento estava contra a árvore, sem fôlego, uma das pernas em torno dos quadris dele.

– Você usa roupas *de mais* – resmungou ele.

– Estamos muito perto da casa – disse ela, arfando, sentindo o desejo aumentar à medida que ele pressionava mais intimamente o corpo contra o dela.

– A que distância daqui – murmurou ele, subindo uma das mãos por baixo das saias dela – não é “muito perto”?

– Não muita.

Ele se afastou e olhou para ela.

– Sério?

– Sério.

Os lábios dela se curvaram e Francesca se sentiu diabólica. Sentiu-se poderosa. Pronta para assumir o comando. Dele. Da vida dela. De tudo.

– Venha comigo – disse impulsivamente, então agarrou a mão dele e correu.

Michael sentira falta da mulher. À noite, quando ela não estava ao lado dele, a cama parecia fria e o ar, vazio. Mesmo quando ele estava cansado e seu corpo não estava ávido por ela, desejava sua presença, seu cheiro, seu calor.

Sentia falta do som da respiração dela. Sentia falta de como o colchão se movia de forma diferente quando havia um segundo corpo ocupando-o.

Sabia, mesmo que ela fosse mais reticente do que ele e muito menos propensa a usar essas palavras apaixonadas, que ela se sentia da mesma maneira. Mas, ainda assim, ficou agradavelmente surpreso por estar correndo pelo campo, deixando que ela assumisse o controle, sabendo que em poucos minutos estaria enterrado profundamente dentro dela.

– Aqui – disse ela, derrapando até parar na parte de baixo de uma colina.

– Aqui? – perguntou ele, incerto. Não havia a cobertura das árvores, nada para escondê-los se alguém passasse por ali.

Ela se sentou.

– Ninguém vem para cá.

– Ninguém?

– A grama é muito macia – disse ela sedutoramente, batendo a mão no chão para indicar um lugar ao seu lado.

– Não vou nem perguntar como você sabe disso – murmurou ele.

– Piqueniques – disse ela, a expressão encantadoramente indignada –, com as minhas *bonecas*.

Ele tirou o casaco e colocou-o como um cobertor sobre a grama. O chão era ligeiramente inclinado, o que deveria ser mais confortável para ela do que se fosse horizontal, ele pensou.

Olhou para Francesca. Olhou para o casaco. Ela não se mexeu.

– Você – disse ela.

– Eu?

– Deite-se – ordenou ela.

Ele obedeceu. Com entusiasmo.

E então, antes que tivesse tempo de fazer algum comentário, de provocá-la ou agradá-la com palavras, ou até mesmo de respirar, ela se sentou em cima dele, uma perna de cada lado.

– Ah, Deus do... – disse ele, arfando, mas não conseguiu terminar.

Ela o beijava agora, a boca quente, ávida e decidida. Era tudo deliciosamente familiar – ele adorava conhecer cada pedacinho dela, da curva de seus seios ao ritmo de seus beijos –, mas ainda assim, dessa vez, ela parecia um pouco...

Diferente.

Renovada.

Uma das mãos dele correu para a nuca dela. Em casa, gostava de tirar os grampos um a um, observando cada mecha se soltar de seu penteado. Mas naquele dia estava muito carente, muito sôfrego e sem paciência para...

– O que foi? – perguntou ele.

Ela havia afastado sua mão.

Os olhos dela se estreitaram languidamente.

– Eu estou no comando – sussurrou Francesca.

O corpo dele endureceu. Mais. Santo Deus, ela ia matá-lo.

– Não demore – disse ele, sem ar.

Mas não achava que Francesca estivesse ouvindo. Ela abria a calça de Michael sem pressa, deixando as mãos correrem pela barriga dele até encontrá-lo.

– Frannie...

Um dedo. Foi tudo o que ela lhe deu. Um dedo leve como uma pena ao longo de seu membro.

Ela olhou para ele.

– Isso é divertido – observou.

Ele apenas se concentrou em tentar respirar.

– Eu amo você – disse Francesca suavemente, e ele sentiu que ela se levantava.

Ergueu as saias até as coxas enquanto se posicionava e, então, com um movimento espetacularmente rápido, tomou-o dentro de seu corpo, descendo até se apoiar nele, prendendo-o completamente.

Então ele quis se mexer. Quis investir impetuosamente para cima, ou virá-la de costas e arremeter com força até estarem exaustos de prazer, mas as mãos dela estavam firmes em seus quadris e, quando ele olhou para Francesca, os olhos dela estavam fechados e era quase como se ela estivesse se concentrando.

Sua respiração era lenta e constante, mas alta também, e cada vez que expirava ela parecia pressioná-lo um pouco mais.

– Frannie – disse ele, gemendo, porque não sabia mais o que fazer.

Ele queria que ela se movesse mais rápido. Ou com mais força. Ou algo assim, mas tudo o que ela fazia era se balançar para a frente e para trás, os quadris arqueando e curvando-se em um delicioso tormento. Ele agarrou os quadris dela, pesando em movê-la para cima e para baixo, mas ela abriu os olhos e balançou a cabeça com um sorriso suave e feliz.

– Eu gosto desse jeito – disse.

Ele queria outra coisa. *Precisava* de outra coisa, mas quando Francesca olhou para ele, parecia tão feliz que ele não poderia lhe negar nada. E então, como era de esperar, ela começou a estremecer, e foi estranho, porque ele conhecia muito bem o clímax dela, mas daquela vez parecia mais suave... e ao mesmo tempo mais forte.

O corpo dela se balançou, e então Francesca deixou escapar um pequeno grito e desabou em cima dele.

E então, para sua completa e absoluta surpresa, ele gozou. Não achava que estivesse pronto. Não achava que estivesse nem remotamente perto do clímax, não que tivesse levado muito tempo se ele pudesse se mover embaixo dela. Mas então, sem aviso, ele simplesmente explodiu.

Ficaram ali deitados durante algum tempo, o sol descendo suavemente sobre eles. Ela enterrou o rosto no pescoço dele e ele a abraçou, perguntando-se como era possível existirem momentos como aquele.

Porque era perfeito. E ele teria ficado ali para sempre, se pudesse. E, mesmo não tendo lhe perguntado, sabia que ela sentia o mesmo.

Tinham planejado voltar para casa dois dias depois do batismo, Francesca pensou enquanto observava um de seus sobrinhos derrubar o outro no chão, mas

três semanas haviam se passado e eles ainda não tinham começado a fazer as malas.

– Nenhum osso quebrado, espero.

Francesca sorriu para a irmã Eloise, que também decidira ficar em Aubrey Hall para uma visita prolongada.

– Não – respondeu ela, estremecendo um pouco quando o futuro duque de Hastings, também conhecido como Davey, de 11 anos, soltou um grito de guerra ao pular de uma árvore. – Mas não por falta de tentativa.

Eloise se sentou ao lado dela e virou o rosto para o sol.

– Vou colocar o meu chapéu em um minuto, juro – disse ela.

– Não consigo entender as regras do jogo – comentou Francesca.

Eloise não se deu o trabalho de abrir os olhos.

– Isso é porque não existe nenhuma.

Francesca observou o caos de uma nova perspectiva. Oliver, o enteado de 12 anos de Eloise, tinha agarrado uma bola – em que momento aquela bola havia aparecido? – e corria pelo gramado. Ele parecia ter alcançado sua meta – não que Francesca algum dia fosse ter certeza se era o imenso toco de carvalho que estava lá desde que ela era criança ou Miles, o segundo filho de Anthony, que estava sentado de pernas e braços cruzados desde que Francesca chegara ali fora, dez minutos antes.

Mas, qualquer que fosse o caso, Oliver devia ter feito um ponto, porque atirou a bola no chão e pulou com um grito triunfante. Miles devia ser do seu time – essa foi a primeira indicação que Francesca teve de que havia equipes –, porque ficou de pé em um pulo e também comemorou.

Eloise abriu um dos olhos.

– Meu filho não matou ninguém, não é?

– Não.

– Ninguém o matou?

Francesca sorriu.

– Não.

– Ótimo.

Eloise bocejou e se reacomodou em sua espreguiçadeira.

Francesca pensou nas palavras dela.

– Eloise?

– Hum?

– Você já... – Ela franziu a testa. Não havia uma maneira certa de perguntar isso. – Você ama o Oliver e a Amanda...

– Menos? – completou Eloise.

– Sim.

Eloise se endireitou e abriu os olhos.

– Não.

– Sério?

Não que Francesca não acreditasse nela. Ela amava os sobrinhos com todo o seu ser e daria a vida por qualquer um deles – Oliver e Amanda incluídos – sem hesitar nem por um instante. Mas nunca dera à luz. Nunca carregara um filho no ventre – não por muito tempo, pelo menos –, e não sabia se, de alguma forma, isso tornava as coisas diferentes. Se as tornava mais importantes.

Se tivesse um bebê, um filho de sangue dela e de Michael, será que perceberia de repente que esse amor que agora sentia por Charlotte, Oliver, Miles e todos os outros... Será que de repente esse amor pareceria pequeno perto do que sentiria pelo próprio filho?

Faria diferença?

Ela queria que fizesse diferença?

– Achei que isso aconteceria – admitiu Eloise. – É claro que eu já amava o Oliver e a Amanda muito antes de ter Penelope. Como poderia não amar? Eles são parte de Phillip. E – continuou ela, o rosto pensativo, como se nunca tivesse se aprofundado com relação a isso antes – eles são... eles mesmos. E eu sou a mãe deles.

Francesca sorriu melancolicamente.

– Mas, mesmo assim – continuou Eloise –, antes de eu ter Penelope, e mesmo enquanto a esperava, achei que seria diferente. – Ela fez uma pausa. – *É* diferente. – Fez outra pausa. – Mas não é menos. Não é uma questão de níveis ou quantidade, ou até mesmo... na verdade... da natureza do sentimento. – Eloise deu de ombros. – Não sei explicar.

Francesca olhou outra vez para o jogo, que havia sido retomado com nova intensidade.

– Não – disse ela baixinho. – Acho que você explicou.

Houve um longo silêncio, e então Eloise disse:

– Você não... fala muito sobre isso.

Francesca balançou a cabeça suavemente.

– Não.

– Quer falar?

Ela pensou por um momento.

– Não sei.

Então virou-se para a irmã. Elas não tinham se dado muito bem durante a maior parte da infância, mas, de muitas maneiras, Eloise era como seu outro lado da moeda. Elas eram muito parecidas, tirando a cor dos olhos, e até faziam aniversário no mesmo dia, com a diferença de apenas um ano.

Eloise a observava com uma carinhosa curiosidade, uma solidariedade que, apenas algumas semanas antes, teria sido devastadora. Mas agora era simplesmente reconfortante. Francesca não sentia que a irmã tinha pena dela. Ela se sentia amada.

– Estou feliz – disse.

E estava. Realmente estava. Pela primeira vez, não sentia aquele vazio dolorido escondido lá no fundo. Tinha até se esquecido de contar. Não sabia quantos dias haviam se passado desde sua menstruação, e isso era tão *bom*!

– Eu odeio números – murmurou ela.

– O que disse?

Francesca conteve um sorriso.

– Nada.

O sol, que estava escondido por trás de uma fina camada de nuvens, de repente saiu com força. Eloise protegeu os olhos com a mão ao se recostar.

– Deus do céu – comentou ela. – Acho que Oliver acabou de *sentar* em cima de Miles.

Francesca riu e então, antes mesmo que percebesse o que estava fazendo, levantou-se.

– Você acha que eles me deixariam jogar?

Eloise olhou para a irmã como se ela tivesse enlouquecido, o que, pensou Francesca, dando de ombros, talvez fosse verdade. Depois olhou para os meninos, e então de volta para Francesca. Em seguida se levantou.

– Se você for, eu vou.

– Você não pode fazer isso – retrucou Francesca. – Está grávida.

– De pouco tempo – disse Eloise com ar despreocupado. – Além disso, Oliver não se atreveria a sentar em *mim*. – Ela estendeu o braço. – Vamos?

– Acho que sim.

Francesca passou o braço pelo da irmã e juntas desceram o morro correndo, gritando loucamente e adorando cada minuto.

– Ouvi dizer que você protagonizou uma cena e tanto esta tarde – disse Michael, empoleirando-se na beirada da cama.

Francesca não se mexeu. Nem mesmo uma pálpebra.

– Estou exausta – foi tudo o que ela disse.

Ele viu a bainha empoeirada do vestido dela.

– E suja também.

– Muito cansada para tomar banho.

– Anthony disse que Miles comentou que ficou muito impressionado. Aparentemente, você arremessa muito bem para uma garota.

– Teria sido ótimo – respondeu ela – se eu tivesse sido informada de que não poderia usar as mãos.

Ele riu.

– Que jogo exatamente vocês estavam jogando?

– Não tenho ideia. – Ela soltou um pequeno gemido de cansaço. – Você poderia massagear meus pés?

Ele se sentou mais para dentro da cama e levantou o vestido dela até metade da panturrilha. Os pés dela estavam imundos.

– Santo Deus! – exclamou ele. – Você estava descalça?

– Eu não conseguia jogar direito com os meus sapatos.

– Como Eloise se saiu?

– Ela, aparentemente, arremessa como um garoto.

– Pensei que vocês não podiam usar as mãos.

Ao ouvir isso, ela se levantou, indignada, e se apoiou nos cotovelos.

– Eu *sei*. Dependia do lado do campo em que se estava. Quem já ouviu falar de uma coisa dessas?

Michael pegou o pé dela, procurando se lembrar de lavar as próprias mãos mais tarde.

– Eu não tinha ideia de que você era tão competitiva – comentou.

– É de família – murmurou ela. – Não, não, ali. Sim, bem aí. Mais forte. Aaaaahhhh...

– Por que sinto que já ouvi isso antes – comentou ele –, só que em uma ocasião em que eu estava me divertindo muito mais?

– Fique quieto e continue massageando.

– Ao seu serviço, Vossa Majestade – murmurou ele, sorrindo quando ela percebeu que ficava perfeitamente satisfeita em ser chamada assim.

Depois de um minuto ou dois de silêncio, fora um gemido ou outro de Francesca, ele perguntou:

– Quanto tempo mais você quer ficar?

– Está ansioso para voltar para casa?

– Tenho alguns assuntos a tratar, mas nada que não possa esperar – respondeu ele. – Estou gostando de passar um tempo com sua família, na verdade.

Ela arqueou uma das sobrancelhas e sorriu.

– Na verdade?

– De verdade. Embora tenha sido um pouco assustador quando sua irmã me derrotou na competição de tiro.

– Ela derrota todo mundo. É sempre assim. Atire com Gregory da próxima vez. Ele não consegue acertar uma árvore.

Michael passou para o outro pé. Francesca parecia feliz e relaxada. Não só agora, mas à mesa de jantar, e na sala de visitas, e quando estava correndo atrás dos sobrinhos, e até mesmo à noite, quando eles faziam amor em sua enorme cama com dossel. Ele estava pronto para voltar para casa, para Kilmartin, que, apesar de antiga e de ter muitas correntes de ar, era indelevelmente deles. Mas ficaria feliz em continuar ali para sempre se Francesca continuasse sempre assim.

– Acho que você está certo – disse ela.

– Claro – respondeu ele –, mas sobre o que exatamente?

– Está na hora de irmos para casa.

– Eu não disse isso. Só perguntei o que você estava planejando.

– Você não precisa dizer – retrucou ela.
– Se quiser ficar...
Ela balançou a cabeça.
– Não. Eu quero ir para casa. Nossa casa. – Com um gemido, sentou-se, dobrando as pernas para baixo dela. – Tem sido maravilhoso, e eu me diverti muito, mas sinto falta de Kilmartin.
– Tem certeza?
– Sinto sua falta.
Ele ergueu as sobrancelhas.
– Eu estou bem aqui.
Ela sorriu e se inclinou para a frente.
– Sinto falta de ter você só para mim.
– Você só precisa falar, milady. A qualquer hora, em qualquer lugar. Posso raptá-la para ficar mais à vontade comigo.
Ela riu.
– Talvez agora.
Ele pensou que era uma excelente ideia, mas o cavalheirismo o obrigou a dizer:
– Pensei que você estivesse dolorida.
– Não tão dolorida... Não se você fizer todo o trabalho.
– Isso, minha querida, não é um problema.
Ele puxou a camisa pela cabeça e se deitou ao lado dela, dando-lhe um beijo longo e delicioso. Então se afastou com um suspiro satisfeito e ficou apenas admirando Francesca.
– Você está linda – sussurrou. – Mais do que nunca.
Ela sorriu – aquele sorriso indolente e caloroso que significava que sentira prazer recentemente ou sabia que em breve sentiria de novo.
Michael amava aquele sorriso.
Ele começou a abrir os botões da parte de trás do vestido dela e já estava na metade quando, de repente, um pensamento lhe veio à cabeça.
– Espere – disse ele. – Você pode?
– Eu posso o quê?
Ele parou, franzindo a testa enquanto tentava fazer as contas. Não estava na época da regra dela?

– A sua regra não veio? – perguntou.

Os lábios dela se entreabriram, e ela piscou.

– Não – disse, parecendo um pouco assustada, não pela pergunta dele, mas por sua resposta. – Não, não veio.

Ele mudou de posição, chegando um pouco para trás para poder ver melhor o rosto dela.

– Você acha que...?

– Não sei.

Ela piscava rapidamente agora, e ele podia ouvir que sua respiração se acelerara.

Acho que sim. Eu poderia...

Ele queria gritar de alegria, mas não se atrevia. Ainda não.

– Quando você acha...

–... que vou saber? Não tenho certeza. Talvez...

–... em um mês? Dois?

– Talvez dois. Talvez antes. Não sei. – A mão dela voou para a barriga. – Pode ser que não vingue.

– Pode ser que não – disse ele com cuidado.

– Mas talvez sim.

– Talvez sim.

Michael notou o riso borbulhando dentro dele, uma estranha sensação na barriga, crescendo e fazendo cócegas até explodir em seus lábios.

– Não podemos ter certeza – advertiu Francesca, mas ele podia ver que ela também estava animada.

– Não – disse ele, mas de alguma forma sabia que tinham certeza.

– Não quero me encher de esperanças.

– Não, não, é claro que não devemos.

Os olhos dela se arregalaram, e ela colocou a outra mão na barriga, ainda completa e absolutamente plana.

– Você sente alguma coisa? – sussurrou ele.

Ela balançou a cabeça.

– Seria muito cedo, de qualquer maneira.

Ele sabia disso. E sabia que sabia. Não entendia por que perguntara.

E então Francesca disse a coisa mais impressionante.

– Mas ele está aqui – sussurrou ela. – Eu sei disso.

– Frannie...

Se ela estivesse errada, se seu coração se partisse novamente... ele não achava que poderia suportar.

Mas ela balançou a cabeça.

– É verdade – disse, e não estava insistindo.

Não estava tentando convencê-lo, nem a si mesma. Ele podia ouvir isso em sua voz. De alguma forma, ela sabia.

– Você tem se sentindo mal? – perguntou ele.

Ela fez que não.

– Você... Santo Deus, você não devia ter jogado com os garotos esta tarde.

– Eloise jogou também.

– Eloise pode fazer o que bem entender. Ela não é *você*.

Francesca sorriu. Como uma madona, ele poderia jurar. E disse:

– Eu não vou quebrar.

Ele se lembrou de quando ela sofrera um aborto anos antes. Não era filho dele, mas sentira a dor dela, quente e abrasadora, como um soco em seu peito. O primo dele – o primeiro marido de Francesca – tinha morrido havia poucas semanas, e os dois sofriam com isso. Quando ela perdera o bebê de John...

Achava que nenhum dos dois poderia sobreviver a outra perda assim.

– Francesca – disse ele com urgência –, você precisa tomar cuidado. *Por favor*.

– Não vai acontecer de novo – disse ela, balançando a cabeça.

– Como você *sabe*?

Ela deu de ombros com um ar confuso.

– Não tenho certeza. Apenas sei.

Deus do céu, ele rezava para que ela não estivesse se iludindo.

– Quer contar para a sua família? – perguntou ele em voz baixa.

Ela balançou a cabeça.

– Ainda não. Não porque eu tenha medo – apressou-se em acrescentar. – Eu só quero... – Ela comprimiu os lábios no mais adorável sorriso eufórico. – Só quero que seja apenas meu por um tempinho. Nosso.

Ele levou a mão dela aos lábios.

– Quanto é um tempinho?

– Não tenho certeza. – Mas os olhos dela pareciam travessos. – Não tenho certeza ainda...

Um ano depois...

Violet Bridgerton amava todos os filhos com igual intensidade, mas também os amava de forma *diferente*. E quando se tratava de sentir falta deles, seguia o que considerava a maneira mais lógica. Seu coração ansiava mais por aquele que vira menos nos últimos tempos. E foi por isso que, enquanto esperava na sala de visitas de Aubrey Hall a carruagem com o escudo de Kilmartin chegar, estava inquieta e ansiosa, levantando-se a cada cinco minutos para olhar pela janela.

– Francesca escreveu dizendo que eles chegariam hoje – tranquilizou-a Kate.

– Eu sei – respondeu Violet com um sorriso tímido. – É só que não a vejo já faz um ano. Sei que a Escócia fica longe, mas nunca fiquei um ano inteiro sem ver um dos meus filhos.

– Sério? – perguntou Kate. – Isso é incrível.

– Todos temos nossas prioridades – disse Violet, concluindo que não havia por que fingir que não estava impaciente. Largou o bordado e foi até a janela, esticando o pescoço quando pensou ter visto algo brilhando à luz do sol.

– Mesmo quando Colin estava viajando praticamente o tempo todo? – perguntou Kate.

– O maior período que ele passou fora foram 342 dias – respondeu Violet. – Quando estava viajando pelo Mediterrâneo.

– A senhora contou?

Violet deu de ombros.

– Não consigo evitar. Eu gosto de contar.

Ela pensou em todas as contagens que fizera enquanto seus filhos cresciam, certificando-se de que tinha tantas crianças no final de um passeio quanto no início.

Ajuda a ficar a par das coisas – emendou.

Kate sorriu ao se abaixar e balançar o berço a seus pés.

– Nunca vou reclamar da logística de cuidar de quatro.

Violet atravessou a sala para dar uma olhada em sua mais nova neta. A pequena Mary tinha sido uma surpresa, vindo tantos anos depois de Charlotte. Kate achava que não teria mais filhos, mas então, dez meses antes, levantara-se da cama, caminhara tranquilamente até o urinol, esvaziara o conteúdo de seu estômago e algum tempo depois anunciara para Anthony: "Acho que vamos ter outro filho."

Pelo menos foi o que disseram a Violet. Fazia questão de se manter longe do quarto de seus filhos crescidos, a não ser em casos de doença ou parto.

– Eu nunca reclamei – falou Violet baixinho. Kate não ouviu, mas Violet não falara para que ela ouvisse. Sorriu para Mary, dormindo docemente sob um cobertor roxo. – Acho que sua mãe teria ficado encantada – comentou ela, olhando para Kate.

Kate assentiu, os olhos se enchendo de lágrimas. Sua mãe – na verdade sua madrasta, mas Mary Sheffield a criara desde que era uma menina – falecera um mês antes de Kate perceber que estava grávida.

– Sei que não faz sentido – disse Kate, curvando-se para examinar o rosto da filha mais de perto –, mas eu poderia jurar que Mary se parece um pouco com ela.

Violet piscou e inclinou a cabeça para o lado.

– Acho que você tem razão.

– Algo com relação aos olhos.

– Não, é o nariz.

– A senhora acha? Na verdade, eu... Ah, olhe! – Kate apontou para a janela. – É Francesca?

Violet endireitou-se e correu para a janela.

– É sim! – exclamou ela. – Ah, e o sol está brilhando. Vou esperar lá fora.

Sem nem olhar para trás, pegou o xale em uma mesa lateral e saiu depressa para o corredor. Já fazia muito tempo que não via Frannie, mas essa não era a única razão pela qual estava tão ansiosa. Francesca tinha mudado durante sua última visita, na época do batizado de Isabella. Era difícil explicar, mas Violet sentira que algo havia mudado dentro dela.

De todos os seus filhos, Francesca sempre fora a mais quieta, a mais reservada. Ela amava a família, mas também adorava ficar afastada deles,

forjando a própria identidade, construindo a própria vida. Não surpreendia que tivesse decidido não compartilhar seus sentimentos sobre a parte mais dolorosa de sua vida – sua infertilidade. Mas, na última vez, embora não tivessem falado sobre isso explicitamente, algo se passara entre elas, e Violet quase sentira como se tivesse sido capaz de absorver um pouco de seu sofrimento.

Quando Francesca fora embora, as nuvens nos olhos dela pareciam ter se dissipado. Violet não sabia se ela havia enfim aceitado seu destino, ou se tinha simplesmente aprendido a se contentar com o que tinha, mas Francesca parecera, pela primeira vez em muito tempo na memória de Violet, absolutamente feliz.

Violet disparou pelo corredor – mesmo na sua idade! – e abriu a porta da frente para esperar no caminho que levava à entrada. A carruagem de Francesca estava quase lá, começando a última curva para que uma das portas ficasse de frente para a casa.

Violet pôde ver Michael pela janela. Ele acenou. Ela sorriu.

– Ah, senti tanta falta de vocês! – exclamou, aproximando-se depressa quando ele saltou. – Têm que me prometer nunca mais demorar tanto para aparecer.

– Como se eu pudesse lhe recusar qualquer coisa – disse ele, curvando-se para beijar o rosto dela.

Então virou-se, estendendo o braço para ajudar Francesca.

Violet abraçou a filha, em seguida deu um passo atrás para olhar para ela. Frannie estava...

Iluminada.

Definitivamente radiante.

– Senti sua falta, mãe – disse ela.

Violet teria respondido, mas ficou inesperadamente engasgada. Sentiu os lábios se comprimirem, em seguida os cantos da boca se contraírem enquanto lutava para conter as lágrimas. Não sabia por que estava tão emotiva. Sim, se passara mais de um ano, mas ela não enfrentara 342 dias antes? Aquilo não era muito diferente.

– Tenho uma coisa para você – disse Francesca, e Violet podia jurar que os olhos dela brilhavam também.

Francesca se virou de volta para a carruagem e estendeu os braços. Uma criada apareceu à porta, segurando algum tipo de embrulho, que entregou à sua

senhora.

Violet arfou. Santo Deus, não podia ser...

– Mãe – disse Francesca suavemente, segurando o precioso pequeno embrulho –, este é John.

As lágrimas, que vinham esperando pacientemente nos olhos de Violet, começaram a rolar.

– Frannie – sussurrou ela, pegando o bebê nos braços –, por que não me contou?

E Francesca – sua enlouquecedora e inescrutável terceira filha – disse:

– Não sei.

– Ele é lindo – disse Violet, sem se importar de terem lhe escondido sobre o bebê.

Ela não se importava com nada naquele momento, nada além do bebezinho em seus braços, olhando para ela com uma expressão incrivelmente sábia.

– Ele tem os seus olhos – disse Violet, olhando para Francesca.

Frannie assentiu e seu sorriso era quase bobo, como se não pudesse acreditar.

– Eu sei.

– E a sua boca.

– Acho que sim.

– E o seu... ah, meu Deus, acho que ele tem o seu nariz também.

– Fiquei sabendo que estive envolvido na geração dele também, mas ainda não vi nenhuma prova – disse Michael, brincando.

Francesca olhou para ele com tanto amor que quase deixou Violet sem fôlego.

– Ele tem o seu charme – disse ela.

Violet riu e então riu de novo. Havia tanta felicidade dentro dela que era impossível conter.

– Acho que está na hora de apresentarmos este rapazinho à sua família – disse ela. – Você não acha?

Francesca estendeu os braços para pegar o bebê, mas Violet se virou.

– Ainda não – disse ela.

Queria segurá-lo um pouco mais. Talvez até terça.

– Mãe, acho que ele pode estar com fome.

Violet olhou com ar travesso.

– Ele vai nos avisar.

– Mas...

– Sei uma ou duas coisas sobre bebês, Francesca Bridgerton Stirling. – Violet sorriu para John. – Por exemplo: eles adoram suas avós.

Ele fez uns barulhinhos de bebê e então – Violet tinha certeza – sorriu.

– Venha comigo, pequenino – sussurrou ela. – Tenho muito para lhe contar.

E atrás dela, Francesca se virou para Michael e disse:

– Você acha que o teremos de volta enquanto estivermos aqui?

Ele balançou a cabeça, em seguida acrescentou:

– Isso nos dará mais tempo para tratar de dar uma irmã ao rapazinho.

– Michael!

– Ouça o homem – disse Violet, sem se preocupar em se virar.

– Deus do céu – murmurou Francesca.

Mas ela ouviu.

E gostou.

E, nove meses depois, dava bom-dia a Janet Helen Stirling.

Que era *igual* ao pai.

Um beijo inesquecível

Se eu fosse destacar o final de um dos meus livros sobre o qual os leitores resmungaram muito, seria o de *Um beijo inesquecível*, quando a filha de Hyacinth encontra os diamantes que a mãe vinha procurando havia mais de uma década... e, então, guarda-os de volta. Pensei que isso seria exatamente o que uma filha de Hyacinth e Gareth faria e, na verdade, não seria uma justiça poética que Hyacinth (uma personagem que é uma figura e tanto) tivesse uma filha exatamente como ela?

Mas, por fim, concordei com os leitores: Hyacinth merecia encontrar os diamantes... um dia.

UM BEIJO INESQUECÍVEL:

O segundo epílogo

1847 e tudo parecia ter voltado ao começo. De verdade.

Humpf.

Era oficial, então.

Ela havia se tornado sua mãe.

Hyacinth St. Clair lutava contra o desejo de enterrar o rosto nas mãos ali, sentada no banco almofadado de madame Langlois, de longe a mais elegante modista de toda a Londres.

Contou até dez, em três línguas, e então, só por precaução, engoliu em seco e deu um suspiro. Porque, realmente, não adiantaria nada perder a paciência em um lugar público.

Não importava quanto quisesse desesperadamente *estrangular* a filha.

– Mamãe – disse Isabella, colocando a cabeça para fora da cortina.

Hyacinth percebeu que tinha sido uma afirmação, não uma pergunta.

– Sim? – atendeu ela, estampando no rosto uma expressão de serenidade plácida que lhe permitiria ter posado para uma daquelas pinturas da *pietà* que tinham visto na última vez em que foram a Roma.

– Não o rosa.

Hyacinth acenou com a mão. Qualquer coisa para não ter de falar.

– Nem o roxo também.

– Não me lembro de ter sugerido roxo – murmurou Hyacinth.

– O azul não está bom, nem o vermelho e, francamente, não entendo essa insistência que a sociedade parece ter com o branco, e bem, se puder expressar minha opinião...

Hyacinth sentiu-se desmoronar. Quem diria que a maternidade poderia ser tão cansativa? Já não devia ter se acostumado com isso àquela altura?

–... uma garota deveria usar a cor que combina melhor com sua pele, e não o que algum tolo supervalorizado do Almack considera ser a moda.

– Concordo plenamente – disse Hyacinth.

– Concorda?

O rosto de Isabella se iluminou, e Hyacinth ficou sem ar, porque se parecia tanto com sua mãe naquele momento que era quase assustador.

– Sim – disse Hyacinth –, mas você ainda vai levar pelo menos um branco.

– Mas...

– Nada de mas!

– Mas...

– Isabella.

Isabella murmurou algo em italiano.

– Eu ouvi isso – disse Hyacinth em um tom severo.

Isabella sorriu, a curva dos lábios tão doce que só sua mãe (certamente *não* seu pai, que admitia francamente que ela o tinha na palma da mão) reconheceria o ar tortuoso que havia por baixo.

– Mas você entendeu? – perguntou ela, piscando três vezes em rápida sucessão.

E como Hyacinth sabia que seria pega na mentira, cerrou os dentes e admitiu:

– Não.

– Foi o que achei – disse Isabella. – Mas, se estiver interessada, o que eu falei foi...

– Não...! – Hyacinth parou de falar, forçando sua voz a baixar; o pânico diante do que Isabella poderia dizer fizera sua explosão sair excessivamente alta. Ela limpou a garganta. – Não agora. Não aqui – acrescentou.

Deus do céu, sua filha não tinha senso de decoro. Isabella tinha suas opiniões e, embora Hyacinth fosse sempre a favor de uma mulher ter opiniões, era ainda mais a favor de uma mulher que sabia *quando* compartilhar tais opiniões.

Isabella saiu de sua cabine com um lindo vestido branco com debrum verde acinzentado para o qual Hyacinth sabia que ela torceria o nariz e sentou-se ao seu lado no banco.

– O que você está sussurrando? – perguntou ela.

– Eu não estava sussurrando – disse Hyacinth.

– Seus lábios estavam se movendo.

– Estavam?

– Estavam – confirmou Isabella.

– Se você quer saber, eu estava me desculpando com a sua avó.

– A vovó Violet? – perguntou Isabella, olhando em volta. – Ela está aqui?

– Não, mas achei que ela merecia um pedido de desculpas mesmo assim.

Isabella piscou e inclinou a cabeça para o lado, com ar de dúvida.

– Por quê?

– Por todas as vezes – disse Hyacinth, odiando como sua voz soava cansada. – Por todas as vezes que ela me falou: “Espero que você tenha uma filha *exatamente como você...*”

– E você teve – disse Isabella, surpreendendo-a com um suave beijo no rosto. – Não é maravilhoso?

Hyacinth olhou para a filha. Isabella tinha 19 anos. Tinha debutado no ano anterior, com grande sucesso. E era, pensou Hyacinth com objetividade, muito mais bonita do que ela fora. O cabelo era de um tom estonteante de ruivo, herança de algum ancestral havia muito esquecido de sabe-se lá que lado da família. E os cachos – ah, santo Deus, eram a desgraça da vida de Isabella, mas Hyacinth os adorava. Quando Isabella era bem pequena, seu cabelo balançava em pequenos anéis perfeitos, completamente indomáveis e sempre encantadores.

E agora... Às vezes Hyacinth olhava para ela, via a mulher que se tornara e não conseguia nem respirar, tão forte era a emoção que comprimia seu peito. Era um amor que não poderia ter imaginado, tão arrebatador e tão terno, e ainda assim, ao mesmo tempo, a filha a deixava completamente maluca.

Como naquele exato momento.

Isabella sorria inocentemente para ela. Inocentemente demais, verdade seja dita, e então olhou para a saia um pouco rodada do vestido que Hyacinth amara (e Isabella detestara) e pegou, distraída, no debrum de fita verde.

– Mamãe? – falou.

Era uma pergunta dessa vez, não uma afirmação, o que significava que Isabella queria alguma coisa e (uma vez na vida) não tinha certeza do que fazer para conseguir.

– Você acha que este ano...

– Não – disse Hyacinth.

E dessa vez de fato mandou um pedido de desculpas silencioso para a mãe. Santo Deus, fora isso o que Violet enfrentara? *Oito* vezes?

– Você nem sabe o que eu ia perguntar.

– Claro que sei. Quando vai aprender que eu *sempre* sei?

– Isso não é verdade.

– É mais verdade do que não é.

– Você pode ser bastante presunçosa, sabia?

Hyacinth deu de ombros.

– Eu sou sua mãe.

Os lábios de Isabella se estreitaram em uma linha, e Hyacinth desfrutou de quatro segundos inteiros de paz antes de ela perguntar:

– Acha que este ano nós podemos...

– Nós não vamos viajar.

A boca de Isabella se abriu de surpresa. Hyacinth lutou contra a vontade de soltar um grito triunfal.

– Como você sa...

Hyacinth acariciou a mão da filha.

– Já lhe disse, eu sempre sei. E, por mais que tenha certeza de que todos nós adoraríamos viajar, vamos continuar em Londres para a temporada, e você, minha menina, vai sorrir, dançar e procurar um marido.

Estava mesmo se tornando sua mãe.

Hyacinth suspirou. Violet Bridgerton provavelmente estava rindo disso naquele exato momento. Na verdade, vinha rindo disso havia dezenove anos.

"Igualzinha a você", gostava de dizer, sorrindo para Hyacinth enquanto bagunçava os cachos de Isabella. "Igualzinha a você."

– Igualzinha a você, mãe – murmurou Hyacinth com um sorriso, imaginando o rosto de Violet em sua mente. – E agora eu sou igualzinha a você.

Cerca de uma hora mais tarde. Gareth também tinha amadurecido e mudado, embora, como veremos em breve, não de nenhuma maneira que importasse...

Gareth St. Clair recostou-se na cadeira, fazendo uma pausa para saborear seu brandy enquanto olhava em volta de seu escritório. Havia mesmo uma incrível sensação de satisfação em um trabalho bem-feito e concluído a tempo. Não era uma sensação a que ele estava acostumado na juventude, mas era algo que passara a desfrutar quase diariamente agora.

Tinham sido necessários vários anos para restaurar a fortuna dos St. Clairs a um nível respeitável. Seu pai – ele nunca conseguira chamá-lo de nenhuma outra coisa – deixara de lado a expoliação sistemática e passara a uma vaga negligência quando descobrira a verdade sobre o nascimento de Gareth. Então Gareth imaginava que poderia ter sido bem pior.

No entanto, quando assumira o título, descobrira que havia herdado dívidas, hipotecas e casas que tinham sido esvaziadas de quase todos os objetos de valor. O dote de Hyacinth, que aumentara com investimentos prudentes após o casamento, fizera muito para remediar a situação, mas ainda assim Gareth tivera de trabalhar mais e com mais empenho do que jamais sonhara ser possível para salvar a família das dívidas.

O engraçado foi que gostou.

Quem teria pensado que justo ele teria encontrado tanta satisfação no trabalho duro? Sua mesa estava impecável, seus livros contábeis, todos bem organizados, e ele conseguia encontrar qualquer documento importante em menos de um minuto. Suas contas estavam todas em dia, suas propriedades iam de vento em popa e seus colonos prosperavam.

Ele tomou outro gole de bebida, deixando o ardor suave descer pela garganta. Céus.

A vida era perfeita. De verdade. Perfeita.

George terminava Cambridge, Isabella com certeza escolheria um marido naquele ano e Hyacinth...

Ele riu. Hyacinth ainda era Hyacinth. Ficara um pouco mais tranquila com a idade, ou talvez tivesse sido apenas a maternidade que aparara suas arestas mais

brutas, mas ainda era a mesma franca, encantadora e incrivelmente maravilhosa Hyacinth.

Ela o deixava maluco na metade do tempo, mas era um tipo *bom* de loucura e, mesmo que às vezes ele suspirasse para os amigos e acenasse com a cabeça, cansado, enquanto todos se queixavam das esposas, em seu íntimo sabia que era o homem mais sortudo de Londres. Mas que diabo, da Inglaterra até. Do mundo.

Pousou a bebida, então tamborilou os dedos na caixa elegantemente embrulhada no canto da mesa. Ele a comprara naquela manhã na Madame LaFleur, a loja de roupas que sabia que Hyacinth não frequentava, para poupá-la do constrangimento de ter de lidar com vendedoras que conheciam cada peça de lingerie de seu guarda-roupa.

Seda francesa, renda belga.

Ele sorriu. Um pouquinho de nada de seda francesa, adornada com uma quantidade minúscula de renda belga.

Ficaria maravilhoso nela.

O pouco que havia.

Recostou-se na cadeira, saboreando o devaneio. Seria uma noite longa e deliciosa. Talvez até...

Ergueu as sobrancelhas ao tentar se lembrar da agenda da mulher para aquele dia. Talvez até mesmo uma tarde longa e deliciosa. Quando ela ia chegar em casa? E algum dos filhos estaria com ela?

Gareth fechou os olhos, imaginando-a em vários estágios de se despir, depois em várias poses interessantes e então em diversas atividades *fascinantes*.

Ele gemeu. Ela teria de voltar para casa *bem* rápido, porque a imaginação dele estava ativa demais para não ser satisfeita e...

– *Gareth!*

Não era o mais doce dos tons. A adorável névoa erótica flutuando sobre sua cabeça se dissipou inteiramente. Bem, quase inteiramente. Hyacinth podia não parecer nem um pouco inclinada a um pouco de atividade vespertina parada ali à porta, estreitando os olhos e cerrando a mandíbula, mas estava *lá*, e isso já era meio caminho andado.

– Feche a porta – murmurou ele, levantando-se.

– Você sabe o que a sua filha fez?

– A sua filha, você quer dizer.

– A nossa filha – grunhiu ela.

Mas fechou a porta.

– Eu quero saber?

– Gareth!

– Muito bem – disse ele, suspirando, em seguida acrescentando obedientemente: – O que ela fez?

Já tinham tido essa conversa antes, é claro. Inúmeras vezes. A resposta em geral tinha algo a ver com casamento e os pontos de vista pouco convencionais de Isabella sobre o assunto. E, é claro, a frustração de Hyacinth diante de toda a situação.

Raramente mudava.

– Bem, não foi tanto o que ela fez – disse Hyacinth. Ele escondeu o sorriso. Isso também não era inesperado. – É mais o que ela não faz.

– Obedecê-la prontamente?

– *Gareth.*

Ele diminuiu pela metade a distância entre os dois.

– Eu não sou o suficiente?

– Como assim?

Estendeu o braço, pegou a mão dela e puxou-a delicadamente para si.

– Eu sempre a obedeço prontamente – murmurou ele.

Ela reconheceu o olhar no rosto do marido.

– Agora? – E se virou até poder ver a porta fechada. – Isabella está lá em cima.

– Ela não vai ouvir.

– Mas poderia...

Os lábios dele encontraram o pescoço dela.

– Podemos trancar a porta.

– Mas ela vai saber...

Gareth começou a cuidar dos botões do vestido dela. Ele era *muito* bom com botões.

– Ela é uma garota inteligente – disse ele, dando um passo atrás para apreciar sua obra quando o tecido caiu. Ele *adorava* quando a mulher não usava uma *chemise*.

– Gareth!

Ele se curvou e tomou um seio de ponta rosada na boca antes que ela pudesse protestar.

– Ah, Gareth!

E seus joelhos enfraqueceram. Apenas o suficiente para que ele a pegasse nos braços e a levasse para o sofá. Aquele com as almofadas muito macias.

– Mais?

– Ah, Deus, sim – gemeu ela.

Ele deslizou a mão sob a saia dela para tocá-la suavemente e deixá-la sem forças.

– Que resistência protocolar... – murmurou ele. – Admita. Você sempre me quer.

– Vinte anos de casamento não é admitir o suficiente?

– Vinte e dois anos, e eu quero ouvir dos seus lábios.

Ela gemeu quando ele deslizou um dedo para dentro dela.

– Quase sempre – admitiu ela. – Eu quase sempre quero você.

Ele suspirou para causar um efeito dramático, mesmo sorrindo contra o pescoço dela.

– Vou ter de trabalhar mais, então.

Gareth olhou para Hyacinth. Ela olhava para ele com ar travesso, claramente relativo a sua tentativa de mostrar retidão e respeitabilidade.

– Muito mais – concordou ela. – E um pouco mais rápido também.

Ele riu alto.

– Gareth!

Hyacinth podia ser bem ousada entre quatro paredes, mas sempre tomava cuidado com os criados.

– Não se preocupe – disse ele com um sorriso. – Vou ficar quieto. Bem quieto. – Com um movimento ágil, ele juntou as saias de Hyacinth bem acima da cintura e deslizou até sua cabeça estar entre as pernas dela. – É você, minha querida, que vai ter de controlar o volume.

– Ah. Ah. Ah...

– Mais?

– Definitivamente mais.

Ele a lambeu então, e o gosto era de paraíso. E quando ela se contorcia, era sempre um prazer.

– Ah, meu Deus. Ah, meu... Ah, meu...

Gareth sorriu contra ela, então fez um círculo até ela soltar um grito estrangulado. Ele adorava fazer isso com ela, adorava levar sua articulada mulher àquela sensação de total abandono.

Vinte e dois anos. Quem pensaria que depois de 22 anos ele ainda iria querer aquela mulher, somente aquela mulher, e de forma tão intensa?

– Ah, Gareth – disse ela, ofegante. – Ah, Gareth... Mais, Gareth...

Ele redobrou os esforços. Ela estava quase lá. Ele a conhecia tão bem, conhecia as curvas e a forma do seu corpo, a maneira como se mexia quando estava excitada e como respirava quando o queria. Ela estava quase lá.

E então ela chegou lá, arfando e arqueando o corpo até perder as forças.

Ele riu para si mesmo quando ela bateu nele para afastá-lo. Sempre fazia isso quando terminava, dizendo que não podia suportar mais um toque, que com certeza morreria se não tivesse a chance de flutuar de volta para a normalidade.

Ele se moveu, enroscando-se no corpo dela até poder ver seu rosto.

– Isso foi bom – disse ela.

Ele arqueou uma das sobrancelhas.

– Bom?

– Muito bom.

– Bom o suficiente para merecer uma retribuição?

Os lábios dela se curvaram.

– Ah, não sei se foi assim *tão* bom.

Ele levou a mão à calça.

– Vou ter de repetir a dose então.

Os lábios dela se abriram de surpresa.

– Uma variação sobre o tema, se quiser.

Ela virou o pescoço para olhar para baixo.

– O que está fazendo?

Ele sorriu lascivamente.

– Desfrutando dos resultados do meu trabalho.

E então Hyacinth arfou quando ele deslizou para dentro dela, e Gareth arfou pelo puro prazer de tudo aquilo e pensou em como a amava.

E depois não pensou em mais nada.

O dia seguinte. Nós não pensamos realmente que Hyacinth fosse desistir, não é?

No final da tarde, Hyacinth estava de volta ao seu segundo passatempo favorito. Embora *favorito* não parecesse o adjetivo certo, nem *passatempo* o substantivo correto. *Compulsão* provavelmente se encaixava melhor na descrição, assim como *infeliz*, ou talvez *implacável*. *Desgraçada*?

Inevitável.

Ela suspirou. Definitivamente inevitável. Uma compulsão inevitável.

Fazia quanto tempo que morava naquela casa? Quinze anos?

Quinze anos. Quinze anos e mais alguns meses, e ainda estava procurando aquelas malditas joias.

Era de imaginar que já tivesse desistido àquela altura. Com certeza qualquer outra pessoa teria. Ela era, tinha de admitir, a pessoa mais absurdamente teimosa que conhecia.

Exceto, talvez, pela filha. Hyacinth nunca contara a Isabella sobre as joias, talvez porque soubesse que ela iria se juntar à busca com um fervor doentio comparável ao dela. Também não contara ao filho, George, porque ele contaria para Isabella. E Hyacinth nunca conseguiria casar aquela garota se ela achasse que havia uma fortuna em joias a ser encontrada dentro de casa.

Não que fosse querer as joias pelo dinheiro. Hyacinth conhecia a filha bem o suficiente para saber que, com relação a determinadas questões – provavelmente a maioria –, Isabella era exatamente como ela. E a busca de Hyacinth pelas joias nunca tinha sido pelo dinheiro que poderiam trazer. Ah, ela admitia sem problemas que o dinheiro seria útil para ela e Gareth (e poderia ter sido ainda mais útil alguns anos antes). Mas não se tratava disso. Era o princípio. A glória.

Era a necessidade desesperada de finalmente agarrar aquelas malditas pedras em suas mãos, sacudi-las diante do rosto do marido e dizer:

– Está vendo? Está vendo? Não estive louca durante todos esses anos!

Gareth já tinha desistido das joias havia muito tempo. Elas provavelmente nem existiam, dissera-lhe ele. Alguém com certeza as encontrara anos antes.

Moravam na Casa Clair havia *quinze anos*, pelo amor de Deus. Se Hyacinth tivesse de encontrá-las, já teria encontrado, então por que continuava a se torturar?

Uma excelente pergunta.

Hyacinth rangia os dentes enquanto rastejava pelo chão do banheiro, algo que certamente já tinha feito pelo menos umas oitocentas vezes na vida. Sabia de tudo isso. Pela graça de Deus, como sabia, mas não podia desistir. Se desistisse, o que isso diria sobre os últimos quinze anos? Tempo perdido? Todo aquele tempo tinha sido perdido?

Ela não podia suportar a ideia.

Além disso, não era do tipo que desistia, era? Se desistisse, isso estaria completamente em desacordo com tudo o que sabia sobre si mesma. Significaria que estava ficando velha?

Não estava pronta para ficar velha. Talvez fosse essa a maldição de ser a caçula de oito filhos: nunca estar pronta para envelhecer.

Ela se abaixou ainda mais, encostando a bochecha no piso frio para espiar por baixo da banheira. Nenhuma velha senhora faria *isso*, faria? Nenhuma velha senhora...

– Ah, aí está você, Hyacinth.

Era Gareth, colocando a cabeça para dentro do banheiro. Ele não parecia nem um pouco surpreso em encontrar a mulher em uma posição tão estranha. Mas disse:

– Já faz vários meses desde sua última busca, não é?

Ela levantou os olhos.

– Tive uma ideia.

– Algo em que você ainda não tinha pensado?

– Sim – grunhiu ela, mentindo descaradamente.

– Verificando por baixo do piso? – perguntou ele educadamente.

– Embaixo da banheira – disse ela com relutância, sentando-se.

Ele piscou, olhando para a grande banheira com pés.

– Você moveu isso? – perguntou ele, a voz incrédula.

Ela assentiu. Era incrível a força que uma pessoa pode fazer quando devidamente motivada.

Ele olhou para ela, depois para a banheira, em seguida de volta para ela.

– Não – disse ele. – Não é possível. Você não...

– Movi sim.

– Você não conseguiria...

– Consegui – disse ela, começando a se divertir. Não tinha mais oportunidade de surpreendê-lo com tanta frequência quanto gostaria. – Só alguns centímetros – admitiu.

Ele olhou de volta para a banheira.

– Talvez só dois – confessou Hyacinth.

Por um momento, ela pensou que Gareth ia simplesmente dar de ombros e deixá-la ali com seu desafio, mas então ele a surpreendeu, dizendo:

– Quer ajuda?

Ela levou alguns segundos para entender o que ele estava querendo dizer.

– Com a banheira? – perguntou ela.

Ele fez que sim, atravessando a curta distância até a beirada da banheira.

– Se conseguiu movê-la uns 2 centímetros sozinha, com certeza nós dois podemos triplicar essa distância. Ou até mais.

Hyacinth se levantou.

– Achei que você não acreditasse que as joias ainda estão aqui.

– Não acredito. – Ele colocou as mãos nos quadris enquanto avaliava a banheira, pensando na melhor forma de segurá-la. – Mas você acredita, e com certeza isso está na esfera das obrigações de um marido.

– Ah. – Hyacinth engoliu em seco, sentindo-se um pouco culpada por achar que ele não a apoiava tanto. – Obrigada.

Ele fez sinal para que ela segurasse do lado oposto.

– Você levantou? – perguntou ele. – Ou empurrou?

– Empurrei. Com meu ombro, na verdade. – Ela apontou para um espaço estreito entre a banheira e a parede. – Eu me encaixei ali, então coloquei meu ombro sob a beirada e...

Mas Gareth já tinha erguido a mão para fazê-la parar de falar.

– Chega – disse ele. – Não me conte mais nada. Eu imploro.

– Por que não?

Ele olhou para ela por um longo instante antes de responder:

– Realmente não sei. Mas não quero os detalhes.

– Está bem.

Ela foi para o local que ele indicara e segurou a borda.

– Mesmo assim, obrigada.

– O prazer é... – Ele fez uma pausa. – Bem, não é exatamente um prazer. Mas é alguma coisa.

Ela sorriu para si mesma. Ele realmente era o melhor dos maridos.

No entanto, depois de três tentativas, ficou claro que não conseguiriam mover a banheira daquela maneira.

– Vamos ter de usar o método de nos encaixarmos e empurrarmos – anunciou Hyacinth. – É a única forma.

Gareth assentiu, resignado, e juntos eles se enfiaram no espaço estreito entre a banheira e a parede.

– Tenho que dizer – afirmou ele, dobrando os joelhos e plantando as solas das botas contra a parede –, que isso tudo é muito humilhante.

Hyacinth não tinha nada a dizer a respeito, então limitou-se a grunhir. Ele podia interpretar o som da maneira que desejasse.

– Isso realmente devia contar para alguma coisa – murmurou ele.

– Como assim?

– Isso.

Ele acenou com a mão, o que poderia significar qualquer coisa, já que ela não tinha certeza se ele se referia à parede, ao chão, à banheira ou a alguma partícula de poeira flutuando no ar.

– Não é um gesto exatamente grandioso, mas acho que, se um dia eu esquecer seu aniversário, por exemplo, isso deveria contar para me ajudar a cair de novo nas suas graças.

Hyacinth arqueou uma das sobrancelhas.

– Você não pode fazer isso apenas por generosidade?

Ele balançou a cabeça regiamente.

– Poderia. E, na verdade, estou fazendo. Mas nunca se sabe quando...

– Ah, pelo amor de Deus – murmurou Hyacinth. – Você vive para me torturar, não é?

– Isso mantém a mente afiada – disse ele afavelmente. – Muito bem. Vamos lá?

Ela fez que sim.

– Quando eu falar – disse ele, apoiando os ombros. – Um, dois... *três*.

Então, gemendo, os dois empenharam toda a sua força na tarefa e a banheira deslizou, resistindo teimosamente pelo chão. O barulho era horrível, todo aquele ruído de arrastar e rangidos, e, quando Hyacinth olhou para baixo, viu marcas brancas nada bonitas no piso.

– Ah, santo Deus – murmurou.

Gareth se virou, vincando o rosto em uma expressão irritada quando viu que tinham movido a banheira apenas 10 centímetros.

– Achei que faríamos um progresso um pouco maior – disse.

– É pesada – observou ela, desnecessariamente.

Por um momento, ele não fez nada além de olhar para o pequeno pedaço de chão que tinham descoberto.

– O que você pretende fazer agora? – perguntou.

A boca de Hyacinth se contraiu ligeiramente em uma expressão um tanto perplexa.

– Não tenho certeza – admitiu. – Verificar o chão, imagino.

– Já não fez isso? – E então, quando ela não respondeu em, bem, meio segundo, ele acrescentou: – Nos quinze anos desde que se mudou para cá?

– Já *tateei* o chão, é claro – disse ela rapidamente, uma vez que era bem óbvio que o braço dela entrava embaixo da banheira. – Mas não é o mesmo que uma inspeção visual e...

– Boa sorte – interrompeu ele, levantando-se.

– Você está indo embora?

– Quer que eu fique?

Ela não esperava que Gareth ficasse, mas agora que ele estava ali...

– Sim – disse, surpresa com a própria resposta. – Por que não?

Ele sorriu para ela então, e a expressão era tão terna, amorosa e, o melhor de tudo, tão familiar...

– Eu poderia comprar um colar de diamantes para você – disse ele gentilmente, voltando a se sentar.

Ela estendeu a mão e colocou-a sobre a dele.

– Eu sei que poderia.

Eles ficaram em silêncio por um minuto, depois Hyacinth chegou mais perto do marido, deixando escapar um suspiro satisfeito enquanto relaxava encostada nele, apoiando a cabeça em seu ombro.

– Sabe por que eu amo você? – perguntou ela suavemente.

Ele entrelaçou os dedos nos dela.

– Por quê?

– Você poderia ter me comprado um colar. E poderia tê-lo escondido. – Ela virou a cabeça para beijar a curva do pescoço dele. – Poderia tê-lo escondido só para que eu pudesse encontrá-lo. Mas não fez isso.

– Eu...

– Não estou dizendo que nunca pensou nisso – disse ela, virando-se de modo a ficar de novo de frente para a parede, a apenas alguns centímetros de distância.

Mas sua cabeça estava no ombro de Gareth, e ele, virado para a mesma parede, e, mesmo que não estivessem olhando um para o outro, suas mãos continuavam entrelaçadas, então de alguma forma aquela posição era tudo o que um casamento deveria ser.

– Porque eu conheço você – disse ela, sentindo um sorriso crescer por dentro. – Eu conheço você, e você me conhece, e isso é maravilhoso.

Ele apertou a mão dela, depois beijou o alto de sua cabeça.

– Se estiver aqui, você vai encontrar.

Ela suspirou.

– Ou morrer tentando.

Ele riu.

– Isso não devia ser engraçado – disse ela.

– Mas é.

– Eu sei.

– Eu amo você – disse ele.

– Eu sei.

E, realmente, o que mais ela poderia querer?

Enquanto isso, a dois metros dali...

Isabella estava bastante acostumada às travessuras dos pais. Aceitava o fato de que eles se agarravam pelo cantos escuros com muito mais frequência do que era

decente. Não dava importância ao fato de que sua mãe era uma das mulheres mais francas de Londres ou ao fato de que seu pai ainda era tão bonito que até suas amigas suspiravam e gaguejavam quando ele estava por perto. Na verdade, gostava de ser filha de um casal tão pouco convencional. Ah, para os outros eles eram tudo o que havia de mais correto, com certeza, com a excelente reputação de serem bem-humorados.

Mas por trás das portas fechadas da Casa Clair... Isabella sabia que suas amigas não eram encorajadas a compartilhar suas opiniões como ela. A maioria não era nem encorajada a ter opiniões. E, com certeza, grande parte das jovens que conhecia não tivera a oportunidade de estudar línguas modernas, nem de debutar um ano mais tarde para viajar pelo continente.

Então, no fim das contas, Isabella se achava bastante sortuda no que dizia respeito aos pais, e se isso significava ter de fazer vista grossa para os eventuais episódios de *Não agir de acordo com a idade*... bem, valia a pena, e ela aprendera a ignorar boa parte do comportamento deles.

Mas quando procurara pela mãe naquela tarde – para concordar com relação ao vestido branco com o debrum verde sem graça – e encontrara os pais no chão do banheiro empurrando uma *banheira*...

Bem, isso era um pouco de mais, até mesmo para os St. Clairs.

E quem a culparia por ficar para escutar?

Não sua mãe, concluiu Isabella ao se curvar para ouvir melhor. Não havia hipótese de Hyacinth St. Clair ter feito a coisa certa e se afastado caso passasse pela mesma situação. Não se podia morar com ela por dezenove anos sem aprender *isso*. E quanto a seu pai... bem, Isabella achava que ele também teria ficado para ouvir, principalmente quando estavam facilitando *tanto* as coisas para ela daquela maneira – virados para a parede, de costas para a porta aberta e com a banheira entre eles.

– O que você pretende fazer agora? – perguntava o pai, a voz entremeada com aquele tipo particular de diversão que ele parecia reservar apenas para sua mãe.

– Não sei – respondeu ela, parecendo estranhamente... não *insegura*, mas com certeza não tão segura como de costume. – Verificar o chão, imagino.

Verificar o chão? Mas do que raios eles estavam falando? Isabella se inclinou mais para a frente para escutar melhor, bem a tempo de ouvir o pai perguntar:

– Você já não fez isso? Nos quinze anos desde que se mudou para cá?

– Já tateei o chão – respondeu a mãe, parecendo muito mais ela mesma agora. – Mas não é o mesmo que uma inspeção visual e...

– Boa sorte – disse seu pai, e então...

Ah, não! Ele estava saindo!

Isabella começou a se afastar, atrapalhada, mas então algo deve ter acontecido, porque ele se sentou novamente. Ela avançou lentamente de volta até a porta aberta...

Com cuidado, com muito cuidado agora – ele podia se levantar a qualquer momento. Ela prendeu a respiração e se curvou para perto, sem conseguir tirar os olhos da nuca dos pais.

– Eu poderia comprar um colar de diamantes para você – disse seu pai.

Um colar de diamantes?

Um colar...

Quinze anos.

Movendo uma banheira?

Em um banheiro?

Quinze anos.

Sua mãe procurara durante quinze anos.

Um colar de diamantes?

Um colar de diamantes.

Um colar...

Ah. Santo. Deus.

O que ela ia fazer? O que ia fazer? Ela sabia o que devia fazer, mas, Deus do céu, *como* ia fazer isso?

E o que poderia dizer? O que poderia dizer para...

Devia esquecer isso por enquanto. Devia esquecer isso, porque sua mãe estava falando novamente:

– Você poderia ter me comprado um colar. E poderia tê-lo escondido. Poderia tê-lo escondido só para que eu pudesse encontrá-lo. Mas não fez isso.

Havia tanto amor em sua voz que Isabella sentiu o coração doer. E algo naquilo parecia resumir tudo o que seus pais eram. Para eles mesmos, um para o outro.

Para os filhos.

E de repente o momento parecia íntimo demais para ser espionado, até mesmo por ela, que saiu de fininho, depois correu para o quarto, afundando em uma cadeira assim que fechou a porta.

Porque ela sabia o que a mãe vinha procurando havia tanto tempo.

Estava bem no fundo da gaveta de sua escrivaninha. E era mais do que um colar. Era um conjunto completo – colar, pulseira e anel, uma verdadeira fartura de diamantes, cada pedra emoldurada por duas delicadas águas-marinhas. Isabella os encontrara quando tinha 10 anos, escondidos em um pequeno buraco por trás de um dos ladrilhos turcos no banheiro do quarto das crianças. Ela *devia* ter dito alguma coisa sobre eles. Sabia que devia. Mas não dissera e não sabia ao certo por quê.

Talvez fosse porque os havia encontrado. Talvez porque adorasse ter um segredo. Talvez porque não tivesse achado que pertencessem a ninguém, ou, na verdade, que alguém soubesse da existência deles. Com certeza não sabia que sua mãe os procurava havia quinze anos.

Sua mãe!

Sua mãe era a última pessoa que qualquer um poderia imaginar que tivesse um segredo. Ninguém pensaria mal de Isabella por não considerar, na época em que encontrou os diamantes: *Ah, com certeza minha mãe deve estar procurando-os e decidiu, por suas próprias razões tortuosas, não me contar nada a respeito.*

Sinceramente, no fim das contas, era tudo culpa da mãe. Se Hyacinth tivesse lhe *contado* que estava à procura das joias, Isabella teria confessado imediatamente. Ou, se não imediatamente, pelo menos rápido o bastante para satisfazer a consciência de qualquer um.

E agora, falando de consciências, sentia a sua martelando forte. Era uma sensação bem estranha e desagradável.

Não que Isabella fosse a doçura em pessoa, cheia de sorrisos açucarados e gestos piedosos superficiais. Deus do céu, não, ela evitava essas meninas como a peste. Mas, por isso mesmo, raramente tomava uma atitude que a fizesse se sentir culpada depois, mesmo porque talvez – e apenas talvez – suas noções de decoro e moralidade fossem ligeiramente flexíveis.

Mas agora sentia um bolo na boca do estômago, um bolo com o talento peculiar de mandar a bile de volta pela sua garganta. Suas mãos tremiam e ela se

sentia nauseada. Não estava febril, nem mesmo tomada por calafrios, apenas nauseada. Consigo mesma.

Deixou escapar um suspiro trêmulo, levantou e atravessou o quarto até sua mesa, um móvel delicado em estilo rococó que sua bisavó homônima trouxera da Itália. Ela colocara as joias ali três anos antes, quando finalmente deixara o quarto das crianças no último andar. Descobrira um compartimento secreto nos fundos da gaveta de baixo. Isso não chegara a surpreendê-la; parecia haver um número incomum de compartimentos secretos na mobília da Casa Clair, grande parte da qual tinha sido importada da Itália. Mas *era* uma dádiva, e muito conveniente, então um dia, quando sua família estava fora em algum evento da sociedade do qual Isabella era nova demais para participar, ela voltara sorrateiramente ao quarto das crianças, pegara as joias em seu esconderijo atrás do ladrilho (onde ela habilmente as colocara de volta) e as levara para sua mesa.

Estavam lá desde então, fora as raras ocasiões em que Isabella as tirava de lá para colocá-las, pensando em como ficariam bem com seu vestido novo, mas *como* explicaria a existência delas para os pais?

Agora, parecia que nenhuma explicação seria necessária. Ou talvez só um tipo diferente de explicação.

Um tipo bem diferente.

Acomodou-se na cadeira da escrivaninha, abaixou-se e pegou as joias no compartimento secreto. Ainda estavam no mesmo saquinho de veludo com corda no qual as encontrara. Tirou-as de lá, deixando que se derramassem luxuosamente em cima da mesa. Não sabia muito sobre joias, mas com certeza aquelas eram da melhor qualidade. Refletiam a luz do sol com uma magia indescritível, quase como se cada pedra pudesse de alguma forma captar a luz e então irradiá-la em todas as direções.

Não se considerava gananciosa nem materialista, mas, na presença de um tesouro como aquele, entendia como diamantes podiam enlouquecer um homem. Ou por que as mulheres desejavam tão desesperadamente mais e mais joias daquelas, com uma pedra maior, mais finamente lapidada do que a anterior.

Mas aquelas joias não lhe pertenciam. Talvez não pertencessem a ninguém. Se alguém tinha direito a elas, no entanto, definitivamente essa pessoa era sua mãe. Isabella não sabia como ou por que Hyacinth sabia de sua existência, mas

isso não parecia importar. Tinha algum tipo de ligação com a joias, algum tipo de conhecimento importante. E, se pertenciam a alguém, com certeza era a ela.

Relutante, Isabella as colocou de volta na bolsa e apertou o cordão dourado para que nenhuma delas caísse. Sabia o que tinha de fazer agora. Sabia exatamente o que tinha de fazer.

Mas depois disso...

A tortura seria esperar.

Um ano depois...

Fazia dois meses que Hyacinth procurara as joias pela última vez, mas Gareth estava ocupado com algum assunto ligado a propriedades, ela não tinha bons livros para ler e, bem, sentia-se... inquieta.

Isso acontecia de tempos em tempos. Passava meses sem procurar, semanas sem nem sequer pensar nos diamantes, mas então algo a fazia lembrar, começar a pensar a respeito e lá estava ela de novo – obcecada e frustrada, esgueirando-se pela casa para que ninguém percebesse o que estava fazendo.

E a verdade era que se sentia envergonhada. Não importava como encarasse tudo aquilo, ela sempre parecia pelo menos um pouco tola. Ou as joias estavam escondidas na Casa Clair e ela não as encontrara apesar de tê-las procurado por dezesseis anos ou não estavam escondidas e ela estava atrás de uma ilusão. Não conseguia nem imaginar como explicar isso aos filhos; os criados com certeza a achavam mais do que um pouco maluca (todos a haviam pegado vasculhando um banheiro em algum momento) e Gareth... bem, ele era doce e fazia suas vontades, mas ainda assim Hyacinth mantinha suas atividades em segredo.

Era melhor assim.

Havia decidido procurar no banheiro do quarto das crianças naquela tarde. Não por nenhuma razão em particular, é claro, mas terminara sua busca sistemática em todos os banheiros dos empregados (sempre um desafio que exigia sensibilidade e sutileza), e antes disso tinha revistado o próprio banheiro, então o do quarto das crianças parecia uma boa opção. Depois disso, passaria aos

banheiros do segundo andar. George tinha se mudado para um lugar só seu e, se realmente houvesse um Deus misericordioso, Isabella se casaria em pouco tempo, e assim Hyacinth não teria de se preocupar com ninguém dando de cara com ela enquanto tateasse, fuçasse e muito provavelmente arrancasse azulejos das paredes.

Colocou as mãos nos quadris e respirou fundo enquanto examinava o pequeno cômodo. Sempre gostara dele. Os ladrilhos eram, ou pelo menos pareciam ser, turcos, e Hyacinth só conseguia pensar que os povos orientais deviam gostar de uma vida de calmaria muito menos do que os britânicos, porque as cores que usavam sempre a deixavam animada – tons de azul royal, verde-água, com traços de amarelo e laranja.

Hyacinth fora à praia no sul da Itália uma vez. E era como aquele cômodo: ensolarado e brilhante de uma forma que as praias da Inglaterra nunca pareciam ser.

Estreitou os olhos em direção à sanca, à procura de fendas ou entalhes, depois ficou de quatro para sua inspeção habitual dos ladrilhos mais baixos.

Não sabia o que esperava encontrar, o que poderia de repente ter aparecido que não detectara durante as outras, bem, pelo menos dez buscas anteriores.

Mas precisava continuar. Precisava porque simplesmente não tinha escolha. Havia algo dentro dela que não desistia. E...

Ela parou. Piscou. O que era aquilo?

Lentamente, porque não conseguia acreditar que tinha encontrado algo novo – já fazia mais de uma década que nenhuma de suas buscas mudava de maneira mensurável –, ela se curvou.

Uma fenda.

Era pequena. Discreta. Mas era definitivamente uma fenda, saindo do chão até o alto do primeiro azulejo, cerca de uns 15 centímetros. Não era o tipo de coisa que a maioria das pessoas notaria, mas Hyacinth não era como a maioria das pessoas, e por mais triste que isso parecesse, ela praticamente fizera do ato de inspecionar banheiros uma carreira.

Frustrada por não conseguir chegar muito perto, apoiou-se nos braços e nos joelhos, em seguida encostou o rosto no chão. Apalpou o ladrilho à direita da fenda, depois o que ficava à esquerda.

Nada aconteceu.

Enfiou a unha na beirada da fenda e forçou-a. Um pequeno pedaço de argamassa ficou preso sob sua unha.

Uma estranha emoção começou a tomar seu peito, apertando, vibrando, deixando-a quase sem conseguir respirar.

– Calma – sussurrou, e mesmo essa única palavra saiu trêmula. Pegou o pequeno cinzel que sempre carregava em suas buscas. – Provavelmente não é nada. Provavelmente é...

Enfiou o cinzel na fenda, com certeza com mais força do que era necessário. E então pressionou. Se um dos azulejos estivesse solto, a alavanca o faria levantar e...

– Ah!

O azulejo literalmente saltou para fora, aterrissando no chão com um ruído. Atrás dele havia um pequeno buraco.

Hyacinth estreitou bem os olhos. Esperara toda a sua vida adulta por aquele momento e agora não conseguia nem mesmo olhar.

– Por favor – sussurrou ela. – *Por favor.*

Estendeu a mão.

– Por favor. Ah, por favor.

E tocou em algo. Algo macio. Como veludo.

Com dedos trêmulos, ela o pegou. Era um saquinho, fechado com um cordão macio e sedoso.

Hyacinth se endireitou lentamente, cruzando as pernas em posição de lótus. Enfiou um dedo dentro do saco, alargando a boca, que estava bem fechada.

E então, com a mão direita, virou-o de cabeça para baixo, despejando o conteúdo na mão esquerda.

Ah, meu D...

– Gareth! – gritou ela. – Gareth!

E depois sussurrou, olhando para as joias que se derramavam de sua mão esquerda:

– Eu consegui. Eu consegui.

E então gritou:

– EU CONSEGUI!!!!

Colocou o colar no pescoço, ainda segurando a pulseira e o anel na mão.

– Eu consegui, eu consegui, eu consegui. – Cantarolava agora, pulando sem parar, quase dançando, quase chorando. – Eu consegui!

– Hyacinth!

Era Gareth, sem fôlego depois de subir quatro lances de escada de dois em dois degraus.

Ela olhou para ele e podia jurar que sentia os olhos brilhando.

– Eu consegui! – Ela riu, de maneira quase enlouquecida. – Eu consegui!

Por um instante, Gareth não foi capaz de fazer nada além de olhar. O rosto dele estava pálido e Hyacinth achou que ele fosse desmaiar.

– Eu consegui – disse ela novamente. – Eu consegui.

E então Gareth pegou a mão de Hyacinth, pegou o anel e colocou no dedo dela.

– Você conseguiu mesmo – disse ele, curvando-se para beijar seus dedos. – Você conseguiu.

Enquanto isso, um andar abaixo...

– *Gareth!*

Isabella ergueu os olhos do livro que estava lendo, olhando para o teto. Seu quarto ficava logo abaixo do quarto das crianças, bem na direção do banheiro, na verdade.

– *Eu consegui!*

Isabella olhou de volta para o livro.

E sorriu.

A CAMINHO DO ALTAR

Ao escrever os segundos epílogos, tentei responder às perguntas persistentes dos leitores. No caso de *A caminho do altar*, a pergunta que mais ouvia após a publicação era: Que nomes Gregory e Lucy deram a todos aqueles bebês? Devo admitir que nem eu sei como criar uma história que gire em torno da escolha do nome de nove crianças (não todos de uma vez, pelo menos), então resolvi começar o segundo epílogo bem onde o primeiro termina – com Lucy dando à luz pela última vez. E porque todos – até mesmo os Bridgertons – devem enfrentar dificuldades, não tornei as coisas fáceis...

A CAMINHO DO ALTAR:

O segundo epílogo

21 de junho de 1840
Cutbank Manor
Nr Winkfield, Berks.

Meu querido Gareth,

Espero que esta carta o encontre bem. Mal posso acreditar que já faz quase duas semanas que parti da Casa Clair para Berkshire. Lucy está enorme; parece impossível que ainda não tenha dado à luz. Se eu tivesse ficado tão grande quando estava grávida de George ou Isabella, tenho certeza de que teria reclamado sem parar.

(Também tenho certeza de que você não vai me lembrar de nenhuma reclamação que eu possa ter feito quando estava em um estado similar.)

Lucy diz que esse parto parece que vai ser muito diferente dos anteriores. Acho que devo acreditar nela. Eu a vi logo antes de dar à luz Ben e juro que ela estava dançando uma giga. Eu confessaria ter sentido uma forte inveja, mas seria rude e nada maternal admitir tal emoção e, como sabemos, sou sempre muito bem-educada. E, às vezes, maternal.

Por falar da nossa prole, Isabella está se divertindo bastante. Acho que adoraria passar o resto do verão com os primos. Ela tem ensinado a eles como xingar em italiano. Fiz o ligeiro esforço de repreendê-la, mas tenho certeza de que ela percebeu que, por dentro, eu estava encantada. Toda

mulher devia saber como praguejar em outro idioma, já que a sociedade educada não deixou o inglês ao nosso dispor para isso.

Não sei bem quando voltarei para casa. Nesse ritmo, eu não ficaria surpresa se a gravidez de Lucy se estendesse até julho. E também, claro, prometi ficar mais um pouco depois que o bebê nascer. Talvez você deva mandar George para uma visita. Acho que ninguém notaria se mais uma criança fosse acrescentada ao bando atual.

Sua devotada esposa,

Hyacinth

P.S.: Foi bom eu não ter selado a carta ainda. Lucy acabou de ter gêmeos. Gêmeos! Meu Deus, mas o que raios eles vão fazer com mais dois filhos? Não consigo nem pensar.

– Não consigo fazer isso de novo.

Lucy Bridgerton já dissera isso antes, sete vezes para ser mais precisa, mas agora realmente falava sério. Não era só pelo fato de ter dado à luz seu nono filho apenas trinta minutos antes; ela se tornara especialista em parir e conseguia colocá-los para fora com o mínimo de desconforto. Era só que... gêmeos! Por que ninguém lhe dissera que podia estar grávida de gêmeos? Não era de admirar que estivesse tão desconfortável naqueles últimos meses. Tinha dois bebês na barriga, claramente envolvidos em uma luta de boxe.

– Duas meninas – disse o marido. Gregory olhou para ela com um sorriso. – Bom, isso desequilibra a balança. Os meninos vão se decepcionar.

– Os garotos terão propriedades, poderão votar e usar calças – disse a irmã de Gregory, Hyacinth, que fora até lá para ajudar Lucy no fim da gravidez. – Eles vão aguentar.

Lucy conseguiu dar uma pequena risada. Hyacinth nunca deixava de ir ao cerne da questão.

– Seu marido sabe que você se tornou um cruzado? – perguntou Gregory.

– Meu marido me apoia em tudo – disse Hyacinth docemente, sem tirar os olhos do bebê embrulhado em seus braços. – Sempre.

– Seu marido é um santo – comentou Gregory, arrulhando para seu próprio embrulhinho. – Ou talvez seja apenas insano. De qualquer maneira, somos

eternamente gratos a ele por ter se casado com você.

– *Como* você o aguenta? – perguntou Hyacinth, curvando-se sobre Lucy, que começava a se sentir muito estranha.

Lucy abriu a boca para dar uma resposta, mas Gregory foi mais rápido.

– Eu torno a vida dela uma alegria sem fim – disse ele. – Cheia de doçura, luz e tudo de bom e perfeito que existe.

Hyacinth parecia estar com vontade de vomitar.

– Você está só com inveja – disse Gregory.

– De quê? – perguntou Hyacinth.

Com um aceno de mão, ele descartou a pergunta como se não fizesse sentido. Lucy fechou os olhos e sorriu, apreciando a interação. Gregory e Hyacinth estavam sempre provocando um ao outro – mesmo agora que estavam perto de fazer 40 anos. Ainda assim, apesar das constantes alfinetadas – ou talvez por causa delas –, havia uma ligação muito sólida entre eles. Hyacinth em particular era ferozmente leal; levara dois anos para gostar de Lucy depois de seu casamento com Gregory.

Lucy achava que Hyacinth tivera um pouco de razão. Afinal, ela chegara muito perto de se casar com o homem errado. Bem, não, ela *havia* se casado com o homem errado, mas felizmente para ela a influência combinada de um visconde e de um conde (além de uma doação substancial para a Igreja da Inglaterra) tornara uma anulação possível quando, tecnicamente falando, não deveria ter sido.

Mas isso tudo eram águas passadas. Hyacinth agora era uma irmã para ela, assim como todas as irmãs de Gregory. Tinha sido maravilhoso entrar para uma família grande. E provavelmente era por isso que Lucy estava tão feliz com o fato de ela e Gregory acabarem tendo também uma grande prole.

– Nove – disse ela suavemente, abrindo os olhos para olhar para os dois embrulhinhos que ainda precisavam de nomes. E cabelo. – Quem imaginaria que teríamos nove?

– Minha mãe com certeza vai dizer que qualquer pessoa sensata teria parado em oito – disse Gregory. Ele sorriu para Lucy. – Quer segurar uma?

Ela se sentiu tomada por aquela familiar felicidade materna.

– Ah, sim.

A parteira ajudou-a a ficar mais ereta, e Lucy estendeu os braços para segurar uma das filhas.

– Ela é muito rosinha – murmurou, aninhando o embrulhinho perto do peito.

A menininha berrava, mas Lucy concluiu que era um som maravilhoso.

– Rosa é uma cor excelente – declarou Gregory. – Meu tom da sorte.

– Esta aqui segura forte – observou Hyacinth, virando-se para o lado para que todos pudessem ver seu dedo mínimo preso pela pequena mão da bebê.

– As duas são muito saudáveis – disse a parteira. – Gêmeos muitas vezes não são, sabe?

Gregory se curvou para beijar Lucy na testa.

– Sou um homem muito afortunado – murmurou.

Lucy sorriu fracamente. Sentia-se feliz também, de maneira quase milagrosa, mas estava cansada demais para falar qualquer outra coisa além de:

– Acho que já chega de filhos. Por favor, me diga que já chega.

Gregory sorriu amorosamente.

– Já chega – declarou ele. – Ou, pelo menos, até onde eu posso garantir.

Lucy assentiu com gratidão. Ela também não estava disposta a abrir mão dos prazeres do leito conjugal, mas devia haver algo que pudessem fazer para acabar com o fluxo constante de bebês.

– Como vamos chamá-las? – perguntou Gregory, olhando com ar bobo para a bebê nos braços de Hyacinth.

Lucy acenou para a parteira e entregou-lhe a bebê para poder deitar-se novamente. Seus braços pareciam um pouco trêmulos e não confiava que pudesse segurar direito a bebê, mesmo ali na cama.

– Você não queria Eloise? – murmurou ela, fechando os olhos.

Tinham dado aos filhos os nomes dos irmãos: Katharine, Richard, Hermione, Daphne, Anthony, Benedict e Colin. Eloise era a próxima escolha óbvia para uma menina.

– Eu sei – disse Gregory, e ela podia notar o sorriso em sua voz. – Mas não esperava *duas*.

Ao ouvir isso, Hyacinth se virou com um suspiro.

– Você vai chamar a outra de Francesca – disse ela em tom acusatório.

– Bem – disse Gregory, soando talvez um pouco presunçoso –, seguindo a ordem, ela é a próxima.

Hyacinth ficou boquiaberta, e Lucy não teria ficado nada surpresa se visse uma fumacinha sair de suas orelhas.

– Não posso acreditar nisso – disse ela, agora definitivamente fuzilando Gregory com o olhar. – Você vai dar aos seus filhos o nome de cada um dos irmãos, menos o meu.

– É um feliz acaso, garanto – disse Gregory. – Achei que Francesca também ficaria de fora.

– Até Kate foi homenageada!

– Kate teve uma grande participação no nosso amor – lembrou Gregory. – Ao passo que você atacou a Lucy na igreja.

Lucy teria deixado escapar uma risada, se tivesse energia para isso.

Hyacinth, no entanto, não achou graça.

– Ela estava se *casando* com outra pessoa.

– Você é muito rancorosa, querida irmã. – Gregory se virou para Lucy. – Ela não consegue esquecer, não é? – Ele segurava uma das bebês de novo, embora Lucy não fizesse ideia de qual delas. Ele provavelmente não sabia também. – Ela é linda – disse ele, levantando os olhos para sorrir para Lucy. – Porém pequena. Menor do que os outros, acho.

– Gêmeos são sempre pequenos – disse a parteira.

– Ah, é claro – murmurou ele.

– Elas não parecem pequenas – retrucou Lucy. E tentou se levantar novamente para segurar a outra bebê, mas seus braços cederam. – Estou tão cansada...

A parteira franziu a testa.

– Não foi um trabalho de parto demorado.

– Havia dois bebês – lembrou Gregory.

– Sim, mas ela já teve vários antes – respondeu a parteira com uma voz animada. – Os partos vão ficando mais fáceis à medida que se tem mais bebês.

– Não estou me sentindo bem – disse Lucy.

Gregory entregou a filha a uma criada e olhou para ela.

– O que há de errado?

– Ela está pálida – Lucy ouviu Hyacinth dizer.

Mas a voz dela não soou como deveria. Parecia metálica, como se estivesse falando através de um tubo longo e fino.

– Lucy? Lucy?

Ela tentou responder. Achou que estava respondendo. Mas se seus lábios estavam se movendo, ela não sabia dizer, e com certeza não ouviu a própria voz.

– Tem alguma coisa errada – afirmou Gregory. Ele parecia sério. Parecia assustado. – Onde está o Dr. Jarvis?

– Ele foi embora – respondeu a parteira. – Havia outro bebê... a esposa do advogado.

Lucy tentou abrir os olhos. Queria ver o rosto dele, para lhe dizer que estava bem. Só que não estava. Não sentia dor exatamente; bem, não mais do que a dor natural depois de se ter um bebê. Não sabia descrever direito. Simplesmente parecia haver algo *errado*.

– Lucy? – A voz de Gregory abria caminho em meio ao torpor dela. – Lucy! – Ele pegou sua mão, apertou-a, depois sacudiu-a.

Ela queria tranquilizá-lo, mas se sentia tão distante... E aquela sensação de que havia algo errado se espalhava por toda parte, deslizando da sua barriga para os seus membros e até os dedos.

Não era tão ruim se ficasse completamente imóvel. Talvez se dormisse...

– O que há de errado com ela? – perguntou Gregory.

Atrás dele, as bebês berravam, mas pelo menos se contorciam, rosadas, enquanto Lucy...

– Lucy? – Ele tentou fazer sua voz soar urgente, mas para ele parecia apavorada. – Lucy?

O rosto dela estava pálido; os lábios, sem cor. Ela não estava exatamente inconsciente, mas também não parecia reagir.

– O que há de *errado* com ela?

A parteira correu até o pé da cama e olhou por baixo das cobertas. Ela arquejou e, quando ergueu os olhos, seu rosto estava quase tão pálido quanto o de Lucy.

Gregory olhou para baixo, bem a tempo de ver uma mancha vermelha se espalhando pelo lençol.

– Arrumem mais toalhas – disparou a parteira, e Gregory não pensou duas vezes antes de obedecer. – Vou precisar de mais do que isso – disse ela com severidade, colocando várias sob os quadris de Lucy. – Vá, vá!

– Eu vou – disse Hyacinth. – Você fica.

Ela saiu depressa para o corredor, deixando Gregory ao lado da parteira, sentindo-se impotente e incompetente. Que tipo de homem ficava parado enquanto sua mulher sangrava?

Mas ele não sabia o que fazer. Não sabia como fazer nada além de entregar as toalhas à parteira, que as comprimia contra Lucy com força brutal.

Ele abriu a boca para dizer... alguma coisa. Talvez tivesse chegado a dizer uma palavra. Não tinha certeza. Podia ter sido apenas um som, um som horrível de pavor que veio de dentro dele.

– Onde estão as toalhas? – exigiu a parteira.

Gregory assentiu e saiu rápido para o corredor, aliviado por ter recebido uma tarefa.

– Hyacinth! Hya...

Lucy gritou.

– Ah, meu Deus. – Gregory se virou, segurando a moldura da porta em busca de apoio.

Não era o sangue; ele podia lidar com o sangue. Era o grito. Nunca tinha ouvido um ser humano fazer um som como aquele.

– O que você está fazendo com ela? – perguntou.

Sua voz soou trêmula ao se afastar da parede. Era difícil assistir e ainda mais difícil ouvir, mas talvez ele pudesse segurar a mão de Lucy.

– Estou manipulando a barriga dela – resmungou a parteira.

Ela pressionou com força. Lucy soltou outro grito e quase arrancou os dedos de Gregory.

– Não acho que seja uma boa ideia – disse ele. – Você está empurrando o sangue dela para fora. Ela não pode perder...

– Vai ter de confiar em mim – retrucou a parteira secamente. – Já vi isso antes. Mais vezes do que posso contar.

Gregory sentiu seus lábios formarem a pergunta: *Elas sobreviveram?* Mas não disse nada. O rosto da parteira parecia muito sombrio. Ele não queria saber a resposta.

Àquela altura, os gritos de Lucy tinham se transformado em gemidos, mas de alguma forma isso era ainda pior. Sua respiração era rápida e superficial e ela estreitava os olhos para suportar a dor das pressões feitas pela parteira.

– Por favor, faça-a parar – choramingou ela.

Gregory olhou freneticamente para a parteira, que agora usava as duas mãos e estendia uma até...

– Ah, Deus. – Ele se virou de costas. Não podia assistir. – Você tem de deixá-la ajudar – disse ele a Lucy.

– Eu trouxe as toalhas! – exclamou Hyacinth, irrompendo no quarto. Ela parou de repente, olhando para Lucy. – Ah, meu Deus. – Sua voz vacilou. – Gregory?

– *Cale a boca*!

Ele não queria ouvir a irmã. Não queria falar com ela, não queria responder suas perguntas. Ele não *sabia*. Santo Deus, ela não via que ele não sabia o que estava acontecendo?

E forçá-lo a admitir isso em voz alta teria sido o tipo mais cruel de tortura.

– Está doendo – choramingou Lucy. – Está *doendo*.

– Eu sei. Eu sei. Se eu pudesse fazer isso por você, eu faria. Juro.

Ele segurou a mão da mulher nas suas, desejando que um pouco de sua força passasse de alguma forma para ela. A mão dela estava ficando fraca, apertando apenas quando a parteira fazia um movimento particularmente vigoroso.

E então a mão de Lucy perdeu por completo a força.

Gregory parou de respirar. Olhou para a parteira apavorado. Ela ainda estava junto ao pé da cama, seu rosto uma máscara de sombria determinação enquanto trabalhava. Então ela parou, estreitando os olhos enquanto dava um passo atrás. E não disse nada.

Hyacinth ficou paralisada, as toalhas ainda empilhadas em seus braços.

– O quê... o quê...

Mas sua voz não era nem um sussurro, sem forças para concluir seu pensamento.

A parteira estendeu a mão, tocando a cama ensanguentada perto de Lucy.

– Acho que... isso é tudo – disse ela.

Gregory olhou para a mulher, que estava terrivelmente imóvel. Em seguida, virou-se para a parteira. Ele podia ver o peito dela subir e descer, inspirando todo

o ar que não se permitira enquanto estava cuidando de Lucy.

– O que você quer dizer com *isso é tudo*? – perguntou ele, quase sem conseguir fazer as palavras deixarem seus lábios.

– O sangramento parou.

Gregory se virou lentamente de volta para Lucy. O sangramento parou. O que isso queria dizer? Todo sangramento não... acabava parando?

Por que a parteira estava ali parada? Ela não devia estar fazendo alguma coisa? *Ele* não devia estar fazendo alguma coisa? Ou será que Lucy...

Ele se virou de volta para a parteira, sua angústia palpável.

– Ela não está morta – disse a parteira rapidamente. – Pelo menos acho que não.

– Você *acha* que não? – repetiu ele, elevando a voz.

A parteira cambaleou para a frente. Estava coberta de sangue e parecia exausta, mas Gregory não dava a mínima se ela estava prestes a desabar.

– *Faça alguma coisa* – exigiu ele.

A parteira pegou o braço de Lucy e sentiu seu pulso. Então acenou com a cabeça brevemente quando o encontrou, mas em seguida disse:

– Eu fiz tudo o que podia.

– Não – disse Gregory, porque se recusava a acreditar nisso. Havia sempre algo a mais a fazer. – Não – repetiu. – Não!

– Gregory – chamou Hyacinth, tocando seu braço.

Ele a afastou.

– Faça alguma coisa – ordenou ele, dando um passo ameaçador em direção à parteira. – Você tem de fazer alguma coisa.

– Ela perdeu muito sangue – retrucou a parteira, deixando-se cair contra a parede. – Só nos resta esperar. Não tenho como saber como ela vai reagir. Algumas mulheres se recuperam. Outras...

Sua voz foi sumindo. Podia ser porque ela não queria dizer aquilo. Ou pela expressão no rosto de Gregory.

Ele engoliu em seco. Não tinha um gênio muito difícil; sempre fora um homem razoável. Mas o desejo desesperador de atacar alguém, de gritar ou socar as paredes, de encontrar alguma maneira de reunir todo aquele sangue e colocá-lo de volta dentro dela...

Ele mal podia respirar, tal era a força daquela sensação.

Hyacinth se moveu silenciosamente até o seu lado. A mão dela encontrou a dele e, sem pensar, ele entrelaçou os dedos nos dela. Esperou que ela dissesse algo como: *Ela vai ficar bem.* Ou: *Tudo vai ficar bem, basta ter fé.*

Mas ela não disse nada. Aquela era Hyacinth, e ela nunca mentia. Mas estava ali. Graças a Deus, estava ali.

Ela apertou a mão dele, e ele soube que ela ficaria pelo tempo que precisasse.

Ele piscou, olhando para a parteira e tentando encontrar a voz.

– E se... – *Não*. – E *quando* – disse ele, hesitante. – O que fazemos *quando* ela acordar?

A parteira olhou para Hyacinth primeiro, o que, por algum motivo, o irritou.

– Ela vai estar muito fraca – disse ela.

– Mas vai ficar bem? – perguntou ele, praticamente pulando diante das palavras dela.

A parteira olhou para ele com uma expressão horrível. Era algo que beirava a pena. Misturado a tristeza. E resignação.

– É difícil prever – disse ela por fim.

Gregory procurou no rosto dela, desesperado, algo que não fosse superficial ou uma meia resposta.

– Mas o que diabo isso significa?

A parteira olhou para algum lugar que não era bem seus olhos.

– Pode haver uma infecção. Acontece com frequência em casos como esse.

– Por quê?

A parteira piscou.

– Por quê? – perguntou Gregory praticamente rugindo.

Hyacinth apertou a mão em volta da dele.

– Não sei. – A parteira recuou um passo. – Mas acontece.

Gregory se virou de volta para Lucy, incapaz de continuar olhando para a parteira. Ela estava coberta de sangue – do sangue de Lucy –, e talvez não fosse culpa dela... talvez não fosse culpa de ninguém, mas ele não suportava olhar para ela nem por mais um instante.

– O Dr. Jarvis tem que voltar – disse ele em voz baixa, pegando a mão inerte de Lucy.

– Vou cuidar disso – falou Hyacinth. – E vou mandar alguém vir trocar os lençóis.

Gregory não ergueu os olhos.

– Eu também vou embora – disse a parteira.

Ele não respondeu. Ouviu o som de pés se movendo pelo chão, seguido do clique suave da porta se fechando, mas manteve o olhar no rosto de Lucy o tempo todo.

– Lucy – sussurrou ele, tentando forçar a voz em um tom de provocação. – La, la, la, Lucy.

Era um refrão bobo que sua filha Hermione tinha criado aos 4 anos. – La, la, la, Lucy.

Gregory olhou com atenção o rosto dela. Lucy acabara de sorrir? Ele pensou ter visto sua expressão mudar um pouco.

– La, la, la, Lucy. – Sua voz tremia, mas ele continuou. – La, la, la, Lucy.

Ele se sentia um idiota. *Parecia* um idiota, mas não fazia ideia do que dizer além daquilo. Não costumava ficar sem palavras. Certamente não com Lucy. Mas agora... o que se dizia em um momento como aquele?

Então ficou lá sentado. E continuou pelo que pareceram horas. Ficou e tentou se lembrar de respirar. Ficou e cobriu a boca toda vez que sentiu um enorme soluço vindo, sufocando-o, porque não queria ouvi-lo. Ficou ali tentando desesperadamente não pensar em como seria sua vida sem ela.

Ela era todo o seu mundo. Depois, tiveram filhos, e ela já não era tudo para ele, mas, ainda assim, estava no centro de tudo. Era o sol. Seu sol, em torno do qual tudo de importante girava.

Lucy. Ela era a garota que ele não percebera que adorava até ser quase tarde demais. Era tão perfeita, tão absolutamente sua metade que ele quase não a notara. Esperava por um amor cheio de paixão e drama e não lhe ocorrera que o verdadeiro amor podia ser algo totalmente confortável e fácil.

Com Lucy, podia ficar sentado por horas sem dizer uma palavra. Ou podiam tagarelar como gralhas. Ele podia dizer algo estúpido e não se importar. Podia fazer amor com ela a noite toda ou passar várias semanas simplesmente aconchegado ao seu lado à noite.

Não importava. Nada disso importava, porque eles dois *sabiam.*

– Não posso fazer isso sem você – ele deixou escapar. Maldição, tinha passado uma hora sem dizer nada e essa era a primeira coisa que dizia? – Quero

dizer, posso, porque teria que fazer isso, mas seria horrível e, sinceramente, eu não faria um bom trabalho. Sou um bom pai, mas só porque você é tão boa mãe.

Se ela morresse...

Ele fechou os olhos com força, tentando expulsar aquele pensamento. Vinha se esforçando tanto para manter essas três palavras longe de sua mente.

Três palavras. "Três palavras" deveria significar *eu amo você*. E não...

Respirou fundo, estremecendo. Tinha de parar de pensar dessa maneira.

A janela tinha sido ligeiramente aberta para deixar entrar a brisa, e Gregory ouviu um grito alegre vindo do lado de fora. Um de seus filhos – um dos garotos ao que parecia. Fazia sol, e ele imaginou que estavam brincando de correr no gramado.

Lucy adorava vê-los correr do lado de fora. Adorava correr com eles também, mesmo quando estava tão grávida que se movia como um pato.

– Lucy – sussurrou ele, tentando manter a voz firme. – Não me deixe. Por favor, não me deixe. Eles precisam mais de você – desabafou, mudando de posição para segurar a mão dela entre as suas. – As crianças. Elas precisam mais de *você*. Sei que você sabe disso. Você nunca diria isso, mas sabe. E *eu* preciso de você. Acho que sabe disso também.

Ela não respondeu. Não se mexeu.

Mas respirava. Pelo menos, com a graça de Deus, respirava.

– Pai?

Gregory levou um susto ao ouvir a voz da filha mais velha e se virou rapidamente, desesperado por um instante para se recompor.

– Fui ver as bebês – disse Katharine ao entrar no quarto. – Tia Hyacinth disse que eu podia.

Ele balançou a cabeça, não confiando em si mesmo para falar.

– Um amor – continuou Katharine. – As bebês, quero dizer. Não tia Hyacinth.

Para seu completo choque, Gregory sentiu que sorria.

– Não, ninguém chamaria tia Hyacinth de "um amor" – falou.

– Mas eu a amo – disse Katharine rapidamente.

– Eu sei – respondeu ele, finalmente se virando para olhar para ela. Sempre leal, sua Katharine. – Eu também.

Katharine deu alguns passos à frente, parando perto do pé da cama.

– Por que mamãe ainda está dormindo?

Ele engoliu em seco.

– Bem, ela está muito cansada, querida. É preciso muita energia para se ter um bebê. Dois, nesse caso.

Katharine assentiu, mas ele não tinha certeza se ela acreditava nele. Ela olhava para a mãe com a testa franzida – não exatamente preocupada, mas muito, muito curiosa.

– Ela está pálida – disse ela finalmente.

– Você acha? – indagou Gregory.

– Está branca como um papel.

Ele achava o mesmo, mas tentava não parecer preocupado, então se limitou a dizer:

– Talvez um pouco mais pálida do que de costume.

Katharine olhou para ele por um momento, em seguida sentou-se na cadeira ao seu lado. Ela estava bem aprumada, as mãos cruzadas elegantemente no colo, e Gregory não podia deixar de se maravilhar com o milagre que ela era. Quase doze anos antes, Katharine Hazel Bridgerton tinha vindo ao mundo e ele se tornara pai. Essa era sua verdadeira vocação, percebera no instante em que ela fora colocada em seus braços. Ele era o filho caçula; não teria um título e não levava jeito para as forças armadas ou o clero. Sua missão na vida era ser um fidalgo rural.

E pai.

Quando olhou para a bebê Katharine, os olhos dela ainda com aquele tom de cinza-escuro igual ao de todos os seus filhos quando pequenos, ele soube. Por que estava ali, a que estava destinado... foi então que soube. Existia para guiar aquela milagrosa pequena criatura até a vida adulta, para protegê-la e cuidar dela.

Adorava todos os seus filhos, mas sempre teria um vínculo especial com Katharine, porque fora ela que lhe ensinara quem ele devia ser.

– Os outros querem vê-la – disse ela, observando o pé direito enquanto o balançava para a frente e para trás.

– Ela ainda precisa descansar, querida.

– Eu sei.

Gregory esperou que a filha continuasse. Ela não estava dizendo o que realmente pensava. Ele tinha a sensação de que era Katharine que queria ver a mãe. Queria sentar-se na beirada da cama e rir e gargalhar e, em seguida, explicar cada detalhe da caminhada de observação da natureza que fizera com sua professora.

Os outros – os menores – provavelmente não tinham percebido nada.

Mas Katharine sempre fora bastante ligada a Lucy. Elas eram muito parecidas. Não fisicamente; Katharine tinha uma semelhança impressionante com a cunhada de Gregory de mesmo nome, a atual viscondessa de Bridgerton. Isso não fazia o menor sentido, já que as duas não eram parentes de sangue, mas as duas Katharines tinham o mesmo cabelo escuro e o mesmo rosto oval. Os olhos não eram da mesma cor, mas o formato era idêntico.

Por dentro, no entanto, Katharine – *sua* Katharine – era igual a Lucy. Adorava a ordem. Precisava ver o padrão nas coisas. Se pudesse contar à mãe sobre a caminhada do dia anterior, começaria pelas flores que tinham visto. Não se lembraria de todas, mas com certeza saberia quantas havia de cada cor. E Gregory não ficaria surpreso se a professora o procurasse depois e dissesse que Katharine insistira para que caminhassem um pouco mais a fim de que o número de flores rosa se igualasse ao de amarelas.

Equidade em todas as coisas, essa era a sua Katharine.

– Mimsy disse que as bebês vão receber os nomes da tia Eloise e da tia Francesca – disse Katharine, depois de balançar o pé 32 vezes.

(Ele tinha contado. Gregory não podia acreditar que tinha contado. Estava ficando mais parecido com Lucy a cada dia.)

– Como de costume, Mimsy está certa – respondeu ele.

Mimsy era a babá e enfermeira das crianças, e candidata a canonização, se é que ele já tinha conhecido alguma.

– Ela não sabia quais vão ser os nomes do meio.

Gregory franziu a testa.

– Acho que ainda não tivemos oportunidade de pensar sobre isso.

Katharine lançou a ele um perturbador olhar direto.

– Antes de a mamãe precisar descansar?

– Hã, sim – respondeu Gregory, seu olhar fugindo do dela.

Ele não estava orgulhoso de desviar o olhar, mas era a sua única opção se não queria chorar diante da filha.

– Acho que uma delas devia se chamar Hyacinth – anunciou Katharine.

Ele assentiu.

– Eloise Hyacinth ou Francesca Hyacinth?

Katharine pressionou os lábios, pensando, então disse com firmeza:

– Francesca Hyacinth. Tem um lindo som. Embora...

Gregory esperou que ela completasse seu pensamento, e então, quando ela demorou a falar, disse:

– Embora...?

– Seja *meio* floreado.

– Não sei como se pode evitar isso com um nome como Hyacinth.

– Verdade – disse Katharine, pensativa –, mas e se ela não for doce e delicada?

– Como a sua tia Hyacinth? – murmurou ele.

Algumas coisas imploravam por serem ditas.

– Ela é bastante impetuosa – disse Katharine, sem um pingo de sarcasmo.

– Impetuosa ou temível?

– Ah, só impetuosa. Tia Hyacinth não é nem um pouco temível.

– Não diga isso a *ela*.

Katharine piscou sem entender.

– Você acha que ela quer ser temível?

– *E* impetuosa.

– Que estranho – murmurou ela. Então levantou a cabeça com olhos especialmente brilhantes. – Acho que tia Hyacinth vai adorar se uma das bebês tiver o nome dela.

Gregory sentiu que sorria. Um sorriso de verdade, não só algo para fazer com que sua filha se sentisse segura.

– Sim, ela vai – disse, calmamente.

– Ela provavelmente achou que isso não ia acontecer – continuou Katharine –, já que você e a mamãe seguiram a ordem. Todos sabíamos que o nome seria Eloise se fosse uma menina.

– E quem teria esperado gêmeas?

– Mesmo assim ainda teria tia Francesca na frente – disse Katharine. – Mamãe teria que ter tido trigêmeos para uma receber o nome de tia Hyacinth.

Trigêmeos. Gregory não era católico, mas era difícil conter o desejo de se benzer.

– E todos os bebês teriam de ser meninas – acrescentou Katharine –, o que parece uma improbabilidade matemática.

– De fato – murmurou ele.

Ela sorriu. E ele sorriu. Então eles se deram as mãos.

– Eu estava pensando... – começou Katharine.

– Sim, querida?

– Se Francesca vai ser Francesca Hyacinth, então Eloise deveria ser Eloise Lucy. Porque mamãe é a melhor mãe do mundo.

Gregory lutou contra o bolo que subia em sua garganta.

– Sim, ela é – disse ele com a voz rouca.

– Eu acho que mamãe ia gostar disso – sugeriu Katharine. – O senhor não acha?

De alguma forma, ele conseguiu fazer que sim.

– Ela provavelmente ia dizer que deveríamos escolher o nome de outra pessoa para dar à bebê. Ela é muito generosa.

– Eu sei. É por isso que temos que fazer isso enquanto ela ainda está dormindo. Antes que ela tenha a chance de discutir. Porque ela vai, o senhor sabe.

Gregory riu.

– Ela vai dizer que não deveríamos ter feito isso, mas, no fundo, vai adorar – disse Katharine.

Gregory sentiu outro bolo na garganta, mas esse, felizmente, nascia do amor paternal.

– Acho que você está certa.

Katharine sorriu, radiante.

Ele bagunçou o cabelo dela. Logo ela estaria muito grande para essas brincadeiras e lhe diria para não desmanchar seu penteado. Mas, por enquanto, aproveitava para bagunçar seu cabelo tanto quanto podia. Ele sorriu para a filha.

– Como você conhece a sua mãe tão bem?

Ela olhou para ele com uma expressão indulgente. Já tinham tido aquela conversa antes.

– É porque eu sou exatamente como ela.

– Isso mesmo – concordou ele. Ficaram de mãos dadas por mais alguns instantes até que algo lhe ocorreu. – Lucy ou Lucinda?

– Ah, Lucy – disse Katharine, sabendo imediatamente do que ele estava falando. – Ela não é *de fato* uma Lucinda.

Gregory suspirou e olhou para a mulher, ainda dormindo em sua cama.

– Não, não é – disse ele em voz baixa.

Então sentiu a mão da filha deslizar para a sua, pequena e quente.

– La, la, la, Lucy – falou Katharine, e ele pôde ouvir um sorriso discreto em sua voz.

– La, la, la, Lucy – repetiu ele.

E, surpreendentemente, ouviu um sorriso na própria voz também.

Poucas horas depois, o Dr. Jarvis voltou, cansado e amarfanhado depois de fazer outro parto no vilarejo. Gregory conhecia bem o médico; Peter Jarvis tinha acabado de se formar quando Gregory e Lucy decidiram fixar residência perto de Winkfield e era o médico da família desde então. Ele e Gregory eram quase da mesma idade e tinham jantado várias vezes juntos ao longo dos anos. A Sra. Jarvis também era uma boa amiga de Lucy, e seus filhos brincavam juntos muitas vezes.

Em todos os anos de amizade, porém, Gregory nunca tinha visto aquela expressão no rosto de Peter. Os lábios estavam contraídos nos cantos, e ele não fez nenhuma das brincadeiras habituais antes de examinar Lucy.

Hyacinth estava lá também, depois de ter insistido que Lucy precisava do apoio de outra mulher no quarto.

– Como se qualquer um de vocês pudesse entender os rigores do parto – comentara ela, com algum desdém.

Gregory não dissera uma palavra. Tinha acabado de chegar para o lado a fim de permitir que a irmã entrasse. Havia algo reconfortante em sua presença

decidida. Ou talvez inspirador. Hyacinth era tão forte que quase dava para acreditar que ela poderia *forçar* Lucy a se curar.

Os dois ficaram afastados enquanto o médico sentia a pulsação de Lucy e ouvia seu coração. E então, para total espanto de Gregory, Peter agarrou-a bruscamente pelo ombro e começou a sacudi-la.

– O que você está fazendo? – gritou Gregory, saltando para a frente para intervir.

– Acordando a sua mulher– disse Peter resolutamente.

– Mas ela não precisa descansar?

– É mais importante que ela acorde.

– Mas...

Gregory não sabia exatamente contra o que estava protestando e a verdade era que não importava, porque, quando Peter o interrompeu, foi para dizer:

– Pelo amor de Deus, Bridgerton, precisamos saber que ela *pode* acordar. – Ele a balançou novamente e, dessa vez, disse em voz alta: – Lady Lucinda! Lady Lucinda!

– Ela não é uma Lucinda – Gregory se ouviu dizer, e então se aproximou e chamou: – Lucy? Lucy?

Ela mudou de posição, resmungando algo em seu sono.

Gregory olhou atentamente para Peter, todas as perguntas do mundo em seus olhos.

– Veja se consegue fazê-la responder – disse Peter.

– Deixe-me tentar – interveio Hyacinth decididamente.

Gregory viu quando ela se curvou e disse algo no ouvido de Lucy.

– O que você está dizendo? – perguntou ele.

Hyacinth balançou a cabeça.

– Você não quer saber.

– Ah, pelo amor de Deus – murmurou ele, empurrando-a para o lado. Ele pegou a mão de Lucy e apertou-a com mais força do que tinha feito antes. – Lucy! Quantos degraus existem na escada dos fundos da cozinha até o primeiro andar?

Ela não abriu os olhos, mas fez um som que ele pensou que parecia com...

– Você disse dezessete? – perguntou ele.

Ela bufou e dessa vez ele a ouviu claramente.

– Dezesseis.

– Ah, graças a Deus. – Gregory soltou a mão dela e desabou na cadeira ao lado da cama. – Viram só? – disse ele. – Viram só? Ela está bem. Ela vai ficar bem.

– Gregory... – começou Peter, mas sua voz não era tranquilizadora.

– Você me disse que tínhamos de acordá-la.

– Nós conseguimos – disse Peter, sério. – E isso foi um ótimo sinal. Mas não significa...

– Não diga isso – pediu Gregory, em voz baixa.

– Mas você deve...

– Não diga isso!

Peter ficou em silêncio. Continuou lá parado, olhando para ele com uma expressão horrível. Era piedade, compaixão, pesar e nada que quisesse ver no rosto de um médico.

Gregory desmoronou. Tinha feito o que lhe pediram. Tinha acordado Lucy, mesmo que só por um instante. Ela estava dormindo de novo, agora curvada de lado, virada na outra direção.

– Eu fiz o que você pediu – disse Gregory em voz baixa. Então olhou de volta para Peter. – Eu fiz o que você pediu – repetiu, desta vez com mais severidade.

– Eu sei e não posso lhe dizer como é reconfortante o fato de ela ter falado – retrucou Peter gentilmente. – Mas não podemos encarar isso como uma garantia.

Gregory tentou falar, mas sua garganta estava se fechando. Aquela horrível sensação sufocante tomava conta dele de novo e tudo o que conseguia fazer era respirar. Se pudesse apenas respirar e nada mais, talvez conseguisse não chorar na frente do amigo.

– O corpo precisa recuperar as forças depois de uma hemorragia – explicou Peter. – Ela pode dormir por um tempo ainda. E pode... – Ele limpou a garganta. – E pode não acordar novamente.

– É claro que ela vai acordar – disse Hyacinth categoricamente. – Ela já fez isso uma vez, pode fazer de novo.

O médico olhou para ela rapidamente, antes de voltar a atenção outra vez para Gregory.

– Se tudo correr bem, acho que podemos esperar uma recuperação bem normal. Pode levar algum tempo – alertou ele. – Não tenho como saber exatamente quanto sangue ela perdeu. Pode levar meses para o corpo reconstituir os fluidos necessários.

Gregory balançou a cabeça lentamente.

– Ela estará fraca. Acho que vai precisar ficar de cama por pelo menos um mês.

– Ela não vai gostar disso.

Peter pigarreou sem jeito.

– Pode mandar alguém me chamar caso haja alguma mudança?

Gregory assentiu silenciosamente.

– Não – disse Hyacinth, dando um passo à frente para barrar a porta. – Eu tenho mais perguntas.

– Sinto muito – falou o médico em voz baixa. – Eu não tenho mais respostas.

E nem mesmo Hyacinth podia argumentar contra isso.

Quando a manhã chegou, radiante e insondavelmente animadora, Gregory acordou no quarto em que Lucy estava acamada, ainda na cadeira ao lado do leito. Ela dormia, mas estava inquieta, fazendo seus barulhos sonolentos de costume enquanto mudava de posição. E então, surpreendentemente, ela abriu os olhos.

– Lucy? – Gregory agarrou sua mão, então teve de se forçar para segurá-la mais de leve.

– Estou com sede – disse ela com a voz fraca.

Ele balançou a cabeça e correu para pegar um copo d’água.

– Você me deixou tão... Eu não...

Mas ele não conseguiu dizer mais nada. Sua voz se perdeu e tudo o que saiu foi um soluço doloroso. Ele ficou paralisado, de costas para ela, enquanto tentava recuperar a compostura. A mão tremia, a água salpicando sua manga.

Ouviu Lucy tentar dizer seu nome e sabia que precisava se acalmar. Fora *ela* que quase morrera; não podia desmoronar enquanto ela precisava dele.

Gregory respirou fundo. Depois mais uma vez.

– Aqui está – disse ele, tentando manter a voz alegre quando se virou.

Levou o copo para ela, então imediatamente percebeu seu erro. Ela estava fraca demais para segurar o copo, que dirá para conseguir se sentar.

Ele o pousou em uma mesa próxima, em seguida passou os braços em volta dela em um abraço carinhoso para ajudá-la a se sentar.

– Deixe-me arrumar os travesseiros – murmurou, mudando-os de lugar e afofando-os até estar convencido de que ela tinha o apoio adequado.

Então levou o copo aos lábios dela e o virou quase nada. Lucy bebeu um pouco, depois se recostou, respirando com dificuldade por causa do esforço.

Gregory a observou em silêncio. Não achava que ela havia conseguido beber mais do que algumas gotas.

– Você devia beber mais – disse ele.

Ela assentiu, quase imperceptivelmente, então disse:

– Em um instante.

– Seria mais fácil com uma colher?

Ela fechou os olhos e acenou com a cabeça bem fracamente mais uma vez.

Ele olhou ao redor do quarto. Alguém lhe trouxera chá na noite anterior e ainda não tinham ido recolher. Provavelmente não quiseram perturbá-lo. Gregory concluiu que diligência era mais importante do que limpeza e pegou a colher do açucareiro. Então pensou que provavelmente um pouco de açúcar lhe faria bem e levou tudo.

– Aqui está – murmurou, dando-lhe uma colher de água. – Quer um pouco de açúcar também?

Ela assentiu e então ele colocou um pouco em sua língua.

– O que aconteceu? – perguntou ela.

Ele olhou para ela em choque.

– Você não sabe?

Ela piscou algumas vezes.

– Eu estava sangrando?

– Bastante – desabafou ele.

Não podia entrar em detalhes. Não queria descrever a perda de sangue que tinha presenciado. Não queria que ela soubesse e, para ser sincero, ele mesmo queria esquecer.

Ela franziu a testa e virou a cabeça de lado. Depois de alguns instantes, Gregory percebeu que ela estava tentando olhar para o pé da cama.

– Nós limpamos – disse ele, os lábios se abrindo em um pequeno sorriso.

Aquilo era tão a cara de Lucy, certificar-se de que estava tudo em ordem.

Ela acenou de leve a cabeça. Então disse:

– Estou cansada.

– O Dr. Jarvis disse que você vai ficar fraca por vários meses. Acho que vai ficar de cama por algum tempo.

Ela deixou escapar um gemido, mas mesmo o gemido saiu fraco.

– Odeio ficar de repouso na cama.

Ele sorriu. Lucy gostava de ação; sempre fora assim. Gostava de consertar coisas, fazer coisas, deixar todos felizes. A inatividade quase a matava.

Uma metáfora ruim. Mas ainda assim.

Ele se inclinou em direção a ela com ar sério.

– Você vai ficar na cama nem que eu tenha de amarrá-la.

– Você não faz o tipo – disse ela, movendo ligeiramente o queixo.

Ele achou que ela tentava exibir uma expressão despreocupada, mas ser insolente parecia demandar energia. Ela fechou os olhos novamente, soltando um suspiro suave.

– Já fiz isso uma vez – disse ele.

Ela deixou escapar um som engraçado que ele achou que pudesse ser mesmo uma risada.

– Fez, não foi?

Ele se curvou e beijou-a suavemente nos lábios.

– Eu salvei o dia.

– Você sempre salva o dia.

– Não. – Ele engoliu em seco. – É você quem salva.

Os olhos deles se encontraram e havia ali algo forte e profundo. Gregory sentiu uma dor por dentro e por um momento teve certeza de que ia chorar outra vez. Mas então, justamente quando sentiu que começava a desmoronar, ela deu de ombros e disse:

– Eu não posso me mover agora, de qualquer maneira.

O equilíbrio dele se restaurou um pouco e ele se levantou para ver se havia sobrado algum biscoito na bandeja de chá.

– Lembre-se disso em uma semana.

Ele não tinha dúvidas de que ela ia tentar sair da cama muito antes do recomendado.

– Onde estão as bebês?

Gregory fez uma pausa, então se virou.

– Eu não sei – respondeu ele lentamente. Santo Deus, tinha esquecido por completo. – No quarto das crianças, imagino. As duas são perfeitas. Rosadas e barulhentas e tudo o que deveriam ser.

Lucy sorriu de leve e deixou escapar outro som cansado.

– Posso vê-las?

– É claro. Vou mandar alguém buscá-las imediatamente.

– Mas não traga os outros – disse Lucy, os olhos se enevoando. – Não quero que me vejam assim.

– Acho que você está linda – retrucou ele. Então se aproximou e se sentou na beirada da cama. – Acho que você deve ser a coisa mais linda que eu já vi.

– Pare – disse ela, uma vez que nunca fora muito boa em receber elogios. Mas ele viu os lábios dela tremerem um pouco, oscilando entre um sorriso e um soluço.

– Katharine esteve aqui ontem – disse ele.

Os olhos dela se abriram.

– Não, não, não se preocupe – acrescentou ele rapidamente. – Eu disse a ela que você só estava dormindo. Que é o que estava fazendo. Ela não está preocupada.

– Tem certeza?

Ele assentiu.

– Ela chamou você de La, la, la, Lucy.

Lucy sorriu.

– Ela é maravilhosa.

– É igualzinha a você.

– Não é por isso que ela é marav...

– É exatamente por isso – interrompeu ele com um sorriso. – E quase me esqueci de lhe dizer. Ela escolheu os nomes das bebês.

– Achei que você tivesse escolhido.

– Escolhi. Aqui, tome mais água. – Ele parou por um instante para ajudá-la a beber um pouco mais. Distração seria a chave, concluiu. Um pouco aqui, um pouco ali, e ela acabaria tomando um copo inteiro. – Katharine pensou nos segundos nomes. Francesca Hyacinth e Eloise Lucy.

– Eloise...?

– Lucy – completou ele. – Eloise Lucy. Não é lindo?

Para sua surpresa, ela não protestou. Apenas assentiu, o movimento quase imperceptível, os olhos cheios de lágrimas.

– Ela disse que era porque você é a melhor mãe do mundo – acrescentou ele carinhosamente.

Então ela chorou, grandes lágrimas silenciosas rolando de seus olhos.

– Quer que eu traga as bebês agora? – perguntou ele.

Ela fez que sim.

– Por favor. E... – Lucy fez uma pausa, e Gregory notou quando ela engoliu em seco. – E traga os outros também.

– Tem certeza?

Ela assentiu novamente.

– Se me ajudar a me sentar um pouco mais ereta, acho que posso aguentar alguns abraços e beijos.

As lágrimas, aquelas que ele vinha tentando tanto conter, escorreram de seus olhos.

– Não consigo pensar em nenhuma outra coisa que possa ajudá-la a melhorar mais rápido.

Ele caminhou até a porta, em seguida se virou com a mão na maçaneta.

– Eu amo você, La, la, la, Lucy.

– Também amo você.

Gregory devia ter dito às crianças para se comportarem com decoro extra, concluiu Lucy, porque, quando entraram no quarto (adoravelmente do mais velho para o mais novo, os topos das cabeças formando uma linda escadinha), fizeram isso com calma, encostando-se lado a lado contra a parede, as mãos entrelaçadas de forma doce à sua frente.

Lucy não fazia ideia de quem eram *aquelas* crianças. *Seus* filhos nunca tinham ficado tão quietos.

– Estou muito sozinha aqui – disse ela.

E todos teriam pulado correndo na cama se Gregory não tivesse saltado em direção ao bando com um contundente:

– Devagar!

Embora, pensando melhor, não tivesse sido tanto sua ordem que conseguira conter o caos, mas seus braços, que impediram que pelo menos três crianças se atirassem no colchão.

– Mimsy não me deixa ver os bebês – resmungou Ben, de 4 anos.

– É porque você não toma banho há um mês – retorquiu Anthony, quase exatamente dois anos mais velho.

– Como isso é possível? – perguntou Gregory em voz alta.

– Ele é muito sorrateiro – informou Daphne.

Mas ela tentava abrir caminho para se aproximar de Lucy e suas palavras foram abafadas.

– Como alguém pode ser sorrateiro com um fedor como esse? – perguntou Hermione.

– Eu rolo nas flores todos os dias – disse Ben de maneira travessa.

Lucy parou por um instante, então concluiu que talvez fosse melhor não pensar muito no que o filho tinha acabado de dizer.

– Hã, que flores são essas?

– Bem, não a roseira – disse ele, parecendo não acreditar que ela havia perguntado.

Daphne se inclinou para perto dele e inspirou suavemente.

– Peônias – anunciou.

– Não dá para saber só de cheirá-lo – disse Hermione, indignada.

Havia apenas um ano e meio de diferença entre as meninas e, quando elas não estavam sussurrando segredos, brigavam como...

Bem, brigavam como Bridgertons, na verdade.

– Tenho um olfato muito bom – disse Daphne.

E ergueu os olhos, esperando que alguém confirmasse.

– O cheiro das peônias é bem peculiar – confirmou Katharine.

Ela estava sentada ao pé da cama com Richard. Lucy se perguntou quando os dois tinham decidido que eram velhos demais para se aglomerarem junto aos travesseiros. Estavam crescendo tanto, todos eles... Mesmo o pequeno Colin não parecia mais um bebê.

– Mamãe? – disse ele tristemente.

– Venha aqui, querido – murmurou ela, estendendo a mão para ele.

Ele era uma bolinha, as bochechas gorduchas e os joelhos vacilantes, e ela realmente achara que seria o último. Mas agora tinha mais duas, embrulhadas em seus berços, preparando-se para crescer e se identificar com seus nomes.

Eloise Lucy e Francesca Hyacinth. As duas tinham homônimas e tanto.

– Eu amo você, mamãe – disse Colin, o rostinho carinhoso encontrando a curva do pescoço dela.

– Eu também amo você – conseguiu dizer Lucy. – Amo todos vocês.

– Quando você vai sair da cama? – perguntou Ben.

– Ainda não tenho certeza. Continuo terrivelmente cansada. Pode levar algumas semanas.

– Algumas *semanas*? – repetiu ele, claramente horrorizado.

– Vamos ver – murmurou ela. Então sorriu. – Já estou me sentindo bem melhor.

E estava. Ainda estava cansada, mais do que podia se lembrar de já ter estado. Os braços pesavam e as pernas pareciam troncos, mas o coração estava leve e melodioso.

– Eu amo todo mundo – anunciou ela de repente. – Você – disse ela a Katharine –, e você, e você, e você, e você, e você, e você. E as duas bebês no quarto das crianças também.

– Você ainda nem as conhece – ressaltou Hermione.

– Sei que as amo. – Ela olhou para Gregory. Ele estava de pé ao lado da porta, onde nenhuma das crianças o veria. Lágrimas corriam pelo seu rosto. – E sei que amo você – acrescentou baixinho.

Ele balançou a cabeça, em seguida enxugou o rosto com as costas da mão.

– A mãe de vocês precisa descansar – disse ele, e Lucy se perguntou se as crianças tinham notado sua voz embargada.

Mas, se notaram, não disseram nada. Resmungaram um pouco, mas saíram ordenamente com quase o mesmo decoro com que tinham entrado. Gregory foi o

último, enfiando a cabeça de volta no quarto antes de fechar a porta.

– Voltarei em breve – disse ele.

Ela assentiu, em seguida afundou de volta na cama.

– Eu amo todo mundo – repetiu, gostando da maneira como as palavras a faziam sorrir. – Eu amo todo mundo.

E era verdade. Ela amava.

23 de junho de 1840
Cutbank Manor
Nr Winkfield, Berks.

Querido Gareth,

Ainda estou em Berkshire. A chegada das gêmeas foi bastante dramática, e Lucy deve ficar na cama por pelo menos um mês. Meu irmão diz que consegue cuidar de tudo sem mim, mas é uma mentira tão grande que chega a ser risível. Lucy me implorou para ficar – quando ele não podia ouvir, é claro; deve-se sempre levar em conta os frágeis sentimentos dos machos da nossa espécie. (Sei que vai concordar comigo; até mesmo você deve admitir que as mulheres são muito mais úteis para alguém acamado.)

Foi muito bom que eu estivesse aqui. Não tenho certeza se ela teria sobrevivido ao parto sem mim. Perdeu uma quantidade enorme de sangue e houve momentos em que não tínhamos certeza se recuperaria a consciência. Assumi a responsabilidade de dizer a ela, em particular, algumas palavras severas. Não me lembro do que disse exatamente, mas posso ter ameaçado mutilá-la. Posso ainda ter dado ênfase à ameaça, acrescentando: “Você sabe que sou capaz.”

Eu falava, é claro, supondo que ela estava fraca demais para perceber a contradição essencial da declaração – se não acordasse, não adiantaria muito mutilá-la.

Você está rindo de mim agora, tenho certeza. Mas ela lançou um olhar desconfiado na minha direção quando despertou. E sussurrou um sincero “Obrigada”.

Então vou ficar um pouco mais por aqui. Sinto terrivelmente sua falta. São momentos como esses que nos fazem lembrar do que é verdadeiramente importante. Lucy anunciou recentemente que ama todos. Acho que nós dois sabemos que eu nunca terei paciência para isso, mas com certeza amo você. E a amo. E amo Isabella e George. E Gregory. E várias pessoas, na verdade.

Sou realmente uma mulher de sorte.

Sua amorosa esposa,
Hyacinth

O florescer de Violet

Romances românticos, por definição, se resolvem perfeitamente. O herói e a heroína juram seu amor e fica claro que esse final feliz vai durar para sempre. Isso significa, no entanto, que um autor não pode escrever uma verdadeira continuação; se eu trouxesse de volta o mesmo herói e a mesma heroína de um livro anterior, teria de comprometer seu final feliz antes de lhes assegurar outro.

Então séries de romance são na verdade coleções de *spin-offs*, com personagens secundários retornando para estrelar seus próprios romances e protagonistas anteriores aparecendo ocasionalmente quando necessário. Raramente um autor tem a chance de ver um personagem crescer ao longo de vários livros.

Foi isso que tornou Violet Bridgerton tão especial. Quando ela apareceu pela primeira vez em *O duque e eu*, era uma mãe padrão bastante bidimensional. Mas, ao longo de oito livros, tornou-se muito mais. A cada romance dos Bridgertons, algo novo era revelado e, quando terminei *A caminho do altar*, ela havia se tornado meu personagem preferido da série. Os leitores pediam que eu escrevesse um final feliz para Violet, mas eu não consegui. Sinceramente, não consegui – realmente não acho que seria capaz de criar um herói bom o suficiente

para ela. Mas também queria saber mais sobre Violet e foi com muito amor que escrevi *O florescer de Violet*. Espero que gostem.

O FLORESCER DE VIOLET:

Um conto

Surrey, Inglaterra
1774

– Violet Elizabeth! Mas o que você pensa que está fazendo?

Ao som da voz indignada de sua professora, Violet Ledger parou, pesando suas opções. Não parecia haver muita chance de alegar completa inocência; tinha sido pega em flagrante, afinal.

Literalmente, com a mão na massa. Ela segurava uma torta de amora incrivelmente cheirosa e o recheio ainda quente começava a se derramar pela borda da forma.

– Violet... – veio a voz séria da Srta. Fernburst.

Ela *poderia* dizer que estava com fome. A Srta. Fernburst sabia bem que Violet era louca por doces. Não era completamente impossível ela querer fugir com uma torta inteira para comer...

Para onde? Violet pensou rapidamente. Para onde alguém *iria* com uma torta inteira de amoras? Não de volta para seu quarto; ela nunca conseguiria esconder a evidência. A Srta. Fernburst jamais acreditaria que Violet fosse burra o suficiente para fazer isso.

Não, se fosse roubar uma torta para comer, iria lá para fora. E era precisamente para onde estava indo. Embora não exatamente para comer uma torta.

Ainda podia transformar essa mentira em verdade.

– Gostaria de um pouco de torta, Srta. Fernburst? – perguntou Violet com doçura.

Ela sorriu e piscou, bem consciente de que, apesar de seus 8 anos e meio, não parecia ter mais do que 6. Na maior parte das vezes, achava isso irritante – afinal, ninguém gostava de ser visto como um bebê. Mas não era orgulhosa demais para não usar sua pequena estatura a seu favor quando a situação justificava.

– Vou fazer um piquenique – acrescentou Violet, para esclarecer.

– Com quem? – perguntou a Srta. Fernburst, desconfiada.

– Ah, com as minhas bonecas. Mette, Sonia, Francesca, Fiona Marie e... – Violet desfiou uma lista de nomes, inventando-os na hora.

Tinha mesmo uma quantidade absurda de bonecas. Por ser a única criança de sua geração – apesar de ter vários tios e tias –, ela era coberta de presentes regularmente. Alguém estava sempre indo visitá-los em Surrey – a proximidade com Londres era conveniente demais para alguém resistir – e parecia que bonecas eram o presente da moda.

Violet sorriu. A Srta. Fernburst teria se orgulhado dela, pensando assim em francês. Era realmente uma pena que não houvesse nenhuma maneira de mostrar isso.

– Srta. Violet – disse a Srta. Fernburst com firmeza –, leve essa torta de volta para a cozinha agora.

– Toda?

– É claro que deve levar toda a torta de volta – retrucou a Srta. Fernburst em um tom exasperado. – Nem sequer tem um talher para cortar um pedaço. Ou para comê-la.

Era verdade. Mas o que Violet planejara fazer com a torta não exigia nenhum tipo de talher. Como já estava metida naquilo até o pescoço, se enrolou ainda mais, respondendo:

– Não consegui carregar tudo. Eu planejava voltar para pegar uma colher.

– E deixar a torta no jardim para os corvos atacarem?

– Bem, eu não tinha pensado nisso.

– Não tinha pensado no quê? – disse uma voz forte e retumbante que só podia ser do seu pai. O Sr. Ledger se aproximou. – Violet, mas que diabo você

está fazendo na sala de visitas com uma torta?

– É exatamente o que estou tentando descobrir – falou a Srta. Fernburst com severidade.

– Bem... – protelou Violet, tentando não olhar ansiosamente para as portas francesas que levavam ao gramado.

Estava perdida agora. Nunca conseguira mentir para o pai. Ele via através de tudo. Ela não sabia como ele fazia isso; devia ser algo nos olhos dela.

– Ela disse que estava planejando um piquenique no jardim com as bonecas – relatou a Srta. Fernburst.

– Não diga.

Não era uma pergunta, mas uma afirmação. Seu pai a conhecia muito bem.

Violet acenou com a cabeça. Bem, acenou de leve. Ou talvez estivesse mais para um menear do queixo.

– Porque você sempre dá comida de verdade para os seus brinquedos – continuou o pai.

Ela não disse nada.

– Violet, o que você planejava fazer com essa torta? – perguntou ele com ar sério.

– Hã...

Seus olhos não conseguiam deixar um ponto no chão cerca de dois metros à esquerda.

– *Violet?*

– Era para ser só uma pequena armadilha – murmurou ela.

– Uma pequena o quê?

– Uma armadilha. Para aquele garoto dos Bridgertons.

– Para...

O pai riu. Ela podia ver que não tinha sido sua intenção, e depois de ele cobrir a boca com uma das mãos e tossir, seu rosto voltou a ficar sério.

– Ele é horrível – disse ela, antes que ele pudesse repreendê-la.

– Ah, ele não é tão ruim.

– Ele é terrível, pai. O senhor sabe que é. E ele nem mora aqui em Upper Smedley. Está só visitando. Era de esperar que soubesse se comportar de maneira apropriada... O pai dele é um visconde, mas...

– Violet...

– Ele não é um cavalheiro – disse ela, fungando.

– Ele tem 9 anos.

– Dez – corrigiu ela meticulosamente. – E acho que um garoto de 10 anos devia saber como ser um bom hóspede.

– Ele não é nosso hóspede – ressaltou o pai. – Está visitando os Millertons.

– Tanto faz – disse Violet, pensando que adoraria cruzar os braços.

Mas ainda estava segurando aquela maldita torta.

O pai esperou que ela concluísse o pensamento, mas ela não disse mais nada.

– Dê a torta à Srta. Fernburst – ordenou o pai.

– Ser um bom hóspede significa não se comportar de maneira terrível com os vizinhos – protestou Violet.

– A torta, Violet.

Ela a entregou à Srta. Fernburst, que, para falar a verdade, não parecia querer segurá-la.

– Devo levá-la de volta para a cozinha? – perguntou a professora.

– Por favor – disse o pai de Violet.

Violet esperou até que a Srta. Fernburst desaparecesse e então olhou para o pai com uma expressão descontente.

– Ele colocou farinha no meu cabelo, pai.

– Florzinha? – indagou ele. – As meninas não gostam desse tipo de coisa?

– Farinha, pai! Farinha! Do tipo que se usa para assar bolos! A Srta. Fernburst teve de lavar meu cabelo por vinte minutos para tirar tudo. E não ria!

– Não estou rindo!

– Está – acusou ela. – O senhor quer rir. Posso ver isso no seu rosto.

– Só estou me perguntando como ele conseguiu fazer isso.

– Eu não sei – grunhiu Violet.

O que era o pior insulto de todos.

Ele a cobrira de farinha e ela ainda não sabia como tinha feito isso. Em um minuto ela estava andando no jardim e no minuto seguinte tinha tropeçado e...

Puf! Farinha para todos os lados.

– Bem – disse o pai de maneira pragmática –, acho que ele vai embora no fim da semana. Então você não vai ter de suportar a presença dele por muito mais tempo. Isso se chegar a vê-lo novamente – acrescentou. – Não devemos visitar os Millertons esta semana, não é?

– Não íamos visitá-los ontem, mas ainda assim ele conseguiu me cobrir de farinha – respondeu Violet.

– Como você sabe que foi ele?

– Ah, eu sei – disse ela sombriamente.

Enquanto estava cuspindo, tossindo e afastando a nuvem de farinha, ela o ouvira gargalhar em triunfo. Se não tivesse tanta farinha nos olhos, provavelmente o teria visto também, sorrindo daquela maneira terrível *de garoto* dele.

– Ele parecia perfeitamente agradável quando veio com Georgie Millerton para o chá na segunda.

– Não quando o *senhor* não estava na sala.

– Ah. Bem... – O pai dela fez uma pausa, franzindo os lábios, pensativo. – Sinto muito ter de dizer isso, mas é uma lição de vida que você vai aprender em breve. Os meninos são horríveis.

Violet piscou.

– Mas... mas...

O Sr. Ledger deu de ombros.

– Tenho certeza de que sua mãe vai concordar.

– Mas o *senhor* é um menino.

– E eu era horrível, posso lhe asseguar. Pergunte à sua mãe.

Violet olhou para ele, incrédula. Era verdade que seus pais se conheciam desde que eram pequenos, mas ela não podia acreditar que ele algum dia tivesse se comportado mal com relação à sua mãe. Era tão gentil e atencioso com ela agora. Estava sempre beijando sua mão e sorrindo para ela com os olhos.

– Ele provavelmente gosta de você – disse o Sr. Ledger. – O menino dos Bridgertons – esclareceu, como se isso fosse necessário.

Violet soltou um suspiro horrorizado.

– Não gosta.

– Talvez não – disse o pai, concordando. – Talvez ele seja apenas horrível. Mas provavelmente acha você bonita. É isso que os meninos fazem quando acham uma menina bonita. E você sabe que eu a acho extraordinariamente bonita.

– Você é meu pai – retrucou ela, lançando-lhe um olhar perspicaz. Todo mundo sabia que os pais acham as filhas bonitas.

– Vou lhe dizer uma coisa – falou ele, curvando-se e tocando delicadamente o queixo dela. – Se aquele menino dos Bridgertons... como você disse que era o nome dele mesmo?

– Edmund.

– Edmund, certo, é claro. Se Edmund Bridgerton incomodá-la novamente, vou chamá-lo para defender a sua honra.

– Um duelo? – sussurrou Violet, cada centímetro de seu corpo formigando de prazer horrorizado.

– Até a morte – confirmou o pai. – Ou talvez apenas uma repreensão séria. Realmente prefiro não ir para a forca por matar um menino de 9 anos.

– Dez – corrigiu Violet.

– Dez. Você parece saber muito sobre o jovem Sr. Bridgerton.

Violet abriu a boca para se defender, porque, afinal, não podia evitar saber algumas coisas sobre Edmund Bridgerton; fora forçada a se sentar à mesma sala de visitas que ele por duas horas na segunda. Mas podia ver que o pai a estava provocando. Se ela dissesse mais alguma coisa, ele nunca ia parar.

– Posso voltar para o meu quarto agora? – perguntou ela afetadamente.

O pai assentiu.

– Mas não vai haver torta de sobremesa esta noite.

A boca de Violet se abriu.

– Mas...

– Sem discussão, por favor. Você estava bem preparada para sacrificar a torta esta tarde. Não parece justo que possa comer um pedaço agora que teve suas intenções frustradas.

Violet comprimiu os lábios em uma linha rebelde. Acenou com a cabeça rigidamente, em seguida marchou em direção às escadas.

– Eu odeio Edmund Bridgerton – murmurou ela.

– O que foi? – gritou o pai.

– Eu odeio Edmund Bridgerton! – gritou ela. – E não me importo com quem saiba!

O pai riu, o que só a deixou ainda mais furiosa.

Meninos eram realmente horríveis. Mas Edmund Bridgerton era pior que todos.

Londres
Nove anos depois

– Estou lhe dizendo, Violet – falou a Srta. Mary Filloby com uma certeza nada convincente –, é ótimo não termos uma beleza estonteante. Tornaria tudo muito complicado.

Complicado como?, queria perguntar Violet. Porque, de onde ela estava sentada (junto à parede, tomando um chá de cadeira enquanto observava as meninas que *tinham* sido chamadas para dançar), ter uma beleza estonteante não parecia uma coisa assim tão ruim.

Mas não se deu ao trabalho de perguntar. Não precisava. Mary levaria apenas um segundo para continuar:

– Olhe para ela. Olhe para ela!

Violet já estava olhando para ela.

– Ela tem oito homens ao seu lado – disse Mary, a voz uma estranha combinação de espanto e repulsa.

– Eu contei nove – murmurou Violet.

Mary cruzou os braços.

– Eu me recuso a incluir o meu irmão.

Ambas suspiraram, os olhos fixos em Lady Begonia Dixon, que, com sua boca em forma de coração, seus olhos azul-celeste e seus ombros perfeitos, tinha encantado a metade masculina da sociedade de Londres nos poucos dias desde que chegara à cidade. O cabelo provavelmente era glorioso também, pensou Violet, irritada. Graças aos céus pelas perucas. Elas eram as grandes niveladoras, permitindo que as garotas de cabelo louro-escuro competissem com as que tinham sedosos cachos dourados.

Não que Violet se importasse com seu cabelo louro-escuro. Era bem bonito. E brilhoso, até. Só não era cacheado nem dourado.

– Há quanto tempo estamos sentadas aqui? – perguntou Mary.

– Quarenta e cinco minutos – estimou Violet.

– Tudo isso?

Violet assentiu com tristeza.

– Temo que sim.

– Não há homens suficientes – disse Mary.

Sua voz tinha perdido a vivacidade e ela parecia um pouco desanimada. Mas era verdade. Não havia homens suficientes. Muitos tinham ido lutar nas colônias e vários desses não tinham voltado. Acrescente-se a isso a complicação que era Lady Begonia Dixon (nove homens a menos para o restante delas ali, pensou Violet melancolicamente), e a escassez era de fato terrível.

– Só dancei uma vez a noite toda – disse Mary. Então, após uma pausa: – E você?

– Duas – admitiu Violet. – Mas uma vez foi com o seu irmão.

– Ah, bem, essa não conta.

– Conta sim – disparou Violet.

Thomas Filloby era um cavalheiro com as duas pernas e todos os dentes e, no que lhe dizia respeito, ele contava.

– Você nem *gosta* do meu irmão.

Não havia nada a dizer que não fosse rude ou uma mentira, por isso Violet se limitou a acenar ligeiramente com a cabeça de um jeito engraçado que poderia ser interpretado de qualquer maneira.

– Queria que você tivesse um irmão – disse Mary.

– Para que ele a chamasse para dançar?

Mary assentiu.

– Sinto muito.

Violet ficou em silêncio por um instante, esperando Mary dizer: “Não é culpa sua”, mas a amiga finalmente tinha deixado de olhar para Lady Begonia Dixon e estreitava os olhos em direção a alguém junto à mesa de limonada.

– Quem é *aquele*? – perguntou Mary.

Violet virou a cabeça de lado.

– O duque de Ashbourne, acho.

– Não, não estou falando dele – disse Mary, impaciente. – O que está do lado.

Violet balançou a cabeça.

– Não sei.

Não conseguia ver direito o cavalheiro em questão, mas tinha certeza de que não o conhecia. Ele era alto, mas não demais, e sua postura tinha a graça atlética de um homem perfeitamente à vontade com seu corpo. Não precisava ver o rosto dele de perto para saber que era bonito. Porque, mesmo que não fosse elegante, mesmo que seu rosto não fosse uma obra de Michelangelo, ele seria bonito.

Ele era confiante, e homens confiantes eram sempre bonitos.

– Ele é novo – disse Mary, observando-o.

– Dê-lhe alguns minutos – falou Violet com uma voz seca. – Ele vai encontrar Lady Begonia no devido tempo.

Mas o cavalheiro em questão não parecia notar Lady Begonia, por mais incrível que isso parecesse. Ele se demorou junto à mesa de limonada, tomando seis copos, em seguida caminhou até a mesa dos petiscos, onde devorou uma quantidade surpreendente de comida. Violet não tinha certeza da razão por que acompanhava o que ele fazia pelo salão, fora o fato de ele ser novo ali e ela estar entediada.

E de ele ser jovem. E bonito.

Mas, principalmente, por estar entediada. Mary tinha sido tirada para dançar por seu primo de terceiro grau, e então Violet ficara sozinha em sua cadeira, sem nada para fazer além de contar o número de canapés que o novo cavalheiro tinha comido.

Onde estava sua mãe? Com certeza era hora de ir embora. O ar estava abafado, ela sentia calor e não parecia que ia conseguir uma terceira dança, então...

– Olá! – ouviu uma voz dizer. – Eu conheço você.

Violet piscou, erguendo os olhos. Era ele! O cavalheiro voraz devorador de doze canapés.

Ela não tinha ideia de quem ele era.

– Você é a Srta. Violet Ledger – disse ele.

Srta. Ledger, na verdade, já que não tinha irmã mais velha, mas ela não o corrigiu. O uso de seu nome completo parecia indicar que ele a conhecia havia algum tempo, ou muito tempo, talvez.

– Sinto muito – murmurou ela, porque nunca fora boa em fingir que conhecia alguém –, eu...

– Edmund Bridgerton – disse ele com um sorriso fácil. – Eu a conheci há vários anos. Estava visitando George Millerton. – Ele olhou ao redor da sala. – Você o viu? Ele devia estar por aqui.

– Hã, sim – respondeu Violet, um tanto surpresa com a amabilidade sociável do Sr. Bridgerton.

As pessoas em Londres geralmente não eram tão amigáveis. Não que ela se importasse, só que não fora criada acostumada com isso.

– Devíamos nos encontrar aqui – disse o Sr. Bridgerton distraidamente, ainda olhando de um lado para outro.

Violet limpou a garganta.

– Ele está aqui. Dancei com ele mais cedo.

O Sr. Bridgerton pensou nisso por um instante, depois se sentou na cadeira ao lado dela.

– Acho que não a vejo desde que eu tinha 10 anos.

Violet ainda tentava se lembrar.

Ele sorriu de lado para ela.

– Peguei você com a minha bomba de farinha.

Ela engasgou.

– Foi *você*?

Ele sorriu novamente.

– Agora você se lembra.

– Eu tinha esquecido o seu nome – disse ela.

– Estou arrasado.

Violet girou em seu assento, sorrindo mesmo sem querer.

– Fiquei com tanta raiva...

Ele começou a rir.

– Você devia ter visto a sua cara.

– Eu não conseguia ver nada. Meus olhos estavam cheios de farinha.

– Fiquei surpreso por você nunca ter se vingado.

– Eu tentei – assegurou ela. – Mas meu pai me pegou.

Ele assentiu, como se tivesse alguma experiência com esse tipo específico de frustração.

– Imagino que fosse algo magnífico.

– Acho que envolvia uma torta.

Ele assentiu de maneira aprovadora.

– Teria sido brilhante – disse ela.

Ele arqueou uma sobrancelha.

– Morango?

– Amora – respondeu ela, a voz diabólica só de lembrar.

– Ainda melhor.

Ele se recostou, ficando à vontade. Parecia tão relaxado, como se pudesse se adaptar perfeitamente a qualquer situação. Sua postura era tão correta quanto a de qualquer cavalheiro, mas ainda assim...

Ele era diferente.

Violet não sabia bem como descrever, mas havia algo nele que a deixava à vontade. Ele a fazia se sentir feliz. Livre.

Porque ele era assim. Bastara um minuto ao seu lado para ela perceber que ele era a pessoa mais livre e feliz que conhecia.

– Você alguma vez teve a chance de usar sua arma? – perguntou ele.

Ela olhou para ele sem entender.

– A torta – lembrou ele.

– Ah. Não. Meu pai teria me matado. E, além disso, não havia ninguém para atacar.

– Você certamente podia ter encontrado uma razão para ir atrás de Georgie – disse o Sr. Bridgerton.

– Eu não ataco sem ser provocada – retrucou Violet com o que esperava ser um sorriso provocador –, e Georgie Millerton nunca jogou farinha em mim.

– Uma dama justa – disse o Sr. Bridgerton. – O melhor tipo.

Violet sentiu o rosto ficar absurdamente quente. Com a graça de Deus, o sol já quase havia se posto e não entrava muita luz pelas janelas. Com apenas as velas tremeluzentes para iluminar o salão, ele podia não ter notado como o rosto dela ficara rosado.

– Nenhum irmão ou irmã para merecer sua ira? – perguntou o Sr. Bridgerton. – Parece mesmo uma pena desperdiçar uma torta perfeitamente boa.

– Se bem me lembro, ela não foi desperdiçada – respondeu Violet. – Todos comeram um pedaço de sobremesa naquela noite, menos eu. E, de qualquer maneira, não tenho irmãos nem irmãs.

– Sério? – Ele franziu o cenho. – É estranho eu não me lembrar disso com relação a você.

– Você se lembra de muita coisa? – perguntou ela. – Porque eu...

– Não lembra? – completou ele. E riu. – Não se preocupe. Não fico ofendido. Nunca esqueço um rosto. É um dom e uma maldição.

Violet pensou em todas as vezes – incluindo aquela – em que não se lembrara do nome da pessoa à sua frente.

– Como isso poderia ser uma maldição?

Ele se curvou na direção dela, inclinando a cabeça com um jeito de quem flerta.

– Você fica com o coração partido, sabe, quando as moças bonitas não lembram o seu nome.

– Ah! – Ela sentiu o rosto corar. – Sinto muito, mas você entende, já faz muito tempo e...

– Pode parar – disse ele, rindo. – Estou brincando.

– Ah, é claro.

Ela cerrou os dentes. É claro que ele estava brincando. Como podia ser tão boba de não perceber? Mas...

Ele tinha acabado de dizer que ela era bonita?

– Você estava me contando que não tem irmãos – continuou ele, voltando habilmente ao ponto anterior da conversa.

E, pela primeira vez, ela sentiu como se tivesse sua total atenção. Ele não estava de olho na multidão, procurando preguiçosamente por George Millerton. Olhava para ela, bem dentro de seus olhos, e era assustadoramente maravilhoso.

Ela engoliu em seco, lembrando-se da pergunta dele dois segundos depois do que seria o natural para continuar tranquilamente a conversa.

– Nenhum irmão – disse ela, a voz saindo rápido demais para compensar o atraso. – Eu fui uma criança difícil.

Os olhos dele se arregalaram, muito interessados.

– É mesmo?

– Não, quero dizer, fui um bebê difícil. O meu nascimento foi difícil. – Deus do céu, para onde tinham ido suas habilidades verbais? – O médico disse à minha mãe que era melhor não ter outro. – Ela engoliu em seco, infeliz, determinada a recuperar o raciocínio. – E você?

– E eu? – provocou ele.

– Tem irmãos?

– Três. Duas irmãs e um irmão.

A ideia de ter mais três pessoas durante sua infância por vezes solitária parecia maravilhosa.

– Vocês são próximos? – perguntou ela.

Ele pensou por um instante.

– Acho que sim. Nunca parei para pensar nisso. Hugo é o oposto de mim, mas ainda assim o considero meu amigo mais próximo.

– E as suas irmãs? São mais novas ou mais velhas?

– Uma de cada. Billie é sete anos mais velha do que eu. Ela finalmente se casou, então não a vejo muito, mas Georgiana é só um pouco mais nova. Provavelmente tem a sua idade.

– Ela não está aqui em Londres, então?

– Vai debutar no ano que vem. Meus pais dizem que ainda estão se recuperando de quando Billie debutou.

Violet sentiu as sobrancelhas se erguerem, mas sabia que não devia...

– Pode perguntar – disse ele.

– O que ela fez? – indagou ela imediatamente.

Ele se curvou com um brilho conspiratório no olhar.

– Eu nunca fiquei sabendo de todos os detalhes, mas ouvi algo sobre fogo.

Violet prendeu a respiração – de choque *e* admiração.

– E um osso quebrado – acrescentou ele.

– Ah, pobrezinha.

– Não *dela*.

Violet sufocou uma risada.

– Ah, não. Eu não devia...

– Pode rir – disse ele.

Ela riu. A gargalhada escapou, alta e adorável, e quando percebeu que as pessoas olhavam para ela, não se importou.

Ficaram ali sentados juntos por alguns instantes, o silêncio entre eles uma companhia tão agradável quanto um nascer do sol. Violet mantinha os olhos nas damas e nos cavalheiros dançando à sua frente; de alguma forma sabia que, caso se atrevesse a se virar para o Sr. Bridgerton, nunca seria capaz de desviar o olhar.

A música chegava ao fim, mas, quando ela olhou para baixo, seus pés batiam no chão. Os dele também, e então...

– Srta. Ledger, gostaria de dançar?

Ela se virou e *olhou* para ele. E era verdade, percebeu: não ia conseguir desviar o olhar. Não do rosto dele, não da vida que se estendia à sua frente, tão perfeita e maravilhosa como aquela torta de amora de tantos anos antes.

Ela pegou a mão dele, e pareceu uma promessa.

– Não há nada que eu gostaria mais de fazer.

Em algum lugar de Sussex
Seis meses depois

– Aonde estamos indo?

Violet Bridgerton era Violet Bridgerton havia precisamente oito horas e, até aquele momento, estava adorando seu novo sobrenome.

– Ah, é surpresa – disse Edmund, sorrindo vorazmente para ela do outro lado da carruagem.

Bem, não exatamente do outro lado da carruagem. Ela estava praticamente em seu colo.

E... então ela *estava* em seu colo.

– Eu amo você – disse ele, rindo do grito de surpresa dela.

– Não tanto quanto eu amo você.

Ele lhe lançou seu melhor olhar de condescendência.

– Você só *acha* que sabe do que está falando.

Ela sorriu. Não era a primeira vez que tinham aquela conversa.

– Muito bem – concedeu ele. – Você pode me amar mais, mas vou amá-la *melhor*. – Ele esperou um momento. – Não vai perguntar o que isso significa?

Violet pensou em todas as maneiras pelas quais ele já demonstrara seu amor. Não haviam antecipado seus votos matrimoniais, mas não tinham sido precisamente castos.

Concluiu que era melhor não perguntar.

– Apenas me diga aonde estamos indo – disse em vez disso.

Ele riu, passando um dos braços em volta dela.

– Para a nossa lua de mel – murmurou ele, as palavras chegando quentes e deliciosas à pele dela.

– Mas *onde*?

– Tudo a seu tempo, minha querida Sra. Bridgerton. Tudo a seu tempo.

Ela tentou fugir de volta para o seu próprio lado da carruagem – era a coisa certa a fazer, procurou se lembrar –, mas ele não concordou e segurou-a com força.

– Aonde você pensa que vai? – rosnou ele.

– Esse é o problema: eu não sei!

Edmund riu, uma risada alta, sincera e perfeitamente, esplendidamente calorosa. Ele estava tão feliz! E fazia *Violet* feliz. A mãe dela dissera que ele era muito jovem, que ela devia procurar um cavalheiro mais maduro, de preferência um que já tivesse assumido seu título. Mas desde aquele momento encantador na pista de dança, quando suas mãos se encontraram e Violet olhou de verdade, pela primeira vez, dentro dos olhos dele, não conseguia imaginar a vida com ninguém além de Edmund Bridgerton.

Ele era sua outra metade, aquele que a completava. Eles seriam jovens juntos e então envelheceriam juntos. Andariam de mãos dadas, se mudariam para o campo e fariam muitos e muitos bebês.

Seus filhos não seriam solitários. Ela queria um monte deles. Um bando. Queria barulho e risadas e tudo o que Edmund fazia com que ela sentisse, acompanhado de ar fresco e tortas de morango e...

Bem, e uma viagem ocasional para Londres. Ela não era tão simplória a ponto de não desejar ter vestidos feitos por madame Lamontaine. E é claro que não poderia ficar um ano inteiro sem ir à ópera. Mas, fora isso – e uma festa aqui e outra ali, realmente gostava de companhia –, queria ser mãe.

Ansiava por isso.

Mas não tinha percebido como desejava isso com força até conhecer Edmund. Era como se algo dentro dela estivesse se contendo, não permitindo que ela quisesse ter bebês até encontrar o único homem com quem poderia imaginar fazê-los.

– Estamos quase lá – disse ele, olhando para fora da janela.

– E esse lugar seria...?

A carruagem já tinha diminuído a velocidade; em seguida parou, e Edmund ergueu os olhos com um sorriso maroto.

– Aqui – completou ele.

A porta se abriu e ele saltou, estendendo a mão para ajudá-la. Ela desceu cuidadosamente – a última coisa que queria era cair de cara no chão em sua noite de núpcias –, então olhou para cima.

– Hare & Hounds? – perguntou ela sem entender.

– A própria – disse ele com orgulho.

Como se não houvesse uma centena de estalagens iguais espalhadas por toda a Inglaterra.

Ela piscou. Várias vezes.

– Uma estalagem?

– Com certeza. – Ele se inclinou para falar conspiratoriamente em seu ouvido. – Suponho que você esteja se perguntando por que escolhi este lugar.

– Bem... sim.

Não que houvesse algo de *errado* com uma estalagem. O lugar certamente parecia bem conservado olhando por fora. E se ele a levara para lá, devia ser limpo e confortável.

– Eis o problema – disse ele, levando a mão dela aos lábios. – Se formos para casa, terei de apresentá-la a todos os criados. É claro que são apenas seis, mas ainda assim... os sentimentos deles ficarão terrivelmente feridos se não lhes dermos a devida atenção.

– É claro – disse Violet, ainda um pouco impressionada com o fato de que, em breve, seria dona de sua própria casa.

O pai de Edmund lhes dera uma confortável propriedade um mês antes. Não era grande, mas era deles.

– Isso sem falar que, quando não descermos para tomar café da manhã no dia seguinte ou no próximo... – Edmund parou por um momento, como se estivesse pensando em algo terrivelmente importante, antes de terminar com – ou no próximo...

– Não vamos descer para tomar café da manhã?

Ele olhou nos olhos dela.

– Ah, não.

Violet corou. Até as pontas dos pés.

– Não por uma semana, pelo menos.

Ela engoliu em seco, tentando ignorar a vertigem de expectativa que sentia.

– Então, veja bem – disse ele com um sorriso lento –, se passarmos uma semana, ou talvez duas...

– Duas semanas? – guinchou ela.

Ele deu de ombros carinhosamente.

– É possível.

– Ah, meu Deus.

– Você ficaria terrivelmente envergonhada diante dos criados.

– Mas não você – disse ela.

– Não é o tipo de coisa que os homens achem constrangedora – admitiu ele modestamente.

– Mas aqui em uma estalagem... – disse ela.

– Podemos ficar no nosso quarto por um mês inteiro, se quisermos, e depois nunca mais voltarmos aqui!

– Um mês? – repetiu ela.

Àquela altura, não tinha certeza se havia corado ou ficado pálida.

– Eu fico se você quiser – disse ele diabolicamente.

– Edmund!

– Ah, tudo bem, acho que teremos que aparecer em um ou dois eventos antes da Páscoa.

– Edmund...

– É Sr. Bridgerton para você.

– Tão formal?

– Só porque assim posso chamá-la de Sra. Bridgerton.

Era incrível como ele podia fazê-la tão absurdamente feliz com uma única frase.

– Vamos entrar? – perguntou, levantando a mão dela como um incentivo. – Está com fome?

– Hã, não – respondeu ela, embora estivesse, um pouco.

– Graças a *Deus*.

– Edmund!

Ela riu, porque ele estava andando tão rápido que ela precisava correr para acompanhá-lo.

– Seu marido é um homem muito impaciente – disse Edmund, parando de repente com o único propósito (Violet tinha certeza) de fazê-la se chocar contra ele.

– É mesmo? – murmurou ela.

Começava a se sentir feminina e poderosa.

Ele não respondeu; já tinham chegado à recepção, e Edmund confirmava a reserva.

– Você se importa se eu não carregá-la pelas escadas? – perguntou ele quando terminou. – Você é leve como uma pena, é claro, e eu sou viril o suficiente...

– Edmund!

– É só que estou com um pouco de pressa.

E os olhos dele – ah, os olhos dele – estavam cheios de milhares de promessas, e ela queria conhecer cada uma delas.

– Eu também – disse ela suavemente, colocando a mão na dele. – Bastante.

– Ah, inferno! – praguejou ele com a voz rouca, e a pegou nos braços. – Não consigo resistir.

– Até a soleira teria sido suficiente – disse ela, rindo durante todo o caminho pelas escadas.

– Não para mim.

Ele abriu a porta do quarto com um chute, então jogou-a na cama para poder fechá-la.

Subiu em cima dela, movendo-se com uma graça felina que ela nunca tinha visto antes.

– Eu amo você – disse, os lábios tocando os de Violet enquanto suas mãos delizavam para baixo da saia dela.

– Eu o amo mais – respondeu ela, arfando, porque as coisas que ele estava fazendo... deviam ser proibidas.

– Mas eu... – murmurou ele, beijando-a por todo o caminho até a perna e então... Deus do céu... de volta novamente. – Eu vou amá-la *melhor*.

Suas roupas pareciam voar para longe, mas ela não sentiu nenhum constrangimento. Era surpreendente ficar deitada embaixo daquele homem, vê-lo

olhando para ela, vendo o corpo dela – *todo* – e não sentir nenhuma vergonha, nenhum desconforto.

– Ah, Deus, Violet – gemeu ele, posicionando-se desajeitadamente entre suas pernas. – Eu tenho que lhe dizer que não tenho muita experiência nisso.

– Eu também não – desabafou ela.

– Eu nunca...

Isso chamou a atenção dela.

– Você nunca?

Ele balançou a cabeça.

– Acho que estava esperando você.

Ela ficou sem ar e, em seguida, com um sorriso lento e doce, disse:

– Para alguém que nunca fez isso, você é muito bom.

Por um momento, ela pensou ter visto lágrimas nos olhos dele, mas então, de repente, elas sumiram, substituídas por um brilho malicioso.

– Eu pretendo melhorar com a idade – disse ele.

– Eu também – respondeu ela, com o mesmo ar travesso.

Ele riu, e então ela riu, e os dois estavam felizes juntos.

E, embora fosse verdade que tivessem melhorado com a idade, aquela primeira vez, no melhor colchão de penas da Hare and Hounds...

Foi arrebatadoramente boa.

Aubrey Hall, Kent
Vinte anos depois

No momento em que Violet ouviu Eloise gritar, ela sabia que algo estava terrivelmente errado.

Não que se seus filhos nunca gritassem. Eles gritavam o tempo todo, geralmente um com o outro. Mas aquilo não era um grito comum. E não nascia de raiva ou frustração ou de um senso equivocado de injustiça.

Era um grito de terror.

Violet correu pela casa a uma velocidade que deveria ter sido impossível no oitavo mês de sua oitava gravidez. Desceu depressa as escadas, atravessou o grande salão, passou correndo pela entrada e desceu a escada do pórtico...

E o tempo todo, Eloise não parava de gritar.

– O que houve? – disse ela, arfando, quando finalmente viu o rosto da filha de 7 anos.

Ela estava de pé na beirada do gramado, perto da entrada do labirinto de cerca viva, e ainda estava gritando.

– Eloise – implorou Violet, tomando seu rosto entre as mãos. – Eloise, por favor, me diga o que houve.

Os gritos da menina deram lugar a soluços, e ela cobriu as orelhas com as mãos, balançando a cabeça sem parar.

– Eloise, você precisa...

As palavras de Violet foram interrompidas bruscamente. O bebê que estava esperando era pesado e já estava bem baixo, e a dor que atravessou seu abdômen por ter corrido tanto a atingiu em cheio. Ela respirou fundo, tentando desacelerar a pulsação, e colocou as mãos sob a barriga, tentando lhe dar suporte externo.

– Papai! – gemeu Eloise.

Foi a única palavra que pareceu conseguir formar em meio aos gritos.

Violet sentiu um frio no peito.

– O que você quer dizer?

– Papai – disse Eloise, sem fôlego. – Papaipapaipapaipapaipapai...

Violet lhe deu um tapa. Seria a única vez que bateria em uma criança.

Os olhos de Eloise se arregalaram enquanto respirava fundo. Ela não disse nada, mas virou a cabeça em direção à entrada do labirinto. E foi então que Violet viu.

Um pé.

– Edmund? – sussurrou ela.

E então gritou.

Correu em direção ao labirinto, em direção ao pé com uma bota que aparecia para fora da entrada, ligado a uma perna, que devia estar ligada a um corpo, que estava caído no chão.

Sem se mover.

– Edmund, ah, Edmund, ah, Edmund – disse ela, de novo e de novo, algo entre um gemido e um grito.

Quando chegou a seu lado, ela já sabia. Ele se fora. Estava deitado de costas, os olhos ainda abertos, mas não havia mais nada dele ali. Ele se fora. Tinha 39 anos e se fora.

– O que aconteceu? – sussurrou ela, tocando-o freneticamente, apertando o braço dele, o pulso, o rosto.

A mente de Violet sabia que não podia trazê-lo de volta e o coração dela também, mas de alguma forma suas mãos não conseguiam aceitar. Ela não conseguia parar de tocá-lo... cutucá-lo, puxá-lo, soluçando o tempo todo.

– Mamãe?

Era Eloise, chegando atrás dela.

– Mamãe?

Ela não conseguia se virar. Não podia. Não conseguia olhar no rosto da filha, sabendo que ela agora só tinha mãe.

– Foi uma abelha, mamãe. Ele foi picado por uma abelha.

Violet ficou muito quieta. Uma abelha? Como assim uma abelha? Todo mundo era picado por uma abelha em algum momento da vida. Inchava, ficava vermelho, doía.

Mas não matava.

– Ele disse que não era nada – explicou Eloise, a voz trêmula. – Ele disse que nem tinha doído.

Violet olhou para o marido, sua cabeça se movendo de um lado para outro em negação. Como podia não ter doído? Aquilo o havia *matado*. Ela juntou os lábios, tentando formar uma pergunta, tentando emitir um maldito som qualquer, mas tudo o que conseguiu dizer foi:

– E... e... e...

Ela nem sequer sabia o que estava tentando perguntar. *E* quando isso aconteceu? *E* o que mais ele disse? *E* onde vocês estavam?

E do que adiantava? Alguma daquelas coisas importava?

– Ele não conseguia respirar – disse Eloise.

Violet sentiu a filha se aproximar e então, silenciosamente, a mão de Eloise deslizou para dentro da sua.

Violet a apertou.

– Ele começou a fazer um barulho – Eloise tentou imitar, e parecia horrível –, como se estivesse sufocando. E depois... Ah, mamãe. Ah, mamãe!

Ela se jogou contra a lateral do corpo de Violet, enterrando o rosto onde um dia houvera a curva de um quadril. Mas agora havia apenas uma barriga, uma enorme barriga onde estava uma criança que nunca conheceria o pai.

– Eu preciso me sentar – sussurrou Violet. – Preciso...

Ela desmaiou. Eloise aparou sua queda.

Quando voltou a si, Violet estava rodeada de criados, todos com o rosto coberto de choque e tristeza. Alguns não conseguiam olhar em seus olhos.

– Precisamos levá-la para a cama – disse a governanta rapidamente. Ela ergueu os olhos. – Temos um catre?

Violet balançou a cabeça enquanto deixava um criado ajudá-la a se sentar.

– Não, eu posso andar.

– Realmente acho...

– *Eu disse que posso andar* – disparou.

E então sentiu uma dor por dentro. Respirou fundo, de maneira involuntária.

– Deixe-me ajudá-la – disse o mordomo gentilmente.

Ele passou o braço pelas suas costas e, com cuidado, ajudou-a a se levantar.

– Eu não posso... mas Edmund...

Ela virou para olhar de novo, mas não teve coragem. *Não é ele*, disse a si mesma. *Ele não é assim.*

Ele não *era* assim.

Ela engoliu em seco.

– Onde está Eloise? – perguntou.

– A babá já a levou – disse a governanta, indo para o outro lado de Violet.

Violet assentiu.

– Madame, temos de levá-la para a cama. Não é bom para o bebê.

Violet colocou a mão na barriga. O bebê estava chutando como um louco. O que era bem típico. Aquele chutava, socava, rolava e soluçava e nunca, nunca parava. Era bem diferente dos outros. O que era uma coisa boa, imaginou. Aquele teria de ser forte.

Ela conteve um soluço. Eles teriam de ser fortes.

– Disse alguma coisa? – perguntou a governanta, conduzindo-a para a casa.

Violet balançou a cabeça.

– Eu preciso me deitar – sussurrou ela.

A governanta assentiu, então se virou para um criado com um olhar urgente.

– Vá chamar a parteira.

Não foi preciso parteira. Ninguém podia acreditar, depois do choque que tivera e por estar no fim da gravidez, mas o bebê se recusava a sair. Violet passou mais três semanas na cama, comendo porque precisava e tentando se lembrar de que devia ser forte. Edmund se fora, mas ela ainda tinha sete crianças que precisavam dela, oito incluindo a teimosa em sua barriga.

E então, por fim, depois de um parto rápido e fácil, a parteira anunciou:

– É uma menina. – E colocou um pequeno embrulhinho silencioso nos braços de Violet.

Uma menina. Violet não podia acreditar. Tinha se convencido de que seria um menino. Ia chamá-lo de Edmund, sem se importar com a ordem alfabética de A a G dos nomes de seus primeiros sete filhos. Ele se chamaria Edmund, e seria *parecido* com Edmund, porque com certeza essa era a única maneira de ela conseguir viver com aquilo tudo.

Mas era uma menina, uma coisinha pequena e rosada que não tinha feito nem um barulho sequer desde o gemido inicial.

– Bom dia – disse Violet para ela, porque não sabia o que mais poderia dizer.

Então olhou para baixo e viu seu próprio rosto – menor, um pouco mais redondo –, mas definitivamente nada parecido com Edmund.

A bebê olhou bem nos olhos dela, mesmo que Violet soubesse que não era possível. Bebês não fazem isso logo que nascem. Violet devia saber; aquela era a sua oitava.

Mas aquela... Ela não parecia perceber que não podia olhar para a mãe assim. E então piscou. Duas vezes. E fez isso com a deliberação mais surpreendente, como se dissesse: *Eu estou aqui. E sei* exatamente *o que estou fazendo.*

Violet ficou sem ar, tão completa e imediatamente apaixonada que mal podia aguentar. E então a bebê soltou um grito que não se parecia com nada que ela já tivesse ouvido. E chorou tão alto que a parteira deu um pulo. Ela gritou, gritou e gritou, e mesmo com a parteira toda atrapalhada e as criadas entrando correndo, Violet teve de rir.

– Ela é perfeita – declarou, tentando colocar a pequena chorona em seu peito. – Ela é absolutamente perfeita.

– Que nome vai dar a ela? – perguntou a parteira quando a bebê se ocupou, tentando descobrir como mamar.

– Hyacinth – decidiu Violet. Jacinto em inglês. Era a flor preferida de Edmund, principalmente os pequenos jacintos-uva que apareciam a cada ano para saudar a primavera. Eles marcavam o renascimento da paisagem, e aquele jacinto – sua Hyacinth – seria o renascimento de Violet.

O fato de o seu nome se encaixar perfeitamente depois de Anthony, Benedict, Colin, Daphne, Eloise, Francesca e Gregory... Bem, isso tornava tudo simplesmente ainda mais perfeito.

Então Violet ouviu uma batida na porta, e a babá Pickens colocou a cabeça para dentro do quarto.

– As garotas adorariam ver Sua Senhoria – disse ela à parteira. – Se ela estiver pronta.

A parteira olhou para Violet, que assentiu. A babá conduziu as três para dentro, dizendo com ar sério:

– Lembrem-se do que conversamos. Não cansem a sua mãe.

Daphne se aproximou da cama, seguida de Eloise e Francesca. Elas tinham o cabelo castanho e cheio de Edmund – todos os seus filhos tinham –, e Violet se perguntou se Hyacinth também teria. Por enquanto, tinha apenas um pequeno tufo de cor pêssego.

– É uma menina? – perguntou Eloise abruptamente.

Violet sorriu e mudou de posição para mostrar a nova bebê.

– É, sim.

– Ah, graças a Deus – disse Eloise, com um suspiro dramático. – Precisávamos de mais uma.

Ao lado dela, Francesca assentiu. Ela era o que Edmund sempre chamava de “gêmea acidental” de Eloise. As duas compartilhavam o dia do aniversário, com

um ano de diferença. Aos 6 anos, Francesca costumava seguir Eloise em tudo. Eloise era mais ruidosa, mais ousada. Mas de vez em quando Francesca surpreendia a todos fazendo algo que era coisa só dela.

Não daquela vez, no entanto. Ela ficou ao lado de Eloise, segurando sua boneca de pano, concordando com tudo o que a irmã mais velha dizia.

Violet olhou para Daphne, sua filha mais velha. Ela estava com quase 11 anos, com certeza idade suficiente para segurar um bebê.

– Quer vê-la? – perguntou Violet.

Daphne balançou a cabeça. Ela estava piscando rapidamente, como fazia quando estava perplexa, e então, de repente, endireitou o corpo.

– Você está sorrindo – disse ela.

Violet olhou de volta para Hyacinth, que tinha largado seu peito e caído no sono.

– Estou – concordou ela, e podia ouvir em sua voz.

Tinha esquecido como soava sua voz com um sorriso.

– Você não sorri desde que o papai morreu – disse Daphne.

– Não?

Violet olhou para ela. Seria possível? Não sorria havia três semanas? Não parecia estranho. Seus lábios formaram a curva de memória, talvez com um pouco de alívio, como se estivessem se entregando a uma lembrança feliz.

– Não – confirmou Daphne.

Ela devia estar certa, percebeu Violet. Se não tinha conseguido sorrir para os filhos, com certeza não fizera isso por querer. A dor que sentira... tinha crescido diante dela, e a engolira inteira. Era uma coisa física pesada, que a deixava cansada e a subjugava.

Ninguém podia sorrir assim.

– Qual é o nome dela? – perguntou Francesca.

– Hyacinth. – Violet mudou de posição para que as meninas pudessem ver o rosto da bebê. – O que acham?

Francesca inclinou a cabeça para o lado.

– Ela não parece uma Hyacinth – declarou Francesca.

– Parece, sim – disse Eloise rapidamente. – Ela é muito rosa.

Francesca deu de ombros, cedendo.

– Ela não vai conhecer o papai – observou Daphne em voz baixa.

– Não – disse Violet. – Não, ela não vai.

Ninguém disse nada, e então Francesca – a pequena Francesca – disse:

– Podemos falar dele para ela.

Violet se engasgou com um soluço. Não tinha chorado na frente dos filhos desde aquele primeiro dia. Tinha guardado as lágrimas para os momentos em que ficava sozinha, mas não conseguiu contê-las agora.

– Eu acho... acho que é uma ideia maravilhosa, Frannie.

Francesca sorriu e então subiu na cama, se espremendo até encontrar o local perfeito do lado direito da mãe. Eloise foi atrás, em seguida, Daphne, e todas elas – todas as garotas Bridgerton – olharam para o mais novo membro da família.

– Ele era muito alto – começou Francesca.

– Não tão alto – disse Eloise. – Benedict é mais alto.

Francesca ignorou.

– Ele era alto. E sorria muito.

– Ele nos colocava nos ombros – disse Daphne, a voz ficando trêmula – até ficarmos grandes demais.

– E ele gargalhava – disse Eloise. – Ele adorava dar gargalhadas. Ele tinha a melhor gargalhada, o nosso pai...

Londres
Treze anos depois

Violet dedicara a vida a ver todos os oito filhos felizes e bem encaminhados, e em geral não se importava com as inúmeras tarefas que isso exigia. Havia festas, convites, costureiras e chapeleiros, e isso só para as meninas. Os filhos precisavam do mesmo grau de orientação, se não mais. A única diferença era que a sociedade proporcionava aos garotos uma liberdade consideravelmente maior, o que significava que Violet não tinha necessidade de acompanhar cada pequeno detalhe de suas vidas.

Mas é claro que ela tentou. Afinal, era mãe.

Tinha a sensação, no entanto, de que seu trabalho como mãe nunca exigiria tanto dela como naquele exato momento, na primavera de 1815.

Ela sabia muito bem que, no grande esquema da vida, não tinha do que reclamar. Nos últimos seis meses, Napoleão tinha escapado de Elba, um enorme vulcão tinha entrado em erupção nas Índias Orientais e várias centenas de soldados britânicos tinham perdido a vida na Batalha de Nova Orleans – travada por engano *depois* de o tratado de paz com os norte-americanos ter sido assinado. Violet, por outro lado, tinha oito filhos saudáveis, todos com os pés plantados em solo inglês no momento.

Porém.

Havia sempre um *porém*, não é mesmo?

Aquela primavera marcava a primeira (e Violet rezava para que fosse a última) temporada em que tinha duas garotas "no mercado".

Eloise debutara em 1814, e todos diriam que tinha sido um sucesso. Três propostas de casamento em três meses. Violet estava no céu de tanta alegria. Não que fosse deixar que Eloise aceitasse o pedido de dois deles – eram muito velhos. Violet não ligava para o grau de importância dos cavalheiros; nenhuma filha sua ia se prender a alguém que morreria antes que ela chegasse aos 30.

Não que isso não pudesse acontecer com um marido jovem. Doenças, acidentes, abelhas caprichosamente mortais... Várias coisas podiam levar um homem a morrer na flor da idade. Mas, ainda assim, um homem velho tinha mais chances de morrer do que um jovem.

E mesmo que não fosse o caso... Que jovem em seu perfeito juízo iria querer se casar com um homem com mais de 60 anos?

Mas apenas dois dos pretendentes de Eloise tinham sido desqualificados por causa da idade. O terceiro tinha 29 anos, com um título menor e uma fortuna perfeitamente respeitável. Não havia nada de errado com Lorde Tarragon. Violet tinha certeza de que ele daria um ótimo marido.

Mas Eloise, não.

Então agora lá estavam elas. Eloise, em sua segunda temporada, Francesca, na primeira, e Violet, exausta. Não podia nem ao menos pressionar Daphne para servir de acompanhante de vez em quando. Sua filha mais velha se casara com o duque de Hastings dois anos antes e logo ficara grávida, bem durante a temporada de 1814. E depois na de 1815 também.

Violet adorava ter um neto e estava nas nuvens com a perspectiva de mais dois chegando em breve (a esposa de Anthony também estava grávida), mas uma mulher realmente precisava de ajuda às vezes. Aquela noite, por exemplo, tinha sido um completo desastre.

Ah, tudo bem, talvez *desastre* fosse um pouco de exagero, mas, sério, quem tinha achado que um baile de máscaras seria uma boa ideia? Porque Violet tinha certeza de que não fora ela. E definitivamente não tinha concordado em participar como Rainha Elizabeth. Ou, se tinha, não concordara com a coroa. Aquilo pesava pelo menos uns 3 quilos, e ela estava morrendo de medo de que saísse voando de sua cabeça toda vez que a virava para a frente e para trás, tentando ficar de olho em Eloise e Francesca.

Não era de espantar que seu pescoço doesse.

Mas todo cuidado era pouco para uma mãe, principalmente em um baile de máscaras, quando jovens cavalheiros (e às vezes jovens damas) viam suas fantasias como uma oportunidade de se comportar de maneira pouco apropriada. Vejamos, lá estava Eloise, ajeitando sua fantasia de Atena enquanto conversava com Penelope Featherington. Que estava vestida de duende, pobrezinha.

Onde estava Francesca? Deus do céu, aquela menina conseguia ficar invisível em um campo sem árvores. E, a propósito, onde estava Benedict? Ele havia *prometido* dançar com Penelope e depois tinha desaparecido completamente.

Onde ele...

– Uff!

– Ah, perdão – disse Violet, desvencilhando-se de um cavalheiro que parecia estar vestido como...

Como ele mesmo, na verdade. Com uma máscara.

Ela não o reconheceu, no entanto. Nem a voz, nem o rosto sob a máscara. Ele tinha altura mediana, cabelos escuros e um porte elegante.

– Boa noite, Vossa Majestade – disse.

Violet piscou, então se lembrou – *a coroa*. Embora não soubesse como podia ter esquecido aquela monstruosidade de 3 quilos em sua cabeça.

– Boa noite – respondeu ela.

– Está procurando alguém?

Mais uma vez, ela ficou pensando de quem era a voz, e novamente não conseguiu identificar.

– Várias pessoas, na verdade – murmurou ela. – Sem sucesso.

– Minhas condolências – disse ele, pegando sua mão e curvando-se para beijá-la. – Eu tento restringir minhas buscas a uma pessoa de cada vez.

Você não tem oito filhos, Violet quase retorquiu, mas, no último momento, segurou a língua. Se ela não sabia quem era aquele cavalheiro, havia uma chance de ele também não saber quem ela era.

E, é claro, ele *poderia* ter oito filhos. Ela não era a única pessoa em Londres que fora tão abençoada no casamento. Além disso, ele exibia alguns fios de cabelo grisalho nas têmporas, então provavelmente tinha idade suficiente para ter tido tantos filhos.

– Um humilde cavalheiro pode pedir para dançar com uma rainha? – perguntou ele.

Violet pensou em recusar. Quase nunca dançava em público. Não que fosse contra, ou que achasse inadequado. Edmund se fora havia mais de doze anos. Ela ainda sentia sua falta, mas não estava mais de luto. Ele não ia querer isso. Ela usava cores vivas e mantinha uma agenda social intensa, mas, ainda assim, raramente dançava. Simplesmente não tinha vontade.

Mas então ele sorriu e alguma coisa a fez lembrar de como Edmund sorria – aquele curvar de lábios sempre travesso. O sorriso dele sempre fizera seu coração pular, e, ainda que o sorriso daquele cavalheiro não tivesse chegado a fazer *isso*, despertou algo dentro dela. Algo um pouco diabólico, um pouco despreocupado.

Algo *jovem*.

– Eu adoraria – respondeu ela, colocando a mão na dele.

– A mamãe está *dançando*? – sussurrou Eloise para Francesca.

– Mais importante – replicou Francesca –, *com quem* ela está dançando?

Eloise esticou o pescoço, sem se preocupar em disfarçar.

– Não faço ideia.

– Pergunte a Penelope – sugeriu Francesca. – Ela sempre parece saber quem todo mundo é.

Eloise se virou novamente, dessa vez procurando do outro lado da sala.

– Onde *está* Penelope?

– Cadê Benedict? – perguntou Colin, aproximando-se das irmãs.

– Não sei – respondeu Eloise. – Onde está Penelope?

Ele deu de ombros.

– Da última vez que a vi, ela estava se escondendo atrás de um vaso de plantas. Era de esperar que, com aquela fantasia de duende, ela se camuflasse melhor.

– Colin! – Eloise deu um tapa em seu braço. – Vá chamá-la para dançar.

– Já chamei! – Ele piscou. – Aquela é a mamãe dançando?

– É por isso que estávamos procurando Penelope – explicou Francesca.

Colin ficou olhando para ela, os lábios entreabertos.

– Fez sentido quando estávamos conversando – disse Francesca com um aceno da mão. – Você sabe com quem ela está dançando?

Colin balançou a cabeça.

– Eu odeio bailes de máscaras. De quem foi essa ideia, afinal?

– De Hyacinth – disse Eloise amargamente.

– De *Hyacinth?* – ecoou Colin.

Francesca estreitou os olhos.

– Ela é como um titereiro – resmungou.

– Que Deus nos ajude quando ela for adulta – retrucou Colin.

Ninguém precisou dizer, mas seus rostos mostravam um coletivo *Amém*.

– Quem é aquele dançando com a mamãe? – perguntou Colin.

– Nós não sabemos – respondeu Eloise. – É por isso que estávamos procurando Penelope. Ela sempre parece saber essas coisas.

– Sério?

Eloise olhou para ele de cara feia.

– Você nota alguma coisa?

– Muita coisa, na verdade – disse ele, afavelmente. – Em geral não o que *você* quer que eu note.

– Vamos ficar aqui até a dança terminar – anunciou Eloise. – E então vamos interrogá-la.

– Interrogar quem?

Todos ergueram os olhos. Anthony, o irmão mais velho, tinha chegado.

– A mamãe está dançando – disse Francesca, não que tecnicamente isso respondesse a sua pergunta.

– Com quem? – perguntou Anthony.

– Nós não sabemos – disse Colin.

– E planejam interrogá-la a respeito?

– Esse era o plano da Eloise – respondeu Colin.

– Não ouvi você discordando – rebateu Eloise.

Anthony ergueu as sobrancelhas.

– Acho que é o cavalheiro que deve ser interrogado.

– Já lhes ocorreu que uma mulher de 52 anos é perfeitamente capaz de escolher seus próprios parceiros de dança? – perguntou Colin a nenhum deles em particular.

– Não – respondeu Anthony, sua sílaba aguçada cortando Francesca, que disse:

– Ela é nossa *mãe*.

– Na verdade, ela tem apenas 51 anos – disse Eloise. Diante do olhar irritado de Francesca, ela acrescentou: – Bem, é verdade.

Colin olhou perplexo para as irmãs antes de se virar para Anthony.

– Você viu Benedict?

Anthony deu de ombros.

– Ele estava dançando mais cedo.

– Com alguém que *eu não conheço* – disse Eloise, com crescente intensidade. E volume.

Todos os três irmãos se viraram para ela.

– Nenhum de vocês acha curioso tanto a mamãe quanto Benedict dançarem com estranhos misteriosos? – perguntou Eloise.

– Na verdade, não – murmurou Colin.

Houve uma pausa enquanto todos continuavam acompanhando a mãe em seus passos elegantes pela pista de dança, e então ele acrescentou:

– E me ocorre que talvez seja por isso que ela nunca dança.

Anthony arqueou uma sobrancelha imperiosa.

– Estamos aqui parados há minutos, sem fazer nada além de especular sobre o comportamento dela – observou Colin.

Fez-se silêncio e, em seguida, Eloise disse:

– E daí?

– Ela é nossa *mãe* – observou Francesca.

– Vocês não acham que ela merece privacidade? Não, não respondam – concluiu Colin. – Vou procurar Benedict.

– Você não acha que *ele* merece privacidade? – rebateu Eloise.

– Não – respondeu Colin. – Mas, de qualquer forma, ele não corre perigo. Se Benedict não quiser ser encontrado, eu não vou encontrá-lo.

Com uma saudação irônica, ele se afastou em direção aos petiscos, embora fosse bastante óbvio que Benedict não estava em nenhum lugar perto dos biscoitos.

– Aí vem ela – sussurrou Francesca, e, de fato, a dança tinha terminado e Violet voltava para o perímetro da sala.

– Mãe – disse Anthony com firmeza, no momento em que ela se aproximou dos filhos.

– Anthony, não vi você a noite toda – disse ela com um sorriso. – Como está Kate? Sinto muito ela não estar se sentindo bem para participar.

– Com quem você estava dançando? – questionou Anthony.

Violet piscou.

– Perdão?

– Com quem a senhora estava dançando? – repetiu Eloise.

– Sinceramente? – disse Violet com um leve sorriso. – Não sei.

Anthony cruzou os braços.

– Como isso é possível?

– É um baile de máscaras – disse Violet, achando certa graça. – Identidades secretas e tudo mais.

– Vai dançar com ele de novo? – perguntou Eloise.

– Provavelmente não – respondeu Violet, olhando para a multidão. – Vocês viram Benedict? Ele devia dançar com Penelope Featherington.

– Não tente mudar de assunto – disse Eloise.

Violet se virou para ela, e dessa vez seus olhos tinham um suave brilho de reprovação.

– Havia um assunto?

– Estamos apenas cuidando dos seus interesses – respondeu Anthony depois de limpar a garganta várias vezes.

– Tenho certeza de que sim – murmurou Violet, e ninguém se atreveu a comentar o delicado tom de condescendência em sua voz.

– É só que a senhora raramente dança – explicou Francesca.

– Raramente – disse Violet com leveza. – E não nunca.

Em seguida, Francesca perguntou aquilo que todos queriam saber:

– A senhora gosta dele?

– Do homem com quem acabei de dançar? Não sei nem o nome dele.

– Mas...

– Ele tinha um sorriso bonito – cortou Violet – e me chamou para dançar.

– E?

Violet deu de ombros.

– E isso é tudo. Ele falou muito sobre sua coleção de patos de madeira. Duvido que nossos caminhos se cruzem novamente. – Ela acenou com a cabeça em direção aos filhos. – Se me dão licença...

Anthony, Eloise e Francesca observaram a mãe se afastar. Depois de um longo instante de silêncio, Anthony disse:

– Bem.

– Bem – concordou Francesca.

Eles se viraram cheios de expectativa para Eloise, que olhou mal-humorada para os irmãos e finalmente exclamou:

– Não, isso não está *nada* bem!

Houve outro longo silêncio não preenchido, e então Eloise perguntou:

– Vocês acham que algum dia ela vai se casar de novo?

– Não sei – disse Anthony.

Eloise limpou a garganta.

– E como nos sentimos com relação a isso?

Francesca olhou para ela com óbvio desdém.

– Você está falando de si mesma no plural agora?

– Não. Sinceramente quero saber como *nos* sentimos a respeito. Porque não sei como eu *me* sinto.

– Eu acho... – começou Anthony. Mas vários segundos se passaram até ele dizer lentamente: – Acho que nós acreditamos que ela pode tomar suas próprias decisões.

Nenhum dos três notou Violet atrás deles, escondida por uma grande samambaia decorativa, sorrindo.

Aubrey Hall, Kent
Anos depois

Não havia muitas vantagens em envelhecer, mas *aquilo*, Violet pensou com um suspiro feliz enquanto assistia vários de seus netos mais novos brincando no gramado, tinha de ser uma delas.

Setenta e cinco anos. Quem diria que ela chegaria a essa idade? Os filhos tinham perguntado o que ela queria; era um grande marco, segundo eles, e ela devia dar uma grande festa para comemorar.

– Apenas a família – tinha sido a resposta de Violet.

Ainda assim seria algo grande. Tinha oito filhos, 33 netos e *cinco* bisnetos. Qualquer reunião de família seria grande!

– No que está pensando, mamãe? – perguntou Daphne, indo se sentar ao lado dela em uma das confortáveis espreguiçadeiras que Kate e Anthony tinham comprado recentemente para Aubrey Hall.

– Principalmente em como estou feliz.

Daphne sorriu ironicamente.

– A senhora sempre diz isso.

Violet ergueu um dos ombros.

– Eu sempre estou.

– Sério? – Daphne não parecia acreditar nela.

– Quando estou com todos vocês.

Daphne seguiu o olhar da mãe, e juntas elas ficaram observando as crianças. Violet não sabia exatamente quantos estavam lá fora. Tinha perdido a conta quando eles começaram um jogo que envolvia uma bola de tênis, quatro petecas

e um tronco. Devia ser divertido, porque ela podia jurar que tinha visto três meninos descerem de árvores para participar.

– Acho que esses são todos – disse ela.

Daphne piscou, então perguntou:

– No gramado? Acho que não. Mary está lá dentro, tenho certeza disso. Eu a vi com Jane e...

– Não, quero dizer que acho que não vou ter mais netos. – Ela se virou para Daphne e sorriu. – Acho que os meus filhos não vão me dar mais nenhum.

– Bem, *eu* com certeza não – afirmou Daphne, com uma expressão que claramente dizia: *Vire essa boca para lá!* – E Lucy *não* pode. O médico a fez prometer. E...

Ela fez uma pausa. Violet gostava de simplesmente ficar olhando para o seu rosto. Era tão divertido ver seus filhos pensarem. Ninguém nunca diz isso quando você se torna pai ou mãe: como é divertido vê-los fazer as coisas mais simples.

Dormir e pensar. Ela podia observar seus filhos fazerem isso para sempre. Mesmo agora, quando sete dos oito já tinham passado dos 40.

– A senhora está certa – Daphne finalmente concluiu. – Acho que nenhum de nós terá mais filhos.

– Salvo as surpresas – acrescentou Violet, porque sinceramente não se importaria se um de seus filhos lhe desse mais um neto.

– Bem, sim – disse Daphne, com um suspiro triste. – Sei tudo sobre isso.

Violet riu.

– E não faria nada diferente.

Daphne sorriu.

– Não.

– Ele acabou de cair de uma árvore – disse Violet, apontando para o gramado.

– De uma árvore?

– De propósito – assegurou Violet.

– Disso eu não tenho nenhuma dúvida. Juro que aquele garoto é parte macaco. – Daphne olhou para o gramado, seus olhos se movendo rapidamente de um lado para outro, procurando Edward, o filho mais novo. – Estou tão feliz por

estarmos aqui! Ele precisa de irmãos, coitado. Os outros quatro quase não contam; são muito mais velhos.

Violet esticou o pescoço.

– Ele parece ter entrado em uma disputa com Anthony e Ben.

– Ele está ganhando?

Violet estreitou os olhos.

– Parece que ele e Anthony estão trabalhando juntos... Ah, espere, lá vem Daphne. A pequena Daphne – acrescentou ela, como se fosse necessário.

– Isso deve empatar as coisas – disse Daphne, sorrindo, enquanto via sua homônima bater na cabeça do filho.

Violet sorriu e bocejou.

– Cansada, mamãe?

– Um pouco.

Violet odiava admitir essas coisas; seus filhos ficavam logo preocupados com ela. Nunca pareciam entender que uma mulher de 75 anos podia gostar de tirar cochilos simplesmente porque gostara disso a vida inteira.

Mas Daphne não insistiu no assunto, e elas ficaram deitadas em suas espreguiçadeiras, desfrutando de um silêncio agradável, até que, de repente, Daphne perguntou:

– A senhora está *realmente* feliz, mamãe?

– Claro. – Violet olhou para ela, surpresa. – Por que está perguntando uma coisa dessas?

– É só que... bem... a senhora está *sozinha*.

Violet riu.

– Não estou nem um pouco sozinha, Daphne.

– A senhora *sabe* o que eu quero dizer. Papai já se foi há quase quarenta anos, e a senhora nunca...

Achando graça, Violet esperou que ela terminasse a frase. Quando ficou claro que Daphne não ia conseguir, Violet sentiu pena dela e disse:

– Está tentando me perguntar se eu já tive um amante?

– Não! – disparou Daphne, mesmo que Violet tivesse quase certeza de que ela havia pensado nisso.

– Bem, eu não tive, se você quer saber – respondeu ela com naturalidade.

– Aparentemente eu queria – murmurou Daphne.

– Eu nunca quis – disse Violet.

– Nunca?

Violet deu de ombros.

– Não fiz uma promessa, nem nada tão formal. Suponho que, se a oportunidade tivesse surgido, e o homem certo tivesse aparecido, eu poderia ter...

– Se casado com ele – completou Daphne por ela.

Violet olhou de lado para ela.

– Você realmente é uma puritana, Daphne.

Daphne ficou boquiaberta. Ah, aquilo era divertido.

– Ah, muito bem – disse Violet, sentindo pena dela. – Se tivesse encontrado o homem certo, eu provavelmente teria me casado com ele, nem que fosse apenas para poupá-la de morrer por causa do choque de um caso extraconjugal.

– Devo lembrá-la de que foi a senhora que mal conseguiu falar comigo sobre o leito conjugal na véspera do meu casamento?

Violet acenou com a mão.

– Já deixei para trás aquele embaraço todo, lhe garanto. Com Hyacinth...

– Eu não quero saber – disse Daphne, com firmeza.

– Bem, provavelmente não – admitiu Violet. – Nada é comum com Hyacinth.

Daphne não disse nada, então Violet estendeu o braço e pegou a mão dela.

– Sim, Daphne – disse ela com grande sinceridade. – Eu estou feliz.

– Não consigo imaginar se Simon...

– Eu não conseguia imaginar também – interrompeu Violet. – Mas aconteceu. Pensei que fosse morrer de dor.

Daphne engoliu em seco.

– Mas não morri. E você não morreria. E a verdade é que, com o tempo, acaba ficando mais fácil. E você começa a achar que talvez possa encontrar a felicidade com outra pessoa.

– Francesca encontrou – murmurou Daphne.

– Sim, ela encontrou.

Violet fechou os olhos por um instante, lembrando-se de como ficara terrivelmente preocupada com a terceira filha durante aqueles anos de viuvez. Ela ficara completamente só, não exatamente afastando sua família, mas sem se aproximar deles também. E, ao contrário de Violet, não tinha filhos para ajudá-la a encontrar forças novamente.

– Ela é a prova de que se pode ser feliz duas vezes, com dois amores diferentes – disse Violet. – Mas, sabe, ela não é feliz com Michael da mesma forma que era com John. Não estou dizendo que um amor seja maior que o outro; não é o tipo de coisa que se pode medir. Mas é diferente.

Ela olhou para a frente. Ficava sempre mais filosófica quando olhava para o horizonte.

– Eu não esperava o *mesmo* tipo de felicidade que tive com o seu pai, mas não me contentaria com menos. E nunca encontrei.

Ela se virou para olhar para Daphne, então pegou a mão dela.

– E, no fim das contas, não precisei.

– Ah, mamãe – disse Daphne, os olhos cheios de lágrimas.

– A vida nem sempre foi fácil sem o seu pai, mas *sempre* valeu a pena.

Sempre.

SOBRE A AUTORA

Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 10 milhões de exemplares vendidos, sendo mais de 3,5 milhões da série Os Bridgertons, publicada pela Arqueiro. Seus romances já foram lançados em 29 países.

Julia é formada pelas universidades Harvard e Radcliffe e foi a autora mais jovem a ser incluída no Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos. Atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

www.juliaquinn.com.

Sumário

A caminho do altar

Os Bridgertons – 9

Julia Quinn

E Viveram Felizes para Sempre

Arqueiro

E Viveram Felizes para Sempre

Quinn, Julia

9788580416381

256 páginas

Compre agora e leia

Alguns finais são apenas o começo...Era uma vez uma família criada por uma autora de romances históricos...Mas não era uma família comum. Oito irmãos e irmãs, seus maridos e esposas, filhos e filhas, sobrinhas e sobrinhos, além de uma irresistível matriarca. Esses são os Bridgertons: mais que uma família, uma força da natureza.Ao longo de oito romances que foram sucesso de vendas, os leitores riram, choraram e se apaixonaram. Só que eles queriam mais. Então começaram a questionar a autora: O que aconteceu depois? Simon leu as cartas deixadas pelo pai? Francesca e Michael tiveram filhos? O que foi feito dos terríveis enteados de Eloise? Hyacinth finalmente encontrou os diamantes?A última página de um livro realmente tem que ser o fim da história?Julia Quinn acha que não e, em E viveram felizes para sempre, oferece oito epílogos extras, todos sensuais, engraçados e reconfortantes, e responde aos anseios dos leitores trazendo, ainda, um drama inesperado, um final feliz para um personagem muito merecedor e um delicioso conto no qual ficamos conhecendo melhor ninguém menos que a sábia e espirituosa matriarca Violet Bridgerton.Veja como tudo começou e descubra o que veio depois do fim desta série que encantou leitores no mundo inteiro."Julia Quinn tem um toque inteligente e divertido." – Time

Compre agora e leia

Antes dos irmãos Bridgertons, havia OS ROKESBYS

Julia Quinn

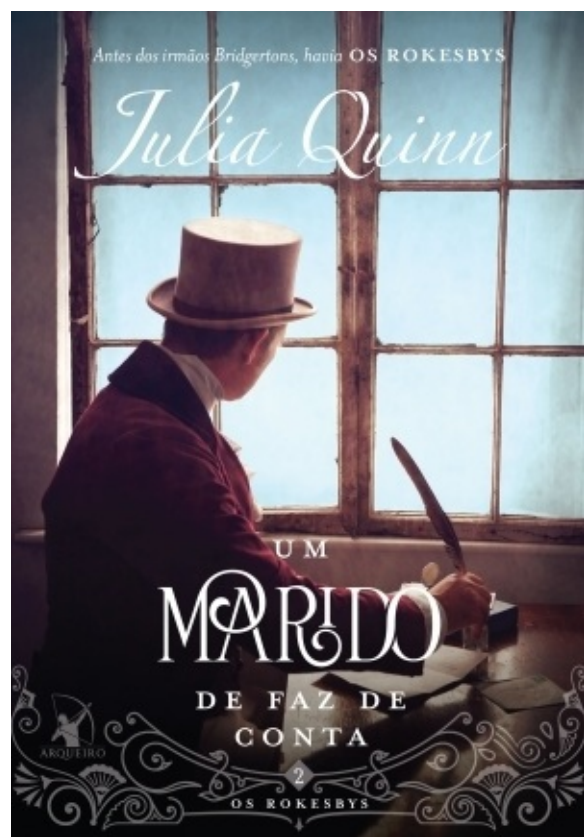
UM

MARIDO

DE FAZ DE CONTA

ARQUEIRO

2

OS ROKESBYS

Um marido de faz de conta

Quinn, Julia

9788580419238

304 páginas

Compre agora e leia

Enquanto você dormia…Depois de perder o pai e ficar sabendo que o irmão Thomas foi ferido durante uma batalha, Cecilia Harcourt tem duas opções: se mudar para a casa de uma tia ou se casar com um vigarista. Para fugir desses destinos, ela cruza o Atlântico, determinada a cuidar do irmão. Após uma semana sem conseguir localizá-lo, ela encontra o melhor amigo dele, Edward Rokesby, inconsciente e precisando desesperadamente de cuidados. Mas, para permanecer a seu lado, Cecilia precisa contar uma pequena mentira...Eu disse a todos que era sua esposa.Quando Edward recobra a consciência, não entende nada. A pancada na cabeça o fez esquecer tudo que aconteceu nos últimos três meses, mas ele certamente se lembraria de ter se casado. Apesar de saber que Cecilia é irmã de Thomas, eles nunca foram apresentados. Mas, já que todo mundo a trata como esposa dele, deve ser verdade. Quem dera fosse verdade… Cecilia coloca o próprio futuro em risco ao se entregar ao homem que ama. Mas, quando a verdade vem à tona, Edward também pode ter algumas surpresas guardadas para a nova Sra. Rokesby. "Esse é um daqueles romances em que queremos gritar com os personagens e mandá-los contar logo a verdade um para o outro." – Kirkus Reviews"Um romance fabuloso! Um marido de faz de conta evoca todo o encanto dos primeiros livros de Julia Quinn." – Freshfiction.com

Compre agora e leia

Um Acordo Pecaminoso

OS RAVENELS 3

LISA KLEYPAS

ARQUEIRO

Um acordo pecaminoso

Kleypas, Lisa

9788580419030

304 páginas

Lady Pandora Ravenel é muito diferente das debutantes de sua idade. Enquanto a maioria delas não perde uma festa da temporada londrina e sonha encontrar um marido, Pandora prefere ficar em casa idealizando jogos de tabuleiro e planejando se tornar uma mulher independente.Mas certa noite, num baile deslumbrante, ela é flagrada numa situação muito comprometedora com um malicioso e lindo estranho.Gabriel, o lorde St. Vincent, passou anos conseguindo evitar o casamento, até ser conquistado por uma garota rebelde que não quer nada com ele. Só que ele acha Pandora irresistível e fará o que for preciso para possuí-la.Para alcançar seus objetivos, os dois fazem um acordo curioso e entram em uma batalha de vontades divertida e sensual, como só Lisa Kleypas é capaz de criar."Uma história divertida e arrebatadora que vai encantar você da primeira à última página." – Kirkus Reviews"Original, espirituoso e sensual, este livro é pura alegria." – Library Journal

MAIS DE 70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

HARLAN COBEN

ATÉ O FIM

Uma noite trágica. Uma vida inteira de segredos.

ARQUEIRO

Até o fim

Coben, Harlan

9788580419399

272 páginas

Compre agora e leia

O detetive Nap Dumas nunca mais foi o mesmo após o último ano do colégio, quando seu irmão Leo e a namorada, Diana, foram encontrados mortos nos trilhos da ferrovia. Além disso, Maura, o amor da sua vida, terminou com ele e desapareceu sem justificativa.Por quinze anos, o detetive procurou a ex-namorada e buscou a verdadeira razão por trás da morte do irmão. Agora, parece que finalmente há uma pista.As digitais de Maura surgem no carro de um suposto assassino e Nap embarca em uma jornada por explicações, que apenas levam a mais perguntas: sobre a mulher que amava, os amigos de infância que pensava conhecer, a base militar próxima à sua antiga casa.Em meio às investigações, Nap percebe que as mortes de Leo e Diana são ainda mais sombrias e sinistras do que ele ousava imaginar."Harlan Coben é mestre em prender a atenção do leitor e criar histórias surpreendentes. Ele vai seduzir você logo na primeira página só para chocá-lo na última." – Dan Brown, autor de O Código Da Vinci"Harlan Coben é um dos meus autores favoritos. Seus livros têm tudo que se pode esperar: suspense de roer as unhas, tramas vertiginosas, questões sociais relevantes e personagens perfeitos." – Kristin Hannah, autora de O Rouxinol"Ernest Hemingway poderia ter aprendido uma ou duas dicas lendo a prosa direta e vigorosa de Coben, que habilmente entremeia sequências de ação e observações sobre o comportamento humano." – Forbes"Harlan Coben é um dos melhores escritores de suspense da atualidade." – The Huffington Post

Pode o amor resistir
às mais duras provações?

Da autora
de **DESEJO PROIBIDO**

eternamente
você

SOPHIE JACKSON

ARQUEIRO

Eternamente você

Jackson, Sophie

9788580414820

80 páginas

Eternamente você é um e-book gratuito que se passa entre os livros 1 e 2 da trilogia que se iniciou com Desejo proibido.Quando conheceu o arrogante presidiário Wesley Carter em Desejo proibido, a professora Kat Lane sentiu um misto de atração e ódio. Mas, à medida que o relacionamento entre eles se intensificou, ela descobriu um novo lado de seu aluno e se apaixonou por ele.Agora os dois resolvem se casar, mas a mãe de Kat não fica nem um pouco satisfeita com a notícia do noivado. Além disso, Carter acaba de assumir a presidência da empresa da família, uma grande responsabilidade em sua nova vida fora da prisão, e precisa apoiar seu melhor amigo, que não consegue se livrar das drogas.Equilibrar problemas pessoais, da família e de um negócio de bilhões de dólares não deixa muito tempo para o casal aproveitar a vida a dois.Em meio a esse turbilhão, será que Carter e Kat vão conseguir manter a chama da paixão acesa?